



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



a maldição do tigre

COLLEEN HOUCK



ARQUEIRO

a maldição do tigre

COLLEEN HOUCK

a maldição do tigre



Título original: *Tiger's Curse*

Copyright © 2011 por Colleen Houck

Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do poema “O tigre”, de William Blake, por Augusto de Campos (In: *Viva vaia: Poesia 1949-1979*. Ateliê Editorial, 2001 © Augusto de Campos). Reproduzido mediante prévia autorização da editora e do tradutor.

Tradução do Soneto XVIII, “Se te comparo a um dia de verão”, de Shakespeare, por Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*, Ediouro, 2001). Reproduzido mediante prévia autorização do espólio da tradutora.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Melissa Lopes Leite

revisão: Crithiane Ruiz e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Katrina Damkoehler, Sterling Publishing, NY

imagem de capa: Cliff Nielsen

adaptação de capa: Miriam Lerner

ebook: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para as Lindas na minha vida.
Uma me deu a motivação para escrever
e a outra me deu o tempo.
A ambas chamo irmã.*

O tigre

William Blake

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a furna noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?

Em que céu se foi forjar
o fogo do teu olhar?
Em que asas veio a chama?
Que mão colheu esta flama?

Que força fez retorcer
em nervos todo o teu ser?
E o som do teu coração
de aço, que cor, que ação?

Teu cérebro, quem o malha?
Que martelo? Que fornalha
o moldou? Que mão, que garra
seu terror mortal amarra?

Quando as lanças das estrelas
cortaram os céus, ao vê-las,
quem as fez sorriu talvez?
Quem fez a ovelha te fez?

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a furna noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?



A maldição

O prisioneiro estava com as mãos amarradas diante do corpo, cansado, subjugado e imundo, mas com uma postura ativa digna de sua herança indiana real. Seu captor, Lokesh, olhava-o com desdém, sentado em um trono dourado, luxuosamente esculpido. Pilares brancos e altos erguiam-se como sentinelas em torno do salão. Nem sequer um murmúrio de brisa da selva passava pelas cortinas transparentes. Tudo o que o prisioneiro podia ouvir era o tilintar rítmico dos anéis ornados com pedras preciosas de Lokesh batendo na lateral do trono dourado. Lokesh olhava-o de cima, os olhos estreitados, insolentes e triunfantes.

O homem preso era o príncipe de um reino indiano chamado Mujulaain. Oficialmente, seu título atual era Príncipe e Sumo Protetor do Império de Mujulaain, mas ele ainda preferia pensar em si mesmo apenas como o filho de seu pai.

O fato de Lokesh, o rajá de um pequeno reino vizinho chamado Bhreenam, ter sequestrado o príncipe não era tão surpreendente quanto saber quem se encontrava sentado ao lado de Lokesh: Yesubai, a filha do rajá e noiva do prisioneiro, e o irmão mais jovem do príncipe, Kishan. O cativo estudou os três, mas somente Lokesh sustentou seu olhar determinado. Sob a camisa, o amuleto de pedra do príncipe repousava frio sobre sua pele, enquanto a ira percorria-lhe o corpo.

O prisioneiro falou primeiro, lutando para manter longe de sua voz o sentimento de traição:

– Por que meu futuro pai me trata com tamanha *falta de hospitalidade*?

Indiferente, Lokesh fixou um sorriso deliberado em seu rosto.

– Meu caro príncipe, você tem algo que eu desejo.

– Nada que você pudesse querer justifica isto. Nossos reinos não estão prestes a se unir? Tudo o que tenho está à sua disposição. Você só precisava pedir. Por que fez isso?

Lokesh esfregou o maxilar, os olhos brilhando.

– Planos mudam. Parece que seu irmão gostaria de tomar minha filha como noiva. Ele me prometeu certas recompensas se eu o ajudar a alcançar esse objetivo.

O príncipe voltou sua atenção para Yesubai, que, com o rosto ruborizado, exibia uma pose submissa e recatada, com a cabeça baixa. Esperava-se que seu casamento arranjado com a moça desse início a uma era de paz entre os dois reinos. Ele estivera ausente pelos últimos quatro meses, supervisionando operações militares numa região distante, e deixara ao irmão a incumbência de cuidar do reino.

Então Kishan estava cuidando de outras coisas além do reino.

O prisioneiro avançou, destemido, encarou Lokesh e o desafiou:

– Você enganou a todos nós. É como uma cobra enrodilhada, escondida em um cesto esperando o momento de dar o bote.

Ele alargou o olhar para incluir o irmão e a noiva.

– Vocês não percebem? Suas ações libertaram a víbora e nós fomos picados. Seu veneno agora corre pelo nosso sangue, destruindo tudo.

Lokesh riu, desdenhoso, e falou:

– Se você concordar em entregar sua parte do Amuleto de Damon, talvez eu o deixe viver.

– Viver? Pensei que estivéssemos negociando minha noiva.

– Receio que seus direitos de noivo tenham sido usurpados. Talvez eu não tenha sido claro. Seu irmão terá Yesubai.

O prisioneiro cerrou o maxilar e disse apenas:

– Os exércitos do meu pai o destruirão se você me matar.

Lokesh riu.

– Ele não destruirá a nova família de Kishan. Nós vamos apaziguar seu querido pai e informá-lo de que você foi vítima de um infeliz acidente.

O homem afagou a barba curta e então esclareceu:

– Entenda que, mesmo que lhe permita viver, eu governarei ambos os reinos. – Lokesh sorriu. – Se me desafiar, serei obrigado a pegar sua parte do amuleto à força.

Kishan se inclinou na direção de Lokesh e protestou com firmeza:

– Pensei que tivéssemos um acordo. Eu só lhe trouxe meu irmão porque você jurou que *não* o mataria! Apenas pegaria o amuleto.

Lokesh estendeu a mão rápido como uma cobra e agarrou o pulso de Kishan.

– A essa altura você já deveria ter aprendido que eu *pego* o que eu quiser. Se preferir a visão de onde seu irmão se encontra, ficarei feliz em satisfazê-lo.

Kishan se remexeu na cadeira, mas manteve-se calado.

Lokesh prosseguiu:

– Não quer? Muito bem, estou alterando nosso acordo anterior. Seu irmão *será* morto se não ceder aos meus desejos e *você* nunca se casará com minha filha, a menos que entregue sua parte do amuleto a mim também. Esse nosso acordo particular pode ser facilmente revogado e eu posso casar Yesubai com outro homem... um homem da *minha* escolha. Talvez um sultão velho lhe esfriasse o sangue. Se você quiser permanecer perto de Yesubai, terá que aprender a se submeter.

Lokesh comprimiu o pulso de Kishan até que ele estalou ruidosamente. Kishan não reagiu.

Flexionando os dedos e girando lentamente o pulso, Kishan se recostou, ergueu a mão para tocar o pedaço do amuleto, oculto sob sua camisa, e fez contato visual com o irmão. Uma mensagem silenciosa foi trocada entre eles.

Os irmãos lidariam um com o outro mais tarde, mas as atitudes de Lokesh significavam guerra e as necessidades do reino eram prioridade para ambos.

A obsessão subiu pelo pescoço de Lokesh, latejou em sua têtpora e se assentou atrás de seus olhos negros e peçonhentos. Aqueles mesmos olhos dissecaram o rosto do prisioneiro, sondando, avaliando-o em busca de fraqueza. Encolerizado, Lokesh pôs-se de pé num salto.

– Que assim seja!

Ele puxou de sua túnica uma reluzente faca de cabo adornado com pedras preciosas e rudemente arrancou a manga do casaco *jodhpuri* do prisioneiro, antes branco, mas agora imundo. As cordas se enroscaram em seus pulsos e ele grunhiu de dor quando Lokesh correu-lhe a faca pelo braço. O corte foi fundo o bastante para que o sangue afluísse, vertesse e pingasse no chão de ladrilhos.

Lokesh arrancou um talismã de madeira de seu pescoço e o colocou debaixo do braço do prisioneiro. O sangue gotejou da faca para o amuleto e o símbolo ali gravado fulgurou com um vermelho

abrasador antes de pulsar com uma luz branca estranha.

A luz disparou na direção do príncipe com dedos tateantes que perfuraram seu peito e atravessaram-lhe todo o corpo, dilacerando-o. Embora fosse forte, ele não estava preparado para a dor. O prisioneiro gritou quando seu corpo de repente se inflamou com uma erupção que lhe queimava a pele. Ele desabou no chão.

Estendeu as mãos para se proteger, mas só conseguiu arranhar debilmente os ladrilhos brancos e frios do piso. O príncipe viu, indefeso, quando tanto Yesubai quanto seu irmão atacaram Lokesh, que empurrou ambos com violência. Yesubai caiu no chão, batendo a cabeça com força no tablado sobre o qual se achava o trono. O príncipe tinha consciência de que o irmão estava ali perto, tomado pela tristeza à medida que a vida se esvaía do corpo mole de Yesubai. Em seguida, não teve mais consciência de nada que não fosse a dor.



Kelsey

Eu me encontrava à beira de um precipício. Quer dizer, eu estava apenas na fila de uma agência de empregos temporários no Oregon, mas a sensação era a de me aproximar de um despenhadeiro. A infância, a escola e a ilusão de que a vida era boa e fácil tinham ficado para trás. À frente, o futuro se delineava: a faculdade, uma variedade de empregos de verão para custear os estudos e a alta probabilidade de uma vida solitária.

A fila avançava. Parecia que eu já estava esperando ali há horas, tentando garantir uma vaga para trabalhar durante o verão. Quando finalmente chegou a minha vez, aproximei-me da mesa de uma funcionária cansada e entediada, que falava ao telefone. A mulher fez um gesto para que eu me sentasse. Depois que ela desligou, entregou-me alguns formulários e ela mecanicamente deu início à entrevista:

– Nome, por favor.

– Kelsey. Kelsey Hayes.

– Idade?

– Dezesete, quase 18. Meu aniversário está chegando.

Ela carimbou os formulários.

– Já completou o ensino médio?

– Já. A formatura foi há duas semanas. Pretendo estudar na Chemeketa no próximo semestre.

– Nome dos pais?

– Madison e Joshua Hayes, mas meus tutores são Sarah e Michael Neilson.

– Tutores?

Lá vamos nós outra vez, pensei. Por algum motivo, explicar a

minha vida nunca ficava mais fácil.

– Sim. Meus pais estão... mortos. Morreram em um acidente de carro quando eu estava no primeiro ano do ensino médio.

Ela se inclinou sobre alguns papéis e escreveu por um longo tempo. Fiz uma careta, me perguntando o que ela poderia estar escrevendo.

– Srta. Hayes, gosta de animais?

– Claro. É... eu sei como alimentá-los... – *Existe alguém mais sem jeito do que eu? Ótima maneira de não conseguir um emprego.* Pigarreei. – Quero dizer, claro, eu adoro animais.

A mulher não pareceu nem um pouco interessada na minha resposta e me entregou o anúncio de um emprego.

**PRECISA-SE DE
TRABALHADOR TEMPORÁRIO PARA APENAS DUAS
SEMANAS**

**ATRIBUIÇÕES: VENDA DE INGRESSOS,
ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS E
LIMPEZA DEPOIS DAS APRESENTAÇÕES.**

Observação: Como o tigre e os cães precisam de cuidados 24 horas por dia, fornecemos alojamento e refeições.

O emprego era no Circo Maurizio, um pequeno circo montado no parque de exposições. Eu me lembrei de que ganhara um cupom de desconto para ele no mercado e até havia pensado em me oferecer para levar os filhos dos meus pais adotivos, Rebecca, de 6 anos, e Samuel, de 4, para que Sarah e Mike tivessem algum tempo a sós. Mas acabei perdendo o cupom e esquecendo o assunto.

– E então: quer o emprego ou não? – perguntou a mulher, impaciente.

– Um tigre, é? Parece interessante! Tem elefantes também? Porque recolher cocô de elefante seria um pouco demais.

Ri baixinho de minha piada, mas a mulher não fez mais do que esboçar um sorriso sem graça. Como eu não tinha outras opções, disse a ela que aceitava. Ela me deu um cartão com um endereço e me instruiu a comparecer lá às seis da manhã.

– Eles precisam de mim às seis da manhã?

A funcionária simplesmente me olhou e gritou “Próximo!” para a fila atrás de mim.

No que eu fui me meter?, pensei enquanto entrava no carro emprestado de Sarah e seguia para casa. Suspirei. Podia ser pior. Eu poderia ter que fritar hambúrgueres. Circos são divertidos. Só espero que não haja elefantes.

Eu gostava de morar com Sarah e Mike. Eles me davam muito mais liberdade do que os pais da maioria dos outros adolescentes e acho que existia um respeito saudável entre nós – pelo menos tanto quanto os adultos podem respeitar uma garota de 17 anos. Eu ajudava a cuidar das crianças e não me metia em confusão. Não era o mesmo que viver com meus pais, mas ainda éramos uma espécie de família.

Estacionei o carro com cuidado na garagem, entrei em casa e encontrei Sarah atacando uma tigela com uma colher de pau. Deixei a bolsa em uma cadeira e fui pegar um copo de água.

– Preparando biscoitos *vegan* outra vez? Qual é a ocasião especial? – perguntei.

Sarah enfiava a colher de pau na massa espessa sem parar, como se a colher fosse um furador de gelo.

– É a vez de Sammy levar o lanche para os amiguinhos.

Reprimi uma risada tossindo.

Ela me encarou, estreitando os olhos.

– Kelsey Hayes, só porque sua mãe fazia o melhor *cookie* do mundo não significa que eu não possa fazer um lanche decente.

– Não é da sua habilidade que eu duvido, é dos seus ingredientes – expliquei, pegando um jarro de água. – Leite de soja, linhaça, proteína em pó e agave. Fico surpresa de você não colocar papel reciclado nessas coisas. Cadê o chocolate?

– Às vezes eu uso alfarroba.

– Alfarroba não é chocolate. Tem gosto de giz marrom. Se é para fazer biscoitos, você devia tentar...

– Já sei. Já sei. Biscoito de abóbora com gotas de chocolate ou biscoito de chocolate com manteiga de amendoim. Essas coisas fazem muito mal, Kelsey – disse ela com um suspiro.

– Mas são *tão* gostosas.

Observei Sarah lamber um dedo e continuei:

– Por falar nisso, consegui um emprego. Vou cuidar da limpeza e dar comida aos animais em um circo. Fica no parque de exposições.

– Que bom! Parece que vai ser uma ótima experiência – animou-se Sarah. – Que tipo de animais vai alimentar?

– Cães, principalmente. E acho que tem um tigre. Mas não vou precisar fazer nada perigoso. Tenho certeza de que eles contratam profissionais para isso. O problema é que o turno começa supercedo, por isso dormirei lá pelas próximas duas semanas.

– Hum – Sarah fez uma pausa. – Bem, se precisar de nós, é só ligar. Você se importa de tirar a couve-de-bruxelas *a la* “papel reciclado” do forno?

Pousei a travessa fedorenta no centro da mesa enquanto ela colocava seu tabuleiro de biscoitos no forno e chamava as crianças para o jantar. Mike entrou, largou a pasta e beijou a mulher no rosto.

– Que cheiro é esse? – perguntou ele, desconfiado.

– Couve-de-bruxelas – respondi.

– E fiz biscoitos para os amiguinhos de Sammy – anunciou Sarah, orgulhosa. – Vou separar o melhor para você.

Mike me dirigiu um olhar de cumplicidade que Sarah não deixou passar. Ela o acertou na coxa com o pano de prato.

– Se você e Kelsey ficarem se comportando desse jeito, vão arrumar a cozinha.

– Ah, querida. Não fique zangada.

Ele tornou a beijar Sarah e a abraçou, fazendo o possível para se livrar da tarefa.

Achei que essa fosse minha deixa para sair. Enquanto eu escapava sorrateiramente da cozinha, ouvi Sarah dar uma risadinha.

Eu queria que um dia um cara tentasse se livrar da louça comigo da mesma forma, pensei e sorri.

Aparentemente, Mike negociou bem, pois ficou com a tarefa de pôr as crianças na cama em vez de arrumar a cozinha. A louça sobrou para mim. Eu não me importei, mas, assim que acabei, decidi que era hora de ir para a cama também. Seis da manhã era cedo demais.

Em silêncio, subi as escadas para o meu quarto. Era um espaço pequeno e aconchegante, com uma cama de solteiro, uma cômoda com espelho, uma mesa para o meu computador e para os deveres de casa, um armário, minhas roupas, meus livros, uma cesta de fitas de cabelo coloridas e a colcha de retalhos da minha avó.

Minha avó fez aquela colcha quando eu era pequena. Apesar de ser muito nova, eu me lembro de vê-la costurando os retalhos, sempre

usando o dedal de metal. Tracei uma borboleta na colcha velha, puída nos cantos, recordando como eu havia roubado o dedal de sua caixa de costura uma noite só para senti-la perto de mim. Embora eu já fosse adolescente, ainda dormia com aquela colcha todas as noites.

Coloquei o pijama, desfiz a trança do cabelo e o escovei, pensando em como mamãe costumava fazer isso para mim enquanto conversávamos.

Enfie-me debaixo das cobertas quentes, acertei o alarme para, *argh*, 4h30 e me perguntei o que eu poderia fazer com um tigre tão cedo assim e como eu sobreviveria ao circo confuso que já era a minha vida. Meu estômago roncou.

Olhei na mesinha de cabeceira as duas fotografias que mantinha ali. Uma era de nós três: mamãe, papai e eu, no ano-novo. Eu tinha acabado de fazer 12 anos. Meus cabelos castanhos compridos haviam sido enrolados, mas na foto aparecem lambidos porque eu dera um ataque para não usar o laquê. Eu sorria, apesar do reluzente aparelho nos dentes. Agora me sentia grata pelos dentes brancos e alinhados, mas naquela época eu odiava aquele aparelho com todas as minhas forças.

Toquei o vidro, pousando o polegar na imagem do meu rosto pálido. Eu sempre sonhara em ser esbelta, bronzeada, loura e de olhos azuis, mas tinha os mesmos olhos castanhos do meu pai e a tendência a engordar da minha mãe.

A outra era uma foto espontânea dos meus pais no dia do seu casamento. Via-se um lindo chafariz ao fundo, e eles eram jovens, felizes e sorriam um para o outro. Eu queria aquilo para mim um dia. Queria alguém que olhasse para mim daquela maneira.

Depois de virar de bruços e afofar o travesseiro debaixo da bochecha, adormeci pensando nos *cookies* da minha mãe.

Naquela noite, sonhei que estava sendo perseguida na selva e, quando me virei para olhar meu perseguidor, levei um susto ao ver um grande tigre. No sonho, eu ri e então me virei e corri mais depressa. O som de patas delicadas e macias me seguia, no mesmo ritmo do meu coração.



O circo

O despertador me arrancou de um sono profundo às 4h30 da manhã. O clima ficaria ameno. Os dias no Oregon raramente eram quentes demais. Algum governante deve ter aprovado uma lei muito tempo atrás determinando que o estado teria sempre temperaturas moderadas.

Estava amanhecendo. O sol ainda não havia vencido as montanhas, mas o céu já estava clareando, dando às nuvens no horizonte, a leste, um tom cor-de-rosa de algodão-doce. Devia ter chuviscado durante a noite, porque eu podia sentir um cheiro agradável de grama molhada.

Pulei da cama, liguei o chuveiro, esperei até o banheiro ficar quente e cheio de vapor, e então entrei no box e deixei a água quente bater em minhas costas para acordar os músculos sonolentos.

O que se veste para trabalhar num circo? Sem saber o que seria adequado, pus uma camiseta de mangas curtas e calça jeans. Depois calcei meus tênis, sequei os cabelos com a toalha e fiz rapidamente uma trança que amarrei com uma fita azul. Em seguida apliquei um pouco de brilho labial e *voilà*: meu traje de circo estava completo.

Hora de fazer a mala. Imaginei que não ia precisar levar muita coisa, somente umas poucas peças que me deixassem confortável, até porque ficaria lá apenas duas semanas e sempre poderia dar um pulo em casa. Vasculhei o armário e escolhi três conjuntos de roupas. Abri as gavetas da cômoda, peguei algumas meias e enfiei tudo em minha infalível mochila da escola. Então juntei produtos de higiene, alguns livros, meu diário, algumas canetas e lápis, minha carteira e as fotos da minha família. Enrolei a colcha de retalhos, apertei-a por cima de tudo e forcei o zíper até fechar.

Desci a escada com a mochila no ombro. Sarah e Mike já estavam acordados, tomando o café da manhã. Eles acordavam absurdamente cedo todos os dias para *correr*.

– Oi, bom dia, pessoal – murmurei.

– Oi, bom dia para você também – disse Mike. – Está pronta para começar no emprego novo?

– Estou. Vou vender ingressos e fazer companhia a um tigre por duas semanas. Não é ótimo?

Ele deu uma risadinha.

– É, parece bem legal. Mais interessante do que a administração pública, pelo menos. Quer uma carona? Vou passar pelo parque de exposições a caminho da cidade.

Eu sorri para ele.

– Claro. Obrigada, Mike – respondi.

Com a promessa de ligar para Sarah regularmente, peguei uma barrinha de cereais, me forcei a engolir meio copo de leite de soja e me dirigi para a porta com Mike.

Chegando ao parque de exposições, vi uma grande placa azul na rua anunciando os próximos eventos. Numa faixa larga e chamativa, lia-se:

O PARQUE DE EXPOSIÇÕES DO CONDADO DE POLK DÁ AS BOAS-VINDAS AO

CIRCO MAURIZIO

APRESENTANDO OS ACROBATAS MAURIZIO E O FAMOSO DHIREN!

Vamos nessa. Suspirei e comecei a percorrer o caminho de cascalho na direção da construção principal. O complexo central parecia um grande avião ou um bunker militar. A pintura estava rachada e descascando em alguns pontos, e as janelas precisavam ser lavadas. Uma grande bandeira americana tremulava ao vento, enquanto a corrente à qual estava presa tilintava suavemente contra o mastro de metal.

O parque de exposições era formado por um estranho grupo de edifícios antigos, um pequeno estacionamento e um caminho de terra que serpenteava entre todos os pontos e cercava o perímetro. Dois caminhos-plataforma compridos estavam estacionados ao lado de

várias tendas de lona branca. Cartazes do circo pendiam por toda parte – havia pelo menos um cartaz grande em cada edifício. Alguns retratavam acrobatas. Outros tinham fotos de malabaristas.

Não vi nenhum elefante e deixei escapar um suspiro de alívio. *Se houvesse elefantes por aqui, eu provavelmente já teria sentido o cheiro deles.*

Um cartaz rasgado esvoaçava na brisa. Peguei-o pela borda e o alisei sobre o poste. Era a foto de um tigre branco. *Muito prazer!,* pensei. *Espero que seja só um... e que não goste de devorar adolescentes.*

Abri a porta do edifício principal e entrei. A área central havia sido transformada em um circo de um só picadeiro. Fileiras de cadeiras vermelhas estavam empilhadas junto às paredes.

Havia algumas pessoas conversando em um dos cantos. Um homem alto, que parecia o encarregado, estava um pouco afastado do grupo, escrevendo em uma prancheta e inspecionando caixas. Segui direto para ele e me apresentei.

– Oi, meu nome é Kelsey. Sua funcionária temporária.

Ele me olhou de cima a baixo enquanto mascava alguma coisa, que então cuspiu no chão.

– Dê a volta por trás, saindo por aquelas portas ali, e dobre à esquerda. Você vai ver um trailer preto e prateado estacionado.

– Obrigada!

A cusparada de fumo me enojou, mas consegui sorrir para ele mesmo assim. Segui para o trailer e bati à porta.

– Só um minuto – gritou uma voz masculina.

A porta se abriu inesperadamente rápido e eu dei um pulo para trás. Um homem de túnica avultou-se à minha frente, rindo de minha reação. Ele era muito alto, fazendo meu 1,70 metro parecer a estatura de um anão, e tinha uma barriga proeminente. Cabelos negros e encaracolados cobriam seu couro cabeludo, mas a linha do cabelo começava um pouquinho além de onde deveria estar. Sorrindo para mim, ele ergueu a mão para pôr a peruca no lugar. Um bigode fino e preto, com as extremidades enroladas em duas pontas finas, projetava-se acima dos lábios. Também tinha uma barbicha quadrada no queixo.

– Não se intimide com a minha aparência – disse ele.

Baixei os olhos e fiquei vermelha.

– Não estou intimidada. É que parece que eu o peguei de surpresa. Desculpe se o acordei.

Ele riu.

– Eu gosto de surpresas. Elas me mantêm jovem e bonito.

Dei uma risadinha, mas a interrompi rapidamente ao lembrar que era provável que aquele fosse meu novo chefe. Pés de galinha cercavam seus olhos azuis cintilantes. A pele era bronzeada, o que destacava o sorriso de dentes brancos e grandes. Ele parecia o tipo de homem que estava sempre rindo de uma piada que só ele sabia qual era.

Com uma ribombante voz teatral, com forte sotaque italiano, ele perguntou:

– E quem seria você, jovem?

Sorri, nervosa.

– Oi. Meu nome é Kelsey. Fui contratada para trabalhar aqui por algumas semanas.

Ele se inclinou para me cumprimentar. A mão dele envolveu completamente a minha e ele a sacudiu para cima e para baixo, com entusiasmo suficiente para fazer meus dentes chacoalharem.

– Ah, *stupendo!* Que oportuno! Bem-vinda ao Circo Maurizio! Estamos um pouco... como se diz, com pouca mão de obra, e precisamos de alguma *assistenza* enquanto permaneceremos em sua *magnifica città*. É esplêndido tê-la aqui! Vamos começar *all'istante*.

Ele olhou para uma garota loura bonita, de uns 14 anos, que estava passando.

– Cathleen, leve esta *giovane donna* para Matt e diga-lhe que está *incaricato* de treiná-la hoje. – Voltou-se novamente para mim. – Prazer em conhecê-la, Kelsey. Espero que te *piaccia*, ah, que você goste de trabalhar aqui em nossa *piccola tenda di circo!*

– Obrigada. Foi um prazer conhecê-lo também – repliquei.

Ele piscou para mim, então deu meia-volta, entrou em seu trailer e fechou a porta.

Cathleen sorriu e me levou, dando a volta no edifício, até os alojamentos do circo.

– Bem-vinda ao grande... é, bem, pequeno circo! Venha comigo. Poderá dormir na minha tenda, se quiser. Tem algumas camas extras lá. Minha mãe, minha tia e eu dividimos o espaço. Viajamos com o circo. Minha mãe e minha tia são acrobatas. Nossa tenda é legal, se puder ignorar todos aqueles trajes de espetáculo.

Ela me levou até sua tenda. Guardei a mochila debaixo da cama

vaga e olhei à minha volta. Ela tinha razão sobre os trajes. Rendas, lantejoulas, penas e peças de lycra cobriam todas as superfícies da tenda espaçosa. Havia também uma mesa espelhada e iluminada com maquiagem, escovas de cabelo, grampos e bobes espalhados sobre cada centímetro quadrado da superfície.

Em seguida, encontramos Matt, que parecia ter 14 ou 15 anos. Tinha cabelos castanhos e curtos, olhos também castanhos e um sorriso despreocupado. Estava tentando montar sozinho uma barraca de venda de ingressos – sem sucesso.

– Oi, Matt – disse Cathleen, enquanto segurávamos a base da barraca para ajudá-lo.

Ela enrubesceu. Que gracinha.

– Esta é a Kelsey – continuou Cathleen. – Vai ficar aqui duas semanas. É você quem vai explicar tudo a ela.

– Sem problemas – disse ele. – Até já, Cath.

– Até.

Ela sorriu e se foi.

– Então, Kelsey, acho que vai ser minha assistente hoje. Você vai adorar – disse ele, brincando comigo. – Eu cuido das barracas de ingressos e de souvenirs, e também sou o lixeiro e o estoquista. Basicamente, faço tudo que precisa ser feito por aqui. Meu pai é o domador dos animais.

– Que emprego legal o dele – repliquei. – Bem, pelo menos parece melhor do que lixeiro.

Matt riu.

– Vamos ao trabalho! – disse ele.

Passamos as horas seguintes arrastando caixas, reabastecendo as barracas e preparando tudo para o público.

Ai, estou fora de forma, pensei enquanto meus bíceps protestavam.

Papai costumava dizer que o trabalho duro mantém você centrado sempre que mamãe inventava um projeto novo e árduo, como plantar um jardim. Ele era infinitamente paciente e, quando eu me queixava do trabalho extra, ele se limitava a sorrir e dizer: “Kells, quando você ama alguém, aprende a dar e receber. Um dia isso vai acontecer com você.”

Por algum motivo, eu duvidava de que essa fosse uma daquelas situações.

Quando estava tudo pronto, Matt me mandou até Cathleen para

que eu me trocasse e vestisse uma roupa do circo – que vinha a ser dourada e brilhante, algo de que eu normalmente não teria nem me aproximado.

É melhor que este emprego valha o sacrifício, murmurei baixinho, enfiando a cabeça pela gola cintilante.

Vestida em meu novo traje, fui até a barraca de ingressos e vi que Matt havia instalado a tabuleta de preços. Ele me aguardava com instruções, uma caixa com chave e os ingressos. Também havia me trazido uma sacola com o almoço.

– É hora do espetáculo. Coma isto depressa. Os ônibus de um acampamento infantil estão a caminho.

Antes que eu pudesse terminar de comer, as crianças do acampamento avançaram sobre mim em uma estridente confusão. Meu sorriso de atendimento ao cliente provavelmente parecia mais uma careta assustada. Não havia para onde eu correr. Elas me cercavam por todos os lados, cada uma gritando por atenção.

Os adultos se aproximaram e eu perguntei, esperançosa:

– Vocês vão pagar por todos os ingressos de uma vez?

– Ah, não – respondeu um dos professores. – Decidimos deixar cada criança comprar o próprio ingresso.

– Ótimo – murmurei com um sorriso amarelo.

Cathleen logo se juntou a mim e trabalhamos até ouvirmos a música do início do espetáculo. Fiquei ali sentada por mais uns 20 minutos, mas ninguém apareceu, então tranquei a caixa do dinheiro e encontrei Matt dentro da tenda assistindo ao espetáculo.

O homem que eu conhecera mais cedo naquela manhã era o apresentador.

– Qual é o nome dele? – perguntei a Matt em um sussurro.

– Agostino Maurizio – respondeu ele. – É o dono do circo e os acrobatas são todos da família dele.

O Sr. Maurizio chamou os palhaços, os acrobatas e os malabaristas, e comecei a me divertir com o espetáculo. Logo depois, porém, Matt me cutucou e me indicou a barraca de souvenirs. O intervalo ia começar em breve: hora de vender balões de gás.

Juntos, enchemos dezenas de balões multicoloridos usando um tanque de hélio. As crianças estavam frenéticas! Corriam por todas as barracas e contavam suas moedas, querendo gastar cada centavo.

Matt recebia o dinheiro enquanto eu enchia os balões. Eu nunca

tinha feito aquilo antes e estourei alguns, o que assustou as crianças, mas tentei transformar os estouros ruidosos em uma brincadeira, gritando “Ooopa!” todas as vezes que isso acontecia. Logo, logo todas elas estavam gritando “Ooopa!” junto comigo.

A música começou e as crianças correram de volta aos seus lugares, agarradas a suas diversas aquisições. Vários meninos haviam comprado espadas que brilhavam no escuro e agora as agitavam no ar, ameaçando uns aos outros alegremente.

Quando nos sentamos, o pai de Matt entrou no picadeiro para fazer seu número com os cães. Então foi novamente a vez dos palhaços, que fizeram várias brincadeiras com membros da plateia. Um deles jogou um balde de confete sobre as crianças.

Maravilha! Provavelmente vou ter que varrer tudo isso.

Em seguida, o Sr. Maurizio reapareceu. Uma dramática música de safári começou a tocar e as luzes do circo se apagaram. Apenas um holofote iluminava o apresentador no centro do picadeiro.

– E agora... o ponto alto do nosso *spettacolo*! Ele foi tirado das selvas da Índia e trazido aqui para os Estados Unidos. É um caçador feroz que espreeita sua presa na floresta, atento, esperando o momento certo, e então... salta para o ataque!

Enquanto ele falava, homens trouxeram uma jaula grande e redonda. Tinha o formato de uma tigela gigante emborcada, com um túnel de arame acoplado a um dos lados. Eles a deixaram no centro do picadeiro e prenderam cadeados em anéis de metal engastados em blocos de cimento.

O Sr. Maurizio prosseguiu. Ele rugia no microfone e as crianças todas pulavam em suas cadeiras. Dei risada dos movimentos teatrais do Sr. Maurizio. Ele era um bom contador de histórias.

– Este tigre é um dos predadores mais perigosos do mundo inteiro! – afirmou ele. – Observem com atenção nosso domador arriscar sua vida para lhes trazer... Dhiren!

Ele jogou a cabeça para a direita e então deixou o palco correndo enquanto o foco do holofote deslizava para as abas da lona na extremidade da construção. Dois homens haviam arrastado até ali um antigo vagão de animais.

O vagão tinha um teto branco, curvo e de bordas douradas, grandes rodas pretas pintadas de branco nas extremidades e raios ornamentais esculpidos que haviam sido pintados de dourado. Barras de metal pretas subiam de ambos os lados do vagão formando um arco

no alto.

Uma rampa saindo da porta foi presa ao túnel de arame no momento em que o pai de Matt entrou na jaula. Ali dentro, ele arrumou três banquetas. Vestia um traje dourado impressionante e brandia um chicote curto.

– Soltem o tigre! – ordenou.

As portas do vagão se abriram e um homem cutucou o animal pelo lado de fora. Prendi a respiração quando um enorme tigre branco surgiu, desceu a rampa e entrou no túnel. Um instante depois, ele estava na jaula grande, com o pai de Matt. O chicote estalou e o tigre saltou para uma banqueta. Outra chicotada e o tigre se ergueu nas patas traseiras, arranhando o ar com suas garras. A multidão irrompeu em aplausos.

O tigre saltou de banqueta em banqueta enquanto o pai de Matt seguia afastando as banquetas cada vez mais. No último salto, prendi a respiração. Eu não tinha certeza se o tigre conseguiria alcançar a banqueta seguinte, mas o pai de Matt o encorajava. Retesando-se, o animal se abaixou, avaliou cuidadosamente a distância e então saltou, transpondo o espaço.

Seu corpo inteiro se manteve no ar durante vários segundos, com as pernas estiradas à frente e atrás. Era um animal magnífico. Alcançou a banqueta com as patas dianteiras e pousou as patas traseiras graciosamente. Virando-se no pequeno banco, ele girou o corpo imenso com facilidade e se sentou de frente para o domador.

Aplaudi por muito tempo, totalmente impressionada com a grande fera.

O tigre rugiu a um comando, ergueu-se nas patas traseiras e agitou as patas dianteiras no ar. O pai de Matt gritou mais um comando. O tigre desceu da banqueta com um salto e correu em círculo pela jaula. O domador fez o mesmo, mantendo os olhos fixos no animal. Ele segurava o chicote logo atrás da cauda do tigre, estimulando-o a continuar correndo. O pai de Matt fez um sinal e um rapaz passou uma grande argola pelas grades da jaula. O tigre saltou por ela, então virou-se rapidamente e repetiu o salto várias vezes.

O último número do domador foi pôr a cabeça dentro da boca do tigre. Uma onda de silêncio envolveu a multidão e Matt retesou-se. O tigre abriu a boca enorme. Vi os dentes afiados e me inclinei para a frente, preocupada. O pai de Matt aproximou lentamente sua cabeça do tigre. O animal piscou algumas vezes, mas manteve-se firme, e suas poderosas mandíbulas escancararam-se ainda mais.

O pai de Matt baixou a cabeça, enfiando-a na boca do tigre. Após alguns segundos, ele tirou a cabeça devagar. Quando estava livre e já havia se afastado do tigre, o público aplaudiu, enquanto ele se curvava várias vezes, agradecendo. Outros ajudantes apareceram para ajudar a levar a jaula.

Meus olhos foram atraídos para o tigre, que agora estava sentado em uma das banquetas. Vi que ele movia a língua, franzindo a cara, como se farejasse algo curioso. Quase parecia que ele estava engasgado, como um gato que engole uma bola de pelos. Então ele se sacudiu e ficou ali calmamente sentado.

O pai de Matt ergueu as mãos e ganhou mais aplausos. O chicote tornou a estalar e o tigre saltou da banqueta, voltou correndo pelo túnel, subiu a rampa e entrou em seu vagão. O pai de Matt saiu correndo do picadeiro e desapareceu atrás da cortina de lona.

– O Grande Dhiren! – gritou o Sr. Maurizio dramaticamente. – *Mille grazie!* Muitíssimo obrigado por virem ao Circo Maurizio!

Quando a jaula do tigre passou diante de mim, tive uma vontade súbita de acariciar-lhe a cabeça e confortá-lo. Eu não sabia se tigres podiam demonstrar emoções, mas por algum motivo eu tinha a impressão de que podia sentir seu estado de espírito. Parecia melancólico.

Exatamente nesse momento, uma brisa suave me envolveu com o perfume de jasmim e de sândalo, sobrepujando o forte aroma de pipoca com manteiga e algodão-doce. Meu coração disparou enquanto um arrepio percorria meus braços. Mas, tão rápido quanto veio, o cheiro delicioso desapareceu e senti um inexplicável vazio na boca do estômago.

As luzes se acenderam e as crianças começaram a sair em debandada da arena. Meu cérebro ainda estava ligeiramente confuso. Devagar, levantei-me e me virei para fitar a cortina atrás da qual o tigre havia desaparecido. Um leve vestígio de sândalo e uma sensação inquietante persistiam.

Ah! Devo ter algum transtorno mental.

O espetáculo havia acabado e eu estava completamente louca.



O tigre

As crianças deixaram o circo fazendo um tumulto estridente. Um ônibus deu a partida no estacionamento. Enquanto ele despertava ruidosamente, sibilando e soltando fumaça pelo cano de descarga, Matt se levantou e espreguiçou-se..

– Pronto para o trabalho de verdade?

Gemi, sentindo os músculos dos braços já doloridos.

– Claro. Vamos lá.

Ele começou a limpar a sujeira das cadeiras, que eu ia empurrando contra a parede. Depois me entregou uma vassoura.

– Agora temos que varrer a área toda, guardar tudo nas caixas e então arrumá-las novamente. Você começa enquanto vou entregar o dinheiro ao Sr. Maurizio.

– Sem problemas.

Comecei a percorrer o lugar lentamente, empurrando a vassoura à minha frente. Minha mente voltou aos números circenses que eu vira. Gostara mais dos cães, mas havia algo de irresistível no tigre. Meus pensamentos continuavam voltando ao grande felino.

Como será ele de perto? E por que cheira a sândalo? Eu nada sabia sobre tigres, exceto o que vira tarde da noite nos canais de documentários e lera em exemplares antigos da *National Geographic*. Eu nunca havia me interessado por tigres, mas, por outro lado, também nunca trabalhara em um circo.

Eu já tinha quase terminado de varrer quando Matt voltou. Ele se abaixou para me ajudar a recolher o gigantesco monte de lixo antes de passarmos uma boa hora arrumando caixas e arrastando-as de volta ao depósito.

Com esse trabalho pronto, Matt me disse que eu podia ter uma ou duas horas de folga até a hora de me juntar à trupe para o jantar. Eu estava ansiosa para ter algum tempo para mim, assim corri de volta à tenda.

Troquei de roupa, encontrei um lugar apenas ligeiramente desconfortável na cama e peguei meu diário. Enquanto mordiscava a caneta, eu refletia sobre as pessoas interessantes que havia conhecido ali. Estava claro que o pessoal do circo se considerava uma família. Várias vezes vi as pessoas oferecendo ajuda, mesmo que não fosse tarefa sua. Também escrevi um pouco sobre o tigre. O felino realmente chamou minha atenção. *Talvez eu devesse trabalhar com animais e estudá-los na faculdade*, pensei. Então me lembrei de minha extrema aversão a biologia e soube que eu nunca me daria bem naquela área.

Estava quase na hora do jantar. O cheiro delicioso vindo do prédio maior fez minha boca se encher de água.

Nada parecido com os biscoitos vegans de Sarah, pensei. *Na verdade, lembra a comida da minha avó.*

Lá dentro, Matt arrumava as cadeiras em torno de oito mesas dobráveis compridas. Uma das mesas estava posta com comida italiana. O aspecto era fantástico. Ofereci ajuda, mas Matt me dispensou.

– Você trabalhou duro hoje, Kelsey. Relaxe. Eu faço isso – disse ele.

Cathleen acenou, me chamando.

– Venha se sentar comigo. Só podemos começar a comer depois que o Sr. Maurizio fizer os anúncios da noite.

E, no momento em que nos sentamos, o Sr. Maurizio entrou dramaticamente no recinto.

– *Favolosa performance, de todos vocês! E um trabalho eccellente de nossa mais nova vendedora, hein? Esta noite é uma celebração! Encham os pratos, mia famiglia!*

Dei uma risadinha. *Hum. Ele representa o papel o tempo todo, não só durante o espetáculo.*

Virei-me para Cathleen.

– Acho que isso quer dizer que fizemos um bom trabalho, não é?

– É, sim. Vamos comer! – respondeu ela.

Entrei na fila com Cathleen, peguei meu prato de papel e o enchi com salada verde italiana, uma boa colherada de massa em formato de

conchas recheadas com espinafre e queijo cobertas com molho de tomate, frango à parmegiana e, sem ter lugar suficiente no prato, enfiei um pão quente na boca, peguei uma garrafa de água e me sentei. Não pude deixar de notar a grande *cheesecake* de chocolate para a sobremesa, mas não consegui nem terminar a comida que tinha no prato.

Depois do jantar, fui até um canto mais silencioso do prédio e liguei para dar notícias a Sarah e Mike. Quando desliguei, aproximei-me de Matt, que guardava as sobras na geladeira.

– Não vi seu pai no jantar. Ele não come?

– Levei um prato para ele. Estava ocupado com o tigre.

– Há quanto tempo seu pai trabalha com aquele tigre? – perguntei, curiosa. – Segundo a descrição do emprego, devo ajudá-lo com isso.

Matt empurrou para o lado uma garrafa meio vazia de suco de laranja, enfiou uma caixa de comida para viagem ao lado dela e fechou a geladeira.

– Há uns cinco anos, mais ou menos. O Sr. Maurizio comprou o tigre de outro circo, que o havia comprado de outro circo antes. Ninguém conhece a história completa dele. Papai diz que o tigre faz só os truques básicos e se recusa a aprender qualquer coisa nova, mas o lado bom é que ele nunca deu nenhum problema. É uma fera tranquila, quase dócil, tanto quanto os tigres podem ser.

– Então, o que eu tenho que fazer? Vou mesmo dar comida a ele?

– Não se preocupe. Não é assim tão difícil, desde que você evite as presas – zombou Matt. – Estou brincando. Você só vai levar a comida do tigre de um prédio ao outro. Converse com meu pai amanhã. Ele dará todas as informações de que precisa.

– Obrigada, Matt!

Ainda restava uma hora de luz do dia lá fora, mas eu teria que levantar cedo outra vez. Depois de tomar um banho, escovar os dentes, vestir meu pijama de flanela quentinho e calçar os chinelos, corri para minha tenda e me aconcheguei sob a colcha da minha avó. Ler um capítulo do livro que eu trouxera me deixou sonolenta e logo mergulhei em um sono profundo.

Na manhã seguinte, após o café, corri até o canil e encontrei o pai de Matt brincando com os cães. Parecia uma versão adulta de Matt, com os mesmos cabelos e olhos castanhos. Ele se voltou para mim quando

me aproximei e disse:

– Olá. Você é a Kelsey, certo? Será minha assistente hoje.

– Sim, senhor.

Ele apertou minha mão com simpatia e sorriu.

– Pode me chamar de Andrew ou Sr. Davis, se preferir algo mais formal. A primeira coisa que precisamos fazer é levar estas criaturinhas cheias de energia para dar uma volta.

– Parece bastante fácil.

Ele riu.

– Veremos.

O Sr. Davis me deu guias para prender nas coleiras de cinco cães. Os animais eram de uma interessante variedade de raças. Tinha um beagle, um mestiço de galgo, um buldogue, um dinamarquês e um poodlezinho preto. Eles saltitavam o tempo todo, enroscando as guias uns nos outros – e em mim. O Sr. Davis se abaixou para me ajudar e então partimos.

O dia estava lindo. Os cães pareciam muito felizes, saltando de um lado para outro e me puxando em todas as direções, exceto naquela que eu queria seguir.

Enquanto eu desvencilhava um deles de uma árvore, indaguei ao Sr. Davis:

– Posso fazer algumas perguntas sobre o seu tigre?

– Claro.

– Matt disse que vocês não sabem muito sobre a história dele. Como Dhiren veio parar no circo?

O pai de Matt esfregou o queixo coberto pela barba espetada e disse:

– O Sr. Maurizio comprou Dhiren de outro circo pequeno, querendo dar uma renovada no espetáculo. Pensou que, como eu trabalhava bem com outros animais, faria o mesmo com o tigre. Fomos muito ingênuos. Em geral é preciso muito treinamento para trabalhar com grandes felinos. O Sr. Maurizio insistiu que eu tentasse e, felizmente, nosso tigre é bastante tranquilo.

– Que sorte, hein?

– Muita sorte. Eu era extremamente despreparado para assumir um animal daquele tamanho, por isso viajei com o outro circo por um tempo. O domador deles me ensinou a lidar com o tigre e eu aprendi a cuidar do animal. Acho que não teria sido capaz de lidar com

qualquer outro dos felinos que eles estavam vendendo.

– Imagino.

– Até tentaram fazer com que eu me interessasse por um dos tigres siberianos, mais agressivo, mas logo percebi que ele não era para nós. Então negocieei o tigre branco. Seu temperamento era mais estável e ele demonstrava gostar de trabalhar comigo. Para ser sincero, nosso tigre parece entediado a maior parte do tempo.

Ponderei essa informação enquanto percorríamos a trilha em silêncio. Desembaraçando os cães de outra árvore, perguntei:

– Os tigres brancos vêm da Índia? Pensei que viessem da Sibéria.

O Sr. Davis sorriu.

– Muita gente acha que eles vêm da Rússia porque a pelagem branca se mistura com a neve, mas os tigres siberianos são maiores e alaranjados. O nosso é uma variante branca do tigre-de-bengala.

Ele me olhou, pensativo, por um momento e então perguntou:

– Quer me ajudar com o tigre hoje? Não precisa ter medo. As jaulas têm trincos de segurança e eu a supervisionarei o tempo todo.

Sorri, lembrando do doce aroma de jasmim no fim da apresentação do tigre. Um dos cães correu em volta das minhas pernas, me enroscando com a guia e quebrando o devaneio por um momento.

– Gostaria muito. Obrigada! – agradeeci.

Depois de terminar a caminhada, pusemos os cães de volta no canil e demos comida a eles.

O Sr. Davis encheu o bebedouro dos cães com água de uma mangueira verde. Então olhou por sobre o ombro e disse:

– Sabe, os tigres podem ser completamente extintos em 10 anos. A Índia já aprovou diversas leis proibindo que sejam mortos. Os caçadores e os aldeões são os principais envolvidos. Os tigres em geral evitam os homens, mas são responsáveis por muitas mortes na Índia todos os anos e as pessoas às vezes querem fazer justiça com as próprias mãos.

Nesse momento o Sr. Davis acenou para que eu o seguisse. Demos a volta no prédio, chegando a um amplo galpão pintado de branco com remates azuis. Ele abriu as portas largas para que entrássemos.

O sol forte invadia e aquecia o lugar, iluminando as partículas de poeira que subiam à medida que o Sr. Davis e eu passávamos. Fiquei surpresa com a quantidade de luz que havia na construção de dois

andares, apesar de ali só haver duas janelas altas. Vigas grossas erguiam-se bem acima de nossas cabeças e cruzavam o teto em arco, e junto às paredes alinhavam-se baias vazias onde se viam fardos de feno empilhados até o teto. Eu o segui enquanto ele se aproximava do lindo vagão para animais que fizera parte da apresentação do dia anterior.

Ele apanhou uma garrafa grande de vitaminas em forma líquida e disse:

– Kelsey, quero que conheça Dhiren. Venha aqui. Vou lhe mostrar uma coisa.

Nós nos aproximamos da jaula. O tigre, que estivera cochilando, ergueu a cabeça e me olhou, curioso, com seus brilhantes olhos azuis.

Aqueles olhos eram hipnóticos. Eles se fixaram em mim, quase como se o tigre estivesse examinando a minha alma.

Uma onda de solidão tomou conta de mim, mas me esforcei para trancá-la novamente no cantinho onde guardo emoções desse tipo. Engoli em seco e desviei o olhar.

O Sr. Davis puxou uma alavanca na lateral da jaula. Um painel desceu, deslizando e isolando o lado da jaula onde Dhiren estava. O Sr. Davis abriu a porta da jaula, encheu o recipiente de água do tigre, acrescentou cerca de um quarto de xícara de vitaminas e então fechou e trancou a porta. Em seguida, acionou novamente a alavanca para erguer o painel no interior da jaula outra vez.

– Tenho um pouco de trabalho burocrático para fazer. Quero que você busque o café da manhã do tigre – instruíu o Sr. Davis. – Volte ao edifício principal com este carrinho e procure uma geladeira grande atrás das caixas. Tire um pacote de carne e coloque-a no carrinho. Transfira outro pacote de carne do freezer para a geladeira, para descongelar. Quando voltar, ponha a comida de Dhiren na jaula exatamente como fiz com as vitaminas. Mas não se esqueça de fechar o painel de segurança primeiro. Consegue fazer isso?

Agarrei a alça do carrinho.

– Sem problemas – falei por sobre o ombro enquanto saía.

Encontrei a carne rapidamente e poucos minutos depois estava de volta.

Espero que essa porta de segurança resista ou eu serei o café da manhã, pensei ao puxar a alavanca, servir a carne crua em uma tigela grande e deslizá-la com cuidado para dentro da jaula. Eu mantinha um olho cauteloso no tigre, mas ele simplesmente ficou ali parado me

olhando.

– Sr. Davis, esse tigre é macho ou fêmea?

Ouviru-se um barulho na jaula, um ronco profundo vindo do peito do felino.

Virei-me para olhar o tigre.

– Por que você está rugindo para *mim*?

O pai de Matt riu.

– Ah, você o ofendeu. Ele é muito sensível, sabia? Respondendo à sua pergunta, *ele* é macho.

– Humm.

Depois que o tigre comeu, o Sr. Davis sugeriu que eu observasse o animal praticar seu número. Fechamos as portas do galpão e deslizamos as traves de madeira para trancá-las e impedir que o tigre escapasse. Então subi a escada de mão até o mezanino para assistir de cima. Se alguma coisa desse errado, o Sr. Davis me instruíra a sair pela janela e chamar o Sr. Maurizio.

O pai de Matt se aproximou da jaula, abriu a porta e chamou Dhiren. O tigre olhou para ele e então pôs a cabeça de volta sobre as patas, sonolento. O Sr. Davis tornou a chamá-lo.

– Venha!

A boca do tigre se abriu em um bocejo e suas mandíbulas se escancararam. Estremeci ao ver os dentes imensos. Ele se levantou e esticou as patas dianteiras e em seguida as traseiras, uma de cada vez. Ri ao comparar mentalmente esse grande predador com um gatinho dorminhoco. O tigre deu meia-volta e desceu pela rampa, saindo da jaula.

Depois de ajeitar uma banquetta, o Sr. Davis estalou o chicote, instruindo Dhiren a saltar. Então pegou a argola e fez o tigre pular por ela durante vários minutos. O animal saltava de um lado para outro, passando com facilidade pelas várias atividades. Seus movimentos não demonstravam o menor esforço. Eu podia ver seus músculos vigorosos movendo-se sob o pelo listrado preto e branco enquanto praticava o seu número.

O Sr. Davis parecia um bom domador, mas por uma ou duas vezes percebi que o tigre podia ter levado a melhor sobre ele. Num dado momento, o rosto do Sr. Davis ficou muito perto das garras estendidas do tigre e teria sido muito fácil para o animal atingi-lo, mas, em vez disso, ele tirou a pata do caminho. Em outra ocasião, eu podia jurar que o Sr. Davis havia pisado em sua cauda, no entanto, o tigre apenas

grunhiu suavemente e deslizou a cauda para o lado. Aquilo era muito estranho e eu me vi ainda mais fascinada pelo belo animal, imaginando como seria tocá-lo.

O galpão estava abafado e o Sr. Davis transpirava visivelmente. Ele incitou o tigre a voltar para a banquetta e então dispôs mais três banquettas perto da primeira e o fez saltar de uma para outra. Ao terminar, levou o felino de volta para a jaula, deu-lhe um petisco especial e fez sinal para que eu descesse.

– Kelsey, é melhor você ir para o edifício principal e ajudar Matt a se preparar para o espetáculo. Hoje teremos um grupo da terceira idade vindo de um centro comunitário.

Desci a escada.

– Tudo bem se eu trazer meu diário até aqui para escrever de vez em quando? Quero desenhar o tigre.

– Tudo bem – disse ele. – Só não chegue muito perto.

Saí correndo do galpão, acenei para ele e gritei:

– Obrigada por me deixar assistir ao ensaio. Foi muito emocionante!

Cheguei correndo para ajudar Matt no momento em que o primeiro ônibus parava no estacionamento. Foi exatamente o oposto do dia anterior. Primeiro, a mulher responsável pelo grupo comprou todos os ingressos de uma vez só, o que tornou meu trabalho muito mais fácil, e então todos os espectadores se dirigiram devagar para dentro, acomodaram-se em seus lugares e logo caíram no sono.

Como eles podem dormir em meio a todo esse barulho? No intervalo, não havia muito a fazer. Metade dos espectadores ainda estava dormindo, e a outra metade aguardava na fila do banheiro. Na verdade, ninguém comprou nada.

Depois do espetáculo, Matt e eu limpamos tudo num piscar de olhos, o que me deu algumas horas de folga. Corri de volta para a cama, peguei meu diário, uma caneta, um lápis e minha colcha e me dirigi ao galpão. Abri a pesada porta e acendi as luzes.

Fui andando até a jaula do tigre e o encontrei descansando com a cabeça apoiada nas patas. Dois fardos de feno formavam uma boa cadeira com espaldar. Abri a colcha sobre o colo e peguei o diário. Depois de escrever alguns parágrafos, comecei a desenhar.

Tivera aulas de arte no ensino médio e meus desenhos com modelo eram bastante razoáveis. Peguei o lápis e olhei para o tigre. Ele me encarava – mas não como se quisesse me devorar. Era mais

como... como se estivesse tentando me dizer alguma coisa.

– Oi. Está olhando o quê? – perguntei, sorrindo.

Voltei ao desenho. Os olhos redondos do tigre eram bem separados e de um azul intenso. Ele tinha cílios longos e negros, e um focinho rosado. Seu pelo era de um branco leitoso, com riscas negras propagando-se a partir da testa e da face até a cauda. As orelhas curtas e peludas estavam inclinadas na minha direção e sua cabeça descansava preguiçosamente nas patas. Enquanto me observava, sua cauda se agitava de um lado para outro.

Fiquei muito tempo tentando acertar o padrão das listras, pois o Sr. Davis me contara que não havia dois tigres com o mesmo padrão. Disse que as listras eram tão distintivas quanto as impressões digitais humanas.

Continuei a falar com ele enquanto desenhava.

– Como é mesmo o seu nome? Ah, Dhiren. Bem, vou chamá-lo apenas de Ren. Espero que não se importe. Então, tudo bem com você? Gostou do café da manhã? Sabe, para uma coisa que poderia me comer, você tem um rosto muito bonito.

Depois de um silencioso intervalo no qual os únicos sons que se ouviam eram o do lápis arranhando o papel e o da respiração profunda e ritmada do grande animal, perguntei:

– Você gosta de ser um tigre de circo? Não deve ser muito emocionante ficar preso nessa jaula o tempo todo.

Fiquei em silêncio por algum tempo e mordi o lábio enquanto escurecia as listras de seu rosto.

– Gosta de poesia? Vou trazer meu livro de poemas e ler para você um dia. Acho que tem um sobre gatos que você vai adorar.

Ergui os olhos do desenho e fiquei surpresa ao ver que o tigre havia se mexido. Ele estava sentado, a cabeça abaixada na minha direção, e me olhava fixamente. Comecei a me sentir um pouco nervosa. *Um grande felino fitando você de forma intensa não pode ser um bom sinal.*

Nesse exato momento, o pai de Matt entrou no galpão. O tigre deixou-se cair de lado, mas manteve o rosto voltado para mim, observando-me com aqueles olhos azuis intensos.

– Oi, menina. Como vai?

– Tudo certo. Ah, tenho uma pergunta. Ele não se sente só? Vocês já tentaram encontrar uma namorada para ele?

Ele riu.

– Não para este aí. Ele gosta de ficar sozinho. No outro circo me contaram que tentaram cruzá-lo com uma fêmea branca do zoológico que estava no cio, mas ele não quis nada com ela. Até parou de comer e acabaram tirando-o de lá. Acho que ele prefere o celibato.

– Bem, é melhor eu sair para ajudar o Matt nos preparativos do jantar.

Fechei o diário e apanhei minhas coisas. Enquanto eu me dirigia ao edifício principal, meus pensamentos se voltaram para o tigre. *Pobrezinho. Completamente só, sem uma tigresa ou filhotinhos. Impedido de caçar, preso aqui no cativeiro.* Fiquei triste por ele.

Depois do jantar, ajudei o pai de Matt a levar os cães para outro passeio e em seguida me preparei para dormir. Pus as mãos sob a cabeça e fiquei olhando para o teto da tenda, pensando um pouco mais no tigre. Depois de me revirar de um lado para outro por uns 20 minutos, decidi ir até o galpão de novo. Mantive todas as luzes apagadas, exceto a que ficava perto da jaula, e segui para meu fardo de feno com a colcha.

Eu me sentia sentimental e por isso levava comigo um exemplar de *Romeu e Julieta*.

– Oi, Ren. Quer que eu leia um pouco para você? Bem, não existem tigres na história de Romeu e Julieta, mas, quando Romeu subir em uma sacada, você pode se imaginar subindo em uma árvore, está bem? Espere um segundo. Vou criar a atmosfera adequada.

Era noite de lua cheia, então apaguei a luz, já que o luar entrando pelas duas janelas altas iluminava o suficiente do galpão para que eu pudesse ler.

A cauda do tigre batia na base de madeira do vagão. Virei-me de lado, improvisei um travesseiro com o feno e comecei a ler em voz alta. Eu só conseguia distinguir-lhe o perfil e ver seus olhos brilhando na luz espectral. Comecei a me sentir cansada e suspirei.

– Ah, não se fazem mais homens como Romeu. Talvez um homem assim nunca tenha existido. Exceto pela minha presente companhia, é claro. Tenho certeza de que você é um tigre muito romântico. Shakespeare sabia mesmo escrever sobre homens sonhadores, não é?

Fechei os olhos para descansar um pouco e só acordei na manhã seguinte.

Daquele dia em diante, eu passava todo o meu tempo livre no galpão com Ren. Ele parecia gostar da minha presença e sempre empinava as orelhas quando eu começava a ler para ele. Importunei o pai de Matt

com perguntas e mais perguntas sobre tigres até sentir que ele já estava me evitando. Mas sabia que o Sr. Davis gostava do meu trabalho.

Todo dia eu me levantava cedo para cuidar do tigre e dos cães, e todas as tardes eu me sentava perto da jaula de Ren para escrever em meu diário. À noite, levava minha colcha e um livro. Às vezes escolhia um poema e o lia em voz alta. Outras vezes, eu apenas conversava com ele.

Cerca de uma semana depois de eu começar a trabalhar no circo, Matt e eu estávamos assistindo ao espetáculo, como de costume, mas, quando chegou a hora do número de Ren, ele pareceu diferente. Depois de percorrer o túnel e entrar na jaula, correu em círculos e andou de um lado para outro diversas vezes. Ficava olhando para a plateia, como se estivesse procurando alguma coisa.

Por fim, imobilizou-se como uma estátua e olhou diretamente para mim. Seus olhos de tigre encontraram os meus e eu não consegui desviar o olhar. Ouvi o chicote estalar várias vezes, mas o tigre mantinha o olhar fixo em mim. Matt me cutucou e o contato visual se desfez.

– Que coisa mais estranha – disse Matt.

– Qual é o problema? – perguntei. – O que está acontecendo? Por que ele está olhando para nós?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Isso nunca aconteceu.

Ren finalmente parou de nos olhar e deu início à sua rotina. Depois de terminado o espetáculo e de eu acabar a limpeza, fui visitar Ren, que andava de um lado para outro na jaula. Quando me viu, ele se sentou, acomodou-se e pousou a cabeça sobre as patas. Fui até a jaula.

– Oi, Ren. O que está havendo com você hoje? Estou preocupada. Espero que não esteja ficando doente nem nada.

Ele ficou descansando em silêncio, mas manteve os olhos em mim, seguindo meus movimentos. Aproximei-me lentamente da jaula. Eu me sentia atraída pelo animal e não conseguia controlar uma compulsão muito forte e perigosa. Era um impulso quase tangível. Talvez porque eu sentisse que éramos ambos solitários ou talvez porque ele fosse uma criatura tão linda. Não sei o motivo, mas eu queria – eu *precisava* – tocá-lo.

Tinha noção do risco, mas não sentia medo. De alguma forma, eu sabia que ele não me machucaria, então ignorei os sinais de alerta que piscavam em minha mente. Meu coração começou a bater muito rápido. Dei mais um passo em direção à jaula e fiquei ali parada por um instante, trêmula. Ren estava totalmente imóvel. Continuava a me olhar, calmo, com seus olhos azuis.

Estendi lentamente a mão na direção da jaula, esticando os dedos até sua pata. Toquei seu pelo branco e macio com a ponta dos dedos. Ele soltou um profundo suspiro, mas não se mexeu. Ganhando coragem, pus toda a mão sobre sua pata, acariciei-a e percorri uma das listras com o dedo. Sem o menor aviso, sua cabeça se moveu na direção da minha mão. Antes que eu pudesse tirá-la da jaula, ele a lambeu. Senti cócegas.

Retirei a mão rapidamente.

– Ren! Você me assustou! Pensei que fosse arrancar meus dedos!

Hesitante, estendi a mão, aproximando-a da jaula novamente, e sua língua rosada atravessou as grades para lambê-la. Deixei-o lamber algumas vezes e então fui até a pia e lavei a saliva de tigre.

Voltando ao meu cantinho favorito, no fardo de feno, eu disse:

– Obrigada por não me comer.

Ele bufou levemente em resposta.

– O que você gostaria de ler hoje? Que tal aquele poema de gato que lhe prometi?

Eu me sentei, abri o livro de poemas e encontrei a página.

– Muito bem, aqui vai.

EU SOU O GATO

Leila Usher

No Egito, me veneravam.

Eu sou o Gato.

Porque não me dobro à vontade do homem,

Chamam-me mistério.

Quando pego e brinco com um rato,

Chamam-me cruel,

No entanto, eles capturam animais

Em parques e zoos, para que possam admirá-los.

Acham que todos os animais foram feitos para o seu prazer,

*Para serem seus escravos.
E, enquanto eu mato apenas quando preciso,
Eles matam por prazer, poder e ouro,
E se consideram superiores!
Por que eu deveria amá-los?
Eu, o Gato, cujos ancestrais
Orgulhosamente percorreram a selva,
Nenhum deles domado pelo homem.
Ah, por acaso eles sabem
Que a mesma mão imortal
Que lhes soprou a vida também soprou a minha?
Mas somente eu sou livre
Eu sou O GATO.*

Fechei o livro e olhei, pensativa, para o tigre. Eu o imaginei altivo e nobre, correndo pela selva em uma caçada. De repente tive muita, muita pena dele. *Essa vida de se apresentar em um circo não é digna, mesmo que você tenha um bom domador. Um tigre não é um cachorro ou um gato, que podem ser animais de estimação. Ele deveria estar em liberdade, na natureza.*

Levantei-me e caminhei até o tigre. Titubeante, estendi a mão para a jaula a fim de acariciar sua pata outra vez. Imediatamente, sua língua veio lambe-la minha mão. A princípio eu ri, depois fiquei séria. Devagar, levei a mão até sua face e alisei o pelo macio. Então, ganhando coragem, cocei atrás de sua orelha. Uma vibração profunda ressoou em sua garganta e eu me dei conta de que ele estava ronronando. Sorri e cocei um pouco mais sua orelha.

– Gosta disso, não é?

Tirei a mão da jaula, sempre lentamente, e fiquei observando-o por um minuto, refletindo sobre o que havia acontecido. Ele tinha uma expressão de melancolia quase humana. *Se os tigres têm alma, e acredito que tenham, imagino que a dele seja triste e solitária.*

Olhei dentro daqueles grandes olhos azuis e sussurrei:

– Queria que você fosse livre.



O estranho

Dois dias depois, encontrei um homem alto e de aparência distinta, vestido num terno preto elegante, perto da jaula de Ren. Seu cabelo branco e grosso era curto, e a barba e o bigode eram bem aparados. Seus olhos eram castanho-escuros, quase negros, e ele tinha um nariz comprido e aquilino e a pele azeitonada. O homem estava sozinho, falava em tom suave e definitivamente destoava daquele galpão.

– Oi! Posso ajudá-lo? – perguntei.

O homem se virou e sorriu para mim.

– Olá! Você deve ser a Srta. Kelsey. Meu nome é Anik Kadam. É um prazer conhecê-la.

Ele juntou as mãos diante do corpo e se curvou.

E eu que pensei que o cavalheirismo tivesse morrido.

– Sim, eu sou a Kelsey. Posso fazer algo pelo senhor?

– Talvez *haja* algo que você possa fazer por mim. – Ele sorriu com simpatia e explicou: – Gostaria de falar com o dono do circo sobre este magnífico animal.

– Ah, claro. O Sr. Maurizio está nos fundos do prédio principal, no trailer preto. Quer que eu o leve até lá?

– Não precisa se incomodar, minha querida. Mas muito obrigado pela oferta. Irei até lá agora mesmo.

Virando-se, o Sr. Kadam deixou o galpão, fechando a porta ao sair.

Depois de dar uma olhada em Ren para ter certeza de que ele estava bem, eu falei:

– Que coisa estranha. O que será que ele queria? Talvez tenha um interesse especial em tigres.

Hesitei por um momento e então enfiei a mão pelas grades da jaula. Perplexa com minha própria coragem, fiz um carinho rápido na pata de Ren e comecei a preparar seu café da manhã.

– Não é todo dia que uma pessoa vê um tigre tão bonito quanto você – brinquei. – Ele provavelmente só quer parabenizá-lo pelo espetáculo.

Ren grunhiu em resposta.

Resolvi comer alguma coisa e segui para o prédio principal. Lá, deparei com um frenesi incomum. As pessoas se reuniam e fofocavam em grupos pequenos e dispersos. Peguei um *muffin* de chocolate e uma garrafinha de leite frio e interpelei Matt.

– O que está acontecendo? – perguntei depois de dar uma grande mordida no *muffin*.

– Não sei. Meu pai, o Sr. Maurizio e outro homem estão numa reunião séria, e recebemos ordens de suspender nossas atividades diárias. Fomos instruídos a esperar aqui. Ninguém faz ideia do que está acontecendo.

– Humm.

Sentei-me, comendo e ouvindo as loucas teorias e especulações da trupe.

Não tivemos que esperar muito. Alguns minutos depois, o Sr. Maurizio, o Sr. Davis e o Sr. Kadam, o estranho que eu conhecera mais cedo, entraram no prédio.

– *Sedetevi*, meus amigos. Sentem-se. Sentem-se! – disse o Sr. Maurizio com um sorriso radiante. – Este cavalheiro, o Sr. Kadam, fez de mim o mais feliz dos homens. Ele acabou de fazer uma oferta pelo nosso amado tigre Dhiren.

Houve um arquejo audível no salão enquanto várias pessoas se remexiam em suas cadeiras e murmuravam baixinho entre si.

O Sr. Maurizio prosseguiu:

– Bem, bem... *silenzio*. Shh, *amici miei*. Deixem-me terminar! Ele quer levar nosso tigre de volta para a Índia, para o Parque Nacional Ranthambore, a grande reserva de tigres. O *denaro* do Sr. Kadam vai nos manter por dois anos! O Sr. Davis está *d'accordo* comigo e acredita que o tigre certamente será mais feliz naquele lugar.

Olhei para o Sr. Davis, que assentiu, solene.

– Combinamos que faremos os espetáculos desta semana e então o tigre irá com o Sr. Kadam *con l'aereo*, de avião, para a Índia, ao passo que nós seguiremos para a próxima cidade. Dhiren ficará conosco esta

última semana até o grandioso *finale* no sábado! – concluiu o apresentador do circo, com um tapinha nas costas do Sr. Kadam.

Os dois então se viraram e deixaram o prédio.

Imediatamente, as pessoas começaram a circular e conversar. Eu as observava irem de um grupo a outro, como um bando de galinhas na hora da comida, andando e ciscando migalhas de informações e boatos. Falavam num tom animado e davam tapinhas nas costas uns dos outros, murmurando cumprimentos animados pelo fato de os próximos dois anos na estrada já estarem garantidos.

Todos estavam felizes, menos eu. Fiquei lá sentada, segurando o resto do meu *muffin*. Ainda estava boquiaberta e me sentia grudada na cadeira. Depois de me recompor, chamei Matt.

– Como isso afeta o seu pai?

Ele deu de ombros.

– Papai ainda tem os cães e sempre teve interesse em trabalhar com cavalos miniaturas. Agora que o circo tem mais dinheiro, talvez ele consiga fazer com que o Sr. Maurizio compre uns dois para que ele possa começar a adestrá-los.

Ele se afastou enquanto eu pensava na pergunta: *como isso me afeta?* Eu me sentia... angustiada. Sabia que, de qualquer modo, o trabalho no circo terminaria logo, mas afastara isso da mente. Eu sentiria muita saudade de Ren. Não me dera conta disso até aquele momento. Ainda assim, estava feliz por ele. Suspirei e me recriminei por me envolver tanto emocionalmente.

Apesar de estar feliz pelo meu tigre, também estava triste, sabendo que sentiria falta de visitá-lo e de conversar com ele. Pelo resto do dia me mantive ocupada para não pensar no assunto. Matt e eu trabalhamos a tarde toda e só tive tempo de ver Ren novamente depois do jantar.

Fui direto para minha tenda, peguei a colcha, o diário e um livro, e corri para o galpão. No meu cantinho favorito, sentei-me com as pernas esticadas.

– Oi, Ren. Que boa notícia para você, hein? Vai voltar para a Índia! Espero de verdade que você seja feliz lá. Talvez encontre uma linda namorada tigresa.

Ouvi uma espécie de resmungo vinda da jaula e pensei por um instante.

– Espero que ainda saiba caçar e tudo mais. Bem, acho que o pessoal da reserva vai ficar de olho para que você não deixe de se

alimentar.

Ouvi um ruído no galpão e me virei. O Sr. Kadam acabara de entrar. Sentei-me um pouco mais ereta e me senti constrangida por ser flagrada conversando com um tigre.

– Lamento interrompê-la – disse o Sr. Kadam. Seus olhos correram do tigre para mim, ele me estudou com cuidado e então afirmou: – Você parece ter... carinho por este tigre. Estou certo?

Respondi, sem reservas:

– Está. Gosto da companhia dele. Então o senhor percorre circos resgatando tigres? Deve ser um emprego interessante.

Sorrindo, ele explicou:

– Ah, esse não é o meu trabalho principal. Minha verdadeira ocupação é administrar um grande patrimônio. O tigre é um item que desperta o interesse do meu empregador e foi ele quem fez a oferta ao Sr. Maurizio.

Ele encontrou um banquinho e se sentou, equilibrando o corpo alto no banco baixo com uma naturalidade que eu não teria esperado de um homem daquela idade.

– O senhor é da Índia?

– Sou, sim – respondeu ele. – Nasci e fui criado lá. Os principais bens do patrimônio que eu administro também estão lá.

Peguei um canudo e o enrolei em torno do dedo.

– Por que esse proprietário está tão interessado em Ren?

Seus olhos cintilaram quando lançou um olhar rápido ao tigre e depois perguntou:

– Você conhece a história do grande príncipe Dhiren?

Sacudi a cabeça.

– Não.

– O nome do seu tigre, *Dhiren*, na minha língua significa “forte”. – Ele inclinou a cabeça e me olhou, pensativo. – Um príncipe muito famoso tinha o mesmo nome e sua história é bastante interessante.

Sorri.

– O senhor está fugindo da minha pergunta. Mas eu adoro uma boa história. O senhor se lembra dela?

Seus olhos se fixaram em um ponto a distância e ele sorriu.

– Acho que sim.

Sua voz mudou. Perdendo a cadência enérgica, as palavras do Sr. Kadam assumiram um tom suave e musical:

– Há muito tempo havia na Índia um poderoso rei que tinha dois filhos, um dos quais se chamava Dhiren. Os dois irmãos tiveram a melhor educação e o melhor treinamento militar. A mãe deles lhes ensinou a amar a terra e as pessoas que nela viviam. Com frequência ela levava os meninos para brincar com crianças carentes porque queria que eles soubessem do que o seu povo precisava. Com esse contato também aprenderam a ter humildade e a serem gratos pelos privilégios que possuíam. Seu pai, o rei, ensinou-lhes a governar o reino. Dhiren cresceu e se tornou um bravo e destemido líder militar, assim como um administrador sensato.

Eu mal piscava, de tão interessada naquele relato. Ele continuou:

– O irmão também era muito corajoso, forte e inteligente. Ele amava Dhiren, mas às vezes sentia no coração uma pontada de ciúme, pois, apesar de bem-sucedido em todo o seu treinamento, ele sabia que Dhiren estava destinado a ser o próximo rei. Era natural que se sentisse assim. Dhiren tinha uma notável aptidão para impressionar facilmente as pessoas com sua perspicácia, sua inteligência e sua personalidade. Uma rara combinação de charme e modéstia fazia dele um político eminente. Uma pessoa de contradições, era um grande guerreiro assim como um renomado poeta. Todo o povo amava a família real e tinha a expectativa de muitos anos felizes e de paz sob o reinado de Dhiren.

Fascinada pela história, perguntei:

– O que aconteceu com os irmãos? Eles lutaram entre si pelo trono?

Remexendo-se ligeiramente no banquinho, ele prosseguiu:

– O rei Rajaram, pai de Dhiren, arranjou o casamento entre Dhiren e a filha do governante de um reino vizinho. Os dois reinos tinham vivido em paz por muitos séculos, mas nos últimos anos pequenos conflitos vinham irrompendo nas fronteiras com frequência cada vez maior. Dhiren ficou satisfeito com a aliança não só porque a garota, cujo nome era Yesubai, era muito bonita, mas também porque era sábio o bastante para saber que a união traria paz à sua terra. Eles estavam formalmente noivos quando Dhiren se ausentou para inspecionar tropas em outra parte do reino. Durante sua ausência, seu irmão começou a passar muito tempo na companhia de Yesubai e logo os dois se apaixonaram.

O tigre resfolegou ruidosamente e bateu a cauda no piso de madeira do vagão algumas vezes.

Olhei-o, preocupada, mas ele parecia bem.

– Shh, Ren – eu o repreendi. – Deixe que ele termine de contar a história.

O tigre pousou a cabeça nas patas e ficou nos observando.

O Sr. Kadam retomou a narrativa:

– Ele traiu Dhiren para ter a mulher que amava. Fez um pacto com um homem poderoso e perverso que capturou Dhiren quando ele voltava para casa. Como prisioneiro político, Dhiren foi amarrado a um camelo e arrastado pela cidade do inimigo, onde as pessoas atiravam nele pedras, paus, lixo e cocô de camelo. Ele foi torturado, teve os olhos arrancados, o cabelo raspado e, por fim, seu corpo foi esquartejado e os pedaços foram atirados num rio.

Arquejei.

– Que horror!

Impressionada com a história, eu estava explodindo de tantas perguntas, mas me contive, esperando que ele terminasse. O Sr. Kadam fixou o olhar em meu rosto e prosseguiu, sério:

– Quando seu povo soube o que tinha acontecido, uma grande tristeza se espalhou pelo reino. Alguns dizem que o povo de Dhiren foi até o rio e resgatou pedaços do seu corpo para lhe dar um funeral adequado. Outros dizem que seu corpo nunca foi encontrado.

– Nossa!

– Ao saberem da morte do filho adorador, o rei e a mulher, arrasados pelo sofrimento, entraram em profundo desespero. Não demorou muito para que ambos partissem desta vida. O irmão de Dhiren fugiu, arruinado pela vergonha. Yesubai se matou. O Império Mujulaain foi lançado nas sombras escuras da desordem e do abandono. Com a voz de autoridade da família real silenciada, os militares tomaram o poder. Por fim, o homem perverso que havia matado Dhiren usurpou o trono, mas somente depois de 50 anos de uma guerra terrível.

Quando ele terminou a história, fez-se um profundo silêncio. A cauda de Ren bateu na jaula, o que me arrancou de meus devaneios.

– Uau! – exclamei. – E ele a *amava*?

– De quem você está falando?

– Dhiren amava Yesubai?

– Eu... não sei. Muitos casamentos eram arranjados naquele tempo e o amor muitas vezes não entrava em questão.

– Uma sequência de acontecimentos muito triste – comentei. –

Uma grande história, embora um tanto sangrenta. Uma tragédia indiana. Me lembra Shakespeare. Ele teria escrito uma excelente peça baseada nessa história. Então, o Ren recebeu esse nome em homenagem ao príncipe indiano?

O Sr. Kadam ergueu a sobrancelha e sorriu.

– Parece que sim.

Olhei para o tigre e sorri.

– Está vendo, Ren, você é um herói! É um dos mocinhos! – Ren levantou as orelhas e piscou, me observando. – Obrigada por partilhar essa história comigo. Com certeza vou escrever sobre ela no meu diário. Mas nada disso explica o interesse do seu empregador pelos tigres.

Ele pigarreou enquanto me lançava um olhar oblíquo, ganhando tempo. Para alguém tão eloquente, ele se atrapalhou com as palavras seguintes.

– Meu empregador tem uma ligação especial com este tigre branco – disse ele. – Sabe, ele acha que é o culpado pelo aprisionamento do tigre... Não, essa é uma palavra muito dura... pela captura do tigre. Meu empregador se deixou atrair para uma situação que levou à apreensão e à venda do animal. Ele vem seguindo o paradeiro do tigre pelos últimos anos e agora finalmente pode consertar as coisas.

– Muito interessante. Ren foi capturado por culpa *dele*? É muita generosidade ele continuar preocupado dessa forma com o bem-estar de um animal. Por favor, agradeça a esse homem pelo que está fazendo por Ren.

Ele curvou a cabeça em minha direção e então, hesitante, fixou um olhar sombrio em mim e propôs:

– Srta. Kelsey, espero que eu não esteja me antecipando muito, mas preciso de alguém para acompanhar o tigre em sua viagem para a Índia. Não poderei atender a suas necessidades diárias nem seguir com ele por todo o trajeto. Já perguntei ao Sr. Davis se ele poderia acompanhar Dhiren, mas ele precisa ficar aqui com o circo. – Ele se inclinou para a frente no banco, gesticulando com as mãos. – Gostaria de oferecer a *você* essa tarefa. Estaria interessada?

Fiquei olhando para suas mãos por um momento, pensando que um homem como ele deveria ter dedos longos, macios e unhas feitas, mas seus dedos eram grossos, com calos, como os de alguém acostumado ao trabalho duro.

– O tigre já está acostumado à senhorita e posso lhe pagar um bom valor. O Sr. Davis sugeriu seu nome para a tarefa e mencionou que seu emprego temporário aqui está quase chegando ao fim. Se aceitar o trabalho, posso lhe assegurar que meu empregador ficará muito grato por ter alguém capaz de cuidar do tigre melhor do que eu. A viagem inteira deve levar cerca de uma semana, mas fui instruído a pagar por todo o seu verão. Entendo que isso a afastaria de sua casa e retardaria sua procura por outro trabalho, por essa razão será devidamente recompensada.

– O que eu teria que fazer? Vou precisar de um passaporte e de outros documentos? – perguntei.

Ele inclinou a cabeça na minha direção.

– Posso cuidar de todos os preparativos para a viagem. Nós três pegaríamos um voo até Mumbai, que você talvez ainda conheça como Bombaim. Lá, precisarei ficar na cidade, para tratar de negócios, e você continuaria a acompanhar o tigre no trajeto por terra até a reserva. Vou contratar motoristas e carregadores para ajudá-la na jornada. Sua responsabilidade principal será cuidar de Ren, alimentando-o e dando conforto a ele.

– E depois...?

– A jornada por terra leva de 10 a 12 horas. Ao chegarem à reserva, você ainda fica por lá alguns dias para se assegurar de que ele está se adaptando bem ao seu novo ambiente e à relativa liberdade. De lá você pega um ônibus até o aeroporto de Jaipur, voa até Mumbai e embarca de volta para casa, tornando sua viagem de volta um pouquinho mais curta.

– Então levaria cerca de uma semana ao todo? – perguntei.

– Você pode escolher voltar para casa imediatamente ou, se preferir, pode tirar alguns dias de férias na Índia e fazer um pouco de turismo antes de voltar. Eu cuidaria de todas as despesas da viagem, assim como de quaisquer outras necessidades suas nesse período.

Pisquei e falei, gaguejando:

– É uma oferta muito generosa. Meu trabalho aqui no circo está mesmo chegando ao fim e eu teria que começar a procurar um novo emprego.

Mordi o lábio e comecei a andar de um lado para outro, murmurando, hesitante, tanto para ele quanto para mim mesma.

– A Índia é muito longe. Nunca saí do país. A ideia é ao mesmo tempo empolgante e assustadora. Posso pensar e decidir depois?

Quando o senhor precisa da resposta?

– Quanto mais cedo você confirmar, mais cedo poderei tomar as providências necessárias.

– Está certo. Vou ligar para meus pais adotivos e conversar com o Sr. Davis, para ver o que eles pensam disso, e então lhe darei a resposta.

O Sr. Kadam assentiu e mencionou que o Sr. Maurizio sabia como encontrá-lo quando eu estivesse pronta para informar minha decisão. Também disse que estaria no circo o restante do dia, finalizando a papelada.

Com a cabeça a mil, peguei minhas coisas e voltei para o edifício principal. *Índia? Nunca estive no exterior. E se eu não conseguir me comunicar com ninguém? E se acontecer algo ruim com Ren enquanto ele estiver sob a minha responsabilidade?*

Apesar de todas as dúvidas, uma parte de mim estava considerando seriamente a oferta do Sr. Kadam. Era muito tentador passar um pouco mais de tempo com Ren e, além disso, eu sempre quis conhecer outro país. Poderia desfrutar de miniférias de verão e ainda ser paga por isso. E o Sr. Kadam não me parecia um daqueles homens assustadores, com más intenções. Na verdade, ele parecia ser de total confiança, quase como um avô.

Encontrei o Sr. Davis ensinando um novo truque aos cães. Ele confirmou que o Sr. Kadam lhe oferecera o mesmo trabalho e que ele ficara tentado a aceitar.

– Acho que seria uma ótima experiência. Você é excelente com animais, especialmente com Ren. Se tem algo a ver com a carreira que pretende seguir, então deveria considerar a oferta. O trabalho causaria boa impressão no currículo.

Agradei a ele e decidi ligar para Sarah e Mike, que quiseram conhecer o Sr. Kadam, verificar suas credenciais e descobrir que tipos de medida de segurança ele planejava tomar. Eles sugeriram improvisar uma festa de aniversário para mim no circo de modo que pudessem comemorar comigo e ao mesmo tempo conhecer o Sr. Kadam.

Depois de pensar por um tempo nos prós e contras, senti o entusiasmo com a viagem desfazer meu nervosismo. *Eu adoraria ir à Índia e ver Ren se adaptar à reserva de tigres. Seria uma oportunidade única.*

Voltei à jaula do tigre e encontrei o Sr. Kadam lá. Ele estava

sozinho e parecia estar falando baixinho novamente com o tigre.

Acho que ele gosta de falar com tigres tanto quanto eu.

Ainda na porta, fiz uma pausa.

– Sr. Kadam? Meus pais adotivos gostariam de conhecê-lo e querem que eu o convide para comemorar meu aniversário esta noite. Eles vão trazer bolo e sorvete depois do espetáculo. O senhor pode vir?

O rosto dele se iluminou com um sorriso radiante, maravilhado.

– Que maravilha! Vou adorar ir à sua festa!

– Não fique muito animado. Provavelmente vão trazer sorvete de soja e bolo sem glúten e sem açúcar.

Depois de falar com ele, liguei para minha família para combinar tudo.

Sarah, Mike e as crianças chegaram cedo para assistir ao espetáculo e ficaram totalmente impressionados com o desempenho de Ren. Eles adoraram conhecer a trupe toda. O Sr. Kadam foi educado e gentil e disse a eles que seria impossível realizar sua tarefa sem a minha ajuda.

– Fiquem tranquilos porque estaremos sempre em contato e Kelsey poderá ligar para vocês a qualquer hora – disse ele.

Mais tarde o Sr. Davis deu a sua contribuição:

– Kelsey é mais do que capaz de cumprir a tarefa. É basicamente a mesma coisa que ela vem fazendo no circo nas últimas duas semanas. Além do mais, será uma ótima experiência. Eu mesmo gostaria de ir.

Passamos uma ótima noite e foi divertido ter uma festa no circo. Sarah até trouxe *cupcakes* normais e minha marca favorita de sorvete. Podia não ser um aniversário de 18 anos típico, mas eu me sentia feliz de estar com minha família adotiva, meus novos amigos e meu pote de sorvete de chocolate.

Após a festa, Sarah e Mike me puxaram de lado e me lembraram de manter contato frequente durante a estadia na Índia. Eles podiam ver em meu rosto que eu estava determinada a ir e imediatamente sentiram confiança no Sr. Kadam. Eu os abracei, entusiasmada, e fui contar as boas-novas a ele.

O Sr. Kadam abriu um sorriso feliz e disse:

– Bem, Srta. Kelsey, vou precisar de mais ou menos uma semana para providenciar o transporte. Também vou pegar uma cópia da sua certidão de nascimento e providenciar documentos de viagem tanto para o tigre quanto para você. Meu plano é partir amanhã de manhã e

voltar assim que tiver os documentos necessários.

Mais tarde, quando se preparava para ir embora, o Sr. Kadam aproximou-se para apertar minha mão e a segurou por um minuto, dizendo:

– Muito obrigado por sua ajuda. Você me tranquilizou e deu esperança a um velho desiludido e pessimista.

Passada a agitação do dia, fui visitar Ren.

– Aqui. Roubei um *cupcake*. Provavelmente não faz parte da sua dieta de tigre, mas você também merece comemorar, não é?

Ele pegou delicadamente o *cupcake* da minha mão estendida, engoliu-o de uma só vez e então começou a lamber o glacê dos meus dedos. Eu ri e fui lavar a mão.

– Do que será que o Sr. Kadam estava falando? Tranquilizá-lo? Ele é um pouco dramático, você não acha?

Bocejei e cocei atrás de sua orelha, sorrindo quando ele apoiou a cabeça na palma de minha mão.

– Bom, estou com sono. Vou para a cama. Vamos fazer uma viagem divertida juntos, hein?

Reprimindo outro bocejo, verifiquei se ele tinha água suficiente, então apaguei as luzes, fechei a porta e fui me deitar.

Na manhã seguinte, acordei cedo para ir ver o tigre. Entrei no galpão e me dirigi à jaula, mas encontrei a porta aberta. Ele não estava lá!

– Ren? Onde você está?

Ouvi um ruído atrás de mim, me virei e deparei com ele deitado em uma pilha de feno *fora* da jaula.

– Ren! Como você conseguiu sair? O Sr. Davis vai me matar! Tenho certeza de que tranquei a porta da jaula ontem à noite!

O tigre se levantou e se sacudiu, tirando a maior parte do feno de seu pelo, e caminhou preguiçosamente até mim. Foi só então que me dei conta de que estava sozinha em um galpão com um tigre solto. Fiquei em pânico, mas era tarde demais para voltar e sair do galpão. O Sr. Davis me ensinara a nunca desviar os olhos de grandes felinos, assim ergui o queixo, pus as mãos nos quadris e ordenei que ele voltasse para a jaula. O estranho foi que ele pareceu compreender o que eu queria dele. Ren passou por mim, esfregando a lateral do corpo em minha perna, e... obedeceu! Seguiu lentamente para a rampa, agitando a cauda de um lado para outro enquanto me olhava, subiu e passou pela porta em dois grandes saltos.

Corri para fechar a porta e, com ela finalmente trancada, deixei escapar um grande suspiro. Depois de providenciar sua água e sua comida do dia, saí à procura do Sr. Davis para contar o que acontecera.

O Sr. Davis recebeu bem a notícia, considerando que um tigre ficara solto. Ficou surpreso por eu ter me preocupado mais com a segurança de Ren do que com a minha. Ele me assegurou de que eu agira certo e ficou impressionado com a calma com que eu tinha enfrentado a situação. Eu lhe disse que tomaria mais cuidado e que me certificaria de que a jaula ficasse sempre adequadamente trancada. Mas eu tinha certeza de que não a deixara destrancada.

A semana seguinte passou voando. O Sr. Kadam só reapareceu na noite da última apresentação de Ren. Ele se aproximou e perguntou se podia falar comigo depois do jantar.

– Claro. Posso me sentar com o senhor para a sobremesa – repliquei.

A atmosfera era de festa. Quando vi o Sr. Kadam entrar no prédio, peguei papel, lápis e dois potinhos de sorvete e me sentei de frente para ele.

Ele começou espalhando vários formulários e documentos para que eu assinasse.

– Vamos levar o tigre de caminhão daqui até o aeroporto de Portland. De lá, embarcaremos num avião de carga, que nos levará até Nova York, cruzará o oceano Atlântico e continuará até Mumbai. Quando chegarmos lá, deixarei Ren em suas mãos competentes por alguns dias enquanto resolvo negócios na cidade.

– Tudo bem.

– Um caminhão estará nos aguardando no aeroporto de Mumbai. Você e eu supervisionaremos os homens que transportarão Ren do avião até o caminhão. Um motorista levará vocês dois até a reserva. Providências também foram tomadas para que você fique lá por alguns dias. Então, você poderá se preparar para a volta quando achar melhor. Eu fornecerei todo o dinheiro necessário para a viagem, mais do que o suficiente para qualquer emergência.

Fui anotando freneticamente, tentando registrar todas as suas instruções.

– O Sr. Davis vai ajudar a preparar Ren e também vai colocá-lo no caminhão amanhã de manhã. Sugiro que você prepare uma mala com todos os pertences pessoais que queira levar. Vou dormir aqui esta

noite, portanto você pode usar meu carro alugado e ir até sua casa pegar suas coisas, desde que esteja de volta amanhã bem cedo. Alguma pergunta?

– Bem, tenho mais ou menos um bilhão delas, mas a maior parte pode esperar até amanhã. Acho que é melhor eu ir para casa fazer a mala.

Ele sorriu afetuosamente e pôs as chaves do carro na minha mão.

– Obrigado mais uma vez, Srta. Kelsey. Estou ansioso por nossa viagem. Até amanhã.

Sorri de volta e me despedi. Voltei à tenda para pegar minhas coisas e falei brevemente com Matt, Cathleen, o Sr. Davis e o Sr. Maurizio. Eu havia passado pouco tempo no circo, mas me afeiçoara a todos.

Depois de lhes desejar boa sorte e me despedir, passei na jaula de Ren para dizer boa-noite. Ele já estava dormindo, então o deixei e segui para o estacionamento.

Só havia um carro estacionado – um lindo conversível prata. Olhei para o chaveiro e li “Bentley GTC Conversível”.

Minha nossa! Só pode ser brincadeira. Este carro deve valer uma fortuna! O Sr. Kadam confia mesmo em mim.

Aproximei-me do carro timidamente e apertei na chave o botão de destravar as portas. Os faróis piscaram para mim. Abri a porta, me sentei na poltrona de couro macio e corri a mão sobre a costura elegante e bem-acabada. O painel parecia ultramoderno. Era o carro mais luxuoso que eu já vira.

Liguei o motor e dei um pulo quando ele rugiu, ganhando vida. Mesmo eu, que não tinha o menor conhecimento sobre veículos, podia ver que aquele carro era rápido. Suspirei de prazer quando percebi que ele também incluía assentos massageadores aquecidos. Cheguei em casa em poucos minutos, decepcionada por morar tão perto do circo.

Mike insistiu que um Bentley devia ser estacionado na garagem. Colocou, ansioso, seu velho sedã na rua, estacionando-o perto das latas de lixo. O pobre carro foi despachado como um gato velho enquanto o gatinho novo ganhava uma almofada macia na cama.

Mike acabou passando várias horas na garagem naquela noite, paparicando e acariciando o conversível. Eu, por outro lado, passei a noite tentando descobrir o que levar para a Índia. Pus umas peças de roupa na máquina de lavar, arrumei uma bolsa grande e passei algum

tempo com minha família adotiva. As duas crianças, Rebecca e Sammy, queriam saber tudo sobre as minhas duas semanas no circo. Também falamos sobre as coisas incríveis que eu iria ver e fazer na Índia.

Eram boas pessoas, uma boa família, e se preocupavam comigo. Dizer adeus foi difícil, embora fosse apenas temporário. Legalmente, eu era adulta, mas ainda me sentia nervosa diante da perspectiva de ir sozinha para tão longe. Abracei e beijei as crianças. Mike apertou minha mão todo formal e me deu um meio abraço por um longo minuto. Então me virei para Sarah, que me puxou para um abraço apertado. Ficamos as duas com lágrimas nos olhos, mas ela me assegurou de que estariam a apenas um telefonema de distância.

Naquela noite, mergulhei rapidamente em um sono profundo e sonhei com um belo príncipe indiano que tinha um tigre de estimação.



O avião

Na manhã seguinte, acordei cheia de energia, sentindo-me otimista e empolgada com a viagem. Depois de um banho e de um rápido café da manhã, peguei minha bolsa, abracei Sarah novamente, pois ela era a única acordada, e corri para a garagem.

Entrei no estacionamento do circo e parei ao lado de um caminhão de tamanho médio. O veículo tinha um grosso para-brisa, rodas muito grandes e portas minúsculas. Atrás da cabine havia uma carroceria aberta, na qual se via uma estrutura quadrada de aço com um cortinado de lona cinza.

A rampa estava abaixada na traseira: o Sr. Davis colocava Ren na jaula. Ren usava uma coleira grossa no pescoço, firmemente presa a uma longa corrente que tanto o Sr. Davis quanto Matt seguravam com força. O tigre parecia muito calmo, apesar do caos que se desenrolava à sua volta. Ele me olhava, esperando paciente enquanto os homens preparavam o caminhão. Por fim, tudo ficou pronto e, a um comando do Sr. Davis, Ren saltou para a caixa de metal.

O Sr. Kadam pegou minha bolsa e passou a alça pelo ombro.

– Srta. Kelsey, prefere ir no caminhão com o motorista ou me acompanhar no conversível? – perguntou ele.

Olhei para o caminhão de rodas enormes e rapidamente tomei minha decisão.

– Prefiro acompanhar o senhor. Eu jamais trocaria um conversível por um caminhão desses.

Ele riu, concordando, antes de guardar minha bolsa no portamalas do Bentley. Sabendo que era hora de ir, acenei para o Sr. Davis e para Matt, entrei novamente no conversível e afivelei o cinto de segurança. Antes que eu me desse conta, seguíamos pela rodovia

interestadual atrás do caminhão.

Era difícil conversar por causa do vento, então eu simplesmente reclinei a cabeça para trás, apoiando-a no couro macio, e fiquei admirando a paisagem. Na verdade, seguíamos devagar – a 90 quilômetros por hora, cerca de 15 quilômetros abaixo do limite de velocidade daquela estrada. Passantes curiosos desaceleravam para olhar nosso pequeno comboio. O trânsito foi se tornando mais pesado perto de Wilsonville, onde alcançamos os carros que haviam nos ultrapassado mais cedo.

O aeroporto ficava uns 30 quilômetros adiante, numa pequena estrada que saía da interestadual como a alça de uma xícara. O caminhão à nossa frente entrou na rua do aeroporto e então parou em uma rua lateral, atrás de uns hangares enormes. Vários aviões de carga estavam enfileirados ali, sendo carregados. O Sr. Kadam abriu caminho entre as pessoas e os equipamentos até alcançar um avião particular, em cuja lateral se lia Linhas Aéreas Tigre Voador, exibindo a imagem de um tigre correndo.

Virei-me para o Sr. Kadam, apontei com a cabeça para o avião e disse:

– Tigre Voador, hein?

Ele sorriu.

– É uma longa história, Srta. Kelsey, que vou lhe contar no avião.

Tirando minha bolsa do porta-malas, ele entregou as chaves a um homem ali perto que imediatamente entrou no carro e o levou dali.

Nós dois ficamos observando enquanto vários trabalhadores corpulentos erguiam a caixa do tigre com uma empilhadeira motorizada e habilmente o transferiam para a jaula ampla e apropriada do avião.

Satisfeitos ao ver o tigre confortavelmente em segurança, subimos pela escada retrátil da aeronave e entramos.

Fiquei impressionada com a opulência do interior. O avião era decorado em preto, branco e prateado, o que o fazia parecer muito moderno. As poltronas de couro preto pareciam bastante aconchegantes, bem diferentes dos assentos de aviões comerciais, e reclinavam completamente!

Uma comissária de bordo muito bonita, com cabelos pretos e longos, nos apontou os lugares e se apresentou:

– Meu nome é Nilima. Por favor, sente-se, Srta. Kelsey – disse ela, com um sotaque parecido com o do Sr. Kadam.

– Você também é indiana?

Nilima assentiu e sorriu para mim enquanto afofava um travesseiro atrás da minha cabeça. Em seguida, ela me trouxe um cobertor e várias revistas. O Sr. Kadam ocupou a espaçosa poltrona diante da minha. Ele afivelou logo o cinto de segurança, dispensando o travesseiro e o cobertor.

Eu viajara de avião umas poucas vezes antes, de férias com minha família. Durante o voo propriamente dito, em geral eu ficava bastante tranquila, mas decolagens e aterrissagens me deixavam tensa e ansiosa. O som das turbinas era o que mais me incomodava – o rugido ameaçador quando ganhavam vida – e a sensação de ser empurrada contra a cadeira enquanto o avião se descolava do chão sempre me deixava enjoada. As aterrissagens não eram mais divertidas, mas em geral eu estava tão ansiosa para saltar do avião que esse momento passava rapidinho.

O luxo do avião e do belo conversível me fizeram refletir sobre o empregador do Sr. Kadam. Deve ser alguém *muito* rico e poderoso na Índia. Tentei pensar em quem poderia ser, mas não consegui formular nenhum palpite.

Talvez seja um daqueles atores de Bollywood. Quanto dinheiro será que eles ganham? Não, não pode ser isso. O Sr. Kadam trabalha para ele há muito tempo, então o homem deve ser velho.

O avião ganhara velocidade e decolara enquanto eu ponderava sobre o misterioso empregador do Sr. Kadam. E eu nem percebera! Olhei pela janela e observei o rio Colúmbia ir ficando cada vez menor até atravessarmos a camada de nuvens e eu não conseguir mais ver terra firme.

Cerca de uma hora e meia depois, já tendo lido uma revista inteira e terminado o *sudoku* e as palavras cruzadas das últimas páginas, deixei de lado a revista e olhei para o Sr. Kadam. Eu não queria incomodá-lo, mas tinha toneladas de perguntas.

Pigarreei. Ele respondeu sorrindo para mim acima da revista de atualidades. Naturalmente, a primeira coisa que me saiu pela boca foi a pergunta que menos me interessava.

– Então, Sr. Kadam, me fale sobre as Linhas Aéreas Tigre Voador.

Ele fechou a revista antes de pousá-la na mesa.

– Humm... por onde começar? Meu empregador era o proprietário e eu o administrador de uma empresa de carga aérea chamada Linhas Aéreas de Fretamento e Carga Tigre Voador, ou,

encurtando, Linhas Aéreas Tigre Voador. Era a maior empresa de *charter* transatlântico nas décadas de 1940 e 1950. Voávamos para quase todos os continentes do mundo.

– De onde veio o nome Tigre Voador?

Ele mudou ligeiramente de posição na cadeira.

– Além de possuir certa afeição por tigres, meu empregador achava interessante o fato de que alguns dos primeiros pilotos haviam conduzido aviões “tigres” durante a Segunda Guerra Mundial. Talvez você se lembre de que eram pintados como tubarões-tigres a fim de parecerem ferozes na batalha. Mas, no fim da década de 1980, meu empregador resolveu vender a empresa. E manteve só um avião, este, para uso pessoal.

– Qual é o nome do seu empregador? Eu vou conhecê-lo?

Seus olhos brilharam.

– Com toda a certeza. Ele se apresentará quando você pousar na Índia. E vai gostar de conversar com você. – Ele desviou o olhar para os fundos do avião por um momento. Sorrindo com uma expressão encorajadora, ele olhou para mim e acrescentou: – Mais perguntas?

– Então o senhor é uma espécie de vice-presidente para ele?

O cavalheiro indiano achou graça.

– Digamos que ele é um homem muito rico que confia totalmente em mim para cuidar de seus assuntos profissionais.

– Ah, então o senhor é o Sr. Smithers e ele é o Sr. Burns.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Não entendi.

Corei e agitei a mão no ar.

– Deixe para lá. São personagens dos *Simpsons*. Provavelmente o senhor nunca viu a série.

– Infelizmente não, Srta. Kelsey.

O Sr. Kadam parecia ligeiramente desconfortável ou nervoso quando falava sobre seu patrão, mas gostava de falar de aviões, então eu o incentivei a continuar. Mudando de posição na cadeira, tirei os sapatos, cruzei as pernas e perguntei:

– Que tipo de carga vocês transportavam?

Ele relaxou visivelmente.

– Ao longo dos anos, a empresa transportou uma coleção e tanto de cargas interessantes. Por exemplo, ganhamos o contrato para carregar a famosa baleia assassina do Aquatic World, assim como a

tocha da Estátua da Liberdade. Na maior parte do tempo, porém, a carga era bastante comum. Levamos coisas como enlatados, produtos têxteis e embalagens. Uma variedade e tanto, de fato.

– Como é que se coloca uma baleia em um avião?

– Uma nadadeira de cada vez, Srta. Kelsey. Uma nadadeira de cada vez.

O rosto do Sr. Kadam continuou sério. Eu ri com vontade. Enxugando uma lágrima no canto do olho, indaguei:

– Então o senhor administrava a empresa?

– Sim. Passei muito tempo desenvolvendo as Linhas Aéreas Tigre Voador. Gosto muito de aviação. – Ele fez um gesto, indicando a aeronave. – Estamos voando aqui no chamado MD-11, um McDonnell Douglas. Trata-se de um modelo de grande autonomia, o que é necessário quando se cruza o oceano. O interior é espaçoso e confortável, como deve ter notado. Ele tem duas turbinas sob as asas e uma terceira atrás, na base do estabilizador vertical.

– Humm, parece... poderoso.

Ele se inclinou um pouco para a frente e falou, entusiasmado:

– Embora este avião seja de um modelo mais antigo, ainda proporciona uma viagem muito rápida.

Ele havia se empolgado muito durante sua exposição técnica. A única coisa que gravei de todas aquelas explicações é que aquele era um avião muito bom e que aparentemente tinha três turbinas.

Ele deve ter percebido que eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando, pois olhou para o meu rosto perplexo e deu uma risadinha.

– Talvez devêssemos falar sobre outro assunto. Quer conhecer alguns mitos da minha terra sobre os tigres?

Assenti com empolgação, incentivando-o a continuar. Joguei minhas pernas para o lado, sobre a poltrona. Então puxei o cobertor até o queixo e me recostei no travesseiro.

A entonação do Sr. Kadam mudou quando ele entrou no modo de contador de histórias. Seu sotaque indiano ficou mais pronunciado; as palavras, mais melódicas. Eu gostava de ouvir a cadência de sua voz.

– O tigre é considerado o grande protetor da selva. Vários mitos indianos atribuem grandes poderes ao animal. Ele combate bravamente imensos dragões, mas também ajuda camponeses. Uma de suas tarefas é deslocar nuvens de chuva com a cauda, pondo fim à seca que aflige aldeões humildes.

– Gosto muito de mitologia. As pessoas na Índia ainda acreditam nesses mitos sobre tigres?

– Sim, principalmente nas zonas rurais. Mas em todas as partes do país você vai encontrar quem acredite, mesmo entre aqueles que se consideram parte do mundo moderno. Você sabia que alguns afirmam que o ronronar de um tigre acaba com os pesadelos?

– O Sr. Davis disse que os tigres não ronronam. Ele contou que grandes felinos que rosnam e rugem não podem ronronar, mas eu juro que às vezes Ren ronrona.

– Ah, você está certa. A ciência moderna diz que o tigre não pode produzir o som que identificamos como ronronar. Vários dos grandes felinos emitem um som vibrante, mas não é exatamente a mesma coisa que o ronronar de um gato doméstico. Ainda assim, existem alguns mitos indianos que falam do ronronar do tigre. Diz-se também que o corpo de um tigre tem propriedades curativas únicas. Este é um dos motivos por que regularmente são caçados e mortos, e seus corpos, mutilados ou vendidos em partes.

Ele inclinou-se para trás na poltrona, relaxando.

– No islamismo, acredita-se que Alá irá enviar um tigre para defender e proteger aqueles que o seguirem fielmente, mas também enviará um tigre para punir aqueles que considera traidores.

– Acho que se eu fosse muçulmana fugiria de tigres, só por garantia.

Ele riu.

– Sim, muito sábio da sua parte. Confesso que absorvi parte do fascínio que meu empregador tem por tigres e estudei numerosos textos sobre a mitologia dos tigres indianos, em particular.

Ele deixou a voz morrer por um momento, perdido em pensamentos, os olhos vidrados. O dedo indicador esfregava um ponto na gola aberta e percebi que ele usava um pequeno pingente em forma de cunha numa corrente que estava parcialmente escondida sob a camisa.

Quando sua atenção se voltou outra vez para mim, ele baixou a mão para o colo e prosseguiu:

– Os tigres também são um símbolo de poder e imortalidade. Diz-se que podem derrotar o mal por vários meios. São chamados doadores de vida, sentinelas, guardiões e defensores.

Estiquei as pernas e acomodei melhor a cabeça no travesseiro.

– Existe algum tipo de lenda com tigres do tipo “donzela em

perigo”?

Ele pensou um pouco.

– Ah, sim. Na verdade, uma das minhas histórias favoritas é sobre um tigre branco que cria asas e salva a princesa que o ama de um destino cruel. Levando-a nas costas, eles abrem mão de suas formas corpóreas e se tornam uma única risca branca subindo para o céu, finalmente juntando-se às estrelas da Via Láctea. Juntos, eles passam a eternidade vigiando e protegendo as pessoas na Terra.

Bocejei, sonolenta.

– Isso é muito bonito. Acho que é a minha preferida também.

Sua voz suave e melódica havia me relaxado. Apesar de meus esforços para ficar acordada e ouvir, eu estava caindo no sono.

Ele continuou, sem se abalar:

– Em Nagaland, o povo acredita que tigres e homens são irmãos. De acordo com uma lenda, a Mãe Terra era a mãe do tigre e também do homem. Houve um tempo em que os dois irmãos eram felizes, amavam um ao outro e viviam em harmonia. Mas surgiu uma hostilidade entre eles por causa de uma mulher, e Irmão Tigre e Irmão Homem se enfrentaram com tamanha violência que a Mãe Terra não pôde mais tolerar aquela discórdia e teve que mandar os dois para longe.

– Está explicado – brinquei.

O Sr. Kadam sorriu e continuou:

– Irmão Tigre e Irmão Homem deixaram a casa da Mãe Terra e emergiram de uma passagem escura e muito profunda, saindo no interior da terra, no que diziam ser uma toca de pangolim. Vivendo juntos dentro da terra, os dois irmãos ainda lutavam todos os dias, até que por fim decidiram que seria melhor viverem separados. Irmão Tigre foi para o sul caçar na selva e Irmão Homem foi para o norte, cultivar o solo no vale. Se ficassem longe um do outro, então ambos estariam felizes. Mas, se um ultrapassasse os limites do território do outro, a luta recomeçava. Muito tempo depois, a lenda permanece viva. Se os descendentes do Irmão Homem deixam a selva em paz, Irmão Tigre também nos deixa em paz. Ainda assim, o tigre é nosso parente e dizem que, se você fixar os olhos de um tigre por bastante tempo, poderá reconhecer um espírito semelhante.

Minhas pálpebras se fechavam contra a minha vontade. Eu queria perguntar o que era um pangolim, mas minha boca não se movia e minhas pálpebras pesavam muito. Fiz um último esforço de

permanecer desperta mudando de posição na cadeira, forçando os olhos a se abrirem.

O Sr. Kadam me olhava, pensativo.

– Um tigre branco é uma espécie muito especial. Ele é irremediavelmente atraído para uma pessoa, uma mulher, que tem grande apego às próprias convicções. Essa mulher terá grande força interior, a sabedoria para discernir o bem do mal e o poder para superar muitos obstáculos. Ela, que é chamada a caminhar com tigres...

Mergulhei no sono.

Quando acordei, a poltrona diante da minha estava vazia. Eu me aprumei e olhei à volta, mas não vi o Sr. Kadam em parte alguma. Desafivelei o cinto de segurança e saí à procura do banheiro.

Abrindo uma porta de correr, entrei em um banheiro surpreendentemente grande, em nada semelhante aos minúsculos banheiros de um avião comum. As luzes eram embutidas nas paredes e iluminavam suavemente os itens especiais do ambiente. Era decorado em tons de cobre, creme e ferrugem, que me agradavam mais do que o aspecto moderno e austero da cabine do avião.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o chuveiro. Abri a porta de vidro para espiar lá dentro. Os belos azulejos ferrugem e creme eram dispostos em um lindo padrão. Havia *dispensers* com xampu, condicionador e sabonete líquido. Um simples apertado ligava e desligava a ducha de cobre. Um grosso tapete creme cobria o belo piso de ladrilhos.

De um lado, viam-se dois nichos verticais engastados na parede, repletos de macias toalhas brancas, penduradas em um suporte de cobre. Outro amplo compartimento exibia um roupão macio e sedoso, totalmente forrado, que parecia de caxemira. Logo abaixo dele, outro pequeno nicho guardava um par de pantufas de caxemira.

Uma pia funda, no formato de um retângulo estreito, tinha uma torneira de cobre e, de um lado, um *dispenser* com sabonete líquido, do outro, um com hidratante de lavanda.

Saí do banheiro e fui para minha poltrona confortável. O Sr. Kadam havia voltado e Nilima, a comissária de bordo, nos serviu um almoço com um aroma delicioso. Ela havia armado uma mesa entre nós e disposto dois pratos.

Nilima ergueu as tampas sobre nossos pratos e anunciou:

– Hoje o almoço é linguado com crosta de avelã, aspargos na manteiga, purê de batata com alho e torta de limão para sobremesa. O que gostariam de beber?

– Água com limão – respondi.

– O mesmo para mim – disse o Sr. Kadam.

Desfrutamos o almoço juntos. O Sr. Kadam me fez muitas perguntas sobre o Oregon. Ele parecia ter uma sede insaciável de aprender fatos novos e me perguntou sobre tudo, de esportes e política (assuntos que não domino) à flora e à fauna do estado.

Conversamos sobre o ensino médio, minha experiência no circo e minha cidade natal: as migrações de salmões, as fazendas de árvores de Natal, os mercados de produtores e os arbustos de amora que, de tão comuns, eram considerados erva daninha. Era fácil conversar com ele, pois era um bom ouvinte e me deixava à vontade. O pensamento de que ele seria um avô maravilhoso cruzou a minha mente. Não tive a chance de conhecer nenhum dos meus. Eles morreram antes de eu nascer, assim como minha outra avó.

Depois de terminarmos o almoço, Nilima voltou para tirar os pratos e eu a observei recolher a mesa. Quando ela apertou um botão, um motorzinho soou. A mesa retangular sem pernas inclinou-se para cima até se nivelar com a parede e então deslizou, embutindo-se no revestimento da parede. Nilima nos instruiu a afivelar os cintos pois logo chegaríamos a Nova York.

A descida foi tão suave quanto a decolagem. Enquanto reabastecíamos para a viagem até Mumbai, fui ver Ren.

Depois de me certificar de que ele tinha comida e bebida suficientes, sentei-me no chão perto de sua jaula. Ele se aproximou e deixou-se cair bem ao meu lado. Suas costas estavam estiradas ao longo do comprimento da jaula, com o pelo listrado projetando-se pelas grades e fazendo cócegas em minhas pernas, e sua cabeça estava perto da minha mão.

Ri para ele, inclinei-me para acariciar o pelo de suas costas e recontei algumas das lendas de tigres que ouvira do Sr. Kadam. Sua cauda ficava chicoteando de um lado para outro, saindo e entrando pelas grades da jaula.

O tempo passou depressa e o avião logo estava pronto para decolar novamente. O Sr. Kadam já afivelava o cinto. Dei tapinhas no dorso de Ren e voltei para minha poltrona também.

Decolamos e o Sr. Kadam me advertiu de que esse seria um voo

longo, de cerca de 16 horas, e que perderíamos um dia no calendário. Depois de atingirmos a altitude de cruzeiro, ele sugeriu que eu assistisse a um filme. Nilima me entregou uma lista de todos os filmes disponíveis e escolhi o mais longo deles: ...*E o vento levou*.

Ela se dirigiu à área do bar, pressionou um botão na parede e uma grande tela branca deslizou, saindo da lateral do bar. Minha poltrona girou com facilidade, ficando de frente para a tela, e até reclinou-se, oferecendo um descanso para os pés. Então me acomodei e passei algumas horas na companhia de Scarlett e Rhett.

Quando finalmente cheguei ao “Afinal, amanhã será outro dia”, fiquei de pé e me espreguicei. Olhei pela janela e descobri que já estava escuro. Eu tinha a sensação de que eram apenas cinco da tarde, mas calculei que deviam ser umas nove da noite no fuso horário em que nos encontrávamos.

Nilima surgiu, apressada, retornou a tela de cinema à posição anterior e então começou a pôr a mesa novamente.

– Muito obrigada por essas refeições deliciosas e pelo serviço maravilhoso – agradei a ela.

– Isso mesmo. Obrigado, Nilima – disse o Sr. Kadam, piscando para ela, que inclinou a cabeça ligeiramente e saiu.

Mais uma vez partilhei um agradável jantar com o Sr. Kadam. Dessa vez conversamos sobre o seu país. Ele me contou muitos fatos interessantes e descreveu lugares fascinantes na Índia. Imaginei se teria tempo de conhecer tantas atrações. Ele falou de antigos guerreiros, poderosas fortalezas, invasores asiáticos e batalhas horríveis. Enquanto ele falava, eu tinha a sensação de que estava vendo e presenciando tudo aquilo.

Nilima nos serviu peito de frango recheado com abobrinha grelhada e uma salada. Eu me sentia bem comendo mais legumes e verduras, até que ela trouxe *petits gateaux* de sobremesa.

Suspirei.

– Por que tudo que faz mal é sempre tão gostoso?

O Sr. Kadam riu.

– Você se sentiria melhor se dividíssemos um?

– Com certeza.

Cortei meu *petit gâteau* ao meio e passei a sua parte para um prato limpo.

Lambi a calda quente e espessa da colher. *Que vida boa. Muito boa. Eu poderia me acostumar a isso.*

Nas horas que se seguiram conversamos sobre nossos livros favoritos. Ele gostava de clássicos, como eu, e nos divertimos muito revisitando personagens memoráveis: Hamlet, Capitão Ahab, Dr. Frankenstein, Robinson Crusoe, Jean Valjean, Iago, Hester Prynne e o Sr. Darcy. Ele também me apresentou a alguns personagens indianos que pareciam interessantes, como Arjuna e Shakuntala, ou ainda Gengi, da literatura japonesa.

Reprimindo um bocejo, me levantei para dar outra olhada em Ren. Estendi a mão por entre as grades para acariciar-lhe a cabeça e coçar atrás de sua orelha.

O Sr. Kadam me observava e disse:

– Srta. Kelsey, não tem medo deste tigre? Não acha que ele possa machucá-la?

– Eu acho que ele *pode* me machucar, mas sei que *não vai* fazer isso. É difícil explicar, mas eu me sinto em segurança com ele, quase como se fosse um amigo e não um animal selvagem.

O Sr. Kadam não pareceu alarmado, apenas curioso. Ele falou baixinho com Nilima por um momento.

Ela se aproximou de mim e perguntou:

– Está pronta para dormir um pouco, senhorita?

Assenti e ela me mostrou onde minha bolsa havia sido guardada. Eu a apanhei e segui para o banheiro. Não fiquei lá muito tempo, mas nesse meio-tempo ela havia se ocupado bastante.

Agora havia uma cortina dividindo a cabine e ela armara um sofá-cama que se transformou em um leito confortável com lençóis de cetim e travesseiros altos e macios. O avião estava escuro e ela me disse que o Sr. Kadam estaria do outro lado da cortina se eu precisasse de alguma coisa.

Fui dar uma rápida olhada na jaula do tigre. Ele me olhava, sonolento, a cabeça apoiada nas patas.

– Boa noite, Ren. Vejo você na Índia, amanhã.

Cansada demais para ler, enfiei-me debaixo das cobertas macias e sedosas, e me deixei ninar pelo zumbido das turbinas.

O cheiro de bacon me despertou. Espiei pelo canto e vi o Sr. Kadam sentado, lendo o jornal, com um copo de suco de maçã na mesa diante dele. Seu cabelo estava levemente molhado e ele já estava vestido para o dia.

– É melhor se apressar, Srta. Kelsey. Chegaremos logo.

Peguei minha bolsa e segui para o luxuoso banheiro. Tomei um banho rápido, lavando os cabelos com o delicioso xampu com cheiro de rosas. Quando terminei, enrolei o cabelo com a toalha grossa e vesti o roupão de caxemira. Soltei um profundo suspiro e me deixei desfrutar do tecido macio por um momento enquanto decidia o que vestir. Escolhi uma blusa vermelha e calça jeans e escovei o cabelo, prendendo-o em um rabo de cavalo amarrado com uma fita vermelha. Voltando apressada até o Sr. Kadam, afundei na poltrona de couro enquanto Nilima me trazia um prato de ovos, bacon e torradas.

Comi os ovos, belisquei uma torrada e bebi um pouco de suco de laranja, mas resolvi guardar o bacon para Ren. Enquanto Nilima desfazia a cama e a mesa do café da manhã, fui até a jaula com o petisco. Querendo tentá-lo, estendi um pedaço pela grade. Ele se aproximou, mordeu a extremidade da tira de bacon muito delicadamente, puxou-a da minha mão e então a engoliu de uma só vez.

– Nossa, Ren, você precisa mastigar. Espere aí, os tigres mastigam? Bem, pelo menos coma mais devagar.

Estendi os outros três pedaços, um por um. Ele engoliu os três e enfiou a língua pelas grades para lambar meus dedos.

Ri em silêncio e fui lavar as mãos. Então recolhi todos os meus pertences e guardei a bolsa no compartimento acima da cabeça. Eu acabara de fazer isso quando o Sr. Kadam se aproximou, apontou para a janela e disse:

– Srta. Kelsey, bem-vinda à Índia.



Mumbai

Enquanto sobrevoávamos o oceano, olhei pela janela em direção à cidade. Acho que eu não esperava ver uma cidade moderna e fiquei perplexa com as centenas de edifícios altos, brancos e uniformes que se espalhavam diante de mim. Enquanto descrevíamos um círculo sobre o amplo aeroporto em forma de meia-lua, o trem de pouso foi baixado..

A aeronave balançou duas vezes e se estabilizou na pista. Girei na cadeira para ver como Ren estava. Ele se encontrava de pé, em expectativa, mas, afora isso, parecia bem. Senti uma onda de energia enquanto taxiávamos pela pista até pararmos.

– Srta. Kelsey, está pronta para desembarcar? – perguntou o Sr. Kadam.

– Estou. Vou só pegar a bolsa.

Passei-a pelo ombro, saí do avião e desci rapidamente os degraus até o solo. Inspirando o ar abafado e úmido, fiquei surpresa ao ver um céu cinzento.

– Sr. Kadam, o tempo não costuma ser quente e ensolarado na Índia?

– É a estação chuvosa. Quase nunca faz frio aqui, mas temos chuvas em julho e agosto e, ocasionalmente, um ciclone.

Entreguei-lhe minha bolsa e me afastei para observar alguns homens tentando deslocar Ren. A operação era muito diferente da que ocorrera nos Estados Unidos. Dois homens prenderam longas correntes em sua coleira, enquanto outro fixava uma rampa na carroceria de um caminhão. Eles conseguiram tirar com facilidade o tigre do avião, mas de repente o sujeito mais próximo de Ren puxou a corrente forte demais. O tigre reagiu depressa. Rugiu, furioso, e, indolente, golpeou

o homem com a pata.

Eu sabia que era perigoso me aproximar, mas alguma coisa me fez avançar. Pensando apenas no bem-estar de Ren, fui até o homem assustado, peguei a corrente da sua mão e fiz sinal para que recuasse. Ele pareceu agradecido por ser liberado daquela responsabilidade. Falei algumas palavras tranquilizadoras para o tigre, dei tapinhas em suas costas e o encorajei a ir comigo até o caminhão.

Ele respondeu imediatamente e andou ao meu lado, dócil como um cordeiro, arrastando as pesadas correntes pelo chão. Na rampa, ele parou e esfregou o corpo em minha perna. Então pulou para o caminhão, virou-se, ficando de frente para mim, e lambeu meu braço.

Acaricieei-lhe o ombro, murmurando com suavidade e acalmando-o enquanto minha mão deslizava em sua coleira e soltava as pesadas correntes. Ren olhou para os homens que ainda estavam paralisados no mesmo lugar, atônitos, expressou com um bufo seu desagrado e grunhiu baixinho. Enquanto eu lhe dava água, ele esfregou a cabeça ao longo do meu braço e manteve os olhos fixos nos trabalhadores, como se fosse meu cão de guarda. Os homens começaram a falar muito rápido entre si em híndi.

Fechei a jaula e a tranquei no momento em que o Sr. Kadam se aproximava dos trabalhadores e falava com eles em voz baixa. Ele não parecia surpreso com o que acontecera. O que quer que tenha dito devolveu a confiança a eles, que recomeçaram a se movimentar pela área, tomando o cuidado de manter uma boa distância do tigre. Rapidamente recolheram o equipamento e levaram o avião até um hangar próximo.

Depois que Ren se encontrava em segurança no caminhão, o Sr. Kadam me apresentou ao motorista, que parecia simpático porém muito jovem, mais jovem ainda do que eu. Mostrando-me onde minha bolsa fora colocada, o Sr. Kadam apontou outra bolsa que ele comprara para mim. Era uma mochila grande preta com vários compartimentos. Ele abriu o zíper de alguns para me mostrar os itens que colocara ali. O bolso traseiro continha uma boa quantia da moeda indiana. Em outro bolso havia documentos de viagem para mim e Ren. Abri um zíper e encontrei uma bússola e um isqueiro. O principal compartimento da mochila estava abastecido com barras de cereais, mapas e garrafas de água.

– Sr. Kadam, por que incluiu uma bússola e um isqueiro na bolsa?

Ele sorriu e deu de ombros, fechando os bolsos da mochila e colocando-a no banco da frente.

– Nunca se sabe o que pode vir a ser útil ao longo da viagem. Eu só queria ter certeza de que estivesse totalmente preparada, Srta. Kelsey. Aí também tem um dicionário híndi-inglês. Dei instruções ao motorista, mas ele não fala inglês muito bem. Preciso me despedir da senhorita agora.

Ele sorriu e apertou meu ombro.

De repente me senti vulnerável. A perspectiva de seguir viagem sem o Sr. Kadam me deixou ansiosa. *Bem, estou por minha própria conta. Hora de agir como adulta.* Tentei me acalmar, mas o medo do desconhecido estava me corroendo por dentro e abrindo um buraco no meu estômago.

– Tem certeza de que não pode mudar seus planos e seguir viagem conosco? – perguntei, em tom suplicante.

– Infelizmente, não posso acompanhá-la em sua jornada. – Ele sorriu, tranquilizador. – Não se preocupe, Srta. Kelsey. A senhorita é mais do que capaz de cuidar do tigre e planejei cada detalhe da viagem. Vai dar tudo certo.

Dirigi-lhe um sorriso amarelo e ele pegou minha mão, envolvendo-a com as suas por um momento, e disse:

– Confie em mim, Srta. Kelsey. Vai ficar tudo bem.

Com um brilho nos olhos e uma piscadela, ele se foi.

Olhei para Ren.

– Bem, garoto, acho que agora somos só nós dois.

Impaciente por começar e terminar logo a viagem, o motorista chamou da cabine do caminhão.

– Nós vamos?

– Sim, vamos – respondi com um suspiro.

Quando subi no caminhão, o motorista pisou no acelerador e não tirou mais o pé daquele pedal. Deixou o aeroporto em disparada e em menos de dois minutos serpenteava em meio ao trânsito a uma velocidade assustadora. Agarrei-me à porta e à alça de apoio à minha frente. No entanto, ele não era o único motorista insano. Todos na estrada pareciam pensar que 130 quilômetros por hora em uma cidade apinhada, com centenas de pedestres, não era veloz o bastante. Multidões vestidas em cores vibrantes passavam em todas as direções pela minha janela.

Veículos de tudo quanto era tipo enchiam as ruas – ônibus, automóveis compactos e um tipo de carro minúsculo e quadrado, sem portas e com três rodas, passavam em disparada. Os quadrados

deviam ser os táxis locais, porque havia centenas deles. Também havia incontáveis motos, bicicletas e pedestres. Vi até mesmo animais puxando carroças cheias de pessoas e mercadorias.

Achei que devíamos seguir no lado esquerdo da pista, mas parecia não haver nenhum padrão distinto ou mesmo listras brancas para marcar as faixas. Havia poucos sinais e placas de trânsito. Os veículos simplesmente dobravam à esquerda ou à direita onde quer que houvesse uma saída, e às vezes até onde não havia. Numa ocasião, um carro veio em nossa direção e só desviou no último segundo. O motorista ria de mim a cada vez que eu arquejava de medo.

Aos poucos fui me acostumando o suficiente para começar a apreciar os lugares por que passávamos e, com interesse, vi incontáveis mercados multicoloridos e camelôs vendendo artigos variados. Comerciantes anunciavam marionetes, joias, tapetes, souvenirs, temperos, castanhas e todos os tipos de frutas, legumes e verduras em pequenas vendas ou em veículos parados na rua.

Todos pareciam vender alguma coisa. Outdoors exibiam anúncios de consultas de tarô, quiromancia, tatuagens exóticas, *piercing* e pintura corporal com hena. A cidade inteira era um panorama turístico vibrante, enlouquecido e apressado, com pessoas de todos os tipos e classes sociais. Parecia não haver um só centímetro quadrado desocupado na cidade.

Depois de uma angustiante travessia pelas ruas agitadas, chegamos à autoestrada. Finalmente pude relaxar um pouco. Não porque o motorista seguisse mais devagar – na verdade, ele havia até acelerado –, mas porque o tráfego tinha diminuído bem. Tentei seguir em um mapa o trajeto que percorríamos, mas a falta de placas na estrada dificultava a tarefa. Uma coisa que notei, porém, foi que o motorista perdeu uma saída para outra rodovia, a que nos levaria à reserva dos tigres.

– Por ali, à esquerda! – gritei, apontando.

Ele deu de ombros e agitou a mão, rejeitando minha sugestão. Peguei o dicionário e tentei encontrar como dizer *esquerda* ou *caminho errado*. Finalmente encontrei as palavras *kharābī rāha*, que significavam *estrada errada* ou *caminho incorreto*. Ele apontou a estrada à frente com o indicador e disse:

– Estrada mais rápida.

Desisti e deixei-o fazer o que queria. Afinal, era o país *dele*. Achei que saberia mais sobre as estradas do que eu.

Depois de seguir por cerca de três horas, paramos em uma minúscula cidade chamada Ramkola. Chamá-la de cidade era superestimar o tamanho do lugar, pois ele contava apenas com um mercado, um posto de gasolina e cinco casas. Ficava nos limites de uma floresta, onde avistei uma placa.

SANTUÁRIO DA VIDA SELVAGEM YAWAL
PAKSIZAALAA YAWAL
4 KM

O motorista saltou do caminhão e começou a encher o tanque de combustível. Ele apontou para o mercado do outro lado da rua e disse:

– Coma. Comida boa.

Peguei a mochila e fui até a carroceria do caminhão dar uma olhada em Ren. Ele estava esparramado no chão da jaula. Abriu os olhos e bocejou quando me aproximei, mas manteve-se inerte.

Caminhei até o mercado e abri a porta descascada, que rangeu. Uma sineta tocou, anunciando minha presença.

Uma indiana vestida com um sári tradicional surgiu da sala nos fundos e sorriu para mim.

– *Namaste*. Quer comida? Comer alguma coisa?

– Ah! Você fala inglês? Sim, eu gostaria muito de almoçar.

– Você senta ali. Eu preparo.

Embora fosse almoço para mim, provavelmente era jantar para eles, pois o sol já ia se pondo. Ela fez sinal para que eu me dirigisse a uma mesinha com duas cadeiras arrumada perto da janela e então desapareceu. O estabelecimento era uma sala pequena e retangular que continha vários produtos de armazém, souvenirs do santuário de vida selvagem ali perto e artigos práticos, como fósforos e ferramentas.

Uma música indiana tocava baixinho ao fundo. Reconheci os sons de uma cítara e o tilintar de sinos, mas não consegui identificar os outros instrumentos. Olhei para a porta por onde a mulher passara e ouvi o retinir de panelas na cozinha. Parecia que a loja era a frente de uma construção maior e que a família morava em uma casa anexa nos fundos.

Em pouquíssimo tempo, a mulher retornou, equilibrando quatro tigelas de comida. Uma garota a seguia, trazendo ainda mais comida.

O aroma era exótico e condimentado.

– Por favor, coma e desfrute – disse a mulher.

Em seguida, desapareceu nos fundos, e a garota começou a arrumar prateleiras na loja enquanto eu comia. Eles não haviam me trazido nenhum talher, então peguei um pouco de cada prato com os dedos, lembrando de usar a mão direita, conforme a tradição indiana. *Ainda bem que o Sr. Kadam mencionou isso no avião.*

Reconheci o arroz *basmati*, o pão *naan* e o frango *tandoori*, mas os outros três pratos eu nunca vira antes. Olhei para a garota, inclinei a cabeça e perguntei:

– Você fala inglês?

Ela fez que sim com a cabeça e se aproximou. Gesticulando com os dedos, ela disse:

– Um pouquinho de inglês.

Apontei para uma massa triangular recheada com legumes condimentados.

– Como se chama isto?

– Isto *samosa*.

– E este aqui e este outro?

Ela apontou um deles e em seguida o outro:

– *Rasmalai* e *baigan bartha*.

A menina sorriu timidamente e se afastou, voltando ao trabalho nas prateleiras.

Rasmalai eram bolas de queijo de cabra mergulhadas em um molho cremoso e adocicado, e *baigan bharta* era um prato de berinjela com ervilha, cebola e tomate. Estava tudo muito bom, mas era muita comida. Quando terminei, a mulher me trouxe um milk-shake feito com manga, iogurte e leite de cabra.

Agradei, bebi o milk-shake e deixei meus olhos correrem para o cenário lá fora. Não havia muito o que ver: somente o posto de gasolina e dois homens de pé ao lado do caminhão conversando. Um deles era um rapaz muito bonito vestido de branco. Estava de frente para o mercado e falava com outro homem que se encontrava de costas para mim. O segundo homem era mais velho e lembrava o Sr. Kadam. Eles pareciam estar discutindo. Quanto mais eu os observava, mais convencida ficava de que era o Sr. Kadam, mas ele discutia acaloradamente com o rapaz, e eu não podia sequer imaginar o Sr. Kadam se alterando daquela maneira.

Que estranho, pensei e tentei captar algumas palavras pela janela aberta. O homem mais velho disse *nahi mahodaya* várias vezes, e o rapaz repetia *avashyak* ou algo parecido. Folheei meu dicionário de híndi e encontrei *nahi mahodaya* com facilidade. Significava *de jeito nenhum* ou *não, senhor*. *Avashyak* era mais difícil, pois eu tinha que deduzir como soletrar, mas acabei encontrando. Essa palavra significava *necessário* ou *essencial*, alguma coisa que *precisa ser* ou *deve acontecer*.

Fui até a janela para ter uma visão melhor. Nesse momento, o rapaz de branco ergueu os olhos e me flagrou observando os dois da janela. Ele imediatamente interrompeu a conversa e saiu do meu campo de visão, dando a volta no caminho. Constrangida por ter sido apanhada, mas bastante curiosa, percorri o labirinto de prateleiras até a porta. Eu precisava saber se o homem mais velho era o Sr. Kadam ou não.

Segurando a maçaneta frouxa, girei-a e abri a porta. Ela gemeu nas dobradiças enferrujadas. Atravessei a rua de terra e fui até o caminho, mas ainda assim não encontrei ninguém. Circulando o veículo, parei junto à carroceria e vi Ren me observando, alerta, de sua jaula. Os dois homens e o motorista haviam desaparecido. Espiei na cabine. Não havia ninguém ali.

Confusa, mas lembrando que ainda não havia pago a conta, tornei a atravessar a rua e voltei ao mercado. A garota já havia recolhido meus pratos. Peguei algumas cédulas na mochila e perguntei:

– Quanto?

– Cem rupias.

O Sr. Kadam havia me ensinado a fazer a conversão do dinheiro dividindo o total por quarenta. Rapidamente calculei que ela estava me pedindo o equivalente a 2 dólares e 50 centavos. Sorri comigo mesma, pensando em meu pai, que adorava matemática, e na tabuada de divisão que ele costumava me fazer recitar quando eu era pequena. Dei-lhe 200 rupias e ela me dirigiu um sorriso radiante.

Agradecendo, disse-lhe que a comida estava deliciosa. Peguei a mochila, abri a porta e saí.

O caminho havia desaparecido.



A selva

Como o caminhão podia ter desaparecido?

Corri até o posto de gasolina e olhei para os dois lados da rua de terra. Nada. Nem uma nuvem de poeira. Ninguém. Nada.

Talvez o motorista tenha se esquecido de mim. Vai ver foi buscar alguma coisa e já vai voltar. Ou de repente o caminhão foi roubado e o motorista ainda está por aqui, em algum lugar. Eu sabia que nenhuma dessas situações era muito provável, mas elas me davam um pouco de esperança.

Dei a volta até o outro lado do posto de gasolina e vi minha bolsa preta caída no chão. Corri até ela, peguei-a e verifiquei os bolsos. Parecia tudo em ordem.

De repente, ouvi um ruído atrás de mim e me virei, dando de cara com Ren sentado na beira da estrada. Sua cauda se agitava de um lado para outro enquanto ele me observava. Parecia um filhote de cachorro gigante abanando a cauda na esperança de que alguém o pegasse e levasse para casa.

– Ah, não! – murmurei. – Que maravilha. E o Sr. Kadam ainda disse que tudo ia dar certo. Ah! O motorista deve ter roubado o caminhão e soltado você. O que vou fazer agora?

Cansada, assustada e sozinha, me lembrei de algumas frases que minha mãe costumava repetir: “Coisas ruins às vezes acontecem com pessoas boas”, “A chave para a felicidade é tentar fazer o melhor com o que a vida nos dá” e sua máxima favorita: “Quando a vida lhe der limões, faça uma torta de limão.” Mamãe havia tentado e praticamente desistido de ter filhos – e então engravidou de mim. Ela sempre dizia que nunca se sabe o que nos espera depois da esquina.

Seguindo esse raciocínio, procurei me concentrar nos aspectos

positivos. Primeiro, ainda tinha as minhas roupas. Segundo, estava com meus documentos de viagem e uma bolsa cheia de dinheiro. Esse era o lado bom. O ruim, naturalmente, era que meu transporte se fora e um tigre estava solto no meio da estrada! Decidi que a primeira medida era garantir a segurança de Ren. Voltei ao mercado e comprei alguns petiscos de carne para cachorro e um pedaço comprido de corda.

Com a recém-adquirida corda amarela fosforescente, saí do mercado e tentei fazer com que meu tigre cooperasse. Ele havia se afastado vários passos e agora seguia para a selva. Corri atrás dele.

A atitude sensata teria sido voltar ao mercado, pedir um telefone emprestado e ligar para o Sr. Kadam. Ele podia mandar algumas pessoas, profissionais, para pegá-lo. Mas àquela altura eu estava muito longe de pensar com sensatez. Eu não tinha medo dele, mas do que poderia lhe acontecer se outras pessoas entrassem em pânico e usassem armas para dominá-lo. Também me preocupava o fato de que, mesmo que Ren escapasse, pudesse não sobreviver na selva. Não estava acostumado a caçar por conta própria. Eu sabia que era burrice, mas optei por seguir meu tigre.

– Ren, volte! – implorei. – Precisamos conseguir ajuda! Esta não é a sua reserva. Venha, eu tenho um petisco para você!

Agitei o bastão de carne no ar, mas ele continuou avançando. Eu estava sobrecarregada com a mochila do Sr. Kadam e a minha bolsa. Podia acompanhar o seu ritmo, mas o peso extra era demais para que eu pudesse alcançá-lo.

Ele não estava indo muito rápido, mas conseguia se manter o tempo todo vários passos à minha frente. De repente, com um salto, ele disparou selva adentro. A mochila sacolejava pesadamente enquanto eu o perseguia. Depois de uns 15 minutos correndo atrás dele, o suor escorria pelo meu rosto, a roupa se colava ao meu corpo e meus pés se arrastavam feito paralelepípedos.

Quando meu ritmo caiu, tornei a suplicar:

– Ren, *por favor*, pare. Precisamos voltar à cidade. Logo, logo vai escurecer.

Ele me ignorou e começou a ziguezaguear entre as árvores. De vez em quando, parava e se virava para me olhar.

Sempre que eu achava que finalmente o havia alcançado, ele acelerava e saltava alguns metros adiante, fazendo-me ir atrás dele outra vez. Era como se estivesse brincando comigo. Mantinha-se

sempre fora do meu alcance. Depois de seguir Ren por outros 15 minutos, ainda sem alcançá-lo, resolvi fazer uma pausa em minha perseguição. Sabia que me afastara muito da cidade e a luz do dia já diminuía. Eu estava totalmente perdida.

Ren deve ter se dado conta de que eu não o seguia mais, porque no mesmo instante diminuiu o ritmo, deu meia-volta e marchou, culpado, de volta até onde eu estava. Olhei para ele furiosa.

– Eu devia saber. No instante em que paro, você volta. Espero que esteja contente.

Amarrei a corda em sua coleira e girei o corpo numa volta completa, estudando com atenção cada direção, para tentar me localizar.

Hávamos penetrado muito na selva, zigzagueando entre árvores e dando voltas diversas vezes. Percebi, com grande desespero, que havia perdido toda e qualquer noção de direção. O sol já se punha e o dossel das árvores acima de nossas cabeças bloqueava o pouco de luz que restava. Um medo sufocante se instalou em mim e uma onda de frio atingiu o meu corpo, lançando arrepios pela minha pele.

Girei a corda nas mãos, nervosa, e resmunguei para o tigre:

– Muito obrigada, Ren! Onde estou? O que estou fazendo? Estou perdida na Índia, no meio da selva, à noite, com um tigre pela corda!

Ren se sentou quieto ao meu lado.

Meu medo me dominou por um minuto e tive a sensação de que a selva se fechava à minha volta. Os sons característicos confundiam minha mente apavorada, atacando meu bom senso. Imaginei criaturas me espreitando, seus olhos vítreos e hostis me observando e esperando para avançar. Olhei para cima e vi nuvens pesadas de chuva se formando, rapidamente engolindo o céu do início de noite. Um vento frio açoitava as árvores e rodopiava em torno do meu corpo rígido.

Depois de alguns instantes, Ren se levantou e avançou, puxando delicadamente meu corpo tenso com ele. Eu o segui, relutante. Por um momento, ri de nervoso por deixar que um tigre me conduzisse através da selva, mas concluí que não havia o menor sentido em *eu* tentar assumir o comando. Não tinha a menor ideia de onde estávamos. Ren prosseguiu por alguma trilha invisível, puxando-me com ele. Perdi a noção do tempo, mas meu palpite era de que andamos pela selva durante uma hora, talvez duas. Agora estava muito escuro, e eu sentia medo e sede.

Lembrando que o Sr. Kadam havia abastecido a mochila com

água, abri o zíper e tateei em busca de uma garrafa. Minha mão esbarrou em algo frio e metálico. Uma lanterna! Liguei-a e senti certo alívio em poder contar com um feixe de luz para caminhar na escuridão.

Nas sombras, a selva densa parecia ameaçadora, não que não fosse igualmente aterrorizante durante o dia, mas meu minguado feixe de luz não ia muito longe, o que tornava a situação ainda pior. Quando a lua tênue aparecia e dispersava seus raios intermitentes através do denso dossel acima, o pelo de Ren brilhava onde a luz prateada o tocava.

Quando a lua se escondeu atrás das nuvens, Ren desapareceu completamente na trilha à frente. Eu voltei a lanterna em sua direção e vi a vegetação rasteira e espinhenta arranhando sua pelagem branco-prateada. Ele reagia aos espinhos empurrando rudemente as plantas para o lado com o corpo, quase como se estivesse abrindo caminho para mim.

Depois de andar por muito tempo, ele finalmente me puxou para perto de um bambuzal. Empinou o focinho no ar, farejando algo, seguiu até uma área gramada e se deitou.

– Bem, acho que isso significa que passaremos a noite aqui. – Tirei a mochila das costas enquanto resmungava. – Ótimo. Excelente escolha. Eu daria quatro estrelas se o serviço incluísse chocolates no travesseiro.

Primeiro, soltei a corda da coleira de Ren, concluindo que ele não iria fugir, então me agachei e abri a bolsa. Tirei uma blusa de mangas compridas e amarrei-a na cintura. Peguei duas garrafas de água e três barras de cereais da mochila. Abri a embalagem de duas barrinhas e as estendi para Ren.

Ele pegou uma com cuidado em minha mão e a engoliu.

– Será que um tigre deve comer barras de cereais? Você provavelmente precisa de alguma coisa com mais proteína e a única coisa com proteína aqui sou eu. Mas nem pense nisso. Meu gosto é *horrível*.

Ele inclinou a cabeça na minha direção, como se considerasse seriamente a possibilidade, então engoliu a segunda barrinha. Abri a terceira e a comi devagar. Abrindo outro compartimento da mochila, encontrei o isqueiro e decidi fazer uma fogueira. Procurando com a lanterna, fiquei surpresa ao descobrir uma boa quantidade de madeira ali perto.

Recordei meus dias de escoteira e fiz uma pequena fogueira. O vento a apagou duas vezes, mas na terceira tentativa ela pegou, crepitando de modo suave.

Fiquei satisfeita com meu trabalho e separei pedaços maiores de madeira para pôr na fogueira mais tarde. Remexi nos compartimentos da mochila mais perto do fogo e encontrei uma sacola plástica. Fiz uma tigela improvisada com um pedaço grande e curvo de casca de árvore, forrei o interior com a sacola, despejei uma garrafa de água ali e levei-a até Ren. Ele bebeu tudo e continuou lambendo a sacola, então despejei outra garrafa, que ele também bebeu com avidez.

Voltei à fogueira e me assustei com um uivo ameaçador ali perto. Ren se levantou imediatamente e saiu em disparada, desaparecendo na escuridão. Ouvi um rosnado profundo e então outro, colérico e perverso. Fiquei olhando para a escuridão entre as árvores, onde Ren havia desaparecido, mas ele logo voltou, ileso, e começou a esfregar a lateral do corpo numa árvore. Satisfeito com aquela, passou a outra, e mais outra, até ter se esfregado em todas as árvores que nos cercavam.

– Nossa, Ren, você deve estar com uma coceira e tanto.

Deixando-o com sua coceira, afofei a bolsa com as roupas para usá-la como travesseiro e passei a blusa de mangas compridas pela cabeça. Peguei minha colcha e a estendi sobre minhas pernas. Então me deitei de lado, enfiei a mão sob o rosto, fitei o fogo e senti grossas lágrimas escorrerem pela minha face.

Comecei a escutar ruídos sinistros à minha volta. Ouvia estalos, assovios e estouros por toda parte, e passei a imaginar criaturas rastejantes se escondendo no meu cabelo e entrando nas minhas meias. Estremeci e me sentei para ajeitar a colcha à minha volta, de modo que cobrisse cada parte do meu corpo; então me acomodei no chão outra vez, enrolada como uma múmia.

Assim estava bem melhor, mas em seguida imaginei animais se aproximando sorrateiramente por trás de mim. No momento em que comecei a me virar de costas, Ren se deitou ao meu lado, aconchegando as costas de encontro às minhas, e começou a ronronar.

Agradecida, enxuguei as lágrimas e pude me desligar dos sons da noite, concentrando-me no ronronar de Ren, que mais tarde se transformou em uma respiração rítmica e profunda. Aproximei-me um pouco mais de suas costas, surpresa em perceber que, afinal de contas, eu conseguiria dormir na selva.

Um luminoso raio de sol bateu em minhas pálpebras fechadas e abriu

os olhos devagar. Sem lembrar de onde estava, eu me espreguiceei e me encolhi de dor quando minhas costas se arrastaram no chão duro. Também senti um peso na perna. Olhei para baixo e vi Ren, os olhos fechados, com a cabeça e uma pata apoiadas em minha perna.

– Ren – sussurrei –, acorde. Minha perna está dormente.

Ele não se moveu.

Eu me sentei e empurrei seu corpo de leve.

– Vamos, Ren. Mexa-se!

Ele grunhiu suavemente, mas permaneceu imóvel.

– Ren! É sério!

Sacudi a perna e o empurrei com mais força.

Ele finalmente abriu os olhos, deu um bocejo gigante, exibindo seus dentes de tigre, e então rolou de lado, saindo de cima da minha perna.

Levantando-me, sacudi a colcha, dobrei-a e a enfiei na bolsa. Também pisoteei as cinzas do fogo para me certificar de que não havia mais nada queimando.

– Só para você saber, eu *odeio* acampar – queixei-me em voz alta. – Não poder usar um banheiro também não é nada legal. “Chamados da natureza” durante um passeio na selva não estão na minha lista de coisas favoritas. Para vocês, tigres, e machos em geral, é muito mais fácil do que para nós, garotas.

Recolhi as garrafas e embalagens vazias e coloquei tudo na mochila. A última coisa que peguei foi a corda amarela.

O tigre ficou lá sentado me observando. Desisti de fingir que era eu quem estava no comando e guardei a corda também.

– Muito bem, Ren. Estou pronta. Para onde vamos hoje?

Virando-se, ele partiu novamente selva adentro. Foi abrindo um caminho sinuoso entre árvores e vegetação rasteira, sobre pedras e através de riachos. Ele não parecia ter pressa e até fazia uma pausa de vez em quando, como se soubesse que eu precisava de um descanso. Agora que o sol ia subindo, o ar estava se tornando bastante abafado, então tirei minha blusa de mangas compridas e a amarrei na cintura.

A selva era muito verde e no ar pairava uma fragrância apimentada, muito diferente daquela das florestas do Oregon. As grandes árvores decíduas eram esparsas e tinham galhos finos e graciosos. As folhas exibiam um tom verde-oliva em vez dos verdes intensos das sempre-verdes a que eu estava acostumada. A casca dos

troncos era de um cinza escuro e áspera ao toque; onde havia rachaduras, o tronco descascava e desprendia-se em lascas finas.

Esquilos saltavam de árvore em árvore e várias vezes assustamos cervos que pastavam. Ao farejar um tigre, eles imediatamente fugiam. Eu observava Ren para ver sua reação, mas ele os ignorava. Vi uma árvore comum de tamanho médio e casca fina, mas que exibia uma resina viscosa escorrendo pelo tronco. Apoiei-me em uma delas para tirar uma pedrinha do tênis e passei a hora seguinte tentando remover o visgo dos dedos.

Tinha acabado de me livrar do último vestígio quando passamos por um trecho com vegetação particularmente densa de grama alta e bambu, e fizemos um bando de aves coloridas voar em disparada para o céu. Levei um susto tão grande que recuei alguns passos e fui de encontro a outra daquelas árvores da resina, ficando com toda a parte superior do braço coberta pela substância pegajosa.

Ren parou em um riacho. Peguei uma garrafa de água e a bebi toda de uma vez. Era bom ter menos peso na mochila, mas eu estava preocupada por não saber onde conseguiria água depois que meu suprimento acabasse. Imaginei que pudesse beber do mesmo riacho que Ren, mas adiaría isso o máximo possível.

Sentei-me em uma pedra e procurei outra barrinha de cereais. Comi metade de uma e dei a Ren a outra metade e mais uma inteira. Eu sabia que podia sobreviver com aquelas poucas calorias, mas tinha quase certeza de que Ren não. Logo ele teria que caçar.

Abrindo um bolso da mochila do Sr. Kadam, encontrei uma bússola. Enfiiei-a no bolso da calça jeans. Ainda havia o dinheiro, os documentos de viagem, mais garrafas de água, um kit de primeiros socorros, repelente, uma vela e um canivete, mas nenhum telefone celular. E, ainda por cima, o meu celular havia desaparecido.

Estranho. Será que o Sr. Kadam sabia que eu acabaria na selva? Pensei no homem que se parecia com ele de pé ao lado do caminhão pouco antes de ele ser roubado e disse em voz alta:

– Será que ele *queria* que eu me perdesse aqui?

Ren veio até mim e se sentou.

– Não – continuei a falar sozinha, olhando nos olhos azuis do animal. – Isso também não faz o menor sentido. Que motivo ele teria para me trazer até a Índia só para fazer com que eu me perdesse na selva? Ele não poderia saber que você me traria até aqui ou que eu o seguiria.

O olhar de Ren se desviou para o chão, como se *ele* se sentisse culpado.

– Acho que o Sr. Kadam é só um escoteiro muito bem preparado.

Depois de um breve descanso, Ren tornou a se levantar, afastou-se alguns passos e se virou para me esperar. Forcei-me a ficar de pé, resmungando, e fui atrás dele. Peguei o repelente, joguei um bom jato em meus braços e pernas e esguichei um pouco em Ren, só para garantir. Ri quando ele franziu o focinho e um grande espirro de tigre sacudiu-lhe o corpo.

– Então, Ren, aonde estamos indo? Você age como se tivesse um destino em mente. Por mim, voltaríamos para a civilização. Portanto, se você puder encontrar uma cidade, eu ficaria muito grata.

Pelo resto da manhã e início da tarde, ele continuou a me conduzir por uma trilha que somente ele podia ver.

Eu consultava a bússola com frequência e concluí que estávamos seguindo para leste. Estava tentando calcular quantos quilômetros devíamos ter caminhado quando Ren se escondeu entre uns arbustos. Eu o segui e deparei com uma pequena clareira do outro lado.

Com grande alívio, vi uma pequena cabana que se erguia bem no meio da clareira. O telhado curvo era coberto por fileiras de bambus amarrados juntos que pendiam do topo da estrutura. Cordas de fibras, amarradas em intrincados nós, prendiam grandes postes de bambu um ao lado do outro, formando paredes, e as frestas eram cobertas por grama e argila secas.

A cabana era cercada por uma barreira de pedras soltas empilhadas umas sobre as outras com o intuito de criar um muro baixo, de cerca de 60 centímetros de altura. As pedras estavam cobertas por um musgo verdejante e espesso. Diante da cabana, painéis finos de pedra encontravam-se presos ao muro e eram pintados com uma indecifrável variedade de símbolos e formas. A porta do abrigo era tão pequena que uma pessoa de estatura média teria que se curvar para entrar. Havia um varal de roupas adejando ao vento e via-se um pequeno jardim florido ao lado da casa.

Nós nos aproximamos do muro de pedra e Ren saltou sobre a barreira ao meu lado.

– Ren! Você quase me matou de susto! Faça algum ruído antes, sei lá.

Chegamos mais perto da cabana e eu me preparei para bater na porta minúscula, mas então hesitei, olhando para Ren.

– Precisamos fazer alguma coisa com você primeiro.

Peguei a corda amarela na mochila e me aproximei de uma árvore ao lado do quintal. Ele me seguiu, hesitante. Acenei para que se aproximasse. Quando ele finalmente chegou perto o bastante, passei a corda por sua coleira e amarrei a outra ponta na árvore. Ele não pareceu muito feliz.

– Sinto muito, Ren, mas não posso deixá-lo solto. Isso assustaria as pessoas. Prometo que volto assim que puder.

Comecei a retornar para a casinha, mas fiquei paralisada quando ouvi uma voz masculina e baixa atrás de mim dizer:

– Isso é *mesmo* necessário?

Virando-me lentamente, deparei com um rapaz bonito de pé bem à minha frente. Parecia jovem, com 20 e poucos anos. Era uns 30 centímetros mais alto do que eu e tinha o corpo forte e esbelto, vestido em roupas largas de algodão branco. Sua camisa de mangas compridas estava para fora da calça e parcialmente desabotoada, deixando ver um tórax liso, largo e de um tom de bronze dourado. A calça leve estava enrolada na altura do tornozelo, realçando os pés descalços. Os cabelos, negros e lustrosos, estavam penteados para trás e se encaracolavam ligeiramente na nuca.

Seus olhos eram o que mais me chamava a atenção. Aqueles eram os olhos do meu tigre, o mesmo tom cobalto profundo.

Estendendo a mão, ele falou:

– Oi, Kelsey. Sou eu, Ren.



Uma explicação

O rapaz se aproximou de mim cautelosamente, os braços esticados diante de si, e repetiu:

– Kelsey, sou eu, Ren.

Ele não parecia assustador, mas mesmo assim meu corpo se retesou, apreensivo. Confusa, estendi a mão à frente, numa tentativa inútil de deter o seu avanço.

– O quê? O que foi que você disse?

Ele chegou mais perto, pôs a mão no peito musculoso e falou devagar:

– Kelsey, não corra. Eu sou Ren. O tigre.

Ele virou a mão para me mostrar a coleira de Ren e a corda amarela enrolada nos dedos. Olhei atrás dele e, de fato, o felino branco havia desaparecido. Recuei alguns passos para pôr mais distância entre nós. Ele viu meu movimento e imediatamente imobilizou-se. A parte de trás dos meus joelhos atingiu a barreira de pedra. Parei e pisquei várias vezes, sem entender o que ele estava me dizendo.

– Onde está Ren? Eu não compreendo. Você fez alguma coisa com ele?

– Não. Eu *sou* ele.

Ele veio novamente em minha direção, enquanto eu sacudia a cabeça.

– Não. Não pode ser.

Tentei dar mais um passo para trás e quase caí sobre o muro. Ele me alcançou num piscar de olhos e segurou-me pela cintura, me equilibrando.

– Você está bem? – perguntou ele, cortês.

– Não!

Ele ainda segurava minha mão. Fitei a mão dele, imaginando as patas do tigre.

– Kelsey? – Ergui o olhar para seus surpreendentes olhos azuis. – Eu sou o seu tigre.

– *Não* – sussurrei. – Não! Não é possível. Como poderia ser?

Sua voz baixa era tranquilizadora.

– Por favor, vamos entrar. O dono não está em casa agora. Você pode se sentar e relaxar, e eu vou tentar explicar tudo.

Eu estava atônita demais para discutir, então deixei que me guiasse na direção da cabana. Ele prendia meus dedos nos dele, como se temesse que eu saísse correndo para a selva. Não costumo seguir estranhos por aí, mas alguma coisa nele me transmitia a sensação de segurança. Eu sabia que ele não me faria mal. Era o mesmo sentimento forte que experimentara com o tigre. Ele abaixou a cabeça para transpor a porta e entrou na pequena cabana, puxando-me com ele.

A casinha tinha um só cômodo com uma cama pequena a um canto, uma janela minúscula na parede lateral e uma mesa com duas cadeiras em outro canto. Uma cortina aberta revelava uma pequena banheira. A cozinha era apenas uma pia com torneira, um balcão baixo e algumas prateleiras com vários alimentos enlatados e temperos. Acima de nossas cabeças, do teto, pendiam cordões com uma variedade de ervas e plantas secas que enchiam o ambiente com uma doce fragrância.

O rapaz gesticulou para que eu me sentasse na cama, então se encostou em uma parede e esperou silenciosamente que eu me acomodasse.

Recuperando-me do choque inicial, saí de meu atordoamento e avaliei minha situação. Ele era Ren, o tigre. Nós nos encaramos por um momento e eu *soube* que ele estava dizendo a verdade. Os olhos eram os mesmos.

Senti o medo em meu corpo escoar enquanto uma nova emoção emergia para preencher o vazio: raiva. Apesar de todo o tempo que eu passara ao seu lado, ele preferira não me contar seu segredo. Tinha me conduzido pela selva, aparentemente de propósito, e me deixara acreditar que estava perdida, num país estrangeiro, na natureza selvagem, sozinha.

Eu sabia que ele nunca me machucaria. Era um... amigo e eu confiava nele. Mas por que não havia confiado em mim? Tivera muitas oportunidades de partilhar sua realidade peculiar, mas não o fizera.

Olhando para ele com desconfiança, perguntei, irritada:

– Então, *o que* você é? Um homem que se tornou tigre ou um tigre que se transformou em homem? Ou você é como um lobisomem? Se me morder, eu também vou virar tigre?

Ele inclinou a cabeça com uma expressão confusa, mas não respondeu de imediato. Observava-me com os mesmos olhos azuis intensos do tigre. Era desconcertante.

– *Ren*? Acho que eu ficaria mais à vontade se você se afastasse um pouco de mim enquanto discutimos esta situação.

Ele suspirou, andou calmamente até o canto, sentou-se em uma das cadeiras e então se encostou na parede, equilibrando-se nas duas pernas de trás da cadeira.

– Kelsey, vou responder a todas as suas perguntas. Só peço que tenha paciência comigo e me dê tempo para explicar.

– Muito bem. Explique.

Enquanto ele organizava os pensamentos, eu analisava sua aparência. Eu não podia acreditar que aquele fosse o meu tigre – que o tigre de quem eu tanto gostava fosse esse homem.

Ele não tinha muita semelhança com um tigre, exceto pelos olhos. Tinha lábios carnudos, queixo quadrado e um nariz aristocrático. Não se parecia com nenhum homem que eu já tivesse visto. Eu não conseguia identificar, mas havia nele algo mais, um refinamento. Ele transpirava confiança, força e nobreza.

Mesmo descalço e vestido com roupas simplórias, parecia alguém poderoso. E mesmo que não fosse bonito – e ele era *extremamente* bonito – eu ainda me sentiria atraída por ele. Talvez fosse seu lado tigre. Os tigres sempre me parecem majestosos. Ele era tão bonito como homem quanto como tigre.

Eu confiava no tigre, mas poderia confiar no homem? Olhava-o com cautela da beirada da cama frágil, com minhas dúvidas estampadas no rosto. Ele foi paciente, permitindo-me examiná-lo com atrevimento, e até parecia estar se divertindo, como se pudesse ler meus pensamentos.

Finalmente quebrei o silêncio.

– E então, *Ren*? Estou ouvindo.

Ele beliscou a ponte do nariz com o polegar e o indicador, então subiu a mão e a deslizou entre o cabelo preto sedoso, desarrumando-o de uma forma perturbadoramente atraente.

Deixando a mão cair no colo, ele me olhou, pensativo, sob os cílios espessos.

– Ah, Kelsey. Por onde começar? São tantas coisas para lhe contar...

Sua voz era baixa, refinada e agradável, e logo me vi hipnotizada por ela. Ele falava inglês muito bem, com apenas um leve sotaque. Tinha uma voz doce – do tipo que desperta sonhos em uma garota. Tentei me livrar dessa sensação e o peguei me examinando com seus olhos azul-cobalto.

Havia uma conexão tangível entre nós. Eu não sabia se era simples atração ou algo mais. Sua presença era perturbadora. Tentei evitar os olhos dele para me acalmar, mas acabei torcendo as mãos e fitando meus pés, que batiam nervosos no piso de bambu. Quando tornei a olhar para seu rosto, o canto de sua boca estava voltado para cima em um sorriso malicioso e uma de suas sobrancelhas estava arqueada.

Pigarreei.

– Desculpe. O que foi que você disse?

– É tão difícil assim ficar parada ouvindo?

– Não. É que você me deixa nervosa, só isso.

– Você não ficava nervosa perto de mim antes.

– Bem, você não tem a mesma aparência de antes. Não pode esperar que eu tenha o mesmo comportamento na sua presença.

– Kelsey, tente relaxar. Eu nunca faria mal a você.

– Certo. Vou sentar em cima das mãos. Assim é melhor?

Ele riu.

Uau. Até seu riso é magnético.

– Ficar quieto foi algo que tive que aprender como tigre. Um tigre precisa se manter imóvel por longos períodos. É preciso paciência e, para esta explicação, você vai precisar ser paciente também.

Ele alongou os ombros poderosos e então estendeu a mão para puxar o cordão de um avental que pendia de um gancho. Ficou enrolando o fio no dedo inconscientemente e disse:

– Preciso ser breve. Posso assumir a forma humana durante apenas alguns minutos por dia... para ser exato, por 24 minutos a

cada 24 horas. Portanto, como vou me transformar em tigre de novo logo, quero aproveitar ao máximo meu tempo com você. Tudo bem?

Respirei fundo.

– Sim. Quero ouvir sua explicação. Por favor, prossiga.

– Você se lembra da história do príncipe Dhiren que o Sr. Kadam lhe contou no circo?

– Lembro. Espere aí. Você está dizendo...

– Aquela história era verdadeira, pelo menos a maior parte dela. Eu sou o Dhiren de quem ele falou. Eu era o príncipe do Império Mujulaain. É verdade que Kishan, meu irmão, e minha noiva me traíram, mas o fim da história é mentira. Eu *não* fui morto, como muitas pessoas foram levadas a acreditar. Meu irmão e eu fomos amaldiçoados e transformados em tigres. O Sr. Kadam vem fielmente mantendo nosso segredo por todos esses séculos. Por favor, não o culpe por trazê-la aqui. Foi culpa minha. Sabe, eu... *preciso* de você, Kelsey.

Minha boca ficou seca de repente e eu me inclinei para a frente, mal me mantendo sentada na beira da cama. E quase caí. Limpei a garganta rapidamente e reajustei minha posição, esperando que ele não tivesse notado.

– Como assim, precisa de mim?

– O Sr. Kadam e eu acreditamos que você é a única que pode quebrar a maldição. De certa forma, você já me libertou de meu cativeiro.

– Mas não fui eu quem o libertou. Foi o Sr. Kadam quem comprou sua liberdade.

– Não. O Sr. Kadam não tinha meios de comprar minha liberdade até você surgir. Quando fui capturado, não poderia mais mudar para minha forma humana ou recuperar minha liberdade até que alguma coisa, ou, melhor dizendo, *alguém* especial aparecesse. Esse alguém especial é você.

Ele enroscou o cordão do avental em torno do dedo e eu o observei desenrolar e começar tudo de novo. Meus olhos retornaram ao seu rosto, voltado para a janela. Ele parecia calmo e sereno, mas reconheci a tristeza em seu íntimo. O sol brilhava através da janela e a cortina soprava ligeiramente com a brisa, fazendo a luz do sol e a sombra dançarem em seu rosto.

– Certo – gaguejei. – Para que você precisa de mim? O que eu tenho que fazer?

Ele se virou para mim e continuou:

– Vimos a esta cabana por uma razão. O homem que mora aqui é um xamã e é quem poderá explicar seu papel nisso tudo. Ele não quis adiantar nada antes que a encontrássemos e a trouxéssemos aqui. Nem eu sei por que você é a escolhida. O xamã também insiste em falar conosco a sós e foi por isso que o Sr. Kadam ficou para trás.

Ele se inclinou para a frente.

– Você vai ficar aqui comigo até ele voltar e vai pelo menos ouvir o que ele tem a dizer? Se depois decidir que quer voltar para casa, o Sr. Kadam cuidará disso.

Voltei os olhos para o chão.

– Dhiren...

– Por favor, me chame de Ren.

Corei e fitei seus olhos.

– Está certo, Ren. Sua explicação é impressionante. Não sei o que dizer.

Emoções variadas cruzaram seu lindo rosto.

Quem sou eu para dizer não a um belo homem – quer dizer, tigre?
Suspirei.

– Muito bem. Vou esperar e falar com seu xamã, mas estou com calor e com fome, cansada, suada, precisando de um bom banho e, francamente, não sei nem se confio em você. Acho que não aguento mais uma noite dormindo na selva.

Ele suspirou aliviado enquanto me dirigia um sorriso. Era como o sol rompendo uma nuvem de tempestade.

– Obrigado – disse ele. – Lamento que esta parte da viagem tenha sido desconfortável para você. O Sr. Kadam e eu divergimos nessa questão de atrair você para a selva. Ele achava que devíamos simplesmente lhe contar a verdade, mas eu não tinha certeza se você viria. Pensei que, se passasse um pouco mais de tempo comigo, aprenderia a confiar em mim e eu poderia lhe revelar quem eu era à minha maneira. Era isso que estávamos discutindo quando você nos viu perto do caminhão.

– Então era você! Deviam ter me contado a verdade. O Sr. Kadam estava certo. Poderíamos ter evitado toda essa caminhada na selva e vindo até aqui de carro.

Ele suspirou.

– Não. Precisaríamos ter atravessado a selva de qualquer forma.

Não há como entrar tanto assim no santuário de carro. O homem que mora aqui prefere que seja assim.

Cruzei os braços e murmurei:

– Bem, ainda assim vocês deviam ter me contado.

Ele retorceu o cordão do avental.

– Sabe, dormir ao ar livre não é tão ruim assim. Você pode olhar as estrelas e sentir a brisa fresca soprando o seu pelo depois de um dia quente. O cheiro da grama é doce e – ele me olhou nos olhos – o do seu cabelo também.

Corei e resmunguei:

– Bem, fico feliz que *alguém* tenha gostado.

Ele sorriu, divertido, e disse:

– *Eu* gostei.

Tive um rápido vislumbre de Ren como homem, aconchegado ao meu lado na floresta. Imaginei-o descansando a cabeça no meu colo enquanto eu lhe acariciava os cabelos e achei que era melhor me concentrar na situação presente.

– Ouça, Ren, você está mudando de assunto. Não gostei da forma como me manipulou para chegar até aqui. O Sr. Kadam devia ter me contado no circo.

Ele sacudiu a cabeça.

– Achamos que você não fosse acreditar nessa história. Ele inventou a viagem para a reserva de tigres com o intuito de trazê-la para a Índia. Imaginamos que, com você aqui, eu poderia assumir a forma humana e esclarecer tudo.

– Provavelmente você tem razão – admiti. – Se tivesse se transformado em homem lá, talvez eu não tivesse vindo.

– Por que você veio?

– Eu queria ficar mais tempo com... você. Você sabe, o tigre. Eu iria sentir saudade dele. Quer dizer, de você.

Enrubesci.

Ele me dirigiu um sorriso torto.

– Eu também teria sentido saudade de você.

Torci a bainha da blusa entre as mãos.

Interpretando mal meus pensamentos, ele disse:

– Kelsey, sinto muito, de verdade, pela decepção. Se houvesse alguma outra maneira...

Ergui os olhos para ele. Sua cabeça pendia de um modo que me lembrou o tigre. A frustração e o constrangimento que eu sentia em relação a ele se dissiparam. Meus instintos me diziam que eu devia acreditar nele e ajudá-lo. A conexão emocional que eu tinha com o tigre ficava ainda mais forte na presença do homem. Senti compaixão dele e de sua situação.

– Quando você vai se transformar novamente em tigre? – perguntei com delicadeza.

– Logo.

– Dói?

– Não tanto quanto antes.

– Você entende o que eu digo quando está na forma de tigre? Ainda poderei falar com você?

– Sim, consigo ouvir e compreender o que você fala.

Respirei fundo.

– Está bem. Vou ficar aqui até o xamã voltar. Mas ainda tenho muitas perguntas para você.

– Eu sei. Vou tentar respondê-las da melhor forma possível, mas terá que guardá-las para amanhã, quando serei novamente capaz de falar com você. Podemos passar a noite aqui. O xamã deve voltar ao anoitecer.

– Ren?

– Sim?

– A selva me assusta e esta situação também.

Ele soltou o cordão do avental e olhou nos meus olhos.

– Eu sei.

– Ren?

– Sim?

– Não... me deixe, o.k.?

Seu rosto se suavizou, assumindo uma expressão de ternura, e os cantos de sua boca ergueram-se em um sorriso sincero.

– *Asambhava*. Não vou deixar você.

Eu me vi correspondendo ao seu sorriso e de repente uma sombra enevoou o seu rosto. Ele fechou os punhos e retesou o maxilar. Vi um tremor percorrer-lhe o corpo e a cadeira tombou para a frente quando ele desabou de quatro no chão. Estendi as mãos para segurá-lo e fiquei perplexa ao ver seu corpo se metamorfosear de volta à forma de tigre que eu conhecia tão bem. Ren, o tigre, sacudiu-se, então se aproximou

da minha mão estendida e esfregou a cabeça nela.



Um amigo

Sentei-me na beira da cama pensando no que Ren acabara de me contar. Olhando para o tigre agora, eu pensava, ou talvez assim esperasse, que podia ter imaginado tudo aquilo. *Talvez a selva esteja me causando alucinações. Isso tudo é real? Tem mesmo uma pessoa sob esse pelo?*

O tigre se esticou todo no chão e descansou a cabeça nas patas. Ele me olhou com seus magníficos olhos azuis por um longo momento e imediatamente eu soube que aquilo era real..

Ren dissera que o xamã só voltaria ao anoitecer e ainda faltavam várias horas até lá. A cama parecia convidativa. Seria bom tirar um cochilo, mas eu estava imunda. Concluí que um banho era a primeira coisa a fazer e fui investigar a banheira, que precisava ser enchida à moda antiga – com um balde.

Dei início à árdua tarefa de bombear água para o balde, despejá-la na banheira e começar tudo de novo. Parecia mais fácil na televisão do que na vida real. Pensei que meus braços fossem cair logo depois do terceiro balde, mas resisti à dor sabendo como seria bom tomar um banho. Meus braços cansados me convenceram de que encher a banheira até a metade era mais do que suficiente.

Tirei os tênis e comecei a desabotoar a blusa. Já estava na metade dos botões quando de repente percebi que tinha uma plateia. Juntei os dois lados da blusa, fechando-a, e me virei, dando de cara com Ren me observando.

– Que cavalheiro, hein!? Está quieto como um rato de propósito, não é? Bem, não quero saber. É melhor você ir se sentar lá fora enquanto eu tomo banho. – Agitei o braço no ar. – Vá... fique de guarda ou qualquer outra coisa.

Abri a porta e Ren vagarosamente se arrastou para fora. Apressei-me em me despir, entrei na água e comecei a esfregar minha pele suja com o sabonete de ervas caseiro do xamã. Depois de ensaboar meu cabelo e enxaguá-lo, recostei-me na banheira por um instante, pensando: *Onde eu fui me meter? Por que o Sr. Kadam não me contou nada disso? O que eles esperam que eu faça? Quanto tempo vou ficar presa nesta selva indiana?*

As perguntas fervilhavam na minha cabeça, afugentando pensamentos coerentes. Desistindo de tentar dar um sentido a tudo aquilo, saí da banheira, me enxuguei, me vesti e abri a porta para Ren, que estivera deitado com as costas apoiadas nela.

– Pode entrar agora. Já estou vestida.

Ren tornou a entrar enquanto eu me sentava na cama, de pernas cruzadas, e começava a desembaraçar o cabelo.

– Fique sabendo, Ren, que vou dizer poucas e boas ao Sr. Kadam depois que sairmos daqui. Aliás, você também não irá se safar. Tenho mil perguntas para fazer. Pode se preparar.

Fiz uma trança em meu cabelo e o amarrei com uma fita verde. Enfiando os braços debaixo da cabeça, me recostei no travesseiro e fitei o teto de bambu. Ren pôs a cabeça no colchão perto da minha e me olhou com a expressão de um tigre que pede desculpas.

Eu ri e lhe fiz um carinho na cabeça, a princípio sem jeito, mas ele se encostou mais e eu rapidamente superei a timidez.

– Está tudo bem, Ren. Não estou zangada. Só queria que vocês dois tivessem confiado mais em mim.

Ele lambeu minha mão e se deitou no chão para descansar. Virei-me de lado para observá-lo.

Devo ter caído no sono, pois quando abri os olhos estava escuro na cabana, exceto por uma lamparina que brilhava suavemente na cozinha. Sentado à mesa estava um velho.

Eu me sentei na cama e esfreguei os olhos sonolentos, surpresa por ter dormido tanto tempo. O xamã estava ocupado, tirando as folhas de várias plantas espalhadas sobre a mesa. Quando me levantei, ele fez sinal para que eu me aproximasse.

– Olá, mocinha. Você dorme bastante. Muito cansada. Muito, muito cansada.

Fui até a mesa, seguida por Ren. Ele bocejou, arqueou as costas, alongou uma perna de cada vez e então se sentou aos meus pés.

– Está com fome? Coma. Boa comida, hein? Muito gostosa.

O homenzinho se levantou e serviu um pouco de um aromático ensopado de legumes temperado com ervas que borbulhava em uma panela no fogão a lenha. Ele colocou um pedaço de pão chato na borda da tigela e voltou para a mesa. Empurrando a tigela na minha direção, assentiu com satisfação, então se sentou e continuou a desfolhar as plantas.

O ensopado tinha um cheiro divino, principalmente depois de eu ter comido apenas barras de cereais por um dia e meio.

O xamã estalou a língua.

– Qual seu nome?

– Kelsey – murmurei enquanto mastigava.

– Quel-si. Você tem bom nome. Forte.

– Obrigada pela comida. Está deliciosa!

Ele grunhiu em resposta e fez um gesto com a mão, dispensando o elogio.

– Qual é o seu nome? – perguntei.

– Meu nome imenso. Me chame Phet.

Phet era um homem pequeno, magro, moreno e enrugado, com uma coroa de cabelos crespos grisalhos circundando a parte posterior da cabeça. A careca lustrosa refletia a luz da lamparina. Usava uma túnica verde-acinzentada, tecida rusticamente, e sandálias. Um sarongue estava displicentemente jogado sobre seus ombros e me surpreendia que o traje fino se mantivesse sobre sua frágil figura.

– Phet, me desculpe por invadir a sua casa. Ren me trouxe aqui. Sabe...

– Ah, Ren, o seu tigre. Sim, Phet sabe por que vocês estão aqui. Anik disse que você e Ren vinham, então fui ao lago Suki hoje para... preparação.

Servi-me mais um pouco de ensopado enquanto ele me trazia um copo de água.

– Você se refere ao Sr. Kadam? Ele lhe disse que viríamos?

– Sim, sim. Kadam disse Phet. – O xamã empurrou para um lado as plantas, abrindo espaço no canto da mesa, e então apanhou uma gaiolinha que abrigava um raro e pequenino pássaro vermelho. – Muitos pássaros no lago Suki, mas este muito extraordinário.

Ele se inclinou para a gaiola, estalou a língua para a ave e agitou o dedo. Então começou a assobiar e falou alegremente com o pássaro em sua língua nativa. Voltando sua atenção para mim, disse:

– Phet demorou dia todo para capturar. Pássaro tem canto liiindo.

– Ele vai cantar para nós?

– Quem sabe? Às vezes pássaro nunca canta, a vida toda. Só canta para pessoa especial. Quel-si é pessoa especial?

Ele riu ruidosamente, como se tivesse contado uma piada engraçadíssima.

– Phet, como se chama este pássaro?

– Ele é da ninhada de Durga.

Terminei meu ensopado e pus a tigela de lado.

– Quem é Durga?

Ele sorriu.

– Ah. Durga liiin-da deusa e Phet – apontando para si mesmo – é humilde criado. Pássaro canta para Durga e mulher especial.

Ele tornou a apanhar suas folhas e continuou trabalhando.

– Então você é um sacerdote de Durga?

– Sacerdote instrui outra pessoa. Phet existe sozinho. Serve sozinho.

– Você gosta de viver só?

– Sozinho mente raciocina, ouve coisas, vê coisas. Mais gente, vozes demais.

Um bom argumento. Também não me importo de ficar sozinha. O único problema é que, se você está sempre sozinho, sente-se solitário.

– Humm. Seu pássaro é muito bonito.

Ele assentiu e começou a trabalhar silenciosamente.

– Posso ajudá-lo com as folhas? – perguntei.

Ele abriu um sorriso largo, revelando a ausência de vários dentes. Seus olhos quase desapareceram em meio às profundas rugas morenas.

– Você me ajudar? Sim, Quel-si. Observe Phet. Imita. Você experimenta.

Ele segurou o caule de uma planta e correu os dedos para baixo, até arrancar todas as folhas. Então me entregou um galho com minúsculas folhas, que parecia um tipo de alecrim. Arranquei as folhas perfumadas e empilhei-as na mesa. Trabalhamos juntos por um tempo.

Aparentemente, Phet colhia as ervas como meio de vida. Ele me mostrou as diferentes plantas que havia apanhado e me disse seus nomes e para que eram usadas. Também tinha a coleção seca, que

pendia do teto, e passou algum tempo descrevendo cada um dos itens. Alguns nomes me soavam familiares, mas outros eu nunca ouvira.

Ele subiu em um banquinho, catou algumas plantas secas e as substituiu por frescas. Então pegou um pilão e, depois de me ensinar a triturar as ervas, transferiu-me a tarefa de moer vários tipos delas.

Phet abriu um jarro que tinha gotas duras e douradas de resina. Cheirei o interior do pote e comentei:

– Eu me lembro deste cheiro na selva. É aquela coisa grudenta que escorre das árvores, não é?

– Muito bem, Quel-si. Seu nome olíbano. Vem da árvore *Boswellia*.

– Olíbano? Eu sempre me perguntei o que era isso.

Ele tirou uma lasquinha e me entregou.

– Aqui, Quel-si. Prove.

– Você quer que eu *coma* isso? Pensei que fosse um perfume.

– Pegue, Quel-si. Experimente.

Ele colocou um pedaço em sua própria língua e eu segui seu exemplo.

O aroma era picante e o sabor, doce. A textura era a de uma goma grudenta. Phet mascou com seus poucos dentes e sorriu para mim.

– Gosto bom, Quel-si? Agora respire longo.

– Respirar longo?

Ele demonstrou inspirando profundamente e assim eu fiz. Ele me deu um tapa nas costas que teria feito com que eu cuspsse a goma, se ela não estivesse grudada em meus dentes.

– Está vendo? Bom para estômago, hálito bom, sem preocupações.

– Ele me entregou o pequeno jarro de olíbano. – Guarde este. Muito útil para você.

Eu lhe agradei e depois de guardar o jarro em minha mochila voltei ao pilão.

– Quel-si, você fez viagem longa, sim? – perguntou ele.

– Ah, sim, muito, muito longa.

Contei-lhe como conheci Ren no Oregon e falei sobre a viagem para a Índia com o Sr. Kadam. Também descrevi a perda do caminhão, nossa caminhada pela selva e terminei com o momento em que encontramos sua casa.

Phet assentia e ouvia, atento.

– E seu tigre nem sempre é tigre. Estou correto dizendo isso?

Olhei para Ren.

– Sim, você está correto.

– Você quer ajudar o tigre?

– Quero. Estou zangada por ele ter me enganado, mas entendo por que fez isso. – Baixei a cabeça e dei de ombros. – Só quero que ele seja livre.

Nesse momento, o passarinho vermelho começou a cantar lindamente e continuou cantando pelos minutos seguintes.

Phet fechou os olhos, escutando com uma expressão de puro êxtase, e assoviou baixinho, acompanhando. Quando a ave parou de cantar, ele abriu os olhos e se virou para mim, sorrindo.

– Quel-si! Você muito especial! Sinto alegria! Phet ouviu canto de Durga! – Ele se levantou, alegre, e começou a guardar todas as plantas e os jarros. – No momento, você deve descansar. Nascer do sol importante amanhã. Phet precisa rezar na noite e você precisa dormir. Embarcar em sua travessia amanhã. Dura e difícil. À primeira luz, Phet ajuda você na companhia do tigre. Segredo de Durga vai ser revelado. Agora vá dormir.

– Acabei de tirar um bom cochilo e ainda não estou com sono. Não posso ficar com você e fazer mais perguntas?

– Não. Phet vai rezar. Preciso expressar agradecimento a Durga pelo privilégio da bênção imprevista. Seu sono essencial. Phet faz infusão para aumentar sono de Quel-si.

Ele colocou várias folhas em uma xícara e despejou água fervente sobre elas. Depois de um minuto, me entregou a xícara e indicou que eu bebesse. Tinha cheiro de chá de hortelã com um toque de um condimento semelhante ao cravo. Dei um gole e gostei do sabor. Ele me enxotou para a cama e mandou Ren me acompanhar. Depois de diminuir a intensidade do lampião, pôs uma sacola no ombro, sorriu para mim e saiu, fechando a porta silenciosamente.

Deitei-me na cama pensando que dormir seria impossível, mas sem muita demora mergulhei em um sono relaxante e sem sonhos.

Na manhã seguinte, Phet me acordou cedo batendo palmas bem alto.

– Olá, Quel-si e Ren. Phet reza enquanto vocês dormem. Como consequência, Durga faz milagre. Vocês precisam acordar! Preparem-se e nós conversamos.

– Certo, Phet, vou me apressar.

Puxei a cortina à minha volta e me arrumei.

Na cozinha, Phet preparava ovos e já servira um grande prato deles no chão para Ren. Lavei as mãos com o sabonete de ervas e me sentei à mesa. Desmanchei a trança e penteei os cabelos ondulados com os dedos.

Ren parou de comer, engoliu seu bocado de ovos e ficou me olhando atentamente enquanto eu trabalhava em meu cabelo.

– Ren, pare de me olhar! Coma os ovos. Você deve estar morrendo de fome.

Prendi o cabelo em um rabo de cavalo e ele finalmente se voltou para sua comida. Phet também me serviu um prato contendo uma pequena salada com uma estranha variedade de verduras de sua horta e uma bela omelete. Então ele se sentou para conversar conosco.

– Quel-si, eu sou homem facilitador agora. Durga falou comigo. Ela *vai* ajudar vocês. Numerosos anos passados, Anik Kadam procura remédio para confortar Ren. Eu digo a ele Durga aprecia o tigre, mas ninguém pode aliviá-lo. Ele me pergunta o que pode fazer. Naquela noite, Phet sonha com dois tigres, um pálido como a lua; outro negro, à semelhança da noite. Durga fala baixinho no meu ouvido. Ela diz apenas garota especial pode quebrar maldição. Phet sabe: garota protegida de Durga. Ela luta pelo tigre. Eu digo Anik: atento garota especial da deusa. Dou indicação: garota sozinha, cabelo castanho, olhos escuros. Devotada ao tigre e sua palavra poderosa como melodia da deusa. Ajuda tigre ser livre outra vez. Eu digo Anik: descubra protegida de Durga e traga para mim.

Ele colocou as mãos morenas e deformadas sobre a mesa e se inclinou para mim.

– Quel-si, Phet percebe *você* excepcional protegida de Durga.

– Phet, do que você está falando?

– Você guerreira forte, bonita, como Durga.

– Eu? Uma guerreira forte e bonita? Acho que você está com a garota errada.

Ren rosou baixo e Phet estalou a língua.

– Não. O passarinho de Durga canta para *você* . Você garota *certa* ! Não jogue fora o destino, como erva daninha! Flor preciosa. Paciência. Espere florescer.

– Está bem, Phet, vou dar o melhor de mim. O que tenho que fazer? Como posso quebrar a maldição?

– Durga ajuda você na caverna Kanheri. Use chave para abrir câmara.

– Que chave? – perguntei.

– Chave é célebre Selo do Império Mujulaain. Tigre sabe. Encontre lugar subterrâneo na caverna. Selo é chave. Durga leva você à resposta. Liberta tigre.

Comecei a tremer incontrolavelmente. Aquilo era demais para absorver de uma só vez. Mensagens em cavernas secretas, ser a favorita de uma deusa indiana e partir em uma aventura na selva com um tigre? Eu me sentia assoberbada. Minha mente gritava: *Não é possível! Não é possível! Como foi que fiquei presa nessa situação bizarra? Ah, sim. Eu me voluntariei.*

Phet me observava com curiosidade. Ele pôs a mão sobre a minha. Era quente e delicada, e me acalmou instantaneamente.

– Quel-si, acredite em você mesma. Você mulher forte. Tigre protege você.

Baixei os olhos para Ren, que estava sentado no piso de bambu, me olhando com uma expressão preocupada.

– Eu sei que ele vai cuidar de mim. E quero muito ajudá-lo a quebrar a maldição. É só um pouquinho... assustador.

Phet apertou minha mão e Ren levou uma pata ao meu joelho. Reprimi o medo e o empurrei para o fundo da mente.

– Então, Phet, aonde vamos agora? À caverna?

– Tigre sabe aonde ir. Siga tigre. Pegue Selo. Devem partir logo. Antes de ir, Quel-si, Phet confere a você marca da deusa e reza.

Phet apanhou um pequeno arranjo de folhas que havíamos selecionado na noite anterior. Ele o agitou no ar em torno da minha cabeça, descendo por cada um dos meus braços, enquanto cantava baixinho. Então arrancou uma folhinha e a levou aos meus olhos, nariz, boca e testa. Depois voltou-se para Ren e cumpriu o mesmo ritual.

Em seguida, levantou-se e trouxe um pequeno jarro contendo um líquido marrom. Ele tirou um galho fino que fora despojado das folhas e o mergulhou levemente no jarro. Tomando minha mão direita, começou a fazer desenhos geométricos. O líquido tinha um cheiro pungente e os arabescos que ele desenhava me lembravam os desenhos de hena nas mãos.

Quando chegou ao fim, virei a mão de um lado para outro, admirando a habilidade necessária para criar o elaborado trabalho de arte. Os padrões que ele desenhava cobriam o dorso da minha mão direita, assim como a palma e as pontas dos dedos.

– Para que serve isso? – perguntei.

– Este símbolo poderoso. Marca permanece muitos dias.

Phet reuniu todas as folhas e os galhos, atirou-os no velho fogão a lenha de ferro fundido e pairou acima dele por um momento, a fim de inalar a fumaça. Em seguida, virou-se para mim, fazendo uma medida.

– Quel-si, agora hora de partir.

Ren saiu pela porta. Curvei-me em retribuição a Phet e então o abracei rapidamente.

– Obrigada por tudo. Agradeço de coração sua hospitalidade e sua generosidade.

Ele sorriu calorosamente para mim e apertou minha mão. Apanhei minha bolsa, a mochila, abaixei-me para passar pela porta e saí, seguindo Ren.

Sorrindo, Phet foi até a portinha e acenou em despedida.



Um refúgio

— Bem, acho que para nós isso significa o retorno à selva, certo, Ren?

Ele não se virou diante do meu comentário, mas continuou avançando lentamente. Eu seguia atrás dele, pensando em todas as perguntas que lhe faria quando se transformasse em homem.

Depois de andar por algumas horas, chegamos a um pequeno lago. Imaginei que aquele fosse o lago Suki do qual Phet falara. Havia, de fato, muitas aves ali. Patos, gansos, martins-pescadores, grou e maçaricos pontilhavam a água e as margens à procura de comida. Vi até aves maiores, talvez algum tipo de águia ou falcão, circulando no céu acima de nós.

Nossa chegada perturbou um bando de garças, que levantou voo freneticamente, tornando a pousar na água, na extremidade oposta do lago. Pássaros menores disparavam de um lado para outro em tons de verde, amarelo, cinza, azul e preto com peito vermelho, mas não vi nenhum dos pássaros de Durga.

Onde as árvores lançavam sombra na água, grupos de ninfeias formavam um bom posto onde os sapos se empoleiravam para descansar. Eles nos observavam com olhos amarelos e pulavam na água quando passávamos.

Falei tanto para mim mesma quanto para Ren:

— Você acha que existem crocodilos ou jacarés no lago?

Ele começou a andar ao meu lado e eu não sabia se isso significava que *havia* mesmo répteis perigosos ali ou se ele queria apenas me fazer companhia. Por via das dúvidas, deixei-o andar entre mim e o lago.

O dia estava quente, com céu claro, sem uma única nuvem para oferecer sombra. Eu transpirava muito. Ren seguia sob as sombras das árvores sempre que possível para tornar a caminhada um pouco mais tolerável, mas eu ainda me sentia péssima. Enquanto contornávamos o lago, ele mantinha um passo lento e regular, que eu conseguia acompanhar com facilidade. Mesmo assim, sentia as bolhas se formando em meus calcanhares. Peguei o filtro solar na mochila e o apliquei no rosto e nos braços. A bússola indicava que estávamos seguindo para o norte.

Quando Ren parou para beber em um riacho, descobri que Phet havia preparado nosso almoço e colocado a comida na minha mochila. Tratava-se de uma grande folha verde envolvendo uma bola de arroz branco grudento recheada com carne apimentada e legumes temperados. Era um pouco picante demais para o meu gosto, mas o arroz puro ajudou a dar uma equilibrada. Encontrando duas outras bolas envoltas em folhas na mochila, joguei-as para Ren, que se exibiu saltando e pegando-as no ar. Ele, naturalmente, engoliu-as inteiras.

Andando por mais umas quatro horas, finalmente deixamos a selva, saindo em uma pequena estrada. Eu me senti feliz de andar no pavimento liso – pelo menos até meus pés começarem a queimar. Eu podia jurar que o asfalto negro e quente estava derretendo a sola dos meus tênis.

Ren empinou o nariz no ar, virou à direita e marchou ao lado da estrada por quase um quilômetro até chegarmos a um Jeep verde metálico novinho em folha. O veículo tinha janelas fumê e uma capota preta e rígida.

O tigre parou ao lado do Jeep e se sentou.

Arfando, tomei um grande gole de água e perguntei:

– O que foi? O que você quer que eu faça?

Ren continuou sem expressão.

– É o carro? Você quer que eu entre nele? O.k. Só espero que o dono não fique chateado.

Ao abrir a porta, encontrei um bilhete do Sr. Kadam no banco do motorista.

Srta. Kelsey,

Por favor, me perdoe. Eu queria lhe contar a verdade.

Aqui está um mapa com indicações de como chegar à casa de Ren, onde irei encontrá-la.

As chaves estão no porta-luvas. Não se esqueça de dirigir do lado esquerdo da estrada.

A viagem dura cerca de uma hora e meia. Espero que cheguem bem.

*Seu amigo,
Anik Kadam*

Peguei o mapa e o coloquei no banco do carona. Abrindo a porta traseira, joguei as bolsas ali e peguei outra garrafa de água para a viagem. Ren saltou para o banco de trás e ali se estirou.

Sentei-me ao volante e abri o porta-luvas, encontrando um pequeno chaveiro com as chaves prometidas. Na grande lia-se *Jeep*. Dei a partida no motor e sorri, grata, quando um jato de ar frio soprou, vindo das entradas de ar.

Quando saí para a estrada estreita e vazia, uma vozinha no aparelho GPS chiou: “Siga em frente por 50 quilômetros. Depois vire à esquerda.”

Mantendo-me à esquerda na estrada e agarrando o volante, olhei para minha mão. Apesar do suor e de enxugar o rosto constantemente, o desenho de Phet ainda estava lá, permanente como uma tatuagem. Liguei o rádio, encontrei uma estação que tocava uma música interessante e deixei que me fizesse companhia pela estrada enquanto Ren cochilava.

Era fácil seguir as indicações do Sr. Kadam, ainda mais com o GPS. Praticamente não havia trânsito na estrada que seguíamos, o que era bom, pois sempre que um carro passava por mim eu agarrava o volante, nervosa. Eu tinha acabado de aprender a dirigir no lado direito e trocar os lados não era fácil.

Depois de uma hora, segundo as instruções, eu deveria pegar uma estrada de terra. Não havia placas, mas o GPS apitou, indicando que estávamos no lugar certo, então virei e entrei na selva densa. Parecíamos estar no meio do nada, mas a estrada estava em bom estado.

O sol ia se pondo e o céu escurecia quando a estrada se abriu em

um caminho de pedras arredondadas fortemente iluminado que circulava um chafariz alto, cercado de flores. Erguendo-se atrás dele, havia a casa mais fantástica que eu já vira. Parecia uma mansão de milhões de dólares que se poderia encontrar nos trópicos ou talvez no litoral da Grécia. Imaginei que o lugar perfeito para ela seria o pico de uma ilha, com vista para o mar Mediterrâneo.

Parei o carro, abri as portas e me maravilhei com o magnífico cenário.

– Ren, sua casa é incrível! – exclamei. – Não acredito que você seja o dono disto!

Peguei as bolsas, subi lentamente o caminho calçado de pedras e admirei a garagem com espaço para quatro carros. Imaginei que tipos de veículos estariam guardados ali. Lindas plantas tropicais circundavam a casa, transformando o terreno em um paraíso luxuriante. Reconheci aves-do-paraíso, bambu ornamental, altas palmeiras-imperiais, densas samambaias e bananeiras folhosas, mas ainda havia muitas outras. Uma piscina e um ofurô encontravam-se iluminados na lateral da casa, e uma fonte resplandecente lançava água da piscina no ar.

A casa de três andares era pintada de branco e creme. O segundo andar tinha uma varanda coberta que circundava toda a construção, com balaustradas de ferro, sustentadas por pilares de cor creme. O último andar contava com sacadas altas e em arco, ao passo que janelas panorâmicas eram o traço mais característico do andar principal.

Quando Ren e eu alcançamos a entrada de mármore e madeira de teca, girei a maçaneta e vi que a porta estava destrancada. A área externa era quente e vibrante, refletindo a variedade e a intensidade das cores da Índia. O interior era opulento e encantador, decorado em tons mais frios.

Com certeza isso é melhor do que dormir na selva.

Entramos no amplo vestíbulo, com o teto abobadado, piso de mármore e uma escadaria curva com balaustradas de ferro trabalhado. O ambiente era coroado por um deslumbrante candelabro de cristal. Janelas imensas emolduravam a visão panorâmica da selva circundante.

Tirei meus tênis imundos e atravessei o vestíbulo até uma biblioteca de atmosfera masculina. Poltronas de couro marrom-escuro, divãs e sofás aconchegantes estavam distribuídos sobre um belo tapete. A um canto via-se um imenso globo e as paredes eram cobertas

por estantes. Havia inclusive uma escada deslizante que alcançava as prateleiras superiores. Uma mesa pesada, meticulosamente limpa e organizada, com uma cadeira de couro, estava posicionada a um lado e de imediato me lembrou o Sr. Kadam.

Uma lareira de pedra esculpida tomava conta de uma parede. Eu não conseguia imaginar quando uma lareira seria usada na Índia, mas ainda assim era uma bela peça. Um vaso dourado cheio de penas de pavão refletia as nuances azuis, verdes e púrpura das almofadas e dos tapetes. Era a biblioteca mais linda do mundo.

Quando estávamos prestes a percorrer a casa, ouvi o Sr. Kadam gritar:

– Srta. Kelsey? É você?

Eu estivera determinada a me mostrar aborrecida com ele e Ren, mas percebi que mal podia esperar para vê-lo.

– Sim, sou eu, Sr. Kadam.

Encontrei-o na ampla cozinha gourmet, de aço inoxidável, com piso de mármore negro, bancadas de granito e fornos duplos, onde o Sr. Kadam estava ocupado preparando uma refeição.

– Srta. Kelsey! – O homem de negócios veio correndo ao meu encontro e disse: – Estou tão feliz em vê-la. Espero que não esteja zangada comigo.

– Bem, não estou muito feliz com a maneira como tudo aconteceu, mas – sorri para ele e baixei os olhos para o tigre – culpo este aqui mais do que ao senhor. Ele admitiu que o senhor queria me contar a verdade.

O Sr. Kadam fez uma careta, desculpando-se, e assentiu com a cabeça.

– Por favor, nos perdoe. Não tínhamos a intenção de aborrecê-la. Venha. Preparei a comida.

Ele voltou apressado para a cozinha, abriu a porta de um cômodo cheio de aromáticos condimentos frescos e secos e desapareceu ali dentro por vários minutos. Quando saiu, depositou sua seleção na ilha de trabalho da cozinha e abriu mais uma portinha para outra ampla despensa. Espiei lá dentro e vi prateleiras cheias de pratos e taças elegantes, e até um impressionante faqueiro de prata. Ele pegou dois delicados pratos de porcelana e duas taças e pôs a mesa.

– Sr. Kadam, uma coisa está me perturbando.

– Só *uma*? – provocou ele.

Eu ri.

– Por ora. Queria saber se o senhor chegou mesmo a chamar o Sr. Davis para acompanhá-lo e cuidar do Ren. E, nesse caso, o que o senhor teria feito se ele dissesse sim e eu não?

– De fato eu o consultei, só para manter as aparências, mas também sugeri sutilmente ao Sr. Maurizio que talvez fosse melhor para ele persuadir o Sr. Davis a *não* vir. Na verdade, eu lhe ofereci mais dinheiro se insistisse para que o Sr. Davis permanecesse no circo. Quanto ao que eu faria se você recusasse, suponho que teríamos que lhe fazer uma oferta melhor e continuar tentando até encontrarmos uma que não pudesse recusar.

– E se eu ainda dissesse não? O senhor teria me sequestrado?

O Sr. Kadam riu.

– Não. Se nossa oferta continuasse a ser recusada, meu próximo passo teria sido lhe contar a verdade e esperar que a senhorita acreditasse.

– Ufa, que alívio.

– Só *então* eu iria sequestrá-la.

Ele riu com a própria piada e voltou a atenção para o jantar.

– Isso não é muito engraçado, Sr. Kadam.

– Não pude resistir. Desculpe, Srta. Kelsey.

Ele me conduziu para uma saleta a fim de tomarmos o café da manhã. Sentamo-nos a uma mesa redonda perto de um janelão que dava para a piscina iluminada. Ren se acomodou aos meus pés.

O Sr. Kadam queria saber tudo o que acontecera comigo desde que nos separamos. Eu lhe contei sobre o caminhão e descobri que ele havia pago ao motorista para me abandonar lá. Então falamos sobre a selva e sobre Phet.

Ele me fez muitas perguntas sobre minhas conversas com Phet e ficou particularmente interessado em meu desenho de hena. Virou minha mão e examinou atentamente os símbolos de ambos os lados.

– Então você é a protegida de Durga – concluiu ele, recostando-se em sua cadeira, e sorriu.

– Como o senhor sabia que *eu* era a pessoa capaz de quebrar a maldição?

– Não tínhamos certeza, mas agora Phet confirmou nossas suspeitas. Quando Ren estava no cativeiro, ele não podia alterar sua forma. De alguma forma, você falou as palavras que o libertaram. Elas lhe permitiram se transformar em homem novamente e entrar em

contato comigo. Esperávamos que você fosse a pessoa certa para quebrar a maldição, aquela que procurávamos, a protegida de Durga.

– Sr. Kadam, quem é Durga?

O Sr. Kadam buscou uma estatueta dourada em outra sala e a colocou delicadamente sobre a mesa. Era a imagem lindamente esculpida de uma deusa indiana com oito braços disparando uma flecha com seu arco, montada em um tigre.

– Por favor, me fale sobre ela – falei, tocando um braço da deusa.

– Claro, Srta. Kelsey. Na língua dos hindus, *Durga* significa “a invencível”. Ela é uma grande guerreira, considerada a deusa mãe de muitos dos outros deuses e deusas da Índia. Tem várias armas à sua disposição e segue para a guerra montando um magnífico tigre chamado Damon. Uma deusa muito bonita, é descrita como tendo cabelos longos e cacheados e uma pele brilhante, que brilha ainda mais quando ela se encontra no calor de uma batalha. Com frequência está vestida em trajes azul-celeste e adornada com joias de ouro, pedras preciosas e reluzentes pérolas negras.

Virei a estatueta.

– Que armas são estas que ela está segurando?

– Existem representações diversas dela por toda a Índia. Em cada uma, Durga tem um número de braços e uma coleção de armas ligeiramente diferentes. Esta estatueta mostra um tridente, um arco e flecha, a espada e uma *gada*, que é semelhante a uma maça ou clava. Ela também carrega um *kamandal*, ou concha, um *chakram*, uma cobra, e uma armadura com escudo. Já vi outros desenhos de Durga com uma corda, um sino e uma flor de lótus. Não só Durga tem várias armas à sua disposição como também pode manipular os raios e os trovões.

Peguei a estatueta e a examinei de diferentes ângulos. Os oito braços eram assustadores.

O Sr. Kadam prosseguiu:

– A deusa Durga nasceu do rio para ajudar a humanidade em seus momentos de necessidade. Ela enfrentou um demônio, Mahishasur, que era meio humano, meio búfalo. Ele aterrorizava a terra e o céu, e ninguém conseguia matá-lo. Assim, Durga assumiu a forma de uma deusa guerreira para derrotá-lo.

Pondo a estatueta de volta na mesa, eu disse, hesitante:

– Sr. Kadam, não é minha intenção ser desrespeitosa e espero não ofendê-lo, mas não acredito nesse tipo de coisa. Acho fascinante, mas

estranho demais para ser verdade. Tenho a sensação de que estou presa em algum tipo de mitologia indiana na série de TV *Além da imaginação*.

O Sr. Kadam sorriu.

– Ah, Srta. Kelsey, não se preocupe. Eu não me ofendi. Durante minhas viagens e pesquisas tentando ajudar Ren e seu irmão Kishan a quebrar a maldição, tive que me abrir para novas ideias e crenças que eu mesmo jamais havia considerado. Cabe ao seu coração decidir e saber o que é real e o que não é.

– Acho que sim.

– A senhorita deve estar bem cansada da viagem. Vou lhe mostrar o quarto onde poderá descansar.

Ele me conduziu para o segundo andar, até um amplo quarto decorado em ameixa e branco com acabamentos dourados. Um vaso redondo de rosas brancas e gardênia perfumava levemente o ambiente. Uma cama de dossel com montes de almofadas cor de ameixa encontrava-se junto à parede. Um grosso tapete branco cobria o chão. Portas de vidro bisotado abriam-se para a maior varanda que eu já vira e que dava para a piscina.

– É lindo! Obrigada, Sr. Kadam.

Ele assentiu e se foi, fechando a porta suavemente ao sair.

Arranquei as meias e desfrutei da sensação de andar descalça no tapete aveludado. Portas de vidro texturizado abriam-se para um banheiro espetacular, maior do que todo o primeiro andar de Mike e Sarah. Havia uma banheira de mármore branco e um imenso chuveiro que também funcionava como sauna. Toalhas macias cor de ameixa pendiam de um suporte aquecido e frascos de vidro continham sabonetes e espumas de banho nas fragrâncias lavanda e pêssego.

Perto do banheiro havia um closet com bancos acolchoados brancos, prateleiras e gavetas. Um lado estava vazio e o outro tinha uma arara de roupas novas ainda envoltas em plástico. A cômoda também estava cheia de roupas. Uma parede inteira tinha o propósito de guardar sapatos, mas estava quase totalmente vazia. Uma caixa de sapatos nova encontrava-se ali, esperando para ser aberta.

Depois de um banho de chuveiro completamente relaxante e de trançar o cabelo, tirei minhas poucas roupas da bolsa e guardei-as no closet e na cômoda. Arrumei minha maquiagem, meu espelho, minha escova de cabelo e minhas fitas em uma bandeja espelhada sobre a pia de mármore.

Vestida com o pijama, corri para a cama e tinha acabado de pegar meu livro de poesia quando ouvi uma batida nas portas abertas da varanda. Olhei para lá e meu coração começou a bater forte no peito. Um homem estava de pé do outro lado. Vislumbrei olhos azuis – Ren, na versão príncipe indiano. Quando saí para a varanda, percebi que seu cabelo estava molhado e que ele exalava um cheiro maravilhoso, como uma mistura de cascatas e selva. Estava tão bonito que eu me senti muito mais tímida que de costume. Enquanto eu andava em sua direção, meu coração disparou ainda mais.

Ren me olhou de cima a baixo e franziu a testa.

– Por que não está usando as roupas que comprei para você? As que estão no closet e na cômoda?

– Ah... Você quer dizer que aquelas roupas são para *mim*? – perguntei, confusa. – Eu não... Mas... Por que você iria... Como... Bem, de qualquer forma, obrigada. E obrigada por me deixar usar este quarto lindo.

Ren me dirigiu um largo sorriso que me deixou sem ação. Ele pegou uma mecha do meu cabelo que se soltara na brisa, prendeu atrás da minha orelha e disse:

– Gostou das flores?

Por um momento, fiquei apenas olhando para ele, então pisquei e consegui deixar sair um fraco “sim”, quase um guincho. Ele assentiu, satisfeito, e gesticulou na direção do pátio. Assenti e inspirei o ar quando Ren me pegou pelo cotovelo e me conduziu até uma cadeira. Depois de verificar que eu estava confortável, sentou-se na cadeira à minha frente. Fiquei simplesmente olhando para ele, sem conseguir elaborar um só pensamento coerente.

– Kelsey, sei que você tem muitas perguntas para mim. O que quer saber primeiro?

Eu estava hipnotizada por seus olhos azuis brilhantes, que de alguma forma cintilavam até no escuro. Por fim, consegui sair do transe. Disse a primeira coisa que me veio à mente:

– Você não se parece com outros homens indianos. Seus... seus olhos são... diferentes e... – gaguejei, desajeitada.

Por que não consigo me controlar?

Se soei como uma idiota, Ren não demonstrou notar.

– Meu pai tinha ascendência indiana, mas minha mãe era asiática. Era uma princesa de outro país que foi prometida a meu pai como noiva. Além disso, tenho mais de 300 anos, o que também deve fazer

alguma diferença, suponho.

– Mais de 300 anos! Isso significa que você nasceu em...

– Nasci em 1657.

– Certo. – Eu me remexi na cadeira. *Parece que acho homens mais velhos extremamente atraentes.* – Então por que você aparenta ser tão jovem?

– Não sei. Eu tinha 21 anos quando me lançaram a maldição. Não envelheci mais depois disso.

Cerca de um milhão de perguntas saltavam na minha mente e de repente senti a necessidade de tentar solucionar esse enigma.

– E o Sr. Kadam? Quantos anos ele tem? E como o chefe do Sr. Kadam se encaixa nessa história? Ele sabe sobre você?

Ele riu.

– Kelsey, eu sou o chefe do Sr. Kadam.

– Você? *Você* é o rico empregador dele?

– Na verdade não definimos nosso relacionamento dessa forma, mas a explicação que ele lhe deu foi mais ou menos precisa. Quanto à idade do Sr. Kadam, isso é mais complicado. Ele é um pouco mais velho que eu. Era meu general e o conselheiro militar de confiança de meu pai. Quando a maldição recaiu sobre mim, corri para ele e consegui voltar à forma humana por tempo suficiente para lhe contar o que acontecera. Ele rapidamente organizou as coisas, escondeu meus pais e seus bens, e desde então tem sido meu protetor.

– Mas como ele pode estar vivo ainda? Deveria ter morrido há muito tempo.

Ren hesitou.

– O Amuleto de Damon o protege do envelhecimento. Ele o usa no pescoço e nunca o tira.

Eu me lembrei da viagem de avião, quando vi de relance o pendente do Sr. Kadam. Sentei-me mais na ponta da cadeira.

– Damon? Não é esse o nome do tigre de Durga?

– Isso. O nome do tigre de Durga e do amuleto são o mesmo. Não sei muito sobre essa conexão nem sobre as origens do amuleto. Tudo o que sei é que ele se quebrou em vários pedaços há muito tempo. Alguns dizem que são quatro pedaços, cada um deles representando um dos elementos básicos, os quatro ventos, ou mesmo os quatro pontos cardeais. Outros dizem que são cinco ou mais. Meu pai me deu seu pedaço e minha mãe deu o dela a Kishan.

Eu mal piscava, querendo compreender tudo. Ele continuou:

– O homem que lançou a maldição do tigre sobre mim queria nossos pedaços do amuleto. Foi por isso que enganou Kishan. Ninguém sabe com certeza que tipo de poder o amuleto exerceria se todos os pedaços fossem reunidos. Mas ele era cruel e nada o deteria em seu propósito de obter todos os pedaços e descobrir.

– Que pessoa detestável.

Ren deu de ombros.

– Então o Sr. Kadam agora usa o meu pedaço do amuleto. Nós acreditamos que seu poder o vem protegendo e mantendo vivo todo esse tempo. Embora ele tenha envelhecido, isso vem acontecendo, felizmente, muito devagar. É um amigo de grande confiança que abriu mão de muita coisa para ajudar minha família ao longo dos anos. Nunca poderei pagar minha dívida com ele. Não sei como teria sobrevivido todo esse tempo sem seu auxílio. – Ren olhou na direção da piscina e sussurrou: – O Sr. Kadam cuidou dos meus pais até a morte deles e os protegeu quando eu não pude fazê-lo.

Inclinei-me para a frente e pousei minha mão sobre a dele. Eu podia sentir sua tristeza quando falava sobre os pais. Seu sofrimento solitário de algum modo tomou conta de mim e se entrelaçou com o meu. Ele virou a mão e distraidamente começou a acariciar meus dedos com o polegar enquanto olhava a paisagem, imerso em seus próprios pensamentos.

Normalmente, eu me sentiria sem jeito ou constrangida por ficar de mãos dadas com um homem que acabara de conhecer. Em vez disso, porém, eu me sentia confortada. A perda de Ren ecoava a minha e seu toque me dava uma sensação de paz. Enquanto olhava seu rosto bonito, eu me perguntei se ele sentiria o mesmo. Eu compreendia a dor aguda do isolamento. Os orientadores na escola disseram que eu não fiquei de luto tempo suficiente após a morte dos meus pais e que isso me impedia de estabelecer vínculos com outras pessoas. Eu sempre me afastava, assustada, de relacionamentos profundos. Percebi que, de certa forma, éramos ambos solitários e senti uma grande compaixão por ele naquele momento. Eu não conseguia imaginar 300 anos sem contato humano, sem comunicação, sem alguém que olhasse em meus olhos sabendo quem eu sou. Mesmo que eu me sentisse desconfortável, eu não poderia ter lhe negado aquele momento de contato humano.

Ren me lançou um sorriso cálido e preguiçoso, beijou meus dedos e disse:

– Venha, Kelsey. Você precisa dormir e meu tempo está se esgotando.

Ele me puxou, me erguendo, de modo que fiquei muito perto dele, e quase parei de respirar. Enquanto ele segurava minha mão, senti um leve tremor atravessar a ponta dos meus dedos. Ele me levou até a porta do quarto, disse um rápido boa-noite, inclinou a cabeça e se foi.

Na manhã seguinte, investiguei meu novo guarda-roupa – cortesia de Ren. Fiquei surpresa ao ver que eram, na maior parte, jeans e blusas, roupas práticas e modernas que as garotas americanas de hoje usariam. A única diferença era que as peças tinham as cores vivas e vibrantes da Índia.

Abri o zíper de uma das sacolas no closet e fiquei perplexa ao encontrar um vestido de seda azul no estilo indiano. Era bordado com minúsculas pérolas prateadas em toda a saia e no corpete. O vestido era tão lindo que eu quis experimentá-lo na hora.

A saia deslizou suavemente sobre a minha cabeça e pelos meus braços, acomodando-se à cintura. Serviu perfeitamente. Dos quadris, ela descia até o chão em pregas pesadas – pesadas graças às centenas de pérolas costuradas na bainha. O corpete tinha mangas japonesas e também era ricamente bordado com pérolas. Ajustou-se bem ao meu corpo, terminando logo acima do umbigo. Normalmente eu jamais usaria uma roupa que me deixasse com a barriga de fora, mas aquele vestido era incrível. Girei em frente ao espelho, me sentindo uma princesa.

Por causa do vestido, resolvi que faria um esforço extra com o cabelo e a maquiagem. Peguei meu raramente usado estojo de maquiagem e passei blush, uma sombra escura e lápis azul. Finalizei com rímel e um brilho rosado nos lábios. Então, desfiz as tranças da noite anterior e penteei o cabelo com os dedos, ajeitando-o em cachos que caíam pelas costas.

Uma echarpe azul transparente acompanhava o vestido e eu a enrolei em torno dos ombros, sem saber bem como usá-la. Eu não havia planejado usar o vestido durante o dia, mas, depois de experimentá-lo, não conseguia me convencer a tirar do corpo aquela linda peça.

Descalça e me sentindo nas nuvens, desci a escada para tomar o café da manhã. O Sr. Kadam já estava na cozinha, assoviando e lendo um jornal indiano. Ele nem se deu ao trabalho de erguer os olhos.

– Bom dia, Srta. Kelsey. Seu café da manhã está na bancada da cozinha.

Saracoteei por ali, tentando chamar sua atenção, peguei meu prato e um copo de suco de papaia, e então ostentadamente ajeitei o vestido e deixei escapar um suspiro dramático enquanto me sentava diante dele.

– Bom dia, Sr. Kadam.

Ele me espiou pela borda lateral do jornal, sorriu e então pôs o jornal de lado.

– Srta. Kelsey! A senhorita está encantadora!

– Obrigada. – Corei. – Foi o senhor que o escolheu? É lindo!

– Sim. É chamada de *sharara*. Ren queria lhe dar roupas novas e eu as comprei quando estava em Mumbai. Ele também me pediu que escolhesse alguma coisa especial. Suas únicas instruções foram “bonito” e “azul”. Queria poder ter todo o crédito pela escolha, mas tive um pouco da ajuda de Nilima.

– Nilima? A comissária de bordo? Ela é sua... Quer dizer, vocês são...? – gaguejei, envergonhada.

Ele riu.

– Nilima e eu temos, sim, uma relação bem próxima, como você adivinhou, mas não do tipo que está pensando. Nilima é minha tatatatataraneta.

Meu queixo caiu. Eu estava atônita.

– Sua o quê?

– Ela é minha neta precedida por vários “tata”.

– Ren me contou que o senhor era um pouco mais velho que ele, mas não mencionou que o senhor tinha uma família.

O Sr. Kadam dobrou o jornal e bebericou o suco.

– Fui casado há muito, muito tempo e tivemos alguns filhos, que também tiveram filhos, e assim por diante. De todos os meus descendentes, somente Nilima conhece o segredo. Para a maioria deles, sou um tio distante e abastado, que está sempre viajando a negócios.

– E a sua mulher?

O sorriso do Sr. Kadam desapareceu e ele ficou pensativo.

– Foi muito difícil para nós. Eu a amava de todo o meu coração. À medida que o tempo passava, ela foi envelhecendo, e eu não. O amuleto me afetou profundamente, de maneiras que eu não esperava.

Ela sabia de tudo e dizia que isso não a aborrecia.

Ele esfregou o amuleto sob a camisa. Vendo meu interesse, puxou uma fina corrente de prata e me mostrou a pedra verde, em formato de cunha. No alto, havia o fraco contorno da cabeça de um tigre. Glifos desciam pelo círculo externo, mas o Sr. Kadam disse que só conseguia ler parte de uma palavra.

Melancólico, esfregou o amuleto entre os dedos.

– Minha querida esposa ficou velha e muito doente. Ela estava morrendo. Tirei esse amuleto do meu pescoço e implorei a ela que usasse. Ela se recusou, fechou meus dedos em volta dele e me fez jurar que nunca mais o tiraria até que meu dever estivesse cumprido.

Uma pequena lágrima rolou do canto do meu olho.

– O senhor não poderia tê-la forçado a usar e se alternarem?

Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

– Não. Ela queria seguir o curso natural da vida. Nossos filhos estavam casados e felizes, e ela achava que era hora de seguir para a próxima vida. Ela se sentia confortada sabendo que eu estaria por aqui para cuidar da nossa família.

O Sr. Kadam sorriu, pesaroso.

– Fiquei com ela até o momento de sua morte e, depois disso, com muitos de meus filhos e netos. Mas, à medida que os anos passavam, foi ficando cada vez mais difícil para mim suportar vê-los sofrendo e morrendo. Além disso, quanto mais pessoas soubessem do segredo de Ren, mais perigo ele correria, então eu os deixei. De vez em quando volto para visitar meus descendentes, mas é... difícil para mim.

– O senhor se casou novamente?

– Não. De vez em quando, procuro um de meus tataranetos e ofereço-lhe trabalho. Eles são maravilhosos. Além disso, Ren foi uma boa companhia para mim até sua captura. Eu não tentei encontrar ninguém para amar desde então. Não creio que meu coração suportasse dizer adeus mais uma vez.

– Ah, Sr. Kadam, eu sinto muito. Ren tem razão: o senhor sacrificou muitas coisas por ele.

Ele sorriu.

– Não fique triste por mim, Srta. Kelsey. Este é um tempo de celebração. *Você* entrou em nossas vidas e o fato de estar aqui me deixa muito feliz.

Tomou uma das minhas mãos nas suas, dando-lhe tapinhas, e

piscou para mim.

Eu não sabia o que dizer em resposta, então simplesmente sorri de volta para ele. O Sr. Kadam soltou minha mão, levantou-se e começou a lavar os pratos. Eu me pus de pé para ajudar no momento em que Ren entrava preguiçosamente na cozinha, dando um enorme bocejo, como só um tigre pode fazer. Eu me virei e acariciei o pelo de sua cabeça, um tanto constrangida.

– Bom dia, Ren! – falei, animada, e então rodopiei para mostrar minha roupa. – Muito obrigada pelo vestido! É muito bonito, não é? Nilima escolheu muito bem.

Ren se sentou abruptamente no chão, me observou por um momento girando em meu vestido, então se levantou e saiu.

– O que deu nele? – perguntei.

O Sr. Kadam se virou para mim enquanto enxugava as mãos em uma toalha.

– Hein?

– Ren acaba de sair.

– Quem entende os tigres? Talvez esteja com fome. Com licença um instante, Srta. Kelsey.

Sorriu para mim e foi atrás de Ren.

Mais tarde, nós dois nos acomodamos na adorável sala do pavão, que abrigava a impressionante coleção de livros do Sr. Kadam. Os livros estavam cuidadosamente arrumados em prateleiras de mogno polido. Escolhi um volume sobre a Índia que era cheio de mapas antigos.

– Sr. Kadam, o senhor pode me mostrar onde fica a caverna Kanheri? Phet disse que precisamos ir até lá para descobrir como livrar Ren da maldição.

Ele abriu o livro e apontou para um mapa de Mumbai.

– A caverna fica na parte norte da cidade, no Parque Nacional de Borivali, que agora é chamado de Parque Nacional Sanjay Gandhi. É formada por rocha basáltica e tem escrita antiga nas paredes. Eu já estive lá, mas nunca encontrei uma passagem subterrânea. Os arqueólogos estudam a caverna há anos, mas ninguém conseguiu encontrar ainda uma profecia escrita por Durga.

– E quanto ao Selo do qual Phet falou? O que é isso?

– O Selo é uma pedra especial que tem estado sob meus cuidados por todos esses anos. Eu o guardo em segurança, com muitos dos

objetos da família de Ren, em um cofre de banco. Na verdade, preciso sair agora para pegá-la. Vou trazê-la para você esta noite. Telefone para seus pais adotivos hoje para que saibam que você está bem. Pode dizer a eles que vai ficar na Índia durante o verão como minha aprendiz nos negócios, se quiser.

Assenti. Eu precisava mesmo ligar para eles. Sarah e Mike provavelmente estavam se perguntando se a essa altura eu tinha sido comida por um tigre.

– Também preciso buscar na cidade algumas coisas que vocês vão precisar levar em sua jornada até a caverna. Por favor, sinta-se em casa e descanse. Tem almoço e jantar já preparados na geladeira. Se quiser nadar, não se esqueça de usar protetor solar. Fica guardado em um armário perto da piscina, ao lado das toalhas.

Subi as escadas e encontrei meu celular sobre a cômoda no quarto. *Foi gentil da parte dele devolvê-lo depois do incidente na selva.* Sentei-me em uma espreguiçadeira de veludo dourado, liguei para meus pais adotivos e conversamos longamente sobre o trânsito, a comida e o povo da Índia. Quando eles quiseram saber sobre a reserva de tigres, me esquivei à pergunta dizendo que Ren estava sendo bem cuidado. O Sr. Kadam tinha razão. A maneira mais fácil de explicar minha permanência na Índia era dizer que eu tinha aceitado trabalhar como estagiária dele até o fim do verão.

Depois de desligar, localizei a área de serviço e lavei minhas roupas e a colcha da minha avó. Em seguida, sem nada mais para fazer, resolvi explorar cada cômodo da casa. A área do porão abrigava uma academia de ginástica totalmente equipada, mas não com aparelhos modernos. O chão era coberto por uma espécie de tatame preto acolchoado. Metade do porão era uma construção subterrânea, cavada na encosta da colina, e o restante era aberto para o sol com imensas janelas do teto ao chão. Uma porta de vidro deslizante se abria para um grande deque que levava à selva. A parede dos fundos era plana e revestida por lambris.

Havia um painel de botões ao lado da porta. Pressionei o botão superior e uma seção dos lambris se abriu, revelando uma variedade de armas antigas, como machados, lanças e facas de vários tamanhos, pendendo de compartimentos especialmente feitos para elas. Tornei a pressionar o botão e ela se fechou. Apertei o segundo botão e outra seção da parede se abriu, exibindo espadas. Cheguei mais perto para inspecioná-las. Eram muitos os diferentes estilos, indo de finos floreteres a pesadas espadas de lâminas largas e uma que se encontrava

especialmente guardada em uma caixa de vidro. Parecia uma espada samurai que certa vez eu vira em um filme.

Voltando ao primeiro andar, encontrei um *home theater* com um sistema de mídia de última geração e poltronas reclináveis de couro. Logo atrás da cozinha havia uma sala de jantar formal para banquetes, com piso de mármore, sanca e um candelabro deslumbrante. Ao lado da biblioteca do pavão, descobri uma sala de música com um reluzente piano de cauda preto e um impressionante sistema de som com centenas de CDs. Quase todos os artistas dos CDs pareciam indianos, mas também encontrei vários cantores americanos, inclusive Elvis Presley. Uma guitarra antiga de formato muito estranho pendia da parede e havia um sofá curvo de couro negro posicionado no meio da sala.

O quarto do Sr. Kadam também ficava no andar principal e se assemelhava muito à sala do pavão, com mobília de madeira polida e muitos livros. Tinha ainda alguns belos quadros e uma ensolarada área de leitura. No alto da escada, no terceiro andar, encontrei um convidativo loft. Ali havia um pequeno conjunto de estantes e duas confortáveis cadeiras de leitura num ambiente que se debruçava sobre a ampla escadaria.

Também encontrei outro quarto grande, um banheiro e uma despensa. No meu andar, encontrei mais três quartos, fora o meu. Um era decorado em tons de rosa, para uma garota – talvez para Nilima, quando viesse visitá-los. O segundo parecia ser um quarto de hóspedes, com cores mais masculinas.

Entrando no último quarto, vi portas de vidro que levavam à mesma varanda do meu. Sua decoração era simples, comparada à dos outros. A mobília era de mogno escuro polido, mas não havia detalhes nem enfeites. As paredes eram lisas e as gavetas estavam vazias.

É aqui que Ren dorme?

Vendo uma escrivadinha a um canto, me aproximei e vi um maço de papel creme grosso, uma caneta-tinteiro antiga e um tinteiro. A folha de cima tinha uma nota escrita numa linda caligrafia.

Kelsey Durgaa Vallabh

Bhumi-ke-niche gupha

Rajakiya Mujulaain Mohar

Sandesha Durgaa

Uma fita verde de cabelo que parecia muito ser uma das minhas estava perto do tinteiro. Espiei no armário e não encontrei nada – nenhuma roupa, nenhuma caixa, nenhum objeto pessoal.

Voltei para o andar de baixo e passei o resto da tarde estudando cultura, religião e mitologia indianas. Esperei até o estômago roncar para comer alguma coisa, desejando ter companhia. O Sr. Kadam ainda não voltara do banco e não havia o menor sinal de Ren.

Depois de jantar, subi e encontrei Ren novamente de pé na varanda, olhando o pôr do sol. Aproximei-me, tímida, e parei atrás dele.

– Oi, Ren.

Ele se virou e examinou a minha aparência. Seu olhar desceu cada vez mais lentamente pelo meu corpo. Quanto mais ele olhava, mais seu sorriso se abria. Por fim, seus olhos percorreram o caminho de volta até o meu rosto vermelho vivo.

Ele suspirou e fez uma reverência profunda.

– *Sundari*. Eu estava aqui pensando que nada poderia ser mais lindo que este pôr do sol, mas estava enganado. Você aí parada à luz do sol poente, com o cabelo e a pele reluzindo, é quase mais do que um homem pode... apreciar plenamente.

Tentei mudar de assunto.

– O que significa *sundari*?

– Significa “mais linda”.

Tornei a enrubescer, o que o fez rir. Ele pegou minha mão, passou-a por debaixo do seu braço e me levou para as cadeiras do pátio. O sol foi mergulhando atrás das árvores, deixando seu brilho tangerina no céu por mais alguns instantes.

Então nos sentamos ali mais uma vez, mas agora ele se acomodou ao meu lado no balanço e manteve minha mão na dele.

– Espero que você não se aborreça – arrisquei, timidamente –, mas hoje dei uma explorada na casa, inclusive no seu quarto.

– Não me aborreço. Certamente achou o meu quarto o menos interessante.

– Na verdade, fiquei curiosa com umas anotações que vi. São suas?

– Anotações? Ah, sim. Rabisquei algumas coisas para me ajudar a

gravar as palavras de Phet. Ali só diz: siga a profecia de Durga, caverna de Kanheri, Kelsey é a protegida de Durga, esse tipo de coisa.

– Ah. Eu... também vi uma fita. É minha?

– Sim. Se a quiser de volta, pode pegar.

– Para que você a quer?

Ele deu de ombros, parecendo constrangido.

– Queria uma lembrança, uma prenda da garota que salvou a minha vida.

– Uma prenda? Como uma donzela que dá seu lenço a um cavaleiro de armadura brilhante?

Ele sorriu.

– Exatamente.

Zombeei:

– Pena você não ter esperado que Cathleen ficasse um pouco mais velha. Ela vai ser muito bonita.

Ele franziu a testa.

– Cathleen do circo? – Sacudiu a cabeça. – Você foi a escolhida, Kelsey. E, se eu tivesse a opção de escolher a garota que iria me salvar, ainda teria sido você.

– Por quê?

– Por várias razões. Eu gostei de você. Você é interessante. Tinha a sensação de que via a pessoa através do pelo do tigre. Quando você falava, era como se estivesse dizendo exatamente as coisas que eu *precisava* ouvir. Você é inteligente. Adora poesia e é muito bonita.

Ri com sua afirmação. *Eu, bonita? Ele não pode estar falando sério.* Eu era comum em tantos aspectos. Não me preocupava com a maquiagem ou o estilo de cabelo da moda. Nem ligava para roupas elegantes, mas desconfortáveis, como outras adolescentes. Minha pele era pálida e meus olhos eram tão castanhos que chegavam a ser quase pretos. De longe, minha melhor característica era o sorriso, pelo qual meus pais pagaram muito caro, assim como eu – com três anos de uso de aparelho ortodôntico.

Ainda assim, eu estava lisonjeada.

– Muito bem, Príncipe Encantado, pode guardar sua lembrança. – Hesitei e então disse: – Sabe, uso essas fitas em memória da minha mãe. Ela costumava escovar meu cabelo e trançar fitas nele enquanto conversávamos.

Ren sorriu, compreendendo.

– Então ela significa ainda mais para mim.

Quando o momento passou, ele continuou:

– Bem, Kelsey, amanhã nós vamos para a caverna. Durante o dia, há muitos turistas por lá, o que significa que vamos ter que esperar até a noite para procurar a profecia de Durga. Entraremos furtivamente no parque pela selva e seguiremos a pé por um trecho, portanto use as botas de caminhada novas que compramos para você, que estão na caixa em seu closet.

– Ótimo. Nada como amaciar botas novas numa caminhada pela quente selva indiana – brinquei.

– Não vai ser assim tão ruim e, mesmo novas, as botas vão deixar seus pés mais confortáveis do que os tênis.

– Acontece que eu gosto dos meus tênis e vou levá-los comigo para o caso de suas botas me fazerem calos.

Ren esticou as pernas compridas e cruzou os pés descalços à sua frente.

– O Sr. Kadam vai nos preparar uma bolsa com itens de que podemos precisar. Vou me certificar de que ele deixe espaço para os seus tênis. Você terá que dirigir até Mumbai e o parque, pois eu estarei no banco de trás como tigre. Sei que não gosta do trânsito daqui. Lamento que tenha mais esse inconveniente.

– Não gostar do trânsito é um eufemismo – murmurei. – As pessoas daqui não sabem dirigir. Elas são *loucas*.

– Podemos pegar estradas secundárias com menos tráfego e ir de carro só até os arredores de Mumbai. Não vamos atravessar a cidade como antes. Não será tão ruim. Você dirige bem.

– Ah, é fácil para você falar. Vai dormir no banco de trás a viagem toda.

Ren tocou minha face com os dedos e gentilmente virou meu rosto para o dele.

– *Rajkumari*, quero lhe dizer obrigado. Obrigado por ficar e me ajudar. Você não sabe quanto isso significa para mim.

– De nada – sussurrei. – E o que significa *rajkumari*?

Ele me lançou um sorriso branco luminoso e habilmente mudou de assunto.

– Quer saber um pouco sobre o Selo?

Eu sabia que ele estava fugindo da minha pergunta, mas concordei:

– Quero. O que é?

– É uma pedra retangular esculpida, com cerca de três dedos de espessura. O rei sempre a usava em público. Era um símbolo dos deveres da família real. O Selo do Império tem quatro palavras esculpidas, uma em cada face: *Viveka*, *Jagarana*, *Vira* e *Anukampa*, que, traduzidas livremente, significam: “Sabedoria”, “Vigilância”, “Bravura” e “Compaixão”. Você deverá estar com o Selo quando formos para as cavernas. Phet disse que ele é a chave que abriria a passagem. O Sr. Kadam o deixará em sua cômoda antes de partirmos.

Eu me levantei, fui até a balaustrada e ergui os olhos para as estrelas que surgiam.

– Não consigo imaginar a sua vida antigamente. É tão diferente de tudo o que eu conheço.

– Tem razão, Kelsey.

– Pode me chamar de Kells.

Ele sorriu e se aproximou.

– Você está certa, *Kells*. É diferente. Tenho muito a aprender com você. Mas talvez possa *lhe* ensinar algumas coisas também. Por exemplo, a sua echarpe... Posso?

Ren tirou o xale que caía sobre os meus ombros e o estendeu diante de mim.

– Existem muitas formas de usar uma echarpe *dupatta*. Uma delas é arrumá-la sobre os ombros como você fez, outra é passar uma extremidade sobre o ombro e a outra sobre o braço, como é a moda atual. Assim.

Enrolando-a em torno de seu corpo, ele se virou para me mostrar o estilo, e eu não pude deixar de rir.

– E como é que você sabe qual é a moda atual?

– Eu sei muitas coisas. Você ficaria surpresa. – Ele soltou a echarpe novamente, enrolando-a de outra maneira. – Você também pode dobrá-la sobre o cabelo, o que é apropriado num encontro com pessoas mais velhas, pois isso demonstra respeito.

Fiz uma profunda reverência para ele, ri e disse:

– Obrigada por me mostrar como demonstrar o devido respeito, madame. E permita-me dizer que fica encantadora de seda.

Ele riu e me mostrou mais algumas maneiras de usar a echarpe, cada uma mais engraçada que a outra. Enquanto falava, eu me via encantada. *Ele é tão... atraente, charmoso, magnético, irresistível...*

cativante. Um homem lindo, quanto a isso não havia dúvida, mas, mesmo que não fosse, eu podia me imaginar sentada ao lado dele, feliz, conversando por horas.

Vi um tremor percorrer os braços de Ren. Ele esperou que passasse e deu um passo em minha direção.

– Meu estilo favorito, porém, é como você a usou hoje mais cedo, jogada solta sobre os dois braços. Assim, vejo o efeito completo de seu lindo cabelo descendo pelas costas.

Enrolando o tecido diáfano em torno dos meus ombros, ele puxou o xale e delicadamente me levou para mais perto dele. Estendeu a mão, pegou um cacho e o enrolou em torno de seu dedo.

– Esta vida é muito diferente da que eu conheço. Tantas coisas mudaram...

– Ele soltou o xale, mas continuou segurando o cacho. – Mas algumas são muito, *muito* melhores.

Ele largou o cacho, correu um dedo pela minha face e me empurrou levemente de volta ao meu quarto.

– Boa noite, Kelsey. Teremos um dia cheio amanhã.



A caverna de Kanheri

Na manhã seguinte, acordei e encontrei o Selo do Império Mujulaain na cômoda. A bonita pedra de cor creme tinha estrias dourado-alaranjadas e pendia de uma fita macia. Peguei o pesado objeto para examiná-lo mais de perto e imediatamente percebi as palavras esculpidas que Ren dissera significarem sabedoria, vigilância, bravura e compaixão. Uma flor de lótus desabrochava na base do Selo. Os detalhes no desenho demonstravam uma habilidade altamente sofisticada. Era lindo.

Se o pai era tão fiel a estas palavras quanto Ren diz que era, deve ter sido um bom rei.

Por um minuto, deixei minha imaginação criar uma versão mais velha de Ren como rei. Podia facilmente visualizá-lo liderando outras pessoas. Ele tinha algo que me fazia querer confiar nele e segui-lo. Sorri ironicamente. *As mulheres o seguiriam até em um precipício.*

O Sr. Kadam servira ao seu príncipe por mais de 300 anos. A ideia de que Ren podia inspirar uma vida de lealdade era extraordinária. Deixei de lado minhas especulações e olhei novamente com admiração para o Selo de vários séculos.

Abri a bolsa que o Sr. Kadam havia deixado e descobri que ela continha câmeras, tanto digital quanto descartável, fósforos, algumas ferramentas para cavar, lanternas, um canivete, aqueles tubinhos que emitem luz quando são agitados, papel e carvão para desenho, comida, água, mapas e alguns outros itens. Vários deles haviam sido colocados em bolsas plásticas à prova d'água. Testei o peso da bolsa e descobri que era bem razoável.

Abri o closet, corri os dedos outra vez pelo meu lindo vestido e suspirei. Vesti jeans e camiseta, calcei as novas botas de caminhada e

peguei os tênis.

No primeiro andar, encontrei o Sr. Kadam cortando mangas para o café da manhã.

– Bom dia, Srta. Kelsey – disse ele, e apontou para meu pescoço. – Vejo que a senhorita encontrou o Selo.

– Encontrei, sim. É muito bonito, mas um pouquinho pesado. – Coloquei algumas fatias de manga em meu prato e despejei um pouco de chocolate quente caseiro em uma caneca. – O senhor cuidou dele durante todos esses anos?

– Sim. Ele é muito precioso para mim. O Selo na verdade foi feito na China, não na Índia. Foi um presente dado ao avô de Ren. Selos antigos assim são bem raros. É feito de pedra *Shoushan*, que, contrariando a crença popular, não é um tipo de jade. Os chineses acreditavam que *Shoushans* eram ovos de fênix de cores vivas encontrados em ninhos no alto das montanhas. Homens que arriscavam a vida para localizá-los e capturá-los recebiam honras, glória e riqueza.

– Interessante – comentei, instigando-o a continuar seu relato.

– Somente os homens mais ricos tinham objetos entalhados nesse tipo de pedra. Receber um de presente foi uma grande honra para o avô de Ren. Este é um tesouro de família de valor inestimável. A boa notícia para você é: dizem que ter ou usar alguma coisa feita desse tipo de pedra dá sorte. Talvez a ajude na jornada mais do que você imagina.

– Parece que a família de Ren era muito especial.

– De fato era, Srta. Kelsey.

Tínhamos acabado de nos sentar para tomar iogurte com manga quando Ren entrou, sorrateiro, na cozinha e pôs a cabeça no meu colo.

Coei suas orelhas.

– Que bom que você se juntou a nós. Está ansioso para pôr o pé na estrada? Deve estar empolgado por se ver tão perto de quebrar a maldição.

Ele continuou a me olhar com intensidade, como se estivesse impaciente para sair, mas eu não queria correr. Acalmei-o com pedaços de manga. Momentaneamente satisfeito, ele se sentou e saboreou o petisco, lambendo o sumo de meus dedos.

Eu ri.

– Pare! Isso faz cócegas! – Ele me ignorou, passou para o meu braço e me lambeu quase até a manga da camiseta. – Ei, eca, Ren!

Está bem. Está bem. Vamos.

Lavei meu braço, olhei a vista da propriedade uma última vez e segui para a garagem. O Sr. Kadam já estava do lado de fora com Ren. Ele pegou a bolsa da minha mão, colocou-a no banco do carona e então segurou a porta enquanto eu subia no Jeep.

– Tome cuidado, Srta. Kelsey – advertiu o Sr. Kadam. – Ren vai protegê-la, porém são muitos os perigos no caminho. Contra alguns estamos prevenidos, mas estou certo de que vocês irão enfrentar muitos dos quais não tenho ciência. Tenha cautela.

– Eu terei. Tomara que a gente volte logo.

Fechei o vidro da janela e saí da garagem dando ré. O GPS começou a soar de novo, dizendo-me para onde ir. Mais uma vez, senti uma profunda gratidão pelo Sr. Kadam. Ren e eu estaríamos totalmente perdidos sem ele.

A viagem não teve nada de memorável. O trânsito estava muito tranquilo na primeira hora. Começou a ganhar intensidade à medida que íamos nos aproximando de Mumbai, mas a essa altura eu havia quase me acostumado a dirigir do outro lado da rua. Seguimos por cerca de quatro horas antes de eu parar no fim de uma estrada de terra que delimita o parque.

– É aqui que devemos entrar. Segundo o mapa, vamos levar duas horas e meia andando até a caverna de Kanheri. – Consultei o relógio e continuei:– Isso nos deixa com um intervalo de cerca de duas horas antes que anoiteça e os turistas vão embora.

Ren saltou do carro e me seguiu para o parque, para um local na sombra. Deitou-se na grama e eu me sentei perto dele. A princípio, usei seu corpo como apoio para as costas e então, gradualmente, fui relaxando encostada nele, usando suas costas como almofada.

Olhando para o alto das árvores, comecei a falar. Contei a Ren como fora crescer com meus pais, recordei as visitas à minha avó e as viagens de férias da família.

– Mamãe era enfermeira em uma instituição para idosos, mas depois resolveu ficar em casa e cuidar de mim – expliquei, voltando ao passado e às doces lembranças. – Ela fazia o melhor *cookie* com gotas de chocolate e creme de amendoim do mundo. Achava que demonstrar amor significava fazer *cookies* em casa e provavelmente foi esse o motivo de eu ter sido uma criança gorducha.

Ren ouvia com atenção.

– Papai era o típico pai que faz churrasco no quintal. Era

professor de matemática e acho que passou parte disso para mim, pois também gosto de matemática. Todos nós adorávamos ler e tínhamos uma pequena biblioteca em casa. Os livros do Dr. Seuss eram os meus preferidos. Mesmo agora eu quase posso sentir a presença dos meus pais quando pego um livro.

As lembranças me emocionavam, mas eu não queria parar de falar.

– Quando viajávamos, eles gostavam de se hospedar em pousadas simples, e eu ficava com um quarto só para mim. Viajamos praticamente por todo o estado e conhecemos fazendas de maçãs e minas antigas, cidades inspiradas na Bavária que serviam panquecas alemãs no café da manhã, o mar e as montanhas. Acho que você se apaixonaria facilmente pelo Oregon. Não viajei tanto quanto você, mas não posso imaginar um lugar mais bonito do que o estado onde nasci.

Mais tarde, falei sobre a escola e meu sonho de ir para a universidade, embora eu não pudesse pagar mais do que uma faculdade comunitária. Falei até do acidente dos meus pais, de como me senti sozinha quando aconteceu e de como era viver com uma família adotiva.

A cauda de Ren batia de um lado para outro, por isso eu sabia que ele estava acordado e ouvindo, o que me surpreendeu, pois achei que cairia no sono, entediado com a minha tagarelice. Por fim, minha voz foi baixando, eu mesma ficando com sono, e acabei cochilando no calor até sentir Ren se mover e ficar de pé.

Então me espreguicei.

– Já é hora de ir, não é? Muito bem. Você vai na frente.

Iniciamos a caminhada pelo parque. A vegetação ali era muito mais aberta do que no Santuário da Vida Selvagem Yawal. As árvores eram mais espaçadas. Lindas flores púrpura cobriam as colinas. Passamos por tecas e bambus, mas havia outros tipos que eu não conseguia identificar. Vários animais atravessavam em disparada à nossa frente. Eu vi coelhos, cervos e porcos-espinhos. Olhando para os galhos mais altos, podia encontrar centenas de pássaros, numa grande variedade de cores.

Enquanto andávamos sob um grupo de árvores particularmente denso, ouvi grunhidos estranhos e assustados e avistei macacos *Rhesus* se balançando nas alturas. Eram inofensivos, mas, à medida que nos dirigíamos mais para o centro do parque, vi outras criaturas mais perigosas. Eu me desviei de uma píton gigante que, pendurada em

uma árvore, nos observava com olhos negros e imóveis. Lagartos-monitores enormes de língua bifurcada e corpo comprido cruzavam correndo o nosso caminho, sibilando. Besouros grandes e gordos zumbiam preguiçosamente à nossa volta, trombavam, atarantados, em objetos em pleno voo e então prosseguiam sua jornada.

Era tudo bonito, mas ao mesmo tempo assustador, e era bom ter um tigre por perto. De vez em quando, Ren saía do caminho e circulava um trecho, o que me levava a pensar que ele estava evitando certos lugares ou talvez, estremecei, certas coisas.

Depois de cerca de duas horas de caminhada, chegamos perto da caverna Kanheri, nos limites da selva. A floresta havia se tornado mais esparsa, abrindo-se para uma colina sem árvores. Degraus de pedra levavam colina acima, até a entrada, mas ainda estávamos muito distantes para ter mais do que um simples vislumbre da caverna. Comecei a me dirigir aos degraus, mas Ren saltou à minha frente e me cutucou com o focinho, indicando que eu voltasse para as árvores.

– Quer esperar mais um pouco? Certo. Vamos esperar.

Sentados sob a proteção de uns arbustos, esperamos por uma hora. Ligeiramente impaciente, vi turistas saírem da caverna, descerem os degraus devagar e seguirem para o estacionamento. Pude ouvi-los tagarelando enquanto se afastavam em seus carros.

– Que pena que não pudemos vir de carro – observei, com inveja. – Teríamos poupado um bocado de esforço. Mas acho que as pessoas não entenderiam por que um tigre estava me seguindo por aí. Sem contar que o guarda florestal ficaria de olho na gente.

Finalmente o sol se pôs e as pessoas se foram. Ren deixou cautelosamente a proteção das árvores e farejou o ar. Satisfeito, começou a se dirigir aos degraus de pedra entalhados na colina pedregosa. A subida era longa e eu estava sem fôlego quando chegamos lá em cima.

Assim que entramos na caverna, deparamos com um bunker de pedra aberto, com cômodos que me lembravam os favos de uma colmeia, todos idênticos. Um bloco de pedra do tamanho de uma cama pequena encontrava-se posicionado do lado esquerdo de cada cômodo e prateleiras escavadas localizavam-se nas paredes dos fundos. Uma placa informava que a caverna era parte de um povoamento budista que datava do século III.

Não é estranho que estejamos procurando uma profecia hindu em um povoamento budista?, pensei ao seguirmos em frente. Mas, afinal, tudo nesta aventura é mesmo um pouco estranho.

Adentrando ainda mais a caverna, notei longos fossos de pedra conectados por arcos que corriam de um poço de pedra central e avançavam – provavelmente mais para o alto da montanha. Uma placa dizia que os fossos já haviam sido usados como aqueduto, para levar água até aquela área.

Chegando à câmara principal, corri as mãos sobre os sulcos profundos da parede elaboradamente entalhada. Sinais da antiga escrita hindu e hieróglifos haviam sido gravados nas paredes.

Os vestígios de um teto, ainda mantido em alguns pontos por pilares de pedra, lançavam sombras no local. Estátuas haviam sido entalhadas nas colunas de pedra e, enquanto andávamos, eu mantinha os olhos nelas para me certificar de que não deixariam os restos do teto desabar sobre nós.

Ren prosseguiu até os fundos da câmara principal, na direção da boca negra e escancarada da caverna que avançava ainda mais fundo na colina. Eu o segui e transpus a abertura, alcançando um piso arenoso em um amplo espaço circular. Fazendo uma pausa, deixei que meus olhos se ajustassem por um minuto. A caverna circular tinha muitas aberturas. A luz que entrava, suficiente apenas para revelar a silhueta da abertura, não conseguia penetrar nos corredores adiante e ia enfraquecendo rapidamente à medida que o sol se punha.

Peguei uma lanterna e perguntei:

– O que fazemos agora?

Ren se dirigiu para o primeiro vão sombrio e desapareceu na escuridão. Seguindo-o, abaixei-me para entrar na pequena câmara repleta de prateleiras de pedra. Perguntei-me se algum dia teria sido usada como biblioteca. Depois de percorrê-la, voltei à entrada, esperando ver uma placa gigante que dissesse “Profecia de Durga aqui!”, e de repente senti uma mão em meu ombro. Dei um pulo com o toque de Ren.

– Não faça isso! Não pode me avisar antes?

– Desculpe, Kells. Precisamos procurar em cada uma das cavernas um símbolo que pareça o Selo. Você procura em cima e eu, embaixo.

Ele apertou brevemente meu ombro e se metamorfoseou em tigre.

Estremeci. *Acho que nunca vou me acostumar com isso.*

Não vimos nenhum entalhe na câmara, então passamos para a seguinte e depois para a outra. No quarto vão, procuramos com mais cuidado, pois a caverna era cheia de glifos. Ficamos ali por pelo menos uma hora. Tampouco tivemos sorte na quinta caverna.

A sexta estava vazia. Nem sequer uma prateleira de pedra decorava as paredes, mas foi na sétima abertura que encontramos algo. O vão levava a uma câmara muito menor que as outras. Era comprida e estreita e tinha algumas prateleiras à semelhança das outras cavernas. Ren encontrou o entalhe debaixo de uma das prateleiras. Eu provavelmente não o teria visto se estivesse procurando sozinha.

Ele grunhiu suavemente para mim e enfiou o nariz sob a laje de pedra.

– O que foi? – perguntei e me abaixei.

De fato, debaixo da prateleira na parede dos fundos da câmara havia um entalhe que reproduzia perfeitamente o Selo.

– Bem, acho que é ele. Cruze os dedos, ou melhor, as garras.

Tirei o Selo do meu pescoço e o coloquei sobre o entalhe, ajustando-o até sentir que se encaixava com um clique. Esperei, mas nada aconteceu. Tentei girar o Selo e dessa vez ouvi um chiado mecânico por trás da parede. Depois de uma volta completa, senti resistência e ouvi um silvo abafado. A poeira subiu pelas bordas da parede, revelando que na verdade se tratava de uma porta.

Um ronco grave e abafado sacudiu a porta à medida que ela lentamente deslizava para trás. Tirei o Selo do encaixe, tornei a colocá-lo em meu pescoço e dirigi o fraco feixe de luz para além da porta. Vi apenas mais paredes. Ren me cutucou com o focinho, fazendo-me abrir espaço, e entrou primeiro. Eu me mantinha o mais perto possível dele e umas duas vezes quase tropecei em suas patas.

Voltando o foco da lanterna para a parede, encontrei uma tocha presa a um suporte de metal. Peguei alguns fósforos e fiquei surpresa por conseguir acendê-la quase imediatamente. A chama iluminou o corredor muito melhor do que minha modesta lanterna.

Estávamos no topo de uma escada sinuosa. Espiei com cautela por sobre a borda, vendo um abismo escuro. Como o único caminho era a escada, peguei a tocha e iniciei a descida. Um clique soou às nossas costas e, com um ligeiro silvo, a porta se fechou, trancando-nos ali.

– Ótimo – murmurei. – Vamos nos preocupar com isso só mais tarde.

Ren simplesmente me olhou e esfregou a cabeça na minha perna. Massageei o pelo de sua nuca e continuamos a descer os degraus. Ele se colocou no lado externo da escada, o que me deixava colada à parede enquanto descíamos. Eu não tinha fobia de altura, mas uma

passagem secreta, degraus estreitos, um abismo escuro e nenhum corrimão com certeza estavam me apavorando. Fiquei grata por ele ficar com o lado mais perigoso.

Descíamos devagar e meu braço começou a doer por causa da tocha. Mudei-a para a outra mão, tomando cuidado para não pingar azeite quente em Ren. Quando finalmente alcançamos a base poeirenta da escada, outra passagem escura se abriu diante de nós e deparamos com uma bifurcação. Soltei um gemido.

– Que caminho seguimos agora?

Ren entrou em um dos corredores e farejou o ar. Então passou ao outro e ergueu a cabeça para farejar novamente. Voltando ao primeiro, ele prosseguiu. Eu também farejei o ar, só para ver se conseguia perceber o mesmo que ele, mas a única coisa que senti foi um odor acre e insalubre, parecido com enxofre. O cheiro amargo impregnava a caverna e parecia se intensificar a cada curva que fazíamos.

Avançamos quase no escuro, serpenteando pelo labirinto subterrâneo. A tocha lançava uma luz bruxuleante nas paredes, criando sombras assustadoras que dançavam em círculos sinistros. Enquanto prosseguíamos pelo labirinto lúgubre, encontramos várias áreas abertas onde os caminhos se ramificavam. Ren tinha que parar e cheirar cada passagem antes de escolher a que ele achava que nos levaria na direção certa.

Pouco depois de passar por uma dessas áreas abertas, um som aterrorizante sacudiu a passagem. Um martelar metálico soou bem alto e um portão de ferro com pontas afiadas cravou-se no chão logo atrás de mim. Girei rapidamente e gritei de medo. Nós não só estávamos em um labirinto antigo e escuro como estávamos em um labirinto antigo e escuro cheio de armadilhas.

Ren veio para o meu lado e se manteve bem perto, o suficiente para que eu mantivesse a mão em seu pescoço. Cravei os dedos em seu pelo e segurei com força para me tranquilizar. Três curvas depois, ouvi um zumbido abafado vindo de uma das passagens à frente. O zumbido aumentava de volume à medida que nos aproximávamos.

Dobrando uma esquina, Ren parou e olhou diretamente à frente. Seu pelo se eriçou e espetou os meus dedos. Ergui a tocha para ver por que ele havia parado e agarrei com força seu pelo ao mesmo tempo que arregalava os olhos e começava a tremer.

O corredor adiante estava se mexendo. Besouros negros gigantes, do tamanho de bolas de beisebol, subiam preguiçosamente uns sobre

os outros, obstruindo a passagem à nossa frente. As estranhas aberrações pareciam limitar seus movimentos àquele corredor.

– É... Ren? Tem certeza de que precisamos ir naquela direção? Esta outra passagem parece um pouco melhor.

Ele deu um passo, aproximando-se da esquina. Relutante, eu o segui. Os besouros tinham exosqueletos pretos e brilhantes, seis pernas peludas, antenas tremulantes e duas mandíbulas pontudas na frente que estalavam, abrindo-se e fechando-se como tesouras afiadas. Alguns deles abriam asas negras espessas e zumbiam ruidosamente ao voar para a parede oposta. As pernas espinhentas de outros besouros prendiam-se ao teto.

Olhei para Ren e engoli em seco quando ele avançou, determinado a atravessar a passagem. Ele se virou para trás e me olhou.

– Está bem, Ren. Eu vou. Mas vou correr o caminho todo. Tente me acompanhar.

Dei alguns passos para trás, segurei com mais força a tocha e disparei à frente. Estreitando os olhos, corri com os lábios apertados, um grito no fundo da garganta o tempo todo. Atravessei a passagem o mais rápido possível e quase perdi o equilíbrio algumas vezes, quando minhas botas patinavam sobre vários besouros ao mesmo tempo, esmagando-os. Uma imagem horrível cruzou minha mente: cair de cara naquele monte de insetos. Decidi tomar mais cuidado com os pontos onde pisava.

Tinha a sensação de estar correndo em um rolo gigante de plástico bolha e cada passo meu estourava várias bolhas enormes. Os besouros explodiam como sachês de ketchup e espirravam uma gosma verde em todas as direções. Isso, naturalmente, perturbou os outros besouros. Vários levantaram voo e começaram a enxamear em torno do meu corpo, aterrissando na minha calça, na minha blusa e no meu cabelo. Eu conseguia desviá-los do rosto com a mão livre, que várias vezes foi espetada por suas mandíbulas.

Chegando finalmente ao outro lado, comecei a me sacudir convulsivamente para me livrar de quaisquer possíveis caronas. Tive que arrancar com a mão alguns que não queriam se soltar, inclusive um que subia pelo meu rabo de cavalo. Então comecei a limpar a sola das botas na parede enquanto tentava ver Ren.

Ele corria em disparada pela passagem, que continuava a zumbir, e, com um grande salto, aterrissou ao meu lado, sacudindo-se violentamente. Vários besouros ainda se agarravam ao seu pelo, de

modo que tive que empurrá-los com o cabo da tocha. Um deles havia beliscado sua orelha com força suficiente para fazê-la sangrar. Para minha sorte, eu conseguira atravessar sem que nenhum me beliscasse a ponto de rasgar a pele.

– Acho que usar roupas ajuda, Ren. Eles acabam beliscando as roupas em vez da pele. Pobre tigre. Você tem besouros esmagados em todas as patas. Eca! Pelo menos eu tenho a vantagem das botas.

Ele sacudiu as patas, uma de cada vez, e eu o ajudei a tirar corpos de besouros dos espaços entre seus dedos. Estremecendo uma última vez, acelerei o passo para pôr o máximo de distância possível entre os besouros e nós.

Cerca de 10 curvas depois, pisei em uma pedra que afundou no chão. Paralisada, esperei que a próxima armadilha fosse acionada. As paredes começaram a se sacudir e pequenos painéis de metal se projetaram delas, fazendo com que lanças de metal, pontudas e afiadas, surgissem de ambos os lados. Deixei escapar um gemido. Além das lanças, a armadilha também consistia em um óleo negro e viscoso que jorrava de canos de pedra, cobrindo o chão.

Ren assumiu a forma humana.

– Tem veneno na ponta das lanças, Kelsey. Posso sentir o cheiro. Fique no meio. Tem espaço suficiente para passarmos, mas não se deixe nem mesmo arranhar por estas pontas.

Dei outra olhada nas lanças compridas e pontudas e estremei.

– Mas e se eu escorregar?

– Segure com força o meu pelo. Vou usar minhas garras como âncoras enquanto avançamos bem devagar. Não corra agora.

Ren voltou à forma de tigre. Ajeitei a mochila e me agarrei com força ao pelo de sua nuca. Ele deu um passo cauteloso na poça de óleo, testando-a primeiro com uma das patas. Ela deslizou um pouco e eu vi as garras emergirem e mergulharem no óleo e depois no piso de terra. Ele então as cravou com força no chão escorregadio. Depois de firmar a perna, ele deu outro passo e firmou as garras da outra pata. Depois que essa pata estava apoiada com firmeza, ele teve que puxar com força para erguer a outra pata.

Era um processo meticuloso e tedioso. Cada lança letal estava posicionada a intervalos aleatórios, de modo que eu não podia nem me acostumar a um ritmo. Era preciso concentrar toda a atenção nelas. Havia uma na altura da minha panturrilha, outras perto do pescoço, da cabeça, da barriga. Comecei a contar e parei quando

cheguei a 50. Todo o meu corpo tremia por causa do esforço de contrair os músculos e me mover, rígida, por tanto tempo. Um passo em falso e eu estaria morta.

Felizmente Ren estava avançando bem devagar, pois mal havia espaço para andarmos lado a lado. Tínhamos apenas uns 2 centímetros de espaço livre de cada lado. Eu dava cada passo com todo o cuidado. O suor escorria pelo meu rosto. Mais ou menos na metade do caminho, soltei um grito. Devo ter pisado em um local particularmente escorregadio, pois minha bota deslizou. Meu joelho se dobrou e eu cambaleei. Havia uma ponta de ferro na altura do meu peito, mas no último segundo virei o corpo e ela se cravou na mochila, e não no meu braço. Ren ficou paralisado, esperando pacientemente que eu me endireitasse.

Arquejei e me ergui, um membro trêmulo de cada vez. Foi um milagre eu não acabar empalada. Quando Ren emitiu um gemido, eu lhe dei tapinhas nas costas.

– Estou bem – tranquilizei-o.

Tive sorte, muita sorte. Prosseguimos ainda mais devagar e por fim emergimos na outra extremidade, trêmulos porém salvos. Deixei-me cair no chão de terra e gemi, esfregando meu pescoço rígido.

– Depois das lanças, os besouros não parecem assim tão ruins. Acho que eu prefiro passar por eles de novo a enfrentar essas aí.

Ren lambeu meu braço e fez um carinho em sua cabeça.

Após um rápido descanso, prosseguimos. Atravessamos várias outras passagens sem que nada acontecesse. Eu estava começando a baixar a guarda quando ouvi um barulho e uma porta afundou atrás de nós. Outra começou a descer à frente, e corremos para atravessá-la, mas não conseguimos. Bem, Ren poderia ter atravessado, mas ele não iria sem mim.

Um ruído gorgolejante começou a soar em canos acima de nossas cabeças e um painel se abriu no teto. Um momento depois, fomos lançados ao chão por uma torrente de água que caiu sobre nós. Ela apagou nossa tocha e rapidamente começou a encher a câmara. A água já estava nos meus joelhos quando consegui me pôr de pé novamente. Abri um zíper da mochila, Tateando cegamente. Encontrando um tubo comprido, dei-lhe uma batida, sacudi-o e o líquido ali dentro começou a brilhar. A luz amarela tingiu o pelo branco de Ren.

– O que vamos fazer? Você sabe nadar? Vai cobrir sua cabeça

primeiro!

Ren se transformou em homem.

– Os tigres sabem nadar. Posso prender a respiração mais tempo como tigre do que como homem.

A água agora estava na nossa cintura e ele rapidamente me puxou além do cano de onde a água jorrava até a porta à nossa frente. Quando a alcançamos, eu já estava flutuando. Ren mergulhou, procurando uma saída.

Quando sua cabeça reemergiu, ele gritou:

– Tem outra marca do Selo na porta. Tente inserir o Selo e girá-lo, como você fez antes!

Assenti e respirei fundo. Debaixo da água, tateei ao longo da porta, procurando a marca. Quando finalmente a encontrei, estava ficando sem fôlego. Lutando para chegar à superfície, bati com força as pernas, sobrecarregada com a mochila pesada e o Selo que pendia do meu pescoço. Ren estendeu os braços debaixo da água, agarrou a mochila e me puxou para a superfície.

Agora estávamos flutuando perto do teto. Iríamos nos afogar a qualquer instante. Respirei fundo algumas vezes.

– Você consegue, Kells. Tente de novo.

Enchi os pulmões mais uma vez e arranquei o Selo do pescoço. Ren soltou a mochila e eu mergulhei novamente, tomando impulso até a base da porta. Pressionei o Selo no sulco e o girei para um lado e para outro, mas ele não se moveu.

Ren havia voltado à forma felina e agora descia nadando até mim. Suas patas rasgavam a água, e o movimento jogava o pelo de seu rosto para trás, dando-lhe uma aparência assustadora, como um monstro marinho branco listrado. A carranca de dentes pontudos também não ajudava. Eu estava ficando sem ar outra vez, mas sabia que a câmara fora inundada e que não havia mais opções.

Entrei em pânico e comecei a pensar o pior. *Eu morreria aqui. Nunca seria encontrada. Não teria um enterro. Qual seria a sensação de me afogar? Seria rápido. Só leva um minuto ou dois. Meu cadáver ficaria inchado, flutuando para sempre perto do corpo de tigre de Ren. Aqueles besouros horríveis entrariam aqui e comeriam o meu corpo? De alguma forma, isso parecia pior do que a morte em si. Ren podia prender o fôlego por mais tempo. Ele me veria morrer. Imaginei como se sentiria com isso. Lamentaria? Sentiria culpa? Será que ele se bateria contra a porta?*

Lutei contra a vontade desesperada de nadar para a superfície.

Não havia mais superfície. Não havia mais ar. Frustrada e apavorada, esmurrei o Selo e senti um leve movimento. Bati novamente, com mais força, e ouvi um barulho. A porta finalmente começou a se levantar e o Selo caiu. Estendi o braço em desespero, mal conseguindo agarrar a fita entre dois dedos enquanto a água jorrava pela porta, levando-nos com ela.

A torrente nos jogou no corredor seguinte e então escorreu por buracos de drenagem, deixando o chão encharcado e lamacento. Arquejei e tossi, inspirando o ar em grandes golfadas. Olhei para Ren, ri e então tossi novamente. Mesmo engasgando, eu ainda ria.

– Ren – *riso-tosse* –, você está parecendo um – *tosse-tosse-riso* – gato afogado!

Ele não deve ter achado graça. Ren bufou, veio até mim e sacudiu-se como um cachorro, espalhando água e lama por toda parte. Seu pelo projetava-se como agulhas molhadas.

– Ei! Muito obrigada! Ah, não tem problema. Ainda assim é engraçado.

Tentei espremer a água de minhas roupas, tornei a colocar o Selo no pescoço e resolvi verificar as câmeras para ter certeza de que a água não havia penetrado nas sacolas. Virei o conteúdo da mochila no chão. Os objetos caíram em uma poça lamacenta que salpicou em minhas roupas empapadas. Exceto pela comida ensopada, tudo o mais estava bem protegido. Graças à providência do Sr. Kadam, as câmeras pareciam intactas.

– Bem, não temos nada para comer. Mas, fora isso, estamos bem.

Relutante, tornei a me levantar. Desconfortável e encharcada, resmunguei por pelo menos uns 10 minutos. Minhas botas faziam chape-chape e as roupas molhadas me irritavam.

– O lado bom é que lavamos os restos dos besouros e o óleo – murmurei.

Quando a luz do tubo morreu, tirei uma lanterna da mochila e a sacudi. Ouvi o barulho de água dentro dela, mas mesmo assim ela funcionou. Fizemos algumas curvas para a esquerda, em seguida uma para a direita e chegamos a um comprido corredor, mais comprido do que qualquer outro por que já tínhamos passado. Ren e eu começamos a atravessá-lo. Aproximadamente no meio, Ren parou, saltou à minha frente e começou a me forçar a recuar – rápido.

– Que ótimo! O que foi agora? Escorpiões?

Naquele momento, um grande estrondo sacudiu o túnel. O chão

arenoso sobre o qual eu estivera instantes antes ruiu. Recuei, tropeçando, enquanto o chão continuava a se esfacelar e mergulhar em um abismo profundo. Os tremores pararam de repente e então eu engatinhei até a beirada para olhar para baixo. Segurar a lanterna sobre a borda não ajudou muito, pois ainda assim não conseguia ver a profundidade do buraco.

Frustrada, gritei para o buraco:

– Quem você pensa que eu sou? Indiana Jones? Acho melhor saber que não tem nenhum chicote nesta mochila! – Gemi e me volvei para Ren. Indicando o caminho do outro lado do abismo, eu disse: – Suponho que é *nesta* direção que devemos ir, certo?

Ren baixou a cabeça e espiou o abismo. Então pôs-se a andar de um lado para outro ao longo da borda, examinando as paredes e olhando para a passagem que prosseguia do outro lado. Desabei contra a parede, puxei uma garrafa de água da mochila, tomei um longo gole e fechei os olhos.

Senti uma mão quente tocar a minha.

– Precisamos encontrar uma forma de transpor o abismo.

– Fique à vontade para tentar.

Fiz um gesto dispensando-o e volvei a beber minha água.

Ele foi até a borda e espiou do outro lado, avaliando a distância. Mudando para a forma de tigre, voltou alguns passos na direção de onde viéramos, ficou de frente e disparou a toda velocidade na direção do buraco.

– Ren, não! – gritei.

Ele saltou, transpondo o buraco facilmente, e aterrissou com leveza, apoiado nas patas da frente. Então se afastou um pouco da outra borda e fez o mesmo para voltar. Aterrissou aos meus pés e assumiu a forma humana.

– Kells, tenho uma ideia.

– Só espero que você não me inclua nela. Ah, já sei. Você quer amarrar uma corda na sua cauda, saltar, amarrá-la do lado de lá e então me fazer atravessar pela corda, certo?

Ele olhou para cima, como se considerasse a ideia, e então sacudiu a cabeça.

– Não, você não tem força para fazer algo assim. Além disso, não temos corda nem nada em que amarrar uma corda.

– Certo. Então qual é o plano?

Segurando minhas mãos, ele explicou:

– O que vou propor vai ser muito mais fácil. Confia em mim?

– Confio em você. Só que... – Olhei em seus olhos azuis preocupados e suspirei. – Está bem. O que eu tenho que fazer?

– Você viu que eu pude transpor esse espaço muito bem como tigre, certo? Então, quero que fique parada bem na beira do abismo e espere por mim. Vou correr até o fim do túnel, ganhar velocidade e saltar como tigre. Ao mesmo tempo, quero que você salte e agarre meu pescoço. Vou mudar para a forma humana em pleno ar para poder segurá-la e cairemos juntos do outro lado.

Bufei com desdém e ri.

– Você está brincando?

Ele ignorou meu ceticismo.

– Vamos precisar cronometrar com precisão e você terá que saltar também, na mesma direção, porque, se não fizer isso, eu simplesmente vou atingi-la com toda a força e arremessar nós dois lá no fundo.

– Está falando sério? Quer mesmo que eu faça isso?

– Estou falando sério. Venha. Fique aqui enquanto eu pratico algumas vezes.

– Não podemos simplesmente encontrar outro corredor ou coisa parecida?

– Não tem outro. Este é o caminho certo.

Com relutância, parei perto da borda e fiquei olhando enquanto ele saltava para um lado e para outro algumas vezes. Observando o ritmo de sua corrida e do salto, comecei a compreender o que ele queria que eu fizesse. Mas cedo demais Ren estava de volta à minha frente.

– Não posso acreditar que você me convenceu a fazer isso. Tem certeza? – perguntei.

– Sim, tenho certeza. Está pronta?

– Não! Preciso de um minuto para escrever mentalmente meu testamento.

– Kells, vai dar tudo certo.

– Claro que vai. Muito bem, deixe-me olhar o lugar em que estamos. Quero ter certeza de que posso registrar cada minuto dessa experiência em meu diário. Se bem que essa deve ser uma atitude inútil, porque com certeza vou morrer na queda.

Ren pôs a mão no meu rosto, olhou nos meus olhos e disse com

firmeza:

– Kelsey, confie em mim. Eu *não* vou deixar você cair.

Assenti, ajustei as correias da mochila nos ombros e me dirigi com nervosismo à beira do abismo. Ren voltou à forma felina e disparou até o fim do corredor. Ele se abaixou e então lançou-se à frente em um ímpeto veloz. Um imenso animal corria em disparada, vindo na minha direção, e todos os meus instintos me diziam que corresse – corresse o mais depressa possível na direção contrária. O medo do abismo às minhas costas diminuiu diante da possibilidade de ser atropelada por um animal daquele tamanho.

Eu quase fechei os olhos de medo, mas me controlei no último segundo, corri dois passos à frente e lancei meu corpo no vazio. No mesmo instante Ren deu um salto impressionante e eu estendi os braços para envolver com eles o seu pescoço.

Comecei a me agarrar desesperadamente em seu pelo, percebendo que eu estava caindo, e então senti braços que me agarravam pela cintura. Ele me apertou de encontro ao peito musculoso e giramos no ar de modo que ele ficou debaixo de mim. Aterrissamos do outro lado do abismo com um ruído seco que me tirou o ar enquanto batíamos no chão e deslizávamos um pouco com as costas de Ren.

Sorvi profundamente o ar para dentro de meus pulmões em frangalhos. Assim que consegui voltar a respirar, examinei as costas de Ren. A camisa branca estava suja e rasgada, e sua pele, arranhada e sangrando em diversos pontos. Peguei uma camisa molhada na mochila para limpar seus arranhões, enquanto removia pequenos pedaços de cascalho cravados na pele.

Quando terminei, agarrei Ren pela cintura em um abraço forte. Ele me envolveu com os braços e me puxou para mais perto. Sussurrei de encontro ao seu peito, em voz baixa porém firme:

– Obrigada. Mas nunca... nunca... *nunca* mais faça isso!

Ele riu.

– Se eu causar efeitos como este, com certeza vou fazer.

– Não vai, *não*!

Com relutância ele me soltou e eu comecei a murmurar comigo mesma, queixando-me de tigres, homens e besouros. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo por sobreviver a uma experiência de quase morte. Eu praticamente podia ouvi-lo entoando para si mesmo: “Eu triunfei. Venci. Sou um homem, etc. etc.” Sorri com desdém. *Homens! Não importa de que século sejam, são todos iguais.*

Examinei minhas coisas para ter certeza de que tinha tudo de que precisava e então tornei a pegar a lanterna. Ren se transformou novamente em tigre e tomou a minha frente.

Atravessamos mais algumas passagens até encontrar uma porta com símbolos gravados. Não havia maçaneta nem puxador. Do lado direito, a cerca de um terço da altura, via-se a marca da palma de uma mão com desenhos semelhantes aos da minha. Olhei para a minha mão e a virei. Os símbolos eram uma imagem espelhada.

– São iguais aos desenhos de Phet!

Pousei a mão sobre a porta de pedra fria, alinhando-a com o desenho, e senti um formigamento quente. Tirei a mão e olhei para a minha palma. Os símbolos brilhavam em vermelho, mas, estranhamente, isso não doía. Aproximei a mão da porta novamente e senti o calor aumentar outra vez. Centelhas elétricas começaram a crepitar entre a porta e a minha mão à medida que eu a aproximava. Parecia que uma tempestade de raios em miniatura estava se abatendo entre minha mão e a pedra, e então senti a pedra se mover.

A porta se abriu para dentro, como se puxada por mãos invisíveis, dando-nos passagem. Entramos em uma ampla gruta que brilhava levemente por causa do líquen fosforescente que crescia nas paredes de pedra. O centro da gruta abrigava um monólito alto e retangular com uma pequena coluna de pedra erguida diante dele. Limpei a poeira da coluna e vi um par de marcas de mãos – uma direita e uma esquerda. A impressão direita parecia a mesma da porta, mas a esquerda tinha os mesmos desenhos feitos nas costas da minha mão direita.

Experimentei colocar ambas as mãos no bloco de pedra, mas nada aconteceu. Pus as costas da mão direita sobre a marca da mão esquerda. Os símbolos começaram a emitir um brilho vermelho novamente. Virando a mão, coloquei-a, com a palma para baixo, sobre a marca da mão direita e senti mais do que um formigamento morno dessa vez. A conexão crepitava com energia e o calor jorrava da minha mão para a pedra.

Ouvi um ronco grave no topo do monólito e um ruído de algo sendo sorvido. Um líquido dourado transbordou sobre o topo da construção e começou a jorrar pelos quatro lados, reunindo-se em uma bacia na base. A solução reagia a alguma coisa na pedra, que sibilava e fumegava enquanto o líquido espumava, borbulhava e chiava, e por fim gotejava na bacia.

Depois que os silvos cessaram e o vapor clareou, arquejei, em

choque, vendo que entalhes de glifos haviam aparecido nos quatro lados da pedra, onde antes não havia nada.

– Acho que é isto, Ren. A profecia de Durga! Era o que estávamos procurando!

Peguei a câmera digital e comecei a fotografar a estrutura. Depois tirei mais algumas fotos com a câmera descartável, como medida de segurança. Em seguida, peguei papel e carvão e fiz uma cópia das gravuras das mãos na pedra e na porta, colocando o papel sobre elas e cobrindo-as com o carvão. Eu precisava documentar tudo para que o Sr. Kadam pudesse decifrar o significado daquilo.

Rodeei o monólito tentando compreender alguns símbolos e então ouvi um grito de Ren. Eu o vi erguer a pata e colocá-la no chão novamente com cuidado. O ácido dourado estava vazando da bacia em pequenos riachos e avançando pelo piso de pedra, preenchendo todas as ranhuras. Olhei para baixo e vi que meu cadarço fumegava onde encostava em uma poça dourada.

Tínhamos os dois acabado de saltar para a parte arenosa do piso quando outro grande estrondo sacudiu o labirinto. Do teto alto começaram a cair pedras. Elas batiam no piso de pedra e se estilhaçavam. Ren me focinhou, me forçando a ir de encontro à parede, onde me abaixei, protegendo a cabeça. Os tremores aumentaram e, com um estampido ensurdecedor, o monólito se partiu em dois, caindo no chão e se despedaçando. O ácido dourado borbulhava através da bacia quebrada e foi se espalhando pelo chão, destruindo lentamente a pedra e tudo mais que tocava.

O ácido avançou em nossa direção até não haver mais para onde irmos. A porta estava bloqueada, encerrando-nos ali, e parecia não existir outra saída. Ren se ergueu, farejou o ar e afastou-se um pouco. Apoiado nas patas traseiras, pôs as garras na parede e começou a arranhar furiosamente alguma coisa.

Aproximando-me dele, vi que ele tinha aberto um buraco e que havia estrelas do outro lado! Ajudei-o a cavar e a deslocar as pedras até que o buraco fosse grande o bastante para ele atravessá-lo com um salto. Depois que ele saiu, atirei a mochila pela abertura e a transpus, caindo do outro lado e rolando pelo chão.

Naquele momento, uma rocha imensa caiu com estardalhaço, fechando o buraco. Os tremores diminuíram até cessarem de todo. O silêncio desceu sobre a selva escura, onde ficamos parados, enquanto uma poeira fina e leve pairava no ar e caía suavemente sobre nós.



A profecia de Durga

Levantei-me devagar, bati a poeira dos braços e encontrei a lanterna. Senti a mão de Ren agarrar o meu ombro enquanto ele me fazia girar e me examinava.

– Kelsey, você está bem? Você se machucou?

– Não. Estou bem. Então, acabamos aqui? A caverna de Kanheri foi divertida e tudo o mais, só que agora eu queria ir para casa.

– Sim – concordou Ren. – Vamos voltar para o carro. Fique bem perto de mim. Animais que estavam dormindo quando atravessamos a selva estão acordados agora, e caçando. Precisamos ter cuidado.

Ele apertou o meu ombro, metamorfoseou-se novamente em tigre e se dirigiu para o meio das árvores.

Parecia que estávamos no lado mais distante das cavernas, talvez um quilômetro além delas, na base de um morro íngreme. Ren me guiou, contornando o morro até os degraus de pedra que havíamos subido tantas horas atrás.

Na verdade, era melhor andar pela selva à noite, já que eu não podia ver todas as criaturas assustadoras que certamente nos espiavam, mas, depois de uma hora e meia, eu nem me importava se havia animais me observando ou não. Estava morta de cansaço. Mal conseguia manter os olhos abertos e as pernas em movimento.

Bocejando pela centésima vez, perguntei outra vez a Ren:

– Já chegamos?

Ele rosnou em resposta e então parou repentinamente, abaixou a cabeça e espreitou a escuridão.

Com os olhos fixos na selva, Ren se transformou em homem e sussurrou:

– Estamos sendo caçados. Quando eu disser corra, vá por ali e não olhe para trás... Corra!

Ele apontou para a minha esquerda e se lançou dentro da floresta escura como tigre. Logo ouvi um rugido impressionante e ameaçador sacudir as árvores. Despertando meu corpo cansado, saí em disparada. Não tinha a menor ideia de para onde estava indo, mas tentei me manter na direção que ele apontara. Corri pelo meio da selva por cerca de 15 minutos antes de reduzir o ritmo. Respirando pesadamente, parei e fiquei escutando os sons na escuridão.

Ouvi felinos, felinos grandes, lutando. Pareciam estar a mais de um quilômetro dali, mas eram ruidosos. Outros animais estavam em silêncio. Deviam estar ouvindo a briga também.

Rosnados e rugidos profundos ecoavam pela selva. Pareciam vir de mais do que dois animais e comecei a me preocupar com Ren. Andei por outros 15 minutos, os ouvidos atentos, tentando distinguir os sons de Ren do som dos outros animais. De repente, fez-se um silêncio mortal.

Será que ele os afugentou? Será que está bem? Devo voltar e tentar ajudá-lo?

Morcegos voejavam acima de minha cabeça à luz da lua, enquanto eu refazia meus passos apressadamente. Eu havia percorrido cerca de meio quilômetro no que esperava fosse a direção certa quando ouvi estalos e um farfalhar nos arbustos e vi um par de olhos amarelos me observando da escuridão.

– Ren? É você?

Uma forma emergiu dos arbustos e se abaixou, me observando.

Não era Ren.

Uma pantera negra me encarava, avaliando minha capacidade de luta. Eu não me mexi. Sabia que, se me movesse, ela saltaria imediatamente sobre mim. Empertiguei-me em minha altura máxima e tentei parecer grande demais para ser comida.

Analizamos uma à outra por mais um minuto. Então, a pantera saltou. Num momento ela estava agachada, a cauda batendo de um lado para outro, e no momento seguinte ela acelerava na direção da minha cabeça.

As garras afiadas da pantera estavam estendidas e reluziam à luz da lua. Paralisada, fiquei ali, olhando as garras e a bocarra cheia de dentes do felino que se aproximava, rosnando, do meu rosto e do meu pescoço. Gritei, ergui as mãos para proteger a cabeça e esperei que

garras e dentes rasgassem minha garganta.

Ouvi um rugido, senti uma lufada de ar roçar o meu rosto e então... nada. Abri os olhos e girei, procurando a pantera.

O que aconteceu? Como ela pode ter errado o salto?

Um lampejo branco e preto rolou entre as árvores. Era Ren! Ele havia atacado a pantera em pleno ar e a tirara de meu caminho. A pantera grunhiu para Ren e o rodeou por um momento, mas Ren rosnou de volta e deu com a pata na cara dela. A pantera, não querendo enfrentar um felino duas vezes maior que ela, rugiu novamente e disparou selva adentro.

A espectral silhueta branca e preta de Ren mancou em meio às árvores até mim. Havia arranhões cobertos de sangue nas suas costas e a pata direita estava machucada, talvez quebrada, fazendo-o mancar. Em um segundo, ele se transformou em homem e caiu aos meus pés, arfando. Segurou a minha mão.

– Você está ferida? – perguntou ele.

Abaixei-me perto dele e abracei seu pescoço com força, aliviada por ambos termos sobrevivido.

– Estou bem. Obrigada por me salvar. Estou tão feliz que você esteja vivo. Consegue andar?

Ren assentiu, me dirigiu um sorriso débil e retornou à sua forma de tigre branco. Com uma lambida na pata, ele inspirou profundamente e começou a andar.

– Então vamos. Estou bem atrás de você.

Mais uma hora de caminhada e chegamos ao Jeep. Cansados demais para fazer qualquer outra coisa, bebemos litros de água cada um, rebatemos o banco traseiro e nos deitamos. Caí em um sono profundo, com o braço apoiado em Ren.

O sol se ergueu rápido demais e começou a esquentar o carro. Acordei empapada de suor. Meu corpo inteiro estava dolorido e imundo. Ren também estava exausto e ainda sonolento, mas seus arranhões não pareciam tão ruins. Na verdade, surpreendentemente, estavam quase cicatrizados. Eu sentia minha língua áspera e grossa, e tinha uma dor de cabeça terrível.

Gemi ao me sentar.

– Argh, eu me sinto péssima, e nem tive que lutar com panteras. Um chuveiro e uma cama macia são tudo de que preciso. Vamos para casa.

Abrindo a mochila, verifiquei cada uma das câmeras e os desenhos de carvão e os guardei antes de dar partida no Jeep e me misturar ao trânsito matinal.

Quando chegamos, o Sr. Kadam surgiu correndo pela porta e começou a me encher de perguntas. Entreguei-lhe a mochila e caminhei como um zumbi na direção da casa, murmurando:

– Chuveiro. Dormir.

Subi as escadas, tirei as roupas sujas e entrei no box. Quase dormi em pé sob a água morna que batia nas minhas costas, massageando minhas dores e lavando o suor e a lama. Obriguei-me a despertar para ensaboar o cabelo e não sei como consegui sair e me secar. Vesti o pijama e caí na cama.

Cerca de 12 horas depois acordei diante de uma bandeja coberta e me dei conta de que estava morrendo de fome. O Sr. Kadam havia se superado. Uma pilha de crepes se erguia ao lado de um prato de rodelas de banana, morangos e mirtilos, acompanhados de calda de morango, uma tigela de iogurte e uma caneca de chocolate quente. Ataquei meu lanche da meia-noite. Comi todos os deliciosos crepes e então levei o chocolate para a varanda.

Estava frio do lado de fora, então me aconcheguei em uma cadeira confortável, me enrolei na minha colcha e fiquei bebericando o chocolate quente. Uma brisa soprava meus cabelos no rosto e, quando levei a mão para afastá-los, percebi, desolada, que de tão cansada eu esquecera de penteá-los depois do banho. Fui pegar a escova e voltei para minha cadeira aconchegante.

Escovar meu cabelo já era bem difícil depois do banho. Deixá-lo secar sem pentear era um erro imperdoável. Ele estava cheio de nós e eu não havia feito muito progresso quando a porta no fim da varanda se abriu e Ren apareceu. Dei um gritinho, assustada, e me escondi atrás dos cabelos. *Perfeito, Kells.*

Ele ainda estava descalço, mas vestia calça cáqui e uma camisa de botões azul-celeste que combinava perfeitamente com seus olhos. O efeito era magnético e ali estava eu em um pijama de flanela com uma moita gigantesca na cabeça.

Ren se sentou diante de mim e disse:

– Boa noite, Kelsey. Dormiu bem?

– Dormi. E você?

Ele exibiu seu sorriso branco deslumbrante e assentiu levemente com a cabeça.

– Você está com algum problema? – perguntou, observando com uma expressão divertida minha tentativa de desembaraçar os cabelos.

– Não. Está tudo sob controle.

Eu queria desviar sua atenção do meu cabelo, então disse:

– Como estão suas costas e seu... braço?

Ele sorriu.

– Estão ótimos. Obrigado por perguntar.

– Ren, por que você não está usando branco? Até agora não tinha visto você com roupas de outra cor. É porque sua camisa branca rasgou?

– Não – respondeu ele. – Eu só quis usar alguma coisa diferente. Na verdade, quando mudo para a forma de tigre e volto, minhas roupas brancas reaparecem. Se eu mudasse para tigre agora e então voltasse à forma humana, estas roupas seriam substituídas pelas velhas brancas.

– Elas ainda estariam rasgadas e sujas de sangue?

– Não. Quando reapareço, elas estão limpas e inteiras novamente.

– Ah. Sorte sua. Seria bem embaraçoso se você aparecesse nu toda vez que se transformasse.

Tive vontade de morder a língua assim que as palavras saíram e corei de vergonha. Tentei encobrir minha mancada jogando o cabelo para a frente do rosto e lutando com os nós.

Ele sorriu.

– É. Sorte minha.

Puxei a escova pelo cabelo e me encolhi.

– Isso levanta outra pergunta.

Ren se pôs de pé e pegou a escova da minha mão.

– O que... o que você está fazendo? – gaguejei.

– Relaxe. Você está muito nervosa.

Ele não fazia ideia.

Colocando-se atrás de mim, Ren pegou uma mecha do meu cabelo e começou a escová-lo delicadamente. A princípio fiquei nervosa, mas suas mãos em meu cabelo eram tão quentes e reconfortantes que logo relaxei na cadeira, fechei os olhos e deixei a cabeça cair para trás.

Depois de um minuto de escovação, ele afastou uma mecha do meu pescoço, inclinou-se e sussurrou no meu ouvido:

– O que você queria me perguntar?

Levei um susto.

– Ah... o quê? – murmurei, confusa.

– Você queria me fazer uma pergunta.

– Ah, sim. Era... é... isso é gostoso.

Será que eu disse isso em voz alta?

Ren riu baixinho.

– Isso não é uma pergunta.

É, acho que disse.

– Era alguma coisa sobre eu me transformar em tigre?

– Ah, sim. Agora lembrei. Você pode mudar para uma forma e outra várias vezes por dia, certo? Tem um limite?

– Não. Não tem limite, desde que eu não assuma a forma humana por mais de 24 minutos a cada 24 horas. – Ele passou para outra seção do cabelo. – Mais alguma pergunta?

– Sim... sobre o labirinto. Você estava usando seu faro, mas tudo o que eu sentia era um cheiro horrível de enxofre. O que você estava seguindo?

– Na verdade, eu estava seguindo o aroma da flor de lótus. É a flor favorita de Durga, a mesma que está no Selo. Deduzi que aquele era o caminho certo a seguir.

Ren terminou com o meu cabelo, pousou a escova na mesa e então começou a massagear levemente meus ombros. Mais uma vez fiquei tensa, mas as mãos dele eram tão quentes e a massagem tão gostosa que me recostei na cadeira e comecei lentamente a derreter.

Em estado de extrema tranquilidade, minha voz soou arrastada e indistinta:

– Aroma de lótus? Como você podia sentir esse odor com todos os cheiros fortes de lá?

Ele tocou meu nariz com a ponta do dedo.

– Faro de tigre. Posso sentir o cheiro de muitas coisas que as pessoas não percebem. – Ele apertou meus ombros uma última vez e disse: – Pronto, Kelsey. Vá se vestir. Temos trabalho a fazer.

Ren deu a volta até a frente da cadeira e me ofereceu sua mão. Pus a minha na dele e senti centelhas elétricas formigarem e percorrerem o meu braço. Ele sorriu e me beijou os dedos.

Atarantada, perguntei:

– Você sentiu isso também?

O príncipe indiano piscou o olho para mim.

– Certamente.

Alguna coisa na forma como ele disse “certamente” fez com que eu me perguntasse se estávamos falando da mesma coisa.

Depois de me vestir, desci para a sala do pavão e encontrei o Sr. Kadam debruçado sobre uma mesa grande onde havia vários livros empilhados. Ren, o tigre, encontrava-se acomodado ao lado dele em um divã.

Arrastei outra cadeira até a mesa e empurrei para um lado uma grande pilha de livros, para que eu pudesse ver em que o Sr. Kadam estava trabalhando.

Ele esfregou os olhos cansados e vermelhos.

– Está trabalhando nisto desde que chegamos em casa, Sr. Kadam?

– Sim. É fascinante! Já traduzi o que estava escrito na impressão que você fez com o carvão e agora estou trabalhando nas fotos que tirou do monólito.

Ele me entregou suas anotações.

दुन्दना	नवदुर्गा	पारितोषिकं		
Dhundhana	Paritoshikam	navadurga		
Procure	prêmio	de Durga		
चत्वारि	त्रेन्ता	पञ्च	बलिदानं	देना
Chatvari	bhenta	pancha	balidanam	dena
Quatro	oferendas	cinco	sacrificios	
	एक	रूपान्तरं		
	Eka	Rupantaram		
	Uma	transformação		
पशु	भवति (मानुषः)	मानुष्य		
Pashu	ghabana (bhavati)	manushya		
Fera	torna-se	mortal		

– Poxa, o senhor trabalhou um bocado! – comentei, admirada. – O que acha que “quatro oferendas” e “cinco sacrifícios” significam?

– Não tenho certeza – replicou o Sr. Kadam –, mas acho que pode significar que sua busca ainda não acabou. Deve haver mais tarefas que você e Ren precisam realizar antes que o feitiço seja quebrado. Por exemplo, acabei de traduzir um dos lados do monólito e ele indica que vocês têm que ir a outro lugar buscar um objeto, uma oferenda, que vocês darão a Durga. Terão que encontrar quatro oferendas. Meu palpite é que haja uma oferenda diferente mencionada em cada lado do monólito. Receio que estejam apenas no primeiro degrau dessa jornada.

– Entendi. Então o que diz esse primeiro lado?

O Sr. Kadam empurrou um pedaço de papel na minha direção.

*Para proteção, busque seu templo
E apodere-se da bênção de Durga.
Vá para oeste e procure Kishkindha,
Onde os símios governam a terra.
Um golpe de gada no reino de Hanuman;
E procurem o galho que está confinado.
Perigos espinhentos estendem-se acima;
Perigos deslumbrantes acham-se abaixo,
Estrangulam, capturam aqueles que você ama...
E os aprisionam em correntes salobras.
Lúgubres fantasmas frustram seu caminho
E guardiões aguardam para barrar sua passagem.
Cuidado quando eles começarem a perseguir
Ou aceitar seu estado de deterioração.
Mas tudo isso pode ser repelido
Se serpentes encontrarem o fruto proibido
E a fome da Índia satisfizerem...
A fim de não ver todo o seu povo perecer.*

– Sr. Kadam, o que é o reino de Hanuman?

– Estou pesquisando isso – respondeu. – Hanuman é o deus macaco. Dizem que seu reino é Kishkindha, ou o Reino dos Macacos. Existe uma grande polêmica quanto à localização de Kishkindha, mas, de acordo com o pensamento corrente, o mais provável é que as ruínas de Hampi estejam sobre a antiga Kishkindha, ou perto dela.

Dentre a pilha na mesa, puxei um livro que tinha mapas detalhados, encontrei Hampi no índice e folheei as páginas. Hampi se localizava na metade inferior da Índia, na região sudoeste.

– Isso significa que temos que ir para Kishkindha, enfrentar um deus macaco e encontrar um tipo de galho?

– Acredito que o que vocês vão procurar seja, na verdade, o fruto proibido – respondeu o Sr. Kadam.

– Como Adão e Eva? É desse fruto proibido que o senhor está falando?

– Não. O fruto é uma recompensa mitológica bastante comum, que simboliza a vida. As pessoas precisam comer e dependemos dos frutos da terra para nosso sustento. Diferentes culturas celebram os frutos ou a colheita de formas variadas.

O Sr. Kadam sorriu e voltou para suas traduções.

Peguei alguns livros sobre a cultura e a história da Índia, segui para uma poltrona confortável e sentei-me com uma almofada para ler. Ren saltou do banco e enroscou-se aos meus pés, ou melhor, em cima dos meus pés, mantendo-os aquecidos, enquanto o Sr. Kadam continuava a pesquisar em sua mesa.

Tive a sensação de estar de volta à biblioteca dos meus pais. Parecia natural me sentar ali, relaxada, na companhia daqueles dois, embora eles estivessem sob o efeito de elementos não naturais. Estendi a mão para coçar Ren atrás da orelha. Ele ronronou, contente, mas não abriu os olhos. Então dirigi um sorriso ao Sr. Kadam, embora ele não o tivesse visto. Eu me sentia feliz e completa, como se pertencesse àquele lugar. Deixando de lado minhas reflexões, encontrei um capítulo sobre Hanuman e comecei a ler.

“Ele é um deus hindu, a personificação da devoção e da grande força física. Serviu ao seu senhor Rama indo para Lanka encontrar a esposa de Rama, Sita.”

Puxa... quantos nomes.

“Lá descobriu que ela havia sido capturada pelo rei de Lanka, chamado Ravana. Houve uma grande batalha entre Rama e Ravana, e, durante esse período, o irmão de Rama adoeceu. Hanuman foi até a

cordilheira do Himalaia procurar uma erva para ajudar a curar o irmão de Rama, mas não conseguiu identificar a erva e, então, trouxe de volta toda a montanha.”

Eu me pergunto como exatamente ele moveu a montanha. Espero que não tenhamos que fazer isso.

“Hanuman tornou-se imortal e invencível. Ele é meio humano e meio macaco, além de ser mais rápido e mais poderoso que todos os outros símios. Filho de um deus do vento, Hanuman ainda hoje é venerado por muitos hindus, que todos os anos cantam seus hinos e celebram seu nascimento.”

– Homem-macaco forte, capaz de mover montanhas, cantor. Entendi – murmurei, sonolenta.

A noite avançava e eu me sentia cansada, apesar de meu longo repouso mais cedo. Pus o livro de lado e, com Ren ainda enroscado nos meus pés, cochilei um pouco.

Deixei o Sr. Kadam sozinho na maior parte do dia seguinte, encorajando-o a dormir um pouco. Ele ficara acordado a noite toda, então procurei me movimentar pela casa em silêncio.

No fim da tarde, ele me visitou na varanda. Sorria quando nos sentamos.

– Srta. Kelsey, como está passando? Esses fardos devem estar sendo muito pesados para a senhorita, principalmente agora que sabemos que vocês têm outras jornadas pela frente.

– Estou bem, de verdade. O que é um pouco de suco de besouro entre amigos?

Ele sorriu, mas logo sua expressão tornou a ficar séria.

– Se sentir que está sendo exigida demais... eu... eu não quero colocá-la em perigo. A senhorita se tornou muito importante para mim.

– Está tudo bem, Sr. Kadam. Não se preocupe. Foi para isso que eu nasci, não foi? Além disso, Ren precisa da minha ajuda. Se eu não o ajudar, ele vai ficar condenado ao corpo de um tigre para sempre.

O Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão.

– A senhorita é muito brava e corajosa. Uma jovem admirável, como não vejo há muito, muito tempo. Espero que Ren perceba a sorte que tem.

Corei e olhei para a piscina.

– Pelo que deduzi até agora – prosseguiu ele –, precisamos ir

agora para Hampi. A distância até lá é grande demais para vocês dois irem sozinhos. Vou acompanhá-los nessa jornada. Partiremos amanhã cedo. Quero que você descanse o máximo possível hoje. Ainda temos algumas horas de luz do dia. Você deve relaxar. Por que não dá um mergulho na piscina?

Depois que o Sr. Kadam saiu, pensei no que ele dissera. *Nadar seria relaxante.*

Vesti um maiô, passei filtro solar e mergulhei na água fresca.

Nadei dando várias voltas na piscina e então fiquei boiando de costas, olhando as palmeiras que se erguiam acima de mim. O sol já estava na altura das árvores, mas o ar ainda era quente e agradável. Ouvi um ruído na lateral da piscina e vi Ren deitado na borda me observando nadar.

Mergulhei, nadei até onde ele estava e então botei a cabeça para fora da água.

– Ei, Ren.

Joguei água nele e ri. O tigre branco resmungou, bufando.

– Não quer brincar? Certo, como quiser.

Nadei mais um pouco e finalmente decidi que era melhor entrar, pois meus dedos estavam murchos feito ameixas secas. Enrolando meu corpo e meu cabelo numa toalha, segui em direção à escada para tomar um banho. Saí do banheiro e encontrei Ren deitado no tapete. Havia uma rosa azul-prateada sobre o meu travesseiro.

– Isto é para mim?

Ren emitiu um ruído de tigre que parecia querer dizer sim.

Levando a flor ao nariz, aspirei profundamente a doce fragrância e me deitei de bruços para olhar o tigre ao lado da minha cama.

– Obrigada, Ren. É linda!

Dei-lhe um beijo no alto da cabeça peluda, cocei atrás de suas orelhas e ri quando ele inclinou a cabeça para que eu coçasse mais.

– Quer que eu leia um pouco mais de *Romeu e Julieta* para você?

Ele ergueu uma pata e a colocou na minha perna.

– Acho que isso significa sim. Muito bem, vamos ver. Onde estávamos? Ah, Ato II, Cena III. Entram Frei Lourenço e Romeu em seguida.

Tínhamos acabado a cena em que Romeu mata Teobaldo quando Ren me interrompeu.

– Romeu era um tolo – disse ele, repentinamente na forma

humana. – Seu grande erro foi não anunciar o casamento. Ele devia ter contado para as duas famílias. Manter o casamento em segredo é o que vai destruir Romeu. Segredos assim podem ser a ruína de qualquer homem. Quase sempre são mais destrutivos do que a espada.

Ren então ficou quieto, perdido em pensamentos.

– Devo continuar? – perguntei.

Ele despertou da momentânea melancolia e sorriu.

– Por favor.

Mudei de posição, recostando-me na cabeceira, e puxei uma almofada para o meu colo. Ele voltou à forma de tigre e saltou para o pé da cama. Estirou-se de lado sobre o imenso colchão.

Recomecei a ler. Todas as vezes que eu lia alguma coisa de que Ren não gostava, ele abanava a cauda, aborrecido.

– Pare com essa cauda, Ren! Está fazendo cócegas nos meus pés!

Essa declaração só o estimulou a repetir ainda mais o gesto. Quando cheguei ao fim da peça, fechei o livro e olhei para Ren, querendo ver se ainda estava acordado. Estava, e havia voltado à forma humana. Ainda se encontrava deitado de lado no pé da cama, com a cabeça apoiada no braço.

– O que achou? – perguntei. – Ficou surpreso com o desfecho?

Ren pensou antes de responder.

– Sim e não. Romeu tomou algumas decisões ruins ao longo de toda a história. Estava mais preocupado consigo mesmo do que com a mulher. Ele não a merecia.

– O final o desagradou tanto assim? A maioria das pessoas se concentra no romance que há na peça, na tragédia de nunca poderem ficar juntos. Lamento que não tenha gostado.

O rosto pensativo de Ren se alegrou.

– Ao contrário, gostei bastante. Não tenho ninguém com quem conversar sobre peças de teatro ou poesia faz... bem, desde que meus pais morreram. Para falar a verdade, eu costumava escrever poesia.

– Também sinto falta de ter alguém com quem conversar – admiti baixinho.

O lindo rosto de Ren se iluminou com um sorriso caloroso e eu de repente fiquei preocupada com um fiapo na manga da minha blusa. Ele saltou da cama, pegou minha mão e fez uma mesura profunda.

– Talvez, da próxima vez, eu leia um poema meu para você.

Ele virou minha mão e depositou um beijo suave e demorado na

palma. Seus olhos cintilaram, travessos.

– Deixo-a com um beijo. Boa noite, Kelsey.

Ren fechou a porta silenciosamente atrás de si e eu puxei as cobertas até o queixo. A palma de minha mão ainda formigava no local onde ele a beijara. Tornei a cheirar minha rosa, sorri e a enfiei no arranjo sobre a cômoda.

Ajeitando-me sob as cobertas, suspirei, sonhadora, e adormeci.



Cachoeira

Na manhã seguinte, ao me levantar, encontrei uma mochila parcialmente cheia ao lado da minha porta, com um bilhete do Sr. Kadam. Ele dizia que eu devia pegar roupas suficientes para três ou quatro dias e incluir meu maiô.

O maiô, pendurado para secar durante a noite, estava seco. Joguei-o na bolsa, incluí uma toalha por segurança, empilhei o restante das minhas coisas em cima de tudo e desci a escada.

O Sr. Kadam e Ren já estavam no Jeep quando entrei. Assim que afivelei o cinto de segurança, o Sr. Kadam me entregou uma barra de cereais e uma garrafinha de suco como café da manhã e saiu a toda velocidade.

– Por que a pressa? – perguntei.

– Ren acrescentou um desvio à nossa viagem e quer parar em um lugar no caminho – respondeu ele. – O plano é deixar vocês dois lá por alguns dias e então voltar para buscá-los. Depois disso, seguiremos para Hampi.

– Que tipo de desvio?

– Ren prefere ele mesmo explicar.

Pela expressão em seu rosto, eu sabia que, por mais que eu tentasse persuadi-lo, o Sr. Kadam não daria mais nenhum detalhe. Decidi deixar de lado minha curiosidade sobre o futuro e me concentrar, em vez disso, no passado.

– Como estamos começando uma longa viagem, Sr. Kadam, por que não me fala mais sobre o senhor? Como foi o início de sua vida?

– Muito bem. Deixe-me ver. Eu nasci 22 anos antes de Ren, em junho de 1635. Era filho único de uma família militar da casta xátria.

Portanto, para mim foi natural ser treinado para ingressar na vida militar.

– Casta xátria?

– A Índia tem quatro castas, ou *varnas*, semelhantes a diferentes classes sociais: os brâmanes são professores, sacerdotes e eruditos; os xátrias são governadores e protetores; os vaixás são fazendeiros e comerciantes; e os sudras são artesãos e criados. Também existem níveis diferentes em cada casta. Pessoas de castas diferentes nunca se misturavam. Viviam sempre dentro de seu próprio grupo. Embora oficialmente extinto nos últimos 50 anos, o sistema de castas ainda é praticado em várias partes do país.

– Sua mulher era da mesma casta que o senhor?

– Era mais fácil para que eu continuasse meu papel como soldado aposentado altamente favorecido pelo rei, então a resposta é sim.

– Mas foi um casamento arranjado? Quer dizer, o senhor a amava, não é?

– Os pais dela arranjaram tudo, mas fomos felizes juntos pelo tempo que nos foi destinado.

Fitei a estrada à nossa frente por um momento e então olhei para Ren, que cochilava no banco de trás.

– Sr. Kadam, eu o aborreço fazendo tantas perguntas? Não se sinta na obrigação de responder todas elas, principalmente se forem pessoais ou dolorosas demais para o senhor.

– Eu não me importo, Srta. Kelsey. Gosto de conversar com a senhorita.

Ele sorriu para mim e mudou de faixa.

– Que bom! Então me fale um pouco sobre sua carreira militar. O senhor deve ter lutado em algumas batalhas bem interessantes.

Ele assentiu.

– Iniciei o treinamento ainda muito jovem. Devia ter uns 4 anos. Não frequentávamos a escola. Como futuros militares, nossa juventude era toda dedicada à formação militar e todos os nossos estudos versavam sobre a arte da guerra. Havia dezenas, talvez até mesmo uma centena de diferentes reinos na Índia naquela época. Eu tive sorte de viver em um dos mais poderosos, sob o comando de um bom rei.

– Que tipos de arma o senhor usava?

– Fui treinado para usar várias armas, mas a primeira habilidade que nos ensinavam era o combate corpo a corpo. Você já viu filmes de

artes marciais?

– Se o senhor se refere aos de Jet Li e de Jackie Chan, sim.

– Lutadores com habilidade no combate corpo a corpo eram muito procurados. Ainda jovem, avancei rapidamente na hierarquia por causa de minha habilidade nessa área. Ninguém conseguia me derrotar. Bem, quase ninguém. Ren me vencia de vez em quando.

Olhei para ele, surpresa.

– Sr. Kadam! Está me dizendo que é um mestre de caratê?

– Algo no gênero. – Ele sorriu. – Nunca fui tão bom quanto os mestres renomados que vinham nos treinar, mas aprendi bastante. Gosto de lutar, mas minha maior habilidade é com a espada.

– Eu sempre quis aprender caratê.

– Nessa época, não a chamávamos de caratê. A arte marcial que usávamos durante a guerra era menos visualmente estimulante. A ênfase estava em superar seu oponente o mais rápido possível, o que com frequência significava matar ou aplicar um golpe que deixaria a pessoa inconsciente por tempo suficiente para você escapar. Não era tão estruturada como se vê hoje.

– Entendi. Então o senhor e Ren foram ambos treinados em artes marciais.

Ele sorriu.

– Sim e ele era muito competente. Como futuro rei, estudou ciências, artes e filosofia, assim como muitas outras áreas do conhecimento chamadas de “As 64 artes”. Ele também foi treinado em todos os tipos de combate, inclusive artes marciais.

– Hum... interessante.

– A mãe de Ren também era bem versada nas artes marciais. Ela aprendera na Ásia e insistiu para que os filhos fossem capazes de se proteger. Trouxeram especialistas de fora e nosso reino rapidamente ficou célebre por lutar nessa modalidade.

Por um minuto, me perdi na imagem de Ren praticando artes marciais. *Lutando sem a camisa. A pele bronzeada. Os músculos retesados.* Sacudi a cabeça e me repreendi. *Pare com isso, garota!*

– Ahn... – Pigarreei. – O que o senhor estava dizendo mesmo?

– Carros de guerra... – prosseguiu o Sr. Kadam, sem perceber minha breve desatenção. – A maior parte dos soldados era da infantaria e foi aí que comecei. Recebi treinamento no uso da espada, da lança, da maça, assim como de muitas outras armas, antes de

passar para os carros de guerra. Aos 25 anos, eu estava no comando do exército do rei. Aos 35, minha função era treinar outros soldados, inclusive Ren, e fui chamado para ser o conselheiro militar especial e estrategista de guerra do rei, particularmente no uso de elefantes de batalha.

– É difícil imaginar elefantes na guerra. Eles parecem tão dóceis – refleti.

– Os elefantes eram assustadores na batalha – explicou o Sr. Kadam. – Eram fortemente encouraçados e carregavam uma estrutura fechada nas costas para proteger os arqueiros. Às vezes prendíamos longas adagas mergulhadas em veneno a suas presas, o que era bastante eficaz no ataque direto. Imagine enfrentar um exército com 20 mil elefantes encouraçados. Não creio que hoje exista na Índia esse número de elefantes.

Eu quase podia sentir o chão sob os meus pés tremendo enquanto visualizava os elefantes prontos para a batalha atacando um exército.

– Que terrível para o senhor ter que participar de todo esse derramamento de sangue e de tanta destruição. E pensar que essa foi a sua vida. A guerra é uma coisa horrível.

O Sr. Kadam deu de ombros.

– A guerra naquela época era diferente do que é hoje. Seguíamos um código de guerreiros, semelhante ao código da cavalaria da Europa. Tínhamos quatro regras. Regra número um: deve-se lutar com alguém que use armadura semelhante. Não lutávamos com um homem que não tivesse o mesmo tipo de equipamento de proteção. É um conceito semelhante ao de não usar uma arma contra um homem desarmado.

Ele ergueu outro dedo.

– Regra número dois: se seu inimigo não puder mais lutar, a batalha acabou. Se você desarmar seu oponente e deixá-lo indefeso, deve cessar a luta. Não se pode liquidá-lo. Regra número três: soldados não matam mulheres, crianças, idosos ou enfermos, e não machucamos aqueles que se entregam. E regra número quatro: não destruímos jardins, templos e outros lugares de culto.

– Parecem regras muito razoáveis – comentei.

– Nosso rei seguia a Kshatriyadharma, ou Lei dos Reis, o que significa que só podíamos lutar em batalhas que fossem consideradas justas, ou legítimas, e que tivessem a aprovação do povo.

Ficamos em silêncio por um tempo. O Sr. Kadam parecia envolto

em pensamentos sobre o seu passado e eu tentava entender a época em que ele viveu. Quando tornou a trocar de faixa, fiquei impressionada com a facilidade com que dirigia em meio ao trânsito pesado ao mesmo tempo que parecia tão pensativo. As ruas estavam cheias e os motoristas passavam zunindo em velocidades assustadoras, mas isso aparentemente não abalava o Sr. Kadam.

Algun tempo depois, ele se virou para mim e disse:

– Eu a deixei triste, Srta. Kelsey. Peço desculpas. Não queria aborrecê-la.

– Só estou triste pelo fato de o senhor ter enfrentado tanta guerra em sua vida e ter perdido tantas outras coisas.

O Sr. Kadam me olhou e sorriu.

– Não fique triste. Lembre-se de que essa foi apenas uma pequena parte da minha vida. Pude ver e vivenciar mais coisas do que normalmente seria possível a qualquer homem. Vi o mundo mudar século após século. Testemunhei acontecimentos horríveis, assim como muitos outros maravilhosos. Além disso, lembre-se de que, ainda que eu fosse um militar, não vivíamos o tempo todo em guerra. Nosso reino era grande e respeitável. Embora treinássemos para a guerra, só nos envolvemos em conflitos armados umas poucas vezes.

– Às vezes esqueço há quanto tempo o senhor e Ren estão vivos. Não estou dizendo com isso que o senhor seja velho...

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

Depois de nossa conversa, resolvi pegar um livro sobre Hanuman. Era fascinante ler as histórias do deus macaco. Fiquei tão imersa em meu estudo que me surpreendi quando o Sr. Kadam parou.

Fizemos uma refeição rápida, durante a qual o Sr. Kadam me encorajou a experimentar alguns tipos diferentes de curry. Descobri que não era muito fã desse prato, e ele ria quando eu fazia caretas com as variedades muito picantes. Gostei mesmo foi do pão *naan*.

Quando nos acomodamos de volta no carro, peguei uma cópia da profecia de Durga e comecei a ler. *Serpentes. Isso não é nada animador. Que tipo de proteção ou bênção Durga nos daria?*

– Sr. Kadam, existe um templo de Durga perto das ruínas de Hampi?

– Existem templos em homenagem a Durga em quase toda cidade da Índia. Ela é uma deusa muito popular. Encontrei um templo perto de Hampi que iremos visitar. Se tivermos sorte, encontraremos lá nossa próxima pista para o quebra-cabeça.

– E tem alguma ideia do que possam ser os “perigos deslumbrantes”?

– Não. Lamento, Srta. Kelsey, mas nada me ocorre. Também tenho pensado nisso. “*Lúgubres fantasmas frustram seu caminho.*” Não encontrei nenhuma referência sobre isso, o que me faz pensar que talvez tenhamos que interpretá-lo literalmente. Pode ser que haja algum tipo de espírito que tentará deter vocês.

Engoli em seco.

– E o que me diz das... serpentes?

– Existem muitas serpentes perigosas na Índia: a naja, o píton, cobras aquáticas, víboras, cobras-reais e até algumas voadoras.

Nada animador mesmo.

– O que quer dizer com “voadoras”?

– Bem, tecnicamente elas não voam de verdade. Apenas planam de uma árvore para outra, como o esquilo-voador.

Afundi no assento e franzi o cenho.

– Que bela variedade de répteis venenosos vocês têm aqui!

O Sr. Kadam riu.

– É, temos mesmo. Algo com que aprendemos a conviver. Mas, neste caso, parece que a cobra ou as cobras serão úteis.

Tornei a ler o verso: *Se serpentes encontrarem o fruto proibido e a fome da Índia satisfizerem... a fim de não ver todo o seu povo perecer.*

– O senhor acha que de alguma forma o que fizemos pode afetar toda a Índia?

– Não tenho certeza. Espero que não. Apesar de meus séculos de estudos, sei muito pouco sobre essa maldição do Amuleto de Damon. Sei que ela tem grande poder, mas de que maneira poderia afetar o país, isso eu ainda não compreendi.

Eu estava com uma leve dor de cabeça, por isso recostei-me no banco e fechei os olhos. E depois só me lembro de o Sr. Kadam me cutucar para que eu acordasse.

– Chegamos, Srta. Kelsey.

Esfreguei os olhos sonolentos.

– Onde?

– Estamos no lugar em que Ren queria parar.

– Sr. Kadam, estamos no meio do nada, cercados pela selva.

– Eu sei. Não tenha medo. Você estará segura. Ren irá protegê-la.

O Sr. Kadam pegou minha bolsa e se dirigiu à minha porta para abri-la.

Saltei do carro e olhei para ele.

– Vou ter que dormir na selva de novo, não é? Tem certeza de que não posso ir com o senhor enquanto Ren resolve a vida dele?

– Lamento, Srta. Kelsey, mas desta vez ele vai precisar da senhorita. É algo que não pode fazer sem sua ajuda.

– Legal – resmunguei. – E o senhor naturalmente não pode me dizer do que se trata.

– Não cabe a mim dizer. Essa é uma história para ele partilhar.

– E quando o senhor vai voltar para nos buscar?

– Vou até a cidade fazer compras. Depois encontro vocês aqui em três ou quatro dias. Talvez eu tenha que esperá-los. Pode ser que ele não encontre o que está procurando nas primeiras noites.

Suspirei e lancei um olhar zangado para Ren.

– Mais selva. Muito bem, vamos logo com isso. Por favor, vá na frente.

O Sr. Kadam me entregou um frasco de repelente com filtro solar, colocou mais algumas coisas na minha mochila e me ajudou a colocá-la nos ombros. Soltei um suspiro profundo enquanto o via se afastar no Jeep. Então me virei para seguir Ren mata adentro.

– Ren, por que sempre preciso segui-lo para o meio da mata? Que tal da próxima vez você me seguir até um belo spa ou quem sabe uma praia? O que me diz?

Ele fungou e continuou andando.

– Está certo. Mas você me deve uma depois desta.

Caminhamos pelo restante da tarde.

Mais tarde, comecei a ouvir um estrondo à nossa frente, mas não conseguia identificar o que era. Quanto mais andávamos, mais alto ele se tornava. Atravessamos um bosque e chegamos a uma pequena clareira. Finalmente vi a fonte daquele som. Era uma linda cachoeira.

Uma série de pedras cinzentas se espalhava como degraus por um morro alto. A água espumava e fluía sobre cada pedra, então despencava e se abria como um leque, caindo em um amplo lago turquesa lá embaixo. Árvores e pequenos arbustos com diminutas flores vermelhas cercavam o lago. Era uma visão encantadora.

Quando me aproximei de um dos arbustos, percebi que ele parecia se mover. Dei mais um passo e centenas de borboletas alçaram

voo. Havia duas variedades: uma era marrom com listras cor de creme e a outra de um preto amarronzado com listras e pintas azuis. Eu ri e rodopiei em meio a uma nuvem de borboletas. Quando elas tornaram a pousar, várias descansaram em meus braços e em minha blusa.

Subi em uma pedra que se debruçava sobre a queda-d'água e examinei uma borboleta empoleirada no meu dedo. Quando ela voou, fiquei parada observando a água rolar morro abaixo. Então ouvi uma voz às minhas costas.

– É lindo, não é? É o meu lugar preferido no mundo todo.

– É. Nunca vi nada assim.

Ren veio até mim e passou uma borboleta do meu braço para o seu dedo.

– Elas são chamadas de borboletas corvos e as outras são tigres azuis. As tigres azuis são mais brilhantes e mais fáceis de avistar, então vivem misturadas às borboletas corvos para se camuflar.

– Que interessante.

– E as borboletas corvos não são comestíveis. Na verdade, são venenosas, por isso outras borboletas tentam imitá-las para enganar os predadores.

Ele me pegou pela mão e me conduziu por uma trilha ao lado da cachoeira.

– Vamos acampar aqui. Sente-se. Tenho uma coisa para lhe falar.

Encontrei um lugar plano e pousei a mochila. Peguei uma garrafa de água e me acomodei, encostada em uma pedra.

– Muito bem, pode falar.

Ren começou a andar de um lado para outro enquanto falava.

– Estamos aqui porque preciso encontrar meu irmão.

Engasguei com a água.

– Seu irmão? Achei que estivesse morto. Você não falou nada sobre ele, exceto que foi amaldiçoado com você. Quer dizer que ele está vivo? Aqui?

– Para ser sincero, não sei se ainda está vivo. Presumo que sim, porque eu estou. O Sr. Kadam acredita que ele se esconde aqui, nesta selva.

Ele se virou e olhou a cachoeira, e então se sentou ao meu lado, esticando as pernas compridas e pegando a minha mão. Ficou brincando com os meus dedos enquanto falava.

– Creio que ainda esteja vivo. É o que sinto. Meu plano é dar uma

busca na área em círculos cada vez mais amplos. No fim, um de nós vai detectar o cheiro do outro. Se ele não aparecer ou se eu não conseguir captar seu cheiro em alguns dias, vamos voltar, encontrar o Sr. Kadam e continuar nossa jornada.

– E o que eu vou poder fazer?

– Esperar aqui. Tenho esperanças de que, se ele não me ouvir, a sua presença possa convencê-lo. Também espero que...

– Espera que...?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não é importante agora. – Ele apertou a minha mão, distraído, e se pôs de pé. – Vou ajudá-la a montar acampamento antes de dar início à minha busca.

Ren foi procurar madeira para a fogueira enquanto eu desenrolava uma pequena barraca para duas pessoas, fácil de montar, presa à parte externa da mochila. *Obrigada, Sr. Kadam!* Abri o zíper da bolsa da barraca e a estendi em um trecho de chão plano. Depois de alguns minutos, Ren veio me ajudar. Ele já tinha acendido a fogueira e reunido uma pilha de lenha para mantê-la acesa.

– Você foi rápido – murmurei, com despeito, enquanto esticava o tecido da barraca com um gancho.

Sua cabeça surgiu do outro lado e ele sorriu.

– Recebi um treinamento intensivo sobre como viver ao ar livre.

– Não me diga.

Ele riu.

– Kells, existem muitas coisas que você sabe fazer e eu não. Como armar esta barraca, aparentemente.

Eu sorri.

– Puxe o tecido sobre o gancho na estaca.

Terminamos rapidamente e ele bateu as mãos, limpando-as.

– Não tínhamos barracas como esta há 300 anos. Usávamos apenas estacas de madeira.

Ele veio até mim, puxou minha trança e beijou minha testa.

– Mantenha o fogo aceso. Ele afasta os animais selvagens. Vou circular a área algumas vezes, mas volto antes de anoitecer.

Ren partiu para a selva novamente como tigre. Puxei a trança, fiquei pensando nele por um minuto e sorri.

Enquanto esperava que ele voltasse, examinei a mochila para ver o que o Sr. Kadam providenciara para o nosso jantar. *Ah, ele se superou*

novamente – frango e arroz desidratados por congelamento e flan de chocolate de sobremesa. Despejei um pouco de água da minha garrafa em uma panelinha e a assentei em uma pedra plana que eu empurrara até o meio das brasas. Quando a água borbulhou, usei uma camiseta como pegador e transferi a água quente para a embalagem da comida. Esperei vários minutos até que ela se reconstituísse e então saboreei minha refeição. Com certeza estava mais gostosa que o peru de tofu que Sarah prepara no Dia de Ação de Graças.

O céu começou a escurecer e achei que ficaria mais segura dentro da barraca, então entrei e dobrei minha colcha para usá-la como travesseiro.

Ren voltou logo depois e o ouvi colocar mais lenha na fogueira.

– Nenhum sinal dele – disse.

Então voltou à forma de tigre e se acomodou na abertura da barraca.

Abri o zíper da barraca e perguntei se ele se importaria se eu usasse suas costas novamente como travesseiro. Ele se esticou como resposta. Eu me aproximei, deitei a cabeça em seu pelo macio e me enrolei com a colcha. Seu peito ecoava ritmicamente em um ronronar profundo, o que me ajudou a adormecer.

Ren não estava lá quando acordei. Só voltou na hora do almoço, quando eu estava escovando meu cabelo.

– Aqui, Kells. Trouxe uma coisa para você – disse ele, despretensioso, e me estendeu três mangas.

– Obrigada. Posso perguntar onde as conseguiu?

– Com macacos.

Interrompi o movimento da escova.

– Com macacos? Como assim?

– Bem, os macacos não gostam de tigres porque os tigres comem os macacos. Assim, quando um tigre se aproxima, eles sobem nas árvores e o atacam com frutas ou fezes. Para minha sorte, hoje atiraram frutas.

Engoli em seco.

– Você já... *comeu* um macaco?

Ren sorriu para mim.

– Bem, um tigre precisa comer.

Tirei um elástico da mochila para prender a trança.

– Eca. Isso é nojento.

Ele riu.

– Eu não comi nenhum macaco, Kells. Só estou brincando com você. Os macacos são repulsivos. Têm gosto de bola de tênis e cheiro de chulé. – Ele fez uma pausa. – Agora, um belo e succulento cervo, isso, sim, é delicioso.

Ele estalou os lábios com exagero.

– Não preciso ouvir sobre suas caçadas.

– Ah, não? Eu gosto muito de caçar.

Ren imobilizou-se. Quase imperceptivelmente, ele baixou o corpo devagar, até ficar agachado, equilibrando-se na ponta dos pés. Então pousou a mão na grama à sua frente e começou a se aproximar de mim, se arrastando. Ele estava me rastreando, me caçando. Seus olhos se fixaram nos meus. Ele se preparava para saltar. Seus lábios estavam repuxados em um sorriso largo que deixava à mostra os dentes brancos e brilhantes. Ele parecia... selvagem.

Então ele falou, com uma voz sedosa e hipnótica:

– Quando você está à espreita de uma presa, tem que ficar imóvel e se esconder, permanecendo assim por muito tempo. Se você falhar, a presa escapa.

Ele cobriu a distância que nos separava num piscar de olhos.

Embora eu o observasse atentamente, me assustei com a rapidez com que podia se mover. Uma veia começou a latejar em meu pescoço, que era onde seus lábios agora pairavam, como se ele estivesse buscando minha jugular.

Ele jogou meu cabelo para trás e se dirigiu à minha orelha, sussurrando:

– E você fica... com fome.

Suas palavras soaram abafadas. Seu hálito quente fazia cócegas na minha orelha e disparou um arrepio por todo o meu corpo.

Virei ligeiramente a cabeça para olhar para ele. Seus olhos haviam mudado. Estavam mais azuis do que o normal e estudavam o meu rosto. Sua mão permanecia no meu cabelo e os olhos se dirigiram à minha boca. De repente, tive a impressão de que era essa a sensação que um cervo experimentava.

Ren estava me deixando nervosa. Pisquei e engoli em seco. Seus olhos voltaram aos meus. Deve ter percebido minha apreensão, pois sua expressão mudou. Ele soltou meu cabelo e relaxou a postura.

– Desculpe se a assustei, Kelsey. Não vai mais acontecer.

Quando ele recuou um passo, eu voltei a respirar.

– Não quero ouvir mais nada sobre caçadas – declarei, trêmula. – Isso me assusta. O mínimo que você pode fazer é não me falar nada a respeito. Principalmente quando tenho que ficar com você aqui ao ar livre, está bem?

Ele riu.

– Kelsey, todos nós temos algumas tendências animais. Eu adorava caçar, mesmo quando era jovem.

Estremeci.

– Ótimo. Mas guarde suas tendências animais para si mesmo.

Ele se inclinou na minha direção outra vez e puxou um fio do meu cabelo.

– Ora, Kells, você parece gostar de algumas de minhas tendências animais.

Ele começou a emitir um ronco no peito e percebi que ele estava *ronronando*.

– Pare com isso! – reclamei.

Ele riu, foi até a mochila e apanhou uma das frutas.

– Então, você quer essas mangas ou não? Vou lavar para você.

– Bem, considerando que você as carregou na boca essa distância toda só para mim e levando-se em conta a origem das frutas... sinceramente, não.

Seus ombros murcharam.

– Não está desidratada – disse ele.

– Está bem. Vou experimentar.

Ele lavou uma das frutas, descascou-a com uma faca apanhada na mochila e a fatiou para mim. Nós nos sentamos lado a lado e saboreamos a manga. Era suculenta e deliciosa, mas eu não daria a ele a satisfação de saber que eu estava gostando tanto.

– Ren?

Lambi o sumo dos dedos e peguei outro pedaço.

– Diga.

– É seguro nadar perto da cachoeira?

– Claro. Este lugar era muito especial para mim. Eu sempre vinha aqui para fugir às pressões da vida no palácio e poder ficar sozinho e pensar.

Ele olhou para mim.

– Na verdade, você é a primeira pessoa a quem mostrei este lugar, sem contar minha família e o Sr. Kadam, é claro.

Olhei para a linda queda-d'água e comecei a falar baixinho:

– Existem muitas cachoeiras no Oregon. Acho que conheci quase todas. Minha família costumava fazer piqueniques à margem delas. Lembro-me de uma vez em que fiquei observando uma delas bem de perto com meu pai enquanto a nuvem de borrifos ia aos poucos nos encharcando.

– Alguma delas se parecia com esta?

Sorri.

– Não. Esta é única. Na verdade, minha época favorita para admirá-las era o inverno.

– Nunca vi uma queda-d'água no inverno.

– É lindo. A água congela quando cai pelas montanhas íngremes. As pedras lisas em torno das cataratas se tornam escorregadias com o gelo e, à medida que mais água flui sobre elas, pingentes de gelo começam a crescer. As pontas congeladas aos poucos se avolumam e se alongam ao se arrastarem morro abaixo, avançando até tocarem a água abaixo, formando cordas longas, grossas e retorcidas. A água que ainda corre flui gotejando sobre os pingentes de gelo e recobrimos de camadas brilhantes. No Oregon, as colinas em torno das cachoeiras são exuberantes, cobertas por árvores perenes, e às vezes ficam com o cume coberto de neve.

Ele não fez comentários.

– Ren?

Virei-me para ver se ele ainda estava prestando atenção e o surpreendi me estudando atentamente.

Um sorriso lento e preguiçoso iluminou o seu rosto.

– Parece muito bonito.

Corei e desviei o olhar.

Ele pigarreou deliberadamente.

– Parece incrível, mas frio. A água aqui não congela. – Ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. – Kelsey, lamento que seus pais tenham partido.

– Eu também. Obrigada por dividir sua cachoeira comigo. Meus pais teriam adorado este lugar. – Sorri para ele e então fiz um movimento com a cabeça na direção da selva. – Se você não se

importa, eu gostaria de um pouco de privacidade para vestir meu maiô.

Ele se pôs de pé e fez uma mesura dramática.

– Que nunca se diga que o príncipe Alagan Dhiren Rajaram negou o pedido de uma linda dama.

Ele lavou as mãos pegajosas no lago, transformou-se em tigre e desapareceu selva adentro.

Dei algum tempo para que Ren se afastasse, vesti o maiô e mergulhei na água.

Era cristalina e rapidamente refrescou minha pele quente e suada. Estava deliciosa. Depois de nadar e explorar o lago, fui até a cachoeira e encontrei uma pedra para me sentar sob os borrifos. Deixei a água cair sobre meu corpo em jatos gelados. Depois, corri para o lado ensolarado da pedra e dobrei as pernas, tirando-as da água.

Sentia-me uma sereia inspecionando seus pacíficos domínios. Tudo era tranquilo e agradável. Com a água azul, as árvores verdes e as borboletas voejando aqui e ali, parecia uma cena saída de *Sonho de uma noite de verão*. Eu podia até imaginar as fadas voando de flor em flor.

De repente, Ren surgiu galopando do meio da selva e deu um salto no ar. Os mais de 200 quilos de seu corpo branco de tigre aterrissaram ruidosamente no meio do lago, propagando ondas que vieram bater na minha pedra.

– Ué – falei quando ele emergiu –, pensei que os tigres detestassem a água.

Ele veio até onde eu estava e ficou nadando em círculos, me mostrando que os tigres sabiam nadar. Mergulhando a cabeçorra sob a queda-d'água, ele passou por trás dela e veio até a minha pedra. Erguendo-se atrás de mim, sacudiu violentamente o pelo, feito um cachorro. A água espirrou em todas as direções, inclusive em mim.

– Ei, eu estava me secando!

Deslizei de volta para a água e nadei para o centro do lago. Ele também tornou a mergulhar e ficou dando voltas em torno de mim enquanto eu jogava água nele, rindo. Depois submergiu e ficou muito tempo debaixo da água. Por fim, emergiu, pulou em cima de uma pedra e saltou no ar, caindo de barriga na água, bem ao meu lado. Brincamos até ficarmos cansados. Então nadei de volta à cachoeira e fiquei parada sob a torrente com os braços erguidos, deixando a água cair à minha volta.

Até que ouvi um estrondo e um baque vindos de cima. Algumas pedras despencaram com uma pancada na água ao meu lado. Quando eu saía apressada da cachoeira, uma pedra me atingiu na parte posterior da cabeça. Minhas pálpebras tremularam e se fecharam enquanto meu corpo desabava na água fria.



Tigre, Tigre

— Kelsey! Kelsey! Abra os olhos!

Alguém me sacudia. Com força. Tudo o que eu queria era resvalar de volta ao sono negro e despreocupado, mas a voz soava desesperada, insistente.

— Kelsey, me escute! Abra os olhos, *por favor!*

Tentei abrir os olhos, mas doía. A luz do sol piorava o doloroso latejar na minha cabeça. *Que dor horrível!* Minha mente começou a clarear e reconheci nosso local de acampamento e Ren, que estava ajoelhado ao meu lado. Seu cabelo molhado estava jogado para trás e ele tinha uma expressão preocupada no lindo rosto.

— Kells, como você se sente? Está bem?

Eu pretendia dar a ele uma resposta sarcástica, mas, em vez disso, engasguei e comecei a tossir, expelindo água. Respirei fundo, ouvi um ronco úmido em meus pulmões e tossi um pouco mais.

— Vire-se de lado. Ajuda a pôr a água para fora. Deixe-me ajudá-la.

Ele me puxou em sua direção, deitando-me de lado. Tossi mais um pouco de água. Ele tirou a camisa molhada e a dobrou. Então delicadamente me ergueu e a colocou debaixo de minha cabeça, que doía demais para apreciar seu... peito nu... bronzeado... esculpido... musculoso.

Acho que devo estar bem, se posso admirar a visão, pensei. Nossa, eu precisaria estar morta para não admirá-la.

Estremeci quando a mão de Ren passou pela minha cabeça, tirando-me de meus devaneios.

— Você está com um galo feio aqui.

Levei a mão até a protuberância gigante na parte posterior do meu crânio. Toquei-a com cautela e recordei a fonte de minha dor de cabeça. *Devo ter perdido a consciência quando a pedra me atingiu. Ren salvou minha vida. Outra vez.*

Ergui os olhos para ele, que me fitava com uma expressão desesperada e tremia. Percebi que ele devia ter assumido a forma humana quando me arrastou para fora do lago e permanecido ao meu lado até eu acordar. *Só Deus sabe há quanto tempo estou aqui deitada inconsciente.*

– Ren, você está com dor. Ficou tempo demais nessa forma hoje.

Ele sacudiu a cabeça, negando, mas eu o vi trincar os dentes. Segurei seu braço.

– Eu vou ficar bem. É só um galo na cabeça. Não se preocupe comigo. Tenho certeza de que o Sr. Kadam pôs algumas aspirinas na mochila. Vou tomar uns comprimidos e me deitar para descansar um pouco.

Ele deslizou o dedo lentamente da minha têmpora à bochecha e sorriu. Quando retirou a mão, todo o seu braço se sacudia e tremores faziam ondular a camada sob a sua pele.

– Kells, eu...

Seu rosto se retesou. Ele jogou a cabeça para o lado, rosnou de raiva e se metamorfoseou em tigre. Grunhiu baixinho, então aquietou-se e se aproximou de mim. Deitou-se ao meu lado e ficou me observando atentamente com seus olhos azuis. Acariciei suas costas, em parte para tranquilizá-lo e em parte porque isso também me acalmava.

Olhei para o alto, por entre as árvores salpicadas de sol, e desejei que a dor de cabeça cedesse. Eu sabia que teria que me mexer em algum momento, mas não queria fazer isso. O tigre ronronava baixinho e o som reconfortante acabou aliviando a dor. Respirando fundo, eu me levantei, sabendo que ficaria mais confortável se trocasse de roupa.

Sentei-me devagar, enquanto respirava fundo, esperando que, se me movimentasse lentamente, a náusea se dissiparia e o mundo pararia de rodar. Ren ergueu a cabeça, atento aos meus esforços.

– Obrigada por me salvar – sussurrei enquanto acariciava-lhe o dorso. Dei um beijo no alto da cabeça peluda. – O que eu faria sem você?

Abrindo o zíper da mochila, encontrei uma caixinha contendo

uma variedade de medicamentos, inclusive aspirina. Coloquei dois comprimidos na boca e bebi água. Puxando minha roupa seca, virei-me para Ren.

– Vamos combinar uma coisa? Quero trocar de roupa, por isso agradeceria muito se você fosse para a selva outra vez por alguns minutos.

Ele rosnou para mim, parecendo um pouco zangado.

– Estou falando sério.

Ele rosnou um pouco mais alto.

Descansei a palma da mão na testa e me segurei em uma árvore próxima a fim de firmar minhas pernas vacilantes.

– Preciso trocar de roupa e você *não vai* ficar aqui xeretando.

Ele bufou, pôs-se de pé, sacudiu o corpo e a cabeça como se dissesse não, e me fitou. Sustentei seu olhar e aponte para a selva. Ele finalmente deu meia-volta, mas então entrou na barraca e se deitou sobre a minha colcha. Sua cabeça estava voltada para dentro da barraca, enquanto a cauda se contraía de um lado para outro pela abertura.

Suspirei e estremeci ao virar a cabeça rápido demais.

– Acho que isso é o máximo que vou conseguir de você, não é? Tigre teimoso!

Aceitei o meio-termo, mas fiquei de olho em sua cauda inquieta enquanto trocava de roupa.

Comecei a me sentir um pouco melhor com as roupas secas. A aspirina também passara a fazer efeito e a cabeça latejava menos, mas ainda estava sensível. Concluí que preferia dormir a comer, então pulei o jantar e optei por um chocolate quente.

Andando com cuidado pelo acampamento, acrescentei alguns pedaços de madeira à fogueira e pus água para ferver. Agachando-me, mexi no fogo um pouco com um galho comprido para fazê-lo crepitar novamente e peguei um pacote de chocolate em pó. Ren observava cada movimento meu.

Eu o dispensei.

– Estou bem. De verdade. Pode ir em uma de suas incursões de reconhecimento ou sei lá o quê.

Ren simplesmente ficou lá sentado, teimoso, agitando a cauda de tigre.

– Estou falando sério. – Girei o dedo, fazendo um círculo. – Vá

rodar por aí. Procure seu irmão. Eu só vou pegar um pouco de lenha e depois vou dormir.

Ele continuou imóvel e fez um som que se assemelhava um pouco a um cachorro ganindo. Ri e fiz um carinho em sua cabeça.

– Sabe, apesar das aparências, costume me virar sozinha direitinho.

O tigre resmungou e se sentou ao meu lado. Recostei-me em seu ombro enquanto misturava meu chocolate quente.

Antes que o sol se pusesse, peguei mais lenha e bebi água. Quando rastejei para dentro da barraca, Ren me seguiu. Ele estendeu as patas e eu cuidadosamente pousei a cabeça sobre elas. Ouvi um profundo suspiro de tigre e ele acomodou a cabeça perto da minha. Quando acordei na manhã seguinte, minha cabeça ainda estava apoiada nas patas macias de Ren, mas eu havia me virado, enterrado meu rosto em seu peito e enlaçado o pescoço dele com meu braço, aninhando-me como se Ren fosse um bichinho de pelúcia gigante.

Eu me afastei, um pouco sem jeito. Quando me levantei para me espreguiçar, apalpei com cuidado meu galo e fiquei feliz ao ver que ele tinha diminuído bastante. Eu me sentia muito melhor.

Esfomeada, comi algumas barras de cereais e peguei um pacote de aveia. Aqueci novamente na fogueira água suficiente para um mingau de aveia e outro chocolate quente. Depois do café da manhã, eu disse a Ren que podia partir em sua patrulha e que eu iria lavar meu cabelo.

Ele esperou um pouco, observando meus movimentos até se sentir tranquilizado, e então se foi, deixando-me por minha própria conta. Apanhei um frasco pequeno do xampu biodegradável que o Sr. Kadam colocara na mochila para mim.

Depois de vestir o maiô e um short e calçar os tênis, desci até minha pedra do banho de sol. Fiquei à margem da cachoeira, bem longe do lugar onde fora atingida pelas pedras, e molhei e ensaboei com cuidado meu cabelo. Inclinando-me ligeiramente na direção da água espumante, deixei-a enxaguar o xampu. A água fria fez bem à minha cabeça dolorida.

Deslizando para o lado ensolarado da pedra, sentei-me para escovar os cabelos. Quando terminei, fechei os olhos e virei o rosto na direção do sol matinal, deixando-o me aquecer enquanto meu cabelo secava. Esse lugar era um paraíso, não havia como negar. Mesmo com um galo na cabeça e minha aversão a acampamentos, eu conseguia

apreciar a beleza à minha volta.

Não que eu não gostasse da natureza. Quando eu era criança, adorava ficar ao ar livre com meus pais. Só que eu gostava de dormir em minha própria cama *depois* de me aventurar no meio do mato.

Ren voltou no meio do dia e se sentou ao meu lado enquanto comíamos nosso almoço desidratado. Aquela era a primeira vez que eu o via se alimentar como homem, sem contar a manga. Mais tarde, vasculhei a bolsa em busca do meu livro de poesia. Perguntei a Ren se ele queria que eu lesse para ele.

Ele havia se transformado novamente em tigre e eu não ouvi nenhum grunhido ou sinal de protesto felino. Peguei o livro e me sentei com as costas apoiadas em uma grande pedra. Ele veio até mim e me surpreendeu transformando-se em homem. Virou-se de costas e deitou a cabeça no meu colo antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Então suspirou profundamente e fechou os olhos.

Eu ri e disse:

– Acho que isso significa sim, não é?

Mantendo os olhos fechados, ele murmurou:

– Sim, por favor.

Folhee o livro para escolher um poema.

– Ah, este parece apropriado. Acho que você vai gostar. É um dos meus favoritos e também foi escrito por Shakespeare.

Comecei a ler, segurando o livro com uma das mãos enquanto com a outra acariciava distraidamente o cabelo de Ren.

SONETO XVIII

*Se te comparo a um dia de verão,
És por certo mais belo e mais ameno.
O vento espalha as folhas pelo chão
E o tempo do verão é bem pequeno.
Às vezes brilha o Sol em demasia,
Outras vezes desmaia com frieza;
O que é belo declina num só dia,
Na eterna mutação da natureza.
Mas em ti o verão será eterno,
E a beleza que tens não perderás;
Nem chegarás da morte ao triste inverno:*

*Nestas linhas com o tempo crescerás.
E enquanto nesta terra houver um ser,
Meus versos vivos te farão viver.*

– Isso foi... excelente. – Sua voz era suave. – Gosto desse Shakespeare.

– Eu também.

Eu estava folheando o livro à procura de outro poema quando Ren disse:

– Kelsey, talvez eu pudesse partilhar um poema do meu país... com você.

Surpresa, deixei de lado meu livro.

– Eu adoraria ouvir poesia indiana.

Ele abriu os olhos e fitou as árvores acima de nós. Pegando minha mão, entrelaçou meus dedos nos dele e nossas mãos descansaram em seu peito. Uma brisa leve soprava, fazendo as folhas dançarem ao sol, tecendo um desenho de sombras e luz em seu lindo rosto.

– Este é um poema antigo da Índia. Faz parte de uma epopeia que é contada desde que me entendo por gente. Chama-se “Sakuntala” e o autor é Kalidasa.

*Teu coração, de fato, eu não conheço:
o meu, porém, oh! Cruel, o amor
aquece de dia e de noite;
e todas as minhas virtudes estão em ti centradas.
Tu, ó esguia donzela,
o amor apenas aquece;
mas a mim ele queima;
como a estrela do dia apenas sufoca a fragrância da flor noturna,
mas extingue o próprio orbe da lua.
Este meu coração,
oh, tu que és de todas as coisas a que lhe é mais cara,
não terá nenhum propósito que não seja tu.*

– Ren, é lindo!

Seus olhos se voltaram para mim. Ele sorriu e ergueu a mão para tocar o meu rosto. Meu pulso se acelerou e meu rosto queimou ao seu toque. De repente tive plena consciência de que meus dedos ainda estavam entrelaçados nos cabelos dele e de que minha mão se

encontrava pousada em seu peito. Rapidamente os recolhi, apoiando-os no colo. Ele se sentou, apoiando-se em uma só mão, o que trouxe aquele rosto lindo para muito perto do meu. Seus dedos deslizaram até o meu queixo e ele inclinou meu rosto de modo que os meus olhos encontrassem o azul intenso dos seus.

– Kelsey?

– Sim? – sussurrei.

– Eu queria sua permissão... para beijá-la.

Opá. Alerta vermelho! A sensação confortável que eu desfrutava havia apenas alguns minutos com o meu tigre tinha desaparecido. Eu me senti extremamente nervosa e aflita. Minha perspectiva girou 180 graus. É claro que eu tinha consciência de que um coração de homem batia dentro do corpo de tigre, mas, de alguma forma, eu havia empurrado esse conhecimento para o fundo da mente.

O fato de que ele era um príncipe explodiu em minha mente. Eu o fitei, atônita. Ele era, para ser sincera, muita areia para o meu caminhãozinho. Eu jamais considerara a possibilidade de um relacionamento com ele.

Sua pergunta me forçou a reconhecer que meu tigre de estimação, com quem eu me sentia totalmente à vontade, era, na verdade, um modelo de masculinidade. Meu coração martelava no peito. Vários pensamentos cruzavam minha mente ao mesmo tempo, mas o predominante era: eu *gostaria muito* de ser beijada por Ren.

Outros pensamentos se insinuavam nos limites da minha consciência, como: *é muito cedo, nós mal nos conhecemos, talvez ele só esteja se sentindo sozinho*. Mas deixei que fossem levados para longe. Ignorando a cautela, decidi que queria, sim, que ele me beijasse.

Ren chegou um milímetro mais perto de mim. Fechei os olhos, respirei fundo e então... esperei. Quando abri os olhos, ele ainda me fitava; estava mesmo esperando minha permissão. Não havia nada no mundo que eu quisesse mais naquele momento do que ser beijada por aquele homem lindo. Mas eu arruinei tudo. Por alguma razão, me fixei na palavra *permissão*.

– O que... é... o que você quer dizer com querer minha *permissão*?

– perguntei, nervosa.

Ele me olhou com curiosidade, o que me deixou ainda mais em pânico. Eu não só nunca beijara um garoto antes como nunca encontrara um que eu *quisesse* beijar até conhecer Ren. Assim, em vez de beijá-lo, fiquei aturdida e comecei a apresentar razões para não

fazê-lo.

– Garotas precisam ser arrebatadas – balbuciei – e pedir permissão é tão... tão... antiquado. Não é espontâneo. Não combina com paixão. Se você tem que pedir, então a resposta é... não.

Que idiota!, pensei comigo. Acabei de dizer a este lindo e gentil príncipe de olhos azuis que ele é antiquado.

Ren me olhou durante um longo momento, longo o suficiente para que eu visse a dor em seus olhos, antes de varrer de seu rosto qualquer expressão. Levantou-se rapidamente, fez uma mesura formal e declarou baixinho:

– Não vou lhe pedir de novo, Kelsey. Peço desculpas pelo meu atrevimento.

Então se transformou em tigre e desapareceu na selva, deixando-me sozinha para me recriminar por minha estupidez.

– Ren, espere! – gritei.

Mas era tarde demais. Ele se fora.

Não posso acreditar que o insultei dessa forma! Ele vai me odiar! Como pude fazer isso com ele? Eu sabia que só tinha dito aquelas coisas porque estava nervosa, mas isso não era desculpa. *O que ele quis dizer com “Não vou lhe pedir de novo”? Eu quero que ele me peça de novo.*

Repassei mil vezes na mente as minhas palavras e pensei em todas as coisas que poderia ter dito e que me trariam um resultado melhor. Coisas como “Pensei que você nunca pediria” ou “Eu estava prestes a lhe fazer a mesma pergunta”.

Eu poderia simplesmente tê-lo agarrado e beijado primeiro. Até mesmo um simples “Sim” teria funcionado. Mas não, eu tinha que ficar dissertando sobre permissão.

Ren me deixou sozinha o resto do dia, o que me deu bastante tempo para me martirizar.

No fim da tarde, eu estava sentada na minha pedra ensolarada com o diário aberto, caneta na mão, admirando a paisagem, absolutamente infeliz, quando ouvi um barulho na selva perto do nosso acampamento.

Arquejei de susto quando um grande felino negro emergiu do meio das árvores. Ele circulou a barraca e parou para farejar minha colcha. Então foi até a fogueira e se sentou ao lado dela, sem o menor medo. Depois de alguns minutos, saltou para o meio das árvores, só para reaparecer na clareira vindo pelo outro lado. Fiquei parada,

imóvel, torcendo para que ele não tivesse me visto.

Era muito maior que a pantera que me atacara perto da caverna de Kenhari. À medida que se aproximava de onde eu estava sentada, pude distinguir listras pretas retintas em um manto de pelo escuro. Olhos brilhantes e dourados esquadrihavam o acampamento. Eu nunca ouvira falar de um tigre negro, mas aquele certamente era um tigre! Ele não devia ter me visto, pois, após circular o acampamento e farejar o ar algumas vezes, desapareceu novamente na selva.

Ainda assim, por segurança, fiquei sentada na pedra por muito tempo para ter certeza de que ele tinha ido embora de vez.

Comecei a me sentir dolorida por ficar na mesma posição e, como não tinha ouvido mais nenhum ruído, concluí que já era seguro sair dali. No mesmo instante, um rapaz surgiu do meio da selva. Ele se aproximou de mim, atrevido, olhou-me de cima a baixo e disse:

– Ora, ora, ora. Quantas surpresas.

Vestia camisa e calça pretas. Era muito bonito e mais moreno que Ren. Sua pele era da cor de bronze antigo e os cabelos muito pretos, mais compridos que os de Ren, só que igualmente penteados para trás, afastados do rosto, e levemente ondulados.

Seus olhos eram dourados com pontos cor de cobre. Tentei identificar aquela cor. Nunca tinha visto nada igual. Eram como ouro de pirata – a cor de dobrões de ouro. Na verdade, *pirata* era uma boa palavra para descrevê-lo. Parecia o tipo de homem que pode ser encontrado decorando a capa de um romance histórico, no papel de um moreno sedutor. Enquanto ele sorria para mim, seus olhos se enrugavam ligeiramente nos cantos.

Eu soube na hora para quem estava olhando: o irmão de Ren. Ambos eram muito bonitos e exibiam a mesma postura majestosa. Tinham a mesma altura, mas, enquanto Ren era magro e musculoso, o irmão era mais forte, com braços mais poderosos. Pensei que ele devia ter puxado mais ao pai, ao passo que Ren, com seus traços asiáticos mais proeminentes – os olhos azuis um pouco amendoados e a pele dourada –, certamente puxara à mãe.

Estranhamente, eu não sentia medo, embora reconhecesse um sinal de perigo. Era quase como se sua parte tigre houvesse sobrepujado o homem.

– Antes que diga qualquer coisa, saiba que eu sei quem você é – declarei. – *E sei o que você é.*

Ele avançou e rapidamente cobriu a distância que nos separava.

Então segurou o meu queixo, erguendo meu rosto para seu cuidadoso exame.

– E *quem* ou *o que* você acha que sou, meu encanto?

Sua voz era grave, suave e sedosa. O sotaque era mais acentuado que o de Ren e ele hesitava, como se não usasse a voz havia muito tempo.

– Você é o irmão de Ren, aquele que o traiu e roubou sua noiva.

Seus olhos se estreitaram e eu senti uma pontada de medo. Ele estalou a língua.

– Tsc, tsc, tsc. Ora, ora. O que aconteceu com os seus modos? Ainda nem fomos devidamente apresentados e você já está fazendo graves acusações contra mim. Meu nome é Kishan, o infeliz irmão caçula desse de quem você fala.

Ele ergueu um cacho do meu cabelo e o esfregou entre os dedos antes de inclinar a cabeça.

– Sou obrigado a dar crédito a Ren. Ele sempre consegue se cercar de belas mulheres.

Eu estava prestes a me afastar dele quando ouvi um bramido vindo das árvores e vi Ren entrar ruidosamente no acampamento e saltar, rosnando para o ar. Seu irmão me fez ficar de lado e então saltou também, metamorfoseando-se no tigre negro que eu vira antes.

Ren estava além da fúria. Rugia tão alto que eu sentia as vibrações percorrerem o meu corpo. Os dois tigres colidiram no ar com um estampido explosivo e desabaram com força no chão. Eles rolaram na grama, enfiando as garras nas costas um do outro e mordendo sempre que tinham chance.

Corri e me pus o mais longe possível deles. Parei perto da cachoeira, atrás de uns arbustos. Gritei para que parassem, mas eles faziam tanto barulho que abafavam a minha voz. Os dois grandes felinos rolaram, afastando-se, e se encararam. Ficaram abaixados junto ao solo, as caudas agitadas, prontos para atacar. Então começaram a circundar a fogueira, mantendo-a entre eles.

No momento, rosnavam ameaçadoramente, aferrados em um combate de olhares. Decidi que essa era a melhor hora para intervir, quando as garras estavam no chão e não no ar. Aproximei-me lentamente dos dois tigres, mantendo-me mais perto de Ren.

Reunindo coragem, supliquei:

– Por favor, parem com isso. Vocês são irmãos. Não importa o que aconteceu no passado. Precisam conversar. Foi você quem quis

procurá-lo – lembrei a Ren. – Agora é sua chance de conversar, de lhe dizer o que precisa dizer.

Olhei para Kishan.

– E quanto a você, Ren está cativo há muitos anos e estamos trabalhando numa forma de ajudar *vocês dois*. Devia ouvi-lo.

Ren se transformou em homem.

– Você está certa, Kelsey – disse asperamente. – Eu vim, de fato, conversar, mas vejo que ainda não posso confiar nele. Não existe o menor... vestígio de consideração. Eu *nunca* deveria ter vindo aqui.

– Mas, Ren...

Ren se movimentou à minha frente e cuspiu, furioso, no tigre negro.

– *Vasīyata karanā! Badamāśa!* Estou cercando você há dois dias! Você não tinha o direito de vir aqui sabendo que eu não estava! E, se tiver amor à vida, nunca mais vai tocar em Kelsey!

O irmão de Ren também voltou à forma humana, deu de ombros e disse calmamente:

– Eu queria ver o que você estava protegendo tão ferozmente. Tem razão. Estou seguindo você há dois dias, chegando perto o bastante para ver o que está aprontando, mas me mantendo longe o suficiente para poder me aproximar de você em meus termos. Quanto a ficar aqui para ouvi-lo, não há nada que você tenha a dizer que possa me interessar, *Murkha*.

Kishan esfregou o maxilar e sorriu enquanto traçava com o dedo os longos arranhões deixados por sua luta com Ren. Virou-se para mim com um movimento rápido e, com uma olhadela para o irmão, acrescentou:

– A menos que queira falar sobre *ela*. Estou sempre interessado em suas mulheres.

Ren me afastou e respondeu com um rugido de ultraje. Transformando-se em pleno ar, ele tornou a atacar o irmão. Os dois rolaram pelo acampamento mordendo-se e arranhando-se, batendo em árvores e caindo sobre pedras pontiagudas. Ren atacou o irmão com a pata, mas acabou atingindo uma árvore, deixando marcas profundas e dentadas no tronco grosso.

O tigre negro partiu em disparada mata adentro, com Ren em seu encalço. Os rugidos de fúria deles ecoaram pelas árvores, assustando um bando de aves, que decolou grasnando. A briga prosseguiu com os dois indo de uma parte da selva para outra. Eu podia ver por onde

seguiam, de pé em minha pedra, observando as árvores sacudirem na selva e acompanhando a procissão de aves irritadas, afugentadas de seus poleiros.

Ren finalmente retornou ao acampamento com o irmão quase que o cavalgando, cravando as garras em suas costas e mordendo-lhe o pescoço. Ren ergueu-se nas patas traseiras e se livrou do irmão. Então saltou sobre uma pedra grande debruçada sobre o lago e virou-se, encarando-o.

Recuperando-se, o tigre negro saltou sobre Ren, que pulou para bloqueá-lo. O movimento acabou derrubando ambos no lago.

Fiquei na margem assistindo à luta. Um tigre emergia violentamente da água e atacava o outro, empurrando-o para baixo. As garras laceravam caras, costas e a pele sensível das barrigas enquanto os dois grandes felinos se agrediam. Nenhum dos dois parecia dominar o outro.

Quando eu achava que eles não iriam mais parar, o combate pareceu abrandar. Kishan arrastou o corpo exausto para fora da água, afastou-se alguns passos e desabou na grama. Arfando pesadamente, ele descansou por um minuto antes de começar a lamber as patas.

Ren então saiu da água. Ele se colocou entre mim e o irmão e vergou-se aos meus pés. Arranhões profundos cobriam-lhe o corpo e o sangue vertia de cortes que se destacavam contra o pelo branco. Um talho medonho ia de sua fronte ao queixo, atravessando o olho direito e o focinho. Um grande furo causado por uma mordida em seu pescoço sangrava lentamente.

Desviei-me dele e corri para pegar a mochila, vasculhando-a até encontrar o kit de primeiros socorros, abri-lo e tirar um pequeno frasco de álcool medicinal e um grande rolo de gaze. Minha aversão a sangue e ferimentos foi deixada de lado quando o instinto protetor tomou conta de mim. Eu sentia mais medo *por* eles do que *deles* e sabia que os dois precisavam de ajuda. De alguma forma, encontrei coragem.

Dirigindo-me primeiro a Ren, lavei com água o cascalho e a terra dos ferimentos e então despejei álcool medicinal na gaze e pressionei sobre a ferida mais feia. Ele não parecia mortalmente ferido, desde que eu conseguisse deter o sangramento, mas havia vários cortes profundos. Na lateral de seu corpo a pele estava tão dilacerada que parecia ter passado por um moedor de carne.

Ele gemeu baixinho quando fui de suas costas para o pescoço e limpei o furo ali aberto. Peguei uma atadura grande no kit, passei

álcool nela, pressionei-a sobre o flanco machucado de seu corpo e apertei para deter o sangramento. Ren rugiu de leve com a dor. Deixei a atadura no lugar. Por fim, limpei sua cara, murmurando palavras tranquilizadoras enquanto trabalhava na testa e no focinho, tomando o cuidado de evitar o olho. Não parecia mais tão ruim. Talvez eu tivesse imaginado que era pior do que na realidade.

Fiz o melhor que pude, mas estava preocupada com uma possível infecção, principalmente no flanco e no olho de Ren. Uma lágrima rolou pelo meu rosto quando eu pressionava a gaze em sua testa.

Ele lambia meu pulso enquanto eu trabalhava. Fiz um carinho em sua cara e sussurrei:

– Ren, isso é horrível. Queria que nada disso tivesse acontecido. Sinto muito. Deve doer demais. – Uma lágrima caiu em seu focinho. – Vou cuidar do seu irmão agora.

Enxuguei os olhos e peguei outro rolo de gaze. Segui o mesmo processo com o tigre negro. O talho mais feio e aberto ia do pescoço até o peito, por isso fiquei bastante tempo nessa área. Uma mordida profunda em suas costas estava cheia de terra. A princípio, sangrava profusamente, o que devia ser bom, pois o sangue ajudava a limpar o ferimento. Apliquei pressão por alguns minutos, até o sangramento diminuir o suficiente para que eu pudesse limpar o lanco. Suas costas estremeceram e ele grunhiu quando passei álcool no local.

Mantive a gaze sobre a ferida e mais lágrimas pingaram do meu queixo.

– Este aqui precisa de pontos. – Funguei. Então, dirigindo-me aos dois tigres, ralhei: – Vocês dois provavelmente vão ter infecção e suas caudas vão cair.

Kishan emitiu um resmungo que mais parecia uma risada, o que me fez enrijecer e sentir um pouco de raiva.

– Espero que vocês dois fiquem contentes em saber que limpar feridas me apavora. Odeio sangue. Além do mais, para seu governo, *eu* decido quem vai ou não me tocar. Não sou um novelo de lã que possa ser disputado por dois gatos. Tampouco sou a pessoa por quem no fundo estão brigando. O que aconteceu entre vocês dois acabou há muito tempo e espero de coração que aprendam a perdoar um ao outro.

Olhos dourados se fixaram nos meus e eu expliquei:

– Ren e eu estamos aqui para tentar quebrar a maldição. O Sr. Kadam está nos ajudando e temos uma boa ideia de por onde

começar. Vamos levar quatro oferendas para Durga e, em troca, vocês dois poderão voltar a ser homens. Agora que você sabe por que estamos aqui, podemos voltar ao Sr. Kadam e partir. Acho que os dois precisam ir a um hospital.

Ren resmungou e começou a lambear as patas. O tigre negro rolou de lado para me mostrar um extenso arranhão que ia do pescoço até a barriga. Limpei esse também. Quando terminei, guardei o frasco de álcool na mochila. Enxuguei os olhos na manga da blusa e dei um pulo quando me virei e dei de cara com o irmão de Ren atrás de mim, na forma humana.

Ren se levantou, alerta, e o observou com cuidado, desconfiado de cada movimento de Kishan. A cauda de Ren se agitava de um lado para outro e um grunhido profundo saiu de seu peito.

Kishan baixou os olhos para Ren, que havia se aproximado ainda mais, e então olhou de volta para mim. Kishan estendeu a mão e, quando a apertei, ele levou a minha aos lábios e a beijou. Então fez uma mesura profunda, cheio de pose.

– Posso perguntar o seu nome?

– Meu nome é Kelsey. Kelsey Hayes.

– Bem, Kelsey, prezo todos os esforços que você fez por nós. Peço desculpas se a assustei mais cedo. Estou – ele sorriu – fora de forma quando se trata de conversar com moças. Quanto a essas oferendas que vocês vão fazer a Durga, faria a gentileza de me falar mais sobre elas?

Ren grunhiu, infeliz.

Assenti.

– Kishan. É esse o seu nome?

– Meu nome completo é Sohan Kishan Rajaram, mas pode me chamar de Kishan se quiser. – Ele me dirigiu um sorriso branco deslumbrante, ainda mais brilhante pelo contraste com a pele escura. Então me ofereceu o braço. – Pode se sentar e conversar comigo, Kelsey?

Havia algo de muito charmoso em Kishan. Fiquei surpresa ao perceber que imediatamente confiei nele. Tinha um dom semelhante ao do irmão. Como Ren, possuía a capacidade de deixar uma pessoa à vontade. Talvez fosse o treinamento diplomático que ambos receberam. Talvez fosse a criação que tiveram da mãe. O que quer que fosse me fez reagir com simpatia. Sorri para ele.

– Adoraria.

Ele prendeu meu braço sob o dele e caminhou comigo até a fogueira. Ren tornou a rosar e Kishan dirigiu-lhe um sorriso pretensioso. Percebi que ele se contraiu ao se sentar, então lhe ofereci uma aspirina.

– Não devíamos levar vocês dois a um médico? Acho que você pode precisar de pontos e Ren...

– Obrigado, mas não é necessário. Não precisa se preocupar com nossos pequenos incômodos.

– Eu não chamaria esses ferimentos de pequenos incômodos, Kishan.

– A maldição nos ajuda a sarar rapidamente. Você vai ver. Vamos nos recuperar em pouco tempo por nossa própria conta. Ainda assim, foi bom ter uma jovem tão adorável cuidando de meus ferimentos.

Ren parou diante de nós e parecia um tigre infartando.

– Ren, seja civilizado – repreendi-o.

Kishan abriu um largo sorriso e esperou que eu me acomodasse. Então chegou mais perto e descansou o braço no tronco atrás dos meus ombros. Ren enfiou-se entre nós, empurrando rudemente o irmão para o lado com a cabeça peluda e criando um espaço maior, onde ficou. Sentou-se no chão e descansou a cabeça no meu colo.

Kishan franziu a testa, mas eu comecei a falar, relatando as coisas pelas quais Ren e eu tínhamos passado. Contei-lhe do encontro com Ren no circo e como ele me enganou para me trazer à Índia. Falei sobre Phet, a caverna de Kanheri e a descoberta da profecia, e disse que estávamos a caminho de Hampi.

Absorta na história, eu acariciava a cabeça de Ren. Ele fechou os olhos e ronronou, e então adormeceu. Falei durante quase uma hora, mal percebendo as sobrancelhas erguidas e a expressão pensativa de Kishan ao nos observar juntos. Não notei sequer quando ele se transformou novamente em tigre.



A caçada

O magnífico tigre negro me fitava, com os olhos amarelos brilhando, totalmente atentos, enquanto eu concluía meu relato dos aspectos mais importantes da caverna de Kanheri.

Já era tarde da noite. A selva, tão barulhenta durante o dia, estava agora silenciosa, exceto pelo crepitar da madeira no fogo. Eu brincava com as orelhas macias de Ren. Seus olhos ainda estavam fechados, e ele ronronava levemente, ou talvez fosse mais exato dizer que roncava.

Voltando à forma humana, Kishan me olhou pensativo e disse:

– Parece muito... interessante. Só espero que você não acabe se machucando ao longo desse processo. Seria mais inteligente voltar para casa e nos deixar à mercê de nossa sorte. Esse parece o início de uma longa missão, certamente repleta de perigos.

– Ren tem me protegido e, agora, com dois tigres tomando conta de mim, sei que ficarei bem.

Kishan hesitou.

– Mesmo com dois tigres, as coisas podem dar errado, Kelsey. E... eu não pretendo ir com vocês.

– Por que não? Nós sabemos como quebrar a maldição. Pelo menos o primeiro passo. Kishan, eu não entendo. Por que você não nos ajudaria... a ajudar você?

Kishan transferiu o peso para o outro lado do corpo e explicou.

– Por dois motivos. O primeiro é que me recuso a ter mais alguma morte na minha consciência. Já causei muita dor nesta vida. O segundo é... bem, eu simplesmente não acredito que vamos ter êxito. Acho que vocês dois e o Sr. Kadam estão apenas caçando fantasmas.

– Caçando fantasmas? Não entendi.

Kishan deu de ombros.

– Sabe, Kelsey, eu me acostumei à vida de tigre. Não é uma existência tão ruim. Já aceitei que esta agora é a minha realidade.

Sua voz foi enfraquecendo e ele se perdeu em pensamentos.

– Kishan, será que não é *you* quem está caçando fantasmas? Está se punindo ao ficar aqui na selva, não está?

O príncipe mais jovem se retesou. Seus olhos dourados se voltaram para mim. Seu rosto ficou frio e indiferente. Reconheci choque e dor em seus olhos. Minha observação o magoou profundamente. Era como se eu tivesse arrancado um curativo colocado com cuidado para cobrir as feridas do passado.

Pus minha mão sobre a dele e perguntei com delicadeza:

– Kishan, você não quer um futuro ou uma família? Sei como é quando alguém que você ama morre. É solitário. Você se sente despedaçado, como se nunca mais pudesse voltar a ser inteiro.

Eu não sabia quais seriam os efeitos de minhas palavras, mas continuei assim mesmo:

– Saiba que não está sozinho. Tem pessoas de quem pode cuidar e que cuidarão de você. Pessoas que lhe darão muitas razões para continuar vivendo, como o Sr. Kadam, seu irmão e eu. Pode até haver mais alguém para amar. Por favor, vá conosco para Hampi.

Kishan desviou os olhos e falou de mansinho:

– Desisti de desejar coisas impossíveis há muito, muito tempo.

Agarrei a mão dele com mais força.

– Kishan, por favor, reconsidere.

Ele apertou a minha mão de volta e sorriu.

– Desculpe, Kelsey. – Ele se levantou e se espreguiçou. – Agora, se você e Ren insistirem em se aventurar nessa longa jornada, ele terá que caçar.

– Caçar?

Eu me encolhi. Ren não vinha comendo muito, pelo que eu vira.

– Ele pode estar comendo o suficiente para um homem, mas não para um tigre. Ele é tigre na maior parte do tempo e, para que esteja forte o bastante para protegê-la, precisará comer mais. Algo grande, como um belo javali ou um búfalo.

Engoli em seco.

– Tem certeza?

- Sim. Ele está muito magro para um tigre. Precisa ganhar corpo. Acariciei as costas de Ren. Dava para sentir suas costelas.
- Certo. Vou exigir que ele cace antes de partirmos.
- Ótimo. – Ele inclinou a cabeça e sorriu para mim. Segurou meus dedos, dando adeus, e pareceu relutante em soltá-los. Por fim, disse: – Obrigado, Kelsey, pela interessante conversa.

Com isso, voltou à forma de tigre negro e disparou selva adentro.

Ren ainda estava dormindo com a cabeça no meu colo, então fiquei sentada quieta um pouco mais. Tracei as listras em suas costas e olhei seus arranhões. Onde apenas uma hora antes existiam cortes abertos, a pele já estava quase totalmente recuperada. As unhas no rosto e no olho tinham desaparecido. Não restava nem mesmo uma cicatriz.

Quando minhas pernas estavam completamente adormecidas por causa do peso de Ren, me levantei para aumentar o fogo. Ele se virou de lado e continuou dormindo.

Aquela luta deve ter tirado muito de sua energia. Kishan tem razão. Ele precisa mesmo caçar. Deve conservar sua força.

Depois de jantar, eu estava pronta para dormir também. Peguei minha colcha, enrolei-a em torno do corpo e me deitei perto de Ren. Seu peito roncava, mas ele não acordou; apenas rolou para mais perto de mim. Usando suas costas como travesseiro, adormeci olhando as estrelas no céu.

Acordei com a manhã já avançada. Olhei ao redor, à procura de Ren, mas não o vi em parte alguma. O fogo estava alto, porém, como se ele tivesse acabado de colocar mais lenha. Virei-me de bruços para me desvencilhar da colcha e senti os músculos das costas doloridos.

Ouvi pegadas macias e Ren enfiou o focinho no meu rosto.

– Ah, não se preocupe comigo. Vou ficar aqui deitada até minha coluna se realinhar.

Ele se virou e começou a pisar nas minhas costas com suas patas de tigre. Eu ri dolorosamente enquanto tentava sugar o ar de volta aos meus pulmões. Era como um gatinho muito pesado afiando as garras em um sofá humano.

– Obrigada, Ren, mas você é pesado demais – guinchei. – Está me deixando sem ar.

Suas patas de tigre se ergueram das minhas costas e foram substituídas por mãos fortes e quentes. Ren passou a massagear minha

região lombar e meus pensamentos voltaram à embaraçosa discussão do beijo. Meu rosto começou a queimar e meu corpo se retesou.

– Relaxe, Kelsey. Suas costas estão cheias de nós. Deixe-me tirá-los.

Tentei não pensar em Ren e me lembrei de quando experimentei uma massagem feita por uma mulher de meia-idade. Na verdade, foi uma experiência dolorosa e eu nunca voltei para uma segunda sessão.

A massagem de Ren era completamente diferente. Ele era delicado e aplicava uma pressão moderada com a palma das mãos. Esfregava em um padrão circular descendo pela coluna, encontrava os pontos de tensão e trabalhava os músculos até eles aquecerem e relaxarem. Quando terminou com as costas, deslizou os dedos pela coluna até a gola da blusa e começou a massagear meus ombros e meu pescoço, o que fez correr arrepios por todo o meu corpo.

Envolvendo com os dedos o arco do pescoço, ele amassou, apertou e comprimiu os músculos, atenuando as dores lenta e metodicamente. Por fim, a pressão se abrandou até quase se tornar uma carícia. Suspirei, desfrutando a sensação.

Quando ele parou, testei as costas, sentando-me devagar. Ele ficou de pé e me segurou sob o cotovelo para me dar equilíbrio enquanto eu me levantava.

– Está se sentindo melhor, Kelsey?

Sorri para ele.

– Estou. Muito obrigada.

Enlacei seu pescoço em um abraço afetuoso. Seu corpo pareceu enrijecer. Ele não me abraçou de volta. Eu me afastei e vi que seus lábios estavam comprimidos, e ele evitava o meu olhar.

– Ren?

Ele tirou meus braços de seu pescoço, segurou minhas mãos à sua frente e finalmente olhou para mim.

– Fico feliz que esteja se sentindo melhor.

Então se afastou, indo para o outro lado da fogueira, e se transformou em tigre.

Isso não é nada bom, pensei. O que aconteceu? Ele nunca me deu um gelo antes. Ainda deve estar com raiva de mim por causa da história do beijo. Ou talvez esteja aborrecido por causa de Kishan. Não sei como consertar isso. Não sou boa em conversar sobre relacionamentos. O que posso dizer para acertar as coisas?

Em vez de falar sobre nós, nosso relacionamento ou o beijo que não aconteceu, resolvi mudar de assunto. Pigarreei.

– É... Ren, você precisa caçar antes de partirmos. Seu irmão mencionou isso e acho sensato considerar a sugestão.

Ele simplesmente bufou e se deitou de lado.

– Estou falando sério. Prometi a ele que você iria e... não vou sair desta selva até que tenha caçado. Kishan disse que você está magro demais para um tigre e que precisa comer um javali ou algo assim.

Ren foi até uma árvore e começou a esfregar as costas nela.

– Suas costas estão coçando? Posso coçar para você – ofereci. – É o mínimo que devo fazer depois dessa massagem.

O tigre branco parou de se esfregar por um momento e olhou para mim, então deitou-se no chão e rolou, ficando de costas, empurrando o corpo para a frente e para trás enquanto as patas arranhavam o ar.

Magoada por ele me dispensar dessa forma, gritei:

– Você prefere esfregar as costas na terra a me deixar coçá-las para você? Ótimo! Faça isso então, mas ainda assim não vou embora antes de você caçar!

Dei meia-volta, agarrei a mochila, entrei na barraca e fechei o zíper.

Meia hora depois, espiei lá fora. Ren havia desaparecido. Suspirei e comecei a recolher mais madeira para aumentar nosso estoque.

Eu arrastava um tronco pesado até a fogueira quando ouvi uma voz vinda da floresta. Kishan estava encostado em uma árvore me observando. Ele assoviou.

– Quem diria que uma garota tão pequena pudesse ter músculos tão fortes?

Eu o ignorei e terminei de arrastar o tronco, então limpei as mãos e me sentei para beber água.

Kishan sentou-se ao meu lado, um tanto perto demais, e dobrou as longas pernas à frente do corpo. Eu lhe ofereci uma garrafa de água e ele a pegou.

– Não sei o que você disse, Kelsey, mas funcionou. Ren foi caçar.

Fiz uma careta.

– Ele falou alguma coisa?

– Só que eu deveria tomar conta de você enquanto estivesse ausente. Uma caçada pode levar vários dias.

– Verdade? Eu não tinha a menor ideia de que podia ser tão

demorada. – Hesitei. – Então... Ren não se importa que você fique aqui enquanto ele está fora?

– Ah, ele se importa – ele deu uma risadinha –, mas quer ter certeza de que você está em segurança. Pelo menos confia em mim para isso.

– Bom, acho que no momento ele está com raiva de nós dois.

Kishan me olhou com curiosidade, uma sobrancelha arqueada.

– Como assim?

– Digamos apenas que tivemos um mal-entendido.

O rosto de Kishan endureceu.

– Não se preocupe, Kelsey. Tenho certeza de que, qualquer que seja o motivo da raiva dele, é bobagem. Ele é muito estourado.

Suspirei e sacudi a cabeça com tristeza.

– Não, é tudo culpa minha mesmo. Eu sou difícil, um estorvo, e às vezes deve ser um saco me ter por perto. Ele deve estar acostumado à companhia de mulheres mais experientes e sofisticadas.

Kishan me olhou, desconfiado.

– Pelo que sei, Ren não tem tido a companhia de mulher *nenhuma*. Devo confessar que agora estou extremamente curioso em relação ao motivo de sua briga. Seja ele qual for, não vou mais tolerar nenhum comentário depreciativo a seu respeito. Ele tem sorte de ter você e é *melhor* que esteja ciente disso. – Ele sorriu. – Naturalmente, se vocês tiveram mesmo um desentendimento, você será sempre bem-vinda a ficar comigo.

– Obrigada pela oferta, mas não quero viver na selva.

Ele riu.

– Por você, eu até consideraria uma mudança de ares. Você, meu encanto, é um prêmio pelo qual vale a pena lutar.

Eu ri e o soquei de leve no braço.

– Você é um grande sedutor. Mas dizer que vale a pena lutar por mim? Acho que vocês dois estão vivendo como tigres há tempo demais. Não sou nenhuma beldade, ainda mais depois de uns tempos aqui na selva. Ainda nem decidi o que quero fazer da vida. O que levaria alguém a lutar por mim?

Aparentemente Kishan levou minhas perguntas retóricas a sério. Depois de refletir por um momento, ele respondeu:

– Para começar, nunca encontrei uma mulher tão dedicada a ajudar outras pessoas. Você arrisca a própria vida por alguém que

conheceu faz apenas algumas semanas. Você é autoconfiante, corajosa, inteligente e compreensiva. Eu a acho charmosa e, certamente, linda.

O príncipe de olhos dourados pegou uma mecha do meu cabelo. Corei diante de sua avaliação, bebi um pouco da minha água e então disse baixinho:

– Não fico tranquila sabendo que ele está zangado comigo.

Kishan deu de ombros e recolheu a mão, parecendo aborrecido por eu ter conduzido a conversa de volta a Ren.

– É, tenho sido alvo de sua raiva e aprendi a não subestimar sua capacidade de guardar ressentimento.

– Kishan, posso lhe fazer uma pergunta... pessoal?

Ele deu uma risadinha e esfregou o maxilar.

– Estou às ordens.

– É sobre a noiva de Ren.

Sua fisionomia se entristeceu e ele murmurou, tenso:

– O que você quer saber?

Hesitei por um momento.

– Ela era bonita?

– Sim, era.

– Você pode me falar um pouco sobre ela?

Seu rosto relaxou e seus olhos se perderam na selva. Ele correu a mão pelos cabelos e falou em tom meditativo e baixo:

– Yesubai era fascinante. A garota mais linda que já conheci. Na última vez em que a vi, ela vestia uma *sharara* dourada brilhante com um cinto cheio de pedras preciosas que tilintavam, e tinha os cabelos presos com uma corrente dourada. Estava muito elegante naquele dia, vestida como uma noiva em todo o seu esplendor. A última visão que tive dela é algo que jamais vou esquecer.

– Como ela era fisicamente?

– Tinha o rosto oval, adorável, lábios cheios e rosados, cílios e sobrancelhas escuros, e olhos violeta impressionantes. Era miúda, sua cabeça batia em meu ombro. Se soltava os cabelos, sempre os cobria com um lenço, mas eram lisos, sedosos, negros como as asas de um corvo e iam até a altura dos joelhos.

Fechei os olhos e imaginei essa mulher perfeita com Ren. A visão me atravessou com uma emoção que eu nem sabia ser capaz de sentir. Ela perfurou meu coração, abrindo uma fenda em seu centro.

Kishan prosseguiu:

– No instante em que a vi, eu soube que a queria. Que não teria outra senão ela.

– Como vocês se conheceram? – perguntei.

– Ren e eu não podíamos participar de uma batalha ao mesmo tempo, para evitar que fôssemos os dois mortos e não mais houvesse um herdeiro do trono. Assim, enquanto Ren estava fora lutando, eu fiquei preso em casa, treinando com Kadam, estudando estratégia militar e trabalhando com os soldados.

Ele me olhou, para ver se eu estava prestando atenção, e continuou:

– Um dia, quando voltava para casa depois do treinamento com armas, resolvi pegar um atalho, atravessando os jardins. E lá estava Yesubai, de pé perto de uma fonte, de onde ela havia acabado de colher uma flor de lótus. O lenço pendia de seus ombros. Perguntei-lhe quem era e ela rapidamente se virou, cobriu o rosto e os cabelos, e baixou os olhos para o chão.

– Foi quando você se deu conta de quem ela era? – perguntei.

– Não. Ela fez uma mesura, me disse seu nome e então correu para o palácio. Presumi que fosse a filha de um dignitário visitante. Quando voltei ao palácio, comecei imediatamente a perguntar sobre ela e logo descobri que um arranjo havia sido feito para que se casasse com meu irmão. Fui tomado por um ciúme insano. Eu estava sempre em segundo plano em relação a ele. Ren tinha todas as coisas que eu queria na vida. Era o filho favorito, o político mais apto, o futuro rei e, também, o homem que iria se casar com a garota que eu queria.

Seu tom de voz ia mudando, ficando mais irritado. Mas eu não quis interrompê-lo.

– Ele nem mesmo a conhecia – vociferou ele. – E eu nem sabia que meus pais estavam procurando uma noiva para Ren! Ele tinha apenas 21 anos, e eu, 20. Perguntei a meu pai se ele poderia alterar o arranjo para que eu fosse o noivo de Yesubai. Argumentei que podiam encontrar outra princesa para Ren. Até me ofereci para procurar uma noiva para ele.

– O que o seu pai disse?

– Ele estava totalmente concentrado na guerra naquela época. Eu lhe disse que Ren não se importaria, mas meu pai não deu ouvidos às minhas súplicas. Afirmou que o arranjo feito com o pai de Yesubai era irrevogável. Disse que o pai dela insistira para que ela se casasse com o herdeiro do trono a fim de que viesse a ser a próxima rainha.

Ele estendeu os braços ao longo do tronco no qual estávamos apoiados e continuou:

– Ela partiu alguns dias depois e foi levada em caravana ao encontro de Ren, para assinar documentos e participar da cerimônia de noivado. Ficou lá com ele apenas algumas horas, mas a viagem levou uma semana. Foi a semana mais longa da minha vida. Então ela retornou ao palácio para esperar. Por *ele*.

Seus olhos dourados encaravam os meus.

– Yesubai ficou três meses em nosso palácio, aguardando, e eu tentei evitá-la o mais que pude, mas ela se sentia solitária e queria companhia. Convidou-me para um passeio pela área do castelo e eu concordei, relutante, achando que podia manter meus sentimentos sob controle. Disse a mim mesmo que em breve ela seria minha irmã, mas quanto mais eu a conhecia, mais perdidamente me apaixonava por ela e mais ressentido ficava. Uma noite, quando caminhávamos pelos jardins, ela admitiu para mim que queria que *eu* fosse seu noivo.

– Nossa! E o que você fez?

– Fiquei exultante! Logo tentei tomá-la nos braços, mas Yesubai me repeliu. Ela era muito rígida em relação aos protocolos. Em nossos passeios, até fazia uma dama de companhia nos seguir a uma distância discreta. Ela me implorou que esperasse, prometendo que encontraríamos uma forma de ficar juntos. Eu me sentia insensatamente feliz e determinado a fazer tudo que fosse preciso para que aquela mulher fosse minha.

Segurei a mão dele. Ele apertou a minha e continuou:

– Ela disse que havia tentado deixar de lado seus sentimentos por mim pelo bem da família, pelo bem do reino, mas que não podia evitar me amar. A mim... não a Ren. Pela primeira vez na vida, eu era o escolhido. Yesubai e eu éramos ambos muito jovens e apaixonados. Quando se aproximava a data da volta de Ren, ela foi ficando desesperada e insistiu para que eu falasse com seu pai. Isso era inapropriado, é claro, mas eu estava doente de amor e concordei, decidido a fazer qualquer coisa para deixá-la feliz.

– O que disse o pai de Yesubai?

– Concordou em me dar a mão dela em casamento *se* eu aceitasse certas condições.

– Foi quando vocês combinaram a captura de Ren, certo? – perguntei.

Ele estremeceu.

– Foi. Na minha cabeça, Ren era um obstáculo que eu precisava transpor para me casar com Yesubai. Eu o coloquei em perigo para poder tê-la. Em minha defesa, o combinado era que os soldados iam escoltá-lo até o palácio do pai dela e que então mudaríamos os planos do noivado. Obviamente, as coisas não correram de acordo com o planejado.

– O que aconteceu com Yesubai? – perguntei, séria.

– Um acidente – respondeu ele baixinho. – Ela foi empurrada, caiu e quebrou o pescoço. Morreu em meus braços.

Apertei sua mão.

– Sinto muito, Kishan. – Embora eu não tivesse certeza se queria saber, resolvi perguntar assim mesmo: – Kishan, uma vez perguntei ao Sr. Kadam se Ren amava Yesubai. Ele nunca me deu uma resposta objetiva.

Kishan riu com amargura.

– Ren amava o que ela representava. Yesubai era linda, desejável e seria uma companheira e uma rainha maravilhosa, mas ele nem a conhecia. Nas cartas, ele insistia em chamá-la de Bai e queria que ela o chamasse de Ren. Ela odiava aquilo. Achava que apenas as castas inferiores usavam apelidos.

A princípio, me senti aliviada, mas em seguida me lembrei da descrição que Kishan fizera de Yesubai. Não é porque um homem não conhece bem uma mulher que não é capaz de desejá-la. Ren ainda podia nutrir sentimentos pela noiva perdida.

Um leve tremor percorreu o braço de Kishan e eu soube que seu tempo na forma humana tinha chegado ao fim.

– Obrigada por me fazer companhia, Kishan. Tenho tantas outras perguntas... Queria que você pudesse conversar comigo por mais tempo.

– Vou ficar aqui com você até Ren voltar. Talvez possamos conversar novamente amanhã.

– Eu gostaria muito.

O perturbado rapaz se transformou no tigre negro e encontrou um lugar confortável para um cochilo. Resolvi escrever um pouco em meu diário.

Sentia-me péssima em relação à morte de Yesubai. Abri um uma página em branco, mas acabei desenhando dois tigres com uma linda garota de cabelos longos entre eles. Traçando uma linha que ia da garota a cada tigre, deixei escapar um suspiro. Era difícil pôr os

sentimentos em ordem no papel quando ainda não os organizara na cabeça.

Ren não voltou naquele dia e Kishan dormiu a tarde inteira. Passei por ele fazendo barulho várias vezes, mas ele continuava dormindo.

– Grande protetor – murmurei. – Eu podia desaparecer na selva e ele nem ia ficar sabendo.

O grande tigre negro bufou de leve, provavelmente tentando me dizer que, mesmo dormindo, sabia o que estava acontecendo.

Acabei lendo em silêncio pelo restante da tarde, sentindo falta de Ren. Mesmo como tigre, eu tinha a sensação de que ele estava sempre me ouvindo e que conversaria comigo se pudesse.

Depois do jantar, fiz um carinho na cabeça de Kishan e me retirei para a barraca. Enquanto acomodava a cabeça em meus braços, não pude deixar de notar o grande espaço vazio ao meu lado, onde Ren costumava dormir.

Os quatro dias seguintes repetiram o mesmo padrão. Kishan mantinha-se por perto, saía em patrulha algumas vezes por dia e então voltava para se sentar ao meu lado na hora do almoço. Depois, transformava-se em homem e me deixava importuná-lo com perguntas sobre a vida no palácio e a cultura de seu povo.

Na manhã do quinto dia, a rotina mudou. Kishan assumiu a forma humana assim que saí da barraca.

– Kelsey, estou preocupado com Ren. Ele se foi já faz muito tempo e eu não captei seu cheiro em minhas patrulhas. Suspeito que não tenha tido sorte em sua caçada. Ele não caça desde que foi capturado, mais de 300 anos atrás.

– Você acha que ele está ferido?

– É uma possibilidade, mas lembre-se sempre de que saramos rapidamente. Não existem muitas feras aqui dispostas a machucar um tigre, mas há caçadores e armadilhas. É melhor que eu vá atrás dele.

– Você acha que vai ser fácil encontrá-lo?

– Se ele foi esperto, deve ter se mantido próximo do rio. A maioria dos bandos de animais se reúne perto da água. Por falar em comida, percebi que a sua estava acabando. Na noite passada, enquanto você dormia, encontrei o Sr. Kadam em seu acampamento perto da estrada e trouxe mais alguns daqueles pacotes de comida desidratada.

Ele apontou para uma sacola ao lado da barraca.

– Você deve ter carregado isso na boca por todo o caminho.
Obrigada.

Ele sorriu.

– Ao seu inteiro dispor, meu encanto.

Eu ri.

– É melhor carregar uma sacola nos dentes por vários quilômetros do que ter os dentes de Ren cravados em você por me deixar morrer de fome, não é?

Kishan franziu a testa.

– Eu fiz por você, Kelsey. Não por ele.

Pus a mão em seu braço.

– Bem, obrigada.

Ele pressionou a mão sobre a minha.

– *Aap ke liye*. Pelo seu bem, qualquer coisa.

– Você disse ao Sr. Kadam que demoraríamos um pouco mais?

– Sim, expliquei a situação. Não se preocupe. Ele está confortavelmente acampado perto da estrada e irá esperar o tempo necessário. Agora quero que pegue algumas garrafas de água e comida. Vou levar você comigo. Eu a deixaria aqui, mas Ren diz que você se mete em confusão quando deixada sozinha.

Ele tocou meu nariz.

– Isso é verdade, *bilauta*? Não consigo imaginar uma jovem encantadora como você se metendo em confusão.

– Eu não me meto em confusões. Elas é que me perseguem.

Ele riu.

– Deu para notar.

– Apesar do que vocês, tigres, pensam, eu sou capaz de cuidar de mim mesma, sabia? – falei, em tom ligeiramente rabugento.

Kishan apertou meu braço.

– Vai ver que nós, tigres, *gostamos* de cuidar de você.

Partimos sem demora por uma trilha na direção do alto da queda-d'água. Era uma subida lenta mas constante, e minhas pernas começaram a protestar quando nos aproximávamos do topo. Kishan me deixou descansar um pouco. Olhei a selva ali de cima e divisei nosso diminuto acampamento lá embaixo, numa pequena clareira.

Continuamos a seguir o rio até chegarmos a um grande tronco de

árvore que havia caído, indo de uma margem à outra. Estava sem galhos e a correnteza havia arrancado sua casca, deixando o tronco liso e perigoso para atravessar. A água corria com violência e de vez em quando espirrava acima da ponte improvisada.

Kishan saltou no tronco e o atravessou. A árvore sacudiu-se para cima e para baixo sob seu peso, mas parecia bastante estável. Ele desceu suavemente do outro lado e então se virou para observar a minha travessia. Não sei como reuni coragem e pus um pé na frente do outro. Era como andar na corda bamba do Sr. Maurizio – com o agravante de ser bastante escorregadia.

– Kishan! – gritei, nervosa, para o outro lado. – Já pensou que atravessar este tronco pode ser um pouco mais fácil para um tigre com garras do que para uma garota de tênis carregando uma mochila pesada? Se eu cair, esteja pronto para um mergulho!

Depois que alcancei o outro lado em segurança, soltei um profundo suspiro de alívio. Continuamos a andar e, uns cinco quilômetros depois, Kishan finalmente captou o cheiro de Ren, que seguimos por mais duas horas, quando então ele me permitiu um bom descanso enquanto saía em patrulha para tentar encontrar Ren.

Meia hora depois ele voltou e disse:

– Tem um grande rebanho de antílopes negros numa clareira a cerca de um quilômetro daqui. Ren está à espreita deles, sem sucesso, há três dias. Os antílopes são extremamente rápidos. Em geral o tigre escolhe um filhote ou um animal machucado, mas nesse grupo há apenas adultos.

– E o que vai acontecer? – perguntei, nervosa.

– Eles estão inquietos e sobressaltados porque sabem que Ren está de tocaia. O rebanho está se mantendo junto, o que dificulta a vida dele. Além disso, como vem caçando há vários dias, está muito cansado. Vou levar você a um lugar seguro a favor do vento, onde poderá descansar enquanto ajudo Ren na caçada.

Concordei e tornei a colocar a mochila nas costas. Ele me conduziu por entre as árvores, subindo um grande morro. Kishan se deteve para farejar o vento várias vezes ao longo do caminho. Depois de subirmos algumas centenas de metros, ele encontrou um lugar onde eu podia acampar e partiu para ajudar Ren.

Passado algum tempo, eu estava completamente entediada. Não dava para ver muita coisa de onde eu me encontrava.

Eu já havia bebido uma garrafa inteira de água e começava a me

sentir inquieta quando resolvi dar uma volta para me orientar e explorar a área. Observei cuidadosamente as formações rochosas e usei a bússola para ter certeza de que sabia onde estava.

Escalando um pouco mais o morro, avistei uma grande pedra que se projetava acima da linha das árvores. A rocha era plana no topo e protegida por uma grande árvore. Subi nela e fiquei impressionada com a vista. Subi um pouco mais e me sentei. O rio serpenteava lá embaixo, avançando para um lado e para outro em um ritmo preguiçoso. Recostei-me no tronco da árvore e desfrutei a brisa.

Uns 20 minutos depois, um movimento lá embaixo chamou minha atenção. Um animal grande surgiu do meio das árvores. Várias outras criaturas o seguiram. A princípio, pensei que fossem cervos, mas então percebi que deviam ser alguns dos antílopes dos quais Kishan falara. Perguntei-me se seriam do mesmo bando que Ren e Kishan estavam seguindo. A parte superior do corpo dos animais era escura e a inferior, branca. Tinham queixo branco e círculos também brancos em torno dos grandes olhos castanhos.

Os machos ostentavam dois longos chifres retorcidos que se projetavam do topo da cabeça como antenas de tevê. Os chifres dos antílopes maiores eram mais imponentes e mais retorcidos que os dos menores. O pelo dos animais ia do castanho-claro ao marrom-escuro.

Eles bebiam água do rio, agitando a cauda branca. Os machos maiores montavam guarda enquanto os outros se refrescavam. As fêmeas tinham cerca de um metro e meio de altura e os machos, incluindo os chifres, tinham 30 ou 50 centímetros a mais. Quanto mais eu olhava para seus chifres impressionantes, mais nervosa me sentia por causa de Ren.

Não é de admirar que esteja tendo dificuldade para pegar um deles.

O bando pareceu relaxar e alguns dos animais até começaram a pastar. Esquadrinhei as árvores à procura de Ren, mas não consegui vê-lo em lugar nenhum. Fiquei observando o bando por muito tempo. Os animais eram lindos.

O ataque foi rápido e despachou o grupo em rápida debandada. Kishan, uma faixa negra atravessando a paisagem, isolou um grande macho, que disparou numa direção diferente da do bando, o que deve ter sido seu erro fatal – ou então um ato de grande bravura para afastar o predador do grupo.

Kishan perseguiu o antílope, encurralando-o em um bosque, saltou em suas costas, enterrou as garras dianteiras no flanco do animal e mordeu sua coluna. Nesse momento, Ren surgiu em

disparada do meio das árvores, indo até o animal e mordendo uma das patas dianteiras. De alguma forma, o antílope se contorceu e conseguiu escapar de Kishan, derrubando-o. O tigre negro começou então a andar em círculos em torno dele, procurando outra oportunidade para saltar.

O antílope apontou os longos chifres para Ren, que se movimentava de um lado para outro. O animal acuado continuava concentrado, sempre se protegendo com os chifres. Suas orelhas se contraíam para a frente e para trás, atentas aos ruídos de Kishan, que havia se posicionado furtivamente atrás dele.

Kishan saltou e desferiu um golpe com a garra contra a anca do animal. A força do golpe derrubou o antílope. Vendo a oportunidade, Ren saltou para morder-lhe o pescoço. O antílope se retorcia, tentando se erguer, mas os dois tigres levavam vantagem.

Pensei que a ação toda fosse ser rápida, mas a caçada levou bem mais tempo do que eu esperava. Era como se Ren e Kishan estivessem exaurindo o animal, envolvendo-o numa macabra dança da morte. Os tigres também pareciam cansados. Aparentemente haviam gasto toda a energia na caçada, consumindo suas forças. O ato de matar era um processo quase indolente.

O antílope lutava com valentia. Ele deu vários coices e atingiu os dois tigres com seus cascos. Os tigres atacavam com as mandíbulas até que por fim o animal parou de se mover.

Quando tudo terminou, Ren e Kishan descansaram, arfando pesadamente. Kishan foi o primeiro a começar a comer. Tentei não olhar. Eu não queria, mas não pude evitar. Era fascinante.

Kishan firmou as garras no antílope e cravou os dentes fundo em seu corpo. Usando a força da mandíbula, arrancou um naco de carne ainda quente de onde o sangue pingava. Ren seguiu seu exemplo. Era horrível, nauseante e perturbador. Tremores percorriam meu corpo, mas eu não conseguia desviar os olhos.

Terminada a refeição, os movimentos dos irmãos tornaram-se lentos, como se eles estivessem drogados ou sonolentos, o que me fez imaginar se não seria uma sensação semelhante à que se tem após uma farta ceia de Natal. Eles se deitaram perto da refeição, voltando de vez em quando a ela para lambe as partes mais suculentas. Uma nuvem escura de moscas gigantes surgiu no ar. Devia haver centenas delas naquele enxame, todas zumbindo em torno do cadáver fresco.

Quando os insetos os cercaram, imaginei as moscas pousando no animal morto e nas caras sangrentas de Kishan e de Ren. Foi quando

fui vencida e não pude mais olhar.

Apanhei minha mochila e deslizei pelo morro acidentado, cobrindo em instantes a distância até o local em que Kishan me deixara. Segui então para nosso acampamento original, com mais medo de encarar os dois tigres do que de me perder. Eu não tinha certeza se conseguiria enfrentar Kishan ou Ren depois do que acabara de ver.

Restando apenas umas duas horas de luz do dia, parti a passos rápidos, cheguei ao tronco sobre o rio e o atravessei antes que o sol se pusesse. Meu ritmo diminuiu durante os últimos quilômetros. A noite caía e no céu haviam surgido nuvens de chuva. Borrifos atingiam meu rosto e a trilha tornou-se molhada e escorregadia, mas o verdadeiro aguaceiro só desabou depois que eu já havia chegado ao acampamento.

Eu me perguntei se a chuva estaria caindo sobre os tigres e concluí que isso seria bom, pois lavaria o sangue de suas caras e espantaria as moscas. Involuntariamente, estremei.

Naquele momento, pensar em comida me repugnava. Entrei na barraca e comecei a cantar músicas alegres de *O Mágico de Oz* a fim de afastar da mente as imagens perturbadoras que tinha visto, na esperança de que me ajudassem a adormecer. Mas o tiro saiu pela culatra, porque, quando dormi, sonhei com o Leão Covarde dilacerando Dorothy.



O sonho de Kelsey

Tive outros sonhos perturbadores. Sozinha e perdida, eu corria na escuridão. Não conseguia encontrar Ren e alguma coisa maligna me perseguia. Eu precisava fugir. Dedos estranhos e ávidos tentavam puxar minha roupa e meus cabelos. Eles arranhavam minha pele e tentavam me arrastar e me tirar do caminho. Eu sabia que, se conseguissem, iriam me capturar e me destruir.

Dobrei uma esquina, entrei em um salão e vi um homem sombrio e de aspecto malévolo, vestido com uma luxuosa túnica ametista. Ele se debruçava sobre um sujeito amarrado a uma grande mesa. De um canto escuro, vi quando ele ergueu no ar uma faca curva e afiada, entoando baixinho um cântico em uma língua que eu não compreendia.

De alguma forma eu sabia que tinha que salvar o prisioneiro. Lancei-me contra o homem com a faca e puxei seu braço, tentando arrancá-la dele. Minha mão começou a queimar, brilhando vermelha, e centelhas crepitaram.

– Não, Kelsey! Pare!

Olhei para a mesa e arquejei. Era Ren! Seu corpo estava dilacerado e ensanguentado, e as mãos encontravam-se presas acima da cabeça.

– Kells... saia daqui! Estou fazendo isso para que ele não possa encontrá-la.

– Não! Não vou deixar você fazer isso, Ren. Transforme-se em tigre. Fuja!

Ele sacudiu a cabeça freneticamente e disse em voz alta:

– Durga! Eu aceito! Faça-o agora!

– O quê? O que você precisa que Durga faça? – perguntei.

O homem começou a entoar o cântico, dessa vez em voz alta, e, apesar de meus fracos esforços para detê-lo, ergueu a lâmina e a cravou no coração de Ren. Eu gritei. Meu coração batia no mesmo ritmo dilacerado do dele. A cada batimento, sua força diminuía, até que falhou e finalmente parou.

Lágrimas rolavam pelo meu rosto. Senti uma dor terrível e lancinante. Eu via o sangue de Ren escorrer pela mesa e empoçar no piso de ladrilhos. Desabei de quatro no chão, sufocada por minhas emoções.

A morte de Ren era insuportável. Se ele estava morto, então eu também estava. Eu me afogava na dor, não conseguia respirar. Não me restava nenhuma vontade para me impelir. Não havia nenhum incentivo, nenhuma voz me instando a lutar, a nadar até a superfície, a me erguer acima da dor. Nada podia me fazer respirar ou voltar a viver.

A sala desapareceu e eu me vi envolta na escuridão mais uma vez. O sonho havia mudado. Eu usava um vestido dourado e joias. Sentada em uma linda cadeira sobre um tablado alto, baixei os olhos e vi Ren de pé diante de mim. Sorri para ele e estendi a mão, mas foi Kishan quem a segurou ao se sentar ao meu lado.

Olhei para Kishan, confusa. Ele dirigia um sorriso presunçoso para Ren. Quando me virei novamente para Ren, sua raiva o consumia e ele me fuzilou com olhos de ódio e desprezo.

Lutei para libertar minha mão da de Kishan, mas ele não me soltava. Antes que eu conseguisse, Ren se transformou em tigre e correu para a selva. Gritei, chamando por ele, mas não me ouviu. Ele não *queria* me ouvir.

O vento açoitava o cortinado de cor creme e nuvens de tempestade se aglomeravam, escurecendo o céu. Relâmpagos caíam em vários pontos. Ouvi um rugido poderoso ecoar pela paisagem. Era o impulso de que eu precisava. Arranquei minha mão da de Kishan e corri para a tempestade.

A chuva começou a castigar o chão, tornando meu avanço mais lento enquanto eu procurava Ren. Minhas lindas sandálias douradas foram arrancadas, presas na lama espessa criada pelo aguaceiro. Eu não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum. Tirei os cabelos encharcados dos olhos e gritei:

– Ren! Ren! Onde você está?

Um raio atingiu uma árvore próxima com um poderoso estrondo. Fragmentos da casca do tronco dispararam em todas as direções quando a árvore se quebrou, e o tronco se retorceu e se despedaçou. Quando desabou, os galhos me prenderam ao chão.

– Ren!

A água enlameada foi se juntando debaixo de mim. Fui me contorcendo e contraindo meu corpo machucado e dolorido até conseguir escorregar sob a árvore. O vestido dourado estava rasgado e minha pele, coberta de arranhões ensanguentados.

– Ren! – gritei mais uma vez. – Por favor, volte! Preciso de você!

Eu estava tremendo de frio, mas continuei correndo no meio da selva, tropeçando em raízes e atirando para o lado a vegetação rasteira cinza e espinhenta. Gritando enquanto corria, eu avançava por um caminho sinuoso entre as árvores, à procura dele.

– Ren, por favor, não me deixe! – eu suplicava, desesperada.

Finalmente avistei uma silhueta branca correndo em meio às árvores e redobrei meus esforços para alcançá-lo. Meu vestido se prendeu em um arbusto cheio de espinhos, mas eu o atravessei ferozmente, determinada a chegar até ele. Eu seguia a trilha de raios que caíam na selva ali perto.

Não sentia medo dos raios, embora eles caíssem tão perto que eu podia sentir o cheiro da madeira queimada. Os raios me levaram a Ren. Eu o encontrei caído no chão. Grandes marcas de queimaduras chamuscavam seu pelo branco onde os raios o haviam atingido repetidamente. De alguma forma, eu sabia que eu fizera aquilo. *Eu* era a responsável por sua dor.

Acaricieei-lhe a cabeça e o pelo macio e sedoso do pescoço e gritei:

– Ren, eu não queria que fosse assim. Como isso pôde acontecer?

Ele assumiu a forma humana e sussurrou:

– Você perdeu a fé em mim, Kelsey.

Sacudi a cabeça, negando. As lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Não. Não perdi. Jamais!

Ele não conseguia me olhar nos olhos.

– *Iadala*, você me deixou.

Abracei-o em desespero.

– Não, Ren! Eu nunca vou deixá-lo.

– Mas deixou. Você foi embora. Era muito pedir que me esperasse? Que acreditasse em mim?

Solucei, desesperada.

– Mas eu não sabia. Eu não sabia.

– Agora é tarde demais, *priyatama*. Dessa vez, sou eu quem vai deixá-la.

Então fechou os olhos e morreu.

Sacudi seu corpo flácido.

– Não. Não! Ren, volte! Por favor, volte!

As lágrimas se misturavam com a chuva e borravam minha visão. Furiosa, enxuguei-as e, quando tornei a abrir os olhos, vi não só Ren como também meus pais, minha avó e o Sr. Kadam. Estavam todos caídos no chão, mortos. Eu estava sozinha e cercada pela morte.

Chorando, eu gritava sem parar:

– Não! Não pode ser! *Não pode ser!*

Uma angústia incontrollável penetrava o meu corpo. Eu me sentia tão desesperada, tão sozinha! Agarrei-me a Ren e fiquei embalando seu corpo para a frente e para trás, inconscientemente tentando me confortar. Mas não encontrei nenhum alívio.

De repente, já não estava sozinha. Percebi que não era eu quem embalava Ren, mas outra pessoa me embalava e me abraçava. Despertei o suficiente para saber que estivera dormindo, mas a dor do sonho ainda me envolvia.

Meu rosto estava molhado com lágrimas de verdade e a tempestade também fora real. O vento aumentou de intensidade entre as árvores lá fora, fazendo a chuva inclemente bater na lona. Um raio atingiu uma árvore próxima e iluminou brevemente a barraca. No lampejo, distingi o cabelo escuro molhado, a pele dourada e uma camisa branca.

– Ren?

Senti seus polegares enxugando as lágrimas do meu rosto.

– Shh, Kelsey. Eu estou aqui. Não vou deixá-la, *priya*. *Mein yaha hoon*.

Com grande alívio e um soluço, estendi os braços e envolvi o pescoço de Ren. Ele deslizou o corpo mais para dentro da barraca, saindo da chuva, me puxou para o seu colo e me apertou mais em seus braços. Acariciou meu cabelo e sussurrou:

– Quietinha agora. *Mein aapka raksha karunga*. Eu estou aqui. Não vou deixar nada acontecer com você, *priyatama*.

Ele continuou a me acalmar com palavras de sua língua nativa até

eu sentir que o sonho desvanecia. Após alguns minutos, estava suficientemente recuperada para me afastar, mas fiz a escolha consciente de ficar onde estava. Eu gostava da sensação de seus braços à minha volta.

O sonho me fez tomar consciência de como me sentia sozinha. Desde a morte de meus pais, ninguém havia me abraçado dessa forma. É claro que eu abraçava meus pais adotivos e seus filhos, mas nenhum deles conseguira atravessar minhas defesas. Eu não deixava alguém extrair de mim emoções tão profundas fazia muito tempo.

Foi nesse momento que eu soube que Ren me amava.

Senti meu coração se abrir para ele. Eu já amava e confiava na sua parte tigre. Isso era fácil. Mas reconhecia agora que o homem precisava ainda mais desse amor. Para Ren, era algo que não experimentava havia séculos – se é que algum dia o experimentou. Assim, eu o abracei com força e não o larguei até que soube que seu tempo havia acabado.

– Obrigada por estar aqui – sussurrei em seu ouvido. – Fico feliz por você fazer parte da minha vida. Por favor, fique na barraca comigo. Não há razão para você dormir lá fora na chuva.

Beijei seu rosto e tornei a me deitar, cobrindo-me com a colcha. Ren se transformou em tigre e deitou-se ao meu lado. Eu me aconcheguei em suas costas e mergulhei em um sono tranquilo e sem sonhos, apesar da tempestade rugindo lá fora.

No dia seguinte acordei, me espreguicei e saí da barraca. O sol havia evaporado a água da chuva e transformado a selva molhada em uma sauna a vapor. Galhos e folhas arrancados pela tempestade se espalhavam pelo chão do acampamento. Um fosso encharcado de água cinzenta, cercado por pedaços de madeira enegrecida e carbonizada, era tudo o que restava de nossa fogueira.

A cachoeira despencava com mais velocidade que o normal, empurrando destroços para o lago agora lamacento.

– Nada de banho hoje – falei, cumprimentando Ren, que havia assumido sua forma humana.

– Não tem importância. Vamos ao encontro do Sr. Kadam. É hora de retomar nossa jornada – replicou ele.

– Mas e quanto a Kishan? Você não conseguiu convencê-lo a vir conosco?

– Kishan deixou clara sua posição. Quer ficar aqui, e eu não vou

implorar a ele. Quando toma uma decisão, raramente muda de ideia.

– Mas, Ren...

– Está decidido.

Ele se aproximou de mim e puxou minha trança. Então sorriu e me deu um beijo na testa. O que acontecera entre nós durante a tempestade havia consertado nossa ruptura emocional e eu estava feliz por ele ter voltado a ser meu amigo.

– Venha, Kells. Vamos arrumar tudo.

Só levei alguns minutos para desmontar a barraca e guardar as coisas na mochila. Estava aliviada por voltar para junto do Sr. Kadam e da civilização, mas não me agradava deixar Kishan daquele jeito. Eu nem tivera a chance de me despedir.

Na saída, passei pelos arbustos floridos e fiz as borboletas levantarem voo novamente. Não havia tantas quanto no dia em que chegamos. Elas se agarravam às folhas encharcadas e batiam as asas lentamente ao sol, secando-as. Algumas alçaram voo para o céu e Ren esperou pacientemente enquanto eu as observava. Suspirei quando tomamos a trilha de volta para a estrada onde o Sr. Kadam estava acampado. Embora eu detestasse longas caminhadas e acampamentos, aquele lugar era especial.

Meu tigre ia à frente, como sempre, e eu o seguia, tentando evitar suas pegadas lamacentas e caminhar em terreno mais seco. Para passar o tempo, mencionei a Ren a conversa com Kishan sobre a vida no palácio e disse que ele carregara uma sacola cheia de comida na boca para que eu não morresse de fome.

Algumas coisas, porém, *não* dividi com Ren, especialmente o que Kishan me contara sobre Yesubai. Eu não queria que Ren ficasse pensando nela, mas também sentia que era Kishan quem precisava conversar sobre o assunto com Ren. Em vez disso, tagarelei sobre ter ficado entediada na selva e haver assistido à caçada.

De repente, Ren se transformou em homem, agarrou meus braços e explodiu:

– Você viu o *quê*?

Confusa, repeti:

– Vi a... a caçada. Pensei que você soubesse. Kishan não lhe falou?

Rangendo os dentes, ele disse:

– Não, não falou!

Desviei-me dele e subi em uma série de pedras.

– Ah. Mas não importa. Eu estou bem. Consegui voltar.

Ren agarrou meu cotovelo e me colocou no chão à sua frente.

– Kelsey, você está me dizendo que não só assistiu à caçada como também voltou para o acampamento sozinha?

Ren estava mais do que furioso.

– Foi – falei, com voz esganiçada.

– A próxima vez que vir Kishan, eu vou *matá-lo*. – Ele apontou o dedo para o meu rosto. – Você poderia ter sido atacada! Não posso nem citar todas as criaturas perigosas que vivem na selva. Você nunca mais vai sair do meu lado!

Ele segurou minha mão e me puxou pela trilha. Eu podia sentir a tensão irradiando de seu corpo.

– Ren, eu não entendo. Você e Kishan não conversaram depois de sua... refeição?

– Não – resmungou ele. – Cada um foi para o seu lado. Voltei direto para o acampamento. Kishan ficou perto da... comida um pouco mais. Não devo ter sentido seu cheiro por causa da chuva.

– Kishan ainda deve estar me procurando. Talvez devêssemos voltar.

– Não. Seria bem feito para ele. – Ren riu acintosamente. – Sem um cheiro para rastrear, é provável que ele leve dias até descobrir que partimos.

– Ren, você devia voltar lá e dizer a ele que estamos indo embora. Ele o ajudou na caçada. É o mínimo que podia fazer.

– Kelsey, nós não vamos voltar. Ele é um tigre adulto e pode tomar conta de si mesmo. Além disso, eu estava me virando bem sem ele.

– Não, não estava. Eu vi a caçada, lembra? Ele o ajudou a abater o antílope. Kishan disse que você não caçava havia mais de 300 anos. Por isso fomos atrás de você. Ele disse que sabia que precisaria da ajuda dele.

Ren franziu a testa, mas não disse nada.

Parei e coloquei a mão em seu braço.

– Não é sinal de fraqueza precisar de ajuda às vezes.

Ele resmungou, dispensando meu comentário, mas prendeu minha mão em seu braço e recomeçou a andar.

– Ren, o que exatamente aconteceu com você há 300 anos?

Ainda carrancudo, ele não respondeu. Eu o cutuquei com o cotovelo e sorri, encorajando-o. A carranca lentamente desapareceu de seu lindo rosto e a tensão foi deixando seus ombros. Ele suspirou, correu a mão pelos cabelos e explicou:

– É muito mais fácil para um tigre negro caçar do que para um tigre branco. Eu não me misturo à vegetação na selva. Quando ficava com muita fome e frustrado com a dificuldade de caçar animais selvagens, às vezes me aventurava em um vilarejo e roubava uma cabra ou uma ovelha. Eu tomava cuidado, mas logo se espalharam os rumores de que havia um tigre branco na região. Não só os fazendeiros queriam me afugentar dali como também havia caçadores de grandes animais selvagens que buscavam a emoção de capturar um animal exótico.

– Nossa, você correu muito perigo! – observei.

– Eles espalharam armadilhas para mim por toda a selva e muitas criaturas inocentes foram mortas. Sempre que eu encontrava uma, eu a desarmava. Um dia, cometi um erro idiota. Havia duas armadilhas bem perto uma da outra, mas eu me concentrei na óbvia, que era do tipo padrão: um pedaço de carne pendurado sobre um buraco. Eu estava estudando o buraco, tentando calcular uma forma de pegar a carne, e tropecei em um arame oculto, disparando uma chuva de espigões e flechas que desabou sobre mim vinda do topo da árvore. Saltei para o lado para me esquivar a uma lança, mas a terra sob meus pés cedeu e eu caí no buraco.

– Alguma das setas atingiu você? – perguntei, ansiosa.

– Sim. Várias me arranharam, mas eu sarei rápido. Felizmente, o buraco não tinha estacas de bambu, mas era benfeito e fundo o bastante para que eu não conseguisse sair.

– O que fizeram com você?

– Depois de alguns dias, os caçadores me encontraram. E me venderam para um colecionador de animais selvagens. Quando me mostrei difícil, ele me vendeu para outro, que me vendeu para um terceiro, e assim por diante. Por fim, acabei em um circo na Rússia e desde então fui passando de circo em circo. Sempre que as pessoas suspeitavam da minha idade ou me machucavam, eu causava problemas suficientes para provocar uma venda rápida.

Era uma história terrível, de partir o coração. Eu me afastei dele e, quando tornei a me aproximar, ele entrelaçou os dedos nos meus e continuou a caminhar.

– Por que o Sr. Kadam não o comprou e o levou para casa? – indaguei.

– Ele não podia. Alguma coisa sempre surgia para evitar que isso acontecesse. Todas as vezes que ele tentava me comprar do circo onde eu estava, os proprietários se recusavam a vender por qualquer que fosse o valor oferecido. Uma vez ele mandou outras pessoas me comprarem e isso também não funcionou. O Sr. Kadam chegou a contratar gente para me roubar, mas os homens foram capturados. A maldição era quem dava as cartas, não nós. Quanto mais ele tentava interferir, pior ficava minha situação. Acabamos descobrindo que o Sr. Kadam podia pôr no meu caminho compradores em potencial com um interesse genuíno. Ele conseguia induzir pessoas boas a me comprar, mas somente se não tivesse a intenção de ele mesmo ficar comigo.

Eu ouvia atenta cada palavra de sua história. E o encorajava a continuar, balançando a cabeça.

– O Sr. Kadam cuidava para que eu me mudasse com frequência suficiente, de modo que as pessoas não percebessem a minha idade – prosseguiu. – Ele me visitava de tempos em tempos para que eu soubesse como entrar em contato com ele, mas não havia nada que pudesse de fato fazer. No entanto, nunca deixou de tentar descobrir uma maneira de quebrar a maldição. Dedicava todo o seu tempo a pesquisar soluções. Suas visitas significavam tudo para mim. Acho que teria perdido minha humanidade sem ele.

Ren deu um tapa em um mosquito atrás de seu pescoço e refletiu:

– Assim que fui capturado, pensei que seria fácil escapar. Eu simplesmente esperaria que a noite caísse e abriria o trinco da jaula. Mas, assim que me tornei cativo, fiquei permanentemente preso à forma de tigre. Não conseguia mais me transformar em homem... até que você apareceu.

Ele segurou um galho para que eu pudesse passar por baixo e eu perguntei:

– Como foi passar todos esses anos no circo?

Tropecei em uma pedra e Ren estendeu os braços para me equilibrar. Quando me firmei novamente, ele soltou minha cintura e me ofereceu a mão outra vez.

– Entediante, na maior parte do tempo. Às vezes os proprietários eram cruéis e eu era chicoteado, espancado e espetado. Tive sorte, porém, porque sarava depressa e era esperto o bastante para fazer os truques que outros tigres se recusavam a fazer. Um tigre naturalmente

não quer saltar por uma argola em chamas ou ter a cabeça de um homem em sua boca. Tigres odeiam o fogo, por isso devem ser ensinados a temer o domador mais do que as chamas.

– Parece horrível!

– Os circos daquela época eram mesmo horríveis. Os animais eram colocados em jaulas pequenas demais. Relações familiares naturais se rompiam e os bebês eram vendidos. Nos primeiros tempos, a comida era ruim, as jaulas ficavam imundas e os animais eram machucados, levados de cidade em cidade e deixados ao ar livre em lugares e climas aos quais não estavam acostumados. Não viviam muito.

Pensativo, ele prosseguiu:

– Hoje existem mais estudos e esforços para prolongar a vida dos animais e melhorá-la. Viver enjaulado me fez pensar por muito tempo em minhas relações com outras criaturas, especialmente elefantes e cavalos. Meu pai tinha milhares de elefantes que foram treinados para a batalha ou para levantar objetos pesados e no passado tive um garanhão que eu adorava cavalgar. Preso em minha jaula dia após dia, eu me perguntava se ele sentia o mesmo que eu. Imaginava-o em sua baía, entediado, esperando que eu aparecesse para soltá-lo.

Ren apertou a minha mão e se transformou novamente em tigre.

Eu me perdi em meus pensamentos. Como devia ter sido difícil viver enjaulado. Ren precisou suportar séculos nessa condição. Estremeci e continuei andando atrás dele.

Depois de passada mais de uma hora, tornei a falar:

– Ren? Tem uma coisa que não compreendo. Onde estava Kishan? Por que ele não o ajudou a escapar?

Ren saltou sobre um enorme tronco caído. No meio do salto, ele se transformou em pleno ar, caindo no chão do outro lado, silenciosamente, sobre dois pés. Estendi a mão para que ele me ajudasse a me firmar quando eu começava a transpor o tronco.

– Naquela época, Kishan e eu tentávamos evitar um ao outro o máximo possível. Ele não sabia o que ocorrera até Kadam encontrá-lo. Quando eles entenderam o que tinha acontecido, era tarde demais para fazer qualquer coisa. Kadam havia tentado, sem sucesso, me libertar, então persuadiu Kishan a se manter escondido enquanto procurava descobrir o que fazer. Como eu disse, ele tentou me libertar me comprando e contratando ladrões durante séculos. Nada funcionou até você aparecer. Por alguma razão, depois que você desejou que eu

vivesse em liberdade, eu pude ligar para ele.

Ren riu.

– Quando me transformei em homem de novo pela primeira vez depois de séculos, pedi a Matt que fizesse uma ligação a cobrar para mim. Disse a ele que eu fora assaltado e que precisava entrar em contato com meu patrão. Ele me explicou como funcionava o telefone e o Sr. Kadam chegou pouco depois.

Ren tornou a se transformar em tigre e prosseguimos. Ele caminhava ao meu lado e eu mantinha a mão em seu cangote.

Depois de andar por várias horas, Ren parou de repente e farejou o ar. Sentou-se e se pôs a olhar para a selva. Fiquei alerta quando alguma coisa sacudiu os arbustos. Primeiro surgiu um focinho preto em meio à vegetação rasteira, seguido pelo restante do tigre negro.

Eu sorri, feliz.

– Kishan! Você mudou de ideia. Está vindo conosco? Fico tão feliz!

Kishan se aproximou de mim e estendeu uma pata que se transformou em mão.

– Olá, Kelsey. Não, não mudei de ideia. Mas fico feliz de encontrá-la em segurança.

Kishan lançou um olhar malévolo a Ren, que não perdeu tempo em assumir a forma humana também.

Ren empurrou o ombro de Kishan e gritou:

– Por que você não me disse que ela estava lá? Ela viu a caçada, e você a deixou sozinha e desprotegida!

Kishan reagiu, empurrando o peito de Ren.

– Você foi embora antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Se isso faz você se sentir melhor, passei a noite toda procurando por ela. Vocês arrumaram tudo e partiram sem me dizer nada.

Eu me pus entre eles e pedi:

– Por favor, acalmem-se. Ren, eu concordei com Kishan que acompanhá-lo seria mais prudente e ele cuidou bem de mim. Fui eu quem resolvi assistir à caçada e fui eu quem escolhi voltar para o acampamento sozinha. Portanto, se você vai ficar com raiva de alguém, fique com raiva de mim.

Virei-me para Kishan.

– Sinto muito ter feito você me procurar a noite toda no meio de uma tempestade. Não me dei conta de que ia chover ou de que isso

fosse apagar o meu rastro. Peço desculpas.

Kishan sorriu e beijou minha mão, enquanto Ren grunhia, ameaçador.

– Desculpas aceitas. Então, o que achou?

– Da chuva ou da caçada?

– Da caçada, é claro.

– Ah, foi...

– Ela teve pesadelos – Ren disse ao irmão com aspereza.

Fiz uma careta e concordei com um movimento da cabeça.

– Bom, pelo menos meu irmão está bem alimentado. Provavelmente semanas se passariam antes que ele matasse uma presa sozinho.

– Eu estava indo muito bem sem você!

Kishan sorriu, com deboche.

– Não, você não ia conseguir pegar nem uma tartaruga manca sem mim.

Ouvi o soco antes de vê-lo. Foi uma pancada forte, do tipo que eu pensava que só acontecesse no cinema. Ren me conduziu habilmente para o lado e então socara o irmão.

Kishan se afastou, esfregando o maxilar, mas encarou Ren com um sorriso.

– Tente de novo, irmão.

Ren ficou carrancudo, mas não disse nada. Ele simplesmente pegou a minha mão e começou a andar com passos rápidos, me puxando com ele através da selva. Eu tinha quase que correr para acompanhá-lo.

O tigre negro passou zunindo por nós e com um salto se interpôs em nosso caminho. Kishan mudou novamente para a forma humana e disse:

– Esperem. Tenho uma coisa para dizer a Kelsey.

Ren franziu a testa, mas eu pus a mão em seu peito.

– Ren, por favor.

Ele correu o olhar do irmão para mim e sua expressão se suavizou. Então soltou minha mão, tocou meu rosto brevemente e se afastou alguns passos enquanto Kishan se aproximava.

– Kelsey, quero que fique com isto – anunciou Kishan, levando as mãos ao pescoço para retirar uma corrente oculta sob a camisa preta. Depois de a colocar em torno do meu pescoço e prender o fecho, ele

disse: – Acho que você sabe que este amuleto irá protegê-la da mesma forma que o de Ren protege Kadam.

Manuseei a corrente e puxei o pendente quebrado para olhá-lo mais de perto.

– Kishan, tem certeza de que quer que eu o use?

Ele sorriu jovialmente.

– Meu encanto, seu entusiasmo é contagiante. Um homem não pode estar perto de você e permanecer indiferente à sua causa. E, embora eu vá continuar na selva, esta será minha pequena contribuição para seus esforços.

Sua expressão ficou séria.

– Quero que se cuide, Kelsey. Tudo o que sabemos com certeza é que o amuleto tem o poder de dar uma vida longa a seu portador. Mas isso não significa que você não possa ser ferida ou mesmo morta. Fique atenta.

Ele segurou meu queixo e eu fitei seus olhos dourados.

– Não quero que nada lhe aconteça, *bilauta*.

– Vou tomar cuidado. Obrigada, Kishan.

Kishan fitou Ren, que inclinou a cabeça em discreto consentimento, e então voltou o olhar para mim, sorriu e disse:

– Vou sentir sua falta, Kelsey. Venha me visitar.

Eu o abracei brevemente e lhe ofereci o rosto para um beijo. No último segundo, Kishan desviou o rosto e me deu um rápido selinho.

– Seu trapaceiro! – exclamei, surpresa.

Então ri e lhe dei um soco de leve no braço.

Ele apenas sorriu e piscou para mim.

Ren cerrou os punhos e uma expressão sombria tomou conta de seu lindo rosto. Kishan, porém, o ignorou e disparou em direção à selva. Sua risada ecoou em meio às árvores e tornou-se um rugido rouco quando ele se transformou no tigre negro.

Ren veio até mim, pegou o pendente e o esfregou, pensativo, entre os dedos. Pus a mão em seu braço, temendo que ele ainda pudesse estar zangado por causa de Kishan. Ele deu um leve puxão em minha trança, sorriu e pousou um beijo afetuoso em minha testa.

Transformando-se novamente no tigre branco, ele me conduziu pela selva por mais meia hora até que, com alívio, vi que finalmente havíamos chegado à rodovia.

Depois de esperarmos ali até não haver mais trânsito,

atravessamos correndo para o outro lado e desaparecemos em meio à vegetação. Seguimos o faro de Ren por mais uma pequena distância e por fim encontramos uma barraca de estilo militar. Corri para abraçar o homem que saiu de dentro dela.

– Sr. Kadam! Como estou contente em ver o senhor!



Um começo

— Srta. Kelsey! – o Sr. Kadam me cumprimentou calorosamente. – Também estou feliz em vê-la! Espero que os meninos tenham cuidado bem de você.

Ren bufou e encontrou um lugar na sombra para descansar.

– Cuidaram, sim. Estou bem.

O Sr. Kadam me levou até um tronco perto de sua fogueira.

– Sente-se aqui e descanse enquanto arrumo as coisas.

Fiquei comendo um biscoito enquanto observava o Sr. Kadam andar de um lado para outro desarmando a barraca e empacotando seus livros. Seu acampamento era tão bem organizado quanto eu esperava. Ele usara a traseira do Jeep para guardar os livros e outros materiais de estudo. Uma fogueira crepitava e ele tinha bastante madeira empilhada ao lado. A barraca parecia cara, pesada e muito mais complicada de armar do que a minha. Ele contava até com uma escrivaninha dobrável coberta por papéis mantidos no lugar por pedras limpas e lisas.

Eu me levantei e olhei os papéis, curiosa.

– Sr. Kadam, estas são as traduções da profecia de Durga?

Ouvi um grunhido e um leve silvo quando o Sr. Kadam puxou uma pesada estaca do chão. A barraca subitamente se dobrou, formando uma pilha de lona verde. Ele se ergueu para responder à minha pergunta.

– Sim. Comecei a trabalhar na tradução do monólito. Estou achando que precisamos ir para Hampi. Também já tenho uma ideia melhor do que estamos procurando.

Apanhei suas anotações. A maior parte delas não estava escrita

em inglês. Enquanto eu bebia água, minha mão se dirigiu ao amuleto que Kishan tinha me dado.

– Sr. Kadam, Kishan me deu seu pedaço do amuleto, na esperança de que ele vá me proteger. O seu o protege? O senhor ainda pode ser ferido?

Ele terminava de guardar a barraca embalada no Jeep. Então se recostou no para-choque e disse:

– O amuleto ajuda a me proteger de ferimentos graves, mas eu ainda posso me cortar ou cair e torcer o tornozelo.

O Sr. Kadam esfregava a barba aparada, pensativo:

– Eu já tive mal-estares, mas não doenças graves. Meus cortes e contusões saram rapidamente, embora não tão rapidamente quanto os de Ren e Kishan.

Ele pegou o amuleto que pendia do meu pescoço e o examinou com atenção.

– Os diferentes pedaços podem ter propriedades diferentes. Não sabemos de fato a extensão de seu poder. Trata-se de um mistério que pretendo solucionar um dia. O importante, porém, é não correr riscos. Se alguma coisa parecer perigosa, evite-a. Se algo a perseguir, corra. Entendeu?

– Entendi.

Ele soltou o amuleto e voltou a guardar as coisas no Jeep.

– Fico feliz que Kishan tenha concordado em deixá-lo com você.

– Concordado? Pensei que fosse ideia dele.

– Não. A verdadeira razão de Ren querer parar aqui era conseguir o amuleto. Não iria embora sem convencer Kishan a deixá-la ficar com ele.

Confusa, eu disse:

– Pensei que estivéssemos tentando convencer Kishan a se juntar a nós.

O Sr. Kadam sacudiu a cabeça, com tristeza.

– Sabíamos que havia pouca esperança de que isso acontecesse. Kishan tem se mostrado indiferente a todos os esforços que fiz para recrutá-lo para nossa causa. Ao longo dos anos tentei convencê-lo a sair da selva e levar uma vida mais confortável na casa, mas ele prefere ficar aqui.

Assenti.

– Ele está se punindo pela morte de Yesubai.

O Sr. Kadam me olhou, surpreso.

– Ele falou sobre isso com você?

– Sim. Ele me contou o que aconteceu quando Yesubai morreu. Ainda se culpa. E não só pela morte dela como também pelo que aconteceu com ele e com Ren. Eu me sinto muito triste por Kishan.

– Para uma pessoa tão jovem, a senhorita é muito compassiva e perspicaz. Que bom que Kishan confiou em você. Ainda há esperanças para ele.

Ajudei-o a reunir seus papéis e guardar a mesa e a cadeira dobráveis. Quando acabamos, bati levemente no ombro de Ren para avisá-lo que estávamos prontos para partir. Ele se levantou devagar, arqueou as costas, contraiu a cauda e então enroscou a língua em um bocejo gigante. Depois de esfregar a cabeça na minha mão, ele me seguiu até o Jeep. Sentei-me no banco do carona, deixando a porta de trás aberta para que Ren se esparramasse no banco.

De volta à estrada, o Sr. Kadam parecia até gostar de ziguezaguear pela trilha de obstáculos de cepos de árvores, arbustos, pedras e buracos. Os amortecedores do Jeep eram excelentes, mas eu ainda tinha que me segurar com força na alça da porta e me firmar no painel para não bater a cabeça no teto. Por fim, nos vimos outra vez no asfalto liso, seguindo para sudoeste.

O Sr. Kadam me incitou:

– Fale-me sobre sua semana com dois tigres.

Espiei Ren no banco de trás. Ele parecia estar cochilando, por isso resolvi começar a lhe contar sobre a caçada. Depois voltei no tempo e falei sobre todo o resto. Bem, quase todo o resto. Não mencionei o episódio do beijo. Não que eu pensasse que o Sr. Kadam não entenderia; na verdade, acho que teria entendido. Mas, como não dava para saber se Ren estava mesmo dormindo no banco de trás e eu ainda não estava pronta para partilhar meus sentimentos, deixei essa parte de fora.

O Sr. Kadam estava interessado em saber principalmente de Kishan. Ele tinha ficado chocado quando o príncipe mais jovem saíra da floresta pedindo mais comida para mim. Disse que Kishan aparentemente não ligava para nada nem ninguém desde que os pais morreram.

Eu lhe contei que Kishan ficara comigo por cinco dias enquanto Ren caçava e que conversamos sobre como ele conheceu Yesubai. Tentei manter a voz baixa enquanto falava sobre ela, para não

aborrecer Ren.

Dava para ver que o Sr. Kadam sabia mais coisas e poderia ter preenchido algumas lacunas para mim, mas percebi que não daria informações sem necessidade. Ele era o tipo de homem que sabia guardar segredos. Esse seu traço funcionava tanto a meu favor como contra mim. Por fim, mudei o assunto para a infância de Ren e Kishan.

– Ah, os garotos eram o orgulho e a alegria dos pais: príncipes reais com um dom para se meterem em encrencas e saírem delas com a ajuda de seu charme. Eles podiam ter tudo que o quisessem, mas precisavam se esforçar para merecer.

O Sr. Kadam sorria ao relembrar a infância dos irmãos.

– Deschen, a mãe, era pouco convencional para os padrões da Índia. Ela os levava, disfarçados, para brincar com crianças pobres. Queria que os filhos fossem abertos a todas as culturas e práticas religiosas. O casamento com o pai deles, o rei Rajaram, foi a união de duas culturas. Ele a amava e fazia suas vontades, não se importando com o que as outras pessoas pensavam. Os meninos foram criados com o melhor de ambos os mundos. Eles estudaram de tudo, de política e conflitos armados a pastoreio e colheitas. Receberam treinamento nas armas indianas e também tiveram acesso aos melhores professores de toda a Ásia.

– Eles faziam outras coisas? Como adolescentes comuns?

– Que tipo de coisas?

Eu me encolhi, nervosa.

– Eles... namoravam?

O Sr. Kadam arqueou uma sobrancelha, curioso.

– Não. Certamente não. Antes de a senhorita me contar aquela história, eu nunca tinha ouvido falar que um dos dois houvesse dado uma escapada romântica. Na verdade, eles não tinham tempo para isso e, de qualquer forma, os dois iam mesmo ter casamentos arranjados.

Descansei a cabeça no encosto do banco depois de recliná-lo um pouco. Tentei imaginar como era a vida deles. Devia ser difícil não ter escolhas, mas, por outro lado, eles eram privilegiados quando outras pessoas tinham muito menos. Ainda assim, a liberdade de escolha era algo que eu prezava.

Não demorou muito para que meus pensamentos se tornassem nebulosos e meu corpo cansado me levasse a um sono profundo. Quando acordei, o Sr. Kadam me entregou um sanduíche e um copo

grande de suco de fruta.

– Coma alguma coisa. Vamos pernoitar em um hotel para que você tenha uma boa noite de sono em uma cama confortável, para variar.

– E quanto a Ren?

– Escolhi um hotel que fica perto da selva. Podemos deixá-lo ali e apanhá-lo quando estivermos partindo.

– E as armadilhas para tigres?

O Sr. Kadam riu.

– Ele lhe contou sobre isso, não foi? Não se preocupe, Srta. Kelsey. Ele não vai cometer o mesmo erro duas vezes. Não existem animais grandes nesta área, portanto a gente da cidade não vai procurar por ele. Se Ren agir com discrição, não vai ter problemas.

Uma hora depois, o Sr. Kadam parou perto de um trecho denso da selva nos arredores de uma cidadezinha, para que Ren saltasse. Seguimos até um vilarejo movimentado com pessoas vestidas de tons vibrantes e casas coloridas e estacionamos na frente do hotel.

– Não é um cinco estrelas – explicou o Sr. Kadam –, mas tem lá os seus encantos.

O Sr. Kadam se aproximou do balcão da recepção do hotel enquanto eu perambulava por ali, examinando os interessantes produtos à venda numa loja de conveniência. Encontrei barras de chocolate e refrigerantes americanos misturados a doces incomuns e picolés de sabores exóticos.

Ele pegou nossas chaves e comprou dois refrigerantes e dois picolés.

O hotel cor de menta de dois andares tinha um portão de ferro batido, um pátio de concreto e arremates rosa-flamingo. Meu quarto tinha uma cama de casal. Uma cortina colorida escondia um pequeno closet com alguns cabides de madeira. Uma bacia e um jarro de água fresca, assim como um par de canecas de cerâmica, descansavam sobre a mesa. Em vez de um aparelho de ar condicionado, um ventilador rodava preguiçosamente no teto, mal movimentando o ar quente. Não havia banheiro. Todos os hóspedes tinham que compartilhar as instalações no primeiro piso. As acomodações eram simples, mas ainda assim ganhavam facilmente da selva.

Depois de me ver acomodada e de me entregar a chave, o Sr. Kadam disse que iria me pegar para jantarmos dali a três horas e então se retirou.

Ele mal havia passado pela porta quando uma mulher indiana, vestindo uma camisa laranja esvoaçante sobre uma saia branca, veio recolher minhas roupas sujas. Pouco depois, ela voltava com as roupas lavadas e as pendurava no varal diante da minha porta. As peças adejavam tranquilamente na brisa e eu dormi ouvindo os ruídos relaxantes do lugar.

Depois de um breve cochilo e de esboçar alguns desenhos de Ren como tigre, eu traneei o cabelo e o prendi com uma fita vermelha para combinar com a saia também vermelha. Tinha acabado de calçar os tênis quando o Sr. Kadam bateu à porta.

Ele me levou para jantar no que disse ser o melhor restaurante da cidade: A Flor de Manga. Tomamos um pequeno barco-táxi, atravessamos o rio e caminhamos até uma construção que parecia uma casa de fazenda, cercada por bananeiras, palmeiras e mangueiras.

Fomos conduzidos até os fundos e passamos por um caminho calçado de pedras que levava a uma impressionante vista do rio. Pesadas mesas de madeira com tampo polidos e lisos e bancos de pedra espalhavam-se por todo o pátio. Lanternas de ferro trabalhado montadas no canto de cada mesa constituíam a única fonte de luz disponível. Um arco de tijolos à direita era coberto por jasmins brancos que perfumavam o ar noturno.

– Que lugar lindo, Sr. Kadam!

– Foi o recepcionista do hotel que o recomendou. Pensei que você gostaria de uma boa refeição, já que está comendo rações do exército há uma semana.

Deixei que o Sr. Kadam fizesse o meu pedido, pois eu não tinha a menor ideia do que dizia o cardápio. Saboreamos um jantar de arroz *basmati*, legumes grelhados, *saag* de frango – que vinha a ser frango cozido com creme de espinafre –, um peixe branco com chutney de manga, bolinhos *pakora* de legumes, camarões ao coco, pão *naan* e uma espécie de limonada que levava uma pitada de cominho e de hortelã chamada *jal jeera*. Beberiquei a limonada, achei que era um pouquinho temperada demais para o meu gosto e terminei bebendo bastante água.

Quando começamos a comer, perguntei ao Sr. Kadam o que mais ele aprendera sobre a profecia.

Ele limpou a boca com o guardanapo, tomou um gole de água e disse:

– Creio que o que vocês estão procurando seja chamado de o

Fruto Dourado da Índia. – Ele se aproximou um pouco mais e baixou a voz. – A história do Fruto Dourado é uma lenda muito antiga esquecida pela maior parte dos eruditos modernos. Trata-se supostamente de um objeto de origem divina dado a Hanuman para que ele o guardasse e protegesse. Quer que eu lhe conte a história?

Bebi minha água e assenti.

– A Índia já foi uma vasta terra estéril, completamente inabitável. Era cheia de serpentes de fogo, grandes desertos e feras selvagens. Então os deuses e deusas vieram e o aspecto da terra mudou. Eles criaram o homem e deram à humanidade dádivas especiais, sendo o Fruto Dourado a primeira delas. Quando ele foi plantado, uma árvore imensa nasceu, depois vieram os frutos e suas sementes foram recolhidas e espalhadas por toda a Índia, transformando-a em uma terra fértil capaz de alimentar milhões de pessoas.

– Mas, se o Fruto Dourado foi plantado, ele não teria desaparecido ou se transformado nas raízes da árvore?

– Um dos frutos daquela primeira árvore amadureceu rapidamente e se tornou dourado. Ele foi colhido e escondido por Hanuman, o rei de Kishkindha, metade homem, metade macaco. Enquanto o fruto estiver protegido, o povo da Índia terá alimento.

– Então é esse o fruto que precisamos encontrar? E se Hanuman ainda o estiver protegendo e nós não conseguirmos chegar até ele?

– Hanuman guardou o fruto em sua fortaleza e o cercou de servos imortais para vigiá-lo. Não sei muito sobre o tipo de barreiras que seriam erguidas para deter vocês. Suponho que haverá mais do que uma armadilha projetada para tirá-los de seu caminho. Por outro lado, você é a protegida de Durga e portanto contará com a ajuda dela.

Esfreguei minha mão distraidamente. Ela formigava. O desenho de hena desbotara, mas eu sabia que ele ainda estava ali. Bebi minha água.

– O senhor acha mesmo que vamos encontrar alguma coisa? Quer dizer, acredita mesmo nessas coisas?

– Não sei. Espero que seja verdade, para que os tigres sejam libertos. Tento manter a mente aberta. Sei que existem poderes que não sou capaz de compreender e coisas que nos moldam e que não podemos ver. Eu não deveria estar vivo, mas de alguma forma estou. Ren e Kishan estão aprisionados em uma espécie de magia e é meu dever ajudá-los.

Devo ter demonstrado minha angústia, porque ele deu tapinhas

em minha mão e disse:

– Não se preocupe. Tenho um forte pressentimento de que tudo vai dar certo no fim. É a fé que me mantém concentrado em nosso objetivo. Tenho grande confiança em você e em Ren, e acredito, pela primeira vez em séculos, que há esperança.

Ele bateu as mãos e esfregou uma palma na outra.

– Então, vamos voltar nossa atenção para a sobremesa?

Ele pediu *kulfi* para nós dois e explicou que se tratava de um sorvete feito com creme de leite fresco e nozes. Era refrescante em uma noite quente, embora não tão doce nem tão cremoso quanto o sorvete americano.

Após o jantar, caminhamos até o barco, conversando sobre Hampi. O Sr. Kadam sugeriu que visitássemos um templo local dedicado a Durga antes de nos aventurarmos nas ruínas à procura do portão para Kishkindha.

Passeávamos lentamente, atravessando a cidade na direção do mercado, quando o Sr. Kadam e eu avistamos nosso hotel verde menta. Ele se voltou para mim com uma expressão acanhada e disse:

– Espero que me perdoe por escolher esse hotel um tanto humilde. Eu queria ficar na cidadezinha mais próxima à selva para o caso de Ren precisar de mim. Ele pode nos alcançar aqui rapidamente se for preciso e eu me sinto mais seguro com ele por perto.

– Imagine, Sr. Kadam. Depois de ficar uma semana na selva, esse hotel parece mais do que luxuoso.

Ele riu e assentiu com a cabeça. Passamos por diferentes quiosques e o Sr. Kadam comprou frutas para o café da manhã e um tipo de bolo de arroz envolto em folhas de bananeira. Parecia aquele do almoço que Phet preparara para mim, mas o Sr. Kadam me garantiu que era doce e não condimentado.

Depois de me aprontar para dormir, afofei o travesseiro, puxei minha colcha recém-lavada e seca sobre o colo e pensei em Ren lá na selva sozinho. Senti culpa por estar no hotel e ele lá fora. Além disso, eu tinha saudade dele e me sentia solitária. Gostava de tê-lo por perto. Suspirando profundamente, desfiz minha trança, me deitei e mergulhei em um sono leve.

Por volta da meia-noite, uma batida suave na porta me acordou. Hesitei em abri-la. Era tarde e certamente não poderia ser o Sr. Kadam. Fui até a porta, pousei a mão silenciosamente nela e fiquei escutando.

Houve uma batida abafada novamente e ouvi uma voz familiar sussurrar:

– Kelsey, sou eu.

Destranquei a porta e espiei lá fora. Ren estava parado ali, vestido com suas roupas brancas, descalço, com um sorriso triunfante no rosto. Puxei-o para dentro e murmurei:

– O que está fazendo aqui? É perigoso vir à cidade! Você podia ter sido visto e eles mandariam caçadores atrás de você!

Ele deu de ombros e sorriu.

– Senti saudade de você.

Minha boca se contraiu em um meio sorriso.

– Eu também.

Ele apoiou o ombro, indiferente, na moldura da porta.

– Isso significa que você vai me deixar ficar aqui? Eu durmo no chão e vou embora antes de amanhecer. Ninguém vai me ver.

Soltei um suspiro profundo.

– Certo, mas prometa que vai embora cedo. Não gosto que você se arrisque assim.

– Prometo. – Ele se sentou na cama, pegou minha mão e me puxou para me sentar ao lado dele. – Não gosto de dormir na selva escura sozinho.

– Eu também não gostaria.

Ele olhou para nossas mãos entrelaçadas.

– Quando estou com você, me sinto humano novamente. Quando estou lá fora sozinho, eu me sinto uma fera, um animal.

Seus olhos encontraram os meus e eu apertei sua mão.

– Eu entendo. Está tudo bem. De verdade.

Ele sorriu.

– Foi difícil rastrear vocês, sabia? Para minha sorte, resolveram sair para jantar, assim pude seguir o cheiro de vocês até aqui.

Algo na mesinha de cabeceira chamou sua atenção. Inclinando-se por trás de mim, ele estendeu a mão e pegou meu diário aberto. Eu havia feito um novo desenho de um tigre – o meu tigre. Meus desenhos no circo eram satisfatórios, mas este último era mais pessoal e cheio de vida. Ren ficou olhando-o por um momento enquanto minhas bochechas mudavam de cor.

Ele traçou o desenho do tigre com o dedo e então sussurrou:

– Um dia eu vou lhe dar um retrato do meu eu verdadeiro.

Deixando o diário de lado com cuidado, ele tomou minhas mãos nas dele, virou-se para mim com uma expressão intensa e disse:

– Não quero que você veja apenas um tigre quando olha para mim. Quero que veja a mim: o homem.

Estendendo a mão, ele quase tocou o meu rosto, mas, a meio caminho, se deteve e recolheu a mão.

– Venho usando a face do tigre há tempo demais. Ele roubou a minha humanidade.

Assenti enquanto ele apertava minhas mãos e dizia bem baixinho:

– Kells, eu não quero mais ser ele. Quero ser eu mesmo. Quero ter uma vida.

– Eu sei – falei com delicadeza. Ergui a mão e acariciei seu rosto.
– Ren, eu...

Fiquei paralisada quando ele levou minha mão lentamente aos lábios e beijou sua palma. Minha mão formigava. Seus olhos azuis esquadrihavam meu rosto desesperadamente, querendo, precisando que eu lhe desse algo.

Eu queria dizer algo que o tranquilizasse. Queria lhe oferecer conforto. Mas não conseguia reunir as palavras. Sua súplica me comoveu. Senti uma ligação profunda com ele, uma forte conexão. Queria ajudá-lo, queria ser sua amiga e queria... talvez algo mais. Tentei identificar minhas reações. O que eu sentia por ele parecia complicado demais para definir, mas logo se tornou óbvio para mim que a emoção mais forte que eu sentia, a que estava agitando meu coração, era... amor.

Eu havia construído uma represa em torno do meu coração depois que minha família morreu. Não me permitira amar ninguém porque temia que essa pessoa fosse tirada de mim outra vez. Intencionalmente, evitava laços estreitos. Eu gostava das pessoas e tinha muitas amizades, mas não me arriscava a amar.

A vulnerabilidade dele me permitiu baixar a guarda e, de maneira delicada e metódica, ele derrubou minha bem construída barragem. Ondas de ternura batiam nas bordas do muro e se introduziam furtivamente nas rachaduras. Os sentimentos transbordaram e caíram sobre mim. Era assustador me abrir para amar alguém novamente. Meu coração batia com força. Eu tinha certeza de que ele podia ouvi-lo.

A expressão de Ren mudou enquanto ele observava meu rosto.

Sua expressão de tristeza foi substituída por uma de preocupação comigo.

Qual era o próximo passo? O que eu devia fazer? O que dizer? Como partilho o que estou sentindo?

Eu me lembrei dos filmes românticos que via com minha mãe e de nossa frase favorita: “Cale a boca e beije-a logo!” Ficávamos frustradas quando o herói ou a heroína não fazia o que era tão óbvio para nós e, toda vez que ocorria um momento de tensão romântica, repetíamos o nosso mantra. Eu podia ouvir em minha mente a voz bem-humorada da minha mãe me dando o mesmo conselho: “Kells, cale a boca e beije-o logo!”

Assim, reuni coragem e, antes que mudasse de ideia, inclinei-me para a frente e o beijei.

Ele ficou paralisado. Não correspondeu ao meu beijo. Não me repeliu. Ele simplesmente parou... de se mover. Eu me afastei, vi o choque em seu rosto e imediatamente me arrependi de minha ousadia. Então me levantei e me afastei, constrangida. Eu queria pôr alguma distância entre nós enquanto tentava freneticamente reconstruir os muros em torno do meu coração.

Então ouvi que Ren se movia. Ele pôs a mão sob meu cotovelo e me fez virar. Eu não conseguia olhar para ele. Fiquei olhando seus pés descalços. Ele colocou um dedo sob o meu queixo e tentou me fazer erguer a cabeça, mas ainda assim eu me recusava a olhá-lo nos olhos.

– Kelsey, olhe para mim. – Levantando os olhos, eles seguiram dos seus pés para um botão branco no meio de sua camisa. – Olhe para mim.

Meus olhos continuaram sua jornada. Deslizaram pelo bronze dourado de seu peito, seu pescoço e então pousaram em seu lindo rosto. Os olhos azul-cobalto perscrutaram os meus, questionadores. Ele deu um passo à frente, aproximando-se mais. Minha respiração ficou presa na garganta. Estendendo a mão, ele lentamente a deslizou em torno da minha cintura. Sua outra mão segurou meu queixo. Ainda examinando meu rosto, ele colocou a palma em minha bochecha e traçou o arco da maçã do meu rosto com o polegar.

Seu toque era doce, hesitante e cuidadoso. A expressão dele era de espanto e compreensão. Eu estremeci. Ele ficou parado por mais um momento, então sorriu com ternura, baixou a cabeça e roçou os lábios nos meus.

Ren me beijou delicadamente, um beijo que era quase um suspiro.

Sua outra mão também deslizou para minha cintura. Toquei seus braços com a ponta dos meus dedos. Ele estava quente e sua pele era macia. Ele me puxou devagar para mais perto e eu apertei seus braços.

Ele suspirou de prazer e aprofundou o beijo. Eu me dissolvi em seus braços.

Como eu estava conseguindo respirar? Seu aroma de sândalo me envolvia. Cada ponto em que ele me tocava, eu sentia formigar e ganhar vida.

Agarrei seus braços com ardor. Sem que seus lábios deixassem os meus, Ren pegou meus braços e os enroscou, um de cada vez, em seu pescoço. Então deslizou uma das mãos pelo meu braço nu, indo até a cintura, enquanto a outra escorregava até meu cabelo. Antes que eu me desse conta do que ele planejava fazer, ele me levantou com um braço e me abraçou de encontro a seu peito.

Não tenho a menor ideia de quanto tempo ficamos nos beijando. Parecia um mero segundo, ao mesmo tempo que parecia uma eternidade. Meus pés descalços pendiam vários centímetros acima do chão. Ele sustentava todo o peso do meu corpo facilmente com um só braço. Enterrei meus dedos em seu cabelo e senti um ronco em seu peito, semelhante ao ronronar que ele fazia como tigre. Depois disso, todo pensamento coerente desapareceu e o tempo parou.

Todos os neurônios disparavam em meu cérebro simultaneamente. Eu não tinha a menor ideia de que beijar fosse assim – uma sobrecarga sensorial.

Em algum momento, Ren me pôs no chão, com relutância. Ele ainda sustentava meu peso, o que era bom, pois eu me sentia prestes a desmoronar. Com a mão em minha face, ele correu um polegar pelo meu lábio inferior, mantendo um braço em torno de minha cintura. Então a outra mão se dirigiu ao meu cabelo e seus dedos começaram a retorcer os fios soltos.

Precisei piscar várias vezes para clarear minha visão.

Ele riu baixinho.

– Respire, Kelsey.

Ele exibia um sorriso convencido, o que, por alguma razão, acendeu minha ira.

– Você parece muito satisfeito consigo mesmo.

– *E estou.*

Sorrindo afetadamente de volta para ele, eu disse:

– Bem, você não pediu minha permissão.

– Humm, talvez devamos consertar isso. – Ele correu os dedos pelo meu braço, desenhando pequenos círculos. – Kelsey?

Eu observava o progresso de seus dedos e murmurei, distraída:

– Oi?

Ele chegou ainda mais perto.

– Eu...

– Humm?

– Tenho a sua... – Ele começou afagar com o nariz meu pescoço até chegar à orelha. Seus lábios me faziam cócegas enquanto ele sussurrava e eu senti que ele sorria. – ...permissão...

Um arrepio percorreu meus braços e eu estremeci.

– ...para beijá-la?

Assenti com a cabeça, debilmente. Na ponta dos pés, deslizei os braços em torno de seu pescoço, demonstrando que eu lhe dava permissão. Ele traçou um rastro de beijos da minha orelha até a bochecha em um movimento dolorosamente lento. Então se deteve, pairando a milímetros dos meus lábios, e esperou.

Eu sabia o que ele estava esperando. Hesitei apenas por um breve segundo antes de sussurrar:

– Sim.

Sorrindo, vitorioso, ele me apertou de encontro ao seu peito e tornou a me beijar. Dessa vez, o beijo foi mais ousado e brincalhão. Percorri com as mãos seus ombros fortes e o pescoço, e o apertei contra mim.

Quando Ren se afastou, seu rosto estava iluminado por um sorriso extasiado. Ele me levantou e rodopiou comigo pelo quarto, rindo. Quando eu já estava totalmente tonta, ele se acalmou e tocou a minha testa com a dele. Com timidez, levei a mão ao seu rosto, explorando os ângulos de seus ossos e os lábios com as pontas dos dedos. Ele se inclinou ao meu toque, à semelhança do tigre. Eu ri e corri as mãos pelos seus cabelos, afastando-os de seu rosto, adorando o toque sedoso.

Eu me sentia arrebatada. Não esperava que um primeiro beijo fosse tão... transformador. Em poucos e breves momentos, o manual do meu universo fora reescrito. De repente, eu era uma nova pessoa. Tão frágil quanto um recém-nascido, temendo que quanto mais fundo eu permitisse que o relacionamento progredisse, pior seria se Ren me deixasse. *O que seria de nós?* Não havia como saber e eu percebi que coisa delicada era um coração. *Não era de admirar que eu tivesse*

mantido o meu trancado a sete chaves.

Ren parecia alheio aos meus pensamentos negativos e eu tentei empurrá-los para o fundo da mente e desfrutar aquele momento com ele. Colocando-me no chão, ele tornou a me beijar, dessa vez brevemente, e depositou beijos delicados na minha nuca e no pescoço. Então me abraçou com ternura e apenas me manteve ali, junto dele. Acariciando meus cabelos, ele sussurrou palavras suaves em sua língua nativa. Depois de um longo momento, ele suspirou, beijou meu rosto e me levou na direção da cama.

– Durma um pouco, Kelsey. Nós dois precisamos descansar.

Depois de uma última carícia em meu rosto com as costas dos dedos, ele se transformou em tigre e deitou-se no tapete ao lado da cama. Eu me acomodei debaixo da colcha e me inclinei para acariciar sua cabeça. Apoiando o rosto no outro braço, falei baixinho:

– Boa noite, Ren.

Ele inclinou a cabeça, esfregando-a na minha mão, e ronronou. Em seguida, pôs a cabeça sobre as patas e fechou os olhos.

Na manhã seguinte, Ren já havia saído quando acordei. Eu me vesti e bati na porta do Sr. Kadam.

A porta se abriu e ele sorriu para mim.

– Srta. Kelsey! Dormiu bem?

Não percebi nenhum sarcasmo em seu tom e concluí que Ren tinha preferido não revelar a escapada noturna ao Sr. Kadam.

– Sim, dormi muito bem. Um pouco demais, eu acho. Desculpe.

Ele fez um gesto dispensando as desculpas e me entregou um bolo de arroz embrulhado em folha de bananeira, algumas frutas e uma garrafa de água.

– Não se preocupe. Vamos buscar Ren e seguir para o templo de Durga. Não há razão para pressa.

Voltei ao meu quarto e tomei o café da manhã. Depois comecei a reunir alguns itens pessoais e colocá-los em minha pequena bolsa de viagem. Por várias vezes me peguei sonhando acordada. Eu olhava no espelho e tocava meu braço, meus cabelos e lábios, lembrando dos beijos de Ren. Tive que me sacudir constantemente e fazer força para me concentrar. O que eu deveria ter levado 10 minutos para fazer me tomou uma hora e meia.

Por cima de tudo na bolsa, coloquei meu diário e a colcha. Fechei o zíper e saí em busca do Sr. Kadam. Ele estava à minha espera no

Jeep, examinando alguns mapas. Sorriu para mim, parecendo de bom humor, embora eu o tivesse feito esperar tanto tempo.

Apanhamos Ren, que surgiu saltitando do meio das árvores como um filhote brincalhão. Quando alcançou o Jeep, eu me inclinei para acariciá-lo e ele se ergueu nas patas traseiras, focinhando minha mão e lambendo meu braço pela janela aberta. Então saltou para o banco de trás e o Sr. Kadam deu a partida.

Seguindo cuidadosamente as rotas indicadas no mapa, pegamos uma estrada de terra que nos conduziu através da selva, até pararmos por fim no templo de pedra de Durga.



O templo de Durga

O Sr. Kadam nos instruiu a esperar no carro enquanto ele verificava se havia visitantes no templo. Ren enfiou a cabeça entre os bancos e começou a dar cabeçadas no meu ombro até eu me virar.

– É melhor você manter a cabeça abaixada. Alguém pode vê-lo se não tomar cuidado – falei com uma risada.

O tigre branco emitiu um ruído.

– Eu sei. Também senti sua falta.

Depois de uns cinco minutos, um jovem casal saiu do templo, entrou em um carro e partiu, e o Sr. Kadam retornou.

Saltei e abri a porta para Ren, que começou a se esfregar em minhas pernas como um gato doméstico gigante à espera da comida. Eu ri.

– Ren! Você vai me derrubar.

Mantive a mão em seu pescoço e ele se contentou com isso.

O Sr. Kadam deu uma risadinha e disse:

– Vocês dois podem ir dar uma olhada no templo enquanto eu fico aqui de vigia para o caso de aparecerem outros visitantes.

O acesso ao templo era ladeado por pedras lisas cor de terracota. O templo propriamente dito era da mesma cor, com estrias de um sépia suave, rosa e bege claro. Árvores e flores haviam sido plantadas em torno da área do templo e vários caminhos saíam da entrada principal.

Subimos os degraus baixos de pedra até a entrada, que era aberta e exibia colunas altas que sustentavam o caminho de acesso. A soleira tinha altura suficiente apenas para que uma pessoa de estatura mediana passasse. De ambos os lados da abertura havia entalhes

incrivelmente detalhados de deuses e deusas indianos.

Um aviso, escrito em várias línguas, dizia que devíamos tirar os sapatos. O chão era coberto de poeira, então tirei também as meias e as enfiei dentro dos tênis.

Lá dentro, o teto se expandia em um domo alto onde se viam intrincados entalhes com imagens de flores, elefantes, macacos, o sol e deuses e deusas brincando. O piso era de pedra e quatro colunas decorativas ligadas por arcos ornamentais se erguiam a cada canto. As colunas ostentavam entalhes de pessoas em vários estágios da vida e em várias ocupações no ato de venerar Durga. Uma imagem da deusa podia ser vista no topo das pilastras.

O templo era literalmente esculpido em uma colina rochosa. Uma série de degraus levava do piso principal a três direções. Escolhi o arco da direita e subi os degraus. A área além dele estava danificada. Pedras quebradas e esfaceladas espalhavam-se pelo piso. Pelo estado em que o espaço se encontrava, eu não conseguia imaginar com que propósito poderia ter sido usado.

A área seguinte abrigava uma espécie de altar de pedra. Uma pequena estátua quebrada, agora não identificável, descansava sobre ele. Tudo era coberto por um pó sépia espesso, cujas partículas cintilavam e pairavam no ar. Feixes de luz desciam de rachaduras no domo e iluminavam o piso com raios estreitos. Eu não ouvia Ren, mas cada movimento meu ecoava pelo templo vazio.

O ar lá fora era abafado, mas ali dentro estava apenas morno e até fresco em alguns lugares, como se cada passo me levasse a um clima diferente. Olhei para o piso e vi minhas pegadas e as de Ren e pensei que deveria varrer o chão antes de irmos embora. Não queríamos que as pessoas pensassem que havia um tigre rondando o templo.

Depois de dar uma busca na área e não encontrar nada importante, entramos no arco da esquerda e eu arquejei, pasma. Um recesso escavado na pedra abrigava uma linda estátua de pedra de Durga. Ela usava um imponente ornamento de cabeça e tinha os oito braços dispostos em torno de seu torso como penas de pavão. Segurava várias armas, uma das quais erguida num gesto de defesa. Olhei mais de perto e vi que era a *gada*, a maçã. Enroscado em suas pernas estava Damon, o tigre de Durga. Suas garras enormes se projetavam de uma pesada pata, apontada para a garganta de um javali inimigo.

– Acho que ela também tinha um tigre para protegê-la, hein, Ren?

Parei na frente da estátua e Ren se sentou ao meu lado. Enquanto a examinávamos, perguntei a ele:

– O que você acha que o Sr. Kadam espera que encontremos aqui? Mais respostas? Como conseguimos a bênção dela?

Andei de um lado para outro diante da estátua enquanto investigava as paredes, introduzindo o dedo cautelosamente nas fendas. Estava procurando alguma coisa incomum, sem muita certeza do que poderia ser. Depois de meia hora, minhas mãos estavam manchadas, cheias de teias de aranha e cobertas por uma poeira terracota. E eu não chegara a lugar algum. Limpei as mãos na calça jeans e me sentei pesadamente em um degrau de pedra.

– Desisto. Não sei o que devíamos estar procurando.

Ren se aproximou e descansou a cabeça no meu joelho. Fiz um carinho em suas costas macias.

– O que vamos fazer agora? Continuamos procurando ou voltamos para o Jeep?

Olhei para a coluna de sustentação ao meu lado. Ela mostrava um entalhe de pessoas adorando Durga – duas mulheres e um homem fazendo uma oferenda de comida. Pensei que deviam ser lavradores, pois havia tipos diferentes de campos e pomares dominando o restante da pilastra. Rebanhos de animais domésticos e instrumentos agrícolas também tinham sido incluídos na cena. O homem carregava um feixe de grãos pendurado no ombro. Uma das mulheres levava um cesto de frutas e a outra trazia alguma coisa pequena na mão.

Eu me levantei para olhar mais de perto.

– Ren, o que você acha que ela tem na mão?

Dei um pulo. A mão quente do príncipe pegou a minha e a apertou de leve.

– Você devia me avisar antes de mudar de forma, sabia? – ralhei.

Ele riu e traçou as linhas do entalhe com o dedo.

– Não tenho certeza. Parece um tipo de sino.

Também cobri o entalhe com o dedo e murmurei:

– E se fizermos uma oferenda como essa a Durga?

– O que quer dizer?

– Por que não lhe oferecer alguma coisa, como frutas, e então tocar um sino?

Ele deu de ombros.

– Claro. Vale a pena tentar qualquer coisa.

Voltamos para o Jeep e contamos nossa ideia ao Sr. Kadam. Ele pareceu entusiasmado.

– Excelente ideia, Srta. Kelsey! Não sei por que não pensei nisso.

Ele vasculhou nosso almoço e pegou uma maçã e uma banana.

– Quanto ao sino, não me ocorreu trazer um, mas acredito que em muitos desses templos antigos haja um sino instalado. Os discípulos os tangiam quando chegavam convidados, quando em adoração e para convocar para uma refeição. Talvez encontrem algum por lá.

Novamente no templo, Ren procurou na área do altar enquanto eu começava a remexer os escombros na outra sala.

Uns 15 minutos depois, ouvi:

– Kelsey, aqui! Encontrei!

Corri até Ren, que me mostrou uma parede estreita na quina da sala que não podia ser vista da porta do templo. Prateleiras rasas haviam sido escavadas na pedra como minúsculos recessos. Na do alto, bem além do meu alcance, mas ainda no de Ren, encontrava-se um diminuto sino de bronze enferrujado, coberto por teias de aranha e poeira. Ele tinha um pequeno anel na parte superior para que pudesse ser pendurado em um gancho.

Ren o pegou na prateleira e usou a camisa para limpá-lo. Tirando a fuligem e a poeira, ele o sacudiu, emitindo um tilintar etéreo. Ren sorriu e me ofereceu a mão, voltando comigo à estátua de Durga.

– Acho que você deve fazer a oferenda, Kells. – Ele afastou o cabelo dos olhos. – Você é a protegida de Durga, afinal.

Fiz uma careta.

– Pode ser, mas está se esquecendo de que *eu* sou uma estrangeira e *você* é um príncipe da Índia. Certamente sabe melhor do que eu o que está fazendo.

Ele deu de ombros.

– Nunca fui devoto de Durga. Não conheço o processo.

– O que você venera ou venerava?

– Eu participava dos rituais e das festas religiosas do meu povo, mas meus pais queriam que Kishan e eu decidíssemos por nós mesmos em que acreditar. Eles tinham uma grande tolerância em relação a diferentes ideologias religiosas, pois eram de duas culturas diferentes. E você?

– Não voltei à igreja depois da morte dos meus pais.

Ele apertou minha mão e propôs:

– Acho que nós dois precisamos encontrar um caminho para a fé. Eu acredito que exista algo maior, um poder benigno no universo que guia todas as coisas.

– Como você continua tão otimista quando está preso a um corpo de tigre há séculos?

Ele limpou a poeira no meu nariz com a ponta do dedo.

– Meu atual nível de otimismo é uma aquisição relativamente nova. Venha.

Ele sorriu, beijou minha testa e me puxou para longe da coluna.

Nós nos aproximamos da estátua e Ren começou a limpar o tigre. Parecia um bom ponto de partida. Desdobrei o guardanapo em que o Sr. Kadam havia envolvido as frutas e comecei a livrar a estátua de anos de poeira. Depois de termos limpadado todo o pó e as teias de aranha de Durga e seu tigre, inclusive dos oito braços, limpamos a base e o estrado em que se encontrava. Na base da estátua, Ren encontrou uma pedra ligeiramente escavada que parecia uma tigela. Concluímos que devia ser ali que as pessoas deixavam suas oferendas.

Coloquei a maçã e a banana na tigela e me posicionei diante da estátua. Ren ficou de pé ao meu lado e segurou minha mão.

– Estou nervosa – gaguejei. – Não sei o que dizer.

– Bom, eu começo e você acrescenta o que achar natural.

Ele tocou o sininho três vezes. Seu tilintar ecoou pelo templo cavernoso.

Em voz alta e clara, Ren disse:

– Durga, viemos pedir sua bênção para nossa busca. Nossa fé é fraca e simples. Nossa tarefa é complexa e misteriosa. Por favor, nos ajude a encontrar a compreensão e a força.

Ele olhou para mim. Engoli em seco, tentei umedecer meus lábios secos e acrescentei:

– Por favor, ajude esses dois príncipes da Índia. Devolva-lhes o que lhes foi tirado. Ajude-me a ser forte e sábia o bastante para fazer o que for necessário. Ambos merecem a chance de ter uma vida.

Agarrei a mão de Ren com firmeza e esperamos.

Outro minuto se passou, e mais outro. Ainda assim nada aconteceu. Ren me abraçou brevemente e disse que precisava voltar à forma de tigre. Beije seu rosto e ele começou a mudar. No momento em que voltou a ser um tigre, a sala começou a vibrar e as paredes de repente se sacudiram. Um trovão ensurdecedor soou no templo,

seguido por várias explosões de luz branca.

Um terremoto! Seremos enterrados vivos!

Pedras pequenas e grandes despencavam do teto e uma das grandes colunas rachou. Eu caí e Ren saltou sobre mim, protegendo meu corpo dos escombros.

O tremor foi parando e o estrondo cessou. Ren se afastou de mim enquanto eu me erguia devagar, cambaleando. Tornei a olhar para a estátua, atônita. Uma parte da parede de pedra havia se quebrado, estafitando-se em centenas de pedaços.

Na parede onde a pedra estivera agora via-se a marca de uma mão. Andei até lá e Ren grunhiu baixinho. Tracei o contorno da mão com o dedo e olhei para Ren. Reunindo coragem, ergui minha mão e a coloquei na marca. Senti que a pedra ficava quente, da mesma forma que na caverna de Kanheri. Minha pele fulgurava, como se alguém segurasse uma lanterna debaixo da minha mão. Fascinada, fiquei olhando as veias azuis que apareciam enquanto minha pele se tornava transparente.

O desenho de hena de Phet ressurgiu e reluziu vermelho. Faíscas crepitantes saltavam de meus dedos, que formigavam. Ouvi um tigre grunhir, mas não era Ren. Era Damon, o tigre de Durga!

Os olhos do tigre brilharam amarelos. A pedra se transformou de rocha dura em carne viva e pelo alaranjado e preto. Ele arreganhou os dentes rosnando para Ren, que recuou um passo e rugiu enquanto seu pelo se eriçava em torno do pescoço. De repente, o tigre parou, se sentou e olhou para sua dona.

Tirei minha mão da marca e comecei a me afastar. Lentamente, fui recuando até me encontrar atrás de Ren. Calafrios percorriam minhas costas e eu tremia de medo. A estátua rígida começou a respirar e a pedra bege claro se dissolveu em carne.

A deusa Durga era uma linda mulher indiana, porém com pele de ouro. Vestida em uma túnica de seda azul, fez um movimento e eu ouvi o sussurro do tecido deslizando. Joias de todos os tipos adornavam cada braço. Elas cintilavam e resplandeciam. Reflexos das cores do arco-íris encheram o templo e incidiam de um ponto a outro quando ela se movia. Prendi a respiração enquanto ela piscava, abrindo os olhos, e baixava os oito braços. Durga cruzou dois pares deles diante do peito e inclinou a cabeça, observando-nos.

Ren se aproximou e esfregou a lateral do corpo em mim. Isso me tranquilizou e eu me senti muito grata por sua presença. Pousei a mão

em suas costas e senti os músculos tensos debaixo da minha palma. Ele estava pronto para saltar, para atacar se fosse preciso.

Ficamos os quatro contemplando uns aos outros em silêncio durante um tempo. Durga parecia especialmente interessada em minha mão, que no momento acariciava as costas de Ren. Por fim, ela falou.

Um de seus braços dourados se estendeu e gesticulou em nossa direção.

– Bem-vinda ao meu templo, filha.

Eu queria perguntar por que era sua protegida e por que ela me chamava de filha. Eu nem sequer era indiana. Phet dissera a mesma coisa e essa ideia ainda me desconcertava, mas achei que era melhor ficar calada.

Ela apontou para a tigela a seus pés e disse:

– Sua oferenda foi aceita.

Baixei os olhos para a tigela. As frutas tremeluziram, faiscaram e então desapareceram. Durga deu tapinhas na cabeça de seu tigre por um instante, parecendo esquecer que estávamos ali.

Continuei em silêncio.

Ela olhou para mim e sorriu. Sua voz ecoou pela caverna como um sino tilintando.

– Vejo que você tem seu próprio tigre para ajudá-la em tempos de guerra.

Minha voz soou fraca e frágil comparada ao seu tom potente e melódico:

– Ah... sim. Este é Ren, mas ele é mais do que apenas um tigre.

Ela sorriu para mim e eu me vi arrebatada por seu esplendor.

– Eu sei quem ele é e que você o ama quase tanto quanto eu amo o meu Damon. Não é?

Ela puxou afetuosamente a orelha de seu tigre enquanto eu, muda, assentia com a cabeça.

– Vocês vieram buscar minha bênção e minha bênção eu darei. Cheguem mais perto e a aceitem.

Ainda amedrontada, aproximei-me ligeiramente, arrastando os pés. Ren colocou seu corpo entre mim e a deusa e manteve a atenção voltada para o tigre.

Durga ergueu seus oito braços e fez um gesto para que eu me aproximasse mais um pouco. Dei alguns passos. Ren ficou cara a cara

com Damon. Ambos se farejaram ruidosamente enquanto franziam o focinho, demonstrando que a posição não lhes agradava.

A deusa os ignorou, sorrindo para mim, e anunciou:

– O prêmio que vocês procuram está escondido no reino de Hanuman. Meu sinal irá lhes indicar o portão. O domínio de Hanuman tem muitos perigos. Você e seu tigre devem permanecer juntos para atravessá-lo em segurança. Se vocês se separarem, enfrentarão grande perigo.

Seus braços começaram a se mover e eu dei um curto passo para trás. Ela prendeu uma concha no cinto e então começou a girar as armas nas mãos. Passando-as de braço em braço, inspecionou cada uma delas atentamente. Quando chegou àquela que queria, parou. Olhou com amor para a arma e correu uma das mãos livres por sua lateral.

Era a *gada*. Ela a segurou diante de si e indicou que eu devia pegá-la. Estendi o braço, envolvi o cabo com a mão e a ergui, trazendo-a em minha direção. Parecia feita de ouro, mas, estranhamente, não era pesada. Na verdade, eu conseguia segurá-la facilmente com uma só mão.

Corri a mão pela arma. Era mais ou menos do comprimento do meu braço. O punho era retorcido e entalhado em uma espiral dourada. O cabo era uma barra de ouro lisa e fina, de 5 centímetros de largura, que terminava em uma esfera pesada com uns 6 centímetros de diâmetro. Minúsculas joias de cristal pontilhavam toda a superfície da esfera. Fiquei perplexa ao me dar conta de que provavelmente eram diamantes.

Agradei a Durga, que me sorria com benevolência. Ela ergueu um braço e apontou para a coluna, então assentiu, encorajando-me.

– Quer que eu vá até a coluna? – perguntei, apontando também.

Ela indicou a *gada* em minha mão e então tornou a olhar para a coluna.

Arquejei.

– Ah, quer que eu a teste?

A deusa assentiu e começou a acariciar a cabeça de seu tigre.

Voltei-me para a coluna e ergui a *gada* como um bastão de beisebol. Respirei fundo, fechei os olhos e brandi a arma. Esperei que ela atingisse a pedra, repercutisse e fizesse vibrar meus braços dolorosamente. Errei. Ou pelo menos foi o que pensei.

Tudo aconteceu em câmera lenta. Um estrondo sacudiu o templo

e um fragmento de pedra atravessou o ar como um míssil. Ele atingiu a coluna com um eco e se estilhaçou, explodindo em um milhão de pedaços. Fiquei olhando a poeira arenosa cair sobre a pilha de destroços. A coluna exibia agora um imenso sulco.

Minha boca estava escancarada de espanto. Voltei-me para a deusa, que me dirigia um sorriso, orgulhosa.

– Acho que vou ter que tomar muito cuidado com esta coisa.

Durga assentiu e explicou:

– Use a *gada* quando necessário para se proteger, mas espero que ela seja manejada principalmente pelo guerreiro ao seu lado.

Fiquei imaginando como um tigre poderia usar uma *gada* e então pousei a arma com cuidado no chão de pedra. Quando ergui os olhos, Durga havia estendido outro braço delicado adornado com uma serpente dourada tão viva quanto a própria deusa. A língua da serpente se projetava sem parar e ela sibilava, enroscada no bíceps da deusa.

– Esta, porém, é para você – anunciou Durga, e eu observei com horror a serpente dourada lentamente se desenroscar de seu braço e atravessar o estrado. Então parou, ergueu a cabeça, elevando do chão metade do corpo, e projetou a língua, experimentando o ar à sua volta. Os olhos pareciam minúsculas esmeraldas. Quando dilatou as laterais do pescoço no revelador capelo, eu tremi, percebendo que se tratava de uma naja. Os traços normais da naja ainda estavam lá, mas, em vez de escamas marrons e pretas, as manchas do capelo eram bege, âmbar e creme, espiraladas em um fundo dourado. A pele da barriga era de um branco leitoso e a língua, da cor do marfim.

A cobra se insinuou para mais perto de mim. Ren recuou alguns passos quando ela deslizou entre suas patas.

Eu estava apavorada, com a boca seca. Ergui os olhos para a deusa, que tinha um sorriso sereno no rosto enquanto observava seu bichinho de estimação se aproximar de mim.

A cobra foi até o meu tênis, disparou a língua mais uma vez e enrolou a cabeça na minha perna. Ela circulou minha panturrilha e enroscou o corpo diversas vezes. Eu podia sentir seus músculos apertando minha perna com firmeza enquanto seu corpo se ondulava e ela subia devagar. Minhas pernas e meus braços tremiam, e eu oscilava como uma flor sob chuva forte. Ouvi a mim mesma choramingar. Ren emitiu um ruído entre um grunhido e um ganido, aparentemente sem saber o que fazer para me ajudar. A serpente

alcançou o alto da minha coxa. Meus cotovelos estavam imobilizados e meus braços tremiam quando os abri um pouco, afastando-os do corpo. A serpente apertou minha coxa com a parte inferior de seu corpo e estendeu a cabeça na direção da minha mão.

Observei fascinada e horrorizada ela alcançar meu pulso e rapidamente saltar para o braço. Enroscando-se, continuou seu lento progresso braço acima. As escamas eram frias e lisas. A serpente me prendia, como um torno poderoso. À medida que apertava meu braço e subia, o fluxo do meu sangue era interrompido e então recomeçava, como se eu houvesse colocado um torniquete naquele membro.

Quando a maior parte de seu corpo estava presa em torno da porção superior do meu braço, a cobra estendeu a cabeça até meu ombro e roçou-a em meu pescoço. Sua língua se projetou e experimentou o suor salgado que ali brotava, fazendo meu lábio inferior tremer. Gotas de suor escorriam pelo meu rosto enquanto eu respirava pesadamente. Eu podia sentir-lhe a cabeça passeando em meu pescoço, roçando em meu queixo, e então, lá estava ela, com o pescoço dilatado, fitando meu rosto com seus olhos de joias. No instante em que pensei que eu fosse desmaiar, ela voltou para o braço, enroscou-se mais duas vezes e então imobilizou-se, com a cabeça voltada para Durga.

Cautelosamente, baixei os olhos para olhá-la e fiquei estupefata ao ver que ela havia se transformado em uma joia. Parecia um daqueles braceletes de cobra que os antigos egípcios usavam. Seus olhos de esmeralda observavam o espaço à frente sem piscar.

Hesitante, estendi meu outro braço para tocá-la. Ainda podia sentir as escamas lisas, mas seu toque era metálico, não de matéria viva. Estremeci e virei-me para a deusa.

Como a *gada*, a serpente era relativamente leve. Agora que eu tinha coragem suficiente para olhá-la mais de perto, pude perceber que a cobra havia encolhido. A grande serpente diminuía de tamanho até se tornar um pequeno bracelete enroscado.

– Ela se chama Fanindra, a Rainha das Serpentes – informou a deusa. – É um guia e irá ajudar vocês a encontrar o que procuram. Ela pode conduzi-los por vias seguras e irá iluminar seu caminho através da escuridão. Não tenha medo, pois ela não lhe deseja nenhum mal.

A deusa estendeu a mão para acariciar a cabeça imóvel da cobra e recomendou:

– Ela é sensível às emoções das pessoas e anseia por ser amada pelo que é. Tem um propósito, assim como todos os seus filhos, e

devemos aprender a aceitar que todas as criaturas, por mais assustadoras que possam ser, são de origem divina.

Inclinei a cabeça e declarei:

– Tentarei superar o meu medo e lhe dar o respeito que ela merece.

– Isso é tudo o que peço – disse a deusa, sorrindo.

Quando Durga recolhia os braços e começava a voltar à posição original, ela baixou os olhos para mim e para Ren.

– Posso lhes dar um conselho antes de partirem?

– É claro que sim, Deusa – falei.

– Lembrem-se de se manterem juntos. Se forem separados, não confiem em seus olhos. Usem o coração. Ele lhes dirá o que é real e o que não é. Quando obtiverem o fruto, escondam-no bem, pois existem outros que desejam pegá-lo e usá-lo para o mal e com propósitos egoístas.

– Mas não devemos lhe trazer o fruto de volta como oferenda?

A mão que acariciava o tigre se imobilizou em seu pelo e a carne endureceu até se tornar áspera e cinza.

– Vocês já fizeram sua oferenda. O fruto tem outro propósito, do qual tomarão conhecimento no devido tempo.

– E quanto aos outros presentes, às outras oferendas?

Eu estava desesperada por saber mais e era óbvio que meu tempo estava se esgotando.

– Podem me fazer as outras oferendas em meus outros templos, mas os presentes vocês devem guardar até...

Seus lábios vermelhos detiveram-se no meio da frase e seus olhos se turvaram e se tornaram globos sem visão mais uma vez. Durga e também suas joias de ouro e roupas brilhantes desbotaram até se tornarem outra vez uma escultura.

Estendi a mão e toquei a cabeça de Damon, e então limpei a poeira das mãos na calça jeans depois de roçar a mão em uma orelha arenosa. Ren se aproximou de mim e eu corri os dedos por suas costas peludas, absorta em pensamentos. O som de seixos caindo me tirou de meus devaneios.

Dei um abraço no pescoço de Ren, apanhei cuidadosamente a *gada* e caminhamos até a entrada do templo. Ele ficou parado ali alguns minutos enquanto eu pegava um galho de árvore e apagava suas pegadas.

Quando atravessávamos o caminho de terra de volta ao Jeep, fiquei surpresa ao ver que o sol havia percorrido um longo caminho no céu.

Tínhamos passado um bom tempo no santuário, mais tempo do que eu havia pensado. O Sr. Kadam cochilava no veículo estacionado à sombra, com as janelas abertas. Ele se sentou rapidamente e esfregou os olhos quando nos aproximamos.

– O senhor sentiu o terremoto? – perguntei.

– Terremoto? Não. Aqui fora está silencioso como uma igreja. – Ele riu de sua própria piada. – O que aconteceu lá dentro?

O Sr. Kadam desviou os olhos do meu rosto para os meus novos presentes e arquejou, surpreso.

– Srta. Kelsey! Posso?

Entreguei-lhe a *gada*. Ele estendeu as duas mãos, hesitante, e a pegou de mim. Pareceu ter um pouco de dificuldade com o peso, o que me fez pensar se, em sua idade avançada, não era mais fraco do que parecia. Interesse erudito e puro prazer se refletiam em seu rosto.

– É linda! – exclamou.

Assenti.

– Devia vê-la em ação. – Pousei minha mão em seu braço. – O senhor estava certo. Decididamente recebemos a bênção de Durga. – Apontei para a serpente enroscada em meu braço. – Diga oi para Fanindra.

Ele estendeu um dedo para tocar a cabeça da cobra. Eu me encolhi, torcendo para que ela não se reanimasse, mas Fanindra permaneceu imóvel. Ele parecia hipnotizado pelos objetos.

Puxei-lhe o braço.

– Venha, Sr. Kadam, vamos embora. Vou lhe contar tudo no carro. Além do mais, estou morrendo de fome.

O Sr. Kadam riu, radiante. Envolvendo cuidadosamente a *gada* em um cobertor, ele a guardou na traseira do carro. Então foi até o lado do carona e abriu a porta para mim e para Ren. Entramos, afivелеi meu cinto e partimos na direção de Hampi. Durga havia se manifestado e nós tínhamos um fruto dourado para buscar. Estávamos prontos.



Hampi

No trajeto de volta para a cidade, o Sr. Kadam ouviu com toda a atenção cada detalhe de nossa experiência no templo de Durga e me metralhou com dezenas de perguntas. Pediu detalhes que eu nem sequer tinha considerado importantes. Por exemplo, ele quis saber que imagens as outras três colunas do templo mostravam e eu nem me lembrava de ter olhado para elas.

O Sr. Kadam estava tão absorto na história que seguiu direto para o hotel, esquecendo-se de deixar Ren na selva. Voltamos e acompanhei Ren até a mata. O Sr. Kadam ficou feliz de continuar no Jeep e examinar a *gada* mais de perto.

Atravessei o mato alto com Ren até o começo das árvores, dei um abraço nele e sussurrei:

– Pode ficar no meu quarto no hotel de novo, se quiser. Vou guardar um pouco do jantar para você.

Beijei o topo de sua cabeça e o deixei lá, me olhando enquanto eu me afastava.

No jantar, o Sr. Kadam usou a cozinha do hotel para nos preparar omeletes vegetarianas com pão frito e suco de papaia. Eu estava faminta e, olhando os outros pratos que vinham da cozinha, fiquei muito grata pelo fato de o Sr. Kadam gostar de cozinhar. Outra hóspede preparava alguma coisa em uma panela grande e o cheiro deixava a desejar. Para mim, parecia que ela estava cozinhando roupa suja.

Devorei um prato cheio e ainda pedi ao Sr. Kadam uma segunda porção para comer no quarto, no caso de eu sentir fome à noite. Ele ficou mais do que feliz em me atender e, por sorte, não fez perguntas.

Deixei a *gada* aos cuidados do Sr. Kadam, mas descobri que o

bracelete de cobra não se soltava do meu braço, por mais que eu tentasse deslizá-lo, puxá-lo ou arrancá-lo. O Sr. Kadam temia que alguém tentasse roubá-lo de mim.

– Eu adoraria tirar Fanindra do braço – afirmei. – Mas, se o senhor tivesse visto a forma como ela chegou até aqui, também ia querer que ela permanecesse inanimada.

Reprimindo rapidamente esse pensamento, eu me censurei por esquecer que Fanindra era um presente e uma bênção divinos, e sussurrei um breve pedido de desculpas para ela.

Quando voltei para o quarto, vesti o pijama, o que deu certo trabalho. Felizmente, eu tinha um de mangas curtas. Prendi a bainha da manga numa das voltas de Fanindra para que sua cabeça não ficasse coberta. Olhei para Fanindra no espelho enquanto escovava os dentes.

Batendo levemente na cabeça da serpente, murmurei:

– Bem, Fanindra, espero que goste de água, porque amanhã de manhã eu pretendo tomar um banho e, se ainda estiver no meu braço, você vai comigo.

A serpente continuou imóvel, mas seus olhos de pedra brilharam no espelho do quarto mal iluminado.

Depois de escovar os dentes, liguei o ventilador de teto, arrumei o jantar de Ren na cômoda e subi na cama. O corpo da serpente me incomodava no lado do corpo e eu tinha dificuldade em encontrar uma posição confortável. Pensei que nunca conseguiria dormir com aquela joia enrolada no braço, mas, por fim, acabei adormecendo.

Acordei no meio da noite com Ren arranhando a porta de leve. Ansioso para ficar perto de mim, ele comeu rapidamente e então me abraçou, me puxando para o seu colo. Pressionou a face contra minha testa e começou a falar sobre Durga e a *gada*. Parecia entusiasmado com o que a *gada* podia fazer. Assenti, sonolenta, e mudei de posição, descansando minha cabeça em seu peito.

Eu me sentia segura aconchegada em seus braços e era um prazer ouvir o timbre da sua voz enquanto ele falava suavemente. Mais tarde, ele passou a assoviar baixinho e eu sentia o ritmo do forte batimento de seu coração de encontro ao meu rosto.

Depois de um tempo, ele parou e moveu os braços enquanto eu emitia um protesto sonolento. Ajeitando meu corpo inerte, ele me pegou no colo e me aconchegou em seu peito. Semiadormecida, murmurei que eu podia andar, mas ele me ignorou, me colocou na

cama e delicadamente ajeitou meus braços e minhas pernas. Senti que ele depositava um beijo leve em minha testa e me cobria com a colcha, e então apaguei.

Algum tempo depois, abri os olhos sobressaltada. A serpente dourada havia desaparecido! Corri para acender a luz e a vi descansando na mesinha de cabeceira. Ela ainda estava imóvel, mas agora se encontrava enrodilhada com a cabeça descansando no alto do corpo. Eu a observei, desconfiada, por um instante, mas Fanindra não se moveu.

Estremeci, pensando em uma cobra viva coleando sobre o meu corpo enquanto eu dormia. Ren ergueu sua cabeça de tigre e me olhou, preocupado. Dei-lhe tapinhas carinhosos e disse que estava bem e que Fanindra tinha se deslocado durante a noite. Pensei em pedir a Ren que dormisse entre mim e a serpente, mas decidi que precisava ser corajosa. Então virei de lado e me enrolei bem na colcha para evitar que qualquer coisa estranha acontecesse aos meus membros sem o meu conhecimento.

Também disse a Fanindra que ficaria muito grata se ela não deslizesse pelo meu corpo quando eu não estivesse ciente disso e que preferiria que isso não acontecesse em hipótese nenhuma, se ela pudesse evitar.

Ela não se moveu nem piscou os olhos verdes.

E por acaso cobras piscam? Refletindo sobre essa questão profunda, virei de lado e adormeci facilmente.

Pela manhã, Ren já tinha partido e Fanindra não se movera, então resolvi tomar um banho. Estava de volta ao quarto, secando os cabelos com a toalha, quando percebi que Fanindra havia mudado de forma novamente. Dessa vez, estava retorcida em arcos como antes, pronta para ser colocada em meu braço.

Apanhei-a gentilmente e deslizei seu corpo inflexível pela extensão do meu braço, onde ela se acomodou. Dessa vez, quando tentei tirá-la, ela deslizou com facilidade.

Colocando-a de novo no braço, eu disse:

– Obrigada, Fanindra. Vai ser muito mais fácil se eu puder tirá-la quando precisar.

Não tinha certeza, mas pensei ter visto seus olhos de esmeralda brilharem por um instante.

Eu estava acabando de trançar meus cabelos e amarrá-los com

uma fita verde que combinava com os olhos de Fanindra quando ouvi uma batida na porta. Era o Sr. Kadam, que se encontrava ali de pé, com o cabelo recém-lavado e a barba aparada.

– Pronta para partirmos, Srta. Kelsey? – perguntou, pegando minha bolsa.

Fizemos o *check-out* e deixamos o hotel, seguindo para a selva a fim de pegar Ren. Esperamos vários minutos e então ele surgiu em disparada do meio das árvores e correu até o carro. Dei uma risada nervosa.

– Dormiu um pouco demais hoje, hein?

Ele provavelmente havia corrido o caminho todo de volta. Dirigi-lhe um olhar sugestivo, esperando que entendesse nas entrelinhas o que eu queria de fato ter dito: “Você devia ter saído mais cedo!”

No caminho para Hampi, paramos em uma barraca de frutas e comprei uma vitamina de iogurte chamada *lassi* e uma barra de cereais para cada um de nós. Bebi metade da vitamina e ofereci o restante a Ren. Ele enfiou a cabeça entre os dois bancos dianteiros e lambeu o que restava no copo. Sua língua comprida também fez questão de lambe minha mão “acidentalmente” algumas vezes.

O Sr. Kadam indicou que estávamos nos aproximando de Hampi e apontou para uma grande construção a distância.

– A estrutura alta e cônica que você vê adiante é chamada de Templo de Virupaksha – explicou ele. – É a construção mais conhecida de Hampi, que foi fundada há dois mil anos. Logo passaremos pela caverna Sugriva, onde dizem que as joias de Sita foram escondidas.

– As joias ainda estão lá?

– Nunca foram descobertas, o que também é uma das razões de a cidade ter sido saqueada por caçadores de tesouros com tanta frequência – afirmou o Sr. Kadam. Então ele parou no acostamento da estrada para que Ren saltasse. – Vai haver muitos turistas ali durante o dia, portanto Ren pode esperar aqui enquanto andamos pelo local à procura de pistas. Voltaremos para buscá-lo no começo da noite.

Estacionamos diante do portão. O Sr. Kadam me conduziu à primeira e maior estrutura, o Templo de Virupaksha. Tinha aproximadamente a altura de um prédio de 10 andares e se assemelhava a uma casquinha de sorvete gigante de cabeça para baixo. Apontando para lá, o Sr. Kadam descreveu a arquitetura do templo.

– Ele conta com pátios, sacrários e portões em todos aqueles

edifícios laterais. Lá dentro, tem um santuário interno, onde há salões com colunas e claustros, que são longas galerias com arcos dando para um pátio central. Venha, vou lhe mostrar.

Enquanto andávamos pelo templo, o Sr. Kadam me lembrou de que estávamos procurando uma passagem para Kishkindha, um mundo governado por macacos.

– Talvez haja outra marca de mão. A profecia de Durga também menciona serpentes.

Mais cobras, pensei, me encolhendo. Um portal para um mundo mítico? As coisas estão ficando cada vez mais estranhas à medida que mergulho fundo nesta aventura.

No decorrer do dia, fiquei tão deslumbrada com as ruínas que esqueci completamente nosso propósito ali. Tudo o que eu via era impressionante. Paramos em outra estrutura chamada Carruagem de Pedra. Tratava-se de uma escultura em pedra de um templo em miniatura erguido sobre rodas, que tinham o formato de flores de lótus e até podiam girar como pneus comuns.

Outra construção, o Templo de Vithala, ostentava lindas estátuas de mulheres dançando. Ouvimos o guia de turismo explicar o significado das 56 colunas do templo.

– Quando batemos nelas, as colunas vibram e produzem sons semelhantes às notas musicais – disse o guia.

Ficamos quietos por um momento para ouvir as colunas zumbirem e vibrarem enquanto ele batia de leve na pedra. Os tons musicais mágicos soavam, elevavam-se no ar e iam enfraquecendo aos poucos até se transformarem em silêncio. O som desaparecia muito antes de as vibrações cessarem.

Paramos em outra edificação chamada Banho da Rainha. O Sr. Kadam destacou suas características.

– O Banho da Rainha era um lugar onde o rei e suas esposas podiam relaxar. Havia apartamentos em torno do centro. Sacadas se projetavam de edifícios retangulares e as mulheres se sentavam, apreciando a vista do tanque de banho. Um aqueduto despejava água no reservatório de tijolos e também havia um pequeno jardim na lateral, bem aqui, onde as mulheres podiam descansar e fazer piqueniques.

Ele fez uma breve pausa e depois retomou suas explicações:

– O tanque tinha cerca de 15 metros de comprimento e 1,80 metro de profundidade. Despejava-se perfume na água para deixá-la

mais cheirosa e espalhavam-se pétalas de flores na superfície. Fontes no formato de lótus também cercavam o tanque. Ainda se pode ver algumas delas. Um canal cercava toda a estrutura e a construção era fortemente guardada, de forma que somente o rei podia entrar e se divertir com as mulheres. Todos os outros homens eram proibidos de entrar.

Franzi a testa.

– Humm, se o rei era o único homem a entrar, como é que o senhor sabe tantos detalhes sobre o tanque das mulheres?

Ele coçou a barba e sorriu.

Chocada, sussurrei:

– Sr. Kadam! O senhor invadiu o harém do rei?

Ele deu de ombros.

– Era um rito de passagem para um jovem tentar entrar no Banho da Rainha e vários morreram tentando. Por acaso sou um dos poucos bravos que sobreviveram à experiência.

Eu ri.

– Bom, preciso dizer que minha opinião sobre o senhor mudou completamente. Entrar em um harém? Quem diria? – Dei mais alguns passos e então me virei. – Espere aí. O senhor disse que era um rito de passagem, não disse? Então Ren e Kishan...?

Ele parou e ergueu as mãos.

– É melhor a senhorita perguntar diretamente a eles. Não quero falar o que não devo.

– Humpf – resmunguei. – Essa pergunta acabou de ir para o topo da minha lista.

Seguimos para um tour pela Casa da Vitória, o Lotus Mahal e o Mahanavami Dibba, mas não vimos nada particularmente interessante ou extraordinário ali. O Palácio dos Nobres era um lugar para encontros diplomáticos, onde funcionários do alto escalão jantavam e bebiam vinho. A Balança do Rei era um edifício usado pelos reis para pesar ouro, dinheiro e grãos comercializados, e também para distribuir doações aos pobres.

Meu local favorito foram os Estábulos dos Elefantes. Uma estrutura comprida e cavernosa, que em seu auge havia abrigado 11 elefantes. O Sr. Kadam explicou que os elefantes não eram usados em batalhas, mas em rituais. Faziam parte da criação particular do rei – altamente treinados e empregados em vários tipos de cerimônia. Com frequência eram vestidos em tecido dourado e joias, e sua pele era

pintada. O edifício tinha 10 domos de diferentes formas e tamanhos que repousavam no topo dos aposentos de cada elefante. Ele explicou que outros elefantes eram mantidos também para fazer trabalho servil e de construção, mas que a criação particular era especial.

Uma grande estátua de Ugra Narasimha foi a última coisa que vimos. Quando perguntei ao Sr. Kadam o que representava, ele não respondeu. Deu a volta na estrutura, examinando-a de muitos e variados ângulos enquanto pensava e murmurava baixinho para si mesmo.

Protegi os olhos contra o sol e estudei o topo. Tentando obter a atenção do Sr. Kadam, repeti:

– Quem é ele? É um sujeito bem feio.

Dessa vez o Sr. Kadam respondeu:

– Ugra Narasimha é um deus meio homem, meio leão, embora também possa assumir outras formas. Ele deveria parecer assustador e impressionante. É mais famoso por matar um poderoso rei demônio. O interessante é que o rei demônio não podia ser morto nem na terra nem no ar, durante o dia ou a noite, nem do lado de dentro nem do lado de fora, nem por homem nem por animal, nem por qualquer objeto.

– Parece que vocês têm muitos demônios difíceis de matar perambulando pela Índia. Então, como foi que ele exterminou o rei demônio?

– Ah, Ugra Narasimha foi muito esperto. Ele pegou o rei demônio, colocou-o no colo e então o matou no crepúsculo, em uma soleira de porta, com suas garras.

– Hum, muito esperto.

– Se olhar com atenção, vai ver que ele está sentado sobre uma serpente de sete cabeças enrodilhada e que essas cabeças se arqueiam acima dele, com os capelos dilatados, fornecendo sombra para o deus.

Contraí o braço e espiei minha serpente dourada. Fanindra ainda era uma joia inanimada.

O Sr. Kadam voltou a murmurar para si mesmo e ficou examinando a estátua de Ugra Narasimha por muito tempo.

– O que está procurando, Sr. Kadam?

– Parte da profecia diz: “Deixe as serpentes guiarem você.” Antes, pensei que se referisse apenas à sua serpente dourada, mas talvez o plural seja importante.

Juntei-me a ele procurando uma entrada secreta ou uma marca de

mão como a que eu havia encontrado antes, mas não vi nada. Tentamos parecer tão despreocupados quanto os outros turistas enquanto estudávamos a estátua.

Por fim, desistindo, o Sr. Kadam disse:

– Acho que pode ser uma boa ideia você e Ren retornarem aqui esta noite. Tenho uma suspeita de que a entrada para Kishkindha esteja por aqui, perto desta estátua.

Levamos o jantar para Ren. Arranquei pedaços do frango *tandoori* para ele, que comeu cuidadosamente em minha mão, e contei-lhe sobre as diferentes construções que tínhamos investigado no templo.

O Sr. Kadam nos explicou que as ruínas eram fechadas aos visitantes no fim do dia, a menos que houvesse um evento especial acontecendo.

– Durante a noite, há guardas de vigia, atentos a caçadores de tesouros. Na verdade – completou ele –, os caçadores de tesouros são responsáveis por grande parte da destruição que se vê nas ruínas hoje. Eles procuram ouro e joias, mas essas coisas foram levadas de Hampi há muito tempo. Os tesouros atuais de Hampi são exatamente o que eles estão destruindo.

O Sr. Kadam achava que era melhor nos deixar em um local do outro lado das colinas, onde não havia estradas levando para Hampi nem tampouco guardas.

– Mas, se não há estradas, como vamos chegar lá? – perguntei, temendo a resposta do Sr. Kadam.

Ele sorriu.

– Uma das razões por que comprei o Jeep, Srta. Kelsey, é ele ser off-road. – Ele esfregou as mãos, animado. – Vai ser emocionante!

Gemi e murmurei:

– Ótimo. Já me sinto enjoada.

– A senhorita vai precisar carregar a *gada* em sua mochila. Acha que consegue?

– Claro. Não é tão pesada assim.

Ele parou o que estava fazendo e me olhou, atônito.

– O que quer dizer com não é tão pesada? Na verdade, é muito pesada.

Ele a desembrulhou e a ergueu com as duas mãos, forçando os músculos.

– Isso é estranho – murmurei, intrigada. – Eu me lembro de tê-la

achado leve para o tamanho.

Fui até ele e peguei a *gada* de suas mãos, e ficamos ambos chocados que eu pudesse levantá-la com uma só mão. Ele a pegou de volta e tentou erguê-la da mesma forma, e novamente cambaleou sob o peso da arma.

– Para mim, parece pesar uns 20 quilos.

Tornei a pegá-la.

– Para mim, talvez uns dois ou quatro.

– Impressionante – admirou-se ele.

– Não tinha ideia de que pesasse tanto – acrescentei, perplexa.

O Sr. Kadam tornou a pegar a arma da minha mão, envolveu-a em um cobertor macio e então a colocou em minha mochila. Entramos novamente no Jeep e ele nos conduziu por uma via secundária, que se transformou em estrada de terra, em seguida de cascalho e então em duas linhas de poeira, que por fim desapareceram completamente.

Ele nos deixou sair e montou um miniacampamento, assegurando-me que Ren conseguiria encontrar o caminho de volta. Também me deu uma pequena lanterna, uma cópia da profecia e acrescentou um aviso:

– Não use a lanterna a menos que isso seja essencial. Há guardas de segurança andando pelas ruínas à noite. Fiquem alertas. Ren pode farejar sua aproximação, então vocês não devem ter problemas. Além disso, sugiro que Ren permaneça como tigre o máximo possível para o caso de você precisar dele mais tarde.

O Sr. Kadam apertou meus ombros e sorriu.

– Boa sorte, Srta. Kelsey. Lembre-se de que podem não encontrar nada. Talvez seja necessário começar tudo de novo amanhã à noite, mas temos bastante tempo. Não se preocupe. Não estamos sob nenhuma pressão.

– Está bem. Lá vamos nós!

Comecei a andar atrás de Ren. A noite sem lua permitia que as estrelas brilhassem ainda mais no céu negro e aveludado. Por mais bonito que fosse, desejei que houvesse lua. Felizmente, o pelo branco de Ren era fácil de seguir. Buracos pontilhavam o terreno e eu precisava andar com extremo cuidado. Seria uma péssima hora para cair e quebrar o tornozelo. Eu não queria nem pensar em que tipos de criatura haviam feito aqueles buracos.

Depois de alguns minutos tropeçando, uma luz esverdeada começou a brilhar à minha frente. Olhei à volta e por fim percebi que

a luz vinha dos olhos de Fanindra. Ela iluminava o campo escuro para mim, proporcionando um tipo especial de visão noturna. Tudo estava claramente delineado, mas ainda assim parecia assustador, como se eu estivesse atravessando um terreno alienígena em algum estranho planeta verde.

Depois de quase uma hora de caminhada, chegamos aos limites das ruínas. Ren reduziu a marcha e farejou o ar. Uma brisa fresca soprava nos morros e abrandava o calor da noite. Ele devia ter concluído que não havia perigo, pois continuou em frente em ritmo acelerado.

Atravessamos as ruínas, abrindo caminho em direção à estátua de Ugra Narasimha. As ruínas que haviam me parecido magníficas durante o dia agora pairavam acima de mim, lançando sombras escuras. Os belos arcos e colunas que admirara agora eram bocas negras escancaradas esperando para me devorar. A brisa suave que eu apreciara mais cedo assoviava e gemia ao serpentear pelas passagens e portas, como se antigos fantasmas anunciassem a nossa presença.

Os pelinhos na minha nuca se eriçavam enquanto eu imaginava olhos nos vigiando e demônios espreitando em corredores escuros. Quando finalmente nos aproximamos da estátua, Ren começou a investigar, farejando e procurando fissuras ocultas.

Passada uma hora de procura improdutiva, eu estava pronta para desistir, voltar para junto do Sr. Kadam e dormir um pouco.

– Estou exausta, Ren. Pena que não temos oferendas e um sino. Talvez a estátua ganhasse vida.

Ele se sentou ao meu lado e eu acariciei sua cabeça. Então ergui os olhos para a estátua e uma ideia surgiu em minha cabeça.

– Um sino – murmurei. – Será que...

Eu me levantei e corri para o Templo de Vithala, com suas colunas musicais. Adivinhando o que fazer, bati de leve em uma delas três vezes, torcendo para que nenhum guarda ouvisse, e corri de volta para a estátua. Os olhos da serpente de sete cabeças agora refletiam uma luz vermelha e uma pequena escultura de Durga havia surgido na lateral da estátua.

– É isso! O sinal de Durga! Muito bem, acertamos uma coisa. O que fazer agora? Uma oferenda? – gemi de frustração. – Não temos nada para ofertar!

A boca da estátua metade homem, metade leão se abriu e uma névoa fina e cinzenta começou a jorrar dela. Baforadas do vapor frio e

fumarento desceram pelo corpo da estátua, derramaram-se até o chão e começaram a se expandir em todas as direções. Os olhos vermelhos da cobra logo eram a única coisa que eu conseguia distinguir. Mantive a mão na cabeça de Ren para me tranquilizar.

Resolvi escalar a escultura de pedra e procurar algum sinal na cabeça da estátua. Ren grunhiu, contrariado, mas eu o ignorei e comecei a subir. De nada adiantou, pois não encontrei nada que nos fizesse avançar. Ao pular da estátua, calculei mal a distância até o chão e tropecei. Ren imediatamente se pôs ao meu lado. Nada me aconteceu, a não ser ter uma unha quebrada, mas me ver envolta naquela neblina era apavorante.

Nesse exato momento, enquanto olhava minha unha, lembrei-me da história que o Sr. Kadam contara sobre Ugra Narasimha.

– Ren, talvez, se repetirmos as ações de Ugra Narasimha, a estátua nos conduza ao próximo passo. Vamos tentar reencenar a famosa tarefa de Ugra Narasimha.

Ele roçou em minha mão na escuridão.

– Muito bem, são cinco partes. A primeira coisa de que precisamos é de um ser metade homem e metade animal, portanto este é você. Fique aqui perto de mim. Você pode ser Ugra Narasimha e eu serei o rei demônio. Em seguida, precisamos ficar em um lugar que não é nem dentro nem fora, então vamos procurar algum degrau ou portal.

Tateei em torno da estátua.

– Acho que havia um pequeno portal aqui, perto da estátua.

Estendi a mão e senti o umbral de pedra. Ambos nos colocamos sob ele.

– A terceira parte era nem dia nem noite. O crepúsculo já passou. Acho que posso tentar usar a lanterna. – Acionei a lanterninha, acendendo-a e apagando-a, torcendo para que aquilo fosse suficiente. – Então havia a parte sobre as garras. Que você de fato tem. Humm, acho que você precisa me arranhar. A história diz matar, mas me arranhar pode ser suficiente.

Então me encolhi.

– Talvez você precise tirar um pouco de sangue de mim.

Ouvi seu peito roncar, protestando.

– Está tudo bem. Só um arranhãozinho. Nada de mais.

Ele grunhiu baixinho novamente, ergueu a pata e a colocou com delicadeza em meu braço. Eu o vira caçar a certa distância e também

vira suas garras durante a luta com Kishan. Quando a lanterna iluminou suas garras estendidas, não pude deixar de sentir medo. Fechei os olhos e ouvi um grunhido suave quando ele se moveu, mas não senti nada.

Corri o feixe da lanterna por toda a extensão das minhas pernas e não vi sangue nenhum. Eu sabia que ele havia feito alguma coisa, pois ouvira suas garras rasgando a carne. Imediatamente desconfiei de uma coisa e virei a lanterna para o seu corpo branco, procurando ver onde ele se machucara.

– Ren! Deixe-me ver. Foi sério?

Ele ergueu a perna e vi rasgões onde as garras haviam atravessado o pelo até a carne. O sangue gotejava no chão.

Eu estava zangada.

– Sei que você pode sarar rápido, mas tinha que se cortar tão fundo, Ren? Sabe que de qualquer modo pode não funcionar se eu não sangrar. Reconheço o seu sacrifício, mas ainda quero que você me arranhe. Sou eu que estou representando o rei demônio, então me arranhe... de preferência não tão fundo assim.

Mas ele não erguia a pata. Precisei me curvar e praticamente erguer eu mesma a pesada pata. Quando finalmente a posicionei em meu braço, ele retraiu as garras.

– Ren, *por favor*, coopere – implorei. – Isso já é difícil demais.

Ele expôs as garras até a metade e arranhou de leve o meu braço, mal deixando uma marca.

– Ren! Faça logo, por favor. Agora.

Ele emitiu um grunhido baixo de desaprovação e me arranhou com mais força. As garras dessa vez deixaram vergões vermelhos na extensão do meu antebraço. Dois dos arranhões sangravam ligeiramente.

– Obrigada.

Eu me encolhi e ajustei o foco da lanterna para ver novamente seus arranhões, que a essa altura estavam quase cicatrizados. Satisfeita, passei para o último item.

– Agora, o último requisito é que o rei demônio não pode estar nem no céu nem na terra. Ugra colocou o demônio em seu colo, o que significa, eu acho, que vou ter que... me sentar nas suas costas.

Que constrangedor. Embora Ren fosse um tigre grande, eu tinha consciência de que ele era um homem e não achava certo fazer dele um animal de carga. Tirei a mochila e a pousei no chão, pensando no

que poderia fazer para deixar a situação menos embaraçosa. Reunindo coragem para me sentar em suas costas, tinha acabado de concluir que não seria assim tão ruim se eu me sentasse de lado, quando meus pés escorregaram.

Ren havia assumido a forma humana e me tomara nos braços. Eu me debati por um momento, protestando, mas ele se limitou a me lançar um olhar – do tipo que queria dizer que nem adiantava eu tentar discutir. Calei a boca. Ele se inclinou para pegar a mochila, pendurou-a nos dedos e perguntou:

– O que vem em seguida?

– Não sei. Isso foi tudo que o Sr. Kadam me contou.

Ele me ajeitou nos braços, foi se posicionar no portal novamente e examinou dali a estátua.

– Não vejo nenhuma mudança – murmurou.

Ele me segurava, protetor, enquanto olhava a estátua e, tenho que admitir, parei completamente de me importar com o que estávamos fazendo. Os arranhões em meu braço, que latejavam um instante atrás, não me incomodavam mais. Eu me deixei desfrutar da sensação de me aninhar junto ao seu peito musculoso. *Que garota não ia querer ser tomada nos braços por um homem lindo de morrer?* Permiti que meu olhar subisse até seu rosto maravilhoso. Ocorreu-me então que, se eu fosse esculpir um deus de pedra, escolheria Ren como modelo. Esse tal Ugra metade leão, metade homem não chegava nem aos pés dele.

Por fim, ele percebeu que eu o observava e disse:

– Kells? Estamos aqui quebrando uma maldição, lembra?

Limitei-me a sorrir de volta, me sentindo uma boba. Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

– Em que você estava pensando agora?

– Nada importante.

Ele sorriu.

– Então saiba que você está numa posição perfeita para que eu lhe faça cócegas e que não tem como fugir. Vamos, fale.

Caramba. O sorriso dele é luminoso mesmo no meio da névoa. Eu ri, nervosa.

– Se me fizer cócegas, vou me debater com violência, o que fará você me deixar cair e estragar o que estamos tentando fazer.

Ele se inclinou, aproximando a boca de meu ouvido, e então sussurrou:

– Parece um desafio interessante, *rajkumari*. Poderemos experimentá-lo mais tarde. E, só para registrar, Kelsey, eu não a deixaria cair.

A maneira como ele disse meu nome provocou um arrepio nos meus braços. Quando baixei os olhos para esfregá-los, percebi que a lanterna estava apagada. Tornei a acendê-la, mas a estátua continuava a mesma. Desistindo, sugeri:

– Nada está acontecendo. Talvez devêssemos esperar até o amanhecer.

Ele deu uma risada rouca enquanto seu nariz brincava com minha orelha e afirmou baixinho:

– Eu diria que alguma coisa *está* acontecendo, mas não do tipo que vá abrir o portal.

Ele seguiu uma trilha de beijos suaves e vagarosos da minha orelha ao pescoço. Suspirei e inclinei o pescoço para lhe dar melhor acesso. Com um último beijo, ele gemeu e ergueu a cabeça com relutância.

Desapontada com a interrupção, perguntei:

– O que significa *rajkumari*?

Ele riu baixinho, me colocou no chão com cuidado e disse:

– Significa princesa. Vamos procurar um lugar para dormir algumas horas. Vou correr e avisar ao Sr. Kadam que estamos planejando esperar até o amanhecer para tentar de novo.

Ele pegou minha mão e me levou a um local gramado e escondido. Assim que me acomodei, ele partiu. Dobrei a colcha sob a cabeça e tentei dormir. Insone até a sua volta, por fim me aconcheguei ao seu corpo de tigre e adormeci.

Acordei ao sentir que era deslocada, aninhada nos braços de Ren. Ele estava me carregando de volta ao portal.

– Você não precisa me carregar. Eu posso andar – murmurei, sonolenta.

Ele sorriu.

– Você estava cansada e eu não tive coragem de acordá-la. Além do mais, já estamos aqui.

Ainda estava escuro lá fora, mas, a leste, o horizonte começava a clarear. A estátua estava como a tínhamos deixado – os olhos vermelhos da serpente brilhando e a névoa vertendo de sua boca. Paramos no portal por um instante e senti algo se retorcer e se mover.

Era Fanindra, que subitamente ganhou vida, cresceu até seu tamanho normal e se desenroscou do meu braço.

Ren me aproximou do chão para que ela baixasse delicadamente para a terra. Ela serpenteou na direção da estátua e encontrou uma forma de subir até o topo, onde as cabeças da cobra descansavam.

Dos degraus, nós a vimos avançar sinuosamente em torno das sete cabeças. À medida que passava, elas também ganhavam vida e se contorciam de um lado para outro. Podíamos ver as voltas do corpo sobre as quais a estátua repousava se transformarem aos poucos em carne coberta por escamas.

Fanindra refez seu caminho, deslizando na minha direção. Enroscando o corpo em uma espiral, ela enrijeceu e encolheu de volta ao formato do bracelete de ouro. Ren me colocou no chão e a pegou. Então a deslizou cuidadosamente pelo meu braço, sorriu para mim, traçou com os dedos os arranhões no meu braço e franziu a testa. Ele roçou um beijo de leve em minha pele e virou tigre outra vez.

Em seguida, nos aproximamos da estátua, onde o torso coleante da cobra agora se agitava e se deslocava. O corpo em espiral da cobra se levantou e lentamente ergueu a estátua cada vez mais alto no ar, até que um buraco escuro surgiu debaixo dela. A imagem do deus macaco se elevou de modo a haver espaço suficiente para que Ren e eu descêssemos pela abertura.

Espiando o buraco, vi uma série de degraus de pedra que desapareciam na escuridão do solo. A boca da estátua de repente parou de lançar a névoa e, em vez disso, começou a sugá-la de volta. A névoa se precipitou em nossa direção, subindo à boca da estátua e depois mergulhando no fosso abaixo. Engoli em seco e voltei a lanterna na direção dos degraus. Passamos entre as espessas dobras da cobra, e Ren e eu descemos para o nevoeiro de sombras turvas.

Tínhamos encontrado a entrada para Kishkindha.



Provações

Descemos com cautela os degraus de pedra, totalmente dependentes da fraca iluminação da minha pequena lanterna. Quando alcançamos a base, os olhos de Fanindra começaram a brilhar, dando ao túnel uma sinistra iluminação verde-azulada.

Parei e reli em voz alta a profecia de Durga:

*Para proteção, busque seu templo
E apodere-se da bênção de Durga.
Vá para oeste e procure Kishkindha,
Onde os símios governam a terra.
Um golpe de gada no reino de Hanuman;
E procurem o galho que está confinado.
Perigos espinhentos estendem-se acima;
Perigos deslumbrantes acham-se abaixo,
Estrangulam, capturam aqueles que você ama...
E os aprisionam em correntes salobras.
Lúgubres fantasmas frustram seu caminho
E guardiões aguardam para barrar sua passagem.
Cuidado quando eles começarem a perseguir
Ou aceitar seu estado de deterioração.
Mas tudo isso pode ser repellido
Se serpentes encontrarem o fruto proibido
E a fome da Índia satisfizerem...*

A fim de não ver todo o seu povo perecer.

No pé da página havia as anotações do Sr. Kadam em sua costumeira e elegante letra cursiva. Também as li em voz alta:

Srta. Kelsey,

Vocês deverão enfrentar várias provações ao entrar em Kishkindha, portanto tenham cuidado. Incluí aqui também os avisos de Durga, como você os descreveu. Ela disse que você deveria se manter perto de Ren. Se, por alguma razão, vocês se separarem, enfrentarão grande perigo. Ela também disse para não confiar em seus olhos. Seus corações e suas almas lhes dirão a diferença entre fantasia e realidade. O último conselho foi: depois de obterem o fruto, o escondam bem.

Bhagyashalin!

Que tenham sorte!

Anik Kadam

– Não tenho a menor ideia de quais possam ser esses perigos – murmurei. – Tomara que os espinhentos sejam algum tipo de planta.

Começamos a andar e eu tagarelei durante todo o tempo sobre que tipo de animal poderia ter espinhos.

– Vejamos. Há os estregossauros. Humm, talvez sejam estegossauros. Bom, seja lá qual for o nome, tem aquela espécie de dinossauro. Também tem os dragões e porcos-espinhos, e não podemos esquecer os lagartos de chifres. Talvez fosse melhor tirar a gada da mochila, hein?

Parei e peguei a arma. A caminhada provavelmente já seria bastante difícil sem arrastar por aí o bastão, mas eu me sentia melhor tendo-o à mão.

O túnel logo se transformou em um caminho de pedras e quanto mais andávamos, mais iluminado ele ia se tornando. Os olhos de Fanindra se turvaram e sua luz se apagou. Por fim tornaram-se simples esmeraldas cintilantes outra vez. Algo estranho estava acontecendo.

Eu não sabia dizer de onde vinha a luz. Parecia filtrar-se de algum lugar acima de nós. Literalmente, estávamos seguindo uma luz no fim do túnel. Eu tinha a sensação de estar em um dos meus pesadelos, no qual não estava claro, mas também não estava escuro. E neles uma sensação maligna de tocaia atravessava meu subconsciente e uma força poderosa me perseguia, obstruía meu progresso e feria aqueles de quem eu mais gostava.

Os rolos de névoa pareciam nos seguir. Enquanto andávamos, eles se agitavam à frente para impedir nossa visão do caminho. Quando paramos, a neblina se acumulou e passou a nos circundar como pequenas nebulosas girando em nossa órbita. A névoa fria e cinzenta explorava nossa pele com dedos gélidos, como se procurasse um ponto fraco.

O corredor começou a parecer diferente. Em vez de caminhar na pedra, meus pés agora afundavam ligeiramente na terra úmida e eu ouvia o ruído que meus tênis produziam ao esmagar a grama baixa. As paredes estavam cobertas de musgo, que em seguida se transformou em hera e logo em pequenas plantas semelhantes a samambaias. Eu me perguntava como elas podiam sobreviver nesse ambiente úmido e sombrio.

As paredes se afastavam cada vez mais, até que eu não consegui mais vê-las. O teto se abriu para um céu cinzento. Não havia profundidade nele e no entanto eu não via seu fim. Era como se estivéssemos em outro planeta.

Nosso caminho se tornou descendente e tive que me concentrar no pé que eu levava à frente. Entramos em uma floresta cheia de plantas e árvores estranhas, que oscilavam nas raízes, como se o vento as empurrasse. Mas eu não sentia o menor sinal de brisa. As árvores eram tão compactas e os arbustos tão densos que ficou difícil ver o caminho, que logo desapareceu totalmente.

Ren se mantinha na frente e ia abrindo uma trilha com seu corpo. As árvores tinham galhos longos que se curvavam até o chão, como salgueiros-chorões. Seus ramos eram leves e faziam cócegas em minha pele quando eu passava. Ergui a mão para coçar meu pescoço e percebi que estava molhado.

Devo estar suando. Estranho, não me sinto cansada. Talvez tenha

caído um pouco de água de um galho. Alguma coisa lambuzava minha mão. A luz esverdeada dava ao líquido uma aparência marrom. O que é isto? Seiva da árvore? Não! É sangue!

Arranquei uma folha delicada para olhar mais de perto. Ao examiná-la, fiquei surpresa em ver minúsculas agulhas cobrindo sua face inferior. Estendi um dedo para tocar uma delas e as agulhas cresceram, elevando-se na direção do meu dedo. Movi o dedo para a frente e para trás, e as agulhas o acompanharam, como um ímã.

– Ren, pare! Os galhos estão nos arranhando. Eles têm agulhas na parte de baixo que seguem nossos movimentos. São eles os perigos espinhentos da profecia!

Quando ele parou, os galhos finos lentamente baixaram e se enroscaram em seu pescoço e em sua cauda. Ele deu um salto e os arrancou com violência da árvore.

– Precisamos correr ou eles vão nos enredar! – gritei.

Ele redobrou os esforços para romper a vegetação densa. Corri atrás dele. A floresta parecia prosseguir eternamente, sem nenhum sinal de espaçamento entre as árvores. Depois de mais uns 15 minutos, reduzi o ritmo, exausta. Eu não conseguia mais correr.

– Ren, não posso ir mais rápido – falei, arfando. – Continue sem mim. Ultrapasse a linha das árvores. Você pode conseguir.

Ele parou, deu meia-volta e voltou correndo para o meu lado. Os galhos começaram a serpentear e envolver com os ramos anelados seu corpo de tigre.

Ele rugiu e rolou, então atacou os galhos com as garras, o que os fez recuar por um momento. Senti um deles se enroscando em meu braço e sabia que tinha acabado para mim. Lágrimas brotaram de meus olhos e eu me ajoelhei para acariciar o rosto de Ren.

– Ren, vá – implorei. – *Por favor*, vá sem mim.

Ele se transformou e colocou a mão sobre a minha.

– Temos que ficar juntos, lembra? Não vou deixá-la, Kelsey. Eu nunca vou deixar você.

Ele me dirigiu um sorriso triste.

Engoli em seco e assenti enquanto ele removia gentilmente o galho anelado do meu braço e dava um tapa, afastando outro que se estendia para o meu pescoço.

– Venha.

Ele tirou a *gada* da minha mão e começou a batê-la nos galhos,

mas eles simplesmente tentavam envolver seus dedos verdes e afiados em torno da arma, indiferentes a seu poder. Então Ren foi até um tronco e o atingiu com força.

A árvore se contraiu de imediato. Os galhos se recolheram e envolveram o tronco, protetores. Ren se pôs à minha frente e me avisou que esperasse perto da árvore ferida. Então deu alguns passos à frente e girou a *gada*.

Ele golpeava o tronco das árvores, deixando feridas abertas no caminho. Eu o seguia a certa distância enquanto ele avançava aos poucos pela floresta. Os galhos aparentavam saber o que ele pretendia e o atacavam ferozmente, mas Ren parecia ter uma dose de energia infundável.

Eu estremecia ao ver cortes e arranhões surgirem em cada pedaço nu de sua pele. Suas costas logo ficaram laceradas, a camisa rasgada e ensanguentada. Ele parecia ter sido brutalmente chicoteado.

Por fim, chegamos aos limites da floresta traiçoeira e paramos em uma clareira. Ele me puxou para além do alcance dos galhos e deixou que seu corpo desabasse no chão. Dobrou-se, suando e arfando por causa do esforço. Tirei uma garrafa de água da mochila e lhe ofereci. Ele bebeu tudo de um gole só.

Inclinei-me para examinar seu braço ensanguentado. Seu corpo estava escorregadio, com sangue e suor. Peguei outra garrafa de água e uma camiseta velha e comecei a limpar a sujeira de seus cortes e ferimentos. Pressionei o tecido molhado e fresco em seu rosto e em suas costas. Ele começou a relaxar e respirar mais devagar à medida que eu prosseguia. Os cortes cicatrizavam rapidamente e, quando minha preocupação com Ren diminuiu, eu me dei conta de algo.

– Ren! Você está na forma humana há muito mais do que 24 minutos. Você está bem... sem contar os arranhões, é claro?

Ele esfregou a mão no peito.

– Eu me sinto... bem. Não sinto a necessidade de me transformar de volta.

– Talvez a gente já tenha quebrado a maldição!

Ele refletiu por um minuto.

– Acho que não. Tenho a impressão de que devemos ir em frente.

– Por que não testamos? Veja se você pode se transformar em tigre.

Ele assumiu a forma de tigre e voltou, e suas roupas rasgadas e ensanguentadas foram imediatamente substituídas por outras brancas

e limpas.

– Talvez seja apenas a magia deste lugar que me permite ser humano.

Meu rosto deve ter mostrado meu abatimento. Ren riu e beijou meus dedos.

– Não se preocupe, Kells. Logo serei totalmente humano, mas por ora aceito esta dádiva pelo máximo de tempo que puder tê-la.

Ele piscou para mim e sorriu, e então se inclinou e me puxou para mais perto, de modo que pudesse examinar meus ferimentos. Inspecionou meus braços, as pernas e o pescoço. Passou a camiseta molhada pelos meus braços e limpou os cortes com ternura. Eu sabia que as suas feridas eram muito mais graves que as minhas, então tentei dissuadi-lo, mas ele não recuava.

– Está tudo bem – declarou ele. – Você tem um arranhão feio no pescoço, mas acho que vai cicatrizar sem nenhum problema. – Ele umedeceu a parte posterior do meu pescoço com o tecido e o pressionou ali por um instante. Então puxou a gola da minha camiseta com o dedo. – Tem *outros* lugares que queira que eu examine para você?

Afastei sua mão com um tapa.

– Não, obrigada. Esses *outros* lugares eu mesma posso examinar.

Ele riu bem-humorado, então se levantou e me ajudou a me erguer. Pôs a mochila nas costas e apoiou a *gada* no ombro. Depois de me oferecer a mão, começamos a andar.

Passamos por mais árvores de agulhas, mas estas estavam bem espaçadas e misturadas a outras árvores normais, não assassinas, e assim pudemos nos manter fora de seu alcance. Ren entrelaçou os dedos nos meus.

– Sabe, é bom andar com você sem me preocupar com quanto tempo me resta.

– É verdade – concordei, tímida.

Ren parecia feliz, apesar de nossa situação. Pensei em como devia ser difícil para ele, sabendo que tinha muito pouco tempo por dia como humano e tentando usufruir o melhor de cada momento. Para ele, aquele lugar sinistro era um presente. Seu bom humor acabou me contagiando.

Eu sabia que desafios piores provavelmente nos aguardavam, mas, andando ao lado de Ren, eu não me importava. Assim, me permiti desfrutar o meu tempo com ele.

Reencontramos uma trilha de terra batida e começamos a segui-la. O caminho levava na direção de algumas colinas e de um grande túnel que, deduzimos, as atravessava. Não havia nenhum outro caminho a tomar, portanto entramos ali devagar, de olhos atentos ao que nos cercava. Tochas acesas se alinhavam nas paredes de pedra e muitos outros túneis partiam do principal. Dei um pulo quando vi alguma coisa se mexer em uma passagem lateral.

– Ren! Eu vi alguma coisa ali.

– Também vi algo.

Parecia que estávamos em uma grande colmeia de túneis e figuras apareciam continuamente em nossa visão periférica. Pressionei meu corpo de encontro ao de Ren e ele passou o braço pelos meus ombros.

Ouvi uma voz, uma voz feminina, dizer baixinho, chorando:

– Ren? Ren? Ren? Ren?

O chamado ecoava de túnel em túnel.

– Estou aqui, Kells! Kells! Kells!

Ren me olhou, apreensivo, e apertou meu ombro. Aquelas eram as nossas vozes. Ele me soltou e puxou a *gada*, deixando-a preparada diante dele. Avançando com cautela, ele observava atentamente os outros túneis.

Ouvi gritos e passos correndo, tigres rosnando e berros lancinantes. Parei de andar por um instante e fiquei diante de um dos túneis.

– Kelsey! Me ajude!

Ren apareceu no túnel lateral. Lutava contra um grupo de macacos que o arranhavam e mordiam. Ele se transformou em tigre, cravou os dentes neles e os estraçalhou. Era horripilante!

Dei um passo para trás, sentindo medo. Então me imobilizei e me lembrei do aviso de Durga sobre ficarmos juntos. Dei meia-volta e vi dois outros túneis que não estavam ali antes. Dois Rens avançavam segurando a *gada* à frente do corpo, um em cada túnel. *Qual era o túnel principal? Qual era o verdadeiro Ren?*

Ouvi passos correndo atrás de mim e rapidamente escolhi o da direita. Corri para alcançá-lo, mas parecia que quanto mais perto eu chegava, mais distante ele ficava. Eu sabia que havia escolhido o caminho errado e o chamei:

– Ren!

Ele não se virou para mim. Parei e olhei em dois outros túneis,

procurando um sinal dele. Vi Kishan e Ren lutando como tigres em um túnel. Em outro, o Sr. Kadam travava uma luta de espada com um homem que parecia o mesmo do meu pesadelo.

Corri de túnel em túnel. Várias passagens mostravam cenas da minha vida. Minha avó me acenando para que eu a ajudasse a plantar flores. Uma professora da escola me fazendo perguntas. Havia até uma com meus pais. Eles me chamavam. Arquejei e meus olhos se encheram de lágrimas.

– Não, não, não! – gritei. – Isso não pode estar acontecendo! Onde está Ren?

– Kelsey? Kelsey! Cadê você?

– Ren! Estou aqui!

Ouvi minha voz, mas eu não dissera nada.

Olhei em outro túnel e vi Ren correndo para... mim. Só que não era eu. Ren chegou perto da coisa que parecia eu e fez um carinho em seu rosto.

– Kelsey, você está bem?

Eu a ouvi responder:

– Sim, estou bem.

E virou a cabeça, olhando para mim quando Ren beijou seu rosto. A imagem se metamorfoseou e, com um ruído agudo e estrondoso, o rosto se dissolveu na morte e sorriu insidiosamente. Estremeci de repulsa enquanto olhava para um cadáver sorridente, pulsando com larvas de varejeira.

Aproximei-me da entrada do túnel e gritei para que Ren parasse, mas ele não podia me ouvir. Havia uma espécie de barreira bloqueando meu caminho para que eu não pudesse entrar. O cadáver deu uma risadinha e me acenou com a mão. A imagem tornou-se obscura e eu não pude mais distingui-la.

Enfurecida, esmurrei a barreira, mas isso não surtiu efeito. Depois de alguns momentos, a barreira desapareceu e eu me vi olhando para um longo e negro corredor iluminado por tochas, exatamente como as dezenas de outros por que eu passara.

Desisti e segui adiante. Passei por um Ren agachado no chão, desesperado. Ele soluçava e lamentava suas perdas. Falava de todos os erros que cometera e de quanto estivera equivocado em relação a tudo. Implorava perdão, mas não conseguia encontrar a absolvição. As coisas que ele dizia ter feito eram terríveis, inexprimíveis. Coisas que eu sabia que Ren jamais fizera e não podia sequer imaginar fazer.

Eu estava indignada. Aquilo já era demais! Era tão terrível ver alguém de quem você gostava totalmente destruído que fiquei furiosa. Alguém ou alguma coisa estava brincando conosco e eu odiava isso. O pior era saber que as mesmas coisas estavam acontecendo com Ren em algum lugar naqueles túneis. Quem saberia como estavam me representando?

Segui para outro túnel e vi um Ren ereto e altivo de costas para mim.

Chamei, com cautela:

– Ren? É você mesmo?

Ele deu meia-volta e exibiu seu lindo sorriso, e então estendeu os braços para mim e acenou para que eu me aproximasse.

– Kelsey! Finalmente! Por que você demorou tanto? Onde estava?

Com grande alívio, eu o envolvi com os braços quando ele me puxou para mais perto. Ele me abraçou e esfregou minhas costas.

Intrigada, perguntei:

– Ren? Onde estão a mochila e a *gada*?

Eu me afastei e olhei seu lindo rosto.

– Não precisamos mais delas – disse ele. – Agora fique aqui quietinha comigo um minuto.

Recuei rapidamente, distanciando-me dele alguns passos.

– Você não é Ren.

Ele riu.

– Claro que sou eu, Kelsey. O que preciso fazer para provar a você?

– Não. Alguma coisa está errada. Você não é ele!

Saí correndo do túnel e continuei até meus pulmões estarem prestes a explodir. Mas não cheguei a lugar nenhum. Simplesmente passei por um túnel após outro. Fui perdendo a velocidade até parar e, arquejando, tentava pensar no que deveria fazer. Ren tinha a *gada* e a mochila. Ele nunca as descartaria. Assim, ainda estava com elas em algum lugar, e eu nada tinha. Não, isso não era verdade. Eu tinha, sim, uma coisa! Puxei o papel do bolso da calça e reli os avisos.

Se, por alguma razão, vocês se separarem, enfrentarão grande perigo. Ela também disse para não confiar em seus olhos. Seus corações e

suas almas lhes dirão a diferença entre fantasia e realidade.

Não confiar em meus olhos? Isso já era óbvio àquela altura. Então meu coração me ajudará a ver a diferença. Muito bem, vamos seguir meu coração. Mas como?

Decidi continuar andando e manter a mente aberta. A cada túnel, eu parava para observar por um minuto e então fechava os olhos e tentava sentir se estava tudo bem. Em geral, o que ou quem estivesse ali redobrava seus esforços. Eles falavam e adulavam, tentando me fazer ir atrás deles. Prossegui dessa forma, atravessando vários túneis, e nenhum dos lugares onde parei parecia o certo.

Cheguei a outra passagem e me detive para examinar a cena. Eu me vi morta e caída no chão com Ren ajoelhado ao meu lado. Ele se debruçava sobre o meu corpo inerte, examinando. Eu o ouvi sussurrar:

– Kelsey? É você? Kelsey, por favor. Fale comigo. Preciso saber se é mesmo você.

Ele pegou meu corpo e o embalou amorosamente nos braços. Vi que ele tinha a *gada* e a mochila. Mas eu já fora enganada antes. Então ele disse:

– Não me deixe, Kells.

Fechei os olhos e ouvi sua voz implorando para que eu vivesse. Meu coração começou a martelar violentamente, uma reação diferente da que eu tivera nas visões anteriores. Dei um passo à frente e bati em outra barreira.

– Ren? Estou aqui. Não desista – falei baixinho.

Ele ergueu a cabeça, como se tivesse me ouvido.

– Kelsey? Eu estou ouvindo você, mas não posso vê-la. Onde você está?

Ren deitou o corpo do meu clone no chão e aquilo desapareceu.

– Feche os olhos e sinta seu caminho até mim – eu lhe disse.

Ele se ergueu lentamente e fechou os olhos.

Também fechei os meus e tentei me concentrar não em sua voz, mas em seu coração. Imaginei minha mão em seu peito, sentindo os batimentos fortes. Meu corpo parecia se mover por vontade própria e eu dei vários passos à frente. Estava concentrada em Ren, em sua risada, seu sorriso, como eu me sentia perto dele, e então, de repente, minha mão tocou seu peito e eu pude sentir seu coração batendo. Ele

estava ali. Abri meus olhos devagar e olhei para ele.

Ren estendeu a mão e tocou meu cabelo, mas então recuou. – É você mesma desta vez, Kells?

– Bom, eu não sou um cadáver cheio de larvas de varejeira, se é o que você quer dizer.

Ele sorriu.

– Que alívio. Nenhum cadáver cheio de larvas de varejeira seria tão sarcástico.

– Bem, e como eu sei que é você de verdade? – indaguei.

Ele considerou minha pergunta por um momento e então baixou a cabeça para me beijar. Puxou-me de encontro ao seu peito, me segurando mais perto dele do que eu pensei ser possível, e seus lábios tocaram os meus. Seu beijo começou terno e suave, mas rapidamente tornou-se ávido. Suas mãos percorreram meus braços, meus ombros, e então seguraram meu pescoço. Envolvi sua cintura com os braços e me delicieei com o beijo. Quando ele se afastou, meu coração martelava em resposta.

Assim que me vi capaz de falar novamente, disse:

– Mesmo que não seja você de verdade, eu fico com esta versão.

Ele riu e o alívio tomou conta de ambos.

– Kells, acho melhor você segurar minha mão pelo resto do caminho.

Sorri feliz para ele.

– Sem problema.

Exultante por ter meu Ren de volta, pude ignorar os chamados e lamentos suplicantes que vinham das passagens laterais.

Uma luz apareceu na extremidade oposta do túnel e seguimos para lá. Ren segurou minha mão com força até emergirmos da abertura e nos vermos bem longe dela. Ele parou perto de um riacho serpenteante que fazia uma curva por trás de algumas árvores.

Parecia meio-dia ali, qualquer que fosse aquele lugar, então decidimos fazer uma pausa e comer.

Mordiscando uma barra de cereais, Ren disse:

– Prefiro evitar as árvores e ficar perto do leito do rio. Tenho esperanças de que, se o seguirmos um pouco mais, ele nos levará a Kishkindha.

Assenti com a cabeça e me perguntei o que mais estaria à nossa espera depois da próxima curva.

Sentindo-nos revigorados após o breve descanso, avançamos seguindo o riacho. A água corria na mesma direção que nós, o que, segundo Ren, significava que estávamos andando rio abaixo. A margem era cheia de pedras lisas do rio.

Pegando uma pedra cinza, comecei a atirá-la para cima e para baixo enquanto andava e me perdi em pensamentos. Até sentir que o peso e a textura da pedra mudaram. Abri a mão e vi que ela havia se transformado em uma esmeralda lisa e reluzente. Parei e olhei para as pedras sob meus pés. Ainda eram cinzentas e foscas, mas, quando desapareciam sob a água, eu via joias tremeluzindo em seu lugar.

– Ren! Olhe ali. Debaixo d’água. – Apontei para as pedras preciosas que cintilavam ali embaixo. Quanto mais rio adentro eu olhava, maiores eram as pedras. – Está vendo ali? Um rubi do tamanho de um ovo de avestruz!

Assim que me inclinei para tirar um grande diamante da água, senti Ren me envolver com os braços e me puxar para trás.

Ele sussurrou junto ao meu rosto, apontando para o rio:

– Olhe adiante. Ali, com o canto do olho. O que você vê?

– Não estou vendo nada.

– Use sua visão periférica.

Bem perto do diamante, uma imagem tremeluzia levemente sob a água. Parecia um macaco branco, sem pelos. Seus braços longos estavam estendidos na minha direção.

– Ele estava tentando pegar você.

Atirei a esmeralda no riacho. A água redemoinhou e sibilou onde ela caiu, depois acalmou-se novamente, ficando tão lisa quanto seda. Quando eu olhava diretamente para as pedras preciosas, elas eram tudo o que eu via, mas pelo canto do olho podia distinguir macacos-d’água por toda parte, boiando logo abaixo da superfície. Aparentemente eles usavam a cauda para ancorar seus corpos em raízes de árvores e plantas subaquáticas, como fazem os cavalos-marinhos.

– Estou achando que são *kappa* – disse Ren.

– O que são *kappa*?

– Demônios da Ásia dos quais minha mãe costumava me falar. Eles ficam na água, à espreita de crianças, para pegá-las e sugar-lhes o sangue.

– Macacos-cavalos-marinhos-vampiros? Você está falando sério?

Ele deu de ombros.

– Parece que são reais. Minha mãe falava sobre eles quando eu era pequeno. Contava que as crianças na China aprendiam a demonstrar respeito pelos mais velhos curvando-se. Diziam-lhes que, se não se curvassem, os *kappa* iriam pegá-las. Sabe, os *kappa* têm uma depressão no alto da cabeça que fica cheia de água. Precisam ter água nessa concavidade para sobreviver. A única maneira de se salvar se um deles o perseguir é se curvando.

– Como o ato de se curvar pode salvar alguém?

– Se você se curvar para um *kappa*, ele terá que repetir o gesto. Ao fazê-lo, a água no topo da cabeça derrama, deixando-o indefeso.

– Bem, se eles podem sair da água, por que não nos atacaram?

– Em geral atacam apenas crianças, ou pelo menos foi o que me disseram – refletiu ele. – Minha mãe contou que a avó dela costumava entalhar o nome das crianças em frutas ou pepinos e então os atirava na água antes de banhá-las no rio. Os *kappa* comiam os frutos e ficavam satisfeitos, assim não machucavam as crianças no banho.

– Sua mãe seguia essa tradição?

– Não. Éramos da realeza e tínhamos o banho preparado para nós. Além do mais, minha mãe não acreditava nessa história. Ela só nos contava para que compreendêssemos a essência, que era a de que todas as pessoas e coisas precisam ser tratadas com respeito.

– Gostaria de saber mais sobre sua mãe. Parece ter sido uma mulher muito interessante.

– E era – replicou ele baixinho. – Eu também gostaria que ela tivesse conhecido você. – Ele examinou a água e mostrou o demônio à espreita. – Aquele ali estava tentando pegar você, embora supostamente só ataquem crianças. Estes devem ter sido designados para proteger as pedras preciosas. Se você houvesse apanhado uma delas, eles a teriam puxado para debaixo d'água.

– Por que me puxar para debaixo d'água? Por que simplesmente não saltar sobre mim?

– Os *kappa* em geral afogam suas vítimas antes de tirar seu sangue. Eles se mantêm na água o máximo possível para se protegerem.

Recuei, deixando Ren entre mim e o rio.

– Então devemos voltar para as árvores ou ficar perto do leito do rio?

Ele correu a mão pelos cabelos e tornou a colocar a *gada* no

ombro, mantendo-a pronta para o ataque.

– Que tal seguirmos pelo meio? Os *kappa* parecem satisfeitos em ficar na água por enquanto, mas vamos tentar evitar os galhos das árvores também.

Caminhamos por mais algumas horas. Conseguimos contornar tanto os *kappa* quanto as árvores, embora as últimas tenham feito o possível para nos alcançar e nos agarrar. O riacho descrevia uma longa curva que nos levou um pouco perto demais das árvores para que nos sentíssemos tranquilos, mas Ren manteve a *gada* preparada e alguns golpes em troncos próximos cuidaram de uns galhos insistentes.

Por fim, deparamos com uma árvore enorme bem no nosso caminho. Seus ramos longos e serpenteantes estendiam-se impossivelmente em nossa direção, as agulhas projetadas para a frente. Ren se abaixou e, com uma extraordinária explosão de velocidade, disparou adiante e saltou na direção do tronco. O abraço folhoso da árvore o engoliu imediatamente.

Ouvi uma grande pancada, e a árvore estremeceu e o libertou. Ele emergiu todo arranhado, mas veio até mim com um sorriso no rosto. Sua expressão logo mudou para um olhar de preocupação, porém, ao me ver boquiaberta, olhando acima de sua cabeça. A árvore estivera bloqueando nossa visão e, agora que ela havia se dobrado sobre si mesma, eu podia ver adiante o reino fantasmagoricamente cinzento de Kishkindha.



Kishkindha

Saímos do alcance da gigantesca árvore de agulhas e olhamos a cidade. Na verdade, era mais do tamanho de um castelo medieval do que de uma cidade. O rio corria até seus muros de pedra cinza clara e se bifurcava, circundando-a como um fosso.

– Estamos ficando sem luz, Kelsey. E foi um dia duro. Por que não acampamos aqui, dormimos um pouco e entramos na cidade amanhã?

– Parece bom para mim. Estou exausta.

Ren foi recolher madeira e voltou, murmurando:

– Até os galhos velhos e mortos arranham.

Ele atirou vários galhos no círculo de pedras que eu tinha feito e acendeu o fogo. Joguei uma garrafa de água para ele. Pegando a panelinha, ele a encheu de água e a pôs para ferver.

Ren se afastou para procurar mais lenha enquanto eu me ocupava armando o acampamento, o que foi bastante rápido, já que dessa vez não havia barraca. Tudo o que eu podia fazer era limpar a área, afastando pedras e galhos.

Quando a água estava quente, despejei um pouco na embalagem de nosso jantar e esperei que a comida desidratada se tornasse comestível. Ren logo voltou, resmungando sobre a madeira, e se sentou ao meu lado. Entreguei-lhe um pacote da comida e ele a misturou em silêncio.

Entre garfadas da massa quente, perguntei:

– Ren, você acha que aqueles *kappa* virão atrás de nós durante a noite?

– Não. Eles ficaram na água esse tempo todo e, se a história for precisa, eles também têm medo do fogo. Vou garantir que o fogo

queime a noite toda.

– Talvez devêssemos ficar de guarda. Só por segurança.

O canto de sua boca se contorceu enquanto ele dava outra garfada em sua comida.

– Está bem. Quem fica com o primeiro turno de vigília?

– Eu.

Seus olhos brilharam, divertidos.

– Ah, uma brava voluntária?

Eu o fuzilei com o olhar e dei mais uma garfada.

– Está zombando de mim?

Ele levou a mão ao coração.

– De jeito nenhum! Eu já sei que você é corajosa. Não precisa me provar isso.

Ren terminou seu jantar, agachou-se ao lado da pilha de lenha e atirou mais alguns dos estranhos galhos no fogo aceso. As chamas que lambiam a madeira começaram a queimar com um matiz esverdeado a princípio e em seguida crepitaram como fogos de artifício. A chama mudou para um tom laranja-avermelhado vivo com um toque de verde ao redor da madeira.

Pus de lado a embalagem vazia de comida e olhei para as estranhas chamas. Ren se sentou ao meu lado outra vez e pegou minha mão.

– Kells, agradeço por se oferecer para montar guarda, mas quero que descanse. Esta jornada é mais dura para você do que para mim.

– É você quem está sendo todo arranhado. Eu me limito a seguir seus passos.

– Sim, mas eu me curo rápido. Além disso, não acredito que haja motivo para preocupação. Tenho uma proposta: eu cubro o primeiro turno e, se nada acontecer, nós dois dormimos. Que tal?

Olhei para ele, carrancuda. Ele começou a brincar com meus dedos e virou minha mão para que pudesse traçar com o dedo as linhas na minha palma. A luz do fogo bruxuleava. Meus olhos seguiram até seus lábios.

– Kelsey?

Ele fez contato visual comigo e eu rapidamente desviei os olhos.

Não estava acostumada a lidar com ele assim em um acampamento. Em geral, eu tomava todas as minhas decisões e ele me seguia. Se bem que, na verdade, era eu quem o seguia na maioria dos

lugares. Mas, pelo menos, como tigre ele não discutia. *Nem me distraía com devaneios de ser envolvida em seus braços e beijá-lo.*

Ele me dirigiu um sorriso incrivelmente branco e acariciou a parte interna do meu braço.

– Sua pele é tão macia.

Ele se inclinou e seu nariz brincou com a minha orelha. Meu coração batia depressa e meu cérebro parecia perder a clareza.

– Kells, diga que concorda com o meu plano.

Eu me sacudi, livrando-me da névoa que me enfeitiçava, e cerrei os dentes, teimosa.

– Está bem, você ganhou. Concordo – resmunguei. – Embora você esteja me coagindo.

Ele riu e olhou para mim.

– E como *exatamente* eu estou coagindo você?

– Em primeiro lugar, você não pode esperar que eu pense com coerência quando está me fazendo carinho. Em segundo, você sempre sabe como conseguir o que quer de mim.

– Verdade?

– Claro. Você só precisa sorrir e pedir com gentileza, tocar em mim como quem não quer nada, e então, antes que eu me dê conta, já conseguiu o que queria.

– É mesmo? – zombou ele baixinho. – Eu não tinha a menor ideia de que exercia esse efeito em você.

Estendendo a mão, ele virou meu rosto em sua direção. Traçou com os dedos uma linha do maxilar até a veia que pulsava em meu pescoço, e então ao longo de todo o meu decote. Meu sangue latejava loucamente quando ele tocou o cordão em meu pescoço e desceu, acompanhando-o, até o amuleto. Em seguida, deslizou os dedos de volta ao meu pescoço, estudando meu rosto enquanto me tocava. Engoli com dificuldade.

Ele se inclinou, aproximando-se, e ameaçou, brincando:

– Vou ter que me aproveitar mais disso no futuro.

Respirei fundo, com a pele formigando, e estremeci, o que pareceu deixá-lo ainda mais satisfeito consigo mesmo. Ele então foi percorrer o perímetro de nosso acampamento uma última vez enquanto eu abraçava os joelhos e deixava minha mente vagar.

Meu pescoço formigava onde Ren havia me tocado. Levei a mão à concavidade na base do pescoço e manuseei o amuleto. Pensei em

Kishan e em quanto ele parecia terrível na superfície. Por dentro, era tão inofensivo quanto um gatinho. O irmão perigoso era Ren. Por mais inocente que o tigre de olhos azuis parecesse, era um predador irresistível. Absolutamente atraente – como uma planta carnívora. Tão atraente, tão tentador, tão mortal! Tudo o que ele fazia era sedutor e possivelmente perigoso para o meu coração.

Ele me parecia muito mais intimidador que Kishan, com seus comentários provocantes. Os dois irmãos eram lindos e charmosos. Tinham antiquados modos cavalheirescos pelos quais qualquer garota cairia. Mas suas palavras eram sinceras. Não se tratava apenas de um jogo para eles. Não era um truque para conquistar as mulheres. Eles eram sérios.

Kishan era semelhante a Ren em muitos aspectos. Nesse sentido, eu podia compreender a escolha de Yesubai, mas o que fazia Ren 100 por cento mais perigoso para mim era o fato de eu nutrir sentimentos por ele – sentimentos fortes. Eu já amava a parte tigre dele antes de sequer saber que ele era um homem. Esse vínculo fez com que me afeiçoar ao homem fosse muito mais fácil.

No entanto, estar com o homem era bem mais complicado que estar com o tigre. Eu precisava sempre me lembrar de que eles eram os dois lados da mesma moeda. Havia muitas razões por que eu *deveria* abrir a guarda e me apaixonar completamente por Ren. Existia uma clara ligação entre nós. Eu me sentia atraída por ele, não podia negar. Tínhamos muito em comum. Eu gostava da companhia dele. Gostava de conversar com ele e de ouvir sua voz. E sentia que podia lhe dizer qualquer coisa.

Mas havia também muitas razões para que eu fosse cautelosa. Nosso relacionamento era muito complexo. Tudo acontecera depressa demais. Eu me sentia subjugada por ele. Vínhamos de culturas diferentes. Países diferentes. Séculos diferentes. Até agora, éramos até mesmo de espécies diferentes na maior parte do dia.

Acho que me apaixonar por ele seria como mergulhar em um precipício. Seria ou a melhor coisa que me aconteceria ou o erro mais idiota que eu cometeria. Faria com que minha vida valesse a pena ou com que eu me chocasse contra as pedras e me arrebitasse completamente. Talvez a coisa mais sábia a fazer fosse desacelerar as coisas. Ser amigos parecia tão mais simples.

Ren voltou, pegou a embalagem vazia da minha comida e a guardou na mochila. Sentando-se diante de mim, perguntou:

– O que você está pensando?

Mantive o olhar fixo no fogo.

– Nada importante.

Ele inclinou a cabeça e me olhou por um momento. Não me pressionou, pelo que me senti grata – outra característica que eu podia acrescentar à coluna pró-relacionamento de minha lista mental.

– Vou fazer a primeira vigília – continuou ele –, embora não considere necessário. Ainda tenho meus sentidos de tigre. Poderei ouvir ou farejar os *kappa* se eles decidirem sair da água.

– Ótimo.

– Você está bem?

Eu me sacudi mentalmente. *Droga! Eu precisava de um banho frio! Ele era como uma droga, e o que se faz com as drogas? A gente se afasta o máximo possível delas.*

– Estou bem – disse bruscamente, e me levantei para vasculhar a mochila. – Avise quando seus supersentidos começarem a formigar.

– O quê?

Pus a mão no quadril.

– Você também pode saltar de edifícios altos?

– Bom, eu ainda tenho minha força de tigre, se é a isso que você se refere.

– Maravilha – resmunguei. – Vou acrescentar super-herói à sua lista de prós.

Ele franziu a testa.

– Não sou nenhum super-herói, Kells. O mais importante no momento é que você descanse um pouco. Vou ficar de olho por algumas horas. Então, se nada acontecer – ele disse com um sorriso –, eu me junto a você.

Fiquei paralisada e subitamente muito nervosa. Examinei seu rosto em busca de uma pista, mas ele parecia não ter nenhuma intenção oculta nem estar planejando qualquer coisa.

Peguei a colcha na mochila, mudei para o outro lado da fogueira de propósito e tentei ficar confortável na grama. Rolei de um lado para outro, me revirando na colcha até estar parecendo uma múmia, a fim de manter os insetos de fora. Enfiando o braço sob a cabeça, olhei para o dossel negro sem estrelas.

Ren não pareceu se importar com minha reação. Encontrou um local confortável no outro lado da fogueira e desapareceu na escuridão.

– Ren? – murmurei. – Onde você acha que estamos? Não acredito que isso acima de nós seja o céu.

– Acho que estamos em algum lugar subterrâneo – respondeu baixinho.

– É quase como se tivéssemos vindo parar em outro mundo.

Mudei de posição, tentando encontrar um trecho macio do solo. Depois de uma meia hora inquieta, me remexendo, suspirei, frustrada.

– Qual é o problema?

Antes que eu pudesse me deter, resmunguei:

– O problema é que estou acostumada a descansar a cabeça em um travesseiro quente de pelo de tigre.

– Humm – grunhiu ele –, deixe-me ver o que posso fazer.

Em pânico, eu disse com a voz aguda:

– Não se preocupe. Estou bem.

Ele ignorou meus protestos, pegou minha figura de múmia no colo e me colocou novamente no seu lado do fogo. Então me virou de lado, deixando-me de frente para o fogo, deitou-se atrás de mim e deslizou um braço sob o meu pescoço para aninhar minha cabeça.

– Assim está mais confortável para você?

– É... sim e não. Minha cabeça descansa melhor nessa posição. Mas infelizmente o restante do meu corpo não consegue relaxar.

– Por que não?

– Porque você está perto demais para que eu possa relaxar.

– Quando eu era um tigre, isso nunca a incomodou – disse ele, confuso.

– O tigre e o homem são duas coisas completamente diferentes.

Ele pôs o braço em minha cintura e me puxou para mais perto, de modo que ficamos abraçados, de conchinha. Ele parecia irritado e decepcionado quando murmurou:

– Não parece diferente para mim. É só fechar os olhos e imaginar que ainda sou um tigre.

– Não funciona assim.

Fiquei deitada, rígida, em seus braços, nervosa, principalmente quando ele começou a acariciar minha nuca com o nariz.

– Gosto do cheiro do seu cabelo – disse ele com suavidade.

Seu peito roncava encostado às minhas costas, enviando vibrações pelo meu corpo enquanto ele ronronava.

– Ren, pode não fazer isso agora?

Ele ergueu a cabeça.

– Gosta quando eu ronrono. Ajuda você a dormir melhor.

– Sim, mas isso só funciona com o tigre. Aliás, como é que você consegue fazer isso como homem?

– Não sei. Eu apenas faço – respondeu, e então enterrou o rosto novamente em meu cabelo e acariciou meu braço.

– Ren, me explique como você planeja montar guarda assim.

Seus lábios roçaram meu pescoço.

– Eu posso ouvir e farejar os *kappa*, lembra?

Eu me contraí e estremeci, com nervosismo, ansiedade ou qualquer outra coisa, e ele percebeu. Parou de beijar o meu pescoço e ergueu a cabeça para espiar meu rosto à luz bruxuleante da fogueira. Sua voz soou solene e calma:

– Kelsey, espero que saiba que eu jamais a machucaria. Não precisa ter medo de mim.

Virando-me para ele, estendi a mão e toquei seu rosto. Olhando dentro dos seus olhos azuis, suspirei:

– Não tenho medo, Ren. Confiaria minha vida a você. Só que nunca estive tão perto assim de alguém.

Ele me beijou suavemente e sorriu.

– Nem eu. – Então mudou de posição, deitando-se novamente. – Agora vire-se e durma. Estou avisando que pretendo dormir com você nos braços a noite toda. Quem sabe quando vou ter essa chance de novo, se é que a terei. Portanto, tente relaxar e, pelo amor de Deus, não fique se mexendo!

Ele me puxou de volta para o calor do seu peito e eu fechei os olhos. Acabei dormindo melhor do que havia feito em semanas.

Quando acordei, estava aninhada em cima do peito de Ren. Seus braços me envolviam e nossas pernas estavam entrelaçadas. Fiquei surpresa de ter conseguido respirar a noite toda, pois meu nariz estava esmagado de encontro ao seu tórax musculoso. À noite havia esfriado, mas minha colcha nos cobria e o corpo dele, que mantinha uma temperatura mais quente que o normal, havia me mantido aquecida.

Ren ainda estava dormindo, então aproveitei a rara oportunidade para estudá-lo. Seu corpo forte estava relaxado e seu rosto, suavizado pelo sono. Os lábios eram cheios, macios e extremamente desejáveis, e, pela primeira vez, percebi como seus cílios negros eram longos. O

cabelo escuro e acetinado caía suavemente sobre a testa e estava desarrumado de uma forma que o fazia parecer ainda mais irresistível.

Então este é o verdadeiro Ren. Mas não parece real. Ele se assemelha mais a um arcanjo caído na Terra. Eu estivera com Ren dia e noite pelas quatro últimas semanas, mas seu tempo como humano era uma fração tão pequena de cada dia que ele quase parecia um sonho, um Príncipe Encantado da vida real.

Segui o desenho de uma sobancelha negra, acompanhando seu arco com o dedo, e com cuidado afastei o cabelo escuro e sedoso do rosto. Torcendo para não perturbá-lo, suspirei, mudei de posição devagar e tentei me afastar, mas seus braços se enrijeceram, me prendendo.

– Nem pense em sair daqui – murmurou ele, sonolento, e me puxou de volta para se aninhar comigo novamente.

Descansei o rosto em seu peito, sentindo seu coração bater, e me contentei em ficar ouvindo aquele ritmo.

Depois de alguns minutos, ele se esticou e virou de lado, puxando-me com ele. Então beijou minha testa, abriu os olhos e sorriu para mim. Era como ver o sol nascer. O homem bonito e adormecido já era bastante impressionante, mas, quando me dirigiu aquele sorriso luminoso e deslumbrante e abriu os olhos azul-cobalto, eu fiquei muda.

Mordi o lábio. Sinos de alarme começaram a soar em minha cabeça.

Os olhos de Ren se abriram e ele prendeu uma mecha de cabelo solto atrás da minha orelha.

– Bom dia, *rajkumari*. Dormiu bem?

– Eu... você... eu... dormi muito bem, obrigada – gaguejei.

Fechei os olhos, rolei para longe dele e me levantei. Eu podia lidar muito melhor com o Ren homem se não pensasse muito nele, nem olhasse para ele, nem falasse com ele, nem o ouvisse.

Ele me abraçou por trás e pude sentir seu sorriso quando pressionou os lábios contra a pele macia atrás da minha orelha.

– A melhor noite de sono que tive em 350 anos.

Ele roçou o nariz em meu pescoço e me veio à mente uma imagem dele me acenando para que eu saltasse em um precipício e então rindo enquanto meu corpo se despedaçava nas pedras molhadas lá embaixo.

Murmurei algo como “Que bom para você” e me desvencilhei

dele. Afastei-me para me aprontar para o dia e ignorei sua expressão confusa.

Desfizemos o acampamento e seguimos na direção da cidade. Estávamos ambos muito quietos. Ele parecia remoer algo em sua mente. Quanto a mim, eu estava tentando impedir que palpitações nervosas me dominassem a cada vez que olhava em sua direção.

O que há de errado comigo? Temos uma tarefa a executar. Precisamos encontrar o Fruto Dourado e eu aqui só pensando em... namorar!

Estava irritada comigo mesma. Tinha que ficar me lembrando de que aquele era apenas Ren, o tigre, e não uma paixonite de adolescente. Ficar perto do homem esse tempo todo estava me fazendo enfrentar a realidade e a primeira coisa que eu precisava fazer era assumir o controle das minhas emoções. Enquanto andávamos, eu ponderava sobre o problema que era o nosso relacionamento, mordendo o lábio enquanto pensava.

Ele provavelmente se apaixonaria por qualquer garota que estivesse destinada a salvá-lo. Além disso, um cara como ele jamais se sentiria atraído por alguém como eu. Ren era como o Super-Homem e eu tinha que admitir que não era nenhuma Lois Lane. Quando a maldição estiver quebrada, ele provavelmente vai querer namorar top models. E tem mais: eu sou a primeira garota por perto em mais de 300 anos – e, embora a linha do tempo seja um pouquinho diferente, ele é o primeiro homem por quem já senti alguma coisa. Se eu alimentar a ilusão de ficar com ele para sempre depois que isso estiver acabado, com certeza vou quebrar a cara.

Na verdade, eu não tinha a menor ideia do que fazer em relação a Ren. Eu nunca me apaixonara. Nunca nem mesmo tivera um namorado, e aqueles sentimentos novos eram excitantes e assustadores ao mesmo tempo. Pela primeira vez na vida, eu não tinha o controle e não sabia bem se gostava disso.

O problema era que quanto mais tempo eu passava com ele, mais eu queria ficar com ele. E eu era realista. Meus breves momentos com ele agora, embora emocionantes, não me garantiriam um final feliz. Eu sabia, por dolorosa experiência própria, que finais felizes não existem. Agora que o fim da maldição assomava no futuro próximo, eu precisava encarar os fatos.

Primeiro: assim que Ren estiver livre, ele vai querer explorar o mundo, e não sossegar. Segundo: o amor é arriscado. Se ele chegar à conclusão de que não me ama, isso me destruirá. Seria mais seguro para mim voltar para o Oregon e para minha vida solitária de antes e esquecê-lo por

completo. Terceiro: talvez eu simplesmente não esteja pronta para tudo isso.

Parte de meu raciocínio era circular, mas os círculos todos levavam a uma única coisa: *não* ficar com Ren. Engoli uma onda de tristeza e cerrei os punhos com determinação. E resolvi que, para proteger meu coração, seria melhor se eu cortasse esse relacionamento pela raiz imediatamente e me poupasse da dor e do constrangimento de nosso rompimento final.

Eu me concentraria na tarefa à frente: chegar a Kishkindha. Então, quando tudo estivesse acabado, ele poderia seguir seu caminho e eu, o meu. Eu apenas faria minha parte para ajudar meu amigo e depois o deixaria ir embora e ser feliz.

Pelo que me pareceram vários quilômetros de caminhada através daquele mundo estranho e mítico, formulei um plano e comecei a enviar sinais sutis que punham um freio no romantismo. Sempre que ele pegava minha mão, eu encontrava um motivo para delicadamente nos separar. Quando ele tocava meu braço ou meu ombro, eu me afastava. Quando ele tentava me abraçar, eu me desvencilhava ou continuava andando. Eu não disse nada nem ofereci nenhuma explicação porque não conseguia pensar em uma forma de abordar o assunto.

Ren tentou me perguntar o que havia de errado, mas eu desconversei e ele desistiu. A princípio, mostrou-se confuso, depois sombrio e então começou a se fechar e ficar com raiva. Estava claro que eu o havia magoado. Não levou muito tempo para que ele parasse de tentar e eu senti um muro tão imponente quanto a Grande Muralha da China se erguer entre nós.

Chegamos a um fosso e encontramos uma ponte levadiça. Infelizmente, estava levantada. No entanto, pendia ligeiramente de um lado, como se estivesse quebrada. Ren acompanhou o leito do riacho de ambos os lados e olhou para a água.

– Tem muitos *kappa* aqui – observou. – Eu não recomendaria atravessar a nado.

– E se arrastássemos um tronco até aqui e o usássemos como ponte?

– É uma boa ideia – grunhiu ele.

Então veio até mim e me fez virar de costas.

– O que você está fazendo? – murmurei, nervosa.

– Só estou pegando a *gada*. – Então acrescentou, sarcástico: – Não

se preocupe. Isso é *tudo* que vou fazer.

Ele a pegou, fechou o zíper da mochila e se dirigiu para as árvores.

Estava com raiva. Eu nunca o vira com raiva antes, exceto de Kishan. Eu não gostava disso, mas era um efeito colateral natural do plano “arrancando a semente do amor e me poupando das pedras pontiagudas lá embaixo”. Não podia ser evitado.

Lancei a Fanindra um breve olhar para ver se ela aprovava o que eu estava fazendo, mas seus olhos cintilantes nada revelaram.

Um minuto depois, soou um estrondo e uma árvore rapidamente recolheu os galhos. Outro estrondo e a árvore atravessou o dossel e tombou no chão com um ruído alto. Ele começou a golpear os galhos, arrancando-os do tronco, e fui até ele para ajudar.

– Alguma coisa que eu possa fazer?

Ele se manteve de costas para mim.

– Não. Só temos uma *gada*.

Embora eu já soubesse a resposta, perguntei:

– Ren, por que está com raiva? Tem algo aborrecendo você?

Fiz uma careta, sabendo que era eu que o aborrecia.

Ele parou e se voltou para mim. Seus olhos azuis examinaram meu rosto. Rapidamente desviei o olhar e o fixei em um galho trêmulo contraindo suas agulhas. Quando voltei a encará-lo, seu rosto era uma máscara indecifrável.

– Não tem nada me aborrecendo, Kelsey. Estou bem.

Ele se virou e continuou a arrancar os galhos da árvore. Quando terminou, me entregou a *gada*, pegou uma extremidade da pesada árvore e começou a arrastá-la na direção do riacho.

Corri atrás dele e me abaixei para pegar a outra extremidade.

Ele gritou sem nem mesmo olhar para mim:

– Não!

Quando voltamos ao riacho, ele largou o tronco e começou a procurar um bom lugar para assentá-lo. Eu estava prestes a me acomodar no tronco da árvore quando notei as agulhas. Até o tronco tinha agulhas grossas e afiadas que se erguiam para penetrar carnes desprevenidas. Fui até a extremidade dianteira e vi o sangue de Ren em grandes gotas cobrindo as agulhas negras e reluzentes.

Quando ele voltou, exigi:

– Ren, deixe-me ver suas mãos e seu peito.

- Esqueça, Kelsey. Eu vou sarar.
- Mas, Ren...
- Não. Agora se afaste.

Ele foi até a outra extremidade do tronco e o ergueu, apoiando-o no peito. Fiquei boquiaberta. É, *ele ainda tem a força do tigre*. Estremeci ao imaginar aquelas centenas de agulhas se enterrando no seu peito e em seus braços. Os bíceps haviam se avolumado enquanto ele levava o tronco até a beira do riacho.

Uma garota tem o direito de admirar, não tem? Mesmo quem não pode comprar pode olhar a vitrine, certo?

Era como ver Hércules em ação. Respirei fundo e fiquei repetindo as palavras: “Ele não é para mim, ele não é para mim, ele não é para mim”, a fim de fortalecer minha decisão.

A extremidade do tronco bateu no muro de pedra. Ele andou ao longo da margem do riacho até encontrar o ponto que queria e então o deixou cair com um baque suave.

As agulhas haviam aberto riscos irregulares e profundos em seu peito e feito em tiras a frente de sua camisa branca. Fui até ele e estendi a mão para tocar-lhe o braço.

Ele se voltou para mim e disse:

- Agora fique aqui.

Transformando-se em tigre, pulou para o tronco, atravessou-o e então saltou para a fenda de onde a ponte levadiça pendia ligeiramente aberta. Ali, abriu caminho com as garras e desapareceu.

Ouvi um som metálico e em seguida um silvo quando a pesada ponte de pedra baixou. Ela cruzou o riacho, bateu na água com uma grande pancada e então se acomodou em seu leito de cascalho. Atravessei rapidamente, com medo dos *kappa* que vira na água abaixo. Ren ainda estava como tigre e parecia disposto a permanecer assim.

Entrei na cidade de pedra de Kishkindha. A maior parte dos edifícios tinha dois ou três andares. A pedra acinzentada dos muros externos também era a usada nas construções. Era polida como granito e continha pedaços cintilantes de mica que refletiam a luz. Produzia um efeito lindo.

Uma estátua gigante de Hanuman erguia-se no centro, e cada canto e cada fresta da cidade encontrava-se coberto com macacos de pedra em tamanho natural. Sobre os prédios, os telhados e as sacadas viam-se estátuas de macacos. Entalhes de símios cobriam as paredes dos prédios. As estátuas representavam várias espécies diferentes de

macaco e com frequência se agrupavam em número de dois ou três. Na verdade, os únicos tipos de macaco não presentes ali eram os fictícios macacos voadores de *O Mágico de Oz* e o King Kong.

Quando passei pelo chafariz central, senti uma pressão no braço. Fanindra despertara. Abaixei-me para deixá-la deslizar do meu braço para o chão. Ela ergueu a cabeça e provou o ar com a língua várias vezes. Então começou a colear pela cidade antiga. Ren e eu a seguimos enquanto ela tecia seu lento caminho.

– Você não precisa se manter como tigre só por minha causa – falei.

Ele manteve os olhos voltados para a frente, seguindo a cobra.

– Ren, é um milagre que você possa ficar na forma humana. Não faça isso consigo mesmo, por favor. Só porque está com rai...

Ele voltou à forma humana e girou, ficando de frente para mim.

– Eu *estou* com raiva! Por que não deveria permanecer como tigre? Você parece muito mais à vontade com *ele* do que comigo!

Seus olhos azuis se turvaram com incerteza e mágoa.

– Eu me *sinto* mais à vontade com ele, mas não porque eu goste mais dele – argumentei. – É complicado demais discutir isso com você agora.

Eu me virei para o outro lado, escondendo meu rosto vermelho.

Frustrado, ele correu a mão pelos cabelos e perguntou, ansioso:

– Kelsey, por que está me evitando? É porque estou indo rápido demais? Você não está pronta para pensar em mim dessa maneira, é isso?

– Não. Não é isso. É só que – eu torcia as mãos – eu não quero cometer um erro ou me envolver em algo que vá levar um de nós ou os dois a se machucar. Também não acho que este seja o melhor lugar para falar sobre isso.

Eu olhava para seus pés enquanto dizia essas palavras. Ele ficou em silêncio por um bom tempo. Espiei seu rosto por baixo dos meus cílios e vi que me avaliava. Ele continuou a me observar pacientemente. Eu olhava para as pedras do pavimento, para Fanindra, para minhas mãos, para tudo – menos ele. Por fim, Ren desistiu.

– Ótimo.

– Ótimo?

– É, ótimo. Agora me dê a mochila. É minha vez de carregá-la um

pouco.

Ele me ajudou a tirá-la das costas e então ajustou as alças para seus ombros largos. Fanindra parecia pronta para se pôr novamente em movimento e seguiu sua jornada, atravessando furtivamente a cidade de macacos.

Passamos para as sombras escuras entre os edifícios, onde o corpo dourado de Fanindra brilhava. Ela escorregou entre frestas sob portas emperradas contra as quais Ren teve que se jogar para abrir. E nos levou por uma interessante pista de obstáculos do ponto de vista de uma cobra, enfiando-se debaixo e através de coisas pelas quais era impossível Ren e eu passarmos. Ela desaparecia sob rachaduras no chão e Ren precisava farejar para encontrá-la. Muitas vezes tivemos que voltar para achá-la do outro lado de paredes e salas. Sempre a encontrávamos enrodilhada e descansando, esperando pacientemente que a alcançassemos.

Por fim, ela nos levou até um tanque retangular cheio até a borda com água verde repleta de algas. O tanque ia até a minha cintura e em cada canto erguia-se um alto pedestal de pedra. No topo de cada pedestal havia um macaco esculpido, todos olhando a distância, um para cada ponto cardeal.

As estátuas encontravam-se agachadas, com as mãos tocando o chão. Os dentes estavam à mostra e eu podia visualizá-los sibilando, como se prestes a atacar. Suas caudas se curvavam sobre o corpo, alavancas robustas para aumentar o alcance da investida. Sob os pedestais, grupos de macacos de pedra de olhar maligno espiavam das sombras com suas caretas e olhos negros e ocos. Os braços compridos se estendiam à frente, como se prontos para agarrar e dilacerar quem passasse por ali.

Degraus de pedra levavam ao tanque de água. Subimos e olhamos lá dentro. Com alívio, vi que não havia nenhum *kappa* à espreita nas águas escuras. Na extremidade do tanque, na borda de pedra, havia uma inscrição.

- Você consegue ler? – perguntei.
- Diz *Niyuj Kapi*. “Escolha o macaco”.
- Hum.

Demos uma volta pelos quatro cantos examinando cada estátua. Uma tinha orelhas espetadas para a frente e outra tinha as orelhas grudadas à cabeça. As quatro eram de espécies diferentes de macacos.

- Ren, Hanuman era metade homem, metade macaco, certo? Que

tipo de macaco era a metade macaco?

– Não sei. O Sr. Kadam saberia. Só sei dizer que estas duas estátuas não são de espécies nativas da Índia. Este aqui é um macaco-aranha, nativo da América do Sul. Este outro é um chimpanzé.

Olhei para ele, boquiaberta.

– Como você sabe tanto assim sobre macacos?

Ele cruzou os braços no peito.

– Ah, então macacos são um tema de conversa aceitável? Talvez, se eu fosse um macaco e não um tigre, você me desse uma pista do motivo por que está me evitando.

– Não estou evitando você. Só preciso de um pouco de espaço. Não tem nada a ver com sua espécie. Tem a ver com outras coisas.

– Que outras coisas?

– Nada.

– É alguma coisa.

– Podemos voltar para o tema macacos? – gritei.

– Ótimo! – ele gritou de volta.

Ficamos ali fuzilando um ao outro com o olhar por um minuto, ambos frustrados e com raiva. Ele então voltou a examinar os vários primatas e a ticar mentalmente suas características numa lista.

Antes que pudesse me conter, disparei, com sarcasmo:

– Eu não tinha a menor ideia de que estava acompanhado de um especialista em macacos, mas, é claro, você os come, certo? Então acho que essa seria a diferença entre, digamos, porco e frango, para alguém como eu.

Ren me olhou com a testa franzida.

– Eu vivi em zoológicos e circos por séculos, lembra? E eu não... como... macacos!

Cruzei os braços sobre o peito e olhei ferozmente para ele. Ele devolveu o olhar e então, batendo o pé, foi se agachar diante de outra estátua.

Irritado, ele disse:

– Aquele ali é do gênero *Macaca*, nativo da Índia, e esse peludo é um babuíno, também encontrado aqui.

– Então, qual eu escolho? Tem que ser um destes dois últimos, já que os outros dois não são daqui.

Ele me ignorou, provavelmente ainda ofendido, e estava olhando o grupo de macacos sob o pedestal quando declarei:

– Babuíno.

Ele se levantou.

– Por que ele?

– A cara dele me lembra a da estátua de Hanuman.

– Então faça uma tentativa.

– Como é?

Ele perdeu a paciência.

– Sei lá! Faça aquela coisa que você faz, com a mão.

– Não sei se funciona.

Ele gesticulou na direção do macaco.

– Ah, então esfregue a cabeça dele como uma estátua de Buda. Precisamos descobrir qual é o próximo passo.

Fechei a cara para Ren, que decididamente estava frustrado comigo, e então fui até a estátua do babuíno e, hesitante, toquei-lhe a cabeça. Nada aconteceu. Dei tapinhas em suas bochechas, esfreguei-lhe a barriga e puxei os braços, a cauda... Nada! Estava apertando os ombros dele quando senti a estátua se mover um pouquinho. Empurrei um dos ombros e o topo do pedestal deslocou-se para o lado, revelando uma caixa de pedra com uma alavanca. Estendi a mão e puxei a alavanca. A princípio, nada se moveu. Então senti que minha mão esquentava. Os símbolos desenhados nela ressurgiram nítidos e a alavanca se moveu, erguendo-se, retorcendo-se e saltando.

Um tremor sacudiu o chão e a água no tanque começou a escoar. Ren agarrou meus braços e rapidamente me puxou contra o seu peito, afastando-nos do tanque. Ele descansou as mãos na parte superior dos meus braços enquanto observávamos a pedra se deslocar.

O tanque retangular rachou e se dividiu em dois. As duas metades começaram a deslizar em direções opostas. A água se derramou, batendo na pedra e rolando para o buraco que se abriu.

Alguna coisa começou a emergir. A princípio, pensei que fosse apenas o reflexo da luz na pedra molhada e reluzente, mas a luz foi ficando cada vez mais clara até que vi um galho se projetar do buraco, coberto por folhas douradas. Mais galhos surgiram e então um tronco. Ele continuou a subir até que a árvore toda estava diante de nós. As folhas tremeluziam, irradiando uma luz amarela suave, como se milhares de luzinhas de Natal douradas estivessem enroscadas nos galhos. As folhas douradas tremiam, como se uma leve brisa as sacudisse.

A árvore tinha cerca de três metros de altura e era coberta por pequenas flores brancas que exalavam uma fragrância doce. As folhas eram longas e finas, presas a galhos delicados que levavam a outros mais grossos e mais fortes e dali ao tronco compacto e robusto. O tronco se assentava em uma grande caixa de pedra, sobreposta a uma sólida base também de pedra. Era a árvore mais bonita que eu já vira.

Ren pegou minha mão e me conduziu cautelosamente na direção da árvore. Ele estendeu a mão para tocar uma folha dourada.

– É linda! – exclamei.

Ele colheu uma flor e a cheirou.

– É uma mangueira.

Ficamos os dois admirando a árvore. Eu tinha certeza de que meu rosto mostrava tanto assombro quanto o dele.

A expressão de Ren se suavizou. Ele deu um passo em minha direção e ergueu a mão para prender a flor no meu cabelo. Eu me afastei dele, fingindo não ver, e toquei uma folha dourada.

Quando tornei a olhá-lo um momento depois, sua expressão era de pedra e a flor branca jazia esmagada no chão. Meu coração palpitou dolorosamente quando vi as lindas pétalas caídas despedaçadas e esquecidas na sujeira.

Contornamos a base da árvore, examinando-a de todos os ângulos.

– Ali! – gritou Ren. – Está vendo lá no alto? É um fruto dourado!

– Onde?

Ele apontou para o alto da árvore e, de fato, uma esfera dourada oscilava suavemente em um galho.

– Uma manga – murmurou ele. – É claro. Faz sentido.

– Por quê?

– A manga é um dos principais produtos de exportação da Índia. É essencial para o nosso país. É possível que seja o recurso natural mais importante que temos. Portanto, o Fruto Dourado da Índia é uma manga. Eu devia ter imaginado.

Ergui os olhos para os galhos altos.

– Como vamos alcançá-lo?

– Suba nos meus ombros. Precisamos fazer isso juntos.

Eu ri.

– Ren, acho melhor você inventar outro plano. Tipo saltar como vocês supertigres fazem e pegá-lo com a boca ou algo assim.

Ele sorriu para mim, malicioso.

– Não. Você – ele tocou meu nariz com o dedo – vai se sentar nos meus ombros.

– Por favor, pare de dizer isso – gemi.

– Ande logo. Eu vou dizendo a você o que fazer. É como uma brincadeira de criança.

Ele me levantou e me colocou na borda de pedra do tanque de água. Então deu meia-volta, ficando de costas para mim.

– Muito bem, suba.

Ele estendeu as mãos. Eu as segurei, hesitante, e passei uma perna sobre seu ombro, queixando-me o tempo todo. Quase recuei a perna, mas ele antecipou que eu iria amarelar e levou o braço às costas para agarrar minha outra perna e me içar antes que eu pudesse desistir.

Depois de eu gritar com ele em vão, Ren segurou minhas mãos e, equilibrando meu peso com facilidade, voltou até a árvore. Levou algum tempo procurando o lugar certo e então começou a me dar instruções.

– Está vendo aquele galho grosso bem acima da sua cabeça?

– Sim.

– Solte uma das mãos e agarre-o.

Foi o que fiz, advertindo-o:

– Não me deixe cair!

– Fique tranquila.

Segurei o galho e me agarrei a ele.

– Ótimo. Agora levante a outra mão e pegue o mesmo galho. Vou ficar segurando suas pernas, não se preocupe.

Erguendo o braço, segurei firme o galho, mas as palmas das minhas mãos estavam suadas, e, se ele não estivesse me segurando, eu certamente teria caído.

– Ei, Ren, essa foi uma ótima ideia, mas ainda estou a mais ou menos meio metro do fruto. O que faço agora?

Em resposta, ele riu e disse:

– Espere um segundo.

– Como é?

Ele arrancou os tênis dos meus pés.

– Segure-se no galho e fique de pé – instruiu.

Apavorada, gritei e apertei o galho, como se disso dependesse a

minha vida. Ren me elevou ainda mais. Olhei para baixo e vi que ele apoiava meus pés nas mãos, suportando todo o peso do meu corpo apenas com os braços.

– Ren, você está maluco? – sibilei. – Sou muito pesada para você.

– É claro que não é, Kelsey – zombou ele. – Agora preste atenção. Continue segurando o galho. Quero que você passe das minhas mãos para os meus ombros, primeiro um pé, depois o outro.

Ele ergueu minha perna direita primeiro e eu senti meu calcanhar bater em seu braço. Com cuidado, movi o pé, pousando-o em seu ombro largo, e então fiz o mesmo com o outro pé. Olhei para o fruto, que agora pendia bem à minha frente, oscilando levemente.

– Pronto. Vou tentar pegá-lo agora. Fique firme.

Suas mãos haviam deslizado para as minhas panturrilhas e ele as apertava com firmeza. Eu me apoiei no galho, que agora estava na altura da minha cintura, e estiquei o braço para alcançar o fruto, preso a um caule longo e lenhoso que se projetava do topo da árvore.

Meus dedos roçaram o fruto e por um momento ele se deslocou. Quando voltou, eu o envolvi com a mão e puxei delicadamente.

Ele não se moveu. Puxei com um pouco mais de força, tomando cuidado para não danificar o fruto dourado. Supreendentemente, a textura era a de uma manga de verdade, com sua pele lisa e semelhante a couro, embora reluzisse com uma luz dourada deslumbrante. Firmei meu corpo outra vez no galho, puxei com força e consegui arrancá-lo do caule.

Imediatamente, meu corpo se congelou e tornou-se rígido, e minha mente mergulhou na escuridão. Um calor escaldante queimava meu peito e uma figura fantasmagórica vinha em minha direção. As feições enevoadas giraram e se solidificaram, tomando forma. Era o Sr. Kadam! Ele tinha a mão no peito e parecia em agonia. Quando retirou a mão, vi que o amuleto que usava brilhava, incandescente. Olhei para baixo e vi que o meu brilhava da mesma maneira. Tentei estender a mão para ele e falei, mas ele não parecia me ouvir, nem eu a ele.

Outra figura espectral girou diante de nós e foi lentamente ganhando forma. Ele também segurava um grande amuleto. De repente, alerta, olhou para o Sr. Kadam. E logo voltou sua atenção para o amuleto que o Sr. Kadam usava.

O homem vestia roupas modernas e caras. Seus olhos vivos demonstravam inteligência, confiança, determinação e algo mais, algo

sombrio, algo... maligno. Ele tentou dar um passo à frente, mas uma espécie de barreira impedia que qualquer um de nós se movesse.

Sua expressão se contraiu e se contorceu em fúria, que, embora rapidamente reprimida, continuou ali, como uma fera à espreita por trás de seus olhos. Fiquei desesperada quando o homem voltou sua atenção para mim. Estava claro que ele queria alguma coisa.

Seus olhos me examinaram com atenção da cabeça aos pés e então pousaram no amuleto incandescente em meu pescoço. Uma malícia reluzente e uma satisfação repugnante perpassaram pelo seu rosto. Olhei para o Sr. Kadam, buscando ajuda, mas ele também estudava o homem meticulosamente.

Eu sentia muito medo. Gritei, chamando Ren, mas nem eu mesma podia ouvir a minha voz.

O homem tirou algo do bolso e começou a murmurar palavras para si mesmo. Tentei ler seus lábios, mas ele parecia falar em outra língua. As feições do Sr. Kadam estavam ficando transparentes. Ele se tornava espectral outra vez. Olhei para o meu braço e arquejei quando percebi que o mesmo começava a acontecer comigo. Minha mente rodopiava, tonta. Tive a sensação de que ia desmaiar. Não pude mais resistir. E fui caindo... caindo... caindo...



Fuga

Quando abri os olhos, o rosto de Ren estava diante de mim.

– Kelsey! Você está bem? Você caiu. Desmaiou? O que aconteceu?

– Não, eu não desmaiei! Pelo menos, acho que não.

Ele me segurava nos braços, me apertando junto ao peito, e eu gostava disso. Não *queria* gostar, mas gostava.

– Você me pegou?

– Eu falei que não ia deixar você cair – disse ele, em tom de sermão.

– Obrigada, super-herói – murmurei, sarcástica. – Agora me ponha no chão, por favor. Eu posso ficar de pé.

Ren me colocou no chão com cuidado e, para minha grande consternação, minhas pernas ainda bamboleavam. Ele estendeu a mão para me firmar e eu gritei:

– Eu disse que posso ficar de pé! Pode me dar um minuto, por favor?

Eu não sabia por que estava gritando com ele. Ren só queria ajudar, mas eu estava assustada. Coisas estranhas estavam acontecendo comigo, coisas sobre as quais eu não tinha o menor controle. Também me sentia constrangida e excessivamente sensível quando ele me tocava. Não conseguia pensar direito. Meu cérebro ficava enevoado, como um espelho em um banheiro cheio de vapor. Eu precisava me afastar dele o mais rápido possível.

Sentei-me na borda de pedra do tanque de água e calcei meus tênis, esperando que a tontura logo passasse.

Ren cruzou os braços sobre o peito e estreitou os olhos, me encarando.

– Kelsey, me conte o que aconteceu, por favor.

– Não sei bem. Eu tive uma... visão, acho.

– E o que você viu?

– Eram três pessoas: o Sr. Kadam, um homem assustador e eu.

Nós três usávamos amuletos, e eles brilhavam, vermelhos.

Ele baixou os braços e seu rosto ficou sério.

– Como era esse homem assustador? – perguntou baixinho.

– Ele parecia... sei lá, um chefe da máfia ou algo no gênero. O tipo de sujeito que gosta de estar no controle e matar. Tinha cabelo escuro e olhos negros e brilhantes.

– Era indiano?

– Não sei. Talvez.

Fanindra havia se enroscado aos meus pés em sua posição de joia. Eu a apanhei, deslizei-a braço acima e então olhei ao redor, desesperada.

– Ren? Onde está o fruto dourado?

– Aqui.

Ele o apanhou onde havia caído, na base da árvore.

– Precisamos escondê-lo.

Alcancei a mochila e tirei minha colcha de dentro dela. Estendi a mão e peguei o fruto com Ren, tomando cuidado para que nossas mãos não se tocassem, e então o enrolei na colcha e guardei na mochila. Acho que fui um pouco óbvia em meu desejo de evitar tocá-lo, pois Ren me olhava de cara feia quando me virei para ele.

– O que foi? Agora você não pode nem me tocar? É bom saber que eu lhe causo tanta repugnância! Que pena que você não convenceu Kishan a vir, assim podia me evitar totalmente!

Eu o ignorei e amarrei meus cadarços, fazendo laços duplos.

Ele gesticulou na direção da cidade e sorriu, zombeteiro:

– Quando se sentir recuperada o bastante, *rajkumari*.

Eu o olhei, feroz, e empurrei seu peito.

– Talvez Kishan tivesse sido menos idiota. E, para sua informação, Sr. Sarcástico, não estou gostando muito de você agora.

Ele me encarou com os olhos estreitados.

– Bem-vinda ao clube, Kells. Podemos ir embora?

– Ótimo.

Virei-me de costas para ele, ajustei as alças da mochila e saí

andando sozinha.

Ele ergueu as mãos, exasperado.

– Ótimo!

– ÓTIMO! – gritei de volta, e continuei andando para a cidade com ele me seguindo em silêncio, furioso.

Depois que passamos a primeira construção, o chão começou a estremecer. Paramos e nos viramos para olhar a árvore dourada. Ela estava retornando para dentro do solo e as duas metades do tanque voltavam a se unir. Havia um estranho brilho vindo de dentro das quatro estátuas de macacos.

– Hã... Kells? Acho que seria bom sairmos da cidade o mais rápido possível.

Aceleramos o ritmo e começamos a correr entre as construções. Ouvi um silvo e um grito, seguido por vários outros. As estátuas dos macacos estavam brilhando e ganhando vida. Alguma coisa se movia acima de nossas cabeças.

Pequenas figuras marrons e pretas saltavam de casa em casa nos seguindo. A cacofonia dos gritos atingiu um nível de ruído incrível.

Gritei para Ren enquanto corria:

– Perfeito! Agora estamos sendo perseguidos por hordas de macacos! Talvez você queira nomear as espécies enquanto eles nos atacam, só para eu poder apreciar as características especiais de cada macaco enquanto eles me matam!

Ele corria ao meu lado.

– Pelo menos, enquanto os macacos a atormentam, você não tem tempo de *me* atormentar!

Os macacos estavam chegando mais perto. Eu quase tropecei em um que atravessou em disparada na minha frente. Ren saltou sobre um chafariz com sua força de tigre. *Exibido*.

– Ren, estou atrasando você. Dê o fora daqui! Pegue a mochila e vá.

Ele riu com deboche enquanto corria à minha frente. Então, virou-se para me olhar enquanto corria:

– Ah! Bem que você iria gostar de se livrar de mim!

Ele correu um pouco mais à minha frente e se transformou em tigre. Então voltou em disparada a minha direção e saltou sobre o meu corpo em movimento, avançando para a aglomeração de macacos a fim de retardá-los.

Gritei para ele, ainda correndo:

– Ei! Cuidado onde pula! Quase arranca a minha cabeça!

Continuei correndo, exigindo das minhas pernas o máximo que podiam dar. Ouvia ruídos terríveis às minhas costas. A maior parte dos macacos atacava. Ren mordida, golpeava com as garras e rugia. Olhei para trás por sobre o ombro. Macacos marrons, cinza e pretos cobriam seu corpo e se agarravam ao seu pelo. Uns 10 macacos ainda me perseguiam, inclusive o imenso babuíno do tanque de água.

Dobrei uma esquina e finalmente vi a ponte levadiça. Um macaco saltou e se agarrou à minha perna, me atrasando. Tentei me livrar dele enquanto corria.

Batendo nele inutilmente, gritei:

– Ma-ca-co im-be-cil... caia fora!

Em resposta, ele mordeu meu joelho.

– Aiii!

Sacudi a perna com mais força enquanto corria e batia o pé no chão para tornar o passeio o mais desagradável possível para o pequeno carona. Nesse momento, a metade superior do corpo de Fanindra se animou. Ela sibilou e cuspiu no macaco, que gritou e imediatamente soltou minha perna.

– Obrigada, Fanindra.

Afaguei-lhe a cabeça enquanto ela se acomodava outra vez em meu braço.

Alanceei o portão, cruzei a ponte e parei do outro lado. Ren vinha saltando em minha direção, tentando se livrar dos macacos em suas costas. Vários deles vieram enfurecidos para cima de mim. Eu os chutei violentamente, tirei rápido a mochila dos ombros e peguei a *gada*.

Comecei a brandi-la como um bastão de beisebol. Acertei um macaco com um ruído nauseante, e ele gemeu e fugiu em disparada de volta para a cidade. O problema era que eu só conseguia acertar um deles em média na terceira tentativa. Um saltou nas minhas costas e começou a puxar meus cabelos. Outro se agarrou à minha perna. Continuei a brandir a *gada* para a frente e para trás, e por fim consegui me livrar de quase todos.

Ren atravessou a ponte levadiça com cerca de 15 macacos agarrados ao seu pelo. Ele saltava, pulava de encontro às árvores, batendo o corpo nos troncos, primeiro de um lado, depois do outro. Então, com um salto, esfregou o corpo em um galho e arrancou os

macacos restantes.

As árvores de agulhas ganharam vida, disparando ramos com folhas para enredar os malignos símios pelas pernas e caudas, e então os puxaram aos gritos para os galhos. Eles eram leves demais para lutar e logo desapareciam nas copas.

Enquanto isso, eu brandia a *gada* contra o babuíno cinza, mas ele corria à minha volta para evitar os golpes. Era rápido demais para mim e guinchava sem parar. Agitava os braços compridos e me acertava a cada oportunidade. Era forte o bastante para que seus golpes doessem. Eu tinha a sensação de que estava sendo amaciada, como um pedaço de carne. Um macaquinho minúsculo se sentou no meu ombro e puxou minhas tranças com tanta força que conseguiu me arrancar lágrimas.

Livre dos macacos, Ren correu ao meu encontro na forma humana, soltou os dedos do macaquinho das minhas tranças, arrancou-o do meu ombro e o atirou pelos portões da cidade. O macaquinho bateu com força no chão, rolou e então se levantou, silvou para nós e desapareceu. Ren pegou a *gada* da minha mão e a ergueu contra o babuíno, que deve ter adivinhado que a mira de Ren era melhor do que a minha, pois soltou um berro e também correu de volta para a cidade.

Desabei sentada no chão, arfando. A cidade de repente ficou sinistramente quieta. Não se ouvia nem um único silvo ou grito de macaco.

Ren se virou para me olhar.

– Você está bem?

Agitei a mão na direção dele, dispensando sua preocupação. Ele se abaixou, tocou o meu rosto, olhou-me de cima a baixo e então sorriu, irônico.

– O pequenininho era um sagui-leãozinho. Só para o caso de você querer saber.

– Obrigada, Enciclopédia Ambulante dos Macacos – rebati, ofegante.

Ele riu, pegou garrafas de água para nós dois e me entregou uma barra de cereais.

– Você não vai comer uma? – perguntei.

Ele pôs a mão no peito e zombou.

– Eu? Comer uma barra de cereais quando a selva está aí cheia de macacos apetitosos? Não, obrigado. Não estou com fome.

Mordisquei minha barra em silêncio e verifiquei o Fruto Dourado para ter certeza de que não se machucara. Ainda estava lá, embrulhado em segurança em minha colcha.

Depois de uma rápida refeição e um pouco de descanso, começamos a jornada de volta pelo caminho de cascalho entre as árvores e o riacho. Ren batia nas árvores com força extra ao passarmos. Comecei a me sentir culpada pela maneira como o vinha tratando. Eu observava seus ombros rígidos enquanto ele andava, furioso, na minha frente.

Eu sentia falta de sua amizade. Sem falar das outras coisas.

Estava prestes a lhe pedir desculpas quando percebi que os *kappa* estavam tirando a cabeça da água e nos observando.

– Olhe, Ren. Temos companhia.

Olhar para eles só pareceu lhes dar novo ímpeto para agir. Ergueram ainda mais a cabeça e acompanharam nosso progresso com olhos muito pretos. Eu não conseguia deixar de olhar para eles. Eram horríveis! Exalavam um cheiro de pântano fétido e, quando piscavam, as pálpebras deslizavam de lado, como as de um crocodilo.

Sua carne era pálida, quase diáfana, e suas veias negras pulsantes podiam ser vistas sob a pele pegajosa. Apressei o passo. Ren colocou-se entre mim e o riacho, erguendo a *gada* como um aviso.

– Tente se curvar para eles – sugeri.

Ambos começamos a baixar a cabeça e nos curvar enquanto andávamos, mas eles nos ignoraram e ergueram-se ainda mais na água. Agora estavam de pé e se moviam adiante, lenta e mecanicamente, como se tivessem acabado de acordar de um sono profundo. A água chegava à altura de seu peito, mas eles estavam se aproximando. Eu me virei e fiz uma profunda reverência, mas ainda assim não funcionou.

– Continue, Kelsey. Vá mais rápido!

Começamos a correr. Eu sabia que não aguentaria manter aquele ritmo por muito tempo, mesmo com Ren carregando a mochila. Mais *kappa* surgiram da água, vários metros à nossa frente. Eles tinham braços compridos e mãos membranosas. Um deles sorriu para mim e eu vi dentes pontudos e afiados. Um tremor percorreu as minhas costas e eu corri um pouco mais rápido.

Agora eu podia ver as pernas das criaturas. Fiquei surpresa que tivessem pernas como as humanas. Por suas costas desciam cristas semelhantes a uma espinha de peixe. Suas pernas musculosas e

poderosas estavam cobertas de restos de plantas aquáticas, e suas longas caudas se enroscavam como a de um macaco, mas terminavam em uma nadadeira caudal transparente. Os *kappa* se balançavam para a frente e para trás, ameaçadores, puxando os pés da imundície com um ruidoso som de sucção enquanto abriam caminho para a margem do rio.

Tinham o cuidado de manter a cabeça equilibrada, o que fazia com que seus corpos parecessem desarticulados. A cabeça ficava em um lugar enquanto o torso se balançava e oscilava, à semelhança de um zumbi. Eles tinham uns 30 centímetros a menos que eu e se moviam rapidamente, ganhando velocidade enquanto avançavam, desajeitados, com os pés membranosos. Era sinistro ver seus corpos acelerarem enquanto as cabeças permaneciam quase imóveis.

– Mais rápido, Kelsey. Corra mais!

– Não consigo ir mais rápido, Ren!

Uma horda de vampiros *kappa* brancos nos perseguia, diminuindo a distância rapidamente.

– Não pare, Kelsey – gritou Ren. – Vou tentar atrasá-los!

Continuei correndo por uma boa distância, então voltei-me para ver como Ren estava se saindo. Ele havia parado de tentar se curvar para eles, que se detinham para avaliar sua atitude, mas, ao contrário da história da mãe de Ren, não se curvavam de volta. Guelras nas laterais do pescoço se abriam e fechavam, e eles abriram a boca, exibindo os dentes. Gotas negras e viscosas escorriam de suas bocas quando um gorgolejo se transformava em grito penetrante. Então dispararam na direção de Ren, atacando sua presa.

Ren lançou a *gada* com força contra o mais próximo, enterrando-a fundo no peito da criatura. O monstro lançou um líquido escuro e imundo pela boca e caiu na margem do riacho. Os outros nem sequer notaram o companheiro caído. Eles apenas se lançaram sobre Ren, que, depois de acertar vários outros, deu meia-volta e correu em minha direção, acenando.

– Continue correndo, Kelsey! Não pare!

Conseguimos nos manter à frente deles, mas eu estava esgotada. Paramos por um breve instante para recuperar o fôlego.

– Eles vão nos pegar – falei, arfando e tentando sorver o ar. – Não posso continuar correndo. Minhas pernas estão perdendo as forças.

Ren também arfava.

– Eu sei. Mas temos que continuar tentando. – Tomando um

grande gole de água, ele me entregou a garrafa com o restante e agarrou a minha mão, me levando para as árvores. – Venha. Siga-me. Tenho uma ideia.

– Ren, as árvores de agulhas são terríveis. Se voltarmos lá, vamos ter duas coisas tentando nos matar, e não apenas uma.

– Confie em mim, Kells. Venha comigo.

Quando entramos no meio das árvores de agulhas, os galhos imediatamente começaram a reagir a nós. Ren me puxava com ele enquanto corríamos. Para falar a verdade, não achei que pudesse prosseguir, mas de alguma forma consegui. Eu podia sentir os espinhos fustigando minhas costas.

Depois de vários minutos correndo, Ren parou, me pediu que ficasse imóvel e atacou as árvores à minha volta com a *gada*.

Então se inclinou, ofegante.

– Sente-se. Descanse um pouco. Vou tentar fazer os *kappa* me seguirem para as árvores. Espero que funcione com eles como funcionou com os macacos.

Ren se transformou em tigre, deixou-me com a *gada* e a mochila e depois disparou para os galhos ondulantes. Fiquei de ouvidos atentos e escutei as árvores se movendo, tentando prendê-lo ao passar. Então tudo ficou mortalmente silencioso. O único som era o da minha respiração irregular. Sentei-me no chão coberto de musgo o mais distante possível das árvores e esperei.

Mesmo aguçando os ouvidos, eu nada ouvia, nem mesmo pássaros. Por fim, me deitei e descansei a cabeça na mochila. Meu corpo e meus músculos doloridos latejavam, e os arranhões nas costas ardiam. Devo ter cochilado, porque um barulho me despertou com um susto. Ouvi um ruído estranho de algo se arrastando perto da minha cabeça. Uma forma branco-acinzentada saltou do meio das árvores em minha direção e, antes que eu pudesse me levantar, agarrou meus braços e me puxou para a posição sentada. Então se inclinou sobre mim e babou uma saliva preta em meu rosto.

Eu me debatia, batendo em seu peito, mas a criatura era mais poderosa do que eu. Seu torso era coberto por cortes que vertiam gotas escuras; as árvores haviam arrancado pedaços de sua carne. Olhos bizarros piscaram várias vezes à medida que ela me puxava para mais perto, mostrava os dentes e enterrava-os em meu pescoço.

Ela grunhia e sugava meu pescoço, e eu chutava com força, tentando escapar. Eu gritava e me debatia, mas minha energia

rapidamente se esgotou. Após um momento, eu já não podia senti-la. Era quase como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Ainda ouvia o monstro, mas uma estranha letargia tomou conta de mim. Minha visão se enevoou e minha mente vagueou até eu sentir uma paz onírica.

De repente, ouvi um estrondo, seguido por um rugido feroz. Então vi um anjo guerreiro se erguer acima de mim. Era magnífico! Senti um leve puxão no pescoço e em seguida um peso foi retirado do meu corpo. Ouvi o ruído de algo batendo na água e o homem bonito se ajoelhou ao meu lado. Embora ele parecesse falar comigo com urgência, eu não conseguia entender suas palavras. Tentei responder, mas minha língua não me obedecia.

Delicadamente, ele afastou o cabelo do meu rosto e tocou meu pescoço com dedos frios. Seus olhos maravilhosos se encheram de lágrimas e uma gota cintilante de diamante caiu em meus lábios. Senti a lágrima salgada e fechei os olhos. Quando os abri, ele sorriu. O calor daquele sorriso me envolveu e agasalhou em um manto de ternura tranquilizante. O guerreiro me pegou com cuidado no colo e eu dormi.

Quando recuperei a consciência, estava escuro e eu me encontrava deitada diante de uma fogueira colorida de verde e laranja. Ren estava sentado ao lado, os olhos fixos nela, parecendo arrasado, exausto e desamparado. Deve ter percebido que eu me mexia, pois veio imediatamente até mim e ergueu minha cabeça com delicadeza para me dar água. Minha garganta de repente queimou, como se eu tivesse engolido a fogueira. O calor foi penetrando meu corpo até explodir em meu âmago. Eu estava pegando fogo de dentro para fora e gemi com a dor terrível.

Ren pousou minha cabeça com delicadeza e pegou minha mão para acariciar meus dedos.

– Eu sinto muito. *Nunca* deveria ter deixado você sozinha. Isso deveria ter acontecido comigo, não com você. Você não merece isso.

Ele fez um carinho em meu rosto.

– Não sei como consertar isso. Não sei o que fazer. Não sei nem quanto sangue você perdeu ou se a mordida é letal. – Ele beijou meus dedos e sussurrou. – Não posso perdê-la, Kelsey.

O fogo em meu sangue me dominou até a dor nublar minha visão. Comecei a me contorcer. A dor estava além de qualquer coisa que eu tivesse sentido antes. Ren banhou meu rosto com uma toalha molhada fresca, mas nada conseguia desviar minha atenção do fogo que

queimava em minhas veias. Era excruciante! Depois de um momento, percebi que o meu corpo não era o único se contorcendo.

Fanindra se libertou do meu braço e enrodilhou-se perto do joelho de Ren. Eu não a culpava por querer se afastar de mim. Então ela ergueu a cabeça e dilatou o capuz. A boca escancarou-se e ela deu o bote! Fanindra me picou no pescoço, enterrando as presas bem fundo no tecido lacerado.

Ela injetou seu veneno em mim, recuou e então me picou novamente, e mais outra vez, e outra. Eu gemi e toquei meu pescoço, e quando tirei a mão vi pus escorrendo. Um líquido dourado que havia escorrido das perfurações das presas também manchava a minha mão. Vi uma gota de ouro escorrer do meu dedo até alcançar o pus na minha palma. As substâncias fumegaram com um silvo. O veneno de Fanindra atravessava o meu corpo, parecendo gelo ao correr pelos membros e entrar no coração.

Eu estava morrendo, sabia. Não culpava Fanindra. Ela era uma cobra, afinal, e provavelmente não queria que eu continuasse sofrendo.

Ren levou a garrafa aos meus lábios outra vez e eu engoli a água, grata. Fanindra havia se tornado inanimada e permanecia enroscada ao lado dele. Ren limpou meu pescoço ferido gentilmente, lavando todo o sangue negro que havia escorrido da ferida.

Pelo menos, a dor passara. O que quer que Fanindra tivesse feito, havia me anestesiado. Senti sono e sabia que precisava dizer adeus. Eu queria contar a verdade a Ren. Queria dizer que ele era o melhor amigo que eu já tivera. Que eu lamentava a forma como o havia tratado. Queria confessar a ele... que o amava. Mas não conseguia falar. Minha garganta estava fechada, provavelmente por causa do veneno da cobra. Tudo o que eu podia fazer era olhar para ele, ajoelhado e debruçado sobre mim.

Está tudo bem. Olhar o seu rosto maravilhoso uma última vez basta para mim. Vou morrer feliz.

Eu me sentia tão cansada. Minhas pálpebras estavam pesadas demais para que eu as mantivesse abertas. Fechei os olhos e esperei que a morte viesse. Ren abriu espaço e se sentou ao meu lado. Sustentando minha cabeça em seus braços, ele me puxou para seu colo. Sorri.

Melhor ainda. Não posso mais abrir os olhos para vê-lo, mas posso sentir seu contato. Meu anjo guerreiro pode me carregar no colo até o céu.

Ele me apertou ainda mais junto ao seu corpo e sussurrou em meu ouvido algo que eu não consegui entender. E a escuridão tomou conta de mim.

A luz atingiu minhas pálpebras, obrigando-me a abri-las dolorosamente. A garganta ainda queimava e minha língua parecia grossa e felpuda.

– Isso é muito doloroso para ser o céu. Devo estar no inferno.

Uma voz irritantemente feliz me corrigiu:

– Não. Você não está no inferno, Kelsey.

Quando tentei me mover, meus músculos doloridos e contraídos protestaram.

– Eu me sinto como se tivesse perdido uma luta de boxe.

– Você fez muito mais do que isso.

Ele se agachou ao meu lado e me ajudou a sentar com cuidado. Examinou meu rosto, meu pescoço, meus braços e então se sentou atrás de mim para que eu apoiasse as costas nele e levou uma garrafa de água aos meus lábios.

– Beba – ordenou.

Ren segurou a garrafa para mim e a inclinou lentamente para trás, mas eu não conseguia engolir rápido o bastante e um pouco da água escorreu de minha boca até o queixo, e dali para o peito.

– Obrigada. Agora eu tenho uma camiseta molhada.

Senti seu sorriso em minha nuca.

– Talvez tenha sido essa a minha intenção.

Bufei e levei a mão ao rosto. Apertei a bochecha e o braço. A pele formigava e parecia dormiente ao mesmo tempo.

– Parece que injetaram uma dose maciça de anestésico no meu corpo e que estou começando a recuperar as sensações. Pode me dar a garrafa? Acho que agora consigo segurá-la sozinha.

Ren soltou a garrafa de água e deslizou os braços pela minha cintura, me puxando para trás e me apoiando totalmente em seu peito. Seu rosto roçou o meu e ele murmurou baixinho:

– Como está se sentindo?

– Viva, eu acho, embora algumas aspirinas pudessem me ajudar.

Ele riu e pegou minha mochila.

– Aqui – disse ele, entregando-me dois comprimidos. – Estamos na entrada das cavernas. Ainda temos que atravessá-las e passar pelas

árvores, e então subir de volta a Hampi.

– Quanto tempo fiquei apagada? – perguntei, grogue.

– Dois dias.

– Dois dias! O que aconteceu? A última coisa de que me lembro é de Fanindra me picando e eu morrendo.

– Você não morreu. Foi mordida por um *kappa*. Estava acabando com você quando cheguei. Ele deve tê-la seguido até lá. Ainda bem que a maior parte daquelas criaturas detestáveis foi liquidada pelas árvores.

– O que me encontrou estava arranhado e ensanguentado, mas não parecia se importar com isso.

– É, a maioria dos que me seguiram estava dilacerada pelas árvores. Nada parecia detê-los em sua perseguição.

– Nenhum deles o seguiu até aqui?

– Deixaram de me perseguir quando cheguei perto da caverna. Devem ter medo dela.

– É compreensível. Você... me carregou o caminho todo? Como golpeou as árvores e me segurou ao mesmo tempo?

Ele suspirou.

– Eu a pendurei no ombro e bati nas árvores até sairmos do meio delas. Então guardei a *gada*, pendurei a mochila nas costas e andei até aqui com você no colo.

Bebi um grande gole de água e ouvi Ren deixar escapar um profundo suspiro.

– Já passei por muitas situações difíceis em minha vida – disse ele baixinho. – Já estive em batalhas sangrentas. Vi amigos serem mortos ao meu lado. Testemunhei coisas terríveis sendo feitas com homens e com animais, mas nunca tive medo.

Ele fez uma pausa, retomou o fôlego e prosseguiu:

– Já me senti perturbado. E também inquieto e tenso. Já estive em perigo mortal, mas nunca experimentei esse medo que faz suar frio, o tipo que corrói um homem vivo, que o lança de joelhos e o faz implorar. Na verdade, sempre senti orgulho de estar acima disso. Pensava que tinha sofrido e visto tanto que nada mais poderia me assustar. Que nada poderia me fazer chegar a esse ponto.

Ele roçou um breve beijo em meu pescoço.

– Eu estava errado. Quando a encontrei e vi aquela... aquela coisa tentando matá-la, fiquei enfurecido. Eu a destruí sem hesitar.

– Os *kappa* eram aterrorizantes.

– Eu não tive medo dos *kappa*. Tive medo... de perder você. Senti um pavor corrosivo, angustiante e infinito. Era insuportável. A parte mais torturante foi perceber que eu não queria mais viver se você se fosse e saber que não havia nada que eu pudesse fazer. Eu estaria preso para sempre nesta existência miserável sem você.

Ouvi cada palavra que ele dizia. Elas me perfuravam e eu sabia que teria me sentido da mesma forma se nossas posições fossem trocadas. Mas eu disse a mim mesma que essa declaração sofrida era apenas um reflexo da tensão e da pressão por que passáramos. A pequenina planta do amor em meu coração tentava se agarrar a cada frágil pensamento, absorvendo suas palavras como doces gotas de orvalho matinal. Mas castiguei meu coração e atirei as ternas expressões de carinho para longe, determinada a não me deixar afetar por elas.

– Está tudo bem. Eu estou aqui. Não precisa ter medo. Ainda estou aqui para ajudá-lo a quebrar a maldição – declarei, tentando manter a voz calma.

Ele apertou minha cintura e sussurrou:

– Quebrar a maldição não me importava mais. Eu pensei que você estivesse morrendo.

Engoli em seco e tentei soar despreocupada:

– Bem, não morri. Está vendo? Sobrevivi para mais um dia de brigas com você. E agora? Não acharia bom que eu tivesse mesmo ido?

Seus braços se retesaram e ele me repreendeu:

– Nunca mais diga isso, Kells.

Após um segundo de hesitação, falei:

– Bem, obrigada. Obrigada por me salvar.

Ele me agarrou e eu me permiti por um minuto, apenas um minuto, me recostar nele e aproveitar aquela sensação.

Afinal, eu quase tinha morrido. Merecia algum tipo de recompensa por sobreviver, não merecia?

Passado o meu minuto, dei um passo à frente, me desvencilhando. Ele me soltou, relutante, e eu me virei, ficando de frente para ele, com um sorriso nervoso. Testei minhas pernas, que pareceram fortes o bastante para que eu caminhasse.

Quando pensei que estava morrendo, eu quis dizer a Ren que o

amava, mas, agora que sabia que sobrevivera, essa era a última coisa que eu queria fazer. A firme determinação de mantê-lo a distância voltou, mas a tentação de me permitir descansar em seus braços era tão forte, tão poderosamente forte, que me virei de costas para ele, endireitei os ombros e peguei a mochila.

– Vamos, Tigre. Sinto-me forte como um cavalo – menti.

– Acho que você devia pegar leve e descansar um pouco mais, Kells.

– Não. Estou dormindo já faz dois dias. Estou pronta para caminhar dezenas de quilômetros.

– Pelo menos coma alguma coisa primeiro.

– Pegue uma barra de cereais para mim que eu como no caminho.

– Mas, Kells...

Meus olhos cruzaram brevemente com o azul-cobalto dos seus e eu disse:

– Preciso sair daqui.

Então me virei e comecei a recolher nossas coisas. Ele ficou ali sentado, imóvel, observando-me com atenção, seu olhar me queimando pelas costas. Eu estava desesperada para sair dali. Quanto mais tempo ficávamos juntos, mais vacilava minha determinação. Eu estava quase a ponto de lhe pedir que ficasse ali comigo para sempre, vivendo em meio às árvores de agulhas e aos *kappa*. Se eu não tivesse seu lado tigre de volta logo, me perderia para sempre para o homem.

Por fim, ele disse devagar, quase com tristeza:

– Claro. Como quiser, Kelsey.

Depois se levantou, espreguiçou-se e apagou o fogo.

Fui até onde Fanindra estava, espiralada no formato de bracelete, e fiquei olhando para ela.

– Ela salvou sua vida, sabia? Aquelas picadas curaram você – explicou Ren.

Ergui a mão e toquei meu pescoço onde o *kappa* havia mordido. A pele estava lisa, sem qualquer arranhão ou cicatriz. Agachei-me.

– Acho que você me salvou de novo, Fanindra. Obrigada.

Apanhei-a e a coloquei no braço, peguei a mochila, dei alguns passos e me virei.

– Você vem, Super-Homem?

– Bem atrás de você.

Entramos na caverna negra. Ren estendeu-me a mão. Eu a ignorei

e comecei a caminhar pelo túnel. Ele me deteve e tornou a estender a mão, olhando para ela incisivamente. Suspirei e segurei dois dedos dele nos meus. Sorri, envergonhada, mais uma vez óbvia demais em minha tentativa de evitar o contato físico. Ele grunhiu, contrariado, pegou meu cotovelo e puxou meu corpo para junto dele, passando o braço pelos meus ombros.

Atravessamos os túneis rapidamente. Os outros Rens e Kelseys gemiam e acenavam ainda mais agressivamente do que antes. Fechei os olhos e deixei que Ren me conduzisse. Arquejava quando as figuras se aproximavam e tentavam nos tocar com suas mãos fantasmagóricas.

– Eles só podem se corporificar se prestarmos atenção neles – sussurrou Ren.

Andamos o mais rápido possível. Formas malignas e outras familiares exigiam nossa atenção. O Sr. Kadam, Kishan, meus pais, minha família adotiva, até o Sr. Maurizio, todos gritavam, imploravam, exigiam e nos coagiam.

Chegamos ao outro lado do túnel bem mais depressa que da primeira vez. Ren ainda manteve minha mão no calor da sua depois que saímos, e eu tentei delicada e discretamente libertá-la. Ele olhou para mim e depois para nossas mãos entrelaçadas. Então sorriu com malícia. Comecei a puxar com mais força, mas ele a apertou ainda mais. Por fim, tive quase que arrancar a mão para que ele a soltasse.

Chega de sutileza.

Ele me dirigiu um sorriso pretensioso enquanto eu o olhava, furiosa.

Não demorou muito para que nos víssemos de novo na floresta de árvores de agulhas e Ren seguiu corajosamente para elas. Dando golpes com a *gada*, ele avançava devagar, criando um caminho pelo qual eu podia seguir em segurança. Os galhos o fustigavam com violência e transformaram sua camisa em farrapos. Ele a atirou para um lado e eu me vi fitando, fascinada, primeiro os músculos ondulantes de seus braços e costas, depois os cortes em sua pele à medida que se curavam diante dos meus olhos. Logo ele estava encharcado de suor e... e eu não pude mais olhar. Mantive os olhos voltados para os meus pés e o segui em silêncio.

Ele caminhava na direção das árvores. Usando a *gada*, margeamos a floresta espinhenta sem maiores incidentes.

Logo subíamos as pedras que levavam à caverna, retornando à estátua de Ugra Narasimha, em Hampi. Quando alcançamos o longo

túnel, por diversas vezes Ren começou a dizer alguma coisa, mas se deteve. Fiquei curiosa, mas não o bastante para começar uma conversa.

Peguei a lanterna e me afastei de Ren o máximo que a caverna permitia, acabando colada na parede oposta. Ele me olhou, mas me permitiu manter a distância. Por fim, o túnel se estreitou e tivemos que andar lado a lado outra vez. Todas as vezes que eu olhava de relance para Ren, via que ele estava me observando.

Quando chegamos ao fim do túnel e vimos os degraus de pedra que levavam à superfície, Ren se deteve.

– Kelsey, tenho um último pedido a você antes de subirmos.

– E o que seria? Quer falar sobre os sentidos dos tigres ou talvez sobre tipos de macaco?

– Não. Quero que você me dê um beijo.

– O quê? – perguntei rispidamente. – Um beijo? Para quê? Você não acha que já me beijou o suficiente nesta viagem?

– Satisfaça um capricho meu, Kells. Este é o fim da linha para mim. Estamos deixando o lugar onde posso ser humano o tempo todo e tenho apenas uma vida de tigre à minha espera. Portanto, sim, eu quero beijar você mais uma vez.

Hesitei.

– Se alcançarmos o propósito desta viagem, você poderá sair por aí beijando todas as garotas que quiser. Então, para que se dar ao trabalho comigo agora?

Ele passou a mão pelos cabelos, frustrado.

– Porque sim! Não quero sair por aí beijando todas as garotas! Quero beijar *você*!

– Está bem! Se é para você se calar! – Eu me inclinei e dei um beijinho na sua bochecha. – Pronto!

– Não. Isso não basta. Na boca, minha *prema*.

Eu me inclinei e dei-lhe um selinho.

– Podemos ir agora?

Subi os dois primeiros degraus, mas ele segurou o meu cotovelo e me fez girar, virando-me de tal modo que tombei para a frente, caindo em seus braços. Ele me segurou com firmeza pela cintura. Seu sorriso pretensioso de repente se transformou em uma expressão sóbria.

– Um beijo. *De verdade*. Um do qual eu possa me lembrar.

Eu estava prestes a dizer algo sarcástico, provavelmente sobre ele

não ter permissão, quando ele imobilizou minha boca com a sua. Estava determinada a permanecer rígida e indiferente, mas ele se mostrou muito paciente. Foi mordiscando os cantos da minha boca, depositando beijos vagarosos e suaves em meus lábios impassíveis. Era tão difícil não corresponder a ele.

Lutei com bravura, mas às vezes o corpo trai a mente. De forma lenta e metódica, ele venceu minha resistência. E, sentindo que estava ganhando, começou a me seduzir com mais habilidade ainda. Apertou-me de encontro ao seu corpo e deslizou a mão até o meu pescoço, passando a massageá-lo, instigando minha pele com a ponta dos dedos.

Senti a pequenina planta do amor se esticar, crescer e desdobrar suas folhas dentro de mim. Nesse momento, me rendi e me decidi. Depois eu poderia podá-la. E racionalizei que, quando ele partisse o meu coração, pelo menos teria sido beijada à perfeição.

Pelo menos vou ter algo de bom para recordar em minha vida de solteirona rodeada de gatos. Ou de cães. Acho que já atingi minha cota de gatos. Gemi baixinho. É. Cães com certeza.

Então me abri para o beijo e respondi com entusiasmo. Reunindo todas as minhas emoções secretas e os meus sentimentos de ternura, enrosquei meus braços em seu pescoço e deslizei as mãos para seus cabelos. Puxei o corpo dele ainda mais para perto do meu e o abracei com todo o ardor e o afeto que eu não me permitia expressar verbalmente.

Ele fez uma pausa, desconcertado por um breve instante, e então ajustou sua abordagem, chegando a um frenesi apaixonado. Eu surpreendi a mim mesma respondendo à altura de seu vigor. Corri as mãos por seus braços e ombros poderosos e em seguida pelo peito. Meus sentidos estavam tumultuados. Eu me sentia arrebatada. Ávida. Agarrei-me à sua camisa. Nada era perto o bastante para mim. Seu cheiro era delicioso.

O esperado era que, depois de vários dias sendo perseguido por criaturas estranhas e atravessando a pé um reino misterioso, ele cheirasse mal. Na verdade, eu queria que ele cheirasse mal. Afinal, como esperar que uma garota esteja fresca como uma flor após perambular pela selva e ser caçada por macacos? É impossível.

Eu queria desesperadamente que ele tivesse algum defeito. *Alguma* fraqueza. *Alguma... imperfeição.* Mas o cheiro de Ren era incrível – cachoeiras, um dia suave de verão e sândalo, tudo embrulhado em um homem lindo e sensual.

Como uma garota poderia se defender de uma investida perfeita executada por alguém perfeito? Eu desisti e deixei que ele assumisse o controle dos meus sentidos. Meu sangue queimava, meu coração retumbava, a necessidade que eu tinha dele se intensificou e eu perdi a noção do tempo em seus braços. A única coisa de que tinha consciência era Ren. Seus lábios. Seu corpo. Sua alma. Eu queria tudo dele.

Por fim, ele pôs as mãos nos meus ombros e delicadamente nos separou. Fiquei surpresa que Ren tivesse a força de vontade de parar, porque eu não estava nem perto de ser capaz disso. Abri os olhos, atordoada. Estávamos ambos ofegantes.

– Isso foi... esclarecedor – arquejou ele. – Obrigado, Kelsey.

Eu pisquei. A paixão que havia embotado minha mente se dissipou em um instante e me concentrei em um único sentimento: irritação.

– Obrigado? Obrigado? – Subi os degraus, furiosa, batendo os pés, e então me virei para olhá-lo, de cima. – Não! Obrigada a você, Ren! – Minhas mãos cortavam o ar. – Agora que você conseguiu o que queria, me deixe em paz!

Subi correndo para pôr alguma distância entre nós.

Esclarecedor? Do que ele estava falando? Estava me testando? Dando uma nota para minha habilidade de beijar? Que audácia!

Eu estava feliz por sentir raiva. Assim, podia empurrar todas as outras emoções para o fundo da mente e me concentrar na fúria, na indignação.

Ele subiu os degraus de dois em dois.

– Isso não é tudo o que eu quero, Kelsey.

– Eu não ligo mais para o que você quer!

Ele me lançou um olhar sagaz e convencido. Então emergiu da abertura e, quando pousou o pé na terra, transformou-se instantaneamente em tigre.

Eu ri, debochada.

– Rá! – Tropecei em uma pedra, mas logo recuperei o equilíbrio. – Muito apropriado! – gritei, zangada, e cambaleei cegamente pela passagem sombria.

Depois de calcular para onde ir, saí andando, ainda irada.

– Venha, Fanindra. Vamos procurar o Sr. Kadam.



Seis horas

O dia amanhecia. Passei intempestivamente pelos edifícios de Hampi e deixei que o ímpeto de minha fúria me levasse de volta a meio caminho do acampamento do Sr. Kadam.

Ren seguia atrás de mim, em algum lugar, silencioso. Eu não podia ouvi-lo, mas sabia que estava lá. Eu tinha consciência de sua presença. Tinha uma conexão intangível com ele, o homem. Era quase como se ele estivesse andando ao meu lado. *Quase como se estivesse me tocando.*

Devo ter começado a pegar o caminho errado, pois ele tomou a dianteira, deixando claro que seguia em uma direção diferente.

– Exibido – murmurei. – Vou pelo caminho errado, se quiser.

No entanto, eu o segui.

Um pouco depois, avistei o Jeep estacionado na colina e vi o Sr. Kadam acenando para nós.

Andei até o acampamento e ele me abraçou.

– Srta. Kelsey! Vocês voltaram. Conte-me o que aconteceu.

Suspirei, tirei a mochila e me sentei no para-choque traseiro do Jeep.

– Bom, preciso lhe dizer que esses últimos dias estão entre os piores da minha vida. Enfrentamos macacos, *kappa*, cadáveres podres, picadas de cobras, árvores cobertas de agulhas e...

Ele ergueu a mão.

– O que quer dizer com esses últimos dias? Vocês saíram daqui na noite passada.

Confusa, eu disse:

– Não. Ficamos fora pelo menos... – contei nos dedos – ...pelo

menos quatro ou cinco dias.

– Desculpe, Srta. Kelsey, mas a senhorita e Ren se despediram de mim na noite passada. Na verdade, eu ia dizer que vocês deveriam descansar um pouco e tentar de novo amanhã à noite. Acha mesmo que ficaram fora quase uma semana?

– Para falar a verdade, fiquei inconsciente por dois desses dias. Pelo menos foi o que o tigre aqui me disse.

Lancei um olhar furioso a Ren, que me olhava com uma expressão inocente de tigre enquanto ouvia nossa conversa.

Ren parecia doce e atento, como um gatinho inofensivo. Na verdade, ele era tão inofensivo quanto um *kappa*. Eu, por outro lado, parecia um porco-espinho. Estava enfezada. Tinha todos os espinhos eriçados para impedir que minha barriga desprotegida fosse devorada pelo predador que me espreitava.

– Dois dias? Nossa. Por que não voltamos para o hotel e descansamos? Podemos tentar conseguir o fruto amanhã à noite de novo.

– Mas, Sr. Kadam – falei, abrindo o zíper da mochila –, não precisamos voltar. Conseguimos pegar o primeiro presente de Durga, o Fruto Dourado.

Puxei minha colcha e a desdobrei, revelando o objeto ali aninhado.

Ele o tirou delicadamente de seu casulo.

– Incrível! – exclamou.

– É uma manga. – Com um sorriso insolente, acrescentei: – Faz todo o sentido. Afinal, a manga é muito importante para a cultura e o comércio da Índia.

Ren bufou e se deitou de lado na grama.

– Faz mesmo sentido, Srta. Kelsey. – O Sr. Kadam ficou admirando o fruto por mais um momento e então tornou a embrulhá-lo na colcha. Ele juntou as mãos. – Isso é muito empolgante! Então vamos desfazer o acampamento e ir para casa. Ou talvez seja melhor irmos para um hotel para que possa descansar, Srta. Kelsey.

– Ah, está tudo bem. Não me importo de pegar a estrada. Podemos dormir no hotel hoje à noite. Quantos dias vamos levar para chegar em casa?

– Vamos precisar pernoitar mais duas vezes em hotéis em nossa viagem para casa.

Um pouco preocupada, olhei para Ren.

– É... Eu estava pensando que desta vez, se o senhor não se importar, podíamos ficar em um hotel maior. Sabe, algo que tenha mais gente. Com elevadores e quartos com chave. Ou, ainda melhor, um belo hotel bem alto em uma cidade grande. Bem, bem, *bem* longe da selva.

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

– Vou ver o que posso fazer.

Recompensei o Sr. Kadam com um sorriso agradecido.

– Ótimo! Podemos ir agora? Mal posso esperar para tomar um banho. – Abri a porta do lado do carona, virei-me e sibilei num sussurro para Ren: – Em meu belo quarto de hotel, num andar bem alto, inacessível a tigres.

Ele apenas me olhou outra vez com sua cara inocente e seus olhos azuis. Sorri perversamente para ele e pulei para o interior do Jeep, fechando a porta com força. Meu tigre se dirigiu tranquilo para a traseira, onde o Sr. Kadam guardava seus últimos suprimentos, e saltou para o banco de trás. Ele se inclinou para a frente e, antes que eu pudesse empurrá-lo, me deu uma grande e babada lambida no rosto.

– Ren! – vociferei. – Isso é *nojento*!

Usei minha camiseta para limpar a saliva de tigre do nariz e da bochecha, e me virei para gritar com ele um pouco mais. Ren já estava deitado no banco traseiro, com a boca aberta, como se estivesse rindo. Antes que eu pudesse reagir, o Sr. Kadam, que estava feliz como eu jamais o vira, entrou no Jeep e começamos a esburacada jornada de volta a uma estrada civilizada.

O Sr. Kadam queria me fazer perguntas. Eu sabia que ele estava ávido por informações, mas ainda estava furiosa com Ren, então menti. Perguntei-lhe se poderia esperar um pouco para que eu pudesse dormir. Dei um imenso bocejo, para efeito dramático, e ele logo concordou em me deixar ter um pouco de paz, o que fez com que eu me sentisse culpada. Eu gostava muito do Sr. Kadam e detestava mentir. Desculpei minha atitude atribuindo mentalmente a Ren a culpa por esse comportamento atípico.

Dormi um pouco e, quando acordei, o Sr. Kadam me entregou um refrigerante, um sanduíche e uma banana. Pensei em várias e boas piadas de macaco com que podia importunar Ren, mas fiquei calada em respeito ao Sr. Kadam. Devorei meu sanduíche e acabei com o

refrigerante em um longo gole.

O Sr. Kadam riu e me entregou outro.

– Está pronta para me contar o que aconteceu, Srta. Kelsey?

– Acho que sim.

Levei quase duas horas para lhe contar sobre o túnel, a floresta de agulhas, a caverna, os *kappa* e Kishkindha. Fiquei muito tempo falando da árvore dourada e dos macacos de pedra que ganharam vida. Terminei com o ataque do *kappa* e as picadas de Fanindra.

Não mencionei nem uma só vez que Ren ficara na forma humana o tempo todo. Na verdade, apaguei a presença dele em Kishkindha por completo. Sempre que o Sr. Kadam me perguntava como isso ou aquilo fora feito, eu respondia vagamente, ou dizia que por sorte tínhamos Fanindra ou que por sorte tínhamos a *gada*. Isso pareceu satisfazer a maior parte de suas perguntas.

Quando ele pediu mais detalhes sobre o ataque dos *kappa*, eu dei de ombros e repeti o mantra: “Por sorte eu tinha Fanindra.” Não queria responder a nenhuma pergunta estranha sobre Ren. Eu sabia que ele provavelmente contaria seu lado da história quando voltasse à forma humana, mas não me importava. Mantive minha versão da viagem objetiva, distante e, o mais importante, *sem Ren*.

O Sr. Kadam disse que logo iríamos parar em um hotel, mas que ele gostaria primeiro de encontrar um bom lugar para deixar Ren.

– É claro – concordei, e dirigi um sorriso doce e falso ao tigre atento no banco de trás.

– Espero que nosso hotel não seja longe demais para ele – preocupou-se o Sr. Kadam.

Dei uns tapinhas no braço do Sr. Kadam, tranquilizando-o.

– Ah, não se preocupe com ele. Ren é muito bom em conseguir o que quer. Ou melhor... em cuidar de suas necessidades. Tenho certeza de que ele vai achar sua longa noite sozinho na selva extremamente *esclarecedora*.

O Sr. Kadam me dirigiu um olhar intrigado, mas acabou assentindo e parou perto de uma área de selva.

Ren saltou do Jeep, foi até o meu lado do carro e me fitou com olhos azuis gélidos. Eu simplesmente me virei de lado para não ter que encará-lo. Quando o Sr. Kadam tornou a entrar no Jeep, espiei pela minha janela, mas Ren já havia desaparecido. Lembrei a mim mesma que ele merecia aquilo e me recostei no assento com os braços dobrados sobre o peito.

– Kelsey, você está bem? – perguntou o Sr. Kadam com a voz suave. – Está parecendo muito... tensa desde que voltou.

– O senhor não faz ideia – murmurei entre dentes.

– O que foi?

Suspirei e sorri para ele debilmente.

– Nada. Estou bem. Apenas esgotada da viagem. Só isso.

– Tem mais uma coisa que eu queria lhe perguntar. Você teve algum sonho estranho quando estava em Kishkindha?

– Que tipo de sonho?

Ele olhou para mim, preocupado.

– Talvez um sonho sobre seu amuleto?

– Ah! Esqueci completamente de contar! Quando colhi o fruto, desmaiei e tive uma visão. Nela estavam o senhor, eu e um sujeito maligno.

O Sr. Kadam ficou visivelmente apreensivo. Ele pigarreou.

– Então a visão foi real... para todos nós. Era o que eu temia. O homem que você viu era Lokesh. É o feiticeiro do mal que lançou a maldição sobre Ren e Kishan.

Minha boca se escancarou com o susto.

– Ele ainda está vivo?

– Pelo jeito, sim. Também parece que ele tem pelo menos uma parte do amuleto. No entanto, suspeito que tenha *todas* as outras partes.

– Quantas são?

– Supõe-se que sejam cinco ao todo, mas ninguém tem certeza. O pai de Ren tinha uma parte e a mãe trouxe outra para a família, pois era filha única de um poderoso chefe militar que também possuía uma. Foi assim que tanto Ren quanto Kishan acabaram com um pedaço do amuleto.

– Mas o que isso tem a ver comigo?

– É essa a questão, Kelsey. Você está ajudando Ren a quebrar a maldição. O amuleto conecta nós três e receio que Lokesh saiba sobre nós. Sobre você, em particular. Eu torcia para que alguma coisa tivesse lhe acontecido, que ele não estivesse mais vivo depois de todos esses anos. Faz séculos que venho procurando por ele. Agora que nos viu, temo que venha atrás de você e do amuleto.

– O senhor acha mesmo que ele é tão cruel?

– Sei que é. – O Sr. Kadam fez uma pausa e então sugeriu com

delicadeza: – Talvez seja hora de você voltar para casa.

– O quê? – perguntei, em pânico.

Voltar para casa? Que casa? Para quem? Eu não tinha vida em meu país. Não havia nem mesmo pensado no que aconteceria depois que quebrássemos a maldição. Acho que simplesmente imaginei que houvesse tanto a fazer que eu ficaria por ali por mais alguns anos.

Desalentada, perguntei:

– O senhor quer que eu volte para casa agora?

Ele viu minha expressão e afagou minha mão.

– Claro que não! Eu não quis dizer que queria que você nos deixasse. Não se preocupe. Vamos encontrar uma solução. Por ora, estou apenas especulando. Não tenho nenhum plano imediato de mandá-la para casa. E, naturalmente, se um dia você partir, poderá voltar sempre que quiser. Nossa casa é sua. Só precisamos agir com extrema cautela agora que Lokesh voltou ao cenário.

Senti meu pânico diminuir, mas somente em parte. *Pode ser que o Sr. Kadam esteja certo. Talvez eu devesse voltar para casa. Seria muito mais fácil esquecer o Sr. Super-Herói se eu estivesse do outro lado do planeta. Afinal, ele é o único rapaz com quem tive contato em semanas, sem contar Kishan. De qualquer modo, seria mais saudável para mim sair e conhecer outros caras. Talvez, se eu fizesse isso, percebesse que toda essa ligação emocional que tenho com ele não é assim tão forte.*

Minha mente pode estar me pregando peças. É só porque fiquei isolada, só isso. Quando tudo o que se tem é Tarzan e alguns macacos, Tarzan parece muito bom, não é?

Vou esquecê-lo, vou para casa e vou namorar um nerd simpático e normal, que nunca vai me deixar.

Prossigui nessa linha de raciocínio, listando minhas razões para ficar longe de Ren. Decidi que continuaria a evitá-lo. O único problema era minha mente fraca e rebelde que ficava voltando à questão de quanto eu me sentia segura nos braços dele. E ao que ele dissera quando achou que eu estivesse morrendo. E ao formigamento quente que permanecia em meus lábios depois que ele me beijava. Mesmo que eu ignorasse a beleza de seu rosto, o que era uma tarefa quase hercúlea, havia muitas outras qualidades fascinantes nas quais minha mente podia se demorar e esses pensamentos me mantiveram ocupada pelo restante da viagem.

O Sr. Kadam parou na entrada de um fabuloso hotel cinco estrelas. Eu me senti uma desleixada em minhas roupas rasgadas e

ensanguentadas, com as quais eu estava havia uma semana. O Sr. Kadam parecia não se importar e se mostrava feliz como nunca quando entregou as chaves para um manobrista e me acompanhou, entrando no hotel. Eu fiquei com a mochila, mas nossas duas outras malas foram levadas para os quartos por empregados do hotel.

O Sr. Kadam preencheu os formulários necessários e falou baixinho em híndi com a recepcionista. Então gesticulou para que eu o seguisse.

Quando passamos por ela, eu me inclinei e perguntei:

– Só por curiosidade, vocês não permitem animais de estimação, não é?

Ela pareceu confusa e olhou para o Sr. Kadam, mas sacudiu a cabeça negativamente.

– Ótimo. Só para ter certeza.

Sorri para ela. O Sr. Kadam inclinou a cabeça, intrigado, mas não disse nada.

Ele deve estar pensando que estou com um parafuso frouxo. Dei um risinho e o segui até o elevador. Saímos diretamente em nosso quarto, a suíte da cobertura.

Os empregados se foram e as portas do elevador se fecharam. O Sr. Kadam me disse que ocuparia o quarto da esquerda e que eu ficaria com a suíte à direita. E deixou-me sozinha, me aconselhando a descansar e informando que a comida seria servida dali a pouco.

Entrei em minha linda suíte com cama *king size* e ri, atordoadas. Havia uma imensa banheira no meio do banheiro. Tirei rapidamente os tênis sujos e decidi tomar um banho de chuveiro primeiro e só então ficar de molho na banheira. Ensaboei o cabelo quatro vezes e em seguida apliquei condicionador e deixei o líquido sedoso fazer efeito enquanto esfregava a minha pele. Enterrei as unhas no sabonete e lavei-as bem para tirar a sujeira, prestando especial atenção aos pés. Meus pobres pés doloridos, cheios de calos e bolhas. *Talvez o Sr. Kadam possa me arranjar uma pedicure mais tarde.*

Quando me senti totalmente limpa, enrolei uma toalha no cabelo e vesti um roupão. Enchendo a banheira com água quente, despejei a espuma de banho e liguei o sistema de hidromassagem. O aroma de peras suculentas e amoras recém-colhidas tomou conta do banheiro e me fez lembrar do Oregon.

A sensação de afundar naquela banheira era a melhor de todas. *Bem, a segunda melhor.* Fiquei irritada quando a lembrança dos beijos

de Ren surgiu e logo me livreí dela, ou pelo menos tentei. Quanto mais eu relaxava na banheira, mais a minha mente parecia se demorar naquelas cenas. Era como uma música que não me saísse da cabeça e que, independentemente do que eu fizesse, continuava a voltar.

Cheguei até a me pegar sorrindo... *Argh! O que é isso?* Estremeci, zangada, tentando me livrar dos devaneios. Então, com relutância, saí da banheira. Depois de me secar e vestir um short e uma camiseta limpos, sentei-me para escovar os cabelos. Levei um tempão para conseguir tirar todos os nós. O ato de escovar era calmante. Fazia com que eu me lembrasse de minha mãe.

Mais tarde, me aventurei até a sala de estar e encontrei o Sr. Kadam lendo um jornal.

– Olá, Srta. Kelsey. Está se sentindo renovada?

– Estou me sentindo muito melhor.

– Ótimo. Tomei a liberdade de pedir o seu jantar. Está ali em cima.

Levantei a tampa do prato e encontrei peru recheado com farofa de milho, molho de frutas vermelhas, ervilhas e purê de batata.

– Uau! Como o senhor conseguiu que fizessem isso?

Ele deu de ombros.

– Pensei que você fosse gostar de alguma coisa bem americana para variar e isso é o mais americano que há. Tem até torta de maçã de sobremesa.

Peguei meu prato e o copo de água com limão e gelo e me sentei perto dele para comer, com as pernas dobradas debaixo do corpo.

– O senhor já comeu?

– Sim, há uma hora mais ou menos. Não se preocupe comigo. Aproveite seu jantar.

Comecei a comer e, antes mesmo da torta de maçã, já me sentia farta. Passei um pedaço de pão no molho em meu prato e disse:

– Sr. Kadam? Queria lhe dizer uma coisa. Eu me sinto culpada por não ter contado antes, mas acho que o senhor precisa saber. – Respirei fundo e continuei: – Ren ficou na forma humana o tempo todo em que permanecemos em Kishkindha.

Ele colocou de lado o jornal.

– Isso é interessante. Mas por que você não me contou antes?

Dei de ombros e respondi, evasiva:

– Não sei. Tivemos algumas... divergências nesses últimos dias.

Seus olhos faiscaram quando ele riu, compreendendo.

– Agora tudo faz sentido. Eu me perguntava por que você estava agindo de maneira diferente perto dele. Ren pode ser... difícil quando quer.

– Teimoso, o senhor quer dizer. E exigente. E... – Olhei pela janela para as luzes noturnas da cidade e murmurei: – Muitas outras coisas.

Ele se inclinou para a frente e tomou uma de minhas mãos nas dele.

– Entendo. Não se preocupe, Srta. Kelsey. Estou surpreso que tenham realizado tanto em tão pouco tempo. Já é bastante difícil empreender uma jornada perigosa, ainda mais com alguém que você está começando a conhecer e em quem não sabe se pode confiar. Mesmo os melhores companheiros podem ter desentendimentos quando sofrem uma pressão como a que vocês dois sofreram. Tenho certeza de que se trata apenas de um contratempo momentâneo em sua amizade.

Nossa amizade não era exatamente a questão. Ainda assim, as palavras do Sr. Kadam me confortaram. Quem sabe agora que estávamos fora daquela situação pudéssemos conversar sobre o assunto e usar o bom senso. Talvez eu pudesse ser mais tolerante. Afinal, Ren estava apenas começando a voltar a se comunicar com as pessoas. Se eu pudesse ao menos explicar para ele como o mundo funcionava, tinha certeza de que entenderia e seria capaz de nos ver como amigos.

– É extraordinário que ele tenha conseguido manter a forma humana durante todo o tempo em que estiveram lá – prosseguiu o Sr. Kadam. – Talvez tenha algo a ver com o tempo parar.

– O senhor acha mesmo que o tempo parou em Kishkindha?

– Talvez o tempo apenas passe de forma diferente naquele lugar, mas o que eu sei é que vocês ficaram fora menos de um dia.

Assenti, concordando com sua avaliação. Sentindo-me melhor com a conversa e feliz por ter contado a verdade ao Sr. Kadam, avisei que ia ler um pouco e depois dormiria bastante. Ele me pediu que colocasse toda a roupa na sacola da lavanderia para que ela fosse lavada durante a noite.

Voltando para a suíte, comecei a reunir minhas coisas. Coloquei as roupas e também os tênis na sacola. Além disso, com cuidado, abri minha colcha, tirei o Fruto Dourado e o enrolei em uma toalha

pequena. Apanhei a colcha imunda e a enfiei na sacola da lavanderia também.

Depois de colocar a sacola diante da porta, pulei na cama imensa, me deliciando nos lençóis macios. Afundei nos travesseiros de pena de ganso e logo mergulhei em um sono profundo e relaxante.

Na manhã seguinte, sorri ao acordar e estiquei pernas e braços até onde podia, e ainda assim eles não alcançaram as extremidades da cama. Escovei novamente o cabelo e o preendi em um rabo de cavalo frouxo.

O Sr. Kadam estava tomando seu café da manhã: fritada de batata, torrada e omelete. Juntei-me a ele, beberiquei meu suco de laranja e tagarelei sobre como era empolgante voltar para casa.

Nossa roupa foi devolvida lavada, passada e dobrada, como se fosse nova. Peguei algumas peças na pilha, para vestir, e transferi todo o restante para a bolsa. Quando cheguei à colcha, me detive por um momento para aspirar o aroma de limão do sabão utilizado e a inspecionei cuidadosamente à procura de danos. Embora estivesse velha e desbotada, estava resistindo muito bem. Disse um obrigado silencioso à minha avó.

Coloquei a colcha dobrada no fundo da mochila e guardei a *gada* na lateral, na posição vertical. Na noite anterior, eu havia apanhado a *gada* para limpar e ficara surpresa ao encontrá-la reluzente e imaculada, como se nunca tivesse sido usada. Em seguida, posicionei Fanindra em cima da colcha e coloquei o Fruto Dourado bem no meio de suas dobras. Então fechei o zíper, deixando apenas uma pequena abertura para que Fanindra pudesse respirar. Eu não sabia se ela respirava de fato, mas isso me deixava mais tranquila.

Logo chegou a hora de partir. Eu me sentia alegre, renovada e perfeitamente satisfeita até pararmos no acostamento da estrada – então o vi, e ele não era um tigre. Ren estava à nossa espera, usando sua habitual roupa branca e ostentando um grande sorriso. O Sr. Kadam foi até ele e o abraçou. Eu podia ouvir suas vozes, mas não conseguia entender o que diziam. Mas escutei o Sr. Kadam rir bem alto ao dar tapinhas nas costas de Ren. Estava evidentemente muito feliz por alguma razão.

Então Ren se transformou em tigre e saltou para o carro. Ele se enroscou para tirar um cochilo no banco de trás enquanto eu claramente o ignorava e escolhia um livro para me manter ocupada durante a longa viagem.

O Sr. Kadam explicou que precisaríamos parar em outro hotel no caminho e que viajaríamos o dia todo. Eu lhe disse que não havia problema para mim. Tinha muitos livros para ler, pois o Sr. Kadam havia comprado alguns romances na livraria do hotel, assim como um guia de viagem sobre a Índia.

Cochilei intermitentemente entre os capítulos. Terminei o primeiro romance no começo da tarde e estava chegando ao fim do segundo quando entramos numa cidade. O carro estava silencioso. O Sr. Kadam parecia animado, mas não partilhava essa alegria, e Ren dormiu o dia todo.

Depois que o sol se pôs, o Sr. Kadam anunciou que estávamos perto de nosso destino. Ele indicou que me deixaria lá primeiro e mais tarde jantaríamos no restaurante do hotel para comemorar.

Em meu novo quarto de hotel, fiquei triste por ter na bolsa apenas jeans e camisetas. Depois de revolver os mesmos três itens pela terceira vez, ouvi uma batida na porta e fui até lá de roupão e chinelos. Uma camareira me entregou uma sacola de roupa e uma caixa. Tentei falar com ela, mas a mulher não entendia inglês. Ela só ficava dizendo “Kadam”.

Peguei as duas coisas, agradeci, abri o fecho da sacola e encontrei um vestido esplêndido ali dentro. O corpete justo de veludo preto tinha o decote em coração e as manguinhas curtas e a saia eram feitas de tafetá perolado cor de ameixa. O corte justo do vestido me deixava com mais curvas do que eu tinha de fato. Ele se estreitava até os quadris e se ajustava sobre a saia cor de ameixa na altura dos joelhos. Um cinto, feito do mesmo material macio da saia, era amarrado do lado e preso com um broche cintilante que realçava minha cintura.

O vestido tinha um belo corte, era forrado e provavelmente caro. Quando eu me movimentava na luz, o tecido tremeluzia, refletindo várias tonalidades de púrpura. Eu nunca usara nada tão bonito, a não ser o lindo vestido indiano azul que eu tinha na casa. Abri a caixa e encontrei um par de sandálias pretas altas de tiras com fivelas de diamante e uma presilha de cabelo com um lírio combinando. Um vestido como aquele exigia maquiagem, então fui até o banheiro e terminei de me arrumar. Prendi a presilha com o lírio no cabelo, logo acima da orelha esquerda, e penteei os fios ondulados com os dedos. Por fim me calcei e fiquei esperando o Sr. Kadam.

Não demorou para que ele batesse à minha porta e me olhasse com admiração paternal.

– Srta. Kelsey, está linda!

Rodopiei a saia para ele.

– O *vestido* é lindo. Se estou bem, é graças ao senhor, que escolheu algo fabuloso. Obrigada. O senhor deve ter percebido que, para variar, eu queria me sentir uma dama e não uma garota em um acampamento.

Ele assentiu. Seus olhos pareciam pensativos, mas sorriu, estendeu o braço e me acompanhou até o elevador do hotel. Descemos rindo, enquanto eu lhe descrevia a cena de Ren correndo com uns 20 macacos presos ao pelo.

Entramos em um restaurante à luz de velas com toalhas de mesa e guardanapos de linho branco. A *hostess* nos conduziu a uma área com janelas que iam do chão ao teto e cuja vista dava para as luzes da cidade abaixo. Somente uma das mesas dessa área do restaurante estava ocupada. Um homem jantava sozinho. Ele estava de costas para nós, apreciando as luzes.

O Sr. Kadam fez um reverência e disse:

– Srta. Kelsey, vou deixá-la com sua companhia para o jantar. Boa refeição.

Em seguida deixou o restaurante.

– Sr. Kadam, espere. Não estou entendendo.

Companhia para o jantar? Do que ele está falando?

Nesse momento, uma voz grave e muito familiar disse atrás de mim:

– Oi, Kells.

Fiquei imobilizada e meu coração despencou até o estômago, causando um alvoroço ali. Alguns segundos se passaram. Ou foram alguns minutos? Eu não saberia dizer.

Ouvi um suspiro de frustração.

– Você continua sem falar comigo? Vire-se, por favor.

Uma mão quente segurou meu cotovelo, me forçando delicadamente a virar. Ergui os olhos e arquejei de leve. Ele estava maravilhoso! Tão lindo que dava vontade de chorar.

– Ren.

Ele sorriu.

– Quem mais?

Vestia um elegante terno preto e tinha cortado o cabelo. Os fios pretos e lustrosos estavam jogados para trás em camadas desalinhadas, com um leve cacheado na nuca. A camisa branca que ele usava estava

desabotoada no colarinho, realçando a pele de bronze dourada e o brilhante sorriso branco, tornando-o letal para qualquer mulher que cruzasse o seu caminho. Gemi por dentro.

Ele parece... parece uma mistura de James Bond, Antonio Banderas e Brad Pitt.

Decidi que a coisa mais segura a fazer era olhar para seus sapatos. Sapatos eram chatos, certo? Não tinham nenhum atrativo. *Ah. Muito melhor.* Seus sapatos eram bonitos, é claro – pretos e bem engraxados, exatamente como eu esperaria. Sorri ironicamente quando percebi que essa era a primeira vez que via Ren usar sapatos.

Ele segurou meu queixo e me fez olhar para o seu rosto. *O idiota.* Então foi sua vez de me avaliar. Ele me olhou de cima a baixo. E não foi um olhar rápido. Foi daqueles que envolvem tudo *lentamente*. O tipo de lentidão que faz o rosto de uma garota ficar quente. Fiquei com raiva de mim mesma por corar e olhei para ele, furiosa.

Nervosa e impaciente, perguntei:

– Já terminou?

– Quase.

Ele agora fitava minhas sandálias altas.

– Então se apresse!

Seus olhos voltaram vagarosamente ao meu rosto e ele sorriu para mim, com aprovação.

– Kelsey, quando um homem está com uma mulher bonita, ele precisa seguir seu próprio ritmo.

Ele passou minha mão pelo seu braço e conduziu-me até uma mesa lindamente iluminada. Então puxou a cadeira para que eu me sentasse.

Fiquei ali de pé me perguntando se podia ir correndo até a saída mais próxima. *Sandálias idiotas. Eu jamais conseguiria.*

Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

– Eu sei o que você está pensando e não vou deixá-la escapar de novo. Você pode se sentar e jantar comigo como uma namorada normal – ele sorriu diante da palavra utilizada – ou – fez uma pausa, pensativo, e ameaçou: – pode se sentar no meu colo enquanto eu a obrigo a comer.

– Você não ousaria – sibilei. – Você é cavalheiro demais para me forçar a fazer qualquer coisa. Isso é um blefe, Sr. Permissão.

– Até um cavalheiro tem seus limites. De um jeito ou de outro,

vamos ter uma conversa civilizada. Estou torcendo para ter que lhe dar comida no meu colo, mas a escolha é sua.

Ele se endireitou e esperou. Desabei rudemente na cadeira e a arrastei até a mesa, fazendo barulho. Ele riu baixinho e se acomodou na cadeira diante da minha. Senti culpa por causa do vestido e rearrumei a saia, para que não amarrotasse.

Olhei-o com raiva quando a garçonete se aproximou. Ela pousou meu cardápio rapidamente na mesa mas se demorou entregando o cardápio a Ren. Parou perto do ombro dele e apontou várias opções enquanto se inclinava sobre seu braço. Depois que ela se foi, revirei os olhos, enojada.

Ren examinou o cardápio devagar e com atenção, parecendo estar se divertindo muito. Eu nem peguei o meu cardápio na mesa. Ele me lançava olhares significativos enquanto eu me mantinha ali em silêncio, tentando evitar o contato visual. Quando ela voltou, falou com ele brevemente e gesticulou em minha direção.

Sorri e, em uma voz melosa, disse:

– Quero o que me fizer sair daqui mais depressa. Como uma salada.

Ren me devolveu um sorriso benevolente e recitou o que parecia um banquete, pedido que a garçonete ficou mais do que feliz em anotar. O tempo todo ela o tocava e ria com ele. O que achei muito, *muito* irritante.

Quando ela se foi, ele se reclinou na cadeira e bebeu água.

Fui a primeira a romper o silêncio, sussurrando:

– Não sei o que está aprontando, mas só lhe restam mais uns dois minutos. Portanto espero que você tenha pedido o *steak tartare*, Tigre, que é de carne crua.

Ele riu, travesso.

– Veremos, Kells. Veremos.

– Está bem. Para mim, tanto faz. Mal posso esperar para ver o que vai acontecer quando um tigre branco sair correndo por este belo restaurante, espalhando o caos. Talvez eles percam uma das estrelas por colocarem a vida dos clientes em perigo. Talvez sua nova amiguinha, a garçonete, fuja correndo e gritando.

Sorri com esse pensamento.

Ren fingiu estar chocado.

– Kelsey! Você está com ciúmes?

Ri com desdém, de uma forma muito pouco feminina, e retruquei:

– Não! É claro que não.

Ele sorriu. Nervosa, eu brincava com o guardanapo de tecido.

– Não posso acreditar que você tenha convencido o Sr. Kadam a tomar parte nisso. É um absurdo.

Ele abriu o guardanapo e piscou para a garçonete quando ela veio nos trazer uma cesta de pães.

Depois que ela se afastou, reclamei:

– Você está piscando para ela? É inacreditável!

Ele riu baixinho e pegou um pãozinho fumegante, passou manteiga e o colocou no meu prato.

– Coma, Kelsey – ordenou ele, e então se debruçou sobre a mesa.

– A menos que esteja reconsiderando apreciar a vista no meu colo.

Zangada, parti o pãozinho e engoli alguns pedaços antes de perceber como era delicioso – a massa leve e macia, com pedacinhos de casca de laranja. Eu teria comido outro, mas não daria a ele essa satisfação.

A garçonete retornou logo depois com dois ajudantes e eles foram colocando prato após prato em nossa mesa. De fato, ele havia pedido um banquete. Não havia um só centímetro vazio na mesa. Ele pegou o meu prato e o encheu com uma seleção aromática, de dar água na boca. Depois de colocá-lo diante de mim, começou a encher o próprio prato. Quando terminou, olhou para mim e arqueou uma sobrancelha.

Debrucei-me e sussurrei, furiosa:

– Eu *não vou* me sentar no seu colo, portanto não alimente esperanças.

Ele ficou esperando até eu dar algumas garfadas. Espetei um pedaço de peixe com crosta de macadâmia e disse:

– Xi. O tempo acabou, não é? O relógio é implacável. Você deve estar suando, hein? Quer dizer, pode se transformar a qualquer segundo.

Ele se limitou a dar uma garfada no carneiro ao curry e em seguida no arroz de açafrão, e ficou ali mastigando como se tivesse todo o tempo do mundo.

Eu o observei com atenção por dois minutos completos e então dobrei o guardanapo.

– O.k., eu desisto. Por que você está todo presunçoso e confiante? Quando vai me contar o que está acontecendo?

Ele limpou a boca com cuidado e bebeu um gole de água.

– O que está acontecendo, minha *prema*, é que a maldição foi suspensa.

Fiquei boquiaberta.

– O quê? Se ela foi suspensa, por que você ficou como tigre nos últimos dois dias?

– Bem, para ser exato, a maldição não se extinguiu completamente. Parece que me foi concedida uma suspensão parcial.

– Parcial? Em que sentido?

– Um certo número de horas por dia. Seis horas, para ser exato.

Recitei a profecia em minha mente e lembrei que havia quatro lados no monólito, e quatro vezes seis eram...

– Vinte e quatro.

Ele fez uma pausa.

– Vinte e quatro o quê?

– Bem, seis horas fazem sentido porque são quatro os presentes a serem obtidos para Durga e quatro os lados do monólito. Nós só completamos uma das tarefas, então você ganha apenas seis horas.

Ele sorriu.

– Então acho que tenho que mantê-la por aqui, pelo menos até que as outras tarefas estejam finalizadas.

Bufei.

– Não se anime, Tarzan. Pode ser que *eu* não precise estar *presente* para as outras tarefas. Agora que é humano boa parte do tempo, você e Kishan serão capazes de resolver esse problema sozinhos, tenho certeza.

Ele inclinou a cabeça e estreitou os olhos.

– Não subestime seu nível de... envolvimento, Kelsey. Mesmo que você não fosse mais necessária para quebrar a maldição, acha que eu simplesmente a deixaria ir? Que a deixaria sair da minha vida sem nem mesmo olhar para trás?

Comecei a brincar nervosamente com minha comida e resolvi não dizer nada. Aquilo era exatamente o que eu estava planejando fazer.

Alguma coisa havia mudado. O Ren magoado e confuso que me fizera sentir culpa por rejeitá-lo em Kishkindha tinha desaparecido. Agora ele parecia extremamente confiante, quase arrogante, e muito seguro de si.

Ele mantinha os olhos no meu rosto enquanto comia. Quando

terminou toda a comida que havia em seu prato, tornou a enchê-lo, pegando pelo menos metade de cada travessa na mesa.

Eu me sentia constrangida sob o seu olhar. Ele parecia o gato com o canário ou o aluno com todas as respostas do teste antes mesmo de o professor anunciá-lo para a turma. Estava irritantemente satisfeito consigo mesmo e eu intuía que havia muito mais por trás de sua recente confiança do que apenas ter mais tempo como humano.

Ele aparentava saber todos os meus pensamentos e sentimentos secretos. Sua confiança me incomodava. Eu me sentia encurralada.

– A resposta a essa pergunta é... não vou. Seu lugar é ao meu lado. O que me leva à conversa que eu queria ter com você.

– Qual é o meu lugar, cabe a mim decidir, e, embora eu possa ouvir o que você tem a dizer, isso não significa que irei concordar.

– É justo. – Ren empurrou o prato vazio para o lado. – Temos algumas questões pendentes para resolver.

– Se você está se referindo às outras tarefas que devemos cumprir, já estou ciente disso.

– Não estou falando disso. Estou falando de *nós*.

– Nós?

Coloquei as mãos debaixo da mesa e limpei as palmas suadas no guardanapo.

– Acho que algumas coisas ficaram por dizer e que já é hora de serem discutidas.

– Não estou escondendo nada de você, se é isso que está dizendo.

– Está, sim.

– *Não*. Não estou.

– Você está se recusando a reconhecer o que se passou entre nós?

– Não estou me recusando a nada. Não tente pôr palavras em minha boca.

– Não estou fazendo isso. Só estou tentando convencer uma mulher teimosa a admitir que sente alguma coisa por mim.

– Se eu *sentisse* algo por você, você seria o primeiro a saber.

– Está dizendo que *não* sente nada por mim?

– Não é isso que estou dizendo.

– Então o que você *está* dizendo?

– Eu estou dizendo... não estou dizendo *nada*! – explodi.

Ren sorriu e estreitou os olhos.

Se ele continuasse com esse interrogatório, provavelmente ia conseguir me pegar em uma mentira. Não sou muito boa nisso.

Ele se recostou na cadeira.

– Está bem. Vou tirá-la da berlinda por ora, mas *iremos* falar sobre isso mais tarde. Os tigres são incansáveis uma vez que se propõem a alguma coisa. Você não vai conseguir me evitar para sempre.

– Não crie expectativas – repliquei. – Todo herói tem a sua criptonita e você não me intimida.

Torci o guardanapo no colo enquanto ele observava cada movimento meu com seus olhos escrutinadores. Eu me sentia despida, como se ele pudesse ver dentro do meu coração.

A garçonete voltou e Ren sorriu quando ela lhe estendeu um cardápio menor, provavelmente de sobremesas. Ela se inclinou sobre ele enquanto eu batia o pé, de frustração. Ele a ouvia com atenção. Então os dois riram outra vez.

Ele falou baixinho, gesticulando em minha direção, e ela olhou para mim, deu uma risadinha e recolheu os pratos. Ele pegou a carteira e entregou-lhe um cartão de crédito. A garçonete pôs a mão em seu braço, para fazer outra pergunta, e não pude mais me segurar. Eu o chutei por baixo da mesa. Ele nem piscou ou olhou para mim. Apenas estendeu o braço sobre a mesa, tomou a minha mão na dele e ficou acariciando-a distraidamente com o polegar enquanto respondia à pergunta dela. Era como se meu chute tivesse sido um tapinha de amor. Só serviu para deixá-lo mais feliz.

Quando ela se afastou, encarei-o com os olhos estreitados e disse:

– Como foi que você conseguiu aquele cartão e o que você falou com ela sobre mim?

– O Sr. Kadam me deu o cartão e eu disse a ela que aproveitaríamos a sobremesa... mais tarde.

Eu ri com sarcasmo.

– *Você* vai comer a sobremesa mais tarde *sozinho*, porque eu não vou comer mais nada com você.

Ele se inclinou sobre a mesa à luz das velas e disse:

– Quem falou alguma coisa sobre comer, Kelsey?

Ele só pode estar brincando! Mas parecia totalmente sério. *Ótimo! Lá vem o frio na barriga outra vez.*

– Pare de me olhar assim.

– Assim como?

– Como se estivesse me caçando. Eu não sou um antílope.

Ele riu.

– Ah, mas essa perseguição seria perfeita e você seria uma presa muito succulenta.

– Pare com isso.

– Estou deixando você nervosa?

– Pode-se dizer que sim.

Levantei-me bruscamente enquanto ele assinava o recibo e comecei a me dirigir para a porta. Em um instante ele estava ao meu lado falando no meu ouvido:

– Não vou deixar você escapar, lembra? Agora, comporte-se como uma boa namorada e me deixe acompanhá-la até em casa. É o mínimo que pode fazer, já que não quis conversar comigo.

Ren me pegou pelo cotovelo e começou a me conduzir para a saída do restaurante. Pensar que ele ia me acompanhar até o quarto e que provavelmente tentaria me beijar provocava arrepios em minhas costas. Por uma questão de autopreservação, eu precisava fugir. Cada minuto que passava com ele só me fazia querê-lo mais. Como apenas irritá-lo não estava surtindo efeito, eu ia ter que pegar mais pesado.

Aparentemente, eu não precisava que ele deixasse de gostar de mim, mas que me odiasse. Várias vezes me disseram que eu era o tipo de garota “tudo ou nada”. Se eu queria afastá-lo, teria que fazer isso de maneira tão drástica que não houvesse absolutamente nenhuma chance de ele voltar.

Tentei soltar meu cotovelo de sua mão, mas ele apenas a segurou com mais força.

– Pare de usar sua força de tigre em mim – grunhi para ele.

– Estou machucando você?

– Não, mas eu não sou uma marionete para ser arrastada por aí.

Ele deslizou os dedos pelo meu braço e segurou a minha mão.

– Se você for boazinha, eu serei também.

– Ótimo.

Ele sorriu.

– Ótimo.

– Ótimo! – sibilei de volta.

Andamos até o elevador e ele apertou o botão do meu andar.

– Meu quarto fica no mesmo andar – explicou Ren.

Franzi a testa e lhe dirige um sorriso torto e só um pouquinho cruel.

– E como é que você vai fazer de manhã, Tigre? Não devia meter o Sr. Kadam em encrenca por ter um... animal de estimação tão grande.

Ren devolveu meu sarcasmo quando me acompanhava até a porta.

– Está *preocupada* comigo, Kells? Não precisa. Eu vou ficar bem.

– Acho que nem é preciso perguntar como você sabia qual era a minha porta, hein, Faro de Tigre?

Ele me olhou de uma forma que me fez virar geleia por dentro. Voltei-me de costas, mas a consciência de sua presença era forte demais e eu podia senti-lo atrás de mim, muito perto, observando, esperando.

Coloquei a chave na fechadura e ele se aproximou. Minha mão começou a tremer e eu não conseguia girar a chave. Ele pegou minha mão e me fez virá-la delicadamente. Em seguida, apoiou as mãos na porta, de ambos os lados da minha cabeça, e se inclinou para mim, me prendendo contra a porta. Eu tremia como um coelhinho preso nas garras de um lobo. O lobo chegou ainda mais perto. Curvou a cabeça e começou a acariciar meu rosto com o nariz. O problema era que... eu *queria* que o lobo me devorasse.

Comecei a me perder na névoa espessa que me envolvia todas as vezes que Ren punha as mãos em mim.

E a história de pedir permissão?, pensei enquanto sentia todas as minhas defesas caírem por terra.

– Eu sempre sei onde você está, Kelsey. Você cheira a pêssego com creme – sussurrou ele, terno.

Estremeci e pus a mão em meu peito para empurrá-lo, mas acabei agarrando sua camisa, desesperada. Seus beijos foram abrindo uma trilha a partir da orelha, descendo pelo rosto, e então ele foi depositando beijos suaves ao longo do arco do meu pescoço. Eu o puxei para mais perto e virei a cabeça para que ele pudesse me beijar de verdade. Ele sorriu e ignorou o meu convite, passando então à outra orelha. Mordeu o lóbulo de leve, passou para a clavícula e seguiu sua trilha de beijos até o ombro. Depois ergueu a cabeça e trouxe os lábios a um centímetro dos meus, e o único pensamento em minha cabeça era... *mais*.

Com um sorriso arrasador, ele se afastou, relutante, e correu os

dedos levemente pelo meu cabelo.

– Esqueci de dizer que você está linda hoje.

Ele tornou a sorrir, se virou e afastou-se pelo corredor.

Minúsculos tremores vibravam pelos meus braços e minhas pernas, como aqueles que se seguem a um terremoto. Eu não conseguia firmar a mão enquanto girava a chave. Abri bruscamente a porta do quarto escuro, entrei e, trêmula, fechei-a. Encostando-me nela, deixei a escuridão me envolver.



Conclusões

Na manhã seguinte, arrumei todas as minhas coisas e fiquei à espera do Sr. Kadam, sentada na espreguiçadeira, batendo nervosamente o pé. A noite anterior havia me convencido de que eu precisava fazer alguma coisa em relação a Ren. A presença dele era irresistível.

Eu sabia que, se passasse mais tempo com ele, Ren me persuadiria a ter um relacionamento sério, e eu não podia de maneira nenhuma permitir isso.

Eu acabaria arrasada. Ah, seria maravilhoso por um tempo. Muito, *muito* maravilhoso. Mas não duraria. Ele era um Adônis e eu não era nenhuma Helena de Troia. Nunca daria certo. Eu tinha que ser realista e reassumir o controle da minha vida. Decidi que, quando chegássemos à casa dele, teríamos uma conversa de mulher para tigre.

Então, se ele não desistisse, eu simplesmente voltaria para minha casa, como o Sr. Kadam sugerira. Talvez a distância ajudasse. Talvez Ren só precisasse de um tempo longe de mim para perceber que um relacionamento entre nós seria um erro. Com essa resolução, preparei-me para vê-lo outra vez quando deixássemos o hotel.

Esperei muito tempo pelo Sr. Kadam. Já estava quase ligando para o seu quarto quando finalmente ouvi uma batida na porta. O Sr. Kadam estava lá, sozinho.

– Está pronta, Srta. Kelsey? Lamento que estejamos começando o dia tão tarde.

– Tudo bem. O Sr. Maravilhoso provavelmente estava aproveitando seu precioso tempo, certo?

– Não, na verdade o atraso foi culpa minha. Eu estava ocupado com... uma papelada.

– Ah. Não se preocupe com isso. Que tipo de papelada?

Ele sorriu.

– Nada importante.

O Sr. Kadam segurou a porta para mim e saímos para o corredor vazio. Eu estava começando a relaxar diante do elevador quando ouvi a porta de um dos quartos se fechar. Ren vinha pelo corredor em nossa direção. Havia comprado roupas novas. Obviamente, estava lindo. Recuei um passo e tentei evitar o contato visual.

Ren usava calça jeans escura, de grife, com lavagem envelhecida. A camisa, de boa qualidade, era de mangas compridas abotoada na frente, azul, com listras brancas finas, e combinava perfeitamente com seus olhos. Ele havia enrolado as mangas e deixado a camisa solta e aberta no colarinho. O corte era esportivo, de modo que se ajustava perfeitamente em seu torso musculoso, o que me fez arquejar involuntariamente, apreciando seu esplendor masculino.

Ele parece um modelo. Como vou poder dispensar isso? O mundo é tão injusto. Sério, é como rejeitar um encontro com Brad Pitt. A garota capaz de fazer isso devia ganhar o prêmio de maior idiota do século.

Novamente corri minha lista de razões para não ficar com Ren. O bom de ver sua figura irresistível e observá-lo andar por aí como uma pessoa normal era que isso firmava minha resolução. Sim. Seria difícil, mas agora estava ainda mais óbvio para mim que não tínhamos nada a ver um com o outro.

Quando ele se juntou a nós à espera do elevador, sacudi a cabeça e murmurei entre dentes:

– O cara é um tigre por 350 anos e sai da maldição com um gosto sofisticado e um senso de moda apurado. Incrível! Como se explica isso?

– O que foi, Srta. Kelsey? – perguntou o Sr. Kadam.

– Nada.

Ren sorriu, convencido.

Ele provavelmente me ouviu. Porcaria de ouvido de tigre.

As portas do elevador se abriram. Entrei e fui para um canto, torcendo para que o Sr. Kadam se pusesse entre nós dois, mas aparentemente o Sr. Kadam não estava recebendo as mensagens silenciosas que eu lhe enviava e permaneceu junto aos botões do elevador. Ren parou ao meu lado, ficando perto demais. Ele me olhou de cima a baixo bem devagar e me dirigiu um sorriso cúmplice. Descemos em silêncio.

Quando as portas se abriram, ele me deteve, tirou a mochila do meu ombro e passou-a para o dele, deixando-me sem nada para carregar. Ele ia à frente, ao lado do Sr. Kadam, enquanto eu seguia mais devagar atrás, mantendo distância entre nós e um olho desconfiado em sua figura alta.

No carro, o Sr. Kadam falou por nós três. Estava muito entusiasmado por Ren poder se manter na forma humana novamente. Devia ser um grande alívio para ele. De certa forma, o Sr. Kadam estava sob o jugo da maldição tanto quanto Ren e Kishan. Ele não podia ter vida própria. Dedicar seu tempo e atenção a servir os irmãos havia se tornado seu único propósito na vida. Era tão escravo dos tigres quanto estes eram da maldição.

Ocorreu-me então que eu corria o risco de me tornar escrava de um tigre também. *Ah! Eu provavelmente gostaria.* Revirei os olhos diante desse pensamento. *Tenho raiva de mim. Como sou fraca!* Odiava a ideia de que tudo que ele precisaria fazer era estalar os dedos. Meu lado independente se inflamou. *Já chega! Acabou! Vou ter uma conversa definitiva com ele quando chegarmos e espero que ainda possamos ser amigos.*

Essa linha de raciocínio basicamente tomou conta dos meus pensamentos durante toda a viagem para casa. Eu começava a devanear e então parava, passava um sermão em mim mesma e repetia meu mantra obstinado. Tentei ler, mas, de tanto ter que reler o mesmo parágrafo vezes sem conta, desisti e cochilei um pouco.

Finalmente chegamos, já tarde da noite. Dei uma olhada na iluminada casa dos sonhos de Ren e soltei um profundo suspiro. Eu me sentia à vontade ali. Seria muito difícil ir embora quando chegasse a hora e lá no fundo eu tinha a sensação de que esta chegaria muito em breve.

Embora eu houvesse cochilado um pouco durante a viagem, achei que devia tentar descansar. Forcei-me a parar de me angustiar com minha escolha, escovei os dentes e vesti o pijama. Tirei Fanindra da mochila com cuidado. Colocando uma almofadinha na mesa de cabeceira, ajeitei o corpo rijo e enroscado de Fanindra o mais confortavelmente possível, com a cabeça voltada para a vista da piscina. Se eu fosse uma cobra imobilizada, seria para lá que eu gostaria de olhar.

Em seguida, tirei a *gada* e o Fruto Dourado. Envolvendo o fruto em uma toalha macia, coloquei-o, assim como a *gada*, na gaveta da cômoda. Olhando para o fruto, percebi que tinha fome. Queria um

lanche, mas estava com muita preguiça de descer. Enfieí o fruto na gaveta. Precisava me lembrar de pedir ao Sr. Kadam que guardasse o Fruto Dourado e a *gada* com o Selo da família de Ren, onde quer que este estivesse. Precisavam ficar em um lugar seguro.

Quando me enfiei na cama, percebi um pratinho de biscoitos e queijo com fatias de maçã na mesa de cabeceira, perto de Fanindra. Eu não o havia notado antes.

Humm. O Sr. Kadam deve ter entrado e deixado o prato quando eu estava no banheiro.

Grata por sua atenção, comi o lanche e apaguei as luzes. O sono não vinha. Minha mente não me deixava descansar. Eu temia encarar Ren no dia seguinte. Tinha medo de não conseguir dizer o que precisava ser dito. Finalmente adormeci por volta das quatro da manhã e dormi até o meio-dia.

Demorei a me levantar. Eu sabia que estava evitando Ren e nossa conversa, mas não me importava. Tomei banho e me vesti devagar. Quando reuni coragem para descer, meu estômago reclamava de fome.

Desci a escada e ouvi alguém na cozinha. Aliviada por achar que se tratava do Sr. Kadam, cheguei à cozinha e, para minha aflição, encontrei Ren, sozinho, tentando fazer um sanduíche. Ele tinha ingredientes espalhados por toda a cozinha. Todos os legumes e verduras da geladeira e quase todos os condimentos encontravam-se em cima da bancada. E lá estava ele de pé, pensativo, tentando calcular se devia usar ketchup ou molho de pimenta no sanduíche de peru com berinjela. Ele havia amarrado um dos aventais do Sr. Kadam na cintura e estava todo sujo de mostarda. Apesar da minha tentativa de ficar quieta, não contive o riso.

Ele sorriu, mas manteve a atenção no sanduíche.

– Ouvi você levantar. Levou bastante tempo para descer. Imaginei que deveria estar com fome e vim fazer um sanduíche para você.

Eu ri com azedume.

– Argh, não um desses. Fico com um de manteiga de amendoim.

– Certo. E qual desses vidros é de manteiga de amendoim?

Apontou para um grupo de frascos. Ele havia colocado os de rótulo em inglês de um lado e mantivera todas as outras coisas perto dele.

Confusa, eu me aproximei.

– Você não sabe ler inglês, sabe?

– Não. Posso ler cerca de 15 outras línguas e falar umas 30, mas não consigo decifrar o que são estes vidros.

Sorri para ele.

– Se tivesse cheirado, provavelmente saberia, Faro de Tigre.

Ren ergueu os olhos, sorriu e pôs os dois frascos na bancada. Depois, veio até mim e me beijou na boca.

– Está vendo? É por isso que você deve estar por perto. Preciso de uma namorada inteligente.

Voltou ao sanduíche e começou a abrir frascos e a cheirá-los.

– Ren! Eu *não sou* sua namorada! – explodi.

Ele se limitou a sorrir para mim como resposta, localizou a manteiga de amendoim e fez o sanduíche de manteiga de amendoim mais exagerado que eu já vira. Dei uma mordida e não consegui abrir a boca.

– Uen, quetaumumcopodeueite?

Ele riu.

– O quê?

– Ueite, ueite!

Imitei alguém bebendo algo.

– Ah, leite! Só um segundo.

Esvaziei metade do copo de leite de uma só vez, para limpar a manteiga grudada na boca. Separando as duas fatias de pão, escolhi a que tinha a menor quantidade de manteiga de amendoim, dobrei-a ao meio e a comi.

Ren se sentou à minha frente com o maior e mais estranho sanduíche do planeta e começou a comer. Arregalei os olhos diante daquilo e ele riu.

Decidi que aquela era uma boa hora para falar, quando ele não podia responder.

– Ren? Tem uma coisa importante que precisamos discutir. Dê uma passada hoje na varanda ao pôr do sol, está bem?

Ele se imobilizou com o sanduíche a meio caminho da boca.

– Um encontro secreto? Na varanda? Ao pôr do sol? – Ele arqueou uma sobrancelha. – Kelsey, você está tentando me seduzir?

– Dificilmente – murmurei, seca.

Ele riu.

– Bom, sou todo seu. Mas seja gentil comigo esta noite, minha

amada. Sou novo nessas histórias de seres humanos.

Exasperada, rejeitei:

– Eu *não sou* sua amada.

Ele ignorou meu comentário e voltou a devorar seu almoço. Também pegou a outra metade do sanduíche de manteiga de amendoim que descartei e a comeu, comentando:

– Ei! Essa coisa é gostosa.

Quando terminei, fui até a ilha da cozinha e comecei a arrumar a bagunça de Ren. Depois de comer, ele se levantou para me ajudar. Trabalhávamos bem juntos. Era quase como se soubéssemos o que o outro ia fazer antes que ele fizesse. Em pouco tempo a cozinha ficou imaculada. Ren tirou o avental e o atirou no cesto de roupa suja. Então, aproximou-se por trás de mim enquanto eu guardava alguns copos e me abraçou pela cintura, me puxando para ele.

Cheirou meu cabelo, beijou meu pescoço e murmurou em meu ouvido:

– Humm, definitivamente pêssegos e creme, mas com um toque picante. Vou me transformar em tigre e tirar um cochilo, assim posso salvar todas as minhas horas para você esta noite.

Fiz uma careta. Ele devia estar esperando uma sessão de amassos, e eu, planejando romper com ele. Ele queria namorar e minha intenção era explicar que não daria certo ficarmos juntos. Não que oficialmente estivéssemos juntos. Ainda assim, parecia um rompimento.

Por que isso precisa ser tão difícil?

Ren me embalou e sussurrou:

– “Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, tal qual música langorosa que ouvido atento escuta.” Virei-me em seus braços, chocada.

– Como você se lembra disso? É de *Romeu e Julieta*!

Ele deu de ombros.

– Prestei atenção quando você leu para mim. Eu gostei.

Ele beijou delicadamente minha bochecha.

– Vejo você à noite, *iadala*.

E me deixou ali parada.

Pelo resto da tarde, não consegui me concentrar em coisa alguma. Nada prendia minha atenção por mais que uns poucos minutos. Ensaiei algumas frases na frente do espelho, mas todas me soavam

muito pouco convincentes: “Não é você, sou eu”, “Tem muitos outros peixes no mar”, “Eu preciso me encontrar”, “Nossas diferenças são grandes demais”, “Eu não sou a garota certa para você”, “Existe outra pessoa”. Droga, cheguei até a tentar “Sou alérgica a gatos”.

Nenhuma das desculpas que me ocorreram funcionaria com Ren. Decidi que a melhor coisa a fazer era ser direta e falar a verdade. Essa era eu. Eu enfrentava as situações, resolvia os problemas e seguia com a vida.

O Sr. Kadam esteve fora o dia todo. O Jeep não estava lá. Eu alimentei a esperança de que ele estivesse por ali para me distrair um pouco, quem sabe me dar um conselho, mas ele havia sumido.

O pôr do sol chegou rápido demais e eu subi, nervosa. Entrei no banheiro, desfiz minhas tranças e escovei os cabelos até que eles caíssem pelas minhas costas em ondas suaves. Pus um brilho nos lábios e lápis nos olhos, e então procurei no closet algo melhor para usar do que uma camiseta. Aparentemente, alguém andara acrescentando roupas de grife ao meu armário. Peguei uma blusa de algodão xadrezinho cor de amora, com debruns de seda preta, e uma calça *cigarrete* preta na altura dos tornozelos.

A coisa mais caridosa a fazer seria me apresentar com a aparência mais sem graça possível, o que provavelmente tornaria tudo mais fácil para ele, mas eu não queria que suas lembranças de mim fossem de uma desmazelada vestindo roupas de menino.

Afinal, tenho um pouco de orgulho feminino. Eu ainda quero que ele sofra. Pelo menos um pouco.

Satisfeita com minha aparência, passei por Fanindra, acariciei-lhe a cabeça e pedi que me desejasse sorte. Abri a porta de vidro, deslizando-a, e saí para a varanda. O ar estava morno e cheirava a jasmim e ao aroma amadeirado da selva. Fiquei observando o sol mergulhar no horizonte, deixando o céu rosa e laranja. As luzes da piscina e do chafariz se acenderam lá embaixo quando me recostei no sofazinho acolchoado pendurado e comecei a balançar levemente, desfrutando a brisa suave e de fragrância doce que soprava em minha pele.

Suspirei e disse em voz alta:

– Só falta uma daquelas bebidas tropicais com abacaxi, cereja e um guarda-chuvinha.

Alguma coisa chiou ao meu lado em uma mesinha lateral. Era um copo curvo e gelado contendo uma bebida à base de frutas laranja-

avermelhada, com guarda-chuva, cerejas e tudo! Apanhei-a para ver se era de verdade. Tomei um gole, cautelosa, e o suco doce e espumante estava perfeito.

Alguma coisa estranha está acontecendo. Não tem mais ninguém aqui, então como essa bebida surgiu do nada?

Nesse exato momento Ren apareceu e eu me esqueci da bebida misteriosa. Ele estava descalço, de calça preta com cinto fino e camisa de seda verde da cor do mar. Os cabelos estavam úmidos e ele os penteara para trás. Sentou-se ao meu lado no sofazinho e passou o braço pelos meus ombros. Seu cheiro era fantástico. Aquele seu aroma quente de sândalo, que fazia lembrar um dia de verão, se misturava ao jasmim.

O paraíso só pode ter este cheiro.

Ren pôs um pé em uma mesa lateral e começou a nos balançar para a frente e para trás. Ele parecia feliz por simplesmente se sentar, relaxar e desfrutar a brisa e o pôr do sol, e ficamos assim por um tempo, sentados lado a lado confortavelmente. Era bom. Talvez ainda pudéssemos ser amigos assim depois. Eu esperava que sim. Gostava da sua companhia.

Ele estendeu a mão e pegou a minha, entrelaçando os dedos nos meus. Ficou brincando com eles por um tempo, depois levou minha mão aos lábios e os beijou lentamente, um a um.

– Sobre o que você queria falar esta noite, Kelsey?

– É...

Sobre que diabos eu queria falar? Não conseguia lembrar. Ah, sim. Eu me livreii da reação que tivera com sua presença e me preparei.

– Ren, prefiro que você se sente à minha frente para que eu possa vê-lo. Assim me distrairá menos.

Ele riu de mim.

– Está bem, Kells. Como quiser.

Ele puxou uma cadeira, colocando-a diante de mim, e se sentou. Inclinando-se, pegou meu pé e o colocou em seu colo.

Encolhi a perna.

– O que você está fazendo?

– Relaxe. Você parece tensa.

Começou a massagear meu pé. Eu ia protestar, mas Ren me lançou um olhar que me fez calar.

Ele torceu meu pé para um lado e para outro.

– Seus pés estão cheios de bolhas. Precisamos comprar um calçado melhor para você, se vai andar pela selva com essa frequência.

– As botas de *trekking* me fizeram bolhas também. O problema não deve estar nos sapatos. Eu tenho andado calçado mais nas últimas semanas do que em toda a minha vida. Meus pés não estão acostumados a isso.

Ele franziu a testa e delicadamente acompanhou o arco do meu pé com o dedo, o que disparou arrepios pela minha perna. Então envolveu meu pé com as duas mãos e começou a massagear, tomando o cuidado de evitar os pontos sensíveis. Eu estava prestes a reclamar outra vez, mas a sensação era tão gostosa. Além disso, essa podia ser uma boa distração durante uma conversa constrangedora, por isso deixei que ele continuasse. Olhei para o seu rosto e ele me estudava, curioso.

O que deu na minha cabeça? Como pude achar que ele sentado à minha frente facilitaria as coisas? Idiota! Agora preciso olhar diretamente para o arcanjo guerreiro e tentar me manter concentrada. Fechei os olhos por um minuto. *Vamos, Kells. Foco. Foco. Você consegue!*

– Ren, tem mesmo uma coisa que precisamos discutir.

– Muito bem. Vá em frente.

Deixei escapar um suspiro.

– Sabe, eu não posso... corresponder aos seus sentimentos. Ou ao seu... afeto.

Ele riu.

– Do que você está falando?

– Bem, o que quero dizer é que eu...

Ele se inclinou para a frente e falou, a voz baixa, cheia de significado:

– Kelsey, eu *sei* que você corresponde aos meus sentimentos. Não finja mais.

Quando foi que ele deduziu isso? Talvez enquanto você o beijava feito uma pateta, Kells. Eu tinha esperanças de que o tivesse enganado, mas ele podia ver através de mim. Resolvi me fazer de boba e fingir que não sabia do que ele estava falando.

Agitei a mão no ar.

– Está bem! Sim! Admito que me sinto atraída por você. – *Quem não se sentiria?* – Mas não vai dar certo – concluí.

Pronto, falei.

Ren pareceu confuso.

– Por que não?

– Porque me sinto atraída demais por você.

– Não estou entendendo. Como essa atração por mim pode ser um problema? Eu diria que é uma coisa boa.

– Para pessoas *normais*... sim – afirmei.

– Então eu não sou normal?

– Não. Deixe-me explicar dessa forma: assim... um homem faminto comeria feliz um rabanete, certo? Na verdade, um rabanete seria um banquete se fosse tudo o que ele tivesse. Mas, se houvesse um banquete de verdade diante dele, o rabanete jamais seria escolhido.

Ren permaneceu calado por um momento.

– O que está querendo dizer?

– Estou dizendo... que eu sou o rabanete.

– E eu sou o quê? O banquete?

– Não... você é o homem. Só que... eu não quero ser o rabanete. Quem quer? Mas sou realista o bastante para saber o que sou e eu *não sou* um banquete. Quero dizer, você poderia estar comendo bombas de chocolate, pelo amor de Deus.

– Mas não rabanete.

– Não.

– Mas e se... – Ren fez uma pausa, pensativo – ...eu gostar de rabanete?

– Você não gosta. Só não conhece nada melhor. Eu lamento ter sido tão rude com você. Normalmente não sou assim. Não sei de onde vem todo esse sarcasmo.

Ren arqueou uma sobrancelha.

– Muito bem. Tenho um lado cínico e mau que costuma ficar escondido – admiti. – Mas que aflora quando estou sob grande estresse ou extremamente desesperada.

Ele pôs meu pé no chão, pegou o outro e começou a massageá-lo com os polegares. Não disse nada, então continuei:

– Ser insensível e detestável era a única coisa que eu podia fazer para afastá-lo. Foi como um mecanismo de defesa.

– Então você admite que estava tentando me afastar.

– Sim. É claro.

– E isso porque você é um rabanete.

Frustrada, eu disse:

– *Sim!* Agora que você pode ser um homem de novo, vai encontrar alguém melhor, alguém que o complementa. Não é culpa sua. Você foi um tigre por tanto tempo que não sabe como o mundo funciona.

– Certo. E como o mundo funciona, Kelsey?

Eu podia sentir a frustração em sua voz, mas prossegui:

– Bem, para falar sem rodeios, você poderia estar namorando alguma top model ou uma atriz. Não está prestando atenção à sua volta?

– Ah, sim, de fato eu venho prestando atenção! – gritou ele, furioso. – O que você está dizendo é que eu devia ser um *libertino* rico, superficial e convencido, que só se importa com dinheiro, poder e em melhorar seu status. Que eu deveria namorar mulheres superficiais, volúveis, ambiciosas e sem cérebro, que se importem mais com minhas conexões do que comigo. E que eu não sou inteligente o bastante, ou atualizado o bastante, para saber *quem* eu quero ou *o que* eu quero na vida! Será que isso resume o seu ponto de vista?

– *Sim* – respondi, com a voz aguda.

– Você acha mesmo isso?

Eu me encolhi.

– Acho.

Ren se inclinou em minha direção.

– Você está errada, Kelsey. Errada em relação a si mesma e errada em relação a mim!

Ele estava furioso. Eu me mexi, desconfortável, enquanto ele prosseguia:

– Eu sei o que eu quero. Não estou sob o efeito de nenhuma ilusão. Durante séculos estudei as pessoas de dentro de uma jaula e isso me deu bastante tempo para estabelecer minhas prioridades. No primeiro instante em que a vi, na primeira vez em que ouvi sua voz, eu soube que você era diferente. Você era especial. Quando colocou a mão na jaula e me tocou, fez com que eu me sentisse vivo de uma maneira que nunca sentira antes.

– Talvez isso seja apenas parte da maldição. Já pensou nisso? Esses podem não ser seus verdadeiros sentimentos. Talvez você tenha pressentido que eu era a pessoa que iria ajudá-lo e, de alguma forma,

interpretou mal suas emoções.

– Duvido muito. Nunca senti isso por ninguém, nem antes da maldição.

As coisas não estavam indo pelo caminho que eu queria. Senti uma necessidade desesperada de fugir antes que eu dissesse alguma coisa que arruinasse meus planos. Ren era o lado escuro, o fruto proibido, a minha Dalila – a última tentação. A questão era... eu poderia resistir?

Dei um tapinha amigável em seu joelho e joguei meu trunfo:

– Estou indo embora.

– Você o quê?

– Estou voltando para casa, no Oregon. O Sr. Kadam acha que vai ser mais seguro para mim, com Lokesh solto por aí, tentando nos matar e tudo o mais. Além disso, você precisa de tempo para esclarecer... as coisas.

– Se você vai, então vou com você!

Sorri-lhe com ironia.

– Isso anula o propósito da minha ida. Você não acha?

Ele alisou o cabelo para trás, deixou escapar um profundo suspiro, pegou minha mão e olhou intensamente nos meus olhos.

– Kells, quando você vai aceitar o fato de que devemos ficar juntos?

Eu me senti mal, como se estivesse chutando um cachorrinho fiel que só queria ser amado. Olhei para a piscina.

Um momento depois, ele se recostou na cadeira e disse, ameaçador:

– Eu não vou deixar você ir.

Por dentro, eu queria desesperadamente pegar a mão dele e implorar que me perdoasse, que me amasse, mas resisti, deixei as mãos caírem no colo e implorei:

– Ren, por favor. Você tem que me deixar ir. Eu preciso... Eu tenho medo... Olhe, eu não posso estar aqui, perto de você, quando você mudar de ideia.

– Isso não vai acontecer.

– Pode acontecer. Há uma boa chance.

Ele grunhiu, furioso:

– Não há *nenhuma* chance!

– Olhe, meu coração não pode correr esse risco e eu não quero

colocar você numa posição embaraçosa. Sinto muito, Ren. Sinto mesmo. Eu quero ser sua amiga, mas compreendo se você não quiser isso. Vou voltar quando precisar de mim, se precisar, para ajudá-lo a encontrar as outras três oferendas. Eu não abandonaria você ou Kishan assim. Só não posso ficar aqui com você se sentindo obrigado a ficar comigo por piedade, porque precisa de mim. Mas saiba que eu nunca abandonaria sua causa. Sempre estarei à disposição de vocês dois, aconteça o que acontecer.

– Ficar com você por *piedade*? Kelsey, você não pode estar falando sério!

– Estou. Muito, *muito* sério. Vou pedir ao Sr. Kadam que providencie a minha volta nos próximos dias.

Ele não disse mais nada. Ficou ali sentado. Eu podia ver que estava enfurecido, mas achava que, depois de uma ou duas semanas, quando recomeçasse a voltar ao mundo, ele acabaria agradecendo o meu gesto.

Desviei os olhos.

– Estou muito cansada agora. Gostaria de ir dormir. – Levantei-me e segui para o meu quarto. Antes de fechar as portas de correr, perguntei: – Posso fazer um último pedido?

Ele continuou sentado lá, calado, os braços cruzados no peito, com uma expressão tensa e furiosa.

Suspirei. *Mesmo furioso ele é lindo.*

Como permanecia calado, continuei:

– Seria muito mais fácil para mim se eu não o visse. Como homem. Vou tentar evitar a maior parte da casa. Ela é *sua*, afinal, então vou ficar no quarto. Se você vir o Sr. Kadam, por favor, diga que eu gostaria de falar com ele.

Ele não respondeu.

– Até logo, Ren. Cuide-se.

Forcei-me a desviar os olhos, fechei as portas e puxei as cortinas.

Cuide-se? Que despedida ridícula. As lágrimas afloraram aos meus olhos e nublaram minha visão. Estava orgulhosa por ter feito aquilo sem mostrar emoção. Mas agora eu me sentia como se um rolo compressor tivesse passado por cima de mim.

Eu não conseguia respirar. Fui para o banheiro e abri o chuveiro para abafar qualquer ruído. Fechei a porta, o que aprisionou todo o vapor ali dentro, e soluzei. Espasmos de agonia sacudiam o meu corpo. Meus olhos, nariz e boca, todos jorraram simultaneamente

quando me permiti sentir o desespero vazio da perda.

Escorreguei para o chão e deslizei ainda mais até estar esparramada com o rosto encostado no mármore frio. Deixei as emoções me dominarem até me sentir completamente esgotada. Meus braços e pernas pareciam sem vida e insensíveis, e os cabelos se encrespavam e grudavam-se às lágrimas no rosto.

Bem mais tarde, levantei-me lentamente, desliguei o chuveiro, lavei o rosto e fui para a cama. Imagens de Ren voltaram a atravessar minha mente e lágrimas silenciosas correram mais uma vez. Cheguei até a pensar em colocar Fanindra no meu travesseiro e abraçá-la, de tão desesperada que eu estava por ser consolada. Chorei até dormir, com a esperança de que na manhã seguinte fosse me sentir melhor.

No dia seguinte, acordei tarde outra vez faminta e entorpecida. Estava emocionalmente esgotada. Não queria correr o risco de descer para pegar alguma coisa para comer. Não queria encontrar Ren. Sentei-me na cama, puxei os joelhos até o peito e me perguntei o que fazer.

Decidi escrever no diário. Despejar os meus pensamentos e emoções embaralhados em suas páginas fez com que eu me sentisse um pouco melhor. Meu estômago roncava.

Eu adoraria uns crepes de frutas vermelhas do Sr. Kadam.

Alguna coisa se moveu na minha visão periférica. Virei-me e vi o café da manhã posto para mim na mesinha. Fui até lá inspecionar. Crepes de frutas vermelhas! Fiquei boquiaberta.

Isso é bom demais para ser verdade.

De repente me lembrei do suco espumante que eu provara na noite passada. Quando quis alguma coisa para beber, ele aparecera.

Decidi testar esses estranhos fenômenos.

– Queria leite achocolatado – falei em voz alta, e um copo alto de leite frio com chocolate se materializou do nada.

Resolvi experimentar pensando.

Queria um par de sapatos novo.

Nada aconteceu.

– Queria um par de sapatos novo – eu disse em voz alta.

Ainda assim, nada aconteceu.

Talvez só funcione com comida. Pensei: *Queria um milk-shake de morango.*

Outro copo grande apareceu, cheio até a borda com um espesso

milk-shake de morango, finalizado com creme batido e uma fatia de morango.

O que faz isso acontecer? A gada? Fanindra? Durga? O Fruto? O Fruto! O Fruto Dourado da Índia! O Sr. Kadam tinha dito que, por meio do Fruto Dourado, o povo da Índia seria alimentado. O Fruto Dourado provê alimento! Peguei o fruto na gaveta e o segurei enquanto fazia outro desejo.

– Um... rabanete, por favor.

O fruto tremeluziu e brilhou como um diamante dourado, e um rabanete apareceu em minha mão livre. Examinei-o cuidadosamente e então o arremessei na lixeira.

– Está vendo? Nem *eu* quero um rabanete – murmurei com ironia.

Tive vontade de partilhar imediatamente essa novidade incrível com Ren e corri para a porta. Girei a maçaneta, mas então hesitei. Não queria desfazer todas as coisas que dissera na noite passada. Eu fora sincera sobre continuarmos amigos, no entanto, por ironia, era eu quem não podia ser sua amiga nesse momento. Eu precisava de tempo para esquecê-lo.

Resolvi esperar pela volta do Sr. Kadam. Então contaria a Ren sobre o fruto.

Comecei a comer os crepes e me delicieei com a refeição – ainda mais especial por ser mágica. Quando terminei, me vesti e resolvi ler no quarto. Algum tempo depois, alguém bateu na porta.

– Posso entrar, Srta. Kelsey?

Era o Sr. Kadam.

– Sim. A porta está aberta.

Ele entrou, fechou a porta e se sentou em uma das espreguiçadeiras.

– Sr. Kadam, fique bem aí. Tenho algo para lhe mostrar! – Levantei-me, empolgada, e corri para a cômoda. Pegando o Fruto Dourado, eu o desembrulhei e pousei delicadamente em cima da mesa. – O senhor está com fome?

Ele riu.

– Não. Acabei de comer.

– Bem, peça alguma coisa para comer assim mesmo.

– Por quê?

– Experimente.

– Está bem. – Os olhos dele piscaram. – Queria uma tigela do

ensopado da minha mãe.

O fruto fulgurou e uma tigela branca surgiu diante de nós. O aroma picante de ensopado de carneiro com ervas encheu o quarto.

– Como isso é possível?

– Vá em frente, Sr. Kadam. Deseje algo mais. Alguma comida.

– Quero um iogurte de manga.

O fruto cintilou mais uma vez e um pequeno pote de iogurte de manga apareceu.

– Viu? É o fruto que faz isso! Ele *alimenta* a Índia. Entendeu?

Ele pegou o fruto com todo o cuidado.

– Que descoberta impressionante! Já contou para Ren?

Corei, culpada.

– Não, ainda não. Mas o senhor pode contar.

Ele assentiu, atônito, e revirou o fruto nas mãos, olhando-o de todos os ângulos.

– Sr. Kadam? Tem outra coisa que eu queria lhe falar.

Ele deixou o fruto de lado com delicadeza e voltou toda sua atenção para mim.

– Claro, Srta. Kelsey. O que é?

Soltei um profundo suspiro.

– Acho que é hora... de eu voltar para casa.

Ele se recostou na cadeira, juntou os dedos e me olhou, pensativo.

– Por que acha isso?

– Bem, como o senhor disse, tem esse tal Lokesh, e também tem outras... coisas.

– Outras coisas?

– Sim.

– Como, por exemplo...

– Como, por exemplo... bem, não quero me aproveitar de sua hospitalidade para sempre.

Ele dispensou meu argumento.

– Bobagem. Você faz parte da família. Temos uma dívida eterna com você, que jamais poderá ser paga. Esta casa é tão sua quanto nossa.

Sorri para ele, agradecida.

– Obrigada. Mas não é só isso, é também... Ren.

– Ren? Quer me falar sobre isso?

Eu me sentei na borda do sofá e abri a boca para dizer que não queria falar desse assunto, mas acabou transbordando. Antes que me desse conta, eu chorava, e ele estava sentado ao meu lado dando tapinhas na minha mão e me consolando, como se fosse meu avô.

Ele não disse nada. Simplesmente me deixou pôr para fora toda a mágoa, a confusão e os sentimentos novos. Quando terminei, ele me afagou as costas, enquanto eu soluçava, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Ele me entregou um lenço de tecido caro e desejou ter uma xícara de chá de camomila para me dar.

Em meio às lágrimas, ri de sua expressão encantada ao me entregar o chá. Então assoei o nariz e me acalmei. Estava horrorizada com o fato de ter lhe confessado tudo. *O que ele deve estar pensando de mim?* De repente outro pensamento atravessou meu desespero: *E se ele contar a Ren?*

Como se lesse meus pensamentos, o Sr. Kadam disse:

– Srta. Kelsey, não se sinta mal por ter me contado.

– Por favor, *por favor*, não conte para Ren – implorei.

– Fique tranquila, não vou trair sua confiança. – Ele deu uma risadinha. – Sou muito bom em guardar segredos, minha querida. Não se desespere. A vida muitas vezes parece sem esperanças e complicada demais para um desfecho feliz. Eu só espero poder lhe oferecer um pouco da paz e da harmonia que você me devolveu.

Ele recostou-se na cadeira, pensativo, afagando a barba curta.

– Talvez seja mesmo hora de você voltar para o Oregon. Está certa quando diz que Ren precisa de tempo para aprender a ser um homem outra vez, embora não exatamente da forma que você acredita. Além disso, tenho muitas pesquisas para fazer antes de sairmos à procura da segunda oferenda de Durga.

Ele fez uma pausa.

– É claro que vou tomar as providências para sua viagem. Nunca se esqueça, porém, de que esta casa é sua e de que pode me ligar quando quiser e eu a trarei de volta imediatamente. Se a senhorita não achar muito atrevimento da minha parte, eu a considero uma filha. – Ele riu. – Ou talvez uma neta seja o mais exato.

Sorri para ele, trêmula, abracei-o e soluzei novamente em seu ombro.

– Obrigada. Muito obrigada. Também considero o senhor parte da minha família. Vou sentir muito a sua falta.

Ele retribuiu meu abraço.

– Também sentirei saudade. Agora, chega de lágrimas. Por que não vai nadar e pegar um pouco de ar fresco enquanto eu tomo as providências?

Enxuguei uma lágrima que cintilava no meu olho.

– Boa ideia. Acho que vou fazer isso.

Ele apertou minha mão e saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente ao passar.

Seguindo seu conselho, vesti o maiô e fui para a piscina. Fiquei nadando, tentando pôr energia em outra coisa que não minhas emoções. Quando senti fome, experimentei desejar um sanduíche triplo de presunto, alface e tomate, e um desses surgiu ao lado da piscina.

Isto é muito útil! Não preciso nem estar no mesmo cômodo do fruto! Eu me pergunto qual será o alcance dele.

Comi o sanduíche e me deitei em uma toalha de praia até minha pele ficar quente. Então pulei na piscina e fiquei boiando preguiçosamente por um tempo.

Um homem alto se aproximou e parou ao lado da piscina, diante do sol. Mesmo protegendo os olhos com a mão, eu não conseguia ver seu rosto, mas sabia quem era.

– Ren! Você não pode me deixar em paz? – resmunguei, mal-humorada. – Não quero falar com você agora.

O homem saiu da frente do sol e eu estreitei os olhos para vê-lo.

– Você não quer me ver? Depois de eu ter percorrido toda essa distância? – Ele estalou a língua. – Tsc, tsc, tsc. Alguém precisa lhe ensinar boas maneiras, senhorita.

– Kishan? – arquejei.

Ele sorriu.

– Quem mais, *bilauta*?

Dei um grito, subi em disparada os degraus da piscina e corri para ele, que abriu os braços para mim e riu quando lhe dei um grande abraço molhado.

– Não posso acreditar que esteja aqui! Estou tão feliz!

Ele me olhou de cima a baixo com seus olhos dourados, tão diferentes dos de Ren.

– Bem, se eu soubesse que era esse tipo de recepção que me esperava, teria vindo muito mais cedo.

Eu ri.

– Pare de brincar. Como foi que você chegou aqui? Também ganhou seis horas? Precisa me contar tudo!

Ele ergueu a mão e deu uma risadinha.

– Espere, espere. Em primeiro lugar, quem está brincando? E, em segundo, por que você não se troca e nos sentamos para uma longa conversa?

– Está bem. – Sorri para ele e hesitei. – Mas podemos continuar aqui na piscina?

Ele inclinou a cabeça, confuso, mas sorriu.

– Claro, se quiser. Vou esperar você aqui.

– Certo. Não se mova. Volto já!

Subi correndo a escada dos fundos que levava ao meu quarto, tomei um banho rápido, me vesti e pentei os cabelos. Também pedi duas vacas-pretas, cortesia do Fruto Dourado, e as levei comigo.

Quando voltei à piscina, ele havia carregado duas espreguiçadeiras para a sombra e estava recostado, relaxando com as mãos atrás da cabeça e os olhos fechados. Vestia camiseta preta com calça jeans e seus pés estavam descalços. Afundei na outra cadeira e lhe entreguei um dos copos.

– O que é isso que você trouxe para mim?

– É refrigerante batido com sorvete. Experimente.

Ele tomou um gole e tossiu. Eu ri.

– As bolhas subiram pelo nariz?

– Parece que sim. Mas é gostoso. Muito doce. Acho que me lembra você. É do seu país?

– É.

– Se eu quiser responder às suas perguntas antes que a noite caia, acho melhor começar. – Ele tomou outro gole da bebida e continuou: – Primeiro, você perguntou se eu também consegui minhas seis horas. A resposta é sim. Sabe, é estranho. Vivi resignado como tigre por séculos, mas, depois que você e Dhiren estiveram lá, passei a me sentir desconfortável em meu pelo negro. Pela primeira vez em muito tempo, eu queria me sentir vivo outra vez, não como um animal, mas como eu mesmo.

– Entendo. Como você descobriu que tinha seis horas? E como chegou aqui?

– Eu tinha começado a usar meus minutos como humano todos os

dias e também passara a ir sorrateiramente às vilas próximas para observar as pessoas e ver o que o mundo moderno oferece. – Ele suspirou com tristeza. – O mundo mudou muito desde que deixei de fazer parte dele.

Assenti e ele prosseguiu.

– Um dia, há cerca de uma semana, eu observava, como homem, as crianças brincando na praça do vilarejo. Sabia que meu tempo estava se esgotando, então voltei para a selva e esperei os tremores que precedem a transformação. Mas eles não vieram.

Ele sorria ao fazer seu relato.

– Esperei uma hora, depois duas, e nada. Eu sabia que alguma coisa havia acontecido. Atravessei a selva e esperei até sentir o impulso do tigre tomar conta de mim novamente. Testei no dia seguinte, e no outro, e o tempo era o mesmo todos os dias. Então concluí que você e Ren haviam tido sucesso, pelo menos parcial. Depois disso, voltei para a vila como homem e pedi a algumas pessoas que me ajudassem a fazer uma ligação para o Sr. Kadam. Alguém finalmente descobriu como falar com ele, que foi me buscar.

– Então foi por isso que o Sr. Kadam esteve ausente nos últimos dias.

Kishan me olhou de cima a baixo, tornou a se reclinar e bebericou sua vaca-preta, parecendo aprovar. Ergueu o copo para mim.

– Preciso confessar que não fazia a menor ideia do que estava perdendo.

Ele sorriu e esticou as longas pernas diante de si, cruzando-as nos tornozelos.

– Bem, estou feliz que tenha vindo – declarei. – Esta é a sua casa e o seu lugar é aqui.

Ele ficou sério e seus olhos se perderam na distância.

– Acho que sim. Durante muito tempo, achei que não havia mais nenhuma centelha de humanidade em mim. Minha alma era sombria. Mas você, minha querida – ele estendeu o braço, pegou a minha mão e a beijou –, me trouxe de volta à luz.

Pousei a mão levemente em seu braço.

– Você apenas sentia a falta de Yesubai. Não acredito que sua alma fosse sombria ou que você tivesse perdido sua humanidade. Só que leva tempo para sarar quando seu coração é partido dessa maneira.

Seus olhos piscaram.

– Talvez você esteja certa. Agora, me conte suas aventuras! O Sr. Kadam me pôs a par dos fatos básicos, mas quero saber dos detalhes.

Contei-lhe sobre as armas de Durga e ele demonstrou grande interesse na *gada* em particular. Riu quando contei a história dos macacos atacando Ren e me olhou horrorizado quando descrevi o *kappa* que quase me matara. Era fácil conversar com ele. Kishan ouvia com interesse e eu não sentia o frio na barriga que experimentava quando estava com Ren.

Ao concluir a história, fitei a piscina enquanto Kishan estudava com atenção o meu rosto.

– Tem mais uma coisa que está me deixando curioso, Kelsey.

Sorri para ele.

– O que mais você quer saber?

– O que exatamente está acontecendo entre você e Ren?

Algo comprimiu o meu peito, mas tentei parecer indiferente.

– O que quer dizer?

– Vocês dois são mais do que companheiros de viagem? Estão juntos?

Respondi rápido:

– Não. Claro que não.

Ele sorriu.

– Ótimo! – Ele pegou minha mão e a beijou. – Então isso significa que você está livre para sair comigo. Nenhuma garota em seu juízo perfeito iria mesmo querer ficar com Ren. Ele é muito... monótono. Frio, no que diz respeito a relacionamentos.

Por um momento, fiquei boquiaberta, chocada, e então senti a raiva varrer o choque e assumir seu lugar.

– Ei! Em primeiro lugar, não vou ficar com nenhum dos dois. Segundo, uma garota precisa ser louca para não querer Ren. Você está errado em relação a ele. Ele não é nem monótono nem frio. Na verdade, ele é atencioso, carinhoso, lindo, confiável, leal, doce e charmoso.

Ele me avaliou, pensativo, por um instante. Eu me remexi, desconfortável sob o seu olhar, sabendo que falara rápido demais e mais do que devia.

– *Entendo* – aventurou-se ele, cauteloso. – Talvez você tenha razão. O Dhiren que conheci certamente mudou nas últimas centenas de anos. No entanto, apesar disso e de você sustentar que não vai ficar

com nenhum de nós, eu queria propor sairmos para comemorar hoje à noite. Se não como minha... qual é a palavra adequada?

– A palavra é namorada.

– Namorada. Se não como namorada... então como amiga.

Fiz uma careta.

Kishan continuou pressionando:

– Com certeza você não vai me deixar por aí, sozinho e indefeso, em minha primeira noite no mundo real, não é?

Ele sorriu, tentando me convencer. Eu queria, sim, ser sua amiga, mas não sabia o que dizer em relação ao convite. E, por um breve momento, me perguntei como Ren se sentiria em relação a isso e quais poderiam ser as consequências.

– Onde você quer comemorar? – perguntei.

– O Sr. Kadam disse que tem uma boate numa cidade aqui perto onde se pode jantar e dançar. Pensei que poderíamos dar uma passada lá, quem sabe comer alguma coisa, e você poderia me ensinar a dançar.

Eu ri, nervosa.

– Esta é a primeira vez que venho à Índia e não sei nada sobre a música e a dança daqui.

Kishan pareceu ainda mais animado.

– Ótimo! Então vamos aprender juntos. Não aceito não como resposta.

Ele se levantou para ir, apressado.

– Espere, Kishan! – gritei. – Eu nem sei o que vestir!

– Pergunte a Kadam. Ele sabe tudo! – gritou sobre o ombro.

Assim que ele desapareceu na casa, mergulhei, melancólica, em um estado de depressão. A última coisa que eu queria fazer era tentar me divertir quando me encontrava emocionalmente vazia. No entanto, eu me sentia feliz por Kishan estar de volta e em ótimo astral.

No fim, concluí que, embora não sentisse vontade de comemorar nada, eu não queria frustrar o recém-descoberto entusiasmo de Kishan pela vida. Inclinei-me para recolher os copos vazios de nossas bebidas e descobri que eles haviam desaparecido.

Incrível! O Fruto Dourado não só provê a comida como também cuida da louça!

Eu me levantava para entrar na casa quando pressenti alguma coisa. Um arrepio percorreu meus braços. Olhei ao redor, mas não vi

nem ouvi nada. Então senti um zumbido elétrico atravessar meu corpo. Alguma coisa me puxou e me fez erguer os olhos para a sacada. Lá estava Ren de pé, encostado em uma coluna, os braços cruzados sobre o peito, me observando.

Ficamos nos olhando por um minuto, sem dizer nada, mas pude sentir o clima entre nós se modificar, tornando-se denso, opressivo e tangível – como quando o ar muda pouco antes de uma tempestade. Eu podia sentir seu poder me envolver ao roçar minha pele. Embora não pudesse vê-la, sabia que uma tempestade estava chegando.

O ar opressivo me puxava como uma contracorrente, tentando me sugar de volta para o vácuo de poder que Ren havia criado entre nós. Eu sentia que precisava me arrancar fisicamente dele. Fechei os olhos e ignorei aquela mudança, seguindo em frente.

Quando finalmente me liberei daquilo, uma sensação horrível e dilacerante tomou conta de mim, e eu me vi girando no vazio sozinha. Enquanto me arrastava até o quarto e fechava a porta, podia sentir seus olhos ainda em mim, me queimando e abrindo um buraco abrasador nas minhas costas. Entrei, rígida, no quarto escuro, arrastando os fios rompidos e desconectados atrás de mim.

Fiquei no quarto pelo resto da tarde. O Sr. Kadam foi me ver e expressou sua felicidade ao saber que eu sairia à noite com Kishan. Ele sugeriu que todos fôssemos juntos, para comemorar.

– Então o senhor e Ren querem ir também? – perguntei.

– Não vejo por que não. Vou falar com ele.

– Sr. Kadam, talvez fosse melhor vocês terem uma noite exclusivamente masculina. Eu só vou atrapalhar.

– Bobagem, Srta. Kelsey. Todos temos motivos para comemorar e eu vou cuidar para que Ren se comporte bem.

Ele se virava para sair quando eu disse:

– Espere! O que eu devo usar?

– Pode usar o que quiser. Roupas modernas ou um traje mais tradicional. Por que não usa sua *sharara*?

– Não acha que vou ficar deslocada?

– Não. Muitas mulheres usam essa peça em celebrações. Seria perfeitamente aceitável.

Meu rosto mostrou preocupação e ele acrescentou:

– Se não quer usá-la, pode escolher uma de suas roupas comuns. As duas opções são apropriadas.

Ele saiu e eu dei um gemido. Tentar comemorar sozinha com Kishan já era bastante difícil, mas pelo menos ele não me fazia sentir como se estivesse me afogando em um turbilhão de emoções. Agora Ren estaria lá. Seria um tormento.

Eu me sentia estressada diante da ideia de sair de casa. Queria vestir roupas comuns, mas sabia que os rapazes provavelmente usariam Armani ou algo do tipo, e eu não queria ficar ao lado deles de jeans e tênis. Então optei pela *sharara*.

Peguei a saia pesada e o top no closet, corri a mão sobre os bordados de contas e suspirei. Era tão linda. Demorei um pouco arrumando o cabelo e fazendo a maquiagem. Realçando os olhos com mais rímel e lápis do que costumava usar, também passei um pouco de sombra cinza-púrpura e usei uma prancha para alisar o cabelo. A sensação de alisá-lo em longos movimentos era bastante terapêutica e me ajudou a relaxar.

Quando terminei, meus cabelos castanho-dourados estavam lisos e brilhantes, caindo soltos pelas costas. Deslizei o corpete azul cuidadosamente pela cabeça e peguei a saia pesada. Ajeitei-a na cintura, alinhando as dobras brilhantes, gostando da sensação de peso que ela dava. Ao manusear o intrincado desenho de lágrimas de pérolas, não pude deixar de sorrir.

Estava lamentando que o Fruto Dourado não pudesse criar calçados quando uma batida soou à porta. O Sr. Kadam estava à minha espera.

– Está pronta, Srta. Kelsey?

– Quase. Não tenho sapatos.

– Ah, talvez possa pegar alguma coisa emprestada no closet de Nilima.

Eu o segui até o quarto de Nilima, onde ele abriu o closet e apanhou um par de sandálias douradas. Ficaram um pouco grandes, mas eu as amarrei bem e acabou dando certo. O Sr. Kadam me ofereceu o braço.

– Espere um segundo. Esqueci uma coisa.

Corri de volta ao meu quarto e peguei a echarpe *dupatta*, enrolando-a em torno dos ombros.

Ele sorriu e me ofereceu o braço novamente. Saímos da casa e fomos até a entrada, onde eu esperava ver o Jeep. Em seu lugar, porém, estava estacionado um lustroso Rolls-Royce Phantom prata. O Sr. Kadam abriu a porta para mim e eu mergulhei no luxuoso interior

de couro cinza.

– De quem é este carro? – perguntei, passando a mão pelo painel polido.

– É meu. – O Sr. Kadam sorriu, radiante, obviamente cheio de orgulho. – Os automóveis na Índia, em sua maioria, são muito pequenos e econômicos. Na verdade, apenas um por cento da população tem carro. Quando se compara os automóveis da Índia com os americanos...

Ele citou rapidamente vários outros fatos sobre automóveis antes de virar a chave na ignição enquanto eu sorria e afundava no banco ouvindo com muita atenção.

– Kishan já está descendo e Ren... não quis vir.

– Entendo.

Eu deveria ter ficado feliz, mas me senti desapontada. Sabia que era melhor se não ficássemos nenhum tempo juntos até essa paixão, ou o que quer que fosse, passar, e ele provavelmente estava apenas respeitando meu desejo de não vê-lo, mas ainda havia uma parte de mim que queria estar com ele pelo menos essa última vez.

Engoli meus sentimentos e sorri para o Sr. Kadam.

– Tudo bem. Vamos nos divertir sem ele.

Kishan saiu apressado pela porta. Usava um suéter fino de decote em V cor de vinho sobre a calça cáqui. Seus cabelos tinham sido cortados em camadas irregulares, penteados para lhe dar uma aparência hollywoodiana. O suéter revelava sua estrutura musculosa. Ele estava muito bonito.

Abriu a porta traseira do carro e entrou.

– Desculpem a demora.

E se inclinou entre os bancos dianteiros.

– Ei, Kelsey, você... – Ele se deteve e assoviou. – Uau, Kelsey! Você está incrível! Vou ter que afugentar os outros homens com uma vara!

Fiquei vermelha.

– Até parece. Você não vai nem conseguir chegar perto de mim, com a multidão de mulheres que irá cercá-lo.

Ele sorriu e se recostou no banco.

– Fico feliz que Ren tenha decidido recuar. Assim tenho mais de você para mim.

– Humm...

Virei-me para a frente e afivelei o cinto de segurança.

Paramos diante de um belo restaurante com uma varanda que o circundava em toda sua extensão e Kishan correu para me abrir a porta. Em seguida me ofereceu o braço enquanto me dirigia um sorriso irresistível. Ri e aceitei o braço, determinada a aproveitar a noite.

Fomos conduzidos a uma mesa nos fundos. A garçonete se aproximou e eu tomei a liberdade de escolher refrigerante de cereja para mim e para Kishan. Ele pareceu feliz em me deixar sugerir as opções de comida para ele.

Foi divertido olharmos o cardápio juntos. Ele me perguntou quais eram os meus pratos preferidos e o que ele deveria experimentar. Ele traduzia o que o cardápio dizia e eu dava a minha opinião. O Sr. Kadam pediu um chá de ervas e sentou-se calado bebericando o chá enquanto ouvia nossa conversa. Depois de pedirmos a comida, ficamos observando os casais na pista de dança.

A música era suave e lenta, clássicos atemporais, mas em uma língua diferente. Deixei que a melancolia tomasse conta de mim e me calei. Quando a comida chegou, Kishan começou a comer com satisfação e ficou feliz em terminar o meu prato quando eu já estava satisfeita. Ele parecia fascinado com tudo – as pessoas, a língua, a música e, principalmente, a comida. Fez milhares de perguntas ao Sr. Kadam: “Como eu pago?”, “De onde veio o dinheiro?”, “Quanto se dá ao garçom?”.

Eu ouvia e sorria, mas meus pensamentos estavam distantes. Quando os pratos foram retirados, ficamos bebericando e observando as pessoas à nossa volta.

O Sr. Kadam pigarreou.

– Srta. Kelsey, posso ter o prazer desta dança?

Ele se levantou e estendeu o braço. Seus olhos brilhavam e ele sorria para mim. Olhei para ele com meu sorriso lacrimoso e pensei em como iria sentir a falta desse homem bondoso.

– Claro que sim, meu caro senhor.

Ele afagou minha mão em seu braço e me conduziu para a pista de dança. Ele dançava muito bem. Até então eu só havia dançado com garotos da escola em bailes e em geral eles apenas se movimentavam em círculo até a música acabar. Não era nada interessante nem empolgante. Dançar com o Sr. Kadam era muito mais divertido. Ele me conduziu por toda a pista de dança, me girando em círculos que

faziam minha saia se abrir como um leque. Eu ri e me diverti com ele, que me rodopiava e me trazia de volta habilmente a cada vez.

Quando a música acabou, voltamos para a mesa. O Sr. Kadam agiu como se estivesse velho e sem fôlego, mas, na verdade, era eu quem estava ofegante. Kishan batia o pé no chão, impaciente, e assim que voltamos ele se pôs de pé, agarrou minhas mãos e me levou de volta para a pista.

Dessa vez a música era mais rápida. Kishan parecia um bom aprendiz, pois observava com atenção e copiava os movimentos das outras pessoas dançando na pista. Ele tinha um bom ritmo, mas estava exagerando na tentativa de parecer natural. Foi divertido, porém, e eu ri o tempo todo.

A música seguinte era uma canção de amor lenta e eu comecei a voltar para a mesa, mas Kishan pegou a minha mão e disse:

– Espere, Kelsey, quero experimentar esta.

Ele observou por alguns segundos um casal perto de nós. Em seguida, colocou meus braços em torno de seu pescoço e enlaçou minha cintura. Manteve os olhos nos outros casais por mais alguns segundos apenas e então me olhou com um sorriso travesso.

– Posso ver claramente o benefício deste tipo de dança. – Ele me puxou um pouco mais para perto e murmurou: – Sim. Isso é muito bom.

Suspirei e deixei meus pensamentos vagarem por um momento. Um som de repente vibrou através do meu corpo. Um ronco profundo. Não. Um leve grunhido. Que mal se podia ouvir acima da música. Ergui os olhos para Kishan, me perguntando se também ouvira, mas ele fitava alguma coisa por cima da minha cabeça.

Uma voz baixa porém poderosa disse atrás de mim:

– Creio que esta seja a *minha* dança.

Era Ren. Eu podia sentir sua presença. Seu calor se infiltrou em minhas costas e eu estremeci, como folhas à brisa morna da primavera.

Kishan estreitou os olhos e disse:

– Creio que a escolha é da dama.

Kishan baixou os olhos para mim. Eu não queria provocar uma cena, por isso simplesmente assenti e tirei meus braços de seu pescoço. Kishan fuzilou seu substituto com os olhos e, furioso, deixou a pista de dança.

Ren se colocou diante de mim, tomou minhas mãos nas dele e as

colocou em torno de seu pescoço, deixando meu rosto dolorosamente perto do seu. Em seguida deslizou as mãos de forma lenta e deliberada por meus braços nus e pelas laterais do meu corpo, até envolverem a cintura. Com os dedos, ele traçou pequenos círculos na parte inferior exposta das minhas costas, apertou minha cintura e me puxou, apertando meu corpo contra o dele.

Ren me conduziu habilmente durante a música lenta. Ele não falava nada, pelo menos não com palavras, mas enviava muitos sinais. Encostou a testa na minha e se inclinou para fazer carinho com o nariz em minha orelha. Enterrou o rosto em meu cabelo e brincou com os dedos em meu braço nu e em minha cintura.

Quando a música terminou, nós dois levamos um minuto para recuperar nossos sentidos e nos lembrar de onde estávamos. Ele traçou a curva do meu lábio inferior com o dedo e então tirou meus braços de seu pescoço e me levou até a varanda.

Pensei que iria parar ali, mas ele continuou, descendo os degraus e me levando a uma área arborizada, com bancos de pedra. A lua fazia sua pele brilhar. Ele vestia camisa branca e calça escura. O branco me fez pensar nele como tigre.

Ele me puxou para a sombra de uma árvore. Fiquei imóvel e calada, temendo dizer algo de que me arrependeria.

Ren segurou meu queixo e ergueu meu rosto para que pudesse me olhar nos olhos.

– Kelsey, tem algo que eu preciso lhe dizer. Quero que você fique calada e ouça.

Fiz que sim com a cabeça, hesitante.

– Primeiro, quero que saiba que ouvi tudo o que você me disse na outra noite e que venho pensando muito seriamente em suas palavras. É importante que você compreenda isso.

Ele mudou de posição, pegou uma mecha de meu cabelo e a prendeu atrás da orelha e depois roçou os dedos pelo meu rosto até os lábios. Sorriu docemente e eu senti que minha plantinha do amor se aquecia nesse sorriso e se voltava para ele como se ali estivessem contidos os raios nutritivos do sol.

– Kelsey – ele correu a mão pelos cabelos e seu sorriso doce se transformou em um sorriso torto –, o fato é que... estou apaixonado por você... já faz algum tempo.

Respirei fundo.

Ele pegou minha mão e brincou com os dedos.

– Não quero que você vá embora. – Começou a beijar meus dedos enquanto me olhava nos olhos. Era hipnótico. Ele tirou alguma coisa do bolso. – Quero lhe dar uma coisa. – Estendeu uma corrente de ouro com talismãs de sininhos tilintantes. – É uma tornozeleira. São muito populares aqui e escolhi esta para que nunca mais tenhamos que procurar um sino.

Ele se abaixou, segurou minha panturrilha por trás, deslizou a palma até meu tornozelo e prendeu o fecho. Eu oscilei e mal consegui me manter de pé. Ele deslizou levemente os dedos quentes pelos sinos antes de se levantar. Pondo as mãos em meus ombros, ele os apertou e me puxou para ele.

– Kells... *por favor*. – Ele me beijou na têmpora, na testa, na bochecha. Entre um beijo e outro, implorava docemente: – Por favor. Por favor. Por favor. Diga que vai ficar comigo. – Quando sua boca roçou a minha, ele disse: – Preciso de você. – E então esmagou os lábios contra os meus.

Senti minha determinação desmoronar. Eu o queria, queria muito. Também precisava dele. E quase cedi. Quase lhe disse que não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que estar com ele. Que não pensava que seria capaz de deixá-lo. Que, para mim, ele era mais importante do que tudo. Que eu abriria mão de qualquer coisa para ficar com ele.

Então ele me apertou mais e falou suavemente em meu ouvido:

– Por favor, não me abandone, *priya*. Não poderei viver sem você.

Meus olhos se encheram de lágrimas e as gotas brilhantes desceram pelas minhas faces. Toquei o seu rosto.

– Você não vê, Ren? É exatamente por isso que tenho que ir. Você precisa saber que pode viver sem mim. Que existe mais na vida do que eu. Precisa conhecer este mundo que se abriu para você e saber que tem escolhas. Eu me recuso a ser a sua jaula.

Era doloroso, mas eu precisava continuar. Respirei fundo.

– Eu poderia capturá-lo e mantê-lo preso, por puro egoísmo, a fim de satisfazer meus próprios desejos. Independentemente de você querer isso ou não, seria errado. Eu o ajudei para que você pudesse ser livre. Livre para ver e fazer todas as coisas que perdeu durante todos esses anos. – Minha mão deslizou de seu rosto para o pescoço. – Devo colocar uma coleira em você? Acorrentá-lo para que passe a vida ligado a mim por obrigação? – Sacudi a cabeça. Agora eu chorava copiosamente. – Sinto muito, Ren, mas não vou fazer isso com você.

Não posso. Porque... eu também amo você.

Beijei-o rapidamente uma última vez. Então segurei a saia e voltei correndo para o restaurante. O Sr. Kadam e Kishan me viram entrar, olharam meu rosto e na mesma hora se levantaram para sair. Para minha sorte, os dois se mantiveram calados no caminho para casa, enquanto eu chorava baixinho e enxugava com as costas da mão as lágrimas que não paravam de fluir. Quando chegamos, um Kishan sério apertou meu ombro, saiu e entrou em casa. Respirei fundo e disse ao Sr. Kadam que gostaria de ir para casa pela manhã.

Ele assentiu em silêncio e eu corri para o quarto, fechei a porta e me joguei na cama. Então me desmanchei em uma poça abatida de choro desesperado. Por fim, o sono me venceu.

Na manhã seguinte, me levantei cedo, lavei o rosto e traneei os cabelos, amarrando a ponta com uma fita vermelha. Vesti jeans, camiseta e meus tênis, e guardei minhas coisas em uma bolsa grande. Estendendo a mão para tocar a *sharara*, concluí que ela guardava lembranças demais para que eu a levasse comigo, então a deixei no closet. Escrevi um bilhete para o Sr. Kadam, dizendo-lhe onde estavam a *gada* e o Fruto Dourado e pedindo-lhe que os guardasse no cofre da família e que desse a *sharara* para Nilima.

Decidi levar Fanindra comigo. Agora eu a considerava uma amiga. Coloquei-a com cuidado em cima da minha colcha e apanhei a delicada tornozeleira que Ren me dera. Os sininhos tilintaram quando passei o dedo por eles. Eu pretendia deixá-la na cômoda, mas mudei de ideia no último minuto. Provavelmente era uma atitude egoísta, mas eu a queria. Queria ter alguma coisa dele, uma lembrança. Deixei-a cair em minha bolsa e fechei o zíper.

A casa estava quieta. Em silêncio, desci a escada e passei pela sala do pavão, onde encontrei o Sr. Kadam sentado à minha espera. Ele pegou minha bolsa e me acompanhou até o carro. Após dar a partida, circundou o caminho de pedra lentamente. Virei-me para dar uma última olhada naquele lindo lugar que eu via como lar. Enquanto seguíamos pela estrada margeada por árvores, fiquei olhando a casa até as árvores bloquearem minha visão.

Nesse momento, um rugido ensurdecedor e de partir o coração sacudiu as árvores. Virei-me no assento e fitei a estrada deserta à minha frente.



Sombra

O homem impecavelmente vestido encontrava-se diante da janela do escritório em seu apartamento de cobertura. Olhou as luzes da cidade lá embaixo e cerrou os punhos.

Vivia em uma cidade de 29 milhões de habitantes, a cidade de maior densidade populacional do mundo, mas as gerações iam e vinham, como ondas batendo na praia, e ele permanecia sozinho, uma sentinela firme e inabalável, deixando as ondas da humanidade passarem por ele.

*Como se encontra uma pessoa pequenina em uma cidade de milhões?
E o que dizer de um mundo de bilhões?*

Passados todos esses séculos, os outros pedaços do Amuleto de Damon haviam ressurgido – e, com eles, uma garota. Há muito, muito tempo ele não sentia essa onda de energia.

Uma campainha suave anunciou o retorno de seu assistente, que entrou e se curvou. Em seguida, endireitou-se e disse apenas três palavras, aquelas que seu patrão vinha ansiando ouvir desde o momento em que tivera o vislumbre de um velho inimigo e de uma garota misteriosa.

– Nós a encontramos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a meu grupo inicial de leitores. Minha família – Kathy, Bill, Wendy, Jerry, Heidi, Linda, Shara, Tonnie, Megan, Jared e Suki. E aos amigos – Rachelle, Cindy, Josh, Nancy e Linda.

Agradecimentos especiais à minha editora na Índia, Sudha Seshadri. Seu entusiasmo e sua orientação em relação à língua e à cultura indianas foram de valor inestimável. Se persistem quaisquer discrepâncias, culturais ou linguísticas, estas são inteiramente de minha responsabilidade, e eu peço desculpas por algum equívoco.

Serei sempre grata ao meu marido, que passou por incontáveis edições do texto. Seu entusiasmo me fez continuar escrevendo.

Obrigada a minha amiga Linda, que me deu excelentes feedbacks a cada capítulo.

Obrigada à minha irmã Linda, que é minha confidente, cabeleireira, *personal chef*, governanta e confeitadeira. Sem ela, não haveria *cookies* de manteiga de amendoim com gotas de chocolate. Ela manteve minha casa em funcionamento para que eu pudesse escrever este primeiro livro.

Também gostaria de expressar minha gratidão a Tina Anderson, gerente das Polk County Fairgrounds, e a meus editores – Rhadamanthus, Gail Cato, Mary Hern e, especialmente, Cindy Loh. Vivas para meu agente, Alex Glass, que gentilmente me ajudou a superar a síndrome pós-traumática das cartas de rejeição, assim como pacientemente me explicou todas as partes comerciais da indústria editorial, e obrigada por toda a ajuda de sua equipe na Trident Media.

Obrigada a todos da Booksurge, que pôs minha edição independente no mercado. Gostaria de afirmar minha eterna gratidão a Judi Powers e a todas as pessoas na Sterling que formaram o Time do Tigre com um nível de entusiasmo tão grande e inteiramente inesperado. Eu me sinto extremamente humilde e grata por sua disposição em dar uma oportunidade a meus tigres e a esta nova autora.

Obrigada a Raffi Kryszek, que foi o primeiro no mundo

convencional dos livros e filmes a abraçar minha história. Assim como eu, é um fã de Star Trek, com um sorriso largo que nunca deixa seu rosto, cuja energia para a minha série, e os tigres em geral, compara-se e talvez até supere a minha. E obrigada à sua sobrinha de 11 anos que lhe deu o livro em primeiro lugar.

Abraços extraespeciais para minhas sobrinhas e sobrinhos que me emprestaram seus nomes – Michael, Matthew, Sarah, Rebecca, Sammy, Joshua, M. Cathleen, D. Andrew e Madison. Prometo que incluo os outros mais tarde.



o resgate do tigre

COLLEEN HOUCK

autora de *A maldição do tigre*



o resgate do tigre

COLLEEN HOUCK

o resgate do tigre



Título original: *Tiger's Quest*

Copyright © 2011 por Colleen Houck

Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Melissa Lopes Leite

revisão: Natália Klussmann e Rafaella Lemos

projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Katrina Damkoehler

imagem de capa: Cliff Nielsen

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

ebook: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para meu marido, Brad – prova de que
de fato existem caras assim por aí.*

O tear do tempo

Autor desconhecido

A vida do homem é urdida no tear do tempo
Em um padrão que ele nem mesmo vê,
Enquanto os tecelões trabalham e as lançadeiras
Voam até a aurora da eternidade.

Algumas lançadeiras sustentam fios de prata
Enquanto em outras deslizam fios de ouro,
Embora muitas vezes os matizes mais escuros
Sejam tudo o que se possa ver.

Mas os tecelões observam com olho hábil
Cada lançadeira correr de cá para lá,
E veem o padrão surgir tão destramente
No movimento lento e certo do tear.

É Deus decerto quem planeja a trama:
Cada fio, o escuro e o claro,
É escolhido por Sua habilidade mestra
E colocado na urdidura com esmero.

Ele, que só lhes conhece a beleza,
Guia as lançadeiras em que passam
Tanto os fios menos atraentes
Como os do mais puro ouro.

Só quando cada tear houver silenciado
E a lançadeira deixar de deslizar,
Deus irá revelar a trama
E a cada um explicar o porquê

De os fios escuros serem necessários
Na hábil mão do tecelão
Tanto quanto os de ouro e prata
Para a trama que Ele planejou.



De volta para casa

Agarrei-me ao assento de couro e senti o coração disparar enquanto o avião particular ganhava o céu, afastando-se da Índia. Tinha certeza de que, se soltasse o cinto de segurança, atravessaria o piso e mergulharia numa queda livre em direção às selvas lá embaixo. Somente assim eu me sentiria inteira novamente. Eu havia deixado meu coração na Índia e podia sentir sua ausência em meu peito. Tudo o que restava de mim era uma casca vazia, entorpecida e sem sentido.

A pior parte era que... *eu* tinha feito isso a mim mesma.

Como pude me apaixonar? E por alguém tão... complicado?

Os últimos meses tinham voado. Não sei como, de um trabalho no circo, eu partira numa viagem para a Índia com um tigre – que vinha a ser um príncipe indiano – e travara batalhas contra criaturas imortais, tentando juntar os pedaços de uma profecia perdida. Agora minha aventura havia chegado ao fim e eu estava sozinha.

Era difícil acreditar que apenas alguns minutos antes eu tinha dito adeus ao Sr. Kadam. Ele não falara muita coisa. Havia se limitado a dar tapinhas em minhas costas enquanto eu o abraçava com força, sem querer soltá-lo. Por fim, o Sr. Kadam se libertara dos meus braços, murmurara algumas palavras na tentativa de me tranquilizar e me entregara aos cuidados de sua tatatatataraneta, Nilima.

Felizmente, no avião, Nilima me deixou sozinha. Eu não queria a companhia de ninguém. Ela me serviu o almoço, mas eu não conseguia nem pensar em comer. Sabia que estaria delicioso, porém tinha a sensação de estar andando perto de areia movediça. A qualquer segundo poderia ser sugada para um abismo de desespero. A última coisa que eu queria era comer. Sentia-me desgastada e inútil, como o embrulho amassado de um presente de Natal.

Nilima retirou a refeição e tentou me seduzir com minha bebida favorita – água bem gelada com limão –, mas eu a deixei na mesa. Fiquei olhando para o vidro sabe-se lá por quanto tempo, observando a água se condensar no exterior do copo, formando gotículas que escorriam lentamente e empoçavam em torno da base.

Tentei dormir, esquecer tudo por pelo menos algumas horas, mas aquela tranquilidade estava fora do meu alcance. Pensamentos sobre meu tigre branco e a maldição secular que o aprisionava disparavam em minha mente enquanto eu examinava o espaço ao redor. Eu fitava o assento do Sr. Kadam vazio à minha frente, olhava pela janela ou observava uma luz piscando na parede. De vez em quando me voltava para minha mão, traçando com o dedo o lugar onde o desenho de hena feito por Phet já não era mais visível.

Nilima voltou trazendo um MP3 player com milhares de músicas. Várias eram de artistas indianos, mas a maior parte era de americanos. Rolei a tela em busca das canções de amor mais tristes, pus os fones nos ouvidos e apertei o PLAY.

Abri o zíper da mochila para pegar a colcha de minha avó e só então lembrei que havia embrulhado Fanindra com ela. Puxando as pontas da colcha, espiei a cobra dourada, um presente da deusa Durga, e a coloquei ao meu lado no braço da poltrona. A joia encantada estava enroscada, descansando – ou pelo menos era o que eu supunha. Esfregando-lhe a cabeça dourada e lisa, sussurrei:

– Você é tudo que eu tenho agora.

Estendendo a colcha sobre minhas pernas, recostei-me na poltrona reclinada, olhei para o teto do avião e fiquei ouvindo uma canção chamada “One Last Cry”. Mantendo o volume baixo, coloquei Fanindra no colo e acariciei os anéis reluzentes de seu corpo. O brilho verde dos olhos preciosos da cobra iluminava suavemente a cabine do avião e me consolava, enquanto a música preenchia o vazio em minha alma.



Estudos

Várias horas letárgicas mais tarde, o avião finalmente aterrisou no aeroporto de Portland, no Oregon. Quando meus pés tocaram o asfalto da pista, corri o olhar pelo terminal e pelo céu cinzento e nublado. Fechei os olhos e deixei a brisa fria soprar minha pele. Ela trazia o cheiro da mata. Um chuvisco suave molhou meus braços nus. Era bom estar em casa.

Respirando fundo, senti o Oregon me trazer de volta à realidade. Eu fazia parte daquela terra e ela fazia parte de mim. Meu lugar era ali – onde eu crescera e passara toda a minha vida. Minhas raízes estavam ali. Meus pais e minha avó estavam enterrados ali. O Oregon me recebeu como a uma filha amada, acolheu-me em seus braços frios, acalmou minha mente e, por meio de seus pinheiros sussurrantes, me prometeu paz.

Nilima desceu os degraus logo depois de mim e esperou em silêncio enquanto eu absorvia o ambiente familiar. Ouvi o zumbido de um motor veloz e um conversível azul-cobalto surgiu na esquina. O elegante carro esportivo era da mesma cor dos olhos *dele*.

O Sr. Kadam deve ter providenciado o carro. Revirei os olhos lembrando seu gosto por coisas caras. Ele planejava cada mínimo detalhe – e sempre com estilo. *Pelo menos o carro é alugado*, pensei.

Guardei minha bagagem no porta-malas e li na traseira: Porsche Boxster RS 60 Spyder. Balancei a cabeça e murmurei:

– Meu Deus, Sr. Kadam, eu me contentaria em pegar o ônibus para Salem.

– O quê? – perguntou Nilima, educadamente.

– Nada. Só estou feliz por chegar em casa.

Fechei o porta-malas e afundei no assento de couro em dois tons de

azul e um de cinza. Partimos em silêncio. Nilima sabia exatamente aonde estava indo, portanto não me dei ao trabalho de lhe ensinar o caminho. Apenas recostei a cabeça e fiquei observando o céu e a paisagem verde pela janela.

Adolescentes passavam por nós, assoviando de seus carros, admirando a beleza exótica de Nilima, com seus longos cabelos escuros voando ao vento, ou o belo automóvel em que estávamos. Não sabia bem qual dos dois inspirava os assovios, só imaginava que não eram para mim. Eu usava minhas roupas de sempre: camiseta, calça jeans e tênis. Fios de cabelo castanho-dourado se emaranhavam em minha trança e açoitavam meus olhos castanho-avermelhados e meu rosto riscado pelas lágrimas. Homens mais velhos também passavam por nós devagar. Eles não assoviavam, mas certamente admiravam a visão. Nilima os ignorava e eu pensava: *Devo estar tão horrível por fora quanto me sinto por dentro.*

Quando chegamos ao centro de Salem, passamos direto pela ponte Marion Street, que teria nos levado ao outro lado do rio Willamette e à rodovia 22, na direção das fazendas de Monmouth e Dallas. Avisei a Nilima que ela havia perdido a saída, mas ela se limitou a dar de ombros e dizer que estávamos tomando um atalho.

– Tudo bem – retruquei com sarcasmo. – O que são mais alguns minutos numa viagem de dias?

Nilima jogou seu lindo cabelo para trás, sorriu para mim e continuou dirigindo, movendo-se em meio ao tráfego que seguia para South Salem. Eu nunca tinha ido para aqueles lados. Era definitivamente o caminho mais longo para Dallas.

Nilima seguiu em direção a um grande morro coberto pela mata. Lentamente, subimos vários quilômetros pela linda estrada sinuosa e margeada por árvores. Por entre elas, vi ruas de terra e casas que pontilhavam a floresta aqui e ali, mas a área era em grande parte intocada. Fiquei surpresa pelo fato de a cidade ainda não a ter anexado e começado a construir ali. Era um lugar encantador.

Reduzindo a velocidade, Nilima tomou uma estrada particular, subindo ainda mais a colina. Embora passássemos por caminhos secundários, eu não via construções. No fim da estrada paramos diante de uma casa geminada aninhada no meio da floresta de pinheiros.

Cada lado do prédio era a imagem espelhada do outro, com dois andares, garagem e um pequeno pátio compartilhado. Ambos tinham uma ampla janela na sacada que dava para as árvores. O revestimento de madeira era pintado de castanho e um tom escuro de verde, e o

telhado era coberto com telhas verde-acinzentadas. Lembrava, de certa forma, um chalé de esqui.

Nilima entrou suavemente na garagem e desligou o carro.

– Chegamos em casa – anunciou.

– Em casa? Como assim? Não vamos para a casa dos meus pais adotivos? – perguntei, ainda mais confusa do que já estava.

Nilima sorriu, compreensiva.

– Não. Esta é a sua casa – disse ela delicadamente.

– Minha casa? Do que você está falando? Eu moro em Dallas. Quem mora aqui?

– Você. Venha, vamos entrar que eu explico.

Passamos por uma área de serviço e entramos na cozinha, que era pequena, com cortinas amarelas, eletrodomésticos de aço inoxidável novinhos em folha e paredes decoradas com motivos amarelo-limão. Nilima pegou duas garrafas de refrigerante diet na geladeira.

Larguei minha mochila no chão e falei:

– Ok, Nilima, agora me diga o que está acontecendo.

Ela ignorou meu pedido. Em vez disso, me ofereceu o refrigerante, que recusei, e então sugeriu que eu a seguisse.

Suspirando, tirei os tênis para não sujar o carpete felpudo da casa e a acompanhei até a pequena porém charmosa sala de estar. Ali nos sentamos num belo sofá de couro marrom. Uma estante alta, cheia de clássicos encadernados com capa dura que provavelmente custavam uma fortuna, me acenava convidativa do canto, enquanto uma janela ensolarada e uma grande televisão de tela plana sobre um rack de madeira polida também disputavam minha atenção.

Nilima começou a folhear os papéis deixados sobre a mesa de centro.

– Kelsey – começou ela –, esta casa é sua. É parte do pagamento pelo seu trabalho neste verão na Índia.

– Eu não estava trabalhando, Nilima.

– O que você fez foi o trabalho mais vital de todos. Você realizou muito mais do que qualquer um de nós sequer tinha esperança de conseguir. Temos uma grande dívida para com você e essa é uma pequena forma de recompensar seus esforços. Você superou obstáculos terríveis e quase perdeu a vida. Somos todos muito gratos.

Constrangida, brinquei:

– Bem, agora que você colocou a coisa dessa maneira... Ei, espere!

Você disse que esta casa é *parte* do meu pagamento? Então tem mais?

Com um gesto afirmativo da cabeça, Nilima respondeu:

– Tem.

– Não. Eu não posso aceitar este presente. Uma casa já é um exagero... E ainda tem outras coisas? É bem mais do que combinamos. Eu só queria algum dinheiro para pagar os livros da faculdade. Ele não devia fazer isso.

– Kelsey, ele insistiu.

– Bem, então vai ter que *desinsistir*. Isso é um exagero, Nilima. É sério.

Ela suspirou ao olhar para o meu rosto, que exibia uma determinação férrea.

– Ele quer que você fique com a casa, Kelsey. Isso vai deixá-lo feliz.

– Mas não é nada prático! Estou no meio do nada. Agora que voltei para casa, pretendo me matricular na faculdade e não há linhas de ônibus que passem por aqui.

Nilima me dirigiu um olhar perplexo.

– Linhas de ônibus?! Se quiser mesmo ir de ônibus, poderá dirigir até o terminal.

– Dirigir até o terminal? Isso não faz o menor sentido.

– Bem, o que *você* está falando é que não faz o menor sentido. Por que você não quer ir de carro para a faculdade?

– De carro? Que carro?

– O que está na garagem, é claro.

– O que está na... *Ah, não*. Você só pode estar brincando!

– Não. Não estou brincando. O Porsche é seu.

– *Ah, não. Não é, não!* Você sabe quanto custa aquele carro? De jeito nenhum!

Peguei meu celular e procurei o número do Sr. Kadam. No instante em que ia pressionar o botão de chamada, ocorreu-me um pensamento que me deteve imediatamente.

– Tem mais alguma coisa que eu deva saber?

– Bom... – disse Nilima, hesitante. – Ele também tomou a liberdade de matricular você na Western Oregon University. O curso e o material didático já foram pagos. Seus livros estão na bancada, ao lado de sua lista de disciplinas, um moletom da Western Oregon e um mapa do campus.

– Ele me matriculou na Western Oregon? – perguntei, incrédula. –

Eu estava planejando ir para a faculdade comunitária local e trabalhar... não entrar para a Western Oregon.

– Ele deve ter achado que você iria preferir uma universidade maior. Suas aulas começam na próxima semana. Quanto a trabalhar, você pode, se quiser, mas não será necessário. Ele também abriu uma conta bancária para você. O cartão está na bancada. Não se esqueça de assiná-lo no verso.

Engoli em seco.

– E... hã... exatamente quanto dinheiro tem nessa conta?

Nilima deu de ombros.

– Não faço a menor ideia, mas tenho certeza de que é o suficiente para seus gastos pessoais. Naturalmente, nenhuma das suas contas de consumo será enviada para cá. Tudo irá direto para um contador. A casa e o carro já estão quitados, assim como todas as suas despesas na universidade.

Ela deslizou um maço de papéis em minha direção e então se recostou e bebericou seu refrigerante.

Por um minuto fiquei sentada ali, imóvel, e então me lembrei de minha decisão de ligar para o Sr. Kadam. Peguei o telefone e procurei o número.

Nilima me interrompeu.

– Tem certeza de que quer devolver tudo, Kelsey? Estou certa de que ele faz questão de que você fique com essas coisas.

– O Sr. Kadam deveria saber que não preciso de sua caridade. Vou explicar que a faculdade comunitária é mais do que adequada e que realmente não me importo de morar no dormitório e andar de ônibus.

Nilima se inclinou para a frente.

– Mas, Kelsey, não foi o Sr. Kadam quem providenciou tudo isso.

– O quê? Se não foi o Sr. Kadam, então quem... *Ah!* – Desliguei o celular imediatamente. Não havia a menor chance de eu ligar para *ele*, qualquer que fosse o motivo. – Então *ele* faz questão disso, não é?

As sobrancelhas arqueadas de Nilima se juntaram, expressando sua confusão.

– É, eu diria que sim.

Deixá-lo havia quase dilacerado meu coração. Ele estava a mais de 11 mil quilômetros de distância, na Índia, e ainda assim arranjava um jeito de ter algum poder sobre mim.

– Muito bem – resmunguei. – Ele sempre consegue o que quer

mesmo. Não tem sentido eu tentar devolver. Ele vai pensar em algum outro presente exorbitante, que só vai servir para complicar ainda mais nosso relacionamento.

Um carro buzinou lá fora, na entrada.

– Minha carona de volta ao aeroporto chegou – disse Nilima, levantando-se. – Ah! Eu quase esqueci. Isto aqui também é para você. – Ela pôs um celular novo na minha mão, ao mesmo tempo em que pegava o aparelho velho, e me abraçou rapidamente antes de se dirigir à porta da frente.

– Mas... espere! Nilima!

– Não se preocupe, Kelsey. Vai dar tudo certo. Os documentos de que precisa para a universidade estão na bancada da cozinha. Tem comida na geladeira e todos os seus pertences estão no segundo andar. Pode pegar o carro e visitar sua família adotiva ainda hoje, se quiser. Eles estão esperando seu telefonema.

Ela se virou, caminhou graciosamente para a porta e entrou no carro que a aguardava. Do banco do carona, acenou. Acenei de volta, tristonha, e fiquei olhando até o elegante sedã preto desaparecer de vista. De repente, eu estava só numa casa estranha, cercada pela mata silenciosa.

Após a partida de Nilima, resolvi explorar o lugar que eu agora chamaria de lar. Ao abrir a geladeira, vi que as prateleiras estavam bem abastecidas. Peguei um refrigerante e fui espiar o interior dos armários. Encontrei copos e pratos, assim como talheres, utensílios de cozinha e panelas. Voltei para conferir a gaveta de baixo da geladeira, seguindo um palpite, e lá estavam eles – vários limões. Evidentemente, isso tinha sido coisa do Sr. Kadam. Atencioso, ele sabia que beber água com limão me confortaria.

O toque do Sr. Kadam não terminava na cozinha. O lavabo no primeiro andar era decorado em tons de verde-acinzentado e amarelo-limão. Até o sabonete líquido tinha aroma de limão.

Coloquei meus tênis numa cesta de vime sobre o piso de cerâmica da área de serviço, ao lado de um conjunto novo de máquina de lavar e secadora, e segui para o pequeno escritório.

Meu velho computador encontrava-se no meio da mesa, mas ao seu lado havia um notebook novinho em folha. Uma cadeira de couro, um arquivo e uma prateleira com papel e outros suprimentos completavam o escritório.

Peguei a mochila e subi a escada para ver meu novo quarto. Uma

linda cama *queen size* com um grosso edredom cor de marfim e almofadas com estampa de pêssegos ficava junto à parede, tendo aos pés um antigo baú de madeira. Poltronas aconchegantes cor de pêssego estavam arrumadas no canto, de frente para uma janela que dava para a floresta.

Sobre a cama, havia um bilhete que me deixou mais animada:

Oi, Kelsey!

Seja bem-vinda! Ligue para nós assim que possível – queremos saber tudo da viagem.

Todas as suas coisas estão guardadas nos devidos lugares. Adoramos sua casa nova!

Com amor,

Mike e Sarah

Ler o bilhete de Mike e Sarah – além do fato de estar no Oregon – me reequilibrrou. A vida deles era normal. Minha vida com eles era normal e seria bom estar com uma família normal e agir como um ser humano normal, para variar. Dormir no chão da selva, falar com deusas indianas, me apaixonar por um... tigre – nada disso era normal. Nem de longe.

Abri o closet e vi que de fato minhas roupas e a coleção de fitas de cabelo tinham sido trazidas da casa de Mike e Sarah. Corri os dedos por alguns daqueles itens que eu não via fazia meses. Quando abri o outro lado do closet encontrei todas as roupas que haviam sido compradas para mim na Índia, assim como várias peças novas ainda em suas capas de proteção.

Como o Sr. Kadam conseguiu fazer essas coisas chegarem aqui antes de mim? Eu deixei tudo isso na Índia!

Fechei a porta, encerrando as roupas e as lembranças, determinada a não abri-la outra vez.

Seguindo para a cômoda, puxei a gaveta do alto. Sarah havia arrumado minhas meias do jeito que eu gostava. Os pares de meias pretas, brancas e de cores variadas estavam enrolados em bolas perfeitas, organizadas em fileiras. Ao abrir a gaveta seguinte, o sorriso desapareceu do meu rosto. Ali estava o pijama de seda que eu, de propósito, deixara na Índia.

Meu peito ardeu quando passei a mão pelo tecido macio. Então, resoluto, fechei a gaveta. Virando-me para deixar o quarto claro e arejado, me toquei de uma coisa e na mesma hora o sangue afluiu rapidamente para o meu rosto. As cores do quarto eram pêssego e creme.

Deve ter sido escolha dele, deduzi. Uma vez ele disse que eu cheirava a pêssego com creme. Era de se imaginar que acharia uma forma de me fazer lembrar dele, mesmo a um oceano de distância. Como se eu pudesse esquecer...

Joguei a mochila na cama e imediatamente me arrependi, lembrando que Fanindra ainda estava dentro dela. Depois de tirá-la com cuidado e me desculpar, acariciei-lhe a cabeça dourada e a coloquei sobre uma almofada. Peguei o celular novo no bolso da calça. Como tudo mais, o aparelho era caro e totalmente desnecessário, com design da grife Prada. Liguei o telefone e esperei que o número *dele* aparecesse primeiro, mas isso não aconteceu. Tampouco havia mensagens. Na verdade, os únicos números na memória eram o do Sr. Kadam e o dos meus pais adotivos.

Vários sentimentos tomaram conta de mim. A princípio fiquei aliviada. Depois, confusa. E em seguida, desapontada. Uma parte de mim ponderou: *Um telefonema teria sido gentil. Só para ver se cheguei bem.*

Irritada comigo mesma, liguei para meus pais adotivos. Disse a eles que estava em casa, cansada da viagem, e que iria jantar com eles na noite seguinte. Ao desligar, fiz uma careta, me perguntando que tipo de surpresa à base de tofu estaria à minha espera. Mas qualquer que fosse o cardápio natural e saudável, valeria a pena suportá-lo pela oportunidade de revê-los.

Então desci a escada, liguei o som, preparei um lanche com fatias de maçã e manteiga de amendoim, e comecei a folhear os papéis da universidade que estavam na bancada. O Sr. Kadam escolhera estudos internacionais como minha principal área de interesse, incluindo também história da arte.

Examinei o quadro de horários. Eu não sabia como, mas o Sr. Kadam conseguira colocar a mim, uma caloura, em turmas de nível mais avançado. Não só isso, como também já me inscrevera tanto no primeiro quanto no segundo trimestre, embora a matrícula do segundo ainda não estivesse aberta.

A Western Oregon provavelmente recebeu uma polpuda doação vinda da Índia, pensei, com um sorriso irônico. Não me surpreenderia se visse um

novo prédio ser erguido no campus este ano.

KELSEY HAYES, MATRÍCULA: 69428LT
WESTERN OREGON UNIVERSITY

PRIMEIRO TRIMESTRE

Redação acadêmica 115 (4 créditos). Introdução à redação de trabalhos acadêmicos.

Latim 101 (4 créditos). Introdução ao latim.

Antropologia 476 D – Religião e ritual (4 créditos). Um estudo das práticas religiosas no mundo. Apoia-se na antropologia para analisar a religiosidade enquanto enfoca tópicos particulares, entre os quais: possessão espiritual, misticismo, bruxaria, animismo, feitiçaria, veneração ancestral e magia. Examina a mistura das principais religiões do mundo com crenças e tradições locais.

Geografia 315 – O subcontinente indiano (4 créditos). Uma análise do Sudeste Asiático e sua geografia, com ênfase na Índia. Avalia a relação econômica entre a Índia e outras nações; examina padrões, problemas e desafios especificamente relacionados à geografia; e explora, do ponto de vista histórico e moderno, a diversidade étnica, religiosa e linguística de seu povo.

SEGUNDO TRIMESTRE

História da arte 204 – Da Pré-história ao período românico (4 créditos). Um estudo de todas as formas de arte desse período com ênfase específica na relevância histórica e cultural.

História 470 – A mulher na sociedade indiana (4 créditos). Uma análise da mulher na Índia, seus sistemas de crenças, seu papel cultural na sociedade e a mitologia – passada e presente – associada.

Redação acadêmica II 135 (4 créditos). Redação avançada de documentos acadêmicos baseados em pesquisas.

Ciência política 203 D – Relações internacionais (3 créditos). Uma comparação de questões globais e políticas de grupos mundiais com interesses semelhantes e/ou contrários.

Era oficial. Agora eu era uma universitária. *Bem, universitária e encarregada de quebrar antigas maldições indianas em meio expediente*, pensei, lembrando-me de que o Sr. Kadam continuava com suas pesquisas. Ia ser difícil me concentrar nas aulas, nos professores e nos trabalhos depois de tudo o que havia acontecido na Índia. Era estranho saber que eu deveria voltar à minha antiga vida no Oregon. De certa forma, eu parecia não mais me ajustar a ela.

Para minha sorte, as aulas na Western Oregon seriam interessantes, em especial as de religião e magia. O Sr. Kadam tinha escolhido disciplinas que provavelmente eu mesma iria escolher – exceto latim. Franzi o nariz. Nunca fui muito boa em línguas. Pena que a universidade não oferecia nenhum curso de algum idioma indiano. Seria bom aprender híndi, principalmente se eu voltar à Índia algum dia e me dedicar às outras três tarefas indicadas na profecia de Durga para quebrar a maldição do tigre. Talvez...

Nesse instante, o rádio começou a tocar “I Told You So”, de Carrie

Underwood. Ouvir aquela letra me fez chorar. Enxugando uma lágrima, pensei que *ele* provavelmente encontraria outra pessoa muito em breve. Eu não me aceitaria de volta se estivesse em seu lugar. Pensar nele, mesmo por um minuto, era doloroso demais. Calei minhas lembranças, guardando-as numa minúscula fenda no meu coração. Então as cobri com um monte de pensamentos novos. Pensei na universidade, em minha família adotiva e no fato de estar de volta ao Oregon.

Vou ter que me manter ocupada, decidi. Esta será a minha salvação. Vou estudar feito louca, visitar os conhecidos e... e ficar com outros caras. Isso! É o que vou fazer. Vou sair com outras pessoas e me manter ativa, assim estarei cansada demais para pensar nele. A vida vai seguir em frente. Tem que seguir.

Quando fui para a cama já era tarde e eu estava exausta. Fiz um carinho em Fanindra, deslizei para debaixo dos lençóis e dormi.

No dia seguinte meu celular novo tocou. Era o Sr. Kadam, que parecia ao mesmo tempo animado e decepcionado.

– Olá, Srta. Kelsey – disse ele, alegremente. – Fico muito feliz em saber que chegou em casa em segurança. Está tudo em ordem e a seu contento?

– Eu não esperava nada disso – repliquei. – Acho que não mereço tanto. Me sinto mal...

– Nem pense nisso. Foi um prazer providenciar tudo para você.

Vencida pela curiosidade, perguntei:

– Como está indo com a profecia? O senhor já a desvendou?

– Estou tentando traduzir o restante do monólito que vocês encontraram. Mandeí alguém até o templo de Durga para fotografar as outras colunas. Parece que cada uma delas representa um dos quatro elementos: terra, ar, água e fogo.

– Faz sentido – comentei, lembrando-me da profecia de Durga. – A coluna original que encontramos devia estar relacionada à terra, pois mostrava lavradores fazendo oferendas de frutas e grãos. Além disso, Kishkindha era subterrânea e o primeiro objeto que Durga nos pediu que encontrássemos foi o Fruto Dourado.

– Exato, mas acabamos descobrindo que existiu uma quinta coluna que foi destruída há muito tempo. Ela representava o elemento espaço, o que é comum na fé hindu.

– Bem, se existe alguém capaz de decifrar o que virá em seguida,

esse alguém é o senhor. Obrigada por ligar para saber de mim – acrescentei.

Antes de desligar, prometemos voltar a nos falar em breve.

Peguei meus livros novos, estudei por cinco horas e depois fui até uma loja de brinquedos comprar tigres de pelúcia laranja com listras pretas para Rebecca e Sammy, já que eu tinha me esquecido completamente de trazer alguma coisa da Índia para eles. Agindo contra o bom senso, também acabei comprando um tigre de pelúcia branco, grande e caro.

De volta à casa, abracei o tigre e enterrei meu rosto em seu pelo. Era macio, mas o cheiro não combinava. O cheiro *dele* era maravilhoso, um misto de sândalo e cachoeira. O bicho de pelúcia era apenas uma réplica. Suas listras eram diferentes e os olhos eram vítreos – de um azul fosco, sem vida. Os olhos *dele* eram de um azul-cobalto vivo.

O que há de errado comigo? Eu não devia ter comprado isso. Assim vai ficar ainda mais difícil esquecê-lo.

Deixando de lado as emoções, separei umas roupas e me arrumei para visitar minha família adotiva.

Ao atravessar a cidade, peguei o caminho mais longo a fim de evitar o local em que o circo fora montado e trazer à tona mais lembranças dolorosas. Quando parei na frente da casa de Mike e Sarah, a porta se escancarou. Mike veio em minha direção... mas não pôde resistir a dar uma olhada mais de perto no Porsche e passou correndo por mim em direção ao carro.

– Kelsey! Posso? – perguntou ele, timidamente.

– Divirta-se – respondi, rindo.

O mesmo Mike de sempre, pensei e joguei-lhe as chaves para que ele desse umas voltas.

Sarah passou o braço por minha cintura e me conduziu para dentro de casa.

– Estamos tão felizes em ver você! Nós dois estamos! – gritou ela, franzindo a testa para Mike, que acenou alegremente antes de sair de ré da garagem. – Ficamos preocupados depois da sua partida para a Índia porque você não telefonava muito, mas o Sr. Kadam ligava regularmente explicando o que você estava fazendo e como andava ocupada.

– Ah, é? E o que ele dizia exatamente? – perguntei, curiosa para saber a história que ele tinha inventado.

– Ele falou sobre seu novo emprego e que a partir de agora você vai para lá nas férias de verão ajudá-lo em vários projetos. Eu não tinha a menor ideia de que você se interessava por estudos internacionais. Essa é uma área maravilhosa. Muito fascinante. Ele também disse que, quando você se formar, poderá trabalhar na empresa dele. É uma oportunidade fantástica!

Sorri para ela.

– É, o Sr. Kadam é ótimo. Eu não poderia querer um chefe melhor. Ele me trata mais como neta do que como funcionária, e me mima demais. Você viu a casa e o carro, e ainda tem a universidade...

– Ele falava de você com muito carinho ao telefone. Até admitiu que acabou se tornando dependente de você. É um homem muito simpático. Também declarou que você é... como foi mesmo que ele disse... “um investimento que trará uma grande recompensa no futuro”.

Lancei um olhar inseguro a Sarah.

– Espero que ele esteja certo quanto a isso.

Ela riu e em seguida ficou séria.

– Nós sabemos que você é especial, Kelsey, e que merece coisas maravilhosas. Talvez esta seja a forma de o Universo compensar a perda dos seus pais. Embora eu saiba que nada irá substituí-los.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça. Ela estava feliz por mim. E saber que eu estaria respaldada financeiramente para viver com conforto por conta própria devia ser um grande alívio para minha família.

Sarah me abraçou e tirou do forno um prato que exalava um cheiro estranho. Ela o colocou em cima da mesa e disse:

– Agora vamos comer!

Fingindo entusiasmo, perguntei:

– Então... o que temos para o jantar?

– Lasanha integral orgânica de espinafre com tofu e semente de linhaça.

– Hum, mal posso esperar – falei, forçando um meio sorriso.

Pensei com carinho no mágico Fruto Dourado que eu tinha deixado na Índia – o objeto divino que podia fazer a comida mais deliciosa aparecer instantaneamente. Com ele nas mãos de Sarah, talvez até uma refeição saudável ficasse gostosa. Provei a lasanha com o dedo.
Pensando bem...

Samuel, de 4 anos, e Rebecca, de 6, entraram correndo na cozinha, saltitando e querendo chamar minha atenção. Abracei os dois e os levei para a mesa. Então fui até a janela para ver se Mike já tinha voltado. Ele havia acabado de estacionar o Porsche e vinha andando de costas na direção da porta, olhando para o carro.

– Mike, hora do jantar – gritei da janela.

Ele respondeu por sobre o ombro, sem tirar os olhos do carro:

– Claro, claro. Já vou.

Sentei-me entre as crianças, servi um pouco de lasanha para cada uma e peguei uma fatia minúscula para mim. Sarah ergueu a sobrancelha e justifiquei minha pequena porção dizendo que comera muito no almoço. Mike enfim entrou e começou a tagarelar animadamente sobre o Porsche. Então perguntou se poderia pegar o carro emprestado para sair com Sarah numa sexta à noite.

– Claro. Eu posso vir e tomar conta das crianças.

Ele sorriu, radiante, enquanto Sarah revirava os olhos.

– Com quem você está planejando sair? Comigo ou com o carro? – perguntou.

– Com você, é claro, minha querida. O carro é só uma vitrine para a linda mulher sentada ao meu lado.

Sarah e eu nos entreolhamos, reprimindo o riso.

– Boa, Mike – zombei.

Depois do jantar fomos para a sala e dei os tigres de pelúcia laranja às crianças. Elas soltaram gritinhos de alegria e se puseram a correr ao nosso redor, rugindo uma para a outra. Sarah e Mike me fizeram todo tipo de pergunta sobre a Índia e eu falei sobre as ruínas de Hampi e a casa do Sr. Kadam. Tecnicamente, a casa não era dele, mas eles não precisavam saber disso. Então me perguntaram sobre como estava indo a adaptação do tigre do circo do Sr. Maurizio ao novo lar.

Fiquei paralisada por um instante, mas em seguida disse que ele estava indo bem e que parecia muito feliz lá. Por sorte, o Sr. Kadam havia explicado que ficávamos fora com frequência, explorando ruínas indianas e catalogando artefatos. Ele dissera que eu trabalhava como sua assistente, mantendo o registro de suas descobertas e fazendo anotações, o que não estava muito longe da verdade. Isso também explicava por que eu escolhera incluir história da arte em meus estudos.

Estar com eles era divertido, mas também me esgotava, pois eu precisava tomar cuidado para não me distrair e deixar escapar algo

estranho demais. Eles nunca acreditariam em todas as coisas que haviam me acontecido. Às vezes eu mesma tinha dificuldade em acreditar.

Sabendo que dormiam cedo, peguei minhas coisas e me despedi. Dei um abraço em cada um e prometi que voltaria na semana seguinte.

Quando cheguei em casa passei algumas horas estudando e então tomei um banho quente. Enfiando-me na cama no quarto escuro, arquejei quando minha mão esbarrou em pelo. Então me lembrei da minha compra, empurrei o tigre de pelúcia para os pés da cama e enfiei a mão entre o rosto e o travesseiro.

Eu não conseguia parar de pensar *nele*. Perguntava-me o que estaria fazendo naquele momento e se pensava em mim ou sentia minha falta. Estaria andando pela selva úmida e abafada? Lutando com Kishan? Eu voltaria à Índia algum dia? Aliás, será que era isso mesmo que eu queria?

Todas as vezes que eu empurrava um pensamento para o fundo da mente, outro surgia no lugar. Eu não conseguia vencê-los; eles continuavam pipocando, vindos do meu subconsciente. Suspirando, estendi o braço, agarrei a perna do tigre de pelúcia e puxei-o de volta. Abraçando-o, enterrei o nariz em seu pelo e adormeci com a cabeça em suas patas.



Wushu

Os dias que se seguiram passaram depressa e sem acontecimentos memoráveis, até que começaram as aulas na universidade. Fiquei sabendo dos trabalhos que teria que fazer para cada disciplina e percebi que minhas experiências na Índia viriam a calhar. Poderia escrever sobre Hampi em minha pesquisa sobre uma metrópole indiana, discutir a importância da flor de lótus como símbolo religioso em antropologia e escolher como tema de meu trabalho final de religião algum aspecto de Durga. A única matéria que parecia excessivamente desafiadora era latim.

Não demorou para que eu estabelecesse uma rotina confortável. Visitava Sarah e Mike com frequência, assistia às aulas e falava com o Sr. Kadam toda sexta-feira. Na primeira semana ele me ajudou com um relatório que comparava os veículos utilitários e o indiano Nano, e, graças a seu vasto conhecimento sobre carros e minha descrição realista do que é dirigir na Índia, tirei a melhor nota da turma. Minha mente estava tão entretida com as tarefas acadêmicas que me sobrava pouco tempo para me preocupar com qualquer outra coisa – ou pensar em qualquer outra pessoa.

Numa dessas sextas-feiras o telefonema do Sr. Kadam me trouxe uma surpresa interessante. Depois de conversar sobre a universidade e meu último trabalho sobre os padrões climáticos no Himalaia, ele abordou um assunto novo.

– Eu a matriculei em outra aula – começou ele. – Acho que vai lhe agradar, mas consumirá mais do seu tempo. Se estiver ocupada demais, eu vou entender.

– Na verdade, uma aula a mais provavelmente seria uma boa ideia – repliquei, curiosa em saber o que ele havia planejado para mim.

– Maravilhoso! Você vai aprender *wushu* em Salem – explicou o Sr.

Kadam. – As aulas são às segundas, quartas e sextas, de seis e meia às oito da noite.

– *Wushu*? O que é isso? Alguma língua indiana? – perguntei, torcendo para que não fosse.

O Sr. Kadam riu.

– Ah, como eu sinto falta de ter a senhorita por perto. Não, *wushu* é um tipo de arte marcial chinesa. Uma vez me disse que tinha vontade de aprender artes marciais, correto?

Deixei escapar um suspiro de alívio.

– É, parece divertido. Posso incluí-lo em minha agenda. Quando as aulas começam?

– Na próxima segunda. Prevendo que iria concordar, mandei um pacote para a sua casa com o material necessário. Deve chegar amanhã.

– Sr. Kadam, não precisa fazer tudo isso por mim. O senhor tem que parar de me encher de presentes ou eu nunca poderei quitar essa dívida.

– Srta. Kelsey, não há *nada* que eu possa fazer que chegue sequer perto de pagar o que lhe devo. Por favor, aceite essas coisinhas. Isso alegra muito o coração de um velho.

Eu ri.

– Está bem, Sr. Kadam. Não precisa ser tão dramático. Vou aceitar, se isso o deixa feliz. Mas o martelo ainda não foi batido em relação ao carro.

– Vamos cuidar disso depois. Aliás, decifrei uma pequena parte da segunda coluna. Talvez tenha algo a ver com o ar, mas ainda é cedo demais para tirar qualquer conclusão. Essa é uma das razões por que eu gostaria que você aprendesse *wushu*. Vai ajudá-la a desenvolver um melhor equilíbrio da mente e do corpo, o que pode ser proveitoso se sua próxima aventura se passar acima do chão.

– Com certeza eu não me importo de aprender a lutar e me defender também. O *wushu* teria sido útil contra os *kappa* – brinquei. – As traduções estão difíceis?

– Estão muito... desafiadoras. Os marcos geográficos que traduzi não se encontram em território indiano. Estou preocupado com a possibilidade de os outros três objetos que procuramos estarem em qualquer outro lugar do mundo. É isso ou meu cérebro está muito cansado.

– O senhor virou a noite outra vez? Precisa dormir. Faça um chá de

camomila e vá descansar um pouco.

– Talvez tenha razão. Acho que vou tomar um chá enquanto leio algo leve sobre o Himalaia para o seu trabalho.

– Mas não deixe de descansar. Sinto saudade do senhor.

– Eu também, Srta. Kelsey. Até logo.

– Tchau.

Pela primeira vez desde que voltara para casa, senti uma onda de adrenalina percorrer o meu corpo. Mas assim que desliguei o telefone a depressão se instalou outra vez. Eu esperava ansiosa por nossos telefonemas semanais e sempre me entristecia quando chegavam ao fim. Era o mesmo sentimento que eu experimentava depois do Natal. A expectativa do feriado crescia durante todo o mês. Então, quando os presentes eram abertos, a ceia era saboreada e as pessoas partiam, cada uma seguindo o seu caminho, eu ficava com uma melancólica sensação de perda.

Lá no fundo eu sabia que a verdadeira razão da minha tristeza era porque só havia um presente que eu queria de verdade: que *ele* ligasse. No entanto, isso não acontecia. E cada semana que se passava sem que eu ouvisse sua voz destruía minhas esperanças. Eu tinha deixado a Índia para que ele pudesse começar a vida com outra pessoa, então deveria me sentir feliz por ele. Eu me sentia, de certa forma, mas ao mesmo tempo estava arrasada por mim mesma.

Experimentava aquela melancolia de quando as férias chegam ao fim e é hora de voltar à escola. Ele fora meu maior presente, meu milagre particular, e eu estraguei tudo. Abri mão dele. Era como ganhar um convite para o camarim do seu maior ídolo e doá-lo para a caridade. Não fazia o menor sentido.

No sábado meu misterioso pacote de artes marciais chegou. Era grande e pesado. Eu o empurrei até a sala e peguei a tesoura no escritório para cortar a fita adesiva da embalagem. Dentro encontrei calças de ginástica e camisetas pretas e vermelhas, todas exibindo a logomarca do Estúdio de Artes Marciais Shing, que mostrava um homem desferindo um soco no rosto e outro lançando o pé na direção do abdome de seu oponente.

Também encontrei dois pares de sapatos e um conjunto de casaco e calça de cetim vermelho. O casaco tinha botões pretos na frente e uma faixa também preta. Eu não tinha a menor ideia de quando ou como eu precisaria usar isso, mas achei bonito.

O que tornava a caixa pesada era a variedade de armas que

encontrei dentro dela. Havia um par de espadas, alguns ganchos, correntes, um bastão de três seções e vários outros objetos que eu nunca tinha visto.

Se o Sr. Kadam está tentando me transformar numa guerreira ninja, vai ficar muito decepcionado, pensei, lembrando-me de que ficara paralisada durante o ataque da pantera. *Será que vou mesmo precisar dessas habilidades? Acho que viriam a calhar se eu voltasse à Índia e tivesse que lutar com o que surgisse em nosso caminho na busca do segundo presente de Durga*. Essa ideia fez o cabelo em minha nuca arrepiar.

Na segunda-feira cheguei cedo à aula de latim, e minha rotina feliz esbarrou num obstáculo quando Artie, o assistente do laboratório de idiomas, aproximou-se de minha carteira. Ele parou muito perto de mim. Perto demais. Ergui os olhos para ele, na esperança de que a conversa fosse rápida e ele saísse de meu espaço pessoal.

Artie era o único cara que eu conhecia com coragem suficiente para usar um pulôver de lã com gravata-borboleta. O triste era que o pulôver era pequeno demais. Ele tinha que ficar puxando-o para baixo, tentando cobrir a barriga saliente. Parecia o tipo de sujeito que combinava com uma faculdade antiga e bolorenta.

– Oi, Artie. Tudo bem? – perguntei, impaciente.

Ele empurrou os óculos de lentes grossas nariz acima com o dedo médio e abriu sua agenda. Foi direto ao ponto.

– Ei, você está livre na quarta às cinco?

Ele pairava sobre mim com o lápis no ar e o queixo duplo sobressaindo. Os olhos castanhos e lacrimosos cravaram-se nos meus enquanto ele aguardava, esperançoso, minha resposta.

– Hã... claro, eu acho. O professor quer falar comigo?

Artie estava ocupado escrevendo na agenda, mudando algumas coisas de lugar e apagando outras. Ele ignorou minha pergunta. Então, fechou a agenda, enfiou-a debaixo do braço e puxou o colete marrom até a fivela do cinto. Tentei não reparar quando o tecido foi subindo novamente.

Ele me dirigiu um sorriso débil.

– Não, não. Essa é a hora em que vou buscá-la para o nosso encontro.

Sem dizer outra palavra, Artie deu a volta em minha carteira e se dirigiu para a porta.

Será que ouvi bem? O que acabou de acontecer aqui?

– Artie, espere. O que foi que você disse?

A aula estava começando e o colete dobrou a esquina e se foi. Deixei-me afundar na cadeira, repassando, confusa, nossa conversa enigmática. *Talvez ele não esteja se referindo a um encontro de verdade, pensei. Talvez sua definição de encontro seja diferente da minha. Deve ser isso. Mas é melhor conferir para ter certeza.*

Tentei encontrar Artie no laboratório o dia todo sem sucesso. O esclarecimento sobre o encontro teria que esperar.

Naquela noite eu faria minha primeira aula de *wushu*. Vesti a calça preta, uma camiseta e as sapatilhas brancas. Deixei a capota do conversível abaixada enquanto atravessava a floresta em direção a Salem. Todo o meu corpo relaxou à medida que a brisa fresca do início da noite me envolvia. O sol, que se punha naquele instante, pintava as nuvens de púrpura, rosa e laranja.

O estúdio de artes marciais era grande e ocupava metade do prédio. Andei até o fundo da sala. Uma área ampla estava cercada por espelhos e grandes tatames azuis cobriam o chão. Já havia outras cinco pessoas lá. Três rapazes e uma garota em boa forma física estavam se aquecendo a um canto. Alongando-se no chão, em outro canto, estava uma mulher de meia-idade que me fez lembrar a minha mãe. Ela sorriu para mim e pude ver que estava um pouco assustada, mas também tinha um brilho determinado nos olhos. Sentei-me ao seu lado e inclinei o tronco sobre as pernas esticadas.

– Oi. Prazer. Eu sou Kelsey.

– Jennifer. – Ela soprou a franja, tirando o cabelo do rosto. – Muito prazer.

O professor entrou no estúdio acompanhado por um rapaz. O instrutor de cabelos brancos parecia velho, mas muito ágil e forte. Com sotaque carregado, ele se apresentou como Chu... alguma coisa, mas disse que devíamos chamá-lo de Chuck. O jovem que o acompanhava era seu neto, Li, uma versão jovem do avô. Seu cabelo era preto e bem curto, ele era alto e tinha o corpo musculoso, além de um sorriso bonito.

Chuck iniciou a aula com uma breve explicação:

– *Wushu* é uma arte marcial chinesa. Já ouviram falar dos monges *shaolin*? Eles praticam *wushu*. O nome do meu estúdio é *Shing*, que significa “vitória”. Vocês todos terão a chance de experimentar a vitória quando dominarem o *wushu*. Conhecem o termo “kung fu”?

Todos assentimos.

– Kung fu significa “habilidade”. O kung fu não é um estilo de arte marcial. O termo só quer dizer que você tem habilidade. Essa habilidade pode ser cavalgar ou nadar. O *wushu* é um estilo. O *wushu* são chutes, alongamento, ginástica e armas. Sabem de alguém famoso que usa o *wushu*?

Ninguém respondeu.

– Jet Li, Bruce Lee e Jackie Chan, todos usam *wushu*. Primeiro vou lhes ensinar as saudações. É assim que vocês cumprimentam o professor todas as aulas. Eu digo: “*Ni hao ma?*” e vocês respondem: “*Wo hen hao.*” Isso significa “Como vai você?” e “Eu vou bem”.

– *Ni hao ma?*

Respondemos hesitantes:

– *Wo... hen... hao.*

Chuck sorriu para nós.

– Muito bom, turma! Agora vamos começar com um pouco de alongamento.

Ele nos orientou no alongamento de panturrilhas e braços e então pediu que nos sentássemos no chão e esticássemos as mãos até os dedos dos pés. Disse que queria que nos alongássemos várias vezes por dia para aumentarmos nossa flexibilidade. Então nos fez abrir espacate. Quatro dos meus colegas de turma estavam indo bem, mas eu me sentia mal por Jennifer. Ela já estava ofegante só com o alongamento e fazia um grande esforço para conseguir realizar os espacates.

Chuck sorria para todos nós, inclusive para sua aluna com dificuldades, encorajando-a. Em seguida pediu ao sobrinho que se pusesse diante da turma, a fim de demonstrar a primeira postura em que queria que trabalhássemos. Era chamada de postura do cavalo. Dali passamos para a postura do arco e flecha, que torturou os músculos das minhas panturrilhas, e a postura do gato. A postura de esquiva era a mais difícil. Os pés ficam paralelos, mas o corpo tem que tombar estranhamente para o lado. A última que aprendemos foi a postura do descanso (ou da fênix), que na realidade era bem cansativa.

Durante o restante da aula praticamos as cinco diferentes posturas. Li me ajudou com o posicionamento dos pés e ficou algum tempo demonstrando a postura de esquiva, mas ainda assim eu não conseguia fazê-la corretamente. Ele foi muito simpático, sorrindo para

mim muitas vezes.

Jennifer estava com o rosto vermelho, mas parecia feliz quando a aula terminou. O tempo tinha voado. Era bom me exercitar e eu já aguardava ansiosa a aula seguinte – que seria na mesma noite de meu encontro com Artie.

Procurei Artie no laboratório de idiomas três vezes na terça-feira para esclarecer as coisas e, se tivesse sorte, cancelar o encontro. Quando por fim consegui falar com ele, Artie fez um estardalhaço em torno do adiamento de nosso encontro e seguiu virando as páginas de sua agenda até esgotarem-se as minhas desculpas. Comecei a me sentir culpada e concluí que não iria me matar sair com ele uma única vez. Ainda que eu não tivesse qualquer interesse romântico por Artie, ele poderia se tornar um amigo. Assim, aceitei o convite mais para o fim do mês.

As semanas seguintes transcorreram sem incidentes, mas logo me vi em outra situação incomum. Meu parceiro na aula de antropologia, Jason, me chamou para assistir a um jogo de futebol americano que comemorava o retorno dos atletas da universidade.

O convite me pegou de surpresa. Então caiu a ficha e percebi que eu não notara as várias pistas que ele vinha me dando. Minha mente estava tão voltada para os trabalhos acadêmicos que eu presumira que ele também só estivesse interessado nisso.

Jason parecia um cara legal, mas não chegava nem aos pés do homem que eu deixara para trás na Índia. Fiz rapidamente uma lista mental das qualidades de cada um deles, e o lado de Jason ficou muito menor. Eu sabia que não era justo comparar os dois. *Ninguém* poderia competir com *ele*. Jason não fazia com que eu me sentisse empolgada ou amedrontada, feliz ou nervosa. Meu coração não disparava de ansiedade. Eu não sabia nem dizer se tínhamos alguma química. Simplesmente me sentia entorpecida.

Preciso esquecê-lo. Tenho que seguir em frente e tentar namorar alguém, disse a mim mesma. Mordi o lábio. *Ele provavelmente acabou com minhas chances de ser feliz com outra pessoa. Como eu poderia gostar de outros homens quando não podiam sequer se comparar a ele?*

Irritada com meu raciocínio circular, disse a Jason que adoraria ir com ele ao jogo. Ele pareceu empolgado, mas temi que o garoto confundisse meu entusiasmo em esquecer o passado com algum

interesse por ele.

Naquela noite, na aula de *wushu*, aprendemos chutes. Eram de vários tipos: o chute frontal, o lateral, o circular para dentro e o para fora, e o chute com o calcanhar acompanhado de um movimento com a palma da mão. Meu favorito foi o de ponta de pé com o punho fechado. Ele me fez sentir finalmente que eu poderia bater em alguma coisa.

Praticamos chutes a aula toda até Chuck começar a nomear ao acaso os diferentes tipos de chute para ver com que rapidez podíamos nos lembrar deles. Durante a última parte da aula formamos duplas e eu trabalhei com Jennifer. Li me pediu que demonstrasse os saltos e me ajudou a posicionar os braços corretamente, orientando-me com a postura antes de prosseguir. Logo depois anunciou o fim da aula. Agradei a ele e pratiquei mais um pouco sozinha.

– Li gosta de você – sussurrou Jennifer em tom conspiratório quando acabei. – Não sei se ele vai ter coragem de fazer alguma coisa a respeito, mas está na cara. Ele fica observando você o tempo todo. O que acha dele?

– Não sinto nada por ele. É um cara legal, mas nunca pensei nele dessa maneira.

– Ah. Tem outro na jogada.

Franzi a testa.

– Não. Não mais.

– Ah, querida, você não pode simplesmente deixar a vida passar enquanto protege um coração partido. É preciso se arriscar e tentar de novo. A vida é curta demais para vivermos sem amor.

Eu sabia que ela tinha um casamento feliz de 15 anos. Seu marido era um homem doce, de cabelos já rareando e que obviamente a adorava. Todas as noites depois da aula ele lhe dizia que ela estava linda e que estava emagrecendo tanto que já não podia vê-la de lado. Então lhe beijava os cabelos castanhos encaracolados úmidos e abria a porta do carro para ela. Se alguém pudesse ser considerado um especialista em amor, esse alguém era Jennifer.

Pensei no que ela havia acabado de dizer. Sabia que estava certa. *Mas como se faz para mudar o coração?*

Jennifer sorriu, solidária, recolheu suas coisas e apertou meu ombro.

– Até a semana que vem, Kelsey.

Acenei enquanto se afastavam e fiquei olhando para a rua escura e

vazia por alguns minutos, perdida em pensamentos. Quando me virei para pegar minhas coisas, percebi que todos já tinham ido embora. Li estava parado à porta da frente, esperando pacientemente que eu saísse para trancar o estúdio.

– Desculpe, Li. Acho que perdi a noção do tempo.

– Sem problema – disse ele, sorrindo.

Apanhei minha toalha, a chave do carro e a garrafa de água e me encaminhei para a porta.

Assim que entrei no carro, Li me chamou:

– Ei, Kelsey. Espere.

Ele correu até a minha janela, enquanto eu baixava o vidro.

– Eu queria convidar você para jogar. Um grupo de amigos meus vai se encontrar no Halloween para jogar Colonizadores de Catan. É um jogo de tabuleiro em que você deve construir seu império. Vai ter comida boa! Minha avó adora cozinhar. Você quer ir? Posso ensiná-la como se joga.

– Humm.

Eu não tinha planos para o Halloween. Sabia que nenhuma criança iria até a minha casa porque ficava muito longe da estrada. Passar na casa de Mike e Sarah tampouco parecia uma boa opção. Todas as crianças da vizinhança evitavam ir até lá porque eles davam doces sem açúcar e faziam um discurso para os pais sobre os males do excesso de guloseimas.

Li ainda estava ali esperando uma resposta, então falei:

– Claro. Parece divertido!

Ele sorriu.

– Beleza! Até mais!

Fui para casa me sentindo estranha. Quando entrei, joguei a bolsa no sofá e peguei uma garrafa de água na geladeira. Subi a escada, abri a porta da varanda do meu quarto e me sentei numa poltrona. Inclinando a cabeça para trás, fiquei olhando as estrelas.

Três encontros. Eu tinha três encontros em duas semanas – e não estava ansiosa por nenhum deles. Definitivamente havia algo errado comigo.



Encontros

ENCONTRO 1

Eu não podia acreditar que o dia do meu encontro com Artie tinha chegado tão rápido. Fui de carro até o campus, estacionei e fiquei sentada, enrolando. Eu não queria sair com Artie. Nem um pouco. Sua persistência tinha me vencido e eu suspeitava de que não era a primeira vez que ele usava aquela tática.

Resignada a me encontrar com ele naquela noite, me dirigi ao laboratório de idiomas. Artie estava lá, olhando para o relógio, com um pacote marrom embaixo do braço. Caminhei até ele e enfiei as mãos nos bolsos da calça.

– Oi, Kelsey. Vamos. Estamos atrasados – disse ele, seguindo bruscamente para o corredor. – Ainda tenho que enviar um pacote pelo correio para uma velha *amiga*.

Ele não era apenas gordo. Era alto e dava passadas bem maiores que as minhas. Eu precisava quase correr para acompanhá-lo. Artie atravessou o estacionamento, chegou à calçada e pôs-se a andar na direção da cidade.

– Não seria melhor irmos no seu carro? – perguntei. – O correio fica a quase três quilômetros daqui.

– Ah, não. Não tenho carro. São caros demais.

Ainda bem que vim de tênis, pensei.

Artie andava em silêncio e com passos rígidos. Concluí que provavelmente era tarefa minha fazer a conversa fluir.

– Então... para quem é esse pacote?

– É para a minha ex-namorada da escola. Ela frequenta outra faculdade e eu gosto de manter contato. Ela sai com muita gente, assim como eu – gabou-se Artie. – Você precisa ver minha agenda. Tenho encontros marcados para daqui a anos.

Foi a caminhada mais longa da minha vida. Tentei me imaginar andando na selva indiana, mas estava frio demais. O céu estava escuro e nublado, soprava um vento forte. Não era um clima adequado para uma caminhada. Eu tremia – mesmo de casaco – e passei o tempo ouvindo parcialmente o que Artie falava e admirando as casas decoradas para o Halloween.

Finalmente chegamos ao correio e Artie despachou seu pacote. Estávamos na Main Street e eu vi à nossa volta os vários restaurantes minúsculos localizados ali. Perguntei-me em qual deles jantaríamos. Estava faminta. Tinha me esquecido de almoçar de tão absorta nos estudos. O cheiro de comida chinesa que vinha de um lugar ali perto era de dar água na boca.

Quando Artie saiu à rua, eu estava gelada. Bati as palmas das mãos e esfreguei uma na outra para aquecê-las. Se soubesse que ficaríamos tanto tempo na rua, teria calçado luvas. Artie tinha um par de luvas de couro no bolso, mas ele mesmo as usou.

Meu cérebro, sempre ávido por punição, insistia que *ele* teria me dado suas luvas. Droga, *ele* teria tirado a camisa e me dado se achasse que eu poderia precisar dela.

– E agora? Para onde vamos? – perguntei.

Meus olhos dispararam, esperançosos, na direção do restaurante chinês.

– De volta ao campus. Tenho uma surpresa guardada para você.

Tentei colar um sorriso de entusiasmo no rosto.

– Que... ótimo.

No longo trajeto de volta ao campus Artie foi falando de si mesmo. Falou sobre sua infância e a família. Descreveu todos os prêmios que ganhou e mencionou que foi presidente de cinco clubes, inclusive o de xadrez. Não fez uma só pergunta sobre mim. Eu ficaria surpresa se ele soubesse meu sobrenome.

Minha mente divagou para uma conversa com um homem muito diferente.

Ouvi *sua* voz cálida e hipnótica com muita clareza. De repente eu me encontrava debaixo de uma árvore. A árvore sob a qual eu dissera adeus. A árvore sob a qual eu olhara pela última vez seus olhos azul-cobalto. O vento frio e cortante do Oregon desapareceu e eu senti a balsâmica brisa do verão indiano soprar suavemente meus cabelos. A noite cinza e nublada não existia mais e eu olhava as estrelas cintilantes no céu noturno. Ele tocou o meu rosto e falou.

“Kelsey, o fato é que... estou apaixonado por você... já faz algum tempo. Não quero que você vá embora. Por favor. Por favor. Por favor. Diga que vai ficar comigo.”

Ele era tão lindo, como um anjo guerreiro enviado do céu. Como pude lhe negar alguma coisa, especialmente quando eu era tudo o que ele queria?

“Quero lhe dar uma coisa. É uma tornoezeira. São muito populares aqui e escolhi esta para que nunca mais tenhamos que procurar um sino.”

Meu tornozelo formigou quando me lembrei de seus dedos roçando-o.

“Kells, por favor. Preciso de você.”

Como eu pude deixá-lo?

Minha mente voltou bruscamente ao presente e lutei para conter as intensas emoções que vinham à tona quando eu me permitia pensar nele. Enquanto Artie discorria de forma monótona sobre como vencera o campeonato de debates, eu me repreendia por permitir que meus pensamentos me levassem a um lugar tão perigoso. A verdade era que, mesmo que eu *estivesse* tendo dúvidas sobre minha decisão de partir, *ele* não havia telefonado. Isso provava que eu tinha tomado a decisão certa, não provava? Se ele me amasse tanto quanto dizia, teria tentado entrar em contato comigo. Teria me procurado. Teria vindo ao meu encontro. Ele precisava de espaço. Eu estava certa ao deixá-lo. Talvez agora eu pudesse começar a me curar e esquecê-lo.

Obriguei-me a voltar a atenção para Artie e me esforcei de verdade para ouvir sua conversa. Não havia a menor possibilidade de Artie ser o cara certo para mim – nem para qualquer garota, aliás –, mas isso não significava que eu estivesse sem opções. Eu ainda tinha um encontro com Jason no dia seguinte e outro com Li na próxima semana.

Quando Artie e eu chegamos de volta ao campus, meu estômago roncava tão alto que podia ser ouvido a três quarteirões de distância. Eu esperava seriamente que fôssemos logo comer na lanchonete da universidade.

Ele me levou para o centro de mídia da Biblioteca Hamersly, pediu dois fones de ouvido e entregou um papel à mulher que nos atendia. Então empurrou duas cadeiras de madeira diante de um minúsculo aparelho de TV em preto e branco que estava num canto.

– Não é uma ótima ideia? Podemos assistir a um filme e eu não preciso gastar nem um centavo! – Ele sorriu enquanto meu queixo

caía. – Muito inteligente, você não acha?

Apertei os lábios.

– Ah, é, muito inteligente.

Calei-me rapidamente depois disso, engolindo um comentário sarcástico. Será que ele achava que as garotas gostavam de ser tratadas dessa forma? Não que um encontro tivesse que envolver coisas caras ou que fosse mesmo necessário gastar dinheiro. O que me aborrecia era que Artie era presunçoso em relação a tudo e não achava que suas acompanhantes fossem importantes o bastante para escutá-las. Eu estava indignada e com fome. Quando o filme começou, ele deslizou o fone cinzento gigantesco sobre os ouvidos e apontou para o meu.

Limpei a poeira do dispositivo com a blusa, pluguei o fio e coloquei com força os fones em cima dos ouvidos, irritadíssima por ficar ali sentada por *mais duas horas*. Os créditos iniciais de *A lenda dos beijos perdidos* disparavam na tela e eu enviava mensagens mentais para que Gene Kelly dançasse mais rápido.

Passada uma hora de filme, Artie fez um movimento. Ele ainda olhava diretamente para a tela minúscula quando colocou o pesado braço nas costas da minha cadeira.

Olhei-o pelo canto do olho. Ele tinha um sorriso afetado no rosto. Imaginei que estivesse mentalmente ticando uma lista de tarefas em sua agenda.

- Seduzir a garota falando de outras namoradas
- Impressioná-la com o número de prêmios que você recebeu
- Não gastar dinheiro no encontro
- Fazer a garota assistir a um filme cafona no centro de mídia
- Fazer comentários sobre a própria parcimônia
- Pôr o braço no ombro da garota na marca exata da metade do filme

Inclinei-me para a frente e fiquei numa posição desconfortável, na ponta da cadeira, durante toda a segunda metade do filme. Com a desculpa de que precisava ir ao banheiro, fiquei de pé. Ele fez o mesmo e foi até a mulher no balcão. Quando passava por eles, eu o ouvi pedindo que ela parasse o filme e o rebobinasse um pouquinho para que lembrássemos onde havíamos parado.

Sensacional! Isso soma mais cinco minutos a essa experiência maravilhosa! Eu me apressei, temendo que ele pudesse cismar de

reiniciar o filme. Pensei na possibilidade de sair do prédio correndo feito louca, mas de onde estávamos sentados ele podia ver a porta do banheiro e isso seria uma grosseria. Eu estava determinada a sofrer ainda durante a última parte do filme e *depois* voar para casa.

Finalmente, *finalmente*, o filme terminou e eu me levantei de um salto, como se o alarme de incêndio tivesse acabado de ser acionado.

– Muito bem, Artie. Foi legal. Meu carro está estacionado aqui fora, então até segunda. Obrigada pelo filme.

Infelizmente ele não entendeu a deixa e fez questão de me acompanhar até o carro. Abri a porta e mais que depressa me enfiei atrás dela.

Ele pôs a mão na porta do carro e inclinou o corpo volumoso na minha direção. Sua gravata-borboleta estava a poucos centímetros do meu nariz. Ele forjou um sorriso artificial e desajeitado.

– Bem, eu me diverti muito e quero sair de novo com você na próxima semana – disse ele. – Que tal na sexta?

Melhor cortar isto logo pela raiz.

– Não posso. Já tenho outro encontro marcado.

Artie insistiu, sem se intimidar.

– Ah. – Ele nem sequer piscou. – E sábado?

Vasculhei meu cérebro freneticamente em busca de uma saída.

– Hã... Eu não trouxe minha agenda, então não sei o que já tenho marcado.

Ele assentiu, como se isso fizesse todo sentido.

– Olhe, estou com uma dor de cabeça terrível, Artie. Vejo você no laboratório semana que vem, está bem?

– Claro. Ligo para você mais tarde.

Entrei rapidamente no carro e fechei a porta. Sorrindo, pois sabia que nunca tinha lhe dado o número do meu telefone, atravessei as ruas silenciosas de Monmouth e subi a colina até a tranquilidade de minha casa.

ENCONTRO 2

No encontro seguinte eu estava mais bem preparada para o clima. Usava minha blusa de moletom vermelho da Western Oregon e também levava um casaco mais grosso, uma echarpe de caxemira vermelha e luvas que encontrara numa gaveta. Normalmente eu teria evitado qualquer coisa que *ele* tivesse comprado para mim, mas não tinha tempo para comprar luvas novas e, mesmo que tivesse, estaria

usando o dinheiro dele de qualquer forma.

Encontrei Jason no estacionamento do estádio e imediatamente comecei a catalogar suas qualidades. Ele era bonito, um pouquinho mais magro e mais baixo que a média, mas não se vestia mal e era inteligente. Encostado em seu velho Corolla, ergueu as sobrancelhas, surpreso, quando me viu saltar do Porsche.

– Uau, Kelsey! Que carrão!

– Obrigada.

– Vamos?

– Vamos. Me mostre o caminho.

Então nos misturamos à multidão que seguia para o campo de futebol. A maioria usava camisas vermelhas ou da Western Oregon, mas havia também as cores branco e azul-marinho do adversário, a Western Washington University, espalhadas aqui e ali. Dois chapéus vikings se destacavam no meio da multidão. Jason me levou até uma caminhonete cercada por casais fazendo um churrasco na caçamba. Uma pequena grelha estava cheia de salsichas e hambúrgueres fumegantes.

– Ei, pessoal! Quero apresentar Kelsey a vocês. Nos conhecemos na aula de antropologia.

Vários rostos esticaram-se atrás dos vizinhos, tentando me ver. Acenei timidamente para eles.

– Oi.

Ouvi alguns “Oi, tudo bem?” e “Muito prazer”, e então eles voltaram a suas conversas, esquecendo que estávamos ali.

Jason encheu um prato para mim e então abriu um cooler.

– Quer uma cerveja, Kelsey?

Sacudi a cabeça.

– Refrigerante, por favor. Diet, se tiver.

Ele me entregou um bem gelado, pegou uma cerveja para si mesmo e apontou para duas cadeiras dobráveis vazias.

Assim que se sentou, ele enfiou metade do cachorro-quente na boca, mastigando ruidosamente. Era quase tão ruim quanto ver um tigre comer – apenas um pouco menos sangrento.

Argh. O que há de errado comigo? Será que estou intencionalmente procurando coisas que me aborreçam? Eu preciso mesmo relaxar ou Jennifer terá razão: vou desperdiçar minha vida. Desviei os olhos e comecei a beliscar minha comida.

– Então você não é de beber, não é, Kelsey?

– É, acho que não. Para começar, não tenho idade suficiente. E o álcool perdeu toda a graça para mim quando meus pais foram mortos há alguns anos por um motorista embriagado.

– Ah. Foi mal.

Ele fez uma careta e tirou a cerveja do meu campo de visão, escondendo-a embaixo da cadeira.

Droga. O que estou fazendo? Imediatamente me desculpei.

– Está tudo bem, Jason. Lamento ter sido tão deprimente. Prometo que vou ser muito mais animada no jogo.

– Sem problema. Nem pense mais nisso.

Ele voltou a engolir a comida e a rir com os amigos.

O problema foi que eu continuei a pensar naquelas coisas. Sabia que a morte dos meus pais não era algo que eu normalmente mencionaria num primeiro encontro, mas... Eu sabia que *ele* teria reagido de forma bem diferente. Talvez porque fosse mais velho, mais de 300 anos mais velho. Ou porque não fosse americano. Talvez porque também tivesse perdido os pais. Ou porque fosse simplesmente... perfeito.

Tentei pôr fim a esses pensamentos, mas não pude evitá-los. Voltei ao dia em que acordei de um pesadelo envolvendo a morte dos meus pais e ele estava lá para me consolar. Eu ainda podia sentir sua mão enxugando minhas lágrimas enquanto ele me botava no colo.

“Shh, Kelsey. Eu estou aqui. Não vou deixá-la, priya. Quietinha agora. Mein aapka raksha karunga. Não vou deixar nada acontecer com você, priyatama.” Ele havia acariciado meus cabelos e sussurrado palavras tranquilizadoras até eu sentir o sonho desaparecer.

Desde então eu tivera tempo de procurar o significado das palavras que não havia entendido na Índia. *Estou com você. Vou cuidar de você. Minha amada. Minha querida.* Se ele estivesse aqui comigo, teria me puxado para um abraço ou para o seu colo e teria compartilhado da minha tristeza. Teria afagado as minhas costas e compreendido meus sentimentos.

Eu me sacudi. *Não, não teria. Podia ter feito isso antes, mas agora ele havia mudado. Ele já era e o que teria feito ou como teria reagido não tem mais importância. Acabou.*

Jason estava enchendo outro prato e eu tentei parecer interessada e me envolver na conversa. Meia hora depois todos nos levantamos e nos dirigimos para o campo de futebol.

Era bom ficar ao ar livre no clima fresco do outono, mas os bancos

estavam frios e meu nariz, congelado. O frio não parecia incomodar Jason e os amigos. Eles ficavam em pé e torciam muito. Tentei fazer o mesmo, mas não sabia por que estava aplaudindo: o jogo estava muito distante para que eu sequer enxergasse a bola. Eu nunca me interessara muito por futebol americano. Preferia de longe filmes e livros.

Olhei para o painel do placar. O primeiro tempo estava se esgotando. Dois minutos. Um minuto. Vinte segundos. *Ufa!* O timer soou e as duas equipes deixaram o campo correndo. O desfile de boas-vindas teve início e vários carros antigos percorreram o perímetro externo do campo. Garotas bonitas vestidas com chiffon e seda empoleiravam-se no encosto dos bancos traseiros, acenando para a multidão.

Jason se juntou aos outros caras que davam assovios estridentes, expressando admiração. O aroma de sândalo subiu pela arquibancada e uma voz aveludada sussurrou em meu ouvido: “*Você é mais bonita do que qualquer uma daquelas mulheres.*”

Virei bruscamente a cabeça, mas *ele* não estava atrás de mim. Jason ainda se encontrava de pé, gritando junto aos amigos. Deixei-me cair no banco. *Ótimo. Agora estou tendo alucinações.* Pressionei os nós dos dedos contra a cabeça na esperança de que a pressão o empurrasse de volta aos recônditos da minha mente.

Quando o segundo tempo do jogo começou, parei de tentar fingir entusiasmo. Esse era o segundo encontro que me transformava em picolé. Meu corpo foi lentamente se congelando no banco e comecei a bater o queixo. Depois do jogo, Jason me acompanhou até o carro e pôs o braço desajeitadamente em meu ombro, massageando-o para tentar me aquecer, mas ele fez muita força e deixou meu ombro dolorido. Eu nem me dei ao trabalho de perguntar quem havia ganhado.

– Adorei conhecer você melhor esta noite, Kelsey.

Será que ele tinha mesmo me conhecido melhor?

– É, também achei legal.

– Então posso ligar para você outro dia?

Ponderei por um instante. Jason não era um cara *ruim*; era apenas um cara. Primeiros encontros costumavam mesmo ser constrangedores, então decidi lhe dar outra chance.

– Claro. Você sabe onde me encontrar.

Dirigi-lhe um sorriso morno.

- Certo. Vejo você na aula segunda-feira. Tchau.
- Tchau.

Ele voltou para seu grupo de amigos barulhentos e eu me perguntei se tínhamos alguma coisa em comum.

ENCONTRO 3

Antes de que eu me desse conta, chegou o Halloween – e, com ele, o encontro com Li.

Havia alguma coisa nele que fazia com que eu me sentisse muito à vontade. Ele era mais divertido que Jason e, a contragosto, admiti que era muito possível que eu me sentisse mais relaxada na presença de Li porque ele me lembrava um pouco o homem que eu estava tentando esquecer.

Relutante, puxei a porta do closet que jurei nunca abrir e encontrei uma blusa de mangas compridas laranja-escuro, enfeitada com botões de madeira e uma faixa na cintura. Para combinar, calça jeans escura com lycra. Ambas me serviram perfeitamente, como se tivessem sido feitas sob medida. Um par de botas escuras encontrava-se no fundo do armário e, após calçá-las, dei uma voltinha na frente do espelho. A roupa fazia com que eu parecesse alta, chique e... estilosa, o que não era o meu normal.

Deixei o cabelo solto, os cachos cascadeando pelas costas, para mudar um pouco. Passei um brilho alaranjado nos lábios e segui para o estúdio, tomando o cuidado de dirigir mais devagar do que de hábito para evitar alguma criança desatenta correndo atrás de doces.

Li estava em seu carro ouvindo música e balançando a cabeça para cima e para baixo. Assim que me avistou, imediatamente desligou o rádio e saltou do carro.

Ele sorriu.

– Uau, Kelsey! Você está linda!

Eu ria fácil com ele.

– Obrigada, Li. É muita gentileza sua. Se estiver pronto, posso seguir você até a casa de sua avó.

Voltei para o meu carro, mas Li passou correndo por mim e abriu a porta.

- Puxa, quase que eu não consigo! – Ele sorriu para mim outra vez.
- Meu avô me ensinou a sempre abrir a porta para as damas.
- Nossa, você é um perfeito cavalheiro.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente, riu e então voltou para seu

carro. Dirigiu devagar também, verificando com frequência no retrovisor se eu o acompanhava nos cruzamentos. Seguimos até um bairro mais antigo, muito agradável.

– Meus avós moram nesta casa – explicou Li quando entramos. – As noites de jogos são sempre aqui porque a mesa é maior. Além disso, minha avó cozinha muito bem.

Li pegou minha mão e me conduziu para uma cozinha muito bonita com um cheiro mais gostoso que qualquer restaurante chinês em que eu já estivera. Uma mulher pequenina de cabelos brancos espiava dentro de uma panela de arroz. Quando ergueu a cabeça, as lentes dos óculos estavam embaçadas.

– Kelsey, esta é Vó Zhi. Vó Zhi, *huó* Kelsey.

Ela sorriu, assentiu com a cabeça e segurou meus dedos nos dela.

– Olá. Muito prazer.

Retribuí o sorriso.

– Prazer em conhecê-la também.

Li enfiou o dedo numa panela borbulhante e sua avó pegou uma colher de madeira e bateu com ela levemente em sua mão. Então o repreendeu em mandarim.

Ele riu enquanto ela estalava a língua afetuosamente.

– Até mais tarde, vó.

Eu a flagrei sorrindo orgulhosa para ele quando deixávamos a cozinha.

Segui Li até a sala de jantar. Toda a mobília havia sido afastada para o lado a fim de abrir espaço para a grande mesa. Em torno dela encontrava-se um grupo de garotos asiáticos que discutiam acaloradamente a colocação das peças no tabuleiro do jogo. Li me levou até o grupo.

– Ei, pessoal. Esta é Kelsey. Ela vai jogar com a gente esta noite.

Um garoto ergueu as sobrancelhas.

– Muito bem, Li!

– Agora dá para entender por que ele demorou tanto.

– Está com sorte. Wen trouxe o kit de expansão.

Houve vários outros murmúrios e cadeiras foram arrastadas. Pensei ter ouvido um comentário abafado sobre trazer uma garota para o grupo, mas não sabia dizer quem teria falado. Depois de alguns instantes, todos se acomodaram para começar o jogo.

Li sentou-se ao meu lado e me explicou as regras do jogo. De início

eu nunca sabia se era uma decisão sábia trocar trigo por tijolo ou minério por ovelhas, então podia pedir ajuda a ele. Depois de algumas rodadas, comecei a me sentir confiante o bastante para jogar por conta própria. Troquei duas de minhas aldeias por cidades e todos os garotos deram um gemido.

Perto do fim do jogo, estava óbvio que o desfecho seria uma disputa entre mim e um garoto chamado Shen. Ele se gabou, de leve, sobre como estava perto da vitória e que eu não tinha chance. Entreguei uma ovelha, um minério e um trigo e comprei uma carta de desenvolvimento. Era um bônus, o último do jogo.

– Ganhei!

Os garotos resmungaram, disseram que foi sorte de principiante e fizeram um estardalhaço, ameaçando recontar todos os meus pontos só para ter certeza de que minha conta estava certa. Fiquei surpresa ao saber que haviam se passado horas. Meu estômago roncou.

Li se levantou e se espreguiçou.

– Hora de comer.

A avó dele havia montado um delicioso bufê para nós. Os garotos fizeram uma montanha em seus pratos com arroz frito, bolinhos de legumes e de carne, tempura de legumes e verduras e miniaturas de rolinhos primavera de camarão. Li pegou refrigerante para nós dois e nos acomodamos na sala de estar.

Ele prendeu seus bolinhos de carne de porco habilmente com os hashis e disse:

– Então me fale sobre você, Kelsey. Alguma coisa além do *wushu*. O que você fez nas férias?

– Ah, isso. Eu, hã... trabalhei na Índia como estagiária.

– Uau! Isso é incrível! O que você fazia?

– Na maior parte do tempo catalogava e registrava ruínas, obras de arte e coisas históricas. E você? O que fez nas férias?

Voltei a pergunta para ele, ansiosa para desviar o foco da conversa.

– Basicamente trabalhei para o meu avô no estúdio. Estou tentando economizar para a faculdade de medicina. Eu me formei em biologia na Universidade de Portland.

Fiz os cálculos rapidamente, e as contas não pareciam fechar.

– Quantos anos você tem, Li?

Ele sorriu.

– Vinte e dois. Adiantei muitas disciplinas e também fiz cursos de

verão. Na verdade todos os jogadores aqui são universitários. Meii está estudando química, Shen, engenharia da computação, Wen acabou de se formar e está fazendo mestrado em análise estatística e eu quero fazer medicina.

– Vocês realmente... sabem o que querem.

– E você? Está estudando o quê, Kelsey?

– Estudos internacionais e história da arte. Nesse momento estou focando a Índia – respondi, jogando outro bolinho na boca. – Mas talvez eu devesse mudar para *wushu* para me livrar de todas essas calorias.

Li riu e pegou meu prato. Voltamos para a sala de jogos e eu parei para olhar a foto de Li e do avô, Chuck. Cada um segurava três troféus.

– Caramba. O estúdio ganhou todos esses?

Li espiou a foto e enrubesceu.

– Não, são todos meus. Participei de um torneio de artes marciais.

Ergui as sobrancelhas, surpresa.

– Eu não sabia que você era assim *tão* bom. Isso é um feito e tanto.

– Tenho certeza de que meus avós vão lhe falar sobre isso – disse Li, me levando de volta à cozinha. – Não tem nada que eles gostem mais de fazer do que falar dos méritos de seus descendentes. Certo, Vó Zhi?

Li deu-lhe um beijo no rosto e ela agitou as mãos para enxotá-lo de sua lava-louças.

Os rapazes haviam definido um novo jogo que era muito mais fácil de aprender. Eu perdi, mas foi muito divertido. Quando o jogo chegou ao fim, já passava da meia-noite. Li me acompanhou até o carro na noite fria e estrelada.

– Valeu por ter vindo, Kelsey. Eu me diverti muito com você. Acha que ia gostar de repetir a dose? A gente se reúne a cada 15 dias.

– Claro. Parece divertido. E já que eu ganhei no primeiro jogo você vai pegar mais leve comigo na aula de *wushu*? – provoqueei.

– Nada disso. Quando você ganha, eu pego ainda mais pesado.

Eu ri.

– Então me lembre de perder da próxima vez. E o que acontece quando *você* ganha?

Ele sorriu.

– Hum... vou pensar.

Ele recuou e ficou parado sob a luz da entrada da casa, observando

enquanto eu me afastava.

Fui para a cama me arrastando de cansaço, pensando que, com o passar do tempo, eu poderia aprender a gostar de Li. Ele era divertido e gente boa. Eu não sentia nada por ele que não fosse amizade, mas talvez isso pudesse mudar no futuro. A vida normal estava começando a parecer... normal outra vez. Virei-me de lado, me enrolei na colcha da minha avó e acidentalmente derrubei meu tigre branco da cama.

Por alguns instantes considerei a possibilidade de deixá-lo no chão ou colocá-lo no armário. Fiquei deitada imóvel, olhando o teto, tentando reunir forças para fazer isso. Minha decisão durou apenas cinco minutos e eu me repreendi por minha fraqueza. Estiquei-me na cama, peguei o tigre de pelúcia e o aconcheguei junto ao peito, me desculpando pelo simples fato de ter tido tal pensamento.



Um presente de Natal

Passado o Halloween, concentrei minha atenção em estudar para as provas e evitar Artie. Ele conseguira o número do meu celular de alguma forma e me ligava exatamente às cinco horas todas as tardes. Às vezes me esperava depois da aula. O cara não se mancava.

Também dediquei algum tempo a esclarecer meus sentimentos por Jason. Saímos mais algumas vezes, mas eu sempre tinha a impressão de que não falávamos a mesma língua. Ele achava que Shakespeare, poesia e livros eram chatos, e eu não conseguia apreciar as sutis diferenças entre equipes esportivas universitárias e profissionais. Não creio que ele desse muita importância ao fato de não sermos compatíveis. No fundo eu sabia que meu relacionamento com Jason não estava indo a lugar algum, mas ele era uma distração mental e eu gostava de tê-lo como parceiro nas aulas.

Justo quando eu achava que já tinha dominado a questão dos encontros casuais, Li resolveu tornar a coisa ainda mais complicada. Estávamos conversando no estúdio quando de repente ele ficou calado, rolando a garrafa de água, nervosamente, para a frente e para trás entre as palmas das mãos.

– Kelsey... – finalmente falou. – Queria saber se você quer sair comigo. Só nós dois. Como num encontro de verdade.

Minha mente disparou com pensamentos confusos.

– Ah. É... claro – respondi devagar. – Gosto da sua companhia. Você é muito divertido e é fácil conversar com você.

Ele fez uma careta.

– Mas você *gosta mesmo* de mim ou simplesmente *gosta* de mim?

Pensei por um momento e em seguida disse:

– Bem, para ser sincera, acho que você é um cara incrível e gosto

muito de você. Mas não sei se posso ter um relacionamento sério com alguém neste momento. Eu rompi com uma pessoa recentemente e ainda não me recuperei.

– Entendi. É difícil superar essas coisas. Mas ainda assim quero sair com você. Isso se achar que vai ser bom e se estiver pronta.

Levei um instante para responder:

– Está bem. Acho que vai ser legal.

– Que tal começarmos com um filme de artes marciais? Tem um lugar que exhibe filmes antigos sextas, à meia-noite. Quer ir?

– Quero, mas só se você prometer que vai me ensinar um dos golpes do filme – acrescentei, feliz por termos resolvido a questão.

Resolvido mais ou menos, pensei enquanto nos despedíamos.

Li e eu começamos a nos ver fora da noite de jogos e das aulas. Ele era um cavalheiro e nossos encontros eram sempre divertidos e interessantes. Apesar de ter toda essa atenção, eu me sentia sozinha. Não era o tipo de solidão que se curava ficando na companhia de outras pessoas. Minha alma se sentia solitária. A noite era o pior momento, pois eu tinha a sensação de que *ele* estava perto de mim, mesmo estando de fato a um oceano de distância. Havia uma corda invisível amarrada em meu coração, nos conectando. Sua força implacável ficava tentando me puxar de volta. Talvez um dia essa corda se desgastasse e por fim se rompesse.

As aulas de *wushu* eram o escape perfeito para descarregar parte da frustração que eu sentia com a minha vida. Os movimentos eram precisos e não exigiam nenhuma emoção, o que era uma mudança bem-vinda. Além disso, eu estava começando a me aprimorar. Meus braços e pernas estavam mais definidos e eu também me sentia mais forte. Se alguém me atacasse, talvez eu pudesse mesmo me defender, o que era um pensamento encorajador. Quem precisava da proteção de um tigre? Eu simplesmente daria um chute na cara do inimigo.

Como alunos, não deveríamos nutrir pensamentos assim, mas a maioria das pessoas não tinha que encarar macacos *kappa* imortais querendo devorá-las, como era o meu caso. Assim, eu me permitia visualizar meus muitos possíveis oponentes e chutava com violência. Até Li comentou que meus chutes estavam ficando mais fortes.

Li cumpriu sua parte no acordo e me ensinou um golpe que vimos no filme. Ele me deixou praticar com ele, mas eu errava tudo e acabamos caindo embolados no tatame, rindo.

– Kelsey, você está bem? Machuquei você?

Eu não conseguia parar de rir.

– Não, estou bem. Grande golpe, hein?

Li estava debruçado sobre mim, o rosto perto do meu.

– Nada mau. Agora eu tenho você exatamente onde queria.

De repente a atmosfera leve e alegre se desfez e foi substituída por uma tensão densa e ansiosa. Ele aproximou um pouco mais o rosto do meu e hesitou, observando minha reação. Fiquei paralisada e senti uma onda de tristeza me cobrir. Afastando o rosto ligeiramente, fechei os olhos. Eu não podia beijá-lo. A ideia era agradável, mas não a ponto de dar aquele frio na barriga. Não parecia certo.

– Me desculpe, Li.

Ele me deu uma pancadinha de leve sob o queixo.

– Não se preocupe. Topa sair para tomar um milk-shake?

Seus olhos estavam um pouco tristes, mas ele parecia determinado a manter o clima descontraído entre nós e rapidamente desviou minha atenção para outras coisas.

Em meio ao meu festival de encontros, o Sr. Kadam me trouxe boas notícias. Ele havia decifrado uma parte importante da profecia de Durga e me pediu que o ajudasse com a pesquisa, o que eu estava mais do que disposta a fazer. Peguei um bloquinho e perguntei:

– O que o senhor tem para mim?

– As provas das quatro casas. O texto diz especificamente: uma casa de cabaças, uma casa de mulheres sedutoras e uma casa de algum tipo de criaturas aladas.

– Que tipo de criaturas aladas? – perguntei e engoli em seco.

– Ainda não sei.

– E a quarta casa?

– Parece que são duas casas com animais alados. Creio que um será uma espécie de pássaro, porém, mais para o fim da profecia, também se menciona metal ou ferro. O outro animal alado tem o símbolo de “grande” ao lado e o mesmo símbolo se repete mais para o fim da profecia. Quero que você pesquise todos os mitos que puder encontrar que incluam passar por casas ou uma prova de casas e me informe sobre o que descobrir.

– Pode deixar comigo.

– Ótimo.

A conversa então se voltou para coisas mundanas e, embora eu

estivesse feliz por ele me incluir na pesquisa, meu estômago se revirava com a ideia de voltar à Índia. Eu estava pronta para o perigo, a magia e o sobrenatural, no entanto voltar também significava ter que encará-lo novamente. Eu estava me saindo bem em meu propósito de levar uma vida comum, mas, sob a superfície, onde podia esconder meus sentimentos mais íntimos, alguma coisa se agitava. Eu me sentia desconectada, fora de lugar. A Índia me chamava, às vezes baixinho, às vezes com um rugido, porém o chamado era constante e eu de vez em quando me perguntava se algum dia conseguiria me acomodar novamente numa vida normal.

O Dia de Ação de Graças chegou e Sarah e Mike me convidaram para seu banquete de tofu. Fiquei olhando para sua abundância de abóboras e morangas festivas durante a refeição, tentando descobrir como cabaças de aparência tão inofensiva poderiam vir a ser alguma coisa perigosa, e o tempo todo me perguntava como elas se encaixariam na busca seguinte. Era um dia frio e chuvoso, mas meus pais adotivos tinham a lareira acesa. Para minha surpresa, alguns dos pratos vegetarianos estavam de fato gostosos. Mas não consegui comer a torta sem açúcar e sem glúten.

– E aí? Quais são as novidades? Algum gatinho na faculdade? – provocou Sarah.

Ergui os olhos da torta de abóbora que eu espetava cautelosamente com um garfo.

– É... bem... estou saindo com alguém – admiti, tímida. – Tem um cara chamado Li e também tem o Jason. Não é nada sério. Saímos poucas vezes.

Sarah ficou eufórica e tanto ela quanto Mike me importunaram com um monte de perguntas que eu não tinha a menor vontade de responder.

Felizmente Jennifer também havia me convidado, assim como a Li, para o jantar de Ação de Graças e consegui escapar da casa dos meus pais a tempo de passar na de Jennifer. Ela morava numa bela casa em West Salem. Levei uma torta de limão com suspiro, a primeira que eu havia tentado fazer, e estava orgulhosa do resultado. Eu tinha deixado o suspiro dourar só um pouquinho a mais, porém, tirando isso, parecia boa.

Li ficou radiante quando me viu à porta. Ele me confessou que já havia se empanturrado no jantar de sua família, mas que guardara o espaço da sobremesa para a minha torta – e foi fiel à sua palavra. Li

comeu metade dela sozinho.

Jennifer também fizera uma torta de abóbora, uma de amora e um cheesecake. Peguei um pedacinho de cada e me senti no céu. Li soltou um gemido e se queixou de que sua barriga estava tão cheia que ele teria que dormir ali mesmo. Os filhos de Jennifer pularam de alegria com a ideia, sacudindo seus chapéus de peregrinos, mas se acalmaram imediatamente quando ela colocou o DVD *Charlie Brown e o Dia de Ação de Graças*.

Eu estava ajudando Jennifer a arrumar a cozinha quando ela perguntou:

- Me conta! Como estão indo as coisas com – ela sussurrou – Li?
- Hum, está tudo bem.
- Vocês estão ficando?
- É complicado...

Ela deu de ombros e franziu a testa diante da lava-louça.

– O cara de quem você nunca fala ainda está empatando o meio de campo?

Interrompi na metade o gesto de secar com o pano de prato a travessa do peru.

– Me desculpe se fui grosseira. Para ser sincera, é difícil falar sobre ele. Mas o que você quer saber?

Ela pegou outro prato, esfregou com a bucha e o mergulhou na água de enxágue.

- Quem é ele? Onde está? Por que vocês não ficaram juntos?
- Ele está na Índia. E não ficamos juntos porque... – eu sussurrei – ...porque eu o deixei.
- Ele a tratou mal?
- Não, não. Não foi nada disso. Ele era... *perfeito*.
- Ele não queria que você voltasse?
- Não.
- Ele não quis vir com você?

O canto da minha boca se curvou num leve sorriso.

- Tive que implorar para que ele ficasse.
- Então eu não entendo. Por que você o deixou?
- Ele era... ele era... – Suspirei. – É complicado.
- Você o amava?

Pousei na mesa a travessa que estava secando fazia cinco minutos e

torci a toalha nas mãos. Então respondi, baixinho:

– Amava.

– E agora?

– Agora... quando estou sozinha... às vezes tenho a sensação de que não consigo respirar.

Jennifer assentiu e lavou mais louça. Os talheres retiniam suavemente na água cheia de bolhas de sabão. Inclinando um pouco a cabeça, ela perguntou:

– Qual é o nome dele?

Olhei melancólica para a janela da cozinha. Estava escuro lá fora e eu podia ver meu reflexo, os ombros caídos e os olhos sem vida.

– Ren. O nome dele é Ren.

Dizer o nome dele machucava ainda mais meu coração partido. Senti uma lágrima escorrer pelo rosto e tornei a olhar para a janela, bem a tempo de vislumbrar o reflexo de Li, parado atrás de mim. Ele se virou e saiu da cozinha, mas não antes que eu visse sua expressão. Eu o havia magoado.

Jennifer estendeu a mão e apertou meu braço.

– Vá falar com ele. É melhor resolver as coisas logo.

Ela estava certa. Eu precisava conversar com Li.

Ele já deixara a casa. Enquanto eu pegava minhas coisas e agradecia, Jennifer saiu da cozinha e acenou para que eu fosse.

Saí e o encontrei encostado em seu carro com os braços cruzados diante do peito.

– Li?

– Oi.

– Lamento que você tenha ouvido aquilo.

Ele deixou escapar um suspiro profundo.

– Está tudo bem. Você me avisou antes de começarmos que seria difícil. Acho que só tenho uma pergunta.

– Pode fazer.

Ele se virou para me encarar e olhou fundo em meus olhos.

– Você ainda está apaixonada por ele?

– Eu... eu acho que sim.

Ele murchou visivelmente.

– Mas, Li, isso não tem importância. Ele ficou para trás. Está em outro continente. Se quisesse tanto assim estar comigo, teria vindo

atrás de mim. Mas ele não está aqui. Na verdade, nem sequer telefonou. Eu só preciso... de tempo. Um pouco mais de tempo para... deixar esses sentimentos de lado. Eu quero poder fazer isso. – Estendi a mão e segurei a dele. – Não é justo com você, eu sei. Você merece namorar alguém que não tenha esse tipo de bagagem.

– Kelsey, todo mundo tem algum tipo de bagagem. – Ele chutou o pneu do carro. – Eu gosto de você e quero que goste de mim. Talvez dê certo, se formos devagar. Podemos aprender a ser amigos primeiro, por um tempo.

– Isso basta para você?

– Vai ter que bastar. Não tenho outra opção, a não ser parar de sair com você, e essa não é uma boa opção para mim.

– Então, vamos devagar.

Li sorriu e se inclinou para me beijar no rosto.

– Você vale a espera, Kelsey. E, só para registrar, o cara foi maluco de deixar você partir.

Embora eu houvesse pegado pilhas de livros emprestados na biblioteca e passado horas incontáveis na internet, ainda não encontrara qualquer informação útil sobre a prova das quatro casas. Eu esperava que as criaturas aladas nessa parte da busca fossem borboletas inofensivas, mas por algum motivo duvidava que seria assim tão fácil. *Pelo menos agora tínhamos uma pista sobre como o tema “ar” entraria na história*, pensei.

Com a cabeça enfiada nos livros quase o tempo todo, o Dia de Ação de Graças deu lugar rapidamente às festas do Natal. Podiam-se ver enfeites luminosos em todos os bairros e nas vitrines das lojas. Continuei a sair tanto com Li quanto com Jason e, em meados de dezembro, Li me levou ao casamento de um primo.

Nas últimas duas semanas eu vinha repetindo para mim mesma que eu queria de verdade que as coisas dessem certo com Li, que seria bom se eu lhe abrisse meu coração. Ele estava muito bonito quando foi me pegar, vestindo um terno escuro. Meu coração se agitou quando o vi. Talvez não com amor, mas pelo menos com alegria por estar com ele.

– Uau, Kelsey. Você está maravilhosa!

Eu havia vasculhado meu armário proibido e encontrado um vestido de princesa cor de pêssego, feito de cetim e organza. A parte de cima era um espartilho justo que se abria em uma saia de pétalas até o meio da canela.

O casamento foi celebrado num clube campestre. Quando a cerimônia chegou ao fim, surgiram dançarinos e músicos chineses e nós os seguimos, como num desfile, até a área da recepção. Um dos músicos tocava bandolim. Parecia o instrumento pendurado na parede da sala de música do Sr. Kadam.

Guarda-sóis vermelhos, leques dourados e sofisticados origamis decoravam o salão. Li explicou que tudo aquilo era tradicional em casamentos chineses. A noiva usava um vestido vermelho e, em lugar de caixas com presentes, os convidados davam ao casal envelopes vermelhos com dinheiro.

Li indicou um grupo de garotos usando terno preto e óculos de sol. Arregalei os olhos e tive que reprimir uma gargalhada quando percebi que era o nosso grupo de jogo. Eles sorriram e acenaram para mim. Um dos rapazes tinha uma grande valise presa ao pulso por uma algema.

– Por que estão vestidos assim? – perguntei. – E o que tem na valise?

Ele riu.

– Mil dólares em notas de um, novinhas em folha. Eles vão algemar a valise ao noivo. É uma brincadeira. Meu primo fazia parte do grupo de jogo até que o trabalho ocupou todo o tempo dele. Como é o primeiro a se casar, ele leva a valise.

Fomos avançando na fila dos cumprimentos e Li me apresentou ao primo e à noiva. Ela era baixinha, muito bonita e parecia tímida. Depois disso nos sentamos à mesa do jantar, onde logo fomos acompanhados por todos os amigos de Li, que implicavam com ele por não usar os óculos escuros também.

A noiva e o noivo celebraram uma cerimônia em que acendiam velas em honra aos ancestrais e então o jantar foi servido: peixe, simbolizando a abundância; uma lagosta inteira, representando a plenitude; pato à Pequim, para a alegria e a felicidade; sopa de barbatana de tubarão, para garantir a riqueza; talharim, para uma vida longa; e salada de pepino-do-mar, para a harmonia conjugal. Li tentou me fazer provar pãezinhos doces de semente de lótus, que simbolizavam a fertilidade.

– Ah... obrigada – falei, hesitante –, mas essa eu vou passar.

Depois dos votos de felicidades de ambos os lados da família, o casal dançou sua primeira música.

Li apertou minha mão e se levantou.

– Kelsey, me dá a honra?

– Claro.

Ele me girou pela pista de dança uma vez antes que seus amigos comessem a se intrometer entre nós. Não consegui dançar mais do que uma vez com Li. Algumas músicas depois, um bolo de três andares foi trazido ao salão. A parte interna era alaranjada e a externa era decorada com um glacê perolado com sabor de amêndoas e lindas orquídeas de açúcar.

Quando Li me deixou em casa naquela noite, eu estava feliz. Eu gostava de verdade de fazer parte do mundo dele. Eu o abracei e lhe dei um beijo de boa-noite no rosto, e ele sorriu como se tivesse acabado de ganhar um troféu de artes marciais.

Passei o dia de Natal com minha família adotiva. Bebericando chocolate quente, fiquei observando as crianças abrirem os presentes. Sarah e Mike me deram um conjunto de agasalho e calça de corrida. Eles estavam sempre tentando me convencer a correr com eles. As crianças me deram luvas e uma echarpe. Eu pretendia ficar com eles naquela manhã e então passar o restante do dia com Li, que me pegaria às duas da tarde para sairmos.

O presente dele, uma coleção de filmes de artes marciais, estava na mesinha de centro na minha sala de estar. Eu já tinha decidido que, se ele não tentasse me beijar até o fim daquele encontro, eu o beijaria. Tinha até pendurado um galho de visco na minha porta de entrada. Uma parte irracional da minha mente dizia que talvez beijá-lo fosse a chave para romper o elo que ainda sentia com o homem que eu abandonara. Eu sabia que provavelmente não seria assim tão fácil, mas aquele poderia ser o primeiro passo.

Fiquei pensando no encontro. As crianças brincavam com seus presentes e os adultos estavam sentados perto da árvore de Natal, ouvindo canções natalinas e conversando baixinho, quando a campainha soou.

– Está esperando alguém, Sarah? – perguntei ao me levantar para atender a porta.

– Deve ser um pacote do Sr. Kadam. Ele disse que você teria uma surpresa.

Girei a maçaneta e abri a porta.

Parado na entrada da casa estava o homem mais lindo do planeta. Meu coração parou e em seguida disparou num galope trovejante

dentro do meu peito. Olhos azul-cobalto ansiosos exploraram cada detalhe do meu rosto. Rugas de tensão desapareceram de sua expressão e ele respirou fundo, como um homem que tivesse estado debaixo d'água por muito tempo.

Satisfeito, o anjo guerreiro sorriu suave e docemente e estendeu a mão vacilante para tocar meu rosto. Senti o elo que nos unia fechar os dedos em torno do meu coração e apertar, aproximando-nos. Envolvendo-me com os braços, hesitante a princípio, ele encostou a testa na minha e esmagou meu corpo de encontro ao seu. Então me embalou para a frente e para trás e acariciou delicadamente meu cabelo. Suspirando, ele sussurrou uma única palavra:

– *Kelsey*.



Retorno

Envolta em seus braços eu ouvia meus batimentos cardíacos. Quando Ren me tocou, todas as emoções que eu vinha contendo transbordaram e inundaram meu corpo, preenchendo lentamente o vazio em meu peito.

Eu me senti desabrochar e crescer com novo alento. Ren era o sol e a ternura que ele me dedicava era a água que proporcionava a vida. Uma parte dormente de mim explodiu, viva e pulsante, estendeu raízes profundas, abriu folhas verdes e espessas e disparou ramos anelados, unindo-nos ainda mais.

Sarah chamou da cozinha, lembrando-me de que existia um mundo além de nós dois.

– Kelsey? Kelsey? Quem é?

Voltando à realidade, eu me afastei. Ele me soltou, mas deslizou a mão pelo meu braço e entrelaçou os dedos nos meus. Eu estava muda. Minha boca se abriu para responder, mas não consegui falar uma palavra sequer.

Ren notou minha dificuldade e anunciou sua chegada.

– Com licença. Vocês são o Sr. e a Sra. Neilson?

Tanto Mike quanto Sarah pararam o que estavam fazendo ao vê-lo. Ren dirigiu-lhes seu sorriso arrasador e estendeu a mão.

– Olá. Sou o neto do Sr. Kadam, Ren.

Ele apertou calorosamente a mão de Mike e então a estendeu para Sarah. Quando Ren voltou seu sorriso para ela, Sarah enrubesceu, nervosa como uma adolescente. Saber que eu não era a única mulher a ficar abobada quando ele estava por perto fez com que eu me sentisse melhor. Ele exercia um efeito hipnótico sobre mulheres de todas as idades.

– Oi, Ren – disse Mike. – Que coincidência. Ei, Kelsey, aquele tigre não se...

Eu me adiantei.

– Ah, é. Engraçado, não? – Olhei para Ren e o apontei com o polegar. – Mas *Ren* na verdade é só o apelido dele. Seu nome mesmo é... Al. – Dei-lhe um soco no braço. – Não é mesmo, Al?

Ele franziu as sobrancelhas, confuso.

– É, sim, Kelsey. – Então voltou-se novamente para Mike e Sarah. – Na verdade, é Alagan, mas podem me chamar de Ren. Todos me chamam assim.

A essa altura Sarah já havia se recuperado.

– Ren, por favor, entre e conheça as crianças.

Ele sorriu para ela novamente e disse:

– Eu adoraria.

Sarah respondeu reprimindo uma risadinha infantil e ajeitando o cabelo. Ren se abaixou para pegar vários pacotes grandes que ele havia empilhado junto à porta, enquanto eu seguia direto para a sala.

Enquanto Mike ajudava Ren, Sarah veio até mim e sussurrou:

– *Kelsey*, quando vocês dois se conheceram? Por um instante, pensei que estivesse finalmente conhecendo Li. O que está acontecendo?

Fitei a árvore de Natal enquanto murmurava:

– É o que eu gostaria de saber.

Os homens entraram na sala, onde Ren tirou o sobretudo cor de carvão e o pendurou numa cadeira. Ele vestia calça jeans e uma camisa polo cinza de mangas compridas e zíper, que modelava seu peito e seus braços.

– Quem é Li? – perguntou Ren.

– Como você... – Fechei a boca rapidamente. Eu havia me esquecido de sua audição de tigre. – Li é... é... um cara... que eu conheço.

Sarah ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

Ren me observou com atenção, esperou educadamente que eu me sentasse e então se acomodou no sofá ao meu lado. No instante seguinte as crianças estavam em cima dele.

– Eu trouxe presentes para vocês dois – disse, em tom conspiratório. – Vocês podem abri-los juntos?

As crianças fizeram que sim com a cabeça, sérias, e ele riu e entregou a elas uma caixa grande. Elas a abriram freneticamente e tiraram dali uma coleção de livros do Dr. Seuss. A princípio os livros

me pareceram estranhos. Peguei um deles e descobri por quê.

– Você comprou exemplares raros, da primeira edição! – sussurrei para ele. – *Para crianças?* Devem valer milhares de dólares *cada um*!

Ele prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e se inclinou.

– Tenho em casa uma coleção igualzinha para você – sussurrou. – Não seja ciumenta.

Meu rosto ficou vermelho vivo.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Ele riu e pegou o presente seguinte. Mike olhava a todo instante pela janela o carro de Ren.

– Ren, estou vendo que você dirige um Hummer.

Ren ergueu os olhos para Mike.

– Isso mesmo.

– Acha que pode me levar para dar uma volta? Quer dizer... sabe, eu sempre quis andar num desses.

Ren esfregou o queixo.

– Claro, só não posso hoje. Tenho que me instalar em minha nova casa.

– Ah... você vai ficar aqui por um tempo?

– É o que pretendo fazer, pelo menos este semestre. Eu me matriculei em algumas disciplinas na Western Oregon University.

– Bem, isso é ótimo. Vai frequentar a mesma universidade de Kelsey.

Ren sorriu.

– É. Talvez a gente se esbarre por lá.

Mike voltou a atenção para o carro novamente com um grande sorriso no rosto. Sarah me observava atenta. Tentei manter uma expressão neutra, mas, por dentro, eu era um amontoado incoerente de perguntas.

O que ele está pensando? Vai ficar aqui? Onde? Vai para a faculdade comigo? O que eu vou fazer? Por que ele está aqui?

Ren deslizou uma grande caixa para Sarah e Mike.

– Este é para vocês dois.

Mike ajudou Sarah a abrir a embalagem e tiraram dali uma batedeira vermelha novinha em folha, com todo tipo de acessórios que se pode imaginar. Eu não ficaria surpresa se Sarah pudesse criar uma

escultura de gelo com aquela coisa. Ela começou a falar cheia de entusiasmo sobre todas as coisas orgânicas e sem trigo que agora poderia fazer.

Ren pegou um pacote menor e o entregou a mim.

– Este é do Sr. Kadam.

Abri e encontrei exemplares encadernados em couro do *Mahābhārata*, da Índia, do *Romance dos três reinos*, da China, e de *O conto de Genji*, do Japão, todos traduzidos para o inglês. Também havia uma breve carta me desejando feliz Natal.

Corri a mão sobre as capas de couro e planejei ligar para ele mais tarde e lhe agradecer.

Ren me entregou outro presente.

– Este é de Kishan.

Sarah ergueu os olhos de sua bateadeira e perguntou:

– Quem é Kishan?

– Kishan é meu irmão mais novo – respondeu Ren.

Sarah me lançou um olhar maternal de repreensão, ao qual reagi dando de ombros timidamente. Eu não havia falado nem de Ren nem de Kishan para ela, que devia estar se perguntando como eu poderia deixar de lembrar de alguém como ele.

Desfiz o embrulho e encontrei uma caixinha de joias da Tiffany's. Dentro havia um delicado colar de ouro branco. O cartão havia sido escrito à mão, com muito capricho:

Oi, Kells,

Estou com saudade.

Venha logo para casa.

Achei que você fosse gostar de algo mais feminino para usar com meu amuleto.

Também tem um presente extra na caixa, para o caso de você precisar.

Kishan

Deixei o cordão de lado e vasculhei a caixa. Encontrei um pequeno cilindro envolto em papel fino. Desenrolando-o, um frio recipiente de

metal caiu na palma da minha mão. Era uma latinha de spray de pimenta. Nele, Kishan havia colado uma imagem de um tigre com um círculo cortado ao meio sobre o rosto. No alto, liam-se as palavras “Repelente Contra Tigres” em letras grandes e negras.

Eu ri e Ren o tomou de mim. Depois de ler o rótulo, ele franziu a testa e jogou a lata de volta na caixa. Abaixando-se, pegou mais um pacote.

– Este é meu.

Suas palavras me deixaram alerta. Olhei rapidamente para avaliar a expressão de Mike e de Sarah. Mike parecia contente, alheio à tensão que eu sentia, mas Sarah estava mais ligada e me observava com atenção. Fechei os olhos por um segundo, rezando para que o que quer que houvesse naquela caixa não motivasse um bilhão de perguntas.

Deslizei os dedos sob o elaborado papel de presente e desfiz o embrulho. Levando a mão ao interior da caixa, senti algo de madeira lisa e polida. Lá dentro havia um porta-joias entalhado à mão.

Ren se inclinou na minha direção.

– Pode abrir.

Corri a mão nervosamente pela tampa e a abri com cuidado. Havia fileiras de minúsculas gavetas, forradas com veludo, e dentro de cada gavetinha uma fita de cabelo enrolada.

– As partes são soltas, está vendo?

Ele ergueu a seção superior e a seguinte. Havia cinco seções, com cerca de 40 fitas por seção.

– Todas as fitas são diferentes. Não há nenhuma cor repetida e tem pelo menos uma de cada um dos principais países do mundo.

Atônita, eu disse:

– *Ren...* eu...

Levantei a cabeça. Mike não via nada de extraordinário na cena. Ele devia achar que uma coisa assim acontecia todos os dias. Sarah olhava para Ren com outros olhos. Suas expressões de suspeita e preocupação haviam desaparecido.

Com um pequeno sorriso de aprovação, ela disse:

– Parece que você conhece Kelsey muito bem, Ren. Ela adora fitas de cabelo.

De repente Sarah pigarreou, pôs-se de pé e nos pediu que olhássemos as crianças enquanto eles iam dar uma corridinha. Eles

nos trouxeram duas canecas de chocolate fumegante e desapareceram escada acima, indo trocar de roupa. Embora eles se exercitassem sempre, em geral faziam uma pausa no Natal. *Será que ela estava tentando nos dar algum tempo a sós? Eu não sabia se devia abraçá-la ou implorar para que ficasse.*

A caixa ainda estava no meu colo e eu manuseava distraidamente uma fita quando os dois saíram correndo pela porta com um aceno.

Ren tocou minha mão.

– Você não gostou?

Olhei dentro de seus olhos azuis e disse, a voz rouca:

– É o *melhor* presente que já ganhei.

Ele sorriu, radiante, pegou minha mão e depositou um beijo em meus dedos.

Voltando-se para as crianças, perguntou:

– Quem quer ouvir uma história?

Rebecca e Sammy escolheram um livro e subiram no colo de Ren. Ele envolveu cada um deles com um braço e começou a ler. Só empacou numa palavra, mas as crianças o ajudaram, e a partir de então ele leu certinho. Eu estava impressionada. O Sr. Kadam deve tê-lo ensinado a ler inglês.

Ren convenceu Sammy a segurar o livro para ele e me agarrou com o braço livre. Ele me puxou contra seu corpo, de modo que minha cabeça descansasse em seu ombro. Então correu os dedos, provocante, para cima e para baixo em meu braço.

Quando Mike e Sarah voltaram, levantei de um salto e comecei a recolher minhas coisas numa louca correria. Nervosa, olhei para Ren e o peguei me observando com o olhar ligeiramente divertido. Mike e Sarah nos agradeceram e me ajudaram a levar as coisas para o carro. Ren também se despediu e ficou à minha espera do lado de fora.

Sarah me dirigiu um olhar que dizia: “Você tem explicações a dar, mocinha.” Então fechou a porta e nos deixou no frio de dezembro. Estávamos finalmente sozinhos.

Ren tirou uma das luvas e traçou o contorno do meu rosto com os dedos cálidos.

– Vá para casa, Kells. Não me faça perguntas agora. Este não é o lugar apropriado. Vamos ter tempo suficiente mais tarde. Encontro você lá.

– Mas...

– Mais tarde, *rajkumari*.

Ele tornou a colocar a luva e se encaminhou para o Hummer.

Quando foi que ele aprendeu a dirigir? Fiz a volta com meu carro e fiquei observando o Hummer pelo retrovisor até eu virar numa rua secundária e ele desaparecer do meu campo de visão.

Milhares de indagações martelavam minha cabeça e percorri a lista na subida da colina. A estrada estava parcialmente coberta de gelo. Deixei de lado as perguntas urgentes para me concentrar na direção.

Quando dobrei a curva e vi minha casa, percebi que alguma coisa estava diferente. Levei um minuto para descobrir o que era: havia cortinas na janela da outra casa geminada. Alguém havia se mudado para lá.

Estacionei na garagem e andei até a porta de entrada da outra casa. Bati, mas ninguém respondeu. Girando a maçaneta, encontrei a porta destrancada. A casa estava mobiliada quase da mesma maneira que a minha, só que em cores mais escuras, mais masculinas. Quando vi o velho bandolim descansando no sofá de couro, minhas suspeitas foram confirmadas. Ren estava se mudando para aquela casa.

Fui até a cozinha, encontrei a despensa e a geladeira vazias e vi que na parte inferior da porta dos fundos havia sido adaptada uma portinhola grande demais.

Humm... isso não vai impedir a entrada de um ladrão. Ele pode rastejar e entrar. Mas acho que teria uma bela surpresa se tentasse roubar alguma coisa aqui.

Corri para minha casa, fechando a porta, sem me dar ao trabalho de olhar no segundo andar ou verificar o closet em busca das peças de grife que eu sabia que encontraria por lá. Não havia a menor dúvida de que Ren era meu novo vizinho.

Na verdade, eu tinha acabado de tirar os sapatos e o casaco quando ouvi o que só podia ser o Hummer entrando na outra garagem. Eu o observei pela janela. Ren era um bom motorista. De alguma forma conseguira manobrar o veículo imenso entre os galhos salientes que poderiam arranhar a pintura. Ouvi o ruído de seus passos no caminho congelado enquanto ele se dirigia à minha porta.

Deixando-a aberta para ele, fui para a sala de estar, sentei-me na poltrona reclinável com os pés dobrados sob o corpo e cruzei os braços diante do peito. Eu sabia que os especialistas em linguagem corporal diriam que essa era uma postura defensiva clássica, mas não me importava.

Eu o ouvi fechar a porta, tirar o casaco e pendurá-lo. Então finalmente entrou na sala. Ele estudou meu rosto por um breve momento e então correu a mão pelo cabelo, sentando-se diante de mim. Seu cabelo estava mais comprido do que na Índia. Fios negros e sedosos caíam-lhe na testa e ele os jogou para trás, irritado. Parecia maior, mais musculoso do que eu me lembrava. *Deve estar se alimentando melhor do que antes.*

Ficamos nos entreolhando em silêncio por vários segundos.

– Então... você é o meu novo vizinho – eu disse, por fim.

– Sim. – Ele suspirou suavemente. – Não consegui mais ficar longe de você.

– Eu não sabia que você estava tentando ficar longe.

– Foi o que você me pediu. Eu estava tentando respeitar seu desejo. Queria lhe dar tempo para pensar. Para clarear a mente. Para... ouvir seu coração.

Eu certamente tivera tempo para pensar. Infelizmente, meus pensamentos continuavam confusos. Eu não havia conseguido raciocinar desde que deixara a Índia. E não tinha dado ouvidos ao meu coração desde que acordara ao lado de Ren em Kishkindha. Fazia meses que eu me desligara do meu coração.

– Ah. Então seus sentimentos não... mudaram?

– Meus sentimentos estão mais fortes do que nunca.

Seus olhos azuis estudaram meu rosto. Ele afastou o cabelo dos olhos e se inclinou para a frente.

– Kelsey, cada dia que você ficou longe de mim foi uma agonia. Eu fiquei louco. Se o Sr. Kadam não tivesse me mantido ocupado cada minuto de cada dia, eu teria tomado um avião na semana seguinte. Eu ouvia pacientemente enquanto ele me instruía, mas só tenho seis horas como humano. Como tigre, abri um caminho no tapete do meu quarto de tanto andar de um lado para outro, hora após hora. Ele quase pegou um rifle de caça para me aplicar um tranquilizante. Nada me acalmava. Eu estava sempre inquieto, um animal selvagem sem... sem sua fêmea.

Remexi-me, nervosa, e mudei de posição na cadeira.

– Eu disse a Kishan que precisava treinar para trazer minhas habilidades de luta de volta ao padrão esperado. Lutávamos o tempo todo, tanto como homens quanto como feras. Treinávamos com armas, garras, dentes e com as mãos. Praticar com ele foi provavelmente a única coisa que me manteve são. Eu desabava no tapete todas as

noites, ensanguentado, exausto, esgotado. Mas, ainda assim... podia sentir você.

Ele me fitou antes de prosseguir.

– Mesmo do outro lado do mundo eu muitas vezes acordava com o seu cheiro à minha volta. Eu ansiava por você, Kells. Por mais que Kishan me surrasse, a dor de perdê-la não diminuía. Eu sonhava com você e estendia a mão para tocá-la, mas você estava sempre fora do meu alcance. Kadam ficava me dizendo que era melhor assim e que eu tinha coisas a aprender antes de poder vir para o Oregon. Ele devia estar certo, mas não era o que eu queria ouvir.

– Mas, se você queria ficar comigo, então... por que não telefonou?

– Era o que eu *queria* fazer. Era uma tortura ouvir sua voz toda semana quando você ligava para Kadam. Eu ficava esperando ao lado dele todas as vezes, torcendo para que pedisse para falar comigo, mas você nunca pediu. Eu não queria pressioná-la. Queria respeitar seu desejo. Queria que a decisão fosse *sua*.

Que ironia. Tantas vezes eu quis perguntar por ele, mas não conseguia fazer isso.

– Você ouvia as nossas conversas ao telefone?

– Ouvia. Tenho ótima audição, lembra?

– Sim. Então o que... mudou? Por que vir aqui agora?

Ren riu sarcasticamente.

– Foi graças a Kishan. Um dia, durante uma de nossas lutas, ele estava acabando comigo, como sempre. A essa altura, eu nem me esforçava mais para competir com ele. Eu *queria* que ele me machucasse. De repente ele parou. Andou à minha volta e me olhou de cima a baixo. Fiquei lá, parado, esperando que retomasse a luta. Então ele fechou a mão e me deu o soco mais forte de que foi capaz.

– Meu Deus.

– Eu simplesmente recebi o golpe, sem nem me dar ao trabalho de me defender. Em seguida, ele me socou com toda força na barriga. Eu me recuperei e me levantei novamente diante dele, sem me importar. Ele rosnou e berrou na minha cara.

– O que foi que ele disse?

– Muitas coisas, a maioria das quais prefiro não repetir. O que disse de mais importante foi que eu precisava sair dessa e perguntou por que eu não me levantava e fazia alguma coisa, já que estava tão infeliz.

– Ah.

– Ele zombou de mim, dizendo que o poderoso Príncipe do Império Mujulaain, o Sumo Protetor do Povo, o campeão da Batalha dos Cem Cavalos, herdeiro do trono, fora abatido por uma garota. Gritou que não havia nada mais patético que um tigre covarde lambendo suas feridas. Mas a essa altura eu não estava nem aí para o que ele falava. Nada me perturbou até ele me dizer que nossos pais ficariam envergonhados, que eles haviam criado um covarde. Foi aí que tomei uma decisão.

– A decisão de vir aqui.

– Sim. Decidi que precisava ficar perto de você. Decidi que, mesmo que você só quisesse minha amizade, eu estaria mais feliz aqui do que na Índia sem você.

Ren se levantou, ajoelhou-se e pegou minha mão.

– Decidi encontrá-la, me atirar aos seus pés e implorar para que tenha misericórdia de mim. Vou aceitar o que você decidir. De verdade, Kelsey. Só não me peça que fique longe de você outra vez. Porque... eu não posso.

Como eu poderia resistir? As palavras de Ren penetraram as frágeis barreiras em torno do meu coração. Eu tivera a intenção de erguer uma cerca de arame farpado, mas o arame tinha pontas de marshmallow. Ele passou facilmente por minhas defesas. Ren pousou a testa em minha mão e meu coração de marshmallow se derreteu.

Passei os braços em torno de seu pescoço, abraçando-o, e sussurrei em seu ouvido:

– Um príncipe da Índia nunca deve se ajoelhar e implorar por nada. Está bem. Você pode ficar.

Ele suspirou e me apertou mais.

Eu sorri com ironia.

– Afinal, eu não ia querer que a sociedade protetora dos animais viesse atrás de mim por maus-tratos a um tigre.

Ele riu.

– Espere aqui – disse e saiu pela porta que conectava nossas casas.

Voltou com um pacote amarrado com uma fita vermelha.

A caixa era comprida, fina e negra. Eu a abri e encontrei uma pulseira. A corrente fina tinha um medalhão oval de ouro branco, dentro do qual havia duas fotografias: Ren, o príncipe, e Ren, o tigre.

Eu sorri.

– Você sabia que eu ia querer me lembrar do tigre também.

Ren prendeu a pulseira em meu pulso e suspirou.

– Sabia, embora eu tenha um pouco de ciúme dele. Ele passa muito mais tempo com você do que eu.

– Hum. Não tanto quanto antes. Sinto falta dele.

Ele fez uma careta.

– Acredite em mim, você o verá muito nas próximas semanas.

Seus dedos quentes roçaram meu braço e meu coração acelerou. Ele puxou meu braço até a altura de seus olhos, examinou o pingente e depositou um beijo no pulso.

Os olhos de Ren brilharam, maliciosos, enquanto ele perguntava:

– Então... gostou?

– Gostei. Obrigada. Mas... – Minha expressão mudou, mostrando tristeza. – Não comprei nada para você.

Ele me puxou e me abraçou pela cintura.

– Você me deu o melhor presente de todos: o dia de hoje. É o melhor presente que eu poderia ter desejado.

Eu ri e provoquei:

– Nesse caso, que porcaria de embrulho que eu fiz.

– É, tem razão. É melhor eu embrulhar você devidamente.

Ren pegou a colcha da minha avó no encosto da poltrona e me enrolou feito uma múmia. Eu me debati e gritei enquanto ele me pegava nos braços e me punha no colo.

– Vamos ler alguma coisa, Kells. Estou pronto para outra peça de Shakespeare. Tentei ler uma sozinho, mas tive muita dificuldade com a pronúncia das palavras.

Pigarreei dentro de meu casulo.

– Como pode ver, *meu captor*, meus braços estão presos.

Ren se inclinou para fazer um carinho com o nariz em minha orelha e de repente ficou rígido.

– Tem alguém aqui.

A campainha soou. Ren se levantou de um salto, me colocou em pé e me livrou da colcha antes que eu pudesse piscar. Fiquei ali parada por um instante, tonta e confusa. Então corei, constrangida.

– O que aconteceu com sua audição de tigre? – sibilei.

Ele sorriu para mim.

– Eu estava distraído, Kells. Você não pode me culpar. Está

esperando alguém?

De repente me lembrei:

– Li!

– Li?

Fiz uma careta.

– Temos um... *um encontro*.

Os olhos de Ren escureceram e ele repetiu baixinho:

– Você tem um *encontro*?

– Tenho... – respondi, hesitante.

Em minha mente disparavam pensamentos sobre o homem à minha frente e o outro, diante da porta. *Ren está de volta, mas o que isso significa? E o que eu devo fazer agora?*

A campainha tornou a soar. No mínimo eu sabia que não podia deixar Li esperando.

Voltando-me para Ren, expliquei:

– Preciso ir agora. Por favor, fique aqui. Veja o que tem na geladeira e faça um sanduíche. Volto mais tarde. Por favor, tenha paciência. E não... *fique... zangado*.

Ren cruzou os braços diante do peito e estreitou os olhos.

– Se é isso que você *quer* que eu faça, é o que farei.

Suspirei com alívio.

– Obrigada. Estarei de volta assim que puder.

Calcei os sapatos e peguei o embrulho com a coleção de DVDs que havia comprado para Li. Com os lábios apertados, Ren me ajudou a vestir o casaco e foi para a cozinha. Ele se recostou na bancada com os braços cruzados e ergueu as sobrancelhas. Dirigi-lhe um sorriso débil e suplicante e segui para a porta da frente.

Senti uma pontada de culpa por ter um presente para Li e nenhum para Ren, mas rapidamente descartei essa sensação e abri a porta, agindo como se nada estranho estivesse acontecendo.

– Oi, Li.

– Feliz Natal, Kelsey – disse ele, completamente alheio ao fato de que tudo em minha vida havia mudado mais uma vez.

Meu encontro com Li não transcorreu como originalmente planejado. Deveríamos ver um filme de artes marciais e depois ir para o jantar de Natal na casa da Vó Zhi. Eu estava séria e meus pensamentos insistiam em me levar de volta a Ren. Era difícil me concentrar em Li – ou em qualquer outra coisa.

– O que foi, Kelsey? Você está muito quieta.

– Li, você se importa se pularmos o filme e anteciparmos o jantar? Preciso dar alguns telefonemas quando chegar em casa. Quero desejar feliz Natal a alguns amigos.

Li ficou decepcionado, mas replicou alegremente, como sempre.

– Ah. Claro. Isso não é problema.

Aquilo não era exatamente mentira. Eu pretendia ligar para o Sr. Kadam mais tarde. Porém isso não me fez sentir nem um pouco melhor por mudar nossos planos.

Na casa da Vó Zhi, os garotos estavam no meio de uma maratona de um dia inteiro de jogos. Participei de alguns, mas estava distraída e tomei decisões estratégicas ruins – tão ruins que até os rapazes comentaram.

– O que você tem, Kelsey? – perguntou Wen. – Nunca deixou que eu me safasse com uma jogada como essa.

Sorri para ele.

– Não sei. Melancolia de Natal, talvez.

Eu estava perdendo feio, então Li pegou minha mão e me levou para a sala a fim de trocarmos nossos presentes. Li e eu abrimos os pacotes ao mesmo tempo.

Rasgamos os papéis e rimos muito por muito tempo. Havíamos comprado exatamente o mesmo presente para o outro. Era uma sensação boa aliviar parte da tensão que havia se acumulado.

– Parece que nós dois gostamos de DVDs de artes marciais – disse ele, rindo.

– Desculpe, Li. Eu devia ter pensado mais.

Ele ainda estava rindo.

– Não se preocupe. É um bom sinal. Vó Zhi diria que é um sinal de boa sorte na cultura chinesa. Significa que somos compatíveis.

– É – eu disse, pensativa –, acho que sim.

Voltamos ao jogo depois de comer e joguei sem entusiasmo enquanto pensava no que ele tinha dito. Li estava certo em muitos aspectos. Nós *éramos* compatíveis e provavelmente combinávamos mais do que Ren e eu. Como Sarah e Mike, *éramos* pessoas normais. E Ren... não. Ele era imortal e maravilhoso. Era perfeito demais.

Eu podia facilmente visualizar uma vida com Li. Seria cômoda e segura. Ele seria médico e montaria um consultório num lugar tranquilo. Teríamos um casal de filhos e passaríamos as férias na

Disney. As crianças faziam aulas de *wushu* e futebol. Comemorariíamos as datas festivas com os avós de Li e faríamos churrascos e convidariíamos todos os seus amigos e esposas.

Uma vida com Ren era mais difícil de imaginar. Não parecia que fôssemos feitos um para o outro. Era como combinar Ken com Moranguinho. Ele precisava da Barbie. *O que Ren faria no Oregon? Arranjaria um emprego? O que ele colocaria no currículo? Sumo Protetor e ex-Príncipe da Índia? Ficaríamos sócios de um parque temático de animais selvagens para que ele pudesse ser a principal atração nos fins de semana?* Nada disso fazia sentido. Mas eu não podia negar meus sentimentos por Ren – não mais.

Era dolorosamente óbvio que meu coração rebelde ansiava por ele. E, por mais que eu tentasse me convencer a me apaixonar por Li, a verdade era que eu era sempre atraída de volta a Ren. Eu gostava de Li. Talvez um dia pudesse até vir a amá-lo. Com certeza eu não queria magoá-lo. Não era justo.

O que eu vou fazer?

Depois de jogar mal por mais uma hora, Li me levou para casa. A noite caía quando ele parou na entrada da garagem. Olhei para as janelas em busca de uma sombra familiar, mas não vi nada. A casa estava escura. Li me acompanhou até a porta.

– Ei, meus olhos estão me enganando ou é um visco que está pendurado aí? – perguntou ele, apertando meu cotovelo.

Olhei para cima, para o visco, e me lembrei de minha decisão de beijar Li naquela noite. Isso parecia ter sido muito tempo atrás. Agora tudo tinha mudado. *Não tinha? E Ren? Podíamos mesmo ser só amigos? Eu deveria arriscar tudo e dar uma chance a Ren? Ou optar por algo seguro como Li? Como escolher?*

Eu ficara em silêncio por muito tempo e Li esperava pacientemente por minha resposta. Por fim, virei-me para ele e disse:

– É, sim.

Levei a mão ao seu rosto e beijei-o delicadamente nos lábios. Foi bom. Não o beijo apaixonado que eu havia planejado, mas ainda assim ele parecia feliz. Li tocou meu rosto e sorriu. Seu toque era agradável. Seguro. Mas não chegava nem perto do que eu sentia com Ren. O beijo de Li era uma partícula de poeira no Universo, uma gota perto de uma cachoeira.

Como viver com alguma coisa tão comum quando já se teve algo tão excepcional? Acho que só aprendendo a acalantar as lembranças.

Girei a chave na fechadura e abri a porta.

– Boa noite, Kelsey – gritou Li, feliz. – Até segunda.

Fiquei observando o carro se afastar e entrei em casa para encarar o príncipe indiano que me esperava lá dentro.



Escolhas

Entrei e fechei a porta, deixando que meus olhos se ajustassem à escuridão. Perguntei-me se Ren estaria na casa ao lado e ponderei se deveria ou não esclarecer as coisas com ele aquela noite.

Cheguei à sala e arquejei baixinho quando avistei a forma familiar do meu tigre branco de olhos azuis esparramado no sofá de couro. Ren ergueu a cabeça e olhou diretamente em minha alma.

Lágrimas vieram-me aos olhos. Eu não havia me dado conta de que sentira tanto a falta desse lado dele, o meu amigo. Ajoelhei-me diante do sofá, joguei os braços em torno de seu pescoço e deixei que grandes lágrimas jorrassem, escorrendo pelo meu rosto até seu pelo branco e macio. Acariciei sua cabeça e alisei suas costas. Ren estava ali. Finalmente estava comigo. Eu não estava mais sozinha. De repente percebi que ele devia ter se sentido assim também, ficando sem mim todos esses meses.

Reprimi um soluço.

– Ren, eu... eu *senti* tanta saudade. *Queria* falar com você. Você é meu melhor amigo. Eu só não queria limitar suas escolhas. Você consegue entender isso?

Meus braços ainda envolviam com força seu pescoço quando senti que ele se transformava. Seu corpo se metamorfoseou e logo seus braços estavam em torno do meu corpo e eu me encontrava sentada em seu colo. Sua camisa branca estava úmida das minhas lágrimas.

Abraçando-me com força, ele disse:

– Eu também senti saudade, *iadala*. Mais do que você imagina. E entendo suas razões para partir.

– Entende? – murmurei de encontro à sua camisa.

– Sim. Mas quero que você entenda uma coisa também, Kells. Você

não limita minhas escolhas. Você é a minha escolha.

– Mas, Ren... – funguei.

Ele puxou minha cabeça de volta para seu ombro.

– Este homem, Li. Você o beijou?

Assenti silenciosamente contra seu peito. Não tinha sentido negar. Eu sabia que ele devia ter ouvido através da porta.

– Você o ama?

– Somos amigos e gosto muito dele, mas com certeza não estou apaixonada por ele.

– Então por que o beijou?

– Eu o beijei para... comparar, eu acho. Para analisar o que eu realmente sentia por ele.

Ren me pegou e me sentou no sofá ao lado dele. Ele estava se animando com o assunto e eu não conseguia entender por quê. Esperava que ele ficasse furioso, mas não estava nada zangado.

– Então é nesses *encontros* que vocês descobrem se gostam um do outro?

– É – respondi, hesitante.

– Você teve outros encontros ou esse é o primeiro?

– Com Li?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Houve outros?

– Sim.

Franzi a testa.

– Quantos? – quis saber ele.

– Três no total. Li, Jason e Artie. Se é que se pode contar Artie. Ren, por que todas essas perguntas? Aonde você quer chegar?

– Só estou curioso em relação a rituais de corte modernos. O que você fez nesses *encontros*?

– Fui ver alguns filmes, saí para jantar, fui a um casamento com Li e a um jogo de futebol com Jason.

– Você beijou todos esses homens?

– Não! Só beijei Li e essa foi a primeira vez.

– Então Li é o seu preferido. – Ren começou a murmurar consigo mesmo. Ficando de frente para mim, ele tomou minhas mãos nas dele.

– Kelsey, acho que você deve continuar com esses encontros.

Meu queixo caiu.

– O quê?

– Estou falando sério. Fiquei pensando nisso enquanto você estava fora. Você falou sobre me dar escolhas. Eu já fiz a minha, mas você ainda não fez a sua.

– Ren, isso é loucura! Do que você está falando?

– Saia com Li ou Jason ou com quem mais você quiser e prometo que não vou interferir. Mas também mereço uma chance. Quero que você saia *comigo* também.

– Você não entendeu como isso funciona, Ren. Não posso ficar saindo com três ou quatro homens para sempre. O objetivo desses encontros, ou melhor, do namoro, é a pessoa acabar ficando exclusivamente com alguém com quem se identifica.

Ele sacudiu a cabeça.

– Você *namora* para encontrar a pessoa que você *ama*, Kelsey.

– Então você acha que eu devo dizer a Li: “A propósito, Ren está de volta e ele achou que seria ótimo se eu saísse com vocês dois”? É isso? – explodi.

Ele deu de ombros.

– Se Li não consegue lidar com um pouco de competição honesta, é melhor você saber disso agora.

– Isso vai atrapalhar minhas aulas de *wushu*.

– Por quê?

– Ele é o meu professor.

Ren sorriu.

– Ótimo. Vou com você. Quero conhecê-lo. Aliás, um pouco de exercício vai me fazer bem.

– Ren, é uma turma de iniciantes. Não é apropriada para você e eu não quero você lutando com Li. Prefiro que não vá.

– Serei um perfeito cavalheiro. – Ele inclinou a cabeça, me observando. – Você tem medo de que eu seja a escolha óbvia?

– Não – respondi com irritação. – Estou mais preocupada que você vá esmagá-lo.

– Eu não faria isso, Kelsey. Mesmo que quisesse, essa não seria a maneira de conquistar o seu amor. Até *eu* sei disso. Então, vai sair comigo?

– Sair com você seria... *difícil*.

– Por que é mais fácil com outros homens do que comigo? E não me venha com a explicação do rabanete outra vez. Ela é ridícula.

– Porque – continuei baixinho –, se não desse certo com os outros homens, eu poderia sobreviver sem eles.

Beijando-me os dedos, Ren me olhou com intensidade e disse:

– *Iadala*, você *nunca* vai me perder. Eu sempre estarei perto de você. Me dê uma chance, Kells. Por favor.

Soltei um suspiro e fitei seu lindo rosto.

– Vamos tentar.

– Obrigado. – Ele se recostou no sofá, muito satisfeito consigo mesmo. – Então me trate como todos os outros caras.

Ah, sim. Sem problema. Basta tratar o homem mais perfeito e lindo na face da Terra, que por acaso é um antigo príncipe indiano que, por meio de uma maldição, se transformou em um tigre, como se ele fosse um cara comum. Nenhuma garota em seu juízo perfeito poderia sequer olhar para ele – mesmo sem saber tudo que eu sei – e pensar que ele era igual aos outros.

Ele se inclinou para me dar um beijo no rosto.

– Boa noite, *rajkumari*. Ligo para você amanhã.

Na manhã seguinte o telefone tocou muito cedo. Era Ren me convidando para jantar, nosso primeiro encontro oficial.

Eu bocejei, sonolenta.

– Onde você quer jantar?

– Não faço ideia. O que você sugere?

– Em geral o homem tem um lugar em mente quando telefona, mas vou lhe dar um desconto dessa vez, já que você é novo nessa coisa de sair, namorar e tudo mais. Eu sei aonde podemos ir. Use uma roupa casual e me pegue às cinco e meia. Mas você pode me fazer uma visita mais cedo se quiser.

– Vejo você às cinco e meia, Kells.

Andei à toa pela casa a maior parte do dia, vigiando nossa porta de comunicação, mas Ren permaneceu teimosamente do seu lado. Eu até fiz biscoitos com gotas de chocolate, esperando que o cheiro o atraísse mais cedo, mas não funcionou.

Às cinco e meia em ponto ele bateu na minha porta da frente. Quando a abri, ele me entregou uma rosa-chá e me ofereceu o braço. Estava ridiculamente bem-vestido para um encontro casual, com uma camisa listrada cinza-escuro de mangas compridas e um colete

esportivo acolchoado de grife.

Lá fora, Ren abriu a porta do Hummer. O ar quente soprou das saídas do sistema de aquecimento do carro quando ele deslizou as mãos pela minha cintura e me levantou até o banco. Certificou-se de que o cinto estava devidamente preso e perguntou:

– Para onde?

– Vou apresentá-lo ao orgulho do Noroeste. Vou levá-lo a Burgerville.

No caminho Ren me falou sobre todas as coisas que aprendera nos últimos meses, entre as quais estava dirigir. Contou uma história engraçada de quando seu irmão bateu acidentalmente o Jeep no chafariz e depois o Sr. Kadam não quis deixar Kishan nem chegar perto do Rolls-Royce.

– Kadam me instrui em todos os temas imagináveis – continuou Ren. – Estou estudando política moderna, história mundial, economia e administração. Aparentemente, viver durante séculos, somado aos sábios investimentos feitos por Kadam, foi lucrativo. Somos muito ricos.

– Ricos?

– O suficiente para governar um país.

Fiquei boquiaberta.

Ren prosseguiu casualmente.

– Kadam estabeleceu contatos no mundo todo. São recursos bastante valiosos e você ficaria surpresa com o número de pessoas importantes que lhe devem favores.

– Pessoas importantes? Como quem?

– Generais, presidentes de grandes empresas, políticos dos principais países do mundo, a realeza e até líderes religiosos. Ele é *muito* bem relacionado. Mesmo que eu pudesse assumir a forma humana o dia inteiro e passasse todas as horas com ele, não conseguiria nem chegar perto de reunir todo o conhecimento que ele adquiriu ao longo dos anos. Ele já era um conselheiro brilhante para o meu pai. Agora, porém, não é nada menos que um gênio. Não existe recompensa na Terra que possa lhe pagar a lealdade que demonstrou para conosco. Eu só queria que houvesse uma forma de expressar nossa gratidão apropriadamente.

No estacionamento do restaurante, Ren me ofereceu o braço. Eu o aceitei e disse:

– Ser imortal tem seu preço. O Sr. Kadam parece muito solitário e

isso é algo que vocês três têm em comum. Vocês formam uma família. Ninguém pode compreender o que você passou melhor do que Kishan e o Sr. Kadam. Acho que a melhor coisa que podem fazer como pagamento é oferecer a ele o mesmo nível de lealdade. Ele considera você e Kishan como filhos e a melhor maneira de um filho honrar o pai é ser o tipo de homem que o deixaria cheio de orgulho.

Ren parou, sorriu e inclinou-se para beijar meu rosto.

– Você é uma mulher muito sábia, *rajkumari*. Esse foi um excelente conselho.

Quando chegou nossa vez na fila do Burgerville, Ren me deixou escolher primeiro e em seguida pediu sete sanduíches enormes, três porções de batata frita, um refrigerante grande e um milk-shake grande de amora. Quando a atendente perguntou se era para viagem, ele sacudiu a cabeça negativamente, confuso, e lhe disse que comeríamos ali. Eu ri e disse à mulher que ele estava com *muita* fome.

Na máquina de refrigerante, Ren provou vários sabores. Observá-lo descobrindo novos sabores e novos alimentos era muito divertido.

Enquanto comíamos, conversamos sobre a faculdade e minha pesquisa inacabada para o Sr. Kadam sobre criaturas aladas e a prova das quatro casas. Também lhe contei sobre Jason e meu encontro horrível com Artie. Ren franziu a testa, sem entender por que alguém sairia com Artie por vontade própria.

– Ele praticamente engana as garotas, forçando-as a sair com ele – expliquei. – Mas é supercrítico e egocêntrico.

– Hum.

Ren desembulhou seu último sanduíche e o olhou, refletindo.

Eu ri.

– Está cheio, Tigre? Seria uma pena dispensar seu milk-shake de amora. É o *melhor* do país.

Ele pegou outro canudo e o enfiou na tampa do copo de milk-shake.

– Aqui, divida comigo.

Dei um gole e Ren inclinou-se e sugou cerca de um terço de uma só vez.

Depois de comer fomos até um parque ali perto e resolvemos dar uma caminhada. Ren pegou um cobertor na mala do carro.

– Tenho permissão para segurar sua mão num primeiro encontro? – perguntou Ren.

– Você sempre segura minha mão.

– Não num encontro.

Revirei os olhos, mas estendi a mão. Andamos pelo parque por um tempo e ele me fez muitas perguntas sobre os Estados Unidos, sua história e sua cultura. A conversa fluía facilmente. Tudo era novo e fascinante para ele.

Paramos à beira de um lago. Ren se sentou, me puxou contra o seu peito e me envolveu com os braços.

– Só estou tentando aquecê-la – disse, na defensiva, quando lhe lancei um olhar significativo.

Ri com deboche.

– Esse é o truque mais velho do mundo.

Ren sorriu e roçou os lábios em minha orelha.

– Que outros truques eu deveria usar com você?

– Não sei por quê, mas acho que você vai descobri-los sozinho.

Apesar da minha brincadeira, ficar perto dele de fato me manteve aquecida e ficamos conversando e observando a água iluminada pela lua durante horas.

Ren queria saber tudo que eu tinha feito desde que saíra da Índia. Queria ver as cachoeiras do Parque Silver Falls, assistir ao Festival de Shakespeare, ir ao cinema e conhecer todos os restaurantes da cidade.

Depois que terminou de me interrogar sobre coisas a fazer e lugares a visitar no Oregon, a conversa mudou.

Ele me apertou mais forte e disse:

– Senti sua falta.

– Senti sua falta também.

– Nada foi igual depois que você partiu. A casa ficou sem vida. Todos notaram. Não fui o único que sentiu saudade. Até Kadam ficou abatido. Kishan dizia que o mundo moderno não tinha nada para lhe oferecer e várias vezes ameaçou ir embora. Mas eu o peguei em mais de uma ocasião escutando seus telefonemas também.

– Eu não queria tornar a vida de vocês mais difícil. Minha intenção era tornar as coisas mais fáceis, contribuir para que sua adaptação de volta ao mundo fosse um pouco menos complicada.

– Você não complica minha vida. Você a simplifica. Quando está perto, sei exatamente onde eu deveria estar: ao seu lado. Quando você se vai, apenas corro em círculos, confuso. Minha vida ficou desequilibrada. Fora de foco.

– Então eu sou a sua Ritalina, é?

- O que é isso?
- Um medicamento que ajuda as pessoas a ter mais concentração.
- É, acho que é isso. – Ele se pôs de pé, me levantou em seus braços e disse: – Não se esqueça: preciso de doses frequentes.

Eu ri e lhe dei um beijo no rosto. Ren me pôs no chão, dobrou o cobertor e voltamos para o Hummer com o braço dele em meu ombro.

Eu me sentia bem. Pela primeira vez em meses, sentia-me completa e feliz.

Quando me acompanhou até a porta de minha casa, ele disse:

– *Shubharatri*, Kells.

– O que isso quer dizer?

Ele me lançou um sorriso daquele tipo luminoso e de fazer tremer os joelhos e depositou um beijo demorado na palma da minha mão.

– Quer dizer “Boa noite”.

Confusa e ligeiramente frustrada, fui para cama.

Sentir-me confusa e ligeiramente frustrada tornou-se uma constante nos encontros com Ren. Eu o queria por perto com uma frequência muito maior, mas ele estava determinado a passar pelo que chamava de *práticas de corte habituais*. Isso significava me deixar sozinha a menos que tivéssemos um encontro previamente marcado. Ele não me deixava nem vê-lo como tigre.

Todos os dias ligava para saber se eu estava livre. Então me convidava para o cinema, um jantar, um chocolate quente ou uma ida a uma livraria. Quando determinava que o encontro havia chegado ao fim, ia embora. Desaparecia completamente e pelo resto do dia eu não via nem de relance sua figura listrada. Ele também se recusava a me beijar dizendo que tinha muito o que pôr em dia. Mesmo estando do outro lado da parede, eu sentia saudade do meu tigre.

Começamos a ler *Otelo* juntos. Até Otelo ser enganado por Iago, Ren gostou do personagem.

– Foi Otelo quem destruiu o amor dele e de Desdêmona, da mesma maneira que Romeu. Isso não teve nada a ver com Iago – comentou Ren, pensativo. – Otelo não confiava na mulher. Se ele tivesse simplesmente perguntado a ela o que acontecera com seu lenço ou o que ela sentia por Cássio, teria descoberto a verdade.

– Otelo e Desdêmona não se conheciam há muito tempo – argumentei. – Talvez não estivessem de fato *apaixonados*. Vai ver que

seu único vínculo verdadeiro eram as histórias que ele contava e suas aventuras empolgantes. Não muito diferente de você, devo dizer.

Ren estava deitado com a cabeça no meu colo. Ele brincou com meus dedos por um minuto, pensativo, e perguntou, hesitante:

– É por isso que você está *comigo*, Kelsey? Pela aventura? Está entediada sentada aqui, lendo, quando poderíamos estar andando pela Índia à procura de objetos mágicos e combatendo demônios?

Ponderei sobre a pergunta por um momento.

– Não. Eu gosto de *estar* com você, mesmo que a gente fique só comendo pipoca e lendo.

Ele beijou meus dedos.

– É bom saber.

Recomecei a ler, mas ele se levantou de um pulo e me arrastou para a cozinha com uma súbita urgência de aprender a fazer pipoca de micro-ondas.

Uma tarde eu estava tão desesperada para ver meu tigre que resolvi ir à procura dele sem ter um encontro oficialmente marcado. Bati na porta de comunicação e, não obtendo resposta, entrei na sala de estar de Ren. Alguns pacotes fechados estavam empilhados sobre a bancada. Fui ao andar de cima.

– Ren? – chamei, mas não obtive resposta.

Onde ele poderia estar?, pensei, enfiando a cabeça no escritório de Ren. O notebook estava ligado e a tela tinha três janelas abertas.

Acomodando-me em sua confortável cadeira de couro, vi que a primeira janela era do site de uma loja de roupas de grife e a segunda era de um link para uma página de rituais de corte através dos tempos.

A terceira janela exibia uma série de e-mails do Sr. Kadam. Eu me senti um pouco culpada lendo as mensagens de Ren, mas eram tão curtas que, antes que me desse conta, já havia lido tudo.

De: mestreadearmas@rajaramcorp.com

Para: tgrbrc@rajaramcorp.com

Assunto: Documentos

Ren,

A questão dos documentos está resolvida.

Kadam

De: mestreadearmas@rajaramcorp.com

Para: tgrbrc@rajaramcorp.com

Assunto: Relocação

Ren,

A seu pedido, anexeí um arquivo em caso de emergência.

Documentos? Relocação? O que eles estão aprontando? Com o mouse, posicionei o cursor sobre o anexo. Com o dedo no botão, hesitei, ponderando até onde estava disposta a deixar a curiosidade me levar, quando uma voz me fez dar um pulo.

– É apropriado pedir permissão antes de bisbilhotar documentos de outras pessoas, você não acha? – perguntou Ren casualmente.

Minimizei a janela e me levantei. Ele parou no vão da porta, apoiando o ombro no portal e mantendo os braços cruzados.

– Eu... eu estava procurando você e acabei me distraindo – murmurei.

– Estou vendo. – Ele fechou o notebook com delicadeza e apoiou o quadril na mesa, me avaliando. – Eu diria que você encontrou mais do que estava procurando.

Fitei os cadarços dos meus tênis por alguns segundos, mas rapidamente encontrei uma centelha de irritação para amenizar a culpa e levantei a cabeça.

– Você está escondendo coisas de mim?

– Não.

– Bem, tem algo importante acontecendo que você não quer me contar?

– Não – repetiu ele.

– Jure – eu disse baixinho –, faça um juramento real.

Ele tomou minhas mãos nas suas, fitou-me nos olhos e disse:

– Como o príncipe do Império Mujulaain, juro que não há aqui nenhum motivo de preocupação. Se não acredita, pergunte a Kadam. – Ele aproximou a cabeça um pouquinho mais de mim. – Mas o que eu quero de verdade é a sua confiança. Não vou desmerecê-la, Kelsey.

– É melhor mesmo – enfatizei, cutucando-o no peito.

Ele levou meus dedos aos lábios, distraindo-me o bastante para que o assunto de repente perdesse a importância.

– Não vou – prometeu ele e me conduziu de volta para casa.

A vertigem romântica desapareceu logo depois que ele saiu e eu me vi furiosa com a facilidade com que ele me dobrava à sua vontade com um simples toque.

As aulas de *wushu* começavam na segunda-feira após o Natal e eu não tinha a menor ideia do que diria a Li. Ren concordou em não ir no primeiro dia para que eu pudesse conversar com Li primeiro. Não consegui me concentrar durante toda a aula e fiz um esforço tímido para aprender as formas da mão. Não conseguia guardar os nomes. Os únicos de que eu me lembrava eram garra de águia e macaco.

Depois da aula chegou a hora de enfrentar o problema. *O que eu vou dizer? Ele vai me odiar.*

– Li, eu queria falar com você.

– Claro – disse ele, sorrindo.

Ele estava feliz e despreocupado. Eu me sentia justamente o oposto. Estava tão nervosa que precisei me sentar em cima das mãos para que elas parassem de tremer.

Li esticou as longas pernas no tapete e se apoiou na parede ao meu lado.

Depois de beber um grande gole de água, ele secou a boca e perguntou:

– E aí, Kelsey? O que foi?

– É... eu não sei bem como dizer isso, então acho que vou direto ao ponto: Ren voltou.

– Ah. Eu estava me perguntando quando ele apareceria. Achei que não fosse ficar longe de você para sempre. Então, você está rompendo comigo... – disse ele com naturalidade.

– Bem, não, não exatamente. Olhe, Ren quer que eu continue saindo com você, mas quer que eu saia com ele também.

– O quê? Que tipo de cara iria... espere... então você não está terminando comigo?

Apressei-me em explicar:

– Não, mas vou entender se você não quiser mais me ver. Ele acha que eu devo sair com vocês dois e então escolher.

– Bem, que atitude... esportiva da parte dele. E o que você acha disso?

Pus a mão em seu braço.

– Concordei em tentar, mas disse a ele que seria estranho e que você nunca concordaria.

– E o que ele disse?

Suspirei.

– Disse que, se você não conseguisse lidar com um pouco de

competição honesta, era melhor eu saber agora.

Li cerrou os punhos.

– Se ele acha que eu vou desistir e deixar o caminho livre para ele, está enganado! Então vamos à competição honesta.

– Você está brincando? Está zombando de mim, não está?

– Meu avô me ensinou a estabelecer objetivos e então batalhar pelo que quero e de jeito nenhum vou perdê-la sem lutar. Um homem que não corre atrás da garota de que gosta e não luta por ela não a merece.

Fiquei pasma. Li e Ren eram farinha do mesmo saco, ainda que estivessem separados por séculos.

– Ele está aqui na cidade? – perguntou ele.

– Não exatamente – suspirei. – Ele é meu vizinho.

– Então ele já tem a vantagem da proximidade.

– Você fala como se estivessem planejando invadir um castelo – murmurei com ironia.

Ele ignorou meu comentário ou não o ouviu. Ajudou-me a levantar, distraído, e me acompanhou até o carro.

Quando Li se debruçou em minha porta aberta, acrescentei:

– Ah, e ele também quer vir a uma aula de *wushu*.

Li esfregou as mãos e riu.

– Excelente! Vamos ver do que esse cara é capaz. Ele pode vir amanhã! Diga que, como cortesia especial, não vou nem cobrar a taxa de matrícula.

– Mas, Li, ele não está no mesmo nível que eu.

– Melhor ainda! O iniciante vai aprender uma ou duas coisinhas!

– Não. Você entendeu mal. Ele...

Li me beijou com força na boca, o que efetivamente me calou. Ele sorriu e fechou a porta antes que eu pudesse concluir minha resposta. Acenando, desapareceu na escuridão do estúdio.

No dia seguinte encontrei um bilhete escrito com capricho colado na garrafa de suco de laranja na geladeira.

De todas as formas de cautela, a cautela no amor é talvez a mais fatal para a verdadeira

felicidade.

– Bertrand Russell

Suspirei, descolei-o da garrafa de suco e coleí-o em meu diário. Liguei para Ren, já que ele só queria me ver em encontros planejados, e informei que ele estava convidado para a aula de *wushu*. Então lhe disse com todas as letras o que achava daquela ideia. Ele fez pouco da minha reação e afirmou que Li seria um excelente rival e que estava ansioso para conhecê-lo.

Exasperada, desisti de tentar convencê-lo a esquecer aquela história e bati o telefone. Ele ligou várias vezes naquele dia, mas ignorei o telefone e tomei um demorado banho de banheira.

De noite, Ren tirou o Hummer da garagem e veio me pegar. Eu temia muito, muito, *muito* ficar no mesmo ambiente com Li e Ren e não pude deixar de sentir alívio por não estarmos avançados o bastante no *wushu* para usar armas.

O corpo dele ocupou o vão da porta.

– Está pronta? Mal posso esperar pela minha primeira aula.

Meu silêncio mal-humorado não pareceu perturbá-lo nem um pouco e ele falou sobre o começo das aulas na Western Oregon durante todo o trajeto.

Chegamos alguns minutos atrasados. A aula já havia começado e Jennifer estava fazendo o aquecimento em nosso canto. Ren caminhava confiante ao meu lado. Com a cabeça baixa, entrei rapidamente, larguei a bolsa no chão e tirei o casaco.

Olhei para Jennifer, que estava no chão alongando as pernas. Ela fez uma pausa no meio de um movimento para olhar Ren. Seus olhos praticamente saltavam das órbitas. O olhar de Li passou sobre minha cabeça fixando-se em Ren, que o sustentou com atrevimento, estudando Li como se o avaliasse em busca de fraquezas.

Ren tirou o casaco, o que provocou um gritinho de Jennifer, agora totalmente concentrada nos bíceps de bronze dourado de Ren. A camiseta justa exibia seus braços e peitoral bem desenvolvidos.

Sibilei para ele baixinho:

– *Pelo amor de Deus*, Ren! Você vai deixar as mulheres com taquicardia!

Ele levantou as sobrancelhas, confuso.

– Kells, do que você está falando?

– Você! Você é... – desisti, aborrecida. – Deixe para lá.

Pigarreei.

– Desculpe interromper a aula, Li. Ei, pessoal, este é o meu convidado, Ren. Ele é da Índia e está passando uns tempos aqui.

A boca de Jennifer se escancarou num grande e silencioso “Oh!”.

Li me lançou um olhar interrogativo antes de voltar à aula. Ele nos fez praticar chutes e posturas e pareceu bastante irritado quando viu que Ren conhecia todos os movimentos. Li ordenou que formássemos duplas e decidiu que Ren faria par com Jennifer enquanto ele trabalharia comigo.

Ren voltou-se para Jennifer todo simpático e ela enrubesceu dos pés à raiz dos cabelos. Estávamos praticando movimentos para derrubar o oponente. Li demonstrou um em mim e então pediu que todos tentássemos repetir. Ren já estava à vontade conversando com Jennifer, gentilmente guiando-a pelo movimento, dando-lhe dicas e sugestões. De alguma forma ele já a deixara completamente à vontade. Ren era gentil e encantador. Quando ela tentou derrubá-lo, ele caiu de maneira dramática e esfregou o pescoço, fazendo-a explodir em risadinhas.

Sorri e pensei: *É, ele exerce esse efeito em mim também.* Fiquei feliz que ele estivesse sendo simpático com minha amiga. De repente me vi caída de costas, fitando as luzes fluorescentes. Enquanto eu olhava Ren e Jennifer, Li havia me derrubado com força. Eu não tinha me machucado, só fui pega de surpresa. A expressão determinada de Li imediatamente se transformou em arrependimento.

– Desculpe, Kelsey. Machuquei você? Eu não queria...

Antes que ele pudesse concluir seu pedido de desculpas, foi atirado no tatame a alguns metros dali. Ren se ajoelhou, debruçando-se sobre mim.

– Ele machucou você, Kells? Você está bem?

Zangada e constrangida, sibilei:

– Ren! Eu estou bem! Li não me machucou. Eu só não estava prestando atenção. Acontece.

– Ele devia ter tomado mais cuidado – rosnou Ren.

– Estou bem – sussurrei baixinho. – E *caramba!* Você precisava atirá-lo quase do outro lado da sala?

Ele resmungou e me ajudou a ficar de pé.

Li voltou correndo e ignorou Ren de propósito.

– Você está bem, Kelsey?

Pousei a mão em seu braço.

– Estou bem. Não se preocupe. Foi minha culpa. Eu me distraí.

– É. Você estava *distraída*. – Seus olhos correram para Ren brevemente. – Belo golpe, mas gostaria de vê-lo tentar *isso* outra vez.

Ren abriu um sorriso.

– Quando quiser.

Li sorriu de volta e estreitou os olhos.

– Mais tarde, então.

Fiquei ao lado de Jennifer, que tremia de emoção. Ela abriu a boca para fazer a primeira do que eu imaginava ser uma série de perguntas, mas ergui um dedo no ar.

– Agora não. Eu só quero terminar esta aula. Prometo que depois lhe conto o que está acontecendo.

– Promete? – ela articulou sem emitir som.

Assenti com a cabeça.

Jennifer passou o restante da aula observando-nos com atenção. Eu podia ver sua mente trabalhando, enquanto ela ouvia com cuidado cada comentário e avaliava cada olhar e toque casual. Li nos orientou a fazer formas simples com as mãos pelo restante da aula e então nos dispensou abruptamente. Ele e Ren pareciam travar uma competição de olhares. Ambos tinham os braços cruzados, avaliando o outro com frieza. Acompanhei Jen até a porta.

Ela apertou meu braço.

– Seu Ren é maravilhoso. Um espetáculo. Agora entendo por que você teve tanta dificuldade em deixá-lo. Se eu fosse alguns anos mais jovem e não vivesse um casamento feliz, eu o trancaria comigo e engoliria a chave. O que você vai fazer?

– Ren quer que eu saia com os dois.

Jennifer ficou de queixo caído e eu me apressei a acrescentar:

– Mas ainda não vou tomar nenhuma decisão.

– Isso é tão emocionante! É melhor que minha novela favorita. Boa sorte, Kelsey. Até segunda.

No carro, a caminho de casa, perguntei a Ren:

– Você e Li conversaram?

– Não muito. Vou frequentar as aulas de *wushu*, mas tenho que pagar um preço especial, que Li estipulou achando que eu não poderia pagar.

– Não gosto nada disso. Eu me sinto como uma criança num processo litigioso de guarda compartilhada.

– Você pode sair com os dois ou romper com Li agora – replicou ele.

– Mas, para ser justa, deveria dar a Li pelo menos uma semana.

– Rá! Está tão certo assim que eu escolheria você? Li também é um cara legal!

Ren esfregou o queixo e disse baixinho:

– É. Acho que sim.

Esse comentário me surpreendeu e fiquei em silêncio, pensando nisso a caminho de casa. Ren me ajudou a saltar do carro, me deixou na porta e desapareceu, como sempre.

Sair com Li, Ren e Jason ao mesmo tempo era ridículo. Era quase como se eu estivesse cercada por cavaleiros lutando pela preferência da donzela. Enquanto eles marchavam em suas armaduras de batalha, afiavam as lanças e se preparavam para montar seus cavalos, eu refletia sobre minhas opções. Tinha uma escolha, afinal de contas. Eu podia escolher o vencedor, o perdedor ou nenhum deles. O lado bom é que isso me faria ganhar algum tempo.

Eu podia compreender a ideia de uma rivalidade romântica do ponto de vista de Ren, pelo menos um pouco. No século em que ele nasceu os homens provavelmente lutavam pelas mulheres. Certamente seu instinto de tigre lhe dizia que afugentasse outros machos. O que me surpreendeu foi a reação de Li. *Quem iria imaginar que ele fosse chegar a esse ponto?*, pensei. *Se Li houvesse terminado comigo, teria facilitado muito meu papel nessa novela. Talvez os dois se matassem na disputa e todos morressem no fim, como em Hamlet.*

Quando chegamos para a aula de *wushu* na segunda, Li e Ren pareciam ter estabelecido um acordo tácito de não se olharem. A turma os observava com cautela, mas, vendo que nada acontecia, todos acabaram sossegando. Nem Li nem Ren fizeram par comigo.

Li se esforçava para me levar a restaurantes elegantes e planejar piqueniques elaborados. Ren se contentava em ir à minha casa para ler ou assistir a alguns filmes. Pipoca passou a ser seu lanche favorito. Víamos filmes antigos e depois ele fazia milhões de perguntas. Ele se divertiu com vários deles, especialmente *Star Wars*. Gostava de Luke e achava que Han Solo era *bad boy* demais.

– Ele não é digno da princesa Leia – disse Ren, o que me deu uma

compreensão mais profunda sobre sua persona de “cavaleiro na armadura brilhante”.

Na noite de sexta, Ren e eu estávamos prestes a começar a ver outro filme quando me lembrei de que havia marcado um encontro com Jason. Eu disse a Ren que ele podia assistir ao filme sem mim. Ele resmungou, pegou um pacote de pipoca e foi ligar o micro-ondas.

Quando descii com um vestido azul-escuro, sandálias de tiras e o cabelo liso, Ren levantou-se bruscamente e deixou cair a tigela de pipoca no chão.

– Por que está vestida assim? Aonde você vai?

– Jason vai me levar para ver uma peça em Portland. Mas pensei que você tivesse algum tipo de política de não interferência cavalheiresca em relação aos meus encontros.

– Quando você se veste assim, posso interferir quanto quiser.

A campainha soou e, quando abri a porta, Ren se aproximou pelas minhas costas e me ajudou a vestir o casaco. Jason se moveu para a frente e para trás pouco à vontade. Seus olhos fuzilaram Ren.

– Ah, Jason, este é meu amigo Ren. Ele é da Índia e vai passar uns tempos aqui.

Ren estendeu a mão e sorriu, destilando veneno.

– Tome conta direitinho da *minha garota*, Jason.

Havia decididamente um “senão” implícito no fim da frase. Jason engoliu em seco.

– Arrã. Pode deixar.

Empurrei Ren de volta para dentro de casa e fechei a porta em sua cara. Na verdade, era um alívio estar com Jason. Eu não sentia a pressão intensa que agora sentia com Li e Ren. Não que eles estivessem me pressionando. Ren, em particular, parecia ter uma paciência infinita. Acho que isso vinha de sua metade tigre.

Jason me levou para ver *O Rei Leão*. Os figurinos e adereços eram incríveis e eu me peguei desejando que Ren estivesse ali comigo em vez de Jason. Ren teria adorado ver como os animais eram representados.

Depois do espetáculo a multidão se espalhou pela calçada do teatro. As pessoas caminhavam devagar em todas as direções na rua, obrigando os carros a avançar em perigosos solavancos. Uma senhora idosa deixou cair seu programa da peça e estava se abaixando para

pegá-lo quando um carro dobrou a esquina.

Sem pensar, corri na frente da mulher e fiz sinal para que o carro parasse. O motorista pisou no freio, mas não rápido o bastante. Minha sandália de tiras ficou presa numa fenda do calçamento quando tentei sair do caminho. O carro bateu em mim de raspão e eu caí.

Jason correu para me ajudar e o motorista saltou do carro. Eu não estava ferida com gravidade. Meu vestido e meu orgulho é que haviam sofrido danos, mas, fora isso, eu só tinha alguns arranhões e machucados. Um fotógrafo do teatro correu para bater algumas fotos. Jason posou comigo, com meu vestido rasgado e o rosto sujo, e forneceu meu nome, dizendo que eu era uma heroína e que salvara a mulher idosa.

Tirando com desgosto minha sandália com o salto quebrado, segui para o carro. Jason, animado, falava do acidente e dizia que era bem provável que minha foto saísse na revista do teatro.

Ele tagarelou sem parar durante todo o trajeto sobre o trimestre seguinte na faculdade e a última festa a que fora. Quando parou diante da minha casa, não abriu a porta para mim. Suspirei, pensando: *O cavalheirismo está quase extinto nesta geração.* Jason ficava olhando para meu vestido rasgado e para as janelas. Provavelmente estava apavorado pensando que Ren pudesse ir atrás dele por não ter tomado conta de mim. Virei-me no assento para encará-lo.

– Jason, precisamos conversar.

– Claro. O que foi?

Suspirei de leve e disse:

– Acho que devíamos parar de sair. Não temos muito em comum. Mas eu gostaria que a gente conservasse a amizade.

– Tem outra pessoa na jogada?

Os olhos dele dispararam para a porta da casa outra vez.

– Talvez sim.

– Arrã. Bem, se mudar de ideia, estarei por perto.

– Obrigada, Jason. Você é um cara muito legal.

Um pouco medroso, mas ainda assim legal.

Dei-lhe um beijo de boa-noite no rosto e ele se foi de bom humor.

Não foi tão ruim. Da próxima vez não será fácil assim.

Entrei em casa e encontrei outro bilhete na bancada da cozinha, ao lado de uma tigela cheia de pipoca.

Nunca se perde por amar.

Perde-se por se refrear.

– Barbara DeAngelis

Estou identificando um tema aqui. Peguei uma Coca diet, a pipoca e subi lentamente os degraus, carregando minha sandália quebrada.

Um a menos. Que venha o próximo.



Volta às aulas

Na manhã seguinte Ren ligou para ver se podíamos tomar o café da manhã juntos e assistir a um filme. Eu disse que sim e desliguei o telefone. Meu corpo estava um pouco dolorido da queda, então engoli umas aspirinas e tomei um banho quente.

O cheiro de panquecas queimadas flutuava escada acima. Encontrei Ren na cozinha. Fatias de bacon chiavam no fogão e ele batia ovos numa tigela grande. Meu avental de babados estava amarrado em sua cintura. Era uma visão e tanto.

– Por que não pediu minha ajuda, Ren? – perguntei, tirando a panqueca queimada da frigideira.

– Eu queria fazer uma surpresa para você.

– Isso com certeza é uma surpresa. – Eu ri e assumi o fogão. – Para que a manteiga de amendoim?

– Para fazer panqueca de banana com manteiga de amendoim, é claro.

Eu ri.

– É mesmo? Como foi que você conseguiu criar isso?

– Tentativa e erro.

– Muito bem. Mas você também tem que experimentar panquecas à minha moda, com gotas de chocolate.

– Combinado.

Quando eu tinha uma pilha de panquecas alta o suficiente para satisfazer Ren, nos sentamos para comer. Ele provou um grande pedaço.

– E então? O que acha?

– Excelente. Mas ficariam ainda melhores com manteiga de amendoim e banana.

Estendi a mão para pegar a calda, revelando um hematoma longo e arroxeadado no braço. Ren notou imediatamente e tocou meu braço com cuidado.

– O que foi isso? O que aconteceu com você?

– O quê? Ah... isso. Tentei evitar que uma senhora fosse atropelada por um carro que se aproximava e ele bateu em mim. Eu caí.

Ren se levantou do banco de um pulo e me examinou e cutucou, apalpando meus ossos e movimentando minhas articulações com todo o cuidado.

– Onde dói?

– *Ren!* É sério, eu estou bem. São só alguns cortes e arranhões. Ai! Não aperte aí! – Dei um tapa nele. – Pare com isso! Você não é médico. São só algumas contusões bobas. Além do mais, Jason estava lá comigo.

– Ele também foi atingido pelo carro?

– Não.

– Então não estava lá com você. Da próxima vez que eu encontrar esse cara, ele vai ficar com umas contusões semelhantes para que possa saber o que você sentiu.

– Ren, pare de fazer ameaças. Isso não importa mais. Eu disse a Jason que não queria mais sair com ele.

Ren abriu um sorriso de satisfação.

– Ótimo. Mas o garoto ainda precisa aprender umas coisinhas.

– Ah, mas não é *você* que tem que ensinar a ele. Só por isso vou escolher o filme. E já vou avisando: pretendo pegar o filme mais mulherzinha que encontrar.

Ele grunhiu, resmungou alguma coisa sobre rivais, contusões e garotas e voltou para suas panquecas.

Depois do café da manhã, Ren me ajudou a arrumar a cozinha, mas o estressadinho ainda não estava livre de sua punição. Coloquei o filme, sentei-me ao lado dele com um sorrisão na cara e esperei que começasse a reclamar. O crescendo do tema de abertura de *A noiva rebelde* começou e dei uma risadinha, sabendo que ele iria sofrer pelas próximas horas. Só que... Ren adorou. Ele pôs o braço em meus ombros e ficou brincando com a fita na ponta da minha trança. E assoviou, acompanhando as canções.

Fez uma pausa no meio do filme, foi buscar o bandolim e começou a tirar a música. O bandolim tinha um som mais exótico que o violão no

filme.

– É lindo! – exclamei. – Há quanto tempo você toca?

– Comecei depois que você partiu. Sempre tive bom ouvido para música e minha mãe costumava pedir que eu tocasse para ela.

– Mas você pegou “Edelweiss” muito rápido. Já tinha ouvido essa canção?

– Não. Mas eu sempre fui capaz de tocar as notas só de ouvi-las.

Ele começou a tocar “My Favorite Things” e então a música mudou, tornando-se uma melodia triste porém bonita. Fechei os olhos, recostei a cabeça no sofá e senti a música me transportar numa viagem. A canção começou sombria e solitária, mas depois ficou doce e cheia de esperança. Eu tinha a sensação de que meu coração batia no mesmo ritmo da música. As emoções tomaram conta de mim à medida que a canção contava sua história. O final era melancólico e triste. Tive a sensação de que meu coração se partia. E foi aí que ele parou.

Abri os olhos.

– O que foi isso? Nunca ouvi nada assim!

Ren suspirou e pousou o bandolim com cuidado na mesa.

– Eu a compus depois que você viajou.

– *Você fez isso?*

– Fiz. O nome é “Kelsey”. É sobre você... sobre nós. É a nossa história juntos.

– Mas o final é triste.

Ele passou a mão nos cabelos.

– Foi assim que me senti quando você partiu.

– Ah. Mas nossa história ainda não chegou ao fim, não é?

Cheguei mais perto de Ren e envolvi seu pescoço com os braços.

Ele me apertou, pressionou o rosto em meu pescoço, sussurrou meu nome e disse:

– Não. *Certamente* ainda não acabou.

Tirei-lhe o cabelo da testa e disse baixinho:

– É linda, Ren.

Ele me abraçou bem apertado. Meu coração começou a bater mais rápido. Olhei seus olhos azuis intensos, em seguida os lábios perfeitamente esculpidos e quis que ele me beijasse. Ele aproximou ainda mais a cabeça, mas parou antes que seus lábios tocassem os meus. Estudou minha expressão, ergueu uma sobrancelha e se afastou.

– O que foi? – perguntei.

Ele suspirou e prendeu um cacho de cabelo atrás de minha orelha.

– Eu não vou beijá-la enquanto estivermos nesse processo de escolha. – Seus olhos examinavam meu rosto enquanto ele continuava: – Quero que você tenha a cabeça lúcida quando me escolher. Você fica toda vulnerável quando a toco, quanto mais quando a beijo. Eu me recuso a tirar vantagem disso. Uma promessa feita num momento de paixão não é duradoura e eu não quero que você tenha dúvidas ou arrependimentos em relação à sua escolha.

– Espere um instante – arqueei, incrédula. – Vamos ver se entendi: você não vai me beijar porque acha que seus beijos me deixam tonta demais para pensar com clareza? Que eu sou incapaz de tomar uma decisão consciente se estiver embriagada de paixão por você?

Ele assentiu com cautela.

– Isso tem a ver com seus estudos antiquados de métodos de corte? Porque muitas dessas sugestões estão desatualizadas...

– Sei disso, Kelsey. Eu só não quero pressioná-la de maneira alguma a me escolher.

Furiosa, pulei do sofá e comecei a andar em círculos.

– Essa é a coisa mais maluca que já ouvi!

Fui até a cozinha pegar um refrigerante e percebi que não estava apenas surpresa, estava com raiva, e parte da minha raiva vinha do fato de que ele não estava muito longe da verdade. Eu ficava, sim, completamente vulnerável sempre que ele me tocava.

De repente me senti como um peão num dos jogos de tabuleiro de Li. *Bem, as regras do jogo valiam para os dois.* Decidi retaliar. *Se ia haver uma guerra por mim, então por que eu também não podia lutar?* As garotas têm um arsenal de armas inteiramente exclusivo, ponderei, enquanto planejava minha estratégia de batalha. Daquele ponto em diante, decidi que testaria a resistência dele. Eu faria Ren *me* beijar.

Coloquei meu plano imediatamente em ação. Voltamos ao filme e deitei a cabeça em seu ombro, meus lábios a poucos centímetros dos dele, e comecei a descrever pequenos círculos nas costas de sua mão. Minha atitude deixou-o nervoso. Ele ficava se contorcendo e mudando de posição, mas não me soltou nem se afastou.

Depois do filme Ren anunciou subitamente que nosso encontro tinha chegado ao fim. *Gostei disso. O equilíbrio de poder mudou.* Corri os dedos por seu bíceps volumoso, então tracei coraçõezinhos em seu antebraço e fiz beicinho.

– Seu tempo como homem é tão curto. Não quer ficar comigo?

Ele tocou meu rosto.

– Mais do que quero respirar.

Não pude evitar. Colei meu corpo ao dele.

Ele me pegou e me sacudiu delicadamente.

– Eu não vou beijar você, Kelsey. Não quero que fique confusa em relação ao que deseja. No entanto, se você optar por *me* beijar, não irei me opor.

Afastando-me dele, rebati:

– Rá! Pode esperar deitado. – Pus as mãos nos quadris e sorri com ironia. – Essa notícia deve ser um choque para um homem que sempre consegue o que quer.

Ele deslizou as mãos pela minha cintura e me puxou para seu peito. Então levou os lábios a centímetros do meu.

– *Não... o que eu... mais quero.*

Ele hesitou por um instante, esperando que eu fizesse um movimento, mas não fiz. Estava determinada a levá-lo a me beijar primeiro. Assim, sorri e esperei. Estávamos presos numa silenciosa batalha de vontades.

Por fim, ele se afastou.

– Você é tentadora demais, Kelsey. O encontro terminou.

De repente nada no mundo era tão importante para mim quanto vencer essa guerrinha com Ren. Inclinando-me para ele, pisquei inocentemente e, com a voz mais sedutora, perguntei:

– Tem certeza *absoluta* de que precisa ir?

Senti os músculos de seu braço se retesarem e a pulsação disparar. Ele segurou meu rosto com uma das mãos. Querendo levá-lo ao limite, coloquei a mão sobre a dele e deposei um beijo cálido em sua palma. Acariciando sua palma com os lábios, eu o ouvi prender a respiração. *Eu não fazia a menor ideia de que ele reagia dessa forma a mim. Isso vai ser mais fácil do que pensei.*

Apertei seu braço levemente e me encaminhei para a escada, sentindo seus olhos em mim. Assumindo minha melhor personificação de Scarlett O'Hara, virei-me uma última vez e disse:

– Bem... *Tigre*, se mudar de ideia, sabe onde me encontrar.

Deslizei os dedos pelo corrimão e continuei a subir os degraus.

Infelizmente ele não me seguiu. Eu imaginara Ren fazendo o papel de Rhett Butler e, incapaz de se conter, me tomando nos braços e me

carregando escada acima numa dramática demonstração de paixão. No entanto, Ren me lançou um olhar divertido e saiu, fechando a porta silenciosamente.

Droga! Ele tem mais autocontrole do que imaginei.

Não importava. Era apenas um pequeno contratempo. Passei o resto do dia tramando... *Como se pega um tigre muito velho e muito alerta de surpresa? Use as fraquezas dele: comida, artimanhas femininas, poesia e superproteção. O pobrezinho não tem a menor chance.*

Na manhã seguinte abri o lado do armário antes proibido, peguei um cardigã azul-marinho e uma saia estampada, um cinto fino e botas marrons de cano alto. Fiz escova no cabelo e caprichei na maquiagem, especialmente no gloss cor de pêssego nos lábios.

Em seguida, preparei um sanduíche gigante para Ren – e coloquei um bilhete de amor em cima dele. *Os dois podem jogar o jogo da poesia, pensei, convencida.*

A alma que pode falar através dos olhos
também pode beijar com o olhar.

– Gustavo Adolfo Becquer

Quando ele veio me buscar para a faculdade, me olhou de cima a baixo e disse:

– Você está linda, Kells, mas não vai funcionar. Já entendi qual é a sua.

Ele me ajudou a vestir o casaco e eu respondi inocentemente:

– Não sei do que você está falando. O que é que não vai funcionar?

– Você está tentando me fazer beijá-la.

Ergui o rosto para ele, sorrindo, e disse, acanhada:

– Uma garota não deve entregar *todos* os seus segredos, não é?

Ele se inclinou para mim, pressionou os lábios contra meu ouvido e sussurrou numa voz aveludada:

– Muito bem, Kells. Guarde seus segredos. Mas estou de olho em você. O que quer que esteja tentando fazer não vai funcionar. Eu ainda tenho algumas *cartas* na manga também.

Ren me deixou sozinha a tarde toda. Enfieei outro bilhete em sua mochila enquanto ele saía do carro para a aula de *wushu*.

As almas se encontram nos lábios dos enamorados.

– Percy Bysshe Shelley

Estava sentada no chão me alongando quando o vi puxar o bilhete da bolsa. Ele o leu algumas vezes e então ergueu os olhos e interceptou meu olhar. Dirigi a ele um sorriso inocente e acenei alegremente para Jennifer, que cruzava a sala.

De volta a casa, dentro da garagem, Ren abriu a porta do carro para mim. Mas, em vez de me ajudar a saltar, ele se inclinou e grunhiu suavemente. Seus lábios roçaram a pele sensível sob minha orelha. Sua voz era sedutora, perigosa.

– Vou logo avisando, Kelsey. Sou um homem *extremamente* paciente. Fui treinado à exaustão a esperar o inimigo. Minha vida como tigre me ensinou que a persistência e a diligência sempre valem a pena. Considere-se advertida, *priyatama*. Eu estou numa caçada. Já farejei seu cheiro e nada vai me deter.

Ele se afastou e estendeu a mão para me ajudar a saltar. Eu a ignorei e me dirigi à porta com as costas rígidas e as pernas trêmulas. Ouvi uma risadinha na brisa enquanto ele desaparecia do seu lado da casa.

Ren estava me deixando maluca. Eu me sentia tentada a arrombar a porta e me atirar em cima dele, mas me recusava a ceder. *Eu* iria provocá-lo dessa vez. Faria com que ele pedisse clemência.

Logo descobri que a batalha de vontades entre mim e Ren havia empurrado Li para o canto mais afastado de minha mente. Sempre que estava com Li, meus pensamentos voavam para longe, ocupados em planejar maneiras de seduzir Ren. Era tão óbvio que Li percebeu.

– Câmbio. Planeta Terra chamando Kelsey. Você vai notar minha presença agora? – perguntou Li, tenso, uma noite, durante um de seus filmes de artes marciais favoritos.

– Como assim?

– Kelsey, você está totalmente ausente nessa última semana. Sua cabeça anda longe.

– Bem... é que voltei à faculdade agora e os trabalhos me distraem.

– Não são os trabalhos, Kelsey. É *ele*.

Senti remorso imediatamente. Li não havia feito nada de errado e o

mínimo que eu podia fazer era lhe dar atenção.

– Desculpe, Li. Eu não tinha percebido que estava ignorando você. Tem toda razão. Agora estou aqui com você, 100 por cento. Me fale de novo por que esse filme é um clássico na categoria.

Li observou meu rosto por um momento e então começou a falar sobre *Punhos de serpente*, com Jackie Chan. Eu estava interessada de verdade e ele pareceu aliviado com isso.

O restante da noite correu tranquilamente, mas eu sentia culpa em relação a Li. Não estava lhe dando a atenção que ele merecia. O pior era que eu queria que Ren estivesse assistindo ao filme conosco.

Quando cheguei em casa aquela noite, já tarde, coleí um bilhete no lado de Ren da porta de comunicação.

Certa vez ele sugou
Com um longo beijo, toda a minha alma
através
Dos meus lábios, como a luz do sol bebe o
orvalho.

– Alfred Lord Tennyson

Ren não havia me beijado em três semanas e eu achava que estava fraquejando mais do que ele. Eu tinha tentado de tudo e ainda não conseguira nem um selinho em meus lábios aflitos. Não tinha obtido nenhum resultado em semanas de esforço. Eu agora era dona de uma coleção completa de batons e brilhos labiais e já havia experimentado cada um deles, sem nenhum efeito.

Na aula de *wushu*, ele tirou outro bilhete da bolsa, leu e ergueu uma sobrancelha em minha direção. Esse era o mais ousado que eu lhe dera e intencionalmente eu o deixara para o fim. Era minha última tentativa.

Dá-me um beijo e depois mais vinte;
Em seguida soma mais cem a esses vinte;
E mil a esses cem: assim continua a me
beijar,
Até esses mil a um milhão chegar;

Triplica esse milhão, e estando terminado,
Voltemos a nos beijar, como havíamos
começado.

– Robert Herrick

Ren não disse nada, mas me olhou de forma intensa e ardente. Com audácia, sustentei seu olhar e senti uma centelha se acender entre nós, formando um elo e abrindo um buraco no meu corpo, embora estivéssemos em lados opostos da sala. Eu não conseguia tirar os olhos dele e ele aparentemente estava sofrendo do mesmo mal.

De repente Li anunciou que iríamos treinar movimentos para derrubar o oponente, o que ele havia evitado desde a primeira sessão com Ren. Dessa vez Li e Ren iriam demonstrar os movimentos para os outros. Li instruiu que todos nos sentássemos junto à parede. Com relutância, Ren rompeu o contato visual comigo e se posicionou de frente para seu adversário.

Os dois homens andavam em círculos. Li fez o primeiro movimento, um soco circular, para se exibir e se aproximar, mas Ren o bloqueou elegantemente. Li mudou o peso do corpo para uma perna, deu uma rasteira por trás dos joelhos e então desferiu um soco contra o peito de Ren. Este se deslocou para a direita, fazendo com que a rasteira de Li errasse o alvo, e usou a mão espalmada para bloquear o soco. Em seguida, Li realizou uma elaborada manobra, plantou a mão no chão e atacou com uma clássica tesoura. Ren agarrou o pé de Li e girou, derrubando-o com força de barriga para baixo. Li rolou no chão, afastando-se com raiva, e devolveu uma série de socos. Ren o bloqueou no alto, embaixo e até por trás, neutralizando com eficácia os ataques de Li.

Li percebeu que não progredia, então simulou um soco para agarrar o braço de Ren e o puxou com força a fim de desferir-lhe um chute contra o rosto, mas Ren o fez perder o equilíbrio e Li caiu novamente no tatame. Ele se levantou com um salto, tornou a ficar de frente para Ren e eles voltaram a se mover em círculos.

– Você quer mesmo continuar com isso? – perguntou Ren. – Já provou que é um bom lutador.

– Não estou tentando provar nada. – Ele sorriu. – Só queria impedir que você continuasse devorando minha garota com os olhos.

Ele disparou um soco duplo contra o peito de Ren, que

simplesmente agarrou-lhe os pulsos e os girou para fora. Li uivou e se afastou, para voltar em seguida com um chute frontal no rosto de Ren.

Dessa vez Ren agarrou-lhe o calcanhar.

– Ela ainda não decidiu de quem ela é. – Ele ergueu os braços e empurrou Li, virando-o de cabeça para baixo. – Mas, se fosse para apostar, não consideraria suas chances muito boas.

Arquejei, ofendida e constrangida. Ren voltou-se para me olhar. Vendo-o distraído, Li agarrou-lhe os braços por trás e forçou-os para cima, um movimento que imobilizaria a maioria das pessoas. Sem sequer pestanejar, Ren subiu uma parede com Li ainda segurando seus braços e girou no ar.

Quando caiu, virou os pulsos, revertendo suas posições. Os cotovelos de Li agora se projetavam no ar enquanto Ren os forçava ligeiramente para baixo. Quando Li arfou de dor, Ren o soltou. Li rodou e tentou dar uma rasteira em Ren outra vez, mas Ren saltou sobre suas pernas, girou e imobilizou Li com facilidade.

Jennifer me olhou, nervosa, e segurou minha mão. Li estava descontrolado. Ele limpou a boca e rebateu:

– Deixe que eu me preocupe com as minhas chances.

Então ele rodou e chutou, atingindo o peito de Ren. O impacto lançou ambos alguns passos para trás. Li provocou:

– Pelo menos eu não desisti dela nem deixei que partisse.

Os movimentos agora eram rápidos demais para que eu pudesse distingui-los. Eu via socos, bloqueios de braço e de perna, giros com recuo, chutes laterais e passos elaborados.

A certa altura, Ren correu para Li e deu uma complicada cambalhota no ar, em posição encolhida, girou duas vezes e saltou por cima de Li. Quando estava descendo, pousou as mãos nas costas de Li e usou seu impulso para jogá-lo de cara no tapete. A turma começou a bater palmas e dar vivas.

Ren pressionou a mão nas costas de Li, mantendo-o imóvel, e grunhiu baixinho:

– Não. Mas é o que *vai* fazer. Ela é *minha*.

Ren deixou que ele se levantasse e depois disso, Li se transformou num touro enfurecido, partindo com tudo para cima de Ren. O suor escorria de seu rosto e sua respiração estava pesada. Ele atacou com ainda mais violência do que antes e Ren intensificou seu ritmo um pouco também. Li finalmente estava conseguindo acertar uns golpes. Eu me sentia mortificada por eles lutarem por *mim*. *Em público*. Ao

mesmo tempo, não conseguia tirar os olhos dos dois.

Li era uma força a ser reconhecida. Era altamente habilidoso. No entanto, ainda havia um mundo de diferença entre ele e Ren. Era quase como se estivessem se movendo em duas velocidades diferentes.

Fiquei observando Ren lutar. Na verdade, teria sido impossível desviar os olhos. Cada movimento era uma pintura. Eu me vi hipnotizada pelo controle calculado e pelo poder que exibia. Era simplesmente magnífico. Um lutador digno do tigre que era na maior parte do tempo.

Eu estava furiosa com sua audácia de me declarar sua propriedade na frente de todos. No entanto, ao mesmo tempo, eu me sentia emocionada por vê-lo me desejar tão ferozmente. Ele era de fato um anjo guerreiro. *Meu anjo guerreiro*, pensei, possessiva.

Após cerca de 15 minutos de luta acirrada sem chegar a lugar algum, Li, ofegando intensamente, dispensou a turma.

Tentei falar com ele, mas ele fez um gesto com a mão, me dispensando também, e pegou uma toalha para cobrir a cabeça.

Li não ligou nem me chamou para sair na semana que se seguiu. Depois da aula de *wushu* na sexta, ele pediu para falar comigo e disse a Ren que me levaria para casa. Ren assentiu e foi embora em silêncio. Eles vinham se tratando de maneira estranhamente civilizada desde a luta.

Li se sentou e deu um tapinha no tatame, indicando que eu me sentasse ao lado dele.

– Kelsey, preciso perguntar uma coisa a você e quero que responda com sinceridade.

– Claro.

– Por que você deixou Ren?

Eu me remexi, desconfortável.

– Eu o deixei porque... não éramos feitos um para o outro.

– Como assim?

Fiquei em silêncio por um momento e então respondi:

– São várias razões. A principal é que... é difícil explicar. Em primeiro lugar, ele é lindo, e eu... não sou. Ele também é muito rico. Na verdade, ele vem da realeza. É de uma cultura e de uma origem diferentes e não namorou muito e...

– Mas, Kelsey, nós dois também somos de culturas e origens

diferentes, e isso não a incomoda. A família dele não gosta de você?

– Não é isso. Os pais dele já morreram. O irmão gosta de mim. – Retorci as mãos no colo. – Acho que tudo se resume ao fato de eu pensar que ele vai acordar e descobrir que não sou uma princesa. Acredito que vai ficar decepcionado se me escolher. É só uma questão de tempo antes de perceber isso e me trocar por outra, por alguém melhor.

Li voltou-se para mim, incrédulo.

– Então você está me dizendo que o deixou porque achava que *ele* era bom demais para *você*?

– Basicamente, sim. Ele teria ficado preso a mim e vivido infeliz.

– Ele *age* como se estivesse infeliz perto de você?

– Não.

– Kelsey, por mais que me doa dizer isso – começou Li, em tom reflexivo –, Ren me parece uma pessoa muito cautelosa e ponderada. Durante nossa luta, usei cada habilidade e truque sujo à minha disposição e ele mal me acertava de volta. Ren estava em clara vantagem. A técnica dele está além de qualquer coisa que eu já tenha visto. É como se ele tivesse aprendido com todos os mestres antigos.

E provavelmente aprendeu.

– Mesmo assim, durante a luta, ele *recebia* os golpes de forma que eu não me machucasse. Isso mostra não só uma habilidade incrível, como uma antecipação impressionante.

Dei de ombros.

– Eu já sabia que ele lutava bem.

– Não, você não está me entendendo. Para alcançar uma habilidade assim, para lutar dessa forma, é preciso disciplina. Ele poderia ter me esmagado, mas não fez isso. – Li riu com ironia. – Na metade do tempo, ele não estava nem me olhando! Estava observando você, preocupado com sua reação. Não estava nem prestando atenção no cara seriamente empenhado em matá-lo.

– O que você está tentando me dizer, Li?

– Estou tentando dizer que o cara está desesperadamente apaixonado por você. Isso é óbvio para mim e para todo mundo. Se *você* o ama, precisa dizer isso a ele. Seus temores de ser abandonada não combinam com a personalidade dele. Como eu disse, ele é o tipo de homem que toma uma decisão e se mantém firme. Não tem nada nele que me faça pensar que não seja sincero.

– Mas...

Li tomou minhas mãos nas dele e me encarou.

– Kelsey. Ele só tem olhos para *você*.

Baixei o olhar para nossas mãos.

– E quanto a não ser boa o bastante para ele, é justamente o contrário. Ele é que não é bom o suficiente para *você*.

– Você está dizendo isso por dizer.

– Não. Não, não estou. Você é incrível, doce e linda e ele é um homem de sorte por ter *você*.

– Li, por que está fazendo isso?

– Porque... eu gosto do cara, para ser sincero. Eu o respeito. E porque dá para ver que o que *você* sente por ele é muito mais forte do que o que sente por mim. Você é mais feliz com ele.

– Sou feliz com *você* também.

– Sim, mas não é a mesma coisa. Volte para ele, Kelsey. Está óbvio que *você* o ama. Diga isso a ele. Dê-lhe uma chance. – Ele riu baixinho. – Mas não se esqueça de dizer que fui superior ao abrir caminho. – Ele se inclinou e me envolveu num abraço apertado. – Vou sentir saudade, Kelsey.

Foi como se alguma coisa em mim desse um clique e minha perspectiva de repente mudasse. Estava na hora de dispensar Li. Não era justo continuar a submetê-lo a essa situação. Meu coração nunca seria dele; bem no fundo, fazia algum tempo que eu sabia disso. Eu vinha usando-o como uma muleta emocional. Meu relacionamento com ele havia se tornado uma desculpa para que eu pudesse adiar o momento de encarar Ren. Ficando ou não com Ren, eu sabia que esse tinha que ser o fim para mim e Li.

Emocionada, retribuí o abraço.

– Vou sentir saudade também. Você foi muito legal comigo. Nunca vou me esquecer disso. Agradeça aos rapazes por me ensinarem a jogar.

– Claro. Vamos. – Ele se pôs de pé e me ajudou a levantar, me dando um beijo na bochecha. – Vou levá-la para casa. E, Kelsey... diga a Ren que, se um dia ele a deixar, eu vou atrás dele.

Eu ri, desolada.

– Desculpe por ter feito *você* passar por isso, Li.

Ele deu de ombros.

– Por *você*, valeu a pena. Acho que, se eu a houvesse pressionado

quando ele apareceu, você o teria escolhido de qualquer forma. Pelo menos assim aproveitei sua companhia por mais um tempo.

– Não foi justo com você.

– Não dizem que no amor e na guerra vale tudo? Isso foi um pouco de amor misturado a um pouco de guerra. Eu não teria perdido por nada.

Tomei sua mão nas minhas e a apertei.

– Um dia você vai fazer uma mulher muito feliz, Li. E espero que esse dia chegue logo.

– Bem, se por acaso você tiver uma irmã gêmea por aí, vou querer conhecê-la.

Eu ri, mas estava com vontade de chorar.

Li me levou até em casa. Fomos ambos em silêncio. Eu refletia sobre o que ele tinha falado. Estava certo. Ren *era* uma pessoa cautelosa e ponderada. Ele tivera séculos para pensar no que queria. Por alguma razão, ele me queria. No fundo eu sabia que me amava e que nunca me abandonaria. Também sabia que, se eu *tivesse* escolhido outro, Ren estaria sempre por perto para cuidar de mim se eu precisasse dele.

Meus sentimentos por *ele* nunca estiveram em questão. Li tinha razão. Eu devia dizer isso a Ren. Dizer que tinha tomado minha decisão.

Eu vinha tentando seduzir o homem havia várias semanas e agora que eu ia finalmente ter o que queria, estava nervosa. Minha determinação vacilava. De repente me senti vulnerável, frágil. Meus pensamentos eram incoerentes. *O que eu deveria dizer?*

Quando o carro parou, Li me encorajou mais uma vez.

– Diga a ele, Kelsey.

Ele me abraçou rapidamente e se foi.

Fiquei parada diante da porta de Ren durante vários minutos, pensando no que iria dizer.

A porta se abriu e Ren saiu, parando ao meu lado. Seus pés estavam descalços e ele ainda usava a camiseta e a calça branca do *wushu*. Ele me dirigiu um olhar cheio de ansiedade e suspirou, infeliz.

– Me dizer o quê, Kells?

Num tom formal, perguntei:

– Você ouviu, né?

– Ouvi.

Seu rosto estava tenso, cauteloso. De repente percebi que ele achava

que eu ia escolher *Li*.

Ele correu a mão pelos cabelos.

– O que você quer me dizer?

– Quero lhe contar que já fiz minha escolha.

– Foi o que imaginei.

Dei um passo à frente e passei os braços por seu pescoço, mas ele permaneceu rígido. Fiquei na ponta dos pés para me aproximar de seu rosto. Ele suspirou, me abraçou e me suspendeu. Aconcheguei meu corpo de encontro ao seu peito sólido como pedra, enquanto meus pés pairavam vários centímetros acima do chão. Falei suavemente em seu ouvido:

– Eu escolho você.

Ele se imobilizou... então afastou a cabeça para olhar meu rosto.

– Então *Li*...

– Está fora da jogada.

Ele me lançou um sorriso radiante que iluminou a noite escura.

– Então nós...

– Podemos ficar juntos.

Puxei sua cabeça para mim e o beijei suavemente. Surpreso, ele se separou de mim para estudar meu rosto e então me apertou ainda mais e me beijou de volta. Seu beijo não era suave nem doce. Era ávido, quente, ardente.

Existem muitos tipos de beijos. Há o beijo apaixonado de adeus – como o que Rhett deu em Scarlett ao partir para a guerra. O beijo de “não posso ficar com você, mas quero ficar” – como o de Super-Homem e Lois Lane. Tem o primeiro beijo – delicado e hesitante, cálido e vulnerável. E tem também o beijo de posse – que era como Ren me beijava naquele momento.

Isso além da paixão, além do desejo. Seu beijo era cheio de ânsia, necessidade e amor, como todos os outros beijos. Mas também era cheio de promessas e juras, algumas doces e ternas, outras perigosas e excitantes. Ren estava tomando posse de mim. Reivindicando o que era seu.

Ele me agarrou audacioso como um tigre que captura sua presa. Não havia como escapar. E eu não *queria* escapar. Eu teria morrido feliz em suas garras. Eu era dele e ele se certificou de que eu soubesse disso. Meu coração explodia com a floração de mil lindos lírios-tigres. E eu soube, com uma certeza maior do que qualquer coisa que já

havia sentido, que nosso lugar era um ao lado do outro.

Ele finalmente ergueu a cabeça e murmurou de encontro aos meus lábios:

– Até que enfim.



Ciúme

Ren tornou a me beijar e deslizou um braço sob meus joelhos. Ele conseguiu me levar para dentro de casa e fechar a porta com o pé sem desgrudar os lábios dos meus. Eu finalmente tinha meu momento Rhett Butler. Ele se acomodou na poltrona, me aconchegou em seu colo, agarrou minha colcha e me envolveu com ela.

E me beijou por toda parte – cabelos, pescoço, testa, bochechas... mas sempre voltava aos lábios, como se eles fossem o centro do Universo. Suspirei baixinho e desfrutei da avalanche de beijos de Ren – beijos sufocantes, beijos suaves, beijos sensuais, beijos que duravam um mero segundo e beijos que duravam uma eternidade. Era fácil acreditar que meu anjo guerreiro havia me capturado e me levado voando para o céu.

Um ronco profundo ecoou em seu peito.

Afastei a cabeça, rindo.

– Você está *rosnando* para mim?

Ele riu baixinho, girou a fita do meu cabelo entre os dedos e a puxou delicadamente, soltando minha trança. Mordendo de leve minha orelha, ele sussurrou uma ameaça:

– Você vem me deixando louco há *três semanas*. Tem sorte de eu apenas rosnar.

Ele traçou um lento caminho de beijos descendo pelo meu pescoço.

– E isso significa que você virá aqui com mais frequência? – eu quis saber.

Ele falou, movendo os lábios de encontro à minha pele.

– Cada minuto do dia.

– Ah. Então... você não estava apenas me evitando?

Ele colocou o dedo sob meu queixo e virou meu rosto para o dele.

– Eu nunca iria evitá-la de propósito, Kells.

Ele fez um carinho na lateral do meu pescoço e na clavícula com a ponta dos dedos, me distraíndo.

– Mas fez isso.

– Porque foi lamentavelmente necessário. Eu não queria pressioná-la, então me mantive afastado, mas estava sempre por perto. Podia ouvi-la. – Ele afundou o rosto em meus cabelos soltos e suspirou. – E sentir seu cheiro de pêssego e creme, o que me deixava maluco. Só que eu não me permitia vê-la, a menos que você concordasse com um encontro. Quando você começou a me provocar, pensei que fosse enlouquecer.

– Arrá! Então você *ficou* tentado.

– Esse é o pior tipo de *pralobhana*, de tentação. Eu a teria dominado por um momento, mas então acabaria por perdê-la. Evitar você era tudo que eu podia fazer para não agarrá-la e sequestrá-la.

Era estranho. Agora que eu havia admitido em voz alta que queria estar com ele, não me sentia nem um pouco tímida ou hesitante. Sentia-me... liberada. Contente. Plantei dezenas de beijos em suas bochechas, em sua testa, em seu nariz e, por fim, em seus lábios perfeitamente esculpidos. Ele ficou imóvel enquanto eu percorria seu rosto com os dedos. Ficamos por um longo momento nos entreolhando, seus lindos olhos azul-cobalto presos aos meus, castanhos. Ren sorriu e meu coração deu um pulso, sabendo que ele, em toda a sua perfeição, era meu.

Deslizei as mãos de seus ombros para os cabelos, tirando-os da testa, e disse baixinho:

– Eu *amo* você, Ren. Sempre amei.

Seu sorriso se abriu. Ele me apertou ainda mais nos braços e sussurrou meu nome.

– Amo *você*, minha *kamana*. Se soubesse que você seria o prêmio que eu conquistaria depois de séculos de cativo, teria suportado tudo agradecido.

– O que quer dizer *kamana*?

– “O lindo desejo a que eu aspiro acima de todos os outros.”

– Humm. – Pressionei os lábios de encontro ao pescoço dele e inspirei seu cheiro cálido de sândalo. – Ren?

– Sim?

Ele enroscou os dedos em meu cabelo.

– Desculpe por ter sido tão idiota. Foi tudo culpa minha. Desperdicei tanto tempo. Você me perdoa?

Seus dedos se aquietaram em meu cabelo.

– Não há nada para perdoar. Pressionei você cedo demais. Não a cortejei. Não disse as coisas certas.

– Não. Nada disso. Você disse todas as coisas certas. Acho só que não estava preparada para ouvi-las ou acreditar nelas.

– Eu devia saber que não deveria apressá-la. Não fui paciente e um tigre sem paciência fica sem jantar.

Eu ri.

– Você sabia que comecei a me sentir atraído por você antes mesmo de você saber que eu era humano? Lembra-se de quando fiquei correndo freneticamente de um lado para outro durante uma apresentação no circo?

– Lembro.

– Pensei que você tivesse ido embora. Ouvi Matt dizer ao pai que uma das garotas novas tinha partido. Achei que eles se referissem a você. Eu precisava saber se você ainda estava lá. Você não foi à minha jaula naquele dia e eu fiquei distraído, desanimado. Não pude sossegar até vê-la na plateia.

– Bem, estou aqui agora e não vou deixá-lo, Tigre.

Ele grunhiu, me apertou e provocou:

– Não, *não vai*. Não vou deixá-la sair de perto de mim outra vez. Agora, sobre todos aqueles poemas que você me deu... acho que alguns merecem ser estudados em profundidade.

– Concordo plenamente.

Ele tornou a me beijar. Foi um beijo prolongado e doce. Suas mãos seguravam o meu rosto e acho que meu coração chegou de fato a dar uma cambalhota no peito. Ren afastou o rosto, beijou os cantos da minha boca e suspirou profundamente. Ficamos agarradinhos até seu tempo se esgotar.

Na noite seguinte preparei um jantar especial para Ren. Quando os famosos *conchiglioni* recheados de minha mãe ficaram prontos, Ren serviu uma porção gigante em seu prato, espetou um deles e mastigou, feliz.

– Esta é uma das melhores coisas que já comi. Na verdade, só fica atrás de manteiga de amendoim, *chittaharini*.

– Fico feliz que goste da receita da minha mãe. Ei, você nunca me disse o que *chittaharini* significa.

Ele beijou meus dedos.

– Significa “a que cativa a minha mente”.

– E *iadala*?

– Querida.

– Como se diz “eu te amo”?

– *Mujhe tumse pyarhai*.

– E “estou apaixonada”?

Ele riu.

– Você pode dizer *anurakta*, que significa que você “está se afeiçoando a” alguém. Ou pode dizer que é *kaamaart*, que significa que você é uma “jovem intoxicada com amor ou perda de amor”. Prefiro a segunda forma.

Sorri, de modo afetado.

– Sei, sei. Tenho certeza de que você gostaria de anunciar que estou bêbada de amor por você. Como se diz “meu namorado é bonito”?

– *Mera sakha sundara*.

Limpei os lábios com um guardanapo e perguntei se ele gostaria de me ajudar a fazer a sobremesa. Ren puxou a cadeira para que eu me levantasse e me seguiu até a cozinha. Eu estava superconsciente de sua proximidade, sobretudo porque a todo instante ele encontrava razões para me tocar. Ao guardar o açúcar, acariciou meu braço. Quando estendeu a mão para colocar a baunilha em cima da bancada, fez carinho com o nariz no meu pescoço. Chegamos ao ponto em que comecei a derrubar as coisas.

– Ren, você está me distraindo. Quero que me dê um pouco de espaço para que eu possa terminar de preparar a massa.

Ele obedeceu, mas se manteve perto o bastante para que eu roçasse nele ao guardar os ingredientes. Dei forma aos biscoitos, arrumei-os no tabuleiro e anunciei:

– Agora temos 15 minutos até ficarem prontos.

Ele agarrou meu braço e me puxou para ele. Quando dei por mim, o timer estava disparando e eu pulei de susto. Não sei como, mas eu tinha ido parar em cima da bancada da cozinha presa num abraço apaixonado. Uma de minhas mãos estava em seu cabelo, seus cachos sedosos enroscados em meus dedos, enquanto minha outra mão aparentemente agarrara sua camisa de grife e estava lentamente

torcendo-a. A camisa recém-passada agora estava toda amassada. Envergonhada, relaxei a mão incontrolável e gaguejei:

– Sinto muito pela camisa.

Ele pegou minha mão, pousou um beijo na palma e sorriu, malicioso.

– Eu não.

Eu o empurrei e saltei para o chão. Pressionando os dedos contra seu peito, eu disse:

– Você é perigoso, rapaz.

Ele sorriu.

– Não é minha culpa que você esteja intoxicada por mim.

Fiz cara feia para ele, mas isso não o perturbou nem um pouco; ele estava muito satisfeito consigo mesmo. Tirei os biscoitos do forno e me virei para pegar o leite. Quando lhe entreguei o copo, Ren já havia devorado um biscoito superquente e estava no segundo.

– Deliciosos! São de quê?

– De chocolate, com gotas de chocolate e recheio de manteiga de amendoim.

– São a segunda melhor coisa que já provei.

Eu ri.

– Você disse a mesma coisa no jantar.

– Acabei de atualizar o ranking.

– Ah, é? Qual é o primeiro lugar agora? Ainda são as panquecas de manteiga de amendoim?

– Não... você. Mas o páreo é duro. – Seu sorriso se turvou. – É hora de eu me transformar, Kells.

Senti um leve tremor percorrer-lhe o braço. Ele me beijou docemente mais uma vez e se metamorfoseou em tigre. Então seguiu para a escada, subiu-a em dois saltos e se dirigiu para o meu quarto.

Ren se acomodou no tapete perto da minha cama enquanto eu vestia o pijama no banheiro. Depois de escovar os dentes, ajoelhei-me ao lado dele.

Abraçando-lhe o pescoço, sussurrei:

– *Mujhe tumse pyarhai*, Ren.

Ele começou a ronronar enquanto eu me cobria com o edredom. Eu não via sua metade tigre desde que ele aparecera no dia de Natal e estava com saudade. Abraçando-o, acariciei-lhe o pelo macio. Aconchegando-me ao seu lado, usei suas patas como travesseiro e

adormeci, em paz pela primeira vez desde que deixara a Índia.

No sábado acordei em minha cama agarrada ao meu tigre branco de pelúcia. Ren estava sentado numa cadeira posicionada ao contrário, a cabeça descansando nos braços, me observando. Grunhi e cobri a cabeça com o edredom.

– Bom dia, dorminhoca. Sabe, se queria tanto dormir com um tigre, era só pedir. – Ele apanhou o tigre de brinquedo. – Quando comprou isto?

– Na semana que voltei.

Ele sorriu.

– Então sentiu a minha falta?

Suspirei e sorri.

– Como um peixe sente falta da água.

– É bom saber que sou tão necessário assim à sua sobrevivência. – Ele se ajoelhou ao lado da cama e tirou o cabelo do meu rosto. – Eu já lhe disse que você é a coisa mais linda de manhã?

Eu ri.

– Fala sério. Meu cabelo está todo desgrehado e eu estou de pijama.

– Gosto de ver você acordar. Você suspira e começa a se remexer. Rola para um lado e para outro algumas vezes e em geral murmura alguma coisa sobre mim.

Ele sorriu.

– Então eu falo dormindo, é? – perguntei, apoiando-me no cotovelo. – Isso é constrangedor.

– Eu gosto. Depois você abre os olhos e sorri para mim, mesmo quando estou como tigre.

– Que garota não iria sorrir quando você é a primeira coisa que ela vê? É como acordar na manhã de Natal e encontrar o melhor presente que você já ganhou.

Ele riu e beijou minha bochecha.

– Quero conhecer Silver Falls hoje, portanto levante esse esqueleto preguiçoso da cama. Vou esperar você lá embaixo.

A caminho das cachoeiras, paramos em Salem para o café da manhã no White's, um pequeno restaurante que funcionava há décadas. Ren pediu a especialidade da casa: batatas tipo *roësti*, ovos, salsicha, bacon e molho, tudo misturado numa grande pilha. Eu nunca vira ninguém

terminar um prato daqueles, mas Ren comeu tudo e ainda roubou uma torrada minha.

– Você está com um apetite e tanto – comentei. – Não tem comido direito?

Ele deu de ombros.

– O Sr. Kadam contratou um serviço de supermercado, mas eu só sei fazer pipoca e sanduíche.

– Por que não me contou? Eu teria cozinhado para você com mais frequência.

Ele pegou minha mão e a beijou.

– Eu queria mantê-la ocupada de outra forma.

A viagem foi linda. Quilômetros e quilômetros de fazendas de pinheiros de ambos os lados da estrada serpenteante que levava a uma região montanhosa e coberta de florestas.

Passamos o dia caminhando por South Falls, Winter Falls e Middle North Falls e seguíamos para outras três cachoeiras. Estava frio e eu havia esquecido minhas luvas. Ren imediatamente tirou um par de luvas do bolso do casaco e as calçou em minhas mãos. Eram grandes demais, mas forradas e quentes. O gesto me trouxe à lembrança o encontro horrível com Artie. Ren e Artie eram como o dia e a noite.

Estávamos discutindo as diferenças entre as florestas da Índia e as do Oregon quando um pensamento me ocorreu e interrompi o assunto:

– Ren, durante todo o tempo em que saí com Li, você não sentiu nem um pouco de ciúme?

– Senti muito ciúme. Fico enfurecido todas as vezes que alguém se aproxima de você.

– Você não demonstrava isso.

– Quase fiquei louco. Não conseguia pensar com clareza. Quando outro cara chega perto de você, tenho vontade de fazê-lo em pedacinhos com minhas garras. Mesmo que eu goste dele... como é o caso de Li. E especialmente se não gosto... como Jason.

– Você não tem nenhum motivo para ter ciúme.

– Não tenho, *agora*. Jason recuou e eu tenho uma dívida de gratidão para com Li por finalmente fazê-la reconhecer seus sentimentos.

– É, isso você deve mesmo a ele. Por falar nisso, ele disse que, se um dia você me deixar, ele irá atrás de você.

Ren sorriu.

– Isso nunca vai acontecer.

Passando por uma clareira, percebi que ele erguia o nariz.

– O que você está farejando?

– Humm. Sinto cheiro de urso, onça-parda, cervo, vários cães, cavalos, peixes, muitos esquilos, água, plantas, árvores, flores e você.

– Não o incomoda sentir os cheiros tão intensamente?

– Não. Você aprende a desativar todos os outros e se concentrar no que quer sentir. É o mesmo com a audição. Se eu me concentrar, posso ouvir pequenas criaturas escavando o solo, mas eu simplesmente desativo esses sons.

Chegamos a Double Falls e ele me levou até uma pedra coberta de musgo que servia como ponto de observação. Estremeci, batendo o queixo, mesmo de casaco e luvas. Ren rapidamente tirou o próprio casaco e o enrolou em meu corpo. Então me puxou de encontro ao seu peito e me envolveu com os braços. Senti seu cabelo sedoso roçar minha pele quando ele baixou a cabeça até meu rosto.

– É quase tão lindo quanto você, *priya*. E muito melhor do que ter que nos preocupar com *kappa* nos perseguindo ou árvores de agulhas furando minha pele.

Virei a cabeça e beijei-lhe o rosto.

– Tem uma coisa de Kishkindha de que sinto falta.

– Verdade? O que é? Deixe-me adivinhar. Você sente falta das brigas.

– Brigar com você é divertido, mas fazer as pazes é melhor. Só que não é disso que sinto saudade. Sinto falta de tê-lo perto de mim como homem o tempo todo. Não me entenda mal, eu amo seu lado tigre, mas seria bom ter um relacionamento normal.

Ele suspirou e apertou minha cintura.

– Não sei se um dia teremos um relacionamento normal.

Ren ficou em silêncio por um minuto e então confessou:

– Por mais que eu goste de ser humano, tem uma parte de mim que anseia por correr livre na floresta.

Ri, envolta no calor de seu casaco.

– Posso até imaginar a expressão no rosto do guarda-florestal quando visitantes disserem que viram um tigre branco correndo em meio às árvores.

Ao longo das semanas seguintes estabelecemos uma rotina. Por decisão mútua resolvemos suspender as aulas de *wushu* e tive que

passar meia hora ao telefone consolando Jennifer e encorajando-a a continuar sem mim.

Ren queria estar comigo o tempo todo, mesmo como tigre. Ele gostava de se esticar ao longo das minhas pernas enquanto eu estudava sentada no chão.

À noite ele tocava bandolim ou praticava no violão que tinha comprado. Às vezes cantava para mim. Sua voz era grave e profunda, com uma ressonância quente e melódica. Seu sotaque era mais acentuado quando ele cantava, o que eu achava hipnótico. Sua voz, por si só, já era bastante poderosa, mas, quando cantava, ela me levava a um transe. Ele sempre brincava com a imagem da fera acalmando a garota selvagem com música.

Às vezes eu não fazia nada, deixando-me apenas ficar sentada com sua cabeça de tigre no meu colo, observando-o dormir. Acariciava-lhe o pelo branco e sentia seu peito subir e descer. Ser tigre era parte dele e eu me sentia confortável com isso. Agora, porém, que eu finalmente aceitara que ele me amava, sentia-me dominada pelo desejo de estar com *ele*.

Era frustrante. Eu queria partilhar cada momento com ele. Queria ouvir sua voz, sentir sua mão na minha e pousar meu rosto em seu peito enquanto ele lia para mim. Estávamos juntos, mas não estávamos *juntos*. Ren passava a maior parte de suas horas como humano na faculdade, o que deixava pouco tempo para nosso relacionamento. Eu tinha fome dele. Podia falar com ele, mas ele não podia responder. Rapidamente tornei-me especialista em ler expressões de tigres.

Eu me aconchegava a ele no chão todas as noites e todas as noites ele me pegava no colo e me colocava na cama depois que eu adormecia. Fazíamos os trabalhos da faculdade juntos, assistíamos a filmes, líamos. Terminamos *Otelo* e passamos a *Hamlet*. Também mantínhamos contato constante com o Sr. Kadam. Quando eu atendia o telefone, ele conversava comigo sobre a faculdade e Nilima e me dizia que eu não me entristecesse com o fato de minha pesquisa sobre a prova das quatro casas ter se mostrado inútil. Era educado e me perguntava sobre minha família adotiva, e também sempre pedia para falar com Ren.

Eu não estava tentando bisbilhotar, mas era óbvio que alguma coisa estava acontecendo quando eles sussurravam e às vezes falavam em híndi. De vez em quando eu ouvia termos estranhos: Yggdrasil, pedra do umbigo e montanha de Noé. Depois que Ren desligava eu

perguntava sobre o que estavam conversando, mas ele apenas sorria e me dizia que não me preocupasse, que estavam apenas discutindo negócios ou numa teleconferência com outras pessoas que só falavam híndi. Eu me lembrava do e-mail do Sr. Kadam sobre documentos e suspeitava que Ren estivesse escondendo alguma coisa, mas depois ele agia de forma tão natural e se mostrava tão genuinamente feliz por estar comigo que eu acabava esquecendo minhas preocupações, pelo menos até o telefonema seguinte.

Ren começou a escrever breves poemas e bilhetes e a colocá-los em minha bolsa para que eu os encontrasse durante as aulas. Alguns eram poemas famosos e outros eram de sua autoria. Eu os colava em meu diário e levava comigo o tempo todo uma cópia dos meus dois prediletos.

Você sabe que está apaixonado
quando vê o mundo nos olhos dela
e os olhos dela em todos os cantos do mundo.
– David Levesque

Se um rei tivesse uma pérola inestimável
Uma joia que amasse acima de tudo
Ele a guardaria num esconderijo
Tirando-a de vista
Temendo que outros a roubassem?
Ou a exibiria, orgulhoso,
Engastada num anel ou numa coroa
De modo que o mundo lhe admirasse a beleza
E visse a riqueza que ela trazia à sua vida?
Você é a minha pérola inestimável.
– Ren

Ler seus pensamentos e sentimentos mais íntimos quase compensava a limitação de nosso tempo juntos. Quase.

Um dia, depois da aula de história da arte, Ren me surpreendeu

aparecendo por trás de mim.

– Como você sabia onde era a minha aula?

– Saí cedo hoje e segui seu rastro. Fácil como rastrear uma torta de pêssego com chantili, que você prometeu fazer para mim mais tarde.

– Não me esqueci disso.

Ri e seguimos na direção do laboratório de idiomas para devolver um vídeo.

Atrás da mesa no laboratório estava Artie.

– Oi, Artie. Quero devolver um vídeo.

Ele empurrou os óculos nariz acima.

– Ah, sim. Eu já tinha me perguntado por esse vídeo. Está muito atrasado, Kelsey.

– É. Eu peço desculpas.

Ele o deslizou para um espaço vago, que imaginei que ele vinha observando havia semanas, enquanto ia enlouquecendo aos poucos.

– Ainda bem que você teve a integridade de devolvê-lo afinal.

– Certo. Eu tenho muita integridade. Até mais, Artie.

– Espere, Kelsey. Você não retornou minhas ligações, então imagino que sua secretária eletrônica não esteja funcionando. Vai ser difícil encaixar você, mas acho que estou disponível na próxima quarta.

Ele apanhou o lápis e a agenda e já estava escrevendo meu nome. *Como ele podia ignorar o homem enorme atrás de mim?*

– Olhe, Artie, estou saindo com outra pessoa agora.

– Acho que não pensou nisso com clareza, Kelsey. Nosso encontro foi muito especial e senti uma conexão verdadeira com você. Tenho certeza de que, se reconsiderasse, veria que devia estar saindo *era comigo*. – Ele lançou um rápido olhar para Ren. – Eu sou *obviamente* a melhor opção.

– *Artie!* – exclamei, exasperada.

Ele empurrou os óculos novamente para cima e me olhou, tentando me convencer com os olhos a ceder.

Nesse momento, Ren se interpôs entre nós dois. Artie, relutante, afastou os olhos de mim e olhou para Ren com antipatia. Os dois homens formavam um contraste tão gritante que eu não podia deixar de compará-los. Enquanto Artie era flácido, cheio de papadas e barrigudo, Ren era esguio e com peito e braços musculosos. E, tendo visto Ren sem camisa, eu também podia garantir que ele tinha músculos abdominais fantasticamente esculpidos. Poderia esmagar

Artie no chão sem qualquer esforço.

Artie era branco e pálido e tinha braços peludos, nariz vermelho e olhos lacrimosos. Ren era capaz de parar o trânsito. E tinha feito isso. *Literalmente*. Ele era um Adônis renascido em bronze dourado. Frequentemente eu via garotas tropeçarem na calçada e darem de cara com árvores quando ele passava. Nenhuma dessas qualidades intimidava Artie. Ele tinha uma autoconfiança extraordinária e se manteve firme, inabalado pela aparência impressionante de Ren.

– E quem seria você? – perguntou Artie, com sua voz anasalada.

– Sou o homem com quem Kelsey está saindo.

A expressão de Artie era de incredulidade. Ele me olhou por trás de Ren e disse com sarcasmo:

– Você prefere sair com esse *bárbaro* que comigo? Talvez eu tenha julgado mal o seu caráter. Está claro que você faz escolhas questionáveis baseadas puramente em impulsos lascivos. Pensei que fosse de um calibre moral mais alto, Kelsey.

– Escute aqui, Art... – comecei.

Ren aproximou o rosto do de Artie e ameaçou em voz baixa:

– Nunca mais a insulte. A garota deixou sua posição clara. Se algum dia eu souber que você voltou a persegui-la ou a alguma outra garota, voltarei e tornarei sua vida *muito* desconfortável.

Ele espetou o dedo na agenda de Artie.

– Talvez seja melhor você escrever isso para não esquecer. Faça uma anotação para si mesmo lembrando também que Kelsey nunca mais estará disponível. *Nunca mais*.

Eu jamais vira Ren dessa perspectiva. Ele podia ser letal. Se eu fosse Artie, estaria tremendo de medo. Mas, como sempre, Artie estava alheio a tudo que não fosse ele mesmo. E não viu o predador perigoso espreitando por trás dos olhos de Ren. As narinas de Ren pareciam dilatadas. Seus olhos estavam fixos no alvo e seus músculos, retesados. Ele estava prestes a atacar. A destroçar. A *matar*.

Pousei a mão em seu braço e a mudança foi instantânea. Ele deixou escapar um suspiro tenso, relaxou a postura e cobriu minha mão com a sua.

Apertei seus dedos.

– Venha. Vamos embora.

Ele abriu a porta do carro para mim e, depois de verificar que o cinto estava afivelado, inclinou-se e perguntou:

- Que tal um beijo?
- Não. Você não precisava ter sido tão ciumento. Não merece nenhum beijo depois disso.
- Ah, mas você merece.
- Ele sorriu e me beijou até que eu mudasse de ideia.
- Ren se manteve quieto durante o trajeto até em casa.
- O que você está pensando? – perguntei.
- Estou pensando que talvez eu devesse comprar uma gravata-borboleta e um pulôver de lã, já que você parece gostar tanto deles.
- Eu ri e dei um soco em seu braço.

Mais tarde naquela semana vi Ren conversando com uma bonita garota indiana. Ele estava sério e parecia um pouco perturbado. Eu me perguntava quem seria aquela garota, quando senti alguém pôr a mão em meu ombro. Era Jason.

– Oi, Kelsey. – Ele se sentou ao meu lado no degrau e seguiu meu olhar. – Problemas no paraíso, hein?

Eu ri.

– Não. E aí? O que você tem feito?

– Pouca coisa – replicou ele, revirando a mochila e me entregando uma revista de teatro. – Fique com uma cópia daquele artigo. O que tem uma foto sua.

Na capa da revista havia uma foto de Jason comigo, de pé ao lado do carro. Minha mão estava no braço da senhora enquanto ela me agradecia. Eu estava horrível. *Como se tivesse sido atropelada.*

Jason se levantou de repente.

– É... pode ficar com ela, Kelsey. Falo com você mais tarde – disse ele por sobre o ombro quando Ren se aproximava.

Ren ficou olhando Jason se afastar.

– O que ele queria?

– Engraçado, eu ia lhe fazer a mesma pergunta. Quem é a garota?

Ele mudou de posição, pouco à vontade.

– Venha. Vamos conversar sobre isso no carro.

Depois que deixamos o estacionamento, cruzei os braços e perguntei:

– Quem é ela?

Ele se assustou com o meu tom.

– O nome dela é Amara.

Esperei, mas ele não acrescentou mais nada.

– *E...* o que ela queria?

– O número do telefone dos meus pais... para que os pais dela pudessem ligar para os meus.

– Para quê?

– Para combinar o casamento.

Meu queixo despencou.

– Você está falando sério?

Ren sorriu.

– Está com *ciúme*, Kelsey?

– É claro que estou. Você é *meu*!

Ele beijou meus dedos.

– Gosto que você tenha ciúme. Eu disse a ela que já estava comprometido, então não se preocupe, minha *prema*.

– Isso é muito esquisito, Ren. Como ela pode querer propor casamento se vocês nem sequer se conhecem?

– Ela não propôs casamento exatamente; propôs a ideia de casamento. Em geral são os pais que cuidam disso, mas, nos Estados Unidos, as coisas mudaram um pouco. Agora a situação é mais ou menos assim: os pais selecionam potenciais parceiros e os filhos fazem sua escolha.

– Bem, você já passou por isso. Foi prometido a Yesubai. Você *queria* se casar com ela? Seus pais a escolheram para você, certo?

Ele hesitou e falou com cuidado.

– Eu... *aceitei* o arranjo. Estava ansioso para ter uma esposa. Esperava ter um casamento feliz, como o dos meus pais.

– Mas você a teria escolhido para esposa?

– Não era uma escolha minha. – Ele sorriu, tentando me apaziguar.

– Mas, se isso a faz se sentir melhor, eu escolhi você, embora não estivesse procurando ninguém.

Eu ainda não queria deixar o assunto de lado.

– Então você teria ido até o fim, embora não soubesse nada sobre ela?

Ele suspirou.

– O casamento era e ainda é diferente na cultura indiana. Quando você se casa, tenta deixar seus pais felizes com alguém que tenha a

mesma formação cultural que você e que adote e mantenha as tradições e os costumes importantes para sua família. São muitos os fatores a se considerar, como educação, riqueza, casta, religião e local de origem.

– Então é como selecionar candidatos para a faculdade? Será que eu teria sido aprovada?

Ele riu.

– É difícil dizer. Alguns pais acreditam que namorar um estrangeiro desonra você para sempre.

– Quer dizer que o simples fato de *namorar* uma garota americana o desonra? O que seus pais teriam dito sobre nós?

– Meus pais viveram numa época muito diferente.

– Ainda assim... eles não aprovariam.

– O Sr. Kadam é como um pai, de certa forma, e *ele* aprova você.

Deixei escapar um gemido.

– Não é a mesma coisa.

– Kelsey, meu pai amava minha mãe e ela não era indiana. Eles vinham de culturas diferentes e tiveram que fundir tradições divergentes. Mesmo assim, foram felizes. Se havia alguém naquela época capaz de nos entender... eram eles. E os seus pais? Eles teriam gostado de *mim*?

– Minha mãe teria adorado você. Ela iria fazer biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim toda semana para o genro querido e dar risadinhas todas as vezes que o visse, como Sarah faz. Meu pai nunca achou que homem algum seria bom o bastante para mim. Ele teria dificuldade em me deixar partir, mas também acabaria gostando de você.

Entramos na garagem e eu tive uma súbita visão de nós quatro sentados na biblioteca dos meus pais, conversando sobre nossos livros favoritos. Sim, eles teriam aprovado Ren com entusiasmo.

Sorri por um instante e então franzi a testa.

– Não me agrada a ideia de que haja outras garotas atrás de você.

– Agora você sabe como *eu* me senti. Por falar nisso, o que Jason queria com você?

– Ah. Ele me deu isto aqui.

Entreguei-lhe o artigo quando entrávamos em casa. Ren se sentou e o leu em silêncio enquanto eu preparava um lanche para nós. Depois apareceu na cozinha com uma expressão preocupada no rosto.

- Kelsey, quando essa foto foi tirada?
- Há cerca de um mês. Por quê? Algum problema?
- Talvez não. Preciso ligar para Kadam.

Ele pegou o telefone e começou a falar em híndi. Sentei-me no sofá, segurando sua mão. Ele falava rápido e parecia muito preocupado. A última coisa que disse antes de desligar foi algo a respeito de Kishan.

- Ren, me conte. O que está acontecendo?
- Seu nome e sua foto estão nesta revista. É uma publicação pouco importante, então talvez tenhamos sorte.
- Do que você está falando?
- Tememos que Lokesh possa rastreá-la até aqui.
- Ah. Mas isso não é difícil. Tenho matrícula na faculdade e carteira de motorista – respondi, confusa.

– Alteramos tudo. O Sr. Kadam tem seus contatos. Ele providenciou para que seus registros não combinem nome e foto. Você acha mesmo que ele podia providenciar um passaporte em uma semana para que você fosse para a Índia no verão passado?

– Não tinha pensado nisso. – Minha mente disparava com a nova informação e a visão que tivera na Índia do feiticeiro ávido por poder voltou à minha memória. De repente, preocupada, eu disse: – Mas, Ren, estou matriculada na faculdade com o meu nome e existem registros sobre mim no sistema de adoção que poderiam levar a Sarah e Mike. E se ele os encontrar?

– O Sr. Kadam alterou esses dados também. Os registros do estado oficialmente dizem que você foi emancipada aos 15 anos e todas as suas faturas vão para uma conta oculta. Até a minha carteira de motorista é falsa e estou registrado com um nome diferente. Kelsey Hayes oficialmente frequenta a Western Oregon, mas sua foto foi trocada de forma que ele não possa identificá-la. Não deixamos nenhum registro do seu nome ligado à sua foto. Esses eram os documentos mencionados no e-mail que você viu no meu computador.

- E quanto ao meu anuário da escola do ensino médio?
- Cuidamos disso também. Apagamos você dos registros oficiais. Se alguém entrasse em contato com um antigo colega seu com um anuário nas mãos poderia identificá-la, mas as probabilidades de isso acontecer são pequenas. Teriam que verificar cada escola do país, supondo-se que saibam em que país procurar.
- Então você acha que esse artigo significa...

- Que existe um registro pelo qual ele pode encontrá-la.
 - Por que vocês dois não me contaram tudo isso antes?
 - Não queríamos preocupá-la desnecessariamente. Nosso desejo era que levasse uma vida tão normal quanto possível.
 - E agora? O que vamos fazer?
 - Se tudo correr bem, vamos terminar o período, mas, por via das dúvidas, mandei buscar Kishan.
 - Kishan está vindo para cá?
 - Ele é um bom caçador e pode me ajudar a ficar de olho nas coisas. E também teria menos *distrações* que eu.
 - Ah.
- Ren me puxou para ele e massageou minhas costas.
- Não vou deixar que nada aconteça a você. Prometo.
 - Mas e se alguma coisa acontecer a você? O que eu posso fazer para ajudar?
 - Kishan vai me dar cobertura para que eu possa cuidar de você.



Kishan

Sem nenhuma notícia de Lokesh e, felizmente, sem nada de anormal acontecendo, relaxei o bastante para aproveitar o baile do dia dos namorados. A noite seria divertida e todo o lucro seria revertido para o Museu Ártico Jensen.

Ren pegou uma capa para roupa no meu armário e a pendurou na porta do banheiro.

– O que é isto, Tigre? Acha que agora pode escolher o que vou vestir, é?

– Gosto de você com qualquer roupa. – Ele me puxou para um abraço apertado. – Mas queria vê-la *neste* vestido. Vai usá-lo esta noite?

Bufei.

– Você provavelmente quer que eu o vista porque não o usei num encontro com ninguém. Agora não suporta o vestido pêssego porque diz que ele cheira a Li mesmo depois de ter sido lavado.

– O vestido pêssego fica lindo em você e eu o escolhi especialmente para você. Mas tem razão. Ele me faz lembrar Li e eu quero que esta noite seja apenas nossa. – Ele beijou meu rosto. – Venho buscá-la para jantar em duas horas. Não me faça esperar demais.

– Não farei.

Ele encostou a testa na minha e acrescentou com ternura:

– Odeio ficar longe de você.

Depois que saiu, tomei um banho quente, enrolei uma toalha na cabeça e vesti um roupão. Abrindo o zíper da capa para roupa, encontrei um vestido de chiffon cereja com saia tipo sereia e mangas tulipa. Numa caixa no chão encontrei sandálias altas de tiras no mesmo tom de vermelho.

Suspirei. *Que obsessão é essa que os homens têm com sandálias de tiras?*

Agora que eu tinha um bilhão de batons, encontrei facilmente um que combinasse com o vestido. Passei um tempão com o modelador enrolando o cabelo em cachos, que prendi no alto da cabeça com pentes engastados com pedras, deixando alguns cachos soltos na altura das minhas orelhas. Passei maquiagem e tive até tempo de pintar as unhas das mãos e dos pés com esmalte vermelho.

Ren tocou a campainha, tentando agir com formalidade. Eu a abri e arquejei baixinho. Meu anjo guerreiro usava uma camisa branca com colete cinza e gravata de cetim vermelho que combinava com meu vestido. O paletó de seu smoking preto estava jogado casualmente sobre o ombro e o cabelo lhe caía sugestivamente sobre o olho. Ele parecia um modelo que tinha acabado de sair das páginas de uma revista de moda.

De repente eu me senti, comparada a ele, uma menininha brincando de vestir as roupas da mãe. Podia imaginar todas as garotas do baile querendo estender a mão e tirar o cabelo de sua testa.

Ren sorriu e meu coração despencou até os pés, onde ficou se debatendo como um peixe fora da água. A mão que vinha às costas revelou um buquê de duas dúzias de rosas vermelhas. Ele entrou e as colocou num jarro com água que já havia preparado.

– *Ren!* Você não pode esperar que eu vá a um baile com você assim! Já é difícil o bastante quando se veste de maneira *normal*.

– Não tenho ideia do que você está falando, Kelsey. – Ele estendeu a mão e puxou levemente um dos meus cachos espiralados, prendendo-o atrás da orelha. – Ninguém vai nem me notar com você ao meu lado. Está absolutamente linda. Agora posso dar seu presente de dia dos namorados?

– Você não precisava me dar mais nada, Ren. Acredite, *você* já é um presente e tanto.

Ele então tirou uma caixinha de joias do bolso e a abriu. Havia um par de brincos pendentes com diamantes e rubis, engastados em estrelinhas de ouro.

– São lindos! – sussurrei.

Ele me ajudou a tirá-los da caixa. Gostei da sensação de tê-los pendendo de minhas orelhas e batendo no rosto quando eu virava a cabeça.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei.

– Obrigada. Adorei.
– Por que razão estou vendo um “mas” em sua expressão?
– Esse “mas” é porque você não precisa comprar coisas caras para mim. Fico perfeitamente feliz com coisas normais, comuns, como... meias.

– *Meias* não seriam um presente romântico – zombou ele. – Esta é uma ocasião *especial*. Não estrague minha noite, Kells. Diga apenas que me ama e que adorou os brincos.

Envolvi-lhe o pescoço com os braços e sorri para ele.

– Eu te *amo*. *E...* adorei os brincos.

Seu rosto se iluminou num sorriso dolorosamente belo e meu coração mais uma vez deu um salto.

Peguei seu presente na mesa e entreguei a ele.

– É muito pobre, se comparado com os brincos e as rosas. Acontece que é difícil presentear tigres ricos.

Ele rasgou o papel e lá estava meu presente simplório, um livro.

– É *O conde de Monte Cristo* – expliquei. – Fala de um homem acusado injustamente e mandado para a prisão por muito tempo, até que escapa e busca a vingança contra seus delatores. É uma história muito boa que me fez pensar em você no cativeiro por centenas de anos. Pensei que podíamos dar uma pausa em Shakespeare e quem sabe lê-lo juntos.

– É um presente perfeito. Você não só está me oferecendo uma nova obra literária, o que sabe que aprecio, como também está me oferecendo horas e horas de leitura a seu lado, que é o melhor presente que poderia me dar.

Com uma tesoura, cortei um botão do buquê e o preendi em sua lapela. Então saímos para jantar. Ren havia reservado uma sala privada num restaurante.

Depois de acomodados à mesa e servidos por não menos que três garçons exclusivos, sussurrei:

– Um restaurante normal teria sido perfeitamente bom para mim.

– Um restaurante normal é para onde centenas de homens estão levando suas namoradas esta noite. Não é especial nem tem privacidade. Eu queria você só para mim.

Ren pegou minha mão e a beijou.

– É meu primeiro dia dos namorados com a garota que eu amo. Queria vê-la brilhar à luz de velas. Por falar nisso...

Ele tirou uma folha do bolso de seu paletó e a entregou a mim.

– O que é isso? – Desdobrei o papel e reconheci sua letra. – Você escreveu um poema para mim?

Ele sorriu.

– Escrevi.

– Pode ler para mim?

Ele assentiu e pegou a folha. Quando começou a ler, o timbre de sua voz me aqueceu.

Acendi uma vela e observei a chama.

Ela dançava e se retorcia

Livre e rebelde.

Cativou-me e cintilou em meus olhos.

Quando passei a mão sobre ela,

Agitou-se.

A chama elevou-se e ardeu, mais quente.

Quando afastei a mão, o calor diminuiu,

Tornou-se mais fraco e se extinguiu.

Estendi novamente a mão para desfrutar o calor.

Será que queimaria? Formaria bolhas e inflamaria?

Não! Formigava e aquecia,

Queimando lentamente, rubro,

Ateando-me fogo no corpo e na alma;

Era luzidio, luminoso, radiante,

O rubor do rosto dela.

– Ren

Ele baixou a cabeça, como se estivesse constrangido com as belas palavras. Eu me levantei e fui até o seu lado da mesa. Sentei-me em seu colo e passei os braços por seu pescoço.

- É lindo.
- *Você* é linda.
- Eu lhe daria um beijo agora, mas você ficaria todo sujo de batom e... o que a garçõete iria pensar?
- Ela pode pensar o que quiser.
- Estou travando uma batalha perdida, não estou?
- Está. Pretendo beijá-la... muito, antes que esta noite acabe.
- Sei. Então é melhor eu começar. Você não acha?
- Eu diria que sim.

Nós nos beijamos e eu fiquei tão alheia a tudo que não fosse Ren que não ouvi quando a garçõete voltou. Meu rosto enrubesceu.

Ren riu baixinho.

- Não se preocupe. Vou deixar uma boa gorjeta para ela.

A garçõete se aproximou de nossa mesa quando eu, constrangida, saía do colo de Ren. Para meu desespero, a parte inferior do rosto dele estava toda borrada de batom vermelho. Eu só podia imaginar como estava o *meu* rosto. Ren não estava nem aí.

Corri até o banheiro para me ajeitar e antes pedi a ele que fizesse o pedido do jantar. Quando voltei a comida já tinha chegado. Ren se levantou para puxar minha cadeira quando me sentei e se inclinou para encostar seu rosto no meu.

Brinquei, distraída, com meus brincos novos. Ren percebeu.

- Não gostou deles?
- São lindos, mas me sinto muito culpada por você gastar todo esse dinheiro comigo. Acho que devia devolvê-los amanhã. Talvez eles o deixem pagar apenas uma taxa de aluguel.
- Vamos falar sobre isso depois. Por ora, quero apenas aproveitar essa visão.

Depois do jantar fomos para o baile. Ren me conduziu pela pista, me girando de um lado para outro. Segurando-me bem perto dele, não tirava os olhos de mim enquanto me rodopiava ao ritmo da música. Sua beleza era tão cativante que eu tampouco conseguia tirar os olhos dele.

Ele assoviou, acompanhando uma canção chamada “My Confession”.

Sorrindo, admiti:

- Essa música descreve como me sinto em relação a você. Levei muito tempo para reconhecer esse sentimento, mesmo para mim

mesma.

Ele ouviu com mais atenção a letra da canção e então abriu um sorriso.

– Eu sabia quais eram seus sentimentos por mim desde aquele beijo antes de sairmos de Kishkindha. O que a deixou louca de raiva.

– Ah, o que você achou que fosse *esclarecedor*?

– Foi esclarecedor porque foi ali que eu soube. Soube que seus sentimentos por mim eram tão fortes quanto os meus por você. Não se pode beijar um homem daquela forma sem estar apaixonada por ele, Kells.

Ergui a mão para brincar com o cabelo em sua nuca.

– Então foi por isso que você ficou tão metido e seguro de si depois daquele dia.

– Sim. Mas toda aquela petulância desapareceu depois que você foi embora.

Sua expressão se tornou séria. Ele beijou meus dedos, pressionou minha mão contra seu peito e pediu com intensidade:

– Prometa que nunca mais vai me deixar, Kelsey.

Olhei em seus olhos azul-cobalto e disse:

– Prometo. Eu *nunca* mais vou deixar você.

Seus lábios roçaram levemente os meus. De repente ele me dirigiu um sorriso malicioso, afastou-me com um rodopio e me puxou de volta, me apertando de encontro ao seu peito. Então deslizou o braço pelas minhas costas e me baixou devagar. Levantando-me rapidamente, começamos a nos mover seguindo o tango e Ren me conduziu com suavidade no ritmo latino da canção.

Eu sabia que as pessoas deviam estar nos observando, mas, àquela altura, não ligava. Ele conseguia executar os passos com habilidade, embora eu não soubesse o que estava fazendo. A dança era ardente e apaixonada e eu fui rapidamente dominada por ele e pela cadência da melodia. Ele me envolveu numa onda de sensações físicas e mentais, orquestrando a perfeita sedução.

Quando a música chegou ao fim, Ren teve que me segurar, pois minhas pernas estavam bambas como gelatina. Ele riu e fez carinho em meu pescoço com o nariz, feliz com minha reação.

Depois de eu me recuperar o suficiente de seu torturante ataque aos meus sentidos, eu disse:

– Eu achava que esse tipo de dança só existisse nos filmes. Onde

você aprendeu a dançar assim?

– Minha mãe me ensinou várias danças tradicionais e, desde então, aprendi muitos movimentos por meio da observação. O Sr. Kadam falou com Nilima e ela se tornou minha parceira de treino.

Franzi a testa.

– Não me agrada nem um pouco a ideia de você e Nilima dançando. Se quiser praticar, é só me ensinar.

– Nilima é como uma irmã para mim.

– Mesmo assim.

– Está bem. Prometo nunca mais dançar com outra mulher. – Ele sorriu. – Mas ainda gosto quando você fica ciumenta.

Voltamos a dançar uma música lenta e eu pus a cabeça em seu ombro, fechei os olhos e me permiti desfrutar a sensação de estar em seus braços. A música estava apenas na metade quando senti seu corpo enrijecer e o vi olhar para trás de mim.

– Ora... ora... ora – uma voz sedosa e familiar nos interrompeu. – Um dia da caça, outro do caçador. Creio que esta dança seja *minha*.

Dei meia-volta.

– Kishan! Como estou feliz de ver você!

E o abracei com entusiasmo.

O príncipe de olhos dourados me tomou nos braços, encostou o rosto no meu e disse:

– Também estou feliz em vê-la, *bilauta*.



Capangas

Kishan se afastou para dar uma boa olhada em mim.

– Senti saudade. Como meu irmão idiota está tratando você? – Em um sussurro fingido, ele perguntou: – Você precisou usar o repelente de tigres?

Eu ri.

– Ren está me tratando muito bem, apesar de eu ter dado a ele um presente de dia dos namorados muito mixuruca.

– Ah, ele não merece mesmo nenhum presente. O que foi que ele deu a você?

Ergui a mão para tocar um dos brincos.

– Estes. Mas são muito sofisticados para mim.

Kishan estendeu a mão e tocou levemente o brinco. Seu olhar lascivo de pirata raptor de mulheres se dissolveu num terno sorriso que ergueu o canto de sua boca.

– Mamãe teria aprovado – disse ele baixinho.

– Estes brincos foram da sua mãe? – perguntei a Ren, que assentiu. – Ren, por que você não me disse?

– Não queria que se sentisse pressionada a usá-los caso não gostasse deles – respondeu ele frivolamente. – Estão um pouco fora de moda.

– Você devia ter me contado que eram da sua mãe. – Deslizei os braços por seu pescoço e o beijei. – Obrigada por me dar algo tão precioso para você.

Ren me apertou mais e beijou meu rosto.

Ouvi um suspiro dramático às nossas costas.

– Argh, acho que o prefiro chorão e desesperado. Isso é tão meloso.

Ren grunhiu baixinho.

– Quem foi que o convidou?
– Você.
– Não para vir *aqui*. Como nos encontrou?
– Desembarcamos em Salem e encontrei o convite para o baile na casa. Pensei que, se havia uma festa, eu devia estar nela. Mas acho que todas as garotas bonitas já têm par. Talvez... eu possa pegar a *sua* emprestada.

Kishan estendeu a mão, mas Ren se interpôs à minha frente e ameaçou:

– Por cima do meu cadáver.

Kishan arregaçou as mangas do suéter.

– Quando quiser, irmão. Vamos ver como se sai, Sr. Romântico.

Hora de intervir. Em minha voz mais doce, eu disse:

– *Kishan*, estamos bem no meio de um encontro e, embora eu esteja muito feliz em vê-lo, será que você se importaria de ir para casa agora? Como pode ver, é mais uma coisa para casais do que uma festa. Não vamos demorar e lá em casa tem ingredientes para preparar sanduíches e uma bandeja gigante de biscoitos. Você se importa? *Por favor?*

– Muito bem. Eu vou. Mas só porque *você* está pedindo.

– E *você* está pedindo outra coisa – retrucou Ren.

Kishan deu um piparote na orelha de Ren e zombou:

– Isso mesmo. Vamos ver se você pode levar *essa coisa* para mim mais tarde. Tchau, Kelsey.

Tive a forte sensação de que minha mão em seu braço foi a única coisa que segurou Ren e o impediu de ir atrás do irmão. Ele ficou observando até Kishan desaparecer de seu campo de visão, mas, mesmo depois, pareceu não relaxar. Tentei trazer sua atenção de volta para mim.

– *Ren*.

– Ele é muito abusado. Talvez tenha sido um erro chamá-lo aqui.

– Você confia nele?

– Depende. Confio nele na maioria das situações. A não ser...

– A não ser?

– A não ser com *você*.

– Ah. Você não precisa confiar *nele* em relação a mim. Só tem que confiar em *mim*.

– *Kells*... – desdenhou ele.

– Estou falando sério. – Segurei-lhe o rosto entre as mãos de modo a forçá-lo a olhar para mim. – Quero que você compreenda uma coisa. Talvez Yesubai tenha escolhido Kishan, mas *eu* escolhi *você*. É você que eu quero. Não ele. – Suspirei. – Na verdade, eu tenho pena de Kishan. Ele perdeu a pessoa que amava. É por isso que devemos aproveitar ao máximo nosso tempo juntos. Nunca se sabe quando alguém que você ama vai ser tirado de você.

Ele me abraçou por um instante, o rosto colado ao meu, enquanto dançávamos uma música lenta, sabendo que eu não falava mais de Kishan.

– Isso não vai acontecer conosco. Eu não vou deixá-la. Sou imortal, lembra?

Sorri sem entusiasmo.

– Não é a isso que estou me referindo.

– Sei a que você está se referindo. – Ele provocou. – Mas precisei lutar contra três homens para conquistá-la e não quero ter que enfrentar meu irmão também.

Eu ri.

– Está exagerando, Tarzan. Você não precisou lutar contra ninguém. Bem... exceto contra Li. E, de qualquer forma, meu coração já era seu, e você provavelmente sabia disso.

– *Eu* saber e *você* saber são duas coisas bem diferentes. Fui um tigre solitário por tempo demais. Mereço ser feliz com a mulher que amo. E não vou deixar ninguém tirá-la de mim, muito menos Kishan.

Lancei-lhe um olhar severo. Ele suspirou e me girou.

– Vou tentar ser mais paciente com Kishan, mas ele sabe como me irritar. É difícil demais me controlar, principalmente quando ele flerta com você.

– Por favor, tente. Por mim.

– Por você, eu me submeteria a torturas excruciantes, mas não posso tolerar vê-lo flertando com você.

– É *você* que eu amo. Vou dizer a ele que pare com isso. Mas tentem não se matar enquanto ele estiver aqui, está bem? Nada de lutas de tigres. Não se esqueça de que precisa dele aqui.

– Certo, mas se ele continuar a se atirar aos seus pés, não respondo por mim.

Depois de um momento, eu disse baixinho:

– Você não disse... que me ama também.

– Kelsey, “sou firme como a Estrela do Norte, cuja essência constante e inabalável não encontra paralelo no vasto firmamento”.

– César morreu, você sabe.

– Esperava que você não conhecesse essa.

– Conheço todas, Shakespeare.

– Então vou dizer simplesmente que te amo. Não há nada neste mundo mais importante para mim do que você. Só me sinto feliz quando você está por perto. Meu único propósito é ser o que você precisa que eu seja. Isso não é poesia, mas vem do meu coração. Serve?

Dei um sorriso torto.

– Acho que sim.

Não ficamos muito mais tempo no baile, pois o humor de Ren havia mudado, apesar de minhas brincadeiras, meus beijos e minhas declarações de amor. Ele dançava comigo, no entanto sua mente estava em outro lugar, e quando eu lhe disse que gostaria de ir para casa, ele não se opôs.

Quando subíamos o caminho que levava à entrada da garagem, percebi que as luzes estavam acesas na minha casa. Antes de entrarmos, Ren me envolveu num abraço delicado e me beijou com ternura.

Ele encostou a testa na minha e disse:

– Este não é exatamente o final que planejei para nosso encontro romântico.

– Ainda lhe resta uma hora. – Sorri e passei os braços em torno de seu pescoço. – O que tinha em mente?

Ele riu.

– Na verdade eu estava planejando improvisar o restante, mas isso não vai acontecer com Kishan por aqui.

Ren tornou a me beijar e ouvimos um comentário abafado, baixo demais para que eu pudesse entender. Ele afastou os lábios dos meus e grunhiu baixinho, resmungou alguma coisa em híndi e abriu a porta carrancudo.

Kishan estava assistindo à TV enquanto devorava uma quantidade inacreditável de petiscos. Seis pacotes diferentes de pretzels, pipoca, biscoitos, batatas chips e outras guloseimas variadas estavam espalhados sobre a mesinha de centro, todos comidos pela metade.

– É repugnante – queixou-se Kishan. – Vocês não podiam ter terminado de se beijar no baile para que eu não precisasse ouvir isso?

Ren me ajudou a tirar o casaco com um resmungo de irritação, antes que eu seguisse para o andar de cima. Ele disse que subiria assim que acomodasse Kishan. A parte do *acomodasse* me soou ameaçadora, mas assenti com a cabeça, na esperança de que pelo menos tentariam ser civilizados um com o outro.

Estava acabando de passar a blusa do pijama pela cabeça quando ouvi Ren gritar:

– Você comeu todos os meus biscoitos de manteiga de amendoim?

Sacudi a cabeça. *Dois tigres vivendo tão próximos vão me dar uma grande dor de cabeça.*

Sem ouvir a resposta de Kishan, decidi deixar que eles resolvessem a questão sozinhos. Aninhei cuidadosamente os brincos de rubi na caixa de fitas por segurança e pensei na mãe de Ren e Kishan. Tirei a maquiagem e os pentes com pedras do cabelo, deixando os cachos macios cascadearem pelas minhas costas.

Encontrei Ren descansando em minha cama, recostado na cabeceira. O paletó de seu smoking estava jogado sobre uma cadeira e a gravata, com o nó desfeito, pendia de seu pescoço.

Subi em seu colo e dei-lhe um beijo no rosto. Seus braços me envolveram, puxando-me para mais perto, mas os olhos se mantiveram fechados.

– Estou tentando lidar com Kishan, Kelsey, mas vai ser muito, muito difícil.

– Eu sei. Onde ele vai dormir?

– Na minha cama, na outra casa.

– E onde você vai dormir?

Ele abriu os olhos.

– Aqui. Com você. Como sempre faço.

– Humm, Ren, você não acha que Kishan vai tirar conclusões sobre... *você sabe*, nós estarmos juntos. *Juntos mesmo?*

– Não se preocupe com isso. Ele sabe que não estamos.

– *Ren*. Você está corando?

Eu ri.

– Não. Eu só não esperava falar sobre esse assunto.

– Você é realmente de outra época, Príncipe Encantado. Essa é uma conversa importante.

- E se eu ainda não estiver pronto para essa conversa?
- É mesmo? Depois de 350 anos você ainda não está pronto para essa conversa?

Ele grunhiu suavemente.

– Não me entenda mal, Kells. Estou mais do que *pronto* para ter essa conversa, mas *nós* não vamos tê-la. Pelo menos não até que a maldição tenha sido quebrada.

Meu queixo caiu.

– Você está dizendo o que acho que está dizendo? Que não poderemos ficar *juntos* até sermos perseguidos por macacos e demônios imortais por pelo menos mais três vezes, o que pode levar *anos*?

– Eu espero sinceramente que não leve todo esse tempo. Mas, sim. É isso que estou dizendo.

– E você não vai ceder, não é?

– Não.

– Que maravilha! Então eu vou virar uma velha solteirona que mora com dois gatos enormes!

– Você não vai virar uma velha.

– Quando você resolver ficar comigo já estarei velha, sim.

– Kelsey, você está dizendo que está pronta para tudo agora?

– Provavelmente não, mas e daqui a um ano? Ou dois? Vou acabar ficando maluca.

– Também não vai ser fácil para mim, Kells. O Sr. Kadam concorda que é perigoso demais. Seus descendentes vivem por um tempo excepcionalmente longo e ele acha que o amuleto é o responsável por isso. Foi uma conversa constrangedora, mas ele disse que é melhor não correremos nenhum... risco desnecessário. Não sabemos como o amuleto ou a maldição funcionam e, até sermos homens outra vez, por completo, não posso me arriscar a que alguma coisa aconteça com você.

– O Sr. Kadam não matou a mulher, Ren – observei secamente.

– Não. Mas ele também não era um tigre.

– Está com medo de termos gatinhos? – provoquei.

– Nem brinque com isso – disse Ren, com uma expressão de pedra.

– Bem, então do que você tem medo? Quer fazer umas aulas?

Não pude evitar. O humor sarcástico de mamãe tomou conta de mim.

– Não! – disse ele revoltado. Eu ri. – Kelsey! Você não está levando isso a sério.

– Claro que estou. Só que estou conversando sobre algo que me deixa nervosa e em geral reajo ao nervosismo com humor e sarcasmo. Poxa, Ren, você está falando de *anos* quando estou quase a ponto de atacá-lo *agora*. – Suspirei. – Acha mesmo que seria perigoso?

– A verdade é que não sei. Não sei como a maldição irá nos afetar. E não vou colocá-la em risco. Portanto, podemos adiar essa conversa... pelo menos por enquanto?

– Podemos – resmunguei. – Mas é bom você saber que tenho... dificuldade em pensar com clareza perto de você.

– Humm – gemeu ele, pressionando os lábios em meu pescoço.

– E isso não ajuda em nada. – Suspirei. – Acho que vejo um monte de banhos frios à minha espera no futuro.

Ren murmurou de encontro à minha pele:

– Para você e para mim. Você tinha dificuldade em pensar com clareza perto dos seus outros namorados?

– Que namorados?

– Jason ou Li?

– Sinceramente, não penso em Jason senão como um amigo. Li era um bom amigo com potencial. Humm... isso é gostoso. Eles eram pessoas interessantes e que eu quis conhecer melhor. Mas nunca foram meus namorados. Eu não os amava como amo você e eles não faziam com que eu me sentisse assim. – Gemi baixinho. – Não chegavam nem perto.

Ele traçou com beijos a linha do meu maxilar.

– E antes deles?

– Não. Não houve ninguém. Você é o meu primeiro... em tudo.

Ele ergueu a cabeça e me dirigiu seu sorriso devastador.

– Eu me sinto delirantemente feliz em ouvi-la dizer isso. – Ele juntou meu cabelo sobre o ombro e depositou beijos ao longo da curva do meu pescoço. – Só para registrar, Kells, você também é a minha primeira em tudo.

Estremeci. Suspirando, ele me beijou docemente e me aconchegou de encontro ao seu peito.

Brinquei com os botões de sua camisa e falei baixinho:

– Sabe, minha mãe conversou comigo sobre isso pouco antes de morrer. Ela e papai torciam para que eu esperasse até o casamento,

como eles fizeram.

– Para mim, isso estava subentendido. No meu tempo, em meu país, os relacionamentos casuais não existiam.

– Ah – provoquei –, então você acha que nosso relacionamento é casual?

– Não. Não para mim. – Ele inclinou a cabeça e observou minha expressão atentamente. – E para você?

– Para mim também não.

– É bom saber.

Ele estendeu a mão, agarrou meu edredom e o ajeitou à nossa volta.

– Ren, o que você diria se eu *quisesse* esperar, você sabe, até lá.

Um sorriso iluminou seu rosto bonito.

– Até... *o quê?*

Mordi o lábio, nervosa.

– Até... *você sabe.*

Seu sorriso se abriu ainda mais.

– Isso é uma proposta de casamento? Quer o número do telefone do Sr. Kadam para você pedir a permissão dele?

Bufei.

– Vá sonhando, Romeu! Mas, falando sério, Ren, se eu quisesse esperar, isso... *chatearia* você?

Ele segurou meu rosto entre as mãos, olhou-me nos olhos e disse simplesmente:

– Eu esperaria por você pela eternidade, Kelsey.

Suspirei.

– Você sempre diz a coisa certa.

Eu estava desfrutando o fato de estar ali agarradinha com ele quando um pensamento dormiente acordou em minha cabeça e me fez sentar na cama.

– Espere um minuto! Sua primeira em tudo, hein? Isso não é *exatamente* verdade. O Sr. Kadam uma vez me disse que ele invadiu o Banho da Rainha em Hampi, o que era um rito de passagem para rapazes. Você não o acompanhou a Hampi em várias ocasiões?

Ren imobilizou-se.

– Bem, *tecnicamente falando*...

Eu sorri e ergui uma sobrancelha, debochada.

– Sim, Ren? Meu amor? Você estava dizendo...

– Eu estava dizendo que, tecnicamente falando, sim, Kadam, Kishan e eu invadimos o local. Mas só chegamos até a porta da frente e todas as mulheres estavam dormindo. Não vimos nada.

Espetei meu dedo em seu peito.

– Está me dizendo a verdade, Lancelote?

– Esta é, 100 por cento, a mais absoluta verdade.

– Então, se eu perguntar a Kishan amanhã, ele vai confirmar sua história?

– Claro que sim. – E então murmurou baixinho: – E, se não confirmar, dou um soco na cara dele.

– É melhor que você esteja me falando a verdade, Ren. E não, você não vai dar nenhum soco na cara de Kishan.

– Só estou provocando você, Kells. *Juro*. Eu nunca olhei para outra que não fosse você desde o primeiro dia em que leu para mim junto à jaula do circo. No que diz respeito a Kishan, de qualquer maneira, ele merece um soco por comer meus biscoitos.

– Amanhã faço mais para você. Não brigue com ele por causa disso, ciumento.

Ri até que ele me calasse com os lábios.

No dia seguinte, durante a terceira omelete de Ren e a quarta de Kishan, Ren anunciou que queria voltar a praticar *wushu*. Kishan bateu palmas, deixando claro que mal podia esperar para surrar o irmão.

Eles alugaram um pequeno estúdio onde teríamos total privacidade, de forma que ele e Ren pudessem me instruir. Não me ensinaram nenhum movimento ou posição elaborados, mas me deram um curso intensivo de Iniciação à Incapacitação de Seu Oponente. Nós todos achamos que era melhor eu aprender alguns movimentos defensivos com a possibilidade de Lokesh estar rondando por aí, assim como a de sabe-se lá o quê estar à nossa espreita na próxima missão. Então nos alongamos por alguns minutos e em seguida Ren começou sua aula, usando Kishan para demonstrar.

– Lição número um. Se seu atacante estiver correndo em sua direção, flexione os joelhos e espere até ele se aproximar. Então agarre-o pelo braço, gire ao redor dele e trave os braços em seu pescoço. Se o sujeito for grande, atinja-o no pescoço, sob a mandíbula.

Kishan correu para Ren e o atacou por trás. Então foi a minha vez. Ren correu em minha direção e eu agarrei seu braço e pulei em suas costas. Atirei os braços em torno de seu pescoço numa breve gravata,

mas em seguida estalei um beijo em seu rosto antes de pular para o chão.

– Ótimo. Lição número dois. Se o atacante tem mais habilidade nas artes marciais que você, não lute com ele. Tente apenas incapacitá-lo. Mire o estômago ou a virilha e soque ou chute o mais forte que puder.

Kishan voltou a atacar e começou uma complicada investida empregando artes marciais. Reconheci um salto com chute no rosto, com o joelho flexionado e um soco circular, mas ele também fez muitos outros movimentos complicados que eu desconhecia. Ren apenas recuava, fugindo do alcance de Kishan, até que encontrou uma abertura e socou Kishan com força no estômago. Kishan levantou-se imediatamente e voltou ao ataque. Dessa vez, lutou com mais empenho e derrubou Ren, que então desferiu um soco para o alto, parando a poucos centímetros de incapacitar o irmão.

– Se tiver que escolher um ou outro, escolha a virilha. É muito mais eficaz. Lição número três. Procure os pontos principais: olhos, pomo de adão, ouvidos, têmporas e nariz. No caso dos olhos, ataque com dois dedos, assim. Nas orelhas, use ambas as mãos e dê um telefone, isto é, acerte ambos os ouvidos ao mesmo tempo, o mais forte que puder. Nos outros pontos, aplique um golpe forte, com a mão espalmada.

Ren demonstrou cada um dos golpes e então sugeriu que praticasse nele novamente. Pediu que eu o machucasse de fato, pois queria que a aula fosse realista. Mas eu não conseguia me forçar a fazer isso.

Kishan grunhiu e se levantou, empurrando Ren e tirando-o do caminho.

– Desse jeito, ela nunca vai aprender. Ela precisa de um ataque de verdade.

– Não, você é bruto demais. Vai machucá-la.

– O que você acha que *elas* vão fazer com ela?

Pus meu braço no de Ren.

– Ele tem razão. Está tudo bem. Deixe Kishan tentar.

Ren concordou, relutante, e ficou encostado à parede.

Fiquei parada, nervosa, com as costas voltadas para Kishan, à espera do ataque. Ele se aproximou de mim por trás, agarrou meu braço com força e me fez girar. Suas mãos envolveram meu pescoço. Ele estava me estrangulando. Ouvi um rugido feroz antes de Kishan ser lançado contra a parede mais distante. Ren ficou parado diante de mim tocando com carinho as marcas de dedos vermelhas em minha pele.

– Eu falei! – ele gritou com Kishan. – Você é bruto demais! Ela vai ficar com hematomas no pescoço!

– É necessário ser bruto para ser realista. Ela precisa estar pronta.

– Ren, eu estou bem. Deixe-o tentar outra vez. Tenho que me preparar para que possa pensar com clareza durante um ataque. Você pode precisar de mim para salvá-lo um dia.

Ele acariciou meu pescoço delicadamente e olhou para mim, indeciso. Por fim assentiu e saiu do caminho.

Kishan correu para a outra extremidade do estúdio e gritou para mim:

– Não pense. Apenas reaja.

Virei-me para o outro lado a fim de esperar o ataque. Kishan estava silencioso. Apurei os ouvidos tentando captar o som de seus passos, mas não ouvi nada. De repente, seus braços me envolviam com força por trás e ele me arrastava. Ele era forte demais. Estava me estrangulando. Eu me debati, lutei e pisei com força em seu pé, tudo inutilmente.

Desesperada, inspirei com força e bati a cabeça contra o seu queixo. Doeu. Muito. Mas ele reduziu a força dos braços o suficiente para que eu escapasse dele, caindo no chão. Então me levantei subitamente, bati meu ombro em sua virilha e soquei seu estômago com toda a minha força.

Kishan caiu no chão, rolando. Ren soltou uma gargalhada alta e bateu nas costas do irmão antes de ir até mim.

– Você pediu! *Não pense. Apenas reaja.* Pena que eu não tinha uma câmera!

Eu tremia por causa do esforço. Tinha conseguido, mas sinceramente não acreditava que pudesse lidar com mais do que um adversário. Como eu poderia proteger Ren se mal conseguia cuidar de mim?

– Kishan vai ficar bem?

– Ele vai se recuperar. Só precisa de um minuto.

Ren estava entusiasmado com minha pequena vitória. Kishan ficou de pé, fazendo careta.

– Essa foi boa, Kelsey. Se eu fosse um homem normal, ficaria no chão por pelo menos 20 minutos.

Eu me sentia um pouco tonta.

– Será que podemos parar por hoje? Minha cabeça está rodando.

Acho que preciso de uma aspirina. Lembrem-se de que eu não me recuperei tão rápido quanto vocês dois.

Ren ficou sério, apalpou minha cabeça e encontrou um grande galo se formando. Ele insistiu em me carregar até o carro, embora eu pudesse andar sem problemas. Quando chegamos em casa, ele me acomodou no sofá, socou com força a barriga de Kishan, só para deixar claro o que pensava, e foi para a cozinha pegar uma bolsa de gelo para a minha cabeça.

Ao longo das duas semanas seguintes, enquanto praticávamos, comecei a acreditar que poderia manter o autocontrole durante um ataque. Kishan e Ren passaram a se alternar em rondas em torno da casa à noite, certificando-se de que ninguém chegaria sorrateiramente e nos surpreenderia.

Coloquei uma mochila de emergência debaixo do banco dianteiro da picape GMC preta de Kishan, com roupas e outros itens de que precisaria no caso de partirmos com pressa. Guardei nela minha colcha, documentos de viagem, os brincos de rubi e Fanindra. Ren e Kishan a encheram com dinheiro de vários países e acrescentaram uma bolsa de roupas para eles também. Estacionaram a picape cerca de um quilômetro e meio adiante na estrada principal e a cobriram com galhos para camuflá-la.

Eu sempre usava meu amuleto e a pulseira com o medalhão de Ren, mas me preocupava com minha caixa de fitas. Se tivéssemos que deixar a cidade rapidamente, não queria que nada acontecesse com ela. Ren sugeriu que, por segurança, enviássemos um pacote pelo correio para o Sr. Kadam. Despachamos para a Índia minha caixa de fitas e vários outros itens pessoais insubstituíveis.

Manter o estado de ânimo descontraído era difícil, pois todos sentíamos que alguma coisa ruim estava para acontecer. Kishan agora se juntava a nós nas noites de filmes e na maioria das vezes comia toda a pipoca, o que irritava Ren. Ficávamos em casa quase todas as noites e eu cozinhava. Kishan comia facilmente o dobro do que Ren comia, que já era *muito*. O rapaz do mercado que fazia a entrega devia pensar que estávamos administrando uma pensão, a julgar pela quantidade de comida que pedíamos toda semana.

Num sábado de março, sugeri um passeio à Tillamook e à praia. A previsão era de um tempo atipicamente quente e ensolarado. A probabilidade de o dia estar de fato quente e assim se manter era

mínima, mas as praias do Oregon eram lindas, mesmo com chuva. No minuto em que prometi sorvete de chocolate com manteiga de amendoim, Ren passou a apoiar a ideia.

Separamos biscoitos, chocolate e marshmallows para o lanche e colocamos uma muda de roupa na traseira do Hummer. Dirigi até Lincoln City e dobrei a direita, na rodovia 101, que corria ao longo do litoral do Oregon. Era uma bela viagem e os dois tigres empinaram o nariz para farejar o oceano quando abri um pouco as janelas. Mais tarde, parei no Centro de Visitantes da Queijaria Tillamook e estacionei na vaga mais distante do movimento.

– Encontro vocês lá dentro.

Vesti um casaco leve. Apesar da previsão de tempo bom, o céu estava um pouco nublado, com raios de sol espiando através das nuvens cinzentas apenas ocasionalmente. Ventava um pouco também, mas não parecia que fosse chover antes do anoitecer. Entrei na loja e examinei a variedade de queijos em exposição.

Ren entrelaçou os dedos nos meus. Usava um suéter azul-claro de capuz com uma estampa de alguma espécie de dragão asiático que ia de um ombro ao outro.

Levantei a mão para traçar as linhas do dragão.

– Onde você comprou isto?

Ele deu de ombros.

– Pela internet. Agora sou expert em compras on-line.

– Humm. Gostei.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Gostou?

– Sim. – Suspirei. – É melhor manter você longe do sorvete.

Ele pareceu ofendido.

– Posso saber por quê?

– Porque você é quente o bastante para derretê-lo. As atendentes já estão de olho em você.

– Bem, talvez você não tenha percebido o rapaz atrás do balcão. Ele ficou muito desapontado quando entrei aqui.

– Você está mentindo.

– Não... não estou.

Espiei o rapaz atrás da caixa registradora. Ele *estava* nos observando.

– Provavelmente ele só quer ter certeza de que não estamos

provando amostras demais.

– Duvido.

Fomos até o balcão de sorvete onde senti o aroma de casquinhas de waffle recém-saídas do forno. Kishan pediu uma casquinha e três bolas com os sabores cheesecake de mirtilo, laranja com chocolate e *root beer*.

– Uma combinação interessante, Kishan.

Ele sorriu para mim acima de sua casquinha gigante e deu uma mordida imensa na bola de sorvete de cima. Ren era o próximo, mas parecia estar com problemas.

– Estou dividido.

– Entre o quê?

– Chocolate com manteiga de amendoim e pêssego com creme.

– Você adora chocolate com manteiga de amendoim. Deveria ser uma escolha fácil.

– Ah, é verdade. – Ele se inclinou para sussurrar: – Mas gosto mais de pêssego com creme.

Ele me deu um beijo no rosto e pediu uma casquinha com duas bolas de pêssego com creme.

Eu pedi uma casquinha com uma bola de chocolate com manteiga de amendoim por baixo e uma do meu favorito, o especial da casa, por cima, e prometi a Ren que ele poderia comer metade da minha casquinha. Acrescentei uma barra grande de chocolate com manteiga de amendoim ao pedido e paguei a conta.

Dali era uma viagem curta até a praia. Como estava nublado e ainda bastante frio, a praia encontrava-se deserta. Éramos apenas nós três, as gaivotas e o rugido do oceano gelado.

A água azul fria e cortante encapelava-se, derramando-se pela areia cinzenta e borrifando as grandes pedras negras. Era assim o oceano do noroeste: lindo, frio e escuro. Muito diferente das praias da Califórnia e da Flórida. À distância um barco de pesca passava lentamente.

Ren estendeu uma manta grande na areia e começou a fazer uma fogueira. Logo, logo uma labareda crepitava e ele se sentou ao meu lado no cobertor. Comemos, rimos e conversamos sobre vários estilos de artes marciais: caratê, *wushu*, ninjûtsu, kendo, aikido, *shaolin*, *muay thai*, tae kwon do e *kempo*.

Ren e Kishan discutiram sobre que estilo usar em cada situação. Por fim, se aquietaram e Ren me convidou para caminhar pela praia.

Tiramos os sapatos, demos as mãos e deixamos a água fria lambe nossos pés descalços enquanto andávamos até as pedras negras, a cerca de um quilômetro dali.

– Você gosta do mar? – perguntou ele.

– Gosto de observá-lo ou navegá-lo, mas nadar nele me dá medo.

– Por quê? Pensei que você adorasse as histórias sobre o oceano.

– E adoro. Existem alguns livros excelentes sobre o mar: *Robinson Crusoe*, *Vinte mil léguas submarinas*, *A ilha do tesouro* e *Moby Dick*.

– Então por que você tem medo?

– Uma palavra: *tubarões*.

– Tubarões?

– É. Parece que tenho que apresentá-lo ao filme *Tubarão*. – Suspirei.

– Eu sei, estatisticamente falando, que a maioria das pessoas que nadam em praias não é comida por um tubarão, mas o simples fato de eu não poder ver nada na água já me enche de pavor.

– Então não tem problema com as piscinas?

– Não. Adoro nadar, mas vi programas de mais sobre tubarões na TV e não me sinto tranquila no mar.

– Talvez você pudesse gostar de mergulhar.

– Talvez, mas duvido.

– Gostaria de experimentar um dia.

– Fique à vontade.

– Sabe, estatisticamente falando, *you* tem muito mais probabilidade de ser devorada por um tigre.

Ele tentou agarrar meus braços, mas corri, saindo de seu alcance.

– Não se o tigre não puder me pegar.

Saí correndo o mais rápido que pude e Ren riu e me perseguiu pela areia, tentando agarrar meus calcanhares.

Ele me deixou escapar por algum tempo, apesar de eu saber que poderia ter me dominado quando quisesse. Por fim, ele me pegou no colo e me jogou sobre o ombro.

Eu não parava de rir.

– Vamos voltar, Tigre. A maré está subindo e deixamos Kishan sozinho por muito tempo.

Ele me carregou de volta e me colocou sobre a manta.

Peguei os marshmallows para assá-los. Ren desafiou Kishan para uma corrida, indo da manta até as pedras e voltando.

- Vamos lá, Kishan. O primeiro a voltar ganha.
 - Ganha o quê?
 - Que tal um sanduíche de biscoito com marshmallow e chocolate?
- sugeri.

Kishan sacudiu a cabeça.

- Que tal um beijo de Kelsey?

O rosto de Ren tornou-se sombrio.

Eu me aventurei:

- Ah, Kishan. Acho que essa não é uma ideia muito boa.
 - É sim, Kelsey – insistiu Kishan. – Vai servir como motivação para ele se esforçar. *A menos* que ele ache que vai perder.
 - Eu não vou perder – grunhiu Ren.
- Kishan espetou o dedo no peito de Ren.
- No seu melhor dia você nem sequer veria minha cauda.
 - Muito bem. Vamos lá.
 - Rapazes, eu não acho...
 - Já!

Ambos saíram correndo tão rápido que se transformaram quase num borrão sobre a areia. Deixando os marshmallows de lado, levantei-me para vê-los correr. Kishan parecia um relâmpago, mas Ren também era rápido, indo logo atrás. Quando alcançaram a pedra, Ren fez uma virada melhor e ganhou alguns centímetros de vantagem, que conseguiu manter na volta. Mais ou menos na metade, Kishan estendeu o braço, agarrou o capuz azul do suéter de Ren, puxou com força e o empurrou na areia.

Ren girou e caiu, porém se levantou rapidamente e avançou, correndo com fúria. Suas pernas se movimentavam mais rápido do que parecia possível. A areia voava vários metros atrás dele, à medida que diminuía a distância e emparelhava com Kishan. A corrida terminou com Kishan ganhando por meio metro.

Ren estava furioso. Kishan riu e cutucou Ren para que saísse da frente e o deixasse reivindicar seu prêmio.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo no rosto de Kishan. Ren pareceu se acalmar e começou a relaxar. Ele pegou uma pedra e a atirou no oceano.

- Você só ganhou porque roubou – resmungou.
- Ganhei porque sei como ganhar – retrucou Kishan. – Roubar é irrelevante. Você precisa aprender a fazer o que for necessário para

ganhar. Por falar nisso, esse não era o prêmio que eu tinha em mente.

Ele agarrou meu cotovelo, fazendo-me dar meia-volta, e me segurou pelas costas, inclinando-nos num beijo teatral. Era muito mais drama que substância, mas Ren ficou enlouquecido.

– *Solte-a. Agora.*

Depois de Kishan me colocar de pé, recuei um passo e Ren se lançou de encontro à barriga de Kishan, interrompendo sua gargalhada ao atirá-lo na areia. Eles rolaram pelo chão lutando e rosnando pelos 10 minutos seguintes. Achei melhor não intervir. Parecia que lutar contra o outro era um dos passatempos preferidos de ambos.

Quando finalmente encerraram a briga, nós comemos os biscoitos com marshmallow e chocolate. Tirando o cabelo de Ren de sua testa e alisando-o, eu disse:

– Você sabe que a única intenção dele era tentar irritá-lo.

– Ah, mas não era mesmo. Eu já disse: se ele continuar bancando o engraçadinho com você, a trégua estará cancelada. Ei, isso é muito bom. Humm, ficaria ainda melhor com...

– Manteiga de amendoim? – falamos os dois ao mesmo tempo.

Ele começou a plantar beijos melados por todo o meu rosto. Eu ri, empurrei-o do meu colo e corri. Ele se pôs de pé num salto para me pegar quando meu celular tocou. Era Jason.

– Oi, Jason. Tudo bom?

– Achei que você ia gostar de saber que uns caras estranhos apareceram no campus ontem perguntando por você. Disseram que representam um escritório de advocacia e que têm novidades sobre o testamento dos seus pais.

– Ah. E como eram eles?

– Eram altos e vestiam uns ternos caros. Pareciam falar a verdade, mas eu não disse nada a eles. Achei melhor consultar você primeiro.

– Muito obrigada por me avisar, Jason. Você fez bem em não dizer nada a eles.

– Você está com algum problema, Kelsey? Está tudo bem?

– Tudo bem. Não se preocupe.

– Beleza. Até mais.

– Até.

Encerrei a ligação e olhei para Ren. Ele me encarou. Ambos sabíamos: *Lokesh havia me encontrado*. Ouvi Kishan falando baixinho, me virei e o vi em seu celular, provavelmente com o Sr. Kadam.

Começamos a arrumar tudo para voltar imediatamente. De repente a atmosfera na praia havia mudado. Agora era sombria, escura e sinistra, quando antes era amistosa e segura. O céu parecia agourento e ameaçador e estremeci com a brisa repentinamente fria.

Ren e Kishan concordaram que, se Jason não tinha dito nada aos homens, era improvável que eles já houvessem encontrado nossa casa. Resolvemos ir até lá, acertar umas últimas coisas e deixar o Oregon.

No caminho, liguei para Sarah e Mike e disse a eles que estava voltando para a Índia.

– O Sr. Kadam fez uma descoberta importante e precisa da minha ajuda. Ren irá comigo. Ligo assim que o avião pousar.

Telefonei para Jennifer e disse a mesma coisa. Ela ficou insinuando que, se eu estava fugindo com Ren, devia lhe confessar. Por fim acreditou na história e disse que passaria a informação a Li. Tomei o cuidado de não mencionar a cidade nem quanto tempo ficaria fora. Tentei ser o mais vaga possível.

Quando desliguei, Ren me assegurou que minha família estaria a salvo. Disse que o Sr. Kadam havia providenciado férias surpresa para Sarah, Mike e as crianças. Eles ganhariam uma viagem de três semanas com tudo pago para o Havaí, mas somente se partissem imediatamente. Seriam informados de que a viagem era um prêmio de sua marca favorita de tênis de corrida.

Fiquei olhando os retrovisores durante todo o trajeto até em casa, esperando que sedãs negros surgissem, vindo em disparada em nossa direção, com homens inescrupulosos atirando contra nós. Dizer que eu estava assustada era eufemismo. Eu havia enfrentado demônios e macacos imortais, mas, por alguma razão, era completamente diferente enfrentar bandidos do mundo moderno. Eu podia racionalizar que demônios não eram reais; portanto, ainda que estivessem me perseguindo, não chegavam a ser de fato uma ameaça. Mas homens de verdade, que queriam sequestrar, torturar e matar, pareciam muito mais aterrorizantes.

Quando chegamos em casa, estacionei na garagem e esperei no carro até os irmãos inspecionarem a casa. Voltando uns 10 minutos depois, Ren pôs os dedos nos lábios e, em silêncio, abriu minha porta. Ele havia vestido roupas escuras, botas pesadas e um casaco preto.

– O que está acontecendo? – meus lábios formaram as palavras sem pronunciá-las.

– Alguém entrou na casa. Na verdade, nas duas casas – sussurrou

Ren em resposta. – O cheiro deles está por toda parte, mas nada foi levado. Não tem ninguém aqui agora, então suba e vista rapidamente uma roupa escura e tênis de corrida. Depois nos encontre aqui embaixo. Kishan está vigiando as portas. Vamos sair pelos fundos, pegar a picape de Kishan e seguir para o aeroporto.

Assenti, entrei depressa na casa e subi a escada correndo. Lavei o rosto, vesti uma calça jeans escura, um suéter preto de mangas compridas e tênis. Peguei o casaco e encontrei-os lá embaixo. Kishan ia na frente, enquanto atravessávamos furtivamente minha casa e entrávamos na de Ren.

Tanto Kishan quanto Ren haviam se munido de armas da minha caixa de *wushu*. O bastão tripartido tinha sido dobrado e estava preso no cinto de Kishan, nas costas, e Ren havia enfiado um par de facas no passador do cinto. Ren e eu continuamos a seguir Kishan, que nos conduziu para fora da casa, seguindo para o meio das árvores.

Ele parava com frequência para farejar o ar e examinar o solo. Precisávamos caminhar cerca de um quilômetro e meio até a picape. Cada ruído, cada estalo na floresta me assustava e eu girava o corpo com frequência, esperando um ataque. Sentia um formigamento nas costas, como se estivéssemos sendo observados.

Depois de cinco minutos, Kishan estancou. Indicou com gestos que nos abaixássemos e afundamos atrás de algumas samambaias. Havia alguém em meio às árvores, movendo-se em silêncio, seguindo nosso rastro. Até eu podia ouvi-lo, o que significava que estava perto.

– Precisamos sair daqui – murmurou Kishan. – Quando eu disser “agora”, vocês vão. – Alguns segundos de tensão transcorreram. – Agora – sussurrou.

Ele nos guiou floresta adentro num ritmo mais veloz. Eu tentava me mover o mais silenciosamente possível, mas temia que quem quer que estivesse nos seguindo pudesse me ouvir. Meus pés pareciam não encontrar os pontos certos para pisar e várias vezes quebrei galhos e escorreguei em lugares molhados enquanto corria. Chegamos a uma clareira, onde Kishan se deteve e sibilou:

– Emboscada!

Demos meia-volta. O homem que nos seguia nos alcançou e bloqueou nossa passagem. Kishan correu em sua direção, diminuindo rapidamente a distância. Quando estava a poucos metros, Kishan puxou o bastão e o brandiu acima da cabeça, para ganhar impulso. Eu achava a arma pesada, mas nas mãos de Kishan ela girava como as hélices de um helicóptero. Com um estalo, ele acertou as pernas do

homem e o derrubou, e então, dando um salto gigante, girou a arma e a acertou nas costas e na cabeça do homem caído. Com um movimento rápido do pulso, a arma dobrou-se, acomodando-se em sua palma, e ele tornou a enfiá-la no cinto. O homem não se levantou.

Ren agarrou minha mão e me puxou enquanto corria. Parando num pequeno bosque, ele me forçou a me esconder atrás de um tronco caído e ordenou que eu não me mexesse, então voltou correndo para juntar-se a Kishan, tomando posição não muito longe do irmão. Eu vi o lampejo das facas quando Ren as sacou e as rodopiou habilmente enquanto Kishan mais uma vez brandia o bastão. Os dois irmãos perscrutavam a floresta, à espera.

Os outros homens haviam nos alcançado. O que aconteceu em seguida não foi nada parecido com o que se vê nas aulas de artes marciais. Aquilo era batalha. *Guerra*. Ren e Kishan pareciam dois supersoldados. Seu rosto não demonstrava nenhuma emoção. Eles se moviam com agilidade e eficiência. Não desperdiçavam energia. Movimentavam-se em harmonia, como um par de dançarinos letais, Ren com as facas e Kishan com o bastão. Entre eles, derrubaram pelo menos uma dúzia de homens, no entanto outras dezenas surgiam em disparada do meio das árvores.

Ren golpeou um deles no pescoço com o cotovelo, provavelmente esmagando-lhe a traqueia. Quando o homem se dobrou, Ren saltou sobre suas costas, girou o corpo e chutou a cara do que vinha atrás dele. Kishan era brutal. Quebrou o braço de um homem enquanto simultaneamente chutava o joelho de outro. Pude ouvir o estalo repugnante e o grito quando os dois desabaram no chão. Era como estar no meio de um dos filmes de artes marciais de Li, só que ali o sangue e o perigo eram reais.

Quando nenhum dos homens conseguia ficar de pé, os irmãos voltaram correndo até mim.

– Há outros vindo para cá – disse Kishan, sem emoção.

Corremos. Ren me pegou e me jogou sobre o ombro. Mesmo com meu peso retardando-o, ele ainda avançava mais rápido do que eu conseguiria. Os irmãos corriam o mais rápido que podiam. Velozes, porém silenciosos. De algum modo, eles sabiam onde pisar para evitar fazer barulho. Kishan desacelerou e começou a correr atrás de nós, assumindo uma posição no flanco. Continuamos assim por pelo menos 10 minutos. Calculei que estivéssemos distantes dos homens, mas, de repente, ouvi silvos e estalos, à medida que alguma coisa atingia os troncos das árvores à nossa volta.

Imediatamente, Ren e Kishan duplicaram sua velocidade e saltaram atrás de um tronco caído, em busca de proteção.

– Eles estão atirando na gente? – sussurrei.

– Não – Kishan sussurrou de volta. – Pelo menos não com armas de fogo. O ruído é diferente.

Ficamos ali em silêncio. Eu respirava com mais intensidade do que eles, embora eles que tivessem corrido. Esperamos. Os dois irmãos tinham os ouvidos atentos. Eu estava prestes a fazer uma pergunta, mas Ren levou um dedo aos lábios, indicando que eu devia ficar calada. Eles usavam sinais com as mãos para se comunicar. Eu observava com atenção, mas não conseguia entender o que queriam dizer. Ren girou o dedo em círculo e Kishan lhe passou o bastão, metamorfoseou-se no tigre negro e se enfiou furtivamente entre as árvores.

Apontei na direção em que Kishan havia desaparecido. Ren pressionou a boca em meu ouvido e sussurrou numa voz que mal se podia ouvir:

– Ele está atraindo os homens.

Ren então me acomodou no oco da árvore e mudou de posição, de forma que seu corpo agora cobria o meu.

Fiquei ali, tensa, meu rosto pressionado contra o peito de Ren por um longo tempo. De repente ouvi um rugido terrível. Ren me envolveu com os braços e sussurrou:

– Eles o seguiram. Estão a quase um quilômetro daqui agora. Vamos.

Ele pegou minha mão e começou a me levar novamente na direção da picape escondida. Tentei ser o mais silenciosa possível. Vários minutos depois, uma forma escura saltou diante de nós. Era Kishan. Ele voltou à forma humana.

– Eles estão por toda parte. Levei-os o mais longe que pude, mas parece que todo um regimento foi mandado em nosso encalço.

Dez minutos depois, Kishan parou e farejou o ar. Ren fez o mesmo. Nesse momento, homens saltaram das árvores sobre nós; vários deles desceram de arneses e cordas. Dois sujeitos me agarraram, afastando-me de Ren, e me seguraram com força, enquanto cinco o atacavam. Ele rugiu de fúria e se transformou em tigre. Os homens não pareceram surpresos com isso. Kishan já havia assumido sua forma de tigre e abatera vários de seus agressores.

Ren ergueu-se nas patas traseiras, lançou as dianteiras nos ombros

de um homem e rugiu em seu rosto. Então mordeu o pescoço e o ombro do homem, empurrou-o para o chão e usou seu corpo como ponto de apoio para se impulsionar e saltar no ar, as garras estendidas, e atacar dois homens, atingindo-os no peito. Suas orelhas estavam coladas à cabeça, o pelo eriçado, e de suas mandíbulas pingava sangue. A cauda subia e descia como uma alavanca imediatamente antes de ele se arremessar no ar outra vez, indo aterrissar nas costas de um sujeito que lutava com Kishan. O simples peso de seu corpo tirou o agressor de ação.

Eu lutava, mas não conseguia nem me mover, pois os homens me seguravam com força. Kishan rugiu. Um dos homens havia usado uma arma que tinha uma espécie de dispositivo de choque elétrico preso à extremidade. O tigre negro girou, derrubou a arma no chão com a pata e a partiu ao meio com o peso do corpo.

Rapidamente Kishan saltou sobre o homem que havia caído no chão e mordeu-lhe o ombro. Depois, erguendo-o do chão com as mandíbulas poderosas, sacudiu a cabeça com violência até o homem parar de se mexer. Kishan então arrastou o corpo inerte por vários metros e, com um movimento repentino da cabeça, arremessou-o nos arbustos. Em seguida, ergueu-se nas patas traseiras, como um urso, e atacou os outros homens que se aproximavam. O sangue gotejava de suas mandíbulas quando ele rosnou feroz.

Ren tentava o tempo todo chegar até mim, mas os homens sempre se interpunham entre nós. Aproveitei a distração temporária deles quando Ren largou um homem aos nossos pés para chutar um de meus agressores na virilha o mais forte que pude e dar uma cotovelada no estômago do outro. Este se dobrou, mas manteve o aperto em meu braço. Em seguida, ele me golpeou na têmpora e minha visão ficou embaçada.

Ouvi o rugido terrível de Ren. Continuei lutando, mas me sentia tonta. O homem me segurava à frente de seu corpo, como se eu fosse uma isca. Ele provocava os tigres tratando-me com brutalidade. Eu sabia que era para distrair os irmãos, o que infelizmente funcionou. Ren e Kishan continuaram tentando abrir caminho até onde eu estava e olhavam o tempo todo para mim, o que permitiu que uma quantidade maior de homens se reunisse atrás deles.

Outros homens chegaram. Aparentemente tinham chamado reforços e os recém-chegados portavam mais armas. Um deles sacou uma delas e disparou contra Ren. Um dardo atingiu-o no pescoço e ele cambaleou. Fui tomada de fúria e de repente minha visão clareou.

Senti uma força queimando meus membros. Bati a parte posterior da cabeça no nariz do meu captor e tive a alegria de sentir a cartilagem quebrar. O homem gritou e afrouxou o aperto o suficiente para que eu escapasse. Corri para Ren. Ele assumiu a forma humana. Outro dardo o atingiu. Ele ainda estava de pé, mas seus movimentos eram muito mais lentos. Arranquei os dardos de seu corpo.

Ele tentou me empurrar para trás dele.

– Kelsey! Para trás! Agora!

Um terceiro dardo o acertou na coxa. Ele cambaleou um pouco mais e caiu apoiado num joelho. Vários homens o cercaram e, sabendo que eu estava perto, ele começou a lutar para mantê-los afastados de mim. Kishan estava enfurecido, surrando um homem atrás do outro enquanto tentava chegar até nós, mas outros continuavam a surgir. Ele estava ocupado demais para me ajudar com Ren. Mal conseguia dar conta de se defender. Tentei puxar os homens, para afastá-los de Ren, mas eles eram grandes demais. Também eram lutadores profissionais, talvez militares, então praticamente me ignoravam e se concentravam nos dois alvos mais perigosos. Eu era apenas uma mosca irritante que eles afugentavam com a mão. *Se pelo menos eu tivesse uma arma.*

Eu estava desesperada. Tinha que haver alguma coisa que eu pudesse fazer para proteger Ren. Ele liquidou o último homem perto de nós e caiu de joelhos, arfando penosamente. Havia pilhas de corpos ao nosso redor. Alguns mortos, outros feridos. Mais homens, porém, estavam chegando. E eram muitos! Eu podia vê-los se aproximando sorrateiros, os olhos fixos no homem esgotado ao meu lado.

O temor pela vida de Ren reforçou minha determinação. Como uma mãe urso protegendo o filhote, postei-me diante de Ren, decidida a impedi-los de continuar avançando ou pelo menos a lhes dar um alvo diferente contra o qual disparar. Havia mais de uma dúzia de homens vindo em nossa direção, a maior parte empunhando armas. Um fogo queimou em mim, uma necessidade de proteger o homem que eu amava.

Meu corpo tremeu com energia, com poder. Virei-me para o sujeito mais próximo e o encarei, ameaçadora. Ele ergueu a arma e eu levantei a mão como defesa. Meu corpo queimava e senti uma lava derretida subir pelo meu braço e alcançar a mão. As chamas se inflamaram e os símbolos que Phet desenhara em minha mão reapareceram, reluzindo em tom carmim. Um raio explodiu dessa mão até o corpo do meu agressor, elevando-o no ar e lançando-o contra

uma árvore com força suficiente para sacudi-la. O homem caiu curvado em sua base.

Sem tempo para questionar ou entender o que havia acontecido, virei-me para enfrentar o agressor seguinte e o outro. Eu estava dominada pelo ódio. Uma fúria fervia em mim. Minha mente gritava que ninguém iria ferir aqueles que eu amava. Eufórica com meu poder, fui derrubando-os um após o outro.

De repente senti uma fisgada no braço e outra no ombro. Parecia a picada de uma abelha, mas, em lugar do fogo, era uma dormência que se espalhava. O fogo em minha mão crepitou e se apagou e eu desabei no chão diante de Ren. Ele repeliu um agressor, ainda lutando, embora tivesse sido atingido por dardos várias vezes. Minha visão estava escurecendo, meus olhos se fechando.

Ren me ergueu e eu o ouvi gritar:

– Kishan! Pegue-a!

– Não – murmurei incoerentemente.

O sussurro de seus lábios roçou meu rosto e então senti braços de ferro prenderem meu corpo.

– Vá! Agora! – gritou Ren.

Eu estava sendo carregada rapidamente por entre as árvores, mas Ren não nos seguia. Ele ainda lutava, enquanto os agressores fechavam o cerco em torno dele. Tornou a se transformar em tigre. Eu o ouvi rugir de fúria e dor e soube, em meio à névoa que tomava conta da minha mente, que não era o sofrimento físico que o fazia gritar. Não poderia ser, pois eu também o sentia. A dor horrível e dilacerante era porque eu tinha sido tirada dele. Sem conseguir manter os olhos abertos, estendi a mão e agarrei debilmente o ar.

– Ren! Não! – implorei, antes de despencar na escuridão.



Regresso à Índia

O ronco grave de um motor me acordou. Minha cabeça latejava e eu sentia um gosto estranho na boca. Parecia que algo estava muito errado; minha mente ainda estava confusa. Eu queria despertar, mas sabia que, do outro lado, um novo tipo de horror me aguardava, então me permiti afundar um pouco mais de volta à escuridão e me deixei ficar ali, covardemente. Eu precisava de alguma coisa em que me agarrar, uma muleta em que pudesse me amparar a fim de reunir força suficiente para encarar o que eu tinha pela frente.

Estava deitada numa cama. Senti os lençóis macios e estendi a mão, hesitante. Uma cabeça peluda se esfregou em meus dedos. Ren. Ele estava ali. *Ele* era a motivação de que eu precisava para me erguer da escuridão e entrar na luz.

Abri os olhos.

– Ren? Onde estou?

Todo o meu corpo doía.

Um rosto bonito me olhou de cima.

– Kelsey? Como está se sentindo?

– Nilima? Ah, estamos no avião.

Ela pressionou um pano molhado e frio em minha testa e eu murmurei:

– Escapamos. Estou tão feliz.

Acaricieei a cabeça do tigre. Nilima olhou brevemente para o tigre ao meu lado e então assentiu.

– Vou buscar um pouco de água para você, Kelsey.

Ela saiu e tornei a fechar os olhos, pressionando a mão sobre minha testa latejante.

– Tive tanto medo de você não conseguir – sussurrei. – Acho que

agora isso não tem importância. A sorte nos ajudou. Nunca mais vamos nos separar. Prefiro ser capturada com você do que sermos separados.

Deslizei os dedos por seu pelo. Nilima retornou trazendo água. Ela me ajudou a sentar e eu tomei um grande gole de água. Esfreguei a toalha molhada sobre os olhos e o rosto.

– Tome... também lhe trouxe aspirina – disse ela.

Engoli os comprimidos, agradecida, e tentei abrir os olhos mais uma vez. Fitei o rosto preocupado de Nilima e sorri.

– Obrigada. Já me sinto melhor. Pelo menos, todos conseguimos escapar. Isso é o que importa. Certo?

Olhei para o tigre. *Não! Não!* Comecei a arquejar, em busca de ar. Meus pulmões se fecharam.

– *Kishan?* – supliquei com a voz áspera. – Onde ele está? Diga-me que não o deixamos para trás! Ren? – gritei. – *Ren? Você está aqui? Ren? Ren?*

O tigre negro apenas me observava com olhos dourados e tristes. Agarrei a mão de Nilima.

– Nilima, me fale! Ele está aqui?

Ela sacudiu a cabeça, as lágrimas enchendo seus olhos. Minha visão tornou-se turva e percebi que eu também estava chorando.

Apertei sua mão, desesperada.

– Não! Precisamos voltar! Peça que deem meia-volta. Não podemos simplesmente deixá-lo lá! Não podemos!

Nilima não reagiu. Virei-me para o tigre.

– Kishan! Isso não está certo! Ele não deixaria você. Eles vão torturá-lo. Vão matá-lo! Precisamos fazer alguma coisa! Não podemos deixar que isso aconteça!

Kishan se transformou em homem e se sentou na beira da cama. Ele fez um gesto com a cabeça para Nilima e ela nos deixou a sós.

Ele pegou minha mão e falou baixinho:

– Kelsey, não havia escolha. Se tivéssemos ficado para trás, não conseguiríamos escapar.

Sacudi a cabeça, negando.

– *Não!* Poderíamos ter esperado por ele.

– Não, não poderíamos. Eles me aplicaram tranquilizantes também. Só fui atingido uma vez e mal consegui chegar ao avião, apesar da minha capacidade de recuperação. Acertaram-no pelo menos seis

vezes. Fiquei impressionado que ele ainda conseguisse ficar de pé. Ren lutou bravamente e ganhou tempo para que pudéssemos escapar.

Agarrei-lhe a mão enquanto as lágrimas pingavam do meu queixo.

– Ele está...? – Solucei. – Eles o mataram?

– Acho que não. Eles não tinham outra arma além dos bastões com dispositivos de eletrochoque e dardos tranquilizantes. Aparentemente suas instruções eram para nos capturar vivos.

– Não podemos deixá-los fazer isso, Kishan. Precisamos ajudá-lo.

– Vamos fazer isso. O Sr. Kadam já está trabalhando em sua localização. Mas não vai ser fácil. Há séculos ele vem procurando Lokesh e o homem consegue se esconder muito bem. Só tem uma coisa em nosso favor. Ren não está com o amuleto, portanto Lokesh talvez esteja disposto a sugerir uma troca: o amuleto por Ren.

– Ótimo. Daremos a ele o amuleto se pudermos ter Ren de volta.

– Vamos nos preocupar com isso quando chegar a hora, Kelsey. Neste momento, você precisa descansar. Estaremos na Índia daqui a algumas horas.

– Fiquei desacordada tanto tempo assim?

– Você foi atingida duas vezes e ficou apagada por cerca de 15 horas.

– Eles o seguiram até o avião?

– Tentaram, mas o avião estava pronto para decolar. Jason provavelmente salvou nossas vidas.

Pensei em Ren cercado por inimigos enquanto nós fugíamos e engasguei com um soluço. Kishan se inclinou e me envolveu num abraço, dando tapinhas em minhas costas.

– Sinto muito, Kelsey. Queria que houvesse sido eu, não Ren. Queria ter tido força para tirar vocês dois de lá.

Minhas lágrimas caíram em sua camisa.

– Não foi culpa sua. Se você não estivesse lá, nós dois teríamos sido capturados.

Eu me empertiguei, fungando, e enxuguei os olhos na manga de minha blusa.

Ele abaixou a cabeça para fitar meus olhos lacrimejantes.

– Eu lhe prometo, Kelsey, que vou fazer tudo que estiver a meu alcance para salvá-lo. Ele ainda está vivo. Posso sentir isso. Vamos encontrar uma saída e derrotar Lokesh.

Queria ter tanta certeza quanto Kishan de que poderíamos salvar

Ren. Assentindo com a cabeça, apertei sua mão e sussurrei que eu ficaria bem. Ele perguntou se eu queria comer alguma coisa e, embora sentisse nós retorcendo meu estômago, respondi que sim. Ele pareceu aliviado ao se levantar para chamar Nilima.

Perguntei-me se ele estaria certo. *Será que Ren ainda está vivo?* Desde o primeiro dia em que o vira no circo, formou-se uma estranha conexão entre nós. Hesitante e frágil a princípio, foi se tornando cada vez mais forte. Quando voltei para o Oregon, o elo se esticou e me puxava como uma tira de elástico.

Ele me arrastava e tentava me levar de volta para ele. E, nos últimos meses, à medida que nos tornávamos mais próximos, a conexão se solidificou e se estreitou, formando uma liga de aço. Éramos parte um do outro. Eu sentia sua ausência, mas o elo ainda existia. Ainda era forte. Ele estava vivo. Eu sabia. Meu coração ainda estava ligado ao seu. Isso me deu esperanças. Decidi que o encontraria a qualquer custo.

Nilima me chamou para comer alguma coisa. Ela serviu o jantar com um copo de água com limão, que beberiquei lentamente enquanto pensava no que poderia fazer para salvar Ren. Kishan havia voltado à sua forma de tigre e descansava a meus pés. Seus olhos dourados me observavam com tristeza e eu me inclinei para acariciá-lo a cabeça, assegurando-lhe de que ficaria bem.

Quando aterrissamos eu ainda não tinha a menor ideia de como encontraria Ren, mas sabia que nunca mais me deixaria apanhar tão despreparada. Da próxima vez que algo assim acontecesse, eu lutaria. Agora que sabia que tinha esse... esse poder de raio dentro de mim, eu iria praticá-lo. Também pediria a Kishan que continuasse a me treinar nas artes marciais, quem sabe até usando armas. Talvez o Sr. Kadam me ensinasse também quando Kishan estivesse em sua forma de tigre. Eu nunca mais deixaria que alguém que eu amasse fosse capturado. Não enquanto eu ainda estivesse viva.

O Sr. Kadam nos recebeu no aeroporto particular.

– Srta. Kelsey, senti saudade – disse ele, me envolvendo num abraço.

– Também senti saudade do senhor.

Meus olhos queimavam com as lágrimas não derramadas, mas eu me recusava a deixá-las cair.

– Venha. Vamos para casa. Temos muito para conversar.

Quando chegamos em casa, Kishan levou minha bolsa para o andar de cima e me deixou sozinha com o Sr. Kadam na sala do pavão.

Os livros se acumulavam em pilhas altas na bela mesa de mogno; o tampo normalmente organizado e limpo estava coberto por papéis. Peguei alguns para examinar as anotações feitas na letra elegante do Sr. Kadam.

– O senhor conseguiu desvendar a segunda profecia?

– Estou perto. Na verdade, é graças à senhorita que estou assim tão perto.

Um ponto de referência que me confundiu inicialmente veio a ser a cordilheira do Himalaia. Todo esse tempo eu vinha procurando uma montanha, sem perceber que era uma cadeia de montanhas que eu precisava encontrar. Graças ao seu relatório sobre o Himalaia e seus padrões climáticos, pude abrir minha mente a essa possibilidade, o que me levou a novas descobertas.

– Fico feliz por ter ajudado. – Pousei os papéis na mesa e perguntei baixinho: – O que vamos fazer? Como vamos encontrar Ren?

– Vamos encontrá-lo, Srta. Kelsey. Não se preocupe. Existe até a chance de ele conseguir escapar sozinho e nos telefonar.

Um pensamento cruzou a minha mente.

– Ele vai conseguir se transformar em homem se for capturado?

– Não sei. Antes, não conseguia, mas agora a senhorita quebrou parte da maldição. Isso pode fazer alguma diferença.

Endireitei os ombros.

– Sr. Kadam, quero que me treine. Quero que me instrua no uso das armas e nas artes marciais. O senhor ensinou aos dois e quero que seja meu instrutor também.

Ele me olhou pensativo por um minuto.

– Está certo, Srta. Kelsey. Será preciso disciplina e muitas, muitas horas de prática para que se torne capacitada. Não espere conseguir fazer o mesmo que Ren e Kishan. Eles foram treinados a vida toda e o tigre que há neles os torna mais fortes.

– Tudo bem. Estou preparada para isso. Pretendo pedir a Kishan que continue trabalhando comigo. Posso aprender mais depressa se praticar com vocês dois.

Ele assentiu.

– Talvez seja o melhor. A senhorita irá aprender novas habilidades e

isso também vai ajudá-la a se manter ocupada. Eu ainda preciso dedicar grande parte da minha atenção às pesquisas, mas vou reservar algum tempo para treiná-la todos os dias. Também posso preparar séries para que pratique sozinha e sugerir algumas coisas que pode aprender com Kishan.

– Obrigada. Gostaria de ajudar com suas pesquisas também. Posso fazer anotações. E ter um novo par de olhos ao seu dispor sempre é bom.

– Podemos começar hoje.

Assenti. Ele fez um gesto na direção das poltronas de couro e nos sentamos.

– Agora me fale sobre esse novo poder que parece ter. Kishan me explicou, mas quero ouvir o que aconteceu a partir do seu ponto de vista.

– Bem, eu precisava proteger Ren e estava tão furiosa que acho que até vi uma névoa vermelha à minha volta. Ele fora atingido com os dardos e cambaleava, enfraquecido. Eu sabia que ele não resistiria muito mais. Coloquei-me na frente dele para enfrentar os agressores. Estava desesperada, pois eram muitos vindo para cima de nós. Uma espécie de fogo começou a queimar em mim.

– Qual era a sensação?

– Parecia... um jorro de força no centro do meu corpo, semelhante à chama piloto de um aquecedor de água que se acende de repente. Meu estômago se contraiu, como se para empurrar o calor para o meu peito. Meu coração ardia e parecia que o sangue estava fervendo em minhas veias. Tive a sensação de algo borbulhante percorrendo meu braço. Quando chegou à mão, os símbolos que Phet pintou em hena reapareceram e começaram a brilhar, vermelhos. Ouvi um ruído de coisas se quebrando, estalos e estouros e então essa força se avolumou e transbordou de mim. Um raio disparou de minha mão, ergueu um homem no ar e o arremessou contra uma árvore.

– E esse poder funcionou várias vezes?

– Funcionou. Consegui abater diversos homens antes de ser atingida com o tranquilizante. Então o poder foi diminuindo.

– Os raios mataram os homens ou apenas os atordoaram?

– Espero que os tenham apenas atordoado. Não ficamos por lá tempo suficiente para descobrir. Meu primeiro alvo, o homem que se chocou contra a árvore, ficou bastante machucado, imagino. Eu estava desesperada.

– Estou curioso para saber se é capaz de reproduzir o fenômeno quando não está em perigo. Talvez possamos praticar. Também seria interessante ver se a senhorita pode ampliar o alcance para incluir mais de uma pessoa de uma vez e ver por quanto tempo consegue manter a descarga.

– Também quero aprender a controlar a intensidade. Prefiro não matar as pessoas – acrescentei.

– É claro.

– De onde o senhor acha que isso veio?

– Tenho uma... teoria. Uma das antigas histórias da Índia conta que, quando os deuses Brahma, Vishnu e Shiva enfrentaram o rei demônio, Mahishasur, não conseguiram derrotá-lo. Então juntaram suas energias, que assumiram a forma de luz, e a deusa Durga emergiu dessa luz. Ela nasceu para lutar contra ele.

– Então Durga é feita de luz. O senhor acha que é por isso que tenho esse poder?

– Sim. Existem também várias referências a um colar que ela usa e que faísca como relâmpagos. Talvez essa corrente de poder resida na senhorita.

– Isso é... Eu nem sei como me sinto em relação a isso.

– Imagino que deva ser desconcertante.

Fiz uma breve pausa e então confessei:

– Sr. Kadam, eu... estou preocupada com Ren. Não acho que eu seja capaz de partir numa nova busca sem ele.

– Vocês dois se tornaram mais próximos então? – especulou o Sr. Kadam.

– Sim. Ele... eu... nós... Bem, acho que posso resumir dizendo que o amo.

Ele sorriu.

– Sabe que ele a ama também, não sabe? Ele não pensava em outra coisa durante os meses em que ficaram separados.

– Ele sofreu?

– Desesperadamente. Kishan e eu não tivemos um só momento de paz até ele viajar.

– Sr. Kadam, posso lhe fazer uma pergunta?

– É claro.

– Uma garota indiana se interessou por Ren e queria que seus pais arransassem um compromisso entre eles. Ren me disse que namorar

alguém que não seja da mesma cultura é considerado impróprio.

– Ah. O que ele lhe disse está correto. Mesmo nos tempos modernos, esse costume ainda é seguido. Isso a incomoda?

– Um pouco. Não quero que o povo de Ren o renegue.

– Ele demonstrou preocupação quanto a isso?

– Não. Não pareceu dar importância. Disse que já tinha feito sua escolha.

O Sr. Kadam passou a mão pela barba curta.

– Srta. Kelsey, Ren dificilmente precisa da aprovação de alguém. Se ele escolher ficar com a senhorita, ninguém irá fazer objeção.

– Talvez não na frente dele, mas pode haver... implicações culturais que ainda não lhe ocorreram.

– Ren está bastante ciente de todas as implicações culturais. Lembre-se de que ele foi um príncipe muitíssimo bem treinado nos protocolos políticos.

– Mas e se o fato de ficar comigo tornar sua vida mais difícil?

Ele me repreendeu levemente.

– *Srta. Kelsey*, posso lhe garantir que ficar com a senhorita é a *única* coisa na longa vida de Ren a lhe trazer alento. A vida dele era cheia de dificuldades e eu me arriscaria a dizer que obter a aprovação de outras pessoas caiu muito em sua lista de prioridades.

– Ele me falou que os pais vinham de culturas diferentes. Por que *eles* tiveram permissão para se casar e ficar juntos?

– Humm, esta é uma história interessante. Para contá-la direito, eu teria que lhe falar sobre o avô de Ren e Kishan.

– Eu adoraria saber mais sobre a família dele.

Ele se recostou na poltrona de couro e juntou as mãos sob o queixo, formando um triângulo.

– O nome do avô de Ren era Tarak. Ele era um grande chefe militar que, nos seus últimos anos, quis viver em paz. Cansara-se das rivalidades entre os reinos. Embora seu império fosse o maior e seus exércitos, os mais notáveis, ele enviou uma mensagem para vários outros chefes militares que governavam territórios menores, convidando-os para uma reunião de cúpula. Ofereceu a cada um deles uma parte de suas terras se assinassem um pacto de não agressão e reduzissem seus exércitos. Eles concordaram, pois o contrato traria a cada um deles grande riqueza e muitas propriedades. O país exultou quando o rei chamou seus exércitos de volta para casa e preparou uma

grande festa de celebração. Aquele dia foi feriado em todo o país.

– O que aconteceu depois?

– Cerca de um mês depois, um dos governantes que assinou o pacto incitou os outros, dizendo-lhes que aquela era a hora de atacar e que, juntos, eles poderiam governar toda a Índia. Seu plano era primeiro tomar as terras ancestrais de Tarak e, a partir dali, conquistar facilmente os outros reinos menores.

– Nossa! Que traição – comentei.

– De fato. Eles quebraram o juramento a Tarak e travaram uma batalha feroz, sitiando a cidade dele. Muitos soldados do rei haviam se aposentado e tinham recebido um pedaço de terra em troca de seus anos de serviço. Com o exército reduzido pela metade, não podiam derrotar as tropas unidas dos outros chefes militares. Felizmente Tarak conseguiu enviar mensageiros para buscar ajuda.

– Aonde eles foram buscar ajuda?

– Na China.

– Na China?

– Mais especificamente no Tibete. As fronteiras da Índia com a China naquela época não eram tão definidas como hoje e as trocas entre os dois países eram comuns. Tarak tinha um bom relacionamento com o Dalai-Lama da época.

– Espere aí. Ele pediu ajuda ao Dalai-Lama? Pensei que o Dalai-Lama fosse um líder religioso.

– Sim, o Dalai-Lama era e é um líder religioso, mas a religião e as forças militares tinham laços estreitos no Tibete, principalmente depois de ganhar a atenção da família Khan. Séculos atrás, Gêngis Khan invadiu a região, mas ficou satisfeito com o tributo que o Tibete lhe pagou, então o deixou em paz. Após a morte de Khan, porém, seu neto, Ögedei Khan, cobiçou aquelas riquezas e voltou para tomar posse do país.

Naquele momento Nilima entrou na biblioteca, trazendo-nos água com limão. Ele agradeceu e continuou:

– Trezentos anos depois da invasão, Altan Khan construiu um mosteiro e convidou monges budistas para ensinar o povo. A ideologia budista se disseminou e, no início do século XVII, praticamente todos os mongóis haviam se tornado budistas. Um homem chamado Batu Khan, outro descendente de Gêngis Khan, que estava no comando dos exércitos mongóis, foi enviado pelo Dalai-Lama para ajudar o avô de Ren quando ele pediu ajuda.

Beberiquei minha água com limão.

– E o que aconteceu? Eles venceram?

– Venceram. Os exércitos mongóis unidos aos do rei Tarak puderam derrotar os aproveitadores. Tarak e Batu Khan tinham a mesma idade. Ficaram amigos. Tarak, em gratidão, ofereceu-lhe joias e ouro para levar para o Tibete e Batu Khan ofereceu sua jovem filha para casar-se com o filho de Tarak quando chegasse a hora. O pai de Ren, Rajaram, devia ter uns 10 anos na época e a mãe tinha acabado de nascer.

– Então a mãe de Ren era descendente de Gêngis Khan?

– Não pesquisei a genealogia, mas supõe-se que haja algum parentesco.

Recostei-me na cadeira, admirada.

– Qual era o nome da mãe dele?

– Deschen.

– Como ela era fisicamente?

– Era muito parecida com Ren. Tinha os mesmos olhos azuis, cabelos compridos e pretos. Era muito bonita. Quando chegou a hora de celebrar o casamento, o próprio Batu Kahn levou a filha ao encontro de Tarak e ficou para supervisionar a cerimônia. Rajaram não teve permissão de ver a noiva antes do casamento.

– Eles tiveram um casamento indiano ou budista?

– Creio que foi uma combinação dos dois. Em um casamento indiano típico há uma cerimônia de compromisso, uma festa com presentes de joias ou roupas e então uma cerimônia em que o noivo dá à noiva uma *mangal-sutra*, ou colar de casamento, que ela usa pelo resto da vida. O processo todo dura cerca de uma semana. Em comparação, um casamento budista é uma celebração pessoal, não religiosa. Poucas pessoas são convidadas. Velas e incensos são queimados e oferecem-se flores em um templo. Não há monges, sacerdotes ou votos de casamento. Imagino que Rajaram e Deschen provavelmente tenham seguido os costumes de um casamento indiano e talvez também tenham feito oferendas a Buda.

– Quanto tempo levou para que percebessem que se amavam?

– Essa é uma pergunta que não sou capaz de responder, embora possa lhe dizer que seu amor e seu respeito mútuos eram verdadeiramente únicos. Quando os conheci, estavam muito apaixonados e o rei Rajaram com frequência consultava a mulher sobre questões importantes do Estado, o que era muitíssimo incomum na época. Eles criaram os filhos para terem a mente aberta e serem

receptivos a outras culturas e ideias. Eram pessoas boas e governantes muito sábios. Sinto saudade dos dois. Ren lhe falou sobre eles?

– Ele me contou que o senhor cuidou deles até a morte.

– É verdade. – Os olhos do Sr. Kadam ficaram úmidos e ele fixou o olhar em algo que eu não podia ver. – Amparei Deschen quando o rei Rajaram deixou este mundo e, mais tarde, segurei sua mão quando ela fechou os olhos para sempre. – Ele pigarreou. – Foi quando ela me confiou o cuidado de seus bens mais preciosos, os filhos.

– E o senhor vem fazendo mais por eles do que qualquer mãe poderia pedir. O senhor é um homem verdadeiramente maravilhoso. Um pai para eles. Ren me disse que nunca poderia retribuir tudo que o senhor fez por ele.

O Sr. Kadam mudou de posição, constrangido.

– Isso não vem ao caso. Ele não precisa retribuir o que lhe dei de boa vontade.

– E é exatamente isso que torna o senhor tão especial.

O Sr. Kadam sorriu e se pôs de pé para tornar a encher meu copo, provavelmente a fim de desviar a atenção de si mesmo. Mudei de assunto.

– Os pais de Ren e Kishan chegaram a saber que eles foram transformados em tigres?

– Como a senhorita sabe, eu era o conselheiro militar do rei. Como tal, era encarregado dos exércitos. Quando Ren e Kishan foram amaldiçoados, eles tentaram entrar furtivamente no palácio à noite como tigres. Mas não havia como eles entrarem para ver os pais porque Rajaram e Deschen eram muito bem guardados, e Ren e Kishan teriam sido mortos no ato. Nem mesmo tigres raros como eles poderiam entrar no terreno do palácio. Em vez disso, vieram até mim. Minha casa ficava perto do palácio, de modo que eu pudesse ser convocado a qualquer hora.

– O que o senhor fez quando os viu?

– Eles arranharam minha porta. Pode imaginar minha surpresa quando abri a porta e deparei com um tigre negro e um branco sentados, me fitando. A princípio, saquei a espada. O instinto militar é forte, porém eles não reagiram. Ergui a espada acima da cabeça para golpear, porém os dois ficaram lá calmamente sentados, observando, esperando. Por alguns momentos pensei que estivesse sonhando. Vários minutos se passaram. Abri mais a porta e recuei, mantendo a espada em punho. Eles entraram em minha casa e sentaram-se no

tapete.

A história era fascinante e eu prestava atenção a todos os detalhes. Ele continuou:

– Ficamos nos olhando por horas. Quando fui chamado para comparecer ao treinamento, dei uma desculpa, dizendo ao criado que não estava me sentindo bem. Permaneci sentado na cadeira o dia todo, observando os tigres. Eles pareciam estar à espera de alguma coisa. Quando a noite chegou, preparei uma refeição e ofereci carne aos animais. Ambos comeram e se deitaram para dormir. Fiquei acordado a noite toda, vigiando-os. Eu havia condicionado meu corpo a suportar vários dias sem dormir, assim me mantive vigilante, embora eles dormissem inofensivos como gatinhos.

Bebi um gole da água com limão.

– O que aconteceu então?

– Pouco antes do amanhecer, algo mudou. O tigre branco se mexeu e se transformou no príncipe Dhiren; o negro seguiu-lhe o exemplo e tornou-se Kishan. Ren explicou rapidamente o que havia acontecido com eles e na mesma hora solicitei uma audiência com os pais deles. Expliquei que era imperativo que Rajaram e Deschen me acompanhassem até minha casa, sem os guardas. Foi preciso muito esforço para convencer sua guarda privada e somente a absoluta confiança do rei em mim o levou a atender meu pedido.

O Sr. Kadam fez uma pausa para retomar o fôlego. Mas logo prosseguiu.

– Eu os levei até minha casa. Abri a porta e Deschen soltou um grito quando viu os tigres. Rajaram postou-se diante da mulher para protegê-la. Estava muito aborrecido comigo. Implorei para que entrassem e lhes disse que os tigres não fariam nenhum mal a eles.

– Posso imaginar o susto.

– Depois de finalmente convencê-los a fechar a porta, os dois irmãos ergueram-se na forma humana diante dos pais. Restava-lhes muito pouco tempo, então eles se transformaram em tigres e me permitiram contar sua história. Nós cinco permanecemos o dia todo em deliberação em minha casa. Mensageiros vieram dizer que um vasto exército liderado por Lokesh estava se aproximando, já havia destruído vários vilarejos e se encontrava a caminho do palácio.

– O que vocês decidiram fazer?

– Rajaram queria destruir Lokesh, mas Deschen o conteve, lembrando que Lokesh talvez fosse o único meio de salvar os garotos.

Deram-me uma incumbência especial: partir dali com os tigres. Deschen não suportava a ideia de se separar dos filhos, então foram tomadas providências para que ela seguisse comigo sob o pretexto de que iria visitar sua terra natal. Na realidade, fugimos para uma pequena casa de veraneio perto da cachoeira onde você conheceu Kishan. Apesar dos esforços de Rajaram, ele não conseguiu capturar Lokesh. Os exércitos foram rechaçados por algum tempo, porém Lokesh parecia ganhar força enquanto Rajaram a perdia. Alguns anos se passaram. Sem a mulher e os filhos, Rajaram já não tinha vontade de ser rei. Deschen também havia perdido o ânimo. Parecia não haver esperanças para seus filhos, e seu amado marido estava distante, cuidando do império.

Que história triste, eu pensava, sem querer interrompê-lo.

– Mandei uma carta para Rajaram, relatando que Deschen estava sofrendo. Com relutância, ele deixou o trono e entregou os negócios do reino a um grupo de consultores militares. Ele tinha contado ao povo a falsa história da morte de Ren e Kishan e explicara que a mulher fora para a China em busca de consolo. Disse que precisava se ausentar por um tempo para trazê-la de volta. Mas nunca retornou. Foi ao nosso encontro na selva, levando um pouco de sua riqueza e os objetos mais preciosos, para que os garotos pudessem conservar sua herança.

– Foi quando Deschen morreu? – perguntei.

– Não. Na verdade, Deschen e Rajaram viveram vários anos mais. Reunidos, viviam felizes, aproveitando cada minuto que tinham com os garotos. Logo tornou-se óbvio que Ren e Kishan não estavam envelhecendo. Eu passei a cuidar da família. Era o intermediário entre eles e o mundo lá fora. Os garotos caçavam e nos levavam comida e Deschen cultivava verduras e legumes. Com frequência eu me aventurava até a cidade para comprar mercadorias e ficar a par das notícias.

– É bom saber que eles tiveram esse período de felicidade.

– É, sim. Mas, depois de vários anos, o pai de Ren adoeceu com o que hoje suspeito ter sido uma doença renal. Sabíamos que Lokesh ainda estava lutando contra o exército, mas que o povo Mujulaain continuava resistindo. Grandes lendas estavam sendo contadas sobre a família real. Eles se transformaram em mito. A história que lhe contei quando a conheci no circo é a história como é contada hoje.

Ele bebeu um gole da água e limpou a garganta.

– Ren, por fim, me pediu que usasse seu amuleto. Na época, não

imaginávamos que efeitos teria sobre mim. Sabíamos apenas que era poderoso e importante. Ele temia que, se um caçador o apanhasse, o amuleto estaria perdido para sempre. Talvez fosse uma premonição, pois logo depois ele foi capturado. – Ele parou para ver minha reação. Meus olhos estavam arregalados. – Kishan o rastreou e descobri que ele havia sido vendido para um colecionador em outra parte do país. Retornei abatido. A captura de Ren foi o golpe final para seu pai e ele morreu naquela mesma semana. Deschen entrou em profundo desespero e parou de comer. Apesar dos esforços de Kishan e dos meus, ela também morreu, menos de um mês após o marido.

– Quanta desgraça.

– Kishan ficou inconsolável com a morte da mãe e passou a permanecer mais tempo na floresta. Alguns meses mais tarde, eu lhe disse que já era hora de começar a procurar Ren. Ele me pediu que ficasse com o dinheiro e as joias. Que levasse o que fosse preciso para encontrá-lo. Levei uma parte, deixando os bens mais preciosos da família para que Kishan tomasse conta. E iniciei minha busca.

– Pobre Kishan, sozinho no mundo.

– Como sabe, não consegui resgatar Ren. Estudei tudo o que havia ao meu alcance a respeito de mitos e histórias sobre tigres e amuletos. Ao longo dos anos, investi o dinheiro deles, que se multiplicou. Comecei com o comércio de condimentos e então prossegui, comprando e vendendo empresas até os garotos ficarem ricos. Durante aqueles anos, casei-me e constituí família. Depois que deixei meus entes queridos, segui Ren de localidade em localidade e passei muitas horas fazendo pesquisas. Durante décadas procurei Lokesh e uma forma de quebrar a maldição. Lokesh, após o fracasso de sua conquista do Império Mujulaain, desapareceu misteriosamente e nunca reapareceu, embora eu suspeitasse de que, como eu, ele ainda estivesse vivo. Isso nos leva à senhorita e ao restante da história, que já conhece.

– Então, se Ren e Kishan viveram na floresta com os pais, como podem não ter feito as pazes?

– Eles se toleravam por causa dos pais, mas evitavam assumir a forma humana ao mesmo tempo. Na verdade, eu nunca mais os tinha visto como homens juntos até você surgir. Foi um tremendo avanço conseguir que Kishan voltasse e fizesse parte da família outra vez.

– Bem, Ren não torna as coisas muito fáceis para ele. É estranho. Tenho a impressão de que eles se respeitam e até se amam, mas não conseguem deixar as velhas feridas sararem.

– Graças à senhorita, já percorremos um longo caminho na direção da cura de todos nós. Rajaram teria ficado encantado ao conhecê-la e Deschen teria chorado aos seus pés por devolver a vida a seus filhos. Não duvide nem por um só instante que esteja à altura desta família ou de Ren.

Meu coração destruído bateu com um som oco no peito. Doía pensar nele, mas meus punhos cerraram em determinação.

– Então, por onde começamos? Pesquisa ou esgrima?

– Está pronta para iniciar o treinamento físico?

– Estou.

– Muito bem. Guarde suas coisas e me encontre na academia de ginástica, lá embaixo, daqui a meia hora.

– Farei isso. Ah, Sr. Kadam? É bom estar em casa.

Ele sorriu para mim, piscou e então seguiu para o seu quarto.

Subi a escada e descobri que todas as coisas preciosas que eu havia enviado pelo correio encontravam-se ali, sãs e salvas. Minha caixa de fitas estava no banheiro. Meus livros e diários tinham sido colocados numa prateleira, ao lado de fotos recém-emolduradas de minha família e um vaso de lírios-tigre. A colcha de minha avó descansava ao pé da cama e meu tigre branco de pelúcia aninhava-se entre um monte de almofadas cor de ameixa.

Abri o zíper da bolsa e retirei Fanindra, desculpando-me por deixá-la fora da batalha na floresta. Estaríamos mais bem preparados da próxima vez. Coloquei-a na prateleira nova, sobre uma almofada redonda forrada de seda.

Vesti rapidamente minhas roupas do *wushu* e desci os degraus, indo ao encontro do Sr. Kadam. Kishan ouviu meus passos apressados e desceu atrás de mim. Ele se acomodou num canto da sala, sobre o tatame, pousou a cabeça nas patas e ficou observando, sonolento.

O Sr. Kadam já estava lá. Uma seção da parede estava aberta, exibindo sua coleção de espadas. Ele se aproximou com dois bastões de madeira.

– Estes são chamados *shinai*s e são utilizados na prática do kendo, que é uma forma japonesa de esgrima. Use-os para praticar antes de passar às armas de aço. Segure-o com ambas as mãos. Estenda o braço como se fosse apertar a mão de alguém, então envolva a arma com os três dedos de baixo e deixe o polegar e o indicador livres.

Tentei seguir suas instruções e, antes que eu me desse conta, o Sr. Kadam já passava para o passo seguinte.

– Para avançar, pise com o calcanhar. Para recuar, pise com a ponta do pé. Dessa forma estará sempre pronta e não distribuirá o peso de forma errada.

– Assim?

– Isso. Muito bom, Srta. Kelsey. Agora, o ataque. Quando alguém atacá-la, jogue esta perna para trás, tire o corpo do caminho e erga a espada para se defender, assim. Se alguém vier pelo outro lado, recue desta forma.

Era complicado. Meus braços já estavam doendo e era difícil lembrar os movimentos dos pés.

– Mais tarde passaremos a espadas mais pesadas para fortalecer seus braços e ombros – continuou ele –, mas por ora são nos seus pés que quero me concentrar.

O Sr. Kadam me fez treinar o movimento dos pés por uma hora, o tempo todo me orientando. Eu começava a me mover seguindo um ritmo e cruzava a academia para frente e para trás, simulando ataques, avanços, recuos e movimentos de desvio. Enquanto eu praticava, o Sr. Kadam observava, corrigindo meus movimentos de vez em quando e citando instruções de esgrima, como:

“Saque a espada *antes* de travar combate com o oponente. Leva muito tempo para fazer isso no meio da luta. E certifique-se de que seus pés estejam sempre firmes e equilibrados.”

“Não se estique demais! Mantenha os cotovelos dobrados e próximos ao corpo.”

“Lute para vencer. Procure as fraquezas do adversário e explore cada uma delas. Não tenha medo de usar outras técnicas, se elas ajudarem, como o poder de raio, por exemplo.”

“É melhor sair do caminho que bloquear alguém. O bloqueio mina sua força; sair do caminho consome menos energia.”

“Saiba o comprimento de sua espada e calcule o da arma do oponente. Então, mantenha uma distância na qual ele não possa facilmente alcançá-la.”

“Embora seja bom praticar com espadas grandes e pesadas, as mais leves podem causar o mesmo dano. As grandes cansam você mais rápido numa luta.”

Quando chegamos ao fim, eu estava suada e dolorida. Eu mantivera o *shinai* erguido todo o tempo em que praticara o movimento dos pés. E, embora ele fosse leve, meus ombros estavam queimando.

O Sr. Kadam me encorajou a repetir o trabalho com os pés por uma

hora diariamente e disse que no dia seguinte me ensinaria mais.

Kishan se transformou em homem depois que eu havia descansado o suficiente. Então praticou chutes e golpes de *wushu* comigo por mais duas horas. Quando subi a escada até meu quarto, estava exausta. O jantar tinha sido deixado ali sob uma redoma, mas resolvi tomar uma chuveirada primeiro.

De banho tomado e pronta para ir para cama, ergui a tampa e encontrei frango e legumes grelhados. Havia também um bilhete do Sr. Kadam me convidando para ajudar com a pesquisa na biblioteca na manhã seguinte. Terminei o jantar e andei até o quarto de Ren.

Estava tão diferente da primeira vez em que eu entrara ali... Um tapete espesso cobria o chão. Sobre a cômoda havia livros, inclusive alguns dos exemplares de primeira edição do Dr. Seuss que ele mencionara. Uma edição de *Romeu e Julieta* em híndi estava gasta e com orelhas nas pontas. Em um canto via-se um sofisticado CD player com vários CDs e, na escrivaninha, um notebook e material de escrita.

Encontrei seu presente de dia dos namorados, o exemplar de *O conde de Monte Cristo*, e o enfiei debaixo do braço. Ele devia tê-lo mandado no pacote com meus objetos especiais. Saber que ele o considerava importante me fez sorrir. Uma de minhas fitas de cabelo estava amarrada num pergaminho enrolado. Desfiz o laço e encontrei vários poemas escritos por Ren numa língua que eu não sabia ler. Tornando a enrolar as páginas e refazendo o laço, decidi tentar traduzi-los.

Abri o armário. Na última vez que eu estivera ali ele se encontrava vazio, mas agora estava cheio de roupas de grife. A maioria nunca fora usada. Encontrei um agasalho azul semelhante ao que ele usara na praia. Tinha o seu cheiro – cachoeiras e sândalo. Joguei-o sobre o braço.

Quando voltei ao meu quarto, coloquei o pergaminho em minha mesa e subi na cama. Eu tinha acabado de me acomodar debaixo do cobertor com o tigre branco de pelúcia e o agasalho quando ouvi uma batida na porta.

– Posso entrar, Kelsey? Sou eu, Kishan.

– Claro.

Kishan enfiou a cabeça pela porta.

– Eu só queria dizer boa-noite.

– Tudo bem. Boa noite.

Vendo meu tigre branco, ele se aproximou para inspecioná-lo.

Dirigiu-me um sorriso torto e deu um piparote no nariz do tigre.

– *Ei!* Deixe o bicho em paz.

– Eu me pergunto o que *ele* achou disso.

– Se quer mesmo saber, ficou lisonjeado.

Ele sorriu por um momento e então ficou sério.

– Vamos encontrá-lo, Kells. Eu prometo.

Assenti.

– Bem, boa noite, *bilauta*.

Apoiei-me no cotovelo.

– O que significa isso, Kishan? Você nunca me disse.

– Significa “gatinha”. Achei que, se somos os gatos, você tem que ser a gatinha.

– Ah. Mas não diga mais isso perto de Ren. Ele fica com raiva.

Ele sorriu.

– Por que você acha que eu digo? Até amanhã.

Ele apagou a luz e fechou a porta.

Naquela noite, sonhei com Ren.



De profecias e práticas

Era o mesmo sonho horrível que eu tivera antes. Estava escuro e eu procurava alguma coisa desesperadamente. Entrei num quarto e encontrei Ren amarrado num altar com um homem de túnica ametista debruçado sobre ele. Era Lokesh. Ele ergueu a faca e a cravou no coração de Ren. Saltei sobre Lokesh e tentei tirar-lhe a faca, mas era tarde demais. Ren estava morrendo.

– Kelsey, fuja! – Ren sussurrou para mim. – Saia daqui! Estou fazendo isso por você!

Mas eu não conseguia correr. Não podia fazer nada para salvá-lo. Simplesmente desabei encolhida no chão, sabendo que a vida sem Ren não tinha sentido.

Então o sonho mudou. Também no escuro, ele estava sentado dentro de uma jaula, como tigre. Lacerações ensanguentadas riscavam suas costas.

Eu me ajoelhei.

– Venha, Ren. Vamos tirar você daqui.

Ele se transformou em homem e tocou meu rosto.

– Não, Kelsey. Não posso ir. Se eu fizer isso, ele vai pegar você e eu não deixarei que isso aconteça. Você não pode ficar aqui. Por favor, vá.

E me deu um beijo rápido.

– Vá!

Ele me empurrou para longe e desapareceu.

Andando em círculos, eu o chamei:

– Ren? Ren!

Vi uma figura através da névoa. Era Ren. Ele estava saudável, forte e ileso. Ria enquanto conversava com alguém.

Eu toquei em seu braço.

– Ren?

Ele não me ouviu. Postei-me diante dele e acenei. Ele não podia me ver. Riu e passou o braço pelo ombro de uma linda garota. Agarrei sua gola e o sacudi, mas ele não sentia o meu toque.

– Ren!

Ele se afastou com a garota e me empurrou para o lado, como se eu fosse apenas um obstáculo inútil. Comecei a chorar.

Um pássaro cantando lá fora me acordou. Eu havia dormido profundamente, mas não me sentia descansada. Tinha sonhado a noite toda com Ren, capturado, prisioneiro. E, em todas as situações em que nos encontrávamos, ele sempre me afastava, fosse para me proteger ou para se livrar de mim.

Cinco semanas. Cinco breves e felizes semanas fora tudo que tivemos juntos. Mesmo que eu contasse o tempo em que ele estava lá, mas só me via nos encontros, nosso tempo no Oregon fora de apenas dois meses. Não era suficiente. Não quando se está apaixonada por alguém. Por alguma razão parecia que eu sempre perdia as pessoas que amava. *Como iria viver sem ele?*

E no entanto, ele estava junto a mim. Assim como meus pais. Eu os sentia tão perto que às vezes quase podia tocá-los. O mesmo acontecia com Ren, só que... mais forte. Tantas coisas estranhas haviam acontecido comigo. Eu tinha uma cobra de estimação que também era uma joia; quase fora comida por um macaco-cavalo-marinho-vampiro; tinha um namorado que era um tigre na maior parte do tempo; e aparentemente eu era capaz de disparar raios pela mão.

Eu estava tão arrasada pela captura de Ren que não conseguia nem começar a lidar com meu poder de Thor. *O que mais poderia acontecer comigo?* Eu não queria pensar nisso porque, independentemente do que eu imaginasse, a realidade seria muito pior.

Eu me vesti e desci para ajudar o Sr. Kadam. Ele estava ocupado, trabalhando no computador.

– Bom dia, Srta. Kelsey. Se estiver pronta, tenho alguns mapas que gostaria que verificasse para mim.

– Claro.

Ele abriu um mapa gigante da Índia e deslizou em minha direção um papel com a tradução da segunda profecia de Durga. Uma cabeça com pelo escuro bateu em minha perna e eu me inclinei para lhe fazer um carinho. Estava feliz por Kishan estar ali, mas não pude deixar de

desejar que fosse um tigre branco sentado ao meu lado.

– Bom dia, Kishan. Já tomou o café da manhã? Mais tarde, se o Sr. Kadam tiver todos os ingredientes, vou fazer biscoitos para você.

Ele bufou e se acomodou aos nossos pés. Peguei a profecia e a li.

*Procure suas oferendas antes de tudo
Pois as bênçãos de Durga os esperam outra vez.
Um lugar dos deuses dá início à sua busca
Sob a glacial montanha azul de Noé.
Deixe que o Mestre do Oceano unte seus olhos;
Desdobre os antigos e sagrados pergaminhos.
Ensine a sabedoria completa e aconselhe
Os portões do espírito ele controla.
O paraíso aguarda; mantenha-se firme
E encontre a pedra do umbigo
Que o levará ao coração de todos
Os tronos frondosos da história antiga.
No topo da árvore do mundo está o prêmio aéreo.
Pegue arco e flecha, atire com precisão.
Discos lançados e grandes disfarces
Podem deter aqueles que perseguem.
Quatro casas seu espírito irão testar
De pássaros, morcegos, cabaças e sereias.
E, por último, olhe para o céu,
Pois guardiões de ferro rodeiam seu voo.
O povo da Índia será vestido
E se erguerá, forte, por todo o globo.*

– Humm – ponderei em voz alta. – Bem, as primeiras duas linhas são óbvias. Temos que ir novamente a um templo de Durga. Disso já sabíamos. Dessa vez, vamos levar as oferendas apropriadas.

– Sim. Compilei uma lista dos templos de Durga em toda a Índia, assim como alguns que ficam em países próximos.

– Kishan, lembre-me de usar minha tornozeleira de sino.

O Sr. Kadam assentiu e se debruçou sobre suas anotações. Mordi o lábio e pensei no dia em que Ren me dera a tornozeleira. Ele tinha me implorado que ficasse, mas eu fui embora.

Que desperdício. Podíamos ter passado todos aqueles meses juntos se eu não tivesse sido tão teimosa. Eu daria qualquer coisa para voltar no tempo. Agora Ren tinha sido levado prisioneiro e havia uma boa possibilidade de que eu nunca mais pusesse os olhos nele.

Tentando escapar de meus pensamentos tristes, tornei a me concentrar na profecia de Durga.

– Montanha de Noé? É a cordilheira do Himalaia? Como o senhor chegou a essa conclusão?

– Por causa da Arca de Noé.

– Mas Noé não desembarcou no monte Ararat?

– Você tem boa memória. Isso foi o que pensei a princípio também, mas o monte Ararat fica na Turquia, não na Índia. A localização da arca, no entanto, tem sido motivo de intenso debate.

– Está certo, mas o que o levou ao Himalaia?

– Duas coisas me conduziram a essa hipótese. Primeira: não acredito que o próximo item esteja oculto num lugar muito distante do continente indiano. A profecia menciona que o item ajudaria o povo da Índia, portanto não faria sentido estar tão longe. A segunda razão tem a ver com a história de Noé. A Bíblia não é a única que descreve um grande dilúvio. Na verdade, dezenas de culturas têm histórias de uma grande enchente que cobriu a Terra. Pesquisei e cruzei referências de todos os mitos de dilúvios. Tem Deucalião e Pirra da Grécia, a história do Dilúvio Épico de Gilgamesh, Tapi dos Astecas e assim por diante. Uma semelhança entre todos eles é que, quando as chuvas diminuíram, os povos foram levados para terra seca.

– Ah, eu não sabia.

– Na Índia existe o mito de que Manu salvou a vida de um peixe que, por sua vez, lhe disse que o dilúvio estava chegando. Ele construiu um barco e o peixe o arrastou até as montanhas. Muitos locais foram sugeridos como ponto de desembarque, mas excluí vários deles por não serem uma “glacial montanha azul”. A montanha que faz mais sentido para mim é...

– O monte Everest.

– Exato. Se tomarmos o relato ao pé da letra e presumirmos que a Terra toda estava inundada, a superfície que primeiro apareceria seria

a cordilheira do Himalaia. Como o Himalaia “toca o céu”, poderíamos supor que a segunda busca em que embarcaremos esteja relacionada ao ar. Pássaros e outras criaturas voadoras também estão fortemente presentes na profecia e o objeto que estamos procurando é chamado de “prêmio aéreo”.

– Monte Everest? O senhor não acha que Kishan e eu teríamos que...

– Não, não. Escalar o monte Everest é algo que somente um punhado de pessoas corajosas já realizou. Eu não pensaria em submetê-los a essa tentativa. O que estamos procurando é uma cidade no pé da montanha, uma cidade com um mestre sábio. Tenho esperanças de que você possa fazer uma lista das cidades possíveis e talvez pensar num lugar que ainda não tenha me ocorrido.

– Parece que o senhor já pensou bastante no assunto.

– Pensei. Mas, como você mencionou antes, às vezes um novo par de olhos pode ajudar.

O Sr. Kadam me entregou uma lista de cidades, que analisei uma a uma, verificando-as no mapa. De fato, ele já havia riscado todas as cidades dentro de um raio de várias centenas de quilômetros a partir do Everest. O único local do mapa ainda não riscado era o norte do Everest, onde os nomes estavam escritos em chinês.

– Sr. Kadam? Que cidade é esta? – perguntei, indicando um ponto.

– É Lhasa. Fica no Tibete, não na Índia.

– Bem, talvez o professor more lá, no outro lado do Himalaia, mas o item que estamos procurando ainda esteja escondido na Índia.

O Sr. Kadam imobilizou-se por um instante e então correu para pegar um livro sobre o Tibete.

– Espere só um instante... um lugar dos deuses. – Ele abriu o livro e consultou o índice. Passando as páginas rapidamente, começou a murmurar para si mesmo: – Mestre do Oceano... portões do espírito... isso... isso!

Fechou o livro bruscamente e me agarrou num breve abraço, os olhos faiscando.

– É isso! Você conseguiu, Srta. Kelsey!

– O que foi que eu fiz?

– Lhasa é a cidade “sob a montanha de Noé”! A tradução de seu nome é “cidade dos deuses”!

– E quanto ao mestre que deverá nos mostrar coisas?

– Essa é a melhor parte! O Mestre do Oceano é provavelmente um dos lamas. Possivelmente o próprio Dalai-Lama!

– O quê? Mas Lhasa não fica perto do oceano.

– Ah. Não se trata necessariamente de uma referência literal ao oceano. Pode significar que sua sabedoria é tão profunda quanto o oceano ou talvez que sua influência é tão vasta quanto o mar.

– Muito bem, então vamos para Lhasa e pedimos uma audiência com o Dalai-Lama. – Acaricie o ombro do tigre negro. – Parece moleza, certo, Kishan?

Ele bufou e ergueu a cabeça.

– É, isso pode ser um problema – murmurou o Sr. Kadam.

– O senhor por acaso tem um relacionamento próximo com o atual Dalai-Lama? Do tipo que o avô de Ren tinha?

– Não. E o atual Dalai-Lama não mora no Tibete. Ele está vivendo no exílio, na Índia. A profecia indica claramente que precisamos ir para a cidade “sob a montanha de Noé” e começar nossa busca a partir dali. Diz que o Mestre do Oceano irá untar seus olhos, desenrolar pergaminhos sagrados, passar-lhes sabedoria e possivelmente levá-los ao portão do espírito.

– O que são esses portões?

– Os portões do espírito marcam entradas de templos no Japão. Dizem que são portas entre o mundo secular e o mundo espiritual. Quando as pessoas passam por elas, purificam-se e se preparam para a jornada espiritual que irá acontecer adiante.

– Existem portões do espírito no Tibete?

– Não que eu saiba. Talvez eles tenham um significado diferente na profecia.

– Ok. E quanto a essa pedra do umbigo?

– Ah, essa eu sei o que é. Acredito que isso signifique que vocês estão procurando uma pedra ônfalo. Trata-se de pedras que representam o centro, ou o umbigo, do mundo e várias foram colocadas na região do Mediterrâneo, a mais famosa das quais está abrigada no oráculo de Delfos. Alguns estudiosos sugeriram que vapores gasosos eram direcionados para o alto através da abertura da pedra e, quando um vidente se punha sobre ela e inspirava o gás, ele teria uma visão. Supunha-se que era uma forma de a humanidade se comunicar com os deuses. Diz-se também que, quando uma pessoa segura a pedra, ela pode ver o futuro. Existe uma pedra na Tailândia, uma na Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém e outra é a pedra

fundamental do templo judaico na Cúpula ou Domo da Rocha.

– Qual é a sua aparência?

– Seu formato é semelhante a um ovo de pé com um buraco no alto e desenhos entalhados na parte externa.

– Então encontramos essa pedra ônfalo e a seguramos ou aspiramos seus vapores e ela nos levará a uma árvore do mundo?

– Correto.

– E a árvore?

– A árvore do mundo é outro tema bastante comum em muitas culturas e mitos. Existe uma árvore que realiza desejos e que cuidou das necessidades do povo da Índia chamada Kalpavriksha. Ela floresceu quando as pessoas eram sábias e boas, mas, quando a natureza da humanidade mudou, a árvore tornou-se obscura.

– Humm.

– Em meus estudos sobre o Fruto Dourado, encontrei o registro de uma árvore especial no templo de Kamakshi, no sul da Índia. Trata-se de uma mangueira que produz quatro tipos de mangas, que se acredita representarem os quatro Vedas ou as castas. Na mitologia nórdica, existe a história de uma árvore do mundo chamada Yggdrasil. Na mitologia eslava e na finlandesa, eles escolheram um carvalho para representar a árvore sagrada do mundo. Na cultura hindu, é uma figueira chamada Ashvastha. Pode-se vê-la como a Árvore da Vida. Existem árvores semelhantes mencionadas nas culturas da Coreia, da Mesoamérica, da Mongólia, da Lituânia, da Sibéria, da Hungria, da Grécia...

– Entendi. Então estamos procurando uma árvore especial. Pelo menos sabemos de que tipo?

– Não. Todas as histórias usam exemplos de árvores comuns em suas terras, mas a maior parte dos mitos se refere a uma espécie muito grande, com aves descansando em seus galhos. Essas provas que são mencionadas parecem se encaixar nesse tema.

– Resumindo, não comemos o fruto, certo?

Ele riu.

– Nem todos os mitos incluem frutos, mas você está absolutamente certa. Há uma prova associada à maioria deles. Alguns até mencionam uma serpente gigante em sua base. As folhas ligam a Terra ao céu e supõe-se que as raízes desçam até o submundo.

– Bem, quanto a essas... provas. O senhor acha que vou encontrar alguma coisa apavorante que tentará me devorar, como os *kappa*?

Ele ficou imediatamente sério.

– Espero que não, Srta. Kelsey. Na verdade, estou animado com a palavra paraíso. Torço para que essas provas sejam mais um exercício mental do que físico.

– Certo. Mas vou precisar ficar de olhos abertos para os guardiões de ferro. Pelo que diz aí, temos que ascender ao topo para encontrar o prêmio e passar por quatro provas. O que será que significa “o povo da Índia será vestido”? O senhor acha que isso se refere a roupas?

– Poderia ser um símbolo da realeza, suponho.

– Bem, parece que o senhor desvendou tudo ou pelo menos tudo o que lhe foi possível. O próximo passo deve ser voltar ao templo de Durga. Acha que vai dar certo sem Ren?

– Não custa tentar. Você disse que Ren precisou assumir a forma de tigre antes de Durga aceitar sua oferenda, correto?

– Sim. Ela mencionou especificamente o relacionamento entre mim e Ren.

– Então seria aconselhável ter um tigre em sua companhia. Vamos usar Kishan em vez de Ren, se você estiver disposto, é claro.

O tigre negro bufou em resposta, o que presumimos que significasse “sim”. Olhei para baixo e acariciei-lhe a cabeça.

– Espero que ela goste de pelo preto.

– Enquanto isso, vou dar alguns telefonemas para ver se consigo arranjar uma audiência com alguém no Tibete ou talvez até mesmo com o Dalai-Lama aqui na Índia.

– Acha que isso vai funcionar? Que ele vai concordar em se encontrar conosco?

– Não tenho a menor ideia.

– Mas não seria melhor esperar por Ren? Não deveríamos encontrá-lo antes de sair à procura do próximo item?

– Srta. Kelsey, não creio que Ren acharia melhor esperarmos. Honestamente, não estou tendo sucesso em localizá-lo e minhas esperanças são de que quando vocês descobrirem o segundo item...

– Deparemos com uma visão outra vez.

– Exatamente.

– E que assim possamos descobrir onde Lokesh está, o que nos levaria até Ren.

– Sim. Eu sei que é um tiro no escuro, mas talvez seja nossa única pista.

– Está certo. Eu irei.

Kishan grunhiu e assumiu a forma humana.

– Eu irei com você.

– Não se sinta obrigado a me acompanhar, Kishan.

– É claro que me sinto obrigado – disse ele, contrariado. – Ren me incumbiu de tomar conta de você e é exatamente o que pretendo fazer. Não sou nenhum covarde.

Peguei a mão dele.

– Kishan, eu *nunca* o considereirei um covarde. E obrigada. Vou me sentir muito mais segura com você por perto.

Seu rosto tenso relaxou e ele prosseguiu:

– Ótimo. Agora que isso está acertado, quer treinar por algumas horas?

– É uma boa ideia.

O Sr. Kadam nos dispensou.

– Vamos trabalhar juntos um pouco esta tarde, Srta. Kelsey, talvez depois do almoço.

– Fechado. Até mais tarde.

Encontrei Kishan no *dojo* depois de trocar de roupa. Ele treinou comigo a habilidade de derrubar alguém muito maior que eu. Tive que praticar nele várias vezes e então ele me submeteu a um circuito de alongamento e musculação. Quando finalmente decidiu que nossa sessão estava terminada, me deu um tapinha debaixo do queixo e disse que estava orgulhoso de mim.

Exatamente quando eu me preparava para subir e almoçar com o Sr. Kadam, Kishan se aproximou de mim correndo por trás e me jogou sobre seu ombro. Ele subiu os degraus de dois em dois enquanto eu socava suas costas. Ele ria.

– Se não está preparada para se livrar de seu atacante, terá que sofrer as consequências.

Ele me colocou na cadeira de frente para o Sr. Kadam e pegou alguma coisa para comer.

Eu estava cansada e dolorida.

– Não creio que tenha energia para outra sessão prática de esgrima, Sr. Kadam. Kishan testou meus limites hoje.

– Sem problema, Srta. Kelsey. Podemos praticar outra coisa. Vamos experimentar sua habilidade com os raios.

Fiz uma careta.

- E se foi apenas um acaso? Talvez tenha sido uma coisa isolada.
- Talvez a senhorita sempre tenha possuído esse poder, apenas nunca teve motivo para usá-lo – contrapôs.
- Está bem, vou tentar. Só espero não atingir o senhor por acidente.
- Sim. Tente evitar isso.

Terminamos o almoço e saímos da casa. Eu nunca havia pisado no terreno anexo à propriedade. Degraus levavam até uma área do tamanho de um campo de futebol americano cercada pela selva por todos os lados. O Sr. Kadam havia arrumado fardos de feno com placas de alvo a diferentes distâncias, como os que se veem em torneios de arco e flecha.

– Quero primeiro tentar alvos estáticos e, se tiver sucesso, também gostaria de tentar alvos móveis. Bem, você disse que estava furiosa e que precisava proteger Ren. Que um fogo pareceu começar em sua barriga e se mover até sua mão, correto? Quero que pense nisso e tente recuperar essa sensação.

Fechei os olhos e me imaginei diante de Ren, enquanto ele cambaleava atrás de mim. Deixei as emoções me dominarem novamente e visualizei seus captores se aproximando. Uma centelha negra queimou em minha barriga. Concentrei-me nela e a encorajei a se expandir.

Ela explodiu como uma bolha de lava, subindo, veloz, pelo meu corpo e disparou pela minha mão. Uma luz espessa, branca e pulsante lançou-se da minha palma na direção do primeiro alvo e o acertou. O alvo inteiro explodiu como uma bomba incendiária, deixando apenas fragmentos fumegantes de feno, que se consumiram, flutuando e enchendo o ar de fuligem. Tudo que restou do alvo foi uma marca negra no chão. Minúsculas espirais escuras de fumaça se ergueram, subindo para o céu, e foram lentamente se dissipando.

O Sr. Kadam coçou a barba.

- Uma arma muito eficaz.
- Sim, mas não quero fazer isso com alguém. Não pareceu assim tão destrutiva em pessoas.

– Não vamos nos preocupar com isso por enquanto. Primeiro, vamos trabalhar a distância. Passe para o próximo alvo e depois para o outro.

Explodi os dois alvos em sucessão sem nenhum declínio de intensidade.

– Kishan, você faria a gentileza de dispor mais alvos? Dessa vez, gostaria que ficassem mais distantes e lado a lado.

Kishan se dirigiu para a outra extremidade do campo e o Sr. Kadam explicou:

– Gostaria que você buscasse expandir seu alcance para englobar os três alvos. Tente imaginar algo grande, como um elefante ou dinossauro, e pense que precisa atingir toda a sua extensão.

– Ok, vou tentar.

Concentrei-me nos alvos na outra extremidade do campo enquanto esperava que Kishan saísse do caminho. Estreitando os olhos por causa do sol, disparei um raio e só atingi o alvo da extrema esquerda.

– Está tudo bem. Tente de novo, Srta. Kelsey.

Dessa vez, concentrei-me em sustentar a descarga por mais tempo e movi a mão em um arco, permitindo que o raio atingisse cada um dos alvos.

– Humm, adaptação interessante. Agora sabemos que pode mantê-lo.

Ele girou um dedo no ar, descrevendo um grande círculo, sinalizando a Kishan que dispusesse os alvos novamente.

– Tente outra vez. Mas agora concentre-se em ampliá-lo. Feche os olhos por um instante e visualize um leque. Enquanto o raio deixa sua mão, espalhe-o à sua frente, de modo que a descarga se expanda como as extremidades de um leque.

– Está bem, mas fique atrás de mim.

Ele assentiu e se moveu um pouco para trás. Estendi a mão à frente e deixei o fogo percorrer o meu braço. Imaginei-me segurando o leque e ergui a palma na direção dos alvos. A luz branca e espessa projetou-se mais lentamente dessa vez. À medida que disparava, abri os dedos, como se fosse um leque, impelindo o poder a se expandir. E funcionou... bem demais. Eu não só removera os alvos, como também as árvores de ambos os lados do campo. Kishan teve que se jogar no chão para não ser atingido.

O Sr. Kadam chamou Kishan e me disse:

– Muito bem! Com um pouco mais de prática, acho que a senhorita será capaz de acertar exatamente o que quiser quando precisar. Amanhã vamos praticar intensidade e ver se conseguimos reduzir a força do raio a fim de incapacitar em vez de... hã...

– Exterminar?

Ele riu.

– Sim. É tudo uma questão de controle. Aposto que em breve

conseguirá ter esse domínio, Srta. Kelsey.

– Espero que esteja certo.

– Gostaria que praticasse um pouco mais com Kishan nos próximos dias. Pense apenas em acertar o alvo e ampliar seu alcance. Vou trabalhar com a senhorita amanhã a concentração de seus níveis de poder.

– Certo. Obrigada.

As semanas voaram. Antes de que eu me desse conta, um mês e meio havia se passado. Completei meu período na universidade à distância. Os professores ficaram fascinados com a explicação do Sr. Kadam de que havia encontrado um artefato raro e precisava da minha ajuda para catalogá-lo. Ele lhes prometeu que eu escreveria um ensaio sobre a peça.

Eu mal podia esperar para ouvir sobre o que escreveria. Fiz minhas provas finais, o que me deu algo em que me concentrar que não fosse Ren. O Sr. Kadam também deu uma desculpa junto à universidade por Ren, dizendo que houve uma emergência familiar e que ele precisara retornar à Índia. O reitor pareceu muito compreensivo e disposto a fazer o que pudesse para ajudar.

Depois de concluir os trabalhos da universidade, eu ajudava o Sr. Kadam com as anotações no início da manhã e então treinava com Kishan até a hora do almoço. A tarde era reservada para a prática com armas. Kishan me ensinava a cuidar das armas e quais escolher nos diferentes tipos de batalhas. Também me treinava no combate corpo a corpo e em várias formas de derrubar adversários mais fortes.

No início da noite eu praticava com o Sr. Kadam o meu poder do raio. Agora eu já conseguia controlar a intensidade, de modo que não mais destruía os alvos. Podia abrir um buraco no centro do alvo, como uma seta. Ou podia atingir todos eles ao mesmo tempo e derrubá-los. Era capaz de destruir todos ou apenas o que eu escolhesse.

Isso me dava uma sensação de poder, mas também era muito assustador. Com esse tipo de força eu poderia fazer o papel de heroína ou de vilã, só que, na verdade, eu não queria ser nenhum dos dois. Tudo que eu queria era ajudar Ren e Kishan a quebrar a maldição... e ficar com Ren.

À noite, sozinha, eu lia ou escrevia em meu diário. A casa era

diferente sem Ren. A todo instante eu esperava vê-lo de pé na varanda. Sonhava com ele todas as noites. Ele estava sempre aprisionado, amarrado a uma mesa ou numa gaiola. Todas as vezes que eu tentava soltá-lo ou resgatá-lo, ele me detinha e me mandava embora.

Uma noite acordei de um dos meus pesadelos com Ren e saí da cama. Peguei minha colcha e me dirigi para a varanda. Uma cabeça escura descansava no banco de balanço e, por um instante, meu coração parou de bater. Abri a porta de correr e saí. A cabeça se mexeu.

– Kelsey? O que está fazendo acordada?

Meu pobre coração voltou ao estado de dormência.

– Ah. Oi, Kishan. Tive um pesadelo. O que você está fazendo aqui fora?

– Durmo aqui fora com frequência. Gosto de ficar ao ar livre e é mais fácil ficar de olho em você.

– Acho que estou bastante segura aqui. Duvido que você precise ficar de olho em mim enquanto estivermos aqui.

Ele se moveu e me convidou para me sentar ao lado dele.

– Não vou deixar nada de mau se aproximar de você, Kelsey. É minha culpa o que aconteceu.

– Não é, não. Você não poderia ter impedido.

Ele recostou a cabeça na almofada, fechou os olhos com força e esfregou as têmporas.

– Deveria ter sido mais alerta. Ren pensou que eu estaria menos distraído que ele. A verdade é que eu provavelmente estava *mais* distraído. Teria sido melhor se eu nunca houvesse ido para os Estados Unidos.

Confusa, perguntei:

– Como assim? Por que está dizendo isso?

Ele olhou para mim. Olhos dourados penetraram os meus, como se procurando a resposta a uma pergunta que ele não fizera. Então afastou os olhos bruscamente, grunhiu e murmurou para si mesmo:

– Eu nunca aprendo.

Segurei sua mão.

– Qual é o problema?

Ele me encarou novamente, com relutância.

– Tudo o que aconteceu conosco foi culpa minha. Se eu não

houvesse me aproximado de Yesubai, nada teria mudado. Ela teria sido a princesa de Ren e não haveria morrido. Você não estaria em perigo agora. Meus pais teriam levado vidas normais. Todos à minha volta sofreram porque não pude me controlar.

Pus a outra mão sobre a dele, aninhando-a entre as minhas. Ele virou a dele e agarrou os meus dedos.

– Kishan, você a amava, o que, segundo aprendi, era uma coisa muito rara naquele tempo. O amor nos leva a fazer coisas malucas. Yesubai queria ficar com você apesar de todas as implicações negativas. Aposto que, mesmo que ela soubesse que sua vida seria abreviada, provavelmente faria tudo de novo.

– Não estou certo disso. Tive muito tempo para pensar sobre tudo. Yesubai e eu mal nos conhecíamos. Nossos encontros secretos eram muito breves e eu seria desonesto se dissesse que nunca suspeitei que ela tenha agido como um peão no jogo do pai. Eu não sei se ela me amava de verdade. De certa forma, acho que, se tivesse essa certeza, então tudo teria valido a pena.

– Ela tentou salvar vocês dois, não foi?

Ele assentiu.

– Ela não teria ido contra o pai se não o amasse. Além disso, não vejo como ela poderia ter resistido. Você é tão bonito quanto seu irmão. É doce e encantador quando Ren não está por perto. Se ela não o amava, então era louca.

Como ele não falou nada, continuei.

– Também faz sentido porque, para mim, a única razão por que ela poderia ter recusado Ren era se amasse você. Além disso, minha vida teria sido muito mais triste sem Ren e você. – Apertei seus dedos. – Não é culpa sua que essas coisas tenham acontecido. Lokesh é o responsável, não você. Ele provavelmente teria ido atrás de seus amuletos mesmo que Yesubai não houvesse entrado na vida de vocês.

– Fiz um pacto com o demônio, Kelsey. Quando você faz isso, deve pagar um preço.

– Você tem razão. Quando fazemos escolhas erradas ou tomamos decisões ruins, precisamos sempre enfrentar as consequências. Mas se apaixonar não é uma escolha ruim.

Ele deu uma risada autodepreciativa.

– Para mim, é.

– *Não.* Concordar em agir pelas costas do seu irmão é que foi a escolha ruim, mas, no fim, você escolheu a sua família. Escolheu

proteger e ficar ao lado de Ren e ajudá-lo a escapar.

– Ainda assim, foi um erro. Eu não deveria ter confiado em Lokesh.

Ficamos sentados, balançando em silêncio por um momento.

– Errar é o que nos torna humanos – sussurrei. – É assim que aprendemos. Minha mãe sempre dizia que cometer um erro não é ruim. Ruim é se recusar a aprender com ele a fim de não repeti-lo.

Ele se inclinou para a frente e colocou a cabeça entre as mãos. Falou baixinho, como se zombando de si mesmo.

– Certo. Era de se esperar que eu aprendesse. Para não repetir a história.

– Você está correndo o risco de repetir a história? – provoquei. – Andou batendo papo com Lokesh?

– Eu mataria Lokesh sem hesitar caso nossos caminhos se cruzassem novamente. Mas, se estou correndo o risco de repetir a história? Estou, sim.

– Você não vai trair seu irmão novamente.

– Pelo menos não da maneira que você está pensando.

Suspirei.

– Kishan, não quero que você passe todo o seu tempo livre tomando conta de mim. Você está claramente obcecado pelo passado. Deveria estar aproveitando sua nova vida. Saiu com alguém esses meses em que esteve em casa? Fez aulas fora?

Ele desviou os olhos.

– Não é pelo passado que estou obcecado. – Ele soltou um suspiro. – Estudar não me interessa muito. – Ele se pôs de pé e caminhou até o parapeito da varanda. Debruçou-se e ficou olhando a piscina iluminada lá embaixo. Suavemente, disse: – E parece que as únicas garotas por quem me interesso... sempre pertencem a Ren.

Fitei suas costas, surpresa. Ele se virou e apoiou um lado do quadril no parapeito. Ficou observando minha reação atentamente, a expressão vulnerável e solene.

– Você está falando sério? – gaguejei.

– Sim. Estou falando sério. Sou um cara bastante franco e direto. Não brinco com esse tipo de coisa.

– Mas eu não entendo. No caso de Yesubai, posso compreender, com seus olhos cor de violeta e os longos cabelos negros, mas certamente você...

– Kells, pare por aí. Não estou zombando de você nem fazendo

joguinho. Levei muito tempo para decidir se devia dizer alguma coisa. Olhe, eu sei que você o ama e eu nunca pensaria em tentar tirá-la dele. Pelo menos não quando sei que não tenho absolutamente nenhuma chance. – Ele sorriu, sarcástico. – Não lido muito bem com a rejeição.

Cruzou os braços diante do peito.

– Mas, sim. Se Ren não estivesse com você, eu faria tudo que estivesse a meu alcance para tê-la em minha vida. Para conquistá-la.

Recostei-me no sofá, chocada.

– *Kishan*. Eu...

– Ouça, Kelsey. Você... me acalma. Você conserta o que está destruído e me dá a esperança de que eu posso voltar a ter uma vida. E, a despeito do que possa pensar, você é tão linda quanto Yesubai. Eu sinto... – Ele desviou os olhos, constrangido, e resmungou. – Que tipo de homem eu sou? Como isso pôde acontecer comigo? Duas vezes! Eu mereço. Dessa vez o vencedor é Ren. É justo. Agora fechamos o círculo. – Ele virou-se novamente para mim. – Por favor, me perdoe. Não era minha intenção preocupá-la com isso.

Kishan era diferente quando Ren não estava por perto. Ele deixava sua vulnerabilidade transparecer e não tentava encobri-la com a arrogância e a fanfarronice que sempre exibia para irritar o irmão. Eu sabia que ele estava sendo sincero. Suas palavras me afetaram profundamente. Elas me entristeceram. Eu sabia que ele precisava se curar do passado tanto quanto Ren. Decidi tentar tornar o clima mais leve.

Levantei-me e o abracei. Minha intenção era a de um abraço breve, mas ele me segurou como se eu fosse sua única âncora para a humanidade. Dei tapinhas em suas costas e me afastei. Então peguei sua mão e o puxei de volta até o banco. Adotei a abordagem prática de minha mãe diante de situações difíceis. Ela sempre dizia que a melhor coisa que se pode fazer para oferecer apoio a uma pessoa é ser amigo e sincero.

– Bem, Kishan, só para registrar, se Ren não existisse, eu namoraria você sem pensar duas vezes.

– Olhe, Kells, esqueça o que eu disse, está bem? – pediu Kishan. – De qualquer modo, é inútil.

– Sabe, eu nunca agradeci a você por ter socado Ren e feito com que ele fosse atrás de mim no Oregon. Eu nunca teria reunido coragem suficiente para voltar para ele.

- Não me faça parecer o herói, Kells.
- Mas você *foi* meu herói. Eu talvez nem estivesse com Ren se não fosse por você.
- Não me lembre disso. A verdade é que eu a queria de volta provavelmente tanto quanto ele. Se Ren não fosse, eu teria ido atrás de você para conquistá-la e talvez estivéssemos tendo uma conversa inteiramente diferente agora.

Por um minuto deixei-me imaginar o que teria acontecido se Kishan tivesse ido ao meu encontro no Natal, em vez de Ren. Dei-lhe um soco de leve no braço.

– Não se preocupe. Estou aqui agora. Provavelmente é só da minha comida que você gosta. Faço um biscoito com gotas de chocolate e manteiga de amendoim que é imbatível.

- Certo... comida – eu o ouvi murmurar.
- Podemos ser amigos?
- Eu sempre fui seu amigo.
- Ótimo. Tenho um amigo *e* herói. Boa noite, Kishan.
- Boa noite, *bilauta*.

Da porta, eu me virei.

– E não se preocupe. Seus sentimentos devem ser temporários. Tenho certeza de que quanto mais você me conhecer, mais irritante irei me tornar. Possuo um lado rabugento que você ainda não viu.

Ele se limitou a erguer a sobrancelha, sem dizer nada.

Apesar de minha insistência de que ficaria bem sem que ele tomasse conta de mim, era bom saber que havia um tigre dormindo na varanda. O sono por fim me venceu. Pelo menos naquela noite, não tive mais pesadelos.



O Templo de Vatsala Durga

Mantivemos nossa programação por mais duas semanas. Eu estava ficando mais forte e me sentia confiante de que poderia me sair bem numa luta. Não por causa de minha força física, mas pelo poder do raio. Acabei dominando essa habilidade facilmente. Eu era capaz de arrancar uma erva daninha do outro lado do campo sem danificar a grama ao seu redor.

O Sr. Kadam passava a maior parte do tempo tentando achar Ren. Desde que descobrimos que a cidade que procurávamos era Lhasa, o restante da profecia se encaixou. O Sr. Kadam tinha certeza de que, se começássemos nossa jornada ali, encontraríamos o que buscávamos. Antes de partir, porém, tínhamos que fazer outra visita a um templo de Durga.

Começaram a chegar caixas com diversos itens que usaríamos em nossa viagem. O Sr. Kadam comprara roupas novas para mim. Botas de montanhismo, 12 pares de meias de lã, suéteres de lã, casacos impermeáveis, luvas, camisetas de malha grossa e mangas compridas, botas para neve brancas e com isolamento térmico, calças impermeáveis e térmicas em vários modelos, diversos chapéus e gorros... Tudo isso logo preencheu todo um lado do meu closet.

Depois que chegou o último pacote, que incluía óculos de sol, protetor solar e outros vários artigos de toalete, segui para o andar de baixo.

– Sr. Kadam, parece que o senhor vai me fazer escalar o Everest, afinal. Quantas bolsas está querendo que eu leve?

Ele riu.

– Venha cá, Srta. Kelsey. Tenho algo interessante para lhe mostrar.

– O que é? Um casaco que vai me manter aquecida numa avalanche?

– Não, não. Aqui.

Ele me estendeu um livro.

– É *Horizonte perdido*, de James Hilton. Já leu? – perguntou.

– Não. Nunca ouvi falar.

– Alguma vez escutou o termo *Shangri-lá*?

– Sim. Como o nome daquelas boates de filmes antigos de Hollywood... Acho que existe um cassino em Las Vegas com esse nome.

– Bem, encontrei uma ligação entre este livro e nossa busca. Tem algum tempo agora para conversarmos sobre isso?

– Claro. Só me deixe chamar Kishan.

Quando voltei, instalei-me confortavelmente na cadeira e Kishan se ajeitou no chão à minha frente.

– *Horizonte perdido* é um livro escrito em 1933, que descreve uma sociedade utópica na qual os habitantes vivem por um tempo excepcionalmente longo em perfeita harmonia uns com os outros. A cidade se localizava na cordilheira de Kunlun, que é parte do Himalaia. No entanto, o fato realmente interessante é que James Hilton baseou sua história no antigo mito budista tibetano de Shambhala, cidade mística isolada do restante do mundo e que guarda muitos segredos. No mundo moderno, Shangri-lá passou a significar “um lugar de felicidade, uma utopia, um paraíso”.

– Então vamos procurar Shangri-lá através do portão do espírito?

– Acredito que sim. Esse mito é fascinante. Vocês sabem que este livro se baseia em diversas cidades famosas e suas histórias? Há ligações com o Santo Graal, a Fonte da Juventude, o Eldorado, a Cidade de Enoch e a Hiperbórea dos gregos. Todas essas narrativas se assemelham à história de Shangri-lá. E em todas elas as pessoas procuram algo que vai lhes conceder a imortalidade ou uma terra que abriga uma sociedade perfeita. Até mesmo o Jardim do Éden tem muitos temas equivalentes – a árvore, a serpente, o paraíso, belos jardins. Muitos buscaram esses lugares, mas jamais os encontraram.

– Que maravilha. Quanto mais aprendo, mais difícil parece a tarefa. Talvez fosse melhor não saber tudo isso. Pode ser menos assustador.

– Preferia que eu não tivesse lhe contado?

Suspirei.

– Não, preciso saber. Ter uma referência é sempre útil. Então, ninguém chegou perto de encontrar Shangri-lá?

– Não. Não que as pessoas não tenham tentado. Encontrei uma informação interessante. Parece que Adolf Hitler acreditava que Shangri-lá detinha a chave para a perfeita raça mestra. Ele chegou a enviar um grupo liderado por um homem chamado Ernst Schäfer numa expedição ao Tibete em busca da cidade, em 1938.

– Ainda bem que não encontraram.

O Sr. Kadam me deu *Horizonte perdido* para ler e me avisou que provavelmente partiríamos no fim da semana. Mantivemos nossa rotina normal nos dias seguintes, só que eu estava nervosa. Havia passado por algumas experiências assustadoras da última vez, mas tivera sempre Ren comigo. Metade do tempo eu lutava ao lado dele e, na outra metade, eu o beijava, porém, apesar de toda a confusão emocional, o tempo todo me senti segura. Sabia que ele me protegeria contra os macacos malignos e os *kappa*.

Agora que uma nova aventura se apresentava diante de mim, desejava tão desesperadamente que Ren estivesse comigo que sentia um vazio doloroso. A única coisa que me fazia prosseguir era saber que estava fazendo aquilo por ele. Eu não me permitia pensar que Ren pudesse não sobreviver às próximas semanas. Ele precisava resistir. A vida sem ele não teria sentido.

No entanto, eu ainda iria até o fim por Kishan. Não podia abandoná-lo. Não era do meu feitio. Eu sabia que ele daria o melhor de si para me proteger e me sentia mais confiante em minhas próprias habilidades. Mas não seria a mesma coisa sem Ren.

As horas se passavam sem trazer nenhuma pista para encontrá-lo. Kishan já era melancólico o bastante por si só, portanto eu não conversava com ele sobre o assunto. Era estranho falar de Ren com ele desde que se declarara. E se eu falava com o Sr. Kadam sobre isso, ele se mostrava culpado, mergulhava na pesquisa e parava de dormir sempre que eu mencionava como era difícil ficar sem Ren.

Kishan e eu não tornamos a conversar sobre seus sentimentos em relação a mim. De início, nosso relacionamento ficou um pouco estranho, mas ambos ignoramos o assunto, até que as coisas se tornaram mais naturais. Ele continuou a praticar artes marciais comigo todos os dias.

Descobri que gostava cada vez mais dele. Havia semelhanças indiscutíveis entre os irmãos, no entanto, muitas diferenças também. Por exemplo, Kishan parecia mais cuidadoso do que Ren. Mostrava-se disposto a conversar sobre qualquer assunto, mas era sempre lento nas respostas. Suas opiniões eram sempre criteriosas. Também era severo

consigo mesmo e sentia-se imensamente envergonhado e se recriminava por nossa situação.

No entanto, havia coisas que ele dizia, palavras que escolhia, que me lembravam Ren. Era fácil conversar com Kishan, assim como com o irmão. Até as vozes eram parecidas. Às vezes eu esquecia com quem estava falando e o chamava de Ren. Ele dizia que era um engano compreensível, mas eu sabia que isso o magoava.

A tensão pairou na casa durante toda a semana antes da viagem. Finalmente chegou o dia da partida. Nossas malas foram colocadas no Jeep. Com Kishan sentado no lugar de Ren, partimos. O Sr. Kadam tinha documentos de viagem para todos nós e explicou que atravessaríamos três países diferentes. Espiei dentro de uma bolsa e vi que meu passaporte e meus documentos agora estavam em nome de K. H. Khan e traziam uma fotografia minha mais antiga, da época do ensino médio.

Nosso destino era o Nepal, mais precisamente uma cidade chamada Bhaktapur. Levamos dois dias só para atravessar a Índia e entramos no Nepal pela fronteira Birganj-Raxaul. O Sr. Kadam teve que passar por um longo processo de apresentação de papéis na fronteira e disse que precisávamos mostrar o comprovante do *Carnet de Passage en Douane* – documento alfandegário que nos concedia permissão de entrar temporariamente com nosso veículo no Nepal.

Depois de nos instalarmos num hotel, deixamos Kishan tirando uma soneca enquanto o Sr. Kadam me levou num riquixá para ver a torre do relógio de Birganj.

Quando voltamos ao hotel, Kishan nos acompanhou no jantar num restaurante ali por perto. O Sr. Kadam pediu *chatamari* para mim, um tipo de pizza nepalesa com massa feita com farinha de arroz. Escolhi ingredientes que eu conhecia para a cobertura. Ele pediu *masu*, que era alguma carne ao curry com arroz. Sua escolha foi frango, mas também havia a opção com carneiro ou búfalo, que eu nem sabia que existiam no Nepal. Kishan comeu *pulao* de legumes, prato de arroz frito com cominho e cúrcuma, *masu* de carneiro e *thukpa*, uma sopa com macarrão.

No dia seguinte acordamos cedo para a viagem até Bhaktapur. Quando chegamos, o Sr. Kadam nos instalou no hotel e depois caminhamos até a praça principal. Passamos por um grande mercado que vendia dezenas de artigos de cerâmica. Muitos deles eram pintados com tintas coloridas sobre argila negra, o que parecia ser um material comum.

Outras bancas exibiam máscaras de animais, deuses, deusas e demônios. Legumes, frutas e barracas de comida nos atraíram mais. Compramos o famoso iogurte com mel, chamado *juju dhau*. Feito com leite de búfala, levava também nozes, passas e canela.

Deixamos a área do mercado e chegamos à praça principal, onde não eram permitidos riquixás nem táxis. O Sr. Kadam disse que isso mantinha a praça silenciosa, limpa e tranquila. Enquanto andávamos, ele explicou:

– Esta é a praça de Durbar. Ah, ali está o que procuramos: o Templo de Vatsala Durga.

Dois leões de pedra guardavam a entrada do templo. A construção era em formato de cone, como o Templo de Virupaksha, em Hampi, mas tinha um pátio de tijolos ao redor. Duas grandes pilastras sustentavam um sino gigantesco perto da construção.

– Sr. Kadam, eu não precisava usar minha tornozeleira de sino, afinal. Tem um sino gigante ali em cima.

– Sim. Chama-se Sino de Taleju. É feito de bronze e está apoiado sobre o pedestal do templo. Gostariam de conhecer a história do sino?

– Claro!

– Também é chamado de Sino que Late. Um dos antigos reis que viveram aqui teve um sonho. As histórias variam, mas, nesse sonho, na verdade um pesadelo, criaturas parecidas com cães atacavam as pessoas durante a noite.

– Criaturas parecidas com cães? Tipo lobisomens?

– É bem possível. Em seu sonho, o único jeito de afugentar as criaturas e salvar as pessoas era tocar um sino. O repicar do sino era tão alto e tão forte que as criaturas as deixavam em paz. Quando o rei acordou, imediatamente ordenou que um sino especial fosse feito. Esse foi o poder do seu sonho. O sino foi fabricado e usado para indicar o toque de recolher para os habitantes da cidade. Enquanto a população da cidade obedecesse ao sinal do sino, acreditava-se que estaria a salvo. Muitas pessoas ainda dizem que cães latem e uivam toda vez que o sino toca.

– É uma boa história. – Dei uma cotovelada em Kishan. – Imagino se funciona com tigres-homens.

Kishan segurou meu cotovelo, puxou-me mais para perto e provocou:

– Não aposte nisso. Se um tigre for atrás de você, um sino não conseguiria assustá-lo com facilidade. Os tigres são criaturas *muito*

focadas.

Algo me dizia que ele não estava falando da mesma coisa que eu. Procurei desesperadamente mudar de assunto.

A maioria dos homens andando por ali usava chapéus altos. Perguntei sobre aquilo ao Sr. Kadam e ele se lançou numa longa e detalhada narrativa acerca da história da moda e das vestimentas religiosas.

– Sr. Kadam, o senhor é uma enciclopédia ambulante em qualquer assunto imaginável. É muito útil tê-lo por perto e gosto muito mais de ouvir o senhor do que ouvir qualquer outro professor que já tive.

Ele sorriu.

– Obrigada. Mas, por favor, fique à vontade para me repreender se eu me empolgar num tema específico. É uma de minhas fraquezas.

– Se *algum dia* me entediar – eu disse, com uma risada –, eu aviso.

Kishan sorriu e usou meu comentário como desculpa para passar o braço pelos meus ombros e acariciar minha pele.

– Posso garantir que eu também jamais vou entediá-la – provocou ele.

A sensação era gostosa, gostosa *demais*. Reagi com culpa, contorcendo-me sob seu braço pesado, para me livrar dele.

– Shh! Seu abusado! Nunca lhe ocorreu *consultar* a garota primeiro?

Kishan se inclinou e disse em voz baixa:

– Pode ir se acostumando.

Fechei a cara e tratei de me concentrar em nosso passeio.

Passamos a tarde toda nos familiarizando com a área e fizemos planos de voltar ao templo ao entardecer, no dia seguinte. O Sr. Kadam usara sua influência – ou sua carteira recheada – para conseguir que entrássemos sozinhos depois que o local fechasse.

Veios de cor riscavam o céu, que escurecia ao chegarmos ao templo. O Sr. Kadam nos acompanhou até os degraus na entrada e me deu uma mochila com vários itens para serem usados como oferenda. Ela estava repleta de diferentes objetos relacionados ao ar: diversos tipos de penas de pássaros, um leque, a cauda de uma pipa, um balão com gás hélio, uma flauta de madeira, um avião de plástico movido a elástico, um minúsculo barômetro, um barquinho a vela e um pequeno prisma que transformava a luz em arco-íris. Também incluímos alguns pedaços de frutas para dar sorte.

O Sr. Kadam me entregou Fanindra, que fiz deslizar no meu braço. Ela havia se torcido numa posição de braçadeira, para que eu pudesse usá-la, o que interpretei como um sinal de que queria ir comigo. Kishan e eu subimos os degraus de pedra que levavam ao centro do templo. Passamos entre os elefantes guardiões de pedra e depois pelos leões. A estátua de Durga podia ser vista da rua, numa alcova muito acima de nós. Eu temia que, se ela ganhasse vida como da última vez, alguém passando pelas ruas de pedras pudesse vê-la.

Silenciosamente, Kishan e eu andamos por trás do prédio, contornando o terraço de pedra cercado de pilares, e encontramos a escada circular que levava ao topo do templo. Ele procurou minha mão. Estava escuro e fresco do lado de dentro. As lâmpadas nos postes da praça iluminavam de maneira fantasmagórica o corredor que levava à estátua. Kishan andava a meu lado. Eu gostava muito dele, mas sentia falta da luz e do calor que sempre pareciam emanar de Ren.

Entramos numa sala pequena e nos vimos diante de uma parede de pedra. Eu sabia que a estátua de Durga se encontrava do outro lado, iluminada pelas luzes da rua mais abaixo. Ela estava a cerca de 60 centímetros da parede externa do templo e podíamos ficar de qualquer lado dela e continuar ocultos pelas sombras.

– Da última vez fizemos uma oferenda, tocamos o sino, pedimos sabedoria e orientação e então Ren se transformou em tigre. Foi o que pareceu funcionar.

– É só me dizer o que fazer.

Apresentamos nossas oferendas ligadas ao ar e as depositamos aos pés da estátua antes de voltarmos para as sombras. Ergui o tornozelo, passei os dedos da mão pelos sinos, fazendo-os tilintar, e sorri ao pensar em Ren.

Afastamo-nos da parede e Kishan pegou de novo minha mão. Senti-me grata por sua segurança. Apesar de já ter visto uma estátua de pedra ganhar vida uma vez, eu ainda me sentia nervosa.

– Vou falar primeiro e depois será sua vez.

Ele concordou com a cabeça e apertou minha mão.

– Grande deusa Durga, viemos pedir sua ajuda novamente. Peça sua bênção para irmos em busca do próximo prêmio que vai ajudar os dois príncipes. Receberemos seu auxílio e sua sabedoria?

Voltei-me para Kishan e lhe fiz um sinal com a cabeça.

Ele permaneceu em silêncio por um instante e depois disse:

– Eu... não mereço sua bênção. – Olhou para mim e suspirou, infeliz, antes de continuar. – O que aconteceu foi minha culpa, mas peço-lhe que ajude meu irmão. Zele por sua segurança... por *ela*. Ajude-me a protegê-la nessa viagem e a mantê-la longe dos perigos.

Ele olhou para mim em busca de aprovação. Fiquei na ponta dos pés, beije-i-lhe o rosto e sussurrei:

– Obrigada.

– Por nada.

– Agora, transforme-se em tigre.

Ele assumiu sua forma de tigre, seu pelo escuro quase desaparecendo nas sombras. Um vento forte e gelado varreu o prédio e avançou pelas escadas. Minha camiseta de manga comprida inflou. Mergulhei a mão no pelo da nuca de Kishan e gritei acima do barulho do vento:

– Esta é a parte assustadora!

O vento levantou um turbilhão de pó e areia em torno de nós, enquanto anos de poeira eram levantados de rachaduras e do chão. Apertei os olhos e cobri a boca e o nariz com minha manga. Kishan me empurrou até um canto da sala, abrigando-me das poderosas rajadas de vento perto das janelas abertas do templo.

Eu estava encurralada entre ele e a parede, o que era bom, pois ele tinha que enfiar as garras no chão para se manter de pé. Kishan pressionou seu corpo contra o meu. Eu me ajoelhei e passei os braços ao redor do pescoço de Kishan, escondendo o rosto em seu pelo.

Entalhes antes ocultos por uma cobertura de pó começaram a aparecer. O vento e a areia poliram o chão até parecer mármore. Passei um braço em torno de uma pilastra para me ancorar e o outro ao redor de Kishan.

Algum tempo depois o vento cedeu e eu abri os olhos. A sala adquirira uma aparência drasticamente diferente. Despido de sujeira e anos de pó, o templo resplandecia. A lua nascente derramava sua luz dentro da sala, iluminando-a de tal modo que ela parecia etérea e onírica. Na parede dos fundos, atrás da estátua de Durga, surgira uma familiar marca de mão. Kishan se transformou em homem e ficou de pé atrás de mim.

– E agora, o que acontece? – ele perguntou.

– Venha ver.

Puxei-o, coloquei a mão sobre a marca e deixei que a energia descesse crepitando do meu braço para a parede. Um estrondo sacudiu

a parede, fazendo com que recuássemos. A parede girou 180 graus. Estávamos agora de frente para a estátua de Durga.

Essa versão de Durga era semelhante à outra estátua que eu vira. Seus muitos braços estavam abertos em leque e o tigre jazia a seus pés. Não havia javali dessa vez. Ouvi o doce tilintar de sinos e então uma bela voz disse:

– Saudações, jovem. Suas oferendas foram aceitas.

Todos os itens que depositáramos a seus pés tremeluziram e depois desapareceram. A pedra cor de areia começou a se mover quando os braços de Durga balançaram no ar. Os lábios de pedra ficaram cor de rubi e sorriram para nós. O tigre rosnou e se sacudiu, livrando-se da pedra como pó. A criatura espirrou e sentou-se aos pés da deusa.

Kishan foi cativado pela deusa. Ela tremeu delicadamente e uma brisa suave percorreu o templo e soprou toda a poeira que havia sobre ela, revelando-a como uma joia luminosa enterrada na areia. A pele de Durga era macia, de um cor-de-rosa pálido, não de ouro como na primeira vez que a vi. Ela relaxou os braços e ergueu uma das mãos para tirar sua tiara dourada. Magníficos cabelos negros caíram sobre seus ombros e suas costas.

Com voz metálica, ela disse:

– Kelsey, minha filha, estou tão contente que você tenha tido sucesso na busca do Fruto Dourado.

Ela se virou e olhou para Kishan. Inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha, parecendo confusa.

Levantando um braço delicado e rosado, fez um gesto na direção de Kishan.

– Mas quem é este? Onde está seu tigre, Kelsey?

Corajosamente, Kishan deu um passo à frente e se curvou sobre a mão estendida da deusa.

– Senhora, também sou um tigre.

Ele se transformou em tigre negro e voltou ao normal. Durga riu, um som alegre que ecoou pelas paredes. Kishan sorriu para ela. Ela olhou de volta para mim e notou a cobra enrolada em meu braço.

– Ah, Fanindra, meu bichinho.

Ela gesticulou, convidando-me a me aproximar, então dei alguns passos à frente. A metade superior de Fanindra ganhou vida e ela estendeu o corpo até a mão da deusa. Durga acariciou afetuosamente a cabeça da cobra.

– Ainda há trabalho para você, minha querida. Preciso que fique com Kelsey um pouco mais.

A cobra sibilou de leve e depois relaxou em meu braço, voltando à sua forma inanimada, mas seus olhos verdes brilhavam suavemente como joias enquanto falávamos.

Durga voltou sua atenção para mim.

– Sinto você triste e perturbada, filha. Conte-me a causa de sua dor.

– Ren, o tigre branco, foi feito prisioneiro e não conseguimos encontrá-lo. Esperávamos que a senhora nos ajudasse a localizá-lo.

Ela me dirigiu um sorriso triste.

– Meu poder é... limitado. Posso aconselhá-la sobre como encontrar o próximo objeto, mas tenho pouco tempo para qualquer outra coisa.

Uma lágrima desceu pelo meu rosto.

– Mas, sem ele, encontrar os objetos não teria significado para mim.

Ela estendeu a mão macia até meu rosto e enxugou uma lágrima brilhante. Vi quando esta endureceu e se transformou num diamante cintilante na ponta de seu dedo. Ela o deu a Kishan, que ficou encantado com o presente.

– Você deve ter em mente, Kelsey, que a busca na qual eu a envio não ajuda apenas seus tigres. Também ajuda toda a Índia. É vital que você recupere os objetos sagrados.

Funguei e enxuguei os olhos na manga.

Ela sorriu para mim com doçura.

– Não se aflija, querida. Prometo que zelarei por seu tigre branco e o protegerei do perigo e... oh... eu vejo. – Ela piscou e olhou para a frente, como se visse algo que não víamos. – Sim... o caminho que você tomar agora vai ajudá-la a salvar seu tigre. Guarde bem o objeto e não deixe que ele ou o Fruto Dourado caiam em mãos erradas.

– O que devemos fazer com o Fruto Dourado?

– Por enquanto, ele deverá ajudá-la em sua jornada. Leve-o com você e use-o com sabedoria.

– O que é o prêmio aéreo que procuramos?

– Para responder a essa pergunta, aqui está alguém que eu quero que conheça.

Ela ergueu um dedo e apontou para o fundo da sala às nossas costas. Estalidos ritmados chamaram a nossa atenção.

No canto iluminado pelo luar, uma mulher velha e enrugada estava sentada num banco de madeira. Tufos de seu cabelo grisalho

escapavam de um lenço vermelho desbotado. Ela usava um vestido simples marrom, de tecido rústico, com um avental branco. À sua frente havia um pequeno tear. Observei em silêncio enquanto ela tirava bonitos fios de um grande cesto trançado e os torcia ao redor da lançadeira. Esta puxava os fios para a frente e para trás no tear.

Após um momento, perguntei:

– Vovó, o que a senhora está tecendo?

Ela respondeu numa voz gentil, mas cansada:

– O mundo, minha jovem. Eu teço o mundo.

– Seus fios são lindos. Nunca vi cores como essas.

Ela deu uma risada estridente.

– Uso fios de teia de aranha para deixá-lo leve, asas de fada para fazê-lo cintilar, arco-íris para torná-lo iridescente e nuvens para torná-lo macio. Venha, sinta o tecido.

Segurei a mão de Kishan, puxando-o mais para perto, e então estiquei meus dedos para tocar o material. Ele vibrou e estalou.

– É poderoso!

– Sim, há um grande poder aqui, mas preciso ensiná-la duas coisas sobre a arte da tecelagem.

– E o que é, vovó?

– Estes fios longos e verticais são chamados de urdidura e os coloridos e horizontais são chamados de trama. Os fios da urdidura são grossos, fortes e normalmente simples, mas, sem eles, a trama não tem onde se agarrar. Seus tigres se agarram em você; precisam de você. Sem você, eles seriam levados pelos ventos do mundo.

Assenti com a cabeça, mostrando que entendera.

– O que mais a senhora precisa me ensinar?

Ela se inclinou para mais perto de mim e sussurrou com ar conspiratório:

– Tecer com maestria produz tecidos excepcionais e eu teci fios poderosos nesta peça. Um bom tecido deve ser versátil. Atender a muitos propósitos. Este aqui pode recolher, criar e proteger. Guarde-o bem.

– Muito obrigada, vovó.

– Mais uma coisa. Você deve aprender a dar um passo para trás e visualizar a peça como um todo. Se focaliza apenas o fio que lhe é dado, perde de vista o que ele pode vir a ser. Durga tem a capacidade de ver a peça do início ao fim. Confie nela.

Assenti com a cabeça e ela continuou:

– Não se deixe abater quando o fio não servir ou parecer feio. Espere e observe. Seja paciente e dedicada. À medida que os fios forem se torcendo e virando, vai começar a entender e verá o padrão por fim se materializar em todo o seu esplendor.

Soltei a mão de Kishan para poder me aproximar da velha mulher. Beijei-lhe a face suave e enrugada e lhe agradei mais uma vez. Seus olhos brilharam e a lançadeira voltou a se movimentar. Os estalidos ritmados continuaram quando ela lentamente foi desaparecendo de vista. Logo ouvíamos apenas os sons do tear e depois mais nada.

Viramo-nos para Durga, que afagava a cabeça de seu tigre e sorria para nós.

– Vai confiar que cuidarei de seu tigre, Kelsey?

– Sim, vou.

Durga deu um sorriso radiante.

– Fabuloso! Agora, antes de me despedir de você, vou lhe conceder outro presente.

Ela começou a girar as armas em seus braços e deteve-se no arco e flecha. Levantou o arco e Kishan deu um passo à frente.

– Paciência, meu tigre de ébano. Tenho um presente para você também, mas este... é para minha filha.

Ela me entregou um arco dourado de tamanho médio com uma aljava de flechas de ponta dourada.

Fiz uma medida.

– Muito obrigada, Deusa.

Ela voltou-se para Kishan e sorriu.

– Agora vou escolher algo para você.

Ele fez uma profunda reverência e sorriu sedutoramente para ela.

– Aceitarei com alegria *qualquer coisa* que me oferecer, minha linda deusa.

Revirei os olhos.

Ela balançou a cabeça ligeiramente em reconhecimento e não pude ter certeza, mas pensei ver uma covinha onde ela contraiu a boca num breve sorriso.

Olhei para Kishan, que estava sorrindo como um bobo, enfeitado por Durga. *Ele era lindo. Zeus não tinha romances com mortais? Hum, tenho que perguntar ao Sr. Kadam sobre isso quando voltarmos.*

Durga entregou a Kishan um disco dourado e ele pareceu

encantado. Teve até mesmo a ousadia de dar um beijo afetuoso nas costas de sua mão. *Tem alguém aí mestre em passar dos limites?* Não fiquei com ciúme, mas chocada por ele agir daquela maneira com uma deusa.

Os dois se olhavam, então pigarreei.

– *Arrã.* Então, existe algo mais de que precisamos saber antes de partir? Estávamos pensando em Lhasa e no Himalaia. Procurar a Arca de Noé e Shangri-lá.

Durga piscou e voltou ao assunto. Sua voz metálica ecoou.

– Sim... – Sua voz começou a sumir e seus braços retornaram à posição anterior. – Cuidado com as quatro casas. Elas irão testá-la. Use o que aprendeu. Quando conseguir o objeto, ele vai ajudá-la a fugir e a encontrar quem você ama. Use-o para...

A deusa congelou. Sua pele macia enrijeceu-se, transformando-se em pedra.

– Droga! Tenho que fazer as perguntas a ela *primeiro* da próxima vez!

O vento varreu a sala, a estátua começou a se mover e logo estava novamente voltada para a rua.

– Alô? Terra chamando Kishan.

Ele ficou parado olhando até Durga desaparecer de vista.

– Ela é... excepcional!

Dei risada.

– É. Qual é o seu problema com mulheres inalcançáveis?

A luz se apagou dos seus olhos e ele visivelmente murchou. Fez uma careta.

– Tem razão, Kelsey. – Ele riu de si mesmo, com sarcasmo. – Talvez eu encontre um grupo de apoio.

Ri, mas em seguida fiquei triste.

– Desculpe, Kishan. Dizer isso não foi muito legal da minha parte.

Com um sorriso triste, ele estendeu a mão.

– Não se preocupe, Kells. Ainda tenho você. Lembre-se, você é minha urdidura e eu sou sua trama.

– Claro, claro. Vamos lá, *tigre de ébano* – provoquei. – Vamos encontrar o Sr. Kadam.

Ele sorriu.

– Você primeiro, meu encanto.

Revirei os olhos de novo e comecei a descer os degraus.

– Não flertou o bastante com a deusa? Pode ir parando. Isso não funciona comigo.

Ele riu e me seguiu escada abaixo.

– Então vou continuar tentando até encontrar algo que funcione.

– Não conte com isso, Casanova.

– Quem é Casanova?

– Deixe para lá.

A lua havia desaparecido por trás das nuvens e as paredes e o chão do templo estavam cobertos com a mesma fuligem e o mesmo pó de quando entramos. Kishan pegou de novo minha mão e saímos juntos para a noite escura.



A Estrada da Amizade

Encontramos o Sr. Kadam do lado de fora do templo. Quando perguntamos se tinha notado a estátua se movendo, ele respondeu que não. Tampouco sentira o vento. Eu lhe disse que ele deveria ir conosco da próxima vez. Ele sempre assumia a posição de vigia e afirmou que achava que Durga só apareceria para mim e os tigres e que sua presença poderia nos desviar de nossa trajetória.

– Evidentemente, se o senhor fosse conosco, cairia sob o encanto de Durga, como aconteceu com Kishan – provoquei. – E então eu teria que tirar os *dois* de sua letargia amorosa.

Kishan fez cara feia para mim, enquanto o rosto do Sr. Kadam se iluminou, encantado.

– Então a deusa é bonita?

– É *normal* – respondi.

Kishan começou a tagarelar.

– Sua beleza supera a de todas as outras mulheres. Os lábios de rubi, os braços macios e os longos cabelos negros bastariam para fazer qualquer homem perder o controle de suas faculdades.

– Ah, *por favor!* – desdenhei. – Que exagero! *Ren* nunca reagiu assim.

Kishan me encarou.

– Talvez *Ren* tivesse um *motivo* para olhar para outro lado.

O Sr. Kadam riu.

– Gostaria muito de conhecê-la, se fosse possível.

– Não custa nada tentar. O pior que pode acontecer é não acontecer nada. Nesse caso, o senhor iria embora e nós tentaríamos de novo.

Quando chegamos ao hotel, mostramos ao Sr. Kadam nossas novas armas. Kishan continuava falando que *a deusa isso e a deusa aquilo*,

girando seu disco na luz para que o ouro cintilante refletisse nas paredes do quarto do hotel. Escutei por algum tempo e ouvi o Sr. Kadam explicar que o disco representava o sol, que era a fonte de toda vida, e que o círculo simbolizava o ciclo de vida, morte e renascimento. Então me desliguei, para não ouvir mais os constantes elogios de Kishan a Durga e suas feições adoráveis e femininas, o que me dava náuseas.

Encostei-me no batente da porta que ligava os quartos dos dois, revirei os olhos e, durante um intervalo no tributo de Kishan a Durga, ironizei:

– Você vai gritar como Xena quando lançar o disco? Não! Melhor que isso! Vamos comprar uma saia de couro para você.

Os olhos dourados de Kishan se voltaram para mim.

– Espero que suas flechas sejam tão afiadas quanto sua língua, Kelsey.

Ele veio na minha direção. Não me movi, bloqueando-lhe a passagem, mas ele simplesmente me segurou e me colocou de lado. Deixando as mãos em meus braços por um instante, ele se inclinou e sussurrou:

– *Talvez* você esteja com ciúme, *bilauta*.

Então fechou a porta de ligação entre os quartos, deixando-me sozinha com o Sr. Kadam.

Perturbada, joguei-me numa cadeira e resmunguei:

– Eu *não* estou com ciúme.

O Sr. Kadam me olhou, pensativo.

– Não, não está. Pelo menos não da maneira que ele poderia esperar.

Eu me endireitei na cadeira.

– O que o senhor quer dizer?

– A senhorita o protege.

Resfoleguei.

– De quê? De suas próprias ilusões?

Ele riu.

– Não. É evidente que a senhorita se importa com ele. Quer que ele encontre a felicidade. E, como Ren não está aqui, todo o seu instinto maternal está focado em Kishan.

– Não acho que o que sinto por Ren seja maternal.

– Bem, é em parte, pelo menos. Lembra-se do que a tecelã lhe disse

sobre os diferentes fios?

– Sim. Ela disse que sou a urdidura.

– Exatamente. Os fios de Ren e Kishan se entrelaçam ao seu redor. Sem sua força, o tecido não ficaria completo.

– Hum.

– Srta. Kelsey, sabe algo a respeito de leões?

– Muito pouco.

– O leão não caça sozinho. Sem a leoa, ele morreria.

– Não sei se estou entendendo.

– Estou dizendo que, sem a leoa, o leão morre. Kishan precisa da senhorita. Talvez ainda mais do que Ren.

– Mas eu não posso ser tudo para os dois.

– Não estou pedindo que seja. Só estou dizendo que Kishan precisa de... esperança. Algo a que se agarrar.

– Posso ser amiga dele. Até posso *caçar* para ele. Mas amo Ren. Não vou desistir dele.

O Sr. Kadam bateu de leve na minha mão.

– Uma pessoa amiga, alguém que se importe com ele, que o ame e que não o deixe desistir de si mesmo, é disso que Kishan precisa.

– Mas não foi isso que o senhor fez por ele durante todos esses anos?

– Ah, sim. Claro. Mas um rapaz precisa de uma moça que acredite nele. Não de um velho rabugento.

Levantei e o abracei.

– Velho e rabugento são duas palavras que eu nunca usaria para descrevê-lo. Boa noite.

– Boa noite, Srta. Kelsey. Partiremos bem cedo amanhã, portanto descanse bem.

Naquela noite sonhei com os dois irmãos. Eles estavam diante de mim e Lokesh me ordenava que escolhesse qual deles viveria e qual morreria. Ren sorriu, triste, e acenou com a cabeça na direção de Kishan. O rosto de Kishan se contraiu e ele desviou o olhar de mim, sabendo que eu não o escolheria. Eu ainda ponderava minha escolha quando a ligação do serviço de despertador do hotel me acordou com um susto.

Arrumei minhas coisas e encontrei o Sr. Kadam e Kishan no saguão. Dirigimos em silêncio por cerca de 20 quilômetros até Katmandu, a

maior cidade e capital do Nepal. Kishan e eu permanecemos no Jeep enquanto o Sr. Kadam entrou num prédio para pegar os últimos documentos de que precisávamos para a viagem pelo Himalaia.

– Kishan, eu queria pedir desculpas por ter agido como uma idiota ontem. Se você quer se apaixonar por uma deusa, vá em frente.

Ele bufou.

– Não estou me apaixonando por uma deusa, Kells. Não se preocupe comigo.

– Bem, ainda assim. Fui insensível.

Ele deu de ombros.

– As mulheres não gostam de ouvir os homens falarem sobre outras mulheres. Foi rude da minha parte agir daquele jeito. Confesso que só elogiei tanto a beleza dela para irritar *você*.

Eu me virei no banco.

– O quê? Por que você faria isso?

– *Quer*ia que você sentisse ciúme e, quando não sentiu, isso... me aborreceu.

– Ah, Kishan, você sabe que eu ainda...

– Eu sei. Eu sei. Não precisa me lembrar disso. Você ainda ama Ren.

– Amo. Mas isso não significa que não me importe com você. Sou *sua* urdidura também, lembra?

Seu rosto se iluminou.

– É verdade.

– Que bom. Não se esqueça disso. Vamos todos ter um final feliz, está bem?

Estendi minha mão para ele, que a segurou entre as dele e sorriu.

– Promete?

Retribuí o sorriso.

– Prometo.

– Vou cobrar. Talvez eu devesse registrar isso por escrito. Eu, *Kelsey*, prometo a *Kishan* que ele terá o final feliz que procura. Devo definir os termos para você agora?

– Ah, não. Prefiro deixar meio vago por enquanto.

– Tudo bem. Enquanto isso vou criar uma lista mental do que constitui um final feliz e depois informo a você.

– Faça isso.

Ele beijou meus dedos com atrevimento, segurando-os com força

enquanto eu tentava livrar minha mão.

– Kishan!

Ele riu quando finalmente me soltou e então se transformou em tigre antes que eu pudesse repreendê-lo.

– Covarde – murmurei, virando-me para a frente no banco.

Eu o ouvi rosar baixinho, mas o ignorei.

Durante os minutos seguintes quebrei a cabeça tentando encontrar um final feliz para Kishan. Àquela altura, meu próprio final feliz não estava garantido. O melhor que pude encontrar foi a realização das quatro tarefas, para que os irmãos não precisassem mais ser tigres. Esperava que, ao concluí-las, os finais felizes viessem por si mesmos.

O Sr. Kadam voltou e disse:

– Recebemos permissão para fazer o percurso da Estrada da Amizade até o Tibete. Isso foi praticamente um milagre.

– Uau! Como o senhor conseguiu?

– Um alto funcionário do governo chinês me deve um favor. Ainda assim, temos que respeitar as paradas turísticas e nos apresentar em todos os postos ao longo do caminho para que eles possam ficar de olho em nós. Partimos imediatamente. Nossa primeira parada é em Neyalam, que fica a cerca de 150 quilômetros daqui. Devemos levar umas cinco horas para chegar à fronteira da China com o Nepal.

– Cinco horas? Espere aí: 150 quilômetros? Isso dá aproximadamente 30 quilômetros por hora. Por que demora tanto?

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

– Vai ver.

Ele me entregou o guia de viagem, o mapa e alguns folhetos para que eu pudesse acompanhar e ajudá-lo no percurso. Eu pensava que as montanhas Rochosas fossem imensas, mas, comparar o Himalaia às Rochosas era como comparar as Rochosas aos montes Apalaches, literalmente montanhas a montinhos de terra. Os picos estavam cobertos de neve, embora estivéssemos no início de maio.

Geleiras rochosas elevavam-se diante de nós e o Sr. Kadam me disse que a paisagem se transforma em tundra e depois em gelo permanente e neve um pouco mais acima. As árvores eram pequenas e esparsas. A maior parte do solo era coberta por gramíneas, arbustos anões e musgo. Ele disse que havia algumas florestas de coníferas em outras partes do Himalaia, mas passaríamos principalmente por pradarias.

Quando ele disse “Vai ver”, não estava brincando. Estávamos

subindo as montanhas a cerca de 15 quilômetros por hora. A estrada não se encontrava exatamente em boas condições e sacolejávamos e desviávamos de buracos e às vezes de rebanhos de iaques e ovelhas.

Para passar o tempo perguntei ao Sr. Kadam sobre a primeira empresa que ele adquiriu.

– Foi a Companhia de Comércio da Índia Oriental. A empresa foi fundada antes de eu nascer, no início do século XVII, mas se tornou um negócio muito grande em meados do século XVIII.

– Que tipo de coisas o senhor comercializava?

– Ah, uma porção delas. Tecidos... seda, principalmente... chá, índigo, especiarias, salitre e ópio.

– Sr. Kadam! O senhor era traficante de drogas? – brinquei.

Ele fez uma careta.

– Não na atual definição do termo. Lembre-se de que na época o ópio era considerado um produto medicinal. E no início eu de fato transportava a droga. Eu possuía diversos barcos e organizava grandes caravanas. Quando a China proibiu o comércio do ópio, desencadeando as Guerras do Ópio, parei de transportá-lo e concentrei a maior parte dos negócios no comércio de especiarias.

– Ah, então é por isso que o senhor gosta tanto de moer os condimentos que usa?

Ele sorriu.

– Sim, ainda gosto de procurar os produtos de melhor qualidade e usá-los quando cozinho.

– Então o senhor sempre esteve no negócio de cargas.

– Acho que sim. Nunca pensei nisso dessa maneira.

– Tenho duas perguntas. O senhor ainda tem barcos? Sei que conserva um avião daquela empresa, mas ficou também com algum barco? Seria interessante. A segunda pergunta é: o que é salitre?

– O salitre também é conhecido como nitrato de potássio. Era usado para fabricar pólvora e também é, ironicamente, um conservante de alimentos. E, em resposta à sua outra pergunta, os meninos têm um barco, mas não um dos meus barcos de transporte originais.

– Que tipo de barco?

– Um pequeno iate.

– Ah, eu deveria ter adivinhado.

Paramos perto da fronteira entre China e Nepal, numa cidade chamada Zhangmu, onde tivemos que preencher formulários

novamente. Então, após um dia inteiro dirigindo e percorrendo apenas um total de 155 quilômetros, chegamos a Neyalam e nos hospedamos numa pequena pousada para pernoitar.

No dia seguinte subimos ainda mais. Um dos folhetos dizia que, ao fim do dia, estaríamos acima dos 4 mil metros. Nessa parte da viagem, vimos seis das mais importantes montanhas do Himalaia, incluindo o monte Everest, e paramos para admirar a visão magnífica do monte Xixapangma.

No terceiro dia comecei a me sentir um pouco enjoada e o Sr. Kadam disse que podia ser efeito da altitude. Ele explicou que isso era comum quando se viajava acima dos 3.500 metros.

– Deve passar. A maioria das pessoas melhora em algumas horas, mas para outras pode demorar vários dias até o organismo se acostumar com a alta altitude.

Suspirei e inclinei meu assento para trás, a fim de descansar a cabeça, pois me sentia tonta. O restante do dia passou num borrão. Fiquei decepcionada por não poder apreciar o cenário. Seguimos até Xigatse, onde o Sr. Kadam e Kishan visitaram o mosteiro de Tashilumpo enquanto eu permanecia no pequeno hotel em que nos hospedamos.

Quando eles voltaram trazendo meu jantar, virei para o outro lado e fiz sinal para que fossem embora. O Sr. Kadam foi, mas Kishan ficou.

– Não gosto de vê-la doente, Kells. O que posso fazer?

– Acho que nada.

Ele me deixou sozinha por um minuto, mas logo voltou, pressionando um pano úmido em minha testa.

– Olhe, trouxe um pouco de água com limão. O Sr. Kadam disse que ajuda a hidratar.

Kishan me obrigou a beber o copo inteiro e depois me serviu outro da garrafa de água que eles haviam comprado. Só me deixou parar depois do terceiro copo.

– Como está sentindo agora?

– Melhor, obrigada. Mas minha cabeça ainda está latejando. Tem aspirina?

Kishan encontrou um pequeno frasco. Engoli dois comprimidos, sentei-me e coloquei os cotovelos sobre os joelhos, massageando as têmporas com os dedos.

Ele me observou em silêncio por um instante e depois disse:

– Deixe-me ajudar.

Kishan me empurrou um pouco para a frente a fim de se posicionar atrás de mim. Pôs as mãos quentes nas laterais da minha cabeça e começou a massagear minhas têmporas. Depois de alguns minutos, passou para o couro cabeludo e para a nuca, eliminando com a massagem a rigidez resultante de três dias sentada imóvel num carro.

Quando ele chegou aos ombros, perguntei:

– Onde você e Ren aprenderam a fazer massagem? Os dois são muito bons nisso.

Ele se deteve por um momento e depois lentamente recomeçou, enquanto falava.

– Eu não sabia que Ren tinha feito massagem em você. Nossa mãe nos ensinou. Ela recebeu treinamento especializado.

– Ah. Bem, é maravilhoso. Suas mãos são tão quentes... Minha dor de cabeça quase desapareceu.

– Ótimo. Deite-se e relaxe. Vou massagear agora os braços e os pés.

– Não precisa. Estou melhor agora.

– Relaxe. Feche os olhos e deixe sua mente vagar. Nossa mãe nos ensinou que a massagem pode levar embora as dores do corpo e do espírito.

Ele começou a trabalhar no braço esquerdo e passou um bom tempo na mão.

– Kishan, como foi ser um tigre por todos esses anos?

Ele ficou em silêncio durante um bom tempo. Abri um dos olhos e o fitei. Ele tinha os olhos fixos no espaço entre meu polegar e o indicador. Seus olhos dourados piscaram e ele olhou para o meu rosto.

– Pare de espiar, Kells. Estou pensando.

Obediente, tornei a fechar os olhos e esperei pacientemente por sua resposta.

– É como se o tigre e o homem estivessem sempre lutando um contra o outro. Depois que meus pais morreram, Ren foi capturado e o Sr. Kadam partiu à sua procura. Não havia motivo nenhum para ser humano. Deixei o tigre assumir o controle. Foi quase como se eu o estivesse observando à distância. Sentia-me completamente alienado do meu ambiente. O animal dominava e eu não me importava.

Ele passou para os pés. No início senti cócegas, mas depois soltei um profundo suspiro enquanto ele massageava meus dedos.

– Você deve ter se sentido tão solitário...

– Eu corria, caçava... e fazia tudo por instinto. Até hoje fico surpreso por não ter perdido completamente minha natureza humana.

– Uma vez Ren me disse que estar longe de mim, estar sozinho, fazia com que se sentisse mais como um animal que como um homem.

– É verdade. O tigre é forte e acho extremamente difícil manter um equilíbrio, especialmente quando se é tigre a maior parte do dia.

– Hoje é diferente?

– É.

– Como?

– Estou recuperando minha natureza humana aos poucos. Ser tigre é fácil; ser homem é que é difícil. Preciso interagir com pessoas, aprender sobre o mundo e encontrar um modo de lidar com o passado.

– De certo modo, Ren teve mais sorte que você, embora você fosse livre.

Ele inclinou a cabeça e passou para meu outro pé.

– Por que você acha isso?

– Porque ele estava sempre com pessoas. Ele nunca se sentiu só como você. Quero dizer, ele foi aprisionado, foi ferido, teve que trabalhar no circo, mas ainda era uma parte da vida humana. Ainda teve a oportunidade de aprender, embora de maneira limitada.

Ele riu com ironia.

– Você se esquece, Kelsey, de que eu poderia ter posto fim à minha solidão a qualquer momento e escolhi não fazê-lo. Ele era prisioneiro, mas eu estava preso numa armadilha que eu mesmo preparei.

– Não entendo como pôde fazer isso consigo mesmo. Você tem tanto a oferecer ao mundo.

Ele suspirou.

– Eu mereci ser punido.

– Você não mereceu ser punido. Precisa parar de pensar assim. Quero que diga a si mesmo que é um homem bom e que merece ser feliz.

Ele sorriu.

– Tudo bem. Sou um homem bom e mereço ser feliz. Satisfeita?

– Por enquanto.

– Se isso a deixa feliz, vou tentar mudar minha postura.

– Muito obrigada.

– De nada.

Ele passou para o meu outro braço e começou a massagear a palma da mão.

– E o que mudou para você? Conseguir de volta seis horas como homem fez diferença suficiente para você desejar viver de novo?

– Não.

– Não?

– O que mudou minha perspectiva foi conhecer uma linda garota junto de uma cachoeira que disse que sabia quem eu era e o que eu era.

– Ah.

– Foi ela quem me resgatou da minha pele de tigre e me trouxe de volta à superfície. E, não importa o que aconteça... quero que ela saiba que serei eternamente grato por isso.

Ele levantou minha mão e beijou a palma. Sorriu de modo encantador e colocou meu braço de volta na cama.

Olhei em seus olhos dourados e sinceros e abri a boca para explicar novamente que eu amava Ren. Sua expressão mudou. Ele assumiu um ar de determinação e disse:

– *Shh*. Não fale. Sem palavras de protesto esta noite. Eu lhe prometo, Kelsey, que vou fazer tudo que puder para reunir vocês dois e tentar ser feliz por você, mas isso não significa que será fácil deixar de lado meus sentimentos.

– Tudo bem.

– Boa noite, Kells.

Ele me deu um beijo na testa, apagou a luz, saiu e fechou silenciosamente a porta de ligação entre os quartos.

No dia seguinte eu me sentia melhor, contente por ter me recuperado do enjoo. Paramos em Gyantse, que ficava a apenas duas horas de distância, mas, como estava no trajeto turístico, esperava-se que os turistas passassem o dia lá, então tivemos que fazê-lo também. O Sr. Kadam disse que já estivera ali antes, que aquela costumava ser uma cidade importante na rota de comércio de especiarias. Paramos para ver o *stupa* Kumbum, onde funcionava uma escola de budismo tibetano, e no almoço saboreamos pratos da culinária de Sichuan num restaurante local. A cidade era bonita e foi gostoso sair do carro e caminhar um pouco.

Passamos aquela noite em outro hotel, mas Kishan permaneceu a

maior parte do tempo como tigre, enquanto o Sr. Kadam tentava me ensinar a jogar xadrez. Eu não conseguia absorver as regras do jogo. Depois que ele me derrotou pela terceira vez num piscar de olhos, eu disse:

– Desculpe, acho que não sou boa em planejar minhas jogadas pensando adiante. Um dia desses vou ensiná-lo a jogar Colonizadores de Catan.

Sorrindo, pensei em Li, em seus amigos e em Vó Zhi. Perguntei-me se Li teria tentado entrar em contato comigo. O Sr. Kadam desligara todos os nossos telefones e havia comprado celulares com números novos assim que chegamos à Índia. Disse que era mais seguro não contatar ninguém no Oregon.

A cada duas semanas, aproximadamente, eu escrevia para meus pais adotivos e lhes dizia que estávamos num lugar onde não havia sinal de telefone celular. O Sr. Kadam enviava as cartas de locais distantes, de modo que não havia como identificar de onde vinham. Nunca lhes dei um endereço para resposta, dizendo-lhes que estávamos sempre em trânsito.

Eles usavam uma caixa postal para responder às minhas cartas e Nilima pegava a correspondência e lia para mim ao telefone. O Sr. Kadam dizia o que seria adequado eu incluir nas cartas. Também tinha algumas pessoas vigiando discretamente minha família adotiva. Eles haviam retornado das férias no Havaí, bronzeados e com lindas lembranças, e encontraram a casa intacta. Felizmente, parecia que Lokesh não os achara.

No quinto dia de viagem na Estrada da Amizade, paramos para ver o lago Yamdrok. Seu apelido era lago turquesa, por razões óbvias. Ele cintilava como uma joia brilhante contra o pano de fundo das montanhas de picos cobertos de neve que o alimentavam.

O Sr. Kadam contou que o local era considerado sagrado pelo povo tibetano, que frequentemente fazia peregrinações ao lago. Eles acreditavam que aquele era o lar de divindades protetoras que cuidavam do lago e asseguravam que ele não secasse. Se secasse, significaria o fim do Tibete.

Kishan e eu esperamos enquanto o Sr. Kadam conversava animadamente com alguns pescadores locais que pareciam estar tentando lhe vender o produto do trabalho do dia.

Quando voltamos para o carro, perguntei:

– Sr. Kadam, quantas línguas exatamente o senhor fala?

– Hum... Não tenho certeza. Conheço as principais necessárias para o comércio com a Europa: espanhol, francês, português, inglês e alemão. Posso me comunicar bem na maior parte dos idiomas da Ásia. Sou um pouco fraco nas línguas da Rússia e nas escandinavas, não sei nada das línguas africanas e só conheço cerca de metade dos idiomas falados na Índia.

– Metade? – perguntei, confusa. – Quantas línguas existem na Índia?

– Literalmente centenas, modernas e clássicas. Embora apenas cerca de 30 sejam oficialmente reconhecidas pelo governo indiano.

Eu o olhava, espantada.

– Claro que só tenho um conhecimento superficial da maioria delas. Muitas são dialetos locais que aprendi ao longo dos anos. O idioma mais falado é o hindí.

Atravessamos mais dois desfiladeiros e finalmente começamos a descida em direção ao planalto tibetano. O Sr. Kadam falava para manter minha mente ocupada durante a descida pela montanha, pois eu estava me sentindo um pouco enjoada.

– O planalto tibetano é chamado às vezes de Teto do Mundo, por causa de sua imensa altitude. Tem, em média, 4.500 metros. É o terceiro local menos povoado no mundo, sendo o primeiro a Antártica e o norte da Groenlândia, o segundo. Abriga diversos lagos grandes de água salobra.

Suspirei e fechei os olhos, mas não ajudou.

Tentei me concentrar em outra coisa e perguntei:

– Sr. Kadam, o que é água salobra?

– A salinidade em massas de água vai de doce a salgada, passando por salobra. Um lago salobro como, por exemplo, o mar Cáspio, fica num ponto entre água salgada e água doce. Em geral, a água salobra é encontrada em estuários onde um mar de água salgada encontra um rio ou uma corrente de água doce.

Kishan rosnou baixinho e o Sr. Kadam interrompeu a aula.

– Veja, Srta. Kelsey. Estamos quase lá.

Ele estava certo e, após alguns minutos numa estrada normal, plana, apenas um pouco esburacada, me senti muito melhor. Viajamos por mais umas duas horas até a cidade de Lhasa.



Yin-yang

O Sr. Kadam conseguira marcar uma reunião com uma autoridade do gabinete tibetano do Dalai-Lama, pois um encontro pessoal era impossível. O Sr. Kadam tentou manter o motivo da visita vago para não revelar a funcionários mais detalhes do que o necessário. Não era o ideal, mas teria que bastar. Conseguimos um horário na segunda-feira, o que nos dava três dias de espera.

Para passar o tempo, o Sr. Kadam nos levou num passeio relâmpago pelo Tibete. Vimos o mosteiro de Rongphu, o Palácio de Potala, o Templo Jokhang, os mosteiros de Sera e Drepung e também fizemos compras no mercado de Barkhor.

Gostei de visitar as atrações turísticas e de estar com Kishan e o Sr. Kadam, no entanto, por dentro, a tristeza ainda me dominava. A dor melancólica da solidão me invadia no fim do dia. Ainda sonhava com Ren todas as noites. Embora confiasse que Durga cumpriria sua promessa e cuidaria dele por mim, queria poder eu mesma estar com ele.

No sábado o Sr. Kadam nos levou para fora dos limites da cidade a fim de treinarmos com as novas armas. Ele começou com Kishan e o disco. O disco era pesado demais para o Sr. Kadam, assim como fora a *gada*, mas parecia leve para Kishan e para mim.

Quando o Sr. Kadam voltou sua atenção para mim, eu estava pronta. Ele me ensinou primeiro como encordoar o arco.

– A força que você usa para esticar a corda é o que determina o poder do arco.

Ele tentou tensionar meu arco, mas descobriu que não conseguia. Kishan o fez com facilidade. O Sr. Kadam olhou para o arco por um minuto e pediu a Kishan que me ensinasse.

– Por que as flechas são tão pequenas? – perguntei.

– O comprimento das flechas é determinado pelo tamanho do arqueiro – respondeu Kishan. – É o comprimento da puxada e o seu é bem pequeno. Portanto, estas flechas devem lhe servir perfeitamente. O comprimento do arco também é determinado por sua altura. Um arqueiro não pode ter um arco que seja difícil de manejar.

Concordei com a cabeça.

Kishan continuou sua explicação das várias partes do arco, inclusive o encaixe da corda, o descanso de flecha – onde ela fica apoiada e é puxada para trás – e a corda. Por fim, chegou a hora de experimentá-lo.

– Assuma a posição de tiro colocando seu pé não dominante cerca de 13 a 25 centímetros à frente – disse Kishan. – Mantenha as pernas afastadas na direção dos ombros.

Segui suas instruções. Embora fosse mais difícil para mim do que para Kishan, consegui dar conta do recado.

– Muito bem. Encaixe sua flecha e apoie-a no seu polegar com a pena apontando para fora. Segure a corda com seus três primeiros dedos e passe a flecha entre os dedos indicador e médio. Agora trave o braço do arco e olhe para o alvo. Puxe até que seu dedo polegar toque sua orelha e a ponta do seu dedo toque o canto da boca. Solte a flecha.

Ele demonstrou o processo inteiro algumas vezes e acertou duas flechas numa árvore distante. Imitei seus movimentos. Quando cheguei à parte da puxada, minha mão tremeu um pouco. Ele se posicionou atrás de mim e guiou minha mão quando puxei a corda.

Quando eu estava na posição certa, ele disse:

– Ok, você está pronta. Agora mire e dispare.

Eu soltei e senti um estalo quando o arco disparou minha flecha com um som vibrante. A flecha mergulhou na terra macia ao pé da árvore.

O Sr. Kadam exclamou:

– Muito bom! Uma primeira tentativa maravilhosa, Srta. Kelsey!

Kishan me fez repetir muitas vezes. Rapidamente desenvolvi habilidade suficiente para atingir o tronco da árvore, como Kishan, embora não exatamente no centro. O Sr. Kadam mostrou-se espantado com meu progresso, que atribuiu ao meu treinamento com o poder do raio. Ele logo notou que as flechas nunca acabavam e que em algum momento desapareciam do alvo.

Kishan estava treinando com seu disco novamente quando fiz um

intervalo. Bebi um pouco de água enquanto o observava.

Apontando-o com um gesto da cabeça, perguntei ao Sr. Kadam:

– Como ele está se saindo com esse disco?

O Sr. Kadam riu.

– Tecnicamente, Srta. Kelsey, não é um disco. O disco é usado nas Olimpíadas. O que Kishan está segurando é chamado de *chakram*. Tem a forma de um disco, mas, se olhar com cuidado, a borda externa é afiada como uma navalha. É uma arma de arremesso. Na verdade é a arma predileta do deus indiano Vishnu. É muito valiosa quando usada por alguém com habilidade e Kishan, felizmente, foi treinado para usá-la, embora não pratique há muito tempo.

A arma de Kishan era feita de ouro com diamantes incrustados no metal, semelhante à *gada*. Tinha uma alça de couro curvada, como um símbolo yin-yang. A borda metálica tinha cerca de cinco centímetros de largura e era afiada. Fiquei olhando-o praticar e ele jamais pegava na borda da lâmina. Ele agarrava o disco pela alça ou na parte interna do círculo.

– Eles normalmente voltam assim? Como um bumerangue?

– Não, Srta. Kelsey. – O Sr. Kadam alisou a barba, pensativo. – Observe. Está vendo? Mesmo que ele mire uma árvore, o disco abre um bom corte denteado no tronco e depois gira de volta para Kishan. Nunca vi isso antes. Em geral, pode ser manejando como uma espada numa luta corporal ou pode ser arremessado à distância para neutralizar um inimigo, mas permanece cravado no alvo até ser retirado.

– Parece que reduz a velocidade quando se aproxima dele.

Observamos mais alguns arremessos.

– Sim, creio que esteja correta. Ele desacelera na chegada para que Kishan o apanhe com mais facilidade. Uma arma e tanto.

Mais tarde naquela noite, quando voltamos ao hotel, Kishan colocou um jogo de tabuleiro sobre a mesa após o jantar. Eu ri.

– Vamos jogar ludo?

Kishan sorriu.

– Não exatamente. Este aqui se chama Pachisi, mas se joga da mesma forma.

Tiramos as peças e montamos o tabuleiro. Quando viu o jogo, o Sr. Kadam bateu palmas e seus olhos piscaram com um brilho

competitivo.

– Ah, Kishan, meu jogo favorito. Lembra-se de quando jogávamos com seus pais?

– Como poderia me esquecer? Você derrotou meu pai, que suportou bem, mas, quando derrotou minha mãe no último lance de dados, achei que ela iria mandar decapitá-lo.

O Sr. Kadam alisou a barba.

– Realmente. Ela ficou bastante contrariada.

– Quer dizer que vocês jogavam isso naqueles tempos?

Kishan riu.

– Não assim. Jogamos a versão ao vivo. Em vez de peões, usávamos gente. Construímos um tabuleiro gigante e montamos uma base a que todos tinham que chegar. Era divertido. Os jogadores usavam nossas cores. Papai preferia azul e mamãe, verde. Acho que você foi vermelho naquele dia, Kadam, e eu, amarelo.

– E Ren, onde estava?

Kishan pegou uma peça e a girou, pensativo.

– Estava fora, numa viagem diplomática, e Kadam o substituiu.

O Sr. Kadam pigarreou.

– Isso mesmo. Se vocês não se importam, gostaria de ser vermelho de novo, pois essa cor me deu sorte da última vez que joguei.

Kishan girou o tabuleiro para que o vermelho ficasse de frente para o Sr. Kadam. Escolhi o amarelo e Kishan, o azul. Jogamos por uma hora. Nunca tinha visto Kishan tão animado. Parecia um garotinho, sem as preocupações do mundo sobre seus ombros. Podia facilmente visualizar aquele homem sério, bonito e orgulhoso como o menino feliz e despreocupado que cresceu para ficar à sombra do irmão mais velho, amando-o e admirando-o, mas ao mesmo tempo sentindo que de algum modo era menos importante, que de algum modo merecia menos. Ao fim do jogo, Kishan e eu tínhamos deixado o Sr. Kadam na poeira. Só restava um peão para cada um de nós e o meu estava mais perto da base.

No último lance, Kishan podia ter me eliminado para vencer o jogo. Ele olhou para o tabuleiro por um momento, estudando-o cuidadosamente.

Os dedos do Sr. Kadam tamborilavam no lábio superior, curvado num sorrisinho. Os olhos dourados de Kishan encontraram os meus rapidamente antes de ele apanhar seu peão e saltar sobre o meu,

passando para uma zona de segurança.

– Kishan, o que está fazendo? Você poderia ter me eliminado e vencido o jogo. Não viu isso?

Ele se recostou na cadeira e deu de ombros.

– Acho que me passou despercebido. Sua vez, Kelsey.

– Impossível ter deixado passar isso – murmurei. – Então, azar o seu. – Tirei 12 nos dados e segui direto até a base. – Ah! Derrotei os dois grandes jogadores da versão viva!

O Sr. Kadam riu.

– Muito bem, Srta. Kelsey. Boa noite.

– Boa noite, Sr. Kadam.

Kishan me ajudou a guardar o jogo.

– Vamos lá, confesse – eu disse. – Por que entregou o jogo? Você não é bom de blefe, sabia? Pude ler sua expressão. Você viu que podia acabar comigo e deliberadamente me deixou passar. O que aconteceu com aquela história de fazer o que fosse preciso para ganhar?

– Ainda faço o que for preciso para ganhar. Talvez, ao perder o jogo, eu tenha ganhado algo melhor.

Eu ri.

– Ah, é? O que acha que ganhou?

Ele afastou o jogo para o lado da mesa e estendeu a mão para segurar a minha.

– O que ganhei foi ver você feliz, como *costumava ser*. Quero ver seu sorriso voltar. Você sorri e dá risada, mas isso não chega aos seus olhos. Não a vi feliz *de verdade* nesses últimos meses.

Apertei a mão dele.

– É difícil. Mas, se Kishan, o amante das competições, está disposto a entregar o jogo, então, por você, vou tentar.

– Ótimo.

Relutante, ele soltou minha mão e se levantou para se alongar.

Guardei o jogo na prateleira e disse:

– Kishan, continuo a ter pesadelos com Ren. Acho que Lokesh o está torturando.

– Também tenho sonhado com ele. Sonhei que me implorava para protegê-la. – Ele sorriu. – Também me avisou para me comportar.

– É a cara dele dizer isso. Acha que é um sonho ou uma visão?

Ele balançou a cabeça.

– Não sei.

Pressionei as mãos sobre o jogo.

– Todas as vezes que tento salvá-lo ou ajudá-lo a fugir, ele me afasta como se fosse eu quem estivesse em perigo. Parece real, mas como podemos saber?

Kishan passou os braços ao meu redor e me abraçou por trás.

– Não tenho certeza, mas sinto que ele ainda está vivo.

– Sinto o mesmo. – Ele se virou para sair. – Kishan?

– Sim?

Sorri.

– Obrigada por me deixar vencer. *E por se comportar... quase sempre.*

– Ah, mas não se esqueça: esta é só uma batalha. A guerra está longe de terminar e você vai descobrir que sou um adversário impiedoso. Em *qualquer* arena.

– Tudo bem – propus. – Então teremos uma revanche. Amanhã.

Ele se curvou ligeiramente.

– Mal posso esperar pelo desafio, *bilauta*. Boa noite.

– Boa noite, Kishan.

No dia seguinte, no café da manhã, pedi que o Sr. Kadam me falasse sobre Dalai-Lama, budismo, carma e reencarnação. Kishan escutou em silêncio, enroscando-se a meus pés na forma de tigre negro.

– Olhe, Srta. Kelsey, carma é a crença de que tudo o que você faz, tudo o que você diz, toda escolha sua, afeta seu presente ou seu futuro. Aqueles que acreditam em reencarnação vivem com a esperança de que, se fizerem boas escolhas e sacrifícios na vida hoje, terão um futuro mais feliz ou uma posição melhor na próxima vida. Já o darma diz respeito a manter a ordem no Universo e seguir as regras que governam toda a humanidade nos hábitos civis e religiosos.

– Então, se seguir seu darma, você terá um bom carma?

O Sr. Kadam riu.

– Suponho que essa seja uma afirmativa correta. *Moksha* é o estado do nirvana. Depois que se passa pelas provas que o mundo mortal oferece e se ascende a um estado de consciência mais elevada, atinge-se a iluminação ou *moksha*. Para essa pessoa, não há renascimento. Ela se torna um ser espiritual e as coisas mundanas e transitórias não têm mais importância. As paixões da carne perdem o sentido. A pessoa se

funde ao eterno.

– O senhor é uma espécie de ser eterno *agora*. Já experimentou *moksha*? Acha que é possível atingi-lo enquanto se está vivo?

– É uma pergunta interessante. – Ele se recostou na cadeira e refletiu por um instante. – Apesar de meus muitos anos neste planeta, não, eu não experimentei a iluminação espiritual total. No entanto, tampouco a busquei. Meu relacionamento com o divino talvez seja uma busca que ainda preciso empreender. Não é, porém, a que eu desejo abraçar neste momento. Em vez disso, que tal um passeio até o mercado?

Concordei com a cabeça, ansiosa para ver algo novo e me concentrar na busca mais imediata a meu alcance. O mercado estava cheio de produtos interessantes. Passamos por bancas vendendo estátuas de Buda, incensos, joias, roupas, livros, cartões-postais e *malas* – semelhantes em propósito aos rosários católicos. Outros itens interessantes que vimos à venda foram tigelas e sinos cantantes, utilizados para produzir sons que ajudavam a concentrar as energias e empregados também em certas cerimônias religiosas e durante a meditação. Vi bandeiras de oração e *thangkas* tecidas ou pintadas. O Sr. Kadam disse que os estandartes ensinavam mitos, mostravam importantes eventos históricos ou descreviam a vida de Buda.

Na hora marcada, Kishan, o Sr. Kadam e eu fomos encaminhados ao gabinete do Dalai-Lama. O fato de termos chegado tão longe era uma prova dos recursos do Sr. Kadam, pois, em geral, apenas dignitários eram recebidos em seu gabinete. Encontramos um homem austero, usando terno, que indicou que faria uma triagem inicial e que, se nosso caso demonstrasse urgência suficiente, ele nos recomendaria a um gabinete superior.

Ele nos convidou a sentar e fiquei contente por deixar o Sr. Kadam enfrentar a entrevista. O homem fez diversas perguntas sobre nosso propósito. O Sr. Kadam novamente respondeu de modo vago, dando a entender que as respostas às perguntas dele não se destinavam aos ouvidos de qualquer um. O homem ficou intrigado e o pressionou, querendo respostas. Mas o Sr. Kadam disse que as informações que precisávamos compartilhar deveriam ser ouvidas somente pelo Mestre do Oceano.

Diante dessas palavras, notei uma ligeira mudança no olhar do homem. A entrevista terminou e fomos conduzidos a outra sala, onde fomos recebidos por uma mulher, que prosseguiu na mesma linha de

interrogatório. O Sr. Kadam repetiu as respostas anteriores, educadamente, sem dar muitas informações.

– Somos peregrinos que solicitam uma audiência sobre um assunto de grande importância para o povo indiano.

Ela deslizou a mão pelo ar.

– Explique, por favor. O que exatamente é de grande importância?

Ele sorriu e se inclinou para a frente.

– Estamos numa busca que nos trouxe ao grande país do Tibete. Somente dentro destas fronteiras podemos encontrar o que procuramos.

– Vocês estão atrás de riquezas? Não vão encontrar nenhuma aqui. Somos um povo humilde e nada temos de valor.

– Dinheiro? Tesouros? Nosso objetivo não é esse. Viemos em busca do conhecimento que apenas o Mestre do Oceano detém.

Novamente, quando o Sr. Kadam mencionou o Mestre do Oceano, nossa interlocutora fez uma pausa abrupta. Levantou-se e nos pediu que aguardássemos. Meia hora depois fomos guiados até um santuário. As acomodações eram mais humildes do que nas duas salas anteriores. Sentamo-nos em cadeiras de madeira antigas e bambas. Um monge de ar reservado e nariz pontudo, vestido com uma túnica vermelha, entrou. Olhou-nos com superioridade por um longo momento e depois se sentou.

– Pelo que entendi, vocês desejam falar com o Mestre do Oceano.

O Sr. Kadam inclinou a cabeça numa confirmação silenciosa.

– Vocês não informaram seus motivos aos outros. Revelariam a mim?

– As palavras que eu lhe diria seriam as mesmas que disse aos outros – respondeu o Sr. Kadam.

O monge assentiu bruscamente.

– Entendo. Então, lamento, mas o Mestre do Oceano não tem tempo para recebê-los, especialmente por terem sido tão reticentes em relação ao seu objetivo. Se o assunto que desejam discutir for considerado importante o suficiente, sua mensagem será transmitida.

– Mas é muito importante que falemos com ele – eu me manifestei.
– Revelaríamos nossas intenções, mas é uma questão de confiar nas pessoas certas.

Pensativo, o monge olhou para cada um de nós.

– Talvez respondam a uma última pergunta.

O Sr. Kadam assentiu.

O monge tirou um medalhão que usava ao redor do pescoço, entregou-o ao Sr. Kadam e disse:

– O que vê?

O Sr. Kadam respondeu:

– Vejo um desenho semelhante em natureza ao símbolo yin-yang. O yin, ou lado escuro, representa a mulher e o yang, o lado claro, representa o homem. Os dois lados estão em perfeito equilíbrio e harmonia um com o outro.

O monge assentiu como se esperasse essa resposta e estendeu a mão. Sua expressão nada revelava. Eu sabia que ele ia nos mandar embora.

Apressei-me em intervir.

– Podemos ver o medalhão?

Sua mão deteve-se no ar antes de entregar o medalhão a Kishan.

Kishan virou o medalhão, frente e verso, por um momento e sussurrou:

– Vejo dois tigres, um negro e outro branco, um perseguindo a cauda do outro.

O monge apertou as mãos contra a mesa quando peguei o medalhão e balancei a cabeça com interesse. Olhei rapidamente para o Sr. Kadam e depois para o monge, que agora se inclinava para a frente, esperando que eu falasse.

O medalhão era semelhante ao símbolo yin-yang, mas uma linha dividia o objeto ao meio. O contorno do branco e do preto podia ser identificado como gatos, então entendi facilmente por que Kishan dissera que eram tigres, cada um com um ponto estrategicamente posicionado, como se fosse um olho. As caudas se enroscavam no centro e se retorciam, juntas, em torno da linha divisória.

Olhei para o monge.

– Vejo parte de uma *thangka*. Um fio longo e central, que é uma fêmea, serve como urdidura, e os tigres branco e negro são machos e se enrolam nela. Eles são a trama que completa o tecido.

O monge se inclinou um pouco mais.

– E como essa *thangka* é tecida?

– Com uma lançadeira divina.

– O que a *thangka* representa?

– A *thangka* é o mundo inteiro. O tecido é a história do mundo.

Ele se recostou na cadeira e passou a mão por sua calva. Devolvi-lhe

o medalhão. Ele o apanhou, olhou-o atentamente por um momento e o pendurou no pescoço. Em seguida, se levantou.

– Vocês me dão licença por um instante?

O Sr. Kadam assentiu.

– Claro.

Não esperamos muito. A jovem que nos entrevistara mais cedo pediu que a acompanhássemos. Assim fizemos e fomos acomodados em quartos confortáveis. Nossas malas foram arrumadas no hotel e trazidas para nós.

Jantamos juntos, cedo, e depois o Sr. Kadam e Kishan se retiraram para seus quartos. Não tendo nada melhor para fazer, fui para o meu também. Os monges me trouxeram chá de flor de laranjeira. Foi um sonífero eficaz, porque logo peguei no sono, mas novamente tive sonhos agitados com Ren. Neles, Ren começava a se desesperar.

Dessa vez ele se mostrou ainda mais protetor em relação a mim, exigindo que eu o deixasse imediatamente. Dizia que Lokesh estava se aproximando e que precisava que eu estivesse o mais distante dele possível. O sonho parecia tão real que acordei chorando. Não havia nada que eu pudesse fazer... Tentei me consolar com a promessa de Durga de cuidar dele.

Na manhã seguinte, Kishan se juntou a mim no bufê do café da manhã. Eu já estava no fim da fila, servindo-me de iogurte, quando o Sr. Kadam entrou, parou atrás de mim e perguntou se eu havia dormido bem.

Menti, dizendo que sim, mas ele estudou minhas olheiras e bateu de leve na minha mão, compreensivo. Sentindo-me culpada, afastei-me do escrutínio do Sr. Kadam e esperei que o monge à minha frente terminasse de colocar frutas em seu prato.

A mão do monge tremeu quando ele levantou uma fatia pequena e escorregadia de manga da tigela. Deixou-a cair no prato e começou o lento processo de pegar outra. Sem olhar para nós, o velho monge disse:

– Fui informado de que vocês desejam conversar comigo.

Imediatamente, o Sr. Kadam uniu as mãos, curvou-se e disse:

– Namastê, mestre.

Minha mão parou no ar, ainda segurando a colher de iogurte, e vagorosamente me virei para fitar o rosto sorridente do Mestre do Oceano.



O Mestre do Oceano

O velho monge sorriu para mim, enquanto eu o olhava boquiaberta. Felizmente o Sr. Kadam veio em meu socorro e, com delicadeza, me guiou até uma das mesas.

Kishan já estava comendo, sem se incomodar se eu tinha passado vergonha. *Era de se esperar. Os tigres só pensam em duas coisas: comida e garotas. Em geral, nessa ordem.*

O Sr. Kadam pousou minha tigela sobre a mesa e puxou uma cadeira para mim. Sentei-me e mexi meu iogurte, enquanto observava disfarçadamente o velho enrugado. Ele cantarolava baixinho, continuando a encher o prato item a item. Quando terminou, sentou-se à minha frente, sorriu e se pôs a comer ovos mexidos.

O Sr. Kadam comeu em silêncio. Kishan voltou ao bufê e tornou a encher o prato. Mantive-me em silêncio e tomei meu suco. Estava nervosa demais para comer e não sabia se era adequado falar ou fazer perguntas, então apenas imitei o Sr. Kadam.

Muito tempo depois de nós três terminarmos o café da manhã, ainda observávamos o Mestre do Oceano comer, levando à boca lentamente uma pequena porção de cada vez e mastigando de forma metódica. Quando por fim terminou, limpou a boca e disse:

– Sabem, minhas lembranças prediletas de minha mãe são de vê-la enrolando os fios para tecer, de ajudá-la a cuidar das ovelhas e a mexer o mingau do café da manhã. Sempre me lembro dela quando faço essa refeição.

O Sr. Kadam assentiu, prudentemente. O Mestre do Oceano olhou para mim e sorriu.

Torcendo para que não houvesse problema em falar, perguntei:

– Então o senhor cresceu numa fazenda? Pensei que os Lamas

nascessem para ser Lamas.

Ele voltou a cabeça em minha direção e respondeu alegremente:

– Sim é a resposta a ambas as perguntas. Meus pais eram fazendeiros pobres que cultivavam alimentos para o próprio sustento e vendiam o pouco que sobrava no mercado. Minha mãe era uma tecelã que fazia lindos tecidos. Meus pais me deram o nome de Jigme Karpo. Na época não sabiam quem eu era. Tive que ser encontrado.

– Encontrado por quem?

– O regente está sempre procurando reencarnações de Lamas. Normalmente ele tem uma visão que lhe mostra onde encontrar a nova encarnação de certa pessoa e manda um grupo de busca. No meu caso, sabiam que deviam procurar um sítio localizado numa colina com uma roseira alta crescendo ao lado do poço. Depois de perguntar nos arredores, encontraram minha casa e souberam que aquele era o lugar certo. Itens de Lamas anteriores foram trazidos e apresentados a mim. Peguei um livro que pertenceu ao Mestre do Oceano anterior. O grupo de busca sentiu-se confiante, então, de que eu era a reencarnação daquele Lama. Eu tinha 2 anos.

– E o que aconteceu com o senhor depois?

O Sr. Kadam interrompeu e deu um tapinha na minha mão.

– Estou curioso também, Srta. Kelsey, mas talvez ele tenha pouco tempo para nós e devamos nos concentrar em outros assuntos.

– Ah, desculpe. Eu me deixei levar pela curiosidade.

O Mestre do Oceano se inclinou para a frente e agradeceu aos monges que limpavam a mesa.

– Tenho alguns minutos para responder à sua pergunta, minha jovem. Resumindo, fui levado da minha família e teve início minha formação com um velho e gentil monge. Minha mãe teceu o material para a minha primeira veste marrom. Então comecei a formação como um monge noviço e rasparam minha cabeça. Mudaram meu nome e recebi uma educação maravilhosa em todas as áreas, incluindo arte, medicina, cultura e filosofia. Todas essas experiências me transformaram no homem sentado à sua frente. Isso responde à sua pergunta ou minha explicação gerou várias outras perguntas?

Eu ri.

– Gerou várias outras.

– Ótimo! – Ele sorriu. – Uma mente com perguntas é uma mente aberta ao entendimento.

– Sua infância e sua formação são muito diferentes das minhas.

– Imagino que a sua seja igualmente interessante.

– O que o senhor faz?

– Formo os Dalai-Lamas.

Olhei-o espantada.

– Educa o mestre?

– Sim. Formei dois deles. Sou muito velho, mas não somos tão dessemelhantes. Tive a oportunidade de conhecer pessoas do mundo inteiro e acho que todos somos fundamentalmente iguais. Formamos uma única família humana. Talvez usemos roupas diferentes, a cor da nossa pele seja diferente ou falemos línguas diversas, mas isso é só na superfície. Todos temos sonhos e procuramos aquilo que nos trará a felicidade verdadeira. Para conhecer o mundo todo, só precisei aprender sobre mim mesmo.

Assenti com a cabeça.

O Sr. Kadam interveio.

– Como o senhor sabe, viemos em busca da sabedoria do Mestre do Oceano. Temos uma tarefa a executar e pedimos sua orientação.

O monge arregaçou as mangas de sua túnica e se levantou.

– Então, venham. Vamos para um lugar que nos ofereça mais privacidade.

Ele ficou de pé cautelosamente com o apoio de dois monges que se posicionaram para caminhar ao seu lado, mas o Mestre do Oceano, embora a passos lentos, caminhou sem ajuda.

– O senhor disse que formou dois Dalai-Lamas, então isso significa que deve ter...

– Tenho 115.

– O quê? – indaguei, quase me engasgando.

– Tenho 115 anos e me orgulho muito disso.

– Nunca conheci alguém que tivesse vivido tanto!

Logo me dei conta de que, na verdade, conhecia três homens que tinham vivido mais e olhei para o Sr. Kadam, que sorriu e piscou para mim.

O Mestre do Oceano não percebeu minha expressão estranha e prosseguiu:

– Se um homem deseja fazer algo e possui paixão suficiente para encontrar um meio de fazê-lo, ele consegue. Desejei viver uma vida longa.

O Sr. Kadam olhou pensativamente para o monge e disse:

– Também sou mais velho do que aparento. Sinto-me humilde diante do senhor.

O Mestre do Oceano se virou e segurou com força a mão do Sr. Kadam. Seus olhos brilharam com alegria.

– Estar nos mosteiros entre os monges tem esse efeito. Mantém-me humilde também.

Os dois riram. Então o seguimos por corredores cinzentos e sinuosos até um salão com piso de pedra lisa e uma grande mesa polida. Quando passamos a uma confortável área de descanso, ele indicou que deveríamos nos sentar. Afundamos em poltronas macias, enquanto o Mestre do Oceano puxava uma cadeira de madeira simples que estava oculta atrás de sua mesa e sentava-se nela para conversar conosco.

Quando perguntei se ele não preferia uma cadeira mais confortável, ele respondeu:

– Quanto mais desconfortável minha cadeira, mais provável que eu me levante e me mantenha ocupado fazendo o que é preciso.

O Sr. Kadam acenou com a cabeça e começou:

– Obrigado por concordar em nos receber.

O monge sorriu.

– Não perderia isso por nada neste mundo. – Ele chegou para a frente, com ar conspiratório. – Devo admitir que sempre tive curiosidade em saber se a busca do tigre aconteceria nesta existência. Pensando bem, nasci próximo à cidade de Taktser, que significa “tigre que rugir”. Talvez estivesse em meu destino encontrar aqueles que devem fazer a jornada nessa busca.

O Sr. Kadam perguntou, empolgado:

– Sabe sobre nossa busca?

– Sei. Desde antes da época do primeiro Dalai-Lama, a história dos dois tigres vem sendo transmitida como uma tradição, em segredo. O estranho medalhão é a chave. Quando este jovem disse ter visto dois tigres, um negro e um branco, soubemos que provavelmente vocês eram as pessoas certas. Outros viram gatos e muitas vezes identificaram o tigre branco, mas ninguém identificou o gato negro como tigre e certamente ninguém falou da linha central como ligada à divina tecelã. Foi como soubemos que eram vocês.

– Então o senhor pode nos ajudar? – arrisquei.

– Sim, certamente, mas, primeiro, tenho um pedido a fazer.

O Sr. Kadam sorriu, mostrando-se à disposição.

– Claro. O que podemos fazer pelo senhor?

– Podem me contar sobre os tigres? Conheço o lugar que procuram e sei como aconselhá-los, mas... os tigres nunca foram explicados e o papel deles na busca foi mantido sob o mais profundo sigilo. O que sabem sobre isso?

Kishan, o Sr. Kadam e eu nos entreolhamos. Kishan levantou uma sobrancelha quando o Sr. Kadam assentiu de leve.

O Sr. Kadam perguntou:

– Esta sala é segura?

– Sim, claro.

O Sr. Kadam e eu nos viramos para Kishan. Ele encolheu os ombros fortes, levantou-se e se metamorfoseou em tigre. O tigre negro piscou os olhos dourados para o monge, deu um rugido baixo e sentou-se no chão ao meu lado. Inclinei-me para coçar-lhe as orelhas escuras.

Surpreso, o Mestre do Oceano se recostou na cadeira. Depois coçou a cabeça calva e riu, divertido.

– Obrigado por me confiarem esse presente impressionante!

Kishan retornou à forma humana e se sentou de novo na cadeira.

– Eu não chamaria isso de presente.

– Não? E do que chamaria?

– De tragédia.

– Existe um ditado no Tibete que diz: “A tragédia deve ser utilizada como fonte de força.” – O monge levou um dedo à têmpora. – Em vez de se perguntar *por que* isso aconteceu, talvez você devesse pensar por que isso aconteceu com *você*. Lembre-se de que não conseguir o que se quer às vezes é um maravilhoso golpe de sorte.

Ele voltou sua atenção para mim.

– E onde está o tigre branco?

– O tigre branco é o irmão de Kishan, Ren, que foi capturado por um inimigo.

Ele inclinou a cabeça, refletindo.

– Muitas vezes o inimigo é o melhor professor de tolerância. E você, minha cara? Como você entra nessa busca?

Ergui minha mão, virei-me e deixei que a força borbulhasse dentro de mim. Ela fluiu pela minha mão e mirei a flor dentro de um vaso sobre a mesa. Minha mão cintilou e um minúsculo ponto de luz disparou na direção da flor, que brilhou por um instante antes de desaparecer numa suave lufada de cinzas, caindo levemente sobre a

mesa de madeira.

– Sou a linha central do medalhão dos tigres, a urdidura. Meu papel é ajudar a libertar os dois. – Apontei para o homem silencioso à minha direita. – E o Sr. Kadam é nosso guia e mentor.

O Mestre do Oceano não pareceu surpreso com meu poder. Contente como um garotinho na manhã de Natal, ele aplaudiu.

– Muito bem! Maravilhoso! Agora deixe-me ajudá-los no que eu puder.

Ele ficou de pé, tirou o medalhão dos tigres do pescoço, onde havia estado oculto pelas vestes volumosas, e o inseriu numa abertura em sua estante. Um armário estreito se abriu e dali ele retirou um rolo de pergaminho antigo, preservado num vidro, e um frasco com uma substância verde e oleosa.

Ele fez sinal para que nos aproximássemos. Quando rodeamos a mesa, ele cuidadosamente virou o vidro contendo o pergaminho para mostrar o que havia dentro.

– Este pergaminho existe há séculos e lista os sinais associados ao medalhão dos tigres e aqueles que vêm reclamá-lo. Digam-me, o que sabem sobre sua busca?

O Sr. Kadam mostrou-lhe a tradução da profecia.

– Ah, sim. O início deste pergaminho contém a mesma coisa, com apenas algumas diferenças. Sua profecia diz que devo fazer três coisas por vocês e é o que farei. Devo desenrolar os pergaminhos da sabedoria, untar seus olhos e guiá-los ao portão do espírito. Este documento antigo que estão vendo é o pergaminho que, segundo se diz, contém a sabedoria do mundo.

– O que isso significa? – perguntei.

– Lenda, mito, histórias sobre a origem da humanidade: tudo isso se baseia em verdades eternas e algumas dessas verdades estão contidas aqui. Ao menos foi o que me contaram.

– O senhor não leu?

– Não, absolutamente. Na minha filosofia, não é necessário conhecer todas as verdades. Parte do processo de iluminação é descobrir a verdade por si mesmo através da introspecção. Nenhum dos Dalai-Lamas anteriores leu este pergaminho. Ele não se destina a nós. Foi mantido em segurança para ser entregue a vocês quando chegasse o momento certo.

– Se o pergaminho foi passado e mantido em segredo pelos Dalai-Lamas, então como chegou ao senhor? – perguntou o Sr. Kadam.

– O pergaminho e o segredo devem ser mantidos por dois homens. Como o Dalai-Lama não sabe quem será seu sucessor, ele os confia ao seu professor. Quando seu professor morre, ele os confia à reencarnação daquele professor. Quando o Dalai-Lama morre, o professor compartilha o segredo com o Dalai-Lama seguinte, para que o pergaminho nunca se perca. Com o atual Dalai-Lama no exílio, a tarefa cabe a mim.

– O senhor quer dizer que esse pergaminho foi guardado durante séculos para... *nós*? – perguntei.

– Isso. Temos transmitido o segredo, assim como as instruções, detalhando como encontraríamos aqueles a quem entregá-lo.

O Sr. Kadam se curvou para examinar o pergaminho no vidro.

– Espantoso! Não vejo a hora de examinar isto.

– O senhor não pode. Fui instruído de que o pergaminho não deve ser lido até que o quinto sacrifício seja completado. Existe inclusive a sugestão de que abri-lo antes causaria uma catástrofe gravíssima.

– Quinto sacrifício? – murmurei. – Mas, Sr. Kadam, nem sabemos ainda o que será. – Voltei-me para o Mestre do Oceano. – Tudo o que sabemos até agora é que são quatro sacrifícios e quatro presentes. Só conheceremos o quinto muito mais tarde. Tem certeza de que seremos bem-sucedidos em nossa busca sem ler o pergaminho?

O monge deu de ombros.

– Não cabe a mim saber. Meu dever é colocar isto sob seus cuidados e cumprir minhas duas outras obrigações. Venha, sente-se aqui, jovem, e deixe-me untar seus olhos.

Ele puxou uma cadeira para mim, aproximou-se com o frasco verde e disse:

– Diga-me, Sr. Kadam, em seus estudos já deparou com um povo chamado chewong?

O Sr. Kadam se sentou.

– Confesso que não.

Dei uma risadinha silenciosa. *O Sr. Kadam não sabe algo? Seria isso possível?*

– Os chewong são da Malásia... um povo fascinante. Existe uma imensa pressão sobre eles agora para que se convertam ao islã e se incorporem à sociedade malaia. No entanto, muitos lutam por seus direitos, a fim de manter sua língua e sua cultura. São um povo pacífico, não violento. Na verdade, eles nem têm palavras para designar guerra, corrupção, conflito ou punição em sua língua. Eles

possuem muitas crenças interessantes. Um princípio digno de nota diz respeito à propriedade comum. Eles acreditam ser perigoso e errado comer sozinho, por isso, sempre compartilham suas refeições. Mas a crença que se aplica a vocês diz respeito aos olhos.

Ansiosa, passei a língua pelos lábios.

– O que exatamente eles fazem com os olhos? Servem no jantar?

Ele riu.

– Não, nada parecido. Dizem que seus xamãs ou líderes religiosos têm *olhos frios*, ao passo que a pessoa comum tem *olhos quentes*. Uma pessoa com olhos frios pode enxergar mundos diferentes e discernir coisas que estariam ocultas da visão comum.

O Sr. Kadam ficou intrigado e começou a fazer muitas perguntas, enquanto meus olhos buscavam o líquido verde e oleoso que o monge pingava sobre seus dedos de pele fina e ressecada.

– Devo avisar que não gosto de nada nos olhos. Meus pais precisavam me segurar para pingar colírio quando eu tinha conjuntivite.

– Não se preocupe – disse o Mestre do Oceano. – Vou untar suas pálpebras fechadas e compartilhar algumas palavras de sabedoria.

Relaxei consideravelmente e, obediente, fechei os olhos. Senti seus dedos quentes tocarem minhas pálpebras. Eu esperava que o líquido viscoso descesse pelo meu rosto, mas era espesso, mais como um creme, e tinha um cheiro forte de remédio. O cheiro provocou coceira em meu nariz e me lembrou da pomada que minha mãe friccionava em meu peito para que eu respirasse mais facilmente quando adoecia. Minhas pálpebras formigaram e ficaram geladas. Mantive-as fechadas enquanto ele falava em tom suave.

– Meu conselho para você, minha jovem, é que o verdadeiro propósito da vida é ser feliz. Em minha limitada experiência, descobri que, quando nos importamos com os outros, nosso sentimento de bem-estar é maior. Nossa mente fica em paz. Isso ajuda a eliminar qualquer medo ou insegurança que possamos ter e nos dá força para enfrentar os obstáculos que venhamos a encontrar. Além disso, quando precisar de orientação, medite. Muitas vezes encontro respostas através da meditação. Por último, lembre-se de que o antigo ditado “o amor tudo vence” é real. Quando damos amor, ele volta multiplicado.

Abri os olhos com cuidado. Não sentia dor nem desconforto, mas eles estavam ligeiramente sensíveis. Agora era a vez de Kishan. Trocamos de lugar e o monge molhou as pontas dos dedos mais uma

vez. Kishan fechou os olhos e a substância foi espalhada sobre suas pálpebras fechadas.

– Agora você, tigre negro. Seu corpo é jovem, mas sua alma é velha. Lembre-se: por mais dificuldades que você tenha que enfrentar e por mais dolorosas que sejam suas experiências, jamais perca a esperança. Perder a fé é a única coisa capaz de destruí-lo. Os lamas dizem: “Vencer a si próprio e às suas fraquezas é um triunfo maior do que derrotar milhares numa batalha.”

Kishan não se mexia, os olhos fechados.

– Sua responsabilidade é ajudar a guiar sua família na direção certa. Isso inclui tanto a família imediata quanto a família global. Boas intenções não bastam para criar um resultado positivo; é preciso agir. Quando você participar e se envolver ativamente, as respostas às suas perguntas surgirão. Por último, assim como um grande rochedo não se perturba com os golpes do vento, a mente do homem ponderado é firme. Ele existe como um pilar, um apoio inabalável. Outros podem se agarrar a ele, pois não vacilará.

O Mestre do Oceano recolocou a tampa no frasco e Kishan piscou, abrindo os olhos. A substância verde desaparecera de suas pálpebras. Ele se sentou ao meu lado e esticou a mão para tocar meu braço. O homem que era o Mestre do Oceano, um grande lama do Tibete, estendeu a mão para apertar a do Sr. Kadam, dizendo:

– Meu amigo. Sinto que seus olhos já foram abertos e que você já viu mais do que posso imaginar. Deixo este pergaminho em suas mãos e peço que venha me visitar de tempos em tempos. Gostaria de saber como essa jornada termina.

O Sr. Kadam curvou-se com respeito.

– Ficaria extremamente honrado, mestre.

– Muito bem. Agora, resta-me apenas uma tarefa, que é guiá-los ao portão do espírito. – Ele explicou. – Os portões do espírito marcam a fronteira entre o mundo físico e o espiritual. Quando os transpomos, livramo-nos de matérias terrenas pesadas e nos concentramos nos aspectos espirituais. Não toquem o portão até estarem prontos para entrar, pois isso é proibido. Os portões conhecidos estão na China e no Japão, mas há um no Tibete que foi mantido em segredo. Vou mostrá-lo a vocês no mapa.

Ele chamou um monge e pediu-lhe que trouxesse um mapa do Tibete.

– O portão que vocês procuram é simples e humilde. Vocês devem

chegar até lá a pé e levar apenas provisões básicas, pois, para encontrar o portão, precisam provar que caminham por fé. Ele é marcado com as humildes bandeiras de oração dos nômades. A viagem não será fácil e apenas vocês dois poderão ter acesso a ele. Seu mentor deverá ficar.

Ele nos mostrou um caminho por onde poderíamos iniciar a subida. Engoli em seco ao reconhecer o local, apesar da minha incapacidade de decifrar a língua. *Monte Everest*. Felizmente, parecia que o portão do espírito não ficava no cume, mas a uma curta distância acima do limite das neves eternas. O Sr. Kadam e o Mestre do Oceano conversaram animadamente sobre o melhor percurso a fazer, enquanto Kishan escutava, atento.

Como vou fazer isso? Tenho que conseguir. Ren precisa de mim. Encontrar esse novo lugar e o objeto era o que me ajudaria a encontrar Ren, e nada iria me impedir, nem mesmo o enjoo da altitude ou uma montanha congelante.

O pergaminho foi entregue ao Sr. Kadam, assim como os mapas e uma explicação detalhada de como chegarmos ao portão do espírito. A mão quente de Kishan segurou a minha.

– Kelsey, você está bem?

– Estou. Só um pouco assustada com a viagem.

– Eu também. Mas lembre-se de que ele disse que é preciso ter fé.

– Você tem fé?

Kishan refletiu.

– Sim, acho que tenho. Pelo menos, mais do que tinha antes. E você?

– Tenho *esperança*. Isso é bom o bastante?

– Deve ser.

O Mestre do Oceano apertou nossas mãos calorosamente e se despediu, ladeado por seus acompanhantes. Um monge nos guiou até os quartos para que reuníssemos nossos pertences.

O Sr. Kadam passou o resto do dia envolvido nos preparativos da viagem. Kishan e eu arrumamos uma bagagem leve, recordando o aviso de levarmos poucas coisas. O Sr. Kadam determinou que não levássemos comida ou água, sabendo que o Fruto Dourado nos sustentaria. Ele me disse que testara as limitações do Fruto e que parecia funcionar a uma distância de até 30 metros e que, embora não produzisse água, podia nos prover com uma variedade de outras bebidas. Ele recomendou chás quentes de ervas e bebidas sem açúcar

para permanecermos hidratados. Agradei-lhe e embrulhei cuidadosamente o Fruto em minha colcha antes de colocá-lo na mochila.

Discutimos durante um bom tempo os prós e contras de uma barraca e decidimos levar, em seu lugar, um grande saco de dormir. Eles acharam que eu não conseguiria subir a montanha carregando uma barraca e que eu precisava de espaço na mochila para as roupas de Kishan, para Fanindra e todas as armas. Kishan teria que se transformar de tigre em homem várias vezes, então precisaria de roupas quentes.

No dia seguinte fomos de carro até o sopé da montanha. Lá, o Sr. Kadam caminhou conosco por algum tempo e depois nos abraçou brevemente. Disse que montaria acampamento ali e aguardaria ansioso nosso regresso.

– Tenha muito cuidado, Srta. Kelsey. A viagem sem dúvida será difícil. Guardei todas as minhas anotações em sua mochila. Espero ter me lembrado de tudo.

– Tenho certeza de que se lembrou. Ficaremos bem. Não se preocupe. Com sorte, estaremos de volta antes que o senhor perceba. Talvez o tempo pare, como em Kishkindha. Cuide-se. E se, por algum motivo, não retornarmos, por favor, diga a Ren...

– Vocês vão voltar, Srta. Kelsey. Disso estou certo. É hora de partirem. Até breve.

Kishan se transformou no tigre negro e começamos a subir a montanha. Meia hora depois, voltei-me para olhar quanto já havíamos avançado. O terreno plano se estendia até onde os olhos alcançavam. Acenei para a pequena silhueta do Sr. Kadam, lá embaixo, e depois me virei, passei entre duas pedras e dei o primeiro passo na trilha à frente.



Portão do espírito

Estremeci e dei um puxão em minhas luvas, ajustando-as mais para cima nos pulsos. Passáramos a maior parte do primeiro dia subindo a montanha e montamos acampamento perto de algumas rochas que bloqueavam o vento. Quando paramos, foi com alívio que me liberei da mochila e me alonguei.

Dei uma busca na área, juntando lenha para acender uma fogueira. Após um jantar quente, graças ao Fruto Dourado, aconcheguei-me em meu saco de dormir *king size*, completamente vestida. Kishan enfiou a cabeça pela abertura e entrou em seguida. A princípio foi esquisito, mas depois de uma hora eu me sentia extremamente grata pela pelagem quente que me fez parar de tremer. Estava tão exausta que, apesar do barulho do vento, consegui dormir.

Na manhã seguinte, para o café da manhã, usei o Fruto Dourado para obter mingau de aveia quente com xarope de bordo e açúcar mascavo, além de chocolate quente. Kishan quis ficar como tigre para se manter aquecido, então lhe dei a opção de uma grande travessa cheia de bifes malpassados de carne de caça ou um prato gigantesco do mesmo mingau que eu comi e uma grande tigela de leite. Ele começou pela carne, mas comeu também o mingau e tomou o leite, engolindo rapidamente. Juntei nossos pertences e arrumei-os na mochila antes de partirmos de novo.

Nos quatro dias seguintes estabelecemos uma rotina. Kishan guiava o caminho, eu providenciava as refeições com a ajuda do Fruto Dourado e acendia a fogueira, depois dormíamos aconchegados, tigre e humana, no grande saco de dormir, enquanto o vento uivava ao nosso redor. A escalada era desafiadora. Se eu não viesse me exercitando com Kishan e o Sr. Kadam, não estaria fisicamente preparada.

A subida não era difícil a ponto de exigir equipamento de montanhismo, mas tampouco era um passeio no parque. Respirar ficava mais complicado à medida que subíamos, pois havia menos oxigênio, e por isso parávamos frequentemente para beber algo e descansar.

Chegamos ao limite das neves no quinto dia. Mesmo no verão havia neve no monte Everest. Era fácil avistar Kishan agora, mesmo à distância. Um animal negro na neve branca não passava despercebido. Ele tinha sorte de provavelmente ser uma das maiores criaturas ali. Se fosse menor, seria caçado por predadores.

Será que existem ursos polares por aqui? Não, ursos polares vivem nos polos. Hum, talvez existam outros ursos ou pumas. Pé Grande? O Abominável Homem das Neves? Melhor não pensar nisso.

Segui os rastros de Kishan e comecei a ficar atenta a pegadas. Quando avistava rastros de pequenos animais na neve, tentava adivinhar quais seriam. Alguns eram aves, evidentemente, mas outros eu não sabia se poderiam ser coelhos ou pequenos roedores. Sem ver nada maior e ficando entediada com esse jogo, relaxei e deixei a mente vagar enquanto seguia Kishan.

As árvores estavam ficando esparsas e o terreno, rochoso. A camada de neve era funda e respirar tornava-se cada vez mais difícil. Comecei a ficar nervosa. Eu não achava que demoraria tanto para chegar ao portão do espírito.

No sétimo dia, encontramos o urso.

Kishan afastara-se havia cerca de meia hora para procurar madeira e um bom local para acamparmos. Eu devia seguir seu rastro e ele retornaria e me encontraria pelo faro. Na verdade, ele estaria de volta muito em breve, pois nunca me deixava por mais de 30 minutos.

Eu caminhava lenta e penosamente, pisando em suas pegadas de tigre, quando ouvi um urro estrondoso atrás de mim. Imaginei que Kishan tivesse feito a volta e estivesse tentando chamar minha atenção. Virei-me e me detive bruscamente, arquejando, apavorada. Um enorme urso pardo vinha em minha direção, num galope de ataque. Suas orelhas redondas estavam para trás. A boca aberta revelava os dentes afiados e ele se aproximava, veloz. Era muito mais rápido que eu.

Gritei.

O urso parou a pouco mais de um metro de onde eu estava, ergueu-se nas patas traseiras e rugiu para mim de novo, golpeando o ar com

as patas. Seu pelo desgrenhado estava molhado de neve. Os olhos pequenos e negros me encaravam sobre o focinho comprido, enquanto ele avaliava minha capacidade de luta. A pele ao redor da boca repuxou quando sua mandíbula estremeceu, deixando à mostra um impressionante conjunto de dentes que poderia me fazer em pedaços.

Rapidamente me joguei no chão, lembrando-me de uma história sobre homens da montanha sobrevivendo na natureza selvagem. Ouvi que o melhor a fazer durante um ataque de urso é se deitar no chão, ficar em posição fetal e se fingir de morto.

Enrolei-me numa bola e cobri a cabeça com as mãos. O urso pôs as patas dianteiras no chão e pulou um pouco, as patas triturando a neve, enquanto tentava fazer com que eu me movesse para que pudesse atacar. Ele golpeou minhas costas e ouvi o tecido rasgar quando acertou a mochila, despedaçando o compartimento externo.

Por estar tão perto do urso, eu podia sentir o cheiro do seu pelo, que trazia o odor de grama molhada, terra e água do lago. Seu hálito quente cheirava levemente a peixe. Gemi e rolei um pouco. O urso mordeu a mochila e apertou a pata dianteira na parte de trás da minha coxa para me imobilizar. A pressão era intensa. Tive certeza de que meu fêmur ia quebrar.

E provavelmente teria quebrado se eu estivesse num solo mais compacto. Por sorte, o peso da perna do urso apenas me afundou mais na neve. Eu não sabia se ele estava defendendo seu território ou se queria me comer. De uma forma ou de outra, logo estaria morta.

Nesse exato momento, ouvi o rugido de Kishan. O urso olhou para cima e bramiu de volta, defendendo seu jantar. Virou-se para encarar o tigre e arranhou fundo com suas garras a parte de trás da minha coxa e a panturrilha da outra perna. Ofeguei de dor quando as garras de Freddy Krueger, com quase 300 quilos por trás delas, rasgaram minha coxa e panturilha. Mas a boa notícia era que o urso não tivera intenção de me machucar. Havia sido só um tapinha de amor, avisando que já estaria de volta.

Minhas pernas queimavam de dor e lágrimas rolavam pelo meu rosto, mas permaneci o mais quieta possível. Kishan rodeou o animal por um momento e então se lançou ao ataque. O tigre mordeu a pata dianteira do urso, enquanto este enfiava as garras em seu dorso. Os animais se afastaram o bastante para eu arriscar uma olhada nas minhas pernas. Não consegui virar a cabeça o suficiente para ver os ferimentos, mas grandes gotas de sangue manchavam de vermelho a neve.

O urso ficou de pé nas patas traseiras e rugiu. Depois se pôs de quatro, aproximou-se um pouco e ficou de pé novamente. Kishan traçou um semicírculo fora do alcance do urso, que tentou atingi-lo com as patas dianteiras duas ou três vezes, como se tentasse afugentá-lo.

Kishan se aproximou e o urso atacou. O tigre se chocou com o urso de pé. Quando colidiram, o urso passou as patas dianteiras ao redor do corpo de Kishan, atacando violentamente suas costas, dando-me uma nova perspectiva da expressão “abraço de urso”. Eles se rasgavam um ao outro, numa fúria de dentes e garras. O urso mordeu a orelha de Kishan, quase arrancando-a. Kishan afastou a cabeça, fazendo com que ambos perdessem o equilíbrio. Os animais caíram e rolaram algumas vezes, numa confusão de pelos negros e castanhos.

Então me recuperei o suficiente para me dar conta de que tinha uma arma. Mas que idiota eu era. *Que espécie de guerreira eu me tornara?* Kishan agora estava rodeando o animal, tentando confundi-lo e cansá-lo. Tirei vantagem da distância entre eles, levantei a mão e atingi o urso no focinho com um pequeno raio. Não foi suficiente para feri-lo, mas o bastante para afastá-lo de seu jantar em potencial. Ele se distanciou num passo rápido, urrando de dor e frustração.

Rapidamente Kishan se transformou em homem e começou a avaliar os ferimentos da minha perna. Ele retirou a mochila dos meus ombros e em poucos segundos vestiu suas roupas de inverno. Em seguida debruçou-se sobre mim. O sangue já estava congelando na neve. Kishan rasgou uma camiseta ao meio e enrolou minha coxa e a panturrilha, apertando bem.

– Me desculpe se doer, mas preciso mover você. O cheiro do seu sangue pode atrair o urso de volta.

Ele se abaixou e me pegou com cuidado nos braços. Apesar de sua delicadeza, minhas pernas ardiam. Gritei e não pude deixar de me contorcer para tentar aliviar a dor. Pressionei meu rosto contra seu peito e cerrei os dentes. Então, perdi a consciência.

Eu não sabia se havia dormido ou desmaiado. Na verdade, não importava. Acordei deitada de bruços, junto a uma fogueira, com Kishan examinando meus ferimentos. Ele rasgara outra camiseta e limpava cuidadosamente minhas pernas com uma espécie de líquido quente e malcheiroso que ele produzira com o Fruto Dourado.

Arquejei.

- Isso pinica! O que é?
- É um remédio à base de ervas para aliviar a dor, deter a infecção e ajudar seu sangue a coagular.
- Não cheira muito bem. O que tem nele?
- Canela, equinácea, alho, hidraste, milefólio e algumas outras coisas cujo nome eu não conheço em sua língua.
- Está doendo!

– Imagino que sim. Você precisa de pontos.

Respirei fundo e comecei a lhe fazer perguntas para distrair minha mente da dor. Arquejei quando ele começou a limpar minha panturrilha.

- Onde você... aprendeu a fazer isso?
- Lutei em muitas batalhas. Sei um pouco como cuidar de ferimentos como estes. A dor deve diminuir logo, Kells.
- Tratou de ferimentos antes?
- Sim.
- Pode... me contar como foi? – perguntei, gemendo. – Vai me ajudar a me concentrar em outra coisa.

– Tudo bem.

Ele molhou o pano e continuou trabalhando em minha panturrilha.

– Kadam me levou com um grupo de sua infantaria de elite para conter alguns bandidos.

- Do tipo Robin Hood?
- Quem é Robin Hood?
- Um personagem que roubava dos ricos para dar aos pobres.
- Não. Eram assassinos. Roubavam caravanas, violentavam mulheres e depois matavam todos. Tornaram-se famosos numa certa região onde havia muito comércio. Suas riquezas atraíram muitas pessoas ao grupo e seu grande número causava muita preocupação. Eu estava estudando teoria militar e aprendendo com Kadam como estabelecer uma estratégia e entrar na guerra de guerrilha.

– Quantos anos você tinha?

– Tinha 16.

– Ai!

– Desculpe.

– Tudo bem – gemi. – Por favor, continue.

– Um grande grupo deles se achava escondido em algumas cavernas

e estávamos tentando encontrar um modo de expulsá-los quando fomos atacados. Eles haviam construído uma saída secreta do esconderijo e nos rodearam, matando nossas sentinelas. Nossos homens lutaram bravamente e venceram os canalhas, mas vários de nossos melhores soldados foram mortos e muitos ficaram gravemente feridos. Eu tive o braço deslocado, mas Kadam o colocou no lugar e ajudamos tantos quantos pudemos.

– Nossa...

– Foi quando aprendi a fazer a triagem de batalha. Aqueles que podiam, acompanhavam o cirurgião e o ajudavam a cuidar dos ferimentos dos soldados. Ele me ensinou um pouco sobre plantas e suas propriedades curativas. Minha mãe também entendia um pouco de botânica e tinha uma estufa cheia de plantas, muitas das quais usadas em medicamentos. Depois disso, sempre que eu saía para os combates, levava comigo uma bolsa de medicamentos para ajudar quando fosse necessário.

– Parece um pouco melhor agora. Está latejando menos. E você? Seus ferimentos estão doendo?

– Já estou curado.

– Isso não é justo – comentei, com inveja.

– Trocaria de lugar com você se pudesse, Kells – disse ele em voz baixa.

Ele continuou a limpeza cuidadosamente, envolvendo minha coxa e a panturrilha em tiras finas de tecido e depois fixando-as com as ataduras elásticas que o Sr. Kadam incluía em nossa caixa de primeiros socorros. Kishan me deu duas aspirinas e levantou minha cabeça para me ajudar a beber água.

– Consegui parar o sangramento. Só um dos ferimentos me preocupa, por ser mais profundo. Descansaremos esta noite e começaremos a voltar amanhã. Terei que carregá-la, Kells. Acho que você não vai poder andar. Seus ferimentos podem abrir e voltar a sangrar.

– Mas, Kishan...

– Não se preocupe com isso agora. Descanse e veremos como se sentirá pela manhã.

Estendi a mão e a coloquei sobre a dele.

– Kishan?

Ele voltou seus olhos dourados para o meu rosto e me observou atentamente, avaliando se eu sentia dor.

– Sim?

– Obrigada por cuidar de mim.

Ele apertou minha mão.

– Quem dera eu pudesse fazer mais. Agora durma.

Fiquei cochilando intermitentemente, acordando quando Kishan colocava mais lenha na fogueira. Não sabia como ele encontrara lenha seca o bastante para queimar, mas não me dei ao trabalho de perguntar. Ele pôs a panela com o líquido que usara para banhar meus ferimentos junto das chamas a fim de mantê-lo aquecido. Eu estava confortável no saco de dormir, deitada de bruços, e, em meio a um torpor, olhava as chamas lamberem o fundo da panela. O cheiro de ervas do líquido quente se espalhava pelo ar e eu cochilava e acordava.

A certa altura devo ter dormido mais profundamente, pois sonhei com Ren. Ele se encontrava amarrado a um poste com as mãos atadas acima da cabeça. Eu estava encostada numa parede atrás de outro poste, onde Lokesh, que falava numa língua estranha e batia na mão com um chicote, não podia me ver. Ren abriu os olhos e me viu. Ele não se mexeu nem moveu um músculo sequer, mas seus olhos se agitaram. Eles brilharam e rugas minúsculas surgiram dos lados. Sorri para ele e dei um passo em sua direção. Ele balançou a cabeça ligeiramente. Ouvi o estalo do chicote e congelei.

Ren arquejou de dor. Deixei correndo meu esconderijo, gritando, e ataquei Lokesh, surpreendendo-o. Agarrei o chicote, mas não conseguia arrancá-lo de sua mão. Ele era extremamente forte. O meu gesto era tão inútil quanto o de um pássaro atacando uma árvore. Enquanto eu me debatia e lutava, vi seu indisfarçável prazer ao me reconhecer.

A excitação febril alcançou seus olhos negros e brilhantes. Ele agarrou minhas mãos e as torceu sobre minha cabeça e então chicoteou a parte posterior de minhas pernas três vezes. Gritei de dor. Um rugido atrás de mim atraiu sua atenção. Agarrei sua camisa e enfiei as unhas em seu pescoço e no peito. Ele me sacudiu.

– Kelsey! Kelsey! Acorde!

Acordei sobressaltada.

– Kishan?

– Você estava sonhando de novo.

Ele estava dentro do saco de dormir comigo. Delicadamente, soltou meus dedos que agarravam com firmeza sua blusa.

Olhei para seu peito e seu pescoço e vi os arranhões feios e ensanguentados. Delicadamente toquei um deles.

– Ah, *Kishan*, me desculpe. Está doendo muito?

– Tudo bem. Já estão cicatrizando.

– Não tive a intenção. Estava sonhando com Lokesh de novo. Eu... eu não quero voltar, *Kishan*. Quero seguir em frente, continuar a procurar o portão do espírito. Ren está sofrendo. Eu sei.

Para minha grande consternação, comecei a soluçar. Em parte por causa da dor em minhas pernas e em parte por causa do estresse da viagem, mas o motivo principal era porque eu sabia que Ren estava sofrendo. *Kishan* mudou de posição e me abraçou.

– Shh, *Kelsey*. Vai ficar tudo bem.

– Isso você não sabe. Lokesh pode matá-lo antes de encontrarmos essa porcaria de portão do espírito.

Eu chorava enquanto *Kishan* massageava minhas costas.

– Lembre-se de que *Durga* disse que cuidaria dele. Não se esqueça disso.

Solucei.

– Eu sei, mas...

– Sua segurança é mais importante do que a busca e Ren concordaria com isso.

Ri, entre as lágrimas.

– Provavelmente sim, mas...

– Nada de “mas”. Precisamos voltar, *Kells*. Quando estiver curada, podemos tentar novamente. Temos um trato?

– Acho que sim.

– Ótimo. Ren tem sorte... de ser dono do coração de uma mulher como você, *Kelsey*.

Virei-me de lado para olhá-lo. O fogo ainda estava aceso e observei as chamas dançarem em seus olhos dourados e preocupados.

Toquei seu pescoço já cicatrizado e disse:

– E eu tenho sorte de ter dois homens tão maravilhosos na minha vida.

Ele levou minha mão aos lábios e beijou meus dedos.

– Sabe que ele não ia querer que você sofresse por ele.

– Nem que eu encontrasse consolo em *você*.

Ele sorriu.

- Não mesmo.
- Mas você me consola. Obrigada por estar aqui.
- Não há outro lugar em que eu desejasse estar. Durma um pouco, *bilauta*.

Ele me puxou para perto e me aninhou junto a seu peito. Experimentei a sensação de culpa por me sentir confortada nos braços de Kishan, mas rapidamente peguei no sono, sem outros incidentes.

Os dois dias seguintes de viagem foram curtos por necessidade. Tentei caminhar sozinha, mas a dor era forte, então Kishan precisou me carregar. Descemos de volta a montanha, andando devagar, parando para descansar de vez em quando, reservando a última hora para Kishan montar o acampamento e cuidar de mim. A maioria dos meus ferimentos estava cicatrizando, mas o mais profundo começara a supurar.

A pele ao redor se tornara vermelha, inchada e inflamada. Era evidente que o ferimento estava piorando. Quando a febre chegou, Kishan começou a se desesperar. Ele amaldiçoou o fato de só poder me carregar durante seis horas do dia. Usou todos os remédios de ervas em que pôde pensar. Infelizmente o Fruto Dourado não produzia antibióticos.

Uma tempestade nos atingiu e percebi vagamente que Kishan me carregava através do granizo e da neve. O fato de não me movimentar sozinha deixava-me mais suscetível ao frio. Eu estava congelando e perdia e recobrava os sentidos, sem saber quantos dias haviam se passado. A certa altura ocorreu-me a ideia de que talvez Fanindra pudesse me curar, como em Kishkindha. Ela, porém, continuava rígida e congelada. Eu sabia que o clima não estava exatamente propício a cobras, mas talvez ela soubesse que eu ainda não estava à beira da morte, apesar das aparências.

Nós nos perdemos na tempestade, sem saber se estávamos voltando para o Sr. Kadam ou seguindo na direção do portão do espírito. Kishan estava constantemente preocupado em não me deixar dormir e por isso conversava comigo enquanto andávamos. Eu não me lembrava muito do que ele dizia. Deu-me uma aula sobre sobrevivência na natureza e disse que era importante que nos mantivéssemos aquecidos, alimentados e hidratados. Essas três coisas estavam relativamente garantidas. Quando parávamos para passar a noite, ele me envolvia no saco de dormir, deitava-se perto de mim para que seu corpo de tigre me mantivesse quente e deixava que o Fruto Dourado

fornecesse a comida e a bebida de que necessitávamos.

Perdi o apetite quando adoeci. Kishan me forçava a comer e beber, mas eu tremia e a febre me fazia sentir como se estivesse ora congelando ora quente demais. Ele tinha que se transformar em homem com frequência para me manter coberta com o saco de dormir porque, com a febre, eu tentava constantemente me descobrir.

Eu me sentia fraca agora e passava o tempo olhando para o céu ou para o rosto de Kishan, enquanto ele falava de vários assuntos. O que ele chamou de “arroz do mato” foi um tópico do qual me lembrei mais tarde por ser nojento. Ele falou sobre como conseguira se manter quando foi o único sobrevivente de uma batalha dentro do território inimigo. Como não havia comida, ele comia arroz do mato, que na verdade não era arroz, mas larvas brancas de cupins.

Resmunguei, mas estava sonolenta demais para mover os lábios e emitir qualquer comentário. Não conseguia falar. Ele me olhou, preocupado, e puxou um pouco mais o capuz sobre meu rosto para que a neve não caísse diretamente sobre mim.

– Prometo que vou tirá-la daqui, Kelsey – sussurrou, inclinando-se em minha direção. – Não vou deixá-la morrer.

Morrer? Quem falou em morrer? Eu não pretendia morrer, mas não conseguia dizer isso a ele. Meus lábios pareciam congelados. *Não posso morrer. Tenho que encontrar os próximos três itens e salvar meus tigres. Tenho que resgatar Ren da prisão de Lokesh. Tenho que terminar a faculdade. Tenho que...* Adormeci.

Sonhei que passava o dedo no vidro de uma janela congelada. Tinha acabado de desenhar um coração com “Ren + Kelsey” no meio e desenhara um segundo coração com “Kishan + ...” quando alguém me sacudiu, me acordando.

– Kells. Kells! Pensei que estivéssemos voltando, mas acho que encontramos o portão do espírito!

Espiei pela abertura do capuz e olhei para cima, para um céu cinza-ametista. Uma chuva de granizo gelada e dolorosa nos fustigava e eu precisei apertar os olhos a fim de ver para onde Kishan apontava. No meio de uma extensão nua e branca de neve encontravam-se duas estacas de madeira. Enroladas em cada uma delas, viam-se longas cordas de um material que tremulava na tempestade, como rabiolas de pipas. Uma fileira de bandeiras coloridas estava presa em diferentes seções das estacas. Algumas das cordas estavam atadas à estaca oposta. Outras se achavam presas a anéis fixados no solo ou apenas balançavam soltas no vento.

Umedeci os lábios com a língua e sussurrei:

– Tem certeza?

Felizmente sua audição de tigre era bastante aguçada. Ele se curvou, aproximando-se do meu ouvido, e gritou mais alto que o barulho do vento:

– Pode ser um monumento ou memorial criado por nômades, mas há algo de diferente naquilo. Quero verificar.

Assenti, fraca, e ele me acomodou no saco de dormir perto de uma das estacas. Passara a me carregar no saco de dormir para me manter mais aquecida. Caí num sono profundo. Quando ele me acordou, não sabia se haviam se passado horas ou segundos.

– É aqui mesmo, Kelsey. Encontrei uma marca de mão. A questão é: devemos atravessá-lo ou voltar? Acho que devemos voltar e retornar depois.

Estendi a mão enluvada e toquei-lhe o peito. Sussurrei, sentindo o vento engolir minhas palavras e dispersá-las assim que passavam pelos meus lábios. Por sorte, ele as ouviu.

– Não... Não conseguiremos... achá-lo... de novo... muito difícil – eu disse. – O Mestre do Oceano disse que... provássemos nossa... fé. É... uma prova. Temos... que... ten... tentar.

– Mas, Kells...

– Leve-me... à... marca de mão.

Ele me olhou, com a indecisão travando uma batalha em seus olhos. Cuidadosamente, esticou a mão enluvada e afastou os flocos de neve do meu rosto.

Apertei a mão dele na minha.

– Tenha fé – sussurrei no vento.

Ele soltou um suspiro profundo e em seguida deslizou os braços sob meu corpo e me carregou até a estaca de madeira.

– Aqui está. À esquerda da estaca, sob o tecido azul.

Vi do que ele falava e tentei tirar minha luva. Kishan me colocou de pé, sustentando todo o meu peso num só braço. Puxou minha luva com a outra mão e a enfiou em seu bolso. Depois guiou minha mão para dentro da depressão fria esculpida na estaca. Agora que eu estava mais perto, conseguia enxergar os entalhes intrincados por toda a madeira, que tinha sido parcialmente coberta pela neve. Se estivesse me sentindo melhor, teria adorado examiná-los, porém mal conseguia me sustentar de pé sem Kishan.

Mantive a mão pressionada contra a madeira, mas nada aconteceu. Tentei evocar o fogo em minha barriga, a centelha que fazia minha mão brilhar, mas sentia-me entorpecida.

– Kishan... n...não... consigo. Estou com... muito... fr... frio – balbuciei, sentindo vontade de chorar.

Ele tirou as luvas, abriu o casaco, rasgou a camiseta que vestia por baixo e pôs minha mão congelada sobre seu peito nu, cobrindo-a com a sua mão quente. Seu peito estava quente também. Ele pressionou seu rosto aquecido contra o meu rosto frio e, com a palma da mão, esfregou as costas da minha mão por alguns minutos. Ele falou, mas não entendi suas palavras. Então virou-se para me proteger do vento e quase adormeci protegida no casulo aconchegante que ele criara. Por fim, afastou-se um pouco e disse:

– Pronto. Assim é melhor. Agora, tente outra vez.

Ele me ajudou a posicionar a mão. Senti uma pequena centelha de calor formigando e a induzi a crescer. A força estava lenta e letárgica, mas foi crescendo até a marca de mão brilhar. A estaca sacudiu e começou a brilhar também. Algo aconteceu aos meus olhos. Um filtro verde cobriu minha visão, como se eu tivesse colocado óculos escuros de lentes verdes. Isso fazia com que o brilho de minha mão parecesse laranja-vivo e ele viajava de uma estaca à outra, atravessando a rabiola de tecido.

O chão tremeu e fomos envolvidos numa bolha de calor. Fraca demais para continuar, minha mão escorregou e tornei a desabar de encontro a Kishan, que me pegou no colo novamente. Uma pequena bolha de estática se formou entre as duas estacas e começou a crescer. As cores mudavam dentro da bolha, inicialmente muito borradas para que fosse possível distingui-las, mas foram crescendo e começaram a entrar em foco. Ouvi um estouro e a imagem tornou-se nítida.

Vi a grama verde e um sol amarelo e quente. Rebanhos de animais pastavam preguiçosamente em meio a árvores frondosas. De onde estávamos, eu inalava o perfume de flores e sentia o sol em meu rosto, embora o granizo gelado ainda caísse sobre mim. Kishan deu um passo à frente, depois outro. Ele me carregou para o paraíso. Com a cabeça recostada em seu braço, eu escutava o som da tempestade morrer. O ar frio se tornou mais distante e depois partiu com um leve estalo. Foi então que desmaiei.



Coisas boas

Despertei ao amanhecer junto a uma fogueira crepitante. Kishan estava aquecendo as mãos.

Virei-me e gemi.

– Oi.

– Oi. Como está se sentindo?

– Hum... Na verdade, melhor.

Ele resmungou.

– Seu ferimento começou a cicatrizar assim que chegamos a este lugar.

– Dormi por quanto tempo?

– Cerca de 12 horas. Você se curou aqui quase tão depressa quanto Ren e eu do lado de fora.

Estendi as pernas e fiquei aliviada. A dor era ruim, mas uma infecção era pior. Eu estivera de certa forma contando com o amuleto de Kishan para me curar, mas não estava funcionando como o Sr. Kadam dissera. Talvez o amuleto de Kishan fizesse algo diferente. Eu tivera sorte.

– Estou faminta. O que temos para o café da manhã? – perguntei.

– O que gostaria de comer?

– Que tal panquecas com gotas de chocolate e um copo bem grande de leite?

– Parece bom. Vou querer o mesmo.

Kishan pediu ao Fruto Dourado que providenciasse nossa refeição, agachando-se ao meu lado para comer. Ainda me sentia fraca e, quando ele me puxou para mais perto, para que me apoiasse nele, não protestei. Ao contrário, ataquei, contente, minhas panquecas.

- E então, Kishan, onde estamos?
- Não tenho certeza. Cerca de um quilômetro e meio além do portão do espírito.
- Você me carregou?
- Sim. – Ele pousou o prato e passou o braço ao meu redor. – Tive medo de que você morresse.
- Aparentemente, meu retorno dos mortos é um tema recorrente nestas cidades míticas.
- Espero que esta seja a última vez que você chega tão perto.
- Eu também. Obrigada. Por tudo.
- De nada. A propósito, parece que posso manter a forma humana aqui, como Ren fez em Kishkindha.
- É mesmo? E como está se sentindo?
- Estranho. Não estou acostumado. Fico esperando o tigre assumir o controle. Ainda posso me transformar se quiser, mas não sou obrigado a isso.
- O mesmo aconteceu com Ren. Bem, aproveite enquanto durar. Ren transformou-se de volta no instante em que deixamos Kishkindha.
- Ele murmurou algo e começou a vasculhar a mochila.
- Pode me dar a profecia e as notas do Sr. Kadam? – pedi. – A primeira tarefa é achar a pedra ônfalo, a pedra do umbigo, a pedra da profecia. Quando olharmos dentro dela, ela nos mostrará onde encontrar a árvore. A pedra parece uma bola de futebol americano apoiada numa das extremidades com um buraco no topo.
- E como é uma bola de futebol americano?
- É meio ovalada.
- Levantei-me com as pernas trêmulas.
- Não acha que devia descansar um pouco mais?
- Estou me sentindo bem descansada e, além disso, quanto mais rápido encontrarmos a pedra, mais cedo resgataremos Ren.
- Tudo bem, mas avançaremos devagar. Está bem quente aqui. Não gostaria de trocar as roupas de neve primeiro?
- Olhei para minha calça rasgada.
- É melhor.

Kishan tirara meu casaco, mas eu estava suando com a calça térmica. Ele já se trocara e agora usava calça jeans, botas de montanhismo e uma camiseta preta.

– Não enjoa de preto?

Ele deu de ombros.

– Eu me sinto bem assim.

– Hum.

– Enquanto você se troca, vou verificar a área e tentar encontrar uma trilha para seguirmos. – Ele sorriu. – E não se preocupe. Não vou espiar.

– Acho bom.

Ele riu e se afastou andando pela grama, em direção ao início do bosque. Enquanto eu mudava de roupa, examinei assombrada minha calça rasgada. *Aquele urso me pegou de jeito*. Chequei a perna e a panturrilha. Não havia mais nenhum ferimento. Nem uma cicatriz sequer. A pele estava normal e rosada, como se nunca tivesse sido machucada.

Quando Kishan voltou, eu já havia me lavado usando a melhor solução que pude encontrar – uma panela de chá de rosas quente, cortesia do Fruto Dourado, e uma camiseta. Joguei o restante do chá de rosas no cabelo, escovei-o e o preendi numa trança que caía pelas minhas costas. Eu já vestira uma camiseta de mangas compridas, calça jeans e botas de montanhismo para combinar com Kishan quando ele gritou, avisando de sua chegada, e entrou no acampamento. Ele me olhou de cima a baixo com aprovação masculina e sorriu.

– Está rindo de quê?

– De você. Está com uma aparência muito melhor.

– Ah! O que eu não daria por um banho! Mas me sinto melhor.

– Encontrei um riacho que corre junto ao início do bosque com uma trilha. Acho que pode ser um bom lugar para começarmos. Vamos?

Concordei com a cabeça enquanto ele colocava a mochila em seus ombros e seguimos para as árvores. Quando chegamos ao riacho, espantei-me com sua beleza. Flores maravilhosas brotavam junto a pedras e troncos de árvores. Reconheci narcisos crescendo nas margens e contei a Kishan a história da mitologia grega sobre o belo homem que se apaixonou pelo próprio reflexo.

Ele escutou, absorto, e ficamos os dois tão envolvidos com a história que não notamos os animais. Estávamos sendo seguidos por criaturas da floresta. Paramos e um par de coelhos veio, saltando, nos olhar com curiosidade. Esquilos pulavam de árvore em árvore, aproximando-se, como se quisessem escutar a história. Eles saltaram para um galho que se curvou com seu peso e os trouxe para apenas

alguns metros de nós. O bosque estava cheio de criaturas. Vi raposas, cervos e pássaros de todas as espécies. Ergui a mão e um belo cardeal vermelho pousou delicadamente no meu dedo.

Kishan levantou o braço e um falcão de olhos dourados voou do topo da árvore para se equilibrar em seu antebraço. Andei até uma raposa que, destemida, observou minha aproximação. Esticando a mão, acariciei sua cabeça peluda e macia.

– Estou me sentindo a Branca de Neve! É incrível! Que lugar é este? Ele riu.

– O paraíso. Está lembrada?

Caminhamos o dia todo, escoltados às vezes por uma variedade de animais. À tarde deixamos a floresta e encontramos cavalos pastando num prado repleto de flores silvestres. Colhi algumas a fim de fazer um buquê. Os cavalos vieram trotando para investigar.

Kishan deu-lhes maçãs de uma árvore próxima e eu trancei flores na crina de uma linda égua branca. Eles andaram ao nosso lado por algum tempo.

No início da noite avistamos uma estrutura no sopé de uma grande colina. Kishan quis montar acampamento para que pudéssemos dormir e explorar a área no dia seguinte.

Naquela noite, deitei-me de lado no saco de dormir com uma das mãos sob o rosto e disse a ele:

– É como o Jardim do Éden! Jamais imaginei que um lugar assim existisse!

– Ah, mas, se bem me lembro, havia uma serpente no jardim.

– Bem, se não havia uma aqui antes, agora há.

Olhei para Fanindra. Suas dobras douradas ainda estavam duras e imóveis, enquanto ela descansava perto da minha cabeça. Voltei-me para Kishan, que aticava o fogo com um galho.

– Não está cansado? Avançamos bastante hoje. Não quer dormir?

Ele me deu uma olhada rápida.

– Daqui a pouco.

– Ah, tudo bem. Guardarei um espaço para você.

– Kelsey, acho que seria prudente de minha parte dormir do outro lado da fogueira. Você ficará bastante aquecida aqui, sozinha.

Olhei para ele, curiosa.

– É verdade, mas há bastante espaço, e prometo não roncar.

Ele deu uma risada nervosa.

– Não é isso. Sou homem o tempo inteiro agora e seria difícil para mim dormir com você sem... abraçá-la. Dormir ao seu lado como tigre, tudo bem, mas como homem é diferente.

– Ah, uma vez eu disse o mesmo para Ren. Você está certo. Deveria ter pensado nisso e não deixá-lo numa posição desconfortável.

Ele bufou, irônico.

– Não estava preocupado em me sentir *desconfortável*, mas sim em me sentir um pouco confortável *demais*.

– Ah, tá. – Agora *eu* estava nervosa. – Então... é... quer ficar com o saco de dormir? Posso usar minha colcha.

– Não. Estou bem, *bilauta*.

Alguns minutos depois, Kishan acomodou-se do outro lado da fogueira. Ele enfiou as mãos sob a cabeça e disse:

– Conte-me outra lenda grega.

– Certo. – Pensei por um momento. – Era uma vez uma bela ninfa, chamada Clóris, que cuidava das flores e da primavera, ordenando aos brotos das árvores que florescessem. Seus longos cabelos louros cheiravam a rosas e estavam sempre enfeitados com uma grinalda de flores. Sua pele era macia como pétalas de rosas. Seus lábios rosados formavam o biquinho de uma peônia e suas faces se assemelhavam a orquídeas em flor. Embora fosse amada por todos que a conheciam, Clóris desejava um companheiro, um homem que pudesse apreciar sua paixão por flores e que desse à sua vida um sentido mais profundo.

– Continue – disse Kishan, quando fez uma pausa.

– Uma tarde, ela cuidava dos copos-de-leite e sentiu uma brisa morna soprar seu cabelo. Um homem entrou no prado e deteve-se, admirando seu jardim. Ele era bonito, com cabelos escuros agitando-se ao vento e usava uma capa púrpura. A princípio, não a viu; ela o observou de um caramanchão coberto de folhas enquanto ele caminhava entre as flores. Os narcisos levantaram a cabeça à sua aproximação. Ele apanhou entre as mãos um botão de rosa para inalar sua fragrância e a flor abriu as pétalas e desabrochou em sua palma. Os lírios estremeceram ao seu toque e as tulipas curvaram seus longos caules em sua direção.

– Hum... E o que fez a mulher?

– Clóris ficou surpresa. Normalmente suas flores só reagiam a ela. As hastes de lavanda tentaram se enroscar nas pernas dele quando passou. Ela cruzou os braços e franziu a testa para elas. Os gladiólios todos se abriram ao mesmo tempo, em vez de se alternarem como

seria esperado, e as ervilhas-de-cheiro dançavam para a frente e para trás, tentando atrair a atenção dele. Ela arquejou de leve ao ver o flox tentar desenterrar as próprias raízes. “Chega!”, disse ela. “Comportem-se!” O homem se virou e a viu oculta entre as folhas. “Pode sair”, chamou. “Não vou machucá-la.” Ela suspirou, empurrou as gardêneas para o lado e saiu ao sol, os pés descalços pisando na relva. Uma brisa suave soprou pelo jardim quando o homem inspirou de leve. Clóris era mais linda que qualquer uma das flores que ele viera admirar. Ele se apaixonou imediatamente por ela e caiu de joelhos à sua frente. Ela implorou que ele se erguesse. O homem se pôs de pé e o vento morno levantou sua capa e envolveu os dois em suas ondas púrpura. Clóris riu e ofereceu-lhe uma rosa prateada. Sorrindo, ele arrancou as pétalas, atirando-as no ar.

Como Kishan nada dizia, continuei a contar a história.

– De início, ela ficou aborrecida, mas então ele girou o dedo e as pétalas formaram uma espiral ao redor deles, num túnel de vento. Ela bateu palmas, deliciada, ao ver as pétalas dançarem. “Quem é você?”, perguntou. “Meu nome é Zéfiro”, ele respondeu. “Sou o vento do oeste.” Ofereceu-lhe a mão. Quando ela pousou sua mão na dele, ele a puxou para si e a beijou. Acariciando seu rosto macio com a ponta dos dedos, ele disse: “Há séculos viajo pelo mundo e você é a donzela mais linda que já vi. Diga-me, por favor, qual é o seu nome?” Corando, ela respondeu: “Clóris.” Ele envolveu suas mãos pequenas com as dele e fez uma promessa. “Voltarei na próxima primavera. Quero que seja minha esposa. Se você me quiser.” Clóris assentiu timidamente. Ele tornou a beijá-la e a capa púrpura esvoaçou ao seu redor. “Até nosso próximo encontro, no próximo ano, minha Flora.” O vento o levou rapidamente para longe.

Achei que tivesse escutado alguém se aproximar, mas meus sentidos me enganaram. Retomei meu relato.

– Durante todo o ano ela se preparou para a chegada de Zéfiro. Seu jardim estava mais belo do que nunca e as flores, mais felizes. Sempre que pensava nele, sentia o beijo de sua brisa roçar-lhe o rosto. Na primavera seguinte, ele voltou e encontrou sua linda noiva à espera, e os dois se casaram cercados por milhares de florações. Tiveram um casamento feliz. Ela cuidava dos jardins, enquanto a cada primavera o vento oeste de seu marido espalhava suavemente o pólen. Seus jardins eram os mais lindos, os mais famosos e pessoas vinham de todas as partes do mundo admirá-los. Eles se adoravam e o amor deles era generoso. Tiveram um filho chamado Carpo, que significa “fruto”.

Fiz uma pausa.

– Kishan?

Ouvi um ronco leve vindo do outro lado da fogueira. Perguntei-me quando ele pegara no sono e disse baixinho:

– Boa noite, Kishan.

Na manhã seguinte acordei com um som de mastigação acima da minha cabeça. Olhei para cima e vi um corpo alto e amarelo, com círculos negros, e sussurrei:

– Kishan, acorde!

– Já estou acordado e vigiando, Kells. Não tenha medo. Ela não vai machucá-la.

– É uma girafa!

– É. E há alguns gorilas se movimentando naquelas árvores.

Virei-me devagar e vi uma família de gorilas apanhando frutas de uma árvore.

– Vão nos atacar?

– Não estão reagindo como gorilas normais, mas só há um modo de saber. Fique aqui.

Ele desapareceu entre as árvores, surgiu um momento depois na forma de tigre e foi até a girafa. Ela piscou para ele seus olhos de cílios longos e voltou calmamente a arrancar as folhas do alto das árvores com a língua. O mesmo aconteceu quando ele seguiu na direção dos gorilas. Eles o observaram preguiçosamente e tagarelaram entre eles. Então voltaram ao seu café da manhã, mesmo quando ele se aproximou de um dos bebês.

Kishan se transformou de novo em homem, olhando atentamente os animais.

– Muito interessante. Eles não estão com medo de mim.

Comecei a desfazer o acampamento.

– Você perdeu suas roupas de montanhismo. Está de volta ao preto.

– Não perdi, não. Deixei-as entre as árvores. Já volto.

Depois do café da manhã, caminhamos até a grande estrutura que tínhamos visto no dia anterior. Era imensa, feita de madeira e, obviamente, muito antiga. Uma grande rampa apodrecida levava ao seu interior. Quando nos aproximamos, exclamei:

– É um barco!

– Acho que não, Kells. É grande demais para ser um barco.

– É, sim, Kishan. Acho que é a arca!

– O quê?

– A Arca de Noé. Lembra-se de quando o Sr. Kadam falou sobre todos os mitos do dilúvio? Bem, se esta de fato é a montanha onde Noé aportou, então aquilo deve ser o que restou de seu barco. Vamos!

Caminhamos até a imensa estrutura de madeira e espiamos lá dentro. Eu queria subir e dar uma olhada, mas Kishan me advertiu.

– Espere, Kells. A madeira está podre. Deixe-me ir primeiro e fazer um teste.

Ele desapareceu dentro da barriga escancarada da construção e surgiu alguns minutos depois.

– Acho que é seguro o bastante, se você ficar bem atrás de mim.

Entrei atrás dele. Estava escuro, mas, nos lugares onde a madeira havia caído do teto, aberturas irregulares deixavam a luz do sol entrar. Eu esperava ver baías de alguma espécie para conter os animais, porém não havia nenhuma. Havia, sim, alguns níveis com degraus de madeira, mas Kishan achou que os degraus seriam perigosos demais. Peguei a câmera e tirei algumas fotos para o Sr. Kadam.

Mais tarde, ao sairmos da relíquia de madeira, eu disse:

– Kishan... tenho uma teoria. Acho que a Arca de Noé *realmente* aportou aqui e os animais que vimos são descendentes daqueles animais originais. Talvez seja por isso que eles tenham um comportamento diferente. O único lugar em que viveram foi aqui.

– Só porque um animal vive no paraíso não significa que ele não tenha instintos. Eles são muito poderosos. O instinto de proteger o território, de caçar o alimento e de... – ele olhou para mim propositalmente – encontrar um companheiro pode ser irresistível.

Limpei a garganta.

– Certo. Mas a comida é abundante aqui e tenho certeza de que existem muitos – gesticulei com a mão no ar – *companheiros* para todos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Talvez. Mas como você sabe que é sempre assim? Talvez o inverno venha numa época diferente aqui.

– Pode ser, mas acho que não. Vi flores crescendo que florescem na primavera, mas também vi flores que florescem no outono. É estranho. É como se reunisse o melhor de tudo. Os animais são todos perfeitos e

bem alimentados.

– Sim, mas não vimos nenhum predador ainda.

– É verdade. Vamos manter os olhos abertos.

Peguei o caderno e comecei a categorizar o que tínhamos visto. O lugar lembrava mesmo um paraíso e, aparentemente, Kishan e eu éramos os únicos seres humanos ali. O aroma fresco de flores, maçãs, frutas cítricas e grama pairava no ar. A temperatura estava perfeita – nem quente demais, nem fria demais.

Parecia um jardim bem cuidado. Eu não via nada que se assemelhasse a uma erva daninha. *Seria impossível este tipo de terreno se manter naturalmente*, pensei. Encontramos um ninho de pássaro perfeito, com ovos azuis pintados. Os pais chilreavam alegremente, sem se aborrecerem quando nos aproximamos para inspecionar os ovos.

Também fiz uma lista de todas as criaturas com que travamos contato. No início da tarde, tínhamos visto centenas de animais diferentes que eu sabia que não deveriam estar vivendo naquele meio ambiente – elefantes, camelos e até cangurus.

Já perto do anoitecer avistamos nossos primeiros predadores – um bando de leões. Kishan os farejou a quase dois quilômetros de suas terras e decidimos olhar mais de perto. Ele me fez subir numa árvore enquanto investigava. Por fim, ele voltou, com um olhar de espanto.

– Há um grande rebanho de antílopes perto do bando, mas eles estão pastando ao lado dos leões! Vi uma leoa comendo algo vermelho, que pensei ser carne, mas na verdade era uma fruta. Os leões estavam comendo maçãs!

Comecei a descer. Kishan me pegou pela cintura e me levou até o chão.

– Então minha teoria estava correta. Aqui é realmente como o Jardim do Éden. Os animais não caçam.

– Parece que você acertou. Ainda assim, gostaria de guardar certa distância entre nós e os leões antes de acamparmos.

Mais tarde identificamos outros predadores – lobos, panteras, ursos e até outro tigre. Eles não fizeram qualquer movimento contra nós. Na verdade, os lobos eram tão amigáveis quanto cães e se aproximaram para que os acariciássemos.

Kishan resmungou.

– Isso é estranho... Me deixa nervoso!

– Sei o que quer dizer, mas... eu gosto. Queria que Ren pudesse ver

este lugar.

Kishan não respondeu, apenas me apressou para deixarmos os lobos e seguirmos em frente.

Ao anoitecer nos deparamos com uma clareira cheia de narcisos no meio de uma floresta. Tínhamos acabado de montar acampamento quando ouvi a melodia doce e melancólica de uma flauta. Nós dois nos imobilizamos. Era a primeira evidência de que havia pessoas ali.

– O que fazemos? – perguntei.

– Deixe-me ir ver.

– Acho que nós dois devíamos ir.

Kishan deu de ombros e rapidamente fui atrás dele. Seguimos as notas persistentes do misterioso som e encontramos a fonte da música sentada numa pedra elevada junto a um córrego, tocando uma flauta de bambu. A criatura segurava o instrumento delicadamente entre as mãos e o soprava de leve. Quando nos aproximamos, hesitantes, ela parou de tocar e sorriu.

Seus olhos eram de um verde vivo, brilhando num lindo rosto. Seu cabelo prateado, na altura dos ombros, caía solto. Dois pequenos chifres castanhos e aveludados despontavam do alto de sua cabeleira brilhante, lembrando um jovem cervo começando a desenvolver a galhada. Era ligeiramente menor que um ser humano de altura mediana e sua pele era branca, com um tom ligeiramente lilás. Estava descalço, mas usava uma calça que parecia feita de um tecido que imitava couro. Sua camisa de manga comprida era cor de romã.

Ele pendurou a flauta no pescoço e olhou para nós.

– Olá.

Kishan respondeu, cauteloso:

– Olá.

– Estava esperando sua chegada. Todos nós estávamos.

– Nós, quem? – perguntei.

– Eu, os silvanos e as fadas.

Perplexo, Kishan acrescentou:

– Vocês estavam nos esperando?

– Ah, sim. Na verdade, há muito tempo. Devem estar cansados. Venham comigo e eu lhes darei algo para beber.

Kishan continuou grudado no chão. Dei a volta por ele.

– Oi, meu nome é Kelsey.

– Muito prazer. O meu é Fauno.

– Fauno? Já ouvi esse nome antes.

– Ouviu?

– Sim! Você é Pã!

– Pã? Não. Eu sou Fauno. Pelo menos é o que minha família me diz. Venham.

Ele se levantou, saltou sobre uma rocha e desapareceu na floresta, por um caminho de pedras. Virei-me e segurei a mão de Kishan.

– Vamos. Confio nele.

– Eu não.

Apertei a mão dele e sussurrei:

– Está tudo bem. Acho que você daria conta dele.

Kishan aumentou a pressão em minha mão e deixou que eu fosse na frente, seguindo nosso guia.

Seguimos Fauno através de árvores frondosas e logo ouvimos o riso agudo de muitas pessoas. Ao nos aproximarmos da aldeia, percebi que o som era algo que eu jamais ouvira *gente* produzir. Era sobrenatural.

– Fauno... o que são silvanos?

– São o povo das árvores, as ninfas das árvores.

– Ninfas das árvores?

– Sim. De onde vocês vêm não existe povo das árvores?

– Não. Também não temos fadas.

Ele pareceu confuso.

– Que tipo de gente sai de uma árvore quando ela se parte?

– Até onde sei, nenhum. Na verdade, acho que nunca vi uma árvore se partir, a não ser quando um raio a atinge ou alguém a derruba.

Ele se deteve.

– Seu povo derruba árvores?

– Na minha terra? Sim.

Ele balançou a cabeça com tristeza.

– Fico muito feliz de viver aqui. Pobres árvores! Eu me pergunto o que será das futuras gerações.

Olhei para Kishan, que sacudiu a cabeça imperceptivelmente, antes de recomeçarmos a andar.

Quando a noite caiu, passamos por baixo de um amplo arco repleto de centenas de rosas trepadeiras em miniatura, em todas as variedades de cor, e entramos na aldeia dos silvanos. Lanternas pendiam de trepadeiras semelhantes a cordas, que desciam das maiores árvores

que eu já vira. As pequenas luzes dentro das lanternas pulavam para cima e para baixo em suas casas de vidro, cada uma de uma cor viva e diferente – rosa, prata, turquesa, laranja, amarelo e violeta. Olhando mais de perto, vi que as luzes eram criaturas vivas. Eram fadas!

– Kishan! Olhe! Elas brilham como vaga-lumes!

As fadas pareciam grandes borboletas, mas seu brilho não vinha do corpo. A luz suave emanava de suas asas coloridas, que se abriam e fechavam preguiçosamente, enquanto as pequenas criaturas permaneciam sentadas num suporte de madeira.

Apontei para uma delas.

– Elas são...

– Lâmpadas? São. Elas têm turnos de duas horas como lanterna, à noite. Gostam de ler em serviço. Isso as mantém acordadas. Se dormirem, suas luzes se apagam.

– Certo. Claro – murmurei.

Entramos com ele no povoado. Os pequenos chalés eram feitos de plantas fibrosas entrelaçadas e se encontravam dispostos em círculo ao redor de um trecho gramado. A área central havia sido preparada para um banquete. Uma árvore gigantesca se erguia atrás de cada cabana; os galhos se estendiam no alto, enlaçando seus ramos aos das árvores vizinhas e criando assim um belo caramanchão verde acima de nós.

Fauno segurou sua flauta e tocou uma melodia alegre. Pessoas graciosas e delicadas começaram a sair de seus chalés e saltar de esconderijos em meio à folhagem.

– Venham! Venham conhecer quem estávamos esperando! Estes são Kelsey e Kishan. Vamos dar-lhes as boas-vindas.

Rostos radiantes se aproximaram. Todos tinham cabelo prateado e olhos verdes como os de Fauno. Eram belos seres masculinos e femininos, vestidos com roupas de tecidos finos cintilantes, nas cores vivas das flores que brotavam por toda parte.

Fauno virou-se para mim:

– Gostariam de comer ou de tomar banho primeiro?

Surpresa, eu disse:

– Banho primeiro. Se não for problema.

Ele se curvou.

– Claro. Antrácia, Phiale e Deiopeia, por favor, levem Kelsey à lagoa de banho feminina.

Três silvanas adoráveis timidamente se aproximaram de mim. Duas

delas pegaram minhas mãos, enquanto a terceira me guiou para fora da clareira, floresta adentro. Kishan franziu a testa, obviamente aborrecido com nossa separação, mas notei que ele foi logo levado embora também, numa direção diferente.

As mulheres eram ligeiramente menores que Fauno, cerca de 20 centímetros mais baixas que eu. Minhas acompanhantes seguiram um caminho iluminado por luzes coloridas de fadas até chegarmos a um lago redondo, alimentado por um pequeno riacho. A água caía de grandes pedras para pedras menores e depois para o lago, criando um diminuto e oculto borrimo de água. Funcionava como uma grande ducha constantemente aberta.

Elas tiraram minha mochila e desapareceram, enquanto eu despi a restante das roupas e entrava no lago. A água estava surpreendentemente quente. Uma rocha longa e submersa, conveniente demais para ser natural, estendia-se ao longo do arco dentro do lago, servindo de apoio para pisar e para sentar, quando se entrava na água.

Depois que molhei o cabelo, as três ninfas voltaram trazendo tigelas com líquidos aromáticos. Deixaram-me escolher a fragrância que mais me agradava e me entregaram uma bola de musgo que funcionava como bucha. Esfreguei minha pele com o sabonete perfumado, eliminando a sujeira, enquanto Phiale ensaboava meu cabelo com três produtos diferentes, fazendo-me enxaguá-lo a cada vez sob a pequena queda-d'água.

As luzes de fada brilhavam calorosamente. Quando saí do lago e as mulheres envolveram meu corpo e meu cabelo num tecido macio, minha pele e meu couro cabeludo estavam formigando, e eu me sentia relaxada e refrescada. Antrácia massageou minha pele com uma loção perfumada, enquanto Phiale trabalhava em meu cabelo. Deiopeia desapareceu brevemente e voltou com um belo vestido de tecido muito leve, verde-pálido, bordado com flores cintilantes.

Estendi a mão para tocar o vestido.

– É lindo! O bordado é tão benfeito que as flores parecem reais.

Ela riu.

– Elas são reais.

– Não pode ser! Como vocês as prenderam no tecido?

– Não as prendemos. Elas cresceram nele. Pedimos que fossem parte deste vestido e elas concordaram.

Antrácia perguntou:

- Não gostou?
- Eu amei! Ficarei muito feliz de usá-lo.

Todas sorriam e cantarolavam, contentes, enquanto me arrumavam. Após terminarem, trouxeram um espelho prateado encaixado numa moldura oval entalhada com flores entrelaçadas.

- O que acha, Kelsey? Satisfeita com sua aparência?

Fitei a pessoa no espelho.

- Esta sou eu?

Elas irromperam em risadinhas.

- Sim, claro. É você.

Fiquei paralisada. A mulher descalça que me olhava do espelho tinha grandes olhos castanhos de corça e pele clara e macia irradiando saúde. Uma sombra verde cintilante intensificava meu olhar e meus cílios estavam longos e escuros. Meus lábios brilhavam com gloss vermelho-maçã e minhas bochechas estavam rosadas. O vestido verde em estilo grego fazia com que eu parecesse mais curvilínea do que era. Era drapeado nos ombros, preso na cintura e caía até o chão em longas dobras. Meus cabelos estavam soltos e ondulados sobre as costas, terminando logo acima da cintura. Eu não havia me dado conta de que ele havia crescido tanto. Estava enfeitado com flores e asas de borboleta.

As asas moveram-se ligeiramente. *Haveria fadas segurando meu cabelo em feixes ondulados?*

– Uau! As fadas não precisam ficar no meu cabelo. Tenho certeza de que prefeririam fazer outra coisa.

Phiale balançou a cabeça.

– Absolutamente. Elas se consideram honradas em segurar os cabelos de alguém tão bonita quanto você. Elas dizem que seu cabelo é lindo e macio, e que ficar nele é como descansar numa nuvem. Sentem-se felizes quando podem servir. Por favor, deixe-as ficar.

Sorri.

- Tudo bem, mas só durante o jantar.

As três silvanas ficaram me enfeitando por mais alguns minutos e então me declararam apresentável. Começamos a caminhar de volta à aldeia. Pouco antes de chegarmos à área do banquete, Deiopeia me entregou um buquê de flores perfumado.

- Hum... Não estou me casando nem nada parecido, certo?
- Casando-se? Ora, não.

– Quer se casar? – perguntou Phiale.

Fiz um gesto com a mão.

– Não, só perguntei por causa do lindo vestido e do buquê de flores.

– Esses são os costumes de casamento em sua terra?

– São.

Deiopeia deu uma risadinha nervosa.

– Bem, se quisesse se casar, seu homem também está muito bonito.

As três moças recommçaram com os risinhos e apontaram para a mesa do banquete, onde Kishan estava sentado, evidentemente frustrado. Elas saltitaram até a mesa antes de desaparecerem em meio ao grupo de cabelos prateados. Precisava admitir que Deiopeia tinha razão. Kishan estava mesmo muito bonito. Eles o haviam vestido com uma calça branca e uma camisa azul, feita do mesmo material que o meu vestido. Ele também tomara banho. Ri alto ao vê-lo olhar para as silvanas ao redor, pouco à vontade, sentindo-se deslocado.

Ele deve ter me ouvido, pois ergueu os olhos e observou a multidão. Seus olhos se iluminaram ao me ver, mas passaram direto, ainda procurando. Kishan não me reconheceu! Ri de novo. Dessa vez, seus olhos voltaram a mim e se detiveram. Erguendo-se devagar, caminhou em minha direção. Olhou-me de cima a baixo, com um largo sorriso no rosto, e soltou uma gargalhada.

Aborrecida, perguntei:

– Do que você está rindo?

Ele pegou minhas mãos nas dele e olhou nos meus olhos.

– De nada, Kelsey. Você é a criatura mais encantadora que já vi na vida.

– Ah. Obrigada. Mas por que você riu?

– Ri porque sou eu que tenho a sorte de vê-la assim, de estar com você neste paraíso, enquanto *Ren* foi perseguido por macacos e lutou contra árvores de agulhas. Obviamente, fiquei com a melhor busca.

– Sem dúvida. Pelo menos até agora. Mas proíbo você de provocá-lo com isso.

– Está brincando? Meu plano é tirar uma foto sua e contar tudo para ele nos *mínimos* detalhes. Aliás, fique bem aí.

Kishan desapareceu e retornou com uma câmera.

Franzi a testa.

– *Kishan*.

– Ren iria querer uma foto. Pode acreditar. Agora, sorria e segure

suas flores.

Ele tirou várias fotos, guardou a pequena câmera no bolso e pegou minha mão.

– Você está linda, Kelsey.

Corei com o elogio, mas um sentimento de melancolia me invadiu. Pensei em Ren. Ele teria adorado este lugar. Era uma cena saída diretamente de *Sonho de uma noite de verão*. Ele teria sido o belo Oberon para minha Titânia.

Kishan tocou meu rosto.

– A tristeza está de volta. Isso parte meu coração, Kells. – Ele se inclinou e beijou meu rosto suavemente. – Você me daria a honra de me acompanhar no jantar, *apsaras rajkumari*?

Tentei me animar e sorri.

– Sim, se você me disser do que acabou de me chamar.

Seus olhos dourados cintilaram.

– Eu a chamei de “princesa”, “princesa das fadas” para ser exato.

Eu ri.

– Ah, é? E você? Como se chamaria?

– Eu sou o belo príncipe consorte, naturalmente.

Ele passou meu braço pelo dele e me ajudou a me acomodar à mesa. Fauno sentou-se numa cadeira à nossa frente, ao lado de uma silvana adorável.

– Posso apresentar-lhes nossa soberana?

– Claro – eu disse.

– Kelsey e Kishan, esta é Dríope, rainha dos silvanos.

Ela assentiu delicadamente e sorriu. Em seguida anunciou:

– Está na hora do banquete! Aproveitem!

Eu não sabia por onde começar. Travessas com delicados biscoitos finos como renda e pães de mel estavam arrumadas ao lado de tortas de limão, pratos com compotas de frutas, pequenas quiches e crepes de canela. Servi-me de salada de folhas de dente-de-leão com frutas secas e molho de limão, e de uma porção de *galette* de cogumelo, cebola e maçã, com queijo *stilton* assado. Também foram trazidos pratos com torta de ameixa, pãezinhos de mirtilo e bolinhos de abóbora com recheio de queijo cremoso, pães salgados com manteiga e geleias de frutas.

Bebemos néctar de flores adoçado com mel e frescor de melancia. Kishan me serviu uma minúscula cestinha de massa recheada com

framboesas e coberta com creme de leite fresco. Todos os alimentos eram pequenos, exceto o prato final: um gigantesco bolo de morango. Uma calda vermelha pingava pelos lados da massa branca, recheada com morangos doces e creme leve. Coberto com chantili e polvilhado com açúcar, foi servido acompanhado por leite.

Quando terminamos, inclinei-me para Kishan e disse:

– Não fazia ideia de que os vegetarianos comiam tão bem.

Ele riu e se serviu de mais uma fatia de bolo.

Limpei os lábios com o guardanapo.

– Fauno, posso lhe fazer uma pergunta?

Ele assentiu.

– Encontramos as ruínas da arca. Você sabe sobre Noé e os animais?

– Ah, está falando do barco? Sim, vimos o barco parar nas colinas e todos os tipos de criatura emergiram dele. Muitas delas deixaram nosso reino e entraram no seu mundo, inclusive as pessoas que estavam a bordo. Algumas das criaturas resolveram ficar. Outras tiveram gerações de descendentes e depois voltaram para nós. Concordamos em deixar que todos ficassem se agissem de acordo com a lei da nossa terra: a de que nenhum ser vivo pode machucar outro.

– Isso é... incrível!

– É mesmo maravilhoso que tantos animais tenham voltado para nós. Aqui eles encontram paz.

– Assim como nós. Fauno... estamos procurando a pedra ônfalo ou pedra do umbigo. Você já a viu?

Todos os silvanos sacudiram a cabeça e Fauno respondeu:

– Não, acho que não conheço essa pedra.

– E uma árvore gigante, com milhares de metros de altura?

Ele refletiu um pouco e depois sacudiu a cabeça.

– Não. Se essa árvore ou essa pedra existem, encontram-se fora do nosso reino.

– Quer dizer que estão no meu mundo?

– Não necessariamente. Há outras partes deste mundo que não controlamos. Enquanto andarem por nossas terras, sob nossas árvores, vocês estarão seguros, mas, uma vez fora do abrigo de suas copas, não poderemos mais protegê-los.

– Entendo.

Afundi na cadeira, desapontada.

O rosto dele se iluminou.

– No entanto, talvez encontrem sua resposta se dormirem no Bosque dos Sonhos. É um lugar especial para nós. Se temos uma pergunta difícil que precisa de resposta ou se necessitamos de orientação, dormimos lá, onde podemos descobrir a resposta ou sonhar com o futuro e perceber que a pergunta não era tão importante afinal.

– Poderíamos experimentar?

– Claro! Levaremos vocês.

Um grupo de silvanas agitadas começou a tagarelar na outra ponta da mesa.

– Que oportuno vocês terem vindo agora! Uma das árvores está se partindo! – explicou Fauno. – Venham ver, Kelsey e Kishan! Venham ver o nascimento de uma ninfa das árvores!

Kishan segurou minha mão enquanto Fauno nos guiava por trás de um dos chalés. A aldeia inteira aguardava, murmurando baixinho, ao pé da árvore.

Fauno sussurrou:

– Estas árvores estavam aqui antes da chegada de Noé e de seu barco de animais. Elas deram à luz muitas gerações de silvanos. Cada chalé que vocês estão vendo encontra-se na frente de uma árvore de família. Isso significa que todos que vivem no chalé nasceram da árvore-mãe atrás dele. Está chegando a hora. Olhem. Reparem como as outras árvores lhe oferecem apoio.

Ergui os olhos para o caramanchão frondoso e a impressão realmente era de que os galhos apertavam os dedos folhosos da árvore que fazia força. Ela emitia sons de madeira vergando e estalando, enquanto suas folhas tremiam acima de nós.

As ninfas das árvores pareciam concentradas numa grande saliência nodosa, próxima de um galho baixo. A árvore estremeceu quando o longo galho se agitou. Após momentos intensos escutando os profundos roncões da árvore e observando o tronco se expandir e contrair tão devagar que eu não teria notado se não estivesse prestando atenção, o galho de baixo se quebrou, separando-se do enorme tronco com um estalo terrível.

O silêncio caiu sobre os presentes. O galho ficara pendurado, tocando o solo perto de nós, preso apenas pela casca da árvore. Encaixada no espaço onde a base do galho se unia ao tronco estava uma pequena cabeça prateada.

Um grupo de silvanas se aproximou e começou a falar carinhosamente com o pequeno ser descansando na árvore. Com todo

o cuidado, elas o levantaram e o envolveram numa manta. Um membro do grupo ergueu o pequeno bebê silvano no ar e anunciou:

– É um menino!

Elas desapareceram dentro do chalé enquanto todos comemoravam. Outro grupo de silvanos removeu cuidadosamente da árvore o galho trêmulo e espalhou uma pomada sobre a marca oval no tronco onde o galho estivera.

Os silvanos começaram a dançar em torno da árvore e fadinhas voaram até seu topo e iluminaram todos os galhos com suas asas. Quando a celebração terminou, já era tarde.

Enquanto Fauno nos acompanhava até o Bosque dos Sonhos, eu lhe perguntei:

– Agora sabemos de onde vêm os silvanos, mas, e as fadas? Nascem das árvores também?

Ele riu.

– Não. As fadas nascem das rosas. Quando a flor envelhece e cai, nós a deixamos no solo para produzir sementes. Um broto cresce e, quando chega a hora, uma fada nasce com asas da cor da rosa.

– Vocês são imortais?

– Não, mas vivemos muito. Quando um silvano morre, seu corpo é depositado nas raízes da árvore-mãe e suas lembranças se tornam parte das futuras gerações. As fadas só morrem se sua roseira morre, então podem viver por muito tempo, mas ficam acordadas apenas à noite. Durante o dia, encontram uma flor para descansar e seu corpo se transforma em orvalho da manhã. À noite, elas se transformam em fadas novamente. Ah, chegamos. Este é o Bosque dos Sonhos.

Ele nos levara a uma área isolada. Parecia uma suíte de lua de mel de fadas. Árvores altas sustentavam uma cama de folhas que pendia de trepadeiras. Cestas de flores perfumadas achavam-se suspensas em cada canto do bosque. Travesseiros e roupa de cama de tecido fino eram bordados com trepadeiras espiraladas e folhas. Um grupo de fadas que havia nos seguido assumiu seus postos nas lanternas.

– As quatro árvores grandes que sustentam o caramanchão marcam cada qual uma direção: norte, sul, leste e oeste. Os melhores sonhos acontecem quando a cabeça aponta para o oeste e você acorda com o sol no leste. Boa sorte para vocês e bons sonhos.

Fauno sorriu e foi embora, levando duas fadas com ele.

Eu ainda estava de pé, constrangida.

– É... isso é um pouco embaraçoso.

Kishan fitava a cama como se ela fosse um inimigo mortal. Virou-se para mim e curvou-se galantemente.

– Não se preocupe, Kelsey. Vou dormir no chão.

– Mas... e se o sonho couber a você?

– Você acha que faz diferença eu estar ou não na cama?

– Não faço ideia, porém, em todo caso, acho melhor deitarmos juntos.

Ele ficou tenso.

– Tudo bem. Mas vamos dormir um de costas para o outro.

– Combinado.

Subi primeiro e afundei na cama e nos travesseiros de penas macias. A cama balançava para a frente e para trás, como uma rede. Kishan resmungou ao pôr de lado a mochila. Entendi apenas fragmentos de frases. Algo sobre *princesas das fadas, como ela espera que eu durma, é melhor que Ren agradeça*, etc., etc. Abafei o riso e me virei de lado. Ele puxou a cobertura de tecido fino sobre mim e então senti a cama oscilar quando ele se deitou ao meu lado.

Quando uma brisa agitou de leve meu cabelo, ouvi Kishan dizer:

– Mantenha o cabelo do seu lado, Kells. Faz cócegas.

Eu ri.

– Desculpe.

Puxei o cabelo por sobre o ombro. Ele resmungou um pouco mais, algo sobre *mais do que um homem pode aguentar*, e se mexeu em silêncio. Peguei no sono logo e tive sonhos nítidos com Ren.

Num deles, ele não me conhecia e se afastava de mim. Em outro, estava rindo e feliz. Estávamos juntos de novo e ele me abraçava e dizia baixinho que me amava. Sonhei com uma longa corda em chamuscas e um colar de pérolas negras. Em outro sonho, eu estava debaixo d'água, nadando ao lado de Ren, e estávamos cercados por cardumes de peixes coloridos.

Apesar de os sonhos serem muito claros, não havia pista da pedra ônfalo. Acordei decepcionada e descobri que estava dormindo cara a cara com Kishan. Seu braço estava em volta de mim e sua cabeça pesava sobre o meu cabelo, prendendo-me à cama.

Eu o sacudi.

– Kishan! Kishan! Acorde!

Ele me puxou para mais perto sem abrir os olhos.

– Shh, volte a dormir. Ainda não amanheceu.

– Já é de manhã, sim. – Empurrei-o na altura das costelas. – Hora de acordar. Vamos!

– Está bem, querida, mas que tal um beijo antes? Um homem precisa de motivação para sair da cama.

– Esse tipo de motivação *mantém* um homem na cama. Não vou beijar você. Agora, levante-se.

Ele acordou com um sobressalto. Confuso, resmungou e esfregou os olhos.

– Kelsey?

– Sim, Kelsey. Com quem andou sonhando? Durga?

Ele parou e piscou algumas vezes.

– Isso não é da sua conta. Mas, para sua informação, sonhei com a pedra ônfalo.

– Sonhou? E onde ela está?

– Não sei descrever. Vou ter que mostrar a você.

– Tudo bem.

Pulei da cama e ajeitei o vestido.

Kishan me observava e comentou:

– Você está mais bonita agora do que na noite passada.

Achei graça.

– Ah, com certeza. Eu me pergunto por que você sonhou com a pedra ônfalo e eu não.

– Talvez porque você tenha ido para a cama ontem com perguntas diferentes na cabeça.

Abri a boca mas não falei nada. Ele estava certo. Eu não pensara na pedra antes de dormir. Meus pensamentos estavam todos concentrados em Ren.

Ele me olhava, curioso.

– E com que você sonhou, Kells?

– Também não é da sua conta.

Ele estreitou os olhos e franziu a testa.

– Esqueça. Acho que posso imaginar sozinho.

Kishan seguiu à frente na caminhada de volta ao povoado dos silvanos. A uma curta distância, ele parou e correu de volta para o Bosque dos Sonhos.

– Já volto. Esqueci uma coisa – gritou por sobre o ombro.

Quando voltou, Kishan estava com um sorriso de orelha a orelha,

mas, por mais que eu tentasse, não consegui que me contasse o que o deixara tão feliz.



Coisas ruins

Tomamos o café da manhã com os silvanos outra vez e recebemos roupas novas de presente. Ganhamos camisas leves, calças cáqui com um brilho sutil e botas forradas. Perguntei se eram de couro e as pacíficas criaturas não sabiam do que eu estava falando. Quando expliquei, pareceram chocadas e disseram que nenhum animal jamais havia sido ferido ali em sua terra. Disseram que as fadas teciam todas as suas roupas e que não havia na Terra nenhum material tão fino, macio e bonito.

Concordei. Elas também acrescentaram que, se você estiver viajando pela terra dos silvanos e pendurar roupas feitas por fadas no galho de uma árvore à noite, as fadas limparão e consertarão as roupas enquanto a pessoa dorme. Agradecemos os presentes e desfrutamos a refeição. Em seguida Fauno apareceu carregando um recém-nascido.

– Antes de irem, gostaríamos de lhe pedir um favor – disse ele. A família do novo bebê quer saber se você poderia escolher um nome para seu filho.

– Tem certeza? – perguntei, confusa. – E se eu der um nome de que eles não gostem?

– Eles ficarão honrados com qualquer nome que der à criança.

Antes que eu pudesse dizer mais uma palavra de protesto, ele colocou o minúsculo bebê em meus braços. Um pequeno par de olhos verdes me fitou do meio da manta macia. Ele era lindo. Eu o ninei e instintivamente comecei a falar de forma amorosa com ele. Estendi um dedo para tocar de leve seu nariz e a penugem macia e prateada em sua cabeça. O bebê, muito mais ativo do que um recém-nascido humano, estendeu a mão para agarrar um cacho do meu cabelo e o puxou.

Kishan delicadamente tirou meu cabelo do alcance da criança. Em

seguida jogou o restante do cabelo sobre meu ombro. Então tocou a mão do bebê, que agarrou seu dedo.

– Ele tem força na mão – disse Kishan, rindo.

– Tem, sim. – Olhei para Kishan. – Gostaria de chamá-lo de Tarak, em homenagem a seu avô, se você não se importar.

Os olhos dourados de Kishan cintilaram.

– Acho que ele iria gostar de ter um xará.

Quando disse a Fauno que gostaria de chamar o bebê de Tarak, os silvanos deram vivas. Tarak bocejou, sonolento, indiferente a seu nome e começou a chupar o dedo.

Kishan passou o braço pelos meus ombros e sussurrou:

– Você vai ser uma boa mãe, Kelsey.

– Neste momento estou mais para tia. Aqui. Sua vez.

Kishan acomodou a criaturinha na curva de seu braço e falou baixinho com ela em sua língua nativa. Fui trocar de roupa e trançar o cabelo. Quando voltei, ele embalava o bebê adormecido nos braços e olhava, pensativo, para seu rosto diminuto.

– Pronto para ir?

Ele me olhou com uma expressão terna.

– Claro. Vou trocar de roupa também.

Ele passou o bebê para a família. Antes de sair, roçou um dedo no meu rosto e me dirigiu um sorriso. Seu toque era hesitante e doce. Quando voltou, nos despedimos e pegamos nossa mochila, que agora continha meu vestido de fada, vários pães de mel e um frasco de néctar de flores. Então nos pusemos a andar, seguindo para leste.

Kishan parecia saber o caminho, portanto ia na frente. Com frequência eu o pegava me olhando com um estranho sorriso no rosto. Depois de cerca de uma hora de caminhada, perguntei:

– O que deu em você? Está agindo diferente.

– Estou?

– Sim. Poderia dizer por quê?

Ele hesitou por um longo momento e então suspirou.

– Um dos meus sonhos foi com você. Você estava recostada numa cama, cansada, mas feliz e linda. Tinha um menino recém-nascido de cabelos escuros nos braços. Você o chamou de Anik. Era seu filho.

– Ah. – *Isso explica por que ele estava agindo diferente comigo.* – Havia... mais alguém lá comigo?

– Havia, mas eu não conseguia ver quem.

– Sei.

– Ele parecia conosco, Kelsey. Quero dizer... ou ele era de Ren ou... era meu.

O quê? Ele está dizendo o que acho que está dizendo? Imaginei um doce bebezinho com os olhos azuis de Ren; num lampejo, os olhos mudaram de cor e se tornaram tão dourados quanto o deserto do Arizona. Mordi o lábio, nervosa. *Isso não é bom. Será que Ren não vai sobreviver? Será que, de alguma forma, vou ficar com Kishan?* Eu sabia que Kishan gostava de mim, mas não conseguia imaginar um futuro no qual eu o escolhesse e não a Ren. Talvez não me fosse dada a opção. *Preciso saber!*

– E você... hã... viu os olhos do bebê?

Ele fez uma pausa e olhou atentamente o meu rosto antes de dizer:

– Não. Os olhos dele estavam fechados. Ele estava dormindo.

– Ah.

Recomecei a caminhar. Ele me deteve e tocou meu braço.

– Uma vez você me perguntou se eu queria ter um lar e uma família. Eu não pensava que fosse querer isso sem Yesubai, mas, vendo você daquele jeito no meu sonho, com aquele bebezinho... sim. Eu quero. Quero aquele bebê. Quero... você. Eu o vi e me senti... possessivo e orgulhoso. Quero a vida que vi em meu sonho mais do que tudo, Kells. Achei que você deveria saber disso.

Concordei, calada, e me senti pouco à vontade enquanto ele me observava.

– Quer me contar o que *você* sonhou? – perguntou.

Sacudi a cabeça e brinquei com a bainha da minha camisa de fada.

– Não. Não mesmo.

Ele resmungou e seguiu adiante.

Um bebê? Eu sempre quis ser mãe e ter uma família, mas nunca imaginei que teria dois homens – irmãos, ainda por cima – disputando minha atenção. *Se Ren, por algum motivo, não sobreviver... não. Vou parar com essa linha de raciocínio agora mesmo. Ele vai sobreviver! Farei tudo o que puder para encontrar Lokesh. Se isso representa perigo para mim, que seja.*

Caminhamos a tarde toda, fazendo pausas para descansar ao longo do percurso. Eu estava abalada com a confissão de Kishan. Não queria ter que lidar com isso, não queria magoá-lo. Havia tantas questões não resolvidas. As palavras se formavam em minha mente, no entanto eu

não parecia encontrar coragem para tocar no assunto.

Meu coração gritava que queria Ren, porém minha mente me lembrava de que nem sempre conseguimos o que queremos. Eu queria meus pais de volta também, e isso era impossível. Meus pensamentos borbulhavam como água fervente, mas explodiam no vazio vaporoso quando chegavam à superfície.

Não falamos muito durante o trajeto, exceto para dizer “Cuidado com aquele tronco” ou “Não pise na poça”. Estar com Kishan agora era diferente, constrangedor. Ele parecia esperar alguma coisa de mim, algo que era mais do que eu podia dar a ele.

Ele nos conduziu a uma série de morros e seguiu para uma pequena caverna na base de um deles. Quando chegamos, espiei sua profundidade sombria.

– Ótimo. Outra caverna. Não gosto de cavernas. Até agora minhas experiências com elas não foram nada boas.

– Vai ficar tudo bem – replicou ele. – Confie em mim, Kells.

– Como quiser. Por favor, você primeiro.

Ouvi um zumbido que foi aumentando à medida que penetrávamos mais na caverna. Estava escuro ali. Peguei minha lanterna e corri o fecho de luz pelo lugar. Pilares estreitos de luminosidade rompiam o solo acima em vários lugares, iluminando as rochas e o chão. Alguma coisa roçou meu rosto. Abelhas! A caverna estava cheia de abelhas. Das paredes pendiam favos de mel. Era como se tivéssemos entrado numa colmeia gigante. No meio da caverna, num pedestal, encontrava-se um objeto de pedra com um buraco no topo que não era muito diferente de uma colmeia.

– A pedra ônfalo!

Uma abelha desceu pela gola da minha camisa e me picou.

– Ai!

Esmaguei o inseto com a mão.

– Shh, Kells. Fique quieta. Elas vão nos incomodar menos se nos movermos devagar e em silêncio e fizermos logo o que viemos fazer.

– Vou tentar.

As abelhas enxameavam, zangadas, à nossa volta. Precisei lançar mão de toda a minha determinação para não afastá-las violentamente de mim. Várias pousaram em minhas roupas, mas parecia que os ferrões não conseguiam penetrar o tecido das fadas. Senti uma picada no pulso e encolhi as mãos dentro das mangas compridas, mantendo as aberturas fechadas. Aproximei-me da pedra e olhei lá dentro.

- O que eu faço? – perguntei.
- Tente usar seu poder.

Kishan havia sido picado várias vezes no rosto; na verdade, seu supercílio já estava inchando. Libertei minhas mãos das mangas e estremei quando uma abelha aproveitou a oportunidade para subir pelo meu braço. Coloquei as mãos nas laterais da pedra e instei o calor a subir de minha barriga. Uma ardência disparou pelos meus braços até chegar à pedra.

A pedra se tornou amarela, depois laranja e, em seguida, vermelho vivo. Ouvi um som sibilante vindo de seu interior e senti o cheiro de fumaça. Quando um gás opaco começou a encher a caverna, as abelhas foram se tornando lentas e, por fim, tombaram no chão da caverna como jujubas gordas e dormiram.

– Acho que talvez você tenha que aspirar os vapores, Kells, feito aqueles oráculos de que o Sr. Kadam falou.

– Certo. Vamos lá.

Inclinando-me sobre a pedra, inspirei fundo. Vi estrelas cadentes e cores. A imagem de Kishan tornou-se distorcida, com seu corpo retorcido e alongado. Então fui sugada por uma poderosa visão. Quando acordei, estávamos novamente na selva e Kishan aplicava em minhas picadas uma substância pegajosa e verde. Dizer que ela exalava um cheiro forte seria um eufemismo. O fedor permeava meu cabelo, minhas roupas e tudo à nossa volta.

– Argh! Que coisa nojenta! O que é isso?

Ele estendeu um frasco em minha direção.

– Os silvanos nos deram isso quando eu lhes disse que encontraríamos muitas abelhas. Eles nunca ouviram falar de abelhas que picam, mas usam este unguento nas árvores para reparar o dano quando um galho é quebrado pelo vento. Acreditaram que ajudaria.

– Quando você contou a eles que iríamos a uma caverna de abelhas?

– Quando você estava trocando de roupa. Eles explicaram que essa caverna ficava fora de seus domínios.

– O cheiro é horrível.

– Mas qual é a sensação?

– É... boa. Calmante e refrescante.

– Então imagino que você possa tolerar o cheiro.

– Acho que sim.

– Você conseguiu? Viu a árvore?

– Sim. Vi a árvore e as quatro casas e algo mais também.

– O que mais?

– Como você disse antes, tem uma serpente no jardim. Para ser específica, é uma serpente muito grande enrolada na base da árvore, impedindo que se tenha acesso a ela.

– É um demônio?

Refleti.

– Não. É só uma serpente excepcionalmente grande com um dever a cumprir. Eu sei como chegar lá. Siga-me e no caminho decidiremos o que fazer.

– Está bem. Antes, porém... você se importa?

Ele estendeu o unguento e comecei a espalhar a substância em meu pescoço. Ele tirou a camisa para que eu tivesse acesso às picadas vermelhas e inchadas na parte superior de meu tórax e nas costas. Eu rapidamente me coloquei atrás dele para esconder o rubor em meu rosto. Embora tentasse não me demorar na tarefa, não pude deixar de notar que sua pele cor de bronze era macia e quente.

Quando dei a volta, ele jogou o cabelo para trás, afastando-o do rosto para que eu pudesse espalhar a substância viscosa e verde em suas bochechas e na testa. Havia uma picada grande perto do lábio superior. Toquei-a de leve.

– Dói?

Meu olhar subiu de seus lábios para os olhos. Ele me olhava de um jeito que me fez corar.

– Sim – disse ele baixinho.

Era óbvio que não estava se referindo à picada, então eu não disse nada. Podia sentir o calor de seu olhar no meu rosto enquanto eu terminava rapidamente com meu lábio e queixo. Afastei-me dele o mais rápido possível e recoloquei a tampa no frasco, mantendo-me de costas enquanto ele vestia a camisa. Comecei a caminhar e ele me alcançou, acompanhando meu ritmo.

Andamos por mais uma ou duas horas e montamos acampamento quando o sol se punha. Naquela noite Kishan quis ouvir outra história, então lhe contei uma das aventuras de Gilgamesh.

– Gilgamesh era um homem muito inteligente. Tão inteligente que encontrou uma forma de entrar furtivamente no reino dos deuses. Vestiu um disfarce e fingiu que estava incumbido de uma tarefa de grande importância. Por meio de perguntas astutas, ele descobriu o esconderijo da planta da eternidade.

– O que é a planta da eternidade?

– Não tenho certeza. Talvez fossem folhas de chá ou alguma coisa que se colocava na salada ou na comida. Ou talvez uma erva ou até mesmo uma droga, como o ópio, mas a questão é que ele a roubou. Quatro dias e quatro noites ele correu sem parar nem para descansar a fim de escapar da ira dos deuses. Quando descobriram que a planta havia sido roubada, ficaram furiosos e anunciaram que haveria uma recompensa para quem conseguisse deter Gilgamesh. Na quinta noite, Gilgamesh estava tão cansado que teve que se deitar para descansar, mesmo que apenas por alguns instantes.

Tomei fôlego e continuei:

– Enquanto ele dormia, uma cobra em sua caçada noturna passou por ele e encontrou a planta fragrante, que Gilgamesh havia colocado numa pequena bolsa de pelo de coelho. Pensando ter conseguido facilmente um coelho como jantar, a cobra engoliu a bolsa inteira. Na manhã seguinte, tudo o que Gilgamesh encontrou foi a pele da cobra. Essa foi a primeira vez que uma cobra trocou de pele. A partir daí, as pessoas dizem que as cobras têm uma natureza eterna. Quando troca de pele, ela morre e nasce de novo.

Fiz uma pausa. Kishan estava calado.

– Ficou acordado desta vez? – perguntei.

– Fiquei. Gostei dessa história. Durma bem, *bilauta*.

– Você também.

Mas fiquei acordada por muito tempo. A imagem de um bebê de olhos dourados me tirou o sono.

Levamos dois dias para encontrar o que eu estava procurando. Eu sabia que a árvore ficava num vale amplo e que, se subíssemos entre dois picos, nós a veríamos. Chegamos à base dos picos no primeiro dia e passamos quase todo o segundo dia escalando. Num mirante, finalmente olhamos para baixo.

Estávamos num ponto tão elevado que as nuvens obscureciam a visão. O vento rompeu o manto das nuvens e o vale pareceu ser uma floresta escura. As árvores eram tão altas que chegavam à altura da montanha. Em minha visão da pedra ônfalo, eu tinha visto apenas uma árvore com um tronco enorme.

Apesar de as coisas parecerem diferentes em minha visão, descemos para o vale. À medida que prosseguíamos, fiquei chocada ao perceber que o que eu estava vendo não era uma floresta com muitas árvores –

e sim os galhos de uma árvore gigantesca, uma árvore cujos galhos se estendiam a uma altura maior que a montanha. Quando comentei isso com Kishan, ele me lembrou da pesquisa do Sr. Kadam. Peguei os papéis na mochila e li enquanto andávamos.

– Ele diz aqui que é uma árvore do mundo gigante com raízes que descem ao submundo e folhas que tocam o céu. Supõe-se que tenha mais de 300 metros de largura e centenas de metros de altura. Acho que é esta mesmo.

– Parece que sim – respondeu Kishan, simplesmente.

Quando por fim pisamos no solo gramado do vale, seguimos um galho gigantesco até o tronco. Como o sol não conseguia penetrar a copa densa acima, ali embaixo era escuro, frio e sossegado.

O vento soprava através das folhas imensas, que batiam nos galhos como roupas no varal. Ruídos estranhos e apavorantes assaltavam nossos ouvidos. Rangendo e gemendo, o vento encontrava maneiras de soprar acima e através dos poderosos galhos, fazendo parecer que estávamos andando em meio a uma floresta assombrada.

Kishan se aproximou de mim para segurar minha mão. Aceitei seu gesto, grata, e tentei ignorar a sensação de estar sendo vigiada. Kishan sentia o mesmo e disse que era como se estranhas criaturas estivessem nos estudando de cima. Tentei achar graça.

– Imagine o tamanho das ninfas que nasceriam desta árvore.

Minha intenção fora fazer piada, mas a possibilidade de que isso pudesse ser verdade fez com que nós dois olhássemos para cima, desconfiados.

Horas mais tarde, finalmente alcançamos o tronco. Ele se estendia como um enorme muro de madeira para além do nosso campo de visão. O galho mais próximo estava a dezenas de metros de altura. Era alto demais para que o alcançássemos e não tínhamos nenhum equipamento de escalada.

– Sugiro que acampemos aqui na base e comecemos a contorná-la de manhã bem cedo – disse Kishan. – Talvez possamos encontrar um galho mais baixo ou uma forma de escalá-la.

– Parece bom para mim. Estou exausta.

Ouvi um barulho de asas e fiquei surpresa ao ver um corvo negro pousar no chão perto de nosso acampamento. Ele grasnou para nós e bateu as asas ruidosamente ao levantar voo. Não pude deixar de pensar que esse podia ser um mau agouro, mas preferi não expressar minhas preocupações a Kishan.

Quando ele pediu uma história naquela noite, contei uma que havia lido num livro que o Sr. Kadam me dera.

– Odin é um dos deuses do povo nórdico. Ele tem dois corvos chamados Hugin e Munin. Corvos são ladrões notórios e esses dois corvos de estimação eram enviados pelo mundo todo para roubar para Odin.

– O que eles pegavam?

– Ah, esse é o aspecto interessante. Hugin roubava pensamentos e Munin, lembranças. Odin os mandava sair cedo pela manhã e eles retornavam à noite. Empoleiravam-se nos ombros dele e sussurravam em seus ouvidos os pensamentos e as lembranças que haviam roubado. Dessa maneira, ele sabia tudo o que acontecia e as ideias e intenções de todos.

– Seria conveniente tê-los numa batalha. Você saberia que movimentos o inimigo planeja.

– Exatamente. E era o que Odin fazia. Mas um dia Munin foi apanhado por um traidor. Quando Hugin voltou para sussurrar pensamentos na mente de Odin, este imediatamente os esqueceu. Naquela noite, um inimigo entrou furtivamente no palácio e derrotou Odin. Depois disso, as pessoas deixaram de acreditar nos deuses. Hugin fugiu e ambos os pássaros desapareceram. A lenda dos corvos de Odin é uma das razões por que se acredita que ver um corvo é mau agouro.

– Kells, você tem medo de que o corvo roube suas lembranças? – perguntou Kishan.

– Minhas lembranças são o que possuo de mais precioso agora. Eu faria qualquer coisa para protegê-las, mas não, não tenho medo do corvo.

– Durante muito tempo eu teria dado qualquer coisa para ter minhas lembranças apagadas. Pensava que, se pudesse esquecer o que aconteceu, talvez eu fosse capaz de dar continuidade à minha vida.

– Mas você não ia querer esquecer Yesubai, assim como eu não quero esquecer Ren nem os meus pais. É triste lembrar, mas faz parte de quem somos.

– Humm. Boa noite, Kelsey.

– Boa noite, Kishan.

Na manhã seguinte, quando arrumávamos as coisas para começar o dia, percebi que a pulseira que Ren me dera havia desaparecido.

Kishan e eu procuramos por toda parte, mas não conseguimos encontrá-la.

– Kells, a câmera também sumiu, assim como todos os pães de mel.

– Ah, não! O que mais?

Ele olhou diretamente para o meu pescoço.

– O quê? O que foi?

– O amuleto sumiu.

– O que aconteceu? Como podemos ter sido roubados no meio do nada? Como não senti alguém tirando coisas do meu corpo enquanto eu dormia? – gritei, descontrolada.

– Desconfio de que tenha sido o corvo.

– Mas isso não é real! É só um mito!

– Você mesma disse que os mitos com frequência se baseiam em fatos reais. Talvez o corvo os tenha levado. Eu teria acordado se tivesse sido uma pessoa. Um pássaro eu ignoro enquanto durmo.

– O que vamos fazer agora?

– A única coisa que podemos fazer. Prosseguir. Ainda temos nossas armas e o Fruto Dourado.

– Sim, mas o amuleto!

– Vai ficar tudo bem, Kells. Tenha um pouco de fé, lembra? Como disse o Mestre do Oceano.

– Para você é fácil falar. Não teve sua única fotografia de Yesubai tirada de você.

Ele me olhou em silêncio por um momento.

– A única fotografia que já tive de Yesubai é a que tenho na mente.

– Eu sei, mas...

Ele colocou o dedo sob meu queixo e ergueu meu rosto.

– Você tem uma chance de ter o homem de volta. Não se preocupe tanto com a fotografia.

– Tem toda a razão. Vamos em frente, então.

Escolhemos seguir pela esquerda do tronco e começamos a caminhar. O tronco era tão colossal que eu mal podia ver sua curva na distância.

– O que vai acontecer quando encontrarmos a serpente, Kells?

– Não é uma serpente perigosa. Ela simplesmente guarda a árvore. Pelo menos foi assim que pareceu pela pedra ônfalo. Se a serpente sentir que temos uma razão legítima para passar, ela vai nos liberar.

Se não, vai tentar nos deter.

Uma ou duas horas depois, eu corria o dedo ao longo da casca do tronco quando ele se moveu.

– Kishan! Você viu isso?

Ele tocou o tronco.

– Não estou vendo nada.

– Ponha sua mão sobre ele. Sinta bem... aqui. Está vendo? A textura muda. Aí! Outra mudança! Ponha sua mão sobre a minha. Consegue sentir agora?

– Sim.

Uma seção do tronco de pouco menos de dois metros começou a se mover. Outro segmento acima dele se moveu na direção contrária. Os padrões pareciam familiares, mas eu não conseguia identificá-los. Era confuso, assim como ver a árvore gigante e tomá-la por uma floresta inteira. O vento redemoinhava à nossa volta, como se impelido por um imenso fole. Uma forte sucção de ar, seguida por um vento forte, agitou a grama curta e fez o pelo dos meus braços arrepiar.

Kishan olhou para cima e se imobilizou.

– Não se mexa, Kelsey.

O ar começou a se mover de forma mais intensa, como se o fole estivesse sendo soprado mais depressa.

– O que foi, Kishan? – murmurei.

Um ruído farfalhante soou atrás de mim. Parecia que alguém arrastava uma sacola pesada sobre um monte de folhas. Ramos partiam, folhas estremeciam e galhos gemiam. Ouvi uma voz profunda e sibilante.

– O que vocccêsss esstão fazendo na minha floresssta?

Virei-me lentamente e dei de cara com um gigantesco olho que não piscava.

– Você é a guardiã da árvore do mundo?

– Ssssim. Por que vocccêsss esstão aqui?

Fui subindo, subindo e subindo o olhar. Agora eu sabia o que tinha visto antes. A serpente gigante estava enroscada na árvore e os segmentos de quase dois metros no tronco eram seu corpo, que estava perfeitamente camuflado. Na verdade, enquanto eu observava, seu corpo mudou de cor para combinar com o ambiente, como um camaleão. Sua cabeça era tão grande quanto o Hummer de Ren e não havia como saber qual era a extensão de seu corpo. Kishan deu um

passo à frente, parando ao meu lado e segurando minha mão. Percebi que ele segurava o *chakram* com a outra mão.

– Estamos aqui para reivindicar o prêmio aéreo que descansa no topo da árvore – declarei.

– Por que eu deveria deixá-lossss passssssar? Para que preccccisam do Lenççççço Divino?

– O prêmio aéreo é um lenço?

– Ssssssssim.

– Bem, precisamos dele porque irá ajudar a quebrar a maldição lançada sobre dois príncipes da Índia e a salvar o povo de seu país.

– Quem sssão essssssesssss prínccccccipesssss?

– Este é Kishan. Seu irmão, Ren, foi sequestrado.

A serpente gigante lançou várias vezes a língua na direção de Kishan, que resistiu à inspeção bravamente. Eu teria saído correndo.

– Eu não conheçççço essssses irmãosssss. Vocccêssss não podem passssssssar.

A imensa cabeça começou a se virar enquanto o pesado corpo deslizava pelo chão. Senti um movimento semelhante em meu braço e gritei:

– Espere!

A serpente voltou-se para mim e baixou a cabeça para me ver melhor. Fanindra esticou suas dobras e deslizou pela minha nuca. Então ergueu a cabeça na direção do olho gigantesco e projetou a língua várias vezes para fora.

– Quem é esssssa?

– O nome dela é Fanindra. Pertence à deusa Durga.

– Durga. Ouvi falar dessssssa deusa. Essssssa ssssserpente é dela?

– É. Fanindra está aqui para nos ajudar em nossa busca. A deusa Durga nos enviou e nos forneceu armas.

– Essssstou vendo.

A guardiã examinou Fanindra por um longo momento, como se ponderasse nosso destino. As duas serpentes pareciam estar se comunicando silenciosamente entre si.

– Vocccêssss podem passssssar. Pressssssinto que não esssstão mal-intencccccionadossssss. Talvezzzzzz vocêsssss tenham ssssssucccccessssssso. Talvezzzzzz ssssseja o ssssseu desssstino. Quem sssssabe? Vocccêsssss irão passssssar por quatro casassssss. A casa dossssss pássssarosssss. A casa dasssss cabaççççassssssss. A casa dasssss

ssssssereiassssss. E a casa dosssss morecccccegossssss. Tenham cuidado. Para prosssssseguir, voccccccêsssss precccccisam fazer asssss melhoressss esssssscolhassss.

Kishan e eu fizemos uma medida.

– Obrigada, Guardiã.

– Boa sssssorte para voccccccêsssss.

A imensa serpente balançou o corpo pesado e a árvore enorme roncou. A parte de seu corpo que estava enroscada no tronco se moveu, separando-se e revelando uma passagem secreta e uma escada oculta. Fanindra se enroscou na parte superior do meu braço e voltou a seu estado dormiente.

Kishan me puxou para a passagem. Tive tempo suficiente para reconhecer que o chão estava coberto por serragem, quando a cobra deslizou. Seu corpo tornou a fechar a passagem, selando-nos na raiz negra da gigantesca árvore do mundo.



As provas das quatro casas

Os olhos esmeralda de Fanindra começaram a brilhar e forneceram luz suficiente para que Kishan pudesse pegar nossa lanterna. Um metro e meio à nossa frente havia outro tronco de árvore que parecia tão sólido quanto o externo – um tronco dentro do outro. Entre os dois, subia uma escada em espiral. Ele pegou minha mão outra vez antes de começarmos nossa subida. Os degraus tinham largura suficiente para que andássemos lado a lado e profundidade bastante para que pudéssemos parar e recuperar o fôlego ou mesmo dormir, se precisássemos.

Subimos em um ritmo lento, parando com frequência para descansar. Era difícil dizer quanto já havíamos subido. Depois de várias horas, encontramos uma espécie de porta. Era amarelo-alaranjada e tinha a superfície irregular. Um talo tosco de madeira estava no ponto exato em que deveria haver uma maçaneta. Encordoei meu arco e encaixei uma flecha enquanto Kishan deixava seu *chakram* na posição de lançamento. Ele se postou de um lado, pegou a maçaneta e empurrou a porta lentamente enquanto eu deslizava um pé para dentro e esquadrinhava o lugar à procura de atacantes. Não havia ninguém à vista.

Tratava-se de uma sala cheia de prateleiras que tinham sido entalhadas nas paredes da árvore. Cobrindo as prateleiras e o chão, havia centenas de cabaças, de todos os tipos e tamanhos. Algumas eram sólidas, outras, ocas. Muitas tinham belos e elaborados desenhos e eram iluminadas por velas que bruxuleavam em seu interior.

Algumas abóboras apresentavam entalhes muito superiores a qualquer coisa que eu já tivesse visto no Halloween. Passamos por prateleira após prateleira, admirando os desenhos. Algumas eram pintadas e envernizadas até cintilarem como pedras preciosas

entalhadas. Kishan estendeu a mão para tocar uma delas.

– Espere! Não toque em nada ainda. Esta é uma das provas. Precisamos descobrir o que fazer. Espere um segundo enquanto consulto as anotações do Sr. Kadam.

O Sr. Kadam nos fornecera três páginas de informações sobre cabaças. Kishan e eu nos sentamos no chão de madeira polida e as lemos.

– Aqui tem muita coisa sobre onde certas cabaças se originaram e fatos sobre como marinheiros procuravam sementes de determinadas espécies para cultivá-las. Existe uma narrativa mitológica sobre barcos feitos de cabaças. Também não acredito que se trate disso.

Kishan riu.

– E o que me diz desta aqui? Sobre cabaças e fertilidade? Quer experimentar, Kells? Estou disposto a fazer o sacrifício, se você estiver.

Li o mito e encarei Kishan de olhos estreitados enquanto ele ria.

– Nos seus sonhos. Essa decididamente eu passo. – Virei a página. – Aqui diz que atirar uma cabaça na água evoca monstros e serpentes marinhos. Hum, não precisamos de nenhum desses.

– E quanto a este mito chinês aqui? Diz que um garoto se aproximando da idade adulta devia escolher a cabaça que guiaria sua vida. Cada uma delas continha algo diferente. Algumas eram perigosas; outras, não. Uma inclusive guardava o elixir da juventude eterna. Pode ser que tenhamos sorte. Talvez seja melhor escolher logo uma.

– Acho que escolher uma provavelmente é a coisa certa a fazer, mas como saber qual delas?

– Não sei. Precisamos tentar. Eu começo. Mantenha a mira no que quer que saia dela.

Kishan pegou uma cabaça simples em formato de sino. Nada aconteceu. Ele a sacudiu, jogou-a para o alto e a bateu contra a parede... nada.

– Vou tentar quebrá-la.

Ele a atirou contra o chão e uma pera saiu rolando dela. Pegou a fruta e deu uma mordida antes que eu pudesse avisá-lo de que talvez houvesse algo de errado com ela. Quando Kishan finalmente prestou atenção em mim, a fruta já estava quase no fim. Ele desdenhou de meu aviso e disse que o sabor era bom. A cabaça quebrada se dissolveu e desapareceu no chão.

– Ok, minha vez.

Peguei uma cabaça redonda pintada com flores, ergui-a acima da cabeça e a atirei ao chão. Uma serpente negra e sibilante surgiu dos pedaços quebrados e imediatamente se enroscou para dar o bote em minha perna. Antes que eu pudesse levantar a mão, ouvi um zumbido metálico. O *chakram* de Kishan cravou-se no piso de madeira aos meus pés, decependo a cabeça da serpente. Seu corpo e a cabaça partida se dissolveram no chão.

– Sua vez. Talvez seja uma boa ideia nos ater às cabaças não decoradas.

Ele escolheu uma em forma de garrafa, que apresentou algo que parecia leite. Adverti Kishan para que não o bebesse, pois podia não ser o que parecia. Ele concordou, mas descobrimos que, se não o bebêssemos, a cabaça seguinte não se partiria e a quebrada com o leite dentro não se dissolveria. Ele bebeu o leite e continuamos.

Escolhi uma cabaça branca imensa e obtive luar.

Uma pequena e verrugosa produziu areia.

Uma alta e estreita criou uma linda canção.

Uma cabaça cinza e gorda, que parecia um golfinho, jogou água do mar na perna de Kishan.

Minha escolha seguinte foi uma com formato de colher. Quando a quebrei, uma névoa negra subiu e veio em minha direção. Eu corri, mas ela me seguiu, dirigindo-se para minha boca e meu nariz. Não havia nada que Kishan pudesse fazer. Eu a inspirei e comecei a tossir. Minha visão nublou. Senti-me tonta e cambaleei. Kishan me segurou.

– Kelsey! Você está pálida! Como se sente?

– Nada bem. Acho que o conteúdo dessa era doença.

– Aqui. Deite-se e descanse. Talvez eu consiga encontrar uma cura.

Ele começou a quebrar as cabaças freneticamente enquanto eu observava. Estremeci e comecei a suar, um escorpião saiu de dentro da próxima e Kishan o esmagou com a bota. Em seguida, encontrou uma cabaça com vento, outra com peixe e uma que continha uma pequena estrela que brilhava tanto que tivemos que fechar os olhos até que a luz diminuísse e ela desaparecesse no chão.

Todas as vezes em que encontrava um líquido, Kishan corria para mim e me fazia provar. Bebi néctar de frutas, água comum e um tipo de chocolate quente escuro e amargo. Recusei-me a beber um que cheirava a álcool, mas o esfreguei em minha pele para que a cabaça desaparecesse.

As três seguintes continham nuvens, uma tarântula gigante, que ele

chutou para o canto da sala, e um rubi, que ele guardou no bolso. Minha visão, a essa altura, estava escurecendo e Kishan ia ficando desesperado. A próxima cabaça que ele escolheu tinha uma espécie de pílula. Debates se eu devia tomá-la ou não. Eu estava tonta e fraca, febril e coberta de suor. Era difícil respirar e meu coração estava disparado. Entrei em pânico, certa de que, se não encontrássemos algo logo, eu morreria. Mastiguei a pílula e a engoli. Tinha gosto de vitamina para crianças e não me fez melhorar.

Duas outras cabaças continham queijo e um anel. Ele comeu o queijo e colocou o anel no dedo. A seguinte tinha um líquido branco. Kishan estava nervoso. Até onde sabíamos, podia ser um veneno que me mataria imediatamente ou podia ser minha cura ou o elixir da eterna juventude. Acenei para que ele se aproximasse.

– Vou beber. Me ajude.

Ele ergueu minha cabeça e inclinou a cabaça, o conteúdo derramando-se entre meus lábios secos e rachados. O líquido escorreu pela minha garganta enquanto eu me esforçava para engolir. Imediatamente comecei a sentir a força retornar aos meus membros.

– Mais.

Ele segurava a cabaça com firmeza enquanto eu bebia. O sabor era delicioso e me deu força suficiente para pegar a cabaça dele. Envolvendo a forma arredondada com ambas as mãos, engoli o restante do líquido em dois grandes goles. Sentia-me agora mais forte do que quando tínhamos chegado ali.

– Você parece bem melhor, Kells. Como está se sentindo?

Eu me levantei.

– Estou me sentindo ótima! Forte. Invencível até.

Ele soltou um suspiro trêmulo.

– Ótimo.

Olhei ao redor com a visão clara. Quase mais do que clara.

– Ei. O que é aquilo?

Empurrei algumas cabaças, tirando-as do caminho, e agarrei a alça de uma cabaça grande e redonda com uma longa haste no topo.

– Tem um tigre entalhado no lado externo. Tente esta, Kishan.

Ele a pegou de minhas mãos e a atirou contra o chão. Lá dentro havia um papel dobrado.

– É como um biscoito da sorte! O que ele diz?

– Diz: *O recipiente oculto mostra o caminho.*

- O recipiente *oculto*? Talvez se refira a uma cabaça oculta.
- É muito fácil ocultar uma cabaça numa sala cheia de cabaças, Kells.
- É mesmo. Vamos procurar cabaças que estejam fora do caminho, no fundo da sala ou enfiadas nos cantos.

Recolhemos um grupo de cabaças menores. Kishan tinha cerca de 10 e eu, 4. Ele abriu seu grupo primeiro e obtivemos arroz, uma borboleta, uma pimenta-malagueta, neve, uma pena, um lírio, um chumaço de algodão, um camundongo, outra serpente da qual ele se livrou – poderia ser inofensiva, mas melhor prevenir que remediar – e uma minhoca.

Desapontados, nos voltamos para o meu grupo. A primeira continha linha, a segunda, sons de tambor, a terceira, aroma de baunilha e a quarta, que tinha o formato de uma maçã pequena, não tinha nada. Esperamos algum tempo e começamos a ficar nervosos, pensando que um de nós ia ficar doente outra vez. A cabaça quebrada desapareceu como as outras, o que significava que alguma coisa tinha acontecido.

- Será só isso? Está vendo alguma coisa? – perguntei.
 - Não. Espere. Estou ouvindo algo.
- Depois de um minuto, eu disse:
- E então? O que é?
 - Tem alguma coisa diferente nesta sala, mas não sei dizer o que é. Espere. O ar! Ele está se movendo. Consegue sentir?
 - Não.
 - Espere um instante.

Kishan percorreu lentamente a sala, examinando prateleiras, paredes e cabaças. Ele pousou a mão numa das paredes e se aproximou dela, esbarrando em cabaças que rolaram e mudaram de lugar.

– Tem ar entrando por aqui. Acho que é uma porta. Me ajude a remover estas cabaças.

Limpamos toda aquela parte da parede, deixando as prateleiras nuas.

- Não consigo mover esta aqui. Está presa.

Era uma cabaça minúscula, que parecia crescer da parede. Puxei e empurrei, mas ela não cedeu. Kishan recuou um passo para ter uma visão melhor e começou a rir. Eu ainda estava puxando a cabaça pequenina.

– O que foi? Por que você está rindo?

– Afaste-se um segundo, Kells.

Saí do caminho e ele pôs a mão sobre a cabaça.

– Não sei o que você está tentando provar. Ela não se mexe.

Kishan girou e empurrou.

– É uma maçaneta, Kelsey.

Ele riu e abriu a seção da parede que agora era obviamente uma porta. Do outro lado, encontramos mais degraus que levavam a um nível mais alto no interior da árvore.

Ele estendeu a mão.

– Vamos?

Após algumas horas de subida, Kishan pediu que fizéssemos uma pausa.

– Vamos parar e comer alguma coisa, Kells. Não consigo acompanhá-la. Eu me pergunto quanto tempo o efeito de sua bebida energética especial vai durar.

Parei uns 10 passos à frente dele e esperei que me alcançasse.

– Agora você sabe como me sinto tentando acompanhar o ritmo de vocês, tigres, o tempo todo.

Ele grunhiu e tirou a mochila dos ombros. Então nos acomodamos confortavelmente num degrau amplo. Ele abriu o zíper da mochila, tirou o Fruto Dourado e o girou entre as mãos. Depois de pensar por um momento, sorriu e falou em sua língua nativa. Uma grande travessa tremeluziu e se materializou. O vapor que subia dos vegetais tinha um aroma familiar.

Franzi o nariz.

– Curry? Argh. Minha vez.

Pedi batata gratinada, tênder com calda de cereja, vagem com amêndoas e pães com manteiga e mel. Quando meu jantar surgiu, Kishan olhou meu prato.

– Que tal dividirmos?

– Não, obrigada. Não sou fã de curry.

Ele terminou rapidamente sua refeição e ficou tentando me fazer olhar para monstros imaginários para que pudesse roubar bocados do meu prato. Terminei dando metade de minha comida para ele.

Mais uma hora subindo degraus e o efeito do meu energético se esgotou. Eu me senti exausta. Kishan me deixou descansar enquanto

procurava a casa seguinte. Quando voltou, eu estava escrevendo no diário.

– Encontrei a próxima porta, Kells. Venha. Talvez seja melhor descansar lá.

Os empoeirados degraus circulares no interior do tronco da árvore do mundo nos levaram a um chalé coberto com hera espessa e flores. Lá de dentro, ouvia-se o tilintar de risadas.

– Tem gente lá dentro – sussurrei. – Vamos ter cuidado.

Ele assentiu e desamarrou o *chakram* preso ao cinto enquanto eu encaixava uma flecha no arco.

– Pronta?

– Pronta – sussurrei.

Ele abriu a porta cuidadosamente e fomos recebidos pelas mulheres mais lindas que eu já tinha visto. Elas ignoraram nossas armas e nos deram boas-vindas à sua casa.

Uma jovem belíssima, com cabelos castanhos compridos e ondulados, olhos verdes, pele cor de marfim e lábios cor de cereja, vestida num cintilante vestido rosa pálido, pegou o braço de Kishan.

– Pobrezinhos. Devem estar cansados depois dessa viagem. Entrem. Você podem tomar um banho e descansar.

– Um banho me parece ótimo – disse Kishan, extasiado.

Ela não prestou a menor atenção em mim. Seus olhos estavam presos aos de Kishan. Ela acariciou-lhe o braço, sussurrando algo sobre travesseiros macios, água quente e refrescos. Outra mulher se juntou à primeira. Era loura, tinha olhos azuis e usava um vestido prata com brilhos.

– Isso, venha – chamou ela. – Você encontrará conforto aqui. Por favor, siga-nos.

Elas já levavam Kishan dali quando protestei. Kishan se virou e um homem se aproximou. Louro e de olhos azuis, com quase dois metros de altura, exibindo o tórax nu, bronzado e musculoso, dirigiu toda sua atenção a mim.

– Olá. Bem-vinda ao nosso humilde lar. Minhas irmãs e eu raramente temos visitas. Adorariíamos que vocês ficassem conosco algum tempo.

Ele sorriu para mim e eu corei intensamente.

– É... é muita generosidade sua – gaguejei.

Kishan fechou a cara para o rapaz, mas as garotas jogaram seu

charme piscando os longos cílios e o distraíram novamente.

– Kishan, não acho que...

Outro homem surgiu de trás de uma cortina. Este era ainda mais bonito que o primeiro. Tinha cabelos e olhos castanhos e fiquei fascinada por sua boca. Ele fez cara de triste e disse:

– Tem certeza de que não podem ficar conosco? Nem um pouquinho? Adoraríamos ter companhia. – Ele suspirou dramaticamente. – A única coisa que temos para nos manter ocupados é nossa coleção de livros.

– Vocês têm uma coleção de livros?

– Sim. – Ele sorriu e me ofereceu o braço. – Posso mostrá-la a você?

Kishan havia saído com as mulheres e resolvi olhar a coleção de livros. Racionalizei que, se os rapazes tentassem alguma coisa, eu poderia atingi-los com raios.

Eles de fato tinham uma coleção de livros, que contava com muitos dos títulos que eu amava. Na verdade, observando mais de perto, descobri que eu conhecia todos. Eles me ofereceram petiscos.

– Aqui, prove uma dessas tortas. São incríveis. Nossas irmãs são excelentes cozinheiras.

– Não, obrigada. Kishan e eu acabamos de comer.

– Ah, então talvez você queira se refrescar...

– Vocês têm um banheiro?

– Temos. Fica atrás daquela cortina ali. Também tem um chuveiro. Puxe o ramo comprido e a água cairá das folhas da árvore. Vamos providenciar refrescos e um lugar confortável para você descansar.

– Obrigada.

Estávamos obviamente na Casa das Sereias. O banheiro era de verdade, felizmente, e aproveitei a oportunidade para tomar um banho e trocar de roupa. Quando saí do banho, encontrei um longo vestido dourado pendurado para mim. Era semelhante aos vestidos que as duas mulheres usavam. Minhas roupas estavam rasgadas e ensanguentadas, então vesti o traje dourado e pendurei minhas roupas de fada para ver se elas iriam limpá-las mesmo na árvore do mundo.

Em silêncio, li as notas do Sr. Kadam sobre sereias. Passei os olhos pelas sereias da *Odisseia* e pela história de Jasão e os Argonautas. Eu já conhecia essas narrativas, mas ele também havia incluído informações sobre ninfas do mar e tritões, os equivalentes masculinos das sereias.

Essas pessoas provavelmente estavam mais para ninfas das árvores do que para ninfas da água. Elas mantinham a beleza até morrerem. Podiam flutuar. Passar por pequenos buracos. Hum, essa é nova. Vida extremamente longa... às vezes invisíveis... momentos especiais são meio-dia e meia-noite. A meia-noite deve estar se aproximando. Elas podiam ser perigosas, causar loucura, síncope, letargia e paixão obsessiva.

Uma batida suave na porta me arrancou do meu estudo.

– Oi?

– Está pronta para sair, senhorita?

– Quase.

Olhei rapidamente o restante das anotações e guardei os papéis na mochila. Os dois homens postavam-se diante da porta e me fitavam como um par de cobras observando o ninho de um pássaro.

– Com licença.

Passei rapidamente entre eles, caminhei até o outro lado da sala e me sentei no que parecia um pufe gigante coberto por uma pele macia. Os homens me imitaram, sentando-se um de cada lado.

Um deles cutucou meu ombro.

– Você está muito tensa. Deite-se e relaxe. Esse assento se amolda ao seu corpo.

Eles não aceitariam não como resposta. O de cabelos escuros me empurrou para trás delicada mas insistentemente.

– Sim, é confortável. Obrigada. Onde está Kishan?

– Quem é Kishan?

– O homem com quem cheguei.

– Não percebi que havia um homem.

– Seria impossível perceber qualquer coisa depois que você entrou – disse o outro homem.

– Isso mesmo. Concordo. Você é linda demais – afirmou o irmão.

Um deles começou a acariciar meu braço enquanto o outro massageava meus ombros.

Eles indicaram uma mesa à nossa frente repleta de guloseimas.

– Quer experimentar uma fruta cristalizada? É deliciosa.

– Não. Obrigada. Ainda não estou com fome.

O homem que massageava meus ombros começou a beijar minha nuca.

– Você tem uma pele muito delicada.

Tentei me sentar, mas ele me pressionou de volta no pufe.

– Relaxe. Estamos aqui para satisfazer você.

O outro me entregou uma taça alta com um líquido vermelho e borbulhante.

– Que tal um suco de amora espumante?

Então ele pegou minha outra mão e começou a beijar meus dedos. Uma penumbra toldou minha visão. Fechei os olhos por um momento e meus sentidos se concentraram nos lábios beijando meu pescoço e nas mãos quentes que massageavam meus ombros. O prazer enredou-se pelo meu pescoço e eu, ávida, queria mais. Um dos homens beijou minha boca. Aquilo não parecia certo. Alguma coisa estava errada.

– Não – murmurei fracamente e tentei afastá-los.

Mas eles não me davam trégua. Alguma coisa arranhava o fundo da minha mente. Algo a que eu tentava me agarrar. Algo que me ajudaria a me concentrar. A massagem nos ombros estava tão boa... Ele passou para o pescoço, movendo o polegar em pequenos círculos. Foi quando aquilo de que eu estava tentando me lembrar emergiu em minha consciência.

Ren. Ele havia massageado meu pescoço daquela maneira. Visualizei seu rosto. A princípio, ele me apareceu fora de foco, mas comecei a listar mentalmente tudo aquilo que eu amava nele e a imagem se tornou mais nítida. Pensei em seu cabelo, nos olhos, em como ele segurava minha mão o tempo todo. Pensei nele com a cabeça deitada sobre meu colo enquanto eu lia para ele, em seu ciúme, sua paixão por panquecas de manteiga de amendoim e no fato de ele ter escolhido sorvete de pêssego com creme porque fazia com que se lembrasse de mim. Em minha mente, eu o ouvi dizer: *“Mein tumse mohabbat karta hoon, iadala.”*

– *Mujhe tumse pyarhai*, Ren – sussurrei.

Alguma coisa estalou em minha cabeça e eu me sentei abruptamente. Os homens fizeram beicinho enquanto tentavam me puxar de volta. Então começaram a cantar em voz suave. Minha visão foi começando a perder o foco outra vez, então cantarolei a canção que Ren escreveu para mim e recitei um de seus poemas. Levantei-me. Os homens agora insistiam que eu comesse alguma coisa ou bebesse um suco. Recusei. Eles me levaram até uma cama macia. Eu me mantive firme enquanto eles me puxavam, imploravam e me bajulavam. Elogiaram meus cabelos, meus olhos e meu lindo vestido e choraram, dizendo que eu fora sua única visitante em milênios e que

só queriam passar algum tempo em minha companhia.

Recusando outra vez, insisti que precisávamos retomar nossa jornada. Eles teimaram, pegaram minha mão e me puxaram na direção da cama. Afastei-me deles e agarrei meu arco. Rapidamente, ajustei a corda e encaixei uma flecha, então a aponte para o peito masculino mais próximo, ameaçando-os. Os dois homens recuaram e um deles ergueu a mão, num gesto de derrota. Eles se comunicaram silenciosamente e então sacudiram a cabeça, com tristeza.

– Poderíamos fazê-la feliz. Você esqueceria todos os seus problemas. Nós iríamos lhe dar amor.

Sacudi a cabeça.

– Eu amo outro.

– Você nos teria estimado com o tempo. Possuímos a habilidade de tirar todos os pensamentos e substituí-los apenas por sentimentos de paixão e prazer.

– Aposto que sim – repliquei, com sarcasmo.

– Somos solitários. Nossa última companheira morreu há vários séculos. Nós a amávamos.

– Sim, nós a amávamos muito – confirmou o outro. – Ela nunca soube o que era sofrimento nem por um só dia de sua vida conosco.

– Mas somos imortais e a vida dela passou rápido demais.

– Sim. Precisamos encontrar uma substituta.

– Sinto muito, garotos, mas eu não quero isso. Não tenho o menor interesse em ser sua – engoli em seco – escrava do amor. E, além disso, não desejo esquecer coisa alguma.

Eles me estudaram por um longo momento.

– Que seja então. Você está livre para ir.

– E quanto a Kishan?

– Ele deve fazer sua própria escolha.

Com isso, eles se transformaram numa fina coluna de fumaça, entraram num nó da parede da árvore e desapareceram. Voltei ao banheiro para pegar minhas roupas de fada e fiquei encantada ao ver que elas haviam sido limpas e consertadas.

Apanhando a mochila, voltei à sala. Em vez do quarto sedutor, encontrei agora uma sala simples e vazia, com uma porta. Eu a abri, saí da casa e acabei de volta na escada circular que espiralava no interior do tronco da árvore do mundo. A porta se fechou atrás de mim. Estava sozinha.

Tornei a vestir a calça e a camisa que as fadas haviam tecido para nós e me perguntei quando ou se Kishan sairia dali. *Seria muito melhor dormir naquela cama macia do que nos degraus duros de madeira. Mas, por outro lado, se eu tivesse ficado naquela cama, creio que não conseguiria dormir muito.*

Agradei mentalmente a Ren por me salvar das ninfas das árvores e dos homens-sereias ou o que quer que fossem. Completamente exausta, me enrosquei no saco de dormir e adormeci. No meio da noite, Kishan cutucou meu ombro.

– Ei.

Apoiei-me no cotovelo e bocejei.

– Kishan? Você ficou muito tempo lá.

– É. Não foi exatamente fácil me livrar daquelas mulheres.

– Sei o que quer dizer. Precisei ameaçar atirar naqueles caras para eles me deixarem em paz. Na verdade estou surpresa que tenha conseguido sair. Como foi que eliminou a influência delas sobre sua mente?

– Mais tarde eu falo sobre isso. Estou cansado, Kells.

– Está bem. Aqui, pegue minha colcha. Não vou sugerir que a gente divida o saco de dormir. Chega de homens por hoje.

– Entendo perfeitamente. Obrigado. Boa noite, Kells.

Depois de acordar, comer e arrumar nossas coisas, continuamos subindo os degraus da árvore do mundo. Uma luz brilhante cintilava adiante. Surgiu um buraco no tronco e passamos para o lado de fora. Era bom ver a luz do sol, mas os degraus agora não eram mais cercados. Agarrei-me ao tronco, recusando-me a olhar para baixo.

Kishan, por outro lado, estava fascinado pela altura em que nos encontrávamos. Ele não conseguia ver o chão, apesar de sua excepcional visão de tigre. Galhos gigantescos se estendiam da árvore. Eram tão grandes que poderíamos ter caminhado por um deles lado a lado sem perigo de cair. Kishan corria ao longo de alguns deles, de tempos em tempos, para explorar. Eu me mantive o mais próximo possível do tronco.

Depois de várias horas em nosso ritmo lento, parei diante de um buraco escuro que levava de volta ao interior do tronco. Esperei Kishan voltar de sua última exploração para entrarmos juntos ali. Essa parte do tronco era mais escura e úmida. A água gotejava lá dentro, caindo de algum ponto no alto. As paredes mudaram de lisas para

lascadas e descascadas. Nossas vozes produziam eco. Parecia haver uma grande fenda na árvore, como se ela tivesse sido escavada.

– É como se essa parte da árvore estivesse morta – eu disse –, como se tivesse sido danificada.

– Verdade. A madeira sob nossos pés está apodrecendo. Mantenha-se o mais perto possível da parede do tronco.

Mais alguns minutos se passaram e os degraus cessaram sob um buraco negro grande o suficiente para que passássemos por ele rastejando.

– Não tem mais nenhum lugar para ir. Devemos entrar?

– Vai ser bem apertado.

– Então me deixe ir primeiro, dar uma olhada – eu me ofereci. – Se estiver bloqueado à frente, não tem necessidade de você passar por aqui. Eu volto e tentamos encontrar outro caminho para o topo.

Ele concordou e trocou a lanterna pela mochila. Kishan me levantou e eu me enfiei no buraco, engatinhando até a passagem começar a se estreitar e se tornar mais alta. Naquele ponto, a única maneira de prosseguir era ficar de pé e andar de lado, espremida. Em seguida, a passagem tornou-se mais baixa e mais uma vez me pus de joelhos.

A passagem parecia de rocha. Uma grande pedra bloqueava a metade superior da passagem. Eu me deitei de bruços, me espremi por baixo dela e descobri que a passagem se abria numa grande caverna. Parecia que eu havia percorrido uns 30 metros, mas provavelmente não chegava nem a 10. Imaginei que Kishan passaria ali por muito pouco.

– Tente vir – gritei.

Enquanto esperava por ele, percebi que o piso parecia esponjoso. *Provavelmente madeira apodrecendo.* As paredes eram cobertas por algo que parecia uma crosta de mostarda escura. Ouvi uma ave batendo as asas lá em cima e um grito suave. *Ah, deve haver um ninho ali.* Os sons ricocheteavam dentro da árvore, tornando-se progressivamente mais altos e mais violentos.

– Kishan? Depressa!

Ergui a lanterna, apavorada. Não conseguia ver nada, mas o ar certamente estava se movendo. Parecia que bandos de aves estavam batendo uns contra os outros na escuridão. Alguma coisa roçou em meu braço e voou de repente. Se era uma ave, era das grandes.

– Kishan!

– Estou quase aí.

Eu podia ouvi-lo deslizando de barriga. Estava quase me alcançando.

Alguma coisa bateu as asas, vindo em minha direção. *Talvez sejam mariposas gigantes*. Desliguei a lanterna para deter as criaturas voadoras e ouvi Kishan se aproximar.

Primeiro a mochila e depois sua cabeça emergiram. Acima de mim, algo grande me assustou, batendo as asas freneticamente. Garras pontudas, semelhantes a ganchos, envolveram meus ombros e os seguraram. Eu gritei. Elas apertaram e, com um violento bater de asas e um grito alto e agudo, fui erguida no ar.

Kishan rastejou rapidamente para fora do buraco e agarrou minha perna, mas a criatura era forte e me arrancou de suas mãos. Eu o ouvi gritar:

– Kelsey!

Gritei de volta e minha voz ecoou nas paredes. Eu estava bem no alto, mas ainda podia distingui-lo vagamente lá embaixo. A criatura logo foi cercada por outras de sua espécie e eu me vi envolvida numa massa tremulante e ruidosa de corpos quentes. Às vezes, sentia pelo roçar minha pele, outras vezes uma membrana coriácea e, de quando em quando, garras afiadas.

A criatura desacelerou, pairou e então me soltou. Antes que eu pudesse gritar, aterrissei de costas com um ruído surdo. Apontei a lanterna, que de alguma forma eu conseguira manter na mão durante o súbito voo. Temendo ver onde estava, mas determinada a descobrir, apertei o botão e olhei.

A princípio, não consegui saber para onde estava olhando. Tudo que eu podia ver eram massas de corpos marrons e pretos. Em seguida, percebi que eram *morcegos*. *Morcegos gigantes*. Eu estava de pé numa saliência com uma queda de dezenas de metros. Rapidamente recuei e me coleí à parede.

Kishan gritou meu nome e tentou ir na minha direção.

– Eu estou bem! – gritei. – Eles não me machucaram! Estou aqui em cima, numa saliência!

– Segure-se, Kells! Eu estou indo!

Os morcegos pendiam de cabeça para baixo, observando o progresso de Kishan com olhos negros piscantes. A massa de corpos estava em constante movimento. Alguns andavam por cima dos companheiros até encontrar uma posição melhor para se pendurar. Outros batiam as asas antes de fechá-las coladas ao corpo. Alguns se balançavam para a

– Certo. – Então berrei para Kishan lá embaixo: – Os morcegos dizem que você tem que usar suas duas metades para me alcançar antes que as luzes se apaguem novamente. Deve abraçar sua metade tigre.

Agora que as luzes estavam acesas, os perigos do caminho tornaram-se óbvios. Uma série de formações semelhantes a estalagmites, mas com a extremidade plana, erguia-se na caverna. Eram muito distantes entre si para que um humano saltasse, mas um tigre talvez conseguisse.

Kishan olhou para cima e atirou o *chakram* no ar. Enquanto a arma subia, Kishan se transformou no tigre negro e saltou. Ele era rápido. Prendi a respiração à medida que ele saltava velozmente de uma formação para a outra, sem nem mesmo parar para se equilibrar. Arquejei de pavor, sabendo que cada salto poderia significar sua morte. Quando chegou à última, exagerou ligeiramente e agarrou a madeira esponjosa com as garras, girando a cauda em busca de equilíbrio.

Ele mudou para a forma humana, pegou o *chakram* e o lançou novamente para o alto. O local em que se encontrava era minúsculo, mal dava para seus pés. Não havia nenhuma saliência para onde saltar dali. Nada era próximo o bastante, nem mesmo para um tigre. Ele olhou ao redor por um momento, calculando o próximo passo. De ponta-cabeça, os morcegos piscavam e o olhavam com olhos arregalados de seus poleiros. A iluminação começou a diminuir. Quanto mais escuro ficasse, mais perigosa seria sua subida.

Eu sabia que Kishan podia ver no escuro melhor que eu, mas ainda assim o caminho era muito traiçoeiro. Ele tomou uma decisão: agachou-se, transformou-se no tigre negro e saltou no ar. Mas não havia nenhum lugar onde pudesse aterrissar.

– Kishan! Não! – gritei.

Em pleno ar ele mudou para a forma humana e caiu. Inclinei-me de braços para olhar por sobre a borda de minha pequena plataforma e voltei a respirar quando o vi pendurado num longo ramo. Ele vinha subindo lentamente por ele, colocando uma mão acima da outra, mas ainda estava muito distante. Então pegou o *chakram*, segurou a perigosa arma nos dentes e oscilou para a frente e para trás até conseguir agarrar um pedaço protuberante de madeira na lateral da árvore. Subiu mais um pouco e descansou por um minuto num minúsculo afloramento. Depois de avaliar a situação, agarrou um novo ramo, saltou e se balançou para a frente novamente.

Kishan fez uma série de manobras acrobáticas. Vi o homem se metamorfosear em tigre e vice-versa pelo menos três vezes. A certa altura, ele atirou o *chakram*, que girou na caverna, partiu um ramo e voltou voando para uma pata de tigre que de repente se transformou em mão humana e o pegou. Com o *chakram* na boca novamente, ele se balançou abaixo de mim, cruzando a caverna, e tomou impulso para o outro lado a fim de me alcançar. Agarrou o galho que cortara para completar a distância. Quando vinha em minha direção, vi que o galho não era comprido o bastante e percebi que ele aterrissaria a pelo menos três metros de mim.

Eu queria fechar os olhos, mas sentia que tinha que olhar enquanto Kishan arriscava a vida para me alcançar. Kishan se balançou para trás e tomou impulso novamente. Dessa vez, quando seus pés tocaram a parede, ele atirou o *chakram* mais uma vez. Então agarrou o ramo com os dentes, metamorfoseou-se rapidamente no tigre negro e tomou impulso com suas poderosas patas traseiras. Em seguida, transformou-se em homem, foi até onde o ramo podia levá-lo e então o soltou. Girando no ar, mudou para a forma de tigre. Seu corpo negro se esticou em direção à minha plataforma. Enquanto suas garras afundavam na madeira perto dos meus pés e ele pendia suspenso no ar, o *chakram* cravou-se na madeira a alguns centímetros da minha mão. As garras de tigre se transformaram em mãos.

– Kishan!

Agarrei as costas de sua camisa e puxei o mais forte que pude. Ele rolou para a saliência de madeira e ficou ali deitado, arquejando, durante vários minutos. A luz havia diminuído ainda mais.

– Estáááá veeeendo? Eleeeee conseguiiiuiiu.

Seus braços tremiam e eu sequei as lágrimas de meu rosto.

– Sim. Conseguiu – eu disse baixinho.

Quando Kishan se sentou, agarrei-o num forte abraço e beijei seu rosto. Ele me apertou por um momento antes de me soltar, relutante. Então tirou o cabelo que me cobria os olhos.

– Lamento não ter trazido a mochila – desculpou-se.

– Está tudo bem. Não havia como trazê-la com tudo o que tinha para fazer.

– Nóóóós vaaaaamos pegáááá-la.

– Que pena que eles não puderam trazer você também – murmurei, com sarcasmo.

– Tíííínhamos que tesssstáááá-lo. Eleeee se saiiiii muuuuuuito

beeeeeem.

Um dos morcegos desceu para buscar a mochila. Depois a largou em minhas mãos estendidas.

– Obrigada. – Toquei o braço de Kishan. – Você está bem?

– Estou. – Ele abriu um sorriso malicioso, apesar da exaustão. – Na verdade, posso ser convencido a fazer tudo de novo em troca de um beijo de verdade.

Soquei-lhe o braço de leve.

– Acho que um beijo no rosto foi suficiente, não concorda?

Ele grunhiu, sem expressar sua opinião.

– E agora? Como saímos daqui?

– Nóóós vaaaamos leváááá-los – disse um dos morcegos.

Dois deles se soltaram do teto e despencaram vários metros antes de abrir bruscamente as asas. Então as bateram com força, ganhando altitude, e pairaram acima de nós. Em seguida, desceram devagar. Pés com garras prenderam meus ombros e apertaram.

– Manteeeeenhaaaaam-se imóóóóveis.

Ouvi a advertência e decidi que era um bom conselho a seguir.

Batendo as asas freneticamente, os morcegos levantaram voo, levando-nos cada vez mais alto na árvore. Não era um passeio divertido, mas eu também reconhecia que isso nos pouparia várias horas de subida. Pensei que fôssemos subir direto, verticalmente, mas, em vez disso, os morcegos circulavam, ascendendo de forma lenta e constante.

Por fim, percebi que o ambiente estava ficando cada vez mais claro. Distingui uma abertura, uma fenda que permitia que manchas alaranjadas de luz do sol se movessem pelas paredes. Uma brisa fresca roçou minha pele e senti o cheiro de árvore viva e nova, em vez do odor podre e bolorento de fungos, amônia e plantas cítricas queimadas. Nossos companheiros alados saíram pela abertura e, batendo as asas ruidosamente, colocaram-nos com cuidado num galho. Os galhos ali eram mais finos, mas ainda assim fortes o bastante para que nós dois caminhássemos neles.

Com um aviso final de “Fiiiiiquem aleeerttas”, eles voaram de volta para a árvore e nos deixaram por nossa própria conta.

– Kells, jogue a mochila para mim. Quero tirar essas roupas pretas e calçar alguma coisa.

Atirei a mochila para ele e me virei para que ele pudesse trocar de

roupa.

– É. Que pena que suas roupas de fada se foram. Desapareceram no éter do tigre. Era bom tê-las à mão. Felizmente o Sr. Kadam insistiu que trouxéssemos uns dois calçados para você, por precaução.

– Kells? As roupas de fada estão na bolsa.

– O quê? – Virei-me e deparei com Kishan despido da cintura para cima e desviei os olhos. – Como isso aconteceu?

– Não sei. Magia de fadas, eu acho. Agora vire para lá, a menos que queira me ver trocar de roupa.

Com o rosto vermelho, virei-me rapidamente. O sol estava se pondo e decidimos comer e descansar. Eu estava exausta, mas tinha medo de dormir num galho, ainda que ele tivesse o dobro da largura de um colchão *king size*.

Eu estava sentada, imóvel, no meio do galho.

– Tenho medo de cair.

– Você está cansada. Precisa dormir.

– Não vou conseguir.

– Vou segurá-la. Você não vai cair.

– E se *you* cair?

– Gatos não caem de árvores, a menos que queiram. Venha cá.

Kishan me envolveu com um braço e apoiou minha cabeça com o outro. Não pensei que fosse conseguir, mas dormi.

Na manhã seguinte, bocejei, esfreguei os olhos sonolentos e dei de cara com Kishan me observando. Ele tinha um braço em torno da minha cintura e minha cabeça descansava em seu outro braço.

– Você não dormiu?

– Cochilei.

– Há quanto tempo você está acordado?

– Uma hora mais ou menos.

– Por que não me acordou?

– Você precisava descansar.

– Ah. Bem, obrigada por não me deixar cair.

– Kells, quero dizer uma coisa.

– O quê? – Apoiei o rosto em meu punho. – O que é?

– Você... você é muito importante para mim.

– Você também é muito importante para mim.

– Não. Não é isso que quero dizer. Quero dizer... eu *sinto*... e tenho motivos para acreditar... que podemos vir a significar algo um para o outro.

– Você já significa algo para mim.

– Certo, mas não estou falando de amizade.

– Kishan...

– Não existe a menor possibilidade, nem uma chance remota, de que você possa um dia se permitir me amar? Você não sente absolutamente nada por mim?

– É claro que sinto. Mas...

– Mas nada. Se Ren não estivesse na jogada, você consideraria ficar comigo? Eu seria alguém de quem você poderia vir a gostar?

Coloquei a mão em seu rosto.

– Kishan, eu já gosto de você. Eu já o amo.

Ele sorriu e se aproximou um pouco mais. Em minha cabeça, os alarmes começaram a disparar, dei uma guinada para trás e tive a sensação de que estava caindo. Agarrei seu braço como se a minha vida dependesse disso.

Ele me segurou com firmeza e observou o meu rosto. Certamente percebeu meu olhar de pânico e reconheceu que não se devia ao fato de ter perdido o equilíbrio. Kishan reprimiu suas emoções, recostou-se e disse baixinho:

– Eu nunca a deixaria cair, Kells.

Eu não estava lidando muito bem com aquilo e o melhor que pude lhe dizer foi:

– Sei que não.

Ele me soltou e se levantou para providenciar nosso café da manhã.

Os degraus agora eram mais estreitos e contornavam a parte externa da árvore. O tronco também era muito menor. Levávamos apenas 30 minutos para circundá-lo. Após algumas horas apavorantes nos degraus que se estreitavam cada vez mais, deparamos com uma corda trançada que pendia do que parecia ser uma casa na árvore.

Eu queria continuar subindo a escada, mas Kishan quis escalar a corda. Ele concordou em subir pelos degraus por mais meia hora e, se não encontrássemos nada, voltaríamos para a corda. Foi uma discussão inútil no fim das contas porque, não mais do que cinco minutos depois, os degraus tornaram-se apenas protuberâncias

nodosas na lateral do tronco da árvore, desaparecendo por completo em seguida.

Quando começávamos a descer até a corda, eu disse:

– Não creio que tenha força suficiente nos braços para subir toda essa altura.

– Não se preocupe com isso. Eu tenho força suficiente para nós dois.

– O que exatamente você tem em mente?

– Vai ver.

Quando chegamos à corda, Kishan pegou a mochila de mim e a pendurou em suas costas. Então fez sinal para que eu me aproximasse.

– O quê?

Ele apontou para o chão diante dele.

– O que você vai me obrigar a fazer?

– Você vai envolver meu pescoço com os braços e depois passá-los pelas alças superiores da mochila.

– Está bem, mas não tente nada engraçado. Eu sinto muitas cócegas.

Kishan levantou meus braços, que envolveram seu pescoço, e me içou do chão, deixando seu rosto muito perto do meu. Ele ergueu uma sobrancelha.

– Se eu tentasse alguma coisa, juro a você que não seria para arrancar uma risada.

Ri de nervosa, no entanto seu rosto estava compenetrado, sério.

– Beleza. Vamos nessa – murmurei.

Senti seus músculos tensos quando Kishan se preparou para saltar, mas ele olhou para baixo, para mim, e seu olhar parou em meus lábios. Ele baixou a cabeça e depositou um beijo quente e suave na lateral da minha boca.

– *Kishan.*

– Desculpe. Não pude resistir. Você está presa e pelo menos dessa vez não pode fugir de mim. Além disso, sua boca é tentadora. Você devia ficar feliz por eu ter me segurado tanto assim.

– Sei.

Com isso, ele saltou no ar. Deixei escapar um gritinho com seu movimento súbito. Devagar, ele começou a subir pela corda. Foi nos içando aos poucos, pisando em galhos quando podia, às vezes mantendo uma das mãos na corda e a outra num galho, para se equilibrar. O tempo todo Kishan tomava cuidado para não me machucar. Sem contar os solavancos, o fato de oscilar a centenas de

metros de altura e de darmos saltos capazes de revirar o estômago, eu me sentia bastante confortável. Na verdade, estava um pouquinho confortável demais ficar apertada junto ao corpo dele.

Parece que homens do tipo Tarzan são o meu fraco.

Quando alcançamos a porta da casa na árvore, Kishan subiu um pouco mais na corda e ficou parado, imóvel, enquanto eu cuidadosamente me soltava dele e pulava para o piso de madeira. Então ele tomou impulso, balançou-se e aterrissou com um floreio. Dava para ver que estava se divertindo.

– Pare de se exhibir, pelo amor de Deus. Você percebe a altura em que estamos e que você poderia despencar para uma morte horrível a qualquer momento? Está agindo como se esta fosse uma aventura superdivertida.

– Não faço a menor ideia da altura em que estamos – replicou. – E não dou a mínima. Mas, sim, estou me divertindo. *Gosto* de ser homem o tempo todo. E *gosto* de estar com você.

Ele envolveu minha cintura com as mãos e me puxou para perto de si.

– Ei – resmunguei, desembaraçando-me dele o mais rápido possível.

Eu não podia censurá-lo pela parte de ser humano e não sabia o que dizer pela parte de estar comigo, então não falei nada. Sentamo-nos no chão de madeira da casa da árvore e vasculhamos todas as anotações do Sr. Kadam. Lemos todas elas duas vezes e esperamos, mas ainda assim nada aconteceu na casa. Essa era supostamente a casa dos pássaros, mas eu não via nenhum. Talvez estivéssemos no lugar errado. Comecei a me sentir ansiosa.

– Olá? Tem alguém aqui? – minha voz ecoou.

O som de asas batendo e uma grasnada foram a minha resposta. No alto, no canto da casa da árvore, vimos um ninho encoberto. Dois corvos espiavam pela borda, vigiando-nos. Eles se comunicavam com um som seco, um ruído que vinha do fundo de suas gargantas.

Os pássaros deixaram seu poleiro e circularam a casa, fazendo acrobacias no ar. Deram saltos mortais e até voaram de cabeça para baixo. Cada volta deixava-os mais perto de nós. Kishan soltou seu *chakram* e o ergueu como uma faca.

Pus minha mão sobre a dele e sacudi a cabeça levemente.

– Vamos esperar e ver o que eles fazem. – Voltei-me para eles. – O que vocês querem de nós?

Os pássaros pousaram a alguns metros de onde nos encontrávamos.

Um girou a cabeça e me olhou com um olho negro. Uma língua também negra surgiu do bico e provou o ar quando o pássaro se aproximou.

Ouvi uma voz áspera dizer:

– Querendinós?

– Você entende o que falo?

Os dois pássaros moveram a cabeça para cima e para baixo, parando de vez em quando para alisar as penas.

– O que estamos fazendo aqui? Quem são vocês?

Os pássaros, saltitando, aproximaram-se um pouco mais. Um deles disse “Hughhn”, e eu podia jurar que o outro disse “Muunann”.

– Vocês são Hugin e Munin? – perguntei, incrédula e maravilhada.

As cabeças se moveram para cima e para baixo novamente. Eles saltaram, chegando ainda mais perto.

– Vocês roubaram minha pulseira?

– E o amuleto? – acrescentou Kishan.

As cabeças fizeram que sim.

– Bem, queremos tudo de volta. Vocês podem ficar com os pães de mel. Já devem tê-los comido mesmo.

Os pássaros grasnaram, estalaram os bicos sonoramente e bateram as asas em nossa direção. Penas arrepiadas se inflaram, fazendo os pássaros parecerem bem maiores do que eram.

Cruzei os braços na frente do peito.

– Não vão devolvê-los, hein? Isso é o que veremos.

Os pássaros, hesitantes, dançaram, aproximando-se ainda mais, e um pulou para o meu joelho. Kishan ficou imediatamente preocupado.

Pus a mão em seu braço.

– Se eles são Hugin e Munin, sussurram pensamentos e lembranças nos ouvidos de Odin. Podem querer se empoleirar em nossos ombros e nos falar.

Aparentemente eu estava certa, pois no minuto em que inclinei a cabeça para um lado, um dos pássaros bateu as asas e se acomodou em meu ombro. Aproximou o bico de meu ouvido e esperei ouvi-lo falar. Em vez disso, senti uma curiosa sensação, de algo sendo puxado em mim. O pássaro bicou delicadamente alguma coisa em meu ouvido, mas eu não senti nenhuma dor.

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Pensamento semperrados.

– O quê?

– Pensamento semperrados.

Senti outro puxão, um estalido e então Hugin se afastou, saltitando, com um fio diáfano, semelhante a uma teia, pendendo do bico.

Cobri a orelha com uma das mãos.

– O que você fez? Roubou parte do meu cérebro? Fiquei com alguma lesão cerebral?

– Pensamento semperrados!

– O que isso significa?

O fio que pendia de seu bico se dissipou lentamente quando o pássaro estalou o bico. Fiquei ali sentada, observando, boquiaberta de pavor, e me perguntei o que havia sido feito comigo. *Será que ele roubou uma lembrança?* Vasculhei o cérebro tentando lembrar de todas as coisas importantes. Procurei algum buraco, algum vazio. Se o pássaro tinha mesmo roubado uma lembrança, eu não fazia a menor ideia de qual poderia ser.

Kishan tocou minha mão.

– Você está bem? Como está se sentindo?

– Estou bem. É só...

Minhas palavras morreram quando notei uma mudança em minha cabeça. Alguma coisa estava acontecendo. Algo se arrastava pela superfície da mente, como um rodo sobre vidro ensaboado. Eu podia sentir uma camada de confusão, desordem mental e sujeira, na falta de uma palavra melhor, descascando como pele morta depois de uma queimadura de sol. Era como se preocupações e medos aleatórios e pensamentos melancólicos estivessem antes entupindo os poros da minha consciência.

Por um momento pude ver tudo o que precisava fazer com perfeita clareza. Eu soube que estávamos quase alcançando nossa meta. Soube que haveria protetores ferrenhos guardando o Lenço. Soube o que era o Lenço e o que ele era capaz de fazer. Naquele momento, soube como iríamos usá-lo para salvar Ren.

Munin saltitava de um lado para outro diante de Kishan, esperando a sua vez.

– Está tudo bem, Kishan! Vá em frente. Deixe-o pousar em seu ombro. Não vai machucá-lo. Acredite em mim.

Ele me olhou, duvidando, mas assim mesmo inclinou a cabeça para um lado. Observei, fascinada, Munin bater as asas e pousar no ombro

de Kishan. O pássaro manteve as asas abertas, batendo-as preguiçosamente enquanto cumpria sua tarefa no ouvido de Kishan.

– Munin está fazendo a mesma coisa com Kishan? – perguntei a Hugin.

O pássaro sacudiu a cabeça e mudou de um pé para o outro. Então começou a alisar as penas.

– Então qual é a diferença? O que ele vai fazer?

– Espereparaver.

– Espereparaver?

O pássaro assentiu.

Munin saltou para o chão e segurou um fio negro e fino do tamanho aproximado de uma minhoca. Então abriu o bico e o engoliu.

– Hum... isso parece diferente. Kishan? O que aconteceu? Você está bem?

– Estou bem. Ele... ele me mostrou – respondeu Kishan baixinho.

– Mostrou o quê?

– Ele me mostrou minhas lembranças. Em todos os detalhes. Eu vi tudo o que aconteceu. Vi tudo o que se passou comigo e com Yesubai novamente. Vi meus pais, Kadam, Ren... tudo. Mas com uma grande diferença.

Tomei sua mão na minha.

– Que diferença?

– Aquele fio negro que você viu... é difícil explicar, mas é como se o pássaro tivesse tirado um par de óculos de sol muito escuros dos meus olhos. Vi tudo como se passou de fato, como aconteceu de verdade. Não mais apenas na minha percepção. Era como se eu fosse um observador externo.

– A lembrança agora é diferente?

– Não é diferente... é mais clara. Pude ver que Yesubai era uma garota doce que gostava de mim, mas que foi, sim, encorajada a me procurar. Ela não me amava da mesma maneira que eu a amava. Tinha medo do pai. Ela o obedecia em tudo, no entanto também estava desesperada para sair de casa. No fim, foi o pai quem a matou. Ele a empurrou violentamente... com força suficiente para quebrar-lhe o pescoço.

Eu ouvia atenta, chocada também.

– Como pude não perceber seu medo, sua ansiedade? – Ele esfregou o maxilar. – Ela os escondeu bem. Lokesh tirou vantagem de meus

sentimentos por Yesubai. Eu devia ter visto quem ele era desde o início, mas estava cego, apaixonado. Como pude não enxergar isso antes?

– O amor às vezes leva a gente a fazer coisas malucas.

– E você? O que viu?

– Eu acho que tive o cérebro aspirado. Meus pensamentos estão mais claros, assim como as suas lembranças. Na verdade, agora sei como pegar o Lenço e o que vem em seguida. Mas vamos por partes.

Levantei-me de um salto e ergui o ninho enfiado no canto da casa da árvore. Os dois pássaros pularam, grasnando com irritação. Eles voaram até onde eu estava e bateram as asas no meu rosto.

– Sinto muito, mas a culpa é sua mesmo. Foram vocês que clarearam a minha mente. Além disso, estas coisas são nossas. Precisamos delas.

Peguei a câmera, a pulseira e o amuleto no ninho. Kishan me ajudou a colocar a pulseira e a corrente com o amuleto e enfiou a câmera na mochila. Os pássaros me olhavam, zangados.

– Talvez possamos lhes dar outras coisas para compensar sua perda – sugeri.

Kishan vasculhou a mochila e pegou um anzol, um bastão fosforescente e uma bússola e os colocou no ninho. Depois de eu devolver o ninho ao seu lugar, os pássaros voaram até lá para inspecionar seus novos tesouros.

– Obrigada aos dois! Vamos, Kishan. Venha comigo.



O Lenço da Divina Tecelã

Depois de recuperar nossos tesouros no ninho, segui até uma corda simples que pendia do teto de madeira. Quando a puxei, um ruído chocalhante veio de cima da casa da árvore e um painel se abriu. Uma escada então desceu até tocar o chão.

– A próxima etapa será a mais difícil – expliquei a Kishan. – Esta escada leva aos galhos externos, que precisamos subir até alcançar o topo, onde encontraremos o ninho de um pássaro gigante. É lá que está o Lenço, assim como os pássaros de ferro.

– Pássaros de ferro?

– Sim, e teremos que lutar contra eles para pegar o Lenço. Espere um segundo. – Corri rapidamente os olhos pela pesquisa do Sr. Kadam e encontrei o que estava procurando. – Aqui. É contra isto que vamos lutar.

A imagem da mitológica ave estinfaliana era assustadora o bastante sem a descrição que ele havia incluído.

– “Terríveis aves carnívoras, com bicos de ferro, garras de bronze e excrementos tóxicos” – leu Kishan. – “Em geral vivem em grandes colônias.”

– Não são uns amores?

– Fique perto de mim, Kells. Não sabemos se você pode cicatrizar aqui.

– Aliás, não sabemos se você também cicatriza aqui. – Sorri para ele. – Mas vou tentar não deixá-lo sozinho por muito tempo.

– Engraçadinha. Você primeiro.

Subimos a escada e nos vimos num agrupamento de galhos tão compactos que me faziam lembrar um daqueles brinquedos trepa-trepa que se veem em parques infantis. Era fácil escalar – desde que

eu não pensasse na queda. Kishan insistiu em que eu fosse primeiro para que ele pudesse me pegar se eu escorregasse, o que só aconteceu uma vez. Meu pé deslizou numa parte molhada da madeira e Kishan o apoiou, com tênis e tudo, na palma de sua mão, alçando-me para cima outra vez.

Após um bom tempo subindo, descansamos num galho com as costas apoiadas no tronco, Kishan mais abaixo, eu mais acima. Ele me jogou um cantil de limonada sem açúcar, que aceitei, agradecida. Enquanto o esvaziava em grandes goles, percebi que o galho em que me encontrava sentada estava um tanto danificado.

– Kishan, dê uma olhada nisso.

Uma pasta espessa e viscosa verde-amarelada espalhava-se na ponta do meu galho e aparentemente havia corroído metade dele.

– Acho que estamos olhando para os excrementos tóxicos – observei, com amargura.

Kishan franziu o nariz.

– E isso é velho, talvez de umas duas semanas atrás. O cheiro é horrível. É ácido e amargo. – Ele piscou e esfregou os olhos. – Está queimando minhas narinas.

– Acho que vamos precisar ficar atentos a bombas tóxicas, hein?

Agora que ele conhecia o cheiro das aves, podíamos farejá-las até o ninho. Levamos mais uma hora subindo, porém finalmente chegamos a um ninho gigantesco, descansando num entroncamento de três galhos.

– Uau, é imenso! Você acha que tem algum pássaro por perto?

– Não ouço nada, mas o cheiro está por toda parte.

– Ah, que sorte a minha ter um nariz de tigre por perto. Não estou sentindo nada.

– Agradeça por isso também. Acho que nunca conseguirei esquecer este cheiro.

– É justo que você tenha que lutar contra aves de cheiro desagradável. Lembre-se de que Ren enfrentou os *kappa* e os macacos imortais.

Kishan resmungou e prosseguiu na direção do ninho gigante. Excrementos antigos descoravam a superfície dos galhos da árvore, enfraquecendo-os. Se pisássemos muito perto da substância, a superfície do galho se esfarelava num pó branco e às vezes quebrava por completo.

Fomos nos aproximando lentamente, confiando na audição de Kishan para nos advertir da chegada das aves. O ninho tinha o tamanho de uma grande piscina e era feito de galhos de árvore mortos da espessura do meu braço entretecidos como uma cesta gigante. Escalamos até o topo e saltamos para dentro do ninho.

Cinco imensos ovos descansavam no centro. Cada um teria sido suficiente para encher uma banheira de hidromassagem. Cor de bronze e reluzentes, refletiam a luz do sol em nossos olhos. Kishan bateu levemente num deles e ouvimos um eco metálico e oco.

Circulei aquele ovo e arquejei. Eles descansavam sobre o material diáfano mais lindo que eu já vira: *O Lenço da Divina Tecelã!* O tecido parecia vivo. As cores se deslocavam e espiralavam em padrões geométricos na superfície do lenço. Um caleidoscópio de azul-claro se transformou em cor-de-rosa e amarelo, que então passaram a um verde suave e dourado, e em seguida a ondas preto-azuladas como um corvo. Era hipnótico.

Kishan esquadrinhou o céu e me assegurou de que a barra estava limpa. Então ele se agachou a meu lado para examinar o Lenço.

– Vamos ter que rolar os ovos um por um, Kells. Eles são pesados.

– Tudo bem. Vamos começar por este.

Seguramos um ovo reluzente e o rolamos cuidadosamente para a lateral do ninho. Então voltamos para o segundo. Encontramos uma pena perto dele. Penas de aves normais eram leves, ocas e flexíveis. Esta era mais longa que o meu braço, pesada e metálica. Kishan mal conseguia movê-la e a borda era afiada como uma serra circular.

– Ai, isso não é bom.

Kishan concordou.

– É melhor nos apressarmos.

Estávamos rolando o terceiro ovo quando ouvimos um grito estridente.

Ao longe, uma ave vinha voando em direção ao ninho. Ela não parecia nada feliz. Protegi os olhos com a mão para ter uma visão melhor. A princípio parecia pequena, mas minha opinião sobre seu tamanho mudou à medida que ela se aproximava velozmente. Asas poderosas sustentavam a criatura no ar enquanto ela atravessava as correntes termais.

O sol atingiu o corpo metálico da ave gigante, que refletiu a luz, me cegando. Agora estava muito mais perto e parecia ter dobrado de tamanho. Ela emitiu um lamento desagradável. Um grito mais baixo

ecoou em resposta quando outra ave se juntou à primeira.

A árvore se sacudiu quando alguma coisa pousou num galho próximo. Um pássaro gritou para nós e começou a se dirigir ao ninho. Como sempre, Kishan postou-se à minha frente. Recuamos rapidamente, mantendo o tronco às nossas costas.

Uma ave voou acima de nós. Era mais um monstro que uma ave. Dei uma boa olhada nela quando mergulhou. Sua cabeça estava inclinada, de modo que pudesse manter o olhar cravado em nós. Estimei que sua envergadura de asa fosse de mais de 10 metros, ou cerca da metade do comprimento do avião do Sr. Kadam. Empunhei o arco, preparei uma flecha e estremeci quando seu grito agudo e estridente vibrou através de meus membros. Minha mão estava trêmula ao disparar a flecha. Errei o alvo.

O corpo da criatura parecia o de uma águia gigante. Fileiras de penas de metal densas e sobrepostas cobriam o torso da ave e se tornavam maiores ao longo das asas compridas e amplas. As penas tinham o tamanho aproximado de uma prancha de surfe. As pontas das asas eram afiladas e bem separadas. O pássaro de ferro batia as asas e abria as penas da cauda para ajudar a frear e se lançar novamente para o céu.

Ele se movia como uma ave de rapina. Patas musculosas e fortes, com garras afiadas, estiraram-se para nos agarrar em sua segunda passagem. Kishan me empurrou de cara no ninho e o pássaro não conseguiu nos pegar, mas apenas por poucos centímetros. Sua cabeça parecia um pouco com a de uma gaivota com um bico robusto, comprido e adunco, mas havia um gancho extra na mandíbula superior do bico, afiado de ambos os lados, como uma espada de dois gumes.

Um dos pássaros se aproximou e tentou nos bicar. Então ouvi um ruído metálico quando as duas extremidades afiadas de seu bico se uniram ruidosamente, como uma gigantesca tesoura.

Outro chegou perto demais e o atingi com um raio. A descarga atingiu o peito da ave e refletiu, chamuscando o ninho a poucos centímetros de onde Kishan estava.

– Cuidado, Kells!

Isso não estava indo nada bem.

– Meus raios apenas batem e voltam!

– Deixe-me tentar!

Ele lançou o *chakram*, arremessando-o pelo ar num amplo arco além

da ave.

– Kishan! Como você pode errar algo tão grande?

– Fique olhando!

Quando o *chakram* completou o arco e começou a retornar para Kishan, atingiu o pássaro, atravessando uma asa metálica e produzindo um som horrível, como o de uma broca numa chapa de metal. O pássaro gritou e despencou centenas de metros até o chão, arrancando galhos e ramos no caminho. A árvore se sacudiu violentamente quando ele caiu.

Três outros pássaros rondavam o ninho agora e tentavam nos capturar com garras ou bicos que se assemelhavam a facas. Encaixei outra flecha no arco e mirei o pássaro mais próximo. A flecha o atingiu bem no peito, mas tudo o que consegui foi deixá-lo irado.

Kishan mergulhou entre os ovos quando um pássaro tentou pegá-lo com uma garra.

– Mire o pescoço ou os olhos, Kelsey!

Disparei outra flecha, atingindo o pescoço. A terceira acertou o olho. O pássaro se afastou e então despencou, rodopiando como um avião descontrolado antes de se despedaçar no chão. Agora eles estavam furiosos de verdade.

Mais pássaros chegaram. Pareciam inteligentes e astuciosos. Um atacou Kishan, acuando-o na extremidade do ninho. Enquanto ele estava ali, ocupado, um segundo pássaro se aproximou e o apanhou com as garras.

– Kishan!

Ergui a mão e mirei em seu olho. Dessa vez, o raio funcionou. A ave de ferro gritou e soltou Kishan, que caiu com um baque surdo no ninho. Fiz o mesmo com o outro pássaro, que se afastou, chamando, enlouquecido, o restante do bando.

Corri até Kishan.

– Você está bem?

Sua camisa estava rasgada e ensanguentada. As garras da ave haviam dilacerado ambos os lados de seu tórax e o sangue jorrava livremente.

Ele arquejou.

– Parece que tenho facas quentes sobre a pele, mas já está cicatrizando. Não deixe que se aproximem de você.

A pele em torno dos cortes estava empolada e muito vermelha.

– Parece que as garras são cobertas por ácido – eu disse, solidária.

Ele arfou quando toquei de leve em sua pele.

– Vou ficar bem. – Ele se imobilizou. – Ouça. Elas estão se comunicando. Estão voltando. Prepare-se para lutar.

Kishan se levantou para distraí-las enquanto eu me posicionava atrás dos dois ovos restantes.

– Pensando bem, eu preferiria os macacos – gritou Kishan.

Estremeci.

– Vou lhe dizer uma coisa: vamos alugar os filmes *King Kong* e *Os pássaros*. Depois você decide.

Ele gritou enquanto corria do ataque de um pássaro.

– Você está marcando um encontro comigo? Porque, se estiver, isso certamente vai ser um incentivo a mais para sair disso vivo.

– Se isso funcionar, está marcado.

– Estou dentro.

Ele atravessou correndo o ninho, saltou pela borda, virou em pleno ar e pousou num galho que se projetava. Dali lançou o *chakram*, que se elevou no céu. O sol refletiu no disco dourado quando girou em torno da árvore e passou no meio das 10 aves ou mais que circundavam o topo.

Elas se dispersaram em todas as direções e tornaram a se agrupar. Eu quase podia vê-las calculando a manobra seguinte. De repente, elas mergulharam em nossa direção. Gritando, o bando atacou. Uma vez eu vi um grupo de gaivotas exibir um comportamento violento de perseguição em bando. Todas bicavam e acoassavam um homem com um sanduíche na praia até ele sair correndo, berrando. Elas eram determinadas e agressivas, mas essas aves eram bem piores!

Elas arrancaram galhos das árvores para nos atacar. Mais da metade delas mergulhou na direção de Kishan, que agilmente saltava de galho em galho até estar de volta a meu lado, atrás dos ovos. As asas batendo freneticamente em torno do ninho faziam o vento soprar em todas as direções. Eu tinha a sensação de estar presa num redemoinho.

Kishan atirou o *chakram* repetidamente, arrancando a perna de uma ave e cortando a barriga de outra antes de a arma retornar à sua mão. Livrei-me de duas atravessando-lhe os olhos com flechas e ceguei mais duas com meus raios.

– Você pode mantê-las longe de mim por um minuto, Kells? – gritou Kishan.

- Acho que sim! Por quê?
- Vou mover os dois últimos ovos!
- Depressa!

Experimentei preparar uma flecha, infundi-la com a energia de um raio e disparar. Ela atingiu uma ave no olho, fazendo explodir sua cabeça. O torso carbonizado, fumegando, aterrissou com um estrondo, metade no ninho e metade pendendo da borda. O ninho rachou e se inclinou precariamente antes de tornar a se assentar. O impacto me atirou no ar, como se eu estivesse num trampolim, e o impulso me lançou sobre a beirada. Desesperada, estendi as mãos e me agarrei à borda enquanto caía.

Galhos ásperos arranharam minha pele à medida que eu lutava para reduzir a velocidade da queda. Finalmente parei, atirei o braço acima da lateral, mas escorreguei. O sangue escorria pelo meu braço. Trincando os dentes de dor, enfiei os dedos e os pés entre os galhos em busca de apoio. Quebrei várias unhas e arranhei pernas e braços, mas valeu a pena. Não despenquei para uma morte horrível. Pelo menos, não daquela vez.

Kishan havia se firmado melhor. Ele se equilibrou rapidamente e correu para mim.

- Agente firme, Kells!

Ele se deitou de bruços e estendeu a mão. Agarrou as minhas mãos e me puxou até eu cair em cima dele.

- Você está bem? – perguntou.

– Estou.

– Ótimo.

Ele sorriu e me envolveu nos braços, quando viu alguma coisa no alto. Então pôs uma das mãos atrás da minha cabeça e outra em minha cintura e rolou diversas vezes até batermos de encontro ao fundo do ninho, o seu corpo esparramado sobre o meu.

- Cuidado! – gritei.

Dois dos pássaros se curvavam sobre nós, tentando nos partir ao meio com seus bicos metálicos. Agarrei um galho quebrado ali perto e o enfiei no olho de um deles segundos antes de o animal estripar Kishan. Então atingi o outro com um raio.

- Obrigado.

Sorri, orgulhosa da minha façanha.

- Sempre às ordens.

O ninho se deslocou. O peso da ave morta pendurada na borda era grande demais. A ave estava caindo e levando o ninho com ela. Kishan agarrou galhos de ambos os lados da minha cabeça.

– Segure-se! – gritou ele.

Passei os braços em torno de seu pescoço e me agarrei a ele enquanto o ninho tombava vários metros no ar e rachava ao meio. Metade do ninho tombou com a ave morta e a outra metade – aquela em que estávamos – equilibrou-se precariamente em dois galhos quase partidos. Meu estômago se revirou quando o ninho e tudo à sua volta, inclusive os galhos que nos seguravam, de repente despencaram mais um metro e aterrissaram com um estrondo de tremer os ossos. Três dos ovos caíram do ninho e se espatifaram nos galhos abaixo. Caímos no que restava do ninho e rolamos até parar.

– Onde está o Lenço? – gritei.

– Ali!

O Lenço havia voado do ninho e pendia frouxo num galho quebrado vários metros abaixo. Ele esvoaçava na brisa e provavelmente voaria de novo a qualquer momento.

– Kells, depressa! Agarre minha mão. Vou descer você para que possa alcançar o Lenço.

– Tem certeza?

– Tenho! Ande logo!

Ele segurou meu braço e me baixou. Eu não podia acreditar que Kishan tinha toda essa força, mas ele enroscou o outro braço num galho e sustentou o peso de nossos dois corpos com um só braço. Ainda não era suficiente.

– Vou ter que descer mais! Pode segurar minha perna?

– Posso. Mas preciso subir.

Ele grunhiu e me puxou para cima, jogando-me para o alto como se eu fosse uma mochila, e me pegou pela cintura quando eu começava a cair. Arquejei e agarrei seu pescoço outra vez.

– O que eu faço?

– *Primeiro...* – Ele inclinou a cabeça e me beijou com força. – Agora passe a perna esquerda pela minha cintura.

Eu o olhei, furiosa.

– Apenas faça o que estou dizendo!

Balancei para a frente e para trás, então consegui engancha a perna esquerda em sua cintura. Em seguida, ele soltou minha cintura e

agarrou minha perna. Era apavorante, mas eu acreditava que ele era forte o bastante para sustentar nós dois com apenas um braço. Comparado a isso, ficar de pé nos ombros de Ren em Kishkindha tinha sido brincadeira de criança.

Fiz uma careta, perguntando-me que insanidades me aguardavam nas próximas duas tarefas. Mentalmente implorei aos galhos que seguravam o ninho para que nos aguentassem um pouco mais, apenas o suficiente para que eu agarrasse o Lenço. No fundo, eu esperava ouvi-los partir a qualquer segundo, lançando-nos num mergulho para a morte.

Soltei o pescoço de Kishan e lentamente fiquei de cabeça para baixo, segurando o cós de sua calça, depois sua perna e, por fim, seu pé. Enquanto ele me abaixava eu resmungava:

– Por que eles não escolheram uma garota do Cirque du Soleil para essas tarefas? Ficar pendurada de cabeça para baixo de um galho quebrado a centenas de metros do chão é pedir demais de uma garota iniciante em *wushu*!

– Kells?

– O quê?

– Cale a boca e pegue o Lenço.

– Estou tentando!

Estiquei-me mais e ouvi Kishan gemer.

– Só mais uns centímetros.

Sua mão deslizou deliberadamente da minha panturrilha para o tornozelo, fazendo-me oscilar no abismo verde.

Apavorada, gritei o nome de Kishan e fechei os olhos por um segundo, engoli em seco e balancei o corpo de volta na direção do Lenço. O vento o arrancou do galho. Ele rodopiou no ar e passou por mim. Agarrei-lhe a ponta no último segundo – pendurada de cabeça para baixo, o sangue latejando em minha cabeça, as pontas dos dedos agarrando desesperadamente o Lenço, com Kishan mal sustentando nós dois – e tive uma visão.

O dossel verde oscilando vertiginosamente diante dos meus olhos esmaeceu até se tornar branco e eu ouvi uma voz.

– Kelsey. Srta. Kelsey! Está me ouvindo?

– Sr. Kadam? Sim, eu estou ouvindo!

Vi o vago contorno de uma barraca atrás dele.

– Estou vendo sua barraca!

– E eu posso ver a senhorita e Kishan.

– O quê?

Olhei para trás e vi a imagem borrada de Kishan agarrando a perna de meu corpo pendurado de cabeça para baixo no ar. O Lenço pendia precariamente, enganchado num de meus dedos. Eu o ouvi gritando, como se estivesse a uma grande distância.

– Kelsey! Agente firme!

A vaga silhueta de outra pessoa vinha surgindo.

– Não diga nada – instruí o Sr. Kadam. – Não o deixe incitá-la a falar. Apenas preste atenção a cada detalhe... qualquer coisa pode nos ajudar a encontrar Ren.

– Está bem.

O medalhão do Sr. Kadam brilhava, vermelho. Olhei para o meu e vi que também reluzia no mesmo tom. Quando tornei a erguer os olhos, a imagem da outra pessoa se materializou.

Lokesh. Ele vestia um terno. O cabelo escuro estava alisado para trás e percebi que usava vários anéis. Seu medalhão também cintilava, vermelho, e era muito maior que os nossos.

Seus olhos ardilosos cintilaram quando ele sorriu.

– Ah! Eu vinha me perguntando quando tornaria a vê-la. – Ele falava educadamente, como se estivéssemos nos reencontrando num chá da tarde. – Você me custou muito em tempo e recursos, minha querida.

Eu o observava em silêncio e me encolhi enquanto ele me avaliava de forma perturbadora.

Lokesh então falou baixinho, ameaçador:

– Não temos tempo para as *sutilezas* do jogo, como eu gostaria, então serei direto. Quero o medalhão que você está usando. Você o trará para mim. Se fizer isso, vou deixar seu tigre viver. Se não... – Ele tirou uma faca do bolso e testou seu gume num polegar. – ...vou encontrá-la, cortar sua garganta... – Ele me olhou diretamente nos olhos e concluiu a ameaça: – ...e arrancá-lo de seu pescoço sangrento.

– Deixe a jovem fora disso – interveio o Sr. Kadam. – Eu irei ao seu encontro e lhe darei o que quer. Em troca, você liberta o tigre.

Lokesh voltou-se para o Sr. Kadam e abriu um sorriso desagradável.

– Eu não o reconheço, *meu amigo*. Estou interessado em saber como você adquiriu o amuleto. Se quiser negociar, pode entrar em contato com meu escritório em Mumbai.

- E que escritório seria esse, *meu amigo*?
- Encontre o prédio mais alto de Mumbai. Meu escritório fica na cobertura.

O Sr. Kadam assentiu e Lokesh continuou a dar instruções. Enquanto eles falavam, estudei o cenário enevoado que havia surgido por trás de Lokesh. Memorizei o máximo de detalhes que pude. Um homem falava com ele, mas Lokesh não lhe dava atenção.

O criado atrás de Lokesh tinha cabelos negros penteados para a frente, formando um coque no topo, logo acima da linha onde começa o cabelo. Ao longo de sua testa, via-se uma linha de tatuagens que se pareciam com as palavras em sânscrito da profecia. De peito nu, o homem usava colares de contas, feitos à mão, de várias voltas. Suas orelhas eram furadas em diversos lugares, com argolas douradas. Ele puxava outro homem e o indicava com gestos.

O segundo homem encontrava-se mais atrás com a cabeça pendendo para baixo. O cabelo preto emaranhado e imundo cobria seu rosto. Sangrando e machucado, ele lutava para se soltar das mãos do sujeito que o segurava. O criado gritou e puxou o homem para a frente, até que ele cambaleou e caiu de joelhos. Em seguida, ele o esbofeteou e puxou seus ombros para trás. Quando o homem ferido ergueu o rosto, o cabelo caiu para um lado e eu me vi fitando penetrantes olhos azul-cobalto.

Tomada pela emoção, dei um passo à frente e gritei:

– *Ren!*

Ele não me ouviu. Sua cabeça pendeu até o peito e eu comecei a chorar.

Alguém, no entanto, me ouviu – Lokesh. Ele estreitou os olhos e girou bruscamente para ver o que eu estava olhando. Tentou falar com seus criados, mas eles não o ouviam. Ele se voltou para mim e, pela primeira vez, estudou as imagens tênues por trás do meu ombro. Tudo já estava desaparecendo. Eu não sabia dizer se Lokesh havia reconhecido Kishan ou não. Fiquei imóvel, torcendo para que visse apenas a mim.

Lokesh de fato concentrou sua atenção em mim. Ele indicou Ren com um gesto e, com falsa simpatia, estalou a língua.

– Deve ser terrivelmente doloroso para você vê-lo assim. Sabe, cá entre nós, ele grita por você quando eu o torturo. Infelizmente para o tigre, ele vem sendo muito pouco cooperativo quanto ao seu paradeiro. – Ele deu uma risadinha. – Não me diz nem seu primeiro

nome, embora eu já o saiba. É Kelsey, não é?

Lokesh observou minha expressão atentamente, esperando que eu deixasse escapar uma pista.

– Isso está se tornando uma espécie de ponto de impasse entre nós – continuou ele em sua ironia cortante. – Os lábios do príncipe são tão bem cerrados que ele não confirma nem sequer o seu nome. Devo dizer que já esperava por isso. Ele sempre foi muito teimoso. Mais lágrimas? Que triste. Ele não vai poder resistir para sempre, você sabe. A dor por si só já deveria tê-lo matado a essa altura.

Eu somente escutava, atenta a tudo.

– Por sorte, seu corpo parece bastante resistente. – Ele me observou pelo canto do olho enquanto limpava uma sujeira microscópica sob as unhas. – Tenho que admitir que gosto bastante de torturá-lo. É o melhor de ambos os mundos vê-lo sofrer tanto como homem quanto como animal. A extensão dos requintes a que posso chegar não tem precedentes. Ele sara tão rapidamente que até mesmo eu me vejo incapaz de testar seus limites. No entanto, eu lhe asseguro que estou me empenhando *ao máximo*.

Mordi minha mão trêmula para abafar um soluço e olhei para o Sr. Kadam. Ele sacudiu a cabeça discretamente, me indicando que ficasse quieta.

Lokesh sorriu com sarcasmo.

– Talvez, se você apenas confirmasse seu nome, eu pudesse dar a ele uma breve... trégua. Um simples gesto de confirmação seria suficiente. É Kelsey Hayes, não é?

A advertência do Sr. Kadam atravessou meus pensamentos. Foi necessária toda a minha determinação, porém mantive os olhos focados em Ren. As lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas eu não me mexi, nem mesmo olhei para Lokesh.

Ele ficou irado.

– Certamente, se você gostasse dele, iria poupá-lo de um pouco de dor, aliviar sua agonia. Não iria? Talvez eu estivesse errado em relação a seus sentimentos. Estou certo de que não errei em relação aos *dele*. Ele não fala absolutamente nada de você, mas, nos sonhos, chama por sua amada. Será que não é por você que ele suplica?

Sua voz começou a desaparecer.

– Ah, muito bem. Os dois irmãos nem sempre foram felizes no amor, não é mesmo? Talvez seja hora de livrá-lo de seu sofrimento. Tenho a impressão de que eu estaria lhe fazendo um favor.

Não pude evitar. Gritei:

– Não!

Ele ergueu as sobrancelhas e tornou a falar, mas suas palavras soaram baixo demais para que eu as ouvisse. Quando nós três já não podíamos ouvir o que o outro falava, o Sr. Kadam voltou-se para mim. Lokesh gesticulava, mas eu o ignorei, concentrando minha atenção no Sr. Kadam, cuja imagem foi se tornando branca. Enxuguei as lágrimas quando ele sorriu, solidário, e então piscou para mim um segundo antes de desaparecer.

De repente o branco se tornou verde. O sangue latejava em minha cabeça.

Kishan gritava para mim:

– Kelsey! *Kelsey!* Volte!

Felizmente, eu ainda segurava o Lenço.

– Peguei! – gritei. – Me puxe, Kishan!

– Kelsey! Cuidado!

Um pássaro gritou acima de nós. Virei-me, vi a abertura negra da garganta metálica e tive uma visão de perto e em primeira mão de seu bico-tesoura de dois gumes, verde e coberto de azinhavre. Disparei um raio para dentro da abertura e a ave se afastou grasnando, com fumaça saindo do bico.

Com um potente grunhido, Kishan me puxou para cima. Agarrei sua cintura e me segurei com toda força. Ele me soltou, acreditando que eu teria força muscular suficiente para me segurar nele. Envolvei meu corpo com os braços, agarrando meus pulsos para trancar meus braços em sua cintura, e apertei o Lenço nas mãos. Ele se lançou sobre a borda do ninho partido e me ajudou a subir. Seus braços tremiam de fadiga.

Kishan sentou-se e inspecionou meus membros.

– Kells, você está bem? O que aconteceu com você?

– Outra visão. – Ofeguei. – Falo sobre isso mais tarde.

Nós nos abaixamos quando um pássaro gritou ali perto. Peguei nossa mochila e guardei o arco e a aljava, que por magia havia se reabastecido com flechas douradas, e também o Lenço e o *chakram*.

– Muito bem. E agora? – perguntou ele.

– Agora nós damos o fora daqui. Venha.

Descemos até alcançar distância suficiente para que as aves não mais nos vissem. Ainda podíamos ouvi-las rondando a árvore e

gritando umas para as outras, mas quanto mais descíamos, menos audíveis se tornavam os ruídos. Logo não mais as escutaríamos.

– Kells, pare. Precisamos descansar um pouco.

– Tudo bem.

O Fruto Dourado criou algo rápido para comermos e bebermos e Kishan insistiu em me examinar em busca de ferimentos. Ele parecia bem. Seus machucados já haviam cicatrizado, mas eu tinha alguns cortes feios nos braços e nas pernas. Eu também estava sarando, porém várias unhas minhas estavam quebradas e ensanguentadas e debaixo de uma delas havia uma farpa comprida que Kishan tirou com cuidado.

– Isso vai doer. Farpas e espinhos são os maiores inimigos dos tigres.

– Sério?

– Nós nos esfregamos nos troncos das árvores e os arranhamos para marcar território e às vezes comemos porcos-espinhos. Um tigre inteligente os ataca de frente, mas às vezes eles conseguem se virar. Já tive espinhos de porco-espinho em minhas patas e eles doem e inflamam. E se quebram quando ando. Um tigre não consegue arrancá-los, então eu tinha que esperar até poder me transformar em homem para puxá-los.

– Ah! Eu me perguntava por que Ren estava sempre se esfregando nas árvores na selva. Mas os espinhos não acabam saindo sozinhos?

– Não. Na verdade, eles se curvam, formando um círculo, e ficam na pele. Tampouco se dissolvem. Isso pode acontecer com as farpas, mas não com os espinhos. Eles podem permanecer no corpo do tigre a vida toda. É o que faz alguns deles se tornarem predadores do homem. Incapacitados, eles não podem mais caçar presas rápidas. Eu já até encontrei alguns tigres que haviam morrido de fome por terem sido feridos por porcos-espinhos.

– Bem, então o sensato seria não mais comer porcos-espinhos.

Kishan sorriu.

– Mas são deliciosos.

– Argh. – Arquejei. – Ai!

– Está quase saindo. Pronto. Saiu.

– Obrigada.

Ele limpou meus piores arranhões com lenços umedecidos com álcool e então cobriu o que podia com ataduras.

– Acho que aqui você vai cicatrizar mais rápido que o normal, mas

não tão rápido quanto eu. É melhor descansarmos.

– Descansaremos quando chegarmos lá embaixo.

Ele suspirou e esfregou a testa.

– Kells, levamos dias para chegar aqui em cima. Vai levar dias para descermos tudo.

– Não, não vai. Tenho um atalho. Quando os corvos clarearam minha mente, vi o que o Lenço pode fazer. Só precisamos ir até um galho.

Eu podia ver que Kishan estava temeroso, mas ainda assim me seguiu. Caminhamos até a extremidade de um galho comprido.

– E agora? – perguntou.

– Observe.

Segurei o Lenço na palma das mãos e disse:

– Um paraquedas para dois, por favor.

O Lenço se retorceu, retesou-se e foi se esticando, depois se dobrou várias vezes. Dos quatro cantos, soltaram-se fios que se prolongaram e foram se trançando, formando cintos e cordames. Por fim, o Lenço parou de se mover. Havia se transformado numa grande mochila com dois arneses.

Kishan olhava para ela, incrédulo.

– O que você fez, Kelsey?

– Você vai ver. Ponha-a nas costas.

– Você disse paraquedas. Acha que vamos sair daqui saltando de paraquedas?

– Acho.

– Não sei, não.

– Ah, vamos lá. Tigres não têm medo de altura, têm?

– A questão aqui não é a altura. A questão é estar numa árvore extremamente alta e lançar nossos corpos no nada sustentados por um tecido estranho que agora você afirma que é um paraquedas.

– É. E vai funcionar.

– *Kelsey*.

– Tenha fé, como disse o Mestre do Oceano. O Lenço faz outras coisas legais também. Eu conto a você na descida. Kishan, *confie* em mim.

– Eu confio em *você*. Só não confio nesse tecido.

– Bem, eu vou saltar. Você vem comigo ou não?

– Alguém já lhe disse que você é teimosa? Era teimosa assim com Ren?

– Ren teve que lidar com teimosia e sarcasmo, portanto considere-se um cara de sorte.

– Sim, mas pelo menos ele ganhava uns beijos por seus esforços.

– Você também ganhou alguns beijos.

– Não voluntários.

– É verdade. Você os roubou.

– Beijos roubados são melhores que nada.

Arqueei a sobrancelha.

– Você está começando uma discussão comigo só para amarelar?

– Não. Não estou amarelando. Muito bem. Se você insiste nisso, por favor, me explique como funciona.

– É fácil. Nós nos prendemos com as correias, saltamos o mais longe possível da árvore e puxamos a corda. Pelo menos eu espero que seja assim que funcione – murmurei baixinho.

– Kelsey.

– Não se preocupe. É a maneira como devemos descer. Eu sei que vamos conseguir.

– Certo.

Ele se prendeu ao arnês enquanto eu punha nossa mochila na frente do peito. Então me aproximei de Kishan.

– Hum... você é alto demais para mim. Talvez eu possa ficar num galho mais acima.

Olhei ao redor procurando alguma coisa em que subir, mas Kishan envolveu minha cintura com as mãos e me levantou. Ele me aconchegou perto de seu peito enquanto eu me prendia na outra parte do arnês do Lenço.

– Obrigada. Muito bem. Então o que você precisa fazer é me carregar, correr e saltar do galho. Consegue fazer isso?

– Com certeza – respondeu secamente. – Pronta?

– Sim.

Ele me apertou junto ao corpo.

– Um... dois... três!

Kishan correu cinco passos e se lançou no vazio.



Saída

O vento gritava à nossa volta enquanto mergulhávamos em queda livre pelo céu, girando como a casa de Dorothy no centro do tornado. Kishan conseguiu nos estabilizar numa posição de braços. Ele segurou meus pulsos e abriu nossos braços em um arco. Menos de um segundo após nos estabilizarmos, ouvimos um grito acima de nós. Um pássaro de ferro estava em nosso encalço.

Kishan ergueu meu braço esquerdo no ar e demos uma violenta guinada para a direita, ganhando velocidade. O pássaro nos seguiu. Kishan ergueu nossos braços direitos e oscilamos para a esquerda. O pássaro agora estava em cima de nós.

– Segure-se, Kells! – gritou Kishan.

Ele puxou nossos braços de volta e inclinou nossa cabeça para baixo. Disparamos adiante como uma bala. O pássaro dobrou as asas e mergulhou conosco.

– Vou nos virar! Tente atingi-lo com um raio! Pronta?

Assenti e Kishan nos fez girar no ar. Agora estávamos de costas para o chão e eu tinha uma excelente visão da barriga do pássaro. Rapidamente, disparei uma sucessão de raios e consegui irritá-lo o suficiente para nos livrar dele. Errei o olho, mas acertei o bico. O pássaro não gostou nada disso, bateu asas e se afastou, gritando, furioso.

– Segure-se!

Kishan tornou a nos virar e nos estabilizou mais uma vez. Ele puxou o cordão de abertura e ouvi o tecido deslizando ao ser liberado no vento. Com um estalido, o paraquedas do Lenço se abriu e se inflou. Kishan apertou os braços em minha cintura e desacelerou nossa descida. Então me soltou para agarrar os batoques e controlar as linhas direcionais.

– Tente mirar no estreito entre as duas montanhas! – berrei.

O grito horrível que ouvimos indicava que os pássaros haviam nos encontrado. Três deles começaram a nos rondar, procurando nos prender com as garras e os bicos. Tentei usar meu poder do raio, mas era muito difícil atingi-los nos olhos dessa distância. Em vez disso, abri a mochila e peguei o arco.

Kishan adernou para a esquerda e eu disparei uma flecha. Ela passou zumbindo acima da cabeça de um dos pássaros. A segunda flecha acertou-lhe o pescoço e, imbuída com o poder do raio, eletrocutou o pássaro, que despencou, ferido. Um outro nos atingiu com sua asa afiada, fazendo-nos rodopiar, mas consegui irritá-lo o suficiente para que se afastasse, voando em outra direção.

O terceiro pássaro foi esperto. Ele circundou minha linha de visão a fim de permanecer atrás de nós o máximo possível. Quando atacou, abriu um grande buraco no tecido com as garras. O paraquedas danificado nos lançou em outra queda livre. Kishan tentou nos guiar, mas o vento sacudia violentamente o velame rasgado.

De repente o paraquedas começou a se consertar sozinho. Os fios se entrelaçavam de um lado a outro no tecido até parecer que o Lenço jamais havia sido danificado. Quando ele se inflou novamente, Kishan puxou o batoque para nos conduzir na direção correta.

O pássaro furioso reapareceu e conseguiu se esquivar de minhas flechas. Seus gritos estridentes foram respondidos por outros.

– Temos que pousar!

– Estamos quase lá, Kells!

Pelo menos uma dezena de aves vinha a toda velocidade em nossa direção. Teríamos sorte se sobrevivêssemos tempo o bastante para alcançar o solo. O bando circulava, gritando, batendo as asas e estalando os bicos.

Estávamos quase lá. Se pudéssemos aguentar mais alguns segundos... Um pássaro veio direto para cima de nós. Ele era rápido e não o vimos até o último momento. A criatura abriu o bico para nos partir em dois. Eu podia quase ouvir o ruído dos meus ossos sendo triturados, imaginando a ave de metal me cortando ao meio.

Disparei várias outras flechas, mas errei todas. O vento de repente nos virou e eu nada podia fazer na nova posição. Kishan manobrou o paraquedas, conduzindo o velame numa perigosa descida e numa curva fechada. Fechei os olhos e senti um solavanco quando nossos pés tocaram a terra sólida.

Kishan deu alguns passos, correndo, e então me empurrou de cara na grama. Ele se deitou em cima de mim enquanto freneticamente nos livrava do cordame.

– Mantenha a cabeça abaixada, Kells!

O pássaro estava bem em cima de nós. Ele deu uma bicada no paraquedas e puxou, partindo-o ao meio. Encolhi-me ao ouvir o ruído medonho do tecido especial sendo rasgado. Frustrado, o pássaro largou o paraquedas e nos circundou, preparando-se para outro ataque. Kishan se libertou, pegou o *chakram* na mochila e o lançou, enquanto eu me agachava e recolhia as dobras do paraquedas.

– Por favor, se reconstitua.

Nada aconteceu. Kishan tornou a atirar o *chakram*.

– Uma ajudinha aqui, Kells!

Lancei algumas flechas e, com o canto do olho, vi o tecido se mover. Ele começou a se reconstituir, lentamente a princípio e, em seguida, cada vez mais rápido. Então encolheu, voltando ao tamanho original.

– Distraia-os mais um pouco, Kishan. Eu sei o que fazer!

Peguei o tecido e disse:

– Recolha os ventos.

Os desenhos foram substituídos, as cores mudaram e o Lenço cresceu. Retorcendo-se sobre si mesmo, ele se inflou e se esticou, criando uma grande sacola que se abriu na brisa. Uma forte rajada de vento atingiu meu rosto e fluíu para o interior da sacola. Quando ele perdeu intensidade, outro vento me fustigou o corpo por trás e começou também a encher a sacola. Logo, ventos vindos de todas as direções estavam me castigando. Eu me sentia golpeada por todos os lados e mal conseguia segurar a sacola cheia de ventos poderosos.

Por fim, as rajadas cessaram, de modo que eu não sentia nem mesmo a mais leve brisa, mas a sacola se agitava com violência. Kishan estava cercado por 10 pássaros e mal conseguia mantê-los à distância com o *chakram*.

– Kishan! Fique atrás de mim!

Ele levou o braço para trás e, com um poderoso impulso, soltou o *chakram*. Enquanto a arma girava no ar, ele correu para mim, agarrou a sacola do outro lado e pegou o *chakram* segundos antes de ele me decapitar.

Ergui uma sobrancelha enquanto ele sorria.

– Muito bem. Pronto? – gritei. – Um, dois, três!

Abrimos a sacola e liberamos todos os ventos de Shangri-lá na direção dos pássaros. Três deles foram lançados contra a montanha enquanto os outros dispararam na direção da árvore do mundo, tentando desesperadamente escapar do tumulto.

Quando os ventos cessaram, a sacola vazia pendeu flácida entre nós. Kishan me olhava, sem acreditar.

– *Kelsey*. Como você... – disse ele, antes de sua voz falhar.

– Lenço, por favor.

A sacola se moveu e se contorceu, tornou-se azul-clara e dourada, e então encolheu, transformando-se novamente em Lenço. Eu o enrolei no pescoço e joguei a ponta sobre o ombro.

– A resposta é: não sei. Quando Hugin e Munin clarearam nossa mente, eu me recordei de histórias e mitos que já ouvira antes. Lembrei-me de coisas que a Divina Tecelã nos contou e também de especulações do Sr. Kadam. Ele tinha me contado a história de um deus japonês chamado Fujin, que controlava os ventos e os carregava numa sacola. Eu também sabia que esse tecido era especial, como o Fruto Proibido.

– Hum.

– Talvez tudo estivesse em minha mente todo o tempo ou talvez Hugin tenha soprado essas coisas em meus pensamentos. Não tenho certeza. Sei que o Lenço pode fazer mais alguma coisa, algo que vai nos ajudar a salvar Ren, mas temos que sair daqui antes que os pássaros retornem. Aí então eu mostro a você.

– Tudo bem, mas primeiro tem uma coisa que *eu* preciso fazer.

– O que é?

– Isto.

Ele me puxou de encontro ao seu corpo e me beijou. De verdade. Sua boca se movia sobre a minha com paixão. O beijo foi rápido, turbulento e voraz. Ele me apertava, uma das mãos apoiando minha cabeça enquanto a outra me segurava com firmeza pela cintura. Ele me beijou ferozmente, com uma impulsividade a que eu não podia pôr fim, do mesmo jeito que não é possível deter uma avalanche.

Se você é apanhado numa avalanche, tem duas escolhas: ficar parado e tentar bloqueá-la ou se entregar, rolar com ela e torcer para chegar vivo lá embaixo. Assim, rolei com o beijo de Kishan. Por fim, ele levantou a cabeça, me rodopiou e deu um jubiloso grito de vitória que ecoou nos morros ao redor.

Quando finalmente me colocou no chão, precisei recuperar o fôlego.

Arquejando, perguntei:

– Qual foi o motivo disso?

– Só estou feliz por estar vivo!

– Certo. Mas da próxima vez guarde seus lábios para si mesmo.

Ele suspirou.

– Não fique aborrecida, Kells.

– Eu não estou *aborrecida*. Eu... eu não sei o que pensar sobre isso.

Aconteceu tudo rápido demais para que eu sequer reagisse.

Um sorriso maroto iluminou seu rosto.

– Prometo ir mais devagar da próxima vez.

– Que próxima vez?

Ele franziu ligeiramente a testa.

– Não precisa fazer uma tempestade por causa disso. É só uma reação natural ao fato de ter escapado por pouco da morte. É como quando os soldados voltam da guerra e agarram uma garota para beijar assim que desembarcam.

– É, talvez, mas a diferença é que *esta* garota estava no barco *com* você – repliquei, com ironia. – Fique à vontade para agarrar qualquer garota que quiser quando voltarmos à terra, marinheiro, mas *esta* aqui não quer saber de agarramento.

Ele cruzou os braços diante do peito.

– É *mesmo*? Suas mãos estavam bem ativas, se quer saber.

– Se minhas mãos estavam em você – devolvi, indignada –, era para empurrá-lo!

– Se é isso que você precisa dizer a si mesma para ter a consciência limpa no fim do dia, tudo bem. Você só não quer admitir que *gostou*.

– Humm, deixe-me ver. Tem razão, Casanova. Eu *gostei*, sim. Quando *acabou*!

Ele sacudiu a cabeça.

– Você é teimosa. Não é de admirar que Ren tenha tido tantos problemas.

– Como você ainda se atreve a mencionar seu irmão?

– Quando vai encarar os fatos, Kells? Você gosta de mim.

– Não estou gostando tanto assim de você agora! Será que podemos voltar para o portão do espírito e esquecer essa conversa?

– Sim. Mas vamos retomar o assunto mais tarde.

– Quem sabe no dia que Shangri-lá congelar.

Ele apanhou a mochila e sorriu.

– Posso esperar até lá. Você primeiro, *bilauta*.

– *Ladrão de beijos* – murmurei.

Ele sorriu com malícia e ergueu uma sobrancelha. Andamos durante várias horas. Kishan tentava conversar comigo, mas eu, teimosamente, me recusava a notar sua existência.

O problema com o que aconteceu entre nós era... que ele não estava errado. A essa altura, eu havia passado mais tempo com ele do que com Ren e vínhamos vivendo sob o mesmo teto havia meses. Tínhamos atravessado Shangri-lá, passando dias e noites juntos nas últimas semanas.

Um contato diário assim cria um nível de proximidade, uma... intimidade entre duas pessoas. Kishan estava apenas mais disposto do que eu a reconhecer esse fato. Não era de surpreender que ele, que já admitira sentir algo por mim, estivesse começando a se sentir confortável em expressar esses sentimentos. A questão era que isso não me aborrecia tanto quanto deveria. Beijar Kishan não era como beijar Artie ou Jason, nem mesmo Li.

Quando beijei Li, eu me senti no controle. Tampouco era como beijar Ren. Ren era como uma incrível cachoeira na selva – espumando e reluzindo à luz do sol. Ele era um paraíso exótico à espera de ser descoberto. Kishan era diferente. Kishan era um rio tempestuoso e turbulento – rápido, imprevisível e não navegável mesmo para o mais hábil dos aventureiros. Os irmãos eram ambos maravilhosos, fascinantes e poderosos, mas beijar Kishan era perigoso.

Perigoso não como com os homens-sereia; com esses simplesmente parecia haver alguma coisa errada. Se eu fosse honesta comigo mesma, não acharia ruim beijar Kishan. Na verdade, era bom, como uma versão mais selvagem e ardente de Ren. Com Kishan, era como se eu houvesse literalmente pegado um tigre pelo rabo e ele estivesse pronto a me atacar e me arrastar. Não era uma ideia de todo desagradável e essa era a parte que me perturbava.

É claro, estou separada há muito tempo do meu namorado, eu tentava racionalizar meus sentimentos. *Kishan é a segunda melhor opção e eu só estou com saudade do meu tigre. Tenho certeza de que é só isso.* Deixei que esses pensamentos me confortassem enquanto caminhávamos.

Como Ren, Kishan tinha um talento para usar seu charme para se livrar dos problemas mais difíceis. Em pouco tempo ele me fez esquecer completamente que estava chateada com ele.

Quando o fim da tarde se transformou em crepúsculo, decidimos montar acampamento para passar a noite. Eu estava exausta.

– Você fica com o saco de dormir, Kells.

– Não precisa. Veja isto.

Tirei o Lenço do pescoço e disse:

– Uma tenda grande, um saco de dormir, dois travesseiros macios e uma muda de roupa para cada um de nós, por favor.

O Lenço se deslocou e se moveu; os fios começaram a tecer. Eles se trançaram, criando cordas grossas, que disparavam em várias direções e se enroscavam em galhos fortes de árvores próximas. Depois que as cordas estavam amarradas com firmeza, o Lenço criou um teto, paredes e um piso para a tenda. Ela era suspensa por duas linhas entrelaçadas na árvore acima. Em vez de fechadas por um zíper, as abas da abertura eram amarradas com um cordão.

Enfiei a cabeça lá dentro.

– Venha, Kishan.

Ele me seguiu e entrou na espaçosa tenda. Ficamos observando enquanto os fios coloridos continuavam a tecer um espesso saco de dormir e dois travesseiros macios. Quando terminou, eu tinha um saco de dormir verde e dois travesseiros brancos. Uma muda de roupa para cada um descansava sobre eles. Kishan estendeu o antigo saco de dormir ao meu lado enquanto eu afofava um dos travesseiros.

– Como ele escolhe a cor? – perguntou.

– Acho que depende do humor do Lenço ou talvez do que você pede. A tenda, o saco de dormir e os travesseiros, todos parecem ter o aspecto que deveriam ter. O Lenço muda de cor por conta própria. Percebi isso enquanto caminhava.

Kishan saiu para trocar de roupa na selva enquanto eu vestia peças limpas e pendurava minhas roupas de fada num galho do lado de fora. Quando ele voltou, eu estava bem aconchegada em meu saco de dormir e tinha virado de lado para evitar conversas.

Ele entrou em seu saco de dormir e pude sentir seus olhos dourados fixos em minhas costas por vários e tensos minutos.

Por fim, ele grunhiu e disse:

– Bem... boa noite, Kells.

– Boa noite, Kishan.

Eu estava exausta e caí no sono imediatamente, deslizando direto para um novo sonho.

Sonhei com Ren e Lokesh, a mesmíssima cena de minha última visão. Ren estava sentado no canto ao fundo de uma jaula num quarto escuro. Seu cabelo estava imundo e emaranhado e eu quase não percebi que era ele até que abrisse os olhos e me fitasse. Eu reconheceria aqueles olhos azuis em qualquer lugar.

Seus olhos tinham um brilho constante no escuro, como safiras reluzentes. Aproximei-me dele furtivamente, guiada por eles, fitando-os como um marinheiro desesperado olha o farol numa noite escura de tempestade.

Quando alcancei a gaiola, Ren piscou, como se me visse pela primeira vez. Sua voz soava áspera, como a de um homem com sede.

– Kells?

Fechei os dedos em torno das grades, desejando ser forte o bastante para quebrá-las.

– Sim, sou eu.

– Não consigo vê-la.

Por um momento de pavor, temi que Lokesh o houvesse cegado. Ajoelhei-me diante da jaula.

– Assim está melhor?

– Está.

Ren se arrastou pelo chão, aproximando-se mais, e envolveu minhas mãos com as dele. As nuvens se abriram e o luar tremeluziu através de uma minúscula janela, lançando seu brilho suave no rosto dele.

Arquejei, chocada, e as lágrimas encheram meus olhos.

– Ah, Ren! O que foi que ele fez com você?

O rosto de Ren estava inchado e roxo. Sangue escorria pelos cantos da boca e um corte profundo ia de sua testa até a bochecha. Estendi um dedo e toquei sua têmpora delicadamente.

– Ele não conseguiu tirar a informação que queria de você e resolveu descontar a raiva em mim.

– Eu... eu... sinto... tanto.

Minhas lágrimas molharam sua mão.

– *Priyatama*, não chore.

Ele pressionou a mão no meu rosto. Virei e beijei-lhe a palma.

– Não posso suportar vê-lo assim. Estamos vindo buscar você. Por favor, *por favor*, aguento um pouco mais.

Ele baixou os olhos, como se sentisse vergonha.

– Não sei se consigo.

– Não diga isso! *Nunca* diga isso! Eu estou indo. Sei o que fazer. Sei como resgatá-lo. Você precisa permanecer vivo. Não importa como! Ren, me prometa!

Ele suspirou dolorosamente.

– Ele está perto demais, Kells. Cada segundo que Lokesh me tem aqui significa que você está em perigo. Você se tornou uma obsessão para ele. A todo momento ele tenta extrair informações suas de minha mente. Ele não vai parar. Não vai desistir. Ele... ele vai me subjugar. Logo. Se fosse apenas a tortura física, acho que eu poderia aguentar, mas ele está usando magia negra. Está me enganando. Causando alucinações. E eu estou tão... *cansado*.

– Então *conte* a ele. – Minha voz tremeu. – Conte a ele o que ele quer saber e talvez ele o deixe em paz.

– *Nunca* contarei a ele, *prema*.

Eu solucei.

– *Ren*. Eu não posso perder você.

– Eu estou sempre com você. Meus pensamentos estão em você. – Ele pegou um cacho do meu cabelo e o levou aos lábios. Então inspirou profundamente. – *O tempo todo*.

– Não desista! Não quando estamos tão perto!

Seus olhos se desviaram.

– Tem uma opção que eu poderia considerar.

– Qual é? Que opção?

– Durga – ele fez uma pausa – ofereceu proteção, mas seu preço é alto demais. Não vale a pena.

– Sua vida vale qualquer coisa! Aceite! Não pense duas vezes. Você pode confiar em Durga. Faça o que ela pede! Qualquer que seja o preço, não importa, desde que você sobreviva.

– Mas, Kelsey...

– Shh. – Pressionei a ponta do dedo delicadamente sobre seus lábios inchados. – Faça o que for preciso para sobreviver, está bem?

Ele deixou escapar um suspiro entrecortado e me olhou com olhos brilhantes e desesperados.

– Você precisa ir. Ele pode voltar a qualquer momento.

– Não quero deixar você.

– E não quero que você vá. Mas é preciso.

Resignada, virei-me para partir.

– Espere, Kelsey. Antes de ir... você me dá um beijo?

Enfiei as mãos entre as grades e toquei levemente seu rosto.

– Não quero lhe causar mais dor.

– Não tem importância. *Por favor.* Me beije antes de ir.

Ele se ajoelhou à minha frente, arquejando ao pôr o peso no joelho, e então passou as mãos trêmulas pelas grades e me puxou para mais perto. Suas mãos deslizaram e tomaram o meu rosto entre elas e nossos lábios se encontraram entre as grades de sua jaula. Seu beijo foi quente, suave e breve demais. Senti o gosto das minhas lágrimas. Quando se afastou, ele me dirigiu um sorriso doce e torto entre os lábios partidos. Encolheu-se de dor ao recolher as mãos. Foi então que percebi que vários dedos seus estavam quebrados.

Recomecei a chorar. Ren enxugou uma lágrima do meu rosto com o polegar e recitou um poema de Richard Lovelace.

*Quando o Amor com asas livres
Paira dentro de meus portões,
E minha divina Altea vem
Para sussurrar junto às grades;
Quando me vejo enroscado em seu cabelo
E agrilhado ao seu olho,
As aves que brincam no ar
Não conhecem tamanha liberdade.
Muros de pedra não constituem prisão,
Tampouco barras de ferro uma jaula;
Mentes puras e quietas tomam isso
Como a habitação do eremita;
Se tenho liberdade em meu amor
E em minha alma sou livre,
Só os anjos, que planam acima,
Desfrutam da mesma liberdade.*

Ele encostou a testa na grade.

– A única coisa que eu não poderia suportar é se ele machucasse você. Isso eu não vou permitir. Não vou deixar que ele a encontre, Kelsey. Aconteça o que acontecer.

– O que você quer dizer?

Ele sorriu.

– Nada, minha querida. Não se preocupe. – Ele recuou para apoiar o corpo alquebrado na parede da jaula. – É hora de ir, *iadala*.

Levantei-me para ir, mas parei à porta quando ele chamou:

– Kelsey?

Virei-me.

– Não importa o que aconteça, *por favor* lembre-se de que a amo, *hridaya patni*. Prometa que irá se lembrar.

– Eu vou me lembrar. Prometo. *Mujhe tumse pyarhai*, Ren.

– Agora vá.

Ele sorriu debilmente e então seus olhos mudaram. O azul se esvaiu e eles se tornaram cinzentos, baços e sem vida. Talvez fosse um truque da luz, mas chegava a quase parecer que Ren havia morrido. Dei um passo hesitante para trás.

– Ren?

Sua voz suave replicou:

– Por favor, vá, Kelsey. Vai ficar tudo bem.

– Ren?

– *Adeus, meu amor.*

– Ren!

Alguma coisa estava acontecendo e não era nada bom. Senti algo se partir. Arquejei em busca de ar. Alguma coisa estava muito errada. A conexão que eu sentia entre nós era quase tangível, como uma corrente de metal. Quanto mais próximos ficávamos, mais forte era a conexão. Ela me estabilizava, me conectava a ele como um fio de telefone, mas algo havia danificado o cabo.

Senti a ruptura e pontas afiadas e serrilhadas perfuravam e rasgavam violentamente meu coração, como facas quentes atravessando a manteiga. Gritei e me debati. Pela primeira vez desde que pusera os olhos no meu tigre branco, eu estava sozinha.

Kishan me sacudiu, me arrancando da névoa do sonho.

– Kelsey! *Kelsey!* Acorde!

Abri os olhos e comecei a chorar lágrimas novas, que se derramavam no meu rosto e seguiam as trilhas deixadas pelo sonho. Abracei Kishan e solucei. Ele me colocou no colo, me apertando, e me acariciou as costas enquanto eu chorava inconsolavelmente por seu irmão.

Devo ter dormido em algum momento, pois acordei enrolada em meu saco de dormir com os braços de Kishan ao meu redor. Minha mão fechada pressionava meu rosto e meus olhos estavam fechados de tão

inchados.

– Kelsey? – sussurrou Kishan.

– Estou acordada – murmurei.

– Você está bem?

Minha mão seguiu involuntariamente para o buraco oco e dolorido que eu sentia no peito. Uma lágrima escorreu do canto do meu olho. Enterrei a cabeça no travesseiro e comecei a respirar fundo para me acalmar.

– *Não* – eu disse sem forças. – Ele... *se foi*. Alguma coisa aconteceu. Acho... acho que Ren pode estar *morto*.

– O que aconteceu? Por que acha isso?

Expliquei o sonho a ele e tentei descrever minha conexão rompida com Ren.

– Kelsey, é possível que tudo isso seja apenas um sonho, um sonho muito perturbador, mas nada mais que um sonho. Não é raro ter sonhos violentos quando se passa por uma experiência traumática, como a luta que tivemos com os pássaros.

– *Talvez*. Mas eu não sonhei com os pássaros.

– Mesmo assim, não podemos ter certeza. Lembre-se de que Durga disse que o protegeria.

– Eu me lembro. Mas foi tão *real*.

– Não tem como ter certeza.

– Talvez tenha.

– O que você está pensando?

– Acho que devíamos fazer outra visita aos silvanos. Talvez possamos dormir no Bosque dos Sonhos e eu consiga enxergar o futuro. De repente eu vejo se podemos salvá-lo ou não.

– Acha que isso vai funcionar?

– Os silvanos disseram que, se eles têm um problema grave para resolver, vão até lá em busca de respostas. Por favor, Kishan. Vamos tentar.

Kishan enxugou uma lágrima do meu rosto com o polegar.

– Está bem, Kells. Vamos procurar Fauno.

– Kishan, mais uma coisa. O que significa *hridaya patni*?

– Onde você ouviu isso? – perguntou com delicadeza.

– No sonho. Ren me disse isso antes de nos separarmos.

Kishan se levantou e saiu da tenda. Eu o segui e o encontrei fitando

a distância. Seu braço estava apoiado num galho de árvore. Sem se virar, ele disse:

– É a forma carinhosa como nosso pai chamava nossa mãe. Significa... “esposa do meu coração”.

Foi um longo dia de caminhada para chegar à aldeia dos silvanos. Eles não cabiam em si de alegria por nos ver e quiseram dar uma festa. Eu não tinha vontade de celebrar. Quando perguntei se podíamos dormir no Bosque dos Sonhos novamente, Fauno me assegurou de que tudo o que possuíam estava à minha disposição. As ninfas das árvores me serviram um jantar leve e me deixaram sozinha num de seus chalés até o cair da noite. Kishan percebeu que eu queria ficar sozinha e comeu com os silvanos.

Quando a noite caiu, ele voltou com um visitante.

– Quero que você veja quem está aqui, Kells.

Ele segurava a mão de um garotinho de cabelos prateados dando os primeiros passos.

– Quem é este?

– Você pode dizer seu nome à moça bonita?

– *Talque* – disse o menino.

– Seu nome é *Talque*? – perguntei.

O rosto meigo do menininho sorria para mim.

– Na verdade, o nome dele é Tarak.

– Tarak? – arquejei. – É impossível! Ele parece já ter quase 2 anos!

Kishan deu de ombros.

– Ao que parece, os silvanos amadurecem rapidamente.

– Incrível! Tarak, venha aqui e me deixe ver você.

Estendi os braços e Kishan o encorajou a ir em frente. Tarak deu alguns passinhos desajeitados em minha direção antes de cair no meu colo.

– Você agora é um menino tão grande! E tão bonito também! Quer brincar? Veja isto.

Peguei o Lenço em meu pescoço e ficamos olhando o caleidoscópio de cores cambiantes. Quando o menininho o tocou, a impressão de uma minúscula mão rosa apareceu no tecido antes de desaparecer num turbilhão de amarelo.

– Bichinhos de pelúcia, por favor.

O tecido deslocou-se, dividiu-se e se transformou em bichinhos de

pelúcia de todo tipo. Kishan se sentou ao meu lado e brincamos com Tarak e a coleção de bichos de pelúcia. A dor aguda em meu coração diminuiu enquanto eu ria com a pequena criança silvana.

Quando Kishan apanhou o tigre de pelúcia e ensinou a Tarak a forma correta de grunhir, ele ergueu os olhos para mim. Nossos olhares se encontraram e ele piscou. Agarrei sua mão, apertei-a e lhe disse movendo os lábios sem emitir som: “Obrigada.”

Kishan beijou meus dedos, sorriu e disse:

– Tia Kelsey precisa dormir um pouco. É hora de levar você de volta para sua família, rapazinho.

Ele pegou Tarak no colo, colocou-o nos ombros e disse baixinho:

– Volto já.

Reuni todos os bichinhos e disse ao lenço que não precisávamos mais deles. Fios começaram a girar no ar e se entreteceram, voltando à forma anterior. No momento em que acabavam, Kishan retornou.

Ele se agachou, segurou-me pelo queixo e ergueu meu rosto para examiná-lo.

– Kelsey, você está exausta. Os silvanos prepararam um banho para você. Tome um banho de imersão antes de dormir. Encontro você no Bosque, está bem?

Assenti e deixei as três mulheres silvanas me levarem até a área de banho. Dessa vez elas estavam quietas, deixando-me com meus pensamentos enquanto delicadamente ensaboavam meu cabelo e esfregavam uma loção perfumada em minha pele. Elas me vestiram com um roupão de seda antes que uma fada de asas cor de laranja me guiasse até o Bosque dos Sonhos. Kishan já estava lá e havia tomado a liberdade de criar uma rede com o Lenço Divino.

– Não está interessado em dividir a suíte de lua de mel novamente, pelo que estou vendo – brinquei.

Ele estava de costas para mim enquanto testava um nó da rede.

– Só pensei que seria melhor... – Ele deu meia-volta e me lançou um olhar poderoso, ardente. Seus olhos dourados se dilataram e ele se apressou em se ocupar com os nós de novo. Limpando a garganta, disse: – Decididamente, é melhor você dormir sozinha desta vez, Kells. Ficarei confortável aqui.

Estremeci e tentei fingir que o olhar de Kishan não havia me afetado.

– Como quiser.

Kishan se acomodou na rede, deitado de costas, com as mãos atrás da cabeça. Ele me observava ajeitando os lençóis.

– Você está muito... linda – eu o ouvi dizer baixinho.

Voltei-me para ele, ergui um braço e deslizei a mão pelo roupão de seda azul com mangas compridas. Eu sabia que meu cabelo pendia em ondas flexíveis e que minha pele pálida brilhava depois da vigorosa esfregação e das loções borbulhantes das silvanas. Talvez eu estivesse bonita, sim, mas me sentia oca por dentro. Eu estava esgotada até o âmagô.

– Obrigada – disse mecanicamente enquanto subia na cama.

Fiquei acordada olhando as estrelas durante muito tempo. Pude sentir os olhos de Kishan em mim quando enfiava a mão sob o rosto e finalmente mergulhava no sono.

Não sonhei com nada. Não com Ren, nem comigo mesma, tampouco com Kishan ou com o Sr. Kadam... Sonhei com o vazio. Uma grande escuridão preenchia a minha mente, um vácuo. Um espaço sem formas, sem profundidade, sem abundância e sem nenhuma *felicidade*. Acordei antes de Kishan. Sem Ren, minha vida não tinha nenhum significado. Era oca e inútil. Era isso que o Bosque dos Sonhos estava tentando me dizer. Eu havia perdido coisas de mais.

Quando meus pais morreram, foi como se duas árvores imponentes houvessem sido derrubadas. Ren tinha entrado em minha vida e preenchido a paisagem vazia do meu coração, fazendo-o cicatrizar. A terra seca fora substituída por grama macia, árvores de sândalo maravilhosas, trepadeiras de jasmim e rosas. Bem no centro de tudo havia uma fonte de água cercada por lírios-tigres, um lindo lugar onde eu podia me sentar e sentir afeto, amor e paz. Agora a fonte estava estilhaçada, os lírios arrancados, as árvores derrubadas e simplesmente não restava solo para cultivar mais nada. Eu estava estéril, desolada – um deserto incapaz de sustentar a vida.

Uma brisa suave balançava meu cabelo e soprava alguns fios no meu rosto. Eu não me dei ao trabalho de puxá-los para o lado. Não ouvi Kishan se levantar. Só senti a ponta de seus dedos roçar em meu rosto quando ele ergueu os fios e os prendeu atrás da orelha.

– Kelsey?

Não respondi. Meus olhos fitavam o céu do amanhecer que ia se iluminando.

– Kells?

Ele deslizou as mãos sob o meu corpo e me levantou. Então se

sentou na cama e me aninhou junto ao seu peito.

– Kelsey, por favor, diga alguma coisa. Fale comigo. Não suporto vê-la desse jeito.

Ele me embalou por um tempo. Eu podia ouvi-lo e lhe responder em minha mente, mas me sentia desconectada do ambiente, do meu corpo.

Senti uma gota de chuva no meu rosto e o susto me acordou, me trouxe à superfície. Ergui a mão e enxuguei a gota.

– Está chovendo? Não pensei que chovesse aqui.

Ele não respondeu. Outra gota caiu em minha testa.

– Kishan?

Olhei para ele e percebi que não eram gotas de chuva, mas lágrimas.

Seus olhos dourados estavam cheios de lágrimas.

Perplexa, levei a mão ao seu rosto.

– Kishan? Por que você está chorando?

Ele sorriu debilmente.

– Pensei que a tivesse perdido, Kells.

– Ah.

– O que você viu que a levou para tão longe de mim? Você viu Ren?

– Não. Não vi nada. Meus sonhos estavam cheios de uma escuridão fria. Acho que isso significa que ele está morto.

– Não. Eu não acredito nisso, Kells. Eu vi Ren em meus sonhos.

A vitalidade retornou aos meus membros.

– *Você o viu? Tem certeza?*

– Sim. Estávamos num barco, discutindo.

– Poderia ser um sonho do passado?

– Não. Estávamos num iate moderno. No nosso iate.

Sentei-me mais ereta.

– Você tem certeza de que o sonho se passava no futuro?

– Tenho.

Eu o abracei e beijei-lhe as bochechas e a testa, alternando os beijos com “Obrigada! Obrigada! Obrigada!”.

– Espere, Kells. A questão é que, no sonho, estávamos discutindo sobre...

Eu ri, agarrei sua camisa e o sacudi levemente, enlouquecida e tonta de alívio. *Ele estava vivo!*

– Não quero nem saber sobre o que estavam discutindo. Vocês dois sempre discutem.

– Mas acho que devia contar a você...

Saltei de seu colo e comecei a me mexer rapidamente, recolhendo nossas coisas.

– Conte mais tarde. Agora não temos tempo. Vamos embora. O que estamos esperando? Um tigre precisa ser resgatado. Venha!

Eu corria de um lado para outro com uma energia insana. Uma determinação desesperada e febril tomava conta da minha mente. Cada minuto que nos demorássemos significava mais dor para aquele que eu amava. O sonho com Ren havia sido real. Eu não teria elaborado palavras novas em híndi por minha própria conta, principalmente um termo carinhoso que seu pai usava com sua mãe. Eu estivera com ele de alguma forma. Eu o havia tocado, beijado. Alguma coisa havia partido nossa conexão, mas ele ainda estava vivo! Poderia ser salvo. Na verdade, ele *seria* salvo! Kishan tinha visto o futuro!

Os silvanos prepararam um café da manhã suntuoso, mas nós pegamos alguns itens para a viagem, dissemos adeus, apressados, e seguimos de volta para o portão do espírito. Levamos dois dias de caminhada rápida para chegar ao portão, seguindo as instruções dadas pelos silvanos. Kishan falou muito pouco durante a viagem e eu estava profundamente mergulhada em pensamentos sobre como encontrar Ren para tentar descobrir por quê.

Depois de chegar ao portão, pedi ao Lenço Divino que criasse novos trajes de inverno para nós e, após trocarmos de roupa, evoquei meu poder de raio e coloquei a mão na depressão entalhada na lateral do portão. Minha pele brilhou, tornando-se translúcida e rosada enquanto o portão tremeluzia e se abria. Olhamos um para o outro e de repente eu me senti triste – como se estivéssemos nos despedindo. Kishan tirou a luva e pousou a palma quente em meu rosto, estudando-o, sério. Eu sorri e o abracei.

Eu tivera a intenção de ser breve, mas ele me envolveu com os braços e me deu um abraço apertado. Desvencilhei-me, desajeitada, tornei a colocar a luva e transpus o portão, passando para um dia ensolarado no monte Everest. Minhas botas de inverno esmagaram ruidosamente a neve branca e cintilante no momento em que Kishan passava pelo portão e se transformava no tigre negro.



A caminho de casa

Depois de atravessarmos o portão, voltei-me para observar a terra de Shangri-lá desaparecer num redemoinho de cores. A luz vermelha que pulsava no entalhe da mão desapareceu e o portão do espírito retomou sua aparência anterior – dois postes altos de madeira, com longos cordões de bandeiras de oração soprando na brisa.

Pisquei várias vezes e esfreguei os olhos levemente. Alguma coisa estava grudada nos meus cílios. Com cuidado, soltei uma película verde transparente, que se desprende de cada olho como um par de lentes de contato.

Kishan parecia estar preso na forma de tigre e provavelmente ficaria assim por algum tempo, como acontecera com Ren depois de Kishkindha. Ele piscou os olhos repetidamente para mim e pude ver a película verde se soltando de um olho.

– Fique parado. Tenho que tirar isso ou vai incomodá-lo por todo o caminho.

Tirei a película de um olho e em seguida do outro. Levei muito tempo, mas fiquei orgulhosa por ter conseguido. O Mestre do Oceano dissera que, ao deixarmos Shangri-lá, as escamas se soltariam de nossos olhos e poderíamos ver o mundo real outra vez. Eu não esperava que suas palavras fossem tão literais assim.

Ajustei a mochila nos ombros e comecei a íngreme descida até o acampamento do Sr. Kadam. O sol brilhava, porém ainda estava frio. Eu sentia uma energia abrasadora me impelindo adiante. Não queria parar para descansar, embora Kishan claramente quisesse que eu parasse. Encorajei-o a prosseguir e só paramos quando já estava escuro demais para enxergarmos ao nosso redor.

Desde que Hugin me ajudara a *desemperrar* meus pensamentos, minha mente havia se tornado límpida, clara. Eu elaborei um plano.

Sabia como salvar Ren. A única coisa que eu não sabia era *onde* encontrá-lo. Esperava que o Sr. Kadam descobrisse algo sobre a cultura ou a localização do povo que tínhamos observado na visão.

Os traços físicos que eu percebera talvez não fossem suficientes, mas era tudo que tínhamos. Se alguém podia saber por onde começar a procurar, essa pessoa era o Sr. Kadam. Eu também esperava que o tempo houvesse parado, ou pelo menos desacelerado, enquanto estávamos em Shangri-lá. Tinha certeza de que Ren seria torturado durante cada momento que estivesse nas mãos de Lokesh. Era insuportável pensar que ele devia estar sentindo dor, ainda mais durante os muitos dias que tínhamos passado no mundo além do portão do espírito.

Naquela noite fiquei deitada acordada em nossa tenda por muito tempo, pensando em minha estratégia e analisando-a do maior número de ângulos que me era possível. Eu não permitiria que Lokesh levasse nenhuma outra pessoa. Não haveria nenhuma troca por Ren. Iríamos salvá-lo e todos nós voltaríamos para casa.

Na manhã seguinte Kishan acordou e assumiu a forma humana. Eu rapidamente providenciei-lhe trajes próprios para a neve e ele se vestiu na tenda enquanto eu arrumava o café da manhã. Ele logo se juntou a mim vestindo suas roupas novas: uma camiseta de malha cor de ferrugem que se ajustava ao seu corpo sob o agasalho impermeável preto, calça preta com elástico nos tornozelos, luvas, meias grossas de lã e botas para neve. Avaliei sua aparência e me dei os parabéns pelo bom trabalho.

Descobrimos que obter o Lenço dera a Kishan outras seis horas livre de seu eu tigre. Tínhamos agora cumprido metade de nossa missão. Os tigres podiam assumir a forma humana durante 12 horas por dia.

Embora eu estivesse com pressa, Kishan me lembrou de que levaríamos pelo menos dois dias inteiros para descer a montanha. Quando montamos acampamento na segunda noite, decidi que era hora de conversar com ele sobre meu plano de resgate e mostrar-lhe o que mais o Lenço podia fazer.

Depois de nos acomodarmos na tenda convenientemente feita pelo Lenço, abri o zíper do saco de dormir e o estendi no chão. Encorajei-o a se sentar diante de mim, antes de pegar o Lenço.

– É o seguinte: o Lenço pode fazer várias coisas. Ele pode se tornar ou criar qualquer coisa feita de tecido ou de fibras naturais. Ele não precisa reabsorver o que cria. Até pode fazer isso, mas também pode deixar o objeto para trás e, nesse caso, a criação perde a magia do

tecido. O Lenço também pode ser modelado para recolher os ventos como na história da sacola do deus japonês Fujin. A terceira coisa para que ele pode ser usado é... para mudar a aparência.

– Mudar a aparência? Como?

– Você já viu um mágico tirar um coelho da cartola ou transformar um pássaro em uma pena?

– Alguns mágicos visitavam a corte de vez em quando. Um deles transformou um camundongo em um cachorro.

– Isso! É parecido. Trata-se de uma ilusão. Um truque feito com luz e espelhos.

– Como isso funciona?

– Lembra que a Divina Tecelã disse que havia poder na tecelagem? Ela não só cria as roupas da pessoa, como também pode fazê-lo se parecer com ela. O segredo é: é preciso ser específico e capturar em sua mente exatamente com quem você quer se parecer. Vou experimentar. Observe e me diga se funciona.

– Disfarce, por favor... Nilima – eu disse.

O Lenço cresceu, tornando-se um longo pedaço de tecido negro cintilante com cores espiralando rapidamente por toda a peça. Ele resplandecia, como se enfeitado com lantejoulas que vinham brevemente à superfície e depois desapareciam. A luz se refletia e se movia pela tenda como milhares de prismas disparando arco-íris em todas as direções.

Enrolei o tecido em torno do meu corpo, cobrindo-me toda, inclusive cabelo e rosto. Minha pele ficou quente e começou a formigar. As cores em turbilhão eram iridescentes e iluminavam o pequeno espaço no qual eu me sentava envolta no manto quente em que o Lenço havia se transformado. Era como assistir ao meu show de laser particular. Quando o brilho diminuiu, me desenrolei e olhei para Kishan.

– E então?

Ele estava boquiaberto, em choque.

– *Kells*?

– Sim.

– Você... você está até *falando* como Nilima. Está vestida como ela.

Olhei para baixo e descobri que estava usando um vestido de seda azul-claro que ia até os joelhos. Minhas pernas estavam nuas.

– Acabei de perceber. E estou congelando!

Kishan pôs seu casaco em mim. Então pegou minha mão e a examinou.

– Sua pele se parece com a dela. Suas unhas estão compridas e pintadas. Inacreditável!

Estremeci.

– Ok. Demonstração feita. Estou congelando de verdade. – Tornei a me enrolar no tecido e disse: – De volta a mim mesma, por favor. – As cores começaram a espiralar novamente e, após um longo minuto, me desenrolei do tecido e voltei à minha aparência. – Agora experimente você, Kishan. Não temos espelho. Quero ver quanto isso é fiel.

– Certo. – Ele pegou o lenço das minhas mãos e disse: – Disfarce... Sr. Kadam.

Ele se enrolou todo no tecido. Quando o retirou um minuto depois, eu me vi sentada diante do Sr. Kadam. Ele estava exatamente como eu o vira da última vez. Estiquei o dedo e toquei em sua barba aparada.

– Uau! Você está igualzinho a ele! – Apalpei a bainha da calça. – Parece de verdade. É uma réplica perfeita!

Ele tocou o próprio rosto e passou a mão no cabelo bem rente.

– Espere um instante! Você está com o amuleto dele! Parece real?

Ele tocou o amuleto e apalpou a corrente.

– Parece real, mas não é.

– Como assim?

– Usei um amuleto a maior parte da minha vida e, quando o dei a você, podia sentir sua ausência. Este aqui não me parece real. Não parece ter poder. Também é mais leve e a superfície é ligeiramente diferente.

– Humm, interessante. Não sei se posso sentir o poder do meu.

Estendi a mão e toquei o amuleto no pescoço dele e então comparei com o meu.

– Acho que o que você está usando é feito de algum tipo de tecido.

– É mesmo? – Ele o esfregou entre os dedos. – Tem razão. A superfície é ligeiramente diferente. Você não consegue mesmo sentir o poder do amuleto?

– Não.

– Bem, se o usasse por tantos anos quanto eu, sentiria.

– Talvez seja algo que somente vocês, tigres, possam sentir, por estarem tão intimamente associados a ele.

– Talvez. Teremos que perguntar sobre isso ao Sr. Kadam.

Kishan voltou à sua aparência.

– Então, qual é exatamente o seu plano, Kells?

– Ainda não elaborei todos os detalhes, mas pensei que talvez pudéssemos personificar os guardas de Lokesh e entrar onde quer que estejam mantendo Ren.

– Você não pretende fazer uma troca, então? Um amuleto em troca de Ren?

– Não se pudermos evitar. Gostaria que este fosse o último recurso. O grande problema do plano é que não sei *onde* Ren está sendo mantido prisioneiro. Eu lhe contei que vi Ren em minha visão, mas também vi uma pessoa que tenho esperanças de que o Sr. Kadam possa identificar.

– Identificar como?

– O cabelo e as tatuagens dele eram singulares. Nunca vi nada parecido.

– É um tiro no escuro, Kells. Identificar de onde é o criado não significa necessariamente saber se é lá que Lokesh está mantendo Ren.

– Eu sei, mas é tudo que temos para prosseguir.

– Muito bem, então temos um *como*. Só precisamos de um *onde*.

– Exato.

No dia seguinte finalmente ultrapassamos o limite das neves e continuamos a descer em ritmo acelerado. Kishan havia dormido como tigre, então caminhou comigo como homem durante quase todo o dia, o que nos deu a oportunidade de conversar. Ele contou que se sentia sufocado sendo forçado a voltar à forma de tigre. Como Ren, agora que sentira o gosto de ser humano, ansiava por isso desesperadamente.

Tentei fazê-lo ver que 12 horas eram muito melhores que 6. Agora ele podia dormir como tigre e passar a maior parte de suas horas acordado como homem, mas ainda assim ele se queixava. Durante um intervalo na conversa, eu disse:

– Kishan?

Ele resmungou ao escorregar um pouco morro abaixo no cascalho solto.

– Diga.

– Quero que você me conte tudo o que sabe sobre Lokesh. Onde você o conheceu? Como ele é? Me fale sobre a família, a mulher, a

história dele. Tudo.

– Está bem. Para começar, ele não veio de uma linhagem real.

– Como assim? Pensei que fosse rei.

– Ele era, mas não começou assim. Quando o conheci, era um conselheiro real. Ele havia ascendido rapidamente a um posto de autoridade. Quando o rei morreu de maneira inesperada, sem deixar descendentes, Lokesh assumiu a posição de rei.

– Provavelmente tem uma história muito interessante aí. Eu adoraria saber como aconteceu sua ascensão ao poder. Todos simplesmente o aceitaram como o novo rei? Houve algum protesto?

– Se houve, ele logo reprimiu quaisquer movimentos de insatisfação e se pôs a formar um poderoso exército. Seu reino havia sido sempre muito pacífico e nunca tínhamos enfrentado problemas com eles até Lokesh assumir o poder. Mesmo então ele era sempre muito cauteloso com minha família. Pequenos conflitos irrompiam entre nossos exércitos, dos quais ele sempre afirmava não ter conhecimento. Agora achamos que ele estava reunindo informações, pois os conflitos sempre aconteciam em áreas militares estratégicas. Ele os descartava como mal-entendidos sem importância e nos assegurava de que iria repreender os sobreviventes.

– Sobreviventes? Como assim?

– Os conflitos sempre resultavam na morte de soldados seus. Ele os usava como ferramentas descartáveis. Exigia-lhes lealdade e eles a davam... até mesmo sacrificando suas vidas.

– E ninguém da sua família jamais suspeitou de nada?

– Se alguém desconfiava dele, era o Sr. Kadam. Ele era o chefe dos militares na época e achava que havia mais coisas ali do que soldados *confundindo* suas ordens. Ninguém mais, porém, suspeitava de Lokesh. Ele era muito encantador quando nos visitava. Sempre assumia um comportamento humilde quando estava perto de meu pai, mas o tempo todo estava friamente planejando nossa derrocada.

– Quais são as fraquezas de Lokesh?

– Acho que ele conhece mais as minhas fraquezas do que eu as dele. Imagino que maltratasse Yesubai. Segundo o que nos contou, sua mulher havia morrido muito antes de o conhecermos. Yesubai nunca falava da mãe e nunca me ocorreu perguntar. Até onde sei, não lhe resta nenhum parente, nenhuma descendência, a menos que tenha se casado de novo depois. Ele almeja o poder. Isso pode ser uma fraqueza.

- Ele almeja dinheiro? Poderíamos comprar a liberdade de Ren?
- Não. Ele usa dinheiro apenas como meio de obter mais poder. Não dá a mínima para joias ou ouro. Ele pode até dizer o contrário, mas eu não acreditaria. Ele é um homem ambicioso, Kelsey.
- Sabemos alguma coisa sobre as outras partes do amuleto? Como, por exemplo, onde ele as conseguiu?
- A única coisa que sei sobre o amuleto é o que meus pais nos contaram. Eles disseram que as partes do amuleto eram usadas por cinco chefes militares e que foram transmitidas como herança ao longo dos séculos. A família de minha mãe tinha uma parte e a de meu pai tinha outra. Foi assim que Ren e eu ficamos cada um com uma parte. A que você usa era da mamãe e Kadam usa a do papai. Não tenho a menor ideia de como Lokesh adquiriu as outras três partes. Eu nunca ouvira falar de outras partes do amuleto até Lokesh mencioná-las. Ren e eu usávamos nossas partes sob a roupa como peças de herança de família cuidadosamente protegidas.
- Talvez Lokesh tenha encontrado uma lista das famílias a que elas foram confiadas... – ponderei.
- Talvez. Mas nunca ouvi falar de tal lista.
- Seus pais sabiam que os amuletos eram poderosos?
- Não. Não até sermos transformados em tigres.
- Vocês não tiveram um antepassado que viveu muito tempo, como o Sr. Kadam?
- Não. Nossa família era prolífica de ambos os lados. Havia sempre um rei jovem a quem passar o amuleto e era uma tradição nossa fazer isso quando o garoto completava 18 anos. Nossos antepassados tiveram vidas mais longas que o normal, mas a expectativa de vida então era bem mais curta que hoje.
- Infelizmente nenhuma dessas informações nos dá uma pista de alguma das fraquezas de Lokesh.
- Talvez dê, sim.
- Como? – perguntei.
- Ele ambiciona o poder acima de todas as coisas. Como está perseguindo as partes do amuleto a qualquer custo, então essa é sua fraqueza.
- O que você está querendo dizer?
- Acabamos de ver o Lenço criar uma réplica do amuleto quando assumi a forma do Sr. Kadam. Se ele pegar a réplica, achará que

venceu.

– Mas não sabemos se a réplica pode ser tirada da pessoa ou não. Mesmo que possa, não sabemos quanto tempo dura.

Kishan deu de ombros e disse:

– Testaremos quando voltarmos.

– É uma boa ideia.

Tropecei numa pedra e Kishan me segurou. Ele me sustentou apenas por um instante a mais que o necessário, sorriu e tirou o cabelo do meu rosto.

– Estamos quase lá. Podemos continuar ou você precisa descansar? – perguntou com desvelo.

– Posso continuar.

Ele me soltou e tirou a mochila dos meus ombros.

– Kishan, eu queria agradecer por tudo o que você fez em Shangri-lá. Eu não teria conseguido sem você.

Ele jogou a mochila num ombro e parou, me observando por um minuto.

– Você não achou que eu a deixaria ir sozinha, achou?

– Não, mas me sinto grata por ter tido você comigo.

– Gratidão é tudo o que vou ganhar, não é?

– O que mais você esperava?

– Adoração, devoção, afeto, paixão ou simplesmente a confissão de que me acha irresistível.

– Desculpe, Don Juan. Vai ter que viver com minha eterna gratidão.

Ele suspirou teatralmente.

– Acho que esse é um começo tão bom quanto qualquer outro. Que tal então nos considerarmos quites? Nunca lhe agradei por ter me convencido a voltar para casa. Eu... descobri muitas coisas de que gosto no fato de estar em casa.

Sorri para ele.

– Feito.

Ele passou o braço pelos meus ombros e continuamos a caminhar.

– Eu me pergunto se vamos encontrar aquele urso outra vez – refletiu Kishan.

– Se o encontrarmos, dessa vez devo conseguir mantê-lo à distância. Não pensei em usar meu poder naquele momento. Sou uma guerreira de meia-tigela.

– Você lutou muito bem contra os pássaros. – Ele sorriu. – Eu iria para a guerra com você a qualquer hora. Vou lhe contar sobre a ocasião em que deixei minha espada em casa.

Ele beijou minha testa e recordou tempos mais felizes.

Ao anoitecer pudemos ver ao longe uma pequena fogueira na base da montanha. Kishan me assegurou de que aquele era o acampamento do Sr. Kadam. Contou que podia sentir o cheiro dele na brisa. Ele segurou minha mão no último quilômetro, dizendo que podia ver melhor no escuro do que eu – mas eu suspeitava de que esse não fosse o único motivo. Quando chegamos mais perto, fui capaz de distinguir a sombra do Sr. Kadam no interior da barraca.

Aproximei-me e disse:

– Ô de casa! Tem vaga para um casal de estranhos errantes?

A sombra se moveu e o zíper da barraca deslizou.

– Srta. Kelsey? Kishan?

O Sr. Kadam saiu da barraca e me prendeu num forte abraço. Então ele se virou para dar um tapinha nas costas de Kishan.

– Vocês devem estar congelando! Entrem. Vou fazer um chá quente. Deixem-me pegar uma chaleira para pôr no fogo.

– Sr. Kadam, não precisa fazer isso. Temos o Fruto Dourado, lembra?

– Ah, sim. É verdade.

– E temos mais uma coisa também.

Tirei o Lenço cor de ametista do pescoço e isso o fez mudar para turquesa.

– Almofadas macias, por favor, e poderia tornar a barraca um pouco maior? – perguntei.

Os fios cor de turquesa imediatamente se deslocaram e se esticaram. Vários deles teceram grandes almofadas de várias cores e outro pedaço se separou e começou a dar laçadas na extremidade da barraca. Alguns momentos depois pudemos nos sentar confortavelmente em grandes almofadas numa tenda que havia dobrado de tamanho. O Sr. Kadam observava em silêncio, fascinado, os fios atarefados.

Tive certa dificuldade para tirar o casaco. Kishan me ajudou e fez um carinho no meu braço. Empurrei sua mão para longe, mas ele se limitou a sorrir e se reclinar nas almofadas.

– Ele funciona como o Fruto Dourado só que criando coisas tecidas?
– perguntou o Sr. Kadam.

Lancei um olhar de advertência a Kishan e respondi:

– É por aí.

– “O povo da Índia será vestido” – murmurou o Sr. Kadam.

– É... acho que *poderíamos* mesmo vestir o povo da Índia com isso.
Engraçado que isso não tenha me ocorrido antes.

– Espere um pouco. A profecia não falava algo sobre “grandes disfarces” também?

O Sr. Kadam remexeu alguns papéis e encontrou uma cópia da profecia.

– Sim. Aqui diz: “Discos lançados e grandes disfarces podem deter aqueles que perseguem.” É a isso que você está se referindo?

Eu ri.

– Sim, isso faz sentido então. Sabe, o Lenço Divino pode fazer umas outras coisinhas também, além de criar roupas e tecer coisas. Pode reunir os ventos, como a sacola do deus Fujin.

– Semelhante à sacola de ventos que Odisseu recebeu de Éolo? – replicou o Sr. Kadam. – A sacola de couro de Ulisses amarrada com um fio de prata?

– Sim, mas não é couro. No entanto, o fio de prata funcionaria.

– Talvez enviado por um dos deuses do vento? Vayu? Striborg? Njord? Pazuzu?

– Não se esqueça de Bóreas e Zéfiro.

– Vocês podem falar uma língua que eu entenda, por favor? – interrompeu Kishan.

O Sr. Kadam riu.

– Desculpe. Fiquei empolgado por um instante.

– Quer mostrar a ele agora, Kishan? – perguntei.

– Claro.

O Sr. Kadam se inclinou para a frente.

– Mostrar o quê, Srta. Kelsey?

– O senhor vai ver.

Kishan pegou o Lenço Divino, murmurou “Disfarce” e o girou em torno de seu corpo. O tecido se alongou e se tornou preto com cores em torvelinho.

– Quero ver se funciona sem que eu diga um nome em voz alta,

como o Fruto Dourado – disse ele sob as dobras do tecido.

– Boa ideia – respondi.

Quando Kishan afastou o Lenço do rosto, eu não estava preparada para o que vi. Era Ren. Ele assumira a forma de Ren. E deve ter visto a aflição em meu rosto.

– Eu sinto muito. Não queria chocar o Sr. Kadam mostrando a ele o próprio rosto.

– Está tudo bem. Só desfaça isso depressa, por favor.

Foi o que ele fez e o Sr. Kadam ficou lá sentado, estupefato. Eu não conseguia falar. Ver Ren sentado ali – mesmo sabendo que, na verdade, era Kishan – foi extremamente difícil. Tive que reprimir todas as emoções que emergiram.

Kishan rapidamente tomou a palavra e explicou:

– Com o Lenço, podemos assumir a forma de outras pessoas. Kelsey se transformou em Nilima e eu em você. Precisamos testar seu alcance e tentar diferentes formas para podermos entender as habilidades e as limitações de disfarce do Lenço.

– Simplesmente... incrível! – exclamou o Sr. Kadam. – Kishan, posso?

– Claro.

Ele jogou o Lenço para o Sr. Kadam. A cor do tecido mudou assim que seus dedos o tocaram, primeiro assumindo um tom mostarda-amarronzado e depois mudando para verde-oliva.

– Acho que ele gosta do senhor – brinquei.

– Ah... imaginem as possibilidades. Quantas pessoas o Fruto Dourado e este tecido glorioso poderiam ajudar? Tanta gente sofrendo com a escassez de alimentos e roupas para proteger do frio... e não apenas na Índia. Esses são presentes verdadeiramente divinos.

Deixei-o examinar o Lenço enquanto eu pedia ao Fruto Dourado que nos preparasse chá de camomila com creme e açúcar. Kishan não gostava muito de chá, então ganhou um chocolate quente com canela e creme batido.

– Quanto tempo ficamos fora? – perguntei.

– Pouco mais de uma semana.

Rapidamente calculei em minha mente quantos dias ficamos na montanha.

– Ótimo. Nosso tempo em Shangri-lá não contou.

– Quanto tempo vocês dois ficaram em Shangri-lá, Srta. Kelsey?

– Não tenho certeza, mas acho que foram quase duas semanas. – Olhei para Kishan. – Confirma?

Ele assentiu em silêncio e bebeu seu chocolate.

– Sr. Kadam, quando podemos partir?

– Podemos ir ao amanhecer.

– Quero chegar em casa o mais rápido possível. Precisamos nos preparar para salvar Ren.

– Podemos atravessar a fronteira e entrar na Índia pela província de Sikkim. Vai ser muito mais rápido do que passar pelo Himalaia de novo.

– Quanto tempo isso levará?

– Depende da rapidez com que passarmos pela fronteira. Se não houver problemas, talvez uns poucos dias.

– Ótimo. Temos muito para lhe contar.

O Sr. Kadam bebia seu chá e me olhava, pensativo.

– Você não tem dormido direito, Srta. Kelsey. Seus olhos estão cansados.

Ele fez contato visual com Kishan e então deixou a xícara de lado.

– Acho que devíamos deixá-la dormir. Temos um longo trajeto à frente e podemos conversar na estrada.

– Concordo – interpôs Kishan. – Esses últimos dias foram difíceis para você. Descanse um pouco, *bilauta*.

Terminei meu chá.

– Acho que sou minoria. Muito bem. Então vamos todos dormir e assim poderemos partir mais cedo amanhã.

Usei o Lenço para fazer outro saco de dormir e travesseiros para todos nós. Adormeci ao som tranquilo de Kishan e o Sr. Kadam conversando baixinho em sua língua nativa.

No dia seguinte demos início à nossa viagem de volta. Passamos pela alfândega e então percorremos aproximadamente metade do caminho para casa antes de parar num hotel em Gaya. Nós três nos alternamos dirigindo e tirando um cochilo no banco de trás. Na vez de Kishan, o Sr. Kadam ficou de olho nele, ainda receoso por causa do acidente com o Jeep na Índia.

No caminho contamos ao Sr. Kadam tudo sobre nossa jornada. Comecei com o monte Everest e o urso. Kishan falou sobre ter me carregado ao transpor o portão do espírito e da caminhada pelo

paraíso.

O Sr. Kadam ficou fascinado pelos silvanos e fez dezenas de perguntas. Enquanto eu dirigia, ele tomava notas. Queria realizar um registro detalhado de nossa jornada. Ouvia atentamente e escrevia página após página em sua refinada caligrafia. Fez muitas perguntas específicas sobre as provas das quatro casas e sobre os pássaros de ferro guardiões, assentindo com a cabeça, como se esperasse que isso ou aquilo ocorresse.

No hotel nos sentamos a uma mesa e lhe mostramos as fotos que Kishan havia tirado da Arca de Noé, da árvore do mundo, dos silvanos e das quatro casas. O registro visual nos ajudou a lembrar de mais detalhes e o Sr. Kadam pegou novamente o caderno e recomeçou a escrever.

Kishan me mostrou a câmera e perguntou:

– O que é *isto*?

Virei-a em diferentes ângulos e ri.

– É um dos olhos de Hugin. Está vendo? Ali está o ninho.

Kishan passou mais algumas imagens.

– Por que você não levou uma câmera para Kishkindha?

Dei de ombros, mas o Sr. Kadam explicou:

– Eu não queria sobrecarregá-la com um número excessivo de objetos pesados. Ela precisava de água e comida.

Kishan grunhiu e disse:

– Com certeza vou querer uma cópia desta aqui, *apsaras rajkumari*.

Ele me entregou a câmera. Era uma foto minha no vestido de tecido fino com “fivelas de fadas”. Eu parecia uma princesa de pele reluzente e olhos brilhantes. Meu cabelo caía em ondas suaves pelas costas e dava para ver uma fada cor-de-rosa espiando por trás de um cacho do cabelo. O Sr. Kadam olhou sobre meu ombro.

– Está muito bonita, Srta. Kelsey.

Kishan riu.

– Você devia tê-la visto pessoalmente. *Muito bonita* não faz jus a ela.

O Sr. Kadam riu e foi pegar sua bolsa no carro.

Kishan apoiou o quadril na mesa. Juntou as mãos, ergueu um dos joelhos e me olhou com a expressão séria.

– Na verdade, eu diria que nunca vi nada mais bonito.

Arrastei os pés, nervosa.

– Bem, é sempre impressionante quando a pessoa se arruma. Um

tratamento de beleza de fadas iria causar comoção nos salões.

Ele segurou delicadamente meu cotovelo e me virou para ele.

– Não foi um tratamento de beleza que a fez ficar linda. Você é sempre linda. A maquiagem somente realçou o que já estava lá. – Ele ergueu meu queixo com um dedo e me olhou nos olhos. – Você é uma mulher maravilhosa, Kelsey.

Kishan pôs as mãos quentes em meus braços nus e os esfregou com carinho. Ele me puxou para mais perto. Seus olhos desceram para minha boca. Quando ele baixou os lábios até poucos centímetros dos meus, eu deliberadamente pressionei as mãos contra seu peito e adverti:

– *Kishan*.

– Gosto da maneira como você diz meu nome.

– Por favor, me solte.

Ele ergueu a cabeça, suspirou e disse baixinho:

– Ren... é um homem de sorte, *muita sorte*.

Com relutância, ele retirou as mãos dos meus braços e foi até a janela.

Eu me ocupei recolhendo artigos de toalete e um pijama. Kishan me observou em silêncio por um minuto e então anunciou:

– Acho que também preciso de um tratamento de beleza. Um banho quente está me chamando.

Ainda nervosa, eu disse:

– É, eu também. Um banho quente vai ser magnífico.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Quer ir primeiro?

– Não, pode ir.

Seus olhos faiscavam ao me fitar.

– Seria sensacional se você me dissesse que queria economizar água.

– *Kishan!* – exclamei, indignada.

Ele piscou para mim.

– Não achei mesmo que quisesse. Mas não se pode culpar um homem por tentar.

A volta do Sr. Kadam me poupou de dar uma resposta a ele.

No segundo dia o Sr. Kadam e eu comparamos anotações sobre a visão de Lokesh. Ele também notara o criado tatuado ajudando Lokesh e

achava que sua aparência era singular o bastante para que rastreássemos a origem do homem. O Sr. Kadam também havia planejado investigar discretamente o escritório de Lokesh em Mumbai.

O ar estava tão úmido e abafado do lado de fora que provavelmente poderíamos ter enchido nossas garrafas de água apenas pendurando-as na janela. Passamos por templos com cúpulas douradas e pessoas trabalhando nos campos, atravessamos rios caudalosos e estradas inundadas, mas eu só conseguia pensar em chegar até Ren. Na verdade, a única coisa que interrompia meus pensamentos em Ren era Kishan.

Alguna coisa havia mudado entre nós em Shangri-lá e eu não sabia exatamente o que fazer a esse respeito. Ter passado todas aquelas semanas com Kishan não ajudava. Ele estava indo além do flerte e começando a fazer investidas sérias. Eu havia esperado que ele perdesse o interesse.

De início acreditara que quanto mais ele me conhecesse, menos gostaria de mim. Mas aparentemente eu exercera o efeito oposto nele. Eu o amava, mas não da mesma maneira que ele se sentia em relação a mim. Eu aprendera a confiar nele. Ele havia se tornado um bom amigo, só que eu estava apaixonada por seu irmão. Se eu tivesse conhecido Kishan antes de Ren, as coisas talvez fossem diferentes. Mas não fora assim.

Os pensamentos ficavam me importunando enquanto seguíamos no carro. *Fora apenas sorte eu ter conhecido Ren primeiro? Teríamos tido a oportunidade de nos apaixonar? E se Kishan houvesse ido atrás de mim nos Estados Unidos e não Ren? Será que eu teria feito uma escolha diferente?*

A verdade era que eu não sabia. Kishan era um homem muito atraente, tanto por fora quanto por dentro. Havia algo nele, algo que faria qualquer garota querer abraçá-lo e mantê-lo assim para sempre. Ele era solitário. Estava procurando um lar, alguém que o amasse, assim como Ren. Precisava de alguém que o aceitasse e deixasse o tigre errante e perdido descansar. Eu podia facilmente me ver como essa pessoa. Podia me ver me apaixonando por ele e sendo feliz ao seu lado.

Mas aí pensava em Ren, que tinha as mesmas qualidades que eu amava em Kishan. Ren também precisava de alguém para amá-lo, para sossegar o tigre inquieto. Mas Ren e eu combinávamos de forma tão mais natural... como se ele fosse feito especialmente para mim. Ele era tudo que eu poderia desejar embrulhado num pacote estonteante.

Ren e eu tínhamos muito em comum. Eu adorava a maneira como ele me dava apelidos carinhosos. E como cantava para mim e tocava violão. Adorava como ele ficava entusiasmado em ler Shakespeare e como gostava de assistir a filmes e torcer pelos mocinhos. E adorava o fato de ele não trapacear, mesmo que fosse para ganhar a garota que ele ama.

Se eu nunca tivesse conhecido Ren, se tivesse sido Kishan na jaula do circo, eu sentia que poderia ser feliz com ele também. Mas como Ren me amava e queria estar comigo, eu nunca poderia ser convencida a olhar Kishan com outros olhos. Ren preenchia meu mundo mesmo quando não estava presente.

Para Ren não havia nuances de cinza. Ele era o gato branco e Kishan, o negro, literalmente. O problema era que eu não via Kishan da mesma maneira que Ren o via. Kishan também era um herói. Ambos haviam sido feridos. Ambos haviam sofrido. E Kishan merecia um final feliz tanto quanto Ren.

Ao volante, Kishan olhava no retrovisor interno de tempos em tempos, me observando.

Eu mordia o lábio, pensativa, quando ele disse:

– Um tostão por seus pensamentos.

Corei e respondi:

– Só estava pensando em salvar Ren.

Então deliberadamente me virei no banco de trás e cochilei.

Quando o carro finalmente parou na entrada da garagem, Kishan me acordou com gentileza:

– Chegamos em casa, *bilauta*.



Confissões

Eu me sentia tão feliz por estar de volta em casa que poderia ter chorado. Kishan levou nossa bagagem para dentro e rapidamente desapareceu. O Sr. Kadam também pediu licença para consultar alguns de seus contatos. Sozinha, resolvi tomar um banho quente e demorado e pôr as roupas para lavar.

De pijama e chinelo, fui até a lavanderia e coloquei um monte de peças na máquina. Não sabia o que fazer com as roupas de fada. Decidi pendurá-las na varanda durante a noite, só para ver se havia alguma fada no mundo real. Então percorri a casa tentando descobrir o que os outros estavam fazendo.

Encontrei o Sr. Kadam na biblioteca, ao telefone. Eu ouvia apenas metade da conversa. Ele olhou para mim e puxou uma cadeira para que eu me sentasse ao lado dele.

– Sim. Claro. Entre em contato comigo o mais rápido possível. Correto. Mande tantos quantos forem necessários. Manteremos contato.

Ele desligou o telefone e se virou para mim.

Brincando com meu cabelo molhado, perguntei:

– Quem era?

– Um homem que trabalha para mim e que tem muitos talentos extraordinários. Um dos quais é se infiltrar em grandes organizações.

– O que ele vai fazer para a gente?

– Vai começar a investigar quem trabalha no escritório na cobertura do edifício mais alto de Mumbai.

– O senhor não está pretendendo ir até lá pessoalmente, está? Lokesh iria capturá-lo também!

– Não. Lokesh mostrou mais sobre si mesmo do que descobriu sobre

nós. Você notou o terno dele?

– Para mim parecia um terno qualquer.

– Não é. Seus ternos são feitos sob medida na Índia. Apenas dois estabelecimentos em todo o país se especializaram em ternos caros como aquele. Mandeí meus homens descobrirem um endereço.

Sacudi a cabeça e sorri.

– Sr. Kadam, alguém já lhe disse que o senhor é extremamente observador?

Ele sorriu.

– Talvez uma ou duas vezes.

– Bem, fico muito feliz por ter o senhor do nosso lado. Estou impressionada! Eu nem sequer *pensei* em olhar as roupas dele. E quanto ao criado?

– Tenho algumas suspeitas sobre seu lugar de origem. Com base nas contas, no cabelo e na tatuagem, devo poder delimitá-lo amanhã. Por que a senhorita não faz um lanche e vai para a cama?

– Tirei um bom cochilo no carro, mas um lanche vai cair bem. O senhor me acompanha?

– Creio que sim.

Levantei-me rapidamente.

– Ah, quase esqueci! Trouxe uma coisa para o senhor!

Encontrei minha mochila no pé da escada e peguei dois copos e dois pratinhos na cozinha. Coloquei um prato e um copo diante do Sr. Kadam e abri a mochila.

– Não sei se a massa ainda está comestível, mas o néctar deve estar.

Ele se inclinou para a frente, curioso.

Abri os deliciosos pacotes dos silvanos e coloquei várias iguarias delicadas em seu prato. Infelizmente o pequeno pacote de biscoitos finos polvilhados de açúcar havia se transformado em migalhas. Mas os outros itens ainda pareciam frescos e deliciosos, como em Shangri-lá.

O Sr. Kadam avaliou os minúsculos petiscos de vários ângulos, admirando o trabalho artístico. Então provou cuidadosamente uma *galette* de cogumelo e uma diminuta tortinha de framboesa enquanto eu explicava que os silvanos eram vegetarianos e que adoravam coisas açucaradas. Tirei a rolha de uma cabaça alta e despejei o néctar doce e dourado em sua xícara. Kishan entrou e puxou uma cadeira perto de mim.

– *Ei!* Por que não fui convidado para o chá dos silvanos? – brincou ele.

Deslizei meu prato para Kishan e fui buscar outro copo. Rimos e desfrutamos de um momento de tranquilidade enquanto saboreávamos rolinhos de abóbora com manteiga de nozes e minitortas de maçã, de queijo e de cebola. Bebemos até a última gota de néctar e ficamos encantados ao ver que o Fruto Dourado era capaz de produzir mais.

A única coisa que poderia ter tornado esse momento melhor teria sido partilhá-lo com Ren. Prometi a mim mesma que descreveria por escrito cada iguaria deliciosa que tínhamos comido em Shangri-lá para que pudesse saboreá-las novamente com Ren usando o Fruto Dourado, depois que ele fosse resgatado.

Ficamos acordados até tarde naquela noite. Kishan se transformou em tigre e dormiu aos meus pés enquanto o Sr. Kadam e eu líamos livros sobre as tribos rurais da Índia. Por volta das três da manhã, virei uma página no quinto livro que pegara e encontrei a foto de uma mulher com uma tatuagem na testa.

– Sr. Kadam, dê uma olhada nisto.

Ele se sentou na poltrona de couro ao meu lado. Passei-lhe o livro para que ele pudesse estudar a mulher.

– Sim. Este é um dos grupos em que pensei. São os baigas.

– O que o senhor sabe sobre eles? Onde vivem?

– São uma tribo indígena quase sempre nômade, que evita associações fora de suas comunidades. Eles caçam e coletam alimentos, preferindo não cultivar o solo. Acreditam que trabalhar a terra prejudica a Mãe Natureza. Que eu saiba existem dois grupos deles: um em Madhya Pradesh, na região central da Índia, e outro em Jharkhand, que fica no leste do país. Creio que tenho um livro que oferece mais detalhes sobre sua cultura.

Ele examinou várias prateleiras até encontrar o volume certo. Então se sentou ao meu lado e abriu o livro.

– É sobre os adivasis. Deve haver mais informações sobre os baigas aqui.

Inclinei-me para coçar a orelha de Kishan.

– O que são os adivasis?

– Trata-se de um termo que classifica todas as tribos nativas em conjunto, mas não as diferencia entre si. Várias culturas se enquadram no termo adivasis. Aqui temos os irulas, oraons, santals e – ele passou

mais uma página – os baigas.

Ele encontrou o capítulo que estava procurando e correu o dedo pela página enquanto lia partes importantes numa taquigrafia verbal.

– *Praticam agricultura de corte e queima. Famosos pelas tatuagens. Dependem da selva para o sustento. Empregam remédios antigos e mágicos. Artesanato de bambu.* Ah! Aqui está exatamente o que procuramos, Srta. Kelsey. *Os homens baigas usam o cabelo comprido e o prendem num coque.* O homem segurando Ren se encaixa nessa descrição. Mas o que complica tudo é o fato de que é quase impossível um baiga deixar sua tribo para servir alguém como Lokesh.

– Mesmo que ele pagasse bem?

– Isso não teria importância. O estilo de vida deles é centrado na tribo. Não haveria nenhuma razão para que ele deixasse seu povo. Não está dentro de suas normas culturais. São um povo simples e franco. É improvável que um dos baigas tenha se juntado aos exércitos de Lokesh. Ainda assim, merece uma investigação. Vou começar meu estudo das tribos baigas amanhã. Agora é hora de dormir, Srta. Kelsey. Eu insisto. Está muito tarde e nós dois precisamos ter a mente descansada.

Assenti e devolvi os livros que tirara das estantes de sua biblioteca. Ele apertou meu ombro.

– Não se aflija. Tudo vai dar certo no final. Eu sinto isso. Já fizemos um grande progresso. Kahlil Gibran disse: “Quanto mais fundo o sofrimento cava em seu ser, mais alegria você pode conter.” Sei que passou por muitas grandes dores, mas também tenho a impressão de que sua vida guardará muitas alegrias, Srta. Kelsey.

Sorri.

– Obrigada. – Eu o abracei e sussurrei de encontro à sua camisa: – Não sei o que faria sem o senhor. Durma um pouco também.

Dissemos boa-noite e o Sr. Kadam desapareceu em seu quarto enquanto eu subia a escada. Kishan me seguiu até meu quarto e parou diante da porta de vidro que dava para a varanda, esperando que eu o deixasse sair. Quando deslizei a porta, abrindo-a, ajoelhei-me ao lado dele e acariciei-lhe as costas.

– Obrigada por me fazer companhia.

Ele pulou no banco de balanço e imediatamente adormeceu. Subi na cama e abracei com força meu tigre branco de pelúcia, esperando preencher o vazio dentro do meu peito com pensamentos sobre Ren.

Acordei por volta das 11 horas. O Sr. Kadam estava ao telefone e desligou assim que me sentei diante dele.

– Acho que a sorte nos sorriu, Srta. Kelsey. Em minha investigação dos baigas, não encontrei nada de extraordinário a respeito da tribo localizada em Madhya Pradesh. A tribo do leste da Índia, porém, parece estar desaparecida.

– Como assim, desaparecida?

– Em geral há pequenos vilarejos perto das tribos baigas que têm contato com elas de tempos em tempos. Esses encontros com frequência se devem a controvérsias a respeito de desmatamento ou várias outras disputas. A tal tribo parece ter se transferido recentemente e não foi encontrada. Eles são nômades e se deslocam, mas esse é o período mais extenso que ficaram sem contactar os habitantes locais.

– Que estranho...

– Os baigas agora têm seus limites demarcados por lei e não podem se deslocar tão livremente quanto no passado. Vou fazer mais pesquisas hoje. Também tenho alguns contatos que podem fotografar a área por satélite e encontrar a tribo em sua localização atual. Se o caso merecer mais atenção, informarei você e Kishan. Vocês dois passaram por uma provação e tanto nas últimas semanas, portanto quero que descansem hoje. Não há nada que possam fazer até eu conseguir mais informações. Vão nadar, assistir a um filme ou saiam para comer. Vocês dois merecem um descanso.

– O senhor tem certeza de que não há nada que eu possa fazer? Não consigo relaxar de verdade sabendo que Ren está sofrendo.

– Ficar se preocupando com ele não vai fazê-lo sofrer menos. Ele também iria querer que descansasse. Vamos encontrá-lo logo. Não se esqueça de que conduzi soldados à batalha muitas vezes e, se aprendi uma coisa, foi que todas as tropas endurecidas pela guerra precisam de descanso e lazer, inclusive a senhorita. Reservar um tempo para relaxar é muito importante ao bem-estar mental de todos os soldados. Portanto, fora daqui. Não quero ver nenhum de vocês dois antes do anoitecer.

Sorri para ele e bati continência.

– Sim, senhor general. Transmitirei suas instruções a Kishan.

Ele também bateu continência.

– Cuide disso.

Eu ri e saí à procura de Kishan.

Encontrei-o no *dojo* praticando artes marciais e me sentei no último degrau da escada para assistir por alguns minutos. Ele executou uma série complexa de saltos e rodopios aéreos que teria sido impossível se ele não tivesse a força de um tigre. Ele a concluiu aterrissando a meio metro de mim e me encarando com um sorriso brincalhão.

Eu ri.

– Sabe, se você e Ren fossem para as Olimpíadas poderiam ganhar várias medalhas de ouro. Em ginástica olímpica, atletismo, lutas, no que quisessem. Ambos receberiam milhões de dólares em patrocínio.

– Não preciso de milhões de dólares.

– Haveria um monte de garotas bonitas bajulando você.

Ele me dirigiu um sorriso maroto.

– Só preciso de uma garota bonita me bajulando e ela não está interessada. Então, o que está fazendo aqui embaixo? Quer se exercitar?

– Não. Queria saber se você quer ir nadar um pouco. O Sr. Kadam nos mandou relaxar hoje.

Ele pegou uma toalha e secou o rosto e a cabeça.

– Nadar, é? Talvez sirva para me esfriar um pouco. – Ele olhou por trás da toalha. – A não ser que você esteja planejando usar biquíni.

Ri com desdém.

– Nem pensar. Não sou de usar biquíni.

Ele fingiu um suspiro profundo e teatral.

– Que pena. Muito bem, encontro você na piscina.

Subi ao quarto e coloquei meu maiô vermelho, vesti o roupão e saí para a varanda.

Kishan havia vestido uma bermuda de surfista e estava prendendo a rede de vôlei na piscina. Eu tinha acabado de jogar o roupão numa espreguiçadeira e experimentava a água com o pé quando senti uma coisa fria nas costas.

– Ai! O que você está fazendo?

– Fique parada. Você precisa de filtro solar. Sua pele é tão branca que vai ficar com queimaduras.

Ele cobriu eficientemente minhas costas e meu pescoço com o protetor e começava a espalhá-lo nos meus braços quando o detive.

– Posso terminar o serviço, obrigada – eu disse, estendendo a mão para o frasco.

Joguei um pouco da loção na mão e espalhei nos braços e nas

pernas. Tinha cheiro de coco.

Kishan sorriu, olhou para minhas pernas e piscou:

– Leve o tempo que quiser.

Quando ele voltou, depois de ir pegar a bola e algumas toalhas no armário da piscina, eu tinha acabado.

– Que tal uma partida de vôlei? – perguntou.

– Você vai acabar comigo.

– Eu fico na parte funda. Isso vai me deixar mais lento.

– Acho que podemos tentar.

Ele deu um passo em minha direção.

– Espere um segundo.

– O que foi?

Ele sorriu, travesso.

– Você esqueceu um lugar.

– Onde?

– Bem aqui.

Ele aplicou uma gota gigante de filtro solar no meu nariz e gargalhou.

– Seu bobo!

Levei a mão ao nariz para tentar espalhar o protetor.

– Eu faço isso por você – disse ele.

Deixei as mãos caírem ao lado do corpo enquanto seus dedos espalhavam com delicadeza a loção no meu nariz e nas bochechas. O toque a princípio era inocente, mas então sua disposição mudou. Ele diminuiu a distância entre nós. Seus olhos dourados estudavam meu rosto. Respirei fundo e corri.

Dei alguns passos e mergulhei como uma bala de canhão na parte funda da piscina, molhando Kishan e tudo que estava por perto.

Ele riu e mergulhou atrás de mim. Gritei e nadei debaixo d'água, passando para o outro lado da rede. Quando tirei a cabeça da água, não o vi. Uma mão agarrou meu tornozelo e me puxou para baixo. Depois de eu voltar à superfície novamente, tossindo e tirando o cabelo dos olhos, Kishan saltou ao meu lado, jogou o cabelo para trás com um movimento da cabeça e riu enquanto eu tentava empurrá-lo.

Ele não se moveu, naturalmente, então atirei água nele, dando início a uma guerra. Logo tornou-se dolorosamente óbvio que eu estava perdendo. Seus braços não pareciam se cansar e, vendo que

onda atrás de onda afogava minhas patéticas tentativas, pedi um tempo.

Ele parou o bombardeio, feliz, e, usando os braços, tomou impulso e saiu da piscina para ir pegar a bola. Começamos a jogar e fiquei encantada ao ver que finalmente havia encontrado um jogo em que eu parecia ter uma vantagem.

Depois de eu dar uma cortada na bola pela terceira vez, ganhando mais um ponto, Kishan perguntou:

– Onde aprendeu a jogar? Você é muito boa!

– Eu nunca tinha jogado na água, mas jogava razoavelmente bem na quadra do colégio. Quase entrei para a equipe da escola, só que isso foi no ano em que meus pais morreram. No ano seguinte eu não estava tão interessada assim em jogar, mas ainda é meu esporte favorito. Eu também era boa no basquete, porém não tinha altura suficiente para ser competitiva. Vocês praticavam esporte?

– Na verdade não tínhamos tempo para os esportes. Tínhamos competições de arco e flecha, lutas e alguns jogos como ludo, mas nenhum esporte em equipe.

– Ainda assim você pode ver que estou ganhando por muito pouco, embora você esteja na parte funda e nunca tenha jogado.

Kishan agarrou a bola no ar e caiu na água. Quando emergiu, estava bem à minha frente, do outro lado da rede. Ele a ergueu e passou nadando debaixo dela. Meus pés mal tocavam o fundo da piscina, deixando apenas meu rosto fora da água. Nossas cabeças estavam praticamente niveladas. Ele ainda estava a um metro de distância e estreitei os olhos, perguntando-me o que ele pretendia fazer. Ele me observou por um momento e me dirigiu um sorriso travesso. Preparei-me para outra guerra de água erguendo meus braços.

Num instante Kishan estava ao meu lado. Ele deslizou os braços em torno de minha cintura, puxou-me para ele, sorriu com malícia e disse:

– O que posso fazer? Sou muito competitivo.

E então me beijou.

Fiquei paralisada. Nossos lábios estavam molhados. O gosto de cloro era forte e a princípio ele não se mexeu, então daria na mesma se eu estivesse beijando o azulejo frio na lateral da piscina. Em seguida, porém, ele apertou minha cintura, deslizou as mãos, acariciando-me as costas nuas, e inclinou a cabeça.

De repente, o que não passava de um toque molhado e clorado se transformou num beijo muito real de um homem que absolutamente

não era Ren. Os lábios de Kishan se aqueceram e se moveram sobre os meus de uma forma prazerosa. Prazerosa o bastante para que eu me esquecesse de que *não queria* beijá-lo e me visse correspondendo. Minhas mãos pararam de empurrá-lo e eu agarrei seus braços fortes. Sua pele era lisa e quente.

Ele respondeu com entusiasmo, passando um braço pela minha cintura para me esmagar de encontro ao seu peito, enquanto a outra mão subia pelas minhas costas nuas para segurar a parte posterior da minha cabeça. Pelo mais breve dos momentos, deixei-me aproveitar seu abraço. Mas então me lembrei de tudo e, em vez de me deixar feliz, como devem fazer os beijos, esse me deixou triste.

Interrompi o beijo e me afastei um pouco. Kishan manteve o braço em minha cintura e pôs um dedo sob meu queixo, erguendo meu rosto a fim de que eu o olhasse. Então estudou minha expressão em silêncio. Meus olhos se encheram de lágrimas. Uma rolou pelo rosto e caiu em sua mão.

Ele esboçou um sorriso.

– Não foi exatamente a reação que eu esperava.

Relutante, ele me soltou e eu saí nadando, indo me sentar num degrau da piscina.

– Nunca afirmei ser uma especialista em beijos, se é a isso que se refere.

– Não estou falando do beijo.

– Está falando do que, então?

Ele não disse nada.

Abri os dedos da mão e a coloquei sobre a superfície da água, deixando que ela fizesse cócegas em minha palma. Sem olhar para ele, perguntei baixinho:

– Alguma vez eu lhe dei razão para esperar mais?

Ele suspirou e jogou o cabelo para trás, infeliz.

– Não, mas...

– Mas o quê?

Levantei a cabeça. Grande erro.

Kishan parecia vulnerável. Meio desesperado e esperançoso ao mesmo tempo. Querendo acreditar, porém sem ousar fazê-lo. Dava a impressão de estar zangado, frustrado e insatisfeito. Seus olhos dourados estavam cheios de desespero e anseios, no entanto também brilhavam com determinação.

– Mas... não consigo deixar de pensar que talvez Ren tenha sido levado por uma razão. Que talvez seu destino sempre tenha sido ficar *comigo*.

– A única *razão* de Ren ter sido levado foi haver se sacrificado para salvar nossas vidas – repliquei mordaz. – É assim que você o retribui?

Vi o ferrão de minhas palavras feri-lo. Era fácil culpar Kishan, mas eu estava mais perturbada com *minha* reação a ele. Eu me sentia incrivelmente culpada por ter deixado aquele beijo acontecer. Minha acusação era tanto contra ele quanto contra mim. O fato de eu ter gostado do beijo fazia com que eu me sentisse ainda pior.

Ele nadou até a lateral da piscina e apoiou as costas na parede.

– Você acha que eu não me importo? Acha que eu não sinto nada por meu irmão? Pois eu sinto. Apesar de tudo o que aconteceu, preferia que eu tivesse sido levado. Você teria Ren. Ren teria você. E eu receberia o que mereço.

– *Kishan!*

– Estou falando sério. Você acha que se passa um dia sequer sem que eu me *odeie* pelo que fiz? Pelo que *sinto*?

Estremeci.

– Você acha que eu queria me apaixonar por você? Eu me mantive longe de você! Dei a ele a chance de ficar com você! Mas tem outra parte de mim que pergunta: *e se? E se* não fosse para você ficar com Ren? *E se* você fosse a resposta às *minhas* preces, e não às dele!

Ele me observava do outro lado da piscina. Mesmo dessa distância, eu podia ver que ele estava sofrendo.

– Kishan, eu...

– E antes que diga qualquer coisa, quero avisar que não desejo sua compaixão. É melhor você não dizer nada do que tentar me dizer que não gostou ou que só sente amizade por mim.

– Não era isso que eu ia dizer.

– Ótimo. Então você admite que gostou? Que existe química entre nós? Que você se sente atraída por mim?

– Você *precisa* que eu admita isso?

Ele cruzou os braços na frente do peito.

– Sim. Acho que preciso.

Ergui os braços no ar.

– Está bem! Admito. Eu gostei. Temos química. Sim, eu me sinto atraída por você. Foi bom. Na verdade, foi tão bom que me fez

esquecer completamente de Ren por cerca de cinco segundos. Está feliz agora?

– Estou.

– Mas *eu* não.

– Estou vendo. – Ele me avaliou do outro lado da piscina. – Então tudo o que tive foram cinco segundos?

– Para ser honesta, provavelmente está mais para 30.

Ele bufou. Os braços ainda estavam cruzados diante do peito, mas agora ele exibia um sorrisinho de homem muito satisfeito consigo mesmo.

Suspirei, infeliz.

– Kishan, eu...

Ele me interrompeu:

– Você se lembra de quando escapamos da casa das sereias em Shangri-lá?

– Lembro.

– E de que você disse que conseguiu escapar porque pensou em Ren?

Assenti.

– Bem, eu consegui escapar porque pensei em você. Você ocupou meus pensamentos e o feitiço das sereias desapareceu. Não acha que isso significa alguma coisa? Não poderia significar que talvez *nós* estejamos destinados a ficar juntos? A verdade, Kells, é que venho pensando em você há muito tempo. Desde que nos conhecemos não consigo tirá-la da cabeça.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto e eu disse baixinho:

– Sinto muito por tudo que aconteceu. Sinto muito por tudo que você passou. E sinto ainda mais por qualquer sofrimento que eu esteja lhe causando. Não sei o que dizer, Kishan. Você é um cara maravilhoso. Maravilhoso *demais*. Se a situação fosse outra, eu provavelmente ainda estaria ali beijando você.

Quando pus a cabeça entre as mãos, ele mergulhou e nadou até onde eu estava. Eu o ouvi ficar de pé e olhei para o seu rosto. A água escorria por seu tórax de bronze. Ele era mesmo um homem lindo. Qualquer garota teria sorte de ter um cara como ele.

Ele estendeu a mão.

– Então venha aqui e me beije.

Sacudi a cabeça.

– Eu não... Eu não posso. – Suspirei, com tristeza. – Olhe, tudo o que sei é que eu amo Ren. E ficar com você, por mais tentador que seja, não é algo que eu possa fazer. Não posso dar as costas para ele. Por favor, não me peça isso.

Saí da piscina e enrolei uma toalha em volta do corpo. Ouvi um ruído na água e senti sua proximidade enquanto ele também se enxugava.

Kishan me virou para ele, me forçando a olhá-lo nos olhos.

– Você precisa saber que isso não é uma competição com ele. Não há segundas intenções. Não é uma simples atração. – Ele deslizou os polegares no meu rosto e o segurou com ambas as mãos. – Eu amo você, Kelsey.

Ele deu mais um passo à frente.

Coloquei a mão em seu peito quente e disse:

– Se você me ama mesmo, não me beije de novo.

Eu me mantive firme e esperei sua resposta. Não foi fácil. Eu tinha vontade de sair correndo, de me refugiar no quarto, mas precisávamos resolver isso entre nós.

Ele ficou ali, parado, respirando profundamente. Baixou os olhos e eu pude ver lampejos de emoção cruzando seu rosto. Então ele voltou a olhar para mim, aquiesceu e disse:

– Não vou prometer que nunca mais a beijarei, mas prometo não beijá-la a menos que tenha certeza de que não há mais nada entre você e Ren.

Eu estava prestes a protestar, mas ele prosseguiu, tocando meu rosto de leve:

– Não sou o tipo de homem que reprime os sentimentos, Kells. Não fico sentado no quarto me consumindo de tristeza, escrevendo poemas de amor. Não sou um sonhador. Sou um lutador. Sou um homem de ação e vou precisar de todo o meu autocontrole para não lutar por isso. Quando é preciso fazer alguma coisa, eu faço. Quando sinto alguma coisa, eu tomo uma atitude. Não vejo nenhum motivo para que Ren mereça ter a garota dos seus sonhos e eu não. Não me parece justo isso acontecer comigo duas vezes.

Pus a mão em seu braço.

– Você tem razão. Não é justo. Não é justo que você tenha tido que ficar comigo noite e dia nas últimas semanas. Não é justo pedir que deixe de lado seus sentimentos. Não é justo pedir que seja meu amigo. Mas o fato é que preciso de você. Preciso de sua ajuda. Preciso de seu

apoio. E, principalmente, preciso de sua amizade. Eu não teria sobrevivido um só dia em Shangri-lá sem você. Tampouco creio que eu possa resgatar Ren sem você. Não é justo lhe pedir isto, mas estou pedindo. *Por favor*, preciso que você me esqueça.

Ele olhou para a casa, refletindo por um momento, e em seguida se voltou para mim. Tocou meu cabelo molhado e, insatisfeito, disse:

– Está certo. Eu vou recuar, mas não estou fazendo isso por ele e certamente não por mim. Estou fazendo por você. Lembre-se disso.

Assenti silenciosamente e o vi caminhar, altivo, em direção à varanda. Meus joelhos fraquejaram e eu me deixei cair na espreguiçadeira.

Passei o resto do dia no meu quarto, estudando textos sobre os baigas. A toda hora tinha que reler parágrafos. Eu me sentia dividida, despedaçada. Estava confusa. Era como se alguém houvesse me pedido para escolher quem viveria: o pai ou a mãe. Qualquer escolha que eu fizesse me tornaria responsável pela morte do outro. Não era uma questão de escolher a felicidade; era uma questão de escolher o sofrimento. Quem eu faria sofrer?

Eu não queria que nenhum deles sofresse. Minha felicidade era irrelevante. Isso não era como romper com Li ou Jason. Ren precisava de mim, ele me amava. Mas Kishan também. Não era uma escolha fácil, não havia qualquer solução que satisfizesse os dois. Empurrei os livros para o lado, peguei um dos poemas de Ren e um dicionário de híndi-inglês. Era um dos poemas que ele escrevera após a minha partida da Índia. Levei muito tempo para traduzir, mas valeu a pena.

Estou vivo?

Posso respirar

Posso sentir

Posso saborear

Mas o ar não enche meus pulmões

Todas as texturas são ásperas

E os sabores, sem graça

Estou vivo?

Posso ver

Posso ouvir

Posso perceber

*Mas o mundo é preto e branco
As vozes soam metálicas e fracas
O que percebo é confuso e fora de lugar*

*Quando você está comigo
O ar se precipita em meu ser
Me enche de luz
E felicidade
Sinto-me vivo!*

*O mundo é cheio de cores e sons
Os sabores seduzem meu paladar
Tudo é macio e fragrante
Percebo o calor de sua presença
Sei quem eu sou e o que quero*

Eu quero você.

Ren

Uma lágrima gigante caiu com um ruído no papel. Eu rapidamente o tirei do alcance das lágrimas. Apesar das palavras sinceras de Kishan e da confusão que era meu relacionamento com ele, havia uma coisa que eu não podia negar: eu *amava* Ren. De todo o coração. A verdade era que, se Ren estivesse aqui, se ele estivesse comigo, isso não seria um problema.

Quando ele estava comigo, eu também sabia quem eu era e o que eu queria. Mesmo sem a conexão forte, eu podia sentir meu coração se expandindo com suas palavras. Podia imaginá-lo recitando-as, sentado à sua mesa, e escrevendo-as.

Se eu precisava de uma resposta, ela estava em meu coração. Quando eu pensava em Kishan, sentia confusão e afeto misturados a um bocado de culpa. Com Ren, eu me sentia aberta e iluminada, livre e desesperadamente feliz. Eu *amava* Kishan, mas estava *apaixonada* por Ren. A forma como isso acontecera era irrelevante. O fato era que tinha acontecido.

Como Kishan dissera, a essa altura eu havia ficado mais tempo com ele do que com Ren. Não era de surpreender que tivéssemos nos aproximado. Mas Ren tinha meu coração nas mãos, que batia apenas porque o próprio Ren cuidava dele.

Eu estava determinada a ser gentil com Kishan. Estava familiarizada

com o sofrimento. O Sr. Kadam tinha razão ao dizer que Kishan também precisava de mim. Eu tinha que ser firme com ele e fazê-lo entender que ele era meu amigo. Que eu podia ser qualquer coisa que ele precisasse que eu fosse, exceto sua namorada.

Eu me sentia melhor. Ler o poema de Ren me reequilibrou. Eu também experimentava os sentimentos dos quais ele falava. Enfie o poema em meu diário e desci para jantar com Kishan e o Sr. Kadam.

Kishan ergueu uma sobrancelha quando sorri para ele. Ele voltou para seu jantar e, ignorando-o, também peguei meu garfo.

– O peixe parece delicioso, Sr. Kadam. Obrigada.

Ele fez um gesto com a mão, dispensando o agradecimento, inclinou-se para frente e disse:

– Que bom que chegou, Srta. Kelsey. Tenho novidades.



O resgate de Ren

Minha boca ficou seca enquanto eu engolia o peixe. Tossi e Kishan deslizou um copo com água na minha direção. Bebi o líquido frio, limpei a garganta e perguntei com nervosismo:

– Que novidades?

– Encontramos a tribo dos baigas e tem alguma coisa errada ali. A tribo está localizada numa área da selva distante de outras aldeias. Mais distante do que eles jamais estiveram nos últimos 100 anos. Mais distante, na verdade, do que a lei permite que eles cheguem. Mas o mais estranho é que as imagens de satélite mostram que existe tecnologia perto deles.

– Que tipo de tecnologia? – indagou Kishan.

– Há alguns veículos grandes estacionados perto da aldeia e os baigas não usam carros. Uma estrutura de tamanho considerável foi construída próximo ao vilarejo também. É muito maior do que qualquer coisa que os baigas tenham tradicionalmente construído. Acredito que se trate de um complexo militar.

Ele empurrou o prato para o lado.

– Relatórios mostram que também há guardas armados vigiando a floresta. É como se estivessem defendendo a tribo de um ataque.

– Mas quem atacaria os baigas vindo da floresta? – perguntei.

– Pois é. Quem? – replicou o Sr. Kadam. – Não há conflitos acontecendo entre os baigas e qualquer outro grupo. Eles não têm guerreiros e não possuem nada de valor aos olhos do mundo exterior. Não existe qualquer razão para que tenham um ataque. A menos que esperem que ele venha na forma de... – ele olhou para Kishan – ...um tigre.

Kishan grunhiu.

– Parece que você de fato encontrou alguma coisa.

– Mas por que os baigas? – perguntei. – Por que não manter Ren na cidade ou num complexo militar convencional?

O Sr. Kadam pegou alguns papéis.

– Acho que sei por quê. Telefonei para um amigo que é professor de história antiga na Universidade de Bangalore. Já tivemos grandes debates sobre os reinos da antiga Índia. Ele sempre fica fascinado pelos meus... *insights*. Estudou os baigas a fundo e compartilhou alguns fatos interessantes comigo. Primeiro, eles têm muito medo de espíritos do mal e de feiticeiros. Creem que todos os eventos negativos, como doenças, uma colheita perdida, uma morte, sejam causados por espíritos malignos.

Ainda não entendia aonde o Sr. Kadam queria chegar, mas não o interrompi.

– Eles acreditam em magia e reverenciam seu *gunia*, ou curandeiro, acima de todas as coisas. Se Lokesh tiver demonstrado algum tipo de magia, é provável que façam qualquer coisa que ele pedir. Eles se consideram guardiões ou zeladores das florestas. É muito possível que Lokesh os tenha persuadido a se mudar, convencendo-os de que a floresta estava em perigo, e que tenha colocado os guardas ali para protegê-la. Outra coisa que ele mencionou e que achei muito interessante é que há rumores de que o *gunia* dos baigas seja capaz de controlar tigres.

– O quê? – arquejei. – Como pode ser?

– Não tenho muita certeza, mas de alguma forma eles são capazes de proteger suas aldeias contra ataques de tigres. Talvez Lokesh tenha encontrado a verdade no mito.

– O senhor acha que eles estão usando algum tipo de magia para manter Ren lá?

– Não sei, mas certamente parece que vale a pena investigar, ou melhor, nos infiltrar.

– Então o que estamos esperando? Vamos lá!

– Preciso de algum tempo para elaborar um plano, Srta. Kelsey. Nosso objetivo é tirar todos de lá vivos. Falando nisso, creio que devo informar a vocês que meus informantes desapareceram. Os homens que mandei investigar o escritório na cobertura do edifício mais alto de Mumbai sumiram. Eles não entraram em contato comigo e temo o pior.

– O senhor acha que estão mortos?

– Eles não são do tipo que se deixa apanhar vivo – replicou ele, sombriamente. – Não vou permitir que outros homens morram por esta causa. A partir de agora estamos por nossa própria conta. – Ele olhou para Kishan. – Estamos novamente em guerra com Lokesh.

Kishan cerrou o punho.

– Desta vez não vamos fugir com o rabo entre as pernas.

– Certamente.

Pigarreando, eu disse:

– Isso é ótimo para vocês dois, mas eu não sou uma guerreira. Como podemos vencer, sendo só nos três contra todos os homens dele?

Kishan pôs a mão sobre a minha.

– Você é uma guerreira tão boa quanto qualquer um com quem eu tenha lutado, Kells. Mais corajosa até do que muitos que conheci. Em outras situações em que estávamos em número muito menor o Sr. Kadam já elaborou estratégias que decidiram a batalha com facilidade.

– Se há uma coisa que aprendi em meus muitos anos de vida, Srta. Kelsey, é que o planejamento cuidadoso pode quase sempre criar um resultado positivo.

– E não se esqueça – interveio Kishan – de que temos muitas armas à nossa disposição.

– Assim como Lokesh.

O Sr. Kadam, dando tapinhas em minha mão, disse:

– Nós temos *mais*.

Ele pegou uma foto de satélite e uma caneta vermelha e começou a circular itens de interesse. Então me entregou um pedaço de papel e uma caneta.

– Vamos começar?

Primeiro, registramos numa coluna nossos recursos, sugerindo todas as maneiras como cada um deles podia ser empregado. Algumas das ideias eram tolas e outras tinham valor. Anotei tudo o que nos ocorreu, sem saber o que poderia vir a ser conveniente.

O Sr. Kadam fez uma estrela no mapa, onde pensava que Ren poderia ser encontrado. Ele achava que os planos mais simples eram os mais fáceis de seguir e nosso plano era bem direto: iríamos nos infiltrar, encontrar Ren e sair. Mesmo assim, o Sr. Kadam fez questão de analisar o plano a partir de várias perspectivas.

Ele se preparou para todas as eventualidades. Fez dezenas de

perguntas começando com “E se”: E se Kishan não puder entrar no complexo por ser um tigre? E se houver armadilhas para tigres na selva? E se houver mais soldados do que pensamos? E se não pudermos entrar pela selva? E se Ren não estiver lá?



Ele elaborou um plano separado para superar cada um desses obstáculos e ainda assim chegar a um resultado bem-sucedido. Em seguida combinou os problemas e ajudou Kishan e eu a ensaiar em nossos papéis. Tínhamos que lembrar como nossos papéis mudariam dependendo dos contratempos que surgissem.

O Sr. Kadam também organizou treinamentos práticos. Tivemos que testar os limites do Fruto Dourado e do Lenço Divino, assim como vários movimentos complicados usando nossas armas. Ele nos fez treinar a maior parte do dia no combate corpo a corpo e praticar várias técnicas simultaneamente. Quando nos liberou no primeiro dia, eu estava exausta. Cada músculo doía, meu cérebro estava cansado e eu me encontrava coberta de xarope de bordo e felpa de algodão – um teste combinado do Fruto com o Lenço que deu errado.

Depois de dizer boa-noite, subi esgotada a escada, tirei Fanindra do braço e a coloquei em cima do travesseiro. O Sr. Kadam tinha um plano para ela, mas ela não se movera quando ele o explicou.

Não sabíamos se ela faria alguma coisa, mas eu iria levá-la de qualquer forma. Fanindra salvara minha vida vezes suficientes para merecer, pelo menos, estar presente na ação. Observei suas espirais douradas se moverem e se retorcerem até ela se acomodar numa posição circular, com a cabeça apoiada no topo da espiral. Seus olhos cor de esmeralda brilharam por um momento e então ficaram escuros.

Alguma coisa tremulou do lado de fora da janela. Minhas roupas de fada! Parecia que não havia mesmo fadas por ali. As roupas ainda pareciam íntegras, mas agora precisavam ser lavadas na máquina. Joguei-as no cesto de roupa suja antes de entrar no chuveiro para um banho quente. À medida que meus músculos doloridos foram relaxando, deixei meus pensamentos se demorarem em coisas triviais, como ponderar se deveria lavar as roupas de fada em água fria ou quente. O chuveiro me relaxou até eu quase adormecer ali, de pé.

O Sr. Kadam nos treinou por quase uma semana antes de achar que estávamos prontos para procurar a aldeia baiga.

Nós três nos encontrávamos ao pé de uma grande árvore na selva escura. Passamos o Lenço Divino de mão em mão e assumimos a aparência que tinha sido atribuída a cada um.

Pouco antes de o Sr. Kadam se transformar, ele sussurrou:

– Vocês sabem o que fazer. Boa sorte.

Enrolei o Lenço Divino em seu pescoço, dei um nó e sussurrei:

– Não se deixe apanhar numa armadilha.

Silenciosamente, ele adentrou a selva.

Kishan me abraçou e também partiu. Seus passos eram silenciosos. Logo me vi na selva escura completamente sozinha. Preparei o arco e deslizei Fanindra pelo braço enquanto esperava o sinal.

Um rugido alto ecoou pela selva seguido pelos gritos de vários homens. Era o sinal que eu estava esperando. Segui entre as árvores na direção do acampamento a pouco menos de meio quilômetro dali. Quando me aproximei, peguei o Fruto Dourado e murmurei instruções. Minha tarefa era tomar as duas torres de vigilância nos limites do acampamento e os holofotes.

As luzes primeiro. Esquadrinhei a área e reconheci os vários prédios. Tínhamos estudado as imagens de satélite até todos nós termos o layout memorizado. As cabanas dos baigas eram organizadas num semicírculo mais perto dos limites da selva. Ficavam atrás dos bunkers militares e de um agrupamento de jipes resistentes a minas. Ou seja: seriam extremamente difíceis de tomar.

As cabanas eram de palha e grandes o bastante para uma ou possivelmente duas famílias morarem nela. Eu não queria atingi-las. Elas se transformariam facilmente numa bola de fogo.

O centro de comando tinha quatro compartimentos, cada um deles do comprimento aproximado de um semirreboque, porém duas vezes mais alto. Eles eram agrupados em pares e feitos de algum tipo de liga metálica. Pareciam resistentes. Duas torres de vigilância erguiam-se, uma de cada lado do acampamento. Três guardas vigiavam a área do topo de cada torre, enquanto dois homens montavam guarda abaixo. Próximo à torre sul, vi um poste alto com uma grande antena parabólica na extremidade. Conteí quatro holofotes, sem incluir os dois refletores presos às torres de vigia.

Eu deveria encontrar o gerador, mas não o vi. *Talvez esteja escondido numa das cabanas baigas.* Decidi que teria que eliminar as luzes uma por uma. Ergui a mão e apontei. O calor inundou meu braço até minha mão brilhar, vermelha, no escuro. A energia disparou numa longa explosão branca. Primeiro um e em seguida os outros três holofotes espocaram e explodiram quando meu raio os atingiu.

Alguém entrou num dos veículos e acendeu as luzes. O jipe roncou e engasgou. A gasolina provavelmente havia sido absorvida pelo pão de ló que, com a ajuda do Fruto, eu usara para encher os tanques. O sistema elétrico, porém, ainda funcionava e faróis potentes varriam as árvores à minha procura. Voltei meu raio em sua potência máxima

para o veículo, porque sabia que seria difícil destruí-lo, enviando um impulso de energia ultradenso através da palma da minha mão.

Meu raio atingiu o carro com uma explosão ensurdecidora que lançou o veículo 10 metros no ar. Ele explodiu, tornando-se uma bola de fogo, e despencou em cima de outro, aterrissando com um ruído agudo de metal retorcido. Disparei contra outro; dessa vez o veículo rolou, virando três vezes e indo parar de lado de encontro a uma árvore imensa. Depois disso, levei apenas alguns segundos para extinguir os outros refletores.

Em seguida eu precisava desabilitar as duas torres. Eram construções simples, se comparadas aos outros edifícios. Quatro suportes de madeira, um nível mais alto que o posto de comando, eram encimados por uma estrutura semelhante a uma caixa e equipados com três homens e um refletor. A única maneira de subir era através de uma escada de madeira simples, provavelmente criada pelos baigas.

A essa altura soldados haviam localizado minha posição. Lanternas se agitavam em minha direção, tentando me identificar. Disparei algumas flechas douradas e ouvi um grunhido e um baque quando um corpo bateu no chão. Eu precisava sair dali. Ouvi um silvo quando dardos atravessaram os arbustos nos quais eu estava escondida. *Eles devem ter instruções para nos pegar vivos.*

Corri na escuridão. Os olhos de Fanindra brilhavam suavemente, proporcionando luz apenas suficiente para que eu alcançasse minha próxima posição. Agachada atrás de um arbusto, evoquei meu poder de raio outra vez e destruí a torre mais próxima. Ela explodiu como uma bomba gigante de fogo que iluminou a área. Assustadas, as pessoas corriam em todas as direções.

Segui para a outra torre, correndo abertamente em meio à multidão. Escondi-me entre dois edifícios quando um grupo de soldados passou correndo e eliminei alguns por trás. O Sr. Kadam gritava para as pessoas, convocando-as e pedindo sua ajuda na batalha. Sua atitude teatral me fez sorrir. Plantei a *gada* no ponto em que ele a encontraria e prossegui.

De volta ao trabalho. Esquivei-me pela sombra de um edifício e avaliei a outra torre. Eu precisava destruir a antena parabólica também. Encaixei uma flecha, então a infundi com o poder do raio e a disparei. Ela bateu com um ruído na parabólica e chiou, estalando com eletricidade antes de explodir. A essa altura os soldados na segunda torre haviam deduzido que eu era seu alvo. Saltei para trás de

algumas caixas quando eles voltaram suas armas para mim. Ouvi o ruído de vários dardos atingindo a área onde eu estivera segundos antes.

Meu coração batia forte de medo. Se eles me acertassem com um dardo seria o meu fim. Eu não poderia ajudar Kishan nem encontrar Ren. Ouvindo gritos de homens à minha procura, reuni coragem e encaixei outra flecha. A flecha dourada cintilou ao luar e tremeluziu quando a infundi com o poder do raio. Dessa vez eu estava perto demais do meu alvo e, quando a explosão da torre sacudiu o complexo, o deslocamento de ar me lançou para cima. Ao cair, minha cabeça bateu contra o edifício. Pedacos pesados de madeira da torre destruída choveram e vários dos fragmentos em chamas me atingiram quando fiquei de pé. Com cuidado, toquei a parte posterior do meu crânio. Estava sangrando.

Um soldado saltou sobre mim. Rolamos pelo chão. Eu o soquei na altura do estômago e me pus de pé num salto. Quando ele começou a se levantar também, saltei em suas costas, como Ren me ensinara, e tentei cortar sua passagem de ar. Ele lutou para se livrar de mim apenas brevemente antes de se virar e me esmagar contra uma pedra. Bati a cabeça com força e senti um fio molhado de sangue escorrer da têmpora para o rosto.

Fiquei imóvel contra a pedra, arfando, exausta, tonta e sangrando. O soldado se levantou, sorriu e estendeu as mãos para me estrangular. Ergui a mão, estreitei os olhos para o seu rosto enegrecido de fuligem e disparei um raio que o atingiu no peito. Ele voou alguns metros para trás, bateu no centro de comando e deslizou para o chão numa posição sentada, com a cabeça pendendo pesadamente sobre o peito.

Agora eu precisava encontrar Ren. Corri vacilante entre algumas cabanas e, quando outro soldado veio atrás de mim, mergulhei para o lado, caí e rolei. No instante em que ele disparou um tranquilizante, ergui-me apoiada num joelho e o tirei da jogada com um choque rápido. A porta do edifício principal estava guardada por dois soldados em alerta de batalha. Quando me aproximei, eles falaram várias palavras numa língua diferente. Assenti e um deles usou sua chave para me deixar entrar. Livrei-me facilmente dessa vez. Eu era um rosto familiar e eles não tinham me visto em ação.

Passei por eles e entrei em silêncio. A porta se fechou atrás de mim e se trancou automaticamente. Ignorei o problema, calculando que abriria caminho com um raio mais tarde. Minha cabeça latejava na têmpora, mas, fora isso, eu dera sorte. Tinha vários arranhões e cortes

feios nos braços e nas pernas, uma pancada séria na cabeça e devia estar com machucados no corpo todo, porém nada que ameaçasse minha vida. Esperava que o Sr. Kadam e Kishan estivessem se saindo tão bem quanto eu.

O interior do centro de comando estava escuro. Eu me encontrava numa área de armazenamento cheia de caixas e suprimentos. Passei furtivamente pela outra seção e encontrei as barracas para os soldados. Estranho foi quando dobrei uma esquina e encontrei a pessoa que eu estava personificando. A expressão perplexa logo mudou quando ataquei. Uma breve explosão de luz iluminou a sala e a criatura caiu no chão.

Apesar de o edifício ser pouco mobiliado, eu tropeçava em caixas no escuro enquanto verificava sala após sala. Finalmente os olhos verdes de Fanindra brilharam de modo que eu pudesse ver o ambiente com mais clareza. A área foi iluminada com a luz de sua visão noturna especial e eu pude distinguir praticamente tudo. Ouvi Lokesh e Kishan em outra sala. A situação ali estava se tornando mais tensa. O tempo se esgotava. Segundo nossos treinamentos, a essa altura eu já deveria ter encontrado Ren.

Se eu houvesse desativado o gerador, poderia ter poupado tempo; mas, em vez disso, tive que destruir as luzes uma por uma e lutar contra mais soldados do que esperara. O plano teria que ser modificado. Eu precisava chegar a Kishan primeiro. Felizmente o Sr. Kadam havia nos preparado para essa eventualidade. Com relutância, abandonei minha procura por Ren e fui em busca de Kishan.

Segui para os fundos do centro de comando e escalei várias caixas até me encontrar empoleirada no alto. Era uma sala grande, parecendo um armazém. Prateleiras de metal guardavam armas e suprimentos de todos os tipos. Uma pilha de corpos de soldados indicava que Kishan tivera sucesso em tirar de atividade os guardas de Lokesh. Agora, porém, Lokesh o havia encurralado em seu escritório particular.

Era luxuoso para os padrões militares. Um tapete espesso cobria o chão. Uma mesa imponente encontrava-se a um canto e numa das paredes vários monitores de TV exibiam flashes de cenas do caos que acontecia do lado de fora do complexo. Em outra parede viam-se muitos equipamentos e dispositivos eletrônicos. Parecia o interior de um submarino. A parede era coberta com interruptores e monitores. Várias luzes vermelhas piscavam em silêncio e imaginei que fossem alarmes de algum tipo.

Três lâmpadas penduradas zumbiam acima, tremeluzindo de vez em quando, como se o complexo estivesse perdendo sua força. Uma caixa de vidro perto da mesa continha várias armas reluzentes, representando cada era de batalha. Kishan estava desempenhando bem seu papel. Encaixei uma flecha e esperei que ele recuasse um pouco para que eu tivesse uma boa chance de tiro. Arrogante e excessivamente confiante, Lokesh prosseguia, tentando intimidar Kishan a fazer o que ele queria.

Lokesh não estava usando farda como seus soldados. Vestia um terno preto e uma camisa de seda azul. Parecia mais jovem que o Sr. Kadam, mas seus cabelos estavam ficando grisalhos nas têmporas e estavam penteados para trás, lustrosos, num estilo de chefão da máfia moderno. Notei outra vez que ele usava anéis em cada dedo e que os girava casualmente enquanto falava. Um comentário odioso chamou minha atenção.

– Posso dilacerar você com uma simples palavra, mas gosto de ver as pessoas sofrerem. E ter você aqui é um presente especial que venho esperando por muito, muito tempo. Não posso imaginar o que estava tentando fazer. Você não tem a menor chance de vencer. Mas devo dizer que estou impressionado com a maneira como enfrentou meus guardas especiais. Eles eram altamente treinados.

Kishan sorriu maliciosamente enquanto rodavam em círculos.

– Não o bastante.

– É. – Lokesh riu. – Talvez eu pudesse convencer você a trabalhar para mim. Você tem muitos talentos e eu sou um homem que recompensa bem aqueles que me servem. Naturalmente, também devo avisar que aplico punições mortais àqueles que me desafiam.

– Não estou procurando emprego neste momento e alguma coisa me diz que o nível de satisfação entre seus empregados é muito baixo.

Kishan correu para cima de Lokesh, girou no ar e lhe acertou um chute bem no meio da cara.

Lokesh cuspiu sangue. Ele sorriu quando uma linha carmesim escorreu de sua boca. Limpando-a com um dedo, ele o esfregou no lábio inferior, lambeu e deu uma gargalhada. Parecia gostar da dor. Estremeci de repulsa.

– Isso tudo está muito divertido – continuou ele –, mas já chega dessa brincadeira. Você tem um amuleto e eu tenho o poder dos outros três. Me dê o seu e depois pode pegar o tigre e ir embora. Não que eu vá deixar vocês irem longe, porém vou lhes dar uma chance

assim mesmo. Isso vai tornar a caçada muito mais divertida.

– Acho que vou embora com o tigre e o amuleto. E, aproveitando, acho que vou matá-lo e pegar o seu também.

Lokesh deu uma risada ensandecida.

– Você vai me dar o que eu quero. Na verdade, logo vai se arrepender de ter desdenhado de minha oferta generosa. Em questão de instantes você vai me oferecer tudo o que eu quiser só para cessar a dor.

– Se você quer tanto assim o amuleto, então por que não vem aqui pegá-lo? Vamos ver se luta tão bem quanto faz ameaças. Ou será que agora deixa a luta para outras pessoas... *seu velho*?

O sorriso desapareceu da boca de Lokesh e ele ergueu as mãos. A eletricidade faiscava entre seus dedos.

Kishan saltou de novo na direção de Lokesh, no entanto foi detido por uma barreira invisível. Lokesh começou a murmurar encantamentos, abriu as mãos e levantou os braços. Objetos soltos na sala se ergueram no ar e começaram a rodopiar num redemoinho, movendo-se cada vez mais rápido. Lokesh lentamente juntou as mãos e o redemoinho se aproximou de Kishan. Os objetos giravam em torno dele e começaram a atingi-lo. Uma tesoura abriu um talho em sua testa, mas ele começou a cicatrizar imediatamente.

Lokesh viu a ferida se fechar e fitou o amuleto com cobiça.

– Me dê o amuleto! É meu destino unir todas as partes!

Kishan começou a agarrar os itens maiores e esmagá-los entre a palma das mãos.

– Por que você não tenta tirá-lo do meu cadáver? – gritou ele.

Lokesh riu, um som terrível de puro deleite.

– Como quiser.

Ele bateu as mãos e as esfregou uma na outra. O chão começou a tremer. As caixas onde eu me encontrava oscilaram precariamente. Kishan havia caído no chão e estava sendo bombardeado por uma tempestade de objetos, como grampeadores, tesouras e canetas, assim como itens maiores, como gavetas de arquivo soltas, livros e monitores de computador.

Eu tremia de pavor. Aquele homem me aterrorizava mais do que qualquer coisa que eu já houvesse enfrentado. Eu preferia correr de uma horda de *kappa* a olhar nos olhos dele. O mal escoava dele em ondas, enegrecia tudo ao seu redor. Sua escuridão me sufocava. Embora ele ainda não tivesse consciência da minha presença, eu tinha

a sensação de que dedos negros e nevoentos abriam caminho em minha direção, me procurando para me estrangular e arrancar a vida do meu corpo.

Ergui minha mão trêmula e disparei um raio. Eu o errei por uns 30 centímetros e ele estava tão concentrado em Kishan que nem viu o traço de luz passar atrás dele. Mas percebeu o impacto em seu mostruário de armas e provavelmente deduziu que era uma consequência do terremoto que ele havia causado. O vidro explodiu. Os cacos passaram a fazer parte do redemoinho e começaram a cortar Kishan. Logo juntou-se a eles um bombardeio letal de armas. Lokesh ria de prazer enquanto via Kishan ser rasgado por cacos de vidro e em seguida se curar. Um pedaço grande entrou em seu braço e ele o arrancou. O sangue jorrou e se juntou ao redemoinho.

Eu estava morta de medo. Minhas mãos tremiam. *Eu posso fazer isso! Tenho que firmar a mão! Kishan precisa de mim!* Ergui a flecha e mirei no coração de Lokesh.

Enquanto isso, ouvia as pessoas gritando lá fora. Deduzi que eram os aldeões e que as coisas estavam correndo de acordo com o planejado. Se não, Kishan e eu logo estaríamos numa situação ainda mais crítica. Ouvi uma pancada fortíssima e sorri aliviada. Eu sabia que era o Sr. Kadam. Nada, além da *gada*, poderia provocar um ruído como aquele. O edifício se sacudiu em suas fundações. O tempo era um fator decisivo. Se eles estavam atacando o edifício, isso significava que todos os soldados haviam sido cercados e dominados. O Sr. Kadam era de fato eficiente. Ou isso ou Lokesh havia abusado desse pobre povo o suficiente e eles já se encontravam à beira da rebelião.

Disparei minha flecha direto no coração de Lokesh, mas ele se virou no último segundo, quando finalmente ouviu a pancada da *gada*, e a flecha cravou-se fundo em seu ombro. O redemoinho que cercava Kishan de repente parou e todos os itens despencaram no chão numa chuva traiçoeira. Um pesado cofre de metal caiu no pé de Kishan; ele grunhiu e empurrou o volumoso objeto. Eu tinha certeza de que seu pé estava quebrado.

Lokesh se virou com fúria e me encontrou. A eletricidade disparava de seus dedos e sua respiração congelou o ar, enviando uma rajada gelada em minha direção. Fiquei paralisada e senti o sangue se tornar denso, congelando em meu corpo. Arfei, mais aterrorizada do que jamais estivera em toda a minha vida.

– Você!

Seu grito me deu arrepios. Cuspindo ameaças no que ele presumia

que fosse a minha língua, arrancou a flecha ensanguentada e começou a cantar de forma monótona. A flecha de repente veio voando em minha direção. Num movimento inconsciente de autopreservação, meu fogo interno me aqueceu o suficiente para que eu pudesse me mexer. Minhas mãos se ergueram para cobrir o rosto, mas a flecha parou em pleno ar, a centímetros do meu nariz. Estendi a mão e ela caiu devagar em minha palma. Frustrado, Lokesh bateu as mãos e esfregou-as malevolamente para fazer oscilar a caixa sobre a qual eu me encontrava. Desabei no chão, batendo em várias quinas afiadas no caminho. Gemi e tirei as caixas de cima de mim. Meu tornozelo estava torcido e preso debaixo de uma caixa e meu ombro estava seriamente machucado.

Kishan pegou o *chakram*, que estivera escondido sob a camisa, e o atirou na direção das luzes no teto. A sala mergulhou na escuridão quando ouvi o zumbido metálico da arma atravessando o ar. Ele lançou o *chakram* mais algumas vezes, mas não conseguia atingir Lokesh com ela pois ventos súbitos açoitavam o ar, fazendo o disco mudar de direção. Arrastei-me com dificuldade até um novo esconderijo. Kishan pegou o *chakram* e saltou sobre Lokesh. Os dois caíram no chão numa luta vigorosa.

Lokesh gritou, chamando seus soldados; sua voz era alta e parecia ser carregada pelo vento para o acampamento lá fora. Eu podia ouvi-la amplificada, como se ele estivesse falando num microfone, mas os seus soldados estavam todos presos agora. Ninguém veio em seu socorro. Os dois rolaram em minha direção. Lokesh murmurou algumas palavras até que um colchão de ar surgiu como uma bolha entre os dois, lançando Kishan para trás e permitindo que Lokesh pudesse se pôr de pé novamente.

Levantei-me e ergui a mão. Meu braço inteiro tremia enquanto eu tentava reunir coragem. O fogo não vinha. Eu me sentia fria por dentro, como se o fogo dentro de mim houvesse sido abafado. Lokesh virou a cabeça instantaneamente quando viu meu gesto. Ele riu diante de meu esforço patético e recomeçou a murmurar. Fiquei rígida. Não conseguia me mover. Uma lágrima rolou pelo meu rosto e se congelou.

Kishan aproveitou a distração de Lokesh e agarrou-lhe o braço, girando-o para trás das costas. Num instante tinha o *chakram* pressionado na garganta de Lokesh. A lâmina reluzente entrou na carne macia, liberando fios de sangue que fluíram pela arma e pingaram na camisa de seda azul de Lokesh.

Lokesh grunhiu e murmurou baixinho:

– Você quer que ele *morra*? Posso matá-lo num instante. Posso congelar o sangue dele para que o coração pare de bater.

Kishan olhou para mim e se deteve. Ele poderia ter decapitado Lokesh com um leve movimento do pulso, mas parou e eu vi as emoções cruzarem seu rosto. Ele se conteve por minha causa. Lokesh deu uma risada áspera, respirando pesadamente em seu esforço. Um baque profundo sacudiu as paredes enquanto o Sr. Kadam e os aldeões continuavam a bater no edifício, tentando derrubá-lo.

Lokesh tornou a ameaçar:

– Se não me soltar, eu *vou* matá-lo. Decida agora!

O brilho da ira ardia em seus olhos, um fogo latente que não podia ser extinto.

Kishan o soltou. Gemi por dentro, pois não podia me mover. Tínhamos quase vencido. Agora estávamos à mercê de um monstro.

Lokesh logo tornou a murmurar e Kishan se viu preso no mesmo controle imobilizante que eu. Lokesh se ajeitou e cerimoniosamente espanou o pó das lapelas do paletó. Pressionou um lenço branco limpo na garganta, que sangrava. Então riu, aproximou-se de Kishan e deu-lhe tapinhas carinhosos no rosto.

– Aí está. É sempre melhor cooperar, não é? Está vendo quanto é inútil você me enfrentar? Talvez eu tenha subestimado você um pouco. Certamente você acaba de me proporcionar a melhor luta que tive em séculos. Vou aguardar ansioso o desafio de dobrar seu espírito.

Ele tirou uma faca muito antiga e de aspecto maligno do bolso interno do paletó e a agitou quase amorosamente diante do rosto de Kishan. Aproximou-se e correu-lhe o lado cego pela bochecha.

– Esta lâmina é a mesma que usei há muitos anos em seu príncipe. Está vendo como a mantive em excelentes condições durante todos esses anos? Você poderia me chamar de velho tolo e sentimental. Eu esperava secretamente vir a usá-la outra vez e terminar o que comecei muitos anos atrás. Não é bem apropriado que eu a use em você também? Talvez tenha sido poupada exatamente para esse propósito.

Ele fez uma pausa breve antes de continuar:

– Bem, por onde devo começar? Uma bela cicatriz deixaria seu rosto um pouco menos atraente, não é? Naturalmente, terei que tirar o amuleto primeiro. Eu vi como ele consegue curar. Esperei tanto tempo por essa parte. Você não faz ideia de quanto ansiei por sentir o poder que ela possui. É triste saber que você não estará por aqui para

apreciar o que fará por mim.

Ele ficou brevemente amuado.

– É uma pena que eu não tenha tempo para uma cirurgiazinha experimental. Eu adoraria lhe dar umas lições de disciplina. A única coisa que iria me proporcionar mais prazer que correr minha faca na sua pele seria desfigurar você diante do seu príncipe. Ainda assim, ele irá apreciar a minha obra.

Eu estava com medo. Se já não estivesse congelada, teria ficado paralisada de pavor. Não importava quanto eu estivesse preparada. Lutar contra alguém verdadeiramente maligno não era uma coisa fácil. As aves, os macacos e os *kappa* estavam todos apenas cumprindo sua missão. Eles protegiam os presentes mágicos e eu aceitava isso. Mas encarar Lokesh e vê-lo brandir aquela faca contra a garganta de Kishan era terrível demais.

Eu me desliguei quando ele começou a falar em desmembrar Kishan pedaço a pedaço. Era nauseante. Se eu pudesse, teria vomitado. Eu simplesmente não podia conceber alguém tão cruel. Queria ter podido cobrir meus ouvidos. Meu pobre Ren fora torturado por esse demônio psicopata durante meses. Meu coração se encolheu com esse pensamento.

Lokesh tinha a persona traiçoeira do Imperador Palpatine misturada à crueldade sádica de Hannibal Lecter. Ele desejava o poder a qualquer preço, como Lorde Voldemort, e exibia a brutalidade de Ming, o Impiedoso, que, como ele, havia matado a própria filha. Meu corpo tremia. Eu não podia vê-lo machucar Kishan. Não suportaria isso.

Ele agarrou o queixo de Kishan e estava prestes a cortar-lhe o rosto quando percebi que, mesmo que eu não pudesse me mover, o Fruto Dourado ainda faria seu trabalho. Pedi a primeira coisa que me passou pela cabeça: balas duras. E balas duras eu recebi. Uma tempestade delas. Quebraram monitores e uma das janelas. O estrondo que provocavam golpeava meus tímpanos enquanto caíam dentro do centro de comando. Pareciam milhares de bolas de gude despencavam num lago de vidro e tudo se estilhaçava e quebrava à nossa volta. Kishan e eu oscilamos e caímos, bombardeados por uma rajada do doce duro. Foi a mochila que me salvou de quebrar o pescoço. Tinha certeza de que Kishan havia se machucado outra vez. Felizmente ele sarava com rapidez. Eu me sentiria grata se ao menos um de nós saísse dessa vivo.

Em pouco tempo cada centímetro do chão estava coberto por uma

camada de uns 30 centímetros das balas. Lokesh foi atingido com força suficiente para perder o equilíbrio e cair. Ele disparou vários palavrões em sua língua enquanto tentava se recuperar e descobrir de onde vinha aquela tempestade. Então deu-se conta de que a faca havia desaparecido e começou a vasculhar em meio às balas para encontrá-la. Kishan e eu, a essa altura, estávamos quase enterrados.

O edifício se sacudiu mais uma vez e uma parte da parede desmoronou perto de nós. Lokesh conseguiu se levantar com dificuldade depois de encontrar a faca. Ele agarrou o amuleto em torno do pescoço de Kishan e o puxou até a corrente se partir, deixando um vergão vermelho na pele.

Lokesh se debruçou sobre Kishan brevemente e tocou o rosto dele com a faca.

– Vamos nos encontrar de novo – ele sorria horivelmente – em breve.

Lokesh deslizou a faca da bochecha de Kishan até a garganta, traçando uma trilha de sangue que deixaria uma horrível cicatriz, mas não mataria. Então, com um ruído doloroso, Lokesh se afastou, caminhando com dificuldade em meio às balas até um botão escondido na parede. Um painel se abriu e ele desapareceu.

Alguns aldeões acompanharam o Sr. Kadam até o escritório e correram para nos ajudar a levantar. O corte de Kishan já ia se fechando, mas sua camisa estava suja de sangue. O talho havia sido profundo. Ouvi o ronco de um motor e um ruído rascante quando um veículo arrancou de sob o edifício e saiu em disparada pela estrada de terra que partia da aldeia. Eu poderia ter usado o Fruto Dourado para parar o motor, mas optei por não fazê-lo.

Eu me sentia envergonhada, mas não queria enfrentá-lo outra vez. Eu *queria* que ele fugisse. Esperava não vê-lo nunca mais. Fiquei ali, imóvel, me repreendendo por ser tão covarde. Eu era fraca. Se pudesse me mover, teria ido choramingar no canto da sala, me escondendo. Lokesh era poderoso demais. Não conseguiríamos vencer.

O melhor que poderíamos desejar seria evitá-lo. Eu sabia que Kishan e o Sr. Kadam ficariam decepcionados comigo. Grande guerreira! Pássaros de ferro gigantes? Sem problema. *Kappa*? Eu tinha Fanindra e Ren. Macacos? Algumas mordidas e machucados não me matariam. Mas Lokesh? Eu me acovardei e fugi diante do inimigo. Queria poder entender por que estava reagindo dessa forma. Ele era um monstro. Só mais um para enfrentar. Mas esse monstro tinha um rosto humano. De alguma forma, isso parecia pior.

Após algum tempo, o feitiço que Lokesh havia usado em Kishan e em mim desapareceu. Tentamos acordar nossos membros dormentes, esfregando-os. Quando Kishan havia se recuperado suficientemente, abriu caminho através das balas duras para me ajudar. O Sr. Kadam dava instruções aos aldeões enquanto Kishan me apoiava, por causa de meu tornozelo torcido, e me ajudava a procurar Ren. Fanindra decidiu despertar e ajudar na busca. Ela se moveu e cresceu.

Baixei o braço para que ela escorregasse para o chão e a cobra abriu caminho entre caixas de armas e sacolas de suprimentos. De repente se deteve e experimentou o ar com a língua, perto de uma área que parecia um beco sem saída. Suavemente, ela deslizou sob algumas caixas e Kishan as inspecionou mais de perto. Descobriu que eram uma arrumação falsa e tirou-as do caminho. Atrás, havia uma porta trancada. Tivemos tempo apenas de ver a cauda dourada de Fanindra desaparecendo por baixo. Kishan tentou forçá-la. Acabei empregando meu poder do raio para explodir a fechadura, depois de vários segundos desenvolvendo a capacidade de usá-lo novamente. Pensar em Ren ainda sofrendo foi o que finalmente me fez vencer meu congelamento interno.

A porta se abriu e as narinas de Kishan se dilataram. Lá dentro o cheiro doce e abafado de sangue e suor humano permeava tudo. Eu sabia onde estava. Já estivera ali. Era a câmara onde Lokesh havia torturado Ren. Instrumentos terríveis pendiam das paredes e encontravam-se dispostos sobre mesas cirúrgicas reluzentes. Fiquei paralisada de horror ao olhar todas aquelas coisas e imaginar a dor que Lokesh havia imposto ao homem que eu amava.

Instrumentos cirúrgicos modernos espalhavam-se sobre bandejas, ao passo que itens mais antigos empilhavam-se nos cantos e pendiam de ganchos. Não pude me conter. Estendi a mão e toquei as extremidades gastas de um chicote. Em seguida esfreguei o cabo de um grande malho e comecei a tremer ao imaginá-lo quebrando os ossos de Ren. Várias facas, de diferentes comprimentos e larguras, pendiam enfileiradas.

Vi madeira, parafusos, pregos, alicates, picadores de gelo, tiras de couro, uma focinheira de ferro, uma furadeira moderna, colares com pregos, um torno que poderia ser usado para esmagar qualquer membro que fosse ali colocado e até mesmo um maçarico. Eu tocava os itens brevemente ao passar e chorava com amargura. De alguma forma, tocá-los era a única coisa que eu podia fazer para tentar compreender como essa experiência devia ter sido para ele.

Kishan pegou meu braço com delicadeza.

– Não olhe para isso, Kelsey. Olhe apenas para mim ou mantenha os olhos voltados para o chão. Você não precisa fazer isso. Seria melhor esperar lá fora.

– Não. Tenho que estar aqui, por ele. Preciso fazer isso.

– Então fique ao meu lado.

A jaula de Ren ficava no canto mais distante e eu mal pude distinguir uma forma subjugada lá dentro e uma cobra reluzente enroscada perto dela. Depois de recolher Fanindra e lhe agradecer, recuei e explodi o cadeado. Então me aproximei e abri a porta.

– Ren? – chamei suavemente.

Ele não respondeu.

– Ren? Você está... *acordado*?

A forma se moveu ligeiramente e um rosto pálido e abatido se voltou para mim. Seus olhos azuis se estreitaram. Ele olhou para Kishan. Seus olhos se arregalaram e ele se aproximou da abertura. Kishan o chamou com um gesto e ofereceu a mão para ajudar.

Cauteloso, ele estendeu a mão trêmula para agarrar a grade na extremidade da jaula. Seus dedos haviam sido quebrados recentemente e estavam ensanguentados. Meus olhos se encheram de lágrimas e minha visão se turvou enquanto eu recuava para lhe dar passagem. Kishan deu um passo à frente para ajudá-lo. Quando Ren enfim se levantou, eu arquejei. Ele fora espancado não tinha muito tempo. Eu já esperava por isso. Seus ferimentos estavam cicatrizando.

O que me chocou foi o fato de ele estar tão *esquelético*. Lokesh estava matando Ren de fome. Provavelmente também estava desidratado. Seu corpo forte estava magro, muito mais do que eu imaginaria que ele poderia ficar. Os olhos azuis brilhantes estavam circundados por depressões escuras. As maçãs do rosto estavam salientes e o cabelo escuro e sedoso pendia pegajoso e sem vida. Ele deu um passo em minha direção.

– Ren? – eu disse e lhe estendi a mão.

Ele estreitou os olhos, cerrou o punho e o brandiu com uma explosão de energia que eu não esperava que ele ainda tivesse. Senti uma dor aguda no maxilar e depois mais nada, enquanto meu corpo tombava no chão.



Baigas

Percebi movimento e acordei, abrindo os olhos para um dossel verde-escuro. Kishan me carregava pela selva. Ele tinha novamente sua verdadeira aparência, o que, devo admitir, era um alívio. Eu não me sentira confortável vendo-o em seu disfarce.

– Kishan? Aonde estamos indo?

– Shh. Relaxe. Estamos seguindo os baigas selva adentro. Temos que ir para o mais longe possível do acampamento.

– Quanto tempo fiquei desacordada?

– Umas três horas. Como está se sentindo?

Toquei levemente o maxilar.

– Como se um urso tivesse me dado um soco. Ele está... *bem*?

– Está desorientado. Os baigas o carregam numa maca improvisada.

– Mas ele está bem?

– Relativamente bem.

Ele falou baixinho em outra língua com o Sr. Kadam, que se aproximou para examinar meu rosto e levar um cantil aos meus lábios. Bebi devagar, engolindo dolorosamente, enquanto movia o maxilar o mínimo possível.

– Você pode me pôr no chão, Kishan? Acho que posso andar.

– Está bem. Apoie-se em mim se precisar.

Ele baixou com cuidado minhas pernas até o chão e me firmou quando oscilei, tentando recuperar o equilíbrio. Manquei um pouco com meu tornozelo torcido, mas Kishan resmungou e logo me pegou no colo outra vez. Recostei-me em seu peito e senti meu corpo inteiro doer. Escoriações me cobriam quase por completo e eu mal conseguia mover o maxilar.

Éramos parte de uma longa procissão. Os baigas avançavam

silenciosa e sinuosamente entre as árvores. Eu nem conseguia ouvir seus passos. Dezenas de pessoas passavam e assentiam numa demonstração de respeito ao nos contornarem. Nem as mulheres nem as crianças faziam barulho. Eles não emitiam um só sussurro, enquanto se moviam como fantasmas através da selva escura.

Quatro homens grandes carregavam uma maca com uma forma prostrada. Quando passaram por nós, estiquei o pescoço para poder vê-lo. Kishan ajustou o passo atrás deles para que eu pudesse ver a forma inerte de Ren. Ele me endireitou facilmente e me abraçou um pouco mais forte, me apertando contra seu peito com uma expressão indecifrável.

Andamos por mais uma hora. Ren dormiu o tempo todo. Quando chegamos a uma clareira, um baiga idoso se aproximou do Sr. Kadam e humildemente prostrou-se diante dele. O Sr. Kadam voltou-se para nós e disse que os baigas acampariam para passar a noite. Fomos convidados para seus festejos comemorativos.

Imaginei se não seria melhor nós continuarmos em direção ao nosso ponto de encontro, mas decidi seguir a liderança do Sr. Kadam. Ele era o estrategista militar e, se pensava que era seguro, provavelmente era. Na verdade, era reconfortante deixar alguém assumir o comando. Também não faria mal deixar Ren dormir um pouco mais antes de prosseguirmos.

Ficamos observando os baigas montarem acampamento. Eles eram extremamente eficientes, mas estavam sem a maior parte de seus suprimentos. O Sr. Kadam teve pena deles e usou o Lenço Divino para criar acomodações para cada família. Minha atenção se desviou para Ren. Os homens o carregaram para uma tenda no momento em que o Sr. Kadam me chamou.

Kishan, vendo-me aflita, disse que iria ver como Ren estava. Colocou-me com cuidado perto do Sr. Kadam e então seguiu na direção da tenda. Ele insistiu que seria melhor que eu ficasse com o Sr. Kadam, mas não explicou por quê.

Quando ele se afastou, o Sr. Kadam perguntou se eu usaria o Fruto Dourado para criar um banquete para os baigas. Eles precisavam ser alimentados. Vários estavam passando fome também. Lokesh os obrigara a permanecer no acampamento e usar sua magia para manter Ren contido. Eles não caçavam havia muito tempo. O Sr. Kadam me deu instruções e então usou o Lenço Divino para criar um tapete espesso em que toda a tribo pudesse se sentar.

Tirei o Fruto Dourado da mochila e comecei a criar os pratos que

ele pedira. Arroz com cogumelos, manga picada misturada a outras frutas locais, cujos nomes eu esperava ter pronunciado corretamente, peixe assado, salada verde, legumes grelhados e, como extra, acrescentei uma torta gigante de morango com recheio de creme *bavaroise* e chantili, como a que havíamos comido em Shangri-lá. O Sr. Kadam ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada.

Ele convidou os baigas a se sentarem e a compartilhar do banquete. Kishan logo voltou e sentou-se ao meu lado. Ele sussurrou que os baigas estavam cuidando bem de Ren. Enquanto todos se acomodavam, tentei pedir licença para ficar com Ren. Quando me levantei, Kishan segurou meu braço com firmeza, sussurrou que eu deveria ficar perto do Sr. Kadam e enfatizou novamente que Ren ficaria bem. Ele parecia estar dizendo a verdade, portanto fiquei. O Sr. Kadam começou a falar na língua deles. Esperei pacientemente que terminasse seu discurso e continuei olhando na direção das tendas, esperando ter um vislumbre de Ren.

Quando o Sr. Kadam terminou, duas jovens baigas percorreram o perímetro do círculo, lavando as mãos de cada pessoa com água de flor de laranjeira. Quando já haviam lavado as mãos de todos, imensas tigelas de comida passaram de mão em mão. Não havia pratos ou utensílios. O Fruto Dourado poderia tê-los criado, mas o Sr. Kadam queria o banquete à moda dos baigas. Pegamos alguns punhados, comemos e então passamos a vasilha para a próxima pessoa. Eu não estava com muita fome, mas Kishan não iria pegar a tigela até que eu tivesse comido pelo menos um punhado de cada tipo de comida.

Quando a comida completou o círculo e todos já haviam se servido de uma porção, as tigelas correram o círculo novamente. Esse processo continuou até toda a comida acabar. Usei meu cantil para limpar as mãos e tentei ter paciência quando os baigas passaram ao ritual seguinte. Quando sussurrei para Kishan que o fator tempo era crucial, ele disse que tínhamos o bastante e que Ren precisaria de algumas horas para se recuperar.

Os baigas começaram a celebrar de fato. Surgiram instrumentos musicais. Eles cantaram e dançaram. Duas mulheres se aproximaram de mim com tigelas de um líquido preto e falaram. O Sr. Kadam traduziu:

– Elas estão perguntando se você gostaria de fazer uma tatuagem em comemoração à vitória de seu marido sobre o maligno.

– Com quem eles acham que sou casada?

O Sr. Kadam corou.

- Eles acreditam que você seja *minha* mulher.
- Eles não acham que sou um pouco jovem para o senhor?
- É uma prática normal na tribo mulheres muito jovens se casarem com homens mais velhos e mais sábios. Eles a viram usar o Fruto Dourado e acreditam que você seja uma deusa, minha companheira.
- Entendi. Bem, agradeça-lhes por mim, mas vou me lembrar muito bem dessa vitória sem ajuda. Só por curiosidade, o que, ou quem, eles acham que Kishan é?
- Acreditam que ele seja nosso filho e que viemos aqui para resgatar nosso outro filho.
- Então eles acham que tenho dois filhos adultos?
- As deusas podem permanecer jovens e bonitas para sempre.
- Quem dera.
- Mostre-lhes sua mão, Srta. Kelsey.
- Minha mão?
- A que tem o desenho de hena. Faça-a brilhar para que eles possam ver as marcas.

Ergui a mão e evoquei meu poder de raio. Minha mão brilhou, iluminada por dentro. A pele se tornou translúcida e o desenho de hena apareceu – vermelho num fundo branco.

O Sr. Kadam falou algo breve com as duas mulheres e felizmente elas fizeram uma reverência e me deixaram em paz.

- O que o senhor disse a elas?
- Eu lhes disse que já havia lhe dado uma tatuagem de fogo para que se lembrasse do episódio. Elas acreditam que a tatuagem deixa a mulher mais bonita. Não teriam compreendido se eu tivesse dito que não queria que sua pele fosse tatuada. Todos os homens baigas desejam uma esposa com tatuagens intrincadas.

Os baigas dançavam e celebravam. Um dos homens era um engolidor de fogo. Assisti ao espetáculo, impressionada com sua habilidade, mas estava com dor e exausta. Encostei-me em Kishan, que me abraçou, me dando apoio. Devo ter dormido um pouco, pois quando acordei o engolidor de fogo havia encerrado sua exibição. Todos observavam um movimento nas tendas. Fiquei imediatamente alerta. Ren surgiu, acompanhado por um baiga de cada lado. Eles haviam banhado seus ferimentos e ele vestia uma saia de linho enrolada no corpo, deixando o peito nu.

Ren mancava, mas parecia muito melhor. Embora ainda graves, seus

ferimentos estavam se recuperando. Alguém havia lavado seus cabelos e os penteado para trás. Seus olhos abarcaram o cenário à sua volta e pousaram em nós três. Rapidamente seu olhar passou pelo Sr. Kadam e por mim, indo se fixar em Kishan. Um sorriso torto iluminou o rosto de Ren quando ele se aproximou de Kishan, que se levantou para cumprimentá-lo e oferecer apoio. Meu coração começou a bater loucamente. Ren abraçou o irmão, batendo de leve em suas costas.

– Obrigado por me salvar e me mandar a comida. Ainda não pude comer muito, mas me sinto... bem. Ou, pelo menos, melhor.

Ren sentou-se perto de Kishan e começou a falar em sua língua nativa. Tentei fazer contato visual, mas ele não parecia interessado em falar comigo.

Por fim, limpei a garganta e perguntei:

– Quer comer mais alguma coisa?

Seus olhos se dirigiram brevemente a mim.

– Agora não, obrigado – ele disse com educação e se voltou para Kishan.

O Sr. Kadam deu tapinhas em minha mão enquanto o *gunia* dos baigas se aproximava. Ele se ajoelhou diante do Sr. Kadam e falou rapidamente. Então se pôs de pé e bateu palmas. Um baiga se ajoelhou diante de Ren e curvou-se até o chão. Era o mesmo homem que eu vira em minha visão do Lenço, o homem que havia machucado Ren. Ren estreitou os olhos para o homem, que logo baixou o olhar, disse várias palavras e puxou uma faca da camisa.

O Sr. Kadam traduziu:

– *Por favor, me perdoe, nobre cavaleiro. Lutei contra o demônio o máximo que pude, mas ele machucou minha família. Minha mulher e meus filhos estão mortos. Nada me restou. A menos que o senhor restaure minha honra, vou deixar a tribo e morrer sozinho na selva.*

Estendendo uma das mãos, o homem cuidadosamente desfez seu coque. O cabelo negro e comprido caiu do alto de sua cabeça, amontoando-se em seu colo. Com mais duas palavras, ele moveu a faca para cima, através dos cordões que prendiam o cabelo, tosquiando seu longo e bonito rabo de cavalo. Então apanhou com reverência o cabelo cortado, curvou a cabeça até o chão e, com as mãos abertas, ofereceu-o a Ren.

Ren olhou para o homem por muito tempo, assentiu e estendeu as mãos, as palmas para cima, a fim de aceitar o cabelo cortado. Em seguida disse algumas palavras, as quais o Sr. Kadam traduziu para

mim mais uma vez:

– *Eu aceito sua oferta. Nós todos sofremos nas mãos do demônio. Nós iremos puni-lo pelos crimes cometidos, inclusive pelo ato imperdoável de destituí-lo de sua família. Suas ações contra mim estão perdoadas. Eu devolvo sua honra. Siga com sua tribo e encontre a paz.*

O homem depositou o cabelo nas mãos de Ren e se afastou. Em seguida o *gunia* mandou trazer duas bonitas moças baigas diante de nós. Elas se ajoelharam diante de Ren e Kishan. Suas mãos delicadas permaneceram em seu colo enquanto elas olhavam com recato para o chão.

As mulheres tinham lindos cabelos pretos compridos e lustrosos, e traços delicados. A cintura fina era acentuada por cintos estreitos feitos de pedra polida. Eram curvilíneas de uma forma que eu jamais seria. Ambas tinham delicadas tatuagens ao longo dos braços e das pernas, que desapareciam sob a bainha das saias finas que usavam, fazendo com que eu me perguntasse quanto de seus corpos era tatuado. Eu podia ver por que as tatuagens eram consideradas atraentes. Não eram do tipo que se veem nos Estados Unidos. Não havia águias gigantes nem “Amo a Minha Mãe” num coração.

Essas tatuagens eram minúsculas. Redemoinhos, argolinhas, arabescos, espirais, flores, folhas e borboletas enfeitavam seus membros como a borda elegante da moldura de um quadro ou os adornos de um livro medieval. As tatuagens acentuavam os traços das lindas jovens e realçavam sua beleza, transformando-as em criaturas extraordinárias, mágicas. O *gunia* falou, apontando primeiro para uma garota, depois para a outra.

Ren se levantou, desajeitado, e abriu um largo sorriso. Eu o olhei, ávida. Sabia que o meu disfarce o impedira de me reconhecer e o levava a me agredir. Agora tudo que eu queria fazer era abraçá-lo e tirá-lo dali. Infelizmente, todos tínhamos papéis a desempenhar. Ele caminhou, mancando, mas com dignidade, ao redor das duas garotas. Então pegou a mão de uma delas, beijou-a e sorriu para ela. Franzi as sobrancelhas, confusa. Ela sorriu timidamente para Ren. Kishan parecia chocado, ao passo que o Sr. Kadam exibia uma expressão sombria.

– O que foi? – sussurrei. – O que está acontecendo?

– Espere só um momento, Srta. Kelsey.

Kishan se levantou e falou baixinho com Ren, que cruzou os braços e indicou as duas mulheres outra vez. Kishan começou a discutir em voz baixa com o irmão. Ele olhou para mim e então para o Sr. Kadam,

como que pedindo ajuda. Ren parecia mais confuso do que zangado. Ele disse alguma coisa que soou como uma pergunta. Em resposta, Kishan fez um gesto, inflexível, e apontou para o *gunia*. Ren riu, tocou o cabelo da garota, esfregou-o entre os dedos e disse alguma coisa que a fez rir.

– Essas duas garotas também estão pretendendo cortar o cabelo? – perguntei.

O Sr. Kadam franziu a testa.

– Não. Não creio.

Kishan fez uma reverência para o *gunia* e as duas mulheres, disse algumas palavras e então voltou as costas para Ren, sentando-se ao meu lado outra vez. Ren sorriu para a garota, deu de ombros e tornou a sentar-se perto de Kishan.

– Sr. Kadam! O que acabou de acontecer?

Ele pigarreou.

– Ah, sim... parece que os baigas querem oferecer aos nossos dois filhos a condição de membros permanentes da tribo.

– Ótimo. Que mal pode haver nisso?

– Para se tornarem membros, devem se casar com mulheres baigas. Essas duas irmãs se ofereceram a nossos nobres filhos.

– Ah. – Franzi a testa, confusa. – Então por que Kishan e Ren estavam discutindo?

– Estavam discutindo sobre... se deviam ou não aceitar.

– E por que Ren estava tocando o cabelo daquela mulher?

– Eu... realmente não sei dizer.

O Sr. Kadam se virou de lado, obviamente relutante em continuar a conversa.

Pensei no que eu tinha visto e então cutuquei Kishan.

– Kishan, se você quer uma esposa baiga, tudo bem. Se isso vai deixá-lo feliz, então vá em frente – sussurrei. – As duas são muito bonitas.

Ele resmungou baixinho.

– Eu não quero uma esposa baiga, Kells. Explico depois.

Agora eu estava mais confusa ainda e ligeiramente enciumada, mas descartei essa sensação lembrando a mim mesma que diferentes culturas interpretam gestos de maneiras diferentes. Decidi deixar o assunto de lado e assistir às festividades. Quando a celebração chegou ao fim, eu cochilava com a cabeça no ombro do Sr. Kadam.

Kishan me acordou.

– Kells? Venha. Hora de irmos.

Ele me puxou, me ajudando a ficar de pé, e colocou minha mochila nos próprios ombros antes de dar instruções a Ren, que parecia feliz em fazer o que quer que Kishan lhe dissesse para fazer. O Sr. Kadam se despediu dos baigas, que se acomodaram para passar a noite enquanto nós prosseguíamos na direção de nosso ponto de encontro.

O Sr. Kadam ligou um sofisticado dispositivo militar. Era um relógio de pulso com uma tela de vídeo do tamanho de um baralho de cartas que carregava imagens de satélite enquanto andávamos. O aparelho não só mostrava nossa longitude e latitude atuais, como mantinha um registro de quantos quilômetros ou milhas tínhamos que percorrer para chegar ao nosso destino.

Ren se transformou em tigre. Kishan disse que isso o ajudaria a se recuperar mais depressa. Ele seguiu trotando atrás de nós três. Tentei voltar a andar, porém meu tornozelo estava inchado, do tamanho de uma toranja. O Sr. Kadam o envolveu com uma atadura elástica antes de comermos, deu-me ibuprofeno para reduzir o inchaço e me fez elevar o pés, mas eu precisava de gelo. O local ainda latejava. Kishan me deixou andar um pouco porque eu estava teimando, no entanto insistiu que eu usasse seu braço como apoio. Ren passou perto de mim, no entanto, quando estendi a mão para tocar sua cabeça, ele rosnou baixinho. Kishan rapidamente se colocou entre nós dois.

– Kishan? O que há de errado com ele?

– Ele não está... em seu estado normal, Kells.

– É como se ele não me conhecesse.

Kishan tentou me consolar:

– Ele provavelmente está reagindo a você como um animal ferido. Tem a ver com autoproteção. Perfeitamente natural.

– Mas quando vocês dois foram feridos na selva antes, eu cuidei de vocês. Nenhum dos dois tentou me machucar ou me atacar. Vocês sempre souberam quem eu era.

– Ainda não sabemos o que Lokesh fez com ele. Tenho certeza de que ele vai sair dessa à medida que seus ferimentos forem se curando. Até lá, quero que você fique sempre perto de mim ou do Sr. Kadam. Um tigre ferido é uma criatura muito perigosa.

– Está bem – concordei, relutante. – Não quero causar a ele nenhuma dor além daquela que ele já está sentindo.

Depois de me permitir mais alguns minutos dolorosamente lentos de

caminhada, Kishan me pegou no colo. Quando protestei, dizendo que o deixaria exausto, ele zombou, afirmando que poderia me carregar durante dias sem se sentir cansado. Dormi em seus braços enquanto andávamos pela selva. Quando paramos, ele me colocou com delicadeza no chão. Oscilei e os braços de Kishan em meus ombros foram a única coisa que me mantiveram em pé.

– Sr. Kadam, que lugar é este?

– É uma represa artificial chamada Maithan. Nosso transporte deve chegar em breve.

Logo depois ouvimos o barulho de hélices quando um pequeno avião sobrevoou o ponto onde estávamos, seguindo para o lago. Corremos para a margem coberta de seixos e observamos o avião aterrissar na água lisa e iluminada pela lua. O Sr. Kadam acenou com uma luz de neon e entrou no lago escuro. Kishan me conduziu para lá, mas hesitei, olhando o tigre branco.

– Não se preocupe, Kells. Ele sabe nadar.

Kishan esperou que eu fosse na frente. A água estava fria e serviu para aliviar a dor em meu tornozelo. Enquanto o avião deslizava, aproximando-se da margem, mergulhei até o pescoço e comecei a nadar. O Sr. Kadam já estava de pé nos flutuadores do avião, segurando-se na porta. Ele se inclinou e agarrou minha mão, me ajudando a subir. Nilima sorriu para mim do assento do piloto e indicou com a mão o lugar ao seu lado.

Desculpando-me por molhá-la, acomodei-me enquanto Kishan embarcava e então observei o tigre branco nadando. Ao se aproximar do avião, Ren voltou à forma humana e subiu, ocupando o assento perto de Kishan, no fundo. O Sr. Kadam fechou a porta e afivelou o cinto de segurança na poltrona ao lado da minha.

– Segurem-se todos – advertiu Nilima.

Um súbito deslocamento nos impulsionou adiante quando as hélices aceleraram ruidosamente. Ganhamos velocidade, quicamos na água algumas vezes e então alcançamos o céu noturno. Ren havia mudado mais uma vez para a forma de tigre. Ele fechara os olhos e descansava a cabeça no colo de Kishan. Sorri brevemente para Kishan. Ele retornou meu olhar em silêncio e olhou pela janela.

O Sr. Kadam nos cobriu com um cobertor. Descansei a cabeça em seu ombro molhado e adormeci ao ronco monótono de nosso hidroavião.



Histórias de guerra

Acordei quando o avião aterrissou na água de um pequeno lago, que aparentemente era adjacente à propriedade de Ren e Kishan. Nilima desligou os motores e Kishan saltou para o píer e prendeu as cordas a fim de segurar a aeronave. O Jeep estava estacionado ali perto.

Àquela altura, minhas roupas estavam quase secas, sujas e muito desconfortáveis. O Sr. Kadam me ofereceu a oportunidade de trocá-las, dizendo que poderia criar roupas novas com o Lenço Divino, mas recusei quando ele mencionou que estávamos a apenas 10 minutos de casa.

O Sr. Kadam dirigiu, enquanto os garotos se acomodaram na traseira e Nilima se apertou comigo no banco da frente. Ren permanecia como tigre e parecia contente apenas quando Kishan estava por perto. Em casa, o Sr. Kadam sugeriu que eu tomasse uma ducha quente e dormisse, mas o dia já estava amanhecendo e, embora eu estivesse exausta, queria conversar com Ren.

A única coisa que me convenceu a deixá-lo foi a pressão que tanto o Sr. Kadam quanto Kishan fizeram sobre mim. Ren ainda precisava de tempo para se curar e seria melhor que ele se mantivesse como tigre por enquanto, argumentavam eles. Concordei em tomar banho logo, mas disse-lhes que desceria logo em seguida para ver como ele estava. Kishan me carregou até o quarto, me ajudou a tirar os sapatos e removeu a atadura elástica. Então me deixou no banheiro, fechando a porta silenciosamente ao sair.

Minhas mãos estavam trêmulas. Manquei até o chuveiro e liguei a água quente. *Ele está aqui! Em segurança! Conseguimos. Vencemos Lokesh e não perdemos ninguém.* Eu me sentia nervosa. Quando entrei embaixo da água, perguntei-me o que deveria dizer primeiro para Ren. Tinha tantas coisas para lhe contar. Meu corpo doía. Eu sentia

uma fisgada no ombro que fora atingido por uma caixa pesada e agora estava ficando roxo.

Tentei tomar um banho rápido, mas cada movimento era uma agonia. Eu não havia sido talhada para isso. Rolar no chão e na sujeira não era para mim. Ocorreu-me o pensamento de que eu deveria ter sentido dor em Kishkindha e Shangri-lá. Eu deveria estar muito machucada depois da batalha com os pássaros. Eu me curara lá. Rapidamente. A não ser pela mordida do *kappa*, eu me curara nesses lugares mágicos.

Ren parecia estar se recuperando, mas eu imaginava que suas feridas não fossem apenas físicas. Ele passara por tanta coisa... Eu não sabia como ele tinha conseguido sobreviver, porém me sentia extremamente grata por isso. Teria que agradecer a Durga por ajudá-lo. *Ela certamente cumpriu sua promessa. Manteve meu tigre em segurança.*

Fechei a torneira, saí do chuveiro e lentamente vesti meu velho pijama de flanela. Eu queria me apressar, mas até escovar o cabelo doía. Trancei-o, impaciente, e manquei a uma velocidade de lesma até a porta do quarto. Encontrei Kishan do outro lado, me esperando, com as costas apoiadas na parede e os olhos fechados.

Ele também tomara um banho e trocara de roupa. Sem nenhuma palavra, me pegou nos braços e me carregou para o andar térreo, para a sala do pavão. Acomodou-me na poltrona de couro perto do Sr. Kadam antes de se sentar de frente para mim, ao lado de Nilima. Ren ainda estava na forma de tigre, deitado aos pés de Nilima, enquanto eles conversavam baixinho.

O Sr. Kadam, dando tapinhas no meu braço, disse:

– Ele ainda não mudou, Srta. Kelsey. Talvez tenha ficado como homem tempo demais.

– Tudo bem. O importante é ele estar aqui agora.

Fiquei olhando meu tigre branco. Ele havia erguido a cabeça brevemente quando entrei na sala e então deitou-a de novo sobre as patas e fechou os olhos. Eu não podia deixar de me sentir decepcionada por ele não estar deitado perto de mim. O simples fato de tocar-lhe o pelo já teria sido reconfortante, mas então eu me repreendi: *Eu deveria estar mais preocupada com ele do que comigo. Eu não fui torturada meses a fio. O mínimo que posso fazer é não pressioná-lo.*

Nilima queria saber de tudo que acontecera e o Sr. Kadam achou

que seria uma boa ideia se todos partilhássemos nossas histórias de modo que pudéssemos ouvir as diferentes partes de nossa aventura. Nilima concordou em preparar a comida e pediu minha ajuda. Kishan queria ficar com Ren, que parecia estar dormindo. Disse que era melhor deixar os tigres adormecidos quietos, por enquanto.

Ele me carregou até a cozinha e me colocou numa banqueta antes de voltar para a biblioteca. Nilima separou ingredientes para fazer omeletes e rabanadas e me atribuiu a tarefa de ralar o queijo e picar cebolas e pimentões. Trabalhamos em silêncio por um tempo, mas percebi que ela me olhava.

– Estou bem, Nilima, de verdade. Não precisa se preocupar comigo. Não sou tão frágil quanto Kishan me faz parecer.

– Ah, não é isso. Não acho que você seja nada frágil. Na verdade, acho que você é uma pessoa muito corajosa.

– Então por que está me olhando tanto?

– Você é... especial, Srta. Kelsey.

Ri o máximo que meu maxilar dolorido me permitiu.

– Como assim?

– Você é mesmo o centro. É o que mantém esta família unida. Meu avô estava tão... desesperado antes de você aparecer. Você o salvou.

– Acho que o Sr. Kadam está muito mais habituado a *me* salvar.

– Não. Nós nos tornamos uma família quando você se tornou parte de nossas vidas. Embora exista perigo, ele nunca se sentiu tão realizado e feliz como quando você está aqui. Ele a ama. Todos eles a amam.

Constrangida, eu disse:

– E você, Nilima? Quer mesmo essa vida maluca? Em algum momento você desejou uma vida livre de espionagem e perigos?

Ela sorriu enquanto colocava óleo na frigideira e punha quatro fatias de rabanada para fritar.

– Meu avô precisa de mim. Como posso abandoná-lo? Eu não poderia deixá-lo sozinho e sem amparo. Também tenho minha família, é claro. Meus pais me perguntam por que ainda não me casei e por que sou tão dedicada à minha carreira. Eu lhes digo que fico feliz em servir. Na verdade, eles não compreendem, mas aceitam. Vivem confortavelmente graças à ajuda do meu avô.

– Eles sabem do parentesco que têm com ele?

– Não. Isso eu não contei a eles. Levou muito tempo para que meu

avô me confiasse seu segredo. Eu não o partilharia sem o seu conhecimento.

Ela bateu os ovos, acrescentou um pouco de creme de leite e começou a fazer a primeira omelete. Havia alguma coisa confortadora e acolhedora em estar na cozinha, preparando a comida com outra mulher.

– Agora que você está aqui – disse Nilima –, vejo que ele talvez finalmente encontre descanso. Talvez ele possa enfim deixar de lado suas preocupações, sua grande responsabilidade com os príncipes. Tenho muito orgulho de contar com um antepassado assim tão abnegado e me sinto honrada por conhecê-lo.

– Ele é uma pessoa muito nobre. Eu não conheci nenhum dos meus avôs. Teria tido muito orgulho de tê-lo como avô também.

Ficamos em silêncio enquanto terminávamos de preparar a refeição. Pedi néctar de flor adoçado com mel como bebida e fatiei o melão. Nilima terminou de preparar os pratos, colocou-os numa grande bandeja e a carregou para a sala do pavão. Kishan voltou para me pegar e o Sr. Kadam juntou-se a nós um instante depois. O tigre branco ergueu a cabeça e farejou.

Coloquei um prato gigante de ovos no chão diante dele. Ele começou a lamber o prato imediatamente, empurrando os ovos de um lado para outro até conseguir de alguma forma abocanhá-los. Aproveitei a oportunidade e lhe fiz um carinho na cabeça, coçando atrás de suas orelhas. Ele não rosnou dessa vez e inclinou a cabeça para a minha mão. Então devo ter tocado em algum ponto sensível, pois seu peito roncou baixinho.

Tentei tranquilizá-lo.

– Está tudo bem, Ren. Eu só queria dizer oi e dar seu café da manhã. Sinto muito se o machuquei.

Kishan se inclinou para a frente e disse:

– Kells, *por favor*. Afaste-se.

– Eu vou ficar bem. Ele não vai me machucar.

Meu tigre branco se levantou e se aproximou de Kishan. Isso me doeu. Não pude deixar de me sentir traída, como se o bichinho de estimação da família tivesse se voltado contra mim e tentado morder minha mão. Eu sabia que estava sendo irracional, mas suas atitudes me feriam. Ele pôs uma pata de cada lado do prato e me fitou até eu baixar os olhos. Então ele retomou seu café da manhã.

O Sr. Kadam acariciou minha mão e disse:

– Vamos saborear nossa refeição e partilhar com Nilima o que aconteceu. Tenho certeza de que Ren também gostará de ouvir.

Assenti e empurrei a comida de um lado para outro no prato. De repente, estava sem fome.

– Descemos de paraquedas numa clareira a alguns quilômetros do acampamento dos baigas e andamos até lá – começou Kishan. – Um ex-piloto que costumava trabalhar para o Sr. Kadam nas Linhas Aéreas Tigre Voador concordou em nos deixar lá. Ele nos levou num daqueles antigos aviões militares da Segunda Guerra Mundial, que mantém em boas condições.

Nilima assentiu, bebericando o néctar.

Kishan esfregou o maxilar.

– O sujeito devia ter pelo menos 90 anos. A princípio duvidei que o homem idoso ainda fosse capaz de pilotar, mas ele certamente provou sua habilidade. A queda foi suave e sem esforço, apesar do fato de Kelsey quase não ter saltado.

– Não foi igual ao treinamento – objetei, em minha defesa.

– Você saltou três vezes durante o treinamento e também comigo em Shangri-lá e em todas as vezes se saiu bem.

– Aquilo era diferente. Era de dia e eu não tinha que... que *guiar*.

Ele explicou:

– Durante o treinamento, saltamos em dupla. – Frustrado, ele levantou a voz. – Você sabia que era só pedir. Eu teria saltado *com* você, mas você teimou que tinha que fazer aquilo sozinha.

– Bem, se você não tivesse sido tão... *abusado* no salto em dupla...

– E se você não fosse tão paranoica com medo de que fosse tocá-la...

– Não teria nenhum problema! – dissemos os dois ao mesmo tempo.

Minha voz soou aguda, em pânico, enquanto eu fuzilava Kishan com o olhar.

– Podemos prosseguir, por favor?

Kishan estreitou os olhos, lançando-me um olhar que dizia que continuaríamos essa discussão mais tarde.

– Como eu disse, Kelsey quase não saltou a tempo. Kadam foi o primeiro e então tive que forçar Kelsey antes que perdêssemos o timing do salto.

– Forçar é mesmo a palavra correta – murmurei. – O que fez foi me arrastar com você.

Ele me fitou significativamente.

– Você não me deu outra opção.

Ele me oferecera, sim, uma opção. A opção de deixar tudo para lá, esquecer Ren e fugir com ele. Era isso ou saltar do avião sozinha.

Eu não tinha muita certeza se ele estava falando sério ou apenas tentando me fazer saltar. Eu acabara de abrir a boca para lhe dar um sermão sobre a distância apropriada, quando ele grunhiu, zangado, agarrou minha mão e saltou.

– Depois que chegamos à clareira – ele continuou –, assumimos nossos disfarces e seguimos caminhos separados. Eu assumi a aparência de Kelsey, usando uma réplica de seu amuleto.

– Eu assumi a aparência do criado baiga – acrescentei. – Por falar nisso, foi muito desconfortável vê-lo sendo eu, Kishan.

– Foi igualmente desconfortável *ser* você. Minha missão era procurar Lokesh e mantê-lo ocupado, então me escondi atrás de um edifício até ouvir o sinal: um rugido de tigre.

O Sr. Kadam o interrompeu.

– Esse era eu, disfarçado de tigre. Corri pela floresta para disparar algumas armadilhas e atrair os soldados.

– Certo – disse Kishan. – Kelsey começou a explodir coisas, o que afugentou qualquer soldado retardatário, e assim não encontrei quase nenhuma resistência para entrar no acampamento. Encontrar Lokesh foi outra história. Tive que tirar de combate seu cerco de guardas altamente treinados. Eliminei vários com o *chakram* e desativei as luzes antes que eles sequer me vissem. Depois disso usei minha aparência em meu benefício.

Desconfiada, perguntei:

– Como exatamente você usou a *minha* aparência em seu benefício?

Kishan abriu um largo sorriso.

– Agi como uma mulher. Eu entrei na sala tropeçando, fingi surpresa e medo e pedi a todos aqueles homens grandes e fortes que me protegessem, dizendo que havia um louco tentando me matar com um disco dourado. Você sabe, pisquei os olhos e flertei com eles. Coisas de mulher.

Cruzei os braços e fuzilei Kishan com o olhar.

– Sei. Por favor, continue.

Kishan suspirou e correu a mão pelos cabelos.

– Antes que você fique toda ofendida, que é sua reação padrão a mim, pode parar, porque sei o que está pensando.

Cruzei os braços sobre o peito.

– É mesmo? E o que é que eu estou pensando?

– Que eu estou tentando estereotipar as mulheres, você em particular. – Ele ergueu as mãos, exasperado. – Você não é assim, Kells. Eu só estava jogando com as cartas que me foram dadas e tentando usar todos os meus recursos!

– Tudo bem quando você usa os seus próprios recursos, mas não quando está usando os meus!

– Ótimo! Da próxima vez irei como Nilima!

– Ei! – disse Nilima. – Não quero ninguém usando os meus recursos.

– Talvez seja melhor continuarmos a história – interveio o Sr. Kadam.

Kishan fez cara feia e começou a resmungar sobre mulheres em operações militares e que da próxima vez iria sozinho.

– Eu ouvi isso. Você teria sido mutilado por Lokesh sem mim.

Eu sorri, irônica.

– De fato. Cada pessoa foi vital para o nosso sucesso – disse o Sr. Kadam. – Vou passar para a minha parte e você conclui mais tarde, Kishan.

Ele se recostou na cadeira e cruzou os braços sobre o peito.

– Por mim, tudo bem.

O Sr. Kadam começou contando a Nilima como era libertador ser tigre.

– O poder do tigre está além de qualquer coisa que eu imaginara. Como não sabíamos se o Lenço Divino funcionava apenas com disfarces humanos, tínhamos testado antes a transformação em um animal. Parece que podemos mudar para a forma de Kishan ou de Ren, mas nenhum outro animal. Quando chegamos, assumi a forma do tigre negro de Kishan. E então a Srta. Kelsey enrolou o Lenço em meu pescoço antes de nos separarmos.

Ele recuperou o fôlego antes de continuar.

– Corri pela selva e encontrei várias armadilhas com isca. Ativei duas delas, o que acionou alarmes, e logo ouvi o passo dos soldados em minha perseguição. Eles dispararam armas, mas fui mais rápido. A certa altura, um grupo achou que havia me encurralado. Estavam prestes a disparar quando me transformei em homem, o que os deixou chocados e me deu um momento para acionar a armadilha. Puxei uma corda presa a um naco de carne e os soldados foram erguidos no ar

numa grande rede. Deixei-os pendurados na árvore e corri de volta ao acampamento para a segunda fase do plano. Quando cheguei ao acampamento, a Srta. Kelsey já havia destruído uma das duas torres de vigilância. Os aldeões corriam para todos os lados, temendo por suas famílias. Fiquei atrás de uma árvore e mudei de aparência mais uma vez.

Nilima se inclinou para a frente.

– Em que se transformou dessa vez?

– Assumi a forma de um deus baiga chamado Dulha Dao, que, segundo eles, ajuda a evitar doenças e acidentes. Reuni as pessoas à minha volta e lhes disse que estava ali para ajudá-las a vencer aquele estranho. Elas ficaram mais do que felizes em cooperar para derrubar *a casa do maligno*. A Sra. Kelsey deixara a *gada* num local discreto para que eu a pegasse. Normalmente, ela é pesada para mim, mas, quando a manejei como Dulha Dao, a arma se tornou leve. Com a ajuda dos aldeões, derrubamos a parede e incapacitamos os homens de Lokesh.

– Como era sua aparência? – perguntou Nilima.

Ele corou, então eu intervim.

– Ah, o Sr. Kadam estava muitíssimo bem como Dulha Dao. Ele parecia um dos homens da tribo, só que mais alto, mais corpulento e muito bonito. O cabelo era comprido e cheio e parte dele estava envolta num coque no alto da cabeça, com a outra parte descendo pelas costas.

Nilima sorriu com a minha descrição.

– Era musculoso e seu belo tórax, assim como o rosto, era coberto por tatuagens. Estava de peito nu, usando pesados colares de contas e descalço, vestindo uma saia envelope. Parecia amedrontador, mas de um jeito bom. Principalmente, imagino, quando estava brandindo a *gada*.

Quando terminei minha descrição, todos me olhavam e Nilima ria abertamente.

– *O que foi?* – perguntei, constrangida. – Está bem. Parece que eu acho atraentes os homens indianos corpulentos. O que há de errado nisso?

Kishan tinha a testa franzida. O Sr. Kadam parecia... satisfeito e Nilima dava risadinhas.

– Absolutamente nada, Srta. Kelsey. Sei que eu teria pensado a mesma coisa – disse ela.

O Sr. Kadam pigarreou.

– Sim... bem... agradeço a descrição lisonjeira, de qualquer forma. Faz muito tempo que uma mulher não me acha... corpulento.

Então eu comecei a rir e Nilima me acompanhou.

– Todos prontos para continuar? – perguntou o Sr. Kadam.

– Sim – respondemos em uníssono.

– Como eu ia dizendo, as pessoas se juntaram a mim e amarramos todos os guardas. Então seguimos para o centro de comando. As portas eram fortificadas e estavam trancadas. Revistamos os homens à procura da chave, mas não encontramos nenhuma. Foi mais fácil eu abrir um buraco na parede do que derrubar aquelas portas. Finalmente entrei no complexo e encontrei Kelsey e Kishan prostrados no chão e Lokesh em nenhum lugar à vista. A sala estava cheia de uma espécie de doce.

– Balas duras – acrescentei.

– Como isso aconteceu? – perguntou Nilima.

– Eu tinha que fazer alguma coisa e o Fruto Dourado era a única arma a que eu podia ter acesso, então pedi uma tempestade de balas duras.

– Muito inteligente. Essa nunca praticamos. Parece que funcionou bem – comentou o Sr. Kadam.

– Não teria funcionado por muito tempo. Lokesh se recupera rapidamente. A única coisa que o levou a fugir foi o senhor. O senhor e os baigas salvaram o dia.

– Então Lokesh tinha o poder de congelar vocês?

– Tinha.

– Você percebeu algum outro poder dele?

– Sim.

– Ótimo. Vamos falar sobre isso mais tarde.

– Está bem. Vou escrever sobre tudo o que aconteceu enquanto está fresco em minha memória.

– Muito bom. Continuando, depois que Kishan e Kelsey encontraram Ren, os baigas quiseram deixar o acampamento quanto antes. Pegaram tudo o que podiam carregar e seguiram em fila selva adentro. Nós os acompanhamos em parte porque eu me sentia responsável por levá-los para o mais longe possível de Lokesh e em parte porque eles seguiram na direção que precisávamos ir. Pouco antes de partirmos, Ren apanhou uma faca e perfurou a pele de seu braço.

Inclinei-me para a frente.

– Para quê?

– Para remover um dispositivo de rastreamento que Lokesh havia colocado ali.

Olhei para o meu tigre branco com simpatia. Seus olhos estavam fechados, mas as orelhas se moviam para a frente e para trás. Ele estava ouvindo.

– Seguimos com os baigas, fizemos um banquete com eles e partimos logo depois que lhe enviei o sinal, Nilima.

– O senhor representa uma divindade muito bem – brinquei.

– Bem, parece que eles acreditaram que nós quatro éramos divindades. Se eu tivesse visto as coisas que eles viram, também teria acreditado nisso.

– Eles realmente usaram magia para manter Ren preso?

– Quando falei com eles sobre isso, o *gunia* afirmou que tem, sim, poder sobre os tigres e que usou sua magia para manter Ren lá. Ele pode criar uma espécie de barreira em torno do acampamento a fim de proteger a aldeia contra ataques de tigres. No entanto, ele disse que há alguns dias o feitiço foi alterado para *atrair* tigres para a aldeia. Parece que os soldados haviam sido importunados por ataques de tigres durante toda a semana.

– Ah, então foi por isso que Kishan conseguiu entrar?

– Parece que sim.

– Isso significa que Ren poderia ter saído?

– Possivelmente, mas Lokesh também parece ter poderes próprios. Presumo que usar os baigas para conter Ren fosse apenas um plano B para o caso de ele estar distraído demais para incapacitar Ren.

– Ele é horrível – eu disse baixinho. – Ren era seu prêmio máximo, seu troféu. Que ele esperou e caçou durante séculos. Não o teria deixado escapar.

– Acho que ele perdeu o interesse em Ren – interveio Kishan. – Ele está atrás de outra pessoa agora.

O Sr. Kadam sacudiu a cabeça discretamente.

– De quem? – perguntei.

Ele não respondeu.

– De mim, não é? – perguntei, sem emoção.

Por fim, Kishan falou, dirigindo-se ao Sr. Kadam.

– É melhor que ela saiba para que esteja preparada. – Virando-se para mim, disse: – Sim. Ele está determinado a ir atrás de você, Kells.

- Por quê? Isto é, por que ele está atrás de *mim*?
- Porque ele sabe como você é importante para nós. E porque... você o derrotou.
- Aquela não era eu. Era você.
- Mas ele não sabe disso.

Kishan me lançou um olhar significativo.

Gemi baixinho e ouvi apenas parcialmente quando Kishan começou a descrever nossa briga com Lokesh. Eu só comentava quando Kishan esquecia alguma coisa.

Ren agora nos observava e ouvia atentamente o que dizíamos. Coloquei meu prato com a comida intacta no chão, esperando que ele estivesse interessado. Ele me observou com curiosidade e então se levantou e se aproximou alguns passos.

Por fim, comeu os ovos, mas empurrou as rabanadas de um lado para outro, sem conseguir colocá-las na boca. Com cautela, usei meu garfo para apanhar uma fatia grossa. Ele a puxou delicadamente do garfo e a engoliu de uma só vez. Fiz o mesmo com a outra. Depois de lamber o prato, deixando-o limpo, Ren se deitou perto de Kishan e começou a lamber o açúcar das patas.

Kishan ficara quieto e, quando ergui os olhos, vi que me observava. Seus olhos se enrugaram nos cantos com um leve toque de tristeza. Desviei o olhar. Ele franziu a testa e recomeçou a falar. Quando chegou à parte em que Lokesh ameaçou me matar, fazendo parar meu coração, eu o interrompi e esclareci:

- Lokesh não estava falando de mim.
- Estava sim, Kells. Ele devia saber quem você era. Ele disse: “Vou matá-lo, parar o coração dele.”
- Sim, mas por que *você*, disfarçado como *Kelsey*, estaria preocupado *comigo*, em meu disfarce de criado baiga? Ele disse *matá-lo*, não *matá-la*. Ele pensou apenas que eu fosse um traidor.
- Mas a ameaça de Lokesh matar você foi a razão de eu ter parado.
- Pode ter sido essa a razão de você soltá-lo, mas ele não estava me ameaçando.
- Então quem ele estava ameaçando?
- Olhei para baixo, para o tigre branco, e senti meu rosto se inflamar.
- Ah – disse ele, vagamente. – Ele estava ameaçando *Ren*. Gostaria de ter entendido isso.
- Sim, ele estava ameaçando Ren. Ele sabia que eu não faria nada

para prejudicá-lo.

– Claro que você não faria.

– O que está insinuando? E o que você quis dizer ao afirmar que gostaria de ter entendido isso? Que não teria *parado*?

– Não. Sim. Talvez. Eu não sei o que teria feito. Não posso prever como teria reagido.

O tema de nossa discussão aguçou os ouvidos do tigre. Ele olhou para mim.

– Bem, então fico feliz que você tenha entendido mal. Caso contrário, Ren talvez não estivesse aqui neste momento.

Kishan suspirou.

– *Kelsey*.

– *Não!* É bom saber que você estaria disposto a sacrificá-lo!

O Sr. Kadam se remexeu na cadeira.

– Não teria sido uma decisão fácil para ele, Srta. Kelsey. Ensinei aos dois garotos que, embora cada indivíduo seja de grande importância, às vezes é necessário fazer sacrifícios pelo bem de todos. Se ele tivesse a oportunidade de livrar o mundo de Lokesh, sua primeira reação teria sido pôr fim à vida do tirano. O fato de ele ter se contido fala da profundidade da emoção que sentia no momento. Não faça mau juízo dele.

Kishan se inclinou para a frente, juntando os dedos, e fitou o chão.

– Eu sei quanto ele significa para você. Estou certo de que teria tomado a mesma decisão se soubesse que Lokesh estava falando de Ren e não de você.

– Tem certeza disso?

Ele ergueu os olhos para os meus e trocamos pensamentos silenciosos. Ele sabia o que eu estava perguntando. Havia mais em minha pergunta do que o Sr. Kadam e Nilima percebiam. Eu estava perguntando a Kishan se ele conscientemente deixaria o irmão morrer para se assegurar de que teria a vida que queria ter. Seria fácil para ele ocupar o lugar de Ren, caso o irmão não estivesse mais aqui. Eu estava lhe perguntando se ele era esse tipo de homem.

Kishan me estudou, pensativo, por alguns segundos e então, com absoluta sinceridade, disse:

– Eu prometo a você, Kelsey, que irei protegê-lo com a minha vida até o fim dos meus dias.

Seus olhos dourados brilharam e perfuraram os meus. Ele falava

sério e eu de repente percebi que ele havia mudado. Não era o mesmo homem que eu encontrara na selva um ano antes. Perdera a atitude cínica, rabugenta e triste. Era um homem lutando por sua família, por um propósito. Ele nunca mais cometeria o mesmo erro que cometera com Yesubai. Olhando em seus olhos, eu soube que, independentemente do que acontecesse em nosso futuro, eu poderia contar com ele para qualquer coisa.

Pela primeira vez desde que o conhecera, vi o manto de um príncipe cair sobre seus ombros. Ali estava um homem que se sacrificaria pelos outros. Ali estava um homem que cumpriria seu dever. Ali estava um homem que reconhecia suas fraquezas e se esforçava para superá-las. Ali estava um homem me dizendo que eu poderia escolher outro e que ele cuidaria de nós e nos protegeria, mesmo que isso lhe partisse o coração.

– Eu... peço desculpas por duvidar de você – gaguejei. – Por favor, me perdoe.

Ele me dirigiu um sorriso triste.

– Não há nada para perdoar, *bilauta*.

– Posso continuar a história a partir daqui? – perguntei baixinho.

– Por que não? – respondeu ele.

A primeira coisa que contei a Nilima foi como usei o Fruto Dourado para deter os veículos, enchendo os tanques de gasolina com pão de ló, e as armas, obstruindo-as com cera de abelha. O problema era que isso só funcionara nas armas e nos carros que eu podia ver. Fora por isso que Lokesh conseguira escapar em seu carro e os homens que eu não podia ver ainda tinham armas que funcionavam.

Descrevi a chuva de balas duras, como Lokesh escapara e como Fanindra nos levava até Ren. Então falei sobre o encontro *comigo*. contei a ela que havia me disfarçado como o criado baiga que estava ajudando Lokesh, provável motivo por que Ren me deu um soco na cara. Expliquei que o criado havia sido forçado a trabalhar com Lokesh e que tinha tosquiado o cabelo como sinal de arrependimento, oferecendo-o a Ren ao implorar por seu perdão.

Descrevi em grande detalhe o banquete baiga e contei a Nilima sobre as duas mulheres que foram oferecidas como esposas para os meus *filhos*. Ela revirou os olhos e se solidarizou comigo enquanto bebia seu néctar. Acrescentei que parecia que Kishan queria uma das irmãs como esposa, mas Ren havia discutido com ele.

Kishan fez cara feia.

– Eu lhe disse que não foi isso que aconteceu.

– Então o que foi que aconteceu?

Pelo canto do olho, peguei o Sr. Kadam mais uma vez sacudindo a cabeça discretamente e voltei-me rápida para ele.

– O que foi agora? O que vocês dois não querem me dizer?

O Sr. Kadam mais que depressa tentou me tranquilizar.

– Nada, Srta. Kelsey. É só que – ele fez uma pausa, pouco à vontade – foi considerado muito rude de nossa parte rejeitar as mulheres e os garotos estavam tentando demonstrar sua relutância a fim de apaziguar os líderes da tribo.

– Ah.

O Sr. Kadam e Kishan se fitaram. Kishan desviou o olhar com uma expressão de desagrado, irritação e impaciência. Olhei para Nilima, que parecia confusa. Ela observava o Sr. Kadam com atenção.

– Está acontecendo alguma coisa estranha aqui – eu disse – e me sinto muito cansada para tentar descobrir o que é, mas tudo bem. Na verdade, não ligo mesmo para as duas mulheres. O assunto já foi encerrado. Temos Ren de volta e isso é tudo que importa.

Nilima pigarreou e se levantou. Reuniu a louça e estava levando a bandeja para a cozinha, para lavá-la, quando Ren decidiu assumir a forma humana. Todos na sala se imobilizaram. Ele nos olhou, um de cada vez, e então sorriu para Nilima.

– Posso ajudá-la com isso? – perguntou educadamente.

Ela fez uma pausa e sorriu, assentindo com a cabeça. Todos nós o fitamos, em expectativa, esperando que falasse conosco, mas, em vez disso, ele ajudou Nilima a levar tudo para a cozinha em silêncio. Nós o ouvimos perguntar a ela se gostaria de ajuda com a louça. Ela disse que cuidaria disso sozinha e indicou que os outros, referindo-se a nós, provavelmente gostariam de conversar com ele um pouco. Ele entrou na sala, hesitante, e avaliou a expressão de nós três.

Então se sentou perto de Kishan e disse em voz baixa:

– Por que tenho a sensação de estar diante da Inquisição Espanhola?

– Só queremos nos assegurar de que você está realmente bem – disse o Sr. Kadam.

– Estou relativamente bem.

Suas palavras pairaram no ar e imaginei que o restante de sua frase fosse *para um homem que foi torturado durante meses*.

Eu me arrisquei:

– Ren, eu sinto... *tanto*. Não devíamos tê-lo deixado lá. Se eu soubesse naquele momento que tinha o poder do raio, poderia tê-lo salvo. Foi minha culpa.

Ren estreitou os olhos e me estudou.

– Você não teve culpa de nada, Kells – Kishan me contradisse. – Ele a empurrou para mim. Foi tudo decisão dele. Queria que você ficasse em segurança. – Ele fez um gesto de cabeça para Ren. – Diga a ela.

Ren olhou para o irmão como se este estivesse falando alguma coisa sem sentido.

– Eu não me lembro do episódio da mesma forma que você – observou ele –, mas se é o que diz...

Ren deixou que suas palavras morressem e me olhou com curiosidade, mas não de uma forma positiva. Era como se eu fosse uma criatura estranha e nova que ele encontrara na selva e ainda não se decidira se devia me devorar ou brincar me jogando de uma pata para outra. Ao me estudar abertamente, ele franziu o nariz, como se farejassem alguma coisa desagradável, e então falou com o Sr. Kadam:

– Obrigado por me salvar. Eu deveria saber que traçaria um plano para me libertar.

– Na verdade, foi a Srta. Kelsey quem teve a ideia de que eu personificasse uma divindade. Sem o Lenço Divino que ela e Kishan foram buscar, não teríamos conseguido resgatar você. Eu não tinha a menor ideia de onde encontrá-lo. Somente por meio da visão, na qual estava o criado baiga, conseguimos descobrir onde Lokesh estava mantendo você. E apenas com as armas que nos foram dadas por Durga fomos capazes de dominar os guardas.

Ren assentiu e sorriu para mim.

– Parece que tenho com você uma dívida de gratidão. Obrigado por seus esforços.

Alguna coisa estava errada. Ele não parecia o Ren que eu conhecia. Sua atitude em relação a mim era fria, distante. Kishan nem olhava para Ren.

Ficamos todos ali, sentados em silêncio. A tensão, densa, propagava-se entre nós. De repente me vi invejando Nilima, que estava na cozinha. Havia certamente um problema no ar e em nada ajudava ver os três homens ali me olhando com perguntas e preocupação nos olhos. Primeiro eu precisava falar com Ren. Depois que tivéssemos nos entendido, eu passaria para Kishan.

Ergui as sobrancelhas significativamente para o Sr. Kadam e ele

enfim compreendeu minha mensagem não dita. Ele pigarreou e anunciou:

– Kishan, você se importa de me ajudar a mudar um móvel de posição no meu quarto? É pesado demais para que eu o levante sozinho.

Ren se levantou e disse:

– Eu não me importo de ajudar. Kishan pode ficar.

O Sr. Kadam sorriu.

– Por favor, sente-se e descanse um pouco mais. Kishan e eu damos conta e acredito que a Srta. Kelsey gostaria de falar com você sozinho.

– Eu acho que ainda não é seguro... – começou Kishan.

Meus olhos estavam fixos em Ren.

– Está tudo bem, Kishan. Ele não vai me machucar.

Kishan se levantou e encarou Ren, que assentiu e disse:

– Não vou machucá-la.

Kishan suspirou, me pegou com cuidado e me acomodou no sofá, perto de Ren. Antes de sair, ele avisou:

– Estarei por perto. Se precisar de mim, é só gritar. – Então voltou-se para Ren e ameaçou: – *Não* a machuque. Estarei de ouvidos atentos.

– Você *não* vai ficar ouvindo nossa conversa – eu disse.

– Vou, sim.

Fechei a cara. Kishan me olhou enquanto saíam, mas eu o ignorei. Finalmente eu estava sozinha com Ren. Tinha tantas coisas para dizer a ele... só que não sabia como agir. Seus olhos azul-cobalto me avaliavam como se eu fosse um pássaro estranho que de repente pousasse em seu braço. Esquadrinhei seu rosto bonito e então falei:

– Se não estiver muito cansado, gostaria de conversar com você um minuto.

Ele deu de ombros.

– Como quiser.

Acomodei minha perna com cuidado na almofada de modo a ficar de frente para ele.

– Eu... eu senti tanto a sua falta. – Ele ergueu uma sobrancelha. – Tenho tanta coisa para lhe dizer que não imagino nem por onde começar. Sei que está cansado e provavelmente ainda sente dor, portanto serei breve. Queria dizer que sei que você precisa de tempo para se recuperar e que entendo se preferir ficar sozinho agora. Mas estou aqui se precisar de mim.

Respirei fundo e continuei:

– Posso ser uma boa enfermeira, mesmo que você seja rabugento. Vou lhe trazer canja e biscoitos de chocolate com manteiga de amendoim. Vou ler Shakespeare ou poemas ou o que você quiser. Podemos começar com *O conde de Monte Cristo*. – Tomei sua mão entre as minhas. – Por favor, é só você me dizer do que precisa e terei prazer em providenciar.

Ele retirou a mão delicadamente e disse:

– É muita gentileza sua.

– Isso não tem nada a ver com gentileza. – Aproximei-me dele e segurei seu rosto entre as mãos. Ele respirou fundo quando eu disse: – Você é meu porto seguro. Eu te amo.

Eu não queria pressioná-lo, mas precisava dele. Tínhamos ficado separados por muito tempo e finalmente ele estava aqui e eu podia tocá-lo. Inclinei-me para a frente e o beijei. Ele ficou rígido, surpreso. Meus lábios se uniram aos seus e senti a umidade das lágrimas em meu rosto. Envolvi seu pescoço com os braços e deslizei para mais perto até estar quase sentada em seu colo.

Um de seus braços estava esticado, apoiado no sofá, atrás de nós, e sua outra mão descansava em sua coxa. Ele parecia distante. Não me abraçou nem correspondeu ao meu beijo. Beijei-lhe o rosto e enterrei o rosto em seu pescoço, inalando seu cheiro morno de sândalo.

Depois de um momento, eu me afastei e deixei os braços caírem, desajeitados, no meu colo. Sua expressão de surpresa permaneceu. Ele tocou os próprios lábios e sorriu.

– Esse, sim, é o tipo de boas-vindas que um homem gosta de receber.

Eu ri, delirante de felicidade por ele estar de volta. Livrei-me das dúvidas e preocupações, percebendo que ele provavelmente só precisava de algum tempo para voltar a se sentir uma pessoa normal antes de poder fazer parte de um relacionamento outra vez. Ele gemeu de dor e eu me afastei para lhe dar mais espaço. Ele pareceu bem mais à vontade depois disso.

– Posso lhe fazer uma pergunta? – disse ele.

Tomei sua mão nas minhas e beijei sua palma. Ele observou minha atitude, intrigado, e retirou a mão.

– Claro que pode – respondi.

Ele estendeu a mão, puxando de leve minha trança, e girou a fita entre os dedos.

– Quem é você?



O pior aniversário de todos os tempos

Com um patético risinho nervoso, eu o repreendi:

- Isso não tem graça, Ren. Como assim *quem sou eu*?
- Por mais que eu aprecie suas proclamações de devoção eterna, acho que você deve ter batido a cabeça ao lutar com Lokesh. Ou me confundido com outra pessoa.
- Confundido você com outra pessoa? Não mesmo. Você é Ren, não é?
- Sim. Meu nome é Ren.
- Certo. *Ren*. O cara por quem estou loucamente apaixonada.
- Como pode declarar seu amor por mim se eu nunca havia posto os olhos em você?
- Você está com febre? – perguntei, tocando sua testa. – Tem alguma coisa errada? Será que *você* bateu a cabeça?
- Examinei seu crânio com os dedos, à procura de alguma protuberância. Ele retirou delicadamente minhas mãos de sua cabeça.
- Eu estou bem, hã... Kelsey, não é? Não tem nada errado com a minha cabeça e eu não estou com febre.
- Então por que não se lembra de mim?
- Provavelmente porque nunca a vi antes.

Não. Não. Não. Não. Não. Não! Isso não pode estar acontecendo!

– Nós nos conhecemos há quase um ano. Você é meu... meu namorado. Lokesh deve ter feito alguma coisa! Sr. Kadam! Kishan! – gritei.

Kishan entrou correndo na sala, como se sua cauda estivesse pegando fogo. Ele empurrou Ren, enfiando-se entre nós. Rapidamente

me pegou no colo e me colocou na cadeira mais distante de Ren.

– O que foi, Kells? Ele machucou você?

– Não, não. Não foi nada disso. Ele não me conhece! Ele não se lembra de mim!

Kishan desviou os olhos, com sentimento de culpa.

– Você *sabia*! Você sabia disso e escondeu de mim?

O Sr. Kadam entrou na sala.

– Nós dois sabíamos.

– O quê? E por que não me contaram?

– Não queríamos assustá-la. Pensamos que pudesse ser apenas um problema temporário que se resolveria sozinho quando ele ficasse bom– explicou o Sr. Kadam.

Apertei o braço de Kishan.

– Então, com as mulheres baigas...

– Ele queria aceitá-las como esposas – explicou Kishan.

– É claro. Agora tudo faz sentido.

O Sr. Kadam sentou-se perto de Ren.

– Você ainda não consegue se lembrar dela?

Ren deu de ombros.

– Eu nunca tinha visto esta jovem até ela, ou Kishan, eu acho, surgir diante da minha jaula e me resgatar.

– Isso! Uma jaula. Foi numa jaula que nos vimos pela primeira vez. Lembra? Você estava no circo. Era um tigre de circo e eu desenhei você e li para você. Eu ajudei a libertá-lo.

– Lembro do circo, mas você nunca esteve lá. Lembro que eu mesmo me soltei.

– Não. Você *não podia*. Se tivesse a capacidade de se libertar, por que não teria feito isso séculos antes?

Ele franziu a testa.

– Não sei. Tudo de que me lembro é de sair da jaula, ligar para Kadam e ele ir até lá para me trazer para a Índia.

O Sr. Kadam o interrompeu.

– Você se lembra de ir ver Phet na selva? De discutir comigo sobre levar a Srta. Kelsey com você?

– Eu me lembro de discutir com você, mas não sobre ela. Eu discutia sobre ir ver Phet. Você não queria que eu perdesse meu tempo, mas eu achava que não havia outro jeito.

Perturbada e emotiva, eu disse:

– E quanto a Kishkindha? Eu estava lá com você também.

– Eu me lembro de estar sozinho.

Confusa, perguntei:

– Como pode ser? Você se lembra do Sr. Kadam? E também de Kishan? E de Nilima?

– Sim.

– Então só não reconhece a mim?

– Parece que sim.

– E quanto ao baile do dia dos namorados, a luta com Li, os biscoitos de chocolate com manteiga de amendoim, os filmes a que assistimos, a pipoca, o Oregon, as aulas na faculdade, a ida à Tillamook? Tudo isso simplesmente... desapareceu?

– Não exatamente. Eu me lembro de lutar com Li, de comer biscoitos, da Tillamook, de filmes e do Oregon, mas não me lembro de você.

– Quer dizer que você foi para o Oregon sem nenhum motivo?

– Não. Fui para cursar a faculdade.

– E o que você fazia no tempo livre? Quem estava com você?

Ele franziu a testa, como se estivesse se concentrando.

– Ninguém a princípio e depois Kishan.

– Você se lembra de lutar com Kishan?

– Sim.

– Por que estavam lutando?

– Não consigo me lembrar. Ah, espere! Biscoitos. Brigamos por causa de biscoitos.

As lágrimas afloraram aos meus olhos.

– Isso é uma piada cruel. Como uma coisa dessas pode ter acontecido?

O Sr. Kadam se levantou e deu tapinhas em minhas costas.

– Não sei. Talvez seja apenas uma perda de memória temporária.

– Acho que não – funguei, irritada. – É muito específico. É só de mim que ele não se lembra. Foi Lokesh quem fez isso.

– Suspeito que a senhorita esteja certa, mas não vamos perder as esperanças. Vamos lhe dar tempo suficiente para se recuperar de seus ferimentos antes de nos preocuparmos demais. Ele precisa descansar e podemos tentar apresentá-lo a coisas que irão lhe reativar a memória.

Enquanto isso vou entrar em contato com Phet para ver se ele tem algum medicamento herbáceo que nos ajude neste caso.

Ren ergueu uma das mãos.

– Antes que vocês todos me submetam a testes, ervas e viagens pelos caminhos da memória, eu queria ter algum tempo para mim.

Com isso, ele deixou a sala. Mais lágrimas encheram meus olhos.

– Acho que eu também quero ficar um pouco sozinha – gaguejei e saí mancando.

Quando cheguei à escada, após um avanço dolorosamente lento, fiz uma pausa. Agarrei o corrimão com força, minha visão embaçada pelas lágrimas. Senti uma mão em meu ombro e me virei para enterrar o rosto molhado no peito de Kishan, soluçando. Eu sabia que não era justo procurar consolo em Kishan e chorar por seu irmão, mas não pude evitar.

Ele passou os braços sob meus joelhos e me pegou no colo. Segurando-me junto ao peito, ele me carregou escada acima. Depois de me deitar na cama, foi até o banheiro, voltou com uma caixa de lenços de papel e a colocou na mesinha de cabeceira. Kishan murmurou algumas palavras em híndi, tirou o cabelo do meu rosto, depositou um beijo em minha testa e me deixou sozinha.

No fim da tarde, Nilima veio me ver.

Eu estava sentada numa poltrona no meu quarto, agarrada ao meu tigre de pelúcia. Passara o dia chorando e dormindo. Ela me abraçou e se sentou no sofá.

– Ele não me reconhece – murmurei.

– Dê um tempo a ele. Aqui, eu trouxe um lanche para você.

– Não estou com fome.

– Você também não comeu nada no café da manhã.

Fitei-a com os olhos lacrimejantes.

– Não consigo comer.

– Tudo bem.

Ela foi até o banheiro e voltou com minha escova de cabelo.

– Vai ficar tudo bem, Srta. Kelsey. Ele está de volta e *vai* se lembrar de você.

Ela desfez a minha trança e começou a escovar meu cabelo em movimentos longos e suaves. Aquilo me confortou e me fez lembrar da minha mãe.

– Acha mesmo que ele vai?

– Acho. E mesmo que não recupere a memória, com certeza vai se apaixonar por você outra vez. Minha mãe tem um ditado que diz assim: “Um poço fundo nunca seca.” Os sentimentos dele por você são profundos demais para desaparecerem completamente, mesmo numa época de estiagem como esta.

Ri em meio às lágrimas.

– Eu gostaria de conhecer sua mãe.

– Quem sabe um dia?

Ela me deixou sozinha então e, sentindo-me melhor, desci lentamente ao primeiro andar.

Kishan andava de um lado para outro na cozinha. Ele parou quando entrei e me ajudou a caminhar. Cobri com filme plástico os pratos com a comida intocada que Nilima levava para mim, colocando-os na geladeira.

– Seu tornozelo parece melhor – disse ele após uma breve inspeção.

– O Sr. Kadam me fez colocar gelo e ficar com o pé para cima o dia todo.

– Você está bem? – perguntou.

– É. Vou ficar bem. Não foi o reencontro que eu esperava, mas é melhor do que achá-lo morto.

– Vou ajudar você. Podemos trabalhar com ele juntos.

Dizer isso deve tê-lo magoado. Mas eu sabia que ele faria isso. Ele queria que eu fosse feliz e, se me ajudar a me reconciliar com Ren me fizesse feliz, ele não pouparia esforços.

– Obrigada. Agradeço muito.

Dei um passo em sua direção e quase caí. Ele me segurou e me puxou, hesitante, para os seus braços. Ele esperava que eu o empurrasse como se tornara hábito para mim ultimamente, porém, em vez disso, eu o abracei.

Ele acariciou minhas costas, suspirou e beijou-me a testa. Nesse momento Ren entrou na cozinha. Fiquei rígida enquanto ele nos olhava, esperando que reagisse ao fato de Kishan me tocar, mas ele nos ignorou completamente, pegou uma garrafa de água e saiu sem dizer palavra.

Kishan ergueu meu queixo com o dedo.

– Ele vai recuperar a memória, Kells.

– Certo.

– Quer assistir a um filme?

- Parece uma boa ideia.
- Ótimo. Mas um filme de ação. Nada daqueles seus musicais.

Eu ri.

- Ação, é? Algo me diz que você iria gostar de *Indiana Jones*.

Ele passou o braço pela minha cintura e me ajudou a andar até a sala de cinema da casa.

Só voltei a ver Ren tarde da noite. Ele estava sentado na varanda olhando a lua. Eu me detive, perguntando-me se ele não queria ficar sozinho. Então concluí que, se quisesse, era só me pedir que o deixasse.

Quando abri a porta de correr e saí do quarto, ele inclinou a cabeça, mas não se moveu.

- Incomodo? – perguntei.
- Não. Gostaria de se sentar?
- Sim.

Ele se levantou e educadamente me ajudou a me sentar diante dele. Examinei o rosto de Ren. Suas contusões haviam quase desaparecido e o cabelo fora lavado e cortado. Vestia roupas de grife casuais, mas os pés estavam descalços. Arquejei quando os vi. Ainda estavam roxos e inchados, o que significava que haviam sido terrivelmente machucados.

- O que ele fez com seus pés?

Seus olhos seguiram o meu olhar e ele deu de ombros.

- Ele os quebrou repetidamente até parecerem sacos de feijão inchados.

- Ah – eu disse, perturbada. – Posso ver suas mãos?

Ele as estendeu e eu as peguei delicadamente nas minhas, examinando-as com cuidado. A pele dourada estava intacta e os dedos, longos e retos. As unhas, que mais cedo estavam arrancadas e cheias de sangue, agora se mostravam inteiras e saudáveis. Virei-lhe as mãos e olhei a palma. Exceto por um talho na parte interna do braço que terminava no pulso, pareciam sem danos. Uma pessoa normal que tivesse tido as mãos quebradas em tantos lugares provavelmente ficaria aleijada. No mínimo, os nós dos dedos reparados estariam inchados e enrijecidos.

Traçando o talho levemente com o dedo, perguntei:

- E isto aqui?

– Isto foi de um experimento em que ele tentou drenar todo o sangue do meu corpo para ver se eu sobreviveria. A boa notícia é que sobrevivi. Mas ele ficou bastante aborrecido por ter sujado a roupa toda de sangue.

Ele tirou as mãos das minhas bruscamente e estendeu os dois braços ao longo do encosto do banco.

– Ren, eu...

Ele ergueu uma das mãos.

– Não precisa se desculpar, Kelsey. Não foi culpa sua. Kadam me explicou tudo.

– O que ele disse?

– Disse que Lokesh estava na verdade atrás de você, que queria o amuleto de Kishan que você usa agora e que, se eu não tivesse ficado para trás para lutar, ele teria apanhado nós três.

– Ah.

Ele se inclinou para a frente.

– Fico feliz que ele tenha me levado e não a você. Você teria morrido de uma forma horrível. Ninguém merece morrer assim.

– Você foi muito nobre.

Ele deu de ombros e olhou para as luminárias da piscina.

– Ren, o que ele... fez com você?

Ele se voltou para mim e baixou o olhar até meu tornozelo inchado.

– Posso?

Assenti.

Ele ergueu minha perna delicadamente e a colocou em seu colo. Tocou a contusão arroxeadada de leve e enfiou uma almofada debaixo do pé.

– Sinto muito que você tenha se machucado. É uma pena que não se cure tão rápido quanto nós.

– Você está se esquivando da minha pergunta.

– Algumas coisas neste mundo não devem ser ditas. Já é ruim o bastante que uma pessoa tenha conhecimento delas.

– Mas falar ajuda.

– Quando eu me sentir pronto para falar, contarei a Kishan ou a Kadam. Eles estão calejados por batalhas. Já viram muitas coisas terríveis.

– Eu também estou calejada por batalhas.

Ele riu.

– Você? Não, você é frágil demais para ouvir as coisas por que passei.

Cruzei os braços.

– Não sou assim tão frágil.

– Me desculpe. Eu a ofendi. Frágil não é a palavra certa. Você é... pura demais, inocente demais, para ouvir essas coisas. Não vou contaminar sua mente com pensamentos sobre o que Lokesh fez.

– Mas isso pode ajudá-lo.

– Você já sacrificou o bastante por mim.

– Tudo o que você passou foi para me proteger.

– Eu não me lembro disso, mas, se pudesse lembrar, tenho certeza de que ainda me recusaria a lhe contar tudo.

– Provavelmente. Você pode ser muito teimoso.

– É. Certas coisas nunca mudam.

– Você está se sentindo bem para rever algumas lembranças?

– Podemos tentar. Por onde você quer começar?

– Por que não começamos do início?

Ele assentiu e eu lhe falei sobre a primeira vez que o vi no circo e sobre o trabalho que eu fazia com ele. Disse como ele escapou da jaula e dormiu no feno e eu me culpei por não ter trancado a porta. Contei-lhe sobre o poema do gato e sobre o desenho dele que fiz em meu diário. O estranho era que ele se lembrava do poema. Até o declamou para mim.

Quando terminei, uma hora havia se passado. Ele ouvira com atenção e, no fim, assentiu com a cabeça. Parecia muito interessado em meu diário.

– Posso lê-lo? – perguntou.

Mudei de posição, desconfortável.

– Acho que talvez ajude. Tem uns poemas seus nele e é um bom registro de quase tudo que fizemos. Talvez reavive alguma coisa na sua memória. Mas é melhor se preparar para muito sentimentalismo feminino.

Ele ergueu uma sobrancelha e eu me apressei a explicar:

– Nós não tivemos um início romântico e tranquilo. No começo eu o rejeitei, então mudei de ideia, depois o rejeitei novamente. Não foi a melhor das decisões, mas pensei que soubesse o que estava fazendo na ocasião.

Ele sorriu.

– “Em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor.”

– Quando você leu *Sonho de uma noite de verão*?

– Não li. Estudei um livro de frases famosas de Shakespeare na escola.

– Nunca me contou isso.

– Ah, finalmente alguma coisa que eu sei e você não. – Ele suspirou.

– Essa situação é muito confusa para mim. Peço desculpas se a magoo. Não é a minha intenção. O Sr. Kadam me contou que você perdeu seus pais. É verdade?

Assenti com a cabeça.

– Imagine se não conseguisse se lembrar de seus pais. Se tivesse ouvido histórias de um homem e uma mulher que se dissessem seus pais, mas que fossem estranhos para você. Eles teriam lembranças de você fazendo coisas de que você não se lembrava e teriam expectativas em relação a você. Acalentariam sonhos para o seu futuro, sonhos diferentes do que você talvez imagine para si mesma.

– Seria muito difícil. Eu provavelmente duvidaria do que estavam me dizendo.

– Exato. Principalmente se tivesse sido torturada física e mentalmente por meses a fio.

– Entendi.

Eu me levantei, meu coração se partia mais uma vez. Ren tocou minha mão quando passei.

– Não é minha intenção ferir seus sentimentos. Posso imaginar muitas coisas piores do que me disserem que tenho uma namorada doce e gentil da qual não consigo me lembrar. Só preciso de tempo para me acostumar à ideia.

– Ren? Você acha... quer dizer, existe alguma possibilidade... será que você pode aprender... a me *amar* novamente?

Ele me olhou pensativo por um instante e disse:

– Eu vou tentar.

Assenti, em silêncio. Ele soltou minha mão e eu me fechei em meu quarto.

Ele vai tentar.

Uma semana se passou com pouca ou nenhuma melhora. Ele não conseguia se lembrar de nada a meu respeito, apesar dos esforços de

Kishan, do Sr. Kadam e de Nilima. Começou a perder a paciência com todos, exceto com Nilima, com quem ele gostava de ficar. Imaginei que ela o importunasse menos com aquela história. Ela não me conhecia tão bem quanto os outros e falava de coisas de que ambos se lembravam.

Fiz todos os pratos de que ele gostava no Oregon, inclusive meus biscoitos de chocolate com manteiga de amendoim. Na primeira vez que os comeu ele pareceu gostar, mas depois expliquei o significado daqueles biscoitos e, na segunda vez, ele demonstrou menos entusiasmo. Não queria que eu ficasse decepcionada pelo fato de ele comer e isso não estimular sua memória. Kishan aproveitou sua relutância e acabava sozinho com cada fornada que eu assava. Parei de cozinhar logo depois disso.

Uma noite desci para jantar e deparei com todos me olhando, ansiosos, na sala de jantar, que estava enfeitada com bandeirolas cor de pêssego e marfim. Um grande bolo de várias camadas descansava no centro de uma mesa lindamente decorada.

– Feliz aniversário, Srta. Kelsey! – exclamou o Sr. Kadam.

– É meu aniversário? Esqueci completamente!

– Quantos anos está fazendo, Kells? – perguntou Kishan.

– Hã... 19.

– Ah, ela ainda é um bebê, hein, Ren?

Ren assentiu e sorriu educadamente.

Kishan me deu um abraço.

– Fique sentada aqui enquanto vou pegar os presentes.

Kishan me ajudou a me sentar e então saiu para buscar os presentes. O Sr. Kadam havia usado o Fruto Dourado para me oferecer meu prato favorito: cheeseburger, batatas fritas e um milkshake de chocolate. Cada um pôde escolher seus pratos favoritos também e todos rimos e comentamos a escolha dos outros. Era a primeira vez que eu ria em muito tempo.

Depois que terminamos o jantar, Kishan anunciou que era hora da entrega dos presentes. Abri o pacote de Nilima primeiro. Era um frasco de perfume francês muito caro, que fiz passar de mão em mão.

Kishan cheirou e resmungou:

– O perfume natural dela é muito melhor.

Quando o frasco chegou a Ren, ele sorriu para Nilima e disse:

– Eu gosto.

O sorriso fácil desapareceu do meu rosto.

Em seguida, foi a vez do presente do Sr. Kadam. Ele deslizou um envelope sobre a mesa e piscou para mim quando enfiei o dedo sob a aba para abri-lo. Dentro havia a foto de um carro.

Eu a ergui.

– O que é isto?

– É um carro novo.

– Não preciso de um carro novo. Tenho o Porsche em casa.

Ele sacudiu a cabeça com tristeza.

– Não tem mais. Eu o vendi, assim como a casa, através de outra organização. Lokesh sabia dela e poderia rastreá-la até nós, então achei melhor não deixar vestígios.

Agitei a foto no ar e sorri.

– E que tipo de carro o senhor decidiu que eu preciso desta vez?

– Nada de mais, de verdade. Só um veículo para levá-la daqui para ali.

– Qual é o carro?

– Um McLaren SLR 722 Roadster.

– É muito grande?

– É um conversível.

– Cabe um tigre nele?

– Não. Só tem lugar para dois, mas os garotos agora são humanos pela metade do dia.

– Custa mais de 30 mil dólares?

Ele se remexeu e tentou se esquivar:

– Sim, mas...

– Quanto mais?

– Muito mais.

– Muito *quanto*?

– Uns 400 mil a mais.

Meu queixo caiu.

– Sr. Kadam!

– Srta. Kelsey, eu sei que é uma extravagância, mas quando o dirigir verá que vale cada centavo.

Cruzei as mãos diante do peito.

– Não vou dirigi-lo.

Ele pareceu ofendido.

– Aquele carro foi *feito* para ser dirigido.

– Então que o senhor o dirija. Eu fico com o Jeep.

Ele pareceu tentado.

– Se isso a deixa feliz, podemos partilhá-lo.

Kishan bateu palmas.

– Mal posso esperar.

O Sr. Kadam sacudiu o dedo em sua direção.

– Ah, não! Você não. Vamos comprar para você um belo sedã.

Usado.

– Eu sou um bom motorista! – protestou Kishan.

– Precisa praticar mais.

Eu os interrompi, rindo.

– Está bem. Quando o carro chegar, falaremos mais sobre ele.

– O carro já está aqui, Srta. Kelsey. Está lá na garagem. Talvez possamos dar uma volta mais tarde.

Seus olhos brilhavam de entusiasmo.

– Está bem, somente o senhor e eu. Obrigada pelo meu presente extraordinário e maravilhosamente extravagante.

Ele assentiu, feliz.

– Muito bem. – Eu sorria. – Estou pronta para o próximo presente.

– Abra o meu – disse Kishan.

Ele me entregou uma grande caixa branca amarrada com uma fita azul de veludo. Eu a abri, tirei o delicado papel e toquei um tecido azul sedoso. Eu me levantei e tirei o macio presente da caixa.

– Ah, Kishan! É lindo!

– Mandei fazer igual ao vestido que você usou no Bosque dos Sonhos. Obviamente o Lenço não pôde copiar as flores de verdade entremeadas no tecido e em vez disso incluiu flores bordadas.

Delicadas flores azuis com caules e folhas de um verde suave corriam ao longo da bainha e pela lateral até a cintura, e então continuavam do outro lado até o ombro. Fadas aladas púrpura e laranja empoleiravam-se nas folhas.

– Obrigada! Eu adorei!

Eu o abracei e lhe dei um beijo no rosto. Seus olhos dourados cintilaram de prazer.

– Obrigada a todos!

– Hã... ainda tem o meu presente. Mas certamente não é tão interessante quanto esses outros.

Ren empurrou um presente embrulhado às pressas em minha direção e não viu meu sorriso tímido, pois olhou para as próprias mãos.

O pacote continha algo mole e macio.

– O que será? Deixe-me adivinhar. Um gorro e luvas? Não, eu não precisaria disso aqui na Índia. Ah, já sei, um lenço de seda!

– Abra para que possamos ver – disse Nilima.

Rasguei o papel de presente e pisquei algumas vezes.

O Sr. Kadam se inclinou para a frente.

– O que foi, Srta. Kelsey?

Uma lágrima rolou pelo meu rosto e rapidamente a enxuguei com o dorso da mão e sorri.

– É um par de meias muito lindo.

Voltei-me para Ren.

– Obrigada. Você devia saber que eu estava precisando.

Ren assentiu e empurrou o resto de comida de um lado para outro no prato. Nilima pressentiu que havia alguma coisa errada, apertou meu braço e disse:

– Quem quer bolo?

Abri um sorriso luminoso, tentando aliviar a atmosfera.

Nilima cortou o bolo enquanto o Sr. Kadam adicionava bolas gigantes de sorvete a cada prato. Agradei aos dois e comi um pedaço de bolo.

– É de pêssego! Nunca tinha comido bolo de pêssego. Quem o fez? O Fruto Dourado?

O Sr. Kadam estava ocupado servindo mais uma bola perfeita de sorvete.

– Na verdade, Nilima e eu que fizemos – disse ele.

– O sorvete – eu sorri – é de pêssego e creme também?

O Sr. Kadam riu.

– É. Na verdade, é da fábrica que você adora. Tillamook, se não estou enganado.

Comi outro pedaço do bolo.

– Bem que reconheci o sabor. É minha marca de sorvete favorita.

Obrigada por pensar em mim.

O Sr. Kadam sentou-se para saborear seu pedaço e disse:

– Ah, bem, não foi ideia minha. Isso está planejado há muito... – Suas palavras morreram quando ele percebeu seu erro. Então tossiu, constrangido, e gaguejou: – Bem, basta dizer que não foi ideia minha.

– Ah.

Ele prosseguiu, pouco à vontade, tentando me distrair de chegar à conclusão de que meu antigo Ren havia planejado uma festa de aniversário de pêssegos e creme para mim com meses de antecedência. O Sr. Kadam começou a me falar sobre o pêssego como símbolo de vida longa na China e representação de boa sorte.

Eu me desliguei do que ele dizia. O bolo de repente ficou preso na minha garganta. Bebi um pouco de água para fazê-lo descer.

Ren empurrava o sorvete de pêssego pelo prato.

– Ainda temos aquele sorvete de chocolate com manteiga de amendoim? Não sou muito fã de pêssego com creme.

Levantei a cabeça e o olhei com choque e decepção. Ouvi o Sr. Kadam lhe dizer que estava no freezer. Ren empurrou a sobremesa de pêssego para o lado e saiu da sala. Eu fiquei ali sentada, imóvel, o garfo a meio caminho da boca.

Esperei. Logo senti a onda avassaladora de dor me arrastar. No meio do que deveria ser o céu, cercada pelas pessoas que eu amava, celebrando o dia do meu nascimento, eu vivia meu próprio inferno. Meus olhos se encheram de lágrimas. Pedi licença, me levantei e saí rapidamente. Kishan também ficou de pé, confuso.

Tentando inutilmente infundir entusiasmo na voz, perguntei ao Sr. Kadam se podíamos dar a volta de carro no dia seguinte.

– É claro – disse ele baixinho.

Subindo a escada, ouvi Kishan ameaçar Ren. Desconfiado, ele perguntou:

– O que foi que você fez?

– Eu não sei – foi a resposta sussurrada de Ren.



Desprezada

No dia seguinte acordei determinada a tentar fazer o melhor com o que tinha. Não era culpa de Ren. Ele não sabia o que fazia nem por que doía tanto em mim. Ele não se lembrava do que dissera sobre meias nem de qual era o meu cheiro nem de escolher pêssegos e creme em lugar de chocolate com manteiga de amendoim. *É só uma porcaria de sorvete! Quem se importa?*

Ninguém se lembrava dessas coisas. A não ser eu. Saí para dar uma volta no luxuoso conversível com o Sr. Kadam e tentei me sentir feliz enquanto ele discorria sobre as características do automóvel. Eu fingia participar, mas por dentro me sentia entorpecida. Estava desesperada. Tinha a sensação de estar interagindo com um dublê de Ren. Ele parecia o meu Ren e até podia falar como ele, mas faltava a centelha. Alguma coisa estava fora do lugar.

Eu havia planejado me exercitar com Kishan quando chegasse em casa, portanto troquei de roupa e atravessei a lavanderia, descendo a escada até o *dojo*. Parei quando ouvi vozes discutindo. Não era minha intenção ficar escutando, mas ouvi meu nome e não consegui sair dali.

– Você a está magoando – disse Kishan.

– Acha que não sei disso? Eu não quero magoá-la, mas não vou ser coagido a sentir algo que não sinto.

– Você não pode pelo menos tentar?

– É o que venho fazendo.

– Já vi você dar mais atenção a uma bola de sorvete do que a ela.

Ren soltou um suspiro exasperado.

– Olhe, tem alguma coisa... perturbadora nela.

– Como assim?

– Na verdade, não sei descrever. É só que, quando estou perto dela... mal posso esperar para me afastar. É um alívio quando ela não

está presente.

– Como pode dizer isso? Você a *amava*! Era mais apaixonado por ela do que já foi por qualquer coisa em toda a sua vida!

Ren falou com calma.

– Não consigo me imaginar sentindo isso por ela. Ela é legal e bonitinha, mas é um pouquinho nova demais. Pena que não era por Nilima que eu estava apaixonado.

Kishan respondeu indignado.

– *Nilima*! Ela é como uma irmã para nós! Você nunca demonstrou nenhum sentimento especial por ela!

– É mais fácil ficar na companhia dela – Ren replicou baixinho. – Ela não me olha com aqueles olhos castanhos enormes cheios de mágoa.

Os dois irmãos ficaram em silêncio por um minuto. Eu havia mordido o lábio com força e senti o gosto de sangue, mas a dor não me afetava.

– *Kelsey* é tudo que um homem pode desejar – Kishan falou com intensidade. – Ela é perfeita para você. Ela ama poesia e fica feliz ouvindo-o cantar e tocar seu violão por horas a fio. Esperou meses para que você fosse atrás dela e arriscou a vida repetidamente para salvar esse seu pelo branco sarnento. Ela é doce, amorosa, afetuosa e linda, e o faria imensamente feliz.

Fez-se uma pausa. Então ouvi Ren dizer, incrédulo:

– Você está apaixonado por ela.

Kishan não respondeu de imediato, mas, quando falou, sua voz era praticamente um sussurro e quase não pude ouvi-lo.

– Nenhum homem em seu juízo perfeito não estaria, o que prova que você não está em seu juízo perfeito.

– Talvez eu me sentisse grato a ela e tenha permitido que ela acreditasse que a amava – disse Ren, pensativo –, mas não sinto isso por ela agora.

– Acredite em mim. Não era gratidão o que você sentia por ela. Você se consumiu por ela durante meses. Andou de um lado para outro em seu quarto até fazer um buraco no tapete. Escreveu milhares de poemas de amor descrevendo a beleza dela e quanto você se sentia infeliz depois que ela se foi. Se não acredita em mim, vá até seu quarto e leia você mesmo.

– Já li.

– Então qual é o seu problema? Eu nunca o vi mais feliz em sua porcaria de vida do que quando estava com ela. Você a amava e era verdadeiro.

– Eu não sei! Talvez o fato de ser torturado repetidamente tenha causado isso. Talvez Lokesh tenha plantado alguma coisa no meu cérebro que a destruiu para sempre em minha memória. Quando ouço seu nome ou sua voz, eu me encolho. Fico na expectativa de sentir dor. Eu não quero isso. Não é justo com nenhum de nós. Ela não merece que mintam para ela. Mesmo que eu pudesse aprender a amá-la, a tortura ainda estaria lá, no fundo da minha mente. Todas as vezes que olho para ela, vejo Lokesh me interrogando, sempre me interrogando. Me machucando por causa de uma garota que eu não conhecia. Não posso fazer isso, Kishan.

– Então... você não a merece.

Houve uma longa pausa.

– Não, acho que não.

Mordi minha mão para reprimir um soluço e arquejei. Eles me ouviram.

– Kells? – chamou Kishan.

Subi os degraus correndo.

– Kells! Espere!

Ouvi Kishan me seguindo e subi a escada o mais rápido que pude. Eu sabia que, se não corresse, um deles me alcançaria. Batendo a porta da lavanderia ao passar, disparei pelo outro lance de escada, entrei no meu banheiro e fechei a porta. Rastejei para dentro da banheira vazia e puxei os joelhos até o queixo. Uma variedade de batidas soou na porta – algumas gentis, algumas insistentes e ásperas, outras que mal se ouviam. Todos pareceram se revezar. Até mesmo Ren. Por fim, eles me deixaram em paz.

Levei a mão ao peito. O elo entre nós havia se quebrado. O lindo buquê de lírios-tigres que eu havia cultivado com todo o cuidado desde a ausência de Ren secou. Meu coração estava devastado por uma seca impiedosa. Uma a uma, as pétalas macias e perfumadas murcharam e caíram.

Por mais que eu as adulasse, podasse, regasse ou cortasse, nada conseguiria salvá-las. Era inverno. Os caules enfraqueceram. As flores se consumiram. Pétalas velhas, ressecadas, foram esmagadas até se tornarem pó e então foram levadas por um vento forte. Tudo que restou foram alguns tocos marrons – uma triste lembrança de um

arranjo que já fora precioso e inestimável.

Mais tarde naquela noite, saí do meu quarto, calcei meus tênis e peguei as chaves do meu carro novo. Sem que me vissem, deixei a casa em silêncio e escorreguei para o assento de couro macio. Disparando pela estrada com a capota baixada, segui até chegar a um mirante no topo de uma colina que dava para o vale amplo e arborizado lá embaixo. Reclinando o assento, me recostei, olhei as estrelas e pensei nas constelações.

Meu pai uma vez me falara sobre a Estrela do Norte. Ele tinha dito que os marinheiros podiam sempre contar com ela, que ela nunca falhava. Estava sempre lá, sempre digna de confiança. *Qual era mesmo o outro nome por que era conhecida? Ah, Polaris.* Procurei a Ursa Maior, mas não consegui encontrá-la. Lembrei-me de papai explicando que ela só era visível no hemisfério norte. Ele dizia que não havia nenhuma constelação como ela no hemisfério sul. Tratava-se de um fenômeno celestial único.

Ren certa vez dissera que era tão constante quanto a Estrela do Norte. Ele havia sido minha Polaris. Agora eu não tinha um centro. Nenhum guia. Senti o desespero, sorrateiro, ir tomando conta de mim novamente. Então uma voz minúscula dentro de mim, com um humor sarcástico semelhante ao da minha mãe, me lembrou: *Só porque você não pode ver a estrela, não significa que ela não esteja lá. Talvez esteja oculta da visão por um tempo, mas pode ter certeza de que ela ainda brilha em algum lugar.*

Talvez algum dia eu encontrasse aquela centelha novamente. Talvez eu desperdiçasse minha vida à sua procura. Eu estava à deriva num oceano de solidão. Um marinheiro sem uma estrela para seguir. Será que eu poderia ser feliz sem ele? Eu não queria nem considerar essa possibilidade.

Eu já tinha vivido a perda. Meus pais haviam partido. Ren... se fora. Mas *eu* ainda estava ali. Ainda tinha coisas a realizar. Tinha um trabalho a fazer. Eu já havia conseguido uma vez e podia conseguir de novo. Atravessaria a dor e seguiria com a vida. Se eu pudesse encontrar o amor ao lado de alguém no caminho, que fosse. Se não pudesse, então faria o melhor possível para ser feliz sozinha. Eu tinha sofrido sem Ren antes e sofreria outra vez agora, mas sobreviveria.

Não tenho como negar que o amei e ainda o amo, refleti, mas existem muitas razões para ser feliz. O Mestre do Oceano afirmou que o propósito da vida é ser feliz. A Divina Tecelã me disse que não me deixasse abater quando o padrão não parecesse adequado. Ela disse que eu deveria

esperar, observar e ser paciente e dedicada.

Os fios da trama da minha vida estão todos misturados e embolados. Não sei se um dia vou conseguir desembaraçá-los. Neste momento o tecido da minha existência está muito mal-ajambrado. A única coisa que posso fazer é me agarrar à fé, acreditando que um dia verei a luz daquela estrela brilhante novamente.

Uma vez eu disse a Ren que nossa história não tinha acabado.

E não acabou.

Ainda não.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, gostaria de agradecer a meu grupo inicial de leitores. Minha família – Kathy, Bill, Wendy, Jerry, Heidi, Linda, Shara, Tonnie, Megan, Jared e Suki. E os amigos – Rachelle, Cindy, Josh, Nancy, Heidi Jo, Alyssa e Linda.

Meus calorosos agradecimentos à minha editora/consultora/conselheira na Índia, Sudha Seshadri, que também se tornou minha amiga e ama meus tigres tanto quanto eu.

Sou eternamente grata a meu marido, que lê fielmente cada capítulo em voz alta à medida que eu os escrevo. Sem suas intervenções na pontuação, ninguém mais compreenderia o texto. Ele é meu maior fã e meu maior crítico.

Um obrigada especial a meu irmão Jared e sua mulher, Suki, que pacientemente descreveram, e até demonstraram, todos os movimentos de artes marciais, de modo que eu pudesse descrever melhor as cenas de luta.

Também quero expressar meu apreço por Tsultrim Dorjee, assistente no Escritório de Sua Santidade Dalai-Lama, por me permitir usar citações dos Dalai-Lamas.

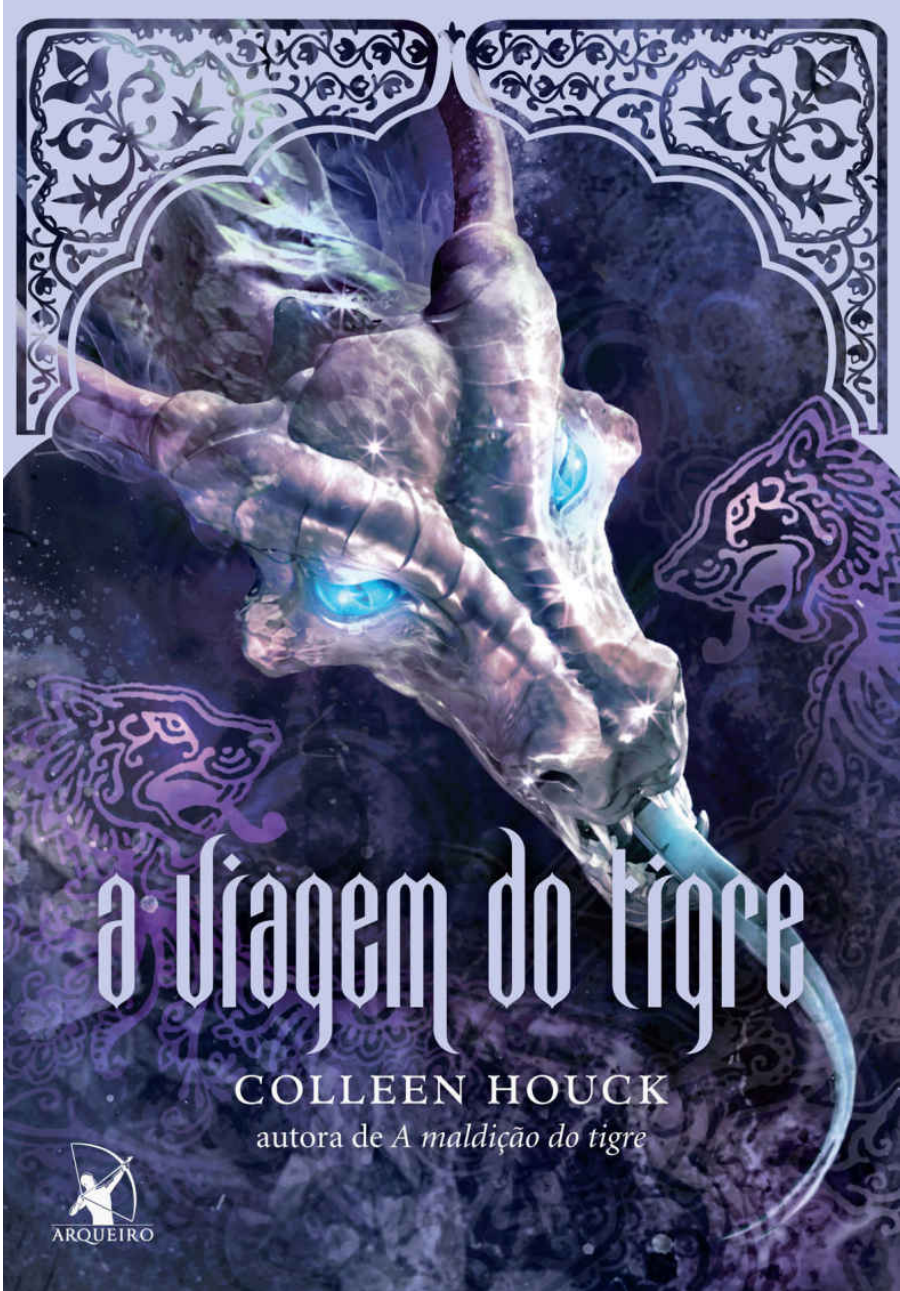
Obrigada à minha primeira equipe de editores na Booksurge, Rhadamanthus e Gail Cato, pelo trabalho árduo, e meu sincero reconhecimento a todos na Booksurge, pois, sem o seu trabalho, meus tigres jamais teriam chegado ao livro impresso.

Agradecimentos muito cordiais a meu agente, Alex, por seus esforços em meu favor. Seus conhecimentos foram extremamente necessários e muito apreciados.

Um imenso obrigada e os mais calorosos votos à Equipe do Tigre na Sterling, especialmente Judi Powers, e uma salva de palmas para minhas maravilhosas editoras e amigas Cindy Loh e Mary Hern, que tornaram este livro o melhor possível.

Finalmente, obrigada a todos os meus fãs que leem e releem incansavelmente, obcecados ao ponto de suas mães terem que

esconder o livro de vocês. Vocês sabem quem são. São todos loucos e maravilhosos! Obrigada por todos os e-mails carinhosos e pelas cartas de apoio e estímulo.



a viagem do tigre

COLLEEN HOUCK

autora de *A maldição do tigre*



ARQUEIRO

a viagem do tigre

COLLEEN HOUCK

a viagem do tigre



Título original: Tiger's Voyage
Copyright © 2011 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do Soneto CXVI, “De almas sinceras a união sincera”, de Shakespeare, por Anna
Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*,
Ediouro, 2001). Reproduzido mediante prévia autorização do espólio da tradutora.

Tradução do poema “O mar tem suas pérolas”, de Heinrich Heine, por Alberto de Oliveira
(In: *Poesias*, Garnier, 1900).

tradução: Ana Ban
preparo de originais: Melissa Lopes Leite
revisão: Clarissa Peixoto e Rafaella Lemos
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Katrina Damkoehler
imagem de capa: Cliff Nielsen
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para os meus pais, Bill e Kathy,
que deixaram de lado todas as suas aventuras
para criar uma turma de sete.*

Esquecer-te?

John Moultrie

Esquecer-te? Se sonhar à noite e contemplar-te durante o dia;
Se toda a louca e profunda devoção que o coração do poeta
dedicaria;

Se as preces ditas em teu favor ao poder que o Céu tem de
proteger;

Se pensamentos alados a mil por hora que a ti vão ter;
Se devaneios te misturam ao que está por vir na minha vida...
Se isto chamas de esquecimento, tu, de fato, serás esquecida!

Esquecer-te? Que os pássaros da floresta esqueçam sua doce
melodia;

Esquecer-te? Que o mar, sob a lua, esqueça das ondas a sincronia;
Que as flores sedentas se esqueçam de beber o orvalho refrescante;
Tu mesmo te esqueças de tua terra adorada, e seus montes
deslumbrantes.

Esqueces cada rosto, velho conhecido, cada ocasião tão querida...
Quando estas coisas forem por ti abandonadas, tu serás esquecida!

Guardas, se quiseses, tua paz virgem, sempre calma e
despreocupada,

Não permita Deus que tua alma feliz por minha causa se veja
desolada;

No entanto, enquanto essa alma é livre, ah! que a minha não saia a
vagar,

E, sim, que alimente a fé humilde e a capacidade tolerante de amar;
Se estas, por anos resguardadas, no fim não me tiverem valia...

Então me esqueças; mas não acrediteis jamais que tu podes ser
esquecida!

PRÓLOGO



Sangue na água

Atrás do vidro grosso de seu escritório numa cobertura de Mumbai, Lokesh tentava controlar a extraordinária fúria que circulava lentamente por suas veias. Nada correria conforme o planejado no acampamento dos baigas. Até mesmo os aldeões haviam se revelado fracos e desleais. É verdade que ele tinha capturado Dhiren, o príncipe-tigre branco, e tirado um pedaço importante do Amuleto Damon da garota, mas não conseguira acabar o que começara.

Respirando fundo para acalmar a raiva, uniu os dedos e bateu com eles no lábio inferior, em um gesto deliberado, enquanto refletia sobre a luta. *Eles tinham armas especiais. Meus asseclas descobriram que, de algum modo, elas estavam ligadas à deusa Durga. Obviamente havia algum tipo de magia envolvida, e não era a magia fraca e rústica da tribo.*

A magia era uma ferramenta, um dom a ser usado por aqueles que eram sábios o bastante para compreendê-la e manipulá-la. Um truque do Universo que apenas algumas pessoas perseguiram e que só um número ainda menor era capaz de dominar. Lokesh o conhecia e iria usá-lo para trazer para si ainda mais poder. Os outros o consideravam perverso. Ele não acreditava em bem e mal – apenas em poderosos e impotentes. E estava determinado a pertencer à primeira categoria.

Por que Durga? Talvez a deusa os esteja guiando de alguma maneira.

Assim como acontecia com o bem e o mal, ele não acreditava em deuses. A fé era uma muleta, uma maneira conveniente de controlar as massas, que se transformariam em escravos débeis, optando por não usar o intelecto fraco que pudessem ter. Os crentes ficavam em casa chorando e rezando, prostrando-se em nome da assistência

divina que nunca viria.

Um homem inteligente toma suas questões nas próprias mãos. Lokesh franziu a testa ao se lembrar da garota que escapara das suas. Ela provavelmente pensara que ele tinha fugido. Ele enviara reforços, mas os idiotas tinham voltado de mãos vazias. O centro de comando havia sido destruído. As câmeras e as gravações de vídeo desapareceram. Os baigas, o tigre e a garota não foram encontrados. Aquilo era extremamente... perturbador.

Um sino tocou quando seu assistente entrou na sala. Lokesh ficou escutando enquanto o homem, nervoso, explicava que o aparelho de rastreamento que ele tinha implantado no príncipe havia sido encontrado. O homem abriu a mão trêmula e largou os restos esmagados em cima da mesa. Sem proferir uma única palavra, Lokesh pegou o chip despedaçado e, usando o poder do amuleto, jogou o objeto junto com o assistente pela janela do sexagésimo andar. Ficou escutando os gritos enquanto o homem despencava, andar por andar. Quando ele estava prestes a atingir o solo, Lokesh murmurou algumas palavras, fazendo com que um buraco se abrisse no chão bem embaixo de seu assistente e ele fosse enterrado vivo.

Depois de dar conta dessas distrações decepcionantes, tirou do bolso seu prêmio conquistado a tão duras penas. O vento soprou forte pela janela quebrada e o sol se ergueu mais alto sobre a cidade agitada, lançando um facho de luz sobre a recém-adquirida quarta parte do amuleto. Logo ele iria juntar *todas* as peças e teria, enfim, meios de realizar tudo aquilo com que sempre havia sonhado desde que soubera da existência daquele objeto. Lokesh sabia que o amuleto completo iria transformá-lo em algo novo... em algo... mais. Em algo... perfeito. Apesar de ele ter prolongado deliberadamente o processo e de ter se deliciado com a ansiedade da espera quase tanto quanto com a vitória, havia chegado a hora.

Um arrepio de prazer percorreu-lhe o sangue quando tocou no quarto segmento de seu precioso conjunto.

Não encaixava.

Ele virou e inclinou o pedaço, mas ele não se ajustava aos outros. *Por quê? Eu o arranquei do pescoço da garota no acampamento dos baigas. Era a mesma parte do amuleto que ela usava em ambas as visões.*

No mesmo instante, uma sombra negra e densa de ódio recaiu sobre ele. Rangendo os dentes, ele esmagou a ofensiva imitação e deixou que o pó escapasse pelo punho apertado enquanto cada célula de seu corpo ardia numa tempestade flamejante. Fagulhas de luz azul espocavam e estalavam entre seus dedos.

Ondas coléricas varreram sua mente, abatendo-se contra a barreira fina de sua pele. Sem ter uma válvula de escape para aplacar seus impulsos violentos, ele cerrou os punhos e enterrou o próprio poder dentro de si. *A garota! Ela me enganou!*

A raiva pulsava em suas têmporas enquanto ele refletia sobre Kelsey Hayes. Ela o fazia pensar numa outra mulher, que vivera vários séculos antes dela: Deschen, a mãe dos tigres. *Aquela era uma mulher cheia de paixão*, lembrou – diferente da própria esposa, que ele matara quando ela lhe deu uma menina, Yesubai. Lokesh queria um filho. Um herdeiro. *Meu filho e eu poderíamos ter governado o mundo.*

Depois da decepção com o nascimento da filha, ele tinha tramado um novo plano: matar Rajaram e tomar Deschen como esposa. Parte da diversão teria sido domá-la. Uma luta esplêndida...

Já fazia muito tempo desde que Deschen tinha partido, mas, por sorte, os tigres haviam levado Kelsey até ele. A garota era mais do que ele pedira. *Muito* mais. Lentamente, sua raiva em brasa foi se transformando. Aquilo cozinhou e fervilhava em sua mente, os pensamentos se formando e estourando feito bolhas ulcerosas até que sua determinação tomasse a forma de um desejo obscuro, enlouquecedor.

Kelsey possuía a mesma bravura ardorosa de Deschen, e ele sentiria um prazer perverso em tirá-la dos filhos de Rajaram. De repente, seus dedos coçaram de vontade de voltar a tocar a pele macia da garota. Como seria prazeroso cravar-lhe a faca. Enquanto considerava essa ideia, passou o dedo pela beirada afiada do vidro quebrado da janela. Talvez ele até permitisse que os tigres vivessem para se deleitar com a comoção que causaria a eles. Sim. Enjaular os príncipes e fazer com que assistam enquanto eu a subjugo será altamente prazeroso. Sobretudo depois disto.

Tanto tempo. Esperei tanto tempo.

Apenas um pensamento o acalmava: a batalha estava longe do fim. Ele iria encontrá-la. Sua equipe já estava fazendo buscas por toda a Índia, monitorando os templos de Durga e vigiando cada terminal de transporte via terra, água e ar. Ele era um homem que não se arriscava e não deixava ponto sem nó. Atacaria novamente. Afinal de contas, era apenas uma garota.

Logo, ele pensou. Lokesh estremeceu ao se imaginar tocando-a mais uma vez. Ele quase era capaz de senti-la. *Imagino como deve ser o grito dela.* Ficou surpreso com o fato de estar quase mais ansioso para capturar a garota do que para obter o amuleto. A necessidade de dominá-la era feroz. Aquilo o rasgava por dentro, e seus dedos

voltaram a coçar. Logo ele teria a garota e iria unir as peças do amuleto. *Mas, quando eu colocar as mãos nela, vou precisar ser paciente. Apressar as coisas tem sido a minha ruína.*

Ele girou um dos anéis que tinha no dedo. Talvez não devesse ter esperado um combate fácil com os tigres. Tinham dado tanto trabalho na primeira vez... No entanto, não eram os únicos predadores da Índia. Ele também era uma criatura a ser temida. Era como um tubarão mortal, singrando a água em silêncio, aguardando o momento certo.

Lokesh sorriu. Tubarões eram criaturas admiráveis, o predador máximo, a criatura dominante no oceano. No reino animal, predadores nascem como tais. Um homem, porém, escolhe ser um predador, despedaçando aqueles que se contrapõem a ele, quebrando os ossos de todos que lhe fazem oposição e devorando seus inimigos. Ele opta por ser o predador ou a presa.

Muito tempo antes, Lokesh decidira que ficaria no topo da cadeia alimentar. Agora só restavam em seu caminho uma família e uma garota. *E nenhuma garota tem qualquer chance depois que sinto o cheiro de seu sangue na água.*

Lokesh cofiou a barba, pensativo, e sorriu ao se imaginar rodeando-a. As águas estavam marcadas com o cheiro da isca. Eles jamais perceberiam sua aproximação.



A vida sem amor

Será que ele vai mesmo fazer isto?

Fiquei olhando fixamente para Ren, para ver se encontrava algum indício de emoção.

Um minuto inteiro se passou. No segundo em que ele tomou a decisão, eu já sabia qual era.

Ren estendeu a mão para fazer sua jogada.

– Ganhei. – Ele sorriu ao tirar o peão de Kishan do tabuleiro e pôr o dele na casa de chegada. Então recostou-se na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e se vangloriou: – Eu disse a você. Nunca perco uma partida de ludo.

Fazia mais de um mês que tínhamos resgatado Ren das torturas e da prisão no acampamento baiga de Lokesh e três semanas desde a minha trágica festa de aniversário... e a vida era um purgatório. Apesar de eu ter dado a ele o meu diário e de ter usado toda a farinha de trigo disponível para fazer os famosos biscoitos da minha mãe – de chocolate com manteiga de amendoim –, Ren infelizmente não se lembrava de mim. Algo acontecera a ele enquanto estava nas mãos de Lokesh. Agora tínhamos nos reencontrado, mas não estávamos mais juntos.

Mesmo assim eu me recusava a perder a esperança de que um milagre pudesse fazer com que ele recuperasse o nosso passado e continuava determinada a libertá-lo. Ainda que Ren jamais voltasse a ser meu, eu tinha assumido o compromisso de procurar os outros dois presentes a fim de completar a profecia da deusa Durga e quebrar a maldição do tigre, para que os dois príncipes fossem pessoas normais

outra vez. O mínimo que eu podia fazer pelo homem que eu amava era não decepcioná-lo.

Cada dia que eu passava perto de Ren sem estar *com* ele era mais difícil do que o anterior. O Sr. Kadam fazia o que podia para me distrair e o irmão de Ren, Kishan, respeitava meus sentimentos e não saía do meu lado, como um amigo, sempre me apoiando, apesar de cada olhar e cada toque deixarem bem claro que ele ainda estava interessado em algo mais.

Nem Ren nem eu sabíamos como agir quando estávamos perto um do outro. Nós quatro parecíamos estar pisando em ovos, à espera de que alguma coisa – qualquer coisa – acontecesse. Apenas Nilima, a tatatatataraneta do Sr. Kadam, fazia com que continuássemos respirando, comendo e mantendo a mente sã.

Numa noite especialmente chorosa, encontrei o Sr. Kadam na sala do pavão. Ele estava lendo um livro à luz suave de um abajur. Sentei-me ao lado dele, apoiei a cabeça sobre seus joelhos e chorei baixinho. Ele afagou minhas costas e cantarolou uma canção de ninar indiana. Acabei me acalmando e compartilhei meus temores. Disse a ele que estava preocupada achando que meu relacionamento com Ren fosse irreversível e perguntei se um coração partido realmente poderia ser curado.

– Acho que já sabe a resposta, Srta. Kelsey. O seu coração estava pleno e feliz antes, quando estava com Ren?

– Estava.

– Não estava machucado demais para amar Ren por causa da morte de seus pais?

– Não. Mas esses são dois tipos diferentes de amor.

– São diferentes em alguns aspectos, mas iguais em outros. A sua capacidade de amar não diminui. Você ainda ama seus pais, não ama?

– Claro que sim.

– Então imagino que o que a senhorita esteja sentindo não se deva a uma ferida nem à diminuição do tamanho do seu coração, mas sim à ausência da pessoa amada.

Olhei para o sábio empresário indiano e suspirei.

– É bem triste sentir a ausência de quem amo quando ele está no mesmo lugar que eu.

– É mesmo – admitiu o Sr. Kadam. – Talvez o melhor seja não fazer nada.

– Quer dizer que devo desistir dele?

Ele deu tapinhas no meu braço, refletiu por um momento e contou

uma história:

– Uma vez um dos meus filhos pegou um passarinho com a asa machucada. Passou a cuidar dele e tornou-o seu bichinho de estimação. Um dia trouxe o passarinho até mim. Estava morto. Ele explicou que o bichinho tinha se curado e batido as asas, mas meu filho entrou em pânico e o agarrou antes que voasse para longe. Segurou com tanta força que o sufocou. O passarinho poderia ter escolhido ficar com meu filho ou ir embora voando. Qualquer uma dessas duas opções teria levado a uma conclusão mais feliz. Se o passarinho houvesse partido, meu filho ficaria triste, mas iria se lembrar dele com um sorriso. Em vez disso, sentiu-se arrasado com a morte do bicho de estimação e teve muita dificuldade para se recuperar da experiência.

– Então o senhor está *mesmo* dizendo que devo abrir mão de Ren?

– Estou dizendo que a senhorita vai ficar mais feliz se *ele* estiver feliz.

– Com toda a certeza não quero sufocar Ren. – Suspirei e me sentei sobre as pernas. – Também não quero evitá-lo. Gosto de estar perto dele, e evitá-lo complicaria nossa busca pelos presentes de Durga.

– Posso sugerir que tente ser amiga dele?

– Ele sempre foi meu amigo. Talvez, se eu conseguisse recuperar essa parte dele, não iria me sentir como se tivesse perdido tudo.

– Acho que está certa.

Ser amiga de Ren? Fiquei pensando naquilo enquanto soltava a fita que prendia minha trança e subia a escada para ir dormir. *Bom, isso é melhor que nada, e neste momento tudo o que tenho é um monte de nada.*

No dia seguinte o Sr. Kadam e Nilima prepararam um brunch. Quando desci eles já não estavam por lá, mas encontrei Ren na cozinha, enchendo um prato com frutas e pães doces. A cada dia ele se parecia mais com o velho Ren. Estava ganhando corpo e o cabelo escuro recuperava o brilho. Os lindos olhos azuis me observaram com uma expressão preocupada quando peguei um prato.

Ao me aproximar da travessa de morangos, esbarrei nele com o quadril e ele ficou paralisado.

– Você pode chegar mais para lá, por favor? Quero pegar um desses pães recheados antes que Kishan apareça.

Ren despertou de seu transe.

– Claro. Desculpe.

Ele pôs o prato na mesa e eu me sentei à sua frente. Ficou me

observando enquanto tirava bem devagar o papel de um muffin. Corei um pouco, ciente de sua atenção.

– Está tudo bem? – perguntou, hesitante. – Ouvi você chorar ontem à noite.

– Estou bem.

Ele bufou e começou a comer, mas não tirou os olhos de mim. Quando estava quase terminando, desviou o olhar.

– Tem *certeza*? Sinto muito se a deixei chateada... de novo. É só que eu não me lembro...

Ergui a mão e fiz com que ele parasse imediatamente.

– Você sente o que sente, Ren.

– Mesmo assim, peço desculpas por magoar você – disse ele baixinho.

Espetei um pedaço de melão com o garfo. Apesar de tentar parecer despreocupada, estava achando difícil seguir o conselho do Sr. Kadam. Meus olhos ardiam.

– Por qual das vezes? Quando disse no meu aniversário que eu não sou bonita? Que não suporta ficar perto de mim? Que acha Nilima linda? Ou...

– Certo. Já entendi.

– Que bom, porque eu gostaria de parar de falar sobre isso.

Depois de um instante, ele continuou:

– Na verdade, eu não disse que você não é bonita. Eu só disse que você é nova demais.

– Nilima também é, pelos *seus* padrões. Você tem mais de 300 anos!

– É verdade.

Ele deu um sorriso torto, na tentativa de me alegrar.

– Tecnicamente, você deveria namorar uma senhora de idade muito avançada.

Um sorrisinho minúsculo passou pelos meus lábios.

Ele fez uma careta.

– Também quero que saiba que é muito fácil ficar perto de você e gostar de você. Eu nunca tinha tido essa reação com ninguém. Eu me dou bem com a maioria das pessoas. Não há razão para que eu sinta necessidade de fugir quando você se aproxima.

– A não ser a pressão para que recupere a memória...

– Não, não é a pressão. É... outra coisa. Mas resolvi ignorar.

– Você consegue fazer isso?

– Claro. Quanto mais tempo passo perto de você, mais intensa é a reação. O difícil não é falar com você, é a proximidade. Nós devíamos tentar conversar pelo telefone para ver se faz diferença. Vou me

esforçar para criar imunidade.

– Entendi. Então seu objetivo é adquirir tolerância a mim. – Suspirei. – Tudo bem.

– Vou continuar tentando, Kelsey.

– Não se esforce demais, porque não faz mais diferença. Resolvi ser só sua amiga.

Ele se inclinou para a frente e disse em tom conspiratório:

– Mas você não continua... apaixonada por mim?

Eu também me inclinei para a frente.

– Não quero mais falar sobre esse assunto.

Ren cruzou os braços por cima do peito.

– Por que não?

– Porque Lois Lane nunca sufocou o Super-Homem.

– Do que você está falando?

– Vamos ter que assistir ao filme. O importante é que não quero prender você. Então, se quiser ficar com Nilima, vá em frente.

– Espere um minuto! Você vai me dispensar assim?

– Algum problema?

– Problema nenhum. É só que andei lendo o seu diário e, para uma garota que supostamente é louca por mim, você está desistindo bem rápido.

– Eu não estou *desistindo* de nada. Não tem nada entre nós para que eu desista.

Ele ficou me encarando enquanto eu espetava outro pedaço de fruta. Esfregando o queixo, perguntou:

– Então, você quer ser minha amiga?

– Quero. Sem pressão, sem lágrimas, sem lembretes constantes de coisas de que você se esqueceu, sem nada. Vamos apenas recomeçar. Do zero. Vamos aprender a ser amigos e a nos dar bem apesar de sua vontade de sair correndo. O que me diz? – Eu limpei a mão num guardanapo e a estendi. – Temos um acordo?

Ren refletiu, sorriu e apertou minha mão.

– O que estão combinando? – perguntou Kishan ao interromper a conversa mais longa que Ren e eu tivéramos desde antes de ele ter sido capturado.

– Kelsey acabou de concordar em demonstrar para mim seu poder de emitir raios – Ren mentiu com desenvoltura. – Quero muito ver como é soltar fogo pelas mãos.

Olhei-o com a sobrancelha erguida. Ele sorriu e deu uma piscadela, então se levantou e levou nossos pratos para a pia. Os olhos dourados de Kishan me fitaram desconfiados, mas ele se sentou e pegou a

metade que tinha sobrado do meu pão recheado. Dei um tapa de brincadeira na mão dele e apanhei um pano de prato para ajudar Ren. Quando terminamos, ele roubou o pano de mim e bateu de leve com ele na minha coxa. Eu dei risada, contente com nossa nova interação, e, quando me virei, deparei com Kishan nos olhando com a testa franzida.

Ren colocou o braço de leve por cima dos meus ombros e aproximou a cabeça do meu ouvido:

– “Aquele Cássio tem um aspecto magro e faminto. Ele pensa demais; homens assim são perigosos.” É melhor ficar de olho nele, Kelsey.

Eu ri, feliz por ele se lembrar de Shakespeare, apesar de não se lembrar de mim.

– Não se preocupe com Kishan, César. Ele late mais do que morde.

– Ele anda mordendo você?

– Não ultimamente.

– Hum. Vou ficar de olho – disse Ren e saiu da cozinha.

– Que história foi essa? – quis saber Kishan, grunhindo, e eu tive um vislumbre do tigre negro e feroz que se escondia por trás de seu olhar.

– Ele está comemorando a emancipação.

– Como assim?

– Eu disse a ele que gostaria que fôssemos amigos.

Kishan fez uma pausa.

– É isso que *você* quer?

– O que *eu* quero é irrelevante. Ser meu amigo é algo que ele é capaz de fazer. Ser meu namorado não está em cogitação neste momento.

Felizmente Kishan se manteve em silêncio. Dava para ver que ele queria se oferecer como substituto, tanto a sério quanto por brincadeira, mas mordeu a língua. Por ter agido assim, dei-lhe um beijo no rosto ao sair.

Com o gelo finalmente quebrado entre mim e Ren, todos pudemos seguir em frente e logo entramos numa rotina. Eu falava com meus pais adotivos, Mike e Sarah, toda semana. Não dizia quase nada a eles além de que eu estava bem e ocupadíssima como assistente do Sr. Kadam. Garanti que iria terminar meu primeiro ano na Western Oregon à distância e informei que passaria as férias de verão fazendo um estágio na Índia.

Eu treinava artes marciais com Kishan bem cedo, depois tomava café da manhã com Ren e ajudava o Sr. Kadam a pesquisar a terceira parte da profecia de Durga à tarde. À noite, o Sr. Kadam e eu preparávamos o jantar juntos, menos quando ele queria fazer curry. Nessas noites eu providenciava um jantar só para mim, usando o Fruto Dourado.

Depois do jantar, a gente jogava, assistia a filmes e às vezes lia na sala do pavão. Kishan só ficava na biblioteca quando eu contava uma história, enroscando-se aos meus pés na forma de tigre negro. Começamos a ler todos juntos *Sonhos de uma noite de verão*. O Sr. Kadam comprou vários exemplares para que cada um pudesse ler um trecho. Eu gostava de poder compartilhar aqueles momentos com Ren.

O Sr. Kadam estava certo, como sempre. Ren parecia mesmo feliz. Todo mundo reagia bem à melhora de humor dele, inclusive Kishan que, de algum modo, passara de irmão mais novo melancólico e ressentido a um homem cheio de autoconfiança. Kishan mantinha distância, mas seus olhos dourados sedutores me faziam corar.

Às vezes, à noite, eu encontrava Ren na sala de música tocando violão. Ele dedilhava canções e dava risada quando eu pedia “My Favorite Things” de *A noviça rebelde*. Numa dessas noites, Ren tocou a música que tinha composto para mim. Fiquei olhando para ele, atenta, na esperança de que alguma lembrança pudesse ser despertada. Ele ia tocando as notas com suavidade, profundamente concentrado. Mas sempre empacava e precisou recomeçar várias vezes.

Quando percebeu que eu estava olhando, deixou as mãos caírem e deu um sorriso tímido.

– Desculpe. Parece que não consigo me lembrar desta. Você tem algum pedido para esta noite?

– Não – respondi secamente e me levantei.

Ren pegou minha mão mas logo a largou.

– O que foi? Você está triste. Mais do que o normal.

– Essa música... ela é...

– Ah, a música? Você já tinha escutado?

– Não – menti e dei um sorriso triste. – Ela é... linda.

Apertei sua mão e me afastei aos tropeços antes que ele pudesse fazer mais perguntas. Enxuguei uma lágrima enquanto subia a escada. Ainda pude escutar quando ele tentou tocar a música de novo, procurando descobrir o lugar de cada nota.

Numa outra noite eu estava relaxando na varanda, sentindo o

cheiro do jasmim e olhando as estrelas, quando ouvi Kishan e Ren conversando.

– Você mudou – disse Ren ao irmão. – Não é mais o mesmo de seis meses atrás.

– Ainda sou capaz de esfolar essa sua pelagem branca, se é disso que você está falando.

– Não, não é isso. Você ainda é um lutador forte, mas agora está mais relaxado, mais seguro, mais... sereno. – Ele deu risada. – E está muito mais difícil irritar você.

Kishan respondeu baixinho:

– Ela me fez mudar. Estou me esforçando muito para me transformar no tipo de homem de que ela precisa, no tipo de homem que ela já acredita que eu seja.

Ren não respondeu e os dois entraram em casa. Fiquei ali sentada em silêncio, pensando profundamente sobre as palavras de Kishan. *Quem diria que a vida e o amor pudessem ser tão complicados?*



A retomada do relacionamento

Alguns dias depois, o Sr. Kadam nos reuniu na sala de jantar. Quando ocupamos as cadeiras ao redor da mesa, desejei em segredo que ele não fosse nos dar uma notícia ruim e que Lokesh não tivesse nos encontrado de novo.

– Eu gostaria de propor uma ideia – começou o Sr. Kadam. – Descobri uma maneira de garantir que possamos encontrar uns aos outros se, por acaso, alguém for sequestrado mais uma vez. Não é nada agradável, mas acredito que um pequeno desconforto seja um preço baixo a pagar para termos certeza de que ninguém vai se perder.

Ele abriu uma caixa e tirou de dentro um pacote envolto em plástico-bolha. Nele, havia um rolo de veludo preto que se abriu para revelar cinco seringas grossas com agulhas do tamanho de um espinho gigante de porco-espinho.

Nervosa, perguntei:

– Hã... Sr. Kadam? O que quis dizer exatamente quando falou em um *pequeno* desconforto?

Ele abriu a primeira seringa e pegou um frasco de soro fisiológico e alguns lencinhos umedecidos com álcool.

– Vocês já ouviram falar de etiquetas RFID?

– Não – respondi, assustada, enquanto o observava pegar a mão esquerda de Kishan, limpar a área entre o polegar e o indicador com um lençinho e depois passar uma pomada amarela no mesmo lugar.

– São etiquetas para identificação por frequência de rádio, ou *Radio Frequency Identification*, em inglês. São usadas em animais.

– Está falando dos transmissores que colocam em baleias e tubarões?

– Não exatamente. Aqueles são maiores e se soltam depois que param de funcionar.

Ren se inclinou para a frente e pegou um chip mais ou menos do tamanho de um grão de arroz.

– É parecido com o que Lokesh implantou em mim.

Ele pôs o chip na mesa e esfregou as mãos devagar, com o olhar perdido.

– Doeu? Dava para sentir dentro da sua pele? – perguntei, tentando trazê-lo de volta do lugar obscuro qualquer a que tinha ido.

Ren soltou a respiração e me lançou um sorriso pálido.

– Na hora a dor foi mínima, mas, sim, dava para sentir por baixo da pele.

– Nossos sensores são um pouco diferentes. – O Sr. Kadam hesitou e então completou: – Ninguém é obrigado a usá-los, mas acho que será uma proteção extra para todos nós.

Ren assentiu com a cabeça, e o Sr. Kadam prosseguiu:

– Estes são parecidos com aqueles colocados em bichos de estimação. Emitem uma frequência, geralmente um número de 10 dígitos, que pode ser escaneada através da pele.

Ele observou nossa reação antes de prosseguir:

– Os chips são envoltos em vidro biocompatível para impedir que entrem em contato com a umidade. Os sensores RFID para seres humanos ainda não são usuais, mas estão começando a ser aprovados com fins clínicos. Eles identificam histórico de saúde, alergias e os tipos de medicamentos que uma pessoa está tomando.

Ele pôs um pouco de soro fisiológico dentro da seringa e trocou a agulha menor pela gigantesca. Então colocou um chip minúsculo na abertura da agulha. Apertou a pele entre o polegar e o indicador de Kishan e inseriu a agulha com cuidado. Eu desviei o olhar.

Imperturbável, o Sr. Kadam continuou:

– Agora, para os grandes animais marinhos de que você estava falando, os pesquisadores usam sensores por satélite que transmitem de tudo, desde a atual localização em longitude e latitude até a profundidade do animal, a duração do mergulho e a velocidade de natação. Esse tipo de etiqueta é externa e fica presa a uma bateria que acaba gastando com a transmissão de informação. A maior parte delas dura pouco tempo, mas as mais caras podem resistir alguns meses.

Ele apertou uma bola de algodão contra a mão de Kishan, removeu

a agulha e cobriu a pele com um curativo.

– Ren?

Kishan e Ren trocaram de lugar, e o Sr. Kadam recomeçou o processo com Ren.

– Existem alguns sensores internos que são colocados em animais marinhos para medir os batimentos cardíacos, a temperatura da água, a temperatura do corpo e a profundidade do animal. Muitos deles transmitem as informações a satélites quando o animal vem à tona.

Ele escolheu uma seringa nova, injetou um pouco de soro, substituiu a agulha e colocou outro chip na abertura. Quando pegou a pele de Ren entre os dedos e se aproximou, eu fiz uma careta. Ren olhou para cima e me encarou. Então sorriu e disse:

– É moleza.

Ele estava tentando me passar segurança, mas a cor se esvaiu do meu rosto.

– É sério. Não é assim tão ruim.

Forcei um sorriso.

– Não acho que a sua tolerância para dor seja igual à minha, mas vou sobreviver. O que estava dizendo mesmo, Sr. Kadam?

– Ah, sim. Então, o problema com os chips RFID e os sensores por satélite é a energia. O que temos aqui tecnicamente não está no mercado e é provável que nunca vá estar, isso por causa do medo que as pessoas têm de roubo de identidade e de as agências governamentais nos monitorarem. Quase todos os avanços tecnológicos podem ser usados tanto para benefício quanto para prejuízo da humanidade. Compreendo os temores associados a esse mecanismo, mas existem muitas razões válidas para explorar tecnologias como essa. Felizmente, tenho contatos nas Forças Armadas, e eles costumam ir a lugares onde outros têm medo de pisar. Os nossos sensores podem fazer todas essas coisas e muito, muito mais, transmitindo dados o tempo todo, mesmo muito acima ou muito abaixo do nível do mar.

Ele terminou com Ren e olhou para mim. Com hesitação, afastei a cadeira para trás e troquei de lugar com Ren. Quando me sentei, o Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão. Eu me peguei olhando fixamente para a agulha enquanto ele tornava a substituí-la. Escolheu a mão que não estava marcada pelas tatuagens de hena de Phet e repetiu o processo de limpar e passar pomada.

– Estou aplicando um medicamento tópico que vai anestesiá-lo um pouco a área, mas, mesmo assim, a injeção vai doer.

– Tudo bem.

Ele pôs um chip na ponta da agulha grande. Quando pegou minha pele entre os dedos, fechei os olhos e cerrei os dentes, inspirando nervosa enquanto ele procurava o lugar certo.

A mão quente de Kishan pegou a minha e ele disse, com ternura:

– Aperte com toda a força, Kells.

O Sr. Kadam inseriu a agulha devagar. Doeu. Parecia que ele estava enfiando uma das enormes agulhas de tricô da minha avó na minha pele. Apertei a mão de Kishan e comecei a respirar rápido. Passaram-se segundos que pareceram minutos. Ouvi o Sr. Kadam dizer que precisava ir um pouco mais fundo.

Não consegui engolir o gemido de dor e me contorci na cadeira enquanto ele girava a agulha e a enfiava mais. Meus ouvidos começaram a zumbir, e as vozes ao meu redor ficaram mais grossas. Eu ia desmaiar. Nunca me achei fresca, mas percebi que agulhas me deixavam enjoada. Quando estava prestes a ceder, abri os olhos e procurei Ren.

Ele me observava com preocupação. Quando nossos olhos se encontraram, ele lançou para mim o meu sorriso torto preferido, a expressão doce que só usava comigo, e, apenas por um instante, a dor desapareceu. Naquele breve instante, eu me permiti acreditar que ele ainda era meu e que me amava. Todas as outras pessoas presentes na sala desapareceram e só havia nós dois.

Tive vontade de tocar-lhe o rosto e jogar para trás seu cabelo preto sedoso ou traçar o arco de suas sobrancelhas. Fiquei olhando para aquele semblante lindo, deixando esses sentimentos tomarem conta de mim, e, naquele momento fugidio, senti o resquício de nossa conexão emocional.

Foi só um lampejo, como um perfume percebido na brisa que passa soprando rápido demais, trazendo consigo a lembrança de algo que não se consegue apreender muito bem. Eu não tinha certeza se era um truque da luz, um bruxulear de algo real ou de algo criado por mim, mas prendeu minha atenção. Todo o meu ser estava concentrado em Ren, de modo que, quando o Sr. Kadam tirou a agulha e a substituiu por um chumaço de algodão, eu percebi que tinha largado completamente a mão de Kishan.

O som de vozes me fez recobrar a consciência. Fiz que sim com a cabeça em resposta à pergunta de Kishan e voltei a olhar da minha mão para Ren, mas ele havia saído da sala. O Sr. Kadam pediu a Kishan que o ajudasse a colocar o próprio sensor e começou a explicar a diferença entre a nossa tecnologia e as outras que ele tinha descrito.

Eu escutava apenas parte do que dizia, mas ouvi quando ele falou que poderíamos acessar os sensores uns dos outros com celulares novos, que distribuiu logo em seguida. Explicou como a fonte de energia funcionava. Permaneci lá sentada, assentindo de vez em quando, mas só despertei do transe quando Kishan se levantou, vários minutos depois. O Sr. Kadam me ofereceu aspirina e água. Tomei os comprimidos e fui para o quarto.

Inquieta e incomodada, deitei-me por cima das cobertas e não consegui pregar os olhos. Minha mão estava dolorida, e dormir com ela sob a bochecha estava fora de cogitação.

Ouvi uma batida de leve à porta.

– Pode entrar.

– Ouvi você rolar de um lado para outro e imaginei que ainda estivesse acordada – disse Ren, fechando a porta atrás de si. – Espero não estar incomodando.

Eu me sentei na cama e acendi o abajur.

– Não. Tudo bem. O que aconteceu? Quer ir para a varanda?

– Não. Kishan parece ter se instalado lá permanentemente.

– Ah. – Olhei pela janela e vi uma cauda negra caindo pela beirada do banco, balançando preguiçosa. – Vou falar com ele sobre isso. Ele não precisa ficar cuidando de mim feito uma babá. Estou perfeitamente segura aqui.

Ren deu de ombros.

– Ele gosta de tomar conta de você.

– Então, sobre o que você queria conversar?

Ele se sentou na beirada da minha cama.

– Eu... não sei direito. Como está a sua mão?

– Está ardendo. E a sua?

– A minha já sarou.

Ele ergueu a mão e eu a peguei, para examinar. Nem dava para ver que havia algo sob a pele. Por um instante, Ren entrelaçou nossos dedos. Eu corei e ele passou as costas da mão de leve na minha bochecha quente, o que fez minha pele arder ainda mais.

– Você está vermelha.

– Eu sei. Desculpe.

– Não peça desculpa. Isso me deixa bastante... lisonjeado.

Permaneci imóvel e observei a expressão dele enquanto se concentrava no meu rosto. Ele ergueu a mão e tocou uma mecha do meu cabelo. Passou os dedos pelo comprimento dos fios. Prendi a

respiração e ele também, mas por um motivo diferente. Uma gota de suor escorreu-lhe pela testa quando recuou.

– Está tudo bem?

Ren fechou os olhos e respirou fundo.

– Fica pior quando eu toco em você.

– Então, não toque.

– Eu preciso superar isso. Me dê a sua mão.

Coloquei minha mão direita na de Ren, e ele a cobriu com a esquerda. Em seguida fechou os olhos e segurou minha mão por um minuto inteiro. Senti um leve tremor em seu braço. Finalmente, ele me soltou.

– Já está na hora de você se transformar em tigre?

– Não, ainda tenho tempo. Agora consigo permanecer na forma humana por 12 horas.

– Mas por que está tremendo?

– Não sei. Parece que tem alguma coisa me queimando quando encosto em você. Meu estômago se encolhe, vejo tudo embaçado e a cabeça começa a latejar.

– Tente se sentar ali – sugeri, apontando para o sofá.

Teimoso, ele se sentou no chão com as costas apoiadas na cama e ergueu um dos joelhos para escorar o cotovelo.

– Está melhor assim? – perguntei.

– Está. A queimação se foi, mas a visão embaçada, a dor de cabeça e a sensação ruim no estômago continuam.

– Você sente dor quando está em alguma outra parte da casa?

– Não. Só tocar em você provoca essa dor lancinante. Vê-la ou ouvi-la causa os outros sintomas, em graus variados. Se você estiver sentada longe, sinto só uma pontada. É apenas desconfortável e eu tenho que lutar contra a vontade de sair de perto. Pegar a sua mão ou tocar o seu rosto é como segurar carvões em brasa.

– Logo que você voltou e nós conversamos, você pôs o meu pé no seu colo. Aquilo não doeu?

– O seu pé estava sobre uma almofada. Só encostei nele durante alguns segundos, e eu estava sentindo tanta dor naqueles dias que nem fez diferença.

– Vamos testar. Fique ali perto da porta do banheiro, e eu vou para o outro lado do quarto.

Ele foi até lá.

– E aí? O que está sentindo agora?

– Sinto que preciso sair daqui. O desconforto diminuiu, mas quanto mais tempo eu permanecer, pior vai ficar.

– A necessidade de fugir é uma sensação muito terrível? É como se você precisasse correr para salvar a vida?

– Não. É um desespero que vai crescendo... como quando você prende a respiração embaixo d'água. No começo é tranquilo, talvez até um pouco gostoso, mas logo parece que meus pulmões estão gritando por ar.

– Hum, talvez você esteja com transtorno de estresse pós-traumático.

– O que é isso?

– É um problema que aparece depois que uma pessoa foi exposta a um trauma terrível e a altos níveis de estresse. Soldados em combate costumam ter isso. Lembra que você disse a Kishan que, quando escutava o meu nome, só enxergava as torturas e os interrogatórios de Lokesh?

– Lembro. Ainda tem um pouco disso, eu acho. Mas agora que conheço você melhor já não a associo tanto a ele. Agora sou capaz de distanciar essas coisas de você. O que aconteceu não foi por sua causa.

– Parte dos seus sintomas em relação a mim ainda pode estar ligada a isso. Talvez você precise de terapia.

Ren deu uma risadinha.

– Kelsey, em primeiro lugar, um terapeuta iria me mandar para um hospício quando eu afirmasse que sou um tigre. Em segundo, batalhas sangrentas e dor não são novidade para mim. Não foi a primeira vez que Lokesh me torturou. Com certeza foi uma experiência pela qual eu não gostaria de passar outra vez, mas sei que a culpa não é sua.

– Mas pedir ajuda de vez em quando não o torna menos homem.

– Não estou tentando ser forte e heroico. Se faz você se sentir melhor, saiba que já comecei a conversar com Kishan sobre isso.

Fiquei pasma.

– Ele tem ajudado?

– Kishan parece... surpreendentemente solidário. Ele é um homem diferente agora. Disse que mudou por sua causa. Você o influenciou. Despertou um lado nele que eu não via desde a morte da nossa mãe.

Concordei com a cabeça.

– Ele é uma boa pessoa.

– Conversamos sobre muitas coisas. Não só sobre Lokesh, mas também sobre o nosso passado. Ele me falou de Yesubai e de como vocês dois se tornaram próximos.

– Ah. – Durante um momento de pânico, imaginei se Kishan teria compartilhado outras coisas com Ren, como *seus sentimentos*. Eu não

estava muito a fim de aprofundar essa questão, por isso mudei de assunto. – Não quero que você sinta dor nem que sofra quando está comigo. Talvez seja melhor evitar ficar perto de mim.

– Não quero isso. Eu gosto de você.

– *Gosta?*

Não pude deixar de sorrir.

– Gosto. Acho que foi por isso que namorei você – disse Ren, sem expressar emoção. Ele escorregou para o chão e apoiou as costas na porta do banheiro. – Vamos ver quanto tempo eu aguento. Chegue mais perto.

Dei alguns passos para a frente.

– Não. Mais perto – disse ele com um gesto. – Sente-se na cama.

Eu me acomodei na cama e fiquei observando seu rosto em busca de sinais de dor.

– Você está bem?

– Estou.

Ele esticou as pernas compridas e as cruzou na altura dos tornozelos.

– Fale sobre o nosso primeiro encontro.

– Tem certeza?

– Tenho. Agora está tolerável.

Fui para o lado da cama mais distante dele, entrei embaixo das cobertas e coloquei um travesseiro no colo.

– Certo. O nosso primeiro encontro provavelmente foi aquele em que você armou para que eu saísse com você.

– Quando foi isso?

– Logo depois de sairmos de Kishkindha. Naquele restaurante do hotel.

– No restaurante? Foi logo depois de eu ter recuperado seis horas?

– Foi. Do que você se lembra?

– De nada, a não ser de ter jantado pela primeira vez depois de séculos em um bom restaurante com uma mesa cheia de comida. Eu me senti... feliz.

– É capaz de você ter se sentido feliz mesmo. Estava todo convencido e paquerou a garçonete descaradamente.

– Sério? – Ele coçou o queixo. – Nem me lembro da garçonete.

Dei uma risada debochada.

– Como é que você sempre sabe a coisa certa a dizer até quando não consegue se lembrar de nada?

Ele sorriu.

– Deve ser um dom. Então, sobre a garçonete... ela era bonita?

Conte mais.

Fiz um relato do nosso encontro e de como brigamos por causa do jantar. Falei que ele tinha encomendado um banquete e enganado o Sr. Kadam para que me levasse lá. Descrevi como estava bonito, nossa discussão e contei que eu tinha pisado no seu pé quando ele piscou para a garçonete.

- O que aconteceu depois do jantar?
- Você me levou até o meu quarto.
- E?
- E... nada.
- Eu nem lhe dei um beijo de boa-noite?
- Não.

Ele ergueu uma sobrancelha.

- Isso não combina comigo.

Tive que rir.

- Não é que você não quisesse. Estava me castigando.
- Castigando você?
- De certa maneira. Você queria que eu admitisse meus sentimentos.

- E você não admitiu?
- Não. Sou bem teimosa.
- Entendi. Então quer dizer que a garçonete me paquerou...
- Se não parar de sorrir só de pensar na garçonete, eu vou dar um soco no seu braço e fazer você sentir dor de verdade.

Ele deu risada.

- Você não faria isso.
- Faria.
- Sou tão rápido que você não conseguiria nem chegar perto.
- Quer apostar?

Engatinhei por cima da cama enquanto ele me observava com expressão divertida. Eu me inclinei para o lado, fechei a mão boa e desferi um golpe, mas ele desviou rápido, se levantou e agora estava ao pé da cama. Eu saí da cama e caminhei até a lateral, tentando encurralá-lo. Ele riu baixinho e fez um gesto para eu me aproximar. Fui me movendo em sua direção devagar, como quem vai dar o bote.

Ele ficou parado, com um sorriso cheio de confiança, e permitiu que eu me aproximasse. Quando eu estava a cinco passos de distância, o sorriso dele sumiu. A três passos, ele fez uma careta. A um passo, ele gemeu e cambaleou. Afastou-se vários passos e se agarrou às costas da poltrona para se segurar enquanto respirava fundo algumas vezes.

– Acho que isto é o máximo que aguento por hoje. Sinto muito, Kelsey.

Recuei e disse baixinho:

– Eu também sinto muito.

Ele abriu a porta e me lançou um sorriso fraco.

– Acho que foi pior desta vez porque passei muito tempo segurando a sua mão. A dor aumentou depressa demais. Normalmente ficar perto de você não me afeta tanto assim.

Fiz que sim com a cabeça, e ele sorriu.

– Da próxima vez, vou me lembrar de só tocar em você no fim da noite. Durma bem.

– Você também.

Alguns dias depois, retomamos nossa aventura da maldição do tigre. Partiríamos para visitar o xamã Phet, que finalmente tinha respondido ao mensageiro do Sr. Kadam e informado que queria ver “os Tigres, Quel-si e os presentes especiais de Durga”. Ele foi bem específico ao dizer que apenas nós três deveríamos fazer a viagem.

Embora eu não tivesse verbalizado meu pensamento, fiquei torcendo para que Phet, com seus modos incomuns e místicos e suas poções de ervas, pudesse reverter a perda de memória de Ren.

Apesar de Ren e eu estarmos em situação bem melhor e os dois irmãos parecerem estar se dando bem desde a última vez que tínhamos pegado a estrada, eu ainda me sentia um pouco incomodada de ficar confinada num espaço pequeno com dois tigres esquentadinhos. *Bom, se eles se comportarem mal, é só atingi-los com um pequeno raio. Assim vão aprender a não brigar quando eu estiver por perto*, pensei com um sorriso e saí ao sol da manhã.

Os homens estavam parados perto do Jeep recém-lavado e abastecido quando eu saí pela porta. O Sr. Kadam colocou no banco de trás a mochila com as armas, piscou para mim e me deu um abraço. Joguei lá dentro uma bolsa com a colcha de minha avó, que até agora parecia estar nos dando sorte.

Todos usávamos botas de caminhada e calças cargo confortáveis, que Ren tinha feito com o Lenço Divino. Ele pesquisara modelos na internet e pedira que o Lenço criasse as peças em várias cores. Afirmara que o tecido da minha camiseta verde-maçã iria me proteger dos raios ultravioleta e ao mesmo tempo deixar o corpo respirar. Fui obrigada a admitir que a camiseta era confortável e, para mostrar a ele quanto eu tinha gostado, preendi o cabelo em duas

tranças compridas e amarrei as pontas com uma fita verde-maçã.

Kishan estava com uma camiseta vermelho-tijolo do mesmo tecido, mas tinha bolsos na costura lateral, e Ren usava uma camiseta sem costura azul-celeste que se ajustava ao seu corpo musculoso. Ele ainda estava magro, mas tinha começado a recuperar o peso nas semanas desde que voltara para casa, e suas sessões diárias de exercícios com Kishan estavam mostrando resultados. Obviamente, não demorou muito para os músculos dele se fazerem notar.

– Você consegue respirar com esta camiseta, Ren? – provoqueei. – Podia ter escolhido um tamanho maior.

– A camiseta é justa para não atrapalhar os movimentos – respondeu ele.

Meu deboche deu lugar a risadinhas. Depois, incentivada por Kishan, a risada se transformou em acessos de gargalhada.

– Está achando que tem alguma garçonete bonitinha na selva, Ren? Não há motivo para você exibir os seus músculos.

Sem parar de rir, Kishan ocupou o assento do motorista.

Quando peguei na maçaneta da porta, Ren se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

– Caso você não tenha notado, a sua camiseta também é bem apertada, Kelsey.

Fiquei boquiaberta.

– E pronto – disse ele.

Dei-lhe um soco no braço e sibilei:

– *Pronto* o quê?

Ele se encolheu e esfregou o braço, mas sorriu.

– Seu lindo rosto corado.

Ele entrou no carro e empurrou Kishan de brincadeira para também poder escutar as instruções que o Sr. Kadam estava dando, junto com a recomendação para que Kishan dirigisse com cuidado e não batesse o Jeep.

Sentei-me no banco de trás e afivelei o cinto, determinada a ignorar as briguinhas dos irmãos. Eles tentaram me incluir na conversa, mas eu não estava prestando atenção; em vez disso, enfiei o nariz em um livro.

Foram tagarelando a viagem toda, e fiquei fascinada com o tom deles. Nunca tinha ouvido os dois conversarem com tanta... *civilidade*. Ren falou a Kishan sobre a primeira vez que tínhamos visitado Phet e, gentilmente, pediu que eu preenchesse as lacunas. Ele se lembrou de boa parte. Só que, de algum modo, esqueceu tudo que se referia a mim.

Falei do amuleto no meu pescoço, da tatuagem de hena que Phet fez na minha mão e de como nós percebemos que ela me dava o poder de acessar cidades míticas. Ren não se lembrava de nada disso e não fazia ideia de como conseguira entrar nos lugares se eu não estava em cena. Simplesmente deu branco nele.

Quando chegamos ao Santuário de Yawal, Ren já estava desesperado para descer do carro e ficar longe de mim. Ele saiu e se pôs a caminhar pelo meio das árvores.

Kishan ficou observando-o se afastar e estendeu a mão para trás, pegando a mochila grande com as armas. Jogou-a nos ombros antes de trancar o Jeep e perguntou:

– Vamos?

– Vamos. – Suspirei. – Ele já está bem adiantado, não está?

– Está. Mas não muito longe. Vai ser fácil seguir a trilha dele.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos. Árvores de teca se elevavam sobre nós, e isso era bom, pois forneciam sombra para o sol quente.

– Vamos caminhar até o lago Suki, depois almoçar e descansar durante a parte mais quente do dia – explicou Kishan.

– Beleza.

Fiquei escutando o barulho dos meus passos enquanto caminhava por cima das folhas que forravam o chão da floresta. Kishan era uma presença silenciosa e firme a meu lado.

– Sinto falta disso – disse ele.

– De quê?

– De caminhar pela selva com você. Passa tranquilidade.

– Isso quando não estamos fugindo de alguma coisa.

– É gostoso. Sinto falta de ficar sozinho com você.

– Detesto lhe dar esta notícia, mas nós não estamos sozinhos.

– Não. Sei disso. Mesmo assim, é o mais “sozinho” que estive com você em semanas. – Ele pigarreou. – Eu ouvi vocês na outra noite, quando Ren foi ao seu quarto.

– Ah. Então você sabe que ele se sente mal perto de mim. Não pode me tocar.

– Sinto muito. Sei que isso dói em você.

– Acho que dói mais nele.

– Não. A dor dele é apenas física. A sua é emocional. É difícil superar esse tipo de coisa. Eu só queria que você soubesse que estou aqui, se precisar.

– Eu sei que está.

Kishan pegou minha mão. Olhei em seus olhos dourados e

perguntei:

– Por que isso?

– Eu queria segurar a sua mão. Nem todo mundo se encolhe de dor quando toca em você, sabia?

– Obrigada.

Ele sorriu e deu um beijo nas costas da minha mão. Caminhamos mais umas duas horas em silêncio, de mãos dadas o tempo todo. Refleti mais uma vez sobre as diferenças entre os irmãos. Ren estava sempre falando ou escrevendo. Ele gostava de pensar em voz alta. Dizia que não poder se comunicar era a coisa mais frustrante de estar na forma de tigre.

No Oregon, ele costumava me bombardear com perguntas todo dia de manhã. Respondia questões que eu já tinha até esquecido e falava sobre coisas em que passara a tarde toda pensando como tigre e não pudera me dizer.

Kishan era o oposto. Ele era calado, silencioso. Gostava de simplesmente *ser, sentir, experimentar* as coisas ao seu redor. Quando bebeu vaca-preta, ele se deleitou com a experiência e dedicou cem por cento de sua atenção a ela. Ele absorvia o ambiente e se contentava em ficar na dele.

Eu me sentia à vontade com os dois. Conseguia apreciar mais o silêncio e a natureza com Kishan. Mas, quando Ren estava perto, eu ficava tão ocupada conversando com ele e, *confesso*, olhando fixamente para ele que todo o resto perdia importância.

Quando já podíamos avistar o lago Suki, vimos Ren em pé à beira d'água, jogando pedrinhas na superfície. Ele se virou para nós com um sorriso e nos flagrou de mãos dadas. O sorriso falhou por um instante, mas ele logo brincou comigo e voltou a sorrir.

– Já estava na hora de vocês me alcançarem. São mais lerdos do que tartarugas. Estou morrendo de fome. O que temos para o almoço?

Tirei a mochila das costas. Minha camiseta estava colada à pele. Eu a soltei e me agachei para abrir o zíper da bolsa.

– O que você vai querer?

Ren se agachou ao meu lado.

– Qualquer coisa. Surpreenda-me.

– Achei que você não gostasse da minha comida.

– Que nada! Eu gosto, sim. Só não gostei de vocês todos ficarem olhando para mim enquanto eu comia, achando que cada mordida iria despertar uma lembrança. Aliás, um daqueles biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim caíria muito bem.

– Certo. E você, Kishan?

Protegi as vistas do sol e olhei para ele. Estava observando Ren.

– Faça para mim a mesma coisa que fizer para ele.

Os irmãos se afastaram para jogar pedrinhas no lago e pude ouvir as risadas enquanto competiam entre si. Pedi ao Fruto Dourado que criasse uma cesta de piquenique para nós, repleta de limonada; pãozinhos quentes com manteiga e uma boa variedade de geleias; salada fria de macarrão com azeitona, tomate, cenoura e molho vinagrete com limão; uma caixa gigantesca de frango picante à havaiana; e meus biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim.

Usei o Lenço Divino para criar uma toalha de mesa xadrez branca e vermelha e a estendi embaixo de uma árvore. Nosso piquenique estava pronto.

– O almoço está servido! – gritei.

Os irmãos não perderam tempo. Kishan pegou logo o frango e Ren, os biscoitos. Dei tapas nas mãos dos dois e entreguei a cada um deles um lencinho antibacteriano.

Kishan resmungou:

– Kells, eu passei 300 anos comendo alimentos crus, no chão. Realmente não acho que um pouquinho de sujeira vá me matar.

– Talvez não, mas mãos limpas fazem com que eu me sinta melhor.

Entreguei-lhes a caixa gigantesca de frango e peguei um pãozinho da cesta, passei manteiga e espalhei geleia por cima. Recostei-me numa árvore e fiquei observando o sol salpicado entre as folhas enquanto saboreava meu lanche devagar.

– Ainda falta muito até a casa de Phet? Ren e eu levamos mais ou menos um dia para chegar lá a pé da última vez.

– Vamos ter que dormir na selva hoje à noite – respondeu Kishan. – Estamos do outro lado do lago Suki.

– Ah. Ei! Deixem um pouco de frango para mim! – exclamei quando vi a caixa se esvaziando com rapidez. – Como é que vocês conseguem devorar tanta comida em tão pouco tempo?

– Quem manda ficar aí olhando para o nada! – disse Ren.

– Eu não estava olhando para o nada. Estava apreciando o ambiente.

– Percebi. Isso também me deu uma boa oportunidade de “apreciar o ambiente” – retrucou ele com um sorriso sarcástico, me provocando.

Dei-lhe um chute no pé.

– Deviam ter deixado pelo menos *alguma coisa* para mim.

Ren sorriu e me entregou uma das últimas coxas.

– O que você esperava? Dois ou três franguinhos minúsculos para

alimentar dois tigres famintos? Precisamos de algo pelo menos do tamanho de... o que você diria, Kishan?

– Do tamanho de um búfalo pequeno.

– Um búfalo pequeno seria bom, ou quem sabe uma ou duas cabras. Você já comeu um cavalo? – perguntou Ren.

– Ah, não. É fibroso demais.

– E que tal um chagal?

– Não. Mas já matei vários. Eles gostavam de ficar esperando até eu dar conta da minha presa.

– Javali?

– Pelo menos um por mês.

– E que tal um... tudo bem com você, Kelsey?

– Será que podemos mudar de assunto? – A coxa de frango estava quase caindo da minha mão. Fiquei olhando para ela e imaginei o animal a que um dia pertenceu. – Acho que não vou mais conseguir comer isto aqui. Aliás, chega de falar de caçadas enquanto estamos comendo. Já foi bem ruim eu ter que ver vocês dois em ação.

Ren mastigou e brincou:

– Pensando bem, você tem o tamanho ideal de um petisco. Não acha, Kishan?

Kishan me examinou com um brilho gozador nos olhos.

– Sempre achei que seria divertido caçar a Kelsey.

Olhei com raiva para Kishan. Ele mordeu um pãozinho e deu uma piscadela.

Ren dobrou os joelhos até o peito e deu risada.

– O que me diz, Kelsey? Quer brincar de esconde-esconde com os tigres?

– Acho que não – respondi com desdém enquanto limpava os dedos com outro lençinho.

– Ah, vamos lá. A gente dá vantagem para você.

Eu me recostei no tronco da árvore.

– Mas a questão é: o que vocês fariam quando me pegassem?

Kishan passou manteiga em outro pãozinho enquanto tentava esconder um sorriso.

Ren se apoiou nos cotovelos e deixou a cabeça cair de lado, como se realmente estivesse refletindo sobre a questão.

– Acho que a decisão caberia ao tigre que pegasse você. Não acha, Kishan?

– Ela não vai correr – disse ele.

– Acha que não?

– Acho. – Kishan se levantou e sugeriu que caminhássemos mais

uma ou duas horas e então montássemos acampamento para passar a noite. Ele se agachou ao meu lado e pegou no meu ombro. – Está bem quente agora. Avise quando ficar cansada – disse, saindo pela selva para encontrar a trilha.

– Kishan tem razão. Eu não vou correr – afirmei enquanto bebia minha limonada.

Ren suspirou.

– Que pena. Na maioria das vezes, a diversão está na caçada, mas desconfio que, no seu caso, a captura seria igualmente interessante.

Ele roçou na minha bochecha com o dedo indicador.

– Fiz você ficar vermelha de novo.

– Deve ser por causa do sol – retruquei, fuzilando-o com os olhos.

Ele se levantou e ofereceu a mão para me puxar. Assim que me pus de pé, soltei-a imediatamente.

Ren pegou a caixa de biscoitos e disse baixinho:

– Não é o sol.

Ele pôs minha mochila nos ombros e saiu atrás de Kishan. Sem nada para carregar, instruí mentalmente o Fruto Dourado e o Lenço Divino para fazerem com que os restos de nosso piquenique desaparecessem e saí apressada atrás de Ren.

Caminhamos mais duas horas até eu não aguentar mais. Ren se apoiou em uma árvore a alguns metros de distância e Kishan usou o Lenço para criar uma barraquinha.

– Aí não vão caber dois tigres, Kishan.

– Não precisamos dormir ao seu lado, Kells. Está calor. Só iríamos deixá-la desconfortável.

– Eu não me incomodo, de verdade.

Kishan molhou um pano e passou no meu rosto.

– Que gostoso – falei, agradecida.

– Você está quente demais. Não devia ter caminhado tanto em um dia só. A culpa é minha.

– Vou ficar bem. Quem sabe não faço um banho de leite mágico com o Fruto Dourado, hein? – sugeri, rindo.

Kishan pensou sobre o assunto e sorriu.

– Uma tigela gigante de leite com você dentro pode ser um pouco demais para nós, gatos, resistirmos.

Eu sorri, mas estava cansada demais para revidar.

– Você precisa relaxar, Kelsey. Tire um cochilo.

– Certo.

Entrei na barraca para limpar os braços e a nuca com o pano úmido. Estava tão abafado ali dentro que logo saí. Os dois tigres, um branco e um preto, descansavam à sombra de uma árvore próxima. Ouvi o gorgolejar suave de um riacho. O calor estava me deixando sonolenta.

Resolvi me sentar entre os tigres, com as costas apoiadas na árvore. Depois que minha cabeça caiu pela terceira vez, descansei-a nas costas macias de Kishan e caí no sono.

A pelagem fez cócegas no meu nariz. Balbuciei alguma coisa e virei a cabeça. Ouvi o pio de um pássaro, pisquei para abrir os olhos e vi Kishan sentado com as costas apoiadas na árvore, olhando para mim em silêncio. Estava descalço, usando as roupas pretas que apareciam toda vez que ele se transformava de tigre em humano.

– Kishan?

Ergui a cabeça, confusa, ciente de que tinha caído no sono em cima do pelo macio e escuro dele. Minha mão estava pressionada contra o ombro branco de Ren.

– Ren? – Rapidamente me encolhi para perto de Kishan, que envolveu meus ombros com um dos braços. – Ren? Desculpe! Machuquei você?

Observei enquanto o corpo de tigre de Ren se metamorfoseou na forma humana, ficando agachado. O sol de fim de tarde refletia na camisa branca dele enquanto me analisava, pensativo.

– Não me machucou, não.

– Tem certeza?

– Tenho. Você se mexeu enquanto dormia. Não queimou nem me causou dor nenhuma.

– Por quanto tempo?

– Um pouco mais do que duas horas.

– Você não sentiu necessidade de fugir? De se afastar de mim?

– Não. Foi... gostoso. Talvez eu deva ficar mais como tigre perto de você.

Ele sorriu, voltou à forma de tigre, andou até onde eu estava e enfiou o focinho no meu rosto. Dei risada e, meio sem jeito, toquei atrás da orelha dele e a cocei. Ouvi um ronco em seu peito, e ele caiu no chão ao meu lado, virando o pescoço para que eu alcançasse a outra orelha.

Kishan limpou a garganta, ficou em pé e se alongou.

– Como vocês dois estão... retomando o relacionamento, vou esticar

as pernas um pouco, quem sabe ficar um pouco de tocaia só por diversão.

Eu me levantei e encostei a palma da mão na bochecha dele.

– Não vá cair numa armadilha.

Kishan ergueu a mão, colocou-a por cima da minha e sorriu.

– Vou ficar bem. Volto daqui a uma ou duas horas, mais ou menos quando o sol se pôr. Você pode tentar me rastrear com os celulares novos se quiser.

Kishan se transformou no tigre negro. Fiz carinho na cabeça dele um pouco, antes que corresse para dentro da selva.

Eu me acomodei ao lado de Ren com o celular rastreador. Demorei quase uma hora para entender como funcionava. A tela parecia um mapa do Google. Eu era o ponto marcado com *Ke*. Ren era *R*. Kishan era a bolinha *Ki*, e dava para ver o sinal dele se movendo pela tela. Ele estava a cerca de três quilômetros de distância, movendo-se com rapidez para o leste.

Ampliei o mapa e descobri como obter mais detalhes da localização do Sr. Kadam e de Nilima. Se eu clicasse no ponto de um deles, uma janelinha se abriria para mostrar a latitude e a longitude exatas, assim como os sinais vitais deles. *Que aparelhinho legal!*

Acaricieei a pelagem de Ren distraída e expliquei-lhe como tudo funcionava. As orelhas dele se agitavam para a frente e para trás, em sinal de atenção. Então de súbito ele se levantou de um salto e ficou olhando fixamente para a selva que ia escurecendo.

– O quê? O que foi?

Ren se transformou em homem.

– Entre na barraca e feche o zíper.

– Não tem zíper. O Lenço não consegue fazer isso. O que tem aí?

– Uma serpente. Espero que siga seu caminho e nos deixe em paz.

Entrei na barraca e ele retomou a forma de tigre.

Ren ficou andando de um lado para outro na frente da barraca, esperando. Dei uma olhada e vi uma cobra gigantesca, preta e verde-oliva, vindo da selva, deslizando. A cabeça era desproporcionalmente maior do que o corpo. Quando ela viu Ren, parou para sentir o ar. Ren rosnou baixinho, e a cabeça da cobra disparou para o alto, mostrando a pele amarelo-clara da barriga. Quando seu pescoço se dilatou e ela sibilou um sinal de alerta, percebi que estava olhando para uma cobra-real, praticamente uma prima das najas.

Ren não se mexeu. Era provável que a serpente seguisse seu caminho se ficassemos imóveis. Ela baixou a cabeça devagar e deslizou mais alguns centímetros para a frente, mas então vi Ren

sacudir a cabeça, logo antes de um enorme espirro de tigre tomar conta de seu corpo. A cobra voltou a erguer a parte superior do corpo e disparou jatos duplos de veneno das presas, a uns três metros de distância. O jorro não atingiu os olhos de Ren, por sorte, ou certamente o teria deixado cego. Ela chegou um pouco mais perto e tentou de novo.

– Ren! Afaste-se! Ela está mirando os seus olhos!

Alguma coisa se mexeu na minha mochila. Era outra cobra! Uma cabeça dourada saiu da pequena abertura da bolsa e disparou para fora da barraca.

Fanindra?

Ren recuou e eu soltei alguns nós da barraca para que ele pudesse entrar. Ficamos observando de lá de dentro.

Fanindra traçou seu caminho até a cobra-real, ergueu a cabeça e dilatou o pescoço. Seus olhos brilhantes de esmeralda reluziram, apesar do sol já fraco. A cobra-real balançou para a frente e para trás, sentindo o ar, então baixou a cabeça por baixo da de Fanindra. Fanindra foi baixando a cabeça vagarosamente, de forma que a outra cobra também baixasse a sua, e então esta passou a cabeça pelo corpo de Fanindra, virou-se e deslizou com rapidez para dentro da selva. Fanindra voltou para a barraca, enroscou o corpo numa espiral, aconchegou a cabeça e se tornou inanimada.

Ren se transformou em homem.

– Tivemos sorte. Era uma cobra nervosa, cheia de atitude.

– Fanindra a acalmou bem depressa.

A barraca tinha ficado escura. Os olhos azuis de Ren e seu sorriso brilhavam ao lusco-fusco. Senti um leve toque no queixo.

– Mulheres bonitas têm esse efeito sobre os homens.

Ele voltou à forma de tigre branco e se sentou aos meus pés.

Kishan logo retornou e emitiu um som estranho com a garganta ao entrar no acampamento. Depois de passar de tigre para homem, enfiou a cabeça na barraca.

– Por que vocês estão escondidos?

Saí da barraca e lhe falei da cobra.

– O que foi esse barulho que você acabou de fazer? – perguntei quando comecei a preparar o jantar.

Ren se transformou em homem e se sentou à minha frente. Entreguei-lhe um prato enquanto ele respondia por Kishan.

– É um cumprimento de tigre.

Fiquei surpresa e olhei para Ren.

– Você nunca fez isso.

Ele deu de ombros.

– Acho que nunca quis fazer.

Kishan resmungou.

– Então é isso? – Ele cutucou Ren com o cotovelo. – Acho que agora sei o que todas aquelas tigresas estavam dizendo. Onde aprendeu isso?

– No zoológico.

– Sei.

Ren sorriu.

– Então... você e as tigresas, hein? Quer compartilhar alguma coisa com a gente, Kishan?

Kishan enfiou uma garfada de comida na boca e falou mastigando:

– Que tal eu compartilhar o meu punho com a sua cara?

– Nossa. Que sensível. Tenho certeza de que todas as suas amigas tigresas eram muito charmosas. Então, eu sou tio?

Kishan resmungou alto e pousou o prato. De repente se transformou no tigre negro e rugiu.

– Ei, já chega – ameacei. – E você, Ren, quer que eu compartilhe com Kishan a sua história sobre a tentativa de reprodução com uma tigresa branca?

Ren ficou pálido.

– Você sabe disso?

Dei um sorriso debochado.

– Sei.

Kishan voltou a ser humano, pegou o prato e sorriu.

– Por favor, continue, Kells. Fale mais sobre isso.

– Certo. – Suspirei. – Vamos pôr tudo na mesa. Kishan, você já se envolveu em alguma... atividade promíscua com tigresas?

– O que você *acha*?

– Apenas responda à pergunta.

– Claro que não!

– Foi o que pensei. Ren, já sei que também não rolou com você, apesar de o zoológico ter tentado muito fazer com que você procriasse. Agora, chega de piada e de briga sobre esse assunto, ou vou dar um choque de raio em vocês. Será que não conseguem se comportar sem uma coleira? – Eu sorri. – Aliás... de repente seria bom investir em coleiras de choque para vocês dois. Não, melhor não. Seria tentador *demais* para mim.

Os dois deram uma gargalhada de desdém, mas logo se acalmaram e comeram uns cinco pratos de comida cada um.

Depois que jantamos, Kishan acendeu uma fogueira para afastar os

animais e eu contei a história do leão e do rato, mas substituí os personagens por um tigre e um porco-espinho. Isso levou a uma conversa sobre caça e às melhores histórias de matança dos irmãos, durante as quais eu fiquei me contorcendo e tentando ignorá-los.

Enquanto assistíamos ao pôr do sol, Kishan me abraçou e descreveu as mudanças que percebia na selva quando o dia se transformava em noite. Era fascinante – e também assustador – saber quantas criaturas começavam a se mover entre as árvores ao anoitecer.

Mais tarde, naquela noite abafada, entrei na minha barraquinha e me deitei em cima da colcha, enrolando bem o cobertor mais leve ao meu redor, feito uma múmia.

Ren enfiou a cabeça lá dentro para ver se eu estava bem e deu risada.

- Você sempre faz isso?
- Só quando acampo.
- Você sabe que os insetos podem entrar assim mesmo.
- Não diga isso. Gosto de viver na ignorância.

Ouvi a risada suave dele enquanto amarrava o cordão da barraca para mim.

Depois de eu passar horas insone, rolando de um lado para outro, Kishan apareceu à porta da barraca.

- Não consegue dormir?

Eu me apoiei no cotovelo.

– Eu gostaria muito de ter um tigre ao meu lado. Isso me ajuda a dormir na selva.

Kishan suspirou. Seus olhos dourados brilharam ao luar.

- Certo. Chegue mais para lá.

Eu me ajeitei bem feliz e abri lugar para Kishan. Ele se transformou em tigre negro e apertou o corpo contra minhas costas. Eu tinha acabado de sossegar quando senti um focinho molhado na bochecha. Ren espremera seu corpo gigantesco no espaço minúsculo e se deitou... meio em cima de mim.

– *Ren!* Não consigo respirar. E o meu braço está preso embaixo de você.

Ele rolou e lambeu o meu ombro. Empurrei o corpo pesado dele e virei para o outro lado.

Exasperada, eu disse:

– Lenço Divino, será que pode fazer com que a barraca seja grande o suficiente para nós todos, por favor?

Senti a barraca sacudir de leve e ouvi o sussurro dos fios que se transformavam. Um pouco depois, eu estava acomodada com

conforto entre meus dois tigres. Rolei para um lado, beijei Kishan no alto da cabeça e acariciei o pescoço dele.

– Boa noite, Kishan.

Então rolei para o outro lado e fiquei cara a cara com meu tigre branco de olhos azuis. Fiz um carinho na cabeça dele e dei boa-noite antes de fechar os olhos. Logo senti pelos fazendo cócegas no meu nariz. A cabeça de Ren pressionava o meu rosto. Eu sabia o que ele queria.

– Tudo bem. – Beije a cabeça dele também. – Boa noite, Ren. Vá dormir.

Ele começou a ronronar e fechou os olhos. Também fechei os meus e sorri na escuridão.



Phet

Na manhã seguinte, resolvemos partir cedo. A temperatura tinha caído à noite, e a selva estava relativamente fresca e perfumada. Respirei fundo, me alonguei e inalei o cheiro forte e doce das árvores de olíbano. Depois do café da manhã, Kishan foi para o meio da selva vestir as roupas novas que tinha criado com o Lenço Divino.

Ren remexeu as cinzas negras e frias da nossa fogueira com uma vareta comprida. Fiquei a uma boa distância dele, suficiente para não incomodá-lo. Essa nova relação de amizade era meio esquisita. Eu não sabia muito bem como falar com este Ren diante de mim. Queria que ele fosse igual ao *meu* Ren. Em muitos aspectos, ele era. Mas como se pode ser a mesma pessoa com um grande pedaço da vida faltando?

Ren continuava a ser encantador e gentil. Ainda gostava das mesmas coisas, mas já não era tão seguro de si. Kishan sempre tinha sido o seguidor, e Ren, o líder, mas agora o papel deles havia se invertido. Kishan estava confiante, tinha direção. Ren fora deixado para trás, como se não houvesse mais lugar para ele neste século.

Ren parecia não saber mais quem era nem como se encaixava no mundo. Era impressionante perceber sua falta de integração com o ambiente. Ele parecia não querer mais escrever poesia. Raramente tocava violão. Só lia literatura quando incentivado pelo Sr. Kadam e por mim. Tinha perdido sua noção de eu, sua convicção.

Ao tomar decisões, Ren parecia não se importar com nada e se contentava em fazer qualquer coisa que Kishan quisesse, ou ir a qualquer lugar que o irmão sugerisse. Visitar Phet era apenas uma

atividade, não uma maneira de recuperar a memória ou romper a maldição. Ele não resistia, mas também não estava procurando resolver a situação. Reconhecer que o fato de me perder tinha feito com que ele mudasse tanto assim dava o que pensar. Eu estava preocupada com ele.

Eu me agachei na frente dele e sorri.

– Você não vai trocar de roupa também? Ainda temos mais um dia inteiro de caminhada pela frente.

Ren jogou a vareta no círculo da fogueira e ergueu os olhos para mim.

– Não.

– Está bem. Mas os seus pés descalços não vão aguentar muito tempo. A selva está cheia de pedras afiadas e espinhos.

Ele caminhou até a mochila, pegou um frasco de protetor solar e entregou-o para mim.

– Passe isto no rosto e nos braços. Você está ficando cor-de-rosa.

Obediente, comecei a esfregar o creme nos braços e fiquei surpresa quando ele disse:

– Acho que hoje vou de tigre.

– O quê? Por que faria uma coisa dessas? Ah. Deve ser mais confortável para os seus pés. Não o culpo. Se eu tivesse a opção, provavelmente também ficaria na forma de tigre.

– Não é por causa da caminhada.

– Não? É por quê?

Naquele momento, Kishan surgiu da selva com o cabelo penteado para trás. Ren deu um passo na minha direção, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas a aparência de Kishan chamou minha atenção.

– Não é justo! Você tomou banho? – perguntei, só com uma pontinha de inveja na voz.

– Tem um riacho logo ali. Não se preocupe. Você vai poder tomar um bom banho quando chegarmos à casa de Phet.

Espalhei protetor solar no nariz.

– Ótimo. – Sorri só de imaginar. – Então, estou pronta. Vão na frente, vocês dois.

Voltei-me para Ren, que tinha se transformado em tigre e estava sentado, nos observando. Kishan ergueu a sobrancelha e retesou os músculos do maxilar ao olhar para o irmão.

– Tem algo errado? – indaguei a ele.

Kishan se virou para mim com um sorriso e ofereceu a mão.

– Nadinha.

Peguei na mão dele e partimos. Só havíamos caminhado um ou dois minutos quando senti o corpo peludo de Ren roçar na minha outra mão. Passou pela minha cabeça a ideia de que Ren talvez se sentisse mais à vontade como tigre, da mesma maneira que tinha acontecido com Kishan durante todos aqueles anos. Mordi o lábio, preocupada, e massageei o tufo de pelos ao redor do pescoço de Ren. Depois joguei o pensamento para o fundo da mente e comecei a falar sobre incenso de olíbano para Kishan.

Caminhamos a manhã toda e então paramos para descansar e comer. Depois de tirar um cochilo na tarde quente, caminhamos mais umas duas horas e finalmente chegamos à clareira de Phet. O xamã estava do lado de fora, cuidando do jardim. Estava de quatro no chão, arrancando ervas daninhas e conversando com as plantas enquanto tratava delas com desvelo.

Antes mesmo de eu proferir um cumprimento, ele foi gritando:

– Olá, Quel-si! Encontros felizes acontecem com você!

Kishan subiu no muro de pedra de Phet, me ergueu e me pousou com cuidado do outro lado. Ren saltou com facilidade ao nosso lado.

Eu me apressei até o jardim.

– Oi, Phet! É bom ver você também!

Phet me espiou por cima de um pé de alface e riu todo contente.

– Ah! A minha flor cresce resistente e forte.

Ele se levantou, limpou as mãos e me abraçou. Uma nuvenzinha de poeira flutuou no ar. O xamã ajustou suas vestes e as sacudiu. Torrões de terra rica e fértil caíram da parte da frente, sobre a qual ele estivera apoiado.

Phet tinha mais ou menos a minha altura, mas as costas dele eram encurvadas, provavelmente por causa da idade, por isso aparentava ser mais baixo. Dava para ver com clareza a careca que brilhava no meio do cabelo desgrenhado grisalho, que mais parecia um ninho de passarinho. Ele olhou para as botas de caminhada de Kishan e seu olhar foi subindo devagar pela silhueta alta até que os olhos astutos pararam no rosto do irmão mais novo.

– Homem de tamanho considerável viaja a seu lado.

Ele deu um passo à frente para chegar bem pertinho de Kishan, pôs as mãos em seus ombros e ergueu a cabeça até fitar os olhos dourados dele.

Kishan suportou pacientemente o exame detalhado de Phet.

– Ah, entendo. Olhos profundos. Muitas cores aí. O pai de muitos.

Phet se virou para recolher as ferramentas de jardinagem enquanto eu fazia uma expressão de surpresa para Kishan e dizia sem emitir som:

– *Pai de muitos?*

Kishan mudou de posição, pouco à vontade. Seu pescoço corou quando eu o cutuquei com o cotovelo e murmurei:

– O que você acha que ele quis dizer com isso?

– Não sei, Kells. Acabo de conhecer o sujeito. Talvez ele seja louco – respondeu Kishan, nervoso, como se estivesse tentando esconder algo.

Eu pressionei:

– O quê? Como é? Espere um pouco. Você *já* é pai? Você e Yesubai por acaso...

– Não!

– Hum. Nunca o vi tão desconcertado. Tem algo aí que não quer me contar. Bom, não faz mal. Eu arranco de você mais cedo ou mais tarde.

Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

– Eu devoro bisbilhoteiras no café da manhã.

Sussurrei em resposta:

– Eu sou muito esperta. Você não vai me pegar.

Ele soltou um resmungo em resposta.

Phet cantarolou uma cantiga infantil e entrou em sua cabana assobiando.

– Venha, venha, Quel-si – anunciou Phet. – Hora da conversa.

Ren se transformou em homem e tocou no meu braço de leve, mas então deu alguns passos para trás.

– Phet não é louco – disse ele a Kishan, depois se virou para mim e sorriu. – “É melhor um tolo espirituoso do que um espirituoso tolo.”

Eu sorri para ele e rebati seu Shakespeare com um provérbio africano.

– “Quando o tolo fala, o sábio escuta.”

Ren fez uma medida galante.

– Prosseguimos?

Kishan resmungou e empurrou Ren para o lado.

– Primeiro as damas. Vá na frente, Kelsey.

Kishan pôs a mão nas minhas costas e me fez entrar, sem tirá-la da minha cintura. Fiquei com a impressão de que estava tentando provar alguma coisa. Eu me virei e vi Ren sorrindo alegremente ao nos seguir e se sentar na cama.

Phet começou a remexer na cozinha para nos preparar uma

refeição. Tentei lhe dizer que não era necessário, mas ele insistiu e logo colocou na mesa travessas cheias de legumes refogados temperados e bolinhos fritos de berinjela. Kishan encheu um prato para mim antes de se servir.

Levei o meu para Ren, que aceitou com um sorriso convencido e deu uma piscadela. Voltei para a mesa aos tropeços, sentindo seus olhos em mim. Ele ficou sentado na cama, me observando sem disfarçar enquanto comia sozinho.

Kishan já tinha enchido mais um prato para mim, depois de olhar de cara feia para Ren. Agradei a ele e depois a Phet, que rejeitou meu gesto.

– Phet sabe você vem, Quel-si. – Ele encostou o dedo no nariz e piscou. – Voz suave do passarinho no ouvido de Phet. Diz tigres chegando perto.

Eu dei risada.

– Como você sabia que eram os dois tigres certos?

– Passarinhos olham tudo. Passarinhos sabem muita coisa. Diz dois tigres enfeitados. Uma moça. – Ele deu uma risada ruidosa, sorriu e deu tapinhas na minha bochecha, todo feliz. – Lin-da flor encanta muitos. Antes só um botãozinho. Agora botão abriu, quase desabrochado. Depois, botão redondo vira flor. Então florada perfeita e vida da flor completa.

Dei tapinhas na mão bronzeada e enrugada dele e ri de seu comentário.

– Phet, você se incomoda se eu tomar um banho depois do jantar? Estou me sentindo grudenta, suja e cansada.

– Não. Não. Phet conversa com tigres.

Depois que lavamos as louças do jantar, ri baixinho quando vi Phet agitar o dedo no rosto de Kishan e apontar com severidade para a porta. Ren lançou um sorriso largo para mim por cima do ombro, e os irmãos seguiram Phet para fora, fechando a porta atrás de si. Quando ouvi Phet instruí-los a assumir a limpeza do jardim, não pude deixar de sorrir.

Kishan tinha sido muito gentil ao encher o balde dezenas de vezes na bomba da cozinha de Phet para que eu pudesse tomar um banho com a banheira cheia. Tirei as roupas sujas e pedi peças novas ao Lenço Divino quando entrei na banheira. Esfreguei a pele com um sabonete caseiro de lilás que encontrei por ali e escutei Phet dando bronca nos irmãos enquanto eu ensaboava o cabelo.

Estava sendo duro com eles. Parecia que lhes dava um sermão. Frustrado, ele disse:

– Vocês precisam cuidar de flor frágil! Pétalas delicadas e finas estragam fácil, machucam. Danifica e prejudica. Jardim não é brincadeira! Tratando com brutalidade, batalha pela flor destrói ela. Corta o caule, a flor morre. Tem que florescer, ser radiante para admirar. Amar é olhar, não colher. Tentar pegar antes de pronta é energia desperdiçada, perde tudo. Lembrem.

Parei de escutar o que ele estava dizendo e aproveitei meu banho, pensando que água perfumada é muito melhor do que leite. Então me lembrei do comentário de Kishan sobre o banho de leite, que fez meu rosto arder em chamas.

A voz de Phet atravessou as paredes mais uma vez. *Ele realmente está pegando pesado com os rapazes em relação a essas flores. Engraçado, não reparei em flor alguma*, pensei ao me afundar na banheira.

Depois de me lavar bem, pedi ao Lenço que fizesse duas toalhas felpudas e macias e enrolei uma no cabelo molhado e a outra no corpo. Saí da banheira pisando num tapetinho de bambu trançado e vesti um pijama de algodão fino. A camiseta dizia:

EU ♥ TIGRES

A parte de baixo tinha desenhos de tigres brancos e pretos roncando em paz. Franzi as sobrancelhas.

Não me lembrava de ter pedido ao Lenço um pijama de tigre, mas o meu pensamento deve ter divagado quando o criei. Ordenei ao Lenço que se livrasse dos tigres, e o tecido tremeu quando os fios pretos e brancos se transformaram em azul-bebê para combinar com a parte de cima. Criei meias azuis de caxemira e as calcei, suspirando alegre.

Quando os homens chegaram, eu estava sentada na cama, lendo, com o cabelo comprido molhado preso numa trança. Como estava escuro, eu tinha acendido a lamparina. Também pedira um lanche ao Fruto Dourado. Tanto Ren quanto Kishan olharam para mim rapidamente, lançaram sorrisos fracos na minha direção e foram para a mesa. A cara de desalento deles dava a impressão de que tinham passado a última hora levando bronca do avô. Fiquei na cama para que Ren não se sentisse muito desconfortável. Phet irrompeu na cabana por último e pendurou um chapéu de palha num gancho.

– Ah. Quel-si. Está limpa? Sente-se refrescada e revigorada?

– Sim. Eu me sinto cem por cento melhor. Obrigada. Fiz um lanche para você. É de Shangri-lá.

Ele se aproximou da mesa e se sentou perto dos garotos. Eu tinha criado um pequeno banquete com delícias de Shangri-lá: chá de flor de cerejeira com mel, tortinhas amanteigadas de pêssego, cereal de canela com açúcar, pasta de cogumelo com avelã entre camadas de biscoitinhos de queijo, delicados crepes de frutas vermelhas com molho de creme de leite azedo e geleia de mirtilo com bolachinhas doces crocantes.

Phet esfregou as mãos, deliciado, e deu um tapa na mão de Kishan antes que ele pudesse pegar uma tortinha de pêssego. O xamã encheu o prato, comeu as guloseimas saborosas com prazer e sorriu para mim daquele seu jeito engraçado, com dentes faltando.

– Ah. Phet não vai a Shangri-lá faz muito tempo. Comida lá deliciosa.

Kishan perguntou:

– Quer um pouco, Kells? É melhor falar agora.

– Não, obrigada. Ainda estou satisfeita com o jantar. Você já foi a Shangri-lá, Phet?

– Sim, sim. Há muitos anos. Há muitos cabelos – disse ele, caindo na risada.

Por algum motivo, não fiquei surpresa. Fechei o livro e me ajeitei na cama.

– Então, Phet, você queria falar com a gente? Pode ajudar Ren?

O olhar azul brilhante de Ren se voltou para mim. Ele ficou me fitando pensativo enquanto Kishan cortava um crepe devagar. Phet bateu as mãos para limpá-las do açúcar.

– Phet pensando nisso faz muito tempo. Conserto ou talvez não. Amanhã melhor momento para olhar nos olhos do tigre.

– Olhar nos olhos dele? Por que precisa fazer isso?

– Olho é vidro. Não espelho. Dentro do olho tem zumbido igual abelha. Pele é carne? Não importa. – Ele pegou um punhado de cabelo eriçado. – Cabelo não é nada. – Sorriu para mim. – Dente e língua? Não tem zumbido. Palavra não é zumbido. Só o olho fala.

Eu não tinha entendido nada.

– Está tentando dizer que os olhos são a janela da alma?

Phet deu uma risada alegre.

– Ah! Muito bem, Quel-si. Menina inteligente!

Ele bateu na mesa e apontou para os irmãos.

– Vou dizer, rapazes. Minha Quel-si muito rápida.

Segurei uma risadinha enquanto Ren e Kishan meneavam a cabeça, como garotos levando bronca na escola.

– Certo. Então você quer fazer um exame geral nele amanhã –

prossegui. – Trouxemos as armas de Durga, que pediu para ver.

Phet se levantou, empurrou a cadeira e acenou com os braços.

– Não, não. Amanhã é hora de arma. Esta noite é para presentes. Presentes para a liiin-da deusa.

– Ah! Você quer os presentes. – Mexi na minha mochila. – Vai ser difícil abrir mão deles. São bastante úteis. Graças ao Fruto não precisamos carregar tanta coisa em nossas longas caminhadas pela selva e também não temos que ficar comendo barras de cereal o tempo todo. Mas, tecnicamente, eles não nos pertencem. São para Durga.

Tirei o Fruto Dourado e o Lenço Divino da mochila, coloquei-os com cuidado na mesa e me afastei bem rápido, quando Ren se remexeu desconfortável na cadeira.

Phet pôs suas mãos em concha ao redor do Fruto Dourado, que começou a brilhar na luz bruxuleante da cabana.

– Presente esplêndido. *Ama sunahara.*

Ele acariciou a casca do Fruto e murmurou enquanto ele reluzia sob suas atenções. Então ele se voltou para o Lenço. Esticou os dedos, tocou de leve no pano iridescente e disse:

– *Dupatta pavitra.*

Os fios das pontas se estenderam na direção da palma da mão de Phet e começaram a se entremear em seus dedos, como se fossem a urdidura no tear. O Lenço se prendeu à mão enquanto Phet lhe dirigia palavras e o acariciava, e então as cores começaram a girar em redemoinho cada vez mais rápido. Faiscou e estalou até estourar como uma minúscula supernova, e depois disso o material se tornou branco puro.

Ele conversou com o Lenço, como tinha feito com o Fruto, murmurando palavras e estalando a língua enquanto o Lenço ia se desenrolando de sua mão e retomava seu formato de repouso. Formas cor de laranja, amarelas e vermelhas projetaram-se através da superfície branca como peixes reluzentes em um mar límpido. As cores começaram a disparar mais rápido, até que o branco desapareceu e ele assumiu sua forma normal, acomodando-se num dourado alaranjado. O tecido parecia vibrar ou zumbir de contentamento enquanto ele o acariciava com a mão, preguiçosamente.

– Ah. Phet com saudade dos presentes há muito tempo. Muito, muito bom, Quel-si. Presente bom para você também. Dá dois presentes ganha dois presentes.

Ele pegou o Fruto Dourado e o deitou nas mãos de Ren. Então

apanhou o Lenço, dando-o a Kishan. O Lenço imediatamente mudou de cor, passando para verde e preto. Phet olhou para o Lenço e depois encarou Kishan, que dobrou o presente e o dispôs na mesa à sua frente.

O xamã pigarreou fazendo barulho.

– Phet confia a vocês pela segunda vez. Alivia, deixa coisas mais fáceis para vocês.

– Quer que a gente continue usando os presentes? – perguntei.

– Sim. Agora Phet concede novo presente para vocês.

Ele se levantou e juntou várias ervas e alguns frascos contendo líquidos. Despejou colheradas de ervas trituradas numa xícara, adicionou gotas de diversos frascos e então usou uma concha para adicionar um pouco de água fervente. Mexeu tudo devagar e salpicou alguns grânulos brancos. Eu não conseguia ver bem o que ele estava fazendo, mas fiquei curiosa.

– Phet? Isso é açúcar?

Ele se virou para mim com um sorriso desdentado.

– Bebida amarga, açúcar melhor.

Ele deu risada enquanto mexia o caldo e começou a cantarolar “bebida amarga, açúcar melhor” sem parar. Quando ficou satisfeito, levou a xícara para Kishan que, com uma expressão confusa, passou-a para Ren.

Phet estalou a língua.

– Não, não, tigre de preto. É seu.

– Meu? Eu não preciso de remédio. Ren é que está com problema.

– Phet sabe tudo sobre problema. Para você, esta bebida.

Kishan ergueu a xícara, cheirou-a e fez uma careta.

– O que isto vai fazer comigo?

– Nada e tudo. – O xamã deu risada. – Dá para você o que mais deseja no mundo e deixa faltando, sem incluir o que mais quer.

Ren examinava Phet com muita atenção. Também tentei entender o que Phet queria dizer.

Kishan pegou a xícara e hesitou.

– Eu tenho *mesmo* que beber?

Phet jogou as mãos para o alto e deu de ombros.

– Escolha é sua. Escolha sempre beber, não beber. Comer, não comer. Amar, não amar. – Ele ergueu um dedo no ar. – Mas sua escolha molda muitas.

Kishan deu uma olhada na xícara e fez o líquido girar, então olhou para mim. Seus olhos se apertaram, e ele levou a xícara aos lábios e bebeu tudo.

Phet pareceu satisfeito.

– Presente um, agora dou outro.

– Aquilo foi um presente? – perguntei.

– Sim. Dois e dois.

– Mas você nos devolveu o Fruto e o Lenço. Ainda vai nos dar dois presentes?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Se aquela bebida foi um presente para Kishan, o que era? – indagou Ren.

Phet se recostou na cadeira e, com uma expressão estranha no rosto, disse:

– Soma.

Kishan começou a tossir com violência e Ren ficou paralisado.

– O que é soma? – perguntei.

Ren se virou para mim.

– Soma é a versão hindu da ambrosia. É a bebida dos deuses. No mundo moderno também é um alucinógeno.

– Ah.

Phet resmungou:

– Meu soma nada de sonho.

– Isso significa que ele vai se transformar em um deus? – perguntei a Phet.

Os irmãos também olhavam para Phet.

Ele apenas deu de ombros.

– Phet não sabe tudo, só algumas coisas. Agora presente para outro.

Ele retirou da prateleira um frasco que continha uma substância pegajosa, transparente e rosada.

– Você, tigre branco, sente aqui.

Ele orientou Ren para que se sentasse no meio da sala e inclinasse a cabeça para trás. Então pegou um punhado da gosma cor-de-rosa e passou no cabelo de Ren, que se levantou imediatamente.

– Não! Não! Phet não terminou. Sente, Tigre!

Ren se sentou e Phet ficou cantarolando enquanto pegava mais um punhado da substância e a espalhava em seu cabelo. Logo toda a cabeça ficou coberta com a coisa pegajosa, e Phet começou a massageá-la no couro cabeludo de Ren, como um cabeleireiro bizarro. Kishan se recostou na cadeira para observá-lo com um sorriso debochado no rosto. Ren parecia irritado. Não consegui conter o riso, e isso fez com que a cara dele se fechasse mais ainda.

– O que isso faz, afinal? – perguntou ele a Phet, cauteloso.

Phet o ignorou e agora passava os dedos no cabelo de Ren como

um macaco catando piolhos. Bolotas de gosma cor-de-rosa cobriam cada centímetro do couro cabeludo dele. Finalmente, Phet anunciou que havia terminado.

- Agora hora de dormir.
- Você quer que eu durma assim?
- Quero. Dorme a noite inteira. Observa o que acontece de manhã.
- Ótimo.

Kishan deu uma gargalhada. Phet foi até a pia lavar as mãos. Ren ficou olhando para mim infeliz e desanimado, como um cachorro molhado e ensaboado, sentado na bacia, olhando de mau humor para o dono que o colocou ali. Segurei uma risadinha e pedi ao Lenço que fizesse uma toalha. Ele ficou lá sentado com os braços cruzados e o rosto bonito emburrado. Eu me aproximei dele com a toalha no exato momento em que uma bolota gigante da gosma caiu no seu nariz e escorregou pela bochecha.

- Pronto, deixe que eu ajudo. Vou tentar não encostar em você.

Ren assentiu com a cabeça, e isso fez outra bolota começar a descer pelo seu pescoço. Peguei meu pente e passei por seu cabelo preto, colocando-o todo para trás e deixando o excesso de gosma cair na toalha. Quando terminei, pedi outra toalha, molhei-a e limpei a nuca, as orelhas e depois o rosto dele, começando pela linha do cabelo, passando para o nariz e depois as bochechas.

Fui delicada mas meticulosa. Enquanto passava a toalha com cuidado pela bochecha de Ren, sem querer acariciei-lhe a pele com o polegar. Algo dentro de mim se acendeu. Uma emoção terna foi se elevando devagar até a superfície da minha mente. Minha mão tremeu, e fiquei paralisada. A sala tinha ficado em silêncio. A única coisa que eu escutava era o som da minha própria respiração quando meu coração começou a bater mais rápido.

Senti quando Ren pegou meu pulso e lentamente ergui os olhos para encontrar os seus. Ele me encarou com um sorriso carinhoso e eu me perdi naquele olhar até que ele disse baixinho:

- Obrigado.

Com um gesto abrupto, afastei a toalha e ele soltou meu pulso. Eu o vi esfregar os dedos com o polegar. *Quanto tempo passei olhando fixamente para ele feito um idiota? Devo ter-lhe causado uma queimação horrível.* Bem depressa, baixei o olhar e me afastei. Todos estavam me observando. Fiquei de costas para eles e arrumei a cama. Quando voltei a me virar, já tinha me recomposto.

Abri um sorriso alegre.

- Phet tem razão: está na hora de ir para a cama.

Phet bateu palmas.

– Quel-si na casa. Tigre lá fora. Phet – ele sorriu – com Lenço.

Ele deu uma gargalhada de contentamento e criou uma bela barraca para si mesmo. Então abriu a porta e esperou até que os tigres saíssem.

Kishan tocou minha bochecha.

– Boa noite, Kells – disse ele e saiu, abaixando a cabeça para passar pelo toldo da porta.

Ren o seguiu, mas parou à porta e deu um daqueles sorrisos de parar o trânsito. Meu coração ardeu com uma dor cheia de esperança. Ele inclinou a cabeça maliciosamente na minha direção e saiu. Ouvi Phet murmurar instruções para os dois enquanto se acomodavam para passar a noite.

Na manhã seguinte, acordei com Phet cantarolando na cozinha.

– Quel-si! Acorde. Coma!

A mesinha dele estava coberta com diversos pratos. Juntei-me a ele e peguei salada de frutas e algo que parecia queijo *cottage*.

– Onde está todo mundo?

– Tigres tomando banho lá no rio.

– Ah.

Comemos em silêncio. Phet me examinou e, com delicadeza, pegou minha mão entre as suas. Ele a virou e acariciou em lugares diferentes. Quando tocou a pele, as marcas de hena que tinha me dado na primeira visita apareceram e brilharam, vermelhas, por um curto período de tempo antes de desaparecerem.

– Hum. Ah. Hum.

Ele pegou uma fatia de maçã e a mordeu, mantendo os olhos na minha mão enquanto estalava os lábios.

– Ah, Quel-si, você colocou olhos em muita coisa, foi a muitos lugares bem longe.

– É.

Ele olhou nos meus olhos.

– Está examinando a minha alma?

– Sim, sim. Quel-si extraordinariamente deprimida. Por que estrago?

– Qual é o meu estrago? – Dei uma risada seca. – É mais emocional. Eu amo Ren, e ele não se lembra de mim. Kishan me ama, e não sei o que fazer a esse respeito. É um daqueles triângulos amorosos terríveis em que ninguém está feliz. Todos estão arrasados. Tirando Ren, eu

acho. Ele não consegue se lembrar se está arrasado ou não. Algum conselho?

Phet refletiu sobre minha questão com seriedade.

– Amor parecido com água. Água por todos os lados em todo lugar. Gelo, rio, nuvem, chuva, mar. Uma parte é grande, outra é minúscula. Uma parte é boa para beber, outra é salgada demais. Todas têm sua utilidade para a terra. Estão o tempo todo em ciclo de movimento. Necessita de água para resistir. Mulheres como a terra; precisam submergir em água. Água com terra se modela, cresce.

Eu fazia força para compreender suas palavras. Ele continuou:

– Terra muda por causa do rio, faz via aquática. Leito do lago sabe segurar água na bacia, contém tudo. Água de gelo é geleira; move terra. Chuva faz deslizamento de terra. Mar faz areia. Sempre dois: terra e água. Uma precisa da outra. Tornam-se unidade juntas. Você vai ter que escolher. Logo.

– E se eu não conseguir ou não puder escolher? E se eu fizer a escolha errada?

– Não tem escolha errada. Sua escolha.

Ele foi até a cama dele e pegou dois travesseiros.

– Você gosta de travesseiro redondo ou travesseiro quadrado?

– Não sei. Os dois são travesseiros.

– Gosta do redondo? Escolhe o redondo. Gosta do quadrado? Escolhe o quadrado. Não faz mal. Quer dormir, usa travesseiro. Pega uma pedra? Não! Travesseiro é bom. Mesma coisa com a água. Escolhe gelo? Rio? Mar? É tudo bom. Escolhe mar, muda para areia. Escolhe rio, vira sedimento. Escolhe chuva, vira solo de jardim.

– Está dizendo que escolho o homem com base no que quero ser? Em que vida quero ter?

– Sim. Os dois homens fazem sua vida especial. Escolhe mar ou escolhe rio. Não faz diferença.

– Mas...

– Nada de mas. É. Costas de Quel-si fortes. Consegue aguentar muito fardo, muita obrigação. Você é como a terra. Suas costas se transformam no formato para ser o mesmo do homem que escolhe.

– Então, basicamente, está tentando me dizer que Ren e Kishan são travesseiros em um mundo de pedras e que vou ser feliz com qualquer um dos dois?

– Ah! Menina esperta! – exclamou Phet, dando risada.

– O único problema é... que um *deles* não vai ficar feliz.

Phet deu tapinhas na minha mão.

– Você não se preocupa. Phet vai ajudar tigres.

Os irmãos entraram na cabana pisando firme meia hora depois. Os dois me saudaram: Kishan apertou a minha mão e Ren me cumprimentou com a cabeça ao se sentar à mesa.

Perguntei baixinho para Kishan:

– Deu certo? Ele lembrou?

Ele sacudiu a cabeça e foi para a mesa ajudar Ren a acabar rapidamente com toda a comida que Phet tinha criado. O cabelo deles estava penteado para trás e molhado. Ren tirara toda a gosma cor-de-rosa.

Dei um sorriso maldoso, pensando: *Ou tirou ou foi absorvida pelo cérebro dele durante a noite.*

Enquanto os irmãos comiam, eu pensava sobre o que Phet dissera. *Será que eu realmente poderia ser feliz com qualquer um dos dois? Será que Ren e eu poderíamos voltar a nos apaixonar? E, se isso acontecesse, o que faríamos sobre a nossa relação física? Será que algum dia eu serei capaz de voltar a tocá-lo sem lhe causar dor?* Eu nunca havia considerado a sério um futuro com Kishan. Tinha tanta certeza sobre minha relação com Ren... Agora que as lembranças dele sobre nós não existiam mais, eu nem sabia se seria possível recuperar o que tínhamos perdido.

Peguei Kishan me observando de vez em quando enquanto escutava Phet. *Será que Kishan estava certo? Será que perder Ren de algum modo era parte do meu destino? Será que a pessoa com quem eu devia ficar era Kishan? Ou, como dissera Phet, será que eu só tinha que escolher com qual dos dois quero ficar? Com qual dos dois quero construir uma vida?* Eu simplesmente não conseguia ver como eu poderia ser feliz se um dos dois estivesse infeliz.

Depois do café da manhã, Phet pediu para ver as armas. Peguei a gada, o *chakram*, Fanindra e o arco e as flechas da mochila e entreguei cada objeto para Kishan, que depositou tudo em cima da mesa. Toda vez que os dedos dele roçavam nos meus Kishan sorria. Eu retribuía o sorriso, mas minha expressão de alegria arrefeceu quando vi Ren desviar o olhar bem rápido, decepcionado.

Phet analisou cada peça com atenção antes de entregá-la à pessoa a que Durga tinha dado originalmente.

– Como você sabia? – perguntei, incrédula. – Como sabia que o arco e as flechas eram meus e a gada era de Ren?

– Cobra explicou para mim.

Como que em resposta, Fanindra se desenrolou, levantou a cabeça

com o pescoço dilatado e olhou nos olhos de Phet. Ele começou a cantar e a mexer a cabeça. Ela balançava para a frente e para trás, como se estivesse sob o comando de um encantador de serpentes. Quando ele parou de cantar, a cobra baixou a cabeça e ficou imóvel outra vez.

– Fanindra declara ter preferência por você, Quel-si. Você é uma boa mulher e demonstra consideração por ela.

Ele apanhou Fanindra e a devolveu com cuidado para mim. Peguei um travesseiro redondo e a acomodei no centro. *Hum. Eu gosto do travesseiro redondo. Qual deles será que o travesseiro redondo representa?*

Phet anunciou que estava na hora de olhar nos olhos de Ren. Ele afastou duas cadeiras da mesa e as colocou frente a frente. Ren se sentou em uma; Phet, na outra. Kishan se juntou a mim na cama e estendeu o braço para pegar minha mão. Os olhos de Ren dispararam na nossa direção.

Phet deu um tapa na mão dele.

– Olhe no meu olho, Tigre!

Ele rosnou baixinho quando se virou para o velho ermitão. Phet olhou dentro dos olhos de Ren e estalou a língua enquanto mexia a cabeça dele em vários ângulos, como se estivesse ajustando o espelho retrovisor de um carro. Finalmente, ele se deu por satisfeito e os dois homens ficaram parados no lugar em que estavam durante vários minutos, enquanto Phet apenas olhava fixamente. Eu mordia o lábio, nervosa, enquanto os observava.

Depois de um longo silêncio desconfortável, Phet se levantou da cadeira com um salto.

– Não posso consertar.

Fiquei em pé.

– Como assim?

– Tigre muito teimoso. Me bloqueia.

– Bloqueia você? – Eu me virei para Ren. – Por que está bloqueando Phet?

– Não sei.

– Phet – pedi –, será que pode me dizer o que sabe?

Phet suspirou.

– Consertei a dor da faca e da jaula. Mal negro neste momento se foi. Mas lembrança é confusa, tem ativador, só o tigre branco sabe.

– Certo. Esclarecendo: você foi capaz de consertar o estresse pós-traumático, as dores e as lembranças da tortura? Todo o trauma de Lokesh se foi agora? Ele ainda se lembra disso?

– Sim. Ainda me lembro. Estou bem aqui, sabia? – resmungou Ren.

– Mas Phet diz que levou a escuridão embora. Você sente alguma diferença em relação a isso?

Ele se concentrou.

– Não sei. Acho que teremos que esperar para ver.

Olhei de novo para Phet.

– Mas a memória dele continua bloqueada? Como assim, tem um ativador?

– Significa que o tigre recua. Não do criminoso, não do maldoso. Da mente do tigre. Só ele é capaz de consertar.

– Está dizendo que ele está causando isso a si mesmo? Está bloqueando as lembranças de propósito?

Phet assentiu.

Fiquei olhando boquiaberta para Ren. Ele olhou para Phet sem entender nada; então juntou as sobrancelhas em sinal de confusão e fitou as próprias mãos. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Com a voz bem baixinha e um bolo na garganta, eu disse:

– Por quê? Por que você faria uma coisa dessas comigo?

Ele retesou os músculos do maxilar e ergueu o olhar para mim. Seus olhos azuis brilhavam emocionados. Abriu a boca para dizer algo... então a fechou. Recuei até a porta e a abri.

Ren se levantou.

– Kelsey! Espere.

Sacudi a cabeça.

– Por favor, não fuja – suplicou ele.

– Não venha atrás de mim.

Sacudi a cabeça outra vez e as lágrimas foram escorrendo pelas minhas bochechas enquanto eu corria para dentro da selva.



Profecia

Fiquei sentada no chão da selva, com as costas apoiadas em uma árvore. Estava cansada de fugir do turbilhão emocional. A parte racional do meu cérebro me dizia que era grande a possibilidade de que Ren tivesse um motivo perfeitamente razoável para me esquecer de propósito. No entanto, havia outro lado que duvidava dele, e essa voz gritava mais alto. Doía. Se alguém houvesse me perguntado antes de ele ter sido levado se eu confiava em Ren, eu teria dito que sim. Eu confiava cem por cento nele. Não havia dúvida na minha mente de que ele era sincero.

Mas... Uma voz negativa começou a me incomodar, dizendo que na verdade eu não era a mulher certa para ele e que eu devia ter esperado por isso. Afirmando que eu nunca o merecera, para começo de conversa, e que perdê-lo era apenas questão de tempo. Eu sempre o considerei bom demais para ser verdade. Nunca quis ter razão, mas parecia que tinha.

O fato de ele se tirar da jogada fez com que tudo ficasse pior. Muito pior. *Como posso ter me enganado tanto a respeito dele?* Eu havia sido ingênua. Não era a primeira garota a ter o coração partido, e não seria a última. Eu confiara nele, acreditara em suas declarações de amor.

Antes da visita a Phet, eu podia dizer a mim mesma que Lokesh era o responsável por isso. Que não era culpa de Ren. Que, em algum lugar lá no fundo, ele ainda me amava. Agora eu sabia que ele tinha escolhido me esquecer. Quis me deixar de lado e, de algum modo, achara um jeito bastante conveniente de fazer isso.

Deve ser ótimo simplesmente apagar o seu erro. Escolheu a garota errada? Tudo bem – basta marcar e deletar. Essas lembranças chatas não vão mais incomodar. Você podia vender essa pílula e ficar bilionário. Tanta gente já fez coisas e ficou com pessoas que gostaria de excluir da memória. Esquecer por completo. Apague sua memória! Pague uma e leve duas. Oferta por tempo limitado!

Depois de uma hora sentindo pena de mim mesma, retornei à cabana. Quando entrei pela porta, a conversa cessou. Os dois irmãos ficaram me observando enquanto Phet tratou de se ocupar moendo especiarias.

Ren se levantou e deu um passo na minha direção. Olhei para ele sem demonstrar emoção, e ele parou no meio do caminho.

– Então não há nada mais que você possa fazer por nós? – perguntei a Phet.

Phet se voltou para mim e deixou a cabeça pender de lado. Com o semblante sério, disse:

– Phet sente muito. Não pode ajudar com isso.

– Certo. – Eu me virei para Kishan. – Eu gostaria de ir embora agora.

Ele meneou a cabeça e começou a aprontar as mochilas.

– Kelsey – Ren estendeu a mão e a recolheu quando a olhei como se fosse um objeto estranho. – Precisamos conversar.

– Não temos nada sobre o que conversar. – Balancei a cabeça e peguei a mão de Phet. – Obrigada por sua hospitalidade e por tudo que fez por nós.

Phet ficou de pé e me abraçou.

– Não se preocupe, Quel-si. Não se esqueça de que água e terra se satisfazem juntas.

– Não esquecerei. Mas acho que estou mais para lua. Nada de água para mim.

Phet apertou meus ombros.

– Tem água para Quel-si. Talvez lua, mas lua puxa a maré, de todo modo.

– Tudo bem – falei baixinho. – Obrigada pelo otimismo. Vou ficar bem. Não se preocupe comigo – garanti a ele e retribuí o abraço. – Adeus.

Phet disse:

– No futuro uma visita com você mais feliz, Quel-si.

– Espero que sim. Vou sentir saudade de você. Desculpe por sair assim de maneira abrupta, mas de repente fiquei ansiosa para acabar logo com essa maldição.

Agarrei minha mochila e saí porta afora. Kishan juntou as coisas dele com rapidez e me alcançou.

– *Kells* – começou ele.

– Será que podemos só caminhar durante um tempo? Não estou a fim de conversar.

Seus olhos dourados examinaram meu rosto e ele respondeu, baixinho:

– Claro.

Eu mal começara a caminhar e o tigre branco já estava ao meu lado, batendo com a cabeça na minha mão. Eu me recusei a olhar para ele, segurei com força nas alças da mochila e, com um gesto decidido, passei para o outro lado de Kishan. Ele olhou para minha expressão contida e depois para o tigre branco, que diminuiu o passo e nos deixou avançar. Logo Ren estava tão afastado que eu não o enxergava mais.

Relaxe a postura e continuei andando sem falar e sem parar para comer nem para descansar até não conseguir dar mais nenhum passo. Criei uma barraquinha com o Lenço e desabei em cima do meu saco de dormir, pulando o jantar. Os irmãos que se virassem. Eles me deixaram em paz, o que me fez sentir ao mesmo tempo agradecida e decepcionada, e caí em um sono profundo.

Acordei com o céu ainda escuro e conferi o telefone pela primeira vez em dias. Nenhuma ligação do Sr. Kadam. Eram quatro da manhã. Eu não estava mais com sono, por isso pus a cabeça para fora da barraca e vi as chamas fracas da fogueira que ia se apagando. Nem Ren nem Kishan estavam por perto. Joguei uns dois pedaços de madeira na fogueira e fiz o fogo voltar a estalar, então pedi ao Fruto uma xícara de chocolate quente. Bebi devagar, observando as chamas.

– Teve um pesadelo?

Eu me virei para trás. Ren estava apoiado em uma árvore. Distingui a camisa branca dele, mas o rosto estava nas sombras.

– Não. – Voltei a olhar para o fogo. – Já dormi o suficiente, só isso.

Ele se colocou ao alcance da luz da fogueira e se sentou num tronco à minha frente. As chamas bruxuleantes fizeram sua pele dourada brilhar. Tentei não reparar. *Por que ele tem que ser tão bonito?* Os olhos azuis me examinavam com atenção.

Soprei meu chocolate quente e olhei para todos os lugares, menos para ele.

– Onde está Kishan?

– Saiu para caçar. Ele já não pode fazer isso com muita frequência, e é algo de que gosta.

– Bom, espero que ele não esteja achando que eu vou ficar tirando espinhos de porco-espinho da pata dele – resmunguei. – Se pegar um desses, ele que se vire sozinho. – Dei mais um gole. – Por que você não foi junto?

– Porque estou tomando conta de você.

– Não precisa. Sou bem grandinha. Vá caçar se quiser. Aliás, provavelmente é o que devia fazer. Ainda está muito magro.

– Bom saber que reparou. Eu estava preocupado, achando que você tivesse esquecido tudo ao meu respeito.

Ergui os olhos na direção dele e explodi, cheia de raiva.

– Esquecer você? *Eu*? Esquecer *você*? Eu... Sabe de uma coisa? Você está começando a me irritar de verdade!

– Que bom. Você precisa colocar tudo para fora.

Apoiei minha xícara no chão e me levantei.

– Ah, você bem que ia gostar disso, não é mesmo? Ia achar o máximo que eu confessasse meu amor infinito por você enquanto dá risada na minha cara e faz pouco-caso de mim!

Ele também se levantou.

– Eu não estou fazendo pouco-caso de você, Kelsey.

Joguei as mãos para cima.

– Tem certeza? Você me tirou a coisa mais importante do mundo! Arrancou o meu coração, o esmagou nas mãos e deu para os macacos brincarem. Eu não devia ter confiado em você! Que idiota eu fui de acreditar que gostava mesmo de mim. Que se importava comigo. Que tínhamos que ficar juntos. Você não passa... não passa de um travesseiro quadrado. E recentemente descobri que gosto dos redondos!

Ele deu risada, o que me deixou ainda mais irritada.

– Eu sou um travesseiro quadrado? O que isso quer dizer?

– Significa que nós não fomos feitos um para o outro, nada mais. Eu devia saber que você iria partir o meu coração. Todas as coisas que disse, todos os poemas que escreveu... não significaram nada para você. Assim que chegarmos em casa vou fazer questão de devolver todos os seus poemas.

Ele se retesou.

– Como assim?

– É, eles já não são mais importantes. Podem muito bem ser atirados no fogo, porque é o único calor que terão a me oferecer.

– Você não faria isso.

– Espere só para ver.

Voltei para a barraca, peguei o meu diário e folheei rapidamente até encontrar o poema da “pérola inestimável”. Corri até a fogueira, arranquei a página e fiquei olhando para ela.

– *Kelsey*. – Meus olhos castanhos encontraram os azuis dele. – Não faça isso.

– Que diferença faz? O homem que escreveu essas linhas está morto, na melhor das hipóteses, ou é um fingido.

– Você está errada. Só porque não me lembro de você não quer dizer que o que eu sentia antes fosse mentira. Não sei por que ou como fiz isso comigo mesmo nem por que me esqueci de você. Não faz sentido. Mas posso garantir que não estou morto. Estou vivo e parado bem aqui.

Eu sacudi a cabeça.

– Você está morto para *mim* – falei e larguei a folha.

Fiquei olhando enquanto ela rodopiava no ar. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto quando vi o canto da página pegar fogo.

Mais rápido do que um raio, Ren tirou o papel do fogo e fechou a mão sobre a ponta acesa para apagar a chama. Ele respirava pesado, obviamente aborrecido. Sua mão se recuperou com rapidez da queimadura enquanto eu olhava para o canto chamuscado do precioso poema sem falar nada.

– Você sempre foi uma garota assim teimosa, cega e obtusa?

– Está me chamando de burra?

– Estou, só que de um jeito mais poético!

– Ah, então vou fazer um poema para você: “Siga seu caminho e se perca nele!”

– Eu já estou perdido! Isso devia ser óbvio! Por que não consegue enxergar o que está bem na sua frente?

– O que eu deveria ver? Um tigre que por acaso é príncipe? Um homem que me odeia tanto que me apagou da própria mente com um feitiço mágico? Um cara que não suporta ficar no mesmo lugar que eu durante mais do que alguns minutos? Que não aguenta encostar em mim? É isso que eu devo ver? Porque, se for, então estou vendo muito bem!

– Não, sua *esquentadinha*! O que você não está vendo é isto!

Ele me agarrou, me puxou de encontro ao seu corpo e me beijou. Foi um beijo cheio de fogo e paixão. Seus lábios se fundiram quentes aos meus. Eu nem tive tempo de reagir antes que chegasse ao fim. Ele se afastou e se dobrou para a frente, apoiado no tronco de uma árvore. Estava ofegante e suas mãos tremiam.

Cruzei os braços enquanto observava sua recuperação.

– O que você queria provar com isso?

– Se precisa perguntar, então obviamente minha tentativa não deu certo.

– Certo, então você me beijou. E daí? Não significa nada.

– Significa *tudo*.

– Como sabe?

Ele respirou fundo e se recostou na árvore.

– Significa que estou começando a sentir algo por você e, se estou sentindo isso agora, a possibilidade de que sentisse a mesma coisa antes é muito grande.

– Se é verdade, então remova o bloqueio.

– *Não consigo*. Não sei o que é, como passou a existir nem o que pode ser o tal ativador. Eu estava torcendo para que beijar você resolvesse a questão. Mas parece que não é isso.

– Como é que é? Você achou que podia beijar a sapa e transformá-la na sua princesa encantada? Bom, detesto destruir suas ilusões, mas não tem como melhorar o que está aqui na sua frente!

– Por que diabos você acha que eu não me interessaria pelo que está na minha frente?

– Eu realmente não quero discutir isso com você outra vez. Já esgotamos esse assunto, apesar de você não se lembrar. Mas na memória de curto prazo que você *de fato* tem, talvez se lembre de ter dito que Nilima era linda.

– Sim, eu me lembro de ter dito isso. E daí? Dizer que ela é linda por acaso é o mesmo que dizer que você não é?

– Foi o jeito como você falou. “Pena que não era por Nilima que eu estava apaixonado.... *ela é linda*.” E isso implica que eu não sou. Você não sabe nada sobre mulheres? Nunca diga que uma mulher é linda na frente de outra.

– Eu não disse. Você que estava bisbilhotando.

– Meu argumento não deixa de ser válido.

– Certo! Então vou lhe dizer o que penso, e que eu nunca mais faça uma refeição se estiver mentindo! *Você é linda*.

– Sei.

Ele passou os dedos pelo cabelo num gesto de frustração.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer para consertar isso?

– Provavelmente, não. – Coloquei as mãos na cintura. – Eu não consigo entender por que você *fez* uma coisa dessas. Se me amasse mesmo, por que escolheria isso? A conclusão mais lógica é que nunca me amou de fato. Eu sabia que você era bom demais para ser

verdade.

– Como assim?

– Você mesmo disse para Kishan que não conseguia se imaginar amando uma pessoa como eu. Está vendo? Até você sabia que nós não combinávamos. Você é o Mister Perfeição e eu sou a Miss Mais ou Menos. Qualquer um é capaz de ver isso, e esses *eram* os seus verdadeiros sentimentos logo depois que resgatamos você.

Ele deu uma risada amarga.

– Pode acreditar, estou bem longe de ser perfeito, Kelsey, e você é tão *mais ou menos* quanto Durga. Eu mal a conhecia quando disse essas coisas, e você continua interpretando minhas palavras da maneira errada!

– Como?

– Eu... o que eu quis dizer foi... o que eu disse foi... Olhe! Você não é a mesma pessoa que eu achava que fosse na época.

– Sou exatamente a mesma pessoa!

– Não. Eu estava evitando você. Não queria conhecê-la melhor. Eu estava...

Arranquei outra página.

– Kelsey!

Ren correu até mim e arrancou o diário das minhas mãos, gemendo com o esforço de ficar tão perto de mim.

– Pare com isso! Nem *pense* em queimar outra página!

Peguei o diário.

– As páginas são minhas e eu faço o que bem entender com elas.

Ele o puxou de volta.

– Você precisa parar de me julgar com base no que eu disse logo depois que voltei! Eu ainda estava traumatizado e não estava pensando de maneira coerente. Tive tempo de conhecer você e... eu gosto de você! – berrou. – Gosto de você o suficiente para achar que até entendo por que a amava, apesar de ser tão irritante!

Roubei o diário de novo.

– Você gosta de mim... o *suficiente*? O suficiente! Bom, o *suficiente* não é suficiente para mim.

Ele arrancou o diário da minha mão.

– Kelsey, o que mais você quer de mim?

Puxei de novo.

– Quero o meu velho Ren de volta!

Ele se retesou e rosnou.

– Bom, não sei o que dizer. Talvez o velho Ren tenha desaparecido para sempre. E... este novo Ren não quer perder você. – Ele olhou

para mim com raiva e tristeza ao mesmo tempo, passou a mão pelo meu pulso e, dessa vez, em vez de pegar o diário, me puxou para mais perto dele. Então, disse: – Além do mais, você disse que nós podíamos recomeçar do zero.

– Não acho que isso seja realmente possível.

Dei um último puxão quando ele me soltou e recuei alguns passos. Ren largou as mãos na lateral do corpo e fechou os punhos. Num tom de voz perigosamente grave, ele disse:

– Então faça com que seja possível.

– Você tem expectativas demais.

– Não. Você tem expectativas demais. – Ele deu um passo na minha direção. – Não está sendo razoável. Preciso de algum tempo, Kelsey.

Ergui os olhos e nós nos encaramos.

– Eu teria lhe dado todo o tempo do mundo se Phet não houvesse dito que você mesmo fez com que isso acontecesse.

– “Quão pobres são aqueles que não têm paciência! Qual ferida se cura se não for gradativamente?”

– Shakespeare não vai salvar você desta vez, Super-Homem. Seu tempo acabou.

Ele desdenhou.

– Talvez eu devesse estudar *A megera domada*!

– Ah, sim. Aqui está a sua primeira lição: “A minha língua vai revelar a fúria do meu coração. A porta está aberta, senhor; ali está vosso caminho.”

– Não preciso de lição nenhuma. Já sei como acaba. O cara ganha. “Acredita que gritos possam desencorajar-me?” – Ele fez um gancho com o dedo e me chamou para mais perto. – Aliás... “Venha aqui e beije-me, Kate.”

Estreitei os olhos.

– Você passou dos limites. E vai descobrir que não sou tão fácil de ganhar quanto Katherine.

O rosto de Ren se fechou e ele jogou as mãos para cima, indignado.

– Você venceu. Se insiste em devolver todos os poemas, então devolva. Mas não os queime.

– Ótimo! Concordo em não queimar se você concordar em me deixar em paz durante o resto desta viagem.

– Ótimo! E, aliás, não entendo como posso ter acreditado que você era uma pessoa calorosa, afetuosa e gentil. É obviamente tão espinhosa quanto um porco-espinho. Qualquer homem que chegue perto de você vai acabar todo espetado!

– É isso mesmo! Uma garota precisa ter algumas defesas contra os

homens que querem devorá-la no almoço. Principalmente quando esses homens são tigres selvagens à espreita.

Ele estreitou os olhos, pegou minha mão e deu uma mordidinha leve na parte interna do pulso antes de depositar um beijo, mas pude ver que isso lhe causou dor.

– Você ainda não viu como posso ser selvagem, *subhaga jadugarni*.

Esfreguei o beijo dele para limpar, com um gesto dramático.

– O que isso quer dizer?

– Significa... “bruxa adorável”.

– Elogios não vão levar você a lugar nenhum, muito menos essas gracinhas. Estou vacinada contra seus truques verbais.

Ele exibiu um sorriso malicioso, deu uma risadinha e baixou o olhar deliberadamente até os meus lábios.

– Devem me levar a *algum lugar*, ou você não teria um diário cheio de poemas.

– Você não tem nada para caçar, não, hein?

– Claro. Deixo você sair na frente.

Olhei com raiva para ele.

– Não nesta vida.

Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu para mim.

– Não faça isso. Só me deixa mais irritada.

Era mentira minha. O sorriso de Ren não me deixava mais irritada. Na verdade, era o oposto. Fazia com que eu sentisse uma saudade imensa dele. Senti a tristeza se insinuar, esfriando minha ira.

– Você nunca tinha me chamado disso antes.

– De quê? De *subhaga*? Eu tinha outros apelidos para você?

Fiz uma pausa e respondi lentamente:

– Tinha.

– Como eu a chamava? – Ele deixou a cabeça cair para o lado e me avaliou com ar brincalhão. – Teimosa, cabeça-dura, temperamental, impaciente...?

A raiva voltou num arroubo potente, borbulhando dentro de mim. Eu queria machucá-lo.

– Chega!

Apertei as mãos contra o peito dele e o empurrei com toda a força possível, mas ele ficou imóvel, dando risada do meu esforço inútil. Não aguentei e lhe dei um choquinho.

– Ai! Tudo bem, gatinha. Você me mostra as suas garras, e eu lhe mostro as minhas.

Ren pressionou minhas mãos contra minha cintura, deixando-me imobilizada. Eu estava amassada contra o peito dele, e seus braços se

moveram tornando-se correntes de ferro ao redor do meu corpo. Ele beijou meu pescoço e murmurou baixinho:

– Eu sabia que estava louca para pôr as mãos em mim.

Engoli em seco, ultrajada.

– Seu... seu... devorador de porcos-espinhos!

– Se está tentando me convencer a devorá-la como sobremesa, vou considerar a possibilidade. Claro que vou precisar adoçar você um pouco.

Ele deu risada e beijou meu pescoço de novo.

Dei impulso para longe dele, tremendo de frustração... *pelo menos eu acho que foi frustração*. Estava seriamente pensando em disparar voltagem suficiente no seu corpo para deixá-lo com o cabelo arrepiado e apagar o sorriso presunçoso da sua cara quando Kishan irrompeu através das árvores.

– Por que essa gritaria toda? – perguntou Kishan.

– Você pode, por favor, dizer para este seu irmão patético que eu não estou mais falando com ele?

Kishan sorriu.

– Sem problema. Ela não está mais falando com você. – Ele deu risada. – E eu preocupado que vocês dois estivessem se dando bem demais. Já devia imaginar...

O sorriso de Ren murchou. Ele fez uma careta para o irmão e estreitou os olhos para mim.

– Por mim, tudo bem. Pelo menos assim eu não vou ter que escutá-la. – Com uma mesura sarcástica, ele completou: – E sem nada mais a dizer, aceito de bom grado os seus termos de rendição.

– Eu não estou me rendendo a nada, ó Príncipe da Batalha dos Cinco Cavalos. E por mim tudo bem, também, porque não espero mesmo que você me escute!

– O certo é *Campeão* da Batalha dos *Cem* Cavalos!

– Ah, é? Então por que você não galopa de volta para o Jeep, *Campeão*?

– É isso mesmo que eu vou fazer!

Cuspi as palavras com uma raiva que mal conseguia controlar:

– Ótimo! Vá pela sombra!

Ele me fuzilou com o olhar quando passou por mim, pisando firme. Estava sem fôlego de tanta raiva e frustração, e Deus me perdoe, mas eu só conseguia pensar em agarrá-lo e beijá-lo.

Ele falou baixinho quando retribuí o olhar irritado:

– Tenho pena do coitado do Kishan, que precisa caminhar o resto do trajeto com você.

– Tenho certeza de que ele vai sobreviver – respondi, amarga.
Ele deu uma olhada em Kishan, examinando-o de cima a baixo com frieza.

– Sem dúvida. Encontro vocês no Jeep.

Kishan meneou a cabeça e Ren hesitou.

Cruzei os braços.

– E então? Está esperando o quê? Um beijo de despedida?

Os olhos dele desapareceram para meus lábios.

– Cuidado com o que deseja, *mohini stri*.

Durante um breve segundo entrei em pânico, achando que Ren tinha aceitado o desafio, mas ele inclinou a cabeça de lado, deu um sorriso irritante de quem sabe tudo, saltou por cima da fogueira e sumiu.

Kishan ficou olhando para o vão na floresta por onde Ren tinha desaparecido. Então se virou para mim e pôs as mãos nos meus ombros.

– Nunca tinha visto você tão irritada.

– O que posso dizer? Ele desperta o que há de *melhor* em mim.

Kishan fez uma careta.

– Parece que sim.

– O que aquelas palavras significam?

– *Mohini stri*? Significam “sereia” ou “mulher fascinante”.

– Ele tinha que aproveitar a oportunidade para tirar mais sarro de mim – resmunguei.

Kishan me olhou sem entender nada.

– Não achei que ele estivesse tirando sarro de você.

– Claro que estava. E vou logo avisando: não estou a fim de começar outra briga com um tigre, portanto, se quiser ir atrás dele, fique à vontade.

– Kelsey, não tenho a menor intenção de deixá-la sozinha. E não quero brigar com você.

– Bom, pelo menos um dos dois é cavalheiro.

Comecei a juntar minhas coisas para ir embora. Peguei o poema amassado, alisei a folha, arrependida, e em seguida guardei o diário maltratado com cuidado dentro da mochila.

– Kelsey, apesar do que você pensa, Ren jamais iria deixá-la sozinha. Se eu não estivesse aqui, ele teria ficado.

– Sei, sei. Por ele, eu poderia me atirar de um penhasco. Aliás, por que está defendendo Ren? Achei que você quisesse que ele sáísse de cena.

– Isso não é... exatamente verdade.

– Ah, entendi. A culpa é da *Kelsey*. *Kelsey* compreende mal as intenções de todo mundo. Acho melhor saber logo se compreendo os seus motivos. Você ainda quer ficar comigo ou não?

Ele fechou a cara.

– Você sabe muito bem a resposta.

– Então esta é a sua chance! Me beije.

Kishan examinou meu rosto com cuidado e sacudiu a cabeça.

– Não.

– Não? Não é o que quer fazer?

– É, mas prometi que não iria beijá-la até estar tudo terminado entre você e Ren. E não acho que esteja.

– Rá! Mas eu acho que está.

– Não está. Aliás, a sua implicância prova que não está.

Fiquei na ponta dos pés para tentar chegar na altura dos olhos de Kishan.

– Maravilha. Então nenhum de vocês dois precisa me acompanhar no caminho de volta.

Peguei minha mochila e o deixei lá parado, em estado de choque. Saí batendo os pés pela selva, deixando que a raiva me guiasse por vários minutos antes de tirar o telefone do bolso e procurar o ponto de Ren no mapa. Dava para ver o ponto de Kishan me seguindo a certa distância. Estava recuado o suficiente para eu não poder vê-lo nem ouvi-lo, mas perto o bastante para percorrer a distância rapidamente caso eu precisasse dele.

Caminhar pela selva relativamente sozinha foi bom para mim – me deu tempo para me acalmar. Ainda estava irritada e fiquei resmungando sozinha o tempo todo, mas pelo menos minha pressão arterial se normalizou, então não precisei me preocupar em ter um piripaque. E quando me dei conta de que estava de posse do Fruto Dourado e do Lenço, dei um sorriso maldoso, pensando nos dois morrendo de fome ou tendo que caçar. Só de maldade fiz uma casquinha de sorvete enorme para mim mesma e aplaquei meu mau humor com brownie e biscoito de chocolate enquanto caminhava.

Muitas horas depois encontrei Ren recostado no Jeep, que estava estacionado à sombra de uma árvore. Ele ficou me observando enquanto eu avançava pisando firme pela vegetação rasteira. Provavelmente escutara minha aproximação durante os últimos 10 minutos. Ele olhou para além de mim, surpreso por me ver sozinha, e então fechou a cara, transformou-se em tigre branco e entrou no meio

de alguns arbustos para sumir da minha vista.

Fazendo questão de ignorá-lo, sentei-me no chão de terra com as costas apoiadas no Jeep e dei um grande gole na limonada sem açúcar do meu cantil. Eu teria preferido água, mas nosso estoque havia acabado e o Fruto Dourado não conseguia fazer a velha e boa H₂O.

Kishan apareceu do meio da selva e me encarou por um instante com expressão impenetrável antes de destravar e abrir as portas do Jeep. Ren emergiu dos arbustos e pulou para o banco traseiro em silêncio. Eu é que não ia me aninhar ao lado de Ren, por isso escolhi o assento do carona, liguei o ar-condicionado no máximo, improvisei um travesseiro e inclinei meu banco para trás. O trajeto até em casa foi bem silencioso.

No segundo em que o Jeep parou na frente da casa, saí do carro e entrei batendo os pés.

– Chegamos, Sr. Kadam! Vou tomar um banho! – berrei e corri para o meu quarto.

Horas depois, finalmente refrescada e quase me sentindo um ser humano outra vez, preparei uma tigela de salada de frutas e um sanduíche de frango e fui procurar o Sr. Kadam na sala do pavão.

– Senhor Kadam, não imagina como senti falta de estar perto de um cavalheir... – falei, parando de maneira abrupta quando vi que ele estava com Ren, que tinha acabado de sair do banho.

– Senhorita Kelsey, entre – chamou o Sr. Kadam e se aproximou de mim com os braços abertos.

Dei um passo adiante sem jeito, abracei o Sr. Kadam e olhei com raiva para Ren. Seu cabelo estava molhado e penteado para trás, e ele usava uma camiseta justa com gola em V azul-piscina e uma calça reta de lã cinza. Estava descalço, e era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida. Ele cruzou os braços por cima do peito e seus músculos saltaram. Fiz cara feia para ele.

– Vou deixar vocês dois sozinhos – disse Ren com um floreio sarcástico e saiu, roçando de propósito o braço no meu quando passou.

– Espero que tenha doído – murmurei baixinho, e ouvi a risada suave dele quando entrou na cozinha.

O Sr. Kadam pareceu completamente alheio à nossa troca de gentilezas.

– Senhorita Kelsey! Venha se sentar aqui comigo. Tenho uma coisa para lhe mostrar!

– O que é?

– Terminei finalmente de decodificar a terceira profecia e gostaria de ouvir o que a senhorita acha – disse o Sr. Kadam, fazendo a tradução deslizar por cima da mesa.

As palavras estavam escritas em uma bela caligrafia. Eu li:

Pedras preciosas de um preto reluzente
Enfeitaram sua pele de cetim no passado.
Um malfeitor implacável despiu seu pescoço;
O cordão submergiu bem no fundo.
Agora as contas estão escondidas, enterradas
no mar;

Um bravo as tira de lá.

Monstros letais mordem e aguilhoam...
Terríveis demais para serem derrotados.
Mas o tridente em riste, o kamandal que
embebe,

E a senhora que tece a seda

Vão guiar e garantir que você deite

A coroa no mar de leite.

Busque os reis dragões dos cinco oceanos
Dos pontos cardeais quando mergulhar:
As estrelas do Dragão Vermelho se movem
no tempo astral;

A montanha do Dragão Azul aponta o
caminho;

O Dragão Verde ajuda a enxergar através do
clima;

A cidade do Dragão Dourado situa-se abaixo
das ondas;

O Dragão Branco abre a porta para luzes
glaciais.

Tome os braços dela bem em riste
Seu prêmio imaculado a ser conquistado.

Capture o fio com poder fluido;

Tome o caminho de casa mais uma vez.

Refresque as terras da Índia com orvalho
precioso;
Rio, riacho, a chuva vai encher.
A terra seca e o coração renovar,
Porque o poder de cura ainda está latente.

Deixei a página cair com suavidade no meu colo e olhei para o Sr.
Kadam com um pavor recém-descoberto.

– Dragões?

Foi a única coisa que consegui balbuciar.



Preparação

— **D**ragões? – repeti.

O Sr. Kadam deu uma risadinha de solidariedade.

– Acredito que os dragões irão ajudar. Não acho que vá precisar lutar contra eles.

– Espero que o senhor esteja certo. E imagino que já tenha examinado o que são algumas dessas coisas.

– Já, sim. Algumas eu conheço, outras vão demandar um pouco mais de pesquisa. Gostaria de me ajudar?

– Com certeza. Vai ser uma boa distração para mim.

– Excelente! Mas, primeiro, conte-me o que Phet disse.

Conversamos durante algumas horas. Kishan apareceu, viu que eu estava lá e foi embora voando.

O Sr. Kadam finalmente percebeu o clima de tensão.

– Os irmãos fizeram alguma coisa que a aborreceu?

– E por acaso não fazem sempre? – perguntei, seca.

– O que aconteceu?

Eu me agitei na cadeira.

– Eles não fizeram nada, para ser sincera. É que Ren e eu discutimos a respeito da amnésia dele. Foi uma briga intensa, e Kishan ouviu pelo menos parte dela. Phet disse que os dois eram travesseiros, e é verdade, mas isso não facilita as coisas.

O Sr. Kadam batucou com os dedos na coxa. Devia ter ficado frustrado com minhas palavras sem nexos, mas pescou o significado no meio dos meus pensamentos desconjuntados e indagou:

– O que Phet quis dizer? Como assim, os dois são travesseiros?

– Ele afirmou basicamente que os dois são travesseiros em um mundo de pedras. Acho que isso significa que são bons rapazes. Também disse que eu ficaria feliz se escolhesse qualquer um deles.

– Entendo. Já ficou óbvio que Kishan sente algo pela senhorita. Foi esse o motivo da briga com Ren?

– Não. Kishan só foi... um alvo conveniente. Eu estava brava com Ren por me bloquear. Por me esquecer.

– Continuamos sem saber por que isso aconteceu.

– Eu sei. – Fiquei mexendo na barra da manga da minha blusa e suspirei. – Mas minhas velhas inseguranças vieram à tona, e eu fiquei louca da vida. Ren pisou nos meus calos, e parece ser bom nisso, com perda de memória ou não. Ele me deixa tão irritada às vezes que tenho vontade de esganá-lo.

– Se ele lhe desperta tantas emoções, então é óbvio quem deve escolher.

– É. – Suspirei. – Isso significa que devo escolher Kishan. A minha vida seria muito mais tranquila com ele.

O Sr. Kadam se inclinou para a frente.

– Não foi o que eu quis dizer, mas vou deixar esta decisão inteiramente nas suas mãos. Phet parece acreditar que não tem jeito de fazer a escolha errada, não é mesmo?

Fiz que sim com a cabeça, desolada.

– Hum. Isso é interessante. Foi mesmo uma visita estressante. Se me permite a ousadia, eu a incentivo a deixar de lado as diferenças e aprender a confiar nos dois. Vai ser muito mais fácil nos concentrarmos na tarefa que temos pela frente se trabalharmos todos em harmonia. Já estamos a meio caminho de quebrar a maldição. Encontrar o terceiro presente de Durga será nosso maior desafio até agora.

Suspirei e segurei a cabeça entre as mãos.

– O senhor está certo. Pedirei desculpas aos dois pelo meu chique, mas vou esperar até amanhã. Assim terei tempo para esfriar a cabeça.

– Que bom. Então, o que quer para o jantar?

– Qual será o gosto de uma torta de porco-espinho?

Ele deu risada.

– Nem me diga. Eu não quero saber. Será que devemos conferir na despensa se temos porco-espinho, Srta. Kelsey?

Ri também.

– Imagino com que tempero combina melhor...

Na manhã seguinte encontrei Kishan se exercitando com uma barra na academia, que era seu lugar preferido para passar o tempo – fora a cozinha e a minha varanda. Eu o observei pela janela, escondida, admirei seus músculos e pensei no que Phet me dissera.

Será que eu poderia mesmo aprender a amar Kishan? Não seria assim tão difícil. O difícil seria esquecer Ren. Talvez eu nunca conseguisse. Meus pais nunca namoraram ninguém além um do outro. Será que dá para esquecer o primeiro amor? Como é que as pessoas fazem isso? Será que eu poderia olhar para Kishan com a mesma afeição que sentia por Ren?

Acho que muita gente consegue. Pessoas no mundo todo passam de um amor a outro. Só nunca achei que eu seria uma delas. Achei que, depois de encontrar Ren, nunca mais precisaria olhar para outro homem na vida. Phet pareceu sentir que uma escolha está pairando no futuro próximo. Mordi o lábio inferior. Ainda há esperança de que Ren possa se lembrar de mim. Mas e se não lembrar? E se nunca mais puder me tocar sem sentir dor? Será que devo simplesmente desistir e dizer “Obrigada pelas lembranças”? Como poderei ficar com um se o outro ainda estiver por perto?

Ouvi um gemido de Kishan, e meus olhos retornaram a ele.

Qual é o meu problema? Coitadinha de mim. Preciso escolher entre dois dos caras mais lindos do planeta. Eles são homens bons e gentis, que realmente se preocupam comigo. Ambos são príncipes bonitos. Kishan seria bom para mim. Iria me amar. Eu poderia me dar pior. Muito pior. Devo me lembrar disso.

Abri a porta de correr e me sentei numa cadeira. Kishan largou a barra e saltou para o chão. Fiquei surpresa em ver que ele foi capaz de pousar sem fazer barulho, apesar de seu porte.

– Oi – comecei, bastante sem jeito.

Ele puxou uma cadeira para a frente da minha e se sentou, examinando-me com seus olhos dourados de pirata.

– Oi.

– Eu só queria pedir desculpa por ter gritado com você. Eu... bom, não tenho justificativas, e sinto muito por isso.

– Você não precisa se desculpar. Só estava frustrada. Esta é uma emoção com a qual me familiarizei muito nas últimas semanas.

– Quero que todos nós possamos nos concentrar em quebrar a maldição. Se houver questões malresolvidas, vamos nos distrair e alguém poderá se machucar.

– E... hã... como exatamente você pretende resolver essas questões?

– Boa pergunta. Acho que o melhor a fazer é deixar tudo às claras.

– Tem certeza de que é isso que quer fazer agora?

– Tenho. Provavelmente vai ser melhor assim.

– Certo. Então você começa. – Ele cruzou os braços por cima do peito. – O que sente por mim?

Respirei fundo e comecei a responder, hesitante:

– Certo. Vamos ser claros e sinceros, combinado? – Pus o cabelo atrás da orelha e me recostei na cadeira. – É o seguinte: confio em você. Gosto quando está por perto. Eu sinto por você... mais do que devia. Mais do que quero sentir, e isso me deixa incrivelmente culpada. E Phet disse...

– Prossiga.

– Phet disse que eu ficaria feliz com qualquer um de vocês dois e que em breve teria que fazer uma escolha.

Kishan bufou e me examinou.

– Você acredita nele?

Torci os dedos e balbuciei:

– Acredito.

– Que bom. Gosto de pensar que posso fazer você feliz. Agora é a minha vez?

– É.

– Muito bem. Para ser bem direto, Kells, eu quero você. Quero ficar com você mais do que já quis qualquer outra coisa. Mas vejo o jeito como olha para Ren, mesmo agora. Você ainda sente algo por ele. Sentimentos fortes. E não quero ser o seu namorado reserva, seu plano B. Se escolher ficar comigo, quero que seja porque me ama. Não porque não pode ficar com ele.

Ele ficou me encarando com seus olhos dourados intensos e baixei a cabeça diante daquele exame tão invasivo.

– E se for pelos dois motivos? – perguntei baixinho.

– Acho que eu poderia conviver com isso, contanto que ganhasse o seu coração no final. Tem mais uma coisa... – Ele pegou minha mão entre as suas e traçou uma linha imaginária nas costas dela. – Se escolher Ren, tudo bem. O mais importante é que... eu quero que você seja feliz.

– Está dizendo que não vai mais ter briga?

– Ren e eu temos passado muito tempo juntos ultimamente – disse Kishan, dando de ombros. – Ele me perdoou pelo que aconteceu a Yesubai e por todas as outras coisas que eu fiz. Se vocês dois ficarem juntos, eu vou ter que conviver com isso.

– Ele tem razão. Você mudou mesmo.

– Gosto de pensar que simplesmente melhorei com a idade.

– Não posso discordar disso.

Quando eu me levantei para sair, Kishan envolveu meu pulso com a mão e me puxou de volta. Passou os dedos pelo meu braço e me deixou arrepiada.

– Mas isso não significa que desisti de você. Ainda pretendo ganhá-la para mim, *bilauta*.

Ele beijou as pontas dos meus dedos antes de me soltar. Saí dali meio trôpega e me preparei para conversar a sério com Ren.

O problema foi que... não consegui encontrá-lo. Procurei na piscina, no jardim, na cozinha, na sala de música, na sala de TV e na biblioteca. Não havia sinal dele. Bati na porta do seu quarto.

– Ren? Você está aí?

Sem resposta.

Girei a maçaneta e vi que estava aberta. Eu me sentei à escrivaninha dele. Havia poemas espalhados por todos os lados, alguns em inglês e outros em híndi. Um livro de citações de Shakespeare estava aberto e virado para baixo na mesa. Afundei na poltrona de couro e apanhei a folha em que ele estava trabalhando.

Lembrando

Onde está o X?

Um tesouro de pirata jaz escondido

Mas o mapa está desbotado

As pontas chamuscadas e ilegíveis

O baú enterrado e trancado

E a chave se perdeu

O navio está a deriva

A ilha desapareceu

Como encontrá-la?

Desenterrar os amuletos preciosos?

As pedras preciosas beijadas pelo sol

Lábios de rubi reluzente

Dobrões de cabelo castanho-dourados

Tantos que poderiam escorrer pelas mãos

Tecidos sedosos para envolver a pele macia

perolada
Um corado de donzela da cor de granada
mandarim
Olhos de topázio cintilante que queimam e
Perfuram como diamantes
Um perfume — sutil e puro e sedutor
Um homem rico de fato
Se conseguisse encontrar
O X

Eu tinha acabado de ler o poema pela segunda vez quando o papel foi arrancado da minha mão.

– Achei que detestasse os meus poemas. Aliás, quem chamou você aqui?

Ren falou de forma ríspida, mas ergueu uma sobrancelha e deu um sorriso afetado, como se estivesse animado para mais um duelo verbal.

– A porta não estava trancada – respondi. – Eu estava procurando você.

– Bom, já achou. O que você quer? Mais poemas para queimar?

– Não. Eu disse que não ia queimar os seus poemas.

– Muito bem. – Ren deu uma olhada no poema que segurava e relaxou. – Este foi o primeiro que consegui escrever desde que fui libertado.

– É mesmo? Talvez seja porque Phet livrou você do estresse pós-traumático.

Ren guardou o poema dentro de um caderno com capa de couro e se apoiou no pilar da cama.

– Talvez, mas desconfio que não.

– Então, o que o fez voltar a escrever?

– Parece que tenho uma musa. Agora, por que você está no meu quarto?

– Eu queria conversar. Esclarecer as coisas.

– Entendi. – Ele caminhou ao longo da cama, sentou-se encostado na cabeceira e deu tapinhas no espaço ao lado dele. – Então, sente-se aqui e fale.

– É... não acho que deva ficar tão perto.

– Vamos matar dois coelhos com uma cajadada só. Preciso testar a minha resistência.

Ren deu tapinhas na cama de novo.

– Chegue mais perto, minha *subhaga jadugarni*.

Cruzei os braços.

– Não gosto muito desse apelido.

– Então me diga do que eu costumava chamar você.

– Você me chamava de *priya*, *rajkumari*, *iadala*, *priyatama*, *kamana*, *sundari* e, mais recentemente, de *hridaya patni*.

Ren ficou olhando para mim com expressão indecifrável.

– Eu... chamava você de todos esses nomes?

– Chamava, e provavelmente de mais alguns de que não consigo me lembrar agora.

Ele ficou me olhando, pensativo. Depois disse bem baixinho:

– Venha cá. *Por favor*.

Obediente, me aproximei. Ele pôs as mãos na minha cintura, com cuidado para não tocar minha pele, e me ergueu por cima do próprio corpo para o outro lado da cama.

– Talvez eu devesse inventar outro apelido – sugeriu Ren.

– Como o quê? Não me venha com nada parecido com *sereia* ou *feiticeira*.

Ele deu risada.

– Que tal *strimani*? Significa “a melhor das mulheres” ou “uma joia de mulher”. Está bom para você?

– Como foi que chegou a esse nome?

– Ando inspirado ultimamente. Então, sobre o que você queria conversar?

– Eu queria abrir o jogo, para que possamos nos sentir mais à vontade perto um do outro. Assim, vamos poder trabalhar juntos e as coisas vão ser mais fáceis.

– Você quer abrir o jogo? Como assim?

Ren me examinou com atenção, com seus lindos olhos azuis. Em um movimento involuntário, eu me inclinei para perto dele, mas me dei conta do que estava fazendo e recuei depressa, batendo de leve a cabeça na cabeceira da cama.

– Hum... talvez essa não seja uma boa ideia. Deu certo com Kishan, mas algo me diz que não vai funcionar tão bem com você.

A expressão divertida dele logo sumiu, e ele cerrou os dentes.

– O que deu certo com Kishan?

– Nós... conversamos sobre os nossos sentimentos.

– E daí? O que ele disse?

– Não sei bem se devo contar isso a você.

Ele rosnou baixinho e balbuciou alguma coisa em híndi.

– Certo, Kelsey. Você queria falar, então fale.

Suspirei e me ajeitei na cama, acomodando um travesseiro atrás da cabeça. Tinha o cheiro dele: cachoeira e sândalo. Respirei fundo, dei um sorriso involuntário e então corei quando percebi que ele estava me observando com curiosidade.

– O que você está fazendo? – perguntou.

Gaguejei, acanhada.

– Se quer mesmo saber, o travesseiro tem o seu cheiro. E confesso que gosto dele.

– Ah, é?

Ele sorriu.

– É. Está vendo? Estou abrindo o jogo.

– Não totalmente. Vamos fazer um trato. Conte para mim o que Kishan disse, e você vai poder contar para ele tudo o que nós conversarmos. Sem segredos.

Imaginei qual seria a reação de Kishan. Ele provavelmente concordaria com Ren.

– Tudo bem.

Comecei com hesitação, aquecendo lentamente até chegar ao ponto. Repassei toda a minha conversa com Kishan, sem deixar nada de fora. Foi gostoso voltar a conversar com ele assim. Antes eu costumava lhe contar tudo, e naquele momento vi que ele me escutava com a mesma atenção de sempre. Até falei sobre as coisas que tinham acontecido enquanto ele ficara prisioneiro, então esperei e observei enquanto ele processava as informações.

Concluí dizendo o seguinte:

– E, quanto a você, só quero dizer que sinto muito por ter gritado com você na selva. Sei que tenho sido uma chata ultimamente, e peço desculpas. Eu estava irritada e magoada, e joguei a culpa em você.

– Talvez eu *merecesse* a culpa. – Ren ergueu uma sobrancelha e então sua expressão mudou para um sorriso aberto. – Então, você veio aqui me dar um beijinho e fazer as pazes?

– Vim fazer as pazes.

– Certo. Vamos ver se entendi direito. Kishan prometeu não beijar você até ter certeza de que não há mais nada entre nós.

– Isso.

– Você prometeu alguma coisa para mim quando estávamos juntos? Tipo, que não ia beijar outros homens?

– Nunca prometi nada sobre beijar, especificamente. Mas, depois que ficamos juntos, eu não quis beijar mais ninguém. Para ser muito sincera, antes de você eu também não tinha tido vontade de beijar

alguém.

– Certo. Cheguei a prometer algo a você?

– Chegou, mas não importa mais, porque você não é a mesma pessoa.

– Ponha para fora, Kelsey. Quero saber exatamente o que fiz para magoá-la, além da questão óbvia da amnésia.

– Está bem. – Expirei com força. – Está lembrado da minha festa de aniversário?

– Estou.

– Você me deu meias.

– Meias?

– No Dia dos Namorados, você me deu os brincos da sua mãe. Eu lhe disse que poderia ter me dado meias. Você respondeu exatamente o seguinte: “Meias não são um presente romântico, Kells.” No meu aniversário, você falou que não era muito fã de sorvete de pêssego com creme, mas antes, em Tillamook, escolheu pêssego com creme porque disse que tinha o meu cheiro. Também afirmou que gostava mais do perfume de Nilima do que do meu cheiro natural.

– Tem mais?

– Tem. Você disse que nunca mais iria voltar a dançar com Nilima e fico com ciúme quando fala dela. E, falando nisso, você nunca mais demonstrou ciúme. Costumava bancar o ciumento o tempo todo, e agora não se importa... nem com a paquera de Kishan. Ele está dando em cima de mim desde Shangri-lá. Normalmente, você ficaria bastante aborrecido com isso. Todas essas coisas estão me incomodando desde que nós voltamos.

Pensei em fazer uma pausa, mas ia perder a coragem, então continuei:

– Uma vez, eu disse que tinha escolhido você... não Kishan. Mas agora Phet diz que também posso ser feliz com ele e que terei que fazer uma escolha em breve. De certa maneira, é legal saber isso porque, se eu não puder ficar com você e não puder fazê-lo feliz, pelo menos eu supostamente poderia fazer *Kishan* feliz, apesar de eu não conseguir me imaginar feliz sem você.

Minha voz falhou.

– E já que estamos confessando tudo... eu *adoro* os seus poemas. Para mim, são mais preciosos do que qualquer outra coisa. E... sinto sua falta. É difícil, estranho e perturbador estar perto de você sem estar *com* você. Ah, e tem mais uma coisa: aquela música, a que você não consegue lembrar, é uma das que escreveu para mim. E eu prometi... prometi nunca mais abandonar você.

Baixei o olhar e minha voz foi sumindo. Quando finalmente tive coragem de erguer a cabeça, encontrei os olhos azuis de Ren fixos em mim.

Depois de um momento de reflexão, ele disse:

– Bom, essa foi uma confissão e tanto. Acho que é a minha vez. – Ele fez uma breve pausa. – Eu só *sinto* quando você está por perto.

– Como assim?

– Quero dizer que, na maior parte do tempo, é como se eu estivesse entorpecido. Só me sinto vivo quando estou próximo de você. Não consigo tocar, ler, estudar nem escrever a menos que esteja por perto. Você é minha musa, *strimani*. Parece que não tenho vida sem você. E, como estamos nos abrindo, tenho bastante certeza de que estou me apaixonando por você de novo. Já no que diz respeito ao ciúme, eu diria que essa emoção definitivamente está retornando. Sinto muito pelas meias. Ninguém me disse que haveria uma comemoração até o último minuto. Kishan jogou o presente para mim do nada, e agora estou achando que ele pode ter feito isso de propósito.

Ele retomou o fôlego e prosseguiu:

– Eu gosto, sim, do seu cheiro. Agora que mencionou, pêssego com creme é uma descrição adequada. Desculpe pelo sorvete, mas gosto mais de manteiga de amendoim com chocolate. Prometo não dançar com Nilima. Acho que você é linda e, se não acredita em mim, pode reler o meu poema. Era você que eu estava descrevendo. Acho você interessante, doce, inteligente e altruísta. Gosto até do seu temperamento. Acho bonitinho. E, se isso não me causasse tanta dor, eu lhe daria um beijo agora mesmo.

– Daria?

– Sim, daria. Será que o que falei deu conta de tudo?

– Deu – sussurrei baixinho.

– Tem certeza de que não prometi mais nada para você? Tem mais alguma coisa que deixou você irritada?

Hesitei.

– Tem, sim. Tem mais uma coisa. Uma vez você prometeu que nunca ia me abandonar.

– Eu não tive escolha. Fui capturado. Está lembrada?

– Você escolheu ficar para trás.

– Para salvar a sua vida.

– Da próxima vez, não faça isso. Quero ficar e lutar com você.

– Acho que não posso prometer isso. A sua vida é mais importante do que o meu desejo de tê-la por perto. Mas vou ficar com você enquanto puder. Está bom assim?

– Do jeito que está falando, parece mais a *Mary Poppins*. Você só vai ficar até o vento mudar. Mas acho que é o melhor que consigo.

Ren se virou de frente para mim.

– Tem mais uma coisa que quero que fique às claras.

– O que é? – perguntei.

– Você ainda... me ama?

Olhei para aquele rosto lindo e fui tomada pela emoção. Meus olhos se encheram de lágrimas. Fiz uma pausa de apenas um piscar de olhos antes de assentir uma vez.

– Sim, eu ainda amo você.

– Então, que se danem as consequências.

Ren pegou meu queixo de leve com a mão trêmula e encostou seus lábios nos meus. Colocou o braço ao redor do meu corpo e me puxou, quase me deitando em cima dele. Então murmurou contra meus lábios enquanto me beijava, apertando as mãos contra minhas costas:

– Se eu... não encostar na sua pele... não é tão ruim.

Ele foi dando uma trilha de beijinhos da minha boca à minha orelha. Acariciei seu cabelo com hesitação.

– Dói se eu tocar no seu cabelo?

– Não.

Ele sorriu e apertou os lábios contra meu ombro coberto pela camiseta.

– É pior quando *eu* beijo você?

Eu o beijei na linha do couro cabeludo e então passei para a testa e depusitei ali alguns beijos suaves.

– Quando você beija o meu cabelo não dói nem um pouco, mas quando os seus lábios tocam a minha pele, queima. De um jeito quase bom.

Ren deu um sorriso torto. Baixei o olhar para seus lábios e ele me apertou contra o peito, voltando a me beijar. Foi apaixonado e doce, e retribuí seu ardor. Porém, cedo demais, seu corpo começou a tremer. Ele arrancou os lábios dos meus, arfando de dor.

– Desculpe. Kelsey. Não consigo... ficar perto de você agora.

Eu me afastei dele e me encolhi à cabeceira. Ren se levantou de um salto e foi até a porta da varanda, onde respirou fundo várias vezes. Ele me lançou um sorriso fraco, com o rosto pálido e os braços e pernas trêmulos.

– Você vai ficar bem?

Ele fez que sim com a cabeça e disse:

– Desculpe.

E desapareceu.

Permaneci um tempo sentada na cama e inspirei o perfume que impregnava o travesseiro.

Não vi mais Ren o dia todo, mas encontrei um bilhete na minha cama. Dizia o seguinte: “Quem, tendo um coração para amar e, dentro dele, coragem para tornar conhecido o seu afeto, poderia se conter?”

Quem, de fato?

O Sr. Kadam, determinado a descobrir o ativador da memória de Ren, passava muitas horas conversando com ele, tentando chegar a alguma conclusão. Ren se dedicou à iniciativa com um fervor que não possuía antes. Kishan sempre aproveitava essas oportunidades para me levar para longe. Nós assistíamos a filmes ou saíamos para caminhar ou nadar.

Quando eu passava algum tempo com Ren, nós só conversávamos ou líamos. Ele me observava com frequência, e o rosto dele se iluminava com um sorriso sempre que eu erguia os olhos para ver o que ele estava fazendo. Frequentemente se transformava em tigre e ficava me fazendo companhia, tirando cochilos à tarde. Nessas ocasiões eu podia abraçá-lo. Ele apoiava a cabeça no meu colo enquanto eu lhe acariciava o pelo. Mas não voltou a tentar me beijar. Deve ter sido uma experiência dolorosa o suficiente para ele não querer repeti-la por enquanto. Teimosa, eu ignorava a voz na minha mente que ficava se perguntando o que eu faria se a dor dele *nunca* desaparecesse.

Ajudei o Sr. Kadam a pesquisar a terceira profecia nas semanas seguintes. Era óbvio que iríamos a um templo de Durga outra vez e receberíamos mais duas armas: um tridente e um *kamandal*. O Sr. Kadam e eu líamos alguns trechos em voz alta e eu tomava nota de fatos importantes. Durante uma sessão, descobri algo interessante.

– Senhor Kadam, este livro explica que um *kamandal* é um recipiente normalmente usado para armazenar água, mas, nos mitos, dizem que abriga o elixir da vida, ou a água sagrada, e também é um símbolo de fertilidade. O Ganges sagrado teria se originado de um *kamandal*. Hum... O senhor tem um pouco de água do Ganges? Diz aqui que a maior parte das residências indianas guarda um recipiente com a água do rio, que é considerada sagrada.

O Sr. Kadam se recostou na cadeira.

– Não, não tenho, mas a minha mulher costumava ter. O Ganges é mesmo muito importante para o povo da Índia. A importância religiosa dele para os hindus é a mesma que a do rio Jordão para os cristãos. Seu valor econômico é tão grande quanto o do rio Mississippi para os Estados Unidos ou o do Nilo para o Egito. O povo acredita que o Ganges tem propriedades de cura, e as cinzas dos mortos são lançadas em suas correntes. Quando minha mulher morreu, as cinzas dela foram espalhadas no Ganges, e sempre achei que as minhas também seriam, mas isso já faz muito tempo.

– Os pais de Ren foram cremados?

O Sr. Kadam se recostou na cadeira e esfregou as palmas das mãos em círculos lentos.

– Não foram. Quando Rajaram morreu, Deschen ficou de luto. Eu tinha feito planos para cremar o corpo dele e levar as cinzas para o Ganges, mas ela não permitiu. Não suportaria ficar tão longe dele. Sabe, os hindus acreditam que a alma deixa os mortos imediatamente. Eles cremam o corpo assim que possível, para que não haja tentação de a alma se demorar entre os vivos.

– Ah.

– Mas Deschen era budista e, na cultura dela, o corpo morto é deixado em repouso durante três dias, na esperança de que o espírito que paira mude de ideia e resolva voltar a se unir ao corpo. Juntos, nós velamos e rezamos por Rajaram, e quando três dias se passaram, cavamos uma cova e o enterramos perto do jardim dela. Deschen passava o tempo todo ali, trabalhando e conversando com Rajaram, como se ele pudesse escutá-la. Quando Kishan não estava caçando, ficava perto da mãe e tomava conta dela. Ela logo adoeceu e, enquanto eu cuidava dela, entalhei um marcador de madeira para o túmulo de seu marido. Quando terminei a peça, soube que logo teria que fazer outra.

– Que triste – comentei, emocionada.

– Triste mesmo. Eu os enterrei lado a lado, perto da nossa casinha. Não fica muito longe da cachoeira a que Ren levou a senhorita. Pouco depois disso, parti em busca de Ren. A selva de Deschen e Rajaram é um lugar cheio de paz. Já voltei lá várias vezes para depositar flores no túmulo deles e substituí os marcadores de madeira por lápides de pedra permanentes. Apesar de o enterro de Rajaram não ter refletido as próprias crenças, sei que ele teria aberto mão de qualquer coisa para deixar a mulher feliz. Desconfio que, se houvesse sido possível, ele teria me pedido para fazer exatamente o que fiz para dar a ela uma sensação de paz.

Ele piscou os olhos úmidos e mexeu num livro sobre a mesa.

– Ah, peço desculpa. Não era minha intenção ficar tão emocionado.

– O senhor os amava.

– Amava. Muitas vezes penso que gostaria de ser enterrado ao lado deles quando eu morrer. Acredito que isso não vai acontecer, é claro, mas... é um lugar especial para mim. Em várias ocasiões me ajoelhei no túmulo deles e falei de seus filhos. Não é algo comum na cultura hindu, mas acho que traz conforto para mim.

O Sr. Kadam resolveu dar fim ao clima melancólico.

– Bom, mas estávamos falando sobre o Ganges. Acontece que há certo embasamento na crença de que o rio tenha propriedades de cura.

– Se o senhor não se importa, eu prefiro não nadar lá, caso não seja necessário.

– Não acho que vá precisar nadar no Ganges. No entanto, a profecia menciona especificamente “mergulhar”, e foi por isso que providenciei aulas de mergulho.

– Tem certeza de que não significa outra coisa? Como o negócio do Mestre do Oceano?

– Não significa outra coisa. Estou bem certo de que desta vez nós vamos para o mar. As outras duas profecias eram baseadas nos elementos da terra e do ar. Acredito que esta profecia tenha a água como tema... mais precisamente o mundo submarino.

– Isso não me parece nada bom – resmunguei –, principalmente a parte sobre criaturas que mordem e aguilhoam. Posso pensar em vários seres marinhos que faço questão de não encontrar. Além do mais, o poder do tigre é quase inexistente no mar, e também não sei se o meu poder de raio funciona embaixo da água.

– É verdade. Já pensei nisso. A boa notícia é que acredito saber o que estamos procurando desta vez.

– É mesmo?

O Sr. Kadam folheou um livro e encontrou o que estava querendo.

– É isto que vamos procurar – disse ele com um floreio. – Repare no pescoço dela.

Olhei para o livro. O Sr. Kadam apontava para uma linda imagem artística de Durga. A deusa usava um colar largo estonteante de diamantes e pérolas negras.

– O colar? É isso que o senhor acha que nós devemos procurar? E está escondido em algum lugar no mar? Sem problemas – comentei, incrédula.

– É, sim. Bom, pelos menos sabemos o que precisamos procurar.

Dizem que o colar dela foi roubado há séculos por um deus invejoso... coisa que, aliás, leva à minha segunda descoberta.

– E qual seria?

– O lugar onde vamos dar início à nossa busca. Nós iremos à Cidade dos Sete Pagodes.

– O que é isso?

– Ah, vou revelar hoje à noite – concluiu o Sr. Kadam, misterioso. – Contarei a história toda a vocês depois do jantar.

Apesar de eu implorar para saber qual seria o nosso destino, o Sr. Kadam insistiu para que continuássemos com nossa pesquisa relativa à profecia. Passamos o resto da tarde mergulhados nos estudos. O Sr. Kadam se concentrou na cidade enquanto eu tentava descobrir mais sobre os dragões.

Terminado o jantar, nós nos reunimos na sala do pavão. Kishan se sentou ao meu lado. Ele esticou o braço por trás de mim e, ousado, apoiou-o sobre meus ombros, enquanto Ren ocupou um assento à nossa frente. Finalmente, o Sr. Kadam chegou, se acomodou e começou a contar a história de Durga.

– Durga é conhecida por diversos nomes – começou ele. – Um deles é Parvati. O marido de Parvati, Shiva, ficou bravo porque ela não lhe dava a atenção que ele julgava merecer. Shiva a baniu para o mundo inferior, para viver como mortal numa vila de pescadores. O povo, ainda que pobre, era devoto e tinha construído muitos templos. Apesar de Parvati estar vivendo como humana, conservou sua beleza celestial e muitos quiseram se casar com ela. Shiva logo começou a sentir falta da mulher e ficou com ciúme da atenção que outros homens lhe davam. Então enviou seu servo Nandi para a vila de pescadores.

Eu adorava a forma como o Sr. Kadam contava histórias, e não ousava interrompê-lo.

– Nandi roubou o colar dela em segredo e disse aos aldeões que o Colar de Pérolas Negras da linda donzela tinha sido escondido sob as ondas, protegido por um tubarão feroz. O homem que fosse capaz de matar o tubarão e encontrar o colar poderia tomá-la como esposa. Mas os pescadores não sabiam que Nandi assumira a forma daquele tubarão. Ele protegia, implacável, o colar para seu senhor, Shiva, que tinha planos de ir até lá recuperar as pérolas e deixar que os outros homens morressem tentando. Ele tinha esperança de que seu gesto fosse suficiente para reconquistar o afeto da esposa.

O Sr. Kadam limpou a garganta e logo retomou seu relato.

– Muitos homens aceitaram o desafio, mas não foram bem-

sucedidos. Alguns armaram estratégias para pegar o colar. Procuraram afastar o tubarão com carcaças ensanguentadas para depois ir atrás das pérolas, mas Nandi não era um tubarão qualquer. Ele era esperto e se escondia. Esperava os homens mergulharem e então atacava. Logo, todos os pretendentes tinham sido mortos e comidos pelo tubarão ou ficaram apavorados demais para tentar. Parvati se desesperava com a perda de tantas vidas. O tubarão Nandi patrulhava as águas, causando medo e confusão ao rasgar redes de pesca e atacar qualquer um que ousasse pôr os pés na água. Todo o vilarejo, em sofrimento, ficou aflito.

– Nossa! – exclamei sem querer.

– Mas havia um deus menor que amava a cidade. Vários dos templos ali tinham sido construídos em sua homenagem. Ele era o deus dos raios, do trovão, da chuva e da guerra e, aliás, tinha dado a Parvati o poder de emitir raios. Seu nome era Indra. Ele ouvira falar da terrível praga que tinha se abatido sobre aquele povo e resolveu investigar. Indra viu aquela mulher linda, mas não reconheceu a deusa. Mesmo assim, imediatamente se apaixonou por ela. Resolveu conquistar sua mão disfarçando-se de mortal e matando o tubarão por conta própria. Isso tinha sido exatamente o que Shiva pensara em fazer, e não ficou nada feliz por ver outro homem, que não era nada menos do que um deus, apresentar-se ao desafio. Os dois deuses, disfarçados de homens, deram início à empreitada, ambos tentando matar o tubarão para encontrar o tesouro escondido. Indra detinha o poder do clima e causou grandes tempestades e ondas que confundiram Nandi, o tubarão. Enquanto Indra mantinha o tubarão ocupado, Shiva procurava o colar pelo oceano, e logo o encontrou. Ele retornou à terra no exato momento em que Indra arrastava a carcaça do monstro morto para a praia e afirmava que a deusa era dele, porque tinha matado o enorme peixe.

A história estava quase chegando ao fim.

– Shiva revelou quem era e disse a Indra que o peixe na verdade não tinha sido morto, mas que era seu servo Nandi. O cadáver do tubarão se transformou no corpo vivo de Nandi. Então Shiva pôs o colar em Parvati. Quando o colar se assentou no lugar, a deusa se lembrou de quem era e abraçou o marido. Indra ficou irado e pediu aos aldeões que julgassem quem deveria ser o vencedor. Estando em uma posição desconfortável, o povo atribuiu a vitória a Shiva. As pessoas ficaram contentes por Indra ter matado o tubarão, mas o amor entre Shiva e Parvati era óbvio para todos. Shiva teria matado Indra naquele momento, mas Parvati o deteve. Ela implorou por sua

vida, dizendo que as mortes causadas por ela já eram numerosas demais. Shiva concordou e levou-a de volta a seu reino. O povo se regozijou e voltou a prosperar, agora que o terror dos mares não estava mais lá. Mas Indra não esqueceu sua vergonha e os truques que tinham sido aplicados contra ele. Certa noite, ele se esgueirou para dentro da casa de Shiva e Parvati e roubou o colar. Usou seu poder para convocar as ondas e os ventos para inundar o vilarejo que o tinha traído e deixou todos os templos debaixo d'água, menos aquele que havia sido dedicado a Shiva e Parvati. Ele o deixou lá como um monumento vazio, um lembrete de que agora não existia mais ninguém para louvá-los. Então voltou a esconder o colar e ele próprio assumiu a forma do tubarão para que pudesse sempre vigiar seu prêmio e imaginar a raiva de Shiva toda vez que olhasse para o pescoço nu da mulher.

– Uau! Essa história é perturbadora – comentei. – Uma coisa que me confunde na mitologia indiana é a maneira como os nomes sempre mudam. A cor da pele dela muda: dourada, preta, rosa. O nome dela muda: Durga, Kali, Parvati. A personalidade dela muda: é uma mãe amorosa, é uma guerreira brutal, é terrível em sua ira, é uma amante, é vingativa, é fraca e mortal, depois é poderosa e não pode ser derrotada. E ainda tem o estado civil: às vezes é solteira, outras vezes, casada. É difícil dar conta de todas as variações.

– Parece uma mulher normal para mim – caçoou Ren.

Olhei com raiva para ele enquanto Kishan ria, concordando com o irmão.

– E tubarões? Por favor, por favor, diga que não vai ter nenhum tubarão vigiando o colar.

– Não sei bem o que vai ter lá. Espero sinceramente que não enfrentem um tubarão – respondeu o Sr. Kadam.

– Está com medo, Kelsey? Não precisa ficar. Desta vez, nós dois vamos estar com você – disse Ren.

– Permita-me esclarecer a situação para você com uma citação de Shakespeare: “Se quiseses saber como vivem os peixes no mar, é como os homens na terra: os maiores comem os menores.” E eu sou um dos menores. Tigres não podem lutar contra tubarões. Dito isso, é melhor eu treinar meu poder de raio embaixo d'água. – Mordi o lábio. – E se eu acabar me eletrocutando?

– Hum. Vou pensar sobre esse assunto – disse o Sr. Kadam.

Apertei a mão de Kishan com força. Enquanto ele retribuía o gesto, prossegui:

– Se pudesse escolher, ia preferir enfrentar os cinco dragões.

O Sr. Kadam assentiu com um gesto solene. Ren e Kishan ficaram quietos, de modo que o Sr. Kadam retomou a palavra:

– Querem saber para onde nós vamos?

– Queremos – responderam os irmãos em uníssono.

– Vamos para a cidade de Indra. Ela se chama Cidade dos Sete Pagodes. Era uma antiga cidade portuária, construída no século sete, famosa por ter sete pagodes, ou templos, todos com um domo de ouro. Fica perto de Mahabalipuram, no litoral leste da Índia. De fato, muitos estudiosos não acreditavam que existisse até que um terremoto abalou o oceano Índico em 2004. O tsunami que veio em seguida mexeu com os depósitos de areia e revelou uma cidade submarina complexa. Antes de o tsunami atingir o litoral, a água recuou e as pessoas que ficaram bem acima do nível do mar relataram ter visto ruínas de construções e pedras grandes, mas a água logo voltou a cobrir tudo. Desde então, as muralhas da cidade foram sendo redescobertas, e a uma distância de pouco menos de um quilômetro do litoral. Agora encontraram estátuas de elefantes, cavalos, leões e divindades. A única construção que ficou acima do nível do mar foi o Templo da Praia. Durante séculos haviam sido transmitidas histórias sobre a tal cidade e repassados relatos de quem teria visto a cidade afundada brilhando sob as ondas, peixes gigantes nadando pelas ruínas e joias reluzindo intocadas porque qualquer pessoa que tentasse mergulhar ali seria amaldiçoada e nunca mais voltaria à tona.

– Parece um lugar fabuloso – comentei, irônica.

– Os achados causaram tanto alvoroço que vários livros foram escritos a respeito do lugar, e muitos arqueólogos o estudaram. Li num livro que Marco Polo registrou a cidade quando a visitou em 1275 e disse que os domos cobertos de cobre dos templos eram um ponto de referência para os navegadores. Muita gente desprezou sua afirmação ou achou que estivesse falando de outra cidade. Tenho a sensação de que é este o lugar em que devemos procurar o Colar de Pérolas Negras.

Bufei e me levantei.

– Certo. Vamos encarar essas aulas de mergulho.

– Primeiro, acho que precisamos trocar de acomodações.

– Para onde vamos? – perguntei, confusa.

O Sr. Kadam juntou as mãos e respondeu, como se não fosse nada de mais:

– Para o iate, é claro.



O Festival das Estrelas

— Nilima está em Mumbai preparando o navio – explicou o Sr. Kadam. – Vamos navegar pela Índia e parar em Goa a fim de buscar o nosso instrutor de mergulho. Ele vai permanecer a bordo até nós o deixarmos em Trivandrum. Para se tornarem mergulhadores exímios vocês deverão praticar a viagem toda, e não temos muito tempo.

– Então, está pronto para partir? Assim, sem mais nem menos? Não precisamos fazer muito mais pesquisas antes? – perguntei.

– Vamos viajar bem devagar, e já supri a biblioteca do navio com todo o material de pesquisa de que precisamos, de modo que poderemos trabalhar enquanto navegamos. O iate é capaz de alcançar a velocidade de 20 nós e pode nos levar até lá em poucos dias se viajarmos à noite, mas prefiro avançar mais lentamente. Precisamos fazer paradas ao longo do caminho, em um templo de Durga, por exemplo, e também quero que vocês tenham tempo suficiente para praticar mergulho antes de chegarmos à Cidade dos Sete Pagodes.

Eu me agitei, nervosa.

– Quando partimos?

– Depois do Festival das Estrelas, na semana que vem – declarou o Sr. Kadam, com a calma de sempre.

Ren se sentou ereto.

– Ainda celebram esse festival por aqui?

O Sr. Kadam sorriu.

– Sim, mas as tradições mudaram um pouco com o passar dos anos.

– O que é o Festival das Estrelas? – indaguei.

Ren se virou para mim e explicou:

– É o equivalente chinês ao Dia dos Namorados.

– E a Índia tem um festival para isso?

O Sr. Kadam esclareceu:

– O Japão e também o Brasil celebram um dia sagrado parecido. Não é exatamente a mesma coisa que o Valentine's Day nos Estados Unidos. O festival que acontece aqui é resquício de um dia sagrado que foi iniciado por esta família.

Kishan completou:

– A minha mãe adorava este dia sagrado e quis celebrá-lo na Índia, então o meu pai o estabeleceu em seu reino. Parece que fazem a celebração desde aquela data.

– O que acontece durante o Festival das Estrelas? Quais são as tradições?

O Sr. Kadam se levantou.

– Acho que vou deixar Ren e Kishan darem as explicações. Boa noite, Srta. Kelsey.

– Boa noite.

Olhei de Ren para Kishan e esperei alguém abrir a boca. Eles se entreolharam. Cutuquei Kishan com o cotovelo.

– Então? Pode me contar.

– Fique sabendo que não participo das celebrações há alguns séculos, mas, se me lembro corretamente, a cidade faz uma festa com fogos de artifício, comida e lanternas. As moças se arrumam. Tem dança e música.

– Ah. Então não tem nada a ver com o Valentine's Day? O tema é o amor? Tem chocolates, flores e cartões?

– Bom, há flores e cartões, mas não do tipo comprado em lojas.

Ren interrompeu.

– Também é uma oportunidade para uma moça solteira fazer um pedido para se casar com a pessoa de quem gosta.

– Mas achei que a maior parte dos casamentos entre vocês fosse arranjada.

– E é – respondeu Kishan. – É só um jeito inocente de uma donzela se expressar. Estou curioso para ver como os costumes mudaram desde o nosso tempo. Acho que você vai se divertir, *bilauta*.

Ele apertou a minha mão e piscou para mim.

Ren pigarreou.

– Na China se chama Noite dos Setes e ocorre supostamente no sétimo dia do sétimo mês do ano, mas a data não é tão importante quanto as estrelas. A celebração ocorre quando as estrelas Orihime e Hikoboshi se alinham. Então, quando você escreve o seu desejo, está

fazendo um pedido para uma estrela. Não sei qual é o nome em inglês para essas estrelas. Você vai ter que perguntar ao Sr. Kadam.

– O que eu devo vestir?

– Você confia em mim? – perguntou Ren.

Suspirei.

– Confio. O seu gosto para roupa costuma ser melhor do que o meu.

– Que bom. Vou providenciar algo adequado para você. Se a celebração for fiel à tradição, as donzelas ficam perto dos pais e podem ser acompanhadas a certas atividades ou jogos apenas com a anuência deles. De acordo com o costume, você e Nilima devem ficar próximas a Kadam. No entanto, como você não é indiana, na verdade não faz diferença. Poderá circular livremente, se quiser.

– Hum. Vou pensar sobre o assunto.

A semana seguinte foi de muito trabalho. O Sr. Kadam e eu examinamos a biblioteca, livro a livro, e separamos tudo que achávamos que poderia ser útil no navio. Fiquei horas pesquisando na internet sobre os dragões dos cinco oceanos. Também passei muito tempo com Kishan e Ren – aliás, um pouco mais com Ren.

Ren estava começando a se parecer mais com quem era antes. Líamos juntos com frequência. Ele gostava de estar no mesmo cômodo que eu, apesar de manter certa distância. Muitas vezes me pedia para ficar com ele enquanto tocava violão ou escrevia poesia, e pedia minha opinião a respeito de algumas frases ou letras.

Ele me provocava, brincava comigo e tentava segurar minha mão, mas parecia que não havia como desenvolver tolerância, por mais que se esforçasse. Ele sentia dor e passava mal todas as vezes. Tentava não demonstrar, mas eu sabia. Ainda assim, dava a impressão de estar feliz perto de mim, e eu me contentava com qualquer período de tempo que pudesse passar com ele.

Diversas vezes eu estendia a mão para tocar no braço ou no ombro de Ren, mas então recuava, ciente de que iria machucá-lo. Ele afirmava que tocar em suas roupas não doía; só sentia a necessidade urgente de fugir, e disse que estava se acostumando à sensação. Mas, ainda assim, nossa relação parecia muito limitada.

Eu não sabia bem o que Ren estava sentindo ou pensando. A impressão que eu tinha era a de que fazia um esforço enorme para passar tempo comigo, apesar dos efeitos colaterais. Não voltamos a falar sobre nossos sentimentos, mas ele demonstrava estar determinado a se aproximar mais de mim. Tentou todo tipo de coisa

para encontrar o ativador de sua memória e começou a deixar flores e poemas para mim ao longo do dia, mais ou menos como costumava fazer no Oregon. Era *quase* suficiente.

Não voltei a pensar no festival até que Ren me viu escrevendo na varanda um dia, à tarde.

– Trouxe o seu vestido para o festival.

– Ah, obrigada – agradei sem prestar muita atenção. – Pode deixar em cima da cama? Mais tarde eu guardo.

– Guarda? O festival é hoje à noite, Kells. E o que é que você está escrevendo?

– O quê? Como uma semana passou tão rápido? – Apertei o caderno contra o peito quando Ren tentou espiar por cima do meu ombro. – Se quer mesmo saber, seu enxerido, estou escrevendo um poema.

Ele sorriu.

– Eu não sabia que você escrevia outra coisa além dos relatos no seu diário. Posso dar uma olhada?

– Ainda estou trabalhando em algumas palavras. Não é tão bom quanto o seu. Você vai dar risada.

Ren se sentou à minha frente.

– Não vou rir, Kelsey. Deixe-me ver, por favor. Sobre o que é?

– Amor. – Suspirei. – Você vai ficar aí sentado me azucrinando até eu mostrar, não vai?

– Provavelmente. Estou morrendo de curiosidade.

– Tudo bem. Pode olhar. Mas é o meu primeiro, por isso, seja bonzinho.

Ren fez uma reverência.

– Claro, *strimani*. Sou sempre um perfeito cavalheiro.

Lancei um sorriso afetado para ele, mas entreguei o poema e fiquei lá roendo as unhas enquanto ele lia em silêncio. Então leu mais uma vez, em voz alta.

Amar é cuidar

Amar é cuidar

Começa...

Um creme de cheiro doce é aplicado sobre a pele áspera

Uma colônia é espalhada no rosto recém-barbeado

Rostos reluzentes, camisas engomadas, saias curtas
Lábios, bochechas e cabelos pintados
Nós brilhamos

Somos depilados, enfeitados, perfumados e empoados
Compramos flores, chocolates, velas e joias
Não é real

O amor verdadeiro é pálido, áspero, natural
É a mãe trocando a fralda
É cortar as unhas dos pés, assoar o nariz, acordar com mau
hálito
Trocar o salto alto por tênis e chinelo de ficar em casa
Juba desgrenhada
Mechas embaraçadas

O amor tem lábios rachados, cera na orelha, barba que pinica
e unhas roídas
Tem coceira nas costas, pelo nas pernas e o aviso
“Tem alguma coisa no meio dos seus dentes, querido”

Amor de verdade
É tirar pelos das costas do marido
Esvaziar o penico do vovô
Ficar de moletom na sexta à noite
Guardar dinheiro, não gastar
Enxugar rostos febris com compressas frias

As leões lambem os filhotes para limpá-los
Macacos tiram piolhos das costas
Seres humanos lavam o cabelo da mãe antes do enterro

Amar é cuidar

Ren ficou em silêncio durante um tempo, enquanto olhava para o papel. Meu pé batia nervoso.

– E aí? Desembucha logo.

– É um pouco... taciturno. Mas eu gostei. Apesar de, tecnicamente,

os macacos não tirarem piolhos por amor. Fazem isso para comer um lanchinho à tarde.

Arranquei o caderno da mão dele.

– Você já experimentou todas essas formas de amor, não é mesmo? – perguntou, os olhos cheios de curiosidade.

– A maior parte delas, eu acho. Mas admito que nunca esvaziei um penico.

– Nem arrancou pelos das costas do namorado, presumo.

– Não. As suas costas são perfeitas.

Ele ficou me olhando.

– Você tem uma enorme disposição para o amor, e foi magoada. Sinto muito por ter contribuído para isso.

– Não se preocupe com isso.

Ren encostou de leve na minha mão e logo recolheu o braço.

– É a única coisa que eu tenho na cabeça. A gente se vê à noite. – Ele se virou antes de desaparecer pelo corredor e sorriu. – E reserve uma dança para mim.

Depois que ele saiu, fui até a cama e tirei o papel de seda do embrulho de presente. Dentro do pacote estava um vestido chinês de seda maravilhoso. Segurei-o na frente do meu corpo com cuidado. Era a cor preferida de Ren. O vestido era em uma gradação de azul indo de um tom suave de azul-royal do pescoço até a metade do peito e mudando para um azul bem escuro... a cor do céu à noite.

Estrelas, luas, planetas e dragões ferozes bordados com fios dourados e prateados se espalhavam por todo o vestido. Os símbolos se entremeavam com gavinhas e flores, também douradas e prateadas. A gola era em estilo mandarim, com uma casa de botão pequena e um fecho prateado em forma de sapo. O vestido acabava no meio da panturrilha, e eu estava erguendo a sobancelha para a fenda lateral comprida quando reparei na etiqueta.

Ren comprou isto. Ele não o fez com o Lenço Divino.

Foi nesse momento que o Sr. Kadam bateu na porta e me entregou duas caixas.

– O vestido é encantador, Srta. Kelsey. Trouxe sapatos e fivelas de cabelo para você, que acabaram de chegar. Nilima pediu para avisar que estará aqui em uma hora para ajudá-la com o cabelo.

– Nunca vi um vestido tão lindo. Por que ele o comprou? Podia ter feito algo com o Lenço.

O Sr. Kadam deu de ombros.

– Esse vestido se chama *qipao*. É tradicional na cultura chinesa. A mãe dele sempre usava roupas assim. Talvez a senhorita veja alguns

vestidos parecidos na festa, mas é mais provável que encontre vestimentas indianas mais tradicionais. Vai se destacar, e imagino que este deva ser o motivo que o fez comprá-lo.

– Ah. Bom... obrigada. Nós nos vemos daqui a umas duas horas, então.

– Estou ansioso pela celebração.

Como prometido, Nilima bateu na porta do meu banheiro uma hora depois, quando eu estava terminando de fazer uma escova no cabelo.

– Ah, perfeito. Tenho um penteado em mente que só serve em cabelo liso.

Eu me sentei numa poltrona em frente ao espelho largo e olhei para Nilima. Ela já estava vestida com um *lehenga* em tom de laranja queimado e um bustiê de veludo com aplicações em seda. Cristais, contas e lantejoulas enfeitavam sua saia e sua *dupatta*. O cabelo comprido e escuro da indiana esbelta estava cacheado e caía pelas costas com muito charme. As laterais estavam presas de um jeito frouxo com fivelas de borboletas douradas e cor de laranja, e ela usava brincos e pulseiras de ouro.

– Você está linda, Nilima.

– Obrigada. Você também vai ficar ótima.

– Bom, se o seu cabelo servir de parâmetro, tenho certeza de que vou passar por aceitável.

Ela deu risada e começou a separar o meu cabelo. Tentei prestar atenção, mas suas mãos se moviam com rapidez. Ela repartiu meu cabelo para o lado e começou a pentear e a enrolar mechas para armar um coque rebuscado na nuca. Quando ficou satisfeita, removeu uma variedade de pentes de uma das caixas que o Sr. Kadam tinha trazido antes. Os pentes eram incrustados de safiras e diamantes em forma de estrela, lua e flor.

Havia também um par de brincos compridos. Tinham uma pedra ovalada azul-royal brilhante no centro e pedras azul-escuras saíam dela em leque, como meias-luas. Uma estrela de diamantes se pendurava no meio e contas em forma de gotinhas em azul-royal, azul-escuro, dourado e prateado pendiam dela.

Nilima enfiou os pentes no meu cabelo, ao redor do penteado rebuscado que tinha feito, e me declarou pronta. Pedi-lhe ajuda para entrar no vestido apertado. Se não fosse pela fenda do modelo, eu não ia poder me mexer sem arrebentar uma costura.

Nilima disse que eu estava maravilhosa, mas eu tinha certeza de que passaria a noite toda puxando o vestido para tentar manter a perna minimamente coberta. A outra caixa deixada pelo Sr. Kadam

continha os calçados: sapatilhas de salto prateadas com acabamento trançado dourado.

Postei-me na frente do espelho do closet. Fiquei chocada ao ver que a garota do reflexo era eu. Eu parecia exótica. Uma perna comprida desnuda se revelava pela fenda e, com os sapatos de salto, eu parecia ainda mais alta.

Meu corpo ganhara músculos graças aos exercícios com Kishan, o que se notava. Minha cintura estava mais fina e meus braços, torneados. O quadril continuava mais ou menos do mesmo tamanho, e isso fazia com que eu parecesse mais curvilínea. Nilima tinha realçado meus olhos com delineador azul-escuro e aplicado uma sombra dourada cintilante nas pálpebras. Eu parecia uma mulher, não mais uma menina. Parecia... sexy. Parei de puxar o vestido, deixei as mãos caírem e sorri.

Eu nunca tinha me achado bonita. Sempre priorizei o conforto acima do estilo. Naquela noite, porém, eu estava tão satisfeita com minha aparência que talvez até fosse fazer frente a Ren e Kishan. Com esse pensamento, peguei o leque dourado que viera com os pentes de cabelo, amarrei a cordinha no pulso e desci a escada cheia de confiança.

Fui recebida por Nilima e o Sr. Kadam, que estava estonteante com um terno branco simples e uma camisa de seda verde-petróleo.

– Sr. Kadam! Está muito bonito. Onde estão Ren e Kishan? – perguntei.

– Já foram. Vão nos encontrar na fonte. – O Sr. Kadam ofereceu um braço para cada uma de nós e prosseguiu: – Obrigado pelo elogio, mas nada se compara às senhoritas. Todos os homens do festival sentirão inveja de mim.

O Sr. Kadam nos ajudou a entrar no seu Rolls-Royce e reclamou só um pouco por não podermos ir de McLaren – que tem lugar para apenas duas pessoas. Logo fomos levadas em alta velocidade para o Festival das Estrelas, e me senti a própria Cinderela chegando ao baile do príncipe.

A cidade estava bastante iluminada e tinha muita gente circulando pelas ruas, com roupas de todas as cores. Fios com lanternas coloridas de papel se estendiam entre as construções. Globos de papel machê com fitas compridas estavam pendurados no arco de entrada do festival, e guirlandas de flores e luzinhas rodeavam a pista de dança ao ar livre.

Nilima e eu pegamos cada uma em um braço do Sr. Kadam. Com ar de pai orgulhoso, ele nos conduziu até a árvore dos desejos, pegou

duas tiras coloridas de papel e as ofereceu para cada uma de nós.

– Escrevam seu desejo no papel e amarrem na árvore – instruiu ele.
– Se fizerem um pedido no festival e tiverem fé nas estrelas, ele será concedido este ano.

Escrevi meu desejo e segui Nilima até a árvore, que estava enfeitada com milhares de papéis coloridos. Encontramos um bom lugar para prender os nossos. Então estava na hora de encontrar os irmãos e providenciar algo para comer.

Passamos por grupos de pessoas a caminho de uma grande fonte no meio da cidade. Ela lançava água em arcos altos e estava iluminada por luzes giratórias coloridas. Era lindo de se ver. O Sr. Kadam nos conduzia pela multidão, abrindo caminho para que Nilima e eu pudéssemos ir atrás.

Kishan cumprimentou o Sr. Kadam e Nilima e então se virou para mim, soltando a respiração e falando com voz rouca:

– Você está... maravilhosa. Nunca vi uma mulher tão linda.

Ele vestia uma calça azul-marinho e uma camisa vinho de manga comprida com finas listras verticais azul-escuras. O cabelo escuro e os olhos dourados faiscantes eram magnéticos, atraindo instantaneamente a atenção de várias mulheres próximas.

Kishan fez uma mesura com a cabeça e ofereceu o braço.

– Posso acompanhá-la?

Dei risada.

– Eu ficaria lisonjeada com a companhia de um rapaz tão bonito, mas precisa perguntar ao meu pai.

O Sr. Kadam sorriu.

– Claro que sim. Desde que a traga de volta antes da cerimônia das lanternas.

Quando Kishan me puxou para longe, perguntei:

– E... onde está Ren?

– Ele desapareceu quando chegamos aqui. Disse que precisava fazer uma coisa.

– Ah.

Não pude deixar de ficar um pouco decepcionada, apesar de já estar em ótima companhia.

– Venha. Vamos pegar algo para comer – disse ele.

Fomos passando por várias barracas com comidinhas deliciosas. Tudo que se podia imaginar estava à venda, inclusive doces. Muitos dos vendedores ofereciam degustação de pequenos petiscos. Escolhemos delícias de vários lugares.

Comemos chutney de pêssego picante com biscoitos salgados,

amosas e copinhos de *baigan bharta*, que era berinjela queimada direto no fogo, descascada e amassada com iogurte e especiarias. Também havia uma variedade de petiscos chineses, rolinhos primavera, *wontons* e *dim sum*. Achei até pipoca com curry – mas não quis provar.

Kishan deu risada quando franzi o nariz.

– Como você pode curtir a Índia se detesta curry? É a mesma coisa que morar na China e detestar arroz.

– Existem várias outras comidas e temperos aqui de que eu gosto. Só não sou chegada a curry.

– Tudo bem. Mas isso me deixa com poucas opções para oferecer a você.

– Melhor assim. Não quero explodir neste vestido.

– Hum. – Kishan olhou para mim e provocou: – Talvez você precise comer mais, então.

Logo esbarramos com o Sr. Kadam e Nilima. Ren, no entanto, ainda não tinha aparecido.

Nilima pegou meu braço.

– Vamos para a cerimônia das lanternas.

– O que precisamos fazer?

– Você vai ver – disse Nilima, dando risada. – Venha.

Uma multidão já estava reunida na ponte. Os organizadores do festival estavam numa plataforma elevada e cumprimentavam o público.

O Sr. Kadam traduziu o discurso para mim.

– Estão nos dando as boas-vindas e desejando que aproveitemos as festividades. Agora aquele senhor está falando sobre a grandiosa história da nossa cidade e dos feitos que alcançamos este ano. Ah! – O Sr. Kadam bateu palmas. – Chegou a hora de os pais com filhas solteiras irem pegar uma lanterna. Fiquem aqui. Já volto.

Caixas de lanternas em forma de flor foram abertas e entregues aos pais com filhas solteiras. O Sr. Kadam pegou duas. Entregou uma cor-de-rosa para Nilima e uma branca para mim.

– O que eu faço?

– Tem que descrever o homem com quem deseja se casar – explicou o Sr. Kadam.

Em pânico, eu soltei:

– Em voz alta?

– Não, no papel ou na sua cabeça, se quiser. Então as moças, uma por vez, colocam a lanterna no fogo se sentem que o homem que buscam está perto ou na água se acham que ele está longe.

Dei uma olhada em Kishan, que me lançou uma piscadela.

– Ah – falei, engolindo em seco.

Nilima se virou para mim.

– Está pronta, Srta. Kelsey?

– Estou.

– Que bom. O locutor acaba de pedir que todas as moças solteiras deem um passo adiante.

Nilima pegou meu braço e caminhamos juntas até a frente, onde todas as garotas estavam postadas. Ao soar do sino, todas acenderam suas lanternas com velinhas. Quando o sino voltou a tocar, elas avançaram e, uma a uma, fizeram sua escolha diante da multidão eufórica.

Um aqueduto de madeira tinha sido montado perto do fogo; seu pequeno curso d'água carregava as lanternas até o rio próximo. Nilima disse que o aqueduto tinha sido construído recentemente, para que os sapatos da moças não ficassem sujos de lama. Também fazia com que a escolha fosse mais dramática, porque ninguém que estava assistindo sabia se a escolha seria pelo fogo ou pela água até o último minuto.

Fiquei na fila e examinei a multidão em busca de Ren, mas não o vi em lugar algum. Kishan, por sua vez, sorria de orelha a orelha. Nilima foi primeiro e colocou a lanterna na água. Observei o enfeite flutuar pelo canal e então dei um passo para a frente, refletindo sobre o significado da minha escolha. *Fogo ou água?* Pensei brevemente sobre Li no Oregon e suspirei ao imaginar como minha vida teria sido fácil se eu o tivesse escolhido, mas então me lembrei da razão por que não o escolhera. Li não era o homem que eu amava.

Eu faria qualquer coisa para voltar no tempo e reviver aquela época com Ren. Como tinham sido curtas aquelas semanas felizes... Olhei para Kishan de novo e retribuí-lhe o sorriso. Eu sabia que minha escolha estava na Índia. O homem com quem eu iria me comprometer estava aqui. Joguei minha lanterna no fogo com convicção e ouvi o Sr. Kadam e Kishan comemorarem.

Depois da cerimônia, Kishan me chamou para dançar e o Sr. Kadam e Nilima se juntaram a nós. Dançar com Kishan desta vez foi bem diferente daquela ocasião em que havia acabado de voltar para casa. Apesar de não ter muita destreza durante as músicas mais rápidas, ele se saía bem nas lentas. Ele me segurava de maneira possessiva, mal se movendo ao ritmo da música. Não havia nada em que eu pudesse me concentrar a não ser nele, e achei difícil resistir ao homem bonito e ao convite entusiasmado em seus olhos.

Kishan fez uma careta, aborrecido, quando a música terminou e explicou que o costume local era dançar só uma música com a moça, devolvê-la ao pai e voltar para a fila, para que outros pretendentes também tivessem oportunidade de impressionar a família dela. Nilima tinha um grupo de homens tentando ganhar sua atenção, mas, para minha surpresa, também havia vários rapazes fazendo fila para mim. Isso deixou Kishan muito mal-humorado.

O Sr. Kadam parecia feliz em orquestrar o movimento todo e me apresentou a várias pessoas, traduzindo quando necessário, o que não aconteceu com muita frequência. A maior parte dos meus “pretendentes” falava inglês. Kishan ficou parado ao lado do Sr. Kadam, olhando feio para os rapazes, o que serviu para espantar vários deles. Ele dançou comigo o máximo de vezes possível e tentou intimidar todos os outros que procuravam ter a sua chance.

Não parecia que Ren fosse aparecer. Eu me resignei com isso e decidi aproveitar a noite mesmo sem ele.

Kishan me levou de volta depois de nossa quarta dança e então pediu para dançar com Nilima. Quando o Sr. Kadam se afastou para pegar uma bebida para mim, o leque dourado escorregou do meu pulso. Olhei para ele no chão e bati o pé de frustração. Não tinha como eu me abaixar para apanhá-lo com aquele vestido apertado.

Uma voz afetuosa ronronou atrás de mim:

– Permita-me.

– Ren!

Eu me virei para ele com um sorriso e prendi a respiração. Ele usava calça branca e uma camisa azul listrada justa, aberta no colarinho. A camisa era de um azul do céu noturno, a mesma cor do meu vestido. Ele sorriu e meu coração começou a bater forte.

Ren deu alguns passos e se agachou para pegar o meu leque... então ficou paralisado. Seus olhos acompanharam a fenda do meu vestido. Apesar de ele não me tocar, senti seu olhar me acariciar, subindo lentamente pela minha perna. Cambaleei, um pouco tonta. Aquilo que Kishan era capaz de conseguir ao me abraçar apertado, Ren fazia só com os olhos. Ele se levantou devagar e admirou descaradamente toda a minha produção, antes de enfim parar no meu rosto.

– Esse vestido... foi uma decisão muito, *muito* boa. Eu poderia escrever um poema inteiro sobre as virtudes das suas pernas, mais nada. *Você* é um banquete para os sentidos.

Dei um sorriso bobo.

– Não sei se sou um banquete. Talvez só uma entradinha.

Ren pôs minha mão em seu braço.

– Entradinha coisa nenhuma. É a sobremesa. E tenho planos de pular alguns pratos.

Ele começou a me puxar numa direção quando o Sr. Kadam se aproximou. Ren falou baixinho com ele e voltou bem rápido.

– O que disse a ele?

– Que ia manter você ocupada durante o resto da noite. Vamos voltar com o Jeep.

– Kishan não vai ficar muito feliz.

Ren resmungou baixinho.

– Kishan já teve você só para ele por mais da metade da noite. O resto dela agora é meu. Venha.

Começamos a nos afastar quando ouvi Kishan gritar. Eu me virei, dei de ombros e sorri. Ele viria atrás de nós, mas o Sr. Kadam pôs a mão em seu braço. Ren me puxou cheio de entusiasmo.

– Vamos!

Ele ziguezagueou entre algumas pessoas e começou a avançar mais rápido. Tive que correr com meus saltos para acompanhá-lo. Eu dava risada enquanto ele ia me puxando, sem largar do braço dele.

– Para onde vamos?

– Você vai ver. É surpresa.

Nós nos abaixamos para passar por uma guirlanda de flores, demos a volta em grupos de pessoas que nos olhavam boquiabertos enquanto passávamos a toda velocidade e atravessamos um dos portões do parque. Aos nos aproximarmos de uma área gramada, ele pediu que eu fechasse os olhos.

Quando os abri, eu me vi perto de um banco de madeira. Lanternas lançavam uma luz amarela suave das árvores próximas e, no meio de um pátio de pedra, uma velha mangueira se erguia. Papezinhos coloridos contendo desejos estavam pendurados por toda a árvore, esvoaçando com a brisa leve. Ren me entregou um galho de lilás, enfiou algumas das flores no meu cabelo e tocou na minha bochecha.

– Você é uma mulher de tirar o fôlego, Kelsey. – Ele sorriu. – Principalmente quando fica corada desse jeito.

– Obrigada. – Retribuí o sorriso. Distraída pelo farfalhar do papel, eu disse: – Esta árvore está linda! Deve haver centenas de pedidos nela.

– E há mesmo. Minha mão ainda está com cãibra.

Dei risada.

– Você fez isso? Mas por quê?

– Kelsey, o Sr. Kadam lhe disse mais alguma coisa a respeito do

Festival das Estrelas? Falou da origem dele?

– Não. Por que não me conta?

Ren pediu que eu me sentasse, acomodou-se ao meu lado e esticou o braço atrás das minhas costas. Observando o céu, ele apontou.

– Ali. Está vendo aquela estrela?

Assenti.

– Aquela ali é Vega e a que está ao lado é Altair. A versão chinesa da história conta que Vega e Altair eram amantes separados pelo Rei do Céu. Ele criou um rio enorme, a Via Láctea, para apartá-los. Mas Vega chorou tanto por seu amado que o Rei do Céu ficou com pena dos dois e permitiu que ficassem juntos uma vez por ano.

– No sétimo dia do sétimo mês.

– Exato. Por isso, quando as duas estrelas se juntam, nós celebramos a união romântica delas colocando desejos numa árvore, na esperança de que elas olhem aqui para baixo, para nós, e, em sua felicidade, nos concedam nossos desejos.

– Que história bonita!

Ele se virou para mim e tocou no meu cabelo de leve.

– Eu enchi a árvore com meus desejos, que são todas variações do mesmo tema.

– Qual é o seu desejo? – perguntei baixinho.

Ren entrelaçou os dedos dele nos meus, apesar de eu saber que isso o queimava.

– O meu desejo é encontrar uma maneira de atravessar aquele rio e voltar para você.

Ele ergueu minha mão até o seu rosto. Delicadamente, afastei uma mecha de cabelo da testa dele.

– Esse também é o meu desejo.

Ren passou um braço pela minha cintura e me puxou mais para perto.

– Não quero machucar você – sussurrei.

– Não pense nisso.

Ele segurou meu rosto e me deu um beijo cheio de ternura, quase sem encostar os lábios nos meus. Mas senti seu braço tremer e o afastei com gentileza.

– Você está começando a passar mal. Vai conseguir ficar mais tempo perto de mim se se afastar um pouco.

– Não quer que eu a beije?

– Quero. Quero isso mais do que qualquer outra coisa, mas, se eu tiver que escolher, prefiro ficar perto a dar um beijo rápido e depois você precisar ir embora.

Ele suspirou.

– Tudo bem.

– Desta vez, vai ter que me cortejar com palavras, em vez de beijos.

Ren deu uma risada seca.

– “Tão impossível é avivar o fogo com neve quanto buscar aplacar o fogo do amor com palavras.”

– Bom, se tem alguém capaz de fazer isso é você, Shakespeare. Posso ler alguns dos seus desejos?

Ren sorriu.

– Se fizer isso, eles não vão se tornar realidade. Você não acredita nos desejos feitos às estrelas?

Eu me levantei, caminhei até a árvore e arranquei uma folha.

– Shakespeare também disse: “Não cabe às estrelas controlar nosso destino, mas a nós mesmos.” Nós vamos fazer o nosso próprio destino. Vamos moldar a nossa vida do jeito que quisermos. Quero você na minha vida. Escolhi você antes e escolho de novo. Vamos simplesmente ter que lidar com as barreiras físicas. Prefiro estar perto de você desse jeito a estar longe.

Ele caminhou até onde eu estava e me abraçou por cima do tecido do vestido. Deitei a cabeça em sua camisa de seda.

– Você está aceitando isso agora, Kelsey, mas, no fim, talvez faça outra escolha. Vai querer ter família, filhos. Se eu não conseguir superar isso, nós nunca poderemos ficar juntos.

– E você? – balbuciei contra o peito dele. – Você pode ficar com outra mulher e ter essas coisas. Não quer isso?

Ele ficou quieto durante um longo minuto.

– Sei que quero ficar com você. Kishan tinha razão quando disse que você era a garota perfeita para mim. A verdade é que podemos desejar o que quisermos, *strimani*, mas não há garantias nesta vida. Não quero que você sacrifique todas essas coisas, que sacrifique a sua felicidade, para ficar comigo.

– Eu iria sacrificar a felicidade se *deixasse* você. Não vamos mais falar sobre isso esta noite.

– Vamos ter que falar sobre isso em algum momento.

– Mas você não sabe o que vai acontecer. Pode recobrar a memória quando encontrarmos o próximo objeto ou completarmos as quatro tarefas. Estou disposta a esperar todo esse tempo. Você não está?

– Não se trata do que eu quero. Trata-se de você e do que é melhor para você.

– Você é o melhor para mim.

– Talvez eu tenha sido no passado.

– Ainda é.

Ren suspirou e se afastou.

– Vamos voltar? – sugeriu.

– Não. Você me prometeu uma coisa.

– Prometi mesmo. – Ele estendeu a mão e perguntou, galante: – Você me concede esta dança?

Fiz que sim e ele colocou as mãos em volta da minha cintura e me beijou no alto da cabeça. Eu me aninhei nele e dançamos para lá e para cá ao som da música.

Quando começou a queima de fogos, nós nos sentamos no banco e admiramos as cores brilhantes contra o céu escuro. Ren continuou me abraçando, mas tomou cuidado para não encostar na minha pele. No final, eu disse:

– Obrigada pela árvore e pelas flores.

Ren assentiu e tocou de leve um dos botões no meu cabelo.

– São lilases. Quando um homem dá um lilás a uma mulher, está lhe fazendo uma pergunta: você ainda me ama?

– Você já sabe a resposta.

– Eu queria ouvi-la dizer.

– Sim. Eu ainda amo você.

Tirei um lilás do galho que ele me deu e lhe devolvi. Pensativo, Ren brincou com ele entre os dedos.

– Quanto a mim... acho que nunca deixei de amar. – Ele tocou minha bochecha e passou os dedos até chegar ao meu queixo. – Sim, eu amo você, Kelsey. Fico feliz por termos nos reencontrado.

– É a única coisa de que preciso saber.

Ele olhou para mim e deu um sorriso triste.

– Venha, Kells. Vamos para casa.

– Espere. Vou pegar alguns dos seus desejos.

Com a permissão de Ren, tirei cinco papéis da árvore e segurei seu braço. No caminho de casa, estávamos os dois em silêncio. Ele me ajudou a sair do carro, me acompanhou até a porta do meu quarto e deu um beijo afetuoso na minha cabeça antes de dizer boa-noite.

Depois que vesti meu pijama e fui para a cama, acendi o abajur e li os cinco desejos de Ren.

Quero dar a ela o melhor de tudo.

Quero fazê-la feliz.

Quero me lembrar dela.

Quero tocar nela.

Quero amá-la.



O iate

O Sr. Kadam anunciou que, na manhã seguinte, partiríamos para Mumbai bem cedo, por isso devíamos aproveitar nosso último dia em terra firme para relaxar antes de começarmos os trabalhos mais uma vez. Todos dormimos até mais tarde. Quando finalmente abri a porta do quarto, encontrei Ren à minha espera.

Ele sorriu e disse:

– Achei que você fosse gostar de comer comigo. Quer tomar café da manhã agora?

– Claro. – Retribuí com um sorriso acanhado. – Vai ser panqueca com gotas de chocolate, manteiga de amendoim e banana.

Ele ficou me olhando sem entender nada.

– Eu gosto disso?

– Tivemos longas discussões sobre suas preferências em relação a panquecas. Venha, Tigre.

Fizemos a maior bagunça na cozinha, mas valeu muito a pena, só de ver a expressão de êxtase no rosto de Ren quando ele deu a primeira mordida.

– Se eu não amasse você antes, isto teria me deixado completamente enfeitiçado – disse ele com a boca cheia. – O que posso fazer para ficar à altura dessas panquecas? Deve haver alguma coisa.

– Estão mesmo bem gostosas. Com certeza merecem uma retribuição. Hum, sabe do que eu sinto falta? Das suas massagens. Você faz a melhor massagem do planeta, mas iria lhe causar dor demais agora. Talvez eu peça a Kishan. Ele também é bom nisso.

Acho que dei um mau jeito no pescoço esta noite.

Ren largou o garfo e olhou feio para mim.

– Não quero que Kishan ponha as mãos em você. Posso fazer a massagem e aguentar o sofrimento.

– Não precisa. Ele é perfeitamente capaz.

– Kishan é capaz de muitas coisas, e roubar namoradas está no topo da lista de habilidades dele.

– Então, é isso que eu sou? Sua namorada?

Ren examinou meu rosto com seus olhos azuis.

– Você não quer ser?

– Não achei que já estivesse pronto para nos definir dessa forma.

– Rótulos para mim não são tão importantes quanto saber como eu me sinto. Sei que quero ficar com você, e quanto mais longe Kishan estiver, melhor eu vou me sentir.

– Você está precipitando as coisas porque Kishan está interessado? Quer atacar a gazela antes do outro tigre? Esse tipo de coisa?

– Talvez em parte – confessou. – Mas isso não significa que eu esteja errado em querer seguir em frente com nosso relacionamento. Eu simplesmente sinto que você é a garota certa. Em todos os aspectos possíveis. – Ele sorriu. – E então? Vai voltar a ser minha namorada?

– Na verdade, nunca deixei de ser sua namorada. Sempre fui sua.

Ren me lançou um daqueles sorrisos de parar o coração e disse:

– Isso é exatamente o que eu precisava ouvir.

Ele pegou minha mão, deu um beijo nela e, bem contente, voltou a atacar as panquecas.

Eu franzi a testa e rodei o garfo na calda.

– Vou ter que falar com Kishan.

– Quando?

– Acho que, quanto antes, melhor. Ele ainda deve estar bravo comigo por tê-lo abandonado ontem à noite.

– Tudo bem. Encontre comigo aqui de novo daqui a mais ou menos uma hora. Eu ajito a cozinha. Vá lá falar com ele.

– Por quê? O que vamos fazer daqui a uma hora?

– Tenho planos de passar o dia com você... como tigre. O benefício é poder ficar horas ao seu lado sem nenhum efeito colateral. E se por acaso você sentir vontade de acariciar minhas costas, coçar minhas orelhas e me beijar... melhor ainda.

Dei risada.

– Certo. Vai ser como nos velhos tempos... A gente se vê mais tarde.

Beije o topo da cabeça dele e saí à procura de Kishan.

Tive que usar o rastreador do meu celular para localizá-lo. Ele estava no bosque atrás da casa, usando o *chakram* para derrubar uma árvore. Ouvi o som metálico do disco voltando e me abaixei numa reação automática. Ele falou sem se virar.

– O que está fazendo aqui? Ren não consegue entreter você o suficiente?

– Você está bravo comigo.

Ele suspirou.

– Não é que eu esteja bravo. Só estou... estou desconcertado.

– Podemos conversar?

Ele finalmente se virou e olhou para mim. Estava infeliz, mas assentiu e estendeu a mão. Nós nos sentamos no chão, as costas apoiadas contra um tronco.

– Em primeiro lugar, peço desculpas por ter sumido ontem à noite. Ren planejou uma coisa grande e se esforçou muito para fazer isso.

Kishan atirou uma pedra em uma árvore. Ela bateu com um baque antes de cair no chão fofo.

– Sei muito bem por quê.

– Certo – prossegui. – Mas eu me diverti muito no tempo que passei com você.

– Kells, pare. Não precisa explicar nada. Você queria ficar com ele, então ficou. Fim da história. Não me fez nenhuma promessa e não precisa se sentir culpada por causa disso. Se eu me enchi de esperança, a culpa foi toda minha, não sua. Tirei muitas conclusões das suas ações.

– Como assim? Que ações?

– Quando jogou a sua lanterna no fogo e sorriu para mim, achei que talvez, apenas talvez, significasse que você estava pensando em mim.

– É mais ou menos verdade. Não coloquei a minha lanterna na água porque sei que o homem com quem eu vou ficar está aqui.

– Certo. Ren.

– Eu espero que seja. Conversamos ontem à noite e ele disse que me ama. Quer retomar nosso relacionamento.

– Então, vocês estão juntos de novo?

– Tanto quanto é possível. E eu estava pensando nele quando joguei a lanterna. Mas também estava pensando em você.

– Como assim?

Suspirei e puxei os joelhos para perto do peito.

– Acho que pensei em você porque sei que se, por alguma razão, eu não puder ficar com Ren, vou escolher você.

– Então eu sou o seu jogador reserva? O seu plano B?

– Eu não estava pensando assim. Você não é a segunda escolha, nem uma escolha menor, nem uma escolha errada. Você é uma escolha diferente. Acho que me sinto mais segura em relação a esta família do que em relação a um ou outro homem. Eu pertenço a ela. Sou parte de vocês.

Ele resmungou.

– Isso é verdade. Se Ren a deixar, pode ter toda a certeza do mundo que não vou permitir que você escape.

– Acho que simplesmente sinto uma forte convicção de que o meu lugar é junto aos tigres.

– Você pertence aos tigres.

Kishan me envolveu com um dos braços e me puxou para mais perto.

– Não sei como tudo isso vai se desenrolar. Uma vez, prometi um final feliz para você, e ainda tenho esperança de que tenhamos isso – falei.

– Não acho que seja possível, mas obrigado por não acabar com toda a minha esperança.

– Não sei dizer se lhe fiz algum favor.

– Fez sim. Você se comprometeu conosco. Independentemente do que acontecer, seu lugar é comigo e com Ren. Sempre vou ter você por perto, e é legal saber disso.

– E eu sei que sempre vou ter vocês dois por perto.

Aninhei a cabeça no peito dele, fiz uma careta e esfreguei o pescoço.

– Dormi de mau jeito essa noite.

– Posso lhe fazer uma massagem.

– Ren vai ficar louco da vida. Ele não quer que você encoste em mim.

– Se ele não souber, não vai ficar magoado. Vire-se de costas.

Depois de receber uma massagem de pescoço completa, voltei para a casa e encontrei Ren à minha espera na biblioteca. Fiel à sua palavra, ele se transformou em tigre e se acomodou no meu colo. Eu já tinha pedido que não me desse mais beijos de tigre, mas ele lambeu meu braço assim mesmo. Acariciei-lhe as costas e li poesia enquanto ele cochilava e acordava.

Ele permaneceu na forma de tigre, mesmo ao seguir Kishan e eu até a sala de cinema para assistirmos a um filme à noite. Eu me sentei

no chão ao lado dele e lhe dei pipoca, deixando que lambesse o lanche amanteigado da palma da minha mão. Então descansei a cabeça no colo de Kishan e caí no sono.

Quando acordei no meio da noite, estava deitada na minha cama, coberta com a colcha da minha avó. Chutei a colcha para longe no quarto escuro como breu e fui saindo pela lateral da cama. Meus pés bateram num corpo peludo no chão.

– Ren? É você?

O tigre ronronou em resposta. *Ren*.

Sorri e beijei-o na cabeça a caminho do banheiro. Depois de escovar os dentes e vestir um pijama, fui para a cama e vi um par de olhos dourados me encarando da varanda. Abri a porta e acariciei o tigre negro.

– Obrigada por me trazer para a cama. Boa noite.

Dei um beijo na cabeça dele também e voltei a dormir.

Na manhã seguinte, ouvi quando alguém bateu na minha porta e disse palavras abafadas. Voltei imediatamente a dormir, até sentir o toque leve de Ren na minha testa.

– Hora de acordar, dorminhoca. Temos que ir para o iate.

Rolei para o lado e murmurei no travesseiro:

– Mais cinco minutos. Pode ser?

– Eu adoraria lhe dar mais cinco minutos, mas Kadam está pronto.

Resmunguei e sacudi a cabeça enquanto Ren afastava o cabelo embaraçado do meu rosto.

– Você fica uma graça quando está reclamona. Vamos, *iadala*. Precisamos ir andando.

– Ren, você nunca mais me chamou de *iadala*, e isso prova que eu ainda estou sonhando. Deixe-me dormir.

– Certo. *Strimani*, então.

– Não. Gosto mais de *iadala*.

– Vejo você lá em baixo.

Tomei banho, me vesti e peguei minha mochila. Quando desci, já estava todo mundo dentro do carro. O Sr. Kadam estava no banco do motorista, ao lado de Kishan, e Ren estava no banco de trás. Quando lancei um olhar de que não estava entendendo nada para Kishan, ele deu um sorriso triste e fez um gesto para que eu me sentasse no banco de trás. Ren era só sorrisos quando entrei. Ele deu um beijo rápido na minha cabeça, transformou-se em tigre e descansou a cabeça no meu colo.

O Sr. Kadam olhou para trás a fim de ver como nós estávamos.

– Está tudo bem aí, Srta. Kelsey?

– Claro. Vocês por acaso trouxeram café da manhã para viagem?

– O Fruto Dourado está na minha mochila – disse Kishan. – Peça o que quiser.

Fiz uma vitamina de mirtilo. Ren olhou para a bebida, interessado.

– Nem venha, Tigre. Vai deixar tudo melequento com essa baba de tigre. Tem alguma outra coisa que queira?

Ele bufou e voltou a baixar a cabeça.

– Ótimo. Se ficar com fome mais tarde, me avise.

O Sr. Kadam, Kishan e eu conversamos sobre a profecia durante todo o trajeto, e fiquei tão envolvida no papo que me surpreendi quando entramos no trânsito de Mumbai. Ren ronronava baixinho, dormindo no meu colo. Era gostoso poder tocar nele, apesar de ser apenas sua metade tigre. Acaricieei sua cabeça e deslizei os dedos nos pelos macios do pescoço, massageando-o de leve, coisa que o fez entrar em uma espécie de transe de tigre.

Abri a janela e senti a maresia e o perfume condimentado de Mumbai. O Sr. Kadam passou pelo meio de um mercado de pescadores e fechei a janela bem rápido quando vários vendedores começaram a se aproximar do nosso veículo, que avançava devagar.

– Mantenha a cabeça abaixada, Ren.

A resposta dele ribombou por seu peito e para a minha coxa. Atravessamos o mercado até o cais, passando por um píer depois do outro e vários barcos grandes. Perguntei ao Sr. Kadam qual era o nosso.

– Nenhum deles, Srta. Kelsey. O nosso está mais afastado.

– Ah.

Os barcos iam ficando maiores à medida que avançávamos. *Com certeza vamos chegar logo ao nosso. O cais está acabando.*

Finalmente, o Sr. Kadam diminuiu a velocidade quando chegou a um portão para que Kishan pudesse passar um cartão magnético na caixa de controle. O portão se abriu e vimos um prédio elegante com operários uniformizados trabalhando no amplo terreno.

– O que é isso? – perguntei.

– É um iate clube. O nosso barco não está muito longe.

Demos a volta no prédio, na direção do mar, e entramos numa rua construída sobre as águas. Era feita como um beco sem saída e se dividia em docas, cada uma com seu próprio barco enorme.

Fiquei boquiaberta.

– O senhor tem um navio de cruzeiro?

O Sr. Kadam deu risada.

– Tecnicamente, chama-se megaiate.

– Quer dizer que é maior do que um iate comum?

– Sim. Os iates são classificados por tamanho. O consenso geral entre os navegadores é definir um iate como uma embarcação que precisa de tripulação. Os superiates têm aproximadamente de 23 a 45 metros de comprimento; os megaiates vão de 45 a 75; e os gigaiates, de 75 a 90. É raro qualquer coisa maior do que isso ser de propriedade de um indivíduo.

Eu estava totalmente pasma, e brinquei:

– Senhor Kadam! Estou chocada por não ter um gigaiate.

– Pensei na questão, mas gigaiates são grandes demais para os nossos propósitos. Este aqui, em tamanho, chega perto do menor gigaiate. Acredito que esta embarcação será suficiente.

– Acha mesmo?

– Acho, sim – respondeu, sério, sem se dar conta do meu sarcasmo.

O Sr. Kadam virou à esquerda no terceiro cais e percorremos o comprimento do barco enquanto eu olhava boquiaberta pela janela. O megaiate era lindo e reluzente. A metade superior era branca, cheia de janelas, e parecia ter três conveses com uma torre branca baixa no alto. A metade de baixo era preta e tinha janelas menores. Calculei que devia haver mais um ou dois níveis abaixo da linha-d'água.

Quando passamos pela popa, olhei para cima e vi o nome do iate escrito em híndi.

– Qual é o nome dele, Sr. Kadam?

– É *Deschen*.

O Sr. Kadam conduziu o Jeep por uma rampa firme presa à lateral da enorme embarcação e parou o carro no que era basicamente a garagem do iate. Ren transformou-se em homem, piscou para mim e todos nós descemos.

O Sr. Kadam imediatamente assumiu o comando.

– Ren? Kishan? Será que podem levar nossas coisas para os quartos e avisar ao capitão que já embarcamos e estaremos prontos para partir assim que ele der o aviso? Eu gostaria de mostrar tudo para a Srta. Kelsey, se ela não se incomodar.

Assenti sem dizer nada e entreguei minha mochila a Kishan, que apertou meu braço de leve antes de seguir Ren escada acima. Dois homens haviam descido para remover a rampa. Enquanto eles fechavam as portas externas do iate, eu inspecionei a garagem bem-iluminada. Caberia outro carro ali com facilidade. Havia lonas cobrindo alguns itens ao longo da parede dos fundos. Poderíamos

muito bem estar numa garagem muito organizada de uma casa qualquer. Eu olhava aquilo tudo sem conseguir acreditar que tínhamos entrado de carro direto para o interior do maior navio que eu já havia visto.

– Vamos?

O Sr. Kadam indicou que eu devia ir na frente, por isso subi a escada.

– A única coisa que sei sobre barcos é que a proa fica na frente e a popa, atrás. Nunca consigo me lembrar dos outros dois.

– Estibordo e bombordo. Estibordo é a nossa direita. O corpo do navio se chama casco, e a parte superior que dá toda a volta é a amurada. Por aqui, Srta. Kelsey.

Eu o segui na direção do centro do navio e nos deparamos com um elevador redondo com paredes de vidro. Virei-me para trás.

– O senhor tem um elevador? Em um iate?

O Sr. Kadam deu risada.

– Veio com ele. É muito conveniente. Podemos começar com a casa do leme?

– O que é isso?

– É a ponte ou centro de comando do navio. Você vai poder conhecer o capitão.

Entramos no elevador estilo Willy Wonka do *Deschen*. Tinha uma alavanca igual à de um elevador antigo de hotel operado por ascensorista. Aparentemente estávamos no quinto de seis andares. O Sr. Kadam empurrou a alavanca até o alto e começamos a subir. Passamos por uma área de estar, uma biblioteca, uma academia e paramos em um deque. Saímos, subimos mais uma escada e entramos na parte coberta.

O Sr. Kadam explicou:

– A casa do leme tecnicamente não tem mais uma roda de leme dentro, e a maior parte das pessoas hoje a chama de ponte. Sou antiquado o bastante para continuar usando o nome velho. A cabine do capitão fica depois da casa do leme e ele tem um belo gabinete bem ao lado.

– São quantos tripulantes a bordo?

– O capitão, o assistente dele, três marujos, um chef, duas camareiras e, mais tarde, o nosso instrutor de mergulho.

– Não é muita gente para se ter por perto? O senhor não pode conduzir o navio sozinho? Estamos fazendo coisas altamente secretas, está lembrado? Por que precisamos de um chef se temos o Fruto Dourado?

– Confie em mim, Srta. Kelsey. Essas pessoas trabalham para mim já faz um bom tempo. Nilima checou a fundo os antecedentes de todos, e eles se provaram leais, confiáveis e bem-treinados. O único novato é o instrutor de mergulho, mas os antecedentes dele também foram verificados, e acredito que seja de confiança. Precisamos de um chef porque a tripulação também tem que se alimentar, e poderia ficar desconfiada se comesse a aparecer comida sem carregarmos qualquer suprimento.

– Mas e se nós enfrentarmos *dragões* ou algo assim? – sussurrei. – Eles não vão entrar em pânico? E se todos fugirem e precisarmos manobrar este navio gigantesco por nossa própria conta?

O Sr. Kadam deu risada.

– Se algo assim acontecer e a nossa tripulação fizer um motim, Nilima e eu somos perfeitamente capazes de levar a embarcação de volta para a costa. Não se preocupe demais, Srta. Kelsey. Essas pessoas não vão se esquivar do perigo. Venha. Vamos conhecer o capitão e desfazer seus temores.

Entramos na ponte, que era um compartimento impecável e reluzente com janelas, em branco e aço inoxidável, e vi um homem olhando pela janela com um binóculo.

– Senhorita Kelsey, este é o capitão Diondre Dixon.

O homem baixou o binóculo, virou-se e sorriu.

– Ah! Kadam, meu amigo. Esta é a moça de quem tanto me falou?

Ele deu um passo mais para perto e bateu de leve nas costas do Sr. Kadam. Usava calça branca larga e camisa havaiana verde. Reconheci o sotaque dele na hora.

– O senhor é jamaicano?

– Sou, sim, Srta. Kelsey. A adorável ilha da Jamaica é o lugar que chamo de lar, mas o mar é a minha esposa, sabe?

O capitão deu risada, e eu gostei dele imediatamente. Imaginei que tivesse uns 65 anos. Era um pouco cheinho; sua pele era de um tom moreno-claro e suas bochechas e testa, escurecidas por sardas. Ele tinha barba e bigode branco, e o cabelo branco grosso estava penteado para trás, mostrando as entradas.

Apertei a mão dele com um gesto caloroso e disse:

– Muito prazer. – Dei uma olhada rápida pela janela. – A que altura nós estamos?

O capitão Dixon se juntou a mim.

– Acredito que estejamos cerca de 15 metros acima da linha-d'água. Venha. Deixe-me mostrar a casa do leme.

Havia duas cadeiras de couro sobre uma plataforma no centro do

compartimento, de frente para um painel de controle comprido repleto de botões e alavancas. Por cima, meio inclinados, havia monitores com imagens variadas. Um estava sintonizado no clima, outro mostrava a profundidade da água e o terceiro exibia medidas que não fui capaz de identificar. A parede atrás de nós tinha dois painéis grandes de instrumentos protegidos por vidros.

– Este navio é enorme! Acho impressionante uma coisa assim tão grande ser manobrada apenas com o uso de alguns botões. É lindo aqui em cima!

– É mesmo. A vista é bacana. Já fez algum cruzeiro, Srta. Kelsey?

– Não. Este é o meu primeiro.

– Ah, então vou tentar fazer com que o seu primeiro cruzeiro seja o mais confortável possível.

O Sr. Kadam interrompeu:

– Vamos andando, Srta. Kelsey. O capitão está ocupado preparando a nossa partida, e nós temos uma visita a terminar.

O capitão Dixon sorriu.

– Prazer em conhecê-la. Espero que aproveite a viagem. Sempre que quiser fazer uma visita, por favor, dê uma passada aqui. Talvez possamos deixar que ela conduza o iate um pouco. O que acha, Kadam? – brincou ele.

– Acredito que a Srta. Kelsey possa fazer qualquer coisa que coloque na cabeça. Voltarei para visitá-lo em breve, Dixon.

– Maravilha! Voltaremos a nos ver, Srta. Kelsey.

Ele baixou a cabeça e se virou para a janela mais uma vez.

Deixamos o capitão Dixon para trás, descemos as escadas e o Sr. Kadam foi me mostrando o restante do convés. Enquanto caminhávamos, ele me falava sobre o navio.

– Tem 65 metros de comprimento, com envergadura, ou largura, de quase 13 metros, e calado de 3 metros e 74 centímetros. Comporta aproximadamente 115 mil litros de combustível e 28 mil litros de água, e tem dois motores a diesel com força de 3.516 cavalos-vapor a bordo. Pode fazer 20 nós de velocidade, mas em geral navega a 16.

Eu estava prestes a dizer ao Sr. Kadam que todos aqueles números não faziam muito sentido para mim quando ele finalmente falou algo que eu entendi.

– Este aqui é o deque – anunciou ele e me conduziu até a impressionante frente do iate, onde avistei uma área de observação com bancos e um espaço *lounge* numa espécie de buraco no piso.

O *lounge* era extraordinário. Parecia uma sala de estar chique. Um grande sofá e dois outros de dois lugares estavam encostados na

parede. Uma escotilha se abria de cada lado e levava de volta para o interior do navio. Na frente do sofá havia um semicírculo de cadeiras acolchoadas em creme e preto, com uma mesa de jantar oval pequena no centro. Era o cenário perfeito para um jantar romântico sob as estrelas.

Entramos na escotilha e seguimos em frente. O deque contava também com um *lounge* interno, onde dava para assistir a filmes. O Sr. Kadam disse que também tínhamos uma antena de satélite que podia captar qualquer canal do mundo. Na parte posterior do deque ainda havia uma sala de jantar ao ar livre para até 12 pessoas com bar e bufê. O Sr. Kadam me disse que nós provavelmente tomaríamos o café da manhã ali.

O nível inferior seguinte se chamava deque de observação. Uma sala de estar estonteante com janelas do chão ao teto exibia o mar. Na popa havia uma piscina enorme de ônix e mármore com uma fonte. Uma academia espaçosa, com aparelhos profissionais e área de exercícios, um vestiário com chuveiros e sala de descanso e um balcão de bar completavam o piso. Pulamos o nível seguinte e fomos para o mais baixo.

– É aqui que ficam as cabines da tripulação – explicou o Sr. Kadam.
– Todos ficam aqui, menos o capitão. Ninguém tem permissão de ir ao convés principal, onde ficam os nossos quartos, sem a aprovação de Nilima. Não podemos permitir que espiem os nossos tigres, não é mesmo?

Os alojamentos da tripulação se localizavam ao redor de um salão central. Cada cabine tinha um banheiro com chuveiro.

– Há alguns quartos de hóspedes bem bacanas. O nosso instrutor de mergulho vai ficar em um deles. A lavanderia e a cozinha também ficam aqui.

O Sr. Kadam me conduziu na direção da bem-abastecida cozinha. Havia comida suficiente para alimentar um pequeno exército durante um mês. Tinha uma despensa enorme, duas mesas de jantar para a tripulação e uma bancada de servir.

Ele me mostrou um dos corredores de serviço que atravessavam o navio, e nós descemos para o nível seguinte.

– Este é o convés do poço, onde se encontra a garagem seca. O Jeep está do outro lado daquela porta e aqui – ele passou por uma escotilha – fica a nossa garagem molhada.

– Por que se chama convés do poço?

– Em alguns navios, esta área pode ser inundada para permitir que outras embarcações aportem no interior. Não chegamos a encher a

área de água, mas a usamos para fins semelhantes.

Abaixei a cabeça ao passar pela escotilha e me vi no mundo das maravilhas náuticas. Em uma parede havia equipamento de pesca, anéis de guincho e pranchas de windsurfe. Outra parede exibia uma variedade de tamanhos de esquis aquáticos montados. Quatro jet skis estavam contra uma terceira, cobertos com lona, e duas embarcações aparentemente velozes repousavam sobre o que parecia ser uma rampa.

– Tem barcos dentro do barco?

– São lanchas Boston Whalers. Uma delas tem quase 7 metros e a outra, 5 metros e meio.

O Sr. Kadam estava quase eufórico ao apontar os brinquedinhos aquáticos. Eu não tinha me dado conta de que o gosto do empresário por veículos caros incluía os aquáticos, mas estava claro que esta embarcação e tudo nela lhe davam tanto prazer quanto sua McLaren.

Dando prosseguimento à visita, o Sr. Kadam me mostrou uma área com bancos de madeira e armários.

– Este é o lugar em que faremos a nossa preparação para os mergulhos. Temos snorkel, tanques de oxigênio, roupas de mergulho, coletes flutuadores e reguladores. Não faço ideia de como todo o equipamento é usado, pois nunca mergulhei. Pretendo aprender habilidades básicas junto com vocês.

Soltei um gemido.

– Não estou nem um pouco ansiosa por isso.

– Quanto a mim, estou extremamente entusiasmado para explorar as ruínas da Cidade dos Sete Pagodes, e a única maneira de fazer isso é mergulhando.

Eu assenti.

– Se fossem apenas ruínas, talvez eu também fosse gostar, mas até agora a minha experiência em caçar objetos mágicos diz que coisas grandes e malvadas gostam de me perseguir.

– Então é melhor nos assegurarmos de que a senhorita seja capaz de usar o seu poder de raio embaixo d'água. Vamos terminar com o convés principal? Acho que vai gostar do seu quarto.

Tomamos o elevador e o Sr. Kadam me conduziu para uma linda área de estar em verde-escuro e cor de vinho com poltronas macias e uma lustrosa estante de cerejeira repleta de livros. Janelas grandes com cortinas davam vista para o mar, e o carpete era tão grosso que não se ouviam nossos passos. Paramos no primeiro quarto, que era de Kishan. Ele apareceu e me mostrou tudo rapidamente. Tinha um banheiro particular e uma cama grande.

– Você pode mostrar o restante deste convés à Srta. Kelsey, Kishan? Eu gostaria de providenciar a nossa partida.

– Claro. Então, o que achou do nosso lar flutuante?

– O iate é incrível! Você já tinha estado aqui?

– Uma vez. Kadam, Ren e eu viemos ver o navio umas duas semanas depois de você ir embora. Não zarpamos, mas passamos a noite aqui. – Ele apontou o caminho e prosseguiu: – Eu vou ficar aqui, e este é o quarto de Kadam. Nilima está ali. Depois vem Ren. O seu quarto é por aqui.

Kishan abriu a porta da minha cabine, que era tão grande que daria para colocar ali dentro o estúdio de *wushu* de Li inteirinho.

Engoli em seco.

– É muito maior do que os de vocês.

– Nós lhe demos a suíte *master*. – Ele me envolveu com os braços por trás, me abraçou e disse baixinho: – A nossa garota merece o melhor.

Pensei brevemente sobre o desejo de Ren. *Quero dar a ela o melhor de tudo*. Apertei a mão de Kishan.

– Eu já tenho o melhor. Tenho todos vocês.

Kishan me soltou e nós entramos no meu quarto... que era palaciano. Uma música conhecida tocava baixinho vinda do teto. A cama enorme, encostada numa parede, estava coberta com colcha e travesseiros cor de creme e dourado e ficava de frente para um par de janelas panorâmicas. A colcha antiga da minha avó estava dobrada ao pé da cama.

– Esta é a popa, certo?

Ele fez que sim e foi para o banheiro. Passei sob uma grade de ventilação e senti o vento do ar-condicionado. Eu tinha minha própria TV de plasma gigantesca e um closet com todas as minhas roupas. O impressionante banheiro tinha uma banheira de hidromassagem e um chuveiro. Pilhas de toalhas cor de creme repousavam em armários de cerejeira lustrosa. Voltamos para o quarto e encontrei meu laptop na escrivaninha, um iPad novo e alguns dos meus livros de pesquisa.

– Tem internet aqui?

– Tem. Internet, e-mail, fax, tudo o que quiser.

– É difícil conseguir essas coisas?

– Não quando se é dono de um satélite.

– Vocês têm um satélite? Do tipo espacial?

– Temos. Está com fome?

Meu estômago roncou no mesmo instante.

– Parece que sim. Quer assaltar a cozinha?

Dei risada da indiferença que Kishan demonstrava em relação à própria riqueza e perguntei:

– Não vai atrapalhar a tripulação?

– Que nada. Tenho certeza de que podemos pegar alguma coisa. Vamos.



Goa

Zarpamos logo depois do lanche. Kishan e eu fomos até o deque para ver o navio sair do cais e chegar a mar aberto. A embarcação rugiu um pouco quando os motores começaram a funcionar. A brisa bateu no meu rosto e fiquei observando o mar enquanto abríamos caminho pela água verde-azulada. Depois de um tempo, Ren veio se juntar a nós. Ele me deu um de seus sorrisos especiais e apertou meu ombro antes de também se inclinar para ver a água se agitando lá em baixo.

– Kadam disse que devemos chegar a Goa amanhã de manhã – comentou Ren. – Fica a cerca de 560 quilômetros daqui. O instrutor de mergulho vai embarcar no fim da tarde. Podemos mostrar a cidade a Kelsey e quem sabe fazer algumas compras.

– Parece divertido – respondeu Kishan.

– Que tipo de compras? – perguntei.

Ren deu de ombros.

– Podemos olhar algumas vitrines, se você quiser, mas a maior parte dos mercados é a céu aberto.

– Eu gostaria de mandar algo para Mike, Sarah e as crianças, e também para Jennifer, da aula de *wushu* – declarei, sentindo uma pontada de culpa por não ser capaz de manter mais contato com todos eles.

– Podemos providenciar isso. Nilima se encarrega de enviar o que você quiser para eles sem que a encomenda seja rastreada e associada a nós. Ela manda a nossa correspondência para contatos em outros países e eles a direcionam para vários destinos nos Estados Unidos.

Então tudo é empacotado e enviado mais uma vez. É um sistema complexo.

– Lokesh realmente complicou a nossa vida, não é mesmo?

– Desta vez nós vamos vencê-lo. Estaremos mais preparados – afirmou Kishan.

Estremeci e os dois homens deram um passo para mais perto de mim. Querendo deixar o clima mais leve, perguntei:

– Querem assistir a um filme? Acho que está na hora de eu apresentar vocês, tigres, a *Tubarão*. Vocês dois precisam de uma dose saudável de terror oceânico, para que eu não seja a única a ter medo de entrar na água.

Após *Tubarão*, vimos *Tubarão 2*. Tanto Ren quanto Kishan concordaram que o primeiro era melhor, apesar dos efeitos especiais antiquados. Infelizmente, eles continuaram zombando dos meus temores. Acho que o fato de eles próprios serem predadores fazia com que tivessem menos medo de outros.

Nós nos juntamos ao Sr. Kadam e a Nilima na sala de jantar ao ar livre, onde um bufê de frutos do mar estava à nossa espera: salmão ao teriyaki salpicado de manteiga com cebolinha, vieiras com molho de mel e suco de laranja, camarões crocantes com molho picante, cogumelos recheados de lagosta, bolinhos de caranguejo com creme de limão, rolinhos primavera e coquetéis de manga e frutas silvestres sem álcool. Eu me sentei à linda mesa lustrosa. O sol estava quente e achei agradável desfrutar da sombra do toldo que tinha sido aberto para nós.

Fiquei satisfeita após um prato, mas os irmãos repetiram várias vezes. Depois de brincar com eles, dizendo que deviam deixar um pouco para a tripulação, voltei para o meu quarto e fiquei na banheira de hidromassagem até meus dedos enrugarem. Quando saí, me enrolei no roupão que Kishan me dera de presente de aniversário e penteei o cabelo. No travesseiro, encontrei um poema.

O mar tem suas pérolas
Heinrich Heine

O mar tem suas pérolas, em calma
Tem o céu mil estrelas, minha flor;

Mas minha alma, minha alma, esta minha
alma

Tem teu amor!

Grande é o mar, grande o céu, porém maior
É o meu coração, lírio singelo,
Mais que os astros, que as pérolas mais belo,
Brilha este amor!

É teu! é teu! é teu todo o meu peito
Todo o meu peito que se mescla, flor,
Ao grande mar, ao grande céu, desfeito
Num só amor!

Um barulho me assustou durante a segunda leitura do poema. Pulei da cama, me virei e encontrei Ren sorrindo, apoiado no batente de uma porta que eu ainda não tinha aberto.

– Há quanto tempo você está aí parado?

– O bastante para apreciar a vista. – Ele se aproximou e pegou o poema da minha mão. – Você gostou?

– Gostei.

Ele me abraçou pela cintura e me puxou para mais perto. Beijou meu ombro coberto com o roupão e inspirou profundamente.

– O seu cheiro é delicioso.

– Obrigada. O seu até que não é ruim. O que tem atrás dessa porta? De onde você veio?

– Do meu quarto. Quer ver?

Fiz que sim e ele me conduziu na direção do quarto dele com a mão na parte inferior das minhas costas. O cômodo era parecido com o de Kishan.

– Nós temos uma porta de comunicação?

Ele sorriu.

– Temos.

– Kishan sabia disso antes de escolherem cada quarto?

– Sabia.

– Hum. Fico surpresa de saber que ele deixou você ficar com este. Ren franziu a testa.

– No começo, achamos que Nilima ou o Sr. Kadam deveriam ficar com ele, mas nós dois concluímos que seria melhor se você tivesse um tigre por perto. Brigamos pelo quarto, mas eu venci no final. – Ele expressou tristeza e balbuciou: – Principalmente porque Kishan sabe que não posso tocar em você.

Abafei uma risada e disse:

– Eu adoraria ter presenciado essa conversa.

– O meu quarto é legal, mas eu estava esperando não precisar usá-lo.

– Como assim?

– Eu estava pensando em talvez dormir com você. Como tigre.

Arqueei uma sobrancelha e dei risada.

– Está louco para ouvir meus roncoss, hein?

– Você não ronca, e eu gosto de ficar perto de você. Além do mais, é legal acordar do seu lado de manhã... não que não seja legal estar perto de você agora. – Ren me apertou contra seu corpo. – Eu já lhe disse hoje que você é linda?

Eu sorri, estendi a mão e afastei o cabelo sobre os olhos dele, deixando as mechas sedosas se enroscarem nos meus dedos. Ele abaixou a testa para encostar na minha, mas, depois de alguns segundos, se afastou. O rosto de Ren estava pálido e seus olhos, fechados. Apertei seu braço antes de dar um passo para trás.

– Estou bem. Só me dê um minuto.

– Pode se recuperar enquanto eu troco de roupa – falei, empurrando-o para o quarto dele e fechando a porta atrás de mim.

Vesti meu pijama indiano de seda e então voltei a abrir nossa porta de comunicação.

Ren deixou o olhar passear preguiçoso pelo meu corpo e deu a entender que gostou do que viu.

– Esse pijama é bem legal, mas prefiro o roupão.

– Você tinha que ter visto o roupão original em Shangri-lá. Não me surpreendo com o fato de gostar do pijama. Foi você quem me deu, sabia?

– Dei mesmo? Quando?

– Antes de irmos à caverna pegar a profecia.

– Hum. Eu obviamente já tinha planos para você àquela altura.

– Você disse que começou a gostar de mim já na época do circo.

Andei até a cama, puxei as cobertas e me virei. Ren já estava atrás de mim.

– Você não está se sentindo mal?

– Só um pouquinho. Mas estar perto de você, ainda mais quando

está vestindo seda, vale a pena.

Dei um sorriso torto e ele abriu os braços. Depois de uma breve hesitação, me encaixei em seus braços e pressionei minha bochecha contra sua camisa. Ele me abraçou apertado e passou as mãos nas minhas costas.

– Isso é gostoso – disse ele.

– É, sim. Pena que dura tão pouco.

– Venha. Eu cubro você.

Quando deslizei para debaixo dos lençóis, ele puxou o edredom e, em vez de usá-lo, pegou minha colcha para me cobrir.

– Como sabe que é assim que gosto de dormir? – perguntei.

– Eu presto atenção. Você adora esta colcha velha.

– É, adoro mesmo.

– Boa noite, *iadala*.

– Boa noite, Ren.

Ele apagou a luz e se acomodou em algum lugar no quarto. Foi difícil cair no sono com o movimento do navio e por estar em um ambiente novo. Eu não conseguia sentir o movimento de forma consciente. Não era como uma lancha, mas ainda assim me deixava sem equilíbrio. Meia hora depois, eu me aproximei da lateral da cama e estendi a mão.

– Ren? Onde você está?

Um focinho se apertou contra a palma da minha mão.

– Não consigo dormir. O navio está balançando demais.

Ele se afastou. Fiquei atenta, tentando escutá-lo, mas ele se movimentava de maneira muito silenciosa sobre o carpete. De repente, a cama afundou pesadamente atrás de mim quando a forma peluda de tigre se acomodou nela. Rolei para ficar de frente para ele e suspirei, contente. Ele começou a ronronar.

– Obrigada.

Cheguei mais perto e enterrei o rosto no pelo macio do seu pescoço. Acaricieei a lateral do corpo dele até cair no sono com a mão em seu peito.

Quando acordei na manhã seguinte, minha cabeça estava apoiada na camisa branca de Ren e meu braço estava por cima de sua barriga. O braço dele me envolvia e ele brincava com o meu cabelo. Tentei me afastar, mas ele me puxou de volta.

– Tudo bem. Eu só me transformei em homem faz um minuto. A dor ainda não está forte. Não toquei na sua pele.

- Ah. Ei, o iate não está se movendo.
- Aportamos há horas.
- Que horas são?
- Não sei. Talvez umas seis e meia. Está amanhecendo. Veja.

Espiei o céu rosado pela janela. Estávamos ancorados perto de uma cidade grande. Uma faixa densa de palmeiras ladeava as praias de areia dourada, vazias. Aninhados entre as árvores havia hotéis grandes, brancos e com fachadas sinuosas e, atrás deles, dava para vislumbrar o topo de outros prédios. A tranquilidade do início da manhã era revigorante. Parecia o paraíso.

- Estamos em Goa?
- Estamos.

Os dedos de Ren acariciavam meu cabelo, e eu me deleitava com o toque.

- Você costumava fazer isso o tempo todo.

Ren deu risada.

- Imagino que sim. Adoro o seu cabelo.
- É mesmo? Ele é de um castanho normal e sem graça. Não tem nada de especial. O cabelo de Nilima é lindo. Cor de ébano. Muito exótico.

– Eu gosto do seu. Encaracolado, liso, cacheado, preso, solto, trançado...

- Gosta dele trançado?

– Acho legal brincar com as fitas, e toda vez que você faz trança fico com vontade de soltá-las.

– Ah, faz sentido – comentei, rindo. – Você já puxou as fitas do meu cabelo e desmanchou minhas tranças várias vezes. Agora eu sei por quê. Você tem fetiche por tranças.

Ren sorriu e beijou a minha testa.

- Talvez tenha. Está pronta para ir às compras?

Suspirei contra o peito dele.

- Prefiro ficar aqui agarradinha a você.

– Eu sabia que tinha uma razão para eu gostar de você. – Ele me deu um abraço apertado. – Infelizmente, estou começando a sentir os efeitos desse agarramento.

- Certo.

Ren escorregou para fora da cama, andou até o quarto dele e se virou. Apoiou-se no batente da porta e suspirou.

- Acho que o Universo está conspirando contra mim.
- Como assim?

Eu me espreguicei e rolei para olhar para ele com o travesseiro

embaixo da bochecha.

– É que eu só posso me deleitar à distância com o seu corpo quente e lindo, todo sonolento e doce no pijama de seda. Tem ideia de como é extremamente tentadora? Fico muito, muito feliz de saber que a porta de Kishan não tem comunicação com a sua.

Dei risada.

– Essa sua fala mansa é um perigo, meu caro. Mas eu já estou acostumada e gosto disso em você. Agora, vá se vestir. A gente se vê no café da manhã.

Ele sorriu e fechou a porta atrás de si.

Após o café da manhã, Ren e Kishan me levaram até a garagem seca. Sem pensar, abri a porta do Jeep.

Kishan me deteve.

– Nós não vamos no Jeep.

– Não? Como vamos chegar à cidade? Caminhando?

– Não – respondeu Ren. – Vamos com elas.

Ele ergueu uma lona e revelou duas motocicletas de corrida potentes.

Recuei um passo.

– E, hã... vocês sabem andar de moto? Elas parecem... perigosas.

Kishan deu risada.

– E são. A moto, e esta especificamente, é uma das melhores coisas deste século, Kells. Nós a compramos há seis meses, pouco depois de você ir para o Oregon. E sabemos pilotá-las, sim, senhora.

Ren empurrou a moto dele para fora da garagem. Ela era sofisticada e parecia saída de um filme de James Bond. Vi a marca Ducati escrita na lateral. A de Ren era azul-cobalto e a de Kishan era de um vermelho forte.

– Nunca ouvi falar em Ducati.

– Não? – perguntou Ren. – São italianas. Vieram com as jaquetas.

Dei uma gargalhada de desdém.

– Aposto que sim. Imagino que sejam as motos mais caras do mundo. Uma Ducati deve estar para as motocicletas assim como uma Ferrari está para os carros.

– Você está exagerando, Kells.

– Acho que não. Já ouviram falar na palavra *orçamento*?

Kishan deu de ombros.

– Nós vivemos sem nada durante séculos. É hora de compensar.

Ele tinha certa razão, por isso deixei para lá. Um par de jaquetas de

couro pretas com listras de corrida em vermelho e azul foram tiradas de um armário. Kishan jogou outra jaqueta para mim.

– Tome. Kadam mandou fazer esta especialmente para você. Deve servir.

Vesti a jaqueta, reclamando.

– Mas não tem lugar para mim na moto, então é melhor vocês irem sozinhos.

– Claro que tem – respondeu Ren enquanto fechava o zíper da jaqueta.

Uau. Não achei que fosse possível ele ficar mais estonteante do que já era. Mas Ren vestido de couro, segurando um capacete, parado ao lado daquela motocicleta de corrida linda, entorpeceu minha mente. Se a Ducati fosse esperta, teria contratado Ren para fazer um comercial e dado as motos de graça para ele.

Ren abriu a cobertura da traseira da moto e revelou um assento escondido.

– Está vendo?

Ele me entregou um capacete preto enquanto eu o olhava fixamente.

Kishan pigarreou.

– Acho que Kelsey deve ir comigo.

Ren se retesou.

– Acho que não.

– Use o bom senso. Você vai passar mal, provocar um acidente e machucar a Kelsey.

Ren travou o maxilar.

– Vai ficar tudo bem. Eu consigo controlar.

– Não vou permitir que corra esse risco com ela e, se parar de ser ciumento por um minuto, vai concordar comigo.

– Ele tem razão, Ren – interrompi e toquei na manga de couro dele.

– Já tenho medo suficiente dessas máquinas sem precisar me preocupar se você vai passar mal. Eu vou com Kishan.

Ren suspirou, frustrado.

– Tudo bem. – Ele tocou de leve na minha bochecha, sorriu tristonho e me ajudou a colocar o capacete enquanto sussurrava: – Segure firme. Kishan gosta de fazer curvas fechadas.

Kishan abriu a parte de trás da motocicleta e me ajudou a subir. Então ele se acomodou no assento e ajeitou o capacete.

– Está pronta?

– Acho que sim.

– Segure-se em mim e se incline quando eu me inclinar.

Abracei Kishan e me agarrei ao seu corpo com toda a força quando ele nos equilibrou e deu a partida na moto. Ela rugiu e ganhou vida, seguida pela de Ren. Ele se colocou ao nosso lado, olhou feio para Kishan e depois me encarou. Dava para ver que estava sorrindo pelas ruguinhas ao redor dos olhos.

Ren saiu primeiro. Ele desceu a rampa e fez uma curva fechada de 90 graus antes de acelerar pelo cais em alta velocidade. Kishan foi atrás em velocidade razoável.

Quando pegamos uma reta, pelo cais, ele acelerou e foi atrás de Ren na direção da cidade. No começo fiquei nervosa, repassando na cabeça uma lista com todas as maneiras possíveis de se morrer num passeio de motocicleta, mas depois relaxei e comecei a me divertir. Kishan era muito habilidoso e obviamente estava se contendo para me deixar mais à vontade. Ren diminuiu a velocidade para nos acompanhar e entramos na cidade em velocidade baixa o suficiente para que eu pudesse apreciá-la.

Quando já havíamos atravessado a maior parte do espaço urbano, eu estava louca por mais velocidade. *Hum, parece que estou fissurada nesse negócio.* Aquilo fez com que eu me sentisse poderosa e livre, e tive vontade de ir mais rápido.

Paramos nos limites da cidade e perguntei a Kishan se havia algum lugar em que pudéssemos apostar uma corrida. Ren encostou perto de nós para trocar ideia com o irmão. Eles concordaram com a corrida, mas insistiram para que não fizéssemos nada perigoso demais. Graças à maldição, eles podiam se curar com rapidez, mas eu não, e não queriam pôr minha vida em risco.

Fomos para uma região com quilômetros de estradas de terra desertas. Ren examinou um caminho adiante e voltou para nos avisar que havia algumas elevações e curvas pequenas. Os irmãos colocaram as motos lado a lado, aceleraram o motor e Ren deu o sinal de partida.

Ren logo se distanciou, provavelmente porque Kishan estava sendo mais cauteloso por minha causa e porque o peso extra o fazia ir mais devagar.

– Mais rápido! – gritei, e ouvi Kishan dar risada enquanto acelerava mais.

Deparamos com a primeira elevação, que nos lançou no ar durante alguns segundos. Pousamos com um baque logo antes de uma curva aparecer. Kishan se inclinou e eu me inclinei também, prendendo as mãos ao redor de sua cintura. Ele acelerou de novo e nós nos aproximamos de Ren, que deu um salto tão grande que quase perdeu

o controle da moto e caiu... mas, de algum modo, ele conseguiu se endireitar e seguiu em frente.

Quando Kishan e eu passamos pela mesma elevação, ele acelerou no último segundo. Avançamos pelo ar durante um bom trecho e pousamos com a roda traseira primeiro. Dei uma gargalhada. Imediatamente mergulhamos numa curva à direita antes de voltarmos a acelerar. Quando chegamos ao fim da estrada, paramos ao lado de Ren, que estava apoiado na moto, numa pose bem blasé.

Kishan e eu também descemos da moto e tiramos o capacete. Dei um abraço nele e falei, tudo ao mesmo tempo:

– Foi muito divertido! Você é bom mesmo! Não fiquei nem um pouco com medo. Obrigada!

Ele retribuiu meu abraço.

– Sempre que quiser, Kells.

Ren franziu o cenho.

– Estou com fome. Vamos almoçar e fazer compras no mercado.

Voltamos rápido para a cidade e estacionamos as motos na frente de um grande mercado. Várias pessoas pararam para nos observar. Eu também pararia se visse dois homens lindos, com roupas de couro e motos deslumbrantes. Eles pareciam astros de cinema.

Numa das barraquinhas externas, compramos *wraps*. O meu era de frango *tikka* apimentado com um pão indiano achatado chamado *paratha*. Ainda que Kishan tivesse pedido o meu com menos pimenta, estava muito picante. Minha boca estava pegando fogo. Bebemos limonadas para amenizar o ardor. Depois disso, caminhamos pelo mercado.

Comprei brincos de ouro compridos para Jennifer, uma caixa de incenso sortido e um porta-incenso de mármore para Mike e Sarah. Tinha o formato de um dragão. Um incenso saía do nariz dele, o que fazia parecer que estava soltando fogo. Para Sammy e Rebecca, escolhemos uma coleção de brinquedos em madeira entalhada à mão com soldados, elefantes de batalha, camelos, charretes puxadas a cavalo e uma família real, tudo pintado com cores bem vivas. Kishan insistiu para que adicionássemos um segundo príncipe. Ren revirou os olhos, mas dei risada e deixei que o irmão escolhesse mais um. Ren pediu ao vendedor que entregasse nossas compras no navio.

Em seguida visitamos uma loja de brinquedos e roupa de praia. Parei na frente de várias araras com roupa de banho feminina.

– Deixei meu maiô em casa, pendurado no chuveiro.

Ren caminhou até a arara.

– Então, vamos comprar um novo.

Eu me inclinei para sussurrar:

– Não podemos simplesmente pedir outro ao Lenço?

– Até poderíamos, mas sempre que um material tem elementos sintéticos, como elastano, por exemplo, o Lenço o substitui por materiais naturais. O seu maiô pode acabar sendo de um algodão fino, coisa que estou totalmente disposto a permitir que aconteça.

Ren deu uma piscadela e um sorriso malicioso. Dei um soquinho no braço dele.

– Não, obrigada. Melhor comprar um aqui.

Nós três começamos a examinar as araras. Ren escolheu biquínis com níveis variados de nudez.

Kishan colocou-os de volta na arara e disse:

– Você não conhece a Kelsey nem um pouco? Ela não é o tipo de garota que usa biquíni. Que tal este aqui, Kells?

Ele ergueu um maiô com estampa metálica e corpete torcido.

– É legal – respondi.

– Não é a cor dela.

Ren o pegou e devolveu à arara. Kishan contra-atacou:

– Suponho que você vá querer azul.

Ren empurrou mais cabides para o lado.

– Na verdade, não. Quero que ela use algo de cor forte, para não a perdermos na água.

Eles rejeitaram minha própria preferência por um maiô preto básico, dizendo que minhas escolhas eram sem graça.

Finalmente todos concordamos com um modelo frente-única de corpete torcido e estampa avermelhada. Revelava um pouco da minha cintura, mas não o suficiente para que eu me sentisse nua, e era confortável e alegre.

Ren ainda escolheu sandálias, chapéu e óculos escuros para combinar. Depois juntamos nossas compras e voltamos para as motos. O tempo tinha esquentado bastante. Seria gostoso nadar na piscina quando voltássemos ao iate. Kishan guardou nossas jaquetas ao chegarmos ao estacionamento.

Abracei Kishan para o trajeto de volta, e ele só estava usando uma camiseta fina. Fiquei sem graça e só me segurei de leve em seu corpo quente e musculoso. Quando ele deu a partida e fez uma curva, eu quase caí. Ele agarrou minha mão e me puxou mais para perto, apertando minhas mãos com força em sua cintura.

Repeti o mantra que usara com Ren em Kishkindha, quando estava tentando ignorar suas qualidades atraentes. Lembrei a mim mesma de que não havia problema em apreciar a mercadoria – mesmo quem

não quer comprar pode admirar a vitrine, certo? *Kishan é apenas um espécime masculino muito interessante. E daí se eu abraçar o corpo musculoso dele no trajeto de volta? Não tenho alternativa no momento.* Suspirei e desfrutei do passeio.

Quando Kishan me ajudou a descer da moto, de repente fiquei pouco à vontade e me afastei dele, evitando contato visual.

– Qual é o problema?

– Nenhum.

Ele resmungou e se aproximou, bem na hora que Ren ia subindo a rampa.

Nós três combinamos de nos encontrar na piscina dali a 10 minutos, para que eu pudesse exibir meu maiô novo enquanto todos nos refrescávamos.

Ceguei à piscina e vi que já tinha alguém lá nadando.

O homem chegou à borda, jogou a cabeça para trás, ajeitou o cabelo loiro, saiu da piscina pela escadinha e pegou uma toalha. Ele secou o rosto, os braços e as pernas e sorriu para mim.

– Você deve ser Kelsey.

– Sou sim.

Retribuí com um sorriso cauteloso e perguntei:

– Quem é você?

Ele riu de um jeito que me fez pensar que fazia aquilo o tempo todo.

– Quer o meu nome completo?

– Claro.

– Wesley Alan Alexander Terceiro, a seu serviço. Mas pode me chamar de Wes.

– Prazer em conhecê-lo, Wes.

– Prazer em conhecer você também. Que belo barco você tem.

– Ah, não é meu. Só estou participando da viagem.

– Ah. – Ele deu um sorriso fácil. – Filha, sobrinha, neta, prima ou namorada? E, por favor, não diga namorada.

Eu ri com ele.

– Acho que devo ser um pouquinho de tudo isso.

– Era o que eu temia. Nunca pego os serviços em que a menina bonita está disponível. Mas se você é só um pouquinho namorada, isso me dá espaço de manobra. – Ele se acomodou numa cadeira e esticou as pernas. – Caso esteja aí imaginando e seja educada demais para perguntar, eu sou seu instrutor de mergulho.

– É, deu para perceber.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Opa, cuidado! Esta garota tem senso de humor. Gostei. A maior parte das moças bonitas que conheço não têm muita coisa no departamento cerebral.

Wes parecia ser o tipo de sujeito que vivia feliz o tempo todo e estava sempre rindo de alguma piada. Ele jogou o cabelo loiro para trás e sorriu para mim. Era fofo: olhos azuis, um belo bronzeado, um corpo ainda mais belo e era americano.

– De onde você é? – perguntei.

– Do Texas.

– Como é que um cara do Texas vem parar na Índia para dar aulas de mergulho?

– É uma longa história. Tem certeza de que deseja escutar?

– Tenho.

– Bom, eu preferiria falar de você a falar de mim, por isso, vou lhe dar a versão curta. Eu deveria estar em Harvard, mas gosto mais de mergulhar e precisei vir até a Índia para ficar fora do alcance dos meus pais. Agora, como é que uma garota americana bonita do...

– Oregon.

– *Oregon?* – Ele ergueu uma sobrancelha. – Oregon... veio parar na Índia?

– É uma história ainda mais longa do que a sua.

– Estou louco para saber tudo... mas parece que temos companhia.

– Ele se levantou e, num sussurro exagerado, disse: – Você não mencionou que tinha *dois* namorados. Dois namorados grandes e bravos – brincou Wes, sem demonstrar qualquer sinal de desconforto.

Dei uma risadinha, virei para trás e vi Ren e Kishan se aproximando, os dois de cara amarrada. Revirei os olhos.

– Ren, Kishan, este aqui é Wes, o nosso instrutor de mergulho.

– Eia! Como estão hoje, senhores?

Wes apertou as mãos dos irmãos com energia. Segurei o riso quando os garotos pararam no meio do caminho, sem saber muito bem o que pensar de Wes e de seu afetado charme sulista.

– Eu só estava me apresentando para a mocinha bonita aqui. Agradeço muito por me deixarem pegar uma carona. Vou me recolher e deixar vocês aproveitarem a natação. Vamos começar as aulas ao nascer do sol, se concordarem. Bom, é melhor eu ir andando. – Wes esfregou a barriga. – Espero que role logo uma boia. Estou começando a sentir a barriga vazia... eu gosto de comer um porco inteiro, se é que me entendem. – Ele sorriu para os dois garotos e então se voltou para mim. – Mas, olhe, foi mesmo muito bom conhecê-la, moça. Espero voltar a vê-la *muito* em breve.

Fiz uma pequena medida.

– Foi legal conversar com você, Wes. A gente se vê no jantar.

O texano brincalhão deu uma piscadela, pegou as coisas dele e saiu.

Ren caminhou até mim e jogou a toalha na espreguiçadeira.

– Não faço ideia do que aquele cara estava falando, mas não gostei dele.

– Somos dois – completou Kishan.

– Não sei qual é o problema de vocês. Wes pareceu um sujeito bastante agradável, além de muito divertido.

– Não gostei do jeito como ele ficou olhando para você – disse Ren. Suspirei.

– Você nunca gosta do jeito que homem algum olha para mim.

– Concordo com Ren. Ele está aprontando alguma.

– Será que vocês dois podem relaxar? Andem logo. Vamos nadar.

Ren me examinou de cima a baixo.

– Não estou gostando mais desse maiô. Acho que devemos voltar e trocá-lo por um que cubra mais o seu corpo.

Cutuquei-o no peito.

– Eu gosto deste. Pare de ser ciumento. Aliás, parem vocês dois.

Os irmãos cruzaram os braços por cima do peito em gestos idênticos e ficaram me encarando.

– Façam o que acharem melhor. Eu vou nadar.

Mergulhei na piscina e nadei até o outro lado. Não precisei olhar para trás para saber que Kishan e Ren tinham me seguido.

Nosso novo instrutor de mergulho se juntou a nós durante o jantar. Ele se acomodou todo à vontade ao meu lado, apesar dos olhares ameaçadores de Ren e Kishan. Wes continuou com seu sotaque arrastado do Sul dos Estados Unidos e contou muitas piadas sobre caubóis e sobre o Texas que não fizeram o menor sentido para Ren e Kishan. O Sr. Kadam pediu licença, dizendo que precisava conversar com o capitão sobre a continuação da viagem, mas os irmãos ficaram lá sentados, teimosos, observando enquanto Wes batia papo comigo, sem fazerem nenhuma contribuição. Nós conversamos sobre o Texas e o Oregon, sobre os tipos de comida de que sentíamos falta e sobre o que gostávamos de comer na Índia. Pedi outra piada.

– Certo. O que um tornado no Texas e um divórcio no Alabama têm em comum?

– Não sei. O que eles têm em comum? – perguntei.

– Nos dois casos... alguém perde um trailer.

Dei risada e Wes pôs o braço no meu ombro. Ouvi um rugido baixinho. Não sabia dizer qual tigre era o responsável por aquilo, mas sabia que, se eu quisesse que Wes sobrevivesse até o dia seguinte, era melhor me afastar.

– Obrigada por todas as piadas, Wes. É melhor eu ir *tirar um ronco* se quiser acordar bem cedo amanhã.

– Muito certa. Espero ver você bem acordada e arrumadinha de manhã.

Achei graça.

– Boa noite, pessoal.

Eu me levantei para sair.

– Espere, Kelsey. – Kishan se ergueu de um pulo. – Vou acompanhar você.

– *Eu* vou acompanhá-la – disse Ren.

Revirei os olhos e ouvi Wes soltar um longo assobio.

– Eu diria que há touros demais no pasto. É melhor tomar cuidado para que uma coisinha bonita como você não seja pisoteada.

– A coisinha sabe tomar conta de si. E eu vou para o quarto *sozinha*. Boa noite, compadres.

Ren e Kishan fecharam a cara enquanto Wes dava risada e saía na direção oposta.



Aulas de mergulho

Havia um buraco no travesseiro ao meu lado quando acordei. Rolei até ele e senti cheiro de sândalo e cachoeira. Quando peguei o travesseiro para abraçá-lo, minha mão encostou num pedaço de papel.

Lua e mar
Ella Wheeler Wilcox

Você é a Lua, meu amor, e eu sou o mar:
A maré da esperança se enche dentro do meu
peito
E esconde as pedras ásperas e escuras da
inquietação da vida
Quando seus olhos afetuosos sorriem no
perigeu.
Mas, quando esse rosto amável me dá as
costas,
A maré fica baixa, e as pedras sombrias
aparecem,
E o litoral mal-iluminado da terra parece
algo a temer.

Você é a Lua, querido, e eu sou o mar.

Sorri e reli o poema algumas vezes. Talvez fosse um sinal. Eu tinha dito a Phet que era como a Lua. Talvez o Universo estivesse tentando me dizer que meu lugar era junto de Ren. Era uma comparação adequada. A Lua e o mar estavam destinados a influenciar um ao outro, mas nunca eram capazes de se tocar. Suspirei e vi que já havia amanhecido. Vesti meu maiô, short e uma camiseta; não tomei o café da manhã e fui ao encontro de Wes na piscina.

Fui a primeira a chegar. Ele estava ocupado, organizando o equipamento de mergulho.

– Bom dia. Precisa de ajuda? – perguntei.

– Oi! – Ele sorriu. – Bom dia para você. Obrigado, mas já terminei. Está pronta para a primeira aula?

– Estou. Você perdeu o sotaque da noite para o dia?

– Ah, que nada. Ele é útil quando estou tentando tranquilizar pais superprotetores ou namorados ciumentos. Também já me ajudou a conseguir muitos encontros e notas boas na faculdade. Infelizmente, os seus namorados são ao mesmo tempo superprotetores e ciumentos. Fico surpreso por não terem se matado ainda.

– Pode acreditar: já tentaram. E agora temo que você tenha dado a eles outro alvo para sua raiva.

Wes deu de ombros e sorriu, revelando uma covinha fofa na bochecha direita.

– Tudo bem. Assim as coisas ficam interessantes. Aliás, lá vem confusão. Afaste-se e assista ao show. – Ele se virou para Ren e Kishan. – Eia. Bom dia, pessoal. Parece que Kelsey ganhou o prêmio de madrugadora. E ela não está mais bonita do que um naco de manteiga derretendo sobre uma pilha de panquecas?

Ren ignorou Wes e se inclinou para dar um beijo na minha bochecha.

– Você comeu?

– Não. Não tive tempo.

Ele abriu a bolsa.

– Trouxe uma maçã para você.

Ren piscou e se sentou do outro lado de Kishan.

– Certo, pessoal. Podemos começar? Bom, há duas barreiras que impedem os seres humanos de mergulhar sem equipamentos. A primeira é não termos guelras. E se algum dia acharem um homem com guelras, podem me fritar, me chamar de peixe-gato e me servir

com batatinhas. O segundo problema é que a água coloca muita pressão sobre o peito e os pulmões, e no fim isso causaria um colapso. Podem ter certeza de que os pulmões explodiriam como uma linguiça defumada que é deixada tempo demais na churrasqueira.

À medida que ele se aprofundava no assunto, o sotaque foi sumindo.

– Sem o equipamento, os pulmões não teriam força para inflar, mesmo que houvesse uma maneira de obter ar, de modo que o tanque, além de fornecer oxigênio, também mede o psi, a sigla em inglês para libras por polegada quadrada de pressão, e a equaliza para que os seus pulmões funcionem. SCUBA, o nome em inglês do tanque, significa *self-contained underwater breathing apparatus*, ou dispositivo autocontido para respiração subaquática. Nós vamos trabalhar tanto com circuito aberto quanto com *rebreathers*.

O Sr. Kadam chegou e se acomodou. Wes assentiu e prosseguiu.

– Como eu ia dizendo, o Sr. Kadam acha que devem aprender a usar os dois, já que ainda não decidiu qual vai ser o mais adequado para os objetivos de mergulho de vocês. Vamos começar com o circuito aberto e depois passamos para o *rebreather*. No nosso treinamento de hoje, aprenderemos os nomes e as funções de todo o equipamento de mergulho. Vamos aos mais fáceis.

Ele foi passando várias peças de equipamento para que pudéssemos examiná-las.

– Botas de mergulho, bússola aquática, profundímetro, faca de mergulho e BCD, ou colete equilibrador. Este é usado como uma jaqueta. Mais tarde, vou mostrar como se faz. Agora quero que se concentrem nos nomes e nas funções dos objetos.

Wes piscou para mim e dei uma risadinha. Kishan quebrou o profundímetro no meio e Ren apertou a bússola com força demais. O vidro saltou para fora e rachou, e a bússola se desmantelou.

– Desculpe – balbuciaram os dois, rígidos, enquanto eu os encarava irritada.

Eles não pareceram nada arrependidos, mas Wes nem se importou.

– Sem problema. É tudo de vocês mesmo. – Ele prosseguiu: – Temos nadadeiras, capuz para mergulho em água fria e uma prancheta. Há dois tipos, uma com imagens de peixes comuns para que se possa apontá-los e a outra em branco, com um lápis especial. Normalmente ficam presas ao BCD, e qual é o BCD, Kishan?

– O colete.

– E o que significa, Ren?

– Colete equilibrador.

– Muito bem. Faltam mais uns cinco. Este é o regulador principal, que fornece o oxigênio. Este é o *octopus*, ou regulador reserva: é o seu regulador sobressalente de segundo estágio. Se o principal falhar ou se for preciso compartilhar o ar deve-se usar este. Geralmente é de cor chamativa e fica do lado direito, entre o queixo e a caixa torácica. Temos um snorkel para respirar se estiverem nadando na superfície, um manômetro, para dizer quanto de ar há no tanque, e o cilindro, que é o seu tanque de ar. Normalmente, eles contêm uns 12 litros de oxigênio.

– Quanto tempo isso rende? – perguntei.

– Depende. Mergulhadores nervosos e iniciantes podem usar até o dobro do que mergulhadores experientes usariam. Pessoas mais baixas e magras usam menos do que as maiores. – Ele deu uma olhada rápida em Kishan e Ren. – E, quanto mais fundo se vai, mais ar se usa. A média é cerca de uma hora de mergulho a 18 metros de profundidade. Mergulhadores mais experientes conseguem ficar submersos até duas horas.

Enquanto eu assentia com a cabeça, Kishan me entregou uma garrafa de água. Sorri para ele, disse “obrigada” sem emitir som e abri a garrafa.

– Ainda precisam aprender sobre o sistema de lastro e a roupa de mergulho. Essas roupas nos mantêm aquecidos embaixo d’água. Vamos fazer alguns mergulhos com a roupa e outros, sem.

– A roupa de mergulho é, hã... resistente a mordidas? – indaguei e dei um sorriso trêmulo para o Sr. Kadam, que o retribuiu.

– A roupa de mergulho protege a sua pele contra cortes e arranhões, mas pode rasgar. Então, em resposta à sua pergunta, não, não é resistente a mordidas, a menos que os peixes sejam bem pequenos.

Fiz uma careta e Kishan explicou:

– Ela tem medo de tubarão.

– Ataques de tubarão a mergulhadores já ocorreram, mas não são tão comuns como as pessoas pensam. Já participei de mergulhos para alimentar tubarões e achei emocionante. Talvez nós vejamos alguns tubarões, mas duvido que eles nos incomodem ou nos causem problemas. Podemos usar algum tempo extra para praticar exercícios sobre o que fazer em caso de ataque de tubarão, se quiserem.

– Seria uma boa ideia. Obrigada – completei.

– A outra coisa sobre a qual vamos aprender hoje é o sistema de lastro. A maioria das pessoas precisa de pesos para ajudá-las a afundar. Hoje treinaremos tanto com cintos de lastro quanto com

coletes de lastro integrado.

Wes repassou cada item do equipamento em detalhes e então pediu a todos nós que entrássemos na parte funda da piscina. O Sr. Kadam e eu fomos os primeiros. Enxuguei os olhos bem a tempo de ver Ren, Kishan e Wes tirarem a camisa. *Caramba. É como estar numa sessão de fotos de modelos na praia.* Passou pela minha cabeça a imagem de Jennifer ficando sem ar com aquela visão. Dei uma gargalhada. *Seria provável que ela desmaiasse e se afogasse se estivesse no meu lugar.* Eu já estava acostumada a ver peitorais musculosos bronzeados, mas mesmo assim enfrentei dificuldades para prestar atenção na aula. No dia que eu caminhar pela praia com qualquer um deles, vou ter que prepará-los para lidarem com mulheres se jogando a seus pés. *Hum, ainda bem que vamos aprender primeiros socorros mais tarde.*

Treinamos com pesos diferentes para sentir como eles nos puxavam para baixo. O maior de todos era pesado demais para mim. Eu não consegui voltar à tona com ele, por isso, deixei-o no fundo para que Kishan o recolhesse. Quando Wes ficou satisfeito com a aula, ele nos mandou nadar durante meia hora. Disse que iríamos nos encontrar à tarde na sala de TV para receber nosso certificado em primeiros socorros e em reanimação cardiopulmonar.

Eu estava morrendo de fome e almocei um sanduíche enorme. Então tomei banho, troquei de roupa e encontrei nosso grupo na sala de TV. Eu já tinha feito aula de primeiros socorros e reanimação, mas aquilo tudo era novidade para Ren e Kishan. Os dois escutaram com atenção e aprenderam rápido. Fiz dupla com o Sr. Kadam para manter a paz entre os irmãos. Ele prendeu uma tipoia no meu braço e treinei a manobra de Heimlich nele.

Ren não ficou feliz por ter que se sentar tão longe, mas passara a maior parte do dia perto de mim e o efeito que eu surtia sobre ele era visível. No intervalo, perguntei como ele estava. Ele só sorriu e respondeu:

– Dor de cabeça.

Eu me afastei ainda mais a essa altura, apesar de Wes ficar tentando fazer com que eu voltasse à roda.

Ren saiu depois da aula e ou não jantou ou comeu no quarto. Kishan ocupou o lugar ao meu lado de propósito e não deixou outra opção a Wes a não ser se sentar à nossa frente.

Wes e eu voltamos a conversar, mas isso não irritou Kishan tanto quanto antes. Pelo contrário, Kishan pareceu surpreendentemente contente de ficar lá sentado, só escutando nossa conversa.

Wes comentou que a coisa de que mais sentia saudade do Texas era

o churrasco.

– Não existe nada neste mundo igual a carne de vaca e de porco assados bem devagar com salada de repolho e feijão. É a minha pequena versão do paraíso. Tenho certeza de que os anjos ficariam com os dedos lambuzados e o rosto sujo de molho agridoce se pudessem experimentar.

Dei risada.

– É o que penso em relação a cheesebúrguer.

– Faz uns três anos que não como um bom churrasco. Três longos anos de arroz e curry.

– Não sou muito fã de curry. Talvez possamos pedir ao chef que providencie algo especial para você.

– Nossa, mas você é doce feito calda de sorvete! Eu ia ficar muito feliz, moça. – Ele deu uma piscadela. – Que tal passear pelo deque desta linda embarcação comigo e assistir ao pôr do sol? Preciso de uma garota bonita ao meu lado para firmar este caubói andarilho que ainda não achou seu equilíbrio a bordo.

Arqueei uma sobancelha e imitei o sotaque sulista.

– Ah, você está de gozação comigo, texano. Já encontrou seu equilíbrio a bordo muito antes de mim.

Wes esfregou a barba por fazer.

– Talvez tenha razão. Então, que tal vir comigo para me manter aquecido?

– Está fazendo uns 27 graus.

– Caramba, mas como você é inteligente, sô. Então, que tal eu só dizer que um sujeito pode se sentir bastante solitário em um país desconhecido e que gostaria de desfrutar mais um pouquinho da sua companhia?

Wes ofereceu o braço com um sorriso encantador. Eu estava prestes a aceitar quando Kishan ficou em pé entre nós e olhou feio para ele.

– Se Kelsey quiser passear pelo deque, *eu* a levo. Por que você não... volta para a sua toca?

– Não tenho toca alguma. – Wes sorriu e cruzou os braços por cima do peito. – E dizer a um homem que saia e obrigá-lo a sair são duas coisas completamente diferentes.

– Fico feliz em *dizer* e ficaria ainda mais contente em *obrigar*. Você escolhe.

– Kishan, já chega. Eu dou uma volta com você amanhã à noite. Wes é nosso convidado e não vai ficar aqui por muito tempo. Não tem a intenção de fazer nenhuma investida, tem? – perguntei a Wes.

– Não, moça. Eu me considero um perfeito cavalheiro sulista.

Nunca encostei o dedo em uma garota contra a vontade dela. Não que alguma tenha me dispensando – disse ele, com um sorriso maroto.

Essa afirmação deixou Kishan ainda mais irritado.

– Está vendo, Kishan? Wes vai ser um perfeito cavalheiro, e você sabe muitíssimo bem que sei me cuidar sozinha. – Ergui as sobrancelhas para ele entender o que eu estava dizendo. Virei-me para Wes e falei: – Eu adoraria ver o pôr do sol com você.

Wes me lançou um sorriso enorme com covinha e ofereceu o braço. Aceitei-o e olhei para Kishan por cima do ombro quando fizemos a curva. Caminhamos até a amurada na frente do iate e suspirei.

– Aqueles dois estão dando trabalho – disse Wes.

– Você nem faz ideia... Já conheceu o capitão? Quer conhecer?

– Quem sabe mais tarde. Primeiro eu gostaria de desfrutar do pôr do sol com uma garota bonita.

Eu sorri, sentei-me no deque e apoiei os braços na amurada, deixando os pés penderem pela lateral. Apoiei o queixo nos braços e olhei para o lindo mar da Arábia. *O oceano é tão lindo... e perigoso*, pensei. *Igualzinho aos tigres*.

Ele logo se juntou a mim.

– Quanto tempo você acha que vai ficar fazendo malabarismo com os dois?

– Não sei. – Dei um sorriso. – Você é bem esperto para um caipira casca-grossa, sabia?

– Caipira eu sou, mas casca-grossa, não – disse ele com um sorriso.

– Mas, falando sério, você parece tão encurralada quanto um leitãozinho num churrasco. Quer conversar sobre isso?

– Eles brigaram por causa de uma garota há muito tempo, e ela morreu por acidente. Os dois se culparam até superar a questão. Fizeram as pazes e se perdoaram.

– E agora estão fazendo de novo... mas com você.

– É.

– E como se sente?

– Eu amo os dois. Não pretendo magoar ninguém. Ren sempre foi o que eu mais quis, mas há boa chance de não podermos ficar juntos.

– Por que não?

– É, hã... complicado. A nossa relação está enrolada. E Kishan só piora as coisas.

– Nunca houve um cavalo que não pudesse ser montado. Nunca houve um caubói que não pudesse cair do cavalo.

Eu dei risada.

– O que isso significa?

– É sabedoria de caubói. Significa que não existe essa coisa de objeto inalcançável. Se quer “montar no cavalo”, vá lá e monte. Você pode cair, mas pelo menos terá tentado. Vale ficar com o traseiro roxo se é isso que realmente quer. E, se deixar a oportunidade passar, sempre vai ficar pensando “e se...”.

– É. Mas e se eu não conseguir voltar a encaixar as peças do nosso relacionamento? E se houver partes demais quebradas, ou até perdidas?

Wes refletiu por um instante.

– A minha mãe sempre dizia: “Não dá para saber se um homem ou uma melancia estão bons até dar uma pancada neles.” Se ele não estiver disposto a ajudar você a encontrar as peças ou redescobrir as que se perderam, então não vale a pena ficar com ele.

– Estar disposto e ser capaz são duas coisas diferentes.

– Nem o burro mais disposto, com o maior coração, é capaz de vencer o Grande Prêmio, boneca. Às vezes não há escolha. Queremos algo que está fora do nosso alcance e, por maior que seja o nosso desejo, isso não vai fazer com que aconteça. Se ele não é capaz de ser o homem que você precisa que ele seja, então é melhor seguir em frente. Tem que encontrar um garanhão forte. Como eu, por exemplo.

– Ele riu, mas parou quando viu que eu não o estava acompanhando.

– Desculpe. Deixei você mais murcha do que um buquê na manhã depois do baile de formatura.

Eu dei risada e enxuguei uma lágrima.

Ele suspirou.

– Quando a moça *ama* o burro, ele ganha o coração dela, mesmo que não possa ganhar o Grande Prêmio – observou o encantador texano.

Concordei com Wes e fiquei com ele até a lua aparecer. Pouco depois que fui para cama escutei arranhões suaves na porta de comunicação. Eu a abri e abracei o pescoço do meu tigre branco.

– Eu amo o meu burro – baluciei, e voltei a me acomodar na cama.

Ele me olhou com ar indagador, pulou para o meu lado e se aninhou junto às minhas costas.

No dia seguinte, Wes nos fez assistir a vídeos de mergulho durante toda a manhã. Aprendemos sobre segurança, técnicas, manutenção de equipamento, como planejar um mergulho e como mergulhar afeta o corpo. Ele também nos falou sobre riscos comuns e os erros que

mergulhadores iniciantes cometem.

– O mal da descompressão acontece quando se sobe rápido demais. Minúsculas bolhas de gás se formam no corpo quando se mergulha em grandes profundidades, e elas precisam de tempo para se dissipar. Seguir as regras de subida diminui muito os riscos. Já a narcose é muito mais comum, e é difícil saber em que profundidade poderá afetar alguém. O segredo é prestar atenção nos indícios e subir para uma profundidade menor se sentir os sintomas. Os sinais são semelhantes aos da embriaguez por álcool. Nos estágios iniciais, há uma sensação de tranquilidade ou de leve euforia. Depois você começa a ter tempo de reação atrasado, torna-se alterado, confuso, tonto e sofre alucinações. Já foi comparado ao mal da montanha.

– Wes, eu fico enjoada em grandes altitudes. Isso significa que estou mais propensa à narcose? – perguntei.

– Hum, talvez. Vamos prestar bastante atenção em você nos primeiros mergulhos para definir seu nível de tolerância. Algumas pessoas são mais afetadas que outras. Já ouvi histórias de mergulhadores que vão fundo demais, têm narcose e dão o regulador para um peixe, aparentemente porque o peixe também precisa de ar. Essa é uma das razões por que sempre se deve mergulhar acompanhado.

No restante da manhã, treinamos como montar e desmontar o equipamento. Depois do almoço, estávamos de volta à piscina, mas dessa vez trabalhamos com o equipamento. Ren quis que eu fizesse dupla com Kishan enquanto ele trabalhava com o Sr. Kadam. Kishan ficou feliz em atender ao seu pedido.

– Este é o treinamento em águas confinadas – disse Wes. – Vamos praticar todas as habilidades básicas aqui antes de irmos para o mar.

Primeiro fizemos checagem de segurança pré-mergulho para ter certeza de que todo nosso equipamento estava funcionando. Aprendemos a limpar os reguladores e a recuperá-los se fossem soltos. Treinamos como limpar a máscara, tirá-la e recolocá-la, e respirar sem ela. Então de fato mergulhamos na parte funda da piscina a fim de praticar sinais-padrão com as mãos e aprender como usar o ar de fonte alternativa. Também fizemos checagem de flutuação.

Wes disse para respirarmos uma vez com o regulador, segurar o ar e ver se ficávamos firmes flutuando perto do nível do olho. Se afundássemos, então precisávamos de menos peso. O Sr. Kadam e Kishan afundaram um pouco, de modo que deixaram o cinto mais leve. Daí tínhamos que soltar o ar. Se afundássemos, estava bom. Se flutuássemos, precisávamos de mais peso. Kishan, Ren e o Sr. Kadam

afundaram muito bem, mas eu flutuei. Wes adicionou mais unidades de peso ao meu cinto até que eu afundasse como os outros. Ele nos disse que deveríamos passar por esse processo a cada mergulho.

Quando terminamos, Wes nos pôs para nadar durante meia hora mais uma vez. Ren e Kishan resolveram ir para a academia depois disso; já o Sr. Kadam e eu concordamos que já era o bastante para um só dia. Nós nos retiramos para a biblioteca e ficamos fazendo pesquisas.

Naquela tarde o *Deschen* ancorou na praia de Betul, e o Sr. Kadam deu a noite de folga para a tripulação. Dissemos ao chef que encomendaríamos a comida a um serviço de bufê naquela noite. Quando não havia mais ninguém por perto, usamos o Fruto Dourado e montamos um churrasco texano completo.

Quando os três rapazes chegaram para jantar naquela noite, o Sr. Kadam e eu sorrimos ao abrir com um floreio as travessas do banquete. Uma expressão de êxtase passou pelo rosto de Wes ao sentir o aroma do churrasco. Ele me agarrou, me tascou um beijão na boca e me rodou no ar.

Ren ameaçou:

– Solte-a. Agora.

– Caramba, sinto muito mesmo por beijar a sua garota. Mas esta é a coisa mais legal que alguém faz por mim desde que Louellen Leighton, a segunda colocada no concurso de Miss Austin, pagou mil dólares por um encontro comigo no nosso leilão beneficente do time de futebol americano.

Comecei a rir.

– Deve ter sido um encontro e tanto.

– Um cavaleiro sulista nunca relata suas aventuras amorosas – disse o caubói, todo sério.

Wes encheu um prato com quiabo frito, porco desfiado, costeletas, frango grelhado, filé de peito de vaca, pão de alho e milho na espiga. Então pegou outro para o feijão, a salada de repolho, os pãezinhos quentes e as vagens na manteiga com cebola e bacon. O Sr. Kadam se ateve a frango, legumes e verduras, ao passo que Ren e Kishan comeram quase tudo.

– Iiiiiirra! O gostinho de casa bem aqui.

Quando Ren e Kishan encheram o segundo prato, Wes fez uma pausa para observá-los.

– Vocês dois são um tantinho diferentes, não são?

Todo mundo na mesa ficou paralisado. Nervosa, dei um gole na água com limão no meio do silêncio tenso. Então perguntei:

– Como assim, Wes?

Wes espetou o ar com o garfo.

– A maior parte dos homens indianos fugiria de um churrasco como fugiria de uma cobra cascavel. Comem mais como o nosso Sr. Kadam aqui. Ficam no frango e nas verduras.

Ren e Kishan se entreolharam rapidamente. Kishan respondeu devagar, enquanto destrinchava algumas costeletas.

– Já cacei javalis e búfalos. Têm quase o mesmo gosto que porco. Apesar de este aqui estar um pouco mais *bem-passado*.

Wes se inclinou para a frente.

– É caçador? Que tipo de rifle você tem?

– Não tenho.

– Como caçou sem rifle?

– Ren e eu caçamos de um modo mais... primitivo.

Wes assentiu, como se tivesse entendido.

– Ah, caçam com arco. Estou querendo tentar isso aí. Meus primos caçam cervos e porcos-do-mato assim. É muito mais perigoso e exige mais habilidade.

Kishan assentiu e continuou comendo.

Wes completou:

– Quem poderia imaginar que eu iria ensinar dois carnívoros da Índia a mergulhar?

Eu tossi e engasguei com a água diante dessa observação. Kishan tentou me ajudar com tapas nas minhas costas.

– Talvez, se tivermos tempo, eu possa dar algumas aulas de caça submarina – ofereceu Wes.

– Caça submarina? – perguntei.

– É. Pesca com lanças, atirar arpões... esse tipo de coisa.

– Pesca com lança até que nos interessa – Ren se apressou em dizer e olhou nos olhos de Kishan.

– É. Eu também não iria me incomodar de aprender isso – completei.

– É mesmo? Olhe, vocês são tão cheios de surpresas quanto uma bolsa de mulher!

Eu ri, e os rapazes finalmente começaram a se comunicar com Wes. Eles passaram umas duas horas conversando sobre pesca com lanças, perguntando quais armas deveriam ser usadas e como elas funcionavam embaixo d'água.

Passamos o dia seguinte na piscina outra vez, preparando tudo para

nosso treinamento em mar aberto, que Wes esperava poder começar no dia seguinte. Aprendemos a entrar na água de quatro jeitos: passo de gigante, sentado controlado, rolando para trás e de barriga. Ele nos ensinou que a maneira de entrar na água dependia das condições de mergulho. Treinamos como passar de snorkel para regulador e de volta, como remover os tanques de mergulho embaixo d'água e substituí-los, e como “pairar”. Também simulamos como puxar um mergulhador cansado pela piscina. Para Kishan foi mais fácil do que para mim. Ele atravessou a piscina toda com algumas braçadas rápidas, arrastando-me atrás dele, mas eu tive que me esforçar três vezes mais para conseguir puxá-lo.

Então Wes nos ensinou a massagear nossas cãibras. Kishan passou bastante tempo massageando uma cãibra imaginária na minha perna. Quando reclamei, ele empurrou minha cabeça para dentro da água e deu risada. Ameacei trocar de parceiro e ele pediu mil desculpas e prometeu que nunca mais ia me empurrar. Então pegou minha outra panturrilha e começou a massagear minha perna com um sorriso enorme no rosto. Revirei os olhos e perguntei se podíamos passar para o próximo tópico.

Enquanto nos secávamos e guardávamos o equipamento, Wes anunciou que estávamos prontos para mergulhar sem roupa de mergulho pela manhã, na praia. Se tudo corresse bem, iríamos mais fundo no dia seguinte. Imediatamente entrei em pânico. Aprender a mergulhar na segurança da piscina é uma coisa; entrar no mar é algo bem diferente.

– Espere um minuto, Wes. Estamos prontos para isso? Quer dizer, será que já aprendemos o suficiente? Acho que preciso de mais algumas aulas.

– Você vai ter mais aulas, só que no mar.

– Certo. Mas acho que talvez precise de mais algumas na piscina.

– Desculpe, querida, mas há limite para o que posso ensinar na piscina. Está na hora de encarar as profundezas salgadas.

Eu ia passar mal...

Enquanto Ren só observava, Kishan disse:

– Vamos estar com você, Kells. Nada vai passar por nós.

Wes completou:

– Se tem alguém capaz de superar o medo do mar, é você, mocinha. Coragem é estar morrendo de medo e selar o cavalo assim mesmo.

Assenti e não pensei em outra coisa o dia todo. Os nervos estavam fazendo um buraco no meu estômago e, por isso, não jantei. Na manhã seguinte, vesti o maiô e, tristonha, segui o Sr. Kadam até a

garagem molhada para colocar nosso equipamento numa das lanchas. Ele apertou vários botões e a escotilha lateral se abriu enquanto cabos hidráulicos baixavam a lancha na água. Kishan saltou para dentro dela primeiro, seguido pelo Sr. Kadam e por Wes. Então Ren pegou meus braços, deu um beijo no alto da minha cabeça e me abaixou para Kishan, que me agarrou pela cintura.

Ren pulou para dentro da lancha depois de mim, suspirou e se sentou o mais longe possível. O Sr. Kadam levou a embarcação até perto de um trecho da praia onde Wes queria treinar. Ele pediu que formássemos duplas e fiquei com Kishan mais uma vez. Entramos na água, ajeitamos as máscaras e calçamos os pés de pato.

Treinamos mergulhos verticais, nadar embaixo d'água e limpar o snorkel. Depois de um tempo, comecei a relaxar e a aproveitar. A água era cristalina e calma. Dava para ver de 5 a 10 metros ao meu redor. Wes repassou conosco os exercícios de navegação, em que tínhamos que nadar seguindo uma linha reta, usando a bússola. Depois disso, ficamos só nos divertindo.

Descobrimos conchas lindas e recifes de coral coloridos. Vi centenas de peixes. Não fui capaz de identificar a maioria deles, mas reconheci peixes-anjo e garoupas. Felizmente, não vi nenhum tubarão, mas uma tartaruga marinha e uma arraia passaram nadando preguiçosas ao nosso lado. Olhei para baixo e vi Ren me observando. Ele ficou com ruguinhas ao lado dos olhos quando um cardume de peixes coloridos passou por ele e de repente percebi que esse tinha sido um dos meus sonhos de Shangri-lá.

Eu havia sonhado em nadar com Ren no mar, e lá estava ele. Ele me fez um sinal com os polegares para cima para dizer que deveríamos voltar à tona. Saí ao seu lado e comecei a jogar água nele.

- O que achou? – perguntou ele.
- Adorei. Desde que eu não veja nenhum tubarão, está tudo ótimo.
- Que bom.
- Você queria me perguntar algo?
- Não. Só queria dizer que você é linda.

Ele piscou para mim, sorriu e mergulhou de novo.

Depois de retornarmos ao navio e terminarmos o almoço, concordamos que estávamos prontos para a próxima aula. Vestimos nossas roupas de mergulho e pegamos os tanques. Dessa vez, mergulhamos direto do iate. Segui o exemplo de Kishan e dei um passo de gigante da rampa da embarcação. Nadamos um pouco para longe e fizemos os exercícios de subida de emergência controlada, que Wes disse ser realizada quando um mergulhador fica sem ar e

precisa subir de um só fôlego, enquanto expira devagar.

Então repassamos as subidas e descidas de cinco passos. Para as subidas, assinalamos que o mergulho tinha acabado, subimos a 4,5 metros, realizamos uma parada de segurança e conferimos a superfície – em busca de barcos ou jet skis –, fizemos sinais para o companheiro e então estendemos o desinflador soltando lentamente o ar do colete. Observei com atenção meu manômetro e as bolhas de ar. Wes nos dissera que nunca deveríamos subir mais rápido do que as bolhas de ar mais lentas. Quando chegamos à superfície e estabelecemos a flutuação, demos voltas verificando possíveis ameaças e fizemos sinal para o iate.

Wes achou que tínhamos ido bem o suficiente para fazer um mergulho curto juntos. Ele pediu a Ren e Kishan que fizessem dupla e disse que iria trabalhar com o Sr. Kadam e eu. Tínhamos que permanecer juntos e nos acostumar à parceria. Dessa vez, vi uma barracuda e um peixe-leão. Toquei em um coral mole, uma estrela-do-mar e um caramujo enorme. Um caranguejo grande apareceu, e eu o segui pelo fundo do mar cheio de pedras durante um tempo.

O mar era repleto de cor, movimento e até som. As algas dançavam. Peixes disparavam, nadavam e se deixavam levar, e eu ouvia o chiado das bolhas e sentia a vibração das correntes me puxando enquanto eu me movia. Fiquei perdida tempo demais no meu ambiente, então percebi que Wes estava à minha frente e me apressei para alcançá-lo.

Ele estava nadando ao redor de uma pedra coberta de algas e com uma enorme quantidade de peixes. Eu o segui e desci para nadar entre um monte de pedras e uma ponta protuberante. Bem naquele momento, uma enguia disparou para fora da pedra e passou por cima do meu braço. Comecei a bater os pés para trás com a maior força possível, berrei e perdi o regulador. Em pânico, tentei pegar o regulador reserva e bati com força na pedra pontuda atrás de mim. Consegui pegar o regulador reserva, mas me esqueci de todo o treinamento e tentei voltar à tona imediatamente, sem avaliar o meu entorno.

Subi uma curta distância bem rápido e então bati o alto da cabeça com tudo na pedra acima de mim. Vi apenas a silhueta dos outros nadando na minha direção antes de apagar.



O templo de Durga

Quando recobrei a consciência estava deitada sobre uma superfície dura. A primeira coisa que percebi foi que não conseguia respirar. Eu me engasguei, tive ânsia de vômito e fui rolada para o lado. Depois de vomitar litros de água salgada, meus pulmões queimavam, mas pelo menos pude inspirar oxigênio de novo. Respirei algumas vezes com dificuldade, fui colocada de costas e me peguei olhando para o rosto preocupado de Kishan. Ele ainda estava com a roupa de mergulho, o cabelo pingando.

Falei tossindo:

– O que... aconteceu?

Kishan respondeu:

– Shh. Relaxe e respire fundo.

Finalmente entendi onde estava: no piso da garagem molhada. Wes e o Sr. Kadam estavam em pé por cima da silhueta recurvada de Kishan, e os três me observavam com atenção. Tossi de novo e olhei ao redor.

– Onde está Ren?

– Estou aqui.

Ele estava em pé, encostado na parede mais distante de mim.

– Você consegue se sentar, Kells? – perguntou Kishan.

– Consigo. Acho que sim.

Eu me sentei ereta, mas balancei, tonta, e Kishan se aproximou para escorar meu peso contra o peito. Wes se agachou para apalpar minha cabeça. Ele começou a fazer perguntas como qual era a minha idade e onde eu tinha nascido, para avaliar meu estado de alerta.

Satisfeito, ele disse:

– Você nos deu um susto danado. O que aconteceu lá embaixo?

– Uma enguia tocou em mim, e eu entrei em pânico. Não olhei para onde estava indo e bati a cabeça numa pedra. Obrigada por me tirar da água, Wes. Você é um bom parceiro.

– Não fui eu. Foi Ren.

Lancei um sorriso fraco para Ren.

– Parece que você salvou a minha vida. Já foram quantas vezes?

Ele retribuiu meu olhar com uma expressão contida.

– Eu só tirei você da água. Kishan prestou os primeiros socorros.

Depois de dizer isso ele saiu da garagem de maneira abrupta.

Kishan me ajudou a ficar em pé.

– Vamos levar você de volta ao seu quarto, Kells. Kadam? Pode pedir a Nilima que venha aqui ajudar Kelsey?

– Claro.

Ao caminhar de volta para o meu quarto, descobri que já não era necessário me apoiar em Kishan. Minha cabeça doía onde tinha batido na pedra, mas não era nada insuportável. Nada que um analgésico não resolvesse. Kishan insistiu que Nilima ficasse comigo durante a hora seguinte pelo menos, e ela me ajudou a tirar a roupa de mergulho para que eu pudesse tomar banho. Kishan levou o jantar até o meu quarto, apesar de eu dizer a ele que estava bem e ansiosa para voltar a mergulhar. Todos pareciam achar que eu devia descansar pelo menos um dia. Wes declarou que queria fazer mais exercícios.

Desci e fiquei dizendo a eles que tinha cometido um erro idiota e, por acaso, havia batido a cabeça com força suficiente para apagar. Foi uma pisada na bola. Não iria acontecer de novo. Aprendera a lição. Mas eles me venceram na votação e até o Sr. Kadam inventou desculpas, dizendo que estava muito ocupado para mergulhar no dia seguinte. Finalmente, para tranquilizá-los, avisei que iria para cama mais cedo. Subi para o quarto com a esperança de encontrar Ren. Ele tinha sumido, e eu queria lhe fazer mais perguntas a respeito do que tinha acontecido. Todo mundo estava agindo de maneira bem estranha, e eu não conseguia entender por quê.

Ren não estava em seu quarto. Esperei durante horas que viesse até o meu e até deixei a porta de comunicação aberta, mas ele não apareceu.

Também não se juntou a nós para nenhum dos exercícios de Wes no dia seguinte. Wes fez dupla com o Sr. Kadam e Kishan, comigo. Quando eu perguntava sobre Ren ao Sr. Kadam ou a Kishan, eles

admitiam que Ren estava no iate e em segurança... mas que não queria ser encontrado.

Eu me irritei com Kishan e usei todos os métodos de persuasão que tinha à disposição para fazer com que me contasse por que Ren estava se escondendo, mas ele não cedeu. Só disse que, quando Ren quisesse falar comigo, ele falaria. Fiquei andando de um lado para outro no meu quarto, horas e horas, imaginando qual seria o problema e frustrada por não poder ajudar. Implorei ao Sr. Kadam e a Nilima que me ajudassem, mas eles também se recusaram, educados, dizendo que Ren falaria comigo quando estivesse pronto.

Logo o *Deschen* estava navegando mais uma vez, em direção à próxima cidade portuária. Não jantei e fui cedo para cama. Repetindo o mesmo padrão das outras noites, parei na nossa porta de comunicação olhando inutilmente para o quarto escuro de Ren.

Onde ele pode estar? Será que está bravo comigo? Está magoado? O que houve de errado? Será que está preso na forma de tigre em algum lugar? Será que aconteceu algo entre ele e Wes? Entre ele e Kishan?

As perguntas enchiam minha cabeça, e meu coração doía de preocupação. Eu tinha prometido não usar o rastreador do celular, então o procurava fisicamente pelo iate, olhando em cada cantinho. Não havia qualquer sinal dele.

Na terceira noite sem Ren, eu fui para cama mas não consegui dormir. Por volta da meia-noite, achei que a brisa fresca do mar poderia me ajudar a desanuviar a cabeça.

Subi a escada externa até o deque e fiquei apoiada na amurada próxima à sala de jantar durante um tempo. O vento soprava forte e, quando joguei o cabelo para trás, ouvi o murmúrio de vozes masculinas que ele carregava. Fiquei imaginando se os interlocutores seriam o capitão e algum integrante da tripulação e pensei em cumprimentá-los. Seguindo o som das vozes, dei a volta pelo corredor coberto e fiquei paralisada quando vi Ren e Kishan. Eles estavam de costas para mim. Eu estava na direção do vento, e o tempo estava meio chuvoso, de modo que não me viram nem sentiram o meu cheiro.

Quando caminhei na direção deles, ouvi Kishan dizer:

- Não acho que ela vá fazer o que você está esperando.
- Ela já está a meio caminho. Longe dos olhos, longe do coração – respondeu Ren.
- Você subestima os sentimentos dela.
- Não faz diferença. Tomei a minha decisão.
- Você não é o único envolvido.

– Sei disso. Mas é para o bem maior. É claro que *você* vê isso.
Kishan fez uma pausa.
– O que eu vejo, penso ou quero não importa.
– É assim que tem que ser, Kishan. Não vou permitir que isso aconteça de novo.
– Não foi culpa sua.
– Foi sim. *Eu* fiz isso. Preciso aceitar as consequências.
– Ela vai ficar magoada.
– Você vai estar lá para ajudar.
– Não vai fazer diferença.
– Vai, sim. – Ren pôs a mão no ombro de Kishan. – Com o tempo... vai, sim.

– Você precisa falar com ela. Se vai terminar com Kelsey, ela merece ouvir da sua boca.

Terminar?

Eu me apressei pelos últimos degraus, fui com tudo para cima dos irmãos e berrei:

– De que diabos vocês acham que estão falando? Digam que eu não ouvi esta conversa!

Os dois se viraram. Kishan parecia culpado, mas Ren endureceu a expressão, como se estivesse pronto para uma briga.

Cutuquei Ren no peito.

– Por onde você andou nos últimos dias? Está me devendo satisfações! E você? – Eu me virei para Kishan. – Como é que vocês dois ousam conspirar e fazer planos a meu respeito sem ouvir a minha opinião? Sabem que isso não se faz!

Kishan fez uma careta.

– Sinto muito, Kells. Você e Ren precisam conversar. Falo com você mais tarde e então poderá gritar um pouco mais comigo.

– Ótimo.

Kishan saiu depressa enquanto Ren se apoiava na amurada com expressão determinada.

– E aí? Vai se explicar ou preciso dar um choque em você?

– Você já escutou o que eu pretendia dizer. Quero terminar com você.

Meu queixo caiu.

– Você quer o quê?

– A gente não pode ficar junto.

Não consegui pensar em nada para dizer, a não ser:

– Por quê?

– Não posso... não vou... a gente não deve... olhe, tenho meus

motivos, está bem?

– Não, não está. Apenas dizer que você tem os seus motivos não basta.

Algo bruxuleou nos olhos dele. Dor. Mas desapareceu rápido e foi substituído por uma coragem determinada.

– Eu não te amo mais.

– Eu não acredito. Vai ter que se sair com algo melhor. Eu li os seus desejos no Festival das Estrelas, está lembrado?

Ele deu um sorriso amarelo.

– Eu tinha me esquecido... Mas devia acreditar em mim. Vai ser mais fácil para nós dois assim. Kishan gosta de você, e será melhor se ficar com ele.

– Você não pode me dizer quem eu devo amar ou não.

– Você já ama Kishan.

– Eu amo *você*, seu grande idiota.

– Então, pare de amar.

– Não posso simplesmente ligar e desligar meus sentimentos como se fossem um interruptor.

– É por isso que não ficarei mais por perto. Vou evitar me aproximar de você. Você nunca vai me ver.

– Ah, entendi. Você acha que só o fato de não ver você vai resolver tudo?

– Provavelmente, não. Mas vai ajudar.

Cruzei os braços e fiquei olhando para ele, totalmente incrédula.

– Não acredito que está me dizendo para ficar com o seu irmão. Não combina com você. Por favor, me diga o que eu fiz para causar isso.

– Você não fez nada.

Ren se virou para o outro lado, inclinou-se e pôs os cotovelos na amurada. Passou um minuto sem dizer nada, por isso fui para perto dele e também me apoiei na amurada. No final, ele disse baixinho:

– Eu não pude salvar você.

– Como assim?

– Eu não consegui. Tentei prestar os primeiros socorros, mas passei muito mal. Não pude salvar você. Kishan teve que intervir e, por causa do meu ciúme e da minha frustração, eu o empurrei para longe. Quase a deixei morrer porque não queria que ele a tocasse. Foi aí que percebi que precisava abrir mão de você.

– Mas, Ren...

Estendi a mão para pegar no braço dele. Ren olhou para ela e se afastou.

Eu me enrijei e disse:

– Tenho certeza de que está exagerando.

– Não, não estou.

Ele deu as costas para mim, como se fosse embora.

– Alagan Dhiren Rajaram, fique aqui e ouça o que eu tenho a dizer!

Ele se virou, irritado.

– *Não*, Kelsey. Não! Eu não posso ficar com você! Não posso tocar em você! E não posso salvá-la. – Ele agarrou a amurada com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. – Você precisa de um homem que possa fazer essas coisas. Esse homem não sou eu. Já se passaram meses, Kelsey, e eu não encontrei o ativador. Provavelmente nunca vou encontrar, e você vai desperdiçar a sua vida inteira esperando por mim! Kishan precisa de você. Ele a quer. Fique com ele.

– Eu não quero. Escolhi *you*, e não me importo com essas outras coisas. Tenho certeza de que vamos achar uma solução. Por favor, não se afaste de mim por causa disso.

– É melhor assim, Kelsey. Nós sabemos o que é melhor para você.

– Não, não sabem! Você é o melhor para mim.

– Não sou. E não vou mais discutir isso com você. Já decidi.

– Ah! Já decidiu? Bom, talvez fique chocado com esta informação, mas você não toma decisões por mim! Vocês dois podem planejar e tramar quanto quiserem, mas não podem manipular meus sentimentos em relação a você!

Os ombros de Ren desabaram e ele disse, resignado:

– Você não será manipulada. Os seus sentimentos por ele vão vir de maneira natural e, ao mesmo tempo, os seus sentimentos por mim vão diminuir.

– *Porcaria nenhuma!* – Comecei a entrar em pânico. Ren estava sério. Ele jamais recuava depois de ter enfiado uma coisa na cabeça, e eu não estava conseguindo avançar nada falando com ele assim. Achei que eu fosse ter um troço. Lágrimas escorriam pelo meu rosto.

– Não consigo acreditar que você está disposto a abrir mão de mim.

– Não seja teimosa, Kelsey.

Dei uma risada sarcástica.

– Não acho que eu seja a teimosa aqui.

Ele suspirou.

– Precisamos encarar o fato de que nosso relacionamento é problemático demais. Por que fazer com que nós dois passemos por esta dor se não é necessário? Você pode ser feliz com Kishan e... eu tenho certeza de que também posso encontrar outra pessoa.

Tenho certeza que ele poderia. Bastaria caminhar por qualquer rua do mundo e num instante haveria centenas de “outras pessoas” fazendo fila.

Respirei fundo, trêmula.

– Mas não tem nenhuma outra pessoa que eu queira. Não posso terminar com você.

Ren riu com desdém.

– Eu sabia que você não seria racional. – Ele suspirou. – Certo. Então vamos fazer isso da maneira mais difícil. – Ele ajeitou os ombros e contraiu os lábios. – As pessoas se separam o tempo todo, Kelsey. Apenas aceite. A questão é que... foi legal por um tempo, mas está na hora de eu seguir em frente. Nenhuma lembrança esquecida poderia fazer valer a pena toda esta... dor. Todo este drama.

– Ainda não acredito em você. Sei que gosta de mim.

– Como é que eu posso gostar de uma garota se minhas entranhas se contorcem de agonia toda vez que eu toco nela?

– Você nunca reclamou antes.

– Você é a única garota que eu beijei, e um beijo que só pode durar alguns segundos simplesmente não vale a pena.

– Sabe o que eu acho? Acho que você está se sentindo extremamente culpado por causa dos primeiros socorros e está tentando me proteger. Sempre foi superprotetor, então agora pensa que terminar comigo vai me salvar. Você tem algum tipo de complexo de Super-Homem hiperativo, e o seu passatempo preferido é sacrificar o nosso relacionamento pela minha segurança.

Ele resmungou e passou a mão no cabelo.

– Parece que eu não estou sendo claro. Eu... não... *quero*... você. Não quero mais. Nem sei se estou a fim de ter uma namorada neste momento. Talvez eu passe um tempo só pulando de galho em galho, partindo alguns corações. Acho que vou experimentar uma ruiva ou uma loira da próxima vez.

– Só acredito vendo.

– É isso que vai ser necessário? Terá que me ver com outra mulher para acreditar que estou falando sério?

Cruzei os braços.

– Isso mesmo.

– Ótimo. Vou ficar feliz em atender seu desejo.

– Ah... não vai, não! Se namorar outra mulher, vou estrangular você, Tarzan!

– Não quero magoá-la, Kelsey, mas está me forçando a fazer isso. Eu estou falando sério. Nós não devemos ficar juntos e, até que você consiga aceitar isso, não vai mais me ver.

Ren se virou para sair.

– Seu covarde. Vai se esconder de uma garota que tem a metade do seu tamanho.

Ele se virou mais uma vez.

– Não sou covarde, Kelsey. Você uma vez me largou, dizendo que nós não devíamos ficar juntos. Que nós não... combinávamos. Passei a acreditar que você tem razão. *Você não é para mim.* Vou encontrar outra pessoa. Alguém – ele retesou o maxilar – mais bonita. E menos reclamona também seria bom.

Arfei baixinho enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Ao ver que eu estava fraquejando, Ren deu o bote.

– Tenho certeza de que nós dois vamos seguir em frente rapidamente. Talvez antes de a semana terminar.

Eu me virei para esconder meu descontrole emocional, ainda sem conseguir dizer nada.

– O bom para você é que já tem um ou dois pretendentes na fila. Parece que os homens correm para você como os ursos correm para o mel, então, não reclame da vida.

Apertei a barriga com as mãos, tentando conter a dor. Tomei fôlego, trêmula, e perguntei baixinho:

– Então, acabou? Isto é uma despedida? Não vamos mais significar nada um para o outro? Não vai nem ser meu amigo?

– É isso mesmo. Vou ajudar nas tarefas para quebrar a maldição, mas, fora isso, não fique esperando me ver. E quando as tarefas de Durga estiverem completas, eu simplesmente vou desaparecer. Você nunca mais irá me ver.

Ele deu alguns passos para longe mas parou quando eu disse baixinho:

– Ren?

Ele suspirou.

– O que foi?

Eu me virei e dei alguns passos para poder ficar de frente para ele. Olhei para aquele rosto lindo em busca de um sinal de que ele iria parar com essa tolice. Sua expressão estava rígida como pedra. Ele não iria mudar de ideia, não ia arredar pé. Tentei outra tática e ameacei:

– Se você fizer isso... se me abandonar de novo... não haverá outra chance.

Outra lágrima desceu pela minha bochecha. Ele se aproximou e tocou a lágrima. Nossos olhos se encontraram e o meu coração disparou no peito de um modo terrível. Eu o amava tanto que doía.

Como ele podia fazer isso com a gente? Parecia errado. As palavras que ele dizia eram falsas. Eu sabia disso na minha mente, mas meu coração estava sofrendo mesmo assim. O *meu Ren* jamais diria essas coisas para mim, mas será que ele ainda era o *meu Ren*? Será que tinha mudado tanto assim?

Ren examinou a lágrima enquanto a esfregava entre o indicador e o polegar. Ele ergueu os olhos, com as íris azuis duras feito safiras.

– Eu não vou precisar de outra chance. Não vou mais procurar você.

Talvez ele não fosse mais o meu Ren. Talvez eu tivesse passado o tempo todo me enganando, desejando e esperando algo que nunca vou ter de volta. Irritada, eu disse:

– É melhor que tenha certeza. Porque, se eu me comprometer com Kishan, não vou abandoná-lo por você. Não seria justo com ele.

Ren deu uma risada seca.

– Eu me considero avisado.

Ele se afastou quando eu sussurrei:

– Mas vou continuar amando *você*.

Se ele me ouviu, não parou. Fiquei apoiada na amurada durante um bom tempo, tentando descobrir como voltar a engolir. A emoção tinha obstruído minha garganta, e eu só conseguir respirar em fôlegos curtos.

Ren cumpriu a palavra. Eu não o vi durante toda aquela semana. Eu e todos os outros fomos mergulhar conforme estava programado. Todo mundo ficou de olho em mim, mas eu estava bem mais controlada e fui muito bem. Até vi um filhote de tubarão nadando no fundo do mar e não dei nenhum chilique. Mas eu tinha perdido o apetite, e Kishan ficava tentando me enfiar comida goela abaixo.

Um dia, não fui tomar o café da manhã. Wes me achou sentada no alto da casa do leme, em um lugarzinho que eu achava que ninguém mais conhecia. Ele se sentou ao meu lado.

– Uau! Isso aqui parece o topo do mundo. Nossa, acho que dá até para ver a curva da Terra aqui de cima.

Eu assenti.

– Então, ouvi dizer que o seu amigo terminou tudo.

Não respondi, e por isso ele prosseguiu:

– Um bom sujeito é tão difícil de encontrar quanto dente em galinha. Sinto muito por você, querida. Alguém que dispensa uma garota bonita e doce como você... bom, simplesmente não faz sentido.

O rapaz deve achar que o sol só sai para ouvir o cacarejo dele.

– Você já terminou com alguém?

– Uma vez. Até hoje me arrependo.

– O que aconteceu?

– Ela era a minha namoradinha da escola. Todo mundo achava que iríamos nos formar e nos casar. Ela faria a faculdade comunitária local e depois de três anos na universidade eu iria voltar e colocar um anel de noivado no dedo dela. Minha vida toda estava planejada por mim. Não era uma vida ruim, mas eu queria ter algum controle sobre ela. Quando meus pés começaram a coçar, larguei dela antes mesmo de largar da faculdade. Eu a amava. Ainda amo. Ela até poderia ter vindo comigo. Desconfio de que ela tenha ficado me esperando um tempo, mas como não liguei nem escrevi, ela acabou desistindo e se casou com outro.

– Talvez você devesse ligar para ela agora.

– Que nada. Agora ela tem uma cria. E uma vez que isso acontece... bom, digamos que é mais fácil deixar assim do que tentar mudar.

– Entendo. Arrependimento é uma coisa difícil de suportar.

– Ela provavelmente me odeia agora. Imagino que seja melhor assim.

– Não acredito que ela odeie você. Eu nunca odiaria Ren.

Ele esfregou o queixo.

– Não mesmo? Bom, quem sabe um dia eu escreva uma carta para ela.

– Devia escrever.

– O Sr. Kadam disse que vocês vão todos para a cidade hoje à noite. Parece que têm algo para fazer perto de Mangalore. Ele espera conversar com você sobre isso. Quer descer comigo?

– Acho que sim.

Wes me acompanhou até onde estava o Sr. Kadam, ocupado com pesquisas. Ele apontou para a cadeira próxima e falou:

– Obrigado, Wes. Eu poderia ter pedido a Kishan, mas ele sumiu.

– Deve estar fazendo alguma coisa para o homem invisível – comentei.

– É. Talvez.

O Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão, num gesto de solidariedade, e Wes saiu com um aceno de cabeça.

O Sr. Kadam foi direto ao assunto e virou o laptop para mim, mostrando-me a foto de um templo.

– Este aqui é o templo de Sri Mangaladevi, perto de Mangalore. Iremos até lá por volta da meia-noite para tentar despertar a deusa

Durga mais uma vez. Acredito que as oferendas desta noite devam estar relacionadas ao pilar que representa água. Eis uma foto dele. Está levemente danificado, mas ainda é possível identificar os entalhes.

A foto mostrava a deusa Durga no alto de uma pilastra de pedra toda entalhada com estrelas-do-mar, conchas e peixes. As imagens retratavam pescadores tirando redes do mar, um rio irrompendo de um caramujo e plantações com nuvens de chuva por cima. Aldeões ofereciam bacias de água junto com a riqueza retirada do mar.

O Sr. Kadam prosseguiu:

– Achei que a senhorita e eu pudéssemos sair para fazer compras hoje, a fim de reunirmos alguns itens de que podemos precisar, enquanto providencio o acesso ao templo tarde da noite.

Dei de ombros, sem me importar com o que fôssemos fazer.

Na hora marcada, fiquei esperando o Sr. Kadam perto do Jeep, observando sem interesse os estivadores baixarem a rampa para que pudéssemos sair do iate com o carro.

Ren é irritante. O que ele está pensando? Será que acredita mesmo que pode simplesmente forçar a barra para que Kishan e eu fiquemos juntos e que assim tudo estará bem? Arrume um homem para Kelsey. Qualquer homem, e ela se contentará. Phet disse que eu faria uma escolha. Isso não é escolha; é uma armação. Bom, não preciso que ninguém arme para mim. Sei que não é fácil ter uma namorada e não poder tocar nela, mas eu estava disposta a aguentar isso. Esse problema específico é de mão dupla: afeta tanto a mim quanto a ele.

Kishan disse a Ren que o problema dos primeiros socorros não tinha sido culpa dele. Estou bem. Não houve danos. Como é que ele acha que eu vou aguentar essas mudanças bruscas de humor? Fala sério! Eu devia ter sempre uma margarida ao alcance para poder fazer um bem me quer, mal me quer. Se ele não quer ficar comigo, então tudo bem, mas não pode me forçar a amar Kishan ou qualquer outra pessoa. Por que a minha vida tem que ser tão complicada?

Fiquei lá mordendo o lábio e pensando enquanto esperava o Sr. Kadam. Ele finalmente apareceu, pedindo desculpas por estar atrasado. Parece que também tivera dificuldade para localizar Ren.

Beleza. Ele que fique brincando de esconde-esconde. Tenho mais o que fazer.

O Sr. Kadam e eu passamos a tarde na cidade, comprando variados itens relacionados ao mar ou à água. Almoçamos em um pequeno bistrô enquanto ele falava de amenidades. Não tinha qualquer conselho a me dar, a não ser que eu tentasse ser feliz. Não fazia ideia

de *como* eu poderia ser feliz, mas disse que tinha certeza de que eu conseguiria.

Logo que voltamos para o iate, peguei meu celular rastreador. Agora que tínhamos terminado, todos os acordos haviam sido anulados, e eu liguei a telinha com um gosto de vingança. A bolinha de Ren mostrava que ele se mudara para as instalações dos hóspedes, um andar abaixo do nosso, mas nunca ficava parado muito tempo. Naquela tarde, passei um tempo seguindo a bolinha dele no meu GPS. Permiti que permanecesse fora de vista, mas ficava de olho em seu paradeiro. Então comecei a me achar uma daquelas psicopatas que ficam dando voltas em estacionamentos à procura do carro do ex-namorado. Por isso, larguei o telefone num canto e parei de procurá-lo.

Naquela noite, peguei a sacola de compras e guardei todos os itens numa mochila. Tínhamos comprado óculos de sol, chinelos, conchas, estrelas-do-mar, um frasco pequeno de cobre selado com água do rio Ganges, protetor solar, um peixinho dourado vivo, coral, um pacote de alga seca, uma garrafa de água potável e um CD de barulho do mar. Completei a coleção com a pena de uma ave marítima que encontrara na praia.

Eu tinha tirado uma soneca depois que voltamos e estava lendo um livro no *lounge* quando Nilima entrou.

– Oi, Srta. Kelsey. Tudo bem?

– Sim, dentro do possível. E você?

– Muito bem. Espero que não se incomode, mas eu queria fazer uma coisa para a senhorita.

– O que é?

Ela me entregou um lindo pedaço de seda.

– Pode levar isto com a sua oferenda para Durga hoje à noite?

– Posso. Mas por quê?

– No templo que vocês vão visitar, as moças solteiras participam de um jejum chamado Mangala Parvati Vrata, ou jejum do templo de Durga em Mangalore. Elas não comem nada todas as terças-feiras do verão e então oferecem seda à deusa.

– Por que fazem isso?

– Porque acreditam que a deusa Durga vai encontrar um noivo bom e bonito para elas.

– Ah, entendi.

– Quando eu soube que meu avô queria visitar esse templo, comecei a jejuar, não por mim, mas pela senhorita.

– Então você jejuou ontem? Na terça-feira?

Ela jogou o cabelo preto perfeito por cima do ombro.

– Não. Estou jejuando há muito mais tempo. Talvez se lembre de que não tenho aparecido muito no jantar nem no café da manhã desde que chegamos ao iate.

Eu me inclinei para a frente e peguei a mão de Nilima.

– Está dizendo que não come há mais de duas semanas?

– Tenho tomado água e leite, mas não comi nenhum alimento sólido durante esse período. Minha esperança é que, apesar de não ter deixado de comer toda terça-feira, todos esses dias de jejum provem minha dedicação. Meu desejo é que Durga ajude a senhorita a encontrar a felicidade.

– Nilima, não sei o que dizer. – Eu a abracei. – Ninguém jamais fez algo assim por mim. Fico feliz em aceitar a seda, e vou dar essa oferenda a Durga hoje à noite.

Ela sorriu e apertou minha mão.

– Só para garantir, vou esperar até a sua volta para romper o jejum. Boa sorte hoje à noite, Srta. Kelsey.

– Obrigada por ser uma amiga tão boa. Nunca tive irmã, mas não posso imaginar uma que seja melhor do que você.

– E a senhorita também é minha amiga e irmã. Boa noite.

– Boa noite.

Nilima foi para cama e eu retornei à minha poltrona. Corri os dedos pelo lindo tecido que ela trouxera e fiquei pensando sobre a oferenda até o Sr. Kadam chegar para me buscar. Peguei a mochila, joguei-a nos ombros e deslizei Fanindra pelo braço. Descemos até a garagem e encontramos Kishan, que carregava uma bolsa com o Fruto Dourado, o Lenço e as armas – por via das dúvidas.

Ele abriu a porta do carona para mim e entrou no banco de trás. De repente, a porta atrás de mim se abriu e Ren entrou no Jeep. Olhou para mim por apenas um segundo e então fechou a porta e afivelou o cinto de segurança. O trajeto até a cidade foi constrangedor e silencioso.

Chegamos ao templo e estacionamos na parte dos fundos. O prédio estava bem-iluminado – aliás, as luzes eram tão fortes que o templo parecia uma atração da Disney. A estrutura tinha formato cônico, como os outros templos que havíamos visitado, com dois prédios quadrados anexos, um de cada lado. As construções laterais tinham janelas de vidro que me faziam pensar em restaurantes *drive-thru*, só que havia estatuetas douradas nas janelas.

Com as luzes acesas, o templo parecia ser laranja ou dourado, mas na verdade era branco com acabamentos dourados. Quando

demonstrei minha preocupação com a iluminação, o Sr. Kadam garantiu que tinha providenciado para que ficássemos sozinhos e que era normal o templo permanecer iluminado nesta época do ano.

Passamos pela porta destrancada, entramos no templo e atravessamos vários portais. O Sr. Kadam nos conduziu pelo corredor até chegarmos a uma espaçosa área aberta. Na extremidade mais distante do salão, iluminada de todos os ângulos possíveis, havia uma estátua dourada de Durga sentada num trono também dourado.

Seus olhos estavam fechados e ela vestia seda vermelha. Joias adornavam seu pescoço, junto com guirlandas de flores. Quando perguntei ao Sr. Kadam se ela era realmente feita de ouro, ele respondeu que, na verdade, era de bronze, e que todas as estátuas de Durga eram feitas de pedra ou de bronze. Mas admitiu que era possível que ela tivesse sido pintada com ouro ou recebido uma cobertura desse metal.

O chapéu alto e pontudo de Durga era incrustado de pedras preciosas, e guirlandas de flores pendiam da parte de cima recurvada, o que o fazia parecer a versão feminina de um cocar de chefe de tribo indígena americana. Só distingi quatro dos braços dela e apenas duas de suas armas: um machado e um cajado. Duas mãos tinham símbolos entalhados na palma. Os lábios eram pintados de vermelho. Ela parecia tão diferente das outras estátuas de pedra que quase duvidei que ela fosse despertar.

O Sr. Kadam tinha esperança de ficar desta vez, mas estava pronto para se retirar a qualquer minuto. Abri o zíper da mochila, tirei de lá nossas oferendas e as espalhei aos pés de Durga. Peguei o pedaço de seda por último e o deitei no colo dela com delicadeza. Ninguém fez perguntas, e isso foi um alívio. Foi só quando nós todos demos alguns passos para trás que dei uma olhada ao redor, no salão. Não havia pilastra alguma a que pudéssemos nos agarrar.

– As coisas podem ficar um pouco agitadas, por isso, tomem cuidado.

Kishan meneou a cabeça para mim e encostei o dedo no sino do meu tornozelo. Eu me abalei com a doce lembrança da correntinha, mas logo mandei o pensamento para o fundo da mente. Toquei no amuleto que carregava no pescoço em busca de coragem e estendi a mão para Kishan. Ele deu um passo para a frente e a pegou. Também estendi a mão para Ren, mas ele passou para o outro lado do Sr. Kadam, que a tomou em seu lugar. Cerrei os dentes, esperei Ren pegar a mão do Sr. Kadam e então falei.

– Deusa Durga, voltamos mais uma vez para pedir a sua bênção ao

iniciarmos esta terceira busca. Ajude-nos a quebrar a maldição que se abateu sobre estes homens e a derrotar o malfeitor que a lançou sobre eles.

Apertei a mão de Kishan, e ele deu um passo adiante.

– Linda deusa, por favor, apareça para nós mais uma vez e nos conceda as ferramentas necessárias para vencermos aqueles que nos impedem de encontrar o seu prêmio.

Olhei descaradamente para Ren, que disse:

– Viemos aqui em busca de sua sabedoria e de sua força. Por favor, nos ajude em nosso momento de necessidade.

– Senhor Kadam? Gostaria de dizer alguma coisa? – perguntei.

– O que eu digo?

– Diga em que gostaria que Durga ajudasse.

Ele refletiu por alguns segundos.

– Ajude-me a acudir os meus... príncipes e pôr fim a seu sofrimento.

– Certo. Agora, vocês dois, por favor, transformem-se em tigres.

Eles se metamorfosearam, mas nada aconteceu.

O Sr. Kadam perguntou:

– O que costuma acontecer na sequência?

– No instante em que eles se transformam em tigres, começa algum tipo de abalo ou de terremoto ou de vento terrível.

– Talvez minha presença esteja atrapalhando.

– Acho que não.

– O que mais há de diferente além da minha presença?

– A estátua é dourada, não é de pedra. Tanto Ren quanto Kishan estão aqui. Antes, era só um deles.

– Vocês sempre se deram as mãos daquele jeito?

– Sim.

– Vamos tentar outra coisa antes de abandonar este templo. Kishan e Ren, deem as mãos para a Srta. Kelsey que eu vou ficar um pouco para trás desta vez.

Ren pegou minha mão com relutância. Ele gemeu baixinho. Nós três repassamos nossos pedidos bem rápido mais uma vez antes de os irmãos se transformarem em tigres. De repente o salão sacudiu. Ren voltou a ser homem logo antes de eu ir com tudo contra o peito dele. Ele pôs os braços ao meu redor para me firmar. Um vento varreu o templo e o piso voltou a se mover. Nós dois demos um encontrão em Kishan e caímos embolados no chão.

Começou a pingar água pela estátua. No início, era um fiozinho, mas logo algo pareceu estourar e uma enxurrada se derramou e fez

poça no chão. Um rio correu para dentro do templo, vindo de todas as portas. Ondas de água se chocaram contra as minhas pernas, e um vento chicoteante se abateu sobre nós. Exatamente quando as luzes se apagaram, gotas de chuva atingiram nosso rosto. Logo nossos pés não estavam mais encostando no chão. Não tínhamos opção além de nadar na água escura à medida que as ondas iam ficando maiores.

Ren berrou:

– Kelsey! Agarre a minha camisa! Não solte!

Eu gritei quando algo segurou minha perna.

– Sou eu!

– Kishan? Precisamos encontrar o Sr. Kadam!

Nós três ficamos lá nadando por cima das ondas incrivelmente altas enquanto chamávamos pelo Sr. Kadam. Finalmente, escutamos sua voz:

– Estou aqui.

Ren me deixou com Kishan e usou o movimento de reboque de mergulhador cansado que Wes tinha ensinado para trazer o Sr. Kadam para mais perto. Logo o vento abrandou e as ondas se acalmaram. Ouvi um som de sucção e de drenagem. Depois de alguns minutos, Ren disse que já conseguia ficar em pé. Não demorou muito para que eu também conseguisse, e nós quatro nos encolhemos juntos na escuridão, molhados e desconfortáveis.

– Eu devia ter feito mais perguntas antes de resolver acompanhar vocês três – comentou o Sr. Kadam, dando risada. – Talvez eu decidisse deixá-los fazer isso sozinhos.

A água já tinha quase ido embora, e Kishan patinhou até o outro lado do salão para pegar nossas mochilas. Ele tirou um bastão fosforescente da dele e usou a luz para examinar a estátua. O ouro e a seda agora estavam encharcados e imundos. Lama e algas cobriam a estátua, o chão e também nossos corpos.

– Kelsey! Aqui!

Kishan fez um gesto para que eu me aproximasse.

Uma marca de mão tinha aparecido no trono, onde antes não havia nada.

– Certo. Afastem-se.

Kishan foi só um pouco para trás quando encostei a mão na marca e lancei meu poder de raio. Ela ficou azul e, depois, translúcida, e as marcas de Phet reapareceram. Senti algo mudar na estátua antes de Kishan me puxar para trás. Uma chuva suave começou a cair. O adereço de cabeça encharcado e a coroa dourada derreteram. O trono também derreteu e se transformou em um trono de coral incrustado

de conchas, estrelas-do-mar e joias. Dos braços de Durga pingava água da chuva, e dois deles começaram a se mover.

A deusa tirou gotículas de água dos braços e, onde ela enxugava, sua pele iridescente iluminava o salão o suficiente para que nós a enxergássemos com clareza. Sua pele tinha um brilho perolado de alabastro que ia mudando conforme ela se movia, reluzindo com azuis, verdes e púrpuras. Ela se virou de leve, e um raio de luz espetacular fez com que eu fechasse os olhos. Quando os abri, achei que os padrões em espiral na pele dela lembravam um esmalte de unha perolado, ou talvez fosse mais parecido com as escamas de um peixe. Fosse o que fosse, era fascinante.

Durga empurrou para longe o pedaço do adereço de cabeça dela que tinha sobrado e colocou o cabelo para trás na chuva, como se estivesse tomando um banho de chuveiro. Observei encantada enquanto todo o ouro ia escorrendo e revelando o lindo cabelo da deusa, comprido e escuro. Ela usava um vestido simples verde-mar e um colar de flores de lótus. Seus pés estavam descalços. Quando a chuva parou, ela torceu o cabelo para tirar a água e colocou a massa encharcada sobre um ombro.

Com uma voz tilintante de sereia, Durga deu risada.

– Ah, Kelsey, minha filha. Suas oferendas foram aceitas.

Do canto do olho, vi objetos reluzindo por todo o salão onde a água os tinha depositado.

Durga estalou a língua.

– Ah, mas vocês estão todos desconfortáveis. Deixem-me ajudar. – Ela bateu palmas com um par de mãos e, quando as afastou, um arco-íris apareceu. Ela o cutucou e ele se contorceu na nossa direção como uma cobra, nos rodeando. Em pouco tempo estávamos limpos e secos. O arco-íris fez voltas ao redor de Durga também antes de se dissipar, deixando-a seca, com lábios vermelho-coral e bochechas rosadas.

Com o dedo, a deusa fez um gesto para que eu me aproximasse. Fanindra ganhou vida, deslizou do meu braço para o colo de Durga e se enrolou no pulso dela.

A deusa falou enquanto acariciava a cabeça da cobra:

– Também estou com saudade de você.

Ela pegou o pedaço de seda de Nilima e o apertou contra o rosto. Apontando para o tecido, ela disse:

– Vamos falar sobre isto em breve. Mas, primeiro, preciso ser apresentada a alguém.

– Sim. Este aqui é o Sr. Kadam – falei, gesticulando para ele.

O Sr. Kadam se aproximou e se ajoelhou no chão.

– Por favor, levante-se e fale comigo – disse ela.

Ele se levantou, juntou as mãos e fez uma medida.

– Fico contente por ter vindo me ver. Já fez muitos sacrifícios e terá que sacrificar ainda mais. Está disposto a fazer isso?

– Eu sacrificaria qualquer coisa pelos meus filhos.

Durga sorriu para ele.

– Muito bem. Se pelo menos houvesse mais homens, mais pais como você... Percebo que tem muito orgulho deles e que são sua fonte de alegria. A maior bênção e a maior satisfação que um pai pode ter é passar os anos criando os filhos e então ver os resultados gloriosos: descendentes fortes e nobres que se lembram de suas lições e que vão transmiti-las aos seus. Isso é o que todo bom pai deseja. O seu nome será lembrado com muito respeito e amor.

Uma lágrima escorreu pelo rosto do Sr. Kadam e eu apertei a mão dele.

Durga voltou sua atenção a Kishan.

– Meu tigre de ébano, chegue mais perto.

Kishan se aproximou da deusa com um sorriso enorme. Ela estendeu uma mão para que ele a beijasse e sorriu para ele em retribuição. Por um segundo, fiquei achando que aquele tipo de sorriso ia além do que o que seria normal entre uma deusa e seu súdito.

– Isto é para você – disse Durga.

Ela pegou do próprio pescoço um colar fino que eu não tinha visto e colocou-o ao redor do de Kishan. Havia um caramujo pendurado na ponta.

– O que é isto? – perguntou ele.

– É uma *kamandal*. Uma vez mergulhado no mar de leite, nunca irá se esvaziar.

Kishan se curvou.

– Obrigado, minha senhora.

– Tigre branco, venha até mim.

Quando Ren se aproximou, fui para o outro lado de Kishan.

– Tenho algo para você também.

Outro braço se materializou em suas costas para entregar a Ren uma arma de ouro que parecia uma das facas Sai da coleção de espadas do Sr. Kadam. Ouvi um clique quando ela virou a faca e separou suas lâminas perigosas. Depois de voltar a juntá-las, Durga torceu o cabo até as pontas rolarem e a cabeça girar.

O cajado se estendeu e se transformou num tridente. Ela o apontou para longe e apertou uma ponta. Uma lança comprida e fina disparou

da ponta central e se enterrou na parede de pedra. Uma lança sobressalente se materializou. Ela torceu o cabo mais uma vez e a arma retornou à sua forma menor. Ren a pegou da mão dela e ficou maravilhado com o objeto de ouro.

– Isto se chama *trishula*, ou tridente.

– Obrigado, deusa.

Ren recuou e não disse mais nada.

Ela o examinou por um momento, pensativa, e então se voltou para mim com um sorriso.

– Agora eu gostaria de falar a sós com a minha filha.

Todos assentiram.

– Vamos esperá-la no carro, Srta. Kelsey. Temos muito tempo antes de precisarmos retornar ao iate.

Ren foi o último a sair. Ele olhou brevemente para a deusa e para mim antes de desaparecer pelo corredor com os outros. Quando me virei mais uma vez para Durga, ela estava acariciando Fanindra e falando com ela com ternura. Deixei as duas matarem a saudade por um minuto, imaginando o que eu iria dizer a respeito da oferenda de seda.

Ela finalmente voltou a atenção para mim e estendeu um dedo para erguer meu queixo.

– Por que ainda está tão triste, querida? Eu não cumpri minha promessa de cuidar do seu tigre?

– Cumpriu. Ele voltou e está a salvo, mas não se lembra de mim. Ele me bloqueou e diz que não devemos ficar juntos.

– O que tiver que ser será. Todas as coisas neste Universo são conhecidas e, no entanto, os mortais ainda precisam descobrir seus propósitos, seu destino, e devem fazer escolhas que os levem ao caminho que desejam percorrer. Sim. O seu tigre branco tomou a decisão de apagar você da memória.

– Mas por quê?

– Porque ele a ama.

– Isso não faz o menor sentido.

– Geralmente as coisas não fazem muito sentido quando você as observa perto demais. Dê um passo para trás e tente ver o quadro todo. – Ela sentiu o tecido de seda entre os dedos. – Muitos sacrifícios já foram feitos em seu favor. Muitas donzelas vêm a este altar em busca de minha bênção. Elas desejam um marido virtuoso e querem ter uma vida boa. Também é o que você deseja, Kelsey? Quer um rapaz honesto e generoso para ser o companheiro da sua vida?

– Eu... na verdade não estou pensando em casamento, para ser

sincera. Mas, sim, eu gostaria que o companheiro da minha vida fosse honesto e generoso. E meu amigo. Quero amá-lo sem arrependimentos.

Ela sorriu para mim.

– Arrepende-se é se decepcionar consigo mesma e com suas escolhas. Os sábios veem a vida como um caminho de pedras que cruza um grande rio. Todo mundo deixa passar uma pedra de vez em quando. Ninguém é capaz de atravessar o rio sem se molhar. O sucesso é medido pela chegada ao outro lado, não pela lama nos seus sapatos. As pessoas que se arrependem são aquelas que não compreendem a razão da vida. Elas ficam tão desiludidas que param no meio do rio e não dão o próximo passo.

Durga se inclinou para acariciar o meu cabelo.

– Não tenha medo. Ele *será* seu amigo, seu companheiro em todos os sentidos. E você vai amá-lo com mais ardor do que jamais amou antes. Vai amá-lo tanto quanto ele a ama. Você será feliz.

– Mas qual dos irmãos vai ser?

Ela sorriu e ignorou minha pergunta.

– Da mesma forma, vou levar em consideração sua irmã, Nilima. Uma mulher com tanta devoção também precisa de amor. Tome isto. – Ela me entregou seu colar de flores de lótus. – Não possui nenhum poder especial, a não ser que os botões nunca murchem, mas terá uma função na sua viagem. Quero que você aprenda a lição do lótus. Esta flor surge de águas enlameadas. Ergue suas pétalas delicadas ao sol e perfuma o mundo, enquanto, ao mesmo tempo, suas raízes se prendem ao húmus elementar, à própria essência da experiência mortal. Sem esse solo, a flor murcharia e morreria.

Ela pôs o colar no meu pescoço.

– Cave fundo e fortaleça suas raízes, minha filha, porque você vai se estender para cima, irromper da água e encontrar paz na superfície calma no final. Irá descobrir que, se não tivesse se estendido, teria se afogado no fundo, sem nunca florescer nem compartilhar seu dom com os outros.

Enxuguei uma lágrima. Os braços de Durga começaram a se mover e se reter, assumindo o tom dourado mais uma vez.

– Está na hora de me deixar, preciosa. Leve Fanindra.

A cobra pôs a língua para fora algumas vezes e, depois de abandonar o pulso de Durga, enrolou-se no meu braço. Ouro líquido começou a se erguer pelas laterais do trono, cobrindo todo o coral e as conchas.

– Quando chegar à Cidade dos Sete Pagodes, procure o Templo da

Praia. Uma mulher está à sua espera lá. Ela vai lhe dar a orientação de que precisa para sua viagem.

– Obrigada. Por tudo.

Os lábios vermelho-coral de Durga voltaram a sorrir e se enrijeceram. Ouro líquido tomou conta de seu corpo e de seu rosto, e logo ela tinha se transformado em estátua. A peça de seda ainda estava presa em sua mão, como se alguém a tivesse enfiado no punho fechado.

Despedi-me com um “Adeus”, dei as costas para a estátua e acariciei a cabeça de Fanindra. As luzes bruxulearam e acenderam, e parecia que o lugar nunca tinha sido revolvido. Fui inalando o cheiro doce das flores de lótus enquanto voltava ao Jeep. Elas tinham um misto de um aroma cítrico, jasmim e gardênia. Eu estava tão concentrada pensando no que Durga dissera que me assustei quando uma mão quente pegou meu cotovelo.

– Está tudo bem com você?

– Está. Não precisava ter esperado por mim, Kishan.

Ele beijou a minha testa.

– Claro que precisava. Venha. Os outros estão no carro. Vamos voltar para o iate.

Quando chegamos ao navio, Ren entregou o tridente a Kishan antes de desaparecer de novo.



Luau

Quando acordei na manhã seguinte, o *Deschen* estava em movimento mais uma vez. Encontrei Wes, Kishan e Ren (que parecia totalmente desanimado) na sala de TV, para o treinamento contra tubarões. Assistimos a DVDs dos animais em seu ambiente. Wes achava inútil assistir a vídeos de ataques de tubarão. Para ele, só serviria para criar pânico.

– Quanto menos pânico vocês sentirem, maior a chance de sobreviverem – afirmou Wes. – A primeira coisa que devem aprender sobre tubarões é como evitar chamar a atenção deles. Os tubarões gostam de zanzar entre bancos de areia, perto de declives bruscos. Quando se vê muitas aves numa área, isso significa almoço, e almoço significa tubarões. Não mergulhem durante os horários de alimentação, que seriam o amanhecer, o entardecer e a noite. Mas, para falar a verdade, se a boia for boa, os tubarões podem comer a qualquer hora do dia. Não usem roupas coloridas e chamativas. Tons neutros são melhores, como a roupa de mergulho de vocês. Uma cor chamativa parece escama de peixe na água.

Do outro lado da sala, Ren ergueu a cabeça para me olhar.

– Vamos providenciar um maiô preto para você no próximo porto.

– Que fique claro que foi *você* quem insistiu para que eu comprasse um maiô colorido.

– Fico feliz de saber que não vai mais usar aquele. Ele é... provocante demais.

Olhei feio para ele.

– Você não tem mais o direito de escolher o que faço da minha

vida, está lembrado? E se eu quiser provocar alguém, vou provocar.

Ren respondeu em tom perigoso.

– Ótimo. Provoque todos os tubarões, então. É esse o seu objetivo?

– Você ia gostar bastante disso. Certamente seria bem mais fácil para você se algum tubarão gigante acabasse comigo. Isso resolveria todos os seus problemas, não é mesmo?

Kishan nos interrompeu depois de dar uma cotovelada no braço de Ren.

– Ninguém quer que você seja devorada por um tubarão gigante, Kells. Nem mesmo Ren.

Ren e eu nos encarávamos com irritação, um de cada lado da sala, quando Wes explodiu numa gargalhada.

– Caramba! Vocês estão soprando mais ar quente que um tornado ao redor de um vulcão no Hades. Vão derreter todos os rebites que seguram este iate.

– Desculpe, Wes, mas ele começou – falei, irritada.

– E vou ficar mais do que contente de terminar.

– Então tenta, seu teimoso...

Ren deu um sorriso frio e retrucou:

– *Inflexível.*

– Turrão!

– Irracional!

– Cabeça-dura, cabeça de bagre, cabeça de *tigre*...

– Cabeça de *tigre*? – perguntou Wes, confuso.

Kishan só deu de ombros.

Eu prossegui, agora que estava no embalo.

– Seu insensível, calculista, cruel... *sem coração!*

Ren berrou:

– Tudo bem! Use o que você quiser. Nade pelada que eu não estou nem aí! Qualquer tubarão que comesse você provavelmente ficaria com dor de barriga mesmo e iria cuspi-la na mesma hora.

– Rá! E aí vocês dois teriam muito em comum, não é mesmo?

Wes jogou as mãos para cima.

– Eia, eia. Vamos fazer uma pausa e esfriar a cabeça. Nilima deixou uns sucos no bar, então, por que vocês não vão lá tomar um negocinho, resolvem o assunto e voltam daqui a cinco minutos?

Saí batendo o pé para ir ao bar com Ren arrastando-se em silêncio atrás de mim. Quando me aproximei da bandeja, pensei seriamente em jogar o copo alto de suco na cara dele. Respirei fundo algumas vezes, o tempo todo sentindo que ele me olhava. Seu calor entrava na minha pele e fazia meus nervos pinicarem. Ele esticou o braço ao

meu redor e roçou o meu de propósito quando pegou uma bebida.

- Por que você precisa tornar as coisas tão difíceis, Kelsey?
- Por que *você* precisa?
- Acredite se quiser, mas estou tentando tornar tudo mais fácil.
- Aliás, por que você está aqui? Achei que estivesse me evitando.
- E estou mesmo. Mas preciso aprender sobre os tubarões.

Dei um gole no suco e então disse:

– Por acaso um predador já não sabe tudo sobre os outros predadores e sobre como eles pensam? Talvez, se eu prestar muita atenção, eu finalmente consiga entender você.

– É fácil me entender. Um tigre só precisa de três coisas para ficar bem: muita comida, sono e... na verdade, são só essas duas coisas.

Dei uma gargalhada de desdém.

– Por algum motivo, não acho que Kishan fosse se limitar a apenas essas duas coisas.

– Tenho certeza de que não – respondeu Ren, tenso. – Ele provavelmente iria adicionar você à lista dele.

– Por que ele iria precisar de mim, uma garota irracional e feia?

– Eu nunca disse que você era feia, mas que iria procurar alguém mais bonita. Também não disse que iria *encontrar* alguém mais bonita, só que iria procurar.

– Bom, então, por que ainda não procurou? Vá logo atrás dela e me deixe em paz.

– Esse é o meu plano. Agora, pare de me provocar durante a aula para que eu possa aprender alguma coisa.

Ele se afastou e eu estava soltando fogo pelas ventas. Quando entrei na sala, Ren bebia seu suco com tanta calma que era como se nunca tivéssemos brigado. Kishan fez um sinal para que eu me sentasse ao lado dele. Eu ainda estava extremamente irritada e tive muita dificuldade para me concentrar. Entreguei um copo de suco a Kishan enquanto mantinha os olhos fixos em Wes, que já tinha começado a aula, mas todos os meus pensamentos estavam voltados para Ren, destrinchando cada detalhe do que ele tinha dito. Finalmente, algo que Wes disse me despertou.

– Os tubarões são capazes de sentir cheiro de sangue a um quilômetro e meio de distância. Por isso, não entre na água se tiver algum corte. Não se agite demais. Se você estiver mergulhando e um tubarão se aproximar, desça para o fundo do mar e se esconda. Isso limita os ângulos que ele pode usar para atacar. E não se finja de morto, pois isso não funciona com tubarões. Na verdade, não funciona com nenhum grande predador. Ursos, lobos, tigres: eles vão

comer você de qualquer maneira. Não fazem distinção.

– Exatamente – resmunguei. – Eles mastigam e cospem fora qualquer garota indefesa que apareça.

– Ceeeerto – disse Wes, olhando para mim sem entender nada.

Ren me ignorou e Kishan suspirou.

Wes prosseguiu.

– Agora imaginem que vocês sejam atacados por um tubarão. Tentem acertá-lo nos olhos ou nas guelras. Batam nele. Com agressividade. Usem qualquer arma que tiverem à disposição. Tentem permanecer na vertical porque assim é mais difícil para ele abocanhar. Se forem mordidos, estanquem o sangramento, mesmo que estejam embaixo d'água. Não esperem até chegar à praia.

Ele nos entregou um aparelhinho e disse:

– Isto aqui se chama escudo de tubarão. É um aparelho que está começando a se popularizar entre mergulhadores e surfistas.

– O que ele faz? – perguntei.

– Os tubarões têm canais preenchidos com uma espécie de geleia no focinho, que usam como sensores quando estão em busca de um lanchinho. O escudo envia uma onda elétrica que faz cócegas no nariz deles. Como não gostam muito disso, acabam indo embora. Prendam uma parte ao tornozelo e a outra à frente do colete. Há discussão sobre sua eficácia, mas eu já usei o aparelho e nunca fui atacado.

– Certo. O que mais?

– Isso é basicamente tudo que dá para fazer. Se o tubarão for pequeno, talvez você consiga fugir, mas a sua chance de escapar de um tubarão grande é mais ou menos a mesma que teria de vencer um tiranossauro. Eles são rápidos e fortes. Aliás, o motivo por que muitos mergulhadores e surfistas escapam é não terem um gosto bom. Os seres humanos são ossudos demais. Os tubarões preferem uma foca gorducha.

Bom saber, pensei.

– Os tubarões atacam rápido, com força e acertam a vítima antes mesmo que ela se dê conta de que estão ali. Eles dão voltas por baixo, ganham velocidade e disparam para cima feito um torpedo, deixando a pessoa incapacitada com um só golpe, uma investida tão forte que é capaz de quebrar ossos. Os grandes tubarões brancos são capazes de nadar a quase 50 quilômetros por hora em tiros curtos, mas eles não costumam atacar seres humanos assim. Isso é um ataque de verdade... a maneira como caçam focas. Quase sempre, quando um tubarão ataca um humano, só quer experimentar. Se o gosto é bom, eles se esforçam um pouco mais. Às vezes, deixam a pessoa em paz. Eles são

curiosos. Os dentes deles são como os bigodes de um gato. É dessa maneira que eles experimentam o mundo. Um surfista me disse que estava sentado na prancha quando um grande tubarão branco de 5 metros saiu da água e começou a morder a prancha com cuidado, feito um ratinho. Como não gostou do sabor, ele voltou para o fundo, como um submarino.

Quando a aula terminou, Wes me convidou para ir pescar com arpão com ele e os rapazes naquela tarde, mas eu não quis ir. Ele prometeu pegar uns frutos do mar frescos para mim. Fingi lhe dar força, porque não tive coragem de dizer que não ia conseguir comer a carne se ficasse pensando em como o bicho foi morto.

Em vez de sair para pescar, eu me reuni com o Sr. Kadam naquela tarde e fizemos exercícios embaixo d'água. Ele queria que eu experimentasse meu poder de raio. Começamos na garagem molhada, na rampa aberta onde Ren e Kishan haviam instalado um conjunto de boias. Elas tinham peso suficiente para ficar logo abaixo da superfície da água. Mirei a mais próxima e errei. Quando voltei a tentar, ela explodiu feito uma mina submarina.

– Muito bem, Srta. Kelsey – disse o Sr. Kadam. – Deve treinar a mira tanto por cima da água quanto por baixo. Com a refração da água sua mira vai ser diferente do que é em terra.

Depois que terminei de explodir as boias, o Sr. Kadam me levou para a piscina, onde havia vários outros alvos submersos. Eu já ia entrar na água quando ele me deteve.

– Vamos tentar primeiro com um boneco lá dentro. Se tivermos sucesso, passaremos para a água salgada mais tarde. Mas não dispare com força total. Vamos incrementando aos poucos. Deixe a força ir aumentando gradativamente.

– Isso aqui não vai me eletrocutar nem fazer a piscina explodir? – questioneei, duvidosa. – Não vai ser como deixar um secador cair na banheira?

– Acho que não. Em primeiro lugar, não acredito que seu poder seja elétrico. Tenho uma teoria de que é calor, um fogo que arde tanto que fica branco. Mesmo que eu esteja errado e seja elétrico, a água em sua forma perfeita na verdade não é exatamente um condutor. As impurezas da água, como poeira, sal e outros microelementos são o que de fato conduzem a eletricidade.

– Mas...

– Eu mandei tirar toda a água desta piscina enquanto estávamos fora do iate. Os azulejos foram esfregados e limpos, e pedi que a enchessem com água de baixa condutividade. Foi dispendioso, mas

acho que vai valer a pena. Então, vamos começar. Você quer batizar nosso boneco de teste?

Dei um sorriso maldoso.

– Claro. Que tal chamá-lo de Al?

O Sr. Kadam concordou, pegou “Al” pela cintura e o jogou na água. Nós dois ficamos na beira da piscina enquanto eu fazia mira no primeiro alvo com o nível mais baixo de energia. Não aconteceu quase nada. Aumentei o nível até abrir um buraco na madeira afundada.

Al flutuava na superfície, alheio e intacto.

– Que bom. Agora aumente a força até o raio ficar branco, mas tente não abrir um buraco na piscina. Nossos quartos ficam bem embaixo dela.

Eu me concentrei e comecei com pouca força, deixando que fluísse através de mim até ficar branca. A água ferveu no lugar em que o facho de luz entrou, e a madeira ficou preta. Parei logo antes de formar um buraco. Nosso boneco continuava flutuando todo feliz na água fervente.

O Sr. Kadam e eu passamos a outro alvo para treinar mais. Depois que ele se contentou com os testes nos objetos inanimados, pegou uma gaiola e tirou de lá um patinho branco. Soltou o animal na superfície da piscina e me instruiu a tentar atingir a madeira-alvo mais uma vez. Pedi breves desculpas ao pato e usei meu poder no alvo seguinte. O pato se manteve afastado da área, mas ficou nadando pela piscina sem desconforto. Depois de mais algumas tentativas, o Sr. Kadam resolveu que estava na hora de testar com um ser humano. Ele pulou para dentro da piscina.

– Não. Não quero colocá-lo em risco. Eu mesma vou fazer.

– Já estou na piscina, Srta. Kelsey. Eu não vou sair, e não é inteligente arriscar nós dois. A senhorita é muito mais fundamental para esta busca do que eu.

– Há controvérsias.

– Não faz diferença. Já estou aqui. Se o Patolino está bem, eu também vou ficar bem.

– Patolino?

– É. Patolino. Gosto muito da turma do Pernalonga.

– Eu não sabia disso! Nunca poderia imaginar. Meu pai adorava o Coiote e o Papa-Léguas. Bom, espero que seja temporada de coelhos, não de patos.

Usei meu nível mais baixo e fui aumentando a força do raio mais uma vez. O Sr. Kadam informou que estava se sentindo ótimo e até

chegou mais perto do alvo.

– Interessante. A água está mais quente aqui. Acredito que esteja na hora de se juntar a mim, Srta. Kelsey. Vamos treinar um pouco de mira embaixo d'água.

Entrei com máscara e snorkel e tentei mais uma vez, agora com a cabeça submersa. Observei as patas de Patolino quando mergulhei a cabeça e me concentrei na tarefa. O Sr. Kadam me fazia sinal de positivo cada vez que eu atingia um alvo. Ficamos a tarde toda treinando na piscina e depois passamos para o mar, a fim de testar na água salgada. Repetimos o mesmo processo cuidadoso que tínhamos feito na piscina: primeiro testamos com Al, depois com Patolino, depois com o Sr. Kadam e comigo no final.

– Acredito realmente que seu poder seja mais de fogo do que de raio – concluiu o Sr. Kadam quando encerramos nossa sessão. – Me faz lembrar um maçarico. Você acha que precisou gastar mais energia do que em terra?

– Precisei. Principalmente no mar.

– Foi o que pensei. A temperatura da água do mar é mais baixa que a da água da piscina. É necessário mais energia para manter uma chama no mar do que em terra ou na piscina. Isso foi muito produtivo, Srta. Kelsey. Acredito que esteja bem-preparada para qualquer situação submersa. Por hoje já chega.

Quando o Sr. Kadam se afastou carregando Patolino, mais uma vez acomodado em sua gaiola, eu me apoiei no encosto do banco de madeira e suspirei. *Bem-preparada? Nem de longe.*

O jantar consistiu de um peixe que Wes e Kishan tinham pescado com arpão. Parecia bem gostoso, mas não consegui encostar nele. Kishan estendeu uma garfada e pediu que eu ao menos experimentasse, mas empurrei o braço dele para longe. Em vez disso, me enchi de salada e de pão, reparando que Ren não estava à mesa.

Wes mencionou que nós iríamos aportar em Trivandrum dali a alguns dias.

– De ano em ano é realizado um luau gigantesco na praia em Trivandrum – explicou ele. – Todos os surfistas, mergulhadores e moradores comparecem. É muito divertido. Tem música, comida, dança, garotas de biquíni... aliás, por que você não vai comigo? Todos vocês deveriam ir. Estão convidados.

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

– Acho que vou ficar no iate. Mas vão vocês e se divirtam.

– Garotas de biquíni? Agora entendo por que você quer ir – brinquei. – Mas não sei se estou a fim de uma festa cheia de mulheres seminuas.

Wes me lançou um sorriso com covinhas.

– Ah, se eu tivesse uma coisinha linda e doce como você de braço dado comigo, nem ia reparar nas outras garotas.

– Sei, sei.

– E então, Kelsey? Quer ir à festa comigo?

– Vou pensar sobre o assunto e respondo amanhã.

Wes pegou minha mão quando levantei e deu um beijo nela enquanto Kishan rosnava baixinho. – Não me faça esperar demais. Um sujeito que espera uma garota pode ficar mais ansioso do que um cachorro que não consegue achar um esquilo fujão.

– Vou me lembrar disso, pode deixar. Acho que vou dar uma caminhada no deque. Boa noite, Wes.

– Boa noite.

Kishan se levantou rápido atrás de mim e pegou minha mão.

– Quero caminhar com você.

De mãos dadas, andamos até o outro lado do iate e paramos ao lado da amurada. Apontei para alguns golfinhos que nadavam perto do casco, como se estivessem apostando corrida conosco. Nós os observamos até que desaparecessem.

Kishan se inclinou para a frente na amurada, olhou para mim e então respirou fundo e voltou a fitar a água.

– Eu estava pensando numa coisa. Você está mesmo cogitando ir àquela festa com Wes? Porque não acho que seja uma boa ideia.

– Por que não?

– Não confio nele.

Tive que rir.

– Você por acaso não acabou de ir pescar com ele usando arpões? Ele poderia ter feito espetinho de Kishan, mas não fez. Então você obviamente confia nele.

– Eu confio nele, sim, para mergulhar, só não confio nele com você. Ele é... espertinho demais. Exagera com os elogios. E é petulante. Esse tipo de homem tira vantagem de mulheres vulneráveis. Ele não é para você.

– E como você poderia saber que tipo de homem ele é? E, o mais importante, o que o faz pensar que eu seja vulnerável?

– Kelsey. Ren acabou de terminar com você, e ainda está magoada por causa disso. Você *está* vulnerável.

– Bom, vulnerável ou não, ainda sou responsável pelas minhas

escolhas. Vocês, tigres, não podem planejar todos os aspectos da minha vida. Se eu quiser ir com Wes, eu vou.

– Eu sei disso. Só... não achei que já estivesse pronta para seguir em frente.

– Parece que é justamente isso que preciso fazer.

– Isso não significa que esteja pronta, Kelsey.

Suspirei.

– Durga me aconselhou a continuar pulando de uma pedra para outra. Ela disse que objetivo da vida é atravessar o rio. Ela não quer que eu fique estagnada na lama. Então acho que é melhor seguir em frente.

Kishan ficou em silêncio durante vários segundos e então disse:

– Tem certeza de que está preparada para dar este salto?

– Como jamais vou estar.

Ele se virou para olhar para mim e pegou minhas mãos.

– Então... quero que considere a possibilidade de ir comigo.

Eu me contorci por dentro.

– Ir com você?

Um emaranhado de pensamentos disparou pela minha mente. *Ir com Wes a uma festa era uma coisa. Eu poderia me divertir e ficar à vontade com Wes por saber que ele não espera nada de mim. Ir com Kishan era uma questão totalmente diferente. Com ele seria um encontro de verdade. Será que eu estava pronta para dar este passo com Kishan? Por mais que Ren ou Durga me empurrassem para fazer isso, a resposta era... não. Certo, vou ter que dispensá-lo com delicadeza.*

– Não posso ir com você – falei, na lata.

Isso não foi muito delicado, Kells.

– Por que não?

Por que não?

– Porque... bom... Wes me convidou primeiro. Seria falta de educação aceitar o seu convite depois de ele falar comigo.

Kishan refletiu e assentiu para mostrar que compreendia. Fiquei aliviada.

– Mas estarei lá, de qualquer maneira – continuou ele. – Não vou interferir, mas vou me sentir melhor se puder ficar de olho em você. Como eu disse, Wes é espertinho demais. Aliás, tenho certeza de que o lugar vai estar lotado de homens espertinhos... e metade deles vai tentar colocar as mãos em você.

– Acho que está exagerando.

– Não está lembrada do Festival das Estrelas? Tinha uma fila tão grande de caras querendo dançar com você que dava a volta no

quartirão.

- Agora está exagerando *mesmo*. Você dançou comigo quatro vezes.
 - Furei a fila.
- Ele estava falando tão sério que dei risada.
- Vamos, Kishan. Você pode me acompanhar até o quarto.

Na manhã seguinte escutei movimento no quarto adjacente. Achando que fosse Ren, bati de leve e abri a porta para encontrar Kishan só de calça jeans, na frente da cômoda, procurando uma camisa.

- Kishan?
- Bom dia, Kells.

Ele se virou e felizmente vestiu uma camisa, de modo que eu parei de olhar para aquele peito musculoso e bronzeado.

- Agora você está dormindo neste quarto? – perguntei.

Kishan deu de ombros.

- Você precisa de um tigre por perto, Kelsey. Está se sentindo bem? Parece um pouco vermelha. Dormiu bem?

- Estou bem. Só fiquei constrangida de flagrar você seminu.

E de apreciar a vista.

Dei uma olhada no quarto.

- Achei que Ren não o quisesse aqui.
 - Ele mudou de ideia.
 - É – falei, tristonha. – Ele faz isso com frequência.
 - Kelsey...
- Ergui a mão.
- Deixe pra lá. Não quero tocar nesse assunto.

Ignorando completamente a questão malresolvida, Kishan e eu passamos o dia inteiro juntos, relaxando e praticando esportes aquáticos. Ele aprendeu depressa a pilotar o jet ski, e achei aquilo tão emocionante quanto o passeio de moto.

Quer dizer: achava emocionante quando não estava preocupada demais com meus braços em volta de Kishan ou com minha bochecha pressionada contra as costas quentes dele. Agora que eu sabia haver uma possibilidade séria de nós dois acabarmos namorando, eu me sentia diferente perto dele, mais sem jeito.

Quando Durga falou sobre o companheiro da minha vida, ela disse que eu iria amá-lo mais do que tinha amado qualquer um antes. Phet afirmara que qualquer um dos irmãos seria uma boa escolha, mas eu estava tão determinada a buscar uma relação com Ren e tão decidida a manter Kishan longe que parecia errado eu sequer cogitar

ultrapassar esse limite. Nós nos divertimos juntos e Kishan não me pressionou, então deixei as coisas assim.

Aportamos em Trivandrum e Wes desembarcou, mas disse que voltaria para me pegar às seis. Passei a maior parte da tarde com o Sr. Kadam, estudando nossas novas armas. Kishan dava uma passada de vez em quando para conferir nosso progresso.

Descobrimos que o tridente, também chamado de *trishula* ou *trishul*, era uma arma com rica simbologia. O Sr. Kadam me mostrou uma imagem.

– Olhe aqui, Srta. Kelsey. Os três dentes podem representar uma variedade de ideias. Quando brandido por Shiva, reflete seus três papéis: criador, protetor e destruidor. Também simboliza os três *shaktis*, ou poderes: força de vontade, ação e sabedoria. Às vezes é um reflexo do passado, do presente e do futuro. Com Durga, dizem que representa estados: inatividade, atividade e não atividade.

– Qual é a diferença entre inatividade e não atividade?

– Neste caso, acredito que inatividade signifique “não fazer nada”, “descansar” ou talvez “estagnação”.

– Ahm.

Fiz uma careta, pensando no incentivo de Durga para ir adiante.

– A palavra *tamas* é usada para o terceiro dente, que é o da não atividade. *Tamas* também significa “escuridão”, “ignorância” ou “pecado”. Talvez, neste caso, a não atividade seja pior do que a inatividade.

– Pode ser a diferença entre fazer o bem, fazer o mal e não fazer nada.

– Hum... eu certamente poderia ver a aplicação desse ponto de vista. Outro livro indica que os três dentes representam os três tipos de sofrimento humano: físico, mental e espiritual. O *trishula* serve para nos lembrar que Durga pode ajudar a acabar com o sofrimento.

Tomei anotações cuidadosas enquanto o Sr. Kadam voltava a enfiar a cabeça no livro.

Mais tarde, enquanto eu me vestia para a festa, pensei sobre a simbologia do tridente. Algumas pessoas acreditavam que cometer um erro era melhor do que não fazer nada. Talvez Durga estivesse tentando me dizer que, se eu fizesse *algo*, então minha dor iria diminuir. *Assim espero.*

A ideia de viver sem Ren era como ter um torno forte apertando tiras grossas em volta da minha garganta. Parecia que eu tinha sido

arrastada para uma montanha-russa emocional contra a minha vontade, e a única coisa que eu podia fazer era aguentar o sofrimento com a cabeça enfiada entre os joelhos, tentando não vomitar. Berrar “eu quero descer” não iria ajudar em nada. Não havia como sair do carrinho a esta altura. Eu ia ter que chegar até o fim e torcer para que o cinto de segurança estivesse bem-afivelado.

Eu iria encontrar Wes no cais, por isso me apressei em me arrumar. Nilima fez com que o Lenço Divino criasse para mim uma roupa que ela tinha visto em uma revista. Eu havia acabado de fazer uma escova no cabelo quando ela trouxe o vestido até o quarto. Já estava toda arrumada.

– Você também vai à festa, Nilima?

Ela ajeitou o cabelo.

– Ah, achei que podia dar uma passada. Vejo a senhorita lá.

Quando ela saiu, peguei o cabide. O vestido champanhe e preto de alcinha era bonito. Tinha um franzido na cintura império e uma camada externa transparente enfeitada com lindos detalhes de contas pretas. Ao examiná-las mais de perto, vi que não eram contas de verdade, mas algum tipo de fio brilhante entrelaçado de maneira a parecer uma conta. Ren tinha razão quanto ao fato de o Lenço fazer substituições.

Pus o vestido e calcei um par de sandálias pretas que achei no meu closet. Wes estava me esperando no cais. Ele assobiou contente e fez muitos comentários, dizendo quanto eu estava bonita. Eu me senti deslocada porque ele estava todo à vontade com uma bermuda de surfista e uma camisa social branca desabotoada que mostrava seu belo peitoral bronzeado.

– Ah, eu me arrumei demais – balbuciei, sem jeito. – Ren e Kishan sempre usam roupas superchiques, e não me toquei de que isto podia ser mais informal. Espere só um segundo que vou trocar de roupa.

Eu me virei para retornar ao iate.

Wes correu alguns passos e bloqueou o meu caminho.

– De jeito nenhum, querida. Pretendo exibir você para todo mundo. Dei risada quando começamos a caminhar.

– Ah, como se eu estivesse vestindo um biquíni minúsculo... Duvido que alguém vá prestar atenção.

– Existe uma grande diferença entre uma mulher oferecida e uma mulher de classe, querida. E você é cem por cento classuda. Qualquer sujeito com cérebro vai ver que levo uma joia pelo braço.

– Você até que é bem gentil para um caubói do Texas.

– E você está pegando um bom bronzeado para uma garota do

Oregon.

Wes me divertiu com histórias malucas sobre sua família, cada uma mais inacreditável que a outra. Caminhamos em direção às batidas pulsantes da música.

A praia estava lotada. Devia haver umas mil pessoas na festa. Wes pagou a nossa entrada e nos juntamos à multidão. Fomos até uma gigantesca fogueira ao lado da qual as pessoas estavam dançando. A temperatura era mais fresca agora porque estávamos no meio da estação das monções, e o calor da fogueira seria bem-vindo à medida que a noite fosse esfriando.

Wes gritou, já mexendo o corpo ao ritmo da batida:

– Quer comer primeiro? Ou dançar primeiro?

– Dançar primeiro.

Ele sorriu e me puxou até encontrarmos um espaço entre os outros corpos dançantes. O ritmo pulsante da banda indiana era irresistível. Ninguém se importava se dançava bem ou não – todo mundo simplesmente se movimentava com alegria, pulando, balançando a cabeça, agitando os braços e batendo palmas. Era uma experiência coletiva bem diferente do que era dançar nos Estados Unidos. O clima era de diversão enquanto a multidão se movimentava junto, como se fosse uma coisa só.

A música quase fez com que eu me sentisse uma deusa indiana mexendo meus vários braços de maneira sinuosa ou uma garota cigana com uma roupa tilintante. Não era eu quem me movia com a música, era a música que me movia, até eu começar a achar que fazia parte dela. Eu vibrava e pulsava, me sentia viva. Wes também estava se divertindo muito.

Não comparei a experiência ao baile do Dia dos Namorados com Ren. *Bom... quase não comparei.* Tirei as sandálias e deixei os dedos dos pés se afundarem na areia enquanto Wes me agarrava pela cintura e me fazia rodopiar, expulsando para longe qualquer pensamento negativo.

Depois de várias músicas, ele disse que estava com sede e com fome, então fomos até as mesas de bufê embaixo de um toldo enfeitado com lanternas de papel. Pegamos nossos pratos e examinamos as escolhas. Wes prometeu que ia me manter longe do curry.

Havia milho assado na espiga com manteiga; coco fresco; frutas tropicais fatiadas; espetinho de cabrito; *idlis*, que eram tortas saborosas cozidas no vapor servidas com chutney; *dosas* recheadas de queijo, parecidas com crepes; assado *daigi* (algo como asinhas

apimentadas); e *dabeli pav*, que pareciam hambúrgueres em miniatura, mas o pãozinho tostado com manteiga era recheado de batata, cebola e especiarias, servido com chutney de tamarindo. Não eram exatamente cheesebúrguers, mas eram bons.

Wes pegou dois copos altos de água cheios de fruta. Era refrescante, e acabei com um rápido, sedenta por outro. Um DJ assumiu o som quando a banda parou de tocar. Ele incitou a multidão a dançar em frenesi ainda maior, e logo Wes estava louco para voltar à pista. Passamos por uma barraquinha que vendia amendoins assados e outra que vendia sorvete.

– Venha aqui. Quero lhe mostrar uma coisa.

Wes disse algo em híndi ao vendedor e o homem abriu o carrinho para que pudéssemos olhar lá dentro. Um pequeno freezer estava cheio de cilindros compridos de sorvete. Cada cilindro tinha um sabor diferente: tropical, tutti-frutti, *chai*, pistache, figo, manga, coco, gengibre, açafrão, laranja, cardamomo, jasmim e rosa.

– Não tem de chocolate? – perguntei a Wes.

Ele deu risada, disse ao homem que voltaríamos mais tarde e me puxou na direção da pista de dança. Enquanto avançávamos pela multidão, algo me chamou a atenção. Ergui os olhos e vi Kishan parado, meio afastado. Ele me lançou um sorriso breve e partiu na direção da comida. Eu me sentia à vontade por saber que ele estava ali. Podia relaxar. Não que eu estivesse preocupada com Wes, mas havia algo de reconfortante em ter um dos meus tigres por perto. Eu sabia que estava completamente segura, como se tivesse um super-herói particular cuidando de mim. A presença de Kishan me firmou e me acalmou de um jeito que até me deixou incomodada, então parei de pensar nisso e voltei a dar atenção a Wes.

Durante a noite toda, só avistei Kishan mais uma vez, mas senti seu olhar pairando sobre mim com frequência. Foi só quando estávamos dançando perto da fogueira que eu vi Ren.

Fiquei paralisada e não ouvi nada que Wes falou. Ren estava rodeado por mulheres lindas, dando risada. Quase todas estavam com pouca roupa e o paqueravam descaradamente. Ele usava calça preta de tecido e uma camisa verde-mar com os botões de cima abertos, e de algum modo era mais atraente do que todos os outros homens de peito de fora ao redor. O cabelo sedoso caiu por cima de um olho, e ele o jogou para trás enquanto dançava. Estava dando atenção a uma garota e se inclinou para dizer algo a ela. Quando uma outra fez biquinho e tocou-lhe o braço, ele voltou a atenção para ela e tocou seu rosto.

Havia uma loira, uma morena, uma ruiva. Altas, mignons, de cabelo comprido, de cabelo curto. Eu não conseguia parar de olhar enquanto as garotas giravam ao redor dele, disputando sua atenção ao mesmo tempo que tentavam superar a concorrência. Uma loira alta e bronzeada chegou mais perto para dizer algo a Ren; ele a abraçou pela cintura e deu risada, os dentes brancos reluzindo. Ela estendeu a mão para tirar o cabelo de cima do olho dele e meu coração disparou. O sangue latejava dentro de mim. O ar se tornou mais denso. Eu não conseguia respirar. Respirei bem fundo algumas vezes para evitar que eu vomitasse.

Wes também assistia à cena.

– Venha, Kelsey. Vamos sair daqui. Você não precisa ver isso.

Deixei que Wes me puxasse para longe, e o enjoo se transformou em raiva. Eu tremia. Queria esquentar minha mão e explodir a cabeça de cada garota que tinha tocado nele. Tinha vontade de atacá-lo com choques elétricos. Melhor ainda: desejava que um raio me matasse, para que eu pudesse parar de sentir aquela terrível raiva vibrante, aquela mágoa amarga. Parecia que tudo que era bom e feliz tinha sido sugado de mim e substituído por lava fervente. Eu não ficaria surpresa se estivesse saindo vapor das minhas orelhas.

Espiei Kishan, mais afastado da multidão, e isso me acalmou. Minha mãe teria dito: “Kells, este sim é um rapaz em quem você pode confiar.” E ela estaria certa. Ele havia sido uma presença constante ao meu lado desde o Oregon. Nunca forçou a barra, nunca pediu mais do que eu estava disposta a dar. Ele era bom para mim.

Kishan e eu nos entreolhamos por um breve instante. Naquele olhar eu soube que ele estava perguntando se eu precisava dele. Balancei a cabeça de leve e fechei os olhos. Quando voltei a abri-los, ele tinha desaparecido. A lava esfriou e rachou. Minhas entranhas ficaram pretas e se esfarelaram. Nenhuma quantidade de água seria capaz de lavar a poeira espessa que me engasgava. Meus braços e pernas eram halteres pesados. Eu estava cedendo sob a pressão e sentia que ia desabar no chão.

Wes tocou na minha mão e eu saí do transe.

– Desculpe, Wes. Eu só...

– Você está em estado de choque. Eu compreendo. Ele não devia ter vindo aqui para fazer essa exibição.

Afirmar com frieza:

– Ele pode fazer o que quiser. Não importa mais.

– Venha tomar um suco. Um pouco de açúcar vai lhe fazer bem.

Wes trouxe para mim alguma coisa vermelha e deliciosa num copo

alto. Bebi devagar, para agradá-lo. Senti a bebida doce escorrer pela garganta antes de cair num buraco sem fundo na minha barriga. Imaginei que tivesse atingido a fuligem preta dentro de mim, evaporado e desaparecido com todo o resto.

Wes queria dançar mais um pouco, e eu lhe disse que ficaria só por mais algumas músicas. Permanecemos afastados de onde eu tinha visto Ren. Dancei, mas meu coração não estava mais ali. Eu só queria voltar para o iate. Wes concordou em me levar e, em algum lugar da minha mente, eu me senti mal por estragar a grande festa pela qual ele tinha esperado o ano todo, mas o arrependimento foi logo encoberto pela minha própria lista de desgostos.

Fomos caminhando pela praia. Uma música lenta tinha começado. Vislumbrei uma mancha verde pelo canto do olho e não consegui me segurar. Eu me virei para olhar.

Ren estava dançando com uma indiana bonita que vestia um sári amarelo. Seu cabelo comprido e escuro quase batia na cintura. A mão dele estava espalmada na pele nua das costas dela. Rindo, abaixou a cabeça para escutar algo que ela estava dizendo. Quando ergueu a cabeça e rodopiou a mulher na minha direção, arquejei. A linda mulher era *Nilima*.

Afastei os olhos do casal e fiquei olhando fixamente para a frente. Wes estava falando alguma coisa, mas suas palavras não conseguiam penetrar na névoa mental do meu cérebro. Por fim, ele se calou e apenas segurou minha mão no caminho até o navio. Ele me deixou na porta do meu quarto, deu um beijo de piedade na minha bochecha e então fiquei sozinha.

Tirei o vestido e desabei na cama, de olhos arregalados para o teto escuro. Ouvi o som inconfundível de fogos de artifício e os vivas da multidão na praia. Algo explodiu dentro de mim, um muro ou um escudo, talvez. Ele rachou e ruiu, e lágrimas silenciosas escorreram pelo meu rosto. Depois que começaram, não queriam mais parar. Era a primeira vez que eu chorava desde que Ren tinha terminado comigo e, enquanto enxugava as lágrimas, jurei que seria a última.

Tive pesadelos, mas alguém entrou no meu quarto, um homem. Ele tocou na minha testa enquanto eu dormia. Tive consciência disso, mas estava exausta demais para abrir os olhos. Ele sussurrou palavras reconfortantes em sua língua nativa. O turbilhão interior se acalmou e eu caí em um sono tranquilo. Talvez fosse real, talvez fosse um sonho. De qualquer maneira, eu soube que era amada.

Na manhã seguinte, eu me levantei, lavei o rosto, me vesti e fui até a academia. Encontrei Kishan lá, preparando-se para seus exercícios

matinais.

– Ei, Kells. Quer malhar comigo?

– Talvez mais tarde. Vim aqui para lhe fazer uma pergunta.

Ele largou uma toalha e se virou para mim.

– Certo. Pode falar.

Torci as mãos e olhei para o chão enquanto balbuciava:

– Quer jantar comigo hoje à noite?



Algo novo

— **M**as eu não janto com você toda noite? – disse Kishan, sorrindo.

– Eu... eu estou tentando chamar você para um *encontro* – falei baixinho.

Kishan ficou em silêncio, me encarando, até que comecei a me agitar.

Como é que os caras fazem isso? É tão estressante!

– Bom, e aí? – perguntei, impaciente. – Quer sair comigo ou não?

Kishan deu um passo para perto de mim e tocou na minha bochecha.

– Sim, eu gostaria de jantar com você hoje à noite. Quer ir até a cidade?

Refleti sobre a ideia.

– Quero. Acho que seria a coisa mais fácil a fazer.

– E estaremos sozinhos.

Concordei com a cabeça. Kishan sorriu e me disse o nome do restaurante onde nos encontraríamos. Lancei-lhe um sorriso trêmulo e saí apressada da academia. Senti uma forte necessidade de fugir, deixar o iate e ficar um tempo sozinha. *Talvez um pouco de terapia de compras possa me ajudar*, pensei, com esperança.

O Sr. Kadam me deixou pegar o Jeep emprestado e ir até a cidade sozinha, desde que eu mandasse notícias a cada duas horas. Ele me deu alguns cartões de crédito que diziam K. H. Khan, o mesmo nome do meu passaporte, e me lembrou de assinar os recibos de acordo com ele. Estacionei na cidade, conferi o celular para ver se o sinal estava bom e comecei a caminhar.

Entrei numa loja de roupas e encontrei uma blusa cor de malva com contas de cristal e lantejoulas prateadas. As mangas compridas eram justas no alto e soltas no pulso. Comprei sandálias prateadas e brincos de argola para combinar e encontrei uma calça jeans escura na loja seguinte. Seria legal ter algo novo para o meu encontro naquela noite.

Desfrutei de uma tarde agradável e despreocupada, passeando por feiras e lojas. A maior parte dos vendedores falava ao menos um pouco de inglês. Liguei para o Sr. Kadam várias vezes, para que ele não enviasse a cavalaria atrás de mim, e comprei um suco gelado para ir tomando enquanto andava.

Passei por uma loja que vendia contas, uma livraria e uma loja de velas e incenso, depois por um mercadinho de frutas, verduras e legumes, e dei uma olhada em algo que parecia uma farmácia. Eu me aproximei de um salão de cabeleireiro e ouvi mulheres conversando e dando risada. Num impulso, me virei e entrei pela porta. Uma senhora de meia-idade bonita veio falar comigo.

– Olá, senhorita. Gostaria de cortar o cabelo?

– Cortar?

– Ou lavar e fazer escova, quem sabe?

Com um gesto involuntário, puxei a ponta da trança que caía por cima do ombro.

– Cortar? Sim. Por que não?

Ela sorriu para mim e me conduziu até uma cadeira. Eu não cortava o cabelo desde a formatura do ensino médio. Para ser sincera, nunca dei muita atenção ao cabelo, mas de repente parecia ser a coisa certa a fazer. Estava na hora de mudar. A cabeleireira trouxe uma revista com estilos de cortes para eu olhar, mas dispensei o catálogo e pedi a opinião dela em vez disso. Ela virou a minha cabeça em vários ângulos e examinou o formato do meu rosto com muita seriedade.

– Acho que sei exatamente o que fazer. Confie em mim e você vai ficar lindíssima.

– Tudo bem.

Depois de lavar meu cabelo, ela me entregou uma revista de cultura pop. Só tinha alguns trechos em inglês, mas gostei de olhar as fotos de todos aqueles atores e atrizes de Bollywood. Uma garota se aproximou com um carrinho de esmaltes e perguntou se eu queria fazer as unhas.

– Claro. Tenho um encontro hoje à noite, por isso vou me dar ao luxo.

Elas fizeram muitas perguntas sobre o homem com quem eu ia sair,

e descrevi Kishan com muitos detalhes. Elas se animaram com a conversa e ficaram perguntando se ele tinha um irmão. Dei uma gargalhada e não disse nada. Parecia que eram solteiras e estavam à procura de um bom partido. Elas se lamentaram, dizendo que todos os homens interessantes da cidade já estavam comprometidos. Até observaram que havia pelo menos duas mulheres para cada homem ali e que eu tinha sorte de achar um rapaz tão bom para mim.

Assenti e mordi o lábio. *Hum. Isso explica o enxame ao redor de Ren. Não que realmente fosse fazer diferença. Ele iria atrair um enxame de mulheres em qualquer lugar aonde fosse. Até onde eu sabia, ele já estava noivo ou, no mínimo, tinha sido pedido em casamento por uma dúzia de mulheres.*

Passamos a maior parte da tarde batendo papo. Escolhi um esmalte cor de malva para combinar com a blusa e observei enquanto a manicure pintava as unhas dos meus pés com cuidado.

Arquejei quando vi vários dedos de cabelo molhado caírem no chão, mas logo me recuperei, lembrando a mim mesma de que já estava na hora de criar uma nova eu. A cabeleireira usou o secador e passou 45 minutos enrolando e prendendo meus cachos num penteado. Quando me virou para o espelho, fiquei chocada. Ela explicou que meu cabelo agora apenas batia nos ombros e estava repicado. Uma massa de cachos emoldurava meu rosto e roçava na minha nuca, fazendo cócegas quando eu me mexia. Meu cabelo parecia leve e cheio de movimento. Elas me deixaram vestir a roupa nova atrás de uma cortina e até se ofereceram para retocar minha maquiagem. Aceitei a oferta e saí do salão com um estilo novo, um penteado novo e uma nova perspectiva de vida. Depois de dar generosas gorjetas para as mulheres, fui ao restaurante especializado em frutos do mar Sete Mares, que Kishan tinha escolhido.

Cheguei antes dele. O garçom me acomodou em uma mesa e trouxe água gelada com limão. Fiquei observando os passantes e ouvi a motocicleta antes de avistá-la.

Kishan estacionou, tirou o capacete e examinou a rua à minha procura. Estava vestido com calça jeans escura, desbotada nas coxas, e camisa cinza de manga comprida com detalhes bordados no peito e nas costas. O cabelo dele estava molhado, e era mais comprido que o de Ren.

Kishan era um homem muito bonito, mas, melhor do que isso, era um homem bom e alguém que eu considerava um amigo. Com certeza eu não demoraria a amá-lo. Ele entrou no restaurante e examinou o salão. Seus olhos passaram por mim e então retornaram

apressados e se arregalaram enquanto ele avaliava minha aparência. Ele sorriu e se aproximou da mesa. Pegou minha mão e beijou-a com carinho.

– Você está linda. Quase não a reconheci.

– Obrigada, eu acho...

Ele puxou uma cadeira, então parou e fez uma careta.

– Não foi isso que eu quis dizer. Quis dizer que você está ainda mais linda do que o normal. Gosto dessa cor – disse ele, apontando para minha blusa.

– Obrigada.

Ele examinou minha aparência atentamente.

– Você cortou o cabelo.

– Cortei. Você gostou?

– Depende. Em que altura ficou?

Puxei um cacho e mostrei que acabava logo abaixo do ombro.

– Ufa. Ainda está comprido o bastante. Então gostei.

– Comprido o bastante para quê?

– Para que um homem passe a mão entre os fios.

Corei enquanto ele dava um sorriso afetuoso, com os olhos dourados brilhando com malícia.

Kishan pegou um cardápio e olhou para mim por cima dele.

– Posso perguntar uma coisa? Por que me convidou para jantar?

O garçom chegou a tempo de eu não precisar responder, o que me deu um momento para organizar meus pensamentos. Kishan pediu uma entrada para nós dividirmos e um refrigerante para si, e então retornou a atenção para mim, esperando pacientemente pela minha resposta.

Peguei o guardanapo e fiquei torcendo-o nas mãos.

– Eu chamei você para sair porque... era o momento certo.

– Tem certeza de que não é só por causa de Ren?

Fiz uma careta.

– Quer que eu seja sincera? Ele é parte do motivo. Fiquei muito irritada ontem à noite. Não gostei daquele sentimento. Prefiro me esforçar para ser feliz, e continuar a me lamentar por causa dele não me deixa nada feliz.

Ele se inclinou por cima da mesa e pegou minha mão.

– Não se sinta na obrigação de ficar comigo, Kells. Só porque eu gosto de você não significa que deva fazer algo a respeito. Eu estarei aqui quando você precisar de mim, não importa o que acontecer.

– Sei disso. Não me sinto obrigada. Não estou dizendo que esquecê-lo vai ser fácil para mim, principalmente porque ele está naquele

navio conosco, mas eu gostaria de tentar.

Os olhos dourados de Kishan examinaram os meus, pensativos. Então ele mudou de assunto quando nossa entrada chegou. Conversamos durante todo o jantar, e ele contou algumas histórias engraçadas de como foi ter sido criado como príncipe e sobre caçadas na selva.

Quando terminamos de comer, Kishan me convidou para dar uma volta de moto com ele. O passeio foi tão emocionante quanto tinha sido na primeira vez. Paramos no alto de uma colina para ver o sol se pôr. Ele equilibrou a moto com as pernas compridas, me puxou para a frente e me abraçou de modo que eu pudesse me apoiar no seu peito.

Ele não disse nada, e eu relaxei, desfrutando da segurança que eu sentia quando estava perto dele. Kishan era um homem calado, um homem pacífico. A vida com ele seria agradável. Desta vez, ao retornarmos pelas ruas escuras, eu me senti mais à vontade com os braços ao redor da cintura dele e cheguei um pouco mais perto. Foi só quando chegamos ao iate que me dei conta de que o Jeep tinha ficado na cidade. Ele me ajudou a descer e garantiu que algum integrante da tripulação iria buscá-lo pela manhã.

Passeamos um pouco pelo deque, de mãos dadas. Mais tarde, quando Kishan me acompanhou até o meu quarto, ele me deteve à porta e levou minha mão até seus lábios.

– Podemos fazer isso tão devagar quanto você precisar. Não quero pressioná-la.

Assenti com a cabeça e, para provar algo para nós dois, enlacei meus braços ao redor do pescoço dele e nos abraçamos apertado enquanto eu lhe dava um beijo na bochecha.

– Boa noite, Kishan.

Ele sorriu e torceu um cacho com o dedo.

– Boa noite, *bilauta*.

Wes iria embora no dia seguinte e eu estava muito triste com sua partida. Nossas aulas de mergulho haviam chegado ao fim. Todos tínhamos sido aprovados com nota máxima.

Kishan bateu na nossa porta de comunicação e perguntou se eu estava pronta. Quando apareci, examinou meu visual mais uma vez. Eu tinha tirado todos os grampos da noite anterior, por isso o cabelo estava caindo solto sobre os meus ombros. Ele passou a mão pelos cachos, sorriu e deu um beijo na minha testa.

Quando Wes finalmente apareceu na garagem seca, assobiou para

meu corte de cabelo e me lançou um sorriso com covinha. Pedi desculpas por estragar a festa e ele, galante, respondeu que aquela tinha sido a melhor parte da noite. Kishan trocou um aperto de mão com Wes, então eu dei um passo para a frente e o abracei.

Wes sussurrou no meu ouvido:

– Boa sorte com tudo, Kelsey. Pode ter certeza de que vou pensar em você de vez em quando.

– Também vou sentir saudade.

Wes recuou, puxou a aba de um chapéu de caubói imaginário para fazer uma saudação, pegou sua mochila e pendurou a alça no ombro. Ele piscou para mim e disse:

– Então, não se esqueça: se começar a se cansar dessas mulas e resolver que está na hora de encontrar um garanhão premiado, venha me procurar.

– Vou, sim – falei, rindo.

Enquanto observávamos Wes descer a rampa, ouvimos outra pessoa se aproximar com rapidez, estalando saltos altos no pavimento.

Kishan puxou meu braço, impaciente.

– Vamos, Kells.

– Por que a pressa? – brinquei.

Ele se retesou, e ouvi uma voz estridente de mulher dizer:

– Ah, mas você não é mesmo um fofo? Adorei que tenha me convidado para passar uns dias aqui!

Dei uma olhada por cima do bíceps desenvolvido de Kishan e Ren e eu nos entreolhamos por uma fração de segundo. Ele tinha aparecido de repente, de braço dado com uma mulher. Os olhos dele se arregalaram um pouco quando me viu e então se apertaram quando olhou com raiva para mim.

Devolvi o olhar raivoso, mas ele rapidamente o desviou e sorriu para o pedaço curvilíneo de carne que tinha se agarrado feito uma sanguessuga ao seu braço. Ela passou por mim e Kishan e foi subindo a rampa, toda segura de si.

– Ah! Mas como a garagem é enorme! É uma moto ali embaixo daquela lona? Eu simplesmente *adoro* motos. Ainda mais quando pertencem a homens *grandes e fortes* – ronronou a voz.

– A garagem não é muito emocionante – disse Ren. – Venha, Randi. Vamos dar uma olhada na piscina.

A aspirante a Barbie se virou para nos olhar. Seus olhos subiram e desceram pela minha silhueta e, depois de me desprezar com rapidez, ela voltou a atenção a Kishan. Os lábios preenchidos com colágeno se alargaram em algo parecido com um sorriso.

– Espere um pouco, gato. Ainda não fui apresentada.

Ren avançou, rígido, e disse:

– Este é o meu irmão, Kishan, e esta é Kelsey.

– Nossa... prazer em conhecê-lo. – Ela saltitou toda serelepe e colocou a mão no bíceps de Kishan. – Puxa, mas eles são todos bem criadinhos na Índia, não é mesmo?

– Esta é Randi – concluiu Ren.

Randi voltou a atenção para mim quando perguntei se ela era americana.

Ela ficou piscando, fazendo charme.

– Americana? Ah, sim. Sou de Beverly Hills. E você, é de onde?

– Do Oregon.

Ela franziu o nariz.

– Eu jamais conseguiria morar no Oregon. Preciso de sol. O Oregon é frio demais. Se eu morasse lá, nunca ia conseguir ir à praia. Mas dá para ver que você não é muito chegada em praia, então o Oregon provavelmente é o lugar ideal para você, não é? Acho que todo mundo deve saber qual é seu lugar no mundo e ficar lá. Todos seríamos muito mais felizes assim, não acha? Muito prazer.

Randi lançou um sorriso cheio de maldade para mim, da maneira que a vencedora de um concurso de beleza sorriria para a concorrente que ficou em segundo lugar. Na frente de todos ela era educada, mas, por baixo do sorriso branco havia uma camada de algo muito desagradável.

– Então, vamos andando, bonitão? – Ela piscou para Kishan antes de ir atrás de Ren. Randi não subiu a escada: ela foi rebolando de degrau em degrau. Enquanto eles se afastavam, ela passou o dedo pelo braço de Ren e fez biquinho: – Nós vamos nadar? Eu só tenho um biquíni, e não queria deixá-lo molhado.

– Tenho certeza de que podemos providenciar outro – disse ele.

– Ah, mas você é mesmo uma graça.

Ela se inclinou e tascou um beijo molhado na boca de Ren quando os dois desapareceram em uma curva.

Kishan e eu ficamos lá em silêncio por um momento, então ele disse:

– É melhor fechar a boca, Kells.

– O quê? Quem? Como? *Por que* ela está aqui?

Ele suspirou.

– Ela é uma garota que Ren conheceu ontem à noite. Aliás, eu tinha planejado falar sobre isso com você assim que Wes fosse embora.

– Você sabia sobre ela e sabia que ela era... *assim*?

– Sim e não. Ainda não tinha sido apresentado. Ren só tinha me falado dela. – Kishan franziu a testa. – Os pais da garota também têm um barco e estão em Trivandrum. A boa notícia é que o *Deschen* vai zarpar daqui a uns dias, então ela não vai ficar aqui muito tempo.

– Não gostei dela.

– Vamos fazer o possível para evitar os dois. Que tal?

– Por mim, está ótimo.

Porém, evitar Ren quando ele não queria ser evitado era impossível. Naquela mesma tarde, deitei-me numa espreguiçadeira da área externa para ler um pouco. Uma sombra avançou sobre minhas pernas. Terminei o parágrafo e me inclinei para pegar meu marcador de livro.

– Já voltou? – perguntei, achando que era Kishan.

– *Não*.

Fiz sombra com a mão e ergui os olhos. Ren olhava cheio de raiva para mim. Os punhos dele estavam fechados ao lado do corpo. Pousei o livro e perguntei:

– Algum problema? O que aconteceu?

– O que aconteceu? O que *aconteceu*? Você cortou o cabelo!

– Cortei sim. E daí?

– E *daí*? – repetiu ele, incrédulo. – Está tão curto que você nem pode mais fazer trança!

Passei os dedos no cabelo e puxei um cacho para a frente a fim de examiná-lo.

– Hum... pior que é. Deve dar para fazer trancinhas finas, mas não faz diferença. Eu gosto assim.

– Bom, *eu* não gosto!

Franzi a testa para ele.

– Por que exatamente você está aborrecido?

– Não acredito que você simplesmente foi lá e cortou seu cabelo sem contar para... ninguém.

– As mulheres fazem isso o tempo todo. Além do mais, não é da sua conta o que faço com meu cabelo. E Kishan gostou, apesar de você não gostar.

– *Kishan...*

Ele retesou o maxilar e estava para dizer mais alguma coisa quando o interrompi.

– Se você precisa ver uma garota de trança, por que não fala com sua nova namorada? Tenho certeza de que a Miss Beverly Hills

adoraria fazer umas tranças. Aliás, cadê ela? É melhor ficar de olho, hein, ou ela pode escapar e jogar seu chame para outro. Agora, se você não se importa, eu gostaria de retomar minha leitura.

Vi Ren abrir e fechar os punhos várias vezes com minha visão periférica, enquanto eu fingia ler um parágrafo. Finalmente ele deu meia-volta e saiu pisando firme pela escotilha.

Não voltei a ver Ren nem a nova namorada dele até a hora do jantar. Kishan e eu tínhamos acabado de fazer o prato e nos sentado quando eles apareceram. Nilima e o Sr. Kadam ocupavam a ponta da mesa, conversando baixinho entre si.

– Ah, que maravilha! Estou tão faminta... – disse Randi, aproximando-se da mesa do bufê e alertando Ren a não comer o frango e o camarão que haviam sido servidos.

Ela se acomodou em um lugar à nossa frente e explicou:

– Tomo muito cuidado com a alimentação. Só como legumes e verduras e, de vez em quando, um pouco de fruta. Me ajuda a manter a forma.

O prato dela tinha duas garfadas de salada e uma fatia de manga. Ela usou uma faca de sobremesa para separar os croutons com todo o cuidado. Olhei para Ren. Ele olhava fixamente para seu prato de legumes e verduras como um homem que acabara de ser condenado à prisão.

Randi prosseguiu:

– Nunca comi carne de nenhum tipo. Nem ovos, nem leite. Acho que os animais são imundos. Não me imagino ingerindo nenhum deles. Não gosto nem de bichos de estimação em casa. Principalmente gatos. O pelo deles é tão sujo! Eles se lambem! E as patinhas deles encostam em você. – Ela estremeceu. – Acho que os animais deveriam ficar no zoológico, não concordam? Afinal de contas, eles só servem para isso.

Dei uma risada sarcástica *bem alta*, comi o frango e bebi um gole do suco de papaia.

Ela se inclinou e, com um sussurro dramático, disse para mim:

– Você sabe que suco de papaia engorda, não sabe? Meu personal trainer diz que nunca se deve comer nenhum tipo de açúcar. – O olhar dela foi descaradamente para a minha cintura. – Mas dá para ver que manter a forma não é prioridade para você. – Ela lançou um sorriso doce para Kishan, que estava com a testa franzida. – Uma garota sempre deve tentar manter o corpo o mais bonito possível, não deve?

Ren ergueu os olhos, sorriu para ela e disse:

– Deve sim, e o seu corpo é... extraordinário.

Ela lhe deu um beijinho na bochecha e Ren voltou a remexer no prato.

Kishan largou o garfo, ficou olhando incrédulo para Ren e disse:

– Não há absolutamente nada de errado com o corpo de Kelsey.

Então ele se levantou, pegou o prato vazio e voltou ao bufê.

Randi logo se emendou:

– Ah, claro que *você* não vai pensar uma coisa dessas, porque é muito cavalheiro, mas é o que o mundo pensa. – Ela empurrou o prato para o lado. – Nossa, comi demais. Agora vou ter que malhar por uma hora.

Metade da salada de Randi ainda estava no prato. Ela fez biquinho para Ren, que a consolou dizendo que estava linda.

Cutuquei minha barriga disfarçadamente. Ainda me parecia bem magra. Era óbvio que eu não tinha corpo de modelo, mas tanta natação e tantos exercícios estavam me deixando bem em forma. Kishan pegou minha mão, apertou-a e deu um beijo de leve nos meus dedos antes de pousá-la no meu colo. Eu sorri para ele, agradecida. Ele retribuiu o sorriso e começou a comer o segundo prato. Ren fez uma careta para o próprio prato, ainda pela metade. A Barbie disse que queria dar um passeio romântico pelo deque. Ren se levantou rápido e a levou com ele, e todos nós finalmente pudemos relaxar e aproveitar o restante da refeição.

Kishan fez de propósito um sundae enorme para dividirmos, e nos divertimos muito dando colheradas um na boca do outro. Eu “sem querer” errei sua boca e passei sorvete em seu nariz e ele “sem querer” derrubou uma colherada dentro da minha blusa. Depois disso, virou bagunça. Ele pegou o tubo de chantili e eu arrebatei o frasco de calda de chocolate. Nilima e o Sr. Kadam se retiraram rápido e nos deixaram com nossa guerra de comida.

Alguns minutos depois, nosso arsenal tinha acabado. Nós ficamos lá, dando risada um do outro. Uma bolota grande de chantili escorregou do meu cabelo para minha bochecha, e ao ver Kishan todo coberto de calda de chocolate, passei um dedo no seu braço e o enfiei na boca.

– Hummmm, você é bem gostoso.

Ele pegou uma bolota de chantili e a espalhou na minha bochecha.

– Ah... ainda não terminei com você – brincou.

Então ele pegou um pote de granulado colorido e o sacudiu num gesto dramático em cima da minha cabeça enquanto eu ficava lá parada, com um sorrisinho, só esperando que ele terminasse.

– Pronto. Agora, sim.

Kishan me abraçou pela cintura e me puxou para perto. Ergui os olhos para o rosto bonito dele e senti uma onda imensa de carinho e amor tomar conta de mim.

– Obrigada – falei baixinho.

Ele deu risada.

– Está me agradecendo por quê? Pelo granulado?

Eu sacudi a cabeça.

– Obrigada por me fazer feliz.

– Sempre que precisar. – Kishan me abraçou e permanecemos ao vento tempo suficiente para começarmos a ficar grudados um no outro. – Quer nadar no mar para tirar toda essa meleca?

– Só se for agora!

Enquanto caminhávamos pelo cais, depois de descermos pela escada de trás evitando sujar o carpete, ele disse:

– Aquela mulher é maluca. Como alguém pode viver sem açúcar?

Sorri e entrelacei os dedos nos dele quando ele apoiou o braço no meu ombro.

– Não sei. Como viver sem doçura?

Ele concordou com um gesto de cabeça.

Kishan e eu conseguimos evitar Ren e Randi no dia seguinte com piqueniques na hora das refeições, usando o Fruto Dourado. No café da manhã, comemos sanduíche de ovo no deque, sentados com nossos pés para fora da amurada, e, no almoço, subimos no alto da casa do leme. Kishan fez almofadas confortáveis com o Lenço e as rodeou de flores de seda.

Ele colocou um guardanapo de linho pesado no meu colo e usou outro guardanapo para me vendar. Então foi me dando na boca toda uma variedade de alimentos deliciosos, tentando me fazer adivinhar o que eram. Alguns foram fáceis, principalmente as frutas. Os molhinhos eram difíceis. Ele incluiu uma torta de pera de Shangri-lá que eu ainda não tinha experimentado. Fiz a mesma coisa com ele e dei risadas debochadas ao escolher pratos estranhos, como “surpresa de atum”. Ele só estalava os lábios e dizia que cada um era melhor do que o outro. Quando ficamos satisfeitos, tomamos suco de uva e nos recostamos nas almofadas para observar as nuvens.

Havíamos planejado nadar à tarde, mas encontramos Randi tomando banho de sol na piscina, usando um biquíni vermelho minúsculo, preso por correntinhas douradas. Resmunguei

mentalmente. Kishan e eu teríamos que nadar mais tarde. Eu me virei para sair, mas ela tinha me avistado.

– Ah, você está aqui! Que bom. Será que pode fazer o favor de pedir para aquela empregada, Nilima, vir até aqui?

– Nilima não é empregada.

Randi fez um gesto de desdém com a mão e se virou de costas, falando sobre algum creme de que precisava. A parte de cima do biquíni mal cobria o busto farto.

Os peitos pareciam perfeitos demais para serem reais e imaginei quanto aquilo devia ter custado. *Uau. E se um deles estourar?* Dei risada com a ideia.

– Não é engraçado – disse ela, lânguida. – Se você cuidasse *um pouco* da sua pele, iria entender por que preciso daquele creme. Seria muito mais fácil ter a pele avermelhada e manchada como a sua. Ninguém nem espera que você seja bonita mesmo... Não sofre as mesmas pressões que eu.

Kishan chegou à área da piscina e me deu um beijo na bochecha.

– Kelsey ficaria linda com rugas.

A expressão de Randi mudou imediatamente.

– É muito fofo da sua parte dizer algo assim. Mas a verdade é que as mulheres não envelhecem tão bem quanto os homens. Num piscar de olhos, os homens trocam a esposa de 40 anos por uma de 20.

Kishan franziu a testa.

– Eu nunca faria isso.

– Ah, eu sei que *você* não faria – continuou ela, toda melosa. – Mas muitos homens fazem. Uma garota simplesmente precisa aproveitar ao máximo o que tem.

– Você não pode pedir o que precisa a Ren? – perguntou Kishan. – Nós estamos ocupados.

Ela fungou:

– Ele estava aqui, mas sumiu.

– Vamos encontrá-lo e fazer com que ele providencie o seu creme.

Ela deu um sorriso cheio de flerte.

– Muito obrigada. Tantos homens educados numa família só... A sua mãe deve ficar muito contente.

– Ela ficava – disse Kishan de maneira abrupta e me fez dar meia-volta. – Que tal ginástica com massagem em vez de natação?

– Parece bom. – Nós saímos e começamos a caminhar na direção da academia. – Você não vai procurar Ren e lhe dizer que ela precisa dele? – perguntei a Kishan.

– Ah, não. Tenho certeza de que ele já sabe. Se eu fosse Ren,

também iria evitá-la.

No caminho, cruzei com Nilima, que estava furiosa com Randi.

– Ela é tão pidona! Insultou todos os membros da tripulação. O chef, que eu tive que implorar para que viesse conosco, foi menosprezado na frente de sua equipe. O capitão passou a trancar a casa do leme e meu avô se recusa a sair do quarto até que ela vá embora. Quando Randi não está enfurecendo as pessoas, está flertando com elas. Ela usa todos os truques que tem à disposição para conseguir o que deseja. Eu nem quero saber por que Ren a convidou para vir aqui. Só quero que ela *saia do iate*!

Eu nunca tinha visto Nilima tão irritada. Mas fiquei feliz por não ser a única que não gostava de Randi. Estava preocupada de estar implicando com ela por ciúme, o que até pode ter sido verdade no início, mas agora a situação estava me parecendo meio engraçada. No fundo, eu me sentia um pouco mal por Ren.

Na manhã seguinte, Kishan irrompeu no meu quarto. Eu me sentei ereta e esfreguei os olhos, sonolenta.

– Qual é o problema?

Ele estava molhado, com uma toalha enrolada na cintura.

– Ela foi longe demais.

– O que aconteceu?

Tentei manter os olhos fixos no rosto dele e ignorar o belo corpo moreno que mal se escondia sob a toalhinha branca.

– Randi entrou no meu quarto sem ser convidada e interrompeu o meu banho!

– Por que ela faria uma coisa dessas?

– Ela alegou que estava desesperada para encontrar Ren.

Dei de ombros.

– Deve haver alguma verdade nisso. Ela provavelmente o manteve acordado durante a maior parte da noite, e ele ainda precisa permanecer como tigre durante 12 horas por dia. Tenho certeza de que está escondido por aí.

– Mesmo assim, ela não tinha o direito de entrar no meu banheiro! Vou terminar de me lavar no seu. Fique de olho.

– Certo. Ficarei de olho em mulheres perigosas – falei, rindo. – Não se preocupe. Vou proteger você das tramoias ardilosas dela. Pode ir tomar banho em paz.

Ele enfiou a cabeça pelo vão da porta e sorriu.

– Para sua informação, *você será sempre* bem-vinda se quiser invadir o meu banho.

Dei risada.

– Bom saber.

Depois que Kishan estava a salvo atrás da porta de sua suíte, trancada contra intrusos, eu fui tomar café da manhã. No caminho, Randi me abordou e exigiu que eu a ajudasse a localizar Ren.

– Ele está sendo um péssimo anfitrião. Aliás, acho que *você* deve me ajudar a encontrar Ren e também convencê-lo de que está apaixonado por mim.

Cruzei os braços sobre o peito.

– E *por que* eu faria isso?

Ela sorriu.

– Porque, se não fizer, eu simplesmente vou passar para o próximo solteiro rico, o irmão dele, e não acho que *você* vá ficar muito feliz com isso.

– Kishan não encostaria em *você* nem com uma vara de três metros e, sinceramente, eu nunca teria achado que Ren fosse fazer isso. Além do mais, está na hora de *você* ir embora. Cansamos dos seus joguinhos.

– *Você* ficaria surpresa com as coisas que eu consigo convencer os homens a fazer bem rapidinho. – Ela ajustou a camisetinha minúscula para ressaltar o decote. – Eu não me importo de passar para Kishan. Ele é lindo, e os irmãos são obviamente ricos e bem-relacionados. Papai ficaria satisfeito com qualquer um dos dois. Tenho certeza de que consigo conquistar Kishan com a mesma rapidez.

Pus as mãos na cintura e olhei bem feio para ela.

– Eu não amo os dois por serem ricos, e sim por serem homens decentes. E nenhum deles merece ser dominado por uma bruxa feito *você* .

Randi deu uma risadinha debochada.

– Ah, como *você* é ingênua. – Ela deu tapinhas condescendentes na minha bochecha. – Precisa aprender que não existe essa coisa de homem decente, querida. Os homens são idiotas e só pensam em uma coisa.

Ela deu uma rebohada e saiu pela porta antes que eu conseguisse pensar numa resposta. Eu me limitei a balançar a cabeça e suspirar. Obviamente ela não gostava nem um pouco de Ren. *Alguém devia dizer a ele, para que possa resolver o assunto e fazê-la sumir da nossa vida.*

O quarto novo de Ren estava vazio. A cama estava arrumada e as roupas, guardadas. O livro de citações de Shakespeare, com as orelhas dobradas, estava aberto. Eu o folheei e encontrei um verso sublinhado: “Mas, ó, como é amargo enxergar a felicidade através dos

olhos de outro homem.”

Virei o livro, coloquei-o no lugar em que estava antes e enfiei a mão no bolso para pegar o telefone. Localizei Ren no rastreador e vi que ele estava escondido nos fundos de um depósito na garagem.

No começo, não o vi. Havia caixas empilhadas por todos os lados, e também baldes de limpeza, esfregões, vassouras e prateleiras cheias de peças e suprimentos. Bem no fundo, sobre um tapete, estava o meu tigre branco.

Eu me agachei ao seu lado. Ele continuou com a cabeça nas patas. O peito roncava baixinho.

– Sua nova namorada está causando problemas para todo mundo, sabia? – Eu não consegui me conter e estendi a mão para acariciar a cabeça dele. – Não sei o que você estava pensando. Mas ela nem gosta de gatos! – Dei um sorriso torto e então suspirei. – Kishan e eu vamos tentar mantê-la ocupada por umas duas horas para você poder ficar como tigre. Mas nos deve um favor enorme. Ela só causa confusão.

Ren começou a ronronar quando cocei atrás da orelha dele. Então o som cessou de maneira abrupta e ele se afastou da minha mão.

Eu me levantei.

– Bom... a gente se vê mais tarde – falei e saí para tomar café da manhã.

Quando encontrei Kishan, ele ficou tão feliz em me ver que eu comecei a rir.

– Ren precisa ficar como tigre mais um pouco, e prometi a ele que nós iríamos mantê-la ocupada – cochichei.

– Só porque *you* pediu – ele deu um beijo na minha testa – eu vou ajudar a distraí-la e tentar tolerar a tagarelice e os flertes dela.

– Eu sabia que havia um motivo para eu gostar de você.

Ele me abraçou.

– O sentimento é mútuo.

Kishan sugeriu que assistíssemos a um filme. Randi concordou, sentou-se no sofá e deu tapinhas no assento ao seu lado quando ele chegou. Kishan fez questão de se sentar numa poltrona reclinável, agarrou o meu pulso e me puxou para sentar com ele.

Ninguém prestou a menor atenção em Randi, que ficou amuada no sofá e disse que estava entediada depois da primeira hora de filme. Nós desistimos da sessão e resolvemos ir nadar.

Kishan e eu caímos na água e nadamos, dando várias voltas na piscina. Randi foi até a beirada e se sentou, reclinando-se ao sol, supostamente para se bronzear, mas achei que era uma artimanha para mostrar os peitos siliconados.

Fiz uma pausa, parei perto dela e me virei para ver Kishan dar braçadas com suavidade na água.

– Fique sabendo que ainda vou fisgá-lo. Ou ele ou o outro. Nunca conheci um cara que não conseguisse conquistar. Olhe, você não devia nadar sem touca. O cloro acaba com o cabelo.

Sorri com falsidade e voltei a nadar, até sentir uma mão agarrar meu tornozelo e me puxar para baixo. Braços grandes me envolveram e me levaram para a superfície.

Kishan sorriu.

– Chega de bancar a babá. Ren veio buscá-la na sua última volta.

Olhei por cima do ombro dele e, como esperado, Randi não estava mais lá.

– Então... quer trocar de roupa e terminar de ficar agarradinha comigo na sala de TV?

– Achei que nunca fosse me chamar.

Soltei um gritinho enquanto ele me carregava pelos degraus da piscina até o chuveiro.

Naquela noite, quando o *Deschen* levantou âncora, Kishan, a tripulação e eu fizemos questão de que Ren acompanhasse Randi para fora do iate.

Ren sorriu e se abaixou para dar um beijo na bochecha dela. Murmurou algo bem baixinho e a apertou com força para se despedir. Kishan deu um sorriso sarcástico.

– O quê? O que foi? – perguntei.

Ele sussurrou:

– Ren a chamou de *sukhada motha*. “Uma erva daninha deliciosa.”

– Ele é mesmo bom para apelidos – comentei, rindo.

Randi veio na nossa direção e agarrou o braço de Kishan. Em um sussurro exagerado, ela disse:

– Espero que a sua namoradinha não tenha se incomodado de eu ter visto você no chuveiro. Tenho certeza de que ela vai entender. Por favor, entre em contato comigo *quando quiser*.

Ela enfiou um cartão cor-de-rosa na mão de Kishan e apertou os seios fartos contra o peito dele quando foi lhe dar um beijinho na bochecha, resvalando o canto da boca de propósito. Deu uma piscadela para mim e desceu a rampa rebolando, jogando o quadril de um lado para outro, feito um sino de igreja.

Assim que os saltos altos de Randi estavam fora de vista, ouviram-se murmúrios entre os funcionários, que já estavam prendendo a

rampa na lateral do iate, para o caso de ela resolver voltar.

Kishan limpou a boca com as costas da mão e resmungou.

– Minha mãe teria comido essa aí no café da manhã.

– É mesmo?

Isso me fez sorrir.

– É – confirmou ele. – Você, por outro lado, ela iria adorar.

Ele me segurou pelos ombros e, quando voltávamos para o andar de cima, fui procurar Ren, mas ele tinha desaparecido.

Quando o *Deschen* finalmente levantou âncora, todos no navio soltaram um suspiro coletivo de alívio.



Lady Bicho-da-Seda

Depois de o iate começar a se mover, fui à casa do leme visitar o capitão.

– Olá, Srta. Kelsey. Como estamos?

– Oi, capitão Dixon.

– Pode me chamar de Dix.

– Certo, Dix. O Sr. Kadam pediu que eu lhe trouxesse o jantar, já que o senhor não teve oportunidade de comer hoje à noite.

Ele sorriu e deu uma olhada em mim, então voltou o olhar à janela.

– Coloque ali, por favor.

Pousei a bandeja, apoiei o quadril no painel e fiquei observando o trabalho dele em silêncio.

Ele me olhou pelo canto do olho.

– Se me permite dizer, parece que está mais à vontade do que estive em muito tempo.

Fiz que sim com a cabeça.

– Ando melhor, sim. Kishan cuida bem de mim, e nós finalmente nos livramos da megera do mar.

– Nossa. Feliz foi a hora em que ela saiu do iate.

Eu dei risada.

– Ouvi dizer que o senhor trancou a casa do leme.

– Ela vinha aqui me azucrinar a qualquer hora do dia e da noite. Ficava reclamando que estava enjoada por causa do balanço da embarcação e todo o tipo de bobagem. – Ele ajustou alguns instrumentos e pegou a bandeja com o jantar. – Será que pode fazer companhia a um velho lobo do mar enquanto ele janta?

– Claro.

Ele se afundou na cadeira de capitão e suspirou.

– Cada vez que ajeito meus ossos velhos numa cadeira, fica mais difícil sair dela.

Eu me acomodei na cadeira ao seu lado.

– Uma boa cadeira vale seu peso em ouro, dizia minha mãe.

Ele deu uma risada gostosa.

– É verdade. Tem muito velho que prefere se acomodar numa boa cadeira a ser rico.

– Quanto tempo até a nossa próxima parada?

Ele mastigou e engoliu.

– Espero que não façamos mais nenhuma parada. Pelo menos não para pegar passageiros. Meu plano é ir direto para o Templo da Praia. Acho que vamos ficar no mar mais ou menos uma semana.

Batemos papo até que ele terminasse o jantar. Ele conferiu os instrumentos e disse:

– Gostaria de ouvir mais uma história do mar hoje, Srta. Kelsey?

– Tem mais alguma na ponta da língua?

– O dia em que este capitão ficar sem histórias vai ser o dia em que vou entregar meu quepe.

Sorri e cruzei as pernas para me sentar numa posição confortável.

– Pode começar, então. Estou pronta.

Ele empurrou o quepe para trás e coçou a testa.

– Já observou as aves marinhas quando voam pelo oceano?

– Algumas vezes.

– Se olhar com atenção, vai vê-las carregando gravetos e galhos e às vezes pedras. Elas jogam tudo na água.

– Por que fazem isso?

– Ouça e aprenda. Era uma vez uma linda donzela chamada Jingwei que adorava o mar. Ela tinha um barquinho e passava muitas horas na água. Ela saía remando de manhã e só voltava ao anoitecer. Durante muitos anos, as águas do mar a aceitaram, mas havia um capitão charmoso, um homem atraente, quase tão bonito quanto eu.

Ele agitou as sobancelhas e me fez dar risada.

– Jingwei se apaixonou pelo capitão e quis singrar as ondas com ele. Mas ele queria que ela ficasse em casa e cuidasse da família. “A água não é lugar para mulher”, ele dizia.

– O que ela fez? – perguntei.

– Ela lhe disse que, se não pudesse ir para o mar, então ele também não podia. Os dois se estabeleceram perto da praia, mas sentiam saudade do mar. Um dia Jingwei disse a ele que ia ter um bebê. Os

dois ficaram felizes durante um tempo. Mas, quando o outro não estava por perto, ambos paravam para admirar o mar. O capitão pensava que um filho faria com que a mulher ficasse em casa. Então saiu para pescar bem cedo de manhã. O mar, porém, estava esperando por isso. Sabe, as águas do mar são amantes ciumentas e estavam muito bravas com os dois. A maré subiu e engoliu o barco. Jingwei, pesada com a gravidez, ficou esperando o marido o dia inteiro, mas ele nunca voltou. Mais tarde, recebeu a notícia de que ele tinha se afogado. Ela pegou seu barquinho e saiu remando. Então brandiu o punho fechado para o mar e perguntou por que tinha levado seu marido.

– O que aconteceu, então?

– As águas do mar deram risada e disseram que todos os capitães bonitos pertenciam a elas, e que Jingwei não podia roubá-los.

– Hum... parece Randi falando.

Dixon soltou uma gargalhada.

– Ah, isso é bem verdade. Jingwei retrucou e ameaçou, mas as águas do mar só enviaram bolhas de risada para a praia. Quando se cansaram de escutar, mandaram uma onda grande para afogar Jingwei, mas Jingwei era mágica e transformou o próprio corpo em ave. É por isso que as aves marinhas soltam pios estridentes na praia. Estão dando bronca nas águas do mar. Elas jogam pedras e paus na água a fim de encher o mar, para que nenhum outro homem se afogue. Mas e as águas do mar? Elas continuam dando risada, não é mesmo? Se escutar com atenção, vai ouvir as bolhas. Esta é a história de Jingwei e a fronteira final.

– O que significa *a fronteira final*?

– A fronteira final são as águas da terra. A água é abundante em todo o planeta, e é seu principal recurso. Existe em muito mais quantidade do que a terra.

– Você está aqui! – exclamou Kishan, que estava apoiado no batente da porta e sorria.

– Oi! – Eu me levantei e o abracei pela cintura. – Estava só escutando mais uma história.

– Que bom. Pode me contar mais tarde. – Ele ergueu os olhos. – O senhor se incomoda se eu roubar Kelsey pelo restante da noite, capitão?

– Claro que não – disse o velho lobo do mar. – Só se assegure de fazer com que ela fique longe das águas hoje à noite. O mar tem ouvidos. Gosta de afogar jovens amantes.

Eu dei risada.

- Boa noite, Dix.
- Boa noite, Srta. Kelsey.

Kishan me puxou num abraço depois que descemos a escada, e eu enfiei a cabeça embaixo do queixo dele.

- Senti a sua falta – disse ele. – Vamos caminhar um pouco.

O cenário era muito romântico. A lua cheia tinha acabado de aparecer no céu, e a água negra estava lisa como seda. Ela batia suavemente contra o casco do iate e sussurrava segredos conforme a embarcação avançava, entrando em seu abraço frio. Milhares de estrelas reluzentes enfeitavam o céu noturno, que parecia infinito. Imaginei que fossem lanternas deixadas ali para guiar capitães bonitos de volta para casa, para as mulheres que os amavam. Algumas iam ficando mais fracas com o passar dos anos, mas outras brilhavam com força, exigindo ser notadas.

Não havia terra a vista, apenas a água iluminada pelo luar. Ficamos na amurada, observando. Tremi de frio, e Kishan me puxou contra o peito e me envolveu com os braços. Aconchegada a ele, eu relaxei, sonolenta.

- Isso é gostoso – murmurei.

Ele colocou a cabeça perto da minha e disse:

- Hummmm... é mesmo.

Ele esfregou meus braços nus até esquentarem e depois começou a fazer uma massagem leve nos meus ombros. Suspirei de prazer e fiquei olhando distraída para a lua enquanto meus pensamentos vagavam. Aliás, eu me desliguei tanto do entorno que nem reparei quando Kishan começou a beijar meu pescoço.

Uma de suas mãos acariciava meu braço e a outra enlaçava minha cintura. Ele deu beijos suaves no meu ombro, depois seus lábios se deslocaram para o arco do meu pescoço. Seu avanço era lento, deixando uma trilha de formigamento para trás. Quando chegou ao meu cabelo, estendeu a mão, pegou meu braço e me virou com delicadeza de frente para ele.

Meu coração começou a bater forte. Ele correu as mãos pelos meus braços mais uma vez, pegou meu rosto e enfiou os dedos no meu cabelo. Sorri e seus olhos dourados reluziram com o brilho das estrelas.

– Pronto. Está vendo? Ainda sobrou muito cabelo para enfiar as mãos.

Dei um sorriso nervoso. Ele inclinou minha cabeça para o lado, chegou mais perto e deu beijos sedosos e leves no meu pescoço.

- Sabe quanto tempo faz que eu queria tocar em você assim? –

murmurou baixinho. Eu balancei a cabeça e senti o sorriso dele quando seus lábios roçaram minha clavícula. – Parece que faz anos. Hummm... é melhor do que eu imaginava. Seu cheiro é delicioso. É tão bom tocar em você...

Ele foi do meu pescoço à minha testa com beijinhos lentos. Eu o abracei pela cintura e fechei os olhos. O peito dele roncou contra o meu. Ele beijou minhas pálpebras, meu nariz e minhas bochechas com lábios quentes e macios. Fez com que eu me sentisse querida e valorizada, e eu me deleitei com o seu toque.

Minha pele formigava por onde ele passara os dedos. Meu coração bateu mais rápido quando ele sussurrou meu nome, e respondi chegando mais perto, num movimento involuntário. Esperei que encostasse os lábios nos meus, mas ele, com toda a paciência, beijou devagar todas as outras partes do meu rosto e passou a ponta dos dedos pela minha pele, parecendo deleitar-se com cada doce carícia. Seus beijos eram carinhosos, amorosos, delicados e... *errados*.

Pensamentos indesejados surgiram, e eu não consegui deixá-los de lado, por mais que tentasse. Apesar dos meus esforços para deter minha batalha interna, para mantê-la escondida, ela veio à tona. Kishan fez uma pausa e levantou a cabeça. Vi sua expressão mudar de adoração e felicidade para surpresa e, no fim, resignação e desilusão. Segurando meu rosto com as mãos, ele enxugou as lágrimas da minha bochecha e perguntou, triste:

– É tão difícil assim me amar, Kelsey?

Baixei a cabeça e fechei os olhos.

Ele deu um passo para longe de mim e voltou a se inclinar sobre a amurada enquanto eu enxugava as lágrimas com as mãos. Eu estava irritada comigo mesma por haver estragado esse momento afetuoso entre nós e principalmente por tê-lo magoado. O arrependimento tomou conta de mim. Eu me virei para ele, passei a mão em suas costas e enlacei meu braço no dele. Apoiei a cabeça em seu ombro.

– Desculpe. E, não... não é nem um pouco difícil amar você.

– Não, *eu* é que peço desculpa. Apressei as coisas.

Balancei a cabeça.

– Não, tudo bem. Não sei por que eu estava chorando.

Ele se virou para mim, pegou minha mão e ficou brincando com meus dedos.

– *Eu* sei. E não quero que nosso primeiro beijo a faça chorar.

Dei um sorriso torto, tentando brincar.

– Este não foi nosso primeiro beijo. Está lembrado?

– Eu quis dizer o primeiro beijo que eu não roubei.

- Isso é verdade. Você é o *melhor* ladrão de beijos do mundo.
- Bati nele com o ombro e apertei o braço dele para pedir desculpas, mas a tristeza ainda aparecia em seu rosto.
- Ele fechou as mãos na amurada.
- Você ainda tem certeza sobre isso? Sobre mim?
- Fiz que sim com a cabeça, encostada no ombro dele.
- Você me faz feliz. Sim, tenho certeza sobre isso. Vai tentar de novo?
- Tentei me aninhar mais perto de seu corpo.
- Ele me abraçou e me deu um beijo na testa.
- Outro dia. Venha. Estou a fim de uma história.
- Descemos a escada de mãos dadas.

Passamos a semana toda sem ver Ren. De acordo com o rastreador, ele ficava escondido em algum lugar nos conveses inferiores do iate.

Kishan não voltou a tentar me beijar, pelo menos não como antes. Ele acariciava meu cabelo e me abraçava, massageava meus ombros e passava dias inteiros comigo, mas, quando eu chegava perto para dar um abraço de boa-noite nele antes de dormir, ele me segurava por alguns momentos e depois me beijava na testa. Estava me dando mais tempo, o que me fazia sentir ao mesmo tempo aliviada e angustiada.

Passada uma semana, finalmente aportamos em Mahabalipuram, ou a Cidade dos Sete Pagodes. Agora estávamos do lado oposto da Índia, na costa oriental, flutuando na baía de Bengala, na ponta do oceano Índico.

Estava na hora de dar início à nossa terceira busca, e a ideia de encarar dragões me empolgava e me assustava ao mesmo tempo. Eu também estava louca para desembarcar. Kishan fez a gentileza de me levar para um passeio de moto. Passamos o dia visitando lojinhas. Ele comprou para mim uma pulseira linda, enfeitada com diamantes agrupados em forma de flores de lótus. Ele a deslizou no meu braço e disse:

– Sonhei que você usava um botão de lótus no cabelo. Esta pulseira me faz pensar em você.

Dei risada.

– Você provavelmente sonhou com lótus porque dormiu bem ao lado da mesa em que deixei a guirlanda de lótus de Durga.

– Talvez – disse ele com um sorriso. – Mas um sonho bom é um sonho bom. Por favor, use.

– Tudo bem. Mas só se deixar que eu compre algo para você

também.

– Combinado.

Fiz com que ele me esperasse numa mesinha ao ar livre enquanto eu ia a uma loja. Minutos depois, eu me sentei, nervosa. Ele se inclinou para pegar minha sacola, mas eu não deixei.

– Espere. Antes de eu lhe dar isto, prometa que vai me deixar explicar para que serve e que não vai se ofender.

Kishan riu e estendeu a mão para receber a sacola.

– É muito difícil me ofender.

Ele tirou o presente da sacola, ansioso, ergueu-o e ficou olhando para o objeto, confuso, depois se voltou para mim com a sobrancelha arqueada.

– O que é isso?

– É uma coleira para um cachorrinho pequeno.

Ele segurou a coleira de couro preto entre o polegar e o indicador.

– Diz *Kishan* na lateral, em letras douradas. – Ele deu risada. – Você achou que isto ia servir em mim?

Peguei a coleira da mão dele e dei a volta na mesa.

– Estenda o braço, por favor.

Ele ficou me observando com curiosidade quando pus a coleira ao redor do braço dele e fechei a fivela. Não pareceu aborrecido, apenas confuso.

Comecei a explicar:

– Quando Ren se transformou em homem pela primeira vez, estava usando uma coleira. Ele a entregou para mim, para provar que era o tigre com quem eu estava viajando. Logo se livrou dela. Para ele, era um lembrete físico do cativo.

Kishan franziu a testa.

– Você me dá um presente e começa a falar de Ren?

– Espere, deixe-me terminar. Quando o conheci, você era selvagem, uma verdadeira criatura da floresta. Havia ignorado seu lado humano durante muitos anos. Achei que uma coleira pudesse simbolizar algo diferente, como o fato de ter sido resgatado, de voltar a ser parte do mundo, de pertencer a um lugar. Simboliza sua volta para casa. Que você tem um lar... comigo.

Larguei sua mão e mudei de posição, inquieta, esperando uma reação. Eu não conseguia decifrar a expressão dele. Kishan ficou olhando para mim, pensativo, durante alguns segundos. De repente, agarrou minha mão, me puxando para o colo dele, e a levou até os lábios.

– É um presente que sempre considerarei um tesouro. Sempre que

olhar para ele, vou me lembrar de que sou seu.

Apertei minha testa contra a dele e suspirei de alívio.

– Que bom. Eu estava preocupada, achando que fosse detestar. Agora que está tudo acertado, podemos voltar para o iate? O Sr. Kadam quer fazer uma reunião com todos nós uma hora antes do pôr do sol, para que possamos ir ao Templo da Praia juntos. A menos que você ache melhor eu voltar e lhe comprar uma guia. Para não fugir por aí... – brinquei.

Com ar sombrio, ele pegou minha mão:

– Com coleira ou não, nunca vou sair do seu lado. Vá na frente, minha dona.

Ele sorriu contente e envolveu meus ombros com o braço.

Quando chegamos ao iate, o Sr. Kadam estava esperando no cais. Ren logo desceu a rampa, vindo de seu esconderijo mais recente. Depois que Kishan guardou a moto, nós quatro subimos na lancha.

O vento soprava meu cabelo no rosto, e olhei feliz para Kishan quando ele se virou para me examinar. Meu olhar se perdeu e de repente me peguei fitando os olhos azuis de Ren.

– Pulseira nova? – perguntou ele.

Olhei para os diamantes reluzentes e sorri.

– É.

– É... bonita. Combina com você.

– Obrigada.

– Eu... – começou, hesitante, e se ajeitou no assento.

– O que foi? – incentivei com gentileza.

– Estou feliz por você. Parece... contente.

– Ah. Acho que estou mesmo.

Apesar da alegria que eu sentia de estar com Kishan, percebi que havia um vazamento em algum lugar do meu coração, um buraco que não se fechava. Derramava uma decepção amarga que escorria para meus braços e pernas, e estar perto de Ren daquele jeito era o mesmo que espremer suco de limão no buraco. Ardia.

Deixei meus olhos irem para a água. Estendi a mão e deixei que ela molhasse meus dedos. Senti Ren continuar a me observar. Algo tangível faiscou entre nós, mas apenas por um instante. Um puxão que só durou um segundo.

Já era noite quando chegamos à praia. Os irmãos saltaram da lancha, arrastaram a proa até a areia e, usando uma corda comprida, amarraram-na a um galho de árvore forte.

Examinei o templo enquanto caminhávamos em sua direção. Tinha forma de cone, mas com duas estruturas em vez de uma. O Sr. Kadam

ficou para trás a fim de caminhar comigo enquanto Kishan e Ren avançavam com passos decididos. Os dois carregavam armas, só para garantir: Kishan, o *chakram*, e Ren, seu tridente novo.

– Senhor Kadam, por que este templo tem duas construções?

– Cada uma delas é um altar. Este templo específico tem três, mas não dá para ver o terceiro daqui. Ele se aninha entre os outros dois. O mais alto não chega a ter cinco andares.

– Quem é louvado aqui?

– Principalmente Shiva, mas, ao longo da história, outros deuses também foram louvados aqui. O Templo da Praia é o único dentre os sete que ainda está acima da água. – Ele apontou para a parede. – Está vendo aquelas estátuas grandes ali?

– As vacas?

– Na verdade, são touros. Eles representam Nandi, o servo de Shiva.

– Achei que Nandi assumisse a forma de tubarão.

– E assume, mas também é conhecido por tomar forma de touro. Venha por aqui. Quero lhe mostrar uma coisa.

Caminhamos pelo pórtico de pedra e nos aproximamos de uma estátua que parecia um grande tigre com uma boneca presa à pata.

– O que é? – perguntei.

– É Durga com o tigre dela.

– Por que Durga é tão pequena?

Ele se inclinou para a frente e percorreu o entalhe com o dedo.

– Não sei ao certo. É só o estilo, suponho. Está vendo esta cavidade no peito do tigre?

– Estou.

– Provavelmente também era usada como altar.

– Será que devemos fazer uma oferenda aqui?

– Talvez. Vamos examinar o templo primeiro e ver o que mais encontramos.

Entramos no templo por um arco abobadado. O Sr. Kadam me disse que se chamava *gopuram*, a entrada ornamentada de um templo feita para provocar admiração e impressionar. Sua função é semelhante à dos portões do espírito japoneses. As pessoas que entram no templo devem sentir que estão se afastando das coisas mundanas e entrando em um lugar sagrado.

Alcançamos os irmãos e entramos juntos no templo sombrio. A escuridão lá dentro era ainda mais densa por causa dos beirais do telhado que barravam o luar. Kishan acendeu a lanterna para que pudéssemos nos orientar.

– Por aqui – disse o Sr. Kadam. – O santuário interno deve ficar

exatamente embaixo do domo central.

Exploramos as duas estruturas menores primeiro e não encontramos nada fora do comum. O Sr. Kadam apontou para uma pedra sem entalhes no meio do espaço.

– Este é o *murti*... o ídolo, ou ícone, do altar.

– Mas não tem entalhes com significados.

– Um ícone não entalhado pode representar algo da mesma maneira que um entalhado. Esta sala é o *garbhagriha*, ou o útero do templo.

– Dá para ver por que é chamado de útero. É escuro aqui – comentei.

Todos nos aproximamos das paredes para examinar os entalhes. Estávamos fazendo isso havia apenas alguns minutos quando notei um vulto branco perto da porta. Virei a cabeça, mas não havia nada lá. O Sr. Kadam disse que estava na hora de irmos para o próximo altar. Ao passarmos por um arco que se abria para o exterior, olhei para o mar. Uma mulher bonita, vestida de branco com um véu fino no cabelo, estava parada na praia. Ela levou um dedo aos lábios ao olhar para mim, antes de se confundir com uma amoreira próxima.

– Kishan? Senhor Kadam?

– O que foi? – perguntou Kishan.

– Eu vi uma coisa. Uma mulher. Ela estava parada ali. Estava toda vestida de branco e parecia asiática. Ela meio que desapareceu quando entrou naquela amoreira.

Kishan se inclinou para fora e esquadrinhou o terreno.

– Não estou vendo nada agora, mas vamos ficar juntos.

– Certo.

Ele pegou minha mão quando entramos no altar seguinte. Passamos por Ren, em quem eu não tinha reparado, em pé na escuridão atrás de nós. Os braços dele estavam cruzados sobre o peito, numa de suas poses clássicas de “estou de olho em você”. No altar seguinte, fiquei perto de Kishan enquanto examinávamos juntos os entalhes da parede. Encontrei o entalhe de uma mulher tecendo em um tear e acompanhei o traço com o dedo. Ao pé dela estava a cesta de romãs, e um deles havia se desenrolado. Curiosa, segui a linha fina passando por vários outros entalhes.

O fio estava amarrado ao tornozelo de um agricultor e depois um gato brincava com ele. Ele se estendia por uma plantação de trigo, onde o perdi e precisei estudar vários entalhes antes de voltar a encontrá-lo. Ele se juntava a um lenço amarrado no pescoço de uma mulher e depois se tecia numa corda grossa que ardia em chamas.

Transformou-se numa rede de pesca, deu a volta numa árvore grande, fez um macaco tropeçar, foi segurado pela garra de uma ave e então... parou. Acabava no canto da sala e, apesar de eu ter procurado na parede adjacente, não consegui encontrar continuação dele.

Apertei o polegar sobre a linha entalhada para sentir sua textura. Era tão fina que eu mal conseguia senti-la. Quando cheguei ao canto em que a trilha acabava, aconteceu algo estranho. Meu polegar brilhou em tom de vermelho – só meu polegar – e, quando me afastei da parede, vi uma borboleta sair de uma rachadura. Ela começou a bater as asas rápido, mas não voou. Eu a observei de perto e percebi que não era uma borboleta, mas uma grande mariposa branca.

Tinha pelos, grandes olhos pretos e antenas marrons felpudas que me lembraram os dentes de uma baleia-azul. Quando ela batia as asas, alguma coisa acontecia com a parede. Aquele trecho pequeno era liso, e isso era estranho, porque o restante da parede era coberto de entalhes rebuscados.

Linhas brancas finas apareceram, e todas irradiavam do fio entalhado que eu estava seguindo. Elas brilharam com uma luz tão intensa que precisei apertar os olhos para observá-las. Quando estendi a mão para tocar uma delas, a luz saltou da parede para a minha mão. Ao mesmo tempo, as linhas brancas explodiram com todas as cores do arco-íris. Elas fizeram o contorno do desenho em hena que Phet pintara na minha mão e logo ele começou a mudar de cor.

Eu me virei para olhar para Kishan, mas atrás de mim só havia escuridão. Eu não conseguia falar. Não podia fazer nada além de observar a parede enquanto as linhas iam se estendendo cada vez mais rápido. Estavam desenhando alguma coisa: uma mulher sentada ao lado de uma janela, bordando. Em um segundo eu estava parada ao lado da parede, olhando para o desenho, e, no seguinte, a mulher estava respirando e piscando, e eu estava dentro do desenho com ela. Era a mesma mulher que eu tinha visto na praia. Usava um vestido de seda branca com um véu fino no cabelo.

Ela sorriu e apontou para a cadeira à sua frente. Quando me sentei, a mulher me entregou um bastidor de bordado redondo com uma versão das mais adoráveis de Durga representada no tecido. Os pontos eram tão pequenos e delicados que o bordado lembrava uma pintura. Ela tinha criado flores que pareciam de verdade, e o cabelo de Durga saía de seu chapéu dourado em cachos que davam a impressão de serem tão macios que precisei tocar neles. A mulher me entregou uma agulha e uma caixinha cheia de pérolas pequeninas.

- O que deseja que eu faça?
- Durga precisa de seu colar.
- Eu nunca costurei com contas antes.
- Olhe aqui... elas têm buraquinhos. Vou mostrar como faz com as duas primeiras, e depois você pode terminar.

Com destreza, ela enfiou a linha na agulha, fez o menor dos pontos, enfiou a perolazinha na agulha, amarrou o fio ao redor dela e voltou a inserir a agulha no tecido. Eu a observei repetir o mesmo processo antes de me entregar a agulha e colocar a caixa de pérolas no peitoril da janela.

Ela pegou seu bastidor, escolheu um fio azul e continuou o trabalho. Depois que eu tinha afixado duas pérolas e ficado satisfeita com o meu trabalho, perguntei:

- Quem é você?

Ela não tirou os olhos do trabalho e respondeu:

- Sou chamada por muitos nomes, porém o mais comumente usado é Lady Bicho-da-Seda.

- Durga me mandou até você. Disse que ia nos guiar na nossa jornada.

De repente tive um insight.

- Ah! Você está na profecia. É a senhora que tece a seda.

Ela sorriu enquanto olhava para a agulha.

- Sim, eu teço e bordo seda. No passado, era só para isso que eu vivia, mas agora é minha penitência.

- Sua penitência?

- Sim. Por ter traído o homem que eu amava.

Larguei o bastidor no colo e olhei fixamente para ela. Ela ergueu os olhos e ficou apontando para mim até que peguei o bordado e continuei.

- Posso lhe contar o que aconteceu? – perguntou ela. – Faz muitos anos que não compartilho esta história com ninguém, e algo me diz que você vai compreender.

Fiz que sim com a cabeça, e então ela começou.

- Há muitos e muitos anos, as mulheres eram admiradas por sua habilidade no bordado. As meninas eram ensinadas ainda muito pequenas e as mais habilidosas eram convocadas para costurar para o imperador. Algumas, muito poucas, até se tornavam esposas de nobres e, por causa de sua habilidade, suas famílias eram bem-recompensadas. Na comemoração de ano-novo, meninas eram escolhidas para aprender o ofício. Elas se reuniam ao redor de uma tigela de água e mergulhavam os dedos nas beiradas. Uma agulha era

então colocada na superfície da água e girada. Quando parava, a menina para quem apontava era levada para receber treinamento especial em bordado. Meninas que nasciam com dedos longos e finos eram observadas com atenção, na esperança de que pudessem trazer fama e fortuna à família por meio dessa arte. Eu fui uma criança assim. Era elogiada por ser a operária da agulha mais talentosa de todo o império, e os desenhos que eu criava eram muito procurados pelos homens mais ricos. Meu pai recebeu 50 ofertas de casamento para mim antes que eu completasse 16 anos, mas rejeitou todas. Ele era um homem orgulhoso e achava que eu poderia receber ofertas ainda melhores quando fosse me aprimorando.

– Então, como conheceu aquele que veio a amar?

Ela estalou a língua.

– Paciência, mocinha. Para criar algo lindo, é necessário prática e muita paciência.

– Desculpe. Por favor, continue.

Ela se inclinou e examinou meu trabalho.

– Você até que tem alguma habilidade com a agulha, mas precisa tirar as duas últimas e refazer os pontos. Estão espaçados demais.

Dei uma olhada de perto no tecido. Pareciam uniformes para mim, mas o projeto era dela, por isso obedeci, desfiz os dois e recomecei.

– Alguns anos depois, quando eu estava com 20 anos, conheci um bonito rapaz que trabalhava com seda. A família dele criava as larvas, tecia e tingia os fios, e eram muito bons, os melhores do país. Depois que senti o fio refinado e vi a perfeição da tintura, fiz questão de só comprar deles. Eu tinha sido contratada para confeccionar o guarda-roupa da futura noiva do imperador. Ele planejava uma cerimônia fantástica, apesar de ainda não ter escolhido a felizarda. Meu pai recebeu uma bela quantia para me levar ao palácio. Eu iria morar lá durante um ano para bordar vestes maravilhosas e o véu nupcial da esposa do imperador. A perspectiva era emocionante para uma moça tão nova. Fui instalada em belos aposentos, perto do próprio imperador, e não me faltava nada. Quando minha família recebia permissão para me visitar, dava para ver a alegria que o fato de eu estar lá trazia a eles. Só havia dois problemas. O primeiro era que o imperador era muito seletivo e seus gostos mudavam a cada dia. Ele me visitava toda semana para conferir meu progresso. Era só eu começar um desenho que ele mudava de ideia. Em uma semana ele queria passarinhos, flores na seguinte, dourado em uma semana, depois prateado e azul, vermelho, um lilás bem claro, um roxo mais profundo e assim por diante. O homem mudava de ideia com mais

frequência do que trocava a água do banho. Talvez tenha sido por isso que demorou tanto tempo para escolher uma noiva.

Eu ri baixinho, e ela franziu a testa.

– O segundo problema foi que ele logo começou a fazer insinuações românticas em suas visitas. Quando eu mencionava sua noiva, ele dava risada e dizia: “Tenho certeza de que ela não vai se incomodar. Nem decidi que mulher vou escolher... Mas devo me casar até o fim do ano. Um imperador precisa de herdeiros, você não acha? Temos muito tempo para nos conhecer até lá, minha doçura.” Eu assentia e dizia a ele que estava ocupada, e ele costumava me deixar em paz. Por causa dos gostos ecléticos e variados do imperador, passei a conhecer bem o rapaz que entregava os tecidos de seda. Ele estava sempre muito ocupado, trazendo fios e materiais novos. Às vezes ele se sentava e conversava comigo enquanto eu bordava. Logo comecei a ansiar pelas visitas dele, e não demorou muito para que eu comesse a inventar razões para que ele viesse. Era frequente eu me pegar sonhando acordada com ele, e meu trabalho começou a ser prejudicado.

Ela prosseguiu:

– Apesar de adorar bordar, perdi o entusiasmo pelos projetos e pelas atenções do imperador. Um dia eu estava olhando pela janela quando vi meu rapaz atravessando o pátio. A inspiração me bateu, e fiquei animada para começar um projeto novo, um que *eu* queria fazer. Nunca tinha criado nada que não houvesse sido encomendado. Trabalhava para outras pessoas desde pequena e nunca tinha tempo livre. Imaginei exatamente o que desejava criar: um presente para o meu jovem fornecedor de seda. Eu não consegui dormir, de tão envolvida que estava com minha tarefa. Trabalhava dia e noite, ciente de que o meu rapaz iria voltar a me visitar no final da semana seguinte. Finalmente, ele bateu à minha porta. Escondi minha criação nas costas e o convidei para entrar. Ele me cumprimentou com um sorriso caloroso e pousou seu pacote. “Tenho uma coisa para você”, eu disse. “O que é?”, ele perguntou. “Um presente, uma coisa que fiz para você.” Os olhos dele se iluminaram de surpresa e alegria quando lhe entreguei o presente que tinha embalado em papel. Ele abriu com cuidado e pegou o lenço. Amoreiras percorriam o tecido dourado e casulos de bicho-da-seda pendiam dos galhos. Mariposas brancas se acomodavam em algumas folhas e fios de seda de todas as cores envolviam uma lançadeira em cada ponta do lenço. Ele o segurou com cuidado nas mãos e tocou numa folha bordada. “É adorável”, ele disse. “Nunca ganhei nada tão refinado.” “Não foi nada”, eu gaguejei.

“Sei quanto tempo deve ter demorado para fazer isto. Você me deu algo de muito valor.” Eu baixei os olhos e, com hesitação, disse: “Eu daria mais... se você pedisse.” Foi aí que ele me tocou. Simplesmente deu um passo adiante e roçou minha bochecha com os dedos. “Não posso... ficar com você”, ele declarou. “Ah”, respondi, decepcionada, e me afastei. Ele prosseguiu: “Ah, não está me entendendo. Se houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer para torná-la minha, eu não hesitaria. Mas não sou rico. Certamente não tenho riqueza suficiente para alguém como você. Mas eu a *escolheria* se pudesse.” Ele segurou meu rosto. “Por favor, acredite nisto”, ele disse. Eu assenti e, quando ele saiu, tentei aceitar o fato de que não poderíamos ficar juntos. Ainda assim, eu o esperava semana após semana e, à medida que o ano foi passando, nós nos apaixonamos profundamente. Apesar da vergonha e da decepção que aquilo traria à minha família, eu disse a ele que meu amor era forte demais para ser negado. Fizemos planos para fugir em segredo e nos casar assim que eu terminasse a encomenda do imperador. Daríamos todas as riquezas para minha família e partiríamos. Ele arrumaria alguns bichos-da-seda, eu levaria minha habilidade e, juntos, poderíamos recomeçar a vida em alguma província distante.

A história ainda não tinha terminado.

– Finalmente, o ano chegou ao fim, e o imperador permitiu que eu terminasse o véu. Foi um trabalho bonito. Não era o meu melhor, porque esse pertencia ao meu amado, mas era bonito. O véu era rosacolorado com rosas em tom mais escuro bordadas nas barras. Quando o apresentei ao imperador, ele o ergueu por cima da minha cabeça e declarou que agora estava pronto para se casar com sua noiva. Então sugeriu que eu me preparasse. “Que eu me prepare para quê?”, perguntei. “Para o casamento, é claro.” “Devo ajudar sua noiva com o véu?” “Não, querida. *Você é minha noiva.*” Algumas mulheres entraram no quarto para me ajudar a me preparar. Entrei em pânico e implorei ao imperador que me desse mais um dia. Disse a ele que precisava falar com meu pai. Ele respondeu que meu pai tinha ficado contente e concordado com o casamento, e estava esperando para me acompanhar. Com pensamentos exaltados, falei que queria fazer um lenço cor-de-rosa para ele, para que combinasse com o véu. Ele deu tapinhas carinhosos na minha bochecha e disse que estava se sentindo generoso e iria me atender. Eu teria mais um dia. Mandeí um recado imediatamente para o meu rapaz, exigindo que fios cor-de-rosa fossem entregues quanto antes. Quando ele chegou, eu o abracei. Ele retribuiu meu abraço e perguntou qual era o problema. Expliquei que

o imperador tinha feito planos de se casar comigo e que meu pai havia aceitado. Implorei a ele que me levasse embora rápido, naquela noite. Ele disse que não achava possível escapar com os guardas de vigia no palácio, mas que conhecia alguém, um mago, que talvez pudesse ser subornado para nos ajudar. Pedi então que esperasse por ele, que alguém viria me buscar naquela noite e estaria usando o lenço que eu fizera para ele. Implorou para que eu confiasse nele.

– O que aconteceu? – perguntei. – Alguém apareceu?

– Sim. Um cavalo castanho, de puxar arado, apareceu.

– Um cavalo de puxar arado?

– Foi. Ele trotou devagar até a minha janela e relinchou baixinho. Estava com o lenço amarrado no pescoço.

– O cavalo estava usando o lenço? Onde estava o seu rapaz?

– Eu não sabia. Estava com medo. O cavalo bateu as patas e relinchou mais alto, mas eu fiquei à janela, torcendo as mãos. Não sabia o que fazer. Será que eu devia sair pela janela e montar no lombo do cavalo? Para onde eu iria depois? O cavalo ficou mais agitado e acabou alertando um guarda irritado, que tentou espantá-lo. Apareceram alguns homens para levar o cavalo até os estábulos, mas ele chutou, mordeu e relinchou bem alto. Finalmente, um dos guardas saiu e disse para que silenciassem o cavalo antes que acordasse o imperador. Nada que eles fizessem acalmava o animal. O lenço escorregou do pescoço dele e caiu na lama. Os soldados o pisotearam e estragaram o lindo presente. Chorei e fiquei imaginando onde o meu rapaz estaria. Fiquei desesperada, pensando que ele tinha levado um tiro ou morrido na estrada. Enfim conseguiram levar o cavalo embora, a fim de que todos pudessem se acomodar para passar a noite. O meu rapaz nunca apareceu. Passei a noite toda à janela, para ver se ele chegava. Na manhã seguinte, o imperador veio me buscar e me acompanhou até o quarto de banhos. Fui banhada por várias mulheres, que me vestiram com as roupas lindas que eu tinha feito e, logo antes de eu ser conduzida ao grande salão, o imperador foi ao meu quarto, mandou que os criados saíssem e fechou a porta atrás de si. “Tenho um presente para você, minha cara.” Ele me entregou o lenço que eu dera ao meu rapaz. Tinha sido lavado e passado, mas muitos dos pontos delicados estavam rasgados. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. “Aconteceu uma coisa interessante ontem à noite. Parece que um cavalo de puxar arado entrou no terreno do palácio usando este mesmo lenço. Ele fez tanto barulho que os guardas o levaram embora e o trancaram nos estábulos. Na manhã seguinte, para nossa surpresa, não encontramos

cavalo nenhum na baía, mas sim o fornecedor de seda. Perguntamos que tipo de magia ele tinha usado e o que estava fazendo ali. Ele se recusou a falar. Ainda se nega a revelar seu motivo para se infiltrar no meu palácio no meio da noite.” O imperador encostou o lenço de leve no meu rosto e disse: “Só posso imaginar que tenha vindo para me assassinar. Como tem sorte por seu futuro marido estar a salvo.” Antes que eu pudesse refletir sobre o que dizer, exclamei: “Ele não veio para assassiná-lo!” O imperador deixou a cabeça tombar, pensativo. “Não mesmo? Tem certeza? Você o conhece melhor do que qualquer outra pessoa aqui. Talvez tenha vindo aqui por um motivo completamente diferente. Por que acha que ele veio, querida?” “Eu... tenho certeza de que ele só estava me trazendo mais fio. Talvez houvesse sido enfeitado por um mago e precisasse de ajuda.” “Hum... mas que sugestão interessante. Mas por que ele viria procurar você, e não a família dele? Ou talvez um dos guardas?” “Eu... não sei.” “Venha comigo”, ele disse.

Eu a ouvia emocionada, sem interrompê-la.

– Ele me fez ficar de frente para uma janela com vista para o pátio. Meu querido amor estava amarrado a um poste, e havia um homem ao seu lado com um chicote. O imperador ergueu e baixou a mão em um gesto abrupto. Ouvi o chicote estalar no ar e choraminguei, como se eu também pudesse sentir a dor do golpe que atingiu as costas do meu amor. O imperador sussurrou com frieza: “Achou que eu não fosse reconhecer o seu trabalho, querida? Você concedeu seus favores a este homem.” Eu me encolhi ao ouvir o chicote estalar mais uma vez. “Por favor, não o machuque”, eu implorei. “Você pode acabar com a tortura na hora que desejar. Apenas me diga que estou enganado e que este rapaz não veio atrás de você. Que tudo isso não passa de um simples mal-entendido. E... diga bem alto para que todos possam escutar.” Ouvi o gemido do meu amado e me virei para o imperador. “Este rapaz...” “Mais alto, por favor. E assegure-se de que todos lá fora também estejam escutando.” “Este rapaz não veio me buscar e eu não o amo! Não tenho desejo de vê-lo prejudicado! Ele é apenas um simples e pobre fornecedor de seda. Eu jamais iria me comprometer com alguém tão comum e miserável. Por favor, deixe que vá!” Meu amor ergueu a cabeça; seus olhos queimavam por causa da traição. Minha vontade era gritar que aquilo era mentira. Que eu o amava, *sim*. Que eu só queria ficar com *ele*, mas me mantive em silêncio, na esperança de salvar sua vida.

Que história mais triste, pensei.

– “Isso era tudo que eu precisava ouvir”, disse o imperador. Ele

gritou para os homens: “Acabem com o sofrimento dele.” O imperador ergueu a mão e fez outro movimento de golpe no ar. O homem que segurava o chicote saiu da frente de uma fileira de arqueiros. Eles ergueram os arcos e encheram o peito do meu amor de flechas. Ele morreu acreditando que eu não me importava com ele, que já não o amava mais. Caí no chão, desesperada, enquanto o imperador ameaçava: “Lembre-se desta lição, minha cara. Eu *não* serei traído. Agora... recomponha-se para o nosso casamento.” Quando ele saiu, eu me prostrei no chão e chorei com amargor. Ah, se eu tivesse confiado no que não entendia... Se não tivesse sido tão covarde, meu amor e eu poderíamos ter fugido e vivido felizes juntos. O tempo todo, ele era o cavalo. Ele tinha estado comigo, perto de mim, o tempo todo, e eu me recusei a enxergar. Por não ter visão, perdi tudo. Mais tarde, uma mulher bondosa pôs a mão no meu ombro e secou minhas lágrimas com seu lenço de seda. Ela disse que adorava meu trabalho e que meus dons ainda podiam ser usados para o benefício de outros. Aquela mulher era Durga. Ela se ofereceu para me levar embora, para me ajudar a fugir do imperador, mas eu disse que jamais poderia voltar a ter uma vida mortal. Ela pegou o lenço dourado do lugar em que eu o tinha derrubado e disse que meu mercador de seda sempre estaria por perto, porque eu tinha costurado amor em cada ponto. Então, aqui estou eu. Eu sou Lady Bicho-da-Seda. Até hoje envolta por meu casulo de mágoa. Bordando, sempre bordando. Eu bordo para unir os outros, mas continuo sozinha. Uno fios para dar significado à minha existência, para ter uma motivação. Sinto certa felicidade em ajudar outros casais a tecerem sua vida juntos.

Ela se inclinou para a frente.

– Mas lhe digo agora, mocinha: sem o seu amor, a vida não é nada. Sem o seu par, você fica totalmente sozinha. – Ela largou o bastidor e agarrou minhas mãos. – Acima de tudo, imploro para que você confie em quem ama.

Ela pegou o trabalho terminado do meu colo.

– Pronto. Está vendo? Você fez um excelente trabalho. – Ela sorriu.
– Está na hora de voltar. Leve isto com você.

Ela tirou do bastidor o tecido que estava bordando, dobrou-o com cuidado e colocou-o nos meus braços.

– Mas eu...

Ela me silenciou com um olhar e me conduziu até a parede. Ergueu a mão delicada e passou o dedo por um fio entalhado.

– Não posso mais falar sobre isso hoje. A tristeza é grande demais.

Está na hora de ir embora. Siga o bicho-da-seda, mocinha.

Ela pôs a mão em concha na parede e, quando a retirou, um bicho-da-seda branco estava preso ao fio entalhado. Quando ele começou a avançar pela linha, eu me virei para me despedir, mas Lady Bicho-da-Seda havia desaparecido. A larva foi avançando devagar até uma rachadura na parede e então escorregou para dentro dela. Para ver o que acontecia, toquei na mesma rachadura. Primeiro meus dedos e depois minha mão inteira desapareceram dentro da parede. Respirei fundo, dei um passo à frente e me vi envolta pela escuridão.



Sobre dragões e continentes perdidos

Estendi a mão à minha frente e fui apalpando às cegas. Arquejei quando senti dedos quentes tocando nos meus. Segui o puxão suave e permiti que me guiasse para a frente até bater numa barreira. Apalpei a superfície em busca de uma abertura. A mão que segurava a minha puxou com mais força e me tirou da escuridão com um estalo. Dei um encontrão em um peitoral masculino muito desenvolvido e fui abraçada. Eu tinha voltado para o salão principal, levemente mais bem-iluminado, do Templo da Praia.

Fiquei piscando e ergui os olhos para o rosto do meu libertador.

– Ren.

– Está tudo bem com você?

– Está sim. Obrigada.

Ele soltou um suspiro de alívio e tocou de leve numa mecha do meu cabelo.

Eu estava prestes a lhe fazer uma pergunta quando ouvi uma voz gritando:

– Kells? Senhor Kadam! Eu ouvi alguma coisa!

O Sr. Kadam e Kishan se aproximaram depressa, vindos de outra sala. Kishan me arrancou do abraço de Ren e me envolveu no dele.

– Onde você estava? – Ele se voltou para Ren. – Como a encontrou?

– Não sei – respondeu Ren. – Um entalhe de um cavalo com um lenço amarrado no pescoço apareceu nesta parede, e não estava aqui antes. O cavalo se transformou em homem e apontou para outro

entalhe que apareceu de repente. Era de Kelsey sentada numa cadeira perto de uma janela, costurando. Quando toquei nela, minha mão desapareceu dentro da parede. Daí o entalhe de Kelsey se levantou e se moveu na minha direção. Eu estendi a mão, toquei nos dedos dela e a puxei para mais perto. Quando vi, ela estava em pé na minha frente.

Kishan resmungou.

– Está tudo bem, *bilauta*? Está machucada?

– Não, estou bem. Quanto tempo fiquei fora?

O Sr. Kadam deu um passo adiante.

– Esteve sumida durante uma hora. Todo mundo estava ficando... *preocupado*.

Dava para ver pela expressão dele que tinha sido pior do que isso. Eu abracei Kishan e dei leves tapinhas no braço de Ren para reconfortar meus tigres.

– Eu estava fazendo uma visita a Lady Bicho-da-Seda. – Olhei para baixo e vi a seda dobrada acomodada no meu braço. – Vamos. Precisamos voltar para o iate. Tenho muita coisa para contar.

Logo deixamos o Templo da Praia e retornamos ao iate.

Kishan me abraçou.

– Fiquei preocupado, Kells.

– Estou bem. Deu tudo certo, e conseguimos o que viemos buscar.

– Não gosto que você desapareça assim. Não conseguíamos nem rastreá-la no GPS. Você simplesmente desapareceu. Seu pontinho sumiu.

– Sinto muito. – Dei-lhe um beijo na bochecha e apertei seu braço.

– Até que a maldição seja quebrada, é provável que coisas inesperadas aconteçam a todos nós. Você sabe disso.

– Eu sei. – Ele beijou minha testa. – Eu só queria estar sempre presente para proteger você. É frustrante quando não posso fazer nada.

Apoiei a cabeça no ombro dele. Ren nos observava. Ele olhou para mim, pensativo, por um breve momento e então se virou para fitar o mar aberto. Quando estacionamos perto do iate, Ren saiu primeiro e logo desapareceu nas entranhas do navio. Kishan pulou para fora, ajudou o Sr. Kadam e depois estendeu a mão para mim. Fomos para o *lounge* perto dos quartos enquanto o Sr. Kadam questionava Nilima a respeito da tripulação.

Nós nos acomodamos: o Sr. Kadam na poltrona e Kishan e eu no sofá. Perguntei:

– Ren não quer saber o que aconteceu? Achei que ele fosse nos

ajudar com isso.

– Depois explico tudo para ele – respondeu o Sr. Kadam. – Ele... só quer estar presente quando realmente precisarmos dele.

– Entendi.

Segurei a língua e soltei um suspiro de resignação antes de pegar a mão de Kishan e contar a história de Lady Bicho-da-Seda, começando pela linha que eu tinha seguido na parede e concluindo com a saída por meio dela. O Sr. Kadam e Kishan ficaram em silêncio durante todo o relato. Quando terminei, estendi o presente de seda ao Sr. Kadam. Ele o desdobrou com cuidado.

Era um quimono de seda preta. Nas costas havia cinco dragões bordados com detalhes extraordinários. Pareciam mais serpentes chinesas do que dragões. Os corpos longos e sinuosos faziam curvas e voltas. Eles tinham barba, língua comprida e quatro patas curtas com pés em forma de garra. Na parte superior esquerda da frente do roupão havia um mapa com sete pontos e símbolos. O Sr. Kadam examinou a parte da frente atentamente, enquanto Kishan e eu olhávamos a parte de trás.

– Vermelho, branco, dourado, verde e azul. É, estes são os nossos dragões, sim. – Passei o dedo por um dos símbolos. – Kishan... olhe isto. – Apontei para o dragão vermelho. Parecia estar caminhando pelas estrelas. Um símbolo diferente rodeava cada um dos cinco dragões: estrelas, nuvens, relâmpagos, ondas e flocos de neve. – O que será que significam?

O Sr. Kadam pousou o quimono e foi até sua escrivaninha para destrancar uma gaveta de arquivo e pegar alguns papéis.

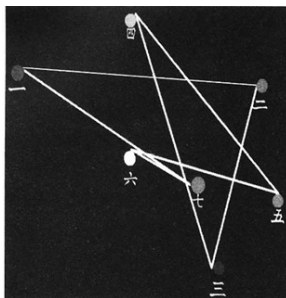
– Acredito que estejamos olhando para um mapa com instruções. Está nos dizendo para onde ir e qual dragão procurar primeiro.

– Como o senhor sabe? – perguntei.

– Os sete pontos são os sete pagodes. Este aqui é o Templo da Praia. Há números correspondentes escritos em chinês ao lado de cada templo. Está vendo aqui? O Templo da Praia tem o número um ao lado.

Ele traçou uma figura começando no símbolo que parecia um hífen e foi passando de ponto em ponto, seguindo a ordem numérica.

– É uma estrela! – exclamei.



– É, acredito que seja mesmo.

– Então, Sr. Kadam, está dizendo que devemos encontrar o primeiro dragão no templo ou pagode número dois?

– Isso mesmo.

– Há um pequeno problema com a sua teoria.

– É, eu sei.

Juntos, nós dissemos:

– Só existem cinco dragões.

Kishan se inclinou para a frente.

– Então, o que acha que está no último pagode?

O Sr. Kadam uniu as mãos e se recostou, batendo com o dedo nos lábios enquanto refletia. Finalmente, ele disse:

– Acho que o perigo não vem necessariamente dos dragões, mas do que encontrarem no último pagode. Na mitologia chinesa, os dragões são reverenciados por serem prestativos, sobretudo os dragões de água.

– Então, por que precisamos seguir a ordem? Se sabemos que o Colar de Durga está escondido no último pagode, por que não vamos direto para lá e já terminamos com tudo? – indaguei.

O Sr. Kadam sacudiu a cabeça.

– Não. As instruções nos foram dadas por um motivo. Talvez os dragões guiem vocês ou os ajudem a chegar ao templo seguinte. Vocês não puderam pular as quatro casas em Shangri-lá. Tiveram que ser testados em cada uma delas antes de se provarem dignos de seguir em frente. Desconfio que o encontro com os dragões será um teste semelhante.

Soltei um gemido. O Sr. Kadam começou a nos contar algumas histórias a respeito de dragões e, antes de que eu me desse conta, tinha caído no sono no ombro de Kishan.

Acordei com a risada do Sr. Kadam.

– Que tal vocês dois irem dormir enquanto eu estudo isso aqui um

pouco mais? Amanhã compartilharei o que tiver descoberto sobre os sete pagodes. Encontrem-me aqui depois do café da manhã.

Kishan apertou minha mão quando eu assenti, sonolenta. Demos boa-noite para o Sr. Kadam e Kishan me acompanhou até o quarto.

Depois de escovar os dentes e vestir o pijama no banheiro, encontrei Kishan deitado na minha cama, vestindo só uma calça de pijama que se acomodava perigosamente baixa em sua cintura.

– Hã... o que está acontecendo? – gaguejei, nervosa.

Ele abriu bem os olhos dourados e me encarou.

– Achei que poderíamos passar um tempo juntos, se não estiver muito cansada.

– Ah.

Ele deu tapinhas no espaço na cama ao lado dele e eu me aproximei, hesitante.

Qual é o meu problema? Ele é o meu namorado, não é? Se fosse Ren na cama, eu não teria hesitado. Por que fico tão nervosa com Kishan?

Ele me observou por um tempo, com um misto de curiosidade e uma pontada de tristeza, por isso apaguei os pensamentos errantes da minha cabeça e me deitei ao seu lado. Ele me abraçou, me aninhou em seu peito largo e quente e esfregou minhas costas. Acabei relaxando e a sonolência voltou a tomar conta de mim.

– Qual é o problema? – perguntou ele, baixinho.

– Nada, não. Acho que eu fico nervosa com a ideia de proximidade física com você.

Ouvi um ronco no peito dele.

– Não precisa ficar nervosa comigo, Kells. Eu nunca iria machucar você.

Minha mente retornou com um estalo a um fogo que brilhava na cor verde. Eu estava aninhada nos braços de Ren quando ele disse palavras parecidas. *Kelsey, espero que saiba que eu jamais machucaria você.* Meu coração bateu descontrolado. Por um segundo, parecia que ele ia se rasgar ao meio.

Coloquei o braço por cima do peito de Kishan e o abracei.

– Eu sei que você não iria me machucar. É normal que duas pessoas que estão se conhecendo se sintam... hesitantes e um pouco sem jeito. Não leve para o lado pessoal. Eu gosto de ficar assim com você.

– Que bom – resmungou ele. – Porque eu não vou sair daqui. – Ele pegou a minha mão e a apertou contra o peito, prendendo-a ali. – Você está cansada?

– Estou. Você não?

– Ainda não. Pode dormir.

Eu me acomodei no ombro dele e dormi, sem nem notar quando ele se transformou em tigre.

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, nós nos encontramos com o Sr. Kadam, que tinha disposto sobre a mesa toda a sua pesquisa a respeito da Cidade dos Sete Pagodes.

– Os primeiros relatos documentados sobre a cidade são descrições feitas por John Goldingham em 1798. Ele falou sobre sete pagodes construídos perto do mar. Ou ele escreveu a partir de relatos orais ou não estavam submersos na época. Como eu disse antes, há rumores de que Marco Polo tenha visitado a cidade, já que ela aparece em um de seus mapas catalães de 1275, mas não há registro da visita. O que mais me interessa nesta cidade são as conexões que encontrei com Shangri-lá.

– Quais são exatamente as conexões com Shangri-lá? – perguntei.

– Está lembrada das sociedades utópicas que pesquisamos e de como a história do dilúvio tinha características comuns em todas as culturas?

– Estou.

– Em Shangri-lá, vocês encontraram objetos que atravessavam fronteiras míticas entre diversos povos. Os corvos Hugin e Munin dos nórdicos, as sereias dos gregos, o Mestre do Oceano do Tibete, os portões do espírito do Japão, até os *kappa* dos chineses em Kishkindha... todas essas coisas vão além das fronteiras da Índia e, por isso, comecei a explorar cidades que submergiram relatadas em outras culturas. Sendo que a mais famosa é...

– Atlântida.

O Sr. Kadam sorriu para mim.

– Correto. Atlântida.

– O que é Atlântida? – quis saber Kishan.

O Sr. Kadam se voltou para ele.

– Dizem que Atlântida foi uma criação fictícia de Platão, apesar de alguns estudiosos acreditarem que a história seja baseada em fatos reais. De acordo com a lenda, a ilha de Atlântida era uma terra linda que pertencia a Poseidon. O rei da ilha era o filho de Poseidon, Atlas, que é de onde vem o nome. Dizia-se que a ilha era maior do que a Austrália e se localizava no oceano Atlântico, que também recebeu este nome por causa de Atlas, aliás, e ficava a vários quilômetros dos Pilares de Hércules, ou estreito de Gibraltar. Poseidon tinha orgulho do filho e do povo forte e corajoso que vivia na ilha. Apesar de aquele

paraíso oferecer às pessoas tudo que elas poderiam desejar, elas se tornaram gananciosas e queriam sempre mais. Elas sabiam que terras ricas não estavam longe, por isso os habitantes de Atlântida criaram um exército e começaram a conquistar o território dentro dos Pilares de Hércules. Esse acontecimento em si foi tolerado pelos deuses, mas o povo de Atlântida também forçou os conquistados à escravidão. Os deuses se reuniram para discutir o que estava acontecendo, e medidas de intervenção foram tomadas. Terremotos, incêndios e enchentes foram mandadas para humilhar o povo de Atlântida, mas a sede de poder e riqueza era tão grande que eles se recusaram a mudar seu modo de agir. Finalmente, os deuses obrigaram Poseidon a destruir Atlântida. Ele fez os mares subirem e causou grandes terremotos para dilacerar a terra. Em sua ira, lançou pedaços da ilha desmembrada pelo mar, onde ela afundou para o esquecimento. Atlas, que tinha sido um matemático e astrônomo sábio, foi castigado pelos deuses e forçado a carregar o peso dos céus.

– Espere um minuto, achei que Atlas carregasse o mundo nas costas – comentei.

– Não. Na verdade, ele carregava o céu. Homero disse que Atlas era “aquele que conhece as profundezas de todo o mar, que mantém os pilares altos e que segura o céu e a terra separados”. Dizem que, quando Atlântida foi destruída e os pedaços foram espalhados, Atlas foi tomado por um grande desespero e pela agonia por seu povo. Os deuses ficaram decepcionados com ele e, pior ainda, ele perdeu o respeito do pai. Conforme cada pedaço ia sendo arrancado, Atlas sentia como se fossem arrancados de seu próprio peito. Ele se enludou ao carregar o peso de sua cidade perdida. É por isso que tantas imagens de Atlas o mostram encurvado, em desespero, cumprindo sua tarefa.

– Eu não fazia ideia. Bom, o senhor disse que há outras cidades submersas. Não ouvi falar de nenhuma.

– Existem muitas cidades submersas. Mais do que eu sou capaz de nomear. Cada história que pesquiso me leva a mais cinco. Há Meropis, relatada por Teopompo; o continente perdido de Mu que afundou no Pacífico, entre a Polinésia e o Japão; e a Lemúria, uma terra perdida que foi inundada ou no oceano Índico ou no Pacífico. Depois há Kumari Kandam, um reino apelidado de Terra da Pureza, submerso na extremidade sul da Índia, e Ys ou Ker-Is da Bretanha. Os dinamarqueses têm Vineta; o Egito tem Menutis e Heraklion; a Jamaica tem Port Royal; e a Argentina tem Santa Fe la Vieja. Algumas dessas cidades foram encontradas e outras permanecem

apenas nas histórias contadas por diversas culturas. O ponto em comum é que o povo deixou os deuses irados e foi castigado pelo mar. Muitas das lendas dizem que ir buscar essas cidades é ir atrás da maldição que as condenou.

– Existe uma maldição assim para a Cidade dos Sete Pagodes? – perguntei.

– Não sei. Espero que não. Talvez, ao seguirmos o desenho de Lady Bicho-da-Seda, evitemos ser vítimas do mesmo destino. Talvez o mar nos poupe.

O Sr. Kadam mostrou desenhos que encontrara dos cinco dragões.

– Na cultura chinesa, cada dragão tem um território determinado, um para cada ponto cardeal: norte, sul, leste e oeste. Assim, sobra o quinto dragão.

– Talvez ele não tenha território ou seja o ponto central da bússola – sugeri.

– Sim. De fato há menção de um dragão sem lar, mas desconfio que o centro da bússola seja mais preciso neste caso. Eles também são chamados de dragões dos cinco oceanos.

– Quais são os cinco oceanos?

– O oceano do norte é o Ártico, o Pacífico é o do leste, o Atlântico é o do oeste, o oceano Índico é o do meio e o oceano Austral é o do sul.

– Então, temos um oceano para cada dragão. Acha que precisamos ir a todos os oceanos?

– Não. Acredito que vamos achar o que buscamos aqui. Talvez eles sejam convocados.

Peguei um papel com a foto de uma dança chinesa do dragão.

– Eu vi uma dessas danças no casamento a que fui com Li.

Entreguei a foto a Kishan enquanto o Sr. Kadam explicava:

– A dança do dragão costuma ser apresentada no ano-novo chinês. Ela homenageia o dragão e pede que ele conceda coisas boas para o ano que está chegando. Os dragões trazem chuva, cuidam das vias aquáticas, guardam tesouros e conferem força, riqueza, boa sorte e fertilidade. Em séculos passados, o povo chinês até já se autodenominou Filhos do Dragão. Em um casamento, os noivos pedem aos dragões que abençoem o enlace; no ano-novo, os pedidos se aplicam a todos os cidadãos. Também tenho pesquisado um pouco sobre cores. Parece que cada cor tem poderes e características diferentes. Os dragões vermelhos e negros são ferozes e destruidores. Eles causam tempestades violentas, duelam nas nuvens e acredita-se que sejam a fonte dos raios e dos trovões. Os dragões negros são considerados maldosos e ardilosos. Os vermelhos estão associados a

todos os símbolos da mesma cor: sangue, raiva, amor, fogo, paixão, vulcões. Os azuis são mais pacíficos. Gostam de gelo e de águas frias. Os dourados são os reis e rainhas dos dragões; eles escondem a riqueza. Os verdes podem curar e promovem o bem-estar, mas também causam terremotos, cospem ácido e comem seres humanos. Os brancos são ponderados e sábios; só são vistos raramente, contam meias-verdades, são arautos da morte e suas escamas brilham como espelhos.

– Parece ótimo.

Kishan me envolveu com o braço e apertou meu ombro.

– Lembre-se, Srta. Kelsey, de que isto aqui é só pesquisa. Os seus dragões podem ser semelhantes a estes ou totalmente diferentes.

– Eu sei.

– Metade da pesquisa sobre cabaças nunca se aplicou, está lembrada?

– Sim, eu me lembro. Mesmo assim, é bom estar preparada.

Kishan sugeriu:

– Talvez fosse bom estudar as maneiras de matá-los, só para garantir.

O Sr. Kadam concordou e passou mais duas horas descrevendo vários tipos de dragões e suas propensões. Ele falou sobre os reis-serpente indianos, sobre palácios submarinos de cristal onde os dragões se alimentavam de opalas e pérolas e eram servidos por caranguejos e peixes.

Mencionou padrões climáticos causados por dragões, como trombas d'água, tufões e furacões. Falou de dragões barbados, peludos, de cauda longa, de rabo curto, com cinco garras, quatro garras, alguns que eram capazes de voar, outros que viviam em cavernas, alguns que cuspiam fogo e lhes deu nome: Ao Guang, Ao Qin, Ao Run e Ao Shun, os dragões chineses dos quatro pontos cardeais. Ele não sabia qual seria o nome do quinto dragão.

Quando o Sr. Kadam ficou satisfeito, acreditando que nós sabíamos tudo o que havia para saber a respeito de dragões, ele sugeriu que fôssemos até a casa do leme examinar alguns mapas do capitão. Quando mencionei almoçar no convés superior, ele disse que iríamos depender do Fruto Dourado porque tinha dado o dia de folga para toda a tripulação, incluindo o capitão e seu imediato.

Peguei o Fruto Dourado enquanto o Sr. Kadam reunia suas anotações com cuidado e voltava a trancá-las na gaveta da escrivaninha. Então nós três fomos até a casa do leme. Ele levou o quimono bordado consigo para poder comparar os mapas. Quando

chegamos, ele apanhou um grande mapa plastificado da baía de Bengala. O Fruto fez sanduíches e melão fatiado, que ofereci ao Sr. Kadam, mas ele recusou, de tão concentrado que estava em seu exame do mapa. Kishan e eu comemos sem ele.

Quando terminei, peguei o quimono e contornei com o dedo o dragão vermelho antes de colocá-lo, com o lado do dragão para baixo, na prateleira acima da fileira de monitores. Pus o dedo no Templo da Praia e segui a linha costurada por cima do ponto vermelho, o primeiro dos sete pagodes. O ponto vermelho cresceu e minha mão começou a brilhar. Os fios se soltaram e começaram a se recosturar com uma agulha invisível. Eles desapareceram do outro lado do quimono.

Nervosa, chamei Kishan e o Sr. Kadam, que estavam debruçados sobre o mapa, quando virei o quimono. Os pontos vermelhos ainda estavam se movendo e só pararam quando chegaram ao dragão vermelho. O dragão piscou e rugiu antes de se acomodar no tecido mais uma vez.

Em pânico, gritei:

– O que eu fiz? O que aconteceu?

O Sr. Kadam correu e pousou a mão no meu braço, mas então parou.

– Você sentiu isso, Kishan? – perguntou.

– Senti.

– O quê? O que foi? – indaguei.

Os dois se voltaram para a janela e olharam para o mar.

– Alguém pode me dizer o que está acontecendo?

Kishan pôs as mãos nos meus ombros.

– É o iate, Kells. Estamos nos movendo.



A estrela do dragão vermelho

— Estamos nos movendo? Como isso é possível?

– Não sei dizer – respondeu o Sr. Kadam, conferindo os instrumentos do navio rapidamente. – Está tudo desligado. Ainda deveríamos estar ancorados.

Peguei o quimono e o virei do outro lado mais uma vez.

– Senhor Kadam, veja isto.

Um barquinho bordado tinha aparecido na parte da frente do quimono e, enquanto observávamos, ele avançou um ponto. Estava se dirigindo para o ponto vermelho.

O Sr. Kadam se virou com rapidez.

– Kishan? Será que você poderia subir no alto da casa do leme e dar uma olhada ao redor? Observe nossa direção e a localização da cidade.

Kishan voltou pouco tempo depois, com uma expressão de incredulidade no rosto.

– Com base no sol, estamos nos dirigindo para o leste. Mas não tem cidade *nenhuma*. Não tem litoral. Nada além de água nos rodeia por quilômetros.

O Sr. Kadam assentiu, como se já estivesse esperando por isso.

– Por favor, localize Ren e Nilima e peça que venham à casa do leme.

Kishan me olhou e deu um leve sorriso, então se virou e saiu.

O Sr. Kadam ficou mexendo nos instrumentos por mais um instante e então franziu a testa.

– Qual é o problema? – perguntei.

– Nada está ligando. Não devíamos estar nos movendo. Os motores estão desativados. A âncora continua baixada, de acordo com isto aqui. Nada está funcionando: satélite, rádio... está tudo fora do ar.

Quando Kishan voltou com os outros, Nilima e o Sr. Kadam começaram a tentar acompanhar nosso progresso em um mapa grande da melhor maneira possível. O Sr. Kadam mandou que Ren e Kishan conferissem a âncora. Ele me pediu que ficasse de olho na bússola e gritasse as direções, mas a bússola só girava. Apontava para o leste durante alguns segundos e então passava para o sul, depois para o oeste, depois de volta para o leste. O Sr. Kadam acabou pedindo que eu observasse o horizonte em vez da bússola. Não podíamos manobrar o iate, mas eu devia ficar de olho em possíveis obstáculos enquanto ele e Nilima tentavam descobrir o que fazer.

Ren e Kishan voltaram e informaram que a âncora estava sendo arrastada atrás de nós, como uma balsa. Tiveram que içá-la manualmente. Tentamos usar os celulares, mas não havia sinal. Nós cinco passamos a tarde em silêncio na casa do leme, comunicando apenas o necessário. Sem dizer nada, todos sabíamos que havíamos entrado em outro mundo: um mundo sem as regras e fronteiras a que estávamos acostumados. Um mundo em que dragões reinavam sobre os mares e tudo o que tínhamos para nos proteger eram nossas armas e a pesquisa do Sr. Kadam.

Dava para sentir a mudança no ar. O calor abafado do verão indiano tinha sumido e o ar estava pesado, úmido e frio, mais parecido com o ar perto do mar no Oregon. Kishan preparou nosso equipamento de mergulho só para garantir. A temperatura tinha caído dos 30 e poucos graus para cerca de 15. Ren pegou nossas armas e um casaco e Fanindra para mim. Não me agasalhei, mas agradei e deslizei a cobra pelo braço.

Estava na hora de todos nos prepararmos. Ren me ajudou a prender o arco e a aljava de flechas douradas nas costas com uma tira de tecido do Lenço Divino. Ele me fez treinar segurar o arco algumas vezes. Pediu ao Lenço Divino que se encolhesse até o tamanho de uma fita de cabelo e, depois de olhar bem para o meu cabelo cortado, amarrou-o com segurança no meu pulso. O Fruto Dourado foi colocado em um saco e guardado na aljava com as flechas.

Ren tinha feito para si mesmo um cinto com o Lenço Divino, com alças de tecido para a *gada* e o tridente. Quando Kishan voltou, Ren lhe entregou um cinto similar, com uma alça para o *chakram*. Kishan pendurou o *kamandal* no pescoço e nós ficamos um tempo olhando pela janela em silêncio: eu entre meus dois guerreiros. Estávamos

prontos para a batalha.

O Sr. Kadam e Nilima nos chamaram até o quimono para nos dizer que haviam desistido de tentar entender onde estávamos. Ren, Kishan e eu assentimos, compreensivos. Nós três sabíamos que, uma vez começada a caçada, não haveria mapas; não haveria caminho racional a tomar. Dependíamos da sorte e do destino para nos levar ao lugar a que precisávamos ir.

A tarde rapidamente se transformou em noite. Estávamos a mais de meio caminho do ponto vermelho agora. Com base na velocidade com que estávamos nos movendo pelo quimono, o Sr. Kadam achou que chegaríamos por volta da meia-noite. Não estávamos dispostos a ir para o convés inferior, por isso nós três (Kishan, Ren e eu) nos dirigimos para o alto da casa do leme. Usei o Lenço para fazer almofadas. Apesar do meu nervosismo, do desconforto de Fanindra no meu braço e do arco e das flechas nas minhas costas, caí no sono, encostada no peito de Kishan.

Algumas horas depois, Kishan me sacudiu com gentileza para me acordar. Eu pisquei para abrir meus olhos sonolentos e vi sua perna comprida na calça jeans esticada à minha frente. No meio do sono, eu passara a usar a coxa dele como travesseiro.

Soltei um gemido e esfreguei o pescoço dolorido.

– O que foi?

As mãos quentes de Kishan começaram a massagear meus músculos.

– Não foi nada. É só que a minha perna estava ficando dormente.

Eu dei risada e então fiz uma careta quando ele atingiu um ponto dolorido.

– Bom, acho que posso dizer com segurança que doeu mais em mim do que em você.

Ergui os olhos e vi a forma silenciosa de Ren parada o mais longe possível. Ele observava o horizonte, sempre vigilante.

– Ren? Por que não faz um intervalo e deixa que eu ou Kishan fiquemos de vigia um pouco?

Ren virou a cabeça para que eu pudesse ver seu perfil.

– Está tudo bem. Pode dormir, Kells.

Quando ele se virou de novo, fiquei olhando-o, confusa.

– Ei, agora vocês conseguem passar mais de 12 horas na forma de homens?

Ren fez que sim e Kishan disse:

– Para mim, faz 14 horas. Parece que estamos em uma zona em que não há necessidade de ser tigre.

Eu me sentei.

– Estou com fome. Que horas são?

– Quinze para a meia-noite – respondeu Ren. – Eu também gostaria de comer alguma coisa.

Kishan se levantou e se espreguiçou.

– Eu fico de vigia. Você pode comer algo com Kelsey.

Ren hesitou, mas deu um passo para o lado e se sentou a uns dois metros de mim.

– O que você quer? – perguntei a ele com gentileza.

Ele deu de ombros.

– Tanto faz. Pode escolher.

Eu desejei pipoca com refrigerante em garrafas geladas. Dei uma tigela gigantesca a Ren e levei outra para Kishan, que me deu um beijo na testa e se virou para observar o horizonte escuro mais uma vez.

Depois que me acomodei e comecei a comer o petisco quente e amanteigado da minha própria tigela, olhei para Ren, que fitava a pipoca.

– Alguma coisa errada? – perguntei.

– Não. Está bom. É só que... o gosto está diferente.

– Como assim? Você já comeu pipoca antes.

– Esta aqui é doce.

– Ah. Você sempre comia pipoca doce no Oregon.

Ele pegou um grão de milho estourado e o examinou. Resmungou baixinho para si mesmo:

– Um vestido azul. Eu derrubei a tigela.

– O que você disse? – perguntei.

– Hã? – Ele olhou para cima com um gesto abrupto. – Ah. Nada. Está gostosa.

Comemos em silêncio. Virei a garrafa de refrigerante e olhei para o céu.

– Olhe só para aquilo. – Eu apontei. – As estrelas estão tão brilhantes!

Ren empurrou a tigela vazia e o refrigerante para longe e se recostou nas almofadas com as mãos atrás da cabeça.

– Tem razão. Elas estão muito brilhantes. Mais do que o normal. Está vendo aquela constelação ali?

– Aquela à direita?

– Não.

Ren deslizou para mais perto, de modo que sua cabeça estava apoiada na minha, e pegou meu pulso com gentileza. Ele moveu meu

braço até meu dedo apontar para uma estrela muito brilhante. Meu coração começou a bater mais forte e meu rosto ficou corado. Um cheiro leve de sândalo misturado com maresia vinha do cabelo dele, que fazia cócegas na minha bochecha. Ele mexeu meu braço para mostrar um caminho de estrela a estrela.

– Está vendo agora?

Prendi a respiração.

– Estou. É como uma cobra.

Ele concordou e soltou meu pulso. Em seguida deslizou para longe e pôs os braços embaixo da cabeça mais uma vez.

– Chama-se Draco, dragão em latim.

– Faz sentido.

– Ele vigia os pomos de ouro de Hera, dizem os gregos. Outros afirmam que é a serpente que tentou Eva.

– Isso é interessante. O que você acha de... Ren! Você viu aquilo?

– O quê?

– Ali! Olhe para a constelação Draco. Está se mexendo.

Ele espiou o céu noturno, mas nada aconteceu. Eu estava prestes a sugerir que devia ter sido minha imaginação me pregando uma peça quando vi diversas estrelas piscando. Elas começaram a mudar e se mover, ficando maiores e distorcidas.

Ren se levantou.

– Eu vi. Kishan, proteja Kelsey. Eu já volto.

Ren desapareceu pela lateral da casa do leme enquanto eu instruía o Lenço Divino a desfazer as almofadas e o Fruto Dourado a levar embora as tigelas e as garrafas. Kishan e eu assumimos a posição de batalha que ele tinha me ensinado. Eu estava pronta para usar meu poder de raio se fosse necessário. Kishan soltou o *chakram* do cinto.

Uma forma preta ondulante veio na nossa direção. Ela distorcia a noite como se o céu fosse o lado de baixo de um cobertor e algo grande rolasse pela parte de cima. As estrelas inchavam e tremiam à medida que aquilo se movia.

Senti uma mão tocar no meu braço. Ren tinha assumido posição de batalha com o tridente do meu outro lado. Nós nos viramos enquanto a forma dava voltas acima de nós, mantendo-a em nossa linha de visão. De repente, o céu pareceu inchar e rasgar, e uma forma escura passou pelo rasgo.

Uma cabeça surgiu, seguida por um corpo comprido e sinuoso. Ele arremetia e se contorcia no ar, como uma pipa. Foi rodeando o iate em ritmo lento e despreocupado, cada vez mais baixo, até que pudéssemos ver com clareza o que era: um dragão. Mas não era o tipo

de dragão que eu já tinha visto em filmes. Parecia mais uma cobra. Não tinha asas; em vez disso, ele serpenteava pelo ar como uma cascavel na areia. Este não era, com toda a certeza, o dragão de São Jorge; lembrava mais os desenhos de dragões chineses que o Sr. Kadam havia nos mostrado.

Bolsões de ar úmido batiam contra nós, e um silêncio pesado se espalhou ao nosso redor como se nossos ouvidos tivessem sido tapados. O mar se acalmara; seu pretume refletia a luz das estrelas, de modo que parecia que estávamos parados no meio do espaço. O dragão chegou mais perto. Sua barriga era preta, mas a parte de cima era rajada de vermelho, e parecia brilhar com uma luz vermelha que era fracamente refletida na água escura lá embaixo.

Sua cabeça tinha o tamanho de um Fusca. Longos filamentos pretos e vermelhos saíam de suas bochechas com barba negra. Enquanto se movia pelo céu, suas quatro patas curtas com garras estocavam o ar. O corpo vinha na nossa direção e os bolsões de ar que ele deixava em seu rastro iam de encontro ao iate feito ondas. O dragão voou ao redor da embarcação mais uma vez. Agora estava tão perto que todo o seu corpo a rodeava. Escamas brilhantes, mais ou menos do tamanho de pratos, cobriam toda a sua extensão e brilhavam com a luz das estrelas. Sua cabeça se aproximou e parou perto de nós. Nós o encaramos enquanto ela subia e descia no ar.

Narinas enormes sopravam ar frio sobre nós e um olho enorme com cílios compridos piscou e nos olhou fixamente. Uma íris vermelha com pupila preta nos examinou, pensativa. Dei um passo para a frente e olhei no fundo daquele olho brilhante. Ele reluziu no meio, como se houvesse uma estrela presa lá dentro.

– Chegue para trás, Kelsey – advertiu Kishan, baixinho.

Eu me afastei e ele e Ren deram um passo para a frente e inclinaram o corpo de leve na minha direção, prontos para me defender de um ataque. O dragão sacudiu a cabeça e a enorme barba preta ondulou e se assentou. Sua mandíbula enorme se abriu e uma língua comprida e vermelha rolou para fora, como se estivesse provando o ar, e depois se recolheu, enrolando-se para dentro da boca cheia de dentes.

O navio de repente tombou para um lado e depois para outro. Kishan e Ren se mantiveram firmes e me escoraram até que a embarcação se nivelasse. Eu me virei por um instante e vi que o dragão tinha envolvido o iate com seu corpo comprido. Ren e Kishan não desviavam o olhar do dragão. A criatura tremeu delicadamente e suas orelhas pontudas e cobertas de penugem preta se voltaram para

as estrelas, como se estivessem escutando uma mensagem que só ele podia ouvir.

Sua mandíbula se abriu um pouco, quase como se ele estivesse sorrindo para mim, e ouvi uma voz na minha cabeça ressoar como sininhos.

Měngǔ, wǒ jiào Lóngjūn.

Confusa, ergui os olhos para Ren, que sussurrou:

– Ele disse: “Tigres ferozes, meu nome é Lóngjūn, o Dragão do Oeste.”

Kishan deu um passo adiante e falou várias palavras em mandarim. Ren foi traduzindo baixinho:

– Ele perguntou se o grande dragão também sabe falar inglês.

Ouvi a voz tilintante na minha cabeça mais uma vez, e o dragão abriu e boca e mexeu a cabeça de cima para baixo, como se estivesse dando risada.

Sim. Eu também sei falar esta língua, apesar de não ser tão bonita quanto a minha.

O olho piscou e eu observei, fascinada, os cílios que tremulavam.

Vocês vieram me pedir um favor. Não é verdade?

– Viemos – respondi com a voz trêmula.

Diga qual é o seu favor e eu direi qual é o meu preço.

Nós nos agitamos, pouco à vontade. Ren perguntou:

– Se o preço for alto demais, será que podemos negociar?

Sim.

A língua comprida e bifurcada saiu para sentir o gosto do ar perto de Ren. Ren não arredou pé e a língua recuou.

– Tudo bem – disse Kishan. – Estamos procurando o Colar de Pérolas Negras de Durga.

Ah, então precisam visitar meus irmãos. Posso mostrar como achá-los, em troca...

– Em troca de quê? – perguntei com hesitação.

O dragão ajeitou o corpo enquanto pensava, e o navio tombou para um lado. Eu caí com tudo em cima de Ren, mas ele me segurou com facilidade e me firmou.

O item de que precisam para encontrar meus irmãos está no meu palácio do céu. Um de vocês teria que me acompanhar até lá para pegar.

Kishan respondeu:

– Eu vou.

Mas, esperem, disse o dragão. Se quiserem levar o item com vocês, devem me dar algo em troca. Esperem um momento enquanto considero... Ah, sim. Uma de minhas estrelas perdeu o brilho. Precisam consertá-la.

– Quer que nós consertemos uma estrela? Como se faz isso? – indaguei.

Você é que devem descobrir a maneira de repará-la.

– Certo. Então, como chegamos lá em cima?

Desta vez, quando a cabeça virou, a língua comprida saiu para experimentar o ar perto de mim.

Você é corajosa, mocinha?

Ren murmurou baixinho:

– Ela é a mulher mais corajosa que eu conheço.

Eu me virei para olhar para ele, mas ainda estava encarando o dragão. O animal enorme produziu um som na nossa mente, o equivalente a um rosnado de dragão, suponho.

Se vocês três tiverem coragem, podem chegar às estrelas no meu lombo.

Eu já tinha dado vários passos adiante antes de Ren e Kishan estenderem o braço para me deter. Kishan disse:

– Nós vamos, Kelsey. Você fica aqui.

– Vocês sabem que vão precisar de mim. Os dois estarão comigo. Vai ficar tudo bem.

Eu me aproximei do olho do dragão e baixei a cabeça em sinal de respeito.

– Lóngjūn, posso subir no seu lombo?

O dragão abriu a boca e uma risada tilintante soou na minha cabeça.

Tão educada. Pode sim, minha cara. Você e seus tigres podem subir no meu lombo. Mas eu os aviso agora: se caírem, eu não os salvarei. Deem um jeito de ficar bem firmes. Podem segurar nas protuberâncias da parte da trás da minha cabeça, se quiserem.

Quando o dragão vermelho abaixou a cabeça, eu me aproximei dele e toquei numa protuberância preto-avermelhada que se escondia entre os filamentos peludos e ásperos das bochechas e da cabeça do dragão. A protuberância na verdade era mais parecida com um chifre. Havia duas, ambas saindo da parte de trás da cabeça. Elas eram macias e arredondadas nas pontas e tinham uma cobertura preta aveludada que me lembraram chifres novos crescendo na cabeça de um cervo jovem.

Ren deu um passo e subiu no lombo do dragão. Kishan se sentou atrás dele, mas deixou espaço suficiente para que eu me acomodasse entre os dois.

Ren examinou os chifres até encontrar um bom lugar para segurar. Com um solavanco repentino, o dragão ergueu a cabeça e o corpo do navio. Subimos por muitos metros no ar em apenas alguns segundos e

então mergulhamos na direção do mar com a mesma rapidez. Agarrei-me à cintura de Ren com a maior força possível e pressionei o rosto contra as costas dele, mas ainda assim senti meu peso se erguer no ar durante a queda.

Tive uma epifania durante a descida e pedi mentalmente ao Lenço Divino que amarrasse nossos corpos ao do dragão. Não consegui escutar o sussurro dos fios com o uivo do vento, mas senti o tecido rodear minha cintura e apertar minhas coxas ao me prender ao animal. Foi bem na hora, porque depois que o dragão soltou o corpo do navio, ele mergulhou e rodopiou no ar numa velocidade assustadora.

Meu estômago se revirou quando subimos para o céu e viramos de cabeça para baixo, ficando nesta posição durante vários minutos antes de dar início a uma queda livre em espiral. Era como andar na montanha-russa mais assustadora do mundo, e a única coisa que me mantinha a salvo da morte certa era a força dos homens que me seguravam e as amarras do Lenço Divino.

O ar ia ficando mais frio à medida que íamos subindo, e logo eu não sabia mais onde estávamos. Minha respiração formava uma nuvenzinha e pairava no ar. Eu me espremi com mais força contra as costas de Ren, agradecida pela quentura dos meus dois tigres. O mar estava tão preto e limpo que parecia o céu. Estávamos cavalgando com os ventos do Universo, no lombo de um dragão, rodeados por estrelas piscantes.

Conforme subíamos, as manobras de dar nó no estômago foram ficando mais lentas, e o dragão voltou à posição normal ao avançar e recuar pelo espaço. Achei que ele devia parecer uma sucuri gigantesca serpenteando preguiçosamente por um rio negro. Comecei a tremer e minha respiração ficou mais superficial. Kishan chegou mais perto e apertou a bochecha quente dele contra a minha. Como estávamos nos movendo devagar agora, ele soltou as mãos e ficou passando-as nos meus braços nus.

– Eu queria ter trazido aquele casaco.

Uma risada tilintante reverberou na minha mente.

As estrelas são brilhantes, mas frias. Enquanto eu estiver com vocês, não vão congelar. Olhem ali. É o meu palácio, expressou ele com orgulho.

Ergui os olhos e vi que o dragão vermelho estava se dirigindo para um aglomerado brilhante de estrelas. Ele foi avançando com velocidade cada vez maior, e Kishan voltou a se inclinar para a frente, segurando-se na cintura de Ren e me amassando entre os dois. A

cabeça do dragão apontou para cima, e eu escorreguei para o peito de Kishan quando o dragão subiu na vertical pelo ar. As amarras do Lenço Divino nos apertaram e ameaçaram rasgar. Os braços de Ren se esticaram quando ele sustentou o peso de nós três, e senti as pernas de Kishan se apertarem quando ele se agarrou ao dragão. Eu não podia fazer nada além de me deitar no peito de Kishan e torcer para que os dois tivessem força suficiente para impedir que caíssemos.

Finalmente, o dragão voltou a ficar reto e Ren se inclinou para a frente, arfando. Ele também devia estar passando mal por estar tão perto de mim.

Ren olhou para trás por um instante, por cima do ombro. O rosto dele estava pálido e suado. Os braços dele, melados de suor, sacudiam com tremores. Senti uma espécie de ausência de peso. *É assim que deve ser a gravidade zero*, pensei. Meu cabelo começou a se levantar e meus braços ficaram leves, como se o mar estivesse fazendo meu corpo flutuar. Passei a ter muita consciência dos movimentos do dragão. Pude sentir seus músculos lisos se mexerem por baixo da pele. O rabo parecia estar nos impulsinando para a frente agora. Ele se agitava de um lado para outro feito um tubarão e todo o seu corpo acompanhava o movimento.

O aglomerado de estrelas agora estava bem mais próximo e brilhante, mais brilhante do que qualquer coisa que eu já tinha visto. Radiava energia e pulsava com suavidade, como um farol. Ao nos aproximarmos, meu queixo caiu de espanto. O palácio do dragão parecia uma mansão de diamantes pairando no ar. Brilhava e refletia a luz em suas muitas facetas. Quando o dragão chegou bem perto, uma porta se abriu para um salão grande o suficiente para abrigar pelo menos dois aviões. O dragão deslizou de barriga pelo piso de diamante transparente, fez uma curva tão fechada que seu corpo dobrou no meio e parou.

Com um pedido sussurrado de Kishan, o Lenço Divino soltou as amarras e ele saltou para descer do animal. Escorreguei para os braços de Kishan, e ele então se voltou para Ren, que cambaleou ao descer do dragão e se encurvou, agarrando o braço de Kishan em busca de apoio. Eu me afastei vários passos e, depois de um momento, Ren fez um sinal com a cabeça para Kishan e ficou em pé.

O dragão estremeceu, e seu corpo começou a ter convulsões. Ele foi encolhendo; sua forma comprida diminuiu e se retorceu. Então, com um estalo, ele desapareceu e um homem tomou seu lugar. Ele tinha a pele negra e era muito bonito, com olhos vermelhos e vestes da mesma cor. Seus dentes brancos brilhavam em contraste com a pele.

Ele fez uma breve medida.

– Bem-vindos ao meu palácio do céu. Posso entretê-los com um jogo? Bebidas?

Kishan sacudiu a cabeça.

– Nós gostaríamos de tratar do que viemos pegar aqui.

– Ah, sim. Peço perdão. Faz muito tempo que não recebo visitas. – O homem-dragão mostrou todos os dentes em um sorriso. – Venham. Vou lhes mostrar o item de que vão precisar.

Ele nos conduziu através de sua mansão de diamante. Tudo brilhava e refletia nossa imagem. Eu me sentia em um labirinto de espelhos. Iria me perder num instante se não tivéssemos um guia. Ele nos levou até um pedestal que tinha em cima um objeto de diamante. Apertei os olhos por causa da luz, tentando distinguir o formato.

Kishan ergueu-o nas mãos e disse:

– Um sextante.

Eu me aproximei para inspecionar o equipamento pesado e vi um telescópio reluzente montado numa moldura de diamantes triangular. Havia números entalhados no arco ao longo da beirada. As partes que normalmente seriam de vidro e de metal eram feitas, em vez disso, de pedras preciosas lapidadas, de valor incalculável.

– Sim, é um sextante – disse o dragão vermelho. – Ele vai guiá-los ao meu irmão. Agora, vamos tratar do preço combinado.

Ele nos conduziu por uma porta que se abria para uma sacada e, além dela, só havia o espaço. O dragão apontou para um par de estrelas. Uma tinha um brilho fraco e a outra, forte.

– Vocês concordaram em consertar minha estrela.

Nós quatro ficamos olhando fixamente para as estrelas por um tempo, e então o dragão entrou e nos deixou lá pensando em silêncio sobre como consertar a estrela. Tentei usar meu poder de raio, mas ele não era capaz de atravessar a distância. Kishan quis jogar o *chakram*, mas fiquei preocupada em perdê-lo no espaço. Por não ter mais qualquer ideia, Kishan desapareceu dentro do palácio para falar com o dragão sobre outras opções e logo voltou.

– Lóngjūn concordou em jogar uma partida de xadrez com um de nós em vez disso. Se nós vencermos, levamos o sextante. Se perdermos, um de nós tem que ficar para trás.

– Isso não é nada bom – concluí. – Sou péssima em xadrez.

Ren e Kishan se entreolharam por um segundo, e então Ren disse:

– Você joga xadrez melhor. Kadam nem sempre consegue vencê-lo.

Kishan assentiu e desapareceu dentro do castelo. Ren e eu fomos atrás dele e assistimos ao jogo. O dragão ficou com as peças de

diamante negro e Kishan pegou as claras. Kishan foi o primeiro. Depois de várias jogadas, comecei a temer que ele fosse perder. O dragão se recostou, sorrindo, e ficou esperando pacientemente pelo próximo movimento de Kishan. Entrei em pânico e cutuquei Ren com o cotovelo.

Ele me seguiu para o lado de fora, e eu lhe disse que queria experimentar mais uma coisa. Pedi o tridente. Ele o entregou, e eu usei o Lenço Divino para fazer centenas de metros de corda rígida e amarrei uma ponta à sacada. Também pedi que ele tecesse a outra ponta com firmeza ao redor do tridente.

Em seguida, entreguei o tridente a Ren.

Ele olhou para mim, confuso.

– O que você quer que eu faça com isso?

– Quero que jogue o tridente na estrela e puxe na nossa direção.

– Você acha que ele chega tão longe assim?

– Minha esperança é que o empuxo do espaço ajude a carregá-lo até lá. O Lenço pode criar mais corda conforme ele avançar e, se errarmos o alvo, é só puxar de volta. Eu mesma faria isso, mas você tem mais força no braço.

Ren concordou e deu um passo para a frente. Ele mirou com cuidado e lançou o tridente no espaço como se fosse uma flecha gigante. Logo ficou óbvio que tinha errado o alvo.

Fiz o Lenço Divino puxar de volta o tridente com a corda e logo Ren estava pronto para uma nova tentativa. Ouvimos o dragão berrar “Xeque!” todo feliz da outra sala e percebemos que nosso tempo estava acabando.

– Mire mais alto dessa vez. A luz da estrela está refletindo no palácio. Talvez esteja atrapalhando sua pontaria.

Dessa vez Ren acertou a mira e, quando o tridente disparou pelo espaço com uma vibração, ele continuou seu trajeto na direção da estrela. O impacto causou um estrondo distante. Agora vinha a parte difícil. Peguei a corda sedosa que o Lenço Divino fizera e pedi que recuasse enquanto Ren e eu a puxávamos. Fizemos muita força por um minuto e então sentimos a corda voltando. Puxamos até a estrela se soltar e começar a gravitar com rapidez na direção do palácio. Quando ela se aproximou, Ren ficou em pé na sacada e se escorou na parede para segurá-la.

Eu sabia que tudo que tinha acontecido era fisicamente impossível. Em primeiro lugar, as estrelas não se movem e, mesmo que se movessem, queimariam qualquer coisa que chegasse perto delas. Cheguei à conclusão de que seria melhor se eu não tentasse encontrar

sentido no que acabara de ocorrer.

Ren arrancou o tridente da estrela e ordenou ao Lenço Divino que recolhesse toda a corda, então se voltou para mim.

– E agora?

– Agora usamos fogo.

Ergui a mão na direção da estrela enquanto a sensação conhecida de lava derretida queimava no meio do meu corpo e disparava pelo meu braço. Minha mão brilhou e a luz branca foi disparada na direção da estrela. Investi toda a minha energia no raio e, apesar de a estrela ter bruxuleado mais forte, logo perdeu o brilho.

Ren deu um passo para a frente.

– Qual é o problema?

– Não sei.

– Tente de novo.

Levantei a mão e a luz branca disparou da minha palma mais uma vez, fortalecendo a estrela. Fiquei assim durante vários minutos, mas logo me senti exausta. Minha energia minguou. Ren pôs a mão no meu braço para me deter e, durante esse breve toque, uma luz quente, dourada e flamejante disparou da minha mão. A estrela brilhou três vezes mais. Parei e olhei para Ren, antes de dizer:

– Fique atrás de mim e segure meus braços.

Ele me fitou por um breve momento, mas baixei o olhar e me concentrei na estrela. Senti quando passou para trás de mim lentamente. Ergui a mão para disparar mais uma vez. A luz branca avançou. Ren pressionou o rosto contra o meu e deslizou as mãos pelos meus braços. Queimou. Ele entrelaçou os dedos nos meus e a luz ficou dourada e depois branca outra vez. Ela queimou com uma intensidade 10 vezes mais forte do que antes. A estrela pulsou, então se expandiu e brilhou com um núcleo dourado que depois começou a queimar em branco, de tão quente.

Mantive o raio por vários minutos. Ren começou a tremer de tanto esforço. Os dedos dele se apertaram e os braços se sacudiram. Parecia que eu estava queimando com ele. Minhas pernas falharam, e eu quase não consegui mais ficar em pé. Eu o ouvi gemer de dor. O calor que saía dos nossos dedos entrelaçados era terrível e brilhante.

Não demorou muito para que eu não conseguisse mais me sustentar em pé. Caí para trás contra o peito de Ren, e o fogo morreu. O sangue pulsava no meu corpo em sintonia com o brilho da estrela, disparando pelos meus braços onde a pele de Ren ainda tocava a minha. Apesar da agonia que eu sabia que ele estava sentindo, ele me segurou com delicadeza e me levou até a parede. Descansamos

apoiados nela durante alguns instantes.

Ren se afastou alguns passos e se recostou, segurando a barriga e arfando. A pele da bochecha dele, no lugar em que tinha pressionado a minha, e a parte de dentro de seus braços brilhavam com a mesma cor dourada da estrela. Surpresa, baixei os olhos para meus próprios braços e vi que brilhavam da mesma maneira. Levantei um braço cansado e observei a radiância ir enfraquecendo até desaparecer completamente.

Apoiei a cabeça contra a parede e fiquei observando Ren, apesar de mal conseguir manter os olhos abertos. Ele subiu na balaustrada da sacada, escorou os pés e segurou firme a estrela pulsante entre as mãos. Com um impulso hercúleo, lançou-a de volta ao espaço. No final, ela se acomodou em sua antiga posição.

Ren desceu e desabou sentado com as costas apoiadas na balaustrada. Ele jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Também fechei os meus, e nós dois ficamos lá sentados vários minutos, exaustos. Alguém sussurrou meu nome. Eu conhecia aquela voz. Eu a tinha escutado nos meus sonhos. Mantive os olhos bem fechados. Se eu os abrisse, ela iria embora.

– Kelsey.

Sacudi a cabeça em uma negação silenciosa e gemi baixinho.

– Kelsey.

Eu me contorci desconfortável e percebi que estava sentada ereta. *Por que fui dormir sentada?* Ele me chamou de novo.

– Kelsey.

Eu me esforcei para abrir os olhos e fiquei olhando para o palácio de diamante, confusa.

– Onde você está?

– Aqui.

Vi Ren ainda sentado no mesmo lugar, com a cabeça apoiada na balaustrada e as pernas compridas estendidas à sua frente, cruzadas na altura dos tornozelos.

Seus olhos estavam fixos em mim, e eu corei, me lembrando dos dedos dele entrelaçados nos meus. Seu olhar era abrasador.

– Está tudo bem com você? – perguntou.

Minha garganta fechou, minha língua parecia grossa. Lambi os lábios para conseguir falar e vi os olhos dele se apertarem. Respirei fundo e só assenti com a cabeça.

– Que bom.

Ele sorriu, então fechou os olhos e, naquele momento, ouvimos o dragão, Lóngjūn, gritar:

– Xequemate!

Kishan apareceu na varanda, arrasado, seguido pelo dragão exultante. Lóngjūn juntou as mãos e disse:

– Agora, vejamos. Qual de vocês gostaria de me fazer companhia aqui entre as estrelas?

Kishan imediatamente se ajoelhou ao meu lado e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Você está legal? O que aconteceu?

Fiz que sim, fraca, e apontei para Ren, que estava sentado no chão com a cabeça apoiada nas mãos. Kishan conversou baixinho com Ren e então se voltou para mim. Ele se sentou ao meu lado e puxou meu corpo em um abraço. Eu me aninhei em seu peito, mas, quando abri os olhos, o olhar de Ren voltou a me capturar. Parecia que eu fitava um espelho d'água azul e reluzente. Na superfície, a água era calma, mas eu sentia que, se olhasse bem nas profundezas, ia ver a água agitada, irrequieta, cheia de pensamentos e lembranças que eu não podia acessar. Mas eu não conseguia enxergar através da superfície daqueles olhos. Não era capaz de arrancar o homem que eu conhecia das profundezas da própria mente. Ele se escondia de mim.

O dragão deu risada.

– Nenhum de vocês vai escolher? Ótimo. Eu mesmo escolho.

Ergui os olhos.

– Não vai poder escolher. Nós consertamos a sua estrela.

– Zênme? – perguntou o dragão, incrédulo.

– Veja por si mesmo.

Ele foi até a sacada e espiou o céu.

– Como fizeram isso?

– Como você mesmo observou antes, nosso trabalho era descobrir como, não explicar para você.

O dragão franziu a testa e coçou a bochecha.

– Ainda assim... um jogo foi perdido. Preciso receber algum tipo de recompensa como vencedor.

Gemi e fiquei em pé. Kishan se levantou imediatamente para me ajudar.

– Será que isto o satisfaz?

Pus as mãos nos ombros do dragão e dei um beijo na bochecha dele. Sua pele era muito quente e grossa como couro. Ele pressionou a mão contra a bochecha, chocado.

– O que foi isso?

– Um beijo – disse Ren ao se levantar ao nosso lado. – Há homens que têm lutado muito por este favor.

Baixei os olhos e senti quando Kishan pegou minha mão e a apertou.

Os olhos do dragão piscaram.

– Um beijo. Sim. Estou satisfeito. Podem pegar o sextante e ir embora.

Ele se virou para sair, e eu disse:

– Lóngjūn? Será que poderia nos dar uma carona de volta ao navio? O homem-dragão parou para considerar sua resposta.

– Sim. Se me der outro... *beijo*. Mas desta vez na minha verdadeira forma.

Concordei e começamos a seguir o dragão de volta, atravessando a casa de diamantes. Kishan pegou o sextante e pedimos ao Lenço Divino que criasse uma bolsa para carregá-lo.

Quando Kishan a prendeu nas costas, Lóngjūn nos deu um aviso:

– Vocês só podem usá-lo enquanto estiverem no meu reino e apenas para encontrar o meu irmão. Assim que deixarem nossos oceanos, ele retornará a mim.

Kishan ajustou o peso e fez uma medida curta.

– Nossos agradecimentos, grande dragão.

O corpo dele estremeceu e entrou em erupção numa explosão de carne escamada que logo se espalhou pelo salão. Quando Ren se aproximou do dragão, toquei no braço dele, mas logo recolhi a mão. Ele se voltou para mim.

– Você vai ficar bem? – perguntei. – Precisa descansar mais?

Ele respirou profundamente e soltou o ar devagar.

– Vou ficar bem. Apenas se assegure de que as cordas estejam apertadas.

Ren e Kishan subiram no lombo do dragão enquanto me aproximei da cabeça avermelhada dele e dei um beijo caloroso na bochecha barbuda.

Enquanto o dragão balançava a cabeça enorme, ouvi uma risada tilintante na cabeça.

Que presente agradável. Monte logo, minha cara. As estrelas estão empalidecendo.

Kishan me puxou para cima e, no instante em que pedi ao Lenço Divino que criasse cordas para amarrar nas nossas pernas e nos prender, o dragão vermelho deslizou pelo piso de seu palácio do céu e mergulhou no espaço como uma pedrinha indefesa em uma cachoeira.



O animal de estimação do dragão azul

Se subir pelo céu no lombo do dragão havia sido ruim, descer foi muito pior. Lóngjūn mergulhou centenas de metros na vertical, depois rodopiou e ondulou pelo espaço como uma cobra enorme. Os braços de Kishan estavam presos em volta de mim, me segurando bem firme. Caí contra as costas de Ren e fechei os olhos enquanto tentava desesperadamente não vomitar. Soltei um suspiro de alívio quando enfim chegamos à água.

No momento em que o dragão vermelho encontrou o mar, ele não submergiu, mas deslizou pela superfície. O oceano ainda estava calmo, felizmente, e o dragão disparou com rapidez por cima da água. Ao chegarmos ao iate, Lóngjūn ergueu a parte superior do corpo até a casa do leme para que descêssemos e sacudiu a cabeça com impaciência, motivando-nos a desembarcar o mais rápido possível.

Kishan e Ren saltaram rapidamente, mas eu não fui veloz o suficiente, por isso o dragão deu um último solavanco ligeiro com o corpo e me lançou pelo ar. Eu voei, berrando e ao mesmo tempo ouvindo uma risada tilintante. Quando comecei a cair pela lateral da casa do leme, tanto Ren quanto Kishan se inclinaram para me pegar pelos braços. Sem qualquer cerimônia, fui puxada para cima e pousei com um baque no deque, entre os irmãos.

Depois que consegui voltar a respirar, eu disse:

– Obrigada... eu acho.

Eu me virei para olhar pela beirada com os dois. Eles observavam a partida do dragão. O animal quicou na água, então encolheu o corpo e disparou pelo ar. Nós três acompanhamos seu voo cada vez mais alto para as estrelas, até que ele sumiu. Num piscar de olhos, tinha desaparecido.

De forma brusca, Ren pegou o sextante de Kishan e desapareceu pela lateral da casa do leme, para se consultar com o Sr. Kadam, concluí.

Kishan rolou na minha direção e, com um gesto delicado, afastou meu cabelo do rosto.

– Está tudo bem com você? – perguntou. – Está sentindo dor em algum lugar?

Eu ri, depois gemi.

– Estou sentindo dor mais ou menos no corpo todo, e poderia passar uma semana dormindo.

Kishan se apoiou no cotovelo.

– Venha. Vamos colocar você na cama.

Ele me ajudou a descer a escada da casa do leme e enfiou a cabeça lá dentro por um instante.

– Vou levar Kelsey para o quarto.

O Sr. Kadam assentiu e nos dispensou com um aceno, já absorto diante de seu novo brinquedo, mas Ren ergueu os olhos e me examinou brevemente antes de se inclinar para olhar algo que o Sr. Kadam lhe mostrava. Kishan me acompanhou até o quarto, tirou meu equipamento e meus sapatos e perguntou:

– Roupas ou pijama?

– Depende.

– Do quê?

– De você ficar e ajudar.

Ele sorriu e esfregou o queixo.

– Esta é uma questão interessante. O que você *quer* que eu faça?

Cutuquei o peito dele.

– Espere aqui que vou me trocar no banheiro.

Ele ficou com a cara no chão de decepção, e eu só pude dar risada.

Vesti meu pijama com os olhos fechados, de tão cansada que estava. Lavei o rosto, escovei os dentes e tateei meu caminho de volta até a cama. Minha mão esbarrou com o peitoral largo de Kishan e rapidamente fui pega no colo e deitada entre os lençóis frios. Kishan ajustou a luz para o brilho mais baixo possível e se ajoelhou ao lado da cama.

Minha cabeça exausta se afundou no travesseiro imediatamente.

Ajeitei o corpo de leve e gemi.

– O que está doendo, Kells?

– O cotovelo.

Ele examinou meu cotovelo roxo e deu um beijo suave nele.

– Algum outro lugar?

– Meu joelho.

Ele puxou o lençol e fez meu pijama sedoso deslizar acima do joelho. Apertou-o com delicadeza.

– Está ralado, mas acho que vai sarar. – Os lábios dele tocaram meu joelho e ele deu mais um beijo carinhoso. – E onde mais?

Sonolenta, aponte para a bochecha. Ele afastou meu cabelo para trás e me deu uma dezena de beijos na testa e nas bochechas. Seus lábios foram até minha orelha enquanto ele acariciava meu cabelo. Ele sussurrou:

– Eu amo você, Kelsey.

Eu estava prestes a responder quando caí no sono.

Dormi durante muito, muito tempo. Kishan não estava mais lá quando acordei. A água quente do chuveiro fazia doer minha pele machucada e esfolada. Por que será que eu não estava sarando com tanta rapidez quanto nos outros reinos? Desconfiei que ter energizado aquela estrela tinha me exaurido a tal ponto que meu corpo não estava conseguindo se recuperar. Ia consultar o Sr. Kadam sobre isso mais tarde.

Morrendo de fome, entrei na casa do leme, e Nilima, sempre gentil, preparou o café da manhã para mim, apesar de já ter passado muito da hora do jantar. Bebi um pouco de suco de maçã e levei meu prato até a mesa em que todos estavam trabalhando. Os rapazes pareciam bem descansados, mas o Sr. Kadam, não.

Pedi ao Fruto Dourado que preparasse para o Sr. Kadam uma xícara de chá de flor de laranjeira, o preferido dele, antes de me acomodar numa cadeira para saborear meu sanduíche tostado de cream cheese e morango. Ele me deu uma piscadela de agradecimento e tomou um gole da xícara antes de alongar as costas curvadas.

– Passou a noite... quer dizer, o dia todo trabalhando, não foi? – comentei.

O Sr. Kadam fez que sim com a cabeça e pegou o chá.

– Quando foi a última vez que comeu?

Ele deu de ombros, por isso pedi ao Fruto Dourado que criasse um bolinho quente de mirtilo com manteiga e mel para acompanhar o

chá. Ele deu um sorriso e se sentou ao meu lado. Ren e Kishan se aproximaram ao mesmo tempo do mapa que estavam examinando, bateram a cabeça e gemeram um para o outro. Eu sorri e me virei para o Sr. Kadam.

– Então, o que descobriram? Estamos nos movendo de novo, não estamos?

– Estamos, sim.

– Como é possível? Estamos avançando com nossos próprios motores?

– O satélite e alguns outros instrumentos ainda não estão funcionando, mas o motor voltou a ligar, apesar de isso não ajudar muito se não soubermos onde estamos. É aí que isto entra.

Ele estendeu a mão e me entregou um livrinho. Eu folheei as páginas e vi colunas de escrita chinesa.

– O que é isto?

– Por falta de um termo melhor, é um almanaque de dragões.

– Onde o conseguiu?

– Encontrei em um compartimento escondido embaixo do sextante. Estive traduzindo o texto.

Kishan se aproximou do leme e fez alguns ajustes.

– Agora sabemos qual é a latitude e a longitude do próximo dragão. Este inusitado sextante nos permite traçar nossa rota. Eu só preciso olhar pelo visor e encontrar a estrela do dragão seguinte. Nosso próximo amigo escamado é o azul. Uma vez que a estrela entra no campo de visão, o sextante gira e estala, quase como uma bússola. Esses movimentos nos dão uma longitude e uma latitude. Também diz quantas horas vamos demorar a chegar, dependendo da velocidade.

– Então, para que está usando o almanaque?

– O almanaque nos diz onde encontrar a estrela.

– Entendi. E quando acha que vamos chegar à toca do dragão azul?

– Com nossa atual velocidade e se o clima continuar assim... por volta das oito da manhã.

O Sr. Kadam pegou um caderno e uma caneta, e nós passamos uma hora conversando sobre o dragão vermelho e seu palácio de diamante. Ele já tinha se informado dos detalhes com Kishan e Ren, mas também queria minha versão. Respondi dezenas de perguntas, incluindo uma bem embaraçosa a respeito da luz dourada que eu usara para reavivar a estrela. Hesitei e falei:

– Ren já não contou o que aconteceu?

– Ele só me falou sobre puxar a estrela para perto com a ajuda do

tridente e do Lenço. Disse que caberia a você me contar o restante.

– Ah.

Mordi o lábio inferior e me virei para ver que Ren tinha erguido a cabeça. Ele olhou para mim com expressão indecifrável e então voltou a se debruçar sobre o mapa, mas dava para perceber que continuava escutando a conversa. Kishan terminou o que estava fazendo no leme, passou o braço por trás dos meus ombros e me deu um beijo no alto da cabeça.

Pigarreei.

– Eu, hã... devo ter acertado um túnel de lava profundo ou algo assim. Não sei de onde veio a luz dourada. Talvez tenha algo a ver com este reino – eu menti.

O Sr. Kadam rabiscou algumas anotações em um bloco. Kishan apertou meus ombros e começou a massageá-los. Eu me arrisquei a dar uma olhada em Ren, mas ele havia desaparecido em silêncio. Soltei um suspiro de culpa. Não tinha certeza de por que eu sentia necessidade de manter o que acontecera entre mim e Ren em segredo. Eu sabia que aquilo poderia deixar Kishan magoado, mas não foi por isso que não falei nada. Eu simplesmente não era capaz de tocar no assunto. A experiência tinha sido muito... *íntima* entre nós dois, e parecia errado falar sobre ela.

Kishan, o Sr. Kadam e eu passamos várias horas juntos na casa do leme enquanto Nilima, cansada, tirava uma soneca. Eles me mostraram tudo que tinham descoberto enquanto eu dormia. O Sr. Kadam começou a me ensinar os fundamentos relativos aos instrumentos do iate, mas dava para ver que estava exausto. Kishan reparou na minha expressão de preocupação e disse ao Sr. Kadam que terminaria de me instruir em seu lugar. Depois de um pouco de negação e reclamação, nós finalmente o convencemos a tirar uma boa soneca. Prometemos que o acordaríamos se surgisse algum problema.

Kishan passou as horas seguintes me ensinando, com muita paciência, como o navio funcionava. Ele não tinha tanta experiência quanto o Sr. Kadam ou Nilima, mas parecia que tinha aprendido rápido. Para passar o tempo, jogamos algumas partidas de ludo e compartilhamos mais uma refeição. Enquanto ele dava uma de capitão, eu escrevi no meu diário e li um pouco.

Durante um intervalo, eu me juntei a Kishan ao timão. Ele observava a água, calado. Esbarrei nele com o quadril.

– Um centavo pelos seus pensamentos.

Kishan se virou e sorriu, então me puxou para ficar na frente dele. Ele me abraçou pela cintura e apoiou o queixo no alto da minha

cabeça.

– Não estou pensando em nada de mais, só que estou contente. Pela primeira vez em... séculos, estou feliz.

Dei risada.

– Então, você tem uma queda por lutar contra demônios e monstros?

– Não. Eu tenho uma queda por você. Você me faz feliz.

– Ah. – Eu me virei em seu abraço para ficar de frente para ele. – Você também me faz feliz.

Ele sorriu e tocou meu rosto. Seus olhos passaram para os meus lábios quando ele chegou mais perto. Achei que fosse beijar minha boca, mas pareceu ter mudado de ideia no último segundo e, em vez disso, me beijou na bochecha. Foi dando vários beijos até minha orelha e sussurrou:

– Em breve.

Ele me abraçou bem apertado e, com o rosto enterrado em seu peito, fiquei imaginando por que parou.

Deve ter sido por causa de algo que eu fiz. Tive bastante certeza de que ele queria me beijar e que desta vez eu não iria chorar. Eu gosto dele. Não... eu o amo. Quero fazê-lo feliz. Mordi o lábio. Talvez ele saiba que menti a respeito de Ren. Talvez tenha percebido que estamos agindo de maneira estranha. Não. Nesse caso, ele diria algo, não diria?

Sufoquei a culpa quando nos separamos e fui até onde o quimono estava para dar uma olhada. A primeira linha bordada da estrela, que ia do Templo da Praia ao Templo da Estrela, estava completa. Virei o tecido do outro lado para examinar o dragão azul. Pensei ter ouvido um sino tilintante e podia jurar que o dragão vermelho piscou para mim. Franzi a testa para ele e dobrei a manga para tirá-lo de vista.

O dragão azul repousava sobre nuvens cinzentas e soltava fumaça pelas narinas. Passei o dedo pelo contorno de uma nuvem e ouvi um ronco. Uma nuvenzinha foi soprada por entre os meus dedos. Eu a soprei para longe e ergui os olhos.

Nós nos dirigíamos para o sul na noite estrelada. O sol logo iria nascer. À frente, notei a névoa espessa rolando acima da água. As estrelas começaram a desaparecer, capturadas e apagadas por baforadas nebulosas. Eu me inclinei para fora por uma porta aberta e senti o vento chicotear meu rosto. O navio balançou com uma onda.

Olhei para o relógio. Apenas sete horas tinham se passado.

– Kishan? Acho que está na hora de acordar o Sr. Kadam.

Ele saiu e retornou com o Sr. Kadam, sonolento, que veio se juntar a mim à janela.

- Estou aqui. O que foi, Srta. Kelsey?
- Acho que o dragão azul produz neblina. Será que vamos conseguir navegar através disto?

O Sr. Kadam mandou Kishan acordar Nilima, então respondeu:

– Acredito que ficaremos em segurança. É pouco provável que haja outras embarcações por aqui para bater em nós, e a maior parte dos nossos instrumentos parece estar em operação. Apesar de o sistema de satélite aparentemente não ser capaz de calcular nossa posição, o equipamento de medição de profundidade está funcionando, então, se depararmos de repente com uma ilha, seremos alertados. A água é quente demais para icebergs, por isso não precisamos nos preocupar em colidir com um desses. Posso pedir a Ren ou Kishan que fiquem de vigia, para deixar a senhorita mais tranquila. Eles têm visão excelente, mesmo na neblina.

– Não – falei, com um suspiro. – Não acho que seja necessário.

O Sr. Kadam deve ter visto minha expressão de preocupação, porque tentou me distrair. Enquanto conferia os instrumentos, perguntou:

– Sabia que os vikings usavam pedras do sol especiais quando navegavam na neblina, para que pudessem surpreender os inimigos?

Funcionou. Meus lábios se curvaram em um sorriso.

– Não, eu não sabia.

– O auge dos vikings foi no século VIII. Como provavelmente já sabe, eles eram famosos por suas pilhagens e, naquela parte do mundo, com frequência se deparavam com névoa em seus ataques. Eles embarcavam em seus barcos, chamados de drácares, e invadiam e saqueavam vilarejos da Islândia à Groenlândia, da Europa às Ilhas Britânicas, e até na América do Norte.

– Como eles usavam as pedras do sol?

– As pedras do sol possuem uma propriedade fora do comum. Elas têm cristais refratários incrustados que são capazes de polarizar e mostrar a posição do sol. Qualquer viking que se prezasse era capaz de navegar pelo sol, e a pedra do sol funcionava bem para eles em qualquer situação, menos nas piores das tempestades. Pesquisadores acreditam que a pedra do sol seria integrante da família do feldspato, apesar de haver certo debate a esse respeito. Hoje temos outros meios de avaliar nossa localização, mas, mesmo assim, acho que vamos diminuir a velocidade um pouco.

Concordei com ele. Quando Kishan e Nilima apareceram, o Sr. Kadam mandou que Kishan e eu fôssemos dormir. Ele queria que descansássemos antes de chegarmos ao próximo dragão. Fui para o

meu quarto e logo caí no sono.

Acabou que nosso descanso foi bem curto. Eu só estava dormindo fazia umas duas horas quando me sentei ereta na cama, assustada. Acordei confusa, como se estivesse tendo um pesadelo. Ren estava parado à minha porta aberta e olhava para a cama com expressão estupefata.

Ele logo desviou o olhar e disse, rígido:

– Estão precisando de vocês na casa do leme.

Com isso, ele se virou e saiu, fechando a porta com cuidado atrás de si.

Eu estava imaginando qual seria o problema quando senti uma mão acariciar minhas costas. Saltei da cama como se estivesse pegando fogo. Kishan, com o peito nu, apoiou-se sobre o cotovelo.

– Está tudo bem com você?

– Eu estou... *bem* – gaguejei.

– Por que o sobressalto?

– Eu fiquei... confusa. Normalmente, só durmo ao lado de tigres.

– Ah.

– Hã... você não está... quer dizer... você *está*... usando algo aí embaixo... certo?

Kishan sorriu e jogou para longe as cobertas. Eu dei um gritinho e depois soltei um suspiro de alívio.

– Poderia ter apenas respondido à pergunta, em vez de ser tão dramático.

– Não teria a mesma graça. Mas, sim, estou vestido.

– Hã, mais ou menos.

Kishan só estava usando um short. *Ren deve ter pensado... bom, mas o que Ren pensa ou deixa de pensar não faz diferença, não é mesmo?*

– É melhor se vestir. Ren disse...

– Ouvi o que Ren disse. – Kishan me deu um abraço rápido e beijou minha testa. – Vou esperá-la do lado de fora.

Em pouquíssimo tempo, já estávamos nos dirigindo à casa do leme. Pensei sobre o que havia acontecido naquela manhã. Apesar de tecnicamente ter sido apenas um cochilo, e de eu ter dormido ao lado tanto de Ren quanto de Kishan na forma de tigre muitas vezes antes, eu me sentia... pouco à vontade dormindo com Kishan como homem. Ren nunca tinha forçado a barra nesse sentido e, aliás, era inflexível quanto a nós *não* termos um relacionamento físico.

Eu tinha partido do princípio de que seria a mesma coisa com Kishan, mas, apesar das semelhanças entre eles, eram homens muito diferentes, e eu precisava me lembrar disso. Precisaria conversar

sobre esse assunto com ele em breve. *Será que eu sentiria a mesma coisa se tivesse sido Ren em vez de Kishan?* Empurrei esse pensamento para longe e me recusei a refletir sobre a resposta.

O *Deschen* estava ancorado em meio a uma densa cobertura de nuvens. O Sr. Kadam nos puxou de lado quando entramos na casa do leme.

– A ilha apareceu do nada – disse ele. – Acho que o sensor de profundidade não está funcionando. Eu só consegui parar o navio porque Ren estava de vigia.

Kishan e eu ficamos olhando pela janela para o gelado nada.

– Como vamos saber o que precisamos fazer? – perguntei.

Ninguém respondeu... não que eu achasse que alguém teria uma resposta.

O Sr. Kadam se colocou ao nosso lado.

– De acordo com minhas anotações, estamos no lugar certo.

Ren deu uma olhada no céu.

– Então, onde está nosso amigo escamado? – perguntou.

Ele e Kishan começaram a debater a ideia de pegar uma lancha para dar uma olhada mais de perto na ilha quando pensei em outra coisa. Apoiei a mão no braço do Sr. Kadam.

– O que foi, Srta. Kelsey?

– Vamos usar os ventos.

– Os ventos?

– Estou falando do Lenço. A sacola de Fujin.

Ele cofiou a barba curta.

– É mesmo. Talvez dê certo. Vamos tentar.

Ele abriu um armário e pegou o Lenço. O tecido mudou de cor, ficando laranja e verde na mão dele, mas, quando o entregou para mim, o Lenço ficou de um azul-cobalto sólido. Eu corei, escondi o Lenço atrás das costas e pedi a todos que subissem no alto da casa do leme para fazer uma experiência.

Depois que os outros subiram a escada, dei uma bronca no Lenço:

– Será que você não pode ficar preto ou algo assim? Apenas ignore meus pensamentos, ok? Estou tentando me concentrar, mas assim fica difícil. – O Lenço mudou de cor, mas, teimoso, permaneceu azul-cobalto no centro. Suspirei. – Isso vai ter que bastar.

Com um aviso final ao objeto sedoso, eu me dirigi para a escada.

Quando todos estavam reunidos lá em cima, eu disse:

– Sacola de Fujin, por favor. – O Lenço se contorceu na minha mão e se dobrou sobre si mesmo, criando costuras bem-feitas ao longo das laterais. – Agora, segurem a sacola, vocês dois.

Cada um de nós segurou uma parte da ampla abertura, e eu gritei:
– Lenço Divino, reúna os ventos!

Fui imediatamente atingida no rosto por uma rajada de vento que soprou meu cabelo para trás e fez com que ele chicoteasse com tanta força que meu pescoço ardeu. A sacola logo se encheu e se expandiu. Os ventos se agitavam lá dentro enquanto ela crescia como um balão de ar quente, repuxando meus braços. Torci a ponta no meu pulso para conseguir segurar. Até Ren e Kishan estavam com dificuldade.

Finalmente, estávamos segurando um saco bem cheio e não sentíamos nem o menor roçar de uma brisa no rosto.

– Preparem-se – gritei. – Mirem a ilha.

Deixei Kishan e Ren fazerem a mira, porque eles conseguiam enxergar a ilha e o resto de nós, não.

Kishan berrou por cima do barulho estridente da sacola:

– Um! Dois! *Três!*

Abrimos a sacola e nos seguramos como se nossa vida dependesse daquilo. Ela sacudiu e uivou enquanto o vento berrava pela abertura como um ciclone. O barulho era inacreditável. Era pior do que pular de paraquedas, pior do que voar no lombo de um dragão. Era concentrado, atingia cada terminação nervosa e pulsava nos meus tímpanos. Ren e Kishan estavam com os olhos apertados. Se o som era ruim para os meus ouvidos, eu imaginava que devia ser muito pior para os tigres. À medida que a neblina foi se dissipando, nós nos viramos como uma unidade para dirigir as névoas e os vapores para o mais longe possível da ilha.

Quando a sacola se exauriu por completo, a névoa se afastara o suficiente para se transformar numa leve neblina no horizonte. Passei os dedos pelo cabelo e voltei a transformar o Lenço em sua aparência normal. Kishan olhava fixamente por cima da minha cabeça. Ele pôs as mãos nos meus ombros e me virou para olhar a ilha. Na verdade, era mais uma grande protuberância de pedra do que uma ilha. Ela se erguia diretamente da água e não tinha praia alguma. Ao que parecia, a única maneira de chegar ao topo seria escalando as pedras.

Mordi o lábio só de imaginar a escalada daquela face íngreme. Então ouvi o barulho: um *uósh* ritmado e profundo. Para dentro... para fora. Para dentro... para fora. O sol estava bem em cima da ilha, e era brilhante demais para que eu conseguisse enxergar o pico. Para dentro... para fora. Para dentro... para fora. Protegi os olhos com a mão e pisquei várias vezes.

– Aquilo... aquilo por acaso é...

Kishan respondeu:

– É sim. É um rabo.

O nosso dragão azul estava enrolado em um castelo em ruínas no alto da ilha, roncando. Lufadas de neblina saíam de suas narinas enquanto ele dormia. Nós ficamos lá, em silêncio, olhando para o dragão azul adormecido.

– O que devemos fazer? – perguntei.

Kishan deu de ombros.

– Não sei. Será que devemos acordá-lo?

– Acho que sim. Se não, sabe-se lá quanto tempo ele ficará dormindo...

Eu berrei para a criatura:

– Grande dragão! Por favor, acorde!

Nada aconteceu. Ren berrou:

– Acorde, dragão!

Kishan colocou as mãos em concha na frente da boca e gritou, em tom de voz profundo. Ele se transformou em tigre e rugiu tão alto que tapei os ouvidos com as mãos. Tentamos gritar juntos. Ren e Kishan rugiram juntos. Por fim, o Sr. Kadam desceu e tocou a buzina de neblina do navio. O som repentino foi tão alto que pedras rolaram do alto da montanha.

Uma voz grave e ribombante ecoou a buzina de neblina que reverberava na nossa cabeça.

O que... vocês querem?, disse a voz, mal-humorada. *Não estão vendo que estão atrapalhando meu s-s-sono?*

A montanha vibrou, fazendo com que a água lá embaixo formasse ondinhas.

Ren gritou:

– Seu irmão, Lóngjūn, nos enviou. Ele disse que precisamos pedir sua ajuda para recuperarmos o Colar de Durga.

Não me importa o que procuram. Estou cansado. Vão embora e não me incomodem mais.

Kishan deu um passo para a frente.

– Não podemos voltar atrás. Precisamos da sua ajuda, dragão.

Sim. Precisam. Mas eu não preciso de vocês. Deixem-me agora, ou sofram com a ira de Qīnglóng.

Eu falei:

– Então precisamos nos arriscar a sofrer a sua ira, Qīnglóng, porque não podemos ir embora. Mas talvez exista algo que possamos fazer por você, algo que faça valer a pena perder tempo para nos ajudar.

E o que você poderia fazer por mim, menininha?

A montanha tremeu quando o dragão azul desenrolou a parte

superior do corpo, afastando-se da torre, e desceu para mais perto de nós. Apesar de ter tamanho semelhante ao do irmão, este dragão azul tinha aparência diferente. Sua cabeça era mais comprida e se afinava mais no focinho. Em vez de barba preta, suas bochechas e sua testa eram cobertas por penas alisadas para trás e reluziam como escamas de peixe em tons brilhantes de azul e púrpura.

Penas semelhantes desciam pela espinha de suas costas e se abriam em leque na cauda e nas patas, como os pelos em cima do casco de um cavalo Clydesdale. Garras afiadas douradas agarravam o ar, abrindo e fechando enquanto ele balançava para a frente e para trás por cima de nós como a rabiola de uma pipa presa a uma árvore. Sua pele escamada era de um azul forte e, quando ele sibilava de irritação, as penas das costas e no alto da cabeça se eriçavam como as de uma cactua.

Olhos amarelos me espiavam e uma língua roxa se apertava contra os longos dentes brancos enquanto ele voltava a falar na minha mente.

E então? Você vai ficar aí feito um peixe, abrindo e fechando a boca, ou vai me responder? De repente ele chegou mais perto e abocanhcou o ar perto de nós. Suas mandíbulas se fecharam como uma armadilha de urso, e eu ouvi a risada dele. *Foi o que pensei. Você é fraca demais para fazer qualquer coisa por mim.*

Ren e Kishan imediatamente reagiram saltando para a minha frente e se transformando em tigres. Ambos urraram e brandiram as patas com irritação perto do focinho do dragão.

Não foi o suficiente para assustá-lo, mas chamou sua atenção. Ele se inclinou mais para perto e bufou ar enevoado para cima de nós. O orvalho frio se espalhou sobre a minha pele e eu tremi. Ren e Kishan voltaram à forma de homens, mas continuaram na minha frente. Dei um passo e fiquei entre os dois.

– Passe uma tarefa para que possamos nos provar – sugeri, cheia de coragem.

O dragão estalou a língua e torceu a cabeça.

O que você poderia realizar, mocinha?

– Você ficaria surpreso em descobrir.

O dragão resmungou e bocejou.

Muito bem. Seu desafio será fazer a jornada até o meu templo da montanha. Se conseguir, irei ajudá-los. Se não conseguir... bom... digamos que não precisará mais se preocupar muito com o Colar.

Ele se ergueu no ar e começou a se enrolar no templo mais uma vez.

– Espere! – gritei. – Como vamos subir aí?

Há um túnel submarino com degraus, mas primeiro precisam passar pelo meu guardião, e ele não é tão... flexível quanto eu.

Desesperada, eu questionei:

– Quem é o seu guardião?

Yāo guài yóu yú.

Eu cochichei para Ren:

– O que isso significa?

– Hã... é algo como uma lula diabólica.

Qīnglóng deu um rosnado de desdém.

Bah! Chama-se kraken. Agora, caíam fora.

A risada suave do dragão logo se transformou em ronco. Observei durante um instante quando a névoa se ergueu de leve de suas narinas e se dissipou no céu azul.

Kishan e Ren começaram a se dirigir para a escada.

Eu me inclinei para o lado e perguntei:

– Aonde vocês dois estão indo?

Kishan ergueu o olhar.

– Vamos nos preparar. Parece que teremos que mergulhar.

– Ah... não... vocês... não! Não escutaram o que ele acabou de dizer?

– Escutamos.

– Mas não parece. O dragão disse que tem um *kraken* lá em baixo.

Kishan deu de ombros.

– E daí?

– E... o *kraken* é enorme! Não vai ter como lutar contra ele!

– Kelsey, fique calma. Venha cá e nós vamos conversar sobre o assunto. Não há necessidade de ficar histérica.

– Histérica? Não cheguei nem perto disso. Vocês já viram um *kraken* nos filmes? Não, não viram, mas eu vi. Eles destroem navios inteiros! Um par de tigres seria só um aperitivo! Insisto para que a gente bole um plano com o Sr. Kadam antes de vocês dois pularem na água.

Ren estava parado no deque, e Kishan pousou ao lado dele com um baque baixinho. Os dois ergueram os olhos e fizeram um gesto para que eu descesse.

– Prometam que vocês sabem o que estão fazendo.

Kishan disse:

– O que estamos fazendo é ir atrás do Colar, Kells. Agora, desça para conversarmos com Kadam.

– Não sei se vou poder ajudar, Srta. Kelsey – disse o Sr. Kadam, esfregando as têmporas em um gesto de dúvida.

– O quê? Como assim, não sabe? O senhor sabe *tudo*!

– Tudo o que sei sobre o *kraken* é o que vi em filmes e as poucas coisas que já contei a vocês. Nada pode matá-lo. É imortal. Originalmente, vem de um mito nórdico, descrito como um animal gigantesco com tentáculos que ataca embarcações. É provável que tenha sido baseado na lula-colossal. Ela era considerada fantasia até alguns anos atrás, quando algumas apareceram mortas em praias.

– Só isso? Não tem mais nada? Como lutamos contra ele?

O Sr. Kadam suspirou.

– Só conheço alguns fatos insignificantes. No mito, quando o *kraken* abre a boca, a água ferve. Quando ergue a cabeça acima da água, o fedor é mais terrível do que qualquer criatura viva pode suportar. Seus olhos têm grande poder luminoso; quando brilham, é como olhar para o sol. Pelo que se diz, a única coisa que os amedronta são os *kilbits*.

– O que são *kilbits*?

– Criaturas mitológicas parecidas com vermes gigantes que se prendem às guelras de peixes grandes, semelhantes a sanguessugas marinhas, apesar de as sanguessugas marinhas serem tão pequenas que dificilmente iriam assustar um *kraken*.

– Só isso? O senhor quer que nós lutemos contra um *kraken* com vermes?

– Desculpe, senhorita Kelsey. Há um poema a respeito de uma criatura marinha chamada Leviatã que algumas pessoas também chamam de *kraken*...

O Sr. Kadam pegou um livro, virou uma página e começou a ler:

O CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO

William Blake

*Mas agora, do meio das aranhas pretas e brancas,
Fogo e fumaça explodiram e rolaram para as profundezas, escurecendo
tudo,
Deixando o subterrâneo negro como um mar,
agitado e terrivelmente barulhento;
Abaixo de nós não havia mais nada a ser visto,*

nada além de uma tormenta escura,
Até que, olhando para o leste, por entre as nuvens e as ondas,
Vimos uma catarata de sangue misturada ao fogo,
E, a poucas pedras de nós, o terrível corpo curvado
De uma serpente monstruosa apareceu e voltou a sumir;
Por fim, a cerca de três graus a leste,
Uma crista flamejante surgiu sobre as ondas;
Erguendo-se lentamente como uma cadeia de rochas douradas,
Até que vimos duas bolas de fogo rubro,
Das quais o oceano se afastava em nuvens de fumaça;
E então percebemos: era a cabeça do Leviatã;
Sua testa estava dividida em listras verdes e roxas,
Como as listras na testa de um tigre;
Logo vimos sua boca e suas guelras vermelhas
Pairando acima da enorme espuma enfurecida
Tingindo as profundezas negras de gotas de sangue,
Avançando em nossa direção
Com toda a fúria de um ser sagrado.

Eu me recostei na cadeira e estiquei o braço para pegar a mão de Kishan.

– Mas que maravilha. Monstruosamente vago. Terrivelmente amorfo.

Quando o Sr. Kadam começou a descrever teorias e comparações entre a criatura conhecida como Leviatã e o monstro chamado *kraken*, reparei que Ren estava passando os dedos por um outro livro que tinha discretamente colocado no chão.

Eu me virei para ele e perguntei:

– O que é isto, Ren? Se encontrou mais alguma coisa, é melhor compartilhar conosco.

– Não é nada. Foi só um poema que eu achei.

Apesar de eu adorar a voz dele quando lê, a passagem me deu calafrios.

O KRAKEN

Por Alfred, Lord Tennyson

Sob os trovões da superfície da água;

*Muito, muito além das profundezas do mar abissal,
Em seu sono antigo, sem sonhos e sem invasões,
Dorme o kraken; pálidos reflexos de sol se agitam
Ao redor de seus flancos sombrios; acima dele se avolumam
Enormes esponjas de crescimento e altura milenar;
E ao longe, na luz doentia,
De inúmeras grutas fantásticas e celas secretas
Pólipos inumeráveis e enormes
Perturbam o verde sonolento com seus braços gigantescos.
Ali permanece por séculos e ali continuará adormecido,
Dilacerando enormes vermes marinhos em seu sono,
Até que o fogo final aqueça as profundezas;
Então, para ser visto por homens e por anjos uma vez,
Rugindo emergirá e na superfície morrerá.*

O Sr. Kadam uniu os dedos e os levou à boca, refletindo.

– Aquela parte final faz referência ao fim do mundo. Supostamente, o *kraken*, ou *Leviatã*, vai se erguer das profundezas nos últimos dias. Então enfim ele será destruído, e o mundo irá repousar para sempre. Há referências bíblicas ao *Leviatã* como sendo a boca do inferno ou até mesmo o próprio *Satanás*.

– Muito bem. Pare aí mesmo. Para mim, chega. Já é bem ruim pensar em lutar contra demônios sem considerar o mal que representam. Prefiro me surpreender. Quanto mais eu aprendo, mais assustador fica, portanto, vamos simplesmente resolver a questão.

Apanhei o Fruto Dourado, minhas armas e o Lenço Divino e me apressei escada abaixo, com todo mundo atrás de mim.

– Kelsey! Espere!

Kishan me alcançou com rapidez e Ren veio atrás dele. O Sr. Kadam desceu a escada arfando, mas logo abrimos uma distância. Irrompi na garagem molhada feito um furacão e saí levando minha roupa de mergulho. Ren e Kishan já tinham se resignado às minhas ações a essa altura e pegaram as roupas de mergulho deles sem reclamar, correndo em seguida para o vestiário. Quando eu apareci, eles estavam prontos. Kishan tinha amarrado o *chakram* na cintura e o *kamandal* pendia de um cordão ao redor do pescoço.

Ren não tocou na *gada*, mas pegou o tridente. Resolvi deixar o arco e as flechas para trás porque não funcionariam embaixo d'água mesmo, mas me senti nua sem qualquer arma além do meu poder de raio. Kishan apertou o botão que abria a porta da garagem do navio.

A névoa estava voltando a surgir. Aparentemente os roncões do nosso dragão formavam o vapor que quase penetrava nos meus ossos. A água antes verde-azulada e quente parecia cinzenta e fria. Bolhas chiavam e estouravam na superfície, e eu permiti que minha mente criasse o monstro lá em baixo.

Imaginei o *kraken* à nossa espera, logo abaixo da superfície, com a boca escancarada enorme e cheia de dentes, aguardando com paciência que eu saísse do navio e entrasse em sua terrível mandíbula. Estremeci. Foi nesse momento que o Sr. Kadam chegou apressado e me entregou Fanindra. Eu a deslizei pelo braço e me senti melhor sabendo que ela estaria comigo. Ren se aproximou e prendeu a faca de mergulho à minha perna enquanto Kishan me entregou a máscara e o snorkel.

– Acha que ela consegue respirar embaixo d’água? – perguntei ao Sr. Kadam.

– Ela estava enroscada, pronta para sair, quando eu fui apanhá-la. Tenho certeza de que vai ficar bem.

Ren e Kishan não queriam ter que carregar os tanques por enquanto. Aquele seria um mergulho de exploração. Nós iríamos apenas examinar a ilha e procurar a abertura submarina. Se precisássemos dos tanques, voltaríamos. Eu me sentei na beirada e fiquei olhando para a ilha rochosa e escarpada enquanto calçava meus pés de pato. Ren foi primeiro, seguido por Kishan. Eles olharam ao redor e fizeram o sinal de positivo. Dei impulso com as mãos e afundei na água fria e cinzenta.

Depois que limpei minha máscara, comecei a me dirigir para a ilha, seguindo Ren. Kishan ficou atrás de mim. A água estava calma, apesar de turva. A ilha parecia uma enorme coluna montanhosa ali parada no meio do oceano. Não havia banco de areia, nenhuma encosta suave de terra. Ela simplesmente se estendia abaixo da água até onde a vista alcançava. Também não era muito grande, talvez do tamanho de um campo de futebol. Só levou mais ou menos uma hora para dar toda a volta nela.

Examinamos tanto a superfície quanto embaixo d’água, e foi só quando estávamos prontos para voltar ao iate que encontramos a entrada submersa. Depois que Ren fez uma curta exploração, confirmou que precisaríamos do equipamento de mergulho. A única boa notícia é que não havia sinal da tal criatura.

Eu tinha saído do navio num arroubo de ousadia descuidada, mas agora que já fazia um tempo que estava na água, senti minha fúria diminuir, lavada pela maré. Aceitei o fato de que estava com medo.

Morrendo de medo. Gaguejei, nervosa, numa tentativa de fazer piada:

– Provavelmente está só à espera de nós três. Ele prefere o combo especial. Um frango, um queijo e um bife. Eu sou o frango, aliás.

Kishan deu risada.

– Eu com certeza sou o bife, e isso significa que Ren deve ser o queijo.

Ren abriu um sorriso falso para Kishan e deu um soco no braço dele.

– Isso me lembra uma coisa... – disse Kishan. – Estou com fome. Vamos voltar.

Depois de almoçarmos, pegamos os tanques e nos dirigimos para a caverna. Dessa vez fui devagar, com cuidado, e deixei Ren e Kishan decidirem o que fazer. Eu ouvia o chiado das minhas bolhas enquanto descia. Quando nos aproximamos da caverna, senti uma contração no braço. Fanindra ganhou vida e se desenroscou, afastando-se. O corpo dourado dela brilhava, reluzindo na água. Sua boca se abriu e se fechou várias vezes, e ela se contorceu, como se estivesse sentindo dor.

A dilatação do pescoço dela caiu sobre o corpo e sua cabeça se alongou. Sua cauda se esticou e se achatou feito um remo, seu corpo ficou mais fino, comprimindo-se na lateral, como se alguém a estivesse apertando entre as mãos. Os olhos de pedras preciosas se encolheram e viraram pequenas contas, mas mantiveram o brilho de esmeralda, e suas narinas se aproximaram.

A ponta de sua língua saiu da boca e Fanindra nadou ao redor do meu corpo. A cauda em forma de remo se agitava de um lado para outro, impulsionando-a com rapidez. Quando fiz uma pausa, ela flutuou preguiçosa nas proximidades. Seus movimentos ondulados me lembraram os dos dragões. Ela tinha se transformado em algo novo. Ela era uma serpente marinha.

Começamos a nadar na direção da caverna mais uma vez. Ren deu impulso e entrou primeiro; logo desapareceu no pretume atrás da abertura e foi seguido por Kishan. Fanindra e eu ficamos com a retaguarda. O sol entrava pela abertura, lançando raios cor de turquesa no leito coberto de pedrinhas. Minha mão raspou contra a parede irregular, que era coberta de algas verdes. Peixinhos nadavam para dentro e para fora de buracos escuros. O solo da caverna era coberto de rochas basálticas, e a única cor presente irradiava das plantas fosforescentes que cresciam entre elas em grupos desiguais.

Bolhas chiavam do regulador de Kishan, e as nadadeiras dele atingiram o fundo, levantando areia, o que atrapalhou minha visão por um instante. Nadei com cuidado, tentando não agitar a área. Precisávamos enxergar o mais longe possível. Quando passamos por uma gruta de pedra, um filamento de alga encostou na minha mão. Recuei com um gesto brusco, mas, ao ver que não havia perigo, tentei me forçar a relaxar. A caverna ficou mais escura. Pensei, preocupada, que, se ficasse escura demais, não conseguiríamos enxergar para onde estávamos indo. Fizemos uma curva ao redor de uma projeção de pedra e a luz foi totalmente bloqueada.

O corpo de Fanindra começou a brilhar mais forte e ela iluminou a área à nossa volta como um fecho de luz. Estalactites pálidas pendiam do teto, prontas para nos empalar. Nadei um pouco mais perto do chão da caverna. Nós nos aproximamos de outra abertura. Esta era bem menor. Ren parou e se virou para nos fazer um sinal. Ele perguntou se deveríamos prosseguir ou voltar. Kishan disse para prosseguirmos. Ren entrou nadando primeiro enquanto nós dois esperávamos.

Ele voltou e nos fez sinal de positivo, e em seguida avançamos. Bati os pés mais rápido para alcançá-los. Se a abertura já era apertada para mim, deve ter sido claustrofóbica para os dois. Chegamos a uma área mais larga e flutuamos, examinando a água ao nosso redor. Era tão negra na parte de dentro quanto um poço coberto. Fanindra nadou para fora do buraco e iluminou a área. Mais estalactites pendiam do teto. O chão de pedra se inclinava para baixo e desaparecia na água turva abaixo. Fanindra disparou à nossa frente e nós a seguimos.

Havíamos usado um quarto do ar. Estávamos nos aproximando da marca intermediária, quando precisaríamos voltar. Agora a caverna era larga o suficiente para nadarmos lado a lado. Aliás, nem dava mais para ver as paredes. Ren e Kishan se atrasaram para que eu ficasse entre eles. Tive a sensação assustadora de que estávamos sendo observados. Examinei a água abaixo, achando que veria um tubarão gigante, pronto para nos atacar com a boca aberta, mas também estava com os pelinhos da nuca arrepiados, imaginando se a investida viria de cima.

Ergui os olhos, mas a água estava tão escura que Fanindra só conseguia iluminar a área diretamente ao nosso redor. Percebi que estávamos muito visíveis a qualquer criatura que por acaso estivesse olhando, quando de repente a caverna toda se acendeu. Paramos de nadar. A luz forte vinha das estalactites acima. Agora era possível

distinguir a lateral da gruta e o chão que desabava para um abismo profundo.

Também deu para ver que estávamos a mais ou menos metade do caminho até o nosso destino. Na parede do outro lado, degraus de pedra esculpidos atravessavam o teto. Uma luz se apagou e outra se acendeu. Parecia haver duas luzes a cerca de três metros de distância, e elas se moviam. Uma se escondia atrás de uma estalactite enquanto a outra brilhava sobre nós. Então as duas luzes se apagaram e voltaram a brilhar. Senti a água me mover e me empurrar para cima de Kishan. A caverna sacudiu, e as luzes piscaram.

Elas... piscaram? Entrei em pânico. *Essas coisas não são luzes. São olhos!*

Uma estalactite começou a se mover na nossa direção.

Não! Não é uma estalactite! É um tentáculo!

Agarrei o braço de Kishan e apontei para cima. Com rapidez, ele soltou o *chakram*. Bati nas costas de Ren, mas ele já tinha visto. O tentáculo marrom-arroxeadado que disparou na nossa direção era mais grosso do que um tronco de árvore.

Centenas de ventosas esféricas de um branco-gelo tremiam, prontas para agarrar qualquer coisa em que o tentáculo encostasse. O braço disparou entre mim e Kishan, e pude ver as ventosas bem de perto. Os discos eram rodeados de fileiras afiadas e pontudas de quitina e variavam de tamanho entre um pires de chá e um prato de jantar. Ao recuar, o tentáculo encostou em Kishan e examinou o ombro dele, como se estivesse querendo conferir se a carne era fresca.

Os olhos voltaram a piscar, e senti outra corrente de água quando a criatura gigantesca chegou mais perto. Ela estendeu mais dois tentáculos e, dessa vez, um deles atingiu Ren. O braço carnudo bateu no peito dele e o empurrou alguns metros para trás. As ventosas agarraram sua roupa de mergulho e o puxaram para a frente com velocidade incrível antes que Ren pudesse se desvencilhar, rasgando a parte da frente da roupa no processo. Ele se virou para verificar se estava tudo bem comigo e vi três feridas redondas grandes no peito dele sangrarem na água.

Ren começou a sarar com rapidez, e Kishan foi nadando até ele para checar seu equipamento. O tanque e as correias continuavam firmes; ele tivera sorte. Outro tentáculo se estendeu enquanto estávamos distraídos e se enrolou na minha perna. Mal contive um grito. Kishan nadou na minha direção com rapidez, cortou o tentáculo com o *chakram* e o removeu da minha perna com cuidado. O braço extirpado tremeu e pulsou, como se estivesse vivo. Soltou sangue

negro ao rodopiar em círculos, até cair no fundo rochoso da caverna lá embaixo. Minha perna estava sangrando, mas não dava para saber se o ferimento era grave. Mentalmente, pedi ao Lenço Divino que fizesse uma bandagem. Senti quando ele se amarrou com força e torci para que fosse suficiente para estancar o sangramento.

Outro braço disparou na minha direção, e eu o acertei com o poder de raio. Um buraco negro apareceu no tentáculo e todos ouvimos o grito, que vibrou na água ao nosso redor. Os olhos gigantescos se moveram com rapidez na nossa direção, brilhando com vingança.

Numa confusão de tentáculos marrom-arroxeados, a criatura se aproximou. Os braços se prendiam às longas estalactites à medida que se movia, como um macaco descendo de um galho de árvore. Fez uma pausa quando chegou ao fim e ficou pendurada na água acima de nós. Finalmente pudemos dar uma boa olhada no nosso adversário.

O *kraken* estava pendurado por um tentáculo. Seu manto macio e bulboso estava espremido entre estalactites, mas ele ia escorregando lentamente no meio delas, como uma bolota de gelatina, ajeitando-se para caber entre os espaços pequenos. Sua pele se esticava e seus olhos pareciam se projetar. Ele avançava na nossa direção: um monstro escuro, pulsante, carnudo. *Parecia estar com fome.*

Ele se entalou por um instante, e ouvimos um grito de frustração. Minha pele ficou toda arrepiada e comecei a bater os pés para trás. O *kraken* viu quando me movi e de repente se atirou na nossa direção com violência, usando os tentáculos para dar impulso e se aproximar. Cortou a própria carne em vários lugares na pedra áspera, mas não pareceu se incomodar. Estava determinado a nos alcançar. Seu corpo mudou de posição, e eu fiquei olhando fixamente, fascinada, enquanto sua boca dava mordidas violentas, pronta para nos fazer de picadinho e abocanhar nossos pedaços sangrentos.

Então ele se livrou das estalactites e sua cabeça imensa inflou para o tamanho normal. Piscou mais uma vez e ficou boiando solto na água por um momento. *Deve estar calculando qual de nós deve ter o melhor sabor.* Ele era enorme. O manto alongado e oval era do tamanho de um ônibus e seus tentáculos facilmente tinham o dobro disso. Ele concentrou a atenção em mim, e meu coração parou de bater.

A criatura se moveu e colocou a cabeça para baixo, como se fosse se deitar, e começou a disparar os braços na minha direção. Então, de repente, parou. Ren erguera o tridente e tentava chamar a atenção do monstro. As órbitas negras colossais se voltaram para ele. Os olhos

tinham o brilho reflexivo que apenas os animais que vivem no escuro possuem. Reparei que a luz forte não parecia vir dos olhos dele, mas sim das pontas dos tentáculos mais longos.

Quando os tentáculos passaram por cima da cabeça, vi a superfície posterior mudar de cor. A pele marrom-arroxeadada por um instante ficou clara com manchas escuras. Vi o sifão acima de seus olhos disparar um jorro de bolhas quando ele voltou a se movimentar, projetando os tentáculos fortes. A água se agitou ao nosso redor.

Ren torceu o cabo do tridente e disparou três pontas de lança em rápida sucessão na direção da fera. Uma errou o alvo em um braço que se movia, outra prendeu um tentáculo a uma estalactite e a terceira raspou no manto. Então toda a área que a criatura ocupava ficou nublada com sangue negro. Com um movimento rápido, ele soltou o tentáculo da estalactite. Outras pontas dispararam em todas as direções. Atingi com um raio um que se enrolou na garganta de Kishan, mas a criatura não o soltou. Ele começou a serrá-lo e conseguiu se desvencilhar, mas teve seu tubo de respiração arrancado. Kishan estendeu a mão para pegar o de reserva e fez sinal de positivo para mim.

Ren e eu atacamos o monstro com raios e pontas de lança. O manto se expandiu e, em um clarão de luz e um jorro de água, a criatura desapareceu. Fiquei nadando em círculos a fim de ver para onde tinha ido, mas, sem luz, poderia estar em qualquer lugar. Dei impulso com as pernas e cheguei mais perto de Ren, achando que iria ajudar se lutássemos juntos. Kishan estava começando a se aproximar de nós quando as luzes voltaram a se acender. O *kraken* estava logo atrás dele.

Dois braços carnudos se enrolaram no corpo de Kishan e o sacudiram na água. Uma das nadadeiras dele saiu do pé e foi caindo lentamente no abismo sob nós. Ren nadou com força para a frente e enfiou o tridente no maior tentáculo. O monstro gemeu, mas não soltou. Kishan deu um golpe com o *chakram* e, ao mesmo tempo, ergui a mão para emitir um raio. Foi aí que senti um puxão. O animal tinha enrolado um tentáculo na minha cintura e me puxava para perto dele em velocidade assustadora. Ele só tinha atacado Kishan para nos distrair. A criatura me puxou para o lado e tudo ficou escuro novamente.

Fanindra disparou para longe de mim e desapareceu. De repente, eu estava bem afastada de Ren e Kishan, que provavelmente nem tinham reparado que eu havia sido levada. As ventosas me prendiam com força e enfiavam pequenos espinhos ossudos na minha pele,

como agulhas de acupuntura. Soltei raios no braço, mas o único resultado foi o aumento da pressão. Ele me segurava pelas costelas e, quando apertou, pensei que meus pulmões fossem estourar. A turbulência da água aumentava à medida que eu ia chegando mais perto da criatura. Kishan e Ren acenderam lanternas. Eu os enxergava, mas eles não me viam. Tinham, enfim, conseguido se soltar e estavam à minha procura, mas eu sabia que não conseguiriam chegar a tempo. O monstro enrolou o braço e minha perspectiva mudou. Agora eu estava de frente para a boca do inferno.

Uma parte do meu cérebro desligou, e fui capaz de analisar a criatura de uma distância que parecia ser segura. Com frieza, pude visualizar a maneira como iria encontrar o meu fim. A boca abria e fechava. O movimento era parecido com o da boca de um peixe. A semelhança parava por aí. O orifício de que eu me aproximava com rapidez me lembrou do poço de Sarlacc em *Guerra nas estrelas*, um buraco preto e redondo, com várias fileiras de dentes afiados. Três túbulos verdes e compridos saíram da bocarra aberta e começaram a passar uma substância oleosa no meu rosto e na minha roupa de mergulho que, eu deduzi, serviria para fazer com que eu deslizesse por sua garganta com mais facilidade.

Usei meu poder de raio para atingir a boca do *kraken*. A reação do animal foi se sacudir com irritação e bater o bico de navalha várias vezes. Os túbulos verdes compridos se enrolaram na minha garganta, na minha cintura e nos meus braços, fazendo com que eu ficasse imóvel e me trazendo para mais perto. Eu estava presa. Não podia mais usar meu poder de raio. Ia ser engolida pelo *kraken*. Os tentáculos me apertaram com força pela última vez, me sacudiram e me soltaram, confiantes de que eu tinha ficado incapacitada pelas línguas verdes.

Eu me contorci para a frente e para trás, procurando desesperadamente soltar a mão, mas fui vencida. Não podia me mexer. Tentei mover a cabeça para ver se Ren ou Kishan estavam por perto, mas não consegui me virar o suficiente. Minha máscara foi arrancada quando a criatura me mudou de posição. Ao que parecia, ia me comer começando pelos pés. Apertei os olhos na água turva, na tentativa de enxergar sem a máscara. Pensei ter visto um borão dourado perto de mim, mas não sabia se era o tridente ou Fanindra.

Algo roçou meu braço, uma forma longa e sinuosa. *Deve ser outro tentáculo para me dar um apertão final*. Meus pés estavam dentro da boca aberta do *kraken*. Dei um chute, mas minha panturrilha acertou um dente serrilhado. Minha perna queimou. Fiz o Lenço amarrar uma

bandagem neste novo ferimento, coisa que provavelmente era inútil, já que o *kraken* iria me engolir a qualquer segundo. Esperei os ossos das minhas pernas se esmigalharem, mas a criatura não mordeu. *Será que vai me engolir inteira?* Tive uma ideia e pedi ao Lenço que amarrasse as duas partes do bico dela abertas. Os fios dispararam, envolveram o corpo do bicho pela parte de cima e pela de baixo e então se enrolou várias vezes no alto e embaixo do bico para mantê-lo aberto.

O *kraken* se debatia e se agitava, sacudindo com violência, como um tubarão tentando arrancar a carne de uma baleia. Quando seu bico de navalha começou a cortar os fios, pedi ao Lenço que reforçasse o tecido, mas sabia que era apenas uma questão de tempo. O *kraken* acabaria por ficar tão irritado que iria roer todo o fio e me quebrar ao meio.

Conforme meu corpo chicoteava para a frente e para trás na água, imaginei por um instante o que meus pais pensariam a respeito da maneira como eu iria morrer. Pensei sobre a vida após a morte e fiquei imaginando se as pessoas compartilhavam histórias sobre o modo como morreram. Se fosse assim, a minha seria a mais incrível de todos os tempos. *Você morreu dormindo? Foi atropelado por um bêbado? Câncer, é? Segunda Guerra Mundial? É..., todas essas mortes são ótimas e tudo o mais, mas esperem só até eu contar o que aconteceu comigo. Pois é... isso mesmo... eu disse um kraken.*

Eu devia ter entrado em pânico. Devia ter me afogado. Mas só fiquei lá ao sabor dos braços ondulantes e, com toda a calma, esperei que a criatura me engolisse. *Por que está demorando tanto? Caramba. Acabe logo com isso.*

O corpo do *kraken* emitia uma estranha luz brilhante, como se tivesse lâmpadas minúsculas sob a pele. Eu enxergava, bem de leve, o contorno dele na água.

Parecia que alguém tinha me jogado dentro de uma máquina de lavar gigante. Eu sentia a pele macia dos tentáculos, as ventosas emborrachadas e a picada dolorida dos dentes que giravam junto comigo. Ouvia os guinchos e sentia a agitação da água e as línguas carnudas e escorregadias me tocando, enquanto continuavam a me cobrir de óleo. Fiquei lá como um peixe preso em um anzol, esperando para ser içado... mas algo distraía o pescador. Abri um pouco os olhos e vi filamentos negros de sangue rodopiando na água.

Formas se contorcendo passaram em disparada por mim, sendo uma delas dourada. *Fanindra*. Ela iluminou a área, mas resolvi que preferia ficar no escuro. O monstro pairava por cima de mim como

uma nuvem roxa carnuda na água, pronto para me destruir com a violência de um furacão. Observei a cobra quando nadou até um tentáculo e o mordeu. A criatura estremeceu.

Mais formas compridas nadaram na minha direção: amarela com listras negras, preta com listras brancas, cinza, verde, comprida, fina, grossa. Serpentes marinhas. A caverna estava cheia delas. Elas atacavam o monstro, aglomerando-se sobre ele como agulhas numa almofadinha de costura. Aliás, assisti enquanto várias cobras seguiram o exemplo de Fanindra. Algumas delas mordiam a carne roxa com selvageria e entravam nela. Elas se moviam por baixo da pele do *kraken* como vermes, mordendo e rasgando à medida que avançavam.

A criatura berrava e enchia o manto. Tinta preta jorrava do sifão e me cobria em ondas quentes, que faziam meus olhos arderem. Eu logo os fechei e quase vomitei quando o sifão voltou a soltar água. De repente, o *kraken* se afastou dezenas de metros de onde estava, arrastando-me violentamente com ele.

Na confusão, o *kraken* passou a me apertar com menos força. Eu tinha me movido para fora de sua boca, mas ele continuava me segurando com suas línguas, mantendo-me paralisada. E também foi bem na hora, porque os movimentos do monstro arrancaram os fios do Lenço. *Ele teria me quebrado ao meio.* Enquanto eu refletia sobre minha sorte, fiquei observando as cobras que ainda estavam presas à sua carne. Vi Fanindra morder a pele perto do olho preto gigante, e a besta se sacudiu toda. Os tentáculos se agitavam para todos os lados na água, tentando desesperadamente desalojar as cobras.

Algo tocou em mim e eu me encolhi, mas logo senti uma mão apertar meu braço. Ren pegou uma língua verde e a removeu do meu pescoço. O músculo forte começou a se enrolar no seu braço, mas ele puxou com força e se livrou dele. Kishan nadou até onde nós estávamos e serrou os túbulos verdes. Um líquido escorregadio e oleoso jorrou em cima de nós quando ele cortou as línguas, separando-as do corpo da criatura. Ele libertou minhas pernas enquanto Ren soltava meus braços. Kishan me abraçou à maneira de salvar alguém que estava se afogando e começou a nadar para longe, carregando-me junto com ele.

Tomado pela violência, Ren nadou para cima do monstro. Ele enfiou o tridente bem no fundo da mandíbula da criatura repetidas vezes. Outra nuvem de sangue negro jorrou e logo eu não conseguia mais enxergá-lo. Kishan me levou para perto dos degraus de pedra. Depois de chegarmos até eles, nós nos viramos e vimos o animal

soltar tinta turva mais uma vez. A última vez que o avistamos foi quando as partes iluminadas dos tentáculos e o *kraken* caíram para o abismo. Esperamos mais alguns momentos, ansiosos, até vermos primeiro o brilho do tridente e depois Ren vindo em nossa direção do meio da água tingida.

Serpentes marinhas dispararam para fora do abismo às centenas e ficaram pairando em uma nuvem trêmula nas proximidades, encabeçada por Fanindra. Uma pequena luz acima de nós indicava a saída. Nadamos na direção dela. Kishan me guiou pela mão. Ele irrompeu na superfície em uma piscininha de azulejos brancos e baixou a mão para me puxar. Ren apareceu ao meu lado e tirou o aparelho de respiração. Todos nós respiramos fundo várias vezes. Kishan me levou para a lateral da piscina. Com cuidado, removeu o tanque e minhas nadadeiras e começou a me examinar.

– Você está bem?

A pergunta me fez dar risadas histéricas até finalmente conseguir sacudir a cabeça:

– Não.

– Onde está doendo?

– Em todo lugar. Principalmente na perna. Mas vou sobreviver.

Ele pegou a faca de mergulho e cortou a perna da minha roupa de mergulho para inspecionar os danos. Eu tinha usado o Lenço para criar uma bandagem. Wes nos ensinara a manter a bandagem no lugar e ir colocando mais até o sangue parar. O sangue não estava passando pelo pano, por isso eu tinha esperança de que o ferimento não fosse muito sério. Pedi ao Lenço que fizesse mais uma camada e Kishan apertou o meu braço.

– Está muito ruim?

– Poderia ser pior. Acho que vai ficar tudo bem.

Ele fez que sim com a cabeça, ficou em pé e olhou ao redor.

Estávamos em um aposento subterrâneo, completamente fechado, a não ser por uma escadaria. Gemi de dor e então andei descalça até a escada, mancando, e olhei para cima. A escada era pequena demais para um dragão. *Ele deve ser capaz de se transformar em homem, como Lóngjūn*. Motivada a me apressar enquanto o *kraken* lambia as feridas, comecei a subir devagar, dando preferência à perna forte, e os irmãos vieram atrás de mim.

Apoiei quase todo o peso do corpo em Kishan e mordi o lábio, tentando controlar a dor. Depois de um lance, ele resmungou, me pegou no colo e me carregou pelo restante do caminho. Nós subimos. Dez andares. Vinte degraus por piso. Mas Kishan nem respirava com

dificuldade. Quando finalmente chegamos ao fim da escada, saímos para o telhado de pedra no alto do castelo em ruínas. Kishan me acomodou com cuidado num banco de pedra e ele e Ren se aproximaram da cabeça do dragão azul adormecido.

– Acorde! – rugiu Ren.

O dragão se mexeu e roncou. Uma nuvem de névoa caiu sobre os irmãos.

Kishan berrou:

– Levante-se. Agora!

O dragão bufou e abriu um olho preguiçoso. *O que vocês querem?*

Ren retesou o maxilar, irritado.

– Você vai acordar e falar conosco, ou eu vou enfiar este tridente na sua garganta!

Isso chamou a atenção do dragão. A névoa ficou preta, e o dragão levou a cabeça para o lado com um gesto brusco, para abocanhar o ar. Ele estreitou os olhos.

Não pode falar comigo desta maneira.

Ren ameaçou:

– Falo com você do jeito que quiser. Você quase a matou.

Matei quem? Ah. A menininha? Nunca toquei nela.

– O seu animal imundo tocou. Se ela tivesse morrido, eu teria subido aqui para matar você.

Ela obviamente não morreu, então, você devia estar contente. Eu avisei que a tarefa seria difícil.

Kishan deu um passo para a frente.

– Dê para nós o que prometeu.

O dragão moveu uma pata pesada e mostrou o pescoço.

Levem isto, então.

Um disco grande estava pendurado no pescoço do dragão por um cordão de couro grosso. Kishan se aproximou e, com a ajuda do *chakram*, soltou o disco. Os irmãos se viraram e voltaram para perto de mim.

O dragão azul mudou a posição do corpanzil com muito barulho.

Não vão nem dizer obrigado?, disse Qīnglóng. Afinal de contas, o disco celeste não é um objeto qualquer.

Ren me pegou no colo e virou a cabeça de leve na direção do dragão.

– Ela também não.

Olhei nos olhos azuis de Ren. Sua expressão furiosa se acalmou um pouco, e ele pressionou a testa contra a minha por um breve momento. Então me entregou a Kishan e disse:

– Ajude-a.

Ele pegou o disco e começou a descer a escada.



Lembranças

Reclamei com Kishan, dizendo que podia tentar andar, mas ele me ignorou e me carregou escada abaixo. Minha perna tinha começado a sangrar através da bandagem e pedi ao Lenço que se amarrasse mais várias vezes, até o sangramento parar.

Quando finalmente chegamos à piscina, Ren já estava lá, à nossa espera. Não fiquei nada animada com a ideia de dividir a água com o *kraken* mais uma vez, mas ajeitei o tanque, disposta a enfrentar o que viesse.

Kishan tinha acabado de me oferecer a máscara dele quando Ren interrompeu.

– A máscara dela está aqui. Sua outra nadadeira também. Fanindra as trouxe.

Uma cabeça dourada surgiu da água. Eu me inclinei para acariciar sua cabeça, e ela deslizou para o meu braço. Kishan conferiu os marcadores do meu tanque enquanto Ren entrava na água.

– O tanque dela está baixo.

– Podemos dividir – respondeu Ren.

Eu vi quando ele largou todos os lastros, mas, mesmo assim, não conseguia boiar com o disco celeste. Era pesado demais. Quando demonstrei preocupação, ele se virou para o outro lado e disse:

– Eu dou um jeito.

Ren pegou a bolsa que eu tinha feito com o Lenço e ajeitou a alça por cima do peito enquanto eu equalizava a pressão nos ouvidos.

– Teremos que ser rápidos – avisou Kishan. – Vamos fazer a travessia nadando para sair daqui o mais rápido possível. Se nos

depararmos com o *kraken* de novo, daremos meia-volta e nadaremos para cá outra vez. E então encontraremos outro jeito de voltar para o iate. Combinado?

– Combinado.

Ele sorriu e deu um beijo no meu nariz antes de pôr a máscara. Respirei uma vez no regulador para testar e mergulhei pelo buraco da piscina, atrás de Ren. Fanindra ficou perto de mim durante a descida. As cobras marinhas enxamearam-se para lhe dar as boas-vindas e nos rodearam enquanto nadávamos.

Ficou escuro de novo, sem a luz do *kraken*, mas Fanindra parecia conhecer o caminho. Ela emitia luz suficiente apenas para podermos nos ver envoltos em nosso casulo de cobras. Mantive os olhos bem abertos para poder avistar o *kraken*, mas não havia sinal dele. Ainda assim, parecia que olhos gigantesco estavam observando nosso progresso, e fiquei esperando que um tentáculo me capturasse para o meu fim.

Meus nervos estavam à flor da pele. Eu me sentia uma daquelas meninas burras dos filmes de terror que abrem uma porta que não deviam e se jogam para o perigo, atijando o monstro a persegui-las. A única diferença era que eu não estava me agarrando com um namorado na casa mal-assombrada nem usando minissaia.

Atravessamos sem incidentes a caverna negra e chegamos à passagem menor. Ren entrou primeiro, rodeado por cobras agitadas. Eu me preparei para ir atrás.

Quando chegamos ao outro lado, meu tanque de ar estava vazio. Fiz um sinal para Ren, ele assentiu e entregou seu regulador para mim. Respirei bem fundo e o devolvi. Repetimos isso algumas vezes até Kishan aparecer na passagem. Ele tocou no meu braço e indicou que agora iria dividir o ar comigo para que Ren pudesse ir na frente.

Estar embaixo d'água sem o meu ar foi assustador. Precisei me controlar para não nadar enlouquecida para o alto. Eu sabia que não havia nada acima de mim além de pedra, mas o instinto intenso de sobrevivência de ir para a superfície era irresistível. A única coisa que me mantinha com as ideias no lugar era a presença sólida de Kishan ao meu lado.

Dei impulso com os pés e segui Ren. A luz estava ficando mais forte. A água turva passou de negro da meia-noite para azul-escuro e, depois, felizmente, para o azul-turquesa do mar aberto. Enfim, dobramos uma esquina e vi a abertura da caverna acima com o sol de fim de tarde penetrando na água.

Kishan me entregou o regulador e eu respirei fundo. O ar chiou e

parou de fluir. O tanque dele também estava vazio. Ele me fez um sinal para que esperasse e deu um sorriso reconfortante. Ele nadou atrás de Ren, que voltou e colocou o regulador dele nas minhas mãos. Respirei uma vez e entreguei-o a Kishan.

Nós três saímos da caverna devagar e nos dirigimos para a superfície, compartilhando um só tanque de oxigênio. As serpentes marinhas, liberadas da função de escolta, afastaram-se com rapidez pelo mar aberto. Muitas delas emparelhavam o corpo com o de Fanindra ao passar. Um momento depois, tinham sumido.

Kishan deu uma inspirada curta. O tanque de Ren estava quase vazio. Ele fez um sinal para indicar isso e nós erguemos os olhos. Precisávamos nos apressar. Kishan me entregou o regulador para que eu pudesse ficar com o restinho do ar. Sacudi a cabeça, mas ele insistiu. Dei a inspirada final e comecei a nadar para a superfície. Fui expirando devagar, à medida que a água foi ficando mais clara. Eu precisava de ar. Não ia conseguir chegar.

Morte por afogamento era muito menos exótica do que morte por *kraken*. Era uma maneira quase vergonhosa de partir, como se a sua morte de algum modo fosse culpa sua. Eu imaginava que os outros mortos dizendo: “Afogada? Mas por que você foi fazer uma coisa dessas? Não achou a válvula? Está escrito A-R na lateral. Você se esqueceu do que tem embaixo dos olhos? Chama-se nariz. Serve para respirar.” Ah, claro, eu tentaria explicar o que aconteceu, mas passaria toda a eternidade sendo alvo de piadas dos outros mortos. Minha mãe iria achar hilário.

Fanindra nadava à minha frente, mostrando o caminho, mas não fazia diferença. Comecei a ver pontos negros no campo de visão. A superfície estava próxima, talvez a apenas seis metros de onde eu estava. Bati as pernas com força e tentei respirar mais uma vez do meu próprio regulador, mas não adiantou. Meus pulmões pareciam estar sendo marcados com um ferro em brasa. A queimação era intensa enquanto meu corpo berrava para que eu respirasse.

Eu gostaria de ter pensado que o meu cérebro era dominante, que eu poderia encarar o afogamento iminente com serenidade e calma. Mas, ao encarar a morte, o corpo é quem manda. Uma necessidade irresistível e furiosa de sobreviver tomou conta de mim e comecei a arrancar a máscara e o equipamento de maneira frenética. Uma mão pegou a minha. Era Kishan. Ele estava dando pernadas fortes e me puxando consigo.

Irrompemos na superfície e ele me abraçou com força enquanto eu me engasgava e arquejava. O ar invadiu meus pulmões em chamas e

eu me tornei um ser completamente concentrado na respiração. Durante os segundos seguintes, nada existiu além do ritmo apressado de inspirar e expirar. Ren subiu à tona logo depois, arfando.

O peso do disco devia ter feito com que fosse duplamente difícil para ele subir à superfície e lá permanecer. Quando sua cabeça afundou na água, Kishan nadou até ele para ajudar e eu pedi que o Lenço Divino fizesse uma alça dupla para que Kishan pudesse segurar metade do peso do disco.

O mar estava coberto de névoa mais uma vez. A água fria tinha entorpecido minha perna latejante, mas dava para perceber que o ferimento era feio. Pulsava como o ribombar de tiros de canhão distantes, abafados porém perigosos. Kishan e Ren nadavam ao meu lado quando eu me virei à procura do *Deschen*.

Ren disse:

– Fique perto de nós. Não devemos estar muito longe do lugar em que ancoramos. Vamos seguir Fanindra. Você vai ficar bem?

Eu assenti. Ele soprou a água do snorkel e me conduziu para o navio.

Finalmente no iate, Kishan jogou as nadadeiras na garagem molhada e subiu com dificuldade pela escadinha. Ren entregou a ele o disco celeste e depois jogou as próprias nadadeiras. Meus braços tremiam. Eu não conseguia apoiar peso nenhum na perna machucada. Pus o braço em volta do ombro de Ren e fui pulando devagar para subir a escada.

Kishan pegou uma rede e tirou Fanindra da água. Ela se contorceu e deu voltas no deque. Sua boca abriu e fechou várias vezes, como se estivesse com falta de ar. Fiquei com pena dela, observando seu corpo se expandir e sacudir com violência. A pele ao redor da cabeça ondulou e cresceu, formando um capelo. Os olhos de pedras preciosas aumentaram e o formato de seu rosto mudou. Logo os movimentos erráticos de peixe fora d'água cessaram e ela voltou a ser uma cobra dourada.

Nilima me envolveu com uma toalha grande. Com cuidado, apoiei a cabeça na parede e gemi. Ren me ajudou a tirar o equipamento e colocá-lo de lado. Arfei de dor quando Nilima tocou na minha perna.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Mordida de *kraken* – respondeu Ren. – Não sei qual é a gravidade. Ela manteve o ferimento bem-amarrado desde o incidente.

A enfermeira Nilima pediu a Ren que fosse buscar um kit de primeiros socorros e a Kishan que trouxesse uma muda de roupa para mim.

Quando os dois saíram, ela me ajudou a tirar a roupa de mergulho e me envolveu com um roupão. Soltou a atadura com cuidado para examinar o ferimento.

– A sua perna é o que está pior. Vai precisar de pontos. O que aconteceu aqui? – perguntou ela, apontando para a marca ao redor da minha cintura.

– O *kraken* me agarrou com um tentáculo.

– Hum... Sua roupa de mergulho provavelmente a protegeu. É mais um hematoma, mas também há cortes circulares, bem superficiais.

– Ventosas.

Ela estremeceu.

Uma bolota de gosma verde pingou do meu nariz para o braço, onde tinha um corte, e eu berrei de dor. Ardia muito. Ela limpou rápido e a queimação diminuiu. Os rapazes voltaram. Mais gosma verde escorregou devagar pelo braço de Kishan e caiu no deque. A substância não o queimava como tinha acontecido comigo, provavelmente por causa da cura superveloz de tigre.

Nilima ficou olhando para aquilo. Ela disse:

– Vocês dois podem ir tomar banho agora. A coisa verde parece ser tóxica. Provavelmente é algum tipo de ácido. Limpem isso do corpo o mais rápido possível. Não posso permitir que fiquem perto de Kelsey nem toquem nela com isso. Talvez não afete vocês, mas a machuca.

Os dois hesitaram.

– Não se preocupem – garantiu Nilima. – Ela vai ficar bem. O sangramento está sob controle. Ela está a salvo.

Nilima pegou o chuveirinho e removeu a gosma do meu corpo. Ela limpou meus ferimentos com cuidado. Quando eu estava bem asseada, ela passou pomada antibacteriana nos cortes que davam a volta nas minhas costelas, fez o Lenço me envolver com bandagens e depois me ajudou a me vestir.

Em seguida, voltou a atenção para a minha perna. A pele estava enrugada e inchada, irritada por causa da água salgada. Segurei um grito de dor. A perna latejava. Começou a sangrar de novo depois que Nilima a limpou. Engoli em seco quando vi a carne exposta.

– Não olhe. Acho que vai sarar, mas, como eu disse, vai precisar de pontos. Preciso chamar meu avô para isso. – Ela pediu ao Lenço que me enfaixasse mais uma vez. – Posso sair um minuto?

Assenti, recostei-me no banco de madeira e fechei os olhos. Imaginei que era capaz de sentir o veneno do *kraken* nas minhas veias. Meus nervos ardiam como se houvesse formigas lavapés andando sob a minha pele. Eu estava cansada. Caí no sono e acordei

de sobressalto com um barulho. Fanindra se aproximou de mim.

– Você vai me picar? Se for, vou fechar os olhos. Seja rápida.

Como não ouvi nada, abri um pouco um dos olhos. Fanindra tinha se enrolado e repousava perto do meu pé.

– Então não devo estar morrendo, certo? Obrigada por me fazer companhia. Ainda assim, o que é uma picada de cura entre amigas? Você não quer desperdiçar seu veneno dourado. Tudo bem. Me acorde se eu morrer.

Kishan voltou um momento depois, recém-saído do banho, sentou-se ao meu lado e pegou minha mão. Logo Ren, Nilima e o Sr. Kadam se juntaram a nós. O Sr. Kadam abriu o zíper de uma bolsa e colocou uma pílula na palma da mão, depois a ofereceu para mim com uma garrafa de água.

– O que é isso?

– Um antibiótico. – O Sr. Kadam entregou o frasco para Kishan. – Faça com que ela tome um pela manhã e outro à noite pelos próximos 10 dias.

– Pode deixar – disse Kishan.

– Agora, vamos ver este ferimento. – O Sr. Kadam pediu ao Lenço Divino que removesse a atadura e deu uma olhada no corte. Dessa vez, fiquei com os olhos fechados. – Tem razão, Nilima. Ela vai precisar de pontos. Não pensei em trazer material de sutura conosco. A essa altura, a única coisa que podemos fazer é manter a lesão cuidadosamente protegida, limpá-la bem e dar antibióticos para ela, torcendo para que o *kraken* não seja venenoso. Kishan, pode carregá-la até a cama? Ela precisa descansar.

– Espere. – Ren deu um passo para a frente. – Tive uma ideia.

Ele explicou o que queria fazer e o Sr. Kadam olhou para mim.

– Está disposta a tentar, Srta. Kelsey?

Fiz que sim com a cabeça, fechei os olhos e apertei a mão de Kishan com toda a força quando Ren pediu ao Lenço Divino que desse pontos no meu ferimento.

Todos ficaram olhando para a minha perna com curiosidade quando o Lenço começou a trabalhar. Arquejei ao sentir a estranha sensação de repuxo na pele. Fios caleidoscópicos se afiaram em uma ponta minúscula e deslizaram pelas camadas da minha pele sem mal beliscar, então uniram as pontas da pele e apertaram. Em menos de um minuto, estava terminado. Pontos minúsculos corriam pela lateral da minha perna, fazendo parecer que eu estava usando uma meia-calça com uma costura atrás meio torta.

Nilima passou creme antibiótico sobre a ferida e pediu ao Lenço

que pusesse uma nova bandagem. Lancei um sorriso para Ren, que provavelmente pareceu mais uma careta, antes de Kishan me pegar no colo, me carregar para o quarto e me acomodar na cama. Ele me trouxe aspirina e um copo de água. Obediente, tomei o remédio e caí no sono.

Doze horas depois, acordei dolorida, coberta de hematomas e faminta. Não havia ninguém por perto, o que foi bom para variar. Eu me sentei na cama e pedi ao Lenço Divino que removesse os curativos. Um anel de hematomas amarelo-esverdeados davam a volta no meu tronco e desciam por um lado do quadril, mas os cortes já estavam sarando, com casquinhas. *Hum... os hematomas ainda deviam estar roxos e os cortes, mais doloridos.* Estava doendo, mas não tanto quanto no dia anterior. *Minha perna na verdade também parece bem boa, levando tudo em conta.* Parecia que eu tinha passado por uma semana de cura em uma noite. Não era tão rápido quanto os meninos, mas, ainda assim, impressionante.

Decidi que a primeira coisa a fazer era tomar um banho. Limpa, com o cabelo lavado, com as ataduras trocadas e vestida, saí do banheiro e encontrei Kishan à minha espera. Ele me puxou para um abraço com toda a delicadeza.

– Como você está se sentindo? – perguntou, enquanto massageava meu pescoço.

– Melhor. Acho que minhas feridas saram rápido aqui, mas não tão rápido quanto as de vocês.

Kishan me trouxe uma bandeja com ovos, morangos, um pãozinho de canela, suco de laranja, aspirina e antibiótico. Depois de me entregar um garfo, ele se sentou ao meu lado e ficou esperando até que eu terminasse. Algo o incomodava.

– Está tudo bem com você, Kishan?

Ele olhou para mim e deu um meio sorriso.

– Está. É só que...

– É só que o quê?

Levei à boca uma garfada de ovos mexidos e mastiguei, ciente de que ele ia demorar para responder.

– É só que... eu estou preocupado.

– Não se preocupe comigo. Eu vou me recuperar. Aliás, estou me sentindo muito bem agora.

Eu sorri.

– Não. *Preocupado* talvez seja a palavra errada. Às vezes eu acho...

– Kishan suspirou e passou a mão pelo cabelo. – Agora não é importante. Você precisa sarar. Não precisa escutar sobre o meu ciúme mesquinho.

– Que ciúme mesquinho? – Pus a bandeja de lado e peguei a mão dele. – Pode me falar.

Ele se inclinou e analisou as minhas mãos.

– Acho que talvez... – disse ele com um suspiro. – Que talvez você esteja arrependida. Sobre *nós*.

– Arrependida?

– Eu vejo como você e Ren se entreolham de vez em quando, e fico me sentindo de fora. Sinto que, não importa o que eu faça, não vou poder cruzar o abismo entre nós nem consertar seu coração partido e encontrar um jeito de ficar com você.

– Ah, entendi.

Pensei em quando Ren e eu consertamos a estrela na toca do dragão vermelho e mordi o lábio, me sentindo culpada.

Ele prosseguiu:

– Quero que você sinta por mim o mesmo que eu sinto por você. Porém, mais do que isso, quero que você volte a se sentir inteira e feliz, como era no Oregon. – Ele se inclinou para a frente e acariciou meu rosto. – Eu *amo* você, Kelsey. Só não tenho certeza se isso é recíproco ou se é possível nós ficarmos juntos.

Reprimi meus pensamentos cheios de culpa, levei a mão dele aos meus lábios e beijei-lhe a palma.

– Sabe qual é o problema? Tivemos muito pouco tempo sozinhos neste navio, e estar no reino dos Sete Pagodes não nos dá muita brecha para o romantismo. Por que não planejamos um jantar à luz de velas hoje à noite, só nós dois? Você coloca uma gravata, e eu vou de vestido. Que tal?

– E se chegarmos ao terceiro dragão até lá?

Dei de ombros.

– A gente improvisa. Vamos ver o que acontece. O Sr. Kadam já decifrou as informações do disco celeste?

– Não. Ele e Ren estão trabalhando nisso. Já nos afastamos da névoa do dragão azul, mas estamos ancorados até eles descobrirem o que fazer em seguida.

– Certo. Então diremos ao Sr. Kadam que precisamos tirar a noite de folga. Assim, minha perna também vai poder sarar melhor.

– Tem certeza?

– Tenho. Se uma garota não pode tirar um dia de folga depois de lutar contra um *kraken*, quando é que vai poder?

Ele deu risada.

– Nunca ninguém disse palavras tão verdadeiras.

Fui deixada sozinha pelo resto do dia, tirando as constantes visitas de Nilima para afofar os travesseiros. Depois de algumas horas de tédio, pesquisei um pouco sobre o disco celeste, que tinha desenho semelhante ao do Disco Celeste de Nebra, alemão, datado de 1600 a.C., que eu tinha estudado na aula de história da arte. O Disco Celeste de Nebra era um registro das estrelas e dos solstícios de verão e de inverno, para que os camponeses soubessem a época certa de semear certas culturas.

O disco celeste do dragão azul obviamente não era usado para a agricultura. Tinha marcas de estrelas e sete sóis em vez do desenho de lua do de Nebra. Um caminho traçado entre as estrelas levava de um dos sóis na parte de baixo a um dos sóis na parte de cima.

Abri um livro com outros discos famosos e encontrei o calendário asteca que mostrava as cinco eras do mundo. Cada dia-sinal do calendário era atribuído a uma divindade diferente. Folhee as páginas, mas não cheguei a encontrar nada que se aplicasse à nossa situação.

Frustrada, suspirei e coloquei os livros e as anotações de lado. Minha mente vagou para algo em que eu com toda a certeza não queria pensar.

Está na hora. Está na hora de realmente desistir de Ren e seguir em frente com Kishan. Não é que eu não o ame. Eu o amo. Mas ainda amo Ren também. Acho que uma parte de mim sempre vai amar. Kishan merece toda a minha atenção. Ele provavelmente está percebendo minha incerteza. Não quero que se sinta assim. Quero que ele saiba que estou comprometida com ele.

Eu tinha dito a Ren que, uma vez que eu me compromettesse com Kishan, iria ficar com ele, e eu não era o tipo de pessoa que brincava com o sentimento dos outros. Eu *iria* ficar com ele. Se eu não conseguisse esquecer Ren, então pelo menos poderia esconder meus sentimentos. Eu iria trancá-los em um pedacinho do coração e nunca deixaria que saíssem. Iria afogá-los nas profundezas do mar. Prender um peso ao meu coração partido e lançá-lo no oceano, deixando que afundasse no abismo escuro.

Eu queria que as coisas dessem certo com Kishan, mas sabia que havia uma parte de mim que hesitava. Eu não tinha entregado a ele o meu coração por inteiro. Não o amava da maneira que amava Ren.

Ele merece mais. Merece coisa melhor. Está na hora de me permitir voltar a amar.

Saí da cama e testei a minha perna. Parecia muito melhor, e os cortes e hematomas no meu tronco tinham quase desaparecido. Depois de pedir a opinião de Nilima, nós duas concordamos que estava na hora de tirar os pontos.

Ela pediu ao Lenço que removesse os pontos, e os fios saíram da minha pele com suavidade. Ainda havia uma linha de cicatriz correndo pela minha perna, mas agora a pele estava completamente fechada e já dava para caminhar de maneira confortável. Pedi a Nilima que ajudasse o Lenço a fazer uma roupa para mim e ela criou um vestido de noite com manguinhas curtas e decote quadrado. Era franzido do lado direito da cintura e preso com um aplique de pedrinhas pretas. A saia na altura do joelho era enfeitada com um babado do lado direito do quadril que caía em um drapeado marcante até a bainha.

Minha ideia original era fazê-lo azul, mas logo percebi que isso iria enviar a mensagem errada para Kishan. Resolvemos, em vez disso, fazer em bronze velho, e a cor acabou caindo muito bem em mim. Destacava meus olhos e fazia minha pele ficar bonita. Pedi ao Lenço que criasse sapatilhas de cetim para combinar, com o mesmo aplique do vestido. Agradei a Nilima e, quando comecei a pentear o cabelo, meus pensamentos se voltaram para a noite que me aguardava.

O que eu poderia fazer? Como fazer Kishan sentir que não está sobrando? Que eu realmente quero esse relacionamento? Que quero ficar com ele? Tentei sintonizar na voz baixinha na minha cabeça e pedir um conselho para minha mãe. Eu esperava alguma coisa. Ela sempre tinha me ajudado quando precisei de ajuda com relacionamentos. Mas não obtive nada.

Valeu, mãe. Estou dando o melhor de mim aqui. Às vezes uma garota precisa da mãe, sabia? Fiz uma pausa no meio do pensamento e enviei uma bronca mental. *Você devia estar aqui.*

Fiquei olhando no espelho enquanto escovava o cabelo com gestos mecânicos e então finalmente larguei a escova. Eu estava magra. Pálida. Tinha marcas escuras embaixo dos olhos. *Não estou com minha melhor aparência para um encontro, mas posso culpar o kraken por isso.* Eu estava inquieta... nervosa. Tinha um nó no estômago. Entorpecida, passei a maquiagem.

Em busca de inspiração para o meu cabelo que agora batia no ombro, fiz uns cachos e tirei uma das flores de lótus da coroa de Durga. Examinei a flor e expressei a esperança silenciosa de que a

deusa me guiasse, me ajudasse a superar meus sentimentos teimosos por Ren e dar a Kishan o amor de que ele precisava. Foi *ela* que me incentivou a dar aquele salto, afinal de contas.

Prendi um lado do cabelo para trás com um pente e posicionei a flor sobre a orelha direita. Seu perfume me confortava. Uma sensação de paz tomou conta de mim e eu senti como se um braço tivesse envolvido meus ombros por um instante, me transmitindo segurança. Independentemente de ter sido Durga ou minha mãe, o sentimento me passou certa convicção, uma crença de que tudo ficaria bem. Coloquei o vestido e tinha acabado de calçar os sapatos quando ouvi uma batida na porta.

Fiquei aliviada por Kishan não ter se atrasado. Eu tinha ficado sozinha com meus pensamentos durante tempo demais. Estampeei um sorriso determinado no rosto e abri a porta. Ele se transformou em um sorriso genuíno quando vi como Kishan estava feliz. Ele admirou meu vestido abertamente e me entregou um buquê de flores de seda.

– Desculpe por não serem de verdade. Parece que não há nenhuma floricultura no reino do dragão.

– Tudo bem. Não faz mal.

– Você está linda.

– Você também está ótimo.

E ele estava mesmo. Kishan usava gravata, apesar de eu não achar que ele fosse fazer isso. Vestia calça preta, camisa de seda cor de cobre e gravata listrada de preto, cobre e dourado para combinar. Dei um passo para a frente e alisei sua gravata. Ele agarrou minha mão, deu um beijo nela e sorriu. Seus olhos dourados brilharam e ele me ofereceu o braço.

– Como está sua perna? – perguntou.

– Está boa. Quase perfeita. Mais um dia e acho que vou estar pronta para enfrentar mais um *kraken*.

Ele franziu a testa.

– Espero que não seja necessário.

Concordei com ele e nós fomos para o deque. A lua tinha saído e o mar estava calmo. Uma noite linda. O céu escuro estava limpo e as estrelas brilhavam. Era o cenário perfeito para um jantar romântico.

Em vez de me levar para a sala de jantar na popa, Kishan me guiou na direção da proa do navio.

– Nós não vamos comer?

– Vamos. Montei uma mesa aqui. E não se preocupe de alguém nos enxergar da casa do leme. O Sr. Kadam e Nilima tiraram a noite de folga. Todo mundo está nos conveses inferiores.

– Mas não é bom ter alguém pronto para entrar correndo na casa do leme no caso de uma emergência com os dragões ou coisa do tipo?

– Essa vai ser a minha função nas próximas horas. Se algo acontecer, seremos os primeiros a saber.

Apertei o braço dele.

– Parece legal. Ah, Kishan! Isso é maravilhoso!

Eu o soltei e cheguei primeiro à mesa lindamente posta. Kishan tinha usado o Lenço para criar uma toalha de mesa prateada com guardanapos combinando. Um conjunto de louça e talheres pesados e reluzentes com sereias entalhadas nos cabos deixava a mesa muito chique. Taças delicadas com estrelas-do-mar presas à haste estavam cheias de suco frizzante dourado. Ele tinha feito montinhos de conchas no piso. Dentro delas, velas bruxuleavam com a brisa fraquinha, estonteantes apesar da simplicidade. Lanternas penduradas davam ênfase ao efeito e uma música suave tocava em algum lugar ao fundo.

Estendi um dedo para tocar em uma concha.

– Você deve ter demorado um tempão para fazer isso.

Ele deu de ombros.

– Não foi tanto tempo. Eu queria que ficasse parecendo especial.

– E ficou.

Kishan puxou minha cadeira para que eu me sentasse. Ele se acomodou à minha frente e sorriu com a minha expressão.

– Você gostou.

– Dizer “eu gostei” é pouco.

Ele deu risada.

– Que bom. Está pronta para comer, então?

– Estou. Como isto vai funcionar? Imagino que você vá usar o Fruto.

Ele assentiu.

– Montei um cardápio. Confia em mim?

– Claro que sim.

Ele fechou os olhos e um jantar espetacular apareceu à nossa frente. Atacamos a comida e conversamos a respeito do que poderíamos achar com o terceiro dragão. No começo, falamos sério, mas depois começamos a fazer sugestões malucas sobre o que poderia acontecer, como por exemplo: “E se ele for desdentado? E se for do tamanho de um gatinho? E se for um dragão medroso que conta piadas, igual ao dragãozinho de *Mulan*?”

Kishan nunca tinha visto esse filme, então fizemos planos para assisti-lo mais tarde. Cantei para ele a música de “Puff, o dragão mágico”, pelo menos as partes que consegui lembrar, e ele me contou

uma história chinesa doida sobre um dragão que tinha perdido o rabo.

Para a sobremesa, Kishan criou um bolo de oito camadas de chocolate e framboesa com calda quente e porções de framboesas frescas com chantili de chocolate.

Fechei os olhos e gemi.

– Você realmente me conhece bem. Chocolate é o meu fraco.

Ele se inclinou para a frente.

– Espero mesmo que seja.

Eu dei risada.

– O problema é que... agora não aguento comer mais nada.

– Nós temos tempo. A sobremesa pode esperar. – Ele se levantou e estendeu a mão. – Quer dançar comigo, Kelsey?

– Eu adoraria.

Peguei sua mão e ele me puxou para perto.

A música era suave, e a noite estava fresca. Eu me aninhei contra ele, deleitando-me com seu calor.

– Sabe, esta é a primeira vez que eu danço com você sem ficar com medo de que alguém chegue para arrancá-la de mim.

– Hum... é verdade.

Ele pegou minha mão e me fez dar uma pirueta desajeitada. Dei risada quando nossos braços se enroscaram.

– Desculpe. Sei que não sou o melhor dos dançarinos. É só que...

Ergui a cabeça.

– O que foi?

– Você parece gostar de dançar de um jeito mais sofisticado. Como dançava com Ren. Eu provavelmente nunca vou aprender a fazer aquelas coisas.

– Kishan, você não precisa se comparar a ele. Gosto de você pelo que você é, não porque quero uma xerox.

– O que é uma xerox?

– É uma... não faz diferença. A questão é que você tem que ser você mesmo. Não espero que vá mudar. Se não gosta de dançar, tudo bem...

– Ah, eu *gosto* de dançar. Só não sou muito bom nisso.

– Não tem problema. Eu também não sou lá muito boa na dança.

– Verdade?

– Verdade.

Apoiei a cabeça em seu ombro e fechei os olhos, deixando que ele me guiasse, conduzindo meus passos. Eu confiava em Kishan. Sabia que não iria me magoar, e queria lhe passar a mesma sensação de paz

que ele tinha me dado de boa vontade. Eu desejava desesperadamente não apenas amá-lo, mas estar *apaixonada* por ele. Pequenas lembranças de estar nos braços de outro homem penetraram na minha mente. Irritada, eu as arranquei dali e as calei. Eu queria que meus pensamentos fossem apenas sobre Kishan. Sobre *este* bom homem que me amava de maneira incondicional.

Felizmente, ele interrompeu meus devaneios.

– Sabe quando eu me apaixonei por você?

– Não.

– Foi quando eu vi você cuidar das feridas de Ren depois que nós brigamos na selva. Você ainda não sabia que nós sarávamos rápido, e chorou.

– Eu me lembro.

– Fiquei com o coração partido ao ver você chorando por animais e homens, apesar de selvagens, maliciosos e amaldiçoados. Você demonstrou tanta ternura e preocupação... Minha vontade era consolar você. Deixá-la feliz. Secar as suas lágrimas.

– Você faz tudo isso.

– Lembra quando eu saí da selva e a surpreendi?

– Lembro.

– Eu a estava observando. Você me deixou fascinado. Era quase como se eu pudesse adivinhar o que estava pensando só pela sua expressão.

– Não achei que eu fosse assim tão transparente.

– Você tem o rosto aberto, bondoso.

– Obrigada.

Uma brisa leve soprou meu cabelo no rosto. Kishan pôs a mecha atrás da minha orelha e fez um carinho no meu pescoço.

– Você sabia que foi a primeira pessoa com quem eu falei em mais de 100 anos?

Fiquei estupefata.

– Eu não sabia disso. Você devia se sentir muito solitário.

Ele olhou para mim com seus olhos dourados profundos e eu me vi absorva nas manchinhas cor de cobre. Ele me segurou pela cintura.

– E me sentia mesmo. Fazia tanto tempo que estava sozinho que eu me achava o último homem na Terra. Então, quando vi você, foi como um sonho. Você era um anjo que finalmente tinha chegado para me resgatar da minha existência infeliz. Para mim não fazia diferença se estivesse vivo ou morto, desde que acabasse com meu isolamento. Então, quando você foi embora, achei que eu poderia voltar a ser como era antes. Não tinha qualquer esperança de que algum dia

pudesse ser minha. Era óbvio que Ren tinha tomado você para ele. Então, ignorei a atração. Ignorei meus sentimentos.

Eu o ouvia atenta, sem ousar interrompê-lo.

– Mas não fez diferença. Eu estava atraído por você. Voltei para a terra dos vivos. Aprendi mais uma vez a caminhar sobre minhas duas pernas. Aprendi o que significa ser homem. Daí você foi embora e uma parte secreta de mim ficou feliz. Minha intenção era lhe dar algum tempo e então procurá-la. Mas não foi isso que aconteceu.

Eu assenti, mas não disse nada. Não podia evitar pensar sobre aquela época no Oregon, mas logo fechei a porta dessas lembranças e voltei com um estalo para o presente. Sorri para Kishan.

Ele prosseguiu:

– Quando voltei a vê-la, feliz, nos Estados Unidos, resolvi que teria que me contentar em ser seu amigo e protetor. Tentei reprimir meus sentimentos. Fazer o que era preciso para ajudá-la a ser feliz. Mas quando ficamos sozinhos em Shangri-lá, eu me apaixonei ainda mais por você. Quis ficar com você, sem me importar com quem ia magoar ou em como isso iria fazê-la se sentir. Fiquei irritado quando me pediu para recuar. Eu queria que você me quisesse da mesma maneira, e você não queria. Queria que sentisse por mim o mesmo que sentia por Ren, mas você não era capaz disso.

– Mas, Kishan...

– Espere... deixe-me terminar.

Fiz que sim com a cabeça.

– Não sei se foi algo que aquele pássaro idiota fez comigo em Shangri-lá, mas tenho sido capaz de enxergar com mais clareza desde então... não só no que se refere ao meu passado e a Yesubai, mas a você também, e ao meu futuro. Eu sabia que não ia ficar sozinho para sempre. Vi isso no Bosque dos Sonhos. E, depois daquilo, percebi que você *me* amava também. Mas apressei as coisas. Forcei a barra. Então *ele* veio para casa e, apesar de tudo, você ainda quis ficar com ele. Talvez isso nunca mude. Talvez você nunca vá deixar de sentir uma conexão com ele.

Tentei dizer alguma coisa, e ele encostou um dedo nos meus lábios.

– Não. Tudo bem. Agora eu compreendo. Eu não estava pronto para ter um relacionamento naquela época. Não tinha nada a oferecer. Não para uma mulher deste tempo. Mas Shangri-lá me deu algo mais valioso do que mais seis horas por dia como homem. Me deu esperança. Uma razão para acreditar. Por isso, esperei. Aprendi a ser paciente. Aprendi a viver neste século. E agora... o mais importante, acho que finalmente aprendi o que significa amar alguém.

Kishan ergueu um dedo e o deslizou da minha testa ao queixo, levantando-o para que eu o encarasse.

– Então, suponho que a única questão restante, Kelsey, seja... Será que os meus sentimentos são correspondidos? Você sente pelo menos uma pequena parte do que eu sinto por você? Há um pedaço seu que pode reservar para mim? Que eu posso chamar de meu? Que eu posso tomar para mim e guardar para sempre? Eu prometo que vou valorizá-lo e defendê-lo ardorosamente por todos os dias da minha vida.

As mãos de Kishan apertaram a minha cintura e ele baixou a testa para tocar na minha.

– Seu coração chega a bater por mim, meu amor?

Envolvi seu rosto com minhas mãos e uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Depois de uma pausa minúscula, garanti a ele:

– Claro que sim. Não vou permitir que você fique sozinho, nunca mais. Eu também amo você, Kishan.

Eu me inclinei para a frente e pressionei meus lábios contra os dele. Ele mudou de posição para me abraçar e retribuiu o beijo. Foi delicado e doce. Passei os braços em volta do seu pescoço e me apertei contra ele. Ele me abraçou com mais força. No começo, foi só gostoso. Foi agradável e prazeroso. Mas, então, algo aconteceu.

Eu senti um estalo, um clique, um puxão. Meu coração disparou loucamente e um fogo surgiu de repente dentro de mim. Ele me consumiu, e eu queimei com um calor que não sentia havia muito tempo. Beijei Kishan com uma paixão desnorreada e intensa, e ele retribuiu meu ardor multiplicando-o por 10. O inferno de chamas continuou abrasando, chiando, limpando, purificando. Eu queria me deleitar na quentura que se criava entre nós. Era arrebatadora e poderosa. Meu coração se abriu. Minha conexão tinha voltado. Meu corpo sacudiu com a intensidade daquilo. Eu estava inteira mais uma vez. Parecia que o tempo havia parado.

Algo enorme atingiu o deque atrás de mim e várias velas se apagaram com um vento quente repentino. Ouvi som de madeira quebrando e um estalo. Meu corpo vibrou com o impacto e o choque me fez perder o equilíbrio. Mas Kishan me firmou com facilidade, embora nossos lábios tenham se separado. Eu pensei: *O que é isto? Um dragão? Um meteorito?*

Fiquei piscando estupefata, sem acreditar, quando uma cadeira de piscina passou voando por mim com um assobio e caiu no mar, fazendo barulho, levando a louça, as taças, o bolo e as velas da mesa consigo. Kishan olhou para mim, confuso, e então ficou paralisado

quando ouviu uma voz irada no escuro, vinda de algum lugar acima de nós, que ameaçava:

– *Solte-a. Agora.*



É difícil fazer as pazes

Kishan e eu examinamos o deque, mas não conseguimos enxergar nada.

A voz no meio da noite repetiu:

– *Eu disse: solte-a. Agora.*

Uma sombra escura cobriu a luz e apareceu na cobertura acima de nós.

Arquejei e sussurrei:

– Ren?

Kishan deu um passo para trás e me puxou para perto dele. Ren soltou um rugido feroz e pulou da beirada da cobertura para o ar. Ele desceu do alto, vestido de branco, descalço, com os olhos azuis em brasa, e pousou agachado. Então se ergueu devagar e veio na nossa direção feito um anjo negro cheio da fúria divina.

Frio, calculista e implacável, ele disse:

– *Não... me faça repetir.*

Os olhos dele não desviaram dos de Kishan. Sua expressão severa era amedrontadora. Ele parecia uma tempestade violenta ganhando força. Pousei a mão no braço de Kishan e o olhar enfurecido de Ren se fixou no meu toque. Os olhos dele se ergueram para encontrar os de Kishan com a intensidade de um estampido de trovão.

Kishan falou:

– Ren? Qual é o problema? Fique calmo. Você está fora de si. – Sem desviar o olhar, Kishan recuou, mudou de posição um pouco e disse: – Kells, venha para trás de mim. Devagar.

Engoli em seco e dei um passo para trás. Tirei a mão do braço de

Kishan. Ren nos observava como um gato observa um rato encurralado.

Ele piscou mais uma vez e deixou a cabeça pender para o lado, calculando, estudando nossos movimentos.

Kishan começou a falar com ele em tom grave e baixo enquanto ia fazendo com que nós dois recuássemos gradativamente.

Kishan orientou, bem baixinho:

– Se Ren saltar, fuja. Vou mantê-lo ocupado enquanto você vai chamar Kadam.

Fiz que sim com a cabeça, encostada nas costas dele.

Ren deu um passo para a frente.

– *Afaste-se* dela, Kishan. Agora!

Kishan sacudiu a cabeça.

– Não vou permitir que você machuque Kelsey.

– *Machucar* Kelsey? Não vou fazer mal algum a ela. A você, por outro lado, eu vou destruir.

Kishan ergueu a mão.

– Ren, não sei o que deu em você. Talvez seja o veneno do *kraken*. Apenas se acalme e recue.

– *Vishshva!* – berrou Ren com violência.

Então ele começou a gritar com Kishan em híndi, falando tão rápido que eu não consegui captar nada. Não sei o que ele disse, mas Kishan se eriçou e travou o maxilar. Ouvi um rugido de advertência vindo do peito de Kishan.

Através de dentes cerrados, Kishan disse baixinho:

– Kelsey, está na hora de ir embora. Corra.

O que quer que estivesse acontecendo com Ren estava piorando. Kishan disse algumas coisas em resposta a ele, mas obviamente não ajudaram em nada. Aliás, pareciam estar incitando Ren ainda mais, deixando-o mais irritado do que já estava.

Kishan esticou o braço para trás e apertou a minha mão.

– Vá. Eu seguro Ren.

Eu tinha acabado de me virar para sair quando ouvi um urro terrível de dor e o som de alguém caindo pesado no deque. Eu me virei e vi Kishan em cima de Ren, que estava prostrado.

– O que você fez?

– Nada. Ele apertou a própria cabeça e caiu.

Ren estava de joelhos, inclinado de um jeito que sua cabeça tocava no deque. Segurava os próprios cabelos e torcia e puxava as mechas enquanto gemia de aflição. De repente, jogou a cabeça para trás e empinou o peito. Com os punhos fechados na lateral do corpo, ele

berrou de dor – o tipo de grito mortal que reverbera através de qualquer pessoa que o escute. Foi um grito de agonia absoluta. Nele, foi possível escutar os ecos da risada de Lokesh enquanto o machucava, o tormento físico de meses de tortura, o turbilhão emocional de não ter nada por que viver.

Eu devia ir até ele. Ele precisava de mim. Sua angústia penetrou no meu corpo até se transformar numa entidade viva. Eu tinha que vencê-la. Não podia deixar que ele sofresse assim, não podia permitir que sentisse tanta dor. Eu sabia que, de algum modo, eu poderia destruir essa escuridão que fazia sombra sobre sua mente, sobre sua alma.

Foi aí que eu senti. Por baixo da dor, por baixo das camadas de sofrimento, havia algo sólido, algo forte, algo inquebrável. Estava de volta. A ponte entre mim e Ren havia sido reconstruída. Estava escondida sob ondas de dor. Fora inundada, mas estava ali, e era dura e firme como pedra. Dei alguns passos em sua direção, mas Kishan me segurou.

Ren caiu para a frente mais uma vez e se segurou com braços trêmulos, arfando. Meu coração bateu pesado, como se estivesse no mesmo ritmo do dele. Eu sentia meus braços e pernas tremendo, ecoando os movimentos trêmulos dele. Nós três ficamos presos naquela posição durante alguns minutos. Finalmente Kishan deu um passo para a frente e estendeu a mão. Ren respirou fundo várias vezes e então pegou a mão do irmão. Ele se levantou e ergueu a cabeça, mas não olhou para Kishan. Olhou para mim.

Fiquei paralisada no lugar. Toda a minha pele formigava. Meu sangue batia espesso através das minhas veias.

Kishan falou:

– Você está... bem?

Ren respondeu sem tirar os olhos de mim.

– *Agora* estou.

– O que aconteceu com você? – continuou Kishan.

Ren deu um suspiro profundo e, com relutância, olhou para o irmão.

– O véu de obscurecimento foi removido.

– Véu? Que véu?

– O véu da minha mente. Aquele que Durga pôs em mim.

– Durga?

– Isso – respondeu ele baixinho. – Agora eu me lembro. – O olhar dele voltou para mim mais uma vez. – Eu me lembro... *de tudo*.

Prendi a respiração. O ar da noite agora parecia pesado ao nosso

redor, quente e abafado, apesar de antes ter estado fresco. Um zumbido que vibrava no meu corpo esquentava meus músculos, derretendo o estresse de alguns momentos antes, e eu tomei consciência de apenas uma coisa: o homem que me olhava com ardor, com palavras não ditas em seus olhos azuis brilhantes. Não sei quanto tempo ficamos assim conectados. Achei que nada fosse capaz de quebrar aquele vínculo visual, mas então Kishan se pôs na minha frente e encarou o irmão. Fiquei piscando várias vezes, sem ação, antes que as palavras dele fizessem sentido.

– Fique aqui – disse ele a Ren. – Nós só vamos ao andar de baixo chamar Kadam e já voltamos. Está me escutando, Ren?

Ren falou sem tirar os olhos de mim:

– Estou. Vou esperar aqui.

Kishan resmungou.

– Ótimo. Venha, Kells.

Ele agarrou minha mão e começou a me levar para longe. Eu o segui serena, permitindo que guiasse meus passos enquanto minha mente refletia sobre o que tinha acontecido.

Logo depois de dobrarmos a esquina, ouvi a voz baixinha de Ren que não passava de um sussurro no meio da brisa da noite:

– Não vá, *iadala*. Fique comigo.

Segurei a respiração e me virei para olhar, mas não pude mais enxergá-lo. Kishan apertou minha mão e me puxou junto com ele. Quando chegamos à cabine do Sr. Kadam, Kishan bateu de leve. A porta se abriu em uma fresta e depois inteira, para permitir que entrássemos.

O Sr. Kadam usava um chambre, o tipo de roupa de dormir que os homens deviam vestir há 100 anos antes de se recolherem. Kishan se apressou em explicar a situação. Os dois queriam que eu ficasse esperando enquanto eles conversavam com Ren. Foram inflexíveis, e eu estava chocada demais para reclamar. Então me acomodei na cadeira do Sr. Kadam e coloquei um livro pesado no colo.

Abri o livro, mas não consegui ler uma linha sequer. Meu cérebro estava desconectado. Meu corpo estava inteiramente concentrado em sentimentos; e, neste momento, a única coisa que eu era capaz de sentir era a conexão forte no centro do meu ser. O buraco, o elo que faltava, a parte quebrada, a lacuna em mim, desaparecida desde Shangri-lá, estava de volta, e eu era capaz de sentir a outra ponta. Eu estava conectada a Ren mais uma vez. Eu ficara sozinha. Nua. Exposta ao mundo cruel. E agora... não estava mais.

Mesmo ali, sentada a andares de distância dele, eu podia sentir o

calor de sua presença como se um cobertor macio tivesse sido enrolado na minha alma, no meu coração. Ele me segurava e me protegia. Ele me abrigava, e eu sabia que não estava mais sozinha. Eu tinha sido como uma peneira, um reservatório capaz de segurar os pedaços maiores mas que sempre deixava as preciosas gotas líquidas do vínculo emocional escorrerem de mim.

Agora os buracos estavam selados, e eu estava me enchendo. Explodindo com algo que me deixava chorosa e trêmula. *Ele lembrou.* Repeti essas palavras vezes sem conta. Elas esvoaçaram pela minha mente consciente sem penetrá-la, sem serem processadas. Senti a cabeça leve, como se estivesse sofrendo com o calor. Lambi os lábios, mas me sentia fraca demais para me levantar e ir pegar água.

Kishan e o Sr. Kadam voltaram. Kishan se ajoelhou ao meu lado e pegou minha mão. Ele acariciou as costas dela, mas eu nem sentia seu toque suave.

O Sr. Kadam falou baixinho.

– Parece que Ren recuperou a memória. Ele gostaria de falar com a senhorita. Está disposta ou devo dizer a ele que espere até amanhã?

Hesitei e demorei alguns segundos para responder.

– Senhorita Kelsey? Está tudo bem?

Respirei fundo e baluciei.

– Não sei o que fazer. O que devo fazer?

Kishan estava sentado ao meu lado, preocupado e constante.

– Eu vou apoiar qualquer decisão sua, Kells – disse ele.

– Eu devo falar com ele, certo? Acha que devo falar com ele, não acha?

Eu me levantei, dei alguns passos e então me virei para trás.

– Não. Espere. Eu não posso. O que vou dizer a ele? Como explicar tudo?

– Ele sabe de tudo – disse Kishan. – Ainda se lembra de tudo desde que o encontramos, mas agora as outras lembranças voltaram à tona. Se não quiser falar com ele, não precisa.

Mordi o lábio.

– Não. Tudo bem. Vou falar com ele agora.

O Sr. Kadam assentiu.

– Ele está à sua espera no deque de observação.

Dei mais um passo trêmulo e então parei.

– Você me acompanha, Kishan?

Ele beijou minha testa.

– Claro que sim.

Deixamos o Sr. Kadam, que parecia muito preocupado; ele nos

disse que iria assumir a vigília na casa do leme, já que estávamos ocupados com outros assuntos. Eu disse a Kishan que queria me trocar primeiro. Tirei a maquiagem e também o vestido fino. Coloquei uma calça jeans e uma camiseta. Removi a flor, escovei o cabelo e então calcei os tênis. Kishan ficou me esperando do lado de fora, ainda vestido com a camisa de seda e a gravata.

Peguei a mão dele e, em silêncio, fomos até o deque de observação. Nós nos dirigimos para as poltronas. O ambiente estava escuro; só o luar que entrava pela janela iluminava nosso caminho. Vi uma figura sombreada se erguer. O luar traçava seu contorno. Eu parei.

Kishan me abraçou e sussurrou:

– Vai ficar tudo bem. Vá em frente e me chame se precisar.

– Mas...

– Vá em frente.

A presença reconfortante de Kishan se foi antes que eu pudesse protestar. Eu me forcei a dar um passo adiante, depois outro. Estava com medo, mas não sabia de quê. Finalmente cheguei até onde Ren estava. Ele observava cada movimento meu com uma atenção que me deixou nervosa. Deve ter pressentido meus temores, porque parou com o olhar intenso e fez um gesto para que eu me sentasse. Eu me acomodei nervosa na frente dele e cruzei as mãos no colo.

Depois de um longo minuto em silêncio, eu disse:

– Você... queria falar comigo?

Ren se recostou na cadeira e ficou me examinando em silêncio.

– O que você queria dizer? – gaguejei.

Ele deixou a cabeça cair de lado.

– Você está com medo. Não precisa ficar – disse ele em tom suave.

Baixei o olhar para as mãos.

Ele prosseguiu:

– Está agindo da mesma maneira que agiu quando eu me revelei pela primeira vez a você na casa de Phet.

– Parece que não consigo evitar.

– Não quero que você tenha medo de mim, *priya*. Nunca.

Meus olhos encontraram os dele e eu respirei fundo.

– Você disse que tinha se lembrado. É verdade?

– É. Eu... achei o ativador.

Chocada, perguntei:

– Qual foi o ativador? O que trouxe de volta suas lembranças em relação a mim depois de todo esse tempo?

Ele desviou o olhar.

– Não é importante. O que importa é que acabou. Eu me lembro de

você. De nós. De Kishkindha. Do Oregon. Eu me lembro de ter sido capturado, de entregar você a Kishan, da dança do Dia dos Namorados, da luta contra Li, do *nosso primeiro beijo...* de tudo.

Eu me levantei e fui até a janela. Apertei a mão contra o vidro e continuei de costas para ele.

Ren prosseguiu:

– Phet tinha razão. Eu fiz isso a mim mesmo.

Cerrei os punhos e encostei a testa no vidro frio. Minha respiração embaçou a janela por um instante e então desapareceu entre inspirações.

– Por quê? – Minha voz falhou. – Por que você fez isso?

Ele se levantou e se postou atrás de mim, perto o bastante para me afetar. Era algo quente e calmante e, no entanto, ao mesmo tempo, meus nervos ficaram à flor da pele, arrepiando minha pele até que eu estivesse sensível a tudo ao meu redor. Ele tocou uma mecha do meu cabelo e seus dedos roçaram minha nuca. Eu me sobressaltei mas permaneci onde estava.

– Durga se ofereceu para me ajudar a bloqueá-la, e até implementou uma aversão subliminar para que eu não conseguisse ficar perto de você. A ideia era que, se eu de algum modo fosse resgatado, mesmo assim deveria ficar o mais longe possível de você.

– Isso incluía você não conseguir me tocar? A queimação que você sentia?

– Incluía. Assim, eu iria evitá-la, e Lokesh não ia poder me usar para encontrá-la. Aquele homem estava me obrigando a dizer coisas que eu não queria que ele soubesse. Ele me fez ter alucinações com algum tipo de poder. Estava obcecado em encontrá-la. Esquecer você era a única maneira de realmente protegê-la. A única maneira de salvá-la.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto. Outras se seguiram, e eu funguei baixinho.

Ele deu mais um passo e pôs a mão no vidro, perto da minha. Então se inclinou e sussurrou:

– Sinto muito, *iadala*. Sinto muito por não ter estado ao seu lado quando você precisou. Sinto muito pelas coisas que eu disse. Sinto muito pelo seu aniversário e, acima de tudo, sinto muito por fazer você pensar que eu não a queria. Isso nunca foi verdade. Jamais. Nem quando eu não conseguia me lembrar de você.

Dei risada entre lágrimas.

– Nem quando Randi estava aqui?

– Eu detestava Randi.

– Você com certeza me enganou.

– Eu quis afastá-la de propósito. Quando Kishan lhe prestou primeiros socorros e eu não fui capaz de ajudar, percebi que precisava de alguém que pudesse cuidar de você e ficar ao seu lado. Eu não podia ser o que você precisava. Kelsey, eu me lembro de cada momento que passei a seu lado. Eu me lembro da primeira vez que você tocou em mim na forma de tigre. Eu me lembro de discutir com você em Kishkindha. Eu me lembro do medo que senti depois que o *kappa* a mordeu. Eu me lembro da luz das velas brilhando nos seus olhos no nosso jantar de Dia dos Namorados. Eu me lembro da primeira vez que você me disse que me amava, logo antes de partir da Índia, e eu me lembro de entregar você a Kishan no Oregon e de deixá-la ir. Achei que essa tinha sido a coisa mais difícil que eu jamais iria experimentar, mas então Durga me ofereceu a chance de salvá-la.

Ele parou brevemente para retomar o fôlego e continuou:

– Eu quase não aceitei. Ficou um vazio no meu coração depois que ela levou embora as minhas lembranças. Senti quando elas se esvaíram de mim, e não havia nada que eu pudesse fazer para segurá-las. Desesperado, eu me agarrei a cada uma delas à medida que iam desaparecendo, apagando-se da minha memória. A última coisa de que eu me esqueci foi o seu rosto. Aquela última imagem sua era tão real que eu tentei segurá-la entre as mãos. Eu me recusei a deixá-la, mas sua imagem foi sumindo até eu não estar segurando mais nada. Meu coração estava partido, e eu não conseguia me lembrar por quê. Viver daquele jeito era horrível. Eu queria que Lokesh me matasse. Comecei, de fato, a ficar ansioso pela tortura. Era uma distração para a minha mente.

Ele apoiou a cabeça e o ombro no vidro, para poder enxergar o meu rosto.

– Então, um dia, vocês três chegaram e me salvaram. Eu não sabia quem você era. Eu sentia que devia saber, mas não conseguia ficar perto de você como homem sem sentir muita dor. De algum modo, porém, estar perto de você preenchia o vazio. Valia a pena sentir a dor física. Não acho que Durga estivesse esperando por isso, que a atração emocional que você exercia iria se sobrepor aos desconfortos físicos da proximidade. Então, nós voltamos a ficar juntos. Mas desta vez eu fiquei limitado, bloqueado. Como tigre eu podia ficar por perto, ser o seu companheiro, senti-la, e voltei a me apaixonar por você.

Eu não sabia o que dizer, então não cogitava interrompê-lo. Ele

prosseguiu:

– Como uma parte de mim sentia que nós tínhamos que ficar juntos, eu me tranquilizei. Eu me contentaria em ser seu gatinho de estimação pelo resto da vida. Você me perguntou no Festival das Estrelas se eu iria querer mais do que isso. A resposta foi não. Não havia nenhum outro lugar onde eu quisesse estar que não ao seu lado, *ninguém* que me fizesse sentir tão bem como você fazia. Então, quando terminei nosso relacionamento, tentei provar para você e para mim mesmo que eu não precisava de você. Eu a evitei. Eu a magoei. Desfilei com outras mulheres para que você acreditasse que eu não a desejava. Mas era mentira. Eu me cercava de 10 mulheres e só conseguia pensar naquele caubói pondo as mãos em você. Só o que eu via era a mágoa que tinha lhe causado. Eu me convenci de que estava fazendo isso pelo seu próprio bem. Que você seria mais feliz assim e que teria uma vida normal sem mim. Por egoísmo, eu a empurrei para cima de Kishan sabendo que, se ficasse com ele, pelo menos eu ia poder estar perto de você de vez em quando.

– E você sabia que ele era capaz de me proteger.

– Exatamente.

Eu me virei de lado para ficar de frente para ele.

– E agora?

– E agora? – Ele deu uma risada triste e passou a mão no cabelo. – Agora estou numa situação ainda pior. Pelo menos antes eu não tinha a lembrança de beijar você na cozinha entre fornadas de biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim. Eu não me lembrava de como tinha sido dançar com você no Oregon. Eu não me lembrava de como ficava com o seu vestido *sharara* azul. Eu não tinha a lembrança de lutar *por* você nem de lutar *com* você. De namorar você ou de vê-la no Natal depois de meses e de como eu finalmente me senti... inteiro mais uma vez.

Ele suspirou.

– Sei que magoei você. Sei que lhe causei dor. Sei que rompi sua confiança, sua fé em mim. Apenas... me diga o que fazer. Diga como consertar isso. Como acertar tudo. Como conquistá-la de volta. Se eu pudesse tomar toda a dor que causei a você para mim, eu tomaria. Você é mais importante para mim do que qualquer outra coisa, e eu *sacrificaria* tudo para fazê-la feliz, para mantê-la em segurança. Por favor, acredite nas minhas palavras.

Eu funguei e me coloquei na frente dele. Abracei-o pela cintura e o segurei com força.

– Eu acredito.

Ele me apertou contra o peito e acariciou meu cabelo em silêncio. Ficamos assim durante muito tempo. Ele parecia contente em apenas me abraçar. Enfim, emocionalmente exausta, eu juntei coragem e me afastei.

Dei tapinhas carinhosos no braço dele e disse:

– Podemos conversar mais sobre isso amanhã, Ren. Já passou muito da meia-noite e eu estou exausta. Boa noite.

– Boa noite? – perguntou ele, confuso.

– É. Boa noite.

Dei dois passos para longe dele e senti quando pegou no meu braço.

– Espere. Eu vou com você.

Logo desviei o olhar de seu rosto confuso e hesitei por um momento, antes de falar:

– Hã... é melhor não. *Kishan* está... me esperando.

O rosto dele se anuviou.

– Você... ainda vai ficar com *ele*?

Suspirei.

– Vou.

– Mas as coisas que eu disse não fizeram diferença para você? *Kelsey*... – Ele pegou minha mão e a segurou entre as dele. – Agora eu posso ficar com você de novo. Posso tocá-la. Posso abraçá-la. Posso estar perto de você.

Ren puxou a palma da minha mão até os lábios, fechou os olhos e a beijou.

Voltou a abri-los devagar e eu engoli em seco.

– Eu sei, Ren, mas... não importa. Eu... eu estou com *Kishan* agora.

Ele largou minha mão e seus olhos azuis ficaram gélidos.

– Como assim, está com *Kishan* agora?

– *Kishan* e eu agora estamos namorando. Você se lembra disso, não lembra? Olhe, vamos conversar mais sobre esse assunto amanhã, está bem?

Eu me virei para sair.

Ele deu a volta em mim e, com a voz contida e controlada, disse:

– Não quero conversar sobre isso amanhã, *Kells*. Quero conversar agora.

– Ren, não tenho energia para brigar por causa disso agora. Preciso de um pouco de tempo para processar tudo. Vou dormir. A gente se vê de manhã.

Ele agarrou minha mão e me conduziu de leve para perto dele. Foi me puxando até meu nariz estar a um dedo do dele e minhas costas

estarem curvadas para trás – na tentativa de me manter afastada. Ele se inclinou por cima de mim e eu não consegui evitar olhar para sua boca. Entrei em pânico, pensando que ele ia me beijar, mas, em vez disso, ele apertou os lábios contra minha bochecha e disse:

– Tudo bem. Vá dormir agora. Mas quero que entenda uma coisa: eu não vou perder você outra vez, *meri aadoo*.

– O que isso quer dizer?

Ele sorriu e sussurrou:

– Significa... *meu pêssego*.

Ele ajeitou o corpo e me soltou. Eu me virei e me apressei até a porta. Kishan estava me esperando perto dos equipamentos de ginástica e, quando me aproximei, ele estendeu a mão. Sorri e a peguei enquanto ele olhava por cima da minha cabeça. Eu me virei e vi que Ren estava apoiado na porta, relaxado. Ficou observando Kishan me levar embora.

Entramos no elevador e Ren ficou enraizado no mesmo lugar, pensativo, enquanto descíamos.

Quando chegamos ao meu quarto, fui para o banheiro e vesti o pijama. Kishan estava sentado em uma cadeira à minha espera quando voltei. Sentei-me na cama sobre as pernas cruzadas.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Tudo bem. Eu gostaria de dormir e conversar sobre isso mais tarde, se não se importa.

– Claro. Vou ajudar o Sr. Kadam hoje à noite. A gente se vê de manhã.

Ele se levantou e puxou as cobertas para cima de mim, me ajeitando, deu um beijo na minha testa e fechou a porta com cuidado.

Apaguei a luz e fiquei me contorcendo e chutando até tirar a coberta pesada de cima de mim e me cobrir com minha colcha. De repente me dei conta de que Ren sabia me acomodar na cama e Kishan, não. Irritada, joguei a colcha da minha avó na cadeira e puxei o edredon pesado até o queixo, determinada a cair no sono do jeito que Kishan tinha me ajeitado. Demorei muito tempo para dormir e passei a noite toda agitada.

Quando acordei, vi que estava com os pés na cabeceira da cama e com o braço caído pela beirada. Arrastei meu corpo cansado para o chuveiro e fiquei olhando para meus olhos caídos e inchados no

espelho.

O que eu vou fazer? Ren quer simplesmente recomeçar de onde paramos. Será que posso fazer isso? Será que posso magoar Kishan dessa maneira? Será que sou esse tipo de pessoa? O que sinto por Kishan? Mais do que amizade, com certeza. Ele é constante, confiável... Caramba! Parece que estou descrevendo um carro velho. Então, o que isso significa? Ele é um Corcel e Ren é um Corvette? Não. Isso também não é verdade. Acho que a verdadeira questão é: o que eu sinto por Ren?

Meu coração bateu pesado em resposta quando eu me permiti visualizá-lo, me lembrando de como eu me senti quando ele me abraçou. De como meu coração saltou quando ele tocou no meu pulso. De como tremi quando ele olhou para mim. Fechei os olhos e tentei me concentrar. Deveria isolar da mente os sentimentos e analisar a situação de maneira lógica.

Não. Eu não sou o tipo de pessoa que faria isso com Kishan. Eu disse a ele que não iria permitir que ele voltasse a ficar sozinho. Ren sabia o que estava fazendo, apesar de não conseguir se lembrar. Ele teve a chance dele e me dispensou. Kishan também merece essa chance. Pronto. Já fiz minha escolha. Escolho ficar com Kishan.

Com a decisão tomada, eu virei a chave do meu coração. Tranquei meus sentimentos por Ren bem no fundo do meu ser e deixei aberta apenas a parte do meu coração que pertencia a Kishan. Eu me sentia sufocada e desconfortável, como se estivesse tentando respirar apenas com um pulmão, e o que restara do coração era suficiente apenas para continuar funcionando. Pelo menos, era mais do que uma fatiazinha. E daí que a outra parte do meu coração pulsasse como se eu tivesse amarrado um torniquete ao redor dela? E daí que estivesse pronta para explodir e me destruir completamente? E daí que eu me sentisse limitada, reprimida? Eu podia aprender a me adaptar a isso, como as meninas chinesas que aprendem a caminhar com os pés amarrados. Claro que no começo iria doer, mas acabaria me acostumando.

Com as amarras do coração bem presas, segurando firme minhas emoções, beliscando minha pele como as barbatanas apertadas de um corpete, vesti uma roupa qualquer e me dirigi para a casa do leme com relutância. No caminho, parei à porta de Kishan e abri uma fresta. Ele estava dormindo, com os lençóis embolados na cintura. Fui até a cama e afastei o cabelo do seu rosto. Ele sorriu, sem acordar, e virou para o lado. Eu o deixei e fui para o elevador.

Quando cheguei à porta de vidro, encontrei uma rosa de seda azul com um bilhete dobrado preso a ela. Peguei o papel e o abri. Dentro,

havia um par de brincos de pérola e um poema.

Por acaso você sabe como aquela pobre
desgraça sem forma...
A Ostra... cria seu cálice raso de luar?
Onde a concha a incomoda, ou a areia do
mar irrita,
Ela solta o brilho adorável de seu pesar.
— Edwin Arnold

Permita que eu guarde minha pérola.
—Ren

Amassei o bilhete e enfiei-o no bolso, junto com os brincos. Então tomei o elevador e subi até a casa do leme, onde encontrei o Sr. Kadam trabalhando vigorosamente em algumas anotações.

– O que está fazendo? – perguntei.

– Kishan e eu encontramos as respostas para as marcas no disco celeste.

– Ah, é? O que são?

– Kishan acha que são obstáculos que se encontram entre nós e os outros pagodes. E que o caminho mostrado é uma maneira de nos desviar deles com segurança.

– Obstáculos, é? Imagino o que fez Kishan pensar assim – comentei, seca.

O Sr. Kadam ignorou meu comentário.

– Estamos testando essa teoria agora. Vamos nos aproximar da primeira marca daqui a mais ou menos uma hora. Foi por isso que mandei Kishan descansar.

– Entendi.

Fiz alguns waffles para mim com o Fruto Dourado e me sentei ao lado do Sr. Kadam, que continuou trabalhando.

– Está se sentindo melhor, Srta. Kelsey?

– Eu... não dormi bem. Ren e eu conversamos, e parece que ele se lembra de tudo agora. Mas isso só torna as coisas mais complicadas.

– Eu sei. Conversei muito com ele mais cedo.

Voltei toda a atenção para o prato e fiquei girando os pedacinhos

de waffle na calda.

– Eu... na verdade, não quero falar sobre isso agora, se o senhor não se importar.

– De jeito nenhum. Pode conversar comigo quando quiser, mas também não precisa falar nada se assim desejar. Estou sempre à sua disposição.

– Obrigada pela compreensão.

Uma hora mais tarde, Kishan apareceu com a minha jaqueta no braço. Ajeitou-a sobre os meus ombros e se virou para examinar os mapas em que o Sr. Kadam estava trabalhando. Algo fez barulho no bolso. Enfiei a mão lá para ver o que era e tirei um papel. Era um soneto. Na verdade, era o soneto CXVI, um dos meus preferidos.

De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça. Amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfanje não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma, para a eternidade.
Se isto é falso, e que é falso alguém provou,
Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.

– Qual é o problema? – perguntou Kishan.

Guardei o bilhete no bolso e corei.

– Nada. Eu, hã... volto logo.

– Tudo bem. Mas se apresse. Estamos quase lá.

– Pode deixar.

Corri escada abaixo e entrei de supetão no quarto de Ren, no momento em que ele estava vestindo uma camisa.

– O que você acha que está fazendo? – berrei.

Ele ficou paralisado e então deu um sorriso para me desarmar,

ajeitando a camisa no peito.

– Estou me vestindo. É bom dia para você também. Mas qual a razão dessa gritaria toda?

– Não sei como você deixou isto na minha jaqueta, mas precisa parar.

– O que exatamente eu deixei na sua jaqueta?

Joguei o papel amassado na mão dele.

– Isto!

Ele se sentou na cama e abriu o papel devagar, alisando-o por cima da coxa vestida com calça jeans. Soltei um gritinho involuntário ao me dar conta de que estava hipnotizada pelos movimentos dele.

– Parece que é um poema de Shakespeare, Kells. Você gosta de Shakespeare. Então, qual é o problema?

– O *problema* é que eu não quero mais saber de poemas da sua parte.

Ele se recostou e me examinou com ousadia, sorriu e disse:

– “Será que uma mulher com este humor já foi desejada? Será que uma mulher com este humor já foi conquistada?”

– Dê um tempo, Shakespeare. Eu não sou uma megera a ser domada. Como eu disse a você ontem à noite, agora estou namorando Kishan.

– É mesmo?

Ele se levantou e caminhou firme na minha direção.

De repente eu não conseguia mais respirar. Fui recuando até bater na parede. Ele apoiou as mãos nela, cercando cada lado da minha cabeça, e se inclinou para perto de mim. Teimosa, empinei o queixo e me recusei a ser intimidada.

– Sim. Estou. Foi bom mesmo eu ter vindo aqui falar com você sobre isso. Eu não quero que... fique me perseguindo e faça com que as coisas sejam – engoli em seco – difíceis.

Ren deu uma risada rouca e se inclinou para mais perto, roçando o nariz na minha orelha.

– Você gosta que eu seja... *difícil*.

– *Não*. – Resmunguei quando ele mordeu o lóbulo da minha orelha.

– Quero que minha vida seja simples e confortável. E, com Kishan, vai ser.

– Na verdade, você não quer uma coisa *simples*, quer, Kelsey?

Seus lábios pressionaram a pele macia atrás da minha orelha e eu estremei.

– Complicação... – ele começou a dar beijinhos provocadores de leve pelo meu pescoço – é o que faz a vida... – ele levou a mão à

minha nuca e enfiou os dedos no meu cabelo – ser emocionante.

Virei o rosto para o outro lado, mas ele simplesmente aproveitou a oportunidade para explorar mais o meu pescoço exposto.

– O amor é complicado mesmo, *iadala*. Hummm, você é deliciosa. Sabe como é gostoso poder tocar em você sem sentir dor? Beijar você? – Ele estalou beijinhos ao longo do meu maxilar, fazendo cócegas, e sussurrou: – Eu quero me afogar no prazer de estar perto de você.

Soltei um gemido e agarrei os braços dele. *Falando em afogamento, eu estava afundando, e com rapidez*. Abri os olhos, agarrei-o pelos ombros, encarei seu olhar e usei toda minha força para empurrá-lo para longe, mas ele só recuou alguns centímetros.

– Chega, Ren. Estou falando sério. *Leia meus lábios!* Eu quero ficar com *Kishan*. Não com você.

Os olhos dele se estreitaram, mas então brilharam com malícia.

– Achei que você nunca fosse pedir.

De repente, ele me agarrou. Com uma das mãos espalmada nas minhas costas e a outra no meu cabelo, ele firmou minha cabeça e esmagou minha boca com a dele. Nossos corpos grudaram feito dois ímãs. Uma onda violenta de calor tomou conta de mim. Eu poderia jurar que estava me afogando e que ele era minha boia salva-vidas. Eu estava desesperada para me unir a ele, para me tornar parte dele. Seu toque era tão familiar... e, no entanto, novo. Ele era como o mar, tão vasto, tão cheio de vida... *Tão essencial ao meu mundo*.

Meus braços desceram para seu pescoço e o seguraram enquanto ele deslizava as mãos para cima e para baixo nas minhas costas e me puxava para mais perto. Um braço prendeu minha cintura e o outro segurou o meio das minhas costas. Ele me beijou loucamente, me subjugando como se fosse uma onda gigantesca quebrando sobre mim. Eu logo me perdi em seu abraço selvagem e, mesmo assim... sabia que estava a salvo. Seu beijo me guiou, me empurrou, me fez perguntas que eu não estava disposta a considerar.

Mas eu era adorada por este Poseidon obscuro, e apesar de ele ter o poder de me esmagar completamente, de me afogar nas profundezas púrpura de seu rastro, ele me mantinha na superfície. Seu beijo passional mudou. Ficou mais suave, delicado e suplicante. Juntos, fomos à deriva na direção de um porto seguro. O deus do mar me colocou em segurança na areia de uma praia e me firmou enquanto eu tremia.

Formigamentos efervescentes dispararam pelos meus braços e pernas, deleitando-me com arroubos de uma sensação faiscante, como

os dedos dos pés cheios de areia tocados por ondas borbulhantes. Finalmente, as ondas se afastaram e eu senti meu Poseidon me observar de longe. Nós nos entreolhamos, cientes de que aquela experiência nos tinha transformado para sempre. Sabíamos que eu sempre pertenceria ao mar e que eu nunca seria capaz de me separar dele e voltar a ser inteira.

Ele roçou o polegar no meu rosto, me tocando com delicadeza. Uma parte de mim berrava que precisava dele, que meu lugar era com ele, que eu não podia negar isso. Mas outra parte se sentia culpada, lembrava que havia outro que me amava, que se preocupava comigo, que iria se magoar. E eu tinha feito uma promessa a ele. Dei um passo para trás e me afastei da presença arrebatadora de Ren para poder me livrar da reação que eu tinha a ele. Não deu certo, mas prendi a respiração e assumi a determinação de seguir meu caminho.

– Hum. – Ele passou os dedos da minha têmpora para a bochecha e depois para a boca, tocando de leve no lábio inferior. – Muito interessante.

Com um suspiro, perguntei:

– O que é interessante?

– Apesar dos seus protestos, eu diria que os seus lábios com toda a certeza me... *desejam*.

Soltei um grito de frustração, mais com a minha própria fraqueza do que com ele, empurrei-o para o lado e limpei os lábios com as costas da mão.

– Kelsey.

– Não. – Ergui a mão. – Não dá, Ren. Eu não posso fazer isso. Não sou esse tipo de pessoa. Eu não posso mais *ficar* com você assim.

– Kelsey, por favor...

– Não!

Saí correndo do quarto e ele foi atrás de mim.

Naquele momento, algo sacudiu o iate. Ren saiu do quarto em um arroubo, na minha direção, pegou minha mão e foi me puxando até a casa do leme. Nós entramos ao mesmo tempo e ficamos presos na porta. Ren achou que aquela fosse uma oportunidade fantástica para me agarrar enquanto eu berrava com ele. Quando finalmente passei da porta e me dirigi para Kishan, ele estava com a testa franzida, e Ren tinha um sorriso malicioso nos lábios. O navio sacudiu de novo, eu caí sobre a estante e bati a cabeça.

– Será que você não consegue nem garantir que ela não se machuque? – gritou Ren.

– Ele me protege muito bem! – esbravejei em resposta.

Kishan me puxou em um abraço e esfregou o galo na minha cabeça.

– Não deixe que ele a provoque, Kells. Só está tentando irritá-la.

– Acho melhor vocês três continuarem a conversa quando o navio não estiver sendo atacado! – interveio o Sr. Kadam. – Nilima! Pegue o leme!

Ren agarrou o tridente e correu para a escada que levava ao alto da casa do leme. Kishan pegou o *chakram* e correu para a parte da frente do iate. Fui para a parte de trás.

Ren berrou bem alto:

– Estou vendo! É algum tipo de peixe muito grande.

Fiquei olhando para a água e arquejei quando avistei um rabo enorme.

– Está indo na sua direção, Kishan!

O corpo gigantesco sacudiu o navio até ele se inclinar perigosamente para um lado. Quando voltamos a nos endireitar e o iate caiu na água, saí correndo para o lado de Kishan. Como o *chakram* não era capaz de atravessar a água, eu acertei a criatura com meus raios e ela deu algumas voltas e mergulhou. Tudo ficou em silêncio durante alguns instantes assustadores, então uma forma enorme se ergueu da água atrás de Ren.

Fiquei boquiaberta. Era um peixe-monstro gigante. A mandíbula inferior se projetava vários metros além da superior. Sua boca estava escancarada.

Enormes dentes parecidos com os de vampiro saíam dos lábios cinzentos grossos e um olho amarelo gigante estava fixo em Ren. Duas nadadeiras enormes batiam no ar como um beija-flor e listras pretas compridas iam da cabeça ao rabo. Sua boca de repente se fechou feito um tornio.

– Ren! Atrás de você!

Ele girou e enfiou o tridente na barriga do peixe várias vezes. O sangue negro saía dos buracos formando poças. O peixe inclinou o corpo e parte dele tombou sobre a torre. Ren caiu do iate e deslizou pelo corpo escorregadio do peixe para a água agitada lá em baixo.

– Ren! Kishan, ajude-o!

Na mesma hora Kishan mergulhou na água, atrás de Ren.

Gritei para os homens lá em baixo:

– Como é que isso vai ajudar?

Corri para a casa do leme. O peixe dava voltas na área e tentava morder os dois irmãos que boiavam perto do navio. Ren usou o tridente, mas não estava fazendo muito progresso. A única coisa que os ajudava era que a mandíbula inferior do peixe era tão grande que

ele não conseguia chegar perto o suficiente para mordê-los, batendo no casco do navio em vez disso. Peguei o Lenço e corri de volta para a lateral. A essa altura, o peixe tinha desistido de mordê-los e tentava esmagá-los contra o barco.

Eu murmurei:

– Está tentando fazer uma panqueca de príncipes indianos? Só por cima do meu cadáver!

Lancei os raios mais fortes que consegui pela mão e acertei o peixe em vários lugares. Ele se contorceu irritado na água, tentando sair do meu alcance. Ao mesmo tempo, pedi ao Lenço que fizesse uma escada de corda saindo da amurada e descendo pela lateral do iate até a água, e berrei para os irmãos que a agarrassem. Mantive o peixe afastado deles tempo suficiente para que pudessem subir.

Quando estavam a bordo novamente, encharcados e cansados, gritei para Nilima:

– Tire a gente daqui!

Continuei lançando raios no peixe até estarmos longe o bastante para ele desistir. Quando senti que finalmente estávamos fora de perigo, olhei com raiva para os dois irmãos, então os ignorei e fui para a casa do leme pisando firme.

Entrei de supetão e disse:

– Bom, a teoria da barreira é bem sólida. Sugiro que tracemos uma rota entre todos esses pontos. Quando os irmãos aparecerem, diga a eles que são dois idiotas, que não há de quê e que me deixem em paz por um tempo.

Nilima e o Sr. Kadam não falaram nada. Com isso, saí bufando da casa do leme direto para o meu quarto. Tranquei as duas portas e enchi a banheira de hidromassagem para tomar um bom banho. Enquanto estava imersa na água, fiquei pensando no beijo e me senti culpada. *Parece que vou precisar fortalecer minha determinação se quiser ser fiel a Kishan. Não posso deixar Ren me pegar sozinha. Simplesmente não tenho força de vontade suficiente para resistir a ele. Ele é... poderoso demais.* Apesar da minha autoflagelação, acabei pensando nele o tempo todo. Senti um tremor. O iate estava avançando, então era óbvio que nos dirigíamos para a toca do dragão verde. Suspirei, abri os olhos e saí da banheira.

Depois de me vestir, voltei para a casa do leme. Tudo estava em silêncio. O sol se pusera e nem Ren nem Kishan estavam por ali. Encontrei Nilima sozinha, dirigindo o iate, seguindo com cuidado as instruções do Sr. Kadam. Peguei um cobertor e me aninhei numa cadeira próxima. Ela dava uma olhada em mim de vez em quando,

mas eu estava completamente absorpta nos próprios pensamentos.

– Está se perguntando o que deve fazer, não é mesmo?

Soltei um longo suspiro.

– Estou. Tento imaginar um jeito de fazer com que Ren entenda que não podemos ficar juntos agora.

– Ah, é? – Ela se virou para olhar para mim. – É isso que você está imaginando? Achei que estivesse se perguntando qual dos dois vai fazer você feliz.

– Não. Não é nisso que estou pensando.

– Entendi. Então está determinada a ficar com Kishan?

– Fiz uma promessa a ele. Assumi um compromisso.

– Você também não fez a mesma coisa com Ren?

Eu me retrai.

– Fiz. Mas foi há muito tempo.

– Talvez para ele não faça tanto tempo assim.

Nilima ficou olhando fixamente para a escuridão.

– Talvez não. – Baixei os olhos para minhas mãos no colo. – O que você acha que eu devia fazer? – perguntei.

Ela deu uma espreguiçada charmosa e então retomou a posição anterior.

– Você gosta de escrever no diário, não gosta?

– Gosto.

– Então sugiro que escreva sobre os dois. Escreva sobre as qualidades e os defeitos deles. Anote aquilo que ama em cada um. Mas coloque também o que você gostaria que fosse diferente. Talvez ajude ver os seus pensamentos no papel.

– É uma boa ideia. Obrigada, Nilima.

Passei os dias seguintes passando para o papel os meus pensamentos sobre os dois irmãos. Descobri que tinha muitas coisas boas e ruins a dizer a respeito de Ren e, apesar de minha lista sobre Kishan ser toda boa, era curta. Não achei que estivesse me concentrando nele de maneira adequada, por isso resolvi passar mais tempo ao seu lado. Perguntei-lhe uma porção de coisas e então, determinada, anotei suas respostas no meu diário.

Dei vários beijos “experimentais” nele, tentando avaliar minhas reações. Ele parecia alheio aos meus testes e aproveitava os beijos pelo que eram. Nem *uma vez* sequer beijá-lo causou a mesma reação que tive quando beijei Ren. Apesar dos meus esforços, descobri que também não conseguia replicar o sentimento daquela primeira noite,

daquele primeiro beijo em Kishan, o do dia em que Ren recuperou a memória. Comecei a desconfiar de que minha reação naquela hora não tivera nada a ver com Kishan.

Certa noite, eu estava passeando pelo deque com Kishan quando tive uma ideia para outro teste.

– Kishan? Quero experimentar uma coisa. Será que pode me ajudar?

– Claro. O que é?

– Fique bem aqui. Não, atrás de mim. Está bom. Agora, fique parado um segundo.

Mirei meu poder de raio na água. Uma luz branca saiu da palma da minha mão e atingiu o mar. Uma nuvem de vapor se ergueu.

– Certo. Agora chegue mais perto de mim e me aperte contra o seu peito.

– Assim?

– Isso. Está bom. Agora, apoie a cabeça no meu ombro e toque nos meus braços. Coloque os seus por cima dos meus.

Ele passou as mãos para cima e para baixo nos meus braços. Eu me concentrei e forcei minha energia ao máximo, mas a luz não mudou. Não houve nenhuma explosão dourada intensa de energia. Não fui tomada por uma sensação de conexão. Meu poder arrefeceu e cessou. Fiquei olhando fixamente para a água.

– O que foi? – perguntou Kishan. – Algo errado?

Forcei um sorriso e me virei para ele. Depois de lhe dar um selinho, falei:

– Não. Não tem nada errado. Foi só uma ideia boba que eu tive. Nada de mais.

Escutei um barulho acima de nós e vi Ren apoiado em um poste. Ele exibia um sorriso debochado para mim, de quem tinha entendido tudo. Olhei com raiva para ele e dei um beijão em Kishan, que me abraçou pela cintura e retribuiu, cheio de vontade. Quando voltei a olhar, Ren estava com a testa franzida.

Mais tarde, fui me deitar numa espreguiçadeira do deque, olhando as estrelas, enquanto Kishan fazia ginástica. Então senti um puxão caloroso, uma atração familiar no meu coração e percebi que *ele* estava por perto.

Uma voz profunda e hipnótica perguntou:

– Posso me sentar?

– Não.

– Eu queria falar com você.

– Pode falar quanto quiser, porque eu estou de saída. Acho que tomei sol demais.

– Não tem sol nenhum. Sente-se e fique quietinha.

Ren arrastou uma espreguiçadeira para o lado da minha e se deitou com as mãos atrás da cabeça.

– Por quanto tempo você vai prolongar isso, Kelsey?

– Não sei do que você está falando.

– Não sabe? Eu vi o teste que fez com Kishan hoje. Você não sente por ele o que sente por mim. Não se sente *com* ele do jeito que se sente comigo.

– Você está errado. Estar com Kishan é... o céu.

– “O *amor ao céu* faz com que se fique celestial.”

– Exatamente. Nosso amor é celestial.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Para mim significa o que *eu* quero que signifique.

– Tudo bem. Então, interprete isto aqui: “A dama reclama demais, eu acho”, ou que tal: “Ó, como esta primavera de amor se parece com a glória incerta de um dia de abril; que agora mostra toda a beleza do sol, e pouco a pouco uma nuvem leva tudo embora.”

– Não foi uma nuvem que levou nosso amor embora: foi você. Eu avisei quais seriam as consequências, e você disse o seguinte: “Eu não vou precisar de outra chance. Não vou mais procurar você.” Por acaso essas não foram as suas palavras *exatas*, Ren?

Ele se encolheu.

– Foram *sim*. Mas...

– Não. Não tem “mas”. Dessa vez não tem como voltar atrás, Ren.

– Mas, Kelsey, eu fiz isso por você. Não porque fosse minha vontade, mas porque eu queria salvá-la.

– Eu entendo. Mas o que está feito, está feito. Não vou magoar Kishan porque você mudou de ideia. Vai ter que viver com as consequências das suas escolhas, do mesmo jeito que eu.

Ele se levantou e se ajoelhou ao lado da minha espreguiçadeira. Então pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus.

– Você está se esquecendo de uma coisa, *iadala*. O amor não é uma consequência. O amor não é uma escolha. O amor é uma *sede*... uma necessidade tão vital à alma quanto a água é para o corpo. O amor é um líquido precioso que não só alivia uma garganta seca como também revigora o homem. Dá forças suficientes para que ele se disponha a matar dragões pela mulher que lhe oferece esse sentimento. Se você tirar este líquido do amor de mim, vou ressecar e

virar pó. Tirar isso de um homem que está morrendo de sede e dar a outro sob seu olhar é uma crueldade que eu nunca achei que você pudesse cometer.

Dei uma gargalhada de desdém e ele suspirou.

– “Você é para mim um tormento delicioso”, Kelsey.

– Quem disse isso?

– A primeira parte? Eu. O último verso, Emerson.

– Entendi. Prossiga. Você estava falando da parte de ser revigorado?

Ele estreitou os olhos.

– Você está fazendo pouco-caso de mim.

– Bom, não acha que está fazendo drama demais?

– Talvez. Vai ver é porque eu sou covarde. Shakespeare escreveu: “Os covardes morrem muitas vezes antes da morte, os valentes só experimentam a morte uma vez.”

– Como é que isso faz de você um covarde?

– Porque já morri muitas mortes, quase todas por você, e ainda estou vivo. Tentar ter um relacionamento com você é a mesma coisa que tentar resgatar alguém do Hades. Apenas um tolo iria voltar repetidas vezes para uma mulher que briga com ele a cada passo do caminho.

– Ah, mas isso faz de você um tolo, não um covarde.

Ele franziu a testa e disse:

– Talvez eu seja os dois. – Ele analisou meu rosto e disse baixinho:

– Foi demais pedir que você esperasse por mim? Que acreditasse em mim? Não sabe quanto eu amo você?

Eu me contorci sob o olhar dele.

Ren prosseguiu:

– Eu morro um pouquinho toda vez que nos separamos, Kelsey.

Engoli a culpa e deixei o orgulho tomar conta.

– Sorte a sua que os gatos têm várias vidas. Eu só tenho uma vida e um coração, e ele já foi tão jogado de um lado para outro que fico surpresa por ainda bater.

– Iria ajudar se você parasse de oferecer seu coração a todo homem que conhecesse – sugeri ele, seco.

– Eu não me apaixono por todo homem que conheço, apesar do que você pensa, seu exagerado. – Dei um cutucão no peito dele. – Pelo menos *eu* não desfilo pretendentes seminuas com peito artificial por aí. Além do mais, foi *você* que *me* afastou, não o contrário. A culpa é toda sua.

– Bom, eu não achava que você fosse se arranjar com outra pessoa

tão depressa. O iate é pequeno, pensei. Mas não: é só deixar Kelsey sozinha cinco minutos e ela de repente já tem uma fila de pretendentes. Todos os homens a bordo imediatamente se candidatam!

Olhei com raiva para ele.

– Você disse que Kishan e eu deveríamos...

Irritado, ele passou a mão no cabelo.

– Eu sei o que eu disse. Na hora, fez sentido. Mas, mesmo assim, parte de mim acreditava que você nunca fosse fazer isso. Não achei que realmente pudesse convencê-la de que não a amava mais. Foi uma decisão ruim com ramificações obviamente negativas. Eu cometi um erro. Um erro enorme. Mas agora estamos quites. Você me abandonou, e eu abandonei você. Agora acabou. Podemos deixar de lado e esquecer.

– Não, não podemos. Dessa vez nós dois não somos os únicos envolvidos.

– *Sempre* tem mais alguém envolvido. Vira e mexe eu tenho que recuperar nossa relação e, sinceramente, estou ficando especialista em impedir que você siga em frente com outros homens. Quantos já foram até agora? Dez? Vinte?

– Está exagerando de novo.

Ren estava ficando irritado.

– Talvez esteja. Mas quer saber de uma coisa? Tudo bem. Vá em frente e continue aumentando seu fã-clubes, porque *sempre* vou estar aqui para derrotar todos os pretendentes.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e, depois de um momento de silêncio, eu falei:

– Ren, *you* me dispensou. Você me jogou nos braços de outro homem. Achou mesmo que bastaria estalar os dedos para que eu voltasse correndo? Que eu poderia simplesmente partir o coração dele e não me magoar nesse processo?

– Eu sei que o que eu fiz a magoou, magoou nós dois, e também sei que magoou Kishan. Se eu fosse um homem mais corajoso, deixaria as coisas como estão, mas *not* *consigo*. Você perguntou por que sou covarde. Sou covarde porque me nego a ficar sem você. Não sou capaz de imaginar uma existência feliz se você não fizer parte dela. Não consigo sequer considerar essa possibilidade. Então, é melhor se acostumar, porque não vou parar de tentar conquistar você. Se essa for uma batalha pelo seu coração, *ladada*, então, estou pronto. Mesmo que no fim eu descubra que estou lutando contra *you*.

– Sério, Ren, você não pode simplesmente acatar minha decisão?

– Não! Você está tão apaixonada por mim quanto eu estou por você e se eu precisar enfiar isto nesta sua cabeça teimosa à força, que seja.

– Acabou a poesia, foi?

Ele suspirou, pegou meu queixo e então virou meu rosto para o dele.

– Eu não preciso de poesia, *prema*. Só preciso estar perto o bastante para tocar em você.

Ele passou os dedos de leve pelo meu pescoço e foi deslizando até o ombro.

Meu pulso acelerou e meu lábio tremeu quando respirei fundo.

– Seu coração sabe. Sua alma lembra. – Ele se inclinou para perto de mim e começou a beijar meu pescoço, mal tocando a pele sensível com os lábios. – *Isto* é algo que você não pode negar. Você *tem* que ficar comigo. Você é minha. – Ele sussurrou baixinho contra minha garganta: – “Eu sou aquele que nasceu para domar você, Kate, e transformá-la da Kate selvagem na Kate tão à vontade quanto qualquer outra Kate comum...”

Fiquei paralisada e o empurrei para longe.

– Não faça isso, Ren. Pare! Não ouse terminar estes versos!

– *Kelsey*.

– Não.

Eu me levantei e me afastei com rapidez, deixando meu diário no deque, aos pés dele.

Ouvi sua ameaça quando saí:

– As linhas da batalha foram traçadas, *priyatama*. Quanto mais poderoso o inimigo, mais doce a vitória.

Por cima do ombro, eu disse:

– Tome sua vitória e enfie-a no focinho, tigre!

Voltei para o meu quarto com o som da risada baixinha dele.

Na manhã seguinte, Kishan bateu na minha porta. Eu estava sonhando com Ren na forma de tigre branco, à minha caça. Eu me sentei ereta na cama quando Kishan abriu a porta, e então berrei:

– Eu *não* sou uma gazela!

Kishan deu risada.

– Sei que você não é uma gazela. Apesar de suas pernas serem quase tão compridas quanto... Hum. Seria legal correr atrás de você e ficar olhando para essas pernas.

Joguei um travesseiro na cabeça dele.

– Por que você me acordou?

– Um: já são nove horas. Dois: estamos na ilha do dragão verde. Então, levante-se e se vista, Kells.



A caçada do dragão verde

Estávamos ancorados perto de uma grande ilha. Praias de areia branquinha e quente se estendiam até onde a vista alcançava, mas, longe do litoral, a ilha era coberta por uma camada espessa de árvores de todos os tipos. Aves coloridas voavam no alto. Era quente, muito mais quente do que a ilha coberta de névoa do dragão azul. Esta ilha era cheia de cor e som. Dava para ouvir com clareza o guincho dos macacos e o pio das aves.

Ren logo se juntou a nós e dispôs nossas armas na mesa. Ele deu alguns passos e ficou em pé ao meu lado.

Kishan disse:

– Prestem atenção. Vocês estão escutando?

– Escutando o quê? – perguntei.

Ren tocou no meu braço e fez “Shh”. Ele inclinou a cabeça e fechou os olhos.

Fiquei concentrada, mas só ouvi o barulho de diversos animais.

Ren finalmente abriu os olhos.

– Felinos. Acha que são panteras? Leopardos?

Kishan sacudiu a cabeça.

– Não. Leões?

– Acho que não.

Eu não escutava nada além de macacos.

– Como é o barulho? – perguntei.

– Parece mais um grito do que um urro – explicou Ren. – Eu já ouvi

antes... no zoológico.

Ele fechou os olhos e escutou mais uma vez.

– Onças. São onças.

– Como elas são? – perguntou Kishan.

– Parecem leopardos com pintas, mas são maiores, mais agressivas. São inteligentes. Calculistas. Têm mordida forte. Não atacam a jugular, vão direto no crânio.

– Nunca ouvi uma – disse Kishan.

– Não teria como ouvir – prosseguiu Ren. – Elas não são nativas da Índia. São da América do Sul.

Nilima e o Sr. Kadam se juntaram a nós quando começamos a prender as armas.

O Sr. Kadam questionou:

– Então, estão pensando em entrar na selva?

– Estamos – respondeu Ren ao prender minha aljava de flechas de ouro. – Vamos de lancha até lá e entraremos na selva... por ali.

Ele apontou para uma seção de árvores – que pareciam idênticas a todas as outras árvores, para mim –, insistindo que o terreno seria mais fácil naquele ponto.

O Sr. Kadam nos seguiu até a parte mais baixa do iate.

– Se precisarem de ajuda, peçam à Srta. Kelsey que envie um sinal de luz com seu poder de raio.

– Certo – concordou Kishan, que depois pulou para dentro da lancha e estendeu a mão para mim.

O Sr. Kadam abriu a garagem molhada e baixou a lancha para a água. Depois Ren desceu pela lateral do iate e pousou com agilidade ao meu lado. Kishan ligou o motor, assumiu o leme e nos virou de frente para a praia. Quase caí quando a frente da lancha saiu da água. Ren estendeu o braço para me firmar, mas eu o afastei e, em seguida, abracei a cintura de Kishan. Quando me virei para trás, ele estava me fuzilando com os olhos.

Ren saltou da lancha quando chegamos à ilha e a arrastou até a praia. No momento em que meus pés tocaram a areia, ouvi uma voz. Era rouca, grave e, quando ribombou na minha mente, as árvores tremeram. Parecia um terremoto minúsculo.

Quem põe os pés na minha ilha?

A cacofonia ruidosa da selva de repente ficou em suspenso. Nós giramos em círculos, procurando a origem da voz, mas não encontramos nada.

Quem são vocês?, a voz exigiu saber.

Eu anunciei:

– Somos viajantes em busca de sua ajuda. Precisamos encontrar seus irmãos e o Sétimo Pagode, grande dragão. Buscamos o Colar de Durga.

O dragão deu risada com o som de duas pedras grandes se esfregando, fazendo com que pássaros levantassem voo do outro lado da ilha.

E o que fariam para conseguir minha ajuda, mocinha?

– O que quer de nós? – arrisquei, com cautela.

Ah, nada... de mais. Só peço diversão. Sabem, costumo ficar muito solitário aqui na minha ilha. Talvez vocês possam me fornecer um pouco de... distração.

– Como podemos diverti-lo?

Que tal... um jogo?

Kishan perguntou:

– Onde está, dragão?

Não me enxergam? Estou muito próximo.

– Não enxergamos – respondeu Kishan.

O dragão deu uma gargalhada de desdém.

Então, acredito que não vão se dar muito bem no meu jogo. Pensando bem, não vou brincar com vocês.

– Ele está ali – avisou Ren em voz baixa. – No alto daquela árvore.

Ele apontou para cima e meus olhos se concentraram na copa das árvores. As folhas tremeram e, quando olhei com mais atenção, vi um olho dourado piscar.

Ah, que bom. Finalmente me encontraram.

A árvore farfalhou com muito barulho quando um galho grande quebrou e despencou na nossa direção. O dragão estava perfeitamente camuflado. Tinha a cabeça marrom e empolada feito madeira velha, e seu focinho era comprido como o de um crocodilo com dentes pontudos. Dois olhos dourados piscaram para mim quando ele desceu. Uma galhada grande saía da parte de trás de sua cabeça. Havia amontoados de musgo presos aos chifres, dando a impressão de que estavam descascando.

O corpo comprido de cobra do dragão era parecido com o dos irmãos, mas ele tinha patas douradas com garras e escamas que lembravam folhas verdes em camadas sobrepostas. Sua barba e juba marrons que se estendiam para trás pareciam cabelo de milho cor de chocolate. Os pelos sedosos cresciam num tufo fino ao longo das costas, como a crina de um cavalo, e acabavam num rabo cheio e comprido. Ele era menor do que os irmãos, mas, quando se desenrolou da árvore, seu corpo pareceu crescer. Se o dragão se

alongasse, provavelmente teria duas vezes o tamanho do iate. A voz do dragão verde me assustou e me tirou da minha inspeção visual.

Primeiro, precisamos ser formalmente apresentados. Esta é a maneira adequada de fazer as coisas. Eu sou Lùsèlóng, o Dragão da Terra. Já sei que vocês conheceram dois dos meus irmãos, o Dragão das Estrelas e o Dragão das Ondas. Se eu decidir ajudá-los, vão conhecer mais dois irmãos nossos, mas aviso logo que eles não são tão simpáticos como eu – nem tão bonitos.

Ele deu uma risadinha.

Curiosa, me aproximei.

– Achei que vocês fossem os dragões dos cinco oceanos.

Um olho dourado piscou para mim.

Como você é ousada! Isso é revigorante. Nós nascemos dos cinco oceanos. Eu nasci no oceano Índico, que é quente. Qīnglóng nasceu no oceano Austral; Lóngjūn, no Pacífico. Vocês ainda não conheceram Jīnsèlóng nem Yínbáilóng. O primeiro nasceu no Atlântico e, o segundo, nas águas congelantes do Ártico. Apesar de eu ter nascido no mar, reino sobre a terra, e supervisiono tudo o que acontece nela.

– E quem são os pais de vocês?

O dragão soprou uma nuvem de ar quente em cima de mim.

Talvez esteja ficando ousada demais, minha cara. Agora, será que podemos começar nosso jogo? Ou estão pensando em dar meia-volta?

– Vamos participar do seu jogo – afirmou Kishan.

O dragão estalou os lábios.

Excelente. Bom, em qualquer jogo deve haver um prêmio para o vencedor.

Lùsèlóng ergueu a cabeça em busca dos olhos de Kishan. Ele manteve o olhar firme por um momento, então passou para Ren e fez a mesma coisa.

– O que está fazendo? – perguntei.

Examinando a mente deles. Não se preocupe, mocinha. Só estou lendo seus pensamentos.

O dragão riu, então ergueu a cabeça no ar, com o focinho apontado para o céu, e deu uma gargalhada ruidosa.

Este vai ser o melhor jogo que terei criado em um milênio! Um esporte dos mais magníficos!

Ele continuou a dar risada.

– O que é tão engraçado? – perguntei.

Ambos buscam o mesmo prêmio, sabe?

– O mesmo prêmio?

O dragão ajeitou o corpo e me separou de Ren e Kishan.

Sim. Então, venha comigo, minha cara.

– O quê? Não!

Ah, sim. Uma vez que o jogo começar, deve ser jogado até sua conclusão.

Ele esticou uma pata com garra afiada e me pegou pela cintura. Eu me debati quando ele me ergueu e me preparei para dar um salto no ar.

– Espere! O que está fazendo? Não pode fazer isso! Nós nem sabemos quais são as regras do jogo!

Kishan e Ren foram se aproximando de mim até o dragão verde soprar uma baforada de fogo na areia, impedindo que avançassem. Eu lutei para me soltar da garra dele, mas a ponta afiada se fincou à minha cintura.

Pare de se agitar, mocinha. Não queremos que o prêmio fique avariado, afinal de contas.

– Prêmio? Como assim?

O dragão suspirou e chutou o ar. Soltou mais fogo para cima de Ren e Kishan, para que ficassem totalmente rodeados por ele, mas sem se queimarem.

Kishan pegou o *chakram* e gritou:

– Largue a garota agora, dragão, ou vamos matar você.

Lùsèlóng desdenhou.

Nós, dragões, não podemos ser mortos.

Ren pegou seu tridente e torceu o cabo fazendo os dentes se alongarem para disparar pontas de lança.

– Nós também não podemos ser mortos, dragão. E vamos caçar você até que ela esteja a salvo.

O dragão inclinou a cabeça na direção de Ren e sibilou.

É exatamente com isso que eu estou contando, tigre.

Kishan berrou quando o dragão deu voltas mais alto no ar:

– Traga a garota de volta. Agora!

Ren saltou através do fogo, jogou o tridente no chão e assumiu sua forma de tigre. Ele escalou uma árvore alta com grandes saltos e correu por um galho fino. Agora estava muito mais próximo de nós. Ele rugiu e brandiu uma pata para o dragão.

Lùsèlóng baixou a cabeça até bem perto do tigre branco, para encará-lo, mas se manteve a uma distância suficiente para que seu focinho não pudesse ser acertado por uma patada. Ren voltou à forma de homem e se agarrou ao galho. Ele olhou para mim. Dava para sentir seu desespero. Eu estava fora de seu alcance e não havia nada que ele pudesse fazer para me salvar.

Sua expressão ficou sombria, perigosa, ao encarar o Dragão da Terra.

– Se fizer qualquer mal a ela, juro que vou encontrar uma maneira de matar você. Tome muito cuidado, dragão.

O dragão estreitou os olhos e deu um sorriso perverso.

Sim, este jogo vai ser dos mais divertidos. Como insistem em conhecer as regras de antemão, vou lhes dizer o seguinte... vocês são a caça. Sabem, eu vou fazer um safári. Vou assumir a forma de homem e vou caçá-los. Os dois. Irão assumir sua forma de tigre. Haverá armadilhas e outras criaturas à sua espera também. Se conseguirem chegar à cerca viva do castelo antes de eu acertar um tiro em vocês, vão poder passar para a segunda rodada. Se não, vou ter dois belos tapetes de tigre para pôr na frente da minha lareira.

– E se chegarmos à segunda rodada?

Se forem mais espertos do que eu, o que é altamente improvável, então o jogo vai mudar. Vocês terão que lutar para chegar ao castelo, atravessando um labirinto. Largue o seu disco voador, ou eu vou estripar a garota.

Arquejei e olhei para a base da árvore lá embaixo, para onde Kishan tinha se esgueirado, com o *chakram* em riste. Ele baixou o braço, e o dragão girou feito um cata-vento. Eu fiquei tonta com o movimento. Ele passou os olhos pelos dois homens e prosseguiu:

Suas armas serão devolvidas antes de entrarem no labirinto. Essa parte do jogo é mais antiga do que o mundo. Os jogadores serão um cavaleiro branco, um cavaleiro negro, um dragão e uma princesa. Vocês devem atravessar o labirinto e escalar as muralhas do castelo. Então encontrarão o dragão a ser morto, interpretado por mim. O vencedor fica com a garota.

– Achei que você fosse imortal – disse Ren.

Ah, eu sou. Mas se vocês conseguirem desferir um golpe que normalmente mataria um dragão sem serem tostados, vocês vencem.

– E se você vencer?

Ora, se eu vencer, vou ficar com a garota.

O dragão sorriu cheio de maldade e me apertou de leve.

Prendi a respiração de dor e ouvi os urros ameaçadores de Ren e de Kishan.

Ren falou devagar, com a promessa tinindo na voz.

– Vamos jogar o seu jogo, dragão, mas lembre-se disto: por cada ferimento que causar nela, por menor que seja, eu vou retribuir causando a você um ferimento 100 vezes maior.

O dragão oscilou no ar, observando Ren, avaliando-o.

Faz muito tempo que não tenho oponentes tão corajosos. Desejo-lhes sorte. Que comece o jogo!

Uma lufada de vento soprou sobre nós e todas as armas tremeluziram e desapareceram. Ambos os homens gemeram de dor ao serem forçados a se transformar em tigres. O tigre negro olhou para mim, rugiu e disparou na direção da selva. O tigre branco permaneceu na árvore, olhando para mim até não podermos mais nos avistar.

O dragão subiu ainda mais e penetrou na floresta. Foi ziguezagueando entre as árvores altas em velocidade assustadora. De vez em quando, ele colocava uma garra de fora e empurrava uma árvore que estivesse próxima demais, deixando marcas de arranhão irregulares no tronco. Eu tremia. *Ele vai dilacerar Ren e Kishan. Vai cortá-los feito manteiga.*

– Para onde vai me levar?

Para o castelo, é claro.

O dragão verde disparou mais alto no ar e eu mal consegui conter o enjoo com aquela subida rápida, muito menos lhe fazer qualquer outra pergunta. A ilha era muito maior do que eu pensava. Seu diâmetro devia ser de uns oito quilômetros. Logo deixamos as árvores e passamos pela praia, sobrevoando o mar. Outra ilha menor surgiu. Também era rodeada de árvores e, erguendo-se no meio dela, havia um castelo alto construído de pedras da cor de algas cinzentas.

Um enorme labirinto de cercas vivas escuras com pelo menos seis metros de altura rodeava todo o exterior. O castelo se erguia muito acima do labirinto, mas era rodeado por névoa. Desolada, vi que não havia degraus, nem portas, nem qualquer maneira de acessar o castelo que não fosse pelo alto. Os tigres teriam que escalar o exterior e eu ficaria presa como Rapunzel, mas *sem o cabelo*.

Uma única torre se erguia no alto, e era para lá que o dragão se dirigia. Ele pousou raspando as garras em uma laje antes de finalmente me largar. O ar pareceu se transformar à sua volta. Ele tremeluziu e estalou e, de repente, parada diante de mim, estava a versão humana de Lùsèlóng. Com pele branca e cabelo castanho, ele era bonito, mas tinha um ar perigoso. Agora os olhos dele estavam mais para cor de avelã do que amarelos. Ele vestia roupas cáqui de caçador de um tempo muito distante, botas pretas de cano alto que brilhavam de tão bem-engraxadas e carregava até um capacete de tecido embaixo do braço.

– Mas não é justo – reclamei. – A cerca viva e o castelo nem ficam na mesma ilha. Como eles vão saber disso?

– Eles vão descobrir. *No final.* – Ele me pegou pelo cotovelo. Com voz sedosa, disse: – Venha, querida. Permita-me mostrar suas acomodações.

– Por que parece russo?

Ele deu risada.

– Não sabia que os maiores caçadores do mundo são eslavos? Nós, os dragões, podemos assumir qualquer forma que desejarmos, e eu escolhi caçar da maneira mais aventureira possível. Vou imitar o estilo dos grandes caçadores do passado que faziam safáris, porque nesse tempo a caça era um esporte. Eram muito poucos os homens corajosos o bastante que ousavam se colocar em risco tão grande quanto suas presas, que dependiam mais da habilidade e da esperteza do que das armas e que são hoje coisas do passado. Hoje prestarei uma homenagem a eles.

Obviamente, a arrogância era uma fraqueza desse dragão. Talvez eu pudesse usá-la contra ele. Com humildade, falei:

– É um risco muito grande para você. Uma coisa corajosa de se fazer, de verdade.

Confuso, ele parou.

– Como assim?

– Bom, se vai mesmo imitar os grandes caçadores, vai caçar como ser humano. Quer dizer, não estava contando em usar seus sentidos de dragão, não é mesmo? Sua velocidade, sua visão e sua audição incríveis lhe dariam muita vantagem.

– Ah... sim. Suponho que eu possa limitar minhas capacidades para caçar como um simples homem.

Ele continuou a me guiar pelo castelo, descendo uma escada circular.

– Isso faria com que o jogo ficasse muito mais interessante, não é mesmo? – perguntei, toda inocente.

– Sim! Com toda a certeza. Farei assim. Vou caçar como um homem normal.

Pus a mão no braço dele e tentei parecer preocupada.

– Mas aí você pode correr perigo. Os tigres são muito habilidosos.

– Rá! Não há perigo para mim. Vou vencer na primeira hora.

– Ainda assim, seria tentador demais usar suas capacidades especiais. Aliás, eu não o culparia. Bastaria um tigre pular sobre a sua garganta para que você sentisse a tentação de atacá-lo. Eu compreendo, é claro. É muito difícil não usar um poder que se possui.

– Eu não preciso dos meus poderes. Minha mente e minhas habilidades são suficientes para vencer o jogo.

– Bom, sempre é possível ceder à tentação, para garantir sua segurança.

– Não estou preocupado com segurança! Tudo bem. Para provar a você, vamos adicionar mais uma regra!

– E que regra seria?

– Se eu usar na caçada qualquer habilidade que um homem normal não possuía, então os tigres vencerão.

– Ah! Mas que corajoso! É mesmo uma pena o fato de que eu vou estar presa aqui e não vou poder vê-lo em ação.

– É mesmo – disse ele, pensativo. – Ah, então, como cortesia especial para você, vai ter permissão para assistir à caçada.

– Quer dizer que vai me levar com você?

– E arriscar que eles a roubem antes de terminar o jogo? Não, *deti dama*. Você vai permanecer aqui na torre. Permitirei que meu espelho especial lhe mostre a caçada. Quando quiser assistir, é só se aproximar do espelho e dizer a ele o que deseja ver. Sinta-se em casa, minha cara. Serão deixadas comida e bebida à sua janela todos os dias, mas você permanecerá presa aqui até o jogo terminar.

Ele se dirigiu para a escada com um floreio, e então a porta pesada de madeira se fechou atrás dele e se trancou. Fiquei esperando até não poder escutá-lo mais e ergui a mão para a porta. Nada aconteceu. Fui até a janela para enviar um sinal de luz. Mais uma vez, meu poder de raio foi inútil. Eu me afundei na caminha coberta por uma colcha rústica. Não havia mais nada que eu pudesse fazer.

– Espelho? Mostre-me a caçada.

O espelho ficou preto antes de criar uma imagem panorâmica da ilha. Um clarão verde delineava o dragão, que voou de volta por cima da água, pousou na praia e se transformou em homem. Ao entrar na selva, ele carregava um rifle antigo de cano longo e uma bolsa de provisões – tinha até um cantil. *Espero que ele mantenha a promessa e cace como ser humano.*

Mesmo que isso acontecesse, havia uma grande chance de ele pegar um dos tigres, se não os dois. Kishan estava acostumado à vida na selva, mas Ren não se virava sozinho havia muito tempo. Lembrei-me da caça ao antílope, quando Ren não conseguiu pegar um sozinho. Mordi os lábios enquanto pensava que seu pelo branco iria transformá-lo em alvo fácil. Se os tigres conseguissem se esconder bem durante o dia, talvez tivessem uma boa chance de caçar o dragão à noite, quando sua visão humana ficaria mais limitada.

Lùsèlóng começou a abrir caminho com cuidado pela selva, à procura de sinais dos tigres. Pedi ao espelho que me mostrasse Ren e

Kishan. O espelho se afastou da visão do dragão e deu zoom em um trecho da selva do outro lado da ilha. No começo não vi nada, depois avistei um clarão de branco atrás de uma moita. Ele desapareceu, mas não demorou para que um vislumbre do rabo do tigre aparecesse por trás de uma pedra. Ordenei ao espelho que afastasse um pouco a imagem. Ele mostrou Ren parado ao lado de uma tábua com pregos, tentando disparar a armadilha com toques leves da pata.

Kishan entrou na cena com algo na boca: um macaco morto. Aliás, examinando mais de perto, a área estava coberta de macacos mortos. Kishan jogou o corpo na armadilha e a parte afiada disparou na altura de um tigre e se soltou. Observei o progresso lento dos tigres que avançavam com cuidado para as profundezas da selva.

Uma hora depois, Kishan pisou em uma armadilha que fechava de lado e duas peças de madeira com pregos afiados atingiram sua perna. Ele se soltou com um gesto violento, apesar de os pregos terem cortado sua carne. Passou uns 20 minutos mancando, até se curar.

Outras armadilhas os esperavam. Por pouco não escapam de ser atingidos por uma lança que disparou da folhagem quando um deles tropeçou em um arame. Ren pisou numa pedra que acionou outra armadilha. Um bambu vergado chicoteou Kishan, que conseguiu saltar para fora de seu caminho, mas não impediu Ren de ser atingido com tudo na lateral do corpo. O pau estava encravado com pregos de 10 centímetros que agora estavam bem enterrados no pelo de Ren. Kishan pegou o bambu na boca e o segurou firme enquanto Ren, com muita dor, desvencilhava o corpo. O sangue pingou no chão. Eles prosseguiram, devagar.

Avançaram pela copa das árvores por um tempo, pulando de galho em galho, mas logo descobriram que muitos dos galhos tinham sido serrados e não suportavam o peso deles. Voltaram para o chão, e foi aí que se depararam com o pior tipo de emboscada: uma armadilha para ursos. Eu já tinha visto aquilo nos estudos de táticas de guerra que tinha feito com o Sr. Kadam.

Uma pedra enorme rolou no caminho deles, fazendo com que os dois tigres recuassem rapidamente. A pata traseira de Ren caiu em um buraco retangular que estava escondido sob uma camuflagem de folhas. Longos espetos de metal se sobrepunham uns aos outros nas laterais do buraco. Eles apontavam para baixo, de modo que arranharam as patas dele à medida que escorregou para o fundo do buraco. Eram arranjos de maneira tão diabólica que, se ele tentasse subir de volta, iriam dilacerar seu corpo como aquelas barras com pontas para cortar pneus de carros andando na contramão. Quando a

vítima caía numa armadilha assim, era quase impossível tirá-la dali com vida.

Kishan ficou andando de um lado para outro perto do buraco, pensando num jeito de libertar Ren. Tentou empurrar as pontas com a pata, mas ele deslizou no acabamento escorregadio e quase se juntou a Ren no fundo. Depois de 10 minutos das tentativas inúteis de Kishan, Ren rugiu baixinho e começou a impelir seu corpo para fora. As pontas se enterravam bem fundo em suas ancas e patas. Ele enfiou as garras na terra e foi se arrastando para fora, centímetro a centímetro. Kishan ficou sentado, acompanhando seu progresso.

Finalmente, Ren se deitou sobre o chão de terra, arfando. Toda a parte posterior de seu corpo era uma confusão sangrenta. Fendas irregulares e profundas percorriam suas costas e desciam por suas pernas. Os tigres descansaram por uma hora e isso permitiu que Ren se curasse pelo menos em parte, então voltaram a avançar. Ao pôr do sol, encontraram um lugar para descansar e se deitaram lado a lado. Um deles sempre permanecia acordado. Dava para ver os olhos sonolentos deles piscando de cansaço.

Não havia vela nem lamparina no meu quarto, mas, de algum modo, tinha aparecido comida no peitoril da janela. Peguei um pedaço de pão e dei um gole na água da moringa. Guardei a maçã para mais tarde, dei uma mordida no queijo e me afundei na cama para observar os meus tigres. Depois de conferir o paradeiro do dragão e descobrir que ele ainda estava seguindo os rastros do outro lado da ilha, eu relaxei e acabei caindo no sono, exausta.

Acordei com o som de um tiro, arfadas e movimento nas árvores. Eu me sentei ereta, sobressaltada, e fiquei confusa por um momento, antes de me lembrar onde eu estava.

– Espelho, afaste a imagem. Ache o dragão.

Lùsèlóng tinha encontrado a trilha de sangue no meio da noite e estava no lugar exato em que Ren e Kishan haviam dormido. Traçando um círculo, ele tocou uma folha quebrada. Deu alguns passos e se agachou para sentir a depressão de uma pegada de tigre. Então pegou um pouco de terra e a cheirou, limpou os dedos, sorriu e saiu andando pelo meio das árvores. Parou para tocar uma samambaia. Havia sangue fresco nela.

Em pânico, eu berrei:

– Espelho, mostre os meus tigres.

A imagem recuou e avançou um quilômetro, fechando-se em Ren e Kishan, que corriam. Havia um talho sangrento na lateral do corpo de Kishan, onde uma bala o atingira de raspão. Eles correram durante

meia hora, colocando grande distância entre si e o caçador. Diminuindo a velocidade até chegarem a caminhar, eles arfaram e descansaram no chão.

Depois que a manhã se transformou em tarde, eu torci as mãos e disse:

– Por favor, fiquem bem. Por favor, tomem cuidado. Eu estou aqui, do outro lado da água. Estou em outra ilha.

Ren ergueu a cabeça como se pudesse me escutar e agitou as orelhas para a frente e para trás. Eu me inclinei mais para perto e falei de novo, mas ele de repente disparou para cima e atacou algo que não consegui enxergar. Ouvi um guincho de alarme que de repente foi interrompido e ele logo saiu do meio do mato com um animal na boca. Depois que largou o pequeno javali jovem no chão, ele e Kishan começaram a comer.

Avaliei que a refeição deles devia ter uns 20 quilos – só um lanchinho, levando em conta a quantidade de energia que eles estavam gastando. Eu tinha certeza de que continuavam famintos. Algumas horas mais tarde, vi que tinha razão. Eles se depararam com outra armadilha, esta com uma grande anca de cervo pendurada por cima.

Ambos os tigres rodearam o buraco óbvio e ficaram olhando para a carne, lambendo os beiços. Kishan deu um salto por cima do buraco e, no caminho, atingiu a carne com a pata, o que fez com que o animal balançasse enlouquecido de um lado para outro. Ren, enquanto isso, começou a roer a corda no lugar em que estava amarrada à árvore. Ele usou as garras para tentar rompê-la. Kishan se juntou a ele e adicionou seus dentes e garras até a corda esgarçar e o pedaço pesado de carne cair no buraco com um baque.

Os tigres olharam pela beirada e Kishan se agachou para descer com a pata pela lateral, para sentir se havia algum apoio. Ele se esticou mais um pouco e entrou no buraco. Ele agarrou firme a carne com a boca, ficou em pé sobre as patas traseiras e esticou o pescoço para que Ren pudesse pegá-la. Ren agitou a pata até sua garra pegar a corda. Ele puxou até poder mordê-la com força. Após puxá-la e largar o prêmio no chão, inclinou-se na beirada do buraco para olhar para Kishan.

Kishan recuou o máximo que pôde, então correu e saltou pelo lado do buraco. Suas garras se enterraram na beirada, mas ele voltou a escorregar para o fundo. Depois de mais três tentativas sem sucesso, Ren empurrou um tronco próximo para dentro do buraco com a cabeça e Kishan subiu com cuidado. No alto, sua perna escorregou e

ele quase voltou a cair, mas Ren se esticou e mordeu a pele do pescoço de Kishan para firmá-lo até que ele tivesse saído do buraco com segurança.

Depois de comerem, continuaram avançando até voltar a ficar escuro. Logo alcançaram a praia do lado oeste da ilha e correram pela areia molhada durante um tempo. Procuraram a cerca viva freneticamente, mas eu sabia que eles não iam encontrá-la.

Quando se recolheram para passar a noite, Ren foi o primeiro a ficar de vigia. Eu fiz o espelho dar um close no rosto dele. Seus olhos azuis estavam fixos adiante, como se estivesse olhando para mim. Ele soltou um suspiro pesado e seu nariz cor-de-rosa se mexeu. Fiquei olhando o que ele estava fazendo até não conseguir mais manter os olhos abertos.

O início da manhã do terceiro dia me trouxe mais um pão preto quente e um pequeno caldeirão cheio de ensopado. O sol nem tinha se erguido ainda e, enquanto eu comia, ajeitei o espelho de modo a acompanhar o progresso da caçada. Os tigres corriam pela praia, aproveitando a escuridão para se mover com liberdade em terreno aberto. Procurei o caçador e o encontrei despertando perto de uma fogueira apagada. Ele estava com uma caneca de líquido na mão e olhou para um lado, depois para outro, e soprou um pouco de fogo na caneca para aquecer o conteúdo.

– Isso é trapaça – gritei para o espelho. – Você desrespeitou uma regra!

O dragão ergueu os olhos e sorriu. Ouvi uma risada e a voz dele na minha cabeça.

É só uma bebida quente, minha cara. E a regra determina com clareza que não vou usar meus poderes na caçada. Ainda não comecei a caçar esta manhã, então isso não conta.

Bufei e observei enquanto ele terminava a bebida e apoiava a espingarda no ombro. Passou o dia todo seguindo a trilha dos tigres, e era bom nisso. Nunca deixava passar uma folha de capim pisada nem uma pegada, por mais indistinta que fosse. Infelizmente, o mar não levou embora os rastros dos tigres na praia, por isso, foram fáceis de achar e seguir. Quando o dragão entrou na selva, parou de repente, e nós dois ouvimos os rugidos múltiplos de grandes felinos brigando. Ele acelerou o passo. Pedi ao espelho que se adiantasse e me mostrasse os tigres.

No início, eu não entendi o que estava vendo. Era um close de criaturas peludas rolando e garras cortando. Quando finalmente consegui fazer com que o espelho se afastasse, prenda a respiração e

um calafrio percorreu minha espinha. Ren e Kishan estavam envolvidos numa batalha sangrenta com um grande grupo de onças. Ren me dissera que os grandes felinos não costumam caçar juntos, à exceção de leões, por isso fiquei surpresa de ver aquele grupo grande trabalhando junto. Uma das onças estava deitada de lado no chão, morta. Ren e Kishan estavam um de costas para o outro, rosnando para o bando que os cercava.

Contei mais seis onças no chão, mas talvez houvesse mais. Era difícil saber porque elas não paravam de se mexer. A maneira como se moviam era estranha. Andavam para a frente e para trás como uma coisa só, rodeando os tigres. Os olhos nunca abandonavam a presa. Uma delas saltou e deu um golpe com a pata no rosto de Kishan. Ele retribuiu o golpe, mas errou o alvo quando o felino mais leve e mais ágil saiu da frente. Duas pularam em cima de Ren, vindo uma de cada lado. Ele mordeu a pata de uma, que saiu mancando, mas a outra pousou nas costas dele com as garras de fora. Mordeu o pescoço de Ren e não largou. Kishan se virou para trás e derrubou a onça, mas outras duas pularam em cima dele.

Ren mordeu uma das feras na garganta e a sacudiu com violência. O pescoço dela quebrou e ele jogou o corpo de lado. Os tigres ficaram mordendo e atacando com as garras até os felinos pintados voltarem a recuar e se reagrupar. Ren e Kishan tentaram correr para longe, mas as onças logo interromperam seu caminho.

Eles devem estar famintos, pensei. Parecia que estavam sendo acuada na direção de uma mata fechada.

As onças começaram a andar de um lado para outro, formando uma roda em volta dos tigres mais uma vez. Uma onça rosnou e disparou na direção deles, mas saiu correndo antes que os tigres pudessem pegá-la. Outra fez a mesma coisa. Pareciam estar brincando com eles. Um momento depois, dois felinos saltaram de uma árvore para as costas de Ren e Kishan. Morderam e se agarraram com força. O peito de Ren sangrava e ele se sacudiu com força para fazer a onça sair de suas costas. Ela não se mexia.

As outras onças entraram na confusão e começaram a morder. Uma mordeu o rosto de Kishan e outra, sua perna traseira. Ren não estava se saindo melhor. Os tigres arfavam de exaustão e, mesmo com sua capacidade de cura, fiquei preocupada. *As onças podiam arrancar pedaços deles. Como eles iriam se curar assim?* Ren rugiu, empinou sobre as patas traseiras e bateu as costas contra uma árvore. A onça atordoada o soltou e caiu. Ren estava atacando o felino nas costas de Kishan quando um tiro ecoou pela floresta.

O dragão os tinha alcançado. Uma onça caiu morta e desabou perto da pata dianteira de Kishan. As outras desapareceram como sombras de volta para a selva verdejante enquanto Ren e Kishan reuniam forças para sair correndo. Tiros soaram repetidas vezes enquanto o caçador perseguia os tigres. Uma bala pegou de raspão o alto da cabeça de Ren e deu para ouvir seu grito de dor. Ele limpou o sangue dos olhos e continuou correndo. Outra bala se enterrou no ombro de Kishan. Ele rugiu irritado e cambaleou, mas prosseguiu, apesar de estar mancando.

Então eles resolveram partir para a ofensiva. Ren pulou para uma pedra grande e de lá para uma árvore no alto. Kishan exagerou a dor na perna para deixar Lùsèlóng alcançá-lo. O caçador seguiu os rastros de Kishan, mas fez uma pausa quando Ren desapareceu de repente. Ele ficou andando de um lado para outro, olhou bem para a trilha de Kishan e então voltou para o lugar onde Ren tinha sido visto pela última vez. Parou e analisou com cuidado os arbustos ao redor. Uma gota molhada atingiu seu rosto. Ele a limpou com o dedo e a examinou. Era sangue.

Seus olhos se arregalaram e ele os ergueu, mas era tarde demais. O tigre branco de mais de 200 quilos pulara da árvore com a boca aberta e as garras de fora, na direção da garganta do dragão. Atrás dele, o tigre preto também tinha saltado no ar. O caçador prendeu a respiração e tudo ficou paralisado. Ele se afastou cuidadosamente dos dois tigres, que ficaram suspensos no ar, a menos de meio metro de acabar com o caçador.

Eu berrei:

– Isso é trapaça! Eles teriam pegado você!

O dragão me ignorou e caminhou ao redor dos dois tigres, curioso.

– Quero dar os parabéns a vocês. Ninguém jamais conseguiu me atacar.

– Lùsèlóng! Você está desrespeitando as regras!

O dragão deu risada e falou na minha mente.

Não conta. Meu rifle estava abaixado.

Bati no espelho com os punhos fechados de frustração, mas o dragão se afastou alguns passos, fez mira com o rifle e então estalou os dedos. Os tigres foram um de encontro ao outro e rolaram pela terra. Eles se levantaram, sacudiram a poeira do pelo e então o caçador atirou. O tiro pegou na terra, a centímetros da cabeça de Ren. Ele e Kishan logo se separaram e correram para o meio das árvores.

Por sorte, não depararam com nenhuma armadilha dessa vez. Logo

os tiros e os sons da perseguição não podiam mais ser ouvidos. Eles só descansavam por curtos períodos e mantinham o ritmo exaustivo durante horas. Chegaram à praia do lado leste da ilha e esquadrinharam todos os lados, buscando o castelo ou a cerca viva.

– Não. Não. Não está aí. Eu estou aqui. Do outro lado da água! – gritei para o espelho, mesmo sabendo que não podiam me escutar.

Quando a noite voltou a cair, eu me enrolei em um cobertor e me sentei na frente do espelho. Lùsèlóng prosseguia em sua busca, mas meus tigres estavam a salvo por enquanto. Os olhos de Kishan se fecharam e não demorou para os de Ren fazerem o mesmo; ele estava exausto demais para ficar de vigília. Cansada também, fiquei observando os dois durante muito tempo, então fui até o espelho e tracei o contorno da orelha branca e peluda de Ren.

– Você não vai conseguir. Ele vai exaurir vocês dois. O dragão trapaceia, e não há comida suficiente para sustentá-los. Está me ouvindo, Ren? – Bati no espelho, na lateral do rosto dele. – Você vai morrer, e com quem é que eu vou poder discutir? Vou ser consorte de dragão numa ilha que não existe, e você vai ser o lanchinho dele.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha e eu toquei no vidro com as pontas dos dedos, como se estivesse alisando a pelagem na testa dele.

– Não era para acabar assim, sabe? Não pude me despedir de você. De nenhum de vocês dois. Ficaram tantas coisas por dizer... – Funguei e senti lágrimas rolando pelo rosto. – *Por favor*, vivam. Por favor, me encontrem. Estou bem aqui.

Pus a mão sobre meu coração e acompanhei as batidas. Senti minha conexão com Ren, o fio que ligava meu coração ao dele. Se eu fechasse os olhos e me concentrasse, conseguia sentir as batidas firmes do coração dele enquanto descansava. Apoiei as mãos no espelho, em volta de sua cabeça, e encostei a testa no vidro enquanto chorava.

Meus olhos estavam quentes e meu peito, pesado. Então meu coração começou a queimar. Aquilo me encheu de calor. Enxuguei as lágrimas e olhei para o espelho. Ren estava acordado. Ele tinha erguido a cabeça das patas e estava olhando direto para mim, como se fosse capaz de me ver. Perplexa, eu me afastei do espelho e arquejei ao ver que minhas mãos brilhavam. Quando eu as afastei do espelho, a luz vermelha foi se apagando.

Ren rosnou baixinho e acordou Kishan, então começou a se mover. Ele foi até a praia, andando na minha direção, e deu alguns passos para perto da água. Ficou olhando para as ondas escuras. Havia

névoa, e eu sabia que nem ele seria capaz de enxergar a ilha no escuro. Ele ergueu a cabeça como se estivesse farejando o ar e então, com alguns saltos largos, pulou para dentro da água.

Continuou a avançar, nadando. Kishan ficou correndo de um lado para outro na praia, sem entender o que Ren estava fazendo, mas, por fim, também entrou nas ondas e começou a nadar com o irmão.

Eles estavam vindo. Levei as mãos à boca, solucei de alívio e continuei falando com o espelho, incentivando-os a continuar seguindo e não desistir. Voltei a apertar as mãos contra o vidro, mas elas não brilharam como antes. Tentei lançar um raio como se fosse um facho de luz, mas meu poder continuava inativo. A única coisa que eu podia fazer era me manter acordada e observá-los nadarem na água escura, usando todo o poder da minha mente para impulsioná-los adiante.

Rezei em silêncio, pedindo que não houvesse nenhum monstro no mar escuro à espreita. Nenhuma tempestade terrível para afogá-los. Eles nadaram e nadaram e, uma hora depois, arrastaram o corpo cansado para a minha ilha e desabaram na areia, exaustos. Passaram o restante da noite dormindo, enquanto eu mantinha vigília silenciosa sobre eles.

Ainda estavam dormindo quando o alvorecer se aproximou. Vi quando o dragão encontrou o lugar onde eles haviam descansado na outra ilha e seguiu seus rastros até a praia. Ele ficou olhando fixamente para o mar durante muitos minutos, então esfregou o queixo e sorriu. Em seguida respirou fundo, explodiu em sua forma natural e se ergueu para o céu. O espelho ficou negro.



Uma princesa, um dragão e dois cavaleiros

Tudo ficou em silêncio, e eu estava tão cansada que caí no sono. Mais tarde acordei sobressaltada quando senti a torre tremer e ouvi passos pesados. O caçador abriu a minha porta de supetão e entrou pisando firme. Ele não estava mais usando as roupas de caçar, mas uma túnica e uma capa de príncipe de contos de fadas. Ficou me observando com curiosidade.

– O que acontece agora? – indaguei. – Eles ganharam a primeira parte do jogo?

– Ganharam. Apesar de você ter trapaceado, *deti dama*.

– *Eu trapaceei?* Como?

– De algum modo, você enviou um sinal a eles. Disse-lhes onde encontrá-la. Não havia como descobrirem esta ilha sozinhos. Não sei como fez isso, mas a partir de agora vou ficar de olho em você. Obviamente, eu os subestimei. Agora terei que deixar a segunda parte mais difícil.

– Mais difícil? Você quase matou os dois!

– É. *Quase*. Eles estragaram meu histórico. Venceram a batalha, mas eu vou ganhar a guerra, garanto a você. Mesmo assim, este *quase* nunca aconteceu comigo. Eu estava certo em acreditar que este seria meu melhor jogo. Se você não tivesse me enganado e feito com que eu me limitasse, eu os teria vencido no primeiro dia.

– *Limitar-se!* Rá! Você trapaceou! Duas vezes! Talvez mais. Eu não fiquei de olho em você o tempo todo, então é provável que tenha

trapaceado o tempo todo!

– O jogo é meu, não seu. Se não entende as complexidades das regras, paciência. Agora, antes de começarmos a segunda fase, você precisa se vestir de maneira adequada, minha cara.

– Como assim?

– Ora, se vai fazer papel de princesa, precisa parecer uma princesa.

O dragão me rodeou para avaliar minha forma.

– Ah, tenho uma coisa perfeita – continuou.

Ele estalou os dedos e fui envolvida pelo farfalhar de tecidos. O quarto ficou todo branco e então foi voltando a se materializar. Baixei os olhos e levei um susto. Minhas roupas tinham sido substituídas por um lindo vestido. Ergui a mão para tocar na manga justa que acabava no pulso.

– Não. Está faltando uma coisa. Ah, já sei. É o cabelo. Seu cabelo está curto demais.

Puxei um cacho curto na frente do rosto e o examinei. Ele estalou os dedos e dei um gritinho quando meu cabelo começou a crescer.

– Ei!

Ele cantarolava enquanto meu cabelo crescia e crescia.

– Pare com isso!

O cabelo agora tinha passado da cintura, e ele estava ocupado com sua aparência no espelho.

– Lùsèlóng!

– O que foi? – Os olhos dele encontraram os meus no espelho. – Ah.

– Ele estalou os dedos mais uma vez e meu cabelo parou de crescer, mas já estava abaixo dos joelhos e pesava. – Pronto. Muito melhor. Pode olhar no espelho se quiser. Esta parte não deve demorar nada.

– Espere!

Ele girou e desapareceu. A porta se fechou com um baque e voltei a ficar sozinha. Bati irritada na porta, só porque isso fazia com que eu me sentisse bem, e então fui até o espelho conferir meus tigres.

Uma mulher desconhecida olhou de volta para mim. Além de me vestir, o dragão também se preocupara com a maquiagem. Havia uma beldade com olhos destemidos refletida ali, e cutuquei a bochecha várias vezes para ter certeza de que era eu mesma. Ele tinha me arrumado com um vestido de baile rosa-claro que ressaltava meus olhos e cabelos escuros. A peça tinha mangas compridas justas com bordados prateados nas extremidades e era enfeitada com uma fita de cetim. A gola elegante, debruada em prata, caía logo depois dos ombros, deixando o pescoço à mostra.

Faixas de organza bem finas pendiam de tiras nos braços e um

cinto prateado grosso enlaçava minha cintura. A saia tinha camadas alternadas de seda e organza e o corpete era enfeitado com bordados prateados para combinar com a ponta das mangas. Galões prateados e avermelhados arrematavam a barra da saia e eu usava elegantes sapatilhas prateadas. Meu cabelo castanho comprido brilhava e caía em ondas a partir de uma faixa de cabelo prateada delicada com um véu cor-de-rosa comprido. Eu era uma linda princesa fazendo biquinho, extremamente irritada.

Arranquei o véu da cabeça e me sentei na cama, mas então gemi de frustração quando minha cabeça foi puxada para trás porque eu tinha me sentado em cima do meu maldito cabelo. Puxei as fitas da manga, rasguei-as e fiz duas tranças embutidas compridas para prender aquela massa. Ordenei ao espelho:

– Mostre-me meus tigres.

O espelho tremeluziu e aproximou a imagem. Os pobrezinhos ainda dormiam profundamente. O ar se moveu e, de repente, Lùsèlóng estava ao lado deles. Ele limpou a garganta e os dois tigres despertaram, alertas, e rugiram. O dragão estalou os dedos e os tigres passaram a ser homens. Ren e Kishan estavam de pé diante dele, irritados, imundos e perigosos. Os dois deram um passo na direção do dragão, que examinava as unhas com toda a calma.

– Resolvi que esta parte do jogo terá regras diferentes. Em vez de entregar suas armas aqui, vocês vão lutar por elas. Irão encontrá-las em vários locais do labirinto, mas, para levá-las consigo, precisarão vencer o guardião que protege cada uma delas. Talvez tenham que lutar contra alguns. A outros, deverão enganar. Se sobreviverem ao labirinto, precisarão escalar as muralhas do castelo, derrotar a mim e salvar sua princesa. E, dessa vez, sem trapaça. Agora, vamos garantir que vocês tenham a aparência adequada para o papel.

Ele estalou os dedos e a roupa dos dois mudou. Kishan usava um gibão de couro marrom com uma túnica de mangas compridas, calça preta, botas de montaria de cano alto lustrosas e uma capa preta com capuz. Ren vestia uma camisa branca por baixo de um gibão de veludo verde debruado de dourado, calça justa preta e botas que subiam até a coxa. Sua capa era de lã comprida com pele na barra.

Parece que serei salva por Robin Hood ou pelo Príncipe Encantado.

O dragão examinou os dois.

– Excelente. Agora, imagino que estejam com fome. Vão encontrar comida no labirinto à medida que avançarem e, dessa vez – ele bateu de leve na palma da mão com uma luva de couro, enquanto refletia –, acho que seria melhor se vocês dois não fossem juntos. – Ele se

inclinou para mais perto e exibiu uma expressão perversa. – Não vamos querer que o desafio seja fácil *demais*, não é mesmo?

Ele deu risada e estalou os dedos mais uma vez. Todo mundo desapareceu. Pedi ao espelho que me mostrasse Ren. Ele estava parado perto de uma abertura do labirinto. Olhou colina acima, na direção do castelo, mas o dragão tinha feito com que uma névoa o cobrisse, tornando-o mais difícil de se achar. Ren retesou o queixo e entrou no labirinto. Quando pedi ao espelho que passasse para Kishan, descobri que já estava no labirinto. Ele corria por uma seção comprida, então virou à esquerda e continuou correndo.

Ao meio-dia, Ren tinha roubado água e pão de uma matilha de cachorros irados e conquistara uma espada e uma bainha de um gnomo que tinha conseguido capturar e pendurado de cabeça para baixo. O gnomo aborrecido chutava e berrava, mas Ren se recusou a soltá-lo até que ele lhe desse um prêmio. Kishan, enquanto isso, tinha matado um javali pegando-o pelas presas e quebrando seu pescoço ao rodar a cabeça com violência. Ele ganhou o Fruto Dourado e fez com que criasse comida. Foi comendo e bebendo enquanto corria.

Quando a noite chegou, Ren havia derrotado um ogro e conseguido o *chakram* de Kishan, que, por sua vez, tinha ganhado meu arco e as flechas em uma disputa de tiro ao alvo, e os dois estavam mais ou menos na metade do labirinto. Ren se acomodou para passar a noite, mas Kishan prosseguiu. Ele avançou bastante, mas deu a resposta errada quando uma manticora lhe fez uma pergunta. A criatura era vermelha, com corpo de leão, cabeça de ogro, rabo de escorpião e asas de morcego. Kishan conseguiu derrotá-la quando ela atacou, mas foi mandado de volta para o começo do labirinto. Ele urrou de frustração e recomeçou a caminhada. Finalmente parou por volta da meia-noite e dormiu.

Ren foi atacado bem cedo pela manhã, enquanto ainda dormia. Um bando de brutamontes o rodeou com redes e lanças. Ele os combateu com a espada e depois com as mãos. Quando um homem caía, incapacitado, ele bruxuleava e logo desaparecia. Arfando, Ren acabou com o último homem e recebeu um cavalo branco magnífico com sela prateada. Ele montou no lombo do garanhão e seguiu a trote pelo labirinto.

Kishan agora tinha ficado muito para trás e escolhera um caminho diferente do anterior. Ele conquistou a *gada* ao lutar contra uma cobra gigante e o tridente ao matar um urubu enorme com uma

flecha dourada. Ren usou o *chakram* para cortar fora a cabeça de três harpias que tentaram enganá-lo com feitiços e promessas sedutoras. Como prêmio, o Lenço Divino lhe foi devolvido.

Kishan atravessou um riacho fervente pulando sobre pedras. Quando estava no meio, um crocodilo gigantesco o atacou. Ele fez com que o Fruto Dourado enchesse a boca dele com uma manteiga de amendoim bem pegajosa e o animal voltou a desaparecer na água. Alguns passos depois, Kishan encontrou seu *kamandal* pendurado numa árvore. Ele o pendurou ao redor do pescoço, enfiou-o para dentro da túnica e seguiu em frente.

Kishan voltou a se encontrar com a manticora, revitalizada, e dessa vez respondeu à pergunta de maneira correta. Ela o fez avançar no labirinto. Agora ele estava perto, muito mais perto do que Ren, que parou quando chegou a um beco sem saída. O labirinto estava bloqueado por um muro de tijolos. Ele deu meia-volta com o cavalo, tomou outro caminho e se deparou com outra parede de tijolo. Estava preso. Aranhas enormes começaram a sair das cercas vivas, fazendo com que o cavalo branco batesse as patas e refugasse.

Ren acalmou o cavalo e, ao mesmo tempo, usou o Lenço Divino para fazer uma rede grande. Ela recolheu todas as aranhas em uma teia fina. Em seguida Ren fez com que o Lenço as enrolasse em uma bola de algodão gigantesca, recheada de aranhas, espetou-a com a espada, girou-a sobre a cabeça algumas vezes e lançou-a para outra parte do labirinto. O muro de tijolos se desfez e Ren conduziu o cavalo com cuidado pelas partes quebradas.

Depois de algum tempo, ele parou em um riacho que sempre desaparecia quando ele tentava beber água. O cavalo conseguiu beber, mas Ren, não. Ele ficou lá pensando por um momento, transformou-se em tigre e bebeu até estar satisfeito, então voltou a se transformar em homem. Usando o Lenço, criou um cantil e o encheu para levar consigo. Suas roupas de príncipe permaneceram com ele quando se transformou. Ren e Kishan dormiram sem ser incomodados naquela noite, sobre a grama macia do labirinto.

Os desafios apareciam com tanta frequência e eram tão difíceis que eu me mantinha num estado constante de pavor. Acabava de ver um deles se salvar, soltava um suspiro de alívio, e logo depois o outro entrava em perigo. Fiquei na cama, colada ao espelho, achando que, se eu os abandonasse por um minuto, iria voltar e encontrar um deles morto ou com ferimentos terríveis. Os dois me garantiram que não podiam morrer, mas eu não tinha certeza absoluta disso. E se algo lhes arrancasse a cabeça? Ou os envenenasse? Ren tirara uma bala do

ombro de Kishan com a garra, um processo sangrento ao qual eu não consegui assistir. Kishan havia sarado, mas e se a bala tivesse ido mais fundo? Se tivesse bloqueado uma artéria? Eu tentava descansar quando eles descansavam, mas acordava sobressaltada cada vez que ouvia um barulho.

Bem cedo na manhã seguinte, Kishan irrompeu no labirinto e encontrou um cavalo negro à sua espera. A névoa se abriu por um instante, de modo que ele pôde enxergar o castelo. Então montou no cavalo e saiu em alta velocidade, fazendo o garanhão galopar. Ren encontrou uma salamandra gigantesca que cuspiu veneno. Usando a espada, cortou a cabeça dela e ficou observando quando a criatura morta mudou de forma. Ela se encolheu e ficou dourada – transformou-se em Fanindra. Ren se ajoelhou e estendeu a mão. A serpente se enrolou em seu braço e endureceu em sua forma de bracelete.

Em seguida, ele se deparou com um homem todo feito de bronze e lutou com ele durante alguns minutos sem obter qualquer vantagem. A espada ricocheteava na pele dele com uma chuva de faíscas e o *chakram* também não era capaz de penetrar seu corpo. As tramas do Lenço não eram capazes de contê-lo. Fanindra ganhou vida e se agarrou a um galho de árvore baixo enquanto Ren lutava.

Ela se esticou e, sorrateira, colocou-se atrás do homem de bronze. Então, quando a oportunidade se apresentou, ela o picou bem atrás do joelho. O homem cambaleou, gemeu e desabou, morto. Quando Ren examinou o corpo, deu para ver pelo espelho que Fanindra o tinha picado em um pedacinho de pele branca, onde o homem era vulnerável. A recompensa de Ren foi comida. Ele deu as maçãs para o cavalo, acariciou sua cabeça e comeu o pão. Depois de agradecer a Fanindra e deslizar a mão pelo braço, ele montou no cavalo e saiu do labirinto.

Kishan tinha chegado às muralhas do castelo a essa altura e, do seu ponto de vista, elas se estendiam para o alto infinitamente. Ele torceu o tridente e disparou uma série de lanças na muralha. As pontas de lança se enterraram fundo na pedra. Ele pisou em uma delas para testar a força e viu que aguentava seu peso. Escalou por aquela dezena de pontas de lança, atirou mais na pedra e continuou subindo.

Ren disparou na direção do castelo, mas se perdeu na névoa produzida pelo dragão. Felizmente Fanindra ganhou vida mais uma vez e moveu a cabeça na direção em que deviam avançar. Quando ele

chegou à extremidade do castelo, saltou do cavalo e usou o *chakram* e o Lenço. Criou uma corda bem forte, enrolou no *chakram* e deu vários passos para trás. Ren girou e lançou o *chakram* com toda a força em direção ao topo do castelo. Quando o *chakram* caiu, ele puxou a corda e, julgando que estava bem firme, amarrou a ponta a uma árvore e começou a escalar a muralha.

Ao mesmo tempo, Kishan alcançou o topo. Ele correu pela ameia até encontrar uma ponte. Pediu ao espelho que me mostrasse o dragão. Lùsèlóng estava no torreão da fortaleza. Pressionando as mãos na parede de pedra, ele se inclinou para poder ver o progresso dos irmãos lá embaixo. Sorriu, como se estivesse antecipando a batalha, e deslizou o polegar pelo lábio inferior.

Ele estalou os dedos e desapareceu durante alguns segundos, e então voltou na forma de dragão. Enrolou o corpo esguio ao redor do telhado de uma torre próxima e ficou esperando por Kishan e Ren. Kishan correu pela ponte de pedra e penetrou na fortaleza. Quando passou para o lado de dentro, sua roupa de príncipe desapareceu e, no lugar dela, surgiu uma armadura preta. Também tinha um escudo dourado com um tigre negro entalhado e segurava uma lança comprida. Sem diminuir o passo, ele avançou.

Ren pousou com a ajuda da corda e passou para a parte de dentro da muralha. Antes de penetrar na fortaleza, ele tirou Fanindra do braço e lhe disse:

– Encontre Kelsey, Fanindra.

Obediente, a cobra ganhou vida e foi serpenteando para dentro da escuridão do castelo. Quando Ren entrou na fortaleza, a mesma transformação aconteceu: suas roupas tremeluziram e se transformaram em armadura. Ele tirou uma espada larga e pesada da bainha ao lado do corpo e ergueu o escudo. O símbolo dele era um tigre branco em fundo azul e sua armadura era prateada. Uma capa branca caía sobre suas costas.

No entanto, em vez de avançar, como Kishan tinha feito, ele saiu atrás de Fanindra. Incentivando-a a ir adiante, seguiu a cobra através de muitas portas e passagens, até chegar a uma escadaria. Ouvi o chamado dele.

– Kelsey? Você está aí em cima?

Fiquei sem ar. O chamado não vinha do espelho, mas do lado de fora do meu quarto.

– Ren? Ren! – Corri para a porta e bati com força. – Estou aqui! Estou aqui em cima!

– Estou indo!

Ele começou a subir as escadas, e ouvi uma voz na cabeça. *Tsc, tsc, tsc. Então, o que dissemos a respeito de trapacear? Esqueceu que deve matar o dragão antes de salvar a princesa? Só por isso, vai ficar um pouco de castigo.*

Ren berrou:

– Kel...

E então o som de sua voz foi interrompido de súbito. Eu me apressei de volta até o espelho para ver o que tinha acontecido. Fanindra deslizou por baixo da minha porta e se enrolou em posição de descanso. Eu a peguei e a acomodei na penteadeira. Ren desaparecera da escada e agora estava acorrentado a uma pilastra perto do dragão. Kishan correu até o telhado e parou, chocado ao ver Ren preso daquele jeito. Ele caminhou em sua direção, mas foi impedido por um jato de fogo.

Aqui em cima, cavaleiro negro. Seu irmão vai se juntar a nós no momento oportuno.

Kishan se virou, soltou um grito de batalha e atacou o dragão com a lança em riste.

O dragão o derrubou com um golpe do rabo e deu risada.

Isso é o melhor que você pode fazer?

Kishan sussurrou algumas palavras e de repente a torre ficou coberta de óleo quente. O dragão escorregou desajeitado e bateu a cabeça no parapeito, fazendo com que a torre balançasse. Um pedaço enorme de pedra quebrada caiu e desabou dezenas de metros até lá embaixo.

Kishan não esperou. Ergueu a lança e a arremessou com força contra o dragão verde. Ela pegou de raspão numa parte do corpo coberta de escamas, mas deixou um ferimento sanguinolento para trás. O dragão rugiu e o atacou com fogo laranja-avermelhado disparado numa nuvem de calor.

Kishan ergueu o escudo bem a tempo de se proteger, mas as beiradas amoleceram e começaram a derreter. As chamas se ergueram do óleo que formava poças e a torre pegou fogo. Ren passou correndo por Kishan e se jogou por cima do dragão. Eu não sabia dizer como ele havia se desvencilhado. Será que tinha usado o *chakram* para serrar as correntes que o prendiam? Ou será que o dragão o deixara sair do castigo?

O dragão se agitava e dava coices, tentando desalojar Ren, mas ele estava agarrado com firmeza, distraindo Lùsèlóng tempo suficiente para que Kishan pudesse pegar a lança e enfiá-la no corpo do dragão. Ao mesmo tempo, Ren ergueu a espada acima da cabeça e a cravou

nas costas do dragão. Lùsèlóng berrou, perfurando o ar com o som de 20 pterodáctilos raivosos, e jogou os dois contra o parapeito. Outro pedaço da muralha de pedra desabou perto de Kishan, que caiu para o lado. Ele gritou e se segurou só com a ponta dos dedos na beirada que se despedaçava.

Ren se inclinou e pegou a mão de Kishan, mas, antes que conseguisse puxá-lo para o alto, o dragão virou a cabeça e foi para cima dele, que agora estava vulnerável. Agarrou Ren com a boca e ergueu os dois irmãos no ar.

Lùsèlóng sacudiu Ren e esmagou a armadura dele com sua mandíbula fortíssima. Enquanto Ren gemia de dor, ele soltou Kishan, que caiu num lugar seguro no alto da torre. Depois de amassar muito a armadura de Ren, o dragão abriu a boca e o jogou na cobertura de pedra do edifício ao lado. Ren caiu com um estrondo e ficou lá, imóvel, parecendo uma grande lata de atum atropelada por uma caminhonete.

Kishan berrou e atacou o dragão violentamente, usando todas as armas que tinha à disposição. Ele se lançou a um ataque em ângulos múltiplos com o uso do Lenço, do Fruto, do *chakram* e da espada que Ren havia largado.

O dragão revidou com garras, cauda, dentes e chamas até que Kishan estivesse combalido, ferido e sem fôlego. Eu sabia que não ia durar muito mais tempo. Ren permanecia fora de combate. Kishan estava ferido e não era capaz de se curar assim tão rápido. Ele arrancou o capacete. O sangue escorria pelo rosto suado e ele mancava muito. Limpou a boca com as costas da mão e se curvou para a frente, arfando.

O dragão sorriu.

É só uma questão de tempo, sabe? Já derrotei seu irmão e agora vou derrotar você. Não tem como me superar. Mal consegue ficar em pé.

– Só estou tomando fôlego. Podemos continuar?

Por que não admite logo a derrota? Eu poderia até permitir que vocês morem numa outra ilha. Iria caçá-los, é claro, mas pelo menos continuariam vivos.

– Não estou interessado em ser o seu tigre de estimação.

Muito bem.

O dragão respirou fundo e soltou fogo em cima da torre. Kishan cambaleou e correu, mas o fogo o seguiu. Ele saltou e subiu em um muro, com armadura e tudo, usando apenas a força dos braços. Caiu pelo outro lado e pousou um nível acima do dragão. Ficou lá deitado, respirando com dificuldade. Então arrancou as luvas fumegantes e

apalpou em busca de uma arma, mas descobriu que todas estavam no nível abaixo dele. O dragão deu uma risada de desdém e se enrolou no torreão.

Tem alguma última palavra a dizer antes que eu o devore?

– Claro. – Kishan deu a volta no torreão para ficar fora do alcance do dragão. – Espero que você engasgue.

Ele saltou do torreão para a pedra embaixo, e o dragão urrou e foi atrás dele, com a bocarra aberta. Kishan atingiu o telhado e rolou, mas bateu a cabeça numa pedra quebrada. Ouvi um bramido de triunfo de Lùsèlóng quando ele desceu, pronto para abocanhar Kishan. De repente ele berrou, parou no meio do ar e caiu com um estrondo ensurdecador ao lado de Kishan. Nada se moveu por um instante, e eu fiquei sentada na cama com a mão tapando a boca. Então algo se agitou perto do torreão.

Uma silhueta cambaleou para longe do corpo do dragão e se dirigiu para Kishan. Era Ren. A placa de proteção do peito, que fazia parte da armadura, e o capacete não estavam mais lá. Um rasgo comprido e ensanguentado que lhe atravessava o peito estava começando a sarar. Pedi ao espelho que me mostrasse o dragão. Ren atingira o coração dele com a lança, sem que nem eu o visse saltar de volta para a torre, esgueirar-se pela lateral e se esconder nas sombras. Ignorá-lo tinha sido o erro fatal do dragão.

Ren tirou o que sobrara da armadura, então se ajoelhou para tirar a de Kishan. Ele estava vivo. Gemeu e piscou para abrir os olhos.

– Acabou – disse Ren. – O dragão está derrotado.

O corpo do dragão tremeluziu e desapareceu.

– Venha. Eu sei onde ela está.

Ele ajudou Kishan a se levantar e então os dois irmãos, apoiando-se pesadamente um no outro, desceram para a torre e entraram na fortaleza até Ren encontrar a escada que levava à minha torre solitária do outro lado do castelo. Eles começaram a subir a escada, mas Kishan não conseguiu mais erguer os pés depois do primeiro degrau.

Ouvi a voz do dragão.

Apenas o vencedor pode reclamar o prêmio.

Kishan escorou as costas na parede da escada e arfou pesadamente. Ele assentiu com a cabeça, indicando que Ren deveria seguir em frente. Ren se virou e se apressou pela longa escadaria circular. Ele girou a maçaneta, mas a porta não abria.

– Kells? Está me escutando?

– Estou! Eu estou aqui! Está trancada. Não consigo abrir.

– Afaste-se.

Ele recuou alguns passos e foi com tudo para cima da porta. Ela não se movia. Vez após outra, ele se jogou contra ela, mas nada acontecia.

O dragão deu risada.

A culpa não é minha, tigre. É ela que não quer deixar você entrar.

– Como assim? – berrei.

Você não quer que ele entre.

– Claro que quero!

Não quer, não. O herói ganha o prêmio, e você é um prêmio que não quer ser conquistado, deti dama. Se quiser que ele a salve, abra a porta.

– Eu não consigo!

Não estou falando da porta do quarto, disse o dragão na minha mente. Estou falando da porta do seu coração.

– O quê? Por que está fazendo isso? – solucei.

Ouvi a preocupação de Ren através da porta.

– Kelsey? Está tudo bem com você?

A voz do dragão me penetrou.

Deixe... que... ele... entre.

De repente eu entendi. Eu sabia o que ele estava querendo dizer, e a compreensão me fez tremer. Ele queria que eu sentisse todas as coisas que estava ignorando. Queria que eu liberasse todas as emoções e o sofrimento reprimidos. Bati o punho fechado de leve contra a porta, chorei e implorei baixinho para o dragão:

– Não me obrigue a fazer isso. Por favor, deixe as coisas como estão.

Não é assim que se joga o jogo.

Eu não posso me permitir sentir essas coisas. Dói, respondi com o pensamento.

A dor faz parte da vida. Agora, ande logo com isso.

Enxuguei as lágrimas e pressionei as mãos contra a porta. Apoiei a testa na madeira e fechei os olhos. O dragão deu risada e senti o prazer dele diante do meu desespero. Eu trancara de propósito a conexão fortíssima que sentia com Ren. Ao fechá-la como uma válvula, eu tinha feito de tudo para bloquear meus sentimentos por ele. A torneira pingava, mas tapei os buracos o melhor que pude e tentei reter minhas emoções, redirecionando o fluxo para outros lugares.

Ali parada, tremendo, percebi que bloquear meus sentimentos era algo recorrente para mim. Eu tinha feito isso quando meus pais morreram. Tinha feito isso quando deixei Ren. Tinha feito isso

quando ele foi capturado.

Não posso arriscar, dragão, falei. Ele vai me abandonar de novo.

Lùsèlóng respondeu:

Sem risco não há recompensa. Será que você prefere ficar aqui comigo por toda a eternidade?

Não, falei com a mente.

Naquele momento, percebi como era covarde. E eu sabia que não tinha escolha além de seguir em frente.

Como eu começo?, perguntei.

Viaje pela sua conexão até o coração dele.

O dragão verde me conduziu. Uma visão se formou na minha mente. Eu estava no meio de uma névoa branca. Perdida, girei em círculos, à procura de algo. O dragão me chamou, e eu avancei caminhando às cegas, seguindo sua voz. A névoa fazia redemoinhos nos meus pés e o chão não era firme. Então algo dourado apareceu na névoa, uma corda brilhante que estalava de tanta energia.

Agora coloque as mãos na corda e vá até a sua origem.

Obedecendo o dragão, peguei a corda dourada e fui andando ao longo dela. Quando comecei o trajeto, hesitei e quase dei meia-volta. Ouvi uma voz calorosa falar na minha cabeça.

Por favor, não solte. Não posso perder você mais uma vez.

A súplica na voz me comoveu e eu agarrei a corda com força enquanto caminhava. Sentimentos esquecidos e lembranças tomaram conta da minha visão. As névoas começaram a se dissipar à medida que minha mente ia repassando os momentos ternos que Ren e eu tínhamos compartilhado: nosso primeiro beijo, a dança no Dia dos Namorados, ele me abraçando depois de um pesadelo. Quanto mais eu avançava, mais o meu coração se abria. Mas o ato de soltar essas lembranças felizes também liberou as sócias maléficas da dor e da mágoa.

Meus pés se arrastavam como se eu estivesse presa em areia movediça. Quando hesitei e dei um passo para trás, a névoa se ergueu e voltou a me entorpecer. Teria sido muito fácil recuar, bloquear meus sentimentos, mas eu sabia que devia seguir em frente, apesar de cada passo trazer mais agonia. Cada movimento adiante aumentava a dor lancinante da traição, da perda, do primeiro amor despedaçado, de ser deixada sozinha.

Dedos negros de ciúme, amargor e confusão me agarraram e tentaram me puxar para longe da corda, mas eu não a larguei. Dava para sentir a pulsação que a percorria. Era forte, boa e... alegre. Algo mudou para mim naquele trajeto. Eu percebi que não estava sozinha.

Não conseguia enxergar o que estava à frente, mas alguém me chamava. De vez em quando, um vento morno acariciava minha pele e uma voz suave me incentivava a prosseguir. Eu sabia que a pessoa que estava ali me amava. De repente cheguei ao fim da corda e parei, confusa.

Onde estou?

Uma voz atrás de mim falou.

– Você está aqui, comigo.

Eu me virei e fiquei de frente para Ren, que sorria. Ele abriu os braços e, com um soluço, eu me derreti para dentro deles e apertei o rosto contra o seu peito. Ele me abraçou com tanta força que eu me senti parte dele.

– Por que foi tão difícil me achar, *iadala*?

– Você me abandonou. Eu precisei abrir mão de você.

– Eu *nunca* a abandonei. Sempre tive um lugar para você no meu coração. – Ren levantou meu queixo com o dedo. – Mas e você? Está se sentindo diferente agora? Quer que *eu* abra mão de você?

Hesitei apenas por um breve segundo. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu o abracei com força.

– Não. Não quero que abra mão de mim. Nem agora, nem *nunca*.

Ele me abraçou e murmurou palavras em sua língua nativa, para me acalmar. Eu me sentia segura ali. Protegida e amada. Tinha aberto a válvula, e era tarde demais para voltar a fechá-la agora. As gotas de mágoa, esperança, traição, devoção, angústia e amor escorriam pelas minhas mãos, escapavam por entre os meus dedos. Meu coração sangrava.

Desesperada, tentei segurar a maré, manter o controle, mas agora não adiantava mais deter aquilo. Eu chorei e, depois que as lágrimas brotaram, não consegui mais contê-las. Comecei a falar e contei a ele meus medos mais profundos e mais obscuros. Descrevi o que sentia quando não estava com ele. Como doeu vê-lo com outra. Ren acariciou minhas costas e escutou com paciência e sem se defender. Eu funguei no meio do choro, dando prosseguimento à minha confissão.

– Fiquei magoada quando você me esqueceu e quando me afastou. Não suportei vê-lo ir embora. Você me *abandonou*, do mesmo jeito que os meus pais me abandonaram. Tive que fechar uma parte de mim para sobreviver. Sem você, eu murchei e me transformei em apenas uma sombra de mim mesma. Eu me senti... confusa, como palavras incompletas em uma página. Um poema despedaçado. Nada fazia sentido. Como pôde fazer isso comigo? *Conosco?* – acusei.

– Não sabe que eu faria qualquer coisa para mantê-la em segurança? – argumentou Ren. – Eu tinha que amar você o suficiente para deixá-la partir. Foi a coisa mais difícil que já precisei fazer, e não pretendo passar por isso de novo nunca mais. Mesmo assim, meu coração sempre pertenceu a você. Tenho certeza de que você continuou sentindo isso.

– É, mas enterrei tão fundo meus sentimentos por você que nem sei se posso restaurá-los – admiti. – Minha força vem deles; pelo menos isso eu reconheço. É óbvio que eu preciso de você. Que quero você. Meu corpo queima com uma chama dourada quando você me toca. Mas não posso mais confiar em você. Não quero afastá-lo, mas estou com medo. Eu te amo tanto que tenho medo de que você me destrua.

Ren apertou a bochecha contra a minha e disse:

– Para muita gente, o amor é uma moeda de duas faces. Pode fortalecer ou enfraquecer, expandir ou encolher, enriquecer ou empobrecer. Quando o amor é correspondido, nós florescemos. Somos levados a alturas jamais vistas, onde ele nos delicia, revigora e embeleza. Quando o amor é tolhido, nós nos sentimos aleijados, desconsolados e deprimidos. Eu sempre *amei* e sempre *vou amar* você, Kelsey. Nada na Terra ou nos céus pode mudar esse fato. Se você polir a moeda, vai enxergar apenas o amor correspondido dos dois lados. Fui destinado a amar você e serei seu para sempre.

Dei um passo para trás e ergui os olhos. Meu príncipe de olhos azuis acariciou meu rosto e enxugou uma lágrima com o dedo.

– Como pode ter tanta certeza em relação a tudo isso? A mim? – perguntei. – Nós sofremos tanto tentando ficar juntos. Talvez o destino queira nos manter separados. Talvez assim seja mais fácil.

Ren sorriu e segurou meu rosto entre as mãos. Suspirando, ele fez o contorno do meu lábio inferior com o polegar.

– Se, no final disso tudo, eu puder ficar com você, terá valido a pena. “Só um homem que sentiu o maior desespero é capaz de sentir a maior alegria.”

Eu funguei e sorri.

– Quem disse isso?

– Alexandre Dumas, que escreveu *O Conde de Monte Cristo*. Íamos ler este livro juntos, lembra?

– Nós andamos um pouco ocupados.

– Sim, andamos, *rajakumari*. – Ele suspirou e apertou os lábios contra a palma da minha mão. – Meu maior desespero foi ficar sem você. Será que ainda estou sem você? Ou será que você pertence a mim do mesmo jeito que eu pertenço a você? Ainda me ama,

priyatama?

O Ren do meu sonho passou os dedos pelo meu cabelo e inclinou o meu queixo para que eu olhasse para o seu rosto bonito. Como eu tinha certeza de que aquilo era só um sonho, me senti à vontade para admitir as coisas que teria escondido do verdadeiro Ren. Fechei os olhos e assenti.

– Eu sempre fui sua. Nunca deixei de amar você.

Ren acariciou minha bochecha até eu abrir os olhos. Ele sorriu.

– Então nunca vou abandoná-la – disse, e capturou os meus lábios com os dele.

Ele me abraçou com ternura e eu senti a barreira de proteção no meu coração se dissolver completamente. Agora eu estava sem defesas. Meu coração estava exposto e vulnerável: um belo órgão pulsante pronto para ser esmagado, partido, consumido...

Ouvi o clique de uma fechadura e senti a leve brisa de uma porta se abrindo e se fechando, mas parecia distante e sem importância. Eu rendi meu coração recém-aberto ao meu príncipe e me senti abrigada, aquecida e valorizada. Ren me amava. Aquele era o meu lugar. Se eu pudesse ficar ali para sempre, naquele mundo dourado, e esquecer de todo o restante, era o que eu teria feito, mas meu desejo não se realizou.

A névoa se ergueu e nos envolveu. A visão desapareceu, mas a consciência, não. Senti braços verdadeiros me abraçando, me aninhando, e lábios verdadeiros se moldando aos meus. Envoltos no calor terno de Ren, eu o beijei apaixonadamente. Sussurrei que o amava demais e que tinha sentido muita falta dele. Nós estávamos presos em um brilho dourado enquanto falávamos baixinho, nos tocávamos e nos beijávamos. Eu o abracei com ternura e levei as mãos dele aos meus lábios. Ele murmurou declarações que eu sentia mais do que compreendia.

Então fui arrancada da minha bruma romântica quando ouvi a porta se escancarar. Fiquei piscando e me peguei olhando para um par de olhos dourados que queimavam de ciúme.



Tempestade

Na minha mente, ouvi Lùsèlóng dar risada e, apesar de Kishan esconder seus sentimentos com rapidez, eu percebi que ele estava aborrecido. Com as bochechas em brasa, eu me afastei de Ren e fiquei entre os dois irmãos. Ambos olhavam para mim.

Virar-me para esconder o rosto não ajudou, porque eu continuava sentindo dois pares de olhos fazendo buracos nas minhas costas. Ninguém disse nada, e a voz que dava risada na minha cabeça se transformou numa voz física atrás de nós. O dragão verde estava acomodado num peitoril de janela em sua forma humana. Estava vestido como príncipe mais uma vez.

– Vocês todos me proporcionaram um jogo dos mais divertidos, de que vou me lembrar com carinho durante muitos milênios. Têm certeza de que não querem ficar aqui mais um pouco?

– Não – respondi. – Queremos voltar para o nosso navio.

Kishan deu um passo para a frente.

– Nós vencemos. Vamos pegar os prêmios e ir embora, dragão.

Lùsèlóng franziu a testa.

– Não me lembro de ter oferecido mais de um prêmio.

– Você disse que iria nos ajudar a encontrar o Colar de Durga se jogássemos. Foi você quem insistiu para incluir um prêmio extra no jogo – disse Ren. – Eu ganhei a garota, e Kishan ganha a sua ajuda.

Kishan estreitou os olhos para Ren, mas disse:

– Tudo bem. Vamos acabar logo com isso.

– Talvez possamos negociar. Se um dos tigres concordar em ficar, eu lhes dou a garota e os ajudo a encontrar o meu irmão, o dragão

dourado.

– Não! – berrei, perplexa. – Você *trapaceou* na caçada. É tarde demais para mudar as regras a fim de atender aos seus caprichos.

– Tudo bem! – O dragão bufou e línguas de chamas alaranjadas saíram de suas narinas humanas. – Você leva a garota – declarou a Ren. Virou-se para Kishan e disse: – E você fica com *isto*.

Ele fez um gesto com a mão e uma bola de fogo disparou da palma, apressou-se na direção de Kishan e o acertou no rosto. Kishan berrou e cobriu os olhos.

Eu gritei, assustada:

– O que você fez com ele?

Corri até Kishan e abracei seu corpo encurvado.

O dragão examinou as unhas.

– Nada de mais. Ele vai passar um tempo cego, mas é temporário. Afinal de contas, era o que vocês queriam.

– Não queríamos que você o ferisse – acusei.

– Que diferença faz para você? Se alguém o feriu hoje, eu diria que você tem mais culpa no cartório do que eu. Agora, estou entediado com vocês. Está na hora de irem embora.

O dragão estalou os dedos e nós três de repente estávamos na praia da outra ilha, sozinhos. A lancha estava próxima, e nós enxergamos o iate ancorado no meio do oceano. Ren lutou para soltar a lancha enquanto coloquei as mãos no rosto de Kishan e perguntei:

– Você consegue abrir os olhos?

– Consigo. Mas arde.

– Então não se preocupe com isso agora. – Arranquei a faixa do meu vestido e a amarrei em volta dos olhos dele. – Mantenha-os fechados. Vamos voltar para o iate. Segure-se em mim.

Ele se apoiou nos meus ombros. Eu o abracei pela cintura e lentamente o guiei de volta à lancha. Ren ajudou a firmar Kishan quando subiu a bordo e eu me sentei com Kishan, segurando suas mãos, enquanto Ren nos conduzia de volta. Nós três ficamos em silêncio no trajeto até o iate.

Quando chegamos, Ren cuidou de guardar a lancha enquanto Nilima e o Sr. Kadam me ajudavam com Kishan.

Depois de o levarmos para o quarto e o acomodarmos numa cadeira, o Sr. Kadam perguntou baixinho:

– O que aconteceu, Srta. Kelsey?

Por incrível que pareça, ele só deu uma olhada breve em nossas vestimentas estranhas e meu cabelo excepcionalmente longo.

– O dragão o cegou. Disse que era apenas temporário e agiu como

se estivesse atendendo a um pedido nosso.

– Muito bem. – O Sr. Kadam deu tapinhas no antebraço de Kishan.
– Pronto, filho, deixe-me dar uma olhada.

Com cuidado, ele tirou a faixa que cobria os olhos de Kishan e pediu que os abrisse devagar.

Kishan piscou algumas vezes e seus olhos começaram a lacrimejar. Arquejei quando vi que suas íris, antes lindas e douradas, agora estavam completamente pretas e, enquanto olhávamos, pequenas chamas começaram a dançar e crescer dentro delas. Ele piscou de novo e as chamas desapareceram. Cobri a boca para engolir um soluço.

– O que foi? – Ele virou a cabeça na minha direção. – O que foi, Kelsey? Não chore.

Eu pigarreei, passei os polegares apressada nas bochechas, ajoelhei-me ao lado dele e peguei suas mãos.

– Não é nada. Apenas estresse. Você quer alguma coisa? Está com fome?

– Eu bem que podia comer alguma coisinha. – Ele pegou minha mão. – Mas você vai poder ficar comigo?

– Claro que sim.

Nilima se levantou.

– Vou pegar o Fruto.

– Está doendo? – indagou o Sr. Kadam.

Kishan sacudiu a cabeça.

– Agora não. É estranho não conseguir enxergar nada, mas não tem dor alguma.

– Que bom. Vou pedir a Nilima que conduza o navio e farei pesquisas sobre isso. Talvez seja prudente todos vocês descansarem. Pode ficar com ele, Srta. Kelsey?

– Posso.

– Assegure-se de que ele coma, descanse e beba bastante líquido. Ele me parece um pouco quente. – O Sr. Kadam sorriu. – Bom, mais quente do que o normal.

– Vou cuidar bem dele.

– Tenho certeza disso. Avise-me imediatamente se o estado dele mudar.

O Sr. Kadam saiu e Nilima voltou com o Fruto. Kishan disse que estava cansado e que comeria mais tarde, mas consegui fazer com que bebesse um copo de suco de maçã enquanto eu tirava suas botas. Ele tirou o gibão e a túnica por cima da cabeça e eu puxei as cobertas para cima dele, mas ele as jogou para longe e procurou minha mão.

Kishan queria que eu ficasse perto dele, por isso, eu me sentei encostada na cabeceira e pus um travesseiro no colo. Ele apoiou a cabeça no travesseiro e eu o cobri com um cobertor e afaguei seu cabelo. Kishan segurou na minha cintura enquanto eu cantarolava uma canção de ninar que minha mãe costumava cantar. Finalmente, suas pálpebras se fecharam por cima dos olhos de fogo e ele dormiu.

Analisando seu belo rosto em silêncio, acariciei-lhe a testa e fiquei escutando sua respiração ritmada. Ouvi um barulho e ergui os olhos. Ren estava parado à porta, olhando para mim com expressão séria. Ele não disse nada. Kishan se agitou, dormindo, empurrou o travesseiro e apoiou a cabeça na minha coxa. Ajeitei a coberta sobre seus ombros e ele voltou a se aquietar.

Quando ergui os olhos, Ren não estava mais lá. Fiquei abraçada com Kishan durante mais uma hora, aproveitando esse tempo para pensar no que tinha acontecido. Quando tentei sair, Kishan estendeu a mão dormindo, puxou meu braço para cima de seu peitoral e me segurou. Acabei dormindo também, vencida pela experiência na ilha do dragão verde.

Acordei com os músculos rígidos e doloridos horas depois e consegui sair debaixo do corpo de Kishan, que dormia pesado. Ainda vestida com minha roupa de princesa, eu me dirigi até a porta de conexão para ir ao meu quarto e tomar um banho. Lavar o cabelo que ia até o joelho levou um tempão, mas penteá-lo demorou ainda mais. Eu me vesti, dei uma olhada em Kishan, peguei uma tesoura e saí à procura de Nilima.

Encontrei-a junto com o Sr. Kadam na casa do leme. Enquanto Nilima se preparava para tosar meus cachos ultracompridos, ele me falou sobre a pesquisa que tinha feito sobre cegueira e mitologia.

– Uma das Plêiades chamada Mérope teve um filho, Glauco, que era cego. O termo *glaukos* significa “verde-azulado ou cinza” e dessa palavra deriva “glaucoma”. Meropia é um problema físico de cegueira parcial. Outro oráculo grego, Tirésias, foi cegado pelos deuses ou por tê-los visto ou por ter revelado seus segredos. As três irmãs, às vezes chamadas de três tecelãs do destino, ou Moiras, compartilhavam um olho entre si... um olho que tudo enxergava, como era chamado.

– Eu me lembro delas. Espere um segundo. Nilima – puxei um cacho do meu cabelo, que agora batia na cintura e franzi a testa para ele –, acho que quero mais curto do que isso.

– Sinto muito, Srta. Kelsey. Recebi instruções específicas para não

cortar mais curto do que a altura da cintura.

– Ah, *é mesmo*?

– É, sim. Ren ameaçou me demitir e, tecnicamente, ele tem o direito de fazer isso.

– Ele não vai demitir você. Está blefando.

– Mesmo assim, parecia muito sério.

– Tudo bem. Eu mesma vou cortar sozinha mais tarde.

– *Não vai, não.* – Eu me virei com o som da voz masculina ameaçadora. Ren estava apoiado no batente da porta com os braços cruzados sobre o peito. – Vou jogar todas as tesouras no mar.

– Pode jogar. Eu dou outro jeito. Talvez use o *chakram*. Você não teria coragem de jogá-lo no mar.

– Experimente. Você vai ter que lidar com as consequências, e não vai gostar delas.

Franzi a testa para a expressão de teimosia no rosto dele até que Nilima virou minha cabeça e voltou a cortar o cabelo.

– Posso prosseguir? – perguntou o Sr. Kadam.

– Por favor – respondi, com os lábios apertados.

– Também há Fineu, que foi castigado por revelar coisas demais sobre os deuses. Ele foi cegado e mandado para uma ilha com um bufê cheio de comida que ele não podia tocar.

– Eu me lembro dele – comentei. – Jasão e os Argonautas o salvaram. Lutaram contra as harpias para que ele pudesse comer e então ele lhes disse como atravessar os rochedos do Bósforo que se moviam.

– Correto. Polifemo foi o ciclope canibal cegado por Odisseu. Não consigo encontrar nenhuma conexão com essa história, mas achei melhor mencioná-la. Depois houve Édipo, que arrancou os próprios olhos após descobrir que tinha realizado as palavras do oráculo ao se casar com a própria mãe. Ele a encontrou morta depois que ela cometeu suicídio e então espetou os próprios olhos com alfinetes.

Ácido, Ren disse:

– Talvez levar uma mulher que pertença a outro se aplique ao nosso caso.

– Em primeiro lugar, *Sr. Sutileza*, Kishan não me levou a lugar nenhum a que eu não estivesse disposta a ir. Em segundo, eu não acredito que Laio tenha dito à esposa para cair fora. E, em terceiro, não acho que a história de Édipo tenha algo a ver conosco! – soltei, irritada. – O tema óbvio aqui, que você poderia entender se fosse capaz de controlar o monstro de olhos verdes que habita o seu corpo, é profecias e oráculos.

O Sr. Kadam pigarreou, pouco à vontade.

– Estou inclinado a concordar, Srta. Kelsey.

Lancei um sorriso torto para Ren, que suspirou profundamente e disse:

– Então, vocês acham que Kishan supostamente se transformou em alguma espécie de oráculo? Que ele vai nos conduzir ao quarto dragão?

– Só o tempo dirá. – O Sr. Kadam se levantou. – Talvez seja bom ir dar uma olhada nele agora.

– Ele estava dormindo quando saí – completei enquanto o Sr. Kadam se afastava apressado.

Ren acusou:

– É, você foi mesmo a melhor das enfermeiras. Ofereceu a ele o mais macio dos travesseiros para pousar a cabeça cansada.

– Hum... talvez seja melhor eu acompanhar meu avô – disse Nilima.

Ela largou a tesoura, olhou para a minha expressão, então mudou de ideia e a levou consigo. Com rapidez, se esgueirou entre Ren e a porta e fugiu.

Tirei um elástico do bolso e comecei a trançar o cabelo.

– Será que alguém já lhe disse que parece mesquinho quando está com ciúme?

– Você acha que eu me importo com o que pareço?

– Obviamente, não.

– Está certa. Não me importo. E, sim, reconheço, estou *mesmo* com ciúme. Tenho ciúme de cada minuto que você passa com ele, de cada expressão preocupada que você mostra por ele, de cada lágrima derramada, de cada olhar, de cada toque e de cada pensamento. Tenho vontade de despedaçá-lo e de expurgá-lo da sua mente e do seu coração. Mas não posso fazer isso.

Girei na cadeira, fiquei em pé e joguei a trança por cima do ombro.

– Kishan precisa de mim neste momento, e sinto muito se você não consegue aceitar isso.

Ele deu um passo para mais perto de mim.

– Kishan não é o único que precisa de você, Kelsey.

– Talvez não. Mas a necessidade dele é mais imediata.

– Por enquanto. Mas o pavio está aceso. Pode correr quanto quiser, mas está deixando um rastro de pólvora pelo caminho. Mais cedo ou mais tarde, você vai se dar conta disso. – Ele deu mais um passo, segurou meu queixo e ergueu minha cabeça até eu olhá-lo nos olhos. – Você precisa saber que eu também estava lá na toca do dragão. Estava naquele mundo enevado de sonho com você. Ouvi suas

confissões secretas. Sei quais são os sentimentos mais profundos do seu coração. O seu lugar nunca vai ser ao lado dele. Você é minha, e está na hora de se conformar com isso.

Mordi o lábio e senti o sangue ferver. Ele tinha razão, mas eu me irritei.

– É muita ousadia sua achar que eu sou *sua*. Não sou uma escrava nem uma noiva em negociação que você pode comprar do pai. Não existe contrato que governe o meu afeto. Eu tomo minhas próprias decisões. Sou senhora de mim e sou de quem eu quiser, durante o tempo que eu desejar. Jamais pressuponha que tem o direito de fazer o que quiser comigo. Só porque você é príncipe isso não significa que eu seja sua súdita. Então, desça desse trono, sua alteza, e encontre alguma outra garota para intimidar.

Estávamos muito próximos um do outro. Eu estava ofegante. Os olhos dele se estreitaram e então dispararam para os meus lábios. Ele deu um sorriso perigoso.

– “Não ensine a seus lábios tal escárnio, porque foram feitos para beijar, senhora, não para tal desprezo.”

Eu estava prestes a reclamar quando ele me puxou para junto dele e apertou os lábios contra os meus. Inutilmente, empurrei seu peito quando seus lábios esmagaram minha boca. Ele me segurava de um jeito que era impossível fugir. Encontrou minhas mãos e as segurou contra as laterais do meu corpo, de maneira que eu não pudesse mais me debater contra ele. Tentei chutá-lo, mas ele ajustou a postura de modo que eu não tivesse nenhuma alavancagem. Mordeu meu lábio com suavidade e então, em vez de tentar fugir, eu gemi e retribuí o beijo com fervor. Ele pegou minha trança, enrolou-a várias vezes no pulso e puxou minha cabeça para trás, a fim de aprofundar o beijo. Doe, mas de um *jeito... muito... bom*.

Quando ele finalmente afastou a cabeça, deu um sorriso malicioso.

Fiquei com falta de ar e fuzilei-o com os olhos.

– Se você está pensando em dizer que isso foi *esclarecedor*, vou lhe jogar um raio e atirá-lo no mar.

Ele passou a ponta dos dedos no meu lábio inferior inchado, sorriu e me empurrou na direção da porta.

– Vá. Cuide de Kishan.

Confusa, atravessei a porta.

– E, Kelsey...

Eu me virei.

– O que foi? – perguntei, impaciente.

– Eu estava falando sério sobre o cabelo.

Soltei um guincho de desgosto e saí batendo o pé, ignorando a risada dele. Fui resmungando por todo o caminho até o andar de baixo. *Gato vira-lata, dominador, convencido! Ele acha que pode colocar as patas em cima de mim. Que pode me obrigar a fazer o que ele quer à força.* Esfreguei as mãos nos braços, nos lugares em que ainda sentia a pressão da pegada dele, e passei o dedo no meu lábio que ainda formigava. *Intimidador. Podia simplesmente me jogar por cima do ombro e me levar embora, feito um pirata roubando uma mulher.*

De repente imaginei Ren de cabelo comprido, vestido como corsário: botas pretas de cano alto, camisa branca aberta com renda no pescoço e capa vermelha. Ele empunharia uma espada e viria para cima de mim, encurralando-me contra a balaustrada. Enquanto eu estivesse lá, impotente, com o vestido rasgado, o peito ofegante e... *para tudo! É óbvio que eu li romances demais da minha mãe.* Sacudi a cabeça para clarear as ideias e estava fazendo careta quando entrei no quarto de Kishan.

– Kells? É você?

Suspirei e forcei um sorriso no rosto, apesar de ele não poder me ver.

– Sim. Sou eu. Como você está?

– Melhor.

Nilima estava sentada ao lado dele.

– Ele não quis comer sem a senhorita – disse ela.

– É um gato bem teimoso. Muito bem, estou aqui agora. Qual é o cardápio?

– Sopa.

– Sopa? Você nunca toma sopa. Qual é a ocasião especial?

Kishan sorriu.

– A ocasião especial é você me dar comida na boca. Fico totalmente inútil sem você.

– Sei, sei. – Dei risada. – Aposto que sim. Você vai se aproveitar da situação ao máximo, não é mesmo?

Ele se recostou e pôs as mãos atrás da cabeça.

– Você sabe que sim. Com que frequência um cara é servido por uma garota bonita que gosta muito dele e faria quase qualquer coisa para ajudá-lo a se sentir melhor?

– Quase é a palavra-chave aqui. E no que diz respeito à beleza, sua avaliação está prejudicada.

Ele estendeu o braço para pegar minha mão. Quando a estendi, ele foi percorrendo meu braço até chegar à bochecha.

– Você está sempre linda.

– Elogios não vão me impedir de derramar o jantar no seu colo. Tudo bem. Eu dou comida na sua boca, mas não sopa. Você precisa de algo mais nutritivo. Que tal cozido e queijo-quente?

– Parece bom.

Nilima lançou uma piscadela para mim e saiu enquanto eu usava o Fruto para preparar a refeição dele. Entre bocadas de batata, cenoura e carne, ele perguntou:

– Já estamos a caminho?

– Estamos longe da ilha, mas ainda não descobrimos para onde devemos ir.

Ele soltou um gemido e deu um gole do copo que lhe estendi.

– O Sr. Kadam veio aqui conversar com você? – perguntei.

– Veio. Ele me falou sobre a teoria de que vou ser algum tipo de oráculo. Mas não sinto nada de diferente.

– Hum. Até sabermos para onde temos que ir, acho que simplesmente vamos ficar onde estamos.

Pousei a tigela vazia e limpei os lábios dele com um guardanapo.

Ele pegou minha mão, me puxou para o seu colo e me abraçou.

– Eu só queria dizer que *tudo bem*, Kells.

– Tudo bem o quê? – murmurei na camisa dele.

– Está tudo bem conosco. Quer dizer, não estou zangado. Se eu estivesse no lugar de Ren, também ia tentar beijar você. A culpa não é sua.

– Ah. Bom... isso não é exatamente...

– Shh. Não tem problema. Não precisa me dizer. O importante é que... agora você está comigo.

– Mas acho que vamos ter que conversar sobre o que aconteceu alguma hora dessas.

– Nós iremos conversar, mas por enquanto vamos nos concentrar só no Colar de Durga. Vai dar tudo certo. Eu estou sentindo. – Ele sorriu.

– Ei, quem sabe essa coisa de oráculo esteja começando a funcionar para mim?

– Será? – Dei uma risada baixinha. – Bom, combina com você.

– Obrigado.

Ele passou a mão pelas minhas costas e massageou meu ombro.

Suspirei ruidosamente e deixei que ele esfregasse meus ombros um pouco.

– Eu já disse recentemente que você é bom demais para mim?

Ele riu e não falou nada, mas deu um beijo na minha testa e ficou olhando para a parede com seus olhos pretos. Eu me recostei nele e o abracei pela cintura.

Passei o restante do dia com Kishan, cuidando dele. Nós caminhamos pelo deque, eu li para ele e até lhe dei uvas na boca enquanto ele ficava fazendo piada que eu era uma mulher de seu harém, mas não falamos sobre a ilha do dragão verde. Também evitei olhar nos olhos negros dele porque tinha medo de que, se ele olhasse mais de perto, pudesse ver o fundo da minha alma e descobrir que o meu coração o havia traído.

Eu me sentia imensamente culpada por causa do relacionamento que tinha com os dois irmãos. Ren sabia me manipular tão bem que eu era capaz de mandar esses sentimentos para o fundo da consciência, mas Kishan era tão paciente e tão doce que a culpa ia tomando conta do meu coração até ser engolido por ondas tão negras quanto suas órbitas sem visão. Naquela noite, contei a ele as histórias dos oráculos cegos e comecei a chorar baixinho, mas ele apenas me abraçou e enxugou minhas lágrimas até eu cair no sono.

Quando acordei, Ren estava me carregando para o meu quarto.

No começo, eu me aninhei nele, senti quando ele pressionou os lábios contra a minha bochecha e fiquei de bem com o mundo. Então recobrei parte da consciência.

– O que você está fazendo? – sibilei.

– Não há necessidade de dormir no quarto de Kishan. Vou cuidar dele esta noite, e você poderá dormir na sua própria cama.

– Me coloque no chão – sussurrei, irritada. – Você não manda na minha vida. Kishan por acaso é meu namorado, e ele está doente. Se eu quiser ficar no quarto dele, vou ficar.

– Não... vai... não.

Ele me deu um beijo rápido e forte e me largou na cama. Eu comecei a me levantar, mas ele se virou, cruzou os braços e me lançou um olhar que me fez congelar.

– Kelsey... se você sair desta cama, vou ter que tomar uma medida drástica, e você não vai gostar. Por isso, *não me provoque*.

Ele fechou a porta com cuidado atrás de si e eu joguei um travesseiro na direção dela, só para mostrar minha posição. Fiquei lá fervendo de raiva durante uma hora até finalmente conseguir voltar a dormir, dessa vez com um sorriso no rosto ao me imaginar usando o Lenço para balançar Ren na frente do *kraken*. Mas então, no meu sonho, eu me transformei no *kraken* e o envolvi com meus tentáculos, puxei-o para dentro do meu abraço púrpura eterno e fugi com ele para dentro de uma caverna de água turva nas profundezas do

oceano.

Na manhã seguinte, depois que dispersei os efeitos do meu sonho, fui conferir como Kishan estava. Sem fazer barulho, dei uma olhada para dentro do quarto e vi Ren pedindo o café da manhã. Ele entregou o prato para Kishan com um garfo, disse a ele onde cada coisa estava e então se recostou com um livro de poesia. Abri a porta um pouco mais e os dois ergueram os olhos – Kishan virou o rosto na direção do som da porta.

Kishan se sentou ereto e deu tapinhas no lugar ao lado dele na cama.

– Kelsey? Quer me ajudar com o café da manhã?

– Você estava comendo muito bem antes de ela chegar. Ela não é enfermeira, e você não é um inválido – disse Ren, irritado.

Fuzilei-o com os olhos.

– Pare de ser grosso. Se ele quer que eu o ajude, vou ajudar.

– Não. Se ele precisar de ajuda, eu ajudo!

Ren arrancou o prato de comida das mãos de Kishan e começou a enfiar garfadas de ovo na boca do irmão.

– Ei! Ela é muito mais delicada – disse ele, engasgando entre bocadas. – E ela não derrama coisas frias e molhadas no meu colo! – Kishan pegou algo e o amassou entre os dedos. – O que é isto?

Eu dei risada, apesar de estar irritada com Ren.

– É fruta. Parece abacaxi.

– Ah. – Kishan pegou os pedacinhos e os jogou na direção de Ren, que deu um tapa na cabeça do irmão em retaliação. – Você dormiu bem?

Fiz uma careta para Ren antes de responder.

– Dormi. Sonhei que entreguei Ren para o *kraken* comer.

Com um sorriso, Kishan brincou:

– Que bom!

Então Ren enfiou uma garfada gigantesca de fruta na boca de Kishan, que começou a tossir.

– Olhe só o que você fez! – reclamei.

Eu me aproximei de Kishan, sentei-me ao lado dele e alisei seu cabelo desgrenhado. Ele parou de tossir, pegou minha mão e deu um beijo carinhoso nela.

– Esta é a minha garota. Estava com saudade de você, *bilauta*. Dormiu melhor em sua própria cama?

– Bom, na verdade...

– Pronto – resmungou Ren, entregando o prato de volta às mãos de Kishan. – Termine sozinho. Kelsey e eu precisamos conversar sobre uma coisa. Já voltamos.

Ren agarrou minha mão antes que eu pudesse protestar e me puxou pelo corredor até a escada e depois para o convés da tripulação. Então parou e me pegou pelos ombros.

– Kelsey, se não disser a ele que está tudo terminado, eu vou dizer. Estou ficando louco de ver você toda melosa com ele.

– Alagan Dhiren! Você não tem nem um pouco de pena dele? Será que não consegue entender como isso é difícil? Você acha que pode simplesmente estalar os dedos e fazer os últimos meses desaparecerem? Bom, não pode. Sei que essa situação é desagradável. Não é fácil para nenhum de nós. Preciso de tempo para organizar meus sentimentos e decidir o que fazer.

– Como assim, decidir? Você acha que essa situação é a mesma coisa que escolher qual sapato vai calçar? Você não *decide* quem ama, você simplesmente ama.

– E se eu amar vocês dois? Já pensou nessa possibilidade?

Ele cruzou os braços por cima do peito.

– E você *ama*?

– Claro que amo vocês dois.

– Não, não ama. Não é a mesma coisa, *iadala*. – Ele soltou um suspiro infeliz, virou e passou a mão pelo cabelo. – Kelsey, você está me deixando maluco. Eu nunca devia ter escolhido aquele ativador.

– O quê? Que ativador? Do que está falando?

Angustiado, ele afastou os olhos de mim, foi até a mesa de jantar e se sentou. Apoiou os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. Então confessou:

– Durga permitiu que eu escolhesse o ativador, a coisa que em algum momento iria me ajudar a recuperar a memória.

Puxei a cadeira na frente dele e me sentei devagar.

– E o que você fez?

– Eu precisava escolher algo que garantisse a sua segurança. Não podia simplesmente escolher estar com você em casa, por exemplo, nem o encontro com Phet. Quebrei a cabeça para tentar inventar algo, e a imagem de Kishan roubando um beijo seu na praia surgiu na minha mente. Eu sabia que ele iria tentar fazer isso de novo e achei que, se eu estivesse por perto para vê-lo beijando você e se ele se sentisse à vontade fazendo isso, significaria que você estava fora de perigo. Então, o ativador era um beijo. Quem poderia imaginar que ele iria demorar tanto?

Fiquei boquiaberta.

– Você apostou sua memória em ver Kishan me beijar?

– Apostei.

– Espere um minuto. Kishan me beijou antes do navio. Ele me beijou em Shangri-lá. Por que não funcionou naquela ocasião?

– Porque eu ainda estava prisioneiro, e isso era parte da condição. Eu tinha que estar livre e ver vocês dois se beijarem. Espere um minuto... quando foi que ele a beijou em Shangri-lá e por que esta é a primeira vez que ouço falar disso?

Abanei a mão no ar.

– Não importa. O que importa, aliás, é que você é um idiota.

– Obrigado.

– Você é um idiota porque eu fiz Kishan prometer que não ia me beijar. Ele jurou que ia esperar até saber que você e eu não estávamos mais juntos. Passou meses sem me tocar por causa dessa promessa. – O meu queixo caiu. – Você não confiou em mim.

– Eu não confiei *nele*. E exatamente de quantos beijos estamos falando aqui? Porque, se foram parecidos com o que eu vi, vou ter que pedir ao Lenço para costurar os lábios do meu irmão.

– Se quer mesmo saber, ele roubou alguns beijos em Shangri-lá e me beijou na piscina antes de salvarmos você, o que, aliás, me fez chorar, e foi quando eu o obriguei fazer a promessa. Fiquei esperando você. Mesmo quando você voltou e não se lembrou de mim e não conseguia tocar em mim, eu fiquei esperando você. Eu nem me aproximei de Kishan antes de você começar a desfilar com aproveitadoras na minha frente. Fui fiel a você, Ren. Eu o *amava*.

– Você *ainda* me ama.

Resmunguei.

– Por que não escolheu alguma outra coisa como ativador, como chegar em casa a salvo ou voltar a comer os meus biscoitos?

– Eu não fazia ideia de que ele ficaria longe de você. Achei que ia tentar beijá-la na primeira oportunidade que tivesse.

– Ele tentou. Até eu fazer com que promettesse que não iria tentar. Isso é ridículo. Parece que estamos presos a uma peça de Shakespeare. Ele a amava, ela o amava, ele se esqueceu dela e então ela passou a amar o outro rapaz.

– Então, é comédia ou tragédia?

– Não faço ideia.

– Espero que seja comédia. – Ele pegou minhas mãos nas dele. – Eu amo você, Kells, e sei que você me ama. Sinto pena de Kishan, mas não o suficiente para permitir que ele fique com você. Não vou

desistir.

Dei uma olhada em seu lindo rosto.

– Preciso de tempo.

Ele soltou um suspiro infeliz.

– Cada minuto que estamos separados parece uma eternidade. Não posso ficar assistindo a vocês dois juntos, Kelsey. Isso me devora por dentro.

Respirei fundo antes de continuar:

– Certo, vamos fazer um acordo. Você me dá um pouco de espaço, e vou pedir a mesma coisa a Kishan. Isso vai ter que bastar a vocês dois. Temos mais dois dragões e o Sétimo Pagode para superar, e não podemos nos dar ao luxo de contar com mais distrações neste momento.

Ren se recostou e examinou meu rosto por um instante.

– Tudo bem. Vou tolerar Kishan. Desde que ele não toque em você.

– Isso significa que você também não pode tocar em mim.

Ele me olhou feio.

– Certo. – Ele sorriu. – Mas você vai sentir a minha falta.

– Alguma vez eu já disse que a sua arrogância não cabe dentro do próprio peito?

Ele se levantou e foi até o meu lado da mesa, me fez ficar em pé e me tascou um beijo suave, delicioso, de afogar, de deixar os joelhos moles, e então deu um passo para trás.

– Esta é só uma coisinha para você se lembrar de mim.

Ele saiu e eu apoiei a mão na parede para me firmar.

Caramba, este homem é perigoso. Tentei me livrar da minha reação a ele antes de subir, mas meus pensamentos rebeldes não largavam de Ren.

Quando recuperei o controle sobre as pernas, saí à procura de Kishan. Finalmente o encontrei no deque, parado à proa.

– Achei você.

Ele não respondeu.

– Kishan? – Toquei no ombro dele. – Kishan? Como foi que chegou aqui sozinho? Ren trouxe você?

Ele olhava fixamente para a frente, para o mar.

Sacudi o braço dele.

– Kishan? Fale comigo. Você está bem? O que está acontecendo?

Ele virou a cabeça devagar, de um jeito estranho, parecendo um zumbi de filme de terror. Seu rosto estava desprovido de expressão.

Chamas cor de laranja queimavam nos olhos negros.

– Uma tempestade está se aproximando – disse ele, com um tom de voz grave que não era seu. – Eu vou preparar o caminho. Vá. Informe os outros.

Nós dois ficamos olhando para o mar, e vi que o céu tinha ficado cinza. Nuvens negras se aproximavam e ondas batiam contra o iate. Um vento forte soprou na minha pele. Era frio e tinha cheiro de chuva.

– Já volto – avisei a ele. – Não vá a lugar algum.

Ele não reagiu ao meu comentário. Dei meia-volta e corri escada acima.

– Ren! Senhor Kadam!

Irrompi na casa do leme e dei com a cara no peito de Ren.

Ele me pegou pelos ombros.

– O que foi? O que aconteceu?

Tentando tomar fôlego, respondi:

– É Kishan. Ele está no modo de oráculo. Está parado na proa, dizendo que uma tempestade se aproxima. Acho que ele vai nos guiar através dela.

– Tudo bem. Ajude Nilima. Vou lá ver como ele está.

Ren saiu quando o Sr. Kadam veio da sala dos fundos.

– Uma tempestade? É isso?

Eu estava explicando o que tinha acontecido com Kishan quando Ren voltou.

– Kishan não está lá. Ele sumiu. Vou farejá-lo. Fique aqui. Estou falando sério.

– Já entendi. Vá logo encontrá-lo.

O Sr. Kadam mexeu nos controles e começou a apertar botões. Eu caminhei até a janela. Se o mar parecia ameaçador antes, estava pior agora. As nuvens cinzentas tinham ficado negras e se agitavam e se empurravam com violência, como lutadores de sumô gigantesco se debatendo e trovejando. A chuva caía em gotas grossas e batia na janela com o barulho de mil tambores. As ondas jogavam o iate de um lado para outro.

Ren enfiou a cabeça para dentro da casa do leme. Estava totalmente ensopado e fios de água corriam do cabelo dele pelo pescoço e para a camisa encharcada.

– Kishan está em cima da casa do leme – gritou ele para se fazer ouvir por cima da tempestade. – Precisamos amarrá-lo! Ele não responde a mim e não quer se segurar em nada!

– Vou pegar o Lenço! Está no meu quarto! – berrei e me dirigi para

a porta.

Uma onda atingiu o navio e eu escorreguei, caindo em cima de Ren.

– Não. Deixe que eu pego – disse Ren, me empurrando de volta para dentro e desaparecendo em seguida.

Mordi o lábio, preocupada com Kishan. Depois que mais uma onda fez o iate pender para o lado, eu me apressei até a porta e subi a escada para ver como ele estava. O alto da casa do leme estava escorregadio com a água fria da chuva. Kishan continuava em pé, sem se segurar em nada. Deslizei até onde ele estava, segurei-o pela cintura e prendi o outro braço na amurada com toda a força.

Ele não olhou para mim nem reconheceu minha presença. O navio se inclinou de maneira precária para a direita e eu travei os pés na barra de metal usada para amarrar cordas, segurando Kishan. O corpo dele estava rígido e os meus braços gritavam de dor enquanto eu nos mantinha eretos. O iate finalmente se endireitou e pude descansar um segundo.

Foi bem aí que senti o braço de Ren se enlaçar com força ao meu redor e ouvi uma voz muito irritada ao ouvido.

– Achei que tivesse dito a você que não era para sair de onde estava. Por que sempre tem que fazer exatamente o oposto do que eu peço?

– Ele ia cair no mar! – gritei em resposta.

– Antes ele que você!

Enfiei o cotovelo na barriga de Ren, mas ele só resmungou no meu ouvido e, um segundo depois, senti os fios sussurrantes do Lenço Divino envolverem Kishan e prendê-lo à amurada.

– Pronto. Agora, vamos voltar para dentro.

– Não! – A chuva escorria pelo meu nariz e meus braços descobertos tremiam com o frio. – Alguém precisa tomar conta dele! – berrei por cima da chuva torrencial.

– Eu faço isso. Mas deixe-me levá-la de volta primeiro.

– Será que você não pode simplesmente me amarrar à amurada como fez com Kishan?

Dei um espirro ruidoso e lancei-lhe um olhar tímido, ciente de que ia perder a batalha.

Ren ficou me olhando furioso e disse:

– Não tem discussão. Você vai voltar para a casa do leme agora, nem que eu precise carregá-la como um saco em cima do ombro! Venha!

Ele pegou minha mão e nós descemos a escada juntos,

abraçadinhos no trajeto. Depois que entrei na casa do leme, ele fechou a porta, lançou um olhar feio para mim e voltou lá para cima.

A tempestade ganhou força e as ondas encrespadas se transformaram em paredões de água. Agora eu estava preocupada com os meus *dois* tigres. A chuva era violenta. O Sr. Kadam e Nilima estavam ocupados, mas não havia nada que eu pudesse fazer a não ser rezar para que os homens lá em cima ficassem a salvo.

Meia hora depois, Ren apareceu encharcado à porta. Ele me olhou de relance. Satisfeito por eu estar lá quietinha, anunciou:

– Devemos seguir o caminho dos relâmpagos.

Ele saiu e, quase imediatamente, o céu roxo-escuro se iluminou com relâmpagos gêmeos que dispararam do alto e atingiram o oceano à nossa direita. Trovões ribombaram, ecoando pela casa do leme com tanto barulho que tapei os ouvidos. O Sr. Kadam virou o iate para a direita e subimos numa onda enorme. A água do mar bateu contra as janelas e escorreu pelo deque aberto do navio. Nunca ouvi falar de um navio de cruzeiro deste tamanho que tivesse sido afundado por uma tempestade e torci para que isso fosse muito incomum.

Houve mais relâmpagos. Agora os raios estalantes foram um pouco para a esquerda. Nós continuamos a avançar, seguindo o caminho que os relâmpagos nos mostravam. Em intervalos de mais ou menos 15 a 20 minutos, eles ajustavam o trajeto. Parei de olhar pela janela quando iluminaram o mar. As ondas eram tão altas e as nuvens, tão escuras e violentas, que me assustavam. Não temia tanto pela minha própria vida (eu tinha certeza de que o Sr. Kadam sabia o que estava fazendo), mas estava com medo por causa dos homens a céu aberto, encarando a tempestade apavorante que nos rodeava. Como eles deviam se sentir impotentes e vulneráveis, cientes de que um escorregão poderia acabar com a vida deles num instante...

Durante todo aquele longo, escuro e terrível dia e até o começo da noite, permaneci lá sentada, quietinha, sussurrando orações para que Ren e Kishan ficassem em segurança, pedindo que a tempestade se acalmasse, que o sol voltasse a aparecer e que nós sobrevivêssemos àquela provação horrível. Fiquei imaginando como os marinheiros de antigamente deviam ter se sentido em suas pequenas embarcações, lutando contra tormentas como aquelas. Será que aceitavam a ideia de que seu corpo poderia vir a ser enterrado naquela cova aquática? Será que evitavam estabelecer vínculos com outras pessoas por saberem que provavelmente não voltariam a ver seus entes queridos? Ou será que apenas fechavam os olhos e se seguravam, como eu estava fazendo?

O iate começou a se endireitar à medida que a chuva foi abrandando.

– O que está acontecendo? Acabou? – perguntei ao Sr. Kadam.

Ele deu uma olhada pela janela para estudar as nuvens e escutar o vento.

– Temo que não. Estamos no olho da tempestade.

– No olho? Está dizendo que estamos no meio de um tsunami?

– Não. Um tsunami é uma onda marítima grande, em geral resultante de um vulcão submarino. Estamos no olho de um furacão ou de um tufão, dependendo do lugar exato em que estivermos. Furacões ocorrem no Atlântico norte ocidental, mas no Pacífico ocidental ou nos mares da China são chamados de tufões. Aliás, a palavra tufão veio da Grécia. *Tuphōn* representa o pai dos ventos na mitologia grega e...

– Senhor Kadam?

– Pois não, Srta. Kelsey?

– Será que podemos conversar sobre tufões, furacões, tempestades tropicais, tsunamis e ciclones mais tarde?

– Claro que sim.

O navio começou a sacudir ao sairmos do olho e retornarmos para o pior da tempestade. O Sr. Kadam e Nilima ficaram ocupados quando os relâmpagos voltaram a brilhar. Várias horas mais tarde, o movimento do oceano amainou e a chuva foi ficando mais leve, até desaparecer por completo. As nuvens pararam de se agitar e se afastaram, deixando listras finas em seu rastro. Ouvi um barulho bem alto quando a porta deslizou e abriu. Ren estava ali segurando o corpo cambaleante do irmão. Ele entrou e os dois desabaram no chão.

Nilima me ajudou a arrastá-los para dentro da casa do leme e começou a esfregar a cabeça e os braços de Kishan com vigor, com a ajuda de uma toalha. Ela me jogou uma outra, para que eu pudesse secar Ren. Eles tremiam violentamente.

– Não está adiantando nada. Vamos precisar tirar a roupa molhada deles.

– Mas são pesados demais – disse Nilima.

Ren havia enrolado o Lenço no braço. Estava ali, seco, apesar do fato de o restante das suas roupas estarem totalmente ensopadas.

– Nilima, tive uma ideia. Lenço, será que você pode remover as roupas molhadas deles e substituir por secas? De algum tecido quente, como flanela? E não se esqueça de meias quentes e mangas compridas.

O Lenço se torceu no braço de Ren e escorregou para dentro da

manga dele. Os fios de sua camisa começaram a se desfazer, cada vez mais rápido enquanto o Lenço as absorvia. Em poucos segundos, a camisa tinha desaparecido e o Lenço passou para a calça jeans. Nilima deu risadinhas da minha expressão de acanhamento, apoiou o braço no meu ombro e virou nós duas de frente para o mar enquanto o Lenço prosseguia.

Ficamos escutando o sussurro suave dos fios que se moviam durante mais alguns minutos e então demos uma olhada nos pés deles. Ao vê-los envoltos em meias de lã, nós nos voltamos para os irmãos mais uma vez. O Lenço criara camisas de flanela perfeitas, até no detalhe das imitações de botão em tecido. Peguei a mão fria de Ren e tentei esquentá-la na minha. A mão de Kishan parecia gelo. Instruí o Lenço a envolvê-los em cobertores quentes e pedi ao Fruto que fizesse suco quente de maçã, achando que uma bebida quente com um pouco de açúcar lhes faria bem.

Ergui a cabeça de Ren e me posicionei atrás dele para ajudá-lo a beber. Nilima fez o mesmo com Kishan. Kishan estava delirante. Balbuciava coisas sobre profecias e dragões. Ren estava um pouco mais alerta. Ele bebia o suco quente, mas mantinha os olhos fechados. Seu corpo tremia sob o cobertor.

– Tão frio... – sussurrava ele.

– Sinto muito. Não sei mais o que fazer.

Passei a esfregar as mãos nas dele, desejando mentalmente que esquentasse, e algo aconteceu. Os símbolos da minha mão começaram a brilhar e uma camada quente de calor irradiou da palma.

Não houve raio, e o calor não lhe queimou a pele, mas sua mão já não parecia tão gelada. Concentrei minha energia e meus pensamentos em esquentá-lo. Dava para realmente sentir o calor penetrar as camadas da pele dele e ir se aprofundando até seus músculos. Subi pelos seus braços e desci pelas pernas até que parasse de tremer. Abri a camisa dele e pressionei as mãos contra o seu peito, sentindo o calor penetrar camada a camada. Escorreguei as mãos pela barriga musculosa e subi pelo pescoço.

Aquilo que começou como uma maneira de aquecê-lo na verdade se transformou em algo mais. Em algo íntimo. Eu nunca tinha tocado nele daquele jeito, e descobri que o calor refletia de volta no meu corpo e me esquentava também. Corei quando vi que Nilima observava meus esforços com atenção e passei do pescoço para o rosto de Ren, pressionando as mãos contra sua testa. O calor era tão intenso que o cabelo dele começou a soltar vapor à medida que a água foi evaporando. Deslizei as mãos para suas bochechas, fiquei

bem imóvel e fechei os olhos enquanto me concentrava em aquecê-lo. Pisquei e abri os olhos, estupefata, quando senti uma carícia no meu rosto.

Ren tinha aberto os olhos azuis e me observava com expressão de ternura. Ele passou os dedos pelo meu rosto mais uma vez e percorreu uma mecha de cabelo.

– Como está se sentindo? – perguntei.

– Como se tivesse morrido e ido para o paraíso – disse ele com um sorriso torto e gentil. – O que você está fazendo?

– Uma massagem profunda para aquecer o seu corpo. Doeu? Foi quente demais?

Ele ergueu uma sobrancelha e sorriu.

– Doeu de um jeito bom. Para falar a verdade, não iria me incomodar se fosse um pouco *mais quente*.

Arregalei os olhos e tentei enviar uma mensagem não verbal sutil que o fizesse ficar quieto. Confuso, ele deu uma olhada por baixo do meu braço e então se deu conta de que não estávamos sozinhos. Pigarreei e disse:

– Se você estiver se sentindo suficientemente recuperado, preciso cuidar de Kishan agora. Consegue se sentar?

Ele fez que sim com a cabeça. Voltei a aquecer com as mãos o suco que ele não tinha terminado de tomar.

– Beba isto.

Fui até onde Kishan estava. Ele já não se agitava mais em delírios, mas parecia azulado. Sua respiração era superficial e Nilima não tivera sucesso em fazer com que ele bebesse o suco. Nós trocamos de lugar e eu comecei com os braços e as pernas dele. Seu corpo estava frio, mais ainda do que o de Ren estivera. Consegui aquecer as mãos e os braços dele, mas quando cheguei às pernas, estava sem energia. Ren havia observado meu progresso em silêncio, enquanto tomava sua bebida. Ele pousou a caneca e se ajoelhou perto de mim. Então estendeu a mão, acariciou meu ombro, desceu pelo meu braço, pegou minha mão nas dele e a esfregou entre as palmas.

– Tente de novo.

Evoquei o calor e deixei que saísse da palma da minha mão para a coxa de Kishan. Logo voltou a falhar, mas Ren se aproximou, esfregou minhas costas e envolveu meus ombros com as mãos. Um calor dourado desceu pelos meus braços e começou a esquentar não apenas Kishan, mas toda a casa do leme. Nilima arquejou de surpresa atrás de nós. O calor de fato se tornou visível, como se houvesse um sol minúsculo escondido sob a palma da minha mão.

Ouvi o Sr. Kadam prender o fôlego ao dar uma olhada por cima dos nossos ombros.

– Fascinante – murmurou.

Ren continuou perto de mim enquanto eu passava para a outra perna e depois para a parte superior do corpo. Pressionei as palmas das mãos contra a barriga e o peito dele, e depois contra o rosto e as orelhas. O peito dele se moveu para cima e para baixo quando ele respirou fundo e pareceu cair em um sono relaxante. Ren se levantou e pegou o irmão no colo. O Sr. Kadam nos garantiu que estávamos fora de perigo e que ele e Nilima iriam se revezar ficando de vigília. Queria que nós dormíssemos um pouco.

Dei boa-noite e fui atrás dos irmãos. Pusemos Kishan na cama e então Ren me acompanhou até o meu quarto. Estava exausta. Eu me sentia entorpecida e fria, como se todo o calor tivesse sido sugado para fora de mim. Depois que desabei na cama, Ren se aproximou e me acomodou na cama do jeito que eu gostava.

– Obrigado por me aquecer, *iadala* – sussurrou no meu ouvido.

Eu sorri e caí no sono.

O dia seguinte estava claro e ensolarado. Kishan me acordou com entusiasmo. A visão dele tinha voltado; seus olhos dourados de pirata brilhavam mais uma vez. Ele me girou no ar e disse que estava faminto. Então subiu para ficar no lugar do Sr. Kadam e de Nilima. Tomamos o café da manhã juntos na casa do leme, e ele falou como foi estranho sentir que não controlava o próprio corpo. Ele conseguia me ouvir e sentir o meu toque, mas era incapaz de reagir. Aparentemente, os relâmpagos tinham saído dos seus olhos. Ele disse que ainda estavam coçando por causa disso.

Ren apareceu e ficou lançando olhares significativos para mim enquanto Kishan segurava minha mão e beijava minha bochecha ou me abraçava. Eu podia jurar ter ouvido a frase “*tire as mãos dela*” balbuciada bem baixinho quando Ren virou a página de um livro. Kishan não reparou na cara feia dele ou, se reparou, não se incomodou com ela.

Kishan entrelaçou os dedos nos meus e se inclinou para mais perto ao mostrar alguns instrumentos no painel. Nisso, Ren se levantou em um gesto abrupto, entregou o Lenço e o Fruto Dourado para mim e pediu que eu os guardasse em algum lugar. Eu estava prestes a reclamar que o mais inteligente seria deixá-los na casa do leme quando percebi que sua motivação era me afastar de Kishan.

Suspirei, concordei e saí da casa do leme, mas, em vez de ir para um convés inferior, subi. Fui para o topo do iate, onde Ren e Kishan tinham permanecido corajosamente durante a tempestade. Olhando para o mar, não fui capaz de imaginar como teria sido estar na pele deles. Uma brisa suave soprou meu cabelo para trás e eu me apoiei na amurada, torcendo o Fruto Dourado nas mãos enquanto pensava no que diria a Kishan.

Eu o amava. Eu amava os dois. *Kishan iria entender, não é mesmo? Se eu dissesse que precisava de tempo para pensar, ele não iria me odiar para sempre, certo?*

O Fruto Dourado reluzia ao sol, lançando arcos-íris em todas as direções, como um globo espelhado. Segurei-o pelo caule e o girei, pensando no que o Sr. Kadam me dissera uma vez a respeito de diamantes. Ele tinha explicado que cortá-los e poli-los era o que os tornava brilhantes.

– Hum... com tantos cortes no meu coração, ele deve estar tão brilhante quanto você, a esta altura – falei ao girar o Fruto.

Vi um brilho na água lá embaixo, um vislumbre de dourado que foi ficando mais forte. Fiquei olhando, hipnotizada, e arquejei quando uma cabeça dourada grande emergiu e se ergueu na minha direção. Dentes brancos reluzentes brilharam com o sol e uma voz acompanhando o som de moedas tilintando disse na minha mente:

Mas que bugiganga refinada você tem aí, minha querida. Está interessada em uma troca?



O tesouro do dragão dourado

*P*ermita que eu me apresente. Sou Jīnsèlóng, disse a voz. Então, o que traz você e este brinquedinho colorido, brilhante e de valor incalculável ao meu reino?

Eu suspirei e avaliei o dragão enquanto jogava o Fruto de uma mão para outra. O olho reluzente em tom avermelhado fitava o meu movimento. Pingava água de sua cabeça. Mais parecia um dragão aquático. A boca triangular estava fechada, mas os dentes brancos e afiados saíam por cima do lábio inferior. As escamas eram feitas de rígidos discos dourados, que cintilavam na água. Tinham tons variados, de lingotes de ouro a ouro de Buda, passando por dobrão de pirata e moeda de cobre de um centavo. Os tons mais claros percorriam a barriga e os mais escuros ficavam nas costas.

Em vez de ter chifres como seus irmãos, Jīnsèlóng tinha quatro espinhos compridos que saíam da parte de trás da cabeça e uma trilha de espinhos menores que começava no nariz e seguia ao longo das costas. Quando ele abriu a boca, a língua vermelha e comprida rolou para fora e caiu de lado. Estava arfando enquanto me observava brincar com o Fruto e me lembrou um cachorro ansioso esperando ganhar um petisco.

– Na verdade, não estamos interessados em trocar o Fruto – declarei.

Ah. Mas que decepção.

A língua rolou para dentro da boca antes de o dragão dourado fechar a mandíbula e começar a deslizar de volta para dentro da água.

– Espere! – berrei, desesperada. – Quem sabe você não está interessado em outro tipo de troca?

O dragão parou e virou a cabeça para olhar para mim.

O que você tem em mente?

– Estamos à procura de informações. Buscamos o Colar de Durga.

Entendi. E... o que poderiam me dar em troca dessa informação? Precisa ser algo de valor incalculável. Nem o seu Fruto valeria tanto assim.

– Tenho certeza de que vamos encontrar algo – afirmei.

Muito bem. Vamos negociar. Mas no meu território.

– Onde exatamente fica o seu território?

Meu palácio fica sob as ondas.

– Como chegamos lá?

Mergulhe do seu navio com um pedaço de ouro na mão.

– Qual é a profundidade? Como vamos respirar?

A profundidade não vai afetá-los, desde que permaneçam no meu domínio. Respirar também não será problema no meu palácio submerso. Mas precisam segurar o ouro firme na mão até chegar lá. Será que podemos nos encontrar em, digamos... uma hora?

– Tudo bem. Vejo você lá.

O dragão deslizou por baixo das ondas e desapareceu.

– Que maravilha. Tenho um encontro marcado com um dragão – resmunguei, e saí para chamar os outros.

Cheguei à casa do leme e abri a porta de supetão.

Kishan e Ren pararam de discutir alguma coisa de maneira abrupta. Revirei os olhos e disse:

– Fala sério! Este não é o momento. Nós temos um encontro com Jinsêlóng em menos de uma hora. Senhor Kadam? Está aqui?

– Só um momento.

Ele saiu dos fundos da sala, vestido com um chambre e secando o cabelo com uma toalha.

– Peço desculpas por interromper o seu banho. Precisamos de três pedaços de ouro e de algo realmente valioso para negociar. Desconfio que precisa ser muito brilhante.

– É o dragão dourado?

– É, sim. Tivemos uma conversa bem interessante a menos de seis metros destes dois. – Apontei com o polegar por cima do ombro. – Grande audição de tigre... – falei, debochando.

Kishan pareceu acanhado, mas Ren estava se preparando para brigar.

– E onde você estava? No convés inferior, onde deveria estar?

– Não. Eu estava no alto da casa do leme, se quer mesmo saber. E antes que me dê um sermão sobre segurança, saiba que eu sou capaz de me proteger.

Ren rosnou de frustração, mas eu me virei para o Sr. Kadam e o ignorei de propósito.

– Então, o senhor tem ouro?

– Tenho. Vou me vestir e nós iremos até o cofre.

Uma hora mais tarde, Kishan, Ren e eu estávamos na abertura da garagem molhada. Kishan segurava uma caneta de ouro; Ren, uma faca para abrir cartas; e eu, um broche de ouro que pertencia a Nilima. Ren tinha trazido seu tridente; Kishan, o *chakram* e o *kamandal*; e eu levei Fanindra. O Fruto e o Lenço foram colocados numa bolsa de mergulho, junto com pedras preciosas, as joias mais caras de Nilima e uma estátua de ouro de Durga.

Eu não estava muito confiante de que o dragão iria aceitar essas coisas, já que dissera que nem o Fruto Dourado seria suficiente. Fiquei com receio de ele querer Fanindra ou o *chakram*, e o Sr. Kadam insistiu para que também escondêssemos todos os presentes de Durga na bolsa. Eu quis ficar com Fanindra, e Ren jogou a bolsa por cima do ombro.

Logo antes de saltarmos na água, Nilima veio correndo com o colar de flores de lótus de Durga. Ela o colocou no meu pescoço e disse que tinha sonhado que eu ia precisar dele. Dei um abraço nela e outro no Sr. Kadam.

– Se isso não der certo, nós voltamos em um segundo... encharcados, mas a salvo – falei.

O Sr. Kadam deu tapinhas carinhos nas minhas costas e me pediu que tomasse cuidado. Ele me lembrou de que os dragões dourados são gananciosos, que fazem de tudo para proteger seus tesouros e que são conhecidos por serem ardilosos e traiçoeiros. Também me aconselhou a não pegar nada, nem sequer uma pedrinha, da toca do dragão.

Assenti com a cabeça e avisei aos irmãos que não soltassem seus objetos de ouro, ou ficariam sem oxigênio. Kishan sorriu e entrou na água.

Eu me virei para Ren.

– Está pronto?

Ele sorriu.

– Robert Browning disse: “Há dois momentos na vida de um mergulhador. Um, quando mendigo, ele se prepara para mergulhar;

depois, quando príncipe, vem à tona com seu prêmio.” – Ele passou o dedo de leve pelo meu queixo. – Estou mais do que pronto, *hridaya patni*. E tenho a intenção de voltar com o meu prêmio.

Eu tremi quando ele se virou e entrou na água com Kishan. *Como ele é capaz de causar um curto-circuito só com um leve toque? Aliás, só a voz dele seria capaz de fazer isso.* Esfreguei meu queixo, que formigava, fechei o punho com o broche e pulei na água.

Minha cabeça saiu à superfície. Tomei um grande fôlego e mergulhei. Batendo os pés com força, procurei freneticamente por um sinal de Ren ou Kishan. Eles tinham sumido. Bem quando eu estava pronta para dar meia-volta e subir à superfície para tomar outro fôlego, a minha mão que segurava o broche disparou para a frente e o objeto de ouro quase me escapou. Com a mão apertada ao redor dele, meu corpo foi arrastado embaixo d’água como se fosse puxado por uma corda de esqui.

Prendi a respiração, apesar de meus pulmões estarem explodindo. Fechei bem os olhos ao ser levada em altíssima velocidade para as profundezas negras do oceano. Os olhos de Fanindra começaram a brilhar e, com a luz dela, percebi um vislumbre branco à minha frente. Ren estava usando uma camisa branca. Minha visão escurecia. Eu sabia que, se desmaiasse, iria soltar o broche e morrer ali. Não havia como eu conseguir chegar à superfície. Era fundo demais onde eu estava. As últimas bolhas de ar se ergueram acima de mim. Uma delas cresceu e tocou minha boca e meu nariz; então ela se expandiu e envolveu o meu rosto como uma máscara.

Pisquei várias vezes e arquejei. Ar frio correu para dentro dos meus pulmões e eu respirei fundo, arfando enquanto tentava não hiperventilar.

Comecei a relaxar e, agora que era capaz de enxergar, examinei o que me cercava. O elástico que segurava meu cabelo se soltou e os cachos compridos se estenderam atrás de mim na água. Eu devia estar parecendo uma sereia.

Continuamos indo cada vez mais fundo. Fanindra permaneceu inanimada, exceto pelos olhos brilhantes. Peixes coloridos saíam nadando rápido quando eu passava. Vi um tubarão se alimentando de algo grande no fundo do mar. Estremeci e mandei um agradecimento mental ao Universo por ele estar ocupado demais para prestar atenção em mim.

Eu era puxada em ritmo veloz cerca de três metros acima do fundo do oceano e via caranguejos correndo enquanto passava. Anêmonas se moviam com a corrente e uma lagosta gigante percorria devagar

uma protuberância de pedra. Uma arraia sacudiu a areia das costas e nadou para longe, depois de perturbarmos o esconderijo dela com nossa presença. Uma luz fraca adiante foi ficando mais forte. Engoli em seco, maravilhada, quando passamos por um leito de ostras, nos erguemos sobre uma floresta de algas e nos dirigimos para um castelo submerso feito de ouro reluzente.

Ele brilhava com uma luz incandescente: o mar se iluminava em um grande perímetro ao seu redor. O terreno do lado de fora tinha sido tratado com cuidado, de forma a parecer um jardim. Corais gigantescos e anêmonas tinham o tamanho de árvores, e peixes coloridos e plantas oceânicas enchiam a área. Disparei na direção dos portões de entrada, que se abriram automaticamente, e entrei pelo pátio. O broche fez com que eu diminuísse a velocidade quando me aproximei da porta da frente, que estava aberta. Luzes brilhavam lá dentro e eu vi Ren do outro lado da porta, à minha procura.

Fiquei pairando na água por um instante até que ele me viu e estendeu a mão através de uma barreira invisível. Então agarrou a minha e me puxou devagar, cruzando a barreira. Ele me enlaçou pela cintura até meus pés encontrarem o chão. Sorriu quando toquei no seu braço.

– Você está... *seco*! – exclamei. Peguei minha camisa e puxei um cacho de cabelo por cima do ombro. – *Eu* estou seca!

– Está mesmo. Venha. Estão à nossa espera. Kishan está com o dragão agora. Precisamos esconder Fanindra. Você vai ver por quê.

Bem rápido, ele criou um suéter com o Lenço e eu o vesti. A manga era larga o suficiente para cobrir Fanindra. Satisfeito, Ren me guiou para dentro do opulento castelo. As paredes eram pintadas em tons metálicos que descreviam cenas de navios afundados e tesouros de piratas. Mais para a frente, havia um retrato de cidades ricas que tinham sido engolidas pelo mar.

Havia estátuas reluzentes em todos os cantos, feitas de mármore, ônix e jade. Pedestais exibiam vasos gregos pintados à mão. Baús cheios de prata, ouro e pedras preciosas transbordavam e seu conteúdo caía por cima de grossos tapetes persas empilhados. Uma parede estava enfeitada com centenas de máscaras encravadas de pedras preciosas e obras de arte belíssimas, provavelmente de todos os países do mundo.

Ren teve que me puxar para segui-lo, porque eu parava a cada minuto para admirar um tesouro após o outro. Entramos numa sala espaçosa e confortável e encontramos o dragão dourado em sua forma humana, sentado na frente de Kishan, dando risada.

– Ganhei – disse o dragão. Kishan franziu a testa. – É muito difícil me vencer, sabe. Não leve para o lado pessoal.

– O que você perdeu? – perguntou Ren.

– Os brincos de Nilima.

– O que está acontecendo? – indaguei, confusa.

– Ah, você chegou – disse Jīnsèlóng. – Demorou bastante, minha cara. Agora, se não se importa de me entregar o Fruto...

– Não se mova – Ren me acautelou. – Ele é um demônio ardiloso e pretende ficar com tudo o que conseguir.

O dragão franziu a testa.

– Estraga-prazeres. Muito bem. Apenas me dê o broche e vamos ficar quites.

Ren ergueu a mão.

– Você não vai receber nada. Se gostou do broche, vamos negociá-lo. – Ren prosseguiu, ponderando: – Talvez, se fornecer um lanche para a moça, eu permita que você dê uma olhada nele. É bastante valioso.

– Bah – respondeu Jīnsèlóng, olhando-me de canto de olho e soltando uma risada ruidosa. – Muito bem, vou providenciar um lanche. Tenho a sensação de que você vai ser muito bom nisso.

Ele agitou o dedo na direção de Ren enquanto sorria.

– E serei mesmo. Fui bem-treinado em negociações comerciais para o reino do meu pai.

– Ah, mas garanto que nunca lidou com alguém como eu. – O dragão bateu palmas e uma bandeja de petiscos estranhos apareceu à nossa frente. – Por favor, sentem-se e deleitem-se com as dádivas do mar. Estão vendo como sou generoso?

Eu me sentei numa cadeira dourada linda, forrada com grossas almofadas.

– É mesmo, você é um anfitrião exemplar – balbuciei ao pegar uma tacinha e cheirá-la antes de experimentar. Tinha gosto de suco de ameixa e de amora misturados. Dei uma mordida num petisco e descobri que era salgado e crocante. – O que é isto? – perguntei.

– Peixe-espada crocante em biscoito de alga glaceado com manteiga de estrela-do-mar dourada. A bebida é extraída das flores de ervas marinhas.

– Hum. – Limpei as migalhas que tinham sobrado nos meus dedos, engoli com dificuldade e então pousei a bebida. – Delicioso – falei com um sorriso forçado.

Kishan pegou um biscoito de alga e o mastigou enquanto observava o homem à nossa frente. A forma humana deste dragão era mais

diminuta que a dos irmãos. Seu cabelo batia no ombro e era grisalho, e o topo da cabeça era calvo. Um nariz batatudo se acomodava por cima de um lábio tão fino que poderia muito bem nem existir, ao passo que o lábio inferior grosso se projetava um pouco. Olhos castanho-avermelhados brilhavam com astúcia quando ele se inclinou para a frente e esfregou as mãos em um gesto de ganância. Lembrava o diretor de uma escola em que eu teria estudado, e fiquei imaginando se a aparência dele não teria sido calculada de propósito para nos deixar mais à vontade no processo de negociação.

O dragão interrompeu meus pensamentos.

– Então, podemos começar? – quis saber, impaciente.

Ren assentiu, abriu a bolsa e então pensou melhor.

– Talvez o primeiro item a ser considerado seja o broche na mão de Kelsey. – Ele se virou para mim. – Posso?

Larguei o broche na mão estendida de Ren e vi o dragão lançar um olhar faminto para ele. O que aconteceu nas horas seguintes me surpreendeu. O dragão começou com uma oferta surpreendente: informação sobre o dragão branco em troca de tudo o que havia na nossa bolsa, sem nem olhar. Eu teria aceitado na hora, mas Ren se recostou, juntou as mãos como se estivesse considerando a oferta com muita seriedade e então declinou com toda a educação. Um momento depois, eu me lembrei de que o Fruto e o Lenço estavam na bolsa e que os irmãos provavelmente tinham colocado o *chakram* e o tridente lá também, por isso, fiquei contente com a recusa.

Ren fez uma contraoferta tão baixa que o dragão deu risada: meu broche em troca da informação. Depois disso, os dois ficaram muito sérios. Era como assistir a um jogo de xadrez mental. Cada homem considerava várias jogadas futuras enquanto eu tinha dificuldade de entender o que eles estavam tentando obter no momento. Em questão de minutos, o dragão ficou com o broche, um rubi grande da nossa bolsa, um bufê de Shangri-lá e um conjunto de roupas de fada; e nós recebemos a garantia de retorno seguro à superfície, apesar de ele não nos dizer como, um baú de moedas, uma estátua de jade da China de valor inestimável e um colar de diamantes.

Depois de mais uma hora, eu já não tinha certeza se Ren estava fazendo algum progresso. Naquele momento Jīnsèlóng parecia interessado demais na nossa bolsa, achando que ela poderia criar qualquer tesouro que mencionássemos. Ele ainda não tinha notado que ela só criava comida e peças de tecido. Ren e o dragão tinham uma maneira curiosa de lidar um com o outro.

No início, achei que estivesse entendendo o estilo de Ren. Ele

escolhia um item para negociar, exaltava as virtudes do objeto e compartilhava sua história e seu valor enquanto Jinsèlóng o escutava com sagacidade. Então agia como se lhe fosse impossível se separar do bem, no final das contas. Com relutância, ele voltava a oferecê-lo, mas apenas em troca de 20 itens similares pertencentes ao dragão. O dragão recusava e fazia uma contraoferta, e então Ren incluía, de maneira sorrateira, mais alguma coisa, como o paradeiro do dragão branco e outros itens.

O dragão dava risada e eliminava todos os itens, menos duas ou três coisas que Ren tinha pedido, e Ren mais uma vez balançava o item na frente dele e dizia como era precioso para sua família. A cobiça do dragão por novos objetos funcionava a nosso favor, e logo tínhamos uma pilha de tesouros valiosos. Eles faziam várias ofertas e contraofertas dessa maneira até que um deles dizia “Aceito”. Então o outro podia propor uma nova oferta ou também dizer “Aceito”. Quando os dois diziam “Aceito”, o negócio estava fechado e o dragão batia palmas, fazendo com que os objetos mudassem de lugar. O que ele ganhava desaparecia dentro dos domínios dele e o que nós ganhávamos se empilhava no chão atrás de nós.

Durante um intervalo, eu estava admirando uma espada espanhola quando perguntei a Jinsèlóng de onde tinha vindo todo o seu tesouro. Ele deu um gole em sua taça incrustada com pedras preciosas, sorriu e me ofereceu o braço.

– Gostaria de conhecer o meu castelo?

Dei uma olhada por cima do ombro dele e Ren e Kishan sacudiram a cabeça negativamente.

Revirei os olhos para a atitude superprotetora deles.

– Sim, eu adoraria – respondi. – Desde que você não tente me enganar para arrancar informações de mim.

Ele soltou fumaça cinzenta na mão e a estendeu para fechar o acordo.

– Palavra de dragão.

Ren se levantou e os dois travaram uma dança verbal complicada para garantir meu retorno a salvo, com a promessa do dragão de que ele não iria me sondar em busca de informação. Os dois entraram num acordo, e Jinsèlóng colocou minha mão na dobra do braço dele, levando-me para um passeio.

Perguntei de novo sobre sua riqueza. Ele respondeu:

– Todos os tesouros do mar pertencem a mim.

– Então, tudo isso veio de tesouros afundados de navios perdidos?

– Em sua maior parte. Em outros séculos, um capitão de carga

sábio lançava uma quinquilharia para mim, para aplacar meu apetite. Quando esquecia, eu tinha que fazer algo a respeito. É uma troca justa, afinal: a passagem segura em troca de um pequeno presente. Não é muito a se pedir, não é mesmo?

– E se eles se recusassem ou esquecessem, o que exatamente você fazia?

– Ah, poupe-me deste olhar acusatório estampado no seu rosto. Eu não sou um *monstro*.

Cruzei os braços sobre o peito e ergui a sobrancelha.

Ele jogou as mãos para o alto, num gesto de desagrado.

– Tudo bem. Eu atacava o navio deles até se lembrarem, ou deixava que as tempestades os levassem. – Ele esticou um dedo no ar. – Recebo meu pagamento independentemente de qualquer coisa. É a lei do mar. – O dragão caminhou até uma estátua de mármore de Afrodite e acariciou o braço dela. – Olá, minha linda – disse, e logo pigarreou, como se estivesse acanhado por ter sido pego conversando com uma versão muito... *voluptuosa* da deusa do amor, e depois se voltou para mim. – Antigamente, coisas belas assim eram carregadas a bordo de navios. Agora eu poderia afundar uma frota inteira e não conseguir nada mais do que um pouco de sucata.

Toquei no dedo delicado de Afrodite.

– É verdade. Esse tipo de coisa hoje atravessa os mares pelo ar, se é que alguém desloca um objeto assim. O mais provável é que sejam guardados em museus.

– Hum. De vez em quando consigo pegar um avião, mas apenas quando há muita umidade nas nuvens – murmurou ele.

– Pegar um avião? Está dizendo que faz aviões caírem *de propósito*?

Ele franziu a testa.

– Não tantos quanto antes. Exige um esforço muito grande, sabe? E a recompensa é bem pequena. Além do mais, as Bermudas ficam bem longe de casa.

– Bermudas? Está falando do Triângulo das Bermudas?

– Não faço ideia de que triângulo você está falando. Dragões como eu não perdem tempo com geometria, a menos que seja usada na arte.

Eu o cutuquei no braço várias vezes, para enfatizar cada palavra.

– Você é um dragão terrível. A única coisa que faz é causar problemas. Qual é a razão da sua existência?

– Quer saber qual é a razão da minha existência? Venha comigo. Vou lhe mostrar.

Ele me conduziu por mais um corredor opulento, com paredes

entalhadas retratando os grandes escultores do mundo trabalhando. Eram lindas, e eu me peguei amolecendo com a visão. Com certeza alguém que se importa com os tesouros mais inestimáveis do mundo não pode ser *totalmente* mau.

Paramos na frente de portas pesadas de madeira confeccionadas de modo rebuscado e lustradas até ficarem bem brilhantes. Ele bateu palmas e as portas se abriram. Entramos em um galpão cheio das coisas mais maravilhosas que eu já tinha visto. Pinturas com séculos de idade pareciam novas, como se tivessem acabado de ser concluídas. As estátuas eram reluzentes e perfeitas. Candelabros de diamante pendiam do teto, lançando vários arco-íris por todo o salão conforme a luz refletia nas pedras do tamanho de bolas de futebol. Tapeçarias antigas estavam penduradas nas paredes como se tivessem acabado de ser tecidas.

Ele me deixou tocar em tudo, contente com meu interesse pela sua coleção. Encontrei uma réplica de ouro do *Titanic*, um cavalo de bronze em tamanho natural, uma tiara de rainha incrustada de diamantes e esmeraldas e uma pérola branca perfeita, que repousava em cima de uma almofada de veludo vermelho.

Cada passo me fazia perder o fôlego enquanto eu absorvia o esplendor do salão de tesouros. Ergui a mão para tocar na cabeça de um tigre de jade e sorri.

– Isso aqui é fantástico. – Eu me virei para olhar para o dragão, encantada. Ele parecia presunçoso. – Ainda assim... não justifica matar pessoas – observei.

– E o fato de conservar tudo isso não compensa? Quantas destas coisas permanecem na superfície... estragadas e sem cuidados?

– Um número grande demais – reconheci.

– Está vendo? Eu preservo as contribuições mais preciosas da humanidade.

– Mas ninguém as vê, além de você.

Ele não respondeu, soprou um pouco de fumaça pelas narinas e fez uma curva de maneira abrupta, na expectativa de que eu o seguisse.

Eu o segui, e as portas se fecharam e se trancaram logo atrás de mim. Apesar de ser baixinho, ele saiu andando bem rápido.

– Eu sei... eu sei... – disse através de dentes cerrados. – Yínbáilóng passou anos atrás de mim para que eu parasse de afundar navios e derrubar aviões.

– Yínbáilóng?

– Sim, o dragão branco. Ele é o mais velho e tem opiniões sobre tudo, inclusive sobre afogar seres humanos.

– Talvez você devesse escutá-lo.

– Talvez. Mas, nesse caso, o que eu faria? Até parece que recebo muitos visitantes aqui. E não quero ficar dormindo o tempo todo como Qīnglóng ou enlouquecer como Lùsèlóng. Ele só pensa em caçar.

– Talvez você pudesse ajudar as pessoas. Deixar uma moeda sob o travesseiro delas, igual à fada dos dentes.

– Está falando sério? Talvez você não tenha recebido oxigênio suficiente no trajeto até aqui embaixo. Você é curiosíssima, minha cara. Abrir mão do meu tesouro? Rá! A última coisa que faria na vida seria renunciar à minha riqueza. Venha. Deixamos aqueles irmãos espertinhos sozinhos por muito tempo. Provavelmente estão tramando novas maneiras de roubar mais itens da minha fortuna.

– Bom, não é nada que você não mereça.

– Argh!

Ele me conduziu de volta ao salão, aparentemente um pouco perturbado pela nossa conversa. A partir de então, durante a negociação, quando ele ficava muito ganancioso, eu erguia uma sobrançelha e ele ficava atrapalhado o suficiente para fazer um mau negócio.

Eu ia inserindo, como quem não quer nada, itens extras na lista de desejos de Ren, como não afundar mais navios no próximo século ou não ir mais às Bermudas. Ren os adicionava sem me questionar.

De vez em quando, Kishan se inclinava para sussurrar algo a Ren também, e entre nós três, e conseguíamos avançar um pouco. Jīnsèlóng fazia careta o tempo todo e, depois de uma perda bem ruim, ele começou a chorar. Derramou lágrimas de crocodilo e falou sobre todas as pessoas que havia afogado. Parecia estar arrependido de verdade, e eu fiquei com muita pena dele.

O dragão perguntou se eu tinha um lençinho, então remexi na bolsa até tirar de lá o Lenço e pedir um a ele. Ele tremeluziu e se transformou em um lindo lenço de bolso com monograma. Bordadas no tecido estavam as letras:

ARD

Fitei o tecido por um instante, confusa, então percebi. Alagan Dhiren Rajaram. Fiquei vermelha e disse ao Lenço que parasse com aquilo.

– Prontinho – falei para o dragão e lhe entreguei o lenço no exato

momento em que a mão de Ren disparava na direção da minha.

O dragão o arrancou de mim e o apertou contra o rosto úmido. Ren suspirou e deixou a mão cair, e demorei mais alguns segundos para perceber que o que eu acreditava serem soluços profundos de Jinsèlóng eram, na verdade, ruidosas gargalhadas.

Enquanto ele enxugava as lágrimas do rosto sorridente, cruzei os braços e acusei:

– Você me enganou.

Ele apontou com o dedo e o agitou todo feliz para Ren.

– E é por isso que nunca se permitem mulheres na câmara de negociações. O seu pano mágico é meu! – provocou ele, todo contente.

Ren deu um sorriso maldoso.

– Você nem sabe o que tem nas mãos. O pano é amaldiçoado, sabia? Na verdade, estou feliz por ter ficado com ele. A maldição só pode ser transferida se outra pessoa o aceita de bom grado, e você fez exatamente o que queríamos.

– Você está blefando – disse o dragão com uma risada e olhou para Kishan.

Kishan sacudiu a cabeça, como se estivesse com pena.

– Bem que eu gostaria, dragão – completou Kishan. – Além do mais, é uma maldição terrível. Enfraquece o homem a ponto de matá-lo, mas talvez não o afete da mesma maneira.

– O que... o que quer dizer? – perguntou o dragão.

– Faz você se apaixonar. Por ela.

Ren apontou para mim com a cabeça enquanto meu rosto expressava meu choque.

O dragão, desconfiado por natureza, estreitou os olhos e me espiou, como se estivesse tentando apreender a verdade na minha expressão.

– Ela já tentou exercer seu poder de sedução sobre você, não é mesmo? – sugeriu Ren.

O dragão gaguejou:

– Bom, *não*. Não... *exatamente*.

Kishan ergueu a voz:

– Ela o fez se sentir culpado? Fez você ter vontade de melhorar? É parte do poder dela. Antes que se dê conta, já se perdeu para ela. Já não é mais o mesmo dragão que costumava ser.

– Ei, esperem um minutinho! – ameacei.

– Está vendo? – interrompeu Ren. – Ela não quer ser desmascarada. Acredite em mim: se ficar com esse Lenço, logo estará caidinho por ela. A garota vai convencê-lo a abrir mão de tudo que lhe é mais

precioso.

– Ela não faria isso.

– É o que ela faz – disse Kishan. – Ah, na hora você nem vai reparar, e até vai agradecê-la. Ela vai persuadi-lo a achar que a ideia foi *sua* e vai fazer com que você coma na mão dela bem rapidinho. Espere só para ver. Está sentindo agora? Já está corroendo você, não está? Alimentando-se das suas entranhas?

Ren deu uma cotovelada em Kishan e comentou:

– Ela já deve ter cravado as garras nele. Está vendo? Já está se contorcendo sob o olhar dela. Está fazendo maus negócios desde que voltou para cá. Não devia ter ficado sozinho com ela.

Kishan respondeu:

– É, você tem razão. Mas é um erro clássico. Qualquer um poderia cometê-lo, até mesmo um dragão. – Ele suspirou. – Bom, ela esgotou todos os nossos recursos, então acho que vai ficar bem feliz de passar para a próxima vítima.

O dragão engoliu em seco e disparou um olhar na minha direção, então deu uma risada trêmula.

– Vocês três me enganaram... me enganaram por um minuto, mas eu não acredito em vocês. Estão inventando essa coisa toda.

– Será que estamos? – disse Kishan e se inclinou para a frente. – Posso dizer neste momento que nunca amei alguém com tanta força quanto a amo. Eu faria qualquer coisa para protegê-la e mantê-la ao meu lado. Teria vontade de matar *qualquer* um que a tirasse de mim.

Bufei diante da alfinetada óbvia em Ren. *Essa foi sutil, Kishan. Muito sutil.*

Kishan fez uma pausa para examinar minha expressão, mas só por um segundo.

– Mas eu iria ficar na minha se tivesse certeza de que é *você* quem ela realmente quer – disse ele.

Isso tirou o sorriso do meu rosto. *Será que ele falou sério?* Entrelacei os dedos e os torci, tensa e nervosa depois da declaração de Kishan. Eu sabia que ele me amava, mas acho que nunca tinha considerado que era tão intenso quanto Ren em relação a isso. *Será que vou mesmo conseguir descartá-lo com frieza, como Ren quer que eu faça? Não. Não posso magoá-lo dessa maneira. Ele é bom para mim, é um bom homem e eu o amo, de verdade.*

Phet disse que os dois eram travesseiros em um mundo de pedras. *Eu poderia encontrar um lugar para pousar a cabeça de um jeito ou de outro.* Kishan se virou para mim e piscou. Dei um sorriso amarelo em resposta e mordi o lábio inferior. *Claro que havia outra possibilidade.*

Talvez Kishan houvesse exagerado seus sentimentos por causa do dragão. Mas seus olhos dourados encontraram os meus, e eu soube que não tinha sido exagero. Ele realmente me amava daquele jeito, e realmente abria mão de mim.

O dragão começou a suar ao reconhecer a verdade nas palavras de Kishan.

Ren estava sentado com o corpo inclinado para a frente, esfregando as mãos lentamente enquanto escutava Kishan falar. Ele olhou o irmão de relance e então se recostou e virou a cabeça para olhar nos meus olhos. Em seguida sorriu e falou em tom baixo. Sua voz saiu tão suave que ele parecia estar falando apenas comigo. Todos se inclinaram para escutá-lo, inclusive eu.

– Acho que não consigo ser tão generoso assim. Sabe, eu a amo desde o momento em que coloquei os olhos nela. Fui torturado a ponto de morrer em nome dela. Eu viajaria o mundo todo para vê-la sorrir, para fazer com que fosse feliz. Quando ela se tornar sua, dragão, e tramar os fios do Lenço em volta do seu coração, provavelmente irei murchar e morrer, porque estou tão preso a ela quanto a trepadeira que se agarra a uma árvore em busca de sustento. Essa mulher me amarrou a ela por toda a eternidade. Ela é o meu lar. É a minha razão de ser. Vencer e ficar com o coração dela é minha *única* motivação.

Senti falta de ar quando as palavras dele cessaram. O salão ficou imóvel, sagrado como uma igreja. Era como se Ren tivesse acabado de fazer um juramento. Ele não conseguia afastar os olhos, e eu também não. Nem questioneei sua sinceridade. Eu sabia que falava sério. Se havia algo que ele tinha deixado de fora, era que o objeto de sua devoção não era digno dele... que ser dona de algo tão precioso quanto seu coração quase a tinha destruído... que temia que, se ele a deixasse novamente, ela não fosse sobreviver.

Sentada ali, olhando nos olhos de Ren, tive uma epifania. O dragão verde havia me forçado a voltar a abrir meu coração a Ren, a reconhecer a profundidade dos meus sentimentos e, naquele momento, de repente percebi que eu era a pessoa mais egoísta do mundo. Eu era covarde. Estava repetindo meu padrão: minha necessidade de fugir de traumas emocionais. Manter Kishan perto de mim significava que eu não precisava arriscar nada. Ele era o meu escudo.

Ele me protegeu da montanha-russa que era meu relacionamento com Ren. Eu amava Kishan e acreditava que poderia ser feliz com ele, mas também tinha que reconhecer que não era exatamente a mesma

coisa. O amor de Ren era um fogo ardente, abrasador, e o de Kishan era mais... um aquecedor de ambientes. Confortável, firme, confiável. Ambos me mantinham aquecida, mas um era capaz de me consumir. De me transformar em cinzas. Se Kishan me largasse, eu iria chorar, sofrer, mas seguiria em frente, mais triste porém mais sábia.

Amar Ren era como amar uma bomba atômica. Quando ele explodia – e era só questão de tempo até voltar a explodir – destruía tudo ao redor em um raio de 10 quilômetros. Claro que eu sempre dava um jeito de estar bem no meio do alvo. Estilhaços de bomba tinham dilacerado o meu coração. Duas vezes. Kishan tentou juntar os pedaços, mas havia lacunas.

Ah, meu coração tinha tentado me enganar. Ele batia pesado, aquecido pelas palavras de Ren, por suas promessas, mas não faria diferença no final. Algo ou alguém iria tirar Ren de mim, ou ele iria se sacrificar mais uma vez com nobreza, e eu ficaria encalhada no mesmo lugar em que estava agora, só que Kishan já teria desistido de mim a essa altura. Eu ficaria total e desesperadamente sozinha. Do mesmo modo que acontecera com Li antes, eu precisava escolher. Precisava escolher entre o amor devastador de Ren, que me deixava tão ávida que às vezes eu me esquecia de respirar, e o brilho constante, a bondade infinita e o conforto que Kishan me oferecia.

Depois de um longo minuto de silêncio, Ren encheu o pulmão de ar. Seu peito subia e descia, como se ele tivesse esquecido o que era respirar. Eu reagi da mesma maneira, e o salão foi voltando a entrar em foco. Empurrei os meus pensamentos para longe e tentei me concentrar na tarefa em questão enquanto Ren voltava a atenção a Jinsèlóng.

– Duvida da verdade das nossas palavras agora, dragão?

O pescoço de Jinsèlóng tinha ficado roxo, como se ele estivesse sufocando só de pensar naquilo. Não me contive e dei risada. O dragão se virou para mim e estendeu o Lenço.

– Pegue de volta! Não vou perder o meu tesouro para você, sua, sua... sereia!

Ren ergueu a mão.

– Alto lá, Jinsèlóng. Acha que somos amadores? Nós não vamos aceitá-lo de volta. Você o conquistou de maneira justa e inequívoca.

– Aceitem! Por favor! Eu lhes dou mais joias, mais ouro.

Ren passou a mão pelo queixo e refletiu sobre a questão.

– Não. Isso não basta. É um fardo e tanto estar atrelado a ela. Você só está sentindo os sintomas iniciais. Acredite... para que nós aceitássemos o Lenço de volta, seria necessário uma boa soma.

– Qualquer coisa. Vocês podem pedir qualquer coisa. – Ele se inclinou para a frente e sussurrou bem alto: – Ela iria fazer com que eu entregasse todo o meu tesouro a... humanos. Iria me transformar em uma – ele bateu as mãos no ar – *fadinha* que deixa moedas embaixo de travesseiros. Isso não é vida para um dragão! Não! Não vou fazer isso! Vocês precisam aceitá-lo de volta. Eu *imploro*! – suplicou o dragão.

Entrei no jogo deles e mantive o dragão distraído ao lhe enviar olhares cheios de segundas intenções. Ele pousou cuidadosamente o Lenço no braço da cadeira e se sentou o mais longe possível dele. Sussurrei para que o Lenço ficasse mudando de forma em pequenos intervalos, fazendo almofadas em forma de coração, lencinhos com bordado em cruz que diziam “Eu amo dragões” e uma fronha com “Kelsey + Jīnsèlóng” bordado nas pontas. O dragão guinchava e se contorcia para longe, desconfortável, cada vez que algo diferente aparecia.

Depois disso as negociações progrediram com rapidez. Ren conseguiu recuperar tudo o que tínhamos levado conosco e obteve também uma passagem segura para o castelo do dragão branco, algumas informações interessantes sobre o Sétimo Pagode e o guardião de seus portões, a promessa do dragão de cinco séculos de proteção a todo tipo de navio e avião, e terminou ganhando uma ampla variedade de tesouros, incluindo o tigre de jade em tamanho natural. O dragão até garantiu a entrega. Ele bateu palmas e nos disse que todos os nossos tesouros estariam no iate quando voltássemos.

No final, Jīnsèlóng se levantou de maneira abrupta e anunciou que estava na hora de partirmos. Ele de fato iria nos levar ao castelo do dragão branco, que também era submerso, faria uma apresentação calorosa e então iria embora. Quando estávamos saindo do salão, Ren pediu que seguissemos sem ele. Kishan automaticamente estendeu a mão para pegar a minha. Senti prazer em seu calor e cheguei mais perto.

Quando Ren voltou, tinha um sorriso estampado no rosto e reparei que ele pôs alguma coisa no bolso enquanto o dragão falava.

O dragão caminhou ao lado dele e sussurrou, em tom conspiratório:

– Claro, claro. – Ele deu tapinhas nas costas de Ren, como se estivesse muito aliviado, e disse: – E desejo a você toda a felicidade também.

Então nos apressou até a porta.

O sorriso de Ren só durou até ele perceber que eu estava de mãos dadas com Kishan. Ele rosnou baixinho, mas virei a cabeça para

evitar encará-lo. Quando Jīnsèlóng passou por nós, eu não me segurei e acenei para ele em um gesto sedutor.

Ele soltou um gritinho e, indo para bem longe de mim, disse:

– Agora, quando eu assumir minha verdadeira forma e sair do castelo, vocês só vão ter um instante até começarem a sentir os efeitos da pressão oceânica. Respirem fundo, nadem até mim e segurem em um dos meus espinhos. Assim poderão respirar com conforto e a pressão vai diminuir. E tentem não escorregar, isso seria... muita falta de sorte.

O dragão correu alguns passos e mergulhou através da barreira invisível da porta de entrada. Ele nadou um pouco como homem e então o castelo balançou um pouco quando sua forma de dragão explodiu da forma humana como uma onda gigantesca. O rabo comprido dele terminava em uma nadadeira e, apesar de ele ter garras, havia membranas nos espaços entre elas. O corpo dourado sinuoso brilhava na água escura, iluminando a área ao seu redor com um brilho amarelo-alaranjado. Ele se virou e pareceu estar esperando impaciente por nós.

Kishan apertou minha mão, mergulhou na barreira e encontrou um assento entre dois espinhos das costas do dragão. Ren pôs a mão no meu ombro, mas eu a afastei e mergulhei através da barreira. Ele veio logo atrás de mim e logo me ultrapassou, nadando com braçadas fortes. Senti a pressão oceânica imediatamente. Parecia que estava sendo esmagada feito lixo em um compactador.

Ren reparou que eu estava preocupada, deu meia-volta e nadou até mim. Kishan começou a nadar também, mas fiz um gesto para que ele não viesse. Ren pegou minha mão e me puxou com rapidez. Eu estava ficando sem ar. Como último recurso, pedi mentalmente ao Lenço que se esticasse até um espinho e me puxasse para mais perto.

No minuto em que o Lenço tocou no dragão, ele refugou e se virou para olhar apavorado para os fios. Kishan deu tapinhas na lateral do corpo dele e sorriu. Ren e eu finalmente chegamos ao lombo do dragão. Eu me sentei atrás de Kishan enquanto Ren se acomodou atrás de mim. Ele me abraçou pela cintura e me apertou com força. A pressão diminuiu e uma bolha se ergueu e cobriu meu rosto de novo, para que eu pudesse respirar.

O Lenço prendeu meu corpo ao espinho de Jīnsèlóng e, depois de dar uma conferida em nós três – e especificamente no Lenço –, o dragão dourado disparou pelo oceano escuro, movimentando-se como uma cobra do deserto. De vez em quando, Jīnsèlóng olhava para trás, para nós, e avançava com rapidez, como um verme lutando para

escapar de um peixe faminto.



O Dragão de Gelo

A viagem até a toca submersa do dragão branco foi tão maravilhosa quanto apavorante. O dragão dourado desceu mais fundo, nadando por um mar tão negro que eu comecei a entrar em pânico e me sentir claustrofóbica. Eu via um clarão de vez em quando e ficava olhando, fascinada, ao passarmos por peixes minúsculos que brilhavam no escuro. Um polvo disparou de uma projeção de pedra. Seu manto pulsou com pontos vermelhos, como um letreiro de Las Vegas, antes de ele desaparecer.

Eu achava que as profundezas do oceano deviam ser silenciosas, mas não eram. Animais grandes faziam barulho para chamar uns aos outros, atingindo o meu corpo com várias ondas de vibrações intensas. A água ficou mais fria. Ren apertou os braços ao meu redor com mais força e pressionou minhas costas contra o peito dele. Uma luz penetrou a escuridão. No começo, achei que minha mente estivesse pregando peças em mim, mas, quanto mais eu olhava para a luz, mais forte ela ficava.

Nós corríamos a toda velocidade na direção da luz. O dragão deu um disparo rápido, como um velocista no fim de uma corrida. Ele se movia com tanta rapidez que eu quase perdi de vista a fonte de luz quando nos erguemos um pouco sobre protuberâncias de pedra e depois voltamos a descer. Fiquei pensando que talvez a tivesse imaginado, mas logo meu vislumbre se transformou em realidade quando Jīnsèlóng acelerou na direção de um palácio submerso.

Ele se projetava do fundo do mar como uma estalagmite de cristal. Nós nos erguemos por cima de um declive e nadamos para baixo, por

um caminho de gelo. De ambos os lados do caminho, plantas e flores aquáticas congeladas e esculpidas se espalhavam por canteiros de gelo. Uma floresta de cristal se erguia dos dois lados, cada árvore acesa por dentro com uma cor diferente, criando algo que parecia uma cidade de néon no fundo do mar. O dragão diminuiu a velocidade e eu pude passar os dedos pela folha de um craveiro que queimava com um tom cor de laranja flamejante no meio.

Fiquei olhando maravilhada para as obras-primas reluzentes e imaginei se o dragão as tinha criado. Os detalhes – os galhos e as folhas cintilantes, os talos de ervas marinhas que terminavam em pontas afiadas ao crescer das plantas de gelo, as frondes parecidas com penugem da folhagem submarina – eram tão exatos ao imitar plantas e árvores reais que pareciam ter sido transportadas de outro mundo.

Surgiu uma subida no caminho de gelo que o dragão seguia e eu vi degraus grossos esculpidos no gelo. Quando nos aproximamos do palácio, Jinsèlóng desviou para a direita e entrou numa caverna atrás do castelo. Foi se contorcendo lentamente pelo túnel, usando apenas a cauda para dar impulso. Por toda a nossa volta havia uma passagem lisa de gelo azul brilhante, iluminado por algo que vinha do alto. Minha curiosidade a respeito do dragão branco estava aumentando cada vez mais.

Nós nos dirigimos para um buraco iluminado no gelo e Jinsèlóng disparou por ele como se fosse capaz de deslizar pelo ar com a mesma facilidade com que nadava. Ele pousou num piso liso e enfiou as garras no gelo para não escorregar. Ren, Kishan e eu descemos do lombo do dragão dourado. Dessa vez, continuávamos molhados e estávamos congelando. Pedi ao Lenço que se recolhesse e o dragão relaxou, aliviado, sacudindo-se feito um cachorro.

Jinsèlóng retomou sua forma humana e disse:

– Bom, não fiquem aí parados. Um de vocês, fortões, ajude-me a ir até o sofá. Um dragão cair de bunda no chão não é nada digno – murmurou ele.

Dei risada enquanto Jinsèlóng resmungava sem abrir a boca.

Kishan deslizou até ele descalço e, juntos, nós quatro fomos avançando para dentro do castelo. Quando entramos em algo que eu chamaria de sala de estar, eu estava com muito frio e meus pés grudavam no piso de gelo.

– Precisamos de roupas e sapatos novos – sussurrei.

Ren assentiu e disse:

– Você primeiro.

Pedi ao Lenço que pendurasse uma cortina no canto da sala, substituísse minhas roupas por peças de inverno e colocasse nos meus pés congelados dois pares de meias bem grossas e pantufas. Enquanto eu estava me trocando, fiz com que o Lenço produzisse roupas para os rapazes, para que eles não precisassem ficar esperando tanto. Usando meu calor interior, passei as palmas das mãos com cuidado pelo cabelo para secar. Quando terminei, estava me sentindo muito melhor, mas ainda tremia.

Depois que Ren e Kishan saíram vestidos com as roupas novas e nós três nos acomodamos bem juntinhos no sofá para nos aquecermos, eu tirei uma luva e tentei esquentar a mão de Ren. Ele apertou a minha de leve.

– Não faça isso – disse ele. – Guarde o seu calor para si mesma. Nós vamos ficar bem.

Aceitei sua sugestão e enfiei o nariz mais fundo no cachecol de lã. Meus dentes batiam.

– Pppena que o Llenço nnnão pppode ffazer cobertoresss térmicos.

Pensei seriamente na possibilidade de esquentar um cobertor com as mãos por um minuto, mas então desisti.

– Eeee então? – perguntei a Jînsêlóng. – Onde ele esssstá? Você ppprometeu que ia noss appresentar.

– Ele vai chegar em um minuto – respondeu o dragão, todo arrogante. – Não estava esperando visitas.

Apesar de sua atitude arrogante, Jînsêlóng batucava nervosamente com os dedos na mesinha lateral feita de gelo. Minhas costas estavam congelando contra o sofá de gelo. Eu me mexia de um lado para outro, desconfortável. Logo que percebeu o meu problema, Ren me colocou no colo. Moveu minhas pernas para cima de Kishan e me envolveu com os braços e o casaco.

– Assim está melhor?

– Está – respondi, suspirando, e apertei o nariz contra o peito dele.

Kishan franziu a testa, mas eu lhe estendi o braço e ele levou minha mão enluvada aos lábios com um sorriso.

Jînsêlóng ficou muito incomodado observando aquilo. Ele soltava guinchos, impaciente:

– Onde será que ele está? – Então olhou para Ren de esguelha e disse: – Eu realmente preciso voltar para o meu tesouro. Afrodite se sente solitária sem mim, sabem como é. – Ele deu um tapa na própria cabeça. – Nossa, quase me esqueci. Está chegando a hora da limpeza. Vocês sabem o que pode acontecer com certos metais se não forem espanados a cada 12 horas.

Ren ergueu os olhos para ele; um momento antes, seus lábios pressionavam o meu cabelo.

– Relaxe – sugeriu ele. – Você fez um acordo, e não vai a lugar nenhum antes de sermos apresentados.

O dragão dourado jogou a mão para o alto em um gesto de irritação.

– Ah! Lembrem-me de nunca mais negociar com tigres.

Dei uma gargalhada de desdém e ele estreitou os olhos, antes de completar:

– Nem com mulheres.

Com isso, afundou na cadeira, pegou um saco de moedas tilintantes e começou a contá-las com cuidado enquanto as limpava com a manga.

Não precisamos esperar muito até que um homem alto de cabelo branco entrou na sala.

– Jīnsèlóng! – A voz do dragão branco nos atingiu como neve molhada batendo no vidro de uma janela. – Você sabe que nunca deve trazer ninguém aqui sem avisar! É proibido!

O dragão dourado choramingou:

– Eu não tive escolha. Eles usaram truques para arrancar a informação de mim. A culpa é da garota, sabe? Ela...

– Pare. Não quero ouvir mais nenhuma palavra. Eu já lhe disse, várias vezes, para desistir da sua obsessão por acumular coisas e fazer negociações e, depois de séculos, você continua a não escutar. Você nunca aprende. Vá embora, que eu vou consertar a sua bagunça. Como *sempre*.

O dragão dourado se levantou com rapidez.

– E não quero ver essa sua pele metálica por pelo menos 200 anos!

– Pois não, Yínbáilóng. Não vai ouvir nem um pio meu. Obrigado.

Jīnsèlóng deu uma olhada em nós quando estava saindo. Lancei-lhe uma piscadela e ele soltou um gritinho e saiu correndo. Ouvimos o corpo pesado do dragão entrar ruidosamente na água, e então ele se foi.

O dragão branco se virou para nós e deu um sorriso caloroso.

– É tão engraçado deixá-lo assustado, não é mesmo?

Eu corei e concordei com a cabeça.

– O truque que vocês três aplicaram nele foi muito inteligente. Muito bem-executado. Ele vai pensar duas vezes antes de voltar a negociar. Ah, ele vai continuar fazendo isso, não tenham dúvida, mas pelo menos pensará duas vezes, e isso já é mais progresso do que o que eu consegui fazer com ele em séculos.

O dragão branco se movimentou com fluidez pela sala e curvou o corpo alto para caber na cadeira que tinha sido ocupada pelo irmão. Ele cruzou uma perna por cima da outra, apoiou o cotovelo no braço da cadeira e segurou a cabeça com o dedo para nos examinar. Os cabelos brancos saíam da testa proeminente e eram penteados para trás. Seus lábios eram finos e se apertavam enquanto ele nos avaliava, mas seu rosto enrugado era muito expressivo. Ele tinha olhos de um azul gélido, quase translúcido, que eram cheios de curiosidade. Seus modos e seu sotaque me faziam pensar num professor britânico.

– Então – começou ele. – Vocês vieram aqui em busca de uma chave, e não é uma chave qualquer. Vocês querem a chave.

– Precisamos encontrar o Colar de Durga. Não sei de chave nenhuma – arrisquei.

– Ah, sim. Vocês buscam o caminho até o Sétimo Pagode.

Ele olhou fixamente nos meus olhos e eu fiquei paralisada por um minuto.

– Está lendo os meus pensamentos? – perguntei.

– Não. Eu não faria isso sem a sua permissão. Só estou... examinando você. Faz muito tempo que não converso com um ser humano, muito menos com algum que fosse tão adorável.

– Obrigada.

– Então, o trajeto de vocês foi longo, não é mesmo? Chegar até aqui deve ter exigido um esforço tremendo. – Ele se levantou, como se tivesse se sobressaltado. – Nossa, mas que tipo de anfitrião eu sou? Vocês estão aqui congelando, com fome, com sede e cansados, e eu fico falando de assuntos que podem esperar.

Ele girou uma das mãos sobre a outra e um fogo azul se acendeu na grelha perto de nós. Estalava como gelo quebrando, mas era surpreendentemente quente.

– Mas isso não vai derreter o seu castelo? – perguntei.

Yínbáilóng deu risada, um som caloroso na sala congelada.

– Claro que não. Minha casa é protegida contra derretimento. Talvez vocês tenham mais perguntas a respeito de dragões. Eu ficaria feliz de respondê-las durante o jantar. Vocês me dão esse prazer?

Ele se aproximou do nosso sofá e ofereceu o braço. Ren me abraçou com mais força e eu ouvi um rosnado baixo de Kishan.

O dragão branco brincou:

– Ora, ora, cavalheiros. Não há necessidade para ciúme. Minha intenção é apenas acompanhar a mocinha pelos corredores. Vocês dois podem vir junto, claro. Quer vir comigo, senhorita?

– Tudo bem. Obrigada.

Peguei a mão dele e Ren me soltou com relutância. Ele e Kishan imediatamente vieram atrás de nós.

Passamos pelo que parecia ser uma sala de jogos com mesa de bilhar e o dragão perguntou:

– Algum de vocês dois gosta de jogar bilhar? Faz um bom tempo que eu não jogo uma partida, mas seria uma maneira agradável de passar as horas.

– Como se faz para diferenciar as bolas de neve? – perguntou Kishan com uma risadinha.

– Elas são colorizadas como as minhas árvores do lado de fora.

– Como faz para que elas brilhem de cores diferentes? – indaguei, curiosa.

– Bioluminescência.

– Está falando de animais fosforescentes?

– Não exatamente. Homens da antiguidade certa vez olharam para o mar à noite e viram um brilho. Erroneamente, associaram à queima de fósforo químico. Aquilo que costuma ser chamado de fosforescência no mar não tem nada que ver com queima. Não envolve calor. Criaturas vivas, os dinoflagelados, criam a minha luz. De maneira semelhante aos seus vaga-lumes na terra, estes animais brilham com luz interna. A maior parte deles é microscópica e na verdade cria luz quando reage ao oxigênio acima da água. Eu fiz uma réplica do ambiente necessário para fazer com que brilhem aqui. Alimentá-los e cuidar deles me traz grande alegria.

– Então, suas plantas e árvores são como aquários minúsculos? São seus bichinhos de estimação?

– Isso mesmo. Cada árvore abriga um animal diferente, que cria cores diferentes. Águas-vivas, camarões, lulas, diversos tipos de vermes, algumas plantas e também cipridinas, que cria uma cor azul das mais lindas.

– O que são cipridinas?

– São parecidas com mariscos, mas as conchas são minúsculas e transparentes. Normalmente são encontradas nas águas do Japão.

– Mas elas não congelam dentro das suas árvores de gelo?

– Posso modificar a temperatura e o ambiente para atender às necessidades delas. Aliás, talvez vocês tenham notado que não precisam mais das roupas de inverno.

Agora que ele tinha comentado, percebi que estava com um pouco de calor. Tirei o casaco e pendurei no braço. Entramos numa grande sala de jantar feita de gelo. As cadeiras tinham um tom esverdeado e a mesa grande era vermelha. Eu cheguei mais perto para examinar a

superfície e vi milhares de criaturas minúsculas se mexendo embaixo do gelo.

– São lindas!

– São mesmo. Podem se sentar. As cadeiras não vão mais congelar vocês. Vai parecer que estão sentados em cadeiras feitas de carvalho.

Depois de nos acomodarmos ao redor da mesa, o dragão branco girou as mãos e um banquete apareceu à nossa frente. Eu estava faminta. Nós não tivemos coragem de usar o Fruto Dourado na frente de Jínsèlóng, e os biscoitos de alga marinha não me apeterceram muito depois que descobri o que eram. Fiz uma pausa para examinar o banquete à minha frente. Tigelas de gelo continham patas de caranguejo com manteiga e camarão sem casca com molho à parte.

Outros pratos eram mantidos aquecidos. Havia torta de lagosta, pão sírio tostado com molho de queijo quente feito com alcachofras, espinafre e caranguejo. Havia travessas e tigelas cheias de peixe recheado, guisado de frutos do mar, juliana de legumes com molho vinagrete, creme de marisco, linguini com camarão ao alho e o maior salmão glaceado com calda de bordo e cereja que eu já vi (não tinha visto um assim nem no Oregon). O dragão nos serviu sucos de fruta gelados que pareciam raspadinhas.

Escolhi o de morango e o dragão começou a trabalhar. Ele pingou algumas gotas de calda vermelha por cima de uma escultura de gelo de dragão no meio da mesa com detalhes surpreendentes e proferiu algumas palavras. O líquido vermelho começou percorrer o dragão curvilíneo. Então Yínbáilóng pegou uma caneca congelada e a segurou embaixo da boca da escultura de gelo. A bebida parecia conter gelo ralado. Ele repetiu o processo e preparou uma bebida de toranja para Kishan, uma de limão para Ren e uma de cereja para si.

Em seguida apontou para o bufê à nossa frente e disse:

– Por favor, sirvam-se.

Sentindo ainda um pouco de frio, comecei pelo creme quente de mariscos. Foi o mais cremoso e mais saboroso que eu já experimentei. Acabei com metade da tigela antes de me lembrar que queria fazer algumas perguntas ao dragão.

– Yínbáilóng? O seu irmão disse que vocês todos nasceram em oceanos diferentes e que ele era o Dragão da Terra. O que isso significa e quem foram os pais de vocês?

O Dragão de Gelo pousou o garfo, inclinou-se para a frente e juntou as mãos sob o queixo.

– Os meus pais – disse ele – são aqueles que vocês chamariam de Mãe Terra e Pai Tempo.

Larguei a colher, esquecida da fome.

– Está dizendo que são pessoas reais?

– Não sei se poderia chamá-los de pessoas, mas são seres reais.

– Onde eles vivem? Você os visita? Como são?

– Eu os vejo, mas duvido que você seria capaz de vê-los, porque residem principalmente em outra dimensão. Eles vivem... bom, em todo o lugar. Se você pudesse se condicionar a enxergar, poderia encontrá-los. Mamãe faz parte de todas as coisas vivas da Terra. Plantas, animais, pessoas e até dragões são filhos dela, que, juntamente com Pai Tempo, jamais deixará de existir. Ele é passado, presente e futuro. É onisciente. Sabe tudo o que vai acontecer, mas ainda assim tem uma curiosidade infinita para ver como as coisas irão se desenrolar. Ele me disse que vocês viriam. Meus irmãos também saberiam disso se alguma vez parassem para escutar. Eles são tão jovens! Na verdade, são como adolescentes. Achem que sabem tudo, por isso nunca escutam nossos pais. Mas um filho sábio sempre tem respeito pelos pais.

Ele deu um gole na bebida e prosseguiu.

– Eles estão... aposentados agora. Pelo menos na medida em que imortais podem estar aposentados. Passaram a tarefa de cuidar da Terra e de seus ocupantes para nós. Jīnsèlóng cuida dos tesouros da Terra. Ele se assegura de que depósitos minerais sejam criados e encontrados e, apesar de suas falhas, inspirou a revolução industrial, embora seus objetivos principais não fossem inteiramente altruístas. Ele desejava produzir bens com mais rapidez, para que pudesse aumentar o tamanho de sua coleção. Ele de fato tem suas estranhezas, mas, de maneira geral, tem sido bom para a humanidade.

O dragão branco passou ao irmão seguinte.

– Lùsèlóng é o Dragão da Terra, como sabem. Ele é responsável por manter o equilíbrio entre a terra e o mar. Cuida das coisas que crescem. Árvores, flores, montanhas, desertos e florestas estão todas sob sua supervisão. Ele faz as plantações crescerem e ensinou os egípcios a produzir papiros e manter registros. Se não fosse por ele, os livros não existiriam.

– E quanto a Qīnglóng? – perguntou Ren.

– Qīnglóng é o mais preguiçoso dos meus irmãos. Desastres ocorreram porque ele se recusa a prestar atenção. Ele devia ficar de olho em Jīnsèlóng. A razão por que Jīnsèlóng tem tantos tesouros acumulados é porque Qīnglóng não anda cuidando do mar da maneira adequada. O trabalho dele é fornecer água ao mundo. Ele governa as nuvens de chuva, os rios, os lagos e a maior parte dos

mares, apesar de, de vez em quando, nós prestarmos alguma ajuda nos territórios que ocupamos. Há criaturas entrando em extinção nos mares todos os dias por causa de sua negligência. Pesca excessiva, poluição e seca são em grande parte culpa dele. Toda a indústria da caça à baleia prosperou durante um de seus cochilos. Mas, para ser justo, é verdade que ele inspirou seus primeiros exploradores a encontrar novas terras. Naquela época, era jovem e fazia de tudo para agradar.

O dragão branco deu risada.

– Imaginem! Colombo descobrindo terras com aqueles barquinhos minúsculos, por conta própria? Sem um dragão, ele teria se perdido no mar nas primeiras duas semanas.

– Kelsey.

Eu olhei para Ren, que apontava para o meu prato com o garfo.

– Coma, por favor.

– Ah, certo. – Para o meu deleite, meu prato continuava quente. Dei uma colherada e disse: – Por favor, prossiga.

O Dragão de Gelo riu e também deu mais uma garfada.

– Lóngjūn é o mais distante. É raro fazer uma visita. Ele se imagina acima de nós todos porque reside no céu.

– Qual é a função dele? – perguntou Ren.

– Será que você é capaz de adivinhar?

– Algo relacionado às estrelas? – sugeriu Kishan.

– Correto. Ele é responsável pelas constelações. Mantém as estrelas ativas e os cometas em trajetórias seguras. Ele governa os meteoros. Pequenas chuvas são permitidas, mas meteoros grandes são deslocados ou destruídos. Ele anda tendo problemas com o ozônio ultimamente, e essa é sempre sua desculpa para faltar às reuniões de família. Cuida das estações espaciais, dos ônibus espaciais e das viagens à Lua. Lóngjūn estava na Lua quando Neil Armstrong colocou os pés nela pela primeira vez. Aliás, se assistirem ao vídeo antigo, podem ver sua sombra pairando no alto. Ele tem muito orgulho do programa espacial. Inspira descobertas científicas, especificamente no campo da astronomia. Era muito amigo de Galileu e chegou a visitá-lo em seus sonhos. Gosta muito de matemática. Até ensinou Pitágoras a jogar xadrez.

– Bom, isso dá conta de todos, menos de você. O que você faz?

– Eu sou o irmão mais velho e tenho a função mais importante de todas. Vocês podem se perguntar o que pode ser mais importante do que cuidar do espaço, da terra, da água ou dos minerais, não é mesmo? Mais importante do que dar à humanidade a ciência, a

matemática, a descoberta, a tecnologia ou um planeta verde?

Ele fez uma pausa com um brilho no olhar e esperou até que um de nós adivinhasse. Ninguém deu a resposta certa. Com educação, ele limpou os lábios com o guardanapo e disse:

– Eu sou o dragão branco do gelo. Cuido das calotas polares e dos polos. Faço a Terra girar em seu eixo e ao redor do Sol. Faço as estações mudarem. Inspiro os seres humanos na filosofia, na democracia, na ordem e na lei. Não posso me dar ao luxo de tirar uma soneca. Não posso me dar ao luxo de ignorar minha obrigação. Um erro faria com que o nosso planeta saísse rodopiando pelo espaço escuro. Um passo em falso iria prejudicar a linha do tempo. Uma pequenina perda de controle e o eixo da Terra iria mudar, fazendo com que mergulhássemos no caos. Fui a voz por trás dos maiores filósofos do mundo, dos reformistas religiosos e dos políticos revolucionários. Sigo as leis do Universo, as verdades fundamentais básicas que governam toda a humanidade.

Minha colher caiu na mesa, fazendo barulho. Eu a peguei, acanhada, mas ele prosseguiu.

– Claro que essas coisas são transitórias. Cobiça e avareza podem tomar conta de qualquer um, mas eu ainda tenho esperança. Deu certo em Shangri-lá.

– Você é responsável por Shangri-lá? – perguntei.

– De maneira indireta. Só posso ensinar o básico do certo e do errado, para que as pessoas possam governar a si mesmas. A sociedade então tem que escolher aceitar isso total ou parcialmente. Se apenas um integrante escolher outro caminho, o sistema vai fracassar no final. Os silvanos não apenas aceitaram como também adotaram esse conceito. Eles vivem em paz em sua terra há milênios, e os animais que escolhem aceitar e respeitar suas leis também vivem lá em harmonia.

– Mas e quanto à árvore do mundo? Os pássaros de ferro não pareciam seguir a mesma lei.

– Os pássaros de que você fala foram criados por um único motivo. Eles protegiam o Lenço. Não desejavam mal algum a vocês até que levaram embora o objeto que eles foram feitos para guardar. E deixaram de existir depois que o Lenço saiu de suas mãos.

– E os corvos e as sereias?

– Só estavam cumprindo sua função. Não tinham a intenção de machucar vocês.

– E agora, o que fazem?

– Eles puderam fazer uma escolha. Os corvos e os morcegos

escolheram seguir a lei dos silvanos e podem ir e vir como bem desejarem, mas as sereias preferiram ir embora. Elas não encontraram ninguém entre os silvanos que estivesse disposto a se tornar seu... companheiro. Por isso, escolheram abandonar a árvore, que ainda pode ser encontrada logo nos limites das terras dos silvanos. Falando nisso, o protetor invisível também permaneceu em Shangri-lá.

– Interessante. Mas como você sabe sobre o Lenço e Fruto se Jinsèlóng não sabia?

– Como disse antes, ele não costuma prestar atenção quando acontecimentos importantes ocorrem. Quer mais um pouco? Não comeu muito, mocinha.

– É difícil comer quando se tem tantas perguntas a fazer.

– Não deixe que isso estrague seu apetite. Vou ficar a seu lado e responder todas as questões dentro do tempo que estiver disponível. Aliás, eu gostaria de que todos vocês fossem meus hóspedes esta noite. Vão precisar de uma boa noite de sono antes de viajarem até o Sétimo Pagode.

Nós aceitamos e passamos mais uma hora à mesa, provando gostosuras e fazendo perguntas. Yínbáilóng me lembrava o Sr. Kadam. Ele conhecia quase tudo, e eu poderia ouvi-lo falar durante horas a fio. Ele convidou Ren e Kishan para jogar bilhar com ele. Eu me acomodei em um sofazinho e fiquei assistindo ao jogo. O dragão jogava muito bem. Ele explicava as regras e fazia comentários de vez em quando, dando dicas enquanto eles jogavam, e afirmou ter inventado o jogo. Não demorou muito para que eu comesse a bocejar.

O dragão se ofereceu para me acompanhar ao meu quarto, mas ainda me demorei mais meia hora. Ele então insistiu para que eu descansasse e disse que, se eu quisesse ir sozinha, bastava encostar a mão na parede e as pequenas criaturas vivas iriam se acender e me mostrar o caminho. Concordei com isso e tanto Ren quanto Kishan largaram os tacos para me seguir. O dragão ergueu uma sobrancelha, com expressão divertida, e esperou pela minha resposta. Apoiei a mão no braço de Kishan e me ergui na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha.

– Você se importa se Ren me acompanhar? Preciso falar com ele.

Kishan me deu boa-noite, me beijou de leve e, com relutância, retornou ao jogo. Ren enfiou as mãos nos bolsos e examinou minha expressão com desconfiança.

– Vá na frente.

Eu suspirei, coloquei a mão na parede gelada e disse:

– Um quarto de hóspedes, por favor.

Criaturas verdes minúsculas vieram na direção da minha mão logo atrás do gelo e começaram a avançar. Cruzei as mãos nas costas e comecei a segui-las. Ren acompanhava em silêncio.

Depois de estarmos a vários corredores de distância da sala de bilhar, ele perguntou:

– Então? Sobre o que você queria conversar?

Eu mordi o lábio.

– Você se lembra de quando foi para os Estados Unidos e eu namorava Li?

– E *Jason* e *Artie*.

– Certo. Bom, quando você chegou, disse que queria que eu namorasse os dois e fizesse uma escolha.

– Foi.

– Também disse que, se eu escolhesse Li, iria apoiar minha decisão. Que o importante era você estar perto de mim. Que se eu só pudesse lhe dar amizade, você iria aceitá-la.

– Foi. Aonde quer chegar com isso, Kelsey?

– Estou quase lá. Tenha paciência.

Chegamos à minha suíte de hóspedes e abri a porta. Um fogo azul estalava num canto do quarto e uma cama enorme com estrutura de gelo ocupava a maior parte do espaço. O piso parecia estar coberto de lascas de gelo. Eu me abaixei para tocar nele e a sensação era a de tocar num carpete felpudo. Chutei as pantufas para longe e mexi os dedos dos pés. Pequenas criaturas por baixo do piso vieram na direção dos meus pés e lhes fizeram uma massagem. Para testar, levantei o pé e elas desapareceram. Quando pisei no chão de novo, elas reiniciaram a massagem.

Impaciente, Ren se apoiou no batente da porta.

– O que está tentando dizer, Kells?

Eu me virei para ele, mas baixei o olhar, com medo de encarar sua expressão intensa.

– Estou tentando dizer que, quando eu soube que nós tínhamos que ficar juntos, eu escolhi você.

– Sim, eu me lembro – disse ele.

– Mas você prometeu que, se eu tivesse escolhido Li, sempre ficaria do meu lado. Que seria meu amigo para sempre. Isso é verdade? Mesmo que eu tivesse escolhido outra pessoa?

– Você sabe que sim. – Ele se aproximou e pegou minha mão. – Eu jamais abandonaria você.

Respirei fundo.

– Que bom, porque acho que eu não ia gostar muito de uma vida sem você. Você também sabe que eu sempre vou ser sua amiga, não sabe? Que eu jamais iria abandoná-lo?

Confuso, Ren inclinou a cabeça para trás a fim de examinar o meu rosto. Ele fez uma pausa antes de responder, com hesitação:

– Sim. Eu sei que você é minha amiga.

– E o mais importante é que nós somos uma família, certo?

– Certo.

– Muito bem. Então eu vou dizer uma coisa, e preciso que você compreenda que pensei muito sobre a questão. Quero que você abra a cabeça e escute.

Ren cruzou os braços sobre o peito.

– Muito bem. Estou escutando.

– Primeiro, preciso esclarecer uma coisa. Quando você e Kishan estavam declarando seus sentimentos a Jìnsèlóng, você falou a sério tudo o que disse?

– Falei. Cada uma das palavras foi muito sincera.

– Esse era o meu medo – balbuciei.

– Por que está dizendo isso?

– Bom, lá vai. Você é o meu primeiro amor. É mais importante para mim do que a água ou o ar. Graças a Lùsèlóng, você já sabe disso, mas o mínimo que posso fazer é confirmar. Eu queria ter sido capaz de poupar você de toda a dor e a tortura por que passou. Gostaria que Lokesh não tivesse encontrado a gente e que ainda estivéssemos na faculdade. Tudo era fácil naquela época.

Ren ergueu uma sobrancelha.

– Bom, pelo menos era *mais fácil*. Eu queria que nós nunca tivéssemos nos separado e que você estivesse comigo em Shangri-lá.

Ele apertou a palma da mão contra a minha bochecha e me acariciou de leve com o polegar.

– Você sabe que eu penso a mesma coisa.

– É, eu sei. Mas isso não muda nada. Refleti sobre isso durante muito tempo. Para falar a verdade, desde que você me esqueceu. – Desviei o olhar e torci as mãos. Gaguejando, prossegui: – Isto não é fácil para mim, e não estou falando de maneira leviana. Mas, pensando tudo na balança, simplesmente é o que faz mais sentido.

– Ande logo com isso. O que está tentando dizer?

Eu respirei fundo e olhei nos olhos dele.

– Você fica tentando fazer com que eu reconheça que ainda estou apaixonada por você. E tem razão. Eu estou. Estou *loucamente* apaixonada por você e não sei se algum dia o que eu sinto por você

vai mudar, mas...

– Mas o quê?

O rosto dele escureceu um pouco. Eu até pisquei para ver direito, achando que fosse minha imaginação.

– Mas... eu não posso escolher você desta vez. Eu escolhi... *Kishan*.

Ele tirou a mão do meu rosto e deu um passo para longe. Olhou para mim com descrença e então assumiu uma expressão cheia de raiva. A ira se transformou em insegurança e depois uma espécie de frieza tomou conta de seu rosto. Ren passou um longo minuto sem dizer nada.

Eu não sabia dizer o que ele estava pensando e, ansiosa, estendi a mão e peguei no antebraço dele.

– Preciso que você compreenda. Isso não significa que eu não *precise* de você. Eu sempre...

Ren se empertigou e assentiu com educação, fazendo com que eu me lembrasse daquele dia tão distante na selva quando eu o dispensei depois de ele pedir permissão para me beijar. Rápido, ele falou:

– Claro. Eu compreendo.

Ele se virou para a porta aberta e já ia sair quando corri até a porta.

– Mas, Ren...

Ele virou a cabeça de leve para que eu visse seu perfil. Como se doesse olhar para mim, ele baixou os olhos e disse baixinho:

– O tigre branco *sempre* vai ser o seu protetor, Kelsey. Adeus, *priyatama*.



O mar de leite

*A*deus? Eu nunca faço isso do jeito certo! Por que sempre estrago tudo? Minha intenção era lhe explicar por que eu não o tinha escolhido. Eu queria que compreendesse o meu raciocínio... ou que pelo menos me escutasse. Sinceramente, pensei que ele fosse tentar me convencer a mudar de ideia. Dizer que eu era uma idiota e que estava deixando que meus medos mesquinhos me assustassem e me fizessem desistir de algo maravilhoso, de algo perfeito.

Achei que seria mais fácil, mais prático, se simplesmente escolhesse Kishan. Não. *Prático é a palavra errada.* Mais seguro. *Essa é a palavra certa.* Ren assumiu riscos. Ren se rodeou de mulheres bonitas de biquíni. Ren me sujeitou a Randi. Eu sei por que ele fez aquilo tudo, mas isso não anula o fato de que, ainda assim, ele fez o que fez. E se aparecesse outra oportunidade para “me salvar”, ele não iria hesitar. Iria se sacrificar mais uma vez, e eu ficaria sozinha. Eu quase fiquei com o homem dos meus sonhos. Mas *quase* não conta.

Quase vencedores nunca são lembrados. Ninguém se importa se você *quase* fez uma cesta. *Quase* virou o placar quando o juiz apitou o fim do jogo. *Quase* deu o passe perfeito. O que conta é o placar final. Eu era um técnico que tinha mandado para o banco o jogador novato que era a estrela do time. Eu tinha meus motivos, mas os torcedores não se importavam com isso. A única coisa que viam era um técnico que tinha tomado uma decisão que eles consideravam péssima.

Mas, falando sério, por acaso você escala o novato no jogo que vale o campeonato na esperança de que seu entusiasmo faça cestas? Ou será que coloca seu jogador mais lento, porém mais constante? Os

jogadores que mostraram seu valor durante toda a temporada? Talvez não tenham marcado tantos pontos, mas estão sempre lá quando o time precisa. *Caramba! Será que estou mesmo pensando em uma analogia esportiva? Devo estar desesperada.*

Além do mais, quem cuidou de mim quando Ren teve a nobreza de se deixar ser sequestrado? Kishan. Quem deu foras na Randi quando ela me insultou? Kishan. Quem me deixa usar o meu cabelo do jeito que eu quero? Kishan. Quem disse que estava disposto a me deixar ficar com outro se isso fosse o que eu realmente queria? Kishan. Quem nunca discute comigo? Kishan. Quem não tocou em mim quando pedi? Kishan. Eu me distraí por um momento pensando numa briga com Ren que acabou com ele me agarrando e eu gostando disso, então afastei a ideia. *No que eu estava pensando mesmo? Ah, sim. Em Kishan.*

Kishan era uma aposta certa. Amar Ren era um risco.

Hum... talvez eu devesse entrar para um grupo de anônimos. Dava para imaginar como seria.

Oi. Meu nome é Kelsey e eu sou viciada.

Oi, Kelsey.

Faz dois minutos que deixei Ren ir embora, e acho que vou cair em tentação.

Não! Seja forte, garota! Estamos aqui para lhe dar apoio.

Certo. Mas vocês não entendem. Eu não posso viver sem ele.

Claro que pode. É só viver um dia de cada vez.

Estão dizendo que preciso passar um dia inteiro sem vê-lo?

Meus colegas viciados iriam dar risada. *Passar a vida toda, menina. Precisa cortar o mal pela raiz. Removê-lo completamente da sua vida. Lembranças só vão servir de tentação. Você é viciada e está em negação. Agora, vamos repetir a prece da serenidade:*

Concedei-me serenidade para, de modo altruísta, abrir mão do meu
relacionamento para salvar a humanidade;

E para aceitar que o homem que eu amo não pode e não vai mudar;
Coragem para permitir que ele alcance seu potencial e cumpra seu
destino;

E sabedoria para ficar o mais longe possível dele.

Suspirei e escorreguei para debaixo das cobertas do palácio de gelo. Será que eu realmente posso esperar que Ren me veja com o irmão dele e continue por perto como se estivesse tudo bem? Seria cruel,

como ele disse. Eu não seria capaz de fazer isso se estivesse em seu lugar. *Talvez Lokesh pudesse me matar, e assim todo mundo ficaria melhor. Acho que meu desaparecimento resolveria os problemas de todos.* Caí no sono e sonhei com Lokesh à minha caça na selva, como quando Lùsèlóng caçou os rapazes, só que eu não tinha garras para me proteger.

Acordei me sentindo perdida antes de lembrar que estava no palácio do Dragão de Gelo. Virei para o lado e pus as mãos em concha sob a bochecha. A cama se agitou um pouco e brilhou de leve quando criaturas minúsculas subiram à superfície, aquecendo e massageando todos os pontos em que meu corpo tocava no colchão. Meus pensamentos retomaram as ideias da noite anterior. Eu não estava muito confiante de ter tomado a decisão certa, mas estava determinada a cumprir minha resolução, independentemente de qualquer coisa.

Anexo ao estranho quarto de dormir havia um banheiro. As torneiras transparentes do chuveiro abriram com facilidade e a água azul caiu em cascata saindo de uma série de jatos. Era quente e fumegante, apesar da aparência cristalizada. Usei um xampu em gel azul-celeste para lavar o cabelo. Fez minha cabeça formigar e tinha cheiro de menta.

Não havia toalhas, mas, quando desliguei o chuveiro, recebi uma série de jatos de ar. Fiquei lá parada, sentindo-me um carro velho num lava-rápido. O ar quente atingia o meu corpo de todos os ângulos e, depois que superei a surpresa, comecei a gostar daquilo. *Hum. Agora entendo por que os cachorros põem a cabeça para fora nas janelas dos carros.*

Quando estava totalmente seca, saí e, desanimada, tentei passar os dedos pelo cabelo. Minha cabeça parecia uma enorme bola de algodão. Iria demorar uma eternidade para pentear os fios, por isso deixei-os assim e recorri ao Lenço para pedir mais roupas. Então fui atrás dos outros seres humanos. Bom... da coisa mais parecida com seres humanos, pelo menos. Encontrei meus tigres tomando café da manhã com o dragão.

– Hummm... que cheiro bom.

– Não quer se juntar a nós, minha cara? – convidou o dragão, educado. Então ele ergueu os olhos. – Nossa, você está... felpuda.

Gemi e puxei uma mecha de cabelo eriçada para dar uma olhada. Kishan olhou para mim e começou a rir. Estreitei os olhos.

– Não tem graça. Vocês por acaso não têm uma escova ou um pente, têm?

Kishan respondeu:

– Não. Desculpe, Kells.

– Yínbáilóng?

– Nós, dragões, não precisamos de tais acessórios.

Bufei e me sentei.

– Eu tenho um – disse Ren baixinho do outro lado da mesa.

Eu estava evitando olhá-lo nos olhos. Tentar ignorar sua presença não tinha dado muito certo, já que eu estava ultraciente dela, mas eu havia me esforçado. Resignada, ergui os olhos, mas ele já tinha virado para o outro lado.

Ren enfiou a mão na bolsa de tesouros e tirou de lá um pente de ouro. Ele se levantou da cadeira, veio até o meu lado da mesa e o colocou com gentileza ao lado do meu prato, então saiu da sala de forma abrupta. Peguei o tesouro delicado e fiquei imaginando como poderia usar algo tão valioso para domar minha juba desgrenhada. Ele era estreito, mais ou menos do tamanho da minha mão, com dentes compridos. A parte de cima era de madrepérola entalhada e mostrava um cavaleiro montado matando algum tipo de besta.

Kishan espetou uma fatia de melão e disse, com um sorriso:

– Eu até gostei do jeito que está agora.

Depois do café da manhã, segui Kishan e o dragão até a sala de estar. Ren já estava à nossa espera. Peguei o pente e comecei a desembaraçar meu cabelo enquanto Yínbáilóng nos falava sobre as cavernas de gelo e a chave oculta de que precisaríamos para acessar o Sétimo Pagode. Ele disse que a chave só poderia ser resgatada por alguém que tivesse o sangue dos deuses correndo nas veias.

Não dei total atenção ao que o dragão falava. Minha mente estava distraída, o que não era bom, levando em conta que nós três tentaríamos pegar o Colar de Pérolas de Durga e sair de lá vivos. Felizmente, Kishan parecia estar atento. Eu sorri e sonhei acordada um pouco enquanto penteava o cabelo de maneira metódica.

Minha cabeça viajou para um outro tempo, uma agradável noite indiana quando Ren penteou meu cabelo com delicadeza. Meu couro cabeludo começou a coçar e estremeci ao me lembrar do toque suave e hesitante dele. Ergui os olhos e flagrei Ren me observando com intensidade. Corei, imaginando se ele estava pensando sobre a mesma coisa. Ele se apressou em afastar o olhar e voltou a escutar o dragão. Quando finalmente domei o meu cabelo e o trançei, os três tinham formulado um plano. Estava na hora de partir.

Peguei minha bolsa, deslizei Fanindra pelo braço e saí atrás de Kishan, Ren e o dragão branco por uma porta de gelo. Entramos num salão enorme sem mobília. Estávamos cercados por todos os lados pelo gelo transparente e o mar escuro estava iluminado do lado de fora do cubo. Criaturas estranhas de diversos tipos nadavam preguiçosamente ao nosso redor.

– Chamo este salão de aquário – anunciou o dragão branco.

– Só que *nós* somos os peixes – brinquei.

Eu me aproximei da parede e Kishan veio atrás. Um pepino-do-mar diáfano se movia ao longo do vidro, deixando um rastro. Caramujos e estrelas-do-mar também se prendiam à parede translúcida. Olhei para além da estrela-do-mar e pulei para trás ao ver um peixe enorme, do tamanho de um pufe, com grandes olhos brilhantes e a boca escancarada.

Outros tipos de peixe fizeram com que eu me contorcesse. Enguias com cabeças imensas e mandíbulas largas o suficiente para engolir peixes maiores do que elas mesmas; peixes-pescadores com dentes grandes e uma luzinha que pendia da cabeça; e peixes-lanterna com uma fileira de luzes estroboscópicas minúsculas que se estendia pela parte de baixo do corpo passavam nadando, prontos para abocanhar nossos dedos. Peixes-víbora com presas curvadas tão compridas que não conseguiam fechar a boca, lagostas e caranguejos albinos, águas-vivas coloridas e uma coisa que Yínbáilóng chamou de lula-vampiro também se aproximaram para olhar.

Uma silhueta escura enorme passou pela caixa de gelo e soltou um urro.

– O que foi aquilo? – perguntei, abalada. – Por favor, digam que não foi um tubarão gigante.

Yínbáilóng deu risada.

– Foi uma baleia cachalote. Elas são as únicas criaturas grandes que conseguem chegar a esta profundidade. De vez em quando gostam de parar para fazer uma visitinha.

– Ah – falei, um tanto aliviada. – E em que profundidade nós estamos?

– Bom, vamos apenas dizer que, normalmente, vocês não conseguiriam sobreviver aqui. A pressão iria matá-los. Felizmente, estão protegidos, desde que permaneçam nos meus domínios. Os dragões suportam qualquer pressão. Eu poderia sobreviver até na fossa das Marianas, a mais profunda do oceano, apesar de não ser um lugar muito agradável para um passeio. Prefiro o fundo da zona batipelágica.

– O que é isso? – perguntou Kishan.

– Os oceanos são divididos em quatro zonas de acordo com a profundidade. Jinsèlóng vive na zona eufótica, que compreende os primeiros 200 metros do oceano. Ali crescem plantas e há uma ampla variedade de vida marinha. Mas ele sai de lá para buscar tesouros em todas as zonas. A zona mesopelágica é a seguinte. Ela não tem vida vegetal, mas diversos animais buscam sustento em suas profundezas. É ali que se encontra a maior parte das espécies de tubarão.

O dragão branco lançou um sorriso breve para mim e prosseguiu.

– Nós estamos entre mil e quatro mil metros de profundidade, a zona batipelágica, onde o único grande animal, como mencionei, é a cachalote. O alimento é escasso, mas eu sustento aqueles que escolhem compartilhar do meu reino. Logo mais é a hora da refeição, que é uma coisa e tanto de se ver. Abaixo deste nível fica a zona abissal, que prossegue até o fundo do mar. Não acontece muita coisa por lá. Mas o Sétimo Pagode *de fato* se localiza na parte superior da zona abissal. Na verdade, não é muito mais profundo do que este lugar em que estamos agora e, depois que chegarem ao mar de leite, a viagem deve ser tranquila.

Dei uma cotovelada em Kishan.

– Mar de leite? Já falamos sobre isso?

Kishan se inclinou para perto e sussurrou:

– Depois eu explico.

– Obrigada.

O dragão perguntou:

– Querem me ver alimentar os peixes antes de partirem?

– Se você não se incomodar, dragão, nós gostaríamos de ir andando – disse Ren, parecendo irrequieto.

– Muito bem. Assegure-se de estar sempre aquecida, minha cara.

– Hã... tudo bem.

Lembrete: da próxima vez que estiver na companhia de um dragão branco no fundo do mar, preste atenção no que ele disser!

Kishan usou o Lenço para fazer um casaco acolchoado e equipamento de neve para mim. Ajudou-me a vestir o casaco e me entregou um par de luvas tão grossas que deixavam minhas mãos inúteis. Enrolou um cachecol no meu pescoço e completou a roupa não com um, mas dois gorros.

– Você não acha que exagerou um pouco? Estou me sentindo um boneco de neve.

– Faz frio no lugar para onde vamos – explicou Kishan. – E...

– Afastem-se – interrompeu o dragão. – Preciso assumir minha

forma natural para abrir as portas.

Eu não tinha visto nenhuma porta além daquela pela qual tínhamos entrado, mas Kishan me imprensou contra uma parede enquanto eu fingia não reparar nos peixes famintos com dentes gigantescos que batiam inutilmente contra o gelo, tentando dar uma mordidinha. Yínbáilóng estalou e se estilhaçou em mil fragmentos que reluziram e desapareceram logo antes de uma massa branca cintilante se esparramar pelo chão vitrificado. Suas garras de dragão eram azuis, assim como seus olhos. A parte inferior da barriga brilhava como a aurora boreal. As escamas de seu lombo pareciam diamantes brancos e reluziam quando ele se movia.

O rosto comprido do dragão branco se esticou na minha direção com um sorriso, e sua língua azul bifurcada se projetou quando eu ouvi uma risada na minha mente. Os dois chifres na parte de trás da cabeça dele pareciam com pingentes de gelo compridos, e havia mais na ponta da cauda. Uma crina branca se estendia do alto da cabeça nobre e descia pelas costas.

Tirei uma luva e acariciei o focinho do dragão. Descobri que era macio e quente, nem um pouco gelado.

– Você é lindo!

Obrigado, minha cara. Gosto de pensar que sou. Agora, recuem para que eu possa abrir a porta.

Yínbáilóng tombou a cabeça para olhar para uma parede. Sua boca se abriu e revelou fileiras compridas de dentes pontudos. Seu corpo começou a brilhar cada vez mais forte, a ponto de eu precisar desviar o olhar. O clarão pareceu se mover na direção de sua cabeça até se concentrar no olho. Uma luz azul disparou da órbita que não piscava e penetrou na parede. Camadas de gelo grosso se soltaram, como se estivessem derretendo. Apertei os olhos e vi uma porta onde antes não havia nada. Quando o dragão ficou satisfeito, ele recuou, soltou uma baforada gelada e retomou sua forma humana.

– Pronto. Atravessando esta porta, há um caminho que vai levá-los diretamente ao mar de leite. Uma vez que o cruzarem e encontrarem a guardiã, ela vai conduzi-los à chave e ao Sétimo Pagode. Escutem as instruções dela com atenção. Então, querem ajuda para prender as correias?

– Boa ideia – disse Kishan.

– Você primeiro, minha cara. Vamos garantir que fique confortável.

No momento em que comecei a perguntar do que todo mundo estava falando, Kishan me conduziu pela porta para um trenó feito de gelo. Com rapidez, empilhou cobertores grossos em cima de mim e

me amarrou.

– Nós vamos de trenó – explicou.

– É. Já percebi. Onde estão os cachorros?

O dragão deu tapinhas na minha cabeça e respondeu:

– Os rapazes vão puxar o trenó.

– O quê? Como? Eles vão congelar.

– Estarão perfeitamente aquecidos. Cavalheiros?

O cabelo de Ren caiu em seu rosto quando se abaixou para amarrar a bolsa ao trenó. Ele estava tão próximo que seu cheiro quente de sândalo me envolveu. As pontas dos meus dedos coçaram para alisar o cabelo dele para trás, mas ele se levantou sem nem olhar para mim, assentiu, e ele e Kishan se transformaram em tigres. Fiquei olhando perplexa quando o dragão os prendeu aos arreios do trenó.

– Eles não precisam me puxar – gaguejei. – Posso ir andando.

O dragão imediatamente dispensou minha sugestão.

– Assim vai ser bem mais rápido. Além do mais, não é bom se demorar muito no gelo. Os animais ficam mesmo *muito* famintos aqui. Estas paredes são grossas, mas nunca se sabe quando poderão rompê-las.

– E quando diz romper está falando de... atravessar o gelo?

– Estou. Eu solidifiquei os túneis recentemente, mas a pressão é imensa nesta parte do oceano. Claro que nem sempre vocês estarão vulneráveis ao oceano. Os túneis de gelo levam a cavernas, que também serpenteiam através de pedras.

– Legal. Então, como é que eu dirijo esta coisa?

– Esta é a parte interessante. Não precisa dirigir. Seus tigres vão achar o caminho para você.

– Maravilha – murmurei, sarcástica.

– Boa sorte para todos vocês. Desejo-lhes o melhor.

Com isso, o dragão fechou a porta e nós ficamos mergulhados na escuridão. Fanindra se enrolou no cabo do trenó e iluminou a caverninha com os olhos verdes.

– Certo, rapazes. Vamos em frente, eu acho...

Ren saltou primeiro e o trenó sacudiu com perigo de um lado para outro durante um tempo, até os irmãos sincronizarem o ritmo. Observei os tigres correrem, com as unhas se enfiando no gelo, e fiquei de olho nos peixes famintos, preocupada. A certa altura, um peixe do tamanho do Hummer de Ren se interessou por nós. Ele nos acompanhou por vários minutos e chegou a dar cabeçadas no túnel de gelo, arranhando-o de leve com os dentes longos e pontudos antes de se afastar nadando – para o meu alívio. Ren e Kishan pareciam

possuir quantidades infinitas de energia e correram durante muitas horas, parando apenas para breves intervalos de descanso.

Não sei como, mas, em algum lugar do túnel de gelo, eu caí no sono, apenas para ser acordada por um solavanco repentino pelo caminho. Pisquei várias vezes na escuridão, imaginando que distância havíamos percorrido. O túnel liso de gelo que atravessava o oceano tinha se transformado em um caminho de neve com protuberâncias rochosas, e percebi que estávamos rodeados de terra, não de água. Insisti para que parássemos e os irmãos pudessem comer, e desejei uma panela inteira de carne assada para cada um deles. Bebi um chocolate quente fumegante enquanto eles comiam e descansavam.

Fazia frio. Eu me sentia como o homem de lata. Todas as minhas juntas tinham se congelado na posição em que eu caíra no sono. Eu me ajeitei, tentando achar uma posição mais confortável, e, sem conseguir, tentei soltar minha correia de segurança para que ela não fizesse pressão no meu ombro. Frustrada, arranquei a luva e imediatamente senti a diferença de temperatura. O frio era tão gélido que doía. Era o tipo de frio que penetrava nos ossos, e nem o mais quente dos banhos seria capaz de voltar a me aquecer.

Depois de mais algumas horas de corrida, Ren e Kishan resolveram parar a fim de passar a noite. Soltei os tigres dos arreios, pedi ao Lenço que fizesse uma barraca e uma dezena de cobertores e me enfiei sob eles. Meus tigres se aninharam bem perto de mim, um de cada lado e, como superaquecedores, permitiram que eu ficasse bem quentinha a noite toda.

Retomamos nossa jornada no dia seguinte. Mais ou menos no meio da manhã, a caverna se abriu em um espaço maior com um lago congelado. Os tigres caminharam sobre o gelo com cuidado, farejando ao avançar. Depois de mais alguns passos cautelosos, voltaram a correr, apesar de mais devagar. Eu não fazia ideia de como eles sabiam aonde ir, mas seguiram em frente, os dois com a cabeça apontada para a mesma direção. Talvez fosse sexto sentido de tigre. Ou, mais provavelmente, eles sabiam aonde estavam indo porque ouviram o que o dragão branco tinha dito enquanto minha mente se ocupava com outros assuntos.

Entramos em mais um túnel no lado oposto do lago. Não demorou muito até chegarmos a uma sala escavada. O caminho de gelo fazia

um círculo ao redor dela; no centro, havia uma fonte alta de pedra. Ren e Kishan pararam e pedi ao Lenço que fizesse roupas para eles enquanto eu os soltava. Quando estavam livres, voltei minha atenção para a fonte, que tinha cerca de seis metros de altura, quatro bacias e estava coberta de gelo.

Kishan deu de ombros dentro de seu casaco grosso e caminhou até onde eu estava.

– Agora é com você, Kells. Liberte a guardiã.

– Como? O que eu tenho que fazer? – perguntei, nervosa, imaginando que tipo de situação assustadora me aguardava.

– Derreta o gelo – respondeu Kishan, apontando com a cabeça para a fonte.

Aliviada, relaxei e sorri.

– Isso eu posso fazer. Água corrente... é pra já!

Tirei as luvas e ergui ambas as mãos. Começando pelo alto da fonte, fui descendo lentamente. Cada centímetro que eu derretia revelava lindos entalhes minuciosos de peixes, golfinhos, estrelas-do-mar, caranguejos e tartarugas. Meu poder começou a enfraquecer quando eu só tinha derretido um terço da fonte.

– Qual é o problema? – perguntou Kishan.

– Ela está com frio – respondeu uma voz calorosa atrás de nós.

Uma voz que eu tentava ignorar desesperadamente.

Kishan pegou minha mão e a esfregou entre as palmas.

– Assim está melhor? Tente agora.

Eu tentei, mas o calor logo arrefeceu e, pior ainda, a água que eu tinha derretido estava voltando a congelar.

– Talvez você só precise descansar um pouco – sugeriu Kishan.

Ren se aproximou e estendeu a mão em silêncio. Eu dei uma olhada nela e sacudi a cabeça.

– Não seja teimosa, Kelsey.

Esfreguei as palmas das mãos com vigor e retruquei:

– Eu posso fazer isso sozinha, obrigada.

Acessei o meu núcleo interno de fogo e dei tudo de mim no aquecimento, determinada a não pegar a mão de Ren e não me permitir sucumbir à queimação que eu sentia quando ele me tocava. Eu seria capaz de terminar o trabalho sem ele.

Forcei o calor até a caverna começar a vibrar com ele. O gelo derretia cada vez mais rápido. Comecei a suar com o fogo que fazia meus braços arderem. Quando finalmente derreti a parte de baixo da fonte, tive uns dois segundos para me maravilhar com a sereia em tamanho natural que eu havia revelado antes de desabar aos pés de

Kishan. Ele me pegou no colo e me acomodou na beirada da fonte para descansar. Ren me deu uma bronca, apesar das minhas garantias verbais de que estava bem e da minha ordem para que ele ficasse quieto.

Agora que a água corria livremente, vi como a fonte era linda. A água não era transparente, nem mesmo azul. Era de um branco leitoso e reluzia. Golfinhos no alto da fonte jogavam água na segunda bacia, ao passo que peixes de pedra saíam da parte mais alta da terceira bacia e faziam o líquido escorrer para a próxima. Tartarugas estendiam-se como se estivessem tomando banho de sol nas pedras e a sereia agitava o rabo e penteava o cabelo comprido com os dedos e... *espere...* a sereia estava *viva*!

Ela deu risadinhas e agitou os dedos para Kishan em um gesto sedutor.

– Mas que garota de sorte você é para ser carregada no colo por um homem tão lindo.

– Sou, sim. Tenho tanta sorte que nem imagina. Você é a guardiã da chave?

– Isso depende. – Ela se inclinou para a frente e sussurrou em tom conspiratório: – Cá entre nós, garotas, será que posso ficar com um desses dois?

Eu franzi a testa.

– O que exatamente você gostaria de fazer com ele?

A sereia riu novamente.

– Tenho certeza de que posso pensar em algo.

– Eles têm garras e rabo, sabia?

– E eu tenho escamas. E daí?

– É, você tem mesmo escamas – disse Kishan, baixinho, em tom de apreciação.

Dei um tapa de leve no braço dele.

– Pare de olhar.

– Certo. – Ele limpou a garganta. – Nós realmente precisamos da chave para o Sétimo Pagode. Hum... Qual é o seu nome?

Ela fez um biquinho, cheia de charme.

– Kaeliora. Tudo bem, vocês podem levar a chave. Mas vão ter que pegá-la sozinhos. Se não posso ficar com um dos homens, então não há nenhum bom motivo para voltar a molhar o cabelo. – Ela franziu a testa e espiou seu reflexo na água. – Está coberto de gelo faz tanto tempo que as raízes estão ressecadas – reclamou, antes de pegar um pente feito de coral e começar a pentear com cuidado o longo e volumoso cabelo loiro.

Quando chegou a um trecho que cobria a parte superior direita do corpo, arquejei baixinho. Ela tinha escamas mesmo. Era toda coberta por elas. Os braços, o rosto e as costas eram humanas, mas as escamas do seu rabo de peixe subiam por quase todo o torso e se enrolavam pelo pescoço como uma blusa frente-única. Quando ela se virou para olhar seu reflexo na água mais uma vez, vi que toda a parte da frente de seu corpo era envolvida por escamas como se fossem um macacão justinho que, de algum modo, parecia mais provocador do que se ela estivesse nua. As escamas de Kaeliora eram verde-arroxeadas e cinzentas, como as de uma truta arco-íris. Ela era linda e parecia estar querendo atrair a atenção de Ren e Kishan.

Voltei os olhos deliberadamente para as tartarugas e disse:

– E então? Cadê a chave? Não precisa molhar o cabelo. Eu pego.

– Certo, mas, primeiro, onde está o meu presente? – exigiu ela, agitando os dedos.

– Que presente? – perguntei.

– Você *sabe*... Alguma coisa colorida e viva.

– É... desculpe. Nós não trouxemos nada para você.

Ela fez biquinho.

– Então acho que não vou poder ajudar.

– Espere – disse Ren.

Ele abriu a bolsa e pegou o colar de flores de lótus de Durga.

– A profecia dizia para deitar a coroa no mar de leite. É isto que você quer, Kaeliora? Flores?

Ele depositou as flores na água leitosa, onde flutuaram até os dedos estendidos da sereia.

– Ah! – Ela pegou o colar e aninhou os botões junto ao rosto. – Faz milhares de anos que não sinto o cheiro de um botão fresco. É perfeito.

Ela ajeitou o colar no pescoço e sacudiu o rabo, toda feliz.

Ficamos lá parados um minuto, esperando que ela voltasse a reparar em nós. A sereia admirou seu reflexo, as flores, seu cabelo e assim por diante.

Finalmente, eu disse:

– E a chave?

– Ah! Vocês ainda estão aí? Muito bem – balbuciou ela enquanto examinava o cabelo em busca de pontas duplas. – Está lá no fundo do lago.

– No fundo do lago? Como acha que nós vamos conseguir pegá-la? – indaguei.

Ela ergueu a cabeça e sorriu.

– Nadando, é claro. Que pergunta boba!

– Mas a água está congelada e é fundo demais!

– Não é assim *tão* fundo. Só tem uns seis metros, mas é frio mesmo. A pessoa que mergulhar provavelmente vai congelar antes de retornar à superfície.

– Eu vou – declarou Ren.

Alo estalou dentro de mim e não pude evitar pôr para fora.

– Mas é claro que você iria dizer isso! – gritei. – Está sempre disposto a se colocar em perigo, não é mesmo? Não consegue resistir a uma causa nobre, por mais perigosa que seja! E por que não? Ele é mais rápido do que uma bala e consegue saltar sobre prédios altos. Como seria de esperar, você quer ir.

– Por que eu deveria ficar? – perguntou ele, baixinho.

– Isso mesmo. Está certo. Não tem absolutamente nenhum motivo para se manter em segurança. É só mais um dia na redação para você, não é mesmo, Super-Homem? Não, Homem de Gelo seria mais apropriado neste caso. Por que não? Vá logo! Saia voando e salve o dia, como sempre faz. Apenas tome cuidado para não voltar igual ao Mister Freeze. Ele era o vilão!

Kishan se intrometeu.

– Acho que está exagerando, Kells.

– É óbvio que estou. Mas todos nós temos papéis a desempenhar, não temos? O meu é o da namorada irritante que atrasa todo mundo. Você pode ser o bonzinho que fica para trás, consola a garota e dá tapinhas carinhos na mão dela. E Ren pode sair para salvar o mundo. É assim que tudo isso funciona, não é?

Ren suspirou e Kishan olhou para mim como se eu estivesse louca, *o que era verdade*, e a sereia franziu o nariz e deu risada.

– Isso é tão divertido! – disse ela. – Mas não importa. *Ele* não pode ir. Só este aqui pode.

Ela apontou para Kishan e então ficou fascinada com as unhas das próprias mãos.

– O quê? Por que ele? – perguntei.

– Porque *ele* tomou o soma. Se este aqui tentasse entrar na água – ela apontou para Ren –, iria morrer imediatamente.

– Tomou o soma? Está falando daquela bebida na casa de Phet?

– Não faço a menor ideia de onde ele a tomou. Só sei que tomou. O poder bruxuleia na pele dele. Vocês não conseguem ver? É muito atraente.

Dei uma olhada em Kishan.

– Não, realmente não enxergo o poder dele.

– Bom, a água está cheia de poder. A minha função é mexê-la de vez em quando para que não se acumule no fundo. Se você encostar o dedo nela, vai levar o pior choque da sua vida. Se enfiar o braço, seu cérebro vai parar de funcionar. E se enfiar o corpo todo, *zap!* Vai virar canela flutuando no cappuccino.

– Que legal – balbuciei.

– Mas a água faz maravilhas pelas escamas de uma garota. Banhos de leite são o máximo quando o rabo resseca. Mas nem tente fazer isso. Não existem apenas coisas boas e cremosas naquele lago. Todos os tipos de poderes especiais estão ali; e apenas uns poucos pertencentes a uma elite são capazes de acessá-los. Pode chamar de piscina dos deuses; só aqueles que têm um passe podem entrar nela. É algo exclusivo, e nenhum de vocês pertence ao clube. Ele provavelmente vai congelar assim mesmo, mas pelo menos é o único que tem uma boa chance. Ah, esqueci de mencionar: é melhor ser rápido. Meus dedos dos pés já estão resfriando e, se a fonte voltar a congelar antes de você voltar, não vai conseguir nem entrar nem sair do lago, e eu não vou poder dizer a vocês como pegar o Colar.

Nós ficamos lá parados, atônitos.

– Andem logo. Vão agora. Apressem-se.

Nós três saímos correndo, escorregando e deslizando pelo túnel até o lago. Ouvi as reclamações da sereia que choramingava porque seu rabo não recebia hidratação suficiente. Então nós fizemos uma curva e não deu mais para distinguir as palavras dela.

Kishan tirou o casaco e os sapatos enquanto usei meu calor para abrir no gelo um buraco grande o bastante para que ele entrasse.

Mal escutávamos Kaeliora gritar:

– É de ouro! Brilha no escuro! Não tem como deixar passar!

Kishan sacudiu os braços e as pernas, me deu um beijo e entrou direto pelo gelo. Ele ficou submerso vários minutos antes de sua cabeça irromper pela camada fina de gelo que agora cobria o buraco. Respirou fundo e disse:

– Ainda não a vi.

Fiquei lá preocupada, mordendo o lábio e tentando pensar numa desculpa racional para explicar por que eu não tinha reagido ao mergulho de Kishan na água perigosa da mesma maneira que reagi à possibilidade de Ren mergulhar. Logo consegui me convencer de que foi só porque eu não tivera tempo para processar meus sentimentos.

Kishan veio à tona mais duas vezes. Na última, disse:

– Eu a vi, e está bem longe. Mas tenho certeza de que consigo pegá-la.

Os dentes dele batiam e seus lábios estavam azuis.

Kishan submergiu mais uma vez e a sereia disse com a voz bem alta porém entediada:

– Ele não vai conseguir. Vai morrer congelado. Vocês podem ajudar, sabiam?

– Como? – vociferei em resposta.

– Você já sabe como.

Deixei mais alguns segundos se passarem antes de arrancar o meu casaco e depois o de Ren. Ele não disse nada e já parecia saber o que eu iria fazer. Ergui as mangas da camisa e lancei meu poder de raio no lago. Ren me puxou para junto do peito dele, apertou a bochecha contra a minha e deslizou as mãos pelos meus braços. Senti as chamas quentes lamberem minha pele quando o fogo dourado saiu não de uma, mas das duas palmas das mãos. Ele entrelaçou os dedos nos meus e o calor se intensificou.

O vapor se erguia do lago e o buraco cresceu rápido, expandindo-se por toda a superfície. Uma cabeça emergiu no meio e Ren sussurrou:

– Ele está bem. Estou ouvindo sua respiração. Você consegue fazer mais?

Assenti e continuei a esquentar o lago até não conseguir mais ver gelo e identificar Kishan nadando na nossa direção pela água leitosa.

Ele se aproximou e berrou:

– Nossa! Isso aqui está bem gostoso. Quase igual a uma sauna! Pena que vocês não podem experimentar!

Ao ver que ele estava em segurança, eu me afastei de Ren com um gesto abrupto. Ele ergueu uma sobrancelha mas não disse nada, apenas pediu ao Lenço que fizesse toalhas.

Kishan saiu da água e se sacudiu feito um cachorro. Ele me agarrou, me deu um beijo molhado e enfiou a chave na minha mão. Enquanto Kishan vestia roupas secas, corri pelo caminho agora enlameado e voltei para a fonte, com Ren me seguindo em silêncio.

Escorreguei e parei na frente da sereia semicongelada, lancei um raio de calor nela e então lhe mostrei a chave.

– Nós conseguimos pegá-la. E agora?



O Sétimo Pagode

— Que bom. Agora, escutem o que tenho a dizer com muita atenção. Vocês obviamente estão em busca do Colar e contam com a proteção de Durga. — Kaeliora fez uma pausa para cheirar os botões de lótus mais uma vez. — Caso contrário, eu não iria ajudá-los. Continuem a seguir este caminho. O túnel vai levá-los de volta ao oceano. Sugiro que percorram o gelo com rapidez, porque algumas das criaturas mais antigas do mundo fazem deste reino seu lar e não apreciam intrusos.

— O dragão branco não nos falou sobre isso — comentei, quando Kishan nos alcançou.

— Bom, faz muito tempo que ele não vem aqui embaixo e, além disso, as coisas que não afetam os dragões podem ser mortais para um ser humano. Alguns dos predadores mais apavorantes do oceano não passam de bichos de estimação para um ser como Yínbáilóng. Quando chegarem ao pagode, usem a chave para abrir a porta. O Colar se encontra dentro da concha de uma grande ostra numa lagoa de água leitosa, por isso, assegurem-se de que apenas ele — ela apontou com a cabeça para Kishan — tente buscá-lo. Esta é a parte fácil.

— Que ótimo... — resmunguei.

— A parte difícil... — Ela agitou o rabo e grunhiu baixinho. — Parece que voltei a congelar. Você se incomoda?

Suspirei e ergui a mão, mas não aconteceu nada.

— Ela não consegue mais. Está exausta — explicou Kishan.

Ren tirou a luva e pegou no meu pulso antes que eu pudesse sair de

seu alcance. Uma luz dourada disparou da palma da minha mão para esquentar a fonte toda. O vapor se ergueu da água, e a sereia mergulhou mais fundo, suspirando de prazer.

– Isso é maravilhoso! Você não faz ideia de quanto tempo faz que não me sinto quente de verdade. Obrigada.

– Não tem de quê.

Baixei a mão e tentei, discretamente, soltar o pulso da mão de Ren. Constrangida, dei um passo mais para perto de Kishan, que pareceu chocado. Olhei feio para Ren, que apenas desviou o olhar. Eu não estava *traindo* Kishan, mas me sentia como se tivesse sido pega no flagra beijando Ren. Havia algo diferente, algo especial na chama dourada, e eu não queria explorar esse seu caráter único.

– Não é nada – sussurrei.

A sereia discordou.

– Ah, eu diria com toda a certeza que é alguma coisa, sim. Não vejo uma conexão assim tão forte há milênios.

– Como assim, conexão? – indagou Kishan com educação, mas com um toque de desaprovação na voz.

– Aquela luz é mais poderosa do que a que ela consegue produzir sozinha. Ele funciona como... bom, como um filamento. Ela despeja a própria energia nele e ele a aquece. Então ele envia de volta a ela, como uma lâmpada. Eles criam um tipo de vácuo entre si; é dessa conexão que eu estou falando. É muito especial e rara de se ver. Quando eles se tocam, nada existe além dos dois. Só têm consciência um do outro.

Minha primeira reação foi de choque. *Isso explica muita coisa.* A sereia tinha acertado na mosca. Só havia um problema na teoria dela. Ren não *precisava* encostar em mim para criar um vácuo. Eu era capaz de senti-lo – sempre quente e poderoso – *o tempo todo*. Eu só precisava fechar os olhos e ele já me envolvia numa bolha tão forte que eu me esquecia de tudo e de todos. Ren de fato tinha *todo* esse poder.

Minha conexão com ele era cósmica. *Faz sentido.* Estávamos destinados a encontrar um ao outro para romper a maldição. Só isso. E, se eu evitasse tocar nele, provavelmente poderia me dar melhor como namorada de Kishan e, como resultado, ser menos acometida pela culpa. Talvez eu até fosse capaz de me esquecer *daquele lá* e amar Kishan com todo o meu coração, o que era o meu objetivo, afinal.

Kishan olhou para mim, magoado e confuso, provavelmente interpretando mal as emoções que passavam pelo meu rosto. Peguei

sua mão e minimizei as partes em que eu não queria pensar quando falei:

– Bom, acho que isso explica por que nós não conseguimos criar a luz dourada juntos, *se é* que podemos acreditar no que a sereia diz a respeito da analogia toda da lâmpada. Como se ela pudesse saber... Até parece que trocou muitas lâmpadas aqui no fundo do mar. – Dei risada, mas ninguém mais me acompanhou. Pigarreei e prossegui, gaguejando: – Mas com toda a certeza é uma ferramenta útil. Salvou a sua vida agorinha mesmo, Kishan.

Apertei a mão dele, como uma mensagem silenciosa de que iríamos conversar mais tarde, e pedi a Kaeliora que prosseguisse com o que ela deveria nos contar. Também lhe enviei um olhar de advertência para que ela não mencionasse outras coisas que deveriam permanecer omitidas.

– É, sim... Do que eu estava falando mesmo?

– Da parte difícil – completou Ren.

– Ah, sim. A parte difícil não é entrar. É sair. O Colar vai ajudar vocês a escapar. É só pedir a ele um caminho até a superfície. Ele é capaz de manipular a água, do mesmo jeito que o seu outro item manipula tecido. Mas há um grande predador à espreita no Sétimo Pagode. Ele não come. Ele não caça. Ele não dorme. Sua única razão de existir é impedir que vocês façam o que vão fazer.

– Ele é capaz de romper os túneis de gelo?

– Ele não vai precisar fazer isso. Vocês não podem voltar pelos túneis.

– Por que não?

– Porque, uma vez que atravessarem o limiar para dentro do pagode, os túneis vão derreter para impedir que qualquer ladrão em potencial fuja. A única maneira de chegar à superfície é pelo mar.

– Mas a pressão vai nos matar!

– Não se estiverem com o Colar. Mesmo assim, ainda vai ser muito perigoso. Compreendam isso antes de tomarem uma decisão. Vocês ainda podem voltar atrás se não quiserem se arriscar.

Os dois homens olharam para mim.

Eu mordi o lábio.

– Nós vamos seguir em frente. Afinal, chegamos até aqui.

– Muito bem. Antes de irem, tenho um presente para você, Aquele que Encontrou a Chave. Pode encher o seu cantil na minha fonte – disse ela com um floreio.

– O meu cantil? – perguntou Kishan, curioso.

– Sim. Um cantil. Um recipiente qualquer. Não tem nada assim?

Durga deveria ter dado um a você.

– Durga?

– Sim, sim.

– Um recipiente de Durga? É o *kamandal*! – berrei, toda animada. – Você está com ele agora?

Ele puxou o cordão que trazia ao redor do pescoço e tirou a concha de dentro da camisa.

– Está falando disto? Mas não tem rolha.

– Não faz mal – garantiu a sereia. – Apenas mergulhe-o na fonte. Não vai precisar de rolha. Nenhuma gota vai derramar, a não ser que você deseje usá-lo.

Ele posicionou a concha sob um filete da água leitosa.

– O que devo fazer com o líquido? Matar alguém?

A sereia deu risada, um som borbulhante e alegre.

– Não. Suas propriedades vão mudar quando saírem deste lugar. Já não vai mais machucar vocês. O néctar da imortalidade deve ser usado quando estiver mais desesperado. Confie nos seus instintos. Usá-lo sem prudência é alterar o destino. Um homem sábio enxerga o caminho que todos devem percorrer e adota o livre-arbítrio da humanidade, mesmo que assistir a seus desdobramentos lhe cause dor.

Kishan assentiu e pôs o *kamandal* embaixo da camisa.

– Se a decisão de vocês for por avançar, sugiro que se apressem.

Ren e Kishan prepararam o trenó enquanto a sereia me chamou para uma conversa. Ela arrancou um botão do colar e o colocou na minha mão.

– Você é uma mocinha de sorte. O amor é capaz de superar muitos desafios. É um tesouro precioso que vale muito mais do que todas essas outras coisas milagrosas. É a magia mais poderosa do Universo. Não deixe que escorra por entre os dedos. Agarre-se a ele com toda a força.

Assenti e me afastei para arrear os tigres. Depois que estava acomodada e amarrada com firmeza, me virei para olhar a sereia pela última vez. Ela nadava toda feliz em sua fonte. Fiz um carinho em Fanindra e amarrei uma das bolsas com mais segurança, então partimos.

Quando os rapazes deram a volta na fonte, fiquei pasma. A sereia e a fonte já estavam completamente congeladas. Gotículas leitosas pendiam suspensas no ar, pingando da boca de peixes congelados. Kaeliora tinha abaixado a cabeça para cheirar o colar de flores com um sorriso radiante no rosto. Os tigres começaram a correr e eu me

ajeitei para fitar o caminho que se estendia à nossa frente.

Não demorou muito até dispararmos para dentro do túnel de gelo mais uma vez, correndo através do oceano. A água negra que nos rodeava de repente me deixou temerosa. À medida que avançávamos correndo, eu não consegui me segurar e comecei a cantarolar a música do passeio assustador no barco de Willy Wonka. Peixes de néon arrepiantes se aproximavam para dar uma olhada, apesar de a maior parte deles nos deixar em paz. Não tinham tamanho suficiente para romper o gelo, mas não demorou muito para que algo maior se interessasse por nós.

No começo, não vi nada além de uma sombra cinzenta. Achei que minha imaginação estivesse me pregando uma peça, mas então olhei para o lado e vi um olho gigantesco me espiando. Soltei um grito e os tigres pararam de supetão. Algo na nossa parada fez a criatura entrar em ação. Ela cutucou o túnel de gelo pela parte de baixo, com o nariz. O trenó de repente subiu no ar e desabou de volta ao piso. Kishan e Ren se estatelaram numa confusão de patas e rabos e o trenó caiu para o lado e foi com tudo contra a parede. Fiz força contra o gelo e nos endireitei enquanto os rapazes voltavam a se levantar.

A criatura nadou para a direita e raspou a lateral do corpo coberta de escamas no gelo. Fomos jogados para o outro lado e apareceu uma grande rachadura. Ren e Kishan voltaram a correr e a criatura veio atrás. Comecei a gritar para avisar sobre a posição dela, para que eles pudessem se preparar quando ela atacasse. Rachaduras iam se formando por todo o túnel. Eu sabia que seria fácil a água do mar entrar e nos matar. Nós não tínhamos as bolhas de ar do dragão – a única coisa que podíamos fazer era correr.

Os tigres avançavam cada vez mais depressa, mas a criatura nos ultrapassou com facilidade. A certa altura, não consegui mais enxergá-la e tinha acabado de soltar um suspiro de alívio quando olhei para a direita e vi algo nadando na nossa direção a toda a velocidade. Parecia um crocodilo pré-histórico. O focinho comprido se abriu todo quando ele veio bem para cima de nós. Ia morder o túnel de gelo e parti-lo ao meio!

Berrei mais uma vez e me preparei para o impacto. Fechei os olhos, cobri a cabeça e senti o túnel sacudir com violência quando a criatura o atingiu. Kishan e Ren derraparam para parar, fincando as garras no gelo. Tenho certeza de que estavam imaginando, assim como eu, se não seria mais inteligente dar meia-volta e retornar.

Enquanto esperávamos o tremor parar, olhei bem no fundo da bocarra do monstro. A única coisa que nos impedia de virar comida de peixe era o túnel. Cada dente tinha 30 centímetros de comprimento e atacava o gelo com uma força brutal. Começou a vaziar água de cima, no lugar em que um dos dentes fez um furo. Kishan cutucou Ren com o focinho e eles voltaram a avançar correndo.

A criatura torceu a cabeça e urrou de frustração enquanto nos afastávamos dela. Mais rachaduras enormes foram aparecendo no gelo conforme seu corpo batia na parte de cima do túnel, tentando nos pegar. O barulho deve ter atraído atenção, porque a ela logo se juntou outra besta: uma enguia de rabo comprido que acabava em uma nadadeira. Ela enrolou completamente a cauda no túnel de gelo e o apertou. Ouvi vários estalos e a água começou a entrar, cobrindo as paredes e deixando o gelo escorregadio. Os tigres derraparam e precisaram diminuir a velocidade para fincar as garras e conseguirem tração.

Uma vibração sacudiu o túnel quando o crocodilo berrou e começou a lutar contra a enguia pelo prêmio. A enguia mordeu o rabo do crocodilo enquanto ele batia o corpo contra o túnel, prendendo-a. O gelo rachou antes de eles se afastarem nadando numa confusão de barbatanas. Os tigres aproveitaram a ausência das criaturas para seguir em frente com mais velocidade.

Fizemos uma curva e vimos uma projeção de pedra e um brilho dourado adiante. O Sétimo Pagode! Estávamos perto. Através do gelo, pude avistar o contorno do templo. Nós nos dirigíamos para uma montanha de pedra que se erguia do fundo do mar. Havia pilastras altas e painéis escuros que pareciam vidro entalhados na montanha, apesar de eu saber que a pressão ali implodiria qualquer janela. O túnel levava diretamente para sua porta dourada.

Os tigres dobraram a velocidade, mas a primeira criatura tinha voltado e batia a cabeça com violência contra o túnel. Espirrou água em nós quando mais rachaduras apareceram. Fios de água congelados pingavam nas camadas grossas das minhas roupas, me fazendo tremer. A água gelada me atingia o rosto e o cabelo, congelando no mesmo instante e dificultando minha respiração. Um rio raso corria pelos nossos pés, deixando o caminho mais escorregadio, mesmo para as garras dos tigres. Ren e Kishan avançavam da melhor maneira possível, cientes de que aquela corrida seria disputada. Um medo frio se esgueirou para o meu estômago e disparou pelos meus braços e pernas.

Outro impacto e vi garras terríveis arranharem as laterais do túnel. Pontas de gelo perigosas, do tamanho de lanças, caíam e se espatifavam ao nosso redor. Um pedaço do túnel se abriu e um paredão de água desabou em cima do trenó, fazendo com que rodássemos. Estávamos a apenas seis metros da porta, mas o túnel se enchia com a água gélida do mar. O monstro mordeu o túnel mais uma vez. O terrível som de rachadura lembrava o de um pedaço de gelo se desprendendo de uma geleira. Eu me livreí das amarras do trenó e soltei Ren. Ele se transformou em homem com rapidez e se pôs a ajudar Kishan.

– Corra, Kelsey! Enfie a chave na fechadura.

Fui chapinhando pela água o mais rápido possível, mas minhas roupas me atrasavam. Agora, a água batia na minha cintura. Tentei encher os pulmões de ar, mas o choque da água congelada no meu corpo era insuportável. Meus pulmões se apertaram e não se expandiam nem se contraíam com normalidade. Pontadas de dor percorriam meus braços e pernas, e então foram se transformando em torpor. Ren e Kishan se aproximavam com rapidez atrás de mim. O crocodilo soltou mais um urro e uma onda de água congelante me atirou contra a porta dourada. Minha mão tremia quando tirei a chave do bolso com os dedos congelados. O buraco da fechadura estava embaixo da água e, por causa do pânico e da percepção incerta de profundidade, eu não conseguia enfiar a chave no buraco.

Senti mãos cobrirem as minhas e guiarem a chave de ouro. Nós a viramos e a porta se abriu bem quando uma onda nos lançou para dentro do Sétimo Pagode. Caí no chão ao lado das bolsas que Ren tinha jogado para dentro e me levantei desajeitada enquanto os rapazes se jogavam contra a porta, tentando fechá-la contra o peso da água. Um objeto brilhante bateu no meu sapato. Eu me abaixei para pegar Fanindra e a aninhei contra o peito. Contento pelo fato de Ren ter se lembrado de pegar as bolsas e meu bichinho de estimação dourado, acariciei as voltas do corpo dela e lhe pedi desculpas.

Os irmãos de algum modo conseguiram fechar e trancar a porta, então desabaram no chão molhado, arfando. Eu me coloquei entre os dois e também deslizei para o chão.

Apoiei a cabeça no ombro de Kishan e disse:

– Conseguimos. Estamos no Sétimo Pagode.

No começo, eu só tinha consciência da nossa respiração. Então, comecei a tremer. Nós nos levantamos e, por decisão mútua,

resolvemos nos trocar e vestir roupas quentes, comer e dormir. Ren e Kishan tinham usado toda a energia que possuíam. Eu me lembrei de que o treinador do circo de Ren, o Sr. Davis, certa vez me dissera que os grandes felinos dormem durante a maior parte do dia e usam sua energia em arroubos curtos. Aqueles dois tinham passado um bom tempo correndo e Kishan nadara feito um urso-polar. Eu sabia que eles estavam exaustos.

Exploramos o altar um pouco, à procura de um lugar para acampar, e descobrimos que era menor do que os outros castelos submersos. E não era frio como o palácio de Yínbáilóng – pelo contrário, era quente e escuro.

Rapidamente me sequei e fui arrumar os sacos de dormir na barraca enquanto o Lenço criava roupas quentes. Cada um preparou o próprio jantar usando o Fruto. Kishan comeu três pizzas, eu escolhi os pãezinhos com molho da minha avó, com batata roesti e ovos, e Ren pediu massa recheada, pães e salada – a primeira refeição que eu tinha feito para ele. Quando olhei feio para ele, Ren simplesmente ergueu uma sobrancelha e me desafiou silenciosamente a fazer algo a respeito. Cheguei à conclusão de que ignorar seria o melhor a fazer, por isso lhe dei as costas e cheguei mais perto de Kishan, que já estava na segunda pizza.

– Quer uma fatia?

– Não, tenho bastante comida, obrigada.

Ninguém falou mais nada. O clima era constrangedor. Comemos em silêncio e então nos preparamos para dormir. Dei um gole no chocolate quente e imaginei o que faria em relação a dormir tão perto de Ren na forma de homem. Kishan parecia não ver problema algum em nossas acomodações para dormir. Simplesmente entrou em seu saco de dormir e começou a roncar.

Ren se virou para mim.

– Você vem?

– Vou... daqui a um minuto.

Pensativo, ele me observou por um instante e depois entrou na barraca. Quando não pude mais adiar, puxei a aba e suspirei ao ver o lugar vazio – que era obviamente para mim – no meio, entre Ren e Kishan. Sem querer incomodá-los, peguei meu saco de dormir com cuidado e o coloquei do outro lado de Kishan. Só havia um espaço minúsculo, por isso, pedi ao Lenço que alargasse a barraca, entrei no meu saco de dormir e me virei de frente para a parede.

– Até parece que vou atacar você enquanto estiver dormindo... – disse Ren baixinho.

- Fico com muito calor entre vocês dois – menti.
 - Eu podia ter trocado de lugar com você.
 - Eu não ia querer que Kishan entendesse mal as coisas.
- Ouvi um suspiro profundo.
- Boa noite, Kelsey.
 - Boa noite.

Passei horas olhando para a parede da barraca e, apesar de ele não ter feito barulho, fiquei achando que Ren também não dormiu muito.

Quando acordamos – ou, no meu caso, resolvemos seguir em frente –, arrumamos tudo e saímos para explorar melhor o Sétimo Pagode. A estrutura ainda estava escura, e a luz que Fanindra criava só iluminava uma área pequena. Encontramos salas cheias de tesouros. Ouro, pedras preciosas e estátuas valiosas enchiam os pisos e as prateleiras de cada cômodo.

Entramos numa área cavernosa e paramos enquanto o som da nossa voz ecoava pelo espaço. Dava para ouvir uma cascata e sentir cheiro de mar, e fiquei achando que os irmãos também tinham farejado alguma coisa, porque, ao mesmo tempo, os dois se colocaram na minha frente. Fomos avançando bem devagar, pé ante pé, e chegamos a uma bacia grande cheia de areia. Havia caixas com paus compridos em uma mesinha lateral.

- O que é isto? – perguntei.

Ren pegou um pau e o examinou.

- Incenso. É usado em altares.

Peguei alguns pauzinhos e os finquei na areia, do mesmo jeito que Ren tinha feito com os dele, e usei meu poder para acendê-los. Uma fumaça delicada com aroma de pinho se ergueu. Kishan abriu uma caixa de pauzinhos vermelhos e começou a encher a bacia com eles. Eu os acendi e meu nariz coçou ao sentir o cheiro doce de botões de flor. Reparamos que, à medida que o incenso queimava, a sala ia ficando mais iluminada.

O pagode era de tirar o fôlego! Foi só naquele momento que pudemos apreciar todo o seu esplendor. Estávamos num salão tão grande que caberiam centenas de pessoas ali com conforto. Pilastras douradas se erguiam à altura de três andares e sustentavam o teto pintado abobadado. Janelas grossas em forma de arco exibiam o mar de tal maneira que era como olhar para uma série de aquários fabulosos. Pergaminhos e murais detalhados estavam emoldurados nas paredes, mas, fora isso, as paredes e o teto eram pintados de

vermelho com dragões laqueados soltando chamas.

O piso era feito de lajotas pretas reluzentes. Uma fonte pequena pingava num lago amplo que ocupava a maior parte do espaço. A água era branca como a do lago da sereia, logo, era impossível enxergar o que havia no fundo. Lembrei a mim mesma em silêncio para não tocar nela, por mais linda que fosse. Kishan e eu nos juntamos a Ren, que examinava um dos murais.

– Aqui está ele. O Colar. Estão vendo como repousa dentro da ostra? – disse Ren, todo animado, ao avistar um mural que representava o Colar de Durga rodeado por centenas de ostras.

– É... mas não dá para ver nada através da água. Ela é turva demais. Como é que Kishan vai encontrá-lo? E o que mais tem lá embaixo?

– De acordo com o mural, nada. Só um leito de ostras. Ele vai precisar abrir todas as conchas. – Ren deu um tapinha no ombro de Kishan. – Fico feliz que você tenha bebido o *soma* e não eu.

– Valeu! Bom, quanto antes melhor. Vocês dois fiquem me esperando aqui na beirada que eu vou jogar as conchas.

Ele tirou a camisa e chutou os sapatos para longe.

Quando me virei de novo para o mural, Kishan pegou na minha cintura por trás.

– Quer nadar comigo, linda?

– A água vai matá-la – disse Ren, seco.

Olhei com ódio para Ren, virei para dar um abraço em Kishan e sorri.

– Quem sabe mais tarde. – Dei um tapinha em seu peito nu e escorreguei a mão até a cintura. Cutucando os músculos firmes, falei: – Estou achando que precisa se exercitar mais, Kishan. Está ficando todo flácido com a idade avançada.

– Onde? – ele quis saber, tentando beliscar a pele da cintura.

Dei risada e disse:

– Estou brincando. Daria para ralar queijo na sua barriga. Ainda bem que não existem outras garotas por aqui. Todas elas estariam jogadas aos seus pés.

Ele sorriu.

– Uma garota jogada aos meus pés me basta. Além do mais, um homem precisa ser forte o bastante para salvar sua donzela em perigo, não é verdade?

Ren franziu a testa e nos interrompeu.

– O que vai usar como faca? – perguntou.

– Vou usar o *chakram*. Como você vai abrir as ostras?

– Nós vamos pensar em algo – afirmou Ren, logo antes de dar um empurrão semiamigável em Kishan na direção do lago leitoso.

Kishan apertou minha mão e entrou na água com cuidado. Alguns segundos depois, ouvimos um baque quando uma ostra pesada do tamanho de uma panela bateu no piso. Deixei Ren sozinho por alguns minutos para achar um jeito de abri-la e dei a volta no lago.

A cascata era linda. A água leitosa caía por cima das lajotas pretas para o lago abaixo. Havia alguns degraus, que levavam ao alto da fonte, e resolvi subi-los. Em um nível acima da queda-d'água, reparei numa alcova com outra fonte e algumas estátuas de mármore.

Dei uma olhada em Ren e ouvi quando ele disse a Kishan que continuasse jogando as ostras. Ele estava usando o tridente para abrir as conchas e, como eu não tinha uma arma para mim, resolvi me demorar um minuto examinando as estátuas.

As figuras de mármore e ouro representavam três pessoas: dois homens e uma mulher. A mulher estava abraçada a um dos homens, que lhe oferecia um lindo de colar de pérolas. O outro homem os observava com ciúme. Uma parede de mármore grossa e curvada se estendia atrás da fonte, dos dois lados.

– Ren? Acho que encontrei Parvati e Shiva! Indra também está aqui!

– Já vou olhar. Só um minuto – gritou ele em resposta.

Havia algo mais. Uma das mãos de Indra estava fechada de forma ameaçadora, mas a outra apontava para trás da fonte, no lugar em que Shiva e Parvati estavam. *Isso pode ter algum significado. Deve haver mais alguma coisa ali atrás. Talvez outra estátua.* Desci os degraus da fonte, dei toda a volta pelo muro e então arquejei de choque e pavor. Havia um tubarão morto enorme estirado no chão.

– Não pode ser – sussurrei.

Seu nariz pontudo se erguia no ar e sua boca estava aberta, solta. Apesar de ser feito de mármore, eu tremi, imaginando como seria se ele me atacasse. Sua boca tinha tamanho suficiente para morder um dragão e parti-lo ao meio, o que dizer de um ser humano insignificante como eu? Impressionada, estendi o dedo e para tocar num dente serrilhado afiado, mas recuei no último instante.

Resmungando para mim mesma, eu disse:

– Isso é impossível. Nunca vi nada deste tamanho no especial de TV *Semana do tubarão*.

Talvez seja pré-histórico, pensei.

Pigarreei.

– Ren? – Nada de resposta. Chamei um pouco mais alto: – Ren? Será que você pode vir aqui? Por favor!

– Só um minuto, Kelsey. Quase consegui abrir esta aqui.

Eu me afastei devagar da criatura apavorante até minhas costas baterem na amurada de alabastro. Ali, paralisada, fiquei examinando o tamanho da criatura que me amedrontou mais do que qualquer coisa que eu já tivesse enfrentado. Os *kappa* eram gatinhos em comparação com esta coisa. E as aves estinfalianas? Meros canários. Comecei a tremer quando ondas de pânico tomaram conta de mim, obscurecendo tudo menos o monstro do qual eu não conseguia tirar os olhos.

Sacudi a cabeça e sons baixinhos de choramingo saíram dos meus lábios. Desci a escada rápido, aos tropeços, parei na cascata e fiquei paralisada mais uma vez. A única coisa em que conseguia pensar era na palavra *não*. Eu a repeti na cabeça várias vezes – *não-não-não-não* – e só percebi que estava entoando em voz alta quando ouvi a palavra ecoada numa outra voz.

Ren apareceu à minha frente como que por magia, me abraçou e me segurou bem junto a ele. Massageando de leve a minha nuca, perguntou:

– *Não...* o quê, Kelsey?

– É impossível – sussurrei contra a camisa dele feito um zumbi.

– Vamos. Mostre o que você encontrou.

Uma parte do meu cérebro registrou o grito de Kishan:

– Ei! Onde está todo mundo? Bom, acho que vou ter que fazer tudo sozinho.

Ouvi quando ele lutou para abrir as conchas. Por saber que ele não estava em perigo, continuei com o nariz enterrado na camisa de Ren.

– Está tudo bem. – Ren me acalmou. – Vamos dar uma olhada. Eu vou com você.

Ele se afastou do meu corpo encolhido e me pegou pela mão. Agarrei a dele com as duas mãos e fiquei bem pertinho. Ele tocou os lábios bem de leve na minha têmpora antes de subir a escada. Passamos pela cascata. Quando vi a primeira estátua, comecei a tremer de novo.

Ele parou no alto e examinou as formas.

– Não estou entendendo. Qual é o problema, *strimani*?

Ergui a mão trêmula e apontei na mesma direção que Indra.

– É... – Minha voz tremeu. – É grande demais.

Ao perceber que eu não daria mais nenhum passo, ele soltou minha mão e deu início sozinho ao longo trajeto ao redor da parede de

mármore. Observei quando o rosto dele registrou choque e depois uma determinação inabalável. Ele se agachou perto da cabeça do animal e o examinou.

Fiz uma careta pensando que, em comparação com o tubarão, Ren parecia um biscoitinho que se mergulha no café. *Ele deve ser uma delícia, quem sabe até crocante. Mas até ele não passava de um aperitivo. Quanto a mim, talvez lembrasse um talo de aipo. Não seria o mais gostoso, então era melhor me lambuzar toda de molho de queijo para que o tubarão não tivesse o trabalho de me cuspir. Kishan talvez fosse um pouco mais carnudo. Seria como um rolinho primavera. Mesmo que o tubarão comesse nós três, é provável que ainda precisasse voltar para se servir mais duas ou três vezes, de tão imenso que era.*

Ren fez uma pausa para examinar a estátua por um instante e então se virou para mim.

– Vai ficar tudo bem, Kelsey. Tente não se preocupar.

– Tentar não me preocupar? É um tubarão gigante!

– É, mas...

– Ren! Um macaco-aranha está para o King Kong do mesmo jeito que um grande tubarão-branco está para esta coisa!

– Eu sei, mas...

Ele foi interrompido por Kishan, que perguntou, irado, lá do nível abaixo do nosso:

– Onde vocês estão?

Caminhei até a amurada e acenei para ele.

– Estamos aqui em cima. Vamos descer já, já.

– Tudo bem.

Amuado, ele voltou a abrir as ostras e eu me virei para Ren.

– Mas o quê? Você não entendeu? Este é o grande caçador que não dorme nem come... a coisa sobre a qual a sereia nos avisou. Sua única razão de existir é impedir que nós cheguemos à superfície!

– Nós não sabemos se esta é a mesma criatura de que ela falou.

– Para mim parece bem provável que seja!

– É o seu medo que está falando. Sei que está assustada, mas não adianta nada entrar em pânico por causa de algo que ainda não aconteceu e talvez nem aconteça.

– Eu não quero ser comida por um tubarão – choraminguei baixinho.

Ren me abraçou, sorriu e disse:

– É bem mais provável que você seja comida por um tigre. Lembra?

Assenti com um gesto fraco e funguei quando uma lágrima escorreu pelo meu nariz. Ele me deu um beijo na testa e apertou minhas

bochechas com as mãos.

– Nós vamos ficar bem. Eu prometo. Está bem?

– Está bem – respondi, baixinho.

Ele passou os polegares embaixo dos meus olhos de leve e fiquei um tanto sem fôlego. Nervosa, eu me afastei dele antes que seus gestos reconfortantes passassem para o próximo estágio e caminhei até a estátua de Parvati. Ren ficou me observando em silêncio, sem sair do lugar em que tinha me abraçado.

Coitada de você, Parvati. Também precisou escolher entre dois homens que arriscaram a vida por você. Teve que se preocupar e ficar imaginando se algum deles iria sobreviver ao monstro.

Enxuguei uma lágrima da bochecha e estendi o braço para tocar na mão dela. A estátua tremeluziu e desapareceu.

– Ren!

– Eu vi o que aconteceu!

As estátuas de Indra e Shiva também tremeluziram e desapareceram, mas o pior foi que o tubarão gigante também começou a tremeluzir. Soltei um berro quando ele sumiu. Ao mesmo tempo, ouvimos um grito de triunfo vindo lá de baixo.

– Ei, pessoal! – berrou Kishan. – Achei! Estou com o Colar!



De volta à tona

— **E**i! O que está acontecendo? – gritou Kishan.

Depois que as estátuas desapareceram, uma nuvem brilhante desceu ao nosso redor. Quando ela se dissipou, as minhas roupas e as de Ren tinham se transformado. Fiquei boquiaberta. Ele parecia um deus indiano.

Ren vestia apenas um *dhoti* branco amarrado na cintura que terminava logo acima dos joelhos. Usava um adorno de cabeça dourado, faixas nos braços, pulseiras e tornozeleiras. Em volta do pescoço, havia um colar de ouro muito rebuscado. Seu corpo musculoso de bronze reluzia.

– Você está – engoli em seco – *coberto de óleo*?

Eu não conseguia parar de olhar, incrédula, para o peitoral largo dele.

Ren não respondeu. Só ficou olhando de volta para mim com o queixo caído e uma expressão muito estranha no rosto.

– O quê? O que foi? – perguntei, nervosa.

– Você... você é a coisa mais linda que eu já vi.

– Hein? – Olhei para baixo, para as minhas vestes, e meio incerta toquei no cinto dourado grosso em volta da minha cintura. – Espere aqui um segundo.

Fui até uma das janelas escurecidas pelo mar, para ver o meu reflexo.

Eu estava bem parecida com uma deusa. Uma saia branca de tecido grosso todo bordado se estendia pesadamente da cintura até o chão. O cabelo estava trançado de um jeito todo intrincado e enrolado na

nuca, e cachos soltos faziam cócegas na minha pele. Um xale *dupatta* enrolava-se por cima do meu bustiê adornado com contas e caía em pregas pelo cinto. O cinto dourado se apertava bastante na cintura e se estendia pelo quadril, acentuando as curvas.

Eu também usava joias douradas: uma tiara reluzente, vários metros de correntes de ouro, brincos pesados, pulseiras e até tornozeleiras. Apesar de a *dupatta* branca e diáfana se estender pelas costas e cobrir a parte da frente do meu corpo, o bustiê por baixo dela era minúsculo. Quando eu me movia, sentia a *dupatta* sedosa roçando a cintura e as costas. Cruzei os braços, tentando sem sucesso cobrir a pele nua.

Não ajudou em nada o fato de perceber que Ren ainda estava olhando fixamente para mim quando eu me virei. Para minha imensa surpresa, ele se abaixou apoiando um joelho no chão, pegou minha mão e tocou a testa com ela. Nervosa, gaguejei:

– Hã... Ren? O que você está fazendo?

– Estou me ajoelhando perante uma deusa.

– Eu não sou deusa nenhuma.

– É, sim. Uma deusa, uma princesa, uma rainha. Como soldado, eu me coloco a seu serviço. Como príncipe, eu lhe garanto qualquer dádiva que esteja a meu alcance. Como homem, rogo permissão para me sentar a seus pés e adorá-la. Peça que eu faça qualquer coisa por você, e eu o farei.

Ele ergueu os olhos e pegou minhas mãos nas dele.

– *Sundari rajkumari*, meu coração acelera ao vê-la enfeitada como uma princesa real do meu tempo. Se a tivesse conhecido naquela época, se você tivesse visitado o nosso palácio, eu teria imediatamente me ajoelhado aos seus pés, desta mesma maneira, e implorado para que nunca me abandonasse.

Eu corei e respondi:

– Acho que talvez você esteja exagerando, ou sofrendo de narcose.

Ren deu um sorriso arrebatador e completou:

– Sua modéstia faz com que seja ainda mais atraente. Você é a mais adorável das mulheres, Kelsey.

Parei de me contorcer e examinei a expressão de Ren. Ele estava falando sério. *Quem poderia dizer que eu faria um homem se ajoelhar aos meus pés?* Incapaz de resistir, eu sorri para o lindo homem ajoelhado à minha frente e tirei o cabelo dele do rosto com um gesto delicado. Ele virou a cabeça, beijou a palma da minha mão e a segurou junto aos lábios.

Kishan se aproximou e lançou um olhar furioso para Ren.

– Geralmente eu gosto de dar a você o benefício da dúvida porque sei que perdeu a memória e tudo o mais, mas será que pode, por favor, se afastar da minha namorada e me dizer o que está acontecendo? Por que as suas roupas mudaram?

Ren se afastou para deixar o irmão se aproximar de mim, mas Kishan também parou em um gesto abrupto.

– Você está maravilhosa! – exclamou ele.

– Maravilhosa é um termo grosseiro demais para descrevê-la – completou Ren, baixinho. – Ela está... divina, etérea, estonteante...

Ergui a mão e falei:

– Muito bem. Se pudermos parar de olhar para Kelsey agora, eu iria me sentir bem menos sem graça.

Incrédulo, Ren disse:

– Sem graça? Por que se sentiria assim?

– Porque não me sinto à vontade revelando tanta pele. Será que podemos voltar a atenção para outras coisas? – perguntei, de um jeito nem um pouco digno de uma deusa, e isso pareceu fazer com que eles retornassem à realidade.

Os rapazes ficaram lá piscando abobados e, com relutância, Ren se dirigiu a Kishan para contar o que nós tínhamos visto. Peguei os dois parando de vez em quando para admirar minha pele exposta. Um grunhido baixinho de um irmão para o outro geralmente fazia com que a atenção deles voltasse para a conversa.

Kishan estava usando alguma espécie de pano pequeno amarrado na cintura e tinha vários metros de colares de contas ao redor do pescoço, além de faixas nos braços. Metade de seu cabelo estava puxado para trás num coque e envolto por pedras preciosas; a outra metade estava solta e tocava a parte de cima de seu ombro enorme. Ele usava um cinto fino de corda na cintura no qual estava preso um chifre, que repousava sobre o quadril. Argolas douradas nas orelhas tinham quando a cabeça dele se movia e havia um terceiro olho pintado em sua testa.

Logo percebi uma coisa.

– Esperem um segundo!

Os meninos pararam no meio da frase e eu os rodeei, examinando suas vestes.

– Nossas roupas não são aleatórias. Nós somos eles! Eu sou Parvati. Os dois se viraram para olhar para mim, e Kishan deu de ombros.

Ren me examinou mais de perto.

– Tem razão. Você está usando as roupas dela.

– Então isso deve significar que isto pertence a você.

Kishan sorriu para mim e me estendeu um colar.

Eu o corriji mentalmente: não é *um* colar, é *o* Colar; o Colar de Pérolas Negras de Durga. Como a única coisa que eu conseguia fazer era olhar fixamente para aquele objeto, Kishan ficou atrás de mim para ajeitá-lo no meu pescoço. Em vez de ter uma corrente, ele era feito de diamantes minúsculos incrustados em arcos de prata cruzados uns por cima dos outros com as pontas sobrepostas. Pendurada em cada ponta havia uma pérola negra reluzente do tamanho do meu polegar. Um aglomerado de pérolas negras e brancas pendia do centro, formando uma flor de lótus. O Colar era pesado no meu pescoço. Toquei de leve na flor de lótus.

Kishan passou os lábios pela parte sensível embaixo da minha orelha e sussurrou:

– Fica bem em você.

Ouvi o clique do fecho exatamente quando Ren berrou:

– Espere!

Fui imediatamente sugada por um túnel de vento que me depositou no espaço branco. O amuleto queimava na minha garganta. Fiquei confusa apenas por um minuto e logo relaxei a postura e observei quando um vislumbre de cenas emaranhadas apareceu na minha frente.

No começo, eu estava de volta ao *Deschen* escutando enquanto o Sr. Kadam e Nilima estudavam mapas. Eles não me enxergavam nem me ouviam, apesar de eu ter passado vários minutos tentando me comunicar com eles. Então a visão se fragmentou e eu fui levada às pressas para outra embarcação que continha algo que parecia o fantasma do Sr. Kadam. Barbatanas cortaram a água e então desapareceram. Um grande tubarão-branco de seis metros ergueu a cabeça por cima da superfície, deu uma mordida e produziu um som horrórico. Lokesh encontrava-se em pé acima das criaturas ferozes, com a mão em seu amuleto.

Dei um passo para o lado e fiquei surpresa ao reconhecer o capitão Dixon. Seu olho direito estava todo inchado e fechado, e ele tinha lacerações sanguinolentas pelo peito e pelos braços. Escutei enquanto Lokesh o interrogava, mas o nobre homem do mar resistia e se recusou a revelar o nosso paradeiro e o nosso destino – mesmo quando foi pendurado por cima da amurada, com tubarões à espera lá embaixo.

– Será que precisa de mais um pouco de motivação? – inquireu

Lokesh educadamente.

O feiticeiro sombrio acenou com a mão e uma força invisível jogou um de seus marujos na água, para um frenesi de mordidas. Os gritos dele logo se silenciaram, mas o som dos tubarões se refestelando era terrível: mastigação, ossos que se partiam, os corpos lisos em forma de torpedo que batiam contra a água ao correrem atrás de pedaços dilacerados de carne, rabos batendo de um lado para outro enquanto as mandíbulas arrancavam a carne em nacos que eram engolidos inteiros.

Lokesh sorria ao escutar aquele som.

– Última chance, capitão. Será que não dá valor à própria vida?

O capitão respondeu:

– Desde que eu era garotinho e brincava na água, eu sabia que o meu corpo iniciaria seu descanso bem longe da costa. Meus ossos repousariam no fundo do oceano. A água do mar, veja bem... é a minha esposa, e os seus tubarões são os meus filhos. Eu me jogarei nesse abraço para morrer embalado por ela. Não tenho arrependimentos.

O feiticeiro franziu a testa e agitou os dedos.

– Então, que assim seja.

Com mais um aceno da mão, Lokesh mandou o prisioneiro por cima da amurada. O capitão caiu em silêncio, desabando devagar enquanto rodopiava no ar. Ele desceu na direção da água negra e, quando a tocou finalmente, as ondas se dobraram sobre ele como um cobertor escuro.

Sem fazer barulho, o corpo dele afundou e logo foi atacado pelos tubarões. Eu preendi a respiração, horrorizada, incapaz de emitir qualquer som. As barbatanas desapareceram e logo a água estava tão negra e imóvel quanto a alma do homem que observava da amurada.

Vi o rosto maligno de Lokesh se cristalizar em um olhar de admiração antes de se virar e dar as costas a seu prisioneiro desventurado... e então ele ficou paralisado.

Foi como se de algum modo nós tivéssemos saído da curva do tempo e fôssemos fantasmas num mundo branco etéreo.

Vi tanto Lokesh quanto o Sr. Kadam olharem atrás de mim e se virarem. Ren estava em silêncio e segurava meu corpo desfalecido nos braços enquanto Kishan murmurava palavras amorosas e acariciava meu cabelo.

Lokesh falou comigo pela primeira vez.

– Interessante. Acredito que tenha ouvido meu diálogo recente, assim como eu escutei o seu. – Ele examinou a visão atrás de mim. –

Percebo que você capturou o coração dos dois irmãos, como fez minha linda Yesubai. Mas que coisa tão... *maquiavélica* da sua parte, minha cara Kelsey.

– Não fale com ela – ordenou a forma do Sr. Kadam.

– Ah – disse Lokesh, dando um sorriso maldoso. – E será que a jovem fez até com que o *seu* velho coração fumegasse de ciúme, meu amigo?

Lokesh voltou o olhar para mim, e seus olhos queimaram com uma intensidade que eu nunca tinha visto antes.

– Preciso reconhecer – ele deu uma risada despreocupada, mas seu olhar faminto minava a atitude agradável – que ela capturou o *meu* interesse também.

– Ela está sob minha tutela, por isso, recai sob a proteção da casa de Rajaram – avisou o Sr. Kadam. – *Não* olhe para ela dessa maneira. Eu o proíbo. Ela é inocente e não está destinada a alguém como você.

Não estou destinada a ele? Lokesh queria... a mim? Senti ânsias de vômito e a maneira como ele me olhava me fez ter vontade de esfregar a pele com uma lixa, arrancar os meus olhos e jogar água sanitária no meu cérebro para limpar aquilo de mim.

– Assassino! – cuspi as palavras. – Você matou o capitão Dixon!

– Ora, ora, minha cara. A culpa é dos seus preciosos tigres. Acharam que eu era tão idiota e que estava tão velho que não iria encontrar o navio que recebeu o nome da mãe deles. Eles que são idiotas. Fracos. Como o pai deles. Rajaram fugiu em vez de me enfrentar. Escondeu a família na selva e deixou que seu povo lutasse sozinho. Vão abandoná-la da mesma maneira.

– Eles nunca vão me abandonar.

Cerrei os dentes para impedir os soluços quando lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto.

Lokesh me examinou, pensativo.

– Pense em tudo que poderíamos conquistar juntos, minha jovem. Com os amuletos unidos, eu poderia governar o mundo e você ficaria ao meu lado, como minha rainha. Eu iria presenteá-la com os luxos de todas as eras. Bastaria você desejar algo e seu desejo lhe seria concedido. Eu sou um homem bonito, jovem. – O ar ao redor dele se agitou e ficou borrado. – Jovem o suficiente para que uma mulher como você considere... atraente.

Atônita, examinei o rosto dele. Ele tinha razão. Era mesmo jovem e bonito. *Por que tinha parecido mais velho antes? Será que é algum truque?* Ele estava mais magro e com o cabelo penteado para trás. Ainda tinha anéis em todos os dedos, mas, em vez de rechonchudos,

seus dedos eram longos e esguios, e seu corpo, forte e musculoso.

– É uma ilusão, Kelsey. Ignore-o – implorou o Sr. Kadam.

Lokesh prosseguiu:

– Eu poderia dar a você uma vida boa.

– O que você *quer* de mim? Por que eu? – perguntei. – Você certamente pode ter qualquer mulher que desejar.

– Acontece que *qualquer* mulher não é digna de mim. Já no que diz respeito ao que eu desejo... – ele deu uma risada sugestiva enquanto seu olhar percorria meu corpo lentamente até se fixar no amuleto – há uma coisa que nem um homem com o meu poder é capaz de fazer sozinho. Será que é capaz de adivinhar o que é?

Quando a resposta me veio, prendi a respiração.

– Um filho. Você quer um filho?

– Isso mesmo. Eu quero um herdeiro. Escolhi você por ser forte e corajosa. A mãe de Yesubai era fraca. Apenas uma outra mulher foi capaz de me impressionar da mesma maneira e, infelizmente, ela desapareceu de modo muito inconveniente.

– Deschen – sussurrou o Sr. Kadam, incrédulo. – Você queria Deschen.

– Sim. Ela era linda e cheia de paixão. Deschen teria me dado um filho magnífico, um herdeiro. Ele teria sido esplêndido... alto e corajoso como Dhiren, vigoroso e forte como Kishan, mas com minha sabedoria, minha sagacidade e minha sede de poder. Um filho do meu próprio sangue. Mas você – o feiticeiro se dirigiu a mim – é uma escolha melhor. Além de ser corajosa, também é passional e cheia de poder. Talvez isso só esteja relacionado à posse do amuleto, mas acho que não. Há algo especial, algo... diferente em você. E queira ou não, eu *irei* possuí-la.

– Não – sussurrei baixinho. – *Não* – repeti enquanto sacudia a cabeça em sinal de negação.

Lokesh deixou a cabeça pender para o lado e me examinou.

– Talvez, se você viesse até mim por vontade própria, eu pudesse permitir que os seus tigres vivessem, mas apenas em uma ilha minúscula muito distante, em um lugar em que teriam pouquíssima influência. Mas garanto que, uma vez que escolho um curso de ação, é difícil me desviar.

– Basta! Ela ficará sob a minha proteção e você jamais irá tocá-la enquanto houver vida no meu corpo – ameaçou o Sr. Kadam.

Lokesh sorriu.

– Então precisaremos providenciar para que não haja vida no seu corpo durante muito mais tempo, meu amigo. Estou ansioso pelo

desafio. Esteja avisado: irei atrás de você.

– E eu vou estar à sua espera – concluiu o Sr. Kadam.

Nossos corpos começaram a desaparecer e se tornaram fantasmagóricos.

Voltei meus olhos preocupados para o Sr. Kadam e ele sorriu, tentando me passar confiança.

– Ah, uma última coisa – completou Lokesh com um olhar de soslaio. – Tenho certeza de que, se pudesse, o capitão Dixon teria expressado sua tristeza por não poder mais servir a você. A nova função dele é... interminável.

Lokesh reparou nas lágrimas que escorriam pelo meu rosto e deu uma risada enlouquecida. O som terrível ficou tinindo nos meus ouvidos enquanto a cena à minha frente desaparecia.

Despertei com lágrimas no rosto. Kishan estendeu a mão para mim e Ren, com relutância, me soltou.

– O que foi, minha querida? Pode nos dizer o que aconteceu? – perguntou Kishan.

Enxuguei os olhos, me aninhei no peito dele e lhes contei que tinha visto o Sr. Kadam e Lokesh em uma visão. Quando perguntaram o que Lokesh dissera, eu menti:

– Só o de sempre.

Eu não queria sobrecarregar nenhum dos dois com a consciência do que Lokesh desejava. Não iria servir para nada. Só os deixaria loucos de raiva e achei que eles já tinham coisas demais com que lidar por ora. Também deixaria para falar sobre o capitão Dixon mais tarde.

Durante um breve momento, refleti sobre a oferta de Lokesh. Em um pedacinho do meu coração, eu pensei: *E se? E se nós perdermos e aceitar Lokesh puder salvá-los? Não havia razão para eles saberem que eu agora me agarrava com força a um trunfo. Se, no fim, a única coisa que pudesse salvá-los fosse o meu sacrifício, então que assim fosse.*

Os tigres estavam ansiosos para partir. Com força suficiente para me levantar, eu dei um passo para longe, ajeitei minha *dupatta* e alisei o cabelo. Quando ergui os olhos, vi Ren me encarando e corei, lembrando de quando ele se ajoelhou aos meus pés, mas dessa vez ele estava incomodado.

– O que foi? – perguntei. – Qual é o problema?

– Kishan. Ele... ele é Shiva. Tem que ser, com aquele terceiro olho, as roupas dele e a maneira como presenteou o Colar a você... – disse ele, com a voz sumindo no final.

– E isso faz com que você seja...
– Indra – declarou Ren, arrasado.
– Certo. Então, o que isso significa? O que devemos fazer? – indaguei.

O rosto de Ren se fechou.

– Façamos o que viemos fazer aqui. *Indra* mata o animal e *Shiva* – os olhos dele dispararam para o meu rosto por um instante – reclama sua noiva.

Kishan tinha se colocado atrás de mim e segurava meus ombros. Senti nós dois nos retesarmos ao mesmo tempo. Kishan relaxou primeiro e apertou meus braços sem dizer nada. Ren caminhou até a janela e examinou o mar negro além dela. Eu me virei, sorri para Kishan e dei tapinhas carinhosos em sua mão, então caminhei até onde Ren estava e peguei no braço dele. Mordi o lábio, pensando que estava certa em manter os desejos de Lokesh ocultos. Eles mal conseguiam tolerar a ideia de ter um ao outro como rival, imagine só o que aconteceria se sua nêmesis se juntasse à mistura.

– Você não é Indra. Pode estar vestido como ele, e eu posso estar vestida como Parvati, mas não sou ela. Eu sou Kelsey, você é Ren e ele é Kishan. Se houver um animal a ser morto, não é Indra que vai matá-lo. Kelsey, Ren e Kishan farão isso juntos. Podemos estar presos dentro de um mito, mas vamos fazer a nossa própria história. Certo?

Ren assentiu e me pegou num abraço forte, porém breve, e então me colocou de lado. Dava para ver que ele não acreditava em mim, mas estava tentando.

– Vou pegar nossas coisas – disse ele, baixinho.

Observei quando ele se afastou e então retornei a Kishan.

– Ele está aborrecido – comentou ele.

– Está. Mas vai além desse negócio de Indra. Tive uma conversa com ele no palácio de gelo. Disse-lhe que não podia mais ficar com ele e que tinha escolhido você.

Kishan ficou paralisado.

– Você fez isso? – perguntou ele com hesitação. – O que ele respondeu?

– Disse que sempre será meu protetor e meu amigo.

– É mesmo? Só isso?

– Só. Você esperava alguma outra coisa?

– Sinceramente? Esperava, sim. Já faz um tempo que estou esperando você terminar comigo.

– Bom, isso não vai acontecer.

– Sei.

Ele esfregou o queixo e franziu a testa.

– Você... não quer mais ficar comigo? – perguntei.

– Se não *quero* ficar com você? – repetiu, incrédulo. – Não há nada que eu queira mais do que ficar com você. Mas preciso admitir que estou surpreso. Por que você não voltou para ele?

Pensei por um segundo a respeito do que seria a coisa certa a dizer e então me aninhei em seu peito e o abracei pela cintura.

– Eu fiquei com você porque... eu amo você, e você me faz feliz.

– Eu também amo você, *bilauta*.

Ele enfiou minha cabeça embaixo do seu queixo e acariciou minhas costas.

Percebi que Ren tinha voltado quando ouvi as bolsas caírem no chão com um baque. Saí do abraço de Kishan e, cheia de culpa, alisei a saia. Ouvi Ren dizer:

– Vamos acabar logo com isto. Kelsey, se você não se importa...

– Colar de Pérolas – falei –, por favor, crie uma maneira de subirmos à superfície, sem se esquecer da pressão do oceano e de que precisamos de oxigênio.

O Colar faiscou e começou a brilhar com tanta intensidade que tivemos que desviar o olhar. Foi se apagando depois de alguns segundos, mas nada aconteceu.

– O que devemos fazer? – perguntei.

– Não sei – respondeu Ren.

– Tem alguma coisa se aproximando. Estão enxergando aquele brilho? – disse Kishan, apontando para a janela negra.

E, com certeza, algo estava se aproximando. Esferas de luz branca pulsante apareceram à nossa vista.

– São águas-vivas – observou Kishan. – Só que são gigantescas!

E eram gigantescas mesmo. Pareciam ser maiores que balões de ar quente. Uma ideia me ocorreu. Eu preendi a respiração e anunciei:

– Acho que elas são nosso meio de transporte.

– Sei não, Kells – retrucou Kishan. – Como iríamos respirar?

– Coisas ainda mais estranhas já nos aconteceram – respondi.

Ele resmungou e nós três apertamos o nariz contra o vidro da janela, olhando para os globos que se aproximavam. Eram fascinantes. Movendo-se de forma lenta porém determinada na nossa direção, os domos pulsantes inchavam e expeliam a água enquanto dançavam para perto de nós como marionetes carnudas na ponta de fios. Tinham longos tentáculos que se estendiam para trás do corpo.

A parte superior arredondada tinha forma de sino, era diáfana e luminescente. Pendurados no centro das criaturas havia braços que

me lembravam uma trepadeira pendurada em uma árvore, mas, em vez de exibir flores brancas ou lilases, tinha tons fortes de laranja e amarelo. Os braços se agitavam na água e também podiam ser enxergados através da cobertura arredondada. A impressão era a de que as águas-vivas brilhavam com fogo interior.

Uma delas se aproximou de nós, ficou lá parada um momento e então ergueu diversos tentáculos finos para tocar na janela. Eles deslizaram pelo contorno do vidro, apalpando a superfície com delicadeza, como um cego tocando num altar. Então, ao encontrar o local que procurava, os dedos finos perfuraram o vidro e se estenderam na nossa direção. Nós três recuamos, assustados. A criatura chegou mais perto e nós ficamos lá, paralisados feito estátuas. De algum modo, ela tinha atravessado a barreira do vidro sem quebrá-lo.

A água do mar não entrou. Nem uma gota escorreu pela janela. Um tentáculo alcançou Kishan e se enrolou com suavidade em seu braço. Ele poderia ter se desvencilhado, mas a criatura era tão frágil que caminhar para trás poderia tê-la machucado. Com delicadeza, ela puxou o braço de Kishan até ele dar um passo adiante. Mais tentáculos avançaram e o envolveram, puxando-o para mais perto da janela. A criatura o puxou para dentro de seu abraço gentil e me fez pensar numa velhinha debilitada tentando abraçar um neto crescido.

A água-viva começou a se afastar da janela, puxando Kishan consigo. O braço dele desapareceu através da superfície negra e reapareceu na água do lado de fora. Ele respirou fundo e, com um puxão suave, a criatura o carregou através do vidro, puxou-o para perto e segurou firme. Criando uma cobertura, ela o aninhou de modo que sua cabeça ficasse logo abaixo de seu manto. Ele nos fez um sinal de positivo com os polegares estendidos e mostrou que estava respirando.

A água-viva de Kishan se afastou e outra se aproximou. Quando seus tentáculos penetraram na janela do pagode, Ren ajustou as correias da bolsa.

Toquei no braço dele e disse:

– Eu sou a próxima.

Ren assentiu e saiu da frente quando os tentáculos se estenderam na minha direção. Ele ficou observando enquanto a criatura me envolvia lentamente. Parecia muito triste e olhava para mim como se nunca mais fosse me ver.

Assim que a água-viva começou a me puxar devagar na direção da janela, Ren pegou meu braço, encostou os lábios na minha orelha e

recitou:

– “Assim como as ondas me puxam na direção do litoral pedregoso, nossos minutos também se apressam até o fim.” – Ele me deu um beijo suave na têmpora e sussurrou: – Lembre-se de que eu amo você, *priyatama*.

Eu estava prestes a responder quando a criatura me sugou através do vidro para o oceano congelante. Só fiquei com frio por um instante, porque logo que o animal me puxou para o seu abraço, a temperatura mudou. Minha cabeça foi levada para dentro do manto e se aninhou em um travesseiro borrachudo e quente que brilhava com suavidade na escuridão, como uma vela bruxuleante.

Dos ombros para cima, eu estava suspensa acima da linha-d'água interna da água-viva e ouvia um sopro de ar, como um fole. Dei risada ao perceber que o animal estava produzindo oxigênio para mim. O restante do meu corpo se acomodava numa espécie de rede criada pelos tentáculos e uma corrente de calor circulava ao redor do meu corpo. Eu me sentia como se estivesse relaxando numa banheira de hidromassagem e, como se a água-viva fosse capaz de ler minha mente, seu corpo começou a zunir e a vibrar. Suspirei e relaxei nas “mãos” capazes do meu massagista da planície abissal.

Quando abri os olhos um momento depois, vi que Ren tinha se juntado a nós. Era fácil enxergá-lo através de seu balão transparente, e um pouco acima de mim e mais para trás estava Kishan. As luzes diminuíram para um brilho bem fraco e senti a enorme força de bombeamento da minha água-viva quando ela começou a se mover para o alto na água escura. O Sétimo Pagode foi desaparecendo embaixo de nós em um redemoinho de sombras e logo não estava mais lá.

Nossos carregadores se moviam de maneira contínua, apesar de não avançarem rápido, e eu não senti a pressão do oceano ao nosso redor nem vi qualquer criatura das profundezas do mar, apesar de ter mantido os olhos bem abertos. As águas-vivas rodopiavam todas graciosas em volta umas das outras, como se estivessem executando um balé oceânico.

Deu para sentir quando deixamos a planície abissal e subimos para a zona batipelágica, nos domínios de Jīnsèlóng. Comecei a avistar peixes. No início, eram assustadores, com presas compridas, mas então a água se iluminou um pouco e vi uma baleia cachalote. Quando subimos ainda mais, o primeiro tubarão apareceu. Entrei em pânico, mas era só um peixe-martelo que nos ignorou. Um cardume de atuns com escamas reluzentes passou por nós e eu respirei fundo,

aliviada. Nós iríamos conseguir. Avaliei que ainda devíamos ter uns 300 metros a percorrer. Mais animais passaram nadando por nós, alguns curiosos, mas a água-viva continuou em sua ascensão.

Eu estava toda animada apontando o primeiro aglomerado de plantas para Kishan quando senti uma agitação na água. Os olhos de Kishan se arregalaram e eu quis ver o que o havia assustado. Tremi e rezei para que não fosse o que eu temia. Apertei as mãos contra a pele flexível do manto da água-viva e olhei para o mar. No começo, não vi nada, mas então a água-viva rodopiou e eu distingui a silhueta assustadora do tubarão gigante do Sétimo Pagode. Ele se movia preguiçoso, patrulhando a água.

O tubarão nadava com a boca um pouco aberta e, mesmo à distância, dava para ver suas fileiras de dentes afiados. Outros tubarões se aproximaram para examinar a área e então dispararam para longe. Até um grupo de golfinhos saiu nadando rápido de perto dele enquanto guinchava um aviso na água. Observei quando eles desapareceram e desejei poder fazer a mesma coisa, mas eu sabia que este tubarão não iria se preocupar em encurralar qualquer vida marinha. Ele não comia. Ele não dormia. Só existia por uma única razão: impedir que o Colar chegasse à superfície... e o Colar estava no meu pescoço. A boa notícia era que ele ainda não tinha visto a gente. A má notícia é que ainda tínhamos uns 150 metros a percorrer.

O tubarão passou um tempo nadando em paralelo a nós, e então saiu do alcance da nossa visão, mas logo retornou e nadou ao nosso redor em um círculo amplo. Mais ou menos nesse momento, o sol saiu de trás de uma nuvem e a água passou de cinzenta para azul reluzente. Minha água-viva mudou de posição e o cinto dourado que eu usava lançou um reflexo faiscante na água.

Apesar de o tubarão estar abaixo de nós, ele virou um pouco e espiou para cima, com um olho negro gigantesco. Ele nadou e passou bem perto. Quase deu para ver um lampejo de reconhecimento em seus olhos frios quando me olhou de cima a baixo. Rápido como um raio, ele sumiu. Comecei a examinar o oceano, agitadíssima, e logo vi, horrorizada, que ele vinha subindo a toda velocidade vindo lá de baixo. Soltei um grito quando o vi abrir a boca e ir para cima não de mim, mas de Ren. Coloquei a mão nas pérolas que estavam no meu pescoço e sussurrei:

– Colar de Pérolas, por favor, mude-o de lugar.

Uma corrente de água desviou a direção da água-viva de Ren e o tubarão passou rápido ao lado dele, mordendo só alguns tentáculos. O tubarão deu a volta para realizar mais uma tentativa e eu segurei com

força nas pérolas mais uma vez.

– Estamos quase na superfície. Precisamos de algo em que nos apoiar.

O Colar brilhou e a sombra de uma pequena embarcação apareceu na superfície da água. O tubarão nadou para mais perto. Parecia um caminhão com dentes. Sua bocarra se abriu, pronta para dar uma mordida. Sem se apressar, o tubarão gigante se aproximou da água-viva de Kishan e, tal qual um gourmet esnobe, deu uma mordida quase delicada no manto da criatura, no instante em que eu estava sussurrando para que o Colar desviasse Kishan. Foi tarde demais.

Algum tipo de fluido de água-viva esguichou para fora e deixou a água turva ao redor deles. Os tentáculos começaram a se debater contra o corpo do tubarão, e Kishan se contorceu no oceano quando a água-viva o esguichou para fora com rapidez. Ele demorou um instante para olhar para mim. O tubarão ainda não o tinha visto. Apontei para a sombra na superfície e Kishan começou a nadar. O peixe gigantesco foi mastigando a água-viva delicada, numa confusão de pedaços, até que só restasse um tentáculo comprido pendurado nos dentes do tubarão. Seus olhos reviraram para a frente e ele examinou a água. Com uma batida muito forte da cauda em forma de meia-lua, ele desapareceu.

Ren tinha se soltado de sua água-viva e dava tapinhas no manto dela. Ela começou a se afastar. Apavorada, examinei a água cheia de sombras. Um contorno terrível se materializou no oceano escuro atrás de Ren. Eu berrei e me debati contra a parede da minha água-viva enquanto apontava o monstro em gestos frenéticos.

Ren girou na água, sacou seu tridente e lançou uma sucessão de pontas de lança no tubarão. Uma delas se alojou em sua boca, algumas arranharam sua pele grossa e outras perfuraram a lateral de seu corpo. Infelizmente, aquilo devia parecer agulhinhas de acupuntura para uma criatura daquele tamanho: incomodava, mas não ameaçava sua vida. Ainda assim, irritou o tubarão o suficiente para que desviasse de Ren. Ele mergulhou e Ren subiu à superfície em busca de ar. Jogou a mochila no barco que o Colar tinha criado para nós e então eu fiquei sozinha na água.

Meu corpo tremia e eu me contorcia para todos os lados, tomada por um pânico violento. Era capaz de sentir minha vulnerabilidade em todas as células do meu corpo. Lamentei várias coisas ao mesmo tempo: a fragilidade e a transparência da minha água-viva, a escuridão da água, o brilho das minhas vestes. Todas essas coisas me transformavam num alvo fácil. Eu era praticamente uma isca

saborosa que segurava uma plaquinha dizendo: “Me coma!”

O tubarão tinha se movido para a água mais escura abaixo e era provável que estivesse se preparando para mais um ataque. Eu sabia que, quanto mais tempo eu ficasse exposta no mar, mais perigo iria correr. Usando o Colar de Pérolas, pedi à água-viva que me levasse à superfície mais rápido. Nós subimos mais, porém estava demorando muito. O tubarão ainda estava em algum lugar por ali. Fiquei torcendo para que a ponta de lança de Ren o incomodasse o bastante para me deixar sozinha enquanto eu me aproximava do barco.

Ren e Kishan mergulharam para vir ao meu encontro. De repente, vi o tubarão disparar na direção deles. Eles apertaram as mãos e deram impulso um contra o outro, batendo as pernas com força para que o animal passasse entre eles. Ao fazer isso, Kishan sacou o *chakram*, e Ren, o tridente. Ren atirou pontas de lança por um dos lados do tubarão enquanto Kishan abria um corte comprido do outro. O tubarão se afastou nadando numa nuvem de sangue.

Limpei com a mão a parede do manto da água-viva, mas a água estava agitada demais para que eu conseguisse enxergar alguma coisa. Silhuetas disparavam com rapidez, passando pela água-viva, e percebi que havia outros tubarões menores em busca do almoço. Eles obviamente tinham sido atraídos pelo tumulto e sentiram o cheiro de sangue na água.

Em pânico total, morrendo de medo de sair mas apavorada demais para ficar, pedi à água-viva que me soltasse. Achei que, talvez, no meio da confusão, eu conseguisse chegar à superfície, porém, em vez de me expelir como a de Kishan tinha feito, a água-viva puxou meu corpo mais para dentro de si e sacudiu de um lado para outro. Foi aí que senti uma dor lancinante e um puxão na minha perna. A água-viva e eu fomos levadas pela água em velocidade assustadora. No início, nós nos movemos pelo oceano na horizontal. Depois começamos a descer.

Facas quentes perfuravam minha pele. Olhei para baixo, para a minha perna, e berrei. Desesperada, chutei com a outra perna e agitei os braços, mas eu sabia que não poderia escapar. O enorme tubarão tinha voltado e estava agora com minha perna esquerda na boca. Uma parte do meu cérebro registrou que ele não tinha arrancado o membro. Aliás, parecia concentrado em apenas me arrastar de volta ao fundo do mar.

Quando consegui chutar o corpo do tubarão, ele diminuiu a velocidade e chacoalhou a água-viva e eu. Eu já achava que a mordida na minha perna era bem ruim, mas, quando ele me sacudiu,

meu corpo experimentou um nível de agonia que eu não considerava possível. Seus dentes serrilhados, além de terem perfurado minha pele, também a rasgavam lentamente. Senti um estalo quando minha tibia quebrou, e meu berro estridente se transformou num choramingo horrorizado. Uma nuvem vermelho-vivo se ergueu ao redor do manto da água-viva e turvou minha visão. Ao perceber que desta vez era o meu sangue, e não o do tubarão, a bile subiu até a minha garganta e eu quase desmaiei.

Avistei o brilho do tridente na água. Então, de repente, minha perna se soltou. A água-viva bombeou loucamente para nos afastar dali, mas estava ferida. Ela tremia de um lado e a água ia enchendo o interior do manto. Um jorro de adrenalina tomou conta do meu corpo e limpou minha mente petrificada. Toquei o manto do animal moribundo, agradei e respirei fundo. A água-viva me expeliu, estremeceu e começou a rodopiar numa descida lenta à medida que ia morrendo.

Corpos lisos em forma de torpedo deslizaram na direção dela e eu logo perdi a delicada criatura de vista. Nadei usando apenas os braços, arrastando o peso morto da minha perna atrás de mim. Eu não fazia ideia se minha perna ainda estava presa ao corpo nem de quão machucada estava. Sabia que estava sangrando e que só tinha poucos segundos, se tanto, para chegar à superfície. Não conseguia enxergar nada ao meu redor e torcia para estar nadando na direção certa. Com os pulmões em fogo e sem chegar a lugar algum, tentei dar impulso com a perna boa também. Ajudou um pouco, mas meu progresso era lento. Algo encostou em mim e eu me encolhi, mas logo percebi que o toque era humano. Kishan.

Ele me abraçou pela cintura e nadou comigo até a superfície. A água tomou conta dos meus pulmões. De algum modo, ele nos puxou para dentro da embarcação criada pelo Colar de Pérolas. Em seguida, bateu nas minhas costas com violência. Eu engasguei e vomitei. Ouvi quando ele abriu a mochila e murmurou palavras para o Lenço Divino. Escutar o sussurro dos fios foi bastante reconfortante, e senti quando envolveram o que tinha restado da minha perna em um torniquete apertado. Ren subiu com esforço, respirando pesadamente e com sangue pingando de um talho comprido no braço.

– Como ela está? – perguntou.

– Ela... – Kishan hesitou. – Ela está mal.

– Preciso voltar – disse Ren. – Tenho que matá-lo. Ele vai vir atrás de nós.

Ren olhou para mim e, apesar de ser possível eu ter me enganado

em relação à expressão dele, de tão tonta que estava por causa da perda de sangue, imaginei ter sido capaz de ver seu coração se dilacerando. Ele pegou minha mão. *Pelo menos, eu acho que era minha mão.* Eu não conseguia sentir nada. Meu corpo estava entorpecido. Meus olhos se fecharam apesar de eu tentar mantê-los abertos. Ele segurou o tridente com força e sussurrou:

– Cuide dela.

– Vou cuidar. Eu a amo, você sabe – respondeu Kishan.

– Eu sei – Ren falou baixinho e mergulhou no mar.

O corpo de Kishan tremeu, eu abri um pouquinho o olho e vi quando ele enxugou lágrimas. Ele levou minha cabeça para o seu colo e afastou o cabelo molhado do meu rosto. Deu para ouvir o barulho do deslocamento de água quando o tubarão passou. A barbatana gigante irrompeu na superfície e deu voltas amplas na nossa embarcação.

Assustada, consegui deixar de lado a escuridão que ameaçava me engolir e observei a barbatana cinzenta do tamanho de uma vela de windsurfe se inclinar na nossa direção enquanto se preparava para acabar conosco. Ela afundou por baixo de nós e nos ergueu no ar em cima das costas antes de voltar para dentro do mar jogando água para todos os lados. De algum modo, nosso barquinho permaneceu nivelado. Então as ondas se acalmaram e eu não ouvi mais nada. Fechei os olhos e me concentrei, mas nem o barulho de um peixinho na água se fazia escutar.

De repente, o tubarão irrompeu à superfície a seis metros de distância, como um submarino gigante. Mais da metade de seu corpo saiu da água, e eu me mexi para vê-lo, berrando de dor quando bati a perna na lateral do barco. Erguido no ar, em cima da cabeça do tubarão, Ren se pendurava no tridente, enfiado bem fundo na pele cinzenta. Com água escorrendo do corpo, ele parecia Poseidon montado no lombo de um monstro marinho. Choraminguei de dor. Eu estava morrendo. Sabia que não me restava muito tempo, mas minha mente gritava que eu podia ajudá-lo. Minha última ação poderia ser salvar Ren.

Levantei a mão, usei a outra para me firmar e me concentrei. Kishan logo percebeu o que eu queria fazer e me ergueu mais alto junto ao peito. Uma luz branca disparou da palma da minha mão e atingiu a barriga do tubarão gigante quando ele se virou de lado. Apesar de eu estar fraca, seria impossível errar um alvo daquele tamanho.

A carne enegrecida derreteu como cera quente perto de uma

chama. A pele se abriu toda e o conteúdo da barriga do tubarão se derramou no mar. O animal fechou as mandíbulas com um estalo e sacudiu com violência quando começou a afundar, tentando desalojar o homem e fugir da dor. Reparei em outros peixes menores passando rápido pelo barco, na direção do tubarão. Enquanto Ren e o tubarão-monstro afundavam embaixo da água, meus olhos reviraram para trás e eu perdi os sentidos.



Confusão

Vozes. Sussurros me despertaram. *Que sede.* O sol castigava o meu corpo. *Dor. Dor lancinante.* Uma mão fria acariciava minha testa, e desejei que a pessoa me desse água. Ouvi palavras desesperadas: “Você não é o único que a ama”, mas não soube distinguir quem falou. Meus lábios rachados se separaram e uma xícara foi pressionada contra eles. Um líquido frio, *gelado* pingou para dentro da minha boca. Era delicioso e parecia espalhar frescor por todo o meu corpo. *Não foi o bastante. Mais. Preciso de mais.*

A xícara foi levada outra vez até os meus lábios. Meras gotas, apenas uma colher de chá do líquido reconfortante me foi dada. Lambi as gotas remanescentes nos lábios e minha cabeça caiu para trás contra um corpo quente. Eu dormi.

Acordei com sede mais uma vez, mas o calor tinha desaparecido e uma brisa fresca soprava minha pele febril. Abri a boca para pedir água, mas saiu apenas um gemido.

– Ela está acordada. Kelsey?

Ouvi Kishan falar, mas não conseguia abrir os olhos nem me mover.

– Kelsey? Você vai ficar bem. Está se curando.

Curando? Como isso é possível? O tubarão perfurou minha panturrilha. A parte inferior da minha perna estava presa apenas por alguns tendões. Minha intenção era não olhar para ela ao chegar ao barco, mas não consegui me conter.

– Dê a ela um pouco de água – sugeriu Ren.

Ren? Ele estava vivo. De algum modo, tinha escapado dos animais

famintos.

– Você também quer um pouco?

– Primeiro ela. Eu vou sobreviver.

Ele vai sobreviver? O que aconteceu com ele? Em vez de perguntas, meu corpo produzia gemidos.

Senti um toque de leve no pescoço e ouvi Kishan dizer:

– Colar de Pérolas, precisamos de um pouco de água potável.

Com delicadeza, Kishan ergueu a parte de cima do meu corpo para que minha cabeça se apoiasse contra o seu peitoral. Fiquei piscando, tonta, mas não consegui focar o olhar até ver uma xícara sendo levada até os meus lábios. Ele a segurou para mim enquanto eu bebia, agradecida.

– Ainda bem que temos o Colar. O Fruto Dourado não produz água.

Quando acabou, sussurrei com a voz rouca:

– Mais.

Ele encheu a xícara mais quatro vezes antes de eu fazer um sinal com a cabeça para indicar que estava satisfeita. Até tive força para pegar no braço dele enquanto erguia a cabeça. Ele voltou a encher a xícara e a entregou para Ren. Era de noite e flutuávamos nas águas banhadas de luar. Eu me esforcei para ficar com os olhos abertos, observando Ren enquanto ele bebia. Quando terminou, meus olhos tinham se ajustado e seis Rens haviam se transformado em um.

– Você está machucado – falei.

A careta de Ren se transformou em sorriso apesar de eu ainda ser capaz de ver a dor que ele tentava esconder.

– Vou ficar bem.

Apertei os olhos para observar o peito dele. Uma cicatriz estranha traçava um arco do ombro à barriga. Arregalei os olhos.

– O tubarão mordeu você? Essas feridas são perfurações!

Comecei a respirar com dificuldade e logo a tossir com catarro.

Kishan me segurou com força enquanto meu corpo era tomado por espasmos doloridos. Ren ficou esperando até minha tosse acalmar para responder.

– Mordeu. Ele quase me partiu ao meio. Quebrou todas as minhas costelas do lado esquerdo, o braço esquerdo, despedaçou minha coluna e acho que pode ter perfurado meu coração e meu rim.

– Como... como foi que você conseguiu voltar para o barco com todos aqueles tubarões na água?

– Depois que o tubarão-monstro morreu, graças a você e ao tridente encravado no cérebro, a maior parte dos outros foi atrás dele. Alguns me seguiram e morderam minha perna, mas não estavam em modo

de ataque. Um golpe rápido com o tridente fez com que me deixassem em paz. Kishan me viu e instruiu o Lenço a fazer uma corda. Ele me puxou de volta para o barco antes que conseguissem me arrancar um braço ou uma perna.

Estremeci e estendi a mão para pegar na sua. Ele entrelaçou os dedos nos meus e eu me afundei contra Kishan, fraca como uma margarida depois de uma tempestade.

– Você disse que eu estava me curando. Como? Eu já devia estar morta.

Ren olhou nos olhos de Kishan e assentiu.

Kishan pigarreou e explicou:

– Usamos o Néctar da Imortalidade... as gotas de líquido coletadas da fonte da sereia. Você estava morrendo. Estava se esvaindo em sangue, e o Lenço não conseguia estancar o sangramento. Seu coração começou a bater mais devagar e você perdeu a consciência. Sua vida estava indo embora e eu não podia fazer nada para impedir. Então me lembrei das palavras da sereia. Ela disse que o néctar deveria ser usado quando eu estivesse mais desesperado. Eu não podia deixá-la morrer... por isso usei o *kamandal*. No início, não tive certeza se estava dando certo. Não havia sangue suficiente para o seu coração bombear. Dava para ouvir que ele não se enchia entre as batidas. Então seu pulso acelerou. Você começou a se curar. A sua perna foi se recuperando lentamente, perante os meus olhos. A cor retornou ao seu rosto e você caiu em um sono profundo. Foi então que eu soube que você iria sobreviver.

– Será que isso significa que eu agora também sou imortal? Como vocês dois?

Kishan olhou para Ren.

– Não sabemos.

– Por que minha pele está tão quente?

– Talvez seja um efeito colateral – arriscou Kishan.

Ren retrucou:

– Ou talvez ela esteja queimada de sol.

Eu resmunguei e cutuquei meu braço. Ficou branco, depois cor-de-rosa.

– Voto em queimada de sol. Onde estamos?

– Não faço ideia – disse Ren.

Ele resmungou, ajeitou-se e então fechou os olhos.

– Tem alguma coisa para comer? Eu também gostaria de beber um pouco de água, se houver.

Kishan usou o Fruto Dourado para fazer sopa de tomate, que era

nutritiva e não muito pesada para o nosso corpo enfraquecido digerir. Então sugeriu que Ren e eu dormíssemos enquanto ele ficava de vigília. Kishan me aninhou nos braços e o meu corpo exausto cedeu.

Estava amanhecendo quando acordei. Eu estava deitada de lado com a cabeça apoiada na coxa de Kishan. Minha mão pressionava o piso frio e liso do barco. *Fibra de vidro? Como o Colar tinha conseguido produzir isso?* Esfreguei a mão para a frente e para trás na superfície lisa, tateando as laterais curvas do barco. Com cuidado, mexi a perna e só senti um pouquinho de dor.

– Como está se sentindo? – perguntou Ren, baixinho.

– Eu me sinto... bem. Não vou correr nenhuma maratona hoje, mas irei sobreviver. Não está conseguindo dormir?

– Troquei de lugar com Kishan para ficar de vigília há uma hora.

Passei minhas mãos pela beirada externa do barco e encontrei as ondulações irregulares da parte de fora. O centro do barco era rosa-choque e ia ficando mais claro até se transformar em cor de alabastro do lado de fora. Kishan estava dormindo com um braço cobrindo os olhos, acomodado em uma de cinco divisões verticais.

– É uma concha de marisco gigante – explicou Ren.

– É linda!

Ele sorriu.

– Só você mesma para achar alguma coisa linda na nossa situação.

– Não é verdade. Um poeta sempre é capaz de encontrar algo bom sobre o que escrever.

– Os poetas não escrevem apenas sobre a beleza. Às vezes escrevem sobre o sofrimento... sobre as coisas feias do mundo.

– É verdade, mas você faz até as coisas ruins parecerem agradáveis.

Ren suspirou e passou a mão pelo cabelo.

– Talvez não desta vez. – Ele se sentou ereto, com expressão determinada. – Precisamos dar uma olhada na sua perna, Kells.

Sacudi a cabeça de leve.

– Será que não podemos esperar até voltarmos?

– Não sabemos quando vamos voltar e precisamos tomar cuidado para que não haja infecção.

Eu comecei a respirar com dificuldade.

– Não vou conseguir.

A expressão dele se suavizou.

– Você não precisa olhar. Por que não me conta uma história enquanto tiro as ataduras?

– Eu... não consigo pensar em nenhuma. Ren, estou com medo. E se a minha perna se soltar? E se ficar só um cotoco?

– Você consegue mexer os dedos do pé?

– Consigo. Pelo menos, parece que consigo, mas pode ser a dor do membro-fantasma me enganando. Não quero perder a perna.

– Se isso acontecer, daremos um jeito. O importante é você estar viva.

– Mas eu nunca voltaria a andar direito. Como é que eu teria uma vida normal? Ficaria aleijada para sempre.

– Não faz diferença.

– Como assim, não faz diferença? Como eu iria ajudar vocês a terminarem as tarefas? Como poderia...

Minhas palavras sumiram de maneira abrupta.

– Como poderia o quê? – perguntou ele.

Eu corei.

– Como poderia casar e ter filhos? Eu não ia poder correr atrás das crianças pela casa. Meu marido teria vergonha de mim. Isso se eu conseguisse convencer alguém a se casar comigo.

Ren me observou com expressão inescrutável.

– Terminou? Tem mais algum medo que não mencionou?

– Acho que é isso.

– Então, você está com medo de não ser normal, de não ser bonita e de não ser capaz de cumprir suas responsabilidades de maneira adequada.

Fiz que sim com a cabeça.

– Sou capaz de me identificar com não ser normal, mas se as décadas que passei no circo me ensinaram uma coisa, é que normalidade é uma ilusão. Cada indivíduo é único. Um padrão de normalidade é algo a que a maior parte das pessoas nunca terá acesso. Um marido que tem vergonha da mulher não a merece, e vou me assegurar pessoalmente de que um homem assim nunca a conheça. Já no que diz respeito a você ser atraente ou manter o interesse de um homem, posso garantir que, mesmo que ambas as suas pernas fossem removidas, eu ia continuar achando você linda e iria continuar a desejá-la. – Ren sorriu enquanto eu me contorcía. – E filhos são responsabilidade do pai e da mãe. Você e seu marido vão dividir o trabalho entre vocês de modo que seja confortável para os dois.

– Mas eu seria um fardo para ele.

– Não seria, não. Você iria aliviar o fardo dele por amá-lo.

– Ele teria que me levar de cadeira de rodas de um lado para outro,

igual a uma vovozinha.

- Ele iria carregar você para cama todas as noites.
- Você não vai me deixar ficar deprimida, não é mesmo?
- Não. Agora, posso dar uma olhada na sua perna?
- Tudo bem.

Ele sorriu.

- Ótimo. Agora, fique quietinha.

Ele sussurrou um comando ao Lenço Divino para que removesse com cuidado as ataduras duras de sangue da minha perna e criasse panos novos e macios. Pediu ao Colar de Pérolas que criasse uma bacia de água quente. Meus dedos dos pés apareceram primeiro, e fiquei aliviada de vê-los saudáveis e rosados. Mas, quando os fios foram desaparecendo na minha panturrilha, fechei os olhos e virei o rosto. Ren não disse nada, apenas mergulhou um pano na água e começou a limpar minha perna. Parecia que a perna toda continuava lá, mas eu não queria me arriscar a olhar.

– Pode conversar comigo e me distrair para que eu não pense no assunto? – perguntei, sofreda.

Ele ergueu minha saia – que tinha sido linda e agora estava toda dura de sal – acima do joelho e o limpou com cuidado, passando o pano também ao redor e abaixo.

- Certo. Escrevi um poema novo há pouco tempo. Isso basta?

Assenti sem dizer nada e soltei um gemido baixinho quando Ren passou o pano num ponto sensível.

- Chama-se “O coração enjaulado”.

Ele começou e sua voz calorosa me envolveu e me trouxe conforto, como sempre acontecia.

O coração enjaulado

Será que um coração enjaulado mingua?

Não! Bate com mais determinação.

Pulsa

Amarrado não por trancas ou barras de ferro

Mas pela própria mão.

O homem esmaga o coração pesado.

Ele o segura
Molda-o em uma forma ordenada
Usa sua enorme força de vontade para contê-
lo
E, no entanto, o órgão luta contra seu aperto.

Feral e indomado
Só pode encontrar descanso
Na selva.
Um lugar em que é livre
Um lugar onde é bem-vindo.

Ali ele encontra a paz
Ao ser envolvido
Por seus braços folhosos.

Mas o caminho até a selva se perdeu.
Por isso ele se move
Circundando ansioso sua jaula.
Ele observa
Esperando pelo momento
Em que seu coração faminto irá se libertar.

Ren terminou e torceu a toalha.

– Pode olhar se quiser. Sua perna vai ficar boa.

Abri um pouco os olhos e fitei a extensão comprida e branca da minha perna. Uma cicatriz cor-de-rosa fina corria do alto da panturrilha até o tornozelo. Ren tocou nela de leve, traçando-a do início até o pé. Estremeci.

Ele entendeu mal minha reação.

– Não está tão ruim. Dói?

– Não, na verdade, não. Só está um pouco sensível.

Ele passou a mão por trás da minha panturrilha e a apertou de leve.

– Para falar a verdade, é gostoso. Talvez uma massagem ajude,

depois que melhorar um pouco mais.

– É só pedir.

Apoiei a mão em seu braço.

– Obrigada. Eu... o seu poema... é lindo.

– De nada – ele deu um sorriso caloroso – e obrigado a você, *dil ke dadkan*.

Comovida, cheguei mais perto dele e coloquei a palma da mão sobre seu coração.

– O seu poema “Coração enjaulado” não era sobre Lokesh, nem sobre o circo, nem sobre esquecer, certo?

– Não. – Ele pôs a mão por cima da minha e a segurou junto a ele.

– E, antes que pergunte, significa “batida do meu coração”.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

– Ren... eu...

Kishan soltou um gemido quando o sol se ergueu acima do horizonte e o atingiu no rosto. Ele se sentou ereto, esfregou os olhos sonolentos e veio para mais perto de nós. Então me abraçou pela cintura e me puxou para trás, para o peitoral dele.

– Tome cuidado com ela! – sibilou Ren.

– Certo, desculpe. Machuquei você?

– Não. Ren limpou meu ferimento. Olhe. Está muito melhor.

Ele inspecionou minha perna com atenção.

– Parece que você está fora de perigo.

Ele acariciou meu pescoço com o nariz, apesar do rosnado baixinho que vinha do outro lado do nosso barco de concha.

– Bom dia, *bilauta*. O que eu perdi?

– Só um poema.

– Ainda bem que eu estava dormindo – caçou ele.

Dei-lhe uma cotovelada de leve.

– Seja gentil.

– Pois não, minha querida.

– Assim está melhor. Que tal tomarmos café da manhã?

Nós comemos com gosto depois que Ren e Kishan concordaram que tínhamos quase recuperado a saúde normal. Quando terminamos, voltei a me posicionar rígida no assento naturalmente curvo da concha.

– Certo. E agora, o que faremos? – perguntei.

– Talvez possamos chamar um dragão e pedir ajuda – sugeri Kishan.

Ren retrucou:

– Tenho a sensação de que eles não vão mais nos ajudar. Além

disso, não queremos que Lùsèlóng apareça para nos oferecer mais um desafio, não é mesmo?

– Não! – Estremeci ao lembrar como os dois quase se transformaram em petisco de dragão. – Uma coisa é certa: eu preciso ficar longe do sol hoje.

Passei o dedo na lateral da concha onde um buraquinho tinha sido feito e uma ideia começou a se formar.

– Ren? Será que você pode usar o tridente para fazer mais três buracos iguais a este? Quero que fiquem com espaços iguais, como uma caixa.

Ele se ajoelhou ao meu lado e enfiou o dedo no buraco.

– Quer que todos sejam do mesmo tamanho?

– Quero. Precisamos que tenham tamanho suficiente para passar uma corda grossa.

Ele gemeu e começou o trabalho.

Kishan se aproximou de mim.

– Qual é o seu plano?

– Acho que devemos tentar usar o vento para nos levar de volta ao iate.

– Boa ideia. É melhor do que só ficar aqui flutuando no vale dos tubarões.

– Vale dos tubarões? Espero que esteja exagerando.

– Exagerando? – A testa de Kishan se franziu quando ele viu o medo no meu rosto. – É, eu estava exagerando.

– Não, não estava. Eles estão à nossa volta, não é mesmo?

Ele se encolheu.

– Estão. Ainda tem muita carne de tubarão no mar. Eu os ouvi batendo na água a noite toda.

Soltei um barulho involuntário e fechei os olhos, rezando para que meu pequeno experimento não fizesse nosso barco virar naquelas águas infestadas de tubarões. Pedi ao Lenço que criasse um parapente e que o prendesse com cordas a todos os buracos que Ren tinha feito. Então ordenei ao Lenço que colhesse os ventos com suavidade no parapente e nos levasse de volta até o *Deschen*.

Uma brisa começou a soprar um pouco mais forte e Ren e Kishan ergueram o parapente no ar feito uma pipa. O pano forte se inflou e nos puxou para a frente. Nós sacolejamos na água e o vento nos jogou de um lado para outro, mas Ren mudou de lugar rápido para manter nosso barco de concha nivelado. Levando em consideração todos os fatores, até que a viagem foi confortável. Ren até fez um guarda-sol usando uma lona oferecida pelo Lenço tendo como base balas de

menta em forma de bengala tamanho família presas em queijos redondos furados no meio que o Fruto Dourado forneceu.

Fizemos um lanche com lascas de queijo parmesão e biscoitos e conversamos enquanto mantínhamos os olhos bem abertos para avistar o iate. Relaxei sabendo que agora estávamos a quilômetros de distância do bufê de tubarão e deixei as pontas dos meus dedos se arrastarem na água. Caí no sono várias vezes.

A manhã se transformou em tarde e ainda não havia sinal do *Deschen*. Nuvens tomaram conta do céu e logo estávamos rodeados por uma névoa espessa o suficiente para bloquear o sol.

– Talvez estejamos perto da ilha do dragão azul – comentei.

Decidimos que eu deveria emitir um clarão a cada 15 minutos, mais ou menos, e foi depois do quarto raio que Kishan disse ter escutado alguma coisa. Eles puxaram uma das cordas para nos guiar para a direita e me pediram que emitisse mais um clarão. Dessa vez vi uma faísca fraca em resposta. O vento de repente abrandou e o nosso parapente voou para a água.

Ren o puxou de volta para o barco quando outro clarão se acendeu bem acima da nossa cabeça. Quando as faíscas vermelhas sumiram, nossa concha bateu no casco liso do iate. Kishan nos amarrou e eu fiquei tão feliz que quase chorei.

– Olá? – chamou uma voz conhecida no meio da névoa.

– Senhor Kadam? Senhor Kadam! Estamos aqui!

Então o rosto querido do Sr. Kadam apareceu no meio da névoa. Ele abriu um sorriso enorme e ajudou Kishan a puxar o barco mais para perto.

– Mas que tipo de embarcação é essa de vocês? – perguntou ele, rindo.

– É uma concha – expliquei. – Foi criada pelo Colar.

– Bom, tragam-na a bordo. Posso ajudá-la, Srta. Kelsey?

– Pode deixar comigo.

Ren me pegou no colo e de algum jeito conseguiu fazer nós dois subirmos pela escadinha até a garagem molhada enquanto o Sr. Kadam e Kishan manobravam o barco de concha até a rampa e o puxavam para dentro.

– Senhorita Kelsey, feriu-se mais uma vez?

– É... acho que eu morri. Mas Kishan me trouxe de volta. Temos muita coisa para contar ao senhor.

– Posso imaginar. Mas, primeiro, permitam-me pedir a Nilima que

a ajude a ficar mais confortável. Ela consegue andar, Ren?

– Ainda não tentou, desde o ferimento.

– Pode me pôr no chão. Acho que pelo menos ficar em pé eu consigo.

Com cuidado, ele me colocou em pé e me ofereceu o braço como apoio enquanto eu experimentava alguns passos. Eu estava mancando um pouco. Os músculos pareciam retesados.

– Acho que vou ficar bem, principalmente depois de uma massagem na panturrilha mais tarde.

– Eu posso fazer – disseram os dois irmãos ao mesmo tempo.

Dei risada.

– Ainda bem que tenho duas pernas. – Eu me inclinei, passei o dedo pela cicatriz cor-de-rosa e comparei as pernas. Suspirei ao ver que agora tinha uma cicatriz em cada perna, uma do tubarão-monstro e outra do *kraken*. – Eu me viro com Nilima. Vocês dois podem descansar. Quero colocar o assunto em dia com o Sr. Kadam.

– Eu fico com você – ofereceu-se Ren.

– Não. Eu vou ficar com ela – desafiou Kishan.

– Eu vou ficar bem. Não se preocupem comigo. Vejo vocês dois mais tarde.

Com relutância, eles se retiraram e eu me apoiei no ombro do Sr. Kadam, que me envolveu com um dos braços e suspirou.

– Você ainda não contou a eles.

Eu sabia exatamente do que ele estava falando. Sacudi a cabeça.

– Já havia tanto perigo... eu não quis sobrecarregá-los. Saber só iria fazer com que ficassem loucos para confrontar Lokesh.

– Mas eles devem saber... logo.

– Eu sei. Só precisam de uma boa noite de descanso primeiro. “Uma batalha de cada vez” é o meu novo lema.

– Você também está cansada. Precisa descansar.

O Sr. Kadam insistiu para que deixássemos as explicações para mais tarde naquela noite e me deixou sozinha no quarto. Abri o chuveiro e tirei minhas joias. Nilima apareceu e me ajudou com o fecho do Colar de Pérolas. Ela soltou um gritinho de admiração ao segurá-lo nas mãos.

– É lindo, Srta. Kelsey!

– É mesmo. Ele faz água e meio que convoca criaturas do oceano. Vamos ter que descobrir o que mais ele faz.

– Posso experimentar?

– Divirta-se.

– Por favor encha a banheira com água quente para a Srta. Kelsey.

A banheira imediatamente se encheu, e Nilima bateu palmas, impressionada.

Eu sorri.

– Parece ótimo, mas eu gostaria de tomar uma chuveirada primeiro para tirar todo o sal.

– Claro. Pode ir para a banheira depois.

Estremeci. A ideia de entrar na água me deixou nervosa. Fiquei imaginando se eu ainda seria capaz de fazer mergulho com tanque. Imagens do tubarão gigante passavam pela minha mente e era fácil imaginar suas enormes mandíbulas se abrindo para uma mordida.

– Prefiro tomar banho de banheira em alguma outra ocasião, se você não se incomoda. Vou ficar só com o chuveiro por enquanto.

Nilima deu de ombros e me ajudou a tirar o vestido. Ela estalou os lábios para o material estragado e passou a mão pelos bordados com contas.

– Deve ter sido tão lindo...

– Era bonito – reconheci –, mas me deixava meio sem jeito.

– Por quê?

– A parte de cima era curta demais.

– Ah, o *choli*. Existem vários estilos, modernos e antigos. Eles não são curtos para expor o corpo da mulher, mas sim para mantê-la confortável no calor.

Ergui uma sobancelha e Nilima riu.

– Tudo bem. Admito que às vezes é usado para chamar a atenção de um homem.

– Então funciona com toda a certeza. Até demais – balbuciei.

Ela tirou as joias do meu cabelo e se maravilhou com cada peça, apreciando-as. Saía vapor do chuveiro. Depois de soltar meu *choli*, ela me deixou sozinha, e lavei o cabelo e esfreguei a pele calmamente. Quando me sentei à penteadeira com meu roupão grosso, ela voltou com uma braçada de roupas. Penteou meu cabelo comprido e molhado enquanto eu passava creme nas queimaduras de sol das pernas e dos braços.

– Nilima?

– Pois não?

– Será que você pode cortar o meu cabelo mais curto, por favor? – Eu me apressei ao vê-la sacudir a cabeça com apreensão. – Está comprido demais. Não consigo dar conta. Não precisa cortar tudo... só até o meio das costas mais ou menos.

– Ele vai ficar bravo.

– Acho que já não faz mais diferença.

– Por que não?

Suspirei.

– Porque nós terminamos. Eu disse a ele que agora estou com Kishan.

Ela fez uma pausa no meio de uma penteada e então prosseguiu devagar.

– *Entendi...*

– Kishan não se incomoda com o que faço com meu cabelo e, mesmo trançado, está comprido demais.

– Certo, Srta. Kelsey. Mas, se ele perguntar, você fez isso sozinha.

– Combinado.

Ela cortou meu cabelo logo abaixo da escápula e o trançou. Vesti uma camiseta macia e um jeans surrado e saí descalça para procurar os outros.

Nilima ficou de vigília na casa do leme enquanto o Sr. Kadam se juntava a nós três no *lounge*. Nós comemos e nos revezamos contando sobre o que tinha acontecido. Ele fez muitas anotações e com frequência pedia que repetíssemos as instruções do dragão com a maior precisão possível. Eu lhe mostrei o Colar de Pérolas, que ele virou nas mãos e depois o desenhou com precisão em seu caderno. Ele documentou as várias maneiras como nós o tínhamos usado e quis dar início a uma bateria de testes o mais rápido possível.

– Acho interessante o fato de a senhorita não ter sarado da mordida do tubarão enquanto estava neste reino, apesar de ter se curado com rapidez em Shangri-lá do ataque do urso – comentou o Sr. Kadam.

– Lembre-se de que também não sarei em Kishkindha quando o *kappa* me mordeu.

– Mas sarou da mordida do *kraken*, apesar de ter sido um pouco mais devagar. Algumas explicações possíveis me vêm à mente. Uma: talvez haja algo especial em Shangri-lá. Pode ser que a lei de não fazer o mal tenha relação com isso. Duas: talvez apenas os guardiões dos objetos possam causar danos mortais. Três: a cura só ocorre quando o ferimento não é mortal. Seja lá qual for a razão, acredito que precise tomar muito cuidado, Srta. Kelsey. Mesmo nos reinos dos outros mundos, há risco de morrer. Temos sorte por Kishan ter sido abençoado com o *kamandal*. Sinto que já não podemos mais acreditar que seu amuleto a protege de ferimentos ou que estar em um reino mágico vai ajudá-la a se curar. – Ele estendeu a mão e deu tapinhas carinhos no meu joelho. – Seria impensável perdê-la, minha cara.

O Sr. Kadam ampliou o olhar para incluir a todos.

– Nós todos vamos precisar ser mais vigilantes em relação à saúde da Srta. Kelsey.

Os irmãos assentiram.

Quando terminamos de fazer nosso relato, o Sr. Kadam se recostou e uniu as mãos. Ele bateu com os dedos no lábio como sempre fazia e disse:

– Acredito que cobrimos tudo. Mas sinto que devo mencionar a vocês que os cinco dragões desapareceram do bordado de Lady Bicho-da-Seda. Nilima e eu pudemos vê-los se transformarem quando vocês entravam em seus domínios, por isso sabíamos quando deixavam as águas das zonas deles. Há dois dias, todos desapareceram.

– Foi mais ou menos quando entramos no Sétimo Pagode – falei, perplexa.

Ele assentiu.

– Ainda temos o sextante e o disco, mas acredito que eles vão desaparecer quando retornarmos ao nosso mundo. Nilima e eu especulamos que existe uma passagem de algum tipo, semelhante à estátua de Ugra e ao portão do espírito que vá levar nosso iate de volta ao tempo normal. Amanhã vamos nos dirigir ao local onde encontramos o dragão vermelho e esperar que nos conduza de volta ao Templo da Praia. No entanto, antes de prosseguirmos, eu gostaria de lançar âncora nesta noite e permitir que todos tenham uma boa noite de descanso. Tenho motivos para acreditar que outra batalha paira em nosso futuro próximo, e quero que estejamos prontos. Senhorita Kelsey? Talvez este seja o momento de compartilhar o que aconteceu na sua visão.

Engoli em seco e me virei para Ren e Kishan.

– Quando vocês me perguntaram antes o que Lokesh tinha dito, eu não contei tudo.

– Como assim? – indagou Kishan.

– Eu... eu menti.

Ren se inclinou para a frente e disse:

– O que realmente aconteceu?

– Para começar, o capitão Dixon está morto.

O Sr. Kadam esperou um momento até os dois absorverem a notícia e então explicou:

– Lokesh causou a morte do meu amigo. Nós assistimos quando aconteceu e sinto enorme pesar por sua perda. Minha primeira reação foi querer procurar o restante da tripulação para ter certeza de que estavam todos em segurança, mas não podemos nos arriscar a voltar a

Mahabalipuram, sabendo que Lokesh esteve lá e que possivelmente ainda está. É muito provável que ele já tenha assassinado toda a nossa tripulação. Só espero que alguns deles tenham sobrevivido, mas, para ser sincero, não acredito nisso. Ainda assim, quando estivermos longe e em segurança, vou enviar agentes para procurá-los.

– O que mais? – perguntou Ren.

– Hmm... parece que ele quer mais do que apenas os nossos amuletos – gaguejei e engasguei.

O Sr. Kadam sorriu em um gesto solidário e assumiu a narrativa.

– Ele fez investidas para a Srta. Kelsey. Ele... a deseja.

Ren se levantou de maneira abrupta e os punhos de Kishan se apertaram.

– Eu o mato – vociferou Ren. – Ele nunca vai tocar nela.

– Não acredito que seja a simples luxúria por uma mulher o que o move, apesar de isso certamente desempenhar um papel. Ele vê poder na Srta. Kelsey e quer... ter um filho com ela.

A reação dos dois homens foi muito diferente. Ren estava fervendo. Tinha as mãos fechadas e os dedos curvados como se ainda tivesse garras e quisesse dilacerar algo.

Em contraste, o desespero de Kishan era silencioso. Sua expressão assumiu um ar desolado.

– A culpa é toda minha – disse ele.

Peguei no seu braço.

– Por que está dizendo isso?

– Eu o incitei, eu o desafiei quando lutei contra ele no acampamento dos baigas. Ele me viu brandir o *chakram* quando eu estava disfarçado de você.

– Não acredito que esta seja toda a razão – garantiu o Sr. Kadam. – Mas talvez contribua para a percepção dele. Se me permitem arriscar uma hipótese, acho que ele sempre considerou a família Rajaram poderosa e deseja absorver esse poder. Ele nunca derrotou vocês. Escaparam dele várias vezes, e ele não gosta de perder. Ter um filho é algo que ele deseja há muito tempo, há séculos, na verdade. No nosso tempo, ele tinha o mesmo desejo, mas com outra mulher.

– Mãe – disse Ren, baixinho.

– Sim. Ele teria tomado Deschen se nós não tivéssemos fugido e agora procura tomar a Srta. Kelsey. Ele está num barco e desconfio que ficará de olho no nosso retorno.

– Ele não vai encostar nenhum dedo nela – jurou Kishan.

Ren completou:

– Precisamos escondê-la.

– Esperem um segundo – eu me intrometi. – Vocês precisam de mim. Eu tenho poder, e há dezenas de piratas de Lokesh a enfrentar. Nós os vimos.

O Sr. Kadam bateu no lábio com os dedos.

– Estou de acordo com a Srta. Kelsey. Acredito que, para vencer uma luta sem baixas, vamos ter de atingi-los com força e rapidez. Não acho que eles vão tentar nos matar. O mais provável é que empreguem armas não letais mais uma vez. Nós vamos usar o casco do navio como escudo e o seu poder, primeiro à distância. A briga no braço vai ser o último recurso e a Srta. Kelsey é uma boa arma à distância. Vou elaborar um plano de ataque específico enquanto vocês três dormem. Descansem o máximo possível. Vamos torcer para que ele não repare em nós, mas vamos nos preparar para a guerra. Amanhã precisamos estar prontos para a batalha.

Ren se virou de frente para uma janela escura e perguntou:

– Por que não nos contou isso antes, Kelsey?

Esfreguei as palmas das mãos suadas na calça e respondi:

– Eu não queria distraí-los. Se não chagássemos à superfície, não teria feito diferença. Torci para que houvesse tempo de sobra para lhes contar tudo mais tarde.

Ele se virou de frente para mim.

– Da próxima vez, me conte logo. Consigo lidar melhor com informações desconcertantes quando está tudo às claras e quando você é sincera comigo.

– Tudo bem – concordei e desviei o olhar, pouco à vontade.

Com o final da reunião, voltei para o meu quarto com Kishan ao meu lado e Ren atrás, nos seguindo a uma distância discreta.

– Conseguimos o Colar. Agora vocês podem ficar na forma humana durante 18 horas por dia. Só falta mais uma tarefa.

Kishan resmungou distraído, deu um beijo na minha testa e parou à porta.

– Dezoito horas, hein? Parece uma eternidade. – Ele sorriu. – Ren e eu precisamos conversar. – Ele passou o dedo pela minha bochecha. – A gente se vê de manhã, certo?

Confusa, assenti e fui para cama.

Kishan não voltou mais ao meu quarto e foi bom assim, porque acordei várias vezes com pesadelos. Acabei acendendo uma luz fraca para que pudesse parar de imaginar que estava embaixo da água

negra mais uma vez. Quando abri a porta de comunicação, encontrei Kishan deitado de bruços, dormindo profundamente.

Fechei a porta com cuidado e fui tomar café da manhã. O Sr. Kadam e Nilima já tinham comido e sugeriram que eu fizesse um prato para mim. Eu me acomodei na frente deles à mesa quando Ren, recém-saído do banho, chegou. Ele encheu o prato de panquecas, passou manteiga de amendoim na parte de cima, fatiou uma banana e banhou o prato todo com xarope de bordo.

Escondi um sorriso enquanto bebia um copo de leite. Ele se sentou ao meu lado e nossos ombros se tocaram.

– Dormiu bem?

– Dormi, sim. E você?

– Já dormi melhor – disse ele e sorriu, como se tivesse se lembrado de uma ocasião específica. – Mas foi bom o bastante. Onde está Kishan?

– Ainda dormindo. Eu não quis acordá-lo.

Ele franziu a testa.

– Ele devia estar mais vigilante no que diz respeito a você. Tinha que ter acordado assim que você se moveu.

Dei de ombros.

– Eu não corria perigo algum, e não acho que ele estivesse dormindo profundamente. É assim que ele dorme na forma de tigre também. Além do mais, é possível que não tenha me escutado.

– Como não iria escutar você?

– Ele dormiu no quarto dele ontem à noite.

Ren sorriu.

– Vocês brigaram?

– Não. E onde ele dorme não é da sua conta.

– É, sim, se ele não toma conta de você.

Bufei e peguei o meu prato.

– Sabe se já estamos a caminho, Sr. Kadam?

– Estamos. Devemos chegar às coordenadas determinadas em algumas horas. Relaxem por enquanto. Vou avisá-los com bastante antecedência quando estivermos chegando lá.

Ren acabou com o último pedaço de panqueca e perguntou:

– Quer jogar uma partida de ludo enquanto espera por... – ele franziu a testa – enquanto espera?

– Parece bom. Mas não quero jogar ludo. Preciso ensinar a você o jogo do trem. Nós temos este, não temos, Sr. Kadam?

– Temos, além dos outros que a senhorita recomendou.

Enlacei o braço de Ren.

– Vamos. Eu deixo você ser o azul.

Uma hora depois, Ren analisou o tabuleiro, colocou na mesa uma carta-curinga e avançou com seu último trem.

– Ganhei – anunciou.

– Não se apresse tanto. Precisamos contar os pontos.

– É tão óbvio que ganhei que nem precisa contar.

– Não necessariamente. Eu tenho a conexão mais comprida e segmentos grandes. Você não está com medo de usar suas habilidades matemáticas, está?

– Está dizendo que eu não sei fazer conta?

– Não. Mas faz muito tempo que você saiu da escola. Sinta-se livre para contar nos dedinhos, se precisar.

Dei um sorriso debochado.

– Parece que você precisa aprender uma lição sobre respeito.

– Você vai promulgar uma lei contra fazer piada com o *Sumo Príncipe e Protetor do Reino Mujulaain*?

– O certo é *Príncipe e Sumo Protetor do Império de Mujulaain* e, sim, talvez eu devesse promulgar uma lei.

– E o que faria se eu desrespeitasse a sua lei? Iria cortar minha cabeça?

Sua expressão era maliciosa.

– Estava pensando mais em algo como descobrir uma maneira fazê-la parar de falar, mas talvez você aprecie demais o castigo. – Ele esfregou o queixo. – Suponho que eu pudesse jogar você na piscina.

Ele sorriu, mas então sua expressão mudou quando o sangue se esvaiu do meu rosto.

– Qual é o problema, Kells? – Apressado, ele empurrou o jogo de tabuleiro para o outro lado da mesa e pegou minha mão. Os vagõezinhos de trem caíram do tabuleiro para todos os lados, estragando a contagem de pontos. – O que foi? – perguntou ele com carinho e acariciou minha bochecha.

– Nem sei se algum dia vou conseguir voltar a entrar na água. Ontem à noite eu nem consegui tomar um banho de banheira. A única coisa que vejo são dentes enormes me perseguindo. Tive pesadelos a noite toda.

– Sinto muito, minha *anmol moti*. Há algo que eu possa fazer para ajudar?

– Não. Na verdade, não. – Suspirei. – Um dia vou superar esse medo, eu espero. Eu gostava de mergulhar antes de isso acontecer.

Ele assentiu, se levantou e então estendeu a mão. Com um sorriso largo, disse:

– Então talvez o seu castigo deva ser arrumar o jogo enquanto eu observo.

– Oh, esse é um castigo terrível!

Comecei a recolher os trens e guardar nos saquinhos e, apesar de seu decreto, ele ajudou. Minha trança caiu por cima do ombro quando me abaixei para pegar a tampa da caixa e ele a puxou.

– Achou que eu não ia reparar?

– Eu sabia que você provavelmente ia reparar, sim. Até me surpreendi por não ter dito nada ontem à noite.

– Eu reparei, mas... Sinto muito, Kelsey. Eu não devia ter sido tão inflexível em relação a isso antes. – Ele torceu a fita do meu cabelo no dedo, pensativo. – Quando você cortou o cabelo logo depois que nós terminamos, foi como se tivesse cortado fora todos os laços comigo. Quando você e Nilima se prepararam para cortar de novo, eu entrei em pânico. Foi muito difícil para mim. Sei que é coisa da minha cabeça, mas sinto que a sua versão de cabelo comprido pertence a mim, e a versão de cabelo curto, a Kishan.

Ele suspirou.

– Mas o seu cabelo é bonito de qualquer jeito, apesar de eu sempre ter gostado das suas tranças. – Ele largou a trança grossa, levou os dedos do meu queixo para a lateral do meu pescoço e então deu um passo para mais perto. Parei de respirar, hipnotizada pelo homem lindo que pretendia me beijar.

– Kelsey? Kelsey, onde você está? – berrou Kishan ao pular da escada para o convés em que estávamos.

– Aqui! – gritei em resposta com um tom de pânico na voz e dei um passo para longe de Ren.

Ele correu para o meu lado, alheio à tensão pesada que eu estava sentindo em relação ao irmão dele, e me deu um beijinho na bochecha.

– Estamos quase chegando. O Sr. Kadam pediu que fôssemos para a casa do leme.

Kishan pegou minha mão para me conduzir para fora da sala. Ren seguiu atrás de nós. Senti que ele estava me observando e meus braços se arrepiaram. Fiquei escutando seus passos e então ele disparou à nossa frente na escada larga.

Enquanto dávamos a volta pelo deque externo para chegar à casa do leme, Ren perguntou:

– Kishan, será que você pode dormir no quarto da Kelsey hoje à noite?

Dei uma espiada em Ren, que parecia ter acabado de engolir uma

coisa muito amarga.

Kishan ficou olhando boquiaberto para o irmão, então empertigou-se e cruzou os braços por cima do peito, desconfiado.

– Por quê?

Ren se apressou em explicar:

– Ela está tendo pesadelos. Dorme melhor com um tigre por perto.

Franzi a testa.

– Ren, você não precisa providenciar...

– Apenas deixe-me ajudar com isso, Kells.

– Tudo bem. Tanto faz. Vocês dois que façam seus planos.

Comecei a subir a escada e ouvi Kishan e Ren cochichando lá embaixo. Revirei os olhos, entrei na casa do leme e me acomodei numa cadeira confortável.

– Então, o que está acontecendo? – perguntei.

– Estamos nos preparando para entrar nas águas do dragão vermelho.

– Certo.

Meia hora depois, os irmãos e eu observamos enquanto o Sr. Kadam e Nilima guiaram o iate com destreza em um círculo ao redor das águas do dragão vermelho. Não aconteceu nada. Não enxergamos qualquer passagem nem marco para indicar o que deveríamos fazer. Lóngjūn também não apareceu. No meio da tarde, eu estava inquieta e achei que ia pirar se continuasse com os olhos fixos no mar. Meus dedos roçaram algo macio quando me afastei da janela. Era o quimono de Lady Bicho-da-Seda.

Contornei com o dedo a estrela da frente, que agora estava completa. Virei-o do outro lado e vi que os cinco dragões de fato tinham desaparecido da parte de trás, mas seus elementos continuavam lá. Passei a mão pelas nuvens, tracei o contorno dos relâmpagos do dragão verde e então voltei a virar o quimono e tracei uma linha até o Templo da Praia com o dedo.

– Leve-nos para casa – sussurrei.

Ouvi o som suave de fios de seda correndo e senti o iate dar uma guinada.

– O que aconteceu? – gritou o Sr. Kadam.

– Toquei no quimono e disse: “Leve-nos para casa.”

Nilima e o Sr. Kadam se afastaram dos controles que agora piscavam enlouquecidos. O sextante e o disco celeste tremeluziram e desapareceram. Ren e Kishan se transformaram em tigres e se acomodaram aos meus pés, um de cada lado. O movimento dos fios contra os meus dedos chamou minha atenção e mostrei ao Sr. Kadam

um barquinho minúsculo bordado que viajava por uma linha nova que terminava no Templo da Praia.

– Parece que estamos nos movendo no tempo normal mais uma vez. Mas nenhum dos nossos instrumentos está funcionando – disse ele. – Acredito que Lady Bicho-da-Seda esteja nos levando para casa.

Eu me sentei de modo abrupto e soltei a respiração.

– Isso significa que temos tempo antes de voltar?

– Acredito que sim. Antes, demoramos aproximadamente 12 horas para viajar entre os mundos.

– Então, vamos chegar amanhã de manhã cedo.

– Isso mesmo.

– Levando em conta o que está à nossa espera, isso provavelmente é bom. Ren e Kishan precisam ficar na forma de tigres durante seis horas. – Dei tapinhas carinhosos na cabeça de Ren e fiz um cafuné atrás da orelha de Kishan, me apressando em adicionar: – Não que eles não sejam igualmente terríveis na batalha em sua forma felina. – Eu sorri e torci a orelha de Ren com carinho. Inclinei-me para a frente e disse: – Não pode me castigar por fazer piada com você agora, não é mesmo, gatinho lindo?

Ren rosnou para mim de um jeito a dar a entender que ele iria se lembrar da minha brincadeira e que me faria pagar por ela mais tarde.

O Sr. Kadam retornou distraído para seus mapas enquanto eu alisava o quimono no colo. Quando o virei do outro lado, vi que os cinco dragões tinham voltado. O azul roncava baixinho, o branco fazia que sim com a cabeça e tinha um sorriso caloroso, o vermelho sorria com segundas intenções, o verde dava uma piscadela e o dourado estava em pânico, com a cabeça enfiada numa pilha de pedras preciosas.

– É legal ver vocês todos também – falei, rindo.

Compartilhei o jantar com meus tigres e achei graça quando os dois preferiram que eu lhes desse comida na boca. Eu estava com saudade dessa versão deles e brinquei, dizendo que eram gatos gigantes mimados enquanto lambiam meus dedos sujos da carne suculenta que eu lhes dava.

Mais tarde, li para eles *Contos dos irmãos Grimm*, apoiada nas costas de Ren. Kishan estava esticado ao meu lado, com a cabeça apoiada na minha perna. Não demorou muito para eu mudar de posição, desconfortável, e pedir que ele acomodasse a cabeça no chão.

– Desculpe, mas minha perna ainda está doendo um pouco.

Ren rosnou baixinho em resposta.

– Fique quieto. – Dei um tapa de brincadeira no ombro do tigre branco. – Ele não sabia, e agora sabe.

Os dois se acalmaram e passei mais uma hora lendo em voz alta as histórias de *O príncipe sapo*, *O Pequeno Polegar* e *A dama e o leão*, que era a minha versão favorita do conto de *A Bela e a Fera*. Depois disso, fui cambaleando, sonolenta, para o meu quarto, seguida pelos dois tigres.

Kishan pulou para cima da cama e Ren se deitou no chão. Vesti o pijama no banheiro e me acomodei sob as cobertas. Kishan já estava dormindo, mas Ren ergueu a cabeça branca do meio das patas para que eu pudesse fazer um cafuné em suas orelhas.

– Boa noite – sussurrei e caí em um sono revigorante sem sonhos.

Logo depois do amanhecer, o iate deu um solavanco tão repentino e tão violento que eu caí da cama, bem em cima de Ren. Ele se transformou em homem e, rapidamente, me tirou do caminho quando uma prateleira de livros desabou com tudo no chão, exatamente no lugar em que estávamos um momento antes.

Kishan pulou para o chão na forma de tigre e imediatamente se transformou em homem.

– Encontrem-me na casa do leme! – gritou ele ao irromper porta afora.

Ren juntou nossas armas enquanto eu trocava de roupa. Saí do closet com um galo na cabeça. Outra onda tinha atingido o iate e eu bati a cabeça no gancho do roupão.

– É estranho. – Fui até Ren enquanto o iate voltava a se endireitar e comentei: – Parece que as ondas são cronometradas, não aleatórias. Não parece uma tempestade.

– Tem razão. Não é natural. – Ren deslizou Fanindra pelo meu braço, prendeu o Colar de Pérolas no meu pescoço, amarrou o Lenço na minha cintura, guardou o Fruto no alto da aljava de flechas douradas nas minhas costas e me entregou o arco. O tridente estava pendurado numa alça na cintura dele e a *gada* estava em suas mãos.

– Pegou tudo de que precisa? – perguntei e me segurei no batente da porta.

Ele sorriu e tocou minha bochecha de leve.

– Peguei. Tudo de que preciso está bem aqui.

Envovi sua mão com a minha e ele a levou aos lábios. Eu me inclinei para perto bem quando outra onda me jogou em seus braços.

– Precisamos ir – falei.

– Precisamos.

Ele não fez qualquer menção de se mover.

Dei-lhe um beijinho na bochecha.

– Vamos, Tigre. Nós... *conversaremos* mais tarde.

Ele sorriu e me puxou para fora do quarto. Corremos o mais rápido possível até a casa do leme pela escada que sacolejava.

– Estamos sendo atacados? – perguntei. – Mais um monstro do mar?

Antes que Ren pudesse responder, chegamos ao deque e fiquei lá parada por um momento, em choque.

– O Templo da Praia! Estamos em casa!

A cidade de Mahabalipuram se estendia à nossa frente na praia. Em apenas alguns momentos, passamos a toda velocidade pela localidade e continuamos a seguir pelo litoral. Para onde quer que estivéssemos indo, avançávamos depressa.

– Kelsey! Vamos!

Alcansei Ren e peguei a mão dele no instante em que mais uma onda atingiu o navio. Perdi o equilíbrio quando o iate tombou perigosamente para o lado. Ren se segurou na amurada e me puxou até conseguir me abraçar.

– Obrigada – murmurei contra o peitoral dele quando meus pés voltaram a encontrar o chão.

– Sempre que precisar.

Ele sorriu e apertou minha cintura. Nós irrompemos na casa do leme onde o Sr. Kadam, desesperado, explicou:

– Fomos descobertos. Eu não fazia ideia de que ele tinha esse tipo de poder.

Ondas gigantescas corriam na nossa direção, cada uma delas ameaçando nos afundar. Nuvens negras surgiram do nada e escureceram o céu claro da Índia. O vento chicoteava o iate com tanta força que as janelas tremiam.

– É Lokesh? – gritei mais alto que o barulho.

O Sr. Kadam assentiu.

– Meus cálculos estavam errados! Chegamos ao Templo da Praia ao amanhecer... mais cedo do que o esperado. Resolvi passar ao largo da cidade, só para garantir. Mas ele estava à nossa espera perto do templo e lançou seu ataque! Temos que tentar avariar o barco dele antes que nos destrua!

Ele tinha encontrado a gente.

Fui para o telhado da casa do leme com Ren. Kishan nos alcançou. A primeira coisa que fiz foi prender nós três à amurada usando o

Lenço. Então eu disse a Ren que usasse o Lenço, Kishan, o Fruto, e eu iria usar meu poder de raio se o barco de Lokesh entrasse na minha linha de alcance, além de tentar alguma coisa com o Colar.

Eu me concentrei no barco negro que se aproximava de nós com rapidez. Ainda estava longe demais para o poder de raio, por isso sussurrei para o Colar, dizendo-lhe que atacasse a embarcação deles com chuva e a pegasse em um redemoinho. Em seguida, pedi que qualquer criatura do mar que pudesse atender ao chamado do Colar viesse nos ajudar. Ren criou uma lona gigantesca para jogar por cima do barco de Lokesh, e Kishan cobriu os deques deles de óleo e encheu todos os espaços livres visíveis com requeijão.

Sorri ao imaginar o pânico que tínhamos causado, mas franzi a testa quando o vento soprou a lona e berrei quando vi enormes barbatanas vindo em toda velocidade na direção do nosso iate. Ren pegou na minha mão trêmula.

– O que foi?

Em um tom de voz que mal dava para ouvir, sussurrei:

– Tubarões.

Ele apertou minha mão.

– Não olhe para eles.

Mas não pude evitar. Com os olhos fixos nos animais que rodeavam nosso iate, fiquei paralisada. Ouvi Ren falar com Kishan, mas não consegui processar suas palavras.

Então Kishan respondeu:

– Joguei 500 quilos de carne crua aqui perto, mas eles não querem nem saber.

Carne? Ah. Ele estava tentando distrair os tubarões. Claro que não ia dar certo. Eles não ligam para comida. Só querem nos pegar. Senti pingos de chuva pesados caírem no meu rosto e na minha cabeça. As ondas cessaram, mas Lokesh estava criando uma terrível tempestade. Despertei da minha fixação pelos tubarões e dirigi a chuva de volta para o outro barco. Foi quando senti o poder de Lokesh me tocar. Chuva se deparou com chuva. O poder dele tentava empurrar o meu e eu o empurrava de volta. Aquilo parecia... íntimo. Invasivo.

Ataquei com mais força; ele também. A chuva acariciou minha bochecha com brutalidade, como se ele estivesse me tocando fisicamente, e eu quase escutava a risada dele nos sons que os pingos faziam ao atingirem o deque.

Ele atacou com tanta intensidade que chorei baixinho, mas Ren me abraçou e senti uma força renovada. Empurrei o poder de Lokesh para longe usando toda a minha energia mental e senti quando ele

desistiu, apesar de uma parte de mim saber que ele estava feliz da vida com minha exibição de coragem e que tinha *deixado* que eu vencesse. De repente, a chuva parou e as nuvens se abriram. O sol brilhou sobre nós e eu inclinei a cabeça para cima, torcendo para que a quentura me fortalecesse durante nosso breve intervalo. O barco deles escapou do redemoinho e voltou a nos perseguir.

Meus pensamentos dispararam enlouquecidos enquanto eu elaborava um novo plano de ação. Tentei afundá-lo enchendo o convés de água, mas ele fez com que o jato desviasse e retornasse para o mar, junto com alguns de seus homens. Ele se aproximava de nós, voando adiante em velocidade impossível. *Como poderíamos vencê-lo?*

Kishan foi ter com o Sr. Kadam e retornou com o rosto anuviado.

Peguei no braço dele e falei:

– O que foi?

– Estamos quase sem combustível. Não vamos conseguir ser mais rápidos do que eles.

– Quanto tempo ainda temos? – perguntei.

– Meia hora. Talvez uma hora, no máximo.

Nós três nos juntamos e discutimos outras opções.

Kishan queria ancorar o iate e lutar contra ele em terra. Ren queria dar meia-volta e arremeter o iate contra o barco dele. Achei que a opção de lutar em terra talvez fosse melhor porque assim iríamos nos livrar dos tubarões. Nosso planejamento silencioso foi interrompido pelo som de diversos gêiseres em erupção. Jatos de respiração de baleias!

Fiz sombra sobre os olhos e avistei pelo menos uma dezena de corcovas de baleias-cinzentas indo na direção do barco negro. Elas o rodearam e bateram contra ele com o corpo pesado, conseguindo retardar seu progresso.

– Vamos aproveitar a deixa – gritei. – As baleias vão retardá-los. Nós vamos até onde nosso combustível nos levar, então pegamos a lancha para ir até a praia e desaparecemos na selva.

Eles concordaram e Ren correu para contar ao Sr. Kadam o que estava acontecendo quando algo chamou minha atenção.

– Os tubarões! Kishan, onde eles estão?

– Ali. – Ele apontou para o mar e eu vi diversas barbatanas negras dirigindo-se de volta ao barco negro. – Ele mandou que atacassem as baleias.

– Não! – A água logo ficou vermelha quando um bebê baleia foi separado da mãe e morto. – Pare com isso! – berrei.

Toquei no Colar de Pérolas na minha garganta e mandei as criaturas gentis de volta para o fundo do oceano. Não demorou muito para os tubarões retornarem nadando atrás do iate. Ren voltou e eu disse a ele, desolada:

– As baleias se foram. Eu não pude permitir que fossem mortas.

– Eu entendo. – Ren apertou meu braço de leve. – Vamos lutar com ele no corpo a corpo. Parece ser o que ele deseja.

– Ele me quer viva.

– Ele nunca vai levar você.

Nós nos encaramos por um breve instante e eu assenti, rezando para que a determinação dele bastasse.

– Estão vindo rápido! – gritou Kishan. – Preparem-se!

Agora o barco de Lokesh estava tão próximo que consegui distinguir silhuetas no deque. Não era tão grande quanto o nosso, mas ainda assim era uma embarcação de certa potência, e era rápida. Havia um arpão grande instalado no convés superior. Homens se agitavam perto das velas e pelos deques e se agachavam atrás de caixas para se proteger. Apenas Lokesh se mantinha em pé, destemido, à medida que o barco ia se aproximando. Quando ele me avistou, sua imagem ficou borrada para mostrá-lo jovem mais uma vez. Arrogante e ousado, ele sorriu para mim e estendeu a mão, me chamando.

Eu me coloquei entre Ren e Kishan e sacudi a cabeça. Lokesh franziu a testa e deu uma ordem. Os rapazes estavam prontos. Kishan lançou o *chakram* e Ren usou o Lenço para amarrar alguns homens e pendurá-los na lateral do barco, ao alcance da mordida dos tubarões. Infelizmente, os tubarões permaneceram concentrados em nós. As bocarras abriam e fechavam com força enquanto eles singravam a água. O *chakram* cortou fora o braço de um inimigo e abriu um peito antes de retornar.

Ren só tinha olhos para Lokesh, que sorriu e o convidou para subir a bordo com um floreio. Lancei uma série de flechas, uma dela imbuída do poder de raio. Atingi dois homens e causei uma pequena explosão na parte de trás do barco, mas estava fazendo mira em Lokesh. Ele parecia estar usando o vento para desviar o trajeto das nossas armas.

Lokesh mexeu o braço e sua embarcação avançou com um arroubo. O iate sacudiu com violência quando o barco negro arremeteu contra a parte de trás numa explosão de farpas de madeira e guinchos de metal. Uma rampa foi rapidamente acoplada ao nosso iate e um grito de guerra se ergueu no ar quando alguns homens se derramaram para

cima do nosso deque.

Ren saltou da casa do leme e pousou agachado seis metros abaixo, no deque. Kishan foi atrás e outro grito de batalha soou no ar: o grito de batalha da casa de Rajaram. Desci apressada pela escada e corri atrás deles. Kishan usou o *chakram* e as garras, passando de tigre para homem bem a tempo de pegar e lançar entre os golpes. Na forma de tigre, suas orelhas se inclinavam para trás e seus dentes apareciam quando ele rosnava. Ao ver o feroz tigre negro, alguns homens cambalearam e pararam, preferindo confrontar Ren, e passaram a desafiá-lo, mas ele era tão perigoso quanto Kishan.

Ren separou o tridente em facas Sai e pulou para o meio da comoção, dilacerando corpos como um touro num galinheiro. Suas facas giravam tão rápido que ele parecia um liquidificador humano, fatiando tudo o que se aproximasse. Eu me escondi atrás de uma estrutura do deque e acertei alguns homens com flechas ou com raios. Lokesh não estava à vista. Eu o procurei, mas ele estava escondido em algum lugar.

Havíamos eliminado dezenas de homens, mas outros continuavam a surgir do barco. Dessa vez, não estavam armados com dardos e isso me deixou confusa. Lokesh sabia que Ren e Kishan não podiam ser mortos. E apesar de aqueles piratas serem modernos, eles lutavam com facas, facões e outros tipos de armas antigas. Não vi qualquer arma de fogo. Não era bem uma batalha; era mais uma carnificina. O único motivo por que ainda não tínhamos vencido era o número enorme de piratas que nos atacavam.

O Sr. Kadam e Nilima se juntaram a mim no deque. Ela estava armada com uma faca e ele, com uma espada de samurai.

– Quem está conduzindo o iate? – sussurrei ao disparar uma flecha e sorri com o grito de dor do pirata que estava prestes a cravar uma faca nas costas de Kishan.

O Sr. Kadam respondeu:

– Não há necessidade disso. Estamos quase sem combustível. Baixamos a âncora e resolvemos ajudá-los a livrar o navio desses bandidos.

– Mas Nilima...

– Tem treinamento completo em artes marciais e em armas. Ela vai ficar bem. E já está na hora de este velho parar de se esconder pelos cantos sem fazer nada enquanto os mais jovens ficam com toda a diversão.

O Sr. Kadam sorriu.

Nós três entramos no meio da confusão. Nilima era letal. Os

homens de fato paravam quando ela se aproximava e sorriam para a linda mulher. Ela derrubava um após o outro, e eles caíam mortos a seus pés adoráveis.

Soltei uma gargalhada irônica.

– Pelo menos eles morrem com um sorriso na cara.

O Sr. Kadam lutava como um mestre espadachim. Ele era majestoso e gracioso ao deslizar para longe dos atacantes antes que pudessem tocá-lo. Não se demorava nas lutas. Simplesmente desabilitava um homem o mais rápido possível e passava para o próximo, com a espada reluzente brilhando ao sol.

Enquanto íamos despachando os piratas, eu me vi com as costas coladas nas de Ren. Mais uma vez, fiquei confusa com Lokesh e seu plano. Havia algo que eu não estava enxergando. Os piratas obviamente tinham recebido instruções de não me machucar, apesar de vários deles terem tentado, sem sucesso, me carregar para longe. O corpos se empilhavam aos nossos pés. *Por que eles não usam tranquilizantes? Esta batalha é quase brincadeira de criança.*

Ren derrotou um oponente enorme e sibilou por entre os dentes:

– Não quero que você fique aqui. Nós estamos nos virando bem. Recue para onde estava antes. Estava fora do alcance visual.

– Você precisa de mim.

– Eu sempre vou precisar de você. É por isso que quero que fique em segurança. *Por favor, recue.* – Ele ficou de costas para o homem que o atacava e implorou com os olhos. Suspirei, explodi o homem que corria na direção dele e então assenti com a cabeça. A batalha logo estaria terminada mesmo. Com Nilima e o Sr. Kadam envolvidos, havia pouca coisa que eu pudesse fazer.

– Certo, mas guarde um pouco para mim.

Ren sorriu.

– Sem problema. E... Kelsey?

– O que foi agora? – perguntei, exasperada, enquanto o cotovelo dele atingiu um sujeito na cara sem que ele sequer o olhasse.

– Eu amo você.

Meus lábios se contorceram em um sorriso desajeitado.

– Eu também amo você.

Ren retornou ao embate com um grito entusiasmado. Pendurei o arco no ombro, corri de volta para minha alcova e então peguei uma flecha para buscar outro alvo. Eu me relegatei a ficar na retaguarda, derrubando homens que se aproximavam demais ou que estavam obtendo vantagem sobre alguém. Ainda me sentia envolvida com a batalha, apesar de ficar de fora. Minhas flechas douradas voavam reto

e meu poder de raio sempre acertava o alvo.

Fechei um dos olhos, mirei no alto do barco negro e arquejei. Dei um berro, mas já era tarde demais. O homem que estava na minha mira tinha armado o arpão e disparado. A haste gigantesca ia na exata direção de Nilima. Iria matá-la.

O Sr. Kadam também viu. Ele berrou “Nilima!” e se colocou bem na frente dela, abraçando-a junto ao peito.

– Cuidado! – gritei e, em seguida, larguei meu arco e saí cambaleando do meu esconderijo.

Eles tinham sumido! Examinei o deque em busca dos corpos atingidos, mas não estavam lá. O arpão atingiu o piso e se afundou na madeira estilhaçada, mas o Sr. Kadam e Nilima haviam desaparecido.

Uma voz atrás de mim disse:

– Ali está ela!

Senti três picadas. Uma no ombro, uma na coxa e uma no braço.

– Não! – gritei.

Cambaleei para a parede e apertei a mão trêmula contra ela para me firmar. Irritada, arranquei os dardos do meu corpo. Braços pesados me ergueram e me jogaram por cima de um ombro musculoso. Tentei gritar, mas minha voz não passava de um sussurro no meio da tempestade de ruídos da batalha.

Três piratas sorrateiros conseguiram escapar comigo para o outro lado do iate. Ainda me carregando sobre o ombro, o homem grande desceu a escada precária improvisada que tinham usado para nos abordar. Tentei atingi-lo com um raio, mas meu poder já havia arrefecido. Eu me debati, mas ele só deu risada dos meus patéticos esforços.

Lokesh não estava com eles, o que foi um alívio, mas eu sabia que isso não iria durar muito. Eu o veria em breve. Agora entendia por que ele tinha desaparecido e por que a batalha, apesar de sangrenta, havia sido um tanto desfavorável para um dos lados. Era uma armadilha. Ele não se importava se todos aqueles homens morressem. Meu corpo estava pesado e meus olhos começaram a fechar. O tempo estava acabando.

Depois de me acertar com três dardos tranquilizantes, os homens se sentiram confiantes o suficiente para não me amarrar e, em vez disso, trataram de dar a partida no barco e bater nos tubarões com remos. Aparentemente os tubarões seriam minha escolta pessoal. Trêmula, ergui a mão até o pescoço e, quando o barco saltou por cima de uma pequena onda, arranquei o amuleto. Eu gemi e me virei de lado, como se estivesse caindo no sono, e sussurrei instruções para a cobra

dourada no meu braço.

Devagar e com cuidado, tirei Fanindra do braço e enrolei a corrente do amuleto ao redor do pescoço dela várias vezes. Meu braço estava pesado e erguê-la até a beirada do barco parecia impossível. Tentei e não consegui; meu braço entorpecido fez um movimento involuntário.

– Ei, você aí! O que está fazendo?

Um pirata se virou para investigar, pegou meu cotovelo e o apertou até doer. Seus olhos se acenderam quando viu o brilho dourado. Ele se inclinou para mais perto e Fanindra ganhou vida, abriu o capelo e sibilou.

– Uma cobra! – berrou o homem e foi para o outro lado do barco.

Aproveitando a distância dele, foquei os olhos em Fanindra e engoli em seco, tentando limpar as ondas de escuridão que se abatiam sobre minha consciência. Com um esforço monumental, empurrei o corpo dela por cima da beirada do barco e sorri quando ouvi o barulho que ela fez ao atingir a água.

– O chefe não vai gostar nada disto – disse um homem.

– Então nós não vamos contar a ele. Não estou a fim de virar isca de tubarão.

– Combinado. Vamos deixar isso entre nós. – O homem se inclinou e uma nuvem de bafo rançoso se abateu sobre o meu rosto. – Chega de truques, mocinha. O chefe nos contou tudo sobre você.

Não pude responder, apesar de ter pensado em algumas boas palavras. Passamos por cima de uma onda e meu corpo paralisado bateu com força contra o fundo do barco, que, para mim, pareceu o mais macio dos travesseiros. Eu não conseguia nem começar a entender o que tinha acontecido com o Sr. Kadam e Nilima; por isso, meus últimos pensamentos foram sobre Ren e Kishan.

Eu sabia que eles iriam sobreviver à batalha e provavelmente teriam ímpeto suficiente para escapar. Pelo menos eu havia ajudado a devolver 18 horas a eles. Uma lágrima se esgueirou pelos meus olhos fechados e escorreu pela bochecha. Outra caiu do lado oposto. Achei que era adequado derramar uma lágrima para cada um dos meus tigres, porque eu amava os dois.

Phet tinha dito que eu precisaria escolher. Eu agonizava por causa disso havia meses. Mas na época eu não tinha entendido. Agora eu sabia o que ele quis dizer. Eu não ia ter de escolher *entre* eles. Eu podia simplesmente escolher *salvá-los*. Ambos. Eles iriam sobreviver se eu me oferecesse a Lokesh. Claro que eu iria lutar e fazer o possível para fugir, mas se a fuga não fosse uma opção, este seria o último

presente que eu poderia dar aos meus tigres.

Durga dissera: “As pessoas que se arrependem são aquelas que não compreendem a razão da vida.”

Agora sei qual é a razão da minha vida e não tenho arrependimentos. Se eles sobreviverem, meu sacrifício terá valido a pena. De algum modo, meus lábios se contorceram em um sorriso, eu me entreguei e me afundei no esquecimento.

EPÍLOGO



Levada

Os dois homens disparavam pela Índia, parando para descansar apenas quando era necessário para reabastecer e comer. Só dormiam quando o animal tomava conta de seus corpos. Eram incansáveis, ambos desesperados para salvar a mulher que amavam. Sabiam que era improvável conseguirem salvá-la a tempo. Ainda assim, precisavam avançar. Tinham que tentar.

Por decisão mútua, deixaram a estrada e esconderam as motos no mato, longe o suficiente dos passantes para que ninguém as avistasse. Ren tirou um pão inteiro de uma mochila, dividiu-o ao meio e jogou uma parte para o irmão. Mastigaram em silêncio e não demorou muito para que os dois pegassem o celular e procurassem o ponto do GPS que era a única coisa que restara de Kelsey.

– Ele a está deslocando mais uma vez – disse Kishan. – Está se movendo com rapidez. Talvez de avião.

Ren soltou um resmungo para mostrar que concordava.

– Está vendo Kadam?

– Não. Ainda não há sinal dele.

Com um suspiro, Ren guardou o celular na mochila e tirou a jaqueta de motoqueiro. O irmão prendeu o capacete na moto e chutou as botas pesadas para longe. Com as roupas dobradas com cuidado e guardadas na bolsa de couro da moto, Ren finalmente permitiu que o tigre se impusesse.

A queimação começava na boca do estômago e se espalhava pelo

corpo todo. Tremores lhe percorriam os braços. À medida que seu centro de gravidade ia mudando, seu tronco caía pesado no chão. Ao mesmo tempo, os dedos se curvavam para dentro da palma das mãos. Seu corpo se cobria de pelos e os bigodes surgiam. A sensação sempre lhe dava vontade de espirrar.

As garras eram sempre a mudança mais difícil. Elas surgiam como adagas da pele entre os nós dos dedos: uma arma que sempre fazia parte dele, encravada em seus tecidos. Apesar de ele ter usado armas e treinado com elas a vida toda, Ren não se deleitava com a guerra nem com a luta, como acontecia com Kishan. Ele preferia travar guerras verbais, ao redor de uma mesa de conselheiros. Apreciava jogos de estratégia e táticas de batalha inteligentes, mas, em seu coração, ansiava pela paz. Desejava desfrutar a vida que os pais haviam tido antes de Lokesh. Queria construir um lar com a mulher que amava e finalmente formar uma família.

Ren começou a andar em círculos, marchando, enquanto sua mente inquieta se preocupava com sua mulher perdida. Para o tigre branco, era simples. Ela era sua fêmea. O lugar dela era ao seu lado e ele não iria descansar até encontrá-la e destruir a ameaça que a tirara dele. Para o homem, a situação era mais complicada. Apesar de ela reconhecer seu amor por ele, tinha decidido ficar com outro. Ele não conseguia entender aquilo, e a ideia o exauria.

Com um suspiro, ele se deitou no solo e pousou a cabeça nas patas. Pensou na época em que tinham ficado juntos no Oregon. Parecia que tanto tempo já se passara... Naquela época, ela o amava sem reservas, sem complicações. Muita coisa havia acontecido a eles desde então. Ren fechou os olhos e permitiu que seus pensamentos flutuassem até ela. Ainda era capaz de senti-la, apesar da distância entre os dois. A conexão com o coração dela o chamava como sempre, através dos longos quilômetros solitários.

Se pelo menos houvesse uma maneira de ele atravessar toda aquela distância e puxá-la para perto, para a segurança de seus braços... Quando foi caindo em um sono inquieto, Ren imaginou que tinha sentido o cheiro doce dela a seu redor e sentido o fantasma de seu toque beijando seu focinho e apoiando a cabeça em suas patas. A voz querida sussurrava baixinho na brisa: “*Mujhe tumse pyarhai*, Ren.” Ele se apegou àquela réstia de pensamento, segurou-se a ela e finalmente dormiu.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia deixar de agradecer à minha mãe, Kathleen, e à minha irmã, Tonnie, por se empenharem tanto em promover meus livros. Minha mãe deu início a seu próprio fã-club no trabalho dela, pendurou pôsteres, aprendeu a usar e-mail e o Facebook, e vendeu brincos, marcadores de livros, camisetas e livros para todo mundo que conhecia. Até deu ideias malucas, como levar apresentações de dança do ventre aos meus eventos ou vender livros na calçada aos sábados. Se eu deixasse, ela estaria na rua todos os fins de semana.

Acho que não existe uma única pessoa em Forest Grove, no estado do Oregon, ou perto dali, que conheça minha irmã e nunca tenha ouvido falar dos livros. Incluindo aí o carteiro, o motorista de ônibus, os professores dos filhos dela, a moça do caixa do supermercado, o grupo de sapateado dela, o pessoal da igreja e todas as mães do bairro. Juntas, minha mãe e minha irmã são pessoalmente responsáveis pela venda de mais de 400 livros, e isso é um feito e tanto.

Também me sinto grata ao meu marido, que ainda me ama, mesmo depois de todas as nossas discussões sobre edição, e eu ainda o amo, apesar de ele gostar de tentar enfiar mudanças drásticas nas edições dos originais. Ele me dá apoio incansável e está sempre pronto a dar um salto para o desconhecido comigo.

Obrigada à minha fabulosa editora, Cindy Loh, que esteve ao meu lado constantemente, durante meses, enquanto trabalhávamos na tarefa quase irrealizável de lançar três livros em um único ano. Aprendi muito com ela e escrevo melhor por causa da sua influência.

Quero fazer um agradecimento especial ao meu agente, Alex Glass, que me encontrou uma semana antes de eu autopublicar *A viagem do tigre*, para o desalento dos meus primeiros fãs. Embora tenha sido

chamado de demônio disfarçado por algumas pessoas, ainda penso nele como meu anjo da guarda pessoal e serei sempre grata a sua sabedoria, experiência e paciência.

Obrigada a Jared e Suki, meu irmão e a mulher dele, pelos esforços tremendos em meu nome. Eles trabalham duro e passam boa parte de seu tempo livre tentando responder às minhas perguntas e me orientando com minhas emergências tecnológicas. Fazem parte do meu grupo de leitura inicial, e todos os seus comentários me fazem dar risada.

Mais do que tudo, gostaria de expressar meu amor pelos meus fãs. Nos últimos anos, recebi centenas de cartas cheias de incentivo, apoio e súplicas desesperadas por qualquer detalhe que eu estivesse disposta a compartilhar. *A viagem do tigre* não poderia ter sido publicado com tanta rapidez sem o apoio deles. Eles abriram o coração para os meus tigres e para mim, promoveram a série e abraçaram seus rabanetes interiores.

Obrigada. Obrigada. *Obrigada.*



o destino do tigre

COLLEEN HOUCK

autora de *A maldição do tigre*



o destino do tigre

COLLEEN HOUCK

o destino do tigre



Título original: *Tiger's Destiny*

Copyright © 2012 por Colleen Houck

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do Soneto XXX, “Quando à corte silente do pensar”, de Shakespeare, por Barbara Heliodora (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*, Ediouro, 2001). Reproduzido mediante prévia autorização da tradutora.

Tradução do Soneto L, “Com que pesar enfrento a jornada”, de Shakespeare, por Thereza Christina Rocque da Motta (In: *154 Sonetos*, Ibis Libris, 2009). Reproduzido mediante prévia autorização da tradutora.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Melissa Lopes Leite

revisão: Natália Klusmann e Rebeca Bolite

projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Katrina Damkoehler

imagem de capa: Cliff Nielsen

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

ebook: Geográfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54

Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para meu irmão, Jared, e sua mulher, Suki,
que me ajudam a dar assistência aos fãs, me oferecem suporte
técnico, colaboram com as cenas de luta, me dão apoio moral
e, mais importante, me ajudam a manter tudo divertido.*

Fênix que Renasce

Colleen Houck

A Fênix que Renasce conhece seu destino?
De vir ao mundo, tornar-se forte, aprender a voar.
Construir um ninho, um companheiro procurar.
Dormir, ansiar e caçar no céu infinito?

Será que sabe que o fogo é seu futuro?
Que uma chama irá lhe pôr fim à vida?
Quando o calor que purifica animar a pira,
O esforço terreno tornando-se obscuro?

Será que o pavor o peito lhe penetra?
Será que se arrepende de escolhas feitas?
Será que a mágoa a crista lhe enfeita?
E que tem consciência do preço que perpetra?

Antes extraordinário, seu corpo queima
Enquanto lança gritos de pavor e dor.
Carbonizadas, suas penas perdem a cor,
Negando a vida, uma lágrima teima.

De morte tão medonha, outra alma
Nova, assumindo seu lugar, emerge.
Com determinação e propósito elege
Um glorioso amanhecer sem trauma!

Porventura a Fênix que Renasce agradece
As cinzas negras que lhe dão a vida?
Sabe ela que o fogo seu destino lapida?
Desfruta a Terra enquanto não perece?

prólogo



Espaço e tempo

Sem mais nem menos, estavam perdidos, rodopiando através do negro redemoinho do tempo. Segundos se passaram. Éons se passaram. Moléculas se deslocaram e se agitaram. Então uma luz atravessou a poeira cósmica e, igualmente súbita, uma onda de compreensão o varreu.

Pelo processo de tentativa e erro, ele havia aprendido a controlar o vórtice e saltar através dos anos. Se corresse rápido demais, entrava em um futuro desconhecido. Se recuasse apressado, o mundo deixava de existir. O tempo requeria uma mão delicada, um toque preciso. De início, ele ricocheteava bruscamente através dos milênios, como uma pedra lisa quicando na superfície de um lago. Mas logo estava se movendo em uma dança com o cosmo, treinando passos que o levariam aos lugares que precisava ver.

Ele examinou os séculos como se fossem livros numa biblioteca. Quando terminou, sabia qual era seu lugar no Universo e como servir melhor àqueles a quem amava.

Sentindo que ela estava pronta, ele sorriu e apertou-lhe a mão. Então a puxou para si e deslocou ambos entre as estrelas, movendo-os para o começo do fim, ou o fim que levaria a um começo.



Prisioneira

Embalada pelas ondas do oceano, sonhei que nadava com um imenso dragão que piscou para mim. Enquanto ele deslizava ao meu lado impulsionado pela cauda, senti meu corpo ser empurrado. Gemi e lutei quando mãos ásperas prenderam com força meus braços e pernas. O ronco de um motor tomou o lugar do barulho das ondas, e meu sonho se modificou. De repente, eu me encontrava numa floresta e podia ouvir claramente o ruído constante de patas de tigre sobre as folhas no solo, correndo na minha direção.

Depois, vieram os pesadelos. Tubarões na água, piratas no *Deschen*, a captura pelos homens de Lokesh.

Uma voz à distância sussurrou com urgência: *Acorde, Kelsey.*

Aturdida, abri os olhos. Eu estava deitada numa cama com dossel. *Foi só um sonho horrível*, pensei agradecida.

O sol poente lançava sua luz fraca pela janela acima da cama. A janela tinha vidros grossos e grades, impedindo que qualquer pessoa entrasse... ou saísse.

– Não! – gritei para o quarto vazio.

Não era um sonho coisa nenhuma. Tentei me lembrar de tudo. Eu me lançara em três buscas para libertar Ren e o irmão, Kishan, da Maldição do Tigre. Tínhamos que encontrar apenas mais um presente para a deusa Durga a fim de quebrar o feitiço. Estávamos em um navio, e houve uma batalha contra Lokesh. Até aí eu sabia. Depois, três minúsculas picadas (dardos de tranquilizantes?), uma lancha... eu colocando Fanindra e o amuleto na água, e então a escuridão.

Eu estava trancada num estranho quarto, uma prisioneira em uma jaula. Corri para a porta e girei inutilmente a maçaneta. Concentrando minha energia interior, ergui o braço para explodir a fechadura, mas nada aconteceu. Confusa, levei minha mão ao pescoço para tocar o Colar de Pérolas Negras de Durga.

Como foi que perdi meu poder de raio? Onde estou? Onde estão meus tigres, Ren e Kishan? Será que Fanindra os encontrou? O que aconteceu ao Sr. Kadam e à Nilima? Estarão vindo me resgatar? Como vou sair daqui?

Tentei avaliar a situação. Eu tinha o Colar de Pérolas, e o Lenço

Divino ainda estava trançado pelas presilhas do cós da minha calça jeans, mas o arco e as flechas e o Fruto Dourado da Índia não estavam em nenhum lugar visível. Reprimindo uma risada amarga, percebi que poderia fazer toda água e todo tecido que desejasse com o que me restava dos presentes de Durga, como se isso pudesse me ajudar...

Apalpei a área entre os dedos, procurando o pequeno mecanismo de rastreamento que o Sr. Kadam havia dolorosamente implantado. Ainda estava ali, o que significava que existia uma chance de a cavalaria vir correndo me salvar. Era uma chance pequena, mas era tudo que eu tinha.

Minha cabeça doía e minha boca parecia estar cheia de algodão. Tentei engolir e acabei tossindo, o que fez com que eu me sentisse ainda pior.

Controle-se, Kelsey Hayes!, pensei e me forcei a tentar analisar o ambiente. Pela janela, eu via árvores e neve, e estava a pelo menos três andares de altura. Pensei que podia avistar algumas montanhas, mas não tinha como saber onde se localizava meu cativeiro.

Meu estômago se revirou e corri para o banheiro. Depois de lavar a boca, olhei para o meu reflexo. Uma mulher assustada, exausta e desmazelada me fitou de volta. *O que aconteceu com a garota do Oregon?*

Naquele exato momento, uma voz sedosa irrompeu meus pensamentos. Fiquei paralisada. Era meu captor, Lokesh.

– Por favor, vista-se para o jantar, minha querida. Como pode ver, não há meios de fugir e eu confisquei suas armas. Está na hora de nos encontrarmos novamente. Tenho uma proposta, Kelsey Hayes. Creio que é chegado o momento de você abraçar o seu destino.

Minhas entranhas se reviraram outra vez enquanto eu imaginava o tipo de destino que Lokesh tinha em mente para mim. Eu não via câmeras nem microfones no quarto, mas sabia que estava sendo observada. Estranhamente, eu me sentia distanciada da situação. O medo frio que eu havia experimentado ao enfrentar Lokesh em cada visão fora substituído por uma trêmula determinação.

Considereei minhas opções. Primeiro, eu precisava sair daquele quarto e identificar possíveis rotas de fuga. Esse suplício só poderia ter um entre quatro desfechos: eu fugiria por conta própria (possível); Ren e Kishan me resgatariam; eu morreria (essa decididamente não era minha primeira opção); ou eu passaria minha vida sendo a prisioneira de um psicopata, o que também não parecia muito divertido. Além disso, eu deveria recuperar o Fruto e meu arco e as flechas. Durga havia me advertido de que, se suas armas caíssem em

mãos erradas, os resultados seriam desastrosos. Mordi o lábio e torci para que não precisasse escolher entre salvar a mim ou as armas.

Se sair deste quarto significa jantar com o demônio, que seja. Por ora, vou entrar no jogo dele, mas, se eu tiver que sucumbir, vou sucumbir lutando.

Instintivamente, eu sabia que bancar a donzela em perigo não funcionaria. Para vencer Lokesh em seu jogo, eu deveria me tornar algo que não era – uma mulher forte, bonita, poderosa e segura de si.

Depois de examinar o armário e encontrar apenas um tubinho justo com decote profundo, decidi assumir um risco calculado. Pedi ao Lenço que criasse roupas novas para mim, da forma mais discreta possível, e o instruí a não fazer nenhuma de suas mudanças de cor caleidoscópicas.

Tirei o novo traje do armário e fiquei maravilhada diante de seus detalhes. O Lenço havia criado uma glamourosa *lehenga* em dourado e azul-cobalto. A blusa de jacquard de mangas curtas marcava minha cintura, e a saia longa e justa delineava minhas curvas. Usar as cores de Ren e de Kishan me deu uma dose muito necessária de coragem, e achei que o conjunto elegante me ajudaria com o papel que eu pretendia desempenhar. O Lenço produzira inclusive um par de brincos pendentes imitando safiras, feitos de um tecido leve.

Assim que terminei de me vestir, um criado esguio e de aparência ameaçadora abriu a porta do quarto. Implorei para que me deixasse fugir, mas ele sacudiu a cabeça e replicou algo incompreensível em híndi. Enfiei o Lenço por dentro da manga, tentei lembrar as poucas palavras que conhecia naquela língua e repeti minha súplica por ajuda:

– *Trahi!*

O homem, porém, apenas me conduziu por um corredor onde se alinhavam mais janelas gradeadas, grossos tapetes e paredes com lambris.

Em seguida, atravessamos uma série de portas trancadas, cada uma delas guardada por uma sentinela. Quando outra porta se fechou ruidosamente e se trancou às minhas costas, me veio a lembrança de que era assim que a jaula de Ren no circo era disposta – portas dentro de portas a fim de proteger os humanos do tigre. Rapidamente fiz uma observação mental: *Fugir por conta própria será difícil, se não impossível. Mas o bom disso é que Lokesh acredita que precisa de um alto nível de segurança para me conter. Talvez exista alguma forma de usar isso contra*

ele.

A última porta se abria para uma sala de jantar onde uma mesa estava posta para dois. O criado puxou uma cadeira e gesticulou, indicando que eu me sentasse, antes de deixar a sala silenciosamente. Brinquei com a faca da manteiga enquanto esperava. Meu estômago se contorcia de nervosismo e eu me perguntava como conseguiria encarar Lokesh sozinho. Em nossa última busca para quebrar a Maldição do Tigre, eu tinha lutado contra um *kraken* e um tubarão gigante. Mas, de certa forma, aquelas feras não pareciam tão perigosas quanto a personificação do mal que eu enfrentava agora, o monstro que havia transformado meus dois príncipes indianos em tigres mais de três séculos atrás.

– Que bom que você aceitou meu convite para jantar – disse Lokesh, surgindo de repente na cadeira à minha frente.

Ele parecia diferente desde a última vez que o tinha visto. Mais jovem. Embora eu ainda reconhecesse a maldade sombria por trás de seus olhos negros, consegui me controlar. Lokesh pegou minha mão e a beijou rudemente.

– Não que eu tivesse escolha – repliquei.

– Exato. – Ele sorriu e apertou minha mão com um pouco mais de força. – Tampouco lhe dei uma opção de roupa – prosseguiu ele –, e no entanto aqui está você, usando um traje diferente. Posso perguntar onde o conseguiu?

Em um movimento suave, cobri minha faca com o guardanapo e os coloquei no colo, deslizando o utensílio cuidadosamente para o bolso. Esperando que ele não tivesse notado, comentei com ironia:

– Quando você me contar de onde vem o *seu* poder, ficarei feliz em lhe mostrar como criar um guarda-roupa do nada.

Uma nova onda de coragem percorreu meu corpo agora que eu finalmente tinha algum tipo de arma.

Para minha surpresa, Lokesh riu.

– Como é encantador estar na companhia de uma mulher espirituosa. Creio que serei tolerante com você, *por ora*. Mas não teste a minha paciência.

Seu sorriso se transformou numa expressão maliciosa. De perto, Lokesh parecia mais asiático que indiano. O cabelo escuro era cortado curto, partido de lado e alisado para trás – bem diferente de Ren, cujo cabelo sempre caía nos olhos azuis.

O feiticeiro se movimentava de forma contida, mantendo os ombros e as costas rígidos. Ele estava mais musculoso e bonito do que antes, até mesmo atraente. Mas eu sabia que um louco espreitava sob a

superfície, e suas feições ainda carregavam sua propensão ao mal.

A comida foi servida e nossos pratos rapidamente se encheram com os condimentados sabores indianos. Os criados eram eficientes e extremamente silenciosos. Belisquei a comida, lutando para recuperar o apetite.

– Você usou magia para parecer mais jovem? – perguntei com cautela.

Seus olhos negros ficaram ainda mais escuros, mas em seguida ele sorriu.

– Usei. Você está me achando bonito? Sente-se mais confortável ao me ver com uma idade mais próxima à sua?

Estranhamente, eu me sentia.

Dei de ombros.

– Eu me sentiria desconfortável independentemente da sua aparência. De qualquer forma, por que se importa com isso? Estou surpresa que não tenha me acorrentado no porão e não esteja se preparando para cravar pregos nos meus polegares.

Uma centelha azul chamou minha atenção e levantei os olhos. Mas, se estava ali antes, já havia desaparecido. Lokesh franziu a testa e esfregou os dedos.

– Você preferiria ser acorrentada no porão? – perguntou com casualidade, me provocando de maneira perturbadoramente lasciva.

– Não, só estou curiosa. Por que estou recebendo tratamento especial?

– Está recebendo tratamento especial porque você é especial, Kelsey. Como demonstrou esta noite, você tem poderes próprios e eu não quis reprimi-los. – Ele estalou a língua, desapontado. – Parece que você não me compreende nem um pouco. Tenho certeza de que minha causa foi deturpada. Agora que você tem a chance de me conhecer melhor, acho que vai descobrir que não sou um homem difícil de agradar.

Inclinei-me para a frente, vendo a oportunidade de desafiá-lo.

– Por alguma razão, duvido que Ren concordasse com essa avaliação.

Lokesh deixou o garfo cair com um grande ruído e então encobriu habilmente sua ira.

– O *príncipe* se rebelou em todas as oportunidades. Por isso foi tratado tão... severamente. Espero que *sua* reação a mim seja diferente.

Pigarreei e respondi:

– Suponho que tudo dependa do que você quer de mim.

Lokesh tomou um gole de sua taça enquanto me olhava com sagacidade por sobre a borda.

– O que quero, minha querida, é a oportunidade de lhe mostrar como é um verdadeiro homem de poder. Seria um erro continuar a se aliar com os tigres. Eles não têm nenhum poder de verdade, não como você ou eu. Na realidade, o amuleto os amaldiçoou. Nunca foi concebido para eles. Sou eu quem está destinado a unir os pedaços. É por mim que o Amuleto de Damon clama.

Limpei os lábios com o guardanapo, protelando, enquanto um plano louco começava a se formar na minha cabeça. *Se é uma adversária poderosa o que ele quer, então é o que vai ter. Chegou o momento de dar utilidade às minhas aulas de teatro. Primeiro Ato: Jantar com uma garota misteriosa com poderes sobrenaturais, atitude insolente e nervos de aço. É hora do espetáculo...*

– Como sabe, não tenho mais um pedaço do amuleto. Se esperava conseguir a minha parte me bajulando, vai ficar muitíssimo decepcionado.

– Sim, seus preciosos tigres devem estar com ela. Talvez a tragam com eles quando vierem em seu resgate.

Desconcertada, fiz uma pausa, mas só por uma fração de segundo.

– E o que o faz pensar que eles virão?

– Ora, minha querida Kelsey. Eu vi como eles olham para você. Você os cativou com mais eficiência do que a minha filha, Yesubai. Não é tão bonita quanto ela, mas há ousadia e desafio em seu olhar. Suspeito que Dhiren só sobreviveu às minhas técnicas de interrogatório porque queria voltar para os seus braços. Ambos os príncipezinhos estão aleijados por causa de seu amor por você. Isso os deixa fracos e burros.

E lá vamos nós... Dirigi um sorriso afetado a Lokesh.

– Talvez você caia na mesma armadilha que eles – ameacei.

– Está dizendo que iludiu os príncipes, fazendo-os se apaixonarem por você? Porque, se fez isso, meu conceito sobre você acaba de aumentar.

Embora aterrorizante a princípio, a encenação acabou me dando ânimo. Meu medo se dissolveu até se tornar um carocinho no fundo do estômago, pequeno o bastante para que eu pudesse ignorá-lo. Passei a língua pelos lábios numa tentativa deliberadamente lenta de distraí-lo.

– Uma mulher esperta usa todas as ferramentas à sua disposição para obter o que deseja.

Lokesh estreitou os olhos, disposto a encarar meu ataque verbal.

– E o que você deseja, Kelsey?

Fazendo um tipo Scarlett O'Hara, dei uma risada insolente.

– Certamente você não espera que eu entregue todos os meus segredos no nosso primeiro encontro. Não sou tão ingênua assim. Mas... se quiser colocar nossas cartas na mesa agora, me diga: o que quer de mim?

– Quero que você se alie a mim, não aos tigres.

– De que maneira? – perguntei, tentando desesperadamente não estremecer com o pensamento.

De repente, senti um formigamento avançando em minha pele. Não doía, mas era íntimo, invasivo. Uma brisa leve pairou sobre meus braços nus e envolveu meu pescoço. Dedos invisíveis subiram pela minha nuca, penetrando em meus cabelos, e então tornaram a descer para a clavícula. Embora Lokesh não houvesse movido um só músculo, eu tinha certeza de que ele era o responsável. Fiz de tudo para ignorar aquela sensação.

O feiticeiro se inclinou para a frente e soltou uma risada artificial.

– Tenho um duplo propósito aqui: sinto prazer em roubá-la dos príncipes. Imaginar o sofrimento deles é gratificante. Mas a verdadeira razão é combinar nossos poderes de todas as maneiras possíveis... com um filho.

– Um filho – repeti suavemente, apesar de meu estômago estar dando cambalhotas. – Por que eu? Quer dizer, por que depois de todos esses anos? Acho que só estou chocada por você ainda não ter encontrado a Bonnie para o seu Clyde, a Mortícia para o seu Gomez. A união com a mãe de Yesubai não foi suficiente?

Lokesh sibilou:

– A mãe de Yesubai era uma idiota. Era bonita, mas se acovardava diante de mim. Não estava à minha altura.

– Provavelmente não ajudou em nada o fato de você tê-la matado.

Dessa vez ele não se deu ao trabalho de esconder as faíscas azuis de raiva nas pontas dos dedos.

– Cuidado – adverti. – Se você me mostrar os seus, terei que mostrar os meus, e acabaríamos estragando nossa deliciosa conversa.

Ele fechou os olhos e conseguiu se controlar.

– Suponha que eu concorde com a sua proposta, lhe dê um herdeiro e partilhe meu poder com você – continuei. – Quero algo em troca. Você já disse que, se eu ficasse com você de bom grado, iria permitir que os tigres vivessem. Vai manter a palavra?

– Você concordar ou não é irrelevante.

Hora do Segundo Ato: Garota misteriosa exhibe seus poderes. Puxei o

Lenço da manga. Segurando-o na palma da mão, pedi que mudasse de cor. Ele obedeceu, passando primeiro ao vermelho e depois ao azul quando o pressionei no rosto. Lokesh olhava o Lenço com fascinação. Ergui uma sobancelha e o Lenço lançou fios pela sala, criando uma grande teia. Então ele se encolheu, transformando-se num guardanapo branco, que dobrei e coloquei ao lado do prato.

– E se eu dividisse esse poder com você? – perguntei, indiferente.

Se ele ficou impressionado, foi só por um momento. Lokesh estreitou os olhos, atirou o próprio guardanapo no prato e se aproximou do meu lado da mesa. Com brutalidade, pegou meu braço e me puxou, forçando-me a ficar de pé. Ele sorriu ao ver a expressão de terror no meu rosto.

– Vou considerar a possibilidade de deixar os tigres viverem se você fizer de boa vontade o que eu quero.

Como se para selar o acordo, Lokesh acariciou meu rosto e inclinou-se para sussurrar no meu ouvido.

– Diga-me, Kelsey, o que a diverte? Do que – ele respirou fundo – você tem medo?

Diante do meu silêncio, ele riu – e então me puxou para mais perto e me beijou violentamente, mordendo meu lábio com força. Quando enfim me soltou, limpei com o polegar a boca machucada e o fuzilei com o olhar.

Lokesh deu risada outra vez, contente.

– E ainda me desafia... Você vai me dar muito prazer, Kelsey.

– Que bom que pensa assim.

Cuspi as palavras, agora com mais raiva do que medo.

– Saiba, minha querida, que não dou a mínima para os tigres; só quero pegar seus amuletos. Se você me der um filho e me ajudar a conquistar o poder que eu busco, deixarei os tigres em paz. Agora que os termos estão estabelecidos, vou acompanhá-la de volta ao quarto para que possa refletir sobre sua decisão. Estou ansioso para conhecê-la melhor – declarou ele com uma expressão sórdida que me fez estremecer.

Respirando fundo, peguei o Lenço, enfiei cuidadosamente a mão no bolso e deixei que Lokesh me escoltasse de volta à minha prisão.

– Vamos conversar mais sobre alianças amanhã, meu bichinho – sussurrou ele, ofegante, no meu ouvido. – E devolva a faca que você pegou da mesa.

O comentário me apanhou de surpresa, mas tentei manter a expressão impassível. Sorrindo, retirei a pequena faca do bolso e pressionei de leve a ponta contra o seu peito.

– Não se pode culpar uma garota por tentar.

Deliciado, ele envolveu meus dedos com os seus e puxou a faca da minha mão, raspando a lâmina rudemente contra a pele da minha palma. Vendo o sangue verter, Lokesh levou à boca o corte que ardia. Vi o êxtase infame dominá-lo enquanto ele beijava minha mão e lambia as gotas vermelhas em seus lábios.

Finalmente ele me soltou com uma última ameaça.

– Estarei vigiando cada movimento seu, minha querida. Espero ansioso por nossas... futuras interações.

A porta se fechou atrás de mim, e eu ouvi o clique de uma fechadura pesada. Fiquei feliz por estar separada dele por dezenas de grossas barras de metal.

Cai a cortina, pensei e desabei na cama, completamente esgotada e me perguntando como conseguiria sair dessa última enrascada.



Ascensão

No dia seguinte, Lokesh mostrou-se ainda mais desafiador, e eu fiquei mentalmente exausta com a constante luta verbal de alto risco. Eu não tinha a menor ilusão. Mesmo que ele me deixasse viver o bastante para ter um filho, eu sabia que não estaria presente para criá-lo.

Fui liberada do quarto durante o dia, mas nunca sem um guarda ou o próprio Lokesh ao meu lado. O lugar parecia uma fortaleza. A decoração era escassa: não havia quadros e a mobília, em quantidade mínima, era de aparência pesada e cara. E o mais importante era que não parecia existir portas que levassem à parte externa da casa.

Enquanto caminhávamos, ele me machucava com apertos e beliscões. Todas as vezes que Lokesh agarrava meu braço ou me puxava para muito perto dele, eu fechava os olhos, pensava em como ele havia torturado Ren e quebrado seus dedos no acampamento dos baigas e dizia a mim mesma que eu tinha sorte.

Para distraí-lo, eu mostrava mais de meus “poderes”. Fiz uma réplica do amuleto com o Lenço, usei o Colar de Pérolas para tornar a encher um copo d’água e criei um magnífico casaco com acabamento dourado. A princípio, Lokesh mostrou-se alegre, mas logo se cansou da exibição. Dava para notar que ele estava ficando impaciente.

No jantar daquela noite, pensei com saudade no Fruto Dourado e desejei que Lokesh não o tivesse tirado de mim. Os deliciosos crepes do Sr. Kadam me vieram à mente... e, para a minha surpresa, uma travessa de crepes com calda de frutas vermelhas e chantili apareceu diante de nós.

Corri os olhos pela sala, procurando possíveis esconderijos. *O Fruto Dourado deve estar aqui perto!*

Lokesh levantou-se de um salto.

– Este é mais um de seus poderes?

– É, sim – repliquei, erguendo os olhos e o encarando. – Posso criar qualquer comida ou bebida que você desejar.

Aconteceu muito rápido; eu estava completamente despreparada para o que veio a seguir. Lokesh me esbofeteou com força e puxou

meu queixo em sua direção, torcendo meu pescoço dolorosamente.

– Você devia ter me contado isso antes. Nunca mais minta para mim – ameaçou.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Cerrei os dentes e tremi de raiva. Pensei em todas as coisas que poderia fazer com ele, mas nenhuma delas seria letal. Só o deixariam ainda mais furioso.

Meu rosto queimava e formigava no lado em que ele batera, mas me recusei a esfregá-lo ou a admitir a dor. Tentei mudar de assunto, distraí-lo de sua fúria. Imaginando que um homem como Lokesh adoraria falar sobre si mesmo, voltei a me recostar na cadeira, bebi um gole de água e disse:

– Conte-me sobre o seu passado. Se vamos ter um filho, quero que ele conheça sua herança. Já sei que ele teria ascendência americana por parte de mãe.

– Um fato que eu preferiria apagar da mente.

– Então me fale mais sobre a *sua* história. Você não se orgulha o suficiente dela para contá-la?

Seu rosto ficou novamente coberto por manchas vermelhas e ele falou com os dentes trincados.

– Ninguém irá julgar a mim ou a meus descendentes e nos considerar inadequados.

Ergui uma sobrelanceira.

– Muito bem. Então me conte.

Lokesh me avaliou por um momento, em seguida recostou-se e começou:

– Nasci como primogênito ilegítimo do imperador Shu durante a era dos Três Reinos. Minha mãe era uma jovem escrava indiana capturada numa caravana no ano 250 da era cristã. Era bonita, de modo que despertou o interesse do imperador. Ela se matou um ano após o meu nascimento.

– Um imperador?

– Sim. – Lokesh sorriu, malicioso. – Nosso filho terá sangue real.

– Como foi crescer como filho de um imperador?

Ele bufou.

– Meu pai, em um atípico gesto de generosidade e humanidade, tomou-me sob sua guarda e me ensinou o que significa ter poder. Ele dizia que um homem verdadeiramente poderoso escuta apenas a si mesmo porque não pode confiar em mais ninguém, toma o que quer porque ninguém lhe entregará nada gratuitamente e usa armas que outros temem manejar. Observei seu exemplo com atenção ao longo dos anos e aprendi muito bem suas lições. Ele possuía um pedaço do

amuleto e me falou do poder daquele objeto.

Baixei o garfo, esquecendo os deliciosos crepes enquanto Lokesh prosseguia.

– Meu pai me disse que eu só poderia exercer o poder do amuleto se ele morresse sem um herdeiro adequado. A partir do momento que tomei conhecimento do amuleto, eu o cobicei e não pensava em mais nada.

Lokesh tinha um brilho diferente no olhar ao me contar sua história.

– Quando eu ainda era garoto, a guerra chegou ao nosso império e, pela primeira vez, estávamos no lado perdedor. Desesperado, meu pai tentou uma barganha de último minuto e ofereceu-se para tomar a filha adolescente de um líder dos bárbaros como noiva. Ele esperava que isso salvasse o império. Fiquei enojado com essa atitude. Ele havia se tornado fraco, temeroso. Já não era o homem que inspirava medo nos outros. Sua esposa bárbara lhe deu um filho e, à medida que o menino crescia, fui dispensado da companhia de meu pai. Ele já não confiava em mim. Eu não tinha mais direito ao trono. Jurei então que tiraria a vida de meu meio-irmão e de meu pai. Eu estava com 10 anos.

Tive que disfarçar meu horror. Não ousaria interrompê-lo.

– Quando meu irmão tinha 7 anos e eu, 17, levei-o para caçar. Dispensando os guardas, saímos em cavalgada seguindo o rastro de um cervo. Foi muito fácil empurrá-lo do cavalo. Passei por cima de seu corpo diversas vezes usando seu próprio animal até ele estar praticamente morto. Então matei o cavalo e levei o corpo pisoteado da criança de volta para o meu pai. Eu disse ao imperador que o cavalo havia derrubado meu irmão caçula e enlouquecido, pisoteando-o até matá-lo. Para tranquilizá-lo, contei que a fera já havia sido morta, e por mim. O fato de ele ter acreditado em minhas mentiras era uma prova de quanto se tornara fraco.

Seu relato continuava, e eu mal piscava, atenta e apavorada.

– Alguns meses mais tarde, cravei uma faca entre as costelas de meu pai enquanto ele dormia e peguei o amuleto. O velho nem sequer acordou. Quando ascendi ao trono, imediatamente mandei matar sua esposa bárbara e peguei os anéis do império. Meu pai usava um e a princesa bárbara, o outro, o que ele dera a meu meio-irmão quando de seu nascimento. Era um símbolo de que ele seria o próximo imperador.

Lokesh girou um anel em seu dedo indicador direito.

– Este é o emblema do Império Shu e este – ele agitou o dedo

mínimo – é o anel do príncipe herdeiro. O anel que meu meio-irmão usava.

Engoli minha repulsa e perguntei:

– Por quanto tempo você foi imperador?

– Não muito. A fraqueza do meu pai tinha se tornado uma desculpa para que outros chefes militares nos pusessem constantemente à prova na batalha. Eu não tinha o menor interesse em ocupar o trono de meu pai e, quando meus exércitos fugiram por covardia, também escapei. A essa altura, meu único objetivo era conseguir as outras partes do amuleto.

– Então o amuleto o manteve vivo todo esse tempo?

– Isso, combinado com um pouco de magia negra que aprendi ao longo dos anos.

– Entendo. Mas como você...

Lokesh me interrompeu.

– Chega de perguntas. Agora é a minha vez. Quero vê-la demonstrar o uso de sua arma.

– Minha arma? – perguntei, hesitante.

– Seu arco e as flechas douradas.

Devagar, amassei o guardanapo entre as palmas subitamente suadas de minhas mãos. *O arco e as flechas de Durga também estão em algum lugar por aqui!*

– Tudo bem – concordei.

Ele esfregou o queixo e chamou um guarda. contei o tempo que o guarda levou para trazer o arco. *Sessenta segundos.*

Quando a arma estava de volta em minhas mãos, ajustei uma flecha – no momento em que Lokesh advertia:

– Nem sequer pense em usá-las contra mim. Desviei suas flechas antes e posso facilmente fazer isso de novo.

Deduzindo que ele provavelmente tinha razão, mirei numa estátua do outro lado da sala e observei a flecha penetrar no mármore.

– Estes foram presentes da deusa Durga – expliquei. – As flechas se reabastecem magicamente e também desaparecem do alvo para que não possam ser rastreadas.

– Interessante.

Lokesh indicou o alvo e pediu que eu repetisse a performance.

Dessa vez, tentei imbuir a segunda flecha com meu poder para tornar o efeito mais impressionante. Minha mão começou a brilhar, mas se apagou rapidamente. *Eu ainda estou sem o poder do fogo.*

Lokesh fitou minha mão brilhante, fascinado.

Inventei uma mentira o mais rápido que pude.

– Quando disparo uma flecha, minha mão brilha. Acredito que seja para ajudar na pontaria.

– Muitíssimo interessante. Então me conte como encontrou isto – disse ele ao colocar o Fruto Dourado sobre a mesa.

Pus o arco e as flechas de lado e lhe contei sobre a cidade perdida de Kishkindha. Expliquei que Durga pediu que localizássemos quatro itens, todos com propriedades mágicas, e, em troca, os tigres voltariam a ser homens. Não contei toda a verdade nem entrei em detalhes, calculando que seria melhor Lokesh não saber de tudo.

– Por que você se importa se eles são tigres ou não?

– Quando descobri os presentes que Durga partilhou comigo, eu quis mais – menti tranquilamente, jogando com a sede de poder de Lokesh.

Ele assentiu, pensativo, e girou o Fruto Dourado entre as mãos.

– Talvez possamos juntos completar a sua busca e oferecer a Durga os prêmios. Em troca, nós dois conquistaremos o poder que você deseja.

Sorri. *Talvez este plano maluco esteja dando certo...*

– Eu me sentiria... honrada em partilhar os poderes dela com você.

Lokesh chamou um criado para recolher o Fruto e o arco e flechas. Num impulso, instruí o Lenço a prender um fio invisível ao arco e lhe disse que seguisse minha arma até seu esconderijo. Fiz com que prendesse sua outra ponta à estátua e pedi ao fio que se enterrasse no tapete e se confundisse com seus fios.

Assumindo o risco, elevei o desafio.

– Agora que partilhei alguns de meus poderes com você, talvez você retribua o fav...

Antes que eu pudesse terminar a frase, um arrepio gélido me envolveu, e eu me vi paralisada, incapaz de me mexer, falar ou reagir.

Lokesh tocou meu rosto, sorriu diabolicamente e se aproximou.

– Você dividiu alguns de seus talentos comigo com tanta generosidade... Achei que deveria retribuir.

Ele rasgou o ombro do meu vestido, então gemeu e traçou uma trilha de beijos dolorosos do meu ombro nu aos meus lábios congelados. Correu as mãos rudemente pelas minhas costas, subindo e descendo, e puxou meu cabelo. Eu queria vomitar, mas não conseguia. Seu hálito quente e pungente era tudo que eu respirava.

Arfando, ele se endireitou. Seus olhos cintilavam com um prazer selvagem. Lokesh passou os dedos levemente pela minha clavícula e brincou com o tecido rasgado em meu ombro.

– Você me agrada muito, Kelsey – murmurou.

Então depositou um último beijo em meu ombro nu e se afastou, sorrindo.

– Se eu quisesse, poderia matá-la congelando-a num piscar de olhos – Lokesh regozijou-se. – Você só está respirando porque não congelei seus pulmões nem o sistema cardiovascular. – Ele segurou meu queixo quase amorosamente. – Aí está. Não foi uma demonstração eficaz?

Lokesh me soltou, e eu pisquei e me dei conta de que podia me mexer novamente. Meu ombro doía. Segurei o pedaço rasgado de meu vestido de encontro ao ombro e assenti, engolindo com dificuldade.

– Muito eficaz.

– Você tem outras perguntas? – indagou ele.

– Vai saber quando eu tiver – murmurei, enquanto tentava desesperadamente controlar meus membros trêmulos.

Eu estava com esperança de fazê-lo abrir o jogo, o que talvez me permitisse descobrir um ponto fraco, mas não estava preparada para *aquilo*.

Enquanto eu me recompunha, Lokesh dirigiu-se à lareira e atçou o fogo. As chamas crepitaram e dançaram. Senti-me grata por ele estar mais distante.

Contei-lhe sobre as outras buscas de Durga sem divulgar os prêmios verdadeiros para ter tempo de me recuperar de seu ataque perturbador. O que mais o interessou foi o tesouro do dragão dourado. Falei-lhe da teoria do Sr. Kadam de que esses prêmios haviam sido roubados de Durga e que ela os queria de volta.

– Qual é a idade desse Sr. Kadam? Eu sei que ele usa a outra parte do amuleto – disse Lokesh.

– Ele é alguns anos mais velho que Ren e Kishan. – Esperando saber mais sobre o amuleto, prossegui: – Como você consegue parecer jovem? É por causa do amuleto?

– Em parte. Logo depois de eu ter encontrado o segundo pedaço, percebi que minha vida havia sido prolongada. Embora minha aparência natural seja a de um homem de 50 anos, posso alterá-la para parecer mais jovem quando quero. Costumo escolher a idade que vai me ajudar a alcançar meu objetivo.

– Sei que o amuleto impede que o Sr. Kadam envelheça, mas ele não tem a habilidade de parecer mais jovem como você – comentei, voltando ao amuleto.

– Ele só tem uma parte do amuleto e nenhuma delas foi usada pelos seus antepassados.

– Que diferença isso faz?

– O poder é intensificado segundo o número de partes que você tem

– explicou Lokesh. – Os descendentes daqueles que usaram o amuleto têm vidas muito longas, mesmo que nunca o tenham usado.

Preciso saber mais. É a única maneira de desvendar todo esse enigma.

– Sim. O Sr. Kadam mencionou que seus filhos e os filhos de seus filhos vivem mais do que a média das pessoas. Você acha que é por isso que Ren e Kishan estão vivos há tanto tempo mesmo sem usarem o amuleto?

– O amuleto os amaldiçoou. Por me desafiarem, eles sofrem uma vida eterna como feras.

A maldição. Mordi o lábio e revi tudo que tínhamos aprendido em nossas buscas anteriores. *Será que o amuleto não está protegendo Ren e Kishan? Preciso saber mais.*

– Essa expressão significa que você ainda se importa com as feras, minha querida?

– Não é isso. Só estou preocupada com a possibilidade de eles retornarem e tentarem pegar as suas partes do amuleto – menti, mostrando um semblante preocupado.

– Não se atormente. Se voltarem, podemos facilmente tecer uma armadilha para eles com seus fios mágicos, e, é claro, eu conheço mais do poder do amuleto do que eles.

Sorri timidamente, bajulando-o com palavras insinceras.

– Posso perguntar como você encontrou as partes do amuleto, meu... soberano? Desculpe-me se é atrevimento da minha parte chamá-lo assim, mas você foi um imperador, e um homem de sua grandeza deve ser tratado adequadamente.

Sorrindo, ele me examinou com ar astuto e então disse:

– Perambulei por muitos anos, pedindo informações a eruditos, monges e reis sobre uma grande batalha que uniu os reinos da Ásia. Durante esse tempo, comecei a estudar magia negra e bruxaria. Procurei aqueles tidos como magos negros, aprendi tudo que se dispunham a me ensinar e arranquei deles aquilo que ocultavam. Segui muitas pistas que levavam apenas a becos sem saída. No entanto, uma a uma, descobri todas as cinco partes do amuleto. Ren e Kishan foram as últimas peças do quebra-cabeça. O fato de terem me escapado durante todo esse tempo me irrita até hoje.

– Por que você simplesmente não matou logo Ren e Kishan? – perguntei.

Lokesh se recostou e replicou:

– Uma resposta breve para essa pergunta muito sagaz é que eu queria saborear o momento. Quando conheci a família real, Dhiren tinha 5 anos e Kishan, 4. Seus pais, Rajaram e a mulher, Deschen,

nunca usavam suas partes do amuleto em público. Eles também se cercavam, assim como a seus príncipezinhos, de guardas fiéis, graças aos quais era impossível se infiltrar no palácio. Passei vários meses observando a família real. Foi quando fiquei fascinado por Deschen. Ela participava de todos os aspectos do governo do reino. Era inteligente, bonita e tinha uma sedutora combinação de força e delicadeza. Qualquer tolo podia ver que seus filhos cresceriam e se tornariam os maiores líderes de seu tempo. Para minha surpresa, descobri que, além de querer reunir o amuleto, eu também desejava ardentemente Deschen e ter meus próprios filhos fortes.

– Hum...

– Fingindo ser um rico mercador no vizinho reino de Bhreenam, chamei atenção suficiente para conquistar uma posição no conselho do rei e, por meio de roubo, traição e astúcia, fui apontado comandante de sua força militar. Desviei dinheiro do governo, tomei bens do povo e trabalhei para destruir o reino. Também enviei espiões para a terra de Rajaram. Por essa ocasião, um rico mercador ofereceu a filha em troca de tratamento favorável. Ela era bonita, esguia e jovem. E tinha os mais impressionantes olhos cor de violeta.

– A mãe de Yesubai.

Ele assentiu.

– Mais tarde, quando ela contou que estava grávida, fiquei satisfeito. Imaginei um menino forte como Dhiren, mas com olhos violeta. Eu a mimei e papariquei...

Reprimi um tremor enquanto me perguntava qual poderia ser, para Lokesh, a definição de mimar e paparicar.

Ele prosseguiu.

– ...e foi bem no início de sua gravidez que nos casamos. Na noite em que deu Yesubai à luz, eu aparei a criança. Os olhos do bebê eram de fato violeta, e levei vários segundos para me dar conta de que se tratava de uma menina. Coloquei a criança de volta no berço. Estava furioso. Eu desejara um filho e agora tinha uma menina inútil. Sem remorso nem piedade, estrangulei a mãe de Yesubai.

Engoli em seco, pensando na pobre garota, e soube que meu destino provavelmente seria o mesmo dela.

– Qual era o nome de sua mulher? – perguntei baixinho.

– Yuvakshi. – Ele estalou a língua. – Ora, ora. Sei o que está pensando. Vários séculos se passaram desde que isso aconteceu. Garanto a você que minha atitude em relação às mulheres progrediu com o tempo... pelo menos um pouco. Além disso, você é muito mais valiosa para mim do que minha primeira mulher, e eu não tinha

nenhum controle sobre meu temperamento. Se descobrirmos que a criança que você estiver gerando for uma menina, simplesmente a tiraremos e tentaremos novamente.

Respirei fundo e procurei transformar minha careta em sorriso.

– Claro, você está certo. Não estou nem um pouco preocupada – consegui dizer. Quando percebi o brilho em seus olhos, pigarreei, nervosa. – Então, quando você decidiu usar Yesubai para ter acesso ao reino de Rajaram?

– Como você é esperta, minha querida – disse Lokesh, ainda me olhando de modo muito perturbador. – Yesubai aprendeu muito cedo a me obedecer sem questionar. Era linda, como a mãe. Quando ela estava com 16 anos, matei o velho rei e tomei o trono. Comecei a expandir as forças militares e tentei várias vezes me infiltrar no palácio de Rajaram sem sucesso. Seu exército era mais forte. Recorri à diplomacia, o que levou a família Rajaram a me abrir os braços, mas, todas as vezes que os visitava, um dos garotos estava ausente.

Era muita informação, e eu me esforçava para assimilar tudo aquilo. Ele prosseguiu rapidamente:

– Yesubai contou que vira o mais jovem usando o amuleto. Numa tentativa de encontrar os dois irmãos no palácio ao mesmo tempo, negocie o casamento entre Yesubai e Dhiren, mas planejei que ela se casasse com o irmão que fosse mais facilmente influenciável. Então eu mataria o outro e Rajaram, tomaria Deschen para mim e requisitaria suas partes do amuleto.

– Ah...

– Acabamos por comprovar que não havia como controlar Dhiren. O irmão, Kishan, porém, era mais suscetível a um rostinho bonito.

Pensei no que Kishan havia me contado sobre Yesubai. Não podia imaginá-la sendo tão fria e enganadora. Decidi dar a ela o benefício da dúvida. O que quer que a filha de Lokesh houvesse de fato feito e sentido, não merecia a vida que teve.

– Então você não queria mesmo matar Ren quando ele e Kishan se transformaram em tigres? – perguntei, tentando entender como e por que a maldição ocorrera.

– Não. Eu queria usá-lo. Mantê-lo sob o meu poder e causar-lhe dor. Prolongar sua morte. Tentei controlá-lo por meio de magia de sangue. Comprei um medalhão de um sacerdote da magia negra. Aqueles contra os quais eu usara o medalhão haviam se tornado servos estúpidos, dispostos a fazer qualquer coisa que eu pedisse. Mas não parecia afetar Dhiren ou Kishan. Os amuletos que eles usavam podem ter afetado o feitiço e os transformado em tigres, em vez de

servos. Não fui eu quem ativou a Maldição do Tigre. Olhando para trás, eu deveria ter matado Dhiren quando tive a oportunidade, mas eu achava que já havia vencido. Obviamente, as coisas não correram como eu queria.

Com um floreio, Lokesh pegou minha mão e pousou a boca rudemente nela – sua versão de um carinho. Com os olhos negros faiscando ameaçadoramente, ele sustentou meu olhar e disse as palavras que fizeram meu sangue congelar:

– Chegou a hora, meu bichinho. Vai se oferecer a mim de boa vontade em troca da vida dos tigres?



Ofensiva

Engoli em seco. Eu sempre pensara em “me oferecer de boa vontade” a alguém que eu amasse de verdade e que também me amasse. Não fazia muito tempo eu tivera o privilégio de escolher se essa pessoa seria Ren ou Kishan. Eu havia escolhido Kishan, mas nada disso importava agora. Eu estava totalmente sem opções. Se eu não concordasse com os planos de Lokesh, todos nós morreríamos.

Sabendo que não havia mais nada que eu pudesse dizer, coleí um sorriso forçado no rosto:

– Sim, decidi aceitar sua oferta. Há muitas vantagens em um homem maduro e experiente. E seu poder... me excita. – Em pânico, mas tentando desesperadamente não demonstrar, hesitei: – Mas... tenho um pequeno pedido a fazer.

Os olhos de Lokesh brilharam, impacientes.

– E qual seria ele?

Minha mente se pôs a vasculhar possíveis maneiras de adiar seus avanços quando de súbito a resposta me ocorreu. Expliquei rapidamente:

– Meus pais morreram quando eu ainda era uma garota, e eu fiquei sozinha. Não quero que isso aconteça com nosso filho.

– Isso não irá acontecer. – Lokesh levou meu pulso à boca e o mordiscou de forma brusca. – Tenho toda a intenção de instruir meu filho em todos os aspectos do meu poder, assim como você o instruirá em relação ao seu. Pretendo ser um pai *participativo*.

– Tenho certeza de que será – tranquilizei-o. – Mas o que estou tentando dizer é... quero que ele tenha o seu nome. Não quero trazer um filho ilegítimo ao mundo. Você sofreu muito por causa desse status, e não permitirei que meu filho seja usurpado de seus direitos. Quero que você... que você... – engoli em seco, sem acreditar que estava de fato dizendo aquelas palavras – se case comigo.

Lokesh deu um passo para trás e me fitou.

– Você quer ser minha esposa.

– Certamente não espera que eu seja sua concubina, não é? Você deu isso à mãe de Yesubai. Desejo a mesma coisa. Quero que nossa

união não seja apenas uma estratégia, mas também que seja confirmada pela tradição, se não legalmente. Você pode usar o nome que desejar, mas quero me casar antes de nós... tentarmos ter um filho.

Baixei o olhar e peguei a mão dele, apertando-a levemente.

Após um momento de silêncio ele declarou:

– Um pedido sábio. Mostra que está pensando em nosso filho e no lugar dele no mundo. Vou fazer como você deseja. Nós iremos nos casar e, como um presente a você, vou permitir que permaneça casta até que venha ao meu leito nupcial. Isso é satisfatório?

– Sim, obrigada, meu... marido.

Lokesh sorriu como um gato encurralando um rato.

– Então vou deixá-la para que crie um vestido de noiva enquanto providencio a cerimônia e um banquete. Mandarei um servo buscá-la amanhã para nossa ceia de casamento. Eu mesmo a escoltaria, mas tenho muito o que fazer e ainda não confio em você o bastante para deixá-la por conta própria. Você compreende, naturalmente...

– É claro – respondi, aliviada por ter conseguido mais 24 horas para bolar um plano de fuga.

Beijando-me antes de partir, Lokesh me puxou, apertou, mordeu e empurrou, como se eu fosse um pedaço de argila sendo moldada no formato que ele desejava. Quando enfim se afastou, consegui dar um sorriso tímido, embora doesse.

Dando tapas em meu ombro, ele disse:

– Amanhã, a essa hora, você será minha esposa. Durma bem, meu bichinho. Vai precisar desse descanso.

– Boa noite – repliquei rigidamente e voltei à liberdade de minha prisão vazia.

Não dormi praticamente nada naquela noite. De olhos fechados, rezei silenciosamente para que Ren ou Kishan, o Sr. Kadam ou mesmo Durga me ajudassem. O tempo estava se esgotando para mim.

Durante os breves momentos em que cochilei, sonhei que estava sentada em uma cama, tendo nos braços um bebê. Era a visão que Kishan tivera no Bosque dos Sonhos. O menininho dormia, e eu não podia deixar de me perguntar se seus olhos eram da cor de um oceano vibrante ou se cintilavam como um deserto dourado.

Alisei seu cabelo escuro e beijei a testa macia. Dedos minúsculos envolveram o meu enquanto o bebê se mexia. Quando ele bocejou e piscou, eu me encolhi, horrorizada. Os olhos dele eram negros como

breu. Aos poucos, sua expressão doce de bebê se dissolveu e seus lábios se contorceram cruelmente. Então ouvi as palavras de um impiedoso garotinho sussurrar: “Oi, mãe.”

Acordei gritando. Rapidamente me recompus e me virei na cama, enfiando um travesseiro sob o rosto. Fugir parecia impossível, mas a morte, fosse de Lokesh ou a minha, seria meu objetivo. Eu não permitiria que ele me tocasse, muito menos consideraria a possibilidade de gerar um filho seu. Ele era um predador letal e, quando um predador quer devorá-lo, você pode fugir, pode se esconder ou pode matá-lo primeiro. Eu não tinha escolha a não ser lutar pela minha vida.

Mas como poderia matar meu captor? Tudo o que eu tinha como arma eram o Colar de Pérolas e o Lenço, o que significava que eu poderia tentar enforcá-lo ou afogá-lo em sua banheira. Não era exatamente um plano infalível. Eu sabia que não conseguiria ter acesso ao arco e às flechas e não contava mais com o poder do raio.

Passei a noite me revirando na cama, considerando estratégia após estratégia até ouvir um barulho em minha janela. Na escuridão que antecede a aurora, olhei a paisagem vazia, coberta pela neve. Então ouvi o sussurro de algo roçando no parapeito. O Lenço havia bordado uma mensagem:

Kelsey?
Você está aí?
Sou eu, Kishan.

Kishan está aqui! Talvez eu ainda tenha que matar Lokesh, mas não precisarei fazer isso sozinha! Perguntei-me se o Sr. Kadam e Ren também estariam por perto.

Não fosse pelos olhos indiscretos de Lokesh, eu teria pulado de alegria. Em vez disso, pedi ao Lenço que bordasse uma resposta e pressionei o tecido contra a janela.

Estou bem.

Lokesh vai se casar comigo hoje à noite.

Câmeras e guardas por toda parte.

Reprimi um soluço quando o tecido se retorceu e o Lenço obedeceu às instruções de Kishan. Virando-o, li:

Retarde-o o máximo possível.

Temos um plano.

Nós vamos buscá-la.

Pressionei minhas mãos contra a vidraça e assenti. Olhando pela janela, observei a floresta por um longo tempo à procura de um lampejo preto ou branco.

Pela manhã, levantei-me ansiosa e segui para o chuveiro. Estava completamente exausta, tentando controlar minhas emoções. Saber que minha prisão estava quase chegando ao fim, de um jeito ou de outro, era uma ideia que me dominava ao ponto de não poder mais refreá-las.

Eu me preocupava com Ren e Kishan desafiando Lokesh. Imaginava se permaneceria trancada em meu quarto enquanto eles lutavam e talvez morriam. Pensei no que aconteceria se fracassassem e eu acabasse tendo que me casar com um monstro.

De pé sob o chuveiro escaldante, chorei silenciosamente, esperando que o vapor que encobria o espelho também embaçasse alguma câmera oculta. Esgotada, fui abaixando até ficar recostada na banheira e deixei a água quente golpear o meu corpo.

Hoje pode ser o dia da minha morte.

Com esse pensamento mórbido, eu me preparei para o meu casamento.

Levei muito tempo secando e escovando meu cabelo. As horas passadas no sol, andando pela selva e nadando no oceano, haviam clareado meu cabelo castanho, que agora tinha luzes cor de champanhe. *Mamãe teria gostado.* Eu me perguntei o que ela teria pensado de minhas núpcias iminentes. Certamente não era o casamento que *eu* havia imaginado para mim.

Eu tinha pedido ao Lenço que criasse um vestido de casamento condizente com uma antiga princesa chinesa. Ignorei meu traje pelo máximo de tempo que pude, mas por fim abri o armário. Arquejei diante do vestido vermelho e sedoso, semelhante ao que a noiva havia usado no casamento a que fui com Li.

A peça era elaborada, e fiquei contente de saber que levaria pelo menos 20 minutos para vesti-la. Era debruada com contas e uma sofisticada costura em ouro. Havia uma gola em estilo mandarim presa a uma túnica dourada adornada com uma grande flor de lótus.

Cordões de contas cruzavam a frente da túnica e suas mangas grossas e enfeitadas caíam em dobras sobre minhas mãos ao passo que as sedosas mangas de baixo se estendiam pelo menos 30 centímetros além dos dedos. No fino avental da camada superior da túnica, o Lenço bordara uma belíssima fênix em chamas.

Uma echarpe longa e dourada envolvia minhas costas e caía até o chão. Calcei pantufas de seda vermelhas bordadas com flores douradas e preendi a *pièce de résistance*: um magnífico arranjo de cabeça com penas e flores douradas, tranças intrincadas, contas e enfeites entretecidos.

Virei-me para olhar meu reflexo. Estava parecendo uma ave exótica, uma fênix, na verdade. Como a grande ave, eu estava linda e vibrante, mas também próxima da morte; e logo seria consumida pelo fogo.

Enfie o Lenço em uma das mangas compridas, escondendo-o para usá-lo mais tarde. Depois de passar um perfume floral nos pulsos e atrás das orelhas, sentei-me para esperar meu noivo.

Não demorou muito para que um dos criados de Lokesh viesse me buscar. Ele fitou minha roupa com uma expressão de choque, então rapidamente baixou a cabeça e se manteve o mais longe possível de mim.

Será que ele está com medo de mim? Quem dera Lokesh sentisse o mesmo.

O criado me conduziu até o que parecia ser uma pequena biblioteca e, ao sair, me entregou um bilhete e uma caixa. Ouvi o clique da fechadura atrás dele e então o silêncio.

Deixei escapar um suspiro reprimido e torci para que qualquer plano que Ren e Kishan houvessem elaborado fosse colocado em ação antes da cerimônia de casamento. Fechando os olhos, desejei que todos nós saíssemos dali vivos.

Sentei-me rígida antes de abrir o bilhete de Lokesh, que dizia que iríamos jantar antes que um juiz celebrasse a cerimônia. Puxando a fita branca, abri o presente do meu futuro marido.

Era o maior diamante que eu já tinha visto – uma pedra redonda, multifacetada e cor-de-rosa. Duas outras menores a ladeavam. Podia ser minha imaginação, mas as cinco garras que seguravam o diamante maior pareciam dedos grossos. Imaginei a mão do próprio Lokesh – tão forte que não haveria esperança de fuga. Deslizei o anel para meu dedo médio no exato momento em que as portas se abriram.

– Ah, aí está você, minha querida. O que achou do meu presente?

– É lindo.

Consegui lhe dirigir um sorriso.

Alguma coisa brilhou em seus olhos negros, e ele deu um passo abrupto em minha direção. Orgulhosamente, me mantive firme, mas por dentro eu me encolhi. Ele segurou meu queixo e murmurou com um sorriso repulsivo.

– Vou adorar fazer em pedaços este seu lindo vestido. Espero sinceramente que você tenha vigor para tornar a noite interessante, Kelsey. Eu não gostaria de ser desapontado.

Livre meu queixo de maneira brusca e fixei meus olhos nele.

– Acredite em mim quando digo que *todas* as minhas energias estarão concentradas em você esta noite, meu soberano.

Dirigindo-me um olhar lascivo e ansioso, Lokesh pegou meu braço e me conduziu para o salão de baile, que resplandecia com a luz de centenas de velas e estava perfumado por dezenas de arranjos de flores brancas. Se o casamento fosse de outra pessoa, eu poderia ter apreciado mais o cenário.

Sentamo-nos a uma mesa pequena e íntima e, embora meu rosto estivesse congelado em um sorriso plástico, sob as muitas camadas de mangas, minhas mãos estavam cerradas.

Lokesh bateu palmas para dar início a um tradicional banquete de núpcias chinês, com 10 pratos, não muito diferente do que comi com Li no casamento de seu primo. Havia sopa de barbatana de tubarão, melão recheado, duas lagostas inteiras com molho de manteiga e alho, carne aos cinco temperos, pombo com talharim, leitão assado com arroz frito, camarões salteados com ervilhas ao mel, pato de Pequim, peixe com vieiras e gengibre e pãezinhos cor-de-rosa recheados com pasta de lótus doce.

Tentei estender a refeição falando sobre o simbolismo de cada prato, mas Lokesh se mantinha em silêncio. Na verdade, ele parecia interessado apenas em me examinar. Seu olhar escuro me estudava como um falcão observando um coelho.

Em determinado momento da refeição, senti um toque gelado em meu tornozelo, sob as camadas de saias. Lentamente, o frio cortante subiu pela minha perna nua e acariciou minha coxa. Eu não sabia se ele estava usando seu poder do ar ou da água, ou uma combinação de ambos, mas fiquei calada e belisquei o jantar o melhor que pude.

Os minutos se passavam e ainda não havia nenhum sinal de Ren e Kishan. Se eles não aparecessem logo, eu me tornaria a Sra. Lokesh Shu ou seja lá qual fosse o nome dele. Eu estava por minha própria conta. Trevas impotentes cresciam dentro de mim. E foram pesando até eu me sentir tão densa quanto uma pedra afundando num rio

lamacento. Não fora isso que eu planejava para o meu futuro.

Em vez de ir ao encontro de um homem que me olhasse com amor e ternura, eu estaria caminhando rumo a um vilão – alguém que preferiria torcer meu braço a colocá-lo no dele. Em vez de ter o Sr. Kadam me conduzindo orgulhoso, acalmando meu nervosismo e me entregando aos cuidados de um homem a quem chamava de filho, eu não tinha ninguém. Em vez de promessas e doces votos de amor, eu ouviria mentiras borbulhantes e turvas misturadas à imundície. Quando as bolhas estourassem, eu estaria coberta por camadas de perversão.

O banquete finalmente foi retirado, e eu não podia mais adiar a cerimônia. Lokesh tomou minha mão.

– Está pronta, minha querida? – perguntou ele e, sem esperar minha resposta, mandou que o juiz entrasse.

Embora eu quisesse me soltar e fugir dali, coloquei a palma da mão com confiança na dele e sorri.

– É claro.

– Podemos dar início? – perguntou uma voz suave e sedosa.

Arquejei e girei bruscamente. Os olhos azuis do juiz chispavam de raiva e suas vestes sacerdotais chicoteavam atrás dele enquanto se dirigia para o centro da sala. *Ren!* Era a visão mais linda que eu já tivera na vida.

Armas atravessaram o ar. O *chakram* rodopiou e pontas de lança do tridente foram disparadas na direção de Lokesh, que as desviou com facilidade.

Lokesh agarrou meu braço e riu.

– Saudações, Dhiren. Você deve ter recebido o convite.

– Você vai se casar com ela sobre o meu cadáver – ameaçou Ren.

Lokesh deu de ombros.

– Como quiser.

Com um movimento dos dedos de Lokesh, Ren foi imobilizado.

Lokesh correu os olhos nervosamente pelo salão de baile iluminado por velas, procurando o tigre negro.

Onde está Kishan? Preciso descongelar Ren. Pense, Kelsey. Pense!

Não vendo nenhum outro movimento, passei meu braço pelo de Lokesh, na esperança do impossível, e perguntei:

– Você matou Ren?

– Não, minha querida. Ele ainda está vivo.

– Ótimo – ronronei. Determinada a desempenhar bem o meu papel, voltei-me para Ren, lancei-lhe um olhar de piedade e disse: – É mesmo lamentável que você tivesse que descobrir desta forma. Mas, já que

está aqui, pode ser um convidado do meu casamento.

Lokesh sorriu e instruiu os guardas a procurar o verdadeiro magistrado. Os olhos azuis de Ren queimavam nos meus.

– Ah, puxa, que grosseria a minha. É claro, o convidado deve beijar a noiva – falei, com ironia, antes de beijar o homem que viera me salvar, mordendo-lhe o lábio até tirar sangue. *Eu sinto tanto!*, pensei, desejando que Ren pudesse ler a minha mente... e então esbofetei seu lindo rosto.

Suas pupilas se dilataram com o choque, e imaginei que a dor em seu coração devia ser muito maior do que a que sentia em seu lábio. Arrancando o Lenço de minha manga, limpei com ele a boca machucada e o enfiei em seu colarinho, rindo com desdém enquanto Lokesh gargalhava de júbilo.

Fiquei tempo suficiente à frente de Ren para ver a luz se apagar nos olhos dele. Voltando-me para Lokesh, franzi a testa.

– Mas ele vai ter uma boa visão ficando tão longe? Acho que deveria ser levado para lá, não acha? Quero que ele veja com clareza o homem por quem o troquei.

Lokesh beliscou minha bochecha, torcendo-a rudemente.

– Que megerinha traiçoeira você é – disse ele alegremente e observou com deleite enquanto eu usava o Lenço para atar os braços de Ren ao peito.

Assim que Ren estava suficientemente amarrado, Lokesh o descongelou. Os músculos de Ren forçaram o Lenço com violência. Agitei os dedos de leve junto à minha saia e sacudi a cabeça, esperando que ele compreendesse meus sinais. Acalmando-se, Ren relaxou e andou até a lateral do altar improvisado.

Lokesh ergueu as mãos para congelar Ren novamente, mas eu o impedi dizendo:

– Isso não será necessário, meu amor.

Estalei os dedos, e o Lenço se enroscou nas pernas de Ren, deixando-o enrolado do pescoço aos pés, como uma múmia.

– Você fez um trabalho magnífico, meu bichinho – disse Lokesh –, mas acho que vou manter a língua dele congelada, pelo menos por ora. Afinal, eu não gostaria que ele estragasse nossos votos nupciais.

– Sábia decisão. Vamos começar então? Encontrou o juiz?

Lokesh bateu palmas, mas nenhum criado nem o juiz apareceram. Ele gritou uma vez, duas e tocou um sino, frustrado. Sua única resposta foi uma explosiva labareda de fogo subindo de cada vela no salão.

Lokesh ergueu os braços e tentou apagá-las com um vento forte,

mas as chamas cresceram ainda mais. Grunhindo, ele agitou a mão e encharcou cada vela com água enquanto Ren olhava e sorria.

Pressentindo que as coisas estavam se complicando, o feiticeiro maligno pegou meu braço, rosnou “Venha comigo!” e me puxou pelo corredor tentando uma fuga rápida pela cozinha.

Silenciosamente, instruí o Lenço a libertar Ren e tecer uma mensagem para ele.

Por mais que tentasse, Lokesh não conseguia abrir a porta da cozinha. Lançou mão dos relâmpagos, mas o estalo azul apenas deixava marcas de queimado na madeira. Finalmente, ele arrancou a porta das dobradiças.

Recuei alguns passos enquanto Lokesh olhava com incredulidade para um cômodo que eu enchera até o teto com bolo de chocolate. Sorri debochada, satisfeita comigo mesma, e expliquei:

– Uma garota deve poder se deliciar com um pouco de chocolate no seu casamento, não acha?

Com minhas palavras sussurradas, o bolo explodiu e uma calda de chocolate fervendo cobriu Lokesh. Ele gritou e se virou na minha direção no momento em que Kishan quebrava a porta lateral e chegava ao corredor. Um guarda morto caiu aos seus pés.

– Kishan! – gritei, tão feliz que poderia chorar.

Kishan parou apenas para me dar uma piscada antes de erguer a mão e mandar bolhas de luz que explodiram na frente de Lokesh como fogos de artifício. O feiticeiro gritou de dor e cobriu os olhos. Com as mãos, Kishan disparou diversos raios contra o corpo de Lokesh.

Antes que eu pudesse dar a Kishan o maior abraço que ele já recebera, Ren se juntou a nós no corredor com meu arco, as flechas e o Fruto Dourado. Sem hesitar, ele disparou as lanças do tridente contra Lokesh, que logo começou a parecer uma almofada de alfinete. Então Ren pediu ao Lenço que o envolvesse como uma múmia.

O Lenço ganhou vida nas mãos de Ren e criou longas camadas de linho, que ele foi tecendo firmemente entre as lanças. Lokesh uivou de dor e cuspiu com veemência palavras em hindu e chinês. Suas pernas estavam presas, e os tecidos criados pelo Lenço envolveram-lhe o pescoço, enrolaram-se em um toldo e ergueram seu corpo do chão. Lokesh se contorcia, e eu momentaneamente me virei, sem querer ver aquilo.

De alguma forma Lokesh conseguiu soltar a mão, e seu poder deslizou sobre mim imediatamente. Era como se ele estivesse me arranhando, rasgando minha pele com suas garras. Gemendo, envolvi meu corpo com os braços, cambaleando e arfando de dor. Ren correu

para o meu lado e me pegou nos braços antes que eu caísse.

– Peguei você, *iadala* – sussurrou Ren.

Kishan atacou Lokesh novamente, e a dor começou a diminuir.

Por incrível que parecesse, Lokesh ainda estava vivo, porém em terrível agonia. Kishan ateou fogo ao tecido que o enrolava como uma múmia, e então ouvi um grito inumano e senti o cheiro de carne queimada. Com um súbito jorro de água, Lokesh apagou o fogo. Seria preciso mais do que chamas para matar o feiticeiro.

Ren ergueu o Fruto Dourado e uma camada de óleo deslizou sobre o linho encharcado. Kishan ateou-lhe fogo novamente, e o corpo de Lokesh se retorceu para a frente e para trás.

Recuperada o suficiente para me mover, puxei a camisa de Ren.

– Vamos embora! – implorei, incapaz de assistir à cena por mais tempo.

Empurrei os rapazes para o corredor, fechei a porta e enfiei um atizador de fogo pela maçaneta, torcendo para que Lokesh queimasse ou se enforcasse, ou ambos. A casa começou a se sacudir quando, através da magia negra, ele provocou um terremoto.

Era hora de correr. Pedi ao Lenço que criasse roupas mais práticas por baixo de meu vestido de casamento. Os irmãos me mantiveram entre eles enquanto descíamos correndo as escadas e atravessávamos um intrincado labirinto de corredores e vãos de porta arrombadas. Marcas de explosões salpicavam as paredes, e meus pés esmagavam câmeras quebradas, que antes estavam ocultas. Saltamos sobre dezenas de guardas caídos. Enquanto avançávamos, me liberei do anel de diamante de Lokesh e de meu traje chinês de núpcias, peça por peça.

Finalmente chegamos a uma janela aberta cujas grades haviam sido cortadas. Kishan saltou para fora e aterrissou nas moitas três metros abaixo. Ren me apanhou e me jogou nos braços abertos de Kishan antes de nos seguir. Eu estava morrendo de vontade de falar, gritar, dar pulos de alegria, porém, quando chegamos às motocicletas, com o coração quase pulando para fora do peito, eu me vi completamente sem fôlego.

Mas estava livre.

Sem tempo para nada além de um breve aperto em minha mão, Ren me colocou em sua moto, e, com um estrondo de motores, nós três disparamos feito cometas noite adentro, deixando em nosso rastro uma trilha de tecido vermelho.



Reencontro

Seguimos por várias horas em silêncio, sem parar. O vento frio de dezembro açoitava meus cabelos, e eu me encolhia, me aproximando mais de Ren, que não sei como conseguira tirar a jaqueta de couro e passá-la para mim sem desacelerar. Agradecida, eu a vesti e abracei Ren com mais força.

Eu não tinha ideia de qual era nossa localização, embora suspeitasse, com base nas placas da estrada, que não estávamos na Índia. Quando os rapazes enfim pararam, era de manhã cedo, talvez uma ou duas horas antes do nascer do sol. Desci exausta da moto. Ren e Kishan esconderam os dois veículos nos arbustos, e, finalmente, pudemos ter um reencontro apropriado.

– Pensei que nunca mais fosse ver você – disse Kishan com ternura, me abraçando e correndo as mãos para cima e para baixo em minhas costas. – Você está bem? Lokesh a machucou?

Sacudi a cabeça.

– Só um pouco. Ele me deixou com alguns hematomas e me beijou algumas vezes, mas na maior parte do tempo me deixou em paz. Não estive em sua câmara de tortura.

Era bom estar de volta aos braços de Kishan. Segura. Pela primeira vez em muito tempo, baixei a guarda completamente. Eu estava outra vez com meus tigres. Estava de volta ao meu lugar.

– Ainda bem – grunhiu Kishan, me segurando como se nunca mais fosse me soltar.

Quando por fim me soltou, Ren se aproximou de mim com uma expressão indecifrável nos olhos. Ele não disse nada, mas eu podia jurar que estava lendo a minha mente. Hesitante, tocou meu rosto, e meus olhos ficaram marejados. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me puxou para os seus braços. Envoltos naquele porto seguro, sentindo a conexão entre nós e o calor de seu corpo forte contra o meu, finalmente relaxei, e o horrendo turbilhão emocional transbordou em uma torrente.

Vendo meu estado, Kishan baixou os olhos e se ocupou, montando uma barraca enquanto eu chorava em silêncio nos braços de Ren. Meu

corpo se sacudia em soluços atormentados. Eu me agarrava à camisa de Ren, enchendo a mão com o tecido, enquanto ele murmurava suavemente e acariciava meu cabelo. A certa altura, percebi que não estava mais sustentando meu próprio peso. Ele me ergueu e me carregou para a barraca.

Ren me aninhou de encontro ao peito, e Kishan preparou um chá quente para mim. Sacudi a cabeça, abalada demais para beber, mas Ren insistiu. Quando terminei, ele sussurrou algumas palavras para Kishan, que se transformou imediatamente no tigre negro e se esticou sobre as almofadas. Deitei-me ao lado dele, acariciando o pelo escuro, sabendo que a maldição ainda exigia que eles assumissem a forma de tigre seis horas por dia.

– Tente dormir, *priyatama* – disse Ren, pousando a palma da mão levemente em meu rosto.

Então ele se transformou na familiar forma do tigre branco e se deitou do outro lado.

Durante algum tempo, o único ruído que se ouvia eram as minhas fungadas e o reconfortante ronronar de Ren. Exausta, finalmente adormeci com a mão agarrando um punhado do pelo macio do pescoço dele.

Dormi por muito tempo, despertando apenas parcialmente com os movimentos dos irmãos que tentavam não me perturbar. Eles conversavam baixinho em híndi, e as lindas e musicais palavras me ajudavam a relaxar e voltar a dormir.

Quando por fim acordei, o sol ia alto no céu. Embora tivesse feito frio durante a noite, a temperatura havia subido e estava em torno dos 10 graus, o que no Oregon seria típico do início do verão. Sentei-me com uma careta e afastei o cabelo do rosto.

Kishan entrou na barraca e sorriu.

– Pensei ter ouvido você se levantar.

– Temos tempo para pelo menos um banho de esponja antes de partirmos?

– Se você estiver pensando em me incluir, eu arranjo o tempo.

Suspirei, me espreguicei e lhe dirigi um meio sorriso.

– Senti falta de suas provocações. Ei, onde estamos afinal?

– Uzbequistão.

– Isso não ajuda muito...

– Ásia Central. Estamos a quase dois mil quilômetros de casa.

– Uau! É uma longa distância para percorrer de moto – comentei e

fiz uma pausa antes de continuar. – Kishan? Acha que ele está... que ele está morto?

– Não sei. Lokesh vive há muito tempo.

– Espero que esteja morto.

Kishan me fitou, pensativo.

– Eu também espero, Kells.

Peguei a mão dele. Embora meu coração ainda se agitasse por causa de Ren, eu havia feito a minha escolha: Kishan. *Travesseiro redondo, travesseiro quadrado, os dois não passam de travesseiros*, lembrei-me, pensando com carinho em Phet.

– Kishan, obrigada por vir em meu socorro.

Os olhos dourados dele cintilaram.

– Sempre que precisar, linda.

Kishan saiu para que eu me lavasse, e eu pedi ao Lenço que criasse uma cortina de chuveiro e ao Colar de Pérolas, uma ducha num trecho de rocha plana não muito distante da barraca. Meti a mão na água e fiquei surpresa com a temperatura, morna como uma chuva tropical. Esfreguei meu corpo, tirando a maquiagem e o perfume, e imaginei que estivesse me livrando de uma grossa camada de pele falsa, descamando a garota que teria sido a noiva de Lokesh.

Refrescada e me sentindo novamente eu mesma, era hora de ir para casa. Quando Kishan me pediu que fosse com ele, olhei de relance para Ren, que não me encarou. Mordi o lábio e subi na moto de Kishan.

Querendo nos distanciar o máximo possível de Lokesh, continuamos num ritmo extenuante. Eu tinha a impressão de que os irmãos só paravam por minha causa e para reabastecer.

Em um posto de gasolina, Kishan foi cuidar das motos enquanto Ren e eu comprávamos um pente e um frasco de protetor solar. Quando comecei a desembaraçar o cabelo, Ren insistiu em esfregar a loção nos meus braços, maçãs do rosto e nariz.

– Como você está? – perguntou ele, baixinho.

– Vou sobreviver.

– Disso, eu não tenho dúvida. – Terminando com um braço, ele passou para o outro. – Lokesh estava obrigando você a se casar com ele?

– Na verdade, a ideia foi minha. Eu queria retardá-lo o máximo possível.

Ren se retesou e seus dedos apertaram meu braço por um momento. Ele me encarou e perguntou:

– Ele... machucou você?

Pus a mão sobre a dele.

– Não, não da maneira que você está pensando.

Ren assentiu e segurou meu rosto.

– Se precisar conversar, estou aqui.

– Eu sei. E, Ren, me desculpe pelo beijo. Eu não queria machucar você.

– Sei por que fez aquilo. Doeu mais saber que você estava prisioneira e que eu não poderia salvá-la.

– Obrigada por me salvar.

Ele suspirou.

– Não importa onde você esteja, eu sempre irei buscá-la, *iadala*. Não precisa me agradecer.

– Ainda assim, obrigada.

Ren beijou minha testa.

– Eu já disse que você é uma mulher muito teimosa?

– Recentemente, não – respondi alegre, desfrutando de nossa brincadeira familiar e sentindo um formigamento quente percorrer o meu corpo. – Vamos para casa. Mal posso esperar para ver o Sr. Kadam. Tenho tantas coisas para contar a ele.

Ren pegou minha mão e me puxou para perto dele, a expressão de repente séria.

– Kells, nós... não conseguimos encontrá-lo. Quando os piratas de Lokesh nos emboscaram, ele se pôs na frente de um arpão que iria atingir Nilima, e os dois desapareceram. Não conseguimos localizá-los no GPS. Os sinais de ambos sumiram. Vimos o seu, mas não os deles.

– O quê? Não pode ser. Vamos embora, então. Precisamos encontrá-los.

Minha mente se encheu de preocupação com o Sr. Kadam e Nilima. Nada estaria bem até que todos estivéssemos juntos de novo.

Ren estendeu a mão.

– Você vem comigo?

Sua pergunta pairou no ar. Olhei para Kishan, que havia acabado de calibrar os pneus e acenou para mim, feliz.

Kishan é o meu namorado. Eu deveria ir na moto com ele, pensei.

– Por favor – pediu Ren baixinho. – Preciso sentir você perto de mim.

Baixei os olhos e aceitei a mão dele. Minha determinação desmoronou.

– Está bem – falei, ao subir atrás dele e abraçar sua cintura.

Ren serpenteou até onde Kishan estava e anunciou:

– Ela vai comigo neste trecho.

– Se estiver tudo bem para você, Kishan – acrescentei rapidamente. Kishan deu de ombros alegremente e advertiu:

– Ren pilota como um velhote, mas por mim tudo bem.

Como agradecimento, beijei-o de leve.

Kishan sorriu e disse:

– Acho que é até melhor. Assim, se eu seguir o velhote, posso admirar a visão.

Ren grunhiu e disse algo ríspido em híndi, mas Kishan apenas riu e o ignorou.

Naquela noite, Kishan foi sondar um lugar para montar acampamento e voltou animado. Eu o segui, subindo uma colina pedregosa até um círculo de pedras em torno de uma área escavada na argila compactada.

– Encha-a de água – sugeriu Kishan. – *Voilà!* Uma Jacuzzi só para você.

Eu ri e rocei a mão no Colar em meu pescoço. A bacia rapidamente se encheu com uma água mineral borbulhante, e Kishan a alvejou com o poder do fogo. O ar frio ondulou com o vapor.

– Aproveite o banho, Kells. Ah, e se precisar que aqueça a água novamente, ficarei mais do que feliz em atendê-la.

Depois do meu banho, foi a vez dos dois irmãos. Kishan arrancou a camisa e falou:

– O primeiro que chegar viaja o dia todo com Kells.

Ren disparou feito uma bala com Kishan gritando atrás dele.

Faltando apenas mais um dia de viagem, começávamos a cair numa rotina normal, quer dizer: normal diante das atuais circunstâncias. Os dois tinham todo cuidado comigo, me tratando tão delicadamente quanto a uma preciosa xícara de porcelana.

Mais tarde, naquela noite enluarada, quando Kishan sorriu e se inclinou para me beijar, foi gentil e breve. Alguma coisa brilhava em seus olhos no momento em que ele se afastou.

Peguei sua mão.

– O que foi? – encorajei-o suavemente.

– Se eu agir de um jeito que a faça se lembrar de Lokesh ou que a machuque de alguma maneira, você me fala?

– O simples fato de você se preocupar com isso já é um sinal de que nunca poderia ser como ele. Não tenha medo de me tocar. Eu não vou quebrar.

Kishan assentiu, depositou um beijo em meus dedos e ergueu o

amuleto em seu peito.

– Foi muito esperta em me mandar Fanindra com isto, mas agora é melhor você usá-lo.

Depois de se atrapalhar com a corrente, ele prendeu o amuleto em torno do meu pescoço. Esfreguei a pedra lisa com os dedos.

– Foi assim que você criou aquelas bolas de fogo? Com o amuleto?

– Foi. Este pedaço do amuleto é uma arma e tanto.

– Eu estava me perguntando como você fez aquilo. Isso nunca me aconteceu.

– Provavelmente você pode fazer, se tentar. O amuleto parece capaz de criar qualquer tipo de chama.

Pensei em como vira Lokesh usar suas partes do amuleto e me levantei de repente, segurando a mão de Kishan.

– Aonde estamos indo? – perguntou ele.

– Quero explodir alguma coisa.

Kishan riu.

– Você decididamente é a garota certa para mim. Vamos.

Quando encontramos uma rocha grande, infundi tanta energia na explosão que a rocha se desintegrou. Olhei para minha mão, incrédula. Não fazia a menor ideia de que me tornara tão dependente do meu poder, e saber, com certeza, que o amuleto era a sua fonte foi um alívio. Eu poderia ligar e desligar o poder de acordo com a minha vontade.

Kishan e eu praticamos disparos durante meia hora. Ele me ensinou a criar bolhas de luz de modo que explodissem bem diante dos olhos de alguém, cegando temporariamente a pessoa, a estalar os dedos e começar um incêndio e, depois de achar um animal atropelado na estrada em que pudéssemos praticar, a usar o raio para queimar a carne. Não era algo que eu gostasse de fazer, mas sabia que, se Lokesh ainda estivesse vivo e viesse atrás de mim novamente, ou se eu tivesse de enfrentar outro monstro para completar a quarta profecia de Durga, precisaria ser capaz de usar essa técnica.

Quando voltamos para a barraca, Ren estava mal-humorado e gritou com Kishan por se afastar comigo e não avisá-lo.

– Temos que vigiá-la constantemente. Não sabemos se Lokesh ainda está vivo, e eu não quero correr o risco de perdê-la outra vez – disse Ren severamente, então deu meia-volta e saiu.

Depois de sua saída tempestuosa, Kishan suspirou e tomou minha mão.

– Ele tem razão. Devemos permanecer vigilantes no que diz respeito a você.

Cheguei mais perto e pousei a cabeça em seu ombro.

– Vou cuidar para que um de vocês esteja sempre por perto.

Ele me abraçou.

– Ele não deve estar tão zangado assim. Afinal, ganhou a corrida. Vai viajar com você na garupa o dia todo amanhã.

– O que aconteceu com seu lema de fazer o que for preciso para vencer? – zombei.

Kishan resmungou.

– Parece que ele seguiu meu conselho. Me empurrou de cara numa rocha. Quebrou meu nariz.

– O quê?!

Ele começou a rir.

– Não vejo nenhuma graça nisso – comentei.

– Eu vejo. Ren nunca trapaceou na vida. Devia estar muito desesperado.

– Ahm.

Naquela noite, sonhei com o Sr. Kadam. Ele se encontrava diante de uma tela de cinema, estudando várias cenas de batalha que passavam tão rápido que eu não conseguia distingui-las. Quando toquei seu braço, ele se virou e sorriu. Havia alguma coisa diferente em seus olhos. Ele parecia muito mais velho e um pouco triste.

– O que foi? – perguntei. – Alguma coisa errada?

Ele deu tapinhas no meu ombro.

– Não é nada, Srta. Kelsey. Só estou um pouco cansado.

– Onde o senhor está? Não conseguimos encontrá-lo.

– Estou muito mais perto do que vocês pensam. Tente relaxar a mente e voltar a dormir.

– Mas eu estou dormindo. Isso é um sonho.

O Sr. Kadam fez uma pausa.

– É claro que é. Mas feche os olhos e concentre-se em sua respiração. Você vai precisar de toda a sua força para encarar o que há pela frente, no entanto, por ora, descanse.

Quando sua voz começou a se dissipar, senti a escuridão me envolver gentilmente. Eu queria fazer que sim com a cabeça, mas não conseguia. À medida que sua presença foi desaparecendo da minha mente, senti um leve toque, um gesto de consolo e compreensão.

Na manhã seguinte, Ren e Kishan ficaram entusiasmados com o meu

sonho. Acreditavam que era uma visão e que o amuleto havia de alguma forma nos reconectado com o Sr. Kadam.

Quando finalmente entramos no caminho de pedras de nossa mansão na selva indiana, senti as lágrimas encherem meus olhos. Ao entrarmos na casa, aspirei o ar acolhedor e senti o espírito da família Rajaram me envolver.

Com Kishan e Ren me ladeando, cruzei a porta e anunciei:

– Estamos em casa.



Juntando os pedaços

Enquanto Ren e Kishan revistavam a casa à procura de sinais do Sr. Kadam, de Nilima ou de intrusos, eu matava a saudade de Fanindra, que havia atravessado as ondas perto da costa de Mahabalipuram e encontrado o caminho que levava aos meus tigres. Meu bichinho de estimação dourado piscou os olhos de esmeralda e ergueu a cabeça sob a palma da minha mão.

– Também senti sua falta. Foi muito esperta ao encontrar os rapazes.

Acaricieei-lhe a cabeça por um instante e então ela a apoiou na parte superior de seu corpo espiralado e imobilizou-se.

De acordo com o computador do Sr. Kadam e o sistema de segurança, ninguém havia estado na casa nem tentado entrar em contato conosco durante nossa ausência.

– Qual será nosso próximo passo? – Kishan perguntou-se em voz alta.

Ele se sentou no braço do sofá e me puxou de encontro ao seu peito, para desgosto de Ren.

Como se em resposta, o ar a dois metros de onde estávamos começou a tremer. Pontos de luz pareceram se mover, dançando e saltando como gotas de chuva num para-brisa. Então se aglutinaram no centro e começaram a tomar forma. A luz se tornou mais forte, até que dois corpos muito reais se materializaram.

Uma voz familiar e querida disse:

– Olá, Srta. Kelsey. Temos muito o que falar.

– Sr. Kadam? Nilima! – Contornei a mesa correndo e abracei ambos. – Vocês estão bem? Onde estavam? Estão feridos?

Nilima sorriu, mas cambaleou um pouco com o meu abraço.

– Ren, Kishan, um de vocês pode levar Nilima até o quarto dela? Ela ainda está fraca por causa de nossa jornada e precisa dormir – disse o Sr. Kadam.

Indo imediatamente em seu auxílio, Ren carregou Nilima até o segundo andar, e o Sr. Kadam continuou:

– Srta. Kelsey, vamos nos sentar? Se tiver tempo agora, devemos

conversar.

Ele deu uma risadinha com algum pensamento que não se deu ao trabalho de partilhar, o que me fez pensar sobre o que poderia estar à nossa espera.

Ren logo se juntou a nós no sofá, e eu segurei a mão de Kishan, feliz ao ver minha pequena família reunida e torcendo para que a quarta profecia de Durga fosse mais fácil do que aquilo por que havíamos acabado de passar.

– Sr. Kadam, por favor, conte-nos o que aconteceu com vocês – pedi.

Ele se recostou, cofiou a barba curta e fez uma breve pausa, como se hesitasse.

– O amuleto me protegeu no navio. Quando vi o arpão indo na direção de Nilima, meu único pensamento foi salvá-la. Eu a abracei e quando dei por mim tínhamos sido transportados para outro lugar.

– Para onde? – perguntou Ren.

– Não tenho muita certeza se se trata de um “onde”, pois não estávamos mais na Terra.

– Como assim? – indaguei, chocada. – Era como um dos outros mundos de Durga, como a Cidade dos Sete Pagodes?

– Não. Viajamos para um tempo além do tempo, um lugar além do espaço. Receio que seja uma experiência difícil de descrever. O importante é que estamos seguros e em casa.

Eu podia perceber que o Sr. Kadam não nos contava toda a verdade. Parecia omitir algo, mas eu não tinha ideia do que poderia ser ou do porquê.

– Estarei muito ocupado nas próximas semanas – continuou o Sr. Kadam. – É imperativo que comecemos logo a jornada para encontrar o quarto presente de Durga. Se partirmos cedo ou tarde demais perderemos nossa janela de oportunidade, e o sucesso de nossa missão estará em risco. Acima de tudo, devo deixá-los cientes da necessidade de confiar em mim. Pedirei algumas coisas difíceis a todos vocês muito em breve, e devem seguir minha orientação sem questionar. Tomei conhecimento de certas coisas que não posso dividir.

O Sr. Kadam me olhou com bondade.

– Sua segurança e sua felicidade são e sempre foram minha prioridade. Por favor, não me questionem sobre isso, pois não posso dizer mais nada.

– O senhor vai precisar de ajuda com a pesquisa? – ofereci.

– Desta vez não, Srta. Kelsey, mas obrigada.

Algo estava errado. O Sr. Kadam nunca tinha se fechado para nós

antes. Ele parecia distraído, pouco à vontade. Para romper o silêncio, eu disse:

– Talvez esse seja um bom momento para partilhar com vocês o que aprendi.

O Sr. Kadam fez um sinal com a cabeça para que eu começasse a descrever minhas experiências com Lokesh. Narrei a história dele, como ele matou o irmão e como ainda usava os anéis do pai e do irmão, e contei sobre os poderes que eu o observara usar.

– Ele pode criar túneis de vento e eletricidade estática azul com a ponta dos dedos – expliquei. – Ele congela não só pessoas, mas também coisas, o que me faz pensar que talvez tenha controle sobre o gelo ou a água, pois apagou o fogo.

– É uma suposição razoável – admitiu o Sr. Kadam.

– Graças a Kishan, agora sabemos que o amuleto que uso está conectado ao fogo, e em um mês ele descobriu mais usos para ele do que eu seria capaz de fazer em um ano.

Meus pensamentos se voltaram brevemente para a chama dourada que era resultado do toque de Ren, mas por alguma razão eu sabia que o poder especial não vinha do amuleto nem da minha tatuagem de hena. Era algo que eu só sentia quando Ren e eu estávamos conectados.

Engolindo em seco, voltei-me para o Sr. Kadam, que assentiu sabiamente, mas sua expressão estava estranha, como se ele já soubesse o que eu iria dizer.

Limpei a garganta e disse baixinho:

– Lokesh também usou seu poder para... me tocar.

O Sr. Kadam me interrompeu.

– Talvez seja desconfortável demais para você falar sobre isso.

– Não, acho que todos vocês devem saber. Ele usou dedos invisíveis capazes de penetrar minha roupa, e pouco antes de sairmos de lá eu o senti arranhar minha pele de dentro para fora. Ele poderia provavelmente ter revirado minhas entranhas.

– Se aquele demônio já não estivesse morto, eu o estrangularia com minhas próprias mãos – disparou Kishan.

O Sr. Kadam se empertigou na cadeira, claramente fascinado.

– Então vocês acreditam que ele esteja morto?

– Esperamos que sim – respondeu Kishan. – Nós o deixamos enforcado, espetado com lanças e incendiado.

– Interessante.

Ren se inclinou para a frente e pressionou a cabeça nas mãos.

– É culpa minha, Kelsey. Eu devia tê-la mantido o tempo todo ao

meu lado. – Ele se virou para mim e tomou minhas mãos. – Me perdoe. Eu mandei você se afastar. Se estivesse comigo, Lokesh não a teria raptado.

– Não há nada para perdoar. Por favor, não se culpe. Estou em segurança porque vocês me resgataram.

Ele ergueu a cabeça e assentiu, mas não disse nada, então continuei a recapitular o que eu havia descoberto.

– O amuleto mantém Lokesh jovem. Ele aparenta ter uns 50 anos, mas na verdade é muito mais velho do que todos vocês. Disse que nasceu por volta do ano 250 da era cristã. Com o poder combinado das partes do amuleto, ele pode manipular a própria aparência à vontade.

O Sr. Kadam olhou para um ponto distante, mas não disse nada. Parecia que seus pensamentos estavam em outro lugar.

– Lokesh também falou sobre a noite em que vocês dois se transformaram em tigres – acrescentei. – Vocês mencionaram que o amuleto os protegeu. Eu tenho uma teoria. – Voltei-me para Ren. – Me diga exatamente como Lokesh os amaldiçoou e os transformou em tigres.

– Ele pegou um medalhão de madeira que trazia no pescoço, me cortou, pingou meu sangue no objeto e então começou a entoar um cântico – respondeu Ren. – Kishan passou pelo mesmo. Eu só me lembro da luz branca, da dor intensa e da sensação de ter o corpo remodelado.

– Não se esqueça da queimadura – completou Kishan. – O amuleto queimou minha pele no local onde me tocou.

– É mesmo? O amuleto não me queimou – contradisse Ren.

– Hum. – Eu tamborilava no joelho. – Lokesh disse que os amuletos *puniram* vocês ao transformá-los em tigres e confessou que não era isso que ele queria fazer. Pretendia transformá-los em zumbis ou algo assim.

– Por que usou um lento e elaborado ritual de sangue? Por que não nos congelou? O que ele esperava ganhar? – perguntou Ren.

– Primeiro, ele gosta de torturar as pessoas. Os amuletos estavam ao alcance de Lokesh. Ele disse que queria estender o processo, desfrutá-lo pelo maior tempo possível. Talvez não houvesse aprendido a congelar parcialmente, como faz agora. Além disso, queria um genro que tivesse o apoio do povo e fizesse o que ele pedisse.

– Muito bem. Então Lokesh não nos transformou em tigres. O que você acha que aconteceu, Kelsey? – perguntou Kishan.

– Acho que o amuleto protegeu vocês, exatamente como fez com o

Sr. Kadam.

– Então por que não protegeu o pai ou o irmão de Lokesh? – ponderou Ren.

– Bem, isso pode ser um pouco absurdo, mas Lokesh acha que é o destino dele reunir o amuleto. E se o Amuleto de Damon estiver mesmo destinado a ser reagrupado, mas esse não for o destino *dele*, e sim o de vocês?

Kishan riu.

– Você tem razão. Isso é absurdo.

– Pense bem – argumentei. – Ele é chamado de Amuleto de Damon e transformou vocês em tigres. Damon é o tigre de Durga, a deusa que nos enviou nessas buscas. O Mestre do Oceano disse que isso aconteceu a vocês por uma razão. E se você estiverem destinados a salvar o amuleto?

Ren esfregava as mãos, enquanto divagava:

– Talvez Kelsey esteja certa. Se Lokesh não nos amaldiçoou, então talvez tenha sido o amuleto que fez isso.

Assenti com veemência.

– Temos que voltar a Lokesh e pegar o amuleto dele.

– Não! – disse o Sr. Kadam com determinação, nos surpreendendo com sua súbita explosão. Vendo nosso espanto, ele se recostou na cadeira, mas os dedos se cravaram no couro. – Vocês não podem voltar. Não há tempo para isso. Só iremos atrás de Lokesh quando o quarto presente for recuperado.

– Mas não seria melhor fazer isso agora, enquanto os garotos ainda podem se curar? – sugeri.

Ele sacudiu a cabeça.

– Essa é uma das ocasiões em que vou pedir que confiem em mim.

Assenti, desconsolada, e tive um tenso momento de contato visual com Ren e Kishan. O Sr. Kadam tinha uma expressão muito estranha. Ele observava nós três com um misto de carinho e tristeza, e não estava fazendo nenhuma anotação. Isso não era nem um pouco típico dele.

– O senhor está bem, Sr. Kadam? – perguntei.

O homem de negócios indiano piscou, e uma lágrima rolou pelo seu rosto. Ele respirou fundo e pigarreou.

– Sim, claro. Só estou chateado, Srta. Kelsey, que tenha ficado prisioneira. Seria difícil encontrar um homem mais cruel e maléfico do que aquele que a raptou. A senhorita foi muito inteligente ao manipulá-lo, e admiro sua criatividade em uma situação tão difícil. Que garota corajosa! Estou muito orgulhoso de você. De todos vocês.

Outra lágrima rolou, e ele a enxugou.

– Creio que um pouco de descanso também me faria bem. Se vocês três me derem licença...

O Sr. Kadam se pôs de pé e, com dignidade, dirigiu-se ao seu quarto e fechou a porta com suavidade.

Nunca tínhamos visto o Sr. Kadam com a aparência tão envelhecida, tão fatigado, tão... cansado do mundo. Ren, Kishan e eu especulamos baixinho, mas decidimos não importuná-lo, permitindo que ele e Nilima dormissem pelo tempo que precisassem. De vez em quando eu ia ver se estava tudo bem com eles e, embora parecessem dormir em paz, eu não conseguia me livrar da sensação de que nosso descanso seria breve.

Quando Nilima por fim acordou, 18 horas depois, parecia ter voltado a seu eu alegre e prático.

– Olá, Srta. Kelsey. Como é bom vê-la – disse ela, sorrindo sobre uma tigela de iogurte.

– Nilima – perguntei –, o que aconteceu com vocês dois?

– Na verdade, eu não sei – admitiu ela. – Num minuto, estávamos no navio, no outro, chegamos aqui. Foi magia, suponho, ou talvez Durga tenha nos ajudado.

Sorri e assenti, mas fiquei me perguntando como ela e o Sr. Kadam podiam ter lembranças tão diferentes da mesma experiência.

Enquanto o Sr. Kadam ainda dormia, Nilima não perdeu tempo e mergulhou com gosto de volta nos negócios da família. Ela passou muitas horas ao telefone e no computador, com Ren e Kishan ao seu lado observando e aprendendo como ela conduzia as questões.

Diferentemente de Nilima, o Sr. Kadam ainda estava sombrio, contemplativo e misterioso ao acordar. Embora insistisse que não havia nada de errado, seu comportamento me preocupava.

– Sr. Kadam, por que está tão distante de nós? O que o preocupa? Sinto sua falta.

– Não é nada, minha querida Srta. Kelsey.

Ergui os olhos, mas ele evitava o contato visual.

– Alguma coisa está, *sim*, preocupando o senhor. Não confia em mim?

Ele deu um suspiro profundo.

– É claro que confio. É... é em mim que não confio. Há algumas coisas neste mundo que a pessoa deve enfrentar sozinha. – Ele inclinou a cabeça e me estudou. – Posso ter a ousadia de lhe fazer uma

pergunta pessoal, Srta. Kelsey? – Quando fiz que sim com a cabeça, ele prosseguiu: – Se seu filho estivesse aprendendo a andar, a senhorita o pegaria no colo e o carregaria todas as vezes que ele caísse ou o encorajaria a continuar tentando?

– Eu o encorajaria a tentar, é claro.

– E se visse cacos de vidro pontiagudos por perto, limparia o caminho para ele?

– Sim.

– E se seu filho ficasse preso numa casa em chamas? O que faria nesse caso?

Sem hesitação, respondi:

– Eu entraria correndo na casa e o salvaria.

– Sim, faria isso. Apesar de se colocar em risco, a senhorita iria se esforçar para proteger aqueles que lhe são preciosos. – Ele sorriu. – Era isso que eu precisava ouvir. A senhorita me proporcionou um grande conforto, Srta. Kelsey.

– Mas eu não fiz nada.

– Fez mais do que imagina. A senhorita tem um coração puro e amoroso. E esse é um presente de valor inestimável que deu a todos nós.

– Vocês são a minha família.

– Sim. Somos. Não se preocupe tanto comigo.

Após meditar por um instante, suspirei e falei:

– Está certo.

Num impulso, lancei meus braços em torno dele. O Sr. Kadam me envolveu gentilmente em um abraço terno e pressionou a bochecha em minha testa. Ele deu tapinhas em minhas costas, e senti outra lágrima cair no meu nariz.

Estava claro que algumas coisas não haviam voltado ao normal, mas ainda assim Kishan fazia o melhor que podia para reacender nossa chama romântica e deu a ideia de um encontro. Primeiro, sugeriu um jantar romântico ao lado da piscina, mas acabamos optando por um filme na sala de cinema.

– É um encontro – disse Kishan, cutucando o irmão com o cotovelo.

– E só para que fique bem claro, *você* não está convidado. Três é demais.

Ren ameaçou:

– Só não a magoe.

E, com um empurrão de retaliação, subiu a escada pisando duro.

Alguns minutos mais tarde, ouvimos o som inconfundível de alguma coisa grande sendo estilhaçada de encontro à parede, vindo do quarto de Ren.

Suspirei e abracei a cintura de Kishan.

– Não é legal esfregar nosso relacionamento na cara dele assim – comentei.

Kishan beijou minha testa.

– Ren precisa entender que não vou desistir de você.

– Ele entende, mas isso não quer dizer que seja mais fácil. Pense em como você se sentiria.

– Sei exatamente como ele se sente. Quer você de volta, e eu não pretendo atender ao desejo dele.

– Kishan...

Ele segurou meu queixo e ergueu minha cabeça para que eu o olhasse.

– Você é minha namorada, não é?

– Sim, mas...

Com uma expressão interrogativa nos olhos dourados, Kishan perguntou:

– Você quer voltar para ele?

Fiquei paralisada, sem saber o que dizer. Após um momento, sacudi a cabeça devagar.

– Escolhi você, e é o que eu quero.

Ele sorriu, inclinou a cabeça e disse:

– Não sou muito bom com as palavras e sei que você passou por muita coisa nessas últimas semanas. Eu já disse antes que podemos ir devagar, e estou dizendo de novo. Não tivemos tempo para conversar de verdade desde que Ren recuperou a memória. Se você se sente hesitante ou incerta a meu respeito, tudo bem. Não vou dizer que isso não vai me magoar, porque vai, mas se quiser recomeçar ou voltar atrás, eu vou entender.

Mais uma vez, eu me senti encantada com a gentileza e a paciência daquele homem generoso. Eu realmente não o merecia. Apertei o rosto contra o peito de Kishan e disse, confiante:

– Acho que o que eu quero fazer é seguir *em frente* com o nosso relacionamento.

Ele sorriu.

– De quanto “em frente” você está falando?

Eu ri.

– Por que não começamos com um beijo?

– Acho que posso dar conta disso.

O beijo de Kishan foi doce e gentil. Suspirei e agarrei seu pescoço. Eu me sentia totalmente segura, amada e protegida em seus braços. Retribuir seu beijo e amá-lo era tão fácil quanto enfiar os pés num par de tênis confortável. Não havia nenhum fogo dourado. Nenhum poderoso estremecimento de paixão. Nenhum cabo de aço nos conectando. Mas havia amor.

Uma vida feliz poderia ser construída sobre essa sólida fundação. Kishan iria cuidar de mim, e eu sabia que formaríamos um vínculo só nosso. Com o tempo, meu coração teimoso deixaria de resistir e permitiria que Kishan o possuísse por completo. Eu não sabia quando, mas esperava que isso não demorasse muito, pelo bem de nós dois.

Nós nos separamos ao ouvir outro estrondo lá em cima.

– Fale com ele, Kells – disse Kishan.

Com um aceno afirmativo da cabeça, segui para o quarto de Ren. Era hora de acertar as contas. Tanta coisa havia acontecido desde que ele recuperara a memória. Eu precisava que ele ficasse em paz tanto com Kishan quanto comigo.

Encontrei Ren sentado à sua escrivaninha, olhando a piscina pela janela. Papéis e anotações se espalhavam pelo chão e uma pequena estante encontrava-se caída. Abaixei-me para reunir os papéis e me dei conta de que eram poemas.

– O que você quer, Kelsey? – perguntou ele em voz baixa, sem se virar.

– Estou aqui para ver o porquê de toda essa comoção. Estava tentando abater um alce?

– O que faço no meu quarto é problema meu.

Suspirei.

– Você torna problema *nosso* quando faz todo esse barulho.

– *Muito bem.* Da próxima vez que minha vida for destruída, vou tentar expressar meu sofrimento de modo silencioso, longe de sua delicada sensibilidade.

– Você tem um dom e tanto para o exagero.

Ren girou e me olhou, incrédulo.

– O único exagero é achar que você tem uma delicada sensibilidade. Obviamente esse não é o caso. Uma mulher *sensível* admitiria que está errada. Uma mulher *sensível* ouviria o próprio coração. Uma mulher *sensível* não desprezaria o homem que ela ama. Você se dá conta de que eu quase a perdi para sempre? Não tem nenhuma ideia de quanto isso me afetou? A visão de Lokesh machucando você era mais do que eu podia suportar.

Ele tomou fôlego e continuou:

– Sabia que eu podia sentir você? Seu medo, seu terror tornaram-se meus. Não durmo há uma semana e cada pensamento angustiante de minha vigília foi gasto imaginando se você estava machucada e sofrendo. A esperança de que poderia trazê-la de volta, de que a teria finalmente nos braços e de que saberia que você estava salva foi a única coisa que me manteve são.

– Ren...

Ele me interrompeu:

– Então você vem para casa e o que faz? Volta correndo para os braços de Kishan. Tenho permissão para lhe oferecer consolo, mas não amor. Kelsey, como você ainda pode negar o que sente por mim?

– Você sempre fica poético quando está com raiva. – Apanhei um livro e corri a mão sobre a capa de couro. – Eu rezei para que você fosse até lá. Sabia que vocês dois moveriam céus e terras para me encontrar, se pudessem. Não estou negando que o amo. Na verdade, já admiti isso para você.

– Então explique de novo. Como pode me amar e escolher Kishan?

– Se você acha que não amo Kishan, está enganado. – Sentei-me na cama de Ren e suspirei, pousando o livro na mesa de cabeceira. – Você acredita que ele é um homem bom? Que me ama, que irá cuidar de mim, me proteger e me manter em segurança?

– Sim.

– Então, na sua cabeça, não há nada de errado com a minha escolha, exceto pelo fato de ele não ser você.

– E tem também o fato de você não estar *apaixonada* por ele – disse Ren secamente.

– Kishan é bom, gentil, corajoso e maravilhoso, assim como o irmão. Não é suficiente ele me fazer feliz?

– Não.

– Então não tenho mais nada a dizer.

Ajeitei as folhas com poemas e as deixei numa pilha sobre a escrivaninha.

Os olhos de Ren queimavam minhas costas à medida que eu saía em silêncio do quarto.

Lá em baixo, enquanto Kishan e eu assistíamos a um filme de James Bond, eu só pensava em Ren. Ele era a pessoa a quem eu sempre confessara tudo. Era meu amigo e também me conhecia o suficiente para ver que eu estava escondendo alguma coisa. Ele sabia que havia algo mais por trás da minha escolha, e como um cão persistente diante de um osso suculento, não o largaria. Suspirei, aconcheguei-me mais a Kishan e deitei a cabeça em seu peito.



Templo de Vaishno Devi

No dia seguinte, demos início à longa jornada para um templo de Durga. O local escolhido pelo Sr. Kadam ficava em Katra, no estado indiano de Jammu e Caxemira. Íamos para a cordilheira do Himalaia, no ponto mais setentrional da Índia. Katra localizava-se a 640 quilômetros, não muito longe da fronteira do Paquistão.

Mesmo com o Sr. Kadam dirigindo mais rápido do que seria permitido nos Estados Unidos, passamos o dia dentro do carro. As únicas tréguas que tivemos foram as poucas e rápidas paradas para abastecer. Depois que me disseram que nosso destino era Katra, tentei explicar como o “*katra*” de Spock foi parar no corpo do Dr. McCoy em *Star Trek*. Ren tinha visto *Star Wars*, então ele entendia em parte o que eu estava falando, mas Kishan logo perdeu o interesse. Quando mencionei os episódios de viagens no tempo, o Sr. Kadam pareceu particularmente ansioso para saber o que acontecia com todos os personagens no futuro se o contínuo espaço-tempo fosse interrompido.

Por fim, as montanhas de cumes cobertos pela neve próximas de Katra surgiram em nosso campo de visão. Se eu já achava que o Himalaia era frio no verão, agora, no inverno, o ar era totalmente congelante. A pior parte era que teríamos que subir 13 quilômetros até o templo na montanha.

– Sinto muito, Srta. Kelsey. Prometo que vamos descansar com frequência ao longo do caminho – disse o Sr. Kadam.

Estremeci.

– Tudo bem. Templo no pico de uma montanha coberta de neve: lá vamos nós! Fico feliz que esta seja a última busca.

Ao pôr do sol, pedimos ao Lenço que armasse uma tenda grossa com montes de cobertores lá dentro. O Sr. Kadam preparou tigelas de ensopado quente usando o Fruto, e eu usei o poder do amuleto para aquecer o interior da tenda. Ondas quentes de energia irradiavam de minhas mãos, como se eu fosse um aquecedor.

A manhã seguinte estava fria e radiante. Depois de um café da manhã com cereais quentes, calçamos vários pares de meias de lã e botas de

caminhada com travas, e vestimos camadas de roupas térmicas, cobrindo-as com casacos acolchoados. Ren não parava de criar peças extras para mim. Insatisfeito com meu cachecol, ele criou um ainda mais grosso e o enrolou três vezes em meu pescoço. Então acrescentou uma touca de esquí que cobria toda a minha cabeça, exceto o rosto, e pôs mais um gorro com protetores de orelha por cima de tudo. Quando ele começou a criticar minhas luvas, eu o empurrei e lhe disse que fosse perturbar outra pessoa.

– Você não está na Antártica, Kells – comentou Kishan quando nós quatro começamos a marchar para o templo de Durga.

– Não enche. Ren está sendo superprotetor. Não foi ideia minha. Kishan sorriu.

– Pelo menos posso levar sua mochila. Parece que você está carregando o dobro do seu peso em roupas.

Joguei minha mochila em cima dele e me pus a marchar na direção da montanha, furiosa.

– Venha. Vamos acabar logo com isso.

Kishan deu uma gargalhada, e nós quatro iniciamos a subida.

O Sr. Kadam me alcançou rapidamente, seguido por Kishan e Ren, que assumiu a retaguarda depois de ficar para trás a fim de desmontar o acampamento.

No caminho para o templo, o Sr. Kadam seguiu ao meu lado e me distraía, falando sobre a área e seu santuário.

– Gostaria de ouvir a história do templo?

– Sim – respondi.

Escorreguei num trecho congelado do solo, e num instante Kishan estava ao meu lado, com a mão sob meu cotovelo para me apoiar.

O Sr. Kadam inalou o ar revigorante da montanha e suspirou.

– Há cerca de 700 anos, um demônio chamado Bhairon Nath perseguiu Durga, ou Mata Vaishno Devi, como era chamada então, até essas colinas. Quando Bhairon Nath a encontrou escondida numa caverna, ela cortou-lhe a cabeça com um tridente. Dizem que os grandes rochedos perto da boca da caverna são os restos petrificados do corpo dele.

– Tenho uma pergunta. Por que os deuses e deusas hindus têm tantos nomes e formas? Por que Durga não pode ser apenas Durga?

– Cada forma é chamada de avatar, uma reencarnação da deusa. Numa vida ela pode ser chamada de Durga; em outra, pode ser Parvati, por exemplo. O conceito de reencarnação varia de religião para religião. Segundo algumas interpretações, a pessoa reencarna porque precisa continuar a aprender e só deixa de reencarnar quando

colhe de sua vida humana aquilo que precisa saber para ascender ao próximo nível de existência. No budismo, a reencarnação não é exatamente ter o mesmo espírito habitando um novo corpo. Está mais para o velho espírito dando origem a um novo, como uma chama que, antes de morrer, acende uma nova vela. As velas são diferentes, mas a chama vem daqueles que partiram antes.

– Mas deuses e deusas já não são iluminados?

– Ah, na Índia, nossos deuses e deusas não são perfeitos.

– Ainda acho confuso.

– Sim. – Ele sorriu. – Muitos também acreditam que a deusa chama seus devotos a partir deste templo e que eles vão largar o que estiverem fazendo para vir em peregrinação até aqui.

– Isso é interessante. O senhor está vindo atender a um chamado? – brinquei.

Ele ergueu os olhos para a trilha da montanha que se avultava à nossa frente.

– Sim. De certa forma – respondeu ele, calmamente.

Continuamos a andar por várias horas em um caminho desgastado que subia a montanha.

O ânimo do Sr. Kadam parecia melhorar um pouco à medida que nos aproximávamos do templo. Ele estava mais distraído do que de hábito, mas sorria com frequência, e conversamos sobre muitas coisas. Eu não havia percebido quanto sentira falta dele até aquele momento.

A última parte de nossa jornada era uma série de degraus cobertos de gelo que levavam à caverna. Embora estivéssemos equipados com botas para escalar o gelo, fiquei feliz de poder contar com a ajuda de Ren e Kishan.

Paramos brevemente para recuperar o fôlego à entrada da caverna e então nos dirigimos para a extremidade da estrutura de 100 metros, de onde seguimos para o templo de pedra além da caverna. A estrutura cônica da construção era semelhante à do Templo da Praia. Suas camadas de pedras finas eram esculpidas e tinham entalhes, quase como uma parede de escalada em uma academia. O exterior era cinzento no topo e tinha uma tonalidade mais sépia perto da porta. Nós quatro entramos e começamos a procurar a estátua de Durga.

Embora o lado exterior do templo fosse sem graça, o interior era banhado em cores. Perto de um nicho localizada sobre um tablado encontrava-se a deusa que estávamos procurando. Dessa vez ela não fora esculpida em pedra nem bronze, mas era feita de cera.

O rosto e os braços de Durga eram pintados em tom de alabastro, e ela usava um vestido de tecido carregado de joias, além de trazer guirlandas de rosas, jasmims e gardêneas de seda em torno do pescoço. O cabelo, sob um arranjo enfeitado com joias, parecia de verdade. Um *bindi* de rubi se destacava entre as sobrancelhas arqueadas e o anel de nariz e os brincos dourados cintilavam com pedras semipreciosas. Atrás dela, a alcova era pintada de um vermelho tão intenso quanto seus lábios.

– Ela é linda – sussurrei.

Kishan estudou a estátua por um momento e então respondeu:

– É, sim.

– Então é isso – falei com calma. – Sr. Kadam, tem certeza de que estamos no lugar certo?

O Sr. Kadam sorriu estranhamente.

– Confie em mim. Estamos no lugar certo.

– Ótimo. Vamos fazer uma tentativa.

Pedi minha mochila a Kishan, e ele me ajudou a dispor todas as nossas oferendas a Durga aos pés da estátua. O Sr. Kadam nos instruíra a trazer uma caixa de fósforos longos, várias velas grossas, alguns pedaços de madeira, um pouco de carvão, alguns fogos de artifício, um isqueiro e um cordão de pimentas-malaguetas. Quando chegou a hora de eu balançar os sinos no meu tornozelo, descobri que não conseguia alcançá-los. Minhas muitas camadas de roupas me impediam de me curvar.

Kishan riu de minha dificuldade. Ren apenas grunhiu baixinho, ajoelhou-se aos meus pés e passou os dedos pelos sinos. Então se levantou e nos demos as mãos.

Ren começou nossa súplica a Durga.

– Hoje buscamos sua ajuda nesta nossa última tarefa. Viemos completar seu quarto e último desafio e pedir sua bênção para que o caminho à frente seja tranquilo e nossos pés encontrem certeza e firmeza.

– Por favor, nos dê sabedoria e nos permita sair a salvo desta última parte de nossas viagens – acrescentei.

Na vez de Kishan, ele disse:

– E quando tudo estiver concluído e pusermos seus quatro presentes aos seus pés, pedimos a oportunidade de uma nova vida em troca.

Após alguns segundos de silêncio, Kishan cutucou o Sr. Kadam, que estivera olhando distraidamente para o chão.

– Ah, sim. Peço-lhe, por favor, que vigie e cuide de meus protegidos

de modo que o que está destinado a ser aconteça.

Virei-me e olhei, intrigada, para o Sr. Kadam, que simplesmente deu de ombros enquanto Ren e Kishan se transformavam em tigres.

O que aconteceu a seguir quase me matou de medo. As velas e os fósforos se acenderam, os fogos de artifício explodiram e o fogo rapidamente se espalhou em torno do tablado e começou a lamber as paredes atrás da estátua de Durga. Dali as chamas se alastraram de parede a parede, e logo nos vimos encerrados numa caixa de fogo.

Tudo o que era inflamável foi rapidamente consumido, mas as quatro paredes de pedra não queimaram por muito tempo. Em vez disso, o fogo dançou pelo chão, incinerando o musgo e as partículas de poeira entre as pedras. De repente, fomos engolidos numa coluna de fogo. Ren e Kishan voltaram à forma humana e me enfiaram entre eles, nossas costas voltadas para o círculo invasor.

Gritei quando a barra das costas da camisa de Ren pegou fogo, mas Kishan rapidamente apagou as chamas com tapas. A fumaça tomava conta do ambiente, e enterrei meu rosto na camisa de Ren para abafar a tosse. Embora uma brisa fria soprasse pelo local, ainda estava quente, tão quente que a efígie de cera começou a derreter diante de nossos olhos. Seu arranjo de cabeça adornado por joias se transformou num poço de lágrimas iridescentes que escorriam lentamente pelo lindo rosto da deusa.

Na parede atrás da estátua, a marca de uma mão reluzia vermelha na pedra quente. Ren insistiu em tocá-la primeiro e se queimou. Pedi ao Colar de Pérolas que a esfriasse e logo uma cortina de água fria desceu do teto, indo ao encontro da pedra quente. De início, a água silvou e evaporou, mas, dentro de alguns minutos, passou a deslizar suavemente pela pedra, empoçando no piso do templo.

Dei um passo à frente, pus a mão na marca côncava e concentrei minha energia. O desenho de hena apareceu e um calor formigou na palma da minha mão.

A figura derretida de Durga começou a brilhar. Seu cabelo pegou fogo e se eriçou como uma crina de fogo. A cera pingava da imagem para formar uma grande poça perto dos pés descalços, deixando à vista uma linda mulher que irradiava o calor de 10 sóis. Sua pele era cor de caramelo e o vestido tinha o tom laranja do pôr do sol. Ela contava apenas com dois braços, um deles enfeitado com uma pulseira simples de ouro, embora a figura de cera tivesse ostentado oito. De olhos fechados, ela respirou fundo e alisou com as mãos os cabelos negros e sedosos. As chamas desapareceram. A única joia que ela usava era a pulseira e uma faixa dourada na cintura.

A deusa sorriu para nós quatro, e ouvi o som de sinos tilintando quando ela falou:

– É bom rever todos vocês. – Apontando para o chão, ela riu. – Como podem ver, suas oferendas foram aceitas.

Durga deslizou a mão em um amplo arco no ar, e as paredes cobertas de fuligem e os montículos de material queimado desapareceram.

Um leve aperto em meu braço lembrou-me de que Fanindra estava ávida para ver sua senhora. Aproximando-me do tablado, deslizei o bracelete, tirando-o do braço, e o entreguei a Durga. A cobra imediatamente ganhou vida, ergueu a cabeça e deu várias voltas no braço de Durga.

A deusa ficou acariciando Fanindra até que Kishan pigarreou. Sem olhar para ele, ela suspirou e o censurou:

– Você precisa aprender a ter paciência no que diz respeito a mulheres e deusas, meu tigre de ébano.

– Perdoe-me, Deusa – Kishan rapidamente se desculpou e se curvou, cavalheiresco.

A sugestão de um sorriso surgiu no rosto dela.

– Aprenda a amar o momento em que se encontra. Valorize suas experiências, pois momentos preciosos passam rápido demais por você e, se estiver sempre correndo em direção ao futuro ou ansiando pelo passado, irá se esquecer de desfrutar e apreciar o presente.

– Irei me esforçar para me manter atento a cada palavra que passa por seus lábios, minha deusa.

Kishan ergueu a cabeça, e Durga se inclinou à frente para tocar-lhe o rosto.

– Se ao menos você fosse sempre tão... devotado – disse ela.

Ren pegou minha mão para me consolar enquanto meu namorado jogava charme para a bela deusa.

Quando Durga finalmente olhou para mim, sua expressão mudou de desejosa para simpática.

– Kelsey, minha filha. Tem corrido tudo bem com você?

– Hã... quase sempre. Um tubarão gigante mordeu a minha perna, mas tirando isso, tenho passado bem.

– Um tubarão... gigante?

Ela parecia confusa, e seus olhos dispararam para o Sr. Kadam.

Alguma coisa estranha está acontecendo.

– Isso. Um tubarão. Mas pegamos o Colar de Pérolas para você. Está vendo?

Mostrei-lhe o Colar, que ela estudou com um sorriso.

– Sim, fico feliz. Este presente será muito necessário em sua próxima busca. – Os olhos de Durga voltaram ao meu rosto, e ela tomou minhas mãos com preocupação maternal. – Seus dias mais difíceis estão por vir, minha preciosa.

Então ela se dirigiu a Ren:

– Você deve ajudá-la. Apoiá-la. Uma purificação está por vir... uma combustão do coração e da alma. Quando vocês três emergirem disso, estarão mais fortes, mas haverá ocasiões em que talvez fiquem tentados a pedir que o fardo seja retirado de seus ombros.

Eu tentava memorizar cada palavra. Ela prosseguiu:

– Kelsey vai precisar de vocês dois nos dias que virão. Não pensem em vocês nem em seus sonhos, mas concentrem-se no que precisam fazer para salvá-la e no que devem fazer para salvar o restante de nós. *Todos* nós dependemos de vocês.

– Os tigres voltarão a ser homens em tempo integral depois que encontrarmos o próximo prêmio, certo? – perguntei.

Durga respondeu, pensativa:

– A forma do tigre foi dada a eles com um propósito e logo esse propósito será alcançado. Quando a quarta tarefa for concluída, eles terão a oportunidade de se separar do tigre. Venham e peguem suas últimas armas.

Do cinto, a deusa puxou uma espada de ouro e, com um rápido movimento, cindiu a lâmina em duas armas. Ela girou as espadas, uma em cada mão, torcendo-as até que as duas lâminas pousaram no pescoço de Ren e de Kishan. Seus olhos cintilavam de prazer.

Ren hesitou, e a deusa atirou-lhe uma espada, que ele aceitou com elegância. No entanto, ela manteve a ponta da outra pressionada contra o pescoço de Kishan. Os olhos dele se estreitaram ligeiramente, e eu me perguntei se ele iria desafiar a deusa.

Durga sorriu para Kishan e rodopiou a espada mais uma vez, mas ele antecipou-lhe os gestos e evitou a lâmina. Juntos, fizeram uma dança mortal, e Durga parecia encantada com a destreza dele. Um momento depois, ela encurralou Kishan, que se imobilizou, dessa vez com a lâmina apontada para o seu coração.

Arquejei enquanto ela provocava:

– Não se preocupe, minha querida Kelsey, pois o coração do tigre negro é duro demais para ser perfurado.

Kishan encarava a bela deusa em postura de combate. O vestido cor de laranja tinha uma fenda que ia da bainha ao meio da coxa, e eu não pude deixar de notar a linda perna firme e esguia.

Ela pode não ser perfeita, mas suas pernas com certeza são. Mesmo

quando estava praticando wushu regularmente no Oregon, minhas pernas nunca foram assim tão bonitas.

Kishan, com o semblante muito sério, parecia perceber a mesma coisa. Seu olhar seguiu da perna nua até o rosto de deusa, e, quando ela ergueu uma sobrancelha, ele franziu a testa para ela.

Pus a mão no braço dele.

– Kishan, ela só está demonstrando como usar a espada. Relaxe.

Ele me obedeceu, mas a deusa sorriu como se pudesse ler sua mente. Ele bateu na lâmina, afastando-a de seu peito, antes de pegar a espada, emburrado. A deusa se empertigou e tirou dois broches de seu cinto de ouro. Descendo do tablado, prendeu um deles na roupa de Ren e o outro na de Kishan. Kishan manteve-se imóvel, depois assentiu, hesitante, e observou cada movimento da deusa enquanto ela demonstrava como usar os objetos aparentemente inofensivos.

Durga cobriu o broche de Kishan com a palma da mão e disse:

– Armadura e escudo.

Imediatamente o broche cresceu e o metal dourado disparou em todas as direções, encerrando o corpo de Kishan. Logo ele usava uma armadura e segurava sua espada e um escudo.

Durga tornou a pressionar o broche e sussurrou:

– *Bruucha*, broche.

A armadura encolheu até se tornar outra vez um enfeite reluzente.

– Talvez seja melhor, por ora, que você continue com estas... – disse ela numa voz baixa e sensual, correndo a mão pelo ombro largo de Kishan – ...roupas modernas. Tenho um fraco por homens bonitos em trajes de batalha.

A expressão de Kishan mudou, demonstrando surpresa.

O que estava acontecendo? Durga nunca havia flertado com Kishan assim tão... abertamente antes. Era como se estivéssemos assistindo a uma novela com atores ruins.

– Estes broches foram criados especialmente para vocês dois – prosseguiu Durga. Ela encarava Kishan; a química entre eles era palpável. – Gosta do meu presente, tigre de ébano? – perguntou suavemente.

Kishan respirou fundo, deu um passo à frente e tomou a mão dela na dele.

– Acho que você é... quer dizer, acho que ele é... incrível. Obrigado, Deusa – disse ele, e beijou-lhe os dedos.

– Hum. – Ela sorriu, com prazer. – Por nada.

Ren grunhiu suavemente e o Sr. Kadam enfim rompeu a tensão.

– Talvez fosse melhor começarmos nossa jornada. A menos que

tenha mais para nos dizer... Deusa?

Durga imediatamente se afastou de Kishan, que a olhou como se ela fosse um petisco saboroso que ele quisesse devorar. Ela retribuiu, e os olhares que trocaram eram quentes o bastante para derreter o chão de pedra.

Durga voltou-se para o Sr. Kadam e assentiu com a cabeça.

– Eu já disse tudo o que é necessário. Até o próximo encontro, meus amigos.

Suas feições começaram a se solidificar e desesperadamente eu perguntei:

– Quando nos encontraremos novamente?

Durga sorriu e piscou para mim. Então as chamas subiram em volta do seu corpo, impedindo nossa visão, e, quando o fogo diminuiu, ela era outra vez uma estátua de oito braços. Subi ao tablado e estendi o braço para Fanindra, que se esticou e se enroscou na parte superior do meu braço, acomodando-se em sua posição usual.

Ao me virar, tive um sobressalto, chocada ao ouvir uma voz furiosa ecoando no templo silencioso.

– *Aquilo* foi totalmente impróprio! – Ren disse rispidamente ao irmão e acertou-lhe um soco na cara.



Destino

Kishan esfregou o queixo e fuzilou Ren com o olhar.

– Se você tratar Kelsey assim outra vez, vou fazer muito mais do que tentar enfiar um pouco de juízo nessa sua cabeça. Acho bom pedir desculpas a ela. Fui claro, irmãozinho? – Ren continuou com seu discurso.

Os olhos de Kishan se arregalaram, e então ele assentiu docilmente.

– Ótimo. Vamos esperar por vocês lá fora, Kelsey – disse Ren e saiu, seguido pelo Sr. Kadam.

– Ele tem razão. Peço desculpas. Não sei em que eu estava pensando. Sinto muito, Kells. – Kishan me abraçou. – Você ainda é a minha garota, não é?

Falei que sim, a cabeça apoiada em seu peito, e ele pegou minha mão e me levou para fora.

– Pode ficar com raiva de mim se quiser. Faça uma cena de ciúme e me bata. Eu mereço.

O estranho era... que eu não estava com ciúme. Estava mais curiosa do que com raiva. Pensando em discutir a questão com o Sr. Kadam mais tarde, apressei o passo e fiquei chocada ao ver que todo o gelo e a neve em torno do templo haviam derretido.

Descer o caminho pela montanha foi muito mais fácil que subir, mas ambos os irmãos insistiram em segurar meus braços enquanto caminhávamos, para o caso de eu escorregar. Quando passamos por Katra, eu estava morta de cansada e não sabia se conseguiria vencer os últimos quilômetros.

O Sr. Kadam, que em geral era muito conciliador, insistiu que prosseguíssemos e até sugeriu que um dos rapazes me carregasse. Suspirei e continuei me arrastando devagar até que Kishan me pegou e me acomodou em seus braços. Eu dormia quando finalmente chegamos ao acampamento.

Enquanto descansava meus pés doloridos junto ao fogo, consegui ter uma conversa em particular com o Sr. Kadam.

– Sr. Kadam, eu... eu só queria saber sua opinião em relação a Durga e Kishan. Não sei o que pensar sobre o que aconteceu no

templo. O senhor também viu, não foi?

– Sim. Eu... sim, eu percebi.

– Devo ficar preocupada com Kishan? – Eu me contorci enquanto o Sr. Kadam me observava. – Os mitos antigos falam sobre deuses que se apaixonam por mortais e até mesmo têm filhos com eles. O senhor acha que Durga tem uma queda por Kishan? Não sei bem como devo me sentir em relação a isso.

O Sr. Kadam ergueu os olhos para o estrelado céu noturno e então sorriu para mim. Com delicadeza, ele perguntou:

– Como a senhorita se sente?

– Eu me sinto... como se devesse estar aborrecida, mas não estou, e isso me incomoda um pouco. Eu confio em Kishan. Acredito que ele me ame.

– Está certa em confiar nele. Kishan não ficaria com uma deusa quando tem a senhorita. Ele a ama.

– Eu sei que sim, mas Ren ficou tão aborrecido.

O Sr. Kadam suspirou.

– Ren... também a ama. Ele bate de frente com tudo o que ameaça a quem ele ama. Sempre se doou, até mesmo a ponto de deixar de lado os próprios desejos, para se certificar de que os outros tenham as coisas de que precisam. Na guerra, ele preferia seguir para as linhas de frente e se colocar em perigo a permitir que seus homens morressem.

É. Parece mesmo *típico de Ren*.

– Já tive a oportunidade de comprovar isso em primeira mão – observei. – Ele terminou comigo porque não pôde me salvar quando eu quase me afoguei. E se sacrificou para que Kishan pudesse me livrar dos capangas de Lokesh. Constantemente me afasta dele para salvar minha vida.

Sabidamente, o Sr. Kadam inclinou a cabeça.

– Ren irá sempre saltar em sua defesa. É assim que ele mostra o amor que sente pela senhorita.

E se não for esse o tipo de amor de que preciso?, pensei.

O Sr. Kadam prosseguiu:

– Kishan era o oposto na batalha. A vitória era mais importante para ele do que a maneira como vencia. Ele também protegia aqueles a quem amava e também seguia para a linha de frente, mas seu propósito era se desafiar, liderar os outros guerreiros e inspirá-los. Tanto Ren quanto Kishan mudaram muito com o passar dos anos. Eles amadureceram, tornando-se homens melhores. Kishan está menos autocentrado. Não tenta mais vencer a qualquer custo e aprendeu que a vitória de sua equipe pode ser uma vitória dele, mesmo que não

maneje a espada.

– Hum...

– Os sonhos de Ren se voltaram para dentro. Antes, ele enfrentava exércitos, lutava pelo seu povo e buscava a paz para seu país. Agora ele anseia por uma alma gêmea. Quer sua própria família e alguém para amar. – O Sr. Kadam juntou os dedos das mãos em um triângulo, fazendo uma pausa para ouvir o crepitar da madeira queimando. – Os dois homens a amam, cada um à sua maneira, da forma mais plena de que são capazes. Creio que a deusa Durga nutra de fato certo fascínio por Kishan, porque ela reconhece uma alma afim. Ela é muito parecida com o que ele era. Durga é uma guerreira por excelência, e ela o desafiou ao levar a espada ao pescoço dele. O antigo Kishan teria imediatamente aceitado o desafio, mas a sua mão no braço dele o conteve. Eu não veria isso como motivo para duvidar da afeição de Kishan por você.

– Obrigada – falei e sorri.

O Sr. Kadam apertou meus dedos no momento em que os irmãos se aproximaram.

Kishan se sentou perto do fogo e me puxou para seus braços.

– Hora da nossa história para dormir. Sobre qual deus grego vamos ouvir esta noite?

Acaricieei seu braço e dei um sorriso debochado, provocando-o.

– Acho que hoje vou lhes contar sobre os muitos casos de Zeus com mulheres mortais e como sua esposa, Hera, punia todas elas.

Ren reprimiu o riso enquanto Kishan se encolheu. Mas ficou quieto, determinado a cair novamente em minhas graças, e disse com carinho:

– Irei me esforçar para me manter atento a cada palavra que passar por *seus* lábios, minha deusa.

Eu lhe dei uma cotovelada, mas ele apenas riu.

– E não se esqueça disso, meu amigo.

– Não vou, amor – sussurrou ele e beijou minha orelha.

Ren parou de rir e resmungou:

– Vamos logo com a história.

Durante meu dramatizado castigo verbal sobre homens infiéis, o Sr. Kadam retirou sua espada samurai do estojo de veludo e ficou polindo-a à luz do fogo.

As toras de madeira tinham se transformado em ardentes pedaços de carvão quando minha história se aproximou do fim. O Sr. Kadam fitava as chamas em silêncio, sua espada descansando no colo. Quando concluí com as palavras “E é isso que acontece quando os cônjuges traem”, ouvimos uma voz familiar e distorcida.

– Devo dizer que sua escolha de histórias para dormir vem a ser muito profética esta noite. Você é uma mulher de muitos talentos, minha querida.

Meu coração voou para a garganta, e eu agarrei o braço de Kishan. Graças a Ren e a Kishan eu aprendera a permanecer calma ao confrontar criaturas perigosas, e tinha orgulho de minha capacidade de reação imediata. A única exceção à regra havia acabado de surgir na luz do fogo e me fitava, faminta.

Lokesh havia nos encontrado.

Ren e Kishan se puseram de pé num salto, pegando suas armas. O Sr. Kadam estendeu o braço para tocar nós três – e então todo movimento parou. Senti meu corpo dar uma guinada. Estava sendo sugada para alguma coisa, de dentro para fora. Minhas moléculas estavam sendo espremidas com força e minhas entranhas giravam em direção a um vácuo. De repente, tive a impressão de que meu corpo estava sendo comprimido como um arquivo de dados e de que eu era empurrada na direção de um ralo com uma força de sucção tão forte que eu não conseguia oferecer resistência. Em um segundo, eu rodopiava em um vácuo negro. Então uma luz minúscula penetrou a escuridão.

Com um estalo perturbador, eu me materializei perto de Kishan, atrás de uma linha de arbustos espessos, a uns oito metros de nosso acampamento. O Sr. Kadam sorriu e retirou a mão de meu ombro.

– O que... o que acaba de acontecer? Como viemos parar aqui? – perguntei, desorientada.

– Eu nos desloquei através do espaço – replicou o Sr. Kadam. – Não há muito tempo para explicações. – Ele apertou o ombro de Ren; então pôs a outra mão no de Kishan. – Meus príncipes, meus filhos, vocês confiam em mim desde muito jovens, e eu lhes peço que me ofereçam sua confiança mais uma vez. Vocês precisam fazer algo por mim e devem obedecer minhas instruções com exatidão. Farão isso?

Ren e Kishan assentiram. O Sr. Kadam continuou:

– Em nenhuma circunstância, saiam deste local até que Lokesh se vá. Não importa o que vejam ou ouçam, vocês *não devem interferir!* Quero que me façam o juramento do guerreiro.

O Sr. Kadam segurou a mão de ambos. Juntos, eles repetiram um mantra que eu nunca ouvira antes.

– Seu na vida, seu na morte. Juramos respeitar a sabedoria de nossos líderes, permanecer vigilantes em nosso dever, exibir bravura diante da morte e demonstrar compaixão da mesma maneira que a desejaríamos para aqueles que amamos.

Então, simultaneamente, Kishan e Ren tocaram a testa na do Sr. Kadam.

Solene, ele disse:

– Sua responsabilidade é Kelsey. Lokesh não deve encontrá-la. Protejam-na a qualquer custo. Pensem apenas nela e bloqueiem tudo o mais. Essa é a única maneira de derrotá-lo. Independentemente do que aconteça, se quiserem me honrar, é isso que devem fazer.

Com essas palavras, o Sr. Kadam desapareceu no ar.

– O que está acontecendo? – sussurrei, muito mais que amedrontada.

Nesse momento, ouvimos vozes carregadas pelo vento vindas do outro lado dos arbustos. Ren se aproximou da vegetação, e espiamos nosso acampamento através dos galhos espessos. O fogo ao lado do qual estávamos havia poucos momentos crepitava outra vez. E diante das chamas que dançavam encontravam-se o Sr. Kadam e Lokesh.

Eu me levantei, mas, antes que pudesse dar um passo, Ren e Kishan me puxaram para o chão.

– O que vocês estão fazendo? Precisamos ajudá-lo! Estamos com todas as armas!

– Fizemos a ele o juramento do guerreiro – sussurrou Ren.

– E daí?

– Não vamos quebrá-lo. Trata-se de um código entre guerreiros, e Kadam nunca o pediu a nós. Ele só é usado quando um plano precisa ser seguido sem desvio. Se uma só pessoa não cumprir o seu dever, todo o esforço se perde – explicou Kishan.

– Bem, ele não pensou nisso direito! O Sr. Kadam não está em seu juízo perfeito! – argumentei inutilmente.

Através dos arbustos, podíamos ver Lokesh com clareza. Abafei um arquejo. Metade de seu rosto parecia gravemente queimado e a pálpebra danificada estava caída. Parte do cabelo fora destruída pelo fogo. Existiam cicatrizes reluzentes em torno do pescoço, onde o havíamos estrangulado, e ele mancava levemente.

– Para onde os levou, meu amigo? Parece que você ainda tem alguns truques na manga – disse Lokesh numa voz áspera, quase desesperada.

– Para um lugar onde estarão seguros – respondeu o Sr. Kadam. Então ergueu sua espada samurai, soprou em sua superfície e deslizou o dedo ao longo da lâmina. – Sei que quer o amuleto. Ao contrário dos meus filhos, não tenho nenhuma outra arma para lutar contra você a não ser minha velha espada. Seja como for, vou lutar com a minha vida para protegê-los.

– Chegaremos lá no devido tempo. – Lokesh cobriu o amuleto do Sr. Kadam com seu olho bom e perguntou: – Gostaria de me falar sobre o poder de seu amuleto, de modo que possa ganhar mais alguns minutos de vida?

O Sr. Kadam deu de ombros.

– Ele proporciona um poder curativo. Pelo que ouvi, você já deveria estar morto. – Ele apontou para o rosto de Lokesh. – Parece que o seu poder não o cura tão bem quanto o meu.

Lokesh cuspiu na terra com raiva.

– Vamos fazer esse teste em breve. Como os tirou daqui?

– Gostaria de ter a oportunidade de conquistar meu pedaço do amuleto de forma justa? – contrapôs o Sr. Kadam. – Nada de amuletos, feitiçaria ou magia negra. Somente dois guerreiros lutando corpo a corpo, aço no aço, como se ainda fizessemos parte do mundo antigo.

Lokesh examinou seu oponente por um momento, e então, suavemente, com apenas um discreto toque de zombaria, disse:

– Você quer morrer como um guerreiro. Fui guerreiro por tempo suficiente para compreender seu pedido e simpatizar com ele. Eu lhe pergunto, porém: e quanto à sua capacidade de cura? Certamente, essa luta não seria justa.

– A cura não é instantânea. Desfira-me um golpe incapacitante e poderá facilmente remover meu pedaço do amuleto. Isto é, a menos que tenha medo de lutar com um velho.

– O medo não me motiva – declarou Lokesh, e espreitou a escuridão, focando exatamente onde estávamos sentados, como se considerasse suas opções.

Arquejei, e Ren me conteve sem emitir qualquer ruído.

– Envergonha-me dizer isto, velho amigo, mas creio que não sinto tanto entusiasmo quanto deveria em continuar esta conversa. Minha mente foi enfeitiçada, e não haverá descanso para mim... não até que a jovem Srta. Hayes e eu sejamos reconciliados. Creio que é melhor primeiro eu procurar minha noiva relutante e lhe ensinar uma lição. Ela está perto, meu camarada. Posso senti-la. Mas tenha certeza de que voltarei para lidar com você mais tarde.

Ele deu um passo na direção da selva, então parou quando o Sr. Kadam pôs em prática alguns movimentos com a espada enquanto o advertia:

– Você não vai encontrá-la facilmente.

Lokesh girou.

– Pelo contrário. Encontrei *vocês* nesta mata. Há algum tempo tenho espiões observando os templos de Durga. Ela está perto, e eu

não serei mais frustrado.

Arquejei de novo, e o som foi suficiente para fazer com que Lokesh e o Sr. Kadam parassem de falar e espiassem entre as árvores.

O Sr. Kadam brandiu a espada ameaçadoramente. Distraído, Lokesh voltou-se para observar.

– Você tem um toque de mestre, meu amigo.

O Sr. Kadam parou e ergueu a espada para que Lokesh pudesse admirá-la.

– É primorosa, não é?

– De fato. Muito bem, já que você está tão ávido por morrer para defender seus protegidos, vou satisfazê-lo. Além disso, vai ser delicioso ver a expressão no rosto de minha noiva quando eu lhe falar de sua morte.

O Sr. Kadam apontou a espada para Lokesh.

– Ela não será sua noiva. O destino dela é o meu filho. Você jamais a tocará novamente, seu demônio desprezível.

– Demônio? – Ele sorriu malignamente. – Gosto disso.

O Sr. Kadam fustigou a espada com rapidez e deixou um corte na face do adversário. Atônito, Lokesh ergueu a mão e tocou o sangue que pingava pelo rosto. Em um instante sua surpresa se transformou em fúria, e a ponta de seus dedos estalaram, desencadeando uma explosão contra o Sr. Kadam, cujo corpo turvou-se um pouco enquanto o poder o atravessava ineficazmente em ondas.

Frustrado, Lokesh convocou um terremoto, mas seu oponente permaneceu de pé. Lokesh ergueu as mãos no ar e balbuciou um estranho canto. Um estrondo balançou o chão diante dele e, um momento depois, uma espada negra ergueu-se no ar.

– Parece que afinal você terá sua morte de cavalheiro – zombou ele.

O Sr. Kadam sorriu, ergueu a espada e atacou. A espada de Lokesh era grossa e sólida, e apesar de ter a arma mais leve e mais longa, o Sr. Kadam parecia ter dificuldade em desviar os golpes de Lokesh. O clangor das lâminas soava estridentemente, atravessando o frio ar da noite. Eu podia ver a condensação da respiração dos dois homens enquanto eles se confrontavam.

O Sr. Kadam era o lutador mais elegante e rapidamente abriu ferimentos nos braços e no torso de Lokesh, que, no entanto, jogou sujo e usou seus poderes para tentar derrubar o adversário. Lokesh brandiu um golpe poderoso que abriu um corte profundo no ombro do Sr. Kadam. Com o braço ferido, ele passou a espada para a outra mão.

Gemi. Kishan me envolveu com os braços e pressionou o rosto

contra o meu.

– Ele pode usar ambas as mãos igualmente bem na batalha – sussurrou ele.

Eu estava aflita para ajudá-lo com meu poder do fogo, mas, como se lesse meus pensamentos, Kishan intencionalmente enroscou os dedos nos meus. Cada minuto passava devagar sem que nenhum dos dois homens fizesse um avanço. Os pequenos ferimentos não pareciam afetar Lokesh, e ele se lançava na luta como um touro que houvesse sido furado várias vezes. Sua atenção assassina estava centrada no Sr. Kadam, que nem recuava nem parecia influenciado por ela. Em vez disso, evitava agilmente a fera e continuava a cutucá-la.

Ren e Kishan ergueram a cabeça ao mesmo tempo e farejaram o ar.

– O que foi? – sussurrei.

– Felinos – respondeu Ren.

Um momento depois, uma dupla de grandes leopardos-das-neves passaram a poucos metros de nós. Eles pararam e levantaram as orelhas. Com um silvo prosseguiram pelo meio do mato e emergiram das árvores para rastejar atrás de Lokesh. Uma matilha de lobos entrou na clareira pelo outro lado e um urso negro passou perto do fogo, ergueu-se nas patas traseiras e rugiu ferozmente para o Sr. Kadam. Os lobos tentavam morder seus calcanhares e os felinos se agacharam, esperando o momento certo de atacar.

Lokesh riu e deu as boas-vindas a seus novos amigos. O Sr. Kadam arfava e constantemente saía e entrava em foco. Um leopardo saltou em suas costas. Ele se desvencilhou, e a criatura caiu, atrapalhada, no meio da matilha de lobos. O urso atacou, mas atravessou o corpo do Sr. Kadam, como se o homem fosse um fantasma. Apesar de sua recém-descoberta habilidade, quando se virou, notei marcas sangrentas de garras em suas costas.

– Precisamos ajudá-lo – insisti baixinho.

– Não – disse Kishan.

– Ele vai morrer.

Ren tocou o meu rosto.

– Ele quer que fiquemos escondidos. Precisamos confiar em seu plano.

Um lobo mordeu o calcanhar do Sr. Kadam. Ele o atravessou com a espada, mas passou a mancar depois disso. Lokesh andava a seu redor alegremente.

– Você se rende agora, velho?

– Não me renderei – respondeu o Sr. Kadam.

– Muito bem.

Lokesh avançou de maneira veloz, brandindo sua lâmina negra numa rápida série de golpes que fizeram o Sr. Kadam recuar de encontro ao urso. O animal arranhou a parte posterior da coxa do Sr. Kadam, e ele caiu, gritando. Sibilei entre dentes e agarrei o braço de Kishan, me solidarizando na dor ao recordar os ferimentos penosos que um urso me causara no mesmo lugar.

Com um grunhido, respirei fundo, me levantei e me preparei para correr até ele. Consegui enganar Kishan, mas não Ren. Ele me derrubou. Eu me contorci e lutei, empurrando-o com toda a minha força, porém não consegui escapar. As lágrimas jorravam dos meus olhos e eu implorava, mas os irmãos não me soltaram.

Em agonia por causa do meu fracasso e da traição dos homens que eu amava, chorei. Não conseguia mais ver o que estava acontecendo. Ouvi os rosnados dos lobos, um gemido de dor, o rugido do urso e o choque das espadas. Perturbado, Kishan enxugava minhas lágrimas e tirava o cabelo do meu rosto, mas Ren estava imóvel. A pressão de sua mão em mim era absoluta.

Ouvi o ruído de seixos batendo numa pedra, o retinir de uma espada e um uivo de dor, e então Ren estremeceu enquanto eu ouvia o inconfundível ruído de um corpo batendo no chão. Os olhos de Ren se encheram d'água. Ele abaixou a cabeça e silenciosamente deixou que as lágrimas rolassem.

O corpo de Kishan estava rígido, sua expressão, congelada. Tive um sobressalto ao ouvir a risada lasciva de Lokesh.

– Dói em mim vê-lo nesse estado, meu amigo. Mas eu sempre venço, você sabe. Que pena que não vai estar aqui para me entregar a noiva. Tenho certeza de que ela gostaria disso.

Ouvi o murmúrio de uma resposta, seguido por uma tosse molhada.

– A obstinação deve ser de família – replicou Lokesh. – Ainda assim você acredita que irá vencer. Dadas as atuais circunstâncias, sua confiança talvez seja um pouco excessiva. No entanto, tenho que lhe dar algum crédito. Você conseguiu me fazer sangrar mais do que eu havia previsto.

Agarrei a camisa de Ren e me ergui para ver o que estava acontecendo. O Sr. Kadam encontrava-se caído perto do fogo, a espada atravessando-lhe o peito e prendendo-o ao chão. Ele ofegava, tentando respirar, e levou uma das mãos à espada.

Meus pulmões pararam e eu comecei a sentir falta de ar.

Entediado, Lokesh chutou com violência a perna ferida do Sr. Kadam.

– Isto é por me distrair do meu propósito.

Ele se inclinou sobre o corpo do Sr. Kadam e torceu a espada cruelmente. Um sorriso maligno se abriu em seu rosto quando o Sr. Kadam gritou de dor.

– E isto... é por amassar o meu terno.

O Sr. Kadam arquejou e disse entre espasmos de tosse.

– Então... pegue... o que você... veio buscar.

Suas palavras foram sumindo, e ele ergueu a mão ensanguentada até o cordão. Com um violento puxão, arrancou o amuleto do pescoço e o estendeu para Lokesh, cujos olhos se fixaram na peça com fascínio.

– Ele será a sua desgraça – proclamou.

No momento em que a mão de Lokesh se fechou em torno da pedra, ele e o amuleto desapareceram em um flash e as feras escapuliram para o mato. O Sr. Kadam desabou de volta ao chão. Juntos, nós três corremos para a clareira e caímos de joelhos ao lado de nosso amado mentor e pai.

– Kadam! Kadam! – gritaram Ren e Kishan em desespero.

O sangue escorria da boca do Sr. Kadam. Arranquei uma de minhas muitas blusas e a enrolei em torno da espada para tentar estancar o sangue que jorrava do ferimento.

– Kishan, cadê o *kamandal*? – gritei.

Kishan levou a mão à concha que costumava pender de seu pescoço – só para descobrir que não estava ali.

– Não entendo. Nunca a tiro do pescoço!

Enquanto ele destruía a barraca, rasgando a roupa de cama numa procura frenética pelo presente da sereia, desejei um copo d'água, levantei com cuidado a cabeça do Sr. Kadam e o levei aos seus lábios.

Pedi ao Colar que tornasse a encher o copo, mas Ren envolveu meu pulso com sua mão e me deteve.

– A espada perfurou o pulmão, Kelsey, e ele perdeu sangue demais. Sem o *kamandal*... não podemos salvá-lo.

Kishan voltou e caiu de joelhos ao meu lado.

– Sumiu. Não consigo encontrá-lo – murmurou ele, desesperado.

Ouvi uma tosse e um sussurro.

– Srta. Kelsey.

– Por favor, não me deixe – implorei. – Eu posso ajudá-lo. Só me diga o que fazer.

O Sr. Kadam ergueu a mão trêmula e acariciou meu rosto.

– Não há nada... que você possa fazer. Não chore. Eu estava... preparado para isso. Peguei o *kamandal*. Sabia que isso aconteceria. Era... nece... necessário.

– O quê? Como pode ser necessário que o senhor morra?

Poderíamos tê-lo ajudado, lutado com o senhor! Por que nos deteve?

– Se vocês estivessem aqui, a luta teria... sido diferente. Essa era... a única maneira de... derrotá-lo.

Fechei os olhos e lágrimas pesadas escoaram pelas pálpebras apertadas. Deixei escapar um arquejo e o Sr. Kadam tornou a sussurrar dolorosamente:

– Preciso lhe dizer... eu... eu amo você. Amo muito.

– Eu amo o senhor também – falei, chorando.

– Tenho muito orgulho da senhorita. De todos vocês. – Ele ofegou e olhou para Ren. – Vocês precisam prosseguir. Ter... terminem o que começamos. – Debilmente, ele agarrou o braço de Ren. – Ren, você precisa... encontrá-lo – disse o Sr. Kadam. – Encontre-o no... passado.

Ren assentiu e soluçou abertamente. Lágrimas escorriam pelo rosto de Kishan.

O Sr. Kadam fechou os olhos. Sua mão despencou para o chão, e ele sorriu para mim fracamente. Fiquei ouvindo o barulho molhado em seus pulmões enquanto ele inspirava e expirava, uma vez, duas vezes, e então não mais. O homem que era nosso amigo, conselheiro, mentor e pai se foi. Sua vida havia sido perdida por uma causa que não compreendíamos.



Um adeus

Uma dor lancinante cresceu em meu interior e transbordou, deixando-me vazia, oca, uma versão arruinada de mim mesma. Todas as minhas perguntas sobre nossa missão e as estranhas palavras do Sr. Kadam se dissolveram e escorreram para os recessos sombrios da minha consciência.

Peguei a mão inerte do Sr. Kadam e fiquei acariciando-a repetidas vezes, tentando convencer seus dedos a agarrarem os meus. Porém eles não se moveram. Delicadamente, Kishan me abraçou e tentou me oferecer consolo, mas eu me mantive ali sentada, rígida, olhando o corpo do Sr. Kadam.

Ren arrancou a espada do peito do Sr. Kadam e arremessou com violência a repugnante arma na selva. Então caiu de joelhos e enterrou o rosto nas mãos. Nós três ficamos assim até ouvirmos um ruído repetitivo vindo do céu.

Confusa, perguntei-me por um breve momento se não era uma ave estinfaliana, mas súbitas rajadas de vento sacudiram as árvores e a luz de um holofote alcançou o chão. Olhei para cima e vi o contorno escuro de um helicóptero pousando. Passos correram em nossa direção, e Nilima se jogou no chão ao meu lado, gritando de dor e tristeza. Embalando a cabeça do avô em seu colo, ela se balançava para a frente e para trás. Depois de algum tempo, a noite voltou a ficar silenciosa.

Kishan e Nilima conversaram baixinho em híndi. Os dois percorreram o acampamento, reunindo nossos pertences e guardando-os no helicóptero. Kishan pegou o Lenço em nossa mochila. Ternamente, posicionou os braços do Sr. Kadam sobre o peito, tocou-lhe a testa e murmurou palavras ao material tremeluzente.

Lentamente, o Lenço se retorceu e lançou fios escuros que envolveram o corpo do Sr. Kadam. Em meio a uma névoa mental, eu o vi criar uma mortalha. Quando estava pronta, Kishan sacudiu Ren para chamar sua atenção. Ele falou em híndi, e, juntos, ergueram o corpo do velho mentor.

Ouvi o motor do helicóptero voltar a funcionar. Sabia que

precisava me mexer, mas não parecia capaz. Quando Ren se ajoelhou diante de mim, as lágrimas brilhando em seus olhos, senti que as minhas voltavam a afluir. Joguei meus braços em seu pescoço e ele me puxou para o seu abraço, chorando comigo por um instante antes de me carregar para o helicóptero. Ainda bastante emotiva, Nilima ajustou os instrumentos, enxugou os olhos e decolou.

Enquanto subíamos na direção do céu noturno, eu fitava com desânimo a forma embalada a nossos pés. Ren me abraçava e esfregava minhas costas, porém seu toque não conseguia me impedir de tremer. Em algum momento daquela longa jornada para casa, ele assumiu a forma de tigre e descansou a cabeça em meu colo. De vez em quando grunhia baixinho, com pesar. Enterrei o rosto em seu pelo e agarrei seu pescoço. Ritmicamente, afaguei-o sem parar, e encontrei consolo para minha tristeza ao confortar meu tigre. Por fim, adormeci.

Quando pousamos no campo de treinamento perto da casa, eram duas da madrugada. Ren e Kishan carregaram o corpo amortalhado do Sr. Kadam para o *dojo* enquanto Nilima e eu subíamos a escada. Desabei na cadeira mais próxima, como uma boneca quebrada, e, quando ela me trouxe água gelada com limão, recomecei a chorar.

Os rapazes voltaram no momento exato em que a campainha soou. O velho piloto do Sr. Kadam, Murphy, que nos trouxera do acampamento dos baigas, estava parado na soleira da porta.

– Desculpe-me por aparecer agora, mas Kadam me pediu que chegasse a essa hora exata – explicou Murphy. – Há algumas semanas ele me deu instruções detalhadas para vir aqui e entregar uma carta. Disse que depois eu deveria levá-los de avião a outro lugar. Está tudo bem?

– Por favor, o senhor não quer entrar? – perguntou Nilima, entorpecida. – Receio que o Sr. Kadam esteja... esteja morto.

O rosto de Murphy se contraiu, e, com a mão trêmula, ele entregou a Ren um envelope trazendo a familiar letra do Sr. Kadam.

Todos nos sentamos na sala, enquanto Ren corria os olhos pela carta e lia:

– “Gostaria de ser colocado em um caixão simples de madeira e enterrado perto dos pais de Ren e Kishan. Um terno passado encontra-se pendurado no armário da entrada.” – Ren fez uma pausa. – Ele fala de forma tão pragmática da própria morte.

Nilima deu tapinhas na mão de Murphy, que lhe segurou os dedos e disse:

– Sinto muito, senhorita. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, por favor, me diga. Ele era um homem extraordinário.

– Sim, era.

A voz dela falhou, e então ficamos sentados em silêncio.

O tempo desacelerou. Minha mente estava enevoada, e eu me deixei ficar ali entorpecida, pesada e tomada pela dor, mal ouvindo o restante da carta do Sr. Kadam. Ergui os olhos quando Kishan se ajoelhou ao lado da minha cadeira e fez um carinho no meu rosto.

– Murphy vai nos levar de avião à selva onde nos conhecemos – disse ele suavemente. – Na carta, Kadam escreveu que seu caixão já está lá. Ele queria ser enterrado perto do jardim de Deschen, de modo que fosse lembrado no ponto de partida do círculo de nossas vidas. Não sei bem o que isso significa, mas vamos honrar seus desejos. Se não quiser, não precisa ir. Prefere ficar aqui?

Sacudi negativamente a cabeça.

– Não. Quero ir, mas preciso encontrar algo mais apropriado para usar no funeral dele.

De alguma forma consegui subir a escada e lavar o rosto e as mãos. Fui até o closet e descartei várias peças de roupa. Com raiva, saí revirando tudo, arrancando roupas de cabides e lançando-as violentamente do outro lado do quarto. Rasguei a embalagem plástica de roupas novas, então enrolei as saias em bolas e arremessei-as contra a parede.

Quando isso já não me satisfazia, passei aos sapatos. Pegava os mais pesados e os lançava. Cada um deles batia na parede com uma pancada gratificante. Quando acabou minha munição, usei os punhos. Soquei a parede repetidamente até rasgar a pele dos nós dos dedos. Lágrimas desciam pelo meu rosto, e eu desabei de dor sobre o monte de sapatos.

Uma sombra cobriu o meu corpo.

– O que eu posso fazer? – perguntou Ren.

Então sentou-se no chão do closet e me puxou para seu colo.

Funguei.

– Não tenho nada para vestir.

– Estou vendo. Alguém destruiu seu closet enquanto estávamos fora.

Ri entre as lágrimas, e então solucei.

– Eu... eu já lhe falei sobre o enterro dos meus pais? Eu quis fazer o elogio fúnebre. Ia falar sobre minha mãe e meu pai, mas, quando chegou a hora, não consegui dizer uma única palavra.

Ele enxugou minhas lágrimas com a ponta dos dedos.

– É pedir muito de uma adolescente traumatizada.

– Eu *queria* fazer aquilo. Queria que todos no enterro soubessem que tive ótimos pais. Queria que soubessem quanto eu precisava deles. Como eram importantes para mim. Queria que eles soubessem que eu os amava.

Ele afastou o cabelo de meu rosto molhado e o prendeu atrás da minha orelha.

– Quando chegou a hora, desabei. Fiquei lá olhando aqueles dois caixões e não consegui dizer nada. Eles mereciam mais do que aquilo. Mereciam ser lembrados, amados e homenageados, e eu os decepcionei.

– Tenho certeza de que eles não teriam pensado assim.

– Aquela era a última coisa que eu podia fazer para honrá-los, e eu estraguei tudo. Não quero fazer o mesmo com o Sr. Kadam.

– Kells – ele suspirou –, você honra seus pais a cada dia da sua vida. Não precisa fazer um discurso para mostrar quanto os amou. Eles não iam querer que você carregasse esse fardo por todo esse tempo. Eles a amavam. Kadam também a amava. Não tem que fazer um belo discurso ou usar o vestido perfeito. Você os honra vivendo, sendo a mulher maravilhosa que é.

– Você sempre sabe a coisa certa a dizer, não é? Obrigada – sussurrei enquanto agarrava meus sapatos.

Ren roçou os dedos pelo meu maxilar e saiu.

Tomei um banho rápido e esfreguei o rosto inchado e manchado pelas lágrimas. Depois me vesti, enrolei o cabelo em um coque na nuca e descí a escada. Ren e Kishan também haviam tomado banho e trocado de roupa. Os dois usavam camisa social e gravata, e, embora fôssemos para a selva, suas roupas mais formais pareciam apropriadas.

Kishan guiou o carro que nos levou ao aeroporto particular a alguns quilômetros da casa.

Quando embarcávamos no velho avião turbo-hélice, Murphy inclinou-se sobre os controles e disse:

– Kadam amava este velho avião. É um Lockheed Electra 10E usado na Segunda Guerra Mundial. Uma vez ele me disse que Amelia Earhart fez sua famosa última viagem em um destes.

O fato curioso me fez sorrir e me lembrar de quanto o Sr. Kadam gostava de partilhar cada pequeno detalhe de seus brinquedos mecânicos. Mas meu sorriso desapareceu quando olhei para Nilima, à nossa frente. A morte do Sr. Kadam claramente a havia afetado de maneira terrível. Seu cabelo pendia emaranhado em torno do rosto manchado de lágrimas e alguma coisa em que ela se encostara deixara

marcas de graxa em sua linda blusa branca. Ela descansou a cabeça, recostando-se, e fechou os olhos.

Murphy nos elevou ao ar suavemente, e, com o zumbido dos motores e a montanha-russa emocional das últimas 24 horas, não demorou muito para que eu resvasasse rumo a um sonho escuro e confuso.

No sonho, um jovem Lokesh encontrava-se sobre um monge, torturando-o para arrancar informações dele.

– Me fale do amuleto, velho – ameaçava Lokesh, desesperado.

O monge gritava.

– Por favor! Eu lhe imploro misericórdia!

– Misericórdia será dada quando me contar o que desejo ouvir.

O homem enfraquecido assentiu e disse:

– Alguns séculos antes do nascimento do meu mestre, houve uma grande guerra. Todos os reinos poderosos da Ásia se uniram para lutar contra um demônio. Uma deusa surgiu com suas duas faces: uma era escura e linda, e a outra era clara e mais gloriosa que o sol. Ela guiou os exércitos da Ásia contra os exércitos do demônio. Os da Ásia saíram vitoriosos, e, por isso, a deusa abençoou cada reino com um presente.

– O que isso tem a ver com o amuleto? – gritou um impaciente Lokesh, e torceu o pulso do homem cruelmente.

– Deixe-me... deixe-me explicar – arquejou o homem. – A deusa tirou o amuleto de seu pescoço e o quebrou em cinco pedaços. Ela deu um para cada rei e os advertiu a manter secreta sua origem e usar seu poder para ajudar e proteger o povo. Foram instruídos a passá-lo dentro da própria família para o filho mais velho.

– E que reinos lutaram nessa batalha?

– Os cinco que se reuniram foram os povos do...

O sonho terminou de repente quando Ren me sacudiu para que eu acordasse.

– Estamos pousando – murmurou ele.

Olhei pela janela e só vi a selva densa lá embaixo.

– Pousando onde? – perguntei.

O avião descreveu uma curva e Ren apontou por uma das janelas.

– Ali.

O sol da manhã cintilou em meus olhos, cegando-me por um instante, mas nesse momento o avião se inclinou para a direita e vi o brilho do rio e uma pista de terra abaixo de nós. Sabia que o rio acabaria por nos levar a nosso antigo acampamento perto da

cachoeira de Ren, mas eu não me lembrava de ter visto a pista antes.

– De onde veio isso? – perguntei.

– Não tenho ideia – respondeu Kishan. – Conheço esta selva como a palma da minha mão e nunca houve nenhuma clareira ali, muito menos um espaço longo o bastante para pousar um avião.

– Segurem-se, todos – avisou Murphy. – Vamos enfrentar alguns solavancos.

Ele circulou a selva mais uma vez e começou a descida. A barriga do avião roçou na copa de algumas árvores quando mergulhamos. No momento em que as rodas tocaram o chão, a velha aeronave roncou e balançou como se fosse se desmantelar. Murphy, porém, pousou com segurança, e desembarcamos.

O Sr. Kadam deixara instruções para que Ren e Kishan cavassem seu túmulo no jardim. Eles carregaram solenemente o corpo envolto na mortalha morro abaixo, enquanto Murphy, Nilima e eu encontrávamos um lugar à sombra para esperar.

– Essa é a coisa mais doida de que já ouvi falar – comentou Murphy. – Por que diabos ele iria querer ser enterrado no meio do nada? Simplesmente não entendo.

Dei tapinhas tranquilizadores no braço de Murphy, mas nada disse, enquanto tentava convencer Nilima a beber um pouco de suco. Estava fazendo calor. Mesmo em dezembro a selva era mais quente que a maioria dos dias de verão no Oregon. Havíamos ido do inverno no Himalaia a uma zona tropical em menos de 24 horas.

Murphy continuou a falar. Ele parecia quase capaz de levar a conversa inteira sozinho, o que era bom, pois Nilima estava praticamente muda.

– Vocês sabiam que conheci Kadam na China, na Segunda Guerra Mundial? Eu era da marinha nessa época, e fazia parte dos Tigres Voadores. Tínhamos ido para lá antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, como parte do Grupo Voluntário Americano. Durante o conflito, Kadam nos ajudou em algumas situações difíceis. Às vezes servia de intérprete para nosso comandante, o velho Chennault. Kadam era proprietário da empresa que abastecia nossa aeronave, a Curtiss P-40s, e tinha nos visitado várias vezes para fazer perguntas aos pilotos a fim de melhorar o desenho dela. O intérprete a que costumávamos recorrer estava ausente um dia e Kadam o substituiu. Depois disso, ele fazia questão de parar no quartel todas as vezes que estava de passagem.

Ninguém tinha forças para interrompê-lo.

– Ele sempre brincava comigo, me chamando de diabinho,

principalmente por eu estar no esquadrão dos Hell's Angels, os Anjos do Inferno, mas também porque eu era um garoto de 18 anos muito inexperiente e obcecado por voar. Tínhamos isso em comum. Nunca vi um homem mais apaixonado pela aviação.

– Você o conhece há muito tempo – sussurrei.

– Sim. Fizemos amizade rapidamente. Depois da guerra, voltei para os Estados Unidos. Imagine meu choque quando ele me encontrou algumas décadas mais tarde. Estava exatamente como eu me lembrava dele. Disse que recrutava pilotos para uma nova companhia aérea, a Linhas Aéreas Tigre Voador. Não hesitei. Durante todo aquele tempo, o homem não envelheceu um só dia. Muitas vezes perguntei a ele qual era o seu segredo, mas ele nunca me contou.

Ergui os olhos para Murphy, surpresa e incerta sobre aonde aquela conversa nos levaria, mas o gentil piloto simplesmente riu e continuou tagarelando.

– Ah, há muito tempo aprendi a não fazer muitas perguntas a Kadam. Ele era um homem cheio de segredos, porém o mais decente que já conheci. Pensei que meu velho esqueleto fosse descansar muito antes do dele.

Quanto mais Murphy falava, mais eu recordava minhas próprias experiências com o Sr. Kadam. A incessante tagarelance de Murphy pareceu até animar Nilima um pouquinho, e, antes de que nos dessemos conta, Ren e Kishan voltaram para nos buscar.

Kishan pegou minha mão e me ajudou a ficar de pé.

– A terra estava macia e praticamente se cavou – sussurrou ele. – Foi muito estranho.

Ren e Kishan carregaram o caixão do Sr. Kadam, e seguimos em uma lenta procissão até o local do túmulo. A primeira coisa que distingui foi a velha cabana. Dava para ver que devia ter sido bonita muito tempo atrás. Ligava-se a outra construção por uma passarela gasta que se erguia do solo da selva sobre grossos troncos de árvores. Embora houvesse buracos nos telhados, onde pássaros faziam ninho, pude notar que o trabalho com as telhas no passado fora primoroso.

O pequeno jardim era cercado por mangueiras. Acima de nós, macacos tagarelavam ruidosamente. Embora dormentes no inverno, vi meloeiros encolhidos e até encontrei um aglomerado de abóboras passadas, apodrecendo.

O caminho descrevia uma curva, e engoli em seco quando paramos ao lado de uma cova vazia. Ren e Kishan haviam removido a mortalha e colocado o corpo do Sr. Kadam em um caixão simples de madeira. Ele parecia distinto e em paz em seu terno, e, com um sobressalto,

percebi que era o mesmo terno que usava na primeira vez em que nos vimos, no circo. Sem poder mais olhar para ele, dei um passo para o lado e rocei os dedos por grandes lápides. Trepadeiras se esgueiravam pelas pedras tumulares. No solo havia um tapete espesso de samambaias, e a copa das árvores altas protegia do sol o local do velho túmulo. Era um lugar tranquilo, pacífico. Na sombra, o ar era fresco e uma brisa fazia tremerem as folhas acima de nossas cabeças.

– Este é o túmulo do meu pai. Kadam deve ter colocado essas lápides recentemente. As antigas já se transformaram em pó há séculos – disse Kishan, abaixando-se para traçar com os dedos a escrita sânscrita.

– O que diz? – sussurrei, admirando a flor de lótus esculpida.

– Diz: “Rajaram, amado marido e pai, rei esquecido do Império de Mujulaain. Governou com sabedoria, zelo, bravura e compaixão.”

– Como o seu selo.

– Sim. A lápide, na verdade, é uma réplica, se você olhar mais de perto.

Ajoelhando-se no túmulo da mãe, Ren leu:

– “Deschen, esposa e mãe muito amada.”

Os dois prestaram uma homenagem silenciosa à mãe enquanto eu pensava em meus próprios pais. Olhando para a cabana na colina, perguntei-me se os espíritos de Deschen e Rajaram haviam tomado conta de sua velha casa e de seus filhos todos esses anos. Saber que o Sr. Kadam seria sepultado naquele lindo cenário era de certa forma reconfortante. O lugar dele era ali.

– É lindo aqui – observei baixinho.

– É, sim – concordou Kishan. – Mas encontramos algo estranho quando cavávamos.

– Ossos de *tigre* – acrescentou Ren.

Ossos de tigre? Vou ter que me lembrar de perguntar ao Sr. Ka... ah. Por um breve instante, eu havia me esquecido. Meus olhos se encheram de lágrimas. Respirei fundo, sabendo que era a hora.

Ren tocou o meu rosto.

– Está pronta?

– Estou – respondi quase sem voz.

Ren assumiu o comando e perguntou a Murphy se ele gostaria de dizer alguma coisa. Murphy fez que não com a cabeça e limpou o nariz com um lenço, assoando-o ruidosamente.

– Ele... ele já sabia o que eu sentia por ele – disse o piloto.

Nilima também recusou a oferta, erguendo os olhos angustiados para nós e sacudindo a cabeça em silêncio.

Foi Kishan quem deu um passo à frente e disse:

– Sua morte foi a de um guerreiro. Você entregou sua vida a seu rei, seu país e sua família. Hoje nós lhe prestamos uma homenagem, nesse momento em que assume seu lugar entre nossos antepassados. Fomos muitíssimo afortunados, tendo recebido seus ensinamentos em todas as áreas. Você foi nosso conselheiro, nosso exemplo, nosso soldado de maior confiança e nosso pai. Honro seus feitos. Honro sua lealdade. Honro sua generosidade de espírito. Lutar ao seu lado e viver em sua presença foi um privilégio. Que sua alma alcance o descanso da fadiga terrena e encontre a paz. Não ficamos aqui desolados sem você, pois permanecerá sempre em nossas mentes e nossos corações.

Kishan recuou um passo e Ren apertou minha mão. Era minha vez. Enxuguei as lágrimas do rosto e comecei com um poema:

À CASA TROUXERAM MORTO SEU GUERREIRO

Alfred, Lorde Tennyson

À casa trouxeram morto seu guerreiro:

Ela não desmaiou, nem emitiu ruído:

Suas damas todas disseram bem ligeiro:

Ela deve chorar ou seu fim será doído.

Então o enalteceram, como num breviário,

Chamaram-no digno de ser amado,

Amigo de confiança, nobre adversário;

Ainda assim, ela ficou imóvel e calada.

Levantou-se uma dama do lugar,

E para o guerreiro se encaminhou,

Removeu-lhe o véu do rosto devagar;

Ainda assim, ela não se moveu nem chorou.

Ergueu-se uma aia de noventa anos,

Pôs-lhe no joelho o filho dele em segurança

E as lágrimas lhe vieram em oceano

Por ti eu vivo, minha doce criança.

Nilima chorava baixinho ao lado de Kishan enquanto eu prosseguia:

– É muito difícil para mim expressar meus sentimentos, assim como

para a garota do poema. Sr. Kadam, o senhor foi meu segundo pai e eu me sentia tão ligada ao senhor quanto ao meu pai de verdade. – Engasguei, e minha voz falhou. Então sussurrei: – Não sei como vou seguir adiante sem o senhor. Já sinto tanto a sua falta. Farei o melhor para ajudar seus príncipes, e sempre procurarei honrá-lo. Eu o amo.

Kishan passou o braço pelos meus ombros, e eu me entreguei a seu abraço, envolvendo-lhe a cintura. Ren deu um passo à frente e foi o último a falar.

– Kishan fez o elogio fúnebre de um guerreiro, e a ele acrescento o meu. Eu também lhe presto minhas homenagens, meu amigo e pai. Você foi firme na aflição e inabalável no apoio. Merece um memorial de herói. Humildemente, nós lhe oferecemos nossa admiração, nosso respeito e nosso amor.

Então Ren leu um poema que trouxera.

A CASA ABANDONADA

Alfred, Lorde Tennyson

*Vida e Pensamento foram embora
Lado a lado,
Deixando janelas e portões escancarados.
Ó inquilinos descuidados nessa hora!*

*Lá dentro tudo é negro como a noite:
Nas janelas não resta luz;
E nenhum murmúrio a porta atíça,
Antes tão frequente a dobradiça.*

*Fechem a porta; fechem as persianas;
Ou pelas janelas veremos em luto
A nudez e o vazio absolutos
Da escura casa abandonada e profana.*

*Saiam: nada mais de regozijo
Há aqui ou sons de alegria.
A casa, antes um seguro esconderijo,
Írá ruir e voltar ao solo em agonia.*

*Saiam: pois Vida e Pensamento
Não habitam mais aqui;
Numa cidade gloriosa, porém –*

*Uma cidade grande e distante –, compraram
Uma mansão indestrutível.
Quem dera ele estivesse conosco também!*

– Estamos enfraquecidos com sua morte, meu amigo, e só podemos rezar para que possamos continuar vivendo de uma maneira que o deixaria orgulhoso. Torço para que tenha encontrado sua mansão incorruptível, pois, se há alguém que merece tal lugar, é você.

Tremendo, vi quando Ren e Kishan se aproximaram do caixão para baixar a tampa. Num súbito impulso, pedi ao Lenço que me fizesse uma rosa de seda branca. Os fios se trançaram em minha mão e, ao terminarem, eu a coloquei cuidadosamente no interior do caixão. Então a tampa foi fechada, encerrando para sempre o rosto amado do Sr. Kadam.



Vozes dos que partiram

Deixei o local do túmulo me sentindo triste e pesada. Protegi os olhos para poder observar o telhado da velha cabana. Palmeiras, samambaias e árvores de troncos grossos e nodosos aglomeravam-se de tal maneira que dava para imaginar que no passado haviam sido meticulosamente dispostos com fins paisagísticos. Uma velha escada de madeira com rústicos corrimãos de galhos levava à casa da selva, e um deque construído com varas de bambu cercava a estrutura.

Enquanto Nilima e Murphy voltavam para o avião, limpei o pó do primeiro degrau e me sentei para esperar Ren e Kishan, tranquilizando meu coração ao jurar voltar a esse lugar depois de termos quebrado a maldição. Fiquei perdida em meus pensamentos até que ouvi o ruído de passos quando Ren e Kishan dobraram a esquina.

Tentando desviar nossa mente momentaneamente da perda, pedi ao Colar copos altos de água fresca, que bebemos em silêncio. Então eu lhes falei sobre o estranho sonho que tive no avião.

– O que vocês acham que ele significa? – perguntei.

– Não sei – disse Ren. – Talvez sua conexão com Lokesh tenha ficado mais forte desde que ele se apoderou do quarto pedaço do amuleto.

– Ou talvez o Sr. Kadam esteja enviando esses sonhos para ela – sugeriu Kishan. – Como na ocasião em que ela sonhou com ele depois de a resgatarmos.

– Prefiro pensar na última opção – comentei.

Ren se agachou diante de mim e tocou meu rosto.

– Eu também.

– Vamos descobrir o que significa, Kells – disse Kishan. Virando a cabeça na direção da casa acima de nossas cabeças, onde ele e a família haviam se refugiado após a maldição, ele indagou: – Gostaria de conhecer a casa? – Então tomou minha mão e me conduziu, subindo os velhos degraus. – Construímos esta escada para durar. Mas está precisando de manutenção.

Corri a mão ao longo do corrimão de madeira.

– Está em ótimas condições pela idade que tem.

A casa era feita de pranchas de madeira lisa. O desenho da estrutura era simples. Um tapete de bambu trançado cobria o chão e ao lado dele havia uma mesa e cadeiras esculpidas. No outro canto, via-se um conjunto de prateleiras com uma grande bacia. Tigelas feitas de cabaças escavadas encontravam-se ordenadamente empilhadas numa das prateleiras, e eu ainda podia ver os resquícios de uma toalha sobre a bancada de madeira.

Soprando as teias e a poeira de um objeto indefinido, descobri uma escova de cabelo com cabo de marfim esculpido.

– Gostaria de ficar com isto, se não se importar.

Kishan sorriu com gentileza e disse:

– Não me importo, *bilauta*.

– Você e Ren dormiam aqui?

Ele negou com a cabeça.

– Como éramos tigres o tempo todo naquela época, dormíamos na selva ou perto da escada, mantendo vigília à noite. Às vezes dormíamos na casa de Kadam, do outro lado. Quando caía uma tempestade forte, mamãe insistia para que dormíssemos dentro de casa com eles, mas na maior parte do tempo tentávamos dar um pouco de privacidade a nossos pais.

Ele pegou minha mão e seguiu para a porta.

– Acha que eles foram felizes aqui? – perguntei. – Afinal, deixar o palácio e suas riquezas e vir morar assim na selva...

Kishan parou ao lado da mesa e virou-se.

– Sim. Eles foram felizes aqui. – Ele ergueu a mão e deslizou os dedos delicadamente pelo contorno do meu rosto. – Quando você tem uma vida cheia de amor, não precisa de mais nada.

Perambulei pela sala devagar, pensando nos pais de Kishan, no Sr. Kadam e em tudo que ele tinha visto e vivido em sua longa vida. Eu mal conhecia uma fração. Havia tantas coisas sobre ele que eu queria saber. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. *Agora nunca vou saber.*

Kishan esperou pacientemente enquanto eu tocava cada item empoeirado.

– Você o ama, Kells?

– Sim – repliquei, sabendo exatamente a quem ele se referia.

– Você me ama?

– Sim.

– Tem certeza de que quer me escolher?

– Tenho.

Kishan sorriu.

– Ótimo. Prometo que vou dar o melhor de mim para fazer você

feliz – disse ele, e me abraçou.

Suspirei e recostei minha cabeça em seu ombro.

– Kishan... para que a gente dê certo, precisaremos deixar Ren. Não posso ficar com você da maneira que devo e ao mesmo tempo tê-lo por perto. É doloroso demais para todos nós.

Ele beijou minha testa.

– Então iremos embora. Depois que encontrarmos o quarto objeto, vamos embora.

– Você deixaria a Índia por mim?

– Num piscar de olhos.

Lentamente, deixei escapar um suspiro cansado. Quando deixávamos a casa, pus a mão no braço de Kishan.

– Gostaria de voltar aqui um dia. Quero plantar flores no túmulo do Sr. Kadam e limpar a mata em volta.

Kishan sorriu e beijou minha testa.

– Voltaremos quantas vezes você quiser.

Enquanto descíamos a escada, perguntei:

– Se você tivesse o material, acha que poderia consertar a casa?

– Por que quer fazer isso?

Ele saltou os últimos degraus quebrados e aterrissou suavemente.

– Seria bom ficar aqui às vezes – expliquei, pulando em segurança para o chão. – Este lugar é importante para você, para sua família. É o seu lar. – Brinquei com a coleira de couro que ele usava no pulso, a que eu lhe dera em Mahabalipuram. – Quero que você sinta que sua herança é lembrada e homenageada.

Ele me tomou nos braços.

– Você é o meu lar, Kelsey. Meu lugar é onde você estiver.

Encontramos Ren no pé da escada da frente, desbastando um graveto com uma faca antiga. Ele ergueu os olhos para nossas mãos entrelaçadas e franziu a testa.

– Encontrei a velha faca de caça de papai enterrada no chão.

– Ren, se você não achar ruim, gostaríamos de voltar aqui um dia e dar uma ajeitada nas coisas – falei, hesitante. – Tecnicamente, você é o proprietário, já que é o herdeiro.

Ele grunhiu e se pôs de pé abruptamente.

– Ser o herdeiro não quer dizer nada. – Seus olhos cravaram-se nos de Kishan. – Então vocês dois querem construir um ninho aconchegante. Os pombinhos precisam de um lugar para chamar de lar, não é?

Dei um passo em direção a ele.

– Ren, não.

– Não o quê, Kelsey? Não reaja? Não sinta? Não fale? Que coisa você *não* quer que eu faça?

– Ren, eu não quero brigar. Hoje, não. *Por favor.*

Ele ergueu os olhos marejados para o meu rosto e me estudou por um momento. Então, cansado, virou a cabeça.

– Façam o que quiserem com o lugar. Não importa. Nada mais me importa.

E se afastou na direção do avião.

Com a mesma rapidez da ida, Murphy nos levou de volta à casa de Ren e de Kishan. Os irmãos e eu nos demoramos na entrada da casa, despedindo-nos do velho piloto do Sr. Kadam. Por fim, seguimos para a cozinha, onde encontramos uma chorosa Nilima.

– Ele sabia que tudo isso ia acontecer! Kadam planejou tudo! – anunciou ela.

Apoiei a mão em seu ombro trêmulo.

– Do que você está falando? – perguntei.

Ela fungou ruidosamente e voltou-se para a mesa da cozinha. Apanhando um punhado de papéis e um envelope de papel pardo, sacudiu os documentos e gritou:

– Encontrei isto. Ele deixou para a gente. Planejou tudo!

Ren tocou o braço dela. Então examinou rapidamente os documentos e franziu a testa.

– Acho que deveria ler isto em voz alta, Kells. Você se importa?

O envelope de papel pardo havia sido enviado de um escritório de advocacia, em Mumbai, pelo serviço registrado dos correios. A primeira página era uma carta. Comecei:

Meus queridos,

Quando receberem esta carta, estarei morto. Sei que têm muitas perguntas às quais não pude responder antes, e ainda agora há muitas coisas que não posso partilhar com vocês. Como devem ter percebido, o amuleto que eu usava me curava de pequenos ferimentos, evitava doenças e me manteve vivo por séculos. Ele também tem mais poder do que pensávamos anteriormente.

O amuleto possui a capacidade de controlar o tempo e o espaço. Descobri esse, que é potencialmente o mais perigoso dos poderes, por puro acaso, quando tentei proteger Nilima no navio. O amuleto nos removeu fisicamente dali e nos lançou à deriva no cosmo.

Levei algum tempo para compreender o que havia acontecido conosco e

a aprender como controlar o amuleto. Também consegui apagar a lembrança de Nilima do acontecimento. Perdoe-me, minha querida, mas eu desejava que pelo menos um de nós se recuperasse da experiência e pudesse levar uma vida normal.

Durante aquele intervalo, pude ver o tempo se desdobrar diante de mim. Aprendi mais do Universo do que um homem deve saber. É um fardo terrível conhecer o futuro. Eu não queria isso para você, Nilima.

Se houvesse alguma maneira de garantir um resultado positivo sem a minha morte, eu não teria me sacrificado. Por favor, acreditem nisso. Eu teria preferido ajudá-los a finalizar a busca de Durga e teria adorado brincar com seus filhos, Srta. Kelsey. Eu não tinha nenhum desejo de deixá-los, mas foi necessário.

Caso eu sobrevivesse, um ou todos vocês teriam morrido. Eu não poderia deixar que isso acontecesse. Quando Lokesh pegou o amuleto, usei seu poder para enviá-lo ao passado, pois era para lá que ele estava destinado a ir. Mas isso não significa que ele tenha desaparecido para sempre nem que vocês estejam seguros e livres dele.

Também sei com toda certeza que sempre foi seu destino vencer Lokesh, e existe apenas uma forma de vocês realizarem isso: através do poder do tigre.

Esse poder foi destinado a dois valorosos filhos da Índia, e, embora eu não possa lhes dizer mais no momento, afirmarei que não sou capaz de pensar em nenhum homem mais digno ou mais corajoso que vocês dois. O destino escolheu bem. A vida de muitos foi confiada a seus cuidados. Ponderem bem suas ações. Ainda há muito trabalho a fazer.

Srta. Kelsey, deixo-lhe minha biblioteca. Todos os livros que possuo agora lhe pertencem. Esta biblioteca será o começo da sua própria coleção. Quer você os deixe aqui ou os leve quando se casar, eles são seus. A senhorita é uma filha para mim, e este presente não é nada se comparado ao que me deu.

Estude os livros que falam sobre a criação de Durga. Esse conhecimento irá ajudá-la na jornada. Cuide de Ren e de Kishan – ambos precisam de você – e guarde bem seu pedaço do amuleto. É o único objeto que protege o mundo contra Lokesh, e ele não se deterá diante de nada para tirá-lo da senhorita.

Quando vocês o conheceram, Lokesh ainda era mortal, mas no passado ele abraçou o mal e permitiu que sua alma apodrecesse na escuridão. Por meio da magia negra e de sua manipulação do amuleto, ele se transformou em um demônio e, embora vá perecer em suas mãos, não será neste tempo nem neste lugar. Para derrotá-lo, vocês precisam viajar ao passado e confrontá-lo no auge de seu poder.

Incluí aqui a tradução da quarta profecia para guiá-los em seu caminho. Nilima poderá levá-los para as ilhas Andaman, onde vocês procurarão a Cidade de Luz. Não tema a chama, Srta. Kelsey, pois, se estiver preparada, ela não a machucará. O objeto que vocês procuram se chama Corda de Fogo. Ele os transportará para o tempo e o lugar ao qual enviei Lokesh. Lá vocês encontrarão um guia que irá ajudá-los em sua batalha. Para usar a Corda, simplesmente pensem no tempo e no espaço para os quais vocês precisam ir e girem-na em um círculo. Um vórtice se abrirá, e vocês poderão saltar através do tempo.

Nilima deve ficar aqui e cuidar de todas as dificuldades que surgirão na empresa em decorrência de minha morte. Se ela viajar com vocês ao passado, morrerá. Ela não deve ir!

Eu queria poder estar com vocês. Queria poder dizer-lhes tudo. Mas garanto-lhes que vi seu futuro e sei que serão vitoriosos. Vocês vencerão o monstro. Contem uns com os outros; confiem uns nos outros. À sua frente estende-se uma vida repleta de amor e felicidade, para todos vocês.

Existe uma história sobre um rei e seu filho que pode lhes trazer algum conforto. Um oráculo previu que o rapaz morreria por uma picada de cobra no quarto dia de seu casamento. O rei, perturbado com essa notícia, jurou que o filho jamais se casaria e ensinou o príncipe a descobrir defeitos em todas as princesas cuja mão lhe era oferecida.

Os anos se passaram e então um dia, quando o rei estava ausente, uma jovem entrou de forma intempestiva no castelo e acusou o príncipe de ter prendido injustamente seu pai.

O príncipe ficou chocado. Nenhuma mulher jamais falara com ele daquela maneira. Seus olhos se fixaram na mancha de sujeira no rosto dela e no olho que era um tom mais azul que o outro. Mas, enquanto ela continuava a apelar para ele, aqueles pensamentos desapareceram, e ele logo percebeu a beleza de suas curvas, a luz em seus olhos e o brilho de seu cabelo preto.

O príncipe mandou que o pai dela fosse libertado. Em vez de oferecer sua eterna gratidão, a mulher fez uma rígida reverência, o que só fez com que o príncipe a amasse mais. Ele então declarou seus sentimentos por ela, que simplesmente zombou dele com desdém. No entanto, a persistência do rapaz acabou por vencer, e ela veio a amá-lo tão intensamente quanto antes o havia insultado.

Apesar dos receios do rei, os dois se casaram, e o rei contou à noiva sobre a previsão do oráculo. Na quarta noite de seu casamento, a noiva dispôs à vista cada peça de ouro, prata e joias que o casal possuía. Tanto ela quanto o príncipe mantiveram vigília a noite toda, à espera da serpente. Ela acendeu lamparinas, contou histórias ao marido e cantou para mantê-

lo acordado.

Tarde daquela noite, o deus da morte, Yama, chegou disfarçado de cobra, mas seus olhos ficaram enfeitiçados pelas luzes e pela riqueza empilhada no chão. Ele dançou ao ritmo das alegres canções e, ao raiar do dia, incapaz de cumprir a profecia, ele se foi, coleando.

Conto-lhes esta história por duas razões. Primeiro, quero que se lembrem de que, mesmo que seus pés tenham sido colocados em um caminho que não foi de sua escolha, vocês ainda têm a liberdade de decidir o próprio destino. Tudo o que quero é que sejam felizes. Esta história é um ótimo exemplo de como mudar o destino a seu favor.

Também quero que saibam que escolhi o meu destino e que não poderia ter desejado uma morte melhor nem ter mais esperanças de um resultado proveitoso. Não chorem por mim, mas pensem nas bênçãos de uma vida bem vivida.

Existe um ditado que diz: “Quando um pai dá ao filho, ambos riem. Quando um filho dá ao pai, ambos choram.” Vocês me deram muito, meus filhos. Tenho orgulho de vocês. Diversas vezes chorei ao pensar em deixá-los, mas sei que poderão prosseguir sem mim. Cuidem bem da Srta. Kelsey.

Vou deixá-los com um soneto. Talvez sua leitura traga alívio a todos.

SONETO XXX

William Shakespeare

Quando à corte silente do pensar
Eu convoco as lembranças do passado,
Suspiro pelo que ontem fui buscar,
Chorando o tempo já desperdiçado,
Afogo o olhar em lágrima, tão rara,
Por amigos que a morte anoiteceu;
Pranteio dor que o amor já superara,
Deplorando o que desapareceu.
Posso então lastimar o erro esquecido,
E de tais penas recontar as sagas,
Chorando o já chorado e já sofrido,
Tornando a pagar contas todas pagas.
Mas, amigo, se em ti penso um momento,
Vão-se as perdas e acaba o sofrimento.

Pensarei sempre em vocês, meus queridos amigos. Até um dia.

– Anik Kadam

Como se em um silencioso tributo, Ren e Kishan assumiram a forma de tigres. Minha mão tombou no colo e fiquei olhando fixamente, calada, pela janela da cozinha. Nilima chorava baixinho.

– Por que ele não me contou? Eu poderia ter dividido esse fardo com ele – declarou ela, emocionada.

– Ele não queria isso para você – repliquei, fazendo-lhe um carinho nas costas. – Não queria isso para nenhum de nós.

Recolhendo os papéis, li a tradução que o Sr. Kadam fizera da quarta profecia.

Chamas dos céus a nascer,
Pôr do Sol e Amanhecer,
Aguardam vocês com ardor.
Pela cratera desçam
E qilins defendam
Enquanto rakshasas buscam sua dor.
Quando Bodha estiver perto,
Aquilo que vocês temem decerto
Ameaçará parti-los em dois.
Mas com armadura e espada,
A recompensa será encontrada
E feitiços de ilusão serão desfeitos depois.
Os Lordes do Fogo
Conspiram num jogo
Para afastá-los do que precisam.
Um chicote que incinera
Do esconderijo de Quimera
É um prêmio a que não renunciavam.
Então, quando vocês tiverem vencido
E a sua tarefa cumprido,
É hora de voltar para trás.
Ao se aproximarem do destino,
Aniquilem os inimigos

E à Índia por fim trazem a paz.

– Tem uma nota presa à profecia. – Eu li em voz alta:

Compilei esta lista do que acredito que vocês enfrentarão nesta última jornada. Primeiro, devem ir para as ilhas Andaman, onde tomarão um barco para a ilha Barren, uma minúscula ilha vulcânica que tem apenas três quilômetros de diâmetro. Vocês encontrarão instruções de como encontrar a ilha Barren no GPS que instalei na embarcação.

Assim que chegarem à ilha, subam ao topo do penhasco e então desçam à cratera. Vocês devem seguir com cuidado. Esse vulcão está ativo, e o penhasco é íngreme. Ele teve uma erupção ainda este ano. A ilha não é habitada por humanos, mas haverá outras criaturas que não são deste mundo. Vocês devem enfrentar a chama para entrar em Bodha, uma lendária Cidade de Luz que se encontra no centro da Terra.

Não se sabe muito sobre a cidade e seus habitantes, mas existe um relato, escrito por Willis George Emerson, a respeito de um marinheiro norueguês perdido que encontrou a entrada para a cidade subterrânea em uma caverna no polo norte. A história de Júlio Verne, Viagem ao centro da Terra, também faz lembrar Bodha. Nesse caso, o aventureiro, através de dutos vulcânicos na Islândia, viajou ao centro da Terra e encontrou um mundo perdido.

Algumas das outras criaturas que vocês devem encontrar nessa jornada, segundo a profecia, são qilins e rakshasas. Um qilins é uma criatura da mitologia chinesa que tem a cabeça de um dragão e os chifres de um cervo, e é coberta por escamas de peixe. Diz-se que é gentil e simboliza boa sorte. Rakshasas são canibais que mudam de forma e usam magia e ilusões para capturar suas presas. Eles são guerreiros e difíceis de matar. E possuem garras venenosas.

Tenham cuidado com a Quimera, da qual a Srta. Kelsey provavelmente já ouviu falar. Trata-se de uma leoa com cauda de cobra e uma cabeça extra que, em geral, é representada por um bode. A Quimera cospe fogo e é muito perigosa.

Vocês também cruzarão o caminho dos Senhores da Chama, gêmeos trapaceiros que são poderosos e gananciosos. Eles podem ser jogados um contra o outro, mas caso se unam contra vocês, o resultado pode ser trágico. Um deles luta com uma Gáe Bolga – uma lança endentada cuja ponta, com o impacto, se abre em 30 farpas. A única maneira de remover a arma é cortá-la. O outro irmão maneja um par de chicotes farpados.

Não sei que tipo de criaturas são Pôr do Sol e Amanhecer, então eu me

planejaria pensando no pior e torceria pelo melhor. Isso é tudo que posso fazer para prepará-los. Boa sorte a todos vocês.

Nilima fungou quando deixei os papéis de lado e senti o toque de um focinho de tigre em minha perna. Ren olhou significativamente para a escada. Eu sabia o que ele queria dizer. Estava na hora de pôr fim a esse longo dia.

Depois dar boa-noite a Nilima, subi os degraus seguida de perto pelos meus dois tigres. Eles se acomodaram no chão do meu quarto e me observaram, sonolentos, andar de um lado para outro. Subi na cama e tentei gravar para sempre cada detalhe do rosto do Sr. Kadam em minha memória.



O nascimento de Durga

Era um costume hindu chorar os mortos por 13 dias, mas nos decidimos por um luto de 3 dias e então seguir a tradição de manter uma lamparina acesa por mais 10.

O Sr. Kadam me sugerira pesquisar sobre a criação de Durga, e eu obedientemente mergulhei no estudo que me levou a uma interessante teoria. As histórias de Durga falavam de muitas armas, e, com Ren e Kishan pesquisando ao meu lado, fizemos uma breve lista para dar conta de todas elas.

Armas

Disco (Chakram)

Concha (Kamandal – poder de cura)

Míssil (pontas de lança disparadas do Tridente?)

Setas (Arco e Flechas Dourados)

Relâmpago (poder do raio?)

Sino (necessário para despertar Durga)

Vara (Tridente/Trishula)

Machado (lâmina do Chakram?)

Armadura Mágica (nova arma)

Maça (Gada)

Pote de água (outro nome para a Kamandal, acho)

Clava (outro nome para a Gada)

Espada (na verdade, duas espadas)

Cobra (Fanindra)

Corda (Corda de Fogo?)

Joias (Colar de Pérolas)

Roupas Novas (Lenço Divino)

Guirlandas de Lótus Imortal (dadas à sereia Kaeliora

– Durga disse que não tinham nenhum poder)

Laço (Corda de Fogo?)

– Parece que existem muitas e diferentes versões de como Durga nasceu – expliquei, lendo. – Este texto diz que Durga foi uma deusa que nasceu da chama. Outros livros, porém, afirmam outra coisa: que

ela se ergueu de um rio, que surgiu de um redemoinho, que saiu de uma bola de luz e até que emergiu da caverna de uma grande montanha. E ainda tem também uma história sobre a deusa ter sido criada para lutar contra o demônio Mahishasur.

– Certo. Então a história tem variações – disse Kishan.

– Sim, mas qual é o denominador comum?

Fiz uma pausa, eles, porém, nada disseram, esperando que eu preenchesse a lacuna.

– O *amuleto*! – exclamei.

– Não entendi – disse Ren, esfregando o maxilar.

– Sabemos que a parte do amuleto que uso tem as propriedades do fogo, e o Sr. Kadam disse que a parte dele o lançou no espaço. E se cada amuleto representar um dos elementos... fogo, ar, água, terra e espaço... e cada uma das histórias de seu “nascimento” refletir um elemento diferente? – propus, e entreguei minhas anotações sobre o amuleto.

Possíveis poderes

O rugido do tigre de Durga sacudiu o mundo.

(terremoto? Amuleto da Terra)

Oceanos ferveram e inundaram a terra.

(Amuleto da Água ou Colar de Pérolas)

Montanhas desmoronaram em milhares de deslizamentos.

(Amuleto da Terra)

Usou seu sopro divino para reabastecer seus exércitos.

(Comida/água/roupa? Uso dos presentes)

Chamas imensas lançadas em todas as direções.

(Amuleto do Fogo/Corda de Fogo)

Deslocou montanhas.

(Amuleto da Terra)

Envolveu o exército de Mahishasur em uma tempestade de areia.

(Amuleto do Ar)

– Agora, qual história do nascimento é a exata? – perguntou Kishan.

– Talvez todas sejam – sugeri.

– Hã... tem uma coisa aqui – acrescentou Ren. – Este livro fala sobre uma ilha vulcânica que se parece muitíssimo com a que Kadam nos disse para ir. Chama-se o Poço do Inferno.

– Verdade? – Engasguei com um pedaço de muffin. – Que

maravilha.

– Mas não é o pior de tudo.

– Ótimo – murmurei com sarcasmo. – Eu não ia querer que fosse fácil demais. Então, uma ilha vulcânica e uma batalha entre Durga e Mahishasur? Acho possível que Durga tivesse o amuleto inteiro quando o derrotou, isso, é claro, se aceitarmos a história literalmente.

– É uma boa teoria – disse Kishan. – Mas não existe nenhuma menção de qualquer coisa estranha acontecendo no espaço ou no tempo.

– Não, não existe. Também não há nenhuma menção de ninguém aparecendo ou desaparecendo.

– Me conte a história da batalha, para que eu possa vê-la em minha mente – pediu Kishan.

– Muito bem. Vou começar do ponto em que Durga encontra Mahishasur. – Passei as páginas até encontrar o que procurava. – “Quando a deusa entrou no campo de batalha montada em seu tigre, todos os olhos voltaram-se para ela. O tigre avançou lentamente, e os homens aterrados ajoelharam-se enquanto os demônios arquejaram ao ver a linda deusa. Ela estava calma, destemida. Embora passasse por esquadrões de demônios arqueiros, milhares de seres conduzindo carruagens e centenas de elefantes de batalha, nenhum deles se moveu para lhe fazer mal. Todas as criaturas estavam totalmente perplexas diante de seu poder. Quando ela enfim alcançou o rei demônio, foi cercada por homens com machados de ferro reluzentes e negras alabardas”... espere, o que são alabardas?

– É como uma lança comprida com um machado na ponta – respondeu Ren.

– Entendi. “O campo de batalha era um rio de sangue, mas mesmo o rio rubro não conseguia distraí-los do vermelho de seus lábios ou do viço de seu cabelo, tão imensamente linda ela era. O rei demônio apaixonou-se ao vê-la e anunciou que a tomaria como noiva. Ele instruiu seus homens a capturar a deusa, porém nenhum deles sabia que, por trás de sua grande beleza, estava uma criatura de imensa força. Como um redemoinho, ela e seu tigre se ergueram e mataram cada um dos soldados do rei demônio. Ela lançou seu laço no pescoço de Mahishasur e, enquanto o tigre se agarrava ao corpo dele com as mandíbulas, ela ergueu a espada e cortou o demônio ao meio.”

Kishan assoviou.

– Ela definitivamente parece o meu tipo de mulher.

Eu lhe dei uma cotovelada nas costelas e Ren revirou os olhos, mas Kishan nos ignorou.

– Eu adoraria tê-la visto em batalha – continuou ele.

– Acho que você não está entendendo o principal, Casanova.

Kishan sorriu, pegou minha mão e a beijou.

– Eu me perguntava o que seria preciso para deixar você com ciúme. Por falar nisso, não tenho nada de Casanova. Sou rigorosamente um homem de uma mulher só – disse ele.

Ergui a cabeça e meus olhos encontraram brevemente os de Ren antes de ele voltar a enterrar o nariz em um livro.

– A questão é – prossegui, sem fazer qualquer observação sobre seu comentário – que acho que precisamos nos preparar para lutar contra Lokesh da mesma forma que Durga lutou contra Mahishasur.

Kishan piscou, e a compreensão iluminou seus olhos. Sério, ele se inclinou e pegou minha lista da mão de Ren.

– Acho que tem razão, Kelsey. Lokesh quer você da mesma forma que o rei demônio queria Durga. É melhor você me deixar ver esses livros.

Entreguei-lhe uma pilha enquanto ele chegava mais perto e me abraçava. Ren saiu e, depois de mais uma hora de estudo, eu sentia os olhos pesados. Aninhei minha cabeça no ombro forte de Kishan e, no momento em que adormecia, eu o ouvi sussurrar:

– Não vou deixar que ele ponha as mãos em você, Kelsey. Você pertence a mim.

Meu inconsciente ficou jogando suas palavras de um lado para outro até eu imaginar uma voz diferente dizendo a mesma coisa. Somente então minha mente pôde se entregar, sossegada por fim.

No quarto dia, começamos nossa busca final para encontrar a Cidade de Luz através da ilha vulcânica também conhecida como Poço do Inferno. Eu torcia para que o lugar não fosse tão ameaçador quanto soava.

Nilima nos levou de avião até Visakhapatnam, então cruzou a baía de Bengala, e finalmente pousamos em Port Blair. Um carro nos esperava quando aterrissamos.

Enquanto atravessávamos a cidade de Port Blair, Nilima nos contou uma história fascinante sobre o Sr. Kadam, que fora capturado pelos nativos andamaneses – que no passado foram canibais. O Sr. Kadam havia astutamente negociado a própria vida, tornando-se por fim um membro honorário da tribo.

Sacudi a cabeça, sorri e me perguntei quantas outras histórias incríveis eu nunca tive a chance de ouvir.

Serpenteamos em meio a árvores densas em uma estrada particular. Quando subíamos uma colina, tive vislumbres do oceano e fiquei maravilhada com as cores vivas. Por fim, saindo do meio das árvores, deparamo-nos com uma linda e luxuosa *villa* na costa, com vista para o mar de Andaman.

A decoração do interior lembrava mais o jato particular do Sr. Kadam do que a casa na Índia. A *villa* era austera e decorada em tons de preto e metal cromado, com linhas simples. O lado da casa que dava para o oceano era feito inteiramente de vidro. Cada quarto tinha uma varanda particular, e havia um amplo terraço, uma Jacuzzi e uma maravilhosa sala de descanso ao ar livre, abrigada nas sombras das palmeiras. Uma magnífica vista panorâmica do oceano, uma praia de areias brancas e uma piscina infinita com cascata de quatro níveis estendiam-se diante de mim. Era mais do que espetacular, e eu sabia que o Sr. Kadam não teria se contentado com menos – mesmo no meio do oceano Índico.

Perto do pôr do sol, depois de eu acender uma lamparina em homenagem ao Sr. Kadam, Kishan me beijou e disse que precisava ir até a cidade. Nilima também tinha preparativos a fazer antes de podermos prosseguir em nossa jornada. Após jantar sozinha, decidi procurar Ren, que havia desaparecido logo depois de chegarmos.

Finalmente o encontrei sentado em sua varanda. Ele estava recostado na parede, de olhos fechados. Uma música suave tocava e a brisa fresca do oceano soprava meus cabelos para trás quando cheguei à varanda e inalei o cheiro do mar.

– Posso me juntar a você? – perguntei suavemente.

Ele não se deu ao trabalho de abrir os olhos.

– Se quiser.

A lua no céu escuro parecia um imenso prato branco com a borda mergulhada no oceano. Ficamos ali sentados em silêncio por um tempo. Fechei os olhos também e o ouvi cantarolar em harmonia com a música.

– Você não toca violão há muito tempo. Sinto falta – comentei quando a música chegou ao fim.

Ren virou-se para o outro lado.

– Receio que não exista mais música em mim.

– “O homem que não tem música em si nem se comove com a suave harmonia dos sons é capaz de trair, roubar, enganar” – provoqueei.

Levantando-se bruscamente, Ren atravessou a varanda e se acomodou na extremidade mais distante do parapeito. Ele se

debruçou, apoiando-se nos cotovelos.

– Me desculpe – falei e me aproximei dele. Pus a mão de leve em seu braço. – Não me dei conta de que estava falando sério.

Ele prendeu minha mão na sua e brincou com meus dedos.

– A música me lembra demais o que não posso ter, e ainda assim não consigo deixar de ouvi-la. – Ele riu, sarcástico. – Eu nunca tinha compreendido a conexão até você me deixar e voltar para o Oregon. Percebi então que a música era um elo com você, uma forma de mantê-la perto, assim como a minha poesia.

Ren voltou-se para mim e pressionou minha mão contra seu coração.

– Kelsey, meu sangue lateja e meu coração dispara quando você está perto. Tenho que fazer um esforço para me conter e não tocá-la. Não tomá-la nos braços. Não beijá-la. Quase prefiro ser torturado por Lokesh novamente do que ser atormentado todos os dias assim ao vê-la com Kishan.

Engoli em seco e desviei os olhos daquele homem lindo. Meu olhar pousou em nossas mãos entrelaçadas cobrindo seu coração. Senti o batimento de encontro à minha palma e às pontas dos dedos.

Tremendo, sussurrei:

– Eu sinto muito, Ren.

E retirei a mão.

Eu podia sentir o fogo, o calor e a paixão circulando, me envolvendo de forma palpável. O calor era avassalador e intenso, e meus músculos pareciam quase tão substanciais quanto cera de vela derretida.

– Sinto muito – repeti com teimosia –, mas eu não posso deixar Kishan.

Dei um passo para trás e Ren se debruçou sobre o parapeito novamente. Uma nova canção começou a tocar. Baixinho Ren citou *Noite de reis*, de Shakespeare, murmurando:

– Então, “se a música é o alimento do amor, continuem tocando e dela me deem em excesso; assim glutton, o apetite pode enjoar, e por fim morrer”.

Silenciosamente, retornei ao interior da casa, mas me virei para olhá-lo mais uma vez. Ali parado ao luar, Ren parecia mesmo o melancólico duque Orsino, personagem de Shakespeare, ansiando por sua lady Olivia. Alguma coisa fez meu coração se apertar, e eu reprimi um soluço enquanto fugia dali.



Comprometida

Enquanto esperávamos que Nilima declarasse que estávamos prontos para nossa próxima aventura, Kishan me levava para fazer piqueniques, visitar pontos turísticos, dançar e olhar vitrines. Ele comprou todas as espécies de flores da cidade e as mandou entregar em meu quarto em elegantes arranjos. Também me levou para nadar à noite – ou entrar na água à noite, já que eu ainda tinha um medo paranoico de tubarões. Falávamos com frequência do Sr. Kadam. Ia ficando mais fácil superar o nó em minha garganta quando ouvia o nome dele.

Embora eu estivesse feliz na companhia de Kishan, sentindo-me mais próxima dele do que nunca, não pude deixar de perceber que Ren se afastava cada vez mais. Kishan não dava atenção ao fato e dizia que Ren precisava de espaço. Ainda assim, eu me preocupava.

Uma tarde, Kishan sugeriu que almoçássemos na praia. Já havia umas 20 pessoas ali, mas Kishan encontrou para nós um local distante dos banhistas. Ele abriu um imenso guarda-sol e, depois de me besuntar com filtro solar, arrumou a comida para o nosso piquenique.

Kishan andava de um lado para outro, preparando tudo, excessivamente feliz. Pôs uma taça de suco de maçã espumante em minhas mãos e me serviu uvas e biscoitinhos com caviar. Ao dar minha primeira e hesitante mordida na iguaria, descobri que o sabor era de manteiga e que explodia em minha boca com o leve sabor do mar. Depois de termos comido, ele tirou os sapatos e a camisa e foi dar um mergulho enquanto eu lia um livro.

Quando voltou e se enxugou, Kishan mudou a posição do guarda-sol para que pudesse se deitar ao sol mas colocar a cabeça no meu colo, na sombra. Ele riu quando me queixei de sua cabeça molhada, no entanto logo superei isso e fiquei acariciando-lhe os cabelos e os ombros quentes distraidamente enquanto lia. Ele estava tão imóvel e quieto que pensei que tivesse adormecido, então me assustei quando estendeu a mão para pegar a minha. Ele a pressionou em seu peito nu e me olhou com ternura.

– Kells, tenho a sensação de que minha vida está começando a fazer

sentido. Que tudo por que passei teve uma razão, um propósito.

– Acho que isso é verdade.

Ele se sentou e acariciou o meu rosto.

– Acredito que o meu destino era este: viver todo esse tempo, passar pelas experiências por que passei, para que pudesse estar aqui, agora, neste momento, com você.

Eu ri.

– Bem, talvez não este exato momento. Acho que o destino tinha mais em mente do que nós dois comendo caviar.

– A questão não é o caviar. É algo mais importante.

– O que você quer dizer?

Tomando minhas mãos nas dele, Kishan prosseguiu:

– Olhe, eu sei que temos outro presente para conquistar e que ainda precisamos derrotar Lokesh. O momento poderia, naturalmente, ser melhor...

– O momento de quê?

Naquele instante, meu olhar deslizou para a água quando dois olhos azuis vieram à superfície. Em seguida, surgiu um tórax bronzeado, e um belo homem emergiu e ergueu as mãos para alisar para trás o cabelo encharcado. A água escorria por seu corpo poderoso enquanto ele caminhava na direção da praia. Minha boca ficou seca, e 99 por cento do meu poder cerebral e da minha atenção estavam cravados nele.

– ...e você sabe o que sinto por você – continuava Kishan. – Você é a única garota perfeita para mim. Aquela com quem eu quero passar o resto da minha vida. Aquela com quem quero acordar todas as manhãs.

Assenti, distraída, ouvindo apenas parcialmente o que ele estava dizendo e observando as outras garotas na praia notarem o Poseidon moreno que andava entre elas.

– ...usei o rubi que encontramos na casa de cabaças e também o diamante em forma de gota que Durga me deu. De qualquer forma, trata-se de uma formalidade apenas. Quer dizer, nós já sabemos como nos sentimos em relação ao outro.

– Certo... – falei, inexpressiva.

O homem mais perfeito da Terra voltou os olhos azuis da cor do mar para mim, e captei uma mensagem oculta neles enquanto caminhava em minha direção. Ele *me* queria. Entre todas as lindas garotas de biquíni, era em minha direção que ele vinha. Eu – com minha pele branca, tranças castanho-douradas e um chapéu de abas largas. Eu – a garota fugindo do sol e do calor debaixo do guarda-sol,

usando maiô e saída de praia.

Engoli com dificuldade. O tempo desacelerou e cada uma das longas passadas que ele deu ficaram impressas no meu cérebro. Eu assimilava tudo. A teimosia de seu queixo. O desenho de sua boca sensual. A determinação em sua testa. Observei a largura de seus ombros. Os relevos de seu peito. Os músculos de seus braços.

Lembrei-me de como ele me tocava, como me abraçava e como ele gostava de deslizar aquelas mãos tão deliciosas em meu cabelo. Vi cada gotícula de água em seu peito e seus ombros e – Deus do céu! – eu queria enxugar cada uma delas com um beijo.

Kishan interrompeu meus pensamentos.

– Então, o que eu estou tentando dizer é...

– Sim? – murmurei, distraída. – O que você está tentando dizer?

Kishan roçou um beijo de leve no meu ombro nu, de onde minha saída de praia havia escorregado, e falou com ternura:

– O que estou tentando dizer, *Kelsey*, é que quero que você seja minha esposa.

Ele deslizou alguma coisa fria e lisa no meu dedo anelar.

Pisquei e dirigi meu foco para Kishan, que me olhava com amor e carinho. Em minha mão esquerda, vi o brilho de um anel de diamante. Boquiaberta, ergui os olhos. Ren havia se imobilizado e, em choque, fitava a minha mão. Lentamente, os segundos rastejaram e seus olhos azuis encontraram os meus. Presa em seu olhar, vi uma espécie de purgatório que ardia por trás deles.

O momento pareceu durar uma vida. Então sua atitude se tornou fria. Senti o toque congelante de seu olhar me acariciar uma última vez e então Ren desapareceu. A única lembrança dele era a joia gélida pesando em meu dedo. O que me parecera uma hora de comunicação silenciosa acontecera em apenas alguns segundos.

Respirei fundo e ofereci a Kishan um sorriso emotivo. Inclinei-me para beijar seu rosto enquanto as lágrimas enchiam-me os olhos. O sol que incidia no diamante lançava um arco-íris em minha coxa nua. Toquei minha perna brevemente e me encolhi ao sentir quanto minha pele estava fria. Uma parte de mim se perguntava se algum dia eu voltaria a me sentir verdadeiramente aquecida.

Kishan me abraçou e perguntou:

– O que foi, amor? Não gostou do anel?

Ergui a mão e pisquei para livrar meus olhos das lágrimas e poder vê-lo melhor. Era maravilhoso. Um diamante em forma de gota descansava no centro, ao passo que pétalas de lótus curvas, que haviam sido cortadas do rubi que ele encontrara na casa de cabaças,

irradiavam-se a partir dele. Cachos de diamantes no formato de folhas desciam de ambos os lados do anel de ouro branco.

– É lindo – sussurrei.

– Fica obscurecido em comparação com a mulher que eu amo – replicou ele.

– Eu... eu não pensei que isso fosse acontecer tão rápido.

O rosto dele se iluminou em um sorriso lento e preguiçoso.

– Quando vejo alguma coisa que eu quero, vou atrás dela, se lembra?

Fechei os olhos por um instante e senti uma lágrima cair no meu colo.

– Eu me lembro.

Kishan enxugou as lágrimas do meu rosto e disse, sério:

– Por muito tempo não pensei que merecesse encontrar o amor novamente. Você estava certa quando disse que eu me culpava por tudo. Eu pensava que era responsável por aquelas coisas todas: a maldição, a morte de Yesubai, Lokesh... Mas, quando conheci você, alguma coisa mudou. Lembrei-me de quem eu era, de quem eu sou: o príncipe Sohan Kishan Rajaram. Sempre fui o irmão mais novo, o segundo na linha de sucessão do trono, mas esse tempo passou e aquele reino não existe mais. Agora eu me dou conta de que nenhuma daquelas coisas tinha importância, de que meus remorsos estavam me impedindo de ver – ele deslizou um dedo com delicadeza por minha bochecha e meu maxilar – a beleza que o mundo oferecia.

Traçando um rastro de beijos quentes e demorados no meu ombro e no meu pescoço, ele continuou:

– Você me fez acreditar que eu ainda tinha alguma coisa a oferecer ao mundo, algo a oferecer a uma mulher.

Kishan sorriu quando oscilei, vacilante. Olhos dourados de pirata mergulharam nos meus, e respirei fundo ao perceber que uma paixão ardente se encontrava ali, oculta atrás deles. Estava camuflada sob camadas de paciência e amor, mas eu ainda podia sentir a intensidade zumbindo entre nós dois.

Naquele momento, eu soube que Phet estava certo, que esse lindo príncipe era também uma boa escolha e que eu só precisaria de um leve empurrãozinho para que me visse completamente envolvida por ele. Acariciando seu braço, deslizei a mão por seu ombro musculoso até envolver-lhe o pescoço. Sua pulsação latejava de maneira violenta, e num segundo, os olhos dele mudaram. Foi como lançar um fósforo aceso em um barril de petróleo.

Um ronco soou em sua garganta quando ele me puxou para si. Pus

as mãos em seu peito nu, aquecido pelo sol, e seus lábios encontraram os meus. As mãos de Kishan gentilmente agarraram meus braços. O beijo foi selvagem, agressivo e exigente, desafiando-me – não só a corresponder a seu ardor, mas também a me sentir tão apaixonada por ele quanto ele por mim.

Logo o beijo mudou, e o fogo que fugira ao seu controle se viu mais uma vez escondido logo abaixo da superfície. Acaricieei seu cabelo e o abracei apertado. O tigre negro e indomado fechou os olhos dourados e me beijou novamente, dessa vez com doçura. Apertando minha cintura, ele disse com ternura:

– Kelsey Hayes, prometo que vou amá-la para sempre e que me esforçarei ao máximo para ser um bom marido.

Levei minha mão ao seu rosto e encostei minha testa na dele.

– E eu vou fazer de tudo para ser uma boa esposa.

Embora eu estivesse feliz em ser a noiva de Kishan, havia um fio solto em minha linda tapeçaria. O doce e amargo emaranhado de fios fazia cócegas e irritava, e eu tinha que fazer força para não puxá-lo, mas eu sabia que, se fizesse isso, destruiria a preciosa vida nova que eu estava tentando criar.

Eu amava Kishan de verdade e sabia que o casamento era aonde acabaríamos chegando, mas uma parte de mim, lá no fundo, se afligia. Eu me sentia como uma casca. Por fora, tudo parecia bem. Eu era saudável, feliz e tinha um grande futuro garantido. Kishan me amaria apaixonadamente e seria um bom marido e bom pai. Teríamos uma dezena de filhos, que iriam querer, quando crescessem, ser guerreiros como o pai.

Por dentro, porém, eu estava vazia. Não tinha nada para dar a ele. Meu objetivo na vida seria fazê-lo acreditar que eu não tinha absolutamente nenhum arrependimento em relação à minha escolha. Fingir que estava inteira. Completa.

Mãe? Durga? Sr. Kadam? O que eu faço? Como deixo de amar Ren? Por favor, por favor, por favor, me ajudem a dar a Kishan todo o amor que ele merece.

Alheio aos meus pensamentos, Kishan me puxou para os seus braços fortes, sussurrando planos para o nosso futuro. Ficou fazendo carinho em meu braço e nos meus cabelos e me dizendo quanto me amava. Permaneci quieta. Recostei-me em seu peito quente e ficamos sentados assim, observando a maré subir até anoitecer.



Disfarce

Na tarde seguinte, saí para uma longa caminhada sozinha, em parte para clarear minha cabeça, em parte para procurar Ren, que havia desaparecido após meu... noivado na praia. Eu não sabia o que diria se o encontrasse, mas por algum motivo sentia que precisava vê-lo.

A brisa soprava as nuvens no céu, juntando os macios montes cinzentos uns aos outros. O cheiro de chuva estava no ar, então saí apressada.

Seguindo o sinuoso caminho pela selva, tomei a direção norte e caminhei ao longo de uma trilha por mais ou menos 15 minutos. As árvores estavam frescas e de vez em quando uma gota de água fria atingia meus braços nus. Então levei as mãos em concha à boca e gritei:

– Ren?

Esperei, atenta ao aparecimento da figura familiar do meu tigre branco, na esperança de vê-lo saltando sobre um tronco caído e me alcançando.

Afastando-me da trilha e me enfiando entre as árvores, larguei a bolsa aos meus pés.

– Ren? – tornei a gritar em outra direção.

Nada. Sentei-me em um tronco, o queixo apoiado nas mãos, e fiquei pensando em meu dilema. Eu sempre sonhara com uma grande festa de casamento, atravessando o corredor até o homem que eu amava, o homem dos meus sonhos. *E Kishan mais do que se encaixava naquela descrição. Na verdade, quando o assunto era Príncipe Encantado, ele superava as expectativas de qualquer garota.*

Amar Kishan não era o problema. Ele era um cara ótimo. Mais que ótimo. Era fantástico. Fui listando mentalmente suas qualidades. *Kishan é gentil, bonito, corajoso, beija bem, é forte, faz massagens ótimas e me ama. Do que mais uma garota precisa? Qual é o meu problema?*

Enquanto estava ali sentada, pensando, ouvi um ruído. Uma mulher velha e enrugada vinha mancando pela trilha, carregando uma sacola grande. Olhos castanhos e fundos em um rosto que tinha sido exposto ao sol por anos demais me estudaram. Ela sorriu e me cumprimentou

com a cabeça, mas continuou se arrastando, os passos lentos e pesados. Cabelos brancos escapavam por baixo de sua *dupatta* amarelo-ouro e na saia esvoaçante havia manchas de sua passagem pela floresta.

Quando estava quase passando por mim, um de seus sapatos de tecido saiu de seu pé, e ela caiu pesadamente no chão. Sua bolsa se abriu, e frutas marrons do tamanho de batatas pequenas rolaram em todas as direções. Ela gemeu, então prontamente fui ajudá-la a se levantar.

Quando depusitei as frutas e o sapato perdido a seus pés, a velha sorriu e disse:

– Obrigada. Eu Saachi. Descansar aqui alguns minutos. Tudo bem para você?

– Claro. O tronco não é meu. Eu sou Kelsey. Muito prazer.

A mulher inspecionou sua bolsa de frutas, apalpando-as em busca de mossas, e então tirou uma da bolsa.

– Tome. Você precisa experimentar. Sapoti. Dá muito aqui. Bom de comer.

Entregando-me a fruta marrom, ela sorriu, revelando os dentes surpreendentemente brancos, e então comeu ela mesma um pedaço, limpando com o lenço o suco que escorria.

Hesitante, mordi a fruta. A polpa era amarelo-amarronzada e a textura, semelhante à da pera. O sabor, porém, era como malte com um leve toque de caramelo.

– É bom. Obrigada – murmurei, virando a fruta para examiná-la.

– Os chineses chamam de fruta do coração. Está vendo? – disse ela, e pegou outra fruta para me mostrar o formato. – Parece um coração. Todas caem no chão quando veem você. Significa seu coração partido, machucado. Azar passar por você. Por que seu coração partido? Você garota bonita. Costas fortes. Qual problema? Não tem homens?

Sorri secamente.

– Não. Tenho homens demais. É uma longa história.

– O que quer dizer homens demais? Eu resolvo problema. Conte Saachi sobre os homens. Eles fortes? Bonitos?

– Ambos são fortes e muito bonitos.

– Ah! – Ela sorriu. – Saachi gosta história sobre homens bonitos.

Não pude deixar de sorrir.

– Sim. São irmãos. O nome do mais velho é Ren e do mais novo Kishan.

Ela assentiu.

– Bom nome.

– Certo. Bem, o irmão mais novo, Kishan, me pediu em casamento. Mostrei o anel no meu dedo, e ela o inspecionou com atenção.

– Ele quer você esposa? Ele bom homem? Trabalhador? Homens preguiçosos nada bons – comentou Saachi.

– Ah, ele não é preguiçoso. É muito corajoso. Cuida de mim. É só que... eu amo o irmão dele também. Conheci o irmão dele primeiro. Nós nos amávamos e então ficamos... separados um tempo. Durante esse tempo Kishan e eu nos aproximamos.

– Ah – disse ela, como se compreendesse. – Aconteceu minha amiga. Homem dela viaja. Não volta por muito tempo. Então ela se casa outro. Depois, primeiro homem volta pra casa, tarde demais. Ele vai embora de novo. Não volta. Não tarde demais pra você. Você não casa. Você volta primeiro homem. Você ainda ama ele?

– É claro que ainda o amo. Nunca deixei de amá-lo, mas não posso voltar. Ele... não tenho segurança quando estou com ele.

– O que quer dizer? Ele machuca você? Ele bate você? Por que não escolhe ele?

– Não. – Com a voz fraca, sussurrei: – Não é disso que tenho medo.

Ela estalou os lábios e se acomodou em uma posição mais confortável no tronco.

– Você menina maluca. Você teme homem bonito que ama você.

Soltei um gemido, me levantei e comecei a andar de um lado para outro.

– O problema é que ele sofre de um complexo de super-herói. Gosta de sair correndo e salvar o dia.

– Isso é bom. Homem bravo – disse ela.

– Não. Isso é ruim. Heróis são mortos. Todas as vezes que ele tenta me salvar, arrisca sua vida. Ele se põe em perigo constantemente.

– Ora. Isso não é problema. Problema somente sua cabeça.

– Não! – Virei-me bruscamente. – A senhora não compreende? O Sr. Kadam está *morto*! Meus pais estão *mortos*! Se Ren morrer, estará tudo acabado para mim. Não tem mais nada. As pessoas que amo morrem. Tenho medo de que, se me permitir amá-lo, amá-lo de verdade... será como lhe aplicar uma sentença de morte.

Tornei a me sentar pesadamente no tronco.

– Quando os bandidos vieram me pegar, ele ficou para trás e foi capturado. Quando não pôde me prestar os primeiros socorros, ele terminou comigo e me entregou a Kishan. Quando um sujeito mau chegou muito perto de me encontrar, ele sacrificou as lembranças que tinha de nós dois. Toda vez que alguma coisa me ameaça, ele se adianta para enfrentá-la sem pensar no que vai me acontecer se *ele*

morrer. Ele deveria ser rei. Talvez seja daí que ele tire seu senso de dever superdesenvolvido.

– Então escolha fácil. Você opta outro irmão – concluiu a velha senhora.

– Quero ser uma boa esposa para Kishan. Vou amá-lo, e formaremos uma família juntos. E espero que isso signifique que Ren irá parar de se atirar nos braços da morte.

Ela estalou a língua.

– Isso é bom, mas que homem faz você feliz? Faz você sentir muito?

– Eu gosto de ambos.

– Hum – resmungou ela. – Você mais feliz com quem? – insistiu enquanto me espiava com o olhar astuto.

Eu me remexi desconfortável, então admiti baixinho:

– Com Ren. – As sobrançelas espessas dela se ergueram e ela exibiu uma expressão que dizia “Arrá!”. Rapidamente expliquei: – Mas isso não importa. Eu *escolhi* Kishan. Prometi a ele que nunca mais permitiria que se sentisse sozinho. E ele irá me fazer, quero dizer ele me faz, muito feliz. Eu amo Kishan.

– Mas seu coração dividido.

– Sim. E a verdade é que... a maior parte do meu coração pertence a Ren. Nunca deixei de amá-lo. Quando estávamos separados, nada tinha importância. Eu me sentia perdida. A única coisa que me fazia seguir em frente era a esperança de que um dia estaríamos juntos outra vez. Isso e o fato de Kishan precisar de mim. Ren acha que desde que eu esteja *viva*, estarei bem. Mas está errado. Se ele morrer e eu tiver que enterrá-lo em um túmulo ao lado do Sr. Kadam, não vou me recuperar.

Sorri debilmente e virei-me de frente para a selva silenciosa.

– Não posso *viver* sem ele. Assim, para mantê-lo em segurança, para manter meu coração em segurança, não podemos ficar juntos. A senhora entende?

Uma voz familiar respondeu:

– Acho que sim.

O ar ficou preso no meu corpo. A voz de Saachi havia mudado para um tom suave e sedoso, como caramelo e mel. Era uma voz que me era muito familiar. Fechando os olhos, virei-me para encarar o homem de pé atrás de mim.

Respirei fundo. Lentamente abri os olhos, e meu coração angustiado bateu pesado quando vi sua expressão.

– O Lenço... – falei, percebendo como ele me enganara, levando-me

a admitir a verdade.

– Sim – admitiu ele, a voz carregada de emoção.

Ele ergueu a mão para tirar o cabelo do rosto e deixou escapar um suspiro trêmulo.

Dei um passo em sua direção.

– Por favor, tente entender que nada disso importa. Não muda nada. Eu já me decidi por um caminho e pretendo segui-lo até o fim.

– Eu queria saber. Eu precisava saber. Você escondeu seus verdadeiros sentimentos de nós dois. Kelsey, por que não dividiu essas preocupações? Esses medos?

– Teria mudado alguma coisa? Faz alguma diferença?

– Não sei. Talvez sim. Talvez não. Mas pelo menos todas as cartas estão na mesa agora.

Mordi o lábio.

– Vai contar a ele?

– Você não acha que ele precisa saber?

– Não vejo como isso poderá ajudar.

Ele ficou ali parado, em silêncio, me observando. Então suspirou.

– Suponho que por ora possamos manter isso só entre nós dois.

– Obrigada.

Constrangida, peguei minha bolsa e dei meia-volta para retornar à cidade. Minha pele formigava, consciente do homem que, silenciosamente, seguia atrás de mim.



Ilha Barren

F inalmente Nilima anunciou que era hora de ir. Eu me encontrava de pé no cais às quatro da manhã, bocejando, enquanto Ren e Kishan puxavam uma lona que cobria uma espécie de brinquedo da Disney de aspecto futurista balançando na água.

– O que... é isso? – perguntei a Nilima com um tom levemente acusador na voz.

Kishan passou por mim ao desamarrar algumas cordas.

– Nós o chamamos de Skimmer, ou escumador.

– Mas o que é? – insisti.

Nilima explicou:

– É um protótipo que as Indústrias Rajaram estão desenvolvendo.

Ren subiu na estrutura.

– Kadam disse que o projetou baseado nas águas-vivas gigantes.

– Mas... – gaguejei.

– Eu sei. Não houve tempo – interrompeu Ren. – Não descobrimos como ou quando ele começou a desenvolvê-lo. Mas, seja como for, aqui está.

Nilima o enxotou dali.

– É parte submersível, parte navio de cruzeiro de luxo, mas com toda a sustentabilidade de um submarino nuclear. Demos o nome de Skimmer porque ele não mergulha tão profundamente quanto um submarino. Seu propósito é explorar recifes e águas rasas com conforto, embora também possa cruzar oceanos.

– Parece um pouco pequeno para cruzar oceanos – comentei, nervosa.

– Você só está vendo o convés superior – protestou Kishan. – A maior parte dele está debaixo d'água. Ele pode se manter submerso durante quase o mesmo tempo que os submarinos supermodernos. Temos a mais recente tecnologia que cria oxigênio do próprio oceano. Espere só até ver a bolha.

– Uma bolha? O que quer dizer? É seguro?

– Ele está se referindo à bolha de observação no nariz. Essa é a parte inspirada nas águas-vivas gigantes, embora essa versão de vidro

seja consideravelmente maior. Oferece uma visão de 360 graus do oceano – acrescentou Nilima. – O motor funciona silenciosamente, com uma tecnologia ultrassecreta que utiliza célula de combustível e que tira sua força do oceano de um modo que não perturba os ecossistemas subaquáticos. Também instalamos um tipo muito incomum e ainda não comercializado de iluminação subaquática, para que os passageiros possam se sentir mais em harmonia com o mundo oceânico. Já passou por vários testes, Srta. Kelsey. Temos até uma pequena lancha a bordo.

Pus as mãos nos quadris.

– Isso é simplesmente... simplesmente impressionante.

Eu estava maravilhada.

Ren passou por mim, esbarrando de leve em meu ombro, sem me olhar. Ele seguiu para o interior escuro do Skimmer, onde desapareceu.

– E você tem certeza de que eles sabem como pilotar esta coisa? Parece um carrinho bate-bate subaquático bem caro, Nilima.

– Ei, relaxe. Ren passou a maior parte da noite acordado praticando comigo. Sabemos o que estamos fazendo.

Eu não sabia como reagir àquela ideia, então não disse nada, mas a lembrança de Nilima dançando nos braços de Ren na festa na praia de repente encheu a minha mente e tive dificuldade em me concentrar em outra coisa. Quando estávamos os três a bordo, Nilima acenou e gritou do píer:

– Tenham cuidado na ilha Barren.

– Por quê?

– O vulcão está ativo – gritou ela.

– O quê?! Por que ninguém me conta essas coisas?

Kishan riu enquanto descia a escada atrás de mim.

– Porque sabemos que você vai reagir assim. Venha. Quero mostrar a sua cabine.

Enquanto caminhava meio desajeitada pelo barco, eu resmungava sobre vulcões e caminhos de lava quente, e por que as profecias de Durga nunca terminavam em um *day spa*. Lembrei-me de um filme no qual a lava corroía as pernas de um homem até os joelhos, seu corpo derretendo naquela poça. *Levando-se tudo em consideração, lutar contra Lokesh talvez fosse mais fácil.*

Logo me esqueci do vulcão e me encantei com a incrível invenção que o Sr. Kadam havia de algum modo conseguido encomendar antes de sua morte. Minha cabine era equipada com um frigobar, uma pequena pia e armários de um lado e uma mesa estreita com um

banco do outro. Eu tinha um luxuoso banheiro só para mim e uma cama *king size*.

– Espere até você conferir a vista – disse Kishan, orgulhoso.

Ele se dirigiu a um longo conjunto de painéis e apertou um botão. Com um zumbido baixo, os painéis deslizaram, revelando uma vidraça que ia do chão ao teto. Só então percebi que minha cabine era uma espécie de cápsula curva. O vidro imitava o revestimento das águas-vivas gigantes, mas era cristalino. As luzes automaticamente baixaram de intensidade, e eu dei um passo à frente no piso invisível, olhando o mar de Andaman.

– É lindo, não é? – sussurrou Kishan.

– É incrível! Já estamos navegando? – perguntei, não sabendo se um peixe havia passado nadando à nossa frente ou se nós é que tínhamos passado por ele.

– Sim. Consegue sentir?

Sacudi a cabeça, impressionada com o silêncio e a imobilidade da embarcação. O Sr. Kadam havia se superado.

Kishan me deixou sozinha para explorar o restante do navio, e, ao dobrar uma curva no corredor, encontrei a bolha de observação. Sofás e poltronas prateados estavam aparafusados de alguma forma ao piso de vidro, e eu fiquei sentada ali um tempo, em silêncio, cercada pelo oceano. Um pouco depois, subi um lance de escada e encontrei o centro de controle onde Ren estava sentado em sua própria minibolha acima da linha da água. Ele apontou alguns dos mostradores, e eu admirei a vista ampla do oceano através do vidro curvo.

– Pena que não podemos desfrutar a brisa – observei.

Ren sorriu e apertou um botão. Uma seção do domo de vidro acima de nós se deslocou e deslizou. Teto solar instantâneo.

Desci alguns degraus até o convés de superfície de nossa futurística embarcação, que mais parecia um veículo de ficção científica. O vento afastou o cabelo do lindo rosto de Ren no momento em que dobrávamos um trecho de praia e a cidade de Port Blair surgia à vista. Logo, as únicas luzes que eu podia ver eram as nossas luzes de navegação e as estrelas que desbotavam no céu.

Ren permaneceu rígido em seu posto e parecia fazer um bom trabalho em me ignorar. Decidi assistir ao nascer do sol e segui com cuidado até a frente do navio, onde me sentei e deixei o borrito do oceano fazer cócegas nos meus pés. Depois de uma hora, fui recompensada com uma visão de tirar o fôlego. A água ficou rosada, então dourada, e a seguir, como se surgisse por minha vontade, o sol explodiu, saindo do mar.

Por alguma razão, naquele momento me lembrei do Sr. Kadam. Sorri com tristeza e me perguntei que fatos interessantes ele nos contaria se ainda estivesse conosco. Fiquei ali sentada por mais meia hora, deixando o sol aquecer minha pele enquanto eu respirava o aroma fresco do oceano.

Ren e Kishan se alternavam guiando o barco. Algumas horas mais tarde, contornamos a ilha de Neill, em seguida navegamos ao largo das ilhas Havelock e seguimos para o mar aberto. O clima estava bom, e fizemos em bom tempo as 65 milhas náuticas até a ilha Barren. Quando ela surgiu à vista no fim da tarde, pude ver que o vulcão definitivamente ainda estava ativo. Fiapos de vapor e espirais de fumaça vindos da cratera subiam no ar. Maravilhei-me diante do amplo caminho negro de lava resfriada que havia escorrido do centro e havia ou perfurado ou derretido um buraco na parede da montanha antes de correr para o mar em uma inclinação bem suave. Aquela imagem me fez lembrar de um ovo frito depois de a gema ter se rompido.

Embora uma imensa parte da ilha estivesse coberta de cinzas negras, ainda havia uma quantidade suficiente de árvores verdes e pequenos arbustos em torno de sua circunferência para se concluir que um dia tinha sido bonita. Não havia praias; os penhascos da montanha pareciam se erguer diretamente do mar.

Nós três ficamos no convés superior olhando a ilha, e, com algumas palavras murmuradas, Ren e Kishan decidiram lançar âncora no lado ocidental, onde haveria menos fumaça. Ambos concordaram que a melhor maneira de alcançar a ilha seria subir pelo leito de lava enegrecida e que começaríamos na manhã seguinte bem cedo.

Assim que Kishan me envolveu com os braços, Ren desceu para o convés inferior. O ar estava frio, fazendo com que meus braços se arrepiassem. Abracei a cintura de Kishan, me aninhei junto a seu peito quente e disse:

– Isso é muito bom.

Ele sorriu e baixou os lábios até os meus. Uma de suas mãos entrou em meus cabelos, enquanto a outra descansava delicadamente em meu pescoço. Em seguida, as pontas de seus dedos começaram a massagear minha nuca. Fechei os olhos e me deixei levar por seu beijo quente e doce. Em seus lábios eu sentia um leve toque do mar salgado. Ele me acariciou o rosto e, depois de inclinar minha cabeça ligeiramente, seu beijo se tornou mais profundo. Eu me agarrei a ele, sabendo que momentos como esses talvez não acontecessem por algum tempo assim que entrássemos no vulcão.

Sorrindo, obviamente feliz com minha reação, Kishan tirou uma caixinha do bolso.

– O que é isto? – perguntei.

– Feliz Natal, Kells.

– O quê? Hoje é Natal?

– Bem, é amanhã. Hoje é véspera de Natal. Você se esqueceu?

– Sim, me esqueci. É difícil se lembrar do Natal quando se está numa zona tropical. – Peguei o presente, hesitante. – Ah, Kishan, me desculpe. Não me lembrei de comprar nada para você.

Ele me puxou para junto dele, segurou meu rosto com as duas mãos e me deu um beijo suave.

– Você concordou em ser minha esposa, Kelsey. Não tem mais nada que eu possa querer nesta Terra.

Eu o provoquei de leve:

– Você é um sedutor.

– Tomara que isso funcione em meu favor – disse ele com um sorriso e um brilho nos olhos cor de âmbar.

Dentro da caixa, encontrei uma chave dourada de aspecto antigo. Erguendo uma sobrancelha, perguntei:

– E o que essa chave destranca?

– Tecnicamente mais nada. Ela costumava abrir a sala do tesouro de nosso antigo palácio. Agora é mais o símbolo de um lar. Ou lares. De onde quer que você queira morar. Eu a encontrei quando estávamos olhando os pertences dos meus pais. Podemos reconstruir a casa da selva, onde meus pais e Kadam estão enterrados, ou podemos comprar uma casa nova nos Estados Unidos ou na Índia, ou podemos ainda fazer as duas coisas ou todas as três. Não precisamos decidir nada disso agora, mas eu sei que ter um lar é importante para você. Sair de nossa antiga casa vai ser difícil, mas vamos construir novas lembranças juntos, e – ele pousou a palma da mão em meu pescoço – eu vou fazer você feliz, Kelsey. Prometo.

– Sei que fará. – Eu me estiquei para beijar seu rosto. – Obrigada pelo presente.

– De nada. – Kishan prendeu a velha chave na corrente em meu pescoço, perto do amuleto. – Um dia – disse ele enquanto tocava a chave que repousava sobre minha pele. – Um dia vamos construir um lar.

Ele me beijou outra vez, de um jeito longo e demorado, e então abruptamente me fez dar meia-volta e me empurrou de leve.

– Mas primeiro vou derrotá-la numa partida de ludo.

– Feito.

Dei risada e fui buscar o jogo em minha cabine – só para descobrir outro presente. Em minha cama, Ren havia deixado um presente cuidadosamente embrulhado em papel dourado. Dentro havia uma caixinha de música de madeira com a pintura de um tigre branco idêntico a Ren.

Ergui a tampa e minha música começou a tocar – aquela que Ren escrevera para mim quando estávamos separados, aquela que ele não conseguia tocar quando perdeu a memória. Fiquei ouvindo as notas familiares, que a princípio eram tristes, e arquejei quando ela continuou além do ponto do qual eu me lembrava. A música triste da separação mudou. Eu podia quase ouvir a esperança, a determinação, na melodia. Ela foi avançando em um crescendo, numa explosão de felicidade, até que as notas foram desvanecendo como estrelas piscando no amanhecer. Fechei a tampa e os olhos.

Fiquei tão envolvida com a caixa de música que quase não percebi que Ren havia também me deixado um bilhete com o ramo de uma plantinha na cama.

Kelsey,

Talvez você me ache presunçoso por supor que o fim de nossa canção será alegre, mas ainda acredito que haverá um final feliz para nós, que a promessa na canção um dia se realizará. Eu só terei que exercitar a paciência até lá. Meu coração está em suas mãos. Cuide dele, pois não posso viver com o peito vazio.

Visco

Walter de la Mare

Sob o visco sentado

(Verde-pálido, visco encantado),

Da última vela o fogo quase apagado,

Idos todos os sonolentos dançarinos,

Aceso, só um fogo pequenino,

Envolto por sombras eu me vi:
Então alguém veio e me beijou ali.

Cansado eu estava
Sob o visco cabeceava
(Verde-pálido, visco que encantava),
Não houve passos, nem voz, somente
Enquanto eu ali estava, solitário,
indolente,
No ar imóvel e sombrio, eu me encolhi
Então lábios invisíveis – me beijaram ali.

Feliz Natal, iadala.
– Ren

Com dedos trêmulos, enfiei o papel e o raminho de visco em meu diário. Fiquei ali acariciando as folhas da planta, imaginando Ren de smoking me puxando para debaixo do visco para um beijo. Após alguns segundos de deliciosa fantasia, eu me censurei mentalmente.

Que tipo de pessoa sou eu? Como posso beijar um homem, nada menos que meu noivo, e daí a pouco ficar sonhando em ser arrebatada por seu irmão? Alguma coisa está muito errada comigo.

Fiz minha prece da serenidade, reafirmei minha intenção de seguir o caminho que escolhera e fui ao encontro de Kishan à mesa. Ele preparou o tabuleiro do jogo e não percebeu nada.

Na manhã seguinte, acordei bem cedo, deixei o tigre negro roncando no chão e fui para a fabulosa cozinha do Sr. Kadam preparar o melhor café da manhã de Natal de todos os tempos para nós três. Os painéis da janela deslizaram quando pressionei um botão. Com aquela vista incrível como inspiração, pus a mesa para o café, cantarolando até que um ruído me assustou.

Ren estava no vão da porta. Meus olhos correram para os dele, e ele me entregou um buquê de lilases.

– Feliz Natal – disse ele.

Aceitei as flores e declarei baixinho:

- Você já me deu mais do que o suficiente.
- Quando um homem dá um lilás a uma mulher...
- Está lhe fazendo uma pergunta – concluí.
- Você se lembra.

Desviei os olhos.

- Você achou que eu me esqueceria?

Ele pôs as mãos nos meus ombros e me fez olhar para ele.

– Eu amo você, Kelsey. O que sinto por você é mais do que gratidão, mais do que atração, mais do que afeição. Nunca escrevi um poema com pontos de exclamação até conhecê-la. Você é o ar nos meus pulmões, o sangue nas minhas veias e a coragem no meu coração. Sou uma concha vazia sem você.

Ele segurou meu rosto.

– Você ilumina minha alma com o brilho cáldo do seu amor e da sua devoção. Mesmo agora, posso senti-lo, e é ele que me sustenta. Você pode negar o que sente com suas palavras, mas seu coração ainda é meu, *iadala*.

Envovi suas mãos com meus dedos e, com um esforço imenso, dei um passo para trás.

Aceitando minha rejeição com tranquilidade, ele provocou:

- Talvez eu devesse ter trazido mais visco.

Virei-me de costas para ele e comecei a realizar as tarefas com eficiência, como se cada nervo do meu corpo não estivesse voltado para o homem hipnotizante que me observava.

- Por que não trouxe então? – perguntei despreocupadamente.

Ele deu de ombros e descansou o corpo na parede.

- Não queria dar a Kishan nenhuma motivação a mais.

– Ah. – Apanhei o Fruto e comecei a pedir pratos. O Fruto esquentou e tremeluziu como um globo de discoteca enquanto apresentava uma travessa atrás da outra. O vapor subia de cada uma delas e os aromas familiares fluuavam no ar.

Com frieza, sorri e disse:

– Feliz Natal, Ren. Obrigada pelo poema e pela caixa de música. – Não fiz nenhuma menção ao restante do bilhete e não respondi à declaração profunda que viera com o buquê de lilases. Em vez disso, fingi que não as estava segurando, cheia de culpa, apertando-as com ardor junto ao meu coração disparado. Impassível, continuei: – Esqueci totalmente de comprar um presente para você, então, para compensar, estou preparando o famoso brunch de Natal da minha avó. Está com fome?

Ele cruzou os braços no peito e me olhou com uma intensidade que

ameaçava me engolir inteira.

– Sim – respondeu baixinho.

Pigarreei, desajeitada, e agitei as mãos na direção da mesa.

– Bem, então sente-se, e pode se servir. Kishan ainda está dormindo.

Ren resmungou, mas sentou-se. Entreguei-lhe um guardanapo de linho e talheres e, quando ele foi pegá-los, sua mão segurou a minha por uma fração de segundo a mais do que o necessário. Eu me virei depressa e comecei a servir grandes porções de cada travessa em seu prato: pãezinhos cobertos com molho cremoso de linguiça, ovos com queijo, batata frita com cebola e pimentão, grossas fatias de bacon, maçãs assadas com manteiga e canela, e o chocolate quente com chantili da vovó, coberto de calda de chocolate e chocolate granulado, e enfeitado com uma bengalinha doce de hortelã e uma cereja.

Servi a mim também e sentei-me à frente dele, que provou um pouco de cada prato e então pegou o chocolate quente.

– Esse café da manhã é uma tradição na sua família?

– É – respondi. – Todos os anos, na véspera do Natal, vovó dormia lá em casa. Na manhã seguinte, ela levantava antes de todo mundo e preparava esses pãezinhos. Eu costumava acordar logo depois dela e misturava o molho enquanto ela cortava batatas e cebolas. O chocolate quente era uma guloseima especial que evoluiu com o tempo. Acrescentei o granulado. Papai acrescentou as bengalinhas de hortelã e mamãe, a cereja. Em geral, não abríamos os presentes antes que a cozinha estivesse arrumada depois do café.

– Qual foi a última vez que teve um café assim?

– Pouco antes de meus pais morrerem. Depois que vovó se foi, passei a fazer os ovos e as batatas e mamãe, os pãezinhos. Costumávamos falar sobre a vovó enquanto trabalhávamos. Minha família adotiva não teria gostado de uma refeição assim. Carboidratos demais. Mesmo quando faziam chocolate quente no Natal, era diet e sem o chantili.

Ren estendeu o braço sobre a mesa e segurou a minha mão.

– É importante manter vivas nossas tradições de família. Nos ajuda a lembrar quem somos e de onde viemos.

– E a sua avó?

– Ela morreu quando eu era pequeno, mas eu tinha uma tia-avó que passou muito tempo com a gente. Era como uma avó, em muitos aspectos.

– Kells, espero que tenha guardado um pouco de comida para mim!

– gritou Kishan, que chegou correndo à cozinha, plantou um beijo

estalado no alto da minha cabeça e pegou um prato.

Ren soltou minha mão, mudou de posição e ergueu os olhos para mim.

– O nome dela era Saachi.

Arquejei.

– Ah.

Kishan olhou de mim para Ren e então pigarreou ruidosamente.

– Kells, eu vou morrer se não comer alguma coisa. Por favor, em grande quantidade, se não se importa.

Eu me levantei abruptamente, cambaleei até o balcão e comecei a encher sem pensar o prato de Kishan.

Depois da refeição um tanto estranha, chegou a hora de darmos início à nossa última missão. Deslizei Fanindra pelo braço e saltei para a minúscula lancha. Kishan nos guiou tranquilamente pela água e então pulou para superfície negra e quebradiça do caminho de lava. Ren arrastou a lancha para a praia, e eu pus os pés na ilha Barren.



Fênix

Com Kishan segurando minha mão, começamos cuidadosamente a abrir caminho pelo terreno desconhecido e cheio de cicatrizes, tendo as armas de Durga à mão. Havíamos levado todos os presentes da deusa, e era bom ter novamente o arco e as flechas pendurados nas costas, principalmente porque pensamentos sombrios roíam as bordas da minha mente. Eu imaginava feras arrepiadas e criaturas selvagens com dentes afiados espreitando nas sombras das árvores do mangue que, despidas de verde e mutiladas, estendiam galhos leprosos que se prendiam às nossas roupas; as raízes semelhantes a garras dificultavam nosso progresso.

Os pés afundavam nas cinzas como se fossem neve escura, e o ar era pesado, quente e ameaçador. Nervosa, murmurei enquanto atravessávamos a assustadora paisagem:

– Eu... eu já contei a vocês sobre o monte Vesúvio?

Kishan sacudiu a cabeça, mas manteve os olhos voltados para a frente.

– Era um vulcão exatamente como este. Ele destruiu duas cidades. A maioria das pessoas morreu instantaneamente, mas algumas sufocaram lentamente sob camadas de cinzas. Foram encontrados esqueletos intactos. Um deles era de uma mulher grávida deitada na cama; o esqueleto do feto ainda estava dentro dela. À volta dela, havia outras pessoas, provavelmente membros da família que no momento cuidavam dela.

Kishan resmungou e seguiu em frente. Ren envolveu meu outro braço com os dedos, apertou de leve e disse:

– Vamos ficar bem, Kells.

– É que tenho a sensação de que as cinzas estão me sufocando. É difícil respirar.

– Se ajudar, peça ao Lenço que faça uma máscara para você. Tente não pensar nisso. Concentre seu olhar nos bíceps superdesenvolvidos de Kishan em vez de nas cinzas levantadas pelos seus pés e respire fundo.

Bufei, nervosa. Kishan parou abruptamente e olhou carrancudo

para Ren. Então me disse:

– Iremos mais devagar se você estiver cansada.

– Não estou cansada. Só estou... o que é *aquilo*? – exclamei e apontei para as folhas que farfalhavam.

Kishan girou o corpo e, com um movimento ágil, atirou o *chakram* nas árvores raquíticas. A arma se enterrou em um tronco retorcido. Ouvimos um balido de terror e vários animais deixaram aquela área, saltando aos tropeços, os cascos afundando nas cinzas que amorteciam o som. Eles se afastaram das árvores, subindo a perigosa encosta da cratera, e desapareceram além do topo.

– Cabras? Como elas chegaram aqui? – perguntei.

– Li que animais de criação costumavam ser deixados nas ilhas menores para o caso de um navio encalhar e os marinheiros precisarem de alimento. Poderemos ver também morcegos e pequenos roedores.

– Morcegos, cabras e ratos... ai, ai, ai.

Se o que encontrássemos no caminho se resumisse a isso, eu me consideraria uma pessoa de sorte.

Continuamos a subir a encosta do vulcão. Com frequência eu escorregava na terra fofa, cheia de cascalhos e cinzas, e tive que usar as mãos para ajudar na subida quando a encosta se tornou mais íngreme. As cinzas eram mornas, às vezes até quentes. Agarrar-me às raízes das árvores não ajudava muito, pois elas se soltavam ou se partiam. Kishan seguia à frente, como um trator, abrindo caminho, e muitas vezes estendia a mão para me ajudar. Ren assumia a retaguarda e me segurou por duas vezes quando escorreguei no solo macio.

No topo, a visão era incrível. Parecia que estávamos de pé na borda quebrada de uma grande tigela. A parede da cratera ficava a 300 metros da superfície do oceano. Uma leve brisa soprava, fazendo cócegas no meu nariz com o aroma do oceano misturado ao cheiro da fumaça de madeira queimada. Vestígios de árvores cobriam as encostas rochosas, e eu até consegui ver áreas verdes que despontavam aqui e ali, mas, quando meu olhar seguiu para o centro da cratera, não pude evitar um estremecimento.

Estimei que a bacia do vulcão tivesse pouco mais de três quilômetros de diâmetro. Enquanto Ren e Kishan discutiam o melhor lugar por onde descer, eu assimilava a desolação. O terreno parecia a superfície de uma lua maligna orbitando um planeta infernal. Esburacado, dilacerado e bruto, o interior enegrecido lembrava um furúnculo purulento no que, afora isso, era um lindo oceano tropical.

Bebi um pouco de água, na esperança de limpar a poeira seca de minha garganta.

– Vamos fazer uma corda com o Lenço Divino e descer de rapel – Ren explicou o plano.

– Tem certeza de que a entrada para a Cidade de Luz fica lá embaixo?

– A ilha não é grande, Kells – replicou Kishan. – Se não for lá embaixo, então vasculharemos todo o resto até encontrarmos.

Nós três calçamos luvas, e então Kishan prendeu várias cordas em torno do meu corpo e do tronco de uma árvore grossa. Íamos descer pela face do rochedo, usando um sistema de polias feito com cordas para evitar que descêssemos rápido demais.

– Não pule. Não tome impulso. Apenas desça devagar, como se estivesse andando pela parede. Ren estará abaixo de você na mesma corda, e eu estarei bem ao seu lado. Não a deixaremos cair. Está pronta? – perguntou Kishan com calma.

Eu estava tão pronta para fazer rapel em um penhasco quanto para enfiar a mão na lava.

Ren segurou sua corda, deixou o corpo cair para trás e desapareceu. Espiei cautelosamente pela borda e o encontrei alguns metros abaixo de nós, os pés apoiados na parede da rocha. Ele ergueu os olhos para mim e disse com gentileza:

– Venha, Kells. Estou bem aqui.

Trêmula, tomei posição e segurei minhas cordas. De início, fiquei bem, e Kishan acompanhou o meu ritmo enquanto eu descia devagar pela encosta, como uma avó andando de patins. Então, quando surgiu uma reentrância na face da rocha, deixando meus pés pendurados no ar, entrei em pânico e me balancei freneticamente, gritando. Torcendo a corda, girei no ar, mas Kishan me pegou e estabilizou minha corda enquanto eu enganchava desesperadamente uma de minhas pernas na dele.

Ele sorriu e disse:

– Você está bem, *bilauta*. Relaxe as mãos e deslize até onde Ren está.

Virei a perna, libertando-o, e ele se afastou ligeiramente. Olhei para cima e me senti enjoada. Olhei para baixo e me senti mais enjoada ainda. Engolindo em seco, deixei a corda deslizar entre meus dedos e descí rapidamente, só parando quando senti a rocha sólida contra os meus pés outra vez. Embora ainda descêssemos em câmera lenta, chegamos ao fundo sem mais incidentes. Minhas mãos tremiam e minhas pernas pareciam gelatina enquanto, entorpecida, eu esperava

que Ren soltasse as cordas do meu corpo.

Deixamos as cordas penduradas e seguimos para o centro da cratera. As cinzas haviam sido substituídas por brilhantes faixas negras que se estiravam em nossa direção como dedos nodosos. Ren testou a crosta resfriada dando alguns passos. Declarando-a segura, ele seguiu um tentáculo tortuoso, e Kishan e eu nos juntamos a ele.

Caminhar sobre a superfície árida era lento e complicado em razão dos rochedos maciços que com frequência bloqueavam nossa passagem. Pedras parecidas com balas de canhão gigantescas haviam colidido com os feixes de lava seca, estilhaçando-os e criando na crosta formas bizarras com superfícies irregulares e cheias de farpas. Em outros lugares, a lava havia coberto rochas de até três metros de diâmetro, como um glacê arenoso sobre um bolo.

Ocasionalmente, pisávamos em algumas das bolhas carbonizadas, que explodiam e se transformavam em grânulos. Vapores sulfurosos subiam de rachaduras estreitas. Quando a bota de Kishan atravessou a crosta negra em um ponto, um vapor escaldante escapou do buraco e queimou a pele de seu braço.

Vendo minha expressão preocupada, Kishan me dirigiu um sorriso tranquilizador e deu tapinhas no *kamandal* oculto sob sua camisa.

– Nós nos curamos depressa, Kells, e, se alguma coisa acontecer com você, vamos usar o elixir da sereia.

Assenti e segui adiante, me arrastando, perguntando-me se o elixir seria suficientemente poderoso para me curar depois que a lava derretesse meu rosto. Usei o Colar de Pérolas para encher cantis de água, e bebemos o máximo que pudemos. Então prosseguimos, e não demorou até encontrarmos um grande buraco que brilhava com uma luz tênue.

Ren se abaixou para espiar lá dentro.

– É um túnel de lava. Provavelmente ativo.

– Então a lava vai sair jorrando daí? – perguntei.

– Não sei.

– Bem, o que devemos fazer? Seguir em frente ou entrar?

Kishan se inclinou sobre a abertura.

– É quente demais. Ela não vai sobreviver.

– E quanto a vocês dois? – indaguei. – Suponho que também não queiram queimar o pelo.

– Então vamos em frente – disse Ren, ficando de pé e mudando a mochila de posição.

Seguindo seus passos, começamos a nos afastar, mas de repente parei e me voltei.

- Ouviram isso?
- Isso o quê? – perguntou Kishan atrás de mim.
- É uma... uma canção.
- Não ouvi nada – respondeu Ren.
- Nem eu – acrescentou Kishan.

Fechei os olhos e apurei o sentido da audição.

– De novo. Vocês não conseguem captá-la com seus ouvidos de tigre?

Eles sacudiram a cabeça.

- Odeio dizer isso, mas tenho a sensação... de que este é o lugar.
- Mas é quente demais, Kells.
- Então precisamos esfriá-lo. Esfriar o meu corpo no processo também não seria uma má ideia.

Ao secar o suor que escorria em minha nuca, meus dedos tocaram o Colar de Pérolas Negras.

– Tenho uma ideia – falei para Kishan. – Sigam-me.

Nós nos posicionamos na borda do túnel. Toquei a flor de lótus de pérolas do Colar no meu pescoço e sussurrei algumas palavras. Um ronco sacudiu a ilha, e eu ouvi o rugido da água. Ren passou o braço à minha volta quando tropecei com o movimento do solo.

– Espero que eu possa controlar isso – murmurei, nervosa, com os braços estendidos.

Então me concentrei na parede da cratera. As árvores se sacudiram violentamente e um borrimo de água do oceano correu pela parede e mergulhou na bacia. Visualizando o fluxo da água, instei-o a se aproximar, e ele rapidamente rolou sobre a superfície negra do vulcão.

O vapor subiu em vários lugares, sibilando com o som de mil serpentes. Ergui as mãos, formando uma concha, e lentamente as uni. Domei a água, dei-lhe forma, até que ela se tornasse exatamente o que eu queria que fosse, guiando o fluxo na direção do túnel de lava.

A água fria do mar avançou e desceu pela boca aberta do túnel. Eu podia senti-la se movendo através da ilha, passando por túneis com quilômetros de extensão, e instei que uma quantidade cada vez maior viesse até eu ter deslocado do oceano o volume equivalente a um pequeno lago. Abrindo os dedos, mandei a água do subterrâneo fluir sobre a lava, que silvou, fumegou e escureceu quando os dois elementos distintos se encontraram. Permaneci em silêncio, com os olhos fechados, e senti o progresso do curso de água até que sua última gota tivesse evaporado.

Quando abri os olhos, Ren e Kishan me observavam, intrigados.

– Como você sabia que deveria fazer isso? – perguntou Kishan.

– Não sei. Acho que foi a canção. Têm certeza de que vocês não a ouviram?

Quando ambos negaram com a cabeça, eu me perguntei se agora estaria ouvindo coisas além de possuir estranhos poderes e controle sobre objetos mágicos. Qualquer que tenha sido minha inspiração, pareceu funcionar. O túnel ainda estava quente, mas o calor havia reduzido significativamente.

Passamos pela abertura úmida. Enquanto descíamos, o túnel se retorcia e ficava muito escuro, e somente o brilho dos olhos de Fanindra iluminava o nosso caminho. O ar era abafado e úmido. Veios metálicos se agarravam às laterais do túnel, e tossi com os fiapos que flutuavam no ar.

Chegamos a uma bifurcação, e dobrei à esquerda, hesitando apenas quando Kishan sussurrou:

– Como você sabe por onde ir?

– Não sei explicar – respondi. – Apenas sei que é por aqui.

Minha resposta ecoou sinistramente através das escuras passagens. Esfreguei a nuca e afastei a camiseta grudada das costas. Para manter longe da mente o calor e o perigo, cantarolei canções natalinas e fiquei pensando na neve. Para minha surpresa, Ren e Kishan cantaram comigo “Jingle Bells”, mas a música era baixa, hesitante e, quando o eco retornava, soávamos mais como os fantasmas de celebrações há muito esquecidas.

O túnel de lava era arredondado e liso, como se uma minhoca gigante o houvesse aberto para nós. Tinha facilmente três metros e meio de diâmetro, e dois de nós conseguíamos andar lado a lado confortavelmente. Seguimos descendo por quase dois quilômetros. *Certamente estamos bem abaixo do nível do mar agora.* Ouvi um som líquido à frente e me perguntei se ainda haveria um pouco da minha água do mar correndo pelos túneis.

Chegamos a uma seção interrompida que brilhava com uma luz alaranjada. Quando nos aproximamos, uma onda de calor instantaneamente secou o suor do meu corpo.

Ren me deteve, mas nós três nos esticamos para a frente a fim de olhar a abertura. Uns 30 metros abaixo, um rio de lava fluía. Suas bordas irregulares eram escuras e letárgicas, mas o meio era de um tom de laranja brilhante e se movia rapidamente. Uma pele escura e resfriada rachava-se e flutuava na superfície em diferentes pontos, fazendo a lava parecer um pudim laranja-avermelhado deixado descoberto na geladeira.

Kishan me puxou, afastando-me do espetáculo, e continuamos a

descida através do labirinto de túneis até que finalmente chegamos a um beco sem saída. Pousei a mão sobre a superfície áspera de uma parede de pedra.

– Não entendo. Este é o lugar – murmurei.

Ren pôs as mãos na parede e as esfregou sobre a superfície, limpando a areia. Kishan e eu ajudamos. Meus dedos entraram em uma leve depressão, e eu deslizei a mão sobre ela, escavando o pó. Um pouco de cascalho solto caiu aos meus pés, e um momento depois eu gritei:

– É aqui. A marca da mão!

Posicionei a mão na depressão e deixei as centelhas crepitantes fluírem sobre a rocha. O desenho em hena surgiu na minha pele e brilhou, iluminando a mão de dentro para fora. A caverna se sacudiu e a parede de rocha se deslocou. Quando a poeira caiu sobre nós, Kishan me agarrou e pressionou minha cabeça contra seu peito, me cobrindo com seu corpo. A pedra gemeu e oscilou para a frente e para trás, então lentamente rolou para o lado e parou. Limpei a poeira do rosto e passei pela abertura.

Estávamos numa plataforma que dava vista para uma gigantesca floresta subterrânea.

– Árvores? Como pode haver árvores aqui? – perguntei, incrédula.

– Não creio que sejam árvores normais. Isso deve ser como Kishkindha – murmurou Ren –, um mundo subterrâneo.

– Sim, só que aqui é mais quente que o Hades.

Quando Ren encontrou uma escadaria de pedra, começamos a descer. Enquanto seguíamos, eu me maravilhava com a beleza da floresta. Troncos grossos e cobertos de fuligem sustentavam um amplo dossel de galhos cobertos com folhas que tremeluziam suavemente, como as brasas de um fogo agonizante. Gavinhas douradas e encaracoladas brotavam dos galhos e se moviam em nossa direção enquanto caminhávamos.

Ren as observava com cautela e pegou a *gada* na mochila, mas avancei, destemida, e ergui um dedo. Uma pequena gavinha se estendeu na direção da minha mão quase com hesitação e então, lenta e delicadamente, se enrolou em meu dedo e se agarrou a mim. Uma sensação de calor reverberou pelo meu corpo, e o amuleto em meu pescoço começou a brilhar.

– Kelsey? – disse Ren, dando um passo em minha direção.

Ergui a mão para detê-lo.

– Está tudo bem. Não está me machucando. – Eu sorri. – Ela é atraída pelo poder do amuleto.

Outra fina gavinha com duas folhas trêmulas roçou em meu rosto. Kishan se aproximou da árvore, mas as folhas piscaram cores de alarme. Acaricieei o tronco para tranquilizá-la.

– Eles não vão machucar você. Não precisa ter medo de nós.

A árvore pareceu se recuperar e deixou Kishan tocar um galho.

Tremendo delicadamente, a árvore de fogo estendeu outra gavinha com minúsculos botões que desabrocharam em pétalas de um laranja vivo com folhas douradas.

– É linda! – exclamei.

Kishan resmungou, dizendo:

– Elas parecem gostar de você.

As folhas tremeram e se voltaram em nossa direção enquanto continuávamos a descer a encosta.

Vimos samambaias e plantas de fogo que explodiam em florações radiantes ao passarmos. Ren e Kishan encontraram trilhas e avistaram um animal laranja-avermelhado que se assemelhava a um coelho. A floresta parecia nos envolver em um clima cálido, mas nos poupava do calor devastador do vulcão. O ar era seco, e o solo, rico e escuro, como a mais fértil terra adubada. Um espesso musgo reluzente, numa variedade de tons de laranja e vermelho, cobria rochas negras e troncos de árvores.

Sentamo-nos em um tronco caído e comemos o almoço produzido pelo Fruto Dourado, comentando baixinho sobre a estranheza do lugar. As árvores com frequência estendiam gavinhas encaracoladas para tocar meu cabelo ou meu braço. O amuleto brilhava com o contato, e o calor se espalhava pelos meus membros. Eu tinha a sensação de que elas estavam recarregando minhas baterias, e o calor já não me incomodava.

Embora a floresta estivesse incandescente de luz, o céu era escuro e sem estrelas. Começamos uma subida e, depois de chegarmos ao pico, Ren apontou para o horizonte distante.

– Estão vendo?

– Vendo o quê? – perguntei.

– Lá adiante. Uma cadeia de montanhas. É difícil de ver porque as montanhas são pretas sobre preto.

Kishan disse que conseguia divisar o contorno, mas tudo o que eu enxergava era escuridão.

– Sua visão de tigre deve ajudar. Não consigo ver nada.

Ren assentiu e sugeriu que montássemos acampamento no vale abaixo. Tínhamos começado a descer quando uma luz brilhante atravessou o céu e explodiu numa cascata silenciosa que me fez

lembrar dos fogos de artifício do Quatro de Julho. Então, como se alguém tivesse apertado um interruptor, todas as árvores escureceram. Eu não conseguia ver nem a um palmo diante do meu nariz.

– O que aconteceu? – perguntei, nervosa.

Ren pegou minha mão e me puxou para seu lado.

– Não sei – disse.

Os olhos cor de esmeralda de Fanindra brilharam, lançando um bem-vindo lampejo esverdeado naquele mundo escuro e estranho. Ren abriu caminho colina abaixo, segurando com força minha mão.

Na base, montamos acampamento e criamos uma grande tenda com o Lenço. Quando estendi a mão para tocar o galho de uma árvore, não senti nada. Ele não se moveu nem me encheu de calor. Parecia morto. Pus a mão no tronco e deixei que um pouco da minha energia de fogo se infiltrasse nele. Uma débil vibração confirmou que a árvore estava viva, mas deduzi que aquele fosse o seu jeito de dormir.

Quando rastejei para dentro da tenda, juntando-me a Ren e Kishan, eles pararam de falar abruptamente.

– Estão de segredinhos, é? – provoqueei. – Não quero saber mesmo. Só queria lhes dizer que as árvores estão adormecidas.

– Certo. Vamos ficar de guarda esta noite – declarou Ren. – Achamos... É possível que você esteja sendo manipulada, Kells.

– O quê? – Eu ri. – Vocês estão falando sério?

Nenhum dos dois fez contato visual comigo.

– Vocês acham que as árvores estão me desviando do caminho?

Ren falou com suavidade:

– Temos que manter a mente aberta para essa possibilidade.

– E por essa razão vamos ficar de guarda, e você não tem permissão para participar – acrescentou Kishan.

Cruzei os braços diante do peito.

– Acho que sei quando estou sendo manipulada. E por que vocês tigres sempre pensam que sabem o que é melhor para mim? Vocês são tão, tão... homens!

– *Kells* – ambos protestaram.

– Ótimo. Façam isso. E, aproveitando, me deixem em paz.

Ouvi Kishan suspirar e um suave “Boa noite, Kelsey” quando rolei e enfiei a mão debaixo da bochecha. Então me contorci, me livrando do cobertor por causa do calor, e adormeci.

Um lampejo de luz penetrou o tecido da tenda e me acordou. Ouvi um estalo e um zumbido metálico, e de repente tudo estava banhado em

uma bruxuleante luz de fogo.

Ren estava dormindo. Tinha um braço erguido acima da cabeça e o outro descansava em sua barriga. Eu me aproximei, e ele suspirou e acomodou melhor a cabeça no travesseiro.

Eu queria estender a mão para tocá-lo. Sabia que sua pele dourada estaria suave e quente, mas em vez disso fiquei ali, ouvindo-o respirar silenciosamente, e me perguntei como podia estar noiva de um homem e ainda desejar outro.

Que pessoa horrível eu sou, pensei e saí cambaleando da tenda.

– Bom dia, *bilauta* – disse Kishan, de guarda. – Ainda está zangada?

– Não.

– Ótimo.

Ele me envolveu em um abraço de urso e beijou minha cabeça. Uma minúscula gavinha, tão delicada quanto a pata de um gatinho, tocou as costas da minha mão. Deixei-a se enroscar no meu dedo mínimo e absorvi seu calor.

Sentindo-me grudenta e suja por causa do vulcão, eu me afastei um pouco e tentei arranjar um chuveiro usando o Colar. Mas assim que as gotas de água tocaram as árvores, elas se sacudiram violentamente e suas folhas se tornaram marrons e caíram.

Humm... que estranho, pensei, interrompendo o fluxo de água. Lembrando-me da atração das árvores pelo amuleto de fogo, ponderei se o fogo não seria sua fonte de energia.

Tentei reparar as árvores danificadas aquecendo-as com meu poder de fogo. A primeira árvore começou a se curar, mas eu ainda podia sentir a energia se esvaindo dela. Inconsolável, retirei as mãos do tronco enquanto lágrimas silenciosas escorriam pelo meu rosto.

Ren me encontrou alguns minutos depois, enxugou uma lágrima e perguntou:

– Por que está chorando?

– Matei uma árvore – confessei em meio a uma fungada. – Acho que estas árvores se alimentam de fogo e morrem quando entram em contato com a água. Tentei salvá-la mas não tenho poder suficiente.

Ele estudou a árvore, então pegou minha mão e a colocou sobre o tronco.

– Tente outra vez.

Fechei os olhos e deixei o fogo se acumular até que ele começou a fluir para a árvore. Senti que o débil brilho dentro dela me respondia e tentava me alcançar com dedos fracos. Estendemos as mãos uma para a outra, mas eu sabia que não iríamos cobrir a distância. Em desespero, recomecei a soluçar, mas então senti uma explosão de

energia dourada irradiar de minhas mãos e seguir das raízes da árvore para as folhas antes ardentes. O ouro líquido correu por galhos desfalecidos, revigorando gavinhas secas e escuras em sua passagem.

Pulsando com uma nova vida, a árvore buscou a mim e acariciou suavemente meu cabelo e meu rosto. Minhas lágrimas secaram com o calor. Um galho me envolveu em um abraço folhoso, e eu me deixei ficar alegremente em sua luz. Dando meia-volta, percebi que as outras árvores também haviam sido curadas.

– Como uma árvore curou todas as outras? – perguntei em voz alta.

– Talvez as raízes estejam conectadas – respondeu Ren.

Ele afastou o cabelo do meu pescoço e deslizou o polegar de leve pelo ponto sensível logo atrás da orelha. Estremeci, e meus olhos encontraram os dele.

– Talvez elas respondam ao seu toque – disse ele baixinho, seus lábios a poucos centímetros dos meus.

– Por que tem que me olhar assim? – indaguei, afastando-me dele e baixando os olhos.

Sua mão deixou o meu pescoço.

– Como estou olhando você?

– Como se eu fosse um antílope. Como antes.

Ren sorriu, mas logo sua expressão tornou-se séria quando ele me puxou para os seus braços.

– Talvez seja porque estou faminto.

– Não comeu hoje de manhã?

Minha tentativa de diluir a tensão com humor fracassou.

– Não é comida o que eu quero, Kelsey. Tenho fome de você.

Eu estava prestes a protestar quando ele pressionou o dedo contra os meus lábios.

– Shh... Deixe que eu desfrute este momento. Tenho poucos e são preciosos. Prometo que não vou beijá-la. Só quero abraçá-la e não pensar em nada nem em ninguém.

Suspirando, deixei minha cabeça cair contra o seu peito.

Passado um minuto ou dois, um Kishan irritado perguntou:

– Já acabou de abraçar a minha noiva?

Ren enrijeceu o corpo e recuou, sem dizer nada.

– Estávamos curando as...

Kishan deu meia-volta e se afastou, furioso.

– ...árvores – falei às suas costas enquanto ele se retirava.

Estava claro que era hora de prosseguir, e depois de uma hora de caminhada praticamente em silêncio chegamos a uma campina cheia de flores fosforescentes que se balançavam em caules finos e negros. A

vegetação rasteira era disposta em camadas com sebes douradas, arbustos vermelhos e samambaias cor de cobre mortas, enquanto o matagal adjacente queimava com árvores em amarelo, laranja e escarlate.

Paramos para apreciar a beleza da floresta à nossa volta, e foi aí que ouvi asas batendo no ar. Kishan pegou o *chakram* e Ren sacou a espada dourada, separou-a em duas e jogou uma para o irmão. Ele também girou a faca Sai pendurada em seu quadril até ela se prolongar na familiar forma de tridente. Então ergueu o braço, pronto para lançá-la.

Ouvimos o inconfundível som de uma ave grasnando. Engoli em seco e esquadrinhei o céu escuro, na esperança de que não fosse outro bando de aves de ferro. A criatura disparou em nossa direção como um cometa em chamas, tendo as bordas escurecidas, mas queimando por dentro.

Ela voou em círculos no céu, inclinando a cabeça para nos olhar com o olho branco varrendo o chão feito um holofote. A ave abriu o bico curvo de águia e grasnou de novo, então bateu as asas rapidamente ao mergulhar em nossa direção.

As penas que revestiam as asas da ave eram macias – em parte cabelo de anjo, em parte chamas. As asas amplas terminavam em pontas definidas que, na parte mais próxima do corpo, eram amarelas, mas terminavam em um vermelho tão escuro que era quase preto.

O bico tinha um tom dourado e as patas eram cobertas com penas laranja-escuro, terminando em garras afiadas e poderosas. Uma crista de fogo se erguia em sua cabeça e uma longa plumagem carmesim protegia-lhe a nuca e refletia a luz chamejante. Tinha uma cauda comprida que se abria em leque atrás dela quando voava. As cores tremeluzentes combinavam com a flora do lugar, e, com as asas, a cauda e a crista ondulando ao vento, a ave parecia verdadeiramente em chamas.

Ela pousou em um tronco caído e agarrou a madeira com força. Dançando para a frente e para trás até estar equilibrada, a ave dobrou as asas e olhou para nós três. Uma voz masculina penetrou a campina. Quente e musical, parecia tremeluzir, como o mundo à nossa volta.

– O que vieram fazer em meu reino? – perguntou a ave.

Ren deu um passo à frente.

– Estamos procurando a Corda de Fogo.

– Por que razão a procuram?

– Queremos concluir nossa missão, levar a Durga o seu presente e recuperar nossa humanidade – respondeu Kishan.

– Para entrar no meu reino, vocês precisam fazer um sacrifício a fim de provar que são dignos.

– Diga-nos o que fazer, e vamos providenciar – prometeu Ren.

Uma suave gargalhada ecoou à nossa volta.

– Não cabe a você oferecer o sacrifício, tigre branco. Não, o sacrifício que exijo é uma esposa *sati*. Só tem uma pessoa aqui capaz de satisfazer meu pedido.

Tanto Ren quanto Kishan saltaram à minha frente, ergueram as armas e gritaram:

– Não! Você não irá levá-la!

Confusa, espiei por entre os ombros largos de ambos e fui imediatamente cativada pelos olhos brilhantes da Fênix.



A esposa sati

Ren e Kishan barravam meu caminho, mantendo uma distância segura entre mim e a Fênix.

– Por que vocês dois estão agindo dessa maneira? – perguntei, tentando passar por eles. – Estamos aqui para negociar. Temos muitas coisas a oferecer em sacrifício. Posso criar frutas ou tecido de ouro ou o que quer que ele deseje.

Kishan baixou o *chakram*, mas manteve os olhos na ave.

– A Fênix não quer um sacrifício qualquer, Kells. Ele quer uma esposa *sati*.

– E o que isso quer dizer?

Ren contraiu o maxilar e me olhou de um modo que eu nunca vira antes. Seus olhos brilhantes se encheram com o mais profundo pesar. Ele sacudiu a cabeça, recusando-se a me responder, segurou com mais firmeza ainda suas armas e deu um passo à frente, posicionando o corpo para se manter entre mim e a ave.

Virei-me para Kishan e pedi suavemente:

– Pode me contar.

Em um tom abafado, Kishan replicou:

– Nos tempos antigos, as mulheres eram ensinadas a se dedicar, de corpo e alma, a seus maridos. Uma esposa *sati* é uma viúva acometida por uma dor tão esmagadora com a morte do marido que não se separa dele. Quando o corpo dele é cremado, ela se atira na pira funerária para mostrar sua devoção e seu amor nesse último e fatal ato.

Ren acrescentou com repulsa:

– Isso foi proscrito na Índia faz algum tempo, e meus pais já tinham proibido a cerimônia em nosso reino.

– Entendi – sussurrei.

Virei-me para encarar a Fênix e senti os lábios de Ren roçarem meu ouvido.

– *Iadala*, nós não vamos entregá-la.

Pousei a mão em seu braço de músculos sólidos como pedra e o apertei de leve. Então agarrei o pulso de Kishan com a outra mão e

perguntei à Fênix com o máximo de coragem que pude reunir:

– O que você quer de mim?

A ave inclinou a cabeça para me examinar e replicou:

– Vocês disseram que procuram a Corda de Fogo. Somente os dignos poderão passar pelas minhas montanhas para encontrá-la. A fim de provar o seu merecimento, peço um sacrifício.

– Se eu me oferecesse, eu morreria?

– Talvez. O verdadeiro teste de uma esposa *sati* está em seu coração, não na carne. Se seu coração for puro e seu amor verdadeiro, então sua carne não irá queimar. Se o coração engana, então o corpo não pode passar pelas chamas.

Minhas entranhas se contraíram enquanto meu coração batia duas vezes mais rápido. Registrei Kishan protestando baixinho ao meu lado, dizendo que encontraríamos outra maneira, mas parte de mim já sabia que não havia outra maneira. Minha mente reviu algumas conversas que tive com o Sr. Kadam. Eu quase podia ouvi-lo murmurar em minha mente.

“Não tema a chama, Srta. Kelsey, pois, se estiver preparada, ela não a machucará.”

Mas e se eu morrer?

Sua voz me veio novamente:

“A reencarnação é o velho espírito dando origem a um novo, como uma chama que, antes de morrer, acende uma nova vela. As velas são diferentes, mas a chama vem daqueles que partiram antes.”

Acontece que eu não acredito em reencarnação. Meus olhos se encheram de lágrimas, que transbordaram apesar da secura do ambiente, e lembranças de outra conversa com o Sr. Kadam cintilaram na minha mente.

“E se seu filho ficasse preso em uma casa em chamas?”

“Eu entraria correndo na casa e o salvaria.”

Eu soube então qual deveria ser minha resposta à Fênix. Ergui a cabeça e disse com tranquilidade:

– Eu serei o sacrifício.

A Fênix ergueu as asas e soltou um grito de lamento. Kishan me implorou que não fizesse isso e lançou o *chakram* contra a ave, mas a arma simplesmente circundou a Fênix e retornou para ele.

Ren tremia ao meu lado e tentou negociar com a guardiã imortal. A angústia que ele sentia era clara em sua voz.

– Por favor, imploro que reconsidere. Leve-me no lugar dela. Há precedentes para isso.

– Você está certo ao supor que o sacrifício nem sempre era a esposa

sati – replicou a Fênix. – Entes queridos de todas as idades, tanto homens quanto mulheres, deram sua vida em pesar e sofrimento, mas o seu coração já foi ofertado.

– O que quer dizer? – perguntei.

A sábia Fênix explicou:

– Ao tigre branco foi dada a chance de esquecer sua amada para salvá-la. O coração dele é puro. Seu amor, certo.

– Então leve a mim – ofereceu-se Kishan.

A ave de fogo considerou Kishan por um momento.

– Não posso fazer isso. A hora do seu sacrifício ainda não chegou, mas fique certo de que você também será testado, embora não por mim. Adiante-se, minha jovem.

Dei um passo hesitante para a frente, o que foi bastante corajoso, levando-se tudo em consideração, mas parei para encarar Kishan.

Ele me abraçou e sussurrou:

– No segundo em que ele a machucar, a cabeça dele será decepada.

– Vou me lembrar de me abaixar – brinquei e beijei-o rapidamente.

Ouvi um soluço de protesto atrás de min. Ren havia caído de joelhos. Ele prendeu os braços em torno da minha cintura e pressionou o rosto contra minha barriga.

– Por favor, não leve isso adiante, Kelsey. Estou implorando a você – suplicou Ren.

– Preciso fazer isso – declarei.

Acaricieei seu cabelo e beijei-lhe o alto da cabeça.

– Eu amo você – sussurrou ele.

– Eu sei – respondi simplesmente.

Com relutância, ele me soltou. Pôs-se de pé, enxugou com raiva as lágrimas que haviam deixado seus olhos azuis ainda mais brilhantes e pegou suas armas com determinação renovada. Afastei-me dele e encarei a Fênix.

– Estou pronta.

A grande ave abriu e bateu as asas, o que mandou ondas de ar quente rodopiando em torno do meu corpo. Minhas mãos tremiam, então as pressionei de encontro à lateral do corpo e esperei a dor.

Dançando com as garras, a Fênix abriu o bico e cantou. As notas eram lindas e doces. Quando a canção terminou, ela disse:

– Agora eles não podem mais detê-la.

– O quê? – perguntei, dando meia-volta.

Ren e Kishan encontravam-se presos numa reluzente caixa de vidro. Eles socavam as paredes transparentes e se lançavam contra elas num esforço inútil de estilhaçar o vidro. Eu podia vê-los, mas não ouvi-los.

– Eles podem respirar ali? – perguntei.

– A jaula de diamante permite que respirem. Eles não se machucarão. O mais importante, porém, é que não atrapalharão o sacrifício. Agora devo lhe pedir que tire o amuleto.

Minha mão voou para o pescoço.

– Por quê?

– O amuleto de fogo a protege neste reino. Se continuar com ele, todas as criaturas da floresta, inclusive as árvores, irão partilhar sua dor.

Imediatamente levei a mão atrás do pescoço para abrir o fecho.

– Promete deixá-lo aqui para Ren e Kishan? Eles vão precisar dele.

– Não tenho nenhum interesse no seu amuleto. Ninguém mexerá nele se você deixá-lo aí.

Tirei o amuleto e Fanindra para proteger ambos. O calor do fogo imediatamente me envolveu. O suor escorria pelo meu rosto, e passei a língua pelos lábios subitamente secos.

Tentei ignorar Ren e Kishan, que claramente pensavam que essa não era uma boa ideia, mas, quando me virei para encarar a Fênix, eu soube que tinha feito a escolha certa.

Então a ave tornou a cantar, e o solo rachou, me separando da ave de fogo. Entre nós estendia-se uma ponte de pedra e cascalho em chamas.

– Se você conseguir andar pelo caminho da chama, poderá transpor minha montanha.

– E se não conseguir?

– Então seus ossos enegrecidos encontrarão seu lugar de repouso aqui neste bosque.

Engoli em seco e coloquei o pé calçado com a bota nas brasas incandescentes. O calor me sufocou. Minha bota começou a fumar. O suor pingava de minhas têmporas, escorria pelo meu pescoço e formava gotículas no meu lábio superior. Dei mais um passo abrasador e mais outro. Embora o caminho fosse pedregoso, fui deslizando, como se estivesse em um lago congelado. Horrorizada, percebi que o solado de borracha das minhas botas havia derretido, transformando-se em poças pegajosas.

Quando meu calcanhar, protegido apenas pela meia, tocou a rocha quente, eu gritei. Ergui o pé e estava prestes a saltar para fora dali quando a Fênix advertiu:

– Se deixar o caminho, sua vida será confiscada.

Tornei a pousar o pé, tomando o cuidado de me apoiar apenas nos dedos, e dei mais alguns passos. Uma lágrima escorreu no meu rosto

enquanto eu cambaleava adiante.

A ave acompanhava meu progresso e perguntou:

– Por que seu coração está fechado?

Arquejei de dor.

– Como assim?

Ela não respondeu. Apoiei o pé esquerdo, agora descalço, no chão, e logo pulei para o pé direito. O minúsculo pedaço de sapato que restava derreteu. Gritei em agonia, mas me recusei a deixar o caminho. O que sobrara da parte de cima da meia estava se consumindo. Com uma força inumana, arranquei-a e olhei meus pés enegrecidos. A pele acima dos tornozelos estava vermelha e coberta por bolhas horríveis.

Logo a única dor que eu sentia era nas panturrilhas, e eu soube que o fogo havia queimado as terminações nervosas dos meus pés. Com determinação, dei mais alguns passos.

A Fênix fez outra pergunta:

– Por que não está com o homem que você ama?

Rangi os dentes.

– Eu estou. Eu amo Kishan.

Chamas irromperam em torno dos meus pés e meu short pegou fogo. Eu o apaguei com as mãos e vi que a pele na minha canela agora estava escurecida e se rachando.

Com calma, a ave tornou a perguntar:

– Por que não está com o homem que você ama?

Com a respiração acelerada, arfei:

– Você está falando de Ren, não está?

A Fênix permaneceu em silêncio.

Dei outro passo e gritei de dor.

– Ren e eu não... não combinamos – arquejei. – Ele é um bolo de chocolate recheado e com cobertura, e eu sou um rabanete. Ele vai partir meu coração e me trocar por outra.

– Você está mentindo. Sabe no fundo do seu coração que ele não a deixará.

As chamas lambiam o ar à minha volta. Gritei com um som mais alto do que pensei que fosse fisicamente possível.

– Seu coração está vedado – disse a ave, imperturbável. – Fale a verdade, e a dor diminuirá.

– É que... ele é um super-herói, e eu sou...

Uma explosão de chamas me envolveu, e eu tornei a gritar, tremendo de fraqueza e emoção.

– Fiz uma promessa a Kishan. Não posso deixá-lo!

Quando as chamas crepitantes me cercaram, gritei novamente. A ave não disse nada e depois que o inferno finalmente recuou, berrei:

– Quer a verdade? Tenho medo de ficar sozinha! Tenho medo que ele morra! Como o Sr. Kadam! Como meus pais!

– A morte é a causa do seu medo, mas não é a razão por que você o mantém à distância.

Meu cabelo estava pegando fogo. Todas as partes do meu corpo queimavam. A fita vermelha com que prendera o cabelo passou flutuando numa brisa. Estava queimando numa das extremidades, e eu a observei, com fascinação, cair no caminho à minha frente e se desintegrar em uma nuvem de cinzas. Senti o rosto molhado. Quando o toquei, a pele enegrecida descascou.

Já sem forças para me manter de pé, caí de quatro.

– Por favor! – implorei. – Pare a dor!

– Fale a verdade, e a dor irá parar. Por que não está com o homem que você ama?

Arfei em busca de ar, sabendo que iria morrer. Olhei para minhas mãos cinzentas, solucei secamente e, com meu último alento, sussurrei:

– Não mereço ser feliz quando todos eles estão mortos.

– Seu coração fala a verdade.

A dor desapareceu como se nunca tivesse existido, mas meu corpo estava tão queimado que parecia quase irreconhecível. Eu não me importava. Contanto que a dor tivesse cessado, eu me deitaria contente em meu leito de fogo e mergulharia no sono da morte.

– O que você daria para ter seus pais e o Sr. Kadam de volta? – continuou a Fênix.

– Qualquer coisa – respondi num sussurro rouco através de lábios queimados e rachados.

– Sacrificaria seus rapazes?

Minha mente que divagava ganhou foco. *Se eu sacrificaria Ren e Kishan para ter meus pais de volta?* Pensei na pequena biblioteca de minha família, nas vezes em que assara biscoitos com minha mãe, nos piqueniques nas cachoeiras. Lembrei-me de minha formatura do ensino fundamental, quando meu pai se levantara num pulo, aplaudindo e enxugando as lágrimas sob os óculos, embora nenhum outro pai houvesse se levantado. Pensei no Sr. Kadam e em como gostávamos de preparar o jantar juntos, em como ele amava tagarelar sobre carros velozes e temperos, e no quanto eu sentia falta dele.

Mas então meus pensamentos se voltaram para Ren e Kishan. *Eu amava os dois. Conseguiria abrir mão das provocações de Kishan ou do*

sorriso de Ren? Conseguiria desistir dos abraços de urso de Kishan ou do toque de Ren?

– Não – respondi à Fênix –, não irei trocar a vida deles pela de meus pais ou do Sr. Kadam. Mas você pode ficar com a minha vida. – Tossi, minha voz soando como folhas ressecadas se quebrando. – Se é que ela vale alguma coisa...

Hesitante, ergui a mão e apalpei meu couro cabeludo nu. Baixei a mão trêmula e consegui verter uma lágrima.

– Pobre avezinha alquebrada – sussurrou a ave. – Você tem razão ao dizer que sua vida não vale muito. Certamente não as vidas plenas de três almas que estão muito além. Talvez, se você estivesse disposta a experimentar o amor e tivesse tido alguns anos de felicidade, poderia ter chegado a algo. Como está, porém, sua vida é bastante patética. Que desperdício!

Tentei assentir com a cabeça, mas havia perdido o controle do meu corpo. A Fênix tinha razão. Eu era patética. Havia desperdiçado minha vida. Tivera tanto medo de perder que nunca tentara ganhar.

– Ainda assim, suponho que um dia você possa chegar a alguma coisa. Certamente parece bastante importante para aqueles jovens. – Depois de um momento, ela continuou: – Acho que vou aceitar a sua oferta. Até que eu a considere pronta para apreciá-la, sua vida é minha. Venha.

Ouvi o ruído pesado de asas no instante em que a Fênix subiu no ar e provocou um vento que soprou em torno do meu corpo carbonizado. Quando ela desceu sobre mim, ouvi sua linda canção mais uma vez. Então tive a sensação de ser erguida e de voar pelo céu. Enquanto pairávamos acima da floresta em chamas, atravessando o céu escuro, mergulhei num sono profundo, gentilmente embalada nas nuvens mais macias.

Sonhei com um grande reino do passado. Em uma biblioteca antiga, Lokesh torturava um humilde escrevente, tentando arrancar informações sobre a rainha Panhtwar Beikthano, a rainha birmanesas de Pyu, cujo irmão havia lhe dado um tambor mágico. Quando ela batia no tambor, o rio ali perto se erguia e caía sobre seus inimigos. Também trouxera chuva durante uma seca e desviara enchentes. O maligno feiticeiro sorriu e murmurou:

– O tambor era para despistar.

Os olhos de Lokesh arderam como fogo antes de a visão mudar para uma noite escura.

Em seguida, vi Lokesh tentar negociar com o neto da rainha o seu pedaço do amuleto, mas ele se recusou a vendê-lo. Lokesh o matou e

então se curvou sobre o homem morto e tirou um anel de ouro de seu dedo, deslizando-o para a própria mão. Lokesh sorriu e estendeu a mão sobre uma fonte. A água se ergueu da bacia e rodopiou em um círculo. Então o sonho acabou.

Água, pensei. *Um dos pedaços do amuleto em poder de Lokesh controlava a água.*

Quando acordei, a primeira coisa que reparei foi na pele rosada de minha mão. Minhas unhas estavam perfeitamente arredondadas e sadias. A Fênix não se encontrava em nenhum lugar à vista. Levei a mão ao cabelo e o encontrei denso, cheio e sedoso. Quando esfreguei a pele do meu braço, era macia como uma penugem. Meu corpo estava coberto por um vestido dourado, e, em vez de botas, eu agora usava chinelos macios.

Sentei-me e percebi que me encontrava em um grande ninho ao lado de dezenas de ovos semelhantes a pedras preciosas. O ninho descansava numa saliência precária no topo de uma montanha rochosa negra a centenas de metros de altura. Não havia como eu descer, não sem as cordas do Lenço. Uma floresta de árvores de fogo se estendia pelas colinas até onde eu podia ver.

Meu estômago roncou, e imaginei que fazia horas, senão dias, que eu tomara café da manhã.

Numa montanha próxima, um fluxo de lava derretida mergulhava num penhasco irregular. Ele despencava no ar, esfriando ligeiramente no processo. A catarata radiante caía em um poço de fogo lá embaixo e o líquido derretido pulverizava-se numa fonte de lava que borrifava as rochas adjacentes, cobrindo-as com camadas escuras. Árvores de fogo formavam um denso anel em torno do poço e pareciam lambar o magma quente, como se fosse a mais fresca das águas minerais.

Uma voz musical quebrou o silêncio.

– São como os de um recém-nascido.

Ergui meus olhos para a Fênix, que se encontrava empoleirada em uma saliência mais acima na pedra, alisando as penas.

– O que são como os de um recém-nascido? – perguntei.

– Sua pele, seu cabelo e suas unhas.

– Você me curou?

– Você curou a si mesma. Quando admitiu a verdade, seu coração a curou. Uma parte de você lutou para viver. – A Fênix inclinou a cabeça emplumada para me olhar. – Eu me pergunto se você irá desperdiçar esse presente.

– Você precisava de uma companhia? Era por isso que queria uma esposa *sati*?

– A esposa *sati* é um símbolo de fidelidade e devoção. Não senti nenhum prazer em vê-la se queimar, mas queria lhe ensinar que o corpo é imaterial. Era o fogo, a paixão do coração que eu queria examinar. Esse fogo nunca diminui e jamais irá cessar. Ele queima ardente e fielmente por milênios. Pude sentir seu coração atribulado quando você entrou na floresta e soube do que você precisava. Eu lhe ofereci a rara oportunidade de expurgar a tristeza que pesa sobre sua alma, mas agora precisa fazer uma escolha: retomar esse fardo ou permanecer livre dele. No passado, nós, Fênixes, oferecíamos nosso fogo purificador a humanos por toda a Terra, mas a humanidade se esqueceu do nosso poder, e seus corações sofrem muito mais por isso.

– Às vezes acho que a tristeza me ajuda a me lembrar deles – admiti à Fênix.

– Essa é uma falsa crença.

Puxei os joelhos até o peito e perguntei:

– O que você faria se estivesse no meu lugar?

– E em que lugar você se encontra exatamente, jovem?

– Você sabe melhor que ninguém. Como supero meus medos? Construo uma vida para mim? Me arrisco a amar alguém? Quando a morte é tudo que lhe espera, qual é o sentido de tentar ter uma vida?

A ave bateu as asas e então as fechou e saltou para o ninho ao meu lado.

– Você sabe alguma coisa sobre a vida de uma Fênix?

– Para falar a verdade, não. A maior parte dos mitos que estudo acaba se provando errada.

– Quase todas as histórias são romantizadas, mas um leitor cuidadoso pode sempre encontrar uma ponta de verdade. Gostaria de aprender sobre minha espécie enquanto esperamos os seus rapazes?

– Eles estão vindo para cá?

– Sem dúvida. Eu os libertei da jaula de diamante. Eles me viram sair voando com você, e é só uma questão de tempo antes de procurarem meu ninho. Eles acham que você está morta, imagine só.

– Mas por que eles procurariam por você se achassem que estou morta?

– Porque – ela deu um riso musical – eles querem me matar. Leio a verdade de suas intenções em seus corações. O de olho azul lamenta o ato, mas está determinado a matar ou ser morto, e o mais musculoso só pensa em arrancar a vida do meu corpo com as próprias mãos.

Apanhei um ovo de turquesa e o esfreguei delicadamente no meu vestido.

– É arrependimento o que vejo em seu coração? – perguntou a

Fênix gentilmente.

– Eles... eles ouviram tudo o que eu disse?

– Não. Eles puderam apenas ver o que aconteceu com você.

Suspirei com alívio momentâneo.

– Teria sido mais fácil para você se eles soubessem.

Mudei de assunto.

– Me conte como é ser uma Fênix.

A ave majestosa mudou de posição no ninho, bicou um ovo de rubi e pôs-se a ouvir atentamente. Depois de um momento começou a falar.

– Uma Fênix pode purificar lagos ou riachos contaminados mergulhando neles o bico. Com uma baforada de fogo, podemos limpar a terra, tornando férteis e vicejantes campos devastados.

– Você já fez isso?

– Infelizmente, não. Mas já vi ser feito através dos olhos de meus ancestrais.

– Como isso funciona? Você guarda toda a memória deles?

– Quando uma nova Fênix nasce, a centelha da vida daquelas que a precederam entra em seu corpo. A Fênix nasce com o conhecimento e as habilidades de seus antepassados. Por exemplo, posso curar doenças e trazer sorte àqueles que me vislumbam quando passo voando, e conheço todas as línguas da Terra, mesmo aquelas que, com o tempo, desapareceram. Batendo as asas, sou capaz de nivelar uma montanha. Posso pôr homens e feras para dormir com o meu canto. Tenho o poder de transformar criaturas vivas em pedra ou cinza, embora nunca houvesse tido razão para fazer isso. As Fênixes menos altruístas do passado secavam lagos para saborear peixes frescos e matavam elefantes para comer, mas somente até aí iam nossos atos de maldade.

– Como vocês podem comer um elefante?

– Comemos da mesma maneira que outras aves de rapina. Se o animal estiver vivo, nós o levamos até uma grande altura e então o largamos.

– Minha nossa!

– Pois é. Na minha mente, já assisti à destruição do mundo e seu subsequente renascimento três vezes. Uma Fênix possui o conhecimento das eras que nos foi transmitido com a expectativa de que iremos guardá-lo e conceder a sabedoria à humanidade somente quando ela houver provado seu mérito.

– O Sr. Kadam certamente teria gostado de conversar com você.

A Fênix sacudiu a cabeça e arrepiou a crista antes de relaxar.

– Então você nasce mesmo das chamas? – arrisquei. – Já ouvi falar que uma Fênix pode viver por mil anos antes de morrer e renascer.

– Mil anos! – zombou ela. – Se isso fosse verdade, eu poderia realizar tantas, tantas coisas nesse tempo...

– Então... quanto tempo você vive?

– Meu tempo não é medido nem por um só dos seus dias.

– O quê?

Ela me dirigiu um olhar penetrante.

– Viverei até o fim deste dia. Ao alvorecer, uma nova Fênix irá se erguer. Nem sempre foi assim.

– Mas então, como você realizou tantas coisas? Como conseguiu aprender todas essas línguas e acumular tanta sabedoria?

– Não consegui. Meus ancestrais, sim. Nos tempos antigos, uma Fênix vivia por éons. A humanidade acreditava em nós, precisava de nós. Éramos sua inspiração, sua esperança num futuro melhor, um símbolo de renovação, renascimento, verdade, lealdade e fidelidade. Pediam-nos que abençoássemos novos casamentos, pois trazíamos sorte, e ajudávamos jovens casais a encontrar harmonia e contentamento ao começarem a vida a dois.

– Que incrível! – exclamei.

– Mas então o mundo começou a mudar. Os humanos esqueceram não só a Fênix, como também as ideias que simbolizávamos. Não éramos mais necessárias, então desaparecemos. Agora tomamos conta da floresta de fogo. Cuidamos das chamas no centro deste mundo, pois no centro fica o coração. Você me perguntou antes como superar seus medos e criar uma vida para si mesma, como poderia se arriscar a amar alguém quando a morte era tudo que a esperava. Ora, o fim do dia se aproxima, e, enquanto olho nos olhos de minha própria morte, vou lhe dizer que o amor é a única coisa neste Universo pela qual vale a pena correr todos os riscos. O propósito da vida é desenvolver a sabedoria e seguir as verdades encontradas em seu próprio coração. Se fizer isso, será feliz, mas se desperdiçar sua vida sendo infeliz por causa de suas escolhas, ou da falta delas, a morte de seus pais e a do Sr. Kadam não terá tido qualquer propósito, nenhum significado. Viva cada dia como se fosse o último. Não se esqueça disso.

– Não vou me esquecer.

A Fênix se levantou e abriu as asas em toda a sua envergadura. Batendo-as devagar, ergueu a cabeça e cantou docemente. Um cometa riscou o céu escuro e a voz da Fênix vibrou através do meu corpo enquanto ela anunciava:

– Sou chamada Pôr do Sol, a Fênix crepuscular. Aceite o meu sacrifício para que o guardião do Conhecimento das Eras, o Vigilante da Humanidade, o Fogo Encontrado em Todos os Corações, viva

novamente!

Dito isso, ela fechou as asas, enfiou a cabeça no peito e explodiu em um inferno de fogo que lhe consumiu o corpo completamente em questão de segundos. Enquanto protegia meus olhos, ouvi a canção triunfante da Fênix ecoar através das chamas. O cometa veio em direção à nossa montanha e uma luz branca se ergueu da criatura que ainda queimava e disparou para o ovo de rubi aos seus pés. O ovo brilhou por um breve instante e então foi coberto de cinzas negras e quentes, que caíram da Fênix fumegante.

O cometa passou sobre o pico da montanha e desapareceu. Com um estalo, as árvores de fogo se extinguíram, e eu me vi mergulhada na escuridão.



Fruta do fogo

Quando as trevas me cercaram, senti que afundava nelas, diminuindo de tamanho, como se estivesse me afogando num oceano quente. O ar era denso e palpável. Eu piscava repetidamente, esperando que meus olhos se ajustassem e eu pudesse enxergar alguma coisa. Até mesmo as cataratas de lava haviam escurecido. Após alguns minutos, deitei minha cabeça no ninho e tentei dormir.

Uma leve batida, como a de um filhote de pica-pau bicando uma árvore, me acordou. Eu podia sentir as vibrações na palma de minha mão, que descansava no ninho. Uma brisa morna soprou meus cabelos sobre os ombros. Eu me sentei e os afastei do rosto. Ao fazê-lo, percebi que a brisa havia também limpado parte das cinzas que cobriam o ovo de rubi da Fênix.

Ele brilhava por dentro com uma luz vermelha e pulsante. Tomando cuidado para não danificar nenhum dos outros ovos de Fênix, engatinhei para mais perto e ouvi um ruído baixinho, como se fossem arranhões. O ovo de rubi sacudiu-se ligeiramente e uma explosão de luz branca surgiu quando a casca começou a se quebrar. Fascinada, fiquei observando a lenta eclosão de um bebê Fênix.

Depois de vários minutos, um bico dourado abriu um pequeno buraco na casca, então recuou. Com outra explosão de energia, um pé de garras douradas emergiu e agarrou a casca no momento em que a luz penetrava a escuridão. Quando olhei por sobre o ombro, vi o cometa da aurora riscar lentamente o céu negro.

Mais um estalo, e a casca se partiu. Pude ver as cores avermelhadas ardentes da ave tentando sair, retorcendo o corpo desajeitadamente para a frente e para trás a fim de se libertar do ovo. Suas penas estavam molhadas e grudentas e colavam-se ao corpo carmesim. Eu podia ver o rápido batimento do coração da Fênix batucando de encontro ao fino peito.

O bebê Fênix descansou a cabeça na casca quebrada, meio dentro e meio fora do ovo. Ele piou alto e, quando piscou e abriu os olhos, eles brilharam como minúsculas lanternas brancas. Em um lampejo, eu

soube que ele possuía a inteligência de seu antecessor.

O cometa passou acima da montanha, iluminando o vale e sinalizando um novo dia. A Fênix pareceu ganhar força do fogo e começou a limpar as penas. Em questão de minutos, sua linda plumagem estava seca, e a ave movia-se por ali com energia. Ela saltou até mim. Estendi um dedo para tocar-lhe a cabeça. A Fênix ergueu a crista e fechou os olhos, inclinando o pescoço em minha direção. Durante a hora seguinte, observei-a amadurecer rapidamente.

Embora semelhante na forma, seu colorido era diferente do de Pôr do Sol. Seu corpo inteiro era coberto por tons avermelhados, exceto pelos pés e bicos dourados.

– Saudações – disse a nova Fênix com um guincho. – Eu sou Amanhecer.

– Prazer em conhecê-lo, Amanhecer. Você deve estar com fome. Talvez eu possa encontrar alguma coisa para você.

– Eu... não vou comer.

– Por que não?

– Eu só vivo por um curto período. Não vou caçar e matar outra criatura para saciar meu apetite.

– E quanto a frutas? – perguntei.

– Fênixes amam frutas de fogo – respondeu ele. – Mas, ai! Faz muitos séculos que não nasce nenhuma por aqui.

– Quando os irmãos chegarem, vou tentar criar frutas de fogo para você.

– Sim, se sobreviverem à escalada. Os tigres branco e negro estão vindo para cá agora.

Olhei com ansiedade para baixo, mas não os vi.

– É hora de escolher um novo ovo – anunciou a Fênix.

– Já? Mas você acabou de nascer – comentei, confusa.

– A jovem Fênix aí dentro precisa de tempo para se desenvolver antes que o meu tempo se esgote. Se quiser ajudar, pode trazer os ovos até mim para que eu escolha o certo.

Reuni dezenas de ovos de Fênix. Todos cintilavam, iluminados pelo próprio fogo interior. Depois de ter reunido uma pilha considerável de ovos de pedras preciosas, ergui um de cada vez para que a jovem Fênix os inspecionasse. Ela examinou o coração de cada ovo e declarou que nenhum deles estava pronto. Quando a pilha no ninho havia se esgotado, ela pediu mais.

– Há mais ovos nas rachaduras ocultas e nos penhascos da montanha.

Rapidamente, pus de lado o ovo de ametista que estivera polindo e

saí à caça de mais ovos preciosos.

– Você vai pôr mais ovos hoje?

– Não. Todas as Fênixes são machos. Não botamos ovos.

– Então como eles vieram parar aqui? – indaguei.

– Não temos nenhuma mãe, até onde sabemos. Mesmo a sabedoria de séculos não explica de onde viemos, mas sempre soubemos que, quando os ovos se acabarem, será o fim de nossa linhagem.

– Não há muitos ovos, levando-se em conta que vocês vivem por apenas um dia.

– Não tememos o futuro. Cada uma de nós tem direito a determinado tempo. Quando os ovos acabarem, deixaremos de existir. Não me preocupo com coisas que não posso controlar.

– Não consigo imaginar como seria viver por apenas um dia.

– Se você fizer o seu melhor, um dia pode ser mais satisfatório que uma vida inteira desperdiçada – replicou a jovem e sábia ave.

Escorreguei em algumas pedras soltas e quase deixei cair um delicado ovo de opala, mas consegui me equilibrar a tempo. Quando o coloquei diante da Fênix, perguntei:

– Cada ave tem uma coloração diferente?

– Sim. Cada ave é única. A coloração do ovo é semelhante às penas da ave. – Ela examinou o ovo de opala e o dispensou. – Não, este também não.

Orientada pela Fênix, fui escalando e me afastando cada vez mais do ninho à procura de mais ovos. O penhasco era perigoso, então avancei com cuidado. Quando cheguei oscilando a uma estreita saliência, vi um reluzente ovo amarelo de topázio numa elevação pouco além do meu alcance.

Enfiei o pé numa fenda e impulsionei o corpo para cima até conseguir tocar o ovo com a ponta dos dedos. Eu precisava subir mais. Erguendo o outro pé, pisei numa pedra que se projetava e testei apoiar meu peso nela. Confiante em que ela aguentaria, continuei a escalar.

O ovo era lindo. Reluzia como um diamante amarelo e era do tamanho aproximado de uma bola de futebol americano. Guardei-o com todo cuidado dentro do meu vestido, acima do cinto. Minha pele ficou quente onde ele encostava. Comecei a descer, procurando cegamente um lugar para apoiar os pés.

Meu pé ainda estava no ar quando de repente a pedra que sustentava meu peso começou a se deslocar. Ela se soltou e despencou no vale lá embaixo, e meu corpo se chocou com a parede do penhasco à direita. Agarrando-me à saliência apenas com a ponta dos dedos, gritei, desesperada, pedindo ajuda à Fênix. Então meus dedos

escorregaram, soltei um berro e caí.

Felizmente, após um instante de queda livre, alguma coisa deteve minha descida. A princípio, pensei que tivesse ficado presa em um galho de árvore, mas então olhei para cima e vi o rosto do meu salvador.

– Você está bem? – perguntou Ren.

Passei os braços por seu pescoço, abracei-o com força e exclamei “Obrigada! Obrigada! Obrigada!” enquanto o beijava nas bochechas repetidamente.

Ele tocou meu rosto com delicadeza.

– Por nada.

Ren apertou meu corpo contra o dele e então recuou com uma expressão confusa enquanto seus olhos examinavam minha barriga protuberante. Ele ergueu uma sobrancelha e ficou me encarando.

Olhei para baixo, para a saliência oculta em minha roupa, envolvi com os braços minha carga preciosa e gritei:

– Meu ovo! Ren, rápido! Me ponha no chão!

Assim que ele me deixou no chão, peguei o ovo amarelo e o examinei, em busca de fraturas.

– Está perfeito – concluí, sorrindo aliviada, e o coloquei com cuidado no chão do ninho.

Ouvi os ruídos de uma luta e girei, dando de cara com Kishan se lançando sobre Amanhecer. A Fênix havia crescido novamente e estava quase do tamanho de sua predecessora. Kishan gritava com a ave enquanto a estrangulava lentamente. Lágrimas escorriam pelo belo rosto de Kishan.

Agarrei o braço dele e puxei com toda minha força, mas Kishan simplesmente me empurrou rudemente e gritou:

– Me deixe em paz, Ren. É meu direito!

Ren me ajudou a levantar.

– Ele ainda acha que você está morta.

Contornei correndo o ninho para ficar de frente para Kishan – que só tinha olhos para a Fênix. Kishan tentava sem sucesso torcer-lhe o pescoço e arrancar suas asas do corpo, mas a Fênix era indestrutível.

– Kishan, por favor, pare – pedi suavemente.

Kishan imobilizou-se e então limpou as lágrimas dos olhos e ergueu a cabeça.

– Kelsey?

Assenti e estendi a mão. Ele soltou a Fênix, que se afastou alguns passos e se sacudiu vigorosamente. Amanhecer bateu as asas várias vezes e então voou para uma saliência um pouco mais acima, fora de

nosso alcance.

– Você está viva? – Kishan pegou minha mão e me puxou para um abraço apertado, alisando meu cabelo enquanto seu corpo tremia de alívio. – Eu pensei... pensei que nunca mais a veria. Que eu não conseguiria nem encontrar seu corpo e levá-lo para casa.

– Tentei lhe dizer que ela não estava morta – disse Ren baixinho e de forma trivial.

– Como você sabia que eu estava viva? – perguntei, ainda esmagada contra o peito de Kishan. – Fiquei muito queimada.

Os olhos azuis de Ren furavam os meus quando ele admitiu baixinho.

– A princípio, eu não sabia, mas depois me dei conta de que eu sentiria se você tivesse partido. – Ele interrompeu o contato visual e apanhou um ovo. – Mas não imaginei que você estaria curada.

Dei um último abraço em Kishan, pigarreei e anunciei:

– Ren, Kishan, quero que conheçam Amanhecer.

– E que cumprimento memorável foi esse – sibilou a Fênix de mau humor.

– Você está machucado? – perguntei.

– Você se importaria se eu estivesse?

– É claro que sim.

Ouvi um suspiro musical.

– Não, não estou machucado. Mas não graças a esse brutamontes ao seu lado.

Kishan, ainda zangado, ameaçou:

– Eu o julguei responsável pela morte dela.

– Ela está muitíssimo viva. E, na verdade, melhor do que antes.

– O que quer dizer com melhor? – perguntei.

– As cicatrizes na sua perna desapareceram.

– O quê?

Ren se abaixou e examinou minhas panturrilhas à procura das cicatrizes do tubarão e do *kraken*. Virei a perna de um lado para outro e só encontrei pele rosada e saudável.

A Fênix olhou nosso grupo com perspicácia.

– Parabenizo vocês dois por terem escalado a montanha com sucesso. Como é direito seu, diante de tal feito, eu lhes concedo passagem para o outro lado, como prometido, e ainda lhes darei um presente. Cada um de vocês pode levar algo de minha montanha para o outro mundo. Façam sua escolha quando estiverem prontos. E, para lhes mostrar que criatura magnânima eu sou, o tigre negro pode começar.

Kishan resmungou e foi apanhar um ovo de Fênix. Mordi o lábio, sabendo que ele teria que devolvê-lo já que os ovos eram tão raros. Ele escolheu um de marfim leitoso com estrias laranja-douradas. Eu estava prestes a dizer algo, quando a Fênix falou.

– Fez sua escolha então, tigre negro?

Kishan assentiu.

– Você não sabe o que pegou, mas eu lhe darei este ovo com a condição de que você o guarde por todos os seus dias e que ele permaneça na sua família. Quando o tirar deste lugar, ele se transformará de ovo numa pedra da verdade, e jamais se tornará uma Fênix. Quando segurá-lo, você reconhecerá se aqueles à sua volta falam a verdade e poderá ver dentro do coração deles. Ele lhe dará sabedoria se usá-lo para ajudar os outros, mas, caso o use para manipular ou explorar, o coração da Fênix irá destruí-lo. Este é um presente muito precioso.

Kishan inclinou a cabeça.

– Obrigado e eu... peço desculpas por tentar matá-lo.

– Proteja o ovo, e aceitarei suas desculpas... um dia. – A Fênix mudou o peso de um pé para o outro e se acomodou na saliência da rocha. – E agora você, tigre branco.

– Eu pediria para levar Kelsey comigo – replicou Ren.

A ave deu uma risada musical enquanto Kishan fechava a cara.

– Você é sábio de pedir a garota, pois eu estava seriamente tentando a mantê-la comigo. Eu iria gostar de ter uma companhia, assim como as outras Fênixes, mas promessa é promessa. Pode levá-la com você. Agora é sua vez, minha querida. O que gostaria de levar como prêmio?

– Mas eu não escalei a montanha.

– De certa forma, escalou. Fênixes não fazem ofertas duas vezes. Sugiro que você aceite minha generosidade.

– Certo. Então... gostaria de ter um pouco da sua sabedoria.

– A sabedoria das eras é mais do que uma mente mortal pode compreender. A forma corpórea que você agora possui seria oprimida e danificada até o ponto da morte, mas talvez, em vez disso, eu possa responder a uma pergunta sua.

– Está bem. – Fiz uma breve pausa enquanto pensava no que queria perguntar. – Minha pergunta é esta: um dia verei meus pais ou o Sr. Kadam novamente?

– Tem certeza de que quer que eu responda a essa pergunta? Eruditos, sacerdotes, reis e leigos ao longo dos séculos já ponderaram e debateram a vida após a morte. Os homens sempre tiveram a

necessidade de olhar além, de aspirar a alguma coisa maior do que eles mesmos. É por não conhecerem o futuro que encontram a esperança que lhes dá a motivação para mudar. Você ainda quer saber a resposta?

– Sim – sussurrei.

A Fênix abriu as asas e saltou para a borda do ninho, me fitou e disse:

– Então sua resposta é sim, embora você possa não reconhecê-los quando estiverem por perto. Lembra-se de quando Pôr do Sol disse que o amor era a única coisa no Universo que valia qualquer risco? A razão para isso é o fato de o amor ser duradouro. Ele flui não só por este mundo mortal, como além.

– Obrigada. – Enxuguei uma lágrima no meu rosto, aproximei-me da ave e envolvi seu pescoço gentilmente com meus braços.

– De nada – cantou Amanhecer docemente em meu ouvido. – Agora talvez você queira me mostrar aquele ovo pelo qual arriscou a vida.

Ren apanhou o ovo de topázio e o entregou a mim. Eu o segurei de modo que a Fênix pudesse examiná-lo com um olhar ofuscante. Feixes paralelos dispararam para o interior do ovo, e o centro se iluminou com uma pequena luz vermelha do tamanho de uma moeda. A luzinha pulsou, e a Fênix cantou uma melodia feliz.

– O que é isso? – perguntei.

– É o coração da próxima Fênix.

Respeitosamente, abri um lugar especial no centro do ninho e acomodei o ovo sobre um leito macio de folhas de fogo crepitantes. A ave me observava com aprovação e então abriu as asas e mergulhou da borda do ninho. Voando em um círculo, ela ganhou velocidade e soltou a voz. O eco ressoou pelo vale. A montanha se sacudiu e, a uma pequena distância do ninho, a rocha se partiu em uma grande explosão. Quando a poeira assentou, vi um túnel escuro na face rochosa.

A Fênix pousou novamente no ninho e disse:

– Esta abertura os levará à gruta chamada Caverna do Sono e da Morte. Atravessem-na rapidamente. Se forem velozes, poderão cruzá-la em dois dias. Não se demorem, pois, se se cansarem e adormecerem, não mais acordarão. Cuidado com os *rakshasas* na floresta do outro lado. Vocês encontrarão a Corda de Fogo escondida perto da Cidade de Luz, mas terão que derrotar os Senhores da Chama para pegá-la. Além disso, se tiverem chance, tentem salvar a manada de *qilins* que costumava andar livremente pela floresta de fogo. Se forem libertados, encontrarão o caminho de volta para cá sozinhos.

A Fênix se dirigiu a Kishan:

– Ela vai precisar do amuleto para prosseguir. Fora da segurança do meu ninho e sem ele, o calor irá matá-la. Vocês dois regeneram suficientemente bem por conta própria para sobreviver.

Kishan assentiu, pôs o precioso ovo de Fênix na mochila e então retirou o amuleto de fogo e prendeu o fecho atrás do meu pescoço.

Ren pegou Fanindra em sua mochila e a deslizou pelo meu braço.

– Está pronta? – perguntou ele.

– Estou – respondi.

Kishan testou a subida até a caverna enquanto Ren o orientava verbalmente. Pisei na borda do ninho, peguei a mão estendida de Kishan e então, abruptamente, me volvei.

– Eu quase me esqueci – expliquei, e então murmurei algumas palavras.

O ninho se encheu com montes de uma grande fruta laranja-avermelhada que parecia uma mistura entre uma pitáia e um figo-da-índia. A fruta, do tamanho de um abacaxi, tinha uma casca semelhante a couro, com folhas macias que se estreitavam numa ponta aguda, como as garras da Fênix.

Amanhecer bateu as asas, animado.

– Ah! Frutas de fogo!

– Talvez, quando acabar de comê-los, você possa plantar as sementes e cultivar mais árvores.

– Vou plantar um bosque! Por favor, levem uma para provar. O suco irá revitalizá-los.

Agradei à Fênix, enfiei a fruta de fogo na mochila e desci do ninho, passando para a saliência de pedra com Kishan. Ele estava agarrado ao lado, com os pés firmemente plantados, uma das mãos envolvendo minha cintura. Somente quando Ren se aproximou por trás para me segurar foi que Kishan avançou.

Não precisamos ir longe. Kishan impulsionou o corpo para dentro do túnel e me estendeu a mão. Dei um gritinho quando ele me puxou para os seus braços, mas me recuperei rapidamente. Logo, Ren se juntou a nós, e começamos a percorrer a passagem escura. Os olhos de Fanindra brilhavam enquanto descíamos para o coração dos penhascos negros que levavam na direção do lugar misterioso nem sequer mencionado na profecia do Sr. Kadam, chamado a Caverna do Sono e da Morte.



A Caverna do Sono e da Morte

Arrastei os dedos pela superfície do túnel e descobri que era lisa em algumas partes, quase como a face de uma pedra cortada. Blocos soltos de pedra preciosa negra encontravam-se caídos no chão do túnel e estalactites pontiagudas pendiam do teto. Estremeci ao passar debaixo delas, lembrando-me do túnel submarino do *kraken*.

Contei a Ren e Kishan sobre a nova visão que eu tivera de Lokesh e que o pedaço do amuleto da rainha controlava a água. Em detalhes minuciosos, expliquei o que aconteceu e flagrei Ren e Kishan se entreolhando, obviamente preocupados com o fato de minha conexão com Lokesh estar se tornando mais forte. Eu não os culpava. Eu também estava preocupada.

Mudando de assunto, pedi ao Lenço que me fizesse roupas novas sob as que eu estava usando, pois um vestido dourado não combinava com minha ideia de traje próprio para atravessar um túnel assustador.

Depois de 10 minutos caminhando, comecei a me sentir claustrofóbica e nervosa. Eu sabia que tínhamos que percorrer o túnel sem dormir e que isso levaria, na melhor das hipóteses, dois dias. Ren e Kishan falavam de sua infância para passar o tempo e para me distrair, evitando que eu passasse mal.

Parávamos para descansar com frequência porque minha nova pele se feria facilmente e eu não tinha mais calos protegendo os pés. No fim do primeiro dia, eu estava com tantas bolhas que Ren envolveu meus pés em ataduras, me fez um par de chinelos macios, e ele e Kishan passaram a se alternar me carregando. Embora o tratamento de rainha fosse bom, meus olhos logo começaram a pesar.

Lutei contra o sono e tentei manter uma conversa animada com Kishan, mas durante a longa noite, aninhada em seus braços, acabei cochilando e rapidamente compreendi a advertência da Fênix. Quando meus olhos tremularam, fechando-se, algo sombrio dominou minha consciência. Minha cabeça ficou pesada, e pude sentir o fluxo do sangue em minhas veias desacelerar até parar.

Alarmada, tentei despertar, mas não consegui. Era como se eu estivesse de volta ao ninho com Amanhecer e o ovo de topázio,

oscilando na borda de um precipício, e tivesse acabado de despençar.

Mergulhei em outra visão de Lokesh. Minha mente pareceu sintonizar-se com a dele, e eu soube que ele procurava informações sobre outro pedaço de amuleto com um pobre criado.

O homem, que fora violentamente espancado, ergueu um punhado de papéis amarrotados e murmurou:

– Segundo os registros, dois grandes guerreiros, Chandragupta e Seleuco, costumavam se encontrar em batalha, antes de 305 a.C., até que misteriosamente toda a guerra cessou e eles assinaram um tratado de paz. Seleuco, que servia sob o comando de Alexandre, o Grande, apresentou a filha ao imperador para que ele a tomasse como esposa, e o imperador enviou-lhe em troca 500 elefantes de batalha. Seleuco assumiu seus territórios do leste da Ásia depois que o imperador morreu.

– Prossiga – disse Lokesh ao homem assustado, depois de chutá-lo brutalmente.

Senti o prazer de Lokesh com a violência e me encolhi, horrorizada.

O criado leu uma carta para Lokesh.

– Seleuco havia oferecido a Chandragupta terras que margeavam o rio Indo em troca de mercadorias e soldados. Chandragupta replicou: “Vou considerar sua oferta se você concordar em nivelar a montanha que bloqueia a vista de meu palácio. Você tem o poder para isso, afinal!”

– Pare! – ordenou Lokesh e pediu as cartas.

Quando o criado as entregou, Lokesh usou sua magia, e o vento rodopiou em torno dele. Raios azuis crepitaram na ponta de seus dedos e atingiram o homem desavisado, que tombou no chão. Marcas negras de raio riscavam seu peito.

A visão mudou, e eu estava novamente com Lokesh em uma terra estranha.

– Foi difícil encontrá-lo, velho. – Lokesh sorriu para o idoso que ele havia encurralado em uma cabana. – Felizmente para mim, seu antepassado Seleuco tinha uma marca de nascença que foi passada para os filhos e os netos.

Lokesh riu com desprezo.

– Você sabia que a mãe de Seleuco disse a ele que seu verdadeiro pai era o deus Apolo e que seu sinal de nascença em forma de âncora era o sinal de seu favorecimento?

O homem assustado sacudiu a cabeça.

– Seleuco achava que estava destinado a coisas grandiosas. Talvez estivesse, à sua maneira medíocre. – Inclinando-se sobre o idoso,

Lokesh continuou: – Cá entre nós, um grande homem se faz grande. Infelizmente, sua chance de se tornar grande há muito passou. Talvez queira saber por quanto tempo o procuro.

Puxando do cinto uma faca que reconheci, Lokesh a testou com o polegar.

– Quinhentos anos – disse ele. – E isso é muito tempo. Até mesmo para mim.

O sorriso falso que Lokesh exibia desapareceu.

– Mas tenha certeza de que irei puni-lo por todos os anos que precisei esperar. Por acaso, os dois últimos foram os mais interessantes de minha busca. Rastreei Apama, a esposa de Seleuco, até sua cidade natal, Susa, na Pérsia. Então, vários meses de busca e muitas mortes me trouxeram a você. Todos eles quiseram proteger seu velho avô, que afirmava ter 112 anos.

Lokesh se inclinou ainda mais e estreitou os olhos.

– Mas, cá entre nós, meu amigo, creio que você é muito, muito mais velho.

Os olhos do velho o traíram. Rapidamente, ele usou o poder de seu amuleto para sacudir o chão, mas era tão frágil quanto aparentava. Lokesh imobilizou o corpo inteiro do homem num instante e com o terremoto ainda reverberando o corpo do homem escorregou da cadeira e se partiu em pedaços, que se espalharam pelo chão.

Lokesh jogou de lado os restos do velho e puxou o amuleto de seu pescoço. Então apanhou um anel que rolara da mão estilhaçada. Ele continha uma pedra oval e lisa, engastada numa grossa moldura de ouro. A superfície plana e azul da pedra tinha um aspecto marmorizado que a fazia parecer ligeiramente com um mapa envelhecido. Lokesh esfregou a pedra turquesa e deslizou o anel pelo polegar.

Franzindo a testa, Lokesh chutou o que restava do corpo do velho e murmurou:

– Preciso aprender a controlar melhor o pedaço da água. Eles morrem rápido demais.

Ele juntou o novo pedaço do amuleto com os outros, e eu senti o jorro de poder. O amuleto revigorou Lokesh, e de alguma forma eu soube que ele havia encontrado o pedaço do amuleto que controlava a terra. Eu o observei testar a extensão e o alcance de seu poder. Com o pedaço de amuleto do velho, Lokesh podia trazer pedras preciosas à superfície da terra, deslocar pedras e causar tremores. Unindo-o aos outros dois pedaços do Amuleto de Damon, podia chamar predadores da terra e do mar para cumprir suas ordens.

Os tubarões! Foi assim que ele os chamou. Foi também como ele pôde usar o urso, os lobos e os leopardos-das-neves para distrair o Sr. Kadam durante a luta de espadas.

Satisfeito apenas momentaneamente com seu novo poder, Lokesh voltou suas atenções para a Índia e os dois pedaços do amuleto que restavam.

Meu corpo se sacudiu, e acordei subitamente. Eu me encontrava deitada no túnel com a cabeça apoiada na mochila de Kishan. Minha conexão com Lokesh estava de fato se fortalecendo. Era cada vez mais difícil permanecer distante, e estremei de repulsa com esse pensamento.

Kishan se inclinou sobre mim e perguntou:

– Outro sonho?

Fiz que sim com a cabeça. Senti uma ferroada na bochecha e esfreguei a pele que formigava. As pontas dos meus dedos estavam cinzentas e insensíveis.

– O que aconteceu? – perguntei.

Com uma expressão estranha, Ren respondeu.

– Você adormeceu. Não conseguíamos acordá-la. Me desculpe, Kells.

– Por que devo desculpá-lo?

– Tive que esbofeteá-la para fazê-la acordar.

– Ah. Não se preocupe com isso – falei, acariciando meu rosto ligeiramente dormente. – Quase não dói.

– É isso que me preocupa. Consegue mexer as pernas?

– É claro que consigo.

Tentei, mas nada aconteceu. Agarrando o braço de Ren, consegui dolorosamente me sentar e olhei para minhas pernas. A pele estava cinzenta. Apertei a panturrilha e vi que o músculo estava duro, quase como pedra.

– O que está acontecendo comigo? – sussurrei, desesperada.

Ren pegou minha mão e massageou meus dedos delicadamente.

– Seu rosto também ficou acinzentado, mas está começando a voltar à cor normal. Só precisamos fazer seu sangue circular.

Meus dedos começaram a ficar rosados, mas as pontas ardiam como se tivessem sido espetadas por milhares de agulhas quentes. Gemi apesar da tentativa de resistir à dor, e meus olhos arderam com lágrimas. Kishan tirou minhas meias e começou a esfregar meus pés. Não demorou muito para que eu sentisse espinhos de fogo atravessando meus pés e minhas pernas.

– Isso dói! – exclamei.

Ren deu um beijo em minha testa e enxugou uma lágrima.

– Precisamos fazer isso, Kells. Você pode aguentar um pouquinho mais?

Assenti e ele trabalhou na outra perna enquanto Kishan se concentrava nos meus pés. As pontas dos dedos das mãos doíam, mas a dor aguda já havia passado. Depois de meia hora, Kishan anunciou que minhas pernas não estavam mais cinzentas e me ofereceu o braço como apoio para que eu me levantasse. Aceitei e andei um pouco, mancando e sentindo dores lancinantes subirem por minhas pernas.

Apoiando-me pesadamente em Kishan, prossegui pelo caminho, grata por minhas dolorosas bolhas, que eram a garantia de que eu permaneceria acordada. Ren me pediu que lhe contasse tudo sobre meu sonho e me manteve falando até meus músculos gritarem em protesto contra a caminhada ininterrupta.

Eu estava morta de cansaço. Um corpo novo, combinado à noite dormida em um ninho e ao fato de ter queimado quase até a morte haviam me deixado exausta. Eu me sentia como um zumbi ambulante e só conseguia pensar na minha cama macia na casa de Ren. Cada passo que eu dava parecia sussurrar sem parar: “Cama, cama, cama.” Era tarde da noite, ou talvez de manhã bem cedo, quando Ren sugeriu que parássemos brevemente e provássemos a fruta do fogo.

Kishan pegou uma faca e cortou as camadas da casca semelhante a couro. A fruta se separou em duas metades. Uma casca vermelha e grossa circundava a macia polpa laranja-avermelhada. Como um kiwi, o frágil interior era cheio de sementes pretas. Kishan me entregou um pedaço, e eu mordi a fruta suculenta.

Tinha um sabor ligeiramente azedo porém refrescante. As sementes eram crocantes e comestíveis e tinham gosto de nozes. A fruta tinha a textura de um figo macio e granuloso, mas o sabor era como uma mistura de melancia e toranja. Ao estender a mão para pegar outro pedaço, senti um calor na parte posterior da língua, como se tivesse comido alguma coisa levemente apimentada.

Quando terminamos de comer a fruta e recomeçamos a andar através da caverna, eu me senti revigorada, percebendo de repente que a dor havia desaparecido. Inspeionei meus calcanhares e murmurei, espantada:

– Estou melhor! A fruta do fogo curou meus pés!

Ren e Kishan também se sentiram renovados e decidiram que eu precisava mastigar constantemente a fruta enquanto caminhávamos. Em vez de comer a fruta grudada e me lambuzar toda, criei uma cabaça cheia de suco de fruta do fogo e bebia dela sempre que meus

pés começavam a doer. Chegamos a uma bifurcação no túnel e, enquanto Ren pegava Fanindra e explorava um pouco mais adiante, parei para descansar com Kishan. Ele recostou-se na parede do túnel e fechou os olhos.

Eu estava falando com Kishan enquanto vasculhava a bolsa quando Ren retornou. Imediatamente, correu para o irmão e o sacudiu. Voltei-me para eles e arquejei. Nos poucos momentos em que eu ficara de costas, Kishan adormecera. Seu rosto tinha se tornado cinzento e seu corpo desabou no chão, como se estivesse morto.

Gritamos e Ren chegou a esbofeteá-lo por duas vezes, mas Kishan não acordava. O tom cinzento ia visivelmente subindo da ponta dos dedos para os antebraços e avançando do rosto para o pescoço. Meu temor era que, se alcançasse o coração, ele não se recuperasse mais. Enquanto Ren o sacudia, tentando acordá-lo, eu o encharquei com água, mas o líquido vital, embora seguro para nós, era venenoso no reino do fogo. A água chiou em contato com a rocha e corroeu, como se fosse ácido, várias pedras grandes.

Levei a cabaça de suco da fruta do fogo até os lábios dele e, embora a maior parte tivesse escorrido pelo seu pescoço, ele se mexeu ligeiramente. Dei-lhe um pouco mais e logo ele já conseguia engolir. A cor cinzenta começou a recuar, e por fim Kishan piscou e abriu os olhos dourados.

Beijei seus lábios ainda pétreos e o repreendi suavemente:

– Não me assuste desse jeito.

Ele tentou falar, mas pressionei um dedo em seus lábios.

– Não fale ainda. Só beba.

Duas garrafas de suco de fruta do fogo depois, ele parecia totalmente recuperado e conseguiu se levantar, mas Ren ainda passou o braço do irmão pelo seu ombro e o ajudou a andar até se livrar do entorpecimento. Estremeci quando Kishan gemeu de dor, solidarizando-me com as terríveis ferroadas que ele estava sentindo. Logo estávamos outra vez a caminho, seguindo pelo túnel que Ren e Fanindra haviam escolhido.

Kishan recuperou a força e, à medida que o túnel se estreitava, ele tomou a dianteira, seguido por Ren e então por mim.

Depois de me ajudar a transpor uma pedra grande que bloqueava nossa passagem, Ren disse:

– Quero perguntar uma coisa a você, mas, se isso a deixar desconfortável, não precisa responder.

– Qual é a pergunta?

– Quando você se sacrificou à Fênix, nós a vimos queimar.

– Sim – respondi em tom brando.

– O que aconteceu?

– A Fênix me fez algumas perguntas que tive dificuldade em responder, e queimar era o resultado disso. Havia algumas coisas que eu precisava aprender, admitir para mim mesma. Pôr do Sol disse que meu coração a chamou quando entramos na floresta. Ela... ela queria me curar.

– Seus métodos de cura deixam algo a desejar.

– Talvez. – Caminhamos em silêncio por um momento e então acrescentei: – Mas a Fênix não pediu de mim mais do que esperava de si mesma.

– O que quer dizer?

– Quando o cometa da noite cruzou o céu, eu a vi queimar. Pôr do Sol deu a vida para que a nova Fênix, Amanhecer, pudesse nascer.

Os olhos de Ren fixaram-se brevemente nos meus, e ele desviou o olhar. Então, com delicadeza, perguntou:

– O que ela perguntou a você, Kelsey?

Deixei escapar um suspiro leve e caminhei ao lado dele em silêncio por alguns segundos. Ele não me pressionou enquanto eu considerava o que poderia dividir com ele.

Por fim, respondi:

– Meu coração está sofrendo há muito tempo, e eu venho me agarrando à dor. A Fênix me fez encarar isso. E agora que reconheci esse fato, estou tentando decidir quais serão meus próximos passos. Quanto às perguntas que ela me fez... – Parei de andar e busquei a mão dele. – Quero guardar isso para mim por um tempo. Prometo que um dia vou contar a você. Só não agora.

Ren levou minha mão aos lábios e pousou um beijo suave em meus dedos.

– Então vou ter que esperar por esse dia.

Seis horas depois o túnel se alargou, e minha cobra dourada ganhou vida de repente. Fanindra esfregou a cabeça em meu rosto e apertou meu braço com suas espirais, uma sensação enervante a que eu ainda não me acostumara. Ela espiou a escuridão diante de nós e pôs a língua para fora várias vezes. Quando inclinou a cabeça na direção do chão, eu me abaixei e a coloquei no caminho negro e pedregoso.

Erguendo a cabeça, Fanindra dilatou o pescoço e oscilou para a frente e para trás, enquanto estudava o terreno adiante. Então sibilou levemente e tomou uma direção diferente. Nós a seguimos através de

uma trilha acidentada coberta por pedras negras e afiadas. Seu corpo dourado fazia um zigue-zague entre as pedras e, embora tivéssemos perdido velocidade, todos concordamos que era mais seguro seguir a serpente.

Logo sentimos uma mudança à nossa volta. O túnel se abriu em uma ampla caverna. O eco de nossas vozes repercutia ao nosso redor. Quando avançamos ainda mais, senti um vento frio roçar minha pele e desaparecer abruptamente. Meus braços se arrepiaram, e eu os esfreguei, ansiosa.

O movimento do ar frio era muito estranho no mundo do fogo, e era também acompanhado por vários ruídos perturbadores. A corrente de ar serpenteava através dos buracos nas pedras, criando uma leve vibração. O vento continuou a roçar em minha nova pele entre longos intervalos e me trouxe à mente a imagem de um colosso moribundo exalando seu último e frio hálito.

Fanindra parou abruptamente e ergueu a cabeça, pressentindo algo que não conseguíamos perceber. Nem mesmo Ren ou Kishan podiam ouvir ou ver muito além da luz lançada pela cobra dourada. Todos nós pressentimos perigo. Ren reagiu soltando a espada de seu cinto. Quando ele fechou a mão sobre o punho, ela atingiu sua extensão total. Com um giro do pulso, a espada se separou em duas lâminas. Ele entregou uma a Kishan, e, num acordo tácito, ambos os irmãos seguiram ligeiramente à minha frente.

Depois de uma hora desse lento progresso, senti a energia se esvaír novamente do meu corpo. Eu tinha acabado de tirar a tampa da cabaça para tomar um gole do suco de fruta do fogo quando Fanindra de repente se enroscou e ergueu quase toda a metade superior do corpo. Ela expandiu a porção do corpo abaixo da cabeça como nunca havia feito, revelando seu elaborado colorido, e isso a fez parecer três vezes mais larga do que era.

Então disparou uma ruidosa série de silvos em advertência, ou dirigida a nós ou como tentativa de espantar o que quer que a estivesse assustando. Sua boca se abriu e se fechou repetidas vezes, como se provasse o vento. A língua bifurcada se lançou no ar diversas vezes, agitando-se como uma fita solta na brisa enquanto ela tentava analisar o ambiente.

Um ruído à nossa esquerda, como o de uma pedra caindo, ecoou pela caverna, assustando-nos. Imediatamente depois, ouvimos o som de algo sendo arrastado sobre pedras. Essa coisa continuou a se mover, aproximando-se, e o barulho me lembrou o de uma criança arrastando, sem cuidado, um brinquedo pesado escada abaixo. As

pancadas rítmicas vinham em sequência até onde estávamos, e eu tinha a impressão de que algo maligno batia um ritmo nervoso na minha espinha. Minhas vértebras ressoavam, também em sequência, acompanhando o ruído.

Kishan retesou-se.

– Estão sentindo o cheiro? – perguntou.

– Que cheiro? – sussurrei.

Com a expressão sombria, Ren assentiu e falou:

– O fedor da morte.

Ren levou a mão às costas e pegou a minha mão. Ele me aninhou entre suas costas fortes e as de Kishan. Foi quando senti o cheiro. Tive ânsia de vômito imediatamente e meus olhos começaram a lacrimejar. Um vapor de deterioração nos envolveu, e eu precisei cobrir a boca e o nariz com a mão. As narinas de Ren se dilataram, mas esse foi o único sinal de que os irmãos estavam incomodados.

O fedor era pior que o de um lixão. O cheiro de um animal morto seria um perfume agradável se comparado a ele. Era quase tangível. Eu podia até senti-lo na língua e permeando minhas roupas e meu cabelo. Era sufocante, cáustico, putrefato – um sabor pegajoso e acre que de alguma forma era ao mesmo tempo tóxico e nauseantemente doce.

O som das pancadas se aproximou e de repente parou. O ar denso fazia meus olhos arderem com o cheiro avinagrado semelhante a um gás. O corpo de Fanindra ondulou brevemente e então ela deu o bote, atacando alguma coisa na escuridão. Ela sibilou e tornou a dar o bote. Espiei a escuridão à sua frente e senti que Kishan ficava mais tenso.

Uma forma cinzenta e fantasmagórica se arrastava lentamente em nossa direção. Os pelos do meu corpo se arrepiaram quando me dei conta de que se tratava de um cadáver. O corpo se movia rigidamente. A barriga estava distendida de maneira grotesca e a boca encontrava-se escancarada. Onde deveria haver gengivas via-se o maxilar branco de uma caveira. Estremeci quando notei que a pele em torno da carne podre se encontrava inchada no rosto e escurecida, como se estivesse machucada.

O cabelo pendia sem vida do que restava do couro cabeludo. Estremeci e me coleí ainda mais às costas de Kishan enquanto a criatura coçava a testa e o couro cabeludo escorregava, expondo parte do crânio branco.

Ren falou primeiro.

– O que você é? O que quer de nós?

A criatura hesitou brevemente, mas recomeçou a se deslocar em

nossa direção. Parecia fascinada por Fanindra. A cobra deu o bote na criatura várias vezes, mas o veneno não exercia qualquer efeito sobre ela e ela nem sequer sentia as picadas. Quando se abaixou para pegá-la, Fanindra logo deslizou para fora de seu alcance e veio em minha direção, enroscando-se na minha perna.

Apanhei Fanindra, e ela imediatamente se enroscou em sua forma de bracelete. Colocando-a no braço, vi que o cadáver ambulante ajeitava o corpo e vinha em nossa direção. Os olhos brancos purulentos estavam fixos em Fanindra e em mim.

Ren ergueu a espada.

– Pare! Se continuar se aproximando, vamos machucar você.

O cadáver ambulante nem sequer olhou para ele. Ren ergueu a espada e atacou com violência a criatura, decepando-lhe o braço direito. O membro em decomposição desabou no chão, mas a criatura sem vida foi apenas brevemente retardada pelo apêndice perdido. Estava óbvio que ela não sentia dor.

Kishan então saltou adiante e atravessou com sua lâmina a barriga distendida do cadáver, abrindo-a com um barulho líquido. Vapores acres e um líquido espesso jorraram. O cheiro de putrefação e esgoto bruto redemoinhou no ar, e, quando ergui a mão para explodi-lo com o poder do raio, o cadáver fechou com firmeza a mão em torno do meu pulso.

Com um forte puxão, escapei de sua garra. Mas, para meu horror, sua pele se soltou e ficou presa ao meu punho. Gritei e sacudi o braço, tentando soltar a epiderme cinza e trêmula. Com calma, Ren pegou meu braço e tirou a luva de pele que havia se desprendido dos ossos brancos e reluzentes da mão do cadáver.

Pra mim já chega!, pensei. Com os olhos de Fanindra acesos, virei-me e corri. Ouvi Kishan e Ren me seguindo, e rapidamente nos distanciamos de nosso perseguidor.

Enquanto seguíamos pela caverna, encontramos outros corpos em vários estágios de decomposição. Uma mulher encontrava-se sobre as pedras, como se tivesse desmaiado. Carne úmida ainda se agarrava a seus ossos e o cérebro liquefeito vazava por seus ouvidos e nariz. O cheiro viscoso de sangue bolorento e carne apodrecendo permaneceu conosco muito depois de a deixarmos para trás. Encontramos esqueletos embranquecidos com um tipo de vegetação crescendo nos ossos e um crânio que fora atacado por algum roedor.

A maioria dos corpos não se movia o suficiente para me perturbar demais, embora de vez em quando deparássemos com um deles exibindo descamação da pele e cheiro de amônia. Quando os víamos,

desviávamos e passávamos ao largo. Ainda assim, suas cabeças, quando podiam, voltavam-se para nos observar.

Depois de passar por um sujeito de aparência particularmente medonha, perguntei:

– O que vocês acham que eles querem?

– Parecem interessados em Fanindra – respondeu Ren. – Talvez desejem a luz que ela emite.

Estremeci e me agarrei ao seu braço enquanto abríamos caminho pela caverna.

– A Fênix disse que esta era a Caverna do Sono e da Morte – disse Kishan, pensativo.

– Vou ter que agradecer a ela por sua tradução literal – observei.

Nesse momento nos desviávamos de outra mulher que estendia a mão para nós com uma expressão quase maternal no que restava de seu rosto. Enquanto passávamos ao seu lado, ela baixou os braços e os longos cabelos cobriram-lhe o semblante.

– Não tenho mais medo deles – disse Ren.

– O quê? Por que não? – perguntei.

– Acho... acho que poderiam ser nós.

– O que quer dizer com isso? – replicou Kishan.

– Quando vocês dois dormiram, sua pele tornou-se cinza. Se não conseguissem acordar, talvez tivessem tido o mesmo destino deles. Eles não podem evitar o que está lhes acontecendo. Fico triste que de certa forma tenham consciência suficiente para vivenciar a decomposição dos próprios corpos.

– Se eu estivesse aprisionada na escuridão por anos, também iria querer um pouco de luz – acrescentei.

– Talvez seja melhor para eles serem poupados de ver o próprio destino – disse Kishan.

Prosseguimos pela caverna em silêncio. A antes assustadora sensação de estar cercados por zumbis em decomposição fora substituída por uma sombria melancolia. Ao me desviar dos corpos cinzentos, eu sussurrava as tranquilas palavras de respeito que teria dito no cemitério onde meus pais foram enterrados, o tempo todo ciente de que a diferença entre mim e um deles era apenas o simples gesto de fechar os olhos.



Rakshasas

Uma luzinha apareceu à nossa frente, ainda bem distante, e por algum tempo pensei que se tratasse de uma ilusão. No entanto, os irmãos seguiram naquela direção, e presumi que eles também podiam vê-la. Fanindra havia decidido permanecer enrolada em segurança no meu braço e se limitava a nos fornecer a luz esverdeada de seus olhos, embaçando sua luminosidade dourada depois de ter atraído demasiada atenção dos zumbis da caverna. Sem seu brilho mais forte, seguimos tropeçando pela escuridão por mais um tempo, o que, por outro lado, também significava que nos mantínhamos abençoadamente ignorantes do que havia à nossa volta.

Apesar da funesta consciência de que eu estava cercada pela morte e do cheiro dos corpos em putrefação que permeava minhas roupas, meu cabelo e minha pele, fiquei suficientemente entorpecida pela exaustão para não só ignorá-los como também começar a pensar que me deitar perto de um esqueleto apodrecendo para um cochilo rápido não era uma ideia tão má assim. Ren me viu fechando os olhos enquanto andava, pegou minha mão e começou a me puxar adiante. Kishan colocou-se atrás de mim e me dava uma leve cutucada nas costas sempre que eu começava a ir mais devagar.

Finalmente nos aproximamos da abertura da caverna e pudemos espiar do outro lado. Grossas árvores de fogo se estendiam à nossa frente até onde eu podia ver. Ren e Kishan correram os olhos pela floresta de fogo em busca de movimento enquanto nos mantínhamos ocultos na escuridão.

– O que foi? – sussurrei. – Por que não vamos logo tirar um bom cochilo na floresta?

– Temos que tomar cuidado com os *rakshasas*. A Fênix nos advertiu. Lembra-se?

Olhei para as árvores, procurando demônios assustadores.

– Não estou vendo nada.

– É isso que me preocupa – respondeu Ren.

– Bem, qual é o problema? Enfrentamos demônios antes e sobrevivemos. Não podem ser piores que os *kappa*, podem?

– Os *rakshasas* são caçadores – explicou Ren. – São criaturas noturnas, bebedoras de sangue. Sua fome é insaciável.

– São demônios da mitologia hindu – acrescentou Kishan. – Diz-se que eram humanos perversos, vis, amaldiçoados a viver eternamente como monstros. Só podem ser destruídos com o uso de armas especiais ou se uma flecha de madeira atravessar-lhes o coração. São trapaceiros e usam poderes mentais para confundir suas vítimas e tirá-las de suas casas.

– Você está falando de vampiros – observei, baixinho.

Ren assentiu.

– Eles são muito parecidos com a versão europeia dos vampiros.

Kishan bufou.

– Kelsey me convenceu a assistir a um filme de vampiro com ela há pouco tempo, e tenho que dizer que os *rakshasas* são quase tão parecidos com os vampiros americanos quanto o *kraken* se assemelha a um polvo. Esses vampiros não só bebem sangue como também comem carne, principalmente carne podre.

– Ah – gaguejei debilmente. – E nesse momento estamos particularmente... cheirosos.

Ren baixou a cabeça ligeiramente, concordando, sua concentração ainda voltada para a floresta.

– Parece bastante seguro por ora, mas sugiro que a gente se reveze em turnos para dormir e atravesse a floresta o mais rapidamente possível.

Sáímos da caverna para a floresta de fogo, e foi como sair de um iglu e entrar numa agradável ilha tropical. Senti o calor das árvores de fogo quase imediatamente. Elas estendiam longos ramos para roçar meus braços e minhas roupas quando passávamos.

Parei debaixo de uma árvore grande, e uma gavinha com folhas se enroscou no meu dedo.

Enquanto eu examinava uma flor de fogo particularmente bonita, Ren advertiu:

– Precisamos resolver nosso problema. Estamos fedendo como os mortos.

Kishan suspirou.

– Estamos deixando um rastro.

– Acho que posso ajudar com essa questão – afirmei.

– Como assim? – quis saber Ren.

– As árvores podem queimar nosso cheiro, livrando-nos dele. A Fênix mencionou algo assim quando perguntei como me curei de queimaduras tão graves. Em relação às roupas, elas não podem fazer

nada, mas nós podemos criar outras.

– O que temos que fazer então?

– Ponham as mãos em uma árvore e concentrem-se na energia delas. O calor será extraído das raízes. Permitam que ele circule pelo seu corpo e o limpe. Isso queimará suas roupas, e poderá doer um pouco, mas o calor também curará vocês. Vocês dois vão para aquela clareira mais adiante e eu fico aqui.

Com relutância, Kishan e Ren deixaram suas armas comigo e dirigiram-se à clareira. O fato de se disporem a deixar as armas para trás mostrava quanto estavam cansados. *Estamos todos*, me corrigi. Coloquei Fanindra perto das armas e das mochilas e pousei a palma das mãos no tronco.

Os galhos das árvores ao redor começaram a tremer e se balançar, e ouvi um zumbido reverberando no ar. As folhas brilhantes foram ficando cada vez mais reluzentes e o ar chiou. Então, com uma explosão de luz, as folhas adquiriram um brilho tão claro que precisei fechar os olhos. A fita azul que amarrava meu cabelo se desintegrou, assim como minha roupa. Uma comichão abrasadora e vibrante subiu dos dedos dos pés, percorrendo todo o meu corpo. Então um vento súbito soprou meus cabelos soltos no ar e acariciou minha pele nua enquanto levava para longe o cheiro de morte.

Ouvi um grito distante e soube que os garotos estavam sendo limpos de maneira semelhante. Então me perguntei se a pele deles teria sido queimada. Para mim, a sensação estava mais para um formigamento. Por fim, o vento forte desapareceu, e eu me senti mais do que quente: revigorada. Estava relaxada e sonolenta, como se tivesse ficado de molho em uma banheira de água quente e depois houvesse sido colocada debaixo de um secador de cabelos enquanto alguém massageava meus ombros e escovava meus cabelos.

Apanhei o Lenço Divino e o levei até o nariz. Ele imitava o padrão brilhante das folhas das árvores de fogo, que haviam desbotado novamente, tornando-se laranja e amarelo. O cheiro do Lenço era limpo e fresco, livre de todo o odor das cavernas. Pedi roupas novas para mim e me vesti rapidamente.

Logo em seguida Ren e Kishan fizeram uma aparição nas roupas brancas e pretas que sempre surgiam depois que eles se transformavam em tigres. Eles debatiam as vantagens de prosseguir. Ren achava que nosso cheiro anterior era forte o bastante para ser facilmente rastreado, mas Kishan argumentava que seria igualmente fácil rastrear nosso novo cheiro quando o antigo houvesse desaparecido. Calculei que estivéssemos seguros, já que não

cheirávamos mais como presas, e fiquei do lado de Kishan principalmente porque queria dormir. Concordamos em andar só mais um pouquinho antes de montar acampamento.

Kishan usou o Lenço para criar uma tenda e roupas de cama enquanto Ren substituíu as mochilas que haviam se dissolvido com nossas roupas. Com meus tigres branco e preto posicionados um de cada lado do meu corpo, mergulhei na inconsciência assim que minha cabeça tocou o travesseiro.

Dessa vez sonhei com Lokesh ainda menino. Um homem mais velho, que logo percebi tratar-se de seu pai, o imperador, passava-lhe instruções.

Movendo as mãos no ar, o pai de Lokesh instruiu:

– Para controlar o movimento do ar, use sua mente. Imagine o vento rodopiando entre seus dedos ou em torno do seu corpo, e isso acontecerá. Quando houver praticado e obtiver mais controle, você poderá evocar algo tão poderoso quanto um ciclone ou simplesmente erguer uma folha no vento.

O imperador mostrou ao jovem filho como manipular o ar para levantar uma pipa no céu. Ele agitou os dedos, e a pipa deu um pinote e ondulou no ar. Na vez do garoto, o imperador colocou o amuleto no pescoço do filho, e a pipa mergulhou. Com uma expressão determinada, o garoto ergueu as mãos e, no último instante, a pipa circulou os dois e subiu novamente.

– Muito bom – disse o pai. – Agora tente chamar seu falcão.

O garoto fechou os olhos e logo uma ave gritou lá no alto.

O pai explicou:

– Todas as criaturas do ar estão sujeitas a você, mas é preciso aprender a controlá-las.

Sério, o menino assentiu.

Alguém tocou meu braço, e eu acordei num sobressalto.

– Tem movimento nas árvores – sussurrou Kishan, num tom desesperado.

Alertas, Ren e Kishan moviam-se silenciosamente pela tenda, reunindo as armas. Eles sinalizaram para que eu ficasse ali, quieta, antes de os dois saírem rastejando da tenda e desaparecerem na floresta. Estava completamente escuro lá fora, o que significava que o cometa da noite havia passado.

Depois de esperar pelo que pareceu muito tempo, resolvi arriscar e saí à procura de Ren e Kishan. Fanindra me levou até eles. Eles

havam recuado e encontravam-se agachados atrás de uma pedra, observando a entrada da caverna.

Ao me aproximar, acidentalmente pisei num galho, e tanto Ren quanto Kishan viraram bruscamente, me viram e mais que depressa me puxaram para baixo, para o lado deles. Ao mesmo tempo, o que pareciam tochas ganharam vida à nossa frente na floresta. As luzes bruxuleantes se balançaram e convergiram para um ponto. Ouvi sibilos e cliques se aproximando de nós.

Arquejei quando as luzes ganharam intensidade e vi uma turba de demônios de pele escura com tatuagens fosforescentes cobrindo-lhes os corpos. Os longos cachos de seus cabelos tremiam na escuridão como pequenas fogueiras. Os fios radiantes estavam escovados para trás, afastados da testa, e havia folhas de fogo trançadas neles.

Os demônios machos eram grandes, com braços musculosos e peitos nus. Dois pares de chifres cresciam em suas testas – o par mais longo nas laterais. Uma fêmea se aproximou do macho maior e ergueu a mão até tocar-lhe o ombro. Com um movimento rápido, ela correu garras cruéis pelo peito do demônio e sibilou para ele. Ele ficou ali parado, mudo, enquanto ela lambia gotículas das garras, e percebi que as tatuagens dela brilhavam num tom mais vivo de vermelho enquanto as dele desbotavam, adquirindo um tom laranja opaco.

Enquanto ela falava com ele de modo áspero, a parte interna de sua boca reluzia, amarela, como se a garganta queimasse com uma chama interna. Arquejei e ela voltou-se rapidamente na direção de nosso esconderijo. Os olhos astutos cintilaram e, com um sussurro abrupto, todas as luzes, inclusive os cabelos, olhos e tatuagens deles, rapidamente se extinguíram.

Ficamos sentados ali, quietos por muito tempo, respirando superficialmente, sem ousar nos mexer. Eu podia sentir a presença deles à nossa volta. Era como se estivessem esperando que saíssemos correndo dali, querendo nos tirar de nosso esconderijo.

Então ouvimos o familiar ruído de algo se arrastando, e espiamos através das folhas escurecidas na direção da entrada da caverna. Um zumbi careca e magro, com a pele murcha e mumificada, saiu cambaleando para a selva. Ele parou, como se estivesse confuso, e ouvi um leve silvo. Cabelos e tatuagens fosforescentes ganharam vida quando os *rakshasas* cercaram o zumbi. Movendo-se como um só, eles atacaram, envolveram-no em ramos e o levaram dali.

Passou-se muito tempo antes que Ren e Kishan permitissem que eu me levantasse. Meus joelhos pareciam emperrados enquanto voltávamos para o acampamento. Sem uma só palavra, arrumamos

nossas coisas e seguimos na direção oposta àquela para a qual os *rakshasas* haviam levado seu jantar.

No caminho, nós três analisamos todas as visões que tivemos. contei a eles que agora sabia com certeza que Lokesh tinha o poder de manipular água, ar, terra e espaço, graças ao pedaço do amuleto do Sr. Kadam, e podia também invocar criaturas de cada um dos reinos. Lokesh agora tinha quatro segmentos do Amuleto de Damon e tudo que ele precisava era do que pendia do meu pescoço. Finalmente tínhamos todas as peças. Era hora de começar a montar o quebra-cabeça.

Quando o cometa da manhã passou voando sobre nossas cabeças, as árvores se iluminaram e tocaram meu rosto em carícias leves. Kishan estava preocupado, mas contou que, segundo se dizia, os *rakshasas* tipicamente caçavam à noite, embora se aventurassem durante o dia se estivessem muito famintos.

Ren queria se distanciar dos demônios o máximo possível, assim caminhamos o dia inteiro e só paramos quando o cometa da noite passou acima de nossas cabeças. Ren encontrou um local protegido para acampar e estava mantendo vigilância com Kishan, então decidi ir até uma clareira próxima com o Lenço para um banho de fogo.

– Mas volte logo, ou eu irei atrás de você – advertiu Kishan quando o beijei no rosto. – E, se por acaso eu encontrá-la sem roupa, sinto muito.

Ele sorriu enquanto Ren franzia a testa.

– Tenha cuidado, Kells – acrescentou ele.

– Eu terei. Vocês nem vão sentir minha falta.

Dei uma boa dose do meu poder de fogo a uma jovem árvore para compensar a energia que ela logo gastaria, e ela devolveu o favor ao me proporcionar um suave banho de fogo. Depois de me vestir, sentei-me numa pedra próxima e escovei os cabelos recém-limpos enquanto a arvorezinha voltava a seu estado normal. Os banhos de fogo incluíam o benefício adicional de alisar meu cabelo, e eu gostava da suave sensação de tê-lo pendendo nas costas.

Refrescada, peguei o Lenço e Fanindra e voltei para nossa pequena tenda, só para encontrar o tecido rasgado e nossos pertences espalhados. Ren e Kishan estavam ausentes, assim como todas as nossas armas. Dei meia-volta lentamente e fiquei ouvindo com atenção os ruídos da floresta. Não escutei nada. Entrando em desespero, segui de volta para a pedra perto da arvorezinha e comecei a andar de um

lado para outro.

– Bem, temos que salvá-los. Quanto a isso não há duvida – murmurei para Fanindra. – Mas como?

As escamas douradas de Fanindra tremeluziram, ganhando vida, e ela me guiou pela floresta. Seus olhos brilhavam com uma intensidade apenas suficiente para que eu não tropeçasse em pedras ou raízes de árvores. Depois de uma boa hora de caminhada, divisei a luz brilhante do acampamento dos demônios.

Desamarrando o Lenço de minha cintura, eu o sacudi, enrolei-o em torno do corpo e disse:

– Disfarce. Rainha *rakshasi*.

Meu corpo formigou enquanto o Lenço realizava sua magia e, quando o afastei, puxei meus longos cabelos de fogo sobre os ombros e corri os dedos por eles. Eram fartos e ásperos, e, quando levei a mão para tocar a cabeça, encontrei uma tiara de folhas de fogo. Meus braços escuros brilhavam com tatuagens vermelhas, e, ao correr a língua sobre os dentes, percebi que os caninos eram pontiagudos e afiados. Eu usava um vestido laranja reluzente que parecia queimar quando eu andava.

Com a cabeça erguida e Fanindra exposta em todo o seu esplendor em meu braço, seguimos na direção do acampamento. Sentinelas me avistaram quase instantaneamente e deram o alarme em uivos baixos. Logo me vi cercada pelo clã, mas não demorou para que a multidão se separasse e uma fêmea viesse caminhando em minha direção. Eu havia corretamente deduzido que essa era uma sociedade matriarcal e que ela era a rainha.

Era bonita para um demônio. Seu vestido, embora não tão elegante quanto o meu, era longo e de melhor qualidade que as roupas daqueles em torno dela. Um brilho laranja iluminou seus olhos quando ela me viu, e, ao piscar, vi que suas pupilas eram alongadas como as de um gato. Corajosamente, suportei sua inspeção e também demorei, avaliando-a. Ela usava um colar de pequenos ossos de prata entrelaçados. Brincos de ossos finos atravessavam-lhe as orelhas e deles pendiam as minúsculas garras de alguma pequena ave de rapina.

Uma tiara de prata com um véu de folhas de fogo adornava seus cabelos flamejantes. Preso a eles, um osso em forma de lua crescente descansava no meio de sua testa. Tatuagens vermelhas que pareciam mãos com garras cobriam seus olhos e bochechas. As orelhas eram longas e pontudas, como as de um elfo, e os chifres eram muito mais finos e mais delicados que os dos machos que a cercavam. Não havia outras fêmeas à vista.

Os lábios pintados de laranja se abriram, e as bochechas reluziram como se iluminadas sob a pele por uma lanterna. Ela correu a língua pelos dentes pontiagudos antes de falar.

– Digna andarilha. Carcaça de contaminação. Como devo me dirigir a você? – perguntou ela.

– Pode me chamar de... Malevolência – respondi.

O grupo que me cercava se mexeu, surpreso, e, sorrindo para mim perigosamente, a rainha replicou:

– Você é uma conquistadora ou é nossa presa? – Ela inclinou a cabeça. – Eu me pergunto por que está aqui sozinha. Isso pode ser algum tipo de truque?

Ela fez um sinal e alguns dos guerreiros empunharam armas e me cercaram enquanto outros desapareciam floresta adentro. Lentamente, ela me circulou e puxou o tecido do meu vestido, olhando-o com óbvia cobiça. Quando ousou tocar Fanindra, a cobra ganhou vida e sibilou para ela. A rainha recuou, mas não mostrou nem surpresa nem medo da cobra.

Os guerreiros retornaram e sussurraram em seu ouvido. Ela sorriu.

– Sou chamada Profanação – anunciou ela –, a rainha *rakshasi* deste clã. Por ora, vou ser generosa com você. Pelo menos até você representar um... desafio real. Venha.

Ela rosnou para os robustos demônios que nos cercavam até eles se dispersarem, restando apenas nós duas e alguns guardas. Ela então correu a mão pelo bíceps de um dos demônios com ar de aprovação e indicou que eu a seguisse.

Levando-me a uma tenda, ela se abaixou e entrou. Dois guardas se mantiveram próximos enquanto eu entrava e me sentava diante da rainha. Depois de polvilhar algum tipo de pó numa xícara de bebida fumegante, ela a entregou a mim. O cheiro era adocicado e ferroso, e imediatamente suspeitei que fosse sangue.

Eu a pus de lado e prossegui, como se não tivesse tempo para conversa fiada.

– Vim para tratar de uma questão de grande importância.

As tatuagens no rosto dela iluminaram-se momentaneamente e então voltaram à cor normal. Ela bebericou da xícara, sinalizando que eu deveria prosseguir.

– Meus dois melhores caçadores desapareceram do meu clã e acredito que tenham sido apanhados pelo seu pessoal.

Ela deu de ombros.

– Meus caçadores têm o direito de pegar qualquer coisa na floresta que eles possam dominar.

– Então você está *mesmo* com eles.
– E se estiver?
– Eu esperava que se mostrasse disposta a negociar pela vida deles.
– Negociar? O que essa palavra significa?
– Significa trocar. Eu lhe darei alguma coisa de valor em troca da liberdade deles.

– Trocar? *Rakshasas* não fazem trocas. – Ela lambeu os lábios cobiçosamente e mudou de posição, como se estivesse pronta para saltar. Inclinando a cabeça, me estudou com suspeita. – O que você é? Sei que não é nenhuma rainha *rakshasi* – disse ela com desprezo. – Seus dentes são tão rombudos quanto os daqueles que comemos, e você nem estende as garras quando ameaçada. Seu veneno deve ser tão fraco quanto seus caçadores. Estou com seus homens, sim, embora eles estejam pálidos e doentios.

Ela girou a bebida, pensativa.

– Se quer levá-los com você, precisa primeiro provar seu valor na batalha. – Profanação sorriu malignamente. – Se você vencer, eles ganham a liberdade. Se perder – os olhos dela cintilaram –, nós comemos você. A carne de uma rainha, mesmo fraca, é deliciosa.

Medo e repulsa se misturaram, e eu senti dentro de mim uma explosão de emoção que cresceu até se transformar numa chama ardente. Meu novo corpo respondeu e meus dedos se alongaram, formando uma nova articulação. Minhas unhas se estenderam vários centímetros e se transformaram em punhais afiados. As pontas das garras formigaram e uma gota negra e brilhante que caiu onde eu estava ajoelhada silvou quando atingiu o solo.

Eu me agachei. Minhas pernas eram fortes e eu me sentia poderosa. Com toda a crueldade que fui capaz de reunir, saltei na direção dela e cortei o ar perto do seu rosto. Sorri com escárnio e repliquei:

– Aceito o seu desafio.

Profanação sorriu, como se satisfeita com minha exibição.

– Muito bem. Vamos lutar ao crepúsculo de amanhã, pois esta noite temos um banquete.

Fui levada para a festividade e, com repugnância, tive que vê-los se banquetear com os restos do zumbi que haviam capturado mais cedo. Estremeci ao som de ossos se quebrando, sendo quase tudo o que restava da farta refeição da noite anterior. Não havia sinal de Ren nem de Kishan em parte alguma, e eu esperava que, com sua capacidade de cura, eles estivessem pelo menos vivos.

Apanhei um dos demônios maiores sorrindo para mim perversamente. Saliências ósseas projetavam-se na pele de seus

ombros e os antebraços eram tão grossos que pareciam troncos de árvore. Quando ele virou de certa maneira à luz da fogueira, a ilusão de beleza desapareceu, e vi que debaixo dela seu rosto era uma caveira assustadora com olhos incandescentes.

A rainha observava minha reação ao banquete com uma expressão de zombaria e percebeu que aquele demônio estava prestando especial atenção em mim. Então o chamou para que fosse até ela e sussurrou palavras em seu ouvido enquanto os dois me olhavam.

Com um sorriso largo, ele se aproximou de mim e fez uma medida profunda.

– Minha rainha me cedeu a você por esta noite.

– Ah. Que... generosidade a dela. E o que exatamente ela espera que eu faça com você? – perguntei com nervosismo.

– Pode me usar do jeito que quiser – respondeu ele, ávido.

Sorri para a rainha que me observava e inclinei a cabeça, então passei o braço pelo corpulento *rakshasa*. Pesando os riscos contra os possíveis benefícios, eu disse:

– Então talvez você pudesse me levar para fazer um tour pelo seu acampamento. Isto é, se já tiver acabado de comer.

Ele me dirigiu um sorriso devasso.

– Fui instruído a satisfazer todos os seus caprichos. Um tour pelo acampamento é apenas o *começo* do que posso fazer por você – vangloriou-se e correu audaciosamente a mão pelos meus cabelos.

Esperando poder manter as garras dele longe de mim por tempo suficiente para descobrir onde estavam aprisionando Ren e Kishan, deixei que me levasse sozinha dali.

Ele me conduziu até a tenda maior e me mostrou uma espécie de parede de troféus que ostentava ossos e crânios arrumados numa horrível exibição.

– Este lugar é dedicado a nossos melhores caçadores. – Ele apanhou um colar feito de minúsculos ossos e o entregou a mim. – Isto pertenceu ao maior caçador de nossa geração, Nuvem de Trovão. Sou descendente dele e meu nome é uma homenagem a ele.

– Você também se chama Nuvem de Trovão?

– Não. Sou Relâmpago, filho de Nuvem de Trovão.

– Ah. Ele está aqui? Eu o conheci?

– Ele seguiu o caminho de todos os enfermos.

– O que aconteceu com ele?

– Foi ferido numa caçada. Todos os anos o maior caçador entra na caverna e tenta capturar a Fênix. Apesar de ter voltado vivo, não foi bem-sucedido. O braço dele estava quebrado.

– Então o braço dele não sarou?

Ele sibilou.

– Os verdadeiros caçadores *rakshasas* não têm nenhum desejo de sarar. Eles se sacrificam pelo clã. Sua energia é absorvida e recanalizada.

Tive dificuldade de engolir o ar.

– Quer dizer que... vocês o comeram.

Ele pôs de lado um crânio pintado e olhou para mim.

– Vocês não prestam essa honra a seus caçadores feridos?

– Ah, sim, prestamos, sim. É só que... meus caçadores têm o poder de se regenerar. Eles nunca ficam permanentemente feridos, e também não envelhecem.

Ele pegou meu braço e sussurrou em tom conspirador.

– Eu sabia por sua aparência que você era uma rainha especial. Você precisa me conceder esse poder. Descarte seus caçadores fracos, então você e eu poderemos fugir e dar início a um novo clã, nosso próprio clã.

Ele me olhou de cima a baixo, sorriu e se aproximou de mim. Seus dentes afiados e pontiagudos brilhavam à luz bruxuleante criada por nossos cabelos.

– De todos os caçadores aqui, sou o mais... talentoso. – Ele acariciou meu braço com as longas garras, sem perfurar a pele, mas deixando feios arranhões por toda sua extensão. – Eu lhe asseguro que seria o companheiro mais leal.

Agarrei seu antebraço e deixei que minhas garras se enterrassem em sua pele. Ele gemeu, como se eu o tivesse beijado.

– Vou pensar nisso – prometi, sugestivamente. – Agora... gostaria de ver o restante das relíquias de seu clã.

Ele me mostrou uma pintura rústica do primeiro líder *rakshasa*, que era do sexo masculino. *Interessante.*

– Ele era um grande mágico e ilusionista – explicou Relâmpago. – Podia assumir a forma de uma coruja, um macaco, um humano ou mesmo de um grande gato negro.

– É mesmo? – repliquei, estudando a pintura com interesse. – Sua rainha ainda pode fazer isso?

– Nossa rainha afirma que tem essa habilidade, mas eu nunca vi. No entanto, pode criar ilusão. Ela é muito poderosa.

– Entendo. Todos vocês têm a mesma habilidade?

– Os membros do nosso clã são todos especialistas em camuflar nossa força vital. Seu clã não tem esse poder?

– Meu clã tem... um tipo diferente de magia. – Pus a mão no braço

dele. – Talvez eu possa demonstrar algumas de minhas habilidades mais tarde.

O sorriso dele era assustador.

– Estou ansioso por isso.

Ele me mostrou outras lembranças verdadeiramente desprezíveis – uma guirlanda seca de vísceras, uma coleção de escalpos e peles, e várias máscaras apavorantes, como se o rosto deles já não fosse horrível o bastante. Sua fachada atraente não me enganava mais. Agora que eu sabia como olhar, se estreitasse os olhos na medida certa, podia ver seu crânio aparecendo através da pele, mas era mais fácil fingir que ele era apenas um belo demônio.

Quando eu já havia me fartado do lugar, ele me levou para fora e me mostrou uma espécie de curral. Ele uivou em voz baixa e ouvi o estrondo de cascos quando um grande rebanho de animais se aproximou. Formas escuras moveram-se em nossa direção e então, como se alguém houvesse ligado um interruptor, os animais arderam em cores. Eram as criaturas mais belas que eu já tinha visto.

– O que eles são? – sussurrei quando um dos animais se aproximou de mim e esticou o pescoço.

– São *qilins*. Nós os capturamos na floresta da Fênix.

– Ah.

Os *qilins* tinham o tamanho e a forma de um cavalo, mas a cara e os dentes de um dragão. Escamas de peixe lisas cobriam seus corpos, no entanto, eles ainda tinham crinas e caudas esvoaçantes. Apresentavam-se numa variedade de cores – vermelho, verde, laranja, dourado, azul e prata. E, como os *rakshasas*, o pelo dos animais brilhava como se pegasse fogo.

Meu guia gritou um comando, e os animais saltaram de medo e puseram-se a galopar em círculo. Chamas bruxuleantes saíam de seus cascos, crinas e caudas quando corriam.

Subi na cerca e estendi a mão. Um ousado *qilin* azul caminhou em minha direção. Ele dilatou as narinas e soprou um hálito quente em minha palma no instante em que toquei seu focinho. Quando dei tapinhas na cara lisa e corri a mão por sua crina flamejante, pude ouvir seus pensamentos: *Criatura ardente, você não é uma deles. Posso sentir o cheiro de sua humanidade. Somos do outro lado da montanha. Eles nos alimentam com a carne de nossos irmãos. Você precisa nos salvar, princesa!*

Permiti que meu poder de fogo alcançasse a lateral do corpo do *qilin*, que estremeceu com o calor. Enviei-lhe uma mensagem silenciosa. *Eu irei salvar vocês. Espere o meu sinal e prepare o rebanho.*

Esperarei o seu sinal, princesa do fogo.

– O cometa da manhã se aproxima, minha rainha. Você precisa descansar para que possa sair vitoriosa em sua batalha.

– Muito bem. Vamos voltar para o acampamento.

O demônio me escoltou até minha tenda e tentou me seguir quando entrei. Pus as mãos em seu peito largo e o detive.

– A hora para tais coisas ainda não chegou. Primeiro, preciso derrotar sua rainha.

Ele grunhiu de frustração.

– Eu a deixarei em paz por ora, para que possa se preparar, mas não serei deixado de lado tão facilmente no futuro.

Assenti e me virei para partir quando ele segurou meu braço e sussurrou algumas das coisas brutais que queria fazer a mim ou comigo. Apenas sorri para ele e sibilei ligeiramente, o que ele tomou como um bom sinal, e então, por fim, me deixou em paz.

No interior da tenda, puxei o cobertor na cama – e encontrei uma caixa cheia de insetos mortos. Deduzi que eram usados ou como colchão ou como um lanchinho noturno.

Enrosquei-me num canto e passei a hora seguinte me perguntando em que eu havia me metido. Até ali não tinha visto nenhum sinal de Ren nem de Kishan e, até onde sabia, a rainha Profanação podia estar blefando e nem tê-los como prisioneiros. Sabendo que eu precisava de descanso, apoiei a cabeça nas mãos, descobri como apagar meu cabelo e as tatuagens e tentei dormir.

Rapidamente descobri que a rainha *rakshasi* na verdade não me deixou por minha própria conta. Dois guardas enormes postaram-se diante da minha tenda e reprimiram quaisquer ideias que eu tivesse de sair furtivamente para procurar Ren e Kishan. Tirei cochilos intermitentes durante o dia, preocupada com meus tigres.

Quando o cometa da noite passou lá no alto e as árvores de fogo se extinguíram, fui chamada para a batalha. A rainha havia se vestido especialmente para a ocasião com uma espécie de armadura de ossos, e seu cabelo estava penteado de modo a parecer uma fogueira. As tatuagens em seu rosto reluziam num vermelho vívido, como se alguém a houvesse esbofetado com a mão suja de tinta.

Marchamos até uma grande clareira, e os demônios *rakshasa* fundiram-se com as árvores ao redor, de modo que somente seus cabelos-tochas ficaram visíveis.

A rainha se posicionou à minha frente e ergueu os braços no ar.

– *Rakshasas!* Testemunhem o poder da sua rainha!

Ela rodou os braços dramaticamente e produziu faíscas e uma fumaça negra que redemoinhou à nossa volta. A fumaça se movia como se tivesse vida e serpenteou na minha direção. Então deu a volta em torno do meu corpo e retornou à rainha. Ela gritou e dois raios atingiram o chão.

A fumaça desapareceu e surgiram dois altares de pedra – com Ren e Kishan amarrados a eles. Os dois olharam ao redor, confusos, e forçaram em vão as cordas. As camisas pendiam em trapos, mas, afora isso, eu não via qualquer ferimento.

A rainha foi até Ren e deslizou uma unha semelhante a um punhal por seu peito nu. Ela estalou a língua.

– Ora, ora, meu lindo. Não faça tanta força. – Ela tocou os lábios dele com a garra grotesca. – Gosto da minha carne... macia.

Ela se aproximou, como se fosse beijá-lo, e Ren virou a cabeça com repulsa. Em retaliação, ela correu as garras pelo rosto dele. Os talhos verteram filetes de sangue, que escorreram pelo pescoço dele. Profanação voltou-se para Kishan.

– Talvez este aqui coopere mais.

Ela alisou os ombros largos de Kishan, descendo pelo braço. Ele rosnou, furioso, para ela.

A mulher demônio deu uma gargalhada rouca.

– Talvez eu o deixe viver um pouquinho mais. Sua agressividade é encantadora. Bem, não se desesperem, meus frágeis caçadores. Sua rainha veio resgatar vocês, seja qual for o resultado disso para ela.

Tanto Ren quanto Kishan me procuraram desesperadamente na floresta ao redor, mas seus olhos passaram direto pela minha nova forma.

Dei um passo à frente e gritei:

– Você já me fez perder muito tempo e me insultou ao maltratar meus guerreiros diante dos meus olhos. Não creio que tenha o veneno necessário para me derrotar.

A fumaça espiralou em torno de Profanação e os olhos dela cintilaram perigosamente:

– Vou sugar o tutano dos seus ossos enquanto você sufoca lentamente no próprio sangue – ameaçou ela.

Pus as mãos nos quadris e sorri, arreganhando as presas.

– Se ao menos sua mordida fosse tão forte quanto seu perfume repulsivo.

Ren e Kishan me olhavam abertamente, a boca escancarada, e o caçador *rakshasa* da noite anterior saiu do meio das árvores e sorriu,

triunfante.

Justamente quando eu começava a achar que tinha a vantagem na luta, um fio de fumaça bateu em minha barriga e me jogou no chão. Em seguida, envolveu meu pescoço, cortando meu oxigênio. Rapidamente, desamarrei o lenço da cintura e sussurrei sentindo muita dor:

– Recolha os ventos.

A fumaça se agitou e pulsou dentro da bolsa que o Lenço havia criado. O ar redemoinhou pela clareira e soprou meus cabelos em todas as direções. Finalmente, os ventos pararam e a bolsa dançou nas minhas mãos. Sorri para a mulher que me fuzilava com os olhos do outro lado da clareira, ergui a sobrelanceira e abri a bolsa. A fumaça disparou na direção da rainha, envolvendo-a, e começou a sufocá-la. Ela tossiu, ergueu os braços no ar e baixou-os de repente. A fumaça desapareceu.

Profanação estalou os dedos, e a luz de seus cabelos e do corpo se apagou. Assumi uma postura de batalha, desliguei minha luz interna também, e observei a escuridão com cuidado. Ouvi sua risada quando ela apareceu brevemente e tornou a desaparecer. Tentei sentir sua presença, mas ela se movia de forma furtiva. Um silvo veio da minha direita, e, quando girei, suas garras raspavam meu braço e meu ombro.

Ela saltou sobre mim e me empurrou para o chão, mas eu a repeli e a ataquei com as minhas garras, conseguindo atingir-lhe a coxa e a panturrilha. Meu ombro começou a queimar horivelmente, como se estivesse sendo corroído por ácido. Eu havia pensado que a dor causada pelos arranhões do urso em minha perna tivesse sido excruciante. Essa era muito pior.

A mulher demônio tornou a desaparecer, só para se materializar a poucos metros de distância. Então sussurrou algumas palavras e, com um floreio, o tridente apareceu em suas mãos. Ela o voltou para mim.

– Talvez você esteja sentindo falta disso. – Ela brandiu a arma e andou em um círculo. – Tenho que admitir que fiquei surpresa com sua coleção de prêmios de guerra. Para uma rainha tão fraca, você conseguiu muita coisa.

– Aproxime-se um pouco mais – ameacei com um sorriso maligno – e vou lhe mostrar quanto mais posso conseguir.

Ela atacou com o tridente, mas dei um passo para o lado e a atingi nas costas com meu poder de fogo. Escutei os silvos coletivos e a mudança de posição dos demônios nas árvores e sorri até ouvir a rainha rir com animação.

– Ah, isso foi *bom*. – Ela voltou-se e espreguiçou-se languidamente.

– Você precisa me contar o segredo desse seu poder antes de morrer, minha rainhazinha.

– Sem chance – sibilei e me agachei para o próximo ataque.

Idiota! O fogo é bom para eles. Hora de mudar de tática.

Saltei sobre a rainha e a empurrei para o chão. Ela soprou na mão, que estava cheia de algum tipo de pó que pegou fogo e mandou faíscas voadoras para todos os lados. Eu não conseguia ver nada, a não ser clarões brancos. Ainda assim, choquei-me contra ela cegamente, e atacamos uma a outra com nossas garras até eu estar coberta por feridas que ardiam.

A rainha me dominou, prendendo-me ao chão com suas pernas musculosas, e envolveu meu pescoço com suas garras. As pontas perfuraram minha pele, e pude sentir seu veneno penetrando meu corpo.

– O que tem a dizer agora, rainhazinha?

Mostrei as presas e sorri.

– Que tal um pouco de chuva?

Os olhos dela se estreitaram em confusão. Sussurrei para que o Colar de Pérolas fizesse chover apenas na rainha *rakshasi*. Pude sentir o cheiro da água antes que ela me tocasse. Uma névoa branca se formou acima de nós. A nuvem escureceu e trovejou, então uma leve pancada de chuva começou a cair. A rainha gritou quando as gotas bateram em suas costas e seus braços. Sua pele chiou quando a água se precipitou sobre ela, e as tatuagens desbotaram.

Dei um murro na cara da rainha demônio e a empurrei para o lado. Rolando para longe, encerrei a pancada de chuva e sussurrei ao Lenço para que a amarrasse e amordaçasse. Fios dispararam do Lenço e se enroscaram nas pernas e nos braços de Profanação. Ela usou as garras para cortá-los várias vezes, mas o Lenço simplesmente tornou as cordas mais grossas.

Pisquei, tentando aclarar minha visão e dar foco a todas as formas à minha volta. Apalpei um dos altares de pedra e esbarrei em carne humana.

– Você dá um lindo demônio – disse Ren, com orgulho.

– Obrigada. – Sorri debilmente e raspei as garras na pedra. Faíscas voaram, e as cordas apertadas que prendiam Ren se soltaram. Ele acabou de se libertar enquanto eu tropeçava até o outro altar para soltar Kishan. Meu sangue estava fervendo com o veneno e eu sabia que ele logo me subjugaria.

A rainha caída se debatia no chão. Cortei as cordas que prendiam Kishan e me empertiguei o máximo que pude.

– Relâmpago. Venha até aqui.

O poderoso demônio atravessou a clareira corajosamente e se prostrou diante de mim.

– Minha rainha – disse ele, erguendo a cabeça. – Deixe que eu me livre desses guerreiros fracotes que não puderam protegê-la e então assumo meu lugar ao seu lado.

Pus minha mão em seu ombro e lhe dirigi um sorriso quase amoroso.

– Tenho outros planos para você, grande caçador. – Eu podia sentir Ren e Kishan de pé atrás de mim. – Eu não permitiria que matasse esses dois guerreiros, pois eles são especiais e estão longe de serem fracos. Prometi uma demonstração a você, não foi?

O demônio *rakshasa* ergueu a cabeça. Cambaleei ligeiramente e Ren segurou meu cotovelo.

Eu o afastei com um empurrão, não querendo que os *rakshasas* me vissem enfraquecida, e gritei:

– Meus caçadores, venham até mim.

Ren e Kishan se posicionaram ao meu lado. Com um floreio dramático dos braços, ordenei:

– Sua rainha ordena que vocês mostrem suas garras a este clã.

Ren inclinou a cabeça e Kishan me estudou em silêncio por um segundo. Então os dois se metamorfosearam, assumindo forma de tigre. Os *rakshasas* que já haviam entrado na clareira deixaram escapar um arquejo coletivo. Ren grunhiu, ameaçador, e Kishan rugiu e cortou o ar com as garras antes de começarem a dar andar de um lado para outro, de maneira protetora, diante de mim. Alguns demônios imediatamente se prostraram no chão. Até mesmo a rainha parou de se debater e ficou nos olhando, embora estivesse no chão amarrada e amordaçada.

– Relâmpago – continuei –, meu desejo como sua nova rainha é que vocês não cacem mais as criaturas da caverna. Vocês se alimentarão apenas da carne de animais encontrados na floresta e deixarão a Fênix em paz.

– Sim, minha rainha.

– Os *qilins* serão libertados e, em vez de comer seus enfermos, vocês permitirão que eles se curem.

Ele inclinou a cabeça e disse:

– Como quiser.

– Vamos celebrar com um banquete da vitória.

O demônio se pôs de pé e sorriu.

– Sim! Vamos comer a antiga rainha!

– Não! – gritei. – Vocês irão tratá-la com respeito, mas não mais se curvarão aos seus desejos.

Ele respondeu, confuso:

– Se é este o seu desejo...

– É, sim, e decidi apontar você, Relâmpago, como o novo líder deste clã.

Ele hesitou e então disse:

– Mas nosso clã tem uma líder fêmea desde os tempos do meu avô.

– Você me disse que já foram liderados por um macho, correto?

– É verdade. – Ele fez uma pausa, então empertigou-se e gritou. – Eu irei liderá-los. Alguém aqui deseja me desafiar?

Ninguém se apresentou. Ele sibilou, presunçoso, e então se aproximou de mim e correu, com ousadia, as garras pelo meu braço.

– Malevolência, fique aqui como minha rainha e reine ao meu lado – ofereceu. – Divida comigo o seu poder e nada lhe faltará.

Ambos os tigres grunhiram e se agacharam para atacá-lo, mas ele os ignorou completamente.

Ergui o queixo com altivez e afastei o seu braço. Ele sorriu diante da minha hostilidade.

Com arrogância, respondi:

– Preciso voltar para cuidar do meu próprio clã, mas irei oferecer um banquete para vocês antes de partir.

Cambaleei e respirei fundo. Fechando os olhos, pedi um banquete para carnívoros e fui premiada com leitões suculentos, rosbifes malpassados e gordos perus. Surgiram pratos à nossa volta, e todos os demônios que ainda estavam de pé ajoelharam-se e curvaram-se diante de mim. Somente Relâmpago permaneceu de pé e ordenou aos caçadores que levassem a rainha e a comida de volta para o acampamento.

Quando ele olhou para mim em busca de aprovação, sorri para ele e no instante seguinte desabei em seus braços. Ouvi um rugido terrível de um dos tigres, uma variedade de silvos e gritos de angústia da parte dos *rakshasas*, a risada gutural da rainha amarrada e então não ouvi mais nada.



Qilins

Quando finalmente voltei a mim, pisquei e tentei levantar a cabeça – só para tornar a baixá-la com cuidado ao sentir uma dor excruciante explodir atrás dos meus globos oculares.

Kishan ajoelhou-se ao meu lado e tocou meu rosto e pescoço de leve com a palma da mão.

– Como está se sentindo?

– Como se o *kraken* tivesse me mastigado e me cuspidado – murmurei, tentando esfregar a testa dolorida.

Kishan segurou meu pulso antes que eu fizesse contato.

– Devagar. Tem que ter cuidado com essas coisas. Você pode acabar arrancando o olho.

Confusa, olhei para minha mão e gemi de leve ao ver que ainda estava disfarçada de rainha *rakshasi*. Meus dedos exibiam garras negras mortais das quais pingavam veneno. Pus o braço ao lado do corpo.

– Que maravilha. Quanto tempo fiquei fora do ar?

– Algumas horas.

– Onde está Ren?

– Ele está supervisionando o banquete e distraindo os guerreiros enquanto uso minha considerável magia para curá-la. – Kishan bateu no *kamandal* em seu pescoço e então ajeitou meu travesseiro. – Você não faz ideia de quantos demônios estão completamente apaixonados por você. Na verdade, o trabalho dele é mantê-los à distância.

Bufei.

– Eles não estão interessados em mim. É o meu poder que desejam.

Kishan ergueu uma sobrancelha, olhou-me de cima a baixo em meu disfarce *rakshasa*, e então sorriu.

– Acho que está subestimando seu poder de atração.

Senti o rosto quente com o elogio, e minhas tatuagens se acenderam, tornando-se vermelhas. O sorriso de Kishan se ampliou. Ele traçou delicadamente o contorno da tatuagem no meu rosto.

– A luz brilha sob a sua pele, principalmente quando a toco.

Desconfortável com a atenção, mudei levemente de posição e sibilei

de dor.

Kishan afastou o rosto para examinar meu ombro em processo de cura.

– Fique deitada quietinha e deixe o elixir agir até que você se cure por completo. Os arranhões não foram ferimentos mortais. Eu me pergunto por que a afetaram tanto.

Aceitei o copo de água que Kishan ofereceu e bebi enquanto ele me ajudava a levantar a cabeça.

– Foi o veneno nas garras dela – respondi entre goladas.

Contraí os dedos perigosos e me concentrei para retraindo as garras. Kishan então pegou minha mão, levou-a aos lábios para um beijo e disse:

– As criaturas mais bonitas com frequência são as mais mortais. Pelo menos o elixir da sereia está curando você.

Fechei os olhos e me recostei em seu peito largo. Ele massageava minha nuca para aliviar o latejar na cabeça.

Pouco depois, Ren enfiou a cabeça na tenda e franziu a testa.

– Você deveria estar ajudando Kells a se curar e não se aproveitando do estado enfraquecido dela.

– O ombro está curado – explicou Kishan –, mas a cabeça ainda dói.

Ren se agachou na minha frente, e seu rosto assumiu uma expressão de preocupação. A dor era tão forte que eu era obrigada a estreitar os olhos para vê-lo, embora a tenda estivesse iluminada apenas pela luz do fogo.

– O que foi? – perguntei.

Ren me observou em silêncio por um momento e em seguida disse:

– Não vou conseguir segurá-los por muito mais tempo. Eles querem ver a nova rainha. Aparentemente, sua vitória não estará completa até que você prove a eles que está viva e bem, e que o veneno de Profanação não a matou.

Assenti de leve e senti-me grata porque o movimento não me causou dor.

– Você consegue mais cinco minutos? – perguntei.

Ele se inclinou e beijou minha testa.

– Consigo. Ela está quente, Kishan – disse ele enquanto se abaixava para sair da tenda.

– Está tudo bem – expliquei para Kishan. – Quente é meu estado natural como demônio.

Ele riu e continuou a massagear minha cabeça com a ponta dos dedos.

– “Quente” é seu estado natural o tempo todo, *bilauta*. Relaxe e

respire. Concentre-se em seu batimento cardíaco.

O tranquilo crepitar do fogo na tenda me acalmou. Concentrei-me em inspirar e expirar, e pouco a pouco a dor diminuiu. Adormeci tranquilamente nos braços de Kishan até que fomos perturbados por um clamor do lado de fora da tenda.

A voz de Ren estava alterada.

– Eu garanto a vocês que ela está viva. Só está descansando.

– Queremos vê-la! – insistiu um demônio.

– Deixe-a andar entre nós – gritou outro.

– Vocês a monopolizam. Isolam-na do clã.

A voz de Ren soava ameaçadora.

– Ela lhes ofereceu um banquete suntuoso. Gastou muita energia para beneficiar vocês. Deem tempo à sua rainha para que se recupere.

– *Recuperar*? O que isso significa?

O tumulto lá fora abafou a resposta de Ren.

– Eles não o entendem – sussurrei para Kishan. – Estão acostumados a falar com rancor e sarcasmo uns com os outros. Não demonstram bondade. Só conhecem fraqueza e força. É melhor você me ajudar a levantar.

– Tem certeza?

– Acho que consigo lidar com isso.

Apoiei-me nas pernas vacilantes enquanto Kishan segurava meu braço e me escoltava até o lado de fora da tenda. Um silêncio caiu sobre a multidão quando fiz minha aparição. Estreitando os olhos para os demônios, sibilei:

– Creio que seu banquete foi satisfatório...

Vários demônios murmuraram:

– Foi, sim, minha rainha.

– Então por que fui perturbada? – gritei.

Relâmpago se aproximou e inclinou a cabeça.

– Estamos... confusos.

– Talvez esses outros, de mente mais simplória, estejam confusos, mas você, Relâmpago, certamente não está. Por favor, explique que confusão é essa.

Ele entortou o canto da boca em um breve sorriso, então explicou:

– Um clã vive por sua rainha. Se a rainha estiver ferida, assim também estão seus caçadores. Eles simplesmente queriam se assegurar de que você estava bem. – Enquanto percorria meu corpo com um olhar lascivo, ele acrescentou: – Posso ver que se recuperou suficientemente de seus ferimentos.

Ren e Kishan rosnaram.

– Sim, me recuperei – repliquei.

Relâmpago sorriu, sugestivamente.

– Então é hora de você escolher seu consorte para a noite.

– Meu consorte? Muito bem. Escolho ficar com meus guerreiros.

– Você não pode escolhê-los. Numa outra noite, sim, mas, na noite da celebração de sua vitória, deve escolher um homem de nosso clã.

– Por quê?

– Esse homem irá seguir para seu novo clã com você. Ele se tornará seu. É a prática de todos os *rakshasas*. Tenho certeza de que sabe disso.

Os demônios murmuraram baixinho sobre minhas estranhas reações.

Pensando com rapidez, ri com deboche, me aproximei de Relâmpago e estendi as garras novamente para corrê-las pelo seu braço.

– E está esperando que seja você a minha escolha, recém-nomeado rei do clã *rakshasa*?

Ele agarrou meu braço e o apertou, fazendo-me dar um grito de dor que, não sei como, consegui transformar em um riso de desprezo. Relâmpago sorriu e retrucou:

– É claro que você me escolheria. Quem mais aqui está à altura?

Olhei nos olhos dele e passei a língua pelos lábios. Sua atenção se voltou para a minha boca e ele grunhiu em aprovação. Então baixou a cabeça para me beijar, mas, antes que encostasse em mim, eu o empurrei com violência e anunciei:

– Qualquer um de vocês que queira ser meu consorte terá uma chance justa de... atrair minha atenção. Esta noite vocês irão caçar.

Murmúrios de entusiasmo se espalharam pelo acampamento.

– No entanto, vocês não irão à caça de carne. Esta noite vocês me trarão uma... – fiz uma pausa enquanto vasculhava o cérebro tentando pensar em alguma coisa – ...uma flor de fogo branca. O primeiro a conseguir poderá ser minha companhia para esta noite.

Um a um os demônios do sexo masculino apagaram a luz de seu corpo e correram para a floresta. Relâmpago ficou para trás, me observando.

– E então? – perguntei. – Pensei que você estivesse interessado em ser meu consorte.

– E estou. – Ele inclinou a cabeça. – Só estava me perguntando por que seus dois guerreiros não partiram com os outros em busca do seu troféu. Eles não têm interesse em agradar sua rainha?

Kishan avançou audaciosamente, empurrou Relâmpago e disse:

– Não presume que compreende os desejos de nossa rainha.
– É claro que eles irão caçar – interferi. – Não espero nada menos deles. Mas primeiro irão me escotar até a árvore de onde verei o primeiro caçador a retornar.

Ren e Kishan me tomaram pelo braço, um de cada lado, e me levaram até um grupo de árvores de fogo que estavam apagadas, adormecidas. Entreguei a Ren um pequeno quadrado de tecido que pedira ao Lenço que fizesse. Ele leu a mensagem bordada e o passou para Kishan. Ambos se transformaram em tigres e deixaram o acampamento. Relâmpago me lançou um olhar desconfiado e então reduziu sua luz e também deixou o acampamento.

A aurora não demoraria a chegar, e eu tinha muito a fazer enquanto estavam todos ausentes. Usando o Fruto Dourado, enchi um cálice com suco de fruta do fogo e bebi. Depois de mais dois cálices, me senti muito melhor.

Renovada, voltei à tenda e reuni as armas, o ovo da Fênix e nossos outros pertences que haviam sido confiscados de nossas mochilas. Com Fanindra no braço e uma mochila recém-criada, reduzi minha luz e atravessei a escuridão até encontrar o curral que Relâmpago me mostrara na noite anterior.

Fechando os olhos, enviei uma mensagem aos animais que eu pressentia estarem descansando perto dali. Um suave relincho e um tropel de cascos foram a minha resposta, quando vários dos animais vieram para perto da cerca. O líder *qilin* se aproximou de mim, cutucou a minha mão e soprou um jato quente de ar pelas narinas.

Você voltou, princesa. Nós a aguardávamos.

Estão prontos para voltar a ser livres?, perguntei aos animais.

Eles bateram os cascos no chão, agitados, o que criou uma chuva de faíscas multicoloridas no chão, na noite até então escura.

Vocês conhecem o caminho através da caverna?, perguntei.

Conhecemos, mas muitos de nós se perderão na jornada.

Não se comerem estas frutas do fogo, pensei e pedi ao Fruto Dourado que criasse um monte de frutas do fogo no curral dos *qilins*. *Elas irão curá-los e ajudá-los a se manter acordados.*

Frutas do fogo! Elas estão desaparecidas há gerações! É um presente precioso que está nos dando, princesa.

Os *qilins* devoraram as frutas ruidosamente, atravessando a dura casca externa com seus dentes de dragão. Produzi mais delas até que todos tivessem se fartado.

Agora estamos prontos para a jornada.

Por favor, tenham cuidado. Os caçadores estão por aí. Sigam

rapidamente para a caverna. É pouco provável que eles os persigam até lá dentro.

Segui até o portão, que era fechado por um complexo sistema de cordas trançadas. Desamarrá-las era simplesmente impossível, pois os nós eram muito apertados.

Peguei o Lenço e tentei usá-lo para afrouxar as cordas. Fios dispararam do tecido e tocaram as cordas, mas, depois de algumas tentativas, os fios recuaram. Padrões e cores alarmantes tremeluziam momentaneamente sobre sua superfície antes de parar.

Mais uma vez tentei soltar uma seção. Meus dedos compridos eram desajeitados e, frustrada, puxei o dedo indicador do nó em que o enfiara e raspei, com raiva, a garra *rakshasa* sobre a superfície da corda. O nó caiu no chão.

Rapidamente, usei as garras para cortar as outras cordas. Curiosa, apanhei um pedaço cortado do fio sedoso.

Um dos *qilins* explicou: *As cordas são feitas das crinas e caudas de nossos irmãos mortos. Elas são muito fortes, e os demônios sabem que não podemos cortá-las.*

Lamento tê-las cortado então.

Não lamente. Eles ficariam felizes por estarmos sendo libertados.

O *qilin* diretamente à minha frente resfolegou e sussurrou uma advertência em minha mente: *Alguém está vindo, princesa!*

Fiquei tensa e me agachei nas sombras escuras. Os cavalos-dragões estavam tão imóveis que eu não conseguia ouvir nem sua respiração, embora pudesse sentir a presença da manada atrás de mim. Meus olhos *rakshasas* mal podiam distinguir a forma de um homem caminhando com cautela em minha direção.

Quando se aproximava, ouvi seu sussurro:

– Kells?

– Kishan? Aqui – sussurrei de volta.

Ele contornou algumas árvores e se espremeu por trás de alguns arbustos até conseguir pegar a minha mão.

– Você está bem? – perguntou.

– Você levou bastante tempo para me encontrar – comentei com um sorriso. – Onde está Ren?

– Fomos seguidos. Tivemos que nos separar e dar a volta até aqui.

Kishan ergueu o mecanismo de travamento e puxou o portão, abrindo-o o suficiente para dar passagem aos animais que se movimentavam, animados, na escuridão. Quando voltou para junto de mim, falou:

– Nunca senti nenhum cheiro parecido em minha vida. O que são

eles?

Um dos animais bufou. *Nunca sentimos nenhum cheiro parecido com o seu tampouco.*

Eu ri baixinho.

– São *qilins* e podem se comunicar comigo. Acho que você os ofendeu.

– Peço desculpas – disse Kishan aos animais. – Só quis dizer que nunca conheci criaturas como vocês.

– Eles aceitam as desculpas – traduzi. – E precisamos recolher as cordas cortadas do chão. Elas são tudo o que resta dos *qilins* que os *rakshasas* mataram, e o rebanho de *qilins* não quer pisoteá-las acidentalmente.

Juntos, Kishan e eu nos abaixamos e recolhemos as cordas sedosas. Assustada por um toque no meu ombro, deixei cair o punhado de fios que tinha recolhido. Pondo-me de pé abruptamente, dei um salto para trás e ergui minhas garras letais.

– Está tudo bem. Sou só eu, Ren.

Baixei os braços para pegar as cordas e deixei escapar um suspiro trêmulo.

– Ren! Estávamos esperando por você. Só temos mais uma coisa a fazer.

Enrolando o Lenço em meu corpo, murmurei as palavras que me fariam voltar ao meu estado natural. Quando puxei o Lenço e o amarrei na cintura, corri as mãos pelos meus cabelos e rapidamente os preendi com uma fita.

– Muito melhor assim – sussurrei.

Com o canto do olho, vi o fogo se acender na escuridão.

– Traidora! Você não é nenhuma rainha *rakshasa*!

Relâmpago veio em nossa direção, suas tatuagens e cabelos acesos de raiva.

Pus o braço no de Kishan, sabendo que ele estava pronto a transformar a situação em uma briga. Dirigindo meus comentários a Relâmpago, falei com firmeza:

– Sou a mesma mulher que você admirou, com o mesmo coração e a mesma coragem. Apenas escolhi assumir uma forma diferente neste momento.

– E também escolheu libertar os animais que capturamos legitimamente? Você viola a lei dos *rakshasas*!

Estendi os braços e esfreguei as mãos lentamente.

– A lei *rakshasa* diz que tudo o que você seja forte o bastante para capturar é seu. Eu peguei essas criaturas de vocês. É verdade que,

nesta forma, parece que não tenho poder, que sou uma presa – estreitei os olhos –, mas não se engane, Relâmpago. Ainda tenho a habilidade de fazer mal a você e a seu clã. Não tenho nenhum desejo de agir assim... no momento, mas, se me for apresentado o desafio, então...

Dei de ombros.

Ele me estudou em minha nova forma enquanto Ren e Kishan retesavam os músculos ao meu lado. Parecendo tomar uma decisão, Relâmpago sorriu malignamente e disse:

– Isto é um teste. Um teste que irá solidificar minha posição como líder do clã *rakshasa* para sempre, e eu não irei falhar.

Ele saltou em minha direção, as garras estendidas, e Ren e Kishan se transformaram em tigre e se chocaram com ele no ar. Enquanto rolavam de um lado para outro no chão, as garras rasgando o que encontravam, encorajei os *qilins* a fugir enquanto podiam. Saí de seu caminho à medida que um por um os grandes animais se moviam silenciosamente entre as árvores escuras na direção da caverna distante, e então me virei para ajudar Ren e Kishan.

Murmurando algumas palavras e tocando o Colar de Pérolas em meu pescoço, fiz com que os homens fossem cercados por uma névoa úmida. Relâmpago arquejou e arfou, como se estivesse respirando veneno. Com um grito poderoso, se livrou dos dois tigres, extinguiu sua luz e escapou para o meio das árvores. Ren e Kishan estavam prestes a ir atrás dele quando eu disse baixinho:

– Ren, Kishan, deixem que se vá. Precisamos dar o fora daqui antes que ele ponha todo o clã atrás de nós.

Os dois tigres voltaram até mim, e senti uma cutucada nas costas, acompanhada por um leve relincho. Três *qilins* permaneciam ali.

Vamos levá-los para longe daqui, princesa.

Mas como?, perguntei ao líder. *Vocês precisam ficar com seu rebanho.*

Você nos prestou um grande serviço e vamos devolver o favor. Venha. Suba em nossas costas, e vamos levá-los para longe daqui.

Abaixei-me perto dos tigres e acariciei-lhes a cabeça. O tigre negro lambeu meu braço.

– Eles querem nos levar para um lugar seguro – expliquei. – Disseram que são rápidos e querem retribuir o favor.

Kishan voltou à forma humana e sorriu.

– Então, o que estamos esperando?

Os *qilins* acenderam suas luzes e bateram as patas no chão, ansiosos. Kishan me levantou e me colocou nas costas do líder do rebanho, e, enquanto eu agarrava um punhado de sua bruxuleante

crina azul, Kishan saltou para as costas de um animal de cor verde. Ren também se transformou em homem e se abaixou para pegar alguma coisa, em seguida se aproximou de um animal roxo que zanzava ali perto. Ele saltou nas costas do *qilin* e habilmente o conduziu até onde eu estava.

Inclinando-se à frente para acariciar meu *qilin* azul, ele falou baixinho:

– Tome cuidado. Ela nunca cavalgou.

Depois de uma pausa, sorri.

– O *qilin* irá cuidar de mim.

– Ótimo – respondeu Ren antes de enfiar alguma coisa entre meus dedos.

– Sigam-me – chamou Kishan, e incitou sua montaria adiante com o joelho.

Saindo em disparada, o *qilin* de Ren o seguiu e o meu foi logo atrás. Fogo verde e púrpura formavam um rastro aos pés dos *qilins* de Ren e Kishan, e eu mais uma vez me maravilhei diante da beleza daquelas criaturas. O *qilin* que eu montava se movia tão suavemente e com tanta graça, atravessando a floresta escura, que pude relaxar e voltar a atenção ao presente que Ren havia entrelaçado em meus dedos: uma flor de fogo branca. Levei as pétalas suaves até o nariz e deixei que meus pensamentos voassem tão rápido quanto os cascos do *qilin* me levava.



Bodha – Cidade de Luz

Do alto de uma subida, tivemos nosso primeiro vislumbre de uma cidade linda e extensa. A Cidade de Luz estendia-se de uma extremidade a outra do vale, atravessada por um rio de lava que fluía do cume de uma montanha negra, corria pelos subterrâneos do centro da cidade e desaparecia entre as colinas na outra extremidade. Todos os edifícios cintilavam intensamente, apesar de cercados por árvores de fogo, e no coração da comunidade via-se um templo reluzente e deslumbrante que brilhava como um diamante. A visão era de tirar o fôlego.

Ren, Kishan e eu deixamos escapar um suspiro, em parte pelo esplendor diante de nós, em parte pelo alívio de finalmente termos alcançado nosso destino. Não havíamos chegado em casa, mas estávamos um passo mais perto.

Em algum lugar lá embaixo está a Corda de Fogo, pensei.

Com determinação renovada, desmontei do líder *qilin*, afastei o pelo de seus olhos e lhe agradei por ter nos levado até ali em segurança. Com um relincho, os três animais se afastaram, trotando entre as árvores, e logo desapareceram.

Dormimos a tarde toda, avançando além do fim do dia. Quando a noite caiu, foi a vez de as árvores de fogo dormirem, escurecendo como sempre, mas a cidade estava viva, cheia de luzes e atividade. Com cuidado, nos dirigimos para o vale, seguindo para os arredores da cidade. Todos pareciam estar se dirigindo ao templo para algum tipo de celebração ou reunião cerimonial.

Espiando através das árvores escurecidas, descobrimos que os cidadãos eram chamados de *bodha*. Eles brilhavam como os *rakshasas*, mas sua pele piscava com uma luz dourada e as tatuagens que se viam neles pareciam ter fins apenas estéticos. Os *bodha* não aparentavam ser agressivos, embora tivessem o físico musculoso de guerreiros.

Enquanto estudávamos a cidade dourada, perguntei a Ren:

- Você acha que foi aqui que surgiu a lenda do Eldorado?
- Não sei – replicou ele –, mas esta certamente parece uma cidade

de ouro.

Kishan voltou-se para mim e pediu o Lenço Divino. Enrolando-o no corpo, ele murmurou algumas palavras e emergiu de sob o Lenço vestido como um cidadão de Bodha. Estendi os dedos para tocar seu braço. A pele era texturizada e iridescente, quase como as escamas dos *qilins*. Um sarongue pendia de sua cintura, e, afora as pulseiras e os braceletes brilhantes enfeitados com pedras preciosas vermelhas, a parte superior de seu corpo estava nua. A pele dourada era densamente tatuada com desenhos negros e carmesim e os cabelos pretos haviam se tornado de um branco perolado. Até as sobrancelhas e os cílios reluziam com um brilho de pérola, e as escamas em torno de seus olhos eram pronunciadas, fazendo com que parecesse que os olhos dourados eram contornados com pedras preciosas.

Ren pegou o Lenço e também se transformou, só que seu esquema de cores era azul, verde e púrpura. Ele então me entregou o Lenço, mas fiquei ali parada, olhando os dois deuses dourados na minha frente... até que Ren me deu uma cutucada e Kishan riu, divertido.

Depois de eu me transformar numa mulher *bodha* e tirar o Lenço, Ren e Kishan andaram ao meu redor, admirando meu traje.

– Nada mau – disse Kishan depois de me avaliar.

– Ótimo – murmurei.

Examinei meu braço, coberto com borboletas de esmeralda e ramos negros retorcidos, e em vão tentei diminuir a luz que emanava da minha pele. Erguendo a mão para tocar meu cabelo, puxei um pouco por sobre o ombro. Era longo, cor de marfim e áspero, muito diferente do meu cabelo natural, que era cheio, castanho, com um ondulado natural. Eu usava joias douradas incrustadas com o que pareciam esmeraldas, mas que, na verdade, eram criações do Lenço, e um vestido aparentemente tecido com fios de luz das estrelas.

– Como está o meu rosto? – perguntei.

– Está bonito – replicou Kishan.

Ren havia se abaixado para arrumar nossas mochilas e, sem nem mesmo me olhar, respondeu:

– Suas pálpebras estão cobertas com minúsculas esmeraldas cujo brilho irradia até as maçãs do rosto. Pedras de topázio pontilham a sua testa, das sobrancelhas à linha dos cabelos. A pele do seu rosto tem um tom esverdeado que se derrama pelo pescoço e pelos ombros e então esmaece até se tornar dourado.

Ele se ergueu e veio até mim.

– Seus lábios – os olhos de Ren se demoraram neles pelo mais breve momento – também são dourados. A única coisa que está faltando... é

isto. – Ele pegou a flor de fogo branca que ainda brilhava em minha mão e a colocou em meu cabelo, torcendo o caule e prendendo-o nos cachos logo acima da orelha. Minha pulsação deu um salto com seu toque. – Ela não está simplesmente bonita, Kishan. Está perfeita.

Antes que eu pudesse reagir, Ren apanhou as mochilas e seguiu para a cidade. Kishan resmungou alguma coisa que não entendi e então me ofereceu sua mão. Sem uma só palavra, nos juntamos à procissão de pessoas que caminhavam na direção do templo em forma de pirâmide na Cidade de Luz.

– Eles parecem bem animados com alguma coisa. E qualquer que seja o motivo, não acontece há muito tempo. Esta deve ser uma ocasião especial – sussurrou Ren depois de usar sua audição de tigre para escutar o que dois idosos falavam ali perto.

Um grupo de pessoas havia formado um círculo e batia palmas e cantava, acompanhando músicos que tocavam tambores e instrumentos semelhantes a flautas ou gaitas. À medida que o ritmo da música se acelerava, alguns dos *bodhas* começaram a dançar. A energia da multidão era palpável. Flores eram atiradas no poço de lava, onde flutuavam sem queimar. O cheiro que exalavam era denso e inebriante.

Fomos nos aproximando do templo imenso, e eu não conseguia tirar os olhos do prédio. A construção não só refletia a luz de todos à sua volta, como também brilhava com o próprio fogo interno. A superfície era multifacetada, feito a de uma pedra preciosa lapidada como um brilhante, e sua luz dançava à nossa volta, como se estivéssemos parados debaixo de um globo de espelhos de discoteca. De onde estava, eu não conseguia enxergar o topo, mas calculei que o edifício tivesse altura equivalente a uns 20 andares. Lembrava umas imagens que eu vira de templos maias.

O edifício era um cristal gigante entalhado em forma de tetraedro e uma escada íngreme e com vários patamares levava ao seu topo. Guardas armados com lanças postavam-se em cada degrau, da base até o cume. Embora tivessem uma aparência impressionante, sorriam alegremente para a multidão e não pareciam esperar qualquer tipo de problema.

De repente, dois homens jovens e bonitos surgiram por uma porta na metade da escada. Juntos eles desceram vários degraus até se encontrarem logo acima da multidão. Seus corpos estavam polvilhados de ouro, e os dois usavam sarongues semelhantes aos de Ren e de Kishan, só que bem mais detalhados. Braceletes de ouro circundavam os braços, os antebraços e as pernas deles, e viam-se plumas de aves

de fogo trançadas nos cabelos brancos que lhes desciam pelas costas.

– Os Lordes! – aclamou a multidão.

Um dos homens ergueu a mão, e os gritos e assovios cessaram.

– Meu povo, faz muito, muito tempo desde que adicionamos um novo membro ao nosso clã. Alguns chegaram até a se perguntar se o tempo de agregar novos membros havia terminado definitivamente. Agora sabemos que não. Essa energia líquida que corre sob nossa cidade e nos sustenta não perdeu seu fogo, afinal. Ela ainda fala com o mundo lá em cima e nos traz vida nova.

– E nova esperança para os nossos Lordes! – gritou a multidão de *bodhas* em resposta.

O homem que falava sorriu e deu um tapinha no ombro do companheiro.

– Isso. Nova esperança, irmão.

– À esperança! – replicou o outro e ergueu um cálice dourado.

Com o brinde ainda pairando no ar festivo, bebidas foram distribuídas à multidão.

Os Lordes mais uma vez ergueram os cálices dourados.

– À esperança. Que essa adição possa ser a dama perdida que procuramos!

– À esperança! – berrou a multidão, e então todos beberam o líquido dourado.

Kishan pegou um copo e provou seu conteúdo.

– É gostoso – ele nos assegurou baixinho. – Parece uma mistura de fruta do fogo e maçã.

– Está sentindo, irmão? Ela está vindo – disse um dos Lordes quando o par desceu para o meio da multidão.

Guardas ladeavam os homens enquanto eles caminhavam em meio aos *bodhas*, ao longo da praia de areia negra. Aproximando-se do lago de lava incandescente, eles foram até a borda e ficaram olhando de maneira intensa para a superfície.

Eu me encolhi vendo como os dedos de seus pés estavam perto de se queimar e tive um flashback do meu próprio corpo sendo consumido pelo fogo e da agonia que senti. Agarrei o braço de Ren. Ele me olhou preocupado, mas respirei fundo e sussurrei:

– Venha. Vamos chegar mais perto.

Encontramos um local de onde podíamos ter uma vista sem obstrução. Não demorou para que eu percebesse algumas bolhas subindo até a superfície e em seguida uma ondulação, que começou a crescer. A multidão apontou, agitada, quando uma jovem emergiu do meio da lava. Eu arquejei. Ela tremia e estava claramente apavorada.

Enquanto caminhava na direção da margem, limpou a lava dos braços e pude ver que sua pele era de um vermelho brilhante.

Os Lordes atravessaram o rio de lava para recebê-la, totalmente alheios ao calor e ao fogo. Um deles envolveu a garota com um lindo roupão e o outro colocou uma tiara de flores de fogo em seu cabelo. Gentilmente, guiaram-na até a areia negra.

Um dos irmãos falou:

– Bem-vinda à Cidade de Luz, pequena. Aqui vamos tomar conta de você. Cada desejo seu será satisfeito. Venha conosco.

Enquanto os dois homens a levavam para o templo, os *bodhas* davam vivas e atiravam flores aos pés dela. Quando a garota alcançou o edifício, abriu um breve sorriso antes de desaparecer lá dentro com os irmãos. Os guardas voltaram a suas posições originais na escada.

Assim que a cerimônia chegou ao fim, a celebração teve início. A música recomeçou, a comida foi servida e a multidão pôs-se a festejar perto do templo. Nós três nos misturamos o melhor que pudemos e descobrimos que a comida era deliciosa, embora picante. Para o meu alívio, aprendi que a bebida que serviam o tempo todo diminuía a queimação em minha língua.

Ren, Kishan e eu ouvimos um pouco mais das conversas e descobrimos que a festa continuaria por quase toda a noite. Os *bodhas* esperavam que os Lordes reaparecessem com a feliz notícia de que a garota era aquela que eles vinham esperando. Não pude deixar de me solidarizar com ela e achei toda a situação um tanto familiar.

À nossa esquerda, um grupo começou a entoar:

– Conte-nos a história!

Eu queria ouvir e descobrir o que estava acontecendo, portanto me aproximei. Meus silenciosos protetores, Kishan e Ren, vigilantes, postaram-se perto de mim, observando a multidão.

Depois de dispensar o clamor insistente, um homem idoso acabou erguendo as mãos e falando:

– Acima de nós ficam as montanhas fumegantes... portais do mundo lá em cima para o nosso mundo aqui embaixo.

As pessoas murmuraram e assentiram com a cabeça.

– Os Antigos sabiam que nosso povo sofria, que não podíamos mais cuidar da chama sagrada sozinhos. Foi aí que os Lordes da Chama, Shala e Wyea, vieram nos governar.

Uma garota acrescentou:

– Mas eles deixaram alguém para trás.

– Isso mesmo, Dormida. A linda Lawala não veio com eles. Lawala era amada pelos dois irmãos e deveria escolher um deles. Antes que

cada Lorde partisse através de uma montanha fumegante diferente, pediram-lhe que escolhesse e seguisse o irmão que ela desejava. Eles esperaram que ela viesse, mas a garota nunca veio. Perturbados, Shala e Wyea deixaram seus postos e a procuraram no mundo acima, mas a adorável Lawala não foi encontrada. Logo tornou-se evidente que os irmãos estavam negligenciando seus deveres, de modo que os Antigos prometeram que, se os Lordes voltassem para seu mundo e cuidassem das chamas eternas no centro da criação, eles mesmos procurariam Lawala e a enviariam aos dois irmãos através das montanhas fumegantes.

Fascinada, fiz uma pergunta:

– Por que os irmãos não a reconhecem quando a veem?

O homem sorriu para mim.

– Os Antigos só sabem que têm que procurar uma garota jovem e virtuosa. Ela pode ter renascido sob outra forma, mas os irmãos insistem que a reconhecerão independentemente da forma que ela assumir.

– O que acontece com a garota se ela não for quem procuram? – perguntei.

– Ela se torna um de nós e se junta ao nosso clã. – O velho ergueu os olhos para o céu escuro. – Esta noite as montanhas fumegantes estarão sossegadas, pois os irmãos estão contentes, mas, se essa garota não for a dama que procuram, a fúria deles irá sacudir o céu e o lago de fogo explodirá no mundo acima.

Agarrei a mão de Ren e fiz sinal para Kishan de que deveríamos ir. Seguimos para a floresta de fogo e montamos acampamento.

Após uma breve discussão sobre o que havíamos visto, propus:

– Acho que ele estava falando sobre vulcões. Quando os irmãos estão aborrecidos, um vulcão entra em erupção na superfície da Terra. E também acho que as garotas chegam aqui depois de serem dadas em sacrifício a um deus do vulcão.

– Por que acha isso? – perguntou Ren.

– Porque o homem disse que eles procuram mulheres jovens e virtuosas e, nos mitos, livros e filmes, virgens são sacrificadas a vulcões. Além disso, cada Lorde veio para cá através de uma montanha fumegante. Faz sentido. De alguma forma, em vez de queimar, as garotas emergem em segurança no lago de lava perto do templo.

– É uma explicação plausível – replicou Kishan. – O que a profecia de Durga diz sobre os Lordes da Chama?

Folheei um caderno até encontrar o que estava procurando.

– A tradução do Sr. Kadam diz: “Os Lordes do Fogo pretendem conspirar para mantê-los longe do que precisam.” E não se esqueçam de que a Fênix disse que precisaríamos derrotá-los para obter a Corda de Fogo.

– É, não acho que eles vão querer cooperar – murmurou Ren.

– A boa notícia é que os guardas não parecem muito bem treinados – observou Kishan.

– Como pode saber? – perguntei. – Eles são só músculos.

Kishan esfregou o maxilar.

– O fato de terem músculos não significa que tenham as habilidades de luta de um guerreiro. Os guardas têm lanças, mas não as levam a postos. Sua atitude reflete relaxamento.

Ren assentiu em silêncio enquanto Kishan prosseguia com sua avaliação.

– Além disso, não parece haver guerra aqui. O *rakshasas* estão longe o bastante para não causarem muitos problemas, e eu não vejo dissidências entre os cidadãos.

– Ele está certo – declarou Ren. – Parece um povo pacífico. Ainda assim, é melhor não correr riscos ou subestimá-los. Amanhã você fica aqui, Kells.

– O quê? Por quê? Já não provei meu valor numa batalha? Não foi o suficiente para você? Não vamos nos esquecer de quem os salvou quando os *rakshasas* levaram vocês prisioneiros.

– É um bom argumento, Ren.

Ren pareceu travar uma batalha interna antes de consentir.

– Está bem, mas fique perto de nós.

Bati continência para ele.

– Sim, senhor, general, senhor. Cadete Kelsey Hayes apresentando-se para o serviço – provoqueei.

Ren sorriu e jogou um travesseiro recém-criado em minha cabeça.

– Tire uma pestana, *cabo* Hayes.

Dei alguns socos no travesseiro e me deitei.

– Desde quando você usa essa expressão? – perguntei.

Ren deu uma gargalhada.

– Boa noite, Kells.

Com uma risadinha, virei-me de lado e dei de cara com Kishan me observando, calado. Ele estava pensativo. Tinha no lindo rosto aquela sua expressão perdida do tipo que pode tentar qualquer garota a fugir com ele. Sorri, mas ele simplesmente desviou os olhos e dobrou o Lenço Divino. Observei-o se movimentar em silêncio pela tenda, preparando-se para o primeiro turno de vigilância. Ele se acomodou

na porta da tenda.

Enfiei a mão debaixo do rosto e estudei suas costas fortes e os ombros largos. Eu quase podia sentir o desapontamento de Kishan comigo. Estava distante em relação a ele desde minha experiência com a Fênix, e sabia que ele sentia isso. Teríamos que conversar, e logo, mas, por ora, eu não queria que nada nos distraísse de nossa meta.



Lordes da Chama

Disfarçados novamente de cidadãos de Bodha, percorremos o caminho até o templo. O povo havia muito se dispersara, seguindo para suas casas, e as ruas estavam quietas. Havíamos dormido apenas algumas horas, querendo estar de pé com o sol a fim de não perder os acontecimentos na cidade.

Não pensei que isso fosse possível, mas o templo era ainda mais deslumbrante na hora que precedia o alvorecer. Chegamos a ele sem nenhum alarde, e os guardas nos ignoraram completamente até Ren saltar na escadaria do templo. Kishan me levantou para que Ren me alcançasse, e quando nós três nos encontrávamos no primeiro patamar do templo, nos vimos cercados.

– Por que vieram aqui? – interrogou um guarda. – Por que perturbam nossos líderes neste momento mais sacrossanto?

Ren ergueu uma sobrancelha, mas intervim antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

– Bravos guerreiros, não era nossa intenção causar alarme. Estamos chegando de viagem e trazemos notícias da rainha dos *rakshasas*. Acreditamos que a informação seja suficientemente importante para justificar essa intromissão.

Segui firme e continuei:

– A rainha *rakshasa* lançou uma magia terrível sobre nós. Ela tentou impedir que avisássemos o seu povo.

Ren acrescentou uma história pessoal sobre a tortura a que a rainha dos *rakshasas* o submeteu. Supus que aquilo houvesse mesmo acontecido e por um triz não deixei escapar murmúrios de solidariedade e tomei sua mão. Baixei a cabeça com tristeza e consegui derramar uma lágrima.

Isso pareceu convencer os guardas de nossa sinceridade.

– Venham conosco – ordenou um guerreiro.

Seguimos dois dos guardas escadaria acima enquanto os outros retornavam a seus postos. Em um patamar a meio caminho do topo, entramos num corredor de mármore e descemos uma escada de cristal que nos levou ao centro da estrutura. Os lados da pirâmide se

estendiam para o alto até se encontrarem em um pico bem acima de nós. Desse ponto de observação, as facetas do cristal pareciam janelas cintilantes fixadas em múltiplos ângulos.

Como o corredor, o piso da câmara interna do templo era de mármore cor de marfim com veios de ouro. Árvores de fogo estendiam os dedos folhosos até a ponta da pirâmide e emolduravam um par de estátuas representando os Lordes da Chama sentados em tronos dourados. Um *qilin* de tamanho natural, uma imagem da Fênix e outros animais haviam sido entalhados em pedra reluzente e serviam como peças centrais para diversas fontes de onde fluía a brilhante lava laranja-avermelhada. Delas, subia um vapor morno.

Enquanto passávamos, Ren e Kishan tocaram com cuidado o líquido quente e disseram que a sensação era refrescante.

O guarda nos levou a uma nova seção do templo ainda mais linda do que o que eu já tinha visto. Havia mais estátuas, incluindo uma imensa escultura de mármore cor de marfim representando uma belíssima mulher ajoelhada. Os longos cabelos desciam abaixo de sua cintura e havia flores de fogo trançadas em suas mechas. Os lábios cinzelados eram cheios e exuberantes, e as dobras de seu vestido drapeado se amontoavam no chão liso. Flores frescas espalhavam-se ao seu redor. Essa garota linda não podia ser outra senão a adorada Lawala.

Então a sentinela abriu uma cortina diáfana, e vi os Lordes da Chama reclinando-se confortavelmente perto da jovem do lago de lava. Os dois homens alimentavam-na com petiscos e enchiam-lhe o cálice enquanto falavam com ela suavemente. Uma mulher escovava as longas madeixas castanhas da garota enquanto outra espalhava creme em sua pele.

A garota não parecia uma *bodha*. Sua pele era branca e imaculada, sem tatuagens. Os Lordes ficavam procurando motivos para tocá-la. Eles seguravam-lhe a mão e beijavam-lhes os dedos. As mulheres recebiam ordens constantes para que fizessem uma coisa ou outra a fim de deixá-la confortável. Elas afofavam os travesseiros e alisavam seu vestido. Ninguém pareceu notar nossa presença. Era quase como se fôssemos invisíveis.

Dei um passo à frente, mas o guarda me deteve e sussurrou:

– Temos que esperar que o ritual acabe.

– Que ritual? – perguntei.

Ele sacudiu a cabeça e levou o dedo aos lábios. Intrigada, virei-me para olhar.

Um dos Lordes se inclinou para a garota e disse:

– Chegou a hora, jovem.

O outro irmão se sentou e bateu palmas. Criados entraram carregando um objeto retangular coberto com um material sedoso. Os Lordes da Chama puseram-se de pé, delicadamente ajudaram a menina a se levantar e levaram-na na direção do objeto.

Um dos Lordes puxou o tecido de seda, revelando um reluzente espelho e explicou:

– Este espelho pertenceu à nossa amada Lawala. Prometeram-nos que um dia ela voltaria para nós.

O outro homem continuou:

– Pedimos a você que olhe o seu reflexo. Se for de fato nossa Lawala, irá assumir sua verdadeira forma e nós iremos comemorar juntos. Caso você seja simplesmente uma garota sacrificada às montanhas fumegantes lá em cima, seu corpo irá mudar. Você irá se tornar *bodha*, uma cidadã de luz. – Ele beijou a mão dela e acrescentou: – Se você é minha Lawala, deve me escolher.

– Se ela é Lawala, irá me reconhecer como aquele que ela ama – replicou o outro irmão sombriamente.

A garota pareceu assustada com seu tom abrupto, mas, assim que ele percebeu, sua expressão se suavizou.

– Está pronta? – perguntou ele suavemente.

Ela assentiu e se virou para o espelho. A princípio, nada aconteceu, mas logo uma luz pareceu vir de dentro da área cercada pela cortina. A garota levou as mãos ao rosto e estremeceu ligeiramente. Seu cabelo se moveu, como se soprado por uma brisa, e lentamente os fios castanhos foram substituídos por outros brancos e grossos. A pele clareou e começou a brilhar, e, quando ela afastou as mãos do rosto, eu vi, refletido no espelho, o reflexo de joias cor-de-rosa sobre seus olhos.

Ouvi sua voz suave:

– Eu... eu sou *bodha* – sussurrou ela enquanto se olhava, admirando a pele reluzente e as joias que adornavam seu corpo.

Então as mãos dos Lordes da Chama cerraram-se com força. Seus peitos arfaram, a luz brilhante de sua pele turvou-se e os rostos bonitos se contorceram em amarga decepção. Eles tremeram com uma emoção tão poderosa que não puderam mais contê-la, e o piso sob nossos pés ressoou.

O templo mergulhou em sombras. Ren e Kishan seguraram meus braços quando o chão tornou a ressoar. O espelho rachou; cacos se soltaram e se espalharam pelo piso. Ergui os olhos e, através dos painéis do templo, vi nuvens escuras e ameaçadoras cobrindo toda a

cidade.

A garota gritou, assustada, e os criados rapidamente a levaram dali.

Um dos irmãos gritou “Lawala!” e caiu de joelhos enquanto o outro, em um gesto febril, lançava as mãos para a estátua da amada. A linda estátua de mármore rachou. A fenda avançou pelo seu rosto, descendo pelo tronco e pelos braços.

– Não, Shala! – Wyea gritou para o irmão, mas era tarde demais.

O mármore cor de marfim havia se partido. Um braço quebrado despencou no chão, e então a coisa toda se inclinou em minha direção, lábios franzidos, como se Lawala quisesse pousar um beijo suave na minha testa. Kishan me pegou no colo, e ele e Ren saíram do caminho um instante antes que a pesada pedra se partisse em pedaços e caísse exatamente onde estivéramos.

– Estou bem – assegurei aos dois, enquanto Kishan me colocava no chão. – Sem nem um arranhão.

Senti Kishan ficar tenso e espiei por trás de Ren para ver o que estava acontecendo. Os dois Lordes da Chama haviam ficado quietos. A escuridão neles diminuiu quando finalmente perceberam nossa presença. Meu coração disparou, alarmado, ao perceber que ambos os homens na verdade haviam notado a *mim*. Eles me fitavam como se eu fosse o centro do Universo e avançaram resolutos em minha direção.

Instintivamente Ren postou-se à minha frente, bloqueando em parte a visão dos dois, mas os homens não vacilaram.

– Eu sou Shala – anunciou o Lorde da Chama, estendendo a mão para mim.

Com elegância, Wyea pôs a mão no ombro de Ren e de Kishan e os empurrou com delicadeza. Foi o mais leve dos toques, mas, de alguma forma, Ren e Kishan foram lançados voando para extremidades opostas do templo. Eles deslizaram pelo piso dourado e se chocaram com força, inconscientes, contra a parede.

Engoli em seco, nervosa, e disse a primeira coisa idiota que me veio à mente:

– Vocês... vocês são gêmeos!

Sem perder tempo, Wyea perguntou ao irmão:

– Temos tempo suficiente?

– Temos até o sol se pôr, quando então o ciclo irá se completar – replicou Shala.

Então, como se seguissem um roteiro, os irmãos sorriram e disseram:

– Bem-vinda a Bodha, jovem.

– Você já conheceu Shala. Eu sou Wyea. Aceita algo para beber? –

ofereceu Wyea.

Ele enfiou minha mão sob seu braço e me conduziu até uma espreguiçadeira.

– Sei o que vocês estão pensando – falei, com nervosismo, enviando um sinal mental para os meus tigres. – Mas eu não sou Lawala.

– Isso somente o espelho pode dizer – censurou Wyea.

– É? Bem, mas eu já sou *bodha*, estão vendo? – Apontei para a minha testa com pedras preciosas. – Já passei pelo seu teste do espelho e ele não me escolheu.

Shala tocou meu nariz com suavidade e sorriu.

– Saberíamos se você fosse *bodha* de verdade.

Ele estalou os dedos, e uma minúscula chama queimou na ponta de seus dedos. Ela disparou na minha direção, e meu disfarce *bodha* se dissolveu, trazendo de volta minha aparência normal. Meus cabelos castanhos estavam trançados. Eu usava inclusive minhas roupas comuns, até meu par de tênis favorito.

– Está bem – balbuciei. – Vocês me pegaram. Não sou *bodha*, mas não cheguei aqui através de um vulcão, como as outras garotas.

Felizmente, Ren e Kishan se mexeram e se levantaram de um salto. No entanto, os Lordes da Chama os ignoraram completamente.

– A maneira como você veio parar aqui não tem a menor importância – declarou Wyea.

– E você ainda é casta, caso contrário não teria conseguido entrar na câmara interna do templo – afirmou Shala. – Isso significa que você é elegível para o teste.

Enrubesci violentamente e lancei um rápido olhar de Ren para Kishan para ver se eles tinham ouvido. É claro que ouviram. Tanto Ren quanto Kishan abriram um sorriso até verem o sorriso do outro. À medida que se aproximavam, seus músculos ficaram tensos. Eu podia ver que estavam prontos para atacar a qualquer momento.

Antes que me desse conta, eu havia tomado o lugar que a outra garota acabara de ocupar. Criados me traziam coisas deliciosas para comer. O espelho quebrado havia desaparecido, e a estátua de Lawala fora misteriosamente refeita. Os Lordes da Chama se sentaram ao meu lado, me paparicando de maneira exagerada.

Estiquei o pescoço para ver o que Ren e Kishan estavam fazendo. Shala notou que eu os olhava e, com um aceno da mão, ergueu paredes de vidro ao nosso redor. Eu não podia mais ouvi-los, embora pudesse vê-los me chamando. Era exatamente o oposto da gaiola de cristal de Pôr do Sol. Em vez de estar do lado de fora, agora eu estava do lado de dentro com um par de gêmeos que eu mal conseguia

diferenciar – e que aparentemente não conseguiam manter as mãos longe de mim.

Afastei-as com um empurrão e disse:

– Olhem, eu já tenho mais atenção masculina do que posso administrar e, embora esteja lisonjeada que vocês possam pensar que sou sua eleita, não estou interessada.

Shala olhou para Ren e Kishan.

– Eles estão distraindo você, meu amor? Podemos nos livrar dos seus rapazes facilmente.

Ele ergueu a mão e eu mais que depressa a cobri com a minha.

– Não, eles não são uma distração. Por favor, não os machuque.

Ele beijou meus dedos.

– Como quiser.

– Nosso único desejo é agradar você – acrescentou Wyea.

– Ah, já vi como funciona. Vocês querem me agradar até descobrirem que não sou Lawala. Então dão um ataque e o céu escurece e toda a luz desaparece da cidade enquanto vocês dois lamentam a própria sorte.

– Esses sentimentos sombrios não duram – explicou Wyea. – E você continuará sendo nossa, mesmo que não seja Lawala.

– O que quer dizer com isso?

– Você se tornará uma de nossas concubinas até que esteja velha demais para nos satisfazer. Então irá se juntar aos cidadãos de luz.

Bufei.

– Como eu disse, não estou interessada.

– Não se preocupe – acrescentou Shala rapidamente –, você irá demorar a envelhecer. Será nossa por séculos.

– Certo. Sabem, tenho planos de viver feliz para sempre com um *deles* – expliquei, apontando para Ren e Kishan. – Vocês poderiam aprender com eles uma coisinha ou outra sobre as mulheres. Por exemplo, nenhum dos dois simplesmente me descartaria quando eu ficasse velha. Além disso, nenhum deles teria um harém. O que vocês estão oferecendo não chega aos pés da oferta deles.

– Mas podemos lhe proporcionar o que você desejar. Diga-nos o que deseja, e nós lhe daremos – disse Wyea.

– Ótimo. O que desejo é um homem que *me* ame... não um homem que me escravize para preencher seus dias solitários com um corpo quente enquanto ele anseia por outra. O que desejo é amor verdadeiro, e não creio que vocês possam me oferecer isso. Vocês nem sabem o que significa. Se amassem de verdade essa Lawala, guardariam a lembrança dela em seu coração e não usariam outras

mulheres numa triste tentativa de encontrá-la. Não acho que ela teria gostado disso.

Wyea agarrou meu pulso e o torceu dolorosamente.

– Você ousa supor o que Lawala pensava e sentia?

– Também sou amada por dois irmãos. Isso me coloca numa posição única para compreender sua namorada, não é? – respondi causticamente.

Shala segurou meu cotovelo e me virou bruscamente para ele. Seu rosto estava sombrio e furioso.

Dei uma risada áspera.

– Parece que a lua de mel chegou ao fim, hein?

– Você irá fazer o teste quer queira, quer não, meu docinho – ameaçou ele –, e irá aprender a nos respeitar e a reverenciar o nosso poder.

– O seu poder não me interessa. Ren e Kishan *conquistaram* o meu respeito. Eles são homens melhores do que vocês jamais poderiam ser. Nunca serei de nenhum de vocês dois.

Os Lordes gêmeos me deram um safanão, e eu caí em cima de umas almofadas.

– Tragam o espelho! Agora! – berrou Shala.

Criados entraram apressados com o objeto recém-restaurado. Cada irmão segurou um dos meus braços e me arrastou até eu ficar de frente para o espelho.

– Olhe lá dentro e me diga o que vê – ordenou Wyea.

Já cansada daquilo, sorri para o meu reflexo, ergui a palma da mão e estilhacei o espelho. Cacos afiados dispararam em todas as direções. Eu me abaixei, mas ainda assim sofri vários cortes. Nada sério, porém arqueei com as ferroadas. Os Lordes soltaram minhas mãos e deram um passo para trás.

Do outro lado do vidro, Ren atacou o criado que saía e o empurrou de cara contra a parede de vidro. O vidro se dissolveu diante dele, permitindo que Ren e Kishan entrassem aos tropeços, lançando-se entre mim e os Lordes da Chama.

Puxando a espada dourada do cinto, Kishan a moveu de lado e, quando a trouxe diante de si, ela havia atingido seu tamanho máximo. Com um giro da mão, a arma se dividiu, e ele jogou uma para Ren.

Kishan brandiu sua espada e perguntou:

– Por que vocês não tentam intimidar alguém do seu tamanho?

Os gêmeos olharam para Kishan... e riram.

– Que divertido – observou Wyea. – Eles querem lutar por sua mulher.

– Talvez devêssemos satisfazê-los – disse o outro. – Eles me fazem lembrar de como éramos há muitas, muitas vidas.

Os dois avaliaram Ren e Kishan e pareceram tomar uma decisão.

Shala bateu palmas. Um criado apareceu, e Shala lhe deu instruções:

– Mande preparar o campo de batalha e pegue nossas armas.

O criado saiu apressado, e uma trombeta soou lá fora.

– Vamos lhes dar algum tempo para se prepararem – ofereceu Wyea.

Então estalou os dedos e o fogo subiu à nossa volta.

– Esperem! Ouçam! – gritei. – O verdadeiro motivo de nossa vinda é...

Era tarde demais. O fogo nos envolveu, e eu senti uma onda de náusea e tontura.

Quando as chamas diminuíram, estávamos de pé em um terreno plano e rochoso, bem acima do vale. Seria difícil, se não impossível, descer dali. O templo cintilava lá embaixo, parecendo acenar para nós. Do outro lado da extensão do vale, erguia-se a montanha negra.

Explorando rapidamente nosso novo ambiente, descobri que as pedras sob nossos pés eram negras e viravam pó quando pisadas.

– Estamos em algum tipo de platô na borda do topo de uma montanha. A única maneira de sair daqui é saltar o abismo para a montanha ou descer pela face lisa do penhasco. Parece uma descida bastante longa – relatou Kishan.

Estávamos discutindo a possibilidade de usar o Lenço Divino para fazer uma ponte de corda quando o solo se sacudiu. Duas pilastras de fogo se ergueram do templo lá embaixo e giraram no ar. Elas se moviam para a frente e para trás, como tornados de fogo, e então pousaram no solo negro onde estávamos. Chamas que giravam em torno delas diminuíram até desaparecerem por completo.

De pé diante de nós se encontravam os Lordes da Chama. Os longos cabelos brancos de Shala estavam agora negros e lustrosos, com reflexos de um vermelho profundo, e pendiam soltos. Ele usava uma armadura escarlata e uma cota de malha semelhante às escamas do dragão vermelho, Lóngjūn. A cor diabólica parecia combinar com seu estado de espírito. Shala apertou os lábios e girou ameaçadoramente sua arma – um bastão de aspecto maligno com uma lâmina em cada ponta. Um par de chicotes farpados também pendia de seu cinto. Seus olhos queimavam ao nos observar.

Os cabelos compridos de Wyea também estavam escuros, mas haviam sido amarrados na nuca. Sua capa cor de cobre ondulava na

brisa enquanto ele caminhava em nossa direção. Empunhava uma lança comprida, e não pude deixar de notar o brilho das armas presas ao seu cinturão. A armadura de Wyea era negra e acobreada, e havia um leão feroz entalhado no peitoral.

Os Lordes da Chama se curvaram para mim, Ren e Kishan, e estenderam suas armas.

– O que é isso? – perguntou Kishan, com cautela.

– É nosso costume apresentar nossas armas aos oponentes antes de darmos início à batalha – explicou Wyea.

Eu nem tive tempo de protestar antes que Ren e Kishan aceitassem as armas oferecidas e também se curvassem, oferecendo as espadas douradas, o *chakram* e o tridente para a inspeção.

– Não confiem neles! – sibilei, mas minha desaprovação caiu em ouvidos moucos.

Ren e Kishan curvaram a cabeça ao mesmo tempo, examinando as armas, enquanto os Lordes da Chama mal olharam para o reluzente arsenal de Durga. Em vez disso, eles ficaram inspecionando a mim, de uma forma muito desconcertante. Para fugir da análise de Wyea, que me despia com os olhos, e da de Shala, que parecia estar imaginando o que eu faria como sua concubina, coloquei-me atrás de Ren.

Ren e Kishan estudaram rapidamente o bastão de Shala, sobre o qual eu sabia um pouco, tendo ouvido Li discorrer a respeito de armas depois de cada filme de artes marciais a que assistimos. A haste que corria ao meio terminava em guardas de ouro polido e era entrelaçada com fios de couro, que facilitavam a empunhadura. Lâminas longas e afiadas saltavam de ambas as extremidades. Elas se voltavam para direções opostas e eram pontiagudas.

A arma de Wyea era uma clava pesada coberta de pinos presa a uma corrente de um lado e a uma lança negra e polida, com uma cabeça grande e pontiaguda, do outro. Mas, quando Ren correu o polegar pelo topo, a cabeça se fechou com um estalo tão rápido quanto uma ratoeira. Farpas afiadas dispararam de todas as direções, e, por mais que tentasse, Ren não conseguia fazer a arma voltar ao estado inicial. Wyea a tomou dele, e as farpas retornaram a seus esconderijos. O bonito Lorde devolveu a Ren seu tridente e a espada e admirou a própria arma.

– É linda, não é? – perguntou Wyea, olhando diretamente para mim. Com um sorriso arrogante e uma piscadela, ele se virou e disse: – Assim que vocês dois estiverem prontos.

Ren assentiu, calado, enquanto os Lordes gêmeos se dirigiam ao centro do campo de batalha.

Pus a mão no braço de Ren.

– Sei que arma é aquela – sussurrei. – O Sr. Kadam falou dela. É uma *Gáe Bolga*.

Kishan franziu a testa.

– O que é isso?

– É da mitologia nórdica. Não vou entrar em todos os detalhes, mas, quando a arma entra na carne, as farpas se abrem. A única maneira de tirá-la é – engoli com dificuldade – cortá-la fora.

Ren grunhiu.

– Bom saber.

– Estão preparados? – gritou Shala do outro lado do campo.

Pressionei o broche de Durga na mão de Kishan e o ouvi murmurar:

– Armadura e escudo.

O broche cresceu, envolvendo seu braço em ouro, e rapidamente moveu-se por todo o seu corpo, cobrindo-o com uma reluzente armadura negra e dourada. O broche então se transformou numa alça, e segmentos circulares projetaram-se, encaixando-se, até Kishan ter em sua mão um grande escudo em cuja frente se via um tigre negro rugindo.

Ren estendeu a mão para o outro broche. Seus dedos envolveram os meus brevemente antes que ele sussurrasse algumas palavras em híndi e o seu broche também começasse a crescer. Seções estenderam-se sobre seus membros e em torno deles, conectando-se com um forte clique. Logo seu corpo também estava protegido, envolvido numa armadura prateada e negra. Seu pesado escudo mostrava um tigre branco rosnando.

Ajudei a trançar o tridente no cinturão de Ren e então me ajoelhei para tirar o arco e as flechas de minha mochila.

A mão enluvada de Ren imediatamente cobriu a minha.

– O que está fazendo, Kelsey?

– Vou lutar com vocês – repliquei e afastei alguns fios de cabelo soltos dos meus olhos.

Ele sacudiu a cabeça e suspirou.

– Não quero que se machuque.

– Vou manter distância.

Ren estava prestes a dizer mais alguma coisa quando o fogo irrompeu em minhas mãos. O arco e as flechas se incendiaram e desapareceram.

Wyea de repente apareceu por trás de mim em um círculo de chamas.

– Você é o prêmio, minha querida, não um guerreiro.

– Acho que já ouvi isso antes. Estou cansada de ficar sentada de fora. Quero lutar pela minha própria liberdade. Certamente você não pode me negar isso.

A forma ardente de Shala se materializou ao lado do irmão.

– Por que não começamos?

– Ela quer lutar – explicou Wyea.

– Não pode.

Wyea limpou um pouco de pó preto de sua armadura.

– Admiro sua iniciativa. Talvez devêssemos deixá-la lutar.

– Não – advertiram Ren e Kishan ao mesmo tempo.

– Está vendo como são protetores? Esta batalha será memorável.

Mordendo o lábio, tomei uma decisão.

– Muito bem. Vou assistir desta vez... sob uma condição. Vocês dois – aponte para os gêmeos – têm que lutar de maneira justa. Nada de... se desmaterializar ou lançá-los do penhasco.

Os Lordes da Chama deram de ombros.

– Será uma luta justa – disse Wyea –, mas você aceitará os vencedores sem discutir, quem quer que sejam eles. De acordo?

– Espere um segundo, Kells – começou Ren.

– De acordo – anunciei e apertei as mãos dos dois antes que Ren ou Kishan pudessem intervir. – Mas compreendam uma coisa: se trapacearem, não haverá qualquer acordo. Poderei usar todo o poder ao meu alcance contra vocês.

– Aceitamos.

Wyea sorriu e, atrevido, acariciou meu rosto.

Com um grunhido, empurrei sua mão.

– Você não venceu nada ainda, portanto mantenha as mãos longe de mim.

Os gêmeos riram e então desapareceram, e uma trombeta soou.

– Acho que isso significa que está na hora – murmurei. Beijei Kishan na bochecha e sussurrei: – Isto é para lhe dar sorte.

Ele sorriu, e eu me virei para Ren.

– *Bhagyashalin*, Ren.

– Vejo você do outro lado, Kells.

Beijei-lhe o rosto também.

– Tome cuidado – adverti enquanto tirava o cabelo da frente de seus olhos.

Então os dois homens que eu amava seguiram para a batalha contra os Lordes da Chama. Enquanto se afastavam, eu me perguntei se minha promessa de me manter de fora não acabaria custando a vida de um deles ou de ambos.



No calor da batalha

Ren e Kishan tomaram posição. Wyea fez o primeiro movimento e atacou Ren com sua lança mortal. No último instante, ele girou, e a clava atingiu o escudo de Ren com um estrondo. Ren atacou com a espada, mas a arma pesada apenas resvalou na proteção de braço de Wyea.

Kishan e Shala ficaram girando um em torno do outro até que, com um grito de guerra, Kishan atacou, visando diretamente a cabeça de Shala. O senhor do fogo aparou o golpe com a extremidade de seu bastão, porém o golpe de Kishan foi tão poderoso que Shala cambaleou alguns passos para trás e precisou reajustar o capacete. Então ele sorriu, girou o bastão algumas vezes e golpeou Kishan com tanta força que Kishan rodopiou desequilibrado.

Rápido como uma bala, Shala rolou sua arma sobre os próprios ombros e enfiou a ponta afiada no ponto sem proteção onde as partes da armadura se encontravam no ombro de Kishan, que grunhiu e se afastou. A lâmina saiu coberta de sangue.

Shala deu uma gargalhada e gritou:

– Tirei o primeiro sangue, irmão.

– Mas será minha a primeira derrota – gabou-se Wyea.

Ele estivera efetivamente batendo no escudo de Ren até que a proteção ficou torta com a força de seus ataques, e, quando Ren fez um movimento arriscado para enfiar a espada no peito de Wyea, o Lorde simplesmente desapareceu e reapareceu ao lado do adversário. Com um poderoso golpe do senhor do fogo, o escudo de Ren voou de sua mão e ele caiu apoiado num dos joelhos.

– Isso é trapaça! – gritei, mas eles me ignoraram.

Ren rolou habilmente para longe de seu oponente e se ergueu a postos, com a espada numa das mãos e o tridente na outra. Com a espada, ele afastou a lança e, com o tridente, disparou dardos. Os mísseis amassaram a armadura de Wyea e um deles chegou a arranhar seu pescoço. Wyea tocou o ferimento e esfregou o sangue entre os dedos.

– Então você tem garras, afinal!

– Você não faz ideia – respondeu Ren e atacou.

Wyea voltou com força renovada ao ataque.

Enquanto isso, Kishan saltava sobre a lâmina de Shala, que tentava atingir seus pés. A outra extremidade do bastão deslizava num arco perfeito para decapitar Kishan, mas este ergueu seu escudo, no qual, felizmente, a arma resvalou. Com Shala de costas, Kishan apunhalou-o debaixo do braço, torcendo a espada ao puxá-la. Shala gritou e girou, furioso, erguendo sua arma acima da cabeça.

Shala baixou a arma com um golpe pesado – justamente quando a espada de Kishan subia, indo ao seu encontro. Os dois homens se repeliram, e Shala lançou uma bola de fogo contra a cabeça de Kishan, que se abaixou e atirou no ar o *chakram*, atingindo as costas de Shala ao retornar e se cravando em sua armadura.

Enfurecido, Shala arrancou o *chakram* e o largou no solo negro. Seu sangue cobria a extremidade afiada da arma.

– Agora estamos quites – disse Kishan.

– Você não vai dizer isso quando eu tomar sua mulher – zombou Shala.

– Não nesta vida.

– Esqueça. Eu sou imortal. Suas vidas são como um piscar de olhos para mim.

Shala bateu o lado plano da lâmina no pescoço de Kishan em um golpe zombeteiro. Kishan caiu no chão, agarrou o *chakram* e pôs-se de pé num salto, terminando com o *chakram* atravessado diante do pescoço do senhor do fogo.

– Fique sabendo que também sou imortal e vou arrancar sua cabeça num piscar de olhos antes de deixar que você chegue perto de Kelsey.

– Kishan pressionou o *chakram* no pescoço de Shala. – Então... você se rende? – perguntou ele.

O Lorde da Chama sorriu.

– O fogo nunca se rende.

O corpo de Shala tornou-se incandescente, mas ainda assim Kishan resistiu, embora gemesse de dor. A pele do rosto do senhor do fogo chiou e seu corpo inteiro tornou-se preto. Um vento forte soprou ao redor dele e as cinzas de sua forma foram levadas para uma nova posição, a uma pequena distância de Kishan. Ali as cinzas redemoinharam e assumiram a forma do homem, que, estalando os dedos, estava outra vez inteiro. Shala havia trapaceado mais uma vez.

– Belo truque – admitiu Kishan.

Shala sorriu.

– É bem útil. Agora, onde estávamos mesmo? Ah, eu estava prestes

a matar você e ficar com sua mulher.

– Não é assim que eu me lembro.

Kishan correu, saltando sobre o senhor do fogo, girou no ar e tentou apunhalar-lhe as costas ao descer. Shala, no entanto, se esquivou antes que Kishan o atingisse. Quando este, ágil, aterrissou de pé, Shala girou o bastão como um moinho de vento, atacando com uma enxurrada de golpes até Kishan cambalear sob o assalto e deixar cair o escudo. Com um grito de triunfo, Shala enterrou a ponta afiada de sua lâmina no meio do peitoral de Kishan. A armadura, porém, pareceu deter a arma, ou pelo menos quase todo o seu progresso. Shala não conseguiu soltar o bastão, então Kishan o segurou com ambas as mãos, e os dois se empenharam em um cabo de guerra pela arma até que por fim Kishan ergueu o *chakram* e o desceu com força, partindo o bastão.

Shala cambaleou para trás com o pedaço quebrado de sua arma enquanto Kishan arrancava o outro pedaço de sua armadura, com um horrível ruído de metal sendo cortado. Suas mãos tremiam, e eu arquejei quando vi que a ponta estava coberta de sangue. Ofegante, ele se inclinou e atirou a ponta quebrada do bastão aos pés do senhor do fogo.

Furioso, Shala pegou a arma arruinada e andou ao redor de Kishan.

– Você achou que isto fosse me deter? Eu lhe avisei! O fogo... não... se rende!

Chamas desceram pelos seus braços e inflamaram os pedaços do bastão. Ele os girou, um em cada mão, e tornou a atacar.

Do outro lado do campo, outra explosão de fogo chamou minha atenção. Ren havia lançado Wyea ao chão, e os dois rolavam perigosamente perto da borda do penhasco. Ren estava sem a espada e o tridente, e a *Gáe Bolga* também não estava à vista. O senhor do fogo parou na beira do precipício e empurrou a cabeça de Ren para trás, como se tentasse jogá-lo dali.

Montes de terra despencaram pela lateral do rochedo, indo cair no vale lá embaixo. Ren ergueu as mãos e envolveu o pescoço de Wyea. Com um forte empurrão, Ren fez com que os dois rolassem para longe do penhasco e continuou estrangulando Wyea. Mas o Lorde gêmeo levou as mãos espalmadas ao peito de Ren e uma corrente de fogo disparou de cada mão, como um lança-chamas. Gritando, Ren se afastou rolando e se levantou. Sua armadura estava queimada e fumegando.

Wyea também se pôs de pé, estalou o pescoço e disse:

– Acho que já é hora de tornarmos isso mais interessante.

O chão começou a tremer. Wyea murmurou alguma coisa e levantou as mãos lentamente no ar. À medida que o solo negro rachava, sopros de fuligem subiam por todo o terreno, deixando a arena cheia de buracos. O senhor do fogo prosseguiu com seu murmúrio.

Com um empurrão, Shala jogou Kishan no chão, perto do irmão. Eles observavam meus tigres com um brilho maníaco nos olhos. A arena se transformou. Os quatro lutadores subiram no ar, posicionados, cada um, no topo de um dos pilares negros que brotaram do chão. O campo de batalha parecia o quadro de avisos no laboratório de línguas da Western Oregon University, onde Artie trabalhava – nenhuma anotação, apenas centenas de pinos espetados em perfeita simetria, bem no estilo Artie. Por um minuto, quase desejei estar de volta à segurança de minha cidade natal, onde meu maior inimigo era Artie e sua agenda de encontros.

Cada pilar não tinha mais que 15 centímetros de diâmetro e posicionava-se a 60 centímetros dos outros que o cercavam por todos os lados. Fui até a parede de colunas bem acima de minha cabeça e esfreguei os dedos numa delas. Era marrom muito escuro e tão lisa e brilhante quanto vidro. Olhando meus tigres precariamente empoleirados lá no alto lembrei-me do golpe de garça no final do filme *Karatê Kid*. Mas eu sabia que isto não era um filme e que seria preciso muito mais que o simples poder do azarão para termos um final feliz.

Sem perder tempo, pedi ao Lenço que tecesse uma escada entre dois pilares e subi depressa. Quando cheguei ao topo, coloquei, com cuidado, cada pé em um pilar e equilibrei meu peso entre eles. Uma explosão de fogo atingiu Ren, que caiu entre as colunas negras. Preocupada, examinei a perigosa passagem à frente e vi que os Lordes gêmeos se equilibravam alegremente em seus respectivos pilares enquanto Kishan saltava de pilar em pilar tentando chegar a Ren.

Kishan deitou-se sobre vários pilares, firmou o corpo e estendeu uma das mãos.

– Pule! – gritou ele.

Com um esforço tremendo, ele puxou Ren entre os troncos de obsidiana e rolou para o lado, abrindo espaço para seu irmão.

Quando ficou de pé, Ren tocou um ponto no peito e sua armadura se dobrou e encolheu de volta à forma de broche. Kishan prendeu o *chakram* no cinturão e fez o mesmo. Os Lordes da Chama curvaram-se em zombaria e, com um estalo dos dedos, suas armaduras desapareceram também.

Kishan agitou a espada dourada, mas a única arma que restava a Ren era o tridente. Os senhores do fogo se aproximaram. Ren pulou de pilar em pilar e executou um salto em espiral. Seus pés acertaram com um forte impacto o peito de Shala, fazendo o senhor do fogo desabar pesadamente sobre as colunas. Ren equilibrou-se ao cair e reassumiu a posição de luta. Shala quase caiu entre os pilares, mas se agarrou ao topo de um deles e conseguiu se erguer.

Quando Ren se preparava para atacar novamente, Shala se recuperou, girou a mão e lançou uma bola de fogo. A explosão atingiu Ren diretamente no peito. Ele voou alguns metros para trás e começou a cair entre os pilares. No último instante, Ren estirou o tridente em toda a sua extensão entre duas colunas. Quando lançou o corpo de volta no ar, como um ginasta na barra fixa, Shala estava à sua espera, e apresentou os chicotes farpados, estalando-os, um após o outro, e atingindo Ren impiedosamente. Ren girou no ar, rolou sobre o topo dos pilares e deixou cair o tridente. Arquejei quando a arma despencou entre as colunas, longe demais para ser recuperada.

Numa exibição impressionante, Ren atacou Shala, girando o corpo no ar, e agarrou a extremidade de um e outro chicote. Então abriu os braços com violência e arrancou as armas das mãos de Shala. As pontas deslizaram pelos pilares quando Shala atacou Ren – os dois rolando perigosamente no topo das colunas.

Kishan enfrentava Wyea com a espada e conseguiu tirar das mãos de seu adversário a clava, que voou pelo ar até que a pesada extremidade impelisse a arma para baixo, por entre os pilares. Wyea deu uma impressionante cambalhota para trás e estendeu a mão entre as colunas para agarrar sua clava, mas Kishan foi mais rápido ao alcançá-lo. Wyea rolou para longe uma fração de segundo antes que o pé de Kishan o atingisse.

Usando o impulso do salto para girar em um chute para trás, Kishan recuperou o equilíbrio e acertou o pé com violência no rosto de Wyea. Em seguida, pôs a espada sob o queixo do senhor do fogo, que, no entanto, murmurou algumas palavras e fez a espada de Kishan ficar tão quente que ele não pôde mais segurá-la. A carne queimada de Kishan sarava enquanto sua arma caía lá embaixo no solo.

Sem que restasse mais nenhuma arma, Ren e Kishan transformaram a batalha numa disputa de artes marciais diferente de tudo que eu já vira antes. Ren procurava os pontos vulneráveis de Shala com a técnica da garra da águia. Kishan usava a abordagem do macaco. Postou-se muito perto de Wyea, golpeando-lhe violentamente o tórax e os braços e até subiu pela perna do senhor do fogo, somente para

saltar por cima dele e cair sobre as costas viradas de Shala.

Ren tinha que bloquear constantemente as lâminas giratórias de Shala, e ele e Kishan acabaram trocando de lugar muitas vezes durante a luta. Ren acertou um chute de calcanhar em Shala e aplicou um soco invertido em Wyea enquanto Kishan agarrava o braço deste e o girava no ar. Então Kishan acertou um gancho em Shala antes que ele pudesse atacar Ren.

Com a mesma rapidez, o jogo virou e a vantagem passou a ser dos senhores do fogo. Wyea disparou uma corrente de fogo contra o peito de Kishan. Com dor e gravemente ferido, Kishan arrancou a camisa antes que as chamas o engolissem e desabou no topo dos pilares. Segundos depois, Shala lançou um pedaço de seu bastão quebrado contra Ren. A extremidade pontiaguda cintilou à luz ao girar no ar e se enterrou nas costas de Ren. Kishan segurou o irmão que caía e de algum modo conseguiu manter os dois no alto dos pilares.

Extraindo a arma, Kishan a atirou com violência para baixo, entre as colunas, e segurou o irmão enquanto os gêmeos zombavam.

– Isso foi o melhor que vocês puderam fazer? – provocou Wyea.

– Eles mal conseguem sustentar uma luta. É decepcionante – reclamou Shala, suspirando, e correu o dedo ao longo do fio da lâmina que lhe restava.

Wyea sorriu com atrevimento em minha direção.

– Pelo menos ganhamos a garota. Venha, irmão, não temos muito tempo.

– É melhor assim – disse Shala, pegando Ren pela camisa. – Nenhum dos dois foi homem o bastante para manter sua mulher.

Ele atirou Ren de volta aos braços de Kishan, e os gêmeos vieram em minha direção.

Estreitei os olhos quando se aproximavam e levei a mão ao Colar de Pérolas, lembrando que meu poder de fogo era inútil neste reino. Não havia a menor possibilidade de eu me entregar sem lutar.

Os irmãos estavam a meio caminho de onde eu me encontrava quando vi Ren e Kishan se erguerem como tigres atrás deles. Eles saltaram, as garras estendidas, e derrubaram os senhores do fogo. Suas unhas e dentes rasgaram a carne das costas e dos braços dos gêmeos até que eles caíram entre os pilares. Os felinos puseram-se a andar agilmente em círculos, a cabeça voltada para baixo, observando os Lordes da Chama como se fossem camundongos encurralados em um buraco. Ren e Kishan rosnavam e rugiam enquanto andavam de um lado para outro.

De repente, uma corrente de fogo subiu entre os pilares, e os tigres

se afastaram, correndo. Implacáveis, os senhores do fogo surgiram numa espiral de chamas e pararam no topo das colunas.

– Vocês não se cansam? – cuspiu Shala.

Ren e Kishan se transformaram novamente em homens. Deixei escapar um suspiro reprimido, vendo que estavam completamente recuperados.

Kishan sorriu, ameaçador.

– Será preciso um *homem* muito mais forte que qualquer um de vocês para nos derrubar.

– Kelsey jamais será de vocês. Isso eu juro – ameaçou Ren.

Shala e Wyea ergueram os braços. O fogo percorreu os membros estendidos de Wyea e disparou na direção de Ren. Estrelas ninjas feitas de chamas – pelo menos era o que pareciam – erraram Kishan por pouco quando ele saltou de lado.

Kishan virou-se para Wyea e desferiu uma série de socos e cotoveladas, em seguida girou e deu uma rasteira em Shala. Enquanto isso, Ren saltou sobre Shala, caído, e bloqueou transversalmente um golpe de martelo com o punho que Wyea havia desferido contra a cabeça de Kishan. Sem sucesso, Ren tentou atingir pontos de pressão: articulações, o pescoço, os olhos e os ouvidos. No entanto, os gêmeos senhores do fogo se recuperavam rápido demais para que os golpes de mão aberta surtissem efeito.

Os Lordes da Chama disparavam repetidas correntes de fogo e estrelas ninjas flamejantes contra Ren e Kishan. Gritei novamente que eles estavam trapaceando, e mais uma vez eles me ignoraram.

Por fim, Ren e Kishan pareceram recuperar a vantagem. Eles acuaram os gêmeos até que os Lordes da Chama ficaram de costas um para o outro. Os quatro homens agora estavam exaustos.

Kishan chutou Wyea no rosto, e o senhor do fogo desabou. Inclinando-se sobre ele, Kishan gritou entre dentes:

– Você se rende?

Wyea cuspiu sangue, e o líquido carmesim escorreu de sua boca.

– Nunca.

O senhor do fogo fechou os olhos e murmurou algumas palavras. Um estalo soou à nossa volta.

– O que foi isso? – gritei. – O que você fez?

O ruído foi se aproximando, e eu gritei de pavor quando uma gigantesca criatura vermelha emergiu e começou a se arrastar sobre o topo do pilar perto de mim. Era um escorpião! Ele surgiu no alto da coluna, seguido por dezenas de outros. Um deles me atacou com a cauda. Em pânico, lancei um raio contra ele, mas ele absorveu a força

e, na verdade, ficou ainda maior.

– Muito bem! Chega! – gritei com fúria.

Eu já suportara o bastante. Os Lordes da Chama estavam trapaceando, o que significava que eu tinha todo o direito de intervir. Acaricieei o Colar de Pérolas no meu pescoço e senti uma onda refrescante de água percorrendo, com um silvo, meus braços e pernas. Minha raiva se acalmou e minha mente clareou. Senti ondas pulsando, quase lambendo delicadamente a ponta dos meus dedos. Erguendo a mão, ataquei o escorpião gigante perto de mim com um jorro de água. Ele emitiu um grito estridente quando despencou pela lateral do pilar.

Abrindo os dedos, deixei que as ondas de água percorressem meus braços, e acertei duas criaturas que escorregaram para o solo escuro lá embaixo. Um por um, fui eliminando os escorpiões, me aproximando cada vez mais dos homens que lutavam. Ren e Kishan conseguiam derrubar os monstruosos artrópodes das colunas, mas os escorpiões simplesmente faziam a volta e tornavam a subir. Continuei manipulando a água, tirando quase todos eles de ação.

– Recolha suas criaturas – gritei para os Lordes. – A luta acabou.

Os homens pararam e olharam para mim.

Shala sorriu.

– A luta só acaba quando alguém vence.

– Acabou... porque *eu* venci – declarei e estreitei os olhos, fitando o senhor do fogo.

– Prove, então – provocou Wyea.

Ele lançou uma bola de fogo contra mim. Ergui a mão e a apanhei, quicando-a algumas vezes, e então a atirei de volta, mirando sua cabeça. Errei, mas o gesto fez com que os Lordes da Chama me fitassem, em choque.

– Você tem o poder da chama? – murmurou Shala, pasmo.

– É ela! – declarou Wyea. – Só pode ser! Lawala retornou.

Ele agitou a mão e todos os escorpiões que restavam desapareceram.

Os Lordes da Chama saltaram os pilares tentando me alcançar, mas foram interceptados por Ren e Kishan, que os derrubaram. A pele dos Lordes gêmeos começou a brilhar, e fogo e luz rodopiaram em um ciclone em torno de Ren e Kishan, que foram erguidos no ar e incendiados. Eles se contorceram de dor e gritaram.

– Pare! Ponha-os no chão! Agora! – berrei.

– Eles não têm a menor importância. Precisamos completar o ritual. Você virá conosco – disse Shala em tom ameaçador.

– Não irei. – Chamei a água em meu interior e ameacei. – Estou

avisando. Deixe-os ir ou vocês sofrerão muito.

Shala e Wyea sorriram com arrogância e se aproximaram. Com um forte impulso, enviei uma imensa onda na direção deles. Uma grande nuvem de vapor subiu em torno deles quando a água bateu em seu peito. Eles pareciam ilesos, porém confusos, como se nunca tivessem visto água.

Baixei as mãos.

– Deixe-os em paz.

Wyea se empertigou, inclinou a cabeça e girou o dedo. O fogo explodiu em torno de Ren e Kishan até que eles se viram completamente envolvidos por ele. Desesperada, voltei meu poder na direção deles, tentando extinguir as chamas.

Os Lordes da Chama riram.

– Seu poder não é tão forte quanto o nosso.

– Ah, é?

Liguei minha válvula interna na potência máxima. A água passou ao redor dos homens que eu amava, mas Ren e Kishan ainda estavam sofrendo. Cada segundo que transcorria era de agonia. Eu precisava deter os Lordes da Chama antes que fosse tarde demais. A força das minhas emoções fez com que a água ficasse gelada. Eu não conseguia dominar as chamas que cercavam meus tigres, então voltei meu foco gelado para os gêmeos. Eles gritaram quando a água congelante os atingiu. O ciclone de fogo que envolvia Ren e Kishan abrandou, baixando-os lentamente até o topo dos pilares. Na mesma hora, eles se transformaram em tigres a fim de acelerar o processo de cura.

Eu podia ver o pelo queimado em seus corpos. Lançando mão de cada gota de energia que pude reunir, envolvi os senhores do fogo em gelo e corri o mais rápido que pude para onde Ren e Kishan estavam. Meus tigres arfavam em sopros curtos tentando respirar. Toquei Kishan com delicadeza, e a pele queimada se soltou e grudou na ponta dos meus dedos. Chorando, tirei com todo o cuidado o *kamandal* de seu pescoço e despejei algumas gotas em sua língua. Kishan lambeu a boca debilmente, e eu me voltei para Ren.

Seu pelo também estava caindo, mas suas listras negras ainda se destacavam contra a pelagem branca. Os bigodes e os cílios haviam desaparecido, e os pelos sensíveis dos ouvidos também tinham sido queimados.

– Meus pobres tigres – falei, com um soluço.

Dei a Ren também algumas gotas do elixir da sereia e rezei para que o líquido aliviasse a sua dor. Sentei-me com eles, acariciando a cabeça de ambos enquanto sua respiração difícil se acalmava.

Não demorou muito para que minha mão voltasse a ter contato com pelo macio.

Bagunçando o pelo na cabeça de Ren, sussurrei:

– Da próxima vez eu luto com vocês. – Dei um beijo na cabeça de Kishan e acrescentei: – Entenderam?

Ouvi ambos os irmãos bufando baixo e então uma voz nos interrompeu, em tom de escárnio:

– Escondendo-se na barra da saia de uma mulher, é?

Dei meia-volta. *Shala!* Ele estava parado a uma pequena distância. Parecia um pouco azulado, mas ainda tivera poder suficiente para derreter o gelo em que eu o encapsulara.

– Voltou querendo mais? – desafiei.

Shala esfregou o maxilar, e vi pequenas chamas se acenderem em seus olhos.

– De você? Não. Não queremos mais nada de você. Lawala jamais nos faria mal como você fez.

– É mesmo?

– Infelizmente, somos do tipo ciumento e, se não podemos ser felizes com nossa mulher, ninguém mais pode.

Ele ergueu as mãos e as apontou para Ren e Kishan. O fogo correu pelos seus braços. Voltei minhas mãos para Shala, e uma parede de água se chocou contra seu fogo, provocando um chiado horrível. O vapor subiu à nossa volta em ondas.

Um pensamento incômodo invadiu a minha mente. *Onde estava Wyea?*

Nesse exato momento, ouvi passos rápidos e Ren gritou:

– Kelsey! Não!

Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, Ren se atirou entre mim e Shala, que ria alegremente. Ren chocou-se pesadamente comigo. Eu me agarrei a ele em desespero enquanto caíamos nos braços estendidos de Kishan.

Kishan tirou Ren de cima de mim, e gritei quando o sangue de Ren escorreu em minhas mãos. Ainda tremendo e profundamente cravada no meio do peito de Ren, estava a *Gáe Bolga*.



Quimera

Eu podia ouvir o ruído que a terrível arma produzia à medida que a lança descarregava no peito de Ren. Farpas afiadas cravaram-se fundo, rasgando-o por dentro. Ele gritou quando o sangue esguichou de seu ferimento e escorreu pela boca. A suave risada de zombaria dos gêmeos às minhas costas tornou-se um mero ruído de fundo enquanto, em choque, eu olhava fixamente para a arma que se projetava do peito dele. Por um breve instante, revivi a perda do Sr. Kadam. A dor e o sofrimento me invadiram outra vez, e eu me vi incapacitada, sem conseguir me mover.

Pensei nos meus pais e na combustão da Fênix. Somente o toque gentil da mão de Kishan me trouxe de volta ao presente. Embora aquela fosse uma das coisas mais difíceis que eu jamais tivera que fazer, deixei Ren aos cuidados de Kishan.

Ainda mais determinada, voltei-me para os gêmeos. Wyea estava pior que o irmão; ele mal conseguia se manter de pé. Agindo puramente por impulso e com o peso da perda e da culpa ainda correndo por minhas veias, ataquei. Dessa vez, porém, concentrei todos os meus esforços em Wyea.

A água gelada atingiu o senhor do fogo e o derrubou da coluna. Decidida a terminar o que eu começara, tracei meu caminho sobre os pilares até encontrá-lo no chão, os membros retorcidos em volta dos pilares de obsidiana. Ergui as mãos e permiti que o vazio gélido que eu sentia por dentro se tornasse uma arma. Foi somente alguns momentos depois que percebi que a água que saía de minhas mãos havia se transformado em granizo. O ar gelado girava à minha volta e, ao contrair meus dedos, o granizo ganhou a forma de punhais de gelo.

Shala me perseguiu, naturalmente, mas dessa vez seus ataques não eram páreo para mim. Quando suas labaredas chegavam perto, meu vento invernal as apagava. Quando Wyea parou de se mexer, ergui os braços para o céu, voltei-me para Shala e gritei:

– Você não vai tirar Ren de mim. Se eu tiver que eu usar meu poder contra tudo e contra todos em seu reino, mesmo que seja necessário destruir o seu mundo, eu o farei.

Meu coração se apertou brevemente com tristeza diante do pensamento de destruir as árvores de fogo, mas a dor de perder Ren me dominava a ponto de eu deixar a culpa de lado. Com toda a honestidade, eu nem sabia se tinha o poder de cumprir minha ameaça, mas naquele momento me sentia como se tivesse. Se eu fosse um Jedi, eu teria definitivamente me voltado para o lado escuro da Força, pois meus pensamentos e emoções ruminavam a dor, a ira e a vingança. Mas eu não ligava.

Vendo o irmão tão gravemente ferido, Shala me fitou com amargura, e então assentiu com a cabeça.

– Sua vida lhe pertence. Vocês estão livres. Reconheço nossa derrota.

Ele se agachou para olhar o irmão. Estendendo as mãos, ele cedeu ao gêmeo um pouco de seu próprio calor em declínio.

– Tem mais uma coisa – acrescentei, deixando-me levar pela vitória. – Exijo um prêmio por vencer.

Shala soltou um suspiro profundo e voltou-se para me encarar.

– O que você quer?

– Quero a Corda de Fogo.

– Como você sabe sobre essas coisas? – balbuciou Shala, chocado com meu pedido.

– Não importa. Eu simplesmente sei. Precisamos da Corda de Fogo para completar uma tarefa.

O Lorde da Chama se levantou, ergueu as mãos para o alto e em seguida as baixou devagar. Os pilares se moveram ligeiramente e então começaram a descer de volta ao solo. Eu me equilibrava com cuidado.

– A Corda nos foi dada por um Antigo. Disseram-nos que somente quando fôssemos derrotados numa batalha a Corda poderia deixar o nosso reino. Leve-a.

Ele me dispensou com um gesto da mão e se abaixou para ajudar o gêmeo ferido.

– Como a pegamos? – perguntei, grata por pisar novamente na segurança no solo negro.

Quando se inclinava sobre Wyea, Shala respondeu:

– Está enrolada numa árvore de fogo na base desta montanha. Posso mandar vocês até lá, mas terão que passar pelo guardião que a protege.

– Tudo bem.

– E... Kelsey, você é uma adversária temível, mas sugiro que partam para o mundo lá em cima antes que estejamos totalmente recuperados.

Shala sorriu ligeiramente e assentiu com a cabeça antes que ambos os gêmeos desaparecessem numa espiral de chamas.

Corri até Ren e me ajoelhei ao lado de Kishan.

– Como ele está?

– O corpo dele está tentando sarar, mas eu não consegui remover a arma.

Minhas mãos estremeceram quando toquei com cuidado a barriga trêmula de Ren.

– Precisa ser cortada. Lembra-se? Ele pode se curar de algo assim?

– perguntei.

– Terá que ser feito com rapidez e cuidado, e devemos ter o elixir pronto.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao pensar na dor que Ren ainda sentiria. Kishan foi reunir todas as nossas armas para que pudesse escolher qual seria a melhor para remover a *Gáe Bolga*. Pus a cabeça de Ren no meu colo e acariciei seus cabelos. Uma lágrima caiu do meu rosto em sua testa.

– Por favor, não morra – sussurrei.

Ele gemeu e se mexeu.

– Shh. Tente não se mover.

Usei o Colar para criar um copo de água, cuja borda pressionei contra seus lábios. Ele bebeu, mas o peito voltou a sangrar.

– Tudo bem. Vai ficar tudo bem – murmurei, tanto para mim quanto para ele. Toquei sua testa com meus lábios. – Tenho tanta coisa para dizer a você. Por favor, não me deixe.

Ele murmurou alguma coisa, mas não entendi. Ele sussurrou a palavra novamente.

Asambhava.

A tradução veio rapidamente à minha mente – *impossível*.

Ri em meio às lágrimas e disse:

– Ótimo. Porque pretendo mantê-lo por perto durante algum tempo.

Kishan voltou com o tridente e as espadas. Pressionando as lâminas douradas uma de encontro à outra até clicarem, ele girou o punho e encolheu as armas até ficarem do tamanho de uma faca. Então se ajoelhou ao lado de Ren e advertiu:

– Isso vai ser difícil. Os dardos estão nos pulmões e no coração dele.

– Lokesh apunhalou Ren no coração antes e drenou todo o seu sangue, e ainda assim ele sobreviveu – recordei, esperançosa.

– Nunca fui ferido com tanta gravidade assim – declarou Kishan,

com franqueza. – Não sei quanto tempo vai levar para sarar. Dê a ele algumas gotas do elixir assim que eu remover a lança.

Assenti, calada, enquanto observava Kishan levar a faca ao peito de Ren. Ele mergulhou a lâmina rapidamente e começou a serrar. Eu não conseguia olhar. Fechei os olhos e continuei a acariciar-lhe os cabelos, mas senti Ren se contorcendo e depois o espasmo em seu corpo quando Kishan finalmente extraiu a lança de seu peito.

Imediatamente tentei lhe administrar o elixir, mas ele arquejava tentando respirar e se debatia em razão do dano a seus pulmões. Kishan segurou sua cabeça com firmeza enquanto eu pingava algumas gotas em sua boca. Não pude deixar de ver o buraco aberto em seu peito. Chorando, usei o Lenço para cobrir a ferida exposta.

Como alguém pode se recuperar de algo assim?

Ren parou de se debater e ficou imóvel, como se estivesse morto. Novas lágrimas escorreram pelo meu rosto.

– Kishan...?

Não consegui terminar a pergunta. Não conseguia perguntar se ele ainda estava vivo.

Kishan inclinou a cabeça e apurou o ouvido.

– Ele não está respirando e o coração não está batendo.

– Não. Não.

Chorei e balancei meu corpo para a frente e para trás, embalando sua cabeça em meus braços.

– Por favor, volte para mim, Ren. Volte.

Fiquei repetindo isso até Kishan sussurrar:

– Kelsey, shh. Espere. – Kishan tocou brevemente o braço do irmão.

– Estou sentindo uma pulsação fraca.

Somente depois de vários e angustiantes momentos Ren voltou a respirar. Seu peito produzia um som molhado e seu corpo mal se movia.

– Ele está há muito tempo sem oxigênio – murmurei, mais para mim mesma que para Kishan.

– Tudo o que podemos fazer é esperar, Kells – disse Kishan, esfregando minhas costas e inspecionando o peito de Ren. – Ele permanece em péssimas condições, mas está começando a sarar.

Segurei Ren, agarrando-me a ele desesperada, como se quisesse fisicamente manter a morte à distância, e não me dei conta de que estava vertendo poder de fogo para ele até que, através das lágrimas, vi uma cintilação. Pisquei para clarear a visão e arquejei quando vi que nós dois estávamos banhados numa luz dourada. A magia especial que acontecia quando nos tocávamos estava ajudando a curá-lo.

Depois que percebi o que estava acontecendo, concentrei todos os meus esforços e continuei a forçar a energia que circulava entre nós para o seu corpo enfraquecido. Não demorou muito para que sua respiração se tornasse mais regular e profunda, como se ele estivesse dormindo. Kishan anunciou que o coração de Ren apresentava um batimento mais forte e que o buraco em seu peito havia se fechado.

Meus olhos foram ficando pesados. Eu estava muito cansada. Mudei para uma posição mais confortável e deitei a cabeça no ombro de Ren. Quase apaguei, mas uma mão segurou o meu pulso.

– *Priya*, você precisa parar – disse uma voz cálida.

– Não posso parar – murmurei. – Ren precisa de mim.

– Eu vou sempre precisar de você.

O corpo junto ao qual eu estava deitada se mexeu, e eu gemi, protestando. De repente me senti sem peso. Alguém havia me pegado no colo. Senti um beijo suave tocar meu rosto e ouvi vozes abafadas.

– Ela exauriu as forças tentando salvar você – disse Kishan.

Senti, em meu braço, o ronco abafado de um peito.

– Ela precisa de tempo para se recuperar, para descansar.

Ren. Ren estava me segurando. Mas como? Ele estava ferido.

– Eu posso levá-la. Você ainda está fraco.

– Estou forte o suficiente.

Ren falara de uma forma que não admitia discussão, mas ainda assim Kishan tentou protestar. Por fim, Ren disse baixinho:

– Ela será sua para o resto da vida, irmão. Deixe-me segurá-la agora.

Não houve nenhuma resposta da parte de Kishan, e o silêncio me acalentou, me levando a um sono mais profundo. Senti uma breve sensação de ardor na barriga, e então não tive mais consciência de nada.

Quando acordei, estava faminta. Ren e Kishan dormiam pertinho de mim, um de cada lado, e não estávamos mais no alto da montanha. Árvores de fogo nos rodeavam.

Ren se moveu primeiro e tocou meu braço.

– Kelsey? Como está se sentindo?

– Com fome – sussurrei. – E com sede também. Onde estamos?

– Chamamos os Lordes da Chama, e eles nos trouxeram para cá, junto com nossas armas. Seu arco e suas flechas foram devolvidos, e também temos o Lenço e o Fruto.

– Você está... curado?

– Estou bem. E você?
– Só estou mesmo com fome.
– Dá para vocês dois ficarem quietos? – resmungou um sonolento Kishan.

Fiz carinho em suas costas e dei um beijo em sua bochecha.

– Desculpe. Volte a dormir.

Logo Kishan estava sonhando outra vez, mas Ren me observava com seus olhos azul-cobalto. Ficamos um longo tempo apenas nos olhando. Nenhum dos dois falou. Eu me sentia segura. Não estávamos nos tocando, mas a sensação era a de que ele me acalentava nos braços. Minha fome diminuiu, transformando-se em outra coisa, uma necessidade inteiramente diferente, e tudo o que eu podia fazer era devolver o olhar de meu tigre de olhos azuis.

Logo depois Kishan abriu os olhos e resolveu que era hora de levantar acampamento.

Meu corpo todo estava dolorido e rígido. Até meus dedos mindinhos doíam. Tentei me alongar.

– Ai. Não estou em minha melhor forma esta manhã – anunciei.

Ren começou a vir em minha direção, mas hesitou quando Kishan se aproximou de mim.

Kishan me deu um abraço apertado.

– Você está forte o bastante para prosseguir hoje? Ainda temos que lutar contra um guardião.

– Não tem pressa nenhuma – interveio Ren. – Ela gastou muita energia ontem. Pode precisar de mais tempo.

Fiz uma careta.

– Tem, sim, uma razão para nos apressarmos. Os Lordes da Chama deixaram bem claro que deveríamos desocupar o local antes que eles se recuperassem totalmente.

– Iremos devagar – assegurou Kishan. – E deixaremos Kelsey de fora enquanto combatemos a criatura.

Ren me lançou um olhar demorado; então voltou-se e reuniu nossos pertences.

Assenti com a cabeça para Kishan e me dirigi a uma árvore de fogo. Experimentei um sentimento de culpa enquanto usufruía avidamente de toda e qualquer energia que as árvores estavam dispostas a partilhar. Se eu houvesse precisado destruí-las para salvar Ren, não teria dúvida, mas lamentaria pelas árvores amistosas mais tarde. Os ramos cálidos envolveram meus braços e me acariciaram delicadamente. Não demorou muito para que eu me sentisse renovada e revigorada. Minha mente, porém, ainda estava cansada.

Eu me sentia exausta das batalhas constantes, do estresse de estar sempre em perigo e dos monstros e vilões que nos espreitavam a cada esquina. Pensei em minha casinha no Oregon, em como me sentira feliz lá. Uma profunda saudade de um sonho perdido tomou conta de mim. Tudo o que eu queria era estar cercada por aqueles que eu amava, saber que estavam seguros e por perto. Uma a uma, as pessoas que eram mais importantes para mim haviam sido levadas.

Pensei novamente na Fênix e nas lições que ela havia me ensinado. Amanhecer prometera que eu tornaria a ver meus pais e o Sr. Kadam. Também tinha dito que eu precisava seguir as verdades e o amor em meu coração. Eu me levantei, bati a poeira da calça jeans e retornei ao acampamento.

Abraçando aquele a quem eu amava, eu disse:

– Estou pronta.

Meia hora depois, encontrávamo-nos os três agachados atrás de uns arbustos.

– Então a Quimera é um gato? – perguntou Kishan.

Seu nariz se contraiu, e ele correu os dedos levemente ao longo das marcas de garras numa árvore de fogo.

– Em parte – repliquei. – Tem o corpo parecido com o de uma leoa, mas também tem a cabeça de uma cabra e uma cobra como cauda.

– Estamos em seu território – acrescentou Ren.

– Sim – concordou Kishan, esfregando o maxilar. – Está sentindo o cheiro dela?

Ren fez que sim com a cabeça.

Nesse exato momento, uma série de rugidos graves ecoou no meio das árvores.

– Está aí a confirmação – afirmou Kishan.

– Do quê? – perguntei. – O que foi?

Os irmãos se entreolharam. Ren deu de ombros, e então Kishan disse:

– Ela está procurando um companheiro.

– Ah – balbuciei, constrangida. – O que... hã... isso significa para nós? É bom ou ruim?

– Pode ser bom. Podemos usar isso em nosso benefício – afirmou Kishan.

Diante de meu olhar de confusão, Ren explicou:

– O que ele quer dizer é que ela poderá ser facilmente distraída.

Kishan deu risada e pigarreou.

– E eu voto para que *você* a distraia enquanto *eu* pego a Corda.
– Que tal *você* a distrair enquanto *eu* pego a Corda? – rebateu Ren.
– Por que *vocês dois* não a distraem enquanto *eu* pego a Corda? – sugeri.

– Não – ambos responderam em uníssono.

– Eu vou. – Ren se ofereceu com um suspiro. Um gemido baixo sacudiu o chão. Ele fez uma careta. – Mas seja rápido.

– Ora, é claro – disse Kishan.

Ele sorriu e piscou para mim enquanto Ren desaparecia no meio das árvores.

Quando ouvimos o rugido melancólico seguinte, ele foi respondido por um grunhido profundo.

– É o sinal!

Kishan me beijou rapidamente e escapuliu entre as árvores.

Fiquei ali sentada, ouvindo uma série de rosnados, grunhidos e silvos. O tempo passou, e os ruídos tornaram-se mais altos. Ainda não pareciam zangados nem violentos. Eu estava tentando distinguir quais sons vinham de quais partes da Quimera quando um novo rugido cortou o ar. Ele foi respondido com um rugido semelhante. Eu conhecia bem aquelas duas vozes, mesmo como tigres. Por alguma razão, Kishan havia se juntado ao par. Eles precisavam de mim.

Silenciosa e cautelosamente, tracei o caminho entre as árvores, contornando a área de onde vinha o barulho. Encontrando um bom esconderijo, espiei pela vegetação e vi Ren e Kishan lutando como tigres. A felina estava deitada ali perto, lambendo as patas enquanto disfarçadamente observava os dois tigres se enfrentarem.

Ela não tinha exatamente a aparência que eu esperava. Com base em todas as minhas leituras, eu pensava que a Quimera fosse um monstro de duas cabeças com uma cobra como cauda, mas era mais parecida com um *qilin*. Embora possuísse características de muitas criaturas diferentes, a Quimera contava apenas com uma cabeça e seis patas. Seu corpo tinha o formato básico do de um felino, uma leoa talvez, só que muito maior. Eu diria que seu tamanho era duas vezes o de um leão.

Em vez de ter a pelagem de um felino, porém, a Quimera parecia ter a pele meio acobreada de um réptil. Seu corpo era coberto de escamas, como o do *qilin*, exceto por uma bruxuleante juba em chamas. Dois longos chifres brotavam do alto de sua cabeça. As patas da Quimera possuíam garras e a cauda se movia para a frente e para trás, coleante como uma cobra, mas eu não via nem cabeça nem dentes na extremidade.

A Quimera encontrava-se ao pé de uma árvore bem grande. Examinei os galhos, à procura da Corda de Fogo, porém não conseguia ver nada de onde estava. Mordi o lábio tentando calcular qual deveria ser meu próximo passo. Ren e Kishan pareciam fazer muito barulho, mas estavam praticamente só fingindo. Eles se empurravam de um lado para outro e rosnavam ruidosamente, no entanto, não usavam as garras nem os dentes para valer.

Assim que comecei a me mover, a criatura imediatamente voltou a cabeça em minha direção. A fera farejou o ar e se levantou. Quando a Quimera saltou na direção do meu esconderijo, Ren correu para ela e bateu em seus pés com a pata. Distraída, a criatura voltou-se para ele e esfregou a cabeça em suas costas enquanto olhava para Kishan. Sua cauda semelhante a uma cobra enroscou-se na do tigre branco.

Kishan rugiu como se desafiasse Ren novamente pela afeição da Quimera, que se afastou de onde eu estava quando os dois recomeçaram a batalha simulada. A fera arqueou as costas enquanto abaixava a parte dianteira do corpo e se acomodou perto de uma rocha para assistir. Ela grunhiu suavemente e mordeu o ar com dentes afiados. Inquieta, amassou o solo com as garras e esfregou os chifres na rocha. O som era semelhante ao de um pica-pau furando uma árvore. *Se o pica-pau fosse do tamanho de um rinoceronte.*

Tirei vantagem do barulho e comecei a abrir caminho até a árvore que a Quimera estava guardando. Ren empurrou Kishan, que rolou até perto da Quimera. Ela sibilou, mostrando mais os dentes. Kishan olhou-a fixamente, rosnou baixinho de volta e abriu os bigodes. Ele tentou morder os quartos da criatura. Ela rosnou, rolou, ficando de barriga para cima, e mordiscou as patas dianteiras dele. Uma pequena explosão de fogo saiu da boca da Quimera quando ela agitou algumas patas no ar.

Kishan fugiu das chamas. A Quimera lambeu a boca e espirrou, então rolou novamente, pondo-se de pé nas seis patas, e disparou atrás do tigre negro. Enquanto os três felinos corriam um atrás do outro, segui para a árvore.

A Corda de Fogo estava em um galho alto e, no exato momento em que pus as mãos no tronco para subir, os ramos começaram a açoiar o ar para a frente e para trás, como chicotes. Um ramo bem fininho mergulhou debaixo da Corda e começou a desenrolá-la da árvore.

Eu teria preferido que a árvore ficasse quieta, mas os ramos já estavam em ação. A Quimera estava focinhando Ren quando de repente imobilizou-se e voltou a cabeça na direção da árvore. Eu havia me escondido atrás do tronco, mas a criatura farejou o ar, baixou a

cabeça e rosnou baixinho. Ela se dirigiu sorrateiramente à árvore e, apesar das mordidas de “amor” que Ren lhe dava e de Kishan resfolegar e bater os pés, eles não conseguiam mais distrair a criatura de seu dever.

Olhei para cima e vi que a árvore estava baixando um pedaço de corda preta trançada. A Quimera estava quase me alcançando. Ela se agachou em um lado da árvore e farejou o ar.

Ren se transformou em homem e gritou:

– Kelsey! Corra para mim o mais rápido que puder!

Ouvi o rosnado da Quimera; no entanto, ela não saiu de sua posição. Reuni coragem e saí em disparada, dando a volta pelo outro lado da árvore, correndo para Ren no momento em que Kishan pulava sobre as costas do monstro. Os dois felinos rolaram pelo chão, mas a Quimera se livrou do tigre negro e veio galopando para mim. Kishan mudou para a forma humana, incerto sobre o que a Quimera faria a seguir.

Em vez de me atacar, a fera saltou por cima de mim e se posicionou diante de Ren, como se o defendesse – embora Ren não fosse mais um tigre.

A Quimera rosnou, e senti o calor de seu hálito me envolver.

– O que eu faço? – sussurrei.

A Quimera circundou Ren, lambeu seu braço e esfregou a cabeça em sua perna.

– Ela está defendendo o companheiro – respondeu Kishan, aproximando-se de mim com cuidado.

– Mas agora ele é um homem – sussurrei.

– Ela ainda o vê como felino. Reconhece o cheiro dele.

– O que devo fazer? – repeti.

– Venha até aqui – disse Kishan. – Segure minha mão.

Peguei a mão de Kishan.

– Agora ande ao meu redor e rosne.

– O quê?

– Faça isso.

– Está bem.

Andei ao redor de Kishan e fiz algumas patéticas tentativas de rosnar.

– Mais alto – instruiu ele. – Esfregue meus braços.

Corri as mãos para cima e para baixo em seus braços e em seu peito enquanto fazia o máximo de barulho possível.

– Ótimo. Agora me siga.

Lentamente, nós dois seguimos para a árvore. Ren nos observava e,

quando estávamos bem escondidos, ele se transformou outra vez no tigre branco e trotou para o outro lado da clareira. A Quimera o seguiu como um cachorrinho feliz, mordiscando-lhe as patas traseiras enquanto ele corria.

Estiquei os braços e a árvore à espera baixou a Corda de Fogo, que mais parecia um chicote. Em uma das extremidades havia uma parte rígida que podia ser usada como cabo, e, em vez de couro, o chicote tinha escamas semelhantes às da Quimera e dos *qilins*. As escamas escuras e iridescentes cintilavam como a cauda de um pequeno dragão. A Corda terminava em uma ponta afiada, e não pude deixar de pensar que esse “presente” também poderia ser usado como arma.

– Acho que sou mesmo Indiana Jones – murmurei.

Kishan me deteve quando estendi a mão para soltá-la do galho.

– O que foi? – perguntei quando ele delicadamente afastou minhas mãos.

– No instante em que a tocar, você pode ser arrebatada por uma visão, como aconteceu antes.

Em meu fascínio pelo lindo presente de Durga, eu havia me esquecido das consequências de pegá-lo. Eu não tinha nenhum interesse em ficar presa a Lokesh em uma visão, principalmente sabendo que o Sr. Kadam não estaria mais lá para me apoiar. Ainda assim, precisávamos da Corda.

– Vamos ter que pegá-la em algum momento – eu disse.

– Talvez não a afete se eu fizer isso.

– Acho que você pode tentar.

Ele passou o braço por minha cintura para me sustentar, por via das dúvidas, e então estendeu os dedos para alcançar a corda. Depois de tocá-la, olhou para mim, mas eu ainda estava no controle de minhas faculdades mentais.

Mais ousado, ele pegou a Corda na árvore e sorriu.

– Então é assim que evitamos as visões. Você simplesmente não terá permissão para tocá-la.

Soltei um suspiro abafado e me pus de lado quando Kishan sacudiu a Corda e açoitou com ela o ar da clareira. O estalo agudo que ela produziu mostrou que podia ser usada como chicote.

– Espere – falei. – A carta do Sr. Kadam dizia que deveríamos usar a Corda para viajar através do tempo. Teríamos que usá-la para abrir um vórtice.

Kishan girou velozmente a Corda de Fogo acima de sua cabeça. Nada aconteceu. Ouvi Ren rugir ruidosamente e vi a Quimera perseguindo-o de novo. Kishan experimentou fazer círculos pequenos

e círculos grandes, mas nada aconteceu.

A Quimera estava ficando desesperada. Ela não compreendia por que o companheiro fugia dela. Soltou um rosnado que parecia um lamento e mordeu Ren no ombro com força suficiente para tirar sangue.

– Precisamos nos apressar – alertei.

Kishan fustigou a corda mais rápido.

Frustrada, a Quimera lançou uma nuvem de fogo pela boca, e Ren desviou-se. Aquilo me deu uma ideia.

– Talvez a Corda de Fogo precise ser incendiada – sugeri.

Kishan assentiu, mas ficou me observando com cautela. Usei as mãos para tentar acender a Corda sem tocá-la. Ela acendia, mas apagava logo, independentemente de quanto eu aplicasse meu poder sobre ela. Era como tentar acender um pavio queimado.

– Não vai se manter acesa – concluí.

Unindo as mãos, fiquei batendo com elas no lábio inferior enquanto pensava no problema. Sombriamente, baixei os braços para o lado do corpo ao perceber que adquirira aquele hábito ao observar o Sr. Kadam, e então suspirei, resignada, sabendo o que precisava fazer.

– Vou ter que segurá-la, Kishan.

– Não.

– Só vai funcionar se eu tocá-la.

– Kelsey, não quero...

Apertando seu braço, eu disse:

– Vou ficar bem. Ele não pode me machucar. Não de verdade. Meu corpo vai ficar aqui com você.

Kishan abriu a mão, deixou cair a Corda e num instante estava do meu lado.

– Não me importo se funciona ou não, Kells.

Pegando minha mão esquerda, ele manuseou nosso anel de noivado. Enquanto tocava a delicada flor de lótus, declarou baixinho:

– Não quero que tenha que passar por mais nada disso, *bilauta*. – Seus olhos dourados penetravam os meus com feroz determinação. – Meu único desejo é proteger você, proteger seu corpo e sua alma de demônios como ele.

Agarrei a mão dele e me inclinei para a frente a fim de lhe dar um beijo suave. Meus lábios prenderam-se aos dele brevemente, e eu sorri.

– Sei que é, e, acredite em mim, não há nada que eu quisesse mais que ficar nos seus braços e nunca mais enfrentar qualquer uma dessas coisas, mas...

– Mas nada. Temos a Corda agora. Durga pode nos conceder nossa liberdade. Podemos viver como homens o tempo todo a partir de hoje.

– Mas Ren ainda é um tigre. Pegar a Corda não resolveu tudo.

– Existimos como tigre por séculos, Kells. Posso suportar seis horas por dia assim, se é o que isso significa, e Ren também. Podemos parar. Aqui. Agora. Podemos simplesmente voltar para casa. – Ele me abraçou e me puxou para mais perto. – Não vale a pena correr o risco. Ren concordaria. Não tenho o menor desejo de ir atrás de Lokesh no passado. Não se isso significa perder você.

Tomei o rosto dele entre as minhas mãos.

– Mas é esse o nosso destino, Kishan. O seu destino. Você e Ren foram escolhidos. A vocês foi dado o poder do tigre para que pudessem derrotar Lokesh. Estamos destinados a isso. Não se trata apenas de nós. O Sr. Kadam disse que devemos proteger a vida daqueles a quem Lokesh prejudicaria.

Os olhos de Kishan brilhavam intensamente.

– Não estou nem aí para o meu destino. Só me preocupo com você.

– Você não pensa assim de fato. Seu destino o chama da mesma forma que o meu a mim. A Fênix me ensinou isso. Ela sabia que sua morte traria uma vida nova. O Sr. Kadam se sacrificou por essa causa. Como posso recuar e me esconder feito uma covarde quando ele morreu por nós?

Pressionando a testa contra a minha, Kishan suspirou.

– Eu sei que você está certa e que precisamos ir em frente, se não por outra razão, pelo menos para honrar a morte de Kadam. Mas, no meu coração, Kelsey, tudo o que quero é levar você para longe daqui e mantê-la em meu coração e em minha casa para sempre.

Ele me beijou delicadamente, então, resignado, mantendo o braço em torno da minha cintura, apanhou a Corda e a sacudiu.

Coloquei uma das mãos sobre a de Kishan e a outra na Corda. Evocando o meu poder de fogo, deixei que o calor borbulhasse dentro de mim e fluísse pelo meu braço. Verti a energia de minha palma para a Corda até que as escamas em sua superfície começaram a brilhar. Elas cintilaram e tremeluziram até pegar fogo e me ofuscar. A Corda zumbiu, e eu senti a energia se acumulando. O último pensamento que tive foi que a luz branca me fazia lembrar da flor de fogo que Ren me dera.

Então fui arrastada para uma visão.

Estava mergulhada numa densa escuridão. Ouvi uma voz profunda e uma risada quando um vento correu em torno do meu corpo e me apertou. Eu não sabia dizer de onde ele vinha, embora o ruído se

arrastasse em minha pele como uma carícia rude.

– Estava esperando você, minha querida.

– Lokesh?

Girei, mas ainda não conseguia vê-lo. Sua voz estava diferente... mais profunda e grave, como se ele fizesse força para que as palavras passassem por seus lábios.

Meus olhos foram se ajustando, a névoa se diluiu e identifiquei o brilho quente de uma árvore de fogo. Eu podia ver Kishan e Ren, mas eles não podiam me ver nem ouvir. Então um vento frio soprou.

Esfreguei os braços, confusa. Por que estou sentindo frio? Nunca percebi a temperatura antes...

Espreitando a escuridão, eu me dei conta de que estava numa floresta cheia de árvores sinistras, de troncos muito grossos. Algo se moveu entre os galhos. Ouvi o som áspero de passos pesados, e uma forma escura se aproximou.

Arquejei, trêmula, e ouvi o estrondo de uma risada prolongada que ecoou primeiro do meu lado direito, depois atrás de mim. O som se afastou e em seguida se esgueirou pela minha esquerda. Senti no pescoço um hálito quente que fez minha pele se arrepiar. Eu me virei, mas o que quer que tivesse estado atrás de mim havia desaparecido.

Então o senti – uma presença imensa e perigosa – ao meu lado. Lentamente, virei-me para encarar Lokesh e arquejei. Seu corpo havia sofrido uma transformação drástica e agora se elevava acima de mim. Ele tinha facilmente um metro a mais que eu e era três vezes mais largo. Sua pele era negra. Os ternos caros e formais que Lokesh usava haviam sido substituídos por um sarongue que pendia de sua cintura até o meio da coxa.

– Você não me reconhece, doçura?

Lokesh deu um passo em minha direção, e minha boca se escancarou diante daquela visão. Sua cabeça tinha chifres e era ossuda, com cristas protetoras acima dos olhos; os cabelos, antes arrumados, agora brotavam em cachos que se assemelhavam a lã. Um olho castanho ainda parecia humano, mas o outro tinha a íris vermelha e estava cercado por cicatrizes. Seu tórax, seus braços e seu pescoço prateado e também marcado por cicatrizes eram grossos e possuíam músculos salientes. Em vez de pés, suas pernas se afunilavam em imensos cascos fendidos.

Apavorada, recuei vários passos. O Sr. Kadam dissera que Lokesh havia usado seu poder para se tornar um demônio. Vendo seu rosto disforme, estava claro que o Sr. Kadam tinha razão. Lokesh parecia um diabo negro, como se o mal que corria por suas veias houvesse

finalmente vindo à superfície.

Ele flexionou a mão, e os músculos de seu braço se avolumaram com o leve movimento. Ele observava minha reação a ele com uma intensidade faminta e ardente. O amuleto quase completo brilhava contra seu peito largo.

– Lokesh? O que... o que você fez?

Ele ergueu os braços e examinou os membros escuros.

– Você gosta?

– É... é monstruoso!

Ele bufou, fazendo com que suas narinas expelissem vapor.

– É o poder.

Lokesh retorceu os lábios numa careta diabólica. Erguendo a mão enorme, correu um dedo pelo meu braço nu. A pele de seus dedos era áspera como a de um animal e arranhou a minha pele.

Dei mais um passo atrás quando ele avançou. Senti náusea e me perguntei novamente: *Como posso estar sentindo isso?*

Um brilho iluminou os olhos de Lokesh quando ele se deu conta de que tínhamos uma conexão física, e ele estendeu os dedos na direção do meu pescoço. Tentei correr, mas ele agarrou meu braço, me puxou e envolveu meu pescoço com a mão. Ele simplesmente apertava quando eu procurava escapar. Ofegante, tentando respirar, senti minhas lágrimas jorrarem. Eu sabia o que ele queria. Quando parei de me debater, ele me deixou voltar a respirar. Com um toque quase delicado, levou a mão ao amuleto de fogo que pendia em meu pescoço. Então me encolhi, esperando que ele arrancasse o cordão com um puxão.

A testa ossuda de Lokesh franziu-se, concentrando-se, quando seus dedos grossos atravessaram o amuleto como se ele fosse feito de ar. Furioso, ele me jogou no chão. O sangue escorreu do meu cotovelo arranhado. Toquei meu pescoço machucado e esperei que a dor fosse temporária e que desaparecesse quando acabasse a visão. *Quanto tempo isso irá durar?*

Ele me puxou, forçando-me a levantar. Seu olhar cobiçoso tornou-se lascivo enquanto ele examinava rudemente o amuleto em meu corpo.

– Se não posso ter o amuleto, então o destino pelo menos me deu a mulher. Acho que temos um assunto inacabado, meu bichinho.

Esperando distraí-lo, eu disse com a voz rouca:

– Acho que preferia você na forma de homem.

– Eu agora sou homem e fera. Como seus patéticos príncipes.

Lokesh me agarrou pelos ombros e apertou impiedosamente

enquanto seu rosto descia na direção do meu. Seus chifres arranharam a lateral da minha cabeça e arrancaram um pouco do meu cabelo pela raiz. Eu gritei, e meus olhos lacrimejaram. O ar úmido saído de suas narinas se espalhava sobre o meu rosto.

Ele respirava pesadamente, quase arfando, ao dizer:

– Você não vai escapar de mim outra vez, minha doçura.

Lokesh me puxou para ele e seus lábios esmagaram os meus. Tentei chutar e morder, mas ele apenas riu e me machucou ainda mais. Ele era muito forte. Gritei quando ele raspou os dedos pelas minhas costas. Suas unhas se enterraram na minha carne, e senti a umidade do sangue escorrendo. A pressão do seu corpo contra o meu era insuportável. Ele estava me sufocando. Empurrando-o, eu me debatia, tentando escapar.

– Por favor, alguém me ajude – eu soluçava.

Logo, me senti mais leve que o ar. Embora eu ainda estivesse nas garras de Lokesh, eu já não podia sentir seu toque.

Ele berrou, frustrado, quando sua mão de repente atravessou meu corpo agora intangível.

Aliviada, enxuguei as lágrimas de meu rosto quente e maltratado e me esquivei. Ele não podia mais me segurar, e bateu os braços violentamente contra minha forma fantasmagórica. Afastei-me ainda mais dele, pondo o máximo de distância entre nós. Logo, o corpo de Lokesh também começou a desaparecer. Quando tinha sumido quase por completo, ele estreitou os olhos e baixou a cabeça. Com um rugido feroz, veio em minha direção a toda a velocidade, como um touro investindo contra o toureiro. Sua boca espumava e havia uma expressão enlouquecida em seus olhos.

O chão tremeu quando ele atacou com toda a violência. Ergui os braços para me proteger quando a ponta de seus chifres entrou em contato com meu corpo. Um rugido terrível ecoou em minha mente no instante em que seu vento escuro atravessou o meu corpo. Eu gritei e desmaiei.

Quando a visão chegou ao fim, abri os olhos e vi Ren e Kishan inclinados sobre mim. Kishan agora usava o Lenço para fazer uma atadura para o meu cotovelo, e Ren examinava meu pescoço. Ambos exibiam um olhar duro, mas não fizeram nenhuma pergunta. Minhas costas ardiam até Kishan aplicar um unguento feito pelo Fruto Dourado.

Engoli o elixir salvador do *kamandal* e, em alguns minutos, comecei

a me sentir melhor.

– Ela está começando a sarar – observou Kishan.

Ren assentiu.

– Onde está... – Tentei pigarrear, mas doía demais. – ...Quimera – sussurrei.

– Usei a Corda para chicoteá-la – disse Ren, acariciando meu pescoço machucado. – Ela fugiu e ainda não voltou.

Eu vi pesar em seus olhos, mas então ele tocou meu braço e sua determinação de aço voltou. Eu sabia quanto lhe doía maltratar um animal, mesmo um que teria nos matado. Mas eu não podia deixar de agradecer o fato de a Quimera não estar por perto.

– Ela não vai demorar a voltar – disse Kishan. – Precisamos ir embora.

Assenti, concordando. Ren delicadamente levantou meus braços para me ajudar a vestir uma camiseta nova. Depois de deslizá-la sobre a outra, rasgada, ele pediu ao Lenço que absorvesse a camiseta ensanguentada e esfarrapada que estava debaixo dela. Fios saíram por sob a bainha e as mangas, e logo o Lenço ficou quieto.

Kishan e Ren me ajudaram a ficar de pé, e Kishan então apanhou a Corda de Fogo. Eu segurei a Corda com uma das mãos e coloquei a outra sobre a de Kishan.

– Tente agora, Kishan – eu o encorajei, minha voz um pouquinho mais forte.

Ele girou a corda num círculo amplo diante de si. Canalizei meu poder de fogo para a Corda, e toda a sua extensão pegou fogo. Enviei mais energia, e ele a fustigou cada vez mais rápido até que o círculo interno se transformou num vórtice negro. As chamas dançavam pela borda.

– Diga para onde você quer ir – disse Kishan.

– Leve-nos ao passado – murmurei. – Ao lugar onde devemos encontrar nosso destino.

Algo piscou na escuridão e uma floresta verde se materializou.

Ren colocou a mochila nas costas, me pegou no colo e corremos na direção do vórtice no momento exato em que a Quimera saía em disparada do meio das árvores. Quando ele e Kishan saltavam através do círculo de fogo, Ren girou no ar para me proteger dela. As mandíbulas da Quimera se fecharam bruscamente, mas seus dentes não nos tocaram, e caímos de costas no vazio. Fui arrancada dos braços de Ren, e então nós três fomos lançados de encontro um ao outro no vórtice.

A princípio, não senti nada. Então a gravidade entrou em ação, e

meu estômago deu um salto quando mergulhei no abismo. Gritei, aterrorizada, enquanto meu corpo despencava na escuridão. O eco de vozes gritando meu nome rodopiava à minha volta.

Fechei os olhos quando uma onda de tontura tomou conta de mim. Ouvi um rosnado, um rugido. Então calor e fogo passaram sobre minha pele. Com a mesma rapidez, todo o movimento cessou e eu senti a consciência começar a escapar até desaparecer por completo.



Um novo mundo

— Levante-se! – gritou a voz firme de uma mulher.

Abri os olhos e deparei com uma bonita perna que, coberta por uma bota alta que ia até a coxa, estava em contato com minha barriga. Encolhi-me, piscando e gemendo por causa das dores em meu corpo. *Quem está me chutando? E por que não para?*

A mulher me chutou de novo e sibilou:

– Levante-se!

Girando e me sentando, ergui os olhos e vi uma mulher alta e impressionante diante de mim. Um capacete cobria a maior parte de seu rosto, mas os olhos eram de um verde profundo e a pele tinha um exótico tom de caramelo. Os longos cabelos negros caíam abaixo da cintura. Também notei a ponta afiada de sua lança pairando perigosamente perto do meu nariz.

Levantei-me devagar, tentando avaliar minha situação. Mais uma vez, eu me encontrava numa floresta. Estava cercada por guerreiros armados que haviam confiscado nossa mochila e nossas armas e apontavam várias lanças diretamente para mim. Ren e Kishan estavam amarrados com cordas grosseiras, ainda inconscientes. Vi a Corda de Fogo caída no chão.

– Quem é você? – perguntei à linda amazona que poderia posar para a capa de uma revista de moda praia. – O que quer de nós?

Os homens falaram com ela numa língua desconhecida até que ela os silenciou com um sinal.

– Eu me chamo Anamika.

Mudei de posição, evitando cuidadosamente a ponta de sua lança.

– Prazer em conhecê-la – falei, surpresa com sua fluência em minha língua.

Anamika mantinha os olhos fixos em mim. Enquanto eu me mexia, percebi que sua cintura muito fina era marcada pelo pesado cinturão do vestido blindado, de onde pendiam várias outras armas.

– Você se importa de apontar essa coisa para outro lado? – perguntei.

Ela estreitou os olhos e então plantou a extremidade cega de sua

lança no chão, jogando o longo cabelo para trás, como se ele a irritasse.

– Qual é o seu nome? – perguntou ela.

– Kelsey – respondi. – E pode dispensar seus guerreiros. Não vamos machucar vocês.

Anamika traduziu minha declaração a seus homens, e ouvi várias risadinhas e uma enxurrada de comentários da parte dos soldados. Então ela disparou um comando, e os guerreiros levantaram Ren e Kishan.

Aflita, perguntei:

– Para onde vão levá-los?

– Venha, Kelsey. Temos muito o que fazer.

Como Ren e Kishan ainda estivessem inconscientes e não parecêssemos correr nenhum perigo imediato, eu a segui pela floresta.

– Para onde estamos indo? – tornei a perguntar.

– De volta ao meu acampamento. Não fica longe daqui. – Ela sorriu, debochada. – Embora possa parecer longe para alguém tão mole quanto você.

Por acaso essa amazona acabou de me insultar?

– Posso não estar usando uma armadura, mas já tive minha quota de batalhas.

Anamika esfregou os dedos e então passou a lança para a outra mão. Seus olhos verdes cintilaram.

– Verdade? – disse ela em tom de zombaria. – É difícil imaginá-la envolvida numa batalha com algo mais ameaçador que uma panela.

Atrevida, ela me lançou um rápido olhar de avaliação, do alto de seu assustador tamanho de amazona.

Ergui o queixo e cerrei os punhos, deliberadamente contendo o fogo que se alastrava pelo meu sangue. Aquela mulher estava me tirando do sério.

– Por favor – ela riu, de forma ofensiva –, fale-me de suas batalhas.

– Quem sabe mais tarde – sibilei, entre dentes.

Determinada a não ficar para trás, embora a passada dela cobrisse duas vezes a distância da minha, eu a segui e me esforcei ao máximo para observar o ambiente e estudar meus captores. A floresta estava fria para mim, principalmente depois de passar as últimas semanas no calor das cataratas de lava e das árvores de fogo. Esfregando os braços, desejei poder encontrar uma forma de, com a ajuda do Lenço, fazer roupas mais quentes sem que notassem.

A guerreira de pernas compridas percebeu meu incômodo e sorriu, maliciosa, então aumentei minha velocidade, decidida a resistir à

temperatura cortante. Pensando rápido, usei o poder do amuleto para me aquecer. Uma bolsa de calor circulava em torno do meu corpo, e eu sorria secretamente enquanto seguia em frente.

O caminho tornou-se difícil quando começamos a descer uma parede de pedra. Assim que o sol da tarde rompeu o dossel das árvores, o suor brotou em minha testa e eu desliguei o calor e deixei que o ar parado e fresco me envolvesse. Mais para o fim da descida, as árvores se separaram, e olhei para o alto, deparando com uma visão muito familiar. Imponentes montanhas cobertas de neve erguiam-se de todos os lados.

- Estamos no Himalaia? – perguntei, ofegante.
- Estamos perto das grandes montanhas – corrigiu Anamika.
- Que maravilha... – murmurei. – Já foi bastante ruim da primeira vez.

- Você já esteve aqui antes? – perguntou a Barbie Guerreira.
- Não neste lugar exatamente, mas bem perto.

Ela não fez nenhum outro comentário, e eu me concentrei em chegar ao fim do aclive sem quebrar meu pescoço enquanto ainda ficava de olho nos homens que levavam Ren e Kishan. Eles estavam inconscientes havia muito tempo. Fiquei refletindo sobre o estado deles, pensando que talvez eu houvesse me recuperado mais rápido por causa do elixir da sereia.

Anamika deve ter lido meus pensamentos. Ela apontou para Ren e Kishan.

– Seus homens são fracos. Não encontrei nenhum ferimento no corpo deles, mas ainda assim estão dormindo.

- Você não sabe o que eles têm passado – rebati.
- Talvez sejam moles como você.
- Eu agradeceria muito se você parasse de usar essa palavra.
- Muito bem. Então vou usar a palavra *lenta* ou, quem sabe, *fraca*. Olhei para ela, boquiaberta.
- Você é muito rápida para julgar, não é?
- Tenho que fazer avaliações rápidas de meus guerreiros, sim.
- Já ouviu a frase: “Não julgue um livro pela capa”?
- Não perco meu tempo julgando livros.

Bufei e tropecei numa pedra. Anamika me ajudou a me endireitar, mas eu a empurrei para longe, apontei o dedo e ameacei:

- Não ouse me chamar de mole.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente e continuou com um sorrisinho no rosto.

Olhando à volta, percebi que vários de seus guerreiros tinham

ferimentos recentes. Um dos homens estava com a perna envolta em ataduras, outro exibia um feio corte na testa e um terceiro mancava.

– Vocês estiveram recentemente numa batalha? – indaguei.

Anamika franziu a testa.

– Sim, estamos em plena guerra. Temos tido muitas vítimas.

Mordi o lábio.

– Já ouviu falar de um homem chamado Lokesh? É contra ele que estão lutando?

Ela sacudiu a cabeça.

– Estamos combatendo o demônio Mahishasur.

– Mahishasur?

O nome me soava familiar, mas eu não conseguia lembrar o que significava. Eu precisaria consultar as pesquisas do Sr. Kadam – isto é, depois que eu me livrasse da Barbie mandona de botas altas.

Ao pôr do sol, pegamos uma passagem estreita e sinuosa que levava a um vale cercado por montanhas imponentes. À frente estava o acampamento. Tendas pontilhavam o vale até onde minha vista alcançava.

Surpresa com a quantidade delas, observei:

– Você tem muitos homens.

– Não tantos quanto os que vieram comigo – replicou ela.

Anamika nos levou para a barraca maior no meio do acampamento. Depois de mandar os homens desamarrarem Ren e Kishan e colocarem os dois em um tapete macio, ela dispensou todos, exceto um, com quem conferenciou brevemente antes de mandá-lo sair também. Com um cansaço que não demonstrava diante de seus homens, ela afundou numa cadeira, tirou as botas e pôs-se a massagear os próprios pés. Estavam rachados e cobertos por uma crosta de sangue.

Ajoelhei-me no tapete de palha entre Ren e Kishan e comentei casualmente:

– Você é mesmo durona se consegue cobrir longas distâncias com pés tão machucados assim.

Ela pousou os pés no chão, como se estivesse constrangida.

– Você espera que a comandante dos últimos dos arianos védicos mime a si mesma, banhe a pele em leite e unte o cabelo com sabões perfumados, como você?

– Pois fique sabendo que nunca me banhei em leite. E quem são os arianos védicos?

Anamika suspirou pesadamente.

– Somos os últimos de nosso povo. Já fomos um de 16 *Mahājanapadas*. Nossa república floresceu sob o governo de meu avô,

mas um a um os 16 reinos foram conquistados. Agora servimos ao Império Mauria e respondemos a seu chefe, Chandragupta Mauria. Eu era a conselheira do capitão, mas ele está... desaparecido. Agora seus deveres ficaram sob minha responsabilidade.

Eu me censurei por não ter estudado mais a história da Índia. Se tivesse, poderia ao menos ter calculado em que época estávamos. Ren e Kishan talvez soubessem. No entanto, o nome Chandragupta me soava familiar. Eu lera sobre ele ou ouvira falar dele antes. *Mas onde?*

Anamika virou-se de costas para tirar a armadura. Ouvi o baque de seu capacete caindo no chão e a ignorei enquanto tentava acordar Ren e Kishan. Eles estavam respirando e seus corações, batendo, mas o pulso de Ren estava muito lento. Quando percebi que não conseguia acordá-los sozinha, peguei o *kamandal* no pescoço de Kishan e molhei os lábios deles com algumas gotas.

Depois de jogar água no rosto e nos braços, a guerreira de pernas compridas retornou e postou-se atrás de mim, observando meus esforços enquanto escovava os longos cabelos. Eu estava irritada com seu escrutínio, mas não lhe daria a satisfação de fazer contato visual. Quando ela prendeu a escova num emaranhado de nós, inclinei-me sobre Ren e Kishan, na esperança de que ela não estivesse prestando atenção, e aproveitei a oportunidade para instilar um pouco do poder de fogo nos dois. A cor voltou a seus rostos, e eles começaram a se mexer.

Olhos azul-cobalto piscaram e Ren se sentou.

– Você está bem, Kells?

– Estou.

Kishan ergueu a parte de cima do corpo e se apoiou num dos braços enquanto esfregava os olhos.

– A Corda ainda está aqui? – murmurou ele, sonolento.

– Sim, está comigo.

– Ótimo.

Ele abriu os olhos e ficou imobilizado. Ren tampouco estava se movendo. Ambos olhavam fixamente para Anamika, que de repente também ficara quieta. Revirei os olhos e me levantei.

– Ren e Kishan, quero apresentá-los a Ana... – o ar me faltou – ...mika.

A mulher de pé atrás de mim segurando a escova era a mesma Barbie de olhos verdes impetuosa com quem eu estivera conversando durante as últimas horas, mas, sem o capacete, percebi algo que devia estar óbvio antes. Eu a conhecia. Fiquei encarando-a estupidamente enquanto ela estreitava os olhos e apertava os lábios.

– Por que vocês todos estão me olhando como filhotes com olhos arregalados à espera de comida? – sibilou ela.

Kishan foi o primeiro a reagir. Ele virou-se e se prostrou diante dela. Baixou a cabeça e disse:

– Como posso servi-la?

– Durga? – sussurrei.

Ela era exatamente igual à deusa que tínhamos visitado quatro vezes. Só que essa versão tinha dois braços em vez de oito.

– O que é uma Durga? – perguntou ela bruscamente. – E por que esse aí está pondo a cara no chão? Ele perdeu o controle? Ficou maluco? Talvez sua mente seja tão fraca quanto o corpo. – Ela se inclinou e se dirigiu a Kishan subindo o tom da voz, como se ele tivesse um problema de audição. – Pode se levantar agora. Você me confundiu com alguém.

Kishan ergueu a cabeça e estreitou os olhos para a mulher. Grunhindo, levantou-se rapidamente.

– O que está acontecendo? – sussurrou Ren.

Anamika respondeu:

– O que está acontecendo é que estamos em guerra, e eu não tenho tempo para mimar fracotes.

– Fracotes? – disparou Kishan.

Ele deu um passo na direção da mulher, que se limitou a erguer uma sobrançelha e olhá-lo de cima a baixo com uma expressão de desdém.

Apertei o braço de Kishan, e ele parou de se mexer, mas continuou a olhar fixamente para nossa anfitriã.

– Anamika, este é Dhiren Rajaram, e este é o irmão dele, Kishan.

– Anamika? – repetiu Kishan. – É assim que ela diz se chamar agora? – resmungou ele, colérico.

A mulher semelhante à deusa levou a mão ao punhal preso em sua cintura.

– Está sugerindo que não sou quem digo que sou? Sou Anamika Kalinga, conselheira de Chandragupta, a mais estimada campeã na história do meu povo e filha de grandes reis. – Ela fixou um olhar tempestuoso em Kishan. – Já derrotei homens maiores e mais inteligentes que você. Seria sábio de sua parte me tratar com respeito, *durbala*.

– *Durbala*?

O que quer que essa palavra significasse fez Kishan perder o controle. Ele andou até Anamika e agarrou-lhe o pulso antes que ela pudesse sacar o punhal. Embora ele fosse alguns centímetros mais

alto, ainda assim ela conseguia olhá-lo de cima. Se ele fosse capaz de soltar vapor pelo nariz e pelos ouvidos, teria feito isso naquele instante. Eu nunca o tinha visto tão zangado antes.

– Kishan – chamei baixinho e estendi a mão.

Sossegando, ele largou o pulso de Anamika e voltou para o meu lado.

Ren habilmente colocou-se entre Kishan e Anamika. Ele se curvou ligeiramente e disse:

– Perdoe-nos. Estamos longe de nossa terra natal e, apesar das aparências – ele voltou-se e lançou um olhar de advertência para Kishan –, estamos gratos pela hospitalidade que está nos oferecendo.

Ele então passou para o híndi e apresentou a si mesmo e a Kishan mais formalmente. Entendi os nomes, mas foi tudo. Anamika mudou de língua com facilidade, e as palavras fluíram suavemente entre Ren e a mulher de pernas compridas. A facilidade com que ela conversava com Ren e a mudança em sua atitude me irritaram. Ela baixou a guarda com ele, e não demorou para que fosse toda sorrisos e risadas.

Kishan e eu observávamos e ouvíamos, e eu sinceramente não sabia se deveríamos confiar nela. Franzindo a testa, mudei de posição, desconfortável, desejando poder compreender o que estava sendo dito.

A certa altura, Kishan os interrompeu, tornando a usar minha língua.

– Minha noiva está exausta. Posso pedir um pouco de comida e um lugar onde ela possa descansar?

Ren voltou-se para me olhar. Corei sob seu escrutínio. Não pude deixar de sentir que ele me comparava com Anamika – e eu estava muito aquém. Entre dentes, protestei:

– Estou bem. Não preciso descansar.

– Talvez fosse mesmo melhor – disse Ren baixinho.

Com um sorriso afetado, Anamika replicou:

– Vou mandar que meus homens preparem um colchão bem *mole*.

Experimentei uma nova onda de fúria enquanto Kishan acrescentava:

– Estou certo que Kelsey consideraria isso muito bem-vindo.

Assim que Anamika deixou a barraca, cruzei os braços diante do peito e me volvei para Ren e Kishan.

– Vamos deixar uma coisa bem clara agora. Não me interessa em que século estamos ou mesmo em que planeta estamos. Vocês dois não falam por mim. Se algum de vocês pôs na cabeça a ideia de me fazer desempenhar o papel da noivinha que precisa de um homem forte para pensar por ela, é melhor se ligarem! Vocês não vão me despachar

para o quarto e me deixar de fora de todas as discussões importantes.

– Kells, não foi minha intenção... – começou Kishan. – Eu não estava tentando me livrar de você. Só queria que ficasse confortável.

– Sou perfeitamente capaz de cuidar do meu bem-estar.

– Eu sei, é só que...

– Só que o quê?

– É só que nós não nos encaixamos muito bem aqui. Nossas roupas são diferentes, nosso jeito de falar, nosso comportamento. Kelsey, eu anunciei nosso noivado e me esforcei para cuidar do seu conforto e protegê-la. Uma mulher solteira não se defende sozinha. Não nesse tipo de ambiente.

– E quanto à Abelha-Rainha lá fora? Não vejo nenhuma aliança no dedo dela, e ela parece se defender sozinha muitíssimo bem.

– É diferente para a realza – explicou Kishan. – Ela provavelmente é protegida por um soldado ou mesmo um grupo de guarda-costas.

– Mas você está se esquecendo de que posso me proteger sozinha.

– Não faz nenhum mal manter as aparências.

Enquanto eu ruminava suas palavras, Ren acrescentou:

– Peço desculpas por deixá-la fora da conversa. Eu estava apenas tentando avaliar quem ela é e quais línguas fala. Isso vai nos ajudar a determinar onde estamos e em que ponto da história viemos parar sem perguntar abertamente. – Ele pegou a minha mão. – Não foi minha intenção colocá-la de lado. Desculpe.

– Ah. – Suspirei. – Bem, eu não gosto dela e não confio nela. Deveríamos ir embora.

– E para onde acha que devemos ir, Kelsey? – perguntou Ren.

– Deveríamos procurar Lokesh.

– Não sabemos onde encontrá-lo – afirmou Kishan. – Não gosto da megera também, mas nossa melhor opção é descobrir o que ela sabe.

Megera? Ergui as sobrancelhas. Kishan jamais havia se referido a uma mulher de outro modo que não com respeito.

– O que significa *durbala*? – perguntei a Ren enquanto Kishan estava ocupado examinando a barraca.

– Depende de como a palavra é usada, mas pode significar “pequeno”, “doentio” ou... “impotente”.

Levei a mão à boca para reprimir o riso.

– Agora entendi por que ele está furioso.

Ren me dirigiu um sorriso torto, pegou a mochila e examinou tudo, contando nossas armas.

Apanhando a escova de Anamika caída no chão, fiquei girando-a, pensativa, e me lembrei de seus pés cobertos de bolhas.

– Bem, se ela obviamente não é a deusa, então por que se parece tanto com Durga? – perguntei-me em voz alta.

Ren tirou o tridente do cinto e correu a ponta dos dedos ao longo de sua extensão antes de colocá-lo na mochila.

– Não sei, Kells. Mas fomos trazidos aqui por um motivo. Só precisamos de tempo para descobrir que motivo é esse.

– Você está escondendo nossas armas?

Ele assentiu.

– Por ora. Elas são de excepcional qualidade. Eu não ia querer que alguém visse o ouro e fizesse planos de roubá-las. Falando nisso...

Ren se levantou e delicadamente ergueu a manga da minha camiseta. Seus dedos esbarraram na minha pele, e eu estremeci enquanto ele deslizava Fanindra pelo meu braço, tirando-a. Olhos azuis brilhantes buscaram os meus, e o familiar sorriso torto apareceu enquanto ele observava minha reação ao seu toque. Sem dizer nada, ele soltou um leve suspiro e guardou Fanindra na mochila; então foi pegar as armas de Kishan.

Anamika retornou, seguida por vários homens carregando tapetes, almofadas e bandejas de comida. Puseram a cama atrás de uma cortina, arrumaram a comida numa mesa baixa e ficaram à espera na entrada.

– Kelsey vai ficar na minha barraca – anunciou Anamika.

Kishan estava prestes a protestar quando Anamika ergueu a mão.

– Não permito nenhuma impropriedade entre meus homens, e não vou abrir exceção para você e sua noiva. No entanto, dou-lhes minha promessa de que ela estará em segurança comigo. Vocês dois dividirão uma barraca e receberão roupas e... botas apropriadas.

Eu tinha me esquecido de que Ren e Kishan estavam descalços. Eles haviam se transformado em tigres para saltar pelo vórtice e usavam apenas camisas e calças largas.

Anamika examinou minha calça jeans e minha camiseta com uma expressão intrigada.

– Talvez alguma roupa minha possa ser cortada para acomodar sua pequena estatura – ofereceu ela.

Ninguém jamais havia me chamado de pequena. Empertiguei-me o máximo que pude.

– O fato de você ser assustadoramente grande não significa que eu seja pequena. Minha altura é considerada um pouco acima da média em minha terra, fique você sabendo.

– Certo – disse ela, sua boca contraindo-se.

Peguei a mochila com Ren e a joguei nos ombros.

– Seja como for, tenho minhas próprias roupas. Não há necessidade de cortar seus preciosos trajes de Barbie Guerreira.

Anamika emitiu um ruído que mais parecia um rosnado e fez sinal para um guarda.

– Leve os homens para a barraca deles.

Quando os irmãos estavam sendo escoltados dali, ela disse a Kishan:

– Você pode voltar para visitar sua mulherzinha na refeição da manhã.

Kishan e Ren se detiveram na entrada para me olhar. Sacudi a mochila para assegurá-los de que poderia tomar conta de mim mesma. Eles assentiram com a cabeça e desapareceram.

Um criado entrou e serviu água em nossos cálices. Anamika sentou-se no chão, acomodando-se nas almofadas. Colocando a mochila o mais perto possível de mim, juntei-me a ela e apanhei meu cálice. O líquido era gelado e refrescante – a água mais deliciosa que eu já havia provado.

– É maravilhosa! – observei depois de esvaziar o copo.

Anamika grunhiu.

– A água vem diretamente das montanhas. Eu também a acho refrescante. Agora, por favor, coma. Eu não ia querer que seu noivo me acusasse de matá-la de fome.

Havia vários pratos diferentes, inclusive tigelas de amêndoas tostadas, grão-de-bico condimentado, batatas em conserva, lentilha e pedaços de carne assada. Anamika mordiscou uma fruta branca e perfumada chamada lichia.

Peguei um pedaço de pão e o usei para apanhar um pouco de grão-de-bico e de carne.

– Como machucou os pés? – perguntei.

– Meus pés não são da sua conta.

– Eles parecem em péssimo estado – observei enquanto experimentava a batata.

Ela resmungou, mas não disse mais nada. Eu a observava enquanto comia. *Quem é ela e por que se parece com Durga?*

Depois de cortar um pequeno pedaço de pão e comê-lo, ela se afastou da mesa, como se não suportasse mais olhar a comida.

– O que foi? – perguntei. – Não gostou da comida? Uma mulher como você provavelmente não gosta de comer nada que você mesma não tenha caçado e matado, certo?

– Não estou mais com fome.

Eu me detive com um pedaço de polpa de lichia preso entre os

dedos.

– Você está satisfeita? – Fiquei confusa, mas somente por um momento. Eu havia conhecido mulheres como ela antes, mulheres como a irritante namorada de Ren, Randi. – Ah, você precisa manter sua figura de amazona.

– Não entendo o que “figura de amazona” quer dizer.

– A figura é a forma do seu corpo, e Amazonas são mulheres altas e lindas que supostamente viveram na América do Sul. Elas são guerreiras que não precisam de homens para cuidar delas.

– Não tenho a menor preocupação com a forma do meu corpo desde que ele seja forte. Uma amazona, como você me chama, pode ser o que sou agora, mas não fui sempre assim. Eu gosto de homens.

Ela falara com tamanha sinceridade que não pude deixar de rir.

– Compreendo. Eu também gosto de homens – afirmei. – Então por que você agora é uma amazona?

Anamika levou os joelhos até o peito e abraçou-os.

– Nem sempre fui sozinha. Eu tinha um irmão... Sunil. Meu irmão gêmeo. – A sombra de um sorriso surgiu em seus lábios. – Ele era o *senani*, no comando das nossas forças.

– O que aconteceu com ele?

– Foi levado. Capturado por nosso inimigo. – Ela fez uma pausa. – Provavelmente está morto ou assim os meus homens querem que eu acredite. Você me perguntou sobre os meus pés. Sonhei que meu irmão me chamava e saí da barraca para procurá-lo. Sua voz me levava a ir adiante, e eu prossegui, sem me importar que meus pés fossem cortados por pedras afiadas e rasgados por espinhos. Quando acordei, descobri que tinha tido uma experiência sonâmbula e estava longe do acampamento.

– Lamento sobre seu irmão, Anamika.

– Chegamos aqui com 30 mil soldados de infantaria, 20 mil carruagens e 5 mil elefantes de batalha, além de dezenas de espiões e mensageiros. Na última batalha, meu irmão se perdeu e nosso *sená*, o exército, sofreu derrotas, entraves. Centenas de nossos elefantes foram dominados, e tudo o que resta agora de nossos orgulhosos soldados são uns poucos milhares, a maioria deles ferida.

– Seu inimigo parece perigoso.

– Ele é um demônio – disse ela, cansada.

– Por que não come um pouco mais? – insisti. – Você precisa conservar as forças.

Ela voltou-se para mim com olhos penetrantes.

– Não vou comer. Esta comida é mais do que a maioria dos meus

homens come em um mês. Como posso comer mais quando eles estão com fome?

Fiz uma pausa quando ia pegar outro pedaço de pão.

– Seus homens estão com fome?

– A fome é o mais trivial de seus sofrimentos. Pedi a eles que voltassem para casa, mas eles se recusam a me desertar e eu não posso ir antes de descobrir o que aconteceu com meu irmão.

Com um olhar incisivo, ela se levantou e empurrou a cortina transparente que separava a área de dormir. Anamika se deitou no chão da barraca e se enrolou com um fino cobertor. Sussurrando palavras abafadas, usei o Fruto Dourado para reabastecer as tigelas de comida e até mesmo acrescentei um pouco mais. Então pedi ao guarda diante da barraca que distribuísse a comida para os homens.

As tigelas foram rapidamente retiradas e um silêncio caiu sobre o acampamento à medida que os homens iam para suas barracas em busca de cobertores quentes. Espiei as estrelas brilhantes e me perguntei qual barraca seria a de Ren e Kishan. Tremendo, fechei a minha e esfreguei os braços.

Encontrando minha pilha de cobertores, enfiei-me entre eles e tentei dormir. Fiquei ali deitada, pensando em quanto me sentiria aquecida se estivesse aconchegada entre meus tigres e apertei os cobertores contra meu corpo enquanto a temperatura da noite caía, tornando-se congelante. Por fim, não pude mais aguentar. Olhando para a forma inerte de Anamika, pedi ao Lenço Divino que criasse cobertores grossos e amaciasse o fino colchão de palha que me fora destinado. Também fiz luvas aconchegantes, meias felpudas e um chapéu de lã que cobria minhas orelhas.

Finalmente estava confortável, mas ainda não conseguia descansar sabendo que Anamika tinha apenas um fino cobertor e roupas de cama surradas. Dando outra ordem ao Lenço, esperei que ela não ouvisse o sussurro dos fios à medida que cobriam seu corpo. Quando o trabalho do Lenço chegou ao fim, Anamika gemeu e rolou em seus cobertores recém-criados. Seus pés machucados agora estavam protegidos por meias de caxemira, e um travesseiro macio acomodava sua cabeça. Arrisquei uma espiada pela cortina transparente. Ela havia puxado os cobertores até o nariz, e os longos cabelos negros se esparramavam pelo travesseiro.

Embora fosse irritante, Anamika era realmente linda. A lembrança de vê-la conversando em híndi com Ren me perturbava mais do que eu queria admitir. Eu sentia ciúme, mas, ao mesmo tempo, tinha uma conexão, uma afinidade com a mulher. Ela havia perdido o irmão e

sofria. Tampouco eu podia deixar de admirar sua força e a dedicação aos seus homens.

Suspirando, aconcheguei-me debaixo dos cobertores e finalmente adormeci. Não sei por quanto tempo eu havia dormido – horas ou meros minutos – quando acordei com o grito de Anamika.



Rivalidade entre irmãos

Um intruso moreno lutava com Anamika. Joguei longe os cobertores e virei minha mochila, espalhando nossas armas douradas. Encaixando uma flecha no arco e afastando a cortina, mirei nas sombras. A lamparina se apagara enquanto dormíamos, e eu não sabia quem era quem. Ouvi Anamika arquejar quando o invasor a esmurrou.

Desesperada por uma arma melhor, corri as mãos pelo cobertor à procura do *chakram*, mas, então, minha mão esbarrou em Fanindra.

– Fanindra, preciso dos seus olhos – pedi.

Imediatamente os olhos de esmeralda da cobra cintilaram e uma luz encheu o recinto, emitindo um espectral tom de verde. Agora eu conseguia distinguir que o intruso era um homem e que segurava Anamika por trás. Os olhos dela tinham uma expressão dura e alerta e se arregalaram ao me ver.

Graças a Fanindra, meu alvo estava bem visível. Levantei o arco e gritei:

– Anamika, abaixe-se!

Mas percebi pelo ligeiro balançar de sua cabeça que ela não havia entendido. O homem virou-a para que ela o olhasse nos olhos.

– Sunil? – disse ela, engolindo em seco.

Eu estava prestes a disparar a flecha, mas hesitei ao ouvir o nome do irmão de Anamika.

– Você *está* vivo! – exclamou ela.

Ele a ignorou e voltou sua atenção para mim. Mesmo sob a luz fraca eu conseguia ver que ele era alto, forte e musculoso, e que estava pronto para lutar. Como a irmã, tinha olhos verdes e cabelo escuro, mas o dele era encaracolado. Uma covinha se destacava no queixo não barbeado. Embora estivesse nos atacando, eu não podia deixar de notar que Sunil era muito bonito.

Depois de me avaliar brevemente, um largo sorriso iluminou-lhe o rosto. Numa voz fria, disse:

– Você! Estávamos esperando por você. Meu mestre ficará contente.

Com violência, Sunil empurrou Anamika para o lado e veio em minha direção. Irmão ou não, soltei a flecha à queima-roupa. Ela

mergulhou fundo em sua coxa. Sunil nem vacilou, mesmo com uma flecha na perna. Agarrando-me com brutalidade, começou a me empurrar para a porta da barraca.

Anamika gritou pelos guardas e ordenou que dominassem seu irmão. Pelas lágrimas em sua voz, eu podia dizer que ela implorava que não o machucassem.

Arrancada das garras de Sunil, cambaleei no solo frio. Sunil pareceu reconhecer que fracassara. Com um grito, livrou-se dos homens que o seguravam como se fossem meros bonecos de pano e correu para a floresta. Os guerreiros de Anamika o seguiram, mas voltaram após alguns momentos. Disseram a Anamika que o irmão, outrora seu líder, era mais rápido que seu corredor mais veloz, mesmo com a perna ferida. Eles o haviam perdido no nevoeiro.

Ren e Kishan chegaram e rapidamente se postaram ao meu lado.

– Ouvimos gritos. O que houve? – perguntou Ren.

– Fomos atacadas por um adversário inesperado – respondeu Anamika.

Depois que ela explicou que um intruso quase me raptara, Kishan adiantou-se, disposto a rastrear o homem.

Anamika o dissuadiu com um gesto.

– Sei onde ele está agora – declarou ela. – Sunil está sob o poder do demônio. Vi esse poder ser usado em outras pessoas. Elas se esquecem de si mesmas e daqueles a quem amam.

– O demônio que você combate tem poderes? – perguntou Ren.

Anamika olhou na direção de seus homens, pôs o dedo sobre os lábios e entrou na barraca. Eu a acompanhei, seguida por Ren e Kishan. Nós quatro nos sentamos à mesa.

– Não quero que meus homens temam ainda mais o inimigo – advertiu Anamika.

Ela apanhou um cobertor e envolveu o corpo com ele. Depois enxugou as lágrimas com a ponta. De repente, Anamika afastou o cobertor macio do rosto e olhou para ele. Inclinou a cabeça, me observando, antes de finalmente responder a Ren.

– Ele tem muitos poderes extraordinários. E os utilizou para criar um exército de demônios.

– Um exército de demônios? – Uma antiga lembrança se esgueirava para a minha consciência. Minha boca ficou seca, e passei a língua pelos lábios rachados. – Anamika, como é esse seu inimigo?

– Sua pele é negra, e ele tem longos chifres, como um touro. Usa seu poder para sacudir a terra e lançar a destruição sobre todos que a ele se opõem.

Engrenagens giraram em minha mente e peças de um antigo quebra-cabeça começaram a se encaixar.

– Uma deusa surgiu – sussurrei – para matar o demônio Mahishasur. – Engoli em seco e olhei para Ren e Kishan. – Precisamos conversar.

Anamika pôs-se de pé.

– Podem conversar à vontade aqui. Devem ficar seguros. Preciso ver meus homens e enviar os caçadores da manhã.

– Caçadores? – indagou Kishan com o interesse despertado.

– Sim. – Ela se dirigiu para a cadeira onde deixara a armadura e as botas. – Há muito a caça fugiu destas terras, mas talvez ainda consigamos algum alimento para os que se encontram sob meus cuidados.

Ela tirou as meias confortáveis que eu lhe dera e colocou-as de lado enquanto me dirigia um olhar que dizia “vamos descobrir o que há por trás disso mais tarde”. Depois, calçou as botas, pegou o equipamento e partiu.

– Eu sei por que ela se parece com Durga! – exclamei no minuto em que ela saiu do alcance de minha voz. – Ela é Durga ou... vai ser, depois que matar Mahishasur. Li sobre como ela o matou quando eu estava estudando o nascimento de Durga.

– Mas Durga foi criada pelos deuses – argumentou Kishan.

– Sim, mas, lembre-se: foi criada para derrotar Mahishasur. Acho que fomos mandados aqui para criar Durga.

– Fomos mandados aqui para derrotar Lokesh – contrapôs Ren.

Coloquei a mão em seu braço.

– Ren, Lokesh é Mahishasur.

– Não estou entendendo – disse Kishan.

– Não tive chance de contar a vocês, mas na minha visão Lokesh havia se tornado um demônio. Ele era como Anamika o descreveu. Seu corpo é enorme e negro. Ele solta vapor pelas narinas e tem dois pares de chifres. – Algo mais surgiu em minha mente. – Mahishasur não devia ser metade homem e metade touro?

Kishan assentiu com a cabeça.

– Metade búfalo, na verdade.

– Na carta, o Sr. Kadam disse que Lokesh se tornara um demônio no passado. É isso. Estamos aqui por isso.

– Kelsey... – começou Kishan.

Absorta em minhas teorias, eu o interrompi:

– Além disso, acho que ele usou seu amuleto criador de zumbis e tigres no irmão de Anamika.

- Ela tem um irmão? – perguntou Ren.
- Sim, um irmão gêmeo. O nome dele é Sunil. Foi ele que nos atacou esta manhã.
- Ela não disse que se tratava do irmão dela – observou Ren.
- Porque pensou que ele estivesse morto.
- Ele feriu você – disse Ren, e passou delicadamente os dedos sobre as marcas vermelhas em meus braços.
- Vou ficar bem – murmurei, distraída. Pigarreei para desviar minha atenção do toque de Ren e continuei. – Quando me viu, Sunil disse: “Meu mestre ficará contente.” Acho que Lokesh vem me mantendo sob vigilância. Mas originalmente queria levar Anamika. Isso deve significar que Lokesh está atrás dela também.
- Kishan grunhiu. E anunciou:
- Então é simples. Você e Anamika ficam aqui enquanto nós matamos Lokesh.
- Ele se levantou e foi até a mochila pegar suas armas.
- Não – retruquei, pondo-me de pé. – O demônio Mahishasur não pode ser morto por um homem. Está lembrado? Durga foi criada para derrotá-lo.
- Então, o que fazemos agora? – perguntou Ren.
- Dirigi-lhe um sorriso tenso.
- Convencemos Anamika de que ela é uma deusa.

O primeiro passo para convencer a amazona de que ela precisava ser uma deusa foi mais fácil de ser definido do que executado. Primeiro, tínhamos que localizá-la. Levamos várias horas para encontrar a mulher. Assim que chegamos à barraca onde ela estivera cuidando de um homem ferido, descobrimos que ela fora pegar lenha. Depois de questionarmos seus homens ali, soubemos que ela saía para caçar.

Cansado de correr atrás da mulher pelo acampamento, Kishan farejou seu cheiro, que seguia na direção da floresta. Uma hora depois, deparamos com ela retornando ao acampamento com um coelho recém-capturado jogado por sobre o ombro.

Anamika deteve-se brevemente ao nos ver, mas empinou o nariz e continuou a andar.

– Qual é o problema agora? – perguntou ela ao passar por nós. – As acomodações não estão a seu gosto? Veio reclamar por meu irmão ter machucado sua preciosa noiva?

A voz dela destilava sarcasmo, mas dessa vez suas palavras não me incomodaram. Ela jogou o cabelo para trás, e notei os círculos escuros

sob seus olhos e uma marca arroxeadada no maxilar. Kishan rosnou e avançou para confrontá-la, no entanto coloquei a mão em seu braço.

– Estamos aqui para ajudá-la – declarei.

Ela parou e me olhou com ar de superioridade.

– E como uma fracote feito você pode ser de alguma utilidade?

Eu me atrapalhei e soltei a primeira coisa que me veio à cabeça.

– Ren e Kishan são bons caçadores. Talvez possam conseguir carne.

Ela sorriu com desdém e enfiou o coelho morto na minha cara, dizendo:

– Esta criatura raquítica tem mais carne do que conseguimos pegar em semanas.

– Confie em mim. Eles são caçadores excepcionais – afirmei.

Anamika olhou de soslaio para Ren e Kishan, sem se preocupar em esconder o ar de descrença, e depois fez um gesto com a mão.

– Não me importa como vocês se divertem. A floresta é sua.

Com saltos ágeis, ela seguiu pelo caminho de pedras e rumou para o acampamento.

– Achei que fôssemos conversar com ela – disse Kishan enquanto eu tirava a mochila de seus ombros e a vasculhava.

– Precisamos ganhar a confiança dela primeiro, ou ela não vai acreditar em nada do que dissermos.

Entreguei o Fruto Dourado a Ren e disse:

– Vocês dois vão lá e cacem algo com a ajuda do Fruto Dourado. Tragam tanto quanto conseguirem carregar. Vou ajudar Anamika a cuidar de seus homens. Podem me emprestar isto, por favor? – pedi a Kishan, tocando o *kamandal*.

Ele beijou minha mão, tirou o pingente do pescoço e o colocou na palma da minha mão.

Combinamos de nos reencontrar ao pôr do sol.

A primeira coisa que fiz foi me dirigir para os arredores do acampamento. Uma vez lá, usei o Lenço Divino para criar uma barraca repleta de pilhas de roupas de diversos tamanhos, cobertores, pantufas macias, meias grossas, luvas, gorros e um estoque gigantesco de ataduras.

Quando a capacidade da barraca estava completa, procurei a localização perfeita para uma fonte de águas termais. Com a magia do Colar de Pérolas, usei vapor para soprar a terra solta de uma estepe rochosa e evoquei a água mineral borbulhante das profundezas da Terra. Depois, o poder do amuleto fluiu pelos meus dedos, esquentando o solo. Aqueci o leito de rochas abaixo dele o bastante para o calor durar por diversos dias. Finalmente, deixei pingar

diversas gotas do *kamandal* na água. Eu não tinha certeza se ia funcionar com uso tópico, mas imaginei que não faria mal tentar. A fonte poderia ser usada para banhos, bem como para mergulhar os músculos doloridos após a batalha.

Minha tarefa seguinte era curar aqueles que estavam fracos demais para se banhar na fonte. Encontrei o suprimento principal de água do acampamento: 50 barris cheios de água fria. Peguei uma concha, destampeei um dos barris e derramei diversas gotas do *kamandal* na água. Depois de mexer rapidamente, passei ao barril seguinte e depois a outro. Levei cerca de uma hora para dar conta de todos os barris, e então saí à procura de Anamika.

Ela estava ajoelhada ao lado de um soldado que acabara de morrer. Lágrimas corriam livremente pelo seu rosto enquanto ela falava com os amigos dele. Senti uma culpa imensa me dominar por um instante e repreendi a mim mesma por não ter visto primeiro os casos mais graves entre os feridos. Testemunhar a preocupação de Anamika com seus homens enlutados e a maneira como eles respondiam a ela com óbvia devoção e lealdade tornou clara minha missão.

Ela será aquela a quem milhares recorrerão, e estou aqui para ajudá-la.

Eu estava triste por não ter salvado o homem, mas sabia que, se constantemente criticasse minhas próprias ações, perderia oportunidades de salvar outros.

Tendo terminado com seus soldados, a guerreira me viu parada à entrada da barraca e saiu.

– O que você quer? – perguntou ela, impaciente.

– Lamento a morte de seu amigo, Anamika.

– Seu lamento não me devolve a vida dele.

– Não, não devolve. – Fiquei em silêncio por um instante, antes de falar: – Não foi culpa sua, Anamika.

– Todas as mortes aqui são minha responsabilidade.

– A morte vem. Não há como detê-la. Você só pode dar o melhor de si para ajudar o máximo de pessoas possível.

Ela enxugou lágrimas de raiva e virou-se.

– O que você sabe sobre a morte?

– Mais do que você imagina. – Brinquei com o *kamandal* que pendia de meu pescoço e admiti: – Eu costumava ter medo da morte. Não por mim, mas temia a morte daqueles que eu amava. Isso me paralisava. Eu não me permitia ser feliz. Mas acabei percebendo que estava errada.

Anamika sussurrou:

– Não há como escapar da morte.

– Não há – admiti –, mas ainda existe a vida.

Encontrei um odre com água pendurado na lateral da barraca e o entreguei a ela. Anamika deu um longo gole e enxugou a boca com as costas da mão.

Eu disse, em voz baixa:

– Desonramos a morte daqueles que amamos quando damos as costas à felicidade. Jogamos fora o que podíamos ter sido e desperdiçamos nossas oportunidades. Cada um de nós tem um propósito, um destino, e para concretizá-lo precisamos ir além do que nos julgamos capazes. – Meus olhos fixaram-se nos dela com intensidade, e eu disse: – Uma mulher sábia me disse uma vez que eu precisava aprender a lição da flor de lótus: todas as nossas experiências humanas, as boas e as ruins, nos prendem como o lodo de um rio. Podemos estar enraizados na dor ou no sofrimento, mas nosso dever é nos elevar acima daquilo, encontrar o sol e florescer. Só então você pode iluminar o mundo para os outros.

Ela tomou outro gole de água e bufou.

– Você parece minha velha avó falando.

– Velha? Espere aí. Você é muito mais velha do que eu. Acredite em mim.

– Então por que eu deveria dar ouvidos à sabedoria de uma jovem? Dei de ombros.

– Você terá que decidir por si mesma se vai aceitar ou não meu conselho.

Anamika pendurou o odre no lugar e perguntou:

– Por que vocês estão aqui?

Pus a mão em seu ombro.

– Viemos ajudá-la.

Ela sorriu de leve e perguntou:

– E como alguém tão pequena feito você pode ser de alguma ajuda para mim?

Sorri e respondi:

– Venha comigo e verá.

Ziguezagueamos em meio ao mar de barracas, e mais uma vez fiquei admirada ao ver quantas pessoas estavam reunidas ali. E não eram apenas homens. Havia muitas mulheres e até algumas crianças no acampamento.

– Antes de meu irmão ser levado, eu às vezes ficava para dirigir o acampamento com essas mulheres – contou-me Anamika. – Eu o ajudava constantemente até ele ser capturado e tornar-se vítima do demônio. Quando éramos crianças, nosso pai nos ensinava juntos.

Éramos inseparáveis. Nossas amas diziam que éramos duas metades de um melão amargo, especialmente quando nossa ira era despertada.

Ela sorriu à lembrança.

– Logo ficou óbvio que, enquanto Sunil era um guerreiro poderoso e um líder natural, eu tinha o dom de organizar exércitos. Embora ele me sobrepujasse em força, eu muitas vezes o derrotava com artimanhas. Juntos, éramos imbatíveis. Sunil sempre respeitou minhas opiniões, e, unidos, ganhávamos todas as discussões, tínhamos sucesso em todas as manobras e vencíamos todos os obstáculos. Éramos uma equipe indestrutível, até agora.

Ela passou a mão de leve no maxilar machucado.

Senti pena e um recém-descoberto respeito por ela, à medida que me contava mais sobre sua infância e sua família. Ela amava o irmão e estava realmente arrasada por ele ter se voltado contra ela.

Avistando o bosque perto de um afloramento rochoso, guiei-a até minha barraca secreta de suprimentos. Ao chegarmos lá, levantei a aba da tenda.

– Como foi armada nos arredores do acampamento, acho que seus homens esqueceram que estava aqui – expliquei, esperando que ela aceitasse a desculpa esfarrapada.

Anamika entrou na barraca e parou. Como se entrasse num templo, tocou os tecidos com os dedos de forma quase amorosa.

– É um presente dos deuses! – exclamou.

Sorri.

– Por aí. – Deixei-a examinar os tecidos durante alguns minutos e depois disse: – Tem mais. Venha comigo.

Levei-a até minha nova banheira, e seus olhos se iluminaram. Ela mergulhou a mão na água quente e borbulhante. Uma expressão de intenso desejo passou por seu rosto.

– Faz semanas que não tomo um banho completo – disse ela, soltando um leve suspiro. – Os homens vão poder relaxar aqui.

– Pensei o mesmo. Então, o que fazemos primeiro?

Anamika assumiu de novo o ar profissional.

– Vou distribuir imediatamente os artigos e informar nossos curandeiros sobre a fonte termal. – Ela se virou para mim e completou: – Obrigada, Kelsey.

– De nada.

Então sorriu para mim e, pela primeira vez, vislumbrei a deusa que tinha sido minha protetora durante os últimos anos.

Pelo restante do dia, ajudei Anamika a ir de barraca em barraca, cuidando de seus soldados. Bem depois da hora do almoço, ela tocou meu ombro, sorriu e me ofereceu metade de seu pequeno pão. Meu estômago roncou em protesto, mas eu me sentia bem ao lado dela. Eram tantos os homens feridos e famintos... No fim da tarde, ela me deixou para verificar os caçadores que retornavam.

Passei à barraca seguinte, encorajei os homens a beber dos barris de água e ofereci goles de um odre de água com uma concentração mais alta do elixir da sereia. Também providenciei para que tivessem trajes e roupas de cama para mantê-los aquecidos. Nenhum dos soldados falava inglês, mas os feridos tentavam se comunicar em híndi.

– *Svargaduuta* – disse um homem quando baixei sua cabeça delicadamente sobre o novo travesseiro que acabara de chegar.

Puxei o cobertor até seu queixo e passei uma toalha úmida em seu rosto.

– Desculpe, não sei o que *svargaduuta* significa – admiti –, mas logo vai se sentir melhor.

– Significa “anjo” – explicou uma voz cálida atrás de mim.

Enrubescendo, ergui os olhos e vi Ren de pé na entrada da barraca, me observando. Seus olhos estavam cheios de emoção, mas ele desviou o olhar quando um homem do outro lado da barraca gemeu de dor. Rapidamente, Ren curvou-se e falou com ele antes que eu conseguisse me aproximar.

Por algum tempo trabalhamos juntos, em silêncio, e então perguntei:

– Conseguiram trazer carne?

– Há mais do que o suficiente para alimentar todos esta noite. Vejo que você andou ocupada.

Assenti com a cabeça e toquei a mão de um homem ferido.

– Beba isto. Logo vai se sentir melhor.

O homem conseguiu engolir um pouco de água, mas a maior parte escorreu-lhe da boca. Satisfeita por ele ter bebido um pouco, dei meia-volta, exausta.

– Onde está Kishan?

– Anamika o recrutou para distribuir roupas e cobertores. Vai haver uma espécie de celebração hoje à noite: um ensopado substancial para os feridos e carne de veado assada para os demais.

Ele me levou para fora da barraca, segurou meu cotovelo e sussurrou:

– Anamika estava certa sobre não haver caça. Tivemos que usar o

Fruto para criar a carne que trouxemos para assar.

– Eles vão precisar de mais do que carne para sustentá-los. Devem ingerir frutas, verduras e legumes também.

– Não sei como conseguiremos fornecer isso sem provocar suspeitas.

Mordi meu lábio.

– Vamos ter que encontrar uma saída.

Ren concordou com a cabeça.

– Descobri que estamos entre 330 e 320 a.C., provavelmente mais perto de 320.

– Como sabe?

– O líder dela é Chandragupta Mauria. Ele chefiou o Império Mauria, que englobava as terras que meu pai e meu avô governaram, então estudei sobre ele. Ele ainda é jovem agora, o que significa que acaba de iniciar seu reinado.

– E isso é bom?

Ren deu de ombros.

– Ele está muito longe daqui. Anamika é, para todos os propósitos, a líder deste exército, e fala em nome de Chandragupta. A palavra dela é considerada a lei dele.

– Suponho então que seja bom.

Ren concordou e seu estado de espírito se iluminou.

– Vamos para a comemoração?

– Eu adoraria.

Ren me acompanhou até seu cavalo, que aguardava do lado de fora da barraca. Seu sorriso branco penetrou a escuridão que avançava.

– Não sei montar – protestei.

– Você se saiu bem ao montar o *qilin* – respondeu ele enquanto me levantava e eu passava uma perna sobre o dorso do cavalo.

– Porque era o *qilin* que estava conduzindo – retruquei, conseguindo subir desajeitadamente no animal.

Ren montou o cavalo atrás de mim, passando o braço pela minha cintura e fazendo o cavalo andar. Sussurrando em meu ouvido, ele disse:

– Para montar bem um cavalo, você tem que formar um vínculo, sentir a força dele, o poder de seus músculos. Preste atenção à sua marcha, ao seu passo. Feche os olhos. Consegue sentir como o corpo dele sobe e desce? Ele vai levá-la aonde você desejar. Tudo o que precisa fazer é aprender a trabalhar com ele e não contra ele.

Engoli com dificuldade e tentei desesperadamente me lembrar de que estávamos falando de um cavalo. Durante o breve discurso de

Ren, eu me derreteria contra seu peito, e tudo o que conseguia pensar em fazer era tomar as rédeas e galopar para as montanhas com Ren.

Pigarreando ruidosamente após um indulgente momento de fantasia, sentei-me o mais afastada que pude de Ren e contei-lhe sobre os homens doentes e feridos que eu ajudara durante o dia. Logo aquela tarefa deixou de ser uma distração. Eu estava orgulhosa do trabalho que fizera e sentia minha alma em paz.

Embora estivesse cansada, eu sabia que os presentes de Durga haviam sido criados com esse exato propósito – acabar com o sofrimento. Ocorreu-me que o Sr. Kadam teria ficado contente com nossos esforços e que teria adorado discutir estratégias de batalha com Anamika.

Meu cáldo brilho interior e meu bom humor permaneceram quando chegamos a uma imensa fogueira no centro do acampamento. Graças aos meus esforços à la Florence Nightingale, os mesmos homens que haviam me olhado com suspeita e total antipatia na véspera me receberam calorosamente dessa vez. Eles mudaram de posição e me ofereceram o melhor assento da casa, numa tora desgastada perto do fogo.

Ren trouxe pratos para nós dois e depois se sentou a meus pés. Ele traduziu alguns dos comentários que os homens faziam. O consenso geral no acampamento era de que éramos amuletos da sorte e que estarmos ali significava que havia esperança de vencermos a guerra afinal.

Nossa pacífica refeição foi interrompida por vozes alteradas que se tornavam cada vez mais altas à medida que se aproximavam.

- Não sou uma mula de carga!
- Seu comportamento rotula você como tal!
- Só me porto como mula porque você é uma harpia.
- Não entendo essa palavra, *harpia*.
- Uma harpia é uma bruxa, uma mulher rabugenta, uma feiticeira.
- Como ousa me chamar assim?
- Chamo assim porque é o que vejo, Anamika.
- Não quero mais falar com você. Saia de perto de mim, agora!
- Isso é música para meus ouvidos!

Kishan entrou abruptamente no círculo onde estávamos comendo, enxotou Ren e plantou-se ao meu lado. Seu rosto e seu pescoço estavam afoguesados, e ele observava Anamika com um olhar furioso enquanto ela pegava um prato de comida e se sentava num tronco. Ela jogou os longos cabelos sobre o ombro e o colo para que não arrastasse na terra. Ao começar a comer, olhou em minha direção,

cumprimentou Ren e a mim com a cabeça e depois franziu o cenho para Kishan.

Quando o jantar acabou, Anamika se aproximou de nós e disse:

– Venha, Kelsey. Está na hora de nos recolhermos.

Eu me ergui, mas Kishan segurou meu braço.

– Boa noite, *bilauta*.

Ele baixou a cabeça e me beijou, mas, quando eu estava prestes a me afastar, ele soltou um grunhido e me puxou com força contra seu corpo. Seu beijo tornou-se mais profundo e, embora me deixasse levar sem opor resistência, eu me senti constrangida pela exibição pública de intimidade. Kishan por fim me soltou e sorriu, alegre, quando cambaleei ao dar alguns passos na direção de Anamika.

Ela estreitou os olhos ao fitar Kishan e então se virou para Ren e perguntou:

– Você se importaria de me ajudar amanhã? Está claro que seu irmão ficaria mais feliz correndo atrás de sua *gatinha* e mordiscando seus calcanhares.

Ren assentiu com a cabeça. Seus olhos cintilaram quando ele nos olhou, mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Anamika passou o braço pelo meu e me levou na direção de sua barraca.

No dia seguinte, havia uma égua cinza malhada do lado de fora da minha barraca com um bilhete de Ren. Ele e Anamika passariam o dia trabalhando juntos, mas ele providenciara a égua para que eu treinasse equitação.

Encontrei Kishan me esperando pacientemente para tomar o café da manhã. Ele sorriu quando desci da minha égua sozinha e a amarrei a uma estaca.

– Vou ensiná-la a cuidar dela direito – ofereceu ele.

Assenti e sorri, orgulhosa.

– Ela é linda, não é?

– É da coleção pessoal de Anamika.

– Ah.

Mordi o lábio, imaginando o que Ren teria oferecido a Anamika em troca daquele presente tão maravilhoso.

– Qual é a nossa tarefa de hoje? – perguntei, repentinamente mal-humorada.

– Estamos encarregados da comida. Pensei em fingir que estivemos pescando e trazer algumas plantas comestíveis e raízes também.

– Certo.

Após uma parada na barraca de suprimentos para completar o estoque já baixo, partimos em direção ao rio.

Trabalhamos o dia todo, andando para cá e para lá, entre o acampamento e o rio, carregando sacos de folhas verdes para salada, raízes e peixes. Minha mente só conseguia manter o foco em duas coisas: a dor nos meus músculos e o ciúme que despertava sempre que eu me perguntava o que Ren e Anamika estariam fazendo. Ao carregar o último saco gigantesco de verduras e ajudar Kishan a arrumar os peixes frescos perto da fogueira, desejei desesperadamente que pudéssemos abandonar o fingimento e usar o Fruto Dourado na frente de todos. Eu sabia que ainda precisávamos guardar o presente, mas seria muito mais fácil usá-lo abertamente.

Esperei um pouco que Ren e Anamika retornassem, mas estava tão exausta de ter carregado tanto peso que logo depois de jantar voltei para minha cama e desabei sobre ela.

Foi Anamika quem me acordou.

– Olhe só – murmurou ela à luz da tocha –, mole demais. – Ela riu baixinho e então chamou: – Kelsey, venha comigo.

– Que horas são? – perguntei e bocejei, sonolenta.

– É de manhã muito cedo. Somente os guardas estão acordados. Está com fome?

Ela me trouxe uma tigela de ensopado frio de peixe. Eu ainda não estava com fome a ponto de comer peixe no café da manhã, então, deixei de lado.

– Talvez mais tarde.

Anamika pegou minha mão e me puxou para fora da barraca.

– Venha.

Atravessamos o acampamento silencioso. O luar espiava através das nuvens e iluminava as barracas, que surgiam aos milhares aos pés do Himalaia. O ar era de um frio cortante e, enquanto caminhávamos, eu imaginava o que existiria naquele lugar no meu tempo.

Haverá uma cidade movimentada aqui? Uma fazenda? Rebanhos? Ou apenas o luar, o arrepiado de uma brisa fria e os fantasmas esquecidos dessas pessoas?

O vapor turbilhonava adiante. Quando chegamos à barraca de suprimentos e à fonte termal, fitei o luar.

– Cadê a fonte?

– Está aqui.

Quase alegre, Anamika roçou a mão por um tecido drapeado fazendo as vezes de cortina, abriu-o e desapareceu por trás dele.

– O que é isto? – perguntei, seguindo-a.

– Dhiren fez para mim esta noite.

– Ren?

– Sim. Ele é muito gentil.

Seus olhos brilharam de um jeito que me perturbou.

– Ele percebeu como eu desejava me banhar e pendurou estas cortinas para a nossa privacidade.

– Nossa privacidade?

– Sim. Podemos tomar banho e relaxar. Veja. Ele até me deu sabonetes para o cabelo.

Anamika se despiu e entrou no banho, suspirando de leve.

– Por que a hesitação, Kelsey? Não ficaremos sós por muito tempo. Os homens vão se levantar em breve.

O desejo de limpeza superou meu pudor, e logo me juntei a ela na fonte quente. Estava divino. Toalhinhas macias haviam sido deixadas sobre uma pedra limpa, e Anamika entregou-me a tigela com sabonetes.

Enquanto eu esfregava meu couro cabeludo até formigar, Anamika disse:

– Depois da refeição da manhã, Dhiren vai me acompanhar aos outros acampamentos.

– Outros acampamentos? Que outros acampamentos?

– Certamente você não acha que somos os únicos combatendo o demônio...

– Bom, acho que não pensei muito sobre isso.

– Somos cinco ao todo. Os povos da China, Birmânia e Pérsia, e as tribos do leste das grandes montanhas se unem a nós nessa luta.

– Entendo.

Ela levantou um dos pés e prendeu a respiração quando tocou o ponto em carne viva.

– Seus pés ainda doem? – perguntei.

– Sim.

– Já ouviu falar da fruta do fogo? Acho que sobrou uma na minha mochila. Ela deve curar você na mesma hora.

Enxaguei meu cabelo e comecei a esfregar os braços.

– Você quer dizer na sua mochila de mágicas?

Parei e vi que ela me observava.

– Não sei o que você quer dizer com isso – retruquei, mergulhando a toalha na água e pressionando-a contra o rosto.

– Você não acha que está na hora de me contar a verdade?

Suspirando, peguei um sabonete e lavei o pescoço.

– Olhe, a verdade é... muito complicada.

– Então me conte o que puder. Consegue mais comida? – perguntou ela.

Assenti com a cabeça.

– O bastante para carregar muitos animais de carga?

Mordi o lábio.

– Consigo. Temos um suprimento ilimitado de qualquer alimento de que você precisar. Mas animais de carga não são necessários.

Ela inclinou a cabeça ao analisar a informação.

– E quanto a roupas e cobertores?

– Também.

– E remédios?

Quando, desconfortável, tentei desconversar, ela pressionou:

– A maioria dos meus homens se curou, mesmo do mais grave dos ferimentos. Você fez isso.

Após um instante, fiz que sim com a cabeça.

Ela soltou um suspiro, impressionada.

– Dhiren e Kishan também sabem usar esse poder?

– Sabem.

– Então vamos estocar suprimentos suficientes aqui para uma semana e Dhiren vai usar esse poder para ajudar os outros exércitos. Quando tivermos atendido às necessidades deles, pediremos aos seus líderes que se reúnam conosco e vamos nos unir para derrotar nosso inimigo.

Após um momento de silêncio, murmurei:

– Está bem.

Anamika me estudou com atenção.

– Esse poder precisa ser protegido a todo custo. Temos que fornecer tudo isso em segredo. Seria bom oferecer uma distração aos homens, para que não saibam que vocês três possuem esse poder.

– Os homens acreditariam que uma deusa benevolente está zelando por eles? – perguntei, hesitante.

Ela me fitou e, embora estivesse escuro, dava para ver o lampejo verde dos seus olhos.

– Uma deusa? Com o poder que você tem nas mãos, sim, acreditariam.

– Então está disposta a espalhar esse rumor para os outros acampamentos quando se encontrar com eles?

Ela pensou por um momento e respondeu:

– Sim, é um bom plano.

Anamika passou uma toalha sobre os ombros e perguntou, com ar de dúvida:

– Kelsey, você se importa que eu tire Dhiren de você? Eu a deixarei com seu noivo, é claro.

Meus maxilares se contraíram, mas balancei a cabeça, indicando que não havia problema, embora, dentro de mim, meu coração se contorcesse.

– Que bom. Gosto de Dhiren.

Ao estender a toalha molhada sobre a pedra, ela disse, em voz baixa:

– Ele preenche o espaço vazio ao meu lado.

Descobri que de repente não conseguia engolir, e meus olhos estavam quentes.

Anamika saiu da fonte. Rapidamente, enxugou-se e começou a se vestir na escuridão.

– Estas roupas novas que Dhiren fez para mim são de um tecido tão macio! Não usava nada tão bom desde que deixei a Índia.

O lugar vazio. Por que me parece de repente que meu coração tem um espaço vazio?

– Ele fez roupas para você também. Tome.

Ela as colocou sobre uma pedra próxima e se agachou antes de tornar a falar.

– Tenho um favor a lhe pedir.

– O que é? – perguntei, com um sólido nó na garganta.

– Quero que tome conta do meu acampamento até eu voltar, dentro de uma semana. Kishan vai ajudá-la. Não acho que ele seja calmo como o irmão, mas, como você o ama, vou tolerar a presença dele. Meus homens serão instruídos a obedecer às suas ordens.

Assenti debilmente e, com um farfalhar de tecidos, Anamika desapareceu.

Nossos segredos estavam se revelando, escapando ao nosso controle, e eu os sentia girar na minha mente e no meu coração. Saí da fonte, sequei-me e me vesti, e então retornei para a área principal do acampamento.

Em nossa barraca, encontrei Kishan ajudando Anamika e Ren a se prepararem para a viagem. Ren tinha uma espada presa a uma correia ao lado do corpo. Vestia uma túnica pesada sobre uma calça justa de tecido grosso. Uma capa pendia do seu braço, e ele a colocou de lado junto com um capacete para me mostrar que o Lenço e o Fruto Dourado estavam escondidos dentro de sua sacola. Tirei o *kamandal* do meu pescoço e o prendi ao redor do dele.

Ele estava incrivelmente bonito – um antigo guerreiro indiano saído das páginas de um livro de história. Um capricho do destino o

havia trazido para mim, embora ele devesse ter morrido séculos antes de eu nascer. Eu desprezara aquele presente precioso e agora não sabia como recuperá-lo. O arrependimento atravessava meu coração.

Enquanto Kishan verificava se eles tinham tudo de que precisavam, formulei o desejo de ter um odre cheio com suco da fruta do fogo. Ele se materializou sobre a mesa de Anamika com um brilho. Entreguei-o a ela, dizendo que era um remédio e que ela deveria beber tudo.

Ela apertou meu braço e disse:

– Cuide-se, Kelsey.

Então Ren passou uma capa idêntica à dele ao redor dos ombros dela e a amarrou. Ela sorriu timidamente para ele, e os dois saíram pela abertura da barraca e desapareceram, com Kishan indo logo atrás para se despedir.

Um momento depois, ouvi o galope de cavalos se afastando. Voltei para a cama a fim de esconder a mochila e notei uma folha de pergaminho sobre ela. Na bela caligrafia de Ren, li o “Soneto L”, de Shakespeare, e um bilhete:

SONETO L

William Shakespeare

Com que pesar enfrento a jornada,
Quando o que procuro (o triste fim do meu
caminho)

Mostra-me, docilmente, a resposta que
devo dar:

“Assim as milhas são marcadas para longe
de teu amigo.”

O animal que me carrega, cansado do meu
pranto,

Cavalga firme, suportando o peso que levo
comigo,

Como se, por instinto, o animal soubesse
Que o cavaleiro de ti não quisesse se
afastar.

As esporas sangrentas não o atçam
Que, por vezes, o ódio toca-lhe por dentro,
E, prontamente, responde com um
grunhido
Mais agudo para mim do que ao esporeá-
lo;
Pois o mesmo grunhido põe isto em minha
mente:
Minha tristeza jaz à frente e, minha
alegria, atrás.

Kelsey,
Esta separação é difícil para mim, embora eu creia que seja necessária. Kishan vai mantê-la em segurança. Nossa tarefa está quase concluída. Lokesh será destruído e nós seremos libertados para viver como homens. Eu deveria estar exultante com essa ideia, mas, ao contrário, há um peso em meu coração. Sei que a distância que me separa de você agora é apenas temporária; no entanto, minha mente está oprimida pela consciência de que uma separação final está por vir. É quase impossível para mim deixá-la agora. Não sei como vou suportar quando você se for para sempre. Ainda assim, vou ao encontro do meu destino.

– Ren

Reprimindo uma enxurrada de lágrimas, saí da barraca para o ar fresco. O céu, lindo e cheio de estrelas uma hora antes, estava agora

sombrio e vazio. A luz no horizonte era de um tom enjoativo de rosa. O pânico cresceu dentro de mim como um pássaro esvoaçante, batendo as asas contra meu coração pesado. Meu estômago se contorceu. Enquanto os homens se agitavam em suas barracas e o céu clareava, uma sensação de desgraça iminente tomava conta de mim.



Aliados

Fazia quase três semanas que Ren e Anamika haviam partido. Tínhamos estado ocupados na ausência deles, mas não o suficiente para que eu esquecesse Ren durante aqueles 18 longos dias. Eu não conseguia deixar de sentir que cada dia que passávamos separados eu o perdia um pouco mais.

Kishan treinou os homens para lutarem como um exército unificado e ajudou os feridos a recuperarem as forças. Ren e Kishan haviam construído uma nova barraca perto das fogueiras e encheram-na com toda espécie de alimentos – verduras e legumes, carnes, frutas (secas e frescas) – e havia barris e sacos com grãos, leguminosas e arroz.

Agora que estavam comendo bem e se achavam mais fortes, os homens ansiavam por alguma atividade além dos exercícios de batalha. O treinamento de Kishan como consultor militar rapidamente ficou evidente, e era fascinante observá-lo passar do homem moderno que eu conhecia para o príncipe indiano que ele fora um dia. Quando assumia esse papel, eu via um lado diferente dele, e me sentia orgulhosa e assombrada com o homem que era meu noivo.

Ele trabalhava com os homens todos os dias, reservando muito pouco tempo para atender às próprias necessidades. Muitas vezes eu lhe levava as refeições e o encontrava fazendo de tudo, desde cortar lenha e encher os barris de água até ensinar pacientemente aos jovens soldados a forma correta de atirar uma lança. Sempre que eu me aproximava, ele me dirigia um sorriso carinhoso e me dava um beijo no rosto.

À noite, vinha para a minha barraca e, exausto, descansava a cabeça no meu colo. Ele me contava sobre seu dia enquanto eu lhe acariciava os cabelos. Então o acampamento se aquietava e ele me beijava com ternura antes de ir para a própria barraca.

Os homens estavam mais que dispostos a seguir suas orientações, e ele despachou diversos grupos de caça, a fim de complementar nosso suprimento de alimentos, e grupos de patrulhamento, para investigar o paradeiro de Lokesh e seu exército. Eu e algumas das mulheres treinávamos com Kishan também. Ele disse que, se Lokesh ia ser

derrotado por uma mulher, então valia a pena ensinar a algumas delas pelo menos os princípios rudimentares da batalha.

Juntei-me a avós idosas e jovens viúvas enquanto Kishan nos instruía com exercícios para fortalecer os músculos e para nos treinar no uso de facas e pequenas espadas. Todas as mulheres me diziam que eu era uma garota de muita sorte por ter um noivo como Kishan, e as poucas solteiras o observavam com cobiça e flertavam descaradamente enquanto ele as orientava com paciência no uso de armas leves de mão.

Eu me sentia feliz por estar com Kishan e trabalhar com ele. A exaustão ao fim de cada dia me fazia procurar a barraca ao cair da noite. Embora mal pudesse manter os olhos abertos, eu ainda varria o horizonte continuamente, esperando o retorno de Ren e Anamika.

Quando o grupo de guerreiros de Anamika enfim chegou ao acampamento uma tarde, foram aplaudidos e recebidos como heróis. O estrépito de suas armaduras e seu tamanho bastavam para intimidar. Pediram água e alguém para levar os cavalos. Ouvi Kishan gritar instruções. Os sons de muitos idiomas flutuavam no ar. Esquadrinhei o grupo em busca de um único homem, o de olhos azuis penetrantes.

Sem pensar, deixei de lado meu arco e ziguezagueei entre os cavalos que batiam os cascos. Kishan gritou meu nome, mas prossegui, passando abaixada entre corpos vestidos com armaduras até finalmente chegar a Ren.

Ren virou-se e me viu. Ainda segurava as rédeas de seu cavalo em uma das mãos.

Com as emoções fora de controle, tudo o que consegui dizer com voz embargada foi:

– Senti sua falta.

Ele deu um passo em minha direção e me tomou nos braços. Embora tivesse placas de armadura no peito e nos ombros, ele me abraçou apertado, pressionando seu rosto contra o meu.

– Também senti sua falta, *iadala*.

O guerreiro chinês que estava atrás de Ren bateu em seu ombro e fez comentários num tom alto, em mandarim ou cantonês. Ren me pôs no chão e, quando me virei, dei de cara com várias pessoas nos olhando. Kishan me seguira através da multidão, a espada a postos, até me ver com Ren. Embora sua mão na espada tivesse relaxado, os músculos continuavam tensos e os olhos eram como pedra. Impassível,

ele fitava Ren.

Anamika chegou por trás de Kishan; seu olhar penetrante estudava cada um de nós, o rosto com uma expressão indecifrável. A multidão ficou imóvel e desconfortavelmente silenciosa enquanto assistia à cena. Anamika gritou um comando e se afastou em direção à sua barraca.

Os soldados de regresso retomaram suas atividades, mas olhavam para mim por sobre os ombros de maneira enigmática.

Depois de entregar seu cavalo a um soldado que aguardava, Ren dirigiu-me um breve sorriso e apertou meu braço antes de se afastar. Rapidamente instruiu os homens a montar as acomodações e fornecer refeições aos convidados. Muitos dos soldados de Anamika, embora tratassem Ren com deferência, pararam e explicaram que Kishan já começara a organizar os recém-chegados. Ren acompanhou o guerreiro chinês até a fogueira no centro do acampamento.

Procurei por Kishan, mas ele havia desaparecido. Imaginando que estivesse tão ocupado quanto Ren, entrei na barraca que eu dividia com Anamika e a encontrei tirando a armadura. Ela se manteve de costas para mim.

– Estou feliz por ver que você retornou sã e salva – declarei.

Ela não respondeu.

– Está com fome? – perguntei.

A guerreira que tanto se assemelhava à deusa balançou negativamente a cabeça e tirou as botas, substituindo-as por pantufas mais macias e confortáveis.

– Vejo que seus pés cicatrizaram. Então o suco funcionou?

Por fim, ela se virou para mim, e sua expressão fechada se suavizou um pouco.

– Sim, cicatrizaram, obrigada.

– Só estou contente por você ter voltado.

Sorri para ela.

– Sim, estou vendo. – Ela suspirou e pôs-se de pé. – Como estão meus homens?

– Estão bem. Quase todos prontos para a batalha. Kishan os tem treinado... assim como às mulheres.

Anamika levantou uma sobancelha.

– Ele está treinando as mulheres?

Dei de ombros.

– Ele acredita que uma mulher deve saber se defender.

Ela pensou por um momento antes de assentir e se dirigir à entrada da barraca. Quando puxou o tecido para sair, voltou a cabeça:

– Nossos convidados começam a acreditar que estamos sendo ajudados por uma deusa, e alguns deles estão convencidos de que sou a personificação da deusa.

Assenti com cautela.

– Eles também creem que Dhiren é meu consorte – declarou ela, com franqueza. – Talvez seja melhor deixar que continuem a acreditar nisso, pelo menos até o fim da guerra.

– Eu... eu entendo – murmurei com dificuldade enquanto ela saía.

Fiquei ali me perguntando se ser um consorte significava o que eu estava imaginando ou se haveria algum significado antigo, diferente, para a palavra.

Consorte.

A palavra cruzou minha língua asperamente. Era uma palavra feia. Na verdade, achei que nunca ouvira uma palavra que eu detestasse mais.

– Ren é o *consorte* dela – sussurrei.

Caminhei devagar rumo ao centro do acampamento. Havia muito barulho vindo da área em que a comida era preparada. Kishan estava parado ali perto, com os braços cruzados diante do peito e o cenho franzido. Os guerreiros tinham matado a sede e estavam saindo da barraca da comida enquanto Ren conversava com eles entusiasmado. Os novos guerreiros escutavam cada palavra com atenção, e os homens do acampamento, embora cumprimentassem Kishan respeitosamente com a cabeça ao passar, reuniam-se ao redor da “deusa” e de seu novo “companheiro”.

Notei que Anamika permanecia ao lado de Ren e com frequência deixava que ele falasse quando alguém lhes fazia perguntas.

– O que está havendo? – perguntei a Kishan.

Seus olhos brilhavam ao observar Ren e Anamika.

– Meu irmão está roubando a cena, como sempre. Os guerreiros que treinei por duas semanas agora o procuram, Anamika o reverencia e minha própria noiva não consegue manter as mãos longe dele.

– Você está com ciúme.

Finalmente, Kishan virou-se para mim.

– É claro que estou com ciúme.

Olhei em seus olhos dourados e pedi desculpas.

– Desculpe, Kishan. É comigo que você deveria estar aborrecido. Senti falta de Ren, mas não foi adequado da minha parte procurá-lo daquele jeito.

Ele deixou escapar um suspiro profundo, segurou minhas mãos e as beijou, uma de cada vez.

- Estou exagerando. Me perdoe.
- Só se você me perdoar.
- Sempre.

Ele passou o braço pelos meus ombros e ficamos ali, assistindo ao espetáculo por um momento, até eu perguntar:

– Kishan, o que significa exatamente ser um consorte? É como um amigo íntimo? Esse tipo de coisa?

– Você quer dizer na nossa época ou agora?

– Agora.

– Significa companheiro de vida. Normalmente um consorte é o esposo ou esposa do monarca governante. Por que a pergunta?

Um nó se formou em minha garganta e meus olhos queimaram.

– Significa casamento? – gaguejei.

– Pode significar noivo também.

Kishan pôs a mão no meu ombro e virou-me de frente para ele.

– Qual é o problema, Kelsey?

– Anamika me disse que Ren deve atuar como seu consorte até o fim da guerra.

– Entendo.

Kishan ergueu a cabeça e, em silêncio, estudou Anamika e Ren enquanto eles se misturavam às pessoas.

Tentando em vão afastar as horríveis emoções que estava sentindo, eu disse:

– Não quero pôr nenhum de nós numa posição perigosa por não seguir as regras apropriadas de etiqueta da época. Você é o meu noivo e Ren é... o dela. Eu deveria ter permanecido a seu lado.

Kishan assentiu, distraído.

Ao dar o braço a Kishan, perguntei-me se essa história de consorte seria mesmo temporária ou se Ren sentia algo por Anamika. *Em sua carta, ele mencionou uma separação. Será que pretendia ficar aqui e tornar-se de fato o consorte de Anamika? Certamente não parecia que ela faria objeções à ideia. Eu ainda amava Ren. A Fênix me fez reconhecer isso. Deveria dizer isso a ele ou esquecer o assunto? E se ele me rejeitasse e escolhesse Anamika? Admitir que eu o amava não significava necessariamente que eu o teria de volta. Ela é linda. Por que Ren me escolheria quando poderia ter uma deusa? Ele podia ser um rei, um deus ao lado dela.*

Reprimi um soluço mudo e pela primeira vez reconheci que o destino de Ren podia não estar ligado ao meu. Talvez eu não conseguisse mantê-lo em minha vida, nem mesmo como amigo.

Vou perdê-lo... para sempre. E quanto a Kishan? Ele prometera me

perdoar sempre e se conformaria se eu escolhesse outro homem. Mas, se lhe dissesse que ainda era apaixonada por Ren, o que ele faria? Seria possível perdoar isso? Será que me odiaria para sempre? Voltaria para a selva e levaria uma vida de solidão e isolamento?

Naquele momento, eu sabia que nada disso importava. Não fazia diferença se Ren decidisse ficar com Anamika ou se Kishan algum dia me perdoaria. Ambos precisavam saber de tudo. Precisavam saber como eu me sentia. Eu deveria conversar com cada um deles a sós e confessar o que estava no meu coração. Se um ou ambos escolhessem me deixar, então eu teria que lidar com isso. Eu não podia continuar fugindo do sofrimento. Eu devia isso a eles. Phet estava certo quando disse que os dois homens eram boas escolhas. Ambos eram nobres e corajosos, bonitos e gentis e mereciam mais do que eu tinha dado a eles.

Kishan ficou ao meu lado enquanto eu observava os acontecimentos e traduzia o que as pessoas diziam. Apertei seu braço, grata por ele ser um homem tão bom.

Depois de deixar-se ver em uma postura política, Anamika pediu que todos se reunissem para o banquete. Mesas foram trazidas e, com um floreio da mão, ela usou o poder do Lenço (que estava amarrado em seu pulso) para criar as mais finas toalhas e cobri-las. As fibras do Lenço teceram sua mágica, e os guerreiros e os homens de Anamika prenderam a respiração, maravilhados.

Emiti um pequeno som de protesto e dei um passo à frente, mas Kishan me segurou.

– O que está feito, está feito, Kelsey. Evidentemente Ren a instruiu no uso dos presentes de Durga.

Anamika encheu a mesa com travessas de comida, e os homens sentados para o banquete aplaudiam enquanto ela se movia, servindo taças e travessas com iguarias especiais da terra natal de cada um. Ela então tomou seu lugar na cabeceira da mesa, com Ren sentado a seu lado. Ele apertou-lhe a mão, e no mesmo instante senti como se algo sombrio tivesse apertado meu coração.

Abriam espaço para mim e Kishan, e depois que ele puxou minha cadeira, eu me sentei, rígida. Sorria quando alguém me oferecia comida e aceitava com gratidão, mas tudo que eu provava se transformava em cinzas na minha boca e nenhuma bebida era suficiente para molhar minha garganta seca.

Eu observava Ren e Anamika juntos e imaginava-o como seu rei. A pontada amarga do ciúme atravessava meu coração – e não só por causa de Ren. Eu sabia que o Lenço Divino e o Fruto Dourado eram

para Durga e que Anamika era ou se tornaria Durga, mas doía abrir mão daqueles presentes. Passar adiante aquele tipo de poder e ficar sem nada era difícil.

Kishan sentira ciúme de Ren por ele receber toda a glória, e ali estava eu, sentindo o mesmo em relação a Anamika. Durante a refeição, repeti para mim mesma várias vezes que o Lenço e o Fruto Dourado pertenciam a ela, não a mim. Toquei com os dedos o Colar de Pérolas no meu pescoço e imaginei se haveria um meio de guardar pelo menos aquele presente.

Eu lutara muito por eles, raciocinei. Quase morri muitas vezes. E tudo o que Anamika teve que fazer foi se tornar uma linda deusa e tomar como seu consorte o homem que eu amava. Pensei na mordida dos *kappa*, nos macacos, no tubarão gigante, no *kraken* e nas aves estinfalianas. E ainda havia o próprio Lokesh. *Não é justo.*

Eu sabia que era errado, mas era impossível não me sentir traída, sentada no outro extremo da mesa. Era como se tivesse sido sumariamente dispensada. Usada. A imagem que eu fazia da deusa mudou. Enquanto eu ruminava tudo aquilo, recordei todos os nossos encontros nos templos. Quando ela prometera proteger Ren, não era por mim, gritou meu coração ressentido. Era por si mesma! Ela fez com que ele se esquecesse de mim. *De mim!* Se eu soubesse que o plano dela era tomá-lo para si, eu teria ficado no Oregon e deixado que ela mesma fosse em busca de seus presentes.

“Aprenda a lição do lótus”, ela dissera. Bem, se eu era uma flor de lótus, então ela basicamente me arrancara da água e me plantara no solo sob seus pés.

Meus olhos foram atraídos por um lampejo dourado na túnica de Kishan. O broche de Durga. Suspirei e me lembrei de que ela não estava com tudo. Eu ainda tinha meu arco e minhas flechas douradas, o Amuleto de Fogo, o Colar de Pérolas e Fanindra.

Repeti sem parar, enquanto empurrava a comida no prato:

– É por isso que estamos aqui. É por isso que estamos aqui.

A gloriosa deusa e seu poder me encobriam como enormes ondas, vindas do outro extremo da mesa, fazendo-me sentir tão pálida e molhada como uma alga apodrecida.

É isso que sou, concluí com tristeza. *Sou tão podre por fora quanto por dentro. Sou uma garota do futuro com sede de poder, que anseia pelo amor de dois irmãos e quer ficar com toda a magia também.* Não havia nada que eu quisesse mais naquele momento do que enganar Anamika quanto ao seu destino e ficar com tudo para mim.

Então, ela tocou Ren e sussurrou algo em seu ouvido.

Ren curvou a cabeça enquanto eles conversavam baixo, intimamente, juntos, e me dei conta de que havia algo que eu queria mais do que o Colar de Pérolas, mais do que o Fruto Dourado e o Lenço Divino. Mais do que o destino de Durga, Fanindra e mais que o Amuleto de Fogo.

Eu queria *Ren*.

A força da emoção me invadiu como um furacão. Eu sentira ciúme antes, quando Ren dançara com Nilima e todas as garotas na festa na praia, mas, na época, uma parte de mim sabia que não era o meu Ren fazendo aquelas coisas. Aquele Ren perdera sua lembrança de mim. Agora eu confrontava a visão de um homem que era mesmo o *meu* Ren agindo com intimidade em relação a outra mulher. Eu não podia suportar aquilo. Tinha a sensação de estar sendo rasgada ao meio. Meu mundo ia se desmanchando mais rápido do que o Lenço seria capaz de fazer.

Apoiei a cabeça nas mãos e fitei a comida intocada no prato. O cheiro da canela e do açafrão entrou pelo meu nariz. Kishan perguntou se eu estava me sentindo bem e, quando balancei a cabeça negativamente, ele se levantou e me levou para minha barraca.

Kishan ficou um pouco, mas eu lhe disse que precisava ficar sozinha para pensar. Esfreguei uma pérola do Colar entre os dedos e percebi que eu estivera fazendo aquilo desde o início do jantar. Só porque tinha esse poder, enchi uma xícara com água usando o Colar de Pérolas. Em seguida, com espírito de vingança, encharquei todas as roupas de Anamika e derramei água dentro de suas botas. Depois criei uma forte neblina e fiz chover sobre sua cama. Quando o lado dela da barraca estava alagado, liberei-me de toda a água. Para minha surpresa e decepção, seu colchão e suas botas estavam completamente secos.

Várias horas depois, quando Anamika finalmente entrou na barraca e sentou-se numa cadeira diante de mim, eu estava brincando com minha xícara de água, esvaziando-a e enchendo-a várias vezes com o Colar de Pérolas.

Anamika me olhou por um tempo e perguntou o que eu estava fazendo.

– Você não ia querer saber.

Tentei imprimir um tom debochado e sarcástico à voz, mas ela saiu triste e patética.

– O que há com você? – perguntou ela. – Está doente?

– Talvez. E se estiver?

– Ora, você não está doente, exceto, talvez, da cabeça.

Levantei-me e aponte o dedo diante do seu rosto, com raiva.

– Se alguém aqui tem problemas mentais, é você. Por que estava exibindo seus poderes para aqueles homens? Precisava de mais alguns seguidores? É isso? Qual é o problema? Ren não é o bastante para você?

Ela cruzou os braços e me encarou.

– Achei que a ideia era que eu personificasse uma deusa. Isso é difícil sem demonstrar alguns poderes. – Ela inclinou a cabeça. – Na verdade, a questão não é o Fruto ou o Lenço, certo?

– Em parte – murmurei, irritada.

– Foi você que me disse para fazer isso, Kelsey. Eu não pedi esse papel.

– E apesar disso, você se enquadrou muito bem, não foi? – retruquei, com tristeza.

Ela suspirou.

– É por causa de Dhiren?

Parei e perguntei, gaguejando:

– Por que acha isso?

Ela ponderou minhas palavras.

– É natural que se preocupe com seu irmão. Você deseja a felicidade dele. Se meu irmão trouxesse uma mulher para casa, seria difícil vê-la tomar meu lugar ao lado dele.

– Ren *não* é meu irmão.

– Você está noiva de Kishan, e Ren obviamente a estima muito. Vocês são próximos. Ele é como um irmão para você, e você quer o seu bem.

– Eu...

Não pude responder ao que ela estava dizendo.

Anamika pousou as mãos sobre as minhas.

– Não sei se Dhiren irá querer continuar como meu consorte depois que matarmos o demônio, mas confesso que espero que sim. – Seu rosto se iluminou. – Acho-o gentil e atencioso, e ele pensa como um grande guerreiro e político.

Seus olhos cintilaram.

– Também o acho muito atraente. Ficaria honrada de chamá-la de irmã. Uma *irmãzinha*, talvez, mas irmã em espírito. Vou tentar fazê-lo feliz, Kelsey. Dou minha palavra a você. – Ela apertou minhas mãos e ficou de pé. – Amanhã teremos muito o que fazer. Sugiro que você durma um pouco.

Sentei-me em silêncio enquanto ela se preparava para dormir e ainda estava sentada quando ela olhou para mim, deu de ombros, apagou a lamparina e se deitou em seu colchão seco. Não sei por

quanto tempo fiquei ali, mas a sensação foi a de que o tempo havia parado e eu estava num inferno entorpecido e negro.

Quando finalmente fui para a cama, enfiei a mão sob o queixo e só percebi que estava chorando quando senti uma lágrima escorrer entre meus dedos. Peguei no sono repetindo as mesmas palavras sem parar em minha mente: “Ela vai fazê-lo feliz.”

Anamika já tinha saído quando acordei no dia seguinte. Procurei sob o travesseiro minha mochila com as armas escondidas e o poema de Ren. Queria lê-lo outra vez, com novos olhos, e ver se ele estava realmente me dizendo adeus. Mas a mochila desaparecera. Levantei-me de um salto e vasculhei rapidamente a barraca.

Depois de me vestir, segui para a fogueira do acampamento a fim de tentar encontrar Ren ou Kishan, ou mesmo Anamika, mas o cozinheiro me disse que Ren e Anamika haviam comido antes do amanhecer e partido para a floresta. Kishan estava providenciando para que os soldados visitantes tivessem suas necessidades satisfeitas.

Finalmente encontrei Kishan numa reunião com os guerreiros. Quando me viu à entrada da barraca, convidou-me para entrar e me apresentou em vários idiomas. Os homens assentiram respeitosamente.

– Estamos discutindo estratégias de batalha, e sou o tradutor – explicou Kishan. – Os líderes estavam se preparando para contar o que viram na guerra até agora e vão falar sobre os benefícios que trarão para a aliança. Precisamos registrar tudo.

Concordei com um movimento de cabeça.

– Tudo bem, mas nossa mochila desapareceu. Sabe onde está?

– Sim. Ren e Anamika estão treinando com as armas.

– Com Fanindra também?

– Também. Precisamos prosseguir agora, Kells. Você poderia ficar e fazer as anotações?

Meu estômago se retorceu à ideia de todas as minhas armas sendo entregues sem Ren ter nem mesmo me consultado, e meus olhos arderam.

– Por que não? – respondi, aborrecida. – Aparentemente não sou necessária em nenhum outro lugar.

Kishan resmungou qualquer coisa, alheio ao meu tumulto interior, e anunciou a presença do primeiro líder, general Xi-Wong.

O guerreiro chinês começou a falar. Mesmo sem sua armadura de batalha, era uma figura impressionante. Kishan traduzia suas palavras em duas outras línguas, enquanto dois homens também escutavam e

traduziam para seus líderes. Ele me entregou um bloco, um pote de uma tinta de cheiro forte e um graveto afiado para que eu anotasse as estatísticas. De alguma forma, ele conseguia traduzir para eles e depois me informar os pontos principais enquanto esperava que os outros homens terminassem a interpretação. No início tive dificuldade com a caneta antiga, mas finalmente descobri como fazê-la funcionar e tomei notas no papel.

O general Xi-Wong não parecia tão exausto da guerra quanto os demais. Suas roupas estavam bem-cuidadas, e ele usava uma bela echarpe de seda amarela ao redor do pescoço, o que me fez lembrar de Lady Bicho-da-Seda.

Notei que o exército do general Xi-Wong usava armas de ferro e que sua filosofia de batalha chamava-se Cem Escolas de Pensamento. De todos os líderes, era o grupo dele que estava participando com o maior número de homens e armas – incluindo carruagens, infantaria, lanceiros, arqueiros e punhais-machados (lanças com uma lâmina em uma das extremidades) –, mas ele também perdera o maior número de homens para o demônio, mais de 100 mil.

O general Xi-Wong disse que ouviu falar pela primeira vez do demônio quando começou a recrutar soldados na China. Gangues inteiras de criminosos desapareceram e povoados completos simplesmente sumiram. Diversos deles pareciam ter sido engolidos pela terra, e até mesmo mulheres e crianças foram levadas. Uns poucos sobreviventes relataram que um feiticeiro viera e escravizara todas as pessoas. Mais tarde, os homens falaram de um monstro, metade homem, metade búfalo, que aterrorizara o campo.

Sem querer, derramei tinta no canto da página e a enxugava quando Kishan e o general Xi-Wong terminaram e apresentaram Jangbu, um tibetano, ou alguém da área que eu acreditava ser o Tibete.

Jangbu preferia ser chamado de Tashi, e seu exército era inteiramente composto de voluntários recrutados em várias tribos que viviam na região. Especializaram-se em arco e flecha e guerrilha. As botas, as peles, a veste e o chapéu de Jangbu eram debruados com pelo marrom felpudo. Imaginei se ele estaria usando um ancestral do urso pardo que Kishan e eu havíamos enfrentado no monte Everest.

Zeyar e Rithisak eram oriundos do que seriam os modernos países da Tailândia, Mianmar/Birmânia e Camboja, se fossem todos combinados. Haviam chegado aqui vindos da capital de Mon, Thaton – um porto no mar de Andaman. Notei furos em suas botas e a magreza dos guerreiros. Se os líderes dos exércitos estavam famintos,

imaginava que seus homens estivessem muito mais. Fiz uma anotação lateral para pedir a Kishan que perguntasse se precisavam de mais comida.

De acordo com Zeyar e Rithisak, seu ponto forte era a defesa. Construíam fortalezas e só avançavam quando identificavam uma oportunidade que pudessem aproveitar com perdas mínimas. Curiosamente, diziam-se especialistas no uso do fogo como arma, tinham grande fé em Anamika, que pensavam ser uma deusa, e também acreditavam que o demônio estivesse levantando os mortos para lutar de novo. Pareciam muito assustados.

Kishan escutou o último grupo a falar e então anunciou:

– Este é o general Anfímaco, que era um parta e agora serve seu rei, chamado Alexandre.

Minha mão imobilizou-se.

– Alexandre, o *Grande*? – murmurei.

Kishan traduziu minha pergunta para o grego antes que eu pudesse impedi-lo. O general se inclinou para a frente e me fitou de modo muito desconfortável antes de Kishan acrescentar:

– Ele é um *grande* e sábio líder.

Soltei um gemido com o olhar direto do homem, encolhi-me e comecei a rabiscar furiosamente com meu instrumento de escrita. O general também apresentou seus homens: Leonato, Demétrio, Estasanor e Eumenes.

– Nunca ouvimos falar das terras de onde vocês vêm. Exceto a Índia, é claro – disse ele, com um sorriso de político. – Meu rei ficará... contente em saber mais sobre suas cidades.

– Aposto que ficaria – murmurei entre dentes.

O general prosseguiu:

– Quem sabe, quando esta batalha terminar, não possamos conversar sobre estabelecermos um comércio?

Os homens do Tibete e de Mianmar pareceram interessados na oferta, mas não o general Xi-Wong.

Mantendo os olhos baixos, eu escrevia freneticamente. Tinha que contar a Kishan o que eu sabia. Diversos fatos que eu memorizara na escola e na faculdade me vieram à mente, e fiquei alarmada com a possibilidade de o Império Macedônio se interessar pela Ásia. Até onde eu sabia, Alexandre, o Grande, nunca conquistara nada para além do Himalaia. Nossa presença ali poderia estar mudando o curso da história, e eu assistira a muitos episódios de viagens no tempo de *Star Trek* para ser iludida a acreditar que isso era uma boa coisa.

Tomei notas criteriosamente e fiquei chocada com os números e os

recursos que os vários líderes militares forneceram. O que mais me preocupava em relação a trabalhar com eles era o interesse que tinham em Anamika. O general Anfímaco parecia acreditar que uma deusa com o poder dela deveria estar sentada no trono ao lado de Alexandre. Resmungando, examinei minhas notas.

Anfímaco falou de seus recursos. Tinha carruagens persas e catapultas mortais, além de panóplias, e disse que seus homens podiam combater em falanges pesadamente blindadas com lanças e *sarrisas*. Continuando a se gabar, contou como perdeu um olho na Batalha do Portão Persa. Como prêmio por sua bravura, foi-lhe concedida uma propriedade e um potro cujo pai era o famoso cavalo de Alexandre, Bucéfalo. Não pude deixar de me sentir fascinada.

Ele sorriu e levantou a venda para me mostrar o buraco vazio onde seu olho costumava estar. Estremeci e me aproximei mais de Kishan enquanto Anfímaco se deliciava com meu desconforto.

Finalmente, foi a vez de Kishan falar. Ele descreveu sua filosofia de batalha, que reconheci em parte do treinamento que o Sr. Kadam nos dera, mas que de certa forma era nova para mim. Os números de Anamika me surpreenderam. Ele falou de 40 mil cavaleiros, 100 mil soldados de infantaria, mais de mil carruagens e dois mil elefantes de batalha. Pelo que eu vira, Anamika não tinha nem perto daquele número de homens. Seu exército tinha sido quase aniquilado. Perguntei-me se exagerar nos números seria uma prática normal em tempos de guerra.

Fiz alguns cálculos rápidos. De acordo com o que os líderes tinham dito, somados, eles tinham 15 mil arqueiros, 250 mil membros da cavalaria, quase 150 mil soldados de infantaria, mil carruagens, 50 catapultas e dois mil elefantes. Faltava-nos pouco para chegar ao meio milhão de soldados.

Em seguida, elaboraram-se planos para que cada líder retornasse aos respectivos acampamentos dentro de uma semana e levasse seus exércitos para a base do monte Kailash, onde Lokesh havia, segundo relatos, estabelecido residência. Nesse meio-tempo, todos deveriam desfrutar da hospitalidade da deusa e testemunhar em primeira mão as habilidades dos soldados de Anamika.

Quando os líderes das muitas nações se levantaram, Kishan agradeceu as contribuições de todos e disse:

– Cada um dos senhores sofreu grandes perdas, mas sinto que, juntos, alcançaremos a vitória e livraremos nossas terras desse demônio.

Ele deu um tapinha no ombro do general Xi-Wong e continuou:

– Meus amigos, seremos tão rápidos quanto o vento, tão silenciosos quanto a floresta, tão ferozes quanto o fogo e tão imóveis quanto a própria montanha.

O general Anfímaco foi o último a sair. Ele me lançou um olhar malicioso quando Kishan estava distraído. Um de seus homens prendeu uma capa preta feita de penas de corvo nos ombros do general antes que ele deixasse a tenda com um floreio.

Quando eles se foram para suas barracas, cumprimentei Kishan.

– Você foi incrível. Acho que ficaram todos impressionados.

Kishan sorriu.

– Peguei emprestado aquele discurso de um de meus antigos professores de artes marciais. Tecnicamente, o daimiô japonês que criou o conceito *Fūrinkazan*, ou vento, floresta, fogo e montanha, ainda vai demorar outro século para nascer.

Torci as mãos, nervosa.

– Bem, talvez você estivesse predestinado a ser a antiga fonte que o inspirou.

Ele gentilmente separou minhas mãos e segurou-as nas dele.

– Qual é o problema, Kelsey?

Suspirando de leve, eu disse:

– Sei que estávamos destinados a fazer isso, a derrotar Mahishasur ou seja lá como Lokesh esteja se denominando agora. Só quero ter cuidado para não reescrevermos a história. Quero dizer, e se Alexandre, o Grande, agora decide conquistar a China? E se estragarmos nosso futuro de tal maneira que não possamos nem mesmo voltar para casa?

Kishan pressionou os lábios contra os meus dedos e me estudou com seus cálidos olhos dourados.

– Seria tão ruim assim se não pudéssemos voltar? – perguntou ele.

– Como assim?

– O que quero saber é se, além de sentir falta de Nilima e de alguns de seus amigos, você conseguiria – ele fez uma pausa – aprender a ser feliz vivendo aqui, comigo, no passado?

– Acho... acho que eu poderia aprender a viver sem os confortos modernos, desde que você e Ren estivessem aqui.

Ele soltou minhas mãos, segurou-me pelos ombros e sorriu.

– Uma parte de mim se sente em casa aqui, Kells. Não me entenda mal. Se você estivesse no futuro, eu moveria montanhas para chegar lá, mas, enquanto você estiver a meu lado, eu sinto... bem, não quero mais nada. Não preciso de nada no universo além de você.

Kishan me beijou com ternura antes de sairmos em busca do

almoço. Suspirei, sabendo que havia algo mais no universo de que eu precisava. Não era apropriado por conta das circunstâncias, mas esse algo mais era... Ren.

Depois do almoço, fui procurá-lo. Kishan dissera que ele estava mostrando a Anamika como usar todas as nossas armas. Toquei o Colar de Pérolas e engoli a culpa que sentia por guardá-lo para mim.

Demorou um pouco porque os dispositivos de rastreamento dos nossos celulares não funcionavam mais, mas finalmente encontrei um soldado que me falou de uma clareira onde Ren e Anamika poderiam estar treinando. Seguindo entre as árvores, ouvi sons de murmúrios mais adiante.

– Não sei como eu teria feito tudo isso sem você. Certamente os deuses o mandaram para a minha vida.

– Algo parecido.

– Então, minha esperança – a voz feminina respondeu suavemente – é que eu nunca lhe dê motivos para partir.

Contornei um arbusto espinhoso e parei. Ren e Anamika estavam de pé, abraçados. Ela estava caracterizada como a deusa Durga, trajando um vestido azul-royal e com todos os seus oito braços, cada par deles envolvendo Ren. Armas douradas jaziam aos pés de ambos, exceto por Fanindra, que se achava enrolada no chão. Ela estava desperta e observava Ren e Anamika.

Por um breve instante, fiquei ali, entorpecida, mas então o choque me atravessou. Lágrimas turvaram minha visão. O líquido salgado tremeu em meus olhos, ameaçando transbordar de meus cílios. Ren, ainda abraçando Durga, abriu os olhos azuis e me viu. Arquejei baixinho quando reconheci pela primeira vez uma espécie de distância resignada em seu olhar. Não consegui nem mesmo olhar para Durga, pois era ela que estava ali quando Anamika se virou.

Quando as lágrimas desceram pelo meu rosto, limpei-as com raiva e olhei para o chão. Fanindra virou a cabeça para mim e experimentou o ar com a língua.

– Fanindra? – sussurrei e estendi a mão para ela.

A serpente dourada me avaliou por alguns segundos e então desenrolou o corpo e começou a se mover. Equivocadamente, pensei que vinha em minha direção, mas em vez disso dirigiu-se para a deusa, que se abaixou e ergueu a serpente, deslizando-a para seu lugar, em seu braço. Quando Fanindra enroscou o corpo no braço delicado, algo dentro de mim se quebrou.

Eu me senti terrivelmente traída. Nem mesmo Fanindra queria mais saber de mim.

Desajeitada, passei a mão nos olhos, arranquei o precioso Colar de Pérolas do pescoço e o atirei aos pés da deusa. Eu podia sentir o olhar de Ren em mim, mas me recusei a fitá-lo.

Quando a nova Durga apanhou o Colar, eu disse bruscamente:

– Você esqueceu algo.

Então, virei-me e saí correndo de volta para o acampamento.



Guerra

Anamika gritou meu nome, mas eu a ignorei e corri de volta para a minha barraca. Ou melhor, para a barraca *dela*. Correndo os olhos pela área onde eu dormia, percebi que não havia nada ali que me pertencesse. Ren estava com a mochila. Tudo o que eu tinha no mundo agora eram as roupas que vestia. Minha pulsação disparou e minha visão ficou vermelha. Apertei o amuleto que pendia de meu pescoço e percebi que queria queimar alguma coisa. Engoli em seco, abafando a fogueira dentro de mim. A destruição poderia aliviar a dor, mas causar danos prejudicaria o que estávamos fazendo e eu sabia que seria apenas uma solução temporária.

Fechando os olhos e pressionando os punhos contra eles, sussurrei:

– Sr. Kadam, se pelo menos o senhor estivesse aqui!

Kishan me encontrou uma hora mais tarde, depois que um soldado avisou que me vira perto da barraca de suprimentos. Eu havia confiscado a barraca e tentara montá-la sozinha. Fracassando na tarefa, peguei a lona pesada, subi numa árvore e improvisei um abrigo. Teimosamente, sentei-me lá dentro, as costas apoiadas no tronco, as pernas cruzadas, o queixo descansando nos punhos.

Kishan se sentou e me observou por um minuto antes de falar.

– O que está tentando fazer, Kelsey?

– Ficar longe – foi minha resposta brusca.

– De mim? – perguntou ele, em voz baixa.

– De... tudo – murmurei.

Kishan deu um puxão de leve na parede da minha barraca.

– A lona é pesada. Estou surpreso que você tenha subido com ela na árvore sozinha.

Resmunguei qualquer coisa. Kishan ficou sentado comigo por um tempo, mas, como eu me recusava a falar, finalmente desistiu. Confuso e magoado com meu silêncio, ele se preparou para sair e disse:

– Se você deseja uma barraca só para você, longe de todos nós, eu a providencio, mas não vou deixá-la desprotegida. Vou designar soldados para montar uma para você entre aqueles em que confio.

Parece razoável?

Incapaz de encará-lo, assenti com a cabeça e ele desapareceu. Pouco tempo depois, um homem me acompanhou até uma barraca só minha, completa, com um jarro de água, cobertores e um lavatório.

Fui deixada sozinha pelo resto da semana, embora eu tivesse a impressão de que Ren ou Kishan, ou ambos, verificassem como eu estava por meio dos guarda-costas que haviam sido designados para tomar conta de mim. Eu ainda treinava com as mulheres todos os dias, mas Kishan selecionara um instrutor substituto, pois ele estava dedicando grande parte de seu tempo aos outros líderes militares.

Às vezes eu passava pelos campos de treinamento e ouvia o choque de espadas ou os gritos dos soldados, e contornava a área sem investigar. Simplesmente não conseguia me forçar a ver Ren e Anamika juntos ou vê-la com todas as *minhas* armas douradas. Ansiava pelo meu arco e as flechas, embora reconhecesse que o que eu mais queria era mergulhar uma flecha dourada no coração infiel de Ren.

Uma semana depois, os líderes dos demais acampamentos partiram e iniciaram-se os preparativos para transferir o acampamento de Anamika. Quando chegou a hora da mudança, meus guarda-costas desfizeram a barraca, guardaram-na numa pequena sacola de suprimentos e me ajudaram a montar em minha bela égua cinza malhada, com sua linda crina e focinho negros.

A égua batia as patas no chão, ansiosa, e a respiração exalada por suas narinas se elevava no ar em nuvens geladas. Pequenos flocos de neve rodopiavam no céu do início da manhã, mas não aderiam ao chão. Alguém envolveu meus ombros numa capa forrada de pele macia. Os soldados me tratavam como uma rainha, embora eu me sentisse mais como uma mulher rejeitada. Puxei o capuz forrado sobre o cabelo e fiz sinal de que estava pronta.

Cavalgamos para nordeste durante dois dias e montamos acampamento às margens do lago Rakshastal. O tempo estava frio, mas ainda não gelado. Imaginei que, em se tratando do Himalaia, deveríamos estar no início do outono. Usei meu poder do fogo para aquecer o ar à minha volta e à volta do meu grupo de guarda-costas, e eles descobriram bem rápido que, quanto mais perto estivessem de mim, mais confortáveis ficariam.

Não muito tempo depois de acamparmos, vimos mais soldados no horizonte. Reconheci a bandeira do exército do general Xi-Wong à nossa esquerda e as cores do general Anfímaco à direita. Mensageiros iam e vinham entre os generais o dia todo, e embora eu sentisse que era apenas uma preocupação secundária para Ren e Kishan e que seria

provavelmente melhor ficar fora do caminho e deixar que a deusa fizesse seu trabalho, não conseguia parar de me preocupar com eles.

No dia seguinte, quando acordei, o acampamento estava estranhamente silencioso. Senti um aperto no coração, sabendo que eles haviam partido. Eu desenvolvera uma linguagem de sinais rudimentar com o guarda à porta da minha barraca, e ele confirmou minhas suspeitas e me entregou dois papéis dobrados. Afundi num tapete grosso e abri o primeiro. Era de Kishan.

Estamos seguindo para a batalha hoje, Kelsey. Nós três decidimos que seria melhor se você ficasse. Ter você na guerra seria apenas uma distração para nós, e queremos que essa luta termine o mais rápido possível. Por favor, entenda que só queremos sua segurança. Semana passada, instruí seus guardas que a trouxessem até mim no instante em que você quisesse, mas você não veio. Amo você, Kelsey. Quem dera eu soubesse por que estamos lutando.

– Kishan

Pus a carta de lado e abri a segunda. Era de Ren. Dentro do papel dobrado estava um anel. A luz do sol incidiu na brilhante safira azul, que cintilou com um tom ainda mais profundo que o dos olhos de Ren. A safira de lapidação princesa era cercada por diamantes redondos e incrustada no que pareciam duas alianças de prata entrelaçadas, com outro diamante engastado de onde se formava um laço. O anel era deslumbrante.

Kelsey,
Há muitos meses trago comigo este anel. Negocieei-o com o dragão dourado quando estávamos em seu reino. Foi usado por uma princesa e, no momento em que o vi,

eu o quis para você. Eu pretendia entregá-lo a você quando nossa missão estivesse terminada e o momento certo para pedir sua mão chegasse. Agora sei que o momento certo chegou e passou. Arrependo-me de muitas coisas que aconteceram, mas nunca vou me arrepender de amar você. Por favor, fique com ele. Os soldados usam as estrelas no céu para guiá-los em segurança para casa. Você foi e para sempre será minha estrela-guia. Todas as vezes que olhar para o céu, pensarei em você.

– Ren

Deslizei o anel pelo dedo, ao lado do de Kishan, e deixei as facetas do rubi de Kishan e da safira de Ren captarem a luz por um instante. Então, fechei o punho. Saindo da barraca, fiz sinal para que o guarda trouxesse minha égua. Ele balançou a cabeça veementemente. Insisti, mas ele continuou a se recusar, até que abri a palma da mão e deixei a energia do amuleto me preencher. Produzi uma bola de fogo que crepitava com centelhas e emitia calor suficiente para chamuscar suas sobrancelhas se ele chegasse perto demais.

Sua boca se escancarou e ele cambaleou para trás, pedindo que trouxessem minha égua. Com um sorrisinho triunfante, fechei a mão, e a bola de fogo desapareceu numa erupção de chamas. Quando terminei de calçar as botas e de vestir as calças de pernas largas e a túnica ao estilo dos guerreiros chineses que eu pegara na barraca de suprimentos, a égua estava pronta, assim como meus guarda-costas. Voltei os olhos para o monte Kailash e deixei que meu coração me guiasse.

Quando nos aproximamos do local onde o exército se achava estacionado, os homens me cercaram e indicaram com gestos uma elevação de onde se avistava o vale. Instiguei a égua, virando sua cabeça para a encosta, e arquejei diante do que vi ao chegarmos ao topo.

O vale estava cheio de soldados em formações perfeitas. Meus guardas seguravam com força o punho de suas espadas longas e curvas enquanto se inclinavam para a frente e discutiam a luta iminente. Catapultas haviam sido armadas entre as colunas de homens. Eu podia ouvir as selas estalando, o ruído do metal raspando em metal e o barulho dos elefantes de batalha.

À medida que as colunas marchavam para suas posições, os tambores marcavam o ritmo. Mensageiros montados a cavalo corriam de um grupo para outro, passando informações ao longo das linhas de frente, e pássaros voavam por perto. Alguns eram aves carniceiras na expectativa de sua próxima refeição, mas outros eram pássaros mensageiros – falcões ou gaviões treinados para voar até o homem que carregava a bandeira do comandante. Porta-estandartes levando diferentes flâmulas coloridas assumiram seus lugares, prontos para retransmitir as ordens do general a oficiais distantes.

As velozes carruagens persas e a cavalaria enchiam o lado norte do vale enquanto os elefantes de batalha que restavam no exército de Anamika, flanqueados pela infantaria do general Xi-Wong, encontravam-se do lado sul. Em algum lugar no centro viam-se os soldados das tribos tibetanas e os guerreiros de Mianmar. Eu não conseguia avistar Ren, Kishan ou Anamika, mas presumi que estariam perto das linhas de frente.

Quando tudo estava pronto, os ruídos silenciaram e a tensão no ar ficou palpável. A princípio eu nada via e me perguntava se alguém viria combater um exército combinado daquele tamanho. Foi então que a vi. A neblina descia a montanha em ondas tão espessas que obscureceram todo o pico.

A névoa avançava pelo solo com agourentos dedos carnudos, como se rasgasse a terra e rangesse os dentes na expectativa da batalha à frente. Quando as brumas começaram a se desfazer, silhuetas escuras fizeram-se visíveis, e nossos exércitos se agitaram ruidosamente em resposta. O que estava diante de nossas forças era horrível.

Formas corcundas – nem humanas, nem animais e algumas nem mesmo vivas – aguardavam, prontas para obedecer a seu mestre. Cavavam a terra com garras deformadas. Rosnavam, uivando e resfolegando pesadamente. Algumas seguravam armas e lanças como uma infantaria, outras se agachavam de quatro e andavam de um lado para outro, inquietas como gatos selvagens. Outras ainda – metade cavalo, metade homens, como centauros – rasgavam o solo com cascos grossos.

Um homem se deslocou para a vanguarda, parecendo estar no

comando. Ele gritou uma ordem, e os demônios a seu lado avançaram desajeitadamente e ergueram os braços, revelando asas. Os homens-pássaros demoníacos tomaram o céu e convocaram fileiras e mais fileiras de soldados inimigos. Davam guinadas no ar sobre nossos exércitos e guinchavam terrivelmente. Uma saraivada de flechas os afugentou de volta para o lado oposto.

Lokesh não estava à vista, mas os soldados ao meu lado apontaram o líder de seu exército. Era Sunil, o irmão de Anamika. O som grave e sobrenatural de uma trombeta sacudiu o vale e, a esse sinal, o exército do demônio começou a berrar um canto de guerra. Eles golpeavam o chão, rugiam, guinchavam e uivavam em uníssono. A cacofonia ressoava como um pesadelo infernal.

Nossos exércitos desferiram o primeiro ataque. Catapultas lançaram rochas pesadas que esmagaram dezenas das criaturas demoníacas. Pedras atingiram a montanha e pedaços da rocha se desprenderam e mergulharam, derrubando muitos inimigos. No entanto, mesmo com pernas e asas quebradas, eles logo se colocavam de pé novamente, aguardando o sinal de seu mestre para atacar.

Enquanto as armas de cerco trabalhavam, um sinal foi dado, e o exército do demônio de súbito cessou seu clamor e avançou. Milhares dos nossos arqueiros dispararam uma torrente de flechas para o céu. A maioria delas acertou o alvo, mas as criaturas não demonstraram dor. Simplesmente arrancaram as flechas, derrubando-as no chão, e correram na direção de nossos exércitos.

O exército de Anamika arremeteu contra eles, e as duas forças oponentes colidiram feito dois tsunamis. Os inimigos enxameavam-se uns sobre os outros como vespas furiosas em um ninho perturbado. O clangor de metal se chocando e os gritos de dor dos homens encheram meus ouvidos. Mais homens se lançaram na batalha, correndo em formação e se espalhando enquanto lutavam contra as bestas de Lokesh. Nesse momento a cavalaria chinesa avançou com um estrondo e abriu um buraco no centro do exército do demônio, mas os soldados foram atacados por criaturas semelhantes a águias que se precipitavam do céu e rasgavam suas costas com garras afiadas.

O próximo a entrar no combate foi um grupo de zumbis caninos, semelhantes a cães, lobos, hienas e chacais. Focinhos longos e finos ocultavam dentes afiados e mortais. Correndo nas quatro patas, moviam-se em matilhas e derrubavam nossas carruagens.

Os elefantes de batalha investiram, e a visão e o som de milhares de elefantes lançando-se na guerra eram tão extraordinários que eu não conseguia deixar de olhá-los. Com armaduras protetoras que

desviavam lanças e flechas, os animais de seis toneladas dispararam de nossas linhas de reserva para a frente, pisoteando tudo que não sáísse do caminho rápido o bastante.

Balançando a pesada cabeça de um lado para outro, os elefantes de guerra pressionaram o exército do demônio a recuar, encurralando-o contra a montanha, enquanto os arqueiros, postados nas altas *howdahs* nas costas dos animais, mantinham os demônios ao largo. Em retaliação, Sunil enviou os pássaros mensageiros de Lokesh para o céu. Eles gritaram comandos para os demônios felinos, que conseguiram evitar as pulseiras com espinhos e espadas atadas às presas dos elefantes e saltaram sobre seu dorso. Os imensos animais berraram de dor quando as garras dos felinos rasgaram seu couro antes que os elefantes barrissem sua morte através do vale.

Um elefante se sacudiu violentamente para se livrar dos destrutivos passageiros, mas fez com que o carro em cima dele se soltasse. A plataforma pesada caiu e foi esmagada sob os pés do animal apavorado. Os demônios felinos rapidamente saltaram sobre os homens que ainda estavam vivos, enquanto outros saltavam sobre o dorso do elefante. O animal barriu alto e se retorceu, empinando nas patas traseiras. Em seguida, caiu pesadamente, com um estrondo que ecoou pelo vale, e demônios fervilharam sobre ele.

Outro elefante sob ataque virou sobre uma catapulta, que se despedaçou. Alguns homens caíram sobre as espadas atadas às suas presas, morrendo instantaneamente. Outros caíram nos braços dos demônios, que os aguardavam. O elefante barriu, apavorado, antes de também ser morto.

Vi o estandarte de Mon, de Rithisak, avançar em meio ao combate na direção de Sunil. Seus soldados confrontaram demônios com chifres imensos e pesadas clavas com pontas afiadas. Os demônios avançaram correndo com a cabeça baixa e perfuraram diversos homens com um leve movimento de seu pescoço poderoso, antes de encontrar o alvo seguinte. Quando estavam mais perto, brandiam a clava, atingindo com um só golpe diversos homens, que caíam sobre seus companheiros e os derrubavam no chão.

Outro segmento do exército de Lokesh estava repleto de demônios insetos. Uma horda deles corria sobre os mortos, matando com ferrões, pinças, chifres e caudas semelhantes às de escorpiões aqueles que ainda pudessem estar vivos.

O combate continuava, e uma parede de corpos empilhava-se entre os dois exércitos. Estávamos sendo derrotados.

Onde está Anamika?

Esquadrinhei o campo com os olhos e finalmente avistei a deusa Durga. Estranhamente, ela não estava usando seu vestido azul e só apresentava um par de braços. Usava o arco e as flechas dourados numa grande carruagem, ladeada por dois homens com armaduras, montados em cavalos. Meu coração me disse que se tratava de Ren e Kishan.

Os irmãos só lutavam com espadas e escudos de madeira, e usavam armaduras semelhantes às dos outros soldados, não a armadura do broche de Durga. Aquilo não fazia sentido.

Por que treinar com todos os oito braços e depois não usar todas as armas na batalha? Por que criar uma deusa e não exibi-la na batalha? Onde estão as outras armas de Durga?

As tropas do general Anfímaco haviam perdido muito poucos homens. Ganharam bastante terreno e estavam avançando em falanges retangulares. De onde me encontrava, a formação se assemelhava a um porco-espinho vermelho gigantesco, correndo para o seu ninho na montanha. Mas nem mesmo eles foram vitoriosos. Um pássaro demônio gritou no alto, e os demônios felinos saltaram sobre os escudos e quebraram as lanças com seus dentes afiados. Logo dezenas de milhares de soldados jaziam no chão como um baralho de cartas gasto.

À medida que o dia avançava, perdíamos cada vez mais homens. Um exército de quase meio milhão de soldados foi impiedosamente reduzido a pouco mais da metade. Um de meus guarda-costas apontou para um estandarte ondulante que sinalizava a retirada, e logo nossos guerreiros escaparam do campo de batalha, voltando para seus acampamentos da melhor forma que podiam. Cavaleiros corriam entre os soldados caídos procurando ajudar os feridos antes que os demônios vermes os exterminassem.

Uma trombeta soou, e o exército de Lokesh se recolheu às sombras das montanhas. Minha égua, que eu amarrara a uma árvore próxima, começou a bater os cascos no chão e a relinchar alto. Corcoveava, tentando se soltar, e os outros cavalos começaram a fazer o mesmo. No campo de batalha, os homens perderam o controle sobre os elefantes, que barriram alto e saíram direto em busca de abrigo. Pássaros de todos os tipos se elevaram no ar, inclusive os falcões usados para comunicação pelo exército chinês. Animais de todas as espécies deixaram a floresta adjacente e rumaram para a cena da batalha, dominados por um poderoso instinto.

Evoquei o poder do meu amuleto e criei uma bolha de calor calmante ao redor de mim, de minha égua e dos demais animais perto

de nós. Mas era tarde demais para salvar todos eles. Uma cobra-real ergueu-se do meu lado, sibilou e rapidamente desceu a colina. Estremeci.

Vi o cavalo de Anamika e muitos daqueles ainda presos às carruagens correndo para o monte Kailash. Quando chegaram à pilha de cadáveres, eles pararam e empinaram nas patas traseiras. Um forte vento soprou e levantou os corpos, e também os animais foram puxados para o céu. E lá ficaram, desfalecidos, entorpecidos, jogados ao vento como folhas de outono apanhadas num redemoinho.

Homens mortos vestindo as capas vermelhas, túnicas curtas e botas encouraçadas na altura do joelho do exército de Alexandre, o Grande, rodopiavam entre os guerreiros chineses fardados de verde-escuro. Quando a cabeça pendia para trás, os capacetes pesados caíam ao solo, rolando até parar junto aos escudos e armas espalhados.

Animais e homens formavam pares que giravam juntos num vórtice de magia negra. Tremores sacudiram o chão, como se a própria Mãe Natureza estivesse assistindo horrorizada e estremecendo diante da escuridão que avançara sorrrateiramente pelo vale.

Rodeando um ao outro cada vez mais depressa até as imagens obscurecerem na neblina escura do anoitecer, animal e humano se fundiram num só ser, uma criação da escuridão, um acasalamento profano de homem com besta.

Pássaros demônios bateram novas asas, subindo ainda mais alto no ar. Bestas – metade urso ou metade lobo – piscaram seus olhos amarelos e, quando livres do vórtice, lentamente se dirigiram para a montanha. Criaturas choveram do céu, imitações impuras do que foram um dia. Homens zumbis que eram agora parte carcaju, parte serpente ou parte leopardo-das-neves também viraram e se encaminham para seu novo mestre. Erguiam-se às centenas; depois, aos milhares.

Fechei os olhos, nauseada com o desrespeito pelos mortos. Os soldados abatidos não receberiam as honras por seu sacrifício conforme os costumes de seus respectivos lugares de origem; em vez disso, seriam alistados contra a vontade e escravizados para lutar por um monstro determinado a destruir todos nós.

Quem iria pará-lo? Quem poderia pará-lo?

Então, a Terra sofreu um abalo, e vi o acampamento do exército macedônio desaparecer, engolido por uma fenda que devorou barracas, suprimentos e homens esgotados pela guerra. Um tornado chicoteou a clareira, devastando o acampamento dos chineses. Barracas, homens, armas e suprimentos foram sugados para dentro da

tempestade e então, dançando no céu turbulento, desabaram sobre o acampamento arrasado. Algo pequeno atingiu meu rosto e abri a mão para pegar o que pensei ser granizo. Estava chovendo arroz.

Uma imensa onda se elevou no lago Rakshastal e demoliu por completo o acampamento indiano. A maioria das barracas foi levada numa grande inundação, e o acampamento foi devastado pelo impacto. Então, a montanha se acomodou e se aquietou. Nossos exércitos haviam sido dizimados após um único dia de combate. Nossos mortos engrossavam agora as fileiras do exército do demônio e nossos acampamentos estavam destruídos.

Eu disse aos homens que me acompanhavam que eles precisavam retornar ao acampamento para ajudar. Eles se recusaram a me deixar – provavelmente porque Ren ou Kishan (ou os dois) os havia ameaçado seriamente –, mas usei o poder do meu amuleto para empurrá-los de volta colina abaixo, tostando ligeiramente suas costas quando resistiam. Fiz o melhor que pude para transmitir-lhes que eu ficaria bem e que voltaria logo enquanto perguntas perturbadoras me enchiam a cabeça.

Lokesh ficaria satisfeito se eu me entregasse? Ele aceitaria uma troca? O amuleto de fogo e eu em troca do medalhão criador de zumbis? O que seria pior? Dar-lhe o poder supremo por meio da união do Amuleto de Damon ou deixá-lo continuar a criar zumbis?

Parecia que ele ganharia de um jeito ou de outro. Lokesh era um enigma perigoso.

– Ele é como Ugra Narasimha – murmurei. – Quase invencível. Tem que haver um meio de destruí-lo. Só preciso descobrir qual é.

– Você poderia começar usando os presentes de Durga da maneira para a qual foram criados, Quel-si – advertiu uma familiar voz cantada atrás de mim.

Eu me virei.

– Phet?



Dois lados da mesma moeda

O homem magro encontrou um tronco virado e sentou-se. Sorriu para mim e comentou:

– Eu disse que a veria de novo em tempos mais felizes.

– Este parece um tempo mais feliz para você? E por que está falando desse jeito?

– Falando de que jeito?

Ele limpou um grão de terra de sua túnica.

– Você está falando melhor a minha língua. – Apoiei a mão no quadril. – Muito melhor.

Phet ainda parecia o mesmo. Trajes volumosos envolviam sua estrutura magra, mas não conseguiam esconder seus joelhos e cotovelos morenos e ossudos. Seu sorriso engraçado, com dentes faltando, iluminava o rosto enrugado, e pequenos tufo de cabelo grisalho saíam de trás de sua cabeça calva.

Ele segurou um dos joelhos com as mãos.

– Meu inglês sempre foi bom, *Quel-si*. Não é minha culpa se você viu algo diferente.

– Vi algo diferente porque você me mostrou algo diferente.

Ele ergueu um dedo no ar e sorriu.

– Precisamente. Eu disse aos príncipes que você era uma garota esperta.

Phet bateu no tronco a seu lado, oferecendo-me um lugar para sentar.

– Mostrei-lhe o homem que você precisava ver – explicou ele. – O homem em quem você confiaria para guiá-la às antigas profecias. Deixe-me fazer uma pergunta: você teria acreditado em mim se eu tivesse falado com você como estou falando agora?

– Talvez – respondi, ainda confusa.

– Acho que não teria. Na verdade, acredito que teria voltado para o Sr. Kadam e partido da Índia no primeiro avião.

– Não temos como saber qual seria minha reação.

– Ah, existem meios de saber, minha jovem. Sempre existem.

– Isso ainda não explica por que está aqui agora.

– Estou aqui para garantir sua vitória.
– Bem, como você misteriosamente veio de tão longe e não é o homem que pensei que era, então vamos nessa. Phet, se é esse mesmo seu verdadeiro nome, diga-me, como posso derrotar Lokesh?

– É simples. Faça com ele o que fiz com você.
– O quê? Falar com ele de um jeito estranho?
– Não. Precisa persuadi-lo de que você é algo que não é.
– E o que isso seria? – perguntei, hesitante.
– Uma deusa – disse Phet, com toda a seriedade.
– Talvez você não esteja sabendo, mas já temos uma dessas no estoque – repliquei, com raiva.

– Phet sabe de tudo, minha jovem, e as coisas nem sempre são o que parecem.

– Obviamente – falei e dirigi-lhe um olhar significativo.

Ele se curvou ligeiramente, como se reconhecendo a própria presença mágica, tomou minha mão entre as dele e a afagou.

– Você se tornou uma bela flor, Quel-si.

O velho xamã inclinou a cabeça, estudando-me.

– Uma flor teimosa, de fato, mas, em suas diferentes viagens, você precisava dessa força resoluta. Sua vontade de ferro e sua determinação a mantiveram viva. Além dos sacrifícios de seus tigres. Apesar disso, as experiências não endureceram seu coração. A vulnerabilidade, a delicadeza, permanecem para quem quiser ver. Tenho muito orgulho de você, minha cara.

– Phet, se você sabia o tempo todo que terminaríamos aqui, então por que não nos mandou para cá de uma vez?

Ele deu um suspiro profundo.

– Jamais se obtém a vitória sem primeiro tomar a decisão de partir. Cada passo que você deu, cada inimigo que você venceu, cada provação que suportou, trouxe você aqui, agora, a este momento. É a véspera do seu destino, Quel-si. Era para ser, porque sempre foi assim. Nem mesmo eu tenho o poder de protegê-la da providência... por mais que lhe queira bem.

Uma lágrima escorreu por sua face enrugada, e apertei-lhe a mão fina. De alguma forma, de repente Phet estava aqui, me aconselhando e falando do meu destino, e isso não me deixou sem fala. Anos atrás ele me enviara nessa jornada, ou o faria em algum momento num futuro distante, e de certa maneira parecia certo encerrar essa busca com ele.

– Eu também lhe quero muito bem – declarei, docemente.

– Lembra-se de quando eu lhe disse que precisa escolher entre Ren

e Kishan?

Assenti e olhei para os dois anéis em meu dedo.

– Minha vida amorosa tornou-se um pouco... complicada. Receio que já tenham feito essa escolha por mim.

Phet me analisou em silêncio. Ficando de pé, disse:

– Entendo. Então, vamos encontrar os outros e descobrir como ajudar o destino?

Levantando-me também, pus a mão em seu ombro e concordei:

– Sim. E, Phet, obrigada por vir. Não sabe quanto eu preciso de sua orientação.

Ele me dirigiu um sorriso.

– Orientação é minha especialidade. Orientação e ervas. Também queria vê-la de novo, Quel-si.

Phet usou o tronco como apoio para montar em minha égua, e juntos partimos através da paisagem iluminada pela lua à procura dos outros.

Quando chegamos ao fundo do vale, serpenteamos entre retardatários feridos que se dirigiam a um acampamento recém-construído mais afastado da montanha. O ar estava pesado e denso, com um cheiro penetrante de sangue derramado e esperanças despedaçadas. Aparentemente não restavam muitos homens vivos, e estes cambaleavam no escuro em grupos de dois e três, desfigurados tanto no espírito quanto no corpo.

Quando tentei parar a fim de oferecer ajuda, Phet pôs a mão sobre a minha e disse que os outros precisavam mais de mim do que aquelas pobres almas. A noite estava silenciosa, quase em paz na sequência da batalha. As estrelas brilhavam, nítidas, vívidas, como se a luz pálida pudesse alcançar nossas tropas perdidas e desesperadas, e curar-lhes a dor.

Pouco depois ouvi um *clomp, clomp, clomp*, que foi ficando cada vez mais alto. Puxei as rédeas da égua e olhei para todos os lados na escuridão, desejando ter os olhos de Fanindra. *Seria um dos demônios equinos? Estaria Lokesh atrás de mim?* Meu coração saltou para a garganta, e ergui a mão para usar a única arma que me restara: fogo.

Phet segurava-se em minha cintura com toda a calma, sem nenhum temor do que ou de quem quer que estivesse se aproximando. Sua presença firme me dava certa coragem. Surgindo da escuridão, um grande animal se materializou. Soltava fumaça pelas narinas enquanto avançava em minha direção. A estrepitosa figura era um corcel

branco, e meu coração me disse quem o montava antes que eu pudesse distinguir seus traços. Ren.

Ele corria desenfreado para cima de mim e, antes que me desse conta do que estava acontecendo, Ren me arrancara da égua e me levava em seus braços. Phet ficou para trás.

Ren segurava as rédeas com uma das mãos e prendia meu corpo tão forte contra o dele que eu mal conseguia respirar. Eu podia sentir seu pulso acelerado, onde minha mão tocava-lhe o pescoço. Quase instintivamente, acariciei suas costas, esperando aliviar um pouco da tensão.

– Está tudo certo, Ren. Estou bem – repeti diversas vezes com voz suave.

Ren diminuiu o galope do cavalo para um trote e depois passamos a andar. Ele pressionou o rosto contra o meu e murmurou:

– Pensei que você estivesse no acampamento no momento em que veio a inundação. Fiquei muito aliviado quando seus guardas voltaram e me disseram que haviam deixado você no penhasco.

– Eu os obriguei a ir embora. Usei o amuleto de fogo e queimei-os só um pouquinho.

Vi um traço de seu faiscante sorriso branco surgir brevemente, para em seguida desaparecer tão depressa que pensei ter sido minha imaginação.

Ele suspirou.

– Kelsey, meu amor, posso estar sempre certo de que você vai fazer exatamente o oposto do que eu preferiria.

– Se eu tivesse ficado no acampamento, como você preferia, você não teria esta maravilhosa oportunidade de me repreender.

Ele me olhou nos olhos, deixando-me sem ar. Senti como se me inclinasse para ele, devagar, milímetro a milímetro. O abismo que eu criara entre nós estava se fechando. Meu coração disparou. Minha bússola interna apontava para ele. Ele era meu norte. Ele era lindo, maravilhoso, perfeito e... sangrava.

– Ren! Você está ferido! Por que ainda não cicatrizou?

Puxei a manga da blusa sobre a mão e enxuguei um corte profundo ensanguentado em seu couro cabeludo, oculto pelo cabelo.

Ele me mudou de posição ligeiramente e apertou minha cintura.

– Parece que Kishan e eu não temos mais a capacidade de cicatrizar espontaneamente.

– O quê? Como é possível? Vocês ainda podem se transformar em tigres aqui?

Ren assentiu.

– Talvez as feras tenham se tornado mortais, como disse a profecia.
– Não. Não! Não passamos por tudo isso para vocês ficarem *vulneráveis* agora! Vocês devem se tornar *humanos*! Quando chegarmos ao acampamento, Phet terá algumas explicações a dar.

– Phet? Do que está falando?

– Phet estava na égua comigo.

– Quer dizer que o homem que sequestrou você era Phet?

Bufei.

– Sequestrou? Por acaso, parecia que eu estava sendo mantida contra minha vontade?

– Eu salvo primeiro e pergunto depois. Aliás, você não está agindo como uma donzela agradecida que acabou de ser salva.

Segurei o tecido em meu pulso e o pressionei contra o ferimento, o que aproximou muito meu rosto do dele. Ele fez uma careta, mas não desviou o olhar de mim.

– Eu não precisava ser salva de nada – murmurei.

Ele ergueu a mão, afastou meu capuz e delicadamente passou a ponta dos dedos pelo meu rosto e pelos meus lábios.

– A verdade é que eu arrancaria você dos braços de qualquer homem, bandido ou não.

– Arrancaria? – perguntei em voz baixa, chegando ainda mais perto.

Ele também se aproximou, até nossas bocas quase se tocarem.

– Sim, *hridaya patni*, arrancaria.

Uma tensão delicada cresceu entre nós, mas logo fomos alcançados por outros cavaleiros. Num piscar de olhos, estávamos de volta ao acampamento. O momento passara.

Ren desmontou e me tirou do cavalo. Homens feridos e alquebrados de todos os exércitos estavam reunidos em grupos ao redor de pequenas fogueiras. Alguns cuidavam de suas armas e armadura, uns dormiam e outros mantinham-se sentados em silêncio, olhando fixamente para a frente. Saímos à procura de Anamika, que cuidava dos feridos.

Ela levantou a cabeça quando nos aproximamos e me lançou um longo olhar.

– Então, está a salvo afinal, irmãzinha. O general Xi-Wong está morto e Anfímaco perdeu uma perna – disse ela, sem rodeios. – Os líderes tibetanos estão aqui, mas só restou um punhado de homens de Mianmar vivos. Eles acreditam que seus líderes foram levados pelo demônio.

Ela se levantou, e notei quanto parecia esgotada. Suas roupas

estavam manchadas de sangue seco e o cabelo caía despenteado ao redor do rosto.

– Anamika, deixe-me ajudar – ofereceu Ren e estendeu a mão para o *kamandal*.

Ela o fitou por um instante, como se fizesse uma pergunta silenciosa, e então sacudiu a cabeça.

– Estes são os meus homens. Eu vou cuidar deles. Talvez você pudesse ter ajudado mais cedo, mas em vez disso correu para apaziguar nossa irmãzinha após mais um de seus acessos de fúria.

– Espere aí um minuto! – comecei.

Ren ergueu a mão.

– Você não está com raiva dela, Anamika. Está zangada comigo. – Ele se aproximou e pôs a mão em seu braço. – Acha que a abandonei, mas me ausentei por pouco tempo. Os homens estavam fora de perigo, e existem muitos capazes de ajudar. Além disso, Kelsey é apenas a primeira de muitos que precisam ser resgatados esta noite. Você faria o mesmo por seu irmão, não faria?

Sou apenas a primeira de muitos? Ele me vê como sua irmã agora? O que aconteceu com a declaração de que me arrancaria dos braços de qualquer homem?

Anamika suspirou e concordou com a cabeça.

– Faria.

Nesse momento, fui levantada por braços musculosos e aconchegada num peito largo.

– Você está bem? Está machucada? – perguntou Kishan.

– Se ela está machucada, provavelmente é por causa do excesso de atenção que vocês dois dedicam a ela – respondeu Anamika, irritada. – Temos muito trabalho a fazer aqui.

– Receio que esse trabalho terá que ser delegado a outros – disse uma voz atrás de mim.

– Phet! Você conseguiu chegar aqui! – exclamei.

– Kishan me encontrou e teve a gentileza de me acompanhar ao acampamento.

Ren apertou a mão de Phet e alegremente deu tapinhas em suas costas magras.

– Estamos felizes de ter você aqui. Seja bem-vindo.

Ren me olhou nos olhos brevemente. Kishan se colocou entre nós dois e encarou o irmão com a expressão fechada. Phet detectou a tensão entre eles ao mesmo tempo que eu.

Batendo ruidosamente nas bochechas de ambos, ele disse:

– Venham, tigres. Está na hora de dois valorosos filhos da Índia

cumprirem sua missão.

– Professor? – ouvi uma suave voz feminina perguntar.

Abrimos caminho para Phet.

– Anamika, que bom ver você.

A futura deusa gritou e correu para o pequeno monge, envolvendo-o delicadamente em seus braços.

– Nunca pensei que o veria de novo. O senhor não nos disse que estava partindo. Como chegou aqui após todos esses anos?

Levantei a mão.

– Esperem. Professor? Após todos esses anos? Phet, você se importaria de nos dizer o que está acontecendo? Pensei que você fosse o humilde servo da deusa.

– E sou. Venham. Temos muito que conversar. Tragam todas as armas e presentes de Durga. Vamos precisar deles hoje à noite.

O xamã lentamente avançou na escuridão.

Anamika assentiu vigorosamente e se afastou para pegar a mochila de armas enquanto Ren encarregava alguns homens de cuidar para que as tropas restantes bebessem a água do barril que Anamika preparara com o elixir da sereia.

Então, nós cinco – dois tigres, uma deusa, um velho monge questionável e uma garota do Oregon muito confusa e deslocada – partimos em busca de nosso destino.

Seguimos para oeste, para longe do monte Kailash e da devastação que se dera ali. Nenhum de nós falava. O som dos meus passos parecia alto, especialmente porque nenhum animal noturno corria entre os arbustos, fazendo barulho. A sensação era pouco natural. Estranha.

Finalmente, Phet parou num córrego de águas tranquilas e, com as mãos em concha, levou um pouco de água à boca.

– Nossa, está gelada.

Anamika se aproximou.

– Perdoe-me, professor. – Ela tirou o Lenço Divino da mochila e o segurou em suas mãos abertas. – Lenço, crie um manto quente e proteção para os pés e as mãos dele.

Fiapos de linha esvoaçaram pelo ar como sedosas teias de aranha e se dirigiram para Phet enquanto teciam sua magia. Em poucos segundos, ele estava aquecido por um manto, luvas grossas e botas.

– Desculpe-me não ter pensado em seu conforto antes – disse a deusa, e se ajoelhou humildemente.

– Não se preocupe com isso, minha querida. As pequenas irritações

da carne nada são além de um momento passageiro. Ainda assim – ele se aconchegou mais no manto –, é bom sentir-se aquecido. Quel-si, talvez você pudesse...

– Ah, é claro – apressei-me a dizer.

Logo o ar ao nosso redor tornou-se quente e agradável enquanto eu irradiava calor num círculo.

– Ah, assim está melhor – declarou Phet.

Ele encontrou uma pedra lisa para se sentar. Anamika imediatamente se acomodou a seus pés, como um jovem discípulo. Ren tocou meu braço e apontou para um lugar onde poderíamos descansar. Kishan logo posicionou-se do meu outro lado e pegou minha mão enquanto franzia o cenho para o irmão.

– Sei que estão todos se perguntando por que estou aqui – começou Phet. – Anamika está certa: fui seu professor quando ela e o irmão eram jovens.

– E o que você ensinou? – perguntei.

Anamika me fuzilou com os olhos.

– Você deveria ter uma atitude mais respeitosa.

– Ei, foi ele quem mentiu para *mim*. Vai ter que reconquistar meu respeito.

– Quel-si tem razão. Mereço suas desconfianças. Não sou a pessoa que a levei a acreditar que era. Na verdade, não sou quem fiz todos vocês acreditarem que era.

– Como assim? – perguntou Ren.

– Talvez fosse melhor para vocês pensarem em mim como o Espírito da Índia. Sirvo como um protetor ou guardião. Ao assegurar o lugar de Durga na história, estou garantindo o futuro. Para isso, desempenhei muitos papéis, incluindo o de professor de uma jovem que tinha uma mente brilhante para a estratégia.

Ele sorriu para Anamika.

– Obrigada, sábio.

– Esperem um segundo – intervi. – Está tudo invertido. Você me disse que servia à deusa.

– Sim, eu sirvo.

– Mas...

– Tenha paciência, Quel-si. Vou explicar tudo. – Ele buscou uma posição mais confortável e continuou: – Fui professor de Anamika. Quando ela era mais jovem, eu passava diversas horas por dia com ela, a fim de prepará-la para o que estava por vir. Instruí esta moça sobre guerra e paz, fome e fartura, riqueza e pobreza. Ensinei-lhe muitas línguas, inclusive a sua, Quel-si, porque sabia que um dia ela

encontraria vocês três.

– Isso foi antes ou depois de me conhecer? – perguntei.

– Não existe antes nem depois. Só existe acabado e inacabado. – Ele sorriu da minha expressão perplexa e estendeu as mãos. – Parte do meu trabalho está terminada e parte ainda está por fazer. Mas, quando o trabalho estiver concluído, o que não foi feito deixará de existir e tudo o que restará será o que é.

– Phet, você está me matando – retruquei, perplexa.

Com um brilho nos olhos, ele admitiu.

– Às vezes eu mesmo fico confuso.

– Mas, por que esse ardil? Por que me fazer acreditar que você era uma coisa quando na verdade é uma espécie de espírito supremo e onisciente?

– Foi necessário que eu fosse a pessoa que viu para que você pudesse se tornar a pessoa que eu vejo.

Enquanto eu tentava decifrar aquilo, Kishan sugeriu:

– Você mencionou que estava aqui para nos ajudar a derrotar Mahishasur. Se pudermos nos concentrar no concreto, talvez as complexidades da eternidade pareçam menos áridas.

– Falou como um verdadeiro guerreiro – disse Phet, esfregando as mãos. – Sempre admirei sua capacidade de permanecer focado. Muito bem. Vamos começar pelas armas. Posso?

Anamika ofereceu-lhe a mochila, e ele retirou de lá a *gada*.

– Ah, um instrumento finamente trabalhado. Esta arma tem sido útil a vocês em suas viagens?

– Usei a *gada* em Kishkindha contra as árvores de agulhas – respondeu Ren. – A *gada* as feriu, e elas nos deixaram em paz.

– Hum. Mais alguma coisa? – indagou Phet.

– Usei-a contra a coluna no templo de Durga – contei.

– Eu... eu tenho um templo? – perguntou a inexperiente deusa.

– Tem. Diversos.

– Também a usamos em batalha, como arma – acrescentou Kishan.

– Sim, mas você – disse Phet, olhando para mim – não a manejou da maneira como foi concebida para ser usada.

Em seguida, ele selecionou o arco e as flechas dourados e fez as mesmas perguntas. Contei-lhe que infundi fogo nas flechas, e ele pareceu contente com isso, mas indicou que as flechas tinham ainda mais poder para ser explorado.

Uma por uma, ele nos mostrou nossas armas – o *chakram*, o tridente, os broches e as espadas. Em seguida, apanhou Fanindra, e ela ganhou vida. Ele afagou-lhe a cabeça dourada.

– Ela talvez seja o presente mais subutilizado de todos – acusou Phet, com delicadeza.

– Mas Fanindra só ajuda quando *ela* quer – comentei.

Phet me estudou, e Fanindra voltou seu olhar verde para mim.

– Você pediu ajuda a ela? – perguntou ele.

– Não – admiti –, não pedi.

Correndo os dedos por suas espirais reluzentes, Phet explicou:

– A picada de Fanindra cura. Ela tem influência sobre outras criaturas naturais, principalmente sobre répteis com quem tem vínculos estreitos, mas pode acalmar até mesmo grandes predadores. Se olharem em seus olhos, serão enfeitiçados. Criaturas sobrenaturais, como as criadas por Lokesh, a temem naturalmente. Ela ilumina a escuridão, e também pode distinguir a escuridão nos outros. Estavam cientes disso?

Todos negamos com a cabeça, e lamentei não ter verdadeiramente apreciado o incrível presente que era Fanindra.

– Todas estas armas douradas vão mostrar seus verdadeiros poderes quando manejadas corretamente por uma deusa.

Ergui a mão no ar como uma aluna na sala de aula.

– Falando nisso...

– Tudo virá à luz em breve, Quel-si. Primeiro, preciso ensinar a vocês a maneira certa de usar os Presentes de Durga.

Ele procurou na mochila e encontrou o Fruto Dourado, a Corda de Fogo e meu Colar de Pérolas. Depois, educadamente, pediu a Anamika que lhe entregasse o Lenço Divino.

– Quando usados isoladamente, estes presentes têm grande poder, mas, quando combinados, podem se tornar algo mais. Por exemplo...

Ele pegou o Colar e o Lenço, um em cada mão, e encostou um no outro. Quando se conectaram, o Lenço se enroscou rapidamente no Colar, mudando de cor até exibir um arco-íris. O tecido subiu pelo ar, rodeou Phet e depois passou ao redor de cada um de nós. Ao fazê-lo, deixou-nos limpos e vestidos com roupas novas. Toquei meu rosto e o descobri ligeiramente úmido, como se coberto com o orvalho da manhã.

Concluindo seu trabalho, o Lenço retomou sua forma original, deixando-se cair suavemente na mão de Phet.

Anamika encantou-se.

– Esse poder é verdadeiramente espantoso!

– Vimos isso antes – comentei. Olhei para Anamika. – Durga utilizou esse poder em nós, em seu templo, antes de encontrarmos os dragões.

– Sim. – Phet sorriu. – É verdade.

A expressão alegre de Anamika deu lugar à sobriedade, e lamentei por ela. *Como deve ser ter sua vida inteira traçada por forças invisíveis?* Na verdade, parecia que nós quatro sofríamos de algo semelhante; tínhamos sorte apenas porque por um tempo nos sentimos no controle e tomamos nossas decisões. Mas, no fim, era Phet ou o cosmos que havia orquestrado tudo.

Olhei para Ren e Kishan, e perguntei-me se o destino escolhera um deles para ficar comigo – e por um momento me perguntei se era por isso que eu os amava. *Não. Meu coração é meu. Mas, e se for por isso que eles me amam, porque o destino assim lhes ordenou? Certamente se o destino estivesse no comando, não teria escolhido os dois,* argumentei comigo mesma. *Haveria apenas um.*

Ren interrompeu meus pensamentos ao perguntar a Phet:

– O que acontece quando se combina a Corda com o Colar? O fogo e a água se neutralizam?

– Vamos experimentar e ver. – Phet pegou a Corda de Fogo e disse: – Quel-si, por gentileza.

Dei um passo à frente e peguei o punho da Corda, infundindo-lhe minha chama. Phet enrolou o Colar na extremidade da Corda e estalou-a no ar, produzindo um grande estalo e um estrondo no céu noturno. Logo vi o que pensei serem vaga-lumes caindo à nossa volta. Estendi a mão e apanhei um, que chiou, queimando brevemente e então extinguindo-se na palma da minha mão.

– O que é isso? – perguntei.

– Chuva de fogo – respondeu Phet.

Com outro estalo, a chuva de fogo cessou e os pequenos fogos que irrompiam na relva desapareceram.

– Quando estes dois se unem, a água assume as propriedades do fogo e vice-versa. Você pode criar um lago de fogo ou pode fazer o fogo fluir como um rio. Também é possível criar um líquido que queima. Vocês três chamariam isso de ácido.

Ren assentiu, como se compreendesse tudo.

– A outra coisa que devem ter em mente é que, quando manejada por uma deusa, a Corda produz uma chama azul. É uma chama de limpeza. Busca os cantos escuros no coração dos homens e os escalda, não fisicamente, mas cria um grande tumulto interno para aqueles que causam dor aos outros.

Ele tomou fôlego e continuou:

– Vocês também sabem que puderam viajar ao passado usando a Corda de Fogo. Isso porque a Corda tem a capacidade de abrir um fio

cósmico. Quando pediram à Corda que os levasse ao seu destino, ela encontrou uma fenda no tecido do universo e abriu um portal, permitindo que vocês seguissem o fio até este lugar.

– Não entendo essas coisas – disse Anamika. Ela se virou para nós e perguntou: – Quer dizer então que vocês três não são deste mundo? São deuses que viajam em fios?

– Não somos deuses, Anamika – respondeu Kishan. – Somos deste mundo, como você, mas nascemos muitos anos no futuro.

– Esse poder está além da minha compreensão.

Phet pôs a mão no ombro dela.

– Precisa tentar aprender essas coisas. Sei que é difícil para você. Talvez eu possa explicar de outro modo. – Ele ergueu a espada dourada e apontou-a para ela. – Como sabe quando uma espada não foi feita adequadamente?

– Quando o punho está solto ou não está bem preso, quando a espada vibra demais ao ser usada num alvo, quando não tem equilíbrio e quando se torna quebradiça e se parte por não ter sido forjada corretamente.

– Está certo. – Phet sorriu calorosamente para a ex-aluna. – Pense no mundo como uma espada. O aço é dobrado sobre si mesmo diversas vezes. A Terra tem muitas dessas dobras ou camadas. Essa dobradura torna a lâmina mais forte e bela. Quando uma espada é forjada, o aço é aquecido a uma temperatura muito alta e em seguida resfriado rapidamente. Se isso for bem-feito, você terá uma arma forte e sólida. Caso contrário, fraturas microscópicas ou rachaduras se formarão onde a estrutura cristalina estiver fraca.

– Hum... – deixei escapar.

– Nosso mundo é muito parecido – prosseguiu Phet. – Existem fissuras e fendas no espaço e no tempo. O tecido do universo está em constante movimento e mudança à medida que se expande e se contrai, como o metal que é aquecido e depois resfriado repetidas vezes, e, à medida que a matéria se rompe e se restaura, ela cria fios. Fios que levam ao que foi um dia, ao que é agora e ao que será. Tudo está ligado. É a isso que me refiro quando falo de fios cósmicos. Foi assim que estes três vieram até você.

Anamika assentiu.

– Então vamos forjar o mundo de novo e cicatrizar o que está fraco.

– É seu direito inato, Anamika – afirmou Phet.

Phet continuou a nos mostrar um poder impressionante após o outro. Usou a *gada* e o Colar para abrir uma fissura no solo, e um gêiser esguichou, subindo mais do que qualquer um no parque de

Yellowstone. Ele mergulhou a ponta de uma flecha dourada no *kamandal* e nos deixou chocados quando a disparou na perna de Ren. A flecha desapareceu rapidamente, e o corte em seu couro cabeludo se fechou. Quando Ren examinou a perna, era como se nada o houvesse atingido.

– Ren e Kishan não são mais capazes de se curar sozinhos? – perguntei a Phet.

Ele rolou o *kamandal* entre as mãos e respondeu.

– Não. Infelizmente, não são.

– Por quê? O que fizemos?

– Vocês não fizeram nada. Simplesmente chegou a hora de eles cumprirem seu destino. Seus corpos foram mantidos jovens e preservados para que pudessem lutar aqui.

– E o que será de nós quando a luta terminar? – indagou Ren.

Phet deixou de lado o *kamandal* e disse, calmamente:

– Talvez seja melhor pensar no futuro depois que cuidarmos do presente, não acham?

Phet enrolou a Corda de Fogo na cintura, onde ela se fechou como um cinto. Quando ele encostava qualquer arma na Corda, a arma se acendia em chamas. Ele encostou uma flecha no Colar e fincou-a num tronco de árvore. A árvore inteira se transformou em água, conservou a forma do que fora por alguns segundos e depois desabou, inundando a vegetação rasteira.

As possibilidades pareciam infinitas, e o único limite era nossa própria criatividade. Estávamos todos ávidos por experimentar as armas, e Kishan foi o primeiro a se levantar. Mas Phet segurou-lhe o braço no momento em que ele ia pegar o *chakram* e balançou a cabeça. Kishan deu um passo para trás.

– Devo alertá-los sobre duas coisas. A primeira é que, quando usarem a Corda de Fogo, suas instruções devem ser muito específicas. Se pedirem que os leve a um local seguro, podem terminar em outro tempo e lugar. Não tenho palavras para expressar a importância de cada um de vocês nesta batalha. Precisam ficar aqui. Podem, no entanto, usá-la para se movimentarem rapidamente pelo campo de batalha, mas têm que dizer exatamente aonde desejam ir.

Kishan assentiu e perguntou:

– E qual é o outro alerta?

Phet nada disse por um momento, mas olhou para Anamika.

– Existe uma razão para você não ter lutado hoje como a deusa ou liderado a batalha como desejava, minha jovem?

Ela baixou a cabeça, e Kishan e eu nos viramos para olhá-la. Ren

pôs a mão em seu braço, oferecendo-lhe apoio.

– Tenho vergonha de confessar, mas... – começou ela, e lançou um rápido olhar para Phet, que aguardava pacientemente que ela concluísse.

Anamika puxou uma faca da bota e perfurou o chão algumas vezes.

– Eu estava sob o domínio do demônio.

Phet pressionou-a.

– Sentiu que ele se apossava de você à medida que se aproximava da montanha. Estou certo?

– Está – admitiu ela.

– Tive que puxá-la quando chegou perto demais – acrescentou Ren.

– Tirei as armas dela porque ela as voltou contra as próprias tropas. Quanto mais distante estava da batalha, mais controle tinha sobre si mesma.

– Foi o que suspeitei – disse Phet. Ele então se ajoelhou diante de Anamika e levantou-lhe o queixo para poder ver seu rosto. – Não é culpa sua. Isso aconteceu com Ren e Kishan também.

– O quê? – quis saber Kishan, e deu um passo à frente.

– Eu não estive sob o domínio de Lokesh, nem quando ele me torturou – afirmou Ren.

Phet segurou o braço de Kishan e explicou:

– Você estava sob esse mesmo poder antes de o tigre salvar você.

Ren ficou de pé e disse:

– Você está falando do talismã. Sim... ele afetou tanto a Kishan quanto a mim porque temos o mesmo sangue.

– Ele agora usa esse talismã combinado com o amuleto para criar seu exército de demônios – esclareceu Phet –, e o irmão gêmeo de Anamika é o líder. Como ele está sob sua influência, o controle que Lokesh exerce sobre Sunil a subjuga quando ela chega perto demais.

Durga ofegou, e lágrimas se formaram em seus olhos. Estendi as mãos para segurar as dela.

– Então só precisamos destruir o talismã.

– Isso deve ser sua prioridade. – Phet me dirigiu um olhar revelador, e baixei ligeiramente a cabeça para mostrar que eu entendera. – Pela manhã, vocês quatro irão para a batalha. Agora, precisam usar estas poucas horas que restam para descansar. Vou voltar ao acampamento e preparar as tropas para acompanhá-los. Fiquem aqui até eu voltar.

Fechando melhor seu manto recém-confeccionado, Phet desapareceu na escuridão, deixando-nos com as armas para trás. Anamika ainda parecia atordoada por tudo. Usei o Lenço para fazer

uma barraca confortável para ela e a guiei para dentro. Quando verifiquei que a barraca era quente o bastante e vi que ela se deitara de lado, obviamente sem querer conversar, deixei-a sozinha.

Encontrei Kishan esperando por mim do lado de fora.

Envolvendo-me em seus braços, ele perguntou:

– Ainda está zangada comigo?

– Nunca estive zangada com você. Estava zangada com Ren e Anamika, e confusa também.

Kishan suspirou profundamente.

– Entendo. Deve ter sido difícil para você vê-los juntos. Ainda sente algo por ele.

Não respondi. Não podia revelar o conhecimento que a Fênix marcara a fogo em minha alma. Uma parte de mim amava Kishan e queria desesperadamente retribuir o amor que ele merecia. Mas eu ainda era apaixonada por Ren, e esse sentimento não podia ser posto de lado nem negado.

Kishan segurou meu queixo com gentileza, e olhei em seus calorosos olhos dourados. Olhos cheios de paciência, amor e aceitação.

Passei os braços por sua cintura, enterrei a cabeça em seu ombro e chorei. Ele acariciou minhas costas e disse:

– Não chore, *bilauta*. Você sempre pode me dizer como se sente. Pode falar comigo sobre qualquer coisa, mesmo que ache que vai me magoar. Amo você, Kelsey Hayes. Quero me casar com você, ter uma dúzia de filhos e envelhecer a seu lado. Você fez de mim um homem inteiro de novo e me deu mais do que eu poderia desejar, mais do que mereço, ao aceitar ser minha mulher. Sei que Ren é parte de sua vida. Ele é parte da minha também. Vamos nos preocupar com o futuro depois que cuidarmos do passado. Combinado?

– Combinado.

Fiquei na ponta dos pés para beijá-lo rapidamente, mas ele me abraçou com força e me beijou com uma paixão ardente impossível de não corresponder. Meus braços envolveram seu pescoço e o seguraram. Ele correu as mãos pelas minhas costas e segurou minha cintura, puxando-me para mais perto. Quando nossas bocas se separaram, ele sorriu e baixou a cabeça para beijar meu rosto.

– Amo você também, Kishan – sussurrei, e sua felicidade ao ouvir minhas palavras aqueceu meu coração.

Phet voltou algumas horas depois. Estava amanhecendo, e as nuvens

pareciam algodão-doce cor-de-rosa. Eu me lembrei do fatídico dia em que conheci Ren no circo, no Oregon. Aquela visão me fez pensar em tempos mais felizes, lugares mais felizes. De algum modo as nuvens pareciam fora de lugar na manhã de uma batalha.

Phet havia reunido nossas armas, que jaziam numa pilha reluzente aos nossos pés. Esfreguei os olhos para desfazer as camadas de sonolência. Anamika estava ao meu lado, torcendo nervosamente as mãos. Kishan e Ren pareciam pouco à vontade também.

Phet pegou o Lenço Divino e o segurou na palma das mãos.

– Para tornar-se verdadeiramente a deusa, você deve tocar todos os presentes enquanto se transforma.

Ele entregou o Fruto Dourado a Anamika, prendeu o fecho do Colar de Pérolas ao redor de seu pescoço e enrolou a Corda de Fogo em sua cintura.

– Agora, enrole o Lenço Divino em seu corpo e deseje aparecer como a deusa Durga.

Um breve momento se passou e a brisa fria brincou com a borda do Lenço. Eu acabara de usar o poder do amuleto para aquecer o ar ao nosso redor quando ela levantou o Lenço.

Eu a tinha visto como Durga antes, com todos os oito braços, mas dessa vez ela parecia diferente. Sua pele brilhava como que iluminada de dentro. Os cabelos longos e negros pareciam ter vida própria ao se moverem suavemente na brisa. Estava linda e feroz. O poder parecia irradiar dela em ondas.

Delicadamente, Phet pegou o Lenço, o Fruto e os outros itens dela. Seus braços se flexionaram e contraíram como se estivessem prontos para a batalha. Ela se virou para mim, movendo-se com tanta fluidez com oito braços quanto antes, com dois.

– Agora, Quel-si, é a sua vez.

– O quê? – arfei, em choque.

Ren e Kishan reagiram no mesmo instante.

– O que está fazendo? – perguntou Kishan.

– Não há uma forma de deixá-la fora disso? – protestou Ren.

Phet respondeu a ambos.

– O destino de Quel-si sempre foi lutar nesta batalha. É por isso que ela é e sempre foi a escolhida. Sem ela – ele olhou para Ren – vocês perderão tudo.

O monge esguio entregou-me o Fruto, mas Kishan pegou o Colar e o prendeu em meu pescoço. Ren ajustou a Corda de Fogo na minha cintura e, depois de beijar a minha testa, afastou-se.

– O que desejo ser? – indaguei.

– Você deve ser Durga também.

Deixando minha confusão de lado, enrolei meu corpo com o Lenço. Fiz uma careta debaixo dele, pensando em todos os braços que logo ondulariam ao meu lado, mas obedeci às instruções e disse ao Lenço Divino que queria ser Durga. O que aconteceu em seguida foi impressionante.

Primeiro, não senti nenhuma diferença, mas, quando o Lenço fez seu trabalho, senti minhas roupas se transformarem. Pequenos dedos elétricos percorreram meus cabelos, provocando arrepios, e então me dei conta de que sentia arrepios em mais de um par de braços. O lenço fez cócegas, e o puxei com uma mão que nunca usara antes. O sangue corria em ondas pelo meu corpo e fechei os punhos, todos eles, ao sentir o poder se mover através de mim.

Olhei para a nova deusa Durga de pé na minha frente, com diversos pares de braços cruzados, e ela sorriu. Retribuí o sorriso e me senti cheia de confiança e poder. Foi só quando olhei para Ren e Kishan que fiquei constrangida. Ambos me fitavam.

– O que foi? – perguntei. – Um dos meus braços está fazendo algo errado?

– É você... você está... – começou Kishan e engoliu em seco.

– Deslumbrante – completou Ren.

Ele me ofereceu sua mão, e pousei uma das minhas sobre ela. Ele a levou aos lábios e beijou-a amorosamente, depois passou os dedos sobre o anel em meu dedo e sorriu. Levantei a mão para olhar o anel e vi que era o de Ren.

Automaticamente, passei oito polegares sobre trinta e dois dedos e encontrei outro anel na mão direita. Olhei para ele e soltei um suspiro contido ao ver o rubi de Kishan são e salvo em meu dedo. Kishan se adiantou e pegou minha mão, audaciosamente colocando a palma contra seu rosto. Ele a beijou e se postou ao meu lado.

– Agora, usem seu poder para atrair as armas para vocês – disse Phet.

Nós duas erguemos os braços, e as armas douradas se elevaram no ar. Abrimos as mãos, e as armas voaram para elas. O *chakram*, um broche, o *kamandal* e, para minha tristeza, Fanindra, voaram para as mãos estendidas de Durga, assim como o Fruto Dourado e o Lenço Divino.

O Colar de Pérolas e a Corda de Fogo ficaram comigo. Também recebi um broche, a *gada*, o tridente e meu arco com as flechas. A espada dourada subiu no ar e se dividiu em duas. Uma espada voou para Durga e a outra, para mim. Peguei-a com minha mão direita mais

alta. Quando segurei as armas, elas mudaram de cor, de dourado para prateado, enquanto as de Durga ainda reluziam no dourado usual.

– Agora, vocês estão prontas para a batalha. – Phet bateu no ombro de Ren e continuou. – Dhiren e Kishan vão entrar no combate com as deusas e lutarão ao lado delas do modo que o destino escolheu para vocês. Senhoras, queiram ativar seus broches.

Toquei a joia e disse:

– Armadura e escudo.

Finas placas de prata envolveram meus membros e um escudo surgiu numa de minhas mãos esquerdas. A armadura desceu pelo meu tronco, sobre meus quadris e minhas pernas, e fiquei surpresa com a facilidade com que podia me mexer dentro dela.

Virei-me para olhar Anamika e vi que uma armadura dourada envolvera a parte superior de seu corpo, como se fosse um espartilho, deixando o pescoço livre, e em seguida se completou, cobrindo-lhe os ombros. Braceletes dourados protegiam seus antebraços.

Ela usava uma saia de tecido preto revestida com placas douradas e botas pretas cobertas de tiras de metal dourado. Uma coroa dourada se formou sobre sua cabeça.

Abafei o riso ao ver a tiara dourada de Durga, mas então estendi um dos meus braços e toquei o alto de minha cabeça. Como era de se esperar, eu usava uma coroa prateada também.

Para meu espanto, olhei para baixo e descobri que também tinha um peitoral e que minha armadura era idêntica à de Anamika, exceto pela cor. Minha pele quase cintilava com uma luz interior. Meus cabelos castanhos estavam dourados, cheios e longos como os de Anamika. Meu vestido era semelhante na forma ao dela, mas era branco. Ren estava boquiaberto, e enrubesci sob seu minucioso exame.

Quando o processo se concluiu, Ren e Kishan se curvaram e rosnaram de dor. Assustada, dei um passo na direção de Ren no momento em que ele assumia a forma de tigre. Ele rugiu alto e se sacudiu. Kishan se transformou no tigre negro.

– O que está acontecendo? – perguntei a Phet.

– Chegou a hora, Quel-si. Eles estão cumprindo seu objetivo – respondeu ele.

Toquei Ren, e placas prateadas cobriram seu focinho e continuaram sobre a cabeça. Logo seu corpo encontrava-se envolto numa armadura prateada. Uma cinta dupla circundou seu corpo e formou uma sela branca sobre o dorso, completa com duas alças de metal na altura das espáduas. Kishan foi equipado de forma idêntica, com uma armadura dourada e a sela preta.

Anamika-Durga se colocou entre Ren e Kishan. Ela afagou a cabeça de Kishan.

– Interessante – disse ela.

Kishan rosnou de leve em resposta e caminhou até mim, posicionando a cabeça sob minha mão. Cruzei dois pares de braços, descansando uma das mãos em Kishan.

– Está brincando, não, Phet? Não é o que estou pensando...

– É exatamente isso, Quel-si. A deusa Durga deve ir para a batalha montada em seu tigre.



A derrota de Mahishasur

—Se está hesitante, então fique aqui, irmãzinha – provocou Anamika.

– Esta guerra é ainda mais minha que sua, *irmãzona*.

Ela fechou a cara, o que me deixou um pouquinho feliz, e tentou passar a perna por cima das costas de Ren. Surpreendentemente, a nova deusa caiu numa desajeitada confusão de braços. Irritada, ela se levantou e tentou novamente, mas, por mais que se esforçasse, não conseguiu ocupar seu lugar em cima de Ren.

Ela segurou a alça acima das espáduas dele, mas tentar montá-lo requeria um esforço monumental da parte dela. Quando Ren se inclinou na direção dela para facilitar, foi violentamente empurrado por uma força invisível. Ele deslizou para longe de Durga, deixando apenas as marcas de sua pata no solo macio.

– Por que está acontecendo isso? – perguntou ela ao professor.

Phet deu de ombros.

– Destino, minha querida.

– Destino? – sussurrei. Curiosa, segurei a sela de Kishan e senti imediatamente uma força me empurrar. Soltei-a e me afastei. – Hã, estou tendo o mesmo tipo de problema.

Phet pegou a mão de sua antiga aluna e a colocou nas costas de Kishan.

– Você deve montar o tigre escolhido para você.

Kishan bufou, e, enquanto ele e Durga se olhavam, avaliando-se, Ren deu a volta por eles e esfregou a cabeça em minha perna. Fiz um carinho em seu ombro blindado, segurei a alça e passei a perna facilmente por cima de suas costas. Senti um puxão e ouvi um clique quando minha armadura prateada tocou a dele.

– É como se estivéssemos magnetizados! – exclamei.

– Você está certa – disse Phet. – Há uma força que a conecta com seu tigre, semelhante àquela nas extremidades de um ímã. Esse elo os ajudará na batalha. O metal irá mantê-los juntos e evitará que você caia. Em teoria, você pode até ficar de pé nas costas dele que suas botas irão travar no lugar.

Assenti e travei os pés na placa de metal de ambos os lados do

corpo de Ren. Satisfeito, Phet seguiu para Kishan e minha gêmea Durga.

A estranheza das últimas semanas se dissolveu no instante em que senti a ligação entre mim e Ren reverberar pelo meu corpo. A energia fluiu dos meus braços e pernas para ele e então retornou a mim, e me dei conta de que podia ouvir seus pensamentos.

Ren se sentia... orgulhoso de me levar para a batalha, mas eu também sentia que ele estava apavorado. Não queria que eu enfrentasse Lokesh e estava preparado para se sacrificar por mim. Ele também não queria lutar como tigre. Meus punhos se retesaram involuntariamente quando ele tentou se transformar em homem. No entanto, os esforços de Ren foram infrutíferos, e ele logo se resignou à forma de tigre.

Embora eu houvesse cavalgado no *qilin* e estivesse começando a ter bastante domínio da égua, não tinha muita certeza sobre quão complexo seria cavalgar e lutar ao mesmo tempo. Ergui a espada e a brandi para a frente e para trás, tentando decidir qual mão funcionava melhor. Experimentei algumas armas, mudando-as de uma mão para a outra rapidamente, e então ajustei a proteção de um dos meus oito braços.

Devo estar pesando uma tonelada, pensei. Pobre Ren.

Você não está nem um pouco pesada. A voz inebriante de Ren deslizou para minha consciência, me assustando. A sensação era de uma calda de chocolate rica e aveludada sendo vertida em minha alma. Ela me preenchia e aquecia por completo, fazendo com que cada centímetro quadrado de minha pele formigasse de prazer. Fiquei sem ar e meu coração disparou. A sensação era intensamente íntima.

Você está me fazendo corar, priyatama.

Hesitante, descobri que ele estava tão consciente de mim quanto eu dele. Em sua mente, eu era como a luz do sol líquida com gosto de pêssego maduro. Senti o calor aquecer o meu rosto, e Ren me guiou a um lugar secreto no fundo de sua mente, onde se abriu para mim completamente. Num instante, tive consciência de tudo: seu isolamento no cativeiro, sua alegria quando o preferi a Li no Oregon, sua autorrecriação quando terminou comigo e seu absoluto desespero quando fiquei noiva de Kishan. As camadas de solidão quase me sufocaram. Mas, entretecida a todos esses pensamentos, havia uma esperança constante conjugada com ondas de amor. Essa sensação fez cócegas nos dedos dos meus pés e acariciou delicadamente meu coração.

Ren, eu...

Incapaz de formar um pensamento coerente em resposta, enxuguei uma lágrima no meu rosto e acariciei o pelo branco de seu pescoço, onde ele aparecia sob a armadura.

Sua reação ao meu toque foi avassaladora. Senti como ele precisava de mim. Essa necessidade redemoinhava dentro dele como um furacão. A emoção crua o inundou como uma enchente, despertando a minha também. Lembranças circulavam dentro da tempestade, uma após a outra.

Algumas eu reconhecia, como minha imagem aconchegada em seu colo depois de sairmos para dançar no dia dos namorados, mas outras eram novas: Ren cerrando os punhos, pronto para fazer nosso instrutor de mergulho, Wes, em pedaços quando dancei com ele na praia; Ren com outras mulheres nos braços, mas ainda assim se sentindo vazio; Ren me vendo chorar e sabendo que era ele o motivo do meu sofrimento.

Então Ren me mostrou como se sentiu quando o toquei a primeira vez como tigre, suas lembranças de nossos beijos na cozinha enquanto os biscoitos assavam, da perfeição com que minha mão se encaixava na dele, e o absoluto abandono e a louca alegria que sentia quando me tomava nos braços. Essa parte dele havia sido trancada, reprimida. Seu coração estava de fato enjaulado, e, como no poema, andava de um lado para outro, à espera de ser libertado.

Você tem a chave, ele me disse.

Então, naquele momento, esse homem maravilhoso, lindo, incrível pôs seu coração nas minhas mãos e esperou para ver o que eu iria fazer com ele.

Eu arqueei e senti sua tensa expectativa. Ele não se importava com o que acontecesse na guerra. Durga, a profecia e tudo o que se relacionava a ela não significavam nada para ele. No que lhe dizia respeito, era *essa* a batalha que ele estava travando. Tomava parte numa cruzada não para ganhar a glória, proteger um reino ou lutar por uma deusa. Sua campanha era para conquistar a *mim*.

Cruzei um par de braços sobre meu coração e fechei os olhos. Debruçando-me, pressionei o rosto em sua orelha macia e envolvi seu pescoço com os outros pares de braços.

Ren.

Com esse sussurro mental, uma represa se rompeu dentro de mim e todos os meus pensamentos e emoções transbordaram. Senti seu impacto atingir Ren, como uma onda gigantesca. Ele se manteve imóvel, assimilando tudo. Deixei que vivenciasse tudo: a confusão, o coração partido, a angústia e agora a felicidade. Não reprimi nada –

nem mesmo meus sentimentos por Kishan. Senti sua aceitação e sua compreensão de meu relacionamento com seu irmão. Não houve nenhum sentimento de vingança ou julgamento, apenas um profundo e sincero arrependimento, e percebi sua surpresa ao finalmente compreender por que o mantive a distância por tanto tempo.

Para terminar, mostrei-lhe a profundidade do que sentia por ele e o tamanho de meu desespero sem ele.

Ren, amo você mais do que qualquer coisa neste mundo e não sei como poderia viver sem você.

Isso nunca vai acontecer, iadala.

Seus pensamentos foram silenciados por alguns instantes, então nossas almas trançaram-se como ramos de trepadeira e nós dois descansamos, nossos pensamentos contentes, tranquilos, em paz. Bolhas de poder formigavam e corriam preguiçosamente entre nós. Naquele momento, tudo estava certo com o mundo. Aquele que eu amava se encontrava tecido com firmeza em minha alma, e eu esperava que nunca mais nos separássemos outra vez.

Uma voz alta interrompeu nossos pensamentos.

– Peço desculpas. Não tive a intenção de tratá-lo como um animal de carga – disse Anamika, trazendo tanto a mim quanto Ren de volta à batalha iminente.

Era hora de irmos. Hora de pôr um fim nisso, de uma vez por todas.

Ela chutou Kishan de leve nas costelas, e Kishan avançou, rabugento. Uma expressão pensativa cruzou o rosto dela, e então Kishan ganhou velocidade e começou a correr. Nós seguimos o exemplo, e eu senti a euforia de Ren ao esticar suas pernas de tigre, atravessando o campo, rasgando a distância em grandes saltos.

Ren era todo músculos e energia infinita, e, agarrando-me às laterais de seu corpo, encontrei o ritmo de sua marcha. Nós nos movíamos juntos, como um. Seus pulmões felinos trabalhavam como poderosos foles, e notei que estávamos respirando em conjunto. Quando olhei para trás, Phet não estava mais à vista.

Retornamos ao centro do acampamento. Homens de cinco nações diferentes ajoelharam-se à nossa volta, tocando o solo com a cabeça, em deferência. Estavam impressionados com a presença não de uma, mas de duas deusas entre eles. Minha gêmea tomou a liderança e pediu aos generais que se aproximassem. Então lhes falou de um novo plano, um que não envolvia animais que os demônios pudessem voltar contra nós. Essa batalha seria travada a pé.

Em seguida, ela se voltou para mim e indicou que eu deveria dizer algo inspirador. Os pensamentos de Ren fluíram por minha mente.

Eles precisam de um símbolo para seguir no campo de batalha.

No tom de voz mais alto que conseguia emitir, gritei:

– Neste momento, vocês não são mais os exércitos da China, da Macedônia, de Birmânia, do Tibete ou da Índia. Agora vocês são os guerreiros de Durga! Já combatemos e vencemos muitas criaturas ferozes. Agora damos a vocês o símbolo do poder delas.

Peguei emprestado o Lenço e o encostei no Colar de Pérolas. O material sedoso disparou pelo ar, fragmentando-se e multiplicando-se, tocando em cada um dos soldados para vesti-los nos tons mais brilhantes de vermelho, azul, verde, ouro e branco. Nem os porta-estandartes foram deixados de fora e agora levavam flâmulas que retratavam Durga cavalcando seu tigre para a batalha.

– Vermelho pelo coração de uma Fênix que enxerga através da mentira! – saudei e ergui o tridente. – Azul pelos Monstros das Profundezas que dilaceram aqueles que ousam cruzar o seu domínio! Ouro pelas Aves de Metal que cortam seus inimigos com bicos afiados! Verde pela Horda de Hanuman que vem à vida para proteger aquilo que é mais precioso! E branco pelos Dragões dos Cinco Oceanos, cuja astúcia e cujo poder não têm igual!

Ren ergueu-se brevemente nas patas traseiras e rugiu. Os homens todos se maravilhavam com o poder que demonstrávamos.

Devolvi o Lenço a Durga, que prometeu:

– Esta batalha e o valoroso serviço de todos vocês serão lembrados por gerações. Assim como vocês nos honram no dia de hoje, nós os honraremos nos dias que virão.

Os soldados receberam a ordem de se preparar e saíram apressados para obedecer às instruções de sua deusa. Os ânimos de todos estavam elevados. Homens que haviam se desesperado no dia anterior agora pareciam confiantes de que iríamos realizar o impossível. Eu sabia que parecíamos capazes de realizar muito, mas havia uma parte de mim que ainda sentia muito medo. Foi apenas a convicção de Ren que me deu coragem.

Um coração devotado pode superar qualquer obstáculo, rajkumari. Confie em minha proteção.

Engoli em seco, perguntando-me se tinha a capacidade para fazer o que deveria ser feito. Eu precisaria de cada detalhe do meu treinamento e de cada gota de coragem que havia em mim para sair vitoriosa nesse dia.

Quando estava tudo pronto, Durga sorriu, benevolente, para nossas tropas e clamou:

– Eu asseguro a vocês que, se lutarem comigo, irei protegê-los com

todo o poder à minha disposição, e, juntos, iremos vencer. Nós *iremos* derrotar o demônio. Guerreiros vermelhos, azuis, verdes, dourados e brancos, vocês nos seguirão para a batalha?

Um viva retumbante ecoou pelo acampamento, e todos seguimos na direção do monte Kailash.

O Sr. Kadam certa vez me contou o episódio dos 300 espartanos que mantiveram o vasto exército persa a distância durante sete dias na Batalha das Termópilas. Ele me disse que essa história havia sido lembrada por séculos não só porque era uma lição de como resistir bravamente, mas porque mostrava que mesmo um pequeno número de homens bem treinados e com um plano sólido podia frustrar um inimigo muito mais poderoso.

Esses homens eram como aqueles espartanos. Tinham vindo lutar contra o demônio e completariam sua missão ou morreriam tentando. Eu precisaria dar o melhor de mim para ser digna de sua fé.

Quando um chifre soou como um clarim e a neblina fina rolou no campo, hordas de soldados-demônios se materializaram e começaram a socar, bater os pés e uivar, à espera de que seu líder os liberasse. Os homens de Durga mantiveram-se corajosos e firmes, inabaláveis diante do inimigo.

Durga atacou primeiro.

Três catapultas lançaram grandes barris no ar frio. Eles atingiram a montanha com um estrondo, explodindo e derramando seu conteúdo sobre o exército demoníaco. Os demônios sacudiram os braços e as cabeças e viram mais barris serem lançados. O estrondo da madeira era acompanhado por um pesado *flop* da lona quando a carga assoviava pelo ar e se rompia, fazendo chover óleo sobre as cabeças do inimigo.

Em retaliação, homens-pássaros se lançaram ao céu, seguindo direto para as catapultas. Todo homem capaz de manejar um arco disparou flechas contra os demônios voadores. Durga ergueu os braços e mandou para o ar milhares de fios que teceram redes grossas e capturaram os pássaros-demônios que restavam.

Os sons da batalha foram substituídos por vivas do exército de Durga, enchendo-nos de esperança. Era uma vitória pequena, mas ainda assim uma vitória, e meus homens se movimentavam impacientes, esperando nossa vez de entrar na luta. Os demônios dobraram sua velocidade e trovejaram pelo campo. Quando a massa deles passou por nós, fiz o sinal para incendiar o campo de óleo que havíamos criado.

O exército de demônios soltou gritos horríveis antes de desabar no

chão, sucumbindo à morte definitiva. Aqueles que passaram em segurança foram atacados por Durga e nossos homens que dispararam uma saraivada de flechas acesas por mim com o poder do fogo. À medida que os inimigos caíam, um a um, e as almas dos homens e dos animais eram libertadas, eu murmurava um último desejo:

– Espero que encontrem a paz.

Quando a batalha já estava próxima demais para o uso de flechas, meus homens ergueram suas espadas e avançaram correndo. Fiquei para trás, usando meu poder do fogo, e consegui liquidar uma grande matilha de demônios-caninos. Incinerei-os em grandes grupos, mas, quando meus homens ficaram no caminho, tive que passar para as armas. Ren disparou à frente e entrou no combate, comigo em suas costas. Meu tigre atacou, dilacerando demônios com dentes e garras.

Ele empinou, erguendo-se nas patas traseiras, e raspou a pata na cabeça de um demônio. Minha armadura me manteve bem presa ao corpo dele, mas eu não pude mais ver nosso oponente. Quando Ren voltou a se apoiar nas quatro patas, o demônio tinha cortes horrorosos que iam da nuca até o alto da cabeça e terminavam entre os olhos. Acabei com ele enquanto Ren atacava um segundo inimigo à esquerda.

Ren, isso é horrível.

É como um tigre luta, Kells. Tente se distanciar. Leia os meus pensamentos.

Eu cravava flechas nas pernas das criaturas, prendendo-as ao chão enquanto Ren lhes abria o peito. Alvejei um demônio que trazia um machado em riste e o atingi com dardos do tridente. Quando um deles me atacou, bloqueei suas garras com a proteção de metal do meu braço, esmaguei-lhe o rosto com o escudo e então o atravessei com a espada. Outro tentou me atingir com uma clava. A arma me acertou com força, mas minha armadura resistiu ao golpe e minha conexão magnetizada com Ren me manteve ereta. Ren deu-lhe uma rasteira e, quando o demônio caiu, Ren rasgou seu pescoço e esmagou sua traqueia.

Minha transformação em Durga havia de alguma forma me tornado uma máquina sobre-humana de lutar. Ren e eu trabalhávamos numa sincronia mortal e nada conseguia nos deter. Pude usufruir da experiência de Ren em batalhas e isolar a parte de mim que reagia com horror. Nossas mentes se uniram, tornando-se uma só, e percebi que, quando lutava com uma espada ou usava o tridente, tanto quanto eu, era Ren brandindo a arma. Da mesma forma, todas as vezes que ele desferia um golpe com a pata contra o inimigo ou avistava um

demônio prestes a atacar, era como se eu também tivesse suas garras e seus olhos.

Quando um novo grupo de demônios veio em nossa direção, toquei o tridente na Corda de Fogo e disparei descargas de eletricidade contra eles. O som produzido foi como o ronco de um trovão ou um martelo batendo numa folha de metal. O grupo explodiu, mas, antes de morrer, um dos inimigos conseguiu disparar um dardo envenenado. Com uma velocidade sobrenatural, apanhei o dardo entre dois dedos e o girei, cravando-o no couro resistente de um demônio-felino próximo.

Outros vieram para nós e, quando Ren saltou sobre um deles, eu me inclinei quase de cabeça para baixo. Minhas botas se fixaram na sela, e, debaixo do peito de Ren, pude derrubar dois demônios com o poder do fogo. Então, quando Ren aterrissou, voltei para o alto e girei para trás, cortando um demônio com uma espada numa das mãos e brandindo a *gada* com a outra.

Dez caíram sobre nós de uma só vez e instintivamente tomei impulso e saltei da sela com um movimento de estrela. Meus braços pareciam funcionar quase independentemente. Derrubei um atacante com o escudo, decepei a cabeça de outro com uma espada e, enquanto a mão com a tatuagem de hena reluzia vermelha, eu atingia outros com fogo. Enquanto continuava a saltar, cravei o tridente no coração de um adversário, atravessei o pescoço de um inimigo com uma flecha em chamas disparada de meu arco dourado e joguei dois para longe com uma onda de água lançada de minha mão com a ajuda do Colar de Pérolas.

Tomando impulso no chão, como se tivesse pulado em um trampolim, saltei para o ar. Girando o corpo para cima, vi Ren despedaçar alguns dos demônios-felinos à direita. Abaixo de nós, um grande demônio-urso rosnou ferozmente e cortou o ar com garras afiadas, esperando que eu caísse. Pensando rápido, soltei a Corda de Fogo da cintura, a acendi com uma chama azul e estalei a Corda em torno da barriga do demônio com um chiado.

O impulso me lançou de lado, e eu passei pelo corpo de Ren no momento em que ele saltava. Consegui agarrar seu tronco com um dos meus braços. Enquanto ele se lançava adiante, deslizei e me posicionei em suas costas bem a tempo. Com outra virada do punho, a Corda de Fogo estava novamente na minha cintura. O corpo do demônio-urso caiu, partido ao meio. Ren saltou sobre o corpo e aterrissou levemente nas patas dianteiras.

Não faça isso de novo, ele grunhiu em minha mente.

Sorrindo, pensei: *Você tem que admitir que foi legal.*

Legal? Você é um anjo da morte absurdamente lindo. Se a morte viesse me buscar e se parecesse com você, eu iria de boa vontade.

Percebendo que não eram páreo para nós, os demônios mudaram de curso e seguiram na direção dos meus homens.

Ren, nossos soldados.

Ele deu meia-volta e disparou para o nosso pequeno grupo de soldados sobreviventes. Depois passou pelo flanco do grupo e saltou na direção do maior dos demônios: um homem-elefante que se erguia em duas poderosas pernas traseiras. Este ergueu uma arma para se defender, mas Ren foi mais rápido. Com um movimento da pata, a arma se foi. Então ele saltou para cima, agarrou a fera pelas mandíbulas e, com um potente aperto e um giro do corpo, atirou a criatura no chão. Aí eu o queimei, e também uma dezena de outros demônios.

Tenha cuidado, adverti. Você não se cura mais.

Não se preocupe comigo, sundari. Hoje eu posso fazer qualquer coisa.

Para provar, ele usou os dentes para esmagar os ossos de um demônio e saltou sobre outro, prendendo-o ao chão para que eu pudesse acabar com ele.

Quando cuidamos do último dos retardatários, recuamos e nos reagrupamos com os soldados restantes. Havíamos derrotado várias centenas de demônios com apenas um punhado de homens, mas poucas dezenas de nossas tropas haviam sobrevivido. Eu lhes disse que eles haviam me servido muito bem e que se reunissem em volta do fogo e descansassem.

Ren e eu tínhamos uma missão só nossa.

Juntos, voltamos correndo para o campo gramado. A fumaça subia dos corpos queimando, espalhando-se no ar. Girei para ver as catapultas ainda de pé e inclinei a cabeça quando pensei sentir o cheiro de açúcar caramelizado. Ouvi o barulho de luta vindo de um ponto além do fogo e o rugido de um tigre a distância: Kishan.

É hora de ir, Kelsey.

Ren começou a correr, ganhou velocidade e saltou sobre as linhas de fogo. Disparamos na direção da montanha, que estava protegida por uma longa fileira de demônios. Eles se mantinham firmes, completamente destemidos.

Reconheci Sunil de pé sobre uma pedra que se projetava do penhasco.

Erguendo o braço, usei o poder do fogo para eliminar cada demônio em meu campo de visão. Ren em nenhum momento diminuiu a velocidade.

Olhei para cima, para a saliência de pedra, mas Sunil havia desaparecido.

– Lokesh! – gritei. – Viemos pegá-lo! Apareça, seu covarde!

Ren andava de um lado para outro enquanto procurávamos o diabo contra o qual tínhamos vindo lutar.

Uma risada ecoou profundamente pelas montanhas púrpura. O vento fustigou meu corpo, carregando palavras sinistras em seu hálito frio.

Finalmente nos uniremos. O amuleto será meu. Você será minha.

– Prefiro ficar com outra opção se não for problema para você!

Os olhos de Ren vasculhavam o terreno árido. Nenhum de nós sabia de onde vinha a voz. Então uma nuvem escura turbilhonando desceu lá do alto. O ar frio se movia com a velocidade de um ciclone, e em seu centro estava a criatura Lokesh. Poeira e folhas se agitavam à nossa volta. Ele saltou, e o chão se sacudiu. Com a mesma rapidez com que chegou, o furacão se foi.

Lokesh parecia a versão asiática de um Minotauro, mas era bem maior. Usava uma comprida túnica negra com gola mandarim. Seus olhos se estreitaram e ele arfou pesadamente, agitado, expelindo nuvens de vapor de suas amplas narinas.

– Então – disse ele – você voltou para mim, finalmente. Está ainda mais bonita que da última vez que a vi. O poder da deusa lhe cai bem, minha querida.

Ele deu um passo em minha direção, e Ren rugiu e tentou atacar seu pés.

Lokesh sibilou.

– Ah, ainda tem um gato tropeçando em seus calcanhares. Vamos ter que dar um jeito nisso. – Ele ergueu os olhos para as fogueiras no campo. – Vejo que trouxe mais homens para engrossar minhas fileiras.

– Isso não vai acontecer – declarei, feroz. – Os que caíram foram queimados. Não vão se levantar novamente. Eu os libertei de seu feitiço.

Lokesh deu de ombros.

– Não importa. Há mais, muitos mais que posso recrutar. Posso pôr fim à luta com um simples movimento da mão. Seria muito fácil destruir o que resta de seu patético exército.

– Você não faria isso. Prejudicaria seus próprios soldados.

Ele me estudou por alguns segundos e então disse:

– Eu não ia querer que minha futura noiva duvidasse de minha palavra.

Então sorriu diabolicamente, bateu as mãos, unindo-as, e depois as

separou. O chão tremeu, e eu arquejei ao ver as catapultas oscilarem e desabarem, desmoronando no buraco que Lokesh havia criado. Homens e demônios correram em todas as direções enquanto aqueles que estavam no centro despencavam no abismo. Enlouquecida, eu esquadrinhava o cenário à procura de Durga, mas não conseguia vê-la. Observei, horrorizada, o buraco começar a se fechar.

Kishan!

Não. Ele está bem, disse-me Ren.

Vi um lampejo de ouro no momento em que Kishan conseguiu se agarrar à borda do fosso que se fechava e sair. Durga estava presa com firmeza às suas costas. Suspirei aliviada.

– Aquele que estou vendo é o jovem príncipe? – bufou Lokesh. – Sua resistência é cansativa.

Enquanto Kishan e Durga corriam, Lokesh abria novos buracos no chão e gargalhava. Kishan saltou sobre eles, um após o outro, até que ele e Durga finalmente desapareceram em meio às árvores.

– Deixe-os em paz – ameacei.

– Ou... o quê, meu amorzinho?

Ergui o arco e encaixei uma flecha, infundindo-a com o poder do raio.

– Ou eu acabo com a sua existência.

Ele curvou-se com um floreio.

– Por favor, experimente.

Disparei a flecha, e ele torceu os dedos. Um vento a desviou para bem longe, e a flecha foi se enterrar na lateral da montanha. A explosão provocou uma chuva de pedra.

– Estou desapontado. Esperava um espetáculo.

– Não devolva seu ingresso ainda.

Eu sorri e estreitei os olhos.

Mais rápido que o pensamento, Ren deu a volta em torno de Lokesh e pulou, alcançando o lado da montanha. Em grandes saltos, ele subiu e rodou no ar com garras e dentes voltados para Lokesh. Fiquei de pé na sela e me lancei no ar. Todas as minhas armas estavam apontadas para o demônio. De uma só vez, disparei dardos com o tridente, flechas e a *gada*.

Mais uma vez Lokesh desviou os projéteis com o vento e ergueu um muro de pedra para bloquear Ren, que, depois de bater nele com violência, caiu no chão. A *gada*, porém, acertou o ombro do feiticeiro maligno. Lokesh cambaleou para trás, berrando de dor.

– Vou fazer você pagar por isso.

– Promete? – perguntei, enquanto caía suavemente de pé e erguia a

espada.

Lokesh veio atrás de mim e, quando estava prestes a me envolver com os braços, fechei os olhos e desapareci, reaparecendo no alto do muro de pedra.

– Como fez isso? – perguntou ele.

– Renda-se e eu lhe conto.

Ren se agachou por trás de Lokesh, momentaneamente esquecido. Sua cauda balançava de um lado para outro, e, no exato momento em que se preparava para saltar, uma flecha raspou em seu ombro. Sunil havia se juntado à luta e corria na direção de Ren.

Lokesh ergueu as mãos e um ciclone de ar o ergueu até o topo do muro de pedra ao meu lado. Ele me atacou com uma imensa cimitarra, mas consegui aparar o golpe com minha espada. Avancei em meio a uma confusão de braços, dançando no topo do estreito muro de pedra, mas Lokesh desviou cada golpe com escudos de gelo e pedra. Percebi que ele estava brincando comigo e decidi que eu precisava recorrer aos trunfos. Graciosamente, desci do muro com uma cambalhota reversa e caí de pé com leveza. Olhei para Ren, que tentava derrotar Sunil sem matá-lo. Uma de suas patas estava sangrando.

Mantenha o foco, pensou Ren.

Lokesh baixou as mãos e o muro de pedra afundou no chão. Ergui uma das mãos para atingi-lo com o poder do raio, mas ele combateu com gelo. Ele então mandou uma onda de água para cima de mim, e eu a transformei em neblina. Anamika devia ter acabado com os demônios que restavam, pois alguns de nossos soldados se juntaram a nós na luta. O plano traçado era que, quando o exército de demônios estivesse todo cremado, ela e Kishan iriam reunir os outros para nos ajudar.

Os homens disparavam flechas contra Lokesh, mas ele voltava as flechas contra eles usando o poder do vento e matou muitos assim. Os outros ele transformou em estátuas de pedra ou de gelo, e eu me desesperei sabendo que nosso exército – meio milhão de homens – fora quase todo dizimado em menos de 48 horas. Ele tentou me congelar, mas eu agarrei a Corda de Fogo e me transferi para outro lugar.

Lokesh então levantou uma névoa que se espalhou por todo o campo de batalha, obscurecendo nossa posição. Ainda assim, outro pequeno grupo de soldados nos alcançou e disparou lanças contra Lokesh. Mais uma vez, ele inverteu o trajeto delas em pleno ar. Num lampejo, estalei a Corda de Fogo e joguei as armas longe um instante

antes de atingirem nossos homens. Gritei para que fossem ajudar Ren.

Senti um tremor no chão. Um rochedo se soltou e rochas pesadas foram erguidas no ar. Árvores foram arrancadas e lançadas em minha direção, mas eu estalei a Corda de Fogo em um círculo abaixo de mim e subi ao céu.

Meu pé tocou um galho estendido, e eu saltei de uma copa de árvore para uma pedra, depois para outro galho, e cavalguei um tronco que estava caindo até ele desabar no chão. Arranhada, mas afora isso ilesa, ergui-me sobre aquela desordem em movimento e olhei com ira para Lokesh. Em um instante a Corda de Fogo me levou até ele, e encostei a espada em seu pescoço.

– Impressionante – disse Lokesh.

Cortei o antigo medalhão de magia negra de seu pescoço e o queimei instantaneamente.

– Seus dias de criar exércitos de zumbis chegaram ao fim.

Ele empurrou a espada para longe de seu pescoço, agarrou um de meus braços e me puxou para ele.

– Se *aquele* fosse o verdadeiro medalhão... Mas não é. Aprendi o truque com você, minha querida. Lembra-se?

Olhei para Sunil lá embaixo. Ele ainda estava lutando contra Ren. Um braço pendia, perfurado e quebrado, no entanto ele, obviamente, ainda estava sob o poder de Lokesh. Uma decepção amarga tomou conta de mim, mas tornei a ouvir a voz de Ren.

Vamos conseguir.

Limpei a saliva de Lokesh do meu rosto e me preparei para recomençar a lutar, mas, antes que eu pudesse erguer uma arma, um cavaleiro atravessou a névoa lá embaixo. Ele se curvou diante de Lokesh e sua capa negra ondulou às suas costas.

– General Anfímaco!

– Entreguei sua mensagem – disse o traidor a Lokesh.

Lokesh ergueu a cabeça, como se farejasse o vento.

– Sim, ela está bem perto agora, e ele não está resistindo.

– O que você fez? – perguntei a Anfímaco.

O general rodopiou.

– A outra deusa está vindo em seu resgate, mas isso não vai acontecer. Mahishasur, o rei demônio que você chama de Lokesh, vai me tornar o líder de seu exército. Tudo o que preciso fazer é escolher um animal, e, porque você os ama tanto, vou escolher... um tigre.

– Esta você não pode ter – disse Lokesh. – Pode ficar com a outra.

– Mas é esta que eu quero – queixou-se Anfímaco.

– Prefere que eu corte sua outra perna?

Anfímaco sacudiu a cabeça e Lokesh dispensou-o com um gesto.

– Vá cuidar do tigre – ordenou ele.

Lokesh avançou em minha direção, e uma história havia muito esquecida que o Sr. Kadam me contara cruzou a minha mente. Dando alguns passos para trás, ergui a mão trêmula, caí de joelhos e disse:

– Por favor, não me machuque mais ou aos meus amigos. Eu... eu me rendo. Tenha misericórdia de mim.

Lokesh agarrou um punhado de meus cabelos dourados e o puxou.

– Talvez – disse ele com luxúria –, se você me agradar sufic...

Antes que pudesse terminar seu regozijo, investi a espada dourada contra ele. Abri um corte profundo em seu pescoço grosso, e ele cambaleou para trás, levando a mão à ferida e urrando. Por um momento, pensei que o houvesse matado, mas o ferimento de Lokesh começou a sarar. O gorgolejo de sua respiração foi se estabilizando. Naquele instante, eu soube que seria preciso muito mais para destruí-lo.

Ren sentiu meu desânimo diante do fracasso. Ele derrubou Sunil e voltou correndo para o meu lado. Pulei em suas costas e, sem reduzir a velocidade, descrevemos um amplo círculo e voltamos para confrontar Lokesh novamente.

Está tudo bem. Vamos pegá-lo, mas não podemos deixar Lokesh controlar Durga, insistiu Ren. *Precisamos impedir o que quer que ele tenha planejado para ela.*

Enquanto falávamos, a deusa montada no tigre negro surgiu, saída da névoa. Anfímaco ergueu uma lança, pronto para receber Kishan e Durga. Kishan enfrentou-o com as garras, mas Durga parecia estar em transe.

Ren correu para eles enquanto eu erguia a Corda de Fogo e a brandia em torno da perna de Anfímaco. A chama azul cumpriu sua função. Ele gritou com uma dor terrível, agarrando a cabeça. Kishan saltou em seu pescoço e acabou com ele.

– Uma pena para ele. Não vai poder apreciar completamente a própria transformação. Quando estão mortos, não dói – zombou Lokesh por trás de mim, tirando o verdadeiro medalhão do bolso.

De repente, Durga saiu de seu transe. Ela levou o Lenço à sua espada, agarrou a lâmina com as mãos e formou uma pipa que a ergueu no ar, afastando-a de Kishan. Então voltou para o solo e sacou suas armas, apontando-as para mim. Joguei o corpo para o lado, mal me segurando em Ren enquanto o *chakram* voava sobre nossas cabeças.

Kishan saltou em nossa direção, mas escorregou numa poça de óleo

e, quando caiu com violência, fios se enroscaram em seu corpo, aprisionando-o numa rede firme. Ele se debatia, tentando se libertar, enquanto Sunil seguia para ele com uma lança.

Ergui o arco e uma flecha, mas fios dispararam em minha direção e os arrancaram de minhas mãos. Uma corda se fechou em torno do meu tornozelo enquanto outra deslizava por minha cintura, e eu fui arrancada das costas de Ren.

– Anamika! Pare! – gritei enquanto erguia a espada até seu pescoço. – Eu não quero machucar você!

Ela derrubou a espada da minha mão e habilmente puxou a Corda de Fogo de mim, enrolando-a em torno da própria cintura. Então usou o Lenço para me amarrar. Um por um, seus oito braços agarraram os meus e tomaram as outras armas de mim. Quando acabou, voltou-se para Lokesh.

– O que faço agora, Mestre?

– Diga-me, minha garota – ele arrulhou em seu ouvido –, qual é o segredo de seu poder?

– Nosso poder está nas armas – explicou ela numa voz hipnotizada.

– Kelsey tem algum poder próprio?

Meus olhos se arregalaram, e arquejei, tentando respirar, enquanto ela agarrava meu pescoço e apertava.

– Não mais do que eu – replicou Durga.

– Ah, então talvez...

Lokesh gritou quando Ren enterrou as garras em suas costas. O feiticeiro maligno caiu e rolou, mas não antes de Ren rasgar sua carne com as garras e morder-lhe o ombro. Lokesh se debateu com violência e usou o chifre para perfurar a armadura de Ren.

Ren se levantou com o sangue jorrando da lateral de seu corpo. Suas patas tremiam, mas ele se preparou para outro salto.

Lokesh se pôs de pé e berrou:

– Hoje você vai ao encontro de sua morte, príncipe Dhiren.

Ele levantou os braços, e lanças ergueram-se no ar, disparando na direção de Ren.

Gritei e recorri ao único poder que me restava: o fogo. Ergui a mão e lancei uma chama contra Durga, mas ela nem sequer reagiu quando queimei sua pele. Dirigir meu poder do fogo contra Lokesh também não funcionou. Ele imediatamente criou um escudo de pedra. Ren saltou na direção de Lokesh, garras estendidas e dentes à mostra. O demônio negro estalou os dedos e redirecionou as lanças para atingirem Ren em pleno salto.

– Ren! – gritei.

Pude sentir as pontas afiadas penetrarem seu corpo. Algumas das lanças resvalaram em sua armadura de prata, mas uma se enterrou no quadril, outra penetrou perto do pescoço e uma terceira perfurou a barriga exposta. Ren gritou e desabou pesadamente no chão. Lokesh desceu o casco fendido com toda a força na pata dianteira de Ren, e o osso se partiu.

A dor inundou a mente de Ren e eu gritei. Alguns segundos se passaram e percebi que ele me bloqueava, até que tudo o que eu podia captar dele era uma débil voz mental. Uma onda de poder entrou em meu corpo e eu soube que ele havia me dado toda a força que lhe restava. Meu tigre se esforçou para empurrar um último pensamento para minha mente: *Eu amo você, Kelsey*. E então sua voz foi cortada completamente.

Os fios do Lenço Divino foram se apertando em torno dos meus braços e pernas à medida que Lokesh se aproximava. Ele se inclinou sobre mim e arrancou a coroa de minha cabeça. Meus cabelos caíram em ondas e ele apanhou um cacho e o esfregou entre os dedos grossos. Então tocou meu rosto com uma unha pontuda e imunda e a arrastou até a minha clavícula, deixando um feio arranhão.

– Você me enganou, minha querida. Não posso deixar isso passar sem punição.

Com um estalo violento, o último pedaço do amuleto foi arrancado de meu pescoço.

– Esperei muito tempo por isso.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Anamika estava sob o poder de Lokesh, Ren encontrava-se incapacitado, se é que estava vivo, e Kishan estava amarrado em algum lugar. Eu me vi completamente só.

Um brilho de ouro enrolado no braço de Durga chamou minha atenção. Fanindra!

– Fanindra, me ajude – implorei, chorando abertamente.

Olhos verdes se iluminaram, e a cobra dourada ganhou vida. Então se lançou do braço de Durga e, com as mandíbulas bem abertas, cravou fundo as presas na mão de Lokesh. Ele gritou, mas Fanindra conseguiu picá-lo novamente antes de ser arremessada longe. A cobra dourada desapareceu na grama.

Imediatamente, a mão do feiticeiro maligno começou a inchar e o veneno dourado gotejou dos ferimentos. Ele deixou cair meu pedaço do amuleto no chão e agarrou o medalhão que controlava Durga.

– Mate-a – ordenou ele.

A deusa ergueu o *chakram* acima de minha cabeça. Fechei os olhos... e então senti algo nos atingir com força e nos empurrar.

Garras arranharam minha coxa. Era Kishan! Sacudindo os últimos resquícios da rede de seu corpo, ele saltou sobre Durga enquanto Lokesh berrava de frustração. Ele tentou usar sua magia em Kishan, mas gritou de agonia e agarrou a mão ferida com a outra.

Torci para que aquele ferimento fosse permanente, embora reconhecesse que esse provavelmente não era o caso.

Kishan e Durga rolavam juntos, e ela o feriu com o *chakram*. Lokesh chamou Sunil, que avançava com dificuldade, uma perna destroçada retardando-o.

Um dos braços de Durga se debateu perto de onde eu estava amarrada, caída no solo pedregoso. Agarrei a ponta do Lenço e logo os fios que me mantinham cativa se dissolveram. Dirigi os dedos lentamente para a deusa e segurei a Corda de Fogo, tentando me mover o mínimo possível. Fechei os dedos com força em torno da Corda, sabendo que essa era minha última chance.

Sunil se aproximou e gritou com raiva, mas Lokesh o arremessou como uma boneca de pano.

– Deixe! Eu mesmo cuido desse espinho negro no meu pé!

Movendo a mão boa, Lokesh trincou os dentes e criou uma dezena de pedaços pontiagudos de gelo que ele mirou contra Kishan. Eu podia ver que usar o poder era penoso para ele. Lokesh deu um passo atrás, quase caindo em cima de Ren. Em retaliação, chutou com brutalidade meu tigre branco.

Ren continuava caído, imóvel, as lanças projetando-se de seu corpo em vários ângulos. Eu não conseguia mais sentir a presença dele. Fechando os olhos, chamei-o em minha mente.

Ren?

Nada. Nenhum calor. Nenhum batimento cardíaco. Nem mesmo um sussurro de pensamento.

Piscando, fitei seus olhos de tigre. O olhar vítreo me fez lembrar do tigre de pelúcia que eu havia comprado tanto tempo atrás. As lágrimas desciam pelo meu rosto em riachos, e eu tremia de aflição. Ren se fora.

A raiva me atravessou, e senti uma onda de força fluir pelo meu corpo. Usando o único poder que ainda me restava, eu me reposicionei atrás de Lokesh, arranquei a Corda, lancei o braço à frente e sussurrei:

– Por Ren.

Com um estalo, a Corda de Fogo se enrolou em torno do pescoço de Lokesh, que gritou em agonia.

Ele levou as mãos à Corda e puxou, tentando removê-la, mas isso só serviu para apertá-la ainda mais. O medalhão de zumbi ainda estava

preso em seus dedos. Canalizei todo meu poder restante para ele. A luz percorreu o meu corpo, e senti o espírito de Ren. Fechei os olhos, e era como se ele estivesse parado atrás de mim, pressionando seu rosto contra o meu, uma última vez. Nossa combinação de força e vida era maior que a terra, o vento, o fogo, a água ou o espaço. Eu sabia que esse poder era o amor.

A luz dourada jorrava das minhas mãos e era transmitida ao longo da Corda. O medalhão de Lokesh virou cinzas. Uma onda de magia dourada o ergueu no ar. A luz era tão intensa que irradiou numa explosão e encheu o céu de cor. Um estrondo acompanhou o lampejo, fazendo tremer as montanhas e irrompendo funis de água dos lagos próximos.

Com um último e terrível grito, estava terminado. O corpo sem vida de Lokesh, o demônio Mahishasur que eu havia sido destinada a derrotar, tombou pesadamente no chão.

Minha energia se desvaneceu, e senti mãos espectrais deixarem minha pele. Meu rosto quente de repente ficou frio.

Ren? Por favor, não me deixe, implorei.

Você está no meu coração. Sempre. Sua voz quente sussurrou suavemente e então desapareceu.

Desabei no chão, meu corpo tremendo com soluços desesperados.



Amuleto reunido

Uma mão cálida deslizou pelo meu ombro.

– Kelsey?

A voz amorosa de Kishan tremia.

Sacudi a cabeça de um lado para outro com violência, incapaz de compreender o que havia acontecido, não querendo o conforto de ninguém que não fosse Ren.

Kishan cambaleou até o corpo do tigre branco. Com cuidado, ternamente, ele arrancou cada lança.

– Ele se foi mesmo, não é? – perguntei.

Kishan olhou para mim, as lágrimas enchendo seus olhos dourados, e assentiu. Engolindo em seco, ele fitou o corpo sem vida do irmão. Então escondeu os olhos com as costas da mão e deixou escapar um rugido horrível. Puxou a lança enterrada no peito de Ren, sacudindo o corpo de tigre de Ren, e deu meia-volta.

Correndo alguns passos na direção da forma inerte que havia sido Lokesh, ele ergueu a lança e a cravou no corpo do feiticeiro. Chorando abertamente, Kishan caiu de joelhos.

Durga se arrastou na direção de Ren e despejou elixir do *kamandal* em sua boca. O líquido, porém, apenas escorreu para o chão. Eu sabia que não adiantava. O elixir não podia ressuscitar os mortos. Ela o sacudiu algumas vezes e falou em sua língua nativa. As lágrimas também enchiam seus olhos. Uma emoção cresceu dentro de mim, e eu empurrei seus braços, afastando-os de Ren.

– Tire as mãos dele! Você nos traiu. Se não fosse por você, talvez ele ainda estivesse vivo.

– Eu tentei ficar para trás – explicou ela. – Kishan...

– Não ouse culpar Kishan por isso! – Apontei para Ren e então virei o dedo com fúria em sua direção para dar ênfase às minhas palavras. – Isto aconteceu porque você não teve competência! Tive que vir aqui, a este tempo, fazer o seu trabalho. Que bela deusa você me saiu. Bem, tenho uma novidade para você: para mim, chega de ser a sua escolhida. Entendeu? – cuspi.

Ela assentiu, abalada, e murmurou:

– Eu também o amava, irmãzinha.

– Amor? *Amor?* Como você *ousa* falar de amor? Você o conhecia há... quanto tempo?... um mês? Ele era meu muito antes de você colocar os olhos nele e era meu quando morreu. A única coisa que nos separou no passado ou no presente foi você. Você roubou as lembranças dele da mesma forma que o roubou aqui. Não fosse por você, ainda estaríamos juntos. O destino de Ren *nunca* foi ser seu.

As lágrimas transbordaram pelos cílios dela.

– Mas eu nunca... – começou ela, parando porém quando me virei, completamente desinteressada por qualquer coisa que tivesse a dizer.

Eu tremia com a tensão, os punhos cerrados com força. Naquele momento, acho que poderia ter matado de novo. Ela se sentou nos calcanhares e me olhou boquiaberta, mas eu a ignorei. Então peguei uma das patas de Ren e alisei o pelo com a mão, pressionando meus lábios nela.

Meus muitos braços me atrapalhavam, então me enrolei no Lenço Divino e pedi que me fizesse voltar a ser Kelsey. Era tudo que eu sempre quis ser – apenas uma garota do Oregon que frequentava a faculdade e namorava o garoto que amava. Mas isso nunca mais aconteceria.

Tocando o broche, sussurrei instruções e minha armadura e as placas de metal que cobriam Ren encolheram. Em seguida, lancei a joia brilhante, com força, no chão, aos pés de Durga. Ela parecia abalada, traumatizada, mas eu não sentia um só grama de compaixão por ela. Sem dizer nada e com grande esforço, ela apanhou o broche, levantou-se e escapuliu para a mata.

Cheguei mais perto de Ren e coloquei sua cabeça no meu colo. Chorando, fiquei brincando com suas orelhas macias e lhe dizendo repetidamente que o amava.

– Por favor, volte – eu soluçava. – Eu preciso de você.

Estava cercada pela morte como em meu sonho de muito tempo atrás. Soldados mortos jaziam espalhados pelo campo. Cinzas de demônios cremados se remexiam na brisa. Meus pais, o Sr. Kadam, Ren. Todos haviam partido, e eu não sabia que outra razão me restava para viver.

Abracei Ren apertado e o embalei. Kishan se agachou ao meu lado, a dor irradiando de seus olhos. Senti uma pontada de culpa, que logo foi engolida por minha agonia avassaladora. Ele afastou um fio de cabelo colado ao meu rosto e o prendeu atrás de minha orelha.

Um movimento na grama chamou minha atenção, e uma cabeça douradaseparou as folhas, movendo-se em minha direção. Sorri ao

estender os dedos para tocar Fanindra. O amuleto de fogo estava enrolado no corpo delicado da cobra. Eu o tirei, e Fanindra deslizou pelas costas de Ren. Sua língua se projetou várias vezes enquanto ela observava os olhos vítreos do tigre.

– Você pode curá-lo? – perguntei.

Ela voltou a cabeça para mim e saiu de cima dele, deslizando pelo meu braço e por minhas pernas, e em seguida descansando a cabeça em minha coxa.

– Acho que isso é um não.

Estendi o braço esquerdo e ela aceitou o convite, enroscando-se nele, circulando-o até encontrar-se em sua posição favorita. Então enrijeceu, assumindo seu formato de joia.

– Não o teríamos derrotado sem você. Obrigada – falei baixinho, e seus olhos verdes brilharam por um instante antes de se transformarem em esmeraldas.

Kishan ficou parado em silêncio ao meu lado, à minha espera. Alisei o pelo na testa de Ren e deposei um beijo demorado no alto de sua cabeça.

– Eu amo você – sussurrei.

– Precisamos ir, Kelsey.

Minhas mãos se fecharam no pelo de Ren.

– Eu não vou deixá-lo aqui.

– Eu o carrego – sugeriu ele.

Assenti, pousei a cabeça de Ren ternamente no chão e me levantei.

Depois de limpar o amuleto e remover a corrente quebrada, entreguei-o a Kishan.

Ele o segurou com a mão em concha, tocou-o com um dedo e disse baixinho:

– Este foi o primeiro presente que dei a você. – Fechando os dedos sobre ele, olhou para mim e disse: – Parece que não pode ser consertado.

Alguma coisa no modo como ele disse aquelas palavras fez minha garganta se estreitar, mas afastei aquele sentimento e usei o Lenço para fazer uma fita. Quando o amuleto estava amarrado novamente no meu pescoço, eu me senti melhor.

– Pegue o restante do amuleto – instruí Kishan.

Lokesh jazia no chão, seus dois pares de chifres afiados apontando para o céu. O sangue de Ren ainda brilhava em um deles. Kishan rasgou o topo da túnica de Lokesh e puxou o amuleto, soltando-o. Colocou-o na minha mão aberta. Era um círculo quase completo com um tigre esculpido no centro.

Apertei o disco com força entre meu polegar e o indicador e disse:

– O sangue do capitão Dixon, do Sr. Kadam, de Ren e de incontáveis outros foi derramado por esse... demônio. Ele precisa ser completamente destruído.

Sem saber exatamente como ou por quê, eu sabia o que fazer. Usando o pedaço de fogo do amuleto, estalei a Corda de Fogo no chão. Uma fenda se abriu, alargou-se e aprofundou-se até o núcleo derretido da Terra. Chamas terríveis saltaram da fissura. Levantando minhas mãos, ordenei que uma rajada de ar erguesse o corpo de Lokesh, que subiu e pairou diante de nós.

Olhei nos olhos do monstro uma última vez. Eu quase podia ouvir sua risada de escárnio, e me perguntei se essa criatura iria me assombrar pelo resto dos meus dias.

Kishan tocou meu braço, interrompendo o transe. Recuei um passo e mandei o rei demônio para as chamas. Lokesh mergulhou na fenda. Quando ele não era mais nada além de cinzas, estalei o chicote mais uma vez, e a terra se fechou sobre ele.

– Estou feliz que ele tenha morrido – disse Durga baixinho, caminhando devagar em nossa direção, dessa vez acompanhada pelo irmão.

Sunil se apoiava pesadamente na irmã e nos olhava com ar de espanto, mas eu não estava com disposição para apresentações.

Dei as costas aos dois.

– Podemos ir agora, Kishan?

– Só um minuto, Kells.

A deusa entregou rapidamente o *kamandal* a Kishan. Foi então que vi o ferimento horrendo na lateral de seu corpo.

– Beba – ordenou ela.

Ele segurou o pulso de Durga e os olhos dela voaram para os dele.

– Beba – repetiu ela, dessa vez mais suave.

Kishan bebeu o elixir da sereia e ela então o levou para mim. Empurrei sua mão para longe.

– Você precisa se curar, Kelsey – disse ela.

– A dor que sinto não vai passar.

– Por favor, tome um pouco.

Depois de lhe dirigir um olhar duro e vendo que ela não iria desistir, peguei o *kamandal* e bebi. Imediatamente a dor nos meus músculos começou a diminuir.

Quando lhe devolvi a concha, ela perguntou:

– Tem alguma coisa que você possa fazer... por eles?

Ela indicou as tropas de pé à nossa volta, imobilizados em pedra e

gelo.

– Posso tentar – repliquei.

Esfreguei o amuleto entre os dedos e senti com o polegar qual pedaço representava a água. O poder dos rios, dos oceanos e da chuva me encheu e, naquele momento, tive a sensação de que podia dissolver meu corpo e afundar no solo sobre o qual me encontrava.

Embora eu estivesse imóvel, senti o movimento da água à medida que me atravessava, turbulenta. Expandindo minha mente, encontrei os homens que estavam congelados e lentamente soprei calor em seus corpos. As moléculas de água se aceleraram, e os homens começaram a se mover.

Meu polegar deslizou e encontrei o pedaço da terra. Meu corpo se tornou subitamente pesado, indestrutível. O poder me estabilizou, me deu um centro. Percebi que a terra não se desespera nem sente a perda, pois todas as coisas vivas vêm dela e todas as coisas vivas retornam a ela. Voltando a me concentrar, achei os objetos de pedra presentes na área à minha volta e pedi que a vida fosse devolvida àqueles seres. A pedra obedeceu e se dissolveu, sendo reabsorvida pela paisagem. Os homens respiraram e viveram.

Durga caminhou entre os homens, ordenando que bebessem do *kamandal*. Sua atitude era cheia de compaixão, e cada um deles caiu de joelhos e voltou para ela os olhos cheios de confiança e reverência. Cruzei os braços diante do peito, determinada a não me comover com a exibição dela.

Depois que ela havia administrado o elixir a todos os homens, eles se reuniram e ela se voltou para nós:

– Estas pessoas precisam de descanso e de comida. Temos que levá-las para o acampamento e ajudá-las a se recuperar. – Então a deusa humilde voltou-se para Sunil, em deferência. – Se isso for aceitável para você.

– Você está certa, Mika. Devemos cuidar delas – replicou ele, recuando.

Ela assentiu e deu instruções para que retornassem ao acampamento. Ladeados por Durga e Sunil, os homens partiram imediatamente.

Com um hábil movimento dos braços, Kishan ergueu o corpo de tigre do irmão e solenemente seguimos nossas tropas. A cauda branca de Ren roçava o chão e sua cabeça pendia dos braços de Kishan. O ar me faltava, e tive que engolir o choro várias vezes.

No acampamento, usei o Colar de Pérolas e o Lenço para criar um balde de água morna e toalhas a fim de limpar o sangue do pelo de Ren. Kishan havia me deixado sozinha com ele numa barraca por um tempo, dizendo que voltaria para enterrar Ren depois que o acampamento estivesse montado. Havia algo de reconfortante em ficar só com meu tigre e preparar o seu corpo. Era um último serviço que eu podia prestar ao homem que eu amava e, enquanto o limpava, ia falando suavemente com ele.

A luz diminuiu e eu me assustei quando ouvi um barulho.

– Há quanto tempo você está parado aí? – perguntei a Kishan.

– Tempo suficiente – respondeu ele, a expressão tensa.

Ele entrou na barraca, seguido por Durga e o irmão.

Um momento depois, a porta da barraca se abriu e uma cabeça careca surgiu por ela.

– Posso entrar? – perguntou Phet.

– Por favor! – respondeu Durga.

Phet avistou Ren naquele momento e abanou a cabeça.

– Esse é um desdobramento imprevisto e muito infeliz – disse ele, sentando-se em uma almofada.

– Você tem um talento para os eufemismos – repliquei, com novas lágrimas.

Phet tomou minha mão nas suas, morenas e enrugadas, e disse:

– Há esperança, minha flor. Vocês têm todos os pedaços do amuleto?

– Sim.

– Posso vê-los?

Tirei o pedaço do fogo do pescoço e o deitei em sua mão, então apanhei as partes usadas por Lokesh que eu havia posto no chão perto de mim e as entreguei também.

Quando removeu o pedaço do fogo da fita e a devolveu a mim, com a chave dourada de Kishan, ele explicou:

– O Amuleto de Damon é um Astra. Um Astra é uma arma cósmica, ou ferramenta, se preferir, que canaliza grande poder quando devidamente evocado.

– Evocado?

– Sim. Uma divindade irá responder a um encantamento e dotar uma arma com seus dons. Por exemplo, um Agniastra cria chamas inextinguíveis, um Suryastra gera luz brilhante e um Varunaastra produz uma vasta quantidade de água. Quanto maior o deus, maior poder o Astra exerce.

– Bem, e qual é este? – perguntei. – E como o evocamos?

– Vocês já usaram muitas das forças contidas nessas partes de amuleto individualmente, mas ainda não tiveram acesso ao poder do amuleto combinado.

Com um clique, Phet encaixou o pedaço do fogo no espaço vazio do disco. As bordas de cada seção brilharam brevemente com uma luz branca, e então os cinco pedaços tornaram-se um só. Ele ergueu o Amuleto de Damon, e a luz da fogueira cintilou na pedra.

Phet o entregou a mim e eu corri o dedo sobre o tigre entalhado no centro.

– Sabemos que Lokesh tinha poder sobre os elementos e mesmo sobre criaturas vivas – afirmei. – Agora que o amuleto está completo, o que você quer que a gente faça com ele?

– Bem, a primeira coisa que *eu* faria seria trazer de volta seu belo príncipe – disse Phet com uma piscada.

Olhei-o, boquiaberta.

– Eu posso mesmo fazer isso? – perguntei baixinho.

– *Você* não. O Damonastra pode. Mas você deve evocar o poder de Damon.

– Damon? O tigre de Durga?

O xamã hesitou e então escolheu as palavras com cuidado.

– O próprio. Damon se sacrificou, dando vida aos tigres no começo de tudo – explicou gentilmente. – Ele pode conceder a mesma dádiva novamente. Tudo o que você precisa fazer é ler o encantamento.

Estreitei os olhos, fitando as palavras em sânscrito que circulavam o amuleto. Nervosa, passei a língua pelos lábios e ergui a cabeça.

– Kishan? Você pode ler?

Kishan assentiu, sentou-se ao meu lado e me deu um abraço.

Apertando os lábios e traçando as palavras em torno do amuleto com o indicador, Kishan murmurou:

– *Damonasya Rakshasasya Mani-Bharatsysa Pita-Rajaramaasya Putra.*
Quer dizer:

“O Amuleto de Damon
O Pai da Índia
O Filho de...
Rajaram.”





Troca de lugares

A palavra Rajaram mal havia escapado dos lábios de Kishan quando o Amuleto de Damon começou a brilhar. A inscrição em sânscrito pareceu flutuar acima da pedra, e a parte externa do disco começou a rodar. As palavras giravam cada vez mais rápido até se tornarem uma linha branca contínua.

– Agora, use o poder de Damon para trazer a vida de volta ao seu irmão – instruiu Phet.

– Mas como? – murmurou Kishan.

– A dificuldade não está em saber, mas em escolher.

Kishan fechou os olhos e seu corpo queimou com uma energia branca. Ele arquejou e tremeu.

Assustada, perguntei em desespero:

– O que está acontecendo com ele? Ele está sentindo dor?

– Kishan deve escolher se aceita ou não o preço de salvar o irmão.

– Um preço? Que preço? Kishan, não faça isso. Eu posso pagar o preço que for necessário.

Phet apertou meu braço.

– Isto é algo que Kishan precisa escolher, Quel-si. É o destino *dele*.

Kishan ficou ofegante. O suor escorreu pelo seu rosto. A cabeça e os braços foram lançados violentamente para trás, e ele gritou.

– Kishan! – berrei.

Eu ia segurá-lo, mas Phet me conteve e sacudiu a cabeça.

Enquanto Kishan se contorcia de dor e agonia, uma luzinha se ergueu de seu peito e se dirigiu para o tigre branco caído. Quando o feixe brilhante passou por mim, jurei que podia ver os símbolos sânscritos se retorcendo e girando em um arco em torno de Ren. Uma névoa fina se materializou e pairou acima do tigre; como uma sedosa mortalha.

De repente, o manto de luz se fundiu ao corpo de Ren. Kishan enrijeceu e caiu de quatro, gemendo e respirando pesadamente. Abracei seus ombros trêmulos. Enquanto seu peito subia e descia, tomei consciência do movimento de outro peito.

O tigre branco respirou fundo e Phet disse:

– Anamika, depressa. Ele precisa beber do *kamandal*.

Ela se colocou ao lado de Ren e gotejou o elixir em sua boca. Os ferimentos das lanças no corpo de Ren começaram a sarar.

– Agora, é sua vez, Quel-si. Cure-o com sua chama dourada.

– Mas... – hesitei. – Não tenho mais o amuleto do fogo.

– A chama dourada vem de dentro de você. Sempre veio.

Deixando Kishan e embalando o corpo do meu tigre branco, canalizei o que restava de minha energia para ele. Enviei-lhe meus pensamentos, sussurrando em minha mente e meu coração, incitando-o a viver. Senti o calor do fogo dourado me percorrer. O corpo de Ren zumbiu em resposta.

As feridas abertas sararam rapidamente e dentro de poucos minutos ele pôde virar em minha direção e se sentar. Quando suspirou de leve, enterrei o rosto no pelo branco de seu pescoço e o abracei, chorando de alegria.

Ren mudou de forma e me abraçou, me apertando contra o seu corpo. Encostando os lábios em minha têmpora, ele murmurou palavras em híndi enquanto acariciava minhas costas. Finalmente, ergueu a cabeça e perguntou:

– Como isso aconteceu?

– Seu irmão fez o sacrifício necessário – respondeu Phet sombriamente.

Todos nós voltamos a atenção para Kishan.

– O que ele está dizendo? – perguntei.

Kishan pigarreou.

– É difícil explicar. Uma vida restaurada não é algo fácil. Para trazê-lo de volta, tive que abrir mão de uma parte de mim.

– Ainda não entendi – retruquei.

Com relutância, afastei-me de Ren e me ajoelhei aos pés de Phet.

– Do que Kishan abriu mão? – perguntei.

Phet suspirou e disse:

– De sua imortalidade. Felizmente, ele foi forte o bastante para sobreviver ao processo.

O xamã deu tapinhas na minha mão quando uma lágrima escorreu em meu rosto.

– Não se preocupe, Quel-si, Kishan ainda vai viver por muito, muito tempo... bem mais do que várias vidas humanas.

Assenti e me ajoelhei ao lado do homem de olhos dourados, o homem no qual eu havia confiado desde que deixara o Oregon, o homem que estava apaixonado por mim. Seus cotovelos descansavam nos joelhos dobrados. Pequenos tremores ainda sacudiam seu corpo e

sua respiração era superficial. Quando toquei seu ombro, ele me dirigiu um sorriso distraído.

– Obrigada por salvar Ren – sussurrei e o abracei.

Kishan esticou as pernas e me segurou pela cintura, me colocando em seu colo. Ele examinou meu rosto e com visível emoção disse:

– Eu faria qualquer coisa por você, Kelsey. Você sabe disso, não sabe?

Sorri ternamente e acariciei o seu rosto.

– Eu sei.

Os irmãos trocaram um longo olhar. Nada disseram, mas eu podia ver em seus rostos solenes que muito mais do que gratidão foi transmitido naquele silêncio.

Kishan me abraçou apertado. Quando me afastei, Durga e o irmão tinham saído e Ren estudava as próprias mãos enquanto as esfregava lentamente. Phet se pôs de pé e anunciou:

– Vocês devem comer e descansar esta noite. Amanhã discutiremos o futuro.

Então ele saiu da barraca. Kishan me pegou pela mão e se levantou para sair. Ren também se pôs de pé, e eu me vi momentaneamente perdida em seu olhar ao passar por ele. Olhos azul-cobalto capturaram os meus, e meu coração esvoaçou como uma borboleta presa numa rede. Ren correu a mão pelo meu braço e nossos dedos se roçaram brevemente antes que Kishan me levasse para fora da barraca. Phet havia desaparecido.

Nós cinco nos reunimos para comer em volta da fogueira, mas depois de dirigir um rápido olhar a mim e a Kishan, parados lado a lado, as mãos entrelaçadas, Durga estreitou os olhos, disse que não estava com fome e se afastou, sumindo na escuridão.

– Ana, você precisa comer alguma coisa – gritou Kishan, mas a voluntariosa deusa amazona se foi.

Erguendo as sobrancelhas, Kishan me deu um beijo rápido no rosto antes de ir buscar o Fruto Dourado. Ren rapidamente ocupou o lugar do irmão ao meu lado.

– Peço desculpas por minha atitude... nada hospitaleira – declarei a Sunil enquanto nos aquecíamos diante das chamas. – As coisas foram...

– Muito estranhas – admitiu ele. – Eu não me senti desprezado. Na verdade, tenho muito que lhe agradecer. Peço perdão por minha irmã. Ela não está se comportando muito como a pessoa que conheço. Quando se lembrar, também voltará para agradecer.

Ri suavemente.

– Vou esperar sentada, mas obrigada.

Kishan retornou com o Fruto e parou ao ver Ren sentado comigo. Sacudiu a cabeça ao se aproximar, então, teimoso, sentou-se do meu outro lado, pressionando a coxa e o braço nos meus. De repente eu me sentia como se fosse uma camada muito fina de chocolate separando dois biscoitos recém-saídos do forno.

Ren, Kishan e um alegremente surpreso Sunil se distraíram um pouco ao comerem pizzas inteiras.

Quando Sunil estava em sua quinta fatia, perguntei:

– Como Lokesh capturou você?

– A ironia é que, se eu tivesse dado ouvidos à minha irmã, não teria sido levado – explicou Sunil. – Ouvimos falar do demônio pela primeira vez há um ano. Rumores se espalharam, a partir de caravanas de comércio, de que ele estava reunindo um exército e que vilarejos inteiros estavam desaparecendo. Qualquer um que se aventurasse ao norte, perto das Grandes Montanhas, era advertido de que estava arriscando a vida, senão a própria alma. As pessoas diziam que quem o demônio líder olhasse nos olhos viveria uma eternidade escravizado a ele, um espírito do mal que nunca o libertaria. As histórias eram terríveis, e quando uma das caravanas mais carregadas de tesouros de nosso rei desapareceu, fomos finalmente enviados com nossos exércitos para cuidar da situação.

Ele parecia emocionado, mas não parou seu relato.

– Foi durante o segundo assalto que fui levado. Eu tinha sido atingido na cabeça e desmaiado. Anamika me encontrou e me levou de volta para o acampamento, e admito, com tristeza, que duvidei dela quando descreveu o destino horrível de nossos mortos. Eu não conseguia compreender tanta maldade. Era impossível. Eu sempre fora o prático, o cético, e disse a ela que magia como aquela não existia.

– Mas você não viu os soldados inimigos? – perguntei.

– Lutamos contra eles em meio à névoa e, durante aquele combate, muitos deles usavam armadura. Como eu poderia pedir aos meus homens que lutassem contra magia? Eu simplesmente me recusava a ceder à especulação desenfreada e lhes disse que combatíamos homens inteligentes que usavam truques para assustar os inimigos.

Sunil dobrou os joelhos e os abraçou.

– Anamika era a crédula de nós dois. Ela venerava os deuses e sempre achou que alguma coisa, ou algum... poder, residia fora de nossa existência humana. Minha irmã mostrava grande fé em tudo que nosso professor lhe dizia, mas eu as via apenas como histórias fabricadas pela imaginação fértil de um monge.

Ele deu um sorriso encabulado e continuou:

– Depois de minha primeira derrota, ela descreveu terrores tão impossíveis de vencer que nossa única opção era baixar a cabeça e voltar para casa, envergonhados. Meu orgulho não permitiria isso. Alguns dias depois, vesti minha armadura e deixei apenas uns poucos soldados para trás com minha irmã. Ela chorou e implorou que eu não fosse. Um pequeno grupo de homens precisou contê-la fisicamente para que não montasse em seu cavalo e me seguisse. Ao partir, ouvi sua voz sendo levada pelo vento, pedindo que eu retornasse e que fôssemos embora daquele lugar de morte.

– Ela não queria perdê-lo – comentei.

– É... Quando a batalha começou, meus homens foram literalmente dilacerados. Eu tinha acabado de dar o sinal de retirada e feito meia-volta com meu cavalo quando ouvi um guincho vindo do alto. Patas imensas se enterraram no meu ombro e garras perfuraram minha pele. Fui levado pelo céu e largado num afloramento de pedra. Diante de mim estava o próprio demônio. Não sei como, mas ele me prendeu na lateral da montanha usando apenas a mente para congelar meu corpo. Eu ainda tinha consciência do que estava acontecendo, mas não podia fazer nada a respeito.

– Sei como é...

– Ele pegou minha faca e cortou a palma da minha mão, gotejando meu sangue em um talismã de madeira. Então disse: “Preciso de um comandante para o meu exército. É por isso que o mantive vivo, pequeno guerreiro.” Em seguida, começou a entoar um cântico, e o medalhão brilhou com uma luz vermelha e depois branca. A luz disparou em minha direção e entrou no meu corpo. A dor foi tão intensa que eu teria caído de joelhos e implorado pela morte se pudesse. Tudo escureceu e então meu corpo não estava mais sob o meu controle.

– Você se lembra do que aconteceu com você?

– Consigo me lembrar de trechos, mas era quase como se eu estivesse em um sombrio sonho acordado. As coisas que vivenciei aconteceram em um lugar distante, fora de mim. Isso faz sentido?

Ren concordou com a cabeça.

– E sua irmã? Ela sentiu essa dor? – indaguei.

– Sim – disse Kishan, categórico –, ela sentiu.

– Eu sinto muito.

Pus a mão no braço de Kishan quando Sunil se levantou, dizendo que ia procurar a irmã.

– Boa noite, Sunil. Vamos descansar um pouco, Kells – disse Kishan,

e nós nos abaixamos para entrar em minha barraca. Ele dirigiu um olhar a Ren e acrescentou: – Você não tem outro lugar para ir, meu irmão?

Ren deu de ombros e sorriu atrevido para Kishan.

– Pense em mim como seu acompanhante. Está arrependido de ter me salvado?

Ren estava tão tranquilo em relação a esse fato que o lábio de Kishan se contraiu.

– Talvez – ele grunhiu e se ocupou arrumando um lugar para dormir.

Meu olhar cruzou com o de Ren e ele piscou para mim; então preparou o próprio lugar de descanso.

Deitando-me, enfiei os braços sob a cabeça e perguntei aos dois homens que me ladeavam:

– Vocês ainda podem se tornar tigres?

– Sim – responderam os dois simultaneamente.

– Então a maldição não foi quebrada. Ainda tem mais uma coisa que precisamos fazer, não é?

Kishan bufou e Ren disse:

– Acho que sim.

Virei-me para olhar seus olhos azuis à luz do fogo.

– É isso que me assusta – confessei.

Depois disso ficamos em silêncio, e eu adormeci ouvindo o fogo crepitando e a respiração profunda dos meus dois tigres.

No dia seguinte, encontramos Durga ocupada com os soldados que restavam. Ela era uma líder nata, e até mesmo o irmão recuou e a deixou comandar o exército. Escribas foram convocados para escrever cartas que seriam ditadas e enviadas por mensageiro para todas as tribos e reis que tinham interesse efetivo no resultado da batalha.

Eu podia perceber enquanto ouvia o relato que ela minimizava os próprios feitos e que, em vez de escrever sobre Kelsey, Durga, Ren e Kishan, as cartas mencionavam apenas as duas encarnações da deusa.

À medida que diferentes homens se apresentavam para partilhar sua interpretação da batalha, pensei em minhas pesquisas sobre Durga e finalmente compreendi de onde vinham todas as referências. Phet tinha razão. Nosso destino sempre fora tomar esse caminho. As histórias que eu lera eram as *nossas* histórias, e, se não nos tivéssemos mostrado dispostos a cumprir nossas missões, a história, como a conhecemos, seria diferente.

Os soldados falaram de lagos em ebulição, de tambores de batalha e do sopro divino da deusa, que deu vida a homens presos na pedra. Montanhas se sacudiram, uma deusa dançou nas copas de árvores arrancadas e rugidos de tigres foram ouvidos em todos os cantos do mundo.

Eles também listaram os poderes que tinham visto, e as palavras contidas nas profecias finalmente se tornaram claras. Com o Fruto Dourado, Durga podia alimentar milhões. O Lenço Divino iria ajudá-la a vestir as massas. O Colar de Pérolas seria usado para pôr fim à seca, encher rios e providenciar água de beber, e a Corda de Fogo certamente cumpriu seu propósito de levar paz às nações ao me ajudar a matar Mahishasur.

A deusa Durga foi criada em um tempo de grande necessidade para derrotar um inimigo que nenhum homem poderia destruir. Uma mulher estava fadada a lutar contra o demônio Mahishasur, mas a História entendera mal. Não era uma mulher, mas duas. Dois avatares da deusa derrotaram Lokesh.

Phet disse que nosso futuro logo estaria determinado. Eu me perguntei se isso significava que precisaríamos ficar ali. *Eu poderia ser feliz vivendo no passado?* Como deusa, eu teria meus desejos atendidos. Milhares viriam nos venerar. Teríamos todos os presentes e armas à nossa disposição e também o Amuleto de Damon. O poder com que poderíamos contar era praticamente ilimitado. Poderíamos ajudar a muitos.

Suspirei. Eu não ansiava pelo poder supremo. Não queria liderar um império nem ser uma heroína para as massas. Viver como deusa era um nobre sacrifício. Eu passaria o resto dos meus dias servindo a outros, o que era uma coisa maravilhosa. Mas, lá no fundo, uma vida normal era o que eu de fato desejava. Queria ter a chance de ser mãe. De me casar com um cara maravilhoso – alguém que me levaria para jantar fora de vez em quando e com quem eu poderia implicar sobre as meias fora do cesto.

Essa era a vida que eu havia planejado.

Eu não queria ser mágica.

Não queria ser uma deusa.

Só queria ser... eu.

Anamika e eu passamos o restante da tarde organizando o acampamento. Era bom fazer alguma coisa útil, ajudava a manter a mente longe do que quer que fosse que o futuro reservava.

Depois de um tempo trabalhando juntas em silêncio, eu disse a Anamika:

- Desculpe.
- Por quê?
- Por culpá-la pela morte de Ren.

Ela fez uma pausa enquanto dobrava um cobertor, então o colocou delicadamente no alto da pilha.

– Você estava certa em me culpar. Se Lokesh não houvesse matado Ren, eu teria tentado.

- Você estava sob o controle de Lokesh. Não foi culpa sua.
- Eu deveria ser forte o bastante para resistir a ele.
- Ninguém podia.
- Você pôde.

Suspirei.

- Ele não tinha o meu sangue.
- Ele... ele queria você. Pude sentir isso quando ele me controlou.
- Sim, ele queria um filho poderoso e achava que eu podia lhe dar um.

Anamika assentiu com a cabeça.

– Você é muito bonita. Entendo por que ele desejava alguém feito você como companheira.

– Eu? – Quase engasguei rindo. – Está falando sério?

– Eu não faço piadas, Kelsey. Todos eles a querem. Seus tigres são totalmente devotados a você. Os olhos deles nunca deixam o seu rosto. Você é como o sol para eles. É forte e poderosa, e no entanto sua pele é macia como uma flor e seu cabelo cheira a perfume. Você é pequena, o que faz um homem querer inflar o peito e tomá-la nos braços de modo a levá-la para um lugar seguro. Eu não sou como você. Sou grande e desajeitada. Meu cabelo está sempre desgrehado e minha pele não é clara como leite de cabra. Eu luto com homens e com frequência os supero, o que faz com que se sintam fracos. Eles não têm nenhum desejo de ficar perto de mim, e qualquer homem que tente é logo afugentado quando discuto com ele. Meu temperamento é esquentado demais.

– Eu também tenho gênio forte. Você deveria ouvir algumas brigas que tive com Ren.

- Mas ainda assim tem muito amor envolvido.
- Tem – admiti.

– Quando eu estava com Kishan na batalha, nossas mentes se conectaram, e eu tomei conhecimento dos pensamentos dele em relação a você. Ele teme que você ainda esteja apaixonada pelo irmão. Você já amou Dhiren.

- Sim.

– Mas agora está noiva de Kishan.

– Estou.

Ela me observou em silêncio por um instante e então se levantou. Antes de deixar a barraca, ela disse:

– Invejo o amor dos dois irmãos por você. Trate-os bem, irm... Kelsey.

Anamika saiu, e eu fiquei na barraca, por muito tempo, pensando em suas palavras.

O pôr do sol naquele dia foi lindo. O céu estava cheio de nuvens gorduchas que refletiam faixas douradas, cor-de-rosa e laranja pelo céu. As montanhas púrpura e azuis lançavam suas sombras sobre o vale, mas os picos carregados com a neve branca cintilavam à luz do sol que esmaecia. O cheiro de pinho, carvalho e fogueiras enchia o ar.

Sentei-me entre Ren e Kishan quando nos juntamos aos homens de Anamika e Sunil, partilhando a refeição noturna. Eu me sentia alegre e em paz até que o ar tremeluziu e Phet apareceu.

Sem dizer nada, ele seguiu pela floresta até um pequeno vale protegido. Nós cinco o seguimos e, quando Phet se voltou para nós, meu estômago se revirou de nervosismo.

– Vocês estão com a Corda de Fogo? – perguntou ele.

Anamika assentiu, pegou-a em sua bolsa e a entregou a ele.

Ele enroscou a Corda em sua mão e disse:

– Estou orgulhoso de todos vocês. Realizaram um grande feito e protegeram o mundo contra o demônio. O palco foi montado, e agora chegou a hora de vocês assumirem suas posições e representarem seus papéis.

Os últimos raios do sol incidiram nas costas de Phet e cintilaram em sua careca. Podia ser uma ilusão, mas seu corpo parecia cercado pela luz. Uma ave bicava ruidosamente uma árvore ali perto.

Chegara a hora. O momento em que Phet quebraria a maldição do tigre, e Ren e Kishan poderiam ser plenamente humanos. Tínhamos nos esforçado tanto para isso. Superado tantas coisas. Será que o universo lhes daria o que mereciam – uma vida normal – ou os dois de repente envelheceriam e morreriam diante dos meus olhos?

Eu não sabia o que iria acontecer, mas segurei as mãos dos dois com firmeza e pedi às estrelas ainda invisíveis que Ren e Kishan sobrevivessem a isso. Inspirando o aroma da floresta, engoli em seco, tensa, e fechei os olhos. Quando os abri, Phet sorria para mim, o que tomei como um bom sinal.

- Kelsey – disse ele –, é hora de você voltar para casa.
- Agarrei-me às mãos dos meus tigres. Hesitante, perguntei:
- Mas o que vai acontecer com Anamika?
- Ela vai assumir o papel que o destino criou para ela.

Olhei para a mulher que se tornaria uma deusa. Ela mudou de posição, desconfortável diante da notícia.

– Vocês devem deixar todas as armas e presentes de Durga com Anamika, pois ela precisará deles – instruiu Phet.

Ren, Kishan e eu entregamos tudo à amazona de pernas compridas.

Ela ficou parada, rígida. Seu irmão lhe disse alguma coisa baixinho, mas Anamika se recusava a fazer contato visual com nós três. Sua expressão era impenetrável, e ela parecia determinada a não dizer adeus.

Alguna coisa em mim se suavizou e pus as mãos em sua cintura. Então a abracei com força e disse:

– Você é a mulher mais corajosa que conheço. Será uma Durga maravilhosa.

Ela hesitou apenas um segundo antes de retribuir o meu abraço. Sua expressão dura relaxou e se transformou em tristeza.

– Obrigada por me devolver meu irmão. Isso é mais do que mereço.

Deslizei Fanindra pelo meu braço e pressionei o nariz da cobra contra o meu.

– Nunca pensei que fosse me acostumar a ter uma cobra de estimação. Obrigada por salvar a vida de todos nós.

O corpo dourado da cobra cresceu e ela se enroscou em minhas mãos. A língua rosada projetou-se para fora e fez cócegas na ponta do meu nariz, e os olhos esmeralda cintilaram. Entreguei-a a Durga, que cuidadosamente reajustou Fanindra em seu próprio braço.

– Cuide bem dela – sussurrei.

– Vamos fazer companhia uma à outra – replicou a deusa. – Adeus, Kelsey.

Sunil sorriu e apertou meu braço.

Quando nos separamos, vi Ren cumprimentar Anamika com um aceno de cabeça e ela lhe dirigir um breve sorriso em resposta. Mas, quando Kishan deu um passo em sua direção com a mão estendida, a amazona se virou e abraçou o irmão. Kishan teimosamente esperou que ela olhasse para ele, mas Anamika se recusou.

Peguei a mão de Ren com a minha esquerda e a de Kishan com a direita. Eu tinha apenas a roupa do corpo. Durga ficaria com o Amuleto de Damon, as armas douradas e todos os presentes, e eu retornaria ao meu tempo apenas com meus tigres e uma história

louca. Estava pronta.

– Há ainda uma última coisa que precisa ser feita antes de eu mandá-los de volta, Quel-si – anunciou Phet.

Ele começou a proferir palavras em híndi e então perguntou:

– Vocês se lembram do primeiro trecho traduzido da profecia?

– “Procure prêmio de Durga. Quatro oferendas, cinco sacrifícios. Uma transformação. Fera torna-se mortal.”

– Correto. Vocês encontraram as quatro oferendas de Durga.

– Também oferecemos sacrifícios em seus templos – disse Kishan.

– Sim, mas neste caso os cinco sacrifícios mencionados não são de natureza material. Até agora vocês ofereceram quatro dos cinco sacrifícios. O primeiro foi quando Ren abriu mão de suas lembranças de Quel-si para salvar a vida dela.

Ren apertou minha mão enquanto eu prendia a respiração.

– O segundo foi quando o Sr. Kadam deu a vida para mandar Lokesh para o passado.

Agarrei-me ao braço de Kishan, as lágrimas brotando nos meus olhos.

– O terceiro sacrifício foi quando Quel-si se entregou à Fênix como uma esposa *sati*. Seu corpo queimou para que os tigres ficassem em segurança. O quarto sacrifício aconteceu ontem, quando Kishan desistiu de parte da própria imortalidade para trazer a vida de volta ao irmão.

Minha boca de repente ficou seca.

– Então o quinto sacrifício...?

– Deve ser oferecido antes que vocês possam retornar.

Eu não conseguia controlar o tremor nos meus braços e pernas. De repente, tinha a sensação de que todo o meu corpo era feito de água, e precisei fazer um grande esforço para me manter de pé.

– O que mais precisamos fazer? – sussurrei.

Phet me olhou com profundo pesar.

– Durga precisa de um tigre.

Caí de joelhos aos pés de Phet. As lágrimas escorreram pelo meu rosto.

– Não. Não. Não – murmurei repetidamente.

Então era isso. Eu estava tão perto de chegar em casa em segurança e agora um dos homens que eu amava ficaria para trás.

Durga deu alguns passos em minha direção, mas ergui a mão e me levantei sozinha. Ela parecia solidária, mas também um pouco esperançosa.

– Fique longe de mim – esbravejei. – Eu... eu simplesmente não

consigo olhar para você neste momento.

Enquanto ela deixava os braços caírem ao lado do corpo, meu olhar correu para Ren e Kishan, que conversavam em voz baixa com Phet. Ren ergueu os olhos e o que vi neles me assustou. Seu olhar era todo tristeza e pesar.

Minha mão tremia quando cobri a boca e respirei rapidamente.

– Lamento muito por isso, Quel-si – disse Phet ao se aproximar de mim.

– Lamentar não resolve.

– Não, não resolve.

Comecei a andar de um lado para outro, olhando de tempos em tempos para Ren e Kishan, que discutiam acirradamente. Isso era o que eu sempre havia temido. Ren iria se sacrificar. Ele não podia evitar. Eu o conhecia muitíssimo bem. Se ele pudesse passar a vida inteira servindo ao mundo, faria isso. Abriria mão do que queria para que o irmão pudesse ser feliz. Iria ficar para trás com Durga. Seria um rei, um deus, e eu nunca, *já* tornaria a vê-lo.

Eu não conseguia mais olhar para eles. Dei meia-volta, corri para o meio das árvores e desabei em um tronco caído, soluçando. Meu coração estava partido. Ren fora ressuscitado somente para que eu o perdesse novamente.

Passado algum tempo, Kishan se agachou na minha frente e afastou o cabelo dos meus olhos que ardiam.

– Shh, *bilauta*. Vai ficar tudo bem.

– Como você pode... – Funguei ruidosamente. – Como pode dizer isso? Nós vamos... – Solucei. – Vamos perdê-lo *para sempre*.

– Venha – disse ele, puxando-me para que eu me levantasse. – Enxugue os olhos e tente sorrir. É hora de dizer adeus.

– Eu não posso, Kishan. Simplesmente não posso.

– Por favor, tente.

Ele beijou minha testa e usou os polegares para enxugar as lágrimas do meu rosto.

Assenti, mas olhar para ele e ver sua expressão terna e cheia de amor e paciência fez meus olhos se encherem de lágrimas outra vez.

Com carinho, ele disse:

– Eu quis você desde o primeiro momento em que a vi escondida nos arbustos, Kells. A verdade é que eu sabia que você estava lá o tempo todo. Pus os olhos em você naquele dia, e desde então não consegui mais tirar. Eu tentei, mas... – ele sorriu quando encostou a testa na minha – ...havia algo de irresistível em você. Estava tão perdida e ao mesmo tempo era tão geniosa... igual a uma gatinha com

raiva. Eu queria aconchegá-la no meu braço e ficar com você.

– Kishan, eu...

– Eu sei que você o ama, Kelsey. Sei desde aquele dia na selva, quando confessou seus verdadeiros sentimentos a Saachi, sem saber que era eu disfarçado. Se fosse completamente honesto comigo mesmo, eu confessaria que sabia antes mesmo disso.

Ele respirou fundo e sua voz tremeu.

– Eu disse a mim mesmo que enquanto você usasse meu anel, enquanto me quisesse, precisasse de mim, eu estaria ao seu lado. Eu tentaria me tornar o tipo de homem que você poderia amar. Existe amor entre a gente, não existe, Kells? – perguntou ele quase com desespero.

– Sim – respondi enquanto afastava o cabelo do seu rosto. – Não posso abrir mão de você mais do que dele.

Ele deu um riso trêmulo e assentiu com a cabeça.

– Era exatamente isso que eu precisava ouvir. – Com um ligeiro sorriso, beijou minhas mãos, uma de cada vez, e disse: – Agora me dê um beijo de adeus, *bilauta*.

– O quê? Adeus? O que você...

Kishan me interrompeu com um beijo. Envolvendo meu corpo num abraço, ele me beijou delicada e melancolicamente. Minha mente girava com perguntas, preocupações e confusão; mas de repente tudo isso perdeu a importância enquanto eu me concentrava no homem que me amava tanto que estava disposto a abrir mão de mim.

Passei os braços por seu pescoço e o puxei mais para mim. As lágrimas escorriam por nossos rostos. Eu sentia o sal delas. Então direcionei todo o meu amor e toda a minha afeição por aquele homem para aquele beijo. Ele queimou com ardor e paixão por alguns instantes e então mudou para algo suave, terno. Quando seus lábios deixaram os meus, percorreram minhas bochechas e minhas têmporas enquanto Kishan me abraçava forte.

Pousei a mão sobre o coração do meu tigre negro e soube que eu nunca mais seria a mesma sem ele.

– Por que está fazendo isso? – perguntei fungando.

– É a coisa certa, Kelsey.

– Não posso desistir de você, Kishan. Como ousam nos pedir para fazer essa escolha?

Ele acariciou meu cabelo de leve e disse:

– Uma vez, há muito tempo, você me pediu que a deixasse ir. Lembra-se?

Assenti de encontro ao seu peito.

Após um momento, ele tomou minhas mãos e as virou para cima. Então pousou um beijo delicado em cada palma e disse:

– Agora sou eu quem está pedindo, Kelsey, que *me* deixe ir.

Estremeci.

– É isso mesmo que você quer?

Ele hesitou apenas brevemente antes de responder:

– É o que precisa acontecer.

Chorei com vigor renovado enquanto Kishan massageava meus ombros e minhas costas e depositava beijos em minha testa. Por fim, ele suspirou e perguntou:

– Está pronta?

– Não. – Passei as mãos pelo rosto. – Prometi a você um final feliz.

Ele sorriu.

– Meu final ainda não foi determinado. – Ele tomou meu rosto nas mãos e prometeu: – Vou ter sempre um pedaço seu no meu coração, Kelsey Hayes.

– E eu vou guardar um lugar para você no meu, Kishan Rajaram.

Tomando minha mão, ele pressionou uma chave dourada na palma e fechou os dedos sobre os meus de maneira decidida.

– Mas a chave é sua – protestei.

– Leve-a com você e construa uma casa como aquela de que falamos.

– Vou construir – sussurrei.

Ele beijou minhas pálpebras fechadas.

– Está na hora, Kells.

Passando minha mão pelo seu braço, voltamos para onde os outros estavam. Pouco antes de sairmos de entre as árvores, ele parou.

– Você vai se lembrar de mim?

– Como pode me perguntar isso?

Ele deu um gemido.

– Prometa-me uma coisa.

Olhei dentro daqueles olhos dourados cheios de aflição e tristeza e disse:

– Qualquer coisa.

– Prometa que vai ser feliz.

Assenti com a cabeça, enquanto ele enxugava mais lágrimas no meu rosto com os polegares e me guiava para além das árvores.

– Estamos prontos – anunciou Kishan.

Ele me levou até Ren e pôs minha mão na de seu irmão. Os olhos azuis brilhantes de Ren estavam vermelhos e cheios de lágrimas não derramadas, mas encontraram os meus sem constrangimento, e ele

apertou minha mão delicadamente.

– Tome conta dela – Kishan pediu ao irmão.

Ren segurou o braço de Kishan e disse com um tremor na voz:

– Seu na vida, Kishan.

– Seu na morte, Dhiren – completou Kishan.

– Obrigado – disse Ren baixinho.

– Esforce-se a vida toda para merecê-la, irmão.

Quando Ren assentiu, Kishan esticou os dedos para deslizá-los brevemente pelo meu queixo antes de se virar. Então parou perto de Durga e cruzou os braços diante do peito. Nenhum dos dois olhou para o outro.

Phet deu um passo à frente.

– Um sacrifício foi feito. Kishan a partir de agora será conhecido como Damon, o tigre de Durga. Ele irá conservar o poder de se curar assim como a habilidade de assumir a forma de tigre, embora não haja limite para o tempo que ele pode permanecer humano. Quanto a Ren...

Phet ergueu o Amuleto de Damon e murmurou algumas palavras. Uma luz brilhante circundou o objeto e pareceu atrair uma névoa branca do corpo de Ren e puxá-la através do disco.

– A transformação está feita. A fera tornou-se mortal. – Phet avançou mais alguns passos e segurou o ombro de Ren. Seus olhos também estavam cheios de lágrimas. – Parabéns, filho.

Ren pôs a mão no peito e arquejou.

– Ele... ele se... foi. O tigre se foi.

– Você é novamente mortal – afirmou Phet. – Vai ter um tempo de vida normal, como se estivesse recomeçando aos 21 anos.

Phet se aproximou de mim e pegou minha mão direita. Pressionou a dele sobre a minha até que a tatuagem de hena que fizera em mim brilhou vermelha e em seguida se apagou. Ele deu tapinhas em minha mão agora desnuda. Afastando-se, estalou a Corda e o fogo percorreu toda a sua extensão. Então ele descreveu com ela um movimento circular para abrir um vórtice.

– Três de vocês vieram ao passado e três devem retornar. Sunil?

– Não! – arquejou Durga, em choque. – Você *não* vai levar meu irmão.

– Um que eles amam por um que você ama, Anamika. É assim que o universo mantém o equilíbrio.

– Isso não é justo! Meu fardo é pesado demais para suportar!

– Damon irá ajudá-la – disse Phet.

Ela estreitou os olhos, voltando-os para Kishan, que aceitou seu

escrutínio com paciência.

Dirigindo-se ao irmão, ela tomou-lhe as mãos.

– Eu nunca pedi isso – disse ela, a voz embargada.

– Shh, Mika – murmurou Sunil. – Vai ficar tudo bem. Phet me falou sobre isso ontem à noite, e eu concordei. – Ele segurou o braço dela e explicou: – Já não há lugar para mim aqui, irmã querida. Os exércitos buscam a sua orientação agora. Você é a líder deles. Se eu ficasse ao seu lado, só serviria para lembrar a eles que você um dia foi humana. Os homens iriam testá-la, questioná-la e me usar como desculpa para tentar tirar o poder de você. Deve-se espalhar a notícia de que Anamika e Sunil Kalinga morreram nessa batalha. Durga sobreviveu, e é Durga que você deve ser agora. Conserve esse poder com cuidado. Guarde-o. O mundo está nas suas mãos, minha irmã. Não é fácil deixá-la, mas, para que você ocupe seu verdadeiro lugar na História, é o que devo fazer.

– Como vou fazer isso sabendo que meu irmão existe em outro tempo, em outro lugar?

– Da mesma forma que eu farei. Enviarei meus votos a você pelas estrelas. Tenho tanto orgulho de você, Mika.

Ele beijou a irmã gêmea nas duas faces.

– Vou sentir saudade, Sunil.

– E eu vou pensar em você todos os dias.

Ele segurou o braço de Kishan.

– Você vai cuidar da minha irmã?

– Irei protegê-la com a minha vida – prometeu Kishan.

Os dois homens se estudaram por um momento antes que Sunil assentisse. Todos tomamos um último gole do *kamandal* para que fosse mais fácil suportar a pressão do universo.

Virei-me para olhar nos olhos dourados de Kishan uma última vez. Ele sorriu suavemente e sussurrou:

– Eu amo você.

Então Ren me pegou pela mão e juntos corremos para o vórtice, com Sunil ao nosso lado.

Quando saltei, ouvi Kishan dizer baixinho:

– Adeus, *bilauta*.

Os pensamentos arrastaram garras afiadas no meu coração, ameaçando rasgá-lo. Fechei os olhos e, num sussurro, pedi ao universo que, por favor, tomasse conta de Kishan e desse a ele a vida que tanto merecia.

Levando o anel de Kishan aos lábios, entreguei-me à escuridão.



Promessas

—Kelsey. Srta. Kelsey. Acorde!

Alguém sacudiu meu ombro, e eu gemi.

– Vamos, Srta. Kelsey. Por favor.

– Ei, Barbie Guerreira mandona, me deixe dormir – resmunguei e rolei no ladrilho frio e liso.

Apoiando a palma na superfície dura e levantando parte do corpo, abri um olho embaçado.

– Onde estou?

– Você está em casa – respondeu uma voz amistosa.

– Em casa?

Sentei-me e esfreguei os olhos. *Nilima!*

Eu estava sentada sob um raio de sol no vestíbulo da casa de Ren.

Ela me abraçou, e ambas nos viramos quando ouvimos um gemido.

– Ren?

Fui engatinhando até ele, que piscava e se sentava.

– Você está bem? – perguntou-me ele, segurando meu rosto.

Pus a mão sobre a dele. Seus olhos procuraram os meus, e eu sabia que ele estava se referindo a mais do que minha saúde física.

– Vou ficar – respondi baixinho.

Ouvimos outro gemido e encontramos Sunil esparramado no grosso tapete da sala de música. Nilima deu a volta por nós e seus olhos se arregalaram ao ver o estranho.

Tentando se orientar, Sunil ficou de pé e olhou perplexo para o piano de cauda, os violões de Ren e o gigantesco aparelho de som reluzindo diante dele.

– Bem-vindo à nossa casa – disse Ren. – Vamos colocá-lo no quarto de Kishan por enquanto.

Sunil assentiu, distraído, enquanto estendia a mão para tocar os quadros emoldurados e um abajur antigo, mas, quando Ren puxou Nilima para a sala a fim de fazer as apresentações, o estranho, vindo de séculos antes, ignorou tudo que não fosse a mulher à sua frente.

Sunil sorriu, e eu me vi novamente impressionada por sua beleza. Os olhos verdes cintilaram quando ele tomou a mão de Nilima.

Curvando-se, ele levou sua testa à mão dela e disse:

– É uma honra cumprimentar alguém tão linda. Obrigado por sua hospitalidade.

Nilima estreitou os olhos, desconfiada, e puxou a mão de volta.

– Por nada. – Voltando-se para Ren, perguntou: – Quem é ele? E onde está Kishan?

– Kishan... não vai voltar – disse Ren em voz baixa.

Nilima voltou os olhos inquisidores para mim. Engoli em seco e assenti, sentindo a dor de deixar Kishan subir até minha garganta.

– Não me digam que o perdemos também, por favor – suplicou ela.

– Ele não morreu, cara dama – explicou Sunil. – Ele ficou no passado para cuidar de minha irmã.

– Quem é sua irmã e por que ela é tão importante assim para exigir a atenção dele? – indagou Nilima, impulsiva, com lágrimas nos olhos.

– Minha irmã é a deusa Durga. E seu irmão, Kishan, tornou-se o tigre Damon. Ele irá servir ao lado dela.

– Ah – disse Nilima, e deu um passo atrás, cambaleando um pouco.

A tristeza tomou conta do rosto de Sunil.

– Perdoe-me. Lamento ser o portador de notícias que lhe causam dor.

Ren abraçou Nilima.

– Temos muito o que lhe contar.

Ela enxugou os olhos e endireitou os ombros.

– Talvez fosse melhor vocês me contarem tudo o que aconteceu nesses últimos seis meses. Já estamos em junho.

Ren e eu não podíamos acreditar que tanto tempo havia se passado. Fomos os quatro para a sala do pavão e passamos a tarde toda falando de nossas viagens. Sunil fez muitas perguntas sobre como obtivemos os presentes de Durga e ficou fascinado com o Reino do Fogo. Permaneci sentada perto de Ren e não falei muito. Apenas ouvia sua voz calorosa enquanto ele pacientemente respondia pergunta após pergunta.

Mais tarde naquela noite, liguei para minha família adotiva. Nilima lhes mandara cartões em meu nome, mas era bom ouvir a voz deles. Mike e Sarah tinham mil perguntas e histórias para contar. Eles não eram meus pais de verdade, mas também faziam parte do que eu viera a chamar de lar, e falar com eles ajudava a aliviar um pouco a dor de perder Kishan.

Ao cair da noite, Nilima trouxe comida, porém eu não estava com muito apetite. Ren me manteve perto dele, com um braço à minha volta. Adormeci aninhada no seu peito, ouvindo os três conversando

baixinho.

Acordando de repente na mais completa escuridão, descobri que estava deitada em meu quarto no segundo andar. Automaticamente minha mão voou para o lado da cama, procurando meu tigre. Ele não estava lá. Sonolenta, cambaleei até a porta de correr da varanda e a abri.

– Kishan? – chamei baixinho.

Mas não havia nenhuma cauda negra pendendo preguiçosamente do banco do balanço.

A realidade me atingiu em cheio: eu nunca mais veria meu tigre negro. As lágrimas desceram, fazendo cócegas no meu rosto como macias asas de fadas. Fechei a porta e apoiei a testa no vidro.

– Ren? – sussurrei, mas não houve resposta.

De volta à cama, agarrei a colcha da minha avó e me enfiei embaixo dos lençóis. Minha mão tocou em pelo, me assustando, mas rapidamente percebi que era apenas o tigre de pelúcia que eu havia comprado no Oregon tanto tempo atrás. Puxei-o para perto, deitei a cabeça em suas patas e adormeci.

Depois de tomar um banho quente e de vestir roupas limpas na manhã seguinte, eu me sentia mais humana. Encontrei Sunil na bancada da cozinha, tendo uma aula de como usar o micro-ondas. Uma variedade de itens para o café da manhã estavam espalhados pelo balcão.

Escolhi um prato de pêssegos frescos fatiados sobre *waffles* aquecidos enquanto observava Sunil e Nilima, que estava estranhamente agitada. Ela corava com frequência, ao passo que ele parecia não se importar nem um pouco com o fato de se encontrar em território estranho.

Após a aula de utilização do micro-ondas, Sunil rapidamente apanhou um copo e pediu outra demonstração de como obter “cubos gelados”.

Sorri, pensando que era melhor Nilima tomar cuidado; Sunil era bem esperto. Enquanto ela lhe mostrava como usar a geladeira, vi que ele estava prestando mais atenção nela do que no que ela ensinava. Mexendo minha caneca de chocolate quente, perguntei-me o que Anamika acharia de seu irmão cortejando Nilima.

Depois de um café da manhã substancial, perambulei pela casa e encontrei Ren no quarto do Sr. Kadam, lendo algumas anotações.

Fechando o livro com um estalo, ele se levantou e tomou a minha mão.

– Dormiu bem? – perguntou.

Dei de ombros, sem saber exatamente o que dizer. Ele franziu de leve a testa e baixou os olhos.

– Você... – engoliu em seco – ...você quer ir para casa? Para o Oregon?

– Eu... eu não sei. Não tenho certeza – admiti com sinceridade.

Ren, Kishan e eu estivéramos focados em um objetivo por tanto tempo que agora que nossa tarefa estava concluída eu me sentia um pouco sem rumo.

Assentindo com a cabeça, ele beijou o meu rosto.

– Por favor, me fale quando decidir – pediu ele, então se virou e deixou o quarto.

Mas o que foi isso?, eu me perguntei.

No dia 24 de junho, uma semana depois de viajarmos pelo vórtice, eu me vesti com capricho e fiz escova no cabelo antes de descer. Nilima deixara um bilhete dizendo que estava levando Sunil para comprar roupas na cidade e que eles iriam ficar até tarde para jantar. Tomei o café da manhã sozinha e então procurei Ren, mas ele também não estava.

Sem muito o que fazer, li durante a maior parte da tarde, atendi uma ligação de Mike e Sarah e então fui para a sala de TV. Fiz pipoca e me lembrei com carinho de como Ren, Kishan e eu gostávamos de ver filmes devorando grandes tigelas de pipoca.

Quando o filme a que eu estava assistindo chegou ao fim, fiquei surpresa ao ver que já estava tarde. A cozinha encontrava-se nas sombras, e Nilima e Sunil ainda não haviam retornado.

– Bem, feliz aniversário para mim – murmurei e subi, indo para o meu quarto.

Sem nem mesmo me dar ao trabalho de acender a luz, deslizei a porta de vidro e saí para a varanda escura. Estrelas piscavam no céu, e a fonte cintilava lá embaixo.

Dois anos haviam se passado desde a minha festa de aniversário no circo. Dois anos desde que eu conhecera o querido Sr. Kadam e fora arrebatada para o incrível mundo da maldição do tigre. Eu estava com 20 anos. *O que deveria fazer agora?*

Eu tinha lutado contra *kappa*, dragões e um *kraken*. Fora mordida por um tubarão gigante, sobrevivera à incineração de uma Fênix, jantara com fadas e matara um rei demônio que tinha a intenção de me tomar como esposa. Eu possuía um poder ilimitado, mas ele me

havia sido tirado. Esfreguei os braços, isso, porém, não fez o sentimento de vulnerabilidade diminuir.

Eu estava de volta ao meu mundo, um mundo que deveria ser familiar, e no entanto não era. Pela primeira vez em dois anos, eu não sabia o que fazer em seguida. A sensação não era muito diferente da que experimentei no dia em que meus pais morreram. Aquela experiência havia me modificado para sempre, e as coisas por que eu passara nesses dois últimos anos também deixaram cicatrizes.

Minha garganta se fechou quando me perguntei de novo por que Ren estava me evitando. *Será que ele me culpa por sua morte? Será que queria ter ficado para trás? Será que se sente obrigado a cuidar de mim?*

Alimentei brevemente a ideia de voltar para o Oregon sem ele, mas eu já havia feito isso uma vez. Ren e eu precisávamos conversar antes que eu tomasse alguma decisão importante. Devíamos isso um ao outro.

Enxuguei uma lágrima no olho e ouvi uma porta se abrir.

Ren saiu na varanda e se aproximou, mas parou a alguns metros, apoiando os cotovelos no parapeito. Ele olhou para a piscina e disse baixinho:

– Feliz aniversário, Kells.

– Pensei que tivesse se esquecido – repliquei sem olhar para ele.

– Eu me lembrei. Só não sabia se você queria celebrar.

Dei de ombros.

– Acho que não.

Ficamos ali, parados em silêncio por alguns momentos. Sentia minha pulsação latejar à medida que os segundos iam passando e a tensão entre nós crescia. Esperei que Ren dissesse alguma coisa, mas ele nem sequer me olhava. Por fim, não pude mais suportar. Voltei-me para ele e perguntei emocionada:

– Por que está me evitando? Lamenta que tenha sido você a me trazer para casa?

Ele se empertigou e me olhou, confuso.

– É isso que você pensa?

– Não sei o que pensar. Você não passou mais que dois minutos consecutivos comigo desde que chegamos. Se não me quer aqui, é só dizer.

Meus olhos ardiam, e uma lágrima saltou para o meu rosto.

Cobrindo a distância que nos separava, ele tocou meu queixo, inclinando minha cabeça de modo que eu o encarasse. Seus olhos azul-cobalto estavam cheios de emoção.

– Você acha que eu não a quero? – perguntou ele, a expressão

incrédula. – Kelsey, eu quero você mais do que o ar para respirar. Eu só pensei em lhe dar espaço. Você amava Kishan. Ficou arrasada por deixá-lo para trás. Qualquer um podia ver isso.

Meus dedos deslizaram pelo pulso dele, e admiti:

– Prometi a Kishan que uma parte do meu coração será sempre dele.

Ren baixou os olhos e assentiu.

– Eu entendo.

Ele se afastou de mim, como se fosse sair.

Uma fúria justificada percorreu meu corpo.

– Alagan Dhiren Rajaram! – gritei. – Não ouse se afastar de mim!

Dando dois passos gigantescos à frente, meti o dedo em seu peito.

– Você não entende nada! – acusei. – Estou apaixonada por você há dois anos. Se ainda não percebeu isso, então não sei mais o que dizer. Eu amava Kishan, sim, mas até *ele* sabia que estava *apaixonada* por você. Além disso, era você quem estava disposto a ficar no passado com Durga. Se alguém deveria estar hesitante em relação ao nosso relacionamento, esse alguém sou eu!

Ren avançou em minha direção, e engoli em seco, recuando até bater no parapeito. Segurando-me pelos ombros, ele declarou:

– Vamos esclarecer uma coisa, Srta. Hayes. Eu não estava nem um pouco disposto a deixar você. Disse a Phet que não dava a mínima para preservar a História nem para Durga e também não ligava se ela precisava ou não de um tigre. Tudo o que eu queria era ficar com você. Se isso significava ficar no passado, então eu ficaria no passado. Se isso significava voltar para casa, então eu voltaria. Eu só serviria a Durga se você estivesse comigo. Kelsey, eu *nunca* teria deixado você vir embora.

– Ah.

Minha voz falhou.

Ren deslizou as mãos até o meu pescoço, segurando-o.

– Kelsey, minha teimosinha linda, se você está me dizendo que está pronta para ficar comigo, então saiba que eu estou mais do que pronto para ficar com você.

Ele enxugou uma lágrima do meu rosto com o polegar e me observou intensamente com seus olhos hipnóticos, à espera da minha resposta.

Ergui a mão, afastei o cabelo sedoso de sua testa e disse simplesmente:

– Ren, você é tudo que eu sempre quis.

Um sorriso suavizou seus lábios de escultura, e ele baixou a cabeça

para me beijar. O beijo doce acendeu uma chama que crepitava e devorava. Fazia tanto tempo desde que tínhamos nos beijado que de repente eu não conseguia me saciar.

Correndo as mãos pelas minhas costas, ele desceu as palmas devagar pela minha cintura e sobre as curvas dos quadris, puxando-me vorazmente contra seu peito. Nossos corpos estavam colados um no outro, mas eu queria ficar ainda mais perto dele. Queria estar envolvida por ele.

Minhas mãos agarraram-lhe a cintura e, ganhando coragem, deslizei-as, subindo pela parte externa da camisa de seda. Meus dedos brincaram ao longo de seu abdômen. Ren sussurrou meu nome, e corri a palma das mãos por seu peito largo e pelos ombros, em torno do pescoço e entre os cabelos. Eu não tinha certeza se o gemido vinha dele ou de mim.

Ren subiu as mãos lentamente pelos meus braços nus, acariciando-me com a ponta dos dedos e estimulando os pontos sensíveis ao longo da minha clavícula e do pescoço. Traçou uma linha de beijos ao longo do meu maxilar até a orelha, fazendo a pele dos meus braços se arrepiar.

Movendo-nos como se fôssemos um só corpo, nos recostamos no banco e eu me aninhei em seu peito. Minha mão estava presa pela dele, pressionada contra seu coração. Seus beijos apaixonados se suavizaram e se tornaram doces e ternos, lentos, aveludados e incrivelmente sedutores. Em cada carícia delicada, eu sentia seu amor por mim com tanta clareza quanto se pudesse ouvir seus pensamentos. Quando seus lábios encontraram minha orelha, ele murmurou palavras de carinho e promessas afetuosas, e eu me vi perdida na inebriante experiência, até que algo que ele disse me deteve.

Prendi a respiração.

– O que você disse? – perguntei.

Sua expressão era toda amor e afeto. Ele sorriu, hesitante.

– Perguntei se você quer ser a minha esposa – disse ele simplesmente.

Fitei seus olhos azul-cobalto e sorri.

– O que você faria se eu dissesse: “Se você tem que pedir, então a resposta é não”?

Seus olhos se estreitaram, brincalhões.

– Acho que eu teria que seduzir você para arrancar um sim.

– Nesse caso, minha resposta com certeza é não.

Com um brilho determinado nos olhos, ele percorreu a linha do meu maxilar com os lábios e murmurou alguns trechos da minha peça

preferida.

– Pois bem, Kells, eu sou o marido que vos convém. Outro marido que não seja eu, não poderás ter nunca, pois quero Kelsey para esposa.

Fazendo um carinho em sua orelha com o nariz, sussurrei, provocante:

– Você me considera tão teimosa quanto Catarina, Petruchio?

Ele apertou minha cintura.

– Eu ainda não ouvi o seu “sim”. Isso prova que você não só é teimosa como também insensível – disse ele com um sorriso torto.

Alguns momentos e alguns beijos incrivelmente ardentes depois, ele tornou a pedir:

– Case-se comigo, Kelsey. Quero que você... – Eu assenti e senti seus lábios sorrindo de encontro ao meu pescoço. – ...seja minha mulher.

Hum-humm foi o único som que pude produzir.

– Isso não conta – protestou Ren, e se afastou para tomar minhas mãos nas dele.

– Kelsey Hayes, eu amo você. Meu lugar é ao seu lado. Há dois anos sou seu, de corpo e alma. Meu destino sempre foi você. Seja o meu refúgio, *priya*. Seja minha esposa.

Ele olhou meu rosto com seriedade, e meu coração ficou paralisado. Não estava mais na hora de brincar. Levei suas mãos aos meus lábios e beijei a palma de ambas.

– Meu coração é seu, Alagan Dhiren. Ficarei honrada em ser sua esposa.

Ele sorriu, triunfante, e meu coração pulou de alegria quando ele me pegou no colo. A felicidade de Ren me invadiu até eu rir, encantada ao saber que não havia perdido meu tigre, afinal. Construir uma vida com Ren seria uma jornada incrível, talvez até mais mágica que todas as nossas aventuras. O futuro parecia ao mesmo tempo luminoso e cheio de esperança.

Enlacei seu pescoço com os braços e, entre beijos carinhosos, ele perguntou:

– Você... quer... seu presente de aniversário agora?

– Ele pode esperar até amanhã? – indaguei, pressionando os lábios em sua testa.

Ele me puxou para mais perto, sorriu e disse:

– Com certeza.

Fiquei rindo até que ele segurou o meu rosto e levou meus lábios de volta aos seus.



Corda do Futami

Dizer que Nilima vibrou ao saber de nosso noivado seria pouco, e, à sua maneira eficiente e elegante, ela nos ajudou a organizar o casamento.

Ren me encarregou da lista de convidados, que era muito curta, considerando-se que não havia muita gente a ser convidada nem do lado do noivo nem da noiva.

Foi Nilima quem sugeriu que nos casássemos no Japão porque as principais sedes das Indústrias Rajaram ficavam lá. O Sr. Kadam fizera planos para que, após a sua morte, seus negócios fossem herdados pelo jovem neto, Dhiren Rajaram, com Nilima ficando como diretora interina até que ele terminasse a faculdade. Nosso casamento era a ocasião perfeita para apresentar Ren como o novo presidente da empresa e, em um ambiente social, conhecer aqueles que ajudavam a administrar os negócios.

Ren marcou a data do casamento para 7 de agosto. Faltavam apenas seis semanas, mas ele tinha uma explicação romântica:

- É quando as estrelas se alinham este ano.
- Você está falando do Festival das Estrelas?

Ele acariciou meu cabelo e assentiu.

- O Rei do Céu deve ter ouvido meu desejo ano passado.
- Qual deles? – provoqueei. – Você pendurou centenas de desejos naquela árvore.

Inclinando-se em minha direção, ele segurou meu rosto.

- Todos eles – disse baixinho.

Depois de um beijo muito profundo, comentei:

- Se não conseguirmos providenciar tudo a tempo, o que acha de fugirmos?

Rindo, ele me abraçou apertado, e nesse momento Nilima entrou intempestivamente, os braços carregados de caixas. Ren sussurrou no meu ouvido:

- Não me tente.

Minha família adotiva voou para o Japão uma semana antes do

casamento, e nós tanto celebramos nossa felicidade quanto lamentamos nossas perdas juntos. Dissemos a eles que o Sr. Kadam e Kishan haviam morrido em um acidente aéreo sobre as ilhas Andaman alguns meses antes. Sarah chorou comigo e expressou uma grande tristeza, especialmente por causa de Kishan, cuja vida mal havia começado. Balancei a cabeça, sentindo no meu coração a pontada amarga que sempre sentia quando pensava no príncipe de olhos dourados.

Ren pegou minha mão quando terminei a história, e Sarah enxugou os olhos e sorriu para ele. Meu anel reluzente de diamante e safira cintilou à luz, chamando a atenção dela. Sarah quase engasgou diante de sua beleza. Exagerando ligeiramente, Ren criou uma história sobre tê-lo adquirido de um negociante particular, e ri enquanto ele descrevia em grande detalhe a forma e o caráter humanos do dragão dourado Jinsèlóng.

Nervosa, girei o anel e esfreguei o ponto em que o rubi em forma de lótus de Kishan costumava ficar. Na noite anterior, Ren havia me pedido o anel de Kishan, e eu lhe entregara com relutância.

Sabendo o que eu estava pensando, Ren beijou meus dedos e deu uma piscada enquanto respondia tranquilamente as perguntas de Sarah e de Mike.

O dia 7 de agosto chegou rapidamente, e no fim daquela tarde eu me vi de pé diante de um espelho de corpo inteiro. Uma linda mulher me olhava de volta. Meus olhos castanhos cintilavam, e eu poderia ter jurado que meus pés cobertos pelos sapatos bordados com pedrarias não estavam tocando o chão.

Nilima havia feito um trabalho incrível ao escolher meu vestido de casamento. O corpete justo e bordado com contas marcava minha cintura e era um contraste perfeito para a dramática e volumosa saia de vestido de baile. Deslizei as mãos sobre o cetim cor de marfim e o forro de renda elaborada que se revelava. As bordas do decote coração e da fenda do vestido eram debruadas com rosas de seda champanhe caindo em cascatas, e apliques florais derramavam-se dos ombros para as manguinhas japonesas. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Nilima ajustou a cauda do vestido e me ajudou a colocar nos cabelos pentes enfeitados com pérolas cor de creme e diamantes cor de champanhe. Em seguida, coloquei um par de brincos pendentes combinando, seguido pelo que Nilima chamava de tradicional pulseira escrava indiana. Uma corrente de minúsculas pérolas ligava a pesada

pulseira com pedras preciosas ao anel.

Eu a havia convencido de que não precisava da *maangtika*, a joia presa no cabelo que se assenta no meio da testa. Ren e eu havíamos decidido que eu não faria a tradicional tatuagem de hena da noiva porque isso nos lembraria demais da tatuagem de Phet.

Nervosa, dei meia-volta e perguntei a Sarah:

– O que você acha?

Ela levou a mão à boca e deu um sorriso largo. Agitando as mãos sobre os olhos para não chorar, Sarah disse:

– Acho que ela está parecendo uma princesa.

– Muito apropriado então – disse Nilima.

Segurei a mão dela e olhei para os vestidos drapeados de cetim dourado de Nilima e Sarah.

– Vocês estão lindas também.

Uma leve batida na porta anunciou a chegada de Mike, que entrou na sala e me ofereceu o braço. Nilima me entregou o buquê. Era um arranjo deslumbrante de rosas cor de creme e de champanhe, gardênias, ramos de jasmim branco e lírios-de-tigre perolados com pequenas estrias pretas que me faziam lembrar a forma felina de Ren. O perfume era celestial. Sarah me soprou um beijo quando ela e Nilima saíram para tomar seus lugares.

Mike estava bonito em seu traje de pai da noiva, mas ficava puxando um pouco a gola alta de sua túnica *sherwani*. Dando tapinhas em seu ombro, dirigi-lhe um sorriso e disse:

– Fique feliz por não estar usando 200 quilos de tecido, como eu.

Com um sorriso envergonhado, ele parou de se remexer e me envolveu num abraço.

– Obrigado por me convidar para o lugar de seu pai.

Senti a emoção crescer por trás dos meus olhos e pisquei rapidamente. Eu tinha rímel demais nos cílios para sequer pensar em chorar.

– Você tem sido um ótimo pai – repliquei.

Sem mais demora, saímos para o calçamento de pedras lisas do Templo Futami Okitama Jinja e demos início à longa caminhada até o portão do espírito com vista para o oceano. Eu esperava que em algum lugar meus pais pudessem assistir ao meu casamento com o homem que eu amava.

Também pensei em meu outro pai, o Sr. Kadam. Queria que ele estivesse ali comigo. Ele teria ficado muito orgulhoso de me levar pelo corredor e me entregar a Ren. Enquanto Mike caminhava sério ao meu lado, eu tinha certeza de que podia sentir a presença do Sr. Kadam e

sua alegria por nós.

O pôr do sol estava lindo. O céu estivera coberto de nuvens por quase todo o dia, mas agora a luz incidia na água, fazendo o oceano azul-escuro brilhar como uma safira cintilante.

Quando dobramos uma esquina, vi o pequeno grupo reunido à frente: minha família; Nilima, que era minha dama de honra; Sunil, que era o padrinho de casamento de Ren e cujos olhos estavam fixos em Nilima; minha antiga parceira de *wushu*, Jennifer, que viera de surpresa e já estava chorando; e um punhado de funcionários cuidadosamente selecionados das Indústrias Rajaram. Eu lamentara muito saber que Murphy havia falecido durante os seis meses em que ficáramos fora.

Eu enviara convites para Li e Wes, e ambos tinham me mandado cartões de felicitações. Li ainda queria uma revanche com Ren quando voltássemos ao Oregon e estava namorando aqui e ali, mas ainda não encontrara ninguém que curtisse a noite do jogo.

Wes contara que finalmente havia conversado com a ex-namorada, que o perdoou por deixá-la. Ela estava casada e feliz, e a mãe dele começara a arranjar encontros às escuras para ele com todas as garotas “bom partido” do Texas.

Li e Wes eram bons rapazes, mas não faziam meu coração bater descontrolado como o homem à minha espera no fim do corredor. Tambores japoneses soaram ritmicamente enquanto eu seguia para o homem com quem iria me casar.

Naquele momento, Ren virou a cabeça em minha direção, e prendi a respiração. Ele estava lindíssimo com a tradicional túnica *sherwani* de seda cor de creme e os sapatos *mojari* bordados com pedrarias. O cabelo cacheava na nuca e caía sedutoramente sobre um dos olhos. Quando eu me aproximava, ele o jogou para trás, afastando-o do rosto, e estendeu as mãos. Os olhos azul-cobalto fixaram-se nos meus, e ele me dirigiu aquele seu sorriso torto especial. Então foi como se todos desaparecessem, e tive a sensação de estar em um sonho.

Meus dedos apertaram o buquê enquanto eu me maravilhava com o fato de que aquele príncipe indiano espetacular, nascido séculos antes, seria o meu marido. O universo me dera um presente incrível, mais precioso que o poder do fogo ou o Lenço Divino. Eu ganhara esse homem extraordinário para amar.

Entreguei o buquê a Nilima, deslizei as mãos para as de Ren e levantei os olhos para os dele, os dois parados sob o portão do espírito do templo. Um sacerdote xintó magro e careca encontrava-se de pé numa caixa de madeira simples perto de nós. Ele estava sorrindo e me

fez lembrar Phet.

Enquanto esperávamos que começasse, Ren sorriu e eu deixei escapar um suspiro de nervosismo. A brisa do oceano brincava com o tecido do meu vestido, que se movia suavemente, mas naquele momento nenhum poder, natural ou não, iria desviar nossa atenção um do outro. As mãos dele estavam quentes, e eu sentia um leve zumbido de energia circulando entre nós.

Agora eu sabia que nossa conexão sempre fora cósmica. Ren e eu estávamos destinados a ficar juntos. Seu destino sempre fora ser meu, e o meu, ser dele. Embora já não desempenhássemos os papéis da deusa e seu tigre, nosso elo permanecia. Eu não podia ler os pensamentos de Ren, mas podia sentir suas emoções – uma pontada de nervosismo, tristeza com a perda do irmão e, mais do que qualquer outra coisa, seu amor avassalador por mim e o desejo de me fazer feliz.

O sacerdote perguntou:

– Quem é responsável por esta mulher e hoje a dá em casamento?

Mike deu um passo à frente.

– Sou eu.

– O senhor aceita este jovem e acredita que ele será um marido adequado para ela?

– Ele me prometeu que irá cuidar dela como nós fazemos.

Mike e o sacerdote se cumprimentaram com uma mesura e então Mike se afastou.

O sacerdote começou a nos falar sobre seu templo e as duas rochas que se projetavam do oceano atrás dele. Uma das rochas era bem maior que a outra, e elas estavam conectadas entre si por uma espécie de corda.

– Estas pedras se chamam *Meoto Iwa*, as rochas casadas. Em sua língua, são *Amor* e *Aquela que Ele Ama*. A pedra maior é o marido da menor. Ele a toma como esposa. Elas estão unidas por uma *shimenawa*, uma corda trançada. Esta corda precisa ser fortalecida muitas vezes no ano.

Ele olhou para mim e depois para Ren, e então continuou:

– Como estão entrando no casamento, vocês também precisam fortalecer seu elo com o outro. Quando a maré está baixa, as rochas não ficam separadas. Mas, quando as ondas sobem, somente a corda as une. Se os problemas se abaterem sobre vocês, mantenham-se firmes como estas rochas e agarrem-se um ao outro por meio do elo que estão estabelecendo neste dia.

Então foi a vez dos nossos votos. Ouvi alguém fungando ali perto, e

dava para saber claramente que era Jennifer, mas eu a ignorei, torcendo para conseguir me lembrar de tudo o que eu queria falar para Ren.

– Shakespeare disse que as jornadas terminam no encontro dos amantes – comecei. – Uma vez você me perguntou se nossa história era uma comédia ou uma tragédia. Tivemos nossa cota de tragédias, e há alguns lugares vazios aqui hoje, mas meu coração não está vazio. Meu coração transborda. Ele está aquecido pela sua bondade, por sua paciência e principalmente por todo o seu amor. Você tem sido um companheiro fiel, um amigo solidário e um pretendente persistente – ele ergueu uma sobrancelha e eu sorri –, e tem sido meu anjo guerreiro. Seu amor me salvou mais vezes do que posso enumerar. Espero, com o tempo, poder retribuir o favor.

Tomei fôlego e prossegui:

– Sei que cada dia que passo com você é um presente, um presente do qual prometo cuidar. Juro ser sempre sua. Meu lugar é ao seu lado e de hoje em diante pertença a você. Se o universo tivesse me permitido dar forma ao homem dos meus sonhos, eu teria criado você.

Quando terminei, Ren apertou minhas mãos e sorriu suavemente.

– É a minha vez? – perguntou ele ao sacerdote.

– Sim, meu jovem, pode falar agora.

Em sua voz calorosa, Ren começou seus votos:

– Meu mundo era escuro e desolado quando você surgiu na minha vida, e, naquela ocasião, você me ofereceu o que pensei que fosse o mais precioso dos presentes: a esperança. Mas não demorou muito para que eu percebesse que precisava ainda mais de você. Então pedi que me amasse. Não se passou um só momento nos últimos dois anos em que eu não estivesse dominado por meus sentimentos por você.

Ele estendeu a mão e tocou meu rosto, acariciando-o com o polegar.

– Você é tudo para mim, Kelsey Hayes. Cada momento com você brilha mais que o anterior.

Ouvi o silvo do oceano no momento em que o sol começou a mergulhar abaixo do horizonte. Os raios cálidos do sol se pondo tocaram o lindo rosto de Ren quando ele selou suavemente seus votos com um poema.

EU PROMETO

Prometo me manter fiel a teu lado.

Juro superar falhas; meu caráter aperfeiçoar.

Comprometo-me a merecer-te.

Declaro que tu és o meu sonho, meu desejo mais ardente.

Ofereço minha riqueza passada e promessas futuras.

Juro merecer tua confiança.

Empenho o fogo de minh'alma e a força de meu corpo.

Professo que estou para sempre ligado ao teu coração.

Proclamo que sou teu.

– Meu coração não está mais enjaulado, *iadala*, pois você me libertou. Percorri uma estrada longa e solitária até encontrar você e quero que saiba que eu passaria por tudo de novo uma dezena de vezes desde que soubesse que você estaria à minha espera no fim.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e Ren recolheu uma quando ela caía de um cílio. Seu sorriso afetuoso me encheu de felicidade. Eu não pensei que a cerimônia de nosso casamento pudesse ser mais perfeita. E então Ren abriu uma caixa de joias.

Dois fios de minúsculas contas se enroscavam em ouro e azul. Pequenas flores de diamantes e safiras corriam ao longo da corrente e do centro pendia um lótus de diamantes com o miolo de rubi. Apertei os dedos trêmulos sobre os lábios ao reconhecer o anel de Kishan retrabalhado em um novo formato.

Ren me fez virar e então seus dedos quentes roçaram meu pescoço enquanto ele prendia o fecho e explicava:

– Este colar é chamado de *Mangalsutra*. A tradição de um noivo dar esse símbolo à noiva no dia do casamento remonta a vários séculos. Antigamente, era um simples bracelete que indicava a invasores que aquela mulher pertencia a outro e estava, portanto, sob a proteção de um homem. Mais tarde, o colar se tornou o sinal de que um homem e uma mulher estavam comprometidos, à semelhança de um anel de noivado. É o sinal de um vínculo inseparável entre um homem e sua mulher.

Eu me virei para ele, e, enquanto tocava as contas nas extremidades, ele falou baixinho:

– Olhos-de-tigre azuis e dourados para lembrar o que se encontrou.
– Seu dedo desceu até o rubi no lótus ao centro. – Um lótus de diamante e rubi vermelho para lembrar o que se perdeu. – Ele deslizou dois dedos pela extensão da corrente sobre as dezenas de minúsculas flores azuis. – E flores de safira que simbolizam o que será.

Ren tomou minhas mãos e deu um passo em minha direção.

– Hoje eu dou este símbolo precioso à pessoa mais preciosa para mim, como sinal de minha devoção e de meu amor. Você é minha *mere jaan*, minha vida, Kelsey Hayes.

Algumas lágrimas finas escorreram pelo meu rosto, mas Ren enxugou-as delicadamente, seu toque leve como a brisa. Então ele fez um gesto com a cabeça para o sacerdote, que disse:

– Como esses dois jovens juraram suas vidas e amor um pelo outro, com todos vocês como testemunhas, oficializaremos agora sua união.

Ele entoou uma canção, acompanhado pelos tambores e flautas até que a música parou abruptamente. Com um sorriso de dentes separados, ele ergueu os olhos para nós e disse:

– Este portão tori representa uma travessia do plano terreno para o espiritual. Quando tomar a mão de sua noiva e passar para o outro lado, estarão começando uma nova vida juntos. Antes, vocês eram dois e agora serão um, para sempre conectados por um elo indissolúvel.

Confiante, Ren segurou minhas mãos.

– Está pronta?

Inclinei-me para ele com um sorriso e sussurrei:

– O que você faria se eu dissesse não?

Ele abaixou a cabeça, aproximando-a de meu ouvido.

– Tenho um remédio pronto para o caso de você se mostrar uma noiva relutante.

Com um brilho divertido nos olhos, ele rapidamente se inclinou e, antes que eu pudesse murmurar qualquer protesto, me tomou nos braços, com o vestido de 200 quilos e tudo.

Rindo, afastei o cabelo da frente dos olhos dele e envolvi-lhe o pescoço com os braços enquanto nossa plateia dava vivas.

– Posso beijá-la agora? – perguntou Ren.

– Acho bom, tigre – repliquei.

Com um beijo demorado, Ren transpôs o portão tori me carregando e girou comigo em um círculo acompanhado por entusiasmados músicos japoneses. Ele me colocou no chão e deslizou as mãos pelos meus braços. Estava prestes a sussurrar mais alguma coisa quando Sunil bateu em suas costas e todos nos cercaram com votos de felicidades.

Depois dos animados cumprimentos da família e dos amigos e de tirar algumas fotos antes que o sol se pusesse por completo, Nilima pôs-se a andar de um lado para outro, chamando todos para a recepção.

Ren me beijou intensamente até eu protestar:

– Você está estragando minha maquiagem.

Ele estreitou os olhos, brincalhão.

– Isso está me parecendo um desafio.

Levantei a volumosa saia e disparei na direção da limusine que nos esperava. Sobre o ombro, gritei:

– Vai ter que me pegar primeiro, tigre! Talvez fosse melhor você caçar macacos.

Gritei ao ouvir um rugido bem atrás de mim e ser de repente erguida no ar. Depois de me colocar na limusine, Ren encostou o rosto no meu.

– Captei o seu cheiro, Sra. Rajaram, e nunca mais vai escapar das minhas garras.

– Assim espero.

Ri quando Ren me arrebatou num beijo apaixonado que, apesar de meus protestos em relação ao cabelo e à maquiagem, não terminou até estarmos a meio caminho da recepção.

– Comecei com um tigre e terminei com um marido – declarei enquanto Ren me envolvia num abraço.

Ele beijou meu nariz.

– E eu comecei com nada e terminei com tudo. Eu amo você, Kelsey Hayes Rajaram.

Sorri, amando cada sílaba daquelas três palavrinhas.

epílogo



Nova geração

Ren conduzia o McLaren conversível, um presente que o Sr. Kadam me dera de aniversário, ao longo da estrada ladeada por árvores e que levava à linda casa em South Salem, onde tínhamos morado tantos meses atrás. Ren havia mandado buscar o carro de navio e comprado uma significativa extensão de terras nas colinas arborizadas circundantes, com a intenção de construir uma casa naquela que ambos considerávamos a nossa montanha. Estávamos finalmente começando uma nova vida juntos e, de certa forma, voltando à nossa antiga vida no Oregon.

Saltando do carro na entrada da garagem, sorri, desfrutando o aroma de pinheiros e de chuva que eu tanto amava. Tinha acabado de apanhar uma bolsa do banco traseiro quando Ren a retirou do meu ombro e me pegou no colo.

– Você não ia me negar a oportunidade de entrar em casa carregando você, ia? – disse ele, me beijando docemente.

Acariciei o cabelo em sua nuca e sorri.

– Apesar do que você pensa, não é meu hábito negar os seus pedidos.

Enquanto se dirigia à porta da frente de nossa casa, Ren foi listando todas as coisas que eu havia lhe negado desde que nos conhecemos, parando apenas quando coleí meus lábios aos dele.

– Gosto da maneira como você muda de assunto – murmurou ele, por fim. – Sinta-se à vontade para encerrar todas as nossas divergências dessa maneira.

Ri e enrosquei os braços em seu pescoço.

– Vou me lembrar disso. Sabe, você não precisa me levar no colo. Sua superforça agora se foi, e não quero ser a causa da dor nas costas

do meu marido.

Ele estreitou os olhos, brincalhão.

– Não tem nada de errado com minhas costas, *hridaya patni*, e embora eu possa não ter mais a força de um tigre, ainda tenho a habilidade de agarrar as mulheres obstinadas que cruzam o meu caminho.

– Isso é uma ameaça ou uma promessa?

Ren destrancou a porta, entrou e a fechou com o pé. Então pôs-se a cumprir sua promessa. Protestei brevemente, dizendo que nossas malas ainda estavam do lado de fora, mas seus dedos já haviam desfeito minhas tranças e, depois de um minuto, eu já não estava nem aí para as malas.

Então nos separamos quando a campainha da porta soou. Lá fora, nos degraus da entrada, estava um carteiro com um pacote.

– Posso ajudá-lo? – perguntou Ren.

– Entrega para o senhor – disse o homem, passando o pacote às mãos de Ren.

Com um aceno da cabeça e um sorriso de despedida, Ren fechou a porta e rasgou o papel que envolvia o misterioso pacote. Ali dentro encontrava-se uma caixa de madeira pesada.

– O que é? – perguntei.

– Não sei – disse Ren enquanto abria o fecho com um clique.

Ele ergueu a tampa polida, revelando um pergaminho perfeitamente guardado em um estojo de vidro.

– É o Pergaminho da Sabedoria – sussurrei. – O mestre do oceano disse que não o devíamos ler até que o quinto sacrifício tivesse sido feito. Como ele chegou aqui?

– Não sei. Pensei que estivesse no cofre.

Peguei o pacote.

– Ren, não tem nenhuma etiqueta de envio.

Então nos entreolhamos e eu me levantei de um salto e corri até a porta da frente, escancarando-a. O carteiro descia lentamente a colina.

– Espere! – gritei.

Ren e eu saímos correndo, parando abruptamente quando o homem se deteve e se virou. O mensageiro sorriu. Então ele juntou as mãos e inclinou a cabeça. O ar em torno dele começou a espiralar, e seu chapéu desapareceu, deixando à mostra uma cabeça careca e uma coroa de cabelos grisalhos e crespos. Seu uniforme azul e as botas se transformaram em um traje de tecido rústico e sandálias.

Arquejei e dei um passo à frente.

– Phet? – perguntei, séria.

O homem sorriu. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, e a magia que girava em torno dele se intensificou, obscurecendo sua imagem.

– Phet! – exclamei.

Estendi a mão para ele, mas seu corpo foi desvanecendo até desaparecer por completo.

Mais uma vez, fiquei atordoada. Se aquele era Phet e ele viera até ali nos dar uma mensagem, eu queria muito saber o que era tão importante.

– Eu não imaginei isso, imaginei? Era Phet mesmo, não era? – perguntei, já voltando para a casa.

– Sim – confirmou Ren, indo atrás de mim.

Embora tenha parado no carro para pegar a colcha de minha avó e nossas malas, ele rapidamente me alcançou na porta da frente e ambos entramos apressados em casa, indo direto para o Pergaminho.

O tubo de vidro parecia ter sido criado em torno do documento ali dentro. Não havia como abri-lo.

– Vou ter que quebrá-lo – disse Ren. – Afaste-se um pouco.

Recuei uns dois passos quando ele apertou o cilindro. Ouviu-se um estalo e o tilintar de vidro quebrado, e então Ren tinha o Pergaminho na mão. Uma pesada insígnia de cera o selava.

Ren correu os dedos sobre a marca.

– É o selo da minha família... a casa de Rajaram... – disse ele, animado.

Com cuidado, Ren rompeu o selo e espalhou as páginas antigas na bancada da cozinha. As espessas folhas de pergaminho cobertas com a escrita sânscrita rapidamente começaram a amarelar nas bordas.

Alisei o papel para Ren enquanto ele corria a ponta do dedo de leve sobre as palavras.

– Kelsey, isto é uma carta de *Kishan*.

– O que diz? – perguntei, ansiosa.

Ren e Kelsey,

Peço desculpas por me corresponder de maneira tão extravagante, mas não podia correr o risco de vocês lerem isto antes de certos acontecimentos terem sido postos em ação, e eu queria dissipar quaisquer preocupações que vocês dois pudessem

alimentar em relação à minha decisão de permanecer no passado.

Depois que vocês partiram, Anamika e eu passamos muitos anos servindo pessoas de diferentes países. Construímos uma casa no alto entre as nuvens, na encosta rochosa do monte Kailash, e usamos o poder dos presentes de Durga para fornecer alimento, roupa e cura pelo mundo inteiro.

Nossa casa era considerada solo sagrado para muitas religiões, e peregrinações eram feitas até o pé da montanha para venerar a deusa Durga. Os povos da Ásia prosperaram sob as mãos dela. Durga inspirou artistas, poetas, reforma política, religião e harmonia social.

Anamika e eu estabelecemos um vínculo de amizade e respeito que levou ao amor. Eu me orgulho de servir como seu companheiro, e fui abençoado por ela ter concordado em ser minha esposa. Levamos uma vida muito longa e feliz, e teria sido errado de minha parte deixá-los pensando que fiquei infeliz ou desapontado com a escolha que fiz. Demorei algum tempo para aprender a viver sem você, Kelsey, e admito que houve muitas ocasiões em que amaldiçoei minha decisão de ficar para trás, mas o destino cuidou bem de mim, e tenho uma família e uma vida que me enriqueceram e me tornaram um homem melhor.

Kelsey, uma parte do meu coração ainda pertence a você. Cuidei com carinho dela durante todos esses séculos. Você foi o anjo que me salvou de uma vida desperdiçada, e sua influência me impactou de formas que você nem imagina. O afeto, a bondade e o amor que ofereceu quando decidiu salvar dois tigres perdidos mudaram o curso da minha vida. Um final feliz foi prometido, e um final feliz foi entregue. Todos os dias meu coração se enche de gratidão por você.

Ren, perdoe-me o ciúme e a impetuosidade da minha juventude. Todo o bem que faço no mundo, qualquer progresso que eu tenha alcançado como homem, deve-se ao fato de eu poder ter olhado para meu irmão e seguido seu exemplo. Por mais insignificante que pareça o que vou dizer agora, acredite: você teria sido um rei excelente.

Se existe alguma coisa que lamento, é não poder atravessar os longos séculos com vocês. Sinto falta dos dois, mas sei que a vida de ambos será plena e rica, pois espiei o que está por vir. Perdoem minha interferência, mas era algo que eu precisava fazer. A pergunta que muitas vezes me atormentou foi respondida.

Ele é seu, irmão.

Que o amor de vocês continue a crescer e que encontrem alegria na vida que estão construindo juntos. Valorizem o tempo com a família, pois os dias passam muito

rápido.

Talvez, em outro tempo e outro lugar,
voltemos a nos encontrar.

– Kishan

Enxuguei as lágrimas dos olhos.

– O tempo inteiro era uma carta dele. Que pena que não a abrimos antes.

Ren cobriu minha mão com a dele.

– Se tivéssemos feito isso, o curso da vida de todos nós teria sido mudado. O destino se cumpriu da maneira como deveria ser.

Assenti, tomada pela emoção. Ren me abraçou e enterrei o rosto em seu peito, pensando no irmão que deixamos para trás.

– Ren? – murmurei de encontro à sua camisa. – O que Kishan quis dizer com “Ele é seu”?

Hesitando brevemente, Ren suspirou e depositou um beijo em meu cabelo.

– Quando Lokesh a levou do iate, Kishan e eu saímos à sua procura. Lembra-se?

Fiz que sim com a cabeça.

– Vocês estavam de moto.

– Isso. No caminho, quando íamos resgatá-la, Kishan me contou que tivera uma visão de você com um bebê.

– Foi a visão dele no Bosque dos Sonhos – expliquei.

– O que ele não lhe contou foi que mentiu para você sobre não ter visto os olhos do bebê. Na visão, seu filho tinha olhos dourados. Ele também a ouviu dizer o nome dele. Você o chamou de Anik Kishan Rajaram.

Ofeguei baixinho.

– Kishan... ele deve ter pensado que o bebê era dele.

– Pensou. Quando concordou em ficar para trás, acreditava que o bebê de olhos dourados nunca nasceria.

– Então a mensagem dele...

– A mensagem dele significa que o pai do bebê de olhos dourados, o homem que ele viu com você no Bosque dos Sonhos, sou eu. – Ren encostou a testa na minha. – Esse tempo todo acreditei que houvesse roubado o lugar dele de direito. Que o destino de Kishan era ficar com você, quando na verdade o bebê sempre foi meu. *Seu* destino sempre foi ser minha.

– Ele nunca me contou – sussurrei, triste. – Por que não contou?

Ren ergueu a cabeça.

– Ele queria que você escolhesse, Kelsey. Queria que a decisão fosse sua.

Após uma pausa, a dúvida encheu os olhos de Ren.

– Você se arrepende, Kelsey? De ter me escolhido?

Segurei seu rosto entre minhas mãos e o forcei a me olhar.

– Nunca. Alagan Dhiren Rajaram, jamais me arrependerei de ter escolhido você. Mas...

– Mas? – sussurrou ele.

– Mas todos os dias me arrependo de ter deixado Kishan para trás. Ele está sempre nos meus pensamentos.

– Nos meus também – confessou Ren. – Kishan se sacrificou para que eu pudesse ter o que sempre quis. Pelo menos agora sabemos que ele encontrou certa felicidade.

Ficamos abraçados por muito tempo, até que perguntei:

– E, por falar em felicidade, quanto tempo você acha que Sunil vai levar para conquistar Nilima?

Ren sorriu.

– Pode demorar um pouco.

– Ela é um tanto teimosa – comentei.

– Teimosia é uma característica da família.

Ren riu quando soquei seu braço, e seus olhos cintilaram com um brilho familiar. Com um grito, tentei me desvencilhar enquanto Ren pegava minha colcha e me enrolava com ela.

Ele me beijou profundamente e, comigo em seu colo, afundamos em nossa poltrona favorita.

– Você não pode escapar das minhas garras, Sra. Rajaram – disse ele bruscamente.

Pus os braços em seu pescoço e o puxei para mais perto de mim, os lábios quase colados aos meus.

– E nunca vou querer escapar – sussurrei, confiante em minha escolha.

Eu sabia agora que meu futuro sempre fora com Ren.

O destino me escolhera...

Para *ajudá-lo*...

Para *salvá-lo*...

Para *amá-lo*.

E eu passaria o resto da minha vida fazendo exatamente isso.

agradecimentos

Concluir um livro dá uma sensação de euforia. Imagino que seja semelhante à emoção que se sente ao alcançar o topo de uma montanha ou de cruzar a linha de chegada de uma maratona – a completa exaustão encontra um profundo senso de satisfação. De vez em quando, ao fazer a retrospectiva de minha jornada literária, fico maravilhada com a distância a que cheguei e me pergunto como consegui isso.

Mas também me lembro de que não escalei essa montanha sozinha. Tive companheiros nessa maratona. Minha família sempre foi uma fonte de força. Meus irmãos e irmãs e seus cônjuges são incansáveis em seu apoio e estímulo.

Ao criar *O destino do tigre*, gostaria de agradecer especialmente a meu irmão caçula, Jared, por repassar pacientemente todas as minhas cenas de batalha. Ele encena cada uma delas, o que é muito importante para que saiam bem-feitas, e me faz rir quando a tensão toma conta da minha vida.

Também sou profundamente grata à sua mulher, Suki, que administra todos os meus sorteios de brindes e concursos. Ela está sempre disponível e tem muita paciência ao me ensinar como melhorar minhas habilidades na mídia social. Obrigada à minha irmã, Tonnie, por assumir o rolo compressor que é minha correspondência de fãs para que eu tenha mais tempo para escrever.

Mãe e Pai, vocês dois são o máximo. Neste último ano minha mãe pintou, colou, amarrou, costurou, deu brilho e coloriu mais coisas do que eu poderia usar ou doar. Ela é incrível e seus talentos sempre me deixam admirada. Meu pai organiza todas as minhas viagens particulares. Eu digo: “Pai, preciso de um hotel em Timbuktu”, e lá vai ele, correndo, providenciar.

Um obrigada especial a Alex Glass, meu agente que ajudou a tornar possível meu sonho de ser escritora, e a Raffi Kryszek, que fez da compra dos direitos de filmagem de meus livros um emocionante passeio de montanha-russa.

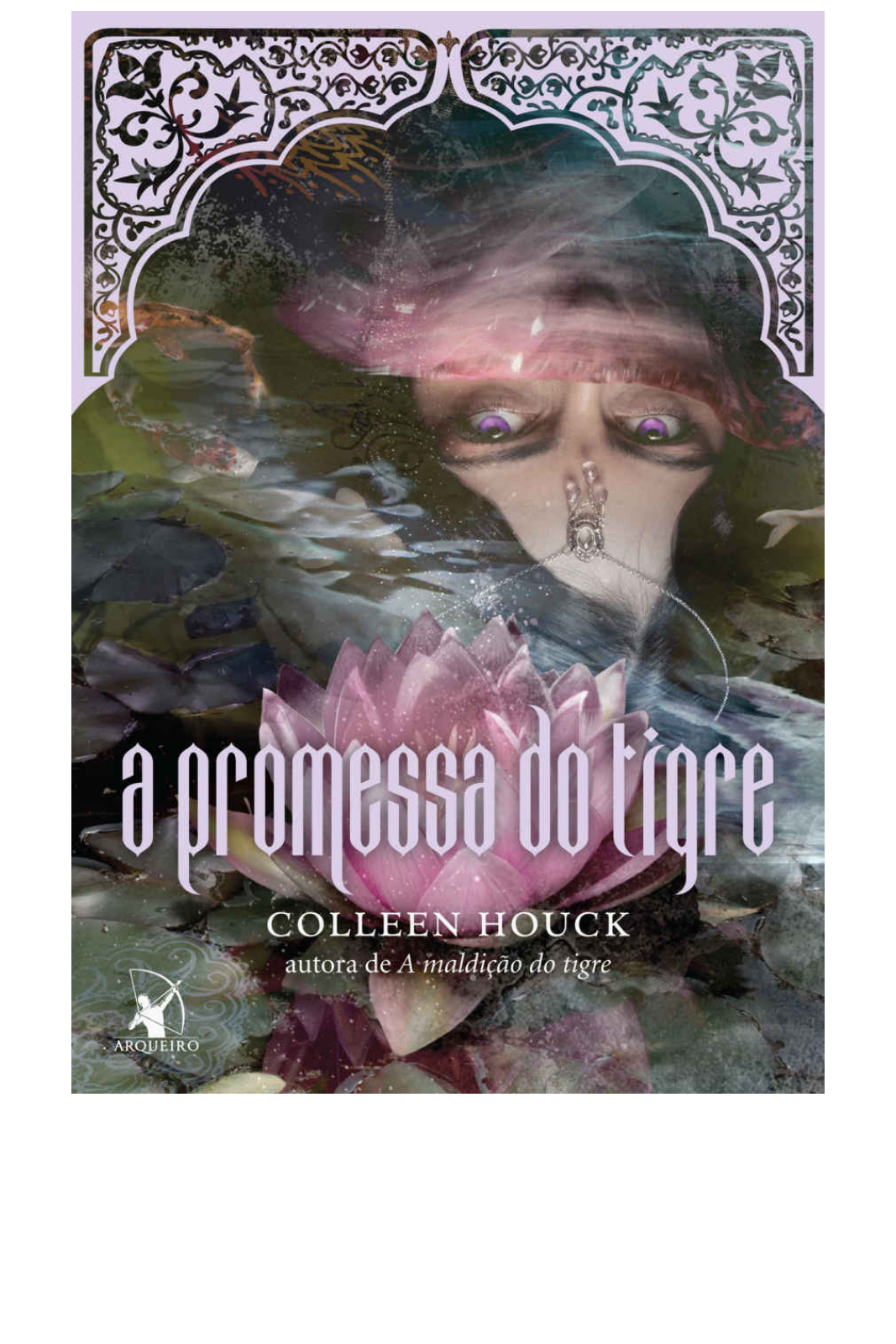
Na editora, Sterling, eu gostaria de agradecer a Judi Powers, Katie Connors, Meaghan Finnerty, Katrina Damkoehler, Mary Hern, Fred Pagan e especialmente à minha editora, Cindy Loh.

Fui negligente ao deixar de agradecer a Cliff Nielson, que cria minha capas brilhantes. Seu trabalho é incrível!

Sudha Seshadri tem sido uma guia e conselheira maravilhosa em tudo o que diz respeito à Índia. Ela está comigo desde o início da série, sempre disposta a emprestar sua mão de especialista quando preciso dela.

Também gostaria de expressar meu apreço pelos fãs. Vocês são todos maravilhosos! Vocês me enviam poemas, desenhos, presentes e mensagens especiais que me fazem ganhar o dia. Também tuítam, blogam, curtem, compartilham e me seguem por toda parte com muitos de vocês interagindo comigo diariamente. Vocês são uns amores e é um prazer encontrá-los on-line e nos meus eventos. Envio energia positiva para vocês todos os dias e adoro suas camisetas customizadas. Seu apoio significa tudo para mim.

E, por fim, gostaria de agradecer meu marido, Brad, que vê o melhor e o pior de mim. Os tigres praticamente tomaram conta de sua vida, mas ele curte cada minuto. É maravilhoso ter um homem tão bom ao meu lado – alguém que me acompanha nesta jornada e me ajuda nos trechos mais árduos. Eu não poderia desejar companhia melhor.



a promessa do tigre

COLLEEN HOUCK

autora de *A maldição do tigre*



ARQUEIRO

a promessa do tigre

COLLEEN HOUCK

a promessa do tigre



Título original: *Tiger's Promise*

Copyright © 2014 por Colleen Houck

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Alfaro

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Juliana Souza e Luis Américo Costa

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Elisabeth Parks

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Cliff Nielsen

ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para meus irmãos Mel, Andrew e Jared,
fortes adversários nos jogos de tabuleiro,
mas grandes parceiros na vida.*

Morte prematura

Hartley Coleridge

Ela feneceu como o orvalho matutino
Antes mesmo de o sol se elevar;
Tão breve seu tempo, o fim tão repentino
Mal soube o que era suspirar.

Como a rosa exala seu perfume suave,
O doce amor flutuava a seu redor;
Ela cresceu admirada – mas o destino tão grave
Se esgueirava, invisível, sem temor.

O amor era aqui seu Anjo da guarda,
Mas o Amor à Morte a entregou;
Se o Amor era bom, por que a salvaguarda
Da Morte sagrada nos amedrontou?

PRÓLOGO



Perdida

A maioria das menininhas aguardava ansiosamente o momento em que o pai chegava em casa. Mas não Yesubai. Assim que as badaladas do sino anunciavam a chegada dele, o medo tomava seu coração, apertando-o com força, e a jovem parava de respirar.

Ninguém que observasse a pequena criança percebia o terror mortal que ela realmente sentia. Via-se apenas uma princesa diminuta, adornada com as mais finas sedas. Seus olhos grandes e de uma cor incomum de lavanda, emoldurados por cílios grossos e escuros sobre o rosto em formato de coração, eram capazes de derreter até o mais duro coração. Por fora, ela era calma e pacífica como um lago na montanha. Não havia nela nada de astúcia ou de mistério – ao menos não em sua aparência externa. A fisionomia de Yesubai em nada refletia a do pai.

Apesar disso, ninguém que trabalhava próximo à família arriscaria sequer um sussurro sobre a possibilidade de alguma infidelidade por parte da falecida mulher de seu amo. Ninguém seria tão burro. Contudo, todos pensavam isso. Todos se perguntavam como uma joia tão rara teria nascido de uma fonte tão impura. E quem mais refletia sobre isso era a amada babá de Yesubai, Isha.

A serviçal Isha fora chamada quase que imediatamente após a morte da mulher do amo, Yuvakshi. Na verdade, Isha tinha sido amiga da parteira que ajudara a dar à luz o bebê de Yuvakshi. Porém, logo após o nascimento de sua jovem protegida, a lamentável morte da senhora foi anunciada. A isso se seguiu o misterioso desaparecimento da parteira. Isha, que era ama-seca, foi contratada, e ela e a criança foram banidas, sendo mandadas para o extremo mais distante da

suntuosa mansão no pequeno reino de Bhreenam.

Bhreenam já tinha sido um lugar pacífico. O rei era velho, mas um bom homem, com pouquíssimas ambições políticas. A maior parte da população era composta de pastores e agricultores, e as forças militares tinham o tamanho necessário apenas para oferecer segurança contra baderneiros ou bêbados ocasionais. Aquele era um bom lugar para se morar... antigamente.

Agora, um novo comandante havia assumido o poder. O mesmo homem que contratara Isha. Um homem sombrio. Perigoso. Por fora, claro, era todo sorrisos e demonstrava deferência ao rei, mas Isha precisava se esforçar muito para não fazer um apelo aos deuses, pedindo proteção contra o mal, cada vez que ele se aproximava. Seu patrão a apavorava. Mais do que qualquer outra pessoa que ela já conhecera.

A suspeita de Isha de que o pai da criança fizera algo terrível à esposa aumentava ainda mais quando ele visitava o quarto da bebê. Ela muitas vezes o surpreendia lá, encarando a filha com um nítido desprezo estampado no rosto. Covardemente, ela esperava junto à porta, parcialmente escondida, esfregando as mãos enquanto murmurava súplicas silenciosas para que a menininha a quem passara a amar não fizesse nada que pudesse irritar o pai.

Quando ele se retirava, ela suspirava de alívio e agradecia aos deuses por terem feito com que sua protegida não despertasse. Porém, após cada uma dessas visitas, ela descobria que a menininha na verdade estava acordada, os olhos líquidos ainda encarando o ponto onde havia pouco estivera o rosto do pai. Os braços e as pernas da bebê permaneciam imóveis e o cobertor continuava firme, enrolado nela.

Com o passar do tempo, apesar das visitas frequentes do pai da menina, Isha passou a desejar que Yesubai demonstrasse mais emoções. Com efeito, muitas vezes se perguntava se estaria fazendo algo errado. Ela não era uma criança malvada. Nada disso. Yesubai apenas tinha um temperamento sério.

Ela não brincava como as outras crianças. Em vez de sonhar acordada ou fazer de conta com seus brinquedos, apenas os posicionava em um lugar onde, segundo ela, ficavam mais bonitos de se ver. Os sorrisos eram raros. Com sua beleza inegável, a maioria das pessoas a enxergava somente como uma bonequinha. Apenas Isha era capaz de captar os sentimentos profundos que corriam sob a superfície.

As visitas do pai de Yesubai se tornaram menos assíduas à medida

que a menina foi crescendo, ou seja, na maior parte do tempo ele deixava a filha em paz – exceto quando a levava a festas e eventos políticos. Nessas ocasiões, a beleza rara da menina parecia agradá-lo, especialmente quando o rei tecia comentários sobre ela. Yesubai seguia o pai de ministro em ministro, até mesmo segurando sua mão quando ele exigia, e não abria a boca a menos que alguém falasse diretamente com ela. Nesses casos, era educada e perfeita como uma princesa, e sua natureza tranquila encantava a todos os que a conheciam.

Embora a usasse em proveito próprio, o pai de Yesubai não lhe dirigia uma palavra amável e entregava a menina aos cuidados de outra pessoa assim que era possível. Só quando estava em segurança nos braços de Isha é que a jovem relaxava os ombros e seus lindos olhos se fechavam. Então a babá acomodava aquela pequena criatura etérea na cama e refletia, sempre, se ela não seria uma mulher adulta, mais sábia do que permitia a sua idade, presa naquele corpo de criança.

Quando Yesubai tinha 8 anos, seu pai partiu numa viagem pela qual demonstrara estar curiosamente entusiasmado. O brilho em seus olhos era assustador, e Isha torceu em segredo para que a razão de sua partida, qualquer que fosse, o mantivesse afastado por tempo indefinido. Porém, como sempre, ele voltou e ela aguardou, com temor paralisante, o que viria a seguir. Se a viagem do amo tivesse sido bem-sucedida, ele mandaria os serviçais distribuírem caixas de flores recém-colhidas; caso contrário, iria atrás de Yesubai. Isha não precisou esperar muito tempo.

Quando irrompeu no quarto, afoita, viu a menina que passara a amar em pé, imóvel, olhando fixamente para a porta. Tomou-a pela mão e apertou com força. Os olhos cor de lavanda piscaram uma vez, duas, e então se voltaram para a velha serviçal. O mais tênue movimento de canto de boca indicava que Yesubai estava grata por sua presença.

Enquanto a menina cobria cuidadosamente os cabelos que iam até a cintura com um lenço roxo, Isha andou pelo quarto, já impecável, e alinhou um livro sobre a mesa, secou a condensação da jarra de água, esticou um cobertor e afofou algumas almofadas.

Ouviu-se um ruído de botas pesadas se aproximando pelo corredor e rapidamente Yesubai prendeu o lenço, passando-o sobre o rosto de modo que só seus lindos olhos pudessem ser vistos. Isha se posicionou na lateral do quarto e ficou na penumbra, tomando coragem para defender a menina, mas torcendo para que isso não fosse necessário.

Por mais que quisesse ser uma mulher forte, do tipo que não se curvava diante do mal, sempre sentia um alívio culpado quando a menininha que sabia demais era capaz de lidar com o pai sem a ajuda de ninguém.

Um dia, pensou, um dia ficarei ao lado dela, sem medo.

Porém Isha não se manteve destemida ao lado de Yesubai – pelo menos não imediatamente. Quando o pai da menina entrou no quarto, com o poder crepitando nas pontas dos dedos, tanto a jovem quanto a idosa souberam que a visita daquele dia não traria flores, mas espinhos. Yesubai fez uma mesura para o pai e baixou o olhar humildemente, como ele esperava, mas então ele atacou, primeiro com o poder antinatural que trazia armazenado nos braços e depois com os punhos.

Sedas preciosas foram consumidas por labaredas. Pedacos de pedra voaram, chocando-se contra a parede oposta. Delicadas bonecas, com rostos de cera minuciosamente esculpidos, derreteram completamente. Quando a destruição física se mostrou incapaz de acalmá-lo, ele dirigiu a ira contra a filha.

Bravamente, ela se manteve de pé diante dele, calma e com a cabeça baixa, enquanto o pai esbravejava sobre tudo o que queria mas estava fora de seu alcance: o desejo por uma mulher que o rejeitara, o fato de Yesubai ser frágil e indefesa e de que seu nascimento lhe negara o filho homem que ele tanto queria a seu lado.

Com a fúria de um touro, ele levou o braço atrás e acertou Yesubai no rosto com tanta força que levantou seu corpo franzino do chão. O vento arremessou o véu para o lado e sacudiu seus cabelos. Com um ruído de revirar o estômago, Yesubai se chocou contra a parede e deslizou lentamente até não ser mais que um amontoado no chão. A menina ficou imóvel, com o corpo machucado, parecendo uma boneca que fora atirada sobre rochas pontiagudas.

Com um grito, Isha correu, se colocando no caminho do monstro, recebendo em troca uma perna quebrada, a traqueia comprimida, dois olhos roxos e hematomas profundos por todo o corpo. Sua protegida estava morta e Isha sabia que logo se juntaria a ela.

No silêncio após a partida dele, Isha recobrou os sentidos. A dor percorria seu corpo e latejava por trás de suas pálpebras, porém ela sentiu um leve toque no braço. Yesubai. A menina estava viva.

Ela tocou a amada babá com dedos macios e vacilantes, e um formigamento morno aliviou a dor que percorria os braços e as pernas de Isha. Passaram-se horas e, à medida que se recuperava, Isha refletia sobre o que deduzira dos acessos de raiva de seu amo. Tudo indicava

que sua tentativa recente de se infiltrar em um reino vizinho havia fracassado, o que provocara sua fúria. Ele exclamara que os amuletos seriam dele *de qualquer maneira* e que, se fosse necessário, lutaria contra mil soldados para pôr as mãos nos jovens príncipes.

Enquanto batia na filha, dissera que ela era tão imprestável e submissa quanto a mãe, que um homem poderoso como ele precisava de uma mulher forte e decidida a seu lado e que deveria ter matado Yuvakshi antes de ela lhe dar uma filha fraca, uma fonte permanente de problemas para ele.

Isha continuou deitada em silêncio, o inchaço do rosto e do corpo diminuindo graças ao toque curativo de Yesubai. Ainda assim, a menina, com o lindo rosto marcado por cortes causados pelos anéis do pai, chorou e se desculpou por não poder fazer muito para ajudá-la com a perna. Não importava. Isha se recuperaria.

No dia seguinte, a dificuldade de caminhar serviu para lembrá-la de sempre lutar contra o mal. Isha até sentia certo orgulho por saber que, no fim das contas, tivera a coragem de defender sua protegida. Mesmo assim, por mais heroica que tivesse sido, ainda tinha um medo terrível do futuro. O que seu amo faria quando descobrisse que as duas não haviam morrido?

Naquele dia repleto de dor e tristeza, Isha compreendeu duas coisas muito importantes.

Primeiro: existia um poder mágico, que era usado de forma malévola pelo pai, mas que de algum modo havia sido transmitido à filha. Segundo: o pai de Yesubai realmente tinha matado a esposa e não hesitaria em perpetrar outros assassinatos. Ela já suspeitava que ele tivesse cometido um mal terrível no passado, mas agora sabia que era capaz de algo ainda pior. Muito pior.



Véu

Eu estava sentada diante do espelho enquanto Isha escovava meus cabelos com movimentos delicados e manipulava as pétalas das flores amarelas com as quais eu acabara de fazer um arranjo. Meu pai havia retornado de uma campanha bem-sucedida, que lhe abrisse novas oportunidades financeiras. Não que o povo ou o rei fossem ver uma moeda de ouro, uma ovelha gorda ou mesmo um rolo de tecido fino que fosse. Não. Os únicos que lucrariam com as conquistas de meu pai seriam seus aliados próximos – homens quase tão vis, traiçoeiros e corruptos quanto ele.

É claro que nenhum chegara perto de praticar atos como os dele. Aliás, se eu comparasse os feitos daqueles sanguessugas com os crimes cometidos por meu pai, não chegariam nem a seus pés. Havia muito tempo eu deixara de contar o número de pessoas que ele tinha assassinado das formas mais violentas. Se não fosse por Isha, eu mesma teria desaparecido misteriosamente anos atrás.

Infelizmente, a magia que eu tinha sido capaz de desenvolver só surtia efeito em mim, com exceção de uma pequena dose de poder de cura que eu proporcionara a Isha ao longo dos anos – uma habilidade que ficara cuidadosamente em segredo. Nós duas sabíamos o perigo que correríamos se meu pai descobrisse que eu havia herdado a mais ínfima porção da magia que ele dominava. Assim, observávamos e esperávamos, mas nunca havia um momento em que não estivéssemos cercadas, em que ao menos um guarda não nos vigiasse com total atenção. Todos sabiam o que aconteceria se descumprissem uma

ordem de meu pai. Até que as circunstâncias mudassem, éramos prisioneiras.

Eu era sempre cuidadosa, sempre vigilante, ainda mais agora que ele tinha retornado. Era o meu 16º aniversário, e o rei, um homem tão bondoso quanto meu pai era desprezível, solicitara minha presença em uma celebração. Ele daria uma grande festa e, embora eu estivesse grata por sua consideração em me convidar, meu estômago se contorcia de nervosismo.

Quando os festejos foram anunciados, estremeci por saber que a atividade exigiria que eu estivesse acompanhada de meu pai, algo que eu detestava e – ainda pior – que era inerentemente perigoso. Mesmo assim, passar o dia do meu aniversário comparecendo a uma festa suntuosa no palácio era algo tão raro e especial que me deixei levar pelo entusiasmo. Principalmente porque eu achava que poderia ter a oportunidade de visitar o famoso jardim do rei.

Isha anunciou que o penteado estava pronto. Ela o havia arrumado de modo que a maior parte pendesse pelas minhas costas, mas tinha prendido várias mechas no topo da cabeça, com pequenas joias entremeadas. Trajando as sedas suntuosas porém visivelmente modestas que meu pai me permitia usar, eu me apresentei para a inspeção de Isha.

Ela estalou a língua.

– Você sempre foi uma linda criança, minha pequena Yesubai, mas está se tornando uma jovem deslumbrante.

Pegando o véu translúcido de suas mãos, passei-o pelas costas e o acomodei com cuidado sobre os cabelos. Deixei Isha vislumbrar um breve sorriso triste.

– E você sabe quanto eu preferiria ter uma aparência mais normal. A beleza só serve para chamar a atenção dele ainda mais.

Enquanto prendia o véu no lugar, Isha retrucou:

– Talvez sua beleza o faça se controlar mais do que é da natureza dele.

– Talvez. – Fixei a parte inferior do véu dourado transparente sobre meu rosto e senti o nó no estômago que denunciava que alguém de grande poder estava por perto. – Ele está se aproximando. Vá se esconder no closet.

– Sim, senhorita. – Isha colocou a mão macia e enrugada no meu rosto. – Fique em segurança hoje à noite.

Dei palmadinhas em seu braço.

– Você também.

Isha se virou depressa com a escova na mão e se afastou mancando.

Mesmo sendo uma mulher grande com problema numa das pernas, ela se movia silenciosamente, habilidade que nós duas dominamos por necessidade. Nem prestando atenção eu era capaz de ouvir qualquer indício de que ela estava presente. Do closet ela poderia ver minha interação com meu pai, mas tinha instruções implícitas para não intervir, não importando o que acontecesse.

De qualquer forma, a possibilidade de ele me agredir antes de nos encontrarmos com o rei era remota e, mesmo se acontecesse, apesar da minha habilidade limitada para sarar os ferimentos de Isha, a mim eu poderia curar completamente. Se ao menos pudesse praticar minha magia de forma mais aberta, talvez alcançasse um nível de poder que me permitisse realmente ajudar as pessoas.

Armando-me de forças, baixei o olhar no momento exato em que a porta se abriu. Meu pai entrou no quarto com seu assistente, Hajari, um homem tão cruel quanto feio. Plantada firmemente no lugar, dominei meu medo quando Hajari fechou a porta ao entrar e senti a energia vibrar pelo meu corpo quando obriguei meus músculos a relaxarem.

– E onde está aquela babá preguiçosa? – perguntou imediatamente Lokesh, meu pai. – Ela tem o mau hábito de deixar você muito tempo sozinha.

– Nunca estou totalmente só, pai – respondi em voz baixa, e senti sua irritação. Meu comentário fora descuidado e transmitia ousadia. Rapidamente completei: – Além disso, não há uma alma sequer na casa de meu estimado pai que ousaria se aproximar de mim com más intenções. Sua poderosa influência é sentida mesmo a distância.

Após um momento avaliando as minhas intenções, ele decidiu deixar meu comentário passar em branco.

– E é assim que deve ser – disse com impaciência.

– Talvez tenha sido precipitado de minha parte – expliquei rapidamente –, mas mandei Isha se retirar mais cedo. Ela não está se sentindo bem e eu não queria pegar a doença dela e me apresentar ao rei com o nariz vermelho e escorrendo.

Ele resmungou, mas imediatamente perdeu o interesse em Isha. Meu pai reprovava a fraqueza mais do que tudo e detestava vê-la nos outros. Em toda a minha vida, jamais o vira doente, mas qualquer soldado que apenas tossisse perto dele era mandado para longe no mesmo instante. Sua aversão à doença agia a meu favor, mas eu sabia que ele era inteligente demais para cair mais de uma vez no mesmo truque.

Andando ao meu redor, ele avaliou minha aparência

ostensivamente e, embora meus punhos tivessem se cerrado quando vi o sorriso lascivo de Hajari, revelando seus dentes escurecidos e trincados – algo que ele somente ousava fazer pelas costas de meu pai –, rapidamente abri os dedos e alisei as saias. Não queria demonstrar medo ou nervosismo. Seu maior prazer era evocar essas emoções nos outros. Até o rosto de Hajari já estava impassível quando meu pai terminou de dar a volta.

– Acho que você está vestida adequadamente – disse ele. – Embora eu prefira lavanda a esse dourado. Ressalta seus olhos.

Ele segurou meu queixo e, obedientemente, levantei o olhar para encontrar o dele.

– Vou me lembrar de suas preferências para a próxima celebração a que comparecermos – murmurei com modéstia, apenas com um toque de atrevimento para não aticar seu instinto de explorar a fraqueza. Ambos sabíamos que outro convite real seria, na melhor das hipóteses, improvável.

Meu pai era como um animal predador. Se uma pessoa tivesse a ousadia de enfrentá-lo, ele admirava o gesto; já se ele a considerasse fraca demais, simplesmente a destruía. O melhor modo de evitar ficar preso em suas garras era não deixar rastros, mover-se pelo espaço como um espírito.

Eu tinha 10 anos quando descobri que eu possuía a capacidade de desaparecer. Inicialmente, eu nem sequer percebi o que tinha acontecido. O ruído forte de botas do lado de fora do meu quarto me assustou e fiquei paralisada no lugar. Isha entrou rapidamente nos meus aposentos e passou por mim com pressa para arrumar o cômodo, que já estava impecável. Meu pai gostava que suas posses, assim como as pessoas – que para ele também eram suas posses –, estivessem nos devidos lugares quando ele as encontrasse.

As precauções de Isha tinham sido desnecessárias. A porta não chegou a se abrir. Quando ela espiou do lado de fora, trocou breves palavras com o guarda e tornou a fechar a porta.

Foi quando começou a me chamar.

– Bai? Yesubai? Onde você está? Já pode sair. Seu pai não está aqui. Era só a troca da guarda.

– Eu... estou bem aqui – murmurei em voz baixa.

– Bai? Onde você está? Não consigo vê-la.

– Isha?

Preocupada, dei um passo à frente e pus a mão em seu braço. Ela deu um gritinho de susto e depois passou as mãos pelos meus braços e pelo meu rosto.

– Deve ser a magia – disse ela. – Você ficou invisível. Consegue voltar a ficar visível?

– Não sei – respondi, sentindo o pânico crescer em meu peito.

– Tente limpar a mente. Pense em algo sem importância.

– Como o quê?

Isha olhou para as caixas de flores que tinham acabado de ser trazidas do mercado para que eu fizesse arranjos – o único prazer que meu pai me concedia. Eu imaginava cada botão que eu pegava crescendo livremente ao sol, abrindo as pétalas na direção do céu, embora soubesse que a maioria das flores que recebia era cultivada. Observá-las murchando devagar com o tempo me parecia estranhamente apropriado e extremamente profético.

Mesmo quando criança, eu me perguntava quando meu próprio desabrochar acabaria e eu começaria a murchar até não restar nada, isolada em meus aposentos, de onde não retirava nutriente algum e onde nunca podia sentir o sol no rosto. Se ao menos tivesse a liberdade de ir ao mercado sozinha, de escapar momentaneamente da prisão em que vivia, apreciaria essa folga.

– Diga o nome todas as flores de que conseguir se lembrar – sugeriu Isha, interrompendo meus pensamentos.

– Vou tentar. – Umedeci os lábios e comecei: – Jasmim, lótus, calêndula, girassol...

– Isso. Está começando a funcionar. Já consigo vê-la, mas a luz a atravessa como se você fosse um espírito.

– Magnólia, dália, orquídea, crisântemo...

– Só mais um pouquinho.

– Lírio, azaleia, amaranto, clêmatis, caliandra.

– Pronto. Você já está totalmente visível. Como se sente?

– Estou bem. Não percebi que estava usando magia.

– Vamos treinar enquanto seu pai estiver fora. Precisa aprender a controlar isso, Bai.

E, de fato, treinamos. Quando ele voltou, infelizmente em pouco tempo, apenas quatro meses depois, eu já dominava a habilidade de me tornar invisível, mas, por mais que tentássemos, não conseguia transferir esse dom para Isha ou compartilhá-lo com ela. Nossa felicidade com esse novo talento logo se transformou em resignação, pois eu me recusava a deixar minha guardiã para trás, ainda que ela gastasse muitas horas e ainda mais lágrimas tentando me convencer a fugir sem ela. Por fim, decidimos não correr o risco de revelar esse poder e continuei passando tanto tempo no quarto quanto antes.

Durante os anos seguintes, usei minha nova habilidade somente em

raras ocasiões. Algumas delas foram para escapar dos avanços inapropriados dos poucos homens de meu pai que se atreviam a arriscar enfurecê-lo. Desde pequena, eu estava sujeita a seus olhares maliciosos e beliscões quando meu pai não estava olhando. Alertavam-me de que, se eu os denunciasse, fariam algo horrível com Isha. À medida que eu ia crescendo, essas ameaças iam se tornando cada vez mais comuns e eles faziam de tudo para encontrar oportunidades de ficarem a sós comigo.

Quando um deles enfim conseguiu, fugi para a sala ao lado e fiquei invisível. Embora o homem suspeitasse de que eu o enganara com algum truque, não teve coragem de dizer nada ao meu pai, pois teria que explicar, para começo de conversa, por que estava em meus aposentos.

Depois disso, usei meu poder mais algumas vezes para espionar os guardas ou roubar guloseimas para dar de presente a Isha, mas ela achava que era arriscado demais e, para deixá-la feliz, parei de usar minha habilidade a menos que fosse absolutamente necessário. Graças à vigilância de Isha e aos meus poderes, sempre consegui escapar de todos aqueles que quiseram me fazer mal – com exceção de meu pai. O perigo que eu correria se ele descobrisse minhas habilidades era inegável, então eu suportava suas agressões em silêncio.

Embora tudo o que eu quisesse naquele momento em que meu pai andava ao meu redor fosse desaparecer, abri um meio sorriso e reforcei minha determinação. Com um leve farfalhar causado pelo movimento das minhas saias, saímos pela porta e descemos o largo corredor. Hajari nos seguia em silêncio, o que significava que ele seria meu guarda pessoal naquela noite.

Entrei na opulenta carruagem cedida pelo rei e me deixei levar pela atmosfera de celebração. Havia uma faísca de entusiasmo que revigorou meus sentidos, e, embora eu estivesse com meu pai, a oportunidade de enxergar para além das paredes do espaço em que eu vivia era tão rara que decidi aproveitá-la ao máximo e absorver cada imagem e som. Antes que eu pudesse me conter, sorri. Meu pai percebeu.

– Você parece sua mãe quando a conheci.

O sorriso desapareceu de meu rosto e substituí-o por uma expressão neutra, antes de deixar a cortina se fechar e me voltar para ele.

– Ela era linda – comentei com indiferença.

Não era uma pergunta ou uma maneira de puxar conversa, mas uma simples afirmação de algo que eu sabia ser verdade. Havia muito

tempo, eu descobrira que era mais fácil e seguro responder somente quando se esperava isso de mim e, mesmo assim, dizer o mínimo que a boa educação permitisse. Também havia aprendido a não criar falsidades que meu pai pudesse desvendar facilmente.

– Era, sim – respondeu ele. – Mas ela... – ele se inclinou para a frente – não é mais.

Compreendi a mensagem. Ele sabia que os homens me cortejariam essa noite e minhas ações seriam bem monitoradas.

– Entendo, pai – disse e baixe o olhar, cruzando as mãos sobre o colo com firmeza.

Após esse breve diálogo, ele me ignorou e conversou com Hajari, que estava sentado perto demais de mim. Através das várias camadas de seda, eu sentia a coxa dele contra a minha e, de tempos em tempos, ele mexia a perna na minha direção, esbarrando em mim. Tentando ignorá-lo, cheguei mais para a janela e me concentrei em olhar a cidade que passava por nós.

Toda ela estava iluminada e, quando os cavalos viraram a esquina, avistamos o palácio. Fora construído no topo de uma colina, com uma vista panorâmica da cidade ao redor. Além das construções, havia florestas, um extenso lago e morros que ofereciam proteção contra os inimigos do rei. A magnífica cidadela era inteiramente de mármore e granito, e, com suas várias torres, cúpulas e sacadas, havia muitos lugares para explorar. Infelizmente, eu nunca teria essa oportunidade.

Avançamos depressa na direção do primeiro de três portais em arco batizados com o nome do guardião esculpido em mármore que ficava ao lado de cada uma das bases. O primeiro era Vanar Pol, com duas grandes estátuas de macacos. Depois vinha Bagh Pol, ou o Portão dos Tigres Gêmeos. Estremeci ao ver o terrível par de tigres guardiões, com dentes e garras à mostra.

Por último vinha Hathi Pol, ou o Portão do Elefante, com um elefante em tamanho real de cada lado, de tromba erguida e presas pontudas voltadas para a frente. Embora não houvesse vestígios disso, eu sabia que o vasto descampado do outro lado do Portão do Elefante era usado para combates de elefantes – prática recente e horrível que meu pai havia incentivado. Ele argumentava que as lutas serviam para avaliar a força e a potência dos animais, e os vencedores eram usados em suas campanhas bélicas.

Eu sabia que ele encorajava essas disputas não para descartar os fracos, embora certamente isso fosse algo que ele faria, mas para atizar os homens. Os resultados eram arranjados e os responsáveis davam ópio aos animais para eles ficarem mais agressivos que o

normal. As batalhas de elefantes atraíam os homens mais sedentos de sangue, guerreiros cruéis e sem compaixão que buscavam lucrar com a guerra e a dor dos outros. Resumindo: era uma forma de recrutar o tipo de homem que ele queria ao seu lado.

Porém, para a festa não haveria batalhas e o sangue tinha sido totalmente limpo. O palácio reluzia com milhares de lampiões e os vestidos coloridos de centenas de mulheres que, usando joias chamativas, adornavam os passeios como se fossem flores vibrantes em meio ao cenário.

Dentro, a luz cintilante se refletia nos afrescos, vitrais, mármore e espelhos. Murais fantásticos ilustravam as grandes vitórias dos antigos reis. Cada salão, cada corredor, cada terraço era uma obra-prima de arquitetura e estava repleto de riquezas do reino – vasos preciosos trazidos de lugares exóticos, obras de arte produzidas sob encomenda por grandes mestres e esculturas tão lindas que eu sentia vontade de passar os dedos nos detalhes entalhados.

Apesar da opulência do interior do palácio, havia uma coisa que eu queria ver mais do que tudo: o famoso jardim suspenso da corte mais alta. Sabia que meu pai não teria interesse em visitar um lugar assim. Lá não haveria cortesãos, diplomatas ou estratégias políticas, mas pensei que, talvez, se eu conseguisse apenas dar uma olhada no lendário jardim, guardaria essa visão na memória e refletiria sobre ela ao longo dos meus longos e solitários anos.

Infelizmente, demorei um pouco mais do que devia diante de uma estátua em mármore da deusa Durga e meu pai me puxou dolorosamente pelo braço, apertando meu pulso até eu sentir o sangue quente latejar na mão. Seguimos em frente em silêncio até encontrar um casal com quem ele desejava falar.

Ele finalmente soltou meu pulso e eu girei a mão para a frente e para trás da forma mais discreta possível até que a sensibilidade dos dedos voltasse. Porém meu alívio foi breve, pois logo entramos no salão de recepções do rei – uma área ampla, enfeitada com uma quantidade tão grande de lanternas e tão arborizada que parecia que eu estava num pequeno bosque sob centenas de estrelas.

Meu pai me conduziu para cumprimentar cada um dos presentes, e não pude deixar de notar que quase todos os homens que se aproximavam pareciam estar me avaliando. Um deles chegou a ter a audácia de estender a mão para erguer meu véu. Imediatamente ele afastou a mão e começou a sufocar. De sua boca saiu uma quantidade sobrenatural de água. Ele se afastou depressa e não tive certeza se o homem sobreviveria ao encontro conosco.

– Venha, Yesubai – instruiu meu pai, segurando-me com força pelo braço. – Preciso falar com o rei para descobrir por que a sua presença atrai tanto interesse.

Enquanto aguardávamos nossa vez de falar com o rei, a impaciência de meu pai deixou marcas no meu braço já dolorido, embora, por fora, ele parecesse estar impassível. Lokesh ficou observando o trono dourado do rei descaradamente, adotando um ar respeitoso quando alguém se voltava para ele, mas calculista quando ninguém estava olhando.

Finalmente chegou a nossa vez. O velho rei abriu um sorriso bondoso para mim e apertou as mãos de meu pai, maravilhado.

– Lokesh, o herói das batalhas! Como nosso exército está se saindo? – indagou ele, com uma expressão que demonstrava claramente que tinha mais interesse na celebração do que na resposta à sua pergunta.

Fazendo uma reverência rígida, meu pai respondeu em voz baixa:

– Nossos inimigos se acovardam diante do poder de seu trono, Grande Rei.

– Muito bem – disse o rei, dando o assunto por encerrado. – Pois bem. Imagino que esteja se perguntando por que providenciei este festival e pedi especificamente que sua filha comparecesse.

– Estou... curioso – respondeu Lokesh.

– Ah, meu genial amigo, estou encantado. Se realmente consegui guardar este segredo de você e de todos os seus espiões no palácio, fico feliz em receber o crédito por realizar uma façanha impossível para a maioria dos mortais: enganar o mestre da astúcia. Bendito o dia em que você entrou em meu reino, Lokesh.

– Sinto exatamente o mesmo, meu Rei.

– Sim.

– Agora talvez esteja disposto a compartilhar seu segredo.

O soberano riu.

– Sim, meu segredo. – O rei deu uns tapinhas no ombro de meu pai, gesto que eu sabia que ele detestava. – Como sabe, meu amigo, não tenho filhos vivos e você é o próximo líder natural do reino.

Meu pai sorriu malignamente, com uma expressão de víbora que me fez estremecer até a medula. Pelo visto, não teve o mesmo efeito no ingênuo rei. O homem que estava no trono tinha, entre os seus, um lobo que se fazia passar por cordeiro. Era só questão de tempo até o animal de estimação se voltar contra ele e devorá-lo.

– O senhor me deixa lisonjeado – disse Lokesh.

– De forma alguma. Todo elogio a você é bem merecido. Pois bem, andei estudando atentamente as suas atividades e incursões em outros

reinos.

– É mesmo? – retrucou meu pai.

– Passei a apreciar seus esforços para expandir as fronteiras de nosso reino por meio da diplomacia, da negociação ou – ele se inclinou para a frente e baixou a voz – da intimidação.

Está mais para conspiração, confronto e terror, pensei.

O rei prosseguiu:

– Assim, decidi propor, eu mesmo, uma barganha.

Pequenas pontadas de dor fustigavam meu braço no local onde meu pai me segurava. Eu literalmente sentia a raiva pulsar sob seus dedos.

– O que o senhor fez? – indagou meu pai, conseguindo torcer as palavras para que parecessem despreocupadas, embora eu percebesse a real ameaça por trás delas.

O rei, claro, estava alheio a tudo e anunciou, jubiloso:

– Convidei alguns dos homens mais poderosos dos reinos vizinhos com a promessa de que um deles – e o rei ergueu as sobrancelhas, olhando de um lado a outro rapidamente –, aquele que apresentar a oferta mais agradável, tomará sua filha, a adorável Yesubai, como esposa.



Exibição

Perdi o fôlego e meu corpo ficou paralisado. Num instante de pânico, pensei ter desaparecido, mas o rei olhava sucessivamente para mim e meu pai, tentando avaliar nossas reações. Felizmente, o véu disfarçou o choque, que consegui esconder depressa. A tensão na mão de meu pai não transparecia em seu rosto, e ele deu um sorriso forçado.

– E há quanto tempo planeja isso, Grande Rei? – indagou Lokesh educadamente, embora eu soubesse que ele estava fervendo de raiva.

Fiquei com o estômago embrulhado, doendo – uma indicação de que meu pai estava concentrando o poder à sua volta. Eu nunca o sentira emanar dele com tanta força antes. Praticamente percebia as trevas se fundindo dentro dele, fervilhando, crescendo como um vulcão prestes a entrar em erupção. Causou-me surpresa ver sua capacidade de contê-las.

– Ah, faz várias semanas, pelo menos. Devo admitir que estou satisfeito com o resultado. Tudo indica que a oferta despertou o interesse de muitos homens poderosos. Eu me empenhei muito em alimentar o desejo deles de desposar a filha de meu famigerado conselheiro militar. O fato de tantos deles estarem presentes hoje é um tributo à nossa reputação mútua e às suas incursões em nome de meu reino, meu amigo. Para não mencionar os boatos verdadeiros e conhecidos por todos acerca de sua beleza, minha querida.

O rei acrescentou essa última parte tentando me bajular, mas suas palavras me deram calafrios. Eu sabia que nada convenceria meu pai a me casar com alguém, nem mesmo um homem do qual ele

possivelmente tivesse algo a ganhar. O fato era que eu pertencia a ele, que não tinha a menor intenção de me deixar partir. Isso ficara muito claro ao longo dos anos.

Finalmente, meu pai se pronunciou. Com um sorriso dissimulado, disse:

– É uma imensa satisfação sermos úteis à casa real. Minha filha ficaria... honrada em conhecer os pretendentes que o senhor trouxe ao nosso reino.

Não ignorei o “nosso” que meu pai usou para se referir ao reino, mas, fora isso, o que ele disse me causou perplexidade. Ao ver que ele não encontrara uma forma inteligente mas educada de rejeitar a oferta do rei, não pude deixar de me perguntar qual seria sua estratégia.

É claro que ele poderia ter argumentado que eu era jovem demais, que era a única mulher para cuidar da casa desde que minha querida mãe falecera – mentira em que alguém ingênuo como o rei facilmente acreditaria – ou que não era o melhor momento. Até mesmo eu seria capaz de pensar em vários motivos para racionalizar uma rejeição discreta à oferta do rei.

Talvez meu pai simplesmente não quisesse deixar o rei constrangido. Pode ser que tivesse sido pego de surpresa e ainda não houvesse pensado em uma alternativa. Arrisquei uma olhada ao homem de pé ao meu lado e vi que ele estava novamente controlado, bancando o diplomata enquanto examinava cada um dos pretendentes. O poder crescente que eu havia sentido diminuía, ocultando-se de todos, com exceção dos mais perspicazes.

Por mais que eu tentasse impedir que desabrochasse em meu coração uma esperança de que a oferta do rei viesse a se concretizar, isso aconteceu. Mesmo os homens mais vis presentes na festa eram melhores alternativas do que continuar com meu pai. Bastaria um descuido da segurança, um instante de despreocupação, um fragmento de confiança, e eu fugiria com Isha. Talvez esse plano absurdo fosse a minha salvação.

O rei fez o anúncio imediatamente, convidando meu pai e eu a ficarmos de pé ao lado dele na tribuna.

– Meus amigos, aproximem-se! Como todos sabem, eu não fui abençoado com filhos e não tenho um sucessor real. Mas isso não quer dizer que meu reino seja desprovido de joias preciosas. Com efeito, meu inteligente e mais leal conselheiro militar tem uma filha mais adorável que uma deusa, e ele gentilmente me cedeu a oportunidade de oferecê-la em casamento como se eu mesmo fosse seu pai. O que buscamos é uma união, uma combinação perfeita. Ela deseja se unir

ao noivo adequado, é claro, porém se tratará de uma fusão não apenas de pessoas, mas de nações, de poder e de riquezas. Venham! Vejam mais de perto. Seu decoro é impecável. Sua inocência e sua juventude permitirão que o marido a molde ao tipo de companheira que lhe seja mais apropriado. Ela será uma esposa mais perfeita do que vocês jamais sonharam.

O rei ficou de pé e deu uma volta ao meu redor. Relutante, meu pai soltou meu braço. Ser exibida assim era humilhante, mas era ainda pior saber que meu pai encontraria alguma forma de me culpar pelos atos do rei. Não somente me daria uma surra severa como em hipótese alguma deixaria a cidade. Ao menos enquanto meu futuro estivesse incerto.

Apreciando o fato de ser o centro das atenções, o rei prosseguiu com um floreio. Cada frase sua agitava ainda mais a multidão:

– Em verdade, nunca vi uma flor de tamanha beleza. É uma joia tão rara quanto preciosa. Posso afirmar isso pois sou um dos poucos privilegiados que já a viram sem o véu.

Nesse momento, meu pai olhou para mim com os olhos faiscantes como lâminas afiadas. Desde muito tempo ele insistia que eu usasse o véu em público e eu sempre havia obedecido. O rei nunca tivera a oportunidade de ver meu rosto – ou ao menos isso era o que eu acreditava. O único lugar em que ficava sem véu era nos meus aposentos.

– Preciso confessar, meu amigo. – O rei deu uns tapinhas nas costas de meu pai. – Eu estava passando pela sua residência e vi sua filha pela janela aberta, o rosto radiante iluminado pelo luar. Fiquei cativado por suas lindas feições.

Senti o coração pesar. Geralmente eu tinha todo o cuidado para me esconder do mundo exterior, mas, na lua cheia, uns meses atrás, eu não estava conseguindo dormir. Fazia calor e fui em silêncio até a janela, deixando que a brisa amena e a luz fria da lua banhassem minha pele quente. Deve ter sido nessa ocasião que o rei me viu.

Agora, graças à confissão do rei, eu seria transferida. Não haveria mais flores porque não haveria mais janelas. Isha e eu seríamos instaladas em alguma masmorra fechada, sem luz, sem ar, sem sequer um vislumbre do mundo lá fora.

Abatida, continuei prestando apenas um mínimo de atenção ao rei.

– Embora eu seja um homem velho – disse ele –, ainda assim fiquei encantado com sua enorme beleza. Meu conselheiro militar a manteve todos esses anos somente para si, mas ocultar este tesouro do mundo é um crime. Assim, hoje meu presente para vocês será permitir que

partilhem do esplendor de meu palácio, apreciem os frutos suculentos de meu jardim e se deleitem com a perfeição de nossas mulheres.

Eu não sabia o que o rei ia fazer até que eu o notei atrás de mim. Meio sem jeito, ele arrancou meu véu, descobrindo meu rosto. Os grampos foram puxados dolorosamente dos meus cabelos, e várias mechas pretas e compridas caíram soltas junto com o véu dourado. Eu me senti nua e exposta, mas fiquei firme, sabendo instintivamente que tentar me esconder não seria a coisa certa a fazer.

Por alguma razão, meu pai permitira aquilo. Talvez fosse para me ensinar uma lição ou para me colocar em meu lugar. Qualquer que fosse o motivo, senti a necessidade de me proteger e, no que dizia respeito a meu pai, proteção significava somente uma coisa. Assim, endireitei os ombros, adotei uma expressão impassível e baixei o olhar.

O rei pôs a mão sob meu queixo e ergueu minha cabeça.

– Permita que todos a vejam, minha querida.

Eu lhe dei um sorriso educado e olhei em volta, para as pessoas que me encaravam. Pude ouvir alguns arquezos. Vários homens me lançaram olhares maliciosos e algumas mulheres me observaram com evidente inveja. Outros ainda me fitavam com pena ou me examinavam da cabeça aos pés de forma fria e calculista. Contudo, qualquer que fosse a reação de cada um, parecia não haver uma alma no salão que não tivesse os olhos fixos em mim.

Mas então a encontrei. Um único homem estava no fundo do salão, de pé, observando a estátua da deusa Durga. Ele segurava um prato cheio e estava de costas para nós enquanto comia, aparentando total desinteresse no anúncio do rei.

O homem era jovem – talvez apenas poucos anos mais velho do que eu. Vestia um casaco preto com detalhes dourados que acentuavam seus ombros fortes e sua cintura estreita. Os cabelos cheios, na altura dos ombros, tinham cachos nas pontas, e me surpreendi ao perceber que queria ver seu rosto. *Por que um homem viria à celebração se não quisesse participar dela?* Talvez não tivesse interesse em arrumar uma noiva. Quando ele tocou exatamente no mesmo ponto da mão da deusa em que eu havia tocado antes, minha curiosidade se aguçou. *Quem era ele?*

– Aí está. Eu não disse que ela era linda? – perguntou o rei abertamente.

– De tirar o fôlego – murmurou um homem que me olhava de forma lasciva e me lançou um sorriso sugestivo.

– Adorável – acrescentou um senhor mais velho que se aproximou,

se apresentou a meu pai e lembrou ao rei quem era.

Ele parecia gentil. Talvez estivesse se oferecendo como noivo.

Eu nunca me permitira considerar a possibilidade de ter a chance de me casar com um homem jovem e bonito, alguém que eu pudesse amar e em quem pudesse vir a confiar. Para os meus objetivos, um homem mais velho talvez fosse uma escolha melhor, pois provavelmente seria mais fácil escapar dele. Quando um cavalheiro mais maduro olhou em minha direção, eu lhe dei um sorriso tímido.

Meu pai estava ocupado e não viu, mas Hajari, sim, e eu sabia que teria que prestar contas depois. Talvez pudesse conseguir me salvar com alguns sorrisos cautelosos e um pouco de interesse fingido. Quando o rei me apresentou formalmente ao velho sultão, criei coragem e perguntei se ele gostaria de me fazer companhia.

Ele ficou encantado e ofereceu o braço para me acompanhar até as mesas do bufê. O rei nos observou com orgulho. Eu não ousei olhar para meu pai. Infelizmente, meu segurança nos seguia de perto.

– Não ligue para Hajari, o meu guarda – falei. – Meu pai me ama cegamente e sempre zela pela minha segurança.

– Claro, eu compreendo – respondeu o homem bem-vestido. Enquanto enchia um prato para nós dois, ele perguntou: – A senhorita gostaria de morar à beira-mar?

– O senhor mora em Mumbai? – perguntei atenciosamente.

– Não, moro em Mahabalipuram. Já ouviu falar de minha cidade?

– Confesso que não.

– Nossa cidade é agitada, com um porto bem movimentado. Fazemos comércio com muitas terras distantes e temos vários artesãos e escultores que embelezam nossos templos e santuários. Talvez devesse considerar nos fazer uma visita.

– Ela não gostaria de morar numa cidade de marinheiros rudes, Devanand. O lugar dela é numa cidade bela. Permita-me me apresentar, minha jovem. Meu nome é Vikram Pillai.

– Ora, você é um mercador! Seu título foi comprado. Eu tenho sangue real! – disse Devanand.

– Seu sangue é velho. Ela precisa de um noivo capaz de caminhar sem ajuda.

– Como se atreve?! Por favor, querida, não dê ouvidos às tolices dele. Uma jovem inocente e cheia de viço como a senhorita não deve ser submetida a essas perturbações inadequadas.

– A juventude dela é a grande questão. Eu sou um pretendente muito melhor. E tenho muita riqueza a oferecer. Ninguém possui caravanas de comércio mais lucrativas do que as minhas.

– Você pode ter mais dinheiro à sua disposição, mas não se esqueça de que eu possuo uma frota. Uma aliança com meu reino seria uma decisão muito mais sábia.

– Isso é o que veremos!

– Pode ter certeza disso!

Senti-me grata quando o homem mais jovem de bigode caído nos deixou em paz, mas ele não foi o único a nos interromper. Vários homens nos cercaram, cada um disputando a minha atenção e oferecendo riquezas, terras, títulos, coisas inimagináveis em troca da minha mão. Era sufocante. O pouco de comida que eu conseguira pegar de nosso prato em comum logo se transformou em cinza em minha boca. Uma mão agarrou meu braço e me puxou para fora do círculo de um jeito não muito delicado.

– Cavalheiros, minha filha retornará em alguns instantes. Por favor, permitam-me conversar com ela em particular um momento.

Meu pai segurava meu braço de modo resoluto e exibia uma expressão estranha. Não havia dúvida de que estava irritado com toda aquela situação e considerava o assédio dos homens de muito mau gosto. Mas, ao mesmo tempo, por trás de seu olhar havia algo, um prazer inexplicável que fez meu sangue gelar.

Ele meneou a cabeça, cumprimentando alguém que passava, e esperou até ficarmos a sós. Então disse, em voz baixa:

– O rei gentilmente nos convidou – o sarcasmo escorrendo das palavras – a passarmos a noite aqui. Você vai se retirar para a ala das mulheres. Assim que o rei der boa-noite aos convidados, Hajari a acompanhará até os portões externos. Quero que se comporte com o decoro que eu espero e, de manhã, eu a mandarei chamar. Se eu descobrir qualquer coisa, o que quer que seja, no seu comportamento que eu considere inadequado ou que não seja de meu agrado, Isha sofrerá horivelmente. Estou sendo claro?

– Sim, pai.

– Muito bem. Agora, cubra o rosto. Os homens já a observaram o suficiente por hoje.

– Claro.

Imediatamente voltei a prender o véu e, quando estava do agrado de meu pai, ele me deixou de novo a sós com Hajari, que sussurrou no meu ouvido:

– Você pensa que esta é sua chance de ir embora, mas não vai a lugar algum. Está se exibindo por aí como se fosse o grande prêmio do rei, mas nós dois sabemos que não passa de um brinquedinho. Uma pequena boneca quebrada. – Hajari se arriscou a passar a mão pelo

meu braço. Fiquei rígida, mas não disse nada. – Eu sei algo que todos esses homens não sabem. Você bem que gosta de apanhar. Um dia, quando seu pai não estiver de olho, vou lhe mostrar como é que se brinca de verdade.

Felizmente, outro pretendente apareceu naquele momento e Hajari se afastou. Passei o resto da noite ocupada, de braços dados com vários homens que tentavam me conquistar de um jeito ou de outro, embora todos soubéssemos que a decisão estava nas mãos do rei e de meu pai, não nas minhas. Se eu pudesse escolher, provavelmente ficaria com Devanand. A ideia de que Isha e eu pudéssemos desaparecer em um navio rumo a uma terra distante era sedutora.

Ao longo da noite, em algumas ocasiões vi de relance o estranho que vagava pelo salão, sempre em silêncio. Não havia dúvida de que fosse um guerreiro. Sua constituição forte e seus trejeitos deixavam isso óbvio. A certa altura, uma serviçal que carregava uma bandeja com frutas fatiadas tropeçou e ele não só segurou a bandeja como ajudou a mulher a se equilibrar. Naquele momento, ele se virou e perdi o fôlego. Era o homem mais lindo que eu já tinha visto.

Novamente de braços dados com Devanand, perguntei com cautela:

– Quem é aquele jovem? O que está ali, vestido de preto.

– Onde?

– O que está conversando com Vikram Pillai – murmurei.

– Ah, é o filho mais jovem de Rajaram.

– Rajaram? – indaguei.

– É. O irmão dele é o herdeiro do trono, então ele não seria um bom pretendente para a senhorita, se é isso o que está pensando. Mas não me surpreende que tenha perguntado. Ele é jovem e imagino que uma moça como a senhorita o considere atraente.

Rapidamente dei palmadinhas no braço do rei de Mahabalipuram e reforcei sua autoestima.

– De maneira alguma. Eu apenas não fui apresentada a ele ainda.

– É pouco provável que ele se case antes do irmão. Talvez tenha vindo negociar a mão do irmão em seu lugar.

– Isso não foi mencionado. Além do mais, ele é muito jovem, e pode ser mais conveniente para mim desposar alguém com mais experiência. Um homem de mais idade pode me ajudar a navegar pelas águas conturbadas da juventude. Não concorda?

Ele riu, satisfeito com minha referência à cidade dele, e me apresentou a outros homens que considerava seus aliados.

Finalmente as festividades foram concluídas e aqueles que passariam a noite no palácio foram acompanhados até seus respectivos

aposentos para descansar. Hajari e eu seguimos uma serviçal que nos conduziu ao longo de uma série de corredores compridos. Estava tarde e a lua cheia projetava sua doce luminosidade sobre nós. A cada poucos passos, um portal descoberto permitia que a brisa amena da noite agitasse minhas saias.

Quando chegamos a um portão duplo minuciosamente entalhado, a serviçal se inclinou em reverência e o abriu, indicando que eu devia entrar. Hajari estreitou os olhos, como numa advertência, mas não disse nada. Após as portas se fecharem atrás de mim, bloqueando a visão do guarda de meu pai, dei um suspiro de alívio e segui a serviçal.

Ela me conduziu até um quarto espaçoso, com uma cama enorme. Um banho havia sido preparado e ela ficou para me ajudar. Uma camisola fora deixada para mim, e, quando eu já estava à vontade, a serviçal partiu. Fiquei sozinha. Realmente sozinha. Não sabia o que aconteceria comigo quando o sol nascesse na manhã seguinte, mas, por ora, estava fora de perigo.

Sem conseguir dormir apesar de estar exausta, me levantei da cama e fui até a sacada. A lua estava mais baixa, mas calculei que havia se passado apenas uma hora desde que eu fora me recolher. A brisa suave trazia o aroma de jasmims e ouvi o som inconfundível de água. Uma série de degraus ligava a sacada a um andar superior, e de repente percebi que o jardim suspenso do rei poderia estar a poucos passos de distância.

Olhando à minha volta, me tornei invisível e, oculta e guiada pela luz do luar, adentrei a noite.



Rubor

Seguindo o barulho de água, subi a escada silenciosamente. Havia guardas no parapeito, mas eles nem sequer se viraram na minha direção. O cascalho sob os meus pés e a brisa na pele fizeram com que me sentisse viva. Meu coração acelerou quando cheguei ao andar em que os guardas estavam. Explorando um pouco, encontrei outra escada não muito longe de onde a primeira terminava. Ao lado dela, uma pequena cachoeira descia pelo muro. Eu sabia que a água devia vir do jardim suspenso, então continuei subindo.

Agora três andares acima dos meus aposentos, parei numa ampla sacada e avistei a cidade iluminada pelo luar. A maioria dos lampiões já havia sido apagada, mas restavam várias luzes que emanavam de tochas, fogueiras e velas ao redor das construções da cidade, fazendo com que as estruturas escuras abaixo de mim parecessem iluminadas por vaga-lumes. Por mais linda que a vista fosse, eu estava procurando outra coisa.

Caminhei em silêncio pelo corredor, mas não encontrei mais escadas. Em vez disso, havia apenas várias portas. Nervosa para testá-las, coloquei a mão em cada uma delas e escutei atentamente antes de abri-las. A primeira porta tinha uma escada que levava para um andar inferior. A segunda guardava diversas armas – flechas, arcos, escudos e lanças. A terceira era a mais pesada e se abriu com um rangido alto. Fiquei paralisada, torcendo para que ninguém tivesse escutado.

Como não houve nenhum sinal que denunciasse botas pesadas vindo em minha direção, esgueirei-me pela entrada escura e encontrei outra escada que ia para cima. Hesitei por um instante, pensando que

poderia perder o caminho de volta, mas meu desejo de ver o jardim me fez seguir em frente. Subi um degrau após outro até sair na entrada de um túnel. A luz da lua e o aroma de água e vegetação me atraíram.

Avancei rapidamente e, passando por um portal aberto, entrei no paraíso. Durante o dia, o jardim devia ser impressionante, mas à noite, iluminado somente pelas estrelas e pelo luar, era mágico. Cada nicho escuro sussurrava segredos, esperando que eu os desvendasse.

Segundo os boatos, o rei cortejara sua já falecida noiva caminhando por aquelas trilhas bem cuidadas, entre o murmúrio da folhagem. Era fácil imaginar um casal apaixonado passeando por sob as árvores, aproveitando a encantadora privacidade que ofereciam.

Adentrando mais no jardim, notei os largos pilares de pedra que sustentavam camada sobre camada de folhagens, que se elevavam acima de mim em degraus, como num teatro. À esquerda havia um terraço com vários níveis nos quais se entrelaçavam delicadas heras. À direita havia uma galeria de arte viva, com portais que conduziam a outros níveis.

Em cada nível havia estátuas, fontes de água, torres de plantas suspensas e até mesmo esculturas vivas feitas de arbustos. Embora não houvesse tochas para iluminar o ambiente, os raios do luar atravessavam as copas e eu conseguia observar quase todos os detalhes.

Uma passarela de pedra parecia abranger todo o jardim. Em volta dela havia terra mexida recentemente, escura e rica em nutrientes. Abaixei-me e mergulhei a mão na matéria macia. Não encontrei a base de pedra que suportaria tanto peso, mas, a julgar pelo tamanho das árvores – as maiores chegavam a ter troncos mais largos do que a minha altura –, a laje que sustentava o jardim devia ser muito grossa, de uns seis metros de espessura ou mais.

No centro do jardim havia uma fonte colossal, tão imponente que fiquei quase uma hora passando as mãos pelas figuras entalhadas e pela água. Curiosa, segui a trilha do córrego. Parecia que uma série de aquedutos levava a água até o telhado da cidadela usando dezenas de cisternas que recebiam a água do rio.

Todos os níveis eram ligeiramente inclinados, o que permitia que a água fluísse para baixo, irrigando todo o jardim. A que não era usada no jardim retornava para o rio após descer pela lateral do palácio por uma cachoeira. O projeto era genial.

Árvores imensas se erguiam bem acima dos muros do palácio, me dando a impressão de estar no topo de uma grande montanha.

Examinei brotos minúsculos e delicados, úmidos por causa do orvalho da noite, puxei um pequenino botão e o coloquei atrás da orelha, admirei uma seção de novas mudas que o jardineiro acabara de plantar.

A brisa morna da noite levantava as folhas das árvores, fazendo-as dançar, sussurrantes, como se estivessem vivas. O som despertava meus sentidos. Caminhei por um labirinto de vários andares, emergindo num pomar de árvores perfeitas, repletas de frutas de todos os tipos.

Além dele havia uma pequena campina verde e viçosa – o lugar perfeito para um piquenique. Seria muito romântico jantar ali, à sombra de uma árvore, apreciando o murmúrio da fonte e a vista da cidade. Deitei-me na grama, com as mãos atrás da cabeça, e observei as incontáveis constelações que preenchiam o céu noturno, pensando que, se a sorte sorrisse para mim, talvez logo tivesse essa mesma visão deitada no deque de um navio que levaria a mim e a Isha para outro país.

Com vontade de explorar mais, me levantei da grama macia e continuei. As flores pareciam brotar de cada pedacinho de terra. Colhi uma calêndula laranja e a joguei no córrego, rindo baixinho enquanto a acompanhava. A pequena flor ondulou e dançou até eu chegar à beirada do jardim, onde ela passou por cima do muro e desapareceu.

Essa parte do jardim ficava na altura do muro que o cercava e eu podia ter uma clara visão das fortificações da cidadela e dos soldados que montavam guarda. Sem querer ir embora mas sabendo que devia voltar à minha cama, passei lentamente por todos os níveis, absorvendo cada visão, aroma e som. Relutando em continuar, parei novamente ao lado da fonte central e descobri uma planta aquática que eu nunca havia visto.

Parecia um botão de lótus, mas, em vez do habitual rosa ou branco, tinha tons lavanda. Era a flor mais adorável que eu já vira. Tentada a pegá-la da água, pensei que se meu pai a encontrasse em meu quarto descobriria o que eu andara fazendo. Então me pus a examiná-la de todos os ângulos, gravando-a na memória.

Estava tão absorta observando a flor que só ouvi os passos vindo em minha direção quando a pessoa que se aproximava já estava quase atrás de mim. Fiquei paralisada e olhei para o meu braço, suspirando de alívio ao perceber que continuava invisível. Ainda assim, a pessoa continuou chegando mais perto e parou pouco antes de se chocar comigo. Mordendo o lábio, eu me afastei com um passo cuidadoso, me encolhendo quando chutei um seixo sem querer.

Ergui os olhos rapidamente e me vi sondando os olhos dourados do homem em quem eu reparara durante a festa, aquele que parecia não estar interessado no anúncio do rei sobre minha disponibilidade para casar. Ele estreitou os olhos e olhou para o seixo que havia rolado. Examinou com cuidado as árvores ao redor. Após um momento, deu um breve suspiro e apoiou as mãos na borda da fonte.

Ficou fitando a água como se tentasse adivinhar seu futuro e pareceu não gostar do que viu. Então notou a flor que eu tinha acabado de soltar, pegou-a e a aproximou do rosto. Aspirou profundamente e soltou um suspiro. O aroma do homem que estava ao meu lado me pareceu mais inebriante que o da flor. Diferentemente dos outros homens lá embaixo, que exalavam o cheiro do álcool que haviam bebido ou do alho que tinham comido, esse tinha aroma de sândalo e grama aquecida pelo sol.

Satisfeito, colocou a flor aquática com cuidado de volta na fonte, onde ela lentamente descreveu um círculo antes de flutuar novamente na direção dele. Era como se houvesse naquele homem algo de magnético que atraía o excepcional botão. De repente, me dei conta de que eu também chegara perigosamente perto de tocá-lo.

Inclinando-me para trás num ângulo estranho de modo a não ser notada, me perguntei quanto tempo ele continuaria dentro do meu espaço pessoal. Como não se moveu imediatamente, eu o observei com cuidado, quase do mesmo modo que havia feito com o jardim. Era óbvio que era bonito, mas eu já estivera na presença de outros homens bonitos antes, e isso nunca me afetara. Um homem bonito podia ser tão cruel quanto um que fosse feio. Eu já tivera muitas experiências desconfortáveis com homens para confiar num deles simplesmente por sua aparência.

O fato de ser o filho de um imperador significava que era poderoso, mas ele não exibia seu poder de forma óbvia, como meu pai fazia. Isso me fez gostar ainda mais dele. Suas vestimentas eram bem-feitas, mas não ostentavam os adereços que anunciam a todos que quem as usa é um homem rico. Tinha um corpo de guerreiro, não de rei, o que provavelmente significava que seu pai ainda estava vivo e, além do mais, que ele era corajoso, alguém que ficava ao lado de seus soldados, não atrás deles.

Suas feições não eram como as dos homens que já haviam cruzado o meu caminho. O formato do rosto e da boca era de alguma maneira diferente, e os olhos dourados com pequenas linhas ferrugem, da cor da hena recém-preparada, eram tão incomuns que se tornavam marcantes. Ele era exótico e raro como a flor que eu acabara de

descobrir – um homem encantador e fascinante.

Era um soldado, mas mesmo assim parecia apreciar as coisas belas. Ainda que fosse o herdeiro de um grande império, ali estava ele sozinho, sem guarda-costas ou séquito. Não havia ninguém para se curvar a seus pés ou lhe fazer uma reverência. Era um príncipe e genuíno, atraente, que parecia não se importar com festas, diplomacia ou mulheres. E, enquanto a maioria dos outros recriminaria um empregado que fosse descuidado, ele não só foi bondoso como ajudou a serviçal – uma atitude que poucos homens que eu conhecia seriam capazes de tomar, ainda mais por alguém que considerassem de status inferior.

Vendo-o passar os dedos sobre o laguinho de carpas ornamentais, tive que me conter para não fazer barulho quando ri dos peixinhos esfomeados pondo a cabeça para fora da água e abrindo a boca como se estivessem suplicando. Estavam com fome e procuravam o alimento que achavam que ele ofereceria.

– Desculpem, eu não trouxe pão – disse ele. – Se soubesse que estariam aqui, teria trazido.

Minha diversão foi substituída por outra coisa, algo morno, uma sensação que eu não conseguia descrever. Meu rosto ficou quente e, silenciosamente, apertei as mãos contra as bochechas. Surpresa, percebi que estava corando apenas por estar na presença dele. Meu coração bateu mais forte quando olhei para seu rosto com o mesmo apetite dos peixes coloridos. Era impossível deixar de fitá-lo, até que o vi franzir as sobrancelhas, confuso, e se voltar na minha direção.

– O que foi? – perguntou. – Que etérea criatura vocês descobriram?

Olhei para o cardume inquieto e cobri a boca, horrorizada ao constatar que os peixes haviam deixado de lado o jovem bonito e se voltado na minha direção. Qualquer que fosse o encanto que me tornava invisível aos demais não funcionava com eles. Enquanto abriam e fechavam a boca e se aproximavam, o rapaz deu um passo na minha direção. Nesse instante, ouviu-se a voz de um homem:

– Aí está você. Obrigado por concordar em se encontrar comigo.

O jovem príncipe parou; seu corpo inteiro ficou rígido quando ele se voltou para cumprimentar quem chegava. Meu pai entrou na clareira em volta da fonte a passos largos e confiantes, usando a máscara de uma versão anterior de si mesmo, mais moço que a do sábio diplomata que ele normalmente preferia usar. Esta ele só usava quando se reunia com pessoas muito mais jovens do que ele.

Não ficava diferente a ponto de a maioria das pessoas conseguir perceber. Aliás, eu parecia ser a única que via meu pai em sua real

aparência: um corpo decrépito, esquelético, tão carcomido por fora quanto era podre por dentro. *O que ele poderia querer com este jovem?* Embora meu instinto me mandasse fugir o mais depressa possível, outra parte de mim queria ficar, me colocar entre o homem lindo e desconhecido e meu pai, protegê-lo como eu fizera com Isha.

O jovem respondeu:

– A sua... *convocação* não me deu margem para recusar seu pedido.

– E por que você faria isso? Eu lhe garanto que este diálogo será de vital importância para o futuro de nossos dois reinos. – Meu pai deu um sorriso afável que me deixou paralisada no lugar onde estava. – Permita que eu me apresente de maneira apropriada. – Ele se inclinou e estendeu a mão, num gesto de boas intenções. – Meu nome é Lokesh.

O jovem ignorou a mão estendida.

– Eu sei quem você é.

– Ah, vejo que a minha reputação me precede.

– Sem dúvida. Ainda que eu espere que não passe de um exagero, tenho a impressão de que não é o caso.

– Tsc. Estou certo de que um guerreiro como você sabe que uma reputação reconhecidamente terrível pode favorecer seu portador tanto quanto uma espada de qualidade. Se não mais.

Cruzando os braços sobre o peito forte, o estranho respondeu:

– Sei. Também sei que o tipo de homem disposto a se permitir uma reputação como essa, seja ela verdadeira ou não, é alguém em quem eu não confiaria.

Lokesh riu. Eu nunca o ouvira rir antes, nem mesmo esse riso fingido, e sua reação parecia mesmo genuína. Por algum motivo, a resposta do desconhecido encantara meu pai. O nervosismo que eu sentia em relação à segurança do jovem se intensificou muito.

– Que esperto. Eu não esperaria menos de um Rajaram.

O jovem estreitou os olhos.

– Sinto que meu tempo aqui foi desperdiçado. Havíamos sido informados de que esta reunião daria respeito às negociações de um tratado, mas em vez disso vejo que fui convidado para uma festa de mulheres no jardim, onde fui obrigado a observar pavões que circulam por aí, emperiquitados, ostentando sua riqueza, saltitando e se bajulando, parabenizando-se mutuamente pela quantidade de ouro guardada em seus cofres. Já está ficando tarde e, como tenho a intenção de partir ao amanhecer, prefiro me retirar para os meus aposentos pelas poucas horas que ainda me restam de descanso. Se quiser discutir nosso recente desentendimento, sugiro que faça isso. Caso contrário, peço licença para ir embora.

Os olhos de Lokesh faiscaram.

– Kishan... Posso chamá-lo assim? – Meu pai não esperou pela aprovação e prosseguiu: – Posso lhe garantir que os... pequenos atritos recentes entre nossos soldados, por mais triviais que tenham sido, têm ocupado minha mente. O fato de nossos dois reinos terem entrado em conflito me perturba, e sinto que devo tentar convencê-lo de que eu de forma alguma instiguei essas ações traiçoeiras.

O estranho não disse nada, mas seus punhos se cerraram e os músculos de seus braços se contraíram. Ele claramente não acreditava nas mentiras que transbordavam dos lábios de meu pai, ao menos não totalmente. Eu não sabia bem o que Lokesh andara fazendo em todas as suas viagens secretas, mas agora estava claro que ele tinha objetivos maliciosos em relação a este jovem e sua família. O medo que senti por ele quase me asfixiou. Meu corpo tremeu e minha respiração oscilou.

– Não, Kishan. Meu objetivo hoje é o de pôr fim a qualquer aborrecimento e construir uma ponte entre nossos povos.

– E como propõe que façamos isso? – perguntou o estranho.

Dando um passo à frente e erguendo a mão de modo a parecer suplicante para o estrangeiro – embora da minha perspectiva parecesse obviamente ameaçador –, ele respondeu:

– Criando uma aliança entre as nossas famílias.



A isca

Não pude evitar e deixei escapar um arquejo leve e involuntário. Felizmente, nem meu pai nem o jovem o ouviram por causa do murmúrio da fonte.

– O que quer dizer com isso? – perguntou o jovem.

Ele tinha o direito de ficar desconfiado. O que quer que meu pai estivesse planejando não terminaria bem para nenhum dos envolvidos.

Lokesh se virou e aproximou-se da fonte, permitindo que a água molhasse seus dedos.

– Certamente está ciente do anúncio que o rei fez hoje.

– De que sua filha está disponível para se casar? O que tem isso?

Uma parte de mim ficou magoada com o comentário do jovem. Racionalizei esse sentimento lembrando a mim mesma que eu não estava procurando um pretendente. O melhor para mim e para Isha seria que eu me casasse com um homem que morasse longe de meu pai, num lugar remoto que me permitisse escapar. Isso seria fácil com o rei de Mahabalipuram, mas eu suspeitava que abandonar um homem como este desconhecido seria muito mais difícil. Ainda assim, ouvir sua indiferença feriu meu orgulho feminino.

Eu sempre soubera que era bonita. Isha repetia isso diariamente e eu recebia atenção suficiente dos homens que passavam por nossa casa para me sentir confiante em relação à minha aparência. Mas, pela primeira vez na vida, me senti... desinteressante. A ideia de que o jovem que eu achava tão fascinante não me achava atraente doeu.

Meu pai prosseguiu:

– Talvez você não saiba, mas o anúncio de hoje não foi planejado.

O rei quer usar a minha filha para ampliar sua influência, porém, já que ela é o único vínculo que me resta com minha falecida mulher, deve imaginar que a declaração a respeito de sua disponibilidade para se casar me deixou um pouco preocupado.

Estreitei os olhos quando ouvi a menção à minha mãe. Isha me revelara há muito tempo suas suspeitas a respeito da morte de minha mãe. Contou que ela não havia morrido no parto, como meu pai levava todos a acreditar. A amiga dela, a parteira, falara com Isha poucas horas após meu nascimento e informara que mãe e filha passavam bem.

Quando voltou para ver como estávamos, foi anunciada a morte de minha mãe e a parteira desapareceu. Isha acreditava piamente que meu pai havia se livrado das duas. Tendo presenciado em primeira mão seu temperamento, eu não tinha dúvida de que ele era capaz daquilo. Se eu achasse que conseguiria matá-lo, eu teria feito isso há muito tempo. Então o lindo jovem falou, me despertando dos meus pensamentos de vingança.

– O que isso tem a ver comigo? – perguntou ele.

Meu pai passou os dedos na água, para a frente e para trás, e notei que todos os peixes desapareceram. Pararam de suplicar e rapidamente se refugiaram no lugar mais distante do laguinho. *Será que eles sentiram algo quando meu pai tocou na água? Ou talvez ele tenha usado seu poder para afastá-los*, pensei. Mordi o lábio, tão concentrada nas palavras que meu pai diria a seguir que mal conseguia respirar.

– Pensei que talvez pudéssemos chegar a um acordo vantajoso para nós dois.

– Por exemplo?

– Seu irmão mais velho... Dhiren, não é? Ouvi dizer que ele ainda não escolheu uma noiva.

– Ele ainda é jovem. Além do mais, está ocupado demais defendendo nossas terras dos seus... pequenos atritos.

Meu pai olhou brevemente para o estranho e seus lábios se curvaram ligeiramente ao ouvir esse comentário.

– Não seria melhor que seu irmão voltasse a desempenhar seus deveres em casa? – indagou Lokesh com um sorriso astuto. – Que esquecesse a guerra e as disputas por territórios e se dedicasse a ser o imperador que está destinado a se tornar? Com a rainha apropriada a seu lado, ele poderia assumir o lugar que lhe cabe e ter filhos para governar em seu lugar.

– Deixe-me adivinhar: quer que a sua filha seja a rainha.

– Ela é linda. Obediente. Recatada. Além do mais, o rei garante seu

dote. – Ele se inclinou para a frente e baixou a voz: – E, cá entre nós, com minha filha no trono, eu ficaria satisfeito se um dia meus netos governassem ambos os reinos. As disputas de território, sem sentido, cessariam e nossos reinos iriam prosperar de forma mutuamente satisfatória.

O jovem esfregou o maxilar e eu ouvi a mão roçar a barba que começava a crescer. Senti vontade de gritar para ele que não se deixasse levar pelas palavras de meu pai, de exclamar que Lokesh jamais cumpria suas promessas. Que somente ficar ali e lhe dar ouvidos já era perigoso. Mas não disse nada e esfreguei minhas mãos invisíveis, desesperada para saber mais sobre esse futuro que ele planejava para mim. O fato de Lokesh não permitir que eu me casasse com alguém que o rei escolhesse não me surpreendia, mas eu havia deixado brotar uma ponta de esperança e, como previsto, meu pai a arrancara antes mesmo do fim da noite.

Então meu trapaceiro pai acrescentou:

– É claro que, quando chegar esse momento, você estará livre para ir atrás de seus próprios objetivos. Talvez encontre uma mulher com riquezas que lhe permitam comprar uma pequena propriedade. Naturalmente, como segundo filho, deve receber uma parte da fortuna de seu pai para se estabelecer. Se tiver um bom começo, pode até ter um bom futuro. Você nunca estará à altura de seu irmão, é claro, mas ser o segundo melhor não é vergonha nenhuma. E tenho certeza de que os herdeiros reais, filhos de minha filha, gostarão de se encontrar com o tio, se ele se dignar a fazer uma visita de tempos em tempos.

Enquanto Lokesh falava, o jovem foi ficando com as costas mais eretas. Sua fúria era evidente. Eu e meu pai podíamos ver. A manipulação era uma de suas habilidades, e a única forma de contorná-la era fingir que o que ele dizia não nos afetava. Novamente tive vontade de sair em defesa do jovem, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Meu pai tinha tecido sua teia de manipulação em torno dele com a destreza de uma aranha, e eu praticamente conseguia escutar o ego do belo estranho estalando à medida que os fios ficavam cada vez mais apertados.

– Deve compreender que tenho um forte afeto paterno por minha filha. Para mim, é imprescindível tê-la por perto. Nossas terras fazem fronteira. Por isso, estou disposto a negociar um noivado em nome de nosso rei, mas que fique claro: se minha generosa oferta for rejeitada, não me restará escolha a não ser intensificar as hostilidades entre nossos povos.

– E sente-se à vontade para entregar sua filha àqueles que você

considera seus inimigos?

Lokesh passou a língua rapidamente pelos lábios.

– Tenho total confiança em que vocês vão tratá-la com a honra e o respeito que ela merece.

Eu quase ri. Nenhum inimigo ameaçava mais meu bem-estar do que o próprio homem que afirmara sentir por mim um “forte afeto paterno”.

O jovem chamado Kishan deu as costas a meu pai, ficando de frente para mim. Na verdade, estava a poucos centímetros de distância. Uma miríade de emoções atravessou seu rosto enquanto ele ponderava as palavras de meu pai. Eu queria estender a mão e tocar sua testa, alisar as rugas e aliviar o desconforto que meu pai lhe causara. Finalmente, ele disse:

– Irei transmitir sua proposta aos meus pais. Enviaremos uma resposta através de um mensageiro dentro de 14 noites.

Meu pai curvou a cabeça, num falso gesto de boas intenções.

– Que seus cavalos sejam ágeis – declarou.

Então Kishan se retirou e Lokesh observou o estranho se afastar. O silêncio se abateu sobre o jardim. Tudo estava imóvel. Até a brisa cessara. O som de minha respiração de repente parecia alto demais. Passei a mão na testa quente e me concentrei para que minhas pernas invisíveis parassem de doer. Erguendo as mãos, Lokesh invocou seu poder, ato que eu raramente testemunhara. A água na fonte estalou e congelou, e um gelo esbranquiçado logo cobriu completamente a superfície de pedras da trilha.

Ele rodopiou os braços no ar e um vento forte atravessou o jardim, arrancando flores delicadas dos caules e quebrando galhos de árvores. Então ergueu os braços e o chão tremeu, a fonte congelada rachou, e eu cambaleei e caí. Mordi a língua com força para não gritar. Depois ele apontou as mãos abertas para a frente e faíscas azuis dispararam das pontas de seus dedos, fazendo o tronco de uma árvore próxima escurecer. Em seguida, cerrando subitamente os punhos, recolheu o poder e, com passos determinados, saiu do jardim, dirigindo-se a uma escada diferente da que eu tinha usado.

Esperei bastante tempo antes de voltar para os meus aposentos. Ao chegar lá, lavei bem os pés e fui para a cama, mas o sono não veio. Fiquei apenas olhando para o tênue tecido estendido acima da cama e me preparei para a manhã que viria.

Quando a luz do dia iluminou meu quarto, esperei que meu pai viesse me buscar. Imaginei que ele apareceria imediatamente, mas, como as horas se passavam e nem sequer uma camareira havia

entrado no aposento, aventurei-me a sair. Não encontrei ninguém, convidado ou serviçal, até chegar ao saguão principal. Quem estava à minha procura não era meu pai nem seu braço direito, Hajari, mas o rei Devanand, meu suposto pretendente de Mahabalipuram.

– Ah, minha querida. Aconteceu uma tragédia. Uma verdadeira tragédia!

– O que foi? – perguntei enquanto ajustava o véu. – O que aconteceu?

– Não soube?

Fiz que não com a cabeça.

– O rei foi assassinado.

– Será... será possível? – indaguei, já ficando desconfiada. – Como ele morreu? O bandido já foi encontrado?

– Ainda não. Seu pai está investigando.

– Entendo.

– De início, acreditou-se que ele falecera dormindo, mas, quando as mulheres foram preparar o corpo, sua camisola se abriu. Foi então que viram umas marcas negras no peito, perto do coração.

– Marcas negras?

– Sim. A área em torno do coração estava queimada, mas a pele enegrecida não seria o suficiente para matá-lo. Ainda assim, é o bastante para levantar suspeitas.

– E o que está havendo agora? Onde está meu pai?

– Está organizando as tropas. É preciso defender o reino até que um novo rei seja escolhido. Ele teme que um usurpador tente tomar o trono e não quer que isso aconteça.

– É claro.

O sultão deu palmadinhas na minha mão.

– Infelizmente, isso significa que não haverá planos a respeito de seu futuro por agora. Mas quero que saiba que deixei minhas intenções muito claras para seu pai. Ele me assegurou de que eu serei um dos primeiros a saber quando a situação tiver voltado ao normal. Até então, todos os convidados devem retornar para seus domínios com o menor alarde possível.

– Compreendo.

– Ah, aí está o homem de seu pai. Vou deixá-la aos cuidados dele. Até nosso próximo encontro, adorável senhorita.

O nobre apertou minha mão e, relutantemente, me passou para Hajari, que segurou meu braço com força.

– Onde foi que se meteu? – sussurrou ele na minha orelha, irritado.

– Ninguém foi me buscar de manhã – respondi friamente.

– Seu pai está esperando. Venha.

Ele me arrastou pelo saguão e por várias passagens, deleitando-se com a oportunidade de mostrar que estava no comando, embora nós dois soubéssemos que era por pouco tempo. Como não podia deixar de ser, seu comportamento mudou completamente no momento em que entramos no salão onde meu pai estava, rodeado pelos conselheiros do rei falecido. Ao me ver, ele dispensou o grupo.

– Dormiu bem, querida? – indagou gentilmente enquanto os últimos homens saíam e fechavam a porta.

– Sim, pai – respondi com o olhar já treinado fixo em seus pés.

– Imagino que já tenha conhecimento do falecimento do rei – disse ele, e, pelo tom de voz, eu não soube identificar se era uma pergunta ou uma afirmação.

Achei melhor não dizer nada. Ele esperou alguns segundos e então confirmou o que eu já suspeitava:

– Que trágico, não é? Você certamente tem noção do que isso pode significar para você.

– Que não vou mais me casar, afinal? – arrisquei rapidamente.

– Ah, vai se casar, sim, Yesubai, mas não com o sultão geriátrico que você claramente prefere.

Ele deu meia-volta e caminhou a passos largos até a mesa do rei, onde havia um grande mapa aberto. Pegou um modelo de guerreiro montado num elefante e o transferiu para outro local, atravessando uma grossa linha negra traçada no mapa. O território estava identificado pela palavra Rajaram. Desviei o olhar antes que meu pai se virasse de novo para mim.

– Você deveria se alegrar – disse ele. – Minha intenção é que você se case com alguém muito mais jovem e, depois de um tempo, quando já for rainha, quero que você tire a vida dele. – Estarrecida, ergui o rosto e o flagrei me observando com um brilho diabólico nos olhos. – Para garantir que você cumpra a sua parte nessa pequena encenação, vou manter Isha ao alcance da mão. Você compreende minhas expectativas? – arrematou.

Após piscar para dissipar a umidade dos olhos, assenti ligeiramente com a cabeça.

– Entendo, pai.

– Muito bem. Pode se retirar. Ficaremos morando aqui até os preparativos para o seu noivado.

Levou um mês inteiro até que meu pai – *relutante* – assumisse o trono. Ele manteve Isha afastada de mim para garantir minha obediência.

Minhas camareiras eram eficientes porém frias, e Hajari se tornara uma constante ao meu lado. Não me perdia de vista em instante algum. Meu quarto foi considerado um lugar muito fácil de onde se escapar, então fui transferida para novos aposentos. Lá só havia uma porta de acesso e, como todos os dignitários haviam sido mandados embora, meu pai se contentou em me deixar ali.

Eu fazia as refeições no quarto e tinha direito a dar um passeio por dia dentro dos limites do palácio – mas somente se Hajari estivesse comigo. Como eu sabia que ficar a sós com ele era uma péssima ideia, decidi que era preferível permanecer no quarto. Sem Isha, o único rosto amigável de meu mundo tão limitado, entrei em desespero. Perdi o apetite e mantive as pesadas cortinas fechadas diante da janela gradeada.

Então recebi um convite. A família Rajaram havia considerado a oferta de meu pai, apesar das explícitas ameaças por trás dela, e a própria rainha disse que gostaria de me conhecer para ter certeza de que eu seria uma boa escolha para o filho. Lokesh ficou entusiasmado com a perspectiva. Ele se mantivera ocupado com a administração do reino, mas, quando o mensageiro chegou, ficou ansioso para me contar a novidade e ordenou que eu fosse levada à sua presença. Minha aparência não o agradou.

– Você está doente? – indagou.

– Não, pai.

Ele arrancou rudemente o véu do meu rosto e estreitou os olhos enquanto me segurava pelo queixo e virava minha cabeça de um lado a outro, me examinando. Empurrando-me para fora de seu caminho, encurralou Hajari e o agarrou pela garganta. Os olhos do guarda se arregalaram e ele lutou para respirar, tentando inutilmente afastar a mão de meu pai.

– Você vai se certificar de que ela coma, que os cabelos sejam escovados com óleo até brilharem e que ela não tenha nenhuma marca no rosto nem olheiras. Estou sendo claro?

– Sim, meu rei – arfou Hajari.

– Muito bem. – Ele soltou o serviçal e acrescentou: – Ela parte daqui a três dias. Assegure-se de que esteja pronta. Quero que se apresente adornada como uma princesa. Agora vá. Preciso falar com ela a sós.

Hajari, com o pescoço vermelho e inchado, se retirou sem uma palavra e fechou a porta.

Meu pai disse:

– Muito bem. Há algumas coisas que precisamos discutir antes da

sua partida.

O pavor tomou conta de mim quando avistei o palácio da família Rajaram. Eu viajava no meio de uma grande caravana, numa opulenta carruagem, vestida como se já fosse uma grande rainha. Meu pai não economizara para oferecer seu presentinho letal aos Rajaram. Dentro de um baú repleto de suntuosos vestidos e véus de seda, havia um compartimento secreto com frascos de veneno e pequenas lâminas afiadas que cabiam num bolso.

Eu sabia das consequências se falhasse. Meu pai fora perfeitamente claro. Eu devia agradar Dhiren, o primogênito, desposá-lo, descobrir onde estavam escondidas as relíquias da família, roubá-las e matá-lo. Enquanto aguardava o momento certo, meu dever era espionar a família Rajaram.

Se não fizesse o que meu pai queria, ele iria torturar Isha. Retorci a pequena mecha de cabelos grisalhos de Isha que eu levava no bolso. Ele a dera para mim como um lembrete de que eu tinha que cumprir minha tarefa. Havia sido tão específico quanto aos métodos que usaria para machucar a minha ama de leite que eu não tive dúvida de que ele não somente já fizera aquilo antes como adoraria ter a oportunidade de fazê-lo novamente.

Meu estômago se contraiu dolorosamente quando pensei que concordara em me tornar uma espiã e assassina para o homem depravado e doente que meu pai era, mas as consequências caso eu falhasse eram impensáveis. Eu não podia permitir que minha amada Isha sofresse nas mãos dele. Não sabia se seria capaz de cometer um assassinato para salvá-la, mas não havia dúvida de que eu devia muito a ela por me proteger do facínora. Toda vez que a via mancar, eu me lembrava de que era por culpa minha que ela sofria e continuava trabalhando para ele. Não podia deixá-la sob seu jugo.

Quando chegamos ao palácio, fui apresentada e todas as pessoas que conheci me deram a impressão de serem francas e gentis. Hajari foi comigo e tentou se introduzir como meu “protetor”, mas felizmente o conselheiro militar, um homem astuto que parecia enxergar através do véu e ver os segredos ocultos em meu coração, também designou um de seus homens para me acompanhar. Foi uma decisão sábia. As ações de Hajari ficaram drasticamente limitadas pela presença constante de um soldado dos Rajaram.

Só fui conhecer a rainha Deschen no jantar da primeira noite. Ela era a elegância em pessoa; me observou do outro lado da mesa, fez perguntas educadas sobre minha casa e minha família e interpretou

minhas respostas reticentes como timidez. Depois do jantar, chamou-me a seus aposentos particulares e me convidou a sentar ao seu lado. Mulheres de todas as idades a cercavam e conversavam alegremente enquanto costuravam.

Quando ela viu que eu estava relutante em falar sobre mim mesma, me contou sobre sua família distante, sua terra de origem e seus filhos. O amor que sentia pela família era evidente, assim como o fato de que protegia ferozmente os rapazes. Pareceu surpresa quando fiz perguntas sobre o filho mais novo, mas estava mais do que disposta a contar histórias sobre sua juventude. Eu logo soube que Kishan fora enviado para a fronteira e provavelmente retornaria dentro de um mês. Dhiren ainda demoraria um tempo. Deschen disse que ela queria me conhecer primeiro, antes da decisão quanto ao meu noivado.

Diariamente eu tinha permissão para passear pelo palácio, sempre com meus dois acompanhantes, e passava todas as noites com Deschen. Não demorou muito para que eu passasse a admirar a mãe de Kishan. Ela me fascinou quase tanto quanto o filho. Estava claro que havia um grande amor entre Deschen e o marido. Quando era a hora de se retirarem, o imperador ia buscar a esposa, e os dois, juntos, davam boa-noite a todas as viúvas que ela havia acolhido.

Essas mulheres, cujos maridos haviam morrido na guerra, eram totalmente leais à família Rajaram, e eu achava suas histórias inspiradoras. Pensava se haveria um modo de salvar Isha. Ela seria como uma das mulheres da rainha. Quando estava começando a me sentir em casa e segura, meu pai veio me visitar.

Nesse dia, eu tivera um pesadelo desesperador. Os pelos do meu braço se eriçaram e notei que as venezianas estavam abertas e as cortinas balançavam ao vento. Levantei-me para fechá-las e então ouvi uma voz:

– Você parece bem, querida.

Fiquei imóvel no lugar e, instintivamente, baixei a cabeça.

– Pai – disse.

– Como as coisas estão progredindo? A família a está aceitando?

– Acredito que sim.

– Então o que está demorando tanto? Por que não recebi notícias sobre seu noivado?

– A rainha ainda está me conhecendo. Além do mais, os dois príncipes estão fora.

– Eu sei. Eu os estou mantendo ocupados.

– Mas por quê? Pensei que os quiséssemos aqui.

Ele reagiu tão depressa que me pegou de surpresa. Arremessou-me

contra a parede e pressionou o meu pescoço com seu antebraço.

– O que foi que você disse? – perguntou, os olhos escuros reluzindo ao luar.

– Peço perdão – murmurei. – Não tive a intenção de questioná-lo.

– Lembre-se de qual é seu lugar – sibilou ele.

Assenti, me amaldiçoando por ser tão descuidada. O tempo que eu passara longe de meu pai me tornara displicente.

– Eu não preciso explicar minhas ações a você. Ainda assim, se a rainha mencionar as disputas que mantêm os filhos dela ocupados, pode lhe assegurar que você tem influência suficiente sobre seu pai para fazê-las cessarem caso concordem com a união de nossas famílias. Já viu os medalhões que eu pedi que encontrasse?

– Não. Nem a rainha nem o rei os usam. O conselheiro militar não permite que eu ou Hajari andemos pela área do palácio sem a presença de um de seus homens.

– Eu devia ter mandado matar aquele Kadam – resmungou meu pai. Como eu não disse nada, ele deu um passo para trás, finalmente tirando o antebraço de meu pescoço, e disse: – Você sabe por que estou procurando esses medalhões?

– Não – respondi com cautela. – Eu só preciso saber que quer tê-los.

– Isso mesmo. – Parecia satisfeito com minha resposta. Inclinando a cabeça, ele me observou por um instante e então disse: – Talvez, minha querida Yesubai, seja hora de você entender exatamente por que está aqui.

Senti o oxigênio escapar de meus pulmões.

– O que quer dizer?

– Se conhecer minhas motivações, entenderá como pode me servir melhor. – Voltando-se de costas para mim, uniu as mãos atrás do corpo e começou: – Você é a filha de um homem muito poderoso, e não digo no sentido político. – Ia andando pelo quarto, pegando diversos objetos que pertenciam à família real para vê-los de perto. – Já fui herdeiro do trono de uma grande província numa terra distante daqui. – Voltou a me olhar. – Mesmo após ter matado meu irmão e minha madrasta para ascender ao trono, eu abri mão dele.

Que ele matasse para atingir seus objetivos não me surpreendia, mas abrir mão de um trono, sim.

– Você não queria aquele poder? – indaguei.

– Governar um reino não é ter poder – disse ele com desprezo, me olhando com ar de superioridade. – Este é o verdadeiro poder.

Então puxou uma corrente que levava no pescoço e me mostrou um amuleto quebrado preso à extremidade.

– O que é isso? – perguntei.

– Chama-se Amuleto de Damon.

– Isso é um tigre?

– Como você é esperta, querida. – Passou o polegar sobre o amuleto com uma expressão quase afetuosa. Logo murmurou, como se estivesse absorto em pensamentos: – Muito tempo atrás, houve uma grande batalha que uniu os reinos da Ásia. Havia um demônio que estava assolando as áreas rurais, até que suas atrocidades se tornaram horríveis demais para serem ignoradas. Cinco reinos se aliaram para derrotar o monstro de uma vez por todas.

Meu pai nunca me contara nada sobre seu passado. Quase tudo o que sabia eu aprendera juntando fragmentos que conseguia ouvir aqui e ali. Estava fascinada e aterrorizada ao mesmo tempo.

Ele continuou:

– Na véspera de sua vitória, uma deusa linda e terrível os liderou montada num *tigre* chamado Damon. – Ele sorriu furtivamente e tocou as garras do tigre no medalhão. – Quando o demônio foi finalmente morto, ela deu um pedaço do amuleto de presente para cada reino. Logo se descobriu que cada parte controlava um dos elementos. Diz-se que, se os pedaços do amuleto forem reunidos, seu portador terá o poder da própria deusa.

Isso explicava bastante coisa – as labaredas azuis que eu vira sair de seus dedos, a água que jorrou da boca do homem que se atreveu a me tocar, os leves tremores de terra quando ele ficava bravo, os fortes ventos que ele invocou no jardim e a morte prematura do rei. Era isso que motivava meu pai. Era isso que ele procurava. E, de alguma forma, um pouco desse poder havia sido transmitido a mim pelo seu sangue. Meus poderes eram o presente de uma deusa.

Ele sorriu como se estivesse seduzindo uma criança com um brinquedo.

– Como pode ver, faltam dois pedaços.

– São esses os pedaços que estou procurando?

– Sim. Quando o amuleto estiver completo, não haverá mais nada ou ninguém que eu não seja capaz de controlar. Serei invencível. E, se você tiver muita sorte, viverá deleitando-se em minha glória. Não será como se você fosse um filho homem, mas eu nunca rejeito novas... oportunidades. – Ele segurou meu queixo com firmeza. – Se ao menos você tivesse um mínimo de fogo no seu sangue...

Um filho? Mas com quem ele...? Deschen. Ela era a mulher que ele desejava.

– Mas Deschen talvez já tenha passado da idade de ter filhos.

– Sim, é uma possibilidade – admitiu. – É por isso que estou considerando a ideia de permitir que você se case com um dos príncipes. Se eu não posso ter um filho para moldá-lo à minha imagem, talvez um neto sirva.

A ideia de que meu pai pudesse se tornar ainda mais poderoso era assombrosa. Tudo fazia sentido. A razão para eu ter sido enviada para o palácio, as disputas com a família Rajaram. Tudo para conseguir os amuletos e separar Deschen de sua família.

Agora que eu conhecia a verdadeira motivação de meu pai, era ainda mais crucial que ocultasse minhas habilidades. Se ele soubesse o que sou capaz de fazer, moldaria a mim e a meus filhos para serem como ele – seres repletos de maldade, homicidas com sede de poder. Quanto mais fraca e dócil eu parecesse, menos ele prestaria atenção em mim, e, desse modo, esperaria que eu participasse de menos atrocidades.

– Você sabe o que eu quero – disse ele. – Tem duas semanas para ou anunciar seu noivado ou encontrar esses medalhões. Eu lhe mandarei um dedo de Isha numa caixa para cada dia que se passar após esse prazo.

Engolindo meu horror, com os olhos se enchendo de lágrimas de frustração, murmurei:

– Sim, pai.

Quando ergui a vista, ele não estava mais lá.



Noiva

Não consegui pegar no sono pelo resto da noite. Ver que meu pai tinha acesso ao palácio tão facilmente me apavorava mais do que eu gostaria de admitir. Entrei em desespero pensando que eu jamais alcançaria um vestígio que fosse de liberdade, que a sombra de meu pai perseguiria a mim e àqueles à minha volta pelo resto da vida.

Ainda assim, saber que ele se esforçara consideravelmente para me infiltrar na residência dos Rajaram significava que devia haver um limite para o que ele era capaz de fazer. O fato de precisar de mim para alcançar seu objetivo era uma indicação de que ele não era todo-poderoso. Talvez, se eu fosse muito cuidadosa e inteligente, pudesse encontrar um jeito de contrariar seus planos, mas uma traição desse tipo sairia muito caro. Para agir contra ele, eu precisava ter certeza absoluta de que seria bem-sucedida.

Ao raiar do sol, vesti-me e procurei Deschen. Embora a conhecesse havia pouco tempo, sentia que ela era confiável e, se existia algo de que eu precisava para derrotar meu pai em seu próprio jogo, era de um aliado à altura.

Fui informada de que ela estava em seu aposento de mulheres e entrei sem bater. Acabei deparando com a rainha envolvida pelos braços do marido. É claro que eu sabia que devia sair imediatamente, mas meus pés ficaram plantados no lugar.

O imperador era um homem bonito, parecido com o filho Kishan, no qual eu vinha pensando havia semanas apesar da minha determinação em contrário. O marido de Deschen exibia seu poder com uma capa sobre os ombros, porém abraçava a esposa com

ternura, como se ela fosse uma flor preciosa.

Ela obviamente não tinha medo dele. Aliás, desvencilhou-se de seu abraço quando notou minha presença e não aparentou temer qualquer tipo de represália por rejeitá-lo. Seu marido riu, sem demonstrar raiva quando ela o empurrou com as duas mãos no peito e sem parecer estar remotamente constrangido por ser flagrado abraçando a mulher apaixonadamente. Ele se acomodou atrás dela, passou os braços por sua cintura e perguntou com gentileza se eu havia dormido bem.

Abri a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Deschen me salvou da situação embaraçosa lembrando-o de que eu era tímida, principalmente com os homens, e dizendo que ele devia parar de me deixar desconfortável e ir procurar algo mais nobre para fazer.

– Está bem, *Hridaya Patni* – respondeu ele carinhosamente.

Com um sorriso, ele deu uma piscadinha para mim, beijou o rosto da esposa, sussurrou algo em seu ouvido que a fez sorrir e saiu do quarto.

Depois que ele partiu e ela se acomodou em sua poltrona preferida, Deschen me convidou a me aproximar. Antes mesmo de dar um passo, falei sem pensar:

– A senhora o ama.

O tom foi quase o de uma acusação.

– Amo. – Ela sorriu. – Isso é tão chocante assim?

Dei alguns passos hesitantes em sua direção.

– Os homens são...

– Os homens são... o quê? – perguntou, segurou minha mão e me puxou delicadamente até eu me sentar numa almofada a seus pés.

Esfreguei as mãos, pensando em como terminar a frase sem ofendê-la. Por fim, disse:

– Os homens não são confiáveis.

Ela riu delicadamente, mas em seguida ficou séria e estudou minha expressão. Estendendo a mão até a lateral de minha cabeça, ergueu as sobrancelhas, pedindo minha permissão. Assenti com a cabeça. Ela soltou com cuidado o véu que cobria meu rosto e pôs a mão sob meu queixo. O gesto foi tão gentil e maternal que, embora eu me esforçasse para conter as emoções, meus olhos se encheram de lágrimas. Ela ficou me olhando durante um longo minuto.

– Algum homem machucou você, Yesubai?

Pequenos tremores sacudiram meu corpo e, como as palavras me escapavam, ela insistiu:

– Pode me contar.

Eu sabia que precisava escolher muito bem as palavras, como se

cada uma delas pudesse levar à minha morte e, o que era pior, à morte de Isha, mas estar na presença de Deschen me fazia sentir como se a esperança fosse algo que eu pudesse alcançar, como se houvesse um final feliz reservado para mim de alguma forma. Umedeci os lábios e comecei a falar. Ficamos tão concentradas na conversa que, quando me calei, uma hora já havia se passado.

Ela me ouviu com um grau de empatia que eu só havia experimentado com Isha. Quando terminei, ela passou a mão pelo meu cabelo e disse:

– Você estará segura conosco, Yesubai. Prometo a você que meu filho nunca a tratará mal. Ele será paciente com você. Entretanto, se não deseja se casar agora, mesmo assim está convidada a ficar aqui. Eu lhe ofereço abrigo e proteção, como faço com minhas mulheres. Mas espero que você considere ao menos conhecer meu filho antes de tomar uma decisão.

Foi muito fácil. A generosidade que ela demonstrava me fazia sentir ainda mais vil, ainda mais traiçoeira pelas coisas que eu não lhe revelara. Se havia uma certeza, era a de que eu não era digna de fazer parte daquela família. Eles confiavam nas pessoas, eram sinceros e não tinham malícia. Meu pai os destruiria e, se eu não fizesse nada para impedi-lo, me sentiria responsável pela derrocada dos Rajaram.

Após eu lhe garantir que tinha mesmo a intenção de me unir à sua família, ela revelou uma porta escondida atrás de uma cortina e disse que eu poderia usá-la quando precisasse fugir da vigilância de Hajari. Ela conduzia ao jardim e, enquanto eu descia pela passagem secreta, fiquei invisível e me perguntei se haveria cometido um grave erro.

Meu pai se zangaria com meus métodos, mas nem ele poderia negar os resultados. É claro que havia a possibilidade de ele nunca descobrir. Deschen concordara em manter minha confissão no mais absoluto sigilo. Mesmo assim, eu considerava que os benefícios em potencial eram maiores que os riscos.

Para conquistar a simpatia da esposa de Rajaram, eu lhe contara sobre as agressões de meu pai. Não tudo. Se eu tivesse essa intenção, levaria muito mais do que uma hora. Na realidade, eu não revelara sequer uma fração do que havia sofrido nas mãos dele. Não mencionara seus poderes de feitiçaria nem suas ameaças à vida de Isha. Também não mencionara o veneno escondido em meu armário ou as lâminas que cabiam nos bolsos ocultos costurados em meus vestidos.

Bastou mencionar a fúria de meu pai para que ela se tornasse minha defensora. relatei a ocasião em que ele destruíra meu quarto

de bebê num acesso de raiva porque eu estava chorando. E que batera em Isha até fazê-la perder os sentidos por me deixar fazer tanto barulho. Os olhos de Deschen se encheram de lágrimas junto com os meus quando contei que ele me arremessou contra a parede com tanta força que me deixou inconsciente. Arquejou quando falei dos meses que passara trancada no quarto, isolada do mundo, somente com as flores para me alegrar.

Havia tantas histórias para contar – que não eram tão incomuns assim entre as mulheres – que eu pude compartilhar muitas coisas sem entrar em detalhes sobre os poderes sobrenaturais de meu pai. Acrescentei que Hajari também me ameaçara diversas vezes, fazendo investidas inadequadas, me beliscando e me apalpando quando Lokesh não estava por perto.

Para terminar, eu lhe implorei que não mencionasse os abusos de Hajari nem tomasse nenhuma atitude em relação a isso, para que meu pai não soubesse de nada. Ela concordou, mas insistiu em me mostrar as passagens secretas do palácio. Depois me surpreendeu ao dizer que achava que eu seria uma boa noiva para seu filho e que, se eu quisesse, ela marcaria um encontro entre nós.

O fato de ela ter me aceitado tão facilmente me deixou um pouco cética quanto ao seu discernimento. Alcancei o resultado que eu queria, mas fiquei me perguntando qual seria o custo disso – e não só para mim, mas também para ela e sua família.

Meu pai retornou exatamente duas semanas depois e eu o informei de que Deschen concordara com o casamento e queria marcar um encontro com Dhiren assim que as coisas se acalmassem. A notícia agradou meu pai. Ele me assegurou de que as batalhas cessariam imediatamente para que eu pudesse conhecer meu futuro noivo.

Quando perguntei sobre a saúde de Isha, ele apenas abriu um largo sorriso, como o de um gato que estivesse encurralando um rato. Então sussurrou mais ameaças, dizendo que Hajari estava frustrado com meus constantes desaparecimentos.

Respondi com uma meia verdade:

– Hajari deixa algumas das mulheres daqui nervosas. Deschen o proibiu de entrar no aposento das mulheres e, como minha intenção é conquistá-la, passei a ficar quase o tempo todo ao lado dela.

Ele me encarou como se tentasse desvendar meus pensamentos mais secretos, mas finalmente cedeu:

– Muito bem. Em seu tempo livre, vou mandá-lo espionar Kadam.

Lokesh partiu usando qualquer que fosse o meio secreto que havia utilizado para entrar, com a promessa de me visitar novamente muito

em breve.

No dia seguinte, eu estava sentada perto de Deschen, ouvindo sem prestar muita atenção os relatos dos homens que ela enviava para lhe trazerem notícias da linha de frente. De repente um deles disse algo que me fez ficar alerta.

Após ele fazer uma reverência e sair, perguntei a Deschen:

– Ele estava informando que seu filho voltou para casa?

– Sim – respondeu ela, radiante, e acrescentou: – Ah, mas não Dhiren. Quem retornou foi meu filho caçula, Kishan. Imagino que ele nos acompanhará na ceia hoje à noite.

– Ah.

– Não se preocupe. Você conhecerá Dhiren em breve.

Assenti e dei um sorriso contido.

– Estou ansiosa por isso.

– Muito bem. Agora poderia me dar licença? Quero me certificar de que os cozinheiros preparem hoje a refeição preferida de Kishan – declarou a rainha.

– Claro.

Ela pôs a mão na parte de baixo das minhas costas quando me levantei.

– Gostaria de dar uma volta no jardim? Há um labirinto que a maioria das pessoas acha difícil de percorrer. Imagino que lá será fácil despistar o homem de seu pai. – Baixando a voz, sussurrou: – O truque é sempre virar à esquerda. – Com um brilho no olhar, ela partiu com seu séquito e, quando me vi sozinha, usei minha habilidade para ficar invisível. Seguindo seu conselho, fui explorar o labirinto do jardim, algo que há muito desejava fazer.

O jardim dos Rajaram era muito diferente do jardim suspenso sobre o palácio do rei, mas era igualmente bonito, repleto de flores de todos os tipos e de árvores frondosas que exalavam o perfume de sua seiva. Confiando que eu continuaria oculta, dediquei meu tempo a explorar o lugar, tocando flores delicadas e botões até me deparar com o labirinto.

Curiosa, entrei e virei à esquerda várias vezes até chegar ao seu centro. Uma fonte cheia de flores de lótus parecia me convidar a me aproximar. No meio do labirinto, rodeada de cercas vivas tão altas que eu não conseguia enxergar o que estava além delas, me senti segura, como se as plantas que eu tanto adorava fossem capazes de me envolver e me proteger de tudo o que havia de mau no mundo.

Como estava me sentindo muito segura, deixei o poder que me ocultava se dissipar e ergui o rosto, sentindo o calor do sol. Quando

ficou quente demais, soltei o véu do rosto e do cabelo, deixando-o cair por meus braços, e passei os dedos na água da fonte, salpicando-a no pescoço e no rosto. O zumbido das abelhas e o canto das aves me acalmaram e consegui esquecer onde estava e – o mais importante – quem eu era. No jardim, eu era somente uma moça que amava flores.

Entre os botões de lótus rosa e brancos, notei algo diferente, que já havia visto antes. Era a mesma flor aquática cor de lavanda que eu descobrira na fonte do rei.

– Impossível – sussurrei, estendendo a mão para retirá-la da água e examiná-la mais de perto. – Talvez você seja mais comum do que eu pensava.

Uma voz forte fez-se ouvir atrás de mim:

– Eu diria que ela é excepcional.

Atônita, deixei a flor cair e me virei. De pé na abertura que dava para o centro do labirinto estava o homem que eu não conseguia esquecer, mesmo tendo se passado semanas desde que o vira. Pisquei os olhos, momentaneamente enfeitiçada por seu sorriso, até que ele deu um passo na minha direção. Então voltei a mim e me apressei em colocar o véu sobre o cabelo e o rosto, baixando a cabeça em seguida.

Ao ver minha reação, ele hesitou.

– Perdão. Não foi minha intenção perturbá-la.

Parecia que a minha língua estava presa. Eu queria falar mas não conseguia pensar no que dizer. Em vez de exigir uma resposta ou ficar impaciente, ele se aproximou da fonte e pegou a flor que eu deixara cair na pedra. Delicadamente, colocou-a de volta entre as outras flores.

– É linda, não é? – perguntou, embora não parecesse esperar uma resposta. – Eu a vi no jardim de Bhreenam e pedi uma muda antes de partir. Achei que minha mãe iria gostar.

– É adorável – murmurei.

Peixinhos minúsculos subiram à superfície, me lembrando das carpas da última vez em que eu estivera perto dele. Mas agora ele sabia que eu estava ali. Como se lesse minha mente, disse:

– Há uma história que o povo da minha mãe conta sobre esses peixes. Num lugar distante, há um rio cheio deles. Embora não aconteça com frequência, alguns desses peixinhos nadam até a cabeceira do rio. Lá encontram uma grande cachoeira, e os mais valentes e determinados, que exaurem as forças saltando até o topo da cachoeira, ganham um presente dos deuses.

– O que os deuses dariam a um peixe? – perguntei, curiosa mas contida.

Ele inclinou a cabeça e, embora eu notasse um brilho em seus olhos que confirmava que havia ouvido a minha pergunta, não se virou para mim, mas passou a mão na água da fonte e depois a levou à nuca, molhando a pele com a água fresca.

– São transformados em grandes dragões. É por isso que a cachoeira na cabeceira do rio Amarelo foi batizada de “Portal do Dragão”. Como pode ver, qualquer criatura, mesmo tão desprezível quanto um peixe, pode se tornar algo poderoso. Quando enfrentam as provações da vida com coragem, todos encontram seu destino.

O que ele disse foi admirável. Não apenas porque me vi envolvida por seu modo de contar uma história como também por ele parecer saber exatamente o que eu estava precisando ouvir. Eu mesma me via diante de grandes provações e pensei que, se havia esperança para um mero peixinho, talvez os deuses também estivessem olhando para mim. Talvez, se provasse meu valor, alcançasse a dádiva que buscava.

– Peço desculpas por estar tão desarrumado – disse ele, me despertando de meus pensamentos. – Kadam me fez treinar mais do que de costume. Receio que esteja querendo me punir por ter passado essas últimas semanas fora. Ele acha que fiquei gordo e preguiçoso sem a nossa rotina diária.

À medida que ele foi desabotoando o colarinho e salpicando água no pescoço, eu engoli em seco e umedeci os lábios. Tirando isso, permaneci paralisada. Kishan podia ser qualquer coisa, menos gordo e preguiçoso. Aliás, era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Seus braços e seu peito eram musculosos, e ver a camisa grudada no corpo dele me fez sentir calor, como se houvesse passado tempo demais ao sol.

Por falar em sol, seus olhos dourados, principalmente quando se viravam na minha direção, emanavam um ardor capaz de me derreter inteira. Fiquei até surpresa por não ter caído na fonte. Estava imaginando como seria me transformar na água que ele jogava contra a pele quando algo me chamou a atenção.

O medalhão. Estava pendurado no pescoço dele e tive certeza absoluta de que era o que meu pai procurava. O medo frio se infiltrou em meu corpo, deixando minha pele febril completamente gelada. Envolvi minha cintura nos braços com força. *O que eu iria fazer?* Se meu pai soubesse que este jovem levava no peito o objeto que ele tanto queria, o mataria. Ou me obrigaria a fazer isso. De qualquer forma, os lindos olhos dourados de Kishan ficariam fechados para sempre. Seu calor seria substituído pelo frio de uma sepultura. Estremeci.

– Está com frio? – perguntou ele. – Permite que eu a acompanhe de volta ao palácio?

Assenti brevemente. Ele me conduziu pela abertura na cerca viva.

– Aliás, meu nome é Kishan.

– Eu sei – respondi em voz baixa.

Voltando-se para me olhar, ele mostrou uma expressão confusa, mas sorriu.

– Então estou em desvantagem. A adorável jovem gostaria de me dar a honra de me dizer seu nome?

Parei de caminhar, minha cabeça a mil com a futilidade do que eu estava tentando fazer. Como poderia salvá-lo, salvar sua família, quando meu pai tinha planejado tanta crueldade contra eles? Ergui os olhos e notei o cordão em volta de seu pescoço. *Como ele irá morrer?*, me perguntei. Será que eu iria acordar um dia e ser informada sobre marcas pretas em seu peito? Ou ele simplesmente desapareceria? Ou talvez sua morte fosse pelas minhas próprias mãos. Talvez fosse eu quem passaria a lâmina pela sua garganta. Talvez eu mesma levasse uma taça cheia de veneno aos seus lábios.

De repente, não pude mais olhar para ele. Meu nome era o nome de sua assassina. Em breve eu seria uma homicida. Ele merecia ao menos conhecer o nome da pessoa que seria responsável pela sua morte.

– Yesubai – murmurei. – Meu nome é Yesubai.

Apertando minhas saias com os punhos fechados, disparei a correr, afastando-me dele e voltando para o palácio sem olhar para trás.

Por mais que tentasse evitar Kishan, ele parecia sempre saber onde eu estava. Era um dos poucos homens com permissão para entrar no aposento das mulheres. Em mais de uma ocasião, eu o encontrei aos pés da mãe, conversando com ela. Todas as vezes ele tentava me incluir na conversa, mas eu pedia licença e me retirava. Nos jantares, eu o flagrava me observando e diversas vezes ele se ofereceu como voluntário para ficar de guarda em minhas andanças pelo palácio, para aplacar Hajari.

Kishan parecia sentir meu alívio ao tê-lo por perto e, quando saíamos para caminhar, eu quase me esquecia de que Hajari estava conosco. Kishan tinha a habilidade de me fazer sentir segura. Era um sentimento semelhante ao que o jardim me proporcionava. E não apenas por ser grande; era mais do que isso. Foi só no terceiro dia que entendi que o que eu sentia perto dele era esperança. Não havia como alguém estar próximo de Kishan e não ser afetado por sua estabilidade. Ele mantinha sempre os pés no chão.

Assim como as árvores, suas raízes eram profundas, e eu me pegava fantasiando que, se me abraçasse, ele me guardaria em segurança entre seus ramos, escondida do mundo. Nada o abalava. Ele não temia coisa alguma. Vendo-o treinar com os soldados, ficava claro que o respeitavam e confiavam nele plenamente. E não era só isso – eu estava me aproximando perigosamente de sentir o mesmo.

Quando eu menos esperava, Deschen anunciou que a caravana estava pronta para me levar para conhecer Dhiren. Ao entrar na carruagem, levantei as cortinas procurando o rosto de Kishan, mas ele não tinha ido se despedir de mim. Eu disse a mim mesma que era melhor assim e me acomodei para enfrentar a longa viagem até as terras distantes do império.

Quando conheci Dhiren, sua beleza me causou grande impacto. Ele se parecia mais com a mãe do que com o pai. Seus olhos eram de um azul marcante, mas, por mais gentil que ele fosse, eu sentia falta do calor do olhar dourado de Kishan. Conversamos por muito tempo. Ele era educado, tinha boas maneiras, tudo o que uma mulher poderia querer em um homem. Mas faltava algo. Havia uma lacuna entre nós que parecia grande demais para ser preenchida. Apesar de observá-lo atentamente durante o tempo que passamos juntos, em nenhum momento vi um cordão em seu pescoço que indicasse que ele usava um dos pedaços do amuleto que meu pai procurava.

Era óbvio que as dificuldades que ele enfrentava com o exército de meu pai o haviam mantido ocupado, mas ele nunca me culpou por isso nem sequer discutiu os aspectos diplomáticos de nossa união. Disse apenas que estava ansioso pelo nosso casamento e que tinha grande esperança de que fôssemos felizes juntos.

Assinamos alguns documentos e ele teve a cortesia e a atenção de providenciar todo o conforto possível para a viagem de volta, mas, quando beijou minha mão ao se despedir, tudo o que senti foi arrependimento. Ele era um homem bom – aliás, um homem maravilhoso. Um homem diferente de meu pai como a noite do dia, o que tornava ainda mais difícil carregar o peso de minha cumplicidade com os planos de Lokesh.

Não fazia nem um dia que retornara ao palácio quando meu pai apareceu novamente. Dessa vez em caráter oficial.



Traição

Um mensageiro chegou ao palácio com a notícia de que Dhiren havia aprovado o casamento vários dias antes de minha chegada e meu pai fora notificado de que o anúncio aconteceria. Na manhã seguinte ao meu retorno, fui convocada pelo imperador a comparecer diante do trono. Kishan quase se chocou comigo ao sair de lá.

Ele estava bravo – uma emoção não exatamente incomum quando se está na presença de meu pai –, mas, ao me ver, seus olhos se iluminaram brevemente antes de ele desviá-los. Era como se não suportasse mais olhar para mim, e essa ideia me perfurou com a dor de mil agulhas. O sentimento me dominou de tal forma que quase me esqueci de que estava na presença de meu pai.

Lokesh se aproximou de mim enquanto Kishan se retirava rapidamente.

– Yesubai, como é bom vê-la com saúde, minha querida – disse ele como se estivesse feliz em me ver.

Porém, por trás da máscara social, seus olhos tinham um brilho maníaco, e eu percebia o prenúncio das tragédias que estavam por vir.

– Pai – falei, baixando a cabeça. – Espero que sua viagem tenha ocorrido sem incidentes.

– Assim foi. E devo felicitá-la. Seu noivado é motivo de comemoração para os dois reinos.

– É verdade – respondeu Rajaram. – Com efeito, celebraremos hoje à noite.

Meu pai segurou meu braço com muita força, mas sua mão estava oculta pelas dobras de meu vestido.

– Muito bem – disse ele. – Talvez mais tarde possamos discutir quando pensa que seu filho estará disposto a concretizar a união.

– Eu lhe asseguro que o noivado com Yesubai será uma prioridade para meu filho – disse Deschen. – Estou certa de que, assim que as circunstâncias permitirem, ele retornará depressa para tomá-la como esposa.

Lokesh deu um sorriso falso para Deschen que mal escondia seu olhar lascivo.

– Então, até a noite, fico em companhia da minha filha.

A expressão ensaiada de Deschen deu lugar à preocupação e ela se levantou do trono.

– Se não se importar, eu gostaria de passar um tempo com ela hoje à tarde. Aprecio muito nossas conversas.

– É claro.

Lokesh curvou a cabeça brevemente em sinal de reverência, deu meia-volta e saiu levando-me pelo braço. Ele não disse nada e até dispensou Hajari. Saímos do palácio e nos afastamos das fileiras de soldados que o guardavam. Quando estávamos suficientemente longe, ele me soltou e parou de costas para mim, examinando a terra e o jardim próximo. Então levou as mãos à cintura e começou a se virar lentamente, absorvendo com o olhar tudo à nossa volta, até fixá-lo em mim. O que vi em sua expressão me surpreendeu. Ele estava... feliz.

– Você se saiu bem – disse.

– Fico satisfeita em agradá-lo, pai.

– De alguma forma, consegui até mais do que eu esperava. Pelo visto, sua beleza tem algum valor, afinal. – Eu nunca o vi de bom humor. Só faltava dançar de satisfação. – Não só armou um contrato nupcial com o príncipe mais velho como deixou o irmão mais novo salivando também. Ele praticamente me implorou para considerar casá-la com ele no lugar de Dhiren. É claro que eu insisti que o mais velho era a melhor opção. Não quero que reste a menor dúvida em relação à sua futura posição.

Kishan queria se casar *comigo*? O pequeno nó de esperança em meu coração se desfez. Por um breve instante, me lembrei do jeito que o imperador abraçara sua rainha e me perguntei se haveria pelo menos a mínima possibilidade de que um dia *Kishan* me abraçasse da mesma maneira.

Meu pai interrompeu meus pensamentos:

– Deschen também gosta de você. Eu não poderia esperar um resultado melhor. Isso me fez mudar de ideia quanto ao nosso plano. Você irá envenenar o príncipe mais jovem e o pai hoje à noite e se

casar com o mais velho. Se ele me for útil, permitirei que continue vivo. Ele parece ser um comandante militar bastante competente.

Matar Kishan? Ele queria que eu o *matasse*?

– Não! – gritei e instantaneamente cobri a boca com as mãos.

Seus olhos astutos se cravaram em mim.

– O que foi que disse? – perguntou ele num tom baixo e ameaçador.

Lutando para proteger tanto Kishan quanto a mim mesma, disse a única coisa que sabia que o distrairia:

– O príncipe mais jovem usa pelo menos um dos amuletos. Eu o vi. Não devemos matá-lo até descobirmos onde está o outro.

Meu pai ficou calado e, audaciosamente, dei um passo na direção dele e pus a mão em seu braço.

– Kishan pode ser... manipulado. Talvez eu consiga arrancar dele a localização da outra parte. Para falar a verdade, não tenho tanta certeza de ter a mesma influência sobre Dhiren. Ele é gentil, mas não me olha com a mesma paixão que Kishan.

– Você é mais esperta do que eu pensava, Yesubai. Afinal, é mesmo minha filha. Muito bem. Use suas artimanhas para descobrir o paradeiro da outra parte do amuleto e me informe imediatamente.

– E o imperador?

– O que tem ele?

– Se eu matá-lo, nós seríamos considerados suspeitos. Será bem mais fácil lidar com os príncipes se eles acreditarem que estão em segurança.

Meu pai enrijeceu o corpo, tenso. Não estava acostumado a me ouvir respondendo desse jeito, mas não podia ignorar meus argumentos e ainda precisava de mim para atingir seus objetivos. Faíscas azuis iluminaram as pontas de seus dedos. Vi com o canto do olho, mas sabia que era melhor não demonstrar abertamente que conhecia seu poder. Ele o conteve e disse:

– Então, por agora, a família Rajaram continuará viva. Dedique-se ao príncipe mais jovem até Dhiren chegar e aguarde minhas instruções.

Baixando a cabeça, respondi:

– Como desejar.

– Agora retorne ao palácio e passe o dia com a rainha. Fale com ela sobre as minhas... realizações.

Então virou de costas para mim, o que indicava que eu estava dispensada, e me dirigi rapidamente de volta ao palácio.

Naquela noite jantamos todos juntos, como uma família grande e feliz, embora Kishan não olhasse para mim e meu pai ficasse me

observando demais. Hajari permaneceu de pé atrás de meu pai, lançando olhares ameaçadores como dardos, insinuando o que faria comigo no momento em que eu ficasse a sós com ele. Esse era um homem que eu não teria remorso algum de assassinar.

Meu pai partiria no dia seguinte. Quando ouvi uma batida na minha porta ao amanhecer, presumi que fosse ele, mas, para minha surpresa, era Deschen, que estava sozinha.

– Onde está o seu guarda? – perguntei, temendo pelo que meu pai pudesse fazer caso desse de cara com ela.

Deschen encolheu os ombros.

– Privilégio de rainha – disse, com um sorriso.

Ela se desculpou por interromper meu sono – embora eu não tivesse dormido boa parte da noite – e perguntou se eu não me importaria de acompanhá-la. Eu a segui até o campo aberto onde os soldados treinavam.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntei.

Retirando o robe, Deschen revelou um traje parecido com um quimono justo, afivelado na cintura, sobre uma calça justa e sandálias flexíveis como as de um soldado.

– Eu precisava praticar um pouco – disse ela, dando uma piscadela para mim. – Ah, aí está Kadam.

O comandante do exército de Rajaram entrou no círculo de terra compacta usado para os treinos e ofereceu à rainha um lindo conjunto de espadas. Eu nunca vira armas como aquelas antes e me perguntei se viriam de sua terra natal.

– Minha rainha – disse o homem de meia-idade, fazendo uma reverência. – Pronta para assumir a posição?

– Eu já estou pronta faz uma hora. Você passou muito tempo enroscado na cama como um gato hoje? Temo que esteja ficando velho, Anik.

O militar sorriu.

– Ainda não, majestade.

– Então erga a sua espada – provocou Deschen, com uma expressão brincalhona.

Enquanto praticavam, sentei-me ao pé de uma árvore para assistir. O líder do exército era um lutador habilidoso, mas logo ficou claro que Deschen era mais do que capaz de acompanhá-lo. Eu nunca havia visto uma mulher lutar antes, muito menos movimentando-se com tamanha leveza e agilidade. As espadas gêmeas cortavam o ar como se fossem uma extensão de seu corpo, e ela saltava e girava como uma dançarina mortal.

Entendi o fascínio de meu pai por ela. Pouco depois, Kishan se juntou aos dois e provocou o guerreiro com bom humor, dizendo que estava sendo vencido por uma mulher. Quando Deschen perguntou ao filho se ele se sairia melhor, Kadam atirou sua espada para ele. O príncipe recolheu a túnica e fez um círculo em torno da mãe. Ele não tinha me visto e me ocultei ainda mais na sombra. Ainda que Deschen soubesse que eu estava ali, eu me sentia como se houvesse sido flagrada espionando.

Enquanto praticavam, a rainha começou a fazer perguntas ao filho, e logo me ocorreu que ela teria me levado ali com uma finalidade totalmente diferente. Kishan, sem saber que eu estava por perto, respondia sem rodeios.

– Como você está se sentindo depois de ontem? – perguntou ela.

– Como era de se esperar.

– Você sabe que tentamos.

– O que eu sei é que Ren ganhou de novo.

– Não é uma competição, Kishan.

– É claro que não. Como seria, se eu nunca tive qualquer esperança de sucesso? Eu perco sempre.

– Isso não é verdade. E talvez só o pai dela aspire ao título.

– Que mulher trocaria o trono por um amor?

Deschen baixou a espada.

– Eu trocaria – disse ela, séria. – Dê um pouco de crédito a ela.

Kishan passou a espada para a outra mão, girou o pulso e voltou a investir. Quando as espadas se tocaram, ele ficou cara a cara com a mãe.

– Mesmo que ela me quisesse, o pai não permitiria.

– Não sabemos se isso é totalmente verdade. – Ele lançou um olhar de dúvida para a mãe e ela recuou. – Está bem, ele é um homem teimoso. Talvez o tempo o faça mudar de ideia.

– Ren vai chegar dentro de uma semana e espera ser recebido por sua noiva.

– Talvez possamos fazer algo a respeito disso. – A mãe abriu um sorriso misterioso. Kishan ergueu as sobancelhas e empurrou a espada dela para longe de sua garganta. Deschen prosseguiu: – O que quer que ela decida, quero que seja escolha dela. Não quero pressioná-la de forma alguma. – Num tom de voz mais baixo, acrescentou: – A pobre já foi pressionada demais na vida.

Com um contra-ataque habilidoso, Deschen girou o punho, arrancando a arma da mão de Kishan. Ela levou a espada ao peito dele e riu:

– Nunca subestime as mulheres, meu filho.

Rindo, Kishan disse:

– Eu nunca subestimaria você, mãe. – Ele a beijou no rosto e foi pegar a espada do chão. – Melhor de três? – sugeriu, e mãe e filho começaram.

A pele de Kishan brilhava à luz do amanhecer, e o cuidado que ele dispensava à mãe era enternecedor. Ali estava um homem que trataria a esposa com o mesmo respeito e a bondade que dedicava à mãe. Ali estava um homem que não se sentia remotamente ameaçado por uma mulher de poder. Ali estava um homem que eu poderia amar.

Deschen estava certa ao pensar que eu não me importava nem um pouco com o título de rainha. Fiquei me perguntando quais seriam seus planos e maravilhada com a habilidade com que a mulher manipulara meu pai. Ela me levava para lá de propósito. Queria que eu ouvisse aquela conversa. Eu estava pensando qual seria a razão disso e o que exatamente ela esperava que eu fizesse quando ouvi uma voz atrás de mim:

– Linda.

O sentimento de admiração soava como algo imundo vindo dos lábios de meu pai.

Levantei-me imediatamente de meu assento confortável sob a árvore, enrubescendo com a ideia de que minha vigilância estava vacilante. O fato de ser flagrada observando mãe e filho com o mesmo desejo sedento de meu pai me enojava.

– Ela é realmente única – completou ele.

– É, sim.

Então Kishan nos notou e soltou a espada, ganhando um corte no braço quando sua lâmina não conteve a de sua mãe.

– Yesubai? – disse ele.

Então deu um passo à frente, mas parou.

A rainha se voltou para nós, enxugando o pescoço com um lenço.

– Ah, está se despedindo de seu pai? – perguntou ela, dando uma piscadela. Então dirigiu-se a Lokesh: – Obrigada por permitir que ela fique conosco estes próximos meses. É uma pena que Ren não possa vir antes.

Inclinei a cabeça, tentando imaginar que desculpas ela teria usado para manter Dhiren afastado. Era óbvio que ela amava Kishan, mas eu nunca tivera a impressão de que ela gostava mais de um filho do que do outro.

– Claro – disse Lokesh e deu um sorriso contido. – Uma pena. Até nosso próximo encontro, majestade. – Ele tomou sua mão e a beijou

durante um tempo mais longo do que seria apropriado, deixando-a desconfortável, e então se voltou para mim: – Adeus, filha. Mandarei notícias.

Deschen pediu a Kishan que acompanhasse meu pai até seu séquito de soldados. Depois me deu o braço.

– Você manteve a compostura de uma forma notável – disse ela.

Não entendi ao certo se estava se referindo às revelações que eu escutara ou à presença de meu pai. Então resolvi me pronunciar:

– Foi muita bondade sua pedir a ele que me deixasse ficar.

– Eu não seria capaz de mandá-la de volta com ele. Agora você está sob minha proteção, Yesubai.

Ficamos observando os cavalos da comitiva de meu pai enquanto eles se afastavam do palácio e saíam pelos portões. Kishan se virou na nossa direção e me olhou durante um tempo; depois suspirou e começou a se aproximar de onde estávamos. Enquanto o esperávamos, ouvi a rainha pedir ao comandante Kadam:

– Reforce a segurança na sala de banho das mulheres. Alguém me espionou hoje cedo. O responsável ainda não foi descoberto.

Ele fez uma reverência.

– Cuidarei disso pessoalmente, majestade.

Ao ver minha expressão de espanto, ela se apressou em me tranquilizar:

– Não há nada a temer, Yesubai. Todos nós vamos zelar pela sua segurança.

Ainda que confiasse plenamente na dedicação dos soldados da rainha, eu sabia muito bem quem a havia espionado. Meu rosto enrubesceu quando tomei conhecimento do que meu pai havia feito e me senti culpada, quase como se eu mesma tivesse causado aquilo.

Conforme a rainha dissera, logo foi anunciado que Dhiren estenderia a viagem para percorrer o império. Fora recomendado que ele dedicasse o tempo necessário para deixar todos os negócios do império em ordem antes de voltar para casa e concentrar as atenções em sua noiva. Relutante, Dhiren concordou em se reunir com conselheiros de seu pai em cidades e fortes, fazendo um caminho mais longo ao retornar da frente de batalha.

Hajari ficara no palácio para tomar conta de mim e, por causa disso, Kishan assumiu o papel de meu acompanhante pessoal. A cada dia que passava, eu percebia que ficava mais ansiosa para vê-lo. Ele me ensinou a jogar *pachisi* e aprendi rápido, inclusive ganhando dele em mais de uma ocasião. Às vezes, a rainha nos acompanhava, mas em geral éramos apenas nós dois, com Hajari observando a distância,

entediado e carrancudo.

Deschen frequentemente mandava chamar Kishan ao aposento das mulheres, fingindo precisar dele, apenas para lhe pedir que me acompanhasse até a cozinha para buscar um doce ou até o jardim para colher flores. Certa vez, ela mentiu descaradamente: disse que eu me queixara de estar entediada e perguntou se ele se importaria de me ensinar a cavalgar. Era óbvio que sua intenção era me jogar nos braços dele de propósito.

Considerando o fato de que eu iria me casar com seu irmão, a situação era embaraçosa. Ainda assim, eu adorava estar com Kishan. Nas horas que passávamos juntos, eu aprendera a confiar nele. Adorava ver o brilho em seus olhos dourados quando ele ria, e o calor de seu sorriso enchia meu coração de uma forma que nunca imaginei que fosse possível. Eu jamais havia pensado que seria capaz de depender de um homem. As experiências que tivera com o sexo oposto não haviam sido nada agradáveis, mas Kishan era diferente.

A confiança logo se transformou em cumplicidade, que levou à admiração. Então, antes que eu me desse conta do que tinha acontecido, a admiração se transformou num desejo que era ao mesmo tempo fantástico e terrível, e percebi que estava apaixonada. Apesar disso, Kishan continuou se comportando de forma apropriada, distante como um primo.

Com o passar das longas semanas, os boatos sobre o retorno de Dhiren começaram a circular e passei a me perguntar se eu não teria entendido errado as intenções de Deschen e de meu pai. Será que os sentimentos de Kishan em relação a mim haviam mudado com o tempo? Será que ele agora me enxergava como irmã e não me desejava mais como mulher?

Durante esse tempo, quase todo dia chegavam cartas de Dhiren. Ele escrevia com eloquência sobre a vida que imaginava para nós e, embora minhas respostas fossem breves e até um pouco secas, suas cartas foram ficando cada vez mais afetuosas, emotivas e íntimas. Após usar a passagem secreta para o jardim de modo a evitar Hajari, encontrei um banco e estava ali sentada, com a última carta de Dhiren amassada em meu punho fechado e me perguntando o que eu estava fazendo com aquela pobre família, quando Kishan me encontrou.

– Yesubai? Algum problema? – perguntou.

Ele sentou-se ao meu lado e retirou as folhas da minha mão. Alisando-as sobre a coxa, começou a ler:

Minha querida Bai,

Os meses em que estivemos separados pesaram sobre mim. Como eu gostaria de estar ao seu lado neste momento! Apesar do pedido de minha mãe, tenho a intenção de voltar para casa após minha visita a esta cidade, cancelando os poucos destinos que ainda faltam. Talvez eu chegue antes até de você receber esta carta. Preciso admitir que, toda vez que fecho os olhos, vejo você. Sou o mais afortunado dos homens por ter como noiva uma mulher tão linda. O modo como a luz brilhou no seu rosto...

Kishan parou de ler e deixou as páginas pendendo das pontas de seus dedos.

– Kishan? – perguntei. – Kishan, diga alguma coisa.

Ele não disse nada. Lançando-me somente um breve olhar, levantou-se e se afastou rapidamente, indo na direção do labirinto.

– Aonde você vai? – chamei, vendo-o desaparecer atrás da cerca viva.

Finalmente o encontrei no centro do labirinto. Ele se inclinou sobre a fonte, com as mãos espalmadas sobre a borda e de costas para mim. Não se voltou na minha direção antes de falar.

– Bai? – perguntou em voz baixa. – Ele chama você de Bai?

– Chama. Mas, não, eu nunca pedi isso a ele.

– Mas não se incomoda.

Eu não sabia ao certo o que responder. Isha me chamava de Bai e eu sempre gostara do apelido. Era como um segredo entre nós duas. Era o modo como me chamaria alguém que me amasse.

Por fim, respondi:

– Eu preferiria que ele não usasse esse apelido, na verdade. – Aproximando-me de Kishan pelas costas, prossegui com voz suave: – Sei que você chama seu irmão de Ren, mas eu só me refiro a ele como Dhiren. Para ser sincera, não sei se algum dia vou me sentir à vontade para chamá-lo de outra forma.

Estava tentando transmitir a ele, de modo sutil, que não era o irmão dele quem eu amava. Kishan continuou sem olhar para mim.

– Meu pai sempre disse que apelidos só são usados pelas pessoas das castas mais baixas.

Minhas próprias palavras me fizeram me encolher. Pareciam cruéis e não eram o que eu pretendia lhe dizer. Eu acabara de insultar não só a ele como toda a sua família.

– Ele vai chegar a qualquer momento – disse Kishan.

– Sim – respondi.

– E aí você vai se casar com ele.

– Não é o que foi combinado?

– Mas...

– Mas o quê?

– É isso que você quer? – Então ele se voltou para mim e estendeu a mão, passando os dedos ao longo do véu que cobria meus cabelos. O tecido fino, já solto, deslizou do meu rosto. – Yesubai?

O jeito como ele disse meu nome foi quase uma carícia. Meu corpo estremeceu e, embora eu não tenha chegado mais perto dele, senti a distância entre nós diminuir. O ar nos envolveu e aqueceu minha pele.

– Eu... – Meus lábios tremeram e baixei a cabeça, incapaz de manter a compostura, aprisionada por seu olhar. – Eu não amo o seu irmão – murmurei finalmente.

Kishan inspirou fundo e passou as pontas dos dedos delicadamente ao longo de meu maxilar até o queixo, erguendo meu rosto para que eu tornasse a mergulhar em seus olhos dourados.

– Então você ama outra pessoa?

Assenti com a cabeça.

– Fale – pediu ele.

Observei seus lábios ao pronunciarem a palavra.

Meu coração batia com tanta força que fiquei excessivamente tensa, como se só conseguisse pensar no formigamento dos meus braços e pernas. Com a voz arrastada e os pensamentos confusos, sussurrei:

– Eu preferiria que fosse você o meu prometido.

Senti o coração bater uma vez, depois outra, e aquele momento parecia quente e frio ao mesmo tempo. Então ele sorriu, e era como a luz do sol, o calor e promessas de felicidade combinados numa única expressão. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, ele pressionou os lábios contra a palma da minha mão e beijou a pele macia. Seus lábios foram se movendo lentamente até meu pulso e então ele segurou minha outra mão.

A névoa que envolvia minha mente ficou ainda mais densa e todo o meu ser se resumia a sensações e sentimentos. Tudo que eu queria era mais. Seus lábios. Seu calor. Ele. Kishan já estava na altura de meu

pescoço quando finalmente consegui me concentrar em suas palavras. Disse que falaria com meu pai.

Apoiei as mãos em seu peito e o empurrei com força, afastando-me abruptamente. Senti tanto a ausência de seu calor que parecia que meu pai tinha congelado o sangue em minhas veias.

– Não – sussurrei.

– Como assim, não? – perguntou ele, confuso e abalado como eu.

– Digo, precisamos ter cuidado. Meu pai é um... é um homem difícil.

A expressão no rosto de Kishan ficou dura como pedra.

– Não vou permitir que ele machuque mais você, Yesubai.

– Por favor, só... só me dê um tempo para que eu fale com ele. Talvez eu consiga convencê-lo a reconsiderar a questão. – Quando ele adotou um ar de dúvida, acrescentei: – Prometo que vou tentar encontrar uma maneira de ficarmos juntos.

– Ren voltará em breve. Se quisermos alterar os termos do seu noivado, algo tem que ser decidido depressa.

– Mandarei uma mensagem para meu pai imediatamente. – Tomei suas mãos e pressionei os lábios contra seus dedos. – Por favor, Kishan, vamos manter isto apenas entre nós por enquanto.

Ele concordou e me acompanhou de volta ao palácio. Chamei Hajari e o enviei ao meu pai com uma carta que dizia que eu precisava falar com ele imediatamente. Naquela mesma noite, meu pai apareceu em meu quarto e, ainda que eu tivesse me preparado muito para a visita, minhas mãos tremeram quando o momento chegou.

– Dhiren se aproxima e deve chegar dentro de poucos dias. Kishan declarou abertamente seus sentimentos por mim e acredito que esteja disposto a fazer praticamente qualquer coisa para impedir o casamento.

– Entendo – disse meu pai. – Prossiga.

– Se o senhor o incentivar, é muito provável que ele encontre uma maneira de lhe dar os objetos que procura. Assim, talvez os Rajaram deixem de ser uma ameaça ao senhor e não seja mais necessário destruí-los.

Meu pai deu uma risada sombria.

– Você pensa que toda esta conspiração é porque eu os enxergo como uma ameaça? Não, minha filha ignorante. Eles são tão insignificantes quanto a fraca da sua mãe. Nos anais do tempo, a marca que eles deixarão na história será absolutamente indiscernível. Pensa que me importo com o fato de ele amar você? Pensa que não vejo que você é louca por ele? Eu não sou bobo, Yesubai. Não se

engane. Eu tenho completo controle de cada um de vocês e das suas vidinhas. Cada migalha que concedo a vocês só existe porque assim desejo. Vocês só existem porque eu permito. – Ele passou a mão no queixo. – Ainda assim, faz algum sentido deixar o jogo correr até seu desfecho inevitável e trágico. Muito bem. – Ele me deu uma última olhada e então se voltou para a janela. – Diga ao príncipe mais jovem que quero me encontrar com ele amanhã ao anoitecer, na fronteira entre nossas terras, nas colinas escarpadas. Então decidirei se deixá-lo viver será uma boa diversão para mim.

Assenti, arrasada com o que eu havia feito, e, quando ele partiu, fiquei pensando se poderia ter agido de forma diferente. Mais uma vez, o conforto silencioso do sono me escapou e, no dia seguinte, usei meu véu mais escuro para me esconder. Além de disfarçar meu estado deplorável, eu precisava que ele ocultasse todo o mal que sentia estar causando. Não foi a primeira vez que me perguntei se não teria sido melhor para o mundo se eu não tivesse nascido.

Kishan concordou prontamente em se encontrar com meu pai e, sob o pretexto de uma cavalgada ao entardecer, partimos para a fronteira. Meu pai nos aguardava. Meneou a cabeça para Kishan, que se aproximou dele apenas com uma pequena espada. O fato de estar completamente despreparado para um confronto com meu pai não passou despercebido por mim. Mordi o lábio com força. Mesmo se Kishan estivesse devidamente preparado para uma batalha e não se apresentasse a meu pai como um pretendente, ainda assim não seria páreo para ele.

Após os devidos cumprimentos, Kishan anunciou audaciosamente que queria que meu pai reconsiderasse seu pedido. O brilho nos olhos de meu pai revelou que Kishan estava se comportando exatamente da maneira que ele esperava.

– E o que me oferece no lugar do título? – perguntou meu pai. – Certamente não espera que eu aceite sua proposta apenas porque tenho bom coração.

Kishan ofereceu diversas riquezas, cavalos de raça, elefantes de batalha e outros bens que possuía, mas logo ficou claro que meu pai estava ficando entediado.

– Não preciso desse tipo de coisa – disse Lokesh sem rodeios. – Kishan, tenho a impressão de que você é um homem capaz de tomar decisões difíceis, mesmo que um ou outro sacrifício seja necessário. Estou certo?

Kishan cruzou os braços sobre o peito:

– Sou conhecido por ser decisivo em batalhas.

– Muito bem. Então serei o mais direto possível. Minha filha, Yesubai, tentou deixar de lado o que sente por você para poder assumir a posição de rainha e esposa de seu irmão. Infelizmente, vê-se que ela é incapaz de negar o amor que carrega no peito e prefere ter você como marido. Com toda a franqueza, seria melhor para nossas famílias e nossos reinos se vocês dois nunca tivessem se conhecido, mas sou um homem brando e compreendo as paixões da juventude.

Ergui uma das sobrancelhas, mas não disse nada.

Lokesh continuou:

– Como tenho empatia por todas as dificuldades que vocês vêm enfrentando, concordo em modificar os termos do noivado.

Kishan riu e me envolveu em seus braços, me apertando junto ao seu corpo.

– Porém... – disse meu pai, com a reprovação à atitude de Kishan estampada no rosto – você deve aceitar as minhas condições.

Kishan se afastou de mim e o jovem apaixonado pareceu ser substituído por um príncipe digno de seu pai.

– Não há nada que eu possa prometer em nome de meu pai. Posso lhe dar apenas aquilo que possuo. Se houver mais alguma coisa que deseje, terá que pedir aos meus pais.

Lokesh passou o braço pelos ombros de Kishan.

– Filho... Posso chamá-lo assim? – E não esperou a resposta: – Não precisamos envolver Rajaram e Deschen ainda. Esta negociação está seguindo um caminho tão delicado que devemos avançar com cautela. Certo?

Kishan assentiu, hesitante.

– E quais são suas condições?

– Ah, nada de mais. Uma coisa insignificante, na verdade. Sabe, eu sou o que se poderia chamar de colecionador.

– Colecionador de quê?

Lokesh riu.

– De muitas coisas. Mas, no seu caso, há algo em seu poder que pode despertar meu interesse a ponto de me fazer considerar a possibilidade de abrir mão do título de Yesubai.

– E o que é?

– Há uma parte de um amuleto em poder de sua família. Duas, aliás.

– Do Amuleto de Damon? Por que teria interesse nisso? Não tem nenhum valor monetário. São meros pingentes herdados de minha família.

– Sim, eu sei que não alcançariam um preço alto, mas são muito

antigos. – Lokesh sorriu como um chagal. – E eu tenho uma afinidade especial por... relíquias antigas.

– Entendo.

Kishan baixou a cabeça e moveu o maxilar enquanto refletia sobre a proposta de meu pai. Por fim, disse:

– Eu lhe dou a minha parte, mas Dhiren tem a outra em seu poder. Duvido muito que ele aceite abrir mão da parte dele para me ajudar a roubar sua noiva.

– Sim, entendo que isso seja um problema. Ainda assim, são as duas partes ou não há negócio. Se não chegarmos a um acordo, Yesubai irá se casar com seu irmão, por mais infeliz que ela se torne.

Kishan não disse nada, mas vi o desespero em seus olhos. Por mais que ele me quisesse, sabia que de forma alguma Dhiren abriria mão da parte do amuleto de boa vontade. Muito menos se isso significasse me perder.

Atrás de Kishan, senti que meu pai começava a invocar seu poder. Se não conseguisse manipular o príncipe, ele o mataria.

– Kishan – sugeri –, talvez haja outro jeito.

– Qual? – sussurrou ele. – Ren não vai nos ajudar.

– E se o pegássemos de surpresa?

– O que quer dizer?

– Sim, filha, o que está dizendo?

A ameaça implícita na voz de meu pai não passou despercebida.

– E se planejássemos um assalto?

– Ren não carrega seu pingente no pescoço. Nem mesmo sei onde está.

– Meu pai poderia mandar soldados disfarçados para interceptar Dhiren na viagem de volta, com instruções específicas para descobrir a localização do amuleto dele. Depois poderíamos detê-lo enquanto você vai pegá-lo. Ele jamais saberá do nosso envolvimento.

EPÍLOGO



Partida

As coisas não correram exatamente conforme o planejado. Hajari e mais alguns homens de meu pai me raptaram do palácio na noite seguinte e me levaram de volta para Bhreenam, onde Kishan me recebeu de braços abertos.

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Ren dificultou as coisas. Como se recusou a cooperar, está sendo trazido para cá. Vamos recebê-lo na sala do trono quando chegar. Não é o que planejávamos, mas Ren não nos deixou alternativa. Seu pai diz que vamos ter que confrontá-lo abertamente e parece acreditar que será mais fácil convencê-lo se ele vir que nós três estamos unidos. Tecnicamente, meu irmão é prisioneiro de seu pai. Mas ele me garantiu que só pretende ameaçar Ren até ele entregar o que deseje, e então irá assinar o novo acordo de noivado.

– Mas...

– Ah, aí está você, querida. Se nos dá licença, Kishan, vou acompanhar minha filha até os aposentos dela para que descanse e se troque antes de seu irmão chegar.

– Claro – disse Kishan, apertando minha mão antes de meu pai me levar de lá.

Ao chegarmos ao meu quarto, dei um gritinho quando vi Isha à minha espera. Estava muito mais magra e seu rosto exibia marcas de cansaço, mas estava viva e, naquele momento, isso já era uma bênção.

Apontando para a cama, meu pai disse:

– Você tem que se vestir de acordo com o papel que irá desempenhar. Deverá estar linda e, por isso, não colocará o véu. Quero que seja uma distração para os dois irmãos. Se der sorte,

deixarei um deles viver. Mas, se meu plano falhar... – ele deu um passo à frente e segurou meu rosto, obrigando-me a olhá-lo nos olhos – todas as pessoas que você ama irão sofrer. Entendeu, Yesubai?

– Entendi.

– Muito bem. Mandarei Hajari buscá-la. Comece a se preparar.

Quando a porta se fechou, Isha correu na minha direção:

– Ah, minha menina querida!

– Isha, estou com tanto medo! Ele vai matá-los!

– Não fique pensando nisso. Concentre-se numa coisa de cada vez.

Primeiro, precisa se vestir.

Duas horas depois, atravessei o longo corredor ouvindo o tilintar dos guizos que levava na cintura e nos tornozelos. Meus cabelos estavam decorados com ouro e joias. Eu nunca os usara descobertos e me sentia nua sem o véu, mas mantive os ombros retos e a cabeça erguida. Kishan saiu de trás de uma pilastra.

– Yesubai – arquejou –, você está... você está linda!

– Obrigada. Meu pai escolheu minhas roupas.

– Talvez ele tenha a intenção de nos casar imediatamente.

Dei um sorriso contido.

– Talvez.

– Eu lhe prometo, Yesubai, que vamos encontrar um jeito de ficar juntos. Não há nada que eu não faria por você.

Ele encostou a testa na minha e eu me atrevi a pôr a mão em seu rosto.

– Eu sei – sussurrei.

Ainda que meu pai deixasse Kishan viver, eu sabia que era apenas questão de tempo até ele destruir e aniquilar a pequena e frágil chama do amor que havia surgido entre nós. Quando tomei o braço de Kishan e ele me conduziu até a sala do trono, sabia que mais cedo ou mais tarde ele descobriria o que eu tinha feito e me odiaria por isso. Tentando salvar os membros da família Rajaram, acabei por acorrentá-los a mim, entrelaçando nossos destinos.

Não havia saída. Caminhando rumo ao estrado sobre o qual meu pai estava sentado, eu tinha a sensação de estar subindo em um cadafalso. A faísca da esperança havia me deixado cega para a realidade. A mesma realidade que agora, sentada ao lado de meu pai, me engolia. Quando Dhiren foi trazido, a certeza de minha situação desesperadora praticamente me esmagou.

Ele estava amarrado. Havia sido espancado brutalmente, o que não me surpreendeu. Se Kishan estava espantado, não deixou transparecer. Ren foi interrogado, caçoado e humilhado por meu pai. O fato de

permitir que sua verdadeira natureza emergisse por trás da imagem cuidadosamente elaborada de diplomata que preferia exibir publicamente significava que ele não tinha a menor intenção de deixar os príncipes vivos.

A vergonha me dominou e, por mais que a tragédia que se desenrolava à minha frente fosse de partir o coração, eu era incapaz de fazer qualquer coisa para impedi-la. Meu pai não podia ser derrotado. Eu sabia disso, mas ainda assim me deixara enganar, pensando que encontraria uma solução. Fui uma tola.

Em meio à névoa em que minha mente se encontrava, ouvi meu pai dizer:

– Talvez você precise de uma demonstração de meu poder. Yesubai, venha!

– Não! – exclamaram juntos Dhiren e Kishan.

Incapaz de fazer nada além de balançar a cabeça, vi meu pai invocar seu poder para atacar. Ele ia matar. Eu tinha que fazer alguma coisa, mas todo o meu instinto me dizia para agir com cuidado. Meu pai não perdoaria nenhum tipo de traição. Fiquei paralisada de terror. Então Dhiren disse que o veneno de meu pai corria no meu sangue. Eu me perguntei se não seria verdade.

Afinal, eu não tinha conspirado para roubar a família Rajaram? Não dera prioridade às minhas necessidades sobre as de um estranho? Não tinha armas e venenos escondidos, prontos para matar o homem que passara a amar? Meu pai não era a víbora. Eu é que era. Havia conduzido esses dois nobres príncipes para a morte. Meus olhos se encheram de lágrimas com a constatação de que não havia como escapar ao mal de meu pai. Ele corria em minhas veias.

Reconhecer o que eu era, quem eu era, foi doloroso. Eu não queria mais ser a filha de Lokesh. Queria ser boa. Alguém que fosse corajosa e nobre. Digna do amor que Kishan oferecera. Um gemido patético ficou preso na minha garganta. Se eu não fizesse nada, eles morreriam, mas Isha e eu talvez fôssemos poupadas. Se eu confrontasse meu pai, ele me mataria junto com os príncipes e depois se vingaria lenta e horrivelmente em minha acompanhante.

Meu pai prosseguiu:

– Quer ouvi-la gritar? Garanto que ela grita muito bem. Esta é sua última chance de fazer uma escolha. Entregue a sua parte para mim.

Foi essa mentira que mudou tudo. Durante toda a minha vida, eu tivera um pavor mortal de meu pai e de seu poder. Vivera cada instante com um medo absoluto dele. Quando ele anunciou aos príncipes que o terror que ele invocava em mim me fazia gritar,

percebi que era exatamente isso o que ele queria e eu nunca lhe dera. Sempre me mantive impassível e indiferente, como se meu pai não fosse um monstro, mas apenas um homem.

Embora realmente tivesse me traumatizado a ponto de quase me fazer perder o controle, ele nunca havia conseguido. Jamais, em meus 16 anos, ele me fizera gritar. Essa ideia me fez experimentar um poder que nunca sentira antes.

Lokesh – jurei mentalmente nunca mais chamá-lo de pai – ameaçava Dhiren com seu punhal e estava invocando um feitiço. Vi uma luz surgir ao redor do corpo dos dois. Antes que pudesse me mover, Kishan investiu contra meu pai, que usou seu poder para jogá-lo para longe. Ele começou a torturar Kishan enquanto Dhiren, amarrado, tentava inutilmente ficar de pé. Foi então que vi que Kishan conseguira arrancar o punhal da mão de Lokesh.

Os gritos dos dois príncipes despertaram algo feroz em mim. Era preciso fazer alguma coisa. Alguém tinha que agir. Então decidi que seria eu. Contra todos os instintos que eu desenvolvera em 16 anos, agarrei os braços da cadeira dourada onde estava sentada e me levantei.

Sentindo-me livre da opressão de Lokesh, ergui os braços, murmurando um apelo aos deuses: que eu finalmente conseguisse usar minha habilidade para curar e proteger outra pessoa. Assim como as carpas da lenda, dediquei cada grama de energia a me superar e transmitir o poder que eu carregava dentro de mim para os dois príncipes.

Meu desejo secreto foi atendido. Eu podia sentir as feridas deles se fechando. Lokesh gritou de frustração. Fiquei invisível e me movi em silêncio, pegando o punhal que Kishan deixara cair no chão.

Eu não sabia lutar como Deschen nem tinha um plano. Mas possuía uma arma. Lokesh se inclinou sobre Dhiren, agarrando seu amuleto, e eu o ataquei. Com toda a força que tinha, cravei o punhal bem fundo nas costas de Lokesh. Ele urrou, furioso, e senti um instante de satisfação, que não durou muito. Eu tinha esperança de que meu ataque o distraísse durante tempo suficiente para os irmãos fugirem, mas ele arrancou o punhal das costas e fez pouco caso da dor, como se não passasse de uma picada de abelha.

Foi na direção de Kishan e, ficando visível, eu me coloquei na sua frente e apoiei as mãos com força em seu peito, gritando:

– Você *não* vai tocar nele!

– Yesubai, não! – disse Kishan, sem forças, tentando me afastar.

Mas Lokesh estava em fúria.

Ele usou o poder do vento, que irradiava de seu corpo em todas as direções. Lokesh me levantou, jogando-me para o lado de modo a chegar até Kishan, e o vento carregou meu corpo.

Quando caí, meu pescoço se chocou contra o estrado e ouvi um estalo. Senti dor apenas por um instante, antes que uma dormência tomasse conta do meu corpo. Imediatamente perdi o fôlego e não conseguia respirar. Tudo à minha volta parou e ficou parecendo um sonho, um silêncio misterioso.

Vi que Kishan havia ficado de pé mas parecia estar congelado e me perguntei se Lokesh teria feito algo a ele. Então ouvi um tilintar de guizos e uma linda mulher surgiu à minha frente. Ela olhou a cena sangrenta e se ajoelhou a meu lado. Segurou minha mão com um olhar bondoso.

– Olá, Yesubai – disse. – Eu sempre quis conhecê-la.

A mulher trajava um vestido cintilante e tinha os olhos verdes como uma floresta. Usava um bracelete dourado em forma de serpente. Após passar a mão lentamente em meu pescoço, ela disse:

– Você pode falar, se assim desejar.

– Quem... quem é você? O que está acontecendo?

– Sou a deusa Durga.

– Uma deusa? – Meus olhos se encheram de lágrimas. Minhas preces tinham sido ouvidas. – Então veio para nos salvar?

Ela balançou a cabeça tristemente.

– Não. Não foi por isso que vim.

– Não entendo. Então por que está aqui?

– Como eu disse, queria conhecê-la.

– Por quê?

– Queria entender quem você é. – Ela voltou o olhar para os homens, que estavam paralisados, e disse em voz baixa: – Particularmente, queria saber se você o ama.

– Se eu amo quem?

– Kishan.

Talvez eu tivesse batido a cabeça com força demais e tudo não passasse de algum tipo de delírio, mas a visão da linda deusa parecia completamente real. E algo nela me fazia sentir vontade de confessar toda a verdade.

– Sim – respondi em voz baixa. – Eu o amo. Sinto muito pelo que aconteceu com Dhiren. Ele é um bom homem. Não merecia sofrer. Se eu pudesse voltar atrás e fazer tudo diferente, voltaria.

A deusa me observou e então assentiu:

- Eu acredito em você.
- Eles não merecem que o destino deles fique preso ao meu.
- Não quero que você se preocupe com o destino deles, Yesubai.
- Mas Lokesh...

Ela tocou meu rosto com a mão, se aproximou mais e sussurrou:

- Seu pai *será* derrotado, mas não neste tempo.
- Eu vou viver para presenciar isso?

Ela parou, refletiu sobre a pergunta e então disse, quase como se não devesse:

– Eu não penso igual aos outros deuses com relação a revelar o futuro, então vou responder sua pergunta. – Ela envolveu minha mão na dela. Só tive um instante para me perguntar por que não estava sentindo nada, e então ela disse: – Você não viverá além de hoje. Na queda, você quebrou o pescoço.

- Mas eu sou capaz de me curar.

Ela balançou a cabeça.

– A dádiva da proteção e da cura que você ofereceu aos irmãos teve um preço alto. Quando você os defendeu, o poder que tinha se consumiu. Você se tornou verdadeiramente mortal.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ela esperou pacientemente ao meu lado até que eu conseguisse falar outra vez:

- Então eu passei no seu teste?
- Não havia nenhum teste, Yesubai.
- Talvez não, mas Kishan disse que uma dádiva seria conferida até mesmo à mais baixa das criaturas se os deuses a julgassem valorosa.

A deusa hesitou, mas então assentiu ligeiramente.

- Que dádiva procura?
- Você pode... zelar por ele?

Sobriamente, com um indício de alívio na voz, ela concordou:

- Sim. Vou zelar pelos dois príncipes. Prometo isso a você.
- Pode salvar Isha também?
- Quem é Isha?

– É minha serviçal. Lokesh voltará sua vingança contra ela.

A deusa ergueu a vista brevemente, observando algo além da minha visão, e então consentiu:

- Está bem. Vou oferecer um refúgio a ela.
- Então o sacrifício valeu a pena.
- Sim. Agora descanse, pequena. Você é muito corajosa.

Em uma explosão brilhante de luz, a deusa desapareceu e voltei a sentir que não conseguia respirar. Kishan me segurou nos braços, pressionou os lábios em minha têmpora e implorou:

– *Dayita*, meu amor... não me deixe.

A bênção de seus murmúrios e promessas comoventes era algo que eu não sabia ao certo se merecia, mas meu coração se encheu de gratidão assim mesmo.

O arrependimento final que me ocupou a mente no momento em que a vida abandonava meu corpo mortal não tinha nada a ver com Isha ou Dhiren, com confrontar meu pai ou deixar Kishan para trás. As promessas da deusa haviam me confortado e tranquilizado com relação a todos eles.

Não. O que mais lamentei foi que, quando Kishan finalmente beijou minha boca — algo que eu desejava desde que me encontrara ao lado dele no jardim do rei —, eu não senti nada. A morte me levou antes que eu pudesse experimentar o sabor de seus lábios. Mas sua imagem foi a última a ocupar minha visão no momento de minha partida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram a organizar esta novela e deixá-la pronta para ser compartilhada. Em primeiro lugar, quero agradecer a meu agente, Alex Glass, pelo apoio e esforço incansável em meu nome. Acredito que ele estava quase tão entusiasmado quanto eu por participar deste projeto.

Obrigada a Cliff Neilsen mais uma vez pela linda arte da capa. Trabalhar com você é uma inspiração e um grande prazer.

Minha mais sincera gratidão aos primeiros leitores da obra: minhas irmãs Linda, Shara e Tonnie; minha mãe, Kathleen; meu irmão, Jared, e sua mulher, Suki; e minha amiga Linda. Vocês são incríveis, verdadeiras fontes de inspiração, e estão sempre dispostos a pegar um remo para ajudar este barco a avançar.

Agradeço profundamente à minha revisora, Amy Knupp, da Blue Otter Editing, e à equipe de publicação on-line do Trident Media Group: Elizabeth Parks, Emily Ross, Lyuba DiFalco e Nicole Robson. Vocês merecem uma festa.

Por fim, aplaudo de pé todos os dedicados leitores, blogueiros e tuiteiros que constantemente me pedem novas aventuras dos tigres. Esta é dedicada a vocês. =)

GUIA DE LEITURA

- 1) Apesar do perigo, Isha continuou ao lado de Yesubai. O sacrifício valeu a pena?
- 2) Lokesh desconta a raiva na filha e a ameaça constantemente. Por que ele a mantém viva?
- 3) Por que você acha que Yesubai decidiu usar um véu dourado na festa do rei, mesmo sabendo que o pai preferia um que fosse cor de lavanda?
- 4) Yesubai herdou poderes de seu pai, porém ele não era capaz de se curar ou de ficar invisível. Por que você acha que os poderes dela se manifestaram de forma diferente?
- 5) Como Yesubai se sente quando o rei anuncia que ela vai se casar? Por quê?
- 6) Flores e jardins são um dos temas deste livro. Yesubai se compara a uma flor que fica trancada, longe do sol. Há outras comparações possíveis entre Yesubai e uma flor?
- 7) Quando Yesubai vai até o palácio do rei com o pai, ela passa por três portões guardados por animais – macacos, tigres e elefantes. Todas essas criaturas são encontradas na série *A maldição do tigre*. Você observou outros símbolos ou referências que sejam temas recorrentes?
- 8) Lokesh se encontrou com Kishan no jardim suspenso do rei. Qual você acha que era o verdadeiro propósito de Lokesh?
- 9) Deschen é diferente do modo como Ren e Kishan a haviam descrito antes? Em caso afirmativo, em que sentido?

- 10) A história das carpas que sobem a cachoeira foi significativa para Yesubai. Você acha que ela realmente recebeu uma dádiva dos deuses?
- 11) Yesubai se pergunta se a família Rajaram e o mundo seriam melhores caso ela nunca tivesse nascido. O que mudaria em *A maldição do tigre* se ela não tivesse existido?
- 12) Um dos temas desta história é “filho de peixe peixinho é”. Yesubai está fadada a se tornar uma vilã como seu pai? Em que sentido ela é diferente dele?
- 13) Ren diz que Lokesh é como uma serpente cujo veneno corre pelas veias de todos eles. Em que sentido isso é verdade?
- 14) O principal tema da série *A maldição do tigre* é que o verdadeiro amor exige sacrifícios. Yesubai realmente amou Kishan? Kishan realmente amou Yesubai? E ele amou Kelsey? Ele mudou após a experiência com Yesubai?
- 15) O que Kelsey e Yesubai têm em comum e em que são diferentes?
- 16) O poema de abertura, *Morte prematura*, reflete a experiência de Yesubai? De que forma?
- 17) Em sua opinião, por que Yesubai não foi capaz de se curar ao fim do livro? Poderia haver mais de uma razão?
- 18) Durga manteve Yesubai viva durante tempo suficiente para fazer uma pergunta. Qual foi a pergunta e por que ela foi importante?
- 19) Supondo que Durga tivesse o *kamandal* e fosse capaz de salvar a vida de Yesubai, por que não o fez?
- 20) Yesubai é uma pessoa diferente do que você esperava? Agora você gosta dela mais ou menos do que antes? Por quê?

SOBRE A AUTORA



COLLEEN HOUCK é uma leitora voraz que adora livros de ação, aventura, ficção científica e romance. Estudou na Universidade do Arizona e trabalhou como intérprete de língua de sinais durante 17 anos. Ela mora em Salem, no Oregon, com o marido e um tigre branco de pelúcia.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



COMO SE LIVRAR DE UM VAMPIRO APAIXONADO *Beth Fantaskey*

Jessica Packwood levava uma vida tranquila no interior da Pensilvânia e esperava ansiosamente pelo início do último ano escolar. Seus planos eram se formar e conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade, ganhar a olimpíada de matemática e namorar seu colega Jake Zinn.

Mas aí um novo aluno esquisitão (e muito gato) chamado Lucius Vladescu aparece do nada, dizendo que Jessica pertence à realeza vampírica e lhe foi prometida em casamento para selar a união entre os clãs mais poderosos dos vampiros. E de repente Jessica percebe que sua vida está prestes a virar de pernas para o ar.

Para completar, Lucius fica hospedado na casa dela e faz de tudo para conquistá-la e atrapalhar seu flerte com Jake. Com a desculpa de que está fazendo intercâmbio, ele gruda em Jessica na escola e humilha todos os outros alunos da aula de literatura. O romeno esnobe e perfeitinho tira a garota do sério, mas logo começa a se

encantar pelo estilo de vida local e a rever seus conceitos.

Jessica, por sua vez, vivencia uma importante autodescoberta e sofre uma transformação física e psicológica, fazendo as pazes com o seu passado e chegando a uma encruzilhada: ela deve ignorar o pacto de casamento e tocar sua vida simples ao lado da família e do namoradinho do colégio ou se abrir para uma experiência surreal e se unir a Lucius por toda a eternidade?

Em seu livro de estreia, Beth Fantaskey mesclou humor, fantasia, romance e terror para criar uma história surpreendente. Repleto de tiradas sarcásticas, diálogos divertidos e personagens complexos, *Como se livrar de um vampiro apaixonado* apresenta uma nova forma de enxergar os mortos-vivos mais atraentes da literatura mundial.



COMO SALVAR UM VAMPIRO APAIXONADO

Beth Fantaskey

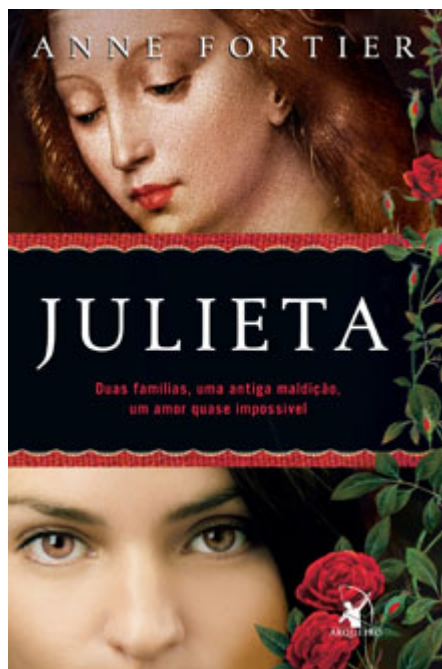
Quando Jessica Packwood descobriu que era uma princesa vampira romena, sua pacata vida adolescente virou de pernas para o ar. Ela precisou fazer as pazes com seu passado e vencer muitos obstáculos para ficar com seu belo príncipe, Lucius Vladescu.

Depois de se casarem na Romênia, agora Jessica e Lucius devem unir os clãs mais poderosos dos vampiros e estabelecer a paz de uma vez por todas. Mas primeiro ela vai ter que convencer uma nação inteira de vampiros ardilosos de que tem plenas condições de se tornar rainha. O problema é que Jessica nem mesmo consegue pedir uma refeição decente aos empregados de seu castelo, quanto mais lidar com súditos mortos-vivos malignos que adorariam vê-la fracassar.

Tudo se complica ainda mais quando Lucius é acusado de assassinar um vampiro Ancião e é condenado à masmorra, onde espera pelo julgamento que pode levá-lo à morte. Jessica então se vê em apuros, lutando não só pela vida de seu amado, mas também pela própria sobrevivência em um mundo repleto de intrigas.

Desesperada para provar a inocência do marido, ela conta com a ajuda de sua melhor amiga, Mindy Stankowicz, e do misterioso primo italiano de Lucius, Raniero Lovatu. Mas será que a princesa pode

mesmo confiar neles?



JULIETA
Anne Fortier

Julie Jacobs é uma moça reservada e solitária. Ainda criança, perdeu os pais num terrível acidente de carro e foi criada por sua tia-avó Rose. Durante toda a vida, Julie teve problemas de relacionamento com Janice, sua insuportável irmã gêmea, e a pessoa de quem se sentia mais próxima era Umberto, o fiel mordomo de Rose.

É ele que vai ao seu encontro para dar a triste notícia da morte da tia e lhe entrega uma carta com uma revelação bombástica: seu verdadeiro nome é Giulietta Tolomei. A carta diz também que, antes de morrer, sua mãe descobrira um antigo tesouro de família e, ao que parece, algo muito valioso ainda está escondido em Siena.

Embora descrente, Julie viaja para sua cidade natal a fim de recuperar a herança da mãe. Ao chegar lá, encontra apenas objetos velhos, aparentemente sem valor. Ela também conhece algumas pessoas, quase todas adoráveis, com exceção de Alessandro, de quem desgosta de cara.

Lendo um velho diário que encontrou entre os pertences da mãe, Julie descobre que sua família, os Tolomei, tem uma antiga inimizade com os Salimbeni e que essa rixa provocara uma tragédia que atravessou os séculos – e que Shakespeare tornou mundialmente

famosa ao escrever *Romeu e Julieta*.

Quanto mais fundo ela mergulha na história de seus ancestrais, Romeo e Giulietta – e de sua própria família –, e quanto mais perto chega do tesouro supostamente deixado pela mãe, maiores são os riscos que a cercam.

Pouco a pouco Julie, ou Giulietta, vai perceber que, nessa cidade, passado e presente parecem indissociáveis. E que nem sempre se pode ter certeza de quem é ou não confiável.



ÁGUA PARA ELEFANTES
Sara Gruen

Desde que perdeu sua esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas, enfermeiras solícitas e fantasmas do passado. Durante 70 anos Jacob guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

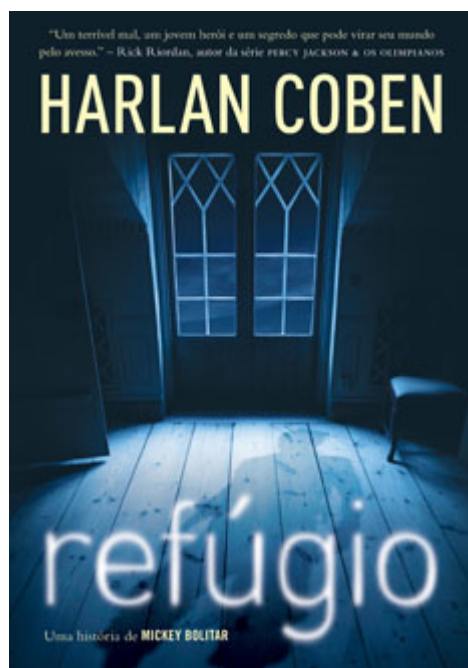
Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens

continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.



REFÚGIO
Harlan Coben

Mickey Bolitar nunca levou uma vida muito comum. Passou toda a infância se mudando para diferentes partes do mundo por conta do trabalho humanitário de seus pais, Kitty e Brad Bolitar.

Tudo parecia perfeito – o casal era muito apaixonado e se sentia realizado com seu trabalho. No entanto, seu filho estava entrando na adolescência e não parecia justo que ele não pudesse estabelecer raízes e fazer amigos, como qualquer jovem de 15 anos.

Decididos a viver de um modo um pouco mais convencional, Brad e Kitty retornam aos Estados Unidos, onde pretendem se estabelecer até que Mickey vá para a faculdade.

Mas a família é atingida por um doloroso golpe do destino: Mickey presencia a morte do pai num grave acidente de carro e Kitty, incapaz de lidar com a dor da perda, se entrega às drogas. O rapaz então se depara com o desafio de sobreviver a essa grande reviravolta em sua vida.

Em meio a um turbilhão de acontecimentos, Mickey tem que se esforçar para se adaptar à nova realidade. Ele só não imagina que seus problemas estão apenas começando...

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Box A maldição do tigre

A maldição do tigre

Créditos

Prólogo A maldição

1 Kelsey

2 O circo

3 O tigre

4 O estranho

5 O avião

6 Mumbai

7 A selva

8 Uma explicação

9 Um amigo

10 Um refúgio

11 A caverna de Kanheri

12 A profecia de Durga

13 Cachoeira

14 Tigre, Tigre

15 A caçada

16 O sonho de Kelsey

17 Um começo

18 O templo de Durga

19 Hampi

20 Provações

21 Kishkindha

22 Fuga

23 Seis horas

24 Conclusões

Epílogo Sombra

O resgate do tigre

Créditos

Prólogo De volta para casa

1 Estudos

2 Wushu

3 Encontros

4 Um presente de Natal

5 Retorno

6 Escolhas

7 Volta às aulas

8 Ciúme

9 Kishan

- 10 Capangas
- 11 Regresso à Índia
- 12 De profecias e práticas
- 13 O Templo de Vatsala Durga
- 14 A Estrada da Amizade
- 15 Yin-yang
- 16 O Mestre do Oceano
- 17 Portão do espírito
- 18 Coisas boas
- 19 Coisas ruins
- 20 As provas das quatro casas
- 21 O Lenço da Divina Tecelã
- 22 Saída
- 23 A caminho de casa
- 24 Confissões
- 25 O resgate de Ren
- 26 Baigas
- 27 Histórias de guerra
- 28 O pior aniversário de todos os tempos
- Epílogo Desprezada

A viagem do tigre

Créditos

Prólogo Sangue na água

- 1 A vida sem amor
- 2 A retomada do relacionamento
- 3 Phet
- 4 Profecia
- 5 Preparação
- 6 O Festival das Estrelas
- 7 O iate
- 8 Goa
- 9 Aulas de mergulho
- 10 O templo de Durga
- 11 Luau
- 12 Algo novo
- 13 Lady Bicho-da-Seda
- 14 Sobre dragões e continentes perdidos
- 15 A estrela do dragão vermelho
- 16 O animal de estimação do dragão azul
- 17 Lembranças
- 18 É difícil fazer as pazes
- 19 A caçada do dragão verde
- 20 Uma princesa, um dragão e dois cavaleiros
- 21 Tempestade

22 O tesouro do dragão dourado
23 O Dragão de Gelo
24 O mar de leite
25 O Sétimo Pagode
26 De volta à tona
27 Confusão
Epílogo Levada
O destino do tigre
Créditos
Prólogo Espaço e tempo
1 Prisioneira
2 Ascensão
3 Ofensiva
4 Reencontro
5 Juntando os pedaços
6 Templo de Vaishno Devi
7 Destino
8 Um adeus
9 Vozes dos que partiram
10 O nascimento de Durga
11 Comprometida
12 Disfarce
13 Ilha Barren
14 Fênix
15 A esposa sati
16 Fruta do fogo
17 A Caverna do Sono e da Morte
18 Rakshasas
19 Qilins
20 Bodha – Cidade de Luz
21 Lordes da Chama
22 No calor da batalha
23 Quimera
24 Um novo mundo
25 Rivalidade entre irmãos
26 Aliados
27 Guerra
28 Dois lados da mesma moeda
29 A derrota de Mahishasur
30 Amuleto reunido
31 Troca de lugares
32 Promessas
33 Corda do Futami
Epílogo Nova geração

A promessa do tigre

Créditos

Prólogo Perdida

1 Veu

2 Exibição

3 Rubor

4 A isca

5 Noiva

6 Traição

Epílogo Partida

Guia de leitura

Sobre a autora

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro



A promessa do tigre

Houck, Colleen

9788580413021

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Medo. Esperança. Dúvidas. Antes da maldição, uma promessa. Mais de 300 anos antes de Kelsey Hayes surgir na vida de Ren e Kishan, uma jovem cruzou o caminho dos príncipes. Seu amor por um deles mudou o curso da história e o destino da família Rajaram. Criada longe dos olhos da corte, isolada do convívio no castelo, Yesubai luta para suportar os maus-tratos do pai e manter em segredo suas habilidades mágicas. Lokesh é um poderoso e cruel feiticeiro que foi capaz de assassinar a própria esposa porque ela lhe deu uma filha em vez de um filho. Ao completar 16 anos, Yesubai é surpreendida por um anúncio do rei. Procurando fortalecer suas relações diplomáticas, o nobre acredita que um casamento entre a filha de Lokesh, comandante de seu exército, e um pretendente de algum dos reinos vizinhos será uma boa estratégia para diminuir os conflitos na região. A jovem recebe a notícia com alegria. Pela primeira vez ela enxerga um fio de esperança, a perspectiva de escapar do controle do pai e de levar uma vida fora do confinamento de seus aposentos. Mas esses não são os planos do feiticeiro. Ele vê no iminente casamento de Yesubai uma oportunidade de conseguir ainda mais poder e não poupará esforços para atingir seus objetivos sombrios. A promessa do tigre conta a origem da história dos príncipes Ren e Kishan e os acontecimentos que levaram às aventuras da aclamada série A maldição do tigre.

[Compre agora e leia](#)

DEUSES DO EGITO - LIVRO III

COLLEEN HOUCK

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE

A COROA
DA VINGANÇA



A coroa da vingança

Houck, Colleen

9788580417883

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Uma história envolvente de devoção e sacrifício, cheia de humor e perigosas incursões em mundos estranhos." – VOYA"Com diálogos ágeis e elementos da mitologia egípcia, esta aventura romântica agrada em cheio aos fãs de Rick Riordan e da outra série da autora, A maldição do tigre." – BooklistEm A coroa da vingança, Colleen Houck nos presenteia com um desfecho tão surpreendente e inspirado quanto o elaborado universo mitológico que criou. Meses após sua pacata vida como herdeira milionária sofrer uma reviravolta e ela embarcar numa vertiginosa jornada pelo Egito, Lilliana Young está praticamente de volta à estaca zero. Suas lembranças das aventuras egípcias e, especialmente, de Amon, o príncipe do sol, foram apagadas, e só resta a Lily atribuir os vestígios de estranhos acontecimentos a um sonho exótico. A não ser por um detalhe: duas estranhas vozes em sua mente, que pertencem a uma leoa e uma fada, a convencem de que ela não é mais a mesma e que seu corpo está se preparando para se transformar em outro ser. Enquanto tenta dar sentido a tudo isso, Lily descobre que as forças do mal almejam destruir muito mais que sua sanidade mental – o que está em jogo é o futuro da humanidade. Seth, o obscuro deus do caos, está prestes a se libertar da prisão onde se encontra confinado há milhares de anos, decidido a destruir o mundo e todos os deuses. Para enfrentá-lo de uma vez por todas, Lily se une a Amon e seus dois irmãos nesta terceira e última aventura da série Deuses do Egito.

[Compre agora e leia](#)

Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

ESTRELAS DA SORTE

Os Guardiões
LIVRO 1



Estrelas da Sorte

Roberts, Nora

9788580418316

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sasha Riggs é uma artista assombrada por sonhos que transforma em pinturas maravilhosas, cenas que preveem o futuro. Ela nunca conseguiu assumir seu dom, mas desta vez não consegue ignorar as visões que a atormentam e viaja para a ilha grega de Corfu. É lá que encontra as pessoas com quem sonha: um mágico, um arqueólogo, um viajante, um lutador, um solitário. Elas também foram atraídas por uma força inexplicável. Dotadas de habilidades extraordinárias, cada uma terá um papel fundamental na aventura que as espera: encontrar as míticas Estrelas da Sorte, que caíram do céu, pondo em risco o destino de todos os mundos. Sasha é quem os mantém unidos e vê no mágico, Bran Killian, um homem de imensa compaixão. Ela tem dificuldade para lidar com sua vidência, mas Bran está lá para apoiá-la. Porém, os dois não devem desviar sua atenção da missão, pois uma ameaça sombria procura corromper tudo que está no caminho para alcançar as estrelas. Nesse primeiro volume da série Os Guardiões, Nora Roberts se aventura mais uma vez pela fantasia, mas sem deixar de lado o seu envolvente romantismo e a escrita que a consagrou. "Nora Roberts é uma verdadeira artista das palavras." – Los Angeles Daily News

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 9

Julia Quinn

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE



E Viveram Felizes para Sempre

Quinn, Julia

9788580416381

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Julia Quinn tem um toque inteligente e divertido." – Time Alguns finais são apenas o começo... Era uma vez uma família criada por uma autora de romances históricos... Mas não era uma família comum. Oito irmãos e irmãs, seus maridos e esposas, filhos e filhas, sobrinhas e sobrinhos, além de uma irresistível matriarca. Esses são os Bridgertons: mais que uma família, uma força da natureza. Ao longo de oito romances que foram sucesso de vendas, os leitores riram, choraram e se apaixonaram. Só que eles queriam mais. Então começaram a questionar a autora: O que aconteceu depois? Simon leu as cartas deixadas pelo pai? Francesca e Michael tiveram filhos? O que foi feito dos terríveis enteados de Eloise? Hyacinth finalmente encontrou os diamantes? A última página de um livro realmente tem que ser o fim da história? Julia Quinn acha que não e, em E viveram felizes para sempre, oferece oito epílogos extras, todos sensuais, engraçados e reconfortantes, e responde aos anseios dos leitores trazendo, ainda, um drama inesperado, um final feliz para um personagem muito merecedor e um delicioso conto no qual ficamos conhecendo melhor ninguém menos que a sábia e espirituosa matriarca Violet Bridgerton. Veja como tudo começou e descubra o que veio depois do fim desta série que encantou leitores no mundo inteiro.

[Compre agora e leia](#)



Tentação sem limites

Glines, Abbi

9788580412468

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA REVISTA VEJA. "Tentação sem limites é o tipo de história que fica na cabeça do leitor. É cativante, sedutor e nos deixa com gostinho de quero mais." – The Autumn Review A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la? O terrível segredo de Rush Finlay. Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo. Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente. Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

[Compre agora e leia](#)